

VOLUME 1

1840 – 1841

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Minha vida desde 2 de dezembro de 1840 até 1841 no mesmo dia.

Às cinco da manhã os tiros já ribombavam pelos montes de S. Cristóvão e as bandeiras hasteadas tremulavam no azulado céu; eram estes os indícios do dia do meu nascimento, 2 de dezembro, dia memorável nas páginas da história do Brasil.

Às seis levantei-me; chamam-me à mesa para meditar sobre as mercês ⁰⁰¹ a fim de ver se eram ou não justas.

Depois almocei o meu costumado: ovos e café com leite, aprazível bebida; às 8 para as nove ouvi missa no novo oratório, que na verdade ficou bom. Fui me vestir, coitados de meus ombros gemiam com o peso, tem 8 libras, afora as ordens, a espada e a banda, safa! Às dez e meia em ponto parti para a cidade, o estado ⁰⁰² compunha-se de 7 coches. O do porteiro da Cana ⁰⁰³ adiante, 2 o dos camaristas ⁰⁰⁴, 3 o do estribeiro-mor ⁰⁰⁵, 4 o das manas, 5 o meu, 6 o do estado, 7 o das damas; levamos uma hora certa, muitos vivas tive todos para mim.

Passei por baixo dos arcos que estavam em caminho, o de Mata-porcós ⁰⁰⁶, as laranjas iluminadas da Ponte dos Marinheiros, a iluminação do Rocio Pequeno ⁰⁰⁷ assaz bonita, o do fim da rua de S. Pedro ⁰⁰⁸ da cidade nova, o do princípio da cidade velha, o do Largo do Capim ⁰⁰⁹, e o da rua Direita ⁰¹⁰.

Chegando ao Paço descansei um pouco, depois fui para o Te Deum, grandezinho, mas suportável por ser composto por meu pai, houve muita gente, muitos criados que vinham a petiscar honras.

Já a tropa estava em ordem e de bandeiras desenroladas; quando cheguei à janela tocaram o Hino Nacional, que acenando mandei parar. Depois a trombeta tocou o seu clarim, que outrora me era tão terrível; principiaram os tiros de artilharia, que antigamente até me faziam verter lágrimas de terror.

Acabadas as descargas o comandante mandando tirar as barretinas disse: Viva S. M. I. o Sr. Dom Pedro II, Vivam Suas Altezas, Viva a Constituição, ao que todos responderam com unânime aclamação, tendo passado em continência fui para o beija-mão. O Rouen ⁰¹¹ como decano recitou uma breve alocução ao que eu respondi: “Je remercie beaucoup au Corps diplomatique les sentimens [falta parte do papel] qu’il exprime au nom de leurs souverains”. “Agradeço muito ao Corpo Diplomático os sentimentos que ele exprime em nome de seus soberanos”. O cortejo foi grande, teve 560 pessoas fora o corpo diplomático, a parede esteve tão cheia, que foi preciso que as Excelências se metessem pelos vãos das janelas. Brilhante corte. Apareceu a lista dos despachos, que graças a Deus agradou aos homens sensatos. Pela fidelidade e amor com que me têm servido Vahia ⁰¹² e Brant ⁰¹³ nomeei o primeiro, conde com grandeza de Sarapuy, ao segundo de Iguassu.

Fui para cima, despi-me, descansei, depois fui jantar quase às três para 4. Depois do jantar tomei café, um cálice de licor e joguei alguma coisa (não pensem que foi com cartas). À tardezinha vesti-me e às sete e $\frac{3}{4}$ parti para o teatro, depois de tocar a sinfonia ouvi bater palmas num camarote, disse cá comigo: “Lá vai verso”, eis que me dou ao trabalho de transcrevê-los, refiro-me ao mesmo jornal, foram outros piores, enfim foram os últimos péssimos. Depois de longo intervalo e desafinadas ouvertures, apareceram os Dois Renegados, drama de Engenho, mas muito mal executado pois devendo uma pessoa cantar lá dentro a fim de parecer que a Ludovina desengraçada Isabel cantava, foi ela mesma que tocou na harpa e cantou com um tom áspero, nunca vi harpa como esta nem mesmo as dos pretendentes. Acabada a peça, dormindo fui para casa, dormindo me despi e dormindo me deitei, agora façam-me o favor de me deixarem dormir, estou muito cansado, não é pequena a maçada!

3 de dezembro de 1840 - Levantei-me às seis horas. Estudei e li, às 7 $\frac{3}{4}$ almocei, e por sinal bem, era dia santo, ouvi missa. Depois li bastante, tomei banho, jantei. De tarde depois do jantar diverti-me com o meu jogo ordinário, e dei ordem ao Antônio Pedro que o estado estivesse aqui às 7 $\frac{1}{2}$, a caleça sem capuz, às 7 $\frac{1}{2}$ com efeito parti para ver as luminárias; foram estas as que percorri.

Mata-porcos, Rocio Pequeno, Campo, Campo de Santana, Quartel da Cavalaria, Cada Secretaria de Guerra, Largo do Capim, rua Direita, Arsenal da Marinha, Barbonos ⁰¹⁴.

O 1º não esteve mão em quanto ao arco, mas a iluminação adjunta nada prestava, porém eu e minhas manas sobre um rochedo e meu pai e minha mãe por entre as nuvens abençoando-nos com os braços estendidos à maneira de quatro paus e muito mal pintados, o dístico em verso não me lembro.

O 2º, o do Rocio Pequeno, não esteve feia a iluminação a modo de jardim com um templo no centro, o que dispensava era o meu retrato que estava mal tirado, faltava-lhe uma coisa principal, que era a música.

O 3º, o fim da Rua de São Pedro da Cidade Nova, foi de todos o que mais estava bem iluminado e menos sobrecarregado de tantos ornamentos, até o dístico em latim era bem feito, um hexâmetro e um pentâmetro ⁰¹⁵.

H

TE GAUDET GREMIO GENUISE BRASILIA PETRE

P

ALMASALUS NOBIS LUCIDUS

ISTE

DIES

4º do fim do Campo, assim assim.

5º do quartel de Cavalaria não esteve feio, chegando ali fui ao Coronel da Companhia e toda a oficialidade vieram me beijar a mão e depois o Coronel pediu-me licença para que recitassem, os quais por estar muito rouco não recitou, deu-os a um sargento que os leu com ênfase demais, acabado que foram estes o Coronel por três vezes gritou: “Viva o Imperador”, ao que o povo correspondeu unanimemente.

6º da Secretaria da Guerra esteve bom.

7º do Largo do Capim da mesma forma.

8º da Rua Direita bem bonito, muito bem pintado.

9º do Arsenal da Marinha bom.

10º do Quartel dos Barbonos. Às dez e meia recolhi-me a casa.

Dia 4 de dezembro de 1840 – 6ª feira - Levantei-me às horas do costume, e estudei o meu endiabrado grego e a minha medita-bunda e árida língua, almocei, senti-me um pouco doente dos olhos, o que me impediu de dar lição; o Tomás ⁰¹⁶ leu-me a vida dos ilustres contemporâneos, jantei, estive no quarto das manas Francisca e Januária. À tarde joguei. Sendo 7 horas parti para o Arsenal de Guerra. Eis-me chegado, tenho muito que falar se minha débil perna e fraco entendimento a tanto chegue.

Era pois noite serena e as cintilantes brilhavam com todo esplendor na abóbada azulada do firmamento, cálida, abafava. Aproximei-me a janela e vi que arquibancadas que quase chegavam às janelas estavam apinhadas de mulheres, bem como a sala em que estava. Pensei ser uma grande festa, enganei-me. Apareceram-me 2 turmas de rapazes dançarolando [sic], cingidos de coroas e presos por grinaldas. Diversas figuras fizeram, mas algum tanto fastidiosas. Já Morfeu lançava sobre mim suas [falta um pedaço do papel] dormideiras, quando me aparece uma dança de velho, um passeio e basta. Depois uma dança de chins, uma dança de macacos, de bugios.

Acabada esta uma menina ou menino subiu sobre uma espécie de pira, recitou um intersectado [sic] discurso.

Graças a Deus finda está a maçada! Vou cear. Porém logo depois volto para casa e sossegado durmo até ao outro dia, sábado.

5 de dezembro de 1840 – Sábado - Fui à Glória, ouvi missa, fui para o Paço almoçar. Findo este descansei. Às 11hs fui para o despacho, quem primeiro foi o Limpo ⁰¹⁷ que apresentou diversos decretos. Esperamos algum tanto por Antônio Carlos ⁰¹⁸ quem depois falou, trouxe-me diversos decretos e cartas e um requerimento pedindo ser reintegrado nos direitos de cidadão Brasileiro, os quais lhe foram tirados injustamente, alegando-se o pretexto de ter ele aceitado condecorações estrangeiras sem licença do governo, ele disse que era falso este pretexto, porquanto nas instituições que lhe deu meu pai enviando-o para Cortes estrangeiras dizia que tinha permissão de aceitar quaisquer ordens estrangeiras.

Houve grande debate no Conselho. O Sr. Antônio opinou que ele pronto estaria a conceder-lho, que ele era um dos perseguidos pelo governo de então.

23 de julho de 1842 - Antes das 8 horas da manhã, estando almoçando [sic], recebo uma carta de José Clemente ⁰¹⁹, abro-a e leio, com alguma admiração, parte da chegada de Luís Alves de Lima ⁰²⁰, de Aguiar ⁰²¹ e outros, dada pelo comandante da fortaleza de Villegaignon.

Depois de levantar-me da mesa, descansei para poder, com proveito, ouvir ler, por Mr. Sigaud ⁰²², algumas páginas da agradável obra de Victor Hugo, intitulada “Le Rhin”, que deixei para ir conversar com Paulo Barbosa da Silva ⁰²³.

Entrando pela porta da secretaria da minha casa perguntei ao mordomo: – Quantos pés tem de fundo o Colégio do Anjo Custódio ⁰²⁴?

Mordomo: “ Não sei, Meu Senhor”.

Eu: “ Assente-se”, e eu me assentei.

Vai começar a conversa que, para maior clareza, ponho em diálogo.

Mordomo: “Vossa Majestade é admirado por sua perseverança”.

Eu: “Sem a qual nada se faz”.

Mordomo: “O seu segredismo [sic]”...

Eu: “Alguns quando me viram triste há tempo, ficaram pesarosos”.

Mordomo: “Eu fiquei muito abatido”.

Eu: “Pensaram que eu tinha desanimado; não desanimei, nem tinha motivo para melancolia; era como um ataque de hipocondria ⁰²⁵”.

Mordomo: “Em certa idade até chorava, nada havia de agrado no mundo”.

Eu: “Julgo que todos os soberanos devem ser algum tanto melancólicos, porque quase sempre são chamados a meditar”.

Mordomo: “O que eu não acho bom em Vossa Majestade é sua nimia bondade; o castigo é às vezes indispensável”.

Eu: “Chamo-o para o [ilegível]”...

Olhei para o relógio e vendo que as onze vinham levantei-me, andei, subi ao quarto de minha cama, vesti-me, desci por volta das onze, fui aos quartos das manas, conduzi-as à escada, embarcaram no seu coche com a camareira-mor e eu no meu, e o estado partiu.

A ida moeu-me, pois iam os cavalos a passo, e eu sentindo, sem perder um, todos os balanços, ainda que não muito ásperos, da rica estufa, que veio da Inglaterra ⁰²⁶.

Graças a Deus, chegou o estado ao Paço da cidade, e a Corte me esperava. Depois de breve intervalo, com a Corte adiante, baixei à capela, onde assisti a um Te Deum entoado pelo vagarosíssimo, em lugar de Reverendíssimo, Bispo capelão-mor ⁰²⁷. [*Papel rasgado*], rezo, ajoelho-me, canta-se tantum-ergo, apresenta o príncipe da Igreja o adorado Corpo de Cristo e eu atrás do capelão-mor me retiro.

Ao fazer-me encontradiço com minhas irmãs, aparece o barão de Caxias, que depois de beijar a minha mão e as das manas, se mete na Corte, onde encontra apertos de mão [*papel rasgado*] e outros sinais de prazer em [*papel rasgado*] ver.

Que velho é aquele que secamente trata o pacificador de São Paulo? O marquês de Paranaguá ⁰²⁸, que muito se sentiu de ter o barão de Caxias vindo ao Rio de Janeiro.

José Clemente com seus passos curtos aproxima-se e me diz: “Será bom que Vossa Majestade convide Caxias para jantar”, ao que respondi, de muito boa vontade que sim. [*ilegível*] a Sala do Trono [*ilegível*] a José Clemente a que chama Paulo, a quem ordenei que convidasse a jantar o Caxias, o qual antes tinha nomeado meu ajudante de Ordens ⁰²⁹. Agradecimento de Caxias; os Ministros começam a falar com ele; apareço à janela, [*papel rasgado*] G.N. me apresentam as armas, o que agradeço dando com o chapéu.

O clarim soa, o corpo de artilharia põe-se em movimento e dão-se 21 tiros de canhão, os quais são seguidos por descarga de espingardas. Toca-se o hino nacional. Depois de outras duas descargas, o comandante da Guarda Nacional manda tirar as barretinas e dá vivas a mim, às manas e à Constituição do Império, os quais acabados, passa a Guarda

Nacional em continência, subo com as manas ao Trono, a Corte toma seu lugar e S. Martinho, misantropo, apresenta-me, falando tão baixo, que não percebi palavra, os oficiais de um navio?

Chega o tempo de fazer vir o corpo diplomático, apronto-me, aparece Bayard ⁰³⁰ à frente, e eu lhe respondo “Est ce jour tout national. Je remercie beaucoup au Corps diplomatique les expressions de ses sentiments”.

Quanto me custa um cortejo! Como mói! Mas me é sinal da gratidão de meus amados súditos; devo recebê-los com boa cara.

Começa um, dois, três, [*papel rasgado*] parece que não tem cauda, sim tem, já vejo é a deputação do Instituto ⁰³¹; cujo orador o cônego Januário ⁰³², que no seu longo [*sic*] exprime um pensamento que me agrada; este “Escavando a base do Trono de Vossa Majestade vêm a solidez sua”; alude aos maus súditos. Respondi “Agradáveis me são os sentimentos do Instituto Amigo dos livros, os protegerei sempre”.

Mal podendo comigo de cansado, depois de dar a mão para que a Corte a beije, fui me assentar na sala de despachos, aonde, conversando com meus Ministros veio dizer Paulo que aí estava Ribeiro ⁰³³, disseram: “O tratado de casamento”. Que boa nova, que feliz coincidência!

O ministro dos Negócios Estrangeiros saiu, e daí a pouco voltou com ofícios de Bento da Silva Lisboa ⁰³⁴, e o retrato de minha futura esposa, que é muito bela, e dizem alguns diários da Europa, muito ponderada e instruída. Abriram, e deu-me Aureliano ⁰³⁵ o tratado de casamento, Meu com a irmã do rei das duas Sicílias Thereza Maria Christina. Todos nós, eu, e meu ministro, fomos alegres jantar, findo o qual subi a meu quarto a largar o enorme peso que trazia.

Sinto alguém subir a escada, é Cândido ⁰³⁶, que me pede licença para publicar, tão fausto acontecimento, a qual, depois de alguma hesitação, dou.

Os semanários ⁰³⁷ beijam-me a mão e vêm depois felicitar-me os criados que tinham ficado, menos o barão de Caxias.

Das mãos de Aureliano tomo o retrato e corro ao quarto da mana Januária, elas já sabiam, mostrei-lhes o retrato, de que gostaram muito.

O barão de Caxias beija-me a mão pelos dois motivos.

Passado o resto da tarde com os semanários. Às oito e tanto da noite, apareci na tribuna do Teatro Grande, o povo e o Juiz Municipal deram vivas, e foram acompanhados. O hino rompeu, levantou-se o pano, iam os atores começar a representação, quando de um camarote se ouviram palmas, e um moço recitou mal uma poesia, que talvez não fosse má.

A comédia ou drama intitulava-se “Os Incendiários”, e a dança, que chamaram baile anacreônico, talvez por ser amoroso, “Amor protege amor”: foi tempo perdido.

VOLUME 2

VIAGEM À COSTA LESTE - 1ª PARTE (BAHIA)

01/10 a 07/11/1859

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

1859

1 de outubro de 1859 - Cheguei ao Arsenal às 7 e 35.

O vapor largou às 8 ³/₄ porque desejei saber as notícias do Rio da Prata, trazidas pelo vapor Princesa de Joinville, entrado havia pouco. O meu vapor era acompanhado por mais 15 de guerra e mercantes ⁰⁰¹.

Às 9 e 20 estava fora da barra. Só um vapor mercante – dos que me acompanhavam por obséquio – foi até a barra.

Felizmente só enjoei depois de ficar o meu vapor sozinho, pois o resto da esquadilha não aparecia. O resto do dia muito enjoado, só me tendo levantado para ver, de minha própria câmara, Cabo-frio e seu farol às 4 e 20; a tarde estava belíssima.

O Marques Lisboa ⁰⁰² mandou-me perguntar se podia deixar atrás a Paraense ⁰⁰³ que andava muito devagar; respondi

que fizesse o que quisesse mas que devíamos chegar à Bahia no dia 6 de manhã como desejavam nessa cidade por causa dos preparos.

De noite houve muito balanço e barulho; o vapor parou por pouco tempo.

2 de outubro de 1859 - Comecei este diário desde ontem logo que a luz da manhã o consentiu; mas parei antes de completar o que é relativo ao dia de ontem, porque principiei a sentir-me enjoado.

Não ouvi missa porque o cônego ⁰⁰⁴ tomou café com que o tentaram. Subi para a tolda onde comi um pouco e escrevo agora na baiúca do comandante, conservando-me mais deitado do que assentado.

É 1 menos $\frac{1}{4}$ e há poucos minutos o comandante Gomensoro ⁰⁰⁵ disse-me que estávamos na latitude $21^{\circ} 28'$, longitude $39^{\circ} 51'$ O.G. a 260 milhas dos Abrolhos andando o vapor 8 milhas por hora. Já há bastantes horas que não vemos terra e estão à vista o Amazonas ⁰⁰⁶ e o Belmonte ⁰⁰⁷, este na longitude de $39^{\circ} 40'$ e aquele a $39^{\circ} 48'$; o ponto astronômico é do meio-dia.

Brigue-barca sueca à vista.

Tenho escrito sem incômodo, e creio que amanhã estarei bem de todo do estômago, não tendo aproveitado o licor estomacal da Chartreuse de que tomei uma dose ontem, antes de começar o enjôo, é verdade que pouco tempo.

O Paraense seguiu pelo caminho mais curto, que nós evitamos, porque, tendo menos fundo, mais jogaria o Apa ⁰⁰⁸. Segundo diz o Marques Lisboa talvez avistemos o Paraense esta noite.

Vêem-se voadores e almas mestre.

7 e 23 (a minha hora é a do Rio de Janeiro e a diferença para a nossa longitude agora é de um quarto a mais).

Depois do jantar, às $3 \frac{3}{4}$ na baiúca, onde escrevo, tenho estado na tolda a conversar e creio achar-me completamente bom do estômago.

Soube pelo 1º Tenente Ponte Ribeiro ⁰⁰⁹ que por três vezes – não tendo reparado em outras – observara neste vapor grande variação só na agulha do centro do navio ao passar pela costa entre o cabo de Sta. Marta e a Ponta da Laguna, diminuindo a variação extraordinária desde Sta. Marta até desaparecer uma milha ao norte de Laguna. A agulha chegou a apontar para o sul. Não atribui o fenômeno à eletricidade e diz que os ferros do navio não influem nas agulhas; mas que no Guanabara, que é de ferro, já se tem vindo de St.ª Catarina com o mesmo rumo à altura de S. Sebastião, Ilha Grande e Maricá. Por ocasião de uma trovoada já observou o mesmo oficial, nas duas agulhas do Apa, variações extraordinárias e consideráveis numa delas para leste e noutra para oeste ao mesmo tempo. O Belmonte traz os 4 faróis como deve; mas o Amazonas só o do mastro. 8h – Tem-se andado 66 milhas desde o meio-dia.

3 de outubro de 1859 = Desci ontem às $8 \frac{1}{2}$.

Dormi mal, acordando muitas vezes. Levantei-me às 5; enjoei, mas subi assim mesmo às $5 \frac{1}{4}$. Não pude ver o nascimento do sol por causa das nuvens. Tenho estado quase sempre deitado escrevendo deste modo o diário de hoje (5 e 24). Às $9 \frac{1}{4}$ avista-se o vapor inglês a S.E.

Antes do meio-dia tentou-se tomar, porém debalde, a altura para calcular o ângulo horário. O ponto muito pouco exato, por estimativa deu ao meio-dia para o Apa latitude $18^{\circ} 34'$, longitude $30^{\circ} 10'$; Amazonas $18^{\circ} 23'$, $38^{\circ} 30'$; Belmonte $18^{\circ} 6'$, $37^{\circ} 48'$. Estes dois navios têm vindo sempre em distância conveniente, aproximando-se o segundo para dar vivas como já fizeram ontem.

Viram-se duas garoupeiras; uma à $1 \frac{1}{4}$ e outra às 3.

Às 4 e $35'$ viu-se um brigue mercante navegando na mesma direção que nós. Tem-se parado diversas vezes para sondar por causa dos abrolhos e a sonda tem marcado 34, 28 e 31 braças e trazido pedaços de coral dos abrolhos, que estão guardados.

Tem chovido desde manhã mais ou menos forte e o navio joga mais que ontem, de modo que alguns têm enjoado de novo, depois de ontem terem se mostrado bons do estômago. Uma criada de uma das senhoras chegou a gritar que queria morrer, e o Marques Lisboa aplicou-lhe uma dose de arsênio, 15ª dinamização, assim como deu uma poção homeopática de noz-vômica à D. Josefina ⁰¹⁰, e outra à Maria José ⁰¹¹. O descanso recomendado parece que aproveitou.

6 menos 9 – A última prumada deu 48 braças; já passamos os Abrolhos. Viu-se hoje uma lista de ovas de peixe, e

botaram-se anzóis, mas sem proveito; contudo o toque da campainha anunciou que o peixe rompeu a corda menos grossa.

A música tem tocado estas noitinhas.

4 de outubro de 1859 = 9 ½ – Ontem recolhi-me às 8 ¼.

Muito balanço e barulho. Houve uns poucos de aguaceiros ou pirajás ⁰¹² de noite e parou-se para sondar.

Levantei-me às 6.

Subi sem enjô, mas conservo-me quase sempre deitado por prudência. O Belmonte avisou que avistara a costa de Belmonte; mas parece que se enganou.

Já almocei o meu frango assado com pão torrado por cima, bebendo alguns goles de vinho do Porto, que muito me tem fortificado o estômago estes dias.

A música toca o Hino quando se iça o estandarte às 8 horas da manhã ⁰¹³.

Antes das 9 tentaram calcular a hora, mas o tempo não permitiu segundo creio.

10 horas; avista-se com efeito terra e dizem que são os morros de Comandatuba entre 15° 20' e 15° 30'. 10 ½: já vi a costa. 11 e 10: – O Belmonte aproximou-se para dar as vivas. O tempo tem-se posto bom, e o vento é S.O., é meio-dia, e a latitude observada é de 15° 13', a longitude 38° 20', defronte da foz do Una, segundo disseram.

A música está tocando muito bem a ária do Trovador do 1° ato.

O Amazonas deu latitude 15° 17'; longitude 38° 40' e o Belmonte 14° 57'; longitude 38° 20', distante da ilha de Tinharé 1° 55'. Tomando o termo médio das velocidades da barquinha, ou 9 milhas por hora, para mais, dever-se-ia chegar a Tinharé de 1 até 2 da madrugada; porém não é prudente entrar na enseada do morro de S. Paulo à noite. 1 ½: O mar está perfeita cor de anil.

2 ¾ – Vêm dizer-me que estamos defronte da foz do Una, de onde parece vir um barco de 3 mastros.

3 ¼: Vamos passando os ilhéus. Estou já assentado na tolda. Passa a sotavento e bem à vista a lancha de 3 mastros, de que já falei, com a bandeira brasileira içada.

Às 4 ¾ a Belmonte veio dar vivas quase que emparelhada.

5 ½, defronte do rio das Contas, vê-se até a Ponta de Castelhanos e mais além a de Camamu e descobrem-se casas.

5 e 40': Avista-se uma baleia.

5 ¾: O efeito do ocaso não pôde ser bem apreciado por causa das nuvens.

6 menos 6, esguicha a baleia, mas não a posso avistar.

Toca o Hino para arriar o estandarte. O cônego, que é de Sergipe e ordenou-se na Bahia, disse que o tempo das baleias é de junho até novembro e que agora andam elas paridas.

Tocam uma valsa que muito lembra o Rio de Janeiro, como outras músicas que tenho ouvido estes dias; – que se passará por lá?

5 de outubro de 1859 = Desci ontem por volta das 9 ½; porque estive ouvindo ler.

De noite jogou muito porém às 7 da manhã fundamos por detrás do morro do Farol de S. Paulo. O Feijó ⁰¹⁴ viu o farol ontem de noite antes do gajeiro.

Nesta enseada estive a esquadra brasileira por ocasião da Independência desde depois do combate de 4 de maio até 2 de julho de 1823. Um forte ⁰¹⁵, que se vê agora, completamente desmantelado, tinha, quando chegou a esquadra brasileira na época da Independência, apenas 27 balas e 4 peças, que se desmantelaram ao salvar à esquadra. Os carpinteiros desta, desembarcando, consertaram os reparos das 4 peças e o forte ficou fornecido com 400 tiros de bala. Viram, do alto do navio onde está hoje o farol, a evacuação da Bahia pela esquadra lusitana no dia 2 de julho, e a corveta Niterói atravessou o baixio para ir à Bahia, escoltada de ambos os lados vinha na desmantelada cortina.

O farol foi construído na presidência de Gonçalves Martins ⁰¹⁶; é de 1ª classe bastando apenas uma lanterna, segundo diz o Marques, e sendo mais necessário na Ponta de Itapoã e nos Abrolhos (Ilha de Sta. Bárbara).

8 e 35 – Já ouvi missa e vesti-me para almoçar e daqui ir ver a ilha de Tinharé. O comandante do forte desmantelado, o major reformado Manuel do Carmo Correia Palmeira, baixo e grosso, chegou antes da missa. Soube por ele que a ilha tem cerca de 300 habitantes, que é capela curada, mas sem capelão, e que só pôde obter 6 inválidos para o forte, sendo o não-

mutilado sujeito a ataques de ficar horas sem fala e respiração.

Há uma escola de meninos e as meninas aprendem particularmente. Julguei que a bandeira fosse nova; mas o Sr. Palmeira desenganou-me, fazendo-me reparar que a haste dela é uma vara; mais uma sinicura que é preciso acabar.

Antes de ir vestir-me para almoçar vi uma embarcação de 3 mastros carregada de piaçaba que vinha de Valença para a Bahia, tinha a proa à semelhança da das gôndolas.

Acabado o almoço fui ver a ilha do morro de S. Paulo, que parecia não conhecerem aqui (pois que o ignora Palmeira) por ilha de Tinharé, como vejo nos mapas.

Receberam-me com muito regozijo e cordialidade e os foguetes do costume, principalmente na Bahia.

Subi por um caminho ruim até a Igreja, que é sofrível, para a localidade, com a invocação de N. S. da Luz, havendo irmandade desta Senhora, que também o é do Sacramento, acompanhando-me alguns irmãos de opa encarnada e tochas na mão. Orei por um pouco na Igreja ⁰¹⁷, em cuja sacristia há um ex-voto de navegantes e fui depois visitar o farol.

A torre deste tem 74 pés de altura e sobe-se por 74 degraus de pedra e 4 de madeira e depois por dois lanços com 33 degraus de madeira e 1 de pedra até a varanda que rodeia a lanterna de onde se goza de excelente vista, chegando a descobrir-se, segundo dizem, o farol de Sto. Antônio na Bahia, a 10 léguas de distância. Há 9 degraus de ferro dentro da lanterna para chegar ao aparelho do farol, que é do sistema Fresnel, e do fabricante Henry Lepante, Paris. É muito bem-feito, sendo para sentir que alguns dos prismas tenham fendas, ainda que grande parte dessas na direção normal. É intermitente e a revolução de 12 minutos. Consume 124 camadas de azeite por três meses sendo doce, de mamona purificada, ou de coco; serve-se agora de doce, que dá luz pouco clara segundo disseram. Há perto uma casa, que ainda não serve para depósito de azeite e outros pertences do farol; os tanques para o azeite terão, cada um, a capacidade de 216 br³.

O farol foi construído pelo engenheiro Carson, o da fábrica de Valença. Há 5 pessoas no serviço do farol, tendo o administrador 1.000 réis por dia, outro 800 réis e os mais 3.600 cada um. Queixaram-se de que era pouco pois que fazem todos as conduções da ilha e para ilha do que é preciso para o farol, e a limpeza deste à sua custa.

O subdelegado, que o é desde 1842, homem de 65 anos, mas que não parece, e que diz ter militado a bem da Independência, representou-me contra a falta de pedra na ilha, pois a freguesia é a de Cairu a 9 léguas de distância do mar.

O quartel das praças inválidas, que são 7, e entre as quais há um Manuel Pinheiro, de 84 anos e 60 de praça, está em mísero estado, e ao pé existe o calabouço onde se tem guardado o azeite para o farol e outras coisas, é uma miséria!

Depois fui ver a fortaleza que foi mandada construir pelo vice-rei Vasco César Fernandes de Meneses, como se vê da seguinte inscrição sobre o portão: [linha em branco] ⁰¹⁸.

Há peças que ainda se podem aproveitar, e aí achei um forninho para balas ardentes e instrumentos para seu emprego. O mar já deitou boa porção da muralha abaixo, e minou outra, passando-a de um lado para outro.

Na ilha há 300 e tantas famílias, como me disse, da segunda vez, o comandante da fortaleza, que também inspeciona o farol, e mais de 2 mil pessoas segundo o subdelegado.

A escola pública é de meninos e meninas e tem por todos 30 e tantos, segundo me disse o professor.

A ilha tem 14 léguas de extensão, conforme aventurou o comandante, não mostrando o mapa de Roussin senão 31; mas nenhuma cultura a não serem poucos pés de laranjeira e bananeira e muitos coqueiros, abundando em formigas e cupim, e jararacas e jararacuços, segundo me disse o comandante do Amazonas; mas não foi confirmado pelo comandante Palmeira.

O inválido Paulo Pedro Rodrigues da Costa pediu-me para ser transferido para a companhia de inválidos da corte; consta ter sido um dos melhores cornetas do exército na época da Independência.

Há na ilha boa tabatinga para caiar, e outra mais dura que chamam solho e serve para o chão. Há de diversas cores tanto de uma como de outra qualidade.

Nas praias, na baixa-mar, apanha-se pedra calcária, de que colhi amostra e fazem cal na ilha.

Há uma fonte pública de 3 bicas com a seguinte inscrição : “O Ilmo. e Exmo. Sr. André de Mello e Castro, Conde das Galveias, vice-rei – cap-gal. de mar-e-terra do gno do Brasil, mandou fazer esta fonte em 1743”. A água que me deram para beber era pouco clara mas dizem que é boa, e não me pareceu má no gosto; é verdade que tinha bastante sede e a localidade passa por sadia ainda que a gente não o pareça pela fisionomia.

Fui depois ver o Curral ⁰¹⁹, que é uma parte da enseada cuja entrada se encobre como uma ponta de areia cheia de mato, princípio de um baixio que já formou adiante uma ilha de areia, já coberta de vegetação, e que não existia ainda em

1823. É lugar muito abrigado e com fundo pouco raso, pouco afastado do baixio, e foi aí que estiveram em 1823 os navios da esquadra brasileira, com exceção na nau Pedro I e corveta Maria da Glória, que cruzavam por serem veleiros.

Indo para o curral passamos pela povoação de Gamboa, onde está erigindo uma capela o capitão Sousa Macieira, sendo esse o lugar onde se abrigam os navios costeiros. Aí encontramos um vindo de Valença (cuja matriz se avista ao longe, descobrindo-se grande parte da povoação do alto do morro do farol) com dois mastros, muito perto um do outro, e para o lado da proa, sendo o posterior inclinado para trás e tendo cada um uma vela, visando-se unicamente a do mastro posterior. A proa é semelhante à das gôndolas e mete bastante de popa, dizendo o Marques Lisboa que estes barcos têm belas linhas d'água, agüentando muito bem o vento. Colhi na ilha umas campainhas azul-acinzentado que já estão murchas do bolso, mas levarei assim mesmo. Logo ao chegar à ilha vi um chapéu da moda e depois mais três; até aqui!

9 ³/₄ – De tarde vieram diversos com requerimentos e, numa representação, pedem que se crie freguesia esta povoação de mais de mil almas, para cumprimento do “Crescite et multiplicamini”.

O farol acendeu-se às 6 horas e disseram-me que sua intermitência é de 5 segundos e mais brilhante em certa distância que perto. Não se vendo a torre, parece, quando menos brilhante, uma segunda lua no céu.

A povoação formou duas linhas de luminárias, com pessoas trazendo fachos. Vieram 3 repolhos monstruosos de presente.

Às 9 ¹/₂ chegou o comandante do Itajai e o ajudante do capitão do porto da Bahia, com programa do desembarque publicado pelo Pena ⁰²⁰; souberam de nossa chegada ao morro de S. Paulo às 2 da tarde por uma lancha saída de manhã daqui. Os dois oficiais vieram num vapor mercante ⁰²¹, parece que por não poder trazê-los o Itajai e já se retiraram para a Bahia, onde se sabe que o Pirajá chegou 5^a. f.

Vou agora recolher-me para acordar amanhã antes de suspender o ferro.

6 de outubro de 1859 – Dormi muito tranqüilo desde perto de meia-noite porque estive lendo outra vez o programa e vendo a planta da cidade da Bahia até antes de 5 ¹/₄.

Suspendeu-se ferro às 6 ¹/₄, e escrevo deitado na baiúca (7 ¹/₂) porque joga muito; receio ficar enjoado.

O dia está belíssimo e há três que venta S.O. sem que tenham vindo em reposta os pirajás. Acabo de regular o meu relógio pela hora da Bahia, são 8 e 7’.

9 e 43’ – Avistam-se a Bahia e 4 vapores vindos de lá. Distinguem-se 5 vapores ⁰²². O Eolo está todo embandeirado ⁰²³ tendo saído antes de ontem para esperar a esquadra. 10 e 20’ lançamos âncora.

Antes de entrarmos no porto caiu um marinheiro sobre o tombadilho e disse-me o cirurgião de bordo ⁰²⁴ que apenas machucou uma costela; foi carregado para a proa e sangraram-no.

Depois de almoçar desembarquei depois de meio-dia numa galeota cujas vidraças abaixavam tirando-se umas cravelhas que as suspendiam, contudo era muito decente – e quente ⁰²⁵.

Havia muito entusiasmo no desembarque e o arcebispo ⁰²⁶ esperava-me, dando-me o crucifixo a beijar pouco adiante do Arsenal de Marinha. Várias meninas recitaram versos no caminho ⁰²⁷ e num elegante pavilhão na Praça do Teatro houve o speech da Câmara Municipal, debaixo de uma ventania que entrava por entre as colunas do pavilhão, sustentando escudos com os nomes das diversas províncias, que não sei como me não constipou.

As ruas são estreitas e enlameadas – não muito – até à Sé Nova, ou igreja de Jesus ⁰²⁸, que é um templo vasto de arquitetura jesuítica e com pinturas que me pareceram dignas de atenção; cumpre vê-las mais devagar. Houve aí apenas a – Salvum fac regem – e depois voltei pelo mesmo caminho para o palácio.

No largo da Sé Nova, ou Terreiro de Jesus, há um chafariz que parece de muito bom gosto, e foi feito pela companhia de abastecimento de água à cidade, ou do Queimado ⁰²⁹.

O Palácio está muito bem arranjado ⁰³⁰, e na sala de comida há um vaso de prata com belas figuras para água, pesando 5 arrobas e cujo coco, também todo de prata, serviria para um Golias. No outro topo existe, sobre um pedestal de madeira envernizada, outra peça de prata que é uma concha com uma ninfa que repuxa água de uma flor que segura sobre a cabeça. Todo o serviço de mesa é riquíssimo ⁰³¹, e o jantar, que principiando tarde, só acabou haverá 20’ (são 8 horas), foi suntuosíssimo.

Depois que voltei de Sé houve parada onde se reuniu numerosa e luzida Guarda Nacional, de que parte teve de dar as

descargas numa rua estreita por causa das poucas dimensões do largo do Palácio que se parece com o Pátio do Colégio em S. Paulo, seguindo-se concorrido cortejo.

Acabado o jantar conversei com diversas pessoas, dizendo o diretor da Escola de Medicina ⁰³², que havia assiduidade nos lentes, severidade no 1º ano escolar, dando-se também nos passados exames preparatórios. Mas que os estatutos tinham inconvenientes, principalmente nas penas de prisão e repreensão, por inexequíveis ou pouco eficazes e que o laboratório de química, apesar de nova obra, ainda estava mal acomodado. Ficou de vir cá um dia para falar-me especialmente a respeito das necessidades da Escola.

O Manuel Maria do Amaral ⁰³³, antes do cortejo, falando-lhe na ilha do morro de S. Paulo, disse-me que já tinha dado as ordens precisas para se aproveitar o que resta de um edifício nacional de sobrado, que eu vi só com as paredes e talvez algum madeiramento em bom estado.

As iluminações das casas que eu vejo daqui estão bonitas, e principalmente a do Forte do Mar ⁰³⁴, que de dia parece um empadão. Está aí o depósito de pólvora, ameaçando a cidade, e a casa que se prepara na ilha do Medo consta que está muito atrasada; convém ativar a obra.

De um dos lados do Palácio há excelente vista do mar, que está hoje coalhado de pequenas embarcações perto das praias.

Amanhã hei de ir às 6 ½ ver o Arsenal de Marinha que tem edificios importantes, e depois à Alfândega, onde se tem consumido muito dinheiro, dizem que sem maior proveito, principalmente num subterrâneo, onde entra a água do mar. O engenheiro diretor de todas as obras que não são da Marinha, é o Aguiar ⁰³⁵.

Chegou à noitinha o Cruzeiro do Sul e levará amanhã cartas minhas para o Rio de Janeiro.

No meu quarto quase todos os trastes de cima de mesa são de prata; nunca vi tanta prataria.

Já falei a diversos fazendeiros sobre a necessidade de melhorar a agricultura e pedi ao Wanderley ⁰³⁶, já o tendo feito no Rio ao Saraiva ⁰³⁷, que examinasse a questão segundo as minhas idéias.

Consta-me que a lavoura quer dar um baile, e talvez reúna 20 contos! mas infelizmente já me disseram haver despesas feitas para tal fim ⁰³⁸.

A água que tenho bebido tem gosto de ferro, será a da companhia ⁰³⁹?

O chefe de policia ⁰⁴⁰ disse-me que havia subdelegacias na cidade sem proprietários, e que substitutos de autoridades policiais estavam por nomear, por tê-los proposto ao Messias de Leão ⁰⁴¹, quando então já sabia que vinha novo presidente.

O cônego Cajueiro ⁰⁴² ofereceu-me dísticos e hexâmetros destacados latinos como parabéns; não são grande coisa.

Talvez passe revista à Guarda Nacional antes de ir para o S. Francisco; mas só amanhã o decidirei, podendo ficar a revista para a volta. Há muitos estabelecimentos que visitar e quarteirões inteiros de belas casas de 4 andares para o lado do Bonfim.

Vou agora escrever para o Rio e depois descansar até amanhã às 6.

Esqueci-me de dizer que não tenho encontrado tantas caras escuras como esperava e que a Guarda Nacional não é muito negra, marchando sofrivelmente para o pouco exercício que tem ⁰⁴³, todavia às vezes aparecem de uma vez na mesma janela 3 ou 4 turbantes de negras minas.

Os Bulhões têm muito melhor fisionomia que os Moniz ⁰⁴⁴ e a baronesa de S. Francisco é uma perfeita dama e devia ser muito bela ⁰⁴⁵. A de Paraguaçu parece ser muito boa ⁰⁴⁶. O barão de Cajaíba ⁰⁴⁷ tem belo porte militar mas é capaz de fazer um milhão de cumprimentos durante poucas horas; estou perto deles.

7 de outubro de 1859 = Dormi, tendo acordado às 6.

Sai às 6 e 10; fui ao Arsenal da Marinha pela Ladeira da Preguiça ⁰⁴⁸.

O inspetor e intendente ⁰⁴⁹ pouco se demora.

No portão há a data de 1790. Existem no estaleiro de pedra dois iates desde a presidência do Cansanção ⁰⁵⁰ chamados Cairu e Rio de Contas, que não se tem acabado por falta de madeira pedida das Alagoas. Já há alguma, de jaqueira, mas não toda a que é preciso, queixando-se o inspetor muito da falta de madeiras e destruição das matas. A oficina das máquinas é boa, mas tem poucos operários, não sendo o Chandler ⁰⁵¹ capaz de substituir o Gremdy que morreu há pouco. A máquina que dá movimento às outras é de 15 até 24 cavalos e está se tratando de montar um sistema de ventiladores

movidos pela mesma máquina. Está se abrindo uma grande cova para a fundição; mas trata-se de esgotar a água que é muita, empregando-se, ainda para tal fim, além de uma bomba, o parafuso de Arquimedes.

A casa é forrada de pedra e por cima tijolo, que não é bom aqui, e tudo com cimento, que não sei se é mesmo do cais, que consiste em duas partes de cal e uma de um barro extraído das bandas do Bonfim, o qual é muito glutinoso, e dizem que se torna, no mar, duro como pedra, sendo a amassadura com água salgada.

O cais vai muito devagar, e acabado inutilizará a caldeira do Arsenal, que algum préstimo presta quando a maré está cheia, sendo contudo, segundo me pareceu, desabrigada do vento sul. Para alimentação das caldeiras, fizeram um poço onde entra água do mar, havendo ao pé um tanque de ferro com água doce, que o intendente queria misturar com a do poço, o que a tornaria salobra, com dano das caldeiras, talvez porque o encanamento de água do Queimado se costuma romper com o impulso da água, e por isso quer maior reservatório de água para as caldeiras que a do tanque só.

O aquartelamento dos aprendizes menores está muito bem arranjado, para o tempo em que principiou a funcionar a instituição em fevereiro deste ano. Contudo achei as camas perto umas das outras, por falta de espaço para todas, e talvez não convenha que os dormitórios sejam de telha vã.

Os meninos têm bom aspecto, e alguns são muito galantes. O intendente mostra-se avesso à admissão dos de cor, o que não convém de nenhum modo.

Não achei todos os gêneros de primeira qualidade sendo melhores alguns do Hospital, e dos marinheiros, que são mal pagos para o serviço que fazem.

No mesmo edifício há uma sala de modelos, onde existe um bem-feito duma corveta a hélice de 400 cavalos, do construtor Trajano de Carvalho ⁰⁵², que se queixa não ter que fazer. Há uns desenhos de uma cale à Haler de um João Anastácio de Souza ⁰⁵³ que parecem bem-feitos, sendo esta obra de utilidade para conserto dos navios, mas dependendo sua construção da destruição de dois edifícios.

O hospital está mal colocado porque se acha sobre o celeiro, que convirá remover daí mesmo para polícia do Arsenal e por baixo da casa das velas, cujo madeiramento ameaça ruína. No celeiro pagam-se 3 mil réis por quartel por uma caixa cheia, ainda que por muitas vezes, de cereais da capacidade de 25 alqueires, e 4.500 pelo mesmo tempo por outras de 600, 700 e 800 alqueires, pagando-se vintém por saco! O serviço não parece bem-feito. Há outros celeiros na Câmara Municipal e outros lugares da cidade e arrabaldes.

O médico apareceu para a visita depois da hora marcada para ela: 9 horas.

Os espaços entre as comidas não me pareceram bem calculados: almoço às 7 ½, jantar ao meio-dia, ceia às 5; também os marinheiros almoçam às 9, jantam ao meio-dia e não ceiam.

Não há aparelho de cirúrgica [sic] no hospital nem botica. Pedi diversas informações ao intendente, que juntarei. A limpeza do hospital faz-se em cubas de pau! Ainda não tomam os aprendizes menores banhos de mar, como convém, por falta de local, segundo diz o intendente.

Ainda dei um giro para a cidade até avistar o Passeio Público, examinando as fontes do Largo do Teatro e da Piedade que são de mármore muito bonitas, principalmente a última, com a figura da América suplantando um dragão, e deitando água por 4 cavalos-marinhos ⁰⁵⁴.

Às 11 ½ fui de carro para o Te Deum ⁰⁵⁵ cuja música foi péssima, cantando os capelães menos mal os versos alternados do hino, a poder do movimento de compasso da vara de prata do regente do coro. O sermão do Fonseca Lima ⁰⁵⁶, cuja fisionomia nada prometia, não foi mau, porém, monotonamente recitado, havendo elogios de mais, repetição de pensamentos e uma referência pouco conveniente ao adiamento do projeto de lei dos casamentos ⁰⁵⁷. Para o fim do Te Deum houve tantos rojões que faziam a bulha de um verdadeiro pirajá. Antes de partir conversei com o arcebispo, a respeito do clero, que me deu boas informações em geral dos párocos da cidade, e dos lentes dos seminários, abonando o cônego Miguel Ferreira por sua moralidade, e os padres Laranjeira ⁰⁵⁸ e Macedo Costa ⁰⁵⁹, por sua ilustração e moralidade. Falamos também sobre antigüidades da terra, e sobre o Instituto Histórico ⁰⁶⁰, a uma de cujas sessões talvez assista na minha volta do S. Francisco. O arcebispo disse-me que os membros do Instituto trabalhavam pouco, reunindo-se na Biblioteca Pública.

Acabo de chegar de minha visita às Igrejas da Graça e Sé Velha, cuja descrição ficará para depois do teatro, se o sono o consentir; são 7 ½. Esquecia-me de dizer que já bebi água boa; mas ainda não tive tempo de perguntar de onde é.

11 ¾ – Chego do teatro que não é feio ⁰⁶¹; tem 3 ordens de camarotes de 20 cada uma [sic] e uma varanda superior com um lustre sofrível. Camarotes e varanda estavam cheios; mas a platéia não tinha [ilegível]. Não vi nenhuma cara de senhora que chamasse a atenção. Cantaram mal o Rigoletto, e a orquestra também não presta; o cenário não é mau.

No segundo entreato fui ver um modelo em argila da estátua de meu pai outorgando a Constituição pelo escultor e cantor Camilo Formilli ⁰⁶², recomendado do conde de Siracusa; não achei semelhança em nada, nem nobreza na posição. É obra de 15 dias!

Fui recebido com muito entusiasmo ao chegar ao teatro. Houve apenas uma poesia de um Cunha ⁰⁶³, da Tesouraria Geral.

O caminho para a Graça, desde o Campo da Vitória ⁰⁶⁴, é muito bonito por causa das belas chácaras com lindos edifícios, principalmente de estrangeiros, que dão a este bairro o aspecto das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

A Graça ⁰⁶⁵ não é feia por fora. Logo à entrada há 2 quartos, representando, o da direita, os atos mais notáveis da vida de Caramuru e Paraguaçu, como o achado de uma imagem naufragada na Boipeba, orago da Igreja; e o da esquerda, uma romaria a essa igreja dos membros da Câmara nas suas carruagens em dia de Reis, como costumavam fazê-lo; vêem-se caboclos na praia. Os quadros são antigos e apenas curiosos pelo assunto ⁰⁶⁶. Perto das cancelas, para o lado de fora, está uma lápide nova com a seguinte inscrição: – Sepultura – “D. Catarina Álvares Paraguaçu, Senhora que foi desta Capitania da Bahia, a qual ela e seu marido Diogo Álvares Correia, natural de Viana, deram aos Senhores Reis de Portugal, edificou esta capela de N. Sra. da Graça e as deu com as terras anexas ao Patriarca S. Bento em o ano de 1582” ⁰⁶⁷. O beneditino de cruz de abade que aí está [sic] ⁰⁶⁸, disse que a lousa nova substituíra com pequena diferença na inscrição, a antiga, tendo em cima da inscrição o escudo de armas da doadora que é muito historiado ⁰⁶⁹...

À esquerda, junto à parede do templo está uma urna funerária com a seguinte inscrição seguida de um soneto, numa lápide logo abaixo cravada na parede:

“RESTOS MORTAIS DE D. JÚLIA CLARA FETAL

20 de abril de 1847

Estavas bela Júlia descansada
Na flor da juventude e formosura
Desfrutando as carícias e ternura
Da Mãe que por ti era idolatrada.
A dita de por todos ser amada
Gozava sempre ver tu'alma pura
Que por mesquinho fado à sepultura
Brevemente seria transportada.
Eis que de fero algoz a destra forte
Dispara sobre ti, Júlia querida,
O fatal tiro que te deu a morte.
Dos olhos foi-te a luz amortecida
E do rosto apagou-te iníqua sorte
A branca e viva cor com a doce vida.”

Era a moça que assassinou o Lisboa ⁰⁷⁰, quase que na presença do Muritiba ⁰⁷¹, que impediu o assassinato da mãe da moça, segundo me referiram ⁰⁷².

A igreja foi dourada de novo e reparada durante a administração do abade geral Fr. Damásio ⁰⁷³, que pregou na minha sagração. Na casa particular há um quadro antigo representando Paraguaçu orando à Virgem da Graça. O vestuário parece mais moderno que o do XVI século, e lê-se, ao lado direito do painel a seguinte legenda: “D. Catarina Álvares Paraguaçu, senhora que foi desta Capitania da Bahia a qual deu aos sereníssimos nossos reis de Portugal; fundou e deu esta Igreja da Virgem S.S. e Sra. da Graça, e estas terras anexas ao príncipe dos patriarcas S. Bento no ano de 1582.” A pintura é apenas curiosa, e a Paraguaçu parece uma cabocla muito feia ⁰⁷⁴.

Quando viemos para a Sé Velha quase todas as casas do bairro da Vitória de cima do morro estavam iluminadas e algumas com bastante luzes; atiravam muitas flores.

A Sé Velha é um templo mais magnífico do que a Catedral ⁰⁷⁵. Tem, além de capela-mor, em cujos ornatos de talha se gasta a pequena consagração da província, quando o telhado ameaça ruína, oito capelas laterais ou altares fundos, quatro de cada lado, e mais uma pequena capela ou altar no fundo que abre na primeira lateral da esquerda, e onde está agora o Sacramento. Quase todas as paredes das capelas e altares fundos têm pinturas e algumas curiosas como as dos milagres de Sto. Antônio, no respectivo altar fundo, distinguindo-se as da sacristia nas paredes e tetos, sendo duas pequenas, segundo me disse o cônego-vigário ⁰⁷⁶, sobre vidro preso à parede. As cômodas onde se guardam os paramentos e mais pertences são de jacarandá e com pegadeiras, nos gavetões, de prata lavrada. Os degraus que sobem para a capela-mor são de pedra com embutidos de diversas cores da mesma matéria e logo à direita encontra-se uma sepultura que me disseram ser do célebre arcebispo Sebastião Monteiro da Vide ⁰⁷⁷, autor da Constituição do Arcebispado, o qual, com efeito, morreu no ano da inscrição, que é a seguinte: “Brasiliae Leges, Templis Augmenta Paravit Venturis Magnam Praesulibus Que Domum Obdormuit. In Domino Vlo Septembris Anno 1722.” Um pouco esquerda [sic] lê-se numa lápide: “Sepultura de Estêvão dos Santos do Conselho de S. M. e bispo deste estado do Brasil, faleceu em 6 de junho ⁰⁷⁸ de 1672 em circunstância tão miraculosas em sua morte, que qualificaram a grande opinião das muitas virtudes que teve em sua vida.” Na segunda capela lateral da direita está uma lápide com esta inscrição: “Aqui jaz o Exmo. e Revmo. Sr. Luiz Álvares de Figueiredo ⁰⁷⁹, do Conselho de S. M., bispo titular de Uranópolis, arcebispo da Bahia, primaz da América. Faleceu nesta cidade em 28 de agosto de 1735. Tendo de prelado 10 anos e de idade 65.” Mostraram-me o altar da Sra. da Fé ⁰⁸⁰ onde orava o Pe. Antônio Vieira quando adolescente e sentira estalarem-lhe os miolos como me disse o cônego vigário, ficando depois com o grande talento que teve.

A casa do Cabido está inteiramente [sic] e não me souberam dar notícia do retrato do vice-rei marquês de Angeja, de que Rocha Pita à pág. 609 n.º 20 da sua História ⁰⁸¹, e em cujo tempo fundou o recolhimento das mulheres honestas João de Matos d’Aguiar, vulgo João de Matinhos. Arriaram as torres que eram muito altas, e de cima das quais atiraram peças dos holandeses [sic] conforme ouvi ao cônego vigário.

A água fervida era do Queimado, e isto sucedeu durante alguns dias sempre que limpam os canos, como o fizeram por causa da minha visita; agora bebo de uma água vinda da distância de ¼ de légua, e é muito boa.

Tem chovido bastante esta tarde e noite. O Melo ⁰⁸² encarrega-se de observações termométricas, higrométricas e pluviométricas.

É quase 1h. Vou ler o Jornal da Bahia de hoje e dormir. Já acabei de lê-lo, e já me arvoraram em oficial de marinha porque me viram à entrada do porto sobre a caixa de uma das rodas do vapor ⁰⁸³.

8 de outubro de 1859 = Acordei às 6.

Sai às 7 com chuva e fui para o lado de Nazaré passando pela nova rua da Vala ⁰⁸⁴, que é larga e em grande parte direita.

Visitei o Quartel da Polícia ⁰⁸⁵ na Mouraria. Não o achei mal arranjado notando apenas que o armamento seja de perdeneira [sic]; a fazenda das calças pouco encorpada, e que os soldados durmam em suas casas. A estrebaria é má, e há só dois fornecedores de forragem para os cavalos da Polícia e Corpo Fixo, apesar desses gêneros darem lucro na venda; os cavalos não passam bem sem mel na água, com que misturam a forragem; o hospital não tem instrumentos cirúrgicos; o café para os soldados compra-se torrado e não tinha boa cor e gosto.

Vi também o comando das armas, onde o livro do detalhe estava escrito só até o dia 3 deste mês, pedindo o detalhe de hoje, e os quartéis do 7.º e do Corpo Fixo. A arrecadação do 1.º destes corpos está muito mal colocada num aposento em que chove, e os gêneros alimentícios não são tão bons como os do Corpo Fixo que é o que os tem melhor, torrando-se o café no quartel deste corpo.

Os sapatos fornecidos a estes corpos são miseráveis, não podendo durar no serviço mais de 15 [dias?] e a fazenda das calças, fardas e capotas, pouco encorpadas, não podendo assim durar, principalmente para os destacamentos do Corpo Fixo, o tempo da tabela.

O armamento de ambos os corpos está muito velho. O comandante do Corpo Fixo parece-me bom oficial ⁰⁸⁶, o que já

não digo, ao menos tanto do 7.º ⁰⁸⁷. As companhias estão nos quartéis duas por alojamento, e as tarimbas não se levantam. Os cavalos do Corpo Fixo estão no Quartel de S. Pedro assim como o hospital da linha.

Fui depois à Alfândega. O novo edifício é solidamente construído, tendo se despendido até agora com ele 1.000 contos ⁰⁸⁸. Os armazéns subterrâneos chegam a fazer 20 polegadas de água por causa de mal cimentados, mas consta que o Law ⁰⁸⁹ se ofereça [sic] há pouco tempo a dá-los por prontos com a despesa de 30 contos.

As embarcações de maior lotação não podem atracar ao novo cais, mas há projeto de uma ponte de ferro até o canal entre a praia e o Forte do Mar que dizem ter muito fundo. Para ter mais espaço conviria descansar o telhado de rotunda do fundo sobre os pilares externos, suprimindo o terraço.

Espero informações que pedi na Alfândega as quais juntarei.

O Manuel Maria do Amaral diz que não tem havido abuso, pelo menos notável, na despesa, mas sentem que tirassem a direção da obra a quem planejou ao Przewodowski ⁰⁹⁰; mas ele anda brigado com o engenheiro atual, o Aguiar. Sobre a porta, de que pouco distava a extremidade da ponte velha, que forma parte, agora, do aterro, no qual está o novo edifício começado em 1849, tendo principiado o aterro para nova ponte em 1843, há a seguinte inscrição: “Vasco Fernandez César de Menezes, que foi 38º vice-rei da Índia e o 4.º do Brasil, mandou erigir esta ponte com tanta utilidade pública para melhor expedição do desembarque das frotas no ano de 1723.”

Voltei para casa pelas ruas dos Droguistas ⁰⁹¹ e outras, mas como esta, muito estreitas mas comerciais, e no Terreiro de Jesus ⁰⁹² examinei o belo chafariz de bronze ornado de uma estátua sobre um pedestal cuja parte inferior rodeiam as figuras dos quatro rios Paraguaçu, Jequitinhonha, Pardo e S. Francisco, com sua barba venerável, de excelente trabalho artístico, havendo em torno do mesmo chafariz oito candelabros de muito bom gosto ⁰⁹³.

Depois do almoço recebi diversas pessoas e li, indo à uma ver a Tesouraria e o edifício da Câmara Municipal. Hei de receber dois trabalhos curiosos da tesouraria. O contador ⁰⁹⁴ queixa-se da falta de empregados, de que alguns são distraídos por outros serviços, Guarda Nacional e júri, mas as tomadas de conta estão em dia, e não tem havido alcances consideráveis. O cartório carece de ser completamente arranjado, tendo o cartorário ⁰⁹⁵, contudo, dado os papéis que lhe pedi.

O Manuel Maria do Amaral queixou-se-me do modo por que o tratara o engenheiro Aguiar, num ofício em resposta a uma pergunta sobre a identidade de um jornalista, e queixa-se muito do Conselho de Compras do Exército, elogiando o da Marinha.

Na tesouraria e contadoria há um painel de N. Sra. da Conceição ⁰⁹⁶.

Na Câmara Municipal ⁰⁹⁷ a sala é bela e tem os retratos meu ⁰⁹⁸, de meu pai ⁰⁹⁹, dos visconde de Cairu e José Bonifácio juntos num só painel ¹⁰⁰, dando o ano de 1825 como o da morte de Cairu ¹⁰¹.

No topo da sala há um quadro de N. S. crucificado na Gólgota, a que se costuma acender velas no ato de posse dos presidentes ¹⁰².

Na secretaria da presidência, que existe no mesmo edifício, creio que provisoriamente durante a minha visita ¹⁰³, há um plano de melhoramentos do Largo do Palácio, feito pelo Lenoir, que merece atenção.

A cisterna mandada construir pelo marquês de Aguiar foi desmanchada, quando para se mudar a Assembléia provincial para a casa da Câmara, tendo se comprado o seu antigo edifício, para anexá-lo à tesouraria, porque tornava a sala das sessões úmida.

Disseram-me que havendo nova casa da Assembléia, segundo um projeto de Lenoir, que se liga ao melhoramento do Largo do Palácio, mudar-se-á para aí o júri que está tristemente colocado no Aljube.

Às 5 ½ fui a S. Bento ¹⁰⁴. É uma bela [obra?] que se constrói há 96 anos, mas de 4 anos para cá trabalha-se com mais força e [o] abade ¹⁰⁵ espera vê-la acabada daqui a três. O zimbório que tem de altura, desde o pavimento da igreja, 25 braças, é magnífico, e subi até mais de 2 terços, gozando da bela vista de mais de uma das janelas que aí há, e entre as quais devem pintar-se santos.

Empregaram 76 mil tijolos na cúpula e o simples custou mais de conto.

A lanterna é de vidros corados e na cúpula, logo sobre a cornija, há óculos com vidraça sem cor, cujos caixilhos de ferro pesam 15 arrobas.

A capela-mor tem grande altura e encomendaram o altar mármore de Carrara ¹⁰⁶.

Forma a igreja cruz grega, e tem, do lado esquerdo, entrando pela frente, quatro altares fundos, e três com porta lateral de entrada, à direita ¹⁰⁷.

O que é propriamente cúpula tem 6 braças de altura e a lanterna 3.

Os labores das paredes do templo são de pedra de cantaria, cuja pintura branca pretendem raspar ¹⁰⁸. Os frades trepam, principalmente um mais gordo, até mais acima do que eu subi, com suma facilidade.

Há num dos altares fundos, ou espécie de capela, do lado esquerdo, entrando pela frente, uma sepultura com a seguinte inscrição: “O Exmo. e Revmo. Sr. D. Fr. José de Santa Escolástica, monge da ordem de S. Bento, Pregador da Real Capela de Bemposta, bispo eleito de Pernambuco, e arcebispo metropolitano da Bahia. Faleceu a 3 de Janeiro de 1814.”

O convento tem duas partes: a velha, fundada em 1851 (as terras foram doadas por Lourenço da Vega [sic] e pelo bispo D. Fr. Antônio Barreiros ¹⁰⁹, e a nova com um corredor de dormitório de 450 palmos de extensão. O coro da Igreja tem assentos de jacarandá com belos lavrados ¹¹⁰, e órgão descansado num arco chato, que dizem ter caído por duas vezes, antes de construído por um frade ¹¹¹. O que deu o risco para a igreja também foi um frade ¹¹².

Acharam-se duas inscrições curiosas no convento. Na porta da sacristia há as seguintes inscrições: “Sepultura de Fr. Antônio Ventura, fundador e abade deste Mosteiro. Faleceu em 13 de Dezembro de 1591” ¹¹³, e a um lado: “Aqui jaz um pecador Gabriel Soares” ¹¹⁴. Consta que foi o presidente do Senado da Câmara na época da fundação do Mosteiro. Será o que escreveu sobre o Brasil ¹¹⁵?

No antecoro há um retrato com a seguinte legenda: “Francisco Barcelone, grande benfeitor do Mosteiro de S. Bento da Bahia. Faleceu aos 15 de julho de 1750 com 77 anos de idade” ¹¹⁶.

Depois de voltar conversei com o Saraiva sobre melhoramentos na Bahia e depois das 8 dei despacho curto e (dez) tendo escrito desde às 9 ½ o que neste Diário se refere à tarde.

Vou tomar meio banho, ler e dormir.

O Tibério ¹¹⁷ veio antes do despacho e ainda não vi o Fernandes da Cunha ¹¹⁸ e o Landulfo ¹¹⁹.

9 de outubro de 1859 = Acordei às 5 1/2, mas só saí cerca das 6 ½ por causa dos cavalos.

O caminho até Pirajá, na distância de quando muito duas léguas, não é bonito, e está muito pouco cultivado, aparecendo, contudo, de vez em quando, belas mangueiras, e craveiros da Índia e o Cajaíba disse-me que a terra é boa para café. Este barão, que é um perfeito militar, montando muito bem a cavalo, referiu-me que no ataque de 3 de outubro de 1822, junto à Capela da Conceição, o Muniz Tavares ¹²⁰, hoje brigadeiro graduado, e mais 2 soldados, se entrincheiraram fazendo fogo a mil lusitanos, enquanto que o corpo comandado pelo Matos de Lucena ¹²¹ (que também me acompanhava, como todos os outros oficiais hoje de patente superior no exército e armada, que tivessem tomado parte na luta da Independência nesta província, e puderam ser por mim convidados) se retirou por cobardia do comandante, se não inclui na informação do Cajaíba o haverem lhe tirado o comando do batalhão que ele organizara em S. Francisco para dá-lo ao Lucena que tinha maior patente.

Além de que o Cajaíba parece-me vaidoso de seus serviços, aliás verdadeiros.

A Capela da Conceição de um engenho particular está em completa ruína ¹²².

No caminho para Pirajá existem dois currais onde se guarda o gado que serve para o corte, apesar de não ver eu pastos perto que prestassem; pois que as capoeiras invadiram quase que de todo os outrora Campos de Pirajá.

Neste lugar há uma capela da hoje freguesia sob a invocação de S. Bartolomeu, cuja imagem, com uma enorme navalha, se acha pintada no teto do corpo da igreja; e algumas pequenas casas, sendo o local feio. Ao lado direito da porta de entrada estão os restos de Labatut ¹²³, como pedira em seu testamento numa pequena urna de mármore feita pelo Gonno [?], porteiro da Alfândega daqui. Pus uma coroa de sem-vivas ¹²⁴ amarelas e pretas sobre o monumento, e disse aos que me acompanhavam que também depositassem flores; o que fizeram.

O ataque dos lusitanos, que aí teve lugar no dia 8 de novembro de 1822, foi revestido de circunstâncias singulares, que me contou o Cajaíba. A vitória dos brasileiros deve-se a um corneta trãnsfuga português que descompunha, por meio dos toques, o exército lusitano, e neste dia, tocando a retirar, fez com que avançassem os lusitanos para debandarem para o lado do Campo do Cabrito e da Cidade, logo que ouviram os vivas dados a meu pai, pelo major de Pernambuco Santiago; os tiros de uma pequena peça assestada ao lado direito da igreja, para quem segue para o Cabrito, e o toque de degola da

cavalaria que deu o tal corneta, quando apenas havia 300 brasileiros sobre que se dirigiam quatro colunas lusitanas, tendo por todos 4 mil homens, uma da parte da cidade, outra do lado do Cabrito, outra de Itapoã e outra em direção à praia próxima, que chegou ao desembarque, quando as outras já se debandavam.

O Cajaíba mostrou-me pouco adiante, no campo do Cabrito, também quase todo coberto agora de capoeira, onde morou o Pedro Jácome, que se expôs às balas do inimigo com tenacidade, para responder às acusações que o comandante - parece-me que o Matos de Lucena - lhe fazia, de cobarde. Todas estas informações são do Cajaíba, e só posso afirmar que as ouvi.

Na volta de Pirajá, por cima de uma das colinas, a alcançar pelo Cabrito novamente a estrada por que fui, gozei da bela vista, de Itapagipe e Plataforma, descobrindo-se parte da estrada de ferro, que o barão de S. Francisco me disse construir-se agora com mais segurança, depois das chuvas terem levado parte do que se fizera no princípio.

O Cajaíba disse-me que pretendia estabelecer uma colônia nas sesmarias, de cerca de 300 léguas! que possui perto do Porto da Folha, na margem do S. Francisco e que lhe couberam por morte da mãe ¹²⁵, da família dos Ferrões, a quem elas foram concedidas; aconselhei-lhe que fundasse a colônia com habitantes das margens do S. Francisco, que só pescam para alimentar-se.

Tendo almoçado vieram deputações, sendo digna de nota pelo mau gosto, a alocução do Conservatório Dramático ¹²⁶, e mostrando pendência para aludir ao projeto dos casamentos mistos, a do Cabido ¹²⁷, que foi palavrosa.

Depois de uma hora da tarde fui levar a imperatriz ao convento do Desterro ¹²⁸ e segui para a casa de Correção, que se começou a fazer há trinta anos, tendo tido interrupções de anos, estando a construção parada há 4. Há dois raios [sic] dos oito do projeto: um, quase pronto nos dois andares - térreo o 1.º; são três, e outro tendo só as paredes externas e os pilares que sustentam o teto, e os dois assoalhos, dos quais está feito o do 1.º andar. Cada um devia ter 216 cubículos e agora 108, porque sendo muito acanhados, para alargá-los romperam-se as paredes divisórias ficando agora grandes demais. Num dos raios só 72 cubículos prontos. A obra foi tão bem planejada, que os presos só podem ser vigiados por defronte das portas, não havendo corredor para as grades como na Corte, e as grades estão sendo agora postas, depois de feitos os vãos das portas, colocando-se todavia nos buracos que se fazem nas paredes, pedras maticões menores ou maiores onde se chumbam as grades, que já estão encomendadas para todos os 8 raios! Arrematou-se por 15 contos o rompimento da parede divisória dos cubículos primitivos e o assentamento das grades. O raio que ainda não tem cubículo deve conter as oficinas no andar térreo, que é pouco esclarecido.

Vi asfalto fora do edifício, dizendo-se-me que é para o andar térreo. O lugar da correção é muito baixo e conserva sempre água do mar. O portão é baixo e estreito, tendo em cima uma figura desproporcionada da justiça. Pedi ao presidente a conta do que se tem despendido com tal obra ¹²⁹.

Voltando ao Desterro, as freiras quiseram beijar-me a mão por um postigo da grade do coro, e aí vi uma prima da Barral, que é a mais expressiva fisionomia que vi até agora na Bahia ¹³⁰, sendo muito simpática a da nora de Paraguaçu casada com o Egas ¹³¹.

São 23 freiras. A imperatriz, disse-me que uma delas assistiu às vésperas de capas de asperges, e incensou.

Cada cela tem duas camas e um canapé, sendo espaçosas e comendo aí cada freira depois de todas rezarem no refeitório.

Grande negralhada e num pátio uma ema.

O vestuário das freiras descobre-lhes parte do peito e das costas, e têm na cabeça uma espécie de carapuça preta ou branca conforme professoras ou noviças ¹³².

Às 5.20 fui ao Passeio Público ¹³³ que estava topetado [sic] de gente e é agradável passeio, tendo poucas árvores e plantas em geral, relativamente ao espaço. Há apenas dois serventes e um administrador, que cuidam do passeio e moram nele. O Dr. Souto ¹³⁴ parece zeloso mas parece que quer gastar mais do que a natureza do dispêndio permite, devendo-se por ora apenas conservar o que existe e plantar árvores, tendo as ruas limpas e batidas.

Daí fui ao forte de S. Pedro ¹³⁵ ver a partida do 2.º de fuzileiros. Os alojamentos de baixo são úmidos. A comida é boa, a escrituração parece bem-feita, mas o calçado, ainda que melhor em geral do que o que vi na arrecadação do Corpo Fixo, não é bom, e o pano das calças impróprio, sendo os capotes de fazenda muito pouco densa. Os esgotos, quando venta sul, deitam muito mau cheiro perto dos respiradouros. Uma ala do quartel está em obras há muito tempo, e a cozinha um

pouco longe dos alojamentos e devendo a comida vir sub jove.

Querem alójjar aí a Guarda Nacional, mas não ficaria bem senão nos alojamentos do andar superior. A ponte do forte está toda arrumada. Um só cabide para as armas no alojamento, contendo cada um destes duas companhias; também há falta de cabides para as armas nos outros quartéis que eu vi.

O obelisco do Passeio Público sobre uma sapata de escadaria tem a seguinte inscrição do lado da terra ou do passeio: “Joanni Princ. Reg. P. F. P. P. Huc Primum Appulso XI Cal. Februar. A. D. 1808. Bahiae Senatus monumentum possuit 1815.”

Tenho visto muitas mulheres de óculos corados. Aparece muita gente de cor e há moleques quase como foguetes.

Houve pirajá enquanto estava na Casa de Correção.

Tenho ido estes dois dias ver o Pedreira ¹³⁶ que está, desde trás antes de ontem, de pé torcido por ter sido obrigado de manhã saltar do cavalo, que o atira quase ao chão.

A urna dos restos de Labatut tem uma coroa de louros e um mocho com dois índios ao lado, sustentando uma coroa também de louros, tudo de mármore, com o seguinte epitáfio: “Restos mortais do general Labatut, comandante do Exército Pacificador. Falecido em 6 de setembro de 1849 com 74 anos de idade.”

10 de outubro de 1859 = Antes das 7 fui visitar o Hospital Militar. Convém mudá-lo, quanto antes, talvez para os Bentos e Franciscanos.

Há bexiguentos e morreram dois.

A comida é a melhor, depois da do Corpo Fixo.

Os lençóis cobriam mal os doentes.

Há um mês que se espera do Arsenal de Guerra uma perna de pau. O diretor, major Nicolau Carneiro da Rocha, parece muito zeloso.

Existem dois planos para o novo edifício no mesmo local, feitos pelo engenheiro Manuel da Silva Pereira. O boticário ¹³⁷ queixa-se de estar sozinho no serviço de remédios, e além disto tem licença para freqüentar o curso médico.

Às 8 ½ estava na Escola de Medicina. Clínica Externa – o Dr. Antunes ¹³⁸ pareceu-me medíocre, e não fez preleção apesar de ter um caso curioso, segundo ele mesmo disse.

Farmácia – Antônio José Osório ¹³⁹, não é mau; porém algumas proposições não me pareceram exatas, não falando, conforme o estudo da ciência da pectina, quando tratou dos sucos dos frutos e plantas.

Operações – Alencastre ¹⁴⁰, medíocre; tratou dos processos de envaginação [*sic*] dos intestinos, levando a lição quase toda escrita.

Clínica interna – Antônio Policarpo Cabral; tem o movimento das pernas quase que perdido, mas excelente cabeça e simpática fisionomia ¹⁴¹.

O sextanista Joaquim Andrade Muniz Barreto ¹⁴² foi o estudante que me pareceu ter respondido melhor à cabeceira do seu doente. Não houve preleção e não apareceu, como devera, o opositor, Antônio Álvares da Silva ¹⁴³.

Anatomia geral e Patologia – Elias José Pedrosa ¹⁴⁴, atrofia e hipertrofia, dizendo que a magreza é uma espécie de atrofia. Dá lição pelo compêndio, foi o verdadeiramente mau que ouvi.

Patologia externa – Aranha Dantas ¹⁴⁵, falou-me com a clareza e propriedade de termos, quanto pude julgar, de quem sabia sobre luxações; foi o melhor que ouvi.

Fisiologia – Justiniano da Silva Gomes ¹⁴⁶, menos que medíocre, pensa como Raspail, que citou, que a albumina e fibrina são a mesma substância, no estado líquido ou de solidificação.

Higiene – Domingos Rodrigues Seixas ¹⁴⁷, tratou no fim do ano [*sic*] de generalidades dos diversos modificadores gerais do organismo, e com muita, talvez demasiada verbosidade, não tropeçando uma só vez, como quem trazia o discurso estudado. Desde que disse que o Ganges se lançava no golfo Pérsico tratei de ir a outra aula.

Botânica – Manuel Maurício Rebouças ¹⁴⁸, difuso e verboso. Tratou dos crustáceos que classifica com pouca clareza, dizendo que as pérolas eram ovos da feminina, que o macho cobria de uma certa secreção, julgando que se referira ao licor prolífico.

Patologia interna – Alexandre José de Queirós ¹⁴⁹, não me desagradou tanto da matéria.

Química mineral – Francisco Rodrigues da Silva ¹⁵⁰, moço de muito talento e bela exposição. Espalhou-se em generalidade e como, perguntando-lhe se era aquela a matéria da lição, caracteres distintos dos reinos inorgânicos e orgânicos, deixei-o continuar até acabarem as horas das aulas à 1 hora.

Fui depois correr o estabelecimento para examinar o mais, e achei que a sala dos atos é melhor que a do Rio, pedindo-me o Antunes o meu retrato para colocá-lo aí ¹⁵¹.

O gabinete de física muito falho, não tendo senão a pilha de Bunsen, e faltando o aparelho para demonstrar as leis de Ampère e os principais instrumentos de óptica, que aliás pouco dão, por vir para o fim do compêndio de Pelletan. Tem uma bela máquina de Atwood, com relógio.

O de química é miserável pelo local, e o que nele se acha. Está em obras; mas assim mesmo creio que antes não estaria tão bem arranjado e limpo como o de física.

O anatômico, todo preparado pelo Abbott ¹⁵² e discípulos, é digno de ver-se. Há esqueletos de variados animais, e até de um camelo, que morreu aqui, e de anta, sobressaindo, pelo bem preparado, uma árvore de esqueletos de beija-flores. O esqueleto do tucano parece mostrar que a cabeça e bico reunidos pesam mais que o resto do corpo. Há um crânio do vigário da Conceição da Praia, Manuel Dendebus ¹⁵³, que prestou serviços [*à Independência*], o qual é notável pelo intervalo entre duas falhas dos ossos crânicos, causando duas notáveis protuberâncias supraorbitais, que Dr. Abbott atribui a ter ele morrido envenenado. O queixo inferior adianta-se tanto, que o Dr. Abbott disse que o cônego nunca lhe pudera morder o dedo com os incisivos ¹⁵⁴.

A biblioteca ainda não está arranjada para a busca, apesar de haver catálogo por matérias, e desde 1854 que não recebe novas publicações.

Disseram-me que havia uma casa perto, que conviria anexar à Escola. Soube na Escola que o Hospital Militar estivera primeiramente no atual edifício (que é próprio nacional) do da Misericórdia, que se comunica com o da Escola. Há uma sala em que estão os retratos de todos os lentes falecidos ¹⁵⁵.

Depois do jantar fui à igreja da Ajuda ¹⁵⁶, onde pregou o padre Vieira, e que dizem construída no local da povoação de Tomé de Sousa. Tem uma imagem do Senhor dos Passos muito venerada. É pequena mas como as outras com mais ou menos painéis dourados e pintados.

Daí tornei para o Convento de S. Francisco ¹⁵⁷ que tem uma igreja magnífica, no gosto de S. Bento do Rio de Janeiro, porém maior, com duas capelas fundas e quatro altares de cada lado sob uma espécie de galeria, tudo carregado de ouro e com painéis pintados. O coro tem assentos de jacarandá ricamente entalhado por um frade Luís de Jesus, sendo outro o que dera o plano para o convento, cuja primeira construção é de 1587 e a segunda de 1686, sendo a igreja edificada em 1708, dando El-Rei D. João V todo azulejo que forra a parte interior das paredes da igreja e do claustro ¹⁵⁸.

A biblioteca é de forma hexagonal de quatro lados grandes e dois pequenos e conservam mais um manuscrito do Orbe Seráfico de Jaboatão, e outros em 5 volumes dos sermões do mesmo frade, que é tradição terem sido escritos por ele. Fr. Raimundo Nonato ¹⁵⁹ disse-me que examinava esta questão. Informei-me dele como ia o irmão, Fr. José do Espírito Santo ¹⁶⁰, e respondeu-me que cada vez pior do juízo.

A biblioteca é de 1731 e aí vi, sobre um canapé, uma caixa chata, de papelão, de modas.

Fui depois à Igreja da Ordem Terceira de S. Francisco que também é rica, e com uma bela sala da Ordem com nichos contendo as imagens que saem aqui na procissão de Cinzas, em maior número que no Rio de Janeiro ¹⁶¹. Fr. Itaparica ¹⁶², também frade distinto por sua instrução e pregador imperial [*sic*].

Depois das 8 fui ao Teatro Dramático de S. Pedro de Alcântara ¹⁶³. É maior que o do Ginásio ¹⁶⁴, mas com a mesma forma e três ou quatro camarotes; representaram a Probidade; forte maçada!

Depois do espetáculo ainda despachei com o ministro ¹⁶⁵ e escrevi parte deste Diário até depois das 3 da madrugada.

Já vi o Fernandes Cunha, mas creio que o Landulfo ainda se não apresentou.

11 de outubro de 1859 = Acordei às 6 ½, li; almocei.

Às 8 estava na Escola de Medicina assistindo, até às 9, a lição de Jônatas Abbott que me pareceu falar muito bem sobre a aorta e suas principais ramificações, sobre o cadáver de uma parda, que já fedia, incomodando-me um pouco o espetáculo, a que assistia pela primeira vez.

Comparei então o busto [*sic*] com o cadáver de Auzoux que tinha perto de mim e admirei a perfeição da arte.

No gabinete anatômico há outras peças principalmente para a cadeira de obstetrícia, da mesma natureza.

Medicina legal – Salustiano Ferreira Souto ¹⁶⁶, sobre as diversas teorias relativas ao modo de operar dos tóxicos. Fala bem e expendeu bastantes idéias durante certo tempo, depois repetiu-se dando quase que importância demasiada à força vital nos efeitos dos tóxicos.

Química orgânica – Antônio de Cerqueira Porto ¹⁶⁷, primo de Pedreira, dissertou sobre a uréia, mas sem experiência; fala sofrivelmente, mas de modo enfadonho e mostra conhecimentos. Patologia geral – José de Gois Siqueira ¹⁶⁸. É fraco, mas parece aplicado, e sua exposição é clara, falando todavia baixo; dissertou sobre o prognóstico, largou a aula antes da hora porque os estudantes desejavam acompanhar-me, conforme me respondeu.

Partos – Matias Moreira de Sampaio ¹⁶⁹, falou com clareza e facilidade sobre a metrite, porém julgo-o mediocre.

Matéria médica – Joaquim Antônio de Sousa Velho ¹⁷⁰, menos que mediocre, deu sabatina, a que me disse estava procedendo, não aparecendo senão depois da hora, mas antes do quarto de hora.

Física – Vicente Ferreira de Magalhães ¹⁷¹, espírito atilado e de ilustração, tendo estudado em Coimbra os 3 anos matemáticos. Expendeu uma teoria engenhosa atribuindo os fenômenos da eletricidade, calórico, etc., à combinação da matéria inerte com a luz, que segundo ele, não é senão o elemento de força sobre o qual devem dirigir-se as vistas dos físicos. Custa-lhe a compreender ondas no éter que se reputa fluido, cujo estado depende do calórico; que aliás dizem os físicos proceder do éter em movimento. Citou o Gênesis segundo o qual Deus animou a matéria que formava o caos e criou a luz antes do sol, não podendo ser a luz senão o elemento de força; porque a ser a luz também matéria, criaria Deus duas vezes a matéria o que seria difícil de compreender, visto sua onisciência e onipotência. Enfim agradou-me pelo seu talento, mas eu sempre lhe disse que era bom provar por experiências as leis da eletricidade, sobre que visava a lição, que julgava um pouco ter sido para mim e não para estudantes do 1º ano. Perguntando-lhe o que era então o elemento de força, se não era matéria nem espírito, respondeu que não era matéria nem também espírito, e que a minha reflexão de ver-se ele obrigado a formar uma hipótese para fugir de outras, retorquiu que era melhor adotar uma só explicação para todos os fenômenos dos corpos imponderáveis, ao que repliquei que a simplicidade levada até certo ponto só pertence a Deus.

Não houve lição de farmácia prática por causa da sala estar em obras.

Passsei para o Hospital da Misericórdia ¹⁷² que é miserável sobretudo as enxovias dos doidos, parecendo que a Irmandade pretende continuar a obra começada do novo hospital em Nazaré, mandando, entretanto, os expostos para uma roça, como chamam aqui a Chácara do Rio.

A Casa dos Expostos é acanhada ¹⁷³. O recolhimento é sofrível e tem 136 recolhidos. Tem um mirante de onde se goza de belíssima vista, mas a sua colocação no meio da cidade é inconveniente.

Vi o retrato do célebre João de Matinhos, advogado, cujo testamento, em que doou o recolhimento, existe autógrafo num livro dentro de uma caixa, que abriram para eu examiná-lo. Deixou, segundo ouvi, a casa, que é agora do Major Nicolau Carneiro da Rocha ¹⁷⁴, à Misericórdia, com a condição de transferi-la à Inquisição se aqui se estabelecesse. O retrato tem a seguinte legenda – “Vera efigie do capitão João de Matos de Aguiar, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, Provedor que foi desta Santa Casa e fundador deste Recolhimento. Falecido em 1700.”

Há também outros retratos entre os quais notei o de um homem que veio de Minas a pé até a Bahia, tirando esmolas, que deu ao recolhimento, com esta legenda: “Vera efigie do capitão Francisco Fernandes da Ilha ¹⁷⁵, cavaleiro professo da Ordem de Santiago, natural da Ilha da Madeira o qual fez muitos bens a esta Santa Casa e a toda esta cidade. Faleceu em 24 de fevereiro do ano de 1664”, e o de Teodósio Gonçalves, que tendo doado grande soma ao Recolhimento e hesitando a administração em aceitar a doação, por não ter o doador o juízo muito no seu lugar, a mulher deste assinara também a doação, o que indica as duas figuras de homem e de mulher, pegando aquele num papel e esta numa pena, do quadro ¹⁷⁶.

A igreja do Recolhimento não é feia, mas pequena, e também com o teto apainelado com figuras pintadas.

Na igreja da Misericórdia há uma cadeira onde dizem que se assentava o padre Vieira, de que vi esta tarde um retrato a óleo, que conserva o major Nicolau Carneiro da Rocha, que se diz descender de um irmão do padre Vieira.

Vi, num corredor do Recolhimento, um preto de estatura notável, dos que admiravam ao Rosas, quando por aqui passou. Parece que não há muitos porque só hoje é que esse me causou estranheza pela estatura. Não há botica no Hospital.

Depois de falar com o arcebispo, que se mostra disposto a conseguir, de um dos conventos de frades que por lá vi, o Hospital Militar, fui, depois das 7, à Biblioteca ¹⁷⁷ junto à Sé Nova ou Colégio de Jesus.

Compõe-se de uma saleta e de um salão grande com teto apainelado e pintado ¹⁷⁸. Há 16 mil volumes em almários [sic] de grade de arame e com uma varanda por todos os do salão [sic] a meia altura, para a qual se sobe por boas escadas, tudo de madeira envernizada. Quase nenhuma freqüência tem havido de noite, desde que em abril se abre a biblioteca das 6 da tarde até 9 e 10. O catálogo está impresso ¹⁷⁹ e é pena que a consignação não permite enriquecê-lo. Vi boas obras de jurisprudência mas as mais procuradas são as de medicina, mormente a de Bourgerie por causa das estampas ¹⁸⁰. Há seus livros desencaminhados e estampas tiradas. A iluminação é pouco clara, e faltam estantes para os que lêem com os pertences anexos para tomarem notas; o Gaspar Lisboa ¹⁸¹ já se lembrou disto, mas o encarregado da obra não o compreendeu.

Lá está o retrato de Cairu sendo justo colocar aí os de outros baianos, principalmente que se tiverem distinguido pelas letras. Escrevi num álbum: "Indocti discant et ament meminisse periti. S. Salvador da Bahia de Todos os Santos, 11 de outubro de 1859", com o meu nome.

Há 2 horas (são quase 10) houve uma procissão de não poucos archotes, porém muito povo e vivas – sem foguetes! Vou escrever para o Rio e dormir, que preciso.

Ontem, quando voltei do teatro, achei uma mulher desgrenhada e meio dobrada como que desejando esconder-se que queria por força falar-me sem ninguém presente, e dizendo que não podia sair senão de noite; por fim sempre disse ao Melo ¹⁸² que vinha pedir pelo marido que está preso, mas creio que foi meio de não tornar-se mais suspeita. Não apareceu mais; porém é natural que se descubra o mistério antes de eu sair da província.

Choveu.

12 de outubro de 1859 = Acordei às 6 ½. Escrevi para a Europa. Saí de casa depois das 11 ½ a pé, e largamos pouco antes do meio-dia ¹⁸³.

Ontem de noite o dr. João Batista dos Anjos ¹⁸⁴, além do que já indiquei, falou-me da necessidade de um horto botânico que não se estabeleceu no sítio dos Barris perto do dique, lugar apropriado, porque o terreno importaria em 8 contos. Falou-me com vantagem do substituto Faria ¹⁸⁵, e não me pareceu concordar com o Abreu ¹⁸⁶ a respeito do Bonfim ¹⁸⁷; julga desfavoravelmente o opositor Alves dos Santos ¹⁸⁸.

Passamos entre terra e o baixio de St.º Antônio. 6 menos 10.

Não tenho enjoado, apesar de jogar bastante, contudo conservo-me quase sempre deitado; avista-se mal a torre de Garcia de Ávila ¹⁸⁹, na fazenda de onde partiu o batalhão de agregados do Santinho no tempo da Independência; tem um pequeno porto para duas embarcações.

O Amazonas vem andando só 6 milhas por causa do mau carvão que recebeu, e talvez o deixemos amanhã para entrar no S. Francisco.

O vapor mercante Gonçalves Martins ¹⁹⁰ acompanha-nos.

Da Bahia à foz do S. Francisco são 210 milhas, e andando 7 milhas estaremos lá amanhã perto das 6 da tarde.

O Melo ¹⁹¹ disse-me que o cadáver que serviu na lição do Jônatas Abbott já o tinha visto na véspera noutro lugar.

Não choveu até minha saída da Bahia.

O Melo não achou os instrumentos para as observações meteorológicas ¹⁹².

13 de outubro de 1859 = Dormi bem e com tanto sono que nem tirei os botins.

Acordei às 5 e 40'.

6 e 7', em frente à Vila de Caribé, segundo calcula o Marques; não se vê terra.

Tem me valido o canapé da baiúca; todos, menos o Jacobina ¹⁹³, enjoaram e o Feijó ¹⁹⁴ com os balanços [caiu ?] duas vezes do canapé do camarote.

Dizem que tem jogado mais o Apa, e não admira, pois está mais leve.

Lavam a tolda de vassoura às 6 e 35'.

Diz o Mar[ques] que veremos terra às 3 da tarde, desviando-se dela por causa da enseada de Vaza-Barris em que as

águas correm para a terra.

8 h – Vamos andando a 9 milhas, deixando o Amazonas, e o Marques pretende andar 10.

12 ½ – Entregam-me o ponto: Lat. obs. 11° 14' Lg. Pelo cronômetro 36° 30', estamos a 50 milhas do S. Francisco, indo agora com toda a força; as correntes atrasam-nos.

1 ¾. Avista-se somente ao longe o Gonçalves Martins; andamos 9 milhas, dizem-me que se avista longe a ponta ou antes as montanhas do lado de S. Francisco.

3 e 21' – Avistam-se vapores pela proa a 10 milhas.

4 e 40' ¹⁹⁵. Agora é que se avistam vapores por detrás de uma ponta de areia da barra do S. Francisco.

5 e 34' passamos o cordão ¹⁹⁶; o espetáculo foi belo e o Iguatemi, da estação de Pernambuco, salvou ao atravessarmos o cordão, acompanha-nos com um vapor pequeno e o Itajaí; o Pirajá está dentro embandeirado.

5 ¾ – Fundeamos com 7 braças de fundo. O deputado Mendonça ¹⁹⁷ veio antes do presidente ¹⁹⁸.

O vapor pequeno é de reboque da província de Sergipe. Chega o capitão do porto de Aracaju e disse-me que o vapor de reboque é o Aracaju e levou 11 horas a chegar aqui por causa de dar reboque a um polhote ¹⁹⁹ segundo disse o capitão-do-porto do Aracaju.

Chega o comandante do Iguatemi e sua oficialidade ²⁰⁰.

7 e 35 – Acabo de estar com o presidente e outras pessoas gradas nas Alagoas.

Já falei ao presidente sobre a navegação do S. Francisco e lhe disse que a minha demora na província das Alagoas, não contando a digressão do rio de S. Francisco, devia durar menos de 15 dias.

O vento tem zunido, mas o vapor nem respira. Na ocasião do chá houve um pequeno pirajá.

14 de outubro de 1859 = Dormi bem tendo lido antes bastante.

Acordei às 4 ¾ e agora 5 ½ já estamos a caminho.

Avista-se vapor na barra que [deve] ser o Gonçalves Martins.

6 e 25' – Piaçabuçu ²⁰¹. Receberam-me com laços de diversas cores atadas em varas e uma música de rabelas e outros instrumentos vinda do Penedo.

Piaçabuçu, que ainda há pouco foi criada freguesia, tem bastantes casas; porém a maior parte de pau-a-pique e cobertas de sapê. As da praça da Matriz, que é muito pequena e está arruinada ²⁰², são todas cobertas de telha, e há um sobrado menos mau de um José Lourenço, estando já concluída metade da casa.

A aula de meninos tem 84 matriculados, e um deles não me respondeu mal, parecendo-me pelos livros que vi sobre a mesa, incluindo uma gramática italiana, que o mestre não desgosta de ler; a de meninas tem 40 matriculadas.

Os habitantes da povoação andam por 2 mil e vivem da pesca. Tenho notado mais indivíduos do sexo feminino do que do masculino pelas margens do rio e o Galvão ²⁰³ disse-me que já observara isso e que num quarteirão de Aracaju arrolaram-se 400 mulheres e 10 homens!

Há uma piaçaba grande mas que não se utiliza para cordas, dizem que por não servir como a outra qualidade.

A vista da barra do rio S. Francisco desta posição não merece os gabos que lhe dá o Vieira de Carvalho ²⁰⁴.

Não vi o oratório de St.^a Cruz, a não ser um telheiro com uma cruz embaixo, que me disseram princípios de uma capela.

Estávamos no Apa, de volta de Piaçabuçu, às 7 ½ e suspendeu-se daí a pouco. Entre a Lagoa e o Brejo Grande acharam-se pela escala no mapa de Halfeld ²⁰⁵ 1.687 braças. Junto ao riacho da Caiçara comecei a reparar nas flores atirando para cor-de-rosa da cana fistula, árvore abundante, segundo já me parece, e disseram-me que o é, às margens do rio de S. Francisco.

Às 9 e 12 na parte superior da ilha do Betume o Iguatemi parou adiante, para ver se havia água para o Apa, e às 9 ¼ içou bandeira encarnada como sinal de que não havia fundo suficiente; recuamos e fundeamos um pouco para cima da ponta superior da ilha do Betume.

Almoçamos e baldeando tudo o que era preciso para a viagem até Paulo Afonso, passamos para o Apa, debaixo de forte aguaceiro, largando do fundeadouro às 11 e 20'.

Quis conservar-me sobre a caixa para examinar o mapa do Halfeld em que pus alguns sinais, que em parte mostram a variação do canal, mas tendo cessado a chuva tornou-se a manhã muito quente e além disto ficava-me perto a máquina e

chaminé, o que me obrigou a vir para a tolda de onde sempre fui observando os acidentes do rio e suas margens em confrontação ao mapa tanto quanto podia.

12 e 10' – Dobrando a ponta do morro do Acaré ²⁰⁶, onde há um fortim que salvou com um bacamarte, avistou-se Penedo, e depois Vila-Nova ²⁰⁷ na margem fronteira porém mais baixo, distando de Penedo, em linha reta, pela escala do mapa, meia légua.

Desembarquei no Penedo à 1 e 7' havendo muito entusiasmo e estando prontos dois desembarques com os respectivos arcos, um à custa do comércio e outro dos artistas, que também arremedaram um fortim de onde atiravam bombas.

O Te Deum teve lugar na igreja do Convento dos Franciscanos a qual tem sobre a porta a data de 1730 lendo[-se] sobre uma porta à direita, debaixo do peristilo do templo, a de 1708. O pregador franciscano maçou-nos, tendo aliás, escolhido tema adequado, em que o salmista diz flumina plaudite manu, e a música muito longa, alternando com cantochão dos padres, arranjou-nos os ouvidos; creio que era a mesma de Piaçabuçu.

Estavam reunidos em parada dois corpos da Guarda Nacional. Há 3 comandantes de corpos de que um é quase que nominal, José Vicente de Medeiros ²⁰⁸, por isso que tem optado o lugar de juiz de paz.

Pedi ao presidente da Câmara ²⁰⁹ que me dissesse a data exata da criação da Vila do Penedo, e ouvi-lhe que a renda da Câmara anda por uns 4 contos anuais, uma das verbas é a arrematação das tapagens ²¹⁰ do rio sobre as quais já chamei a atenção do presidente das Alagoas, como nocivos à pobreza, e à procriação do peixe do rio. Já pedi frutas daqui e specimens de todas as curiosidades desta parte do S. Francisco.

Depois das 5h fui ver a cidade, tendo entrado na Igreja de S. Gonçalo de Amarante, que chamam o Bonfim do Penedo, talvez por haver aí festa muito concorrida; mas não merece o título, por ser muito pequena e o bairro muito menos aprazível.

Segui para o cemitério que tem uma vista muito bonita, precisando de muralha que o cerque, para a qual deu a Assembléa Provincial 4 contos, e já se tem gasto 2 com os materiais, não vendo a obra começada.

Depois vi a casa da Câmara onde há 2 retratos menos maus de meus pai e avô e um meu de quando criança. Esta casa, a que está pegada à da cadeia, ameaça ruína por estar sobre uma ribanceira apoiando-se em pedras soltas; projetaram um paredão, que ficou em princípio, apesar de despendidos, segundo disseram, 16 contos, e ter alicerces fracos.

A rocha, o penedo, é de Grés que serviu para as calçadas e edificios da cidade e pode ser utilizada noutras obras, tornando-se ramo de comércio, mas esta gente nem ainda cuida de regularizar a navegação do Rio de S. Francisco.

Atrás da casa onde moro, do comendador Araújo ²¹¹, há um terraço com bela vista para o rio, parte superior ao Penedo, e porto de desembarque, onde vejo as embarcações do rio, com a câmara coberta de cerrada pindoba à proa, observando até numa vigia dos lados para a entrada do mar.

Um dos filhos do Araújo disse-me que a baunilha só se encontra daqui a 2 léguas ou mais, assim como que ouvi achar-se também algum tanto distante a cochonilha, e que o caroá, que deverei encontrar para o lado do sertão desde Pão de Açúcar, não serve só para cordas; mas também para tecer arreios de cavalos.

Serão 8 ½. Um homem gritou, do terraço superior ao arco triunfal no desembarque arranjado pelos artistas no largo perto de uma casa, umas palavras que mal ouvi; mas pareceram-me querer ser versos.

Os dois desembarcadouros assim como as casas da cidade, que me disse o presidente da Câmara Municipal ter de 6 a 7 mil almas.

Há muitas casas boas, e algumas de 3 andares, e decerto muito maior que a da Valença, quando a visitei. O local é muito bonito e creio que deverá estar aqui a capital da provincia.

A água que se bebe aqui é boa de sabor e dizem que não faz mal depois de demorada por algum tempo nos vasos onde a guardam.

As músicas, que têm tocado sofrivelmente, são da Guarda Nacional e Policia de Maceió.

Esquecia-me dizer que depois da Câmara Municipal fui ver a Igreja de S. Gonçalo Garcia cuja fachada, tendo sobre a porta a data de 1770, não deixa de ser elegante e tem relevos em pedra grés; o interior não é feio e pena é que esteja arruinada. Mostraram-me quando fui até a ponte do Comartelo, um oratório da invocação de Santa Cruz.

9 – Acabo de ver uma piranha de que tirei uma cópia. Tem 12 dentes em cima e outros tantos embaixo, se não me enganei na conta, e estes últimos maiores, sendo todos muito agudos e de base larga; as escamas parecem douradas em

muitos pontos; hei de vê-las de dia.

Os vapores que me acompanharam na entrada da Barra e o Gonçalves Martins chegaram aqui depois das 5; o Aracaju veio comigo até cá.

15 de outubro de 1859 = Acordei antes das 5 e estive lendo. Logo que clareou fui tirar a vista da banda de Vila-Nova de uma das janelas do lado direito para o fundo da casa.

Perto de 6 ½ saí e fui à matriz, que é um bom templo, depois visitei o Convento de S. Francisco, cuja inscrição da porta da igreja, verifiquei ser 1739 e não 59 como diz o Vieira Carvalho. Um lado do claustro é de 1789 e os outros três de 1820, feitos sob a direção de um frade que morreu há 2 anos. Subi ao mirante, que não tem má vista. A igreja é toda dourada com pinturas no teto e a capela funda, à esquerda antes de chegar à capela-mor, pertence à ordem terceira. Cobrem em dias de festa o chão de uma espécie de junco que parece capim. Não souberam dizer a data da construção do Convento, que aliás parece dever ser a da ala com data de 1789. O convento tem seus morcegos e no Te Deum vi um esvoaçando pelo trono do Sacramento.

Daí fui ao Rosário dos Pretos, e depois à fábrica de Araújo e filhos. As diversas máquinas são movidas por uma de vapor de 10 cavalos, de alta pressão. Prepara o arroz para o comércio, tendo os instrumentos precisos para descascá-lo e limpá-lo. Há 6 pilões, ventilador e polidor. Aprontam 30 alqueires daqui, ou 150 do Rio, por dia. Há duas outras máquinas de descarregar e ventilar para limpeza o algodão [sic], vendo eu o chamado quebradinho, que é o melhor de abundante felpa, longa e resistente, e pouco caroço, vendendo-se na Bahia o algodão preparado nessa fábrica e da qualidade mencionada, 2 mil réis mais caro que o de outra qualidade. Há prensa para enfardar o algodão ensacando pouco porque as máquinas só recentemente começaram a trabalhar, podendo descarregar e limpar 30 arrobas cada uma das máquinas. Também vi uma serra horizontal para fazer tabuinhas de caixa de charutos serrando um palmo por minuto e duas tábuas de cada vez, se estreitas, cujo consumo é avultado na Bahia. Construíram dois fornos, um já acabado, e o outro por terminar, com máquinas para amassar a farinha, estender a massa e cortá-la para biscoitos; a mó para amassar é de pedra do rio de S. Francisco, do morro da cal, em frente à vila de Propriá. Vi ladrilhos de grés daqui perto, que vão ser postos numa das oficinas.

Tratarei agora do fabrico do óleo de mamona. Há duas prensas hidráulicas e outras de mão, porém de grande força, segundo dizem os Araújo, feitas estas em Pernambuco na fábrica de C. Storn & Cia. 1850, para espremer a mamona, de que compram mil alqueires dos daqui por ano, faltando já a mamona, ainda que a plantação aumenta muito; pois há outras fábricas, tendo o Araújo plantado o ricino a princípio por experiência; a melhor mamona é a chamada de 7 canadas, de que levarei uma porção de semente. A primeira pressão é a frio, e dá o óleo medicinal que depois se purifica. O bagaço comprime-se depois a quente para extrair o óleo de iluminação, que também é purificado e de grande consumo. O medicinal parece tão bom como o Castor Oil. Fazem outras qualidades de azeite notando o do ouricuri, espécie de coco, de bela cor, e aromático. A purificação faz-se numa caldeira de capacidade de 120 canadas e 10 garrafadas cada uma, e é maior do que precisa por ora o fabrico. O bagaço da mamona é o que alimenta o fogo das fornalhas da máquina de vapor e também serve para estrume, principalmente para o capim, havendo já muitos pedidos desse estrume da Bahia.

Depois fui à fábrica do Pinheiro ²¹². Motor máquina de vapor de 8 cavalos, creio que de alta pressão. É de aprontar o arroz para o comércio, na razão de 150 alqueires, medida da Bahia, em 12 horas. Limpa-se por máquina o arroz em casca. Vai para a mó; ventila-se, vai para os pilões que são 6; ventila-se; pule-se [sic] separa-se o inteiro do quebrado; todo o maquinismo veio da Inglaterra, e o arroz passa por meio de elevadores movidos pelo vapor como na fábrica dos Araújo de um plano inferior para outro superior. A água para a caldeira da máquina vem do rio por meio de um cano e de um bomba.

Segui para a fábrica do Pinho ²¹³, de fazer óleo de mamona. Tem uma prensa hidráulica, outra não hidráulica, feita na fábrica de C. Storn & Cia. 1854 e uma terceira da bolandeira, todas movidas a braço. A primeira dá 6 canadas daqui de óleo, a segunda 6, e a terceira a mesma quantidade por dia. Purifica-se o óleo numa caldeira, mas que parece mal, não o vi. Há alambique pouco digno de atenção para cachaça.

Fui depois visitar o alambique de Patosi e Vilas Boas. Há 2 depósitos para mel de 13 canadas daqui cada um. Doze depósitos para fermento do mel, cada um de 5 pipas, preparando-se o fermento noutra depósito de 29 pipas. Em 8 a 9 meses, que é o tempo do trabalho da fábrica diário, quando há mel, que houve pouco nesta safra, destilam-se 12 canadas

daqui de aguardente.

O Murray, irmão dos de Pernambuco, dono do engenho do Jenipapo em Cururipe, que aí apareceu, disse-me que se fazia nas margens do S. Francisco bastante aguardente do fruto cambuim, de cor do vinho branco pouco doce e usada para as dores de estômago. Defronte desta fábrica há 3 peças sem carreta; que tem atirado por diversas vezes desde a minha chegada aqui. No depósito de aguardente da fábrica há 38 pipas, de que já se tirou aguardente contendo cada uma 65 canadas daqui. O Vilas Boas disse que a aguardente é de 20 a 21 graus, mas não tem bom cheiro e não parece tão forte.

Depois corri as aulas: a de latim, tem 36 matriculados, freqüentando-a até 30.

Amarílio Olinda de Vasconcelos ²¹⁴ traduziu bem Fedro e Virgílio, Eneida, que aliás já conhecia; mas o professor, padre Godói, parece mau e a cadeira aqui é inútil se não prejudicial.

Aula de meninos: matriculados 112, freqüência de 70 a 80.

Achei um menino José Fernandes de Araújo muito esperto. Aula de meninas dirigida pela mulher do mestre da que fica já mencionada: 44 matriculadas; freqüência de 20 e tantas, e havia poucas por ser feriado, havendo hoje feira aqui.

Outra aula de meninas: 35 de matrícula, freqüência 20 e tantas; a primeira professora pareceu-me melhor, nas aulas de meninas a aritmética não passa das 4 operações. Vi aí as alunas divididas em 2 grupos das vencedoras tendo na parede de seu lado uma bandeira desenrolada, e defronte a das vencidas, também com bandeira, mas enrolada.

As duas únicas divisões de merecimento não parecem suficientes, e o inspetor dos estudos, Titara, disse-me que cuidava da reforma da instrução pública.

Antes de ir às fábricas estive na feira na Rua da Praia e junto a esta nada vi de característico e apenas comprei, por 6 vinténs, três pucarinhos com uns pequenos alguidares de barro. Todos os gêneros de terra são muito baratos.

Vi segunda mulher de papo e bem grande, mas disseram-me que não há esta afecção na terra.

O espetáculo mais curioso na feira é o dos barcos, que já descrevi, abicados à praia.

Fui também ao hospital dirigido pelo humano Dr. Berkett ²¹⁵; é pequeno mas bem tratado como permitem as circunstâncias; todavia notei que os remédios vinham da casa do doutor.

Antes de vir para casa, fui visitar a cadeia, que tem três enxovias com alçapões para o 1.º andar; cozinham dentro das enxovias e os presos têm diária, ajustando os viveres à grade da prisão. Abertos os alçapões sobe o cheiro forte de bafio.

Ao pé da casa entrei na Igreja da Corrente, creio que da N. Sra. desta invocação; é bonito templo com dourados, mas não tão espaçoso como a Matriz.

Esta tarde antes de ir a Vila-Nova apareceu-me um capitão reformado de Henriques de Pernambuco, Atanásio José Rodrigues, filho do Penedo, de idade de 75, que se diz descendente em linha reta de Henrique Dias.

No caminho do lugar do meu desembarque para a Matriz, e não longe dela, vê-se um oratório com a seguinte inscrição sobre a porta: “Oratório que a custa de sua fazenda manda fazer o sargento-mor João d’Araújo Silva. A. Dno. 1769.”

Às 2 ½ desembarquei em Vila-Nova, dirigindo-me à Igreja do Rosário que serve de matriz ²¹⁶, e feita a oração fui ver as obras da nova matriz que é vasta, e onde se lê, bastante alto sobre a porta, a seguinte inscrição: “Demolida em 1813 Vigr.º Ant.º do C. Brum. Reedificada em 1854 José C. da Fraga, Mestre Miguel A. de Vasc.ºs.” Está em osso e apenas há a talha de um altar lateral junto ao cruzeiro.

Visitei a escola de meninos, cujo professor tinha vindo para o Penedo por causa da festa, constando que a esta escola somente concorrem 7 ou meninos. A casa é imprópria. Fui depois à de meninas onde se achavam presentes 22 alunas, informando a professora, que parece muito moça, e é mulher de um velho major reformado de linha, Leandro (e talvez por isso trouxesse capela de virgem), que são 26 as matriculadas. Algumas delas leram e uma delas de 4 irmãs, da família Costa, todas de cara viva, fez uma conta de dividir com prontidão e certeza, lendo menos mal.

Houve muitos vivas e foguetes, e mostraram-me um lugar pedregoso onde os holandeses tiveram um curtume, achando-se assestada sobre o monte perto, uma peça que aí mandou colocar por ocasião da Independência, o barão de Cotinguiba ²¹⁷ tendo sido achado entre os despojos de um navio de guerra português que deu à costa na barra do S. Francisco, salvou agora.

Disseram-me que havia perto angico, de cuja casca se servem para o curtimento dos couros; prometeram-me o que pudessem apanhar desta planta.

Depois do jantar fui à aula de francês que tem 14 alunos matriculados e onde o Amarílio não traduziu uma fábula de La

Fontaine, outro respondeu sobre gramática sofrivelmente e o professor parece bom, sendo [ilegível], o que não admira, pois não é francês nem tratou os desta nação, a pronúncia muito má [sic].

Dei ainda uma volta pelo sítio do comendador Nascimento ²¹⁸, vindo de passagem, através da cerca, uma plantação de café pertencente a um português Domingos de tal Cravo, sogro de um dos Araújo.

Depois tenho tido a beijar-me a mão e requerer bastante gente, estando aí no largo pela segunda vez uma banda de música que julgo serem os mesmos de Piaçabuçu e do Te Deum.

Daqui a pouco (são 9 e 25') vou dormir, que tenho de ouvir missa na Igreja da Corrente às 4 ½ e partir às 5.

O Bitancourt deu-me duas granadas das que se supõem ter pertencido aos holandeses. Na casa de Joaquim Serapião de Carvalho também, segundo ele, se acharam vestígios semelhantes.

No Penedo e Vila Nova constroem-se até patachos. A carne e pão de Penedo são bons, a água não pesa no estômago; porém não farta apesar do muito que se bebe.

16 de outubro de 1859 = Largamos às 5 ½. A cidade do lado de cima apresenta um aspecto curioso por causa do terreno formado de pedras de cor parda sobrepostas, que julgo de grês.

Na Boacica, fazenda do tenente-coronel Bitancourt ²¹⁹, sogro do desembargador Francisco Joaquim Gomes Ribeiro, com uma capelinha pitorescamente situada sobre um monte, recebeu o vapor leite de uma canoa que parece ter vindo de lá.

7 menos 9 encalhamos pouco adiante do morro da Sangombira, brevemente desencalhamos procurando o canal.

A margem da ilha dos Coqueiros, terreno argilo-arenoso apresenta claramente duas camadas, e buracos que me disseram feitos pelo martim-pescador para neles pôr o ninho.

Defronte do Morro Vermelho avista-se o cone do morro da Priaca a NO ficando a Igreja de N. Sra. dos Prazeres a rumo de N. Em frente desta Igreja parece o lugar mais estreito que se tem encontrado até aqui, achei na escala 375 braças.

Às 8 e 25' rodamos muito para a margem direita para procurar o canal perto da Ilha das Garças.

Às 9 avistou-se Propriá, de pouco adiante do engenho Miaú; na margem direita, pouco aquém de Propriá, observam-se as mesmas estratificações distintas, mas não consideráveis, como na ilha dos Coqueiros, e em outros pontos, tanto de uma como de outra margem, segundo observei depois.

As ilhas espriam para o lado de cima; o que não deixa de ser curioso.

A viração de S.E. já era forte às 9 ¾.

Morro de cal com grandes lajes escuras e inclinadas para o lado do rio, com que calçam e ladrilham em Propriá, vendendo também no terreno da vila, perto do rio.

Propriá é uma vila de 3.000 habitantes com algumas casas boas e de sobrado, e uma fábrica dos herdeiros de Esequiel Henriques, de descascar arroz, com máquina de vapor que desejei visitar; mas não o realizei por achar a porta fechada.

Houve muito entusiasmo e cordialidade, dispensando os foguetes, sempre abundantes ²²⁰. Fui logo à matriz, que não é mau templo, com dourados e capela do Sacramento, e ao Rosário, pobre igreja, nada dizendo do Te Deum, porque foi igual ou quase igual ao do Penedo, menos no comprimento e na falta do sermão. Também há um oratório de Santa Cruz.

Visitei a aula de meninos com 80 de matrícula e 60 de freqüência, tendo uma pedra como em aula de matemática, apesar do aluno, que já era apresentado como estando em proporções, parecer ignorar os princípios de aritmética relativos aos quebrados.

Também não leram bem e o professor ²²¹ julgo-o pouco apto.

Depois vi a de meninas; 99 de matrícula e 69 de freqüência, parecendo-me a professora ²²² sofrível, apesar do seu vestido de seda enfeitado.

A aula de latim tem 5 alunos de matrícula e 3 de freqüência. O professor ²²³ parece-me muito medíocre e a aula é inteiramente inútil.

Visitei a casa da Câmara, que é muito pequena, dizendo-me o presidente, padre Ramalho ²²⁴, que a renda é de 700 tantos mil réis anuais, tendo sido a arrematação das tapagens, que dá conto e tanto, destinada para conserto de uma ponte, que vi, indo à fábrica de descascar arroz.

Também lhe ouvi que a vila foi criada em 1802; ficou o presidente da província de dar-me informações mais circunstanciadas sobre esses pontos.

Almocei aí numa casa ²²⁵ preparada por uma comissão ²²⁶, e depois de ter falado a diversas autoridades, e recebido requerimentos e representações, deixei a vila, largando o Pirajá às 2, tendo aí chegado às 10 ¹/₄.

Antes de voltar à província das Alagoas reparei um esquecimento, falando de minha visita às duas mesas de renda geral e provincial de Penedo. Hei de ter mapas curiosos das duas repartições e na provincial vi como se inspecionava o algodão e mostraram-me fardos em que o centro onde se costumava furar para o exame tem algodão limpo, e os lados o têm misturado com fragmentos de caroço. Não se permite a exportação do refugado ou rejeitado, cujos fardos se marcam com ferro molhado em tinta, assim como aprovado, sem ser novamente preparado; mas não se declara a qualidade.

De Propriá fui ao Porto Real do Colégio, onde houve antiga igreja, e Convento dos Jesuítas, que já não existem, havendo duas casas no lugar do convento, e nova matriz no da antiga igreja, de que aliás se aproveitaram alguns materiais e dourados para o altar-mor.

Tem aula de meninos cujo professor não estava presente, o que não é de reparar, por ser domingo. Apareceram-me bastantes descendentes dos índios de raça já bastante cruzada, trazendo alguns cocares de penas com seus arcos e flechas, e de jaqueta atirando um deles por ordem minha duas flechas, das quais acertou uma num mourão assaz largo e a pouca distância.

A povoação é pequena e miserável, distando de Propriá, para cima, muito pouco mais de ¹/₂ légua em linha reta.

Avistei S. Brás, da altura do Tiberi, às 3 ¹/₄. Cheguei defronte de S. Brás às 4, retirando-me às 4 e 25'. É povoação menor que a do Colégio, sua freguesia, mas o povo parece menos pobre, e parece que ainda fazem o sabão da terra de cinza e sebo, como o vi na feira do Penedo.

Tem duas igrejas, de S. Brás e Rosário.

Perguntando ao 3º juiz de paz quantas almas tinha, falava da povoação, respondeu-me, muito religiosamente e filosoficamente, que uma só; parece a estupidez personalizada.

Há aula de meninos numa casa de sobrado, enquanto não fica de todo pronta outra nova, térrea, e o professor padre Pedro, não estava presente.

O rio, do Penedo para cima, ainda é muito mais bonito e interessante. O morro do Gaia é de pedra lameliforme, inclinadas as lâminas para o rio, com bastantes cactos de boa altura, mais folha oblonga e de arestas. A Lagoa Comprida é o ponto do rio que mais me tem agradado até agora, e aí vi ao longe um bando de marrecas voando da margem direita, pelo mapa, de 562 braças.

Tenho visto mais plantações de arroz na margem esquerda que na direita, parecendo aquela mais fértil, por mais baixa junto ao rio, e ser a outra também mais pedregosa.

No Muguengue ²²⁷ ainda há curtumes e vi plantações viçosíssimas de cana, mandioca, feijão e arroz.

Na Lagoa vê-se um terreno plantado cuidadosamente.

Às 6 e 20' fundeou o Pirajá pouco para cá dos Curiais e passei para a galeota às 7 menos 10, chegando às 8 a Traipu rebocado pelo barco a vela, que o Pirajá tem rebocado ²²⁸.

Ainda nada vi de Traipu senão inúmeros rojões, uma ladeira, em que o João de Almeida Pereira ²²⁹ quase caiu, e a casa da Câmara, onde me hospedaram, e estava quase vazia de tudo, não tendo as janelas senão portas.

São 10. Vou descansar e o que mais lembrar escreverei amanhã em Pão de Açúcar.

Depois de acordar às 5, tirei uma vista do rio em Traipu.

No Traipu também há bom pão, carne de caça, assim como nas outras povoações, existindo em Propriá 3 padarias, das quais duas estão ameaçadas de fechar-se, com grande prazer do dono da terceira padaria, que foi quem deu a notícia.

A igreja de Traipu é pequena mas decente construindo-se agora a torre.

O terreno é pedregoso, em forma de lâmina, xistoso. Depois de orar na matriz ²³⁰ fui dar um passeio às lagoas onde plantam o arroz e colhi diferentes plantas e flores do campo que levo, com os competentes rótulos, e algumas itãs ou conchas de marisco que se cria nas lagoas.

Passei pelo cemitério que é cercado de muro de pedra e cal, como não sucede ao do Penedo, e fui às aulas: a de meninos, que tem 77 matriculados e 40 a 50 de freqüência, e a de meninas, com 54 de matrícula e 19 a 20 tantas de freqüência; não me satisfaz, lendo as meninas gazetas; só as dos meninos dividiram bem. Há casa de sobrado e vi uma com vidraças. Criam gado vacum, ovelhum e cabrum.

Na porta da casa onde me hospedei havia alguns guardas-nacionais vestidos à paisana com espingardas velhas das quais uma não tinha fechos.

Ao embarcar falou-me uma mulher de nome Ifigênia Maria dos Santos, queixando-se de que tendo-lhe o marido por sua morte 5 contos, tudo lhe tomaram, sem que lhe fizessem justiça.

Cheguei ao Pirajá às 9, e este largou às 9 e 10. Antes de sair a passeio tirei às pressas uma vista do fundo da casa que deita para o rio.

Pouco adiante de Traipu na margem esquerda está o Buraco da Maria Pereira ²³¹, que é um vale, só curioso pelo alto morro, à direita de quem entra, de micaxisto, parecendo em alguns lugares minas e em uns troncos de grandes árvores carcomidos e deitados. Trouxe pedras desse vale tiradas de uma cerca de pedras secas dos morros.

Vi o lugar onde se diz ter-se escondido a Maria Pereira, sendo apenas uma reentrância pouco funda na montanha, e aí se achavam uma moça de nome Maria e um rapazinho, a moça respondeu muito desconfiada de dedo no lábio inferior que coçava.

Na fazenda perto, e à esquerda do caminho para quem entra nela, há uma plantação de mandioca.

Voltei para bordo às 10 e já ventava S.E. fresco, que durou até de noite, pela volta das 10, durante cerca de 12 horas, fenômeno quotidiano e digno de nota. Defronte da Lagoa do Meio vejo a formação lameliforme xistosa, na margem das Alagoas, mostrando-se esse lado estéril como o de Sergipe

Às 10 ½ fui ao Curral de Pedra ²³², vila de recente criação, voltando às 11. É povoação muito pequena com capela decente, muitos cactos de folha oblonga e de aresta, e alguns de espalmada, sendo o terreno de pedra lameliforme xistosa.

Trabalhava o júri, tendo sempre vindo o juiz de direito, Hugolino de Freitas e Albuquerque, que precisou de minha insinuação para fazer uma viagem de rio de 5 léguas a fim de presidir a um júri, que tem de julgar um só processo. Contudo passa por bom magistrado, alegando que sofre, e o clima lhe é desfavorável.

Fui ver a aula de meninos com 8 matriculados e 5 estão presentes. O que o mestre deu por mais adiantado dos presentes, e único que já lia, estava atrasado em leitura e em contas, apesar de bastante tempo de estudo em diversas aulas com a que eu visitei [sic]. O professor disse-me que sabia latim, por eu lho perguntar, vendo um dos tomos da Eneida sobre a mesa.

Observo falta de uniformidade nos livros que se lêem nas aulas.

A sede da freguesia está a 5 léguas, pelo rio, e mais uma para o interior.

No Curral de Pedra vi uns poucos de sertanejos com seus trajes e chapéu todo de couro. Pouco adiante do Curral de Pedra vi, na margem esquerda, pedras lameliformes em número sofrível com a mesma inclinação para o rio, que já notei na margem direita, e é quase constante.

No Curral de Pedra um velho disse que tendo chegado o homem do mundo este estava para acabar, o que não sentia muito por ser velho.

1 menos 7' – Passamos pelo Porto da Folha, em Sergipe, onde finda a terra do morgado pela banda de baixo, segundo creio. Os arraiais [sic] são muito pequenos nas margens do S. Francisco principalmente de Traipu para cima.

O sol hoje tem estado ardentíssimo valendo-me o vento S.E. fresco.

Soube que disseram ao Jacobina ²³³ que três cousas se respeitam nas margens do S. Francisco: a lama da Cotinguiba ²³⁴, a justiça de Vila-Nova e a sífilis do Penedo, e com efeito aí anda solta, perto de Vila-Nova, a filha do barão de Cotinguiba, que assassinou, e foi condenada pelo júri, pendendo da apelação, o ano passado, estando o mandatário na cadeia de Penedo, e vivendo ela no Brejo com o amante seu co-réu.

E no hospital do Penedo, em que aliás só há 16 doentes, só encontra quase sífilis.

Há uma parte do rio para cima do morro do Aiô, margem direita, em que vi alguma cultura; tem currais abertos para o rio, de onde não temem a invasão do gado, para semear arroz.

Neste lugar, às 2 e 10', encalhamos, avistando pela proa a bem situada Capela de N. Sra. dos Prazeres ²³⁵, qual outra Penha do Rio de Janeiro. 2 ½ desencalhamos.

Às 3 cheguei defronte da ilha onde está o morro da Capela de N. Sra. dos Prazeres. Fui à terra e subi por um lado, descendo por outro, para tornar a subir e descer pelo mesmo, por que subira, circulando por fim parte da base do morro do lado inferior do rio, mas não ouvi eco, e só me disseram, com visos de certeza, que ao navegar o rio para baixo se ouve das

canoas, quando não venta, que costuma ser de noite, o eco da voz de quem fala de cima da ribanceira desse lado.

O poço, de que fala o Vieira Carvalho, fica distante 2 léguas, segundo o que disse um velho, que acrescentou ser a água do poço, que se comunica durante as enchentes com o rio, tão fria que os tanchafeiros não mergulham por muito tempo nela. A letra, que o mesmo velho diz conhecer, sem contudo entender o que está escrito, acha-se na serra da Tapera e Pedra da Bola, de 18 a 20 léguas de distância, e que aí existe um lavor que não é de arte, não é para gentes como ele.

Soube neste lugar que o cacto que alimenta a cochinchilha chama-se quipá e o de folha oblonga, que mais tenho visto e há bastante no morro da Igreja de N. Sra. dos Prazeres, assim como em menor número uma espécie do de folha espalmada, xiquexique.

Na praia de muita areia incômoda há uma planta que alastra e forma uma verdadeira rede para os pés.

O Jacobina disse-me que em Traipu as pessoas que foram ver o vapor pediam para lhes mostrarem os cavalos, que puxavam o barco, admiraram muito a sua grandeza e os pratos de prata com comida, que da escotilha, queriam à porfia ver na câmara.

Defronte das Itãs, na margem das Alagoas, há um morro com muitas pedras lameliformes.

Às 4 e 42 encahamos pouco abaixo da Lagoa Funda ²³⁶, defronte da ponte da Júlia, desencalhamos pouco depois.

5 menos 10', paramos para procurar o canal, tornamos a andar; paramos novamente para o mesmo fim, tornamos a parar, e às 5 e 12' estávamos inteiramente safos da coroa quase defronte do Cajueiro. Depois da Lagoa, que é um lugar muito bonito, alargando bastante o rio, torna-se melhor o terreno para a cultura de que há alguma em ambas as margens. Escureceu perto de São Pedro Dias.

Cheguei pela volta das 8 à vila do Pão de Açúcar. Receberam-me com muito entusiasmo, e um anjinho entregou-me a chave da vila. Defronte desta povoação há uma grande coroa de areia, que me cansou atravessar, e com a luz dos foguetes, que não têm faltado por todo o rio, parecia o rio gelado.

O juiz de direito ²³⁷ disse-me ainda que não tinha aberto segunda vez o júri este ano nos dois termos da comarca por ter estado doente.

O juiz municipal ²³⁸ recita uns versos que junto.

Esquecia-me dizer que havia junto ao lugar de desembarque, que arranjaram com algumas tábuas e coqueiros, uma música de rabecas e outros instrumentos que tocavam o Hino da Independência feito na Bahia, que era cantado por pessoas que me seguiram até chegar à casa da Câmara, que está sofrivelmente arranjada. Ainda cantaram o Hino depois.

Senti muito calor esta noite, é verdade que também o colchão é de paina, mas creio que também o tem sido nos outros lugares e nunca suei como esta noite.

A povoação tem de 1.000 a 2.000 habitantes e a municipalidade renderá 200 a 300 mil réis por ano.

O juiz de direito, Monteiro de Andrade, que também o é da Mata Grande, passa por chefe do partido liberal extremo; o municipal é alheio a partidos e o promotor, da família Mendonça.

No Penedo não havia à venda arroz descascado, que todavia se encontra em Pão de Açúcar.

18 de outubro de 1859 = Acordei antes das 5, e pouco depois das 6, fui dar um passeio pela vila. A matriz é pequena; mas decente, só tem inteiramente pronta a capela-mor, o resto acha-se coberto.

Há uma bela rua direita longa e muito larga, e outra perpendicular também direita, porém menos longa e larga.

Só vi uma casa de sobrado, a da Câmara, onde me hospedei.

O nome da vila não é bem cabido, pois que o morro é antes um mamilo pedregoso do que Pão de Açúcar.

Largamos às 7 menos 10'.

Na altura de Traíras vejo plantações de arroz em ambas as margens e algumas árvores de verde escuro.

Andamos 4 ½ milhas por hora, a regular, como o tenho feito, pelo caminho andado segundo o mapa de Halfeld, que de Pão de Açúcar até Piranhas é cópia feita às pressas pelo Boulanger ²³⁹.

8 h – A má qualidade do carvão que queima o vapor fez com que as faíscas incendiassem o toldo de bandeiras, mas apagou-se com a água das talhas, que trazemos com água para beber. O contrato de fornecimento de carvão não especifica a qualidade, dizendo que seja de qualidade superior, quando há uma menos boa que reputam de classe superior.

9 ¼ – Bonito. Nada tem disto.

9 ½ – Vejo pela primeira vez pedras no rio saindo da margem direita, do Bebedor, e havendo também do lado da margem esquerda. Não há baixios desde Pão de Açúcar até estas pedras.

O vento é fraco e o sol fortíssimo.

Na altura da ilha do Ferro vêem-se plantações tanto na ilha como na margem das Alagoas; as duas margens continuam a não apresentar-se estáveis como entre Propriá e Traipu; o rio vai-se estreitando.

10 e 8' – Chegamos à altura do Armazém ou Entremontes, margens muito áridas. 10 e 20'. O vento está um pouco mais forte. 11 menos 20'.

Lugar da Alegria na margem esquerda, e do Colete na direita.

Pouco adiante, o rio passa depois por entre dois altos morros de aspecto de coque terroso chamando-se, o da margem esquerda, o da Caçamba.

Há muita pedra de aspecto lameliforme porém não muito pronunciado no rio de cor atirando ao preto e luzidia.

O rio estreita muito.

Têm-se visto socós voando pesados como o ar.

O vento não tem refrescado e o sol torra pão-de-ló.

Vejo no morro da margem algumas pedras avermelhadas parecendo conter protóxido de ferro; quase no fim da base deste morro vê-se uma praia de areia batida que parece o talude de uma muralha cavada.

11 – Avista-se Piranhas de Baixo; pouco depois encontram-se muitas pedras pelo rio, e há novo incêndio no toldo, que se apaga do mesmo modo que o outro.

Perto de Piranhas o rio está cheio de pedras.

Vou para cima da caixa de uma das rodas avistar ao espetáculo da passagem do Pirajá por estes sirtes ²⁴⁰, e felizmente vencendo uma corrente, que talvez lhe diminuísse metade da marcha, fundeou junto a Piranhas de Cima às 11 ¾, atravessando um cavalo o rio nesse momento.

As piranhas não mordem nesta parte do rio segundo dizem.

Rebocou a galeota, e um barco do rio, que conduzia diversas pessoas; mas para a descida não se poderá dar reboque por causa da corrente que mal deixará evitar as pedras.

Ao desembarcar no monte de areia, um dos piranhenses disse – Que solão! Gostam muito de tais aumentativos.

As duas Piranhas têm 300 a 400 casas muito pobres na aparência, e é subdelegacia. O aspecto do lugar é tristíssimo e o calor horrível, sendo o vento quente ao menos quando aí estive, apesar de tornar-se às vezes tão forte que é preciso fechar as janelas, isto é, ficar quase às escuras.

Encontrei aí um engenheiro das Alagoas, capitão Charambuque ²⁴¹, como o chamam aqui, o qual nada sabia quase da estrada, que lhe encarregou o presidente preparar, entre Piranhas e Paulo Afonso, e se apresentou de chinelas, por causa, diz ele, de um incômodo no pé; tem 72 anos e pertenceu ao Batalhão de Estrangeiros 28.

Tirei uma vista à pressa do rio junto a Piranhas de Cima, através da grade de pau da janela do meu quarto ²⁴², e depois dormi até o jantar.

Tendo custado muito a reunir os cavalos, partiu sempre comigo grande parte dos cavaleiros (ficando o resto e as cargas para depois) às 5 e 35', para a fazenda dos Olhos d'Água.

Antes de partir chegaram cento e tantos guardas nacionais de Mata Grande com seus oficiais, apresentando-se os guardas de jaquetas brancas ou escuras e sem armas. Já tinham estado há dias em Piranhas, esperando que eu chegasse mais cedo, e agora vieram da Cachoeira aonde se haviam recolhido.

O meu guia foi um fulano de tal Calaça ²⁴³ conhecedor do sertão até Juazeiro, e dos Cariris novos, onde, segundo me disse, as mulheres emprenham na estação do pequi, excelente fruta, mas algum tanto enjoativa para ele, por causa do aroma (pronúncia dele) que me deu notícias curiosas. Soube por ele que o gado come o xiquexique, no tempo da seca, queimado, por causa das pontas dos espinhos, ou revolvendo-os para quebrá-las; a gente também os come depois de assados e o Calaça prefere-os ao aipim. Esta espécie de cacto é a que chamam também alastrado, mas há outras duas da mesma forma, uma de ramos às vezes muito compridos e alta chamada facheiro, porque os ramos secos servem de archote, como me serviram depois que anoiteceu, dando luz muito clara, e a outra baixa de nome caixa-cobri, comendo o miolo de ambas o gado e também a gente do mesmo modo que a primeira.

Há uma árvore chamada fonela cujo entrecasco em cozimento, bebido ou posto sobre as feridas cura-as. O terreno é arenoso ou pedregoso, e muito árido; abundante o xiquexique nas diversas espécies e a macambira, espécie de bromeliácea, de que a atraca, a rasteira e a da frecha com o seu pendão enegrecido. O gado come o miolo de todas menos a atraca, e a rasteira só depois de queimada; a gente come o miolo da rasteira e o do da frecha depois de assado.

Na fazenda dos Olhos d'Água fiquei mal acomodado na senzala – nome que convém à casa que aí há – mas sempre arranjei cama em lugar de rede e dormiria bem, apesar das pulgas, cujas mordeduras só senti no outro dia de manhã, se não fosse o calor, e a falta de água que é péssima aí, tardando a de Vichi, que vinha na bagagem pela falta de condução.

O Jacobina escreveu-me lamentando a falta de animais para carga, apesar do presidente contar, como repetiu por vezes, com 200 animais, e dizendo que já havia dois doentes de febre, que ainda se não sabia se era a que já matou alguns há dias, e ainda grassa em Piranhas de Baixo. Resolveu-se ordenar ao Montaury ²⁴⁴ que fosse para o vapor, que se separassem os doentes dos sãos, se a febre fosse epidêmica, e o vapor descera em tal caso para o Armazém, onde nos embarcaremos indo até lá por terra que são 2 léguas de Piranhas de Cima.

Enfim chegou, ou antes acharam, de madrugada, a água de Vichi e muito bem me soube um copo dela.

Já me estava vestindo, tendo acordado antes das 4, e às 4 e 37' partimos dos Olhos d'Água para o Talhado, fazenda de gêneros alimentícios e algum gado que chamam por aqui major Calaça [sic], que parece muito curioso de agricultura, possuindo na povoação de Água Branca, 6 léguas do Talhado, um sítio com muitas frutas, e entre elas uma banana que não conhecia, chamada dente-de-porco.

As atas, ou pinhas, não têm fruto agora como sucede ao umbuzeiro de que o Calaça me mostrou um pé no caminho e abunda nestas paragens principalmente na mata de Água Branca.

Por aqui há emas, veados e mocós, espécie de furão que vive nas tocas e mata os ratos. Aparecem, mas raras, as suçuaranas.

19 de outubro de 1859 = Chegamos ao Talhado às 6 $\frac{1}{2}$ ²⁴⁵.

Vi no caminho uma espécie de cardo redondo, com uma coroa mais ou menos saída, vermelha, rente ao chão, que chamam coroa, ou cabeça de frade; o gado procura com jeito, por causa dos espinhos que são terríveis, arrancar a coroa ou abri-lo por outra parte a fim de matar a sede com a água que ele contém.

Vi também o caroá, espécie de bromeliácea, que às vezes cresce muito, dando o fio muito resistente depois de macerado por quinze dias.

Pouco antes de chegar ao Talhado, o sítio do Poço da Onça, que é um buraco nas pedras de uma torrente, os montes rugosos, e áridos em cujas cavidades se abrigam enormes morcegos e mocós, apresentam às vezes o aspecto de casas e castelos arruinados, como o figuram umas pedras sobre um morro na margem direita, e pouco para baixo de Piranhas de Cima, vistas desta povoação. É o lugar mais curioso pela configuração do terreno que tenho achado até agora, e lembra algumas vistas das montanhas da Palestina do lado da Arábia; sinto não ter tempo para copiar essa paisagem desconsoladora.

Os riachos são torrentes, e num, cujo álveo de areia (como são quase todos) atravessamos antes de chegar ao Talhado, abriram um poço onde a gente daqui vai tirar água, tornando a abri-lo, quando os animais o fecham com os pés; contudo o Sr. Calaça apanha a água da chuva, e é bem boa a que nos dá para beber, assim como tem uma casinha bem arranjada e limpinha para estas alturas, cujas paredes ele mesmo pintou, não tendo posto vidraças nas janelas por conselho econômico da mulher.

Antes de vir há 3 anos habitar aqui tinha casa de negócio na Água Branca, mas tanta gente o procurava para arrancar-se ²⁴⁶ em sua casa que por bem entendida economia, não sei se houve conselho da Penélope, fugiu para aqui onde cuida do seu milho, arroz, feijão etc., da sua vaquinha e cabrinha, e enfim vive mais sossegado da bolsa, esperando eu poder agradecer-lhe o bom agasalho de um modo que há de ser grato a seu coração de bom pai de família; em todos os casos lembrar-se-á de que lhe não fui pesado somente ²⁴⁷.

O almoço foi muito bom; porém aqui só há biscoitos.

Serão 11 ou 11 $\frac{1}{2}$ – (o meu relógio ficou com o Paiva) ²⁴⁸ e não sinto calor. Venta fresco há tempo e às vezes sopra tão forte, que um capuchinho abrindo há dias uma das janelas, o vento quebrou o vidro de uma imagem, que orna com outras

o quarto onde escrevo agora deitado, em sofrível canapé, podendo haver maior reboço.

Pouco tempo depois de chegarmos, o Melo ²⁴⁹ descobriu um bichinho de cochinha.

Antes do almoço apareceu um velho que disse ter 90 anos fora os que mamou.

Estou sentindo no pé a impressão, creio eu que de um espinho de carrapicho que muito incomoda por estes sertões; já no passeio do morro de N. Sra. dos Prazeres apanhei alguns que atravessaram o couro do botim e a meia, tendo de arrancá-los com uma das pinças do doutor ²⁵⁰.

Vindo dos Olhos d'Água encontrei periquitos e maitacas que agora comem o fruto do algodão que dá bem no mato, e xexéus que apenas arremedam tristemente o som do seu nome.

O Calaça disse-me que não se ouve muito de longe a Cachoeira, porque depois de terem quebrado uma ponta de pedra, ronca menor.

1 ¼ – Dormi até agora depois de ter escrito. Faz calor intensíssimo. O Sr. Calaça trabalha só com três pretos e os filhos na fazenda do Talhado e no sítio, e diz que seria rico se possuísse oito.

O dono da fazenda dos Olhos d'Água é muito [mais] rico, porém não de atividade, que o Sr. Calaça (Manuel José Gomes). Disse-me que ainda não havia a legenda da mãe d'água e que lhe atribuíram mesmo qualquer esboroamento nas margens do rio e que o peixe crumatá podia despenhar-se da cachoeira sem ficar morto, se caía sobre a barbatana da cauda.

Sáimos do Talhado às 5 menos 10' e chegamos ao Salgado, casa de um Gomes, às 7.

No caminho vi mandacarus muito alterosos e grossos, dizendo-me o Calaça que dos troncos de alguns se podiam serrar tábuas de mais de 2 palmos de largo – é uma espécie de cactos de ramos divididos em gomos longitudinal [sic] que ainda o são noutros, no sentido de seu comprimento, o fruto come-o a gente e o gado – e árvores do angico não muito altas, esgalhadas, de cerne avermelhada e folha miúda, dando uma goma como da Arábia.

Encontrei alguns bois e vacas gordas, dizendo-me o Calaça que havia muito pasto, onde eu só veria aridez, pois verdejam quase que exclusivamente os cactos e bromeliáceas.

Os cavalos também são bons, ainda que para maiores marchas lhes dão milho e despejam [sic] no seu passo tanto caminho como os cavalos do sul a meio galope.

Há muitas rolinhas esbranquiçadas e pombos de asa branca, espécie de trocaz.

Vi o carcará muito grande.

Há bastantes casas de cupim nos xiquexiques, e uma abelha chamada cupira costuma fazer mel nelas.

Ainda não vi o mocó; porém o Jequiá prometeu-me um vivo que tem ²⁵¹.

Perto do Salgado começou a chuvejar, clareando sofrivelmente os fuzis ao anoitecer, e agora venta com muita força caindo grossa chuva, disse-me o Calaça, contra a minha opinião, que não choveria hoje, e que havia às vezes chuva de pedra por estes sertões, porém rara; creio que venta sul.

Quando entrei em casa havia aí muitos homens e ainda mais mulheres, como sempre, que me queriam [ver], e tive de ficar em exposição dando o beija-mão porque todos gritavam – Queremos vê-lo – traze luz – acende o facheiro!

Já estou escrevendo na minha cama, que é boa, e a hospedagem em geral é muito superior à de Olhos d'Água; bebe-se água do rio, e parece tão boa como a de Penedo e outros lugares.

Espero um caldo com galinha e biscoitos, pois não há arroz nem pão, para, depois de comer, tratar de desenhar.

Antes do jantar no Talhado receberam-se participações de Piranhas de que os dois doentes iam bem e a moléstia não tinha caráter epidêmico, atribuindo o Dr. Propício Pedroso a febre à insolação. Amanhã continuarei.

23 de outubro de 1859 - No Talhado o Melo viu as cabras com os chifres [sic] e o Calaça disse que era de comerem os xiquexiques só dos espinhos. O gado come bem o pasto seco como agora, e quando morre mais é na passagem do verde para o seco.

Partimos do Salgado às 2 da madrugada e chegamos a Paulo Afonso pouco depois de 5 ½.

Na distância de menos de légua é que se ouviu o ruído da cachoeira.

Logo que me apeei comecei a vê-la, e só voltei para casa podendo torcer a roupa do corpo molhada por causa do exercício.

Depois das 10. É bellissimo o ponto de que se descobrem 7 cachoeiras que se reúnem na grande que não se pode descobrir daí, e algumas grandes fervendo a água em caixão de encontro à montanha que parece querer subir por ela

acima; o arco-íris produzido pela poeira de água completava esta cena majestosa. Dizem que a névoa de água vê-se na distância de léguas, do lado da Água Branca; mas não o creio, apesar do Jequiá asseverá-lo, e só perto da cachoeira é que borrija, quando constava que a meia légua da cachoeira já se sentia o chuvisco.

Tentar descrever a cachoeira em poucas páginas, e cabalmente, seria impossível, e sinto que o tempo só me permitisse tirar esboços muito imperfeitos. O terreno é todo pedregoso e se muito se tem exagerado a respeito desta cachoeira, não sou eu exagerado dizendo que há verdadeiro perigo em percorrer todos os pontos de vista da cachoeira, e principalmente descer à furna dos morcegos, como eu fiz, dando contudo três quedas nesta última exploração, felizmente sem me machucar. Uma mulher do local, que se arriscou à empresa, não foi tão venturosa, pois deslocou ossos do metacarpo, rachou o beíço e pisou a maçã do rosto e o olho; o Dr. Abreu logo lhe aplicou os aparelhos. Se soubesse o que era a tal furna não teria descido a ela, contudo a sua abertura é muito alta, descendo a parte superior e subindo a inferior até o fundo, havendo duas aberturas que se comunicam com outra menor. Parece que o rio se abriu amontoando na sua entrada milhões de pedras, troncos e ramos, dando o movimento das águas aos paus as formas as mais curiosas. Não há muita falta de luz na furna, e os morcegos são pequenos. Destaca-se às vezes terra do teto principalmente quando fazem fogo para matarem os morcegos, tão prejudiciais ao gado. Colheram-se pedrinhas trabalhadas pelas águas, curiosas, e arranquei algumas plantinhas secas da pedra em que me assentei no meio das sete cachoeiras.

Felizmente não tem feito muito calor, e de tarde tem ventado bastante; a trovoadas de ontem serviu. O rio já está mais cheio da manhã para a tarde. Parece-me que o Halfeld aproveitou quase que exclusivamente, para os seus desenhos, o ponto aonde esta tarde fui à cavalo, esboço nº 3; é belo mas não admira como a vista que se aprecia do centro das sete cachoeiras, cujas águas redemoinhando com estrondo se despenham à esquerda para formar a queda de maior massa ²⁵².

A água que se tem bebido é excelente, e o barracão, armado sob a direção do coronel Pedro Vieira, da Mata Grande, é bom e cômodo se não chover, porque o telhado de ramos deixa passar a luz demais.

21 de outubro de 1859 = Saímos de Paulo Afonso depois das 5 porque custou muito a reunir os cavalos.

A duas léguas e meia da cachoeira tornei a ver a bela quixabeira, árvore cujo frutinho preto come a gente e o gado.

Vi como na ida os ninhos do casaco-de-couro, pássaro do tamanho do bicudo ou do curió, sendo todavia aqueles grandes e feitos de ramos que custa a compreender como foram conduzidos no bico ou nos pés. São espinhosos às vezes exteriormente; porém dentro apresentam-se muito lisos e divididos em dois compartimentos. A caraibeira ²⁵³ também merece menção, porque deixa as folhas, cobrindo-se de flores amarelas no tempo em que o rio começou a encher.

O acauã, espécie de gavião, solta de vez em quando seu triste canto, e disseram-me que para o lado do Penedo e no sertão havia o caruão, espécie de jacu menor, que canta muito.

Vi o tingui cujo leite branco serve para matar peixe.

Os nhambus também cantaram.

O xexéu canta por aqui pouco.

O Calaça disse-me que na casa da abelha arapuá se achava uma pedra, há de ser alguma secreção endurecida, que é bom remédio anti-sifilitico e o conhecimento de tais remédios revela a propagação de semelhante flagelo.

Ceguei ao Salgado às 7 ½, passando ao pé da lagoa da Cruz, que conserva quase sempre águas e atravessando o fundo de outras duas, as Seca e de Fora.

As mulheres aqui fumam quase todas cigarro, charuto ou cachimbo, vendo cachimbar, que chamam beber cachimbo, e uma de 90 anos ou mais talvez. No Traipu descobri um charuto na mão de um rapaz que teria 13 para 14 anos.

O Dr. Abreu tirou os cabelos das pestanas de uma mulher que por falta de asseio os tinha deixado entrar no globo do olho e receitou para um homem que, dizendo-lhe o doutor, que devia tomar um remédio que viria dentro de um papel, perguntou se também devia botar o papel também no remédio.

Disseram-me aí que a 2 léguas do Talhado há num lugar chamado Lajedo, gravadas na pedra letras, pés de ema, cabeças de gente e outras figuras, e que a 3 léguas do Salgado, no Serrote da Botija, há também letras gravadas numa pedra mostrando outras ter sido pintadas de vermelho. O presidente ficou de mandar copiá-las.

Neste sertão há cascavéis e jararacas.

Partimos do Salgado às 5 ½ e chegamos ao Talhado às 7 e 40'. No caminho atravessamos, como na ida, o fundo das

lagoas Comprida, do Peba, Seca e Comprida, que já tem hoje alguma água, da trovoada da noite de 19.

Acho aqui um mulhero imenso a quem não pude deixar de dar a mão a beijar, assim como a alguns homens; quase todos são mais ou menos mamelucos. Muita desta gente aqui e no Salgado trouxe-me presentes, mas eu só aceitei os daqueles que pude saber nessa ocasião que mereciam esmola.

Disseram-me que o campo há muitos anos não apresenta tanto pasto. Os bois servem para carga, e vi um que anda, quase no mesmo tempo, o espaço que andaram os cavalos, os quais se dizem desobrigados quando não precisam de espora.

As mulheres em grande número têm feições regulares, e andam sem corpinho de vestido, amarrando-o algumas à roda da cintura, ficando as mangas pendentes, tendo quase todas camisa com crivo.

Informe-me sobre o modo de pintar as penas dos papagaios, periquitos etc. e disse-me o Jequiá, que depois de os depenarem esfregam-lhes a pele com algodão embebido em humor viscoso, que transuda uma espécie de rã ou antes perereca e o qual é cáustico, sucedendo que por causa da chuva, escorrendo ele das árvores, caia sobre os passarinhos ainda não emplumados e faça com que as penas nasçam variegadas.

Soube já que o Calaça foi major da Guarda Nacional antes da nova organização ficando, depois desta, capitão. Calaça é alcunha, ou apelido como dizem por aqui, e foi-lhe posto em menino por se parecer, no gênio trêfego, com um homem fulano de tal Calaça: o costume dos apelidos parece vulgar no sertão, e o Calaça disse-me que indo ao dicionário viu que Calaça significa uma posta de carne. Tem oito filhos entre machos e fêmeas, e um dos meninos chama-se Aristóteles, porque o padrinho assim quis, desejando ele chamá-lo Salomão; o mais velho é já professor público das 1.^{as} letras em Água Branca, e outro estuda no Colégio do Abílio na Bahia, e segundo diz o Abílio ²⁵⁴ ao Calaça, tem muito talento, desejando este mandá-lo estudar engenharia militar ²⁵⁵.

Junto à casa do Calaça há um cercado de paus de braúna que abunda neste sertão.

22 de outubro de 1859 = Saímos do Talhado às 4 menos 5 por ter custado a reunir os cavalos, e chegamos a Piranhas às 8 menos 5.

Aí almoçamos, e por causa do vento que nos devia ajudar, a manobra difícil da descida só partimos ao meio-dia, e muito nos custou a ganhar a corrente do rio, sem tocar nas pedras, tendo a âncora agarrado nas pedras, o que nos obrigou a abandoná-la, tendo antes de aproarmos com a corrente trazida para bordo pela gente de um barco do rio que despreendeu a poder de braços. Vimo-nos livres do pior passo às 1 ³/₄, formando a poeira de água, produzida pelo embate da água nas águas das rodas do vapor um pequeno íris na de bombordo.

Chegamos ao Armazém ou Entremontes às 3 ¹/₂; jantamos aí na casa de um Anacleto Brandão ²⁵⁶, cuja família é quase tudo nesta povoação, sendo um dos filhos o capelão, outro o médico, e outro oficial da Guarda Nacional (tendo agora o médico pedido 50\$000 por dia ao presidente para cuidar dos doentes de Piranhas de Baixo) e às 4 fomos ver a Capela construída por um homem como cumprimento de voto pelo seu restabelecimento de cólera-morbo.

A povoação, segundo me disse o Anacleto será de 300 habitantes; ele aí tem uma loja, mas o comércio é menor que nas Piranhas, onde me informaram que andava, no ano de 300 a 400 contos [sic], sendo um fulano Fausto o factotum de Piranhas, contra o qual tive queixa de uma mulher por haver ele tomado para si uma besta do pai dela.

Parece que depois de 9 meses, sem culpa formada, por ordem de um subdelegado, cuida menos de política, que é ativa entre liberais e conservadores, em Piranhas. O Fausto creio ser o chefe dos conservadores e o Campos dos liberais.

Às 5 horas largou o Pirajá de defronte do Armazém e chegamos ao Pão de Açúcar onde chegamos depois das 7. Logo que avistaram o vapor soltaram, do alto do morro desse nome, foguetes ao ar, que produziram belo efeito, assim como os que subiam de diversos pontos, estando todas as casas da vila iluminadas.

A galeota encalhou antes de chegar ao desembarque, mas por fim saltei em terra – na areia, e oferecendo-me um cavalo segui nele, com as pernas encolhidas, por causa dos estribos muito curtos, até a casa da Câmara, por entre imensa gente e ao som do hino, tocado e cantado, da Independência composto na Bahia.

Vieram as meninas e meninos das duas aulas de primeiras letras com flores e poesias, e o juiz municipal poetiza novamente. Não é bem uma nova poesia que ajunto, com as quadras dos meninos. Um menino, que me apareceu na sala, deu-me um sagüi muito engraçado.

Esquecia-me dizer que na viagem tivemos bastante vento, que tornou o rio quase um mar buliçoso, mostrando o Pirajá

desejos de dançar, e que o ajudante de ordens do presidente, explicando-lhe as qualidades do cavalo, disse-lhe que o animal tinha equipado mas não tinha obras baixas. Chamam quartau ao cavalo, entre o fino e o de carga.

23 de outubro de 1859 = Acordei às 5, e tenho estado a escrever.

Vou agora dar um passeio até acima do Pão de Açúcar, ouvir missa e visitar as aulas, deixando esta povoação depois do almoço às 10 horas.

Continuo a escrever do Pirajá onde me embarquei às 9 ½.

A vista do alto do Pão de Açúcar é bonita.

Antes da missa fui às aulas e durante aquela a música tocou muito mal a ária de La tremenda ultrice spada.

Não me parecem mal os professores, ainda que a mestra me afigure vaidosa nos seus modos, ainda que noto falta de uniformidade nos livros que usam, copiando-se na aula de meninas, traslado em inglês; e estando estas divididas em Grécia e Toria [sic].

Há uma menina bem esperta, que é a que tem dado vivas, e leu como outros, e fez sofrivelmente a conta de multiplicar, que é a em que se acham as adiantadas, apesar de anos de aula. Também respondem satisfatoriamente bem, como outras, às perguntas do catecismo.

Há 39 matriculadas e de freqüência 25 a 26.

Na de meninos um mais esperto dividiu sofrivelmente, e os que leram, o fizeram do mesmo modo.

O professor tem apenas 1 mês de serviço e pediu há pouco que lhe mandassem exemplares do catecismo.

Os meninos e meninas que tenho examinado têm sido designados por mim.

Disseram-me em Pão de Açúcar, que o gado vai encarecendo mesmo mais para cima do rio, e que um sendeiro chega ao preço de 100\$000.

Largamos do Pão de Açúcar às 10.

Às 10 e 40' fomos para São Pedro Dias ²⁵⁷ e às 11 e 10' o vapor tornou a seguir.

Haverá na aldeia 100 índios, e muitos portugueses. Aqueles queixam-se destes que lhes aproveitam as terras, dizendo o diretor interino, Fr. Doroteu, capuchinho, que os índios são indolentes, e quando não plantam, dá terras aos pobres às vezes sem exigir renda alguma.

Algumas mulheres pediram-me para não sair de lá o vigário encomendado, Fr. Doroteu, e os mesmos índios dizem que ele é mau diretor, porém bom vigário, por ser muito religioso.

As pedras, de que fala o Vieira de Carvalho, estão numa casa particular, conforme disse Fr. Doroteu, mas não as vi porque o sol está ardentíssimo.

Encontrei três beatas, tendo já visto uma em Paulo Afonso, a qual me disseram ter-se tornado beata por conselho de Fr. Doroteu, e ser de família conhecida. [Vestem-se] de preto com cordão branco na cintura e fazem promessa de castidade.

A igreja, pequena, está bem conservada mas voam os morcegos. Defronte da povoação há grande coroa de areia e tive de passar da galeota para uma canoa, e desta, em cujo banco me pus a princípio a cavalo por segurança, para a prancha.

Disseram-me há pouco que o capitão Antônio Joaquim, acusado de mais de um assassinato, acompanhou-nos como guia no passeio de Pão de Açúcar, e o promotor guardava-se para instaurar-lhe o processo depois da minha visita.

Observou-se por duas vezes uma espécie de tromba de areia formada pelo vento na margem esquerda do rio.

11 ½ – Defronte do Limoeiro, tendo andado do Pão de Açúcar 3 léguas em rio. Toda a digressão gasta 10 minutos.

Tem 50 casas, uma capela menos má, e um oratório; é juizado de paz e não há aí nenhuma autoridade policial, mas um fiscal; pertence à freguesia de Pão de Açúcar.

12 e 20' – Defronte da Lagoa Funda. Volto ao vapor à 1 e 25'. Fui à capela que é pequena e com morcegos, e depois à aula de meninos que estavam no desembarque com os lenços arrançados como bandeiras com dísticos, trazendo também o seu, o professor, que deu vivas desesperadamente assim como outro.

O professor serve há mais de 2 anos e os mais adiantados sabem apenas ler e dividir sofrivelmente. Ainda não deu catecismo e o menino que o professor chamou disse mal o Credo.

25 matriculados e 16 freqüentes. Notei uniformidade entre os livros desta escola e os da de meninas do Pão de Açúcar.

Antes de embarcar-me de volta vi o lugar onde estão abertos os alicerces para a nova capela, maior que a outra, cuja

subida é incômoda.

Tem só juiz de paz, e de 400 a 500 habitantes; pertence à freguesia de Traipu.

O Antônio Joaquim acompanhou-nos mostrando entusiasmo.

2 ¼ – Gastamos 20' na visita à povoação da Barra do Panema ²⁵⁸ (quer dizer ruim, segundo o Melo) rio de água salobra.

É uma rua à margem esquerda arenosa do rio, com poucas casas de pobres.

Vi um bonito juazeiro.

Umhas mulheres disseram ao Feijó que diziam pelas margens do rio, que o vapor carregaria todos os homens no caso de assentarem praça.

Ouvi que os índios queixam-se de Fr. Doroteu por ele lhes impedir os batuques, bebedeiras e preguiça de trabalho, e foi ele quem reparou a igreja agenciando esmolos.

No caminho para a Lagoa Comprida recebi notícias do Rio e da Bahia, trazidas deste último lugar pelo comandante do Itajai ²⁵⁹.

Às 6 ¼ fui ver a povoação de Lagoa Comprida estando de volta no Pirajá às 7.

Não vi a alameda de que fala o Vieira de Carvalho, mas algumas árvores dispersas ao longo da praia, havendo entre elas um belo oitizeiro que se encheu este ano de frutos que se comem.

O professor dá aulas de primeiras letras de meninos (a única que existe há muito pouco tempo criada) disse-me que a povoação tem mais de 300 almas, e que os alunos matriculados são 36, e 16 freqüentes.

Receberam com entusiasmo muito cordial e gritando um – Viva o imperador que não hei de mais vê-lo! Outro replicou – Por que não, já sabe o caminho!

Dormi a bordo do Pirajá e antes de recolher-me ouvi jornais da Bahia, conversei e observei as estrelas que estavam tão brilhantes que Sirius e Canopus formavam duas faixas de luz bem distintas e largas sobre a superfície do rio; Rigel, Betelgeuze, Aldebarã, Achernar, e as da constelação de Cassiopéia, fazia um belo cortejo, e saudoso que me lembrei das noites em Petrópolis; assim todos se recordassem!

Observei o cipó canauã ou fosfórico; fazendo as fibras friccionar uma de encontro às outras há fosforescência passageira, parece que só enquanto dura a fricção.

24 de outubro de 1859 = Acordei às 4 ½. Largamos às 5 e 34'.

Defronte de S. Brás paramos para receber uma carta fechada de uma canoa, era uma descrição de certas maravilhas naturais observadas na serra do Catimbau em Pernambuco por um José Joaquim Pitombo que pede concessão de carta de cirurgião num requerimento que veio com a descrição.

Às 7 menos 10' passávamos por defronte de Propriá, estando sobre um morro pouco adiante, uma companhia de Guardas Nacionais que deu vivas arriando-se por 3 vezes a bandeira ai hasteada.

Em todas as povoações por onde passo há mais ou menos entusiasmo, e vejo reunidos os Guardas Nacionais, que raras vezes têm armas, e às vezes nem a uniformidade da jaqueta e calças brancas e boné.

As margens das proximidades superiores de Propriá para baixo apresentam-se mais ou menos verdes.

Tornei a observar as camadas de areia e argila nas margens do rio e ilhas; mas não me parece que possam indicar com segurança a idade da formação; pois que há mudanças dos depósitos do rio de uns para outros pontos. As impressões dos diversos níveis do rio, que também se observam nas formações de pedra, fingem às vezes camadas.

8 ½ – Avista-se Penedo. Desembarque às 9 e 26. Às meninas de aula receberam-me com flores, e os versos que junto. Houve imensas girândolas e muitos vivas.

A Câmara Municipal queria que eu ainda ficasse um dia tencionando dar-me um baile hoje ou amanhã, porém eu respondi logo que partia à 1 da tarde porque tinha época designada para chegar à Bahia.

Visitei todas as povoações de alguma importância do rio de S. Francisco, ou antes, quase todas as povoações que margeiam o rio, e assim evitei quaisquer conseqüências de rivalidade que já se iam criando entre elas.

Embarcamos ²⁶⁰ pouco antes de uma, mas por causa de diversos arranjos só largamos às 2¾.

Passamos por Piassabuçu às 5; chegamos ao Pontal às 5 [sic] e fundeamos às 5 ¾, para sair com a maré de amanhã de manhã, porque à vista do vento muito forte que soprava de L. S. E. e depois de N. E. havendo já 2 horas de vazante, o

almirante julgou mais prudente não sair hoje.

Enquanto não anoitecia fiz um esboço da vista do Pontal da Barra, e agora, 8 e 40, vou ler um pouco até vir o sono.

A filha do Cotinguiba já ficou na cadeia do Penedo, tendo a diligência sido feita com toda a habilidade e diligência pelo chefe de polícia de Sergipe, Ângelo Ramos, e mais autoridades da província. A ré estava no Brejo Grande, na fazenda do Bom Gosto, pertencente ao irmão, comandante superior da Guarda Nacional do município, tendo se prendido outro criminoso na mesma ocasião em terras do mesmo proprietário. O ministro oficiou ao presidente das Alagoas para que dê as providências necessárias para que ela não fuja da cadeia, em cuja sala livre se acha.

Embarquei no Penedo à uma; mas só [espaço em branco] por causa dos arranjos a bordo. Passamos por Piassabuçu às 5, chegamos ao Pontal da Barra e fundeamos às 5 $\frac{3}{4}$, não só por causa do muito mar que havia fora, como principalmente por ser tarde. Antes de escurecer tirei um esboço da vista do Pontal.

25 de outubro de 1859 = Acordei às 5. [Há três linhas em branco, cujos dizeres foram apagados.]

Às 5 $\frac{1}{2}$ chegamos à barra, e às 5 $\frac{3}{4}$ passamos o cordão, havendo no lugar de menos fundo, 2 $\frac{1}{2}$ braças e já com 1 $\frac{1}{2}$ hora de vazante. Jogou bastante o vapor, e borrifou bastante alguns oficiais. Conservei-me deitado depois, por cautela, levantando-me às 8 $\frac{1}{2}$ para ver o Belmonte que se aproximava, entregando-me o comandante a carta da imperatriz e os jornais da Bahia em mão própria ²⁶¹.

Depois li e dormi.

Avistei o farol da barra do Cotinguiba, para o que saí para a tolda.

Às 2 e 20' estávamos na altura do rio Real, e às 3 $\frac{1}{2}$ saí para ver como atravessamos o limite entre a faixa de água barrenta produzida pelo rio Real e a azul do mar, descobrindo-se folhas de mangue a boiar.

Depois do jantar passei grande parte da tarde assentado na tolda, e li um pouco. Comecei a dormir às 9, quase que vestido de todo, como costume fazê-lo na baiúca, para não mover-me muito.

26 de outubro de 1859 = Acordei pela volta das 4 $\frac{1}{2}$, e tendo saído para a tolda, avistei o farol de St. Antônio, que já se descobria desde 2 $\frac{1}{2}$, tendo-se diminuído a força do vapor desde ontem à tarde, para não chegarmos à noite muito tarde.

Vi Júpiter, brilhante como nunca, e o Cruzeiro do Sul que imensas saudades me fez.

Na barra deste porto começaram as girândolas e fundeamos às 6 e 37', desembarcando logo que pude na galeota de bordo, encontrando a daqui junto ao cais do Arsenal, onde já se achavam o presidente e outras pessoas daqui.

Almocei às 9, estive lendo e tratando de alguns negócios, e às 9 [sic] saí a cavalo, indo primeiro, ao quartel de cavalaria de Água-de-Meninos ²⁶². A cozinha e a cavalaria estão separadas do quartel e esta a alguma distância, ainda que pouca, sobretudo aquela pode, abrindo-se uma porta na parede, comunicá-la facilmente com o quartel.

A arrecadação está mal colocada no andar térreo; mas o alojamento das duas companhias é bom, tendo cada soldado sua tábua que se levanta e descansa, presa na parede, sobre a caixa da roupa do soldado. Pareceu-me haver maior limpeza no armamento e equipamento da 2.^a companhia, capitão Pacca ²⁶³ do que da 1.^a, capitão Andrade e Silva ²⁶⁴. Queixaram-se dos sapatos e coturnos que apenas duram dias no serviço, e o pano das calças e dos capotes principalmente não o julgo bastante encorpado, tendo visto jaquetas e camisadas [sic] que só servem para crianças, e por isso consideradas inúteis. Os gêneros do rancho são dos melhores em geral, mas os que examinei, no quartel do Corpo Fixo, de onde aliás vêm para esta companhia, eram todos dos melhores. As baias da 1.^a companhia são sofríveis, porém notei que as imundícies caem sobre madeira antes de se esgotarem por um rego de pedra, e os cavalos acham-se apenas separados por varões de ferro, que já molestaram muito um dos animais, como observei. As da 2.^a companhia são miseráveis, apesar das representações do comandante da Companhia. Os cavalos têm alguns 9 anos de serviço e 18 de idade, e como só por dia um feixe de capim de 2 $\frac{1}{2}$ arrobas a custo de 700 réis, e $\frac{1}{4}$ de alqueire de milho custando o alqueire 6.200 réis.

Depois fui ao Arsenal ²⁶⁵. O edifício é muito acanhado e convém aproveitar o edifício próximo que se comprou há poucos anos, e apenas serve quase todo, sendo aliás grande, para moradia do diretor.

A oficina de ferraria está quase a cair e tudo é feito por motor humano, indo agora o diretor ocupar-se de conduzir de um reservatório água do poço, que a divide com o Recolhimento dos órfãos de S. Joaquim, sendo a água tirada por bomba para as oficinas.

Os armazéns não se acham mal arranjados, mas por falta de espaço, acham-se no mesmo objetos que, para sua boa conservação, deveriam estar em armazéns separados.

Há 132 operários aportados. Os menores são 83, devendo a companhia ter 100, e seus dormitórios devem formar um só deitando-se abaixo a parede divisória. Os mais adiantados que se apresentaram na aula, quando a visitei, e pertencem à música, sabem ler, escrever e contar sofrivelmente.

Vi pano muito fino para as calças e, segundo me disseram, parece-me que o pano para capotes é o mesmo de que no Rio de Janeiro se comprou grande porção, reconhecendo-se depois que tinha sido má a compra. Há morosidade nos trabalhos do Arsenal, e o ajudante Camará ²⁶⁶ não me parece próprio para o lugar.

Uma perna de pau, que o hospital recambiou por muito pesada, ainda lá estava há mais de um mês para se tornar mais leve, desculpando-se o Camará com a alegação de que do hospital não foram buscar a perna de pau.

Os salários e ordenados ainda são os de 1832 e 35. A verba anual para este Arsenal é de 120 contos e já se gastaram 60. A verba das obras militares já está esgotada, e por isso parou a obra da frente do Arsenal.

De Sergipe encomendaram mesas e cadeiras ao Arsenal, não sabendo por que as não fazem lá. Por que não mandam vir calçado do Ceará ou da Europa de onde o recebeu muito bom o corpo policial?

Do Arsenal, passei ao Recolhimento de S. Joaquim ²⁶⁷. É um belo edificio começado a fazer com as esmolas do irmão Joaquim do Livramento, cujo retrato lá vi ²⁶⁸, tendo ele estabelecido a casa dos órfãos no lugar da capelinha de S. José, de onde foi transferida para o novo edificio, em 12 de outubro de 1825, como o comemora um dístico latino feito pelo célebre latinista Cardoso, cuja cópia me prometeu o provedor Godinho ²⁶⁹ juntamente com apontamentos sobre a história e estado presente do estabelecimento.

A capela é muito bonita e tem quadros de préstimo do pintor baiano Teófilo José ²⁷⁰, distinguindo-se um que representa a morte de S. José.

Assisti à aula de primeiras letras e os mais adiantados leram e repartiram sofrivelmente, parecendo-me a educação, até nos vestuários, fradesca demais. Também vi escritas não muito boas, sendo os traslados pensamentos de Mme. Stael – alguns políticos, e não examinei os desenhos porque não apareceram, não sendo hora de aula, e estando por isso o professor ausente.

Na aula de primeiras letras vi uma palmatória, como a observara na de meninas em Pão de Açúcar, mas o mestre disse-me que os castigos eram só morais.

Têm uma chácara ou roça, pouco cuidada e com um pântano, que já aterraram em parte e um jardim dentro das quadras do edificio.

A casinha perto do refeitório está mal colocada, e os quartos para dormitórios de uns poucos não se prestam bem à inspeção, com as portas maciças de pau.

À tarde fui à igreja da Piedade que pertence aos capuchinhos ²⁷¹. Um lindo templo com 6 altares, três de cada [*lado*], por baixo de uma galeria de colunas, ficando o altar-mor sob um dossel, sustentado por duas colunas – dois anjos apoiados em outras duas colunas, e quase terço extremos [*sic*] do comprimento da igreja, contando da entrada. Tem uma elegante cúpula, pintada de azul, com estrelas prateadas, que devem produzir bellissimo efeito com as luzes. Toda a igreja é dourada, mas com simplicidade e realce, sobre o fundo branco. Foi construída de 1815 até 28, sendo o arquiteto Fr. Arcângelo d'Ancona. Há 4 quadros curiosos de Teófilo representando a morte de Fr. Bernardo de Ufida, é muito bom; o enterramento do Senhor, a adoração dos pastores, e o milagre da cruz hasteada, por Fr. Lourenço de Brindes, contra os turcos num dos cercos de Viena para confundir os hereges blasfemadores. A sacristia é digna de ver-se pelos seus painéis, sobretudo um que representa um menino deitado para quem olham. Há também aí um descendimento da cruz, de Teófilo, que não me agradou muito e um S. Francisco, que dizem da escola de Barroca, mas não me parece do merecimento com que o apregoam os capuchinhos.

À entrada da igreja há diversos sarcófagos de mármore de algum gosto, estando a colocar-se outros. Os capuchinhos que residem agora na Piedade são treze, e um está a retirar-se para a povoação de Rodelas, acima de Paulo Afonso.

27 de outubro de 1859 = Às 6 ³/₄ fui ao Passeio Público. Tem poucas árvores e creio que o Souto ²⁷² fez mal em cortar o tamarindeiro. O diretor trata de plantar árvores do Brasil e aí vi, entre outras, um oitizeiro com flor que é branca e pálida e

delicada, dizendo-me o Souto que o fruto tem o tamanho do maracujá; há também angico.

O diretor pouco pode fazer por falta de dinheiro (sendo a consignação de 64 mil réis bimensais), de trabalhadores (que não excedem de 3), e de terreno, pedindo que se lhe dê o que fica defronte do portão principal para avançar a gradaria, o do lado da Igreja dos Aflitos, que convém nivelar com o do jardim, e o fosso do forte de S. Pedro. Desse último lado tem o Gonçalves Martins um terreno considerável ²⁷³, que vai até o mar, comprado aos Bentos, havendo-se aberto, na sua presidência, um caminho público que atravessando esse terreno, e passando pelo jardim, a sair pela porta que olha para os Aflitos, comunica o bairro da Vitória com este outro da cidade.

Há uma casa particular cujas janelas estão sobre o jardim limitando outras propriedades com este, pelo mesmo lado da rua que vai à porta dos Aflitos.

Depois do almoço fui ao Consulado ²⁷⁴ que apenas tem uma sala no 1.º andar, um armazém com acomodações para os guardas no andar térreo e a ponte. Faltou ao ponto um empregado, que tendo terminado a licença dada pelo governo, espera outra que pediu ao presidente.

Pedi diversas informações por escrito ao administrador ²⁷⁵ e conversando com o contador Galvão do tesouro, que aí estava, disse-me que o comércio queixava-se, com razão, de demora no despacho e carga dos navios, não querendo o administrador que trabalhe a repartição depois das 3 da tarde, o que aliás já se fez depois da estada do Galvão por advertência deste.

Passei à Praça do Comércio ²⁷⁶ que tem um belo salão com três retratos num dos topos, do conde dos Arcos, novo e feito por um Romão ²⁷⁷, que parece ter talento; do Alves Branco ²⁷⁸, e do Wanderley ²⁷⁹, sendo este mais parecido ²⁸⁰.

Há gazetas estrangeiras e brasileiras, e aula de francês, inglês e de tudo o que se refere a operações mercantis e contabilidade. Achava-se em alguma desordem por causa do baile para o qual estão fazendo uma varanda de madeira com pilastras e cornijas; que restará da subscrição para fim útil?

Prometeram-me aí informações sobre o pintor Teófilo. Há sobre a porta a seguinte inscrição: “Joanni VIº undique prospicienti commercium Bahiae Ano 1816” ²⁸¹.

A Mesa de Rendas provincial e Tribunal do Comércio estão numa casa particular do mesmo largo. A primeira pareceu-me marchar regularmente e o administrador inteligente ²⁸², havendo-lhe pedido algumas informações por escrito; e o segundo tinha começado às 10 a sessão administrativa, devendo, às 11, principiar a judiciária; junto um mapa que me deu o presidente do Tribunal ²⁸³.

Depois vim à Tesouraria Provincial, onde pedi também informações, parecendo-me muito inteligente o contador Diógenes Veloso ²⁸⁴ o qual tem a escrituração muito em ordem, quanto pude julgar. O cartório está muito bem arranjado e o escrivão Orozimbo Alves ²⁸⁵ pareceu-me inteligente.

A secretaria, de que é oficial maior João Gualberto dos Passos, acha-se muito em ordem, e só notei, no livro dos contratos, que se fizesse um para a construção para arrematação de 12 léguas de estrada entre Tucano e Feira de Sant’Ana com duas pessoas, uma das quais chamada José Ferreira de Carvalho, que depois soube já ter sofrido por ser esse nome, o mesmo do processado pela morte do juiz municipal do Tucano ²⁸⁶. O inspetor Freire ²⁸⁷ tem fisionomia de homem capaz, mas não parece inteligente como os nomeados.

Às 5 ½ da tarde fui à Sé Nova, igreja do colégio, e depois ao Carmo. A Catedral merece ser vista mais de uma vez, e ainda não tinha entrado na sacristia. É a mais vasta que conheço; os almários [*sic*] são forrados de tartaruga ²⁸⁸, como o frontal do altar-mor, que tem uma rica cercadura da mesma matéria, e ornam-nos diversas pinturas, creio que sobre cobre, e de algum mérito, representando passos da vida de Cristo. Há aí também um belo altar todo de mármore, sendo o dos fustes das duas colunas corado [*sic*]; o teto é todo pintado e dourado. Debaixo do cruzeiro, um pouco para dentro, está uma lousa com a seguinte inscrição: “S. do Governador Mem de Sá que faleceu aos dez de março de 1572 ²⁸⁹. Insigne benfeitor deste colégio.” Disseram-me que os ossos de Mem de Sá foram trasladados para este novo local.

O Convento do Carmo ²⁹⁰ tem igreja pequena em comparação dos outros; mas notei no teto da capela-mor que o apainelado de madeira é no gosto ogival. O convento é grande e foi construído em 1580, vindo os 4 primeiros religiosos de Pernambuco para um edifício pequeno; a igreja foi reparada pela última vez em 1842. Há diversos retratos nos corredores e salas do Convento. Os religiosos, por intervenção do arcebispo, cederam parte da casa para hospital militar.

A igreja dos Terceiros é bonita, mas o que há digno de atenção são os carneiros bastante grandes em abóbada, e na

altura da bela escadaria de mármore, descendo-se para elas por uma boa escada de pedra.

28 de outubro de 1859 = Pouco depois das 6 da manhã saímos para o Bonfim; o caminho já é muito bonito, tendo belas casas e jardins, e antes de lá chegar passa-se o Dendezeiro, bela alameda de palmeiras dendês ²⁹¹. Da igreja, colocada sobre um tesó, para o qual conduz uma bem lançada calçada, goza-se de vista soberba. Não me souberam dizer a data da construção da igreja, porque os livros da irmandade desse tempo não aparecem, segundo ouvi ao provedor atual, Wanderley, porém foi reedificada ou fizeram-se-lhe obras importantes já neste século, havendo principiado por uma capelinha ²⁹².

A igreja, toda dourada e pintada tendo no teto uma alegoria da proteção da Virgem ²⁹³, obra do célebre (digna de atenção) pintor baiano Antônio Joaquim Franco Velasques ²⁹⁴, mais antigo que Teófilo, de que já soube que existe ainda um irmão, cujas informações sobre a vida deste último prometeu-me o irmão do Sampaio Viana. Junto à porta há 2 quadros medíocres, um de cada lado, representando, o da direita de quem entra, a morte do pecador e o da esquerda, a do justo, devidos ao pincel de Tito Nicolau Capinã ²⁹⁵. Debaxo do cruzeiro há uma campa com a seguinte inscrição: “O Capitão de Mar e Guerra Teodósio Roiz de Faria, Primeiro benfeitor desta igreja. Faleceu aos 22 de janeiro de 1757.” Há uma casa curiosa toda cheia, de alto a baixo, de quadros de milagres e ex-votos e duas galerias laterais cada uma com 17 passos da vida de Cristo, havendo numa delas entre os 17 quadros dois da do Batista, todos pintados pelo Teófilo. Na Sacristia há 6 quadros da vida de Cristo de Teófilo, parecendo-me o melhor o da cura do cego, ainda que inferior aos dois citados do Recolhimento de S. Joaquim e da Piedade.

A imperatriz ficou ouvindo missa e fui a Monserrate.

Visitei o lazareto ²⁹⁶. Não há doentes, tendo saído há dias dois de febre amarela, para cujos doentes foi ele criado especialmente; contudo existem sempre 2 médicos ²⁹⁷, um intérprete, 2 enfermeiros, 1 servente e cozinheiro; ainda que 30 dias depois do último doente, comecem a receber somente metade dos vencimentos.

Observei os seguintes cômodos: uma varanda onde estavam 16 camas, uma saleta com 6, outra com 5, e quartos (cada um com duas camas), o do enfermeiro, o refeitório e uma cozinha com um quarto ao pé, com duas camas. Tem-se admitido até 50 camas, porém o espaço é estreito, estando já feito projeto para novo edifício. Há os remédios mais urgentes, sendo os outros fornecidos por botica próxima. A roupa guarda-se no forro. Comprou-se esta casa com pouco terreno anexo por 10 contos a Luís Pereira Franco. Há outras casas alugadas para o mesmo serviço de que falarei depois.

Daí fui ao forte de Monserrate ²⁹⁸ que jaz abandonado, tendo-se picado a inscrição que existia sobre o portão. Tem bela vista e o Przewodowski, que mora perto, disse que ninguém morreu ainda aí de febre amarela ou de cólera.

Fui depois ver a fundição de Cameron e Smith ²⁹⁹. O edifício que é grande, ainda não está acabado, continuando a construção, mas fazem-se moendas com seus motores por vapor, sendo o da fábrica da força de 10 cavalos, enquanto se não termina outro de 40. Possui 84 oficiais trabalhadores, dos quais 62 nacionais, como todos os 28 aprendizes, fundindo cada semana, em 2 a 3 vezes, 7 toneladas termo médio, tendo sido a peça mais pesada de 4 toneladas, mas podendo fundi-las de 9 a 10. Vi 5 tornos; trabalha 10 horas por dia, menos nos sábados, que o faz durante 7, e não lhe faltam encomendas. Tem casa de modelos; porém estes não são importantes. Não possui marinete. O edifício primitivo com o terreno, que dá bom embarque, foi comprado por 15 contos, segundo disse Cameron, que chegou há pouco, onde encomendou diversas máquinas. Está no Brasil há 6 anos e na Bahia há 4, tendo-se empregado na Ponta de Areia; merece proteção; o Smith nada disse e retirou-se.

Segui para o convento e capela de Monserrate na ponta de terra e de caminho examinei duas das casas alugadas para hospital e que se comunicam entre si, vendo só de fora a maior, isolada, que foi cedida à estrada de ferro, para aí se recolherem os trabalhadores atacados de febre amarela. Não tem nenhum doente e cada uma das primeiras pode conter 20 camas, segundo me disseram, tendo eu visto na sala de uma, que tem menos cômodos que a outra, 9 camas, num quarto ao pé 4, em 2 menores uma em cada um, e uma noutra do fundo maior. Cada uma está alugada por 400\$000 anuais, podendo custar a qualquer particular 300\$000, conforme ouvi. A terceira está sublocada pela estrada de ferro por 1:250\$000, estando alugada por 600\$000. Creio que poderia haver alguma economia com o hospital de Monserrate e seus anexos.

A capelinha ³⁰⁰ tem pinturas e o altar-mor e retábulo dourados, pertence a um pequeno convento dos Bentos, que o

estão reparando e serve-lhes para os banhos e tomarem bons ares.

Voltei ao Bonfim pelo caminho da Boa Viagem e vi a boa casa do feitor demitido da alfândega, Gravatá ³⁰¹. Esse caminho é muito pitoresco e logo que cheguei ao Bonfim voltei para a cidade.

Indo de Bonfim para Monserrate deixa-se, à direita, a Boa Vista onde meu avô gostava de passar as tardes. A casa de então já não existe.

Antes de chegar à altura do forte de Jequitaita teve o carro de parar porque o vigário da Rua do Paço ³⁰², apoiado numa mulata velha de turbante, quis-me todo trêmulo beijar-me a mão; trajava batina com as comendas do Cristo e do Cruzeiro ³⁰³.

Antes de voltar para casa visitei os fortes de Jequitaita ³⁰⁴ e da Lagartixa ³⁰⁵. Os artifices ³⁰⁶ estão mal alojados, porque a abóbada deixa passar água por causa do terraço asfaltado que tem por cima, e nas grandes marés e ressaca, a água da maré invade o dormitório que lhes serve para tudo, sendo as camas como as da cavalaria. Os gêneros vêm do Corpo Fixo de 15 em 15 dias; mas o açúcar e o arroz não me parecem bons, como os achei no Corpo Fixo. O armamento e o correame, a não serem as armas arrecadadas, estão limpos, mas são já bastante antigos. Há a mesma queixa a respeito dos sapatos e os capotes azuis são ralos. O xadrez é mau, principalmente o de cima, abobadado, onde estão os soldados de correção, por acanhado demais e falto de ar. Os artifices dão guarda para o forte e para o Arsenal onde trabalham, vencendo gratificação além do soldo. Há por tudo 84 praças militares no forte.

No forte da Lagartixa fazem-se cartuchos e espoletas para peças, havendo pouco trabalhadores e nenhuma máquina, que eu visse.

Depois do almoço fui aos seminários. Estão no antigo convento dos Carmelitas Descalços ³⁰⁷, pouco faltando para a conclusão do novo edifício, que tem as suficientes acomodações para cem, havendo agora 80 e tantos. A igreja é pintada e dourada mas pequena.

Os professores de latim, cônego Manuel dos Santos Pereira ³⁰⁸ e de grego, padre Meillaut ³⁰⁹, pareceram-me bons; tendo um dos seminaristas traduzido um trecho da Iliada e respondido muito bem.

O que rege interinamente a cadeira de Geografia é medíocre, e os estudantes pouco sabem. Dentre os lentes do Grande Seminário o que mais me agradou foi o cônego Fonseca Lima ³¹⁰; de Eloquência Sagrada; Fr. Arsênio ³¹¹, de História Sagrada (apenas expôs o espírito com que ensinava a matéria de sua cadeira), o padre Sousa Lima explicou, segundo o compêndio, as divisões do Direito Canônico e as hierarquias; Fr. Itaparica ³¹² que deixou de aproveitar o assunto da Graça, que lhe indiquei, como um dos difíceis da sua cadeira de Teologia Dogmática, e o padre Eduardo Augusto de Sousa e Melo tratou do culto como prova da maneira por que lecionava Exegética e História Sagrada. Fr. Raimundo Nonato ³¹³, lente de Teologia Moral, havia se retirado por incômodo, porém apareceu-me quando entrei na igreja e disse-me que tinha achado 4 assinaturas do Jaboaão, cuja letra é a mesma dos manuscritos de que já falei.

Os lentes do Grande Seminário não estavam professando, mas pedi ao arcebispo para que dissessem alguma coisa sobre as matérias de suas cadeiras. Agora ninguém pode freqüentar o Grande Seminário sem ter o curso do pequeno que é de internos somente; entre os seminaristas só usam de gabinaro os que se dedicam à vida eclesiástica.

Não ouvi Fr. Saturnino de Sta. Clara Antunes de Abreu ³¹⁴, lente do Direito Natural, por estar doente.

De tarde fui passear à Barra, lugar muito aprazível e onde vão tomar banhos, não encontrando todavia bonitas casas e chácaras (ou roças).

Numa ponta de terra que entra pelo mar e sobre o morro, todo verde de relva, contrastando com as pedras próximas, levanta-se o forte de Sto. Antônio da Barra ³¹⁵ dentro qual está um farol. A torre tem 76 de graus em espiral, e mais dois lanços um de 9 e outro de 8, até a base de apoio do aparelho ao qual se chegando mais 6 de graus. O aparelho compõe-se de 21 espelhos parabólicos de metal branco, 7 dos quais são cobertos por vidro vermelho. Dá uma volta em 5 minutos, e consome 34 canadas de azeite doce por mês. Começa a acender-se às 6 ½. Os encarregados do serviço fazem quartos de 3 horas, e o administrador tem a diária de menos de 800 réis, sendo a de 2 serventes de 700 e de outros 2 de 600. A despesa com a limpeza do aparelho é por conta do Arsenal. Dos 93 de graus os 89 de pau têm menos de palmo de altura, os 4 inferiores são mais altos e de pedra. Não há água perto, e apanham a da chuva dentro de umas pipas que vi dentro do forte.

29 de outubro de 1859 = Saí às 6 ½ e fui ao forte de S. Marcelo, ou do Mar ³¹⁶. Custou a atracar e quando a ressaca é

forte não se pode fazê-lo. O forte é circular, com um fosso interno em parte ocupado por diversas plantas e um quintalzinho e que separa a muralha do corpo central, igualmente circular, e coberto por abóbada que ajunta água, numa cisterna. Tem 30 peças e igual número de praças cujo alojamento assim como as outras acomodações são más, por acanhadas e muito pouco arejadas. Encontrei a seguinte inscrição sobre o portão interno: “Vascus? (não pude ler bem) Fernandes César Menesius totius Brasiliae auspiciatissimus Prorex hanec arcem fine coronavit anno octavo ab apprehenso claro et a Christo nato 1728.”

Depois segui para o forte da Gamboa ³¹⁷. Tem 18 peças e 8 praças de guarnição para as quais se pode dizer que não há alojamento. O vigamento está em risco de abater sobre uma das acomodações do forte. As peças só se podem carregar subindo os soldados o parapeito, estando algumas das carretas estragadas e demorando-se a remessa de tinta do Arsenal para pintá-las às vezes 3 anos, quando devem sê-lo de 6 em 6 meses. Salvaram com tacos e dizendo-se ao comandante, o coronel graduado do Estado-maior de 2.^a classe José Pedro de Alcântara, este respondeu que se carregasse as peças desse modo os tiros seriam espirros, que lhe repliquem [*sic*] aos ouvidos.

Depois fui à aula de desenho que está num salão pertencente ao Convento de S. Francisco. 25 alunos matriculados de que não vi trabalho nenhum capaz, a não ser um desenho pendurado numa das paredes assinado por um Liberato.

O 1.^o professor foi um português ³¹⁸ e o 2.^o o Velasques ³¹⁹ que pintou o teto da igreja do Bonfim; agora chama-se Francisco Rodrigues Nunes que esteve, a expensas da província, seis anos na Europa, 4 dos quais estudou em Paris, viajando o resto pela Europa, ofereceu[-*me*] duas cópias a óleo da Fugida de Lot, de Rubens e do Catão, do Spagnoletto. A aula pareceu-me decadente.

Acabado o almoço fui ao Liceu Provincial ³²⁰. Está no antigo Convento dos Agostinhos e a capela, cedida à Irmandade do Senhor da Cruz, tem pinturas de José Joaquim da Rocha, natural de Meninas [*sic*] ³²¹ e mestre de Velasques [*sic*]. Sobre a porta que dá entrada para as aulas do 1.^o andar há o seguinte distico: “Sevitio extincto quae Natio magna vocamur Hanc Studiosa domum est nacta juventa die” feito pelo padre Cajueiro. O Liceu abriu-se no dia 7 de setembro. Tem 84 alunos que se matriculam sem precedência estabelecida das matérias, inconveniente que o diretor cuida de obviar na reforma do regulamento, criando mais duas cadeiras de alemão e mecânica aplicada às artes. Comecei a visita pela aula de geometria e trigonometria, professor Dr. Francisco Rodrigues da Silva, que é moço de talento superior. Um dos alunos que foi chamado à pedra ainda não tinha estudado álgebra.

Latim regida interinamente, por vaga, pelo professor de Retórica Dr. Luís Álvares dos Santos, que passa por muito bom latinista, como me pareceu, mostrando-se os alunos adiantados na tradução de Salústio (Guerra Jugurtina).

Inglês, o professor, Dr. Antônio Franco da Costa Meireles, pareceu-me bom; não há exercício de composição.

Aritmética e Álgebra, professor Antônio Joaquim Damásio; medíocre.

Francês, regida pelo professor de grego, Dr. Demétrio Ciríaco Tourinho, que não tem discípulos na cadeira de que é proprietário; sofrível. O diretor disse-me que o professor de grego estava acabando uma tradução de Teócrito para me oferecer.

Retórica: o professor parece um grande falador ainda que tenha talento, e para lisonjear-me explicou a sublimidade de uma despedida a mim, quando menino, atribuída a minha mãe Amélia ³²², e de um soneto feito na Bahia por motivo da maioridade. Por fim desenrolou uma árvore retórica, cujas raízes são a natureza e a arte, as flores a elocução e os frutos a invenção, podendo-se por ela formar uma idéia das diversas partes da retórica.

Filosofia, professor Dr. Sebastião Pinto de Carvalho, diretor do Liceu. Fala um pouco precipitado, confundindo-se às vezes, mas não tratou mal das idéias gerais.

A aula de desenho é a mesma de que já falei.

Unido ao Liceu está o gabinete de História Natural dirigido pelo Dr. Botelho ³²³, substituto da Escola de Medicina.

A coleção ornitológica não é má e está quase toda classificada; a mineralógica, que se acha classificada, já assim pertencera ao Lima de Itaparica. Há também mamíferos, peixes, crustáceos, insetos e conchas, mas de tudo pouco, notando sobretudo que do Brasil há muita falta de objetos neste gabinete. A casa tem pouco espaço, mesmo para o que existe, e a consignação é de 400\$000 por ano, havendo uma pessoa encarregada de colecionar. O professor de Geografia e História, Antônio Joaquim Damásio, não tinha presente seu único estudante na atualidade.

Do Liceu fui à Escola Normal. Tem 3 professores, achando-se vaga a cadeira de métodos e pedagogia, que preenche

interinamente o de aritmética, desenho linear e escrita, Manuel José Garcia, sendo o outro Belarmino Gratuliano de Aquino, que é vice-diretor e serve agora, segundo creio, de diretor, que era o Portela ³²⁴, professor de métodos e pedagogia, de gramática e religião.

As condições para admissão são: idade maior de 16 anos, certidão de vacina, bom procedimento e conhecimento das 1^{as}. letras. É para rapazes e raparigas em dias alternados, havendo 55 matriculados.

O curso é de 2 anos e os que freqüentaram não são obrigados a servir depois como professores. Pelo que observei junto julgo um estabelecimento só dispendioso como existe e talvez por isso o diretor desejasse, tendo eu ouvido aos rapazes, que eu fosse em dia de freqüência das raparigas, por estarem estas mais adiantadas, segundo ele me disse.

O professor Garcia é um verdadeiro pedante, e o outro modesto na forma, também o parece na matéria. Quanto à escrita o que vi de bom foi o resultado das lições do Scully.

Há uma professora do ensino prático das meninas, Ana Joaquina dos Santos Bonates, e um de mecânica aplicada às artes, Francisco Barbosa de Araújo.

De tarde fui visitar os 3 colégios das Irmãs de Caridade: o da Providência, de N. Sra. dos Anjos e do Coração de Jesus.

No 1.º há 60 meninas mal acomodadas numa casa acanhada e cujas janelas muito perto da rua, olham para um ponto em que todo o dia se acham reunidos pretas e pretos com suas quitandas, sendo lugar de continua passagem. As meninas chegam a assustar-se quando ouvem algum barulho à noite. A instrução de 1^{as}. letras, sobre que examinei algumas meninas neste colégio, parece ir bem e os arranjos estavam o melhor possível.

O 2.º, na antiga chácara do Pinheiro de Vasconcelos, é vasto, e tem 140 e tantas meninas; também estava bem arranjado e disseram que não me esperavam mas creio que pelo menos desconfiavam, pois que vi aí já noite cerrada o médico, e Fr. Arsênio.

O 3.º estava fechado e as meninas que são unicamente órfãs e 60 a 65 já recolhidas. O edificio pouco mais adiante do 2.º é melhor que o do 1.º e pareceu-me bem arranjado. Nos 2 primeiros colégios há como no Rio a separação nas aulas e alojamentos e distinção de vestuário entre as pensionistas e as que não pagam, por órfãs ou pobres. Ainda dura a repugnância à educação dada pelas Irmãs de Caridade, mesmo entre pessoas de certa qualidade.

30 de outubro de 1859 = Fui ver as prisões. A do Aljube é péssima e as inferiores, verdadeiras espeluncas, servindo de prisão e depósito judicial de escravos e escravas.

Comunicando com o Aljube está o júri, miseravelmente acomodado.

A chamada Casa de Correção, que existe no forte de St.º Antônio, é sofrível e para uma das prisões desocupadas se mudaram proximamente, como lembrei, os presos das enxovias inferiores do Aljube. O registro está atrasado mas o carcereiro desculpa-se com a doença do pai, a quem sucedeu, e muito trabalho, parecendo-me vivo.

A do Barbalho é sofrível. O carcereiro é surdo e parece algum tanto lerdo. O comandante deste forte é também um coronel, pai do lente Dr. Antunes ³²⁵. As prisões dos fortes são quase todas abobabadas, e no vão ou encostadas à muralha, com pouca luz e mal arejadas, encontrando em todas as prisões, tanto no Aljube como nos fortes, seu fogão que ainda mais concorre para viciar o ar. O chefe de polícia já proibiu este uso mas a ordem não fora cumprida ainda e ele me disse que os alimentos fornecidos aos presos, uma só vez por dia pela Misericórdia, em virtude de contrato, eram em pequena quantidade e maus.

Dos registros das prisões coligi que há muita irregularidade em tal serviço, outros sem guia e sem se conhecer o delito, e demora ilegal na entrega da nota constitucional; o chefe de polícia ficou de cuidar no remédio desses abusos ³²⁶.

No Barbalho sobre o portão, há esta inscrição: “O muito alto e poderoso rei, D. João V, mandou edificar este forte e se completou sendo vice-rei deste estado o conde das Galveias, 1736.”

Depois do almoço fui ao colégio do Abílio ³²⁷. Mudou-se há poucos dias para casa do Domingos Martins nos Barris, verdadeiro palacete com bela chácara ³²⁸. Tem 200 e tantos discípulos. Gostei de ouvi-los em latim, inglês e francês, mas de geometria nada sabem, creio que por mau ensino. A aula de primeiras letras tem um excelente professor, discípulo da Escola Normal, e meninos de bem poucos anos leram bem, e outros maiores contaram do mesmo modo, só vendo um repartir. Cantaram 2 hinos – ao 2 de julho e à Virgem Maria, – e depois assisti ao assentarem-se à mesa, ocupando o púlpito o Calaça ³²⁹ de quem tive pelo Abílio ótimas informações, traduzindo bem as 3 línguas de que falei. O colégio melhor

regularizado poderá servir de modelo, parecendo-me o diretor muito desejoso de alcançar esse fim.

O Luís Álvares dos Santos e o Franco Meireles ³³⁰ também são aqui professores, o que não é muito conveniente para o Liceu, e há um de mecânica aplicada às artes, que ensina agora geometria e julgo ser o mesmo da Escola Normal.

Perto de 6 fui ao Te Deum na Conceição da Praia. A igreja é grande e de mármore; porém não tem a majestade das duas Sés, da de S. Francisco (Convento) e da de S. Bento, nem agrada como a da Piedade ³³¹.

À noite fui ao Instituto ³³² que se reúne na biblioteca. Havia bastantes membros, faltando todavia muitos dos que tenho visto aqui e se acham incluídos na lista que leu o 2.º secretário. Depois desta leitura deu o Manuel José Garcia ³³³, 1.º secretário, conta do expediente constando de uns versos latinos do Dr. Antunes ³³⁴ que junto, e de parte do autógrafo da Ode de José Bonifácio aos baianos, quando no degredo o elegeram deputado, oferecido pelo Otaviano ³³⁵. Seguiu-se a leitura de um discurso medíocre do presidente Dr. José de Góis, e da 1.ª parte de uma memória sobre o comércio da Bahia por João da Silva Romano ³³⁶, triste trabalho que, principalmente pelo modo por que o autor o leu, dizendo an-rei por el-lei, quase que me fez disparar uma gargalhada, e rematou a sessão o pedido para eu ser protetor do Instituto, ao que deferi logo, pronunciando o Garcia um discurso improvisado, creio eu, que poderia chamar o dos ques e orações incidentes.

É preciso galvanizar pelo menos esta instituição. Havia outra memória sobre os indígenas da Bahia, mas o autor não teve tempo para aprontar uma parte ao menos, contudo, quem sabe, se foi mais avisado que o Romão?

Saí às 5 ³/₄ para examinar a estrada de ferro. Junto o relatório último do engenheiro fiscal interino do governo, Firmo José de Melo, que me tem parecido inteligente. O Armazém da Calçada, parece-me estreito, e a construção vai mal, mesmo conforme o que me disse o Firmo. A ponte de embarque será definitiva, irá até onde podem somente atracar os barcos do comércio do Recôncavo.

O Firmo falou-me na conveniência de levantar um recife formando-se assim um porto abrigado junto à ponte. As valetas e esgotos das águas na estrada vão mal feitas e se o Firmo não falar nisto no relatório é porque, segundo ele me disse, lhe respondem que a obra ainda [*não*] está pronta e pode guardar este exame para depois dela pronta. O lastro em alguns pontos no começo da 1.ª seção do lado da cidade é de areia muito fina.

O aparelho do telégrafo elétrico é o de Wheastone e Cooks de duas agulhas, sendo a explicação (que eu vi na 1.ª estação telegráfica contando da cidade) em italiano e os encarregados desse serviço italianos. Há 2 mil e tantos trabalhadores, sendo 800 italianos, 60 ingleses e o resto brasileiro. Os italianos queixam-se muito do clima, dos bichos e da carestia dos gêneros; mas o clima poderia ser muito pior, os bichos não seriam tantos se houvesse mais limpeza, vendo eu num dos hospitais alguns com pequenas feridas de que não tratariam convenientemente fora dele, e os gêneros, farinha de milho, vinho de que abusam, e arroz são-lhes fornecidos, pelo preço do contrato e os mais compram-nos onde querem, havendo-os pelo preço do mercado e ainda por menos às vezes nos armazéns do empreiteiro; o salário é de 3 fr. por dia. Segundo me disse o Firmo tiveram razão na primeira desordem que fizeram, porque os gêneros não eram de boa qualidade, mas depois de montado o serviço do empreiteiro não se podem queixar senão do salário, se o julgam diminuto.

Já fizeram distúrbios por causa do vinho, que queriam melhor, preferindo o Tarragona. Os hospitais são acanhados, mas talvez não houvesse melhor localidade onde encontrei o primeiro, e pode ser que mesmo em Paripe.

Trouxe amostras da pedra do túnel de Peri-Peri, e do poço central do túnel da Mangueira. O Lane ³³⁷ disse-me que o trabalho desta estrada lhe parecia que o da de Pernambuco [*sic*].

A água que se bebeu na estrada de ferro é muito má, cheirando mal a que me deram no 1.º hospital.

1 de novembro de 1859

Às 7 ¹/₂ saí para o Hospital dos Lázaros ³³⁸. O caminho é muito bonito e passei por perto do dique que deságua no mar na povoação do Rio Vermelho pelo riacho Lucaia.

A casa é grande mas tem uma ala, – são três, incluindo um chafariz de repuxo de água boa, vinda de um monte próximo – com a parede da frente especada devendo ser toda esta arriada.

Há perto, na direção da ala direita para quem entra e para diante, um edificio também de sobrado de alguma extensão e quase acabado, obra do administrador ³³⁹ que é muito estimado, pedindo-me os [*sic*] para dar-lhe nomeação vitalícia, e mandarem-lhe eles [*sic*] tirar o retrato[?].

Tem 53 [*doentes*], 21 mulheres e 32 homens, entre os quais vi um de 101 anos de idade e 67 de hospital, apresentando

somente as mãos e os pés defeituosos, sendo a maior parte dos doentes atacados nessas partes do corpo.

O orçamento provincial dá 10 contos, além das 30 loterias, rendendo cada uma pouco mais de conto, concedidos para as obras, tendo sido todavia paga pelo cofre provincial toda a despesa quando excedeu à quantia votada, na qual ainda incluem a gratificação dos empregados do celeiro, que não é mais renda do estabelecimento.

A cozinha está muito mal situada, e em péssimo estado.

Há um retrato com a seguinte inscrição: “D. Rodrigo José de Menezes, governador e capitão-general que foi desta província desde 6 de janeiro de 1784 até 17 de abril de 1788 fundou este Hospital dos Lázaros que se abriu em 21 de agosto de 1787. O atual admor. do dº alfes. Domingos Mondim perpetua com esta memória” ³⁴⁰.

Num livro de assentos li: “Foi fundado este hospital de S. Cristóvão dos Lázaros pelo Ilmo. e Exmo. Snr. D. Rodrigo José de Menezes, governador e capitão-general desta capitania, filho do Ilmo. e Exmo. Snr. Marquês de Marialva, principiado a 4 de outubro de 1784, e fundado a 21 de agosto de 1787.”

Entraram os doentes a 27 deste mês e ano. Tem botica e boticário.

Defronte, sobre a encosta de um morro, fica o cemitério, chamado dos Lázaros.

Daí segui para o Queimado. Os dois estabelecimentos: do serviço das águas e fábrica de tecidos de Monteiro ³⁴¹ são importantes. Prometeram-me apontamentos sobre ambos e por isso apenas direi que talvez o gosto férreo da água procede de uma das vertentes que fornecem o reservatório e é de água férrea, ainda que me dissessem que não se misturava com as outras.

Vi trabalhar a bomba da Companhia de Seguros que, sem a manga, lança água além da altura de casas de 3 andares. Tem diversos aparelhos para salvação de incêndios e mandaram vir tudo o que falta dos Estados Unidos.

As grandes casas de comércio estão ladeadas de 2 torneiras de salvação que em poucos minutos lança água por meio da manga à altura necessária. Não sei se a água que desce para a cidade tem todo o tempo necessário para depositar, contudo no reservatório das vertentes já está quase livre de corpúsculos em suspensão.

Na fábrica de tecido de algodão, este ainda depois de cardado, apresentava bastantes fragmentos de caroço e o Monteiro disse-me que o algodão da Bahia não prestava, e todavia o do Rio das Contas era afamado.

Goza-se de bela vista do terraço do reservatório de onde desce a água para a cidade, e ainda melhor porque se descobre a estrada de ferro de cima do mirante da casa do Monteiro.

Depois das 5 ½ da tarde fui ao palácio do arcebispo pegado à Sé Velha, com bonita capela que deita para tribunas da Sé ³⁴².

A sua livraria é escolhida e disse que desejava oferecer a tradução latina, que mostrou-me, de uma pastoral de um bispo armênio do 7.º século, e depois dei um passeio pela estrada de Nazaré até o lugar em que se separa a do Cabula; é bonito e com bastantes chácaras ainda que não muito bem tratadas, causando-me admiração que as pretas em grande número só tivessem uma tanga, apresentando peitos de hotentotes.

2 de novembro de 1859 = Às 6 ½ fui ao Campo Santo ³⁴³. O caminho é aprazível. O cemitério, que é administrado pela Misericórdia, está bem arranjado como sua capelinha bonita, onde já havia sua gente ouvindo missa, que estava no Prefácio quando cheguei, assistindo ao resto dela.

Há diversos túmulos de mármore dignos de ver-se, entre os quais um mandado fazer para mulher e família com capela, que admite 50 pessoas e muitas carneiras, e outro que a Barral mandou levantar para os ossos do pai e os da família, estando aí aqueles numa catacumba; tem 12 carneiras.

Há uma espécie de pombal para as crianças.

Encontrei o Dr. Salustiano só e descoberto como quem cismava.

O terreno argilo-arenoso é bom e os que não faleceram de moléstia epidêmica desenterram-lhes os ossos passados 5 anos, tendo-se sempre achado tudo consumido.

Depois tomei o dique pela estrada nova que se abre para o Rio Vermelho e está muito adiantada, encurtando talvez um terço da antiga. O dique tem mais de quarto de légua de extensão e é bastante largo em alguns pontos.

Formam-no as vertentes e deságua no riacho Lucaia que entra no mar na praia da povoação do Rio Vermelho.

As margens do dique são cultivadas, mas não muito, abundando quiabos altos como ainda os não tinha visto. É muito

piscoso tendo traíras, pitus, espécie de lagosta e acarás de que o Bitencourt e Sá trouxe os primeiros para aí. Sobre um morro sobranceiro ao dique está a casa de saúde do Dr. Antônio José Alves ³⁴⁴.

O dique tem num ponto 13 a 14 braças de fundo e noutra ainda não sondado talvez mais. Tem sangradouros para mover fábricas como a de rapé de Gantois ³⁴⁵.

Ainda visitei o novo edifício para o Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco, que é bastante vasto e bem construído, e tendo começado a edificação há 11 anos e achando-se quase pronta uma das alas para a qual vão proximamente trasladar os doentes em número de 10 que estão numa casa unida à Igreja dos Terceiros, da qual dista algum tanto o novo Hospital. Em 3 anos, se trabalharem com mais força, segundo disse o administrador da obra, pode tudo estar pronto.

Às 5 $\frac{1}{4}$ fui ao Rio Vermelho. O caminho é muito lindo, atravessando-se diversas chácaras, ainda que, pela maior parte, mal tratadas, e a praia de onde se descobre o forte de St.º Antônio da Barra, de um pitoresco majestoso. Estive perto das ruínas de um forte, achando-se ainda uma peça, aliás muito estragada, deixada no chão.

Não atravessei o Lucaia, mas cheguei até a sua margem direita, como a esquerda, arenosa, ficando-me, esquerda, a ponte da Mariquita.

De noite chegou o Paraense, e tive de ler correspondência e despachá-la com o ministro e escrever para o Rio até 1 $\frac{1}{2}$ da madrugada de 3.

3 de novembro de 1859 = Saí do palácio pouco depois das 5 ³⁴⁶.

Ventava sul rijo e o mar jogava bastante com a galeota que custou a atracar ao Apa ³⁴⁷. Este largou às 6; enquanto o mar não sossegava conservei-me deitado lendo o Jornal da Bahia de hoje.

Antes de largar, o chefe de polícia disse-me que conflito armado entre italianos e brasileiros parece ter sido provocado pelos tiros dados da casa do administrador do engenho Peri-Peri, propriedade do barão de Pirajá, e que o mesmo administrador, de nome Bonfim, que já prendera, aquietando-se os italianos, fora talvez, como ele pensava, o autor da morte por sevícias de uma escrava velha, que disseram tinha alguns italianos assassinado, querendo forçá-la!

Às 7 $\frac{1}{2}$ estávamos defronte da ponte de Itaparica onde está a vila, que é bonita, soltando-se logo daí foguetes no ar e repicando os sinos. Defronte de Itaparica está uma pequena ilha coberta de coqueiros chamada – do Medo – onde começam agora as obras para depósito da pólvora, convindo examinar se não fica muito exposta a qualquer ataque.

Às 9 $\frac{1}{4}$ passamos pela povoação de St.º Amaro do Catu e às 10 $\frac{3}{4}$ chegamos a Jaguaripe.

É freguesia talvez de mais de 200 anos, tendo-se separado dela Maragogipe, Nazaré e St.º Amaro, é uma das mais antigas da província, tendo a povoação, segundo me disseram, mais de 2 mil almas.

Tem duas igrejas, de N. Sra. da Ajuda, que é a matriz, onde fui logo e houve Te Deum rezado, e a do Rosário e uma capela de N. Sra. da Lapa.

A casa da Câmara, prédio municipal, é de sobrado e a melhor da vila talvez, ainda que um pouco estragada. Havia aí sob a arcaria do andar térreo um carro triunfal com uma cabocla matando um dragão, aparecendo-me duas crianças despidas como dois indígenas, bem entendido, com mais decência da cintura para baixo.

Numa sala da Câmara há retratos mal-feitos a óleo, com os seguintes letreiros: Pedro 3.º, D. José, príncipe do Brasil, D.ª Maria, princesa do Brasil, D.ª Maria 1.ª, rainha de Portugal, D. Pedro 1.º

Por baixo está a cadeia com 4 presos somente porém de crime de morte, comendo principalmente peixe e carne-seca comprados por conta de sua diária de 200 réis. A prisão é espaçosa, mas não é ladrilhada, e tem fogão; também aqui se depositam os escravos mas não tem casa para depósito e depositário público como a Bahia.

A última visita foi no dia 1.º do passado, e não há preso sem processo.

Apresentaram-se cento e tantos guardas fardados e armados, e ainda mais somente fardados tendo o batalhão 600 praças, havendo mais dois, um de 500 e outro de 300 praças, se não me engano, no município ³⁴⁸.

Às 11 e 25' estava de volta ao Pirajá ³⁴⁹; pois o Apa não podia subir mais o rio, tendo sido acompanhado pelo Itajaí e Belmonte, e à 1 menos 12 passávamos pela barra do rio da Estiva, de onde vieram canoas com as tripulações vestidas à maruja e atirando foguetes e dando vivas.

À 1 e 10' passávamos pela barra do Maragogipe e avistou-se a olaria do Araçá, que fica à margem desse rio. Apareceram daí a pouco duas canoas das quais uma de tolda e pintada de verde e amarelo com o seguinte dístico de cada lado da proa:

V. D. P. 2.º. O rio tem se ido [sic] parecendo com o Inhomirim, por cuja largura regula agora, até nos encontrões do vapor com os margais. As terras das margens parecem férteis, mas são muito pouco aproveitadas.

À 1 e 25' apareceu encachado noutro braço do rio o vapor Paraguaçu da Companhia Baiana, saído da Bahia pouco antes de nós.

Choveu com interrupções durante a viagem e era bem preciso porque só ontem é que pirajou [sic] antes do passeio, não tendo isto sucedido desde o último pirajá mencionado; o sol queimava.

Chegamos a Nazaré. Esta cidade parece pequena quando se avista pela primeira vez, mas tem uma rua bastante longa com algumas belas casas de sobrado, e toda calçada com passeios, como outras menores, correndo a água da chuva do telhado de muitas casas por canos que vêm até quase os passeios. Do lado direito do Jaguaripe também há casas e algumas de sobrado e boas, passando-se por uma ponte que é a melhor obra daqui, e de que logo falarei.

O rio já é muito baixo agora no lugar da ponte e encachoeira bastante pouco acima.

A cidade disseram-me que tinha 12 a 13 mil almas, e 8 mil, porém julgo que terá 5 mil. Os habitantes passam por muito cumpridores das posturas municipais. Há a igreja matriz de N. Sra. de Nazaré, em obras à custa de uma subscrição mensal, a capelinha da mesma invocação, primitiva matriz de 1649, e a capelinha da Conceição, de setembro de 1742, sobre um morro do lado direito do rio, onde teve lugar o Te Deum, tendo eu desembarcado no cais na margem esquerda.

O Te Deum foi horrivelmente tocado e cantado, mas o sermão dizem que não esteve mau ³⁵⁰, pois não podia com o sono e a capelinha arranjam-na o melhor que puderam.

Depois falei com diversas pessoas, gostando dos dois rivais de influência política ou antes eleitorais: Antônio Francisco Tinta ³⁵¹ e Manuel Pedro da Silva ³⁵², parecendo-me todavia o primeiro mais ativo, devendo-se-lhe a direção das principais obras daqui, como as da ponte, cais e diversos calçamentos, em que devia ter gasto algum dinheiro seu, serviços que aliás ele sempre preconiza; e o segundo mais sério, tendo também dirigido obras e estando a seu cargo as da estrada do Caraipe que vai encontrar a que segue da Aldeia para o Sapé. Portanto é difícil escolher entre ambos, a não se atender ao que já escrevi a respeito do Tinta, por ouvi-lo na Bahia ao Taques ³⁵³.

Às 5 ½ fui percorrer a povoação entrando nas duas igrejas, sem ser a da Conceição, e na Câmara Municipal, que está num belo sobrado mas de aluguel ³⁵⁴. A cadeia está embaixo descendo-se por um alçapão e escada de mão. Não tem muita segurança e já o preciso para ladrilhá-la, caiá-la e fazer um fogão de vapor que não enfumaça a prisão. Também serve de depósito, por não o haver, nem depositário, e tem 24 presos, estando um de meses sem processo. Disse aos presos para dirigirem-me suas representações por intermédio do delegado, que é o juiz municipal. Tem havido visita regularmente. Os presos compram a comida por conta da diária de 200 réis.

Fui em seguida ao alto da igreja da Misericórdia, de onde se goza a vista de quase toda cidade. É uma capelinha bonita, e tem na frente sobre o morro catacumbas e túmulos de mármore.

Mais para baixo já abrem alicerces para o novo hospital, de cujo projeto falarei quando visitar o provisório, que substitui o antigo, que desabou.

Durante o passeio disse-me o Manuel Pedro da Silva ³⁵⁵, que este município prosperou de 12 anos para cá, desde que se substituiu a cultura da mandioca que [deu] a este lugar o epíteto – das farinhas – Nazaré das farinhas (de que ainda se exporta bastante) pela da cana, tendo produzido o ano passado, ainda que de muito má qualidade, quase todos, não procurando os fazendeiros melhorar o fabrico.

O Manuel Pedro também se queixou da falta de braços, e disse que os colonos logo deixam os patrões, ainda que isto fizessem os portugueses que ele mandou vir depois de pago o que lhe deviam. Perguntei-lhe por que não encomendava mais, pois não tinha perdido, e o país e ele próprio lucrariam.

As casas iluminadas do lado direito do rio fazem bonita vista do fundo da casa que habito, bela propriedade de Joaquim Porfírio de Sousa ³⁵⁶.

4 de novembro de 1859 = Sai às 6 para a Aldeia ³⁵⁷, daqui a menos de uma légua, pelo caminho agora melhorado que serve no tempo seco, porque ao menos antes destes últimos consertos ficava, na época chuvosa, com horríveis tremedais.

No trajeto passei só por 3 fazendas. A Aldeia, pela qual passa o riacho Aratuípe, tem muitas casas e bastantes sobrados, sendo muito boa a do tenente-coronel Mata ³⁵⁸, um dos membros da comissão encarregada dos consertos na estrada da

Aldeia ao Sapé, em que, no espaço de 3 léguas e durante 2 anos, já gastaram com 1.300 braças de calçada com 2 de largura, dizendo o engenheiro Manuel da Silva Pereira ³⁵⁹, já aqui empregado, há bastante tempo, e fiscal da obra, que eram 500; mas que havia medido há 5 para 6 meses uma ponte por acabar e algumas cavas [sic] 20 contos ainda restando que despender com a obra ainda não feita.

A povoação terá de 1.000 a 2.000 almas. Acompanharam-me debaixo de pátio até a matriz ³⁶⁰.

Depois de orar um pouco corri a povoação, indo à aula pública de meninos, tendo 75 matriculados de 85 que já teve e 60 de freqüência, que leram sofrivelmente e mostraram saber alguma cousa de aritmética, sendo o mestre ³⁶¹ fraco em tal matéria. As escritas não são boas e escrevem o que lhes dita o mestre de um Epítome da História do Brasil de José Pedro Xavier Pinheiro, que também lêem, e o Pena me disse ser escrito com pouca exatidão histórica e inconveniência no modo de apreciar caracteres de contemporâneos ou quase contemporâneos ³⁶².

Fui depois à aula particular com 18 alunas que revelaram maior adiantamento no geral das matérias, entrando doutrina cristã, do que os alunos da aula pública, distinguindo-lhe a filha do tenente-coronel Mata. A professora pareceu-me boa em todos os sentidos.

Antes de ir ver a aldeia dos índios, princípio desta povoação, que cresceu porque passa pela rua principal o comércio do interior, havendo feira que começa às sextas-feiras, tomei apenas uma xícara de café em casa do Mata, que havia, com outros, preparado um almoço estrondoso por saber ontem que ia eu hoje à Aldeia.

Os índios têm uma capelinha que se repara com parte do que dá o arrendamento de quase todas as suas terras, o qual importa em 600\$000, pagando-se dele igualmente 40\$000 anuais ao vigário, tendo deixado há pouco de possuir um capelão, que os índios pedem outra vez. Há uma dívida de arrendamentos que monta em 5 contos. Os índios nada fazem e queixam-se de que a terra que lhes ficou, depois das outras arrendadas, não presta para a cultura, mas o diretor diz que os não faz trabalhar porque não teve ordem para isso; são 72 muito mestiçados.

Voltei pelo caminho do tempo chuvoso [sic], se assim se pode chamar esse trilho, cheio de mato e com pedras, de difícil passagem em alguns pontos.

Pouco depois do almoço ³⁶³ fui à aula pública de meninos da cidade que têm 85 matriculados num caderno, não se lhe tendo mandado livro, estando só presentes 6, por causa do entusiasmo pela minha chegada, que, segundo o mestre ³⁶⁴, não permitira reuni-los. Leram e talvez fizessem bem as 4 operações se o professor não dissesse que um sabia a regra de três, em que se atrapalhou tanto o estudante como o mestre, que aliás me parece bom para as primeiras letras, como geralmente se entendem.

A aula pública de meninas tem 24 matriculadas achando-se presentes 17. Leram mal os livros que trazem de casa e são aceitos, contanto que não sejam impróprios, porque segundo disse a mestra ³⁶⁵ só lhe mandaram livros para matrículas, e repartiram sofrivelmente. A mestra nem sabe falar, tem modos muito grosseiros e parece surda. Vi trabalhos de agulha em quadros e as meninas ocupam-se.

Depois visitei a aula de latim que tem 7 matriculados, estando presentes 5. O professor ³⁶⁶ não parece mau e 2 alunos traduziu [sic] decentemente uma fábula de Fedro que eu indiquei, mostrando saber sua gramática, contudo é aula que se deve extinguir pelas razões que já expus.

Fui a outra aula, particular, de meninos que me desagradou quanto ao mestre ³⁶⁷, principalmente em relação a conhecimentos gramaticais. Não terminou o curso da Escola Normal e ensina apenas há pouco mais de ano.

Visitei depois o hospital provisório da Misericórdia bem arranjado para o espaço que tem, sendo 27 doentes, abundando a febre intermitente, moléstia endêmica, a sífilis e a tísica e 4 inválidos num sótão. Há aí o plano do novo feito pelo Manuel da Silva Pereira em 1853 que ele orçou em 40 contos. O que se vai fazer diverge para maior do plano que não apresenta as acomodações segundo a opinião do médico do hospital, Dr. Bitancourt [sic] ³⁶⁸.

Finalmente estive na coletoria onde vi que havia 240 escravos que pagam imposto, ordenando ao coletor que me trouxesse, como o fez, os quadros que junto.

Às 5 $\frac{1}{4}$ fui até a ponte do Rio Grande que é o mesmo Jaguaripe. O Tinta dirigiu a construção dessa ponte de 5 arcos achatados, assim como a de outra, antes chamada da Barriguda, e os consertos deste caminho que segue para o interior na direção da Vila Vitória, deixando à direita, antes da ponte, o caminho para Maragogipe, Cachoeira, etc. consistindo em desvios do caminho para facilitá-lo, quebraimento de pedras e diversos espaços calçados, tudo por 20 contos. Esta obra está

parada porque o Vignolles foi encarregado de explorar este caminho até St.º Antônio de Jesus, como o da Aldeia para o Sapé, para serem macadamizados.

Perto da cidade há o riacho do Cotovelo, que dá péssima passagem no tempo das chuvas e também parada, consistindo num grande cano de alvenaria para esgoto das águas do Batatam, e no aterro que deve fazer a estrada atravessar por cima do cano. Este caminho conduz à fazenda do Tinta, e ao terreno do manganês de que o Dr. Américo ³⁶⁹ trouxe-me há pouco amostras, com uma descrição bem-feita para a pressa com que hoje foi mesmo por pedido meu ontem [sic]; parece inteligente; é médico. A renda da Misericórdia é o que consta do papel junto.

Conversei antes do passeio com o Manuel da Silva Pereira e soube que a estrada do Caraípe vai ter, por uma travessa onde está dirigindo os reparos, à estrada entre Aldeia e Sapé, e que seu seguimento é para vila da Vitória, vindo os gados daí, para Nazaré quando lhes ficam mais perto os portos da comarca dos Ilhéus, porque não há caminho para o gado. A parte além da estrada da Aldeia a Sapé também carece de consertos urgentes, sobretudo uma ponte no canal torto. Pelo que tenho colhido parece que a Bahia está muito falta de estradas, havendo, como ouvi ao Manuel Pedro, desejo de que o governo faça tudo. A estrada do Caraípe que vai por perto da Capelinha da Conceição e à custa da província, que os reparos na travessa foram à custa da província, que os reparos na travessa foram à custa de uma subscrição de 600 e tantos mil réis, gastou-se, principalmente num entulho, que o rio já tem destruído quase todo, perto do cabeço da ponte da margem direita [sic].

Na cidade há uma rua que se está macadamizando. Muitas casas foram construídas pelo Tinta que daqui só saiu para ir à cidade da Bahia, não tendo ainda visto o resto do Recôncavo. Creio que o Tinta é a verdadeira influência e útil do lugar, ainda que o Manuel talvez seja caráter mais sisudo. A rivalidade entre os dois tem aparecido principalmente por causa de um Serva ³⁷⁰, que redige aqui o periódico Industrial e quer figurar à custa do Manuel Pedro, lisonjeando seu amor-próprio.

O Tinta dar-me-á amanhã os apontamentos sobre a grande ponte da cidade, e juntá-los-ei a este diário.

Ao findar o passeio caiu a chuva grossa, que tem continuado.

Atacam um fogo que o Serva arranjou, mas pequeno e debaixo da água [?].

Há aqui muito calor no verão e frio no inverno.

A água é excelente.

5 de novembro de 1859 = Saimos com uma estiada de bastante chuva, às 4 ½, passando o Apa às 6 ¼. Às 7 ¾ chegada a Jaguaripe.

Chovia, mas a maré é que só me deixou visitar a aula de meninos, com 68 matriculados e 50 de freqüência (que achei adiantados na aritmética, parecendo-me o professor bom) e a Igreja do Rosário.

Falaram-me na necessidade de uma estrada para Nazaré.

O chefe do estado-maior, Galvão ³⁷¹, representou por não ser nomeado comandante superior do município e creio que com razão.

Em St.º Amaro do Catu vi, ao passar, 2 lanchas em construção.

2 menos 5' – Ponta da barra do Paraguaçu. 2 e 13'. Margem direita: N. Sra. das Necessidades e mais adiante arraial de S. Roque; entre estes 2 pontos não se achou fundo com 7 braças, 2 ½ passamos pela Cabeça de Negro, pedra oculta pelas águas um pouco para o lado da margem esquerda e assinalada por uma bandeirinha encarnada; perto da pedra há 14 palmos de fundo. As margens são montanhosas com rochedos e terra de cor avermelhada em grande superfície. A vegetação é bem verde, ainda que o terreno de Nazaré pareça mais fértil e o rio terá a largura do Paraíba em Campos.

2 e 35' – Pirajá forte, tendo chovido desde Nazaré com interrupções não muito longas.

2 e 40' – Na margem esquerda vê-se a antiga bica d'água onde os navios da Bahia vinham fazer aguada. Na margem direita um pouco adiante estão sobre uma ponta de terra as ruínas do fortim chamado de Paraguaçu.

2 ¾ – Na margem esquerda o sítio do alemão e na direita o engenho novo do Jeremoabo, com boa vivenda sobre uma colina e capelinha arruinada. A fábrica fica à margem do rio que forma um saco tendo defronte a Ilha do Coelho. O terreno da fazenda perto do rio é mau, e as plantações estão muito longe, vindo a cana embarcada.

3 menos 5' – Íamos passando a Ilha do Francês, um pouco grande e de montanha, avistando-se, pela ponta inferior da ilha, Maragogipe na margem direita do rio. Aqui o rio alarga muito e às 3 passamos pela propriedade [de] Jerônimo Tosta,

na margem esquerda, avistando-se ao longe, na margem direita, o Engenho da Ponta, do finado senador Ferreira da Câmara ³⁷², onde reside D.^a Matilde, sua viúva e mais perto Maragogipe, ficando pouco adiante de onde estávamos, na margem esquerda, o Convento de S. Francisco, edifício considerável ³⁷³.

Paramos por causa das coroas de Paraguaçu para cuja formação deveriam concorrer os currais que aí se vêem, continuando depois a andar, porém lentamente, até fundear, às 3 e 19' com 8 braças de fundo defronte do Convento de S. Francisco. Houve baldeação para o Pirajá e seguimos neste às 4 e 25'.

4 e 37' – Aparece a povoação de Nagé na margem direita. 5 menos 10' – Passamos pelo Engenho da Ponta com capelinha e um forte improvisado de lona com música e de onde se atiravam foguetes. Mora aqui D.^a Matilde viúva do senador Ferreira da Câmara.

O rio começa daqui a estreitar, tendo formado antes como um vasto e belo lago, sendo esta a sua parte mais aprazível à vista, descobrindo-se ao longe, do lado da margem esquerda, os canaviais de Iguape e as torres da Igreja de S. Filipe, e nessa margem o Convento de S. Francisco e para o lado da margem direita as torres da matriz e casa de Maragogipe entre coqueiros, avistando-se ao fundo, à margem direita, o engenho Jeremoabo ³⁷⁴.

Depois de Nagé passamos pela povoação do Coqueiro, ambas sobre a margem direita e com capelinha, estando a Guarda Nacional em linha sobre uma das colinas desta última povoação e dando vivas à passagem do vapor.

As povoações são pequenas.

Passamos pelo engenho do Rosário com capela e casa de vivenda em cima de uma colina e depois pelo engenho Vanique, do Francisco Vieira Tosta ³⁷⁵, e Pilar, do barão de Paraguaçu ³⁷⁶, administrado pelo Pedro Muniz ³⁷⁷, todos na margem direita, achando-se defronte do último, na margem oposta, o do Buraco, também do Paraguaçu, administrado pelo mesmo filho que aí reside em boa casa de vivenda, havendo-a pequena no do Pilar.

Adiante da margem esquerda está o engenho Vitória, do Paraguaçu, administrado pelo filho Egas Muniz ³⁷⁸. Parece grande e a casa de vivenda tem belo aspecto.

6 menos 11' – Avista-se a Cachoeira. Pouco para baixo da cidade está, na mesma margem, a fazenda do Navarro, filho do Inhomirim ³⁷⁹, e do lado oposto, mais para baixo, o Engenho Capivari de um dos Tostas.

Desembarcamos na cidade da Cachoeira, onde já não nos esperávamos [*sic*] por causa da baixa maré às 6 ½.

Antes vieram a bordo o juiz municipal, Cerqueira Pinto, que serve de juiz de direito (pois que o Figueiredo está em licença), o juiz municipal delegado, Trasíbulo da Rocha Passos, e o promotor, Pascoal Pereira de Matos. Houve vivas e foguetes e fui para um camarim elegantemente arranjado, onde bejei o Santo Lenho, e agradeci as congratulações da Câmara Municipal, dirigidas pelo órgão de seu presidente Francisco Vieira Tosta, irmão do Muritiba ³⁸⁰.

Houve Te Deum na matriz, que é um bom templo com o teto pintado e azulejos até meia altura quase das paredes, mas freqüentado pelos morcegos, de que vi uns poucos no vão do trono (assim como em Nazaré) e sermão em que o pregador carmelita ³⁸¹ provocou brados dos ouvintes e deu vivas.

A cidade é quase toda calçada pelo modo antigo do Rio de Janeiro, e sua [*rua*] principal é a continuação do cais, para o qual o orçamento atual da província dá 5 contos.

Com S. Félix, arraial considerável da margem direita do rio, andarás a população por 20 mil almas. Junto as informações dadas pelo Tosta.

Segundo o Cerqueira Pinto o último júri foi justo, mas o promotor reputa esse tribunal passa-culpas e houve cinco apelações por parte da justiça na última sessão.

O vigário consta-me que é capaz, mas parece que é ignorante e no Te Deum leu deseris.

A água é boa.

6 de novembro de 1859 = Saímos às 6 ½ para a Feira [*de Santana*].

Depois da ladeira de Capoeiraçu, que em tempo de chuva deve tornar-se muito má, havendo um passo bastante estreito, o caminho torna-se plano com poucos acidentes, a que chamam tabuleiro, até Coité, 18 a 20 léguas da Feira de Santa Ana, sendo excelente direção, segundo ouvi, até o S. Francisco, havendo somente que evitar a serra de Itiúba a 12 léguas.

Há plantações principalmente de mandioca, e outros gêneros alimentícios, assim como de fumo de ambos os lados da

estrada com poucas interrupções até à Feira de Santa Ana.

Conversei com o Egas e o Tosta sobre a agricultura e soube que ainda não empregavam o arado, não cuidando de estrumar a terra por meio de currais formados nos terrenos que deixam descansar.

Às 8 menos 16' passamos pela povoaçãozinha da Conceição da Feira, onde havia uma, antes de estabelecer-se na Feira de Santa Ana.

O delegado contou-me que respondeu no júri na última sessão um rapaz, que alegou menos de 20 anos por ter morto 3 pobres, pais de numerosa família, para roubá-los na estrada que percorríamos; é covarde mas atira muito bem, foi condenado ao máximo da pena que permite a idade.

Às 9 ½ chegamos à S. Gonçalo, que tem boa matriz com duas capelas de grades reentrantes. A povoação não é muito pequena tendo uma aula pública de meninos, sendo 86 matriculados num caderno, e 54 a 55 de frequência. O professor ³⁸² parece bom, mas insiste pouco na aritmética e no desenho linear, que aliás ensina aos meninos.

O vigário, cônego honorário da Bahia, Vicente Ferreira Gomes, é pai do genro do Pena, e do juiz de direito do Aracaju, Tibúrcio Ferreira Gomes, e pela fisionomia creio que também de um padre que o acompanhava.

O Abreu foi chamado para ver um menino em casa dele.

É quase octogenário e muito estimado.

A casa em que descansei é dele e arranjado tudo por uma comissão de que ele e o comandante superior interino, José Ricardo Gomes de Carvalho, que dava todas as ordens, faziam parte.

É terra de parentes do Pedreira.

Chegamos a uma grande gameleira, cuja sombra muito agradou com o sol que queimava à 1 e 27', e à Feira de Santa Ana às 3.

O Egas Muniz durante a viagem esteve desfrutável, dizendo que conhecia o gênio dos cavaleiros pelos hábitos dos animais que montavam e que o seu cavalo um dia deu tal salto que ele pôde chegar com a mão ao 1.º andar da casa tendo tempo de pensar onde deveria o cavalo cair.

Todavia é inteligente e as viagens à Europa, de que sempre fala, referindo-se principalmente às suas relações com pessoas reais e príncipes, e o estudo na Escola de Freyberger sempre devem ter aproveitado. Diz-se perito na análise mineralógica empregando o maçarico de Berzelius, e qualifica a rocha das margens do Paraguaçu como feldspato, havendo hornblend, assegurando-me que na saída do Capoeiraçu há manganês como em Nazaré, mas parece que não tanto abundante. Só os engenhos do Egas e do Jeremoabo é que empregam o calor do vapor, ou não são de fogo nu, como dizem.

Uma légua antes da Feira aparecem as autoridades, e um esquadrão patriótico com bandeira e corneta trajando todos de branco com ramos de folhas e flores formando uma coroa enfiada no braço direito. Houve mais entusiasmo na recepção da Feira que na da Cachoeira, talvez por já não me esperarem nesta quando cheguei. Havia 200 e tantos Guardas Nacionais em parada sendo o batalhão de 800, e 40 e tantos com armas fornecidas há 4 anos e algumas já estão estragadas.

A música é boa e foi arranjada pelo tenente-coronel. A população parece ser de 3 a 4 mil almas. As ruas não são calçadas, mas as duas principais, paralelas, bastante largas e bordadas de casas, algumas de sobrados e boas, têm passeios calçados.

Há três igrejas, estando a matriz por acabar e três praças, não contando o campo da feira.

Existe apenas uma subscrição e socorro da província montando em 8 contos para um hospital, que parece se fará agora, tendo o Dr. Abreu indicado lugar melhor do que o lembrado.

A justiça parece ir boa, ainda que se queixaram do Japiáçu ³⁸³ a respeito dos negócios do Camisão, quando ele era juiz de direito interino, parecendo o Franco ³⁸⁴ concordar na razão da queixa, mas cumpre ainda examiná-lo, e no último júri, que foi em junho, parece que não houve bonomia, passando os da Feira e de Nazaré, segundo ouvi pelos melhores dos lugares de minha visita.

Existem aqui 10 praças de polícia, tornando-se necessário às vezes destacar guardas nacionais, mormente quando há que conduzir presos de importância para a Bahia, pois a cadeia não é segura.

Hospedei-me em casa de Joaquim Pedreira, tio do Pedreira ³⁸⁵ que, perguntando-lhe eu qual era seu gênero de negócio, respondeu-me que era agiota, porque negociava em juros, parecendo-me pela cara, sê-lo também na significação ordinária da palavra. Possui fazendas de gado no Camisão de 2 mil e tantas crias por ano. Os pastos são de catinga [sic] e o gado não

sofre tanto na seca como no S. Francisco, dando-lhe contudo muitas vezes a peste que mata numerosas reses.

Os caminhos são maus, extraviando-se por isso bastantes bois das manadas, pesando um boi até 20 arrobas, e dando as vacas bom leite.

Só vi um mandacaru, na estrada até a Feira.

Pedi ao Franco informações sobre as novas queixas que julgo ter lido contra o Japiáçu.

Perto das 6 fui ao Te Deum, sendo a igreja sofrível e o pregador o melhor desde a saída da Bahia, e filho da povoação da Feira ³⁸⁶.

A música pareceu-me em tudo idêntica à de Nazaré e da Cachoeira.

Depois fui ao camarim que tinham armado na entrada da povoação e aí ouvi o discurso da Câmara ³⁸⁷ entregando-me as chaves.

7 de novembro de 1859 = Sai às 6 ½ tendo passado uma noite muito fresca e havido neblina de manhã que só se levantou de todo depois das 7 ½. O clima passa por muito agradável e até mandam tísicos para aqui, onde se acha bem mal o deputado Antunes ³⁸⁸, e principalmente para o Camisão.

O terreno é bom para gêneros alimentícios, mas persegue muito a formiga.

A água é de um poço cujas vertentes nunca secam e não é má para beber, ainda que feia no aspecto, sendo preciso fazê-la descansar por algum tempo, ou bebê-la dormida como dizem pelos lugares por onde tenho andado. A que se usa em casa é do sitio do finado coronel Vital.

Visitei as igrejas dos Remédios e Capela dos Passos, com arcos dos lados, formando meias naves, pequena mas bonita e com pequeno jardim, tudo feito a expensas do Cerqueira Pedreira ³⁸⁹, primo do Joaquim Pedreira, as aulas de meninos com 60 matriculados e 50 e tantos de freqüência, havendo falta de livros, entre os quais o Epítome da História do Brasil do Xavier Pinheiro, e estando os meninos atrasados por culpa do professor antigo, segundo diz o atual ³⁹⁰, apesar de ser aquele muito bom, conforme logo disse o Franco, que foi diretor dos estudos; e a de meninas com 23 matriculadas e quase as mesmas de freqüência, sendo a professora ³⁹¹ má, apesar de aluna-mestra e constando-me que a particular, a cuja aula não pude ir, é melhor.

O cemitério é bom, mas não conservam os corpos enterrados além de 2 anos.

Voltando dele entrei na casa de uma pobre mulher que diziam conservava o filho, doido furioso, numa cova e acorrentado para não separar-se dele. O doido, logo que pressentiu gente, armado de um pau, ia dando-me com ele, e proferiu palavras indecentes e obscenas. A corrente prendia-se à parede para o lado onde eu estava, mas a mãe afirmou que nunca o pôs numa cova e não se achava agora acorrentado, estando paralisado das pernas. Tem 24 anos de loucura e já era bom carpinteiro quando ela principiou; verei se vai para o Hospício de Pedro 2.º.

A cadeia é péssima e tinha 9 presos e uma doida reenviada pelo Hospital de caridade da Bahia depois de lá ter estado algum tempo; todos os presos propriamente ditos estão processados.

A casa da Câmara, separada da cadeia e também da audiência e júri, é muito acanhada e o assoalho da sala das sessões da Câmara e do júri está abatido. Sob a Câmara está a coletoria geral; a provincial está arrendada até janeiro futuro por Frutuoso Gomes Moncorvo que tem aqui um agente.

Este ponto é de grande importância porque por ele passam as estradas de Jacobina, do Coité e S. Francisco, e da Purificação, convindo muito estudar um atalho, apenas explorado, que dizem encurtar 2 léguas a estrada entre a Cachoeira e a Feira.

O pai do presidente da Câmara, que se chama Leonardo José Pereira Borges, foi o primeiro que introduziu nos engenhos desta comarca o maquinismo por vapor.

Tive pelo Franco muito boas informações do promotor, Antero Cicero de Assis, que ele conceitua mais que ao Jupiaçu, depois de sua recondução.

Fui à feira às 11. Pouco concorrida. 500 a 600 bois quando os aparecem 3 mil e 4 mil. O melhor era da Serrinha, havendo muito bons bois e sobretudo touros e sendo em geral gordo todo o gado da feira. Cada boi 10 a 60 mil réis tendo se vendido na feira anterior. Apareceram pouquíssimos cavalos e os de sela, mas não muito bons de figura, custam de 100 a 180 mil réis. O dono do gado da Serrinha disse que os caminhos estavam muito maus porque eu morava muito longe. O

campo da feira já foi, sendo próprio nacional por ter pertencido a um encapelado como todo o território da velha, já está arrendado numa boa parte [sic]. Na de comestíveis, na praça próxima, pouco achei curioso para comprar. Os cavalos aqui e no resto do Recôncavo, que já tenho visto, e mesmo na Bahia, não são tão cômodos como os das margens do rio de S. Francisco.

O vigário ³⁹² parece-me lorpa, mas dizem-no capaz. Soube nesta digressão que o Franco só foi há dias que tomou conta da vara, por doente. Soube que o Figueiredo Rocha está com licença e que o Pinto Lima esteve doente e gozou depois licença, tendo tomado há dias conta da vara ³⁹³.

VOLUME 3
VIAGEM À COSTA LESTE - 2ª PARTE (PERNAMBUCO)
19/11 a 23/12/1859

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

19 de novembro de 1859

Saimos do Paço na Bahia ⁰⁰¹ às 11, acompanhados de bastantes senhoras e número infinito de homens. Custava a romper por entre o povo, que não cessava de dar vivas. Ao chegar ao embarque, o Muniz Barreto ⁰⁰² repetiu a poesia que junto; comoveu a todos sobretudo pelo modo porque a recitou. O Pessoa repetiu uns versos fracos, e o Portela ia causando motim com suas repetidas exigências; por parte do povo, para que eu promettesse voltar à Bahia; por fim cansou, e o Almeida Pereira e o arcebispo disseram-lhe que estava procedendo inconvenientemente. Ainda houve muitos vivas e acenos de lenços, e o Apa largou ao meio-dia e meia hora.

Fomos andando devagar por causa dos outros 2 vapores, mas passei o dia sem incômodo, deitando-me na baiúca, por cautela.

20 de novembro de 1859

Enjoei ao levantar-me, tendo dormido na câmara onde os balanços do Apa, que foram fortes durante a noite, se fazem mais sentir. Subi cedo para a baiúca. Entre 6 e 6 ½ avistou-se o Cruzeiro do Sul.

Almocei com vontade. 11 e 25 – bergantim brasileiro, que embandeirou e parece vir do rio de São Francisco.

4 horas – vamos andando 6 ½ milhas. Desde manhã que se não vê costa, que se acha a cerca de 20 milhas. Quase todos têm enjoado, até o capitão-tenente Bricio ⁰⁰³, o cirurgião Pedroso ⁰⁰⁴, que tem de embarque 9 anos, e o tanoeiro de bordo.

21 de novembro de 1859

Descendo a noite passada, enjoei bastante. Subi cedo. 5 ¾ – barreiras de São Miguel, a 21 milhas.

7 ½ o Belmonte ⁰⁰⁵ obtém licença para arribar a Maceió e tomar carvão, que só tem para 4 horas, pois o fornecido pelo contratador na Bahia, foi péssimo.

8 e 23 – altura de Maceió.

9 menos 6 – saí da baiúca e tornei para ela, onde me conservo deitado, depois de ter avistado Maceió, cujas torres da Matriz e do farol se descobrem facilmente.

9 e 10 – navio e jangadas longe ao mar.

10 menos 10 – um vapor que pareceu o Pedro II, em bandeiras dentro do porto de Maceió, e uma bateria salvou; vi a cidade muito distintamente.

12 ¾ – Camaragibe; 3 ¾ – Porto de Pedras – 65 milhas de Pernambuco; 5 ½ – Barra Grande; 7 menos 20 – fui ver o efeito, que era belo sobre as nuvens, duma queimada na direção de Tamandaré; havia mais duas menores, estamos a 45 milhas de Pernambuco, onde espero fundear de 2 para as 3 da madrugada.

22 de novembro de 1859

Dormi na baiúca até me chamarem à 1 e 40 para ver as luzes da cidade do Recife, que se levantavam progressivamente das ondas.

2 e $\frac{3}{4}$ fundeamos no Lameirão, porque não é prudente entrar sem prático; o Apa joga sofrivelmente. Desci para dormir na cama mesmo vestido, como estava, até as 5 $\frac{1}{2}$ quando subi, e às 6 com o piloto-mor ⁰⁰⁶ largou o Apa do Lameirão.

A vista de Olinda e do Recife é muito bela, e deixando à esquerda o baixo do inglês e o farol que é pequeno e de refletores, viemos fundear às 6 e 25 defronte da torre do observatório do Arsenal de Marinha, que chamam aqui de Malakoff, e sobre a coroa de areia, onde deve trabalhar a 2.^a máquina de escavação, que já está quase pronta, para que o porto possa dentro de 2 anos permitir a entrada a navios do calado dos vapores da carreira de Southampton.

O recife, que muito se tem alterado artificialmente, resguarda inteiramente o porto do embate das ondas do Lameirão, ainda que muitas vezes elas o estejam galgando.

Já tomei algumas informações a respeito do melhoramento do porto do Inspetor Eliziário ⁰⁰⁷, mas é assunto sobre que indicarei minhas [sic] depois de o haver estudado tanto quanto me for possível.

O desembarque teve lugar às 11 horas numa bela das rampas de madeira feitas de propósito, que conduziam a um pequeno pavilhão onde beijeí o crucifixo nas mãos do bispo ⁰⁰⁸ que não achei muito mudado para a idade, tendo havido um pequeno discurso, seguindo para outro maior no largo do Colégio, onde respondi ao discurso da Câmara Municipal ⁰⁰⁹ custando a romper o povo que era imenso e possuído [de] não menor entusiasmo, que na Bahia.

Fui logo para a Igreja do Colégio, onde ouvi um sermão meio político do padre Campos ⁰¹⁰, que rebateu as exagerações da propaganda descentralizada, não me parecendo mau em geral, apesar de durar $\frac{3}{4}$ de hora e depois um Te-Deum de 1 e $\frac{1}{4}$ de hora cuja música em geral foi a melhor, que ouvi em igreja depois que saí do Rio.

A Igreja do Colégio foi construída no ano de 1689, sagrada em 17 de dezembro de 1690, havendo um frontispício e capela ao lado esquerdo da Igreja a era de 1708, e reconciliada em 8 de setembro de 1855. Por ocasião da extinção ficou sendo próprio nacional, e servia de cavalaria, teatro e casa de baile, sendo reparada finalmente para seu destino primitivo e muito decentemente pela irmandade do Espírito Santo. Estava bem armado o altar-mor e o trono tinha imensas luzes.

Vim para o palácio pelas ruas do Colégio e Cadeia, que parecem seguir-se em linha reta e atravessado imenso povo que me dava vivas, assim como todas as pessoas que atapetaram as janelas de casas de 3 e 4 andares, e notei o pouco calçamento que há apesar do imposto, atribuindo o presidente da Câmara ⁰¹¹ a falta de calçamento que é quase geral, a desleixo. A poeira era muita, assim como o calor, apesar de ao terral seguir-se aqui a viração desde 10 às 11 o mais tardar, e admirou-me ver como cerca de 80 senhoras das principais da terra acompanharam a imperatriz, desde o desembarque até a Igreja e o Palácio, onde assistiram o cortejo.

Depois passou a Guarda Nacional da cidade em continência, que era pouco numerosa, mas bem arranjada, não aparecendo segundo me disse o Boa Vista, porque não havia alfaiates para lhes fazer os uniformes.

O jantar teve lugar às 5, e depois tenho descansado, conversado com diversas pessoas e aparecido à janela ao povo na praça. Há pouca gente de cor muito escura, e o povo me parece mais sério que o da Bahia, apesar de todo o entusiasmo.

Do meu quarto há uma linda vista para o lado de Olinda e Beberibe, e creio pelo que já vi no Barlaeus que está situado no mesmo lugar da casa do conde de Nassau, que soube escolher a sua residência.

A cidade é muito bem situada, e as casas iluminadas sobre os rios que contornam a ilha de Santo Antônio, antiga Mauricea, propriamente dita, e primeiramente Ilha de Antônio Vaz, dão-lhe o aspecto, em ponto pequeno, do que imagino será Veneza.

Sinto-me cansado principalmente da vida de bordo, ainda ... que nunca seria bom marinheiro.

O palácio está muito bem arranjado ⁰¹² apreciando sobretudo uma excelente banheira; ao pé da casa também se prepara um banheiro no rio; mas por cautela não tomar banho lá.

Na rua do Colégio defronte da tipografia do “Liberal Pernambucano” ⁰¹³ há uma iluminação com as seguintes inscrições: na frente, dum lado, Viva D. Pedro II e baixo 23 de julho; e do outro, Viva o Povo e baixo 21 de novembro, e nas bandas duma: Todos os poderes são delegações da Nação, depois indicando o artigo da Constituição, e do outro: Todos são iguais perante a lei e o artigo constitucional também apontado; houve muitas vivas partidas das janelas dessa casa.

23 de novembro de 1859

Fui às 6 ½ visitar o Arsenal de Marinha ⁰¹⁴. Uma rua separa-o em dois, e cumpre remediar quanto antes esse mal.

A oficina das máquinas, movida por 8 cavalos de vapor de baixa pressão, aprontando-se outra de 12, de alta pressão, com três pequenos cilindros, muito engenhosamente dispostos com as outras peças, e ocupando diminuto espaço; é melhor que a do Arsenal da Bahia, havendo 2 belos tornos entre outros, um para bloquear e outro servindo para abrir parafusos de roscas de diversas dimensões.

Há uma fundição pequena podendo o forno conter mil libras de metal e fazendo obras de ferro e de bronze; mas está se trabalhando num belo edifício para uma boa fundição, assim como noutra para as forjas, que se acham em número, creio que de 12, na casa da atual fundição.

A casa de modelos ainda é pobre. As oficinas de carpinteiros e poleiros são miseráveis, e notei que na primeira se estivessem ocupando do arranjo de um teclado taquigráfico para um padre que se apresentou ao presidente da província como inventor; tenho já na Bahia um certo Amando Gentil me falado em igual invenção, sua de que me apresentou um desenho.

Há duas boas carreiras, uma delas a menor de 1851, inspetoria de Rodrigo Teodoro de Freitas, de pedra, tendo uma dois iates, e um quase pronto de 130 toneladas, sendo o outro de 90, podendo-se construir um navio de 1000 toneladas; e a outra 6 batelões em obra para a barca de escavação, que pode conter ... ½ braças cúbicas de entulho, trazendo os 50 baldes ou alcaruzes, 25 de cada lado, em cada volta de 4 minutos ½ braça cúbica de entulho, estando já quase pronto todo aparelho; encomendaram-se mais 3 batelões, e deve completar-se o número de 12.

Existem 3 guindastes, um de levantar 400 arrobas e duas caldeiras, que quase sempre dão entrada aos botes e escaleres servindo, para a Capitania do Porto policiá-los, num deles para o lado dum ângulo reentrante estava anteriormente colocado no Forte do quebra-pratos, cujas salvas fraturavam vidros e louças das casas vizinhas.

No seguimento do cais do Arsenal, há um trapiche que avança para o mar, e ainda se não demoliu apesar da manilha ter sido concedida com a condição de o ser quando fosse preciso e depois o do Argolo que estreita o porto, que já não é largo.

Os menores estão muito mal acomodados, e os alimentos não são em geral, de boa qualidade, e disseram quando eu assistia ao almoço que o café não era sempre assim; a ração pareceu-me suficiente.

Fizeram exercícios de ginástica menos mal e vi desenhos de alguns bem-feitos, tencionando assistir aos exames de geometria aplicada às artes e mecânica, à física, química, onde disse o Elizário que os rapazes têm feito progressos principalmente nas primeiras matérias.

Têm alguns instrumentos de física e química que o inspetor tem podido ajuntar, e um gasômetro em miniatura onde tem preparado o gás da turba de Marau.

Em 1^{as} letras estão atrasados, os que interroguei, e o professor pareceu-me mau, não sabendo apesar de padre corrigir as respostas dos rapazes em doutrina cristã, nem perguntar-lhes.

O almoxarifado ⁰¹⁵ que fica para o lado da rua oposta ao mar, está bem arranjado e os gêneros para a marinhagem, exceto o café, pareceram-me bons. Há 6 mil paus de sucupira bem arranjados, tendo de idade de corte termo médio 4 anos. Há outras madeiras em número muito menor. Não há ainda companhia de artífices.

A torre do observatório ⁰¹⁶, onde estão a secretaria e o arquivo da Inspetoria e os papéis e lugar de despacho da Capitania do Porto, para que se está fazendo agora uma torre diagonal numa das extremidades do Arsenal perto dumas caldeiras, tem 93 ½ pés ingleses acima do nível médio da superfície do mar; e sobe-se até a cúpula por 138 degraus.

Não há bastante estabilidade para as observações de precisão, mas serve para as marítimas, possuindo uma pequena luneta meridiana, um teodolito, e um pequeno circulo que estava dentro de uma caixa. Vi um pluviômetro, um termômetro bom de máxima e mínima, e uma agulha de declinação curiosa por ter sido feita em 1754 em Portugal, com pinturas de gosto antigo no circulo de papelão que indica os rumos.

A melhor estrela daqui para se observar, segundo ouvi ao Elizario, é Fomalhat. A cúpula é girante; sendo necessário empregar alguma força e tem uma fresta de fechar e abrir.

Nas paredes da cúpula há escritas L. S. 8 graus 3 minutos 40 segundos; Lg E do Rio 8 graus 7 minutos 50 segundos; L O Gw 34 graus 52 minutos 10 segundos.

Há na torre um bom relógio, e cujo martelo que toca o sino das horas ao levantar faz cair um balão ao meio-dia em ponto. Pedi ao Inspetor uma informação a respeito das necessidades do Arsenal.

Depois do almoço fui ver o Hospital de Caridade, recolhimento dos Órfãos e expostos. O monsenhor Moniz Tavares ⁰¹⁷ que superintende os estabelecimentos de caridade acompanhou-me.

O Hospital ainda está, com 117 doentes agora, muito acomodado numa casa particular, ainda que 6 Irmãs de Caridade o tragam tão limpo quanto é possível; a roupa de cama muda-se de 10 em 10 dias em geral por causa da lavagem a léguas de distância. O novo hospital ⁰¹⁸ é obra magnífica, e o desejo de aproveitar o que já está feito para o baile, por ocasião de minha visita à Província, fez com que a obra se adiantasse bastante, ao menos o baile foi aqui útil, ainda que indiretamente.

Pretendem fundar o Asilo de Mendicidade num dos aposentos térreos do Hospital; mas creio que melhor se empregaria o dinheiro da subscrição em dar incremento ao Hospital.

A vista que se goza do segundo andar do Hospital, cuja ala da frente é que já está quase pronta, é muito bela, porém nem tanto como a torre do observatório.

O recolhimento dos órfãos em 23 de fevereiro de 1847 sob a presidência do Chichorro tem edificio muito acanhado para 80 meninos, que me pareceram pouco adiantados na instrução. Vi trabalhos de mão bem-feitos. Comida boa, mas insuficiente. Camas muito unidas. Tem 6 Irmãs de Caridade que dirigem o estabelecimento. Mau cheiro junto a um quarto, usando-se de cubos de pau como na Enfermaria da Marinha, que é bastante acanhada, e cujo serviço consta da informação do diretor que vai junta.

Os expostos estão perto do quartel da polícia que o devassa, assim como uma casa que é patrimônio seu; mas está ainda alugada, tencionando aproveitá-la desde que termine o tempo de aluguel.

As meninas, não vi meninos, começaram há 4 meses a ser dirigidas pelas Irmãs de Caridade, e apenas algumas lêem sofrivelmente. Há pequenos trabalhos de mão já feitos. O médico disse-me que a mortandade dos expostos é de 50%. Criam-se fora e dentro do estabelecimento, mas são recolhidos logo que chegam aos 7 anos. Os meninos são mandados para o Arsenal, creio que de Marinha, aprender ofícios, e por isso talvez não os visse.

O estabelecimento tem demanda com os herdeiros do Morgado ⁰¹⁹ que pretendem, sem razão conforme diz o Moniz Tavares, reaver o terreno e edificio da casa dos expostos; contudo já se fala de composição pecuniária.

Entre 5 ½ e 6 fui passear pela estrada de Apipucos onde há diversas chácaras muito bonitas, com belos coqueiros e casas, distinguindo-se entre estas a do Beberibe ⁰²⁰ hoje de Augusto de Oliveira, e sobretudo de um inglês Gibson ⁰²¹, segundo ouvi, figurando um castelo gótico, é de muito bom gosto e estava muito bem iluminada quando voltei, pouco para cá da Casa-Forte; hei de ir ver esse lugar histórico, assim como gozar da bela vista de Apipucos no domingo antes do almoço.

24 de novembro de 1859

Às 6 e tanto fui ver a fábrica do gás. É importante e colhi as seguintes informações: Faz 120.000 pés cúbicos em 24 horas enchendo as 60 retortas 6 vezes e gastando 7 toneladas de carvão de pedra. Começou a funcionar a 26 de abril deste ano e o regulador mostra que já fabricou 8 milhões e 600.000 pés cúbicos de gás. Purifica com cal preta e também com éter misturado com serradura, tendo 4 purificadores; mas o gás tem ordinariamente bem mau cheiro quando arde. Tem 2 gasômetros cada um com a capacidade de 120.000 pés cúbicos; mas o vento norte estragou um deles no dia 13 de agosto deste ano, chegando a deitar abaixo um grosso pilar de alvenaria, é verdade que em terreno arenoso. A pressão ordinária do gasômetro é de duas polegadas de água no manômetro. Tem 3 máquinas de vapor de 6 cavalos cada uma, revezando-se duas para fazer vácuo, e obrigar o gás a atravessar os rolos dos purificadores e a outra para elevar a água que condensa o alcatrão, que se obtém na quantidade de 10 libras por cada tonelada de carvão consumido; vende-se por muito menor preço do que é ainda cozido. Já há 180 lampiões na cidade acesos, e 300 casas já têm gás; porém os lampiões são pouco elegantes, e vi alguns de haste de madeira.

Depois visitei a Casa de Detenção ⁰²² que é uma bela obra. Já tem a muralha exterior pronta com passeio por cima e guaritas para as sentinelas e dois torreões, onde se conservam os presos, que entram depois das 6 da tarde. O raio do norte está pronto servindo para os detentos, os pronunciados e os sentenciados, tendo visto eles o célebre Tomás Gouvêa,

que matou um caboclinho que o acompanhava por não ter a quem matar. É de feia catadura, e conserva na face esquerda a cicatriz de bala que lhe quebrou os ossos da cara quando o foram prender.

As celas chegam a ter 12 presos; há água em todas, menos nas solitárias, vindo de 2 tanques, que se enchem por meio de bomba.

Existem banheiro para os presos e empregados, parecendo-me tudo bom menos as varandas para os guardas vigiarem por defronte das celas; e a alimentação que não é boa nem suficiente; as celas das presas defronte das dos presos e a enfermaria onde há bexigentos no mesmo raio dos presos, aparecendo bexigas desde que algum é vacinado, conservando-se na prisão, assim como os loucos.

Ainda não tem altar para os presos ouvirem missa, apesar de requisitado há meses, e a roupa foi fornecida uma só vez de há 3 ½ anos para cá.

Um dos sentinelas, que é da guarda-nacional, comandados por um oficial de linha, não tinha pedra no cão da espingarda, e segundo o Florencio o administrador, que parece muito ativo e não tem papas na língua, [*diz que*] esses guardas quando não dormem sujam as paredes com obscenidades.

A obra do cães é muito precisa para que o mar não chegue à muralha brevemente e é para notar que em lugar de se ter terminado o 3º braço do fundo que já estava bastante adiantado se comesse quase a fazer o do sul, que de certo não ficou coberto no fim do ano, como esperava o Saraiva, segundo leio no seu relatório; contudo existe o que é necessário para terminar o raio.

A obra devia ser feita em parte pelo Governo Geral, pois essa casa recebe presos de diversas províncias do Norte.

Trabalham bastante e já fazem 150 pares de botinas por dia e algumas tão boas como as finas européias.

A diária para a comida é de 240 réis. A mobília da casa da guarda é miserável. Os presos dormem em tarimbas de levantar.

Enfim, antes de vir almoçar ainda fui à Caixa d'água da Companhia Beberibe. Contém 3500 barris e já supriu a cidade por 2 dias por ter-se arreventado um cano. A água de superfície apenas tem poeira por cima; porém é tão boa como a que se tira de 7 bicas que há do lado do rio. A vista que se goza da abóbada de cima não é má. A água vem dum olho a duas léguas de distância para o lado de Apipucos, onde há outro reservatório, ou antes açude segundo me disseram.

Acabado o almoço, estive estudando a história dos lugares memoráveis na guerra com os holandeses, e ao meio-dia e 20 fui ao Arsenal de Guerra ⁰²³. Muito acanhado, porém bem arranjado, não havendo senão raras máquinas e estas mesmas de mão.

Os capotes e calças de fazenda pouco própria; os sapatos vindos do Rio são melhores que os que vi na Bahia; mas estragam-se com qualquer chuva, segundo ouvi ao Comandante dos artífices, sendo feitos na Ilha de Fernando muito bons, e os comprados aqui superiores aos primeiros mencionados; os que vêm do Ceará já não prestam.

As camisas e calças parecem-me curtas, e a oficina de alfaiates tem muito poucos oficiais, fabricando-se a maior parte das peças de fardamento fora do Arsenal.

Os menores e artífices têm as camas muito unidas por falta de espaço, mas os gêneros são bons, menos a farinha dos artífices, parecendo-me contudo insuficiente a ração destes.

Os menores lêem apenas sofrivelmente, desenham menos mal, e resolvem problemas fáceis de geometria, sabendo mal a conta de repartir; não vi as escritas, porque o mestre tinha levado as chaves das gavetas.

O armamento dos artífices ⁰²⁴ faz gosto vê-lo de bem limpo.

Trabalham bem de ginástica e há 20 formam um núcleo de corpo de bombeiros, tendo feito alguns exercícios, como o de escadas até um primeiro andar, donde desceram mal pela manga por causa da pouca altura. O diretor deu-me um relatório que junto.

O coronel Lobo queixou-se de ainda servir interinamente de secretário do conselho de compras, cuja repartição me pareceu regular.

Às 5 ¾ fui passear pela Madalena voltando pelos Remédios e Afogados. A ponte da Madalena está belamente situada sobre o rio Capibaribe e senti passar pelo aterro dos Afogados, que no fim da ponte do lado da cidade até terminar conta 738 braças e acaba de ser macadamizado, como a ponte cortada, de noite; porque não pude ver a linda vista dos dois lados, observando da do mar parte da estrada de ferro e de frente para a banda da cidade e de Olinda.

Vi na estrada dos Remédios uns coqueiros barrigudos Macaíbas (Macaúbas) de cujas folhas menores tiram-se por maceração fios de seda porém mais áspero que esta; pedi-os ao Melo Rego que me deu esta informação e as outras que se seguem.

Há bom barro para olaria, principalmente do lado direito da estrada dos Remédios vindo para os Afogados, e nesses campos pasta mal o gado uma gramínea só menos dura quando mole chamada luca, nome também dum lugar próximo à estrada dos Remédios.

Para consumo da cidade matam-se diariamente 100 bois; o que admira comparando a matança no Rio, sendo a população do Recife, como ainda ouvi esta tarde ao Figueira de Melo, cuja estatística ainda está a se publicar toda há 7 anos, por culpa da tipografia do “Diário de Pernambuco”, de 80 mil almas; é verdade que calculada em 1846.

O matadouro fica do lado direito do aterro dos Afogados vinda para a cidade.

Na passagem da Madalena há uma ponte do Chora-Menino como existe um chafariz na Bahia, célebre na setembrada, tendo-se por essa ocasião, segundo o vulgo, escondido muitos cabedais numa vala.

Na volta para a cidade passei pela rua direita, que é uma serpente quase na forma.

Esqueci-me dizer que depois de sair do Arsenal corri grande parte do Recife vindo por fora na Rua da Cruz a casa e escritório de Meuron, que foi onde morou João Fernandes Vieira. É estreita e de 3 andares, tendo 3 portas no rés do chão, 2 janelas de balcão corrido no 1º andar; 3 de sacada de ferro corrida no 2º andar; e 2 de peitoril no 3º.

Algum tanto mais adiante do lado oposto, à direita indo para fora de portas, que existiam outrora junto a um forte de Bom Jesus, demolido pelo Paraná, no princípio da rua da Cruz uma figura de baixo-relevo na parede duma casa ⁰²⁵, representando um homem de barba longa e segurando numa espécie de gado com vestido talar, e tendo sobre a cabeça uma inscrição onde julguei ler: Jacob Bettick Genaemt; havendo outras letras que não decifrei no pouco tempo em que estive parado; hei de mandar lá alguém para examinar melhor.

Vi também as ruínas do antigo forte do Matos ⁰²⁶ junto à casa da Assembléia Provincial, que pertenceu à Inspeção do algodão e o beco estreitíssimo, onde foi assassinado o Fidiex.

Às 8 fui ver a pé todas as luminárias, sendo a mais bonita a do bairro Boa-Vista. Gastei 2 horas e 20, muita gente; muitos vivas, e quando cansavam as goelas aplausos com as palmas das mãos, e muito pó, sendo para lamentar que as mais belas se contem na maior parte, que não estão calçadas.

Disseram-me que um bom prédio no Recife junto à ponte nova, é do engenheiro da província José Mamede Ferreira ⁰²⁷.

O diário vai escrito muito à pressa porque preciso de descansar.

Antes do almoço vieram os pescadores com uma jangada sobre rodas e armada de folhagens, e todos uniformizados, oferecer-me uma bela pescaria de cavalas que encheram três salvas grandes.

No passeio da tarde vi um coqueiro cujo tronco em certa altura formava uma dupla curva.

25 de novembro de 1859

Saí depois das 6 e fui primeiramente ao estabelecimento Cambrone ⁰²⁸ para limpeza da cidade. Examinei os diversos sistemas de latrinas pretendendo ele separar as matérias sólidas das líquidas, que por meio de canos de grés vidrados serão conduzidos para o rio, vindo as sólidas depois de desinfetadas quando recebidas nas casas, por água até defronte do estabelecimento onde se converterão em “poudrette”.

A estrada do norte para Olinda passa por defronte do estabelecimento, e talvez convenha que a “poudrette” não se prepare desse lado, mas para o fundo do terreno do estabelecimento que deita para a Tacaruna. Já tem toda planta feita para limpeza dos 3 bairros, e espera qualquer dia uma remessa de canos. As casas não são pequenas, tendo diversas oficinas, e 38 trabalhadores belgas, esperando mais 15. Cambrone é francês e parece francês; hei de procurar ver as condições do contrato feito com a província, em outubro do ano passado. As latrinas nas casas têm reservatório d’água que é a que ajuda na separação das matérias

Pouco adiante do lugar do estabelecimento para lado do istmo de Olinda na distância de cerca de 1.000 braças dessa cidade, mostraram-me um pequeno teso, onde consta que houve um forte do Bom Jesus. Pensei que fosse o forte da terra, mas já sei que esse que também se chamou de São Jorge era onde se acha agora a Igrejinha do Pilar, fora das portas.

Depois fui ao Hospital Militar, vendo no caminho numa das janelas da casa onde mora o Borges da Fonseca ⁰²⁹ que me

cumprimentou antes de eu fazê-lo; achei-o mudado da última vez que o vi e parece que voltou para a cidade, donde até se disse que se retirara, o que já creio que não é exato, para Iguarassu, por causa do entusiasmo do povo, pois logo que cheguei soube que o tinham antes ameaçado de quebrar-lhe os tipos se continuasse a fazer como fazia na Tesoura e outro papelucho, que ainda não li.

O hospital ⁰³⁰ ainda não está acabado, mas o plano me parece bem. É espaçoso, mas falta-lhe água apesar de a caixa d'água feita, já havendo ordem para encana-lá, por encontrando-se embaraços da parte da Companhia Beberibe.

Apenas tem um caixa incompleta de instrumentos cirúrgicos. As camisas e calças fornecidas são curtas e estreitas, sobretudo para doentes. Não tem sala de convalescentes. O diretor mora no Monteiro, porém disse-me que dormia às vezes no hospital numa cama que mostrou-me. No tempo das águas não pode ir para o hospital por um lado, porque encharca.

O óleo de rícino da botica não é do melhor, e não sei como serão outras drogas. Abundam moléstias sifilíticas, e a mortandade maior é de tuberculose. O diretor ficou de apresentar-me um relatório. Junto o mapa diário.

Depois do almoço fui ao Curso Jurídico ⁰³¹. Casa acanhada. Assisti a exames de todos os anos. Estudantes fracos, entre os quais o filho ⁰³² do visconde de Albuquerque no 2.º ano.

Ouvi a todos os lentes menos o Pereira Rego ⁰³³ e Aprigio Guimarães ⁰³⁴, e dos que não conhecia gostei do Portela ⁰³⁵, Bandeira de Melo Filho ⁰³⁶, Braz Florentino ⁰³⁷ e Pinto Júnior ⁰³⁸.

O Loureiro ⁰³⁹ parece saber o que ensina, mas parece carranca e tem pronúncia portuguesa muito acentuada. O Nuno ⁰⁴⁰ creio que também sabe o compêndio. O Aguiar ⁰⁴¹ repisou muito as idéias.

Ví na sala de exames do 3.º ano um púlpito do princípio da Escola.

Indo à Secretaria contei 50 estudantes, entre os quais grande número dos que figuram agora na vida pública, que fizeram exame do 1º ano em 1829, primeiros exames do novo curso jurídico, porém, muitos vieram de Coimbra, segundo me disse o Aguiar, um dos estudantes da criação do curso.

A biblioteca está no Colégio das Artes, que visitarei amanhã.

Depois da 5 e meia fui passear à Soledade voltando ao Largo da Cruz.

O bispo ⁰⁴² tem um bom palacete no chamado corredor do Bispo, que é uma boa rua, e apesar de possuir outro em Olinda, onde está a Catedral, só aí passa 2 dias da Semana Santa.

Defronte do quartel do nono, na soleira de uma casa que reví melhor depois, foi que um tiro matou o Nunes Machado.

Sempre muita poeira, e a cidade carece de ser ao menos macadamizada nas ruas principais, assim como de mais pontes sobre o rio, porque é muito incômodo ter de passar do bairro de Santo Antônio sempre por uma imensa ponte para o da Boa Vista ou o do Recife; o complemento do cais também é muito necessário.

Falei com o Dr. Feitosa ⁰⁴³ antes do jantar, e de noite veio com a deputação de suas duas sociedades congratular-me fazendo queixas políticas. É pardo claro, com olhos mais abertos que inteligentes, e ares de ambicioso pouco ousado na ação. Exprime-se com facilidade e parece estar agora em excelentes idéias. Disse-me que lhe parecia que o Forte de São Jorge ficava para o lado da Tacaruna.

De noite, depois das 8, vieram 2 batalhões patrióticos, ambos com bandeiras, e o primeiro com tochas e de traje branco com chapéu de palha com fita verde, trazendo alguns archotes e bastantes a cavalo, acompanhando todos um carro figurando o Capiberibe, que se levantou para recitar versos, sendo o que segurava as rédeas dos dois cavalos, sustido pelos freios de segurança, outra figura do rio assentada num [*ininteligível*] a abanar com o movimento do carro, que trazia 7 meninas e cantaram um hino acompanhado por uma das duas bandas de música também de traje branco e chapéu de palha com fita verde.

O Lamenha ⁰⁴⁴ comandava os batalhões e entre os soldados do primeiro conheci o filho do Magalhães Castro a cavalo, e do general Coelho ⁰⁴⁵, sustentando uma das bandeiras. Houve muito foguete e viva, e a praça até quase metade principiando da porta do Paço estava apinhada de povo.

Caíram algumas gotas d'água hoje e chuvei pouco ontem.

De manhã há terral do quadrante N.E. e de lado de S. a E. e quase há sempre muito fresco principalmente em Palácio. As trovoadas aparecem no princípio do inverno, e durante este é que há chuvas, que às vezes duram dias a fio como sucedeu este ano.

26 de novembro de 1859

Às 6 fui ao Caxangá ver a ponte ⁰⁴⁶, que dista do largo do Colégio, donde se mediram todas as distâncias 4.800 braças, havendo um aterro pouco adiante do lugar do viveiro pouco menos de 2.800 braças até o Caxangá, pequena aglomeração de casas térreas com sua capelinha. O caminho é o de Pau-d'alho e vai-se pela ponte de Madalena.

Notei que os gêneros ainda vinham às costas de cavalos, sendo a estrada até Pau-d'alho de carro, e disse-me o Melo Rego que na estrada da Vitória já há bons carros como em Petrópolis. Cada cavalo carrega 2 sacos de açúcar cada um de 5 arrobas, e o condutor vai assentado em cima.

A ponte é suspensa por cordas de arame de ferro em dois pegões e tem o vão de 270 palmos que é pequeno para as grandes cheias do rio, tendo a de 1854 chegado até os barrotes da ponte. O pegão da parte de além abateu de um lado e rachou o arco de abertura que tem para a passagem da águas, inclinando a haste de ferro do lado direito indo por cima da qual passar a corda de arames, puxando pela ponteira que também se desviou da vertical e para isso fizeram um arco por baixo da que existia, segurando ainda o pegão por meio duma estacada de 15 palmos de profundidade retendo um revestimento de alvenaria enterrado no chão 12 palmos.

Depois de concluída esta obra sucedeu o mesmo ao pegão do lado oposto onde se fez para segurá-lo o mesmo que ao primeiro. Enfim, a ponte construída em 1854 carece de ser substituída por outra de melhor sistema, e consta-me que já há planta.

Vi no Caxangá o Dr. Pto. Pessoa ⁰⁴⁷ que concorre 3ª vez para substituto da Faculdade. Amigo antigo de Borges da Fonseca mostra-se agora monarquista, e veio oferecer-me a casa para descansar. É muito preguiçoso, e diz que não sabe completar a leitura duma obra.

Pouco adiante há uma ponte que a cheia deste ano botou abaixo, convindo como me disse o Melo Rego, e parece acertado, deixar as águas passarem por cima do aterro, calçando-o nesse lugar convenientemente. O dono do engenho do Brum opõe-se, mas há uma vala para esgoto das águas do seu terreno.

Depois do almoço fui à Faculdade, mas os lentes Pereira Rego ⁰⁴⁸ e Aprígio ⁰⁴⁹ já tinham argüido. Ouvi o resto do exame do dia do 5.º ano e fui à livraria do Curso. Tem bons livros novos, porém muito pouco próprios dum curso de direito e das matérias preparatórias e bastantes alfarrábios de teologia talvez vindos de algum convento. Há catálogo que está se acabando de imprimir; mas não vejo classificação dos livros nem indicações dos lugares para achá-los; o cônego Pinto de Campos, que é o bibliotecário, disse que não era difícil achá-los por serem poucos; contudo o número não é muito diminuto. Ao pé há uma chamada biblioteca, com os respectivos empregados; mas sem quase escolha nos livros havendo até alguns cuja leitura é nociva, muito pequena, estando os livros apenas classificados nas estantes, em 3 ramos, porém falhos de indicações para achá-los.

Depois assisti aos exames de geometria e aritmética e geografia. Os estudantes foram em geral bastante fracos, e o professor de filosofia pareceu-me pelo modo porque examinava saber mais aritmética do que o professor da aula; aquele chama-se creio que Herculano de Sousa Bandeira, e este João Vicente da Costa e Silva.

O professor de geografia parece mau, e o outro que também examinava apesar de ser professor de Retórica (chama-se creio que Francisco Seráfico de tal) perguntou bem.

Houve escrita em geometria, em história e geografia; o examinando nessas últimas matérias era fraquíssimo.

Nas notas dos exames de ontem e que assim julgo pelo que presenciei, que houve favor para todos os aprovados plenamente que mereciam levar um R.

As duas casas da Faculdade de Direito e Colégio das Artes ⁰⁵⁰ são até quase indecentes e muito acanhadas; ao menos caiem-nas e pintem-nas.

Voltei a casa pouco antes das 3 e fui ver 4 escolas de 1ªs letras, as que segundo a informação do Diretor da instrução pública provincial o dr. Portela ⁰⁵¹ se tornavam dignas de visita nos 3 bairros da cidade.

Aula da travessa do Carmo, casa n.º 1 do padre Varejão. 128 matriculados, e 80 a 90 de freqüência. Casa muito acanhada e com pouco arranjo, queixando-se o mestre de que lhe dão só 200 mil réis por ano para casa, além do ordenado que é francês e inglês, até um dicionário grego-francês de [*ilegitvel*] que eu não conhecia; mas o professor respondeu-me que só arranhava um pinguinho francês e um pinguinho de inglês.

Pouco trabalho; mas os meninos estão sofrivelmente adiantados. Queixou-se de que lhe mandassem os traslados sem ser em quadros, não servindo por isso.

Aula da Rua da Glória. 124 matriculados e 80 a 90 de freqüência. O professor pareceu-me sofrível; mas a casa é muito acanhada e térrea.

Aula de meninas, 87 matriculadas e 60 a 70 de freqüência. Casa melhor e de sobrado, a professora é boa.

Aula de meninos na rua dos Guararapes; 61 matriculados e freqüência 46. O professor pareceu o melhor dos que já vi esta tarde. Os estudantes continuam como em todas as partes, com poucas exceções, a mostrar-se muito fracos em aritmética.

Depois das 8 da noite fui ao Teatro ⁰⁵². É elegante, mas pequeno, e com 4 ordens de camarotes, creio que 61 no todo. O meu camarote tem boa sala de descanso, mas a escada, apesar de bem lançada, é a geral. Cantaram retalhos, e mal, sendo a orquestra sofrível, acabando às 11 e 5 minutos. A iluminação é a gás.

Esqueci-me de dizer que na travessa do Remédio, tendo sido a estância ou o ponto da gente de Camarão no Remédio, há apenas 1 capelinha, que vão agora reparar, construída pelo padre Manuel Caetano no tempo de Caetano Pinto.

Junto duas notas a respeito da figura na casa nº. 64 da rua da Cruz.

Na povoação de Caxangá há uma fontezinha de água férrea que provei, não turva muito e é procurada pelos doentes.

A noite passada quando me deitei ventava muito.

27 de novembro de 1859

Fui às 6 da manhã dar um passeio até o açude do Prata. Pouco distante da cidade, toma-se à esquerda do caminho de Apipucos, passa a igrejinha da Estância, que passa por fundada por Henrique Dias, que se achava postado com sua gente na passagem da Madalena e suas circunvizinhanças. Está maltratada, e tem uma irmandade de pretos.

Largando novamente a estrada de Apipucos toma à esquerda pelo caminho do Chacon a encontrar o rio pouco acima da passagem do Cordeiro no Capiberibe, onde Fernandes Vieira passou o rio a cavalo com sua tropa para atacar os holandeses na Casa-Forte ou no engenho de Ana Paes senhora dele ou de Isabel Gonçalves rendeira.

A maré chega até Apipucos e o rio não dá vau na passagem de Cordeiro quando a maré está cheia ou no tempo do rio tomar águas; gastei 5 m. andando ligeiro do começo do caminho do Chacon até o rio.

O engenho Cordeiro fica para cima muito pouco, e mais acima há outra passagem. Pouco depois de tomar a estrada de Apipucos larguei-a, seguindo para o lugar da Casa-Forte, de que não se tem encontrado o menor vestígio, estudando-se o terreno até os caldeireiros, caminho que segue para a esquerda; em poucos minutos achava-me de novo no caminho de Apipucos.

Daí a pouco passei pelo Monteiro, onde há duas casas e uma capelinha, e não parei senão em Apipucos, onde entrei na capelinha que dizem ter sido fundada por uma certa Branca Dias, dona desse engenho, de que me mostraram pouco longe da capela e à esquerda, olhando daí um resto de pilar da casa de vivenda, e à direita da mesma posição restos da casa de purgar.

Um José Afonso Ferreira da Boa Vista na cidade, tem papéis antigos a respeito dessa capelinha.

Depois fui ver o açude do Prata. Forma uma espécie de lago, gastando na andadura do meu cavalo 6 minutos a circulá-lo.

Deram-me muito boa água ali colhida para beber, mas é preciso guardá-la um dia ao menos para perder o gosto de ferro, que tem mais ou menos, sendo bastante sensível, e diferindo a bebida logo do açude apenas na temperatura que é morna.

Deste açude parte o encanamento de águas da cidade, obra da Companhia Beberibe.

Na volta gostei da bela vista do alto dos Apipucos, donde se descobre a cidade e toda a Várzea, com lindíssima visão, sendo provavelmente a eminência donde diz a história que Henrique Dias observava os movimentos do inimigo. O proprietário do sitio, o comandante do corpo policial tenente-coronel do exército Sebastião Lopes Guimarães mandou fazer um mirante de pau, com escadas e rodeando uma árvore que aí dá, tornando-se assim um lugar bellissimo para tomar café e conversar de tarde ou de manhã antes de vir o calor.

Não muito distante de Apipucos tomei à esquerda pelo beco que chamarei caminho do Quiabo, e depois de pequeno

declive cheguei ao Arraial-velho fundado por Matias de Albuquerque chamado na história de Arraial do Bom Jesus, que está num plano que desce depois insensivelmente para o caminho de Apipucos. Há algumas casas. Há colinas à esquerda e a que fica do caminho do Quiabo vai para o lado de Apipucos até a casa, que é boa, do português Ferreira. O comandante da polícia, que diz ter caçado muito por aí, nunca achou vestígios de acampamento entrincheirado, mas será bom examinar melhor pois ele certamente não é exceção de ignorância ⁰⁵³ que encontro em geral nos pernambucanos da história gloriosa de sua província nessa época.

Ainda me desviei para passar pela povoação do Poço da Panela com mais casas do que Apipucos e uma igreja; é a freguesia, o inglês Gibson ⁰⁵⁴ tem aí uma casa que parece bem arranjada.

Sai no açude do Prata pouco depois das 8, às 8 e 40 já estava no palácio do Mosteiro, para cá pouco do Arraial, e às 9 e 40 em Palácio, calculando daqui ao açude do Prata a distância entre 2 ½ a 3 léguas.

A respeito destes lugares célebres na guerra com os holandeses ⁰⁵⁵ irei juntando os extratos que pedi ao Pedreira para fazer de diversas obras. Já tenho num mapa quase que traçado todo o itinerário de Vieira desde que fugiu da cidade até a entrada desta pelos Independentes.

Depois do almoço fui ver as seguintes igrejas – São Pedro Gonçalves – é um belo templo. Foi primeiramente uma capela e quando o Bispo José Justiniano de Azevedo Coutinho quis este, por ordem do governo transferir a matriz daí para a capelinha do Bom Jesus, demolida no tempo do Paraná, junto ao forte do mesmo nome ou o denominado Quebra-Pratos, ele já ia para mudar o Santíssimo o povo amotinou-se, e tendo ele cedido foi por isso chamado a Portugal onde foi perseguido. Ouvi isto do Vigário antes de começar a missa que assisti nessa igreja.

Capelinha do Pilar, no local do forte de São Jorge, muito pequena e maltratada; não achei nenhuma reminiscência.

São Francisco – o mais belo templo de que vi pelo gênero, mas em menor escala do da Bahia; a Capela dos Terceiros é primorosa; mas eles para ficarem inteiramente independentes construíram Igreja sua boa mas sem se distinguir do comum tendo ao pé Hospital pequeno, e com mau cheiro na escada aonde não chegava o perfume queimado nas enfermarias.

Não vi a sala do consistório, que dizem ser muito vasta por estar aí a Secretaria da Presidência durante minha estada aqui, e ser domingo e portanto estar fechado.

Externamente ao convento, como ornato, há dois animais de gesso ou barro que tudo podem ser menos o que pretendem representar que são leões.

Os holandeses fortificaram o convento que defendia a casa do conde de Nassau, e na tomada do convento mataram 70 e tantos, segundo ouvi a um frade que o lera em Jaboaão. Hoje são 18.

A catacumba n° 22 é onde está enterrado o Nunes Machado, cujos ossos disse o periódico Ordem que o Feitosa ⁰⁵⁶ queria trasladar durante minha estada para o cemitério, o Convento foi edificado em 1606 segundo ouvi a um dos frades.

São José, matriz nova. Igreja muito bela que está construindo o bispo. Deve ficar obra majestosa e é pena que já há 3 rachas em três pontos da parede da frente, e duma nave inteira e duas laterais incompletas.

Convento do Carmo – boa igreja e notável pelas belas cadeiras de jacarandá para os frades cantarem o ofício. Estão no corpo da igreja e são trabalhos dum irmão da Ordem. Vi os retratos do sr. bispo de Crisópolis tirado em 1841, não me parece semelhante, e o do irmão bispo do Maranhão que tinha uma bela fisionomia e ser parecido.

Fui à cela do sr. bispo composta de duas peças, que depois pertenceu ao irmão bispo do Maranhão, sendo agora do religioso frei Cândido de Santa Isabel. É no 2° andar e deita janelas para a travessa do Carmo.

Escrevi no quarto de cima e num papel e com pena de aço e papel que aí achei o seguinte, tencionando mandá-lo ao sr. bispo: Escrito na cela de frei Pedro Santa Mariana. Em 27 de novembro de 1859 ⁰⁵⁷. A cela pertence agora a frei Cândido de Santa Isabel.

A Igreja Matriz da Boa Vista é lindíssima no frontispício de pedra lavrada, e muito elegante, mas o interior não merece menção.

O Convento do Carmo tem no frontispício 1767, mas há uma sepultura com a data de 1723, e a do Frontispício é a da reparação.

O bispo do Maranhão, irmão do sr. bispo, está na parede da capela-mor à direita olhando para o altar, não tem nenhuma indicação, nem sinal de que há aí sepultura.

Belém – pequena e maltratada. Ai se recolheu o corpo do Nunes Machado quando o encontraram. O quartel general dos rebeldes foi no caminho de Belém para cá da capelinha e duma pequena ponte, à direita de quem vem.

Um major velho que tem andado pelo palco se diz descendente do Vieira; refere que Belém foi construída por Vieira sendo donos das terras circunvizinhas.

Conceição dos Militares – um belo templo que se classifica logo abaixo do de São Francisco e tem uma varanda perto do teto do coro da igreja, rodeando-o, de belo gosto antigo, que ainda não descobri em nenhuma igreja das que tenho visto no Brasil. Por baixo do coro há a pintura da batalha dos Guararapes, cuja descrição vai anexo.

Espero informações a respeito de algumas destas igrejas. Senti não ter achado a profissão do sr. bispo, mas prometeram examinar se existia ⁰⁵⁸.

De tarde depois das 5 ½ acompanhei a procissão do Corpo de Deus que foi concorrida estando as ruas cheias de povo ⁰⁵⁹.

28 de novembro de 1859

Saí às 7. Corri parte do bairro de Santo Antônio e do Recife, reconhecendo por detrás da capelinha do Pilar, defronte do portão da fortaleza do Brum pouco distante uns alicerces à flor do chão sobre uma altura de areia, e do lado direito da capelinha do Pilar, olhando para ela, e por baixo da parede de pedras com tijolos de permeio arranjados de modo que parecem duma parede desabada; julgo que a Capelinha foi com efeito edificada sobre o lugar do forte de terra ou de São Jorge; o do mar perto do farol sobre o recife fica quase no alcance da Capelinha.

Passando pela rua da Cruz verifiquei que a figura tem na mão esquerda um livro, e na direita uma vara e está de toga com uma faixa na cintura atada com laço, barba longa e pés descalços.

Soube que a Igreja de São Pedro Gonçalves é a mesma do Corpo Santo e reconheci bem o local do forte do Bom Jesus ou Quebra-Pratos, sendo o arco que estava ao pé e formava as portas do Recife para o lado do Norte ou da terra muito bonito principalmente por causa da capelinha toda dourada do Bom Jesus que tinha em cima.

Antes de ir à Alfândega entrei na Igreja de Madre de Deus, que é bom templo com a capela-mor toda dourada e tendo pinturas nos painéis das paredes, admirando a rica obra de talha em cedro sem ser envernizado o teto da sacristia com belo apainelado e anjinhos quase que de inteiro relevo.

No bairro de Santo Antônio estive na Igreja de São Pedro dos Clérigos cujo frontispício é muito elegante e de pedra, distinguindo-se os relevos da porta principal, e o interior todo dourado, com excelentes proporções e o corpo octogonal correspondendo dois lados, um à capela-mor e outro à porta, e os restantes ocupados por altares; até a pouca luz a torna mais bela, em arquitetura e gosto é decerto a primeira igreja da cidade.

A alfândega está no antigo convento dos Manigrepos ou São Felipe Neri a que pertencia a Igreja da Madre de Deus, a que se ligava o edificio hoje da Alfândega desde 1837.

É vasto, mas o serviço é mal-feito não tendo nem trilhos de ferro e subindo os fardos em carrinhos por uma rampa para os armazéns do andar superior, receando o Inspetor carregar um destes feitos no tempo de Sampaio Viana, estando aliás muito cheio, é verdade que de fazendas francesas, um dos do mesmo andar do antigo convento. Quatro vigas de madeiramento do armazém bastante longo e largo do tempo de Sampaio Viana já foram reforçadas. As pontes só admitiam 2 navios a descarregar e só de certa lotação em qualquer maré, ainda que não haja risco em encalhar no baixa-mar por ser o fundo de areia, e se quiser estender a Alfândega o lado porque poderia fazê-lo está tomando e o vai sendo cada vez mais pelos armazéns particulares. Havia poucos gêneros. Fizeram-se 2 torreões por ocasião da mudança em 1837, para simetria com outros dois do convento mas não servem agora para a Alfândega por ser muito incômodo subir os andares.

A casa do despacho não é má, tendo sido feita por ocasião da mudança e às 9 ¼ fechou-se em minha presença o portão havendo faltado poucos empregados, e quase todos por [sic] doentes. Pedi diversas informações ao Inspetor.

Fui depois ao Consulado Provincial ⁰⁶⁰ e Recebedoria que ocupa um dos torreões, tendo alguns cômodos vagos em que poderia estabelecer-se talvez com vantagem pedindo diversas e depois visitei a este ultimo que se acha em casa particular porque se paga 1:600\$000 pedindo o dono aumento de aluguel. Pedi ao administrador diversas informações, parecendo-me tudo em ordem ainda que se ache acanhado. Perto da Alfândega há um armazém com ponte onde se embarcam os algodões onde eu fui antes de visitar o consulado provincial.

Num armazém nacional arrendado a particular que ocupa parte do local do antigo forte do Matos havia uma pedra com coroa e cruz [?] que disseram achar-se no Arsenal de Marinha.

Acabado o almoço fui visitar as repartições gerais e provinciais que se acham no antigo Colégio dos Jesuítas. Estão bem acomodadas, menos a tesouraria ⁰⁶¹, que tem os armários dos arquivos pelos corredores, parecendo-me o cartorário um pouco trapalhão. Seis dos melhores empregados estão fora da tesouraria em comissões, de que se queixa o inspetor. O que pude examinar agradou-me.

Achei aí um livro de 1644 que parece do tombamento de bens do estado a que lhe pagavam direitos, e recomendei ao Fiúza para mandar examinar os livros antigos que se encontrassem nestas repartições. Há um livro de patentes de 1665 mas não consta que se encontre no arquivo assinatura de qualquer dos cabos portugueses na guerra com os holandeses.

O correio ⁰⁶² parece em boa ordem, mas havia as cartas do paquete inglês em 4 horas, e as dos paquetes que vêm das Províncias ao sul de Pernambuco de 4 a 6 horas.

Há dias de vender 100\$000 de selos, que parece haver inconveniente em serem fornecidos pelo Ministério da Fazenda, que muito pensionado esquece-se de mandá-los para as Provinciais; temos o Almeida Pereira visto embarçado na remessa de cartas antes da sua saída da Bahia.

A Tesouraria da Fazenda Provincial ⁰⁶³ parece em boa ordem; mas a contadoria tem muito poucos empregados, estando contudo em dia a tomada de contas, o que não sucede no geral, em que do exercício de 57 a 58 só se tem tomado algumas.

Disseram-me na Tesouraria Geral que não faltavam bilhetes, mas cobre, demorando-se por isso o pagamento à marinhagem, e sendo o ágio do cobre de 8 a 10%.

O Pedreira disse-me esta tarde que lera no Jaboatão, Arraial Velho denominado Arraial do Bom Jesus de Parnamirim, o que decide a questão do local no sentido do que já escrevi, e que o Forte do Convento de São Francisco era o forte Ernesto – Castrum Ernesti – de Barlaeus, assim como que não vem referido o número dos frades mortos.

Depois das 5 ½ fui ao cemitério que é digno de ver-se por seu bom arranjo e belos sepulcros e capelinha em estilo gótico de risco de José Mamede Alves Ferreira, sendo o altar, castiçais e crucifixo com o Senhor em tamanho quase natural, tudo de ferro em partes dourado ou prateado. O administrador é o Virões ⁰⁶⁴, que me deu um álbum a respeito do cemitério que é curioso: o cemitério é tudo para ele e prestou excelentes serviços durante o cólera.

Vi o monumento mandado erigir pela Câmara Municipal ao cel. Francisco Jacinto de quem a família quase não se lembrou depois de morto. Também me mostraram as sepulturas do visconde de Goiana junto ao do Francisco Jacinto e do Pe. Miguel do Sacramento Lopes Gama, pegado ao de Vicente Pires de Figueiredo Camargo.

29 de novembro de 1859

Fui às 6 visitar as obras do porto. Segui para a Ilha do Nogueira chamada Cheira-Dinheiro no tempo dos holandeses, e aí, vi os edificios do Lazareto agora ocupado por naufragos ingleses na costa do Rio Grande do Norte. O corpo central tem uma boa sala e 10 quartos sofríveis, havendo mais as dependências no fundo separadas, e duas espécies de torreões também separados na frente. O edificio concluiu-se em 1855.

A ilha do Pina, onde realmente está o Lazareto, já não é separada da do Nogueira porque taparam a saída do rio do Pina, pertencendo esta aos estabelecimentos de caridade, que a arrendaram, havendo um bom viveiro de curimãs e tendo já tido 9 mil coqueiros.

Fui até o fim da muralha já feita e liga a Ilha do Nogueira ao recife, na extensão de 300 braças faltando 200. Fez-se estacada do lado de dentro, enterrando-se as estacas 15 palmos, cujos topos foram reunidos por linhas de madeiras ligadas desencontradamente, e havendo entre as estacas tábuas fincadas ao comprido. A base da muralha é de 25 palmos de largura, e o talache [sic] dum décimo, levando por cima cimento com areia, e revestindo-o inferiormente o marisco em grande quantidade. A pedra é solta e vem do recife, e de Maria Farinha. A direção desta muralha parece-me melhor que a do Law ⁰⁶⁵, porque o recanto ficará depressa aterrado, segundo parece tomando a margem a forma da muralha que se está construindo. As areias são trazidas pelo rincão e já tem aterrado bastante pelo lado de fora da muralha entre esta e a ilha do Nogueira, e convém muito plantar e edificar nesse terreno e na ilha, para que não sofra o porto, ficando por tal forma impedida a passagem das areias.

A muralha já tem concorrido, segundo diz o Eliziario ⁰⁶⁶ para as águas escavarem os baixos dos Passarinhos, que

dantes apareciam no praia-mar de marés mortas, e agora nem aparecem no baixa-mar das vivas, sendo a diferença de profundidade d'água de 2 pés.

Observei ao passar pelo aterro da Cabanga o lugar por onde o Law propõe fazer passar o Capiberibe; na cheia de 1854 por aí rompeu, e se essa abertura me pareceu conveniente à primeira vista então, agora em dúvida sobre a sua vantagem depois do relatório do Martineau ⁰⁶⁷ que não a lembra, e da discussão que houve entre os diversos engenheiros que se têm ocupado do assunto e discutiram perante.

O rio Capiberibe tem-se afastado do lado da Cabanga ficando intransitável no baixa-mar a passagem dos Afogados, o que mostra que seu curso não é para esse lado, e se o rio cresce com a maré, segundo diz o Law, muito mais do lado norte do bairro de Santo Antônio que do sul, atribuindo-se à represa da ponte velha do Recife, cujos pegões descansam sobre pontos do leito do rio, alterados para sua construção, estendendo-se a base artificial de pedra mesmo para os intervalos dos arcos e à ponta do bairro de Santo Antônio; cumpre refletir que as águas do Beberibe concorrem em grande parte para a represa das do Capiberibe, fechando-se conforme o plano do Law a separação entre Santo Antônio e Recife, para que não haja duas correntes contrárias, que aumentariam o entulho do porto, desaparecendo assim a maior beleza da cidade, e sofrendo os interesses dos armazéns e trapiches estabelecidos nas margens do rio, que separa agora os bairros de Recife e Santo Antônio.

Todavia é preciso examinar muito bem esta questão, faltando-me referir que o Elizario lembra o projeto dum porto de abrigo formado pelo recife dum lado e do outro por uma muralha, tendo aí o fundo de 5 braças, desde os bancos de Olinda, com 3 braças de fundo, até o do inglês, dando as duas muralhas, uma natural e outra artificial, franca entrada pelo lado sul.

O cais do Arsenal vai continuando sobre estacas, conforme a direção, que todos os que tenho podido ler dão a esta obra, cuja utilidade é facilmente reconhecida, e passando pelo farol o Elizario disse-me que é na ponte de Olinda que se deve estabelecer um bom farol. Referiu-me também que se julgam nascidos sobre as ruínas dum forte no meio do Beberibe, que deve ser o Sequó (segundo os portugueses) ou de Wanderbrosh (segundo os holandeses), uns arbustos cujos ramos aparecem no baixa-mar. Ouvi-lhe que talvez fosse o reduto de Santo Amaro de que ainda se podem descobrir vestígios de muralhas, o da Bateria, que tanto incomodava os holandeses.

Almocei no Pirajá, onde saltei, pouco antes para baixo do largo do Colégio, e depois das 11 e 5 minutos fui de galeota ver os pegões da ponte velha, que estão quase todos desaprumados, e fechados pelo cais os dois do topo no lado sul.

Subi a ver a linha da Conceição sobre o Arco do lado do Recife, que tem a era de 1780; é bonitinha e aí se refugiaram, sendo-lhes a vida respeitada, junto ao altar, diversos comprometidos das revoluções na ocasião do combate.

Há lojinhas embaixo nos pés do arco.

Atravessei a pé a ponte que tem 80 braças, a pé tremendo tanto e de repente a chusma de povo que me acompanhava, que pensei cambaleiar por causa de alguma tonteira, é indispensável proibir grande trânsito ao mesmo tempo de gente a pé, já não passam carros e cavaleiros.

A ponte nova de 135 braças de comprimento por falta de travejamento também treme às vezes bastante, tendo um terço menos de largura que a antiga, em cujo arco do lado do Norte e pouco digno de atenção há duas inscrições, uma em cada um dos pés em baixo, que juntarei.

Tornei a embarcar deste lado na galeota por uma rampa imundíssima e fedorenta, e fui ver se rodeava a ilha de Santo Antônio; mas depois de muitas dificuldades por causa da bare [sic] que baixava, obrigando os marinheiros a entrar na água para arrastar a canoa do comandante do Xingu ⁰⁶⁸ 1º tenente Nolasco Pereira da Cunha, para onde passei da galeota que ficou encalhada perto do lugar dos Coelhos; tivemos de parar pouco depois de ter passado por baixo da ponte dos Afogados, por estar todo o caminho tomado pelo fundo do rio, que aparecia em quase toda a parte.

Desembarquei e fui a pé até a Igreja dos Afogados, vendo parte do arraial que não é feio. Mandeí buscar os carros; mas o engenheiro da estrada de ferro Peniston, que me acompanhava por ter apresentado um projeto de melhoramento, que julgo inaceitável e ofereceu-me um trem da estrada de ferro, que tem uma estação nos Afogados, e vim em 6 minutos desse lugar até a estação no forte das 5 Pontas, tendo levado 3 minutos a atravessar devagar o viaduto da Cabanga, que eles hão de aterrar para dar passagem à estrada de ferro, passagem menos perigosa pela parte da fortaleza do viaduto. Pouco adiante das 5 Pontas encontrei os carros.

Às 5 e 10 da tarde, saí chegando à povoação da Várzea às 6 e 20 minutos, andando parte do caminho depressa, e vendo bem no trajeto a casa de vivenda, que parece nova, do Engenho do Meio, um dos que pertenceram a Vieira. Entrando na povoação logo à direita, está a Igreja do Rosário dos Pretos, e ficando no lado fronteiro da praça oblonga e bordada de casinhas a do Rosário, e no lado esquerdo da praça a do Livramento.

Segundo disse o Vigário, as duas primeiras foram fundadas por Vieira, e a última pouco depois. Na 1^a disse que era tradição que Felipe Camarão fora enterrado na capela-mor no canto do lado direito do altar-mor olhando para este. O chão é ladrilhado, não tem indicação e o Vigário ficou de mandar escavar para ver o que acha.

Perto da 2^a igreja, à direita de quem a olha, – todas são pequenas porém a maior a matriz desta – mostrou-me o vigário uma porta em ruínas, que o vigário disse constar ter sido da casa de Vieira. Examinei os tijolos e pedra da soleira, que está destacada, quanto permitiram uma lanterna do carro e uma vela; porém nada descobri por todos os lados, e o Pedreira ficou de aí voltar; trouxe dois pedaços de tijolo para lembrança.

Manuel Cavalcanti ⁰⁶⁹, irmão do Albuquerque, que foi me encontrar, disse que no engenho de São João, que pertencera a Vieira e é agora onde ele reside, nenhuma obra sólida encontrara, que indicasse ter sido do tempo do Vieira.

Às 8 ½ fui ver as aulas da Sociedade de Artes Mecânicas e Liberais, cujos estatutos juntos, e funcionam no consistório da Igreja de São José de Riba-Mar. Tem 38 alunos, e aulas de 1^{as} letras, francês, aritmética e geometria, arquitetura e desenho de ornatos. Há pouco adiantamento, mas algumas aulas trabalham há poucos meses, e os professores, à exceção do de francês, não me parecem bons.

O diretor queixa-se do serviço da Guarda Nacional destacada que distrai grande número de alunos.

Recebe um conto e tanto por ano do cofre provincial, e as quotas dos sócios, que andam por 60. Merece proteção esta instituição, cuja existência foi quase preciso que a adivinhasse; pois não posso ter presente tudo o que leio nos relatórios dos presidentes, e passando pela altura da Igreja de São José de Riba-Mar, e perguntando sem indicação é que soube que aí havia essas aulas.

A antiga ponte da Boa Vista feita pelo Conde de Nassau ocupava parte dela o terreno em que se eleva a Casa de Detenção, tendo a ponte atual 90 braças de comprimento e bastante para baixo do local da antiga, de que não há vestígios. O cais do Palácio carece de ser concluído.

De tarde cá estive o daguerreotipista Stohr ⁰⁷⁰, e trouxe consigo um suíço surdo-mudo desde a idade de 2 anos, que fala alemão com o Huet ⁰⁷¹ francês e só sente pelo tato comoção do ar produzida pelo som, apresentando grande sensibilidade por qualquer vibração do ar no peito.

30 de novembro de 1859

Às 6 fui ao Guararapes, distando o lugar do Boqueirão por onde passei depois de deixar à direita a estrada do sul seguindo até então, 6 mil e tantas braças do Recife.

Os alagados dos Corcuranas têm-se apertado pelos aterros, e os montes têm bastante piçarra apresentando uma barreira a prumo que se vê da Igreja dos Prazeres. Camadas de giz, segundo me disse o Rego Barreto cunhado do Sá Albuquerque, indo os urubus comer a terra da barreira. As águas retalham muito os montes, e sobre a encosta e cimo de um encontrei bastantes das pedras, mas pequenas – de que fala o CASTRIOTO LUSITANO ⁰⁷², levo algumas.

A estrada dos Prazeres passa por detrás dos morros, tornea o caminho do Boqueirão, que ainda hoje se chama de Batalha. Deixamo-lo, subindo por um monte de piçarra à direita para ir mais depressa à Igreja dos Prazeres, que se acha muito bem situada, com algumas casinhas ao pé, e uma de sobrado construída por frei Antônio da Rainha dos Anjos, monge Beneditino, que aí reside; porque as terras da Igreja a adro foram doadas aos Bentos pelo General Barreto de Menezes com a condição de dizerem diariamente uma missa pela alma dos Independentes mortos nas batalhas dos Guararapes, condição que por muito tempo não cumpriram, pretendendo por isso o vigário da Muribeca a cuja freguesia pertence, reivindicar as terras e a Igreja dos Prazeres.

É bom templo de duas torres, e aí achei as inscrições que estão transcritas nos papéis anexos, assistindo à missa histórica dita pelo Frade mencionado.

Depois subi a uma das torres, a do sul para gozar de bela vista, e descobri a casa de vivenda do Engenho Novo que hoje pertence ao Portela, irmão do lente e do diretor da Instrução Pública da Província, e foi antes dele do Dr. Antônio

Morais e Silva, autor do Dicionário, de que concluiu uma edição nesse engenho da freguesia de Muribeca.

O rio Jaboaão corre perto do engenho e no verão quase que seca; nos canaviais desse engenho estiveram emboscados os Independentes antes de se travar a 2ª batalha, ocupando os holandeses os morros sobranceiros ao Boqueirão.

Descendo da altura da Igreja dos Prazeres, entrei daí a pouco em terras do Engenho Guararapes de Lourenço de Sá Albuquerque ⁰⁷³, um seu irmão e o cunhado Rego Barreto, dizendo-me este que perto da casa de vivenda havia um alagado em que se pescaram boas curimãs no tempo do sogro, que na seca de 1824, aproveitou a gente ociosa por ser nenhuma ou quase nenhuma a produção de cana, em abrir uma brecha que esgotou grande parte dos alagadiços. O engenho é movido por animais porém tencionam introduzir para o ano o motor de vapor.

Da casa de vivenda descobre-se bem o Engenho Novo e perto dele acharam-se cachimbos de barro como os dos holandeses, e em terras dos Engenhos dos Guararapes pouco distante da casa para o lago do Engenho Novo, que daquele se avista, uma bala de artilharia, que levo, tendo-se já encontrado outras, principalmente de barro. A casa está situada numa planície e talvez no terreno do lado esquerdo da estrada da Muribeca vindo para o Engenho dos Guararapes, que chamam em alguns pontos “olheiros d’água”, talvez se atolasse o cavalo de Fernandes Vieira.

Não sabem qual o monte do Oitizeiro que julgo deve ficar por detrás dos que margeiam o Boqueirão, sendo no vale que estes últimos formam com os primeiros que a 2.ª batalha se tornou mais encarniçada, perdendo os holandeses em mortos cerca de um terço de sua força, e os Independentes cerca de um décimo, segundo leio na obra de Netscher ⁰⁷⁴. O terreno há de ser melhor estudado pois deve levantar-se no lugar do Boqueirão um pequeno monumento com os nomes inscritos de todos os oficiais do Exército dos Independentes, que a história menciona como tendo assistido às 2 batalhas dos Guararapes.

Um negociante americano de nome Foster disse-me que tinha uma garrafa cheia de leite que dão os ramos da mangabeira e toma consistência de goma elástica se lhe mistura sal; a raiz da mangabeira é usada como purgante.

O Rego Barreto disse-me que havia por estes campos muitas raposas, como as da Europa, sendo a caça delas com cães, grande divertimento dos estrangeiros e de alguns fazendeiros.

Vim tomar a estrada de ferro na estação dos Guararapes e da principal das “5 Pontas” segui em caleça para casa ⁰⁷⁵.

Depois das 5 da tarde fui à fábrica de fundição do Starr na rua da Aurora. Foi estabelecido em princípios de 1829; tem 60 e tantos trabalhadores, sendo 40 nacionais e 10 escravos do Starr, queixando-se aqueles do serviço da G. Nacional, e motor de baixa pressão de 12 a 16 cavalos. trabalha de 6 da manhã a 6 da tarde com intervalo de meia hora para almoço e uma para jantar os trabalhadores, fechando-se aos sábados às 2 da tarde. Faz todas máquinas, tendo sido aqui construída a primeira máquina de vapor que se fez no Império; para o Engenho Caraúna de Sousa Leão (Domingos) segundo me disse o Starr, sendo o já número dessas máquinas feitas na fábrica de 14 a 15. A maior fundição que tem sido foi de 7 toneladas para o sino hidráulico que vi no Arsenal de Marinha, ocupando o metal fundido dois dos três fornos grandes, trabalhando agora com um pequeno. São alimentados por um ventilador, havendo outro para as 14 forjas.

Vi uma roda grande de ferro para mover inferiormente por água, tendo-se feito maiores e também de cubos na fábrica, para a refinação estabelecida no Monteiro, sendo obras da fábrica a ponte do Varadouro de Olinda de 80 palmos de comprimento e o portão de Cemitério que é muito bonito, e cujo risco feito na fábrica me mostraram, assim como vi outro desenho de máquina ambos muito limpamente feitos.

Tem uma oficina de molde ocupando os feitos grande espaço, tirando-se a areia para eles de Tacaruna e ilha do Suassuna, sendo a do 1.º lugar melhor. Usa estufa com trilhos para os moldes, e um guindaste de suspender 7 toneladas para o manejo do colherão da fundição.

Há bastante obra feita, e entre ela um barco de ferro para a Empresa Cambrone, a maior parte encomendada; mas o Starr queixa-se da nova tarifa como prejudicial à fábrica. Tem muitas máquinas que julgo serem as seguintes: de cortar e furar chapas de ferro – de ver folhas do mesmo metal, de marcar nas chapas a linha do corte que se faz depois a martelo – 6 tornos sendo dois de fazer parafusos – de aplainar peças de 10 pés de extensão – de abrir lugar para cunha nos rodetes – de pequenas brocas – de abri-las de um pé de diâmetro. Tem espaço para construir 2 navios não muito grandes, ao mesmo lançando-os na água com preia-mar, havendo um canal do rio dentro da fábrica no qual entram os barcos, passando por baixo de uma ponte que atravessa a rua, e vi um de ferro com água que é tirada por bomba para os diversos misteres do estabelecimento.

Das 9 e meia por diante tive despacho. À noitinha estiveram aí os pescadores da Cabanga com sua jangada e presente de peixes e frutas.

1 de dezembro de 1859

Saímos antes das 6, para a estação das 5 Pontas, mas chegamos lá depois das 6, tendo havido alguma demora na estação, pelo que largou o trem, só, às 6 e 34 minutos.

Até a estação dos Guararapes 12 minutos, e depois passamos de Pontezinha [sic], altura de Barra de Jangada, à esquerda formada pela confluência do Jaboatão e Pirapama, estação da Ilha – ilha engenho do Pessoa Cavalcanti – onde por contrato tem a companhia a sua fábrica por maquinismo movido por vapor, de fazer tijolo sendo bom o barro.

Rio Pirapama com sua ponte de ferro à esquerda, do mesmo lado do Sequeiras e as barreiras do Cabo de Santo Agostinho; do lado direito mais adiante Engenho do Visconde da Boa-Vista; casa grande de vivenda com capela no centro da fachada; do lado esquerdo, Engenho Santo Inácio de Luís Felipe de Sousa-Leão; do lado direito mais adiante Engenho Novo do Portela; e mais longe sobre uma bonita encosta o engenho Barbalho, em cujas terras estão as oficinas da Companhia, e enfim Cabo, onde chegamos com 37 minutos de caminho de 19 milhas inglesas ou 4,75 léguas.

Demorei-me na estação algum tempo, enquanto se aprontava tudo, e colhi as seguintes informações: trabalham na 2ª seção, do Cabo a Escada, 1650 a 1700 trabalhadores a maior parte brasileiros, não havendo já escravos, segundo me disse o fiscal do governo Street.

Vi a planta da seção do túnel de Utinga, que tem 14 pés na maior largura e 12 ao nível da estrada, e maior altura de 16, compondo-se de 3 curvas circulares, de que as laterais têm o dobro do raio da superior. A sua extensão é 526 e por causa do terreno ser de granito em decomposição, carece todo ele de revestimento de tijolo. O ponto culminante do terreno superior do túnel excede-se em altura 200 pés.

Dentro de duas semanas vagões com passageiros poderão atravessá-lo, havendo para condução de materiais em carros puxados por locomotiva 2 milhas até o túnel, e 2 milhas depois deste, só com a interrupção do túnel.

Não há nada pronto para a condução de passageiros, além do que vai do Cabo às oficinas muito perto; porque tem-se ocupado segundo disse o Penniston com o preparo do leito da estrada.

Voltando ao Cabo, o Street disse-me que até o morro do Pavão onde se abre o túnel, que encurta muito a estrada, pois na volta levamos bastante tempo a andadura puxada a rodear o morro, não há raíl [sic] assente; do Pavão a Utinga vão começar, segundo ele crê, a por trilhos no mês que vem; de Utinga a Olinda não há rails, e é preciso fazer uma bomba ou bueiro grande de 7 pés de abertura para passagem das águas em Olinda. Há ballast onde se abre uma mina que me fizeram ver, à esquerda da estrada ao passar, dizendo ter 40 pés de fundo, e a altura necessária para um homem trabalhar a fim de desmontar um pedaço [sic] de morro com pólvora; mas é de areia muito fina o que não presta.

Não se tem lucrado, segundo o mesmo Street, com a abertura dum túnel pouco longe em Cutrim para facilitar a cova, que se está fazendo aí. O assento da estrada está pronto até Escada, faltando em Timboassu a abertura dum cova inteira em pedra de 150 braças de extensão, falando-me o Penniston do preparo de 400 braças em Timboassu, a 1 ¼ légua de Escada.

Quatro locomotivas; 1 vão de 1.ª classe, de 2.ª não sabe com certeza talvez 5, e de 3.ª dois, dos quais 1 mau que serve só no caso de necessidade, ambos de 20 pessoas, tendo chegado 2 novos de 24 pessoas, tudo da fábrica de Richard Stephenson. Uns 4 maquinistas e igual número de foguistas, dos quais um bom nacional, sendo o serviço bem-feito e por nacionais.

Perguntando ao Street qual a madeira dos dormentes, disse-me não conhecer as madeiras da terra, quando depois o Penniston disse-me ser o larch.

Os trilhos não me pareceram bem assentes, oferecendo depressões muito sensíveis, à vista e nos balanços, que são grandes pouco para cá da ponte dos Afogados.

O túnel do morro do Pavão faz muita água, e vai atrasado o trabalho, tendo-o atravessado aliás todo a pé mas com custo por causa das cabeçadas e topadas querendo evitar a muita lama.

Para diante de Olinda há cortes consideráveis e derrocaram com fogo uma massa de pedra, que caiu da altura de 30 pés. Tive que desviar-me muitas vezes, mas em larga distância do leito da estrada de ferro.

Na volta mostraram a casa de purgar do engenho de Utinga, onde se reunia a espécie de lynch americano, que mandou enforcar o assassino do Juiz Municipal do Cabo, Duarte; os criminosos foram absolvidos pelo júri por falta de provas segundo ouvi, a quem me recordou esse fato lamentável.

Na locomotiva não tem assobio e quando larga, passando por cima de uns foguetes fã-los [sic] estalar.

O Law, que foi, diz que a companhia não cumpriu a promessa que fizera, em virtude do exame que já fizera o Law dessa estrada, de reparar e evitar alguns dos seus defeitos; verei o relatório.

Estão atravessando o viaduto do Cabanga, mas a estrada fica com essa volta porque a companhia alega falta de dinheiro para fazer, aterrando a estrada direito; pouco além da estação das 5 Pontas pareceu-me observar uma volta forte; não senti o vagão inclinar-se durante todo o trajeto.

Visitei as oficinas da Companhia, indo do Cabo até lá e voltando em vagão. Estão muito bem montadas para obra de carpintaria, e sofrivelmente para a de ferro. Tem 40 trabalhadores nacionais e 20 a 25, [sic] sendo os 100 serventes empregados nas oficinas e dependências todos nacionais.

O Penniston disse-me que está organizando uma escola para ensinar diferentes ofícios.

Há máquinas: de aplainar passando umas tábuas ordinária 2 vezes uma por cada banda; outra para fazer as juntas das tábuas; verruma; goivas, 3 serras circulares – 2 maiores e 1 menor – e outra vertical, pequena e estreita para cortar em curva; tornos; para parafusos; para peças pequenas; duplo para grandes; e outro para as médias; verruma, e 2 plainas para ferro; uma vertical e outra horizontal, sendo esta para peças grandes. O motor é de 25 podendo elevar-se 40 cavalos. Tem 4 forjas, e um poço de que se tira água para caldeira do motor, e tanque das locomotivas.

Vi um estrado de ferro montado sobre trilhos, assentes nas oficinas, para levar e trazer às oficinas os carros dos armazéns e os trilhos da estrada. Tem um ventilador para todas as forjas. Os vagões fazem-se de camaçari, madeira das matas de Pernambuco, que dura muito e não fede.

Depois das 5 e meia ⁰⁷⁶, fui à Fábrica de Bowman no cais do Apolo. Bowman está na Inglaterra, achando-se agora à testa da fábrica o pernambucano Francisco Manuel dos Santos Lima, que julgo ser sócio dele. A fábrica data de 1835. Tem 2 fornos, um maior de 2 toneladas de fundição e outro menor de 20 arrobas, que empregam em fundir o bronze. Há um guindaste de suspender 3 toneladas para o colherão da fundição, e mais 2 no cais, a que podem os navios atracar com maré enchente; um de 2 e outro de 1 ½ toneladas. Tem 56 trabalhadores todos nacionais e livres. Tem um ventilador movido por vapor que toca todo o maquinismo da fábrica, de 6 cavalos, que tem caldeira de sobressalente. Usam para moldes de pinho, amarelo e cedro, depois de deixarem a madeira secar no próprio. A areia vem dos mesmos lugares donde a tira o Starr, e há duas estufas com trilhos para secar os moldes. A maior peça fundida pesava 200 arrobas. Faz moendas e já fabricou 3 máquinas de 6 cavalos para engenhos. Uma máquina com moendas e seus pertences da força de 6 cavalos custa 6 contos; mas a barateza do Starr explica-se, segundo informou o Lourenço de Sá e Albuquerque, pelo mal-feito da obra, sendo a do Bowman melhor conforme ouvi ao Boa-Vista.

Há máquinas: hidráulica para tira os aguilhões dos tambores; 2 tornos unidos, e 1 separado, outro parafusos; máquinas de aplainar peças grandes; de furar chapas; de cortar e furar; torno para furar; 2 tornos de aplainar brocas; de curvar chapas; um guindaste de levantar 2 toneladas, outros 3 portáteis de 1 ½ tonelada para correrem sobre trilhos.

Existe uma marcenaria para moldes com 3 oficiais, andando a despesa ordinária por dia com moldes por 16\$000; a fêria semanal da fábrica monta a 400\$000. Os moldes guardam-se no forno, sendo o espaço muito menor, que o destinado para tal fim na fábrica do Starr.

Tem um armazém para o outro lado da rua com bastantes obras feitas principalmente moendas, sendo algumas vindas da Europa. As tachas para os engenhos vêm de fora porque as feitas aqui quebram-se muito.

Recebe muitas encomendas.

Não se queixam da tarifa nem do serviço da Guarda Nacional.

De noite passaram 2 batalhões patrióticos, um deles de pretos com um chefe representando Henrique Dias, sendo por outros cavaleiros figurando Vieira e Negreiros e Camarão.

2 de dezembro de 1859

Foi todo oficial ⁰⁷⁷, descansando relativamente aos outros dias e podendo ler alguns papéis e publicações que dizem respeito à Província.

A Guarda Nacional ⁰⁷⁸ tem ar militar e não marcha mal, faltando-lhe contudo exercício.

3 de dezembro de 1859

Saí para Olinda pouco depois das 6 e passei pelo lugar das Salinas ⁰⁷⁹, que me ficava para a esquerda, a 37 m do Recife pela estrada do Norte.

A água do mar lava esse lugar e o terreno depois dela o deixa ficar esbranquiçado. O trecho pouco adiante do estabelecimento Cambrone à direita da estrada, parece ter sido o lugar do Forte da Bateria.

Na estrada de Olinda havia um pavilhão, onde recebi as congratulações e chave da cidade por parte da Câmara ⁰⁸⁰, e fui por ladeiras um pouco íngremes para a Sé, que fica para o extremo oposto.

É uma bela igreja de 3 naves, porém baixas, separadas por colunas, que estando caídas não pude reconhecer se eram monólitos conforme diz o Jaboatão; junto uma nota a respeito desta Igreja.

Encontram-se nesta Igreja as sepulturas de D. Tomás da Incarnação, Bispo falecido em 1784; de D. Matias de Figueiredo e Melo, Bispo morto em 1694 com 40 anos de idade, e de D. Francisco Xavier Aranha, morto em 1700 e tantos; este não tem epitáfio, e são informações.

Na capela do Santo Cristo da Sé, cuja imagem foi presente do Rei de Portugal em 1684 ou 1685, está a sepultura de D. José Maria d'Áraujo, que morreu segundo disseram-me – a lápide não tem era – em 1808.

Depois de recolher-me à casa, que foi primeiramente casa dos governadores havendo na casa para a guarda ao pé a data de 1732, depois Curso Jurídico quando saiu de São Bento, e agora da Câmara, quando o Curso se mudou para o Recife, e que é grande e de sobrado, fui ao Convento dos Bentos, excelentemente situado, tendo-o quase renovado o atual Abade baiano, da família do Paim ⁰⁸¹.

É vasto e a Igreja boa, tendo sobre a porta a era de 1761, mas o Convento é mais antigo. O Livro de Tombo é de 1764, e tem agora uma demanda com a Câmara por causa dos terrenos de marinha, que são muito procurados para banhos, dizendo que tem título claro de propriedade, que consta do Tombo. O muro da cerca do Convento está no lugar em que os holandeses levantaram o Forte de Santa Cruz, e creio que foi ele edificado num teso que o muro coroa do lado de sueste, e descobre-se muito bem seguindo pelo istmo para o Recife, cuja comunicação com Olinda era interceptada por esse forte. Corri todo o convento, estando na sala de frei Miguel do Sacramento Lopes Gama ⁰⁸², que é agora ocupada pelo lente do Curso Jurídico Dr. Nuno ⁰⁸³, que desde estudante mora por favor no Convento. A renda do convento é de 30 contos anuais, sendo 15 só de prédios e possuindo 3 engenhos.

Fui depois à Igreja da Misericórdia, cujo adro talvez seja o ponto mais alto da cidade, tendo aí tido lugar um renhido combate entre os portugueses e holandeses, morrendo o capitão daquelas o valente Temudo, e logo no chão de tijolo da capela-mor à esquerda e pouco para dentro do arco cruzeiro, descobri uma lápide de mármore já gasto, onde não há sepultura, que se supõe de Fernandes Vieira, senão as armas esculpidas, que abaixo copiei, tendo o Provedor da Irmandade da Misericórdia Antônio Joaquim d'Almeida Guedes Alcoforado, como ouvi ao próprio filho, removido os ossos dessa sepultura para outra igreja, que não soube dizer-me qual é, para pôr o corpo do filho, tendo-se achado uns sapatos velhos, segundo ouvi a outrem, não se lembrando de tal fato o filho do Guedes.

Vieira morreu em Olinda na Rua de São Bento, ninguém sabendo hoje qual a casa, segundo os historiadores; mas o Silvino ⁰⁸⁴ disse-me que falecera na sua casa de Maranguape, que ainda existe defronte da Igreja Matriz dessa freguesia, que ele fundara, vindo enterrar-se em Olinda.

Conforme o mesmo informante, consta que o Comandante do Pau Amarelo, Salvador Coelho Drumond e Albuquerque, possui muitos manuscritos curiosos dessa época, entre os quais o testamento de Vieira, sendo ele seu descendente por bastardia pelas relações que Vieira tivera com a filha de Matias de Albuquerque, cumprindo examinar tudo isto.

O patrimônio da Misericórdia em 1850 de que vi um quadro era de 30:644\$143, rendendo 3:133\$633 por ano; mas a maior desordem tem reinado nas administrações, havendo consideráveis malversações, e só desde que entrou a atual mesa é que vão se restabelecendo os negócios, e já deliberou restabelecer o hospital que se fechou em 1855, desde que tiver reparado os prédios do patrimônio e construído as catacumbas para os irmãos no cemitério, que tem um bonito

portão de ferro; mas ainda não está senão cercado de paus, sendo o terreno bom, ainda que se abrem as sepulturas depois de um ano.

O provedor da atual Misericórdia é o tenente-coronel Passo e Silva ⁰⁸⁵.

A casa do Hospital junto à igreja não é pequena, e agora dão os quartos para moradia de pobres.

Visitei em seguida o Seminário, antigo Colégio dos Jesuítas, fundado em 1576. O Seminário, instituição do bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, cujo retrato renovado está na sala das aulas com a seguinte inscrição de quem retocou – Jm. Je. Carvalho Figueiredo Varejão fecit in anno 1885 – apagada a antiga de modo que não pude descobri-la, abriu-se a 16 de fevereiro de 1800.

Tem 2 lanços reparados em 1853, ameaçando outros 2 ruína, constando-me o capricho ser que o bispo esteja gastando a renda da Mitra com a Igreja de São José, em lugar de consertar o Seminário.

A igreja por outras razões ainda, carece de outro pastor mais inteligente, tendo ouvido falar muito bem do cônego Tavares Gama, que não sei se é português.

O seminário pareceu-me bem arranjado, sendo diretor de parte literária o cônego Faria, ex-deputado.

O Palácio Episcopal, consertado e acrescentado em 1821 por D. Tomaz de Noronha, o bispo resignatário, está quase inabitável apesar de muito bem situado. O palácio do 1º bispo D. Brioso foi num sobrado, que hoje foi legado por um cônego ao Cabido na rua de Matias Ferreira, perto de outro onde morava o atual bispo do Rio (padre Monte). Tendo a Câmara, segundo é natural, já construído nova casa na Rua da Cadeia, cedeu a sua para Palácio do Bispo, não sabendo qual a data da construção desta, que foi a reparada e acrescentada por D. Tomaz de Noronha, que aí morou sempre.

O Convento de S. Francisco, mais antigo que o da Bahia e fundado em 1585, tomando os frades posse dele a 4 de outubro desse ano, depois de morarem numa casa junto à Misericórdia do lado esquerdo olhando para ela e já na descida, e de que só restam paredes denegridas, é um belo edificio, tendo no frontispício da Igreja: Ano de 1724. O teto do corpo da Igreja é apainelado com pinturas nos painéis e talha dourada, sendo a Capela da Ordem 3ª uma espécie de igreja com a capela-mor toda dourada, tendo o teto do corpo como o do da igreja dos frades. O claustro é grande e encontram-se a sepultura do servo de Deus Frei JUZEPH de S. Antônio Pe. an. 1686; e pouco adiante sem epitáfio a de Frei Antônio Tararipe, morto com fama de santo milagroso e de profeta do que se passaria no Recife.

A sacristia tem uns grandes ornamentos com obra de talha em jacarandá, que pintaram para ficar preto, que admira pela delicadeza, é digno de ver-se com mais vagar.

Do 1º andar, vi melhor para o lado onde poderia ficar um reduto que houve na guerra dos holandeses, entre a vila (de Olinda) e S. Francisco; na vereda que guia para o Rio Tapado e Rio Doce, caminhando pela praia nessa direção, encontra-se o forte chamado Monte-Negro, mas não fica entre a vila e o Convento, e talvez estivesse colocado no caminho do inferno, vereda muito estreita que está em caminho para o Tapado e Doce, por entre S. Francisco e o Seminário, ainda que a cidade se estenda para aí quase desde S. Francisco; para o lado do Recife e da praia vi um reduto, que ficaria entre o convento e a vila de Olinda; mas disseram-me que era de 1815.

Na cerca de S. Francisco teve lugar o encarniçado combate entre os holandeses e os soldados do capitão Salvador de Azevedo.

Às 2 ½ tornei a sair e fui ao antigo passeio público, terreno provincial outrora com belas mangueiras, que a Assembléa Provincial para não gastar com a conservação mandou pôr em hasta pública, tendo-se comprado por 2 contos em 5 prestações de 400\$000 cada ano. Consta que o comprador fez uma transação com o Dr. Feitosa que é agora o verdadeiro dono, dando-lhe a renda do terreno para pagar as prestações!

Vi a Casa da Câmara antes de ela mudar-se para o antigo Palácio dos Governadores. Está muito arruinada e aí achei 3 quadros de batalhas pintados a óleo em pau; um em cada uma das três paredes, que não a da porta de entrada, para que se sobe por uma escada de pedra da parte de fora, que vai ao 1º andar; o da esquerda representa a Batalha das Tabocas, aparecendo a fuzilaria por detrás das tabocas e uma árvore grande e copada sobre o ponto mais alto dos morros, com a seguinte inscrição em tinta branca no painel: Para que a memoria da feliz ventura que afeançamos nesta prª batalha das Tabocas não fique ao esquecimento do tempo (que este acaba tudo o que não é continuado aos olhos. E assim vê a ser esquecido) mandaram os senhores Senadores que serviam este presente ano de 1709 sendo juiz de fora, o Dr. Luís de Valençuela Ortiz, vereadores o capitão Pedro Cavalcanti Bezera, Manuel de Moura Rolim, o capitão-mor José Camelo

Pessoa, procurador Fernando Bezerra Monteiro, perpetuar a memória destas batalhas nestes quadros, para notícia dos que nasceram nos vindouros séculos, e assim mais todas as pinturas que há nesta casa para adorno dela, sendo tudo para maior honra, louvor, glória de Deus e nosso. Amém.

Os outros quadros representam as batalhas dos Guararapes e a inscrição do quadro que parece da 2ª batalha, indica por números as figuras em ambos. Mandei copiar estas duas últimas inscrições que juntarei. Nossa Senhora aparece com o Menino nos braços, no alto dos 3 quadros, que parecem ter sido retocados, assim como as inscrições; a pintura é muito melhor que a das outras representações das Batalhas dos Guararapes, que já tinha visto.

Fui ao Aljube, em cujo frontispício se lê a seguinte inscrição sob as armas que parecem do Bispo mencionado – Publica peccantes Xaverii Aranha opera et zelo a Fundamentis constructu Anno 1765 –. Os presos dos crimes menos graves estão aí.

A 1.ª prisão cheira mal por causa do esgoto cujo cano está entupido, tem 3 presos; a 2ª tem um casal de pretos fugidos. Estão ambas no andar de cima e são boas. Duas prisões embaixo uma grande e outra menor sendo preparadas; porque estão muito sujas e arruinado o assento da alvenaria das tarimbas. No centro da grande, com chão ladrilhado de tijolo, está porém uma cadeia de ferro, com bastante ferrugem.

Vi todos os livros menos o das visitas, apesar de pedi-lo.

A diária é de 200 réis e havia 3 dias que os presos nem a tinham nem comida; comendo o que podiam arranjar por favor; por isso estava fazendo inventário; foi a desculpa que me deram!

Subi à Igreja do Monte que é sofrível e de cujo local se descobre da parte de frente o Recife e toda a várzea, vendo-se bem a olho nu as torres da Igreja dos Prazeres de Guararapes, que já me tinham mostrado duma cela de São Bento, e no fundo duma varanda alto do lado direito da Igreja, o lado do Rio Doce e Itamaracá, distinguindo-se a olho nu a Matriz de Maranguape, sentindo muito não ter avistado com o óculos, por causa de um matinho, a casa de João Fernandes do lado fronteiro e pouco para a esquerda da Matriz.

Assisti à aula do professor de São Pedro Mártir, Salvador Henrique de Albuquerque, com 127 matriculados e 90 freqüentes; pareceu-me bom mestre e os meninos sofrivelmente adiantados menos na aritmética. Há 4 aulas duas em cada freguesia da cidade (S. Pedro Mártir e S. Pedro Apóstolo) uma de meninos e outra de meninas.

Fui depois ao convento do Carmo, em ruínas, queixando-se-me o religioso de que o da Bahia cuja Província pertence, lhe tirasse todos os meios de consertar o convento; a igreja é boa. Foi fundada em 1590 por frei Pedro Viana, no lugar da Ermida de Santo Antônio que era particular. A concessão do terreno foi de Filipe Cavalcanti capitão e logo-tenente da Capitania de Pernambuco, sendo a data da concessão de 15 de setembro de 1590, no mesmo livro já pouco lisível [sic] se vê uma concessão de terras, com data de 1580, feita por d. Beatriz Capitôa [sic] e governadora desta capitania.

Finalmente fui ao Recolhimento, vendo ao atravessar a ponte do Varadouro, a vala do mesmo nome que se abriu porque tendo-se dado passagem constante as águas pelo Arrombado, não haveria mais água necessária para Olinda, tendo se por isso dirigido as águas do Beberibe por meio do Varadouro para Olinda. A água trazida de cima e principalmente da povoação de Beberibe, é boa; mas a de baixo é má pelo menos logo depois de colhida. O Varadouro convirá aprofundá-lo para não trazer pouca água para Olinda; dissecado porém a melhor água de beber logo servindo é a da bica do Rosário, com duas torneiras, que no verão não tem senão muita pouca água, carecendo de melhoramentos para reunir maior massa d'água.

Logo adiante está o Recolhimento de Santa Tereza dos órfãos que eram 58, tendo saído ontem 1 por doente. Disse-me o administrador que a Igreja há mais de 150 anos, lendo-se na história que fora resultado dum voto na Batalha das Tabocas, tendo a Igreja a invocação de Nossa Senhora do Desterro. Os Terézios ocuparam o seminário, que era seu convento.

Os meninos, pela maior parte, são macilentos e com ares de doente, atribuindo-se aos pântanos vizinhos. Aprendem as 1^{as} letras e música. Um estava bastante adiantado, mas a aritmética sempre é o que extraordinariamente menos sabem. Alguns instrumentos puxam demais pelo peito dos rapazes, e convém ensinar-lhes melhor a aritmética e princípios de geometria aplicada às artes, que devem aprender em geral.

Da Igreja do Monte vêem-se umas barreiras com camadas bem claras, abundando segundo ouvi em giz, ainda que me pareça antes tabatinga, e todas escalavradas pelas águas; é um espetáculo digno de ver-se.

Olinda está morta como cidade; porém pode florescer tornando-se arrabalde de Recife, sobretudo se houver caminho de ferro de Olinda ao Recife, ouvindo que o Bowman está em Inglaterra, não quer empreender a estrada sem novas condições; seria bom ver se ressurgia essa empresa.

Consta-me que há um olho de boa água onde D. Maria I mandou fazer um chafariz; mas não sei se é a mesma bica do Rosário.

Olinda ⁰⁸⁶ tem 21 igrejas, mas a Bahia tem 85 segundo ouvi.

À noite de volta ao Paço do Recife, estive com o Dr. Sarmiento cuja memória sobre a meteorologia do Recife vai anexa, mandando-o falar ao Mello para se examinarem algumas de suas asserções, que causam reparo.

4 de dezembro de 1859

Fui aos quartéis do 4º de Artilharia, comandante Higino José Coelho, e 9º de Infantaria, José da Silva Guimarães, na Soledade e 10º de Caçadores, comandante Coelho Kelly, no Hospício.

Achei que convinha rasgar mais as frestas do xadrez do 1º quartel, tremendo muito o assoalho numa sala no 1º andar. Tanto neste como nos outros quartéis há escola, apresentando os soldados algum adiantamento, e queixam-se de mau fornecimento dos arsenais, principalmente do pano para o uniforme ordinário que é vazado, e das pequenas dimensões do fardamento de brim e algodão. Os sapatos, a não serem os de Fernando, não prestam, e nos dois últimos quartéis o pano dos bonés é mau e desbota logo.

Tem gás já nos quartéis dos 9º e 10º, e falta água em todos, apesar de tê-la perto, havendo já ordem para encaná-la para o do 9º, e pedido para o do 10º.

A limpeza dos quartéis faz-se em cubos de pau, estando entupido o cano de esgoto do quartel do 10º; por isso que julgaram dever fazê-lo para não haver mau cheiro, convindo desobstruí-lo e fazer as obras necessárias para não tornar-se foco de infecção.

Os gêneros não são todos em nenhum dos quartéis, e as armas são velhas, não tendo alguns dos cães das reservas pederneiras; e achando-se em geral pouca limpeza por fora e por dentro; do Arsenal vem por consertadas algumas cujo cão não bate na çaboleta.

As camas são de ferro, mas com tábuas. Apesar de não haver grande diferença no arranjo de tudo o que pertence aos quartéis, sempre darei a preferência ao do 9º. Enquanto estava neste quartel choveu. O comandante do 9º parece mais verdadeiro militar.

Às 5 e 10, parti caminho do norte, e às 8 menos 10 cheguei a Monjope, fazenda do Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha ⁰⁸⁷, que é grande, bem situada, o que não admira pois foi dos jesuítas; o Monjope é o braço mais forte do Igarapé; a fazenda dista do Recife 4 ½ léguas. O caminho tem subidas e descidas a princípio; mas é de carro, e torna-se plano quase que em toda extensão; larga-se a estrada do norte para entrar para o engenho, que pouco dista dela. Passei pela altura do engenho Paulista à direita, onde começou a revolução de 1824, e pela Maricota, e à margem do Timbó divisa do termo de Olinda do de Igarapé, encontrei o Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha e as autoridades do termo.

Do Timbó para diante começa a estrada do contrato chamada, e a obra pelo que pude julgar, já sendo escuro, e não alumando bastante a lua por causa das nuvens, tendo nos apanhado um pequeno aguaceiro, e chuvicado, não vai mal-feita.

Sinto-me fatigado e preciso de repouso.

5 de dezembro de 1859

Cheguei a Igarapé às 5, tendo saído de Monjope às 5 e ½ e seguido por um atalho. Fui logo à Matriz, que só tem de notável os 4 quadros das duas sacristias.

Na do lado esquerdo da Igreja, na parede à direita de quem entra na sacristia está um quadro com a seguinte inscrição em tinta branca:

Depois dos holandeses terem saqueado esta vila de Igarapé – (é assim se deve escrever e não Iguaraçu, de igara – canoa e açu – grande; exclamação dos caboclos quando avistaram no Engenho-novo junto ao rio, os navios de Duarte Coelho Pereira, que então subiram até aí, não podendo agora subir o rio senão em canoas com maré cheia) – no ano de

1632, tornando a ela no tempo em que estavam povoando Itamaracá a buscar telhas de algumas casas e igrejas para as fábricas, que faziam, indo e destelhar também esta igreja matriz de S. S. Cosme e Damião o não poderem conseguir, por que dos que subiram uns ficaram cegos, outros mortos. Ita Com. Trad. E para memoria se pôs este quadro no ano de 1729, que deu esmola o R. Pe. Manoel de Barros Vale. Foi vigário aqui.

Aparecem os 2 santos juntos no cimo do quadro que representa pintado a óleo sobre pau, como os outros 3, a cena de que fala a inscrição.

A inscrição do outro quadro dessa sacristia, que fica na parede da porta, à esquerda de quem entra, foi copiada por outrem e vai anexa, assim como a do quadro da parede à esquerda de quem na sacristia da esquerda da Igreja, o que tem algumas figuras melhor desenhadas de que todos os vistos até agora em três quadros, copiando eu a do quadro da parede fronteira a quem entra, que é a seguinte, sendo este quadro muito curioso pelo lado topográfico:

Um dos especiais que tem recebido esta freguesia de Igarçu dos seus Padroeiros S. Cosme e S. Damião, foi o defenderem-a da peste, a que chamamos males, que infestaram a todo Pernambucano e duraram muitos anos, começando no de 1685, e ainda que passaram a Goiana e a outras freguesias adiante, só a toda esta de Igarçu deixaram intacta, porque bem 2 ou 3 pessoas as trouxeram do Recife; nelas se findaram sem passar a outra, o que tudo é notório. E para memória se pôs este quadro no ano de 1729, e o deu de esmola Manuel Ferreira de Carvalho.

As seguintes povoações estão pintadas sob seus nomes respectivos, nesta colocação:

Goiana	Itamaracá
	Olinda
	Recife

Goiana tem bastantes casas, 2 Igrejas e um Convento, o do Carmo, há uma imagem com grande foice.

Itamaracá não tem poucas casas térreas, e uma de sobrado com 3 janelas, havendo entre esta e uma Igreja à esquerda da casa no quadro alguns coqueiros. Por detrás da Igreja existe arvoredos frondoso. Também se vê uma imagem da morte com grande foice.

Em Olinda as ruas apresentam-se com uma regularidade que não existe, e vê-se, a passagem aberta com arcos laterais que havia dantes sobre o varadouro. Há 4 imagens da morte com grande foice espalhada pela cidade estando uma para dentro da cerca dos Beneditinos, em cujo muro não vi indicada nenhuma fortificação, e mais outra onde se reconhece a Igreja de Sta. Tereza com seus coqueiros na frente.

No Recife há 3 mortes 3 pontos. Do lado esquerdo olhando para o quadro, vê-se uma fortaleza que julgo ser a do Brum, e do direito coqueiros, parecendo estar ainda mais para a direita S. Francisco. No centro, eleva-se uma torre que talvez fosse da Capela do Corpo Santo. No extremo direito, acha-se um edificio com a figura que abaixo vai desenhada, não sabendo se é o palácio antigo ou antes S. Francisco, sendo a Igreja, que chamo acima S. Francisco, o Carmo ⁰⁸⁸.

O local parece do do Palácio e o antigo tinha duas torres; mas a cruz sobre o frontão? Vê-se a ponta do Recife, com uma casa em cima, e o Arco do Bom Jesus, com o forte do mesmo nome ou quebra-pratos.

Fui ao Recolhimento das órfãs. Há 24 recolhidas e ensinam mal as primeiras letras e a coser, bordar e fazer flores sofrivelmente.

As obras novas foram feitas por diligência do Capitão Florêncio Xavier de Albuquerque, que é muito estimado, apesar de achá-lo moço para Recolhimento de mulheres. A frente que havia caído foi levantada em 50 dias durante a missão de Frei Caetano de Messina. Carece de regularizar este estabelecimento tornando-o mais útil à sociedade.

Na memória ou apontamentos sobre Igarçu do ex-juiz municipal Luna ⁰⁸⁹ Freire se acham mais informações sobre o recolhimento e outras cousas de Igarçu.

Há no Recolhimento um retrato antigo com esta inscrição em tinta: Retrato próprio do grande servo de Deus Pe. Paulo Teixeira da Companhia de Jesus, da Vila de Igarçu, no século perfeito pároco, na religião perfeito missionário, o qual floresceu santamente no Colégio do Rio de Janeiro, sendo o primeiro mestre de noviços no nosso noviciado do mesmo colégio, tendo de idade 50 e de religião 24.

Parece bom retrato, e tem um crucifixo na mão esquerda, gesticulando com a direita.

Convento de São Francisco. É grande mas sem vestígios históricos a não serem as palavras e figuras que traçaram nas paredes, ainda se lendo sobre as vergas das portas dos dormitórios 6ª companhia, 7ª os soldados durante a revolução de

1848.

Estragaram também a livraria e um frade a quem falei nada sabe não o seu Jaboatão e não tem notícia da segunda invasão do convento pelos holandeses.

A Misericórdia deverá ser um bom templo mas a capela-mor desabou quase toda, e os ladrilhos de tijolo do chão do corpo da igreja estão arrancados e os ossos espalhados.

Sobre o arco cruzeiro e na face inferior duma espécie de dossel de madeira lê-se: – Obras feitas pelo Provedor João Alz Carv°. Na era de 1776.

Tem uma bonita porta guarnecida de pedra amarela, com 4 colunas pequenas, mas elegantes e torsas duas de cada lado, ainda existindo sobre a porta a coroa sob a qual se distingue claramente o lugar de qualquer outro relevo. Sobre a janela da esquerda de quem olha, lê-se: – Ano; e da direita – 1740.

A antiga casa da Câmara em ruínas é digna de atenção por ter sido a maior da Província; é quadrada tendo no 1º andar 6 janelas da sacada e grades de ferro, em cada um dos 3 lados, havendo do outro 3 de peitoril com varões de ferro, tendo duas portas defronte duma das quais ainda se vêem os restos dos degraus duma escada de pedra cravados na parede, tendo-se quebrado esta cantaria como feito desta ruína pedreira para obras provinciais desde o tempo de Vauthier⁰⁹⁰; do lado oposto e fronteiro à primeira subia outra escada de cantaria. Fora do lado esquerdo de quem olha para o edifício havia um oratório, hoje inteiramente arruinado, para os presos ouvirem missa das grades.

Há 20 anos ou pouco mais ainda servira essa casa.

Vê-se ainda a coroa, frontispício, e o lugar das armas.

A vila não tem futuro e só a estrada de Goiana lhe dará alguma vida. Há uma obra de utilidade para a navegação, que já não é para barcos senão até o porto das Pedrinhas, onde há pouco tempo subiu um vapor, e é um canal que corta pela gamboa Garapé uma ponta que às vezes não se pode dobrar com vento norte; Itapissuma é o verdadeiro porto do termo de Igarapé; e a Companhia Pernambucana tem aí um trapiche.

Fui visitar as aulas. A de meninas, Maria Clementina de Figueiredo, tem 22 matriculadas num caderno. A professora não parece boa, e as meninas não se apresentaram adiantadas. Havia uma livraria de novelas traduzidas, e entre estas uma de Paulo de Cock.

A de meninos é regida por um padre, Manuel Inácio Bezerra do Amaral, que parece bom professor, mostrando os meninos que sempre têm aproveitado. Há 54 matriculados em livro, sendo a frequência 48.

Gostei de tratar com o tenente-coronel do 10.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, presidente da Câmara de Igarapé, Hemetério José Veloso da Silveira.

O Juiz Municipal Velez de Guevara é elogiado pelo Carneiro da Cunha (Manuel Joaquim) que diz nem o cortejar; nada ouvi em desabono do promotor da Comarca Manuel Isidro de Miranda que me pareceu vivo, quando lhe falei em Olinda; o delegado tenente do 9º Ribeiro pareceu-me ativo, e estão satisfeitos com ele.

O cemitério do tempo do cólera foi abandonado; mas o Dr. Carneiro da Cunha cede esse terreno por pertencente a Monjope, e detrás do Rosário, e vão restabelecer o enterramento fora da Matriz.

Sai de Igarapé⁰⁹¹ às 5 da tarde chegando às 9 ½ a Itapirema, fazenda da irmã do Boa-Vista, viúva de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, morto no combate de 2 de fevereiro, não me parecendo; mas a filha e o genro, filho do Brigadeiro Almeida.

O caminho tem lugares bem maus principalmente uma ladeira antes da de Taperuçu ou Tapiraçu, que as águas têm lavado toda, sendo o terreno aí duma espécie de tabatinga; e o chão também barrento ou arenoso do alto faz-se bela vista descobrindo-se ao longe Igarapé.

Encontrei bastantes macaibas e jatobás. Também achei mandacarus, sendo portanto a terra pouco fértil na maior parte, havendo contudo o engenho importante de Araripe de Baixo que pertence, como os de Araripe do Meio e de Cima a João Vieira da Cunha⁰⁹², com um belo açude para mover o engenho, indicando-me o Dr. Silvino⁰⁹³ um espaço onde produz muito bem a mandioca.

Mostraram umas caixas de pau penduradas nas paredes das casas que são cortiços de abelha uruçu, de que tiram mel fazendo da cera rolinhos; as velas que encontrei acesas com luminárias em tais casas são de carnaúba.

Na casa do engenho Itapirema ouvi a um Bezerra Cavalcanti, já de idade, protegido do Camaragibe e irmão do Vigário

de Magé, recitar as 58 ou 59 oitavas-rimas dum poemeto em que o Padre pernambucano Lopes Lima, nascido em 1730, conta toda sua vida, desde o nascimento até o bispo do Rio soltá-lo do Aljube onde estava preso, por ter depois de casado contra sua vontade expressa e portanto resultando nulo matrimônio, se ordenado na cidade de Córdoba da Confederação Argentina, hoje, para onde fora depois de ter estado em Buenos Aires fugido de Pernambuco, por causa do casamento a que o obrigaram por ter desonrado a que ele nega ter conhecido virgem.

Não deixa de ser curioso o poemeto, e a mania do Bezerra é decorar versos de que sabe muitíssimos, metendo-se também fazê-los de pê quebradíssimo.

6 de dezembro de 1859

Saimos de Itapirema pouco depois das 4 da madrugada, e depois de ter andado algum tempo o caminho tornou-se bom até Goiana.

A vista do Engenho Bujari, pertencente ao presidente da Câmara Antônio Francisco Pereira ⁰⁹⁴, é muito bela, descortinando-se a grande várzea de Goiana. Apanhei chuva durante talvez duas léguas antes de Goiana, nem sempre forte, e depois de mudar de roupa da viagem fui correr a cidade.

Tem 7 igrejas e a dos Martírios em completa ruína. Fui à da Misericórdia, em cujo frontispício lê-se – Ano 1723, encontrando uma lápide com o seguinte epitáfio – Sepultura de Francisco Afonso Vereia, Insigne Benfeitor desta casa de Misericórdia, 1726. Incendiou-se em 1820, sendo reedificada.

Há junto um hospital com 10 quartos no 1º andar e 10 no térreo, e 7 doentes, 6 homens e 1 mulher. A renda do hospital é de 50\$000; mas a da Igreja de 600\$000 – por ano, gastando-se também com o hospital. Tem capelão, e o escrivão que é boticário fornece os remédios da sua botica fora do hospital.

Visitei a aula de meninos do Barroso ⁰⁹⁵ com 118 matriculados em livro e freqüência 80 a 90, parecendo-me muito bom professor e distinguindo-se entre os alunos um pardinho de nome José dos Passos Queiroz, que freqüenta as aulas desde 1854.

Depois passei ao Convento do Carmo ⁰⁹⁶, defronte do qual há um cruzeiro, que é obra bem-feita e onde o coronel Lobo disse-me que há inscrições – não as vi – ficando o religioso do Carmo de copiá-las com vagar.

O Melo Rego também me disse que se lembrava de ter visto dantes uma águia com duas cabeças sobre a porta do convento de S. Francisco de Igarapu, ficando de examinar esse ponto. Na igreja encontrei uns epitáfios, cujas datas é que me interessaram; sepultura de 1688 de João Paes de Bulhões e sua mulher e filhos, e a de Conv^{os}... 1719. Sepultura (que não se lê bem) de 1687. O religioso, um dos 4 que costumam residir neste convento pertencente à Província Carmelitana de Pernambuco, supõe que a fundação do Convento teve lugar há 200 anos.

Os papéis foram todos estragados na revolução de 1848.

Lanço e meio do claustro está em ruína, destelhado, e parte das paredes caídas, o resto foi reparado.

Segui para a aula de meninos do Manoel Rodrigues Machado Lima, com 73 matriculados e 50 de freqüência. Um menino de 2 anos lê apenas mal e outro de mais de dois lê sofrivelmente, e respondendo do mesmo modo em gramática, dividindo bem; o professor parece bom.

Recolhimento da Soledade fundado há 100 anos. Há quarenta mulheres entre todas.

Frei Caetano de Messina reuniu o dinheiro preciso para reconstruir, segundo creio ainda, que disseram fazer um lanço.

Fazem obras de agulhas e flores, de que trago um ramo e rendados.

Tem acomodações e boa cerca.

Seria conveniente empregá-las no ensino, ou estabelecê-lo para meninas, aproveitando o edifício. Recebem 800\$000 por ano da Assembléia Provincial, sua única renda além do que vendem. Pareceram-me muito bestas, sempre de olhos baixos e procurando voltar a cara, principalmente quando se abriu a portaria.

Depois fui à aula de meninas, professora Maria Cavalcanti, com 68 matriculados em livro e 40 a 50 de freqüência. É boa e as meninas estão adiantadas.

Também vi as Igrejas do Rosário dos Pretos mais antiga que a Matriz, e a do Amparo, que terá sido fundada, segundo creio ter ouvido dizer ao Vigário há 178 anos.

A proclamação da Independência teve lugar na Rua Direita, que o é bastante larga, sendo quase todas as casas de Goiana térreas, e a população de 8 a 10 mil almas.

Ao meio-dia fui à Matriz, ao Te Deum, que não esteve mau, pregando mediocrementemente, porém por pouco tempo, um padre do Recife, fulano de tal Grego ⁰⁹⁷, de murça de seda preta com uma espécie de crachá à esquerda.

Depois tive beija-mão, apresentando-se o pai do Nunes Machado com 85 anos, havendo um primo do Nunes Machado de talento superior.

De tarde, fui ver a várzea e direção dos braços do rio Capibaribe-Mirim, o Tanquinho e o Massangana, dois lugares donde o povo tira água para beber, e é boa, algum tanto distantes da cidade e em nível muito mais baixo do que essa, sendo a água do Bujari, terreno mais alto, bastante afastada.

A obra que reclama a cidade é a facilidade de navegação que não se faz senão em barcaças e com maré cheia, até a distância talvez dum quarto da cidade. Atribuem isso a uma tapagem no braço principal do Capibaribe-Mirim, que o faz desviar a maior parte de suas águas para o lado do Jacaré, tendo sido essa obra feita, segundo consta, por ordem do Senado da Câmara, para evitar inundações na cidade, mas creio que foi mal pensado e que cumpre desobstruir esse braço do rio, antes do que fazer uma estrada de ferro de 2000 braças, desde Goiana até o rio Japomim, ou aprofundar umas gamboas que vão ter ao Japomim, aproximando-os da cidade por meio dum canal.

Também há o projeto de evitar as voltas e falta d'água do braço que passa perto da cidade, comunicando-o desde o porto até onde podem subir as barcaças com o braço que vai pelo Jacaré.

O presidente da Câmara ⁰⁹⁸ disse-me que havia oposição ao projeto de desobstrução, porque a maior parte das águas passaria pelo braço perto da cidade, prejudicando o dono do Engenho-Novo, Antônio Alves Vianna, por cujas terras passa o outro braço.

Há muitas intrigas em Goiana e a rivalidade existente entre o João Joaquim ⁰⁹⁹ e Antônio Francisco Pereira, parecendo-me ambos excelentes pessoas, ainda que tive uma queixa contra o último por causa de terras. Até na recepção influiu a rivalidade, preparando-se para a minha hospedagem a Casa da Câmara e outra maior, sob a influência de João Joaquim, patrono eleitoral do Dr. Aguiar ¹⁰⁰.

Esta casa que preferi, tinha mais cômodos, podendo nela ficar igualmente os criados de honra; mas deviam ter procedido com maior harmonia no oferecimento, tendo ambos os contendores feito parte da Comissão ¹⁰¹, constando-me que o Pereira não mandou da Casa da Câmara alguns objetos, que estavam aí para meu serviço e pertenciam ao João Joaquim. Ambas as casas estavam muito bem arranjadas.

Mandei convidar ambos para tomar; porém o João Joaquim ¹⁰² pouco se demorou. Este parece gozar de mais popularidade e agenciou uma subscrição de mais de 6 contos para o fim que determinasse, devendo ser empregados em renda para o hospital.

Houve de noite carro triunfal com 7 meninas, e bastante povo, e fogo na Rua Direita, em que estão as duas casas preparadas para a hospedagem.

Visitei a cadeia por baixo da Casa da Câmara, que é bom prédio, concluído em 1848, sendo a obra à custa da Câmara. A cadeia no andar térreo é boa, havendo fogões.

Os livros não estão bem lançados, se não é devido a irregularidade das autoridades, e não se faz a visita desde julho, dizendo-me o delegado interino tenente-coronel da Guarda Nacional Melo Gadelha que a não tem feito, porque houve bexigas na prisão e ele ainda não as tivera; parece-me pouco ativo, e portanto zeloso.

O Juiz de Direito Freitas Henriques diz bem do Juiz Municipal Maciel ¹⁰³, e também de si de cujo rigor se gaba, tendo sido causa das desavenças com o ex-juiz municipal, hoje de direito Caetano Estelita, obrigando por processo de responsabilidade alguns empregados de justiça e homisiar-se [sic] como um escrivão; convém examinar ainda o procedimento dos 2 magistrados; nada ouvi a respeito do promotor Júlio Barbosa de Vasconcelos.

A cidade tem de 6 a 8 mil almas, segundo ouvi; quase todas as casas são térreas.

7 de dezembro de 1859

Sai às 5 horas para a povoação de Tijucupapo ¹⁰⁴, cujo nome disse o tenente-coronel, creio que Joaquim Francisco Cavalcanti Lins, ser tradição provir dum índio que ficou enterrado no Tijuco até o papo; mas ouvi a outrem que queria dizer tijuco grande, e com efeito, há um grande alagadiço próximo.

Tive chuva e às vezes forte durante quase todo o caminho. Indicaram-me logo o local que passa do reduto defendido pelas mulheres, e com efeito a 12 metros de andadura seguida da povoação, cuja capelinha arruinada e enegrecida disseram-me ter mais de 100 anos, encontra-se uma chapada que chamam aqui chan do Engenho Megaó de Cima, de Raposo Antônio Falcão, um valo de 193 passos meus ordinários de circuito, formando a terra escavada parapeito, e tendo nos quatro cantos seu baluarte. Consta que havia dantes escada, e eu trouxe cortado a machado um pedaço de tronco duma sucupira queimada sobre um dos parapeitos.

Para o lado do mar fica a ribanceira do morro, não tendo por isso fortificação por este lado.

No vale e ao pé há um alagadiço onde se têm encontrado restos de instrumentos e algumas moedas pequenas quadradas, recomendando ao ten.-coronel que faça escavações e remeta o que achar e puder obter do já encontrado.

Há outra povoação chamada S. Lourenço de Tijucupapo onde está a matriz a pouco mais de légua da outra, mas não consta que haja vestígios de fortificação senão as que mencionei, e trato de indagar qual é a povoação mais antiga, podendo os habitantes de S. Lourenço ter-se refugiado num reduto a pouco mais de léguas de distância, ainda que ficasse assim um pouco longe do povoado.

No caminho para Tijucupapo vi um arbusto que confundia com as mangabeiras, ainda que tenha aquele – folha maior e mais verde, o qual dá um fruto de que o povo extrai azeite que é bom; chama-se Batiputá.

Fomos embarcar no porto do Buraco, gastando uma hora da casa do sub-delegado de Tijucupapo até ia andando a bomesquipado [sic].

A galeota não pôde chegar à margem do rio Tijucupapo e tive de entrar por ele a cavalo apeando-me para a galeota, que me levou ao “Pirajá”.

Ao meio-dia menos 7 minutos estava defronte da barra de Catuama com a ponta do Seleiro à esquerda, à direita um fortim em ruínas e por detrás o pequeno rio Tapesoca (talvez: Ita-pê-oc – caminho de pedra de picar ou caminho de pedra ou pedras pontiagudas).

Há currais que concorrem para entulhar cada vez mais o canal. Por detrás do fortim entra a gamboa do Carapari.

12 ½. Tomba-las-aguas, lugar onde encontram as duas correntes da maré que circulam a ilha de Itamaracá, entrando à direita o pequeno rio Congo.

1 menos 7, passa o vapor um pouco defronte de Itapissuma (talvez Ita-pissime – pedra lisa), pequena povoação à beira do canal do sul entre a terra firme onde está situado e a ilha. Há aí um trapiche da Companhia Pernambucana, bastantes casas térreas com uma capelinha e numerosos coqueiros; ainda não criaram aí a escola de primeiras letras, mas já se discute na Assembléia Provincial uma lei criando-a.

1 e 20. Sítio dos Marcos na terra firme; daí a pouco salvam o “Belmonte” e “Iguatemi” que estão fundeados defronte de Vila-velha, povoação de Itamaracá, à direita do lugar em que estava abria a gamboa de Garapé.

As crianças do sexo masculino superabundam na terra firme e as do feminino na ilha.

Disseram-me que havia muitos fornos de cal em Maria Farinha na terra firme, ao sul de Itamaracá, assim como diversas salinas na ilha.

A 1 ¾ estava o “Pirajá” aproando para eu desembarcar na ilha onde fiz o de galeota e numa praia toda bordada de coqueiros.

A ilha de Itamaracá tem talvez 3 léguas de comprimento e quase uma na sua maior largura, e 5 engenhos segundo o Almanaque deste ano.

Vila-Velha, que é agora uma triste povoação, está no ponto mais alto da ilha, subindo-se por íngreme ladeira. A matriz está aí, mas o vigário Fortunato J. de Souza e o coadjutor Ignacio Bezerra de Menezes moram no Pilar a 2 ½ léguas de distância, e o povo logo mesmo, na presença do vigário representou-me que não tinham vigário, morrendo muitos sem os sacramentos e não tendo missa.

Na parede do fundo da capela do Sacramento da parte da rua lê-se 1766.

Há uma casa inteiramente arruinada que foi cadeia e apenas existem restos da Misericórdia, e os alicerces da igreja de Santo Antônio.

A ilha terá 9700 almas segundo ouvi ao vigário que se regulava pelos fogos.

A aula de meninos tem 39 matriculados em livro, e 28 a 30 freqüentam habitualmente. Um menino de 7 anos de aula lê sofrivelmente, apenas sabe analisar gramaticalmente e não logicamente; o professor não parece bom.

Às 5 e tanto fui ao Forte do Orange gastando até $\frac{3}{4}$ de hora, mas descendo a ladeira de Vila-Velha a pé, tendo atravessar em galeota uma gamboa, cuja ponte não restabeleceram, porque há outro caminho pelo interior da ilha, posto que maior para o Pilar, e seguindo depois a cavalo.

Está bem situado no pontal da barra à esquerda de quem sai, tem a cruz e armas portuguesas sobre o portão. À direita de quem entra há frestas no muro do corredor que dão para um espaço em que há 3 arcos sobre os quais parece que devia crescer obra que nunca se fez. Todas as obras da fortaleza são de pedras grandes, exceto algumas muito poucas e nada importante de tijolo. Há um poço no meio do recinto da fortaleza onde se lê: ... mandou fazer à sua custa esta cisterna... de Veiga Cabral Gdo. esta capitania 1676.

Tem capelinha com seu capelão, cujo filho seduziu uma moça que veio queixar-se de que ele não queria consentir no casamento que o rapaz lhe prometera apesar da existência dum neto; 1 cabo, 2 soldados e o comandante.

A esplanada não foi toda feita, e a fortaleza é um quadrado com seu baluarte em cada canto. Todas as peças estão desmontadas ou quase desmontadas. A fortaleza está quase colocada na direção dos 4 pontos cardeais. No ângulo N E vê-se no mar um resto de recife artificial.

Segui para o Pilar por uma longa praia batida, tendo antes atravessado areia solta onde vi um arbusto baixo chamado Gajiru, que dá fruto sem pedúnculo como a jabuticaba. Há muitos coqueiros pela praia pouco afastados do mar.

A povoação do Pilar foi crescendo por causa da passagem das barcas costeiras que aí tocam e tem bastantes casas. Cheguei já noite fechada, mas com bela lua porque fui até a mangueira plantada no lugar da célebre mangueira jasmim, a que se liga a legenda amorosa de Maria e de Ivo, chamado o redivivo sobre o que Soares d'Azevedo, do Ginásio, fez uma poesia que ficou de dar-me. Não é tão bonita como outras que a cercam, e se encontram sendo o caminho pouco fácil; mas aprazível principalmente no palmar que se atravessa antes de chegar a uma capelinha.

Colhi algumas folhas de mangueira, às 6 $\frac{3}{4}$ aumentando o luar as saudades que o lugar me despertou.

Também me prendeu melancolicamente o aspecto da lua entre os coqueiros por que se passa ao chegar ao Pilar, que também é cercado de coqueiros.

Estava de volta em Vila-Velha às 8 menos 5, mas também o meu cavalo na praia batica [sic] andava desequipado que punha todos os outros cavalos de galope largo.

A gente de Itamaracá é preguiçosa e refratária a todo serviço, vivendo numa certa independência das autoridades, segundo ouvi, e o batalhão da G. N. que já teve 300 praças no tempo que o comandava o tenente-coronel Lobo, chefe do Estado Maior da G. N. de Olinda, está hoje desorganizado, existindo no município organizados 2 outros, o de Olinda que é o que tem algumas armas, e o de Igaracu, comandante superior J. Cavalcanti d'Albuquerque, cunhado do Silvino e seu patrono eleitoral contra o Dr. Manoel Joaquim Carneiro da Cunha ¹⁰⁵, que é homem de muito mais préstimo e de excelente caráter.

8 de dezembro de 1859

O "Pirajá" ¹⁰⁶, em que saí de Itamaracá vindo por dentro do recife, encalhou defronte do Forte do Pau-Amarelo, lugar em que desembarcaram os holandeses em 1630, e tive de passar para o "Iguatemi" ¹⁰⁷, continuando a viagem por fora do recife.

Avistei a igreja de Maranguape e pouco antes de chegar à altura de Olinda que é muito bonita do mar, enjoei sofrivelmente, vindo incomodado até passar o Forte do Picão.

Ao meio-dia fui ouvir missa no Espírito Santo e de tarde dei o passeio de Madalena, Remédios e Afogados.

9 de dezembro de 1859

Fui às 6, ver os quartéis de Cavalaria e da Polícia. O primeiro é muito acanhado e mal situado, perto dum mangue e

tão baixo, que três compartimentos não servem por causa da umidade. A escrituração pareceu-me regular. Queixa-se dos fornecimentos do Arsenal, como nos outros quartéis de linha, e os antigos selins, os novos são bons, estragaram os cavalos. Estes bebem mal, esperando o capitão Castro Araújo desacostumá-los, o que não crê o Comandante da Polícia que ele consiga. Um calceta que serve no quartel queixou-se de que lhe davam de comer nem a diária, vivendo do que pode obter para comer. O xadrez não tem forro e já um preso tentou fugir por cima da parede divisória. Não tem água, recebendo-a dum escaler, nem iluminação a gás. Os gêneros pareceram-me bons menos o feijão que não é preto; o café vem torrado do fornecedor.

Cada ração de arroba e meia de capim, que come o cavalo por dia, custa 400 réis, e o resto da alimentação ainda por mais de 300 réis.

As baias não são boas, e a madeira cobrindo os canos de escôo há de conservar sempre sujidade. A maior parte dos cavalos estava com mataduras dos antigos selins.

Quartel da Polícia ¹⁰⁸. Mal acomodado pela estreiteza, e pessimamente situado para o fim a que é destinado, porque facilmente se encurralam os soldados. As companhias estão bem arranjadas, ainda que as armas se apresentem pouco limpas internamente, sendo todas de espoleta. Tarimbas fixas, tendo o comandante pedido, há mais de ano, 200 camas de ferro ao Arsenal de que só mandaram 50 que aliás não vi servindo, não havendo senão poucas praças no quartel por causa dos destacamentos.

Escrituração em ordem; mas sei porque chega a ter 12 contos em cofre, não sendo preciso naturalmente tanto dinheiro para os adiantamentos que se tomarem; hoje tem 5 contos e tanto.

O quartel tem uma parte bastante arruinada. Não tem água dentro nem iluminação; o despejo faz-se em cubos de madeira. Não tem rancho, as praças existentes empregam a etapa como querem.

Antes de ir a este quartel, estive no Hospital dos Lázarus, fundado em 1789 por Tomás José de Melo, cujo retrato aí se acha. Tem 22 homens e 11 mulheres. Tem capelinha bonita. A casa carece de consertos. Tem espaço para construir, mas os doentes criam galinhas. Os gêneros pareceram-me bons, à exceção da manteiga francesa, como nos quartéis, que estava rançosa, sendo a comida dada aos doentes por postigo, o que me parece não dever ter lugar. Tem cacimbas para água de serviço mas não tem encanamento para água potável. Não tem ração de chá nem de café; bebem ao almoço água quente com leite. Não me parece que vi bem este estabelecimento.

Às 11 e tanto da manhã, fui assistir à distribuição dos prêmios ¹⁰⁹, e gostei mais deste estabelecimento que do da Bahia. Ouvi o 1º premiado do 1º ano Virgílio Augusto de Morais, que me admirou pelas suas respostas prontas e quase sempre exatas. O regedor padre Joaquim Rafael da Silva parece ser excelente, e gostei de ver o modo por que procedeu durante a minha visita, e daí sua livraria.

Os professores ¹¹⁰, julgo-os bons, assim como o de matemáticas elementares, o de grego, e o de língua e literatura nacional. O de francês não é como seria necessário; o de inglês, que tanto desejava ouvir, por causa da questão teológica com o Feitosa, não se achava presente, e o Brunet ainda sabe mal a língua, pronunciando às vezes de modo a provocar riso. O de alemão mal pôde mesmo, por falar muito baixo, deixar-se apreciar, não me parecendo todavia, bom, os outros não os ouvi nem pude aquilatar.

Um dos meninos premiados leu um discurso gratulatório em latim que me pareceu puro; obra do mestre ¹¹¹ segundo me disse o regedor ¹¹².

A casa é muito acanhada apenas cabendo 40 e tendo tido este ano 38 e agora 32 depois dos exames e férias. As camas têm tapagens de pano nelas mesmas, que não deixam ver umas de outras; mas os lençóis estavam sujos; quanto ao resto tudo me pareceu bem asseado.

No andar térreo está a coleção de História Natural arranjada pelo Brunet; agradou-me, porém hei de ir vê-la com vagar uma tarde, assim como examinar se parte não deveria ter sido remetida para o museu do Rio pelo Brunet, que recebeu dinheiro do governo geral para explorações científicas pelo interior de algumas das Províncias do Norte, e nada ou pouco remeteu.

De tarde perto das 6 fui à fábrica de sabão, no aterro dos Afogados, de Rostron Rooke e Companhia. Não encontrei ninguém que me pudesse dar informações como desejava e apenas posso dizer que há 3 caldeiras para fazer sabão, 2 cada uma de 25 toneladas e 1 pequena, levando cada caldeira grande 22 barricas de sebo, 5 de azeite de dendê, dentro 40 e 60

de breu, e 12.000 libras de barrilha de carbonato de soda – o de potassa torna o sabão mole – depois de dissolvida na água com um pouco de cal. A massa é remexida por meio duma chapa de ferro estreita de forma helicoidal, e vai depois por uma calha para os resfriadores, sendo o movimento impresso por uma máquina de vapor de 6 cavalos. Havia 500 barrilhas de barrilha. Tem iluminação a gás. Fazem-se as caixas na fábrica, e os paus de sabão são moles e têm muito cheiro de terebintina, cor amarelo escuro. Esperam poder fazer sabonetes dentro de 6 semanas. Abriram uma vala até dentro da fábrica para condução do que lhes é preciso. Trabalha das 6 às 6, com 6 trabalhadores livres, 5 nacionais e 1 português, e 6 escravos. Disseram-me que havia mais 5 fábricas de sabão na cidade e 1 nos Afogados; mas creio que a mais considerável é a que visitei.

10 de dezembro de 1859

Cabo é vila pequena de 2.000 almas quando muito, tendo só duas casas de sobrado que eu visse. Possui 4 igrejas, sendo a Matriz sofrível, onde fui logo assistindo ao Te Deum e sermão do cônego Lino do Monte-Carmelo, pregador imperial, que foi infeliz na visão que figurou ter da fama que lhe vinha falar a meu respeito; esperava mais dele pela fama que tinha.

Numa colina para o sul da vila há umas ruínas duma casa de taipa, que deitaram abaixo há 2 anos e conheciam pela casa do holandês, lembrando-se de ela já existir em 1790; a taipa era muito bem feita.

Há pequenas olarias no município, e no Engenho Barbalho monta-se uma grande com máquina, movida por animais, para fazer tijolo.

Há boa água por detrás do Rosário, e bebe-se também e não é má do Pirapama, navegável com maré por barcaças até o Engenho Velho, do Lourenço de Sá e Albuquerque ¹¹³, 2 ¼ léguas da barra das Jangadas, havendo cachoeiras daí para cima.

Existe pedra calcária no Município, mas as ruas não estão calçadas, tendo o sido algumas de Igarapu, antigamente, por modo a durar ainda o calçamento.

Visitei a aula de meninos; não estava nenhum presente por se acharem em férias, sendo 24 matriculados dos quais faltam muitos à aula, não constando por atestado de médico se foram ou não vacinados ou já tiveram bexigas.

O professor Claudino dos Santos Lopes Castelo Branco é do 1º grau e tem 20 anos de magistério; mas não me pareceu bom, quando pude julgá-lo, por isso que sempre apareceu um menino que leu sofrivelmente, estando há um ano na aula tendo freqüentado outras antes, e um pardo logo me representou mesmo na presença do professor contra o procedimento dele recusando a admissão de alunos. Como o pardo falasse um pouco forte, disse que não era este o modo de representar, e que escrevesse a sua queixa; mas ela ainda não apareceu e creio que houve alguma transação, contudo trato de informar-me por intermédio do presidente da província.

Não há professora pública de meninas, e a particular que gozava de melhor conceito retirou-se.

Não se fez na cadeia a divisão de que fala o relatório do Sérgio, para haver lugar para a enfermaria, e os livros estão muito insuficientemente escriturados, não existindo o do termo de visitas, que me disseram não se fazem regularmente como obrigação.

Existem 13 presos e 2 presas. O destacamento é de 23 policiais. O delegado retirou-se, na véspera, doente para o Recife e não havia quem o substituísse por ora.

Durante o cólera houve cemitério, mas agora enterram nas igrejas, menos na matriz.

No município só há organizado um batalhão com 1.000 praças mas não tem armas; os oficiais já se acham todos nomeados.

O Juiz de Direito Rego Dantas passa por probo, mas é estúpido; o Juiz Municipal Felisbino Vasconcelos parece inteligente bem como o promotor José Silvano Hermógenes de Vasconcelos.

Tive de voltar até a estação da Ilha para tomar para Serinhãem, passando a noite de hoje no Engenho Mercês de Manuel José da Costa ¹¹⁴, filho do negociante Bento José da Costa a cujos filhos consta-me que muito ganhou no jogo o Ten. Cel. Lobo, que também facilmente gastou o que ganhou, ficando aqueles quase pobres, passando a propriedade do Engenho Mercês ao Manuel José da Costa do sogro Joaquim Cândido Gomes, que casou a filha com a condição do genro não vir à cidade do Recife.

A estrada que ainda não está terminada e foi feita por arrematação, tendo-se encampado alguns dos contratos perdoando a Assembléia Provincial não só a multa como a diferença de preço da obra ulteriormente feita sobre a do contrato, e a diferença do valor entre as quotas recebidas pelos arrematantes, e a obra feita, que importava em mais está mal conservada lançando-se as plantas tiradas da estrada nas valetas onde já crescem outras.

Há uma obra importante que é o corte no Engenho Serraria, cujo contrato tenta-se encampar. Este engenho foi legado ao filho do Nabuco ¹¹⁵, por uma viúva tia de Paulino Pires Falcão, irmão do ten.-cel. Camilo, por cujo belo Engenho Massangana passei já quase escuro.

Nesta viagem passei ao lado das terras do Engenho Algodoads que foi do Morgado do Cabo ¹¹⁶.

O engenho de Mercês, perto do qual o dono deu uma queda do cavalo por causa do atropelo dos mais cavaleiros que eram muitos e todos queriam aproximar-se de mim, obrigando o do Manuel da Costa a cair num pequeno barranco, tendo-se o cavaleiro pisado um pouco o quadril.

É muito bem situado na várzea do Ipojuca, que é navegável por barcaças independentemente da maré até o engenho Trapiche, acima da fazenda Guerra do ten.-cel. Camilo Pires Falcão.

Tem boa casa de vivenda com capela ao lado; 135 escravos; máquina de 5 cavalos de baixa pressão, cujo combustível é o bagaço, gastando-se lenha na fornalha das taxas, fazendo 5 mil pães ou 20.000 arrobas por ano, e sendo bom o açúcar da segunda barreação [sic], levando a purgar em 30 dias em fornos de barro, que se fazem no engenho onde há boa argila. Tem estufas para quando não há sol.

Este Engenho passa por um dos melhores da Província, o que prova o atraso do fabrico.

11 e 12 de dezembro de 1859

Ouvi missa às 5 horas da manhã do dia 11, dita por um frade do Convento do Ipojuca, que me consta estar em ruínas, perdendo-se assim tão bom edificio nas mãos inúteis dos frades, partindo às 5 ½.

Subi a um morro donde se avista o Cabo; mas apenas julguei ver o Convento de Nazaré, sendo mais bela a vista do lado da várzea onde está o Engenho Mercês; tendo tomado o caminho depois de descido o morro às 6 horas. Tive que retomar a estrada de que desviei-me para ir ao Engenho Mercês.

Passei pelos Engenhos Guerra, Salgado, Boassica, Pindobinha, Genipapo, Sibiró Cavalcanti, e Anjo do Coronel de Milicias Drumond, irmão de Antônio de Menezes, que possui mais 5 de muitas terras e boas; bastando olhar para o terreno que se atravessa para reconhecer a fertilidade desta parte da Província.

O Genipapo ora pertencente à viúva do Albuquerque Maranhão, irmão e sogra do Boa Vista, é célebre no assassinato, que teve lugar durante a presidência deste, do dono Antônio Francisco, que acusaram de ter morto um Cavalcanti. Os parentes do assassinado reuniram-se com seus capangas em número de 300, sendo capataz o atual tenente-coronel dos 42 do município do Rio Formoso, Gaspar Cavalcanti de Albuquerque Uchôa, que se me apresentou sempre de casaca, apesar de lhe fazer notar a sua falta, desculpando-se ele com não estarem fardados alguns oficiais do batalhão, que tem alistados 800 e tantas praças não sabendo o número exato, a cuja testa de todos os oficiais se devera apresentar então fardado – e acometeram o engenho não tendo valido ao Antônio Francisco fugido para o telhado da casa durante o cerco, porque aí mesmo o mataram, atirando o cadáver do telhado abaixo e cortando-lhe as orelhas.

A mulher de Antônio Francisco, vendo que queriam matar o marido, recorreu ao delegado de Rio Formoso, Pedro Rates, atual empregado da Alfândega, prometendo por parte do marido entregar-se, contanto que não o matassem, o que apançou o delegado, não se cumprindo aliás sua palavra.

Uma força que o presidente mandou sob o comando de Miguel Afonso Ferreira, pôs-se a almoçar em Mercês e quando chegou a Genipapo, estava o homem morto e os criminosos fugidos, pondo-se pedra em cima do negócio até hoje; já dei as ordens que reclamam semelhante atentado.

O engenho Anho é célebre por causa da fugida do capitão do palhabote negreiro de Serinhãem.

A estrada de certo ponto para diante é antes trilho, e por causa da ponte da estrada real sobre Serinhãem, estar se consertando por contrato com o Millet, tive tomando por um desvio de atravessar numa ponte no Engenho Anjo, o rio Serinhãem, navegável por barcaças conduzindo 15 caixas de açúcar cada uma de 40 a 60 arrobas e independentemente de

maré até porto de Camaragibe pouco acima da vila, e com maré carregando 10 caixas até porto de Pedras 4 léguas da vila, contando-se desta à barra 3.

Cheguei a Serinhãem às 8 e 22 minutos. A vila é muito menor que a do Cabo, mas está melhor situada do que aquela, a qual todavia goza do alto, em que se acha, da vista dum bonita várzea e tem as igrejas: da Matriz (N. S. do Livramento) reparada em 1840; a Matriz em ruínas (N. S. da Conceição, segundo me disse o Vigário), o Rosário dos Pretos, que se está cobrindo de novo, São Francisco e São Roque.

O Convento de S. Francisco está muito bem situado e é grande.

Do lado do E. tem belíssima vista, descobrindo-se o mar e a ponte de Sernambi assim como a ilha de Santo Aleixo como a casa do inglês Dabney, e não muito longe da base da montanha o rio que forma um lindo S, cuja península quando bem plantada há de aformosear muito a paisagem, já havendo aí suas [courelas?] regularmente plantadas.

A cerca do Convento só tem pés de mandioca, que tem encontrado em abundância por essas várzeas do Ipojuca e Serinhãem.

A capelinha de São Roque está edificada sobre uma rocha granítica para o sul da vila, havendo na base da parede direita da capelinha um lagrimal saindo dum pequena cavidade no granito, que só seca nos grandes verões, escorrendo agora. Consta que no lugar da capelinha houve um forte holandês.

A aula de meninos, que é a única, do 1.º grau tem 64 matriculados, e sendo a freqüência de 40 a 46. Fizeram exames 5 e um dos aprovados com distinção, tem na sua escrita em pedir em lugar de impedir. Nenhum estava presente; mas o professor Antônio Vieira de Barros não me pareceu bom.

Havia 3 homens e 1 mulher na cadeia. Cozinham na prisão; as prisões não são ladrilhadas, têm tarimbas fixas e pouca luz. Não tem havido visitas e portanto não existe o livro de termo delas, assim como o de óbitos.

Só agora é que declaram, incompletamente, os sinais dos presos, assim como, desde abril de 1857, segundo declarou o Juiz Municipal, ainda que não o visse o estado do processo, enfim este serviço é muito mal-feito, sendo aliás muito ativo o delegado capitão José Ângelo de Moraes Rego.

O Juiz Municipal agora servindo de Juiz de Direito no impedimento do Paes Barreto, Gervásio Campelo Pires Ferreira ¹¹⁷, parece-me muito severo cumpridor dos seus deveres, tendo feito muitas prisões de criminosos quando delegado, e só notei que hesitasse em referir-me, mostrando-se a princípio ignorante, mas não ao Almeida Pereira, as circunstâncias do assassinato do Genipapo, aliás sucedido quando ele ainda estava no Curso Jurídico; desculpou-se com a presença de certas pessoas quando lhe perguntara. Deu-me algumas notas sobre Serinhãem e Rio Formoso que junto a este diário.

O comandante superior do município Paulo de Albuquerque Salgado não sabe o número de praças alistadas no seu município, e como ao depois observarei melhor, a Guarda Nacional parece-me achar-se em mau estado nesta Província quanto à sua organização, apesar da gente ser muito propícia para a vida militar.

Soube que o vigário Demétrio Jacome de Araújo era acusado de desvio de dinheiro por ocasião do cólera-morbus.

Sai de Serinhãem à 5 ¼ da tarde. Passei logo pelo Engenho de Água-Fria com o açude; e pouco depois povoado de Santo Amaro com sua capela e uma rua de casas térreas.

O terreno torna-se montuoso e não me parece tão fértil.

À noitinha passei pelo Engenho Goicana com um grande açude, e boa, e elegante casa de vivenda do Dr. Sebastião Lins ¹¹⁸; as colinas e no cimo dalgumas neste lugar há visgueiros, árvore cujos ramos abre como chapéu de sol, parecendo-me a que assim se chama na Corte.

Cheguei ao Rio Formoso atravessando um aterrado sobre um mangue, que em maré cheia impedia o trânsito a cavalo antes de se fazer essa obra nos fins da presidência do Boa-Vista, às 7, sendo o caminho em grande parte um trilho mau em alguns lugares.

Antes de chegar ao aterrado, passei por umas massas de granito destacado perto dum alambique ou destilação como aqui chamam, que me pareceram mais curiosas com o escuro do que depois que as vi de tarde; contudo são grandes e não vi donde fossem arrastadas pelas forças da natureza.

Rio Formoso há poucos anos era um engenho, e ainda existe a casa da proprietária D. Francisca ¹¹⁹, chamada do rio Formoso, espécie de potentada [sic] do interior, à direita da casa onde me hospedei no largo do mercado, e no lugar dum

fileira de casas térreas fronteiras era a casa de purgar do engenho. Todos pagam foro, creio que a um filho de d. Francisca, tenente-coronel da G. N., e na razão de 2 patacas por ano de palmo corrente, cobrando ordinariamente 500\$000 mensais.

A causa da prosperidade da povoação, que aliás não é considerável como se verá da nota que junto dada pelo Juiz Municipal Gervásio, é a navegação do rio, que seria melhor aproveitada, mas com a decadência talvez do Rio Formoso, e estabelecimento duma florescente povoação na várzea de Tamandaré, de cujo excelente porto falarei depois, se desembarcando e embarcando aí os gêneros, seguissem estes por trilhos de ferro até Ariquindá, afluente do Rio Formoso, e depois por aquele a este até onde fosse navegável, havendo da cidade de Rio Formoso até a foz do Ariquindá 2 léguas, e desta até os trilhos já estabelecidos na extensão de 800 braças até o trapiche de Tamandaré, outras 2 léguas.

Barreiros também distrai o comércio do Rio Formoso, e o rio Una navegável com maré como o Rio Formoso, passa pelo mais bonito da Província, sendo que me parece a mais importante sobretudo depois de feita a estrada de ferro até Água-Preta.

A cidade tem só duas igrejas; a matriz, que foi capela do engenho, e a do Rosário num alto donde se goza de boa vista, tanto quanto permitem as colinas elevadas que cercam a cidade. Há um olho d'água de beber muito boa, perto; mas o proprietário do Engenho Sequeira põe agora embaraços à tirada d'água, tendo eu já recomendado este negócio ao Presidente.

A cadeia é uma casa onde há duas grandes gaiolas de pau para os presos, estando os livros como em Serinhãem, senão piores. O delegado é o Capitão Alexandre, que passa por ativo. O destacamento é de 7 soldados, 1 cabo e 1 sargento. A Casa da Câmara é pequena, mas tinham-na arranjado de novo.

Fui às aulas. Na de meninos, há 66 matriculados e freqüência 40 e 52.

O menino mais adiantado, segundo me disse o professor, o qual entrou para esta aula no dia 1º de março deste ano, tendo estado na aula do método repentino, que já acabou, dum Manuel Simões, lê bem assim como divide e escreve mas não sabe conjugar os verbos; outro entrado a 9 de agosto de 1852 e que já tinha freqüentado antes a aula do método repentino, lê sofrivelmente; divide com um só algarismo porém muito mal, e mal sabe os verbos auxiliares; contudo talvez se deva atribuir, o ter dado má conta de si ao incômodo que já tivesse e por fim o obrigou a vomitar quando foi se assentar no seu lugar, donde saiu carregado para o interior da casa.

Não sabem quase nada de doutrina cristã. O professor Antônio dos Santos Vital pareceu-me sofrível.

Na de meninas há 51 matriculadas e freqüência 40 e tantas. Uma menina que está na escola há 3 anos e foi apresentada como a mais adiantada, lê bem assim como divide; porém nada sabe de gramática, e outra completando 3 anos de aula lê menos bem que a primeira, nada sabe de gramática e atrapalhou-se na divisão, cujo método empregado na escola é sujeito a enganos de quem não estiver com bastante atenção.

Uma terceira menina de mais de 4 anos de aula lê sem tropeçar; mas não se importando com as vírgulas; nada sabe de gramática e dividiu bem.

Sobre doutrina a 3ª menina, que parece talentosa, respondeu bem, mas a professora, Maria Isabel Lins, creio que pouco sabe dessa matéria, e parece-me medíocre.

A escrita da 1ª menina é sofrível, assim como a da 2ª, sendo a da 3ª pior.

O cemitério está muito perto da povoação, e daqui a pouco achar-se-á dentro dela, o terreno não é mau para o enterramento. O matadouro acha-se além do rio; é apenas um telheiro sobre pilares, e matam-se aos sábados 16 bois termo médio, e às 3^{as} guardando-se a carne para outros dias da semana, como já me haviam dito em Serinhãem, onde matam aos sábados 5 a 6 bois; o gado já vai faltando com o verão.

O batalhão 44 tem 800 praças alistadas, e apesar do comandante, o ten.-cel. José Luiz de Caldas Lins ¹²⁰, ter recebido a lista de qualificação há 3 meses, ainda não está organizado, sucedendo o mesmo ao 43 de Serinhãem com 800 e tantas praças alistadas, e cujo comandante, tenente coronel Coriolano Veloso da Silveira ¹²¹, recebeu a lista de qualificação há 3 anos, e todos os oficiais dos batalhões já estão nomeados!

De tarde fui ao alto da fazenda Machado – hoje dum Laurentino, perto da cidade, donde se vê a barra do Rio Formoso com o célebre reduto com o qual me divisei, de Salvador Albuquerque, à direita de quem sai, e à esquerda a igreja de N. S. de Guadalupe, mostrando-me a direção do rio ou gamboa e do canal, que reúnem os rios Formoso e Serinhãem.

A casa de vivenda está embaixo desse alto, mas goza-se quase que da mesma vista do terraço em frente da casa. Do alto não se descobre, para o lado oposto do mar, toda a cidade, que segundo já disse está entre colinas elevadas, não tendo o rio pelo que pude apreciar nada de formoso, e sendo o local muito quente, ao menos durante as duas noites que dormi nessa cidade.

Nas duas noites passou por defronte da casa onde me hospedei um batalhão patriótico de bandeira e música, tocando 2 ou 3 vezes o hino e dando vivas depois de parado defronte da casa.

Tive uma queixa contra o juiz municipal Francisco de Caldas Lins ¹²², que o juiz Gervásio não desabona, não me agradando contudo a sua fisionomia e parecendo-me acanhado.

O promotor Aires de Albuquerque Gama ¹²³, filho do visconde de Goiana ¹²⁴, é inteligente, mas pouco ativo segundo ouvi ao Gervásio.

Há muitas intrigas nesta localidade e 2 partidos, sendo o chefe dos conservadores o Ten. Cel. José Antônio Lopes ¹²⁵, presidente da Câmara e comandante da artilharia, que é o único corpo que tem armas, e o Vigário Antônio Marques de Castilho, e escrivão do júri Antônio Pinheiro da Palma, da gente do Feitosa, sendo estes acusados de contrariar os festejos públicos, espalhando que eu vinha libertar os cativos e recrutar, querendo o vigário negar o pálio à Câmara, e aquele tendo sofrido um processo por causa duma morte, como vi de uns autos que me trouxe entre outros provando abusos, o escrivão Palma, e tendo uma sentença do juiz municipal Teodoro Machado Pereira Silva, que declarou que ele apenas pode ser considerado como aconselhando a morte por palavras proferidas. Este processo como outros não tem tido andamento, e cumpre examinar melhor o que há a esse respeito.

O Lopes foi o que dirigiu os arranjos da minha recepção à testa duma comissão, sendo a casa dum português, inquilino dum irmão do Desembargador Santiago. A casa é de sobrado com sótão, as duas próximas também são de sobrado.

O deputado Augusto de Oliveira ¹²⁶ acompanhou nesta digressão desde a estação da Ilha; mas não foi por querer apresentar-se candidato pelo círculo do Rio Formoso, de que é Deputado o Sá Albuquerque, de que 2 irmãos me acompanharam sendo um deles o Lourenço, como a principio desconfeitei; talvez se quisesse dar importância acompanhando-me sempre com vistas eleitorais; numa conversa disse: quando eu ver.

Disseram-me que o aparelho de porcelana de chá que usei servira por ocasião de meu batizado a meu pai que o dera ao visconde de Goiana.

No Rio Formoso a recepção pareceu-me menos entusiasmada que em outros lugares, ainda antes do que me disseram do vigário e escrivão.

13 de dezembro de 1859

Parti às 5 para Tamandaré, seguindo o caminho do Brejo por melhor, apesar de ser mais longo que o da Perereca.

Passei pelo Engenho Mambucaba que tem boa casa de vivenda e capela, pelo do Brejo, e perto do Tamandaré por Água-Comprida, bem posto nome a esse trilho por dentro d'água.

O caminho do Rio Formoso a Tamandaré é sofrível.

A Fortaleza está numa várzea grande de relva circulada de coqueiros à beira mar. É muito menor que a de Orange. Tem 4 baluartes, estando o de N. E. já caído em 1790 como consta do registro da fortaleza onde se lê que desde então pediam seu conserto; o de S. E. também caiu, e o do N O acha-se muito arruinado, sendo o mais conservado o de S O que é o único que tem a guarita. Tem 21 peças todas desmontadas, e um obus desmontado com armas portuguesas, por cima de outras com 5 flores de lis na parte esquerda do escudo, e uma torre na direita, coroada por uma cruz, e sobre o escudo um capacete de viseira caída sobreposta por torre meçada com cruz no alto.

Há uma capelinha com tribuna para a família do comandante, mas já sem assoalho.

O corredor da entrada da fortaleza tem frestas laterais como no forte de Orange. Há um sobrado sobre a cortina por cima do portão interrompendo essa linha do forte. O fosso está meio entupido, apenas se percebe a contra-escarpa, e vêem-se restos da banqueta do fosso.

Vi 3 peças curiosas: uma com um leão em pé coroado, e de espada na mão direita, enfeixando 7 setas na esquerda, e a data de 1621, e por baixo – Concordia res parvae crescunt. À roda do pomo lia-se: Coenret Wecewaert me fecit Hagae;

perto outro com uma cifra tendo em cima uma coroa com cruz no cimo; o 3º veio do Forte do Buraco com esta cifra e por cima do pomo 1353, tendo por baixo à roda daquele: Niclaes Sickmaens me fecit. Há outra peça holandesa como a primeira; mas tendo dos lados do ouvido ao alto dois pequenos ferros furados.

Depois de visitar estas ruínas, fui pelo leito do trilho de ferro, cujos rails são cravejados do tipo em longuias de pau, até o porto de embarque no canal que vai ao Araquindá, na extensão de 800 braças; quase que não é freqüentado e arruína-se. Daí voltei para tomar por um caminho que me levou à margem do Arequindá que parece fundo, e não é estreito.

Depois percorri a estrada provisória de Tamandaré e Una contratada com o Millet ¹²⁷ dum modo ilusório para ambas partes, ou antes para a Província, não sendo a estrada de mais vantagem senão para a Companhia Pernambucana, que aliás pouco lucra com o porto de Tamandaré, por não querer melhorar o modo de embarque e desembarque dos gêneros. O contrato obriga o Millet a fazer a estrada em 24 meses conservando-a durante esse prazo; mas ela está com bastante mato em muitos lugares, e há uma ponte para além da qual passei que até custa a passar a pé, também contratou-se a construção por 5\$000 a braça corrente, entrando toda a despesa necessária para a passagem na estrada, ainda que há muitos trechos facilimos como o 1º lanço que é plano e todo areia solta em que abriu as valetas da estrada, não havendo condição nenhuma a respeito da natureza do terreno.

Também na estrada do norte, perto de Igaráçu para o lado do Recife, a estrada vai por areia solta, e só obrigação para o empreiteiro Mamede de barrear 20 palmos de largura da estrada, devendo ela ser de 30; este contrato pela falta de cuidado com que foi feito, parecendo-me visto a qualidade do terreno muito 35\$000 por braça corrente, pode ser lesivo a qualquer das partes contratantes.

A repartição das obras públicas está mal montada, não podendo haver fiscalização em tantos pontos com tão pouca gente e pouco fará o diretor interino Melo Rego, que é inteligente e mostra-se ativo.

Almocei no trapiche da Companhia Pernambucana de que o Millet parece ser a alma, e às 11 embarquei. O porto tem muito fundo até perto da praia sendo abrigado pelos recifes, um dos quais forma um perfeito poço por onde se entra por duas passagens, sondando-se dentro 2 braças.

A viagem não foi incômoda porque conservei-me na varanda do vapor “Amazonas” ¹²⁸ deitado, por causa do enjôo que não veio, numa cama armada sobre baús.

A ilha de Santo Aleixo estava toda embandeirada e atirou foguetes – segundo me disseram, porque precisava de sono.

Vi bem o Cabo e o Convento de Nazaré no alto, e fortaleza na base da montanha, sendo o terreno argiloso, apresentando as barreiras um pouco ao norte o aspecto de edifícios.

Desembarquei atrás do Palácio, pela volta das 6 ½.

14 de dezembro de 1859

Fui às 11, à refinaria de Barros Barreto ¹²⁹ no Monteiro. O edifício é pequeno; mas está bem aproveitado, e só está a 1 légua da cidade, a condução é pelo Capiberibe que passa pelos fundos da fábrica.

Dissolve o açúcar bruto na água misturada com o mel que extrai das escumas prensadas de que falarei adiante, em duas caldeiras de 50 canadas cada uma e que são aquecidas por vapor. As escumas passam por uma prensa de pano, e o sedimento ainda que misturado com areia aproveita-se para estrume, que é muito forte. Depois o mel passa por coadores de pano donde se tira para os filtros, que são 3, tornando-se necessário limpá-los depois de cada um deles terem passado 400 canadas. Leva sangue de boi sem se extrair primeiramente a fibrina, e vai para a caldeira do vácuo de 50 canadas, onde a cozedura de ½ até 1 hora, que é o mais ordinário, e daí para as formas de ferro cada uma de 2 canadas ou 20 libras de açúcar onde purga pelo processo de saturação – botando água com mel – no que gasta de 6 a 8 dias. O mel saído das formas ainda se coze até 3 vezes usando então do centrífugo, que leva 10 minutos a girar, quando o grão de açúcar é resistente, para purgá-lo.

Faz 100 arrobas por dia, vendendo agora a libra por 11 vinténs quando dantes estava a 4 a 5 mil tantos réis a arroba.

A fábrica vende tudo o que faz e seu maquinismo trabalha por água, com a força agora de 8 cavalos por carecer a roda de reparo, que é de 12, ou quando esta falta por vapor, havendo duas máquinas, cada uma de força de 25 cavalos.

Prepara o carvão animal, fazendo 3 fornadas por semana ou o necessário para encher os 3 filtros cada um de 90 arrobas.

A fábrica trabalha desde 1855, tendo encontrado grandes embaraços, mormente na falta de braços, tendo 16 trabalhadores todos livres.

Possui 1 forja e um pequeno forno para fundir bronze.

O Barros Barreto, que tem o curso da Escola Central de Paris e parece-me entendido nestes estudos, mostrando-se inteirado dos progressos da química industrial, disse-me que as obras da fundição Starr não prestavam, e o Bowman era muito careiro; mandou-a vir as peças principais da Europa, e faz e conserta o que pode na fábrica. É a única refinaria da Província, segundo ouvi ao Barros Barreto, e querendo ele fundar uma fábrica central de açúcar para separar, como convém, o fabrico da cultura, nada pôde levar adiante apesar de procurar o auxílio dos parentes.

À tarde fui ao gabinete de história natural arranjado pelo Brunet no Ginásio e depois de o examinar com atenção, tendo observado peixes fósseis em incrustações calcárias muito curiosas apanhadas nos sertões do Norte do Brasil, creio que na serra de Araripe, e um quadrúpede entre o macaco e os carneiros chamado no rótulo – Kincajû paraná – que só se encontra no sertão desta província, informei-me do resultado das explorações do Brunet dizendo-me ele que da 1ª vez fora só encarregado de explorar pontos próprios da Paraíba, e da segunda da coleção das diversas terras, que chegando ao Recife o Presidente Taques mandou deitar no aterro do cais por detrás do Palácio, não lhe abonando as despesas de condução; ficou de levar-me e eu verei a exatidão do que ele me referiu.

15 de dezembro de 1859

Saí às 6 ½. Forte do Brum. Serve de prisão. Daí é que fugiu o Ten. Cel. Pedro Eustáquio Veloso da Silveira, achando-se preso o comandante da Fortaleza naquele tempo o Couceiro, que o ajudante da fortaleza Jorge Rodrigues Cidreira procura desculpa com a maneira por que foi remetido o preso, que na verdade não teve recomendação como outros, assim como vi dos papéis da fortaleza para ser guardado com cuidado.

Há prisões no vão da muralhas que tem pouco ar. Tem 14 praças de guarnição, que se deitam em camas de ferro com tábuas. Não há água potável dentro da fortaleza, existindo aliás chafariz perto. Um preso queixou-se que apesar da diária de 375 réis só lhe dêem almoço e jantar, quando no Rio também recebem ceia com a mesma quantia, também disse que o pão do almoço é de 4 onças; mas parece ser de 5, conforme afirma o comandante.

Possui uma capelinha de São João Batista, onde se vê uma tábua com a nota da concessão de 40 dias de indulgência feita pelo Bispo D. Francisco Xavier Aranha, e confirmada em 21 de agosto de 1776, e depois por Diogo de Jesus Jardim em 12 de agosto de 1787, a quem rezar de joelhos 3 Padres-Nossos e 3 Aves-Maria à imagem do santo. Há bastante ex-votos.

Há 41 peças montadas e 6 desmontadas das quais uma com um navio e por baixo deste uma cifra, tendo inferiormente a data de 1628, e à roda do pomo: Worter Bothet...

Diversas peças têm as armas portuguesas, e o nome de Joseph I.

Na cortina de E há uma peça com a seguinte inscrição: Franciscus Ballestero Inventor 1623; outra com a cifra como a holandesa de Tamandaré e data de 1629; outra como a desmontada, e ainda duas com os mesmos sinais, à roda do pomo: Kylianus 1629; há um obus com o nome: Josephus I.

Sobre o portão lê-se: ...Coutinho Almortaser Mor do Reino. Ano de 1690.

A cortina pelo lado de O nunca teve peças. Há 200 passos contados pelo ajudante da fortaleza da extremidade E da banquetta do fosso do lado do S até os alicerces em quadro por detrás da igreja do Pilar (vide apontamentos sobre as fortalezas que junto).

Depois fui à fortaleza do Buraco. Sobre o portão onde apenas se vê a coroa, e o lugar das armas, pode-se afinal ler: Divo Antônio nuncu patum. Sceptra. tenente Petro. Lusorum. et. corda. Secundo. Cui. Meritis. primo. nemo. secundus erit. Cuicunque. aut portum portamre. recludere tentes. In. caput. ipse tuum bella. cruenta moves. Anno e partu virginis 1705 – Foi copiado pelo Sapucaí.

Segundo o comandante coronel Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa ¹³⁰ é fortificação mais regular que a do Brum e assim parece, tem 4 baluartes, um em cada ângulo das extremidades, formando as cortinas porta entre aquelas.

Tem 14 praças do 4.º que não recebem rancho do corpo; mas a etapa; o que os obriga a procurar comida e cozinhar na fortaleza, o que é mau, principalmente havendo pólvora depositada na fortaleza. Não possui água potável e como está um pouco distante da cidade, recebe-a embarcada.

Cortina do O. – é a do lado do Beberibe e do portão – sem peças; no baluarte de N. O outra com a mesma cifra daquela; porém no meio dum escudo ladeado de duas sereias, tendo em cima um estandarte, peça com chucharra [sic] e outras palamentas e uma espingarda que parece segurada pela sereia da esquerda das armas; no meio do cano há uma tarja que o circula com instrumentos de guerra, e a data é de 1629; outra com armas espanholas e esta inscrição: D. Phelippe II Rey de España; outra com o nome de D. José I e à roda do pomo: Ciprianus Crems (Ians 7:9) Am Stelo dami Aº 1757; outra com armas da Espanha e o nome de Don Felipe IV; outra com navio e cifra como a primeira mencionada e esta inscrição à roda do pomo: Asseverus Koster me fecit Amsteiredami 1628; outra com cifra como a antecedente, e por cima um Z com cercadura de folhas e frutos e embaixo Midelburg, tendo em torno do pomo: Michael Burgerhrays me F. 1629; no baluarte do S. E. outra com a inscrição; Res parvae etc. e armas como a de Tamandaré, lendo-se à roda do pomo: Willen Wegewaert me fecit Hagae 1633; outra como a de Tamandaré em tudo; e outra de D. Felipe IV.

O sobrado antigo sobre a cortina de O. caiu há 30 anos. O quartel dos soldados é de tarimbas.

Antes de chegar à Fortaleza do Buraco, vi a Cruz do Patrão e a casa da pólvora e laboratório de guerra, a qual não tem uma sentinela, sendo as janelas de vidraça quase sem nenhum vidro, e portas de pau por dentro. A Cruz do Patrão parece antiga, e apenas tem as iniciais – I N R I (Jesus Nazareus etc.).

A respeito do Forte das Salinas, veja-se a nota que junto. O de Alternar parece ter sido edificado sobre um tesouro que se vê à direita do lado istmo, indo pela estrada de Olinda, pouco além do quartel de Cavalaria; o da Bateria achar-se-ia com efeito perto da Capelinha de Sto. Amaro no istmo de Olinda, e o do Sequó talvez estivesse no lugar onde se acham restos de edificação, fundos duma casa da Rua da Aurora, pouco abaixo do Palácio. Pouco sabem aqui a tal respeito, e o tempo não me permitiu colher mais.

De tarde fui ver a obra do Ginásio Provincial em que já se gastaram 157 contos, não havendo trabalho e materiais, segundo um cálculo que fiz com o Melo Rego, à vista das plantas e do que observei na obra; e contando largo, senão para 90 contos; parece-me escandaloso.

Depois visitei a Fortaleza das 5 Pontas, que a Companhia não quis comprar por ter achado terreno mais barato, e nada achei digno de menção. Não tem nenhuma peça. Há bastantes acomodações e uma capela.

Está aí aquartelado o 4.º Batalhão da G. N., e algumas companhias acham-se apertadas, tendo-se dado à música um bom alojamento, que julgo maior do que o necessário; isto mesmo disse ao comandante do corpo.

É preciso cuidar de evitar algum incêndio no assoalho das companhias por causa da maneira por que às vezes os guardas, como vi, colocam as candeias.

De noite fui ao Teatro Apolo da rua do mesmo nome. Sala alta demais com dimensões que não são muito menores que as do Teatro Santa Isabel. A companhia representou sofrivelmente o drama – A duquesa de La Vabouliere. Há um foyer espaçoso para onde olha uma varanda na 3ª ordem, o qual ficava por detrás da minha tribuna.

Não sei se a companhia é particular ou sustentada por uma sociedade.

16 de dezembro de 1859

Descansei.

17 de dezembro de 1859

Fui assistir ao casamento de 6 raparigas ¹³¹, começo como creio da obra de caridade, que um capuchinho tomou a peito promover.

A Igreja não é feia, ainda que feita sem gosto, no que não se parece com a Piedade na Bahia. Tem boas obras de marcenaria, como o frontal de diversas madeiras de embutido, e os armários da sacristia, feitos por um leigo, que tem 80 e tantos anos; mas que não julgo as houvesse trabalhado de poucos anos.

Os primeiros capuchinhos vieram para esta Igreja que era dos Pescadores, trazendo então a imagem de N. Sra. da Penha em 1656.

Em 1701 vieram capuchinhos franceses. Em 1710 houve o primeiro prefeito Fr. Damião de Nápoles. De 1831 a 1841 não houve capuchinhos e o convento ficou abandonado, e de 6 quadros a óleo só encontraram podendo ainda guardar-se um São Francisco, que não é pintura má, segundo me pareceu.

Há a seguinte inscrição embutida na parede à direita da entrada da Igreja: Na era de 1734. Aos 7 de março. O III S. D. F. José Fialho Bispo de Pernambuco. Sagrou Esta. Igreja de N. Sra. da Penha. Pondo no altar Mor as reliquias dos S.S. M.M. Honorato, Valentino e Inocência. E concedeu 50 dias de indulgência. A quem visitar. a dita Igreja. No seu aniversário.

Na Igreja há pregada na parede uma roda, que gira com 22 campainhas; mas felizmente não a fizeram andar.

18 de dezembro de 1859

Partida para Sto. Antão às 5 ³/₄. Tomamos à direita da Matriz dos Afogados, havendo uma capelinha nesta rua. Engenho Jiquiá de Manuel Cavalcanti; Barros, pequeno povoado; Engenho Peres do proprietário já mencionado tendo a fábrica bonita aparência; engenho Cavaleiro de Casado Lima, de quem ainda falarei neste diário; Tejipiô com ponte sobre o pequeno, capela e poucas casas; Jaboatão com boa ponte sobre o rio do mesmo nome, povoado maior, matriz num alto, armaram arcos e estava reunida a Guarda Nacional; Igreja do Socorro – sobre uma colina – de que existem só as paredes, constando ter sido construída em conseqüência dum voto; o local é bonito; Engenho Velho à esquerda, de Je. Francisco da Silva Pereira; do mesmo lado entrada para a Escada, atravessando logo o rio Jaboatão, sobre uma ponte que me pareceu boa de longe; Catende de Antônio Francisco Pereira da Silva, com Igreja do Engenho deste nome, sobre uma colina em posição pitoresca e Morenos de Antônio de Sousa Leão ¹³², primo do deputado Domingos de Sousa Leão ¹³³, onde pousamos.

A estrada foi empedrada há 4 e 6 anos, durando o empedramento nas estradas da província 10 e 11 anos, indo renovar-se agora uma de 14.

Este engenho já existia no tempo dos holandeses pertencente a Baltazar Gonçalves Moreno, dizendo-se que umas muras do açude, obra importante cujas ruínas só existem foram construídas pelos holandeses; mas o Sousa-Leão não crê isto. Faz 6 a 7 mil pães de 3 ¹/₂ arrobas por ano, e destilou na safra passada 140 pipas de aguardente, tendo 100 trabalhadores; 60 de campo; 3 ternos de tachas; moendas horizontais por água – de cavilhote, isto é, movendo um pouco por cima a água, quando é por baixo chama-se engenho rasteiro, e bem por cima copeiro – podendo também ser movido por animais.

Purga com barro e água, durando a operação até 15 dias, ficando o açúcar menos claro que o do Engenho Mercês. Uso da cal em lugar da decoada, parecendo que foi a visita do Marquês de Abrantes a Pernambuco que trouxe este melhoramento, ou ao menos espalhou; pois o concunhado do Lourenço de Sá e Albuquerque, João Marinho de Sousa Leão, adotou o melhoramento por conselho do Abrantes, parecendo agricultor inteligente; e o pai do sobrinho do Paes Barreto, que morreu do tiro atirado sobre este último.

O pai do moço está ainda muito triste e a mãe e filhas não apareceram ainda, tendo ele o feito então pela primeira. Queixam-se os parentes do assassinado e do que escapará de sê-lo, do Boa-Vista como protetor ou ao menos pouco interessado na punição dos criminosos, entre os quais o que deverá casar-se com a moça, Francisco do Rego Barros Barreto, sobrinho da Boa-Vista, o qual aliás me parece muito bom moço e um oficial do corpo policial de nome Victor; o cavalo em que fugiu o assassino julga-se por certos indícios, ainda que leves, ter pertencido ao Barros Barreto.

As formas de barro, mas creio que adotará as de ferro segundo me disse. Tem máquinas de cortar os olhos das canas que comem os cavalos, e 12 arados de sistemas diversos. Vi a cana imperial cujos gomos são rajados de verde, é da ilha de Bourbon e dá mais açúcar cristalizável ainda que seja mais dura que a outra. A água vem do rio Jaboatão, cujas águas passam por saudáveis, não havendo sessões nas suas margens, por meio duma levada de meia légua por onde há navegação de barcos até os partidos. A cana carece de ser replantada depois de 3 anos, quando no Engenho Mercês há partidos de 11 a 12 anos.

Às 5 da tarde, seguimos viagem. O terreno torna-se mais dobrado e há subidas e descidas ásperas, parecendo-me o centro da estrada abaulado demais, estando as valetas quase que entupidas com terra e com plantas. Engenho Tapera, à esquerda, dum Sousa-Leão; Engenho Queimado de Cristovam Cavalcanti; à direita; Tametá-mirim, riacho com ponte e

casas; Engenho Bento-Velho, à direita, e riacho do mesmo nome com ponte. Itapacorá com uma ponte assaz grande e que me pareceu em bom estado sobre o rio do mesmo nome, não se achando do mesmo modo algumas pequenas, e um povoado.

Pouco depois chegamos à Vitória (antigamente Sto. Antônio) já noite, e fomos para a Casa da Câmara ¹³⁴, que é térrea e tinha poucas acomodações.

Tem 3 mil almas segundo ouvi do Juiz Municipal, cujos apontamentos junto, tendo-me estas e principalmente o discurso que os precedem feito perder parte do conceito que logo formei da inteligência do moço, dizendo-me depois que o promotor fulano de tal Paraguassu ¹³⁵ delegado literário, é mais inteligente, ainda que ficasse antes um pouco desanimado ao ouvir-lhe que o júri se descasêa [sic], às vezes é antes por ignorância do que por bonhomia [sic] criminosa.

O Juiz Municipal Buarque Nazaré ¹³⁶ foi o encarregado de trazer dinheiro da Bahia para os rebeldes em Pernambuco.

O Juiz de Direito José Felipe de Sousa-Leão ¹³⁷ que também me deu apontamentos não tem cara inteligente, mas passa por bom magistrado; é irmão do dono de Morenos. O júri tem-se reunido regularmente em St. Antônio e na Escada, mas não é justiceiro em suas decisões.

A cidade tem comércio de fazendas em pequena escala, e o principal gênero de tráfico é o gado, havendo, às 6^{as} feiras, de 1000 a 2000 reses; fornece quase todo o de que precisa a companhia das carnes verdes do Recife.

Há 3 igrejas, Matriz, Rosário e Livramento; porém nenhuma concluída.

Um grupo quando eu entrava dizia que a matriz deu 4 estalos neste dia; mas segundo o exame que se fez reconheceu-se que fora no coro, que se acha em mau estado.

Ainda enterram num cemitério junto à matriz; mas há outro fora da cidade.

19 de dezembro de 1859

As 5 ½ fui ver o lugar segundo as indicações do Castrioto comparadas às informações que colhi, parece ter sido o monte das Tabocas, célebre na guerra com os holandeses.

Caminha-se para E um pouco para o N.

Uma porteira que deixaram fechar-se por si junto ao Engenho Conceição, bateu no Sapucaí e atirou-o no chão, mas apesar de não poder [sic] apesar de se ter levantado e andado, seguiu na exploração, voltou bom para casa e a queda não é de cuidado.

Passei por um lugar Marapicu, e depois de caminhar talvez 2 horas cheguei ao Monte chamado das Tabocas, onde apenas se descobrem longe estas plantas, e não pude apesar de percorrê-lo avistar ao S. uma planície que tivesse ½ milha.

Continuando para o lado do Oiteirão há uma planície, assim chamada em relação aos montes, que tem mais de ½ milha, e eu creio que foi aí a batalha, tendo achado tabocas aos lados do caminho, ainda que o Oiteirão, como o nome indica, não se possa chamar monte, e o denominado das Tabocas mais para o S e O possa parecer-se com o que figuraram no quadro da casa da Câmara de Igaracu e se tinham encontrado na vizinhança balas de artilharia e fuzilaria de que trago algumas, apanhadas por um português Manuel Ferreira, que tem um sítio na baixa, e mesmo um pedaço de canhão, que está agora no Engenho Cacimbas de José Silvino Cavalcanti; contudo parece que têm andado por aí tropas nos tempos modernos e o Castrioto só fala de armas de fogo quando narra a batalha, apesar de mencionar os canhões naquelas em que eles jogaram.

Mais para o N e E fica o Outeiro de Pedro.

Voltando à cidade fui às aulas. O delegado literário disse-me logo, que no princípio do ano, havia reclamado de livros e mobília precisos para as aulas, mas que só se expedira ordem para aquisição da mobília; e depois informou-me de que nenhum dos professores satisfaz, o que já tinha conhecido, sobretudo a respeito da mestra.

Aula de meninos: 67 matriculados, freqüência de 40 a 50.

O 1.º ouvido lê sofrivelmente, dizendo o mestre que já sabe regra de juros, contudo nada respondeu sobre frações. Não sabe o que é a prova real da divisão, e tem quase 5 anos de aula. O 2.º matriculado a 3 de outubro de 1859, já tinha estado na aula particular dum fulano Maciel; lê mal; apenas começa a gramática, e divide bem, mas sem certeza do que é a prova real da divisão ainda que a tire. Respondeu mal sobre doutrina.

Aula de meninas: 18 matriculadas, freqüência de 12 a 14. A 1ª ouvida tem 3 anos de aula, e lê tropeçando, sendo a única – das presentes ainda creio eu – que divide, porém mal. A 2ª lê mal, e apenas diminui. A letra – a que vi – é melhor que a que vi em outra aula. A professora estava atrapalhada por vergonha ou ignorância, e as meninas responderam tão baixo sobre doutrina que apenas as ouvi; contudo pouco sabem assim como a professora.

O Juiz Municipal que me acompanhou às Tabocas, de Castrioto debaixo do braço, disse-me que o Calabar era das margens do São Francisco já província da Bahia.

Há bexigas na povoação, sendo muito doentia, tendo morrido aqui de cólera 1440 e tantas pessoas. A Junta de Higiene chegou a aconselhar que se abandonasse a cidade e se botasse abaixo as casas.

O Tiburtino ¹³⁸, secretário da Câmara Municipal, professor jubilado de latim, e outrora chefe dos guaribus, cuja história desde 1817, sendo ele filho do Rio de Contas, é quase um romance apresentado muita atividade e vivacidade, apesar de mais de 60 anos, segundo penso, prestou então muito bons serviços como delegado de polícia.

Segundo o Vigário, a freguesia tem 20.000 almas, e morreram 4.000 de cólera. Tive péssimas informações do Vigário, que já seduziu no confessional uma noiva com quem vivia amancebado daí a dias, não sendo este o único escândalo; é preciso falar ao bispo.

O Te Deum e sermão do padre Grego ¹³⁹ foi ao meio-dia, e entre a Guarda Nacional, de que havia alguns armados com armas despachadas do Recife, havia um parque de peças de pau com bombas dentro e estopim, servidas por crianças uniformizadas, sendo muito engraçado o tamborzinho, que tocava desesperadamente apesar de aleijadinho duma mão.

Houve muito entusiasmo, e o povo passa por muito dócil.

De noite houve um fogo pequeno, mas bonito, e veio um batalhão denominado dos bravos da Bateria, uniformizados sob o comando do Tiburtino, que leu um soneto de pé quebrado assim como mais duas poesias de igual mérito. O porta-bandeira era um homem vestido de caboclo com suíças e bigodes pretos pintados. Chamavam-se bravos da Bateria em comemoração da batalha das Tabocas, de cujo suposto monte não muito afastado há o Engenho da Bateria. Esses bravos creio que eram uns que atiravam tiros de espingardas por detrás das peças fingidas dum fortim de papelão, que levantaram no largo da Matriz, plano do Tiburtino, que parece ter sido o organizador dos artilheiros pigmeus.

Projetam um açude para dar água à cidade, e já há autorização para o Presidente despender com esta obra de urgente necessidade para a saúde e vida desta gente.

A prisão é úmida, e o livro da cadeia carece de regularidade.

20 de dezembro de 1859

Saimos às 6.

Às 8 menos 10 passamos por Morenos, e às 8 e $\frac{1}{4}$ cheguei à casa de vivenda do engenho Catende ¹⁴⁰. Não mói agora, de ser necessário de carregá-las com pau e corda.

O engenho é copeiro.

Este engenho, o engenho Velho antigo que estava em terras contíguas às do atual pertencente à mesma família, Morenos e Bulhões são os mais antigos do município, e tem restos de açudes dos tempos de holandeses, havendo a respeito do segundo documentos com data de 1624, segundo ouvi ao José Francisco Pereira da Silva ¹⁴¹, que achou num muro do seu engenho Conceição em Ipojuca, uma moeda quadrada com effigie e inscrição e que botara fora por inútil.

A Igreja do Catende tem mais de um século e foi há poucos anos reedificada pelo proprietário.

O engenho é do primitivo, sendo o caldo levantado em cubos de cobre para deitar-se nas tachas, esfriando em outras fundas. A fornalha é só para lenha, tendo-se destruído todo o mato próximo, que vinha quase até a casa.

O dono ¹⁴² é pouco entendido e mesmo esquisito, respondendo ao irmão que é inteligente, que quer trabalho que valha e portanto pesado, mandando vir à casa a lenha cortada para as cercas, que devem ser feitas perto do lugar de cortar, e ordenando que lhe dêem parte da chegada de qualquer carro de cana, ajuntando-se às vezes uns poucos parados à espera que o dono do engenho acorde.

Não gosta da cana imperial porque é fina, e apesar de ter 1 légua em quadro de terra e esta boa pouco a aproveita.

Tem 30 e tantos a 40 escravos.

O pobre homem quando foi encontrar-me caiu do cavalo e machucou bastante a perna, o que obrigou a despedir-se de mim coxeando e com um pé descalço.

Segui às 4 da tarde e pouco antes de Tegipió tomei à esquerda para o N afim de ver o Gargantão que se estende para E.

Passei pelos Engenhos Jangadinha e Cavaleiro, gastando até o Gargantão, que pertence a este engenho, caminhando depressa 25 minutos. Existem vestígios de alicerces, pedras de casas, fragmentos, na fralda e cimo duma colina, que olha para o propriamente e bem chamado Gargantão, onde há 2 muralhas arruinadas de açude, que me disseram estarem dantes cheias de terra, e as quais referem ter sido do açude do engenho de João Fernandes Vieira, no Tegipió, havendo uma fortificação no alto da colina. A tradição diz que se estabelecera neste lugar o Arraial-Novo, mas também ouvi que os restos das casas na colina eram das senzalas do engenho; todavia não se pode firmar uma opinião sobre os conhecimentos arqueológicos desta gente.

Na volta à estrada, subi perto da Capela de Tegipió, que foi feita com pedras das ruínas do Gargantão!

Chegamos à cidade pela volta das 7, tendo eu levado desde a separação do carro até tornar a encontrá-lo para cá do Peres 45 minutos, também logo que ganhei a estrada real galopei largo.

21 de dezembro de 1859

Sai pouco depois das 5 da manhã. Cheguei ao cabo às 6 e 10; largou a cavahada às 6 ½, chegamos à Escada às 9.

Pouco adiante do Engenho Timboassu há trabalhos importantes no leito da estrada de ferro porque é preciso abrir uma cova muito alta sendo parte em pedra; o engenho dista 1 ½ da Escada.

Há uma parte da estrada que bordeja matas bonitas em maior quantidade à beira da de Sto. Antão, sobretudo de Morenos para frente. A vila está bem colocada sobre uma colina, perto da margem esquerda do Ipojuca que nasce da serra de Tacará, cordilheira de Cimbres, contra-vertente do rio Paraíba.

A freguesia tem 20.000 almas segundo me disse o Vigário que tem bom nome.

Há muitas beixigas tendo morrido 20 de setembro para cá, observando em muitos com sinais ainda recentes.

2 batalhões cada um de 1.000 e tantas praças alinhadas, não estando o Comandante Superior contente com nenhum dos comandantes dos Batalhões Barros e Manuel Gonçalves Pereira Lima, sobrinho do Olinda o qual passou nesta ocasião o comando a um capitão que também passou a outro. Pede ajudantes para exercitá-los. As armas com que se apresentaram parte dos 250 guardas que estiveram na forma, com jaquetas e calças de pano do uniforme, vieram de Santo Antão, depois de lá servirem.

O Lins ¹⁴³ parece um excelente velho sempre contente e serviçal, e os filhos ¹⁴⁴ também me pareceram bons rapazes.

Também me falou na vantagem de um esquadrão de cavalaria para nele servirem certos guardas que não o querem fazer nos batalhões.

A vila tem 300 fogos conforme disse o vigário.

A água que se bebe é de cacimba e fica muito boa guardada alguns dias.

O Te Deum foi cantado pelo irmão de José Bento ¹⁴⁵ que me admira pelo modo por que leu a oração quase que dando silabadas, e lendo postu latus em lugar de “postulata”, o que devia saber não faz sentido.

Houve um sermão ruim dum pregador ¹⁴⁶ cujo nome não sei.

Há dias um senhor de engenho tentou assassinar outro e esta manhã roubaram o ten.-cel. Sales enquanto estava ausente do engenho; o delegado não foi fazer as pesquisas necessárias, e advertindo-o eu disso, respondeu que julgava que em qualquer ocasião se podia fazer.

O cemitério em que se enterra mais fica entre a matriz e a aula de meninos, que é a única. Há outro fora da povoação, criado no tempo do cólera, mas sem caminho para comodamente chegar lá, e cheio de mato. Vão cuidar de aproveitá-lo deixando de enterrar no outro.

A aula de meninos tem 82 matriculados e freq. 50 e tantos. Dos mais adiantados – talvez dos presentes – o 1º que está há um ano e tanto na aula sob direção do professor atual, lê mal, nada sabe de gramática, divide por um método muito sujeito a enganos, gastando muito tempo, e não sabe o que é a prova real da divisão. O 2º lê melhor e apenas principia a gramática, freqüentando há um ano esta aula que é a primeira em que estuda; divide sem muita certeza do que faz levando muito tempo, e não sabendo o que é a prova real da divisão; contudo parece menino talentoso.

Estão muito atrasados em doutrina, e o professor só depois que o adverti é que se lembrou de que perguntara mal quantas naturezas há em Deus. Este professor não pode servir pois vejo do livro de matrícula que tem má letra e ortografia. As escritas dos meninos estavam em casa destes, segundo me disse o professor.

A cadeia é gaiola no sistema da de Rio Formoso; mas os livros acham-se em melhor ordem do que os que vi nas outras povoações; há termos de visita até setembro do ano passado se bem me lembro, e livro de óbitos.

A casa da Câmara é térrea e foi onde me hospedei.

Vi um irmão do dr. Peixoto (Igaraçu), homem já idoso e que exerce a medicina em virtude de diploma da antiga escola ou das antigas leis. Parece bom homem e presta-se a socorrer com sua arte os bexigentos pobres que se achavam um pouco ao desamparo. Ele disse que a botica era boa. Há aqui outro médico. Havia outro irmão do Peixoto – pai do engenheiro Pedro de Alcântara dos Guimarães Peixoto das Obras Provinciais – o qual morreu há pouco. O tio disse que julgava ser o sobrinho afilhado de meu Pai e assim parece pelo nome.

22 de dezembro de 1859

Saí às 3 da madrugada e cheguei ao Cabo às 7, pois vim devagar até amanhecer, e também quis apreciar o estado de certas obras da estrada de ferro em relação ao que observara 1º de dezembro.

Do Pavão até Gamboa já se acham prontos os trilhos definitivos, e as obras de Timbo-assu, que Peniston diz estarem prontas até fins de janeiro, e outros aterros que não vi no dia 1º, progrediram (informação do Street).

A casa de Cutrim já chega quase ao túnel, e daqui a dias estará todo aberto assim como feito o grande aterro aquém desse ponto. O túnel do Pavão não tem progredido; mas o Street espera que a estrada dê trânsito a passageiros e antes a cargas até 1.º de julho.

Às 8 cheguei à casa e às 11, fui para o concurso que não foi brilhante, dando eu a preferência ao Dr. Amaranto ¹⁴⁷. O Pinto Pessoa ¹⁴⁸ vê-se que pode estudar; mas não muito por causa não só do estado intelectual da sua cabeça, como mesmo físico, carecendo de fechar os olhos para se lembrar, e esquecendo muito as [sic].

Havia pouca gente na faculdade; o que prova pouca curiosidade literária; é verdade que estamos em férias.

Às 5 houve corridas ¹⁴⁹, e às 9 ½ fui para o baile ¹⁵⁰, tencionando ajuntar os jornais que descreverem estas duas festas. Poucos cavalos e alguns destes bons nas corridas, e muita gente no baile, cuja casa estava preparada.

23 de dezembro de 1859

As 11 e tanto, fui à inauguração do Asilo ¹⁵¹, cuja sala o bispo benzeu. A sala é grande e tem camas em todo o seu comprimento dum a outro lado. Havia pouca gente.

São quase 2; acabo de instalar o Instituto Pernambucano de Agricultura ¹⁵². Reuniu-se mais gente que na Bahia; como veremos quanto dinheiro se reúne. Vou para o cortejo da despedida ¹⁵³.

VOLUME 4

VIAGEM À COSTA LESTE - 3ª PARTE (PARAÍBA, ALAGOAS E SERGIPE)

25/12/1859 a 11/01/1860

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Cabedelo

25 de dezembro de 1859

Xadrez 1 militar e 4 de justiça - frestas para luz e ar bafio.

A povoação 600 a 800 almas com aulas de meninos com 34 matriculados a 20 freqüências. Capelinha da fortaleza de Sta. Catarina.

O xadrez da esquerda que serve agora ainda é mais escuro e menos arejado.

Cinqüenta a 60 arrobas de pólvora não há dos particulares. Não há livro de entradas e saídas da pólvora particular, e do Estado outro da carga geral. O comandante diz que não há ordens para haver livro para a pólvora particular.

Seis soldados e 1 cabo da G. Nacional do interior. Há uma casa destelhada e meio arruinada sobre arcos que diz o comandante ter sido mandada desmanchar por Fernando de Portugal; põe exceder a altura da muralha - fora feita para casa do comandante.

A casa abobadada da pólvora - úmida. 40 peças das quais 21 mal montadas. Peça portuguesa - Sta. Catarina - amolgada por uma bala do lado no sentido do eixo.

Peça com a cifra [*ilegível*] num escudo com esta figura em cima (*desenho*) 1629 - 4662 - Wilem Wegewaerk me fecit Hagae.

Peça espanhola de Filipe 4 - D. Pedro Pacheco Marques de Castro. Fuerte del consejo de Guerra Capitan Gl. de Artill^a. outra espanhola id. - outra - outra - outra.

Nos ângulos havia peças, mas taparam as aberturas para as peças e fizeram barquetes para a infantaria.

Fortaleza espanhola hexagonal irregular com baluartes e redentes. Lado do sul com grande brecha que começou em 1825. A do Brum é menor. Um dos espanhóis tem uma parte do rebordo da boca levado por uma bala.

Peça holandesa das sereias [?]. Embaixo. Die Geotroierde Wesh Indece Comnih e Amasterdam. Worten me fecerunt Ivirecht (ver o papel).

Tarja com instrumentos de guerra e um escudete com leão rompante armado de espada curva na mão direita.

Peça espanhola id. - outra id. Peça da galera Manuel Monte que encalhou há 4 meses. - 2 espanholas id. Peça com as armas espanholas 1622 - Iohannes Sithoef me fecit Buexelles.

Lazareto na ilha da Restinga.

Convento de S. Bento. Pedido de terra 1599 - Começo suposto da edificação 1600. Claustro reedificado é sacristia - linda vista do salão nor [*sic*]. Descobre-se quase toda a cidade e o cabedelo muito longe. Cerca muito pequena. Não tem biblioteca. Talha da capela-mor nova. Hinc est chorus - como em Olinda. As cadeiras muito estragadas. Cornija e umbrais de pedra pintadas para fingir mármore. Lápide mais antiga de 1758.

Carmo

Começada igreja 1764 acabada 1779 - altares de pedra pintada fingindo mármore.

As cadeiras dos 2 coros estão bem conservadas. Igreja de boas proporções, mais bonita que a de S. Bento.

Sepultura de 1677 perto dos cancelos.

O convento serviu 30 anos desde [1817?] até 46. 200\$000 por ano de patrimônio, que poderia integrado dar 3 e 4 contos anuais esbanjado pelos procuradores. Claustro em ruínas. A igreja está arruinada.

A praça do mercado está em patrimônio do convento, segundo diz o provincial. Hino est chorus.

A livraria desapareceu.

Degraus de pedra que quase desapareceram com o pisar.

São Francisco

Belisário e Cruzeiro.

Os 1^o s religiosos vieram em 1590.

O Guardião fretou o Cabedelo e um forte defronte - que foi reparado pelo menos, 2 anos depois morreu num combate.

135 guardiães desde o 1^o, como consta de um livro manuscrito do convento.

No teto da casa de oração dos 3^{os} onde há o andor da procissão de cinzas existe representada a visão de um dos fundadores do convento que viu um companheiro arrebatado ao céu num carro de fogo para tomar por sua humildade o lugar que Lúcifer perdeu por sua soberba.

Sepultura que parece antiga, cuja data não se lê, estando as letras gastas - é de Fr. José Monteiro da França - corpo da igreja.

Outra no claustro de Fr. Luís da Anunciação.

Claustro o maior depois do da Bahia.

Sepultura na capela do Tnte. Coronel Gonçalo Rové de Castro sua mr. e erd^{os} com data de 1706 - serve de consistório da Irmandade de S. Benedito. Degraus de pedra gastos. Grande cerca arrendada com poço de boa água para beber.

Livro das Alfaias do Convento de S. Antônio da Paraíba. Ano 1741 - Jaboatão fecit - mas a mais letra não parece a mesma que a do Jaboatão fecit - embaixo da folha de frontispício.

Misericórdia

Capela de S. Salvador onde está o sacramento à esquerda - 1639.

Duarte Gomes da Silveira e sua mulher, cujos retratos estão no altar da capela. Hospital de antes dos holandeses, reparado por Duarte etc. e em 1755 6 mulheres e 3 homens, asseado, mas não admitindo mais de 40 camas. 2 celas para doídos embaixo, estreitas.

Dr. Inocêncio Borges. Procurador Dr. Assis Rocha.

Rosário.

Compromisso aprovado em 1780.

Mercês, está dourando o altar-mor.

Ponte do Sanharó não tem 80 braças - projeto Londen - esteios da ponte já carcomidos, estrada estragado, carecendo a ponte de reconstrução.

Passei pelo horto botânico, que tem muitas ervas. Acha-se apenas cercado de paus finos e com algumas árvores plantadas. Mora aí um homem com o fim de cuidar do jardim, mas não o traz limpo; desce-se do Palácio para lá ir.

Tarde

Recrutados com sentenciados.

Novas espingardas más.

5 ¼ h Quartel do meio batalhão bom, ainda que algumas comp. estejam acanhadas.

Armamento pouco limpo e velho. Queixas como em todos os quartéis dos fornecimentos do - arsenal de Pernambuco - Mochilas novas que molestam os soldados. Comida que parece boa, menos a farinha - deixei de ver todos os gêneros por não os haver a mostra na arrecadação e ter ido o arroz para o hospital.

As camas são de ferro com tábuas.

Disseram que não havia mais economia de rancho e achando eu sobra responderam que fora para a caixa do rancho e não das economias *[sic]*. Tem pouco dinheiro em cofre.

Água de cacimba, próxima em depósito.

Hospital bem arranjado menos o despejo em cubos de pau na latrina do quartel que vai depositar tudo num vão da terra. O aparelho cirúrgico está em casa do 1º cirurgião do hospital que se defende dizendo que ficara em sua casa para o ter limpo apesar de não haver cirurgião de dia no hospital. Os gêneros são pedidos pelo agente aos fornecedores, não há arrecadação deles no hospital.

Cadeia - ótima a não ser a má construção feita por arrematação e limpeza das latrinas apesar de haver cacimba e bomba que podia levar a água que jorrasse dentro das latrinas.

O chefe de polícia ficou de dar a lista dos presos.

O aspecto exterior não deixa de dar-me vista e logo notei este edifício ao aproximar-me do porto da cidade.

Quartel da polícia. Sofrível edifício e bonito por fora.

Espingardas de pederneira. Tarimbas. Baía com assoalho de madeira, pois a pedra ofende os cascos dos cavalos que não são ferrados, mas com esgotos de pedra por baixo.

Ração de um cavalo por dia 1/P arroba de capim que é mau comprando-se a carga de um cavalo 5 arrobas por 4\$400; 1/64 de alqueire de milho dobro do Rio por 6\$400 e mel cada camada a 300 e tantos rs.

Rancho fora.

Clavina com vareta solta, tudo de pederneira.

Batalhão popular.

26 de dezembro de 1859

4 - Engenho de Sto. Amaro - descida do mesmo onde o Pedro Chaves levou o tiro dado do lado esquerdo da ribanceira da estrada.

Riacho Tibiri.

Engenho Tibiri.

Sta. Rita, engenhos St. André, Outeiro e S. João, todos de José Teixeira de Vasconcelos, chegando ao último às 5 ½ h.

É de água e faz 2 mil sacos ou 10.000 arrobas por ano com 30 escravos de campo, muito boa água para beber.

Partida às 6h

Socorro, 6h e 34 min passagem do Paraíba a cavalo, flor de Mutambé.

6h e 35 min (Saboeiro, nome de uma árvore cujo fruto tem casca que faz espuma como sabão Peixe) (Cruz do Espírito Santo 7h), passei mais 2 vezes o Paraíba cada vez com menos água, cortando pouco acima, anuns brancos, lindos conrizes.

8h Maraú. Terra boa e boas canas.

Os frades bentos são donos do engenho e nada está preparado para almoço.

A Batalha não tem compromisso, é apenas um livro das eleições da irmandade, o Socorro tem compromisso e mandei buscá-lo.

Produz o engenho 1500 a 2000 formas de 5 arrobas - há na Província mesmo de 7.

Vi bastantes negros.

Saída às 9 ½ h . Engenho Una, Itapurá - ponte má sobre o riacho - engenho Paciência de Chacon.

Passei o Paraíba mais 3 vezes e cheguei à pequena vila do Pilar às 11h.

Está bem situada numa várzea ondulada descobrindo-se no horizonte a serra Borburema.

Não [nos] esperavam na vila senão das 6 para as 7 da noite. Nada pronto e parte dos troles ainda estão de viagem do Recife.

Água o povo bebe do rio, mas há cacimbas e uma fonte perto da casa do Dr. Filinto que é bem má se é da que bebi.

Um cemitério.

Matriz em construção, a velha está em ruínas e tem atrás um edifício de convento ou recolhimento.

Desde antes do jantar incendiou-se um partido de cana do presidente da Câmara Murilo Falcão, não sendo de admirar pois está mesmo por detrás das casas da vila, não tendo a Assembléia Provincial aprovado a postura que lhe propusera a Câmara permitindo a plantação da cana junto à vila.

As canas estalavam com grandes labaredas, cujo calor incomodava na varanda da casa da Câmara onde estou. Felizmente não ofendeu casa alguma nem passou aos partidos imediatos.

Nota do vigário a respeito da matriz.

Cadeia toda esburacada com dois guardas quase em fraldas de camisa que se puseram a correr atrás do único preso que saiu da prisão para me ver.

O juiz aqui julga com regularidade apesar de haver suas apelações? Só em Ingá é que se reuniu o júri duas vezes este ano, não havendo processos em (ukeg) para o 2º júri, e tendo-se aberto correição aqui e no Ingá.

No Ingá há plantações de algodão e alguns engenhos de cana.

Em Campina G^e [*Grande*] há criação de gado principalmente, e o maior açude da Província com 400 braças de extensão pelo menos, mas como está em terra de lavoura, dá lugar a contestações com os criadores.

Aqui matam-se 6 reses aos soldados, 40 engenhos no termo do Pilar.

Há mudanças rápidas de temperatura e suas doenças, mas não graves nas transições da estação.

A Câmara Municipal recebeu 1 conto para preparos, mas quase nada fez, tendo sido hoje parte da pintura feita pelos particulares.

A Câmara recebeu aviso da visita há 2 meses, e sabia desde ontem que ela se realizaria hoje.

O vereador imediato já esteve em Fernando ⁰⁰¹ por comprometido na revolta de Pernambuco e acusado do assassinato do coronel Euprísio.

Vigário bom e liberal, sendo o coronel Comandante do Corpo conservador. Ainda duram estas denominações.

O presidente diz que o coronel Ismael de tal Lisboa ligasse aos rasgados ou liberais, os conservadores são os baetas.

Música vinda de Goiana de (*ilegível*).

27 de dezembro de 1859

4 - 5 ½ h Maraú.

6h e 10 min Boa Vista.

Riacho Itanhaego.

7 menos 10. Pau d'Arco engenho de [espaço em branco].

Carvalho faz 1500 a 2000 pães por ano de 5 a 6 arrobas com 16 escravos do campo e por tudo 20 e tantos trabalhadores.

O engenho Tabocas para o lado da Cruz do Espírito Santo do T^e Coronel irmão do Carvalho faz 2000 pães de 4 a 5 arrobas com 20 escravos.

[desenho]

Saída às 8h e 20 min.

Pedra com as figuras - 9 menos 20 a caminho tabuleiro arenoso catinguento - vale menor arenoso, engenho Moriri com elegante casa a concluir de vivenda, engenho Guarita na falda de um outeiro à vista de Mamanguape do Cunha Vasconcelos.

A cidade dista ¼ légua do rio, segundo me disse o Almeida Vasconcelos (Frederico).

Freguesia de 10.000 almas, cidade de 3 a 4000 (vigário encomendado sobrinho do Frederico e Cunha Vasconcelos).

A vila esteve antigamente em Montemor dos índios ou Preguiça mas já antes de passada sua sede legalmente para Mamanguape já aí estava de fato.

Tem crescido o 6plo ⁰⁰² em 20 anos. Talvez em lugar de remover a pedra da barra seja melhor abrir outra, segundo ouvi ao Frederico.

Batalhão com 1200 alistados e 400 fardados, mas sem armas, comandado pelo irmão do Cunha Vasconcelos.

Casa dos sobrinhos do Frederico dos quais um, o Augusto, é o juiz municipal, bem arranjado tudo, ainda que julgassem que eu chegaria à tarde.

Aula de Meninos

55 matriculados freqüência 42 - Mã e pequena.

Aula de latim

Matriculados 15 - freqüência id. bem em Horácio. O professor padre presidente da Câmara é bom.

O presidente ficou de pedir à tesouraria um mapa do movimento da inspeção do algodão nos últimos 5 anos.

Massa de curiosos - Vesti-me para vê-la passar da janela.

28 de dezembro de 1859

4 - Areial

Gragotá 8 - 2 a 3 mil pães de 5 arrobas com 70 a 80 escravos. Boa roda de água, triste alambique, começou a moer há 15 anos, boa cana, a imperial não dá bem, o dono Joaquim Gomes da Silveira Comandante superior deste Município parece lavrador inteligente.

Engenho de meio do Silveira; passagem em canoa do Paraíba, engenho Caiengo, riacho Tambaí, Sto. Amaro, cidade do Palácio.

11 ½h Fogo de artifício.

Liceu

100 meninos. Rapaz de matemáticas.

Colégio das Neves

9 meninas - 2 professoras 1^{as} letras e regente e geografia - morreu a de música - a de 1^{as} letras há um ano que é professora tendo sido antes particular.

Casa pequeníssima e arruinada.

Nenhuma presente.

Aula de meninos

Padre Joaquim Vitor Pereira - Caderno pois ainda não recebeu livro apesar de pedido.

110 que têm freqüentado de julho para cá - ordinariamente de 72 a 96.

1º 2 anos na aula do Padre lê mal.

2º há 6 meses tendo já estado há tempo em outra aula lê melhor.

3º há 4 meses, começou fora, lê menos bem.

4º sabe já em gramática respondendo sofrivelmente e em frações quase nada respondeu, dividindo muito devagar mas certo e tira a prova real errando a princípio a multiplicação. Não estão muito certos em geral na doutrina.

O professor parece bom. Letra sofrível.

Aula de meninas da rua direita

50 matriculados freqüência id. Má letra no livro de matrícula. Nenhuma presente.

Aula de meninos

Professor Joaquim Couto de Almeida Nobre, há 7 anos.

22 constantes de um papel. Pediu livro, mas não é costume segundo diz o professor dar-se.

1º há 3 anos, lê demorando-se.

2º 2 anos $\frac{1}{2}$ - leitura sofrível. Divide bem e tira a prova real. Em frações quase nada disse.

Os outros dos presentes dividem alguns, porém mal. Não sabem nada de doutrina. Mau professor.

Aula de meninas

Professora Maria das Neves Manuela de Melo - 23 matriculados. Letra má a que vi das meninas com erros de ortografia nas mesmas palavras.

Aula de meninos

Joaquim da Silva Guimarães Ferreira. Livro com 20 matriculados. Estavam só 5. 12 freqüência.

Sala muito vasta.

1º lê soletrando para si, tem 3 anos. Não soube escrever os números para dividir, divide bem e tira a prova real. Depois das 4 operações é que o professor ensina a ler os números. Só sabem rezar orações e mandamentos etc. Mau professor.

Aula de meninos de Estevão Coelho de Melo

Matriculados em livros 65 - freqüência 40 e tantos a 50 - Presentes 4.

Há ano e tanto lê soletrando, e já soma mal. Má casa, telhado arruinado. O pequeno interrogado é sobrinho do Repúblico, filho de um professor particular de 1^{as} letras, tem cabeça grande e redonda e ar carregado.

O continuo do Liceu só avisou ao menos a este professor no fogo de ontem.

Antes do almoço saímos às 6 $\frac{1}{4}$ h - depósitos de artigos bélicos, inútil e dispendioso somente.

Cemitério bom; falta de correspondência do portão com a porta da capela - segundo novo plano com catacumbas para ossos.

Tambíá lugar bom para passeio, fonte antiga abundante de água de rocha.

Capitania do Porto Igreja bonita mas não acabada - obra dos negociantes - de S. Pedro Gonçalves.

Nova casa da tesouraria por arrematação, péssimo sistema de madeiramento - ponte já rachada.

Alfândega - estado do porto - cais - armazém - questão entre o Inspetor Dr. José da Costa Machado e Escrivão João José Henriques, irmão do Antônio. Inspetoria Provincial.

Inspeção do algodão, segundo marcação do que já vem de Mamanguape - má qualidade do algodão de 1^a - fraude na mistura das qualidades.

Depósito de 1000 quintais talvez de pau-brasil, conveniência de sua venda pronta.

Tesouraria Geral - aumento da casa para um terreno nacional anexo - livros para Guarda Nacional - lugar do arquivo.

Correio 2 horas para aviar as malas do sul e uma para as do norte.

Pedreira de cal e forno - Cadeia velha - 1703.

O rapaz das matemáticas chama-se Manuel Clementino Camº da Cunha Aranha.

30 de dezembro de 1859

Sai do Palácio às 8h - larguei às 9 menos 10.

Às 5 ½ h à vista de Olinda.

Salvaram os fortes do istmo, veio até perto do Apa o vapor Camaragibe trazendo só o negociante Araújo.

31 de dezembro de 1859

Atrasamo-nos muito. 6h e 7 min; já se avista terra – Camaragibe muito longe.

7h Iça-se a bandeira por se ver já Maceió.

Salva do forte do Mamão – do Itamaracá que se acha no porto juntamente com o Xingu e o iate Paraibano.

O porto de Jaraguá deve levantar muito mar com vento S.

8h e 4 min fundeamos.

11 e tanto desembarque. Muito entusiasmo.

Meio-dia chegada à Matriz – belo templo acabado hoje mesmo de todo, benzendo-se a imagem.

Pregador substituído pelo que devia sê-lo vindo por terra de Pernambuco.

Parada de batalhões dos 2 Comandos superiores daqui e das Alagoas que é do Jiquiá; só 800 armados a muito custo para esta ocasião.

Cortejo – Caleça – Informações – encanamento do Bebedouro a 1 légua de Maceió – o povo bebe água de cacimbas – também há água boa, e talvez melhor em Fernão Velho mais longe que o bebedouro.

Pajussara com porto abrigado, que não serve por se entupir mormente com os currais; já aí esteve uma corveta de guerra brasileira.

Casado Lima pedi informações – o Dantas diz que esse magistrado tem só o defeito de muito político. Não me agrada o seu ar.

O juiz dos órfãos que deseja ser removido para juiz municipal de Sto. Amaro agrada-me. Não assim o juiz municipal, e sobretudo o promotor que me disse que o tinham recusado de um processo para a relação.

A filha do Cotinguiba foi absolvida plenamente pelo júri do Penedo mas o juiz de direito apelou.

O Sobral, comandante superior daqui, disse-me que a seu comando tinha 3 batalhões e uma companhia de artilharia com 2 a 3000 alistados e só com 400 espingardas, tendo-se mandado consertar 6 pequenos canhões, que causaram suas desgraças.

2 batalhões à noite de paisanos, um de jaquetas brancas uniformizados e archotes e outro depois de gente de sobrecasaca.

Incêndio de 5 casas de palha talvez por causa de algum foguete.

Ainda há muita intriga política, dizendo o presidente que o Jacinto de Mendonça, cuja fisionomia e maneiras muito agradam, era a principal influência, tendo-a contudo o Jequiá, os propriamente liberais pouco valem.

O café não dá bem na Província porque não há chuvas regulares no tempo de florescência.

Não há partidas de 10 a 11 anos – o mais de 4 – como em Pernambuco – bom arroz, milho que aliás não produz como no sul do Império, e mandioca que plantada em montículos chama-se de matumbo, e em terra ajuntada de regos laterais de leirão ou mussuca.

Pouco aproveitam as terras com a mudança de plantação.

Cal feita da casa de um pólipó – cabeça de carneiro.

O secretário é o Dias de Moura que foi bom estudante do Colégio de Pedro 2º . Serve há 8 anos na Província, e muito bem, segundo o Dantas que, todavia, por se achar indisposto com o lado do Jequiá e liberais, lembra remover para alguma secretaria do Estado.

1º de janeiro de 1860

Pouco depois das 6h

Pajussara até quase Ponta-Verde.

Igrejas menos o Livramento.

Cadeia, presos amontoados; ainda não está concluída.

Boa casa da Câmara, júri e audiências.

Casa da Misericórdia com 6 mulheres e 19 homens - por acabar - remédios e gêneros fornecidos diariamente pelos contratadores.

Cemitério sem casa para autópsias - brinquedos nos canteiros de alvenaria do jardim feitos com anuência do Sá Albuquerque, segundo ouvi.

Hospital militar 13 doentes - perto do mar muito açoitado dos ventos. Depósito inútil de artigos bélicos, onde achei guardada boa porção de pólvora por ficar mais à mão que no paiol. O oficial encarregado é um major reformado, Luís Alves Monteiro, de 70 e tantos anos que casou com uma moça de 16. Tem 14 livros de escrituração para o depósito e paiol.

Meio-dia missa matriz.

Pouco depois das 5. Farol num alto por detrás da matriz. 77 degraus. Refrator com espelhos. Intermitência de 10 minutos - ouvi ao administrador mas serão talvez 10 segundos. Um capitão inglês disse tê-lo visto a 1º .

2 guardas com 25\$000 mensais e o administrador que passa por zeloso e pareceu-me vivo, 50\$000.

Toda a despesa com o maquinismo por conta do cofre geral.

2 ½ garrafas de azeite de 5 ½ a 5 ½ .

Paiol para detrás do farol e suficientemente arredado, com pólvora agora somente do Estado.

Quartel da Polícia num antigo teatro, cuja forma se conserva, também ai havia pólvora apreendida, e taquaris tomados pela polícia.

Rancho feito fora.

Os livros estão em outra casa, creio que do comandante coronel Manuel Morais.

Quartel de linha com 40 praças do 7º - muito sujas as companhias e grande desmazelo - a guarda nacional mestra mais cuidado que a tropa de linha.

O major reformado que comanda o contingente do 7º apareceu fardado, mas sem gravata.

Escrituração do delegado do ajudante General não está toda em dia, desculpando-se o Trajano Burlamaque, aliás quase que inútil, com ter só um amanuense.

Teatro como o de Petrópolis quase - Representaram o 29 melhor do que esperava, são cômicos de profissão.

O Carlos da Silveira Lobo sempre me acompanha e procura intervir, dando o Dantas azo a isso muitíssimas vezes.

Obra da levada.

Choveu noite passada e chuveiçou esta manhã. Viração forte do Norte desde 9 até 10 da manhã.

Água de cano má onde há diversas cacimbas e uma com a melhor água delas.

2 de janeiro de 1860

Levada - de antes com qualquer maré subiam as canoas.

Matadouro mal colocado pela falta de limpeza.

Educandos artífices 40, pouca ou nenhuma instrução e música - casa insuficiente com leitos de pau - gêneros vindos do fornecedor, café de má qualidade, mas bem preparado, pão de 4 vinténs bem como manteiga boa.

Diretor pedante, mas parece zeloso.

2º Alfândega sem ponte e com o ladrilho de tijolo todo cheio de altos e baixos; um só armazém para tudo.

Inspetor Sobral. (1º) Capitania do Porto sofrível com madeiras para o hospício de Pedro 2º e para armada - amarelo ou vinhático, e sucupira. Catraia a consertar-se para a barra de S. Francisco.

Inspeção do algodão, bom armazém, fardos com pedras de 20 libras no canto, mau algodão.

A tesouraria geral - inspetor Umbelino Guedes de Melo - polícia e correio com 3 empregados somente mal chegando às 4 horas para expedição das malas.

Sala da Polícia - que convém mudar para outra casa - para a Tesouraria - casa alugada para todas as repartições e Presidência. Repartição das terras.

Tesouraria Provincial. Manuel Velasco dos Santos do Piragi para casar com Maria de Jesus Lopes. Na planta e

nivelamento entre o açude do Riacho Bebedouro e a cidade vejo:

Situação do farol 9° 40' 21" Lat. 7° 26' 6" Long. E. do observatório do Rio de Janeiro. Variação 6° 20' N.O. - altura das maiores marés 12 palmos.

Carta das Lagoas feita pelo Vital - Nas marés das serigis cresce água na barra (do baixa-mar ao preia-mar) 10 palmos havendo a diferença para menos de 3 palmos nas quadraturas.

Barra das Lagoas Lat. 9° 42' 20" Long. 7° 23' 28" a E. do Rio de Janeiro.

Chuvicou esta manhã.

De tarde 1 ½ léguas divisa de Maceió e Pioca.

3 de janeiro de 1860

9 ½ h Porto das Pedras.

O Apa jogou muito ao entrar. O Pirajá não pode navegar no rio senão duas léguas, e há 7 para 8 só.

Incêndio.

Aula de meninas - 23 matriculadas - freqüência até 16.

A mais adiantada das presentes lê ainda mal e só multiplica, está há um ano, tendo já freqüentado outra ainda que a letra da matrícula seja má e com erros de ortografia.

A professora parece boa.

Em doutrina respondeu regularmente a 1ª, as outras duas mal. Letra da 1ª sofrível.

Matriz no alto lugar da antiga vila.

Matriz em construção embaixo.

Cadeia péssima.

Cemitério no alto que só servia para os coléricos.

Água boa.

Saída ao meio-dia - chegada a Porto Calvo às 5 ½ h

O rio Manguaba tem as margens cheias de mangue cuja madeira tem muito uso no norte, construindo-se casas com ela na Paraíba há tronco que tem 6 palmos de circunferência. Não o limpam.

Na parte próxima à vila estreita muito e tem pedras em alguns lugares.

O Pirajá segundo o Barroso podia ter subido até pouco longe da vila.

A povoação tem 2.000 almas segundo o Jacinto de Mendonça e 700 almas segundo o advogado Galvão Fonseca que está servindo como 3º vereador de Presidente da Câmara.

Diversas nascentes de água potável próximas da que bebe o povo.

Cemitério só no tempo da cólera.

Ouvi que em uma barreira em Camaragibe o Dr. Fernandes Barros pretendeu ter achado carvão de pedra, reconhecendo-se depois, segundo lembrança do Marques Lisboa, que eram xistos.

4 de janeiro de 1860

6 ½ h - Comandituba a cujas margens perdeu um braço Henrique para ir [?] da vila.

Outeiro de Amador Dias hoje da bica, que nunca seca.

É caminho de Barra Grande e tem em cima chapada e coqueiros, é bastante alto.

Lugar do reduto com vale do tempo dos holandeses, e outro interno da guerra dos Cabanos, para se defenderem contra estes. Tem balas de artilharia e uma bomba que dizem do tempo dos holandeses. O major Emídio Buarque chefe do Estado Maior da G. N. disse-me que conduzira aí um inglês, em 1838, que lhe perguntara pelo lugar de um óculo, escavação redonda de pouco fundo, que vi, e depois por uma pedra chata no pé do morro para que o rio Manguaba lava às vezes, e umas 3 pedras no lado que não acharam, o que dominou o inglês, que vinha com um roteiro escrito antigo à busca de um tesouro. Esse inglês batizou-se em Porto Calvo e casou-se na fazenda de Manuel Manso dos Reis.

Ladeira de João André ao S. da Vila, sobe bastante, caminho de Camaragibe para lá ir atravessa-se o Mutucaitá, que no passo por onde fomos na ida, quase que não permitiu passar os cavalos senão a nado, alagando em boa extensão.

Cadeia péssima - queimaram incenso.

Casa da Câmara e júri péssima.

Escolas.

O Manguaba tem diversos nomes no seu curso, como Varadouro, Puri, Simão Alves, e Quitanda, que foram os que mencionaram.

O Comandituba lança-se no Manguape, que corta às vezes de todo, pouco abaixo do Varadouro onde está o porto.

A freguesia, foi a princípio da Sra. do Bom Sucesso, e agora do de Apresentação. Além da matriz, sobre cujos alicerces ouvi ao Jacinto que consta ter havido fortificação holandesa, há um oratório.

O Emílio também falou de fortificação no alto do Outeiro de Amador Dias, ou da Bica hoje.

Há a 19 léguas daqui e 7 de Maceió um lugar chamado Pirapoera, que parece mais correto que Purá-poera.

Mata Redonda fica 3 léguas para S. de Porto Calvo.

Passo de Camaragibe onde está a povoação a 6 léguas para S. de Porto Calvo.

Necessidade de uma ponte sobre o Camandituba caminho de Barra Grande.

Guarda Nacional - 4 batalhões com 3 a 4000 - o de Porto de Pedras tem 1400 e uma companhia 300.

O de Porto Calvo é o que se acha em pior estado quanto ao fardamento sob o comando de José Antônio de Mendonça.

Todos os oficiais não têm o 1º uniforme. Cento e tantas amas por tudo.

Lugar da fortaleza ou reduto onde há as balas fica muito mais para O. que para N. da vila de Porto Calvo.

5h da tarde saída.

5 ³/₄ h Engenho Novo do Dr. Jacinto de Mendonça - excelente casa de vivenda - Muitas terras - 3000 pães ou 9 a 10.000 arrobas, o ano passado metade.

Engenho de água rasteiro, levada do manguaba tachos e funda para o melaço esfriar. Pinga em formas de barro, com duas barrações - açúcar menos bom que o que vi em Pernambuco, mas sofrivelmente alvo, e cristalizado.

Não vi o alambique - roda de mandioca a braço.

50 escravos.

Conversa com o Oiticica sobre a agricultura, projeto de mandar vir máquinas de irrigação e arados, por vapor.

Na fazenda Marau, a légua da vila do Norte, pertencente ao Oiticica, avista-se do alto.

5 de janeiro de 1860

5h - 7h Jundiá.

Almoço.

8h partida - mata daí a 1 légua, que não é feia, tendo de extensão perto de légua - depois descampado e a mata maior que não me agradou como a primeira sendo ambas inferiores às que vi na picada entre Petrópolis e o Pati.

10h Colônia. Bonita posição na margem direita do Jacuípe que corre muito perto do povoado.

Boa Igreja e casa da diretoria - quartel em construção que servirá também para cadeia.

4 ¹/₂ h da tarde. Atravessei o Jacuípe na ponte perto do povoado para o qual se sobe docemente. Margem esquerda território de pimenteiros, província de Pernambuco até o riacho Taquara, afluente do Jacuípe, atravessando aquele numa ponte para chegar à casa de engenho Grandeza de Manuel Gomes da Cunha e Silva que faz com 12 escravos 350 formas de 3 arrobas e já fez 1500 arrobas anuais. É copeiro, vindo a água do Taquara.

A terra é arisca e o proprietário diz ter-se endividado com a despesa de mudar o motor de animais para água.

Picada difícil de passar por causa do mato - atravessei o Jacuípe e vim alcançar a estrada da colônia para a vila da Imperatriz em cujas margens há as plantações da colônia principalmente junto à serra do Teixeira.

Cultivo de cereais do país, sendo a terra muito boa para algodão, que chegou a ser muito conceituado em Pernambuco, ainda encontro uma plantação pequena e maltratada de algodoeiros (Relatório do Diretor Capitão Gama Lobo Bentes).

Visita à diretoria livros bem arrançados.

Diversos trabalhos de desenho, como planta da povoação feita pelo diretor e do território medido já subdividido em lotes, havendo outro próximo, começado a subdividir, quando se acabou a repartição da medição nas Alagoas, feito por Carlos Boltenstein que parece hábil desenhista - uma de um hospital, que se estabelece quando é preciso na casa nacional em que

achei os livros da diretoria por servir para minha residência e casa própria.

O diretor mora numa casa que comprou e acrescentou não ficando pequeno prédio térreo - como todas as outras casas.

As do capelão e do sub-diretor próprios nacionais, não são mais, havendo mais casas nacionais.

Antes de ir ao engenho Grandeza vi o cemitério em que se há de construir uma capelinha, tem 240 passos em quadro e a frente murada, sendo o resto da cerca de paus, os restos dos coléricos ainda não se desenterraram.

Soube na casa da diretoria atual que ainda não se cumpriram as condições com que se aprovou a concessão do terreno do engenho grandeza.

Há permissões do diretor para cultivo apesar do aviso de 1º de março de 1851 que não consente concessões de terrenos na colônia senão depois da execução da lei de 1850 que teve lugar depois da publicação do regulamento de 1854.

Pouco além da ponte do Jacuípe perto do povoado da Colônia Sobral à fralda de um monte à esquerda de quem segue pelo caminho para o engenho Grandeza vê-se uma cerca, sendo este o lugar do acampamento de Vicente de Paula, tendo ao pé uma capelinha de que existem restos. Daí foi Vicente de Paula para o Espinho, a 3 léguas do povoado da Colônia.

6 de janeiro de 1860

4 menos 5 – missa.

4 ½ partida.

Chegado ao Engenho Novo às 9 menos minutos.

Incêndio na bagageira talvez pela queda de algum foguete. Por isso ao chegar a Porto Calvo estava um homem a cavalo na cumeeira de uma casa de palha dando vivas e enxotando os foguetes com um varapau cujo comprimento garantia todos os pontos do telhado.

Chovia mas pouco.

Sai às 5h - cheguei às 6 menos 5.

Queixa contra o Leal comandante de Fernando por ter mandado vergalhar com raiz de gameleira o réu da prisão simples Francisco Afonso do Rego Melo - vi duas cartas do preso ao irmão aqui residente Cristovão José Teotônio do Rego Melo.

Bastante calor na sala que olha para a rua - lado do poente.

Fogo de artifício sofrível.

Choveu de noite 2 vezes.

7 de janeiro de 1860

5h com chuva - Terreno montuoso até a fazenda da Várzea engenho Casão, bonito lugar cercado de colinas cercadas de coqueiros.

6 ¾ h engenho Sambé bonito local - id. Ferricoza o melhor engenho no caminho da Barra Grande.

Gamela com bastantes casas e algumas de sobrado e capelinha às 8h - praia - 8 ½ h Capelinha muito estragada da Barra Grande, longe da praia - por detrás fica um morro alto onde houve bateria legal em 1824 e o Bloem levou a bala na face.

A Barra Grande é um excelente porto formado pelos recifes deságua o Gamela.

A areia trazida pelo rio dos Paús tem aterrado já parte do porto.

Falta de pontes em dois rios um dos quais é o Manguaba, entre Porto Calvo e o Engenho Novo. Também há riachos na estrada da Barra Grande que nas cheias hão de reclamar pontes.

8 de janeiro de 1860

7h - Aulas de meninas do 1º distrito - 72 matriculadas freqüência 60.

1ª há 4 anos - lê sofrível - alguma coisa de gramática. Divide com alguma hesitação - não sabe o que é a prova real.

2ª há 2 anos já tinha estado em outra 1 ½ lê quase bem, gramática alguma coisa. Divide com hesitação.

3ª lê quase bem, gramática sofrível. Divide com hesitação, não se lembra da prova real. Há ano e tanto nesta aula e 2 anos noutra.

4ª que eu chamei lê mal, entrou em gramática, diminuí, entrou em agosto do ano passado, já tinha estudado noutra

aula em Pilar - Atrasada em doutrina - Letra sofrível.

Aula de meninos do 1º distrito. Manda o livro para a secretaria de instrução. O ano passado 89 matriculados freqüência 57 e 58.

1º lê sofrivelmente - alguma coisa de gramática, está em proporções porém mal sabe frações e decimais. Há 2 anos na aula deste professor, já estuda há 2 anos e tanto.

2º lê quase que bem - em frações e decimais melhor que o outro, gramática sofrível, há 4 anos.

3º lê como o antecedente - parece sofrível em gramática. Divide bem, não se lembrou logo da prova real. Há 3 anos. Penso saberem mais doutrina que as meninas. Os professores creio que são bons.

Aula de meninas, 2ª cadeira professora Maria Carolina de Conceição Soares e Faria. 55 matriculadas, freqüência 30 a 30 e tantos.

1ª lê quase que bem - gramática sofrível - dividiu bem e sabe a prova real, há 6 anos.

2ª lê quase que bem - gramática mal. Dividiu menos bem que a 1ª, sabe a prova real. Há 6 anos.

3ª lê sofrivelmente - gramática muito mal - Dividiu bem - sabe a prova real. Há um ano, já tinha estudado noutra aula 1 ano. Sabem as rezas e alguma coisa de doutrina. A professora disse que estava incomodada quando disse que perguntasse sobre explicação do credo. Letra sofrível.

Aula de meninos do 2º distrito. 135 matriculados o ano passado, freqüência 80 a 90.

1º lê sofrivelmente - chama a adjetivo e o professor parece confirmar - pouco sabe de gramática - divide bem com uma letra do divisor, e sabe a prova real. Há 2 anos, já estando na aula quando veio o atual professor.

2º - lê sofrivelmente, gramática alguma coisa. Divide sofrivelmente sabendo a prova real - começou frações, é o mais adiantado. Os meninos sabem a doutrina, também o professor é padre. Escrita boa.

Liceu.

Tarde

3ª cadeira de meninas. Ano passado 77 - freqüência 50 a 60.

1ª lê quase que bem - alguma coisa de gramática. - Divide sofrivelmente, sabe a prova real -

2ª lê sofrivelmente muito pouco de gramática. Divide menos mal. Não se lembra da prova real. A 1ª há 2, mas viera de outra aula, a 2ª há 3, mas veio de outra aula. Pouca coisa sabem professora e alunas sobre a explicação das orações. A professora parece-me muito cortejada.

Boa letra da professora e sofrível das alunas.

Aula 3ª de meninos. Ano passado 82 matriculados freqüência 36 a 41.

1º o premiado. Lê sofrível, não sabe gramática. Já sabe as operações sobre frações ordinárias e começa com as decimais. Há 1 ½ ano, tinha já estudado em casa.

2º - lê mal, começa a reger mal. Divide menos mal, não sabe tirar a prova real. Há 2 anos em maio futuro, já tinha estado noutra. O professor parece mediocre, pediu-me cartilha para perguntar sobre a doutrina, mas eu não lhe dei. Responderam sofrivelmente sobre doutrina, ainda que não perguntasse o professor senão sobre mistérios quase que exclusivamente. Escrita do professor má, dos alunos sofrível.

Colégio de S. Bernardo

145 estudantes no ano passado, internos 20. Começou em fevereiro do ano passado. Francês, latim, música e 1ªs letras. Houve de filosofia e matemática, mas não há estudantes porque já acabaram o estudo dessas matérias.

Baile e fogo.

9 de janeiro de 1860

Saida de casa às 5h. O Pirajá largou às 6h.

Aula de meninos de Alagoas. 2ª cadeira matriculados 148 freqüência 100 a 140. Lêem falas de Presidentes, não se tem atendido aos pedidos de compêndios.

1º lê mal - apenas sabe linguagens, divide mal, está há 2 anos.

2º lê quase como o outro - muito mal, gramática, divide sofrivelmente, sabe a prova real. Há 4 anos, foi apresentado como o melhor. O professor não presta. Pouca doutrina.

S. Francisco (Convento) 1660

Aula de meninas 2ª cadeira. 32 matriculadas freqüência 25 a 30.

1ª lê mal, principiou, multiplica só. 2 ½ anos.

2ª lê melhor, principiou gramática, até multiplicar. Há 2 meses nesta, tendo estudado antes não se sabe quanto. Doutrina - perguntas menos importantes de cartilha, responderam mal. A letra da mestra da matrícula é boa, a das meninas vi sofrível. Profª sof.

Comando superior 4 batalhões 3 mil e tantos guardas, a maior parte fardados, só 40 armas; 3 destacamentos em Alagoas, S. Miguel e Pilar, sendo só pago o daqui. Os comandantes, à exceção do Nicolau do Pilar, sogro Titara pouco se interessam pelo serviço e a Guarda Nacional desse lugar agradou ao Jequiá quando lhe passou revista, o instrutor não presta.

Aula de meninas (1ª cadeira) 34 matriculadas freqüência por ora, a professora é o há 2 meses, igual.

1ª Lê menos mal, nada sabe de gramática. Divide mal, não sabe o que é a prova real.

2ª Trouxe para ler o romance - A Roda da Fortuna, mas fi-la ler outro livro. Lê pior, não sabe nada de gramática, sabe repartir muito mal. Há 2 anos. A professora não tem boa pronúncia. Uma menina respondeu bem sobre doutrina, mas em geral sabem-na pouco. Letra da professora no livro de matrícula não é boa, e das meninas sofrível.

Aula de meninos (1ª cadeira) 128 matriculados 70 a 80 freqüência.

1º lê sofrivelmente, sabe apenas princípios de gramática. Já sabe proporções singelas. Há 5 anos.

2º lê sofrivelmente - respondeu melhor em gramática. Não se tem mandado compêndios apresar de requeridos pelo mestre.

3º Operações sobre frações respondeu mal.

Sabem rezas - o professor não parece entender de doutrina, julgo-o medíocre.

A letra do livro da matrícula não é boa.

A letra dos meninos é muito boa, a melhor que tenho visto há muito tempo.

Cemitério Carmo.

Água potável e muito boa de Utinga.

Desembaraço do Subauma.

Conversa com Silvério de Araújo Jorge, promotor Cândido Moura.

Incêndio procedido de foguete quando chegamos.

Pilar chegada às 5 ¾ h tendo saído de Alagoas às 4h

Aula de meninos 131 matriculados freqüência cento e tantos.

1º lê quase que bem, já deu linguagens, mas ainda não as sabe muito bem. Operações sobre frações feitas materialmente. Há mais de 2 ½ anos.

2º lê menos bem que o outro, aprendeu linguagens, sabe mal, divide sofrivelmente, sabe mal o que é a prova real. Rezas e pouca explicação de doutrina. Letra dos estudantes má. O professor parece bom.

1ª aula de meninas 37 matriculadas freqüência para mais de 26.

1ª lê sofrivelmente, não reza assim como nenhuma, apenas sabe multiplicar e nenhuma ainda sabe dividir. Há mais de 2 anos. A professora está servindo aqui há 2 meses, não parece má. Rezas, nenhuma explicação da doutrina, também agora começou a professora. Letra sofrível das meninas.

Ladeira não calçada de todo do caminho do Pilar até a chegada da Atalaia, canal que comunica as lagoas. Boa água de nasçença.

Conversa com os juizes e promotor.

Saída de casa às 7h, larga o Pirajá às 7h e 20 min.

Lado esquerdo Grajaú de cima, de baixo e os 2 engenhos do sogro do Titara Lameirão e Bomjardim.

7 ¾ min Camorupim no lado (houve queimadura de foguete no Pilar) esquerdo, os holandeses pretenderam construir aí uma ponte ligando as duas margens da lagoa e para isso lançaram muitas pedras no fundo da lagoa.

8 ½ h Alagoas, encalhou por algum tempo pouco adiante.

16 ¼ Sta. Rita do lado direito como Alagoas. A comunicação das duas lagoas é muito comprimida.

10 ½ h Volta daqui para casa de Casimiro Abreu com capelinha, 11 Boca da Caixa de Felix da Costa Moraes lado esquerdo.

11h e 7 min barra, onde a galeota vira-se por causa da locomóvel que ela rebocava, morrendo afogado um marinheiro e salvando-se todos os mais pegados às pedras do recife, mais para diante o pontal com diversas casas de pescadores.

11h e 33 min Trapiche da barra lado direito já se avista Maceió, coqueiro seco, meio-dia menos 3.

Igreja num alto com duas torres feita à custa do Padre Bernardo José Cabral em 1790. 12 imagens muito bem-feitas principalmente as de S. Francisco de Assis e de Paula trabalhadas pelo mesmo que fez a de S. Pedro de Alcântara do convento de S. Francisco da Bahia. O padre Cabral foi à Bahia escolher as imagens, rejeitando algumas. O artista ainda vivia em 1856. Era intenção do padre Cabral fundar um recolhimento, sendo agora o serviço da igreja feito por 8 mulheres bastante idosas, tendo algumas 70 e 80 anos. Conservam o quarto e a cama onde dormia o padre Cabral que morreu há 40 anos. Há uma cabeça de imagem serrada em seção vertical, e guardada dentro de um, cuja parte inferior do rosto é uma perfeição sobretudo a boca e extremidade do nariz.

A água cheia de águas-vivas.

Sta. Luzia do Norte

1 ¼ h chegada ao Pirajá.

2 ¾ Matriz, Rosário, Oratório da Conceição carecendo de reparação. O corpo da matriz foi feito em 1707, mas a capela-mor não se sabe quando o fora e o prático disse ao Marques que ao construírem a capela-mor acharam alicerces circulares com ladrilho de tijolo por cima e balas, mas não me confirmaram isso na vila.

O presidente da Câmara Lúcio Soares Albuquerque Eustáquio que parece bastante inteligente disse-me que talvez fosse a vila mais antiga da província, que há tradição de ter existido no cimo de um monte um convento de S. Bento, perto da rua do mesmo nome, que a obra mais importante é uma ponte sobre o canal que comunica as duas lagoas no lugar Riacho do Mato, por onde se canalizaria a água potável deste para a capital, ficando a vila distante de Maceió 2 léguas, quando pelo caminho atual passando pela margem oposta são 5 léguas.

Cemitério cercado de paus já arruinados do tempo do cólera, enterram nas igrejas.

Água melhor do sitio Carrapatinho a pequena meia-légua da vila, cuja população bebe boa de cacimbas e braços do rio, creio que o Mundaú, que se navega 5 léguas até a Cachoeira.

A vila tem cerca de 400 casas, sendo a da Câmara, júri, etc., térrea e muito pequena e a cadeia mal servindo para depósito dos presos enquanto não vão para a capital.

Antes de Fernão Velho, no mesmo lado fica sobre um alto a branca igrejinha da Divina Pastora.

A Guarda Nacional formada em Sta. Luzia não apresentava mau aspecto, e armada.

Chegamos a Fernão Velho às 2 ¾ h. Belos estabelecimentos de tecer e fundir, mas fizeram grande parte dos edificios e mandaram vir quase todo o maquinismo de ambas as fábricas antes de poder montar uma delas para render. Já gastaram 150 contos, sendo 50 com o maquinismo.

Tem um belo açude de terra e muita água, o embarque é difícil por espriar muito a lagoa. Dista 2 léguas por terra da cidade. Já tem 400 toneladas de carvão de pedra e creio que 100 de coque que veio no mesmo navio que trouxe o maquinismo. Não sei se a construção da oficina de tecer, que deve ter 40 teares, e duas máquinas de fusos cada uma de 1200 está bem forte, por causa do cavouco da roda ser formado de um lado com uma das paredes mestras, e o vigamento descansar em parte sobre divisões finas de tijolo com arcos bastante largos, as paredes todas são de tijolo, a telha é quebradiça e vem como aquela das olarias das margens do Mundaú, onde há muito bom barro, como me disse o Pres. da Câmara da vila de Sta. Luzia. Parece que não houve a melhor direção e ouvi que o fundo da companhia União Mercantil, cujos principais diretores são o negociante e fazendeiro J^o Antônio de Mendonça e um negociante Lisboa já está extraindo. O Mendonça já tem ido umas poucas de vezes por causa da fábrica. Tem encomenda de trabalhadores da Bélgica, os maquinismos vieram de Gand. Peças de máquina de 12 cavalos, haverá mais outra. Será pena que o estabelecimento não vá avante.

Saída às 5 ½ h - um pouco a pé, até uma ponte, que ainda não está concluída, daí de carro até o Bebedouro, ½ hora, e chegada aqui pouco depois de 6 ½ h

Embarquei com muita chuva às 11 e tanto.

11 de janeiro de 1860

O Apa largou à 1 menos 12 da madrugada. Muita chuva e mar, que levou o xadrez de diante de uma das rodas. 8 ¼ h altura da praia de Peba. Avista-se a enseada de Aracaju.

11 menos 20. O vapor de reboque saiu fora e falamos com o capitão do porto a vapor às 2 menos 20, atravessamos e o Apa rolou até ter água para entrar às 4 horas menos 20.

Atalaia de pau pintado de preto, falta de um farol, canal que dá uma grande volta e é tortuoso e estreito, havendo arrebentação de ambos os lados.

Aracaju não é feio com seu grande coqueiral defronte na margem esquerda do Cotinguiba. Desembarcamos às 6 e tanto, bastante Guarda Nacional de jaqueta e calças brancas e poucos de azul e com armas.

Matriz bonita, mas simples capela, grande indolência nos padres. Te Deum e cerimônias que nunca se acabavam, sermão mediocre do vigário de S. Cristóvão, Barroco, contudo o presidente disse que tendo desabado o telhado da matriz de S. Crist. ele exortou o povo, e tudo até meninos trabalharam, estando a igreja pronta para meu recebimento.

Ouvi ao mesmo Galvão que a cidade é agora salubre sendo o termo médio da longevidade maior que no Rio?

1:33 no Rio e 1 para 37 aqui?

Que a água de que bebo e é bem ruim vem do rio Pitanga daqui a 2 léguas indo barco buscá-la saindo a barca daqui. O povo bebe das bicas públicas ou cacimbas onde a água é cor de xerez preferindo-a algumas pessoas, fervendo uma - particular de um Guerra cuja água é melhor porém toldada não perdendo esta, nem a outra, a cor pelo descanso.

Que agora é que botaram terra sobre a areia das ruas, não contavam com a chuva de hoje que formou bastante lama e que as ruas de Maroim acabaram de calçar-se por causa de minha visita, que o vigário daqui é moral sendo o único ilustrado o de S. Cristóvão.

VOLUME 5

VIAGEM À COSTA LESTE - 4ª PARTE (DE ARACAJU AO ESPÍRITO SANTO)

11/01 a 28/01/1860

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

11 de janeiro de 1860

Que a barra tornou-se agora muito funda, e nós passamos com efeito com 20 palmos de água.

O Freitas Gomes, Juiz de direito das Laranjeiras, disse-me que o júri julga menos mal; porém não se mostrou satisfeito com o foro da comarca.

O presidente queixa-se da indolência do povo, talvez porque ele peca por precipitado.

Não foram canoas ao encontro, e as jangadas só aparecem pelo norte, e diz que o Aracaju não tem razão de reclamar pelo lado de poucas obras gerais.

12 de janeiro de 1860

6:30h saída; obra nova do quartel, arrematada pelo Dr. Guilherme Pereira Rebello, já recebeu 8 contos pelos alicerces com 8 palmos de profundidade, até encontrar terreno de piçarro, segundo disse o fiscal da obra, engenheiro Pereira da Silva, tem para receber 19 contos da 2ª prestação pelas paredes até 30 palmos de altura. Começou em janeiro de 59. A pedra é calcária e lamelar, vindo de Sapucaí - 2 léguas daqui.

Perto de Maroim, tem melhor pedra, mais espessa. A 6 léguas de São Cristóvão, rio acima, margem esquerda, do (Itaoporanga?) há mármore com veios.

Fonte-poço-de Maroim pública; água amarela; mas o gosto é melhor que a que bebi ontem de noite, ou quase bom, e dizem que é saudável, e pode guardar-se 30 dias.

Santo Antônio do Aracaju, antiga povoação de Aracaju, num alto a ¼ de légua, donde se goza de boa vista, vendo-se

tabuleiros de salinas, que é gênero de bastante comércio neste rio.

A Capitania do Porto está em pequena casa.

O capitão do Porto, capitão de fragata Moreira, é o dono do poço de água branca, e o único que planta verduras no Aracaju. Tem casa e horta próprias, lamentando ter gasto aqui os contos que trouxe de Pernambuco, donde é filho.

Cemitério num alto, menos mal situado, e com cerca só de paus. Telheiro capoeira, a cerca tem grandes aberturas.

Túmulo do dr. Barboza no fundo da matriz rodeado de flores num canteiro; o monumento de mármore é simples e bonito.

Obra do Palácio arrematada pelo Tenente Coronel Carneiro; os alicerces vão até encontrar terreno de areia dura, 12 contos, e a 2ª prestação até 25 palmos de altura da parede, 25 contos.

A mesma pedra e apenas os alicerces começados, principiou em Março e Abril de 59. Alfândega está de empréstimo na casa da mesa de rendas, porque a casa dela prepara-se para o baile, sendo a sala de dança, no edifício antigo do tempo do Barbosa, e a ceia no novo.

Tarde perto de 5

Aula de meninos regida por Jª Maria da Trindade - 70 matriculados - Não está muito bem escrito o livro de matrícula.

1º lê sofrivelmente livros, e menos mal em gramática - divide bem, e sabe tirar a prova real. Frequenta 1 ano e 6 meses, mas já tinha estudado um pouco noutra escola, segundo diz a professora, que parece boa.

2º lê sofrivelmente, gramática mal, divisão com 2 letras no divisor, porém mal ainda. Sabem doutrina e as rezas, mas as explicações não são todas exatas, apesar da professora contentar-se com elas. Letra das meninas sofrível.

Aula de história do Brasil. 15 matriculados. Não gostei.

Aula pública de meninos de Ignácio de Souza Valladão - matriculados 86. O livro de matrícula não parece bem-feito, e a letra do professor é sofrível.

1º lê sofrivelmente - gramática muito atrasado, não sabe dividir tendo errado toda a conta. Desde 19 de Fevereiro de 1859 aqui, tendo estudado 10 meses em Sergipe.

2º lê mal; gramática apenas começou - este que é o que melhor divide; mas vagarosamente, e não se lembra da prova real da divisão.

Doutrina mal, sabem as rezas, e o professor está muito atrasado parecendo ruim. Letra dos meninos pior que a das meninas.

Este vai bem construído e compõe-se de um grande armazém, separado em 3 por duas arcarias, e a porta que vai até 20 e tantos palmos de fundo na praia, e 15 no baixo, mantendo-se fincado as últimas estacas do lado do rio, até 20 palmos abaixo do fundo, não as batendo, mas enterrando-as pela ponta aguçada que fazem oscilar, fincada no leito do rio. O Inspetor parece inteligente e zeloso, ainda que ríspido demais com os empregados, sendo despronunciado por ocasião da falta de que o periódico Epocha o acusa - chama-se Herculano Pª de Sampaio genro do visconde de Cabo-frio.

O oleiro Cristóvão de Mendonça, morreu com 137 anos, e há trinetos ou tetranetos dele, morava para o lado do vale cuja abertura esgotando ao Norte do povoado, melhorou muito a salubridade do lugar.

Casa da Câmara Municipal é própria e pequena.

11 horas. Tesouraria Geral - o Inspetor é surdo, mas o Presidente abona. Escrituração atrasada, por falta de tomadas de contas, algumas de 20 anos, é melhor começar escrituração nova, e concluir a antiga quando for possível. Livros escritos limpamente como na Alfândega. Chove dentro, está aí de empréstimo, paga de aluguel 40\$000 mensais.

Corpo Policial. O Comandante parece muito bom; mas o corpo tem falta de quase tudo apesar das repetidas instâncias daquele. Não arranham; pouco mau, não se dando fardamento ao soldado ao assentar praça mas quando termina o ano; sapatos mal comprados na Bahia, por escolha da Tesouraria Provincial daqui; armas de 14 anos ou mais; tarimbas fixas; presos aglomerados no xadrez que aqui chamam de casa de detenção, indo depois para a cadeia de São Cristóvão, é reunido a este para a vara de Juiz Municipal.

Comem em mesquinha acomodação, poucos empregados; gastam 2 a 3 horas para expedir as malas. Ajudante General-delegado, ainda não tem livros para a escrituração apesar de tê-los pedido por diversas vezes; o oficial que serve inteiramente, parece pouco inteligente; capitão Manoel Agostinho da Silva Moreira.

De tarde depois das aulas fui à repartição da Instrução Pública Provincial. Casa pequena, e este ramo de serviço está

pessimamente montado na Província.

Há um colégio particular na Estância, com professores e casa pagos pela Província, espécie de empreitada.

Depois do almoço também visitei a tipografia Provincial, onde há 7 compositores e o prelo é ruim, dá 250 exemplares de 2 a 3 horas. Diz o presidente que o estabelecimento é proveitoso para a província; mas creio que só lhe acarretará despesas. O Dr. Alvares dos Santos da Bahia, aproveitou as férias para contratar a redação do Correio Sergipense, trabalho principal da tipografia Provincial durante a minha visita. O administrador veio da mesa de rendas da Estância para dirigir a tipografia, onde já vence há anos.

Nasbun argelino judeu; tem boa cara; mas olhos demasiadamente espertos; é vice-cônsul do Uruguai; está há 18 anos na Província e chegou ao Rio em 1840 onde esteve um ano.

Depois do almoço vi as obras do Hospital da cidade. Aproveitaram uma casa particular, destinando o Hospital para os marinheiros (imposto marítimo geral, e o hospital feito à custa da província) e corpo policial. Ainda há que fazer antes que sirva, estando aí aquartelado um corpo da Guarda Nacional.

13 de janeiro de 1860

7:30h Quartel e hospital militares. Ruas da Jabutiana; caminho de São Cristóvão - e dos Músicos.

Tesouraria e mesa de rendas provinciais, obra de cadeia.

De tarde dança dos Índios na barra dos Coqueiros.

9:40h baile.

Tem-se gasto com a cadeia, 12 contos, falta obra de 60 - 3 seções. Já há grades compradas; arrematante Tenente Coronel Carneiro, que como o da Alfândega José Valente de Queirós, e das outras obras, Rebello são os que arrematam todas chamando-os aqui Mauá Mac-Gregory e companhia.

17 ⁰⁰¹ de janeiro de 1860

São Cristóvão.

Aula de meninos, de Francisco José Gomes, 81 matriculados, a letra do livro é ruim, freqüência de mais de 40.

1º lê sofrivelmente, nada sabe de gramática. Sabe alguma coisa de regra de 3, e divide bem, sabendo a prova real. Está há mais de ano, já tinha estado noutra escola.

2º lê sofrivelmente, nada sabe de gramática. O mesmo que o outro quanto ao tempo.

3º chamado por mim, lê menos bem que os outros - gramática idem - está principiando a dividir, subtraindo logo. Sabe mal o Padre-nosso, e os mandamentos da lei de Deus. Explicação da doutrina quase nenhuma. Letra sofrível - Professor ruim.

Aula de latim 15 matriculados, muito atrasados, professor menos acanhado.

Aula de meninas; letra ruim do caderno de matrícula - do mapa consta que há 28 e a letra que não é da professora é boa.

1ª lê sofrivelmente, pouca gramática, talvez por acanhada. Não pode fazer a divisão. Desde outubro parando; mas já estivera na aula 3 anos - teve interrupção de 2 anos.

2ª lê menos bem; pouca gramática; não soube dividir. Está há 3 anos.

3ª lê mal; já multiplica. Está há 3 anos.

Doutrina - rezas quase nenhuma explicação, e a professora pouco sabe. Letra má.

Aula de meninos do Padre José Antônio Corrêa 42 matriculados, freqüência 30 e tantos.

1º lê quase que bem, gramática sofrível - o professor teima que o futuro do subjuntivo do verbo vir é vires; sabe alguma coisa de frações. Está há 4 anos.

2º idem, divide mal; sabe tirar a prova real. Responderam bem sobre doutrina. Letra sofrível.

Desabou o telhado da Matriz no dia 12 de dezembro, e o povo construiu-o de novo; um servente que estava na cornija veio abaixo; mas não morreu apesar da altura não ser pequena. A igreja é sofrível e mudou-se o sacramento para aí, em 1706.

Misericórdia teve doação de terras em 1608 - três enfermarias sendo a melhor a dos militares no 1º andar. - 15 doentes

sendo 8 mulheres; Igreja pequena.

São Francisco, de 1659, boa Igreja, bonita capela, mas não rica dos 3^{os}.

Rosário, Amparo, S. Miguel, Carmo e Convento com Igreja grande, tendo-se reparado o telhado do corpo da Igreja há 11 para 12 anos, e arrumado o da capela-mor de 1600 e tantos.

O Senhor das Misericórdias em construção, assim como a Conceição - ambas paradas.

De tudo

Cemitério bem situado e sofrível aberto a 4 de setembro de 1859, já se enterraram 59. Praça do Mercado perto do rio, que estava seco mesmo para canoas.

O vapor vem até as Ilhotas a ¼ de légua e depois segue-se em canoa ou escaler; mas não no baixa-mar.

Depósito de artigo bélico inútil.

Quartel cadeia, com 108 presos e portanto muito mal acomodados. Quase todos cozinham na prisão, e uma das enxovias tem horrível bafo; pouco seguro; livro das entradas, com pouca ordem.

Posição da cidade boa, num alto dominando por um lado, uma várzea extensa, boa água e fresca. Talvez tivesse sido melhor abrir canal reunindo o Vaza-barris ao Cotinguiba do que mudar a capital, inutilizando-se tantos edifícios.

O palácio onde estou e serve para a Câmara é sofrível.

Ruas quase todas mal calçadas.

Hino à noite.

O caminho do Aracaju para São Cristóvão é bonito, depois do arco das Salinas - Campo-Grande, mato assombrado - Paxim-mirim; Paxim-assu carecendo ambos de pontes grandes para as cheias. Pitanga perto da cidade de São Cristóvão, Salinas perto da cidade além do Mercado.

14 de janeiro de 1860

Maroim

Aula de meninas, 47 matriculadas, freqüência 30, a letra da professora é sofrível.

1^a lê sofrivelmente apenas gramática, sabe só multiplicar. Está há menos de um ano tendo estado em outra aula; mas não sabendo nada, segundo a mestra.

2^a lê melhor, gramática quase nada; começa apenas a dividir. Está uma das mais adiantadas, mal sabe o credo. Está há um ano, mas já tinha estudado antes, mas quase nada segundo a professora. Letra sofrível. A professora parece não servir.

Aula de meninos 113 matriculados freqüência 56 a 60.

1^o lê sofrivelmente, apenas começou gramática, mas a nada respondeu talvez por acanhado. Sabe só multiplicar. Está há mais 2 anos freqüentando.

2^o o mais adiantado lê sofrível, e nada respondeu sobre simples perguntas da gramática. Dividiu bem e mal sabe a prova real. Está há mais de 2 anos quase 3.

3^o lê mal, nada de gramática sabe só multiplicar. Está há quase 3 anos, mas já tinha estudado em outra aula; falta muito por ser a mãe pobre.

Quase nada sabem de doutrina e o professor creio que nada sabe de doutrina. Letra sofrível assim como a do professor, que parece pelo menos mediocre.

Saída para Maroim. Pirajá largou às 6:20h, não pôde seguir pouco além do Porto das Redes, - povoação com algumas casas e com trapiche do Schramm.

Maroim 8:30h - Igreja feita pelo Maroim etc. Capela da boa hora, casa do Schramm. Casa da Câmara; depósito dos presos; escolas; o professor de latim não tem discípulos há mais de ano.

Água de cisternas e poços, boa na Taboca, engenho do irmão do Barros Pimentel a ¼ de légua; a do Siriry, a uma légua, é boa, mas o Galvão prefere a do Pitanga.

Feira aos sábados principalmente de gêneros alimentícios - à beira-rio.

Conversa com o Juiz de Direito Tiburcio Ferreira Gomes - fator das notas do Dr. Ladisláo e Juiz de Paz da Capela - Escrivães.

Larga a Galeota as 7:10h, mala da Corte pouco antes da praia do Trapiche.

Pirajá mais embaixo do Porto das Redes por causa das voltas.

10:00h passamos para a Galeota Laranjeiras - belo aspecto com os archotes e luzes, bela recepção. Água pior que a de Maroim comum. Ruas calçadas com pedras grandes como Maroim.

15 de janeiro de 1860

Laranjeiras

Aula de meninas, 94 matriculadas, freqüência 60 a 70, a letra do livro que é da professora Possidônia Maria de Santa Cruz Bragança não é ruim.

1ª lê quase que bem, alguma gramática. Dividiu bem e sabe a prova real. Está há 2 anos e veio com princípios, conforme a professora.

2ª lê sofrivelmente; pouca gramática. Dividiu bem, e sabe a prova real. Está há 2 anos, veio com princípios.

3ª lê sofrível, quase nada ou nada de gramática; divide mal e sabe a prova real. Está há 2 anos. Já tinha estudado antes.

Casa bem arranjada, trabalhos de bordado - receberam-me com um hino de estilo religioso, em francês. Sabem as rezas e doutrina mas não vejo que a professora seja muito capaz de dar explicações. Letra muito boa.

Aula de filosofia e geografia de Tito Augusto Souto de Archimede, 4 de filosofia e 4 de geografia; 2 presentes de que um de ambas e outro de geografia somente. Respondem sofrivelmente sobre filosofia, e de geografia não parecendo, o professor não tem idéias muito exatas sobre a parte astronômica.

Aula de meninos de Manoel Cândido da Cunha Drummond Rocha, 71 matriculados 50 de freqüência.

1º lê quase que bem, não sabe gramática, dividiu bem por um método menos livre de engano e sabe a prova real. Está há 5 anos, muito pobre - Manoel Francisco de Oliveira.

2º lê sofrivelmente, não começou gramática, dividiu bem e sabe a prova real.

3º lê quase que bem, nada de gramática, principiou a repartir. Está há mais de 4. Pobre como o 1º de quem é irmão.

Pouco sabem da explicação da doutrina, porque mesmo o professor não a sabe. O livro de matrícula mal-feito, e a letra do professor ruim, sendo a dos meninos sofrível.

Aula de latim - sofríveis os estudantes e professor.

Aula de meninos de José Constituino Telles - Quadro em papel. Matriculados 33 - 20 e tantos freqüentam. Letra do professor boa - Só um apareceu; o professor disse que não recebeu aviso. Lê mal, e não sabe ainda contas. Está há um ano.

A outra professora disse que não pudera reunir as meninas.

Cidade com bastantes habitantes, falam de 9 mil.

Maroim 2 mil e tantos e 4 mil e tanto a freguesia, segundo o Vigário, que é bom, e o município 18 engenhos.

O vigário de Laranjeiras, apesar de ser hoje domingo, bebeu água depois de meia-noite; mas o coadjutor disse a missa conventual. Segundo o vigário a cidade tem de 7 a 8 mil almas.

A água melhor é de um poço público a pouca distância da cidade; não seca com nascença, há mais outro, e poços sem água de nascença, e bebem também do rio no baixa-mar.

Laranjeiras à margem do Cotinguiba; o Comandesoba ou Lendergun lança-se no Cotinguiba acima da cidade e torna salobra a água do rio.

Peixe petrificado nas lajes da calçada, perto da cancela do fundo da casa onde moro, que é a da Câmara acrescentada - a pedra veio da margem do rio.

Petrificação que me trouxe um homem, tendo sido dada por outrem, apanhada não sabe onde - parecia de um pitu - espécie de camarão - quebra-se caindo segundo ele me disse.

Igreja do Bom Jesus - bela vista - cemitério por detrás, ainda não se usa; enterra-se atrás da matriz.

Sáimos de Laranjeiras, às 9:00h. Meteoro às 9h45; chegada ao Aracaju a 1h20 da madrugada.

16 de janeiro de 1860

6:20h - barra do Joranatuba.

8:45h Porto Grande

9:00h - 10:45h saída

11:00h canal

11:56h Ponunga.

Fundamos Aracaju às 6:45h Fretos muito ásperos do Ponunga, coroas - canal quase direito porém muito estreito e com pouca profundidade; falta de ponte defronte do povoado de Curvalino; tombadouro para o corte de madeira do lado direito do canal vindo ao longe.

Margens muito altas; alguns ou antes, tabibuias que dão paus de 100 palmos de comprimento. Necessidade de barca de escavação para o Ponunga. Melhoramento da barra do Joparatuba facilitado por uma espécie de recife na foz do rio, dentro bastante fundo; já entraram sumagrinhos *[sic]*.

No caminho para Joparatuba almecega selvagem, camomila nas margens do rio; caranguejo gruaçá que corre com grande velocidade. Apicum com sal preparado pela natureza.

Planta aquática que avança, de modo que dentro de 3 meses pode-se travessar por cima do rio a pé.

O canal já dá vazão a 8.000 caixas.

Laranjeiras perto do engenho Cajus de Je Nunes que já foi deputado em 1827. 2.000 pães de 4 a 5 arrobas com 50 escravos.

A Guarda Nacional, com apenas a jaqueta branca a alguns dos oficiais do batalhão, que tem ao todo 900 praças, não se fardaram ainda.

Uvas de Maroim; em Laranjeiras não há uma laranja; guabirobas de Aracaju, fruta diferente de guabiroba amarela e com bom gosto.

18 de janeiro de 1860

Engenho de Antônio Dias Coelho Mello. Saí às 6:00h cheguei aí às 7:45h dando uma volta e passando duas vezes só para ver Itaporanga, onde domina completamente o Coronel de antigas Milícias, Domingos Dias Coelho Mello, pai do dono do engenho, sogro do Boto e tio do Senador Dinis.

Antes de passar o Vaza-barris ⁰⁰², atravessei os canaviais do irmão e genro do Diniz, Sylvio Anacleto de Souza Bastos, que estudou na Escola Central de Paris, assim como o irmão, dono do engenho Escurial onde estive. Ambos plantam com arado, e nem isso compraram, pois a fazenda do Antônio Dias Coelho Mello é quase primitiva, fazendo no máximo 10 mil arrobas. O irmão deste, José Rodrigues Dias Coelho Mello, mal encarado, passou por assassino do Dr. Ladislau secretário do Governo, no tempo do Joel Farias.

Depois de atravessar pela 2ª vez o Vaza-barris, passei pelo engenho Luisadongá do Boto. Tudo por aqui é gente do Boto, e ninguém pode fazer eleitores do distrito de Itaporanga, sem licença da família, sobretudo Domingos Dias Coelho Mello, que passa por boa pessoa, e é um velho forte de 70 e tantos, que ainda se segura muito bem a cavalo. O filho Antônio está arredado da enredada.

9:35 - 11:10h - Alto do castigo, bonita vista do rio comprido água muito cristalina; ponte de pedra sobre o rio logo adiante, e para a direita do Mercado arruinada, exigindo que se acuda - passei por ela indo para o engenho Escurial, é estrada de Itaporanga. As canas não são boas; as secas duram até 5 anos, as melhores que vi foram as da Paraíba; terra boa.

São Cristóvão 4.000 habitantes. Muita pobreza. Um sobrado aluga-se por 3\$000 ao mês; 3 ovos por vintém.

4:00h saí de São Cristóvão, vim pelo caminho do Mundé da Onça. É mais curto; porém muito acidentado.

Alto do Joaquim Major, bela vista; este Joaquim era um desertor que fazia desse ponto atalaia ⁰⁰³, morando aí. Passagens do Poxim; barca com corda presa a postes no rio - leva 10 minutos para ir e voltar.

Depois da passagem a pouca distância começa a área até Aracaju na extensão de légua pequena, como dizem.

Chegada a Aracaju às 6:45h; o caminho não deixou galopar tanto como o outro.

A obra na passagem do Poxim é muito ordinária, antes atravessei numa ponte de pau sem guardas, apesar de estar alta, o Pitanga o Pononga quando vaza em cima já começa a encher embaixo de modo que tem sempre a mesma água. O Joparatuba apresentou o ano passado mais de uma vez o fenômeno de vazar, encher, e tornar a vazar quase de repente. Observaram, nessa ocasião, um nevoeiro do lado do mar.

19 de janeiro de 1860

O Apa largou às 8:45h

10:15h barra fora.

11:45h altura do Vaza-barris.

1:15h entrada da barra do Rio Real; no banco 6 braços sem a arrebentação costumada, que se via de ambos os lados.

Às 7:58h, lugar dos mangues secos, trapiche da companhia Bahiana, margem direita, e pouco adiante entra o rio D'Abbadia. Currais.

Às 4:57h fundeia o Apa na foz do Guariba.

Às 4:55h largou.

5:10h chegou.

20 de janeiro de 1860

Aula do professor Isaías Horácio de Souza. 55 matriculados e freqüentando 30 e tantos. Faltam utensílios, e antes de minha visita, liam só cartilha.

Não escreveu 15 dias por falta de papel.

1º lê sofrivelmente, pouca gramática. Divide bem, sabe a prova real. Está há 7 meses, tendo estado em outra aula, ano e meio.

2º idem, divide menos bem e sabe a prova real. Está desde janeiro de 1859, já tendo estado aqui antes, talvez 1 ano.

Sabem as rezas mas pouca explicação.

Todavia o professor é habilitado [*p^a da I*] a sabendo que o julgar os vivos e os mortos do Credo, quer dizer os que estão em graça e os pecadores; parece melhor neste ponto que os outros.

Letra dos meninos menos boa, assim como a do professor no livro da matrícula.

Internato - só tem 6 internos os demais são externos, 58 estudantes, casa mesquinha. Estudantes de geometria 2 fracos. 2 de latim sofríveis. 2 de francês bons, parecendo-me bom o professor - 1 de geografia pouco adiantado, o professor não é bom.

Aula de meninas de Leopoldina J. F. da Rocha, 34 matriculadas.

1ª lê sofrivelmente, não sabe regras mas sabe toda a gramática de cor. Ainda não divide corretamente, sabe a prova real. Está há 3 anos; já tinha estado noutra.

2ª lê sofrivelmente, gramática idem. Não pode dividir talvez por atrapalhada.

Sabem as rezas. Mas a professora não sabe explicar como o professor Isaías antes foge de explicações; porque as ignora. Letra mais que sofrível.

Ponte da Cachoeira, 9 pegões sobre o Piauí, que é o que subimos para a cidade. Depois da confluência com o Piauitinga; aspecto largado do rio da Cachoeira.

Cemitério novo em construção, e velho onde ainda enterram e achei vacas pastando.

Casa que serviu de lazareto para os bexigentos, que foram 135 morando 11. Chácara, ou antes sítio do Monsenhor Silveira, agora de outro - boas plantações de plantas úteis e até de flores - cafés muito carregados de flores, dando muito bem aqui, assim os vi também em São Cristóvão no caminho para o cemitério.

Igreja do Bonfim em obras, do Amparo.

Boa água para beber, mas não é a mesma em todos os lugares, segundo me tem parecido, ou talvez dependa para melhoria, de ser dormida.

Guarda Nacional mal organizada como em outros lugares; falta de instrutores. Não conhecem o Guariba; mas um lugar Biriba.

Boas laranjas.

A matriz tem sido reparada. O local da cidade parece-me excelente.

A ponte da Cachoeira começou em 1854 e acabou em 1857.

De tarde

Pensão ruim do Miranga.

Aula de Florêncio; professor particular.

1º lê sofrivelmente, sabe alguma coisa de regra de 3, não sabe dividir, parece perturbado; gramática bem. 2 anos e tanto.

2º lê menos bem, gramática bem; dividiu bem, sabe a prova real. Sabem mal a doutrina. É do mesmo tempo. Letra menos ruim.

Aula de meninas do mesmo. As aulas são na mesma casa em 2 salas separadas, dividindo o tempo do professor, que parece bom.

1ª menina lê sofrivelmente, não sabe ainda gramática, divide menos mal e conhece a prova real. Está há 2 anos; mas muito doente.

2ª lê sofrivelmente, principiou gramática. Divide menos; não se lembra da prova real. Tem o mesmo tempo; é também doente. Sabem só as rezas e não muito bem. Letra menos ruim.

Quartel e cadeia em pequena casa; paredes finas e malfeitas, começou em 1857. Igreja do Rosário, obra quase nova, bem adiantada, com uma nave, e outras das meias-naves, tendo-se gasto de dinheiro só 5 contos; ficará o melhor templo.

Aula de Moreira Queiroz 28 matriculados, letra do professor sofrível, freqüência 20 e tantos.

1º lê sofrivelmente, principiou a regra depois de decorada toda a gramática, divide sofrivelmente, sabe a prova real.

2º lê menos bem; principia a regra como o outro; reparte só com uma letra no divisor. O 1º está aqui há 8 meses, mas já esteve noutra aula; 2º há anos.

O professor não sabe interrogar em doutrina sobre o credo, e parece atrasado nessa matéria como os alunos. Letra sofrível.

Aula da professora Adelaide Seraphina d'Avila Ribeiro - 46 matriculadas, 20 e tantos de freqüência, a letra da professora é sofrível.

1ª lê menos mal; muito pouco de gramática. Divide bem, sabe a prova real. Está há 2 anos; já tinha estado noutra aula.

2ª lê menos bem que a outra; nada disse em gramática; divide mal; não se lembra da prova real. Está há ano e meio, já tinha estudado. A professora também foge do que é explicação de doutrina; contudo poderá passar no geral das matérias se estava acanhada. Letra sofrível.

Padre Quirino vida exemplar curso de Seminário.

21⁰⁰⁴ de janeiro de 1860

6:05h - Apa 7:20h, larga às 8:40h

11:15h da noite - Farol da Bahia - 1, avista-se o do Morro de São Paulo onde fundeu-se às 6:10h do dia 22 - o Apa seguiu até a foz do Una; depois Pirajá até muito perto da cidade, e desembarque em Valença, da galeota vinda da Bahia entre 10 e 11 horas.

Matriz elegante, com bonitos altares de talha cujo dourado ainda não se fez. A posição da Cidade é triste. Sobe-se para a matriz, depois de pequena extensão com ladeira, parte calçada e mal, por três lances, escada ruim de tijolo.

De tarde

5 - Amparo. Muito bem situada. Igrejinha reparada com pintura pelo Bernardino Madureira, vê-se daí o farol do Morro de São Paulo, e a vila de Cairu bem longe. A igrejinha é bonita, não fosse o teto tão baixo, foi a 1ª igreja, e o vigário já se viu cercado pelo gentio.

Caminho de Taperoá, com plantações bonitas de cacaos, é a maior plantação da comarca assim como o café, depois da cana, tendo-se deixado a mandioca. Não cheguei à capela de S. José Taperoá, dista de Valença por terra 4 léguas.

Chegamos ao Morro de São Paulo, com Pirajá forte, e de tarde percorrendo a cidade ensopou-me outro.

Há uma casa particular que o Isidro Madureira⁰⁰⁵ prepara, à sua custa, para hospital; é suficiente para a localidade; porém foi mal construída primitivamente, e as obras e os materiais ressentem-se de defeitos antigos.

A casa em que estou é muito boa e bem arranjada. Pertence aos Madureira (Casimiro e Bernardino)⁰⁰⁶ e sobre a porta tem: Dois Irmãos = 1850.

23 de janeiro de 1860

6:00h - Pelo rio me levam até a serraria do Bernardino de Sena Madureira. Tem 4 máquinas de serrar, 2 de 7 folhas cada uma, e 2 de uma, todas verticais, tendo folhas num quarto para 31, de diversas dimensões. Serra uma viga de 25 palmos, termo médio, em 10min. Há máquinas para todas as obras de madeira, principalmente portas, janelas e caixilhos, e muito gostei de ver uma para aplinar, de estrada contínuo, que já tinha 4 anos, pela grande rapidez com que trabalha, notando o chefe da oficina. As máquinas aplinam uma tábua de 25 palmos em 3 minutos e até menos. Tem uma comporta que serve para esta fábrica e a de Todos os Santos mais em cima. Serra principalmente cedros, vinháticos e putumujus das terras da fábrica. 28 trabalhadores, alguns escravos e o resto nacionais.

Daí a 20min chega-se à fábrica de Todos os Santos ⁰⁰⁷, que é um excelente estabelecimento, onde trabalham como em família 200 para 300 operários. A maior parte talvez do sexo feminino. Tem belas máquinas sobretudo as americanas, e faz 4.000 varas de pano de algodão por dia, e 4 varas por minuto nos 50 teares, fazendo uma vara em cada um em 10 a 15 minutos. Tem duas belas rodas hidráulicas, uma de 16 pés de largura e 10 de raio caindo a água de 16 pés, e a outra de 14 pés de largura, mesmo raio e queda de 14 pés. A primeira pode ter força de 45 cavalos trabalhando com 30, e a segunda de 35 trabalhando com 20.

A 1ª foi, segundo me disse o filho do Lacerda, um dos diretores da fábrica, construída nesta, sob a direção de um americano Randbow.

O açude já foi destruído duas vezes, tendo a primeira quase morrido o Carson ⁰⁰⁸ que foi salvo por um caboclo brasileiro, e esta 3ª construção ainda não me parece duradoura apesar de pretenderem encostar-lhe pedras fechando o ângulo do talude da muralha. O açude já deixa passar água por muitos lugares. Já se tem gasto 800 a 900 contos com o que existe e apesar da renda de 200 a 300 contos anuais ainda não deu o menor dividendo aos sócios, e agora pela diminuição da safra, e portanto menor procura de pano para sacos, a fábrica tem menor extração, já anda o depósito de algodão por 200 contos. A matéria-prima vem com muito caroço e por isso não sai o pano tão bom, estragando o maquinismo.

No dia de Todos os Santos há casamento, e os que têm filhos moram à parte, e as mães não trabalham. Há escola de 1ªs letras, e aprendem a dançar a música, já havendo uma banda que tocou para eles dançarem na minha presença, sendo a música muito ruim. Há baile todos os sábados até 10 da noite.

Há oratório e capelão. Médico Dr. Brito e botica para casos urgentes. O refeitório é bom e a comida, que os vi comendo, pareceu-me boa e farta. As raparigas estão completamente separadas dos rapazes nos aposentos, e oficinas. Há plantações de alguns gêneros. Fazem carvão para uso doméstico, e até aproveitam a água que é abundantíssima para o torrador de café. Terras à margem esquerda do rio Una, por ele 200 braças e 1 légua de fundo. Tem boas madeiras.

Queixam-se das ordens a respeito do corte de madeiras, e o Bernardino de que a outra fábrica lhe tira às vezes água, apesar de serem concedidas as terras nacionais, com a condição de não prejudicarem as outras fábricas estabelecidas e por se estabelecerem.

O Bernardino já tem belo edifício para fábrica de tecidos cujas máquinas já mandou vir.

O Lacerda, cunhado, pela mulher, do Sampaio Viana ⁰⁰⁹ é um negociante empreendedor e talvez o mais atilado da Bahia, tendo sido um dos fundadores, com o Carson, que entrou com dinheiro do Pedroso, um dos donos.

O irmão do Sampaio Viana também parece interessado na fábrica. Há fundição, que já fundiu peça de 1.200 libras, e duas forjas com máquinas para obras de ferro, entre outras tornos, - e um de abrir parafusos - e uma de abrir dentes em rodas. Os moldadores são escravos, ensinados pelos americanos assim como os que trabalham na fundição.

Além do filho do Lacerda, há um Julião também muito hábil (pela exposição do Lacerda pai, a quem pedi um relatório bem circunstanciado).

Não pude passar a comporta da fábrica do Bernardino por falta de maré; tive que desembarcar da galeota do Apa acima da comporta, para embarcar outra vez na galeota da Bahia abaixo da comporta.

Tarde

Aula de meninas de Adelaide Josefina da Silva Lopes Luz. 49 matriculadas 30 e tantas de freqüência. A letra do livro de matrícula da mestra é ruim.

1ª lê sofrível um pouco cantado; quase nenhuma gramática; entrou em repartir. Está há 2 anos; já tinha estado em

outra aula.

2ª lê pouco melhor, quase nenhuma gramática, entrou em repartir. Está há um ano e meio, já tinha estado noutra. Letra ruim. Quase nada sabem de doutrina; nem a professora.

Aula de meninos de João Eustáquio de Oliveira Porto. 115 matriculados 81 de freqüência.

1º lê ainda soletrando para si; gramática quase nada. Divide por um método que é sujeito a enganos e por isso atrapalhou-se; não terminou a divisão. Está há 3 meses; já tinha estudado em outra escola particular quase 1 ano.

2º lê pior; quase nada de gramática; multiplica só. Está há 6 meses. Já tinha estudado 2 anos. O professor examinando doutrina, teve uma vertigem e caiu no chão, os meninos estão atrasados. Letra do professor sofrível.

Aula de meninos de Porfirio de Oliveira Tôres: 28 matriculados 20 e tantos de freqüência.

1º lê sofrível; quase nada ou nada de gramática; ainda aprende a repartir. 2º lê menos bem; nada de gramática; está aprendendo a repartir. O 1º está há 3 anos; o 2º está há 3 anos. Letra do professor no caderno da matrícula sofrível. Estão muito atrasados em doutrina e o professor pouco sabe dela, se não sabe nada.

Cadeia mal cuidada - livro das entradas e saídas mal escriturado.

Povoação do lado esquerdo do rio que chamam de São Félix; muito pequena - necessidade de uma ponte através do rio para São Félix que é estrada de Jequiriçá e de Nazaré. Já há pegões com falha - vaus feitos. Informaram-me de que o vigário não é capaz para as esmolas, e de que o juiz de direito, Hermano Rodrigues do Couto ⁰¹⁰, tem muitas dívidas.

24 de janeiro de 1860

5:00h partida - 6:05h chegada ao Apa indo de galeota

6:30h - largou Apa; pirajá muito forte pouco depois.

7:15h passamos pelo farol do morro de São Paulo, 5 min para às 10h LO com a entrada do porto dos Ilhéus. Temos andado 150 milhas.

25 de janeiro de 1860

6:30h da manhã, altura de Porto Seguro. Avistei o Morro Pascoal com sua forma cônica.

Morro Pascoal 25 de janeiro de 1859 às 9:25h N O 4ª E. (Desenho).

[*Desenho do Morro de Pascoal*]

Vila do Prado com sua Igreja branca e um mastro com bandeira branca na frente; bastantes casas; atiraram foguetes.

Vila de Alcobaça com igreja e mais casas; tiros e foguetes. Antes vê-se bem a arrebentação no recife das Guaratibas.

1:30h - Ponte da baleia onde está o prático do porto de Caravelas de que ponte é a do Norte.

4:12h - Coroa ver na ilha do Abrolhos e sua terminação do lado do Sul - S.S.E.

Entre 5:00h e 6:00h barra do Mucuri.

26 de janeiro de 1860

Entrada do Espírito Santo, do lado do Sul Moreno; Penha; Mestre Álvaro do lado do Norte, que se vê com tempo claro até 60 milhas ao mar; baixos do burro e cavalo do Sul e da baleia ao Norte.

Ilha do Boi do Drs. Souto forte do Moreno.

Vila-Velha na base da Penha; portão e nicho no começo da subida para a Penha; Pão de Açúcar ao Sul; forte de São João ao Norte; Jucutuquara do lado do Norte com seu [*mamilo?*] sobre o comprido do granito no alto da montanha.

Boa casa do Monjardim, genro do capitão-mor Francisco Ponto do lado do Sul, sítio da Pedra d'Água, ou de Santinhos.

Fundamos perto da ponte de desembarque às 9:45h

Desembarque ao meio-dia. Te Deum na Igreja do Colégio dos Jesuitas; hoje Palácio, lápide da sepultura de Anchieta da Capela-mor perto dos degraus do altar-mor.

Sermão sofrível do Vigário de Santa Cruz (Aldeia Velha). Parada sob o comando do Monjardim, apresentando-se menos mal a Guarda Nacional. N. do C. Superior, sendo o melhor batalhão e de Sena cujo comandante Pinto é muito preciso.

O presidente da Câmara, João do Cais (por ter feito um pequeno cais - português) deu o viva final ao presidente ⁰¹¹. Pouco ou nenhum entusiasmo dos Capixabas (capixaba significa roça) e acanhamento acompanhado de curiosidade.

Antes do desembarque, houve aguaceiro forte, e depois do cortejo trovoada copiosa que não durou uma hora.

Faz calor; a água é boa.

Muitas casas de sobrado.

O terreno montanhoso e granítico, já difere inteiramente do Norte lembrando o do Rio de Janeiro.

As intrigas em Itapemirim, segundo o Juiz de direito Costa Lima, estão cada vez mais acesas depois do impresso atacando o barão de Itapemirim, se atribui ao padre Pinheiro (Lado de Cristo) que está despeitado por não ter sido escolhido vigário.

Convento de S. Francisco - 1500 e tantos. Sepultura de 1682 id 1697 - id 1654 id 1655 - id há o Guardião da Penha. Muito arruinado. Teve aulas outrora e lecionavam aqui Fr. Valadares, de que é sobrinho o Guardião assim como do Fr. João do Paço de São Cristóvão. Capela sofrível.

Ouvi que os ossos de Pedro Palácios, estão ali numa parede, pretendendo frei João trasladá-los para a Penha. Nesta Igreja está o São Benedito dos Caramurus, que brincando com os devotos de São Benedito do Rosário chamados Peruás (Caramuru e Peruá são dois peixes) deram lugar ambos a que o governo proibisse a saída de ambas as procissões; os Peruás são pobres.

A biblioteca do Convento deixaram roubar. A companhia de Pedestres está num dos lados do convento. Tem camas de ferro e pau; não arranham; queixa-se o comandante de pano para o fardamento e capotes; mas sobretudo dos sapatos.

Perto está o cemitério do Sacramento, e depois o terreno que é dos frades para o cemitério público. Com pequenas obras já se vão 14 contos e o local é num morro por cima de uma das fontes da cidade; a fonte é grande. A despesa é do tempo do Presidente Barrinhos, e vice-Presidente Itapemirim.

Carmo

1696 - Boa Igreja. Convento arruinado; mas as paredes boas. Tem num dos lados o corpo da Polícia que só tem 30 praças e 7 agora no Quartel. Não lhes dão roupa branca, e capote. Por autorização do Presidente não há na tabela 18\$ por mês de soldo, 20 para fardamento, 800 \$ diários para etapa.

Estrebaria começada para 2 ou 3 cavalos, mas a Assembléia não autorizou a criação desses soldados de cavalaria.

Capela dos 3^{os} ao lado da Igreja do Convento; a mais bonita que visitei. Amparo; Santa Luzia; São Gonçalo; Conceição.

A Matriz é grande e não é feia, construída como está agora, em 1748. Rosário num alto para o qual se sobe por diversos lances de degraus, descobrindo-se para lado d' O. *[este]* a cidade, linda vista.

Antes de todas, fui ao Hospital da Misericórdia. Bem situado num alto a oeste da cidade, além do posto dos Padres Jesuítas. Duas excelentes enfermarias 1^a para mulheres e outra de homens.

Tem botica, sendo administrado pelo enfermeiro e boticário para o mais urgente. Vi 9 homens doentes, e 5 mulheres e mais duas alienadas, que ficam na enfermaria onde espairecem. Há um quarto para os moribundos, e oratório.

A Igreja da Misericórdia, é no centro da cidade distante do lugar do hospital. Fonte perto de 2 bicas, do tempo de Olympio Catão, enterrado na Igreja do Convento do Carmo.

27 de janeiro de 1860

Aula de meninos de Manoel das Neves Xavier, 79 matriculados. A letra do professor é sofrível, 60 de freqüência.

1^o lê bem, mas um pouco cortado - já decoraram toda a gramática do Suzano e agora começam a regra. Está em quebrados, porém, não sabe os princípios, e já esqueceu um pouco a regra da divisão. Está há 5 anos.

2^o lê hesitando, gramática idem, não sabe a divisão. Está há 3 ½ anos. Não sabem nada de doutrina. O professor não me parece cuidadoso. A letra dos meninos é sofrível.

Aula de meninas de Victoria Antunes da Penha, 16 matriculadas 14 de freqüência.

1^a lê mal; gramática nada; multiplica só. Está há 5 ou 6 meses; mas já tinha algum estudo.

A professora já serve aqui em Vitória quase 5 anos.

2^a lê hesitando muito - nada de gramática; multiplica só. Está há 8 meses; já tinha estado em aula particular. Nada sabem de doutrina e a professora parece ruim. O livro da matrícula é escrito pelo irmão da professora, a letra das meninas é ruim.

Lápide do Colégio.

Hic jacuit Venerab. P. Iosephus de Anchieta Soc. I. Brasiliae
Apost. et novi orb. novus thaumaturg obiit Reritilae die IX
Iun. Ann. 1597.

Aula de meninos do Dr. Ortiz - 54 matriculados 28 a 30 de freqüência. Está há 3 meses que começaram as aulas.

1º lê menos mal, apenas distingue as partes da oração. Divide mas mal sabe a prova real.

2º lê pouco melhor, gramática idem, multiplicou sem saber teoria.

Nada sabem sobre a explicação da doutrina. Sabem de cor as rezas.

Letra dos meninos sofrível; o professor parece bom.

Tarde

Estive com os Puris.

Mestre Álvaro do caminho para a foz do rio de Santa Maria na altura da casa do Suzano - tarde de 28.

[*desenho do local*]

MESTRE ÁLVARO DO CAMINHO PARA A FOZ DO RIO DE SANTA
MARIA NA ALTURA DA CASA DE SUZANO- TARDE DE 28

28 de janeiro de 1860

Tarde.

5:08h largou o Pirajá.

5:51h A par da povoação da ilha das Caieiras; paramos

6:10h e passei para a galeota.

6 e 36 min na boca do Santa Maria.

7:05h perto da Pedra. O rio é muito tortuoso e às vezes as varas não tocavam o fundo, grande correnteza por estar muito cheio; mato pelas margens; bastantes mosquitos; cheguei à colônia às 5:33h da manhã do dia 29.

Subida íngreme; porém curta; algumas pequenas casas cobertas de palha entre as quais a que serve a diretoria onde me acho. Já falei com o padre católico - edificação de 2 capelinhas nos extremos da colônia, em lugar da igreja em qualquer deles, ficando nesse caso perto dos católicos obrigados a andar perto de 2 léguas para ouvirem missa; o padre obriga-se a rezar duas cada domingo e dia santo.

O médico que está aqui há 1 ¼ ano, serviu aos ingleses na Criméia, corre a colônia onde não há enfermaria.

Aclimação difícil havendo disenteria; depois as moléstias freqüentes são opilação e hidropisia.

Os colonos de antes por economia substituíam o toucinho por óleo de mamona.

O terreno do lugar de desembarque é de um Bento José de Freitas, filho de Domingos José de Freitas, ainda vivo possuidor com outros filhos de terras próximas - tem servido muito à colônia, falou-me de 18 anos de briga com o gentio.

A casinha defronte da diretoria foi feita para serraria da colônia.

Falei com um homem que tem a meia hora do lugar do desembarque, 20.000 pés de café.

O terreno do Freitas (no Cachoeiro de Santa Maria) vai do desembarque até meia légua onde começa o território da colônia.

Livro de matrícula aberto em 13 de outubro de 1852 - 217 famílias, 932 colonos - Não está completamente escriturado. Não marcou os prazos, por não estarem ainda bem medidos, e haver muitos com o mesmo número, sendo conveniente fazer nova numeração. Pouco afastado da atual casa da direção, construída para depósito de colonos, que é próprio nacional, assim como um barracão onde se recolhem os colonos recém-chegados.

Está se fazendo num lugar mais alto, a casa da diretoria; perto de outra já feita que pertence ao Freitas. A obra não vai bem construída, parede de madeira fina. Pedra trazida de 2 léguas.

Mais para cima há uma capelinha do Bento Freitas onde o padre reza a missa., e outra na capela da colônia.

O terreno do barracão onde se recebem os colonos recém-chegados foi dado à nação por Bento José de Freitas.

9:45h saída - princípio da colônia 65 min, escola 6:48h 15 matriculados meninos e meninas; entre os quais 10 alemães; 8 de freqüência.

1º mal sabe ler; nada de gramática, sabe somar. Está há 1 ½ ano.

2º lê menos mal que o outro, nada de gramática. Divide bem, não se lembra bem da prova real. Está há 1 ½ ano.

Aulas boas.

Um alemão lê mal mesmo dando desconto à pronúncia; nada de gramática. Soma 1 ½ ano; tem frequentado pouco, sendo os alemães os que menos vêm à aula, os outros presentes estão muito mais atrasados.

A respeito de doutrina nada sabem os meninos, não conhecendo os alemães nem mesmo as rezas, e o professor nada tem perguntado sobre doutrina como confessou; está professando há 2 anos e não presta para nada.

Lugar da futura capela católica. 12:45h casa do padre, é perto - cascatinha do Córrego Izabel - terminação na colônia atual - Prolon 3:53h

Saimos às 5:15h - terreno terrivelmente lodoso em grande extensão e descendo; muitos pirilampos de noite; rio que talvez não dê vão enchendo mais.

8h porto de Mangarohy; troncos no rio.

1:45h Pirajá na ilha da Caieiras - demora enquanto não chegavam todos.

3:45h Vitória.

O terreno da colônia é todo montanhoso. Pouco para cima do porto de desembarque, margem direita no cachoeiro de Je. Claudio há a cachoeira, e depois uma ponte que se atravessa, onde o rio desaparece todo por baixo das pedras.

Antes da escola passei uma ponte, onde há casas de colonos suíços. Adiante do lugar para a capela, estão os luxemburgueses, que são os melhores colonos com belas roças.

Antes de lá chegar falou-me uma Augusta Prim mulher de colono, inglesa, dos trabalhadores da estrada de ferro do rio, que pede mais 6 meses de diárias, porque o terreno não dá para o sustento, ou seu passaporte. Pedi informações.

Pouco antes de Prolon colonos tirolezes, que em geral não querem trabalhar e pedem para sair da colônia. O Prolon preparava-se para receber-me o melhor possível, mas quase tudo faltou por não se ter prevenido com tempo. Já mediu sua extensão de 1500 braços e acha-se belo terreno plano; mas com pedreiras. Belas matas principalmente junto ao Prolon, e até grande distância para diante.

Indo para o Prolon vi dois gaviões grandes que gritavam como aracicas, correspondendo-se de árvore a árvore.

Da escola até o Prolon, fui muito devagar, e do Prolon até o porto, em passo mais que ordinário.

Havia poucos dias que haviam matado uma anta, cujo couro muito grande vi esticado no lugar do Prolon.

Tem muita água e é excelente em toda a colônia.

Muitas plantações de milho e mandioca e algumas de café, para um terreno que parece próprio, ainda que seja argiloso, e a camada de húmus estreita. Vi algum arroz.

Falta padre protestante e capela.

30 de janeiro de 1860

6:15h embarque na galeota - Porto-Velho .

6:40h Caminho bom e tendo o Castelo por meio de uma vala, evitado a cheia de um riacho, que dava às vezes água pela aba do selim; terreno pouco montanhoso e bonito; ponte boa sobre o Taquari, afluente do rio Jucu mandada fazer pelo D. Manoel em 1844 e reconstruída pelo Velloso em 1857, e seus dois nomes por extenso e datas estão escritos em duas tábuas, uma de cada lado das guardas da ponte.

Fonte que tem em Taquari, com muito boa água.

7:00h fazenda de Fernando Castello, chamada Calabouço, por ter sido aberta como outra próxima, chamada Guarita, cada uma por um militar; bela grama, verde como não me lembro de ter visto em outra parte. Vê-se daqui só o cume do Mestre Álvaro que chamam Maroá, e a cabeça de granito ao lado esquerdo Tapóca Buaiaiaias; ponte onde caiu de cavalo o Pedreira, pouco adiante há o marco de onde começava a colônia de Açorianos, fundada em 1814 pelo Robim, de que ainda existem colonos e descendentes deste, alguns fazendeiros como Coelho Mello.

Vianna 10:15h (Chafariz de 4 bicos, duas de cada um dos 2 lados feito pelo Catão em 1858).

Rio de Santo Agostinho navegável por canoas até o Jucu que desde muito mais em cima da Pedra da mulata por canoas grandes - é o porto atual da Colônia. Lama preta onde há uma escola de meninos.

Molundú, morro habitado quase que só por pessoas da mesma família de um colono alemão. Fazenda se S. Raphael de

Raphael P^a de Carvalho; vê-se o Jucu.

Alto de onde principia a colônia de Santa Izabel.

Meio-dia menos 10min, Ponte do Jucu, boa com dois vãos, e pegões de pedra; projetada pelo Pedreira e feita na presidência do Evaristo.

Sentia-me muito incomodado do sol e do estômago, e por isso descansei até 3:20h na casa do Carlos, que tem loja de negócio, e recebeu-me excelentemente. Está bem, e é o único colono naturalizado; é genro do Nicolau Effigen, na qual já tem dinheiro rendendo, tendo já trazido 6 contos.

Praço de Mathias Marcks com lindas laranjeiras, e casa de sobrado. Bonita vista.

A estrada do Imperial Affonsino, passa pelos cabeços de altos montes ao Norte, começando a desviar-se da direção da estrada da colônia na Lama-preta.

Praço de Nicolau Effigen o colono mais remediado está no vale. Igreja protestante no vale.

Vomitei mesmo a cavalo.

O padre católico veio em procissão, com o painel da virgem adiante, ao meu encontro; apeei-me e tornei a cavalgar.

Igreja católica simples mas bonita, o retábulo de cedro é muito bem esculpido, obra do colono Nicolau Sidner. O Sapucahy ficou para representar-me no batizado de um filho de colono nascido hoje.

A casa do cura é defronte da Igreja, e há outras casas entre as quais a do Sidner.

5:00h, bela mata de quase uma légua com poucas derrubadas.

6:10h casa do diretor, bem arranjada.

Há caminho para diante, e prazos entre os quais os do Surdo até a passagem do Morro do Chapéu num braço, ao Norte do Jucu, na extensão de 3; mas não fui lá por estar bastante incomodado.

Tenciona-se levar esta estrada até o Imperial Affonsino, evitando-se assim a serra do Pirão sem sal, e com encurtamento talvez de 3 léguas. É caminho para Minas. Os colonos já negociam com os mineiros, atravessando numa canoa no Morro do Chapéu. Trata-se da medição de prazos para o Sul, do lado do Posto de Araçatiba onde os colonos acharam assim mais um porto no Jacarandá, afluente do Jucu.

Esta colônia é mais bonita que a de Santa Izabel; mas o terreno parece não ser tão bom para plantações que são de milho e mandioca principalmente, tendo visto muito menos cafezais que na outra, e tem menos água por onde andei, dizendo-me o diretor, que parece bom (Adalberto John), e tem regular escrituração segundo ouvi do Presidente, não tendo podido examinar uns livros que se achavam no meu quarto em casa do John. Que há muito mais água nos Prazos acima de sua casa, que está a 400 braças acima do nível do mar, sendo o posto mais alto da colônia de 800 braças, ainda que o John observou com aneróide que às vezes quando visivelmente subia, indicava menor altura. O John queixa-se da escolha dos colonos, e advoga a necessidade de severa disciplina.

31 de janeiro de 1860

4:30h - ponte do Jucu - Vianna 8:30 - Matriz que se queimou em 1848, se bem que o vigário ainda se lembra.

Aula de meninos de Julio Canindé Paula Moraes. Matriculados 28 - 18 a 23 de freqüência.

1° lê sofrível, nada de gramática soma mal.

2° lê pior; nada de gramática, apenas sabe somar. 2 monitores os mais adiantados, que já sabem dividir, estão em Vitória - principiam a gramática (Rezas, pouca doutrina).

1° está há um ano o 2° há 5 anos.

O professor tem ar inteligente.

Em cima da porta da Igreja, lê-se:.

Estando no Brasil o Príncipe Regente sendo Intendente da Polícia Paulo Fernandes Vianna. Francisco Alberto Robim Anno de 1814.

Letra dos rapazes ruim e a do professor não é boa.

O Presidente contou-me que no tempo do Robim, tendo este dito ao Fernandes Castelo, que era então das milícias, que se recolhesse ao Calabouço, este fora para a sua fazenda (ou antes a roça, pois não tenho encontrado fazendas propriamente ditas) do Calabouço.

Morreu o padre protestante de Santa Izabel, viúva muito pobre. Já se mandou vir outro.

O Mathias Marcks que trabalhou no princípio de ferreiro aqui em Vitória, já tem dinheiro e rendas.

O Pedreira, disse-me que suspeitava, que a Igreja de Vianna tivesse sido queimada em princípios de 1840, por ordem de um missionário, que tendo recebido para sair daqui, por alimentar cizânia entre os protestantes e católicos, mandara queimar a Igreja para dizer que era castigo do Céu.

Perto desta igreja, havia uma casa grande edificada pelo Robim para palácio, e que já desapareceu, pois haviam ordenado aos roceiros, que cortassem certo número de paus, com ameaça de bolos, para os que não o faziam eles falquejaram a madeira mais mole.

Os coqueiros que se vêem perto da Igreja também foram mandados pelo Robim ao pai do Fernando Castelo. Como Governador, era o vexame dos roceiros.

Saí de Vianna às 3:30h da tarde e às 5:20h no Porto-Velho.

Muitas mutucas pelo caminho.

Uma grande montanha de granito no lugar dos Buiaiaias, tem o mesmo nome ou preto Atalaia, por ter ali morado no cimo, preto que assim o chamavam. Tem no alto dessa montanha muito boa água.

Na Revista do Instituto vem a etimologia de Japarutuba, rio do Sergipe - Ju-para-tiba- abundância de cegos e aleijados.

Quase todas as casas da colônia Leopoldina são de paus fincados unidos e todas cobertas de palha.

27 ⁰¹² de janeiro de 1860

Antes e depois do almoço, visitei as repartições públicas.

A enfermaria está em casa úmida e convém mudá-la.

A alfândega pouco tem que fazer e o Inspetor aproveitou um terreno entre a alfândega e a Capitania para ali plantar figueiras e roseiras.

O quartel não está mal arranjado.

Repartição do delegado do Ajudante General, que é o Barrão da Fábrica de Pólvora.

Cadeia boa mas com presos demais; livros menos regulares.

A Câmara está no mesmo edificio.

A tesouraria provincial tinha se mudado para outra casa que alugaram só porque a antiga se achava muito suja para a visita!

Correio em lugar acanhado na casa que serve à tesouraria provincial.

Tesouraria geral no 1º andar do palácio - queixa-se de falta de empregados para o serviço.

Depósito de artigos bélicos no andar térreo do palácio - inútil, podendo os objetos guardar-se no quartel.

Os armazéns da Capitania estão em casa separada da secretaria que se acha em casa do capitão do Porto, que disse o Presidente só tratar de completar o tempo para reforma, sendo aliás bom provedor da Misericórdia.

Antes do almoço fui ver a fortaleza de São João com 10 peças, e depósito de pólvora do Governo, passei pela fonte da Capixaba cujo frontispício foi construído na Presidência do João Lopes da Silva Couto. Por detrás da fortaleza havia uns restos da muralha do tempo dos holandeses como li na coleção do Semanário, folha que já não se publica, redigida pelo José Marcellino de Vasconcellos.

O correio estava no Palácio de onde mudou-se por causa da hospedagem.

Estive com os Puris

COPIADO DO CONVENTO DA PENHA ⁰¹³

28 de maio de 1860; lado do Norte

6:30h - 7h - Pedra debaixo da qual morava Pedro Palácios, leigo.

O Guardião, cerca de muro com o seguinte dístico sobre a porta:

Primeira Morada do Fundador deste Convento Frei Pedro Palácios o qual faleceu em 1575.

7:10h começo a subida e em 40min chegamos ao Convento - 7 lugares destinados para Passos, mas só na base do penhasco, é que há o do Senhor do Bom Jesus dos Passos, que é uma capelinha.

O Convento já teve 18 religiosos. Quadro da virgem com o menino pintado em madeira, que é o tempo de Palácios.

Rio da Costa, que entulhou de areia o porto, entre a Penha e o Moreno - é preciso dar-lhe saída para o lado de fora do Moreno, e há pouco que rasgar: o plano do Drummond é do Capitão do porto Gama Rosa que importa em 9 contos e tanto, e exige um açude que não será talvez preciso, podendo-se deitar pedra da Penha e do Moreno, dentro do rio.

Bela vista por todos os lados principalmente para o Norte por causa das montanhas; para o Sul o terreno aplanar-se em grande extensão.

Por detrás da capelinha do Bom Jesus, subindo em uma das extremidades do morro, estava a 1ª Capela do Palácio de São Lourenço, com a imagem também de São Francisco, de onde trazia a imagem de N. Sª que está na Igreja do convento da Penha para este lugar.

Os ossos do Palácios estão com efeito em São Francisco e tem inscrição - do lado da epístola, a meia altura da parede, na capela-mor.

O chão da capela-mor é de mármore, e os degraus cor rosa, assim como as 2 colunas de cada um dos lados do lugar onde está o altar-mor N. Sra., sendo algumas das peças dos pedestres, de mármore, havendo-se dourado os capitéis do mesmo mármore cor-de-rosa, quando há poucos anos se reparou o convento, de 1853 a 1857, sendo já guardião o Frei João de Nepomuceno Valladares.

Há 4 pequenos quadros pintados, nas paredes laterais da capela-mor, representando pessoas carregando materiais para o Convento e a Igreja, o edifício concluído, e do outro lado, N. Sª no alto da Penha estando embaixo a 1ª capelinha do Palácios, e N. Sª aparecendo a Palácios em uma cela.

O Nicho da Sra., no altar-mor, era de mármore rosa, mas não podendo dourá-lo substituíram-no por outro de pau, e esse mármore dividido em pedaços tem dado muitas relíquias, levo alguns deles.

Já não existem os 2 tocos das palmeiras entre os quais aparecia a Virgem.

Ladeavam o altar-mor ainda em tempo do Pedreira segundo lhe ouvi.

A ladeira é toda bordada de muro baixo e por fora mato, e no pé da morada do Palácios, há uma pedra grande, com um nicho feito, não sei quando, no lugar em que Palácios adorava a imagem da Virgem que fugia para o alto da penhasco.

O Convento da Penha, possui 40 e tantos escravos e recebe muitíssimas esmolas, havendo bastantes ex-votos.

Já não há manuscritos, apenas um livro para o nome dos visitantes, e eu assinei em um e a Imperatriz em outro novo.

O Monjardim ouvindo guinchar os sagüis, disse que eram dos amarelos; mas ele já viu ratinhos cor-de-rosa, que morrem quando são tirados dos buracos; morcegos do tamanho de patos; recebeu 7 frechados no Rio Doce, onde arranjando o jantar sobre uma pedra, pôs-se esta a andar; que era uma tartaruga. É notável pelas petas sempre inocentes.

Defronte da Vila-Velha do Espírito Santo há uma ilhota de pedra chamada ilha da Forca.

Perto da ilha do Boi há uma ilhota de pedra que é a ilha do Bode.

Do alto da Penha vê-se para o lado Sul, o lugar da barra do Jucu, e para Oeste descobre-se parte do canal que liga esse rio ao porto de Vitória.

Ouvi missa na Penha rezada por Frade João, que passa por sofrível pregador, e tem zelado muito o Convento da Penha. É frade esperto.

Vindo, tornei a ver uma pedra no mar, onde há uma cruz sobre um maciço criado de alvenaria, porque ali apareceram 2 corpos mortos.

E há uma legenda de Anchieta, que relata ao ter vindo de Benavente, ter encontrado um viajante que ia para Benavente,

e que lhe perguntado onde se encontrariam outra vez, respondeu-lhe que naquela pedra onde se encontraram os corpos de Anchieta e do outro viajante.

Defronte da foz do rio da Costa, está o baixo do pampeiro, onde naufragou por descuido o Pampeiro, primeiro navio que comandou o Pedro Ferreira, o qual dizem que fora encontrado depois no mato chorando.

[À margem direita, há um desenho com os seguintes dizeres: copiado do Convento da Penha 28 de maio de 1860; lado do Norte, Pontal Mestre Álvaro.]

Aula de meninos de Vila Velha do Espirito Santo. 13 matriculados 10 de freqüência. 1º ainda soletira para si; nada de gramática só multiplica.

2º lê um pouco melhor, nada de gramática; só multiplica. Os mais adiantados diz o mestre que já saíram.

O 1º está há 2 anos e tanto, e o 2º está há quase 3 anos.

A letra do professor não é boa. Sabem alguma coisa de doutrina e as rezas. O professor parece sofrível. A letra dos meninos é ruim.

Perto da fortaleza de São Francisco Xavier da Barra e de Piratininga com inscrição. 10 praças de guarnição da Guarda Nacional e 5 pedestres efetivos; cadetes e outro com os sinais, carimbos ambos da Força fixa, cozinham sobre as pedras num quarto. O paiol não servia por estragar a pólvora e ter muito cupim.

Xadrez com tarimba e tronco .

O Comandante lecionava meninos de Vila-Velha na fortaleza antes do incômodo da mulher. Tem violão e cavaquinho e gosta de música tocando bem. 5 peças de 26 na bateria de cima circular, 5 de 12 que já não servem na bateria de cima semi-octógono irregular.

A artilharia da bateria de cima, salva à minha chegada, e fez correr as telhas da casa que era destinada para o ajudante, lugar suprimido. Inscrição do portão:

Reinando muito poderoso Rei de Portugal D. Pedro 2º N. S. mandou fazer esta fortaleza D. Rodrigo da Costa Governador e Capitão General deste Estado do Brasil Ano de 1702.

O lugar de Vila-Velha é uma várzea excelente para uma cidade, com enseada e perto da costa; só o medo dos caboclos faria mudar os habitantes para a Vitória.

A matriz que não tem vigário há bastante tempo.

Concerta-se tudo na Vila, está em decadência, é uma espécie de São Vicente de São Paulo.

Tarde de 27 de Janº de 1860 - Puris do Imperial Affonsino

Cabelos	Guê
Olhos	Mnin
Boca	Sóre
Beijo	Sórê-pê
Queixo	Cocoanda
Pescoço	Goárê
Peito	Piura
Braço	Coára
Mão e dedo e pé	Sáprê
Perna	Cathêda
Testa	Póre
Orelha	Pipinda
Dente	Tsé
Língua	Thompé
Barba	Sorêpêda
Sobrancelha	Mnin-hoda
Pestana	Mnin-hoda

Frecha	Põm
Arco	Homrim
Sol	Hopê
Lua	Petâra
Estrela	Tsure
Nuvem	Cothâno
Trovão	Nhamanmudórum
Relâmpago	Nhamanmnemunbrume
Raio	Nhamantáram
Pedra	Cuá
Grande	Cuarune (u grancez)
Pequena	Cuaté
Água	Nhaman
Rio	Nhamantuza(frz)
Lagoa	Pon-hom
Anta	Tenân
Nariz	Nim
Venta	Nim-rêgna
Dia	Dzanêmuda
Noite	Mnipaunde
Meio dia	Nopêungûranacá
Aurora	Hopêdzotêna
Homem	Cohêna
Mulher	Bêma
Menino	Oronmatê
Cachorro	Chindê
Caititú	Sotlan
Veado	Iómré
Onça	Pon-han
Galinha	Corunhêre
Rede	Bêta
Casa	Guára
Fogo	Potê
Chuva	Nhamangohuma
Gente branca	Peróna
Ona	Branco
Tenho	Preto
Gente preta	Pehuana
Pé	Conro
Preto	Huana
Pássaro	Tehiputé
Voar	Entsomum
Deus	Tupan
Santo, e N. S ^a	
Macaco	Tanguá
Pai	Rê
Mãe	Inhân

Velho	Tahê
Irmão e Irmã	Tsatê
Avô e Avó	Tá
Filho	Sambê
Música	Conarêmundê
Flor	Canapénéma
Árvore	Bondjára
Macaca	Pára
Barbado	Doqué
Páca	Orotó
Papagaio	Chiclóra
Arara	Inhamatára
Tucano	Chiarandó
vai buscar água para eu beber	Inhamanmuiámanbaba
Canamanpumavêgue	Matárahime estou com sono
sono	Tárana
estou cansado	Demathême
Caminho	Chinô
mostre-me o caminho	Chinacaçanguê
Canoa	bopê
Cavalo	Carû
Remo	Bocanacharána
Cachaça	Canajêna
Grande	Rune(fr.)
Pequeno	Brireca
Espingarda	Bohá
Tiro	Capuna
Mato	Bondé
Tabaco	Boquenichuna
Botocudo	Racê
círculos pequenos azuis pintados nas maçãs do rosto	Amboracauena (fr.)
Saguí	Miritê
Casar	Cimiana
Batisar	Nhamanconcusa baiuna
Morrer	Dzondlan
Dançar	Cocêbundana
Quando a mulher chega à puberdade deitam-na na rede e cobrem-na de casca de jequitibá.	
conversar	Cambôna
palavra	Boacê
Chapéu	Guênana
Beija-flor	Chindeda
Borboleta	Simpreuda
Cobra	Samman
Dar de mamar	Nhamatácambâna
Peito de mulher	Nhamatá
Beijar	Aprêhanbana

VOLUME 6**VIAGEM À COSTA LESTE - 5ª PARTE (ESPÍRITO SANTO)****01/02 a 11/02/1860****INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

1 de fevereiro de 1860 - **Saída de Vitória 4 ¼ h**

Jucutuquarara 4 ¾ h

O Almeida Pereira ouviu que o dono desta fazenda, o Monjardim, nada fazia por não prestarem as terras e sobretudo pela má direção, sendo a almanjarra presa com embiras, tendo aliás cento e tantos escravos.

Fazenda de Maruhipé ou Marahipe do Desembargador Souto; ponte de pau com 6 pilastras e cabeceiras de pedras do mesmo nome já bastante arruinada 5 ¼ h.

Bonita chapada de outeiro chamada Tapera com bela vista descobrindo-se o Convento da Penha; o caminho bifurca-se tomando o da direita para Carapebus (Carapibuê do St. Hilaire?)⁰⁰¹ e Ponta do Facho assim chamada talvez por pescarem de facho nos recifes próximos.

Carapina com algumas casas; a Igreja fica um pouco afastada para a esquerda assim como a escola; é freguesia.

À esquerda deixei uma porteira que conduz à antiga fazenda dos Jesuítas de mesmo nome 6 ¼ h.

Campo de camaris mais ou menos espalhados e belo pasto com boas águas que não aproveitam para criação com medo dos furtos.

Tendo também ouvido Henrique d'Azevedo um dos principais fazendeiros que estudou até o 4º ano no Colégio de Pedro 2º, sendo sofrível estudante.

Se bem me lembro que o gado se engorda a princípio emagrece depois nesse pasto por ser seco, o que não está de acordo com a informação a respeito das águas que me deu o tio o Capitão Meirelles, o qual me disse estender-se o pasto de Carapina até Carahipe e da Ponta do Facho até a Serra, sendo o quadrado de talvez 2 léguas de lado.

Pasto cercado, com mato no fundo, de português Fraga com casa e loja de negócio sobre a estrada; pouco adiante acabou o pasto 7 menos 7m.

Começa o lugar chamado das Laranjeiras tendo à esquerda um morro destacado de granito, ou ligando-se por pequenas alturas ao Mestre Álvaro, que sempre vou vendo à esquerda e para diante, direção de N. O do mesmo nome.

Descendo a ladeira das Laranjeiras encontrei o Juiz Municipal Antônio Joaquim Rodrigues, o Henrique d'Azevedo e mais gente da Serra 7 ¼ h.

As colinas do lugar chamado Campinho cortam as altas montanhas mais afastadas entre as quais o morro do Escalvado, tendo defronte o Maracapuaba que tem figura cônica, o morro do Céu, e a serra dos Aymorês, tornando-se a vista pitoresca.

Atravessando o pasto natural mostrou-me o Meirelles ao longe a Igreja de Carapina, e a do Queimado toda resplandecente com os raios do sol.

A estrada é boa e só encontrei duas extensões maiores de água talvez devido à muita chuva da noite passada. O terreno é pela maior parte argiloso; mas durante certo espaço depois da ponte de Maruhipé apresenta-se com algum aspecto de restinga.

8h Serra. Bem situada ao N. do Mestre Álvaro que lhe está a cavaleiro.

Estende-se por colinas com algumas casas sofríveis e de sobrado, como a em que estou, do major da seção de batalhão da G. N. da freguesia Pinto Loureiro.

A cana caiana tem-lhe dado a peste, e agora plantam a crioula; dá bem café, e plantas alimentícias, mas as terras estão cansadas.

Há uma obra de importância que parou em começo recolhendo-se o resto do dinheiro a tesoureiro e é um canal ligando o rio Una ao braço de mar que atravessa a ponte de Maruhipé para que as embarcações descendo o Una não tenham depois de sua foz passar pelo Lameirão onde se tem virado com ventos rijos.

O verdadeiro nome da alta montanha parece ser Mestre Álvaro atribuindo-se esta denominação a ter ela servido de ponto de marcação a um mestre de navio chamado Álvaro, segundo ouvi ao Meirelles.

O Juiz Municipal e Azevedo disseram-me que o missionário Fr. Gregório de Bene plantara uma cruz no lugar mais alto da montanha. O d'Arincourt segundo o Azevedo não subiu tão alto, ficando uma bandeira num cabeço que fica encoberto do lado da Serra pelo resto da montanha.

O Juiz Municipal está aqui há 7 anos, e, tendo presidido já a sessões do Júri, disse-me que há abuso nas absolvições.

A viagem foi feita com marcha apressada. O segundo cavalo que tomei passada a pé a ponte de Maruhipé, para maior segurança, é muito bom e pertence ao tenente-coronel. Torquato Motta rival do Fernando Castelo em Viana; passa por bom homem; mas não goza das simpatias gerais como o último, que se prestou da melhor vontade a acompanhar-me na viagem do rio Doce; só lhe tendo falado ontem nisso ao Presidente; é uma espécie de Calaça; porém mais calado, e a ele se deve em grande parte o estabelecimento das duas colônias que já visitei.

Aula de meninos de José Ribeiro da Silva Rosa. Ainda não tem livro de matrícula porque diz que foi nomeado há pouco e o antecessor não deixara, mas de um caderno cuja letra do professor é sofrível. Consta que há 50 matriculados 30 de freqüência.

1º lê bem; mas pronuncia mal por causa do lábio leporino; respondeu bem as gramáticas; acha bem o 4º termo de uma proporção, e acha igualmente a de uma regra de 3 composta, estuda já há 4 para 5 anos; mas nesta há 3 meses.

2º lê quase que bem; decora gramática, não está bem certo. Há um ano. Só sabem as rezas alguns e assim mesmo mal. Letra sofrível e a melhor é do 1º Miguel Barbosa Leão.

O Mestre Álvaro tem muitas roças e há água em cima e mesmo uma espécie de lagoa, segundo dizem. Matriz sofrível feita há mais de 80 anos, tem o telhado em parte arruinado no corpo da Igreja, e quase de toda na sacristia. Começou um devoto uma capela do Sacramento cujos muros por acabar servem agora de recinto do lugar onde se enterra. A 1ª Igreja era na várzea.

A casa da Câmara é térrea e muito pequena. O vereador que serve de Presidente tem 1 voto; parece que é hábito da Província de um deputado com 1 voto; porque todos os outros se escusaram, e contudo quem lhe passou o papel do discurso, que felizmente só entregou, foi o vereador Pimentel o mais votado com 40 e tantos votos; a chave da vila estava ainda sobre uma salva dentro de um armário de onde a tiraram para me oferecerem.

A Câmara reunia-se de antes no Consistório da Matriz onde também as tem reunido o Júri que já uma vez não teve lugar por falta de casa.

Começou-se por subscrição uma casa de sobrado para casa da Câmara, Júri, etc. e cadeia; mas está parada tendo-se gasto 2 contos, orçada a obra em 10 que decerto não chegam; pois as obras custam muito caro aqui.

As ruas são largas; mas irregulares, e não calçadas.

A povoação tem mil almas; porém calculo-o pelo número aparente de casas.

A G. N. tem 200 armas e não se apresentou mal trazendo o major e outros oficiais suas folhas de Independência, assim como pessoas do povo.

Apareceram poucos pedidos e só um de esmola.

Nesta província há muita indolência e acanhamento e tendo mulheres que animam os maridos a dar vivas e beijar-me a mão.

Foguetes como em toda a parte; mas infelizmente ainda não pegou fogo no telhado de palha de nenhuma, havendo algumas dessa espécie na Vila da Serra.

Nada consta a respeito do vulcão do Mestre Álvaro, mas ouvi ao Juiz Municipal que parecia haver ali ouro.

Tarde.

3 ½ h partida; pouco depois o caminho bifurca-se e o da direita maior talvez um terço, segundo dizem, que o seguido

por mim, encaminha-se ao povoado de Carahipe; é melhor do que aquele, e quando a maré está vazia dá vão ao rio Carahipe.

4h e 25 min fazenda do Rio Novo do tenente Simiano, descendo o monte chega-se a um braço do Carahipe cuja margem é de lajedo. É fundo e nunca dá vão; passei-o em canoa; passou grande parte dos cavalos a nado, arrearam-se e pude continuar a viagem às 4 ¾ h

Do alto do monte fronteiro tem bela vista descobrindo-se as margens verdes do rio, e a direita afastado o Mestre Álvaro de onde o Juiz Municipal me disse depois de ter passado o rio que o informaram se ouviam às vezes estranhos que talvez sejam de alguma cachoeira que as há por ali.

Fazenda do Quintino irmão do major Pinto Loureiro bebi água dali que não era boa; chapada com camaris; lugar mau por dentro do mato já de capoeira por causa de caldeirões que estiveram com canas doces cuja fermentação muito mau cheiro dava com o da lama.

Extensa chapada; bela vista de um lugar que o Monjardim disse chamar-se Putiry, nome que não conhece o Manoel Ignácio das Chagas estabelecido há anos na Vila da Serra, e que me serviu de guia. É filho de Porto-Alegre da família Chagas e irmão do sargento Desidério Chagas comandante de uma escolta, e que os rebeldes mataram depois de preso por não ter querido raspar o bigode de legalista. Comprou meia légua de terra da nação no Timbury onde se quer afazendar[-se]. Do Putiry vê-se o campo muito verde por onde corre o rio dos Reis Magos, que de certa altura para cima se chama Sauanha e de que uma das cachoeiras é o Timbury, e ao longe bem situada na fralda de um monte a casa da fazenda Jaburuna.

Fazenda de Cassaroca tem quase a mesma vista, extensão de mais ou menos areia com lugares de mato de capoeira, tendo visto uma flor branca bonita que me disseram chamar-se jasmim de areia .

Barra do rio dos Reis Magos, e no monte o fundo do Convento ladeira e praça extensa e relvosa da Vila; entrada do Convento, 7 menos 5.

O Convento de sobrado tem a frente para a praça quadrangular havendo na extremidade oposta uma pequena casa de sobrado; a única que vi até agora, sendo bastantes cobertas de palha, e o lado esquerdo para o mar e barra do rio; a parte deste lado para o fundo, e os outros dois lados estão em ruínas, concertando-se a parte que serve de casa da Câmara com 1 ou 2 contos que deu o Governo Geral, tendo o outro caído em exercício findo.

A água do Iriri daqui a 1 légua.

A do paço dos Padres Jesuítas, aqui perto, a ¼ da hora de ida e volta, e que foi concertado agora é menos boa, talvez por ser o conserto recente, e quem sabe se imperfeito, e a que o povo bebia antes do concerto do poço dos Padres ruim.

Já se mataram 2 morcegos na parte do convento habitado e onde hei de dormir; e um deles, grande e de trombas.

O vigário Santos Ribeiro é inteligente; mas chefe de partido; o Bispo protege-o, é encomendado, são informações do Presidente.

A enxovia é por baixo da Câmara e o Presidente desta disse que é má e úmida. Não tem presos. Livros de entradas de óbitos, e de portarias não de termos de visita; foi o que ouvi.

De uma índia velha da tribo Tupiniquim

Cabelo	Áva
Cabeça	Hacãna
Olho	Ceçá
Sobrancelha	Tebutava
Pestana	Topeava
Nariz	Tim
Boca	Iuru
Língua	Apecum
Dente	Tanha
Orelha	Apuçá
Pescoço	Tendurá
Braço	Iurá

Mão	Pó
Dedo da mão	Puan
Coxa	Uvá
Joelho	Renêpuan
Perna	Retuman
Pê	Purungava
Dedo do pé	Punçan
Peito	Putchiá
Dia	Ara
Sol	Ara
Lua	Iácê
Estrela	Iácêaotá
Céu	Heváca
Tempestade	Cahauamçu
Chuva	Amaná
Água	Hé
Vento	Vatú
Mulher	Cunhan
Homem	Apuava
Menino	Conomá
Menina	Cunhantaim
Casa	Oca
Grande	Oçú
Criança	Pitan
Pássaro	Vuná ou Venê
Preto	Una
Branco	Tinga
Pedra	Itá
Pau	Neurá
Mato	Coá
Vento	Hapuinhúara (não é aspirado)
Redondo	Puá
Deus	Tunpan, Inhanderava Inhandiára
Faca	Paquecé
Espingarda	Embocava
Pólvora	Embocacuí
Mar	Paranan
Praia	Buicia
Raio	Truadeitá
Cobra	Boia
Gambá	Sarigueia
Anta	Tapira
Espinho	Iiú
Amarelo	Boropé
Verde	Sorê
Velho	Chavahem
Comida	Pirá

Comer	Bahêú
Dormir	Quera
Filho	Membura
Casar	Mendara
Esposa	Combirecô
Marido	Imêno
1	Oiepê
2	Mocoi
3	Boçapúra
4	Dizem Quatro
Pele	Pira
Veia	Raiêca
Velha	Uainvin
Mau	Aíva
Galinha	Aninham
Unha	Puanpê
Músico	Inhengaçára
Igreja	Tuparôca
Dançar	Baracêa
Canoa	Hégara
Canoa Grande	Hégaratoruçáva
Minha roça	Checó
Dê-me água para beber	Hérurehutahune (não é aspirado)
Dê-me de comer	Hégure herembiuramecheu
Quero comer	Taúna

Dança de caboclos com suas cuias de pau de cegos para esfregarem outro pau pelo primeiro. O vigário disse-me que a freguesia tem 2 mil e tantas almas e que a vila não chega a ter 200. Não cuidam mais do bicho da seda do mamono; o Vigário ficou de mandar-me casulos daqui. Aqui tiveram os Jesuítas uma cadeira de língua geral indígena que julgo ser a mesma dos Tupiniquins.

2 de fevereiro de 1860 - 4 ½ h missa; o retábulo da matriz que é a Igreja do Convento é esculpido e pintado no gosto jesuítico com um quadro da adoração dos magos.

Grande dificuldade em reunir os animais de modo que só às 6h pude seguir viagem do outro lado do rio, neblina sobre o rio e para o mar.

7 menos 5 fazenda do Rio Preto do irmão do Tenente Coronel Paixão, delegado de Vila-Nova, Sta. Cruz e Linhares há uma ponte pequena; depois passa-se pela praia perto de umas pedras que maré cheia interceptam o trajeto podendo-se aliás abrir caminho pelo mato à esquerda.

7h e 10 min ponte do Gramutê maior que a outra feita pelo Catão com cabeceiras de pedra as quais tendo sido escavadas pelas chuvas exigiram reparação nesta presidência.

Casa do Vigário de Nova-Almeida no alto de um monte à esquerda; é filho de Sta. Cruz.

7 ¾ h avista-se em frente e perto a barra do rio de Sta. Cruz; fazenda à esquerda muito perto da vila; encostada aos montes do Ten. Coronel Paixão.

Planta cana crioula, 1000 arrobas anuais, mantimentos; 12 escravos.

8h. Vila de Sta. Cruz alegre à margem direita do rio, casas térreas pequenas e a maior parte de sapê.

O frontispício da Igreja é maior do que esta iludindo de longe a quem o vir de frente.

A casa onde estou está muito bem arranjada.

Os índios vieram tocar e dançar e depois apareceu o capitão-mor como o pintor o Biard, e um S. Beneditozinho dentro

de uma caixa, que um dava a beijar servindo para outro de umbela um chapéu de sol.

Ontem de noite tomei mel por cuia.

Tocam também com as mãos em tambores de toros escavados com peles de um lado, e chocalham um cestinho cheio de pedrinhas. A dança parece que é o bendenguê dos negros, assim como a música o batuque do Engenho.

Os caboclos ainda têm [*ilegível*] alguns feições característica da raça, que é a tupi.

O Pirajá está defronte da Vila, e trouxe ontem 3 horas de Vitória, achando 1 br. na barra deste rio.

Ontem foram os índios com muita folgança levando o S. Benedito, a bordo do vapor.

Um foguete já ia queimando uma casa coberta de sapé pegada a em que estou.

A estrada é mais para dentro das capoeiras do que pela praia; mas não se afasta muito desta. No mar e praia vêem-se pedras pretas de aspecto esponjoso como dentro do rio em Piranhas.

Índio e língua.

Piraquêassú que é cintura

O rio dos Reis Magos parte inferior chamavam-na os Índios Janguetá.

Apiá Coisa que Deus deu aos homens assim

disse o índio

Peitang trigueiro, escuro

Avá Homem

Vuitchingá Nuvem

Cendê Relâmpago

Teminó Fazer filho

Íra Mel

Írazúa Abelha

Caraivevé Anjo

Inhatchihum Mosquito

Berú Mosca

Uhúra Enchente

Uceruca (u inglês de but) Vasante

Lua Cheia Iaceruvávássú

Lua Nova Iacepucássú

Milho Avatché

Chuva de pedra Amavává

De nós e de nós e de outros Inhande

Diabo Mbaíva

Chumbo Taiíca

Notei que só dançam os Índios de alguma idade. O S. Benedito corre 15 dias antes da festa e 15 dias depois embriagam-se etc.

A Igreja não merece menção - lugar ao lado fechado para enterrar. Fonte de 2 bicas de água muito boa que corre de uma montanha feita no tempo do Catão.

Aula de meninos de Francisco de Paula Ramos; 17 matriculados em livro escrito com boa letra pelo professor; 8 de freqüência.

1º lê menos mal; gramática nada; multiplica somente; há 3 anos.

2º lê pior; gramática nada; multiplica somente; há 3 anos. Letra má. Sabem rezar e mal. O professor não presta. Casa da Câmara com telha; sala sofrível para suas sessões e do júri; quarto para o Conselho, e outro para as testemunhas; pintou-se de novo agora.

Há às vezes no porto 8 embarcações de barra fora. O Piraquê-assuí que vem do sul admite navegação no tempo das águas para canoas grandes até 6 a 8 léguas, a fazenda do Raphael Pereira de Carvalho, e o P. mirim até 2 a 3 léguas vindo do norte a reunir-se ao outro pouco acima da vila; formam o rio de Sta. Cruz.

O Índio não tem idéia de que o rio dos Reis Magos fosse chamado pelos Índios Apiá-putang.

Na rua não havia calor por causa do vento fresco. Parece mais fresco do que a Vila da Serra onde ontem senti calor horrível; também está quase a beira do mar.

Acentune	Beijo
Temiminó	Neto
Tuiúca	Lama
Câma	Peito de mulher

Tarde

Saída às 3 ½ h, atravessei o rio em escaler o Apa e as 4 menos 10 já seguia viagem a cavalo. Foi quase toda pela praia que, estando a maré baixa facultava a marcha dos cavalos sendo o meu muito bom marchador - já não é do Mota.

A praia antes do riacho Sahué que só em maré baixa dá vão parece-se com a d'Itapuca por causa das pedras, e muitas saudades me fez. Depois vem os riachos Tacipeva, Timbotiba, e Sai onde há vão em vazante; encontrei ali o Matos dono da casa do Riacho onde me hospedo; é falador mas parece bom homem; nunca saiu quase de seu sítio o que não admira em um Capixaba.

5h. Riachos Piranema, Água-Boa e o Minhoca, cuja saída quase só tinha areia. Logo depois tomei à esquerda por dentro sempre ouvindo a pancada do mar; às 5 ¾ h avistei a barra do riacho depois de ter visto pouco antes a casa de sapé toda arruinada de um fulano Fuso onde se hospedou o Pedreira segundo disse o Matos.

6h chego a casa do Matos de sobrado sofrível no alto de uma colina verde de onde domina o Riacho que lhe corre perto; a vista não é feia.

Achei aqui o capitão Andrade encarregado dos trabalhos no Guandu que me disse cuidar-se agora da construção da Capela, que tem 14 trabalhadores gente de Vila da Serra reunindo às vezes 30 e tantos Botocudos; que há 2 colonos e 50 prazos medidos de 250 de frente e 200, diminuindo às vezes a frente com aumento no fundo por causa de ser o terreno pedregoso. Terreno em geral baixo e fértil com boas matas. Tem mandioca para mil alqueires de farinha; milho para 250, e feijão que as chuvas estragaram para 60; um alqueire de milho rende 200.

Dá bem cana e arroz. Enquanto não houver mantimentos não se poderão distribuir os prazos.

Há doenças mas não de gravidade.

Subindo 3 a 4 dias de Linhares, descendo até 1 ½ dia.

O capitão parece ativo, mas duvido de sua inteligência para fundar uma colônia sobretudo num lugar como esse.

Na praia, por onde andei, tem lugares cheios de fucê, e alguns pareceram-se curiosos, sentindo a estreiteza do tempo para examiná-los.

A areia atira para cor-de-rosa.

Soube ontem duas petas ⁰⁰² curiosas do Monjardim referidas pelo Castelo que parece verdadeiro ao Jacobina; que um cavalo dele Monjardim bebera tanto vinagreta que morrendo o cadáver transpirava aguardente, e que no Rio Doce vendo uns vultos em umas árvores sob as quais pastavam vacas reconheceu por fim que eram bezerrinhos brancos que tomavam fresco trepados nos ramos.

Quis provar a cauaba ou cachaça dos Índios numa casa destes junto à foz do Sahi onde se encontra a tal bebida; mas não a tinham. Dizem que é má, sendo feita de mandioca mastigada, que fermenta, tornando-a mais tolerável o cauim feito de milho; contudo o Je. Marcelino disse-me que a cauaba com açúcar era boa limonada refrigerante.

Vi na praia de Sta. Cruz o navio de ferro em que o França Leite navegou a vela o Rio Doce até Transilvânia; agora deve pertencer ao governo e talvez aproveitar alguma coisa.

3 de fevereiro de 1860 – Meia-noite e mais alguns minutos largaram as canoas.

Acordei às 5 ½.

Antes brejo que rio.

Bonita florzinha amarela de planta de folhas à tona da água; planta aquática de folha larga cuja fruta parece um ananás; ninho de jacarés; monte de fragmentos de plantas, no meio do qual se achavam 10 ovos como de galinha um pouco amarelados; alguns já tinham sinal bem visível da fecundação.

Disseram-me os Índios canoieiros que um ninho serve a mais de um jacaré.

Esteve encoberto e fresco até perto de 11, depois o sol abrasava.

Belas flores cor-de-rosa assemelhando rosa.

Quase 3h passam os cavalos a nado o rio; vieram pela picada que está muito má, sobretudo por causa do mato, e mandou-se limpar; saíram do lugar de onde parti às 5h da manhã.

Pouco mais de 3h, talvez 10m; lagoa de baixo d'Aguiar pouco vasta cercada de capoeira alta, e, atravessando uma pequena corda dela, entrava novamente no riacho às 3h e 18 min. O riacho é muito tortuoso e estreito custando muito a navegá-lo com canoa grande como a em que vou.

A respeito do Riacho até combys, e deste rio vide memórias do d'Arlincourt Revista trimestral do Instituto tomo 7º, 1845, que também são muito curiosas, a respeito do rio Doce e de um junto à Vila da Serra.

As margens do riacho só de certa altura para cima é que apresentam plantas altas e árvores. Ainda não vi nenhum taboyayá que é uma espécie de jaburu; apenas voou um baguari espécie de socó que também não pude ver.

As mutucas têm me perseguido e mordido desde que aqueceu o dia; fiz mal de não trazer luvas de camurça.

4 ¼ h Lagoa do meio será do tamanho da de baixo, tem mato de todos os lados menos do da costa para onde se estende em brejal; pegaram nos remos; atravessamo-la do lado do brejo em 5m, e o riacho conserva-se largo.

4 ½ h Lagoa de cima; 5 menos 10m alarga bastante; mato nas margens, e duas casinhas ao longe. Vão aparecendo outras casinhas pelas margens.

5 ½ h começa a estreitar - 5h e 40 min acabou a lagoa. Vejo mato bonito do lado esquerdo o sol escondendo-se por detrás das árvores do lado esquerdo dava ao vento um tom de saudade para muito se harmoniar com o meu sentir.

6h Já se descobre do lado direito pouco longe o Quartel d'Aguiar.

6h e 25 min Quartel d'Aguiar; o riacho continua porém muito estreito, aqui ainda é largo.

A casa que é da Índia Maria é num alto; chamam Quartel porque havia ali antigamente um Quartel cujas praças traziam o rio sempre limpo. A água que já bebi é de fonte e guardada; acho-a boa.

Interroguei um mineiro que tem estado no Caetê e é língua de nome João Roiz da Cunha, sabendo segundo dizem perfeitamente a língua dos botocudos sobre o vocabulário de Moraes Pinto e escrevi as diferenças notadas por mim. Disse-me que há diferença de língua entre os Botucotudos do Norte e os do Sul.

Naknenuka - e Naknekes é a palavra diferente que significa 1.

Que são polígamos, muito ciosos marcando ainda com golpes a mulher adúltera, ainda que nem sempre a deixe; que não se casam com parentes até certo grau não muito próximo e que as principais guerras provêm de rapto de mulheres quando lhe faltam. Têm muitos filhos, nenhuma cerimônia de casamento senão por pedido à mulher, de cuja casa já sai esposa. Saem nos princípios do casamento às ocultas como envergonhados, e vieram com as raparigas ainda impúberes como se fossem suas esposas não o sendo aliás realmente senão quando púberes.

Às 8h e 25 min segui a cavalo. Caminho de floresta com lua e archote.

Ponte onde os bugres mataram viajantes anteriormente em 1822, como me informei depois de Linhares a respeito da data; há ali uma ponte de pau acabada de construir muito recentemente, o caminho tem sua lama, tendo chovido para esse lado bastante, e no riacho apenas chuviscado algum tanto grosso; mas é plano e pode ser bom em relação aos caminhos no Brasil.

Às 11h e 5 min cheguei ao porto no Rio Doce e às 11 ¾ h desembarquei em Linhares pouco para dentro da foz do Juparanã que deságua na margem esquerda do Rio Doce subindo por uma ladeira um pouco áspera até a chapada que forma a praça da vila se não toda esta.

A casa onde estou é pequena e térrea como todas segundo creio das quais a maior parte cobertas de palha.

Já vi o Anselmo filho do João Philipe Calmon de que fala St. Hilaire; parece boa pessoa e o Presidente elogia-o muito pelo seu caráter. Veio para o Rio Doce com 10 anos e o pai era Baiano de St. Amaro.

O Raphael Pª de Carvalho que foi a canoa esperar-me disse que o rio está bom de subir. Reside no Rio Doce. Ao atravessar a canoa o rio, uns mosquitos que chamam aqui fincudos atormentaram-me.

De manhã avistei o Mestre Álvaro.

4 de fevereiro de 1860 - 6h Choveu muito de noite, e os fincados perseguiram-me.

Os cavalos que vieram do pouso do Riacho parece que se perderam e as cargas talvez ainda estejam no Quartel de Aguiar.

Apareceram os botocudos alguns com beijo e orelhas furadas, e uma velha com um tremendo batoque no beijo e outra de menos idade com batoques no beijo e nas orelhas. Palavras colhidas da língua, do branco que chama-se Benjamin Antonio de Matos.

Índios Mutuns (nak-ne-nuk)	
Rio Doce	Munhan-uatu
Rio	Uatú
Macaquinho de cara branca	Anhiknhik (assim chamaram logo ao Sapucahy)
Nome	Juntchak
Fumo	Angnang
Milho	Jauatá
Feijão	Jauantá
Árvore	Chon
Pássaro	Bakun (u de but)
Caçar	Nhokná
Barbado	Kupirik
Relâmpago	Tarûmrémré
Frecha farpada	Uajikpok
Frecha de ponta de matar pela pancada	Moknhák
Cipó cuja casca prende as penas da frecha	Mré
Batoque	Métó
A jatahy	Marék

7 menos 20 embarcamos para ver o Juparanã. O Carlos Je. Nogueira da Gama é filho de Antônio Joaquim irmão de Manoel Jacinto (marquês de Baependi) e nascido em Portugal; estabeleceu-se no Rio Doce em 1825.

Sítio de Carlos Je. Nogueira da Gama em colina continuação da vila sobre a margem esquerda do Juparanã; margem oposta baixa e depois ambas havendo mais árvores do da direita.

O rio é fundo e uma vara ordinária não chega ao fundo; não é estreito; corre muito, e tem voltas grandes; mas por ora não são ásperas; vêem-se nandaias, periquitos de cabeça encarnada; pau de angélica com belas flores amarelas; o arvorado torna-se espesso em ambas as margens.

9 ¼ h choupana arruinada num alto da margem esquerda; lugar sem mato.

Vi voar um boguari ou baguari.

Derrubada na margem esquerda; pertence ao Monteiro, poupeiro de canoa em que vou a qual é comprida de um só pau vinhático, pertencente ao Raphael P. de Carvalho e chamada Nova-Emília; nome de uma filha dele.

Por ora há poucos paus e árvores caídas no rio que em nada embarcariam a passagem do Pirajá.

10h duas choupanas num alto na margem esquerda sem mato.

Apareceu uma canoa com o Alexandre Campos e o Chagas, dois cães atrelados para caça e espingarda que tomei. Já dei 3 tiros e creio que matei um anu.

Outra canoa com o Carlos Je. Nogueira da Gama e outros de onde dão tiros e atiram foguetes

11h Mato rasteiro nas margens.

11h e 7 min expande-se a lagoa circulada de morros com matos e habitações; é um mar de água doce, tendo 7 léguas de comprimento, e muita largura. O Pirajá podia subir até a lagoa. Vamos pela margem esquerda a vara com 5 palmos a 10 de fundo.

A montanha, que se vê mais distante; muito longe, fica para o lado da lagoa de Paranamirim.

Praia de areia chamada de mosquito que beiramos 11h e 33 min. Dizem que há tubarões grandes e cações de espada na

lagoa que é muito piscosa, pescando-se de rede.

A continuação do Juparanã chama-se S. José - tem comunicação pelo lado do S. com a lagoa dos Paus que vaza nesta, e recebe por esse mesmo lado o rio das Capivaras; forma muitas enseadas. Vejo as mesmas flores amarelas sem serem as já mencionadas que no rio, mas não vi ainda as brancas.

O mato não apresenta por ora árvores belas como no rio, nem se vêem tantas flores. No rio há muitos ingazeiros, mas a fruta não está sazoadada. Canto de canivete, enseada pequena com seu tijupá pequeno.

12h e 35 min - Três Pontas de uma colina alta, sobre a qual está um sítio com sua choupana; acabo de passar pelo sono.

Canto do Barro Vermelho com a sua choupana e rocinha. Canto do Jacu pouco reentrante. Canto do Jacaré pequeno. Praia do Jacaré grande; enseadas mais fundas com areia. A praia é estreita e vem logo mato com algumas árvores bonitas. Árvores semelhantes a mangues em terreno arenoso. Chama-se tudo Jacaré grande até uma ponta além da qual se encurva a praia da onça. Bonita flor roxo-claro que me parece trepadeira. Atirei duas vezes a umas garças e creio que uma foi chumbada; o chumbo é muito grosso; para veado. Ponta da onça onde acaba a praia deste nome

1 $\frac{3}{4}$ h Canto do Guache até aqui chama-se onça, é fundo este canto e com bela mataria. Há um canto fundo que ainda se chama Guache e também é muito bonito com belas árvores. Há muito tempo que não vejo nenhuma casa em qualquer das margens.

Praia do Goitiseiro, acaba aqui o que se guache - em Junho e Julho é que frutifica o goitiseiro - tem areia; bando de periquitos; bando de maracanãs.

Canto das barreiras; grande e bonita enseada com belo mato. Vamos endireitando para ilha do Pedreira onde está o almoço e que pertence ao Raphael Pereira de Carvalho.

Subindo o rio de S. José alguns dias disse-me o Presidente que se encontram bugres, tendo o feitor do R. Pe. de Carvalho encontrado há pouco vestígios deles em uma exploração que fizera pelo rio acima, no 2º ou 3º dia de viagem. Os tiros da ilha formam longo eco bastante tempo depois de dados nos morros da margem esquerda da lagoa. Barreira vertical na margem esquerda quase defronte da ilha. A primeira ponta além de Barreira chama-se Ponta do Ouro.

O desembarque da ilha é pela parte superior. Formaram degraus na terra da ladeira ornada de coqueiros, e uma ponte de pau para desembarque. Desembarcamos às 4 menos 20. A formação da ilha é granítica, e do alto tem bela vista para o lado de baixo. Gostei muito de estar assentado na ribanceira de pedra do lado da barreira da margem esquerda da lagoa em cujos $\frac{2}{3}$ contando da boca do rio de Juparanã da banda da lagoa está situada a ilha.

Havia no cimo da ilha um bom barracão coberto de sapé e outros 2 menores.

Receberam-me com o hino em realejo, já em Linhares vieram ao desembarque com umbela em lugar de pálio.

Há uma ilha pequena de pedra entre a margem direita da lagoa e a ilha do Pedreira com que se comunica por um istmozinho de terra.

O rio de S. José navega-se 1 légua da foz, e o feitor do P. de Carvalho subiu por ele 5 dias encontrando 14 a 18 cachoeiros sendo o 1º maior. Parece que vai em direção de Minas Novas, e dista pouco de S. Mateus.

A lagoa não é de Paraná-mirim, mas de Juparanamirim, e deságua no Rio Doce pouco acima da grande por um rio que não é navegável na seca, e tem muitas voltas. O P. de Carvalho diz que as margens da lagoa de Juparanã são saudáveis.

Regresso às 5h e 25 min.

O Nogueira da Gama diz que defronte da ilha do Pedreira pertence essa margem à Marquesa de Baependi.

Praia dos Cágados com bela mata. Da margem esquerda da lagoa ouve-se a pancada do mar.

Vi outra vez a trepadeira de bonita flor roxo-claro. Há muitas jabuticabeiras e cambuizeiros; mas os cambucás não são tão bons como os cultivados, em ambas as margens da lagoa a melhor jabuticaba do tamanho da do Rio; mas de forma de pêra, branca e preta, e a Sacaminhan; também há grumixameiras.

Canto Montemor com entrada para lagoa não pequena navegável. O tempo da cheia é do da fome porque não pesca nem caça - dura de outubro até março.

Há muitos jacarés e grandes na lagoa.

A água das lagoas apodrece guardada, o que não sucede à do Rio Doce que quanto mais guardada melhor; pois deposita muito.

Saco de Gambá.

Barra da lagoa de Paus, não é navegável por causa dos paus. Saco de estacas; Lençol grande, lençol pequeno.

Entrada do rio 9h, chegada a Linhares perto das 11h A noite estive de bellissimo luar durante a maior parte da viagem.

Trouxe das flores roxo-claro.

Ouvi ontem ao presidente que frei Budio missionário lhe dissera que as madeiras tiradas para a capela no Guandu são de má qualidade.

O Carlos Je. Nogueira da Gama é original, estando rouco de dar vivas gritou ao povo que os desse que estava cansado, e já tinha dado a norma dos vivas por ter gritado viva a rainha mãe. Parece que se riem dele por aqui. Tem cara de bom velho; mas turista; é o Presidente da Câmara.

As cargas chegaram à 1 da tarde.

[Desenho]

A igreja é pequena mas coberta de telha; ouvi missa a que ajudam o Carlos Je. Nogueira da Gama que cantou sofrivelmente o Tantum Ergo ao levantar da hóstia. Custou a aparecer o vinho e o vigário encomendado frade carmelita parece que tão estúpido como bugre não tem saído de casa por doente ou receio de não saber o que faz, e foi Fr. Budio que disse a missa.

O quartel é pequeno de telhas, e o xadrez seguro tem tronco.

Bordaram as ruas da praça que é grande e cheia de relva de coqueiros que iluminaram de noite, e a vila poucas mais casas tem que as da praça sendo por todas 60 e tantas e de telha também a casa do Anselmo Calmon onde me hospedo e outra menor.

A igreja do Rel. P^a de Carvalho está em princípio no lugar onde houve outra com 2 torres e bonita feita pelo Rubem ⁰⁰³. Entrava-se ali perto tendo o bispo Je. Caetano benzido todo o terreno da vila.

Houve também outro quartel e olaria do Estado. Agora tem uma perto no seu sítio o Anselmo Calmon.

Aula de meninos de José Maria Nogueira da Gama - 19 matriculados 10 a 12 de frequência. Letra do professor má.

1º lê mal, nada de gramática, não pode dividir. Há 4 para 5 anos.

2º lê pior; diminui somente; gramática nada. Há 6 para 7 anos. O substituto da escola parece saber mais do que o professor.

Sabem as rezas um bem e pouca doutrina propriamente. O professor que parece mau ocupa-se mais com isso do que outros de lugares importantes. Não é boa a letra dos meninos.

Casa da Câmara pequena com o arquivo.

Havia os remédios homeopáticos aplicados pelos dois Nogueiras da Gama.

O Carlos já estava pronto para cantar o Te Deum com o Fr. Budio; o discurso que ele fez em nome da Câmara é curioso.

[Desenho]

O chefe dos índios chamava-se Kenknâm de 30 anos talvez; não quer dizer nada esse nome, como muitos dos deles. Tem ar muito sério. Os índios que se apresentaram são mutuns menos 2 do Sul, um deles rapazinho excelente atirador. Falam muito, riem e querem sempre comer. Os do Sul são em geral mais bonitos, havendo 2 índias de olhos azuis muito belas e claras e de cabelo ruivo; uma delas mulher do capitão Francisco.

Não quiseram vir com medo por causa do tiro dado num em Cueté. Os índios mostraram sentir muito o calor, mesmo dentro de casa, se não, era preguiça porque está muito suportável. Um velho deitou-se debaixo do canapé onde eu estava assentado.

Dançam em círculo passando os braços por cima dos pescoços dos vizinhos com diversas cantigas em toadas mais ou menos monótonas que um começa; não têm instrumento de música. Festejam assim diversos sucessos, sobretudo caçada, cujas peripécias referem nas cantigas; os Purus também dançam em círculo. Os meninos dançam à parte. Os índios assobiam muito.

Uma mulher dançava com o filho nas costas o qual suspendem pelas nádegas por uma embira que prende na cabeça. Algumas das toadas não me desagradaram e soltam às vezes seu grito ou assobio. As mulheres quando nuas dão um jeito às coxas que cobrem inteiramente as partes genitais, segundo disse o Rl. P^a de Carvalho.

A rapariga tinha os mamilos demasiadamente grossos. Havia um velho chamado Nahén muito rabugento.

Hén é o bicho de caramujo.

Os homens têm apenas buço mais ou menos longo. Ficaram muito contentes com os chapéus, e fumo, sobretudo, com o qual, bebendo água passam 3 dias sem comer, que se lhes distribuíram de minha parte e em minha presença.

Juparanã não sabem o que quer dizer, e Jum é pular na água. Segundo St. Hilaire na língua geral Ju - espinho.

Ventou bastante antes do meio-dia, e o local é bem ventilado. Ventou também bastante de tarde.

Depois do jantar apareceu-me o vigário com ares de múmia e soube que se chama João Antônio Calmon sobrinho do Anselmo e filho do finado major Lisboa de Vitória com quem foi casada a irmã do Anselmo hoje viúva.

Os índios atiraram flechas e a maior parte atravessaram um toro de bananeira; por elevação não fazem grande coisa, não firmaram o arco no chão entre os dedos do pé.

O município de Linhares tem 700 almas.

Tarde

4h e 20 min partimos.

O rio está enchendo e a água barrenta.

Duas varas fincadas no fundo do rio para segurar linhas de pescar cações, chamam-se linhas de espera. Ilha das Preás na margem direita.

[Desenho]

5 de fevereiro 1860 - Linhares vista da parte superior subindo pela margem esquerda.

Boqueirão na margem esquerda que passa por detrás da ilha do barão Itapemirim a quem a deu o Anselmo. Entramos na boqueirão; ilha do Pinto; a margem de terra-firme tem belas árvores; entramos por entre a ilha do Pinto e terra firme.

O poupeiro disse-me que o iate de ferro do França Leite subiu até Transilvânia 3 vezes gastando da 1ª vez 1 mês e 5, e da 2ª 8 dias conduziu o que poderia levar por menos dinheiro numa canoa.

Ao sair do canal entre a ilha do barão de Itapemirim que não é pequena e terra firme passamos ao lado esquerdo da ilha do Gado distante; à esquerda ilha do Rato, e à direita ilha dos Patos, pequenas e distantes entre si; ilha do Armonde à direita, comprida; custou 8\$000; o rio é muito largo; matei 2 pombas do ar na ilha do Rato, onde apareceram muitas; são as jurutis do Rio. Ilha do Cipó comprida e longa à esquerda.

O alqueire de farinha de mandioca custa agora, segundo o Monteiro poupeiro, 7 patacas e no tempo de St. Hilaire?.

Perto de Juparanã mirim. Boca da lagoa de Juparanã mirim até onde chegamos 7h.

Voltando pelo mesmo lado por causa do vento chegamos a Linhares às 8 ¼ h.

Em quase todas as casas há violas ou guitarras.

No passeio da tarde não vi nenhuma casa à exceção da fazenda do Anselmo na margem direita ao longe; casa de vivenda e senzalas chama-se Boa-União. A do pai chamada Bom-Jardim estava defronte da ilha do Gato e acha-se hoje em capoeira.

6 de fevereiro de 1860 - 4h e 10 min larga a canoa. Ilha do Alexandre à direita grande, ilha do Guarda-mor grande à direita; ilha do Sal pequena à direita; ilha Comprida à esquerda.

Bando de japus espécie de guache com as penas da cauda amarelas e catingentas como guache; outro bando de japus; outro acima maior de japus numerosíssimo.

Ilha do Campinho à direita.

Ouçõ que há uma picada do quartel de Aguiar até Piraquê-assu; mas com muitos morros, e que consta haver pelo S. José acima uma lagoa maior que a de Juparanã e que por meio dessas e outras lagoas se comunica o Rio Doce com o S. Matheus.

Ilha do Veado à direita, esta e a do Campinho são muito pequenas. 3 ilhas do Sul e 3 ilhas do Norte pequenas; deixamo-las à direita, diz o poupeiro que é a metade do caminho.

6h e 18 min. Bando de Periquitos. Ilha do Coimbra pequena e outra menor sem nome à direita. Ilha do Domingos de Souza à esquerda - do barbado maior e 4 dos Carapuças muito pequenas todas à esquerda - das Frecheiras à esquerda não pequena, e de Jacarandá à direita grande.

A casa da Companhia inglesa entre Linhares e a fazenda do Alexandre Calmon, queimou-se.

Ilha dos Cachorros Grande à esquerda.

Passamos bem perto da margem direita pelo sítio do Thomaz com bananeiras; o dono é cunhado do poupeiro Monteiro.

Outro sítio do mesmo lado de José da Penha, pequena choupana.

Ilha do Branquinho à esquerda, não pequena, encostamos muito a ela.

Povoação dos Índios com choupanas; na margem esquerda por muito perto da qual passamos 8 $\frac{3}{4}$ h.

Chegamos ao Pirajá às 8h e 48 min. O Pirajá gastou 1h e 5 min da barra até o ponto, onde está; encostou 2 vezes e encalhou durante 24h, safando ontem às 3h da tarde. Depois de 5h de encalhado já se tinha formado um banco de areia a sotavento do navio, e encostado a este, a NO; o vapor tinha atravessado um pouco.

O Almirante gastou do lugar onde está o Pirajá até Linhares ontem no escaler com 8 ramos e vela 16 $\frac{1}{2}$ horas encalhando mais de 12 vezes partindo às 3 $\frac{3}{4}$ h da tarde de ontem e chegando a Linhares às 8 $\frac{1}{4}$ h da manhã de ontem. Na volta gastou 4h entre os mesmos pontos.

Começa o terreno a ser um pouco arenoso.

Ilha do João Ferreira pequena à direita.

Larga o Pirajá às 9h e 10 min.

9h 38 min já se vê bem a barra da Concha; prumo 1 $\frac{1}{2}$ br. Para o Sul além da sobredita barra há um navio metido na areia da praia. Casas ao longe na restinga do Barcelos margem esquerda onde mora o Patrão-mor que me consta não ter os aprestos necessários para a praticagem da barra.

Ilha da Regência à esquerda, pequena. À direita Regência com algumas casas de palha sendo a melhor a do James que foi maquinista do vapor rio Doce e casou brasileiro estando viúvo com 4 filhos; vive de caça e pescaria, pouco planta; foz do insignificante rio Preto.

A barra do rio Doce está muito mansa.

O Pirajá achou ao entrar 2 br. de fundo em meia enchente.

Parou o Pirajá 10h e vou almoçar.

10h e 20 min escaler e 36 min desembarque na praia da Concha.

10 $\frac{3}{4}$ h embarque para o Apa. O navio encalhado de que já falei era o S. José Triunfante. Na praia da Concha está encalhado o patacho ⁰⁰⁴ Formosa.

Desembarcamos na praia da Concha perto do escoadouro que tem dois canais separados pelo baixo dos Passarinhos.

Espadarte de serra que pescaram em uma lagoa perto da Regência, e parece o cação de espadarte.

Avista-se o Mestre Álvaro ao S.O, o mar está muito manso, venta e tem ventado de N. a N.E.

Apa 11 menos 5 fundeando em 8 braças por dentro do cordão do S.

Aproamos para a Vitória às 12h e 25 min.

5h e 5 min barra da Vitória.

5h e 40 min Vitória.

Na igreja do Convento de S. Francisco.

Vê Petrê a Palatus Sanctuaũ D. N. da Penha Fundatorês Reliquiae simul cum Crucis arundinere sigillo que prae manibus gestare cõsmeverat hic sitae sunt.1774.

Letras pintadas em chapa de chumbo.

7 de fevereiro de 1860 - 6h e 4 min larga o Apa.

Pouco além da barra avista-se o vapor do Arquiduque.

Manda escaler parece que para o nosso vapor que pára; mas falando com o patrão-mor, que se retirava; voltou, e o vapor do Arquiduque vem nos seguindo; embandeirou em arco.

Avista-se o Mucury encalhado, muito ao longe 9 $\frac{1}{2}$ h.

Guarapari 10 $\frac{3}{4}$ h.

Aula de meninos de Frco. de Pla. Maya Oitycica. 41 alunos matriculados em papel solto; 30 e tantos de freqüência. A letra do professor é boa.

1º lê menos mal; nada de gramática; divide mal.

2º lê pior, nada de gramática, divide como o outro. Sabem só rezas. Letra dos meninos má. Professor muito medíocre.

Antes de chegar à vila deixa-se à direita uma povoação de choupanas chamada Moquiçaba, descobrindo-se a Vila quase que de repente por detrás de uma montanha de granito. A rua maior estende-se ao longo do cimo de uma colina, e a vila tem bastantes casas de telha e algumas de sobrado.

A matriz pequena está na parte superior da vila em uma chapada tendo em frente em ruínas a capela e casa do arcediogo Quintaes que era dono da fazenda onde se levantou a vila.

A capela havia de ser bonita e a casa contígua é de sobrado com 6 janelas de frente, mas pouco de fundo.

A casa da Câmara tem no andar térreo duas enxovias bem arejadas e assoalhadas e um xadrez sofrível no 1º andar, e sala livre no forro, onde também mora o carcereiro; livros pouco regulares e o delegado que exerce o lugar desde abril do ano passado começou as visitas em outubro.

Havia uma lancha grande no único estaleiro pertencente ao presidente da Câmara onde já se construíram 50 e tantas embarcações grandes e pequenas.

3 navios no porto.

Há cultura de café e gêneros alimentícios, mas a formiga persegue muito.

Volto a bordo ao meio-dia e 35 min.

Visita do arquiduque Max ⁰⁰⁵ irmão do imperador da Áustria até 2 ½ h. Agradou-me o seu trato, parece bom e não deixa de ser inteligente.

Às 3h partida para Benevente; refrescou o vento, que tem soprado sempre o mesmo desde o Rio Doce.

Benevente

Chegada perto de 6h

O convento está num alto. A igreja que serve de Matriz é bonita de 3 pequenas naves e foi reparada há 2 anos. O convento está muito arruinado, sendo preciso que me mostrassem o lugar da cela onde morreu Anchieta para suspeitar que ali fosse; talvez seja o lugar mais sujo do convento; a cela é ou antes era sofrível em dimensão.

A sala da Câmara está em obras destinando-se para estas uma sobra de renda municipal de 2 contos e tanto.

As ruas da vila são regulares e há casas de sobrado, não as vendo cobertas de palhas senão no morro em que está o Convento.

O arquiduque desembarcou comigo e tomou chá demorando-se na casa onde me hospedo que é de sobrado; mas pequena, até quase 11h, indo dormir a bordo. Já conhece o Connleithner com quem se tem caçoado a bordo sofrivelmente.

8 de fevereiro de 1860 - Aula de meninos de Antônio Carneiro Lisboa Júnior, 32 matriculados - caderno de matrícula sendo a letra do professor boa - 20 e tantos de frequência.

1º lê menos mal; nada de gramática; divide mal e não sabe a prova real de divisão. Há 4 anos; mas tem faltado muito.

2º lê pior; multiplica só. Há 2 anos. Sabem apenas as rezas, porém mal.

Letra dos meninos sofrível. O professor não presta para nada.

A cadeia está no Convento e muito arruinada; havia 6 presos em uma das 2 prisões.

A casa da Câmara durante as obras está numa casa térrea. Com os livros do arquivo e a data mais antiga é de 1750. Tem um registro dos Índios dessa data. Há livros de Tombo das terras que se mandou copiar em novo livro que foi aberto; mas apenas começado a escrever, não se continuando, segundo disse o Secretário por ser quase ininteligível a letra do antigo livro do Tombo.

O vigário desde ontem que anda debaixo de carraspana ⁰⁰⁶ tornando-se terrivelmente importuno. É colado. O mesmo sucede com o de Guarapari e o de S. Matheus que ainda é de sérios costumes talvez, segundo me disse o Presidente.

Saída em escaler para o Apa. 7h

Chegada ao Apa 7h e 20 min.

Larga 7 ¾ h.

8h e 36 min.

Frade e Freira

[Desenho]

Garrafinha (Pico do Itabira)

[Desenho]

Antes vi o morro Agá que nada se parece com esta letra, e 3 ilhas entre as duas primeiras das quais abre a barra do Pereira, havendo de antes a sotavento da 3ª bom resguardo para navios grandes de S.O. que são obrigados agora a ficar fora porque o lastro lançado ao mar fez entulhar-se o fundo.

9h e 40 min fundeia o Apa.

Enquanto enche a maré visitei o arquiduque que me deu suas viagens impressas e prometeu-me um impresso de suas poesias de que vi outro na sua biblioteca que tem bons livros sobretudo de viagens e história natural. Mostrou-me os croquis de pintor que já passou pelo Brasil na Novára e atestam bastante talento, e vi a miniatura da mulher que deve ser uma moça bonita mas não bela, tendo também em gravura o retrato da imperatriz que muito me elogiou a quem dedicou as poesias por ser poetisa - Ophir der Dichterinn - como a chama na dedicatória. Todo o vapor foi construído na Inglaterra tratando-se agora de uma grande oficina de construção de vapores em Trist. Vi a gôndola - é pequena - do arquiduque girar a roda do vapor assim como a tropina pequeno batel dalmata de um só homem que rema e governa com o remo de duas pás. A Imperatriz da Áustria diverte-se em remar assim no lago de jchönbrunn. Gostei das idéias do Arquiduque sensatamente liberais tendo-se dado muito com Manzoni, Cantú, Cárcano e outros quando governou a Lombardia.

Despediu-se de mim, tendo vindo comigo para o Apa, pouco depois das 2 da tarde.

Tarde

Cerca das 2h embarco no escaler e vou para o Pirajá que partindo às 2h e 20 min chega à barra às 2 ½ h.

A barra é toda de arrebentação e muito melhoraria se tapasse a passagem entre um ilhote e o pontal do S.

3 ½ h chego à vila de Itapemirim tendo visto na margem esquerda a casa grande da fazenda do Tavares, e à direita a fazendinha do barão de Itapemirim. A vila tem ares de florescer; mas é pequena. Fui logo à matriz feita por esforços do missionário Casanova tendo sobre a porta a seguinte inscrição se bem me lembro:

D.O.M Delubrum beneficentia publici hujus constructum Capuccinus lapidem posuit anno 1853.

Às 4h saí para a Colônia do Rio Novo montando a cavalo depois de atravessar o Itapemirim na vila. Cheguei andando grande parte do caminho devagar por causa da noite e alguns lamaçais perto das 9h.

9 de fevereiro de 1860 - Fui percorrer a colônia às 5h e 25 min tendo voltado ao ponto central às 9h. Os colonos que vi têm quase todos cara de doentes queixando-se de moléstias, de falta de médico, cemitério, padre e capela. Também ouvi a alguns que o contrato, que aliás não pude examinar, não fora cumprido quando a princípio de derrubada e casa para morar nos prazos ⁰⁰⁷. Há outras queixas que são falta de transportes, quando o caminho para Itapemirim não é mau podendo duas léguas antes de embarcar no Itapemirim junto à fazenda do Limão, e o muito baixo preço porque se lhes têm comprado gêneros em uma venda que me disse o Jobim fora estabelecida por um sócio do Caetano Dias vendendo-se tudo caro; todavia os colonos podem vender e comprar a quem quiserem.

Há poucas plantações; mas algumas bonitas sendo a terra mais fértil que a das outras colônias ainda que o lugar é insalubre por causa dos pântanos que forma o Rio Novo os quais dizem que desaparecerão desde que se limpar o rio ficando com uma navegação de 4 a 5 léguas para baixo da colônia e 1 légua para (vista do Frade e Freira tirada da canoa no Rio Novo na manhã de 9.)

[Desenho]

cima, saindo pela barra do Piúma que é muito melhor que a do Itapemirim.

O Caetano Dias (Retrato em “Minha Terra e Meu Município” de Antônio Mariss) calcula essa obra em 16 contos.

Segundo uma exposição há 686 colonos, mas atendendo a que tem só 2 a 3 léguas de estradas na colônia e as casas se acham espaçadas, custa-me a acreditar em tal número.

Os colonos são de diversas nações a até chins que me disse o Jobim serem muito ladrões, ainda que o Caetano se mostre contente com eles, e os Belgas queixam-se principalmente tendo vindo alguns alfaiates.

Plantam os gêneros alimentícios e café em terrenos próprios e também cana de parceria moendo no engenho por vapor do Limão que o Caetano vendeu à associação com 78 escravos e 2 léguas de terra por 200 contos. Os de parceria são, segundo creio, quase todos portugueses e um desta nação disse-me no barco onde remava quando eu atravessava ontem o

Rio Novo que sofriam muito de moléstias entre as quais de drópias (isto é, de hidropisias).

Pus-me a caminho para Itapemirim depois de atravessar o Rio Novo que distará do centro colonial $\frac{1}{4}$ légua, às 10h, e, de galope quase sempre passei pelo Limão às 11h, pelo Moqui fazenda Barão de Itapemirim com uma casa, que é um palacete de dois torrões, tendo antes passado pela fazenda dos Belos, às 11h e 25 min, e cheguei à passagem do Itapemirim para a vila às 11 $\frac{3}{4}$ h tendo passado pela Coroa da Onça fazenda de João Nepomuceno Bitancourt com roda movida com cavalos dentro, e a fazenda de Areia com bela casa que se vê da vila, que o mesmo Bitancourt acaba de comprar ao irmão Francisco de Paula, e consta-me ser causa de desavença por ora oculta entre eles.

Itapemirim

9 de fevereiro de 1860 - O professor está com licença mas o inspetor municipal mandou abrir a aula e é quem me deu as informações. O professor chama-se Je. Pto. Homem de Azevedo. Mais de 20 matriculados, mas escrito até 11 com boa letra do professor.

1º lê sofrível, principia gramática. Divide sofrível sabe a prova real.

2º lê algum tanto melhor, nada de gramática. Divide melhor. Sabe a prova real. Sabem as rezas sem a menor explicação que não tem dado o professor. Letra dos meninos sofrível.

Antes estive na casa da Câmara que é térrea e pequena reunindo-se o júri no consistório da Matriz. Cadeia - Edifício novo começado por um particular, e cujo andar térreo é que está acabado destinando-se a 1º para Câmara etc. As prisões são boas e havia 3 presos um dos quais queixa-se de perseguição apresentando indícios de loucura que não sei se é real. Há uma prisão que não serviu e é escura podendo destinar-se para castigo.

Fui depois à fabrica de Antônio Pires Velasco. É movida por uma máquina a vapor de 8 cavalos com serra vertical de até 4 folhas, e 8 pilões com ventilador e ventador (não separa as qualidades com peneiras como o ventilador), tendo já preparado 100 arrobas por dia. O café que vi era muito bom.

As intrigas andam tão acesas aqui que os Guardas Nacionais que se achavam na casa da minha residência não queriam deixar entrar nenhuma pessoa da casa do Itapemirim (Refere-se, por certo, à casa do barão de Itapemirim) e a Câmara Municipal cujo presidente é o Bitancourt mandando um boi para bordo do Pirajá recomendou que dissessem que o presente não era do Itapemirim.

O Pereira Pto. e gente do Bitancourt vão fundar um periódico redigido pelo padre João Philipe outrora frei João do Lado de Cristo.

Às 3 $\frac{1}{2}$ h embarquei no Pirajá que atracou a ponte de desembarque bem preparada na vila; mas por causa da falta de vapor; pois contava, como antes eu determinara com a saída às 4 $\frac{1}{2}$ h, largou às 4h chegando a barra às 4 $\frac{1}{2}$ h. Estava melhor que ontem; mas o escaler jogou bastante comigo até o Apa sendo o embarque nele e passagem para o Apa difíceis; felizmente não enjoei e sinto-me forte.

Há duas sumacas⁰⁰⁸ no chamado porto e uma ia garrando, restando-lhe o Apa um ancorote. Venta N.E. muito rijo.

Por causa da bagagem só às 6h largou o Apa.

10 de fevereiro de 1860 - O Apa jogou terrivelmente a noite passada sobre os baixos de S. Thomé.

7 $\frac{1}{2}$ h avista-se costa de Campos.

10 $\frac{1}{2}$ h Grade de Macaé, ilhas de Sta. Ana e Morro de S. João.

11h avista-se Cabo Frio.

2 $\frac{1}{2}$ h Vejo muito bem o farol.

4 $\frac{3}{4}$ h emparelhamos com o Cabo Frio.

5h dobramo-lo, o vento tornou-se quente pelo embate da montanha e o mar manso de modo que o Apa quase que não joga.

Estive sobre as rodas desde pouco depois de anoitecer até 10 horas porém não avistei o farol da Rasa que pouco depois o nevoeiro deixou ver já alto. Chegamos à Rasa entre 2 $\frac{1}{2}$ h e 3 da madrugada de 11, e bordejou-se.

11 de fevereiro de 1860 - Acordei às 5 menos $\frac{1}{4}$.

Vi bem o gigante. Vapores Magé e Jequitinhonha, enquanto aquele dava 1 tiro este dava 2, e que talvez se explique por ser o comandante Henrique Antônio Batista o novo oficial de marinha mais entendido em artilharia.

Às 6h e mais de meia a par da fortaleza de Sta. Cruz.

Fundeou o Apa pouco depois de 7½ h.

VOLUME 7

PASSEIO A SANTA CRUZ - DEZEMBRO DE 1860

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

25 de dezembro de 1860

Parti, no trem da estrada de ferro, da estação da Quinta às 5h e 20 min.

Cheguei à estação de Sapopenha ⁰⁰¹ às 6h. Com meia hora de caminho por estrada larga e plana, onde encontrei trabalhando soldados do batalhão de engenheiros, achei-me na escola de tiro.

Os edifícios são muito acanhados e vi algumas espingardas pouco limpas e com teia de aranha. A escrituração não está em dia, mas também agora é que se começa a executar o decreto de 8 de maio de 1859.

O campo de tiro tem uma linha de 1000 braças, havendo dois alvos, um a 500 e outro a 250; porém atiraram a 400 e 150. Acertaram sofrivelmente com bala rasa de calibre 6, no alvo a 400 braças e mousquetons à Minié de artilheiros, no outro mais próximo, não sendo felizes com as granadas de obus de 4 ½ polegadas no alvo a 150 braças nem com carabinas à Minié no alvo a 400 braças, que já tem atingido na razão de 1 por 6. Um soldado do 1º de artilharia, filho do Ceará, acertou com a carabina à Minié, 4 vezes em 6, no alvo a 150 braças.

Soltaram-se 4 foguetes de Congreve de maior calibre empregando-se a estimativa de Ungeur de Múnich; porém nenhum tocou no alvo. Os foguetes parecem muito bons e foram feitos no laboratório pirotécnico de Campinho sob a direção do Luz. Há outra estativa do mesmo sistema para calibre menor de que também existem foguetes fabricados no Campinho.

O armazém construído de tábuas para as munições é estreitíssimo e muito úmido.

A arrecadação do rancho está mal arranjada por falta de capacidade; o xadrez não tem porta e deve chover-lhe dentro.

Não há enfermaria, indo os doentes para a do Campinho na diligência até Sapopenha a 500 réis por pessoa, e daí pela estrada de ferro.

E os soldados comem longe do quartel. Os alimentos são bons, e foram bem preparados para o almoço à exceção de carne-seca, que me disseram ter sido cozida de véspera. O lugar é sadio, e os dois quartéis são bons, devendo contudo ser asfaltados e não ficar em terra e fazer-se as camas inteiramente de ferro.

Mostraram-me um instrumento curioso de invenção de José Mariano de Matos ⁰⁰², que reúne em si os fins do nível de ponta, para marcar os pontos de maior altura da peça, do quadrante para calcular o ângulo de elevação e da mira; está feito para servir no obus de 4 ½ h polegadas colocando-se sobre a culatra. O mesmo oficial melhorou a colher, que carrega o obus, fazendo trabalhar o soquete a modo de êmbolo por dentro da colher da colher evitando assim que esta ao tirar-se traga consigo a carga.

O capitão Valente, filho do Conde do Rio Prata, ajudante do diretor ainda não nomeado, parece muito zeloso e inteligente.

Junto o mapa do dia; há falta de gente para o serviço. Saí da escola de tiro às 10h e cheguei ao Bangu às 10 ½ h.

O barão de Piraquara ⁰⁰³ tem feito melhoramentos na sua fazenda, como o aquecimento das caldeiras por meio de vapor, que move as moendas, lavrando e estrumando as terras de 6 anos a esta parte, para o que emprega, além dos resíduos do curral, o bagaço da cana, com o qual ainda não pode conseguir alimentar a fornalha dispensando a lenha.

Construí um pequeno terraço do lado direito da sala de jantar e assenta agora um portão no começo da subida da ladeira, que se acha calçada de novo e com menos declive. O caminho para Sta. Cruz está bom e aqui cheguei às 3h.

Corria a casa, onde me perco em longa fiada de salas, descansei um pouco e, depois das 5h, fui ao cercadinho pela rua dos bambus que estão muito falhos.

A horta de lado direito tem plantação de capim e do lado esquerdo no lugar do antigo potreiro há uma área de 40 mil e 700 braças bem lavradas e já verdejando de arroz. O cercadinho tem sido descuidado, mudando-se o paiol para perto do palácio para melhor fiscalização.

Os vinháticos estão encartilhados, cobertos de longas cãs e prestes a reduzir-se a estrume ou cinza, e o labirinto mal se percebe.

Voltei pelo caminho do leme encontrando 12 escravos, que se queixam de ter sido levados de Sta. Cruz para o sítio do Costa pertencente a Couto Reis ⁰⁰⁴, onde trabalham em cafezais sobre ásperas encostas, e são obrigados a carregar sacas daquele gênero, ao mesmo tempo que não têm nenhum dia de descanso na semana e fazem serões. Os escravos logo que me aproximei do canal falso, gritavam misericórdia, dizendo que tinham fome, e lhes tiravam sábado e domingo, parecendo-me ter visto algumas das 12 escravas já referidas entre a chusma.

Informe-me e soube que os pertencentes a família, que tem qualquer de seus membros fugido não goza do sábado, o que me parece injusto, pois não recebem ração e não lhes basta o domingo para cuidarem de seu alimento.

As pinturas das salas do Paço carecem de retoque, por já estragadas, assim como também se acham os papéis da parte mais moderna.

São 7 ³/₄ h e toca a música que é sofrível. Não tem feito muito calor. O Garcia ⁰⁰⁵ disse-me que tem havido casos e alguns fatais de simples febre, sem outro sintoma que não o delírio depois de alguns dias.

Há muita repugnância da parte da escravatura em receber ração em lugar de sábado, mas parece reforma necessária para melhor serviço da fazenda.

Tudo que está iluminado e o portão da frente da praça do Paço faz bela vista.

Já indaguei, e parece que as escravas não têm razão. Resolvi que se desse comida em comum, para evitar representações a respeito da quantidade da ração aos que tiverem membros da família fugidos.

Julgo acertado forrar as pretas que tiveram certo número de filhos no serviço.

São 8 ¹/₂ h e vou descansar.

26 de dezembro de 1860

Acordei antes das 4 com o estrondo da trovoada e pouco dormi depois, receando que a chuva, que caía em abundância, impedisse a saída do cavalo. Felizmente às 6h estava o tempo sofrível e sem chuva, e, depois de ter bebido um bom copo de leite mugido da vaca, montei a cavalo e fui pelo aterrado de Itaguaí.

Acha-se em excelente estado e bem reconstruídas as pontes de madeira do Itu e do Guandu únicas que atravessei. Do lado direito do aterrado vi uma grande plantação de arroz a arado e tomando à esquerda, logo depois da passada a ponte do Guandu, fui pelo campo de Roma, ou de St^o Antônio, que medeia entre esse rio e o vale de S. Francisco, até este que precisa muitíssimo de ser limpo, mantendo a umidade do campo a tiririca.

Contudo o campo de Roma tem, em geral, belo pasto, que se atribui às águas e seca posterior que matam as ervas que o sujam. O gado que aí pasta é de particulares, em geral, magro.

Na volta, encostando ao Guandu, encontrei uma pequena manada de cavalos da fazenda entre os quais havia éguas e potros bonitos. Segui para o curtume pelo novo aterrado quase inteiramente acabado e de 1500 e tantas braças de extensão reta, desde a altura da nova até o Morro do Ar.

Há para os dois lados plantações arado de arroz e mandioca; valas abertas de novo, e pontes também novas de pedra, dando passagem sobre valas. O aterrado sendo bordado de palmeiras reais, como se fará, deve ficar belíssimo.

No Morro do Ar há plantações de mandioca, milho e cana feitas a arado, mas tanto a última como a primeira tem os pés muitos próximos, sendo a cana da roxa, que demanda pelo menos 12 palmos de intervalo entre as fiadas.

Há na fazenda mandioca destas qualidades: mandi grande e pequeno, roxinha, chapéu de sol, e que te parece, assim chamada por crescer muito depressa a raiz.

Não há muita diferença na olaria, a não ser melhor mão-de-obra, e mais trabalho.

O armazém está arruinado pelo cupim.

O curtume é só dos couros dos animais que se matam na fazenda e o cachoeiro da Casa queixa-se de que o couro é pouco forte, talvez por se terem morto vitelas em maior número.

A ponte tem ruína nos pegões, e cumpre também cuidar da represa das águas, a fim de fertilizar os campos. É pena que ainda se não houvesse montado a máquina de tijolos de Clayton, de que já existem todas as peças na fazenda, devendo tê-la montado o Capanema ⁰⁰⁶. Pedi um apontamento da obra existente no armazém e de que faz um oleiro por dia.

Na volta encostei-me para o lado do caminho antigo e vi trabalhos de valas, de pontes de pedras sobre estas e crianças limpando o campo que está muito sujo, passando pelo novo aprisco coberto e quase concluído para 300 carneiros, de que há 250 das raças isley, southdown e merinos. Um dos pais distingue-se pela prudência, com que exerce suas funções, ao contrário de outro que até foi desterrado por insolentes usurpações. Gostei do aspecto do campo, que percorri; pois revela atividade.

Chegando a casa às 10h, descansei; almocei às 10 ½ h, e, tendo lido o Jornal e Diário de ontem e as cartas de minha família, fui ao meio-dia visitar as repartições e escola de 1^{as} letras do 1^o grau para meninos, não se achando quem tenha habilitações para professora.

O hospital vai bem e só notei a falta de caixa de trepanação; os estrados de pau nas camas de ferro e a pouca comida dada às crianças até 7 anos, ou porque não podem ir comer à casa. São de serviço; masculinos 43 e femininas 37, e não de serviço 102; total 182, cada uma recebendo uma cuia pequena e sem ser cheia, de pedaços de carne boiando em caldo misturado com farinha. Há muitos vidros quebrados nas vidraças.

A estrebaria perto do hospital tem os cavalos de criação, já havendo alguns poldros de boas raças cruzadas, entre os quais se distingue o filho do garanhão petit-maitre, que dizem ser anglo-percheron, e rês brilhaturas, quando o puxaram do seu boxe, ou manjedoura fechada, para o pátio. Todos os animais têm os nomes sobre as manjedouras dos boxes e lá estão 8 éguas percheronnes muito bonitas, sobretudo a Mademoiselle, russo-pedrez, que é pena ter um abscesso no pé direito; também porque lhe deram tal nome se não pode trazer saia! O agricultor 2^o também morreu como o primeiro, assim como os jumentos e jumenta; de modo que tem custado a estabelecer a coudelaria, que, apesar de tudo, já mostra resultados. Há muito feno colhido e seco na fazenda, de que se alimentam os cavalos criados em estrebarias.

Depois examinei diversos instrumentos aratórios, que não têm sido empregados na maior parte: as enxadas com pás de rebordo e crivos para limpar as valas são pesadíssimas.

Nada digo a respeito do número de doentes e moléstias; porque pedi ao diretor do hospital um mapa circunstanciado.

Tendo visitado a estrebaria passei à horta, que tem bonito muro com portão no centro e quiosques nos extremos tudo de tijolo e está bem tratada e plantada, havendo todos os legumes, sobretudo aspargos, e diversas qualidades de laranjeiras; perto da horta acha-se um espaço onde se fazem plantações de ensaio.

A escola de 1^{as} letras tem 30 alunos matriculados em livro bem escrito pelo professor João da Mota Araújo. Examinei os seguintes meninos:

Deodato Martins da Luz, matriculado em 21 de abril de 1856, e que o professor apresentou como o mais adiantado dos matriculados, lê sofrivelmente, decora apenas a gramática e está atrasado em frações.

Francisco Pereira de Menezes, matriculado em 5 de junho de 1855, lê pior que o outro ainda que parecesse receoso, está atrasado em aritmética, e quanto à gramática como o primeiro.

José Feliciano de Nazaré, matriculado a 8 de março de 1854, na aritmética talvez seja melhor que os outros; lê sofrivelmente e principia nos verbos.

Todos os três foram chamados à doutrina cristã e mostraram-se adiantados, assim como e mais do que eles José Feliciano Godinho Filho, matriculado em 8 de março de 1855, e que parece espertinho.

A letra dos escritos é sofrível.

Julgo o professor habilitado e inteligente.

A sala está decente e bem arranjada.

Na aula de música ouvi um excelente flautista, um bom cornete-a-piston e uma requinta já inferior mas sofrível. Uma escrava cantou afiada a bela ária da Elvina sem ser o 1^o ato do Ernani. O todo da orquestra incomoda às vezes os ouvidos; mas assim mesmo acham-se adiantados e o mestre Joaquim de Araújo Cintra parece zeloso.

Entreí na Granja, onde vi a máquina de esbrugar milho, que não é boa por deixar muitos grãos da primeira vez, bastante arroz em palha amedado e um silo, cujas paredes foram cimentadas e forradas de palha, com que também cobriram 40 alqueires de arroz em palha. Abriu-se a tampa do silo e, apesar de guardado há 7 meses, o arroz está bom e só

com bichos por cima criados na palha. Convém, como em França se faz, misturar o grão com cal, para absorver a umidade e botar sobre ele um pouco de clorofórmio para matar o bicho.

Há também latas de chá de fazenda, algum de 49, que cheira bem e pipas de cachaça, de que já se fizeram este ano 7 na fazenda moendo cana cultivada aqui.

Daí passei ao escritório, onde, entre obras sobre agricultura, não encontrei um número sequer do Auxiliador de Indústria Nacional à arrecadação e à ferraria.

Cheguei a casa perto de 3 ½ h; escrevi parte deste diário; jantei às 4 ½ h, com excelente sobremesa de sopa de leite e às 5 ½ h fui de sege para o Leme.

Pouco além do portão do Cercadinho principia um aterrado novo que conduz em linha reta ao Leme, gastando-se do Paço até este lugar menos de um quarto. Os Campos estão aí muito sujos. O Leme está cuidado; plantaram-se no tempo do Garcia mais 4 mil e tantos pés de chá; há também algodoeiros, mas baixos como as plantações de chá são rasteiras. Existem 4 tachos para o fabrico de chá, que o Garcia ainda não sabe de quanto é por ano, tendo-se feito hoje.

Fui ver as abelhas, de que há 50 e tantas tendo sofrido grande diminuição como no curtume que desceram de 400 a 40 e tantas; o que atribuem à falta de flores e a um certo bicho, pelo que vão mandá-las para o Cercadinho.

Não deixei de visitar a frondosa árvore, que aí se ostenta, dando um fruto à moda de carapeta, com que brincam os moleques. Mandeí penteá-la e barbeá-la e tomara que a não deixem de perecer como os vinháticos.

A mangueira do fundo do paço conserva a sua majestade ainda que em chão apenas capinado, não existindo mais os algodoeiros.

8h e 10 min - De tarde fez bastante calor enfumaçando-se todo o horizonte e acabou de dar um bom estouro de trovoada que vem com fortes refregas de vento e chuva.

Vou escrever para S. Cristóvão e depois do meu banho e chá ler e dormir.

27 de dezembro de 1860

Ontem antes das 10h da noite já estava bom tempo.

Dormi bem - é preciso ser exato; rolei um pouco na cama e muito me excitou a imaginação o lápis, que me serviu para marcar a leitura, e que, esquecido entre as minhas roupas, custou bastante a apanhar, metendo-o enfim debaixo do travesseiro depois de mordê-lo por castigo - o parêntese foi grande, apesar dos sonhos serem demasiadamente curtos, e ligando o fio de meu diário repetirei que dormi bem até às 5h!

Às 5 ½ h subi à torre, de cujo último andar estive alongando as vistas pelas campinas, sobretudo do lado do norte e de leste onde o sol ia afogando as nuvens e pouco antes das 6h desci para beber o meu copo de leite e saí às 6h.

Fui de carro até o canal de S. Paulo, cujo campo é do lado direito do aterrado de Itaguaí, e oposto ao de Roma, e aí assisti a um rodeio de cavallhada pertencente à casa em número de cerca de 300 cabeças.

Havia algumas éguas e potrozinhas bonitas, não aparecendo cavalos inteiros; pois capam os que não destinam para país. Montaram 3 bestas e dois poldros; mas só estes é que pularam mais um pouco.

O Campo pareceu-me sujo. Voltei pelo mesmo caminho até tomar para o curral de S. José, que fica por detrás do Morro da Conceição que domina a fonte da Carioca, e sobre o qual vi bastantes carneiros de raça da terra e triste aspecto que formam parte do rebanho, de que já falei e no qual há poucos de raça estrangeira e mestiços, parecendo que a umidade dos pastos contrariará sempre essa criação.

Avista-se daí o cemitério cercado de muro de pedra e cal, mas cuja porta furtaram há pouco, estando o chão coberto de mato; além disto julgo-o pequeno.

No curral de S. José montei a cavalo e fui ver esse campo limitado pelo aterrado de Itaguaí, vale do Itu, praia e estrada de Sepetiba e matos do Curral falso. No princípio do Campo há bela relva, mas depois aparecem grandes espaços em que apenas vai gramando. Têm-se feito muitas valas, como mostra a nota junta, parecendo-me todas as que vi em diversos campos e que se abriram no tempo do Garcia pouco profundas, e este campo assim como o de S. Marcos, que atravessa o aterrado para o curtume e foi reservado para o gado da fazenda é o mais seco da fazenda e portanto de melhor pasto.

Segui até as valas da Goiaba e Sapucu e, voltando ao curral, assisti ao laçar de um belo touro branco da fazenda da qual havia mais 8 com outro gado vacuum de particulares apenas para tranqüilidade dos touros.

Depois de derrubado e preso o touro armaram dois paus, um com um pellejo coroadado de um chapéu e outro com um boneco vestido de encarnado e solto o touro lançou logo por terra o primeiro pau e foi-se ao boneco, que atirou no chão jogando-o depois ao ares.

Deixaram depois sair todo o gado e lançaram no campo outro dois touros, dos quais só um derrubou o boneco, tendo o outro, que passa pelo mais ousado, arremetido contra um dos peões, cujo cavalo correu mais que o touro, o qual está acostumado a investir contra os cavaleiros, havendo já estripado alguns cavalos, pelo que lhe serraram as pontas. É libuno de cor e tem um respeitável cachaço.

Às 10h e 10 min cheguei à casa. O gado vacuum tem diminuído, por causa das 700 reses que se venderam no tempo da carestia, para o corte no Rio de Janeiro, das águas de 1858, que mataram muitas cabeças e das rações da fazenda, que demandavam uma vitela por dia e por isso são dadas de certo para cá em dinheiro.

A criação de cavalos e bestas parece ser a que mais convém à fazenda, assim como a cultura da cana, como principal; estando já destinado um lugar para construção do engenho modelo de açúcar.

Esquecia-me falar de uma casa nova de guardar os carros no princípio do aterrado para o Curtume e da nova, cujo edifício está muito estragado. O campeiro-mor ficou de dar um apontamento do gado da fazenda e particular, só podendo apresentar trabalho exato depois da marcação, assim como uma notícia igual à que junto a respeito das valas do Campo de S. José sobre todas as outras em que se tem trabalhado durante a administração do Garcia.

Até às 11h que almocei estive escrevendo o diário; fiz o mesmo depois até meio-dia que saí a cavalo. Fui ver a plantação de mandioca e cana na encosta da colina do potreiro dos veados, que fica à esquerda do largo do Palácio olhando deste.

As fiadas de cana têm maior intervalo, mas as mandiocas ainda parecem úmidas demais, posto que o Pinquara, que me veio visitar e almoçou comigo, não o ache.

As mandiocas agitadas pelo vento faziam bonita vista.

Segui pela plantação de arroz ao lado da rua de bambus para o campo de S. Marcos. O arroz não tem germinado, pela maior parte, por causa da seca. O Garcia tem já estudado a questão do afolhamento porém até agora só pode dizer que nos terrenos turfosos convém primeiro plantar arroz e depois feijão miúdo, cujo grão já tenho visto em grande quantidade e nos silicosos a mandioca primeiramente.

O Almeida Pereira ficou de mandar pés de uma mandioca de raiz muito grande chamada caroca, que não há na fazenda.

No campo de S. Marcos trabalharam o arado e grade com dois bois, e rolo de ferro com diversas fiadas de dentes para quebrar os torrões e puxado por 3 bois, dois adiante e outro dentro da grade de pau em que prende o eixo do rolo.

Há 5 escravos que dirigem bem estes instrumentos e um arado lavra uma fieira de terreno por dia quando limpo de tocos. Na volta mostraram-me um alagado que nunca seca onde pretendem criar aves aquáticas depois de melhorado o local.

Não quis deixar de ver o galinheiro, casinha de pedra e cal perto do Cercadinho, há outros 2 que me apontaram e que também são casinhas de pedra e cal e indo para lá vi que na casa de guardar carros, de que já falei, também os fazem e há carpinteiros trabalhando noutras obras.

O galinheiro de 150 bicos bem arranjados com lugares próprios para postura e choco, poleiro de grade e de desmanchar, com forma de pirâmide quadrangular trancada e de ponta para baixo para as galinhas, que procuram os lugares mais altos, terem mais espaço, cômoda de gavetas para guardar ovos de cada dia da semana e de cada semana até 3, no fim das quais se botam fora e uma tábua pendurada na parede com furos e cravelhos para a pessoa encarregada do galinheiro marcar o número de ovos postos. A estufa para chocar não tem dado bom resultado.

Às 2 menos 20 entrava na casa de música, onde ouvi grande parte do 1º ato de Hernani, uma ária para flauta do Hamlet de Mercadante e a sinfonia da muda de Portici até 3 menos 20 que vim para casa.

Antes que me esqueça direi que o local para o engenho de açúcar fica perto de curral chamado de leiteria, o mais próximo do Palácio, e que se destina o alto do morro da Conceição para os edifícios de coudelaria, que se projeta.

Agora vou ler deitado e às 3 ½ h tomar um grande banho. Não recebi nem jornais nem notícias de S. Cristóvão.

8 horas da noite - Perto das 4h chegaram notícias de S. Cristóvão e os jornais, que percorri com a vista só tendo podido ler o Diário.

Às 5 ½ h fui ao mirante. O caminho podia estar melhor e o mirante de figura octogonal está já com uma das paredes rachadas, sem as portas, com os caixilhos das vidraças estragados e tábuas do assoalho todas arrancadas começando-se a ladrilhá-lo. Há parapeito à borda da pedra.

A vista é magnífica, descobrindo-se quase toda a Marambaia de um lado, e do outro a vasta planície da fazenda.

Ao pôr-do-sol uma cigarra veio pousar no pau - sem bandeira - do mirante - e, solto seu sonoro queixume, voou para o lado do Norte.

A custo resolvi descer, tanto mais que a lua começava a pratear as nuvens. Hei de logo, quando tudo estiver tranqüilo, subir à torre para ver o efeito do luar sobre este imenso tapete verde.

À tarde abafou o ar: mas não temos trovoadas e já corre uma aragem muito agradável; - agora ouço o vento zunir e forte.

No mirante lembrou-me mencionar uma casa que se constrói na plantação do potreiro dos veados.

As senzalas parecem-me precisar de conserto; alguns telhados apresentam sensíveis depressões.

Quando subia a luz deslumbrou uma andorinha que foi logo apanhada, mas também logo voltou para seu ninho.

9h - Já desci da torre. A lua passava por cima da torre, formando-lhe as nuvens uma coroa muito bela. A vastidão do campo tornou-se saudosíssima, e o terreno silicoso da plantação do potreiro dos veados figurava um lago.

Toquei o sino como a fogo e se o houvesse realmente não apareceria bomba, que está a que existe desarranjada na arrecadação, recomendando eu ontem que comprassem um circular. Toca o tambor, como de costume, para os escravos se recolherem e eu vou ler deitado até vir o sono.

28 de dezembro de 1860

Meio-dia e 20. Cheguei há 10 minutos.

Parti para a fazenda de Pedra às 5h e 40 min, depois do meu copo de leite. O caminho só num lugar é que amparou felizmente a caleça quanto era preciso para não virar-se; mas com chuva tornou-se intransitável.

Estava no engenho às 7 menos 20, e depois de ver tanto abandono segui às 7h e 6 min para a casa dos Reverendos Carmelitas.

Às 7 ½ h parei na porta do chamado palacete, talvez por aí ficar muitas vezes meu avô e fui recebido por Fr. Bernardino, que veio convalescer, e Fr. João (filho do Pau), que está cobrando foros e rendas.

Visitei logo a capelinha sobre a pedra, que domina a praia e aí me contou frei Bernardino as tropelias que cometeu o padre Verdeixa à testa de seus fregueses de Guaratiba como vigário encomendado, arrombado a capelinha e querendo até pôr as mãos no reverendo padre-mestre.

As paredes da capelinha estão cheias de ex-votos, entre os quais abundam peitos de mulher, feitos de cera todos muito tesos; mas de grandeza desigual - e será com efeito um maior do que o outro? Ainda não apurei tanto os meus estudos anatômicos.

Almocei debaixo das belas mangueiras, que são muito desprezadas e acabava de observar o frei João que os frades não diziam nem queriam deixar dizer missa na capelinha para o povo da praia de Pedra, respondendo-me o reverendo, com ares de quem achava razão, que os frades eram doentes e não queriam perder a posse da capelinha.

Quando rebentaram foguetes, surdindo dentre as árvores quase todo o povo da praia com um velho à frente, que me entregou uma representação da confraria de N. Sra. do Desterro contra os frades, por causa da capelinha, e me disse que viera com meu avô de Portugal, fazendo-lhe sentinela ao camarote, que meu avô se segurara muitas vezes ao cachaço dele para descer à câmara e que andara por quase toda a Europa e até pela Rússia, tendo sido ordenança do hoje duque de Saldanha, segundo ouvi ao Cabral chama-se Faustino e parece ser o maioral da praia da Pedra.

Recomendei o negócio ao Ministro do Imérito para ver se prega a conciliação aos Reverendos.

Depois do almoço, às 9h e 20 min, fui até a ponte do rio de Joaquim Luís, onde começam as terras de Joaquim Luis Rangel e voltando pela praia, que já tem bastantes casas, achava-se outra vez perto do palacete, onde entrei na caleça, tendo feito essa digressão a cavalo, às 10 ½ h. Poucas terras restam de senhorio direto ao Convento e são inúmeras as prevaricações, que se contam de frei Vicente, que esteve administrando a fazenda antes de um mandato que o substitui agora.

Os arrendamentos são em maior número que os aforamentos e não muito longe daqui indo para a Pedra há um terreno arrendado de meia légua de testada sobre o mar e mais de fundo que talvez sirva para a colônia. O solo é produtivo e só falta água boa, que todavia se pode conduzir de um poço, mas de vertente do sítio de José Medanha, a ¼ de légua do Palacete, como chamarei sempre a casa dos frades; pois a igreja contígua é só ruínas.

Cumpre examinar na cidade os títulos das terras da Pedra, para melhor decidir a questão do local para a colônia, havendo aí a vantagem da comunicação fácil com Sta. Cruz, quer povoação da costa.

O lugar da Pedra é muito salubre e nas fazendas dos frades só houve 3 casos de cólera e nenhum no povoado da praia para onde acudiu gente da Guaratiba.

Na volta estavam os meninos na escola, que não me parece má como edifício olhando por fora, não tendo entrado para não apanhar sol mais ardente quando seguisse e não me consentirem os intestinos muita demora.

Li, passei pelo sono e tornei a ler até perto de 4 ½ h que recebi cartas de S. Cristóvão e os jornais.

Fui jantar às 4 ¾ h e depois vi os carneiros de raça que são sofríveis e ouvi ler os jornais.

Está trovejando com chuva e vento.

Tenho sido um pouco atrapalhado pelos intestinos, o que atribuo ao leite e talvez seja um bem para a saúde.

São quase 8 horas e daqui a pouco meto-me na cama para acordar cedo amanhã. Li o apontamento, que junto sobre o gado da fazenda; é desanimador e cumpre desenvolver muitíssima atividade para Sta. Cruz render segundo suas proporções.

29 de dezembro de 1860

Ontem antes de dormir ainda tomei uma chávena de chá fabricado na fazenda em 1849 que é tão bom como o da China.

O lápis ainda boliu comigo, e dei-lhe nova dentada, acordando às 5h, quando mais me enleava a imaginação.

Parti às 5h e 25 min com algum medo de meus intestinos e seguindo pelo atalho do Leme cheguei ao Bangu às 8h.

Almocei e li o jornal e Mercantil de ontem, e às 9h e 10 min continuei a viagem, chegando ao Campinho às 10h e 17 min.

Visitei primeiramente o edifício, onde se vão assentar a fundição e o laminador de cobre para as espoletas fulminantes e depois o laboratório químico, onde se ia preparar o fulminato de mercúrio, por meio da reação do álcool sobre o nitrato ácido de mercúrio, tendo já havido algumas explosões da retorta que precisa de ser substituída e fabricando-se 2 mil oitavos de fulminato por mês; a oficina de espoletas de fricção para canhão, fazendo cada trabalhador 60 por dia, são 6; o de carregar os foguetes de Congreve, por meio de duas prensas hidráulicas, uma de pressão de 100 toneladas para os de 2 ½ polegadas de diâmetro, carregando 10 e a 12 por dia, e a outra de 40 toneladas para os de 2 polegadas, carregando 18, havendo também aí duas máquinas de brocar os foguetes das duas grandezas depois de cheios; operação assaz perigosa; a da confecção do misto para foguetes, em que se empregam dois barris girantes com balas de bronze, tendo já se dado explosão em um pelo que parece mais conveniente uma folga movida a braço; o depósito de artefatos pirotécnicos de guerra, onde há 350 foguetes de Congreve e está cercado de muro além de feito de madeira e leve; a carpintaria, a oficina de cartuchos à Minié onde faz cada trabalhador 150 por dia; a de espoletas fulminantes feitas por máquinas, movidas a braço podendo cada uma dar prontas, por dia, de 16 a 18 mil, e é a mais curiosa de ver; e a de balas à Minié, que ainda se não fazem pela compressão do chumbo, como na Europa, e na Conceição, já se fabricam as esféricas ordinárias, e a serraria, onde se aprontam os canudos dos foguetes, à razão de 6 por dia, e outras peças necessárias ao estabelecimento.

Fui também ao escritório, ao quartel, cujas camas têm estrado de pau; à enfermaria que se acha bem arranjada, apesar de pequena; tendo os livros em dia; à botica, que duvido esteja sortida de tudo o que é preciso; à arrecadação; ao armazém dos viveres do rancho, de que alguns são muitos melhores que os da escola de tiro, não me parecendo contudo tão bom o café e a capelinha que é decente, e onde diz missa aos domingos um padre da vizinhança.

Voltei ao laboratório e daí a pouco principiou a reação e precipitado do fulminato de mercúrio, parecendo-me que o preparador que também é o boticário não procede com muita prudência, como lhe fez sentir o Luz.

O estabelecimento vai bem, e merece que se cuide dele com zelo por parte da administração superior.

Saí da lá minutos antes do meio-dia, e ao meio-dia partia de Cascadura, chegando à Quinta 23 minutos depois.

VOLUME 8

Viagem de Petrópolis a Juiz de Fora

22/06 a 27/06/1861

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Petrópolis, 22 de junho de 1861

Examinei as observações meteorológicas feitas depois de minha retirada daqui e vejo que o maior calor foi de 74,5 Far. e o menor 50, tendo chovido em 11 a 12 dias de sol a sol.

Vou ler o relatório a respeito dos trabalhos de estrada.

6 – Corri toda a cidade de Petrópolis a pé. Visitei o hospital que estava bem sujo, vi se o cemitério se achava fechado como recomendara em princípios deste ano ao engenheiro e estive no jardim de Binot.

Observações meteorológicas de hoje. 1 hora da tarde. Cent. 15,5; Fahr. 58,5; Barom. 698,70; Higrom. 68.

5 horas – id.

9 e 10 – Acabei de ler o relatório e vou examinar o mapa da estrada. Ainda hei de maçar-me com a discussão do Senado e depois tratarei de descansar até amanhã às 4 da madrugada.

23 de junho de 1861

Estação de Juiz de Fora 6 ³/₄ da noite.

É deste aprazível sítio, que a arte converteu num brinco igual a qualquer lugar de banhos da Alemanha, sob o céu recamado de estrelas que perfilam com as inumeráveis luzes, que cintilam nos jardins e elegantes edifícios; ao som de uma harmoniosa banda de música de colonos tirolezes, que eu principio a narrar a minha viagem enquanto a lua não sai e eu também, para percorrer estes jardins à inglesa, e subir ao alto de um outeiro, onde o Lages acaba a construção da mais *coquette* habitação.

Eu estou noutra casa, que também lhe pertence e se acha no meio dos jardins e junto ao outeiro. Esta casa foi arranjada com apurado gosto e nada lhe falta.

Acordei às 4; ouvi missa às 4 ¹/₂ e às 5 meti-me na caleça com o relatório da estrada, mapas, jornais que ainda não tinha lido e até o arcebispo, para com o seu exemplo convidar a admiração das belezas naturais que ele felizmente podia, com todo o sossego, apreciar, montado no seu burrico, quando eu devia correr, a fim de chegar aqui de dia; tinha de andar 24 ¹/₂ léguas de 6 km de Petrópolis até cá.

Parou o carro para todos os outros se porem em ordem e seguiu a caravana às 5 e 12.

Parou às 6 no lugar dos Correias, onde eu passei alguns meses de minha meninice, reconhecendo logo a ponte em que ia pescar minha piabazinha ⁰⁰¹.

Às 6 e 35 estavam já percorridos 24 km, graças à excelente estrada.

Com mais uma légua chegou a Pedro do Rio, às 7 e 10, tendo-se atravessado sobre o Piabonha as pontes do Retiro e da Olaria, com 15m e 40 de vão, e sobre o Bonsucesso confluyente daquele e desse nome de 15m de vão.

Em Pedro do Rio comecei a gastar banalidades – porque em viagem dizem que sou amável– e tendo aquecido o estômago com a saborosa infusão do celeste império continuou a viagem.

Às 7 e 20 era preciso andar com o sol. Às 8 parou na estação da Posse, (em todos os lugares de parada houve muda) atravessando antes a estrada por uma garganta, em que enormes montanhas de granito revelam as medonhas convulsões de nosso planeta pigmeu.

Quanto senti não me lembrar de *faire ma petite leçon de géologie*, acudindo-me apenas à memória o que repetiu o nosso arcebispo de Braga ao admirar montanhas talvez anãs ao pé destas: *montes in circuit ejus, et Dominus in circuitu populi sui*; sublime trecho de salmista, que apenas posso verter em humilde português: os montes em torno dele e o Senhor em torno do seu povo. Que energia não deve ter o hebraico!

Chamam-me para passear, pois a lua já surgiu.

9 horas – Chego do passeio ao luar, que foi demasiadamente acompanhado. Vi do alto do outeiro, de que já falei, lançar 3 balões atacar fogos de bengala que foram um verdadeiro insulto à lua e depois rodeei um lago onde inumeráveis luzes o espelhavam e havia uma barquinha.

Estive no largo, ouvindo tocar a música que me apresso a dizer, com mais consciência do que a generalidade dos viajantes, que não é de tirolezes, mas de colonos, todos moços, aqui ensinados por um brasileiro, e que trazem chapéu tirolês.

A casa de alto do outeiro envolvia-se então na neblina e agora apenas suas luzes formam um clarão no meio da densa névoa. A música aí me passou por parte da casa; tudo já se vai tornando silencioso e eu reato o fio da minha história.

Saiu a caravana da Posse às 8 e 12 e passava a ponte de mesmo nome sobre o Piabanha e de 34 metros de vão (todos são de ferro à exceção das que mencionar) às 8 e 20. Parou na estação da Julioca, que é elegantemente construída, posto que pequena, chamando-se assim o sítio por aí ser a fazenda do finado Julio Köhler [sic] (Júlio – oca – = casa em língua tupi).

Às 9 menos 18, tendo chegado depois à ponte de Sta. Ana de 45m de vão às 9 e 5 e à estação de Luís Gomes às 9 e 19 (62 km).

Partiu daí às 9 ½, chegando à ponte de Carlos Gomes de 72 ms de vão (ambas estas pontes sobre o Piabanha) às 10 menos 12, e à ponte de Entrerios, que atravessou-se a pé, para melhor vê-la, às 10 e 7. É uma bela obra, ligando as duas margens do Paraíba, com 70 braças de extensão.

Os carros atravessando-a todos juntos e sem diminuírem muito sua rapidez, nem a fizeram oscilar sobre seus pegões de bom granito lavrado. A estrada vem descendo desde o alto da Vila Teresa em Petrópolis (883m acima do nível do mar até o Paraíba (305m sobre o mesmo nível), diferindo assim em altura para menos, na extensão de 71 km 552m, de 581m.

Chegou à estação de Entrerios às 11 menos 23.

Achavam-se aí à minha espera, entre outros, a Câmara da Paraíba e, depois do almoço, continuou a viagem às 11 e 20.

Daí a pouco atravessou-se um túnel em granito de 6 braças talvez, de comprido, e ao meio-dia encontrou-se o Paraibuna na fazenda da Cachoeira. Parou no lugar da Serraria, de onde seguiu pouco depois e à 1 e 6 levantou-se a imensa mole de granito chamada pedra do Paraibuna, chegando daí a pouco à estação deste nome, que também é construída com bastante gosto como todas da Posse para cá. A estrada não está tão perfeita do Paraíba até Juiz de Fora, faltando quase as banquetas nalguns lugares, sendo as valetas malfeitas, e o lastro da estrada pouco assento, formando-se por isso alguma poeira.

O Paraibuna apresenta algumas cachoeiras bonitas, margens aprazíveis e umas pedras escavadas pelo rio que apresentam aspecto muito curioso.

A cultura geral é café e alguns morros estão bem plantados.

A ponte do Paraibuna é logo adiante da estação e atravessada ela, continuou a viagem então na província de Minas, à 1 e 36.

No fim da ponte parou para se ler, escrita numa pedra de mármore, a resposta que dei ao discurso do Lages, por ocasião do começo dos trabalhos desta estrada em Petrópolis no dia 12 de abril de 1856.

Chegou à povoação de Simão Pereira colocada em lugar muito bonito às 2 e 6 e havendo aí arco com meninas e bastantes pessoas, parou, seguindo caminho às 2 ½.

Viu-se de novo o Paraibuna, às 3 menos 11, perdendo-se outra vez de vista em Matias Barbosa, antigo registro, com poucas casas, às 3 e 11.

Parou na estação deste nome, continuando a caminhar às 3 e 20.

O Paraibuna reapareceu 2ª. vez, às 4 menos 13.

Atravessou-se a ponte do Zamba (que é de madeira) sobre o Paraibuna às 4 e 27.

Passou-se a ponte de pau chamada Americana, por ser construída, segundo o sistema americano, às 4 e 35, tendo aí havido antes parada.

Às 5 e 2 passou por defronte da cidade de Juiz de Fora, perto do qual há um brejo não pequeno às 5 e 2 chegando a esta estação às 5 e 12.

O povo tem acudido todo à estrada, e parece que há alegria em todos.

São 10 ³/₄, apenas ladra algum cachorro e eu tenho de acordar amanhã antes das 5 para ver o cometa e até a hora do almoço fazer muitas coisas.

Gostei de falar com o Barão de Prados (Dr. Camilo Armonde) com quem não é preciso esgravatar banalidades e já o emprezei para me comunicar suas observações relativas à praga do café.

Tive já ocasião de louvar o Halfeld pela sua exploração do Rio S. Francisco que até Piranhas pude verificar, enfim não perdi um minuto que assim mesmo não sobra horrivelmente até 6^a fa.

Faz bastante frio.

24 de junho de 1861

Acordei às 5 ¹/₄.

Densa neblina tudo cobria e só perto de 6 saí de casa com as pequenas.

Meti-me eu só no bote, que se ia virando e, como não achava jeito para remar, fiz as pequenas puxar o bote por uma corrente andando assim à sirga enquanto vieram alguém e mais senhoras, saltei então na margem do lago e passeamos até perto das 8, vendo o que era possível dos diferentes edifícios, que cercam esta casa, sem contudo entrar neles, à exceção do moinho bem arranjado de fubá movido por água, que há em abundância.

Aproveitei o tempo em casa até 9 que almocei, e o mesmo fiz depois partindo para a cidade. Parei perto do portão da saída do jardim para que um daguerreotipista tirasse a vista, que me consta não ter ficado bom e chegando defronte da casa da Câmara da cidade, o presidente fez parar a minha caleça.

Entrei nessa casa e não sei por que esperei que aparecesse o pátio sob o qual andei ainda bom trecho de caminho até a matriz sobre uma elevação.

Ao chegar à porta da igreja um cônego soltou um viva à minha católica majestade e fui aspergido pelo vigário, que já me tinha dado o crucifixo a beijar na porta da casa da Câmara.

O vigário é preto como carvão, mas informam-me muito favoravelmente de sua inteligência e qualidades morais, parecendo abastado, pois que possui uma boa casa de sobrado onde mora.

A igreja é feia por fora e por dentro e, durante o *Te Deum*, que não honrou a melomania mineira, estive numa tribuna, que antes chamaria catacumba. O sermão foi pregado pelo cônego Roussin, que aborreceu deveras, não deixando de aludir decentemente à sua dissensão com o bispo.

Antes do *Te Deum* ouvi a missa conventual e finalizadas as cerimônias religiosas fui para a casa do Vale, de 9 janelas de frente e verdadeiro palacete, pela grandeza e luxo interno. Recebi as deputações e dei cortejo, findo o qual, visitei a Câmara Municipal, e cadeia estabelecida no lugar da ex-cozinha da casa da Câmara.

Pedi informações ao presidente da Câmara, que ouvi não gozar de muito conceito, sendo rábula e hábil cabalista e examinei a planta para arruação da cidade cuidando-se de outras para edificação.

A cidade consta principalmente de uma rua, de talvez mil braças com bastante casas de sobrado e algumas mais que ordinárias, chamada direita parecendo sê-lo e outra bem alinhada que a atravessa na maior parte sem casas e outra denominada Califórnia e agora Halfeld, que tem dado diversos terrenos para uso público, pertencendo-lhe o brejo, de que falei.

O cunhado do Halfeld, Antônio Maria Tostes, é um dos principais proprietários da cidade.

A cadeia é má e um preso queixou-se de que há bastante tempo se alimenta do que os outros lhe dão de sua comida, que é fornecida em gênero. Não há visita desde Março e o delegado chama-se Barbosa Lage.

Da cadeia fui à Igreja do Sr. dos Passos, que, assim como um chafariz na praça e uma casa ao pé para futuro hospital, são obras do Barão de Bertioga, que é um ancião, cuja fisionomia logo agrada. Esta igreja é muito mais bonita que a matriz; o chafariz é pequeno, sendo de água corrente encanada da vizinhança em tijolos e finalmente canos de chumbo. A água é excelente, não sendo boa a que bebi durante a viagem depois de passado o Paraibuna. A casa destinada para o hospital é bem alumiada e poderá admitir talvez 30 leitos. O Barão também doou algumas casas térreas para patrimônio do hospital e um terreno para cemitério da Irmandade da Misericórdia, que tomará conta de tudo quanto estiver formada.

Corri a parte principal da cidade, indo pela rua Halfeld até descobrir o terreno doado por este à Câmara para matadouro; mostraram-me o outeiro, em que se estabelecerá o cemitério público e vim jantar.

As duas ruas principais são largas e só vi calçamento, e malfeito, nos passeios.

Às 5 visitei as aulas públicas, uma de meninos e outra de meninas, cujos professores são péssimos e o Colégio Roussin, onde há estudantes bem sofríveis, elevando-se o número deles a 80 e tantos – no cortejo contei 74 todos com lenço escarlate no pescoço – forte gosto! – A casa não permite talvez melhor arranjo, notando a grande proximidade das câmaras. Tem 6 professores, ensinando dois deles duas matérias cada um, das mais importantes.

O cônego diretor professa filosofia e também às vezes retórica.

Tornando a casa, saí de novo para ver com as pequenas o arco iluminado a expensas pelo barão de Bertioiga perto da casa dele e depois de um fogo de artifício, oferecido pela Guarda Nacional daqui, retirei-me para esta casa onde cheguei depois das 10.

O juiz de direito da comarca Nunes Lima, magistrado muito digno, pelo que tenho ouvido, deu-me informações satisfatórias do foro, queixando-se apenas do juiz municipal do Rio Preto, Ângelo da Mata Andrade. O comandante superior, Paula Lima, disse-me que havia 3 mil guardas alistados no seu comando mas nenhum armado, dos quais 400 fardados, além do esquadrão de cavalaria de Barbacena, que foi todo preparado por seu comandante Lino Armonde.

Espero informações do presidente da Câmara e do chefe da Polícia interino Quintiliano.

São 11 $\frac{1}{2}$. Vou descansar.

Não há neblina; talvez se observe amanhã cometa, e além disto quem acorda às 5 tem dia maior que o dos outros.

Já perguntei se algum curioso fizera observações meteorológicas, mas a curiosidade não chega a tanto e já me prometeram um termômetro para ver a quantos graus se me gelam agora as mãos.

Ainda estou de farda por causa do frio e antes de ir dormir ainda referirei dois casos dignos de figurarem entre as bernardices ⁰⁰².

A deputação da Câmara Municipal no seu discurso em que procurou pairar nas mais remontadas regiões da filosofia tratando das vantagens da comunicação entre os homens apontou o atrito de homem contra homem para destruir-lhes as excrescências! Talvez se suprima este trecho no discurso impresso admirando-me bastante que o recitasse o Barão de Prados. A outra bernardice, que me contaram é da mulher do juiz de direito, cuja comarca compreende a vila do Pomba. Gabando a excelência do clima disse que onde engordara mais fora na pomba.

25 de junho de 1861

Acordei às 5 menos $\frac{1}{4}$.

Cerração completa.

Li e quando ia clareando fui até o fundo do jardim por detrás do outeiro. O Paraibuna o limita por esse lado e o lago tem registro para o rio. Há no jardim uma fonte, cujas águas parecem sair dentre pedras, mas que vem para aí encanada por cima do outeiro, em cuja base se acha a fonte.

Vi uma grande coleção de parasitas destas matas até Petrópolis e diversos granitos numerados, tendo um sobre papel estas palavras – Vargem dos porcos –; soube depois que eram de diversos lugares da estrada, parecendo bastante ferruginosos; hei de ver melhor amanhã, se o frio me permitir parar no jardim de madrugada.

Enquanto não chegava a hora da partida para a colônia, que, por causa da neblina, só teve lugar às 8 e 35, subi com as pequenas o outeiro e aí conversei com o Halfeld a respeito de sua coleção geológica, dizendo-me ele que só para o lado do rio Grande é que começará a haver terrenos de transição e aluvião; contudo a assembléia provincial de Minas prometeu a prêmio de 20 contos a quem descobrisse carvão de pedra nesta província; podiam prometer o Potosi!

Falei-lhe no brejo, que lhe pertence, procurando sempre que minhas conversas tenham utilidade para esta localidade e província. Disse-me que há grandes enchentes do Paraibuna e pediu-me para ver mapas, que ele mandou para a secretaria do Império, dos rios confluentes do S. Francisco e especial parte deste rio, onde se despenha a cachoeira de Paulo Afonso.

O barão de Prados trouxe-me 3 vidros com folhas de café atacadas de praga e amanhã examinarei com ele esta questão. Depois, parti a cavalo para a colônia.

Perto desta estação acham-se as casas dos colonos que trabalham nas oficinas da companhia. Os caminhos coloniais de 1^a 2^a e 3^a são tão bons, que talvez bastassem quanto muito os de 2^a.

Os prazos em geral de 20.000 braças² por colono independente, foram vendidos a 25 réis a braça.

A cultura é na maior parte de horta, havendo contudo milharais, feijoais, e algum fumo, que prospera, podendo este gênero e talvez também a vinha assegurar um futuro brilhante à colônia.

As casas são ainda muito modestas, o que depõe a favor dos colonos. Há muitas derrubadas e os tiroleses apenas se estabeleceram em maio e junho do ano passado.

Entrei no terreno de um colono, que cria abelhas e ele disse-me que se julgava muito feliz, agradando-me o aspecto em geral dos colonos.

Amanhã verei as escolas que estão aqui perto e o hospital assim como a igreja, que devem existir.

Há um colono que tem um carrinho a cavalo e quase todos galinhas e a maior parte porcos.

O aspecto do que vi satisfez-me, porém desejava encontrar mais cultura, podendo talvez plantar-se café, posto que digam ser a terra fria. Sua cor denegria em muitos lugares; creio que prova sua bondade e talvez pudesse a agricultura prosperar.

As terras dos colonos começam nos vales, alguns dos quais muitos pitorescos e todos têm água, sendo a que bebi excelente.

Almocei numa linda floresta, onde abundam os palmitos e durante a comida e em outras ocasiões tocou a música alemã, achando-se os tiroleses uniformizados de blusa e com seus chapéus à Garibaldi e espingardas, sob o comando de outros dois em trajes verdadeiros tiroleses armados de sabre e um deles de calção e meia. Disseram-se de modo a crê-lo que um tinha no cinturão uma chapa onde se dizia que queriam prata e não dinheiro de papel. Deram tiros e vi um alvo furado e com a legenda liberdade. O reboiço de gente entre os palmitos era sobremodo agradável à vista.

Estive no cimo da montanha, para que olha esta casa e que se chama Alto do Imperador. Pode-se estudar daí parte da orografia ⁰⁰³ das duas províncias do Rio de Janeiro e Minas e o engenheiro da parte da estrada aquém do Paraíba, Keller [sic] ⁰⁰⁴ tinha traçado num círculo de papel, colocado nesse cimo, a direção das principais povoações das duas províncias, segundo seu rumo.

A folha que tirei deste livrinho mostra o que o tempo permitiu que eu riscasse nesse lugar, um dos mais grandiosos que tenho contemplado. Passaria aí toda a tarde até me restar o último raio de crepúsculo, já noite embaixo da montanha, se eu não andasse acompanhado.

Colhi um ramo, que coroava essa eminência. Olhei com o óculo que levava, também para o sol e apenas vi, assim como o Halfeld ⁰⁰⁵ e o Paula Cândido ⁰⁰⁶, 2 manchas, sem diferenças das ordinárias e hoje era o dia de lhe agarrarmos a cauda.

Pelo tempo da descida do cimo da montanha até o principio da subida da parte mais elevada, calculo que se anda a passo numa hora e, sendo a inclinação média de 1 para 10 terá esse caminho 0,1 de légua de 3.000 braças, tal qual avalei a olho, temos 30 braças de altura, que somadas à calculada desde o 2^o ponto de contagem, na base da parte mais elevada da montanha, segundo o tempo gasto de 40 minutos até esta casa e inclinação estimada de 1 para 32 dão 67 braças para a elevação da montanha sobre o terreno desta casa ou da cidade do Paraibuna.

O Lages ⁰⁰⁷ mostrou-me o lugar reservado para futura escola agrícola, assim como o Paula Cândido indica o alto do Imperador para edificação de uma casa de saúde! Os cimos dos morros não se destruirão.

Cheguei aqui às 5 e 5, e depois de descansar, tenho estado a falar com diversas pessoas, de sala e de porta, por não conhecer quem eram. Os pobres parecem-me aqui muito mais acomodados que os das províncias do Norte, ainda que não tenham o mesmo caráter expansivo.

Esta manhã queixou-se-me um pobre quase cego de que tem uma demanda de terras no supremo tribunal de justiça há 11 anos!

Vieram tiroleses cantar, que julgo serem os mesmos que já ouvi em Petrópolis e depois os colonos que passaram com archotes e deram vivas.

O padre Weber está aí, tendo vindo para administrar certos sacramentos aos colonos que não se entendiam, por causa do idioma, com o vigário, que todos os pobres conhecem e parecem elogiar.

São 10 horas. A música já estrondou perto da minha janela; tudo procura descansar.

Vou descansar um pouco mais hoje – às 5 recomeçarei esta lida que me tem fortificado muito.
Faz frio deveras e ainda não veio o termômetro, apesar do Halfeld prometê-lo esta manhã.

26 de junho de 1861

Acordei às 6. Li o último relatório do presidente de Minas e examinei a planta para arruamento da cidade, vendo no largo municipal uma fonte, que julgo existir só no papel.

Chegou o termômetro, a que se liga o higrômetro de Daniell e as 6h e 35 na janela indicava aquele 56° Fah; às 7 menos 7, 49° e às 7 e 4, 52°. Às 8 almocei, falei com o vigário, que se chama Tiago Mendes Ribeiro e estudou no colégio de Congonhas as humanidades e depois teologia moral, residindo nesta freguesia há 10 anos, primeiramente como coadjutor do finado vigário. Disseram-me hoje que ele jogava.

Pouco depois fui ver as parasitas, de que colhi algumas flores e verifiquei que não se enganam a respeito da qualidade dos granitos.

Não pude sair às 9 (a esta hora o termômetro apontava 59°) mas antes de 10 fui correr as oficinas de ferraria, onde há 5 forjas, de carros cujos cubos das rodas da invenção Croskill dão a estas muito mais duração sendo o carro apesar de grande e forte, tão leve que o puxei facilmente com uma mão; de serra movendo por meio de uma turbina 4 serras, 3 circulares e uma vertical de 3 folhas; de marcenaria, onde se fazia obra muito bem acabada para a casa do alto do outeiro e da correaria. Vi ferro fabricado em Minas cuja cor da fratura não indica muita resistência.

No armazém de objetos de couro havia selins finos de montaria até de senhora.

Visitei em seguida a olaria de tijolo e telha. Está regularmente montada. Uma máquina, que emprega 4 homens, faz 3.000 tijolos por dia, quando um homem pode fabricar 2 mil à mão; porém creio que os da máquina que saem furados, para secarem mais facilmente a economia de barro devem ser mais perfeitos. Há uma prensa para os feitos à mão que comprimem 2.000 por dia. As telhas são chatas, ou arqueadas levemente com rebordo lateral. Há 4 fornos um de 80 mil tijolos, outro de 60 mil e os outros dois de 20 mil cada um.

Depois fui à escola dos colonos, em que há promiscuidade de sexos, separando-se em duas repartições de principiantes e de já um pouco adiantado. Aprendem a ler, escrever a aritmética com o professor Glaeser e as meninas trabalhos de agulha com a mulher do professor, o qual parece-me inteligente. Os meninos lêem bem o alemão, porém o português, sem o entenderem e com sotaque alemão. Letra em geral má e pouco adiantamento em aritmética. A escola foi aberta em janeiro. O professor explica em alemão. No fim os alunos cantaram em coro. Frequentam a classe mais adiantada 40 meninos e 18 meninas e a outra 44 daqueles e 24 destas. Nas escolas da cidade os meninos são 20 e tantas e as meninas 30 e tantas, não estando em dia a escrituração da matrícula.

Às 2 menos 17 estava de volta e o termômetro à sombra, dentro de casa, indicava 65°.

Li depois os jornais até chegar o Barão de Prados, que me mostrou o inseto que ataca as folhas do cafezeiro, em seus principais estados. Levo as specimina, que evitam uma descrição. O inseto só ataca a parte sã das folhas e portanto as que caírem raras vezes, se não em caso algum, terão o germe reprodutor, sendo portanto improficuo o remédio indicado pela comissão, esperando o Barão que a praga desapareça de todo se a temperatura baixa até 6° Reaumur.

Depois do jantar falei com o Halfeld, que me trouxe as notas, que junto, e o traço da estrada de Barbacena até à barra do rio das Velhas. Prometeu-me uma cópia da planta da cidade de Paraibuna e deste Município.

Das 4 até às 6 conversei com o Lages a respeito da administração da Companhia e depois com o Presidente da Província sobre negócios, que esta interessam, dizendo-me ele que a Província não tem dívida e há 150 contos em cofre.

Vieram visitas e os meninos do colégio Roussin que cantarolaram um hino e beijaram-me a mão.

O presidente da Câmara José Capistrano Barbosa prometeu-me uma memória a respeito deste Município.

Há pouco estive com o Paula Cândido observando o higrômetro de Daniell e obtivemos este resultado, em que ambos não confiamos: 8h ½ – Pressão = 0,542 polegadas de mercúrio; peso em pé cúbico de ar 5.950 graus expansão 1,127; 8 e 40 – Pressão 0,560 p.^a de mercúrio peso etc 6.126; expansão 1.129.

Esta manhã um colono queixou-se de seu estado deplorável apesar de ter uma Colônia e disse-me que trabalhara 8 dias na obra da casa do alto do outeiro.

Antes de chegar a casa também estive na botica, cuja balança acha-se toda cheia de azinhavre e com o fiel torto, não tendo o boticário, que serve igualmente de enfermeiro e de médico e cirurgião, nenhuma carta e segui para o cemitério, num alto, que há de ficar bonito depois de crescidas as árvores que aí plantaram, serve para católicos e protestantes, separadas suas sepulturas pelo seguimento da rua da entrada.

10 ¼ – Saio amanhã às 5 e levarei mais tempo para ver bem as diversas obras da estrada.

Dói-me a nuca e preciso descansar.

Tenho passado excelentemente de saúde; mas eu não poderia continuar nesta roda-viva por muito tempo.

Vai comigo um pedaço de ferro de Minas da fábrica de Monlevade.

O Halfeld disse-me que o frio já tem chegado a 28° Fah e o calor excede de 84.

27 de junho de 1861

Acordei às 4 ½ e parti às 5. Nada de notável houve durante a viagem a não ser o que vou referir.

Almocei na fazenda da Cachoeira, do filho do barão de Piabanha ⁰⁰⁸, em terras da fazenda deste, chamada Serraria. É de café, mas por ora ocupa-se principalmente com o fabrico de cal, de cuja pedra, muito abundante, levo amostras por calcinar e calcinada. O forno é de 1.800 alqueires, faz uma fornada por mês, durando o fogo 4 ½ dias. Há bastante lenha para queimar. O Barão disse-me que, voltando ao Rio, achou seus cafezais mais atacados de praga.

Do Paraíba até Posse senti muito calor.

Li durante a viagem dois jornais do Comércio e 3 capítulos do Arcebispo. Não apareceram muitos pobres nos lugares de parada.

Cheguei a Petrópolis às 8.

Não vi o cometa que deve observar-se depois do pôr-do-sol.

Esquecia-me de dizer que o cobertor que me serviu na estação do Juiz de Fora é de lã tosquiada em Minas e aí preparada.

Observações meteorológicas em Petrópolis

	Term. Far.	Bar.	Higr.
	7' – 55°	7' – 697,90	7' – 63
3	1 ^t – 58°	1 ^t – 695,56	1 ^t – 66
	5 ^t – 60°	5 ^t – 697,85	5 ^t – 64
	– 56,5	– 695,80	– 63,5
4	– 60,0	– 595,56	– 66,0
	– 62,5	– 697,85	– 64,0
	– 56,0	– 697,80	– 67,0
5	– 60,5	– 697,90	– 68,0
	– 62,5	– 698,50	– 73,0
	– 58,0	– 699,50	– 66,0
6	– 60,5	– 698,65	– 65,0
	– 62,0	– id.	– id.
	– 58,5	– 699,50	– 66,5
7	– 64,0	– 698,10	– 63,0
	– 62,0	– 697,45	– 67,0

Esqueci-me dizer que na estação de Paraibuna há uma balança para pesar os carros e que achava-se aí uma diligência sem gente mas com as bagagens pesava 2950 libras.

VOLUME 9

31/12/1861 a 05/01/1862

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

31 de dezembro de 1861

Começo este trabalho só agora, porque a experiência dificilmente se aproveita, e dos anos que vivi há muitos sucessos, que apenas à memória própria devia confiar, mesmo para ela felizmente esquecê-los. Além disto a mocidade rouba muito tempo, ainda que este não me sobre para principiar amanhã um diário de minha vida, cuja parte que pertence ao público fica aliás registrada nos períodos e a particular é bastante monótona. Por isso muito resumido serei, esforçando-me contudo por não omitir o que parecer de importância. Tinha apontamentos dos anos passados; mas julguei acertado queimá-los ⁰⁰¹.

Pouco direi do individuo. Tenho espírito justiceiro, e entendo que o amor deve seguir estes graus de preferência: Deus, humanidade, pátria, família e individuo. Sou dotado de algum talento; mas o que sei devo-o sobretudo à minha aplicação, sendo o estudo, a leitura e a educação de minhas filhas, que amo extremosamente, meus principais divertimentos. Louvam minha liberdade; mas não sei por quê; com pouco me contento, e tenho oitocentos contos por ano.

Nasci para consagrar-me às letras e às ciências, e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da República ou ministro à de imperador. Se ao menos meu Pai imperasse ainda estaria eu há 11 anos com assento no Senado ⁰⁰² e teria viajado pelo mundo.

Jurei a Constituição; mas ainda que não a jurasse seria ela para mim uma segunda religião.

Procuro cumprir meus deveres de monarca constitucional, e regulo meu procedimento pelos princípios seguintes: Os atos do poder moderador não admitem responsabilidade legal; mas, carecendo às vezes de defesa, os ministros que entenderem não poder fazê-lo têm direito de retirar-se. Estes atos não têm referenda obrigada.

Sobre os atos do poder executivo tem o imperador, como chefe desse poder, inteira inspeção, podendo manifestar sempre a sua opinião com toda a liberdade de exigir dos ministros. Deve ter todo o escrúpulo em insistir em sua opinião para evitar os males da subserviência e desgostos da parte dos ministros. Cumpre ao monarca ser franco para com os ministros; mas fora das ocasiões em que se resolvam os negócios, deve ser o mais reservado possível, ouvindo contudo a todos, e procurando esclarecer por todos os modos convenientes o seu juízo. A respeito do conceito, que forme o monarca dos individuos, todo o escrúpulo é pouco, e deve lembrar-se sempre de que os ministros desculpam-se as mais vezes com a opinião dele, ou que lhe imputam, quando se acham empenhados interesses individuais.

Não sou de nenhum dos partidos para que todos apóiem nossas instituições; apenas os modero, como permitem as circunstâncias, julgando-os até indispensáveis para o regular andamento do sistema constitucional, quando, como verdadeiros partidos e não facções, respeitam o que é justo.

Não tenho tido, nem tenho validos, caprichando mesmo em evitar qualquer acusação a tal respeito, sobretudo quando a validas. Dizem que por esse nimio escrúpulo não poderei criar amigos; melhor, não os terei falsos quando os haja granjeado.

Não posso admitir favor diferente de justiça; pois que a não ser injustiça é ignorância de justiça; a balança da justiça não se pode conservar tão ouro-fio que não penda mais para um lado. Também entendo que despesa inútil é furto à Nação, e só o poder legislativo é competente para decidir dessa utilidade. A nossa principal necessidade política é a liberdade de eleição; sem esta e a de imprensa não há sistema constitucional na realidade, e o ministério que transgrede ou consente na transgressão deste princípio é o maior inimigo do Estado e da monarquia. Minhas idéias a respeito das eleições e da imprensa do governo acham-se num papel que tem o presidente do Conselho.

Leio constantemente todos os periódicos da Corte e das províncias os que, pelos extratos que deles se fazem, me parecem mais interessantes. A tribuna e a imprensa são os melhores informantes do monarca.

Acho muito prejudicial ao serviço da Nação a mudança repetida de ministros; o que sempre procuro evitar, e menos se daria se as eleições fossem feitas como desejo; a opinião se firmaria, e o procedimento dos ministros se mais conforme seus deveres, reputando eu um dos nossos grandes males a falta geral de responsabilidade efetiva.

Sobre grande número das leis promulgadas, e de que se tem falado como necessárias, existe a minha opinião escrita em papéis, que tem o presidente do Conselho ⁰⁰³; mas sempre direi aqui que fui sempre partidário da eleição por círculos, e me opus fortemente aos círculos de mais de um; que igual oposição fiz à lei relativa à nacionalidade dos filhos menores de estrangeiros, sendo aqueles nascidos no Brasil; que não aprovei a lei sobre o casamento dos católicos, mas a proposta do governo, e que entendo ser indispensável a dispensa do serviço ativo da Guarda Nacional. Menor centralização administrativa também é urgente, assim como melhor divisão das rendas geral, provincial e municipal, convindo vigorar este último elemento.

Nunca entendi a conciliação como a quiseram deturpar; a minha política sempre foi a da justiça em toda a latitude da palavra, isto é, da razão livre de paixões, tanto quanto os homens a podem alcançar.

Confesso que em 21 anos muito mais se poderia ter feito; mas sempre tive o prazer de ver os efeitos benéficos de 11 anos de paz interna devidos à boa índole dos brasileiros, e viveria inteiramente tranqüilo em minha consciência se meu coração já fosse um pouco mais velho do que eu; contudo respeito e estimo sinceramente minha mulher; cujas qualidades constitutivas do caráter individual são excelentes.

1 de janeiro de 1862 - Nada houve de notável além da cerimônia da colocação da 1ª pedra no baseamento da estátua de meu Pai. A estátua agradou-me muito, apesar de vista de perto. É colossal, e muito semelhante, segundo dizem os que conheceram meu Pai, ainda que, julgando pelos retratos, não me parece exato o perfil, e a ponta do nariz se me afigura chata demais. A posição a cavalo não pode ser mais natural.

Os artigos de fundo Mercantil e do Diário suscitaram-me as seguintes declarações: Sempre procuro que os negócios se resolvam pela maioria dos ministros, cujos votos desenvolvidos provoco, quando é preciso para sua maior clareza, e ainda há dias se venceu por maioria de 4 contra meu parecer e do Caxias, Sousa Ramos e Saião Lobato ⁰⁰⁴ que não se criasse uma folha oficial, suprimida nas circunstâncias atuais qualquer outra despesa com a imprensa do governo.

O cepticismo ou indiferentismo nunca foi a minha política, e todas as medidas e providências, que tenho lembrado e lembro por escrito ou de viva voz, entre as quais sempre sobressaiu a reforma judiciária para a separação das atribuições judiciárias das policiais, e segurança da liberdade individual, provam a minha asserção, não me descuidando também de chamar a atenção do governo para quaisquer abusos que me constem.

Depois da guerra contra Rosas sempre fui partidário da abstenção do Brasil nos negócios do Prata, sem prejuízo da honra nacional e dos interesses brasileiros, e bem me opus à ocupação de Montevidéu pelas tropas do Brasil, ainda que houvesse pedido o governo oriental.

Protesto contra qualquer idéia de anexação de território estrangeiro ou sua mudança de sistema de governo como injusta, e altamente prejudicial ao Brasil.

Com efeito tem havido versatilidade de opinião nos ministros; mas as circunstâncias do país têm concorrido para isso, e os que não se amoldam a elas creio que não realizariam a política de moderação, que facilitou os benéficos efeitos da índole dos brasileiros, a que devemos tantos anos de paz interna. Esta doce experiência há de permitir a tão justamente desejada reorganização dos partidos, conforme os exige o nosso sistema político, que quer o progresso; mas seguro. Haja eleições, como elas devem ser, e portanto todas as suas conseqüências, e o Brasil terá certo o seu futuro e o monarca dias serenos.

Não sou partidário de pena capital, mas o estado de nossa sociedade ainda não a dispensa, e ela existe na lei; contudo, usando de uma das atribuições do poder moderador, comuto-a, sempre que há circunstâncias que o permitam, e, para melhor realização deste pensamento, é sempre ouvida a Seção de Justiça do Conselho de Estado sobre os recursos de graça, consultando ela nesse sentido. A idéia de consulta da Seção para esse fim foi minha.

2 de janeiro de 1862 - Nada houve de notável. Falarei ainda um pouco de minhas idéias administrativas. Entendo que o melhor emprego do dinheiro é o dos meios de comunicação. A colonização estrangeira e nacional é também de urgente

necessidade, e o que penso sobre o melhor sistema de colonização acha-se escrito nos papéis, de que tenho falado. Muito tenho pugnado pela criação de agentes de colonização de paga certa.

Dói-me ver como são desaproveitados os bens das ordens religiosas, e aprovando as idéias contidas no relatório do Nabuco ⁰⁰⁵, para que o valor de parte desses bens sirva para educação do clero secular, oponho-me à entrada de noviços e noviças, a fim de que as ordens vão se extingüindo. O Ato Adicional é grande embaraço para conveniente uniformidade do ensino público; porém muito devem fazer os presidentes. O ensino deve ser inteiramente secular, com a exceção do religioso; mas livre, ainda que sujeito à inspeção da autoridade. Seria útil a criação de uma universidade na Corte, conservando as escolas superiores das províncias.

Não sou contrário à instrução religiosa e missão de padres estrangeiros, sob a vigilante inspeção dos bispos e do governo, enquanto não se habilitam padres nacionais.

O instituto das irmãs de caridade é excelente em todos os officios próprios de seu nome; cumprindo coarctar a sua tendência a estender sua influência além desses limites. Deveria existir aqui uma direção independente da de Paris, como eu e José Clemente quisemos desde o princípio e este tinha esperanças de conseguir, segundo ele me disse quando para virem as irmãs de caridade, e assim têm elas procurado estender seu predomínio. Tenho seguido seus passos, e advertido os provedores da Misericórdia, sendo o Camilo Faro ⁰⁰⁶ quem mostrou energia.

A agricultura reclama toda a atenção dos poderes do Estado, carecendo principalmente de vias de comunicação. Alguns dos melhoramentos se podem generalizar na cultura das terras, e a criação de escolas práticas facilitando ao mesmo tempo aos fazendeiros em mais adequadas circunstâncias a aquisição de agricultores entendidos no emprego dos mais úteis processos, assim como dos instrumentos precisos, trará esse benéfico resultado. Há anos que se poderia ter feito isso; mas tudo marcha entre nós de modo desanimador, apesar de eu empregar todos esforços que posso na minha posição de monarca constitucional. Deste livro constará a data em que tiver lembrado o que me parecer útil ao país.

3 de janeiro de 1862 - Fui hoje à fábrica de armas na Conceição. A casa de armas ainda não tem livro de entrada e saída como oficina do Arsenal de Guerra. Há diversas máquinas trabalhando; mas as principais ainda não estão montadas apesar de chegadas há muitos meses e outras ainda se não lhes applicou o motor que é uma máquina de vapor de força de 6 cavalos. Uma espingarda de espoleta faz-se em 3 dias e por 30\$000; uma pistola por 12\$500. Transforma-se uma espingarda de pederneira em fulminante por 4\$140, termo médio; mas se há acabamento como dizem, isto é, conserto, sobe a 6\$000. Há uma escola para os aprendizes freqüentada, durante 2 horas por dia, por 15 alunos. Escrevem mal, e apenas um reparte. A fortaleza está em ruínas e há peças cujo ferro se está estragando de todo. Existem 8 pretos no serviço, um escravo da nação e 7 africanos livres.

Nada mais houve digno de escrever.

Quero que também fique neste livro registrada minha opinião sobre a questão bancária. Entendo que houve abuso de crédito. Quando se tratou do projeto do Sales ⁰⁰⁷ em Conselho de Ministros, defendi os direitos do Banco do Brasil adquiridos por um contrato. Opus-me às emendas da Comissão do Senado ao projeto primitivo do Ferraz ⁰⁰⁸, apresentando até como razão de minha aquiescência ao projeto Sales, depois das observações a que já me referi sobre os direitos do Banco do Brasil, a dispensa em que este ficava no resgate das notas. A inteligência que o Paranhos ⁰⁰⁹ seguiu pareceu-me política, e conforma-se à minha opinião desde que se principiou a tratar de restrições ao crédito exagerado; mas não está de acordo nem com o espírito nem com a letra da lei; ainda que fosse defendida com muita habilidade.

4 de janeiro de 1862 - No despacho nada houve de notável. Antes dele recomendei ao Presidente do Conselho que, visto não ter passado a criação da folha oficial, me apresentasse conta circunstanciada do que se despendesse com a imprensa do governo.

5 de janeiro de 1862 - Cheguei hoje a Petrópolis às 10 horas da manhã. Na barca o Paranhos disse-me que pretendia propor a regularização dos créditos. Inclina-se à extinção dos créditos suplementares e extraordinários, e a que a passagem de uma verba para outra, assim como a distribuição do crédito votado no orçamento para cada verba, se faça por decreto. Falou-me na vantagem dos comandantes de navios de guerra serem nomeados por decreto. O Sousa Ramos além de reforma

municipal trata da administrativa, que pediu ao Jequitinhonha ⁰¹⁰ para estudar, e da do Conselho de Estado a que não se inclina por ora como o Olinda ⁰¹¹, a quem ouviu.

Em Petrópolis choveu nos dias (o dia compreende o tempo em que está fora e à noite) 6, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31 de dezembro. O termômetro de Farenheit e o higrômetro indicaram o p° no dia 1° deste mês às 7^m 68 - 1° - 72° - 5° - 78 - e o segundo 96° - 95 - 94,5; a 2 - 70° - 72,5° - 74° = 97° - 97° - 95°; a 3 - 70° - 74,5° - 76° = 98° - 96° - 94°; a 4 - 72°,5 - 74° - 78° = 96° - 95° - 93°; a 5 - 72°,5 = 96°.

A 2 choveu, durante o dia até 5 da tarde, 23^{mm}, e a 3, durante o dia até 7h^m de 4,12^{mm}.

Pretendo distribuir assim o tempo. Acordar às 6, e até às 7 grego ou hebraico; passeio até 8 ou 8 ½, e desde então até 10 grego ou hebraico. 10h almoço. De meio-dia às 4 exceto 3^{as} e 5^{as} em que será até às 3, exame de negócios, ou estudo. Jantar, e às 5 ½ passeio. Das 9 às 11 escrita deste livro; depois dormir.

Assisto às lições do Sapucaí ⁰¹² de inglês e de alemão dadas a minhas filhas. Nas 2^{as} feiras lerei a elas Barros ⁰¹³ das 7 ½ às 8 da noite; 3^{as} Lusiadas, das 10 ½ às 11 da manhã; das 3 às 4 dar-lhes-ei lição de matemáticas, e latim com elas das 7 às 8 da noite; 4^{as}, latim com minhas filhas das 10 ½ às 11; 5^{as}, Lusiadas das 10 ½ às 11; explicarei a minhas filhas a física de Gannot das 3 às 4, e latim com elas das 7 ½ às 8 da noite e nas 6^{as} latim com minhas filhas das 10 ½ às 11, e Barros das 7 às 8 da noite. Domingos e dias santos leitura de Lucena ⁰¹⁴, durante uma hora, e meia hora de leitura do Jardim das raízes gregas à noite. O tempo que não tem emprego será ocupado com leitura, conversa ou recebimento de visitas. Nas 4^{as} à noite tenho ministro, e quando puder é que lerei Barros das 7 ½ às 8. A afluência de negócios ou visitas que não possam esperar é provável que transformem muitas vezes esta distribuição do tempo.

6 de janeiro de 1862 - Ontem de noite houve grande enchente. Subiu três palmos acima da parte da Rua do Imperador do lado da Renânia; acordou o Câmara [sic], e um homem caiu no canal devendo a vida a saber nadar e aos socorros que lhe prestaram. Conversei hoje com o engenheiro do distrito; pouco se fez do ano passado para cá. Os estragos que fez a enchente levaram 2 meses a reparar segundo me disse o engenheiro. Falei-lhe sobre a vantagem de introduzir na colônia a cultura da amoreira e criação do bicho-da-seda.

7 de janeiro de 1862 - Nada de notável. Escrevi ao Manuel Felizardo ⁰¹⁵ recomendando ainda mais uma vez que se trate de segurar o Morro do Castelo como propôs uma comissão de engenheiros de que faziam parte Law, Neate e Ginty.

Receio muito que haja alguma desgraça com esta chuva.

8 de janeiro de 1862 - Fui ao hospital esta manhã. A água na noite de 5 chegou à altura de 3 palmos no andar térreo. É mau local para hospital. Na noite de 5 choveu 161^{mm} de pluviômetro. Veio Manuel Felizardo para despacho. Nada houve de importante no despacho. Estão dadas todas as providências para evitar desastres provenientes de desabamentos do Morro do Castelo. O Manuel Felizardo parece mais inclinado ao arrasamento e não ter lido o parecer sobre a sustentação da parte do Morro do Castelo que, há tanto, ameaça cair.

09 de janeiro de 1862 - Nada de notável. Há um artigo do Diário sobre Itapura que me faz registrar aqui que me opus à nomeação do atual diretor, por cujo bom procedimento o ministro da Marinha ⁰¹⁶ disse que respondia. Também não me pareceu justa a não promoção do ex-diretor da colônia o 1° tenente da armada Antônio Mariano de Azevedo. Sinto que se façam tantas coisas feitas mal, mas eu sempre me oponho a elas.

10 de janeiro de 1862 - Nada, só muita tristeza ainda que seja preciso mostrar cara alegre. Muitas coisas me desgostam; mas não posso logo remediá-las e isso aflige-me profundamente. Se ao menos eu pudesse fazer constar geralmente como penso! Mas para quê, se tão poucos acreditariam nos embaraços que encontro para que eu faça o que julgo acertado! Há muita falta de zelo e o amor da pátria só é uma palavra para a maior parte! Ver onde está o bem, e não poder concorrer para ele senão lentamente, burlando-se muitas vezes os próprios esforços, é um verdadeiro tormento de Tântalo para o soberano que tem consciência; mas a resignação é indispensável para que a influência do soberano vá

produzindo sem abalos, sempre maus, seus efeitos desinteressados do que não seja bem público, alvo necessário do monarca constitucional.

11 de janeiro de 1862 - Nada houve de notável. Um projeto de lei sobre apontamentos e acumulações de vencimentos está por discutir há mais de mês apesar de minhas recomendações. Aproxima-se o tempo dos relatórios e há diversos projetos de lei que discutir. Não sei como os ministros distribuem o tempo.

Constou-me hoje que meu cunhado, o ex-regente de Portugal ⁰¹⁷, não retribui como eu julgava a sincera amizade que lhe consagro há tantos anos. A carta que ele me escreveu, quando lhe morreram os dois filhos ⁰¹⁸, não pode ser mais de amigo exprimindo-se até deste modo – “Deus te conserve meu Pedro” – e por isso hei de examinar com todo o cuidado o fundamento de semelhante notícia. Contudo muito me aflige esta desconfiança e se converter em certeza que novo desengano da felicidade deste mundo! Ao menos fica-me o consolo de ser amigo como se pode ser de meu cunhado. A vida se vai assim desflorando e o que me vale é a paixão do estudo.

Esteve cá o Mauá ⁰¹⁹, que me disse que o Berro ⁰²⁰ tinha bastante força para manter a tranqüilidade no Estado Oriental, [ilegível] os Colorados, dos quais grande parte estão contentes com a política do Berro, como lhe disse que o estava o pai do Lamas, aliás emigrado no Rosário, se o Flores ⁰²¹ não for auxiliado por forças de Buenos Aires, o que será possível, embora Mitre ⁰²² dissesse ao Rosário a ele Mauá que não perturbaria o sossego do Estado Oriental; pois também prometera não acometer Urquiza e todavia as últimas notícias contradizem essa promessa. Disse-me que a província do Rio Grande ia prosperando, cumprindo cuidar de remover os embaraços da navegação interna. É partidário do porto artificial nas Torres, que se deve começar desde já, se há certeza de que a obra não importará em mais de 3 mil contos, ligando-se esse porto a Porto Alegre por meio de uma estrada de ferro, que não julga vantajosa entre aquela cidade e o porto de Santa Catarina, por causa da distância e natureza dos gêneros que há a transportar.

12 de janeiro de 1862 - Nada houve de notável. Recomendei ao superintendente Marques Lisboa ⁰²³ que estudasse a questão da introdução da cultura da amoreira e a criação do bicho-da-seda em Petrópolis.

13 de janeiro de 1862 - Nada de notável. Esteve cá o Bulhões ⁰²⁴ que me disse que a serra estaria toda macadamizada daqui a 40 dias, e a pedra que existe de meia serra para baixo não é de primeira, tendo deixado de empregar a da outra metade pela pressa da obra. Há três cilindros em atividade, e o Bulhões diz que dão bom resultado ainda que não igual ao que se alcança em declives mais doces. A macadamização de pior pedra assevera o Bulhões que está para anos. Vão estabelecer 16 conservadores com um cabo na serra. Escrevi algumas reflexões sobre o projeto de novo plano de estudos para o colégio de Pedro 2º; amanhã as copiarei neste livro.

14 de janeiro de 1862 - Nada. Quero ainda rever as reflexões antes de transcrevê-las neste livro.

15 de janeiro de 1862 - Vim a S. Cristóvão. Disse ao Caxias que se houvesse necessidade despacharia com algum ou aqueles que o quisessem esta tarde. Não veio nenhum, e contudo há tanto que fazer! É verdade que podem ter discutido em conferência os diversos projetos de lei entre mãos [sic] e os mais negócios; mas quando são apresentados em despacho ainda há às vezes tanto que examinar. Verei até principiarem o trabalho dos relatórios o que se tem feito. É preciso pensar; mas também entre nós há pouca atividade. O lugar de ministro é de sacrifício; mas a glória se adquire a quem serviu com zelo!

16 de janeiro de 1862 - Escrevi ao ministro da justiça ⁰²⁵ sobre os negócios de São Paulo de que fala o Mercantil de hoje e constam numa carta do juiz de Direito Tavares Bastos, que seu filho ⁰²⁶ me confiou ontem ⁰²⁷. Recomendei que houvesse inteira justiça e zelo em fazê-la da parte do presidente da província ⁰²⁸.

O Jacobina ⁰²⁹ pretende organizar uma companhia, em que espera entrará a casa dos Rothschilds, para arrasar o Morro do Castelo. Disse-lhe que não concordava em tal idéia senão no caso de tal obra ser indispensável para segurança de parte dos habitantes da cidade, ou não haver companhia que só empreenda as obras precisas para impedir os desabamentos, sendo preciso considerar nesta segunda hipótese se não conviria mais empreender o estado as obras de segurança podendo

assim alcançar que o maior capital necessário para arrasar o morro tenha emprego mais lucrativo para a Nação. Aconselhei-lhe também que se ocupasse de preferência dos melhoramentos agrícolas de que pode dar tão útil exemplo, a casa imperial; mas ele espera lucrar com a empresa e ainda mais com outras, em que, bem-sucedida a do arrasamento do Morro do Castelo, possa ele fazer entrar a casa Rothschild ⁰³⁰.

Esteve cá antes do jantar o Caxias. Conversamos sobre os negócios de São Paulo, tendo o filho do Tavares Bastos ido à casa dele. Não creê que o inspetor da tesouraria Hipólito Soares de Sousa tenha dito que as pancadas dadas no juiz de direito Costa Carvalho foram poucas, segundo li na carta do Tavares Bastos; mas não pode deixar de reprovar o procedimento do grupo conservador exaltado de São Paulo. Falou-me o Caxias a respeito dos artigos do Cévola; mas eu disse que à imprensa se respondia com a imprensa, porém que ele fizesse o que entendesse; pois que não vi que estivesse disposto a deixar de pedir à redação do Jornal do Comércio que cortasse certos trechos, que parecessem mais inconvenientes, dos artigos. Creio que faz mal, e Deus queira que não se lembrem de combater o Cévola por outro meio, que é o melhor para provocar novos Cévolas famintos ⁰³¹. Já se tem discutido em conferência o projeto da reforma da lei da Guarda Nacional.

De tarde veio o ministro da Justiça. Leu-me o aviso que pretende expedir ao presidente de São Paulo. Reparando eu em que os principais conservadores de aqui não tenham recomendado prudência a seus correligionários das províncias, respondeu-me que eles estavam arredios talvez porque não aprovaram a política seguida, e que até ficaram descontentes por ter ele nomeado para juizes de direito de Santos e de Iguape e Espiridião de Barros Pimentel e Hugolino de Freitas e Albuquerque. Queixou-se-me de que as pessoas, a quem ele tão desinteressada e zelosamente defendera na imprensa, recusem-lhe agora igual serviço. É o Rocha ⁰³² que defende o ministério nos comunicados do Jornal por 400\$000 por mês e o Saião acrescentou que reconhecia que faltava ao Rocha a principal condição para defensor eficaz que é o bom conceito.

Cada vez mais acho precisa a folha oficial e depois que souber todas as despesas que se fazem com a defesa do ministério na imprensa hei de trabalhar novamente para que se efetive a criação da folha. O Saião contou-me que Eusébio ⁰³³ escrevera ao genro sobre a apuração das atas da eleição provincial do círculo da capital feita pela respectiva Câmara Municipal, e que ele respondera não ter tido a menor parte em tal ato; mas então perguntei eu por que os conservadores dignos desse nome não se separam do grupo dos exaltados de seu partido? Por causa das eleições, replica ele, e eis como em geral se entende a política entre nós, que vem a ser quase a arte de achar meios de coonestar injustiças e tudo o que abrange tal expressão.

Reflexões que pretendo entregar ao ministro do Império sobre o projeto de reforma de plano de estudos do Colégio de Pedro 2°:

A falta de zelo; a falta de sentimento do dever é nosso primeiro defeito moral. Força é contudo aceitar suas conseqüências procurando aliás destruir esse mal que nos vai tornando tão fracos. Por isso concordo em que se estuda demais no Colégio de Pedro 2°, e se fez o ensaio da divisão do curso em 2, segundo as idéias que então vogavam em França da bifurcação, como diziam, dos estudos secundários, para diminuir os anos do curso para os que não quisessem seguir as carreiras literárias, evitando assim que se reduzisse para os outros o número de matérias de estudos que se julgavam necessárias. Semelhante ensaio não serviu senão para perturbar a distribuição por anos do curso completo, e portanto, sou inteiramente de parecer que se volte à idéia da criação dos estudos do colégio.

Prescindindo do que as experiências dos reitores ⁰³⁴ possa opor com razão às tabelas do Calógeras ⁰³⁵ acho-as preferíveis às apresentadas por aqueles pelos seguintes motivos: as matemáticas elementares são indispensáveis a todas as classes que cursam o ensino secundário, e o começo desse estudo no 2° ano quando os meninos não têm esquecido os princípios de aritmética que aprenderam fora do colégio, estendendo-se até o 5° ano inclusive, parece-me bem distribuído. A cosmografia aprende-se, conforme o plano do Calógeras, no mesmo ano que a estereometria, tendo os alunos dado já a geometria plana quando os reitores propõem o estudo da cosmografia sem que tenha precedido a menor idéia de geometria. Enfim o ensino da História Antiga e da Idade Média efetua-se convenientemente. As horas de lição por dia são muito poucas nas tabelas dos reitores, mostrando o trabalho do Calógeras que seu plano reduz ainda as horas em relação aos planos de 1838, principalmente, de 1841 e de 1842. Não acho precisos 4 anos para estudo de francês, como lembra o inspetor-geral ⁰³⁶. As ciências naturais contrariamente à opinião do mesmo inspetor devem ser ensinadas por 2 professores. Hão de expor apenas os princípios dessas ciências; mas devem fazê-lo com toda a exatidão e clareza, para o que é preciso saber essas matérias, e

custará a achar no mesmo individuo os conhecimentos precisos para dar essas noções de física, química e de história natural; pois que são ramos das ciências naturais muito separados.

A vantagem de remunerar devidamente os professores sem aumento de despesa levou o governo a torná-los comuns ao internato e ao externato, perdendo assim a emulação entre os professores dos dois estabelecimentos e ficando o corpo ensinante com duas cabeças, como diz o Dr. Pacheco, isto é com dois reitores, o que é muito prejudicial.

O ensino de uma matéria por mais de um professor é pouco eficaz, e o atraso no latim explica-se pela diferença no modo de ensinar dos diversos professores dessa língua durante seu curso completo.

As reflexões sobre diversos artigos da reforma do regulamento eu as farei desde já vocalmente, aguardando o trabalho que o inspetor-geral julga necessário que seja apresentado pelos reitores para melhor manifestar minha opinião sobre todas as mudanças propostas ao que rege agora o colégio.

O número dos alunos em alguns anos cresce muito e o aumento do número dos professores em tal caso é indispensável. Esta medida reunida a uma rigorosa inspeção dos reitores sobre o ensino dos professores, promovendo com todo o zelo o cumprimento do dever da parte destes, é para mim a melhor reforma do plano de estudos, sabendo eu por experiência quanto varia o efeito do tempo de ensino em relação ao professor. Os do colégio têm habilitações, mas a maior parte não ensina com o necessário zelo. O inspetor-geral deve ter muito debaixo de suas vistas os dois estabelecimentos, e visitá-los amiúde para apreciar devidamente o modo por que lecionam geralmente os professores e se faz o estudo; sendo de grande utilidade o número preciso de repetidores. Os reitores são muito diligentes; mas nem sempre estarão de acordo sobre o que convenha ao ensino e além disto a intervenção do inspetor-geral dá-lhes muita força para coibir os abusos.

17 de janeiro de 1862 - Fui à exposição. Pensei que já estavam escolhidos os objetos que devem ir para Londres mas ainda não os aprontaram senão para estudo.

À tarde estive cá o ministro do Império ⁰³⁷ com quem conversei longamente sobre diversos negócios de sua repartição. Ainda não estudou da reforma do regulamento do Colégio de Pedro 2º senão o plano de estudos. Entreguei-lhe as minhas reflexões com que ele parece não concordar inclinando-se mais às opiniões dos reitores e do inspetor-geral, mas ficou de conferenciar com eles e o Calógeras. Falamos de política geral e ele concorda comigo em que não há partidos que distingam pelas idéias cuidando o grupo exaltado dos liberais de angariarem prosélitos do que os conservadores [*sic*] cujas idéias quase que são as mesmas que as da maioria dos liberais. Propôs que o ex-secretário de Minas, Couto Magalhães ⁰³⁸ e o José Baltasar Abreu Cardoso Sodré como aptos para presidentes, mas os outros ministros objetaram o haverem pertencido ao lado liberal, e talvez assim alienem o Couto Magalhães que tenho na conta de moço distinto por sua inteligência. Sempre me pareceu esta política muito mesquinha; quando não se acoroçoem apostasias creio que é muito prejudicial à causa pública. O projeto de lei de aposentadorias e acumulações ainda não se discutiu, e o ministro do Império entende que certos lugares não são bem preenchidos por causa das acumulações, além de que entendo que cumpre fazer quando possível justiça ao merecimento de todos os que o tiverem.

18 de janeiro de 1862 - Concordo com o que o Mercantil diz a respeito da imprensa, e creio que faz justiça a meus sentimentos. No despacho não se tratou de negócios da maior importância. Opus-me à opinião da seção do Império que entende que à vista dos estatutos dos cursos jurídicos e escolas de medicina pode o governo mandar proceder a novo concurso quando os propostos não o forem em número de três: provém prevaleceu o parecer da seção sendo acordes comigo o Taques ⁰³⁹, e o Paranhos e Saião, que aliás o ministro do Império supunha, pelo que passou na conferência, a que não assistiu o Taques, que pensavam como ele. Tais fatos se repetem e mesmo em negócios de mais importância deixam suas opiniões indecisas, a não serem de sua respectiva repartição, quando não provoque eu uma declaração. O ministro da Justiça propôs a anulação de um decreto que nomeava juiz municipal fulano de tal Piauilino; porque depois de assinado o decreto – felizmente não se publicou – achou na secretaria as mais desfavoráveis informações a respeito desse bacharel. Quando o propus para juiz municipal eu disse que era bom informar-se, e o ministro no despacho seguinte trouxe o decreto. Lembrei a conveniência de indagar sempre na secretaria quais as notas que haja a respeito dos pretendentes a lugares de justiça. O Saião [*tem*] espírito justiceiro mas às vezes não se previne cabalmente dos que lhe prestam informações.

Propus José Joaquim de Lima e Silva ⁰⁴⁰ para coronel comandante do 1º batalhão de Guarda Nacional na Corte. O Caxias mostrou desaproveitar a idéia e disse ao Saião que não contasse com ele para que seu irmão, a quem se consultara, aceite. O ministro dos Estrangeiros é quem dá mais para pagamento da imprensa. Tenho apontamentos do que despenderam os diversos ministérios desde o princípio desta administração até agora. Estranhei que o Correio da Tarde ⁰⁴¹ que recebe a maior parte dessa despesa escrevesse um artigo censurando o despacho do Aristides da Silveira Lobo para procurador fiscal das Alagoas; mas o Paranhos acudiu logo que era preciso não defender todos os atos do ministério e que era a opinião manifestada no referido artigo a do redator principal da folha, como se eu pudesse admitir tal independência de caráter, e que repliquei acrescentando que não gostava de fraudes nem mesmo pias. Isto indica que minhas idéias de justiça têm poucos sectários de tanta consciência como é preciso para que os negócios marchem como eu desejo; mas eu desanimo, apesar de tão longa experiência, e irei sempre pregando as doutrinas, que, no meu entender, só podem regenerar a atualidade que é às vezes certamente um martírio para quem vê de perto todas as suas chagas e a cura tão difícil.

De tarde veio à audiência o juiz municipal Silveira Martins ⁰⁴² queixar-se da nova substituição dos juizes de direito, a qual lhe tirará quase que todos os emolumentos anuais da vara municipal. Acusou o decreto de ilegal por isso que não faz mudança completa na ordem antiga de substituição, e falou mal do barão do Campo Grande ⁰⁴³, assim como explicou o ataque dirigido pela imprensa ao Monserrate ⁰⁴⁴, tão injustificável, por este o haver agredido anteriormente, chamando-o de atrabiliário, por ocasião da prisão do conselheiro Veiga, da qual também se defendeu, assim como do procedimento para com o advogado Cordeiro. Fala com muita vivacidade e bem, dotado de inteligência pouco comum e muito estudioso segundo me disse o Siqueira ⁰⁴⁵. Eu disse-lhe que me constava que ele é juiz cumpridor de seus deveres; mas que não devia ofender ninguém, e assim lhe falava por causa de seu merecimento, aconselhando-lhe que não largasse a carreira. Saiu um pouco desconcertado, e não sei que dirá ele pela imprensa quando se dê ocasião de falar desta minha audiência. Não manifestei minha opinião sobre os atos incriminados ao Silveira Martins. É moço aproveitável; mas que, por ora ao menos, deve ser tratado em prudente distância; pois não conhece o suaviter in modo.

19 de janeiro de 1862 - Tornei a Petrópolis. Não sai por causa da triste nova de Portugal. Causou-me profunda impressão mas não penso que houvesse crime ⁰⁴⁶.

20 de janeiro de 1862 - De manhã estive cá o ministro americano ⁰⁴⁷ que me disse que os Estados Unidos estavam prontos a declarar que reprovam o ato, aliás, praticado sem autorização, do comandante do S. Jacinto se a Inglaterra firmar o princípio da imunidade da bandeira neutra tal qual o têm querido os Estados Unidos fazer prevalecer. Não receia guerra e creê que a França mediará, tendo-lhe dito Luís Napoleão que se a França sofria com o bloqueio dos portos do sul dos Estados Unidos muito mais sofria a Inglaterra.

À tarde procurou-me o engenheiro Pralin queixando-se de Manuel Felizardo. Disse-me que as últimas informações lhe eram favoráveis. Que a medição fora malfeita porque seus ajudantes, durante doença dele deram rumos como corridos em maior extensão do que a real. Eu disse-lhe que se havia trato [sic] proximamente de seu negócio e que eu informara Manuel Felizardo do que ele fizera durante a minha viagem, e o ministro declarara ignorar como verdadeiramente feito até então, e que assim pensava eu que sua pretensão tomar a melhor aspecto não atribuindo eu o procedimento do ministro senão a desfavoráveis informações que recebera.

No folhetim do Dr. Homem de Melo ⁰⁴⁸ a respeito da nova comédia. De ladrão a barão leio uma acusação às comutações em dinheiro. Quando as tenho feito só atendo às circunstâncias do delito. Se as informações me tem obrigado a ser injusto a culpa não tem sido minha. O mesmo princípio sigo quando às qualidades dos indivíduos nas graças por donativos e ainda ultimamente se inutilizaram porque depois de assinados tive más informações a respeito dos já despachados e o ministro concordou comigo. Haja rigor da parte do ministro e não vejo motivo para reprovar as graças feitas a quem dá para fins de utilidade pública parte de seu cabedal fruto de trabalho, que deve ter sido honesto.

21 de Janeiro de 1862 - Nada que mereça menção a não vir [sic] nos jornais que não costumo ler de noite ordinariamente guardando-os para a manhã seguinte.

22 de janeiro de 1862– Dei despacho ao ministro da Marinha. Este propôs-me da parte do ministério o Tamandaré para meu ajudante de campo. Observei que haveria aumento de despesa com a nomeação; porém que o dispêndio que se fizesse em remuneração de tão bons serviços como os do Tamandaré também é economia. Trouxe-me o diário e mapa, segundo as indicações de Mauri adotadas pela conferência marítima de Bruxelas, apresentados pelo comandante do vapor Beberibe chegado à 1 hora da madrugada de hoje. Do mapa consta de maior interesse que a 15' da ilha de S. Vicente não se achou fundo a 1.500 braças. Sondaram depois achando fundo a 1862 br. veio a válvula cheia de barro visguento, arenoso e calcário. Em grande distância das ilhas Brava e do Fogo correu a sonda 2400 braças; parece que chegou ao fundo; mas, tendo se recolhido 2000 braças arrebitou a linha. Depois em outra paragem a sonda parece que tocou o fundo com 2500 br.; e deixaram-no correr mais 200 br. antes de suspender. O prumo não se soltou, e trouxe lama muito mole e visguenta. Continuando a derrota correu de novo a sonda 3300 br. O prumo não se soltou e trouxe lama amarelada muito mole e muito visguenta por entre as telhas até mais de 2/3 de seu comprimento, o que prova que o prumo, não encontrando resistência, enterrou-se pelo fundo, não se soltando. Supõe ter encontrado o fundo em 2600 br. Prosseguindo na derrota correu a sonda 3200 braças; mas partiu-se a linha ao suspender. Supõe que o prumo chegou ao fundo, e sem dúvida enterrou-se nele, não resistindo a linha pela terceira vez ao esforço de arrancar o prumo. Restaram apenas 2900 braças de linha, e por isso resolveu não sondar mais senão perto do Penedo de S. Pedro, e daí até Fernando de Noronha, onde talvez o fundo fosse mais duro. Quanto ao banco de Hannah marcado nos mapas com o sinal de duvidoso, não se tendo achado fundo com 200 br., o Beberibe não deu por ele, apesar de passar entre os dois pontos, que indicam nos mapas a posição do banco. Perto do penedo de S. Pedro, tendo largado 2000 br. de linha, ao suspendê-la acharam-na arrebitada perto da marca de 1800 br., perdendo 1700 e tantas braças de linha. Restando só 1100 braças de linha guardou-se para sondar perto de Fernando de Noronha, para o que se fez a bordo uma haste do sistema das sondas de Brooke. Na distância de 10' da ilha de Fernando de Noronha sondaram com 1100 br. de linha, e suspendendo, não havia sinal no prumo de haver chegado ao fundo. A 5' ainda não acharam fundo. Sondaram outra vez; mas o prumo soltou-se ao suspender, e, repetindo com outro prumo, destacou-se logo a cair.

Numa carta feita a lápis veio junto à ilha de S. Vicente 1868 br.; junto ao banco de coral de Hannah Dzbro 25 [sic] 2600 br. fundo lama visguenta. Suponho ter prumado nessa profundidade Dzbro 26 2500 br. [sic] lama mais visguenta; chegando ao banco indicado, me parece ter prumado em 2800 br. a linha partiu-se ao suspender perdendo-se quase 2900 br. junto ao penedo de S. Pedro – penedo ao NO 40 distante 1' fundo 221 br. rocha; penedo ao NE 1 milha distante fundo 622 br. rocha. Janeiro 5 de 1862, 2000 br. arriadas a linha partiu-se. Perto de Fernando de Noronha Jan. 8; 1100 br. arriadas não tocou o fundo 10' distante Pico 51° SO; Jan. 10, 1100 br. não tocou o fundo. Pico 14 milhas distante por 70° NE. Cabo de S. Roque. Jan. 12, 1100 br. não sondou (creio que é não tocou o fundo) 24' da costa a correnteza não permitiu descer a linha a pique.

23 de Janeiro de 1862 - Nada de importante. Esteve cá o Uruguai que prometeu mandar-me o que já tem impresso de sua obra ⁰⁴⁹.

Recebi a notícia de haver morrido de apoplexia o Brás Belens ⁰⁵⁰. Mais uma pessoa de meu antigo conhecimento morta. Ainda esta manhã conversava passeando com o Siqueira sobre o desapareço ao mundo que deve vir com a idade. Quantas ilusões não tenho eu já perdido!

24 de Janeiro de 1862 - Nada de importante. O Uruguai mandou-me o que há de impresso da sua obra.

25 de Janeiro de 1862 - Cheguei e tendo almoçado fui à exposição. Parece-me que a escolha dos objetos para Londres foi bem feita. A coleção do Pechol ⁰⁵¹ é muito curiosa sobretudo quanto a novos princípios essências extraídos de frutos e túberas brasileiros.

Houve despacho. O Sousa Ramos entregou-me o projeto de reforma municipal e o decreto da do plano de estudos do Colégio de Pedro 2°. Recomendei ao ministro da Agricultura que juntamente com o presidente da província ⁰⁵² cuidasse seriamente da indústria do bicho da seda. Disse-me que tencionava visitar o estabelecimento seropédico. Falei na exposição a respeito da necessidade de por algum homem inteligente e ativo à testa do estabelecimento seropédico lembrando-me de

Mauá. Há muitos anos que me interesse por tal indústria; mas ainda não encontrei quem me auxiliasse com igual boa vontade.

Apareceu em despacho uma consulta digna de nota da seção do Império. Confessa ela que aconselhara contra lei a aprovação dos estatutos da Companhia de Limpeza de Rodes porque não lera com atenção um dos artigos! E assim são muitas outras coisas entre nós. É preciso chamar gente moça para substituir a que já deu o que podia dar. O ministro da Justiça referiu-me que o juiz municipal Firmo Dias ⁰⁵³ disse que fora eu que impusera ao ministro o decreto de substituição, quando eu deixara ao ministro toda a liberdade para obrar como entendesse. Se não há intriga o Firmo ainda não tem muito propósito. Logo à noite continuarei se houver mais alguma coisa digna de menção.

O conde de Iguaçu disse-me esta tarde que o visconde de Barbacena ⁰⁵⁴ estava muito agoniado com a não remessa da seda para Londres, dando a entender que me atribuía a decisão do júri. Com efeito disse ao Abrantes e adiante de outros [sic] uma das vezes que visitei a exposição que era melhor que não fosse; mas decerto a minha opinião não formou a de 24. O Cardoso ⁰⁵⁵ perguntando-lhe eu há tempos se mudava [sic] seda para a exposição de bem me lembro respondeu havemos de ter casulos. Pensava que houvesse bichos para formá-los; mas da polêmica da imprensa fica provado que desfiaram casulos antigos, e eu que tanto me tenho empenhado pelo estabelecimento seropédico certamente não podia deixar de impedir que julgassem que eu anuía a que se aparentasse prosperidade onde não tinha havido senão desleixo. Creio que a decisão do júri há de ser útil à indústria sérica.

O conde também falou-me na aposentadoria do Drummond ⁰⁵⁶ e eu respondi que apoiaria a pretensão como justa quando se apresentasse em despacho mesmo sem requerimento do Drummond a quem podia escrever eu, bem longe de ser indecoroso, reputava natural que ele requeresse a sua aposentadoria. Também me leu uma carta do St. Amaro ⁰⁵⁷ em que ele queixa-se do Taques não ter consentido que ele usasse da grã-cruz de S. Januário por haver-lhe a concedido o ex-rei de Nápoles já em Roma, ainda que antes do reconhecimento do rei da Itália. Aconselhei-o que procurasse o ministro, a quem podia dizer que me tinha falado, ainda que eu nada pudesse fazer em contrário ao ato do ministro; pois que lhe deixara a resolução desse negócio depois de consultados os precedentes de outras nações.

Vejo o Belo. Falei-lhe na Seropédica ⁰⁵⁸ que precisava de uma administração zelosa. Informou-me de que o adiantamento ao João Caetano ⁰⁵⁹ tinha sido ordenado pela Assembléia Provincial, e que mandara ouvir o inspetor da Tesouraria sobre o pedido do adiantamento. Pretende ausentar-se breve, e indo talvez mesmo por água até Itaguaí, conforme o estado dos caminhos, para ver o estabelecimento seropédico. Achou o hospital de Petrópolis, como eu também penso, muito mal situado, e pretende comprar a casa que edificava o Porciúncula perto do hospital antigo. Objetei-lhe a proximidade da montanha em que está o hospital velho, que também seria preciso para o número de doentes, e que era melhor alugar por ora outra casa e cuidar de aumentar a soma que já se acha destinada para o novo hospital com ela comprar alguma casa conveniente como a do Lamas ⁰⁶⁰ por exemplo; lembrei também a do colégio antigamente do Calógeras. O presidente da Câmara Municipal ⁰⁶¹ está encarregado de agenciar uma subscrição para o hospital.

Como tenho tempo vou transcrever os apontamentos dos diversos ministros a respeito de despesas com a imprensa ministerial.

Guerra – De 2 de março até fins de dezembro de 1861 – com o Correio da Tarde 1:600\$000 – Publicações nas folhas da Corte – total 1:786\$900. Marinha – Anais Marítimos – 800\$000 – Correio da Tarde 1:600\$000 total – 2:400\$000. De março a fim de dezembro de 1861 – Justiça – Correio da Tarde 3:333\$000 – Gratificação ao Rocha 100\$000 1:200\$000 por ano. Correspondência ao Jornal do Comércio pode-se orçar termo médio 7:200\$000. Dantes tinha Paula Brito pela Marmota 200\$000 por mês ⁰⁶², e o Rocha 400\$000 – Império – Nada se tem despendido no meu tempo; estou porém intimado para dar em abril 1:600\$000 que não sei de que verba poderá sair – Agricultura – 1861 Aviso de 10 de junho mandando entregar ao diretor geral da Secretaria de Estrangeiros ⁰⁶³ por despesas na Europa – 1:800\$000 – 13 de julho dito para auxiliar a publicação do Courier du Brésil – 2:400\$000 – 4 de novembro dito para dar ao destino que lhe (o diretor geral da Secretaria de Estrangeiros) que lhe foi designado – 1:800\$000 – total 6:000\$000. Há uma nota por letra do ministro dizendo que as quantias de 1:800\$000 foram para o Correio da Tarde – Estrangeiros – Desde março do ano passado até 14 de janeiro – Ao Rocha (300 a 400\$000 por mês) 2:900\$000.

A Manuel José de Araújo de março a maio 5:000\$000 – de junho a agosto 1:600\$000 – de setembro a novembro 1:800\$000 – de dezembro 1861 fevereiro de 1862 1:600\$000 – total 10:000\$000.

Minha opinião a respeito de semelhantes despesas é bem sabida dos ministros e eu já disse neste livro.

26 de Janeiro de 1862 - Nada de importante. Cheguei aqui (Petrópolis) às 9h ³/₄.

27 de Janeiro de 1862 - Comecei a ler a obra do Uruguai. É muito importante, e o que ele diz do abuso que se tem feito da política é o que penso exatamente. Não acho próprios de tal escrito as citações de versos. Já li o roteiro do Beberibe; mas emprestei-o como o diário ao Lamare ⁰⁶⁴ e depois de ouvir depois de amanhã a opinião dele completarei os meus apontamentos da viagem do Beberibe.

O Pedreira ⁰⁶⁵ e o Sapucaí estão examinando o projeto de montepio para o exército. Aquele já mandou parecer favorável sobre a pretensão dos colonos de D. Francisca ⁰⁶⁶ de estabelecerem na colônia criação do bicho de seda indígena.

28 de Janeiro de 1862 - Nada de importante. Fui de manhã ao cemitério. O caminho não está mau. O local é muito próprio, e há por onde estender-se o cemitério, feitas algumas obras.

29 de Janeiro de 1862 - Conversei com o Lamare a respeito do roteiro do Beberibe. Concorda comigo em que o Alvim ⁰⁶⁷ deverá ter trazido mais linha de sonda, lembrando que um dos sondaram o oceano que levava consigo 140.000 braças de linha quando o Alvim só tinha 5.000. Também confiava em o prumo se soltasse ao tocar o fundo do mar e isto não sucedeu sendo causa de arrebentar-se a linha. O Lamare observou que a sondagem se faz em escaler muito melhor mas logo refletiu que não seria possível empregar a máquina de suspender linha que no Beberibe era movida pelo vapor das caldeiras.

Do roteiro consta o seguinte de mais interessante. No dia 24 julga o Alvim que não esteve longe dum cidadão. É uma torrente circular cujos efeitos são mais violentos na proximidade dum foco de calma de extensão variável. O diâmetro do ciclão varia de 4 até centenas de milhas. Aparece regularmente em certos lugares e épocas do ano com pequena diferença, entre 10° e 20° Norte e 50° O.G. e os meses de agosto e outubro. Pelo lugar, mês, afogamento da atmosfera por 15 minutos e mar de grande vagalhão é que Alvim supôs estar perto desse fenômeno. O navio que acha no centro do ciclão fica em calma entregue aos vagalhões que se elevam muito pela diminuição da pressão atmosférica. Às 8 da noite de 7 de setembro estava nas imediações do Gulf-Stream. Com os ventos de E estreita-se a corrente do Gulf-Stream até segundo ouvi o Lamare poder um navio não estar todo nele, e aproxima-se da costa, e com os ventos de O sucede o contrário. A temperatura da água nesta corrente é maior do que a do ar e chega a diferença a ser de 30°, e pelo menos de 5°. O dia 8 parece ter sido gasto também em atravessar o Gulf-Stream.

Dando parte do que fez nos Estados Unidos diz que o comandante do Artic em 1856 e depois o do Ciclops em 1857 não usaram dos prumos de Brook, e por isso trouxe os outros de forma cônica e com indicador das profundidades, o qual quase sempre não indicou exatamente o espaço percorrido pelo prumo. Nenhuma das pessoas com quem pode entender-se Alvim tinha sondado o oceano. Informando-se a respeito de vigias existentes entre as ilhas do Cabo Verde, rochedo de S. Pedro, e Fernando de Noronha soube de Mr. Gillin que a última vigia descoberta já se achava marcada nas cartas de 1861 com o nome de Sea-despense, e que sondagens nesses lugares só havia as feitas pelo Dolphin em 1852. Na carta de 1861 que Alvim tinha a bordo estava marcada essa vigia e nas imediações dos lugares por onde devia sondar encontravam-se 5 marcas de sonda, duas sem achar fundo, e 3 mais próximas do rochedo de S. Pedro [sic], duas com fundo de 1080 e uma de 2100 braças. Falou dum novo sistema de peças de que já usa a marinha dos Estados Unidos em que a menor quantidade de metal do canhão é compensada por aros de ferro. Na noite de 24 de outubro presenciou uma majestosa aurora boreal que principiou às 7h e 30 min atingiu seu ponto maior de brilho às 11h e 45 min e desfez-se às 12h e 30 min. Nos dias 1 e 2 de novembro houve uma grande tempestade de NE cujo aparecimento liga ao da aurora boreal. No dia 12 de novembro entrou no Gulf-Stream chegando a temperatura d'água a 75° Fahrenheit 20° mais que a do ar. No dia 17 apareceram borboletas a bordo e que sem dúvida foram trazidas pelo vento das Bermudas na distância de cento e tantas léguas. A 19 às 19 da noite começaram a aparecer exalações no ar e uma foi tamanha que pareceu aerólito ⁰⁶⁸ desfazendo-se com um estalo.

Falando da sondagem de 21 de dezembro atribui o erro do indicador a ter-se fechado o mordente (parece que a hélice do indicador de Maney) durante a descida do prumo pelo peso daquele ou pela pressão d'água. No dia 24 para não danificar a linha arranjou-a em aduchas, ou novelos e de modo a correr a linha solta suspendendo-a por meio duma volta no eixo do

carretel servindo de guincho. No dia 27 não se encontrou o banco que segundo as instruções deveria existir em 10° 5' N e 27° 35' O.G. Na sondagem do dia 26 atribui o erro do indicador ao meio porque procurou evitar a suposta causa do primeiro erro mencionado. A prisão do mordente do indicador, a qual se deveria soltar com o prumo quando este tocasse o fundo não sucedendo isto fez com que as hélices, ao suspender do prumo, desandasse até que a prisão do mordente se rompesse. No dia 24 de janeiro desembarcou no rochedo de S. Pedro. Compõem-se cinco pedras todas escabrosas, duas grandes e quase unidas formando uma pequena bacia, e três pequenas separadas das outras 10 a 20 braças. Há mais outras; porém muito pequenas e cuja separação das já mencionadas mal se distingue. O seu maior comprimento terá pouco mais de quarto da ilha. Não há água nem vegetação, o aspecto é feio e o mar bate nas pedras furiosamente. Os três pontos mais culminantes onde não chega a água estão cobertos de excrementos de pássaros de cor branca amarelada. O ponto mais elevado tem 60 a 70 pés de altura. Dentro da bacia único lugar abordável quando não soprem ventos de Oeste há muito peixe e abundância de aves aquáticas, tendo o Alvim encontrado numa pedra submergida só uma vegetação marinha. Tendo perdido os prumos na sondagem arranjou a bordo prumos do sistema de Brook com que sondou. O tempo que levou a sondar a correr não pode servir para reconhecer quando o prumo tinha tocado o fundo do modo que penso, assim como ouvi ao Lamare igualmente que nestas grandes sondagens uma diferença de até 200 braças é muito provável. No dia 16 às 3 da tarde formou-se uma tromba partindo dum nimbo grosso 8° acima do horizonte. Levou 4 min a formar-se e desfazer-se.

Li hoje uma nota do Webb a respeito da entrada do Sunter no Maranhão com expressões bem azedas. Esta questão torna-se grave; mas creio que o procedimento do presidente foi regular e a posição que assumiu o governo brasileiro acha-se bem justificada pelo que li numas brochuras de Pecquete [sic] e de Hautefeuille [sic], vendo num artigo do Jornal dos Debates que Monroe considerou em 1817 a América Central, que tratava de sua independência, como beligerante, assim como Taylor declarava ao Congresso que receberia os enviados que lhe mandassem os húngaros então rebelados; pois que tinham um governo constituído, e eram portanto beligerantes ⁰⁶⁹.

Veio o Taques. Nada de importante houve em despacho além da proposta do Borges ⁰⁷⁰ que está no Paraguai para Montevidéu ficando o Antônio José Lisboa vencendo como enviado extraordinário até achar-se-lhe emprego. O secretário de Londres iria para o Paraguai, e o Barbosa de Montevidéu para secretário em Londres dizendo-me o Ministro que o Andrada que está adido em Londres pelos seus serviços deveria ter o despacho da secretaria em Londres se não fosse a necessidade de contentar o Barbosa que tem servido bem em Montevidéu, ainda que o ministro julgue que prejudica ao serviço da interinidade do lugar de Montevidéu ⁰⁷¹. Não disse a minha opinião para pensar. O ministro mostrou-me uma circular do T. Ottoni pedindo assinaturas para o Diário em que diz que a imprensa é a única liberdade que resta ao brasileiro sendo o chefe do Estado onipotente e não se praticando cruzes porque a época as não toleraria. Fui de opinião que se desse publicidade à circular para eu ver como é recebida, e poder ser combatida.

30 de Janeiro de 1862 - Acabei de ler o que tinha da obra do Uruguai. Há uma nota a respeito do Patronage executive em Inglaterra em que ele entende que as injustiças feitas ao merecimento individual são um mal irremediável do sistema que nos rege porque só assim é que se podem formar partidos lamentando que no Brasil os partidos, aliás, quase todos mortos na atualidade, segundo ele diz, não se perdoem reciprocamente essas injustiças, e o patronage executive não pertença unicamente ao ministro diretor da política exercendo-o todos os ministros que sendo muitas vezes pessoas novas carecem de criar clientela. Não posso aceitar essa pretendida necessidade do sistema, e duvido de que na Inglaterra o patronage executive tenha dado lugar aos males do nosso patronato. Estas reflexões do Uruguai parecem-me destruir o que de tão verdadeiro dissera ele antes dos efeitos da política entre nós. Hei de conversar com o Uruguai a respeito desta questão como sobre outros pontos de sua obra.

31 de Janeiro de 1862 - Li uma comunicação do 1° Tenente da Armada Henrique Antônio Batista datada de 8 de dezembro de 1861 de Liège em que lembra a conveniência de transformar as nossas peças de 30 em canhões raiados franceses reforçando-os pelo sistema de que fala o Alvim no seu roteiro. Daí todas as notícias precisas e mostra a vantagem que há nos canhões raiados franceses em que a bala, deixando algum vento, permite quando oca levar espoleta e não é necessário que seja de percussão, corrigindo-se a incerteza do tiro por meio duma alteração numa das espirais do canhão que obriga a bala a ocupar a linha do eixo do canhão. As saliências da bala que entram nas espirais do canhão são de zinco

e não se deformam com o uso de modo a impedir o ajuste da bala. A Rússia, Holanda, Portugal, Piemonte, Suíça, Grécia e Dinamarca adotaram este canhão.

Já examinei uma vez os projetos de reforma municipal e da Guarda Nacional. Careço de estudá-los mais, e depois de serem discutidos em Conselho registrarei aqui as principais opiniões que se manifestarem.

1 de fevereiro de 1862 - Houve Conselho de Estado às 10 sobre o qual o procedimento que deve ter o governo para com a Câmara Municipal de S. Paulo quanto a apuração da eleição provincial. A seção do Império é de parecer que se deve proceder a nova apuração com a ata autêntica do Colégio de Itu. Abrantes concorda com o parecer. Albuquerque entende que só a Assembléia Provincial compete apreciar o procedimento da Câmara Municipal. Maranguape votou com Albuquerque. Abaeté concorda com o parecer, e entrando na questão secundária da não aglomeração de votos a nomes trocados diverge da seção entendendo que se devem reunir os votos quando recaiam em nomes, embora trocados, evidentemente dos mesmos indivíduos como na hipótese os votos dados ao Dr. Antônio Carlos. Além disto lembrou que convinha examinar se os votos já não vinham aglomerados dos colégios. Sapucaí diz que a seção seguiu as decisões do governo e que não vieram os votos aglomerados dos colégios. Que considera a ordem do governo para nova apuração como solução de dúvida ex-vi do artigo 120 da lei das eleições. Jequitinhonha adota o parecer. Uruguai id. Alvim id. Eusébio pensa como o Albuquerque e lembra o aviso de 31 de dezembro de 1861, que declara que a apuração de certa Câmara Municipal, embora ilegal, não pode ser renovada, e outro aviso para S. Paulo sustentando a mesma doutrina da onipotência das câmaras municipais em ato de apuração que só pode ser alterada pelas assembleias. Contudo mostrou-se vacilante alegando pouco tempo para estudar a questão. Pimenta Bueno sustenta o parecer da seção dizendo que o governo mandando apurar a ata depois da autenticada não fez mais do que examinar a lei, e que o aviso de 31 de dezembro trata da hipótese diversa que não é como a atual de falta duma formalidade. Figura como a seção em seu parecer a hipótese de muitas atas não autenticadas que uma Câmara Municipal não apure dando assim maioria a quem não tenha. Albuquerque com muito calor insiste em sua opinião, responde Sapucaí, explica-se Eusébio, e Pimenta Bueno combatendo o argumento do Eusébio de que a ata autenticada depois do ato da eleição interrompia a comunidade que a lei em tais atos; diz que esta foi lançada imediatamente no livro competente e que só faltou autenticar a cópia dela. O Abrantes disse-me em particular que se soubesse do aviso de 31 de dezembro votaria como o Albuquerque ⁰⁷².

Depois houve despacho, e nele manifestei-me porém não definitivamente favorável ao parecer agora do Conselho de Estado. Entendo que o governo não faz mais senão dar à lei de eleições sua verdadeira inteligência. O Sousa Ramos disse que se lembrava dum aviso também sobre consulta da seção como o de 31 de dezembro declarando que as câmaras municipais exercem atribuição política quando apuram e portanto só quem julga dos poderes dos eleitos pode entrar na apreciação desse ato das câmaras.

Assinei o decreto da reforma do plano de estudos do Colégio de Pedro 2º. Tinha feito entre as novas reflexões sobre essa reforma uma a respeito de ser o professor de história antiga também da moderna, e o da de idade média. A romana, em que insisti por último depois do ministro não ter concordado com as outras por sobrecarregarem professores com 5 horas de aula por dia; mais ainda essa não foi aceita por não atender a mais justa distribuição de trabalhos pelos dois professores além de que o da história da idade média lecionava história romana, quando não é natural que a pessoa que tenha gosto pela história moderna a tenha, e portanto, leciona bem, pela antiga, e eu assinei o decreto ainda que não me agrade essa reforma completamente ⁰⁷³. As observações que o Pedreira fez sobre esse trabalho por pedido meu creio que não agradaram ao ministro, que me entregou uma resposta sua às minhas reflexões e outra do Calógeras às do Pedreira.

O ministro da Justiça deu-me uma nota de que consta que o Josino ⁰⁷⁴ pagou de 2 de março de 1861 até 31 de janeiro deste ano à imprensa 4:150\$000, e o chefe de polícia ⁰⁷⁵ 6:068\$560 dos quais 600\$000 a Regional – do Muniz Freire ⁰⁷⁶. Notando as publicações do Jornal do Comércio a respeito da circular do Ottoni, e da posição neutral do governo na questão tornei a fazer sentir necessidade duma folha oficial mais sob as vistas em que não apareceriam naturalmente tais artigos sobretudo o relativo à questão dos Estados Unidos; pois que o outro só é inexato sobre a anistia de Ottoni, e inconvenientemente nalgumas expressões e insistência na não escolha para senador ⁰⁷⁷.

2 de fevereiro de 1862 - Nada de novo. Cheguei à Petrópolis antes das 10.

3 de fevereiro de 1862 - O Barreto do Mercantil ⁰⁷⁸ mandou-me os Jornais do Comércio de Lisboa que trouxe o pacote inglês, e não os li ontem de noite por ser tarde quando os recebi. O engenheiro Rangel ⁰⁷⁹ trouxe-me o seu relatório do ano passado. O dr. Bonifácio de Abreu ⁰⁸⁰ deu-me para ler as alterações propostas por diversos professores da Escola de Medicina aos seus estatutos.

4 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Ouvi missa por minha mana Amélia que tanto sinto não haver conhecido e era tão minha amiga ⁰⁸¹.

Ontem antes de dormir li ofícios que chegaram da Europa. Há um do Carvalho Moreira ⁰⁸² de 7 de janeiro que dá os melhores argumentos possíveis para responder ao ministro dos Estados Unidos na questão do Sunter.

5 de fevereiro de 1862 - Dei despacho ao Paranhos. Contou-me este que o Drummond negociante ⁰⁸³ dissera que havendo uma conciliação tácita não podia aprovar a circular do Ottoni. Otaviano ⁰⁸⁴ também a reprova. Estranhei o artigo do Correio da Tarde a respeito do deputado Tavares ⁰⁸⁵ que embora fortemente provocado assacou ao ministro da Marinha o vício da bebedeira. Fiz sentir a necessidade duma folha oficial e que se não pagasse senão a quem escrevesse como o governo quisesse.

Mandei ao Taques uma nota a respeito da residência do conde d'Áquila em Petrópolis. Digo que eu e a Imperatriz sempre temos escrito para a Europa a fim do conde de Áquila voltar ou aceitar o dote, aconselhando-lhe a imperatriz este último partido em cujo caso perde a dotação e os filhos os alimentos assim como reverte o patrimônio à Nação. Lembro a nota que antes de ratificado o tratado de casamento ressaltou, em vista do artigo 2º, que pudesse haver de inconstitucional, que cessaram as circunstâncias durante as quais se podia prolongar indefinidamente a licença além da última que foi de 6 meses; enfim manifesto o desejo de que o ministério resolva esta questão de modo a ficar bem claro o procedimento que temos tido eu e a imperatriz. Observei ao Paranhos que não havia necessidade de se nomear o Gustavo de Macedo para amanuense da comissão em Londres, e conversando sobre os projetos de lei que se prepararam disse que não podia concordar com o desarmamento da Guarda nacional e isenção de qualquer revista dela aprovando contudo a idéia capital da reforma da lei da Guarda Nacional projetada pelo Saião.

6 de fevereiro de 1862 - Nada de importante.

7 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. O artigo do Mercantil é injusto para comigo pois não sou de nenhum partido. Minhas idéias devem ser bem conhecidas de tantos que tem sido ministros. Conversei com o Dr. Abreu a respeito do papel que me tinha dado.

8 de fevereiro de 1862 - Dei despacho e audiência em S. Cristóvão. Não houve de notável senão o ministro do Império querer demorar a resolução da consulta a respeito da eleição municipal da freguesia de Sta. Efigênia em S. Paulo porque a hora já era tarde – era pouco mais de uma hora – ao que respondi que eu vinha a S. Cristóvão para despachar os negócios. Ainda não se principiaram a discutir os projetos de lei em despacho. O ministro do Império propôs a nomeação de vice-presidentes para diversas províncias. Creio que não se livrou inteiramente da influência de partido ainda que não quis propor a mudança do padre Pinto de Mendonça ⁰⁸⁶ de 1º vice-presidente do Ceará, como queria o Saião alegando que o Pinto Mendonça tinha sido candidato à senatoria e por isso o chefe de polícia ⁰⁸⁷ governaria a província com mais imparcialidade como 1º vice-presidente quando se tiver retirado o presidente que foi demitido ⁰⁸⁸. Chamei a atenção do ministério para o estado melindroso da província do Rio Grande do Sul e o ministro da Justiça ficou de propor um bom juiz municipal para S. Borja. O Caxias disse que recebera protestos de moderação de parte do Portinho ⁰⁸⁹ e sua gente, mas que não respondia por ela e receava muito que se ateasse a guerra civil se não houvesse toda a energia da parte das autoridades.

9 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Cheguei a Petrópolis antes das 10. Li com atenção a correspondência entre o Ferraz e Nicolau Tolentino ⁰⁹⁰. O meu juizo sem ter ouvido a nenhum dos dois é que o procedimento do Tolentino

como juiz foi honesto mas permitiu ao advogado do apreensor e a este atos menos regulares, mas que respondeu *ab'irato* não tendo o Ferraz senão que intentar-lhe processo de injúria.

10 de fevereiro de 1862 - Fui ver o edifício da Câmara Municipal. Tinha avisado o presidente da Câmara que ai se achava bem como o procurador ⁰⁹¹. A casa não é má; porém conviria em lugar de pagar aluguel de um conto comprá-la. Vi o balancete de 1860, e os outros papéis tinha os fechado o secretário ⁰⁹² que foi ao Rio com licença. A renda de 1860 foi de 8 contos e tanto e a do passado 7 e tanto. Não se gasta muito com vencimentos, e não me souberam bem explicar em que se gastara a renda de 1861 para que passara de 1860 um saldo de conto e tanto. Estão acabando de fazer as posturas para apresentá-las este ano à Assembléia Provincial; regem-se pelas da Estrela. O presidente queixou-se da despesa de custas. O matadouro tem sua verba; mas acha-se em mau estado. Falei nos cavaleiros que andam a galope pelas ruas. Há muitos desejos de mudar o cemitério para defronte da casa do Bernardes. O lugar é bom; mas o atual parece mais próprio e pode se estender pelas grotas ainda que a maior destas disseram ser muito pedregosa e úmida.

Já percorri os jornais; o Ferraz intenta processo de injúria ao Nicolau Tolentino.

11 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Há um artigo no Diário a que já tenho respondido em tudo o que tenho dito no meu modo de proceder, e desejaria poder perguntar aos que de ambos os partidos tem servido de ministros se procuro impor a minha opinião ou apenas expressado com a convicção de quem obra conscientemente. Vejo que muitos tem cedido por fraqueza; mas que culpa eu tenho nisto, e mesmo, para evitar isso, não me esforço eu cada vez mais por lhes deixar toda a liberdade, sem contudo abandonar minha suprema inspeção como chefe do Poder Executivo, e sujeitar-me ao papel de mero ocupador dum lugar, como não pode ser o rei constitucional, como bem diz Guizot nas suas memórias? Talvez eu me engane; mas sou constitucional de cabeça e coração; não sou orgulhoso, e intento corrigir-me. Dói-me a injustiça de que julgo ser vítima e espero que o tempo fará aparecer a verdade.

12 de fevereiro de 1862 - Veio para o despacho o Saião. Propôs para o lugar de José Caetano dos Santos ⁰⁹³ que deve ir para Taubaté porque o Gonzaga pretende deixar a carreira de magistratura por ora ao filho de Eusébio ⁰⁹⁴, alegando que este serviria bem o lugar do José Caetano inteiramente. Observei que me constava que o proposto era de constituição fraca e não se recomendava como o irmão Manuel por sua inteligência; contei-lhe o que sucedera quando o Eusébio filho tinha sido proposto para o lugar que deixara o Cunha filho do Sapucaí ⁰⁹⁵, tendo eu declarado que se o ministro insistisse na proposta nada mais diria sobre essa nomeação, e, como o Saião replicou que o proposto podia bem servir o lugar por sua aplicação ao estudo, achando-se agora de saúde robusta, nada mais refleti dizendo apenas que desejava muito que ele desempenhasse o cargo pois o conhecia desde menino como dotado de boas qualidades, e tinha em preço a inteligência e serviços do pai. O Saião disse-me que o José Caetano dos Santos aceitava o despacho para Taubaté.

Conversamos sobre a polémica entre o Ferraz e Nicolau Tolentino que declarara ter perdido a cabeça quando escrevera não consultando por isso o Paranhos de quem é amigo, e o Saião concordou com a minha opinião sobre o procedimento de ambos, reprovando ter o Ferraz tomado a defesa, e do modo porque a tem feito, de Romaguerra ⁰⁹⁶, e a violência de linguagem do Tolentino. Contou-me que abriu uma subscrição entre os negociantes para dar-se uma comenda de brilhantes ao Tolentino e que o Ferraz pretendia a princípio fazer seu testamento carregando um revólver para matar o Tolentino e depois a si; quantas misérias! É verdade como li no Diário de hoje, que o Ministério assentou em não conceder a demissão pedida pelo Tolentino. Lembrei que convinha pensar sobre o procedimento do governo na previsão da condenação do Tolentino pelo tribunal. Tratando dos artigos do Mercantil e Diário de ontem ouvi ao Saião que a doutrina citada pelo Mercantil nunca fora defendida por ele, nem pelo Eusébio no 3 de Maio ⁰⁹⁷; antes reprovava o partido tal proceder, e que o escritor da mor parte dos trechos citados já morreu, não sendo as citações todas lealmente feitas.

Mostrou reacar tibieza da parte da maioria da Câmara e disse que é preciso atender mais à política fazendo concessões para reacender o zelo, o que não está de acordo com o que disse na mesma ocasião a respeito da política da justiça. Foi proposto o Ângelo Tomás do Amaral ⁰⁹⁸ para presidente do Ceará, e eu observei que tinha o inconveniente de ser deputado, não tendo replicado o Saião. Leu-me este um artigo que desejava anexar ao seu projeto de reforma judiciária declarando os editores das folhas responsáveis pelos artigos não assinados por seus autores que neles se imprimissem. Atalhei-o logo

dizendo que era muito impolítica tal medida nas circunstâncias atuais e que eu entendia que os males da imprensa tinham seu melhor remédio na própria imprensa. Pareceu-me desistir da idéia. Não me deixou o projeto para eu lê-lo.

Os ministros ainda discutem o projeto da reforma da Guarda Nacional. Eu disse que não concordava com o desarmamento da Guarda Nacional, e sua completa desmilitarização; o que seria muito impolítico. Quando se discutir em despacho o projeto referirei o que se expender.

13 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Fui esta manhã com o presidente da Câmara Municipal até o cemitério, e reconheceu-se que sem muita despesa com africanos livres da colônia se poderia obter bastante espaço para enterramento dos cadáveres.

14 de fevereiro de 1862 - Nada.

15 de fevereiro de 1862 - Vim a S. Cristóvão. Antes do despacho conversei largamente com o Caxias. Falei-lhe sobre o meu procedimento para com os ministros e ele confessou que às vezes eles recebiam contrariar-me ainda que depois se queixassem de minha oposição. Ele conhece-me e faz-me justiça tendo dito aos colegas que a minha opinião deve ser muitas vezes tomada como simples voto, e eu acrescentei dum oitavo ministro. Falamos do Ottoni (Teófilo) e o Caxias disse-me que julgava que eu devera ter ido ao Mucuri e escolhido o Ottoni senador na segunda proposta. Eu expliquei-lhe que não soube do empenho que o Ottoni tinha na minha visita ao Mucuri senão depois de minha volta ao Rio, e que se eu lá fora e se realizasse depois a compra da colônia pelo governo talvez ele ainda mais me julgasse seu inimigo quando eu não lhe tenho a menor antipatia e só o reputo muito injusto para comigo. Quanto à escolha de senador disse que sendo o Manuel Teixeira de Sousa ⁹⁹ candidato natural, por diversas vezes proposto, e sempre homem de idéias de ordem e bom servidor do Estado julgara menos justa a preferência do Ottoni, mas que talvez assim mesmo escolhera a este como fora minha primeira intenção para provar-lhe como sentia a seu respeito se Almeida Pereira ¹⁰⁰ a quem consultara sobre a escolha me não dissera que seria mal aceita do ministério e aconselhara para não fazê-la.

O Caxias mostrou-me uma carta anônima do Rio Grande do Sul em que se pinta muito melindroso o estado dessa província e pediu-me para alcançar o Saião a remoção do irmão ¹⁰¹ para outra província no que aliás parecia ter ele assentado quando o Caxias se lembrou de tirar também o Belo do Rio Grande. Não quer que o Saião saiba que ele me falou nisto para manter a harmonia que tem reinado sempre entre os ministros. Tornei-lhe a falar da necessidade em que ele conveio sempre duma folha oficial.

No despacho apenas houve de notável a exposição do ministro da Fazenda a respeito do sucesso entre Ferraz e Nicolau Tolentino manifestando eu a minha opinião e o Saião disse que não estava certo de que José Caetano dos Santos, a quem pretende consultar, aceitaria o juizado de Taubaté, e que mesmo que aceite demorará a nomeação por estar ele julgando o processo da injúria do Ferraz contra Nicolau Tolentino.

Na conversa com o Caxias falei-lhe também do que tem havido por ocasião da proposta do filho do Eusébio para lugares de magistratura na Corte, e da tendência que via no Saião para deixar a política de justiça às direitas como ele diz pela de favores, e portanto de injustiças na maior parte dos casos, a fim de criar apoios. O Caxias protestou sua moderação e que não deixara provocar o partido em oposição. Ainda não está pronto para ser apresentado em despacho nenhum dos projetos de lei. O Saião entregou-me o de reforma de algumas disposições da lei de 3 de dezembro para eu o ir examinando. Entreguei um requerimento de José Gonçalves da Silva e disse que me parecia de justiça e reparação do esbulho que ele sofrera por ocasião da diligência que se fizera em Cabo Frio para repressão do tráfico. O ministro da Fazenda parece concordar comigo, e o da Marinha disse que julgara no Conselho Naval muito baixa a avaliação dos bens de José Gonçalves da Silva que foram recolhidos ao Arsenal da Marinha. Creio que o ministério decidirá que só há lugar a pleito judiciário contra a fazenda pública.

O ministério entendeu que o presidente de Pernambuco ¹⁰² tinha obrado mal em adiar a Assembléia Provincial, e assim lhe respondeu quando há 3 semanas escrevera ao Taques comunicando esta sua intenção pelo motivo de evitar a oposição que pretendiam fazer-lhe pois que devia estar aqui em maio para a sessão. Agora comunica que não tendo tido tempo de receber a resposta do ministério adiará a Assembléia mesmo porque a presença da cólera-morbo não lhe dava tempo para

preparar relatório. Eu disse que convinha examinar o procedimento do presidente de Pernambuco em relação aos motivos que alegara para esse ato que praticou sem guardar a decisão do ministério e que este me proporia o que julgasse acertado, que me parece nada será pois o ministro do Império disse que achava aceitável a última razão dada para o ato.

Nada de importante. Cheguei a Petrópolis perto das 10.

17 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Recebi jornais portugueses vindo pelo paquete francês que mandou o Barreto do Mercantil.

18 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Estive com o Dr. Caetano da Silva ¹⁰³. Ocupa-se de questões históricas americanas – sobre o descobrimento deste continente.

19 de fevereiro de 1862 - Veio o Sousa Ramos para despacho. Restitui os papéis a respeito das obras de segurança ou arrasamento do morro do Castelo. Sou de opinião de que se os gastos do tesouro para o arrasamento feito por uma companhia não excederem muito os que demandarem as obras de segurança deve preferir-se o arrasamento ainda que sinta que não se possa empregar capital tão avultado mais lucrativamente para a Nação. No caso de resolver-se o arrasamento deve abrir-se concurso para esta empresa sob condições bem claras.

Também entreguei os pareceres da maioria da comissão e do Dr. Macedo ¹⁰⁴ que divergiu daquela a respeito da reforma do Teatro Nacional. Entendo que a época não é própria para empregar as 24 loterias na construção dum teatro dramático, além de talvez se poderem reunir o teatro dramático e o lírico no mesmo edificio que tanto aformoseará a capital do Império e para o qual já se votaram 100 loterias. O conservatório não se deve compor somente de 5 membros, e não haveria inconveniente em que apreciasse todas as composições dramáticas sob o ponto de vista literário contanto que este só influísse para impedir a representação dos teatros subvencionados. Convém regular o direito dos teatros as peças que lhe forem oferecidas para representá-las *[sic]*. Lembrei o inconveniente de existirem dois conservatórios dramáticos o particular e o do governo ainda não houvera sido possível transformar a Sociedade Auxiliadora de Indústria Nacional no Instituto de Agricultura. Entreguei a proposta de Sebastião Ferreira Soares para a estática *[sic]* do Império dizendo apenas que a matéria é digna de atenção.

O ministro leu-me um officio confidencial ao presidente de Pernambuco reprovando o adiantamento por todos os motivos alegados. O ministro julga que o presidente soube da opinião do ministério antes do ato do adiantamento; mas contrariamente à minha opinião, que hoje manifestei ao Sousa Ramos por ter todas as informações sobre este negócio, o ministério apenas entende que se deve insinuar ao presidente que peça a sua demissão quando eu entendo que cumpria demiti-lo em sinal de reprovação do ato. O dia da convocação da Assembléia quando o presidente ainda se deveria achar na provincia, parece que influi sobre a resolução do governo. O ministro propôs-me para presidente do Ceará, por não ter aceitado esse cargo o Ângelo Tomás do Amaral, o filho do José Bento presidente de Minas ¹⁰⁵, e eu objetei o procedimento do proposto quando presidia o Rio Grande do Norte durante as eleições e o Sousa Ramos disse que oferecera a mesma consideração em conselho.

Conversamos sobre política, e o Sousa Ramos disse-me que nunca falara em política com o Teófilo Ottoni, que ele julga ter caráter perverso por caluniar os outros. Até me pareceu não concordar comigo quando eu disse que Ottoni tinha inteligência muito acima do comum. Procurou defender o partido conservador da linguagem do periódico 3 de maio sobre a intervenção da coroa; mas não replicou ao que lembrei que correria sobre ditos iguais do Eusébio e Itaboraí ¹⁰⁶, que aliás não me ofendiam por eu conhecer como é o coração humano e sobretudo dos políticos, e acrescentou que Ottoni se isolava por causa de seu caráter imperioso, não podendo a idéia da onipotência da coroa fazer mal algum, ao que retorqui ser natural que alguns, vendo essa acusação feita à coroa por ambos os partidos mais ou menos, e o estado pouco próspero do país na atualidade, atribuíssem a falta de prosperidade da nação à intervenção da coroa. O Sousa Ramos objetou que pelo contrário poderiam pensar que menos próspero seria o país sem a intervenção da coroa, entendendo ele ministro, que o mal tem provindo dos ministros, que no ministério visam quase que exclusivamente a criar prosélitos. Não concordei com essa opinião, e, por ocasião do Sousa Ramos censurar com razão ao marquês de Olinda o ter dito que a política de conciliação viera do alto, conversamos sobre esta política, repetindo eu que minha conciliação sempre fora justa sem provocar a

ninguém, e que, se admita que a execução dessa política produzira transações de consciência, também as idéias dos partidos estavam muito pouco discriminadas e os nomes é que quase somente diferenciavam os partidos. Declarei que sempre entendi que não podiam ser escolhidos para lugares de confiança políticos senão pessoas, que além de dignas de ocupar os lugares, esposassem conscienciosamente as idéias predominantes do governo, atendendo-se unicamente ao merecimento respectivo nas outras escolhas.

Disse-me que ainda não se discutiu nenhum dos projetos de lei em conferência, e que o Paranhos ainda não apresentara seu parecer a respeito da reforma da Guarda Nacional. Manifestei minha opinião sobre os pontos capitais dessa reforma.

20 de fevereiro de 1862 - Li um officio do Carvalho Moreira de 23 de janeiro que muito me mortificou. Diz que não há lugar para os produtos brasileiros na exposição de Londres porque não se pediu. Dos papéis que ontem recebi consta que foi mandado ao encarregado dos negócios interino da Inglaterra um officio do presidente da comissão da exposição, o qual não veio entre os papéis, dizendo do qual o espaço preciso para os produtos brasileiros; mas o Carvalho não tem cópia desta correspondência e não vejo que se pedisse aos comissários de Londres espaço para os produtos brasileiros, como se devera ter feito conforme as decisões da comissão de Londres e uma nota do encarregado de negócios interino da Inglaterra. Já escrevi ao ministro da Agricultura, pedindo o officio que não veio, e fazendo todas as considerações que me sugeriu a leitura dos papéis, parecendo-me que a comissão da exposição deverá ter guiado o governo em tal conjuntura e o ministro da Agricultura ao seu colega dos Estrangeiros.

21 de fevereiro de 1862 - Nada.

22 de fevereiro de 1862 - Antes do Conselho de Estado recebi uma carta do ministro da Agricultura mandando-me officio que tinha pedido da comissão da exposição. Orça apenas o espaço que talvez seja preciso para os produtos brasileiros em Londres, e promete informação exata. Foi este o officio que se mandou ao Baillie, e portanto não houve pedido positivo dum certo espaço na exposição em Londres, para os produtos brasileiros. O ministro dirige agora ao Carvalho Moreira um aviso referindo tudo o que succedeu.

Tratou-se no Conselho de Estado do parecer da seção do Império sobre uma disposição do regimento interno da Assembléa Provincial das Alagoas exigindo do presidente ¹⁰⁷ uma lista dos deputados provinciais segundo os votos dos eleitores aprovados pela Câmara dos Deputados depois da apuração das câmaras municipais a fim de não admitir os que receberam diplomas em virtude da eleição de eleitores declarados nulos pela Câmara dos Deputados no tempo referido; há portanto duas turmas com diplomas. A maioria da seção entende que a Assembléa Provincial procedeu bem; mas o marquês de Olinda julga que o negócio deve ser sujeito à Assembléa Geral, e que o presidente não deve cumprir o ato da Assembléa. Abrantes, Albuquerque, Abaeté, Uruguai, Alvim adotaram primeiro o voto separado; mas depois, com exceção de Alvim, entenderam que o governo devia mandar proceder a nova apuração visto não poder deixar de se cumprir a decisão da Câmara dos Deputados. Jequitinhonha, Sapucaí e Pimenta Bueno adotaram o parecer da maioria da seção; mas tornando a falar o Pimenta Bueno concordou com a nova apuração e Jequitinhonha reprova a nova apuração e diz que o caso de S. Paulo não é o mesmo. Maranguape entendeu que a Assembléa Provincial procedeu bem; mas que talvez a forma fosse menos crucial. Não vi os papéis antes; mas inclino-me à opinião que por último abraçou a maioria do Conselho, parecendo-me contudo que, havendo duas turmas com diplomas, é preciso examinar a legalidade de quem os concedeu. O Abrantes disse que tinha vindo estudar a questão do Conselho, e na verdade tiveram pouco tempo; mas suficiente, se não houvesse bastante preguiça; para examinarem o parecer da seção.

Em despacho decidiu-se ordenar à Câmara Municipal de S. Paulo que proceda a nova apuração dos deputados provinciais, tendo Saião e Taques divergido da opinião da maioria dos ministros por entenderem que não houve infração da lei no proceder da câmara, e portanto não ser o caso o mesmo que o das Alagoas ao que respondi que se neste caso havia a decisão da Câmara dos Deputados no outro havia a lei de 1846.

Resolveu-se que se insinuasse aos presidentes de Minas e Rio de Janeiro que nomeassem cada um seu árbitro para decidirem a questão do imposto sobre o café entre as duas províncias sendo o árbitro da 1ª o Abaeté e o da 2ª o Itaboraá.

Lembrou-se Francisco Diogo de Vasconcelos para ser árbitro por parte de Minas e parecia-me melhor por ser mais mineiro que o Abaeté, mas o Sousa Ramos prefere o Abaeté ¹⁰⁸.

O Manuel Felizardo disse que Clark escrevera que haveria lugar para os produtos brasileiros.

Lembrei que seria injusto e impolítico deixar sem emprego ao Dr. Joaquim Caetano da Silva depois da obra importante sobre a questão Oiapoc, obra que aliás nenhum dos ministros parece ter lido por inteiro ¹⁰⁹.

Entreguei ao Manuel Felizardo os papéis sobre propostas para telégrafos elétricos inclinando-se ao parecer da maioria da seção do Império e aconselhando que se consultasse o diretor dos telégrafos ¹¹⁰.

O ministro dos Estrangeiros leu uma confidencial ao Marques Lisboa ¹¹¹ que irá por este pacote francês provocando o conde de Áquila a tomar uma decisão a respeito de sua residência na Europa.

Li no Diário Mercantil do Porto de 25 de janeiro que escreveram para lá que eu fora à exposição onde me demorava não poucas horas, no dia seguinte ao do recebimento da notícia da morte de meu sobrinho e afilhado Pedro 5º e o que mais é ao teatro lírico! Hei de explicar a meu cunhado ¹¹² o meu procedimento.

23 de fevereiro de 1862 - Cheguei a Petrópolis antes das 10. Conversei com o Sousa Franco ¹¹³. Queixou-se do chefe da polícia do Pará ¹¹⁴, e disse-me que seus amigos preferem presidentes que não sejam liberais para que pelo desejo de ostentarem imparcialidade, como sucedeu ao Carrão ¹¹⁵, não forneçam [*sic*] de mais os do partido conservador. Tratando de política disse que uma boa lei eleitoral era a verdadeira necessidade política, no que eu concordei lembrando a conveniência de que cada um apresentasse suas idéias a tal respeito, e que se não fosse reformada a lei dos círculos ele não teria feito oposição aberta ao ministério Ferraz. Acrescentou que não havendo esperanças para o partido liberal este deixaria de sê-lo tornando-se em um grupo exagerado aliás não poderia por ora perturbar o sossego público que todos querem, no que eu convim mesmo pelas explicações que se davam a algumas manifestações menos refletidas. Disse-me que não soubera da circular do Ottoni senão depois de publicada aqui e que declarara a seus amigos que tais idéias inconstitucionais eram só do Ottoni. Reconhece que as pessoas mais influentes descuidam a imprensa, o que também explica pela falta de esperança o que me fez observar que nunca perdendo o homem a esperança podia se julgar que só lhes restava a esperança do que pudesse resultar de meios ilegais. Referiu-se que o Saldanha Marinho ¹¹⁶ lhe dissera ter dado importância à circular por esta considerar os serviços prestados pelo Diário do Rio. A respeito da modificação da lei dos círculos disse-lhe que ele bem sabia que sempre combati essa reforma e a respeito da falta de esperança aconselhei a prudência e que procurassem os liberais fazer prevalecer suas idéias pois que sendo estas justas e empregados sempre meios legais, eles tarde ou cedo vencem. O Sousa Franco parece estar no caso de quem procura colher frutos de árvores que outros sacodem; assim não lhe caia alguma fruta na cabeça! Mostrou-se animado com o estado financeiro e não espera que se trate novamente nas Câmaras a questão bancária por estar morta.

24 de fevereiro de 1862 - Nada.

25 de fevereiro de 1862 - Recebi a notícia de explosão de 110 libras de mistão na fábrica de pólvora; voou a oficina. Ficou um dos trabalhadores carbonizado e 3 feridos. Não se sabe a causa do sinistro.

Esteve comigo Nicolau Tolentino. Disse-lhe francamente como pensava a respeito de seu procedimento podendo ao menos ter retirado a carta da tipografia do jornal pois que seu desforço devia ser chamar a juízo a Ferraz por calúnia e rematei que por uma pessoa praticar uma ação má não perdia o conceito. Contou-me como sucedera o caso do lançamento do autor, declarando que o pedido do lançamento partiu todo de seu advogado e que se não desistia do favor da lei é porque confiava tudo do advogado ao que respondi que o cliente devia vigiar sempre para que sua causa não fosse comprometida. Creio que dá tudo em triste água suja.

26 de fevereiro de 1862 - Tornou cá Nicolau Tolentino. Trouxe-me a exposição que fizera ao seu advogado. Disse-lhe que tendo lido no Jornal do Comércio 2 artigos sobre a questão do lançamento da autoria do Ferraz eu ainda não formei opinião segura sobre este incidente. Tolentino pediu-me licença para informar-me de tudo o que ocorrer neste negócio.

Veio o Caxias. Nada se passou de importante no despacho. Recomendei a discussão dos projetos de lei que estão entre mãos pois que em abril não há tempo senão para cuidar dos relatórios que convém se apresentem na realidade até 15 de maio.

Já estava recolhido quando vieram dizer-me que achava aí o Duarte de Azevedo ex-presidente do Ceará. Conversei largamente com ele. Disse-me que o partido conservador tinha mais de 2 terços da província por si e que a família do visconde de Icó não abusava de sua influência ¹¹⁷.

Informou-me de que a estrada do Buturité já é transitada por carros de bois e está inteiramente concluída a metade que são 7 ½ léguas, sendo o maior declive de 10% que há tenção de reduzir a 7. Esta obra com que se tem gastado 80 contos, e a do porto são para ele as mais importantes da província. Os principais gêneros de produção são café, algodão, cuja semente tem criado bolor, açúcar e outros. Fez um contrato com o Dr. Francisco José de Matos fazendeiro de Queixeramobim [sic], sogro do chefe de polícia para o estabelecimento duma fazenda modelo, recebendo 10 contos anuais durante 3 anos. Há 4 camelos dos quais 1 casal vindo da Algéria; estão gordos agora sendo quem está encarregado de sua criação de inteira confiança; todavia o Duarte de Azevedo não pensa que servirão melhor que os cavalos do Ceará, se aclimarem apesar de beberem demasiada água que lhes faz mal. Não lhes consta que os árabes deixassem instruções para tratamento dos camelos. A cidade de Fortaleza está quase toda bem calçada tendo-se gasto nesta obra 200 contos, que segundo minha opinião, seriam muito melhor empregados numa estrada. O edifício que se faz para a Alfândega é achapado e tendo pedido consignação para este ano financeiro não lhe foi dada. O quartel é o melhor edifício nacional da cidade de Fortaleza. Acompanhou ao Duarte de Azevedo o que foi despachado secretário para o Piauí José Liberato Barroso. É filho do Ceará e moço de capacidade querendo antes de ir para o Piauí concorrer a um lugar de substituto no Curso Jurídico de Olinda.

27 de fevereiro de 1862 - Tive uma larga conversa com o Uruguai sobre o primeiro livro de sua obra sobre o direito administrativo. Pedi-lhe diversas explicações e concordando com quase todas as idéias dele, apenas divergi sobre estes pontos principais: o patronato executivo da Inglaterra que ele parece não admitir somente como um fato cujas causas cumpre procurar remover cada vez mais; a defesa do procedimento do conselheiro de estado membro do corpo legislativo que para fazer oposição ao governo combate medidas que aliás aprovara como conselheiro quando essas medidas não forem das propriamente chamadas de confiança, e então eu disse que não compreendia a nossa oposição que só procura entorpecer a marcha do governo pelos abusos deste que tem provindo na maior parte do patronato executivo. Também observei que me parecia melhor que nos casos em que o imperador não devesse necessariamente presidir o Conselho de Estado mandasse quando assim julgasse melhor outrem presidir o Conselho, e que o poder discricionário excluindo o contencioso administrativo pode dar lugar a muitos abusos; pois a responsabilidade muitas vezes não é efetiva e o mal poderá ser ao menos em parte, irreparável. Tratando da introdução comuniquei-lhe a observação que eu fizera ao Paraná sobre a política de conciliação à qual ele respondera perguntando se devia repelir quem o procurasse, o que revela qual o pensamento dessa política. Acrescentei que sem uma boa lei eleitoral que consista a todos os partidos esperar não se podem eles formar regularmente e que eu continuava a julgar boa a lei primitiva dos círculos. O Uruguai nada disse a tal respeito senão que admitia a conciliação como eu a entendia. O segundo volume que trata longamente da questão do poder moderador, em cujos atos entende o Uruguai que é bom haja referenda, ainda que se saiba que ela não é precisa, devendo ser crime discutir esses atos a não ser nas Câmaras, como sucede na Inglaterra segundo Blakstone, há de ficar impresso até maio. Julgo que já este ensaio há de dar o nome ao Uruguai cujo estudo e experiência podem ser de grande proveito ao país. O espírito da obra que admite que uma administração bem regular pode até certo ponto suprir a liberdade política há de desagradar a muitos; porém se estes combaterem estas idéias, procurando esclarecer a Nação, será isto de grande vantagem.

28 de fevereiro de 1862 - Nada de importante. Estive com o Dr. Freire Alemão ¹¹⁸ que segue amanhã para desempenho de sua comissão, de examinar a moléstia dos cafezeiros.

1 de março de 1862 - Fui à abertura da Escola de Marinha. No despacho leu o ministro do Império o aviso sobre a apuração da Câmara da capital de S. Paulo, e eu refleti que a decisão que eu aprovava não me parecia poder fundar-se

senão sobre o procedimento ilegal da Câmara como sucedera devendo portanto ser esta responsabilidade bem como a de Taubaté, não concordando eu com a resolução sobre a não contagem dos votos dados ao Dr. Antônio Carlos de Andrada Machado e Silva. O aviso tal qual o ministro o pretende expedir há de ser muito vantajosamente combatido ainda que lhe diga que o Eusébio não teria que se queixar visto ter desenvolvido no Conselho de Estado opinião contrária à principal em que se baseia o aviso.

O Saião, tratando da proposta dum bacharel de idéias liberais para juiz municipal de Silveiras, disse que se fosse para outro lugar, que não tivesse a maioria dos habitantes de opinião liberal, o não teria proposto para não influir sobre a opinião contrária, que lhe parece a melhor, ainda que o proposto não fosse capaz de se valer do cargo para isso; pois que na posição de magistrado, mesmo honestamente, muito poderia influir, de modo que para despacho de magistrados deve-se atender também às idéias políticas dos indivíduos no que não posso convir.

Tratou-se a questão da nacionalidade dos nascidos no Estado Oriental durante a incorporação, e fui da opinião do Eusébio que entende que não havendo na convenção entre o Império e o Estado de Buenos Aires sobre a então rebelada província Cisplatina nenhuma disposição clara a respeito dos nascidos durante a incorporação devem-se considerar brasileiros aqueles que se tiverem inscrito como tais antes do juramento da Constituição do Estado Oriental, e os filhos desses que menores na ocasião do juramento dessa Constituição se tiverem inscrito como brasileiros na época de sua maioridade. Houve divergência entre os ministros apesar do ministro da repartição já haver exposto o negócio em duas conferências e ficaram os ministros de estudá-lo melhor.

2 de março de 1862 - Nada. Cheguei a Petrópolis às 10.

3 de março de 1862 - Nada de importante. Recebi posta telegráfica do Capanema dizendo que se pode usar da linha telegráfica; porém com incerteza, e que por enquanto não há possibilidade de continuar pois que a porção do cabo submarino junto à Saúde não oferece a menor garantia. Trata-se o seu conserto.

4 de março de 1862 - Nada.

5 de março de 1862 - Veio o ministro da Marinha. Ainda não discutiram nenhum dos projetos, e crê ele que o Saião retira o da reforma da Guarda Nacional. Lembrei que era preciso aproveitar este mês; que de abril seria para relatórios e orçamento. Falamos em geral sobre o serviço da Marinha, e o ministro disse que não sabia como ia a aula de geometria aplicada às artes recomendando-lhe eu que se informasse das horas que eu desejava assistir a alguma lição. Lembrei-lhe a conveniência de mandar para Londres todos os trabalhos sobre o porto de Pernambuco para ser ouvido algum engenheiro de primeira plana, no que me disse ter já pensado, pretendendo fazê-lo, e que será conveniente mandar construir algum navio no Pará, ao que ele me respondeu que o presidente ¹¹⁹ e diretor do Arsenal, Pedro da Cunha ¹²⁰, cujos serviços no cargo o ministro encarece opunham muitas dificuldades que não me parecem invencíveis, bem longe de isso assim como ao ministro que tenciona mandar fazer o casco dum vapor no Pará vindo tudo mais dos Estados Unidos. Disse-me que ia mandar diversos trabalhos hidrográficos de Leverger ¹²¹ para o Instituto a fim deste publicá-los na sua revista, e porque estariam melhor guardados que na secretaria de cujo diretor ¹²², eu que as secretarias são [o] que os ministros querem que elas sejam.

O ministro tem tenção de encomendar um armazém de ferro para guardar as madeiras com a ordem precisa [*sic*].

6 de março de 1862 - Nada.

7 de março de 1862 - Nada.

8 de março de 1862 - Leal ¹²³ que chegou da Espanha onde esteve como nosso encarregado de negócios disse-me que não há tanta ilustração na Espanha como parece pelas obras que se publicam aliás quase todas de literatura; que não achou um colégio para seus filhos, e o estado do povo muito bruto não tem comparação com o nosso. Viu muita miséria

durante sua viagem de Madri a Baiena, e a Cádiz. O exército excessivo está em muito bom pé, assim como a marinha pelo lado do material não se fazendo contudo máquinas de vapor para a marinha de guerra nos arsenais.

Depois falei com o Eusébio a respeito da cerimônia de 25 deste mês ¹²⁴, e com o Joaquim Caetano da Silva a quem disse como individuo e soberano tinha feito tudo o que posso para bem dele e apreço de sua obra muito importante sobre o Oiapoc; mas ele lembrou-me o desejo de alguma graça que enquanto *[sic]* não obtivesse remuneração que lhe desse para viver o considerasse perante o público e eu respondi que proporia essa graça em despacho, como o fiz, concordando com os ministros em que se lhe desse a comenda da Rosa, ou o grau superior ao que já tivesse na ordem ¹²⁵.

Houve conselho de Estado sobre parecer da seção do Império que entende que os bispos podem encomendar padres estrangeiros nas paróquias quando faltem nacionais. Abrantes, Maranguape, Abaeté, e Alvim, além dos membros da seção adotaram o parecer desta. Albuquerque citou diversos alvarás e decretos; mas que parecem referir-se a párocos colados, e conclui contrariamente à seção. Jequitinhonha segue o parecer mas quer que os bispos não possam fazer essas nomeações sem sujeitá-las primeiro à aprovação do governo. Pimenta Bueno, concorda com a exigência do Jequitinhonha, quando explica ao Albuquerque que a gratificação que o bispo do Rio Grande ¹²⁶, cuja consulta originou o parecer, quer para os estrangeiros não é senão compensação da cônica que só os nacionais podem ter. Albuquerque quando tratou da gratificação pareceu inclinar-se à opinião do Jequitinhonha.

O Abrantes deu-me uma nota do cônsul da qual consta que Baillie ¹²⁷ comunicou em 28 de agosto e 3 de setembro as respostas que recebeu do ministério de estrangeiros a respeito da exposição de Londres.

No despacho pouco houve de importante; apenas o ministro da justiça por eu notar, ao ouvir queixas do presidente da Bahia ¹²⁸ sobre o mau serviço do secretário, que nenhum dos presidentes ainda não propusesse a demissão dele, disse que o Luís Maria passava na Bahia por um réu de polícia, e ente abjeto, que não freqüentava nenhuma sociedade capaz, o que deu lugar a um proposto algum tanto caloroso da parte do Paranhos, reclamando eu assim como o Taques contra o juízo errado do Saião que parece fácil em condenar o próximo.

O Caxias propôs o título do Conselho para o Secretário do Conselho Supremo Militar ¹²⁹. Opus-me alegando que contra minha opinião se tinha barateado essa graça e que se antigamente ela era anexa a certos cargos estes também não eram exercidos senão por servidores antigos, e que se dava esta circunstância com o atual, que aliás não tem serviços mais que ordinários contudo poderia ser alegado o precedente para outro em circunstâncias diferentes, e que enfim devia-se zelar mais a concessão dessa graça. O Caxias estava pronto a ceder; mas eu disse que a responsabilidade é dele e que era negócio para eu insistir mais. Declarou que fizera a proposta com anuência de seus colegas reclamando o Sousa Ramos seu voto contrário.

Tornei a recomendar a discussão dos projetos de lei.

Tratou-se da questão do México, e eu tornei a declarar que convinha responder ao Marques Lisboa, a quem Mr. Thouvenel ¹³⁰ parece ter querido surpreender alguma aprovação por parte do Brasil à política das potências aliadas, que o Brasil desejava muito a consolidação das instituições dos povos seusinhos *[sic]* mas por livre e espontânea vontade deles. Não creio no bom êxito do projeto da triplíce aliança e Deus queira que o arquiduque Maximiliano não venha a sofrer. Mr. Thouvenel parece que disse a Marques Lisboa que o arquiduque aceitará sob a condição da livre escolha dos mexicanos; mas como apreciar esta liberdade a tal distância e através de baionetas estrangeiras ¹³¹?

Expus o que se passou entre mim e Eusébio a respeito da festa do dia 25, e ficou para de tarde a cerimônia apesar de eu entender que entrará talvez a festa pela noite receando também alguma trovoadade de tarde. Declarei que deveria haver Te Deum e cortejo de manhã em festejo do juramento da Constituição e assim também pensaram os ministros. O Eusébio entendia que ficava festejado o juramento da Constituição com a cerimônia da inauguração da estátua dia 25, mas eu respondi-lhe que o festejo duma instituição como o pacto político duma nação não podia deixar de preceder a homenagem que aliás se rendesse a quem tanto tinha concorrido para que gozássemos dessa instituição; no que Eusébio concordou, posto que pense que bastaria a festa da Praça da Constituição. O meu desejo principal é que a inauguração da estátua de meu Pai não dê lugar à menor causa ou reparo; muito maior será meu prazer se ele for unânime.

Veio o ofício do Carvalho Moreira explicando a falta de espaço destinado na exposição para os produtos brasileiros pelo modo que eu supunha como não julgando verdadeiro pedido o cálculo hipotético de espaço necessário feito pela comissão de nossa exposição. Já nos estão destinados 1.240 pés quadrados em excelente lugar.

9 de março de 1862 - Cheguei à Petrópolis antes de 9 ½ h Nada.

10 de março de 1862 - Nada.

11 de março de 1862 - Nada.

12 de março de 1862 - Veio o Taques para despacho. A discussão dos projetos ainda não começou regularmente nas conferências; lembrei duas conferências por semana à noite para tratar disso. Entreguei um parecer da seção de Justiça que entender *[sic]* poder o juiz formador do processo não pronunciar por motivos justificáveis do crime. Fundado no artigo 144 do Código do Processo duvido da curialidade da opinião da seção, e também receio que favoreça abusos no caso do artigo 118 do Código Criminal; todavia sendo os ministros juriconsultos desse parecer nada mais opus à resolução de acordo com a seção.

13 de março de 1862 - Estive com o Caxias a quem lembrei a conveniência de condecorar o artista Rochet ¹³². Ele falou-me em que Rochet devia ser um dos que pegassem nas pontas do véu para descobrir a estátua; mas como supunha serem 4 e estão destinados para segurá-las os que levaram a pedra fundamental do monumento, eu disse que seria político que o Eusébio ¹³³ cedesse o seu lugar ao Rochet, no que mostrou repugnância o marquês preferindo ser ele quem cedesse o seu, ao que me opus, por ele figurar aí como presidente do Conselho de Ministros. Por fim disse-lhe que eu falaria ao Eusébio com que o marquês ficou satisfeito por se ver livre de comprometimentos. Recomendei a discussão dos projetos, e reconheci que na verdade tem se feito pouco e o marquês foge de ter conferências à noite, sendo agora que irá marcar mais um dia de manhã para conferência. Asseverou-me que não há a menor desinteligência entre os ministros, ainda que já me tem falado de questões por causa de indivíduos entre Saião e Sousa Ramos.

De tarde fui ver as obras do monumento do Largo do Rocio. Estão atrasadas e é preciso trabalhar bem até o dia 25. Os grupos são muito belos sobretudo o do Amazonas, e apenas noto alguns bichos menos bem imitados ¹³⁴. Há de ficar um monumento majestoso e artístico.

O Eusébio disse que as pontas do véu eram 8, e sem eu lhe pedir a indicação de nomes lembrou-me o Haddock ¹³⁵ para pegar uma delas. Não precisei de insinuar-lhe que cedesse o seu lugar ao Rochet se ele o não fizesse espontaneamente, alegando mesmo razões de política para que ele não fizesse com que o lugar do marquês de Caxias ou do presidente da Câmara Municipal ¹³⁶ fosse cedido ao Rochet.

14 de março de 1862 - Houve à tarde a distribuição dos prêmios aos expositores de que poucos deixaram de comparecer em relação aos que se esperavam. Esteve uma festa brilhante mas o relatório lido pelo secretário da comissão diretora deixa muito a desejar e não sei se a comissão concorda com todas as idéias aí apresentadas. Valia a pena adiar a distribuição, a fazê-la sem a leitura do relatório para que este trabalho fosse mais bem feito.

O ministro do Império, apesar de não aprovar a lembrança que sempre me veio falar na conveniência de agraciar os presidentes da comissão da estátua de meu Pai e da Câmara Municipal, e então disse-me que se não estivesse fora da cidade ter-se-ia oposto à proposta de condecorações para o dia 25, a que eu anui logo que o presidente do Conselho ma fez.

Há dias em despacho propôs-me que o ministro do Império o complemento do número de conselheiros do Estado ordinários por meio de nomeação dos quais um é o Eusébio, e eu disse que desejava pensar sobre a proposta porque tenho entendido que é de conveniência quanto seja possível conservar sempre algumas vagas no número dos conselheiros de Estado ordinários que ainda haja direito para dispensar a estes do serviço e chamar extraordinários ¹³⁷. As razões deste meu modo de pensar são óbvias, e espero que esta minha opinião a respeito da promoção do Eusébio não dê lugar a ele julgar que só faço para contrariar sua influência. Na minha posição posso não atender senão ao que me parece melhor para a Nação e neste sentido é que procuro sempre proceder, e por isso também sofro censuras de ambos os partidos que aliás são bem compensadas pela aprovação da minha consciência.

Tenho lido com atenção os artigos do Solitário ¹³⁸ publicados pelo Mercantil que parece ser do Jequitinhonha, ainda que um amigo dele até diga que o Jequitinhonha professa idéias opostas às do Solitário. As idéias de liberdade que o Solitário advoga agradam-me; porém, não creio na conveniência dum sistema baseado sobre elas, e certas indústrias são indispensáveis a qualquer país, e quando pouco desenvolvidas não podem prescindir de proteção que não é senão um sacrifício que os nacionais fazem durante tempo mais ou menos longo para irem firmando sua verdadeira independência.

15 de março de 1862 - No despacho nada houve de notável. O Saião pareceu-me querer lembrar a conveniência da concessão de graças no dia 25. Noto que o Saião gosta de que o Paranhos seja contrariado. Falei ao Caxias da inconveniente publicação do auditor de tropas ¹³⁹ no Correio Mercantil de quinta-feira, a que será bom que responda o Indicador Militar ¹⁴⁰ cumprindo ao mesmo tempo cuidar dos códigos militares visto que a legislação atual é insustentável.

Ouvi esta tarde que corria que se tinha distribuído cartuchame embalado a um corpo da Guarda Nacional. Tudo inventam, e triste política é a que vive de semelhantes embustes quando tantos meios honestos havia de fazer oposição; mas para isso é necessário estudar as necessidades da nação e onde está o zelo? Na educação da mocidade é que sobretudo confio para regeneração da pátria. Gritam que não se pode chegar ao poder senão fazendo oposição como a fazem; mas quando no poder não sofrem do mal que fomentaram? A imprensa é inteiramente livre, como julgo deve ser, e na Câmara e no Senado a oposição tem representantes; mas que fazem estes pela maior parte?

Veio à audiência José Antônio Sampaio, que foi juiz municipal de Pomba. Disse-lhe que não tinha boas intenções dele prescindindo todavia da polêmica dos periódicos; mas que procurasse o ministro da Justiça e que eu não quero senão fazer bom conceito dos outros. Tem me ares de pouco inteligente *[sic]*.

16 de março de 1862 - Cheguei a Petrópolis depois de 9 ½ h

17 de março de 1862 - Nada.

18 de março de 1862 - Nada.

19 de março de 1862 - Veio o ministro da Marinha. O da Fazenda tem a sogra a expirar, e o da Justiça foi para a Tijuca retocar o projeto da reforma da Guarda Nacional. Ainda não começaram a discutir os projetos em conferência. O ministro da Marinha disse-me que o Sousa Ramos propusera o oficialato da Rosa para o Rochet; mas eu insisti na primeira lembrança do hábito do Cruzeiro que o Sousa Ramos parece que acha menos que o oficialato da Rosa e que não satisfará o artista que dizem esperar grandes recompensas. Falei sobre negócios da Marinha, lembrando-lhe a conveniência de demorar o lançamento da corveta Niterói se isto é preciso para que ela se apronte com menos despesa, e pedindo esclarecimentos sobre as ordens dadas para o trabalho da barca de escavação no Rio Grande cuja demora prova a falta de zelo das repartições e autoridades, e parecem justificar o procedimento do comandante 1º tenente *[sic]* Domingos Fonseca. O ministro entende que os pedidos não eram precisos para a barca principiar a trabalhar e que houve desídia da parte do comandante.

20 de março de 1862 - Nada de importante.

21 de março de 1862 - Nada de importante. Recebi de tarde pelo telégrafo um resumo das notícias vindas pelo paquete francês mandado pelo Capanema.

22 de março de 1862 - Estive com o Cândido Batista ¹⁴¹. Deu-se muito com Mr. Faye a quem ouviu dúvidas sobre a descoberta de Bunsen e Kirschof; o que não admira porque ele nega a existência da atmosfera solar. Ocupava-se de experiências sobre a força de repulsão dos corpos incandescentes. Por ora ainda não pude conversar à minha vontade com o Cândido Batista. Trouxe-me a obra de Pontécoulant *Theorie analytique du système du monde* que diz ser obra preciosa e que eu poderei entender.

No despacho o Saião propôs a Bezerra Cavalcanti ¹⁴² do Rio Grande do Norte para juiz de direito; mas eu opus-me não pelo indivíduo mas por não poderem os deputados exercer efetivamente os lugares de magistratura como convém e deseja o próprio Saião. Este disse que o Silveira da Mota ¹⁴³ fazia coro com o Ottoni, e seria melhor que não demorasse os pareceres como consultor, tendo uma queixa do ministro do Império a respeito da demora dum trabalho que incumbira ao consultor sobre o regulamento para execução da lei dos casamentos acatólicos dado lugar à reflexão do Saião que pareceu exagerada e pelo menos incomodou o Caxias, tendo eu também dito nada havia de censurável em que Silveira da Mota conversasse com o Ottoni, e que eu desejaria igualmente ouvi-lo para conhecer a razão de seu procedimento. O Sousa Ramos atribui a Ottoni os artigos da Atualidade sobre a estátua de meu Pai e continua a asseverar que Ottoni inventa como ninguém tudo o que lhe faz conta. O Saião manifestou-me o desejo da Guarda Nacional que eu a comandasse no dia 25, e eu que apenas receava alguma crítica se tal fizesse por ter de desembainhar a espada pela primeira vez para fazer contingência à estátua anuí a um pedido tão de acordo com o que já me havia lembrado. Propuseram a comenda de Cristo para Rochet, como sendo-lhe de mais pareço, e, ainda que eu preferisse o hábito do Cruzeiro, assenti.

Estive com o Paranhos esta noite. Falou-me de dois trabalhos explicando e melhorando os regulamentos do selo e das alfândegas, e um projeto de lei sobre créditos que só me mostrará mais tarde talvez depois da abertura das Câmaras. Disse que receava déficit por não haver mais economias, ainda que supusesse difícil no material da marinha, e pensa na necessidade de novos impostos restabelecendo alguns na importação e melhorando o de lojas. O Areias ¹⁴⁴ deve remeter-lhe pelo próximo vapor um trabalho sobre o imposto de patentes; mas o Paranhos julga este imposto impolítico por ora. Eu lembrei que impostos na atualidade seriam muito impopulares e que cumpria economizar devendo representar isto a seus colegas. Parece que se ocupa, como convém, duma tarifa especial para o Rio Grande ¹⁴⁵.

23 de março de 1862 - Nada de importante. Cheguei a Petrópolis às 10.

24 de março de 1862 - Cheguei à cidade às 11. Li no caminho o artigo de fundo do Mercantil, e apenas direi que se no meu reinado tem havido verdadeira glória a meu Pai a devo.

25 de março de 1862 - Chovia muito às 10. Era de opinião que houvesse a inauguração apesar do mau tempo; mas lembrei aos ministros as razões pró e contra minha opinião, sendo destas as principais o estrago da saúde e bolsa dos que apanhassem chuva e a acusação que poderiam fazer o governo de ter aproveitado de conferenciarem mandaram o Caxias dizer-me que o ministério deliberara a transferência para domingo dia que eu lembrara por ser próximo, (não convindo que a inauguração se efetue a 7 de abril) e de maior concorrência de povo. Li os artigos dos jornais, e as razões do Teófilo Ottoni para não comparecer como membro de deputações de numerosas corporações, que enumera todas e a cuja generosidade própria dos brasileiros para com os perseguidos atribui ele a escolha. Este escrito revela bem o orgulho ou antes vaidade do Ottoni. O Saião mostrou-se muito indignado contra esse escritos lamentando ser ministro por não rebatê-los ele próprio e eu continuei a recomendar que combatam as idéias com a energia precisa e nunca ofendam os homens; o que julgo não compadecer-se com o gênio arrebatado do Saião.

A tarde estive boa e poderia estar feita a inauguração no dia 25 de março como eu tanto desejava; mas era preciso desavisar a tropa a tempo e pouco depois das 6 tornou a chover.

Conversando com o Dr. Tomás Gomes dos Santos ¹⁴⁶ a respeito do Ottoni ele disse-me que julgava que o Ottoni queria comprometer o partido liberal no que concordo visto que Ottoni quer dominar sem peias. Outro defeito que lhe acho é não arrepender-se nunca do que uma vez praticou, o que é próprio da tenacidade de seu caráter, principal qualidade de quem representa o seu papel.

26 de março de 1862 - Esteve cá o Caxias. Disse-me que tinham falado na conferência de hoje sobretudo na imprensa e contaram os deputados e senadores ministeriais, sendo estes 40 e aqueles 70 seguros. Eu lembrei tudo o que já tenho dito sobre a imprensa, e perguntando-me o Caxias se eu tinha alguma reflexão que fazer em contrário a atos do ministério eu apontei a não criação duma folha do governo, e certas despesas por causa de indivíduos que se deveriam ter evitado. Exprimi minha confiança no ministério que deve durar para produzir alguns bens, e acrescentei que procedendo legalmente

e mostrando que trabalha nada deve recear. Disse que o ministério da Agricultura deve ser de muito trabalho, e representando-me Caxias que havia falta de dinheiro eu repliquei que é assim e que cumpre diminuir quanto possível a despesa com o pessoal, ao que observou logo Caxias que tal diminuição é muito embaraçosa, e que ele da verba de gratificações na importância de 600 contos só tinha gasto até agora neste ano financeiro 90 contos. Referi-lhe o que Paranhos me disse a respeito do equilíbrio da receita com a despesa, respondendo Caxias que Paranhos tem sido causa de aumento de despesa na Marinha como por exemplo a formação duma esquadilha no Uruguai.

Recomendei a Caxias que me avisasse à medida que os ministros pudessem manifestar em despacho suas opiniões relativas aos projetos de lei, o que é preciso que principie quanto antes pois só aos sábados há despacho com todos os ministros.

27 de março de 1862 - Nada.

28 de março de 1862 - Nada.

29 de março de 1862 - Houve despacho. O ministro do Império apresentou o seu orçamento para perguntar-me se aprovara a verba para a comissão científica, e eu respondi que se estivesse de acordo com o que se assentara há poucos meses à vista das propostas dos chefes das diversas seções nada tinha que observar. O mesmo ministro disse que atendendo às representações do diretor da Academia das Belas Artes lhe assegurara que o Mafra ¹⁴⁷ receberia alguma manifestação de apreço; mas depois da festa da inauguração da estátua, com o que ficaria satisfeito o diretor. Eu refleti que convinha evitar que no caso de se dar como era justo alguma demonstração de apreço ao Mafra se pudesse dizer que o governo assim procedera por se lhe não ter censurado seu esquecimento. O ministro assegurou que o diretor ficara de evitar que tais censuras se fizessem expondo o que se dera entre ele e o ministro. Falou-se da imprensa e eu aprovando os artigos do jornal de hoje repeti que se deviam combater as idéias e nunca ofender o homem qualquer fosse seu nome. O Taques perguntou-me se tinha gostado dos artigos do Correio da Tarde e eu respondi que eram muito ad hominem e tal linguagem não convinha em folha que recebia estipêndio do governo.

Restitui diversos documentos que mandou Mr. Imnhaus *[sic]* diretor da imprensa do ministério do Interior em França, e ex-delegado da ilha da Reunião sobre a colonização africana e de coolies da Índia nessa ilha, os quais são muito interessantes, e recomendei por isso à atenção do ministro da Agricultura. Não me descuido desse ramo do serviço público que sobretudo me interessa; mas são tantos os embaraços e sobretudo a falta de zelo!

Ainda não principiou em despacho a discussão dos projetos de lei. O Caxias deu-me 2ª feira para examinar o artigo do relatório sobre recrutamento, o projeto de montepio para o exército e outro de código disciplinar para o exército, mas ainda não tive tempo de examiná-los.

Conversou-se sobre o processo Tolentino e os ministros Saião e Taques pensam como eu que não podia haver lançamento. Eu disse no que concordou o Saião que o Tolentino não deveria aceitar esse meio de evitar seu comparecimento perante os tribunais, e Saião até entende que o Tolentino não deverá escolher advogado, no que não concordei, assim como o Paranhos, que defendeu o Tolentino até de haver aproveitado o recurso do lançamento. Caxias também pensa como eu a respeito do procedimento de Tolentino.

Restitui o processo do comandante do vapor Pedro 2º ¹⁴⁸. Se fosse juiz condenava-o, e vejo que os dois oficiais da Marinha, Tamandaré e Carvalho ¹⁴⁹ assinaram-se vencidos na sentença do Conselho Supremo Militar que confirmou a absolvição unânime do Conselho de Guerra; como haverá boa oficialidade com tamanha falta de rigor. O visconde de Cabo Frio é digno de todo o respeito ¹⁵⁰ mas o filho perdeu um de nossos melhores vapores de guerra por falta de cuidado. Traçou um rumo, segundo a carta de Barral e sem prumar, sem atender à correnteza foi dar com o vapor sobre as pedras; até consta do depoimento do imediato que o comandante da estação, sabendo do rumo dissera que o vapor necessariamente encalharia.

30 de março de 1862 - A manhã por causa do tempo quase me fez desesperar da festa da inauguração da estátua eqüestre de meu Pai. A tarde estive sofrível mas para a noitinha começou a chover. A festa fez-se com a possível ordem.

Havia bastante gente apesar do tempo ter estado mau. O povo estava bastante arredado da estátua quando correu [o pano] e por isso não houve logo vivas que se amiudaram quando eu me achei mais em contato com o povo e sobretudo depois que montei a cavalo. A estátua é um bellissimo monumento e vista de certa distância não podia ser mais proporcionado em todas as suas partes o monumento. A luz elétrica que iluminava a estátua do segundo andar do teatro parecia sobretudo com a reflexão na chuva uma faixa luminosa descida do céu. O salão do teatro encheu-se de membros de comissões, cujos discursos em número pareceram-me os requerimentos que me entregavam nas províncias do Norte, principalmente na Bahia.

O Jornal do Comércio traz um terceiro artigo sobre a vida de meu Pai habilmente escrito, é do Firmino ¹⁵¹ como os dois primeiros anteriormente publicados. O artigo intitulado D. Pedro de Alcântara é do Saião, e logo lhe conheci o estilo, parecendo-me característica a lembrança da ária da calúnia de D. Basílio.

O Eusébio pediu-me dispensa de ler o seu discurso, que era muito bem feito, menos quanto a comparação entre meu Pai e Alexandre Magno, por causa de não ter vista para ler de noite; o Haddock Lobo estava pronto para ler o discurso do Eusébio; mas eu dispensei a leitura.

Não posso deixar de falar do belo efeito que produziu o Te Deum de Neukomme ¹⁵². As descargas de mosquetaria e tiros de peça foram repetidas três vezes com toda a exatidão no Sanctus, Sanctus, Sanctus. As vozes cantaram muito unidas.

O Caxias disse que o sogro do Otaviano reprovara os artigos contra a estátua, mas o Eusébio e amigos do Barreto falaram-me em sentido contrário. Sinto que tal suceda; porque sempre estimei o Barreto e julgava que ele me estimava bastante para não deixar de poupar-me do desgosto dos artigos do Mercantil a respeito da estátua. Creio que o Ottoni domina as três folhas Mercantil, Diário e Atualidade, e ouvi ao Eusébio que Ottoni dissera a Silveira da Mota que lhe observara seria seu procedimento totalmente oposto, se eu o escolhera Senado [sic] que havia de mostrar seu despeito. Refiro este dito somente sem que possa assegurar sua veracidade. Notei a falta do Uruguai. O C. Batista também não apareceu; mas o tempo não era para ele se expor. O visconde de Sapucaí parecia meio arredio.

31 de março de 1862 - Vindo para Petrópolis passei pelo Largo do Rocio para ver a estátua de meu Pai. Faz bellissima vista, e dos grupos agradam-me mais o do Amazonas e S. Francisco, ainda que este tenha pouco ares dum índio do Brasil; mais dos Estados Unidos. O folhetim do jornal parece-me injusto, e todos os que conheceram meu Pai dizem que é perfeita a semelhança. O autor do artigo parece que queria a verdade histórica até o ponto de por meu Pai de fardeta e montado numa besta.

Li o artigo do Solitário, e concordo inteiramente com que ele diz sobre a necessidade de olhar seriamente das províncias [sic]. Ministros de ambas as opiniões e pessoas das províncias do Norte sabem de minhas [opiniões] a tal respeito. Quanto ao Amazonas sempre tive receio dos Estados Unidos cujas relações suplantariam as de outras potências, e ainda que muito agrade a doutrina evangélica de Russel entendo que a integridade do Império é a principal segurança de nossa prosperidade e que portanto cumpre zelá-la mesmo para bem das províncias. Contudo a abertura do Amazonas a todas as nações sob certas regras há muito tempo que ocupa minha atenção tendo eu sempre chamado a atenção dos ministros para o Pará cujas imensas riquezas é dever aproveitar; mas tudo custa a fazer em nossa terra e a instabilidade de ministérios não dá tempo aos ministros para iniciarem depois do necessário estudo as medidas mais urgentes. É preciso trabalhar, e vejo que não se falta quase senão em política que é as mais das vezes guerra entre interesses individuais.

1 de abril de 1862 - Nada de importante.

2 de abril de 1862 - Veio o Paranhos. Lembrei-lhe a tarifa especial para o Rio Grande do Sul de que ele se ocupa. Falei das aprontas que se tem feito ao Brasil e necessidade duma política própria para evitar maiores embarços futuros. Falamos da abertura do Amazonas que não pode ser adiada por muito tempo, convindo tratar de colonizar convenientemente as margens do rio como há tantos anos recomendo eu. A respeito do comércio de cabotagem feito por estrangeiros diverge Paranhos inteiramente das idéias do Solitário por sólidas razões com que eu concordo. Ele pensa que os artigos do Solitário são pagos ao Mercantil por interesses dos Estados Unidos. Deu-me um officio do nosso ministro em Washington Miguel Maria Lisboa ¹⁵³ relativamente à comunicação entre o Brasil e os Estados Unidos por barcos de vapor, e pensa como eu que

essa linha de vapores deve chegar ao Rio de Janeiro com escala pelo Pará, e outros portos brasileiros, que se designarem. Disse-me que o Sousa Ramos apresentara um projeto de reforma municipal que chama seu, o que agora – já em abril – é que iam tratar seriamente de discutir os projetos. Manifestei desejo que apressassem esta discussão porque devo passar na cidade a semana santa, e então tenho mais dias para ouvir as opiniões dos ministros.

O projeto sobre o serviço dos créditos ainda não está pronto. O Paranhos aprova a fusão do Banco Agrícola ¹⁵⁴ no do Brasil, mas ainda não estudou devidamente o parecer da comissão esperando pela discussão dele para formar seu juízo definitivo ainda que me parece dever esse juízo preceder tal discussão para que pudesse influir até onde lhe fosse permitido na decisão tão importante para o Banco do Brasil. Recomendai-lhe que dissesse ao Caxias que eu já tinha examinado o artigo para o relatório sobre o recrutamento, e o projeto de montepio que devia muito melhor elaborado depois de tanto tempo que pensam nele; os defeitos saltam à vista de quem tem já estudado essa matéria.

3 de abril de 1862 – Nada de novo.

4 de abril de 1862 – Nada de novo.

5 de abril de 1862 – Estive com o Cândido Batista que preferia o meio de indenizar em dinheiro ao Banco Agrícola o direito de emissão que passaria para o Banco do Brasil do que dar a aquele ações. Entende que o aumento de capital do Banco do Brasil depende do corpo legislativo.

No despacho apareceu Manuel Felizardo e apresentou os papéis a respeito dos telégrafos elétricos ligando as províncias e ficou assentado segundo eu já expressara quando examinei tais papéis que se abraçasse a opinião da maioria da seção do Império que propõe que se estude este assunto a fim de realizá-lo caso as circunstâncias do país não o impossibilitem. Falei sobre o aviso dirigido ao presidente de Pernambuco sobre o acréscimo de garantia do capital da respectiva estrada de ferro, e o ministro disse que com efeito havia promessa tácita caso não se reconhecessem abusos, e que ele julgava não sucederia, e eu repliquei que se havia assentado em não fazer a menor promessa. Escolhi o senador pelo Ceará a Miguel Fernandes Vieira ¹⁵⁵, e manifestei a minha opinião de que não aprovara nunca sua exageração em política e a escolhia porque os outros dois não seriam eleitos sem influência dele ¹⁵⁶, que aliás sempre sustentara princípios de ordem, e é homem honesto. Tratou-se do recurso da pena de morte dum réu que no ato de fugir da prisão esfaqueara um delegado de polícia que morreu da ferida. O réu já estava preso por outras mortes; porém o Eusébio, contrariamente à maioria da seção, alegou a circunstância de ter sido perpetrada a morte em ato de fuga da prisão em que o réu devia passar toda a vida, e tomando eu os votos dos ministros, havendo já se retirado Manuel Felizardo foram todos pela pena de morte menos o Taques que até não via circunstâncias agravantes que permitissem a imposição da pena de morte, sem embargo de decisões acordes, e até da relação. À vista disto e seguindo eu o princípio que já manifestei neste livro comutei a pena em galés perpétuas no que tive grande prazer.

O ministro do Império entregou-me impresso o seu projeto de reforma municipal, e eu tornei a lembrar como urgente a reforma da administração provincial. O ministro alegou que a matéria é difícil; mas sem dificuldade que é que se faz de importante?

Como o tempo vai correndo já apresentei minhas reflexões ao projeto de montepio, insistindo sobretudo na injustiça de privar do montepio os que tiveram mercês pecuniárias que devem ser obtidas por serviços, e no quantitativo muito elevado das jóias. Há outras disposições de injustiça análoga à primeira apontada e contra as quais me declarei igualmente. Lembrei a necessidade de por bem claro quais são os filhos naturais a que se atende, e a equidade de se admitirem os netos à pensão do montepio, quando não haja filhos.

Entreguei um requerimento de Joaquim Procópio de Figueira e referi que ele me dissera que o Saião lhe dera a entender que sou eu que me oponho à sua entrada para a magistratura e que eu lhe respondi que o Saião também pensava que era melhor que ele seguisse outra carreira não havendo contudo nada contra sua honestidade. Creio que ficou persuadido, como deve, de que não é despachado por falta de inteligência. O Saião propôs que se pedissem informações ao presidente do Maranhão ¹⁵⁷ sobre o deputado Bitancourt, e pouco depois que advogara a causa de Bitancourt, disse que se um português

que aluga escravos e tem mais de 300 dentro da cidade não os vendesse aos lotes para evitar alguma insurreição, estava no caso de ser deportado, contra o que protestou Taques.

Falou-se da impressão que causava na Bahia a demissão do comandante das Armas Fontes ¹⁵⁸ aconselhada em carta do Antão, e eu disse que não tinha sido prejudicial a mudança dele e sobretudo a do batalhão da Bahia; mas que eu confiava e confio no Fontes e que influiu muito na sua demissão a política que suspeita logo das relações que o homem, por mais imparcial que seja, tenha com os adversários.

Depois do despacho estive com o Nicolau ¹⁵⁹, que chegou de Portugal. Muito me entristeceu contar-me ele que meu cunhado Fernando diante de diversas pessoas mostrara enfado ao receber uma carta minha, dizendo que eu o incomodava querendo sempre resposta e longa, o que não é exato; porque só me queixo de ter carta dele de meses em meses, e abrindo-a a carta ainda mais enfadado ficara com a areia dizendo que não parecia a minha carta de pessoa civilizada devendo eu usar de mata-borrão, ao que replicara o Itamaracá ¹⁶⁰ que não se julgava da civilização de qualquer por tão pouco e que eu tinha muito que fazer para estar cuidando nessas coisas pequenas, com o que meu cunhado procurou desculpar-se do que dissera. O Nicolau crê que meu cunhado não me tem amizade que eu lhe consagro, e disse-me que o Itamaracá fizera a mesma reflexão. Parece que meu cunhado é egoísta, dizendo ao despedir-se do Nicolau que ele não gostava de se escravizar a coisa nenhuma e que portanto eu não conseguiria obrigá-lo a escrever-me quando eu quisesse, que não sabia fazer as coisas senão quando queria. O Nicolau disse-me que meu cunhado emagrecera com a morte dos filhos, ainda que poucas mostras dera de seu sentimento, e na véspera da morte do rei estivera no teatro.

Esqueci-me dizer que o ministro do Império propôs o cônego Sequeira Mendes para arcediogo de Sê do Pará. O bispo escreveu que o não propunha por motivos de consciência que não declarou. O presidente ¹⁶¹ informa favoravelmente a respeito da moralidade do Sequeira Mendes; mas eu disse que não tinha as mesmas informações e que se pedisse ao bispo a declaração dos motivos de consciência. O ministro disse que o bispo protegia um padre e eu repliquei que o presidente também poderia querer proteger um deputado da província. Sem dar força moral aos bispos que a merecerem como o do Pará não teremos bem clero.

6 de abril de 1862 – Cheguei a Petrópolis perto de 10.

7 de abril de 1862 – Nada de novo.

8 de abril de 1862 – Nada de importante. Esteve comigo o Sodré ¹⁶² que veio expor suas circunstâncias. Disse que os ministros não o propunham mesmo para qualquer emprego interno porque eu me opunha, e que o Taques lhe contara, o que na verdade sucedeu, que eu lhe perguntara quando passou Sodré para a disponibilidade ativa, se a lei o permitira. Eu respondi a Sodré que entendia que ele não devia ser empregado fora do País, e que dependia dos ministros proporem-no para qualquer lugar dos que reconhecia que ele podia servir dentro do país; que eu só em casos extraordinários propunha para empregos, e que apenas me opunha às propostas, se me pareciam más, anuindo contudo a elas se os ministros insistiam. Autorizei-o a referir minha conversa aos ministros e acrescentei que se duvidassem eu confirmaria perante eles o que acabava de lhe dizer.

9 de abril de 1862 – Veio falar-me o juiz municipal de Serinhaém Gervásio Pires Ferreira. Documentou-me seus serviços a bem da justiça no termo, e os crimes praticados por membros e protegidos das duas famílias Uchoa Cavalcanti e Wanderley. Pode ser retirado do termo com nomeação de Juiz de Direito. Animei-o, dizendo que falasse ao ministro da Justiça que atenderia aos serviços dele e interesses da Justiça.

Veio o Saião para despacho. Estava incomodado com o artigo de fundo do Mercantil e o do Ottoni por dizer que ele joga o lansquenet que reprovara aos Teixeira Leitões aliás seus amigos, jogando ele só o voltarete ¹⁶³. Observei que eram represálias dos ataques pessoais ao Ottoni em folhas que passam por oficiais, e insisti na necessidade duma folha oficial cuja ameaça, segundo referiu-me o Saião, serviu para o jornal ¹⁶⁴ admitir artigos que atacam a deputados embora haja proibição no contrato com a Câmara dos Deputados que o Saião pretendeu que só tinha força durante as sessões! Como se pode deste modo criar a folha oficial?

Propôs a nomeação do filho do Albuquerque ¹⁶⁵ juiz municipal de Niterói para juiz de direito de Garanhuns, e o filho do Eusébio ¹⁶⁶ para o lugar que deixar aquele. Lembrei-lhe que consultasse o Albuquerque o que aliás ele já tencionava fazer. Havendo a vaga de juiz de direito de S. João na Paraíba propôs esse lugar o Gervásio Pires Ferreira que eu lhe indicara para juiz de direito contando-lhe a minha conversa de manhã; mas eu refletindo que o filho do Albuquerque pertence a uma família muito influente em Pernambuco sugeri a troca das propostas para os dois lugares com o que Saião não concordou. Disse que tinha boas informações do Gervásio; mas que era metido na política, o que eu contestei ao menos como tendo influído sobre seu procedimento como magistrado e amigo do Pais Barreto ¹⁶⁷. Tornou a falar da proposta de deputados para juizes, e eu disse que não admitia senão políticos ou magistrados, porém, que cederia à opinião do ministério querendo somente que fosse bem sabido meu modo de pensar a tal respeito. Aproveitei esta ocasião para falar na conveniência da remoção do Saião do Rio Grande ¹⁶⁸ ainda que para lugar melhor e o irmão ficou de lhe escrever. Tratei da aposentadoria dos magistrados tidos e havidos por venais, e o Saião disse-me que insistiria em sua proposta e que se retiraria do ministério se este não fosse do seu parecer. Eu firmei minhas idéias a respeito da política da Justiça e apontei alguns pontos em que o ministério não tem cumprido à risca tal política, reconhecendo todavia que o rigor que me permitia minha posição não podia deixar de ser modificado pela maleabilidade necessária dos ministros assim como esta corrigida por aquele. Ainda hoje o Saião fez reflexões sobre a proposta dum liberal para um posto da Guarda Nacional de Barbacena, e eu respondi que era preciso desligar os liberais ordeiros dos que pretendessem perturbar ou arriscassem imprudentemente a ordem pública.

O Saião contou-me como tendo ouvido ao Alexandre Joaquim de Sequeira que o Cristiano Ottoni ¹⁶⁹ lhe perguntara se tendo sido chefe de polícia não inventaria um meio de queimar um pontilhão da 1.^a seção da estrada de ferro de Pedro 2º por isso que contra sua opinião os árbitros o deram por bem construído. Este dito que não posso considerar senão como gracejo é apresentado como prova do caráter do Cristiano Ottoni! É preciso ter mais caridade para com o próximo. Vejo muitas tendências de intolerância da parte de ambos os políticos e voltaremos às lutas antigas? Temo-o e segundo alguns é do caos que nascerá a ordem isto é luz para uns e trevas para os contrários; o governo se simplificará; mas quantos mais fins só tem havido conversas por ora, e depois na Câmara cada ministro puxará para seu lado!

10 de abril de 1862 – Acabei de ler o regulamento para os castigos disciplinares do exército. Não o acho mau e pretendo chamar a atenção do Caxias para ao menos maior modificação no castigo das pranchadas. Hei de entregar este trabalho depois de amanhã assim como o parecer das seções do Império e Fazenda sobre a venda dos contratos feitos com o Mauá a companhias inglesas. Concordo com a opinião da maioria que entende que não se deve permitir a venda do contrato de navegação do Amazonas ¹⁷⁰. Ainda não sei qual o voto do ministério.

Li notícias do Estado Oriental que vem dar mais força ao que já disse sobre a nossa política no Rio da Prata. Cumpre mostrar aos brasileiros que são protegidos para que o Brasil não se veja em sérias complicações. Neto ¹⁷¹ já escreveu ao Caxias que se o governo não os protegesse estavam dispostos a levantarem-se contra as autoridades orientais na margem do rio Negro ao menos. Neto disse ao nosso cônsul em Montevidéu ¹⁷² que Canavarro ¹⁷³ protegia o levantamento. Os negócios estão sérios e convém muita prudência e muita energia.

11 de abril de 1862 – Nada de novo.

12 de abril de 1862 – No despacho decidiu-se a questão da apuração de deputados provinciais das Alagoas no sentido do parecer da maioria do Conselho de Estado, e pareceu-me bom o Aviso já redigido neste sentido.

Apresentei minhas reflexões sobre o projeto de reforma municipal. Entendo que se dão ao administrador municipal atribuições que devem pertencer à Câmara, que não pode o governo só por si regular as formas dos contratos da Câmara, e as condições de nomeação etc. dos empregados da Câmara, e que o ordenado até 10 contos para o administrador da Corte é muito elevado, não devendo haver administradores pagos somente nas grandes capitais marítimas. Não entrei em maior exame porque os ministros ainda não estudaram o projeto. O Paranhos parece não anuir à passagem de todas as verbas de renda apontadas para a Câmara Municipal, mas eu acho esta parte uma das melhores do projeto; pois que assim ficará o Município Neutro justamente aquinhoadas e a Câmara terá meios de satisfazer os encargos que acertamente *[sic]* se lhe

transferem. Paranhos também pensa que 21 são muitos vereadores para a Corte. Sousa Ramos apresentou a opinião de alguns a favor do aumento de número de vereadores para alguns municípios; porém nas províncias com sua renda e assembleias provinciais não há a mesma razão. O Sousa Ramos não apresentou ainda a nomeação do Fernandes Moreira de Valença ¹⁷⁴ para presidente do Piauí, como me propusera Saião 4.ª feira em nome dos colegas, assim como a concessão da demissão que o Gaioso há tempo pedira para o caso do governo não julgar conveniente sua continuação na presidência.

Saião não propôs para juiz de direito nem o filho do Albuquerque o qual julgo, pelo que ouvi ao pai, que não aceitará o lugar de Garanhuns nem o Gervásio Pires Ferreira, que ainda lhe não falara. Manifestei minha opinião sobre o projeto de reforma da lei da Guarda Nacional já modificado conforme as reflexões que eu e os outros ministros tínhamos feito ao Saião. Entendo que os da reserva que o forem por impossibilitados de serviço ativo e os reformados não devem contribuir. Os dias de parada dos Guardas Nacionais devem ser marcados pelo governo na Corte e presidentes nas províncias declarando-se isto na lei. O Taques desaprova a idéia capital do projeto, e o Paranhos quer que a milícia auxiliar tenha organização mais militar; e não fique tão localizada quanto à direção. O Paranhos propôs a aposentadoria do Francisco Muniz Barreto ¹⁷⁵ escrivão da alfândega da Bahia e para ele receber todo o ordenado entende que se lhe devem contar os anos que esteve fora da alfândega por demissão por isso que o decreto que tornou a nomeá-lo para alfândega fala de reintegração. Eu refleti que se ia estabelecer mau precedente, e que além disso não queria que se supusesse que eu protegia o pretendente por me haver feito os versos do Rei só que tanto me incomodaram.

13 de abril de 1862 – Conversando hoje com o Saião achei-o desanimado a respeito da maioria da Câmara e avesso à idéia de dissolução. Já diz que não pode haver dedicações políticas sem favores e só com a política da justiça às direitas. Poucos são com efeito os que a querem em prejuízo próprio; mas ela é reclamada pelo bom senso do país e os ministros que se sacrificarem por ela colherão depois justa recompensa e poder-se-ão manter com honra o governo.

14 de abril de 1862 – Estive com o Caxias. Li o seu relatório e entreguei-lhe o regulamento para os castigos disciplinares do exército fazendo algumas observações no sentido de abolir a pena das pranchadas; mas o Caxias não concorda por ora com a abolição desse castigo. Contou-me que o Ottoni pretendia comprar a empresa do Mercantil deixando-a Barreto e Otaviano, mas que julgava por ora que era notícia espalhada para ver se o governo a comprava pois há bastantes dívidas. Eu fingi-me ignorante de tudo; mas de manhã veio cá o Jerônimo Martins de Almeida da parte do Barreto, que estava muito aflito porque o Otaviano lhe dissera que abandonaria o Mercantil se ele não vendesse a empresa ao Ottoni, que pretende formar para isso uma companhia em comandita ou não propusesse qualquer outro arranjo. O Benjamim Barreto mostrou-se contrário ao trato com Ottoni e Barreto pediu-me que eu dissesse ao Caxias para lhe falar. Eu respondi que era melhor que ele falasse ao Caxias para falar-me, prometendo eu fingir-me ignorante do seu pedido diretamente a mim, se julgasse isso preciso, e que apesar de meus desejos de favorecer ao Barreto a quem devia finezas pouco poderia fazer, visto que os ministérios não tem querido adotar a minha idéia da criação duma folha oficial.

15 de abril de 1862 – Esteve comigo o Manuel Felizardo que veio consultar-me sobre dois negócios da Estrada de Ferro de Pedro 2º. Os ministros propuseram-me que se não continuasse a estrada de ferro até a Prainha, visto que a renda não cobriria 5% da despesa de 3.000 contos que seriam melhor empregados na continuação da estrada para o interior, e que se autorizasse a diretoria da estrada a ligar o porto de Joaquim do Alto, à boca superior do grande túnel por meio duma estrada de ferro provisória, que dobrando as taxas da Barra do Pirá até Joaquim do Alto, haverá até um lucro de 140 contos até ficar aberto de todo o grande túnel, o que sucederá em fins de 1866. Manuel Felizardo disse que o engenheiro fiscal à vista dos estragos da chuva tem quase certeza que a estrada não chegará no fim deste ano a Joaquim Alto como se prometia. Disse-me que na conferência de hoje fez-se nos orçamentos uma redução de 600 contos. Ontem vi uma carta do Paranhos ao Caxias falando de um déficit de 3 mil e tantos contos. Cumpre a todo o custo evitar novos impostos não se ocultando contudo o estado do tesouro público ao poder competente. Manuel Felizardo entregou-me 2 regulamentos; um criando o corpo de engenheiros civis para as obras públicas e outro para a inspeção das obras do município da Corte.

16 de abril de 1862 – Veio o Sousa Ramos ler o seu relatório. Poucas idéias apresenta. Lembrei-lhe a conveniência de não propor a criação duma das faculdades de teologia em Minas, como queria, visto haver necessidade de pensar na criação duma universidade aqui. Nada diz da criação de auditores do Conselho de Estado como tirocínio administrativo. A respeito da construção de teatros ainda penso que se poderiam acomodar as três companhias nacional, lirica nacional e italiana no teatro monumental há tantos anos projetado.

Tratando da reforma municipal lembrei que devia ficar claro que os administradores municipais nas províncias não poderiam ter ordenado fixado pela lei geral, e então disse-me o Saião que os administradores com efeito deviam ser pagos dentro do máximo marcado no projeto pelos cofres municipais, replicando eu que é isto contra o Ato Adicional. Por fim conveio ele em que só se falasse do ordenado do administrador do município da Corte, ainda que fiquem os administradores dos municípios importantes das províncias sem paga por deficiência dos respectivos cofres municipais. Parece-me que os administradores dos principais municípios deviam ser pagos pelo cofre geral ainda que se diminuísse o máximo marcado na lei para esses ordenados. Observei que o artigo a respeito da incompatibilidade de exercício é muito vago. O Saião que tinha chegado manifestou que julgava inconstitucional qualquer incompatibilidade que fosse de eleição; mas o Saião retorquiu que a Constituição deixou a uma lei ordinária regular o modo de eleição das câmaras municipais. É questão que devo ainda estudar.

O Saião trouxe diversos requerimentos de perdão; mas infelizmente não pude atender senão a poucos porque entendo que o serem feitas as graças em 6^a feira da Paixão ainda maiores escrúpulos me impõe. Fiz reflexões sobre o projeto judiciário mostrando dúvidas sobre a diferença de jurisdição nas comarcas em que há relação, substituição do promotor de justiça pelos desembargadores imediatos na relação ao substituto, e perda de predicamento para os magistrados que servirem de chefes de polícia. A substituição ficou à escolha dos presidentes das relações, e quanto aos magistrados chefes de polícia conservarão o foro assim como gozarão dele os chefes de polícia que não forem magistrados. A diferença de jurisdição nas comarcas em que haja relação tem sido bem aceita por diversos juriconsultos ouvidos, e entre elas o Abaeté, e por isso não insisti.

Falando de economias apontei aos ministros a repartição das obras públicas e arsenais como fontes de desperdícios, e por exemplo indaguei o estado do calçamento da Rua Nova do Conde ¹⁷⁶ tendo o empreiteiro Paula Matos ¹⁷⁷ ganho o ano passado com os contratos 80 contos segundo me consta, é o que sucede com os fornecedores dos arsenais. Hei de insistir nisto em despacho. O Saião disse-me que ontem o ministro da Marinha depois de recusar-se a cortes no seu orçamento confessou por fim que tinha elevado as comedorias de 400 a 500 réis quando agora os gêneros estão mais baratos do que na época dos 400 réis.

17 e 18 de abril de 1862– Festas da Semana Santa. No dia 18 tive despacho para os perdões. Entreguei ao Sousa Ramos a tabela de seu orçamento. Fiz ver a inconstitucionalidade de se pagarem os empregados deputados que durante as sessões legislativas exercem seus empregos. Notei a supressão dos 800\$000 para o coletor do museu e de 4 contos para auxílio dos sacerdotes que vão estudar na Europa. Disse que essas despesas eram inúteis e que a verdadeira economia devia fazer-se nas repartições das obras públicas e ministérios da Guerra e Marinha; isto é, deviam cortar-se os abusos. Referi os fatos de que tinha falado no dia 16 e prometi informar-me a tal respeito.

19 de abril de 1862 – Aleluias. Soube que o fato da fazenda comprada para um dos arsenais fora para o da Marinha e no ministério do Paranhos. Contaram-me também que João Batista da Fonseca ¹⁷⁸ há anos oferecera pano para o arsenal de Guerra, e que tendo sido rejeitado o compraram depois por casimira e pelo mesmo preço havendo contudo sido cortada pelo meio por ser a casimira mais estreita que o pano. O Arsenal da Marinha está agora, segundo me consta melhor que o da Guerra. Ontem o Manuel Felizardo disse-me que na sua repartição ajustava-se por $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{2}$ menos.

Veio o Paranhos à tardinha e deu-me um projeto de reforma do regulamento do selo. Disse-me que ainda não tinha recebido todos os papéis necessários para escrever o relatório, e que a diretoria de rendas era mal dirigida ¹⁷⁹. Estava mais animado a respeito do orçamento de 1863-64. Falou-me de diversas modificações no regulamento das alfândegas, e dum projeto para regular a abertura de créditos suplementares e extraordinários precisando os casos. Eu lembrei a audiência da

seção respectiva do Conselho de Estado; mas não abraçou por ora a idéia porque receia demora nas seções. Espera o trabalho da comissão nomeada sobre a moeda de troco.

20 de abril de 1862 – Falei antes da missa com o Manuel Felizardo a respeito do Mucuri dizendo que era preciso evitar as queixas justas *[sic]* sobre a elevação dos fretes até Minas-Novas a mais do dobro, e sobre a necessidade de distribuir mudas de café de melhor qualidade que a existente atacada quase geralmente pela lagarta. Manuel Felizardo respondeu-me que já cuidava do melhor fornecimento de mudas de café, e que o preço do frete para o Mucuri fora baixado mais do que permitiam as despesas de condução na véspera da encampação do contrato com o Ottoni. Disse-me que o Cardoso ia responder ao Ottoni verei o que há de exato nessa queixa. Falei ao Saião sobre o penitente da procissão do enterro e a necessidade de fazer as procissões somente dentro das igrejas ou nos adros. Hei de dizer o mesmo ao Sousa Ramos para se entender com os bispos. Manuel Felizardo disse-me que o Cardoso fora reeleito diretor da Seropédica para se demitir depois; mas o Cardoso falou-me ontem de tarde como se pretendesse até empenhar toda a sua fortuna para progredir a indústria sérica. Cardoso ainda falou em mandar Tavares estudar na Europa ¹⁸⁰; dinheiro jogado fora! É preciso ver aqui ou na Europa quem tenha prática dessa indústria. O presidente da província creio que está nesta idéia e em tudo o que for preciso para não inutilizar os sacrifícios da província; porém ainda não me falou depois da reunião dos acionistas.

Cheguei a Petrópolis pouco depois das 5 da tarde.

21 de abril de 1862 – Saí às 6 da manhã para a fazenda do Inglês no fundo da Mosela. Há aí questão de terras com a fazenda do Córrego Seco e convém comprar aquela fazenda pela qual pedem 12 contos, tendo aliás meia légua de testada e 1 de fundo, pelo qual limita com a do Córrego Seco. O lugar é aprazível atravessando-o o rio da Cidade afluente do Piabanha. Tem comunicação; porém má com a estrada União e Indústria. A terra é ruim; mas ainda há matas, e talvez sirva para plantação de amoreiras e criação de bicho da seda que pretendo introduzir em Petrópolis. Voltei pela Presidência e Castelânea cujo quartirão tomei indo pelo da Siméria, que já não dá passagem para o Cortiço senão a pé. Apenas vi três plantações bonitas de colonos em toda a digressão, e o gênero de comércio é o carvão que vai destruindo as matas empregando-se nele 60 carros.

Recomendei ao Jacobina ¹⁸¹ que fomentasse de minha parte a idéia de exposição de horticultura aqui, e pedisse uma relação dos que tivessem melhores culturas tencionando eu ir visitar as plantações que merecessem mais ser vistas. Os caminhos coloniais por onde andei podiam estar mais bem tratados, e notei que o engenheiro do distrito ¹⁸² não sabia o estado de alguns. Esteve em casa à 1.

22 de abril de 1862 – Nada.

23 de abril de 1862 – Fui à Fábrica de Pólvora. O diretor tinha ido à cidade a chamado da 4ª diretoria da Guerra. Entendi-me com o vice-diretor e o Delimal ¹⁸³. A enfermaria está em mau estado; chove dentro. Os outros edificios antigos também carecem de reparação, a companhia acha-se muito mal acomodada, e na arrecadação atual tudo cria bolor em poucas horas, a que se conclui parece-me estreita. Os gêneros são bons e em suficiente quantidade; mas a ração dos pretos é diminutíssima. O ano passado fizeram-se 4500 arrobas de pólvora, e o trabalho anda por 10 a 16 arrobas. O Delimal propõe que se triturarem juntos em pipas com balas o carvão e enxofre, e que segundo ele diz evitará a combustão espontânea do carvão quando misturado com as outras matérias triturados antes todos três separadamente, e aumentará a produção da fábrica pois os pilões em lugar de 14 horas só terão de trabalhar 7 para a mesma quantidade de pólvora. Outro melhoramento é lembrado por Delimal que teoricamente parece muito vantajoso, e é a dessecação por meio do clorureto de calcium que se pode preparar facilmente na fábrica de pólvora. Basta uma arroba de clorureto para secar 50 de pólvora; mas para mais segurança empregar-se-ão 4. O clorureto de calcium dissolvido escorrerá de chapas de metal para fora da estufa, e evaporado tornará a servir. Por este sistema não há o risco de entrar alguma fagulha por qualquer fenda do tubo de vapor na estufa e não é preciso que os trabalhadores estejam a entrar nela para ver se entra nela vapor. Outro inconveniente do fabrico atual é a falta de igualdade de força na mesma qualidade da pólvora e para evitar isto o Delimal já propôs novo sistema de peneiramento. A água que move a turbina não é suficiente para trabalho contínuo nos meses de

maior seca cumpre fazer um reservatório mais espaçoso. A qualidade da pólvora parece muito boa e tem tido o alcance de 104 a 120 braças no provete, cuja plataforma aliás jogava não se podendo calcular exatamente o ângulo de elevação. Está para se montar novo forno para carvão vindo ultimamente que o Delimal diz que é o empregado agora nas melhoras fábricas, o cilindro da lenha é movido a braço. Há lenha no tendal para um ano, e plantaram-se do ano passado para cá 1550 pés de corindiba, e há terreno preparado para mais. A madeira que carboniza é o molungu e imbaíba inferior à corindiba.

Veio a despacho Manuel Felizardo. As notícias do Rio Grande, e Mato Grosso são pouco agradáveis. Aprovei as respostas do Taques ao presidente do Rio Grande, com as reservas de achar eu que houve prudência em não proceder o chefe de polícia mais ativamente contra os ladrões dos objetos naufragados no Albardão do Prince de Wales *[sic]* quando o espírito nacional se achava irritado pela entrada do vapor inglês, que se teria evitado talvez se houvesse mais diligência da parte dos empregados públicos, ainda que os ingleses parecem querer incomodar-nos por causa da convenção de indenizações e algum tratado que se desejam de comércio, e de considerar acertadas as comunicações feitas aos chefes de força da cidade do Rio Grande para estarem preparados a resistir a qualquer violência da parte dos ingleses cujo cônsul mostrava indiscreto zelo ¹⁸⁴. A respeito de Mato Grosso onde uma partida dos paraguaios foi às colônias militares dos Dourados e de Miranda, com ordem, segundo parece, de ver se os brasileiros as abandonavam à simples intimação, muito se admira dizer que o Borges encarregado de negócios do Brasil ¹⁸⁵ que lhe constava que nenhum dos nossos vapores de guerra em Mato Grosso está artilhado. Recomendei que se cuidasse de armar como fosse possível as fronteiras de Mato Grosso, e à vista do modo porque se exprime o Borges que tencionava descer para Montevidéu a título de tratar da saúde creio que deverá ir para lá alguém que imponha ao Lopes ¹⁸⁶.

Manuel Felizardo leu seu relatório que julgo mais bem feito que os que já ouvi ler ainda que poderia mostrar mais estudo dos diversos negócios de tão importante repartição. Lembrei-lhe que falasse duma exposição futura, para que devíamos preparar-nos com tempo, e também a vantagem de prêmios para animar a agricultura, instando por uma decisão quando ao que foi prometido aos que cultivassem trigo, a qual soube depender de consulta da seção, que não é recomendável por seu zelo na expedição dos negócios. Dirirjo da opinião do relatórios sobre as estradas de ferro que entendo seriam de grande benefício para o país, convindo que as estradas que liguem as principais cidades com litoral ao centro sejam de rápida comunicação, devendo os ramais ser atentos as nossas circunstâncias estradas de rodagem *[sic]*. Também observei ao Manuel Felizardo que um dos períodos do artigo sobre a estrada União e Indústria devia ser menos severo, e creio que ele o modificará. Disse-lhe o que ouvira ao Cardoso a respeito da Seropédica; mas ele asseverou-me que ouvira o que me contara o Barbacena ¹⁸⁷. Eu insisti nas minhas idéias, e refleti que a triste experiência deve acautelar-nos para daqui por diante cumprido não esquecer a efetividade das seguranças do novo contrato com o a província como se fizera relativamente ao artigo. O palacete novo não continua e vai se arruinando. A escola provincial vai mal; 10 alunos e o professor parece mau.

24 de abril de 1862 – Veio o ministro da Marinha. Confirmou o dito do Borges do Paraguai dizendo que fora ordem para se artilhar o Anhambai sendo os outros vapores incapazes de receber artilharia. Leu a parte do relatório que tem escrito. Há idéias; mas o estilo em alguns lugares é muito pouco próprio de tal documento. Refleti as atribuições do chefe do quartel general ¹⁸⁸ a serem ampliados deveriam atender às do ministro que é o principal responsável. No projeto de lei de fixação pedia o ministro autorização para criar mais uma companhia de aprendizes marinheiros; porém eu conformando-se à opinião que ele me dissera ser de seus colegas fiz com que se não peça tal autorização vistas nossas circunstâncias financeiras.

25 de abril de 1862 – Fui à escola do Monken em Nassau ¹⁸⁹ agradei-me ainda que desejaria que os meninos soubessem melhor traduzir de alemão para português. Depois estive nos colégios Kopke, Falleti e Mason ¹⁹⁰. O primeiro é o melhor; porém já estive em melhor pé. Se prepararem bem os meninos para completarem no Rio os estudários *[sic]* secundários já prestam bom serviço. À tarde visitei a plantação do Binot ¹⁹¹ que é interessante, e deve animar a cultura noutros pontos.

Às 7 veio o Lajes ¹⁹² trazer-me o relatório que pretende apresentar à Companhia União e Indústria, e o Bulhões um mapa a fim de mostrar a melhor direção, que é a que ele propões como tal, para a Estrada de Ferro de Pedro 2º ir à margem do rio

S. Francisco. O Lajes disse-me que ia diminuir ainda o frete dos gêneros alimentícios e que a carga que sobe é ainda maior que a que desce devendo para haver equilíbrio entre a que desce para a que sobe, por causa dos declives na razão de 2:1. Referiu-me que o termo médio das léguas andadas pelas cargas na descida já é de 17.

26 de abril de 1862 – Cheguei a S. Cristovão deixando Petrópolis por este ano às 10 ½ h. Conversei com o Jacobina a respeito das economias da Casa a fim de eu poder dar pelo menos 100 contos da dotação a bem da agricultura fornecendo a cultura por meio de prêmios, e minha assistência às sessões do Instituto Agrícola ¹⁹³.

No despacho nada houve de notável. Restitui o regulamento do corpo de engenheiros civis com diversas reflexões das quais uma das principais foi sobre a vantagem de aproveitar os engenheiros encarregados das obras nas possíveis observações de acordo com suas habilitações científicas. Ainda não me deram as tabelas dos vencimentos. Também pugnei pelo concurso para prova das habilitações dos que entrem para o corpo como engenheiros e construtores. O Taques trouxe o decreto para regular a classe de adidos de 2ª classe ¹⁹⁴. Não aprovou a minha observação sobre a vantagem de admitir os graduados de outras faculdades sem serem as de direito independentemente [sic] dos exames, que aliás tornou severos quanto ao inglês por causa de uma reflexão minha. Disse que exigia os exames de todos menos aos bacharéis em direito que já foram aprovados nas matérias sobre versão, aquelas para se ver livre dos pedidos para adidos de 2ª classe. Também acrescentou ao projeto que a nomeação serviria só por 2 anos.

Esta tarde veio cá o Belo ¹⁹⁵, que estava agonizado com a assembléia dos acionistas da Seropédica por terem deixado no maior número de comparecer à sessão. Disse-me que os acionistas não faziam mais entradas e a companhia teria de liquidar-se, e mostrou-me um aviso ao Cardoso antes da reunião dos acionistas que me pareceu conveniente. Respondi-lhe que eu só desejava que a indústria prosperasse, e que os prêmios da província segundo minha opinião só deviam ser concedidos sob estas condições: direção profissional da fábrica, fiscalização direta da província, e trabalho feito. O Belo respondeu que estava já nestas idéias.

No despacho disse ao Sousa Ramos que era tempo de considerar o Mafra por ter apresentado o esboço em desenho da estátua eqüestre de meu Pai.

27 de abril de 1862 – Nada de novo.

28 de abril de 1862 – Assisti ao lançamento da corveta Niterói e vaporzinho Carioca. A corveta é um belo navio e honra o construtor Level ¹⁹⁶.

29 de abril de 1862 – O Saião veio ler-me o relatório. Achei bom o artigo sobre a política lembrando-me contudo que era melhor falar menos em turbulência. Insisti em minha reflexão sobre a reforma que ele projeta da lei da Guarda Nacional. Mostrou-me os pareceres do Uruguai e Abaeté que acham boa a reforma de algumas disposições da lei de 3 de dezembro. O Paranhos chegou para ler o seu relatório e assistiu à leitura do resto do outro ouvindo-me dizer que era preciso que as idéias a respeito da Guarda Nacional fossem do ministério e que se ainda não tinham discutido definitivamente não era minha culpa que falo há meses dessa necessidade, julgando que não convém adiar na maior parte dos casos dificuldades, como a do acordo que mais tarde talvez produza maior prejuízo. Contei que o Carlos Carneiro de Campos ¹⁹⁷ dizia que eu me opusera ao despacho dum seu protegido perguntando se não era ele perante da mulher com que vive Carneiro Campos, e o Saião lembrou que eu até dissera em despacho quando ele Saião falara, sem eu nada saber a esse respeito, do motivo do empenho do Carlos Carneiro que eu apesar de preferir que fosse despachado o que já servia o lugar deixara-lhe inteira liberdade para a proposta atendendo a qualquer compromisso que ele tivesse e me disse hoje que não existia, contando-me pelo contrário, alguém que tal compromisso existia. Acrescentou que se queixara a algumas pessoas de que Carlos Carneiros de Campos insistisse no despacho do parente da amásia e atribui o dito de Carneiro de Campos o desejo de intrigá-lo comigo. Eu respondi que não podia supor, como muito me custa a crer, tamanha deslealdade da parte dele; mas o Carlos Carneiro assevera segundo ouvi que um ministro lhe referiu o que ele diz a meu respeito. A verdade há de por fim saber-se e eu fico perfeitamente tranqüilo.

O Saião disse-me que tinha boas informações do promotor de Itaguaí Dr. Jardim; mas tenciona informar-se do juiz de direito da comarca filho do Sapucaí ¹⁹⁸.

O ministro da Fazenda leu-me as duas partes do seu relatório, da receita e da despesa. Não julgo precisos impostos pois que pelo que se pode calcular não haverá déficit no exército de 1863-64. Quanto à produção de café recebeu as seguintes informações do Furquim de Almeida: existem no mercado 180.000 a 200.000 sacas, da colheita de 1861 e de restos da de 1860 ainda se esperam 250 a 300.000. A colheita de 1862 calcula-a num milhão até 1.200.000. Em 1863 espera abundante colheita se não continuar a praga e igual à desse ano se o contrário suceder. O preço do café tem se elevado do 40%. Antônio Francisco da Costa Cabral também escreveu ao Paranhos que das colheitas de 1859, 60 e 61 ainda haverá por dispor 300 a 400.000 sacas, e que a colheita de 1862 será de 1 milhão, e que as folhas de café estão viçosas. Fiquei de examinar a questão de ter ou não o governo autorização para alterar a pauta.

30 de abril de 1862 – Despacho. Restitui o projeto de lei regulando o crédito. Disse que era preciso que contentasse a alguém. Sou contrário aos créditos suplementares, e entendo que é preciso determinar claramente aos casos dos extraordinários cumprindo que ao menos haja exame completo antes da abertura de créditos para o que seria útil estabelecer a necessidade da consulta da seção do Conselho de Estado respectiva. Comparando disposições de leis e atos do governo parece que este se acha ainda autorizado para modificar a pauta. Ficaram os ministros, segundo creio de ainda assentarem sobre esse ponto. Entreguei o regulamento dispondo sobre a arrematação das obras públicas, e fiz diversas observações sobre ele assim como sobre o da inspeção das obras públicas do Município Neutro entre os quais lembrei a conveniência de haver um arquiteto que fosse ouvido sobre as obras em que se pudesse atender também à beleza delas. O Manuel Felizardo apresentou uma carta do Teófilo Ottoni sobre o Mucuri queixando-se do acesso de fretes a vapor. Pede que essa carta seja publicada no Jornal do Comércio por intermédio do governo; mas o ministro entende à vista das insinuações feitas a ele e ao Saião que não pode anuir o pedido. Eu disse que cumpria fazer o que fosse justo, e que havendo tais insinuações não podia com efeito o governo mandar publicar a carta. Não a pedi para ler por atenção ao ministro; mas espero lê-lo pois que o Ottoni a publicará.

Chamei a atenção do Sousa Ramos para os serviços que José Vergueiro tenha prestado nas obras da serra da Maioridade, e para as vagas que há na Capela dizendo-me ele que aguardava a sagração do monsenhor Rego ¹⁹⁹ a fim de fazer todas as propostas por junto.

1 de maio de 1862 - O Caxias trouxe-me o projeto da Fala do Trono cujo esboço foi do Sousa Ramos. Disse-me que os conservadores já não dizem que o ministério não presta, e pretende reunir os deputados e senadores para julgar do apoio com que o ministério pode contar nas câmaras. O Taques comprometeu-se até a sustentar o projeto de reforma da lei da Guarda Nacional tendo-se modificado o projeto no sentido das idéias que expendi. Admirou-me saber que o Saião não entendera a minha opinião sobre os que devem pagar para ficarem isentos do serviço que são unicamente os válidos compreendidos os estrangeiros.

Esqueci-me dizer que ontem estive no Passeio Público que ficou muito bonito. Tem plantas preciosas. Não se abriu ao público por causa de dúvidas no contrato com o Fialho. Recomendei pressa ao Manuel Felizardo. A obra da gradaria está aberta em duas partes e pode entrar quem queira; ficaram de fechar com tábuas como no resto. O Paula Matos arrematou essa obra por 34 contos e o Fialho pedia quase o dobro ²⁰⁰.

Do Passeio Público fui ver a obra do cais da Glória. Foi feita sob a direção do Neate ²⁰¹ e aprovado por ele tudo o que se executara; porém o mar solapou a muralha que se ampara agora de grandes matacões, e o reparo montaria em 40 e tantos contos. Os matacões vem por mar da pedreira de S. Diogo, quando há mais perto tanta pedra na ilha das Cobras. Segui para o Jardim Botânico que achei menos bem tratado que a última vez, que lá estive. Existem bastantes pés de baunilha novos, e fez-se uma casa para os trabalhos defronte da do diretor, bem como consertou-se esta última. Conversando com o Abrantes, Barbacena e Burlamaque ²⁰² e depois de ter percorrido o terreno disse que me parecia dever proceder a qualquer resolução do governo o orçamento exato da despesa com o preparo do solo para culturas de vantagem e aperfeiçoados, não convindo gastar senão com a conservação, como ela estava quando para lá foi o Instituto Agrícola, da parte do jardim que serve de recreio. O Abrantes achou justas minhas reflexões; mas o Burlamaque objetou que se não gastasse com o aterro para que já

havia muitas propostas procederia o Instituto como criança. O Manuel Felizardo prometeu dar ao Instituto toda a antiga subvenção do jardim, e encarregar as obras públicas do melhoramento do rio dos Macacos para maior expedição das águas. Falando do pouco zelo dos membros da diretoria do Instituto prometi assistir a suas sessões sempre que pudesse.

2 de maio de 1862 – Estive no Paço da Cidade à espera de número de deputados para poder receber as deputações; mas o zelo em poucos ainda aparece, e a discussão do projeto da Fala do Trono não foi interrompida durante 4 horas.

O Caxias tinha me mostrado logo que cheguei ao Paço da Cidade uma carta do José Lima em que propunha da parte do Barreto o compromisso de não hostilizar o governo no Mercantil se lhe desse 40 anos *[sic]*. Eu repeti o que sempre tenho dito que em épocas como a atual o tesouro só deve despende com a folha oficial. Pedi aos ministros que guardassem segredo a respeito das propostas do Barreto, que não desejo seja molestado em seus apuros. Está cego, com poucos meios, e tem família, devendo-lhe eu muitas finezas.

3 de maio de 1862 – Chegou o vapor inglês; houve número para abertura da Assembléia; e recebi as deputações cerca de 1 hora da tarde. Reviu-se ainda o projeto da Fala do Trono durante perto de 3 horas. Os ministros não discutem suficientemente semelhante peça política antes de vir à minha presença já tarde e por isso apesar de todo o cuidado sempre terá bastantes imperfeições. Se os projetos de lei ainda não foram devidamente discutidos!! Não é por falta de recomendações minhas.

Esteve na audiência o Cardoso que me veio dar parte do contrato da Seropédica e repetir o que já me disse sábado de aleluia. Asseverou-me que ele não lembrou estipêndio para o presidente nomeado pelo governo provincial. O Belo trouxe-me logo depois a cópia do contrato que ainda não li. Falando com o dr. Borges ²⁰³ ouvi-lhe que havia muitas malversações na alfândega do Rio segundo lhe contara o Otaviano. A fiscalização acompanhada de castigo severo dos malversores é uma necessidade urgente.

4 de maio de 1862 – Esteve comigo o Pedreira ²⁰⁴. Disse-me que havia desgostos entre os deputados por causa de nomeações feitas pelos presidentes sobretudos de Minas – apontando a do Silveira Lobo para suplente do juiz municipal – e Alagoas ²⁰⁵. Eu refleti que me parecia que desejavam exclusivismo na política, e que para preenchimento não se devia logo ver a que partido pertencia o indivíduo, que em certos lugares os homens dum partido podiam contrariar os princípios do governo; mas que era preciso examinar bem se isto se dava e não julgar logo porque o indivíduo pertence a um partido. Conversando depois com o ministro do Império ele disse-me que não aprovava certas nomeações feitas pelo presidente de Minas; e que lhe recomendara que procurasse para os cargos públicos os indivíduos legitimamente influentes das localidades. Eu respondi o que disse ao Pedreira.

A 1 hora abri a Assembléia Geral.

Procurou-me estar tarde o Camaragibe ²⁰⁶. Falei-lhe no pouco rigor com que se julga na Faculdade de Direito do Recife citando as provas do último concurso para professor de inglês. Ele respondeu-me que se nenhum dos concorrentes fosse escolhido não se apresentaria outro. Creio que se lucraria com a experiência. Para que estudem é preciso que se convençam que sem o fazerem não se alcançam certos lugares. O Camaragibe disse-me que havia desgostos da parte dos deputados; mas que desapareceriam – não duvido principalmente se o governo lhes falar uma linguagem digna – e o ministério terá maioria.

5 de maio de 1862 – Veio cá o Paranhos ler-me outra parte do relatório. Restitui-lhe o projeto de reforma do regulamento do selo, e fiz diversas observações, que ele aceitou em parte e disse-me já lhe tinham oferecido outras pessoas. Pouco entendo desta matéria e apenas disse que o que me sugeriu a razão comparando eu o projeto com o regulamento existente que, julgo ficará muito melhor ainda que a reforma subordinada à autorização não possa ser completa. O Paranhos disse-me que o ministério pretendia modificar o que existe relativamente ao modo extrair as loterias, não aprovando ele que esse serviço passe para o tesouro como quer alguns dos colegas.

6 de maio de 1862 – Li a carta do Ottoni ao Manuel Felizardo e já tomei nota de alguns pontos para informar-me. Procuraram-me à tarde diversos deputados entre os quais Zacarias ²⁰⁷ que veio com o diretor geral dos índios do Paraná, Rocha Loures que, fala no sotaque muito mal; porém mostra bastante inteligente *[sic]* sendo filho de quem já lidara muito com os índios, e o Sales Torres Homem ²⁰⁸, que elogiou a reforma financeira de Fould, parecendo preferir o sistema dos virements ao dos créditos suplementares, e disse-me que o Porto-alegre ²⁰⁹ desejava voltar para a Academia das Belas artes. O Almeida Pereira ²¹⁰ disse-me que o fato referido hoje pelo Mercantil sucedeu já há meses em Quissamã e não houve abuso da parte do subdelegado que já não o é.

Não tenho visto explicação do artigo do Mercantil sobre o último crédito de 80 e tantos contos do Ministério das Obras Públicas, e por isso direi o que me referiu o ministro. Parte do crédito é porque ainda não tinham passado para o Ministério das Obras Públicas certas verbas de despesa de outros, e portanto não há senão o excesso de despesa sobre os gastos anteriores à criação do novo ministério de 30 e tantos contos, quando Sérgio ²¹¹ e João de Almeida depois de terem bem calculado, e à vista de tabelas, provaram-me, porque tinha dúvidas, que não haveria excesso de despesa senão com os ordenados do ministro e consultor e aluguel da casa, que não se tem de pagar.

O Dr. Freire ²¹² disse que o mal dos cafezeiros provém da lagarta que ataca mais os cafezais mal tratados ou velhos. Não crê senão no efeito do tempo para desaparecimento da praga, e pensa que se propagaria a qualidades novas de café que se plantassem.

7 de maio de 1862 – Houve despacho. Tenho deixado ao ministério a respeito do pedido do conde d'Áquila da nova prorrogação de licença resolveu ele que se respondesse ao conde d'Áquila que se dentro de 4 meses contados da comunicação não viesse para o Brasil com a família cessariam dotação e alimentos dando-se-lhe o dote. Esta resolução deve ser comunicada às Câmaras se algum dos representantes da nação interpelar o ministério. Eu e a imperatriz há anos que insistimos por uma decisão do conde d'Áquila aconselhando-lhe aquela, de acordo comigo, que aceite o dote.

O Saião propôs o Cruz Machado ²¹³ para comandante superior da Guarda Nacional do Serro, e eu disse que cumpria ver se o chefe do Estado Maior merecia de preferência tal nomeação. O ministro insistiu na proposta e eu nada mais disse. Acabado o despacho tratou-se da obra do Uruguai, e o Saião, com alguma veemência por haver o Taques dito que o Zacarias criticava a obra, se exprimiu a respeito deste último; o que me obrigou a defender o Zacarias. Veio à baila o poder moderador e eu disse que era questão suficientemente discutida e que só a prática resolvia eficazmente ²¹⁴. Sobre o direito de revolução que também estigmatizou o Saião eu disse que o era da Providência e que por negá-lo não se evitavam as revoluções quando o terreno se achava preparado para elas e que era este mal que cumpria remover por meio de bom governo.

Entregando ao Manuel Felizardo a representação dos colonos do Mucuri que ele me deu para ler e já informada notei o pouco que se tinha gasto com a conservação das estradas, e tornei a chamar a atenção do ministro para o abuso dos fretes do vapor. O Saião logo observou, com algum calor, que não se devia gastar o dinheiro do tesouro com estradas de tão pouco trânsito de mercadorias, por isso que as exigências eram feitas em tom de ameaça; ao que repliquei que as estradas se forem a outros pontos de Minas além dos que já aproveitam delas serão de grande proveito, e que é preciso, conservar o que está feito não olhando a indivíduos, quando se tratam questões de interesse público. O Taques que sempre tenho achado coerente e firme em suas opiniões declarou que conservava sua opinião já manifestada a respeito do poder moderador. Recomendei ao ministro da Marinha que estudasse a questão dos navios encouraçados em relação à nossa Marinha que se não se prevenir poderá dentro em pouco perder toda a força perante um Merrimac ou Monitor do rio da Prata, e o ministro disse-me que já tinha convocado diversos oficiais da armada para se ocuparem desta questão ²¹⁵.

8 de maio de 1862 – Nada de novo. Esqueci-me dizer que o Sales Homem perguntando-me eu que opinião trouxe da Europa a respeito da colonização para o Brasil, respondeu-me que não falta gente que está pronta mesmo pagando suas passagens contanto que encontre aqui terra demarcada para comprar. Falando-lhe sobre bancos ele disse-me que entendia que só o corpo legislativo podia autorizar a fusão dos bancos, por isso que o emprego do capital do Banco do Brasil estava determinado nos seus estatutos.

9 de maio de 1862 – Tenho pensado hoje bastante sobre a situação política e por ora inclino-me; caso não encontre o governo apoio na Câmara para marchar, a anuir a dissolução desta, mas ouvido o Conselho de Estado, e não sendo *[sic]* o ministério atual; porém um que não possa ser suspeito de pender para qualquer dos partidos extremos quem presida às eleições onde a autoridade deve manter a liberdade do voto e portanto a execução escrupulosa das leis. Na hipótese hei de prevenir de meu pensamento o ministério atual porque não quero que me acusem de deslealdade. Um novo ministério moderado como o atual não teria motivo logo depois de sua nomeação para dissolver a Câmara, que aliás na sessão seguinte apresentaria o mesmo aspecto que atualmente, e nesta última época teria o ministério contra si as prescrições deste; além disto o Caxias e o Joaquim José Inácio são uma fiança do bom espírito da tropa nas circunstâncias sempre melindrosas duma dissolução. Ainda hei de meditar sobre estas idéias esperando do tempo bem aproveitado tudo o que servir para acerto. Inclino-me à dissolução assegurada a liberdade do voto para o que serão necessárias medidas tomadas com prevenção pelo governo relativamente a autoridades, por isso que este é o único meio constitucional em certos casos de eu saber quais os ministros que devo nomear.

10 de maio de 1862 – Procurou o Tavares da Seropédica. Veio dizer-me que a nova diretoria em virtude do contrato recente com a província o excluía e pedia proteção fora do estabelecimento. Eu respondi que sempre tinha reconhecido o serviço que ele prestara animando a indústria sérica, que entregara o negócio ao presidente e apenas lhe recomendara como capitais as idéias que já mencionei neste livro. Quanto à proteção dependia esta das circunstâncias. Vieram o Caxias a despacho e o Taques ler o relatório de que lembrei algumas comissões como o procedimento da Inglaterra por motivo do naufrágio na costa do Albardão; e do vapor Entre-Costeaux no Pará, que o Taques disse era comunicado pelo presidente como assunto de pouca importância. Tornei a chamar a atenção do ministro para os vexames que sofrem os brasileiros no Estado Oriental.

O Caxias deu-me em segredo da parte do Silveira da Mota ²¹⁶ um projeto de lei providenciando para os casos de regência sobre que ele desejava saber a minha opinião deixando de apresentá-lo ao senado se assim me parecesse. As principais disposições são as seguintes – Todos os empregos públicos gerais que forem exercidos nas províncias serão de nomeação dos presidentes das províncias a exceção dos enumerados nos §§ 2º, 3º e 5º do artigo 102 da Constituição e dos empregos de lentes das Faculdades de Direito ou Medicina e de inspetores de tesourarias – As princesas brasileiras casadas com príncipes estrangeiros não têm direito à regência embora sejam mais próximas em parentesco e residam no Império – As penas impostas aos ministros e conselheiros de Estado por crime de responsabilidade não podem ser perdoadas pelo regente – O poder de conceder anistias será dependente da aprovação da Assembléa Geral. Não fala de regência por

Escrevi o seguinte ao Caxias - Aprecio devidamente o motivo, porque o autor do projeto incluso desejou que eu o visse antes de apresentado, e agradeço a delicadeza. Sempre sou de opinião que se previnam os casos com o tempo; porém relativamente a mim em pouco mais de 2 anos menos prováveis se tornaram duas hipóteses de regência, e quanto às circunstâncias do país deixo ao Sr. e ao próprio autor do projeto como representantes da Nação, sendo além disto um também ministro, o juízo da oportunidade. Nada direi sobre as disposições do projeto; porque o estudo dele foi rápido, visto ser a questão a da oportunidade, embora me ocorressem diversas observações. Respondo já porque não quero demorar a apresentação do projeto segundo entender o autor.

O Espiridião Elói de Barros Pimentel ²¹⁷ visitou-me esta tarde e queixou-se amargamente do estado da justiça na comarca de Porto Calvo e sobretudo do juiz Manuel Joaquim de Mendonça Castelo Branco ²¹⁸. Disse que o presidente tem feito favores à família Mendonça e contudo esta o guerreia. Eu respondi-lhe que ele teria ocasião de defender na Câmara a causa da justiça baseando suas acusações em documentos de modo a conseguir seus justos fins; replicou que pretendia fazê-lo. Referi esta conversa ao Caxias, e ele disse que o Ministério tratava de propor-me a mudança do presidente que não estava bem com nenhum dos partidos, e queria ter política diversa da do governo. Eu observei que era inconveniente mudar tão amiúde os presidentes e que estes por serem imparciais como dizia o governo sê-lo é que não eram benquistos dos partidos. Replicou que era preciso atender também às queixas dos deputados.

11 de maio de 1862 – Veio falar-me o promotor da comarca de S. João do Príncipe, Manuel Rodrigues Jardim. Fiquei com alguns documentos para examiná-los e ele de tornar cá amanhã. O Caxias procurou-me de manhã para falar-me sobre

o projeto do Silveira da Mota a respeito de cuja inoportunidade pensa como eu que lhe comuniquei tudo o que julgava relativamente ao assunto. Disse que pensava que o proceder do Silveira da Mota era de especulação. Pediu-me licença para mostrar a minha resposta, que já foi feita para isto, ao que anuí; mas não agora porque deseja obter do Silveira da Mota uma exposição de motivos que ele lhe prometera para me ser mostrada e eu conhecer as razões; porque ele pretende apresentar o projeto. Depois tratamos de política e eu lhe expus o que penso por ora sobre a hipotética dissolução da Câmara, sem contudo, por esquecimento, referir-lhe que pretendo, dadas as circunstâncias, consultar o Conselho de Estado antes de formar minha opinião definitiva, e o Caxias respondeu-me que receava muito da dissolução, ainda que reconhecesse as vantagens dela na hipótese figurada. Perguntou-me qual a minha opinião sobre a marcha do ministério e eu respondi que em geral agradava-me, mas que a principal necessidade do ministério é a moralidade das autoridades empregados públicos. Que era preciso olhar com muita atenção para as despesas das obras públicas e para a alfândega da Corte, cujo administrador Antônio Nicolau Tolentino, passa por fraco. Disse que o Caxias e Joaquim José Inácio não são homens propriamente de partido, e que o Saião e Manuel Felizardo não poderiam presidir a uma eleição, sem suspeitas de parcialidade da parte dos que se opõem aos conservadores nos extremos, sendo o Paranhos suspeito de todos mais ou menos. O Caxias concordou com o meu modo de ver a respeito do Saião e Paranhos, e, lembrando-lhe eu o que lhe observara, por ocasião da organização do ministério, a respeito do Manuel Felizardo, que eu reputo homem honrado; é administrador inteligente; mas tem ganho antipatia, o Caxias respondeu-me o que então me ponderara sobre a necessidade dum ministro que falasse no Senado. Quando falávamos da dissolução possível da Câmara o Caxias disse que declarara a seus colegas que se lhes dizia que estava pronto a propor-me a dissolução não era porque tivesse certeza de minha anuência, e eu então recordei que no momento da organização do ministério pedindo-me o Caxias licença para propor-me, caso entendesse necessária, a dissolução da Câmara, eu lhe respondera que era isso direto do ministério; mas que eu não poderia deliberar senão no último instante. Lembrei também como muito preciso para a moralidade tomar medidas contra o abuso das acumulações e das aposentadorias. O Caxias concorda na necessidade; mas receia ferir interesses e o projeto do Sousa Ramos, que aliás, não é suficiente, nem foi discutido.

12 de maio de 1862 – Tornou cá o Jardim. Depois do exame e de ouvi-lo disse-lhe que estava satisfeito pelo que tinha podido examinar; mas que a defesa do que julgo justo perante os ministros, como sempre o faço, não é sempre bastante e que talvez fosse conveniente que ele respondesse numa só correspondência a todas as acusações que pudesse destruir com documentos; porque de outra sorte a polêmica não terminaria. Respondeu-me que assim procederia e que o ministro da Justiça formava bom conceito dele.

Depois falou-me Jacobina a respeito do réu João Peixoto da Costa Braga a quem o Supremo Tribunal concedeu revista, tendo-lhe eu antes negado o perdão pedido. Pediu-lhe cópia do acórdão, e disse-lhe que o havia de ler o ministro da Justiça para que ele examinasse melhor os requerimentos de perdão que me são dirigidos, e mesmo evita que haja resolução do poder moderador antes de esgotados todos os recursos judiciais. O acórdão parece que prova que o caso é unicamente cível; mas eu segundo disse ao Jacobina regulei-me pela sentença do juiz de direito Manuel de Araújo Cunha em cuja inteligência, e inteireza muito confio. Se pudesse examinar todos os pedidos de perdão por mim mesmo eu o faria, a respeito de crimes mais graves sobretudo de morte tenho o feito diversas vezes.

Fui à sessão do Instituto Agrícola. À vista do dinheiro que há resolveu-se como eu previa a rescisão do contrato do Jardim. Eu animei quanto pude os membros presentes que eram Abrantes, Burlamaque, barão de S. Gonçalo e de Mauá, e disse-lhes que brevemente teriam talvez um auxílio pecuniário de importância. O fim do Instituto é principalmente a fundação duma escola prática de agricultura e para isso é preciso dinheiro para compra de terreno em lugar azado, e renda do Instituto. O Burlamaque mostrou-se desanimado e pedindo a sua demissão desde já de secretário da diretoria disse que talvez propusesse na primeira assembléia geral que se restituísse aos contribuintes o capital do Instituto. Insistiu-se muito para que ele não desse tal passo que tanto desânimo traria ao Instituto; mas ele insistiu e por fim parecia só querer ficar como secretário até a primeira assembléia geral. Aconselhei aos membros presentes que por meio de suas relações promovessem o aumento do capital do Instituto e a concorrência às assembléias gerais dos sócios. Ainda que pouco alcançassem não deviam desanimar lembrando-se da vida que tem tido a Sociedade Auxiliadora e o Instituto Histórico que a

despeito de tantos obstáculos bastantes serviços já tem prestado. Creio que minha visita aproveitou, e, em todo o caso, fico satisfeito por não deixar de fazer tudo o que posso a bem duma instituição que reputo de grande utilidade.

13 de maio de 1862 – O Dr. José Tomás de Aquino veio mostrar-me como um serviço o mandado de despejo e penhora da tipografia do Charivari ²¹⁹. Disse-lhe que não fazia caso desse periódico porque as calúnias destruíam-se a si próprias, e apenas desejava que não supusesse que eu tinha concorrido para o ato que ele tinha praticado. Replicando ele que sua intenção fora unicamente a de mostrar-me sua gratidão terminei colóquio dizendo que ficava ciente.

14 de maio de 1862 – Veio visitar o Luís Werneck ²²⁰. Animei-o para assistir às sessões do Instituto Agrícola, que ele entende que deve fundar a fazenda-modelo em cima da serra por causa de melhores terras e maior proximidade dos fazendeiros. Respondi-lhe que pensaria sobre sua idéia. Referiu-me que Joaquim Ribeiro Avelar ²²¹ de Capivari tem gasto 20 contos com instrumentos agrários e tirado um proveito estrondoso como se exprimiu o Werneck.

No despacho falei dos negócios apontados na relação que junto. Sobre a eleição do Passa-Três o Saião entende que se deve esperar pela decisão do recurso interposto para a Relação; mas o Sousa Ramos disse que já ordenara ao presidente da provincia para mandar proceder à eleição municipal e que o dia já estava marcado. Parece que houve conversa entre os ministros a tal respeito e que aparecendo divergência o Sousa Ramos entendeu, como disse, que estando a qualificação completa depois das decisões do conselho de revista não podia a vista de avisos do governo demorar a eleição. A provincial faz-se quando ainda substia *[sic]* a qualificação que deu lugar à anulação da eleição geral no Passa-Três e por isso não houve a provincial nesta freguesia. Com efeito a qualificação tinha sido reconhecida viciosa pela Câmara dos Deputados; mas o governo podia ter impedido legalmente a eleição provincial, não o creio? *[sic]* O Sousa Ramos disse-me que a comissão da estátua não estava bem com o Mafra por causa da pretensões pecuniárias, e por isso não se mostrava disposta a propor recompensa para o Mafra. O Saião Lobato ficou algum tanto confuso quando eu lhe falei do acordão a respeito do réu Peixoto Braga e disse que ia expedir uma circular no sentido de minha reflexão quanto ao pedido de graça antes de interpostos todos os recursos legais. Falando-lhe eu da busca em casa do Leilão respondeu que se o sub-delegado tivesse assim procedido proporia sua demissão.

15 de maio de 1862 – Nada de novo.

16 de maio de 1862 – Esteve cá o Abrantes. Falei-lhe o Instituto e ele quis sustentar que não se votara a rescisão do contrato do Jardim Botânico e somente a remessa ao conselho fiscal! Achei-o bastante indeciso, e quer que se compre a chácara do Algodão para o Instituto quando aí também há aterro que fazer segundo ouvi e vi quando estive na localidade.

Fui a Alfândega. Há 100 e tantos trabalhadores dos quais grande parte serventes, e o ajudante do engenheiro filho do Bernardo Jacinto da Veiga ²²² disse-me que para regular andamento da obra carece de 20 contos por mês de consignação. O andar térreo pode ficar pronto no fim do mês, e o edificio até o segundo andar externamente em 6 meses continuando o trabalho como vai. Consta-me que as traves de ferro sofreram porque o Galvão ²²³ engenheiro da obra não se limitou a levantar os pilares somente para comparar o abatimento, por causa do terreno; mas fê-lo *[sic]* demais receando futuro abatimento que não se verificou. O Capanema ²²⁴ falou-me em continuar a inspecionar essa obra cujo risco é devido a ele. A alfândega carece muito de tais armazéns e o Nicolau Tolentino disse-me que a despesa das obras da Alfândega e, depois do pagamento de nossa dívida, que não se pode realizar agora, e que ele julga mais rendosa. Hei de falar ao Paranhos para que não cessem, e tenham mesmo todo o adiantamento possível. O cais vai bem feito, e o Neate tem tido o cuidado de carregar os pegões com bastante peso, para que cedam tudo o que tiverem de ceder, antes *[de]* fazer o aterro do cais, e construir os arcos que ligam todos os pegões entre si. Percorri o cais por terra e por mar, e entrei na pequena bacia do mercado, que se vai entulhando com os despejos. Enfim examinei o sistema de guindastes de 7 toneladas movidos pela pressão d'água que é conduzida à prensa por meio de 2 máquinas de vapor cada uma de 15 cavalos. Os guindastes movem-se com a maior facilidade, e a pressão sobre o êmbolo da prensa hidráulica é de 800 a 1000 libras por polegada, sendo a superfície do êmbolo de 800 pol. Podem se estabelecer quantos se quiserem ao longo do cais e do cano que conduza a água.

Comuniquei ao Tolentino o que me constava e ele já sabia pelo ministro de extravios na Alfândega. Os armazéns que percorri todos sendo alguns verdadeiras espeluncas estavam pouco cheios. Na obra do cais trabalham 300 homens dos 600 que houve anteriormente; também nos armazéns se reduziu de metade o número de trabalhadores. Quando estiverem paradas as obras do cais o prejuízo, segundo me disse, o inspetor foi de 200 contos.

17 de maio de 1862 – Falei com o Sousa Ramos a respeito do Instituto Agrícola. Queixa-se muito da diretoria e principalmente do Burlamaque. Expendi-lhe minhas idéias e ele concorda comigo em que cumpre rescindir o contrato do Jardim Botânico e comprar as terras noutra parte para estabelecimento da escola prática para onde se devem mandar agricultores práticos de fora, que ele lembra que sejam dos Estados Unidos por causa das culturas similares. Achei-o animado e ofereceu-se para ser secretário do Instituto, quando isto fosse possível, e prometeu empenhar-se pelo progresso do Instituto em cuja utilidade sempre acreditou; verei o que fará. Recomendei-lhe que trabalhasse para que a próxima assembleia geral dos sócios fosse concorrida, e que seria conveniente aumentar o número de diretores ou permitir que os sócios do Instituto assistissem às sessões da diretoria, embora não tivessem voto deliberativo, a fim de que eu assim melhor pudesse informar-me das necessidades da lavoura e animar os fazendeiros. Não me tenho descuidado deste assunto e creio que o Instituto criará novas forças. Segundo o Sousa Ramos tem havido falta de zelo da diretoria na cobrança, que não se realizou ainda, das anuidades dos sócios.

Falei com o Sinimbu ²²⁵ que chegou ontem das Alagoas. Mostra-se satisfeito com o presidente. Diz que o juiz de direito de Porto-Calvo tem se tornado perseguidor de seus subordinados e que o de Alagoas apesar das ordens do presidente ainda não respondeu à queixa que me foi dirigida há bastantes meses contra ele. Referiu-me que os deputados à exceção do Tibério ²²⁶ que talvez não venha e dos Fernandes da Cunha e Franco ²²⁷ vem para a oposição, e que a demissão do Fontes cuja proposta não ocultava o Antão era tida por ato precipitado deste. O oficial que o Fontes retirou do interior era prevaricador, segundo lhe contara o Fontes, e este não merecia a suspeita que se teve dele. Também disse que algumas nomeações do Antão eram mal vistas como a de major dum certo Antão assassino dum subdelegado aliás tirânico. Eu respondi que o Fontes não fora demitido por suspeito; mas porque o iam enredando na política e o militar não deve ser político, ainda que tenha opiniões políticas suas.

O engenheiro Galvão veio à audiência e perguntando-lhe o que houve a respeito do levantamento dos pilares dos armazéns respondeu que umas chapas para ligar as traves, as quais não deviam ser de ferro fundido é que se partiram quando os pilares cederam, e que os não levantou mais do que o que tinham cedido. Hei de examinar melhor isto.

Estive com o Caxias. Vi um resumo do que se passara na Câmara e disse-lhe que não me satisfizera a resposta indecisa do Paranhos a respeito do empregado da Alfândega removido daqui para a Bahia. Queixou-se-me do Itaboraí que fazia oposição e a animava contra o Paranhos, apesar de o haver lembrado para a pasta da Fazenda, quando ele a não quis aceitar, e disse que mandara o Eusébio ao Itaboraí e este lhe pedira que fosse a sua casa para ouvir suas explicações, e o Caxias pretende ir amanhã. O Caxias ainda fala da demissão do presidente das Alagoas que lhe disseram aconselhara a deputados que não apoiassem o ministério.

No despacho de 4^a feira falei a favor do projeto do Silveira da Mota minorando o estado infeliz da escravatura, e o Manuel Felizardo disse que queriam que os escravos ficassem de melhor partido que os livres os quais se separavam dos filhos quando os mandam estudar fora do domicilio dos pais! Eu repliquei que ele decerto falava assim unicamente por argumentar contra a proposta, ao que ele retorquiu que não se oporia a ela parecendo-me um pouco envergonhado do que dissera.

18 de maio de 1862 – Nada. Apenas de noite li um periódico de Lisboa que morrera o príncipe de Cápua; tenho muita e muita pena da imperatriz que merecia ser mais feliz com a sua família.

19 de maio de 1862 – Veio o Taques trazer-me cartas e a notícia que já sabia da morte do meu cunhado. Nada mais.

20 de maio de 1862 – Acabei de examinar as alterações propostas pelo diretor e lentes da Escola de Medicina da Corte aos estatutos. Do parecer da comissão nomeada hesito sobre o tempo de ensino da fisiologia, e não concordo em que o

diretor possa ser lente efetivo, em admitir ao concurso para lente doutores em medicina que não sejam os opositores, em que os pontos para as teses não fiquem à escolha dos concorrentes, e na supressão do art. 193 dos estatutos. Do parecer assinado pelo Dr. Rocha Freire e outros aprovo o método dos pontos para exame, o que propõe a respeito dos doutores, bastando 3 bolas pretas, como quer o Dr. Antônio Teixeira da Rocha, para não obterem o grau. Concordo com o que lembra o Valadão sobre os estudos de 3 opositores na Europa, principalmente quanto à psicologia comparada e experimental, e deverem os opositores revezar como preparadores. Do parecer do Dr. Chaves aproveitaria a idéia de regular o número de pontos para perda de anos conforme se forem facilitando os meios de ensino livre ²²⁸.

Os ministros vieram dar-me os pêsames. Informei do que tem havido nas Câmaras e o Saião referiu-me que o Zacarias, o que me admira [*sic*] pois ele deve conhecer-me, que se fosse exato, como se espalhava que eu prometera anuir à proposta de dissolução, isto justificaria o charivari. O Taques atalhou que o Zacarias dissera estas palavras em voz baixa mas confirmou o que replicou o Saião, que se ouviram bem em toda a Câmara. Com efeito se eu fizesse tal promessa não compreenderia meus deveres. Já espero que se for proposta a dissolução e eu não anuir se diga que eu faltei à palavra dada ao Caxias! Os partidários exagerados não podem gostar de minha política imparcial, que eu aliás capricho em fazer prevalecer unicamente pelos meios que permite a Constituição.

21 de maio de 1862 – Pouco depois das 3 recebi notícia telegráfica de que passou na Câmara dos Deputados por 1 voto a emenda do Zacarias. Aguardando a resolução dos ministros pensei ainda mais sobre a hipótese, e, atendendo à dificuldade de uma eleição tão escoimada como seja possível da pecha de feita pelo governo caso prendesse o atual a ela, e tendo-me o próprio Caxias dito que receava a dissolução e entendia que não devia modificar o ministério, posto que parecesse referir-se a essa medida para o fim de angariar maioria, julguei mais acertado mudar de ministério escolhendo o Zacarias para organizador do ministério visto que se apresentou como chefe da liga. O Sapucaí a quem consultei inclinou-se à mudança de ministério do modo porque eu pensava, e também o Abrantes que me veio dar pêsames, e que achei animado a bem do Instituto Agrícola, concordando comigo na escolha de José Faro e Drs. Freire Alemão, Ferreira de Abreu e Macedo para a diretoria do Instituto Agrícola ²²⁹. Disse-lhe que a diretoria proporia a alteração dos estatutos que lembrou o Conselho Fiscal. Ainda parece desejar que o Burlamaque fique como secretário, ainda que com muito menor empenho.

Perto de 7 vieram os ministros e o Caxias disse-me que não podiam continuar com a Câmara tal que estava e que fariam o que eu quisesse. Respondi que propusesse o que entendesse e foi a dissolução, do que não anuí declarando que o fazia por causa das circunstâncias do país e não porque retirasse a confiança que sempre depusitei no ministério. O Caxias pareceu ficar contrariado e insistiu para que não se declarasse que ele não tinha pedido sua demissão; ao que observou Sousa Ramos que dizendo que eu não tinha anuído à proposta da dissolução ficava manifesta a razão da retirada do ministério. O Taques agradeceu-me em seu nome a declaração de que o ministério não tinha perdido a minha confiança. Retirando-se todos os ministros menos o Caxias conversei com este e expliquei-lhe as razões porque preferia a retirada do ministério. Ele já estava mais senhor de si, e disse-me que era preciso cuidar na pasta da Guerra por causa do exército e na da Fazenda, ao que respondi que a respeito do exército contava sempre com ele Caxias que sempre se mostrara soldado obediente. Fez-me protestos de inteira dedicação, e eu disse-lhe que a respeito da escolha dos ministérios apenas perei estas condições: que respeitassem a Constituição e as leis; fossem moralizados, e não quisessem a realização de reformas constitucionais. Quando lhe disse que escolhia o Zacarias para organizador do ministério perguntou-me se o não tinha mandado chamar, ao que repliquei um pouco admirado que não o poderia ter feito pois só há pouco ouvira a proposta dos ex-ministros. Desculpou-se retorquindo que poderia tê-lo mandado chamar visto ser negócio assentado em meu espírito a retirada do ministério. Lembrou-me que chamasse também o Nabuco ²³⁰; mas logo depois refletiu que não goza de conceito de moralizado. Despediu-se dizendo que desejava que os novos ministros – para bem do país – pudessem sair-se bem. Antes de retirar-se havia insistido no desejo de que constasse que ele não pedira sua demissão; contudo eu o não demiti; e ele retirou-se porque precisava da dissolução para continuar.

Depois de 9 ½ h veio o Zacarias. Encarreguei-o de organizar novo ministério pois que o outro se retirara por eu não anuir à proposta de dissolução. Dei-lhe inteira liberdade para escolha dos companheiros sob as condições já apontadas. Ele falou no costume que havia de ser senador o organizador do ministério; mas logo acrescentou que tendo partido o xeque ao ministério da Câmara dos Deputados entendia como eu que o organizador do ministério devia sair dessa Câmara. Eu disse-

lhe que tinha idéias minhas políticas e sobre a marcha do governo; mas que reconhecia a minha posição de monarca constitucional. Falando ele sobre as medidas lembradas na Fala do Trono disse que reconhecia a necessidade delas; mas que havia divergências no modo de realizá-las, parecendo entender mal as palavras da Fala do Trono - aliviara a G. Nacional do serviço ativo - como se não significasse livrá-la inteiramente desse serviço, e declarando-se contra o imposto substitutivo do serviço. Também mostrou julgar que não é preciso corrigir a lei de eleições senão no ano anterior ao da eleição geral. Eu apenas observei que era preciso não impossibilitar as medidas precisas por causa das divergências no modo de realizá-las. Referiu-me que ainda não havia programa da parte dos coligados, e que apenas os liberais não tinham feito questão da entrada de algum dos seus para o ministério. Pediu-me que o deixasse conversar com os amigos, ficando de responder-me depois de amanhã. Achei muita a demora, e prometeu tornar cá amanhã de noite. Também disse que um dos pontos do programa de seu ministério seria a não candidatura de nenhum dos ministros ²³¹.

22 de maio de 1862 – Voltou o Zacarias antes das 8 da noite. Trouxe-me a seguinte lista de ministros – Ele para Império ou Justiça, Dias Vieira, Furtado para Justiça ou Império, Sousa Franco para Fazenda, Porto Alegre para a Guerra, José Bonifácio para Marinha e Sá e Albuquerque para Obras Públicas ²³². Disse-me que o Sousa Franco lhe prometera aceitar a atual legislação bancária e só procurá-la adoçar na execução como fizera o Paranhos, e que declararia isto mesmo se interpelado no Corpo Legislativo. Eu respondi que achava todos nas condições que unicamente tinha exigido; mas que a posição do Sousa Franco na pasta da Fazenda era de incoerência para ele e que a falta de coerência tinha já desprestigiado a muitos ministros; contudo que o que eu dizia eram apenas observações. Zacarias propôs logo José Pedro Dias de Carvalho ²³³, de quem já se havia lembrado e até primeiro incluíra na lista, para a Fazenda indo Sousa Franco para Estrangeiros. Assim mesmo disse-me que era conveniente a declaração prometida pelo Sousa Franco. Zacarias mostrou dúvida sobre a capacidade intelectual do Porto Alegre, e apresentando como o motivo da exclusão de qualquer dos oficiais de Marinha deputados do ministério a falta de inteligência deles eu respondi que Lamare ²³⁴ a tinha muito mais que Porto Alegre. Disse-me que havia de exigir deste que não se deixasse influir por sua indisposição com o Caxias. Antes de se retirar disse-lhe que era preciso reunir maioria, porque eu não tinha retirado minha confiança ao ministério passado e apenas entre dois males, o da retirada dele e o da dissolução da Câmara preferia aquele como o menor; portanto não tendo o novo ministério justificado ainda minha confiança, que eu estava certo não desmentiria ele por seus atos muito dificilmente anuiria a uma dissolução se ele me propusesse como aliás teria direito para fazê-lo. Que lhe declarava isto, que nem mesmo o Caxias sabia; – porque, embora muito confiasse na sua discricção, julgara mais prudente não lhe comunicar para que de modo nenhum pudesse eu estorvar a nova organização do ministério – porque assim o exigia a lealdade. Zacarias respondeu que se o novo ministério depois de sua organização não pudesse marchar – pediria ele a sua demissão julgando contudo que no decurso do tempo poderia ver-se obrigado a propor a dissolução; ao que repliquei ser isso sempre direito do ministério, não podendo eu decidir-me a tal medida senão no momento. Acrescentou que a liga não pretendia que o ministério saísse se seu seio, e lembrou uma nova tentativa de ministério, caso esta não vingasse, contudo que fosse o ministério composto de indivíduos, que executassem melhor que o passado o seu mesmo programa contra o qual não se declarara a liga. Mostrou-se embaraçado com a comissão, e disse-me que se previsse este desfecho talvez até não houvesse apresentado a emenda; pois que só queria alteração no modo de executar o programa do ministério passado. Queixou-se do Saião e Sousa Ramos, e disse que sentia fazer oposição ao Caxias, que poderia ter modificado o ministério; ao que observei não lho permitir a lealdade para com seus colegas. Chegou a apontar-me o Abaeté para organizador dum ministério em que entrasse o Sales ²³⁵. Dizendo-lhe eu que nossa primeira necessidade é a moralidade, e que o melhor meio de oposição é a brecha que haja ou se possa abrir por esse lado do ministério, lamentou comigo que o Manuel Felizardo cuja aptidão administrativa louvou, ainda padeça por causa das barracas e das linhas, embora ele tivesse reconhecido depois de exame que Manuel Felizardo estava livre de justa acusação. Falou-me favoravelmente do presidente do Rio Grande do Sul, e muito mal do de Goiás ²³⁶, no que estamos de acordo. Disse-me que assentara com Sousa Franco em não procurar este predominar na província do Pará de modo a poder conseguir o apoio do Fausto ²³⁷ que está a chegar e do lado que o apóia no Pará. Terminei a conferência chamando de novo atenção do Zacarias para a questão de maioria, a qual não se devia procurar por meio de transações. Convidou o Sinimbu e o Saraiva ²³⁸ para o ministério; porém desculparam-se com negócios domésticos, notando eu que este último não se quisesse sujeitar às conseqüências da posição que assumira como homem político na atualidade.

Falamos também sobre as prevaricações de certos magistrados, e disse que era preciso não deixar impunes tais crimes, sendo seus perpetradores estigmatizados, ao menos, por um processo.

Entreguei-lhe os papéis que tinham estado em mãos do Caxias e onde expendi diferentes opiniões minhas ajuntando-lhes outro em relação à atualidade, embora incompleto; mas que depois com mais tempo tornarei menos defectivo. Zacarias deve voltar amanhã depois de meio dia, depois ter falado com as pessoas indicadas para ministros e avisado o Caxias para comparecer, no caso de estar organizado o ministério.

23 de maio de 1862 – Tornou Zacarias. Disse-me Zacarias que o Sousa Franco não quis entrar senão para a pasta da Fazenda, apesar de ter antes anuído a aceitar a de Estrangeiros; mas que ainda fora do ministério prometera apoiar a este. O nome do Sousa Franco, segundo Zacarias ouvira a diversos e entre eles o Olinda seria mal aceito, e por isso tinha convidado o Carlos Carneiro de Campos ²³⁹ para a pasta de Estrangeiros e ele aceitara. A respeito do Carlos Carneiro apenas lembrei que ele passa por fraco caráter, e o Zacarias respondeu-me que o sabia patoteiro; mas que na pasta de Estrangeiros não poderia fazer patotas; ao que retorqui ser difícil resistir a empenhos dum colega; porém que tudo dependia dos mais ministros e esperava que eles resistiriam aos pedidos. Disse-me que continuava a propor o Sá e Albuquerque para Obras Públicas e não o José Pedro Dias de Carvalho, por causa do negócio do Mucuri. Conta com 60 deputados. Ainda não falou a Dias de Carvalho que está na Gávea. Queria publicar já os nomes dos ministros nos jornais de hoje; mas eu aconselhei-lhe que apenas desse notícia de que o ministério estava organizado; por isso que não tinha a anuência do Dias de Carvalho.

24 de maio de 1862 – Estive com o Pedreira. Disse-me que ia fazer oposição franca e pedir demissão do lugar de consultor por ser lugar de confiança ²⁴⁰. Respondi que era seu dever como eu compreendia o meu não tendo anuído à dissolução da Câmara, que eu desejo que se mantenha até a época das eleições ordinárias; visto que entre nós a eleição é uma calamidade, devendo na época ordinária manifestar-se a Nação a favor dos conservadores ou dos liberais, sustentada a lei com energia por um ministério imparcial. Acrescentei que por ora não há solução da crise. Respondeu-me que assim dissera a amigos seus tendo já assentado em fazer oposição de princípios e moderada ao novo ministério, e que deputados da Paraíba declararam que se retirariam se Eusébio e os outros conservadores de maior influência não se apresentassem em campo. Deve haver uma reunião em casa do Abaeté e pretendem assentar em resoluções de acordo com as idéias indicadas. O Barbosa da Cunha ²⁴¹ disse ao Pedreira aconselhou-o que chamasse apenas a atenção do público para o procedimento do ministro. Veremos o que fazer. Disse ao Pedreira que eu declarara aos ministros passados que eles não se retiravam por falta de minha confiança. Receio que o novo ministério não tenha maioria, e me veja na necessidade de dissolver a Câmara. Os atuais ministros segundo ouvi ontem ao Zacarias parece que pedirão apenas sua demissão, e a lógica não exige que eu torne a chamar o Caxias? O ministério atual pelo que disse ao Zacarias não terá razão para se queixar de mim; pois que chamei a atenção do Zacarias para o que possa suceder nesse caso; mas os liberais exaltados, que, cegos pela paixão política caluniam tantas vezes não dirão que eu armei cilada à liga? Mas também os conservadores que apoiavam o ministério passado não me chamará pelo menos de ilógico se proceder doutro modo? Por todas estas razões desejo que o ministério atual tenha maioria, com a qual a maior parte dos que hão de compô-lo pode prestar bons serviços à Nação. A chamada do José Bonifácio é muito conveniente não só pelas qualidades do individuo como porque há de provavelmente formar sua posição entre os liberais moderados reconhecendo que meu início anelo é que se executem a Constituição e as leis não havendo para mim senão duas classes de homens, a dos que querem concorrer comigo de consciência para o bem do país, e a dos que não procedem assim.

À noite veio o Caxias para referendar o decreto do Zacarias, e trouxe os decretos de demissão dos ministros passados dizendo unicamente – Hei por bem exonerar etc. Tornei a dizer como entendia a retirada do ministério passado; mas que se Caxias me pedia que assinasse os decretos assim redigidos eu o fazia como o fiz. Depois conversei com o Caxias e dizendo-me ele que pretendia retirar-se para fora eu observei que era melhor que ele se demorasse aqui ainda por algum tempo pois que ainda não estava resolvida a crise e eu talvez precisasse dele. Repetiu seus protestos de dedicação, mas acho com ar de despeitado e pediu que quando os outros ministros passados viessem cá eu os tratasse de modo a não pensarem que eu aproveitaria a primeira ocasião de desfazer-me deles. Tornei a repetir o que ontem eu dissera aos ministros passados, e perguntando-me Caxias se podia declarar ao parlamento que eu não tinha retirado minha confiança ao ministério passado,

respondi que era melhor não fazê-lo para não criar desconfianças nos ânimos dos novos ministros que já sabiam disto, e ele ficou de não declará-lo.

Retirado o Caxias conversei com os novos ministros sobre as principais necessidades públicas e disse-lhes que a minha política resumia-se na palavra justiça como eu a entendo na mais alta acepção e não só em relação ao direito privado. Achei muitas cordatas as observações dos diversos ministros.

25 de maio de 1862 – Vieram hoje Sousa Ramos, Saião e J. J. Inácio; mas o camarista que não estava prevenido disse-lhes que talvez não os recebesse por causa do nojo ²⁴², e foram-se embora, sem falar-lhes. Paranhos veio depois e falei-lhe, pedindo-lhe eu que referisse aos ex-colegas o que se tinha passado. Achei Paranhos menos disposto a oposição que o Pedreira. Falei-lhe no mesmo sentido que a este, e disse-lhe o motivo porque os decretos de demissão foram redigidos como já expus.

26 de maio de 1862 - O Cândido Borges disse-me que o Caxias lhe afirmara que tinha minha promessa de dissolução da Câmara, e que os ministros se achavam desgostosos dele porque lhes dissera o mesmo. Eu li ao Borges o que escrevera neste livro. De tarde veio o Taques e eu lhe referi o que se passara relativamente à redação dos decretos, e notando a precipitação com que o Paranhos provocara uma votação na Câmara ele respondeu que procurara impedi-lo assim como o Saião. Observando eu que sentia que tal sucedesse porque poderiam pensar que o ministério tinha certeza da dissolução ele respondeu-me que o Caxias só lhe dissera o que conversamos a tal respeito quando se organizou o ministério, referindo-lhe eu depois o que falara ao Caxias no dia 11. Também me procurou o Saraiva que confessou achar-se apaixonado e me disse que o Antão embora se incline a um lado não tem praticado escândalos e que ele não veio com tenção de acusá-lo na Câmara.

Antes que me esqueça vou já escrevendo que em conversa o Albuquerque (visconde) referiu-me que o Araújo Ribeiro ²⁴³ lhe mostrara um recibo de 6 contos passado por Pimenta Bueno ²⁴⁴ para que se pagassem as famosas barracas.

Vi uma estatística de votos pela qual a oposição tem 50 votos e o ministério 39. Os ministros não se mostraram todos desanimados e mesmo Sá e Albuquerque fala de uma maioria de 10 a 15 a favor do ministério. Por ora tenciono no caso do novo ministério pedir dissolução não anuir a ela e procurar organizar novo ministério com o Abaeté que talvez ache maioria. Hei de perguntar-lhe se pode governar sem recorrer à dissolução, que em último caso se fará, procurando eu com o Caxias, ou, se ele não quizer prestar-se sem entrar com todos os antigos colegas, lançando mão do Sinimbu, ou de outro que tenha igual conceito de imparcialidade, organizar um ministério que presida às eleições com a imparcialidade e energia para todos poderem votar que eu desejo.

27 de maio de 1862 – Nada de novo.

28 de maio de 1862 – Os ministros vieram a despacho; mas não se tratou senão da votação da Câmara. Ouvi a todos os ministros que aconselharam a dissolução desenvolvendo melhor a sua opinião o Carlos Carneiro de Campos que insistiu principalmente na necessidade de não fazer as eleições um ministério Saquarema radical falando do passado como se ele fora dessa cor. Dias de Carvalho estribou principalmente a sua argumentação no procedimento de alguns dos senadores referindo que eles queriam sustentar a inconstitucionalidade da escolha do ministério e insinuando um deles que teria havia ajuste prévio entre mim e o ministério para a dissolução. Expendendo a minha opinião disse que não era favorável às exagerações de nenhum dos lados, e que o ministério Caxias não agradava inteiramente aos que o Carlos Carneiro chamava de Saquaremas radicais, e que o ministério não o seria por surpresa porque não consentiria em tal, assim como nunca admiti ajustes prévios a respeito de atos do poder moderador. Expus que dois ministérios pertencentes aos dois grupos em que se dividia a Câmara não tinham tido maioria para governar e que não desejando recorrer à dissolução senão em último caso faria nova tentativa. Agradei aos ministros o serviço que tinham prestado entrando para o ministério em tal ocasião, e asseverei que o ministério que dissolvesse a Câmara haveria de fazê-lo para consultar eu a Nação com toda a liberdade de voto. O Furtado disse que reputava grande honra de ter sido ministro embora por tão pouco tempo.

Depois ainda falei com o Zacarias e perguntando-lhe quem indicaria conforme o que me ouvira para organizar ele tornou-me a lembrar o Abaeté mostrando sentimento que eu não preferisse a este de primeira vez. Estes ministros retiraram-se com melhor cara que os predecessores.

Depois das 9 ½ h da noite chegou o Abaeté. Manifestou-se sentido mais liberal que conservador reprovando muito o procedimento dos oposicionistas, e disse-me que em uma reunião numerosa se declarara contra tal procedimento. Recusou-se a aceitar a comissão alegando que não manifestara nas Câmaras essas suas opiniões que me comunicava com toda a franqueza por saber que assim podia fazê-lo, ao que respondi que contasse com meu segredo. Falou do Sales Torres Homem porém que não convinha sua escolha para ministro na atualidade. Ainda insisti, porém, sempre se recusou; enfim disse que fosse pensar até amanhã, às 8 e que então me desse sua resposta definitiva assim como me lembrasse quem conviria que o substituísse.

29 de maio de 1862 – Veio às 8. Não aceita e lembra o Albuquerque que eu aprovaria se não fosse seu espírito excêntrico. Indicou depois marquês de Olinda e lembrando eu o Caxias não com o ministério tal qual saíra com ele há dias do poder, aconselhou-me que, a ter de chamar o Caxias, o que não lhe parece político, para que não digam que o ministério do Zacarias só teve fim revelar a fraqueza da liga nas Câmaras, apelasse primeiro para o Olinda que talvez queira entrar para o ministério com o Albuquerque.

O Olinda chegou tarde por estar no Trapicheiro. Para facilitar trabalho entreguei-lhe um papel ²⁴⁵ e ele logo anuiu ao que eu lhe propunha falando-me em não entrar o Maranguape ²⁴⁶ para o ministério aceitando o Sapucaí. Pouco tempo se demorou comigo.

Voltou perto das 9 e disse-me que Polidoro ²⁴⁷ mostrava-se disposto a aceitar; mas que só pedira tempo até amanhã às 8 para ainda consultar dois amigos. Que falara com o Abrantes a respeito da entrada do deputado Pereira Franco para o ministério; porém abandonaram essa idéia por ser Franco adversário do Saraiva.

30 de maio de 1862 – Pela volta de meio dia veio o Olinda com o Zacarias. Este ao retirar-se disse-me que achara muito acertada a solução, e que entrara para o ministério mesmo para facilitá-la. Disse-lhe que o Abaeté não quisera por forma nenhuma aceitar o encargo, e respondendo-me ele que o Abaeté tinha ganho na opinião eu apenas acrescentei que no modo porque tratara comigo tinha procedido muito bem. Pouco depois vieram José Pedro Dias de Carvalho para agradecer-me o modo porque o tratara em seu curto ministério, e Abaeté para consultar-me sobre se devia responder a qualquer interpelação no sentido do artigo do Mercantil de hoje. Ponderou-me os inconvenientes de responder, no que concordei rematando que eu lhe deixava fazer o que entendesse melhor. Esqueci-me de referir que ele antes de ontem, Abaeté, disse-me que pendia mais para o lado liberal sendo a época dele o qual convinha dirigir, e que do ministério Zacarias só receava que se deixasse arrastar de alguns liberais em cujas idéias ainda não podia confiar. Os novos ministros ²⁴⁸ vieram às 2 ½ h e conversei com eles até perto das 4 sobre política e principais medidas legislativas e administrativas em geral. Dei um papel escrito ao marquês de Olinda com minhas recomendações sobre o programa, e negócios mais urgentes. Disse ao Olinda para pedir ao Zacarias, a quem comuniquei isso, os papéis escritos por mim que havia lhe confiado.

Esta tarde fui ao Instituto e lá ouvi o Pinto de Campos ²⁴⁹ falar ministerialmente; mas não de todo contente com o novo governo sobretudo por causa do Sinimbu que pintou com um caráter pouco favorável a respeito da firmeza de princípios e rancoroso, o qual não lhe reconheci quando ministro. Disse-me que os liberais extremos estão descontentes, e espalham que foi desrespeitada a Câmara por não entrar à exceção do Lamare nenhum deputado, pretendendo Silveira Lobo ²⁵⁰ agredir fortemente o ministério. Sales Torres Homem prega ministerialismo, que o Pinto Campos entende que deve ser sério – isto é cauteloso professado pelo que percebi do modo de falar do Pinto de Campos, bem como Fernandes da Cunha, que diz se separará de Saraiva por este querer por espírito de partido proteger criminosos de morte, como ele promete provar em discurso. O Pinto de Campos apresentou Saraiva como liberal exagerado; mas eu o defendi, e disse que esperava mais ver Saraiva ministerial e Fernandes da Cunha oposicionista do que o contrário. O Sapucaí referiu-me que diziam os liberais exaltados que o ministério tinha sido feito no Paço entrando até para ele o camarista de semana ²⁵¹, e que o Olinda recebera de mim a lista dos ministros. O papel que lhe entreguei ontem prova que lhe dei toda a liberdade, e creio que ele não é capaz de se desculpar da organização do ministério dizendo que recebera ordem para convidar indivíduos designados. Atribuo

antes o boato ou à maledicência, ou à indiscrição de alguns dos ministros que o Olinda obrigara a entrar alegando ordem minha; demais também o Pinto de Campos se queixou de que o Olinda não consultara os amigos, e talvez isso que também sucedeu relativamente aos do lado oposto ao de Pinto de Campos disse ao Sapucaí que os ministros atuais não são bastante fortes para dissolverem a Câmara. Sapucaí referiu-me que o Caxias estava pronto para entrar em qualquer mesmo sem ser presidente dele. Segundo as notícias creio que haverá maioria para o ministério, e nenhum outro seria mais imparcial para presidir a eleições caso se torne a dissolução inevitável.

Quando conversei com os ministros, o da Guerra propôs o general José Maria Bittancourt ²⁵² para ajudante general ao que já tinham anuído os colegas e eu anuí sem reflexão, e Olinda disse-me que tinham assentado em chamar para as seções da Fazenda Cândido Batista, do Império Manuel Felizardo, e da Justiça e Estrangeiros Sousa Franco pelas vagas que deixaram os conselheiros ordinários que entraram para o ministério ²⁵³. Restitui diversos papéis e entre eles os pareceres sobre reforma dos Estatutos da Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

31 de maio de 1862 – O Olinda veio pouco depois de 3 participar a doença do Maranguape, e por ora só propõe que um dos colegas tome a pasta da Justiça interinamente. Nomeando ele Sinimbu achei este melhor porque pode ser mais ativo que os dois marqueses. Lembrei a vaga na seção da Guerra e Marinha e ele disse-me que já tinham assentado em chamar João Paulo ²⁵⁴. Estava contente pelo modo por que fora recebido na Câmara, e apenas disse-me: timeo Dánaos et dona ferentes, e com efeito tem razão. Referiu-me que Silveira Lobo lhe fora prometer apoio pedindo-lhe que não fosse muito explícito no programa de modo não embarçar o apoio dos liberais. Creio que ambos os partidos desejam esperar para que este ministério caia e qualquer deles subindo ao poder tenha meios de eleger facilmente sua gente. Também a dissolução agora não permitiria ao ministério fazer a melhor escolha possível de presidentes para as eleições, que além disto se fariam pela legislação atual que relativamente ao processo eleitoral é muito viciosa. Contudo depois se tiver de sair esse ministério custar-me-á muito a achar outro que dê iguais garantias de imparcialidades nas eleições. É preciso andar muito vigilante e estar prevenido para a verdadeira solução da crise por meio duma eleição livre para todos.

O Saraiva como eu esperava já prometeu francamente seu apoio ao ministério como eu esperava, e o Silveira Lobo não rompeu como disse Pinto de Campos com quem é preciso falar com toda a cautela. Zacarias já deu os papéis ao Olinda que ficou de trazer-mos.

Esta tarde veio o Furtado agradecer, e o Martim ²⁵⁵ disse-me que o irmão antes de partir para S. Paulo, a 6, há de vir despedir-se. Os decretos dos ministros que se retiraram ultimamente concedendo-lhes a exoneração por pedido deles. O ministério Zacarias procedeu sempre para comigo de maneira porque eu o merecia pelo modo com que os tratei.

1 de Junho de 1862 - Esteve cá o Caxias. Contou-me que o Porto Alegre lhe dissera que ele estava persuadido de que a dissolução seria concedida ao ministério de que ele fazia parte. Caxias referiu-lhe o que me ouvira estando presente Zacarias, no sentido do motivo da retirada do ministério Caxias que sempre conservou minha confiança. Porto Alegre disse que os seus colegas também esperavam a dissolução; mas não sei como tal possa ser à vista do que ouvi ao Zacarias, e fica narrado fielmente neste livro. Caxias disse-me que Polidoro o consultara antes de entrar para o ministério e que ele respondera que entrasse não tendo ele dúvida de entrar se fosse isso indispensável. Acrescentou creio que só para mim que era natural que eu não quisesse empregar duma vez todos os velhos ²⁵⁶.

2 de Junho de 1862 – O Olinda trouxe-me os papéis que eu dera ao Zacarias, e o que lhe confiara quando o encarreguei de organizar o atual ministério. Disse-me que os colegas jurisconsultos queriam que ele ficasse com a pasta da Justiça interinamente; porém ele mostrou-me desejos de que fosse o Sinimbu e pediu-me licença para mandar passar decreto nesse sentido.

Houve despacho. Falei a respeito de quase todos os negócios indicados nas listas juntas; porque o resto já havia convenientemente lembrado ao ministério Caxias. Fiz algumas reflexões contrariamente à opinião do marquês de Olinda que foi voto numa consulta da seção do Império, sobre a inconveniência de aprovarem os estatutos duma sociedade de beneficência da nação Congo que não admitem para sócios senão pretos. Ficaram os ministros de reconsiderar esta questão. Albuquerque disse que escolhia o filho ²⁵⁷ para oficial do gabinete, e eu observei que não era negócio de decreto e que não

discordaria senão em continuar ele no lugar de juiz municipal, e em aumento de despesa. Albuquerque respondeu que se não pudesse ter seu filho por oficial passaria sem este auxiliar. Abrantes escolheu o Calógeras ²⁵⁸ para oficial de gabinete e disse que não lhe daria mais de 1:400\$000.

Sinimbu lembrou que se admitissem a ter voto nas sessões da diretoria do Instituto Agrícola do Rio os sócios de todos os Institutos Agrícolas que pudessem apresentar-se. Entreguei-lhe o relatório do Dr. Ernesto Benedito Ottoni sobre a liquidação do Mucuri, e chamei sua atenção para o que ele propõe a bem dos colonos em relação a seus direitos, dizendo igualmente, que sem ter ainda lido o relatório do comissário do governo desconfiava de que não houvera inteira imparcialidade da parte dele a quem no trato do jacarandá tornara suspeitos a meus olhos. Cansansão com muito critério refletiu que esta quadra, em que os dois partidos, sem terem vencido, desejavam seguranças para as eleições, talvez fosse a mais própria para fazer passar as medidas que concorressem para tal fim.

3 de Junho de 1862 – O Lajes ²⁵⁹ veio pedir proteção para sua empresa.

O D. Pascoal pede recomendação aos presidentes para a venda de seu folheto sobre meu pai ²⁶⁰, mandei-o para o Olinda.

Eunápio Deiró ²⁶¹ volta por sua pretensão da estrada de ferro de Paraguaçu. Recordei-lhe as palavras prudentes que já me ouvira o ano *[sic]*; mas que procurasse o Sinimbu que conhecia bem às necessidades da Bahia, podendo eu talvez depois de ouvir os ministros adiantar alguma coisa mais. O Ferreira ²⁶² contou-me que o ministério atual fora a princípio mal aceito pelos liberais puritanos; mas que o Silveira Lobo combatera as idéias do Ottoni de fazer oposição ao ministério só por ter sido feito em S. Cristovão, tendo Otaviano logo recebido uma carta dos eleitores de S. José no sentido de apoio ao ministério, o qual já recebera oferecimentos por escrito da parte do Mercantil. Falou-me na facilidade de desligar Otaviano de Ottoni, e em que a Atualidade e mesmo o Diário estavam a morrer. Esqueci-me de dizer que o Caxias me comunicou que ia aparecer um periódico conservador redigido pelo Sales, Saião ²⁶³.

Albuquerque no despacho tratando eu das acusações que se fazem à alfândega falou em substituir o Nicolau Tolentino pelo Saião ²⁶⁴, mesmo por causa do modo porque insultara a quem acabava de ser presidente do Conselho.

O Ferreira também me referiu que o Furtado se mostrava muito satisfeito pelo modo franco porque o tratei, e com efeito disse-lhe assim como a seus colegas o meu pensamento com toda a confiança.

No despacho de ontem tratando de exposições agrícolas com prêmios ficou o Cansansão de pensar em sua realização propondo eu que fossem em diversos centros que as tivessem as províncias mais relações. Tratando-se de navegação de cabotagem vi que a opinião dos ministérios pendia a que só se conserve o privilégio para as pescarias. Também parecem inclinar-se à abertura do Amazonas. Ambas as idéias são grandiosas; mas exigem muito estudo.

4 de Junho de 1862 – Fui ver as três fábricas de que falarei pela ordem em que as visitei. A de refinação de açúcar ²⁶⁵ cujo diretor comercial é o negociante Coutinho, e o técnico Pedro Bosisio está bem montada; porém o capital empregado é de 480 contos, e o rendimento só dá para custeio e pagamento do dinheiro que se tomou de empréstimo além das entradas dos acionistas no valor de 250 contos. Refina-se 500 arrobas de açúcar por dia, e 10.000 dão 30 pipas de aguardente de 21° e talvez para o futuro se aproveite mais açúcar dando só de aguardente 15 pipas. Tem 9.000 formas de ferro, e purga a frio, e em 13 dias o melhor açúcar com 3 caldas, sendo a estufa para 4.000 formas. A máquina motoro é de 16 cavalos, e fornece vapor para aquecer os diversos aparelhos entre os quais a caldeira de vácuo que cozinha 50 arrobas de caldo em 2 ¼ horas. Vão ensaiar o processo Le Play para revivificação dos filtros que é preciso de 2 em 2 dias sendo cada um para 120 arrobas de caldo, que tem antes já sido clarificado por meio de 5% de carvão animal em pó e passado por filtros do sistema de Taylor. Dos ossos extraem gás na quantidade de 300 a 400 pés cúbicos por dia para iluminação da fábrica cuidando de aproveitá-lo também para a cozinha. Há 42 trabalhadores dos quais alguns escravos de fabricantes de açúcar. Este é de belo aspecto e de bom gosto; mas no caldo que sai dos filtros - é verdade que acabavam de lavá-los - quase nenhuma doçura, e gosto do carvão. Vendem melhor o açúcar de 2.^a qualidade por 3\$200 a arroba; o de 1.^a custa 6\$000 e tanto, e reduzem em máquina as formas a pó; porque assim o exigem os compradores dizendo que deste modo adoça mais. Quando vai as centrífugas, que dão 1200 voltas num segundo e purificam o açúcar em menos de 10 minutos. O mel passa duas vezes pelas centrífugas, sendo cozinhado de cada vez; e só depois é que fazem dele aguardente. De 1 ¾ pipa de aguardente de 21 restilam pelo aparelho Derosne, álcool de 36 a 40° que é procurado.

Na fábrica da Ponta d'Areia ²⁶⁶ vi o vapor Santa Maria que aí foi feito, menos a máquina de cilindros oscilantes construída em Londres na fábrica de Ravenill e da força de 180 cavalos. É navio muito bem construído, e carregando 10.000 arrobas cala 8 pés. Admite 68 passageiros à ré e 28 de proa. Está no estaleiro um vapor para a navegação do Amazonas, que estará pronto até fim de julho. É de ferro; mas o Parker ²⁶⁷ achou as folhas de ferro finas, e o porão tem 6 compartimentos estanques. Máquina diagonal, admite 52 passageiros, e carregando 8.000 arrobas cala 6 ½ pés. Despediram-se estes dias mais de 160 operários, e 2/3 das máquinas não trabalham. Já fundiu este ano 80.000 libras o que deveria ser por mês - e a maior peça foi de 8.000. O motor é de 45 cavalos. Já tem uma sofrível sala de modelos. Não seguraram a fábrica por causa de 30 a 40 contos por ano de seguro. Cumpre olhar com toda a atenção para esta fábrica de tanta importância. Junto o mapa do pessoal da fábrica.

A de Ruffier Mantelet está parada ²⁶⁸. Manuel Werneck, filho barão do Pati ²⁶⁹, depois da morte do pai como que deixou a sociedade. Apenas faz agora algum sabão com as matérias que tem juntas. Chegou a apanhar 20 animais sendo o termo médio de 6. Os animais aproveitam-se no mesmo dia em que eram trazidos num vaporzinho, que está à venda, e tiravam óleo que por sua força calorífica é muito empregado; dos ossos de que faziam carvão animal, extraíam cola, os tendões davam cordas, obtinham sabão, vendiam os couros, e dos resíduos das operações preparavam guano. O gasto por dia era de 80 a 100\$000, e cada animal pode render de 15 a 20\$000. O capital empregado, disse-me Ruffier, ter sido de 130 contos; mas não vejo em que tantos contos se houvessem despendido. Queixa-se muito da Câmara Municipal de Niterói que o obrigou a fazer a 1ª decocção dos animais cortados em 4, sob 3 atmosferas, na ilha Seca, bastante longe da do Caju, aumentando deste modo consideravelmente a despesa. Os aparelhos que serviam na ilha Seca já estão nesta última, e diferem dos desta em serem os vasos de pau e o motor muito pequeno, quando o outro era de 16 cavalos, e os vasos de ferro. É indústria digna de animação.

Capanema esteve de tarde comigo e mostrou-me assentos da fábrica de papel para provar que ela poderia ter continuado ²⁷⁰. Agora só com sacrifícios novos da parte dos credores. As paradas de trabalho foram devidas à falta de trapo, que diz Capanema abundar agora. México já possui algumas fábricas que dão para o consumo interno, segundo me disse Capanema. Respondi que o Soares trabalhou bastante para que a fábrica não parasse e Mauá até se mostrara empenhado nisso; mas sem proveito, ao que replicou o Capanema que Mauá não trabalhava de boa-fé pois que desejava comprar barato a fábrica para estabelecer aí uma estação de seus planos inclinados da serra. Ainda hei de examinar este negócio de receber os dados que me prometeu Capanema dar tirados dos assentos da fábrica.

5 de Junho de 1862 – Fui receber no Paço da Cidade as deputações das respostas à Fala do Trono. Mostrei a minha resposta ao Olinda que nenhuma reflexão fez. Depois de ter recebido as deputações, falando com os ministros o Sinimbu disse-me que tinham assentado na conveniência da passagem da subvenção à empresa do Pereira Pinto para navegação de todo o Uruguai e rio da Prata por isso só era útil animar a do alto Uruguai. Concordei com esta opinião, e acrescentei que devíamos lembrar dos rios todos nossos, como o S. Francisco, que pedem navegação a vapor, e não esquecer a do alto Uruguai.

À tarde procuraram-me Sá e Albuquerque e José Bonifácio. Achei-os em muito boas idéias e dispostos a realizar o pensamento que o Sinimbu expôs no despacho passado.

6 de Junho de 1862 - Estive com o Cândido Borges ²⁷¹ que achei moderado, e disposto a manter a posição imparcial que disse no seu discurso ocuparia. Desculpou-se de não assistir ao jantar dos conservadores. Referiu-me que o Sales achava a organização deste ministério inconstitucional por não se ter atendido à Câmara dos Deputados, e dissera que eu embora usasse de minha velhacaria não enganaria os partidos. Eu expliquei o meu procedimento que tem sido lógico. Sales explica o apoio ao ministério porque ambos os ministros receiam que se o atacarem eu de irritado o conserve por isso mesmo, pois que sempre tem sido este o meu procedimento. E ele não se lembrou que não basta que haja oposição para eu demitir o ministério ou este se retirar, e apesar de sua explicação ser hábil, eu disse ao Borges, que se não queria enganar ninguém também evitava que me enganassem e pensava que a não oposição se explicava pelo modo que já escrevi neste livro. Disse-me Borges que os conservadores desconfiavam do Abaeté e que espalhando-se que ele dissera que a época era dos liberais, Abaeté protestara vivamente contra esse boato, assim como rebatera a calúnia que me assacaram de que eu

não o chamara para organizar ministério com a intenção de que tal sucedesse referindo minhas instâncias sinceras para que ele aceitasse.

O periódico dos conservadores deve aparecer qualquer destes dias e o Sales não quer aparecer como redator principal porque teme exagerações do Saião. Silveira da Mota reprovou muito a organização do atual ministério, e disse que visto não quererem conservar os conservadores ele tinha desejos de se ligar aos liberais. *[Falta um pedaço da página.]* aparece o projeto de lei de regência. Poucos atendem somente ao interesse público, e é preciso ter resignação, e apelar para o tempo; contudo custa-me às vezes muito a não mostrar a intrépida tristeza de que se achava possuído Lacordaire segundo a bela expressão de Montalembert. O Sales também disse ao Borges que os conservadores receavam que se fizessem oposição a este ministério eu procurasse os liberais, de modo que embora se queixem de minha influência querem-na todavia para si. Borges explica o não comparecimento do Eusébio ao Senado desde a organização do ministério atual, apesar de que é visto na rua, a despeito tendo ele sido um dos que mais opinaram por oposição desde logo ao ministério do Zacarias.

7 de Junho de 1862 - Houve despacho. Falei dos negócios apontados nos papéis juntos. O Albuquerque entendia que não se podendo prever a despesa era melhor pedir o crédito depois dela feita. Opus-me a esta doutrina, e disse que esgotada a verba ainda que no caso duma obra não se suspendesse o trabalho devia o ministro apresentar-se perante a Câmara e pedir o crédito declarado que se não lhe concederem dentro de breve tempo suspenderá a obra. Acrescentei que era preciso andar direito, e que para isso seria preciso muitas vezes não reechar as conseqüências das más práticas recaindo a responsabilidade sobre quem competir. O Sinimbu expôs-me a dúvida sobre o quantitativo que se reclama pela conservação de parte da estrada de Sta. Cruz. Fui de opinião que houvesse rigor; mas querendo o Sinimbu respeitar o parecer do Olinda em consulta da seção ficou assentado que se pagasse a prestação vencida conforme o requerido, por eqüidade; mas que depois se declarasse rescindido o contrato para em hasta pública ²⁷² renová-lo com mais clareza. Eu ainda fiz ver que se alegraria a decisão eqüitativa para se oporem à rescisão, e que o melhor teria sido executar o contrato com rigor. Entreguei ao Abrantes o projeto de convenção consular ajustado com o ministro da Espanha ²⁷³ e fiz observações sobre diversos artigos.

Soube que o Abrantes já tinha falado com o Christie e St Georges ²⁷⁴ sobre notas relativas aos artigos sobre relações exteriores publicados pelo Veiga da secretaria de Obras Públicas ²⁷⁵. Christie disse que na Inglaterra tal empregado seria demitido; mas Abrantes respondeu-lhe no sentido de minhas idéias sobre liberdade de imprensa, e procedimento dos empregados e que o mais que podia fazer o governo era estranhar o procedimento desse empregado e proibir-lhe tais publicações para o futuro. Não concordo quando a esta última parte; porém nada disse ao Abrantes porque já antes lhe tinha comunicado minha opinião.

O Albuquerque mostrou as melhores intenções; mas divagou muito e queixando-se dos colegas que demoram a expedição dos negócios das pastas alheias nas conferências tomou boa parte do tempo do despacho para nada concluir de real. Hei de procurar convencê-lo de que é preciso praticar mais, e fazer menor número de considerações que não são exigidas pelo caso. Sinimbu já me deu informações sobre o que está apontado nos papéis de lembranças para o último despacho. Olinda nada disse a respeito do que lembrei no papel que lhe entreguei no último despacho.

8 de Junho de 1862 – Pela volta de 10 $\frac{1}{4}$ h chegou o ministro da Marinha, e, tendo eu almoçado, referiu-me a desgraça sucedida ao dique. Pretendo ir amanhã ver o dique. O ministro parece que quer proceder eqüitativamente com o Law ²⁷⁶ cuja obra ouvi ao ministro que ainda não tinha sido aceita; só na presença poderei formar a minha opinião. Creio que houve descuido relativamente à porta do dique.

9 de Junho de 1862 – Às 8 da manhã estava no Arsenal da Marinha. Fui ver o dique. O Viamão tem popa e proa muito estragadas ²⁷⁷. Foi dar mesmo no topo de cima do dique onde lascou a pedra, como também a ponta fez o mesmo na entrada do dique do lado direito entrando. O Viamão inclina de bombordo. A porta está por baixo dele em parte e com a banda externa para cima. Tal haja a necessidade de desmanchar o Viamão dentro do dique, e neste caso se quiser examinar o estado da porta antes de resolver sobre o modo de fechar o dique só daqui a um ano talvez começará a trabalhar de novo. A porta já tinha sido reforçada; mas assim mesmo formava curva e não é desculpável que se houvesse fiado só no Law, que confessa ter sido ele quem colocara a porta, operação que ele sempre dirigia. Diz que tinha pouco peso, e defende a

construção como a melhor e da invenção de Fairbairn, e que já se empregou na Inglaterra, na Escócia talvez, segundo disse o Braconnot ²⁷⁸. A porta tem travamento de abóboda no interior; mas por que não apresenta a mesma forma externamente, e cavalgava tão pouco nas bordas da entrada? Law não fala em quem deve fazer a despesa e calcula em 7 meses o tempo preciso para encomendá-la em Inglaterra e assentá-la aqui. Três dos feridos e contusos já saíram do hospital. O ministro vai propor amanhã aos colegas a encomenda de nova porta segundo o sistema que se reconhecer melhor, e mostra a diligência necessária. Uma das bombas do dique, que estava encravada quando entrou o Viamão já desencravou.

Depois visitei o hospital. Está muito asseado, e os viveres são bons. Há enfermarias que carecem de conserto, e a casa da secretaria e diretoria talvez servisse melhor para os doentes. O destacamento e inválidos tem ainda tarimbas fixas, e estes são castigados com pancadas, o que se deveria acabar. O Dr. Feital ²⁷⁹ queixou-se de que os castigos corporais se fazem sem audiência de nenhum médico, contudo, pareceu-me pouco calmo no seu modo de falar, ainda que o que ele me disse a respeito da visita do diretor ²⁸⁰ tarde, e só em dias de serviço, foi pouco depois confirmado em parte; pois que o diretor chegou dizendo que costumava vir às 9 quando pelo relógio dele mesmo faltavam 8m para 10. Desci às acomodações dos presos e apenas notei que na enfermaria deviam-se abrir mais duas janelas. Diversos presos me falaram e disse ao major que neles cuida que informasse sobre eles ao ministro, o mesmo sucedeu com o Parker a respeito de 2 marinheiros do Viamão. Num dos quartos do hospital o 2º cirurgião reformado Ambrósio Machado de Assunção, que aí está doente há um ano queixou-se-me de ter sido reformado unicamente com 7 mil e tantos réis, percebendo no hospital só metade quando outro procedimento houve com o corpo de saúde do exército quando ele foi reorganizado. Feital disse-me que o mesmo acontecera ao cirurgião Marciano que muitos e bons serviços prestara na ocasião da febre amarela. Junto o mapa dos enfermos do dia. Feital apresentou um relatório em março a respeito do hospital. Do hospital fui à secretaria do Império, que não achei em muito bom arranjo. Parte do edificio está em mau estado, e outra desocupada poderia servir para o arquivo público. Na secretaria do Conselho de Instrução Pública notei que o dicionário português, que até se tem distribuído pelas escolas seja o de Faria. Faltaram ao ponto 4. O que serve de oficial maior achava-se em serviço com o ministro, e dos que faltaram supôs ele que seriam o Tobias Leite, que todavia estava assinado no livro, e o Augusto de Castro que ele acrescentou devia eu saber que falta muito. Às 10 ½ o ponto ainda não estava fechado, à espera do oficial maior interino, que aliás se achava em casa do ministro. Daí segui para Tipografia Nacional cujos prelos são todos movidos à mão sendo 13 simplices tórculos, e os outros dois mais perfeitos tirando deles o papel impresso. Este é bastante pesado, precisando de 3 a 4 homens para movê-lo e não registra como o outro, que movem 2 homens. Os que deram movimentos a estes prelos são africanos livres, e a tipografia entre compositores, impressores, etc., 60 e tantas pessoas. Está mal acomodada convindo aproveitar parte do terreno que fica por detrás da secretaria. O papel acha-se guardado em lugar pouco conveniente para sua conservação. É preciso regular melhor a distribuição dos exemplares das leis. Os compositores pareceram-me hábeis. Os tipos já são velhos. O administrador ²⁸¹ que respondia a tudo com inteligência e conhecimento dos negócios da repartição deu-me notícias favoráveis do ensaio de fundição de tipos na Casa de Correção abonando o Muratet. Não há revisores, e revê o administrador. Não sei porque há de haver tantos formatos de papel não sendo todos os relatórios do mesmo. O administrador pediu-me um laminador para acetinar papel.

10 de Junho de 1862 – Nada de importante. A viúva do general Câmara ²⁸² falou-me da pensão. Respondi que conhecia os serviços de seu marido; que falasse ao Olinda e que examinando seus documentos advogaria o que me parecesse justo.

11 de Junho de 1862 – Houve despacho. Falei dos negócios apontados no papel junto. A respeito da consulta da seção do Império sobre os estatutos da Sociedade Magnética observei que era preciso declarar que só médicos reconhecidos por nossas leis possam fazer experiências magnéticas no homem. O Olinda disse que pretendiam reduzir no orçamento de 1863 a 64 a verba da comissão científica a 20 contos havendo até desejos de suprimi-la não só porque pensam que até 63 devem ter sido concluídos os trabalhos como há muita indisposição contra alguns membros da comissão, referindo Sinimbu que no vapor que o conduzia ao Norte ouvira muitas acusações ao procedimento moral dos membros da comissão excetuados Freire e Gabaglia ²⁸³. Eu respondi que o mau procedimento moral que tenham tido membros da comissão não pressupõe seu mau serviço pelo lado científico, e que convinha não lhes negar os meios precisos para publicação de seus trabalhos a fim de lhes fazer justiça e não nos desconsiderarmos perante o mundo científico que tão esperançado acolhera a notícia da comissão

científica. Acrescentei que esperava trabalhos do Freire, Gabaglia e mesmo do Capanema, apesar de ter naufragado o navio, que conduzia quase todo o resultado de suas pesquisas, sabendo que o Dias ²⁸⁴ quase nada poderia apresentar pelo estado de sua saúde e que o Lagos ²⁸⁵ é preguiçoso. O Abrantes disse que esperava trabalho do Lagos; mas eu persisto na minha dúvida, ao menos quanto ao trabalho de proveito para a ciência, e portanto de estudo. Recomendei ao Olinda que se entendesse com o Freire, que o informaria de tudo o que tem havido, e disse que o relatório da comissão já está impresso em parte, havendo algumas passagens inconvenientes, sobretudo porque essa publicação não fica no Brasil. Rematei dizendo que se nos afastarmos no movimento científico que se manifesta em todo o mundo civilizado muito perderemos, não conseguindo tão facilmente que estrangeiros mais habilitados nos diversos ramos científicos do que por ora podem ser os brasileiros os venham coadjuvar a bem do desenvolvimento de nossa pátria. Tudo o que não é rotina encontra mil tropeços entre nós e há quem ainda prefira o trabalho escravo e não creia na colonização, sendo a mesma causa o principal estorvo ao progresso dos institutos agrícolas.

O Abrantes apresentou três propostas do ministro americano ²⁸⁶ cujo fim é transvasar para o vale do Amazonas principalmente os negros que se libertarem nos Estados Unidos!! O Abrantes ficou de tirar cópia de tão singulares propostas e de responder como convém ao Webb. Comunicou uma nota em termos pouco moderados do ministro espanhol acusando o governo de falta de fé por isso que aprovou o adiamento do orçamento em que se autorizava o pagamento das presas espanholas. Abrantes de acordo com seus colegas escreveu ao Blanco del Valle que viesse falar-lhe e pretende entregar-lhe a nota confidencialmente explicando-lhe o motivo porque o governo adiou o orçamento, negando-lhe contudo o direito de apreciar a marcha do governo em negócios internos. Entreguei diversos ofícios de países estrangeiros e entre eles alguns do rio da Prata, e disse que se nós não fizéssemos alguma vez justiça por nossas mãos nada conseguiríamos, que no caso, por exemplo, do oficial da Guarda Nacional, brasileiro, que foi posto no tronco por ordem dum comissário oriental, devia uma partida nossa da fronteira ir soltá-lo. Já temos esperado bastante do governo oriental, e é preciso convencê-los que temos força que só empregaremos a bem da justiça que não fizeram aos brasileiros.

O Albuquerque apresentou consulta da seção sobre a Incorporação dos bancos Rural e Agrícola no do Brasil ²⁸⁷, e eu disse que sempre pensei que dependia de ato do Poder Legislativo; mas que a matéria é grave desejava examinar a consulta. A opinião do ministério é que se resolva remetendo-a à Assembléia Geral em virtude do § 3º do artigo 2º da lei de 1860. O Albuquerque adota inteiramente o parecer da maioria da seção e faz diversas considerações sobre suas antigas idéias de crédito; mas o Abrantes observou que a utilidade da fusão dos bancos, com a qual parece concordar o Sinimbu, era questão para ser tratada depois. Também refleti que o resgate do papel moeda pode ser inconveniente quando temos tanta necessidade de apólices para pagamento de empréstimos.

O ministro da Marinha disse que o Viamão tinha saído do dique apoiado em duas barcaças o que a porta com o peso de 300 toneladas dificilmente se levantaria. Propõe a construção de duas portas sendo uma de sobressalente. Duvido de que o Law possa ser obrigado a satisfazer a despesa duma das portas. Eu disse que devíamos tentar a construção da porta, sobretudo da de sobressalente, no Arsenal, se a demora ou excesso de despesa em relação à construção na Europa não fosse muito grande, a fazerem-se duas portas, uma delas construída fora do Brasil, e outra aqui, haveria a vantagem da comparação; mas que deviam ser consultados com urgência os profissionais sobre todas estas questões. O ministro já o tinha feito ou fará completamente, segundo disse, e referindo-lhe eu que o Law tinha, ao que consta, pronta uma reclamação de 300 contos pareceu não ignorá-lo. Pedi informações sobre o modo porque se aceitou o novo farol de Cabo Frio, que foi achado fechado, e ausente o contratado quando a comissão de exame lá foi, a qual contudo foi de opinião que se aceitasse a obra ²⁸⁸. O Sinimbu disse que o ministério era de opinião que o aumento das taxas da estrada de ferro de S. Paulo para que tenha lugar mais pronta conclusão da estrada, mediante sacrificio pecuniário da parte do tesouro, devia ser sujeito à aprovação da Assembléia Geral e que todos os deputados de S. Paulo se achavam de acordo sobre a vantagem da medida ²⁸⁹.

Antes do despacho de sábado estive comigo o engenheiro inglês Webb, e trouxe-me de presente uma coleção de amostras de cabos submarinos e diversas publicações sobre esse assunto. O Sinimbu deu-me em despacho desse dia a proposta do Webb e eu restituí-a hoje. Parece-me exagerada quanto ao nenhum ônus para o governo. Entre os papéis vinha o cálculo feito em papel com a firma Maxwell ²⁹⁰ o que me fez pensar que havia inteligências entre Webb e Jones da Casa Maxwell a respeito da empresa telégrafo-elétrica. Abrantes disse em despacho quando restitui a proposta do Webb que o

ministro americano tinha achado parentesco entre ele e o proponente; o que confirma a minha desconfiança das inteligências que há pouco referi; pois que o ministro americano parece ser sócio do Jones. Pedi para ver o requerimento de pensão da viúva do general Câmara.

12 de Junho de 1862 – Esteve cá o Borges ²⁹¹ ex-ministro nosso no Paraguai. Alegou-me o que já constava e disse que os ministros o tinham atendido mais do que os passados que não o quiseram quase ouvir. Eu respondi que à vista de toda a sua correspondência, e do que me constava eu no seu caso conservar-me-ia no meu posto evitando colisões com o governo do Paraguai e mesmo arredando-me por causa de seu procedimento para conosco; porém que informasse o governo a respeito de tudo o que lhe pudesse aproveitar e que eu nunca tinha a menor prevenção contra ninguém, e que atenderia a qualquer proposta que os ministros me quisessem fazer pensando que ele procedera com boas intenções.

Depois procurou-me o Carrão ²⁹² que se queixou de parcialidade e desidia do presidente de S. Paulo ²⁹³. Eu recordei-lhe o procedimento do Mendonça quando deputado e acrescentei que a ocasião era própria para discutir os atos do Mendonça julgando o governo à vista das razões apresentadas por ambos os lados. O Carrão pareceu querer que bastassem as acusações que já tem aparecido; mas disse que a imprensa era parcial.

Disse-me que a marquesa de Santos desejava que o Iguazu ficasse alguns anos em S. Paulo; pois não queria deixar a condessa sozinha na cidade de S. Paulo nem ela podia acompanhá-la para as fazendas, e que sabendo que eu dava 500\$000 ao conde poderia esta soma ser dividida ao meio com a condessa a quem o marido nada dava dessa quantia. Eu respondi que não proibira ao Iguazu que ficasse em S. Paulo, e que estava pronto a aconselhá-lo que não deixasse a mulher a não ser em companhia da mãe dela; mas que eu partia sempre do princípio que o marido é quem deve mandar em casa. Carrão disse que o Iguazu podia com a mulher mais do que a mãe desta que tinha gênio alterado; mas não o creio ²⁹⁴. Despedindo-se pediu desculpa de se haver, aliás por obrigação segundo ele o pensava, encarregado de semelhante missão.

13 de Junho de 1862 – Escrevi ao Albuquerque a carta junta ²⁹⁵. No Instituto ²⁹⁶ falei com o Capanema e Lagos no sentido de facilitar a votação da verba para a comissão científica, e disse o que já escrevi sobre o que há de menos conveniente no que já se imprimiu da narrativa da comissão científica. Também entendi-me com o Lagos e Sapucaí ²⁹⁷ sobre a correspondência de Alencar, e disse que me parecia conveniente responder por parte da mesa que o Instituto publica tudo o que possa esclarecer a história pátria sem analisar a parte literária, e que a Revista é dirigida em sua publicação pelo secretário ²⁹⁸, não se lendo nas sessões os manuscritos antes de publicados. Há uma comissão de revisão de manuscritos; porém, nada ou pouco trabalha, e convém tomar alguma providência a esse respeito para que não se repitam as queixas. O Sapucaí disse que pretende pessoalmente dar uma explicação ao Alencar; mas não basta isso e é preciso que a mesa cumpra melhor seus deveres.

14 de Junho de 1862 – Houve despacho. Chamei a atenção dos ministros para o parecer publicado no Jornal [*do Comércio*] de hoje da comissão de assembleias provinciais, as quais se prevaleceram alguns dos princípios expendidos ficarão quase privadas do direito de impor contrariamente ao Ato Adicional. Disse que hesitava sobre a inconstitucionalidade da lei sobre os caixeiros estrangeiros pois que também recaíam nas casas de negócios nacionais, e que a suspensão dela depois de sancionada era para mim claramente inconstitucional. Tratou-se de três pareceres sobre propostas do Banco do Brasil, e eu como disse na carta referida não insisti na consulta do Conselho de Estado, e, recusando minha opinião manifestada na carta, concordei em que fosse ao corpo legislativo a consulta que trata, e por esse motivo, do pedido de não incorporação de novos bancos de emissão durante 20 anos e divergi de que a outra fosse remetida ao corpo legislativo porque não havia verdadeiro parecer da seção como quer o § 3º do artigo 2º da lei de 1860. Disse que se havia desejado ouvir o Conselho de Estado era principalmente por querer ouvir mais opiniões sobre a fusão dos bancos. Receio que esta questão traga sérios embaraços para o ministério. Lamare que disse ter ouvido a negociantes inclinou-se a meu modo de pensar, assim como Sinimbu em relação da terceira consulta. Abrantes disse a tal respeito que a seção não havia de opor-se a uma autorização dada ao governo, ao que repliquei serem algumas autorizações, como essa, ilegais, e dever a seção falar sempre a linguagem da lei ao governo. Albuquerque já disse que me aconselharia a não sanção do ato da Assembleia que autoriza a fusão dos bancos; mas o Abrantes fez reflexões judiciosas sobre o direito de veto, e creio que o

dito do Albuquerque, ficará em conversa. Este apresentou-me o regulamento para a venda dos terrenos do Jardim Botânico, assinei-o por tê-lo já visto; mas o Olinda quando o releu ficou contrariado por causa da soma de 100 contos que acha exagerada para pagar o que se deva à Câmara Municipal, e creio que ainda conferenciarão a tal respeito.

O Olinda expôs que uma noviça estava a professar no Convento da Ajuda e entendia que se devia permitir visto não ter estado até agora em vigor dum modo uniforme o aviso que veda as profissões monásticas. Eu expus minha opinião sempre contrária a esse respeito, e disse que o ministério resolvesse como entendesse, não precisando de consultar-me; pois que deviam saber que minha opinião é contrária à existência de conventos, sobretudo de freiras.

Creio que a folha oficial cria-se desta vez ²⁹⁹. O Sinimbu já tem o trabalho adiantado e fala na despesa, que vão pedir ao corpo legislativo de 50 contos por ano, que desaparecerão quase encontrados com as despesas que já se fazem com a imprensa, para 2.000 exemplares, sendo a assinatura de 10\$000 por ano.

O Lamare referiu-me que a comissão de exame do farol de Cabo Frio fora examiná-lo 3 vezes, não encontrando da primeira o contratador, da segunda faltando diversas obras e da última aceitando-o com um contrato pelo qual se obriga o contratador a fazer certos trabalhos no terreno que ainda faltavam.

Os profissionais do arsenal já estão aprontando seu parecer sobre a porta do dique que entendem não poder ser de pau devendo portanto vir da Inglaterra, para armar-se aqui onde se houvesse o ferro poderia ela ser construída. Recomendei que exigisse pareceres bem explicitos sobre tudo o que fosse relativo à porta e por escrito. O Law intimado para fazer a obra representou por escrito que não era obrigado a fazê-la visto ter sido aprovado o plano da porta, e o governo tirado antes lucros do dique.

Lembrei a Olinda o negócio do professor de matemáticas elementares para o Instituto dos Cegos, e que me opusera à escolha de Albano Cordeiro fora unicamente porque, pelas provas dum concurso a que assisti, achei-o confuso, e me lembrara de Benjamin Constant Botelho, cuja prova escrita dum concurso muito me agradou ³⁰⁰.

O Olinda comunicou-me que o Freire ³⁰¹ concordara em redução da verba da comissão científica, tornando-lhe eu a recomendar este negócio e entregando-lhe o que já tenho impresso, que deve chegar, segundo ouvi ao Lagos, a 200 e tantas páginas da primeira publicação da comissão. Agora é que se publicou a narrativa da fragata Novara feita pelo comandante. Vi-a ontem no Instituto. Esqueci-me de referir isto ao Olinda como prova de que certas publicações mesmo na Europa não se podem fazer logo.

15 de Junho de 1862– Sinimbu veio ver as pequenas ³⁰². Conversei com ele e me referiu que a Seropédica queria entregar-se ao governo da província; mas que ele dissera ao José Norberto dos Santos (vice-presidente em exercício) que o governo não tinha autorização para tomar conta do estabelecimento; mas que enquanto não a havia poderia o governo provincial manter o estabelecimento com as loterias caso a companhia não o pudesse fazer. Aconselhou que apenas se limitasse a defender os interesses da província, e que não pedisse a declaração de falência. Sinimbu apesar de dizer que lhe tinha agradado a visita ao estabelecimento parece não crer no futuro da indústria, e eu respondi-lhe que esperava que ele fizesse o que pudesse ser útil a bem da indústria, e que o melhor era com efeito deixar declarar a falência resolvendo então a presidência o que convém fazer autorizada pela assembléia provincial. Referiu-me Sinimbu que Jerônimo José Teixeira agenciara o número de ações preciso para excluir o Ottoni da diretoria; o qual estava receoso de que tal sucedesse; mas que depois a diretoria marcou para a eleição o dia 15 de julho, e até lá as transferências de ações arrançadas pelo Jerônimo José Teixeira não tem os 2 meses de data necessários para conferirem o direito de votar aos que as possuem. O singular é que a designação do dia foi feita por consenso de todos os diretores apesar do Batista da Fonseca estar nos interesses do Jerônimo José Teixeira.

O Sinimbu tinha marcado para as 2 uma conferência com Teixeira, e disse-me que declarara a este e a Ottoni que o governo era inteiramente neutral. Teixeira guerreia Ottoni porque julga que ele está fascinado por Elison, que adiantara dinheiros aos empresário alguns dos quais receia Teixeira que não cumprirão seu contrato. Eu disse que aprovava muito o modo porque ele Sinimbu procedera que minha opinião sempre favorável à direção do Ottoni. Ele disse que a retirada do Ottoni que provavelmente não quererá continuar a ser presidente se não fosse reeleito diretor traria embaraços ao governo ³⁰³.

Conversei com o Sinimbu sobre o Instituto Agrícola de aqui, e lembrei a conveniência de não ser uma só pessoa (está encarregado o Barbacena) ³⁰⁴ de escolher terras para a escola prática. Para que calculasse melhor comuniquei-lhe que só de julho de 1863 em diante é que eu com certeza irei dando os 100 contos (8 cada um dos primeiros meses, e 10 em cada um dos últimos). Disse-lhe que fosse pensando no melhor emprego desse dinheiro. Ontem no despacho entreguei-lhe um apontamento do Capanema relativo às minas de carvão de pedra do Rio Grande.

16 de Junho de 1862 – Nada de novo.

17 de Junho de 1862 – O Diário e Mercantil louvam a apresentação de propostas de créditos à Assembléia Geral. Há muitos anos que falo neste sentido, e ainda mais na verdade dos orçamentos.

Conversei com o Capanema sobre a comissão científica. Ele diz-me que para o ano só haverá a publicar trabalhos do Freire. Falou-me na quantia de conto e tanto que não chegou a despender e poderia ainda servir para escavações principalmente dum esqueleto fóssil. Disse-lhe que propusesse o que julgasse ao Freire, e que vindo sua proposta a meu conhecimento eu falaria a favor do emprego do conto não gasto.

Deu-me notícia duma carta do viajante alemão Gerstäcker ³⁰⁵ que por muito longa e escrita em letra alemã pedi-lhe para me extrair. Tem idéias úteis sobre colonização e mostra imparcialidade; hei de dá-la para ler ao Sinimbu.

Esta tarde procurou-me o bispo de S. Paulo ³⁰⁶. Pretende sustentar a direção do seminário estabelecida pelo finado bispo corrigindo contudo o que houver de contrário a nosso sistema de governo sobretudo nos compêndios. Diz que só há de, depois de advertências processar eu faltas graves, e que convém abrir concurso para as paróquias, havendo todo o rigor no concurso, cujos examinadores não devem ser previamente conhecidos dos examinandos. Há de ordenar com toda a cautela, e obrigando os ordenados a exercerem por espaço de 6 meses cada uma das ordens sacras, e só propor para párocos padres que hajam primeiro servido como coadjutores e encomendados.

18 de Junho de 1862 – Fui visitar as fábricas. A de fundição de Miguel Couto dos Santos na Rua da Imperatriz nº 53 é modesta; porém vai bem, e as peças que se fundiram em minha presença saíram boas sendo algumas bem delicadas. Tem uma pequena locomotiva de 6 cavalos que serve de motor ao ventilador do forno, e dentro em pouco dará movimentos a máquinas encomendadas, de aplainar, e tornear e também à de furar que já existe. O forno é de 100 arrobas de ferro; mas por ora ainda não tem fundido peças de grande peso. Custou a obter a fusão; mas tinham diminuído a força do ventilador para que não tivesse lugar a fusão antes de eu estar presente e por isso demorou-se mais. Há 20 e tantos trabalhadores pela maior parte portugueses. Tem fundido pouco bronze. O que se vende mais são grades de ferro para janelas e portões, e ornatos para casas. A areia dos moldes vem de Portugal e de França. Há poucos moldes, e aproveitam as peças fundidas para moldar novas. O Couto parece trabalhador e inteligente; é genro do mestre de obras Alcântara e o Jó ³⁰⁷ professor jubilado de arquitetura da Academia das Belas Artes e ajuda-o com seus conselhos.

Daí fui à oficina de impressão e encadernação de E. e H Laemmert na Rua dos Inválidos ³⁰⁸. Tem 100 e tantos trabalhadores. Vi-os trabalhando todos na mesma divisão da casa, afora dois pequenos quartos pertencentes à repartição da estereotipia. Há máquinas muito curiosas. Os dois prelos mecânicos de Bauer e Koning são muito engenhosos sobretudo pelo movimento que lhes é imprimido horizontalmente por uma roda circular evitando assim o combate que sempre há mais ou menos em outros prelos. Cada um pode tirar até 1500 folhas por hora. São movidos como a máquina de aparar por junto às folhas dum livro por um motor de 3 ½ cavalos de vapor. Esta última máquina pode aparar até 120 folhinhas duma vez. A encadernação e o brochado fazem-se também rapidamente como vi, achando interessante o modo porque se pintam as arestas das folhas depois de reunidas. Sobre a superfície dum líquido gomoso deixar cair pingos de tintas de diversas cores, que ondeiam por meio dum pente, ficando assim ondeada a superfície do líquido que larga as cores sobre as arestas das folhas quando o tocam conservando-se as cores por causa da goma. Há compositores hábeis sobretudo um Castro e outro Rei. O Castro compõem 36 linhas de tipo ordinário numa hora. Gostei de ver a rapidez com que ele distribuiu os tipos pelos caixotins. Disseram-me que havia 350 mil libras de tipos de diversas espécies; mas não abaixo de 5 ½ pontos. Não há para a impressão de livros gregos, e apenas para notas; e sinais em letras gregas. A oficina de estereotipia é digna de exame cuidadoso. Depois de pronta a página em tipos ordinários, imprimem-na em um cartão feito de 6 folhas de papel de escrita,

e este molde pode servir até 10 vezes sem se estragar, para se tirarem chapas estereotípicas de chumbos, que dão até 150 mil impressões. Há uma máquina curiosa para cortar as bordas de ditas chapas de modo que reunidas formem esquadro com o ângulo que se queira. Não vi o armazém por estar em obras a casa. O Laemmert deu-me os seguintes apontamentos *ipsis verbis*: “A tipografia se estabeleceu no ano de 1838 tendo sido trazida da Europa por Eduardo Laemmert na volta de uma viagem.

1840 – Extraíam-se em produtos da tipografia chamados livros de fundo 6:788\$950.

1850 – 58:756\$380.

1851 – 214:511\$702.

Nenhuma das grandes livrarias com tipografia na Alemanha consegue tão avultada venda. Da vendo do ano de 1861 foram por 51:207\$250 para as províncias barra fora, o resto para a Corte e as províncias do interior. As folhinhas alcançam uma extração de 80.000 por ano.”

Há tórculos e um prelo, que mete e tira as folhas, movidos a braço. Tem uma pilha para chapas galvanoplásticas.

Fui depois à fábrica de galões, canotilhos [*sic*], fitas etc. de Frutuoso Luís da Mota, Rua dos Inválidos n° 108. Tem 10 trabalhadores escravos de Frutuoso. Fazem-se objetos indicados, fios de ouro ou antes de prata dourada, e pães dos dois metais. Os galões são lisos e feitos em dois teares ordinários, não trabalhando os que servem para galões de lavor um, segundo me disse Frutuoso, do sistema Jacquard não só porque estes últimos galões tem pouca extração como porque os dois filhos de Frutuoso que sabiam riscar os lavores, morreram. As máquinas para fazer o fio de ouro ou prata para bordar, são engenhosas, e um delas fabricada aqui pela outra vinda de França. Também é curioso ver as máquinas para fazer cordões, em que os carretéis se cruzam para trançarem. O ouro ou prata é reduzido a fio puxando-se por orifícios cada vez mais finos, sendo os menores abertos em rubi, ou numa pedra rija. É preciso que o fio vá afinando sem que saia o ouro que cobre o fio de prata. Os pães são formados batendo chapas entre folhas de bexiga de carneiro. Os santistas compram quanto de ouro se faz. As fitas são unicamente para diplomas. Agora há pouca compra; mas já teve ano de 40 contos. O Frutuoso parece-me inteligente e perseverante. A casa é acanhada. Afinava os metais; porém paga este trabalho à Casa da Moeda.

Terminei minha visita pela fábrica de cerveja e licores de Antônio José Gomes Pereira Bastos, Rua de Matacavalos n° 27. Próspera. Rende já 20 e tantos contos líquidos por ano. Quase tudo vem do estrangeiro; até as pipas que se armam aqui. Vai montar um motor de mais força e de vapor com o qual poderá trabalhar toda semana só com a interrupção dum dia. Vende toda a cerveja que faz sobretudo a branca. Já tem um depósito subterrâneo, e pretende abrir minas em todo o morro para esse fim; porque a cerveja melhora com o tempo, e não sendo constante a temperatura torna-se gomosa. Quando vai para o interior fica melhor com a viagem. Vi preparar botijas tais quais as da cerveja inglesa; pois que a brasileira se exporta como daquela procedência. O dono já tem gasto em beneficiar o edifício e terreno 20 e tantos contos, havendo oferecido sua compra ao proprietário, barão do Pilar ³⁰⁹, por 40 contos. A fábrica de licores é numa casa ao pé; mas está em arranjo e eu só vi e cheirei diversos licores, que foram para a exposição de Londres, e pareceram-me bons. O dono mostra-se muito animado e deu-me informação pronta de tudo.

No despacho disse ao Olinda que eu preciso examinar como procederam as autoridades do Ceará na invasão. Referi o que lera numa carta do Dr. João Brígido, do Crato a respeito do procedimento do delegado de Milagres Manuel de Jesus por ocasião da moléstia e morte de Manuel José de Sousa protetor dos índios de Cachorra-Morta.

A Academia de Medicina comunicou ao Olinda que apareciam casos de colerina aqui. Ficou-se de ativar as precisas providências já mandadas executar pelo Sousa Ramos, de modo a não assustar a população.

O Olinda opôs-se a que se deferisse a pretensão da Sociedade Ipiranga ³¹⁰, por causa da idéia de libertação de escravos e que se lhe pusesse pedra em cima. Nada objetei, ainda que nada receie de tal idéia. Lembrou a conveniência de não se preencherem as cadeiras do Instituto Comercial ³¹¹ até se melhorar seu regulamento, e eu recomendei que não se retardasse tal melhoramento.

O Olinda insistiu na licença para a entrada da freira que quer professar em Sta. Teresa – julguei que era na Ajuda – e eu apenas [*papel rasgado*] repliquei com minha opinião, recomendando que no aviso se dissesse qual a razão porque se dá a licença, de modo a não se repetir para o futuro.

Apresentou uma consulta da seção sobre os estatutos 24 de setembro, em que unanimemente [*sic*] – um dos assinados é o Olinda – se propõe que não se consinta em exéquias públicas nem nas coletas, além de outras modificações dos estatutos.

Eu disse que não podia anuir às duas primeiras alterações porque não via inconveniente nessas disposições ao menos tão grande como sua supressão não merecendo a sociedade composta da melhor gente da Bahia, como poderia confirmar o Abrantes, que o certificou, essa falta de consideração da parte do governo, sobretudo atentas às razões que apresentou a seção. Acresci todavia que visto a assinatura do Olinda concordaria em que se pusesse pedra em cima da consulta; no que conveio o Olinda que disse reçar que a sociedade se convertesse em especulação. Acho o Olinda muito desconfiado das associações.

O Abrantes propôs que se chamasse José Maria do Amaral ³¹² para trabalhar na secretaria percebendo além do ordenado uma gratificação. Pedi que se consultasse a legislação a tal respeito e o Abrantes convenceu-se de que sua proposta era ilegal, combatendo-a também pelo lado da despesa, pois que julgo que a secretaria tem gente habilitada e bastante para o trabalho dela.

O Polidoro deu parte dum officio do Paulo, como mordomo, pedindo para ser reconsiderada a decisão que privou Jacobina dos vencimentos da Escola Central durante a sua viagem alegando que ele fora a serviço da Casa ³¹³; mas o artigo do regulamento só fala do serviço da Pessoa, e portanto o ministro persiste com razão em sua resolução. Abrantes disse que é difficil separar os dois serviços; mas eu repliquei que fora eu mesmo que lembrara a redação do artigo para distinguir as duas hipóteses. O Paulo não me consultou antes de expedir o aviso; mas nada lhe digo; que é melhor pois que evito *[sic]* qualquer ato seu menos refletido que me obrigue a ser rigoroso para com ele.

O Sinimbu propôs o negócio do contratador de calçamento Meneses ³¹⁴ que pede para levantar o depósito ao menos sob fiança. Eu lembrei que seria prudente antes de resolver este negócio examinar se ele conservou por algum tempo o calçamento e qual o estado deste. Meneses reconhece que tem pelo contrato obrigação de conservar o calçamento; porém não se marcou tempo no contrato, embora depois Almeida Pereira ³¹⁵ pusesse num requerimento de Meneses a nota de que a conservação seria por 2 anos; mas não se expediu aviso a tal respeito. Apresentando Sinimbu uma consulta da seção aconselhando que se conceda a Bouliech filho o direito de explorar as minas de carvão de pedra em lugar do pai que morreu antes de obter essa concessão, disse que é preciso não fazer tais concessões sem atender ao consumo desse combustível para serviço do Estado, e Sinimbu ficou de tomar todas as cautelas, servindo de experiência o que tem sucedido com o contrato do Mauá e Belo ³¹⁶.

19 de Junho de 1862 – Sinimbu comunicou que se desconfiava de que Massé ³¹⁷ fizera contrabando de diamantes em fundos falsos. Um agente de Massé tendo disposto de certas caixas de chumbos depois de despachadas as mercadorias Massé correu a ter com o agente chamado Matos e exigiu que ele lhe restituísse as caixas, e há presunção de que Matos dizendo ao entregar as caixas que nada encontrara nelas ficara com o contrabando. O subdelegado de S. José é cunhado do Matos, e soubera do fato sem o comunicar à autoridade superior, estando Sinimbu inclinado assim como o chefe de polícia à demissão do subdelegado, que eles têm razão para supor conivente. Falou sobre alterações do projeto de reforma judiciária do Saião; mas ficou de me mostrar o trabalho antes de se apresentar na Câmara.

20 de Junho de 1862 – Referi ao Paulo ³¹⁸ o que ouvira a respeito do Massé e disse-lhe que o fazia porque era ele fornecedor da Casa, e não queria que encomendas para Casa servissem de capa para contrabando. Soube que todas caixas que trazem objetos só vem da alfândega depois de conferidos os objetos.

À tarde estive com o José Bento da Cunha Figueiredo ³¹⁹ que me falou do mau estado das estradas de Minas, a falta de atividade dos habitantes que só agora começam fazer tijolo no Ouro Preto. Disse-me que as 5 léguas da estrada de Passa-Vinte contratadas já custaram 300 e tantos contos, e têm contudo declive de 7%. A instrução pública vai mal na província julgando muito precisa a criação dum colégio à semelhança do de Pedro 2º na capital. Pouca cultura e mesmo criação. Gostou de ver os campos e estado da coudelaria de Congonhas do Campo. Os edificios públicos vão se arruinando. É grande partidário da estrada de ferro em direção ao rio S. Francisco. Disse-me que havia tenção de propor na Câmara um projeto para navegação por vapor do rio das Velhas.

21 de Junho de 1862 – Procurou-me Antônio Nicolau Tolentino. Desconfia de que Albuquerque o queira demitir da alfândega por causa das questões na Caixa Econômica, e porque ele pedira os papéis dos aposentados que servem lugares

pensionados nomeando-a ele, e dissera que não sabia discutir com Tolentino mandando os negócios da alfândega para a respectiva diretoria. Por isso pedira ele o lugar de tesoureiro das loterias, que diz ele não será aceito por causa das condições pelo filho de João Pedro da Veiga ³²⁰. Eu respondi que era preciso não desconfiar do Albuquerque sempre dócil por fim à razão e que o pedido do lugar de tesoureiro de loterias parecia uma fuga devendo aumentar quaisquer desconfianças da parte do Albuquerque. Expliquei-lhe que a sua retirada da alfândega não é caso de injustiça no sentido restrito da palavra, e que portanto minha opinião teria menos força embora sempre a manifeste a favor do que julgo de razão. Referi que eu sempre chamo a atenção dos ministros sobre o modo porque se aposentam entre nós e que talvez por isso Albuquerque pedisse os papéis não sendo de parecer que se empreguem aposentados a não ser em circunstâncias fora de ordinário como no lugar de inspetor da alfândega e que o de tesoureiro das loterias não se me afigura estar no mesmo caso. Tolentino lembrou-me o procedimento que tivera com ele o Olinda, por ocasião do adiamento da Assembléia Provincial, e que não desejava como então ser atirado aos lobos sobretudo porque Ferraz consideraria isso como satisfação, que lhe constara ser por Ferraz perdida como condição de apoio ao ministério do Zacarias.

Houve despacho. Perdoei ao Braga atendendo a irregularidade do processo, que deverá ser precedido de ação cível. Muito me demoveu de minha primeira decisão o acórdão unânime do Supremo Tribunal de Justiça.

Pedi ao Sinimbu informações sobre o castigo bárbaro de escravos na cadeia de Resende do qual falara um dos jornais, e recomendei-lhe que exigisse do Fialho que as ruas do Passeio Público dêem lugar a passeio pouco depois da chuva, aproveitando para isso a decisão favorável com que eu concordei, da consulta que entende que o Mac-Adam não é o das ruas de trânsito público. Acrescentei que ativasse a abertura do passeio ao público.

A respeito da consulta sobre o pedido do colono de Sta. Cruz no Rio Grande do Sul, Borowsky, dum prêmio pelo segredo da conservação em bom estado por mais dum ano de qualquer legume e cereal observei que é preciso declarar que o processo deve ser desconhecido até agora e saber do segredo antes da experiência para ela ser inteiramente satisfatória. Ficou Sinimbu de saber de quanto é o prêmio que pretende obter Borowsky e ao mesmo tempo se ele confiará o seu segredo aos comissários de exame antes que este principie.

Entreguei a Sinimbu uma justificação do Juiz de direito João Caetano Lisboa, e uma queixa do francês Ravel que diz que ofensas físicas que sofrera foram mandadas fazer-lhe pelo Osório e inimigos de Ravel como pode depor se lhe prometerem segurança o sargento do 2º de cavalaria Ferreira que se acha agora na Corte e o avisara de que tentavam contra sua vida. O chefe de policia na audiência disse-me que ainda suspeitava o subdelegado Silva Pinto ³²¹ de ser cúmplice no contrabando de diamantes, e que era provável que propusesse sua demissão. Marquês de Olinda disse que a futura freira é da Ajuda e não de Sta. Teresa, como se equivocara no despacho anterior. A respeito do dique deliberou o ministro à vista dos pareceres por escrito dos profissionais que é precisa uma porta de sobressalente, que, por falta de ferro, virá da Inglaterra consultando-se o Conselho Naval e seção do Conselho de Estado a respeito de quem deve carregar com a despesa da outra que já crê o ministro poder ser a outra depois de consertada com o que hesito em concordar. O ministro disse-me que ativara o conserto da nova enfermaria para onde pretende mudar os presos, tendo contudo ordenado a abertura das duas janelas na enfermaria existente na abóboda. Eu tornei a lembrar a conveniência de aproveitar o sobrado da diretoria para enfermaria, o que julgo se fará, e falei no castigo corporal dos inválidos que o ministro disse que não se realizaria mais, assim como irregular os castigos corporais dos praças da Armada. Elogiando o Abrantes o diretor ³²² eu disse que ele ia agora tarde ao hospital e só em dias de serviço e que lhe fizesse constar esta queixa que eu ouvira. O Abrantes também louvou o José Maria do Amaral; porém contestei-o replicando que servia para ultimatums, no que pareceu concordar dizendo que tinha energia e podia prestar bons serviços em certas circunstâncias.

22 de Junho de 1862 – Fui ver quadros expostos por Lanciani na Academia das Belas Artes. Tem alguns como um retrato do cardeal Hamadei *[sic]*, de Giovanni Battista Gauli de muita expressão sobretudo na vista, um Midas de Leonello Spada, um esboço do descendimento da cruz de Tintoreto, um Cristo a sepultar de Bassano, Cristo expelindo os mercadores de Luca Giordano (Fa-presto), e um retrato de Miche-Ângelo *[sic]* Buonarroti, de Annibal Carrace que muito me agradaram. O Guimarães mandou de Paris alguns estudos de nu, de homem e mulher, bem feitos, e o Lobo de paisagem está fazendo grandes progressos, como vi duma cópia do gesso a óleo na aula do Vítor Meireles ³²³. O edifício exige pronta recuperação.

23 de Junho de 1862 – Visitei a Casa de Correção das 10 até perto das 6. Achei a escrituração de alguns livros atrasada. As compras fazem-se com zelo; mas talvez seja melhor que haja contratos de fornecimento. Custa pelos livros que são muitos de muitas talvez a fazer idéia das entradas saídas e existência dos objetos. Recebem-se 1:500\$000 por ano para despesas miúdas – de objetos valendo menos de 100\$000 – mas há sobras este ano financeiro. O livro de matrícula dos presos não está aberto nem encerrado nem rubricado; o de óbitos deles só este ano é que se abriu, rubricou e encerrou. As casas do livro de matrícula dos presos estão irregularmente escritas.

A oficina de fundição de tipos vai bem. O mestre Murates trabalha há 5 meses sem estipêndio empregando aliás suas máquinas das quais a que funde 104 tipos por minuto é muito engenhosa. Tem o fogão que derrete a liga de chumbo, estanho, zinco e antimônio – muito quebradiça; mas que não se amolga – e o movimento duma roda à mão faz por meio de 4 excêntricos – esguichar a liga fundida na matriz; recuar esta para desembaraçar-se o tipo, elevar-se este, e tomar a direção duma pequena calha por onde vai ter ao lugar em que se apanha.

Há 12 meninos artesãos dos quais alguns já trabalham bem. A casa dos africanos tinha mau cheiro e estão mal acomodados. Na detenção vi meninos presos porque ainda não tinham *[ido]* para o Instituto dos Artesãos ³²⁴ e 2 em fraldas de camisa. Também senti mau cheiro. Havia muitos detentos com grande demora dos processos mandei tomar os nomes para obter mais informações de todos os que me falaram. Um queixou-se-me de que sendo livre o tinham mandado como escravo de Serro Largo para Pelotas. Serviu nas linhas de Montevideu e sob as ordens de Rivera. Outros também aí estavam sobre dúvidas sobre sua condição livre ou escrava.

Ao entrar para a oficina de serralheiro dois escravos da minha Casa cujos nomes mandei tomar pelo Sapucaí, falaram-me. O diretor dessa oficina é o francês Elliot cuja história compungiu-me. Vi trabalhar a sua máquina modelo de vapor cujo tiroir é movido pela oscilação do cilindro – estive na exposição – e diversos trabalhos dum menor artesão bem hábil. A enfermaria dos menores não estava mal; porém havia um de bexigas que convém separar dos outros dos quais alguns cuja vacinação é duvidosa cumpre vacinar.

Na oficina imediata estavam o ex-corretor Ferreira, que me falou muito comovido, e o Rios do Maranhão, que foi estudante na Escola Central, e tinha ar de riso; empregam-se em escrever. Percorri todas as células ouvindo deles os que me queriam falar e foram a maior parte deles cujos nomes mandei tomar para o fim já apontado, e dentre eles apenas mencionarei um português Alcovia que me disse – e é exato – que tendo há 7 anos por ocasião duma doença feito promessa de não falar só o fazia porque me considerava como a divindade, e um velho de 78 anos que me contou com visos de verdade que por não querer encarregar-se duma morte viu-se obrigado para salvar a vida a matar o cunhado do mandante o qual o perseguia para assassiná-lo e esfaqueou-lhe uma espádua cuja cicatriz me mostrou.

As células tinham algumas mau cheiro, e estavam pouco asseadas. Os gêneros alimentícios são de boa qualidade parecendo-me apenas mal cozido o jantar apesar de serem 2 horas e o jantar dever se distribuir ao meio dia para os sãos, e pouco suficiente para os que trabalham. As oficinas de mais trabalho são a de alfaiate onde há 7 máquinas de costura e a de sapateiro. A de marceneiro tem pouca obra, e perguntando porque o motor não era a vapor responderam-me não ser preciso atenta a obra que se fazia. Os trabalhos de marceneiro são bem feitos, e empalham bem trastes.

O padre capelão ³²⁵ pediu para que se tirassem os ferros nos dias de comunhão; porém julgo que o ministro, segundo o que se ponderou não os mandará tirar senão para o ato da comunhão. Fiquei de ir lá uma tarde para examinar o que me resta do instituto dos artesãos, o calabouço, e as obras que se constroem *[sic]*.

As prisões civis nas águas furtadas são muito baixas, ainda que aí ficam só para dormir pois que as portas sobre o corredor se acham abertas de dia. Um preso queixou-se de que não tinham certas liberdades de que gozavam – como fumar – na fortaleza de Sta. Cruz. Outro que teve há pouco licença para copiar música para os meninos artesãos, a qual lhe foi cassada queixou-se de que eram injustas as más informações contra ele. O diretor ³²⁶ contestou-o; mas ele insistiu e eu disse que examinaria. Na Casa de Detenção o bacharel Cardim cujo quarto tinha bastantes livros e jornais fez-me um discurso em voz de tribuno, e entregou-me um requerimento e seu compêndio de gramática impresso. Notei que na detenção algumas prisões estavam vazias quando outras tinham até 4 ou mais. O Cruz parece-me excelente diretor pelo lado fiscal; mas parece que não cuida tanto do mais como seria preciso. A proporção dos presos portugueses avulta condenados sobretudo por crimes contra a propriedade.

24 de Junho de 1862 – Esteve cá o bispo de Goiás ³²⁷ que me pareceu acanhado bastante de idéias, como se deixa ver de sua pastoral, e mais me falou da necessidade de vestes prelatícias que da necessidade do seminário. Queixa-se de falta de dinheiro para conduzir para Goiás tanta gente que o acompanha e pediu-me para predispôr o Olinda antes de ele ir falar-lhe. Fiquei de fazê-lo, e ele de procurar o Olinda depois de amanhã.

O genro do Valdetaro que foi mestre de minhas filhas veio com a mulher agradecer-me o que eu dissera sobre sua pretensão ao lugar de tesoureiro da Alfândega para o qual Ipanema ³²⁸ não está mais disposto a afiançá-lo. E respondi-lhe que no caso de vagar ou criar-se algum lugar para que ele estivesse habilitado e que lhe conviesse me falasse. Ia me esquecendo dizer que o bispo de Goiás pediu licença para escrever-me diretamente quando precisasse de fazê-lo com toda a confiança ao que eu anui, dizendo-lhe que o fizesse igualmente ao ministro.

25 de Junho de 1862– Mostrei ao Abrantes antes de dá-la a resposta ao ministro da Prússia, d'Eichman ³²⁹ que recebi hoje, e ele achou-a boa. O Abrantes estranhou que não pusesse a grã-cruz da Águia-Negra; respondi que só punha placas de ordens estrangeiras em casos extraordinários, como recepção de príncipes, e jantares de anos, e que então só usava da grã-cruz estrangeira para não pô-la por cima das brasileiras. O ministro da Prússia depois da apresentação conversando eu com ele a respeito de colonização falou-me da lei dos casamentos queixando-se de que a validade deles não está reconhecida pela lei. Eu disse que reconhecia a lei incompleta; mas que as circunstâncias não a tinham permitido completá-la, e que havia a questão da conversão dum dos cônjuges ao catolicismo. Enfim acrescentei que tudo dependia das boas relações entre o governo o ministro estrangeiro e afiançando-me ele a melhor vontade respondi que também a havia da do governo, que bem sabe que o progresso da colonização depende da felicidade dos colonos.

Pouco houve no despacho. O ministro da Guerra disse-me que pretendia reformar os estatutos da Escola Militar, e Central. Respondi que não sou partidário de reformas amiudadas embora julgue a última piorou o estado do estabelecimento. Já me deu nova distribuição de estudos, e vai consultar diversas pessoas sobre a reforma. Disse que o estudo obrigado – que em absoluto acha bom como eu – não aproveita na Escola Central por causa da hora. Vai cuidar do colégio para os filhos dos militares, e sente a falta de aulas de preparatórios grátis para as praças que desejem preparar-se para a Escola Central e Militar. Quer completar o curso de infantaria e cavalaria na Escola Militar criando mais uma aula do primeiro ano nessa escola; com o que não fará mais despesa, suprimidos três opositores, que não julga precisos para os anos superiores.

O ministro da Marinha propôs o Amazonas para comandante da estação da Bahia ³³⁰. Eu observei que ele serviria melhor no lugar que ocupa de intendente e que as estações não deviam servir de descanso para os comandantes a quem cumpre adestrar as tripulações dos navios que lhes são sujeitos. O ministro concordou na escolha do capitão de mar e guerra Alvim ³³¹.

26 de Junho de 1862 – Esta tarde procurou-me o 1º tenente Mariano de Azevedo. Contou-me tudo o que se passara entre ele e o Dr. Sampaio Viana e sua mulher, e creio quase que foi tudo calúnia do comandante do vapor Sá de quem ele dá as piores informações principalmente como intrigante. Asseverou-me sob sua palavra que nem indiscreto fora com essa mulher a quem por fim o marido fizera justiça tendo se retirado de Itapura e vivendo até agora muito satisfeito em companhia da sua mulher. Defendeu-se de falta de atividade embora confessasse que dormia tarde rondando às vezes a povoação de colônia à meia-noite. Referiu-me que há gente que está pronta a acompanhá-lo para Itapura, e que na Câmara seus amigos Saraiva e Pais Barreto ³³² o defenderam. Deu-me boas informações do tenente Neto de Mendonça e queixou-se do dr. Aurélio ³³³ cuja leviandade chegara ao ponto de lhe dizer que eu quando falava com ele tocava-lhe no ombro. Elogia o boticário Tupinambá. Diz que em 3 anos realizaria em Itapura tudo o que prometera. Falei-lhe sobre menor despesa feita por seu sucessor e ele deu-me um papel a tal respeito, e disse que seria isto explicado tendo a tesouraria de S. Paulo só encontrado muitas pequenas diferenças em relação a 400 contos que lhe passaram pelas mãos, quando se liquidaram as contas. Asseverei-lhe que nunca formava mau conceito de alguém sem procurar ouvi-lo antes; mas que em certas circunstâncias não se podem demorar algumas medidas, não lhe falando eu num fato de vida particular senão porque ele diretor da colônia [*sic*]. Rematei dizendo-lhe que se precisasse de elucidar quaisquer pontos para sua defesa podia procurar-me porque desejo ser informado da verdade que aliás cedo ou tarde triunfa.

Estive com o Lamare disse-me que queria exonerar-se do lugar de membro do Conselho Naval e nomear Joaquim José Inácio. Aprovei muito o ato de delicadeza e dizendo-me ele que desejava espaçar a nomeação para depois de votado seu orçamento, eu ponderei que devendo haver nessa discussão ataques ao Joaquim José Inácio sua nomeação poderia parecer a algum acinte; portanto que pensasse nisto, e que conferenciasse a tal respeito com os colegas antes de me propor a demissão dele e nomeação de Joaquim José Inácio. Disse que este lhe tem indisposição de há muito tempo pois que sendo moço queixou-se muitas [vezes] de serem os lugares ocupados por galegos. Ocupa-se da lei de promoções cujo projeto emendado ficou de me dar para examinar a semana que vem. Há de consultar sobre as modificações diversas pessoas; cuida ao mesmo tempo do regulamento.

27 de Junho de 1862 – Fui ao Instituto. Falei ao Dr. Freire sobre a supressão de trechos da narrativa da comissão científica, e disse-lhe que recomendaria ao Olinda que se entendesse com ele. O padre Campos elogiou o discurso do Sales ³³⁴ apreciando inteiramente de modo contrário o do Martinho Campos. Estranhou que Martinho insistisse na acusação de inconstitucional à organização do ministério atual, de quem o Padre Campos creio que é amigo prudente.

28 de Junho de 1862 – O Abrantes propôs elevação do estipêndio que recebe Magarinos ³³⁵ para defender o Brasil em Montevideú, e eu disse que se lhe desse o que fosse indispensável. Também propôs que concedesse algum dinheiro ao francês Ravel para que indo para sua terra se acabe a questão com ele a respeito de torturas que diz ter sofrido da parte do capitão José Bethbesé de Oliveira Nery para confessar um roubo. Em que estava inteirado do negócio que se ventila há anos li alguns documentos para mostrar que o fato de que se queixa Ravel não está provado, e que não se deve precipitar a concessão do dinheiro cumprindo no entanto que por meio do Ministério da Justiça se façam todas as possíveis indagações. Sinimbu ficou de examinar todos os papéis.

Tratou-se do julgamento dos criminosos presos no território neutro da fronteira da Guiana Francesa, e o Abrantes vai expedir ordens para que Marques Lisboa se esforce por obter do governo francês a proposta do governador de Caiena que nos reconhece o direito de prenda [sic] no território litigioso como o fazem os franceses, reclamando contra a policia feita pelos franceses nesse território sem acordo prévio dos dois governos ³³⁶.

Resolveu-se que Reybaud ³³⁷ fique encarregado segundo propõe Marques Lisboa com pequeno aumento de despesa de aproveitar a imprensa em nosso favor e dirigir a correspondência Havas quanto ao modo porque ela der as noticias do Brasil. Procurar-se-á na Alemanha outro homem que faça o mesmo em relação à imprensa desse país ficando essa incumbência em Inglaterra ao nosso ministro aí.

O Albuquerque tornou a propor o filho, que pede demissão de juiz municipal de Niterói, para oficial de gabinete, e eu disse que admirava esse ato da parte do filho ³³⁸, ainda que pudesse tornar a entrar em qualquer tempo para a magistratura, unicamente para o fim de louvá-lo; contudo estimava mais que o Albuquerque escolhesse outro; porque a nomeação do filho aliás muito digno dele, pode ser interpretada como proteção de pai para filho; pois que julgo que vai ganhar pecuniariamente mais do que no lugar de juiz municipal.

Propôs o negociante Guimarães (por alcunha Sapeca) para membro da diretoria da Caixa Econômica, eu apenas observei que em igualdade de circunstâncias como há muitos eu preferiria o negociante brasileiro.

O Lamare disse-me que expediu ordem reservada para não sofrerem castigo corporal os inválidos da Marinha.

Recomendei ao Sinimbu José Bento de Barros que tem servido dos índios do Pindaré e que o ministro aliás já determinou gratificar melhor, e nomear intérprete.

O Jacinto de Mendonça ³³⁹ que procurou-me na audiência disse-me que trouxera os papéis que a seção exigira como necessário para aprovação dos estatutos da Companhia de Navegação das Alagoas da província deste nome.

29 de Junho de 1862 – Pouco depois das 10 estava na estação da companhia Ferry. As barcas são grandes e limpas mas toscamente acabadas para ficarem mais baratas. A máquina é muito simples de cilindro deitado ao longo da quilha, e de 266 cavalos. É de rodas. Perto da máquina porém do lado oposto ao da caldeira que não é tubeira está um depósito de 300 e tantos pés cúbicos para gás de iluminação da barca. Consiste num cilindro de ferro em que entra a cobertura de borracha sobre que pesa uma bala de ferro. Cada barca admite 1.000 passageiros, e minhas 3 caleças 2 a 4 e uma a 6

entraram e saíram muito bem. Tem duas popas e 2 lemes que movem os pilotos de duas torrinhas envidraçadas sobre a tolda, donde transmitem suas ordens para os maquinistas por meio dum canudo *[sic]* ou de sino. Atraca muito bem às pontas que tem curvatura côncava correspondente à convexa de cada extremidade da barca; mas não sei se com ressaca forte não se arruinarão as pontes e as barcas. Se não encalhasse a barca 3 vezes chegava a S. Domingos em menos de 20 minutos, sendo sua marcha de 18 entre a ponte do Rio e a de S. Domingos. Não há o menor temor. Admira que com tais formas ousassem atravessar o oceano. Desembarcando em S. Domingos fui logo ver a cada que se comprou de novo para o Asilo de Sta. Leopoldina.

Está bem colocada e com as obras que pretendem fazer fica com bastantes cômodos para as educandas. Tem sofrível quintal. Daí segui para a caixa de água da Vivência. As obras parecem bem feitas, e aproveitados todos os lacrimais e filtrações do solo com inteligência e admira que pela modificação de não serem as calhas cimentadas senão até meia altura para receberem as águas que filtrassem atravéses *[sic]* de sua superfície livre de cimento crescesse a quantidade de 25%. A caixa d'água fornece 90.000 pés cúbicos por dia. As obras segundo ouvi ao Miranda Reis ³⁴⁰ custaram 300 e tantos contos. Metade do duplo encanamento foi dado pelo governo geral de canos que não serviam para o encanamento de Maracanã. Disse o Reis que há materiais guardados. A extensão de toda a condução das águas é de 2 mil e tantas braças. Parece-me cara a obra. De dois pontos em que a água tem seguido me disse o Miranda Reis, diretor das obras públicas da província uma temperatura que atribui ao calor central *[sic]*. Tem gosto férreo antes de passar pelo encanamento duplo de ferro que parte da caixa d'água, e as explicações do Miranda Reis para mostrar que esse gosto é passageiro não me convenceram. No quartel da polícia queixam-se desse mesmo gosto e a água das moringas era da chácara do José Caetano de Andrade Pinto ³⁴¹.

Em caminho para Niterói visitei a criação de sanguessugas no Fonseca. Há nos tanques de água corrente de 400 a 500.000. Põem *[há uma falha no papel]* ovos por ano e cada um contém até 18 sanguessugas. Já fornece de 20 a 25.000 por mês e vende-as para o Rio, províncias e Rio da Prata. O estabelecimento rende de 20 a 30 contos por ano. Espera uma encomenda de bichos da Hungria, que são as melhores. Mete durante a criação nos tanques, que são feitos do próprio terreno 20 cavalos por 4 a 5 vezes. As bichas são de boa qualidade segundo disse o Dr. Cunha. Daí fui à casa em que está o asilo e é a mesma que ocupava antes de se mudar para o Fonseca. Não achei muito asseio. As escritas tanto das meninas como dos meninos não eram boas. Há 70 meninas e 6 meninos, estando outros aprendendo ofício na casa de correção. Estes estão muito mal acomodados e achei sobre a mesa do mestre que é o capelão ³⁴² uma palmatória, o que adverti logo que é contra o regulamento de instrução pública. Os meninos ainda não principiaram a operação de repartir. Os gêneros não são maus, porém os do quartel excedem-nos muito em qualidade, assim como a casa em asseio. Havia algum mau cheiro no dormitório, e vi pouca roupa sobretudo branca. Assisti depois à instalação da aula normal. Está na casa primitiva do asilo. Na sala para as lições já estão bancos muito bem envernizados como não era preciso. Despedindo-me do diretor Filipe Alberto disse-lhe: espero que não desminta seus precedentes. Na ida para o quartel de polícia contou-me o presidente Belo que Rainey ³⁴³ teimara em colocar a ponte onde encalhou a barca que fui porque lhe deram dinheiro para aí colocá-la. O quartel não tem os cômodos precisos apesar de fazer muita vista e segundo o plano para se concluir é preciso fazer bom aterro. Achei-o na melhor ordem e apenas notei que alguns lençóis mudados ontem não estavam muito limpos dormindo os soldados em camas de pau, sendo de ferro as das enfermarias que seria melhor que não estivessem divididas. O comandante ³⁴⁴ já pediu camas de ferro para as companhias, e armamento próprio, como revólveres, sendo o existente pela maior parte velho. A comida é excelente achando somente a carne da ração apimentada demais. A estrebaria é péssima e os cavalos acham-se em mau estado. A fazenda para fardamento é boa e parece barata, cosendo-se no quartel; com o que se lucram 6\$000, ficando uma farda por 14\$000. Os fornecimentos são todos por contrato, aberta a concorrência. O major comandante pareceu-me inteligente, e tem desembaraço militar. Há presos civis a cargo do chefe de polícia, numa prisão que está pouco asseado. Os despejos fazem-se nos próprios vasos, sendo aliás fácil dar-lhes esgoto para o mar, que fica perto. Eu, depois de ver os gêneros, disse ao presidente que eram melhores que os do asilo, respondendo-me ele que cuidava mais do quartel. O armamento estava muito limpo; mas eu disse que era natural que o limpasse para hoje um pouquinho melhor que o costume.

30 de Junho de 1862 – Fui de tarde à sessão aniversária da Academia de Medicina. O Dr. de Simone ³⁴⁵, no seu relatório, discorreu energicamente contra o perigo para a vida dos soldados, que há no castigo das pranchadas, e parece que a Academia representará nesse sentido aos poderes do Estado.

1 de Julho de 1862

Fui de tarde à sessão do Instituto Agrícola. Estava toda a diretoria e mais o Sousa Ramos e Baependi do conselho fiscal ³⁴⁶. O que se passou há de constar da ata que se publicará nos jornais e apenas direi que o Werneck ³⁴⁷ advogou o estabelecimento da fazenda-escola no alto da serra como satisfazendo melhor seu fim de exemplo aos lavradores da principal cultura que é a de cima da serra. Barbacena, Mauá e barão de S. Gonçalo defenderam a idéia oposta, e Abrantes expôs que a fazenda não tinha fim industrial e que em baixo da serra podia servir para melhoramento das culturas do litoral e mesmo das de cima da serra, cuja fundação em relação à qualidade do terreno melhor abonaria os métodos de cultura empregados, além de servir mais facilmente para ponto de distribuição de plantas, sementes e animais de raças aperfeiçoadas e ser fiscalizada com maior proveito pela diretoria. Inclino-me ao estabelecimento da fazenda-escola em baixo da serra; mas a questão será decidida na assembléia dos sócios do dia 8. É preciso escolher como todo o critério a localidade em que se deva estabelecer. O terreno oferecido por Mauá é baixo e mesmo consta-me que alaga nalguns pontos com as chuvas. O rio corre baixo e parece que na seca corta-se.

Vi a preparação do gelo pelo processo Caré. Leva 3 horas a obter 3 quilogramas. Obtém-se a congelação por meio da volatilização do álcali volátil. Aquece-se o álcali num reservatório hermeticamente fechado até a temperatura de 250° e depois mete-se numa tina de água, o tubo que encerra a água para gelar está metido em espírito de vinho. Prometem vender todo o ano uma libra de gelo por quatro vinténs.

Também se acendeu um castiçal de luz de gás fornecida por um saco de goma-elástica. A luz era clara e não senti cheiro embora não estivesse perto.

2 de Julho de 1862 – Fui à festa da Misericórdia. O hospital estava bem arranjado. Senti mau cheiro em enfermarias do Dr. Portugal ³⁴⁸.

No despacho só houve de notável o seguinte. O Albuquerque apresentou-me o decreto nomeando o filho 2º oficial da secretaria da Fazenda. Eu disse que me parecia terem assentado os ministros em não prover os lugares vagos das secretarias, conforme a opinião que eu também tinha, e que eu não podia deixar de fazer tal observação; pois que não gostava de exceções a principios estabelecidos. Albuquerque disse que era preciso essa nomeação para o filho ser seu oficial de gabinete; mas acrescentando depois que podia, como julgo que pode, escolher de fora da secretaria, parece que a necessidade era de maiores vencimentos que compensassem a perda das vantagens de juiz municipal de Niterói. Albuquerque reclamou que não declarara que havia de deixar de prover os lugares vagos de sua secretaria, o que é verdade; mas pareceu concordar com o que disseram neste sentido Olinda, Abrantes e Polidoro, e nada opôs quando eu me mostrei oposto ao preenchimento pelo filho da vaga de 2º oficial quando falara da primeira vez na necessidade de tê-lo como seu oficial de gabinete. O Albuquerque tomou bastante sem precisão [*sic*] e tratando-se da proposta da fusão dos bancos eu disse que visto Albuquerque ter há pouco mostrado o desejo de sempre se esclarecer com as opiniões dos outros não devia ser fácil em manifestar a sua de modo a não lhe ficar recuar [*sic*]. Percebi da fisionomia do Sinimbu, Lamare e Polidoro sobretudo do segundo que lhes desagradou o modo prolixo porque Albuquerque falou de tempo perdido nas conferências.

O regulamento para venda dos terrenos da Lagoa pelo que ouvi ainda tem dado lugar a muita discussão, e o Albuquerque disse que na última conferência trataram a maior parte do tempo desse negócio, e que nenhum proveito se tirara, o que contestaram os 3 colegas citados, sobretudo o Sinimbu. Lembrei a conveniência de ouvir o Conselho de Estado sobre a vantagem ou desvantagem da fusão dos bancos, e os ministros anuíram a isso.

O Polidoro perguntando-lhe eu o que havia a respeito do aviso sobre a gratificação dos voluntários cadetes e estudantes respondeu-me que julgava o aviso do Caxias contra a lei como eu também e que se em discussão no Senado declarara que o manteria dissera em particular ao D. Manuel ³⁴⁹ qual a opinião que segue! Se D. Manuel referir por ventura em sessão esta declaração do Polidoro que replicará este? Se é contra a lei devia revogar esse aviso; mas foi o Caxias que o expediu e Polidoro demorará o cumprimento da lei.

3 de Julho de 1862 – Veio cá de tarde o Abrantes. Deixou-me a convenção consular que só falta assinar, com a Espanha e os protocolos ³⁵⁰. Trouxe-me a confidencial do Eichmann acusando a remessa da minha resposta, sobre que ele pedira em particular ao Abrantes sobre a frase final da resposta. Abrantes disse que na palavra *étrangers* não se incluía ele Eichmann; porém tal não foi meu pensamento, que nada tem de ofensivo para o ministro da Prússia, a quem só podia prometer minha benevolência e a do governo e dizer a respeito do acolhimento dos brasileiros o que era geralmente sabido. Abrantes no despacho atrasado disse que por uma trica ³⁵¹ havia modificado o discurso do Eichmann, e confessa que também alterara na tradução a minha resposta quando eu lhe pedira explicações disso, dizendo que tinha pensado antes de dar a resposta, cujos pontos alterados defendi rematando que também havia sido vítima da trica; o que deu lugar a sorrirmo-nos não tomando assim o que eu observei caráter de censura.

4 de Julho de 1862 – O Capanema explicou-me o aparelho de fazer gelo. No reservatório, onde está a água para congelar, liquifica-se *[sic]* o vapor do álcali volátil pela temperatura muito mais baixa que a do reservatório que se elevou, segundo ele diz, à temperatura de 150° C., e pela pressão do vapor do álcali, cuja tensão chega até 9 atmosferas em virtude daquele grau de calor, e depois quando este último reservatório é posto dentro d'água fria baixa a pressão do vapor do álcali, e o que está no outro reservatório volatiliza-se rapidamente e roubando para isso calórico à água gelada. O espírito de vinho, que ainda não houve frio, que gelasse, serve para que a umidade não gele entre o vidro que contém a água, e o reservatório em que está aquele o qual do contrário não se poderia tirar, continuando o processo de congelação. A água gelada que bebi tinha um pouco sabor de espírito de vinho. O Capanema disse-me que calculara o custo de cada libra de gelo num vintém.

Falamos sobre o Instituto Agrícola e ele prometeu-me apontamentos sobre a agricultura no Brasil, que ele quer que não apareçam como seus; o que prometi.

5 de Julho de 1862 – No despacho houve novas queixas do Holanda contra os embaraços da solidariedade *[do]* ministério a respeito do regulamento para a compra à Câmara Municipal nos artigos que marcam o maximum de 100 contos para as despesas, e a desapropriação pela lei de 1845, querendo o Olinda que não se fixe quantia para as despesas e regule para a compra a lei de 1853 que marcou o modo de vender a Câmara seus terrenos. Eu disse que a solidariedade era indispensável em certas medidas que eram a de que se tratava; mas que ambas as opiniões eram defensáveis tendo-me eu já inclinado aliás à do Albuquerque, quando o Paranhos me apresentou o projeto nesse sentido não só por causa da palavra desapropriar da lei de 1861 como por desejar acabar a questão relativamente à Câmara; porém que se pusessem de acordo. Albuquerque replicou que se fizesse o que entendia o Olinda; mas referendando este o decreto, e eu vendo que a questão podia tomar caráter desagradável perguntei ao Olinda se insistia na sua opinião e respondendo-me ele que não assiniei o novo decreto em que Albuquerque não fixara a quantia de acordo com o Olinda. Recomendai-lhes que sempre que houvesse destas questões não as prolongassem; mas trouxessem-nas à minha presença; que eu na maior parte dos casos talvez as terminasse.

Entregando ao Abrantes os papéis relativos à convenção consular com a Espanha assenti de acordo com ele e os outros ministros que não se dessem condecorações por essa ocasião senão da Rosa e no maior grau de dignatário, ficando ele de prevenir disso o Blanco del Valle, que apressara em tocar nisso. Referiu que Sonnleithner ³⁵² que lhe falara em convenção consular lembrando logo a troca de condecorações respondendo-lhe ele – *j'en ai déjà assez pour mon usage particulier*.

Conversei com o Polidoro sobre a reforma da escola e vejo que ele inclina-se às idéias do regulamento do Coelho ³⁵³.

O Olinda apresentou o requerimento da viúva do tenente-general Câmara. Reconheço os serviços que ele prestou, e o Polidoro disse que as circunstâncias da viúva eram apertadas.

Ficaram os ministros de propor-me o que julgassem justo.

6 de Julho de 1862 – Procurou-me o cônego Pinto de Campos. Deu-me para eu entregar ao Sinimbu uma exposição dos crimes de José Rodrigues de Moraes e Serafim que se indigitam para o comando superior de Flores. Perguntou-me se podia escrever minha biografia para um periódico literário que pretende fundar Faustino Xavier de Moraes ³⁵⁴. Respondi que era partidário da liberdade da imprensa e que não queria ver antes de publicada a minha biografia como me propunha o Pinto

de Campos o qual se quisesse poderia consultar o Sapucaí que me conhecia de menino. Também me comunicou que tencionava tratar de fazer exéquias públicas no dia 24 de setembro ³⁵⁵ e desejava saber minha opinião a tal respeito. Respondi que consultasse seus amigos.

7 de Julho de 1862 – Passei uma noite cruel. A imperatriz que amanheceu ontem com sarampão apresentou sintomas nervosos que causaram susto. A idéia de perdê-la fez-me reconhecer ainda mais quanto a estimo, e ela mostrou-se tão minha amante!

8 de Julho de 1862 – A imperatriz vai melhor; porém ainda tenho receios e quando eles me assaltam custa-me a conter as lágrimas. Creio que minhas palavras de animação e os testemunhos de minha amizade tem auxiliado muito as melhoras da imperatriz. Têm vindo bastantes pessoas saber da saúde da imperatriz. Abrantes falou-me a favor de José Lúcio Correia.

9 de Julho de 1862 – Continuam as melhoras. Tem vindo bastante gente. De tarde estiveram cá Viana de Lima e Russel e aquele pediu a continuação de minha proteção para o regulamento preciso da empresa. Já começaram as obras e esperam terminar o ensaio dentro do tempo marcado. Viana de Lima já não é da empresa, sendo Russel o agente. Houve despacho. Restitui ao Polidoro o parecer sobre o compêndio de direito que está [a] escrever o J. J. da Rocha ³⁵⁶, e notei a pressa com que este o escrevia apontando graves faltas que devem ser emendadas pelo próprio autor, para que, depois de terminado o compêndio, e examinando o resto, possa o prêmio ser concedido. A comissão escola de aplicação nada tem [a] dizer no seu parecer! Observei isto mesmo ao ministro. Entregando ao Sinimbu diversas comunicações do chefe de polícia da Paraíba sobre a mulher que se apresenta como filha de Antônio de Albuquerque Maranhão Cavalcanti assim como os daguerreótipos dele e da mulher do Maranhão que tem achado semelhantes muitas pessoas a quem os mostrei, disse que cumpria recomendar prudência ao chefe de polícia que deve por bem a limpo este negócio. Lembrei a conveniência de mandar a suposta filha à província do Rio Grande do Norte; mas com as cautelas precisas para livrá-la de qualquer ato de vingança.

Tratou-se da decisão que tomou o conde de Áquila declarando que estaria de volta ao Rio de Janeiro dentro dos 4 meses ainda que minha mana viesse para morrer como ele disse ao Marques Lisboa, que referiu o que ouvira ao ex-ministro de Nápoles em Paris Canofari que o conde de Áquila esperava que chegando aqui, lhe estendessem uma ponte de ouro para regressar à Europa. Eu disse que ainda não cria na resolução do conde de Áquila, que parecia querer exercer pressão sobre o governo brasileiro por meio da ameaça da morte da mana se para cá viesse; mas que o governo devia mostrar-se firme, e que, se minha mana não melhorasse aqui de saúde, como eu espero, ninguém se oporia ao que fosse necessário à conservação dela. Achei todos os ministros de acordo e o Abrantes disse que receava que dado o dote, a mana não estivesse dentro em pouco de que viver. Eu respondi, para mesmo atalhar o que se pudesse depois dizer, que de tudo estava informado. Ao Sinimbu que mostrou desejos de saber a vontade da mana respondi que faziam bastante justiça a minha mana para pensar que ela a manifestaria.

O Abrantes queria que José Lúcio Correia ³⁵⁷ fosse declarado em disponibilidade. Eu mostrei que nem a lei nem o regulamento do corpo diplomático estabeleceram carreira consular, e que José Lúcio fora demitido embora Abrantes pretendesse alegar que o decreto exonera José Lúcio das funções de cônsul. Rematei que examinasse o negócio, e que estimava que a legislação fosse favorável a José Lúcio que me causava pena embora ele tivesse abusado da autorização de contratar colonos ainda que sem ser para locupletar-se. Disse que ele como negociante não gozou de conceito favorável, ao que replicou Abrantes que as justiças de França não reputaram a quebra fraudulenta, e o governo francês depois disso o nomeara cavaleiro da Legião de Honra, contestando eu este último argumento; porque cá e lá más fadas há.

10 de Julho de 1862 – Disse ao Paulo Barbosa que em vista das informações que colhera pelo Leopoldo da Câmara Lima ³⁵⁸, em cuja opinião aquele disse que confiava, a Casa Masset não pode continuar a ser fornecedora da Casa depois do contrabando de brilhantes que fizera. O Paulo respondeu que não faria mais encomendas por essa casa, esperando apenas agora uma de móveis. Dei-lhe uma lista de casas francesas entre as quais poderia escolher-se as de mais confiança para se encarregarem das encomendas da Casa para França. Há dias estive o ex-subdelegado de S. José, Silva Pinto, e queixou-se de que ia ser demitido injustamente – embora devera dar parte do contrabando de brilhantes que sabia – e que, não tendo o

cunhado dele, despachante Matos, querido por seu conselho entrar em ajuste com Masset, este tratou de vingar-se alardeando a proteção do Paulo. A opinião do Sinimbu é que Silva Pinto foi cúmplice de Matos no furto do contrabando de Masset.

Houve Conselho de Estado sobre 3 pareceres da seção da Fazenda: o 1º sobre a representação do Banco do Brasil para que o governo seja autorizado a anuir às modificações que julgar convenientes nos estatutos desse estabelecimento, e para cometer-lhe certos ramos do serviço público; tem data de 23 de abril; o 2º sobre outra representação do mesmo banco pedindo que o governo seja habilitado para inovar de acordo com o banco, as disposições dos seus estatutos que se julgarem menos adequadas ao regular desenvolvimento das operações desse estabelecimento, e outrossim para consignar entre as novas estipulações que forem acordadas a garantia de não serem criados novos bancos de emissão, enquanto durar o privilégio do Banco do Brasil; tem data de 28 de maio; 3º sobre representação do Banco do Brasil pedindo ao governo aprovação para negociar com os bancos Agrícolas e Rural ³⁵⁹ a cessão da faculdade de emitir e que se dispense ao mesmo banco o ônus relativamente ao resgate adicional na importância da 3ª parte do aumento do capital primitivo; tem data de 14 de junho.

A respeito da primeira questão assim se declararam os diversos conselheiros: Abaeté adota o parecer da maioria da seção; Uruguai id.; Alvim id. Manuel Felizardo id. com poucas reflexões, Eusébio id.; Sapucaí id. e acrescenta que não sabe se o banco se acha em estado de encarregar-se dos serviços públicos mencionados; Jequitinhonha defende seu parecer em separado. Diz que a verdadeira questão é se o Banco do Brasil deve e pode continuar como está, não lhe parecendo suficiente o contrato atual. Manuel Felizardo disse que se desvirtuaria a lei existente se desse a autorização pedida; mas que ele não vê esse perigo; porque o governo sendo autorizado não destruiria certamente a lei de 1860, cujo espírito aliás é respeitar o contrato do Banco do Brasil. Analisa os diversos serviços públicos que o banco está pronto a fazer e mostra que não há inconveniente em que tal suceda; Pimenta Bueno mostra que não há inconveniente em aceitar a proposta dos serviços mencionados; João Paulo ³⁶⁰ diz que não se podem cometer ao banco esses serviços sem autorização do poder legislativo, e concorda inteiramente com a maioria da seção. Sousa Franco concorda com a maioria da seção porque a questão é inteiramente das atribuições do poder legislativo. Diz que permanece firme em suas idéias bancárias com as pequenas modificações que a experiência tem aconselhado. Combate a autorização tão ampla também pelo susto que iria causar. A Assembléa não deve senão fazer uma lei regulando o Banco do Brasil que não está organizado de modo a prestar os serviços públicos que se propõe fazer; Cândido Batista ³⁶¹ concorda com Pimenta Bueno. Convém em que autorização tão ampla não é discutível. Explica que à sua volta da Europa já o Banco tinha resolvido pedir essa autorização, e portanto sem anuência dele; contudo havia na diretoria do Banco opinião assentada sobre alguns pontos, por exemplo: redução dos diretores a 12, condições de emissão muito prejudiciais em certos casos ao Banco, que de 4 devem reduzir-se à de converter à vista as notas em outro ou alargar-se de modo ao Banco sempre ter direito a emitir o duplo do fundo disponível. Referiu que o Banco da Inglaterra recebia de antes compensação pelo depósito das rendas do Estado, e disse que o tesouro tiraria grandes vantagens de cometer ao Banco do Brasil o movimento de fundos pertencentes à Nação; Pimenta Bueno explicando seu pensamento diz que o Banco do Brasil não está bem organizado; Abaeté diz que não dá autorização tão ampla mesmo por bem do governo; Pimenta Bueno diz que não pode deixar de opor-se a um voto de confiança que seja abusivo; mas que a autorização pode não ser tão ampla e que o governo pode desde já fazer modificações nos estatutos em virtude da lei de 1853. Acrescenta que não confia no corpo legislativo; mas na ação do governo, e tem medo do patronato naquele; Uruguai lembra a palavra anuir que mostra o vago da autorização, e diz que o Banco do Brasil não pode continuar e que não sabe se o pedido de alterações se refere ou não às bases da lei; Cândido Batista diz que o ministro da Fazenda pode pedir ao Banco do Brasil declaração que ele deseja modificar; Pimenta Bueno torna a dizer que não quer autorização vaga. Quanto à 2ª consulta Abaeté diz que o pedido de alterações é o mesmo da anterior. Concorda com o voto separado do Jequitinhonha quanto à garantia relativa à emissão; Uruguai adota o parecer da maioria da seção; Alvim id.; Manuel Felizardo responde a uma reflexão do Jequitinhonha que lhe era relativa na discussão da outra consulta que a lei de 1860 não permite nova concessão de emissão, e entende que não há necessidade da garantia pedida porque não se organizará novo banco de emissão enquanto houver papel moeda; Eusébio concorda com a maioria da seção; Sapucaí adota o voto em separado do Jequitinhonha; Jequitinhonha entende que a autorização pedida é amplíssima; porém que só com ela é que o governo poderá organizar o Banco do Brasil convenientemente. Nas Câmaras nada se poderá fazer tornando-se a questão política.

Não sabe quanto durará sua opinião unitária quanto a bancos de emissão; mas nas circunstâncias atuais não pode ter outro parecer. A emissão é de mais vantagem para o público do que para o Banco; Pimenta Bueno diz que o governo deve pedir autorização definida para as alterações. Entende que não se deve conceder a garantia pedida. João Paulo diz que a autorização como foi pedida não tem lugar, e que a respeito da garantia não há necessidade de restringir o que já a lei de 1860 dispôs quanto à concessão do direito de emitir, além do poder legislativo não ter direito de limitar suas atribuições; Sousa Franco entende que há necessidade de reforma na legislação bancária e que é preciso que o Banco do Brasil formule seus pedidos. Diz que o Banco quer aumentar a circulação fiduciária embora não seja senão para si. Quanto à garantia concorda com a opinião do Jequitinhonha pelas razões apresentadas por Manuel Felizardo. Diz que é indispensável criar bancos de emissão em certas províncias por exemplo o Pará. Lê seu parecer por escrito, no qual combate a lei de 1860; porque depois dela encareceram os gêneros e baixou o câmbio, e diz que as representações devem ir ao corpo legislativo perante o qual o governo deve sustentar a modificação da lei de 1860 no sentido de auxiliar o crédito; Cândido Batista diz que a garantia tem sido discutida fora de tempo; porque é relativa à fusão dos bancos, e que então dará sua opinião sobre ela. Tratando-se da 3ª consulta Abaeté concordou com a maioria da seção; Uruguai id.; Alvim quanto às 1ª e 2ª questões com o Jequitinhonha e quanto à 3ª com a maioria da seção; Manuel Felizardo, Eusébio e Sapucaí adotam o parecer da maioria da seção; Jequitinhonha mostra que o governo estava autorizado para permitir a fusão. Lê disposições da lei de 1860 para responder a que disse Manuel Felizardo dando sua opinião sobre outro parecer e diz que tais disposições referem-se somente ao futuro pois que não vieram destruir o contrato bilateral do Banco do Brasil. Expõe o que também entende quanto à posição do Banco do Brasil relativamente aos outros bancos de emissão, na presença da lei de 1860 entendendo que se deve fixar essa inteligência. Diz que o governo dentro da lei de 1853 pode alterar os estatutos do Banco do Brasil; Pimenta Bueno concorda com a maioria da seção sobre o direito de reformar. Entende que há vantagem para o Banco do Brasil na fusão, e que não é boa política impedir um ato que geralmente reclamado a ninguém prejudica. Quanto à ultima parte pensa como a maioria da seção, e que as circunstâncias levarão o governo a fazer o favor por causa da falta de meio circulante; pois que é do interesse do Banco suprimir as caixas filiais; João Paulo concorda com o parecer da maioria da seção, e diz que o Banco tende ao monopólio; Sousa Franco diz que a questão está prejudicada porque o Banco sem a garantia não faria um contrato lesivo para a fusão. Expõe a grande vantagem dos bancos de decreto por causa da concorrência. Diz que a carteira do Banco Agrícola pode servir de modelo. Combate a inteligência dada pelo Jequitinhonha à lei de 1860. Diz que tem havido colheitas por bom preço e contudo o ouro não aparece. Não concorda no favor da dispensa do resgate; Cândido Batista concorda com Pimenta Bueno, e diz que há 2 anos que o Banco Agrícola pede a fusão apesar dos elogios do Sousa Franco. Ainda falaram Pimenta Bueno, e João Paulo; mas eu estava caindo com sono. Depois que se retiraram os conselheiros ainda discuti com o Sinimbu, estando só presente os outros ministros, o da Fazenda, sobre os projetos de vencimentos para a magistratura e modificações da lei de 3 de dezembro. Fiz diversas reflexões das quais as importantes são as seguintes, ainda que me sentisse muito cansado das noites mal dormidas que tenho tido por causa da moléstia da imperatriz. Observei que a despesa devia crescer muito – calculam-se 1200 contos de aumento – que os juizes municipais deviam lavrar as sentenças ainda que sujeitas à confirmação dos juizes de direito, que não havia razão para não se criar o mesmo número de juizes de direito na capital do Pará, que os suplentes de juizes de direito na Corte e as outras capitais indicadas deviam como juizes municipais servir 4 anos para adquirirem direito a serem promovidos a juizes de direito, que não via necessidade de se criarem desde já relações no Pará, Ceará e Goiás, havendo razão nesse caso para também criar *[sic]* uma em S. Paulo, e que os juizes municipais ficassem avulsos tinham direito a receber os atuais vencimentos até o fim de seus respetivos quadriênios. Sinimbu concordou com esta última reflexão, inclinando-se também à que é relativo aos suplentes de juiz de direito, e quanto às relações suprime a de Goiás, e disse-me que pretende pedir autorização na mesma lei para alterar convenientemente os distritos das relações.

11 de Julho de 1862 – Conversei com o Capanema a respeito do Instituto Agrícola. Ele entende que a fazenda que esse estabelecimento montar, deve aproveitar os ensaios que previamente se tiverem feito por conta do Estado. Não me inclino a esta idéia, cuja conseqüência seria nada se fizer ao menos nesses anos mais próximos, sem contudo ser improficuo o que o Instituto pode ir fazendo desde já em ponto pequeno, no sentido da combinação das duas idéias dele que é a minha,

podendo-se facilmente obter auxílios do Estado, sem o inconveniente da influência política, que tanto tem estorvado os melhores pensamentos, desde que virem que o Instituto faz alguma coisa.

12 de Julho de 1862 – No despacho pouco se tratou além da questão da Estrada de Ferro de Pedro 2º do que me ocuparei por fim. O Olinda apresentou um ofício do bispo do Rio Grande ³⁶² em que apenas dá parte de que nomeou um professor para o seminário. O Olinda propôs que se reconhecesse esse ofício como proposta para nomeação do governo, a fim de não suscitar alguma manifestação do episcopado contra a disposição respectiva dos decretos, criando os seminários; mas eu lembrei que seria conveniente sempre advertir confidencialmente o bispo de que não obra regularmente.

Falando sobre a visita do Polidoro ao Arquivo Militar disse-lhe que era preciso olhar para esse estabelecimento onde se deveriam fazer muitos trabalhos – senão todos – dos que se encomendam fora.

Expondo o Sinimbu o estado da questão da estrada de ferro ficou acordado que se reunissem amanhã aqui de tarde, os ministros com os conselheiros de Estado das seções consultadas, para depois em despacho se resolver a questão.

Antes do despacho recebi José de Vasconcelos ³⁶³. Mostrei a minha resposta ao Abrantes [antes] de proferi-la e ele achou-a boa.

Em audiência esteve comigo o Fletcher que me trouxe diversas obras dos Estados Unidos, e cartas de homens notáveis entre os quais uma de Agassiz ³⁶⁴, que logo me entregou. Pretende viajar pelo Brasil de que se mostra sempre apaixonado.

13 de Julho de 1862 – Depois dos ministros terem conferenciado com os conselheiros de Estado, eu apareci, e perguntando-me o Sinimbu se eu queria ouvir o parecer dos conselheiros, o Sapucaí leu o parecer assinado por ele, Manuel Felizardo e Cândido Batista, e os do Itaboraí e do Sousa Franco, dando-me Sinimbu para ler uma carta de Jequitinhonha. Ainda ouvi os conselheiros presentes Sapucaí, Manuel Felizardo, e Cândido Batista sobre a inteligência da palavra convocação dos estatutos da estrada de ferro sobre que o ministro quis ouvir os conselheiros das seções reunidas confidencialmente. Os que assinaram o parecer entendem que fundo social é o valor das ações emitidas, e quanto à outra questão o Sapucaí à vista do artigo 47 entende que a palavra convocação significa chamada, posto que julgue conveniente que se alterem os estatutos marcando o máximo de tempo que a convocação deva preceder à reunião.

Manuel Felizardo diverge dessa opinião fundado no artigo dos estatutos que diz que a assembléia será convocada por meio de anúncios com antecedência de 15 dias pelo menos, onde a palavra convocada é sinônimo de reunida, e na incoerência que haveria em poderem os mesmos acionistas não inscritos votarem na assembléia ordinária, votar na extraordinária que lhes poderia reconhecer o direito de voto na assembléia ordinária. Jequitinhonha está de acordo em ambos com o Ottoni ³⁶⁵, e diz na carta que embora não fosse essa sua opinião entenderia que a trica maior se responde – exprime-se pouco mais ou menos assim. Sousa Franco apóia Ottoni em ambos os pontos. Itaboraí entende fundo social como os três primeiros conselheiros. Cândido Batista sobre a palavra convocação segue a opinião do Manuel Felizardo dizendo que é questão bona fide.

Depois discuti com os ministros que foram todos como eu do parecer que a palavra convocação não pode significar senão chamada e que o fundo social é a importância das ações emitidas. Inclinei-me a que se fizesse quanto antes declaração da inteligência do segundo ponto para que não houvesse o menor prejuízo de direitos, aguardando o procedimento da Assembléia Geral quanto ao primeiro ponto para manifestar a opinião do governo. Os ministros parecem abraçar a opinião de que se aguarde o procedimento da Assembléia Geral antes de publicar qualquer das duas decisões; mas hão de ainda conferenciar amanhã. Lembrei que era preciso examinar se havia direito para interpretar os estatutos em Assembléia Geral ordinária, pois que os estatutos só falam de modificação e em Assembléia Geral expressamente convocada para tal fim. Tenho manifestado sempre minha opinião de que seria imprudência perturbar a direção do Ottoni que confio levará avante a empresa.

14 de Julho de 1862 – Procurou-me Sinimbu com o aviso da resposta tal qual acordou o ministério. Lembrei alterações na redação que tirassem ao aviso qualquer vislumbre de decidir a questão da convocação. Sinimbu ficou ainda de ouvir o Olinda. Referiu-me que mandara chamar Ottoni, ainda que dissesse aos colegas, para não ferir melindres do Olinda que se mostra prevenido com o Ottoni, que este fora espontaneamente à casa dele, e Ottoni lhe dissera que estava desanimado por

causa de tantos embaraços e talvez, não levasse a empresa senão até conclusão da parte mais difícil. Mostrou-se muito grato a mim que ele sabe sempre o sustentara. Por uma resenha dos votos dos acionistas poderão ser eleitos seus candidatos, e mesmo conta com isso; mas perguntando-lhe Sinimbu que impressão causaria a declaração do modo porque o governo entende as palavras fundo social confessou visivelmente contrariado que o enfraqueceria.

Às 6 estava no Museu para assistir à sessão da Assembléia Geral do Instituto de Agricultura. Além dos de costume só compareceram Neto dos Reis, Airosa ³⁶⁶, e barão de Itabapoana. Burlamaque leu o relatório, e a comissão encarregada de examinar terrenos para a fazenda-modelo seu relatório que é mais favorável ao oferecido pelo Mauá em Sapopemba. O barão de S. Gonçalo disse em sessão que o preferiria aos outros de Maxambomba mesmo que não fosse onerado apenas dum pequeno foro.

Levantada a sessão ouvi ao Nova Friburgo ³⁶⁷ que os terrenos só estrumados se prestarão à cultura do café sendo da mesa opinião do S. Gonçalo. Werneck parece estar de acordo; mas vê-se que não ficaria satisfeito com a escolha de qualquer destes terrenos. Abrantes e Nicolau ³⁶⁸ ficaram de ir domingo ver os terrenos. A escolha ficou cometida à diretoria ouvindo o Conselho Fiscal. Barbacena mostra empenho pelos terrenos do Maxambomba que ouvi serem alagadiços. Dei ao Abrantes um papel com minhas idéias capitais sobre a fazenda-modelo e outra que pode aproveitar muito a lavoura. Fletcher e outro americano que o acompanhou dos Estados Unidos chamado Lidgerwood assistiram à sessão. Conversei com ambos. Fletcher traz sementes de algodão sea-island, e milho do melhor dos estados meridionais da confederação norte-americana para a sociedade de agricultura segundo ele diz. Lidgerwood é neto do dono duma grande fábrica de instrumentos agrícolas e pede privilégio para a máquina de Walker de alimpar o grão de café a qual foi de grande proveito em Cuba. Animei o Itabapoana para que ele faça o mesmo aos fazendeiros de Campos, e soube do Airosa que o bicho do café ataca mesmo os cafés novos com grande força, que os cafezeiros estão muito abotoados; mas ele que tem colhido 30 mil arrobas só espera este ano 4 mil.

15 de Julho de 1862 – Esteve comigo o Bispo de Goiás. Apresentou-me um cálculo de despesa de transporte feito pelo deputado Couto pelo qual responde um Bueno negociante de Goiás que se incumbem de levar o bispo, na importância de 13 contos e tanto. Ele pedira ao Olinda só 12, e apresentou-lhe documentos dos gastos dos 16 que já recebeu e lhe restam 3:500\$000. Perguntei se as mulheres que levavam tinham voto ou pretendiam fazê-lo, como ouvi ao visconde de Albuquerque e o bispo [*disse*] que eram meramente pessoas que ele sempre considerou de sua família. Enfim disse-lhe que entendia que o ministro só podia fazer a despesa com autorização do poder legislativo; mas que se a maioria do ministério, expendendo eu minha opinião, entendesse que não convinha pedir autorização ao poder legislativo para evitar as discussões desagradáveis, que ele bispo receava, que eu nada mais teria que dizer; portanto que tudo dependia agora do ministério.

O Sinimbu mandou-me dizer que tinham sido eleitos os candidatos do Ottoni o que estimei pelas razões que já expus. O aviso que havia de ter sido expedido tem uma redação entre a que eu lembrei e a do projeto primitivo para atender às observações do Olinda. O Sinimbu mostrou-mo durante a sessão do Instituto.

16 de Julho de 1862 – No despacho o Olinda trouxe a consulta do Conselho de Estado sobre os padres estrangeiros encomendados párocos [*sic*]. Por lembrança do Olinda e reflexão do Abrantes deliberou-se que os bispos pudessem encomendar esses padres sujeitando o ato, dentro de certo prazo, à aprovação do governo, contrariamente à minha opinião que sustentei de não poder realizar-se a encomendação sem aprovação do governo. O Abrantes queixou-se do oficial maior de sua secretaria que diz ele induziu o Taques ³⁶⁹ a escrever confidencialmente ao nosso encarregado de negócios em Copenhague ³⁷⁰ a respeito dos Direitos do Sund e Belt em sentido contrário ao parecer da seção que não admitiu a base das mercadorias; porém a da bandeira como se fez para o Stade. Disse que, em vista das pesquisas que fizera julga que foi Duarte Lima ³⁷¹ oficial da secretaria da Fazenda, quem mostrou a Prioux os pareceres de empregados do Tesouro favoráveis a sua pretensão; mas que ia cometer o exame deste negócio ao ministro da Fazenda, cumprindo reprimir semelhantes abusos no que concordei. O Sinimbu apresentou um parecer da seção sobre os estatutos das companhias de navegação de Mauá e do Parnaíba. Há um voto em separado do Olinda em que ele sustenta, com excelentes razões, que o decreto de dezembro de 1860, para execução da lei de agosto do mesmo ano, nas palavras – no que for aplicável – relativas a

disposições da lei de agosto sobre bancos que estende a todas as sociedades anônimas, entende somente os casos de impossibilidade de aplicação por não se dar a hipótese ou haver absurdo.

Chamei a atenção do ministério para esta questão que influi sobre a da reeleição do Campos Porto diretor da Estrada de Ferro de Pedro 2º ³⁷², e por pedido de Sinimbu perguntando ao Olinda qual sua opinião definitiva ele respondeu que o queria era que as duas companhias fossem tratadas igualmente.

17 de Julho de 1862 – Nada de importante. Foi ontem para a cama com ameaças de sarampão também a Leopoldina. Felizmente gozo de saúde para cuidar de todas três.

18 de Julho de 1862 – Esteve cá o bispo de Goiás. Tem medo da discussão no Corpo Legislativo, e disse-me que precisava de demorar-se ainda um pouco para pedir emprestados 12 contos. Respondi-lhe que fizesse o que lhe parecesse melhor procurando o Olinda para a licença. Falei ao Sinimbu sobre o seu empregado que se apresentara com ações da estrada de Pedro 2º, sem que estivesse muito líquida sua qualidade de acionista. Ficou de ver.

19 de Julho de 1862 – O Olinda veio falar-me sobre a não reeleição do Sá e Albuquerque ³⁷³. Por cartas que recebeu de Pernambuco e pelo que lhe disse Sá e Albuquerque crê que o presidente não se mostrou neutral. Não vendo que conclusão ele tirava de sua exposição disse-lhe que estava pronto a aceitar o que o ministério me propusesse. Olinda lembrou Silveira e Sousa ³⁷⁴ para presidente de Pernambuco, o que aprovei, e falou em reparação feita a Sá e Albuquerque como nomeação para alguma presidência para que eu disse que ele muito prestaria. Olinda acrescentou que o visconde de Camaragibe assegurara que não hostilizaria Sá e Albuquerque; mas que procedeu de modo contrário, e eu que formava melhor conceito do caráter do Camaragibe ainda que concordava com o Olinda que ele se deixa dominar pelo Pinto de Campos, de que não formo o mesmo conceito, e que ainda hesitava em acreditar que o presidente ³⁷⁵, que afirmara ao Olinda se conservaria neutral quisesse começar sua carreira administrativa em que por seu mérito tanto se pode avantajear, com um ato de deslealdade.

À tarde encontrei o Abrantes ainda mais estomagado com o Camaragibe por causa da não reeleição do Sá e Albuquerque. Disse-me que era preciso que o ministério mostrasse que se não deixava bigodear; mas evitando contudo qualquer ato de reação. Referiu que o Camaragibe lhe dissera ter escrito aos amigos que não lhes ficaria airoso patrocinares a candidatura de Sá e Albuquerque e que se conservassem neutrais; mas que está convencido de que Uchoa ³⁷⁶ não se apresentaria sem licença de Camaragibe. Mostrou-se muito contrário aos conservadores, chamados vermelhos, dizendo até que trabalha há muito para destruir o poder temporal do papa (assim chamam ao Eusébio), e disse que o procedimento de Camaragibe contribuiria muito para derrocar sua influência aliás legítima na província de Pernambuco. Manuel Felizardo disse-me que mudava seu parecer dado em Conselho de Estado no sentido de achar a operação da fusão dos bancos prejudicial aos interesses do Banco do Brasil; mas conveniente pelo lado político, aconselhando-a por isso.

No despacho o Sinimbu propôs que se respondesse ao superintendente da estrada de ferro de Pernambuco que o governo estava disposto a garantir os juros do excesso do capital já garantido que fosse gasto na construção da estrada contanto que não tivesse havido abusos nos gastos feitos, o que se veria dos exames a que procederam em Londres e em Pernambuco, e não fosse além do capital garantido para a estrada da Bahia. Eu mostrei pelo relatório da comissão de exame de Londres os abusos que já se provaram, e disse que me parecia dever redigir-se a resposta declarando que se fará o favor caso o resultado dos exames satisfaça o governo. Também propôs que se mandassem avaliar as obras da estrada União e Indústria e se promettesse pagar pela estrada o excesso sobre os 6 mil contos porque já está comprometido o governo. Ponderando o estado do tesouro público, lembrei que seria mais prudente só falar por ora da avaliação das obras para que o governo ficasse mais livre em sua ulterior resolução, e nisto se concordou.

Perguntei ao Sinimbu qual o procedimento da polícia sobre o contrabando de brilhante e ele disse-me que tratava de colher os dados precisos para a intervenção da justiça e de examinar qual o procedimento do promotor Ferreira Viana ³⁷⁷.

20 de Julho de 1862 – Nada de importante.

21 de Julho de 1862 – Esteve cá o Albuquerque que me disse que não pensava que o presidente houvesse favorecido a candidatura do Uchoa, e que não exigira como poderia tê-lo feito de Camaragibe que apoiasse a candidatura de Sá e Albuquerque ³⁷⁸. Referi-lhe o que se passara entre mim e Olinda e ele disse que não aceitaria o que Olinda propusesse. Mostrou-se satisfeito com os membros da Comissão do seu orçamento sobretudo com o Sales desconfiando de que o Paulino favorece o Adet ³⁷⁹ contra a criação da folha oficial.

22 de Julho de 1862 – Recebi os livros que me trouxe o Fletcher. É um presente de muito preço para mim. Fletcher disse-me que Everett ³⁸⁰ lhe pediu que a desculpasse comigo dum trecho sobre as colônias portuguesas antes da Independência do Brasil que eu leria num dos discursos seus que me enviou assim como seus outros trabalhos literários.

23 de Julho de 1862 – Conversando com o Pedreira indaguei de sua opinião sobre o procedimento do Instituto Agrícola que me disse Capanema ser contrária à minha, e achei-o inteiramente de acordo, julgando ambos que o Capanema não nos entendeu. Disse-me que os mineiros não estavam contentes com a resolução do governo a respeito da estrada União e Indústria. O despacho foi interessante. O Olinda apresentou a resolução da consulta sobre os estatutos da Comunidade Evangélica Alemã ³⁸¹ conforme as reflexões que em outro despacho eu fizera contrariamente à forma porque consultava a seção se resolvesse a questão, e também a da consulta do Conselho de Estado sobre os padres estrangeiros encomendados pelos bispos nas paróquias a qual creio que ficou boa com a alteração que o Olinda, de acordo com minha observação, fizera à primeira resolução proposta, declarando que os encomendados só venceriam cônica ³⁸² depois da aprovação de sua escolha pelo governo.

Opus-me à extração das 23 loterias que ainda há para construção do teatro lírico nacional a fim de manter a ópera nacional segundo uma proposta de Francisco Manuel; porque entendo em nossas circunstâncias só devem correr loterias para igrejas e estabelecimentos de caridade. O Olinda parece que estava empenhado pela extração das loterias. Perguntei se as irmãs de caridade saídas de Portugal vinham para cá, e Abrantes disse que elas só vinham por ordem dele e que nenhuma pedira além das que existem.

Abrantes tornou com o negócio Ravel. Eu insisti na minha opinião; mas ele e Sinimbu sem oposição dos outros ministros entenderam que convinha dar algum dinheiro ao homem para ir para França. Eu ainda observei que muito sentiria que esse socorro pudesse ser interpretado como confissão de atos cruéis que se dizem praticados por militares brasileiros, que poderiam estar inocentes, ao que Abrantes replicou que daria ao ato do governo toda a natureza de caritativo, retorquindo eu que o estado não podia dar esmolas.

Abrantes propôs a exoneração do cônsul nomeado para Haiti porque não julgava preciso evitando também o reconhecimento dessa república que era exigida ainda que indiretamente pelo ministro dos Negócios Estrangeiros dessa nação para que pudesse conceder o exaqueratur ao cônsul. Eu disse que se o consulado não é necessário não me opunha à demissão do cônsul e que não tinha nenhuma dúvida em reconhecer a república do Haiti. Polidoro perguntou se não se poderia demorar ao menos a publicação desse ato para evitar qualquer interpelação nas câmaras sobre os motivos que o aconselharam, e Abrantes ficou de ver melhor se há ou não vantagem nesse consulado que foi há pouco criado.

O Albuquerque trouxe a consulta sobre a pretensão da Companhia de Seguros Feliz Lembrança, e parecendo antes favorável à companhia, de acordo com o Abrantes a quem dei os papéis para examinar, depois de eu tê-los visto, agora de acordo comigo adota o parecer da seção. Restitui a consulta sobre a decisão do tesouro relativa a um contrabando de vinho da Casa Aranaga ³⁸³, cujo culpado foi seu despachante José Carlos Marinho. Expus o que coligi dos pareceres de Sampaio Viana, que é o mais bem feito, Henriques de acordo com o procurador fiscal Cardoso de Meneses ³⁸⁴ e Viana para fundamentar minha opinião que é a do Jequitinhonha. Os ministros ficaram ainda de examinar a questão. Falei do orçamento cujo déficit calculado pela comissão me parece exagerado; – pois que inclui nele o capital de apólices que forma a dívida fundada – pensando eu que não passará de 3 mil contos mesmo incluindo o juro das apólices para pagamento do dote da mana Januária, e o Albuquerque disse que concordava comigo, entendendo que seria até prejudicial o resgate dos 2 mil contos de papel moeda visto ir o Banco do Brasil liquidar suas caixas filiais da Bahia e Pernambuco. Referiu que para a não apresentação da emenda dando o dinheiro preciso para a folha oficial alegou a comissão não ter considerado como receita o que nessa emenda se aplica como tal para despesas da folha. Declarou-se contra a idéia da revisão dos orçamentos

pelas comissões reunidas, e Abrantes disse que era claro o fim de tal proposta o de procrastinar a discussão dos orçamentos extremar as opiniões na Câmara. O Lamare apresentou uma consulta do Conselho contrária a pretensão do 2º cirurgião reformado da armada Ambrósio Machado de Assunção que eu vi no hospital da Marinha; mas reconhece que houve injusta desigualdade no modo porque na ocasião da nova organização do corpo de saúde da armada foram os cirurgiões desta reformados em relação ao que em idêntica circunstância se praticou no exército. O Sinimbu apresentou a resposta relativa à estrada de ferro de Pernambuco de acordo com o vencido; mas quanto à estrada União e Indústria além da avaliação das obras já vai pedir ao Corpo Legislativo autorização para emitir em apólices até o valor de 4 mil contos para compra da estrada. Disse que assim procedia porque a companhia não poderá subsistir além deste ano e que o Estado sempre compraria a estrada. Como já tinha manifestado minha opinião no despacho passado, e é bem conhecido o déficit do orçamento não me opus mais a esta resolução que não foi combatida por nenhum dos ministros.

Sinimbu entregando-me uma exposição de Ottoni sobre os negócios da estrada de ferro, disse-me que os acionistas pretendem numa nova assembléia invalidar tudo o que se fez. A isto disse eu que o governo havia de persistir em sua opinião sobre a palavra convocação, e que só havia a dúvida a respeito da reeleição do Campos Porto, ao que observou Sinimbu que embora se entendesse em Conselho que ele não fora legal não teria essa decisão efeito retroativo, havendo já Drummond ³⁸⁵ sido reeleito nas mesmas circunstâncias de Campos Porto, procedendo também do mesmo modo outras sociedades anônimas sem a menor objeção. Ia me esquecendo falar do projeto de divisão da província de Minas assinado por 40 deputados. O Olinda deu-mo para examinar. Disse que julgava mais útil a criação duma nova província cuja capital seria Paracatu no território compreendido entre o rio de S. Francisco, Carinhanha e serra que divide as águas daquele das do Parnaíba, e que a proposta parece ter principalmente fim político como indicava a diminuição dum deputado no 3º distrito, o qual bem como o que se tira ao 4º deveriam reunir-se aos dos 5º e 6º que são 6 dando assim à nova província 8 deputados e 4 senadores e não 6 deputados e 3 senadores como está no projeto segundo o qual ficariam a atual província de Minas e a nova com 18 deputados em lugar de 20. Os ministros parece que preferem a minha idéia ainda que o Sinimbu e Abrantes queiram reunir à projetada província de S. Francisco o território do da Bahia, segundo desejam também deputados desta província, para que a ação da autoridade se faça mais sentir no sertão delas. Também se tratou da navegação do S. Francisco, e eu defendi a vantagem da navegação por vapor da parte inferior preceder a da superior e Sinimbu a opinião inversa; porque os barcos de vela não encontram tanta dificuldade em subir a parte inferior, tendo eu mostrado a grande facilidade de navegarem vapores a parte inferior logo que haja subvenção; o que não sucederá com a da parte superior, cujo estabelecimento os interesses criados pela outra muito auxiliariam. Chamei a atenção do Sinimbu para a emenda apresentada que até parece tornar dependente a concessão da subvenção da navegação do rio das Velhas, que ainda exige trabalhos par sua navegação franca.

No fim do despacho falou Sinimbu da navegação do Amazonas, e eu disse que a não abertura dele às outras nações só se podia explicar pela necessidade de criar ali antes interesses brasileiros que contrabalancem pelo menos os estrangeiros, e por isso convinha cuidar com zelo do Amazonas, promovendo sobretudo a povoação de suas margens. Sinimbu replicou que isso se conseguiria com a abertura do rio, embora muito respeitasse os escrúpulos que alguns têm relativamente às conseqüências desse ato.

24 de Julho de 1862 – O chefe de polícia do Rio Grande do Norte Severino Alves de Carvalho veio pedir-me sua remoção para qualquer outro lugar porque receia que o presidente da província, genro do Dr. Autran, possa estar prevenido dele quando estudante com o Autran. Despersuadi-o disso e ele reconheceu o bom caráter do presidente Pedro Leão Veloso, ainda que disse reacar-se de sua flexibilidade, talvez que para fazer contraste com o do Sousa Gaioso ³⁸⁶ ex-presidente do Piauí que Severino pinta como quase louco, como se ele mesmo pelo modo porque fala não mostrasse que não é dos mais prudentes, estando eu em dúvida sobre quem teve menos falta de siso na questão entre Gaioso e Severino.

O Dr. Pacheco veio queixar-se do professor Malheiros que diz ser o autor duma correspondência no Mercantil contra ele porque procura coibi-lo em seu mau procedimento, acusando-o sobretudo de meter à bulha a bíblia na aula. Referiu-me que o Macedo chamou ao Malheiros, em conversa com ele Pacheco, um miserável ³⁸⁷. Noto já de há tempos rivalidade e agora intriga entre os reitores do internato e externato do Colégio de Pedro 2º. Pacheco diz que há de propor as medidas indispensáveis – creio que alguma contra o Malheiros – ao ministro do Império, com quem eu respondi que se entendesse. O

Cristiano Ottoni trouxe-me o seu discurso impresso, dizendo que o fazia pelo modo porque eu sempre o tratara. Disse-lhe que o ministro me havia entregue ontem um ofício dele sobre a companhia da estrada de ferro, mas que, não o tendo por ora devidamente examinado, só lhe podia dizer que julgava não haveria embaraços; o que ele agradeceu-me retirando-se.

25 de Julho de 1862 – O Tamandaré trouxe o Desmouly *[sic]* que tem estudado o terreno para um canal entre a Lagoa dos Patos e o Porto da Laguna. Não aprova a idéia do porto mas Torres preferindo o melhoramento do Porto da Laguna, que aliás ele ainda não estudou, diz que o canal (aproveitando as lagoas, que diz conservarão a água precisa) tem de ser aberto na extensão de 9 léguas entre a Lagoa dos Patos e o Mambituba, e 4 entre esta e a Laguna; pouco explorou desta segunda parte. Calcula a despesa com os estudos deste último trecho em 2 contos de réis. Respondi-lhe que procurasse o Sinimbu. Desmouly *[sic]* pertenceu à Marinha de Guerra francesa e depois à Mercante.

26 de Julho de 1862 – No despacho decidiu-se a escolha do Dr. Duarte de Azevedo para lente substituto de S. Paulo ³⁸⁸. O Olinda inclinava-se ao padre Mamede; porque achou a dissertação da prova escrita daquele metafísico demais embora o ponto fosse sobre o direito de propriedade racionalmente considerado. Entende ele que o professor para ser bom não deve ser metafísico; contudo reconheceu que o Duarte de Azevedo tem inteligência mais vasta do que o outro e pode vir a ser melhor lente não se opondo, portanto, à minha preferência que se funda em ter Azevedo melhor desenvolvido o ponto da dissertação da prova escrita, e haver na dissertação impressa de Mamede opiniões, que não me parecem exatas; mas que aliás poderiam ter sido sustentadas para brilhar; sendo-o todavia às vezes, com pouca clareza.

Dei ao Olinda uma nota por escrito lembrando-lhe os apontamentos que ele lá tem e sobre que nada me tem dito, e ao mesmo tempo prevenindo-o de que o Capanema o procurará para fazer no seu relatório da Comissão Científica as alterações, que o Olinda julgasse precisas. Também lhe ponderei que se a verba da Comissão Científica votada para o exercício futuro se aplicar ao corrente pouco se poderá publicar dos trabalhos, que eu não me descuido de ativar. O Abrantes disse que tencionava não prover os lugares vagos de sua secretaria. Trouxe de novo o negócio de José Lúcio Correia mostrando que depois do regulamento de 1852 já se passaram para disponibilidade cônsules exonerados. Eu respondi que a lei não tornava o lugar de cônsul, depois de certo número de anos de serviço, perdível só por sentença, e que a passagem para disponibilidade só pode ter lugar quando não tenha havido demissão como se deu com José Lúcio Correia tanto que foi nomeado para outro lugar; mas que Abrantes fizesse o que entendesse. O ministro da Marinha propôs a nomeação de Mariano de Azevedo para Itapura, e eu anuí; porque me parece que houve intriga contra ele. O Sinimbu e o ministro da Guerra expuseram o estado melindroso de Tacaratu por causa do delegado tenente coronel Sanches Pedra. O presidente enviando um ofício do juiz de direito Gonçalves da Rocha pede a retirada desse oficial. Concordou-se em retirar o destacamento recomendando ao presidente que mande outro. Eu disse que formava bom conceito do Sanches Pedra, e que andava nesse negócio grande intriga entre o partido do Brandão ³⁸⁹ deputado e do Pinto de Campos também deputado por esse mesmo distrito. O Polidoro não confiando muito no Brandão disse que o cônego Pinto de Campos tinha inclinações perversas acrescentando Sinimbu que ele há de anarquizar Tacaratu. Sinimbu apresentou um ofício do chefe de polícia do Rio Grande do Norte pedindo que seja removida para a Corte a suposta filha do Albuquerque Maranhão para que não tentem novamente contra sua existência. Sinimbu estava inclinado a mandá-la antes para o Rio Grande do Norte a fim de melhor se descobrir a verdade; mas por fim achou que eu tinha razão no que observei ponderando que se ela vier para a Corte julgando-se inteiramente segura de qualquer vingança é provável que desmascare toda a impostura se com efeito esta existe como tendo a acreditá-lo principalmente depois do discurso do Bezerra Cavacanti *[sic]*, ainda que o chefe de polícia fale como quem crê ponto de fé o contrário. Sinimbu queixou-se de apartes do Cruz Machado ³⁹⁰ e disse que receava algum desaguisado, e eu lembrei-lhe que devia lembrar-se de sua posição prevenir-se contra seu gênio um pouco assomado.

Na audiência esteve o chefe de polícia ³⁹¹ que me disse que continuavam as indagações a respeito do contrabando de brilhantes do Masset, e que o Silva Pinto, que tem faltado à verdade em suas correspondências acha-se claramente comprometido, tencionando pedir licença ao ministro para publicar o resultado das indagações policiais. O documento que mais comprometeria Masset e devia existir no arquivo da Alfândega não aparece!

27 de Julho de 1862 – Esteve cá o Albuquerque não tendo podido por incômodo vir ao despacho ontem. Conversamos sobre o estado da Alfândega e ele pretende nomear uma comissão de inquérito composta de empregados do Tesouro e de dois deputados um de cada lado da Câmara. Não se lembrou do Saldanha Marinho por ter sido o que divulgou na Câmara os abusos. Propunha o Martinho ³⁹²; porém eu observei-lhe que Martinho era muito espalha-brasas como se diz, e me parecia melhor Teófilo Ottoni convindo ir chamando sem parecer cortejo de medo a essa pessoa que merece não ser desprezada. Também lembraria Cristiano Ottoni se não fossem suas ocupações da estrada de ferro, e repugnou-lhe o Teófilo por causa de suas relações com o comércio. Do lado oposto lembrou-se Albuquerque de Saião e Sales Torres Homem parecendo preferir a este que eu também indiquei por ter sido aquele inspetor da alfândega. Depois falamos sobre o contrabando de vinhos do Aranaga estando parada a resolução da consulta por causa de dúvidas do Olinda sobre a natureza da consulta da Seção à vista dos precedentes, sustentando que é meramente consultiva só podendo ser litigioso se o governo tem ou não direito além do de adotar ou rejeitar simplesmente a consulta não podendo seguir um terceiro alvitre. Albuquerque adota o parecer da maioria da Seção. Mostrou-se muito aflito com as demoras na discussão e falta de trabalho nas Câmaras dizendo que trabalhavam assim para o governo absoluto; ao que retorqui que não tivesse medo disso e que o próprio mal havia de trazer o remédio não havendo razão para desesperar do juízo dos brasileiros. Achei o Albuquerque muito doente e receio que dure pouco o que muito me penalizará pois ninguém possui melhores intenções do que ele ³⁹³.

28 de Julho de 1862 – Nada de importante.

29 de Julho de 1862 – O Sinimbu disse-me que esteve com o Maranguape ³⁹⁴, e tendo ele mostrado que não ofenderia com os atos que fosse necessário praticar pela repartição da Justiça e talvez estivessem adiados por causa da interinidade, pretendia tratar do estado das comarcas de Porto Calvo e Maceió. Eu disse-lhe que não falara nessa necessidade pelo próprio melindre que ele tivera; mas que estava informado de todas as queixas, e cumpria antes de decidir examinar o fundamento delas, fazendo justiça a ambos os lados. Perguntou-me porque eu falara no despacho de seu gênio assomado, e eu disse que me referia à ocasião em que ele na Câmara dos Deputados chamou o João Saião de doido. Pediu-me que o ouvisse sempre que me chegasse qualquer queixa a respeito dele porque desejava defender-se e eu prometi tratá-lo com a franqueza que ele de certo modo merece por seu caráter.

O Abrantes disse-me que era preciso separar do orçamento todos os aditivos que não fossem os de reclamações e folha oficial, e depois lembrou-se do dote da mana Januária vacilando na resolução tomada por causa duma carta escrita a D. Joaquina em que a mana diz que precisa de banhos minerais. Eu expus de novo as razões em que me fundei para apoiar a resolução tomada, e ele acrescentou que nesse caso era preciso que o orçamento autorizasse a despesa da atualidade feita com a mana e os filhos, e o dote.

O Lamare lembrou como indispensável o aditivo autorizando a despesa com a porta do dique, e disse-me que tinha estudado tudo o que há respeito das obras da repartição, e era preciso tornar as estações ativas reduzindo-as a navios que possam prestar todo o serviço, tencionando ele visitar os navios aqui até de noite.

30 de Julho de 1862 – Pouco houve no despacho. O Olinda deu-me parte de que parece houve um caso de cólera-morbo na Rua dos Cajueiros contestado pelo Félix Martins provedor da Saúde ³⁹⁵. Lembrando-lhe o estado imundo do matadouro disse-me que se entendera com o presidente da Câmara Municipal ³⁹⁶ para a remoção do matadouro para a extremidade da estrada de ferro na raiz da serra.

Entreguei a Sinimbu o complemento da reforma judiciária, o qual dispõe sobre a fiança provisória, e dizendo-lhe que nada se providenciava a respeito da prisão preventiva ele respondeu-me que tendo pensado julga que o melhor é o que já está em lei e só falta executar.

31 de Julho de 1862 – Nada de importante.

1 de agosto de 1862 – Fui visitar diversos estabelecimentos. A secretaria das Obras Públicas pareceu-me em bom arranjo. O arquivista agradou-me com suas explicações e a classificação pareceu-me boa faltando ainda muitos papéis da

secretaria do Império. Os empregados bacharel Azevedo e Camilo Liberali apareceram depois das 10, e não vi o Moreira Guimarães. Há bastante terreno até a Rua do Senado para acrescentar o edifício. A repartição da Inspetoria das Obras Públicas está em muito mau pé. Procurei uma planta do aqueduto da carioca e não existe completa; indaguei a respeito do número e qualidade dos tubos de encanamento de ferro existentes, e não obtive do inspetor ³⁹⁷ notícia exata. A enfermaria dos africanos livres é uma vergonha, e a maior parte deles já deviam estar emancipados; alguns servem há 20 anos. Os bombeiros não fazem exercício. A melhor bomba não pode servir sem animais, que não há, que a puxem; as outras duas são pequenas. Os aparelhos de socorro são deficientes, e a escada não chegará a um terceiro andar. Recomendei ao inspetor a conservação das estradas e sobretudo as ruas que comunicam a cidade com o bairro de Sta. Teresa, assim como o fornecimento de água de cuja falta queixam-se os habitantes da cidade nova, e ele respondeu-me que há muitos meses representara sobre o estado das ruas para Sta. Teresa, e advertira do que sucederia quando se entregou a conservação da Rua de Montalegre à Câmara Municipal, e que relativamente à água qualquer palha obstruía os registros! Ao que repliquei que para revistá-los havia guardas, observando o inspetor que os registros eram muitíssimos, e eu retorquindo que o exame basta que seja periódico. Enfim julgo que há pouco zelo nesta repartição.

Na secretaria de Estrangeiros notei somente que os mapas não estão em tão bom arranjo como na outra secretaria, e que havia luxo na encadernação dos documentos de que um grande número ainda está por arranjar.

Daí fui ver as obras da Casa da Moeda que vão adiantadas e bem feitas devendo ficar coberta toda a frente menos o frontão até 15 deste, e toda a obra acabada em março do ano seguinte. As abóbedas pareceram solidamente construídas notando eu nas paredes soda cristalizada em abundância. O chão ainda não está ladrilhado e no lugar das máquinas parece que esperam o assentamento delas para fazê-lo. Só encontrarei *[sic]* lá o Boldt, e depois apareceu o Hoxe.

Nada notei na Secretaria e na Contadoria, e repartições militares grande número de empregados *[sic]*. Os arquivos em geral estão bem arranjados, convindo que os documentos de pouco ou nenhum uso sejam encadernados.

No do Conselho Supremo ³⁹⁸ porém é difícil achar qualquer consulta que não seja sobre pretensão individual. Corri os quartéis. Os fuzileiros ³⁹⁹ estão mal, por causa da imunda casa de despejos. Os gêneros são bons; mas a carne seca pareceu-me melhor na cavalaria ⁴⁰⁰, ainda que o café não seja do melhor. O estado do armamento e equipamento está melhor nos fuzileiros. A fazenda dos capotes de ambos os corpos não é boa assim como a das calças dos fuzileiros. As obras novas tiraram bastantes acomodações às companhias de fuzileiros. O largo dos quartéis quando chove fica todo empoçado. O ex-comandante de fuzileiros parece que talvez por causa de moléstias era pouco zeloso.

À tarde fui ao Instituto Agrícola. O que disse foi no sentido do que já expendi, e consta o que se fez na ata publicada nos jornais. Conversando com o Abrantes sobre o comércio de cabotagem ele ficou de acordo com meu modo de pensar de modificar o aditivo ao orçamento no sentido de ser um ensaio por 4 ou mais anos.

2 de agosto de 1862 – Por não ter havido conferência apenas conversei com os ministros depois do jantar sobre diversos negócios. Disse-lhes o que observara na minha visita de ontem, e lembrei ao Sinimbu a demora da abertura do Passeio Público, chamando também sua atenção sobre as queixas que têm aparecido contra os juizes municipais de Rezende e de S. João do Príncipe ⁴⁰¹, e do presidente do Espírito Santo ⁴⁰², de quem aliás faço excelente conceito. Entreguei ao Olinda officio do presidente do Ceará ⁴⁰³ em que ele explica suas providências por causa da cólera e demissão do inspetor da tesouraria provincial, observando eu que o presidente não procedera acertadamente esperando os estragos da epidemia para mandar socorros a certas localidades, ainda que assim fizesse com receio de gastar inutilmente. Quanto à demissão nada opus à opinião do Olinda que julga ter o presidente defendido cabalmente o seu ato. Não sabendo se o Abrantes viria, como veio, repetindo-lhe eu o mesmo, disse ao Olinda, restituindo o projeto da resposta do Abrantes ao Christie ⁴⁰⁴ sobre o negócio do naufrágio do Prince of Wales que era preciso lembrar-se de fora aprovado o procedimento do presidente da provincia ⁴⁰⁵, e que não se sabia pela nota de Christie em que qualidade pretende o governo inglês que assista a novas inquirições um oficial da marinha britânica; que devíamos até onde o permitisse nossa honra evitar questões com outras potências sobretudo poderosas, e que a demora das inquirições sem explicar o motivo disso ao cônsul inglês não podia deixar de causar reparo ao governo inglês.

Também falei do Ravel que não se contenta com 4 contos, e ameaça com o apelo para Mr. Thouvenel ⁴⁰⁶, a quem vai mandar daguerreótipos feitos agora aqui figurando suas torturas. Olinda inclina-se a que se peça a Ravel que abra preço; mas até onde chegará ele? Isto mesmo observei ao Abrantes.

3 de agosto de 1862 – Nada de importante. Li hoje a Atualidade onde se principia a traduzir a apreciação que Brougham ⁴⁰⁷ faz do reinado e pessoa de Jorge 3º, para compará-la ao estado político do Brasil. Quando tiver tempo me defenderei neste livro já que não o posso fazer de outro modo.

O Olinda disse-me ontem que não falara mais a respeito da não reeleição do Sá e Albuquerque por causa da moléstia do Albuquerque, e que pedira novas informações ao presidente de S. Paulo sobre as obras feitas por José Vergueiro na estrada da Maioridade.

4 de agosto de 1862 – Esteve cá o Mariano de Azevedo que me representou sobre certos pedidos para Itapura dizendo-me que o ministro lhe está sempre recomendando economia. Respondi que pedisse por escrito ao ministro o que precisasse e que eu veria seus pedidos para auxiliá-lo no que me parecesse justo.

O Diário de hoje, elogiando o discurso de encerramento das Cortes portuguesas, censura o não ter a Fala do Trono daqui agradecido aos brasileiros a ereção da estátua de meu pai. Não me esqueci deste fato quando se tratou da Fala; mas lembrei-lhe de que a subscrição não tinha sido feita agora, e não quis que nas câmaras houvesse alguma discussão desagradável por causa da estátua de meu pai; por isso, nada disse a tal respeito aos ministros.

5 de agosto de 1862 – Lendo a Atualidade deparei com este trecho da apreciação do reinado de Jorge 3º por Brougham: “Certamente querer ter um soberano é querer que sua voz seja ouvida e sua influência sentida na administração dos negócios públicos”. Assim o entendo e creio que não tenha excedido os limites que me escreve o sistema de governo que nos rege – apelo para a lealdade dos ministros que não podem deixar de confessar que eu capricho cada vez mais em ser constitucional segundo nossa constituição.

Esteve cá de tarde o ministro da Marinha que trouxe o projeto de lei e regulamento para a promoção da Marinha, trabalho que ele organizara com o Sabino Elói Pessoa e discutira com este e o capitão de mar e guerra Alvim ⁴⁰⁸. Falamos sobre Itapura. Ê de opinião que a estrada de Avanhadava se faça por empreitada fiscalizada pelo diretor da colônia, e lembrando que não havendo verba no seu orçamento e não podendo obter fundos para essa obra do Ministério das Obras Públicas tiraria das eventuais, concordou comigo em que é melhor esperar do que praticar uma ilegalidade. Lembrou a necessidade de dar salário aos africanos livres que trabalham em Itapura. Propõe mandar Level ⁴⁰⁹ estudar os aperfeiçoamentos modernos na construção dos navios de guerra. Achei boa a idéia e disse que apenas hesitaria por causa da despesa; o ministério ficou de pensar ainda nesta idéia. Disse-me que entendia não dever encomendar a porta do dique sem que estivesse a autorização para a despesa; aprovei completamente seu escrúpulo.

6 de agosto de 1862– Houve despacho. O Olinda deu-me para examinar o seu projeto de reforma municipal. Propôs diversas pensões, das quais eu lembrara as da viúva do tenente-general Câmara e o major Oliveira ⁴¹⁰, que foi lente de física na Escola Central. A respeito da pensão pedida pela viúva do senador Machado ⁴¹¹ disse que, reconhecendo as qualidades do finado, não entendia que seus serviços tivessem sido dignos duma pensão, convindo ter em lembrança o que disse o Abrantes, quando se tratava de outra, que a verba dos pensionistas e classes inativas já monta em mil e tantos contos. Apesar disto o Abrantes ainda observou, quando eu disse que me parecia que a viúva do Machado não ficara necessitada de meios, que ela desejava a pensão para os filhos, ao que repliquei que ainda menos seria de opinião que se lhes desse a pensão, atentas às circunstâncias do Tesouro Nacional.

Lembrei ao Lamare a vantagem de mandar colonos nacionais e sobretudo militares para Itapura, e não alemães como ele me disse que pretendia fazê-lo nem portugueses conforme sugeriu o Abrantes. O Sinimbu tratou do negócio da União e Indústria e disse que havia de descontar do preço da avaliação da estrada a importância dos juros que tem pago o governo geral e os do Rio e Minas. Eu observei que, a fazer-se o favor, que autoriza um dos aditivos propostos à lei do orçamento, de quem com razão se separara, para que a lei passe este ano, devia isto realizar-se de modo a ser tido como favor pela

companhia. Tratando da alteração do contrato do gás disse que não me parecia justa a oposição que se fazia a este ato do ministério de 2 de março e disse como entendo alguns artigos do contrato primitivo, que aliás reconheço como imperfeito, visto ser o primeiro desta natureza que fazia o governo. Como no próximo despacho ainda se tratará este negócio exporei depois minhas opiniões relativas aos artigos.

O Sinimbu apresentou os decretos nomeando o irmão do Nabuco para juiz municipal de Niterói e o filho do Eusébio para Macaé ⁴¹², esperando que este aceitaria, o que foi posto em dúvida pelo Polidoro, posto que também assim espere pelo que ouviu ao Almeida Pereira, reprovando muito se ele fizer o contrário, tendo Eusébio dito que Sinimbu atendera de preferência o Nabuco por ser senador que fala. Sinimbu disse que apenas atendera ao estado de pobreza da mãe do proposto para Niterói, e eu terminei acrescentando que tinha quase certeza de que Eusébio faria justiça ao Sinimbu e que é preciso que os bons lugares toquem a todos, conforme a razão que houver para a justa preferência. Perguntei ao Sinimbu como ia o processo dos diamantes que se demorava inconvenientemente e ele respondeu que os papéis estavam para ir para o promotor e que o Massé assim como o Silva Pinto se acham comprometidos no contrabando. Apresentou diversos documentos que fazem suspeitar da honradez do Dr. Sousa subdelegado de Sta. Rita; mas eu ainda creio que ele não está criminoso.

Pedindo-lhe eu informações sobre o ato praticado pelos menores artesãos da Casa de Correção, a respeito do qual o Cruz me viera falar antes do despacho, atribuindo-o a manejos da clientela de seu antecessor, mostrando-me até uma fêria falsa que o fizeram fazer assinada, disse-me Sinimbu que pretendia como já eu julgava necessário julgar uma comissão de exame da Casa de Correção, pretendendo escolher o Zacarias presidente dela, ao que anuí.

O Abrantes disse-me que na resposta ao Christie não insistira muito sobre a defesa da falta de cortesia para com o cônsul inglês e o capitão Saumarey conforme o que eu observara, e referiu que Ravel já quer 12 contos e que ele dissera ao Taunay ⁴¹³ que só por ato de compaixão o governo daria dinheiro a Ravel, tendo anuído a 6 contos, como Taunay, antes de tornar a falar com Ravel, propusera. Abrantes acrescentou que agora essa questão é com o St. Georges ⁴¹⁴, e que mesmo, no jantar de 15 se fosse preciso, se queixaria dele, que, tendo prometido não mandar logo para a Bahia, conservando-o a bordo dum navio de guerra o recrutado José Eugênio, para que este ato de deferência para com as reclamações da legação francesa não fosse tomar na Bahia caráter de vitória da oposição ao presidente e chefe de polícia, não cumprira sua palavra. Quando se tratou desta questão tinha se reconhecido não haver razão da parte da legação francesa, e não pude portanto deixar de manifestar que me lembrava do que se tinha passado.

Antes do despacho, falei ao Polidoro da minha visita de manhã à Escola dizendo-lhe que tinha visto estragos de cupim, que a biblioteca estava mal acomodada, e que por falta de instrumentos não concluiu o lente de física – serve agora o Primo de Aguiar ⁴¹⁵ – a sua hora de exercícios práticos. O gabinete de física já há tempo que não está bom. Achei a aula de química em melhor arranjo que dantes, e o gabinete de geologia carece de ser mais bem cuidado. Em desenho não vi grandes coisas. Um rapaz paisano, de apelidos Barbosa Horta, pareceu-me ter muito jeito para o desenho, é do 2º ano. Vi na Escola Central trabalhar a máquina contínua de fazer gelo pelo sistema Caré, o mesmo da portátil que trabalhou no Museu.

7 de agosto de 1862 – Nada de importante.

8 de Agosto de 1862 – Li ofícios e uma carta de Grenfell ⁴¹⁶, em que este propõe que se construa para a nossa marinha uma corveta de 1/3 de tamanho e do sistema da fragata Warrior, e que importaria em 2 mil contos tendo a Warrior custado 500.000 £. Lembra a conveniência de se gastar mil contos por ano com a construção de navios de guerra de ferro. Diz que a utilidade da Warrior e Black-Prince como béliers ainda não está fora de dúvida. Acho a Caledônia, Royal-Alfred e Royal-Oak do sistema encouraçado superiores às outras duas como navios de guerra. Acrescenta que a chapa de 2 polegadas resiste a qualquer projétil e desvia qualquer bala que não bata em ângulo reto, devendo por isso ter as bordas bem curvas para dentro, e é esta a construção que lhe parece melhor para a nossa marinha de guerra. Nenhuma das canhoneiras de cúpula estava pronta; mas aplicaram a cúpula à Trusty. Acho este sistema mau para nós, por expor o navio a ir a pique mesmo no ancoradouro e estava a guarnição sofrendo principalmente em país quente. Entende mesmo pelo que ouvira a Armstrong, que o principal armamento de nossos navios deve ser de peças de 68 lisas, pesando 96 quintais de bala sólida e carga de 16 libras carregando-se pela boca. Recomenda contudo a compra de algumas peças de 100 de Armstrong, raiadas de carregar

pela culatra notáveis pelo alcance de 5 milhas e certeza do tiro. Diz que a primeira qualidade de nossos navios de guerra é o pequeno calado que não deve exceder a 12 pés desmandando as canhoneiras só 4.

9 de agosto de 1862 – No despacho restitui ao Olinda o projeto da reforma das Câmaras Municipais, com diversas reflexões, de que foram principais as que fiz sobre a diminuição do número de vereadores da maior parte das cidades de 9 a 7, que o Olinda disse que fora esquecimento, e a respeito de atribuições do administrador municipal que julgo que devem ser do presidente, como a de expedir as ordens necessárias para eleições e da falta de recurso quando o presidente não anuir ao pedido da sessão extraordinária – a pedido do administrador. Apresentei uma redação que julgo enuncia melhor o pensamento do artigo final, que figura a hipótese da passagem de certas rendas para o cofre da Câmara Municipal da Corte.

Assentei com o Olinda, em que, sob as vistas do presidente do Ceará, e por meio das pessoas já dispostas pelo Capanema, se empregue em escavação de fósseis um conto e tanto, que destinara Capanema para tal fim, e não se gastaram por causa da retirada dele. Lembrei mais uma vez o que é preciso para os trabalhos da Comissão Científica; mas o Olinda só se quer entender com o Freire, que segundo disse Olinda, foge de se comprometer com os outros membros da comissão; parece jogo de empurra e o tempo voa! A utilidade de certos trabalhos raros a entender por ora entre nós; paciência; lá chegaremos.

O Abrantes propôs que se encarregasse Marques Lisboa ⁴¹⁷ de se entender com os comissários das outras potências interessadas no projeto de telégrafo-elétrico-submarino de Balastrini, autorizando a dizer que permitimos a passagem pelos pontos marcados entre o cabo de S. Roque e a Guiana Francesa; mas que não podemos concorrer com dinheiro algum por causa do estado do tesouro, cumprindo a Marques Lisboa informar o governo brasileiro de tudo o que houver a tal respeito. Eu apenas disse que a permissão por território brasileiro devia determinar os lugares para não prejudicar a decisão do governo relativamente às propostas para estabelecer o telégrafo elétrico ao longo da costa do Brasil. No despacho passado tratou-se deste assunto e o Sinimbu ficou de consultar por meio do Carvalho Moreira ⁴¹⁸ pessoas entendidas sobre a proposta do Web que é agora também do Jones para o estabelecimento submarino dessa linha telegráfica. Eu inclino-me antes à linha terrestre ainda que esta ofereça maiores obstáculos para seu estabelecimento e esteja exposto a muitas causas de dano por tão grandes extensões desertas; mas as dificuldades da conservação do cabo submarino *[sic]* junto à costa.

Restitui ao Lamare os dois projetos de lei e o regulamento para promoção na armada. Fiz diversas reflexões, sobretudo para harmonizar a lei com o regulamento e a mais importante foi contra o arbitrio proposto de promover por antiguidade ou por esta o merecimento da classe dos 2^{os} tenentes para os de 1^{os}. O ministro adotou de acordo comigo que só fosse do segundo modo. Também lembrei que bastava a autorização para promover por antiguidade, sem os prazos, em tempo de guerra e quando haja falta de oficiais sem os prazos.

O Sinimbu parece descontente com o Cruz da Casa de Correção. Falando a respeito do contrato do gás, mostrei que já em 1854, o Nabuco tinha entendido o artigo a respeito dos gasômetros relativamente ao primeiro perimetro, e que só havia segundo minha opinião a preferir a vantagem da diminuição desde já de 82 contos anuais ou menor preço que pelo gás se pagaria desde que terminasse o antigo contrato prorrogado há pouco por mais 15, Sinimbu disse que o Cândido Ferreira ⁴¹⁹ oferecia pé cúbico de gás por 25 rs. quando se pagam agora 27. Também interpretei o artigo do contrato sobre o direito que tem de marcar as horas de iluminação como apenas prevenindo a diferença que há entre os dias naturais segundo as estações. Para reforçar a inteligência do artigo de que primeiro observei que dando o contrato ao governo sem exigir acordo da companhia, direito de marcar o número de combustores, poderia esta não compensar a despesa feita com os gasômetros precisos para maior extensão de iluminação. Antes do despacho o Abrantes tornou a falar-me do embaraço da moléstia do Maranguape ⁴²⁰, e eu respondi que se devia esperar mais tempo como o Olinda já fizera por ocasião da moléstia do Jerônimo Coelho ⁴²¹, e que a igreja devia ir como fora armada. Sinimbu também me disse nessa ocasião, que por conselho do Nabuco não suprime os juizes municipais dos termos cabeças de comarca, para não estreitar o círculo dos habilitados para juizes de direito; o que vai aumentar a despesa com a reforma, e aumenta desde logo os vencimentos dos juizes de direito porque havendo poucos que não estariam nas condições do projeto para tê-lo pouco crescerá a despesa prolongando por outro os prazos para o ulterior aumento dos vencimentos.

Esqueci-me dizer que no despacho de 6 restitui ao Polidoro uns apontamentos de regulamento para a ilha de Fernando. Fiz algumas reflexões sendo a principal sobre a vantagem de estabelecer aí uma colônia agrícola penal. O Polidoro propôs o coronel Beaurepaire ⁴²² para ir inspecionar a ilha, e depois propor à vista dos apontamentos o que julgasse mais útil.

Li ao Abrantes um cálculo sobre o fundo, que em 5 a 10 anos se poderia dum módico aumento do direito de exportação sobre seus 10 principais artigos entre nós, com o fim único de auxiliar a nossa lavoura, sobretudo com a fundação de bancos agrícolas. Este aumento deve ser voluntário da parte dos lavradores cujos espíritos cumpre que sejam sempre convenientemente preparados para isso tendo garantias de que não se dará aos fundos senão o destino indicado. Espero a opinião do Abrantes e de outras pessoas que tenham pensado sobre estes assuntos.

10 de agosto de 1862 – Nada de importante.

11 de agosto de 1862 – Casanova trouxe-me uma saca de café preparado na estufa de sua invenção. Diz que seca o café mesmo verde em 60 horas depois de colhido. O calor que mantém é de 50° cent. e diz que o café em diferentes estados secam do mesmo modo misturados. Pode secar até 1.000 arrobas duma vez e por 1 conto, que o Nicolau ⁴²³ que é fazendeiro de café acha muito caro. Provei do café, que apresenta a melhor cor e cheiro em grão, e gostei ainda que outros o acharam queimado, o que julgo foi do preparo para bebê-lo.

12 de agosto de 1862 – Conversei com o Capanema. Ele rejeita inteiramente o cabo submarino, e eu apenas inclino-me por ora mais ao terrestre. Lembrei a conveniência quando preferido o sistema de se abrir concorrência depois de publicadas as condições do contrato. O Capanema achou boa a lembrança. Pediu-me para ser publicado o seu parecer confrontando as diversas propostas, e disse-me que o Jones anda mostrando pedaços de cabo submarino para mostrar que o bicho não pode atacá-lo, e contudo a armadura de arame de ferro estragou-se pela oxigenação, e um phobs [*sic*] ou xilófago que introduziu-se por entre os fios de linho alcatroados e furou a guta perca [*sic*] deixando à vista os fios de cobre como examinei 4ª feira na Escola Central. O negócio é de centenas de contos e cumpre ter todo o escrúpulo.

13 de agosto de 1862 – Em uma exposição feita pelo Pena ⁴²⁴ ao Caxias em data de 30 de junho sobre o que fez, entendendo-se com os influentes do partido liberal, para não ser votado o Ottoni, o que se procuraria impedir se eu tivesse podido saber a tempo, havendo dito ao Caxias quando me deu os papéis, que me é indiferente a vinda do Ottoni na lista onde tinha direito para entrar como qualquer outro brasileiro leio o seguinte: “O bispo diocesano ⁴²⁵ não figura de modo algum como homem político. Cuida com muito zelo do cumprimento de seus deveres pastorais, mostra todo o desejo de viver sempre na melhor harmonia com o presidente da província e goza aqui muito estima e respeito”. Lembro-me agora do que o Abrantes propôs no despacho passado o Sauvan Viana de Lima para Montevidéu no caráter de ministro residente, o Borges para o Chile e o Leal para Turim ⁴²⁶. Tendo o Sinimbu falado a favor da elevação de caráter diplomático do Viana de Lima sem se fazer o mesmo ao Leal; o Abrantes disse que poderia aquele ir mesmo como encarregado de negócios e eu observei que é melhor assim para maior economia.

No despacho falei a respeito dos negócios apontados no papel junto. O Abrantes propôs que se entregasse um recruta súbito oriental. Convim; porém lembrei que cumpria não esquecer a satisfação devia pela morte do marinheiro brasileiro feita por oficial oriental. Restitui-lhe diversos officios chamando sua atenção para um officio dirigido ao ministro residente da Prússia pelo presidente do Conselho Supremo evangélico desse reino sobre a lei dos casamentos acatólicos e fiz a tal respeito as reflexões que já expusera ao Paranaguá ⁴²⁷, quando se discutiu a lei que não tratou de casamentos mistos nem evitou a repetição de casos semelhantes ao do Kerst, segundo a inteligência em que ela foi votada pela Câmara dos Deputados. Tudo o que não for o projeto de lei primitivo não me satisfará atendendo até onde é justo às reclamações dos que não seguem nossa religião. O Abrantes disse que aprovava inteiramente a idéia que apresentei nos dois papéis que lhe confiei relativa à criação dum fundo para bancos agrícolas, e que ia dar andamento a esse negócio pelo modo que eu indiquei tendo já tratado disto com membros da diretoria do Instituto Agrícola.

O Albuquerque trouxe a consulta sobre o negócio Aranaga a qual se resolveu de acordo com o voto da maioria tendo eu sustentado o do Jequitinhonha, conforme já escrevi há dias. Falou da gazeta oficial sendo de opinião que cada ministro

exponha e defenda os atos de sua repartição; mas eu observei que é preciso um centro e recomendei toda a economia, que não prejudicasse o fim que se pretende, e a maior circunspeção no modo de dirigir a folha. Disse que o câmbio vai alteando e mostrou querer aceitar uma proposta do Tupper a 26 e $\frac{1}{4}$; porém que ainda tinha dinheiro em Londres até dezembro. O Abrantes acautelou-o a respeito do Tupper, aconselhando-o que esperasse a chegada do pacote podendo o câmbio ainda subir. O Albuquerque receia que o preço do café não se mantenha por muito elevado, e só pela falta de produção sustentar assim a concorrência com outros melhores, o que deve influir sobre o câmbio.

O Lamare apresentou a representação do Law para que se lhe pagasse a última prestação. O engenheiro fiscal Alvim ⁴²⁸ aponta 6 cláusulas não cumpridas do contrato, das quais a importante, é a falta de rebaixamento na entrada do dique; Law responde e Alvim replica. O Lamare disse que seus colegas eram de opinião que se pagasse; mas que ele queria ouvir minha opinião, porque a sua era contrária ao pagamento. Respondi que o contrato era claro e não podia ser de opinião se pagasse antes de Law ter cumprido a cláusula importante das 6 indicadas. Abrantes sustentou a opinião contrária sobretudo com o fim de evitar reclamação inglesa, e Polidoro disse que tendo a principio pensado como eu por fim cedera. Eu repliquei que não mudava de opinião; mas que o ministério deliberasse como entendesse. Lamare um pouco irritado, acrescentou que visto ser esta minha opinião ele não queria ser bigorna e não estava disposto a pagar a prestação. Parece que houve discussão algum tanto renhida em conferência pelo modo porque falou o Lamare.

O Sinimbu veio com outro aperfeiçoamento do projeto de reforma eleitoral para dividir o Supremo Tribunal de Justiça, em dois um para o crime, outro para o cível, sobretudo com fim de escolher para este os melhores magistrados. Também aumentou o número de relações com mais uma para S. Paulo. Eu ainda fiz as mesmas reflexões sobre o número das relações, e o aumento que há de o projeto trazer à despesa. Disse que a primeira necessidade da magistratura é a responsabilidade é eficaz *[sic]*, e que enquanto alguns magistrados não forem para a cadeia, como por exemplo certos prevaricadores muito conhecidos do Supremo Tribunal de Justiça, não se conseguiria este fim. Sinimbu replicou que o governo não tem autoridade para isto e que o corpo legislativo tem destruído o efeito das aposentadorias impostas pelo governo, concordando todavia comigo, que o remédio do tempo é muitíssimo lento, e além disto muito contrariado; mas isto não disse ele; pelo procedimento menos zeloso dos ministros nas nomeações que me propõe. Nada observei sobre a ocasião em que o Sinimbu me apresentava novos acrescentamentos ao projeto; porque não quis desgostá-lo tendo-o na conta dum dos melhores servidores do Estado; todavia ainda lhe direi particularmente que em tais casos, para aproveitar tempo, não é preciso que guarde para o despacho a apresentação de semelhantes assuntos podendo mesmo comunicar-nos por escrito. Lembrando-lhe eu as providências precisas a respeito do processo eleitoral, disse-me que instaria ainda com a comissão para dar parecer sobre o projeto que rejeita a qualificação. Também falei da navegação do S. Francisco e respondeu-me que o aditivo passaria.

Notei que falando ao Olinda sobre o que se tem dado com a Assembléia Provincial de Goiás, ele se mostrasse ignorante do que têm publicado os jornais. Tenho observado de há muito que os ministros lêem poucos periódicos mesmo estando fechadas as câmaras, e todavia quando elas se abrem que trabalhos há prontos?

Recomendei ao Sinimbu o padre Antônio Caetano da Fonseca de Muriaé, entregando-lhe a exposição que ele me fez relativa a bancos agrícolas, e plantação de algodão herbáceo, de que promete 100 arrobas para plantio. É irmão do célebre Botica a cujo respeito me falou há tempos, dizendo que era inocente, e respondendo-lhe eu que me podia expor mesmo por escrito e em carta fechada tudo o que julgasse favorável à justiça de seu irmão. Parece-me inteligente e trabalhador, ainda que não muito bem encarado.

14 de agosto de 1862 – Nada de importante.

15 de agosto de 1862 – Procurou-me Nicolau Tolentino para perguntar-me se podia requerer perdão se fosse condenado no processo de injúria que intentara contra ele o Ferraz ⁴²⁹. Disse que não esquivava a cumprir a pena; mas que por meio do perdão queria evitar a desistência do Ferraz, que lhe constava teria lugar logo que ele fosse condenado. Eu respondi que o direito de pedir perdão é de qualquer cidadão, e que a desistência podia ter lugar em qualquer ocasião e o perdão só depois da condenação, não lhe podendo acrescentar mais nada.

Também veio o Dr. Sousa ⁴³⁰ subdelegado do 2º distrito da Sta. Rita queixar-se de acusações que lhe faziam desejando apenas que eu não [o] conceituasse mal. Respondi que eu não formava mau conceito de ninguém sem provas ficando apenas na dúvida e que até estas acusações nada me constara contra ele. Referiu-me que perguntando ao Saldanha Marinho porque o agredia a sua folha que antes o elogiara apenas respondera que ele era um homem impossível na subdelegacia do 2º distrito de Sta. Rita ⁴³¹.

O Dr. Tomás Gomes dos Santos deu-me para examinar o seu relatório da instrução pública da província ⁴³², que achei bom e lhe restitui esta tarde.

16 de agosto de 1862 – Esteve cá Barbacena ⁴³³ que me trouxe o plano da estrada de ferro entre Porto das Caixas e Niterói. Custará 1800 e tantos contos indo até o Asilo de Sta. Leopoldina e 200 contos menos pela Rua do Imperador. Os maiores trabalhos são de aterro, e apenas há um corte de alguma importância. Tem 5 léguas e tanto de extensão. Está bem desenhada e perfeita segundo diz o Barbacena que ajuntou terem-se gasto 5 contos e 5 meses em tirá-la quando a que fez o Capanema de Niterói até Itaboraí quase que pelo mesmo terreno custou 45 contos e muito mais tempo. Não tive tempo de examiná-la com cuidado porque estes trabalhos são precisos para o relatório da província. Barbacena disse-me que de Londres lhe tinham escrito que o carvão de pedra da mina que pretende explorar tem muito piritas, e que enviasse amostras mais centrais. Johnson partiu de novo para o local da mina para tirar as amostras, e o Barbacena disse-me que talvez fosse também a Sta. Catarina.

No despacho apresentou o Olinda os decretos diversos de pensões; mas sobre o quantitativo não me pude entender com o Olinda e os ministros da Guerra e da Marinha, e por isso escrevi num papel que dei ao Olinda que se ele assim o entendia como seus colegas se desse pensão só por serviços mais que ordinários e que fosse de metade do soldo, quando dos finados fossem militares, caso as agraciadas não gozassem de meio soldo ou montepio, e nisso convieram. À vista das informações muito favoráveis do presidente de S. Paulo ⁴³⁴ disse ao Olinda que propusesse uma justa condecoração para José Vergueiro lembrando ele que os que despenderam com a prontificação da matriz de Campos.

Entregando os papéis ao Abrantes mostrei que a lei sobre casamentos acatólicos não falava dos mistos, e o modo ambíguo porque se exprimia relativamente aos impedimentos, ponto essencial, tendo sido a maioria que votou a lei dependente da inteligência conforme aos cânones, haveria de dar lugar a sérios embaraços, não se podendo na minha opinião colher senão muito pequeno benefício da tal lei.

Sobre as instruções ao Marques Lisboa para assistir ao congresso telégrafo-elétrico transatlântico proposto pela França à vista do projeto Balestrini disse que era conveniente pedir como compensação da licença para o fio seguir a nossa costa do cabo de S. Roque para o Norte a concessão do uso dessa parte da linha para comunicarmo-nos com esses pontos de nossa costa.

O Abrantes apresentou um projeto de resposta à última nota de Christie sobre o negócio do Prince of Wales. Está bem feito; mas ele vai mudar algumas expressões irônicas que não me pareceram assim como ao Sinimbu ser convenientes.

O Albuquerque disse que o Tupper lhe oferecera da parte do novo banco inglês dinheiro a 7 ½ por cento e que os diretores do banco que o procuraram tratando-o excelentemente se referiram a uma proposta feita em seu nome pelo Tupper; mas sem indicar o juro. Pediu-me para inutilizar o decreto nomeando o Dr. Filipe Joaquim Gomes de Macedo tesoureiro da Alfândega do Maranhão. É parente do Viriato deputado e senador Dias Vieira ⁴³⁵ que o indicara ao Albuquerque tendo este depois sabido de péssimas notas na secretaria da Justiça – foi juiz municipal – gozando da fama de ladrão. Tem prestado serviços ao partido de Dias Vieira. Restitui a consulta da seção da Fazenda sobre a execução da resolução da Assembléia perdoando a terceira prestação duma dívida de Corte Real de arrendamento de Saicã. Mostrei que a seção mandava pagar menos do que era devido à vista letra [sic] da resolução e que se mandasse fazer a conta exata no Tesouro. Acrescentei que o relator foi Cândido Batista naturalmente inclinado a favorecer a família de Corte Real. O Albuquerque mostrando-se a princípio disposto a conformar-se com o parecer da seção afinal concordou com a minha opinião. O Lamare disse que reconhecendo maior inteligência e prática de administração nos seus colegas propunha que se pagasse com a fiança a última prestação ao Law. Eu insisti na minha opinião e disse que me conformava. Lamare propôs a empreitada da estrada do Avanhandava segundo as condições apresentadas pelo empreiteiro, a 2 contos por légua; o que me parece muito pouco apesar de já haver parte da picada aberta e ter o auxílio dos africanos da colônia de Itapura.

Sinimbu informou-me de que rejeitara logo uma proposta do superintendente da estrada de ferro de Pernambuco, Mr. Brahanch *[sic]* para trazer a estrada das 5 Pontas até o centro da cidade do Recife, garantindo o Estado por toda a estrada o juro de 7% de 2 milhões de £, o que seria um modo encoberto de decidir favoravelmente o pedido de aumento de capital garantido além do que se concedeu – um milhão e 800 mil – à estrada da Bahia. Propôs 4 ajudantes para seguirem os trabalhos da companhia de esgotos. Achei o número grande visto irem ter gratificação, e dos nomeados apenas conheço o Januário filho de Cândido Batista, que apesar de ser meu afilhado de batismo não pude deixar de dizer que não tinha passado por bom estudante quanto à inteligência, ainda que não lhe faltasse, na Escola Central, e que foi confirmado pelo Polidoro, que se mostrou desgostoso por acabar de suprimir uma gratificação, que, sem fundamento em lei ou regulamento, recebia o Januário no Observatório. O Polidoro apresentou-me uma lisa pela qual se vê que ele suprimiu gratificações no caso da mencionada, na importância de 22 contos e tanto por ano.

Fiz algumas reflexões mais sobre a reforma judiciária no sentido da duvidosa constitucionalidade da divisão do Supremo Tribunal de Justiça em dois, e lembrando que não se marca o tempo de serviço dos substitutos dos juizes de direito, nas comarcas, em que há relação, nomeados pelo governo. Sinimbu disse que tencionava marcá-lo no regulamento; mas parece que reconheceu dever tê-lo feito no projeto de lei. Abrantes não falou ontem ao St. Georges a respeito de José Eugênio.

17 de agosto de 1862 – Mauá trouxe-me a exposição, que pretende fazer ao Senado sobre o contrato do gás. Disse-lhe o que pensava a tal respeito, e que a prorrogação do privilégio era o único ponto digno de controvérsia. Referiu-me que já entrara em negociações para a Europa sobre o contrato do gás.

18 de agosto de 1862 – Nada de importante.

19 de agosto de 1862 – Id.

20 de agosto de 1862 – Expendi minhas idéias sobre o aditivo sobre cabotagem porque apresentou-se oportunidade de fazê-lo em despacho. Olinda disse que o ministério tinha assentado em esperar novas informações que prometera o presidente de S. Paulo antes de propor a graça para José Vergueiro.

Entreguei ao Abrantes com pequenas reflexões duas circulares para as legações e consulados a fim de mandar regularmente artigos noticiosos para a Gazeta Oficial, empregando aquelas nesses trabalhos os adidos tanto de 1ª como de 2ª classe. O Abrantes propôs cotizarem-se os diversos ministérios pelos eventuais até a soma de 8 mil francos para o senador Paula Albuquerque ⁴³⁶ poder voltar ao Brasil. Eu respondi que me conformava se tomasse as necessárias providências para que o dinheiro só tivesse o fim indicado.

Apresentou uma consulta sobre representações dos cônsules-gerais de Inglaterra, Portugal e Estados Unidos contra o decreto do ano passado que dá aos vice-cônsules $\frac{3}{4}$ dos emolumentos dos vice-consulados. Concordei com a revogação do decreto pelas razões dadas; mas disse que o motivo fora evitar em certos casos a grande desigualdade que há o que vencem os cônsules-gerais e vices-cônsules que davam metade dos emolumentos aos primeiros. Contudo vejo pelo parecer que a desigualdade entre os vencimentos do cônsul-geral de Portugal e o vice-cônsul do Porto não era muito grande e além disto suprimira-se o ordenado dos cônsules-gerais de Inglaterra e de Portugal, por causa da importância de seus vencimentos antes do último decreto.

Restitui muitos officios das províncias do Norte a Sinimbu e chamei sua atenção sobre diversos pontos principalmente para a aceitação que desejam tornar definitiva sem satisfazerem todas as condições, julgadas necessárias pelo engenheiro fiscal da 1ª seção da estrada de ferro do Recife. O Sinimbu lendo uma carta do desembargador Dr. Baltasar da Silveira ⁴³⁷ ao Policarpo Leão e pelo que ouviu a deputados da Paraíba, queria demitir já o chefe de polícia ⁴³⁸, apesar do presidente ⁴³⁹ estar convencido da identidade da filha do Albuquerque Maranhão, e elogiar muito o chefe de polícia. Eu disse que me parecia mais prudente esperar que chegasse a suposta filha. Lembrei-lhe as informações sobre os presos da Casa de Correção que me falaram, e ele respondeu que as não apresentara por haver alguns cuja petição de graça estava sendo examinada pela seção do Conselho de Estado. Observei que esses pareceres não viriam tão cedo e que era conveniente vir apresentando as outras petições informadas. Disse que era acertado permitir a remoção de alguns presos da Casa de

Correção, onde estão amontoados, para a da Corte; o que penso ordenará o ministro. Refleti que era bom publicar certos dados dos relatórios dos engenheiros fiscais das estradas de ferro, assim como responder alguns trechos das correspondências para as províncias. Indiquei-lhe as queixas que as folhas faziam aos juizes municipais de Iguape, sobretudo, de S. Sebastião e de Paranaguá. Disse ao Abrantes que se ele não achava inconveniente seria bom mandar litografar no arquivo o mapa com as indicações feitas por Duarte da Ponte Ribeiro de nossa fronteira com a Guiana Inglesa. O Albuquerque disse que os banqueiros já lhe tinham oferecido dinheiro a 7 ½%. Disse que o Tesouro não sentia por ora falta de dinheiro e podia emprestar à província até 300 contos para pagar à estrada de ferro por conta do que esta lhe emprestou. Ainda não sabe o que há de fazer a respeito do assentamento das máquinas na nova Casa da Moeda, e vai encarregar o Braconnot de examinar esta questão. O Polidoro mostrou-me o aviso que vai expedir ao presidente de S. Paulo a respeito da estrada para o Juquiá e comunicação entre S. João de Ipanema e o mar.

21 de agosto de 1862 – Veio oferecer-me vinho de sua chácara na freguesia do Brás em S. Paulo o comendador Araújo. Disse-me que o bacelo dava uva, a americana, cujo gosto confessa ele que fica no vinho, logo no primeiro mês, porém para colher em 5, e que tem terreno para 80 pipas. Ainda espreme a uva e fermenta numa pipa serrada. Bota entre 5 e 6% de aguardente no vinho. Um cacho diz ele que dará uma garrafa de vinho, e a uva tem pouco bagaço. A americana é a que produz melhor. A cor do vinho não é bonita e os que entendem de vinho acham-no vinagre.

22 de agosto de 1862 – Fui à secretaria da Justiça. Está bem acomodada de casa, e o Josino ⁴⁴⁰ que chegou algum tempo depois de mim disse-me que o número de empregados bastaria se fossem inteligentes, creio que na maior parte. Disse-me que havia falta de papéis antigos como os relativos à Revolução de 1824 que o regente Lima não restituiu. Queixou-se e com razão do modo porque se fazem os extratos de jornais das províncias mostrando compreender bem o meu desejo quando lembrei este serviço que era saber o estado da opinião pública nas províncias e qual o procedimento das autoridades. Observou o inconveniente do ministro querer fazer tudo e a grande papelada que é preciso para a solução de qualquer negócio. Mostrou-me muitos papéis amontoados já prontos para o ministro levar a despacho e lembrou que o ministro Francisco Diogo de Vasconcelos ⁴⁴¹ tinha um dia especial na semana para despachar os pedidos de perdão que avultam sem solução, dizendo os ministros que não querem fatigar-me com tão pequenas cousas. Eu respondi que estava sempre pronto para o trabalho, e que isso era desculpa dos ministros muitas vezes para fugir a compromettimentos, sendo assim, muitas vezes preciso que haja procuradores que instiguem os ministros o que é justa razão de queixa nas províncias, e que só do ministro depende haver dia especial para despacho de pedidos de perdão. O arquivo está bem arranjado; mas daqui a anos não haverá espaço se não se der consumo a alguns papéis. A biblioteca está incompleta das obras mais preciosas, não tem por exemplo a coleção dos atos do Conselho de Estado. Tinham faltado ao ponto, que já estava encerrado quando eu cheguei, segundo disse o João Caetano da Silva, que servia de diretor geral os empregados Costa Carvalho e Azeredo Coutinho ⁴⁴²; contudo quando eu ia para lá encontrei na rua o Gesteira ⁴⁴³, conforme me disse o Manuel Antônio ⁴⁴⁴ que me acompanhava, e talvez faltassem outros porque João Caetano não estava muito lembrado do momento dos que faltavam na lista do ponto.

Depois visitei o Quartel de Permanentes ⁴⁴⁵. Estava limpo sobretudo, a 4ª companhia. As acomodações superiores à exceção da 1ª de cavalaria são muito ruins, e o espaço tão insuficiente que as mesmas camas servem a 2 soldados. O armamento é de 2 adarnes 12 e 14, convindo que fosse todo de 12 com os sabres em lugar das baionetas como usam os cabos. Não tem pistolas e revólveres e as clavinhas são más. Fardamento é bom, e o pano das calças até me pareceu fino demais. Faz-se o fardamento por empreitada no quartel, e não são soldados que estão encarregados disso mais barato porque há tanta falta deles que nem folgam um dia; por isso também não há aula de 1as letras. Os gêneros são bons à exceção do café e do azeite. Há 20 e tantos africanos que limpam o quartel e fazem outros serviços que pertencem aos soldados sendo além disso inconveniente a morada daqueles no quartel. Vi alvo; mas não fazem exercício de tiro; tem-no de manejo porém muito mal estava na forma os soldados da guarda do quartel. As latrinas são no [ilegível]; o que é muito inconveniente. As cavalariças e os cavalos não me desagradaram. A cozinha do quartel está mal arranjada e pessimamente colocada a arrecadação dos gêneros. O hospital está bem ainda que precise de outra enfermaria para certas moléstias. O comandante ⁴⁴⁶ pareceu-me não gostar de algumas reflexões minhas sobretudo a respeito da acumulação de dinheiro em

cofre. Instou porque eu visse a escrituração e eu respondi que tal exame demandava muito tempo para valer alguma coisa. O preso Antônio Gonçalves Morais está no Estado ⁴⁴⁷ e o comandante do Corpo Drago mostra-se receoso que ele fuja. O quartel está muito mal colocado, e se comprassem as pequenas casas fronteiras até seus fundos podiam se fazer uma praça, e cômodos para as praças do Corpo.

Por fim estive na fábrica do Ezequiel ⁴⁴⁸ que me parece bem montada; contudo, falta-lhe uma câmara ao menos para o fabrico do ácido sulfúrico. O Ezequiel disse-me que o terreno que possui não lhe chega para o estabelecimento do que é necessário para tal fabrico. Estava muito ufano com a medalha de Londres. Vi 2 aparelhos engenhosos; um para preparações no vácuo com o emprego do calor, e outro para ter uma corrente contínua e a mesma porção duma matéria volátil, como o éter, a fim de obter certas preparações. Há uma máquina de força de 4 cavalos, cujo vapor também aquece uma estufa. A máquina de fazer águas gasosas, e encher e arrolhar as garrafas que as contém pode aprontar até mil por dia. Também fabricam águas sulfurosas como a de Baréges.

No Instituto ⁴⁴⁹ falei com o cônego Pinto de Campos que me referiu que o Abrantes ameaçou o deputado Gasparino ⁴⁵⁰ com a demissão do major de Guardas Nacionais Antão, e ao fiel José de Carvalho ⁴⁵¹ com a não obtenção do lugar de ajudante do inspetor da Alfândega da Bahia se votassem pelo reconhecimento do Álvaro Barbalho como deputado e contra o Sá e Albuquerque ⁴⁵², tendo o Maranguape mandado chamar outro deputado com quem se empenhara. Eu disse que era preciso ouvir ambas as partes; mas que se o Sá e Albuquerque tem razões de queixa do modo porque o trataram não se deveria por isso deixar de fazer à parte contrária a justiça que a não haver mais nada além do que eu li no parecer da comissão tinha incontestavelmente. Ainda acrescentei que a minha política tem sido sempre a da justiça, e que ambos os partidos têm praticado atos de flagrante injustiça.

O Pinto de Campos falou-me da biografia minha que ele pretende escrever. Recomendai-lhe que a reduzisse quanto pudesse, e que recorresse para as informações ao Sapucaí em quem eu confiava inteiramente, e estou certo de que evitará qualquer inconveniência da parte do cônego. Dei-lhe algumas notícias de meus primeiros estudos, e dos que mais me agradam agora, e de como se passou o quero já da maioridade, que não foi decerto pronunciado por mim; pois eu fiz um verdadeiro sacrificio tomando as rédeas do governo 3 anos e antes da idade legal, exprimindo eu, portanto, apenas a opinião de ser necessária desde logo a declaração da minha maioridade para evitar as desordens que se recebavam, e isto depois de ouvir o que diziam as pessoas, que me cercavam, uma das quais julgo que era o Sapucaí.

23 de agosto de 1862 – No despacho o Olinda apresentou a proposta do arcebispo da Bahia para a paróquia de S. Gonçalo dos Campos; em 1º lugar o padre Tito Lívio dos Santos, em 2º José Cupertino de tal e em 3º o que serve de encomendado Galdino de tal. Foi escolhido o 3º porque o Sinimbu disse que o 1º se embriaga como confessa o próprio cunhado, o 2º apesar de talentoso entrou um dia pela Feira de Sta. Ana com uma mulher de má vida na garupa do cavalo e tido por devasso. O 3º o próprio Sinimbu disse que era irmão de Leonardo José Borges da Feira de Sta. Ana, cunhado do deputado Pinto Lima ⁴⁵³.

Restitui ao Olinda a consulta sobre a nova eleição municipal da Vila do Socorro em S. Paulo e fui pela anulação proposta pela maioria da seção porque houve ilegalidade na formação da mesa, e eu entendo, que é preciso acostumar o povo a fazer as eleições segundo a lei.

O Abrantes apresentou uma nota ao Web ⁴⁵⁴ reclamando contra a venda judiciária de navios mercantes dos estados confederados, e viu-se que o decreto que regula esta matéria só trata das vendas voluntárias devendo portanto o cônsul recorrer às justiças do país. Disse que declarara a Ravel que não lhe daria mais de 6 contos, e eu referi-lhe que explicara a Ravel que nada tinha mais que pedir-me. Perguntando-lhe eu, se o José Maria do Amaral ia para o Peru, Abrantes pediu-me licença para, no caso do Amaral responder que não segue para o Peru, trazer o decreto pondo-o em disponibilidade. Respondi-lhe que sim ⁴⁵⁵.

Falando a respeito da votação de ontem sobre o diploma de Álvaro Barbalho disse que prescindindo do procedimento que houvesse para com Sá e Albuquerque julgava pelo que sabia que a votação fora justa. O Sinimbu replicou que o voto do eleitor, que se suspeita ausente, contado no Colégio da Escada vicia todo este. Eu respondi que tal não tem sido o procedimento da Câmara em outras eleições, e que se pudesse a Câmara nas nossas circunstâncias decidir em tais casos com a mais rigorosa justiça deveria ter não só anulado o Colégio da Escada, como mandado proceder a nova em todo o

distrito pois os votos da Escada influíram sobre o individuo eleito. Sinimbu retorquiu que a pena dos eleitores que tinham consentido deveria ser a perda só para eles dos votos que dera; ao que opus que a pena deve ser a imposta aos que a infringem, segundo o modo que ela prescreveu.

Depois falamos ao Sinimbu e Albuquerque sobre a necessidade de justiça e contrariamente à opinião deste, sustentei que a justiça deve ser a norma dos verdadeiros partidos sem os quais não pode existir realmente o sistema de governo que temos. Apresentando Polidoro diversos pedidos de reforma, eu lembrei a necessidade de tornar exequível sem prejuízo do serviço público a lei que marca condição precisa para a reforma. O Lamare trouxe uma consulta da seção sobre a reclamação do Melchior, cônsul nosso no Estado Oriental, de mais de 1% de comissão por uma venda que fez de carvão da Armada Nacional ⁴⁵⁶. O Conselho Naval e seção foram favoráveis; mas eu fiz examinar o regulamento consultar e mostrei que os 2% são unicamente de vendas requeridas e portanto de particulares, inteligência que o Olinda que referendou o regulamento declarou ser a verdadeira; contudo disse ao Lamare que examinasse ainda a questão com os colégios. Restitui o processo feito por motivo de aparecimento da suposta filha de Antônio Albuquerque Maranhão, e mostrei que há razão para hesitar tendo aliás o chefe de polícia procedido quase sem fundamento pois não há senão mera conjectura de tentativa de assassinato. O depoimento de Lucas Rangel, advogado da Paraíba, e homem de conceito, que fora por espírito de compaixão, visitar a suposta filha, tendo-lhe esta referido com exatidão o que se passara com ele por ocasião dum inventário que ele fora fazer no engenho de Albuquerque Maranhão, causou-me grande impressão, depondo Rangel que acredita ser essa mulher a filha de Maranhão, apesar de não a ter reconhecido pelas feições. Lembrei que caminha o contrato da publicação das discussões do Senado cuja autorização à mesa se trata agora, com a folha oficial.

24 de agosto de 1862 – O Cunha Figueiredo perguntou-se devia ir outra vez para Minas. Respondi-lhe que se entendesse com os ministros e mostrando ele desejar *[sic]* saber qual minha opinião sobre as acusações que se lhe tem feito disse que algumas nomeações talvez mal feitas se deviam antes atribuir a quem informou e que por minha opinião nada embaraçava que ele voltasse. Acrescentou que desejava saber claramente qual o pensamento do governo para segui-lo com toda a lealdade ou pedir sua demissão; o que aprovei muito ⁴⁵⁷.

Veio cá também o Camaragibe ⁴⁵⁸ trazer os Anais da Câmara e conversando eu sobre os trabalhos desta queixei-me de que nem ao menos se desse parecer sobre a proposta da reforma judiciária, e respondendo ele que o ministro não mostrava empenho contrariei esta asserção pelo que eu tenho ouvido a Cansanção.

Também falei sobre o projeto de lei regulando a qualificação eleitoral, e perguntando-me ele como se poderia obter mais trabalho da Câmara respondi que trabalhasse como outros faziam 8 e mais horas por dia, de manhã e à tarde, ainda que a verdadeira reforma seria a do modo porque fazem as eleições entre nós, o que só se conseguirá por meio da adequada reforma do processo eleitoral e, sobretudo, do procedimento dos que estão à testa dos partidos, porque nobreza obriga como diz o rifão. A estes diretores dos partidos pode-se aplicar o que Fr. Bartolomeu dos Mártires dizia dos cardeais.

25 de agosto de 1862 – Tornou o bispo de Goiás que não acha dinheiro para ir com sua caravana para a sua diocese. Disse-lhe que no seu caso já estaria em Goiás; que ele não devia se demorar, e que procurasse o ministro da Fazenda que talvez pudesse facilitar um empréstimo do Banco do Brasil, e o deputado e senador de Goiás que deviam ter interesse que a diocese não ficasse privada por mais tempo da presença de seu bispo ⁴⁵⁹.

Esteve cá o ex-presidente de Goiás José Pereira de Alencastro. Trouxe-me o seu último relatório. Pedi-lhe diversas informações e ele disse-me que cumpria muito prover as comarcas de juizes de direito efetivos, sobretudo a da Boa vista, que pelo sertão de Amaro Leite se pode abrir uma estrada muito mais curta entre Santa Maria do Araguaia e São Pedro de Alcântara do Tocantins, que a navegação deste já é feita por 60 barcas grandes, e que muito convém promover a do Parnaíba e do Corumbá. Expôs os inconvenientes de serem os presídios militares compostos de praças tiradas de corpos arregimentados, e dirigidos por paisanos. Deu-me excelentes informações do missionário Fr. Francisco de S. Vito, que foi o fundador da Boa Vista.

O marquês de Olinda veio falar-me sobre negócios políticos. Queixou-se da votação a favor do Álvaro Barbalho que apresentavam como choque ao ministério, mostrando Camaragibe que a pretensão de Álvaro era apreciada pelo Albuquerque. Observou que Camaragibe não pode ser para o ano presidente sem desar ⁴⁶⁰ para o ministério, e que receando

nesse caso ser preciso a dissolução da Câmara cumpria cuidar de prover as províncias de presidentes que fossem fiéis intérpretes da política do ministério, convindo por isso mudar os da Bahia e de S. Paulo ⁴⁶¹, pois o primeiro revelava comunicações confidenciais do governo, e o segundo tinha, segundo dizia o chefe de polícia do Rio Grande do Sul ⁴⁶², escrito para lá que lhe impunham a candidatura na vaga deixada pelo barão de Porto-Alegre. Também me falou dos embarços que lhe poderia por o Albuquerque por causa do Camaragibe, e perguntou-me que pensava eu a respeito da substituição do Maranguape que ele julga não poderá ainda tornar-se apto para o trabalho do ministério, ao menos sem risco de novo ataque. Respondi que, embora sentisse que Sá e Albuquerque não fosse reeleito, à vista do que me consta por ora eu teria votado pelo Álvaro, e acrescentei o que já disse no último despacho; que a respeito do Camaragibe o ministério obrasse como entendesse crendo eu que o Albuquerque consentirá nisso se lhe alegarem os motivos que há para tal procedimento, que até o livra a ele de acusações injustas, só por causa de ser irmão de Camaragibe, e que relativamente aos presidentes o mais importante era a escolha dos substitutos, devendo-se também examinar a veracidade do que se dizia dos dois presidentes, dizendo então Olinda, que pretendia propor conservadores moderados; porque reconhecia a grande força desse partido, e não queria que se explicassem as mudanças pelo desejo de dar vitória aos liberais, de que aliás não duvidaria aproveitar alguns; convenientemente o que aprovei. Sobre a substituição do Maranguape lembrei-lhe o que sucedera com Jerônimo Francisco Coelho, e aconselhei que fossem como até agora até quando pudessem, deixando a ele Olinda e ao próprio Maranguape o reconhecimento da necessidade do pedido de demissão deste último. O Olinda disse-me que ia responder aos ex-diretores do teatro lírico que não tinha lugar a sua pretensão das loterias, e acrescentou que eles tinham entendido mal o aviso que ele expedira no seu passado ministério; pois que não prometera as loterias senão caso elas pudessem ser extraídas. Também disse que ia responder de modo a não aprovar a criação da nova freguesia de Mata-Porcos.

26 de agosto de 1862 – Nada de importante.

27 de agosto de 1862 – No despacho, a que não assistiu o Olinda por incomodado, lembrei que convinha responder ao artigo do Diário do Rio de 25 sobre os quadros de Lanciani; e disse que só me constava que o Almeida Pereira ⁴⁶³ de acordo com seus colegas tinham convindo em comprar os quadros se fossem bons, por prestações anuais, e que Sousa Ramos nenhum vestígio achara disso na secretaria e que não se havia oficiado ao nosso encarregado de negócios em Roma para atestar o merecimento dos quadros. O Polidoro disse que em conferência tinham duvidado do valor do atestado da Academia de S. Lucas em relação da originalidade dos quadros e eu acrescentei o que me constava e que era preciso cautela com o Lanciani; pois que já tinha vendido quadros como originais não o sendo, e um indivíduo que lhe emprestara dinheiro para trazer agora os quadros se queixa em carta que eu vi de ele lhe ter dito haver contato, que não existe, para a compra dos quadros. O Abrantes ficou de falar ao Olinda para mandar explicar pela imprensa o que há com o Lanciani.

Abrantes mostrou o ajuste com o Ravel por 6 contos desistindo ele de qualquer ulterior reclamação. Disse que não era 1 conto (frete) mas 2 que se tinham dado ao Itamaracá ⁴⁶⁴ para as festas do casamento de D. Pedro 5º, e que lhe mandara abonar esta gratificação, não as dando aos outros da legação, que também as tiveram na mesma ocasião; porque não têm que fazer despesas extraordinárias como o ministro.

Restitui o projeto de reforma do regulamento do selo com diversas observações sendo as principais sobre algumas disposições relativas – ao selo proporcional dos contratos de sociedade de comércio e de locação a prazo certo ou incerto, que considera contrato de arrendamento, por excederem à autorização dada ao governo – e fixe sobre os requerimentos e documentos que os instruem que entendo dever ser aliviados do selo, incomodando-me sempre que o vejo em petições que me dirigem.

O Albuquerque disse que tem tido muitos oferecimentos de dinheiro e de saques não sendo exato o anúncio que se fez de saques de 700 contos tomado pelo Tesouro. O novo banco inglês oferece dinheiro a 7 ½ e o Albuquerque pretende pagar as letras do Banco do Brasil. Tupper continua a procurá-lo; mas ele parece prevenido.

Com o Sinimbu tratei da nova proposta de Ferreira Lajes [*sic*] que só pede 2.500 contos em apólices ao par; mas ficando a estrada para a companhia obrigada à conservação para o que de acordo com o governo poderá elevar as taxas das barreiras ao dobro, o que eu e os ministros achamos inaceitável devendo manter-se o aditivo à lei do orçamento já aprovado pelo governo, e da Companhia Anil cujos papéis manda o Campos Melo ⁴⁶⁵, parecendo-me que a Companhia calculou com

uma renda baseada na inteligência do exclusivo do comércio da água diferente da que deu o presidente, ainda que fundado na Constituição e plausivelmente à vista do artigo do contrato. Quanto à garantia de juros dá-se a mesma questão que com as estradas de ferro creio que do Recife, e eu acho baseada na letra da lei da lei a inteligência abraçada pelo presidente, que tendo de resistir a interesses pecuniários deve sofrer crua guerra.

Disse ao Polidoro o que ouvi ao ex-presidente de Goiás ⁴⁶⁶ sobre os inconvenientes da organização dos presídios militares. O Polidoro disse-me que falando ao Frederico Carneiro de Campos ⁴⁶⁷ para ir inspecionar o presidio de Fernando iria consultar o Beaurepaire, tendo-me novamente pedido explicações sobre observações que eu fizera a respeito dos apontamentos para melhor organização desse presidio. O Sinimbu disse-me que o Pareto tinha obtido licença para residir no Brasil por aviso de 24 de fevereiro deste ano, e acrescentando eu que examinaria se tinha tratado de tal negócio em despacho perguntou-me se tinha registro do que se passava em despacho respondendo eu que não pois que este trabalho não é um registro.

O Gaioso ex-presidente do Piauí procurou-me hoje e indagando eu do que se passara entre ele e o chefe de polícia ⁴⁶⁸, confessou depois de eu ter instado porque me respondesse sobre esse ponto que chegara a janela; mas para chamar alguém que levasse ao chefe de polícia ordem de lhe vir falar a serviço. Queixou-se do gênio do Dr. Severino parecendo não ter também gênio muito moderado, e disse-me que o Severino mandava prender por não lhe tirarem o chapéu, e que até um seu amigo chamado à sua presença por causa duma queixa começara por chamá-lo ladrão. A disputa entre Gaioso e Severino teve lugar por querer este que o presidente demitisse um delegado com a declaração de o fazer a bem do serviço, só porque dizia que o delegado o desacatara, embora o presidente, apesar de reputar o delegado como muito bom empregado, tivesse anuído a demiti-lo mas sem nenhuma declaração de motivo. Ambos não são moderados; porém o Severino creio que não pode servir bem o lugar de chefe de polícia.

O Cruz diretor da Casa de Correção veio queixar-se da insubordinação dos menores artesãos que julga não foram castigados devidamente e parece recear falta de confiança da parte do ministro.

28 de agosto de 1862 – Nada de importante.

29 de agosto de 1862 – Idem.

30 de agosto de 1862 – O Olinda trouxe o projeto da resposta ao nosso encarregado em Roma ⁴⁶⁹ sobre os capuchinhos. Insisti sobre que devia ficar bem claro que o governo tinha direito de fazer sair do Brasil um missionário desde que assim exigisse a ordem pública ainda que ele não fosse suspeito de ter tentado contra ela, e recomendei que mandasse ao Figueiredo a resposta já redigida que ele devia entregar ao Antonelli ⁴⁷⁰.

O Abrantes apresentou um cálculo da despesa que se pode fazer com a litografia do Rensburg ⁴⁷¹ do mapa da fronteira com a Guiana Inglesa organizado pelo Duarte ⁴⁷², o qual prova o mau estado do arquivo militar chamando eu a atenção do ministro sobre esta repartição de que cumpria exigir um cálculo da despesa sobre dita litografia, a fim de decidir melhor onde convém fazê-la. O Abrantes propôs a impressão na Europa, da obra de D. Pascoal ⁴⁷³ sobre as repúblicas do Prata, dando cada ministério 600 mil réis pelos eventuais. Observei que semelhante despesa devia ser adiada e que se apenas me conformava com ela era por ser negócio de pouca importância para que devesse fazer prevalecer minha opinião contra a do ministério.

O Sinimbu disse-me que o juiz municipal novamente despachado para Pirai não encontrava casa para morar; pois que desejavam assim embarçar a ação da justiça por causa dum inventário.

O Ferreira Laje ⁴⁷⁴ propôs nova emenda que parecesse ainda menos favorável que a 1ª ao aditivo; pois que obrigava o governo a dar à companhia o excesso do valor da estrada além do do empréstimo, ficando para aquela o tráfico. Falei sobre a votação da Câmara sobre o diploma do Álvaro dizendo que me inclinava a pensar que o Ageu não votou no colégio; mas que devendo ser anulado o colégio da Escada e influenciando os votos deste no indivíduo votado, entendia que a medida justa era nova eleição em todo o distrito.

A respeito do Pareto disse que me parecia ter-se tratado tal negócio em conselho, segundo minha lembrança que não *[está]* aliás muito certa sobre tal fato.

Disse o que pensava relativamente ao gênio do Dr. Severino pouco próprio para chefe de polícia.

31 de agosto de 1862 – Veio visitar-me Sinimbu com a família. Falei-lhe sobre mudanças de presidentes. Disse-lhe que não opunha à medida; porém que me parecia que era cedo; pois que no caso de deverem presidir para o ano a eleição já não gozariam do conceito de inteira imparcialidade pois que haviam de já ter praticado atos mais favoráveis a um lado que ao outro. Observando eu que seria político que os presidentes mudados o fossem a pedido seu, disse-me que o Antão ⁴⁷⁵ o autorizara por certo a isso como o Jacinto de Mendonça, cuja demissão mostrou Sinimbu ser-lhe penosa.

Conversamos sobre política, e manifestei novamente meu pensamento a respeito do atual ministério que teve por fim preparar a melhor solução da crise, que será por fim um apelo à nação feito com toda a liberdade para ela, acrescentando eu que não era de nenhum partido nem isso me convinha; porque só assim todos poderiam ser meus. Também lhe referi o que se passara entre mim e o Olinda a respeito do Maranguape, parecendo-me estar o Sinimbu nas mesmas idéias que eu.

1 de setembro de 1862– Fui ao Instituto Agrícola. Consta da ata o que se fez. Há um orçamento para edifícios que já monta em 21 contos! Por ora prepara-se o terreno, que será obra talvez para mais de 2 meses, a fim de demarcá-lo e lavrar-se a escritura de doação. Trabalham 16 pessoas, tendo se ajustado mais 4. Não se achou empreiteiro.

A sessão da Sociedade Auxiliadora ⁴⁷⁶ esteve interessante sendo mais uma prova do cuidado que deve presidir à concessão de privilégios à indústria. Creio que o Pedro de Alcântara Lisboa foi novamente embaído pelo Rantenfels embora defendesse a identidade que não existe evidentemente entre a invenção do Harrison e a de Carê.

2 de setembro de 1862 – O Olinda veio falar-me a respeito dos presidentes. Fiz-lhe as mesmas considerações que ao Sinimbu acrescentando que haviam de reparar em que apenas se esperou o encerramento das Câmaras para fazer as mudanças. Propôs o Vicente Pires da Mota para S. Paulo, o Sá e Albuquerque para a Bahia, assim como o José Vieira do Couto Magalhães para a Paraíba, cujo presidente me disse que a nenhum dos lados agradava ou para o Amazonas cujo presidente pede demissão. Também indicou o nome do Marcelino Nunes Gonçalves, e o do José Caetano de Andrade Pinto. Apenas fiz algumas reflexões sobre a inconveniência de mandar Pires da Mota para S. Paulo, por causa de sua vida particular e relações com outros padres de maus costumes, embora o Olinda replicasse que desaparecera a causa do escândalo e a vantagem de não saírem os presidentes das Câmaras a fim de poderem ter permanência no cargo. Lembrei o Pires da Mota para a Bahia e o Sá e Albuquerque para S. Paulo ⁴⁷⁷. O Olinda observou que convinha à política tirar algum presidente da Câmara para atender a certas aspirações, e disse que o Cunha Figueiredo por fraco não deveria continuar, podendo ser transferido para Sta. Catarina, e o Belo tendo se mostrado em oposição na Câmara a medias que o ministério promovia não ficava bem ao governo conservá-lo ⁴⁷⁸. Eu respondi que não me parecia que o Cunha Figueiredo merecesse por seus atos ser retirado de Minas, confessando o próprio Olinda que ele se defendera na Câmara das acusações que lhe fizeram; mas referindo que perguntando-lhe ele porque não propunha para comandante superior um recomendado de Melchior ⁴⁷⁹, deputado respondera que, apesar de reconhecer essa pessoa como a mais digna da proposta, não o fazia; porque não se queria indispor com Luís Carlos e Cruz Machado ⁴⁸⁰, não carecendo o governo da proposta para fazer a nomeação. Com efeito isto denota fraqueza de caráter; mas se Cunha Figueiredo não tem procedido mal; porque não o faz o governo a nomeação e quer dividir as queixas de Luís Carlos e Cruz Machado com o presidente? Creio que seria mais prudente guardar estas mudanças para mais tarde, e o Olinda e Sinimbu, reconhecendo a justeza de minhas razões alegam somente em contrário que é necessário não desanimar aqueles em cujo apoio confiam, cumprindo além disto que o ministério dê sinal de vida.

3 de setembro de 1862 – Voltou Olinda para falar de novo sobre os presidentes. Lembrei a nomeação do Pires da Mota para Minas, e do José Caetano para Sta. Catarina caso não queira ir para lá o Cunha Figueiredo. Houve despacho. Restitui ao Abrantes os apontamentos relativos às reclamações americanas sobre os navios Edna, Nebo e Carolina. Concorde inteiramente com o que se tem feito cumprindo tratar já das compensações pecuniárias eqüitativas prometidas, e notando a linguagem de Mr. Web, ministro americano, e o procedimento do inspetor da alfândega do Rio Grande, que deu lugar à reclamação a respeito do Edna. O Albuquerque deu notícia da quebra da Casa Rosthon e que o Tesouro tinha perdido 30 mil

libras sacadas da Bahia e outros lugares que existia agora uma falta de 59 mil libras em Londres até dezembro. Continua a falar dos oferecimentos de dinheiro e tomou-o por intermédio de Tupper a quem mandou dar em lugar de 600\$000 a que se julgava com direito pela corretagem de 700 e tantos contos, 400\$000.

Falou-me da Gazeta Oficial, que parece quer dirigir o Olinda como presidente do Conselho, com que o Albuquerque se incomodou dizendo que na Tipografia Nacional mandava o ministro da Fazenda. Recomendei a nomeação dum diretor da Gazeta, e disse que lembraria a urgência dessa medida ao Olinda, que já se tinha retirado do despacho; porque, segundo disse, ia cuidar da impressão da fala para amanhã. O Sinimbu tratou do provimento do lugar de escrivão de ausentes da capital da Bahia que penso recair justamente no que já serve ainda que o Sinimbu mostrasse propô-lo principalmente por ser recomendado do Fernandes da Cunha deputado ⁴⁸¹, e do tabelião de Sto. Amaro propondo para ele, Egas José Guedes, seu conhecido da Bahia e mesmo nomeado por ele para um lugar de polícia, ainda que pareça dever ser preferido pelos serviços já prestados o ex-juiz municipal de Propriá, Francisco Manuel Xavier de Meneses. Ficou de examinar porque não continuou esse juiz na carreira da magistratura apesar de já ter 3 quatriênios.

4 de setembro de 1862 – O Olinda disse-me que traria decretos nomeando Vicente Pires da Mota para Minas, e Sá e Albuquerque para S. Paulo. Lembrou o deputado Pádua Fleury ⁴⁸² para alguma presidência e eu fiz a reflexão geral sobre membros do Corpo Legislativo para presidentes, e o Olinda replicou do modo porque já o fizera. Sinimbu mostrou-me uma nota da secretaria sobre o Xavier de Meneses do qual consta que era mandrião. As informações eram de 1857 e o Sinimbu ficou de examinar mais modernas.

5 de setembro de 1862 – Fui à Casa de Correção ver a repartição dos menores artesãos. As oficinas trabalham pouco, e a de encadernação que chegou a render 17 contos por ano carece agora das máquinas mais precisas, tendo devido a sua prosperidade ao preso Didiot. A casa dos africanos está a cair. Na lavanderia um empregado que cuida da padaria fez-me graves queixas e em tom muito exaltado da direção. Consistindo as principais acusações em castigos corporais aos artesãos, e no consentimento em morar um empregado com sua amásia dentro do estabelecimento. Fui logo à enfermaria onde ele disse que estava um menor que levava com palmatória nas costas por ordem do padre que dirige os menores procurando atribuir a doença às pancadas; mas o menino marasmático disse que levava uma palmatoada nas costas muito antes de entrar para a enfermaria e o Dr. Vale ⁴⁸³ disse que já se opusera à admissão do menor por causa de sua constituição física. Ouvi a todos os menores – 11 – presos desde que fugiram para queixar-se do padre, que é português, e contra este por mandar castigar de palmatória e correia é que se queixam. Interroguei-os sobre 4 dúzias de palmatoadas que o padre mandara dar num menor que está agora fugido, e todos confirmaram, dizendo todavia um que as mãos do palmatoado não ficaram inchadas. Verifiquei que na oficina de canteiros têm levado de correia, apesar do diretor dizer que proibira semelhante castigo desde sua entrada para o estabelecimento. O Dr. Vale disse que há tempos vira sinais de correadas nas costas dum artesão, apesar dele mostrar-se receoso de ofender qualquer dos partidos que existem na Casa de Correção, do ex-diretor e do atual ⁴⁸⁴. Parece que lavra muita insubordinação e é necessário tomar providências com urgência. O Cruz mostrou uma carta anunciando plano de insurreição. Vi uma modificação vantajosa feita na bomba para incêndios a fim de poder receber água de qualquer depósito pelo Eliot. O dormitório do calabouço tem pouca luz e ar.

6 de setembro de 1862 – Pouco houve no despacho, por não terem tido os ministros conferência. Tratei dos negócios da Casa de Correção e o Polidoro lembrou o major Thompson ⁴⁸⁵ para diretor ficando o Sinimbu de pensar em tal proposta que me parece boa.

O Sinimbu disse que o encarregado da padaria fora demitido pelo Cruz – estava em suas atribuições – e que respondera às suas queixas que não devia esperar outro procedimento da parte do diretor depois do que ele teve. O Sinimbu parece inclinado ao Falcão ⁴⁸⁶; mas eu creio que este não foi muito escrupuloso em despesas, e assim tendo dito ao Sinimbu que me referiu haver autorizado o Cruz a propor-lhe o que julgasse a bem da direção do estabelecimento.

O Olinda trouxe o decreto de demissão do Filgueiras presidente de Goiás e nomeação de José Vieira Couto de Magalhães para substituí-lo. O Olinda já me tinha proposto quando conferenciou comigo duma das vezes passadas a demissão do Filgueiras por seu procedimento particular e público para com a assembléia provincial. Propusera também a demissão de

Santa Cruz 1º vice-presidente e promoção do presidente da assembléia a esse lugar na lista dos vice-presidentes; mas eu lembrei de preferência o Dr. João Bonifácio, juiz de direito, por ter o presidente da assembléia provincial tomado a principal parte na questão com o Filgueiras.

O Sinimbu disse que é verdadeira a acusação da moradia do empregado com a amásia, dentro da Casa de Correção.

7 de setembro de 1862 – Sinimbu disse-me no teatro que o Tolentino lhe falara no mesmo sentido que a mim e ele como comigo lhe aconselhara que não interpusesse recurso para não me pôr em embarços, e que se ele o fizesse ainda procuraria evitar-me essa colisão. Eu referi tudo o que passara com Tolentino e disse que se perdoasse a Tolentino perdoaria a um réu confesso, e se não ficaria Ferraz sem nenhuma demonstração pública da minha parte por seu procedimento muito repreensível a causa do crime e de Tolentino. Acrescentei que o meio de salvar pontos de honra com injúrias ia se generalizando, e que por isto teria de pensar muito antes de tomar uma decisão interposto o recurso. Sinimbu disse-me que não saberia também como aconselhar-me, que reconhecia o mau procedimento do Ferraz; mas que tinha, como amigo de estudante, fraqueza para seus defeitos, e apontando-lhe eu a acusação de deslealdade disse que reconhecera sua justiça pelo que dissera no senado Caxias. Nada reparei logo sobre o modo porque Sinimbu me evitara o embaraço da decisão, caso seja interposto o recurso; porque o que ele me referiu e fez talvez bem poucos referissem e fizessem.

Admira a frieza com que este ano se festejou este dia atendo o entusiasmo de há poucos anos; mas entre nós tudo é assim felizmente.

Até o Dr. Macedo orador do Instituto ⁴⁸⁷ esqueceu-se segundo parece de participar sua falta, e não houve deputação do Instituto o que logo muito estranhei ao presidente, que não pode arranjar uma deputação e dirigir-me quaisquer palavras de congratulação reunindo os membros do Instituto presentes; porque serviu de mordomo-mor ⁴⁸⁸.

8 de setembro de 1862 - Nada de importante.

9 de setembro de 1862 – Esteve cá o Olinda para dizer-me que o Pires da Mota não irá para Minas por causa do Cruz Machado que lhe movera crua guerra, e propor sua nomeação para S. Paulo, e de Sá e Albuquerque para a Bahia, Marcelino Nunes Gonçalves para Minas, e José Caetano de Andrade para Sta. Catarina ⁴⁸⁹. Eu lembrei as reflexões que já fizera; mas que me conformava com essa distribuição de presidentes, por não desejar pôr estorvos ao ministério.

O Cruz trouxe-me seu pedido de demissão, e referiu-me que o Falcão concedia ao vedor ⁴⁹⁰ uma gratificação de 50 mil réis por mês, 4 africanos para trabalharem em sua casa e roupa lavada queixando-se por isso o vedor que o Cruz o prejudicava visto terem cessado tais favores. O Sinimbu não queria ofender o Cruz com uma demissão atendendo a seu zelo fiscal e a tantos anos de bons serviços como empregado de fazenda, e agora está com as mãos livres para retirá-lo da Casa de Correção onde parece que servirá melhor outro que não se ocupa quase que exclusivamente da parte econômica do Cruz, e trate de fazer uma limpa quase geral de empregados para começar vida nova com todo o justo rigor que reclama tal estabelecimento.

Veio visitar-me Caxias. Disse-me que receavam reação ao que observei que era preciso saber o que chamam reação acrescentando Caxias que o ministério não podia com efeito marchar sem presidentes de inteira confiança. Referiu-me que o Mendonça de S. Paulo pedira demissão por queixas do apoio que o Sinimbu prestou à candidatura do Porto Alegre ⁴⁹¹, e que ele lhe respondera que esta questão não devia sê-lo entre presidente e ministro; mas entre amigos antigos. Falei sobre a situação no sentido de minhas idéias, e disse que receava ser preciso dissolver a Câmara para o ano. Lamentei que ambos os partidos sobretudo o progressista não tendo programa definido brigassem tanto pelo poder, e observando Caxias que a falta de partidos organizados me era favorável repliquei enganar-se muito porque as acusações recaíam assim sobre mim porque geralmente sempre se procura alguém sobre quem descarregar a própria responsabilidade sobretudo quando a falta do juízo é muita. O Caxias pareceu admirar-se de que eu não soubesse mais do que ele sobre o programa, que por ora é tentativa, do partido progressista, e perguntou-me como ia o Maranguape, ao que respondi que melhor e dando ainda esperanças de retomar a pasta, posto que arriscado a novo ataque. Também disse, ao observar Caxias que é pena não terem os ministros menos idade, que não podiam ser taxados de imprudentes, mas haviam de dizê-los iludidos os que não gostassem de seus atos. Caxias contou-me que José Bento deseja uma solução a respeito de sua volta ou não para Minas.

10 de setembro de 1862 – No despacho restitui as provas dos concorrentes, a um lugar de substituto da Faculdade do Recife. Perguntei ao Olinda qual sua opinião. Ele logo me lembrou que praticou há anos Drummond ⁴⁹², dizendo eu que não o escolheria decerto para lente depois do fato de Serinhaém ⁴⁹³, e achando o Barroso menos claro em sua exposição preferiu o Sales. Eu fi-lo confessar que o Barroso tinha mais talento que os outros seguindo-se-lhe Drummond e Barroso será o escolhido. O Olinda não prefere para professores os de mais talento por isso que ainda não tendo prática parecem não saber acomodá-lo à capacidade dos discípulos em geral. Creio que seguindo a norma contrária para escolha acerta-se mais.

Perguntei-lhe se já tinha recebido o último ofício do presidente da Comissão Científica, pelo qual já indagara eu ontem; respondeu que ainda não fora entregue na secretaria nem a ele.

Houve uma discussão importante a respeito das mudanças; porém como amanhã ou depois escreverei a tal respeito ao Olinda pela transcrição da carta evitarei uma repetição.

11 de setembro de 1862– Esteve cá de tarde o Albuquerque. Queixou-se de que não soubera das resoluções a respeito dos presidentes senão ontem no despacho. Disse que lhe referiu alguém, cujo nome não quis me dizer, que ouvira a Cansanção e Abrantes dizer em voz mais alta ao Olinda ⁴⁹⁴ que haviam de reduzir a ele Albuquerque ao expediente. Queixou-se de que nas conferências evitam tratar as questões mais sérias perante ele e que Abrantes o convida sempre a que vá descansar e dormir. Parece que ele julga ao Cansanção como o diretor da política, e disse que o Olinda nunca procedeu com franqueza, tanto que não quisera entender-se com o Camaragibe a respeito da reeleição do Sá e Albuquerque. Eu neguei isso pelo que ouvira ao Olinda, e acrescentei que este nunca me faltou à verdade. Albuquerque perguntou-me o que queria que fizesse, eu respondi que continuasse a assistir às conferências, a que pretendia não assistir mais, que não desconfiasse tanto de seus colegas, deixando de atender à maior parte do que se mexerica. Disse-lhe mais que o procedimento dos novos devia ser muito vigiado e que se reagissem não seria ele porém eu que logo me queixaria de falta de lealdade, que não receava, no procedimento do ministério se não propusesse a demissão dos presidentes reatores. Aconselhei-lhe que escrevesse para Pernambuco que não recebessem logo Silveira e Sousa ⁴⁹⁵ com prevenção, ao que ele atalhou dizendo que já era esta sua intenção quando se correspondesse com seu irmão Camaragibe, em cujo caráter muito confia.

Albuquerque preveniu-me a respeito de Pinto de Campos que faz garbo do modo porque o trato, e eu lhe respondi que me constava ser ele intrigante e que sempre lhe falava com cautela.

12 de setembro de 1862– Escrevi o papel que ficará junto para o Olinda, e que lhe entregarei amanhã, donde se conhece o que de mais importante houve no despacho passado.

13 de setembro de 1862 – O Zacarias trouxe-me o seu folheto a respeito do Poder Moderador ⁴⁹⁶. Tratou-se no despacho da Gazeta Oficial. O Sinimbu disse que o Josino ⁴⁹⁷ se encarregara em maiores vencimentos da direção da Gazeta, e propôs o Antonino de Miranda Falcão para a administração da Gazeta. Eu aprovei muito a escolha do Josino, caso ele pudesse, embora muito onerado de trabalho, desempenhar esta tarefa e quanto ao Antonino opus-me, enquanto, um inquérito de que já tenho falado não o justifique das acusações que sobre ele pesam como administrador da Casa de Correção.

No despacho anterior o Albuquerque tinha se mostrado cioso das atribuições de seu ministério porque o presidente do Conselho de ministro seria o supremo diretor da Gazeta Oficial e iria assim mandar na tipografia. Observei que o presidente do Conselho era o competente e que não haveria nenhum conflito com a Tipografia Nacional. O Albuquerque também naquele despacho revelou o mesmo ciúme porque seus colegas queriam regular por decreto de sua repartição respectiva as concessões atuais de loterias quando a lei fala do Ministério da Fazenda a respeito das novas concessões, sendo omissa no outro ponto. Eu mostrei-lhe à vista da lei que se poderiam seguir as duas inteligências, sendo todavia, os diversos ministros mais competentes para julgar das circunstâncias dos atuais concessionários que entendam com o respectivo ministério, e quando ele cá veio antes de ontem aconselhei-lhe que não insistisse mais nestes dois pontos.

O Albuquerque referiu o que se passou entre ele e o Tolentino por causa do processo, e que precisava dele na Alfândega aconselhando-lhe que pedisse perdão, não devendo ele ter largado a repartição antes da repartição *[sic]*. Lembrou Sinimbu, que contou o que já está escrito neste livro, que sendo Tolentino oficial da Rosa, podia premunir-se de qualquer insulto participando ao juiz quais as suas regalias, e que entendia dever ele cumprir a prisão. Eu referi tudo o que se passara entre mim e Tolentino, e concluí que o ministério procedesse como entendesse estando eu pronto a aceitar como devo qualquer petição de graça que o Tolentino me dirigisse. Expus minha opinião sobre o procedimento de Ferraz culpado do Tolentino. Albuquerque não queria perdão mas comutações em dinheiro da pena do Tolentino. Falou na vantagem da passagem de fundos para Londres por meio de qualquer banco, tendo se entendido com o do Brasil para evitar o protesto das letras como sucedeu com as da Casa Rostron, etc. Sinimbu confirmou a informação sobre o Xavier de Meneses, ex-juiz municipal de Propriá e propôs Egas José Guedes que será o despachado.

Resolveu-se a consulta por meio de decreto a respeito dos estatutos da companhia de navegação do Parnaíba – negócio de anos! – e restituiu ao Lamare para passá-la ao Lamare *[sic]* a exposição do Mariano de Azevedo sobre a estrada entre Itaperuna e Avanhandava. Manifestei dúvidas sobre a preferência da estrada por cima, e importância de alguns vencimentos. Entreguei o papel escrito a 12 ao Olinda.

14 de setembro de 1862 – Nada de importante, além do original do papel junto, o qual recebi do Correio Mercantil. Escrevi ao Olinda dizendo-lhe que seria prudente suspender a publicação oficial das nomeações de presidentes até ver se aparecia o programa, que poderiam ter assinado alguns dos nomeados; porque talvez estes assim se tornassem inaptos para esse cargo.

15 de setembro de 1862 – Veio cá o Olinda. Disse-me que falando no programa a Pais Barreto ⁴⁹⁸ este lhe respondera que nada havia assentado, e que estando as câmaras fechadas julgavam não ser precisa sua publicação. Então lhe li a cópia do programa pedindo-lhe completo segredo; o que ele me prometeu. Falando-lhe no papel que lhe dei no despacho passado ficou de me restituir depois de amanhã, e disse-me que tencionava recomendar verbalmente aos presidentes que estivessem aqui, e escreveria particularmente aos outros no sentido da moderação. Adverti-o relativamente a Pais Barreto que está despeitado, e o Olinda concordou nisso, dizendo contudo, que Silveira e Sousa não se deixará governar. Referiu-me que sabiam do que Albuquerque lhe dissera de áspero numa conferência e que ele fingira não perceber, e observando eu que talvez isto sabido por alguma leviandade do Abrantes, ou por ser preciso falar-lhes alto, respondeu que o Abrantes está agora muito circunspecto no que diz e que a sala das conferências no Ministério da Agricultura, está bem separada durante as conferências da gente da casa, tendo certeza de que fora Albuquerque que o referira. Eu não tinha mais nenhuma reflexão que fazer e ele retirou-se perguntando-me se podia mandar publicar oficialmente as nomeações, e eu não podia deixar de responder que sim. O Olinda estranhou que se soubesse com antecedência das nomeações; mas que admira se a iniciativa não partiu do ministério e sim dos mais ativos progressistas, sobretudo do Pais Barreto que é todo do Olinda! Nada me disse a respeito de não ter sido ouvido o Albuquerque sobre as mudanças, e apenas que o Polidoro lhe fala da mudança dos presidentes do Ceará e da Paraíba, o qual o Olinda julga indispensável mudar ⁴⁹⁹. Disse que as mudanças eram mais de iniciativa dos colegas que sua.

Esqueci dizer que ao tratar Albuquerque no despacho atrasado da Gazeta Oficial disse que o lugar de diretor já tinha pessoa indigitada – o Tavares Bastos ⁵⁰⁰. Eu disse que me oporia à escolha por ter Tavares Bastos ainda pouco juízo prudencial, e Sinimbu replicou que nem se tratara de tal, devendo Tavares Bastos retirar-se brevemente para Vassouras.

16 de setembro de 1862 – Procurou-me o Cruz. Diz que lavra a insubordinação com mais força tendo receado um levante, e por isso pede quanto antes que resolvam o seu pedido de demissão. Disse que o Antonino passara ontem pela Casa de Correção e atirara cobres aos africanos livres. É preciso não demorar as medidas.

17 de setembro de 1862 – Antes do despacho veio o Sá e Albuquerque agradecer a sua nomeação de presidente da Bahia. Disse-lhe que ele sabia bem qual o pensamento político que tinha presidido à organização do atual ministério e que ele devia premunir-se contra suas inclinações naturais; mas que o Olinda lhe explicaria desenvolvidamente a política do

governo, guardando-me para lhe falar sobre as diversas necessidades da província da Bahia quando ele viesse se despedir tendo até então tido tempo de examinar os últimos relatórios da província. Ao Nunes Gonçalves quando veio cá apenas disse que o Olinda lhe explicaria a política do governo, falando-lhe eu talvez das necessidades da província quando viesse despedir-se; não o conheço como o Sá e Albuquerque.

O Olinda apresentou no despacho uma declaração à do José Bento *[sic]* a respeito de seu pedido de demissão. Não punha a questão mais clara e podia provocar talvez José Bento a não aceitar o decreto de demissão como está redigido. Fiz reflexões neste sentido e Olinda ficou de pensar mais. Apresentou uma carta de Almeida Pereira, em que diz que nada prometeu a Lanciani, nem este procurara seu testemunho agora. Eu referi novamente de acordo com Sinimbu o que se tratou em despacho no ministério de Almeida Pereira; mas não sei o que este fez e portanto entendi que não se deviam comprar os quadros.

O Albuquerque apresentou um pedido para permissão a que corram bilhetes duma loteria para o Papa, e julgava o negócio líquido. Mostrei com a lei de 1860 e regulamento para sua execução que só se podem conceder loterias para estabelecimentos pios etc. do Império e creio que a maioria do ministério abraçou a minha opinião. O Olinda insistiu querendo considerar o fim pio da loteria para o Papa como estabelecimento pio e disse que declarara ao Internúncio que não haveria dúvida na permissão. Eu tornei a alegar que era contra a lei e acrescentei que só me conformaria se o parecer do ministério fosse contra o meu.

O ministro da Marinha disse que o exame dos planos de melhoramentos do porto do Recife tinha sido cometido a Mr. Harokschaw presidente dos engenheiros civis da Inglaterra e diretor das obras do porto de Holyhead. Apresentou o projeto de contrato para a construção da nova parte do dique. Fiz algumas reflexões para maior segurança da nação, e no sentido de declararem os peritos do arsenal que não se poderia fazer a porta ao menos por igual preço ao proposto pelo Maylor ⁵⁰¹, adota qualquer dos outros projetos.

O Sinimbu expôs o que havia a respeito do Tolentino cuja pena cessaria desde que se tomasse por termo o perdão já concedido pelo autor, não tencionando Tolentino dar nenhum passo para evitar esse desenlace da questão. Propôs João Caetano Lisboa para uma comarca do Maranhão, e eu opus-me como ato que irei desfazer o da remoção exigida não só por conveniência do serviço como também para sinal de desagrado do governo desidia desse magistrado. Também propôs João Paulo de Andrade para Goiana, e igualmente me opus por quase certeza de que ele iria ser juiz político, devendo haver, como disse todo o cuidado nas nomeações para Pernambuco.

18 de setembro de 1862 - Nada de importante.

19 de setembro de 1862 – Escrevi a carta ao marquês de Olinda. Fui visitar o Tesouro. A repartição está mal acomodada, havendo até papéis por baixo da mesa do sub-diretor da tomada de contas Arnisaut ⁵⁰². Informei do estado das contas de exercícios findos e o José Maria Chaves ⁵⁰³ disse-me que o que é relativo a militares e viúvas destes está quase em dia. O cartório está mal colocado no 1º andar, e há muitos documentos de valor meramente histórico pretendo falar sobre isto ao ministro. Também há muitos papéis das loterias que talvez devam ser queimados.

O Sampaio Viana ⁵⁰⁴ disse-me que estão tomando as contas da Casa de Correção e que já acharam um pedido que glosam de 30 gravatas de seda para os africanos. Queixou-se da falta de empregados para tomada de contas que anda em muito atraso; contudo o Tesouro parece um quartel, e o Soares disse-me que a sua seção tinha gente de sobra. Percorri a Casa da Moeda onde examinei um tiroir para uma máquina de vapor que na verdade depõe contra a proficiência do Prevot. O Braconnot ⁵⁰⁵ que trabalhava na planta para assentamento de máquinas na nova Casa da Moeda disse que estaria pronta no princípio do futuro mês, e as máquinas poderiam ficar assentes dentro de 3 a 4 meses. Fui à estamperia e notei que houvesse guardado papel de selo no valor de 5 mil contos; talvez para mais de 2 anos. O administrador pede mais duas máquinas como uma que já existe para os selos. A casa é muito acanhada. Do Tesouro fui ao Quartel de Artilheria. Muito mau, e algumas companhias sujíssimas. As camas ainda têm tábuas e a roupa delas em muito mau estado. O rancho bom, menos o café em grão. A fazenda dos capotes e calças de pano de brim ruim. É preciso mudar o quartel donde está.

Vim de lá para o Correio e Caixa de Amortização ⁵⁰⁶. Esta também está mal colocada porque trabalhando o Correio à noite há risco de incêndio, e se lava parte do assoalho vai molhar fardos na Alfândega. O serviço é muito bem feito. Notei que

se guardassem os pedidos de transferência, e talões das notas fora da circulação sem necessidade, e que haja tantas notas acumuladas, 6 mil e tantos contos assinados e 12 por assinar. Nem todas as notas estão guardadas na casa forte de abóboda. No Correio notei o acanhamento do lugar da distribuição das cartas. Os empregados são poucos para o serviço em certas ocasiões, e mal pagos. Esqueci-me dizer que achei poucas pessoas – 8, não contando com o Lüster – na aula de gravura ⁵⁰⁷. Havia uns dois, cujos trabalhos em cera pareceram-me bem feitos.

Saindo da Caixa de Amortização visitei a Praça do Comércio. Estiveram comigo os engenheiros encarregados da exploração do rio Paraíba entre Campo Belo e ponte do Ipiranga. Trouxeram-me parte dos planos, e um resumo do relatório. A navegação por vapor é que dará frete mais baixo amortizando-se a despesa de 1.500 contos em pouco tempo, a navegação à sirga demanda uma despesa para torná-la possível de 600 contos. Hei de entregar amanhã o resumo do relatório ao Sinimbu recomendando-lhe este projeto como de muita utilidade para as províncias do Rio e de S. Paulo e para a estrada de ferro de D. Pedro 2°.

20 de setembro de 1862 – No despacho tratou-se do assunto da carta que escrevi ao Olinda. O ministério assentou por ora tencionando mandar instruções pelo próximo pacote inglês em anuir aos pedidos do conde d'Áquila dando o dote segundo o padrão monetário de 4\$000 a 8ª de ouro, e o que se suponha poderem ter rendido as terras dos nos 3, 4 e 5 do artigo 7º do contrato de casamento desde a época em que elas haveriam de ser entregues depois de medidas, o que talvez não excedesse de 100 contos, que se pediriam ao Corpo Legislativo. Concordei inteiramente com o ministério, que entende que as apólices devem ficar depositadas como hipoteca, em lugar do morgado, no Tesouro da Caixa de Amortização, e fiquei simplesmente de responder a meu cunhado que o que lhe poderia escrever saberá pelo Marques Lisboa ⁵⁰⁸, a quem o governo mandará instruções de acordo com o contrato matrimonial.

O Sinimbu falou da Gazeta Oficial. Observei que seria mais português Diário Oficial; mas que não fazia questão disto. Concordeu-se que o formato fosse o que apesar de menor que o outro todavia exigiria menor despesa diária que montará no ano a 42 contos. Os ajudantes de Josino será *[sic]* o Joaquim Bento da secretaria da Guerra ⁵⁰⁹, e outro em lugar do João Carlos de Sousa Ferreira da secretaria da Fazenda ⁵¹⁰ que por suas relações com o Mercantil talvez não pudesse sempre proceder como convirá a estes subdiretores da Gazeta Oficial. A Gazeta deve só explicar e defender os atos do governo. Admitirá correspondências assinadas dos empregados públicos em defesa dos atos de seus cargos e depois de examinadas pelo diretor da Gazeta, e anúncios que tenham simplesmente tal caráter, sem a menor ofensa de qualquer indivíduo.

Propus Ambrósio Leitão da Cunha para chefe de polícia do Pará ⁵¹¹. Observei que embora fizesse o melhor conceito do proposto, contudo, receava que não se conservasse sempre imparcial. Sinimbu insistiu e eu nada mais disse. Entreguei-lhe o resumo do relatório a respeito da navegação do Paraíba. Falei ao Abrantes sobre gratificações dadas por ele, e repeti meu modo de pensar a respeito de semelhantes favores, e o Abrantes disse que Sodré depois que recebeu 800 mil réis por ano de gratificação para extrair jornais estrangeiros e do Brasil, trabalho que já fazia Pascoal ⁵¹², e a secretaria da Justiça começou a falar mal do Taques ⁵¹³. Eu acrescentei que talvez dentro em pouco falasse mal dele, e que eu apesar de ter pena de quem sofre, entendia que só do dinheiro próprio é que se podem dar esmolas. Abrantes reconheceu que eu tinha razão e jurou mais un peu tard, Qu'on ne l'y prendrait plus.

O Lamare trouxe o parecer dos peritos a favor do preço da proposta do Maylor, que admiram se quisesse sujeitar a uma fiscalização além da comum. Restitui ao Sinimbu o projeto de regulamento para os telégrafos aéreos que parece ter sido lembrança dos empregados para o diretor e ajudante terem vencimentos de comissão ativa além de 1 conto e tanto por ano ao 1º, e gratificação proporcional ao 2º. Observei que os vencimentos me pareciam exagerados para o trabalho, e o Sinimbu ficou de examinar melhor o trabalho.

21 de setembro de 1862 – Nada de importante.

22 de setembro de 1862 – Fui à Escola Central e à fortaleza de S. João. É preciso construir um edifício do lado direito do portão, entrando eu *[pelo]* que se fez do esquerdo. Achei tudo em muita ordem. O fardamento dos soldados do batalhão de engenheiros é melhor que o de artilharia. Víveres bons, notando apenas a diferença da farinha para os soldados são e enfermos. Os examinandos eram fracos e o lente Bezerra ⁵¹⁴ quis brilhar na parte da mecânica relativa à balística e assim

mesmo com pouca clareza na exposição. As camas ainda têm tábuas. O ministro da Guerra disse-me que ia substituir as espadas dos fuzis por outras com serra nas costas como convém ao batalhão de engenheiros. S. João está em mísero estado e não sei como ainda se acomoda o batalhão de artilharia que o ministro disse estragara muito o quartel arrancando até portas. Os inválidos passam para o andar térreo da casa destinada aos convalescentes. Não admira que os inválidos não gostem do seu hospício. Há peças que se estão estragando e podem servir para fundição.

23 de setembro de 1862 – Vieram despedir-se Pais Barreto e Sá e Albuquerque. Recomendai a ambos moderação dizendo-lhes como eu considerava a situação. Com o Sá e Albuquerque conversei longamente, e à vista do último relatório do presidente da Bahia falei-lhe dos diversos negócios da Bahia recomendando-lhe justiça como política e economia para empregar as sobras em estradas procurando o auxílio dos fazendeiros, que deveria chamar a si apontando-lhe como muito dignos da atenção os barões de S. Francisco, Paraguaçu, Cajaíba e Rio de Contas. Disse-lhe que é preciso fazer aparecer o Instituto Agrícola ao menos como propagador dos conhecimentos úteis à lavoura. Recomendai o melhoramento da navegação do Paraguaçu de preferência à estrada, nas circunstâncias atuais, devendo cuidar sobretudo das estradas que venham entroncar na de ferro. Falei na remoção da pólvora do Forte do Mar, da tulha do Arsenal de Marinha, e melhor acomodação do Correio; no que cuidei desde que estive na Bahia. Disse-lhe que pedisse aos inimigos do major Antão Branco provas que ao menos o convençam de que ele praticou o atentado de que o acusam. Ouvi-lhe que confiava no comandante das armas, e não julgaria conveniente a ida para lá do Fontes, e que não mudaria empregados sem todo o exame necessário de seu procedimento. Parece ir com excelentes intenções e bem prevenido sobretudo com os amigos imprudentes que não compreendem amizade sem favores, isto é, injustiças. Também chamei sua atenção para melhor aproveitamento do Colégio dos Órfãos de S. Joaquim. Falou-me favoravelmente do diretor dos estudos, Dr. Barbosa ⁵¹⁵, e disse-lhe que é homem de talento, honesto e o mais entendido no ramo da instrução pública, mas amigo de arbítrio como o provara no regulamento expedido pelo Costa Pinto ⁵¹⁶.

24 de setembro de 1862 – O Olinda não veio por doente. O Sinimbu propôs a nomeação do juiz de direito Sebastião Lacerda Cavalcanti para chefe de polícia da Bahia dizendo que o Sá e Albuquerque não queria ver-se obrigado a propor da Bahia a exoneração do chefe atual de polícia ⁵¹⁷. Eu observei que o desejo do Sá e Albuquerque não estava de acordo com o que lhe ouvira ontem, não gostando de que me falem com pouca clareza; mas que anuí à proposta, sendo o nomeado bom magistrado, ainda que não estivesse convencido da necessidade da retirada do atual, embora Sinimbu dissesse que era ele o culpado dos atos dignos da censura do presidente.

Decidiu-se o provimento do lugar de escrivão de defuntos e ausentes da Corte. Eu inclinava-me ao escolhido, como o declarara já; mas que desejava ver se não havia alguém que lhe devesse preferir. O que serve o lugar inteiramente, entrou em transação pecuniária com ex-escrivão Getúlio ⁵¹⁸, o Luz tem péssimas informações do Castrioto de quando foi secretário do Corpo Policial de Niterói, tendo pedido demissão antes que lhe dessem, e outro que alegava serviços militares não os provava devidamente. Portanto anuí de muito bom grado à proposta do genro do Valdetaro feita pelo Sinimbu a quem pedi que se regulasse só pela justiça não desejando ser acusado de patronato que odeio.

Lembrei ao ministro da Guerra, o que me causou reparo na minha visita à Praia Vermelha, a necessidade de cuidar já do estabelecimento da enfermaria para os convalescentes. O Sinimbu propôs para comandante superior da bagagem um fulano Botelho mostrando uma carta do Abaeté, e dizendo que é este o indivíduo que o José Bento não quisera propor. Eu observei que me parecia por publicações que lera que esse Botelho era acusado por atos como suplente do juiz municipal, e que o Abaeté se empenha por causa do cunhados, Ficou de examinar o que consta na secretaria.

O Abrantes disse que o senador Albuquerque ⁵¹⁹ recebera 2 mil e tantos francos sem vir para o Brasil e que tinham resolvido autorizar o Marques Lisboa para lhe dar o que fosse preciso para seu regresso ao Rio; mas de modo a ele não ficar com o dinheiro sem vir. Eu referi-me ao que já dissera em despacho. Tendo restituído ao Abrantes um ofício do novo ministro em Turim ⁵²⁰, pelo qual, fiquei fazendo idéia mais clara do negócio da herança Bianchi, chamei a atenção para diversos artigos a tal respeito no Constitucional, porque não poderia aprovar que se fizesse concessões além do que permite a lei, que só manda aplicar em caso de reciprocidade a legislação do país do pai ao menor nascido no Brasil. Abrantes

respondeu que os artigos eram inspirados pelo Muritiba ⁵²¹ a fim de defender o filho que interveio como juiz no negócio Bianchi, e que o aviso que expedira tinha sido de acordo com a lei, que eu disse carecia de ser inteiramente explicada.

Tratando-se da estrada entre o Itapura e Avanhandava, eu disse, que sem reconhecimento da nova direção em linha reta preferia que se abrisse a estrada na direção da antiga porque se dependeria menos mesmo segundo o cálculo feito por Mariano de Azevedo e o Peixoto que se apresenta como empreiteiro.

Nada de importante.

26 de setembro de 1862 – Nada de importante.

27 de setembro de 1862 – O Olinda não veio por doente ao despacho. Escrevi diversas lembranças para ele entre as quais a da remoção do Matadouro para os terrenos que tem a Câmara para cá dos pontos em que as chuvas interceptam às vezes o trânsito. Falei ao Abrantes a respeito do procedimento do Peru com a companhia de navegação do Amazonas que merece toda a proteção do governo brasileiro ⁵²².

O Abrantes deu parte de que o novo encarregado de negócios em Montevidéu pedira a extradição dum criminoso de terceira potência, fundando-se no tratado que há entre o Brasil e o Estado Oriental. Abrantes lembrou o caso Lefèvre, e disse que o direito da extradição não se podia entender com os súditos de terceira potência. Eu combati esta inteligência à vista da letra do tratado e pensamento dos negociadores, embora, fosse adotado nos tratados modernos o princípio sustentado pelo Abrantes, e disse que já assim pensara no caso Lefèvre. Vai o negócio à seção de Estrangeiros e entretanto oficia-se ao nosso encarregado de negócios que não inste pela extradição.

Levei a consulta sobre os estatutos do novo banco inglês. Disse que não estavam no caso de ser aprovados por faltarem os documentos exigidos pelo decreto de 1860 mas que anuirei ao que entendesse à maioria do ministério. Insisti com Albuquerque a respeito da resolução que se lavrou na parte em que se refere às leis e regulamentos futuros, convencendo-o com a leitura do que os mesmos estatutos dizem relativamente à futura legislação inglesa.

O Beurepaire tornou a ser proposto para Sta. Catarina; mas eu ainda ofereci as mesmas considerações que pareceram justas, tratando-se da escolha do novo comandante de Tabatinga, que é apenas *[uma]* fortaleza, tradicional conforme officia Costa e Azevedo ⁵²³, eu fiz diversas considerações sobre o modo porque os officiais se escusam às comissões, sendo necessário proceder com todo o rigor sem jamais fraquear como o fez Sebastião do Rego Barros ⁵²⁴ na questão do Couto que devia ser forçado a embarcar.

O Sinimbu propôs o Japiáçu para juiz de direito e eu fiquei de examinar o que me constou a respeito dele na Feira de Sant'Ana.

Antes do despacho, eu falei com Sinimbu no sentido porque já tinha escrito sobre a política da atualidade neste livro e ele affiançou-me que a seguiria.

O Abrantes disse que ia encarregar José Maria do Amaral do exame das questões que se prendem à execução da lei sobre os filhos de estrangeiro nascidos no Brasil, e perguntando-lhe se receberia por tal trabalho gratificação respondeu-me que estando Amaral em disponibilidade ativa era obrigado a trabalhar, contudo deu gratificação ao Sodré, que julgo se acha no mesmo caso.

Lembrei a necessidade de cuidar da nomeação da diretoria do Conselho Fiscal do Instituto Agrícola que já findaram seu tempo.

Esteve cá de tarde o Caxias. Falamos sobre política achando-o muito moderado. Eu expendi as minhas idéias já ditas, e ele disse que não se envolvia na política militante porque era soldado e estava sempre livre para servir quando fosse preciso. O Caxias procura-me agora mais vezes, talvez para ouvir-me.

28 de setembro de 1862 – Achei o Dr. Borges ⁵²⁵ com idéias muito moderadas em política, e disse-me que o Paranhos pensa como ele, para o que talvez influa a futura escolha do senador por Mato Grosso, ainda que os antigos chefes conservadores vão se sentindo fracos e reconhecendo a necessidade de serem substituídos e suas idéias modificadas segundo as exigências da época ⁵²⁶.

29 de setembro de 1862 – Li a correspondência do José Bento. Tem razão para queixar-se do modo porque o tratou o Olinda, a que aliás, seria melhor que poupasse certas expressões da sua correspondência.

Fui ao Internato de Pedro 2º. Os alunos brincavam às 8 ½ quando cheguei. As aulas principiaram às 9 e assisti a elas até 1 que foram jantar. Urge fazer as obras projetadas. A cozinha está a desabar e chove-lhe como na rua. Os meninos em geral com as calças de fivela quase caídas e muitos sujos. Algumas das aulas com o assoalho sujo. Os viveres são dos melhores, e apenas notei que se comprasse torrado o café. As camas limpas. A maior parte dos alunos são maus estudantes e é preciso marcar um prazo, além do qual, não possam continuar no internato. Ontem foi despedido um aluno Lima e Silva (não da família do Caxias) por imoral. A fisionomia dos meninos é de saúde. Não tem esgrima e sabre; o que seria muito bom exercício.

Veio cá segunda vez o Luz que pretendia o lugar de escrivão de defuntos e ausentes da Corte. Da primeira vez vendo um atestado favorável do Castrioto não pude deixar de lhe dizer que foi por uma informação do Castrioto inteiramente desfavorável que ele não podia ser despacho *[sic]*. Pensando que fora ao Josino ⁵²⁷ que o Castrioto dera a má informação, pede a este novo atestado e ele declara que nada lhe dissera a Josino, o que não me admirava, lhe disse eu porque foi ao Belo que deu Castrioto a má informação ⁵²⁸. Luz respondeu que o Castrioto só tinha contra ele o não lhe haver pago os aluguéis duma casa, e isto há 20 e tantos anos. Mostrou-se muito aflito por não se poder justificar, e eu rematei a audiência aconselhando-o para que procurasse o Sinimbu tendo o direito de justificar-se e podendo ficar certo de que eu não condeno sem provas, mas que na dúvida dever-se-ia escolher quem não tivesse más informações. Luz disse-me que se empenhara com o Maranguape e família, e que o Sinimbu prometera àquele despachar Luz que atribui o seu malogro ao Josino, ao que repliquei que não fora escolhido o que ele dizia ser afilhado do Josino. O Luz pareceu-me perturbado como quem se acha culpado; mas eu não posso condená-lo sem provas convincentes. O Polidoro em despacho disse que lhe constava que o Marin ⁵²⁹ podia dizer alguma coisa de calotes ou falcatruas do Luz. E quantas intrigas e empenhos por causa dum lugar! O procedimento do Castrioto indignou-me se não tinha coragem para negar atestado favorável ao Luz escusasse-se de qualquer modo.

30 de setembro de 1862 – O Abrantes veio mostrar-me o programa do Diário Oficial. Achei-o bom, e apenas aconselhei um período em que sem necessidade se fala dos epigramas e sarcasmos tolerados em outros periódicos de polémica partidária.

1 de outubro de 1862 – No despacho soube que o Pedro Leitão da Cunha, proposto no despacho passado para presidente do Amazonas, certo que ficaria muito bem preenchido, não aceitara. O presidente atual pediu demissão ⁵³⁰.

O Polidoro deu parte de malversações nas férias do Arsenal de Guerra de Pernambuco, praticadas pelo diretor e ajudante, que vão ser demitidos. Não há base para processo que surta o desejado efeito.

O Albuquerque trouxe o decreto aprovando o banco inglês. Pelo modo por que ele está redigido vê-se que ele entendeu a resolução da consulta de modo a conter esta um verdadeiro pleonasma. Falando-me o Sinimbu na estrada de Itapura, disse o que eu conversei com o Mariano de Azevedo 6ª feira passada, no sentido de se contratar desde já a parte da estrada comum às duas direções, ficando o resto para depois da exploração da direção em linha reta. Lembrei a conveniência da conservação sem aumento do preço proposto pelo Peixoto durante um ano depois da estrada toda feita, ficando bem claro no contrato que na ocasião da aceitação do último lance, toda a estrada esteja como no momento da aceitação dos diversos lances.

À tarde tive sessão da diretoria do Instituto Agrícola. Constará da ata o que houve.

2 de outubro de 1862 – Fui ao concurso da cadeira de História do Colégio de Pedro 2º. Ambos os concorrentes Tomás Alves Nogueira ⁵³¹ e Braga argüiram-se por perguntas destacadas de datas e fatos mostrando o 1º muito mais memória. No fim os examinadores quiseram ouvir os concorrentes cada um sobre um ponto diverso da história e só o 1º é que disse alguma coisa tolerável.

3 de outubro de 1862 – Nada de novo.

4 de outubro de 1862 – Nem o Olinda que ainda está doente, nem o Abrantes cuja mulher está com risco de vida, assistiram ao despacho. O que houve de mais importante foram as propostas para lugares de juizes de direito.

Opus-me ao despacho de João Caetano Lisboa para a capital do Pará por não merecer o acesso; mas o Sinimbu insistiu e eu conformei-me.

Opus-me a que o Buarque juiz municipal de Alagoas fosse despachado juiz de direito para Pernambuco, por causa do seu procedimento, que me constou em Sto. Antão onde ele serviu de juiz municipal quando eu lá estive, por ter sido durante a revolução de 1848 desleal com ambos os partidos. O Sinimbu apresentou os seguintes nomes para escolher um juiz de direito de Porto Calvo – Caetano José de Andrade Pinto, Belarmino ⁵³² que foi juiz municipal de Valença e Soares de Gouveia promotor do Rio Bonito ⁵³³. Escolhi o 3º porque o primeiro tem tendências para os Mendonças e o 2º para o lado oposto. O Sinimbu propôs a remoção do Mendonça para a comarca da Vitória no Espírito Santo, e eu disse que bastava removê-lo para outra comarca das Alagoas, que ficará vaga com a remoção do Casado de Araújo Lima que pende de consulta do Conselho de Estado. Sinimbu mostrou-se muito contrariado dizendo que assim iria Mendonça para a comarca onde residem os parentes dele Sinimbu; ao que repliquei anuiria eu à remoção para fora da província se ele abusasse do seu cargo na comarca para que fosse removido agora. Disse que a respeito do Casado de Araújo Lima nada diria mesmo que fosse removido para Mato Grosso, por causa do mau conceito de venal que goza, acrescentando Sinimbu que fazia justiça à honradez e seriedade do Mendonça muito diferente do irmão Jacinto, que aliás, disse eu ser simpático em seu trato ⁵³⁴. O Sinimbu diz que pretende remover o Araújo Lima para a vara de Porto Alegre para onde ele não irá atento a seus negócios nas Alagoas. Lembrei a Sinimbu as acusações feitas ao subdelegado Dr. Sousa, e o processo de contrabando do Massé para que não continuem a dizer que até de perseguir o crime se esquece com o tempo nossa desídia e bondade mal entendida, como a que me comunicou o Polidoro ter sido a do Belegarde ⁵³⁵ que só particularmente, embora se exigisse informação oficial, que nada adiantou, referiu que um oficial da comissão de limites com o Estado Oriental devia despir a farda por suas malversações!

O Albuquerque trouxe um decreto de confirmação de loterias e disse que o Olinda entendia que não era necessária confirmação, talvez pensando que não basta a designação anual para a extração, mas à vista do regulamento, pareceu-me assim como ao ministério melhor a opinião contrária.

Lembrei que era preciso dar mais interesse ao Diário Oficial publicando nele tantos trabalhos importantes que dormem nas repartições públicas.

O Sinimbu pretende mandar explorar o Paraguaçu pelos mesmos engenheiros que fizeram há pouco trabalho análogo no Paraíba. Já há muito que o lembrara e parece-me a medida até política. O Lamare disse-me que nada tinha feito até agora a comissão nomeada para apresentar um projeto de regimento dos navios mercantes.

Tratando do estado dos caminhos para o Morro de Sta. Teresa e encanamento do Carioca o Sinimbu disse que só ontem abrira duas propostas para conserto dos caminhos para Sta. Teresa, e contudo as propostas foram apresentadas em maio!

5 de outubro de 1862 – Nada de importante.

6 de outubro de 1862 – Idem.

7 de outubro de 1862 – Veio cá o Pinto de Campos. Observei-lhe as inexatidões que há na biografia que ele escreve, sobretudo imaginando discursos meus a modo de Tito Lívio, e a respeito de política apenas lhe disse que a minha é a da justiça, e que se tivessem queixas as expusessem pela imprensa que elas chegariam a meu conhecimento e eu sempre advogaria a causa da justiça. Referi-lhe minha opinião sobre a decisão a respeito do diploma de Sá e Albuquerque depois que li a discussão. Creio que não foi contente porque a minha política – a justiça – não é a dos partidos.

Procurou-me o ex-presidente de S. Paulo ⁵³⁶. Disse-me que pensava que pelo novo ajuste só se apressaria conclusão da estrada de ferro 6 meses. Que há muito que fazer, sendo o feito é bom. Providenciou convenientemente sobre a passagem pelo aterro do Cubatão para os veículos ordinários. Referiu que a assembléia suprimiu os vencimentos dos vacinadores embora haja tal repugnância aos bexiguentos que o presidente apenas com o delegado do cirurgião-mor do exército,

entraram onde estavam 2 bexiguentos. A casa dos Lázarus está ainda pior do que eu a vi. Esteve em S. João de Ipanema. Os escravos que lá estão são quase todos velhos e estropiados. Houve tal desordem na remessa das máquinas para Mato Grosso que algumas peças ficaram em Ipanema. Os trabalhos para condução d'água em bom estado; mas não assim os edifícios. Um engenheiro está encarregado de explorar a estrada de Ipanema para a ribeira de Iguape.

Conversei com o Cândido Borges. O Sales ⁵³⁷ está muito despeitado e disse que para o ano se houver dissolução, retirar-se-á para a Europa onde escreverá a história constitucional do Brasil em que não pode ser agradável. Mostra apontamentos no sentido de censurar o meu procedimento político, e quando o Borges nos mostrar como me prometeu, eu explicarei os meus atos em toda a verdade também por escrito e mostrá-lo-ei ao Borges. As acusações que me referiu o Borges são de fácil resposta, e até revelam contradição consigo mesmo da parte do Sales. Agora lamenta como um erro a política de conciliação, que aliás o elevou à posição que ocupa. Apresenta como seu discurso modelo o que proferiu contra a política de tolerância do Macaé ⁵³⁸. Diz o Borges que o Sales faz justiça a minhas intenções, e que lhe vieram as lágrimas aos olhos quando disse que me havia de censurar na sua projetada obra. O Paranhos segundo o Borges só varia na forma, como se essa é que poderá influir na sua escolha de senador por Mato Grosso. Eu expendi meu modo de pensar sobre os partidos e disse ao Borges, que julga perigo o estado do país, que ele só assim me parecia poder ser para os conservadores. Quando tiver a cópia prometida dos apontamentos do Sales eu lhes responderei desenvolvendo mais minhas idéias políticas.

8 de outubro de 1862 – O Abrantes disse que o Olinda desejava que se tomasse agora alguma decisão a respeito da interinidade da pasta da Justiça. Eu referi o que tinha conversado com o Olinda e observei que sendo ele o mais próprio para se entender com o Maranguape a tal respeito não podia deixar de esperar que ele pudesse falar comigo sobre tal assunto. Parece que o Olinda quis que eu carregasse com qualquer odioso da medida receando desagradados da família do Maranguape. Declarei que se fosse preciso intervir eu o faria. Entreguei os projetos de instruções ao Marques Lisboa sobre a entrega do dote da mana Januária sem ter de fazer nenhuma observação quanto à matéria. Ao assinar os decretos nomeando juizes municipais e juizes de direito, notei a irregularidade, aliás, confessada pelo Sinimbu de não irem eles para suas comarcas cujos lugares ficam preenchendo nominalmente até serem removidos para outras que lhe façam conta. O Sinimbu não propôs o Seixas para juiz municipal de Sto. Amaro por ser aposentado. Tomo nota para ver se há coerência no futuro. O Sinimbu disse-me que o novo ajuste para conclusão da estrada de ferro de S. Paulo em nada prejudica o que dantes estava contratado.

9 de outubro de 1862 – Nada de importante.

10 de outubro de 1862 – O Dr. Bonifácio de Abreu ⁵³⁹ em conversa provocada por mim referiu todos os embaraços que encontra o serviço de sua repartição provenientes da indisposição do oficial de secretaria Tobias ⁵⁴⁰, e parece que tem razão.

Estive com o Antão ⁵⁴¹. Disse-me a respeito do estado do espírito público da Bahia o que eu já sabia. Informou-me que está a concluir a estrada do Pé Leve até o alto da chapada que segue para Feira de Sant'Ana, que estudava o modo de estabelecer os trabalhadores da estrada de ferro como colonos à margem do Joanes, dependendo isto dum litígio com a Câmara Municipal, que reunira a diretoria do Instituto e havia intenção de fazer trabalhar alguns individuos no estabelecimento agrícola no Tororó do filho do Lacerda que dirigia a Fábrica de Todos os Santos. Pretendia mudar os presos do Barbalho para a cadeia da Conceição, e o celeiro para o Barbalho. Disse-me que a estrada Sinimbu está quase de todo inutilizada. Lembrou o serviço duma barca de escavação nos rios como uma das primeiras necessidades. Referiu que as informações de adversários políticos do major Antão como o vigário de Macaúbas e sua família, amigos de Espinola, eram favoráveis ao major supondo ele que a guerra feita pelo Espinola ⁵⁴² ao major Antão é por ser esta influência adversa em eleições. Contou-me que propusera a retirada do coronel Fontes porque foi preciso ordenar-lhe por diversas vezes que retirasse um destacamento militar da Jacobina alegando ele, Fontes, que essa retirara poderia ser tomada como medida favorável a um partido. Além disto o batalhão do Fontes não estava disciplinado brigando continuamente os soldados dele com os da polícia, cujo comandante abonou como homem sem partido e só do governo. Falando-lhe eu sobre a entrada do Barbosa para a diretoria da instrução ele referiu-me que Barbosa estava no gozo dum ano de licença por moléstia concedida pela Assembléa Provincial, que Sá e Albuquerque desculpara seu ato, que não aprovo com o que sucedera relativamente ao

Je. Bento da Cunha Figueiredo, que aliás, não estava em idênticas circunstâncias. Pelo que ouvi ao Antão, creio que procedeu com toda a possível imparcialidade na sua presidência, e fiz-lhe sentir esta minha opinião que também se refere ao chefe de polícia ⁵⁴³ de quem ele faz ótimo conceito. Disse-me que o edifício da ilha do Medo poderia servir para a companhia de aprendizes marinheiros; idéia que me parece aceitável.

Pouco depois veio o Sinimbu trazer o decreto da nomeação interina do Abrantes para os lugares que deixou o Olinda. Falei-lhe mais claramente sobre a proposta dos juizes municipais para juizes de direito. Ele ainda se queixou de que o Mendonça fosse removido para a comarca das Alagoas; mas eu lhe disse que este ato lhe ficaria muito bem, mostrando que só o praticara por ser absolutamente necessário que o Mendonça saísse de Porto Calvo.

Tornou a falar da interinidade da pasta da Justiça e que terminaria por si a questão ao que respondi que esperasse o restabelecimento do Olinda ⁵⁴⁴ que era mais competente para insinuar ao Maranguape que pedisse sua demissão.

Por ora ainda não me falaram no novo ministro da Justiça e contudo é o ponto difícil! Tenho notado no Sinimbu espírito de Justiça; mas ao mesmo demasiada queda para os seus amigos parecendo deixar-se arrastar pelo que se desculpa chamando impulso do coração.

Veio o ex-presidente de Pernambuco Dr. Manuel Francisco Correia. Parece moço sincero e alheio inteiramente a partidos. Disse-me que nunca recebera nomeação do presidente do Instituto Agrícola e por isso a diretoria não se reunira, pois que o Boa Vista vice-presidente, não sai da fazenda. Segundo ele o Ageu só compareceria no Colégio da Escada para assinar a ata não tendo votado, e entende que o Sá e Albuquerque não foi deputado por faltarem às promessas feitas em Sto. Antão a um irmão do Sá e Albuquerque. Creio que o Correia procedeu com imparcialidade na eleição. Disse-me bem do espírito de ordem dos estudantes do curso do Recife que se pecam é por beatismo. Entende que o juiz de direito de Tacaratu apesar de bom juiz procedia mal na questão com o major Pedra *[sic]* de quem o Correia forma bom conceito asseverando Pedra que nunca pretendia desapossar do lugar o juiz de direito.

11 de outubro de 1862 – No despacho assinando os plenos poderes ao Abrantes para a convenção literária disse que a não ratificaria senão acompanhada da convenção sobre os colonos ⁵⁴⁵.

O bispo do Rio Grande ⁵⁴⁶ representou contra o abuso de pessoas residentes na província irem sem as dispensas precisas casar no Estado Oriental voltando para o província. Havia idéia do bispo declarar nulos perante a nossa lei semelhantes casamentos, mas eu observei que poderiam sê-lo perante a lei oriental, e que neste caso o bispo só poderia falar aos seus diocesanos no sentido dos cânones. Assentou-se em responder assim ao bispo, pedindo esclarecimentos ao nosso encarregado de negócios em Montevidéu.

O Lamare propôs uma medida a respeito dos pilotos dos navios mercantes e eu apenas como mera observação disse que me parecia mais prudente exigir dos pilotos para o Rio da Prata a carta dada pela Academia da Marinha. O mesmo ministro apresentou uma proposta de Miers para construir por 25 contos um vapor para o alto Uruguai, e ao mesmo os riscos para dois vapores de guerra que poderão servir de transportes conduzindo em mar alto de 500 praças além da tripulação e 1500 em rio pelo preço de 500 contos cada um, devendo construir-se um aqui e outro em Pernambuco. Aprovaram-se estas propostas. Creio que se vai cuidar da barca de escavação para os rios do recôncavo da Bahia de Todos os Santos.

O Sinimbu insistiu na última correição do juiz de direito, por causa das informações do presidente despachado para Goiás ⁵⁴⁷, que embora de excelente caráter tem pendor decidido para o partido liberal a que julgo pertencer o juiz Aurélio.

O Abaeté veio à audiência com o Botelho despachado comandante superior da Bagagem dizendo que fora o agraciado que espontaneamente vinha agradecer. Não me agradou a sua fisionomia. Recomendei aos 3 juizes de direito, novamente despachados, que fossem exercer os lugares. O Andrade Pinto está decidido a ir; Japiaçu falou-me de modo que julgo produziram efeito minhas palavras. O Buarque duvidou muito que vá ainda que se mostrasse disposto; pois que não se esqueceu de alegar o peso da família. Procurou-me o Caxias e eu falei-lhe no sentido das outras vezes, e ele falou-me no sentido da política imparcial; contudo não deixo de reparar em suas visitas amiúde, embora é justo que seja grato ao modo porque tratei sobretudo quando se retirou do ministério. O Borges disse-me que o senador Vasconcelos ⁵⁴⁸ acusava o procedimento do Olinda na demissão dos presidentes de reacionário.

12 de outubro de 1862 – Nada de importante.

13 de outubro de 1862 – Fui ao externato do Colégio de Pedro 2º. Acho pouco adiantamento nos alunos, não me tendo agradado senão o estudante do 2º ano, filho do Dr. José Bento da Rosa. O Pacheco ⁵⁴⁹ insta pela nomeação de repetidores ainda que me diga que o vice-reitor do internato os julga inúteis, e reclama com razão contra 3 horas seguidas de lição para os alunos do 1º ano nas 2^{as}, 4^{as} e 6^{as} e 4 nos outros dias da semana. Estão muito atrasados em doutrina cristã e o Pacheco deseja que se ocupem com ela aos sábados exclusivamente. Faltaram os professores Homem de Melo e Sá Benevides ⁵⁵⁰, que são assíduos. A comida muito boa e suficiente.

Estive de tarde com Mr. Bliss, que se tem ocupado com o estudo das línguas dos indígenas dos Estados Unidos, e quer fazer trabalhos etnográficos a respeito de toda a América. O pai foi missionário muitos anos entre os sênecas companheiros da meninice de Mr. Bliss. Tem lido muito e parece bastante inteligente. Disse-me que haveria ainda 300.000 índios nos Estados Unidos, e 200 a 300 moicanos – contestando a exatidão do Cooper no que não diz respeito à pintura dos índios física e moralmente falando – e que as línguas deles tinham pontos de contato na gramática com a Guarani.

14 de outubro de 1862 – Por causa do cortejo de amanhã houve despacho hoje ⁵⁵¹.

O Abrantes propôs da parte do ministério alguma medida a respeito do vice-presidente de Minas ⁵⁵² que tem feito reação constando além disso ter sancionado leis inconvenientes como as da criação de 9 comarcas segundo disse o Sinimbu. O Abrantes disse que Teixeira e Sousa ⁵⁵³ prometera ao Olinda tomar conta da presidência; mas que não cumprira a palavra, confessando todavia o Abrantes que depois da promessa se realizara a demissão de José Bento. Acrescentou que o Teixeira e Sousa reprovava os atos da Assembléia Provincial que o vice-presidente sancionara quase todos. Cartas de Paula Santos a quem o vice-presidente dissera que passava o governo não o tendo feito, retirando-se aliás para sua fazenda por 8 dias; mas por causa, como ele participou, de doença dum filho, e sem prejuízo do expediente parecem ter provocado a proposta do ministério. Eu respondi que me constava pela imprensa que o vice-presidente não procedera bem sancionado certas leis, e que, como sempre dizia, a dificuldade era a de achar substituto que executasse a política que julgava dever seguir o ministério. Propôs o Abrantes, barão de Prados e o Albuquerque o juiz de direito de Mariana Elias Pinto de Carvalho para 1º vice-presidente; mas eu observei que sua nomeação, seria ao menos, considerada logo como reação no sentido progressista. Lembraram também convidar o Teixeira e Sousa e o Joaquim Delfino ⁵⁵⁴ para tomar conta da presidência; mas alegaram a falta de cumprimento da promessa do primeiro, e o domicilio do segundo 40 léguas de Outubro [*Ouro Preto?*]. Por fim propuseram o Fernandes Torres ⁵⁵⁵, sobre cuja nomeação recordei o seu procedimento particular em S. Paulo e o ser sogro de Silveira Lobo. Depois de outras reflexões, convieram assim como eu, em que se escrevesse ao Fernandes Torres para aceitar a 1ª vice-presidência, caso o Nunes Gonçalves poder ir breve porque se isto não for possível seria mais acertado removê-lo para outra província e nomear novo presidente para Minas. Nesta discussão reconheci ainda mais a tendência da maioria do ministério, sobretudo do Sinimbu, para abraçar o partido progressista. Também propôs o Abrantes a demissão do presidente do Rio Grande do Sul ⁵⁵⁶ por causa de sua desinteligência e falta de tino administrativo. Refleti que todos pareciam contentes com ele na província que só notava o ter escolhido o Saião ⁵⁵⁷ para servir interinamente o cargo de chefe de polícia.

Tornei a manifestar a minha opinião sobre a marcha que o ministério deve seguir, cumprindo proceder com a maior prudência. Não houve insistência da parte do ministério, e apenas em resposta ao que disse o Polidoro sobre convir esperar o Dario ⁵⁵⁸ antes de se tomar qualquer providência, observou o Sinimbu que antes do Dario chegar partiria um vapor para o Rio Grande e que ele não podia deixar de retirar já ao Saião a comissão de chefe de polícia.

À vista dum officio do Dr. Freire lembrei ao Abrantes o queurgia providenciar para progredirem os trabalhos da comissão científica. Trouxe uma consulta da Seção do Império sobre a chamada dos suplentes da Câmara Municipal da Corte, e eu fui de opinião que os 15 dias da lei de 1º de outubro, se deviam entender como de sessão e que se havia defeito na lei não o podia corrigir o executor. Lembrei as obras precisas do internato, que o Abrantes disse não estar ainda desapropriado; questão desde o ministério de Almeida Pereira resolvida; mas que ainda não foi na prática, ficando Abrantes de cuidar dela.

O Lamare leu o contrato que se deve fazer com o Pierce para aprofundar a barra do Rio Grande. Nem Lamare nem eu acreditamos em tal melhoramento; mas ele julga que se deve atender às solicitações da Praça do Rio Grande e anuí. O Sinimbu leu o projeto de contrato para abertura da estrada entre Itapura e Avanhandava. Está de acordo com o que se

assentara, e eu apenas lembrei, a conveniência de obrigar o empreiteiro a entregar toda a estrada em perfeito estado de conservação, conservando a última seção durante um ano depois de entregue. Suscitou-se uma questão entre Sinimbu e Polidoro a respeito de oficiais engenheiros que o primeiro queria que percebessem vencimentos de comissão ativa. Polidoro disse que havia nesse negócio patronato. Eu observei que se os engenheiros fossem bem escolhidos, o ministro da Guerra deveria pagar os vencimentos de comissão ativa, no que Polidoro pareceu concordar contando que lhe pertença a escolha dos oficiais engenheiros. Tenho observado que o Sinimbu gosta de servir aos amigos embora procure ser justo, o que é difícil, quando aquele gosto domina. Por ora ainda não posso chamar patronateiro *[sic]*.

Dizendo Sinimbu que não havia impedimento na concessão do terreno para o depósito da companhia de esgotos na Glória, obrigando-se eles a abrir as duas ruas projetadas com 30 palmos, tendo eu aliás lembrado 40 num dos despachos passados, o Polidoro manifestou quase certeza de que o governo ver-se-á obrigado a comprar à companhia a empresa porque a parte central da cidade é falta de água e de conveniente declive. Sinimbu disse que para não reduzir o tempo do ensaio deve-se apressar do tempo da redução proposta à época do princípio de pagamento de cada casa, na forma do contrato.

15 de outubro de 1862 – Nunes Gonçalves não pode ir para Minas senão para meados de novembro. Lembrei a conveniência de removê-lo para outra província conforme já lhe dissera o Abrantes, e indiquei o desembargador Costa Pinto para presidente da Minas. Os ministros aprovaram muito minha lembrança e o Abrantes deve amanhã procurar o Costa Pinto, assim como disse que havia de consultar sobre esta nomeação ao Olinda, quando eu lhe disse que devia ouvir ao Olinda. Segundo referiu Sinimbu o estado de saúde do Costa Pinto talvez não lhe consinta ir para Minas. Assinei a carta imperial nomeando 1º vice-presidente ao Fernandes, para o caso de não ir já o presidente e o Paula Santos ⁵⁵⁹ sai da lista dos vice-presidentes – era o 6º – como a pedido; porque o Abrantes entendeu bem cabida esta deferência. Mostrou que talvez fosse melhor que saísse da lista o vice-presidente que serve agora de presidente; mas não trouxe neste sentido. Conversando com o Abrantes em particular na ocasião de assinar a nomeação do Fernando Torres disse-lhe que era precisa toda a prudência que só a eleição deveria decidir por um dos partidos estimando que só estivesse aquele lugar na época ordinária, e o Abrantes concordou comigo lembrando-se do que sucedera a duas dissoluções.

O artigo que li hoje no Constitucional ⁵⁶⁰ sobre o Sinimbu é mais uma prova de necessidade de evitar qualquer reação, que desculpe linguagem tão desabrida. É triste ver como entre nós se exerce um direito tão precioso!

Hoje o ministro português José de Vasconcelos disse que me queria mostrar alguns papéis a respeito de colonos. Ontem estive cá e tratou de justificar o cônsul quando eu lhe disse que este procedera com pouca prudência. Mostrou-se muito contrariado quando depois lhe disse conversando que ficaria a convenção literária, cuja doutrina não seguia, dependente da outra sobre colonos. Pediu-me que ao menos fossem ambas juntas para Portugal ainda que o ministro brasileiro declarasse que só ratificariam ambas juntas. O Vasconcelos quis convencer-me de que o princípio em que se funda a convenção literária é o verdadeiro; combati-o e por fim ele disse-me que tinha mais uma razão para desejar a duração deste ministério, a cuja opinião, segundo lhe declarei, e não à minha, deveria ele fazer-se tal convenção.

16 de outubro de 1862 – O Abrantes veio dizer-me que o Costa Pinto estava tão doente que nem mesmo se animara a propor-lhe a presidência de Minas. Expediu a carta para Fernandes Torres escrevendo a Paula Santos para explicar-lhe a razão porque ele ficava fora da lista dos vice-presidentes. Lembrou para presidente o senador Vasconcelos que eu aprovei muito. Tinha esquecido dizer que tratando-se ontem em despacho do prêmio ao compêndio de literatura do cônego Pinheiro eu fui de opinião que não sendo a obra escoimada de graves faltas era mais prudente prometer o prêmio para quando aquelas tivessem sido emendadas, adotado provisoriamente o compêndio ⁵⁶¹.

17 de outubro de 1862 – Fui à exposição artística. É pobre e apenas mencionarei os retratos de Vitor Meireles de Lima. A tão gabada composição do Heck ⁵⁶² feita à pena, que representa a cena dos Miseráveis de V. Hugo entre o bispo e o convencionalista não me agradou, sucedendo inteiramente a respeito duma cópia de composição de Tony Johanot. O trabalho de pena sempre é bom; mas vê-se que o autor não possui o dom da composição.

Li hoje no 3º número do Futuro, continuação de minha biografia numa censura delicada por eu não atender aos conservadores por deles nada recear. É muito injusta esta acusação eu não tenho medo de nenhum partido, e obro

conforme e só conforme o que julgo exigir o bem do país. Que medo poderia eu ter? De que me tirassem o governo? Muito melhores reis do que eu o têm perdido, e eu não lhe acho senão o peso duma cruz que carrego por dever. Tenho ambição de servir a meu país; mas quem sabe se não o serviria melhor noutra posição? Em todo o caso jamais deixarei de cumprir meus deveres de cidadão brasileiro.

18 de outubro de 1862 – Houve despacho. O Abrantes comunicou-me que o senador Vasconcelos aceitava a presidência de Minas estando pronto para qualquer comissão de minha escolha; o que me faz supor que sempre invocaram o meu nome. O Polidoro disse que Vasconcelos é irresoluto; mas achou boa a nomeação nas atuais circunstâncias, só, por causa de ele tratá-lo com cerimônia e talvez soberba logo que foi ministro ⁵⁶³ havia deixado de visitá-lo, quando antes suas relações eram da maior intimidade.

O Abrantes trouxe as informações pedidas por mim a respeito de Antônio Cândido Ferreira há pouco falecido no Rio Grande e que introduzira a vacina nessa província e prestara outros serviços com que arruinara sua fortuna que era boa. Queria ver se dava uma pensão à família; porém ele só deixou 3 sobrinhas; duas casadas com oficiais do exército e uma solteira pobre. Antes de sua morte tinha pedido uma pensão, seu requerimento fora bem informado; porém nunca chegou a minha presença, e assim deixaram de ser recompensados serviços importantes feitos ao Rio Grande do Sul sem o menor vislumbre de interesse!

Restitui ao Abrantes extratos duma nota de Mr. Webb ao seu governo mostrando-lhe que não há a menor justiça na reclamação do capitão do navio Nebo e que o que propõe o governo brasileiro é de mera equidade e assim deve *[ser]* aceito pelos Estados Unidos. Em carta ao Abrantes pedia que este despacho me fosse mostrado e ao Sinimbu.

Falei sobre o procedimento do cônsul português a respeito dos colonos no sentido em que o fiz com o José de Vasconcelos, e o Albuquerque disse que participando-lhe o inspetor da alfândega que logo participara o ocorrido e mandando saber ao Tesouro responderam-lhe hoje que nada havia além do que participara a alfândega em julho sobre colonos. Os ministros ainda não sabem exatamente o que houve da parte do cônsul.

O Polidoro disse que o Manuel Felizardo aprovava uma proposta que eu examinei do Gomes de Sousa ⁵⁶⁴ para este formular os compêndios de modo a constituírem um curso completo de matemáticas; e que os lentes a quem consultara não se ofenderam com a idéia. Eu *[uma palavra riscada]* observar como anteriormente o fizera já, que convinha ouvir a opinião da congregação dos lentes da Escola Central, devendo o trabalho cometido ao Sousa só compreender os compêndios de matemáticas.

Entreguei ao Sinimbu o parecer da seção respectiva sobre a pretensão do Ottoni que se dêem as terras no Mucuri por ½ real a braça, dizendo que o mínimo do preço da lei de que falara o contrato de encampação não é em relação à qualidade das terras. O parecer da seção é contrário ao pedido do Ottoni e este defende sua pretensão numa carta ao Sinimbu. Perguntei a este como pensava e respondendo-me ele que não adota o parecer da seção, eu observei que a concessão de terras é em troca de dinheiro e que por isso a autorizava a lei das terras que estabelece um mínimo de preço para cada uma das 3 qualidades de terra. Contudo, Ottoni invoca o testemunho de Bernardo de Azambuja e Almeida Pereira que a inteligência deste era a dele Ottoni, e sendo assim a questão de boa fé entendia avisado ouvir Azambuja e Almeida Pereira, que aliás esperava confirmassem o dito de Ottoni, que às vezes por espírito político folga de achar defeitos em seus adversários, não sendo por isso escrupuloso zelador do que é justo. Disse que não aprovava a falta de fraqueza do comissário do governo José Cândido Gomes, podendo daí originar-se nova questão desagradável com o Ottoni que parece aproveitar essa falta. O Sinimbu expôs-me o que houve por ocasião da criação da 2ª vara de ausentes, e vi que o governo estava autorizado para essa criação, e que, entendendo a maioria da seção de Justiça – Eusébio e Maranguape – que se podia como propusera o juiz dos órfãos Dr. Sequeira ⁵⁶⁵, nomear 2º serventuário, que desse a devida quota ao proprietário Cândido Martins dos Santos, que anexava a escrivanina de ausentes à de órfãos, e representara contra a criação do lugar de escrivão de ausentes, pensando que seria só um passando toda a escrivanina de ausentes para o novo escrivão, o Paranaguá, todavia, seguindo o voto em separado do Uruguai, julgara mais curial a criação da 2ª escrivanina de ausentes resolvida a consulta neste sentido. O Abrantes sobre representação do Loureiro ⁵⁶⁶ pede que se lhe dessem 4 contos pelo tempo em que não recebera a gratificação de um conto anual para viagens de sua séxtupla missão; propôs que se aumentasse, em lugar dos 4 contos; 400\$000 ao conto, e observando eu que preferiria

dar os 4 contos por serem duma vez caso não se entendesse melhor nada dar ao Loureiro além do que já recebe, respondeu-me Abrantes que assim pensava apesar de ter proposto o contrário!

Sinimbu propôs pensão para a viúva do major de Permanentes Rebelo ⁵⁶⁷. Eu disse que fora muito bom servidor do Estado; mas que desejava saber se prestara serviços mais que ordinários só neste caso a condição das rendas públicas não deve embaraçar a concessão de pensões.

Entreguei ao Lamare uma queixa de Law em tom demasiadamente inglês, pedindo explicações sobre diversos trechos que aponte à margem. O Albuquerque referiu que tinha obtido 400 contos a 7%, e no dia 15 falando-me no banco inglês disse-me que ele ainda de entradas *[sic]* a quota necessária para segundo a legislação poder ser aprovação; mas que esperavam pelo próximo pacote a notícia de ter entrado essa quota do valor das ações, e todavia já está autorizada a incorporação do Banco.

À audiência veio o Dario que lamenta que estando o dinheiro a juro tão baixo em Londres não se contrate a construção da estrada de Paraguaçu.

Cândido Borges disse-me que lhe referiram ser de José Maria do Amaral os artigos altamente injuriosos publicados pelo Constitucional contra o Abrantes; o que não admira porque este o pôs em disponibilidade como devia. Ao mesmo o Mercantil e a Atualidade publicando o parecer do Amaral sobre a gramática do Pertence ⁵⁶⁸ pareceu lisonjeá-lo; está no caso do Abaeté, a quem aliás o C. Borges que os conservadores receiam que deserte com armas e bagagem para os progressistas. Condeno altamente a versatilidade, e se pareço combater às idéias de partido é porque não tolero as injustiças que se apadrinham com aquelas idéias.

19 de outubro de 1862 – Conversando com o Caxias a respeito de coerência política citei o procedimento dele Caxias e do Itaboraí fazendo algumas reflexões sobre o discurso do Eusébio que tanto animou o partido liberal embora se pudesse atribuir a espirito de moderação. Caxias respondeu-me que o Eusébio sempre fora firme em suas idéias e que tendo Ottoni lhe falado numa liga por serem ambos antagonistas do governo pessoal que os partidos têm fantasiado para seus fins Eusébio lhe replicara que não contasse com ele para o que prejudicasse a monarquia ou ofendesse a minha pessoa, e que uma liga entre ele seria o sinal de seu isolamento dos partidários que o seguiam. Disse-me Caxias que Saião lhe asseverara aflito que os artigos sobre o Abrantes são do José Maria do Amaral.

O Abrantes tornou-me a falar sobre a necessidade de prover a pasta da Justiça e eu respondi que esperasse pelo restabelecimento do Olinda. O Sinimbu lembrou-me o Japiaçu para chefe de polícia do Rio Grande do Sul e eu nada observei dizendo-lhe que consultasse seus colegas. Entende precisa a mudança do presidente; mas eu respondi-lhe que era prudente adiar essa medida. Falou-me em politica no sentido já sabido, e disse-me que não acreditava no que lhe asseveraram de ser o Je. Maria do Amaral autor dos artigos contra o Abrantes, atribuindo-os ao Saião de que eu nunca supus que fossem embora reconheça a violência do caráter do Saião.

No despacho de ontem conversei sobre o artigo econômico de Sousa de Franco *[sic]* ⁵⁶⁹ e que disse que não pensava que Mr. Chevalier tivesse dito que o crédito é igual ao capital. Semelhante doutrina pode dar lugar a inúmeros prejuízos e é preciso distinguir exatamente o capital do crédito que não faz senão render aquele. O Sinimbu foi o único que defendeu francamente a doutrina de Sousa Franco que parece apalpar o terreno para enterrear *[sic]* a questão econômica que tanto reanimou os partidos. A dura experiência ainda dói, e creio que o Sousa Franco perde seu trabalho. O Abrantes disse-me no despacho que na antevéspera dera as ordens para se fazerem as aquisições pedidas pela comissão científica, e que a respeito dos vencimentos do Capanema veriam o que é justo dar-lhe em relação aos outros membros da comissão.

20 de outubro de 1862 – Houve Conselho de Estado. O secretário disse que não pudera apresentar a ata da sessão anterior e eu expliquei o motivo, que ele ocultou, de não terem os conselheiros dado as notas de seus votos. Depois o Uruguai relatou as queixas contra o juiz de direito da comarca das Alagoas, Casado de Araújo Lima e Arnaud ⁵⁷⁰. A primeira é do negociante português Manuel Joaquim da Silva Leão. Nega que um estrangeiro tenha direito de petição, quando apenas lhe assiste o de recorrer na conformidade das leis às autoridades do país em causa própria. Diz que não se prova perseguição contra Leão da parte do Arnaud, que não devia apelar; que não está provado que Arnaud comerciasse em escravos dentro da comarca, embora disso falem uma carta dele a Bernardo José Pinto, e outra deste a Silveira Lobo ⁵⁷¹,

queixando-se de que este desse publicidade à primeira carta lendo-a na câmara dos Deputados; pois que, prescindindo do meio imoral porque se obtiveram as cartas, Arnaud tem fazenda na comarca e poderia ter alienado simplesmente escravos da fazenda; além disto é questão própria dos tribunais. Não viu a defesa que Arnaud apresentou relativa a esta acusação, e portanto aventurará opinião sua. Não é crime ter recebido o presente que lhe fizeram os negociantes; o que não prova bem como a dívida à Caixa Econômica estar Arnaud sob a influência dos negociantes. Quanto ao procedimento de Arnaud no processo de quebra de Mendonça e Brito, disse que a acusação era uma prova das más conseqüências de aceitarem presentes as autoridades – e creio que olhou para o Sinimbu, ou houve alusão mental, pelo menos, à sua comenda de brilhantes – e que a Relação tomando conhecimento deste processo não mandou responsabilizar o juiz. Não há prova que recebesse 3 contos para se dar por doente, e lê a defesa dele na qual conta que o defensor dos réus Brandão (ora deputado) pedia a Arnaud que se desse de suspeito e porque ele não se prestou ao pedido, se queixara Brandão até ao presidente Agostinho Luís da Gama ⁵⁷². Teve febre e por isso pediu ao juiz municipal que fosse assistir ao julgamento, que foi justo, sendo um condenado e outro absolvido. Brandão pedira 3 contos para pagar ao advogado Silveira ⁵⁷³ e talvez isso desse lugar à acusação. O barão de Atalaia devia defender Arnaud segundo este diz, e Uruguai declara que não há provas, duvidando o presidente, e além disto, tendo o juiz municipal condenado um dos réus é contudo Arnaud acusado de ter recebido de 3 contos para não julgar de receio que o fizesse contra *[sic]*. Também o acusa Leão de venalidade por causa do julgamento da filha de Miranda suspeita de ter morto uma escrava de castigo. As peças do processo vieram truncadas e portanto não se pode formar juízo. Lê a defesa de Arnaud que não havendo provas do crime pensa que a escrava morreu dum ataque. O presidente ⁵⁷⁴ está em dúvida.

Sobre a 2ª queixa de Silvestre Alves da Silva expõe que é Arnaud acusado de tirar-lhe a tutoria duma rapariga para casá-la com um filho seu. Um tio, também padrasto, da pupila diz que pediu a remoção da tutoria por não gozarem de bom conceito os filhos do Silvestre, que habitavam na mesma casa que a tutelada. Outro tio queixou-se do Silvestre por ter ficado a título de dívida com o valor resultante da venda dum escravo pertencente à tutelada. Também se queixa Silvestre de lhe ter Arnaud tirado a administração da capela do Coqueiro Seco; mas Arnaud no provimento da correição diz que assim procedera por não aparecer dinheiro correspondente às emboras *[sic]* que Silvestre depositou nas mãos duma sua parenta velha. Nova acusação de ter escrito para que cumprissem a promessa feita a uma viúva se deixasse de apelar num processo que intentara contra José Antônio da Costa por ser este suspeito do assassinato do marido dela. Defende-se Arnaud dizendo que escrevera a carta depois da sentença e quando já não podia apelar, e apenas intervieria para que dessem algum dinheiro à viúva como prometeram. Uruguai declara que em tanta confusão não pode ajuizar. A respeito da exoneração dos cargos da tutoria de José Casado Lima parente em 9º ou 10º grau de Arnaud diz que a este escrevera Lima depois de maior declarando que de seu tutor Cardoso recebera tudo o que lhe pertencia. Sobre a acusação de não ter Arnaud dado partilhas aos filhos depois da morte de sua primeira *[mulher]* diz Uruguai que é questão particular e que a Relação nenhuma censura infringiu a Arnaud. Uruguai nota que o oficial da secretaria que extratou os papéis diz a respeito duma nova queixa de Silvestre, que vai expor, que este respondeu ponto por ponto à defesa do juiz de direito Arnaud embora enviada em reservado. Nesta nova queixa reforçam-se as acusações feitas na outra acrescentando-se todavia o seguinte: 1º – Arnaud é juiz de direito de Alagoas desde 1854 e em Santa Luzia do Norte só fez correição em 1855 e 1861. Os papéis não são suficientes para julgar sobre este ponto; 2º – Suspensão do juiz municipal Silva, irmão do Silvestre, por 30 dias visto ter deixado de dar uma audiência, não dando parte ao presidente da suspensão, que não foi aprovada. No provimento da correição de 1861 lê-se que Arnaud suspendeu a Silva por se haver recusado a dar audiência às partes apesar de estar no lugar ele lho ter advertido, e que assim procedera para não citar um Calheiros a fim de fazer um pagamento. Também suspendeu o suplente de juiz de órfãos do mesmo termo por não dar audiência havia 22 dias. O presidente argüi a Arnaud por se ter negado a presidir ao júri de que já fez menção, e diz que apesar de não haver certeza de sua venalidade não pode ser juiz imparcial pois que tem fazendas e parentes na comarca e é partidário. Observa que não é exato dizer o presidente que Saião Lobato lhe ordenara propusesse a remoção de Arnaud mas que esse apenas lhe determinara examinasse as queixas e propusesse o que fosse justo. Enfim, entendo que não há motivo para a remoção dum magistrado, contra o qual não se provam acusações de tal gravidade, que no caso de serem provadas deveriam originar um processo de responsabilidade, rematando que seu estado físico não lhe permitiria examinar a oito tantos papéis. O relatório está escrito; mas creio que o principal fica resumido aqui.

Abaeté diz que não está provado que Arnaud fizesse comércio de escravos; mas que em certos casos só a certidão de óbito pode provar moléstia, além de que Arnaud ficou bom logo depois da sentença do juiz municipal, e que não é decente a carta escrita para que se pagasse à viúva. O presidente propõe a remoção pelo lado político, e que esta apreciação compete unicamente ao governo. Trata do aviso do Saião e diz que além do pedido das informações para qualquer procedimento criminal ordenara a proposta da remoção que se basearia em razões políticas. Uruguai dá voto por escrito. Entende que à vista da lei não sendo as queixas senão a respeito de questões particulares não seria a remoção fundada na utilidade pública; além disto a iniciativa não foi do presidente. A remoção de Arnaud desconceituaria o magistrado sem provas e seria tomada como vingança política, e portanto que sua *[sic]* é que se procurasse removê-lo donde não pode permanecer; mas de modo conveniente Jequitinhonha é do voto do Uruguai. Entende que Arnaud deve ser responsabilizado, e protesta contra remoções repetidas que comprometem o interesse do poder judiciário e do magistrado; Sapucaí idem funda-se na lei das entrâncias. Alvim idem, João Paulo idem. Pimenta idem. Diz que não há diferença entre as opiniões do Uruguai e do Abaeté. Insiste em ser a 1ª queixa dum estrangeiro e a 2ª dum inimigo civil do juiz. Reprova a carta por ocasião da desistência da apelação por parte da viúva, e diz que há outros fatos que aconselham a remoção que ficará a juízo do governo que escolherá o meio de tirá-lo da comarca preferindo a remoção a que ele fique na comarca. Manuel Felizardo como Uruguai, entendendo que não convém que Arnaud fique na comarca devendo o governo procurar meio de tirá-lo da comarca. Sousa Franco diz que é de seu dever como conselheiro de Estado declarar o que faria no caso do governo. Inclina-se à opinião do Abaeté, e não aconselharia que Arnaud fosse tirado da comarca a modo de prêmio. O Conselho de Estado não decide como tribunal judiciário, e ninguém crê que haja justiça na comarca de Alagoas, havendo uma cruzada, nome que pela santidade da causa lhe cabe, contra o juiz. Fala contra o espírito de calúnia; mas acrescenta que contra os juizes íntegros não prevalece a calúnia. Durante 6 anos não fez Arnaud correição apesar de morar em sua fazenda dentro da comarca. Reprova a carta relativa à viúva como grande indiscrição ao menos. Diz que o próprio Arnaud confessa ter negociado em escravos e que no dia seguinte à sentença deu-se por pronto. Enfim, discute o que se deve entender pela utilidade pública de que fala a lei e que é conveniente não considerá-la política, havendo grande dificuldade em fazer punir os juizes. Abaeté, para explicar seu voto, diz que sua opinião não é como pensara Pimenta Bueno, a mesma que a de Uruguai. Cândido Batista entende que havendo proposta do presidente, que autoriza a remoção, se o governo continua confiar no presidente deve remover o magistrado.

Tratou-se depois da consulta da seção dos Negócios Estrangeiros sobre a proposta do ministro inglês duma nova convenção a respeito de indenizações. O Jequitinhonha disse que tivera aviso para ser relator deste negócio e que sendo prática nova no Conselho de Estado não sabia como lhe cumpria proceder. Eu interrompendo o Jequitinhonha disse que o costume era ler o relatório da seção respectiva à consulta, e observando Jequitinhonha que era membro da seção da Fazenda eu repliquei que bem sabia e que o Abrantes se explicaria a tal respeito declarando este que fora engano da secretaria que ele só agora advertira. Jequitinhonha *[diz]* que o direito está sem dúvida do lado do governo brasileiro e que a demora não tem prejudicado entendendo que não havia outros meios a empregar além dos diplomáticos. Abaeté diz que por meio duma comissão mista teremos de pagar menos inclinando-se à nova convenção; porque não ficaremos inibidos assim de reclamar indenização das presas da costa da África. Vem contudo pelo parecer da seção se não puder resguardar o direito da reclamação. Uruguai diz que é gravíssima a questão e continua a votar como no parecer. Jequitinhonha entende que seriam mais justas e prontas as decisões por meio duma comissão mista. A recusa de novo ajuste lançará sobre nós suspeita de má fé autorizando que digam que só queríamos satisfação das reclamações não admitidas pelo governo inglês. Pensa que a não inclusão destas reclamações não significa o abandono delas, a prática das nações não tem sido o que a seção aconselha. A nova convenção deve designar quais as reclamações admitidas e ser feita com toda a cautela não se podendo subentender o abandono das reclamações não mencionadas na convenção. Cumpre não azedar as relações com a Inglaterra e tomar a posição que nos cabe perante essa potência como os Estados Unidos o fizeram em relação à França e à Inglaterra; mas se o governo exigir o abandono das reclamações não se faça a nova convenção disse Jequitinhonha batendo com força na mesa. Sapucaí como o Abaeté. Alvim parecer da seção. João Paulo segue a opinião do Jequitinhonha declarando que devemos ressaltar o direito de reclamar a indenização das presas porque o contrário seria desistir dela. Pimenta Bueno diz que a não admitir o governo inglês reclamação de presas a nova convenção serviria unicamente para pagar menos aos ingleses, e que isto mesmo se obteria melhor discutindo de governo a governo. Os advogados da Coroa em

Inglaterra disseram que a entender-se a convenção como queria o governo brasileiro o inglês tê-la-ia feito ultra vires. Na nota do ministro inglês de 11 de setembro de 1860 diz-se que as presas, julgadas em virtude do Bill-Abeerden são caso decidido, e pela nota do mesmo ministro de 14 de abril de 1862 vê-se que não há impugnação à admissão das presas não julgadas pela comissão mista do tratado de 1826, e portanto das que foram relaxadas sem julgamento em virtude do Bill-Abeerden. Diz que a soma dos valores destas presas fosse de importância, se fizesse um novo ajuste sobre a base indicada; mas sem ficar prejudicado nosso direito à indenização das outras presas. Sinimbu diz que Christie lhe declarara que nem todas as reclamações inglesas eram justas nem as nossas de presas deviam ser todas rejeitadas podendo fazer-se novo ajuste sobre esta base. Manuel Felizardo entende que à vista da nota – que é do Paranhos – de 18 de abril de 1861 não se pode deixar de entrar em novo ajuste. Concorde com as idéias de Pimenta Bueno, não omitindo a ressalva de nosso direito de reclamação de que falou aquele. Sousa Franco idem. Cândido Batista diz que não se deve exigir a ressalva porque ela impossibilitaria o novo ajuste que é necessário contrair. Uruguai historia a questão das presas do tráfico e lembra a convenção ajustada entre Alves Branco e Mr. Fox ⁵⁷⁵ tendo-se feito presas segundo condições dessa que não foi aprovada pelo Corpo Legislativo. Mostra que há presas feitas entre a terminação do tratado de 1826 e o Bill-Abeerden, e outras em virtude deste ato todos ilegais para nós. Na comissão mista se suscitaram todas estas questões, e julga que se a Inglaterra não modificar suas exigências não se faça novo ajuste. Jequitinhonha pergunta se alista de 107 reclamações brasileiras anexas ao relatório de 1860 são aquelas *[sic]* sobre o que pode ainda versar ajuste. Sinimbu responde que não se separaram as que poderiam ser aceitas pelo governo inglês. Jequitinhonha continua dizendo que a necessidade de nova convenção não pode ser posta em dúvida e que será feita com mais cautela. João Paulo diz que sua opinião foi absoluta porque só agora sabe o que Sinimbu comunicou. Uruguai diz que se devem previamente firmar regras para o procedimento dos comissários, caso se faça nova convenção.

Às 5 da tarde vieram os membros da comissão científica espanhola. Parece-me mal organizada estando um deles encarregado da geologia, entomologia, e estudos sobre agricultura – chama-se Fernando Amor e parece inteligente, dando-me notícia do Instituto Agrícola de Córdova que ele dirigia e tem 80 alunos com aulas teóricas e trabalhos práticos. Prometeu-me um trabalho seu que tem relação com a agricultura e amostras dos minerais que colhesse. O Dr. Almagro encarregado da seção antropológica e médica formou-se ao mesmo tempo que o Dr. José Maria Chaves. Fala como homem inteligente e observou com critério que sendo a expedição de 8 a 9 meses apenas terão tempo de saber onde se podem fazer as coleções. O fotógrafo e desenhista pintou no atelier do Coguet e discorreu como quem sabe; contudo verei que tal fotografa desde que receber o álbum de fotografias que me ofereceram. O botânico também falou das belas begoniáceas e melastomáceas, o zoólogo terrestre espera fazer colheita de bonitas aves aquáticas em Santa Cruz, e o aquático está sempre a rir-se e nada dou por ele tendo vindo como amigo e colaborador do presidente da comissão que diz ter uma coleção de conchas de Cuba contendo 10.000 espécies e rica sobretudo por ser completa quanto à variedade dessas espécies. Tem já corrido os estabelecimentos públicos, e falaram-me do Dr. Freire e do Dr. Paula Cândido por causa de suas observações ozonométricas. Não fazem observações meteorológicas senão as ordinárias de bordo, e não têm conhecimento dos trabalhos feitos sobre o pico de Tenerife por Piazzi Smith. Fernando Amor está incumbido da narração da viagem. Estava encantado com os caulim que achara aqui e creio que na Bahia. Pretendem ficar alguns dias em Santa Catarina e ir talvez ao Rio Grande que lhes disse ser mais interessante de ver. Desejam atravessar os Andes até o Peru; mas o presidente da comissão que terá perto de 60 anos parece que não aprova muito o projeto.

21 de outubro de 1862 – Fui aos exames da Escola Central. Agradou-me o exame de metalurgia de Jerônimo Rodrigues de Moraes Jardim ⁵⁷⁶, sendo o irmão Joaquim também bom estudante, e o de química de Francisco Lobo Leite Pereira que passa por um dos melhores do 2º ano ⁵⁷⁷. Os de mecânica fracos e um Ten Brink até já estava esquecido do cálculo, não o aprendeu. O estudante do 1º ano fez muito mau exame, porém também foi atrapalhado pela confusão do examinador Souto Maior ⁵⁷⁸, filho do marquês de Itanhaém. No 3º ano examinava com o Paranhos um Araújo Silva ⁵⁷⁹ cujo modo de perguntar agradou-me, parecendo-me inteligência clara.

22 de outubro de 1862 – No despacho o Abrantes disse-me que se tinham expedido as ordens para satisfação das requisições da comissão científica. Tinha esquecido os livros pedidos pelo Lagos ⁵⁸⁰, que eu disse deverem só por ora os precisos aos trabalhos da comissão. Nada ainda decidiram sobre os vencimentos do Capanema.

O Albuquerque disse que tomara saques do Souto e Mauá pelo próximo paquete do valor de 50.000 £ a 26 % e que o Banco Inglês oferecera a 26 5/8. Restituí-lhe o parecer da seção da Fazenda *[sic]* sobre a rescisão do contrato feito pelo presidente das Alagoas com Veloso dono do trapiche Companhia no Recife, e embora adotasse o parecer do relator contudo sendo a matéria grave lembrei que se esperasse a consulta da seção do Império sobre uma representação contra o presidente acima apontado, fundada em diversos fatos, um dos quais é essa rescisão. Essa representação foi à seção do Império por meu voto e o de Abrantes, que embora propusesse a consulta, todavia já hesitava; porque o Sinimbu manifestou não ser preciso ir à seção.

Tornei a falar no procedimento do cônsul português ⁵⁸¹, que apenas podia aconselhar aos colonos que recorressem às autoridades brasileiras, e disse que ele queria criar fama entre os portugueses, não tendo José de Vasconcelos bastante fortaleza de ânimo para não se deixar dominar pelo cônsul, e que cumpria ao governo brasileiro amigavelmente chamar o cônsul ao seu dever e examinar se convinha continuar a licença que ele tem de ir a bordo de qualquer navio português que traz colonos logo que tenha recebido as visitas do porto, tendo ele já visitado um navio brasileiro Rocha, que trazia colonos portugueses. Albuquerque disse que a Alfândega lhe participara o ocorrido com o cônsul por ofício de 10, mas que só a 21 tivera conhecimento dele ficando na diretoria de que é chefe o Antão ⁵⁸² que se desculpou com haver reassumido há poucos dias o cargo. O Polidoro disse que o Código criminal militar está na seção – há um ano decerto – e que o do processo pára em mãos de João Paulo que participou agora em virtude de pergunta do ministro que está só; lembrando eu para substituir o Miranda (senador) que morreu ⁵⁸³, tendo João Paulo declarado a Manuel Felizardo que continuava na comissão, o Abaeté, e Polidoro e Muritiba, que também me pareceu que mostraria mais atividade no trabalho da comissão *[sic]*. Li uma carta de Grenfell a Lamare em que ele diz que não adota os navios construídos de ferro; mas de madeira forrada de ferro, e que a couraça de 2 ½ pol. julga suficiente para nossos navios que se devem distinguir por seu pouco calado e fácil manobra.

Sinimbu insiste com o Abrantes na mudança do presidente do Rio Grande; mas aquele já não quer a substituição pronta do Saião, depois que o Dario lhe disse que não havia inconveniente na interinidade a não ser para o Saião que ficaria dando *[sic]*, talvez com o fim de que podendo voltar o Dario com outro presidente mais facilmente eu aprovaria a substituição do Assis Rocha. Disse o Abrantes que o Caldwell comandante das armas ⁵⁸⁴ não estava bem com o presidente, e o Polidoro referiu que os oficiais obtinham do presidente licença que lhes havia negado Caldwell, que todavia nada lhe comunicara a tal respeito.

Sinimbu leu um ofício do juiz municipal de Laguna que diz ao presidente haver à margem da Lagoa Biraquera uma mina de carvão de pedra que chega até a costa perto da cidade de S. José.

Leu um requerimento de Mauá e informação do fiscal Viriato de Medeiros a respeito do serviço das locomotivas da Maxambomba, e de acordo com o fiscal não se permite que a estação terminal seja o Rocio Grande nem no fim da Rua do Senhor dos Passos como propõe o fiscal, tendo Lamare sugerido a preferência do Largo de S. Joaquim. Eu recomendei que não houvesse falta de água para as bicas públicas, e os tanques não embarçassem o trânsito público.

Já li quase todo o trabalho da comissão de inquérito da Alfândega que o Albuquerque me tem trazido por partes, e dei conhecimento desde já aos outros ministros do que se lê no relatório a respeito dos guardas como triste prova de como a maior parte dos empregados cumprem seus deveres principiando neste caso pelo ministro que era o Ferraz. Disse ao Albuquerque que se ele hesitasse em demitir os empregados que ficassem comprometidos pelo relatório não devia publicá-lo como pretende. Tornei a chamar a atenção de Sinimbu para a insipidez do Diário Oficial.

23 de outubro de 1862 – Nada de importante.

24 de outubro de 1862 – Das 10 ½ até às 11 ½ conversei com José de Vasconcelos a respeito do negócio dos colonos. Disse-lhe qual minha opinião sobre o procedimento do cônsul, e ele reconheceu que de ora em diante seria conveniente mesmo no caso de não haver resistência da parte do capitão do navio, como sucedeu com a barca Terceirense, se bem me lembro, obrar sempre com o auxílio das autoridades do país. Disse-me que a bordo do navio brasileiro Rocha só foi um

delegado do consulado, para que pudesse ter lugar o levantamento da fiança prestada em Portugal pelo capitão. Mostra-me um papel em que está o projeto do ajuste da colonização e disse que sendo diferente o interesse dos dois países pelas duas convenções literária e da colonização é preciso muito cuidado no modo de comunicar a inseparabilidade das duas convenções para que ambas se não malogrem, e embora nada ouvisse por ora ao Abrantes sobre a dependência de uma convenção de outra referiu-me que participaria isso ao seu governo. Queixou-se do patriotismo do guarda-mor Leopoldo ⁵⁸⁵ e eu disse-lhe que talvez o cônsul fosse arrastado pelo desejo de adquirir popularidade entre os seus. Mostra-me documentos para provar que as dívidas dos colonos sobem dentro de poucos anos a mais de conto, e disse que seria conveniente um inquérito feito por comissários de ambos os países sobre a condição dos colonos contratados pelos fazendeiros, que praticam barbaridades muitas vezes. Queixou-se do agente demitido pela associação de colonização, e atribui a esta o procedimento daquele. Tratando da convenção sobre colonos, declarei eu que havia de me esforçar porque ela seja o mais favorável ao Brasil que o permita a Justiça, e observando Vasconcelos que a satisfação do colono é melhor condição para o Brasil eu concordei acrescentando que então seriam as dúvidas com o governo português, que Vasconcelos disse que não queria obstar à emigração para o Brasil visto o Loulé oficial-lhe que mandará autorização para celebrar uma convenção sobre colonos. Replicando eu que o ofício talvez fosse para mostrá-lo Vasconcelos opôs que não supunha que houvesse esta finura; ao que retorqui que a finura talvez consistisse nisso mesmo que eu ouvi acrescentando logo que assim falava para não deixá-lo sem resposta. Vasconcelos quer as boas graças de ambos os governos e receia-se da comparação com o cônsul.

Ao meio dia estava na Escola de Medicina para assistir à defesa de teses – exame de suficiência – dos Drs. Carlos Rossi que me dizem ser parente do Pelegrino Rossi e Ferreira Soares portugueses. Os lentes é que falaram quase unicamente e o Carvalho ⁵⁸⁶ procedeu de modo pior com o Rossi, que este lhe deu algumas respostas muito ofensivas e justa consequência das provocações não intencionais do Carvalho. Só este é que argüiu em francês, língua de que usou o argüido. Ferreira de Abreu ⁵⁸⁷ creio que perdera o hábito de falar francês, e com razão o Dr. Rossi lembrou ao Carvalho o aviso do governo permitindo os exames de suficiência em outra língua que não a portuguesa como prova de que no Brasil se tratavam com benevolência os estrangeiros e não como ele, que por ter suposto – e foi injusto – que Rossi se queixava da obrigação de exame de suficiência disse que os estrangeiros senão quisessem sujeitar-se às leis do país poderiam ir-se embora. Não *[ilegitivel]* porque não afastam Carvalho destes atos em que ele desconsidera a escola, e pode originar alguma cena muito desagradável.

25 de outubro de 1862 – O Albuquerque disse que mudava a Caixa de Amortização para o Tesouro quando a Moeda fosse para a nova casa, em março. Eu observei que esta demora devia considerar-se como adiamento indefinido. Referiu que o José de Vasconcelos e cônsul convieram em obrar sempre de acordo com as autoridades do país em matéria de colonos. Restitui ao Lamare os relatórios do comandante da Belmonte que são curiosos, e serão publicados no Diário Oficial indo cópia para o Instituto Histórico. Elogia muito um dos relatórios sobre os trabalhos que tem feito no porto da Paraíba o capitão Filgueiras ⁵⁸⁸, e eu lembrei a este como digno duma distinção honorífica, e o Lamare apontou-o novamente ao Polidoro como próprio para comandante da ilha de Fernando. O Sinimbu tornou a trazer o negócio das Maxambombas, e vendo eu que a Rua do Senhor dos Passos tem 4 travessas disse que não podia anuir a um projeto pelo qual se arriscaria vidas persistindo na lembrança do largo de S. Joaquim. A respeito da água parece que não há o mesmo inconveniente.

26 de outubro de 1862 – Às 7 e 10 largou o trem do caminho de ferro de Pedro II da estação da Quinta; 7 ¼ Engenho Novo, 7 e 25 Cascadura, 7 7 ¼ *[sic]* Sapopemba; 2 pontilhões em construção; 7 ¾ Maxambomba; menos 3m. Queimados; 8 e 2m. ponto dos Caramujos; 8 e 8m ponte de S. Pedro; 8 e 11m Belém; 8 e 14m. ponte de Sant'Ana, 8 ¼ ramal de Macacos; 8 e 20m. Macacos; 8 e 17m partida de Macacos; 9 e 43m partida do encontro do ramal com o caminho principal depois do exame duma máquina para aprontar madeira para segurança das juntas dos trilhos; 9 e 47m. passagem sobre a estrada do presidente Pedreira onde houve pequena demora para ver o viaduto; 10 e 3m. extremo dos trilhos que podia o trem percorrer, 3 e 26m. Joaquim do Alto. Relativamente às obras apenas completei ou corrigirei as descrições dos jornais. A saída o túnel de Joaquim do Alto foi uma verdadeira cena de fadas; mas percebia como andava, e a luz extrema refrangida pelos vapores produzidos na ocasião de arrebentarem as minas e refletida pela água que umedecia a abóboda do túnel dava a esta o aspecto do mais lindo céu de luar. O ponto de Joaquim do Alto que ficará a 2 ½ horas da cidade do Rio será muito

concorrido no verão por sua salubridade, altura – ainda que esteja inferior ao cimo da serra que se eleva 1.500 pés sobre o mar – e excelente água. Antes do jantar conversei com o Ottoni sobre o melhor lugar para o Matadouro e ele ainda propõe Belém dizendo que já este ano o trânsito ficou interrompido só por horas. No Realengo não há água suficiente, e também parece o contrário pela mesma razão ao lugar do Brejo. À noite conversamos sobre o sistema das empreiteiras e ficou bem claro que os subempreiteiros perderão em favor dos empreiteiros que lucram com a falta de experiência dos primeiros. Ouvi que algumas condições dos contratos de subempreitada feitos por Ângelo Amaral, não foram aceitas pelo engenheiro da Companhia por haver perda manifesta para os subempreiteiros. O Viriato ⁵⁸⁹ engenheiro fiscal do governo disse que em novembro de 1863 estaria, segundo o contrato, pronto o caminho provisório para suprir temporariamente o do grande túnel, e que as outras obras da 2ª seção além desse túnel ficariam certamente concluídas – sem trilhos – na época do contrato, setembro de 1863 estaria, se não fosse o atraso do 2º túnel aberto na pedra depois do grande, apesar dos esforços do diretor desse trabalho, o filho do Harrah, moço de 22 anos, que se distingue pela sua atividade.

Depois do jantar dei um passeio pela margem do rio e fui até o quartel do destacamento de polícia da província. Há aqui 7 soldados, sendo 3 de cavalaria, estando os outros 3 em Macacos. O quartel mostrava ordem da parte do comandante, que aliás cria galinhas no quartel para comê-las, segundo ele diz. Havia no xadrez um preso de 4 dias à ordem do inspetor de quarteirão por ter numa briga ferido seu irmão. Armaram um arco de folhagem junto à padaria que forneceu por ornato um bem visível produto de sua indústria que pendia do arco, e andavam tocando e cantarolando 3 homens, dois dos quais traziam uma rabeca e uma viola. A tarde estive fresca assim como a noite até me recolher às 9 e 10, tendo antes falado com o Sinimbu e o Polidoro sobre política. Sustentei que o ex-presidente de Pernambuco foi imparcial na reeleição de Sá e Albuquerque e que só se lhe poderia lançar em rosto o não ter atendido à recomendação do Olinda dirigindo as influências não revestidas de autoridade nos diversos pontos a bem da candidatura de Sá e Albuquerque. Disse também que se a Câmara houvesse como devia, anulando a eleição do círculo, tornaria o Álvaro a ser eleito; o que Sinimbu contestou parecendo-me às vezes que ele nem sempre fala ou obra livre de qualquer prevenção de partido. Polidoro declarou-se pela minha opinião a respeito [do] procedimento do presidente Correia ⁵⁹⁰, e referiu que atribuíam ao Jequitinhonha os artigos do Constitucional insultando o Abrantes.

Perguntando eu porque não revestiam os túneis de tijolo mas de pedra e me disseram que dura ainda que o não pareça, respondeu Ottoni que os 11 túneis por que já passeio não têm revestimento de tijolo que exigiria menos tempo porque a braça corrente de tijolo importaria em 40\$000 e de pedra de 20 a 25\$000. Ottoni chamou a atenção de Sinimbu sobre a questão da estação na ponte do Desengano a que se opõem os Teixeiras Leites dizendo que naquele local só aproveitará à marquesa de Baependi.

27 de outubro de 1862 – Parti às 5 e 7 da manhã, chegando às 3 ¼ à fazenda de Sant’Ana de José Faro ⁵⁹¹. Na galeria do 2º poço do grande túnel é que assisti à explosão de minas nos dois extremos. A agitação do ar abala todo o corpo e o estrondo produz incômoda zoadá nos ouvidos que todavia logo desapareceu. O aspecto da galeria do 3º poço toda iluminada formando as velas no topo como um altar lembrou-me as catacumbas de Roma, ainda que a forja no meio da galeria parecesse a do Vaticano. Há questão sobre o local para a estação dos Mendes; mas não podendo ser no ponto centrar por acanhado, julgo que o proposto pela diretoria é o melhor. Este lugar há de ser também muito procurado. Há aí muito bom barro sendo alguns pontos do grande túnel revestidos de tijolo. O revestimento de pedra próximo à boca do lado dos Mendes deixa de filtrar muita água por defeito do cimento. O revestimento do poço nº 1, segundo o Viriato, não oferece segurança por causa da má qualidade da madeira. O primeiro túnel além do grande também foi mal revestido; que a abóbada está úmida. A casa do Carneiro Leão ⁵⁹² está num belo local junto à confluência do Sacra Família com o Pirai, que admite com dificuldade navegação até à vila, 3 léguas acima. Deve haver aí estação.

Carneiro Leão disse-me que já tem colhido em suas fazendas 23.000 arrobas de café, e espera que a próxima colheita seja de 18.000 e a do outro ano de 30.000, tendo-o vendido a 8\$000 apesar de não despulpá-lo e lavá-lo de todo. A Barra do Pirai no Paraíba é um belo local, e há muito espaço para a estação cuja colocação depende do que se resolver a respeito da 4ª seção. Num trapiche em que descarregam os barcos que navegam o Paraíba, e cuja ponte está sobre o Pirai, aceitei um copo d’água do fazendeiro João Pereira da Silva que mo ofereceu por intermédio do Ottoni que se empenhou por que eu o aceitasse. Este fazendeiro colhe 10.000 arrobas, e espelha [sic] boa colheita futura.

Perto do trapiche há uma ponte sobre o Pirai construída por Antônio Gonçalves de Morais (vulgo Mata-gente) a quem pagam a passagem como se fosse barreira da província, do que se me queixou o João Pereira da Silva. Antônio Gonçalves de Morais tem umas poucas fazendas na margem do Pirai – e uma com um grande açude que vi do caminho – e na do Paraíba.

Antes de seguir viagem fui ver a serraria dum português de nome Viana. Pode serrar cinco tábuas duma vez de 2 ½ pés de largo, 1 3/8 pol. de espessura e 22 palmos de comprimento. A serra é vertical, movida por vapor e apronta 4 dúzias de tabuado e 7 para forro por dia. Atravessei o Paraíba numa ponte de 60 braças de madeira e coberta de telha, construída pelos Faros creio que sob as mesmas condições que a do Pirai de que já falei. O caminho até à fazenda do Faro é muito bonito, e esta domina o rio.

Os trabalhos da 3ª seção caminham tão rapidamente que talvez estejam prontos antes que a locomotiva percorra toda a 2ª e cujo contrato feito com o Carneiro Leão é em globo; porque me disse o Ottoni desejava mostrar ao governo quanto se gastaria do capital do garantido. À vista do progresso creio que antes do fim de 1864 se irá de locomotiva pelo desvio provisório do grande túnel e por este dentro do ano de 1865 até o Paraíba. Nas extremidades da galeria do 2º poço do grande túnel trabalhavam nas brocas 6 e 5 martelos, e no fundo da galeria da boca superior 5. Cada broca tem 3 pés e abre-se em 3 horas, sendo a pedra de dureza desigual. Desde a Barra do Pirai até 3 léguas abaixo da fazenda de Sant'Ana aflora em ambas as margens do rio Paraíba em direção N. S. uma camada de carbonato de cal que pouco se entranha nessa extensão. Faro tem fornecido para as obras da estrada de ferro, e emprega 120 a 130 camadas de lenha para obter 4.500 arrobas de cal. As montanhas são argilosas na superfície. O capitão Viriato disse-me que já se encontrou numa ilha do Paraíba um mineral que lhe parece enxofre nativo e pretende mandar ao Burlamaque ⁵⁹³ para analisá-lo. Trouxe amostras de pedra dos diversos túneis até o grande inclusive.

Depois de correr a casa do Faro que ele mobiliou ricamente em 2 dias, até forrando as paredes de chitas, para o que foram da cidade 80 volumes, examinei o engenho. Além desta fazenda tem a de Montalegre que possui as melhores terras da margem do Paraíba e a da Aliança. Estão melhor montadas e já tem colhido nas 3 por ano 68.000 arrobas, sendo os escravos mil e tantos. O sistema do Faro é preparar tudo de que precisem as fazendas, até sabão. O pão de trigo é bom; mas o de cará mais saboroso. Despolpa e lava o café cuidando de trazê-lo para os terreiros por meio de um plano inclinado sobre que corre um carro. Tem ensaiado diversos sistemas de aprontar o chão dos terreiros; mas ainda não preferiu nenhum. Este ano a colheita foi má; porém a futura promete ser boa começando em fevereiro e março, e mais tarde numa faixa que compreender a Conservatória. A melhor terra é argilosa. A exposição para melhor fruto do Oeste, e para mais abundante de Leste. Planta o café em quinquêncio *[sic]*. Pouco depois de voltar para casa caiu uma trovoadas forte com muita chuva e pedrisco; durou pouco mais de meia hora.

28 de outubro de 1862 – Partida às 5 e 10. Chegada à casa dos engenheiros, em Macacos às 11 ¼ No caminho vi que os cafezais estão cobertos de folhas e com bastante fruto. Há lugares na estrada do presidente Pedreira que deviam estar empedrados quando cuidam de outros na parte abaixo de Joaquim do Alto, e até entre Belém e Macacos, que já têm ou terão em breve muito pouco trânsito.

Na casa dos engenheiros disse-me Polidoro que o Manuel Felizardo lhe lembrara a promoção de Caxias a marechal do Exército, e que desejava saber qual minha opinião. Eu referi-lhe que Manuel Felizardo quando saíra do Ministério com o Abaeté me falara nisso e eu o lembrara ao Almeida na viagem do Norte escrevendo ele nesse sentido a Rego Barros quando se tratava de organizar o exército da fronteira do Rio Grande que no seu último ministério não se tratou deste negócio, e que ele Polidoro fizesse o que entendesse. Polidoro disse que não lembraria Caxias senão para marechal do exército graduado para poupar essa despesa mostrando-se pouco disposto a fazer isso mesmo.

Em Macacos há 9 hotéis e em um deles teatro onde está o Florindo representa a Nova Castro. Sinimbu falou em mandar litografar por conta do Estado, por ter Viriato dito que tal despesa por inútil à Companheira *[sic]* não devia correr por conta dela, a planta reduzida da estrada de ferro que está perfeitamente desenhada. O Elísio disse-me que os engenheiros Pena ⁵⁹⁴ e França Leite aproveitavam; mas que Pimenta Bueno nada fazia, e ao filho do Abaeté apenas vira uma vez.

Conversando com o Ottoni ouvi-lhe que falando com alguém a quem preste atenção só por obrigação tem um sono invencível, e que lê romances com tal paixão que esquece quase tudo. Tenho lhe falado sobre negócios da estrada de ferro;

mas o mais importante eu direi seguidamente e em poucas palavras; porque receio alargar-me com o Ottoni, embora me incline a pensar bem da sua descrição, depois de narrar o mais que tem sucedido durante a minha digressão.

29 de outubro de 1862 – Parto para a estação de Queimados às 7 menos 10, donde segui para a Seropédica ⁵⁹⁵ às 7 ¼ chegando a esta às 10 ½. O caminho é muito mau e quebraram-se as molas de ambas as caleças pouco antes do engenho de Campo Alegre do marquês de Itanhaém. Amarrando com cordas as molas duma das caleças fui nela até perto da Seropédica, apeando-me numa descida donde caminhei até o estabelecimento. Tem havido grande incúria pelo menos como confessa o próprio encarregado de cuidar no estabelecimento Luís Antônio Costa que já teve sua fortuna quando era negociante e pareceu-me homem capaz. As obras não estão em relação com a despesa que se diz feita tendo se calculado o preço do tijolo e telha como feitos em Sta. Cruz quando fabricados com barro do estabelecimento e num forno que me mostrou o administrador, que é preciso dizer que se queixa de não ter sido pago desde que está no estabelecimento há 4 anos. Outros empregados também não recebem seus vencimentos excetuando o escriturário Santos, primo do Tavares ⁵⁹⁶ o qual recebe 700 e tantos mil réis por ano.

Há um sobrado por acabar internamente, em que se deverá fazer algumas obras para não apodrecer a madeira, cuja sala do 1º andar disseram-me que é para eu jantar quando visitar o estabelecimento, e o térreo para escravos do Tavares. Há um arremedo de criação, cuja semente é de outra feita em abril saindo bichos saídos aos 40 e 50 para morrerem logo, e a semente que veio da Europa está podre. Cuidam da criação uma preta e um trabalhador branco. As amoreiras estão plantadas muito unidas e carecem de limpa em grande extensão; também os escravos – que parecem tratados – são 33 e haverá estando todos bons 12 a 13 enxadas. Os casulos mais modernos são de 3 anos. Os fornecimentos parecem demasiados para as bocas que há, e os preços elevados. O Costa, vendo eu uns porcos disse-me que nada rendiam, só estragando; porque Tavares come os leitões com os amigos. Há 3 casas pertencentes ao estabelecimento, uma das quais tem botica que vendeu um filho do Tavares a um Galdino, outra era charutaria do filho do Tavares, e a terceira foi casa de secos e molhados, idem!

Voltei por melhor caminho em parte chegando a Queimados às 5 ½.

Conversei durante a minha digressão pela estrada de ferro sobre tudo o que interessa à empresa, e ouvi o Ottoni sobre a conversão do resto das ações em apólices; operação que ele aprova muito e a que parece inclinar-se Sinimbu objetando eu unicamente os inconvenientes que poderão provir da operação na praça de Londres. O principal interesse aliás muito justo do Ottoni é embaraçar futuros embaraços da oposição que lhe fazem, e dizendo-me que não interviria na próxima eleição de diretor por não ser questão da maioria e convir que haja às vezes oposição eu observei que a achava indispensável no deliberativo; mas não no executivo, pois *[se]* não se aproximava a anarquia ao que ele acrescentou que a diretoria da estrada de ferro era como um ministério em que cumpria haver solidariedade, e lembrou a reforma dos estados *[sic]* para dar mais votos aos antigos acionistas a fim de ficar o governo sempre superior na votação. Objetei-lhe os direitos adquiridos, e que a transferência das ações se tinha feito na suposição dos direitos atuais, convindo eu com o Sinimbu em que não haveria inconveniente se a reforma fosse aplicável às transferências posteriores. É urgente tomar alguma medida nesse sentido.

30 de outubro de 1862 – Parti da casa dos engenheiros às 7 e 12 e cheguei a Sapopemba às 9 ¼. O terreno destinado para os trabalhos do Instituto Agrícola é suficiente; mas a parte baixa é bastante arenosa, convindo portanto que se façam as despesas indispensáveis para um ensaio. Neste sentido falei ao Burlamaque já com planos de edificios na importância de 30 e tantos contos. A derivação da água disse-me Sinimbu que poderia ser embaraçada pelos donos que a cederam para o Realengo. O terreno do Mauá é mais baixo e uma bifurcação de igual calibre dará mais água no mesmo tempo para o lado de Mauá. Cumpre examinar este ponto com cuidado. Estive em casa do Mauá donde saí para a estação chegando a S. Cristóvão às 2 ½.

31 de outubro de 1862 – José de Vasconcelos quando veio para o jantar perguntou-me se eu iria se me convidassem, e mesmo que não fosse queria que me convidassem para um Te Deum em ação de graças pelo consórcio do rei de Portugal ⁵⁹⁷. Eu respondi que não me parecia conveniente ir a tais festas no que concordou Vasconcelos, e que não o tendo feito quando era vivo D. Pedro 5º menos razão haveria para fazê-lo agora; contudo se convidassem eu agradeceria essa prova de

atenção. Vasconcelos pareceu aprovar a idéia de que me viessem convidar; mas depois disse que eles ficariam tristes se eu não aceitasse o convite e que os despersuadiria de virem cá. Acrescentei que se fosse uma festa de caridade eu não teria a menor dúvida, e antes estimaria assistir a ela. Vasconcelos disse-me que lhe constava que portugueses tomaram parte na assuada do Passeio Público que impediu a música da fragata espanhola de tocar.

Abrantes disse que a representação dos negociantes ingleses sobre os direitos dos retalhos os tinha prejudicado na opinião pública.

1 de novembro de 1862– O chefe de polícia referiu que D. Pascoal ⁵⁹⁸ lhe asseverara que o almirante espanhol ficara convencido de que a assuada não fora à música espanhola, disse que não tomou maiores medidas porque não esperava o que houve! Contudo devia contar com uma concorrência fora do comum. A narração de minha digressão pela estrada de ferro está mais exata nos jornais de ontem e hoje (o túnel grande é revestido de tijolo em mais dum ponto) que no Mercantil. Aquela é de Viriato; esta do Ottoni.

2 de novembro de 1862 – Esteve cá o Eusébio ⁵⁹⁹ para saber quando devem começar os exames do 7º ano do Colégio de Pedro 2º. Falei-lhe na gramática do Pertence e ele disse-me que estudava a questão, preferindo como eu essa gramática à do Policarpo Dias da Cruz. Contudo havia um parecer contrário de profissionais e por isso esperava ele escudar-se na opinião pública quando decidisse contra o parecer. Falei ao Belo ⁶⁰⁰ na urgência duma deliberação a respeito da Seropédica – Cardoso ⁶⁰¹ e Tavares vieram agradecer-me a visita, embora desejasse este lá estar para dar-me explicações – e sobre a estrada da Senhorinha, que vem do Pirai para Macacos, cujo ponto ficará ainda de comércio depois de ir a locomotiva até Joaquim do Alto, por causa dessa estrada, e a da Jabuticabeira que também vai a Pirai, e a da Cacaria. Ottoni também me falou como assunto de seu estudo o modo porque deve ser feito o serviço do ramal dos Macacos desde que a estrada de ferro principal for até Joaquim do Alto. Quer estabelece um trem especial entre Belém ou Queimados e Macacos, e a idéia pareceu-me boa pelas considerações que me fez.

3 de novembro de 1862 – Hoje veio falar-me um Fernando Vaz de Melo, do Sabará, para pedir uma escolta de 50 praças a fim de conduzir da Bagagem um diamante de 31^{as} da mais bela água. Foi achado por um seu amigo. O Albuquerque a quem falou já mostra-se incrédulo e por isso recorre a mim. Mande-o outra vez ao Albuquerque a quem falarei amanhã.

4 de novembro de 1862 – Nada de importante.

5 de novembro de 1862 – O Abrantes propôs que atendendo a que a 2ª parte do compêndio de História do Brasil não é senão continuação da mesma obra ele não deveria receber o novo prêmio ⁶⁰²; porém 800\$000 para impressão. O Eusébio informou a favor do Macedo; porém eu achei justa a proposta do Abrantes.

Falei a respeito do negócio Bianchi resultado da lei a que sempre me opus até por escrito. Lembrei ao Abrantes a questão dos vencimentos do Capanema como membro da Comissão Científica e ficou de trazer estes papéis no próximo despacho – da necessidade de não dispor dos instrumentos senão conforme instruções do Gabaglia ⁶⁰³, e casa para os trabalhos da comissão sendo o Museu o local mais próprio mudando-se o Burlamaque.

Restitui o parecer sobre a proposta duma convenção consular por parte do Christie. Concorro com o parecer de Eusébio desenvolvido por Pimenta Bueno e Abrantes que diz seguir esta opinião ficou de ainda ouvir os colegas sobre o assunto. Lamare comunicou as vantagens com que ia Level ⁶⁰⁴ à sua comissão, e eu observei que parecia-me demais a gratificação de 300\$000 por mês além das outras vantagens. O ministro disse que atendendo a ele deixar cá a família não era demais. Sinimbu ainda falou sobre o negócio das Maxambombas e eu disse que fizesse o que entendesse mas que por anuência da minha parte não se arriscariam vidas. Assentou-se em ser o ponto terminal no fim da Rua dos Ciganos ao entra na Praça da Constituição.

6 de novembro de 1862 – Nada de importante.

7 de novembro de 1862 – Fui ao externato. Fizeram os alunos do 7º ano exame de latim em Anais do Tácito e Horácio. A melhor prova escrita, tradução de Tácito, era do filho de Mayrinck. Quase todos entenderam o autor; mas o estilo português é péssimo. Na prova oral alguns mostravam ter pouco lembrado o que aprenderam anteriormente. O filho do Dr. José Francisco Diogo fez mau exame escrito e oral. É preciso que o professor de Retórica ⁶⁰⁵ cuide mais de ensinar-lhe a escrever português que não envergonhe a quem o lê.

8 de novembro de 1862 – Disse ao Abrantes que no despacho passado hesitava a respeito da licença para o ex-1º vice-presidente publicar sua defesa por causa de conter um aviso reservado do ministro do Império, que aliás não pode prejudicar ao governo, que da minha parte não havia a menor oposição à licença. O decreto da exoneração de Nunes Gonçalves foi a pedido sem mais nenhuma declaração, no aviso de remessa é que Abrantes, disse que o governo não dispensava seus serviços na atualidade. Fernandes Torres chegando a Mariana e sabendo da nomeação de Vasconcelos, ofendido talvez por não ser escolhido para presidente, oficiou a Mota Teixeira que por poucos dias era melhor que era ficasse presidindo à província.

Abrantes trouxe as atas da eleição de senador de Mato Grosso, porém a falta de Poconé, e não é a remessa oficial; portanto ele disse que julgava como eu que se devia esperar para que houvesse toda a irregularidade.

Abrantes trouxe os papéis relativos à ópera lírica e ficou de ordenar aos nossos agentes na Europa que declarem que o governo não garante de nenhuma forma os contratos que se fizerem. Eu propus, que, no caso do contrato feito pelo governo e que eu não vi, por não ter aprovado o destino das loterias e deixar tudo ao Olinda, que insistiu por tal resolução o permitir se exigisse nos contratos dos artistas a declaração de que o governo não os garante e não pagando o produto das loterias caso não se faça aquela declaração.

O Abrantes propôs que se mandasse uma missão especial a Buenos Aires para se tratar do pagamento do que nos devem, e disse que Nicolau Tolentino seria próprio para tal missão. Eu observei que tal missão traria acréscimo avultado de despesa e que não esperava bom êxito dela. Além disto o Abrantes não estava exatamente informado até do cômputo das dívidas que contraiu Urquiza conosco por parte da Confederação Argentina. Ficou de estudar melhor a questão.

O nosso cônsul na Bélgica ⁶⁰⁶ quer publicar uma obra sobre colonização contendo suas correspondências sobre tal assunto, e assentou-se em que dependesse da aprovação do nosso ministro residente, Joaquim Tomás do Amaral tudo o que interessasse ao serviço público, manifestando eu a opinião de que nenhum empregado público pode sem licença do governo publicar qualquer coisa que entenda com o serviço público. Sinimbu disse que julgava só haver direito de demitir empregado se a publicação deste o exigisse, mas por fim pareceu não estar longe de concordar comigo.

Albuquerque disse que se ocupa da reforma da *[ilegível]* e que pretende demitir todos os que desabona em sua moralidade a comissão de exame depois de maior estudo proibindo contudo desde já a entrada da Alfândega aos despachantes que tem a comandita de contrabando, sendo o capataz um que tem sido expulso tornou a ser demitido.

Albuquerque acrescentou que talvez propusesse a deportação de estrangeiros contrabandistas como Romaguera ⁶⁰⁷, respondendo que não poria a menor dúvida à medida se o ministério a propusesse. Sinimbu observou que tais atos denotavam impotência de fazer respeitar a lei; mas que eu repliquei-lhe com o que se fizera a traficantes de escravos, que Sinimbu retorquiu ser caso muito diferente; mas todavia indica também, segundo refleti importância de fazer respeitar a lei.

Restitui a Lamare um ofício do 1º tenente Camilo Lellis ⁶⁰⁸ vice-diretor de Itapura que chama a essa colônia novo Senegal pelo lado da salubridade sendo muito difícil para um vapor a navegação fluvial. É datado de 20 de outubro. Sinimbu disse que tratava de mudar o chefe de polícia, por ser fraco e pouco diligente quando se assentasse numa presidência para ele, e de demitir os 2 delegados por falta de atividade e os 2 promotores, por causa do negócio do Getúlio ⁶⁰⁹, o qual depois de pronunciado esteve em casa de Ferreira Viana, tendo Guanabara ⁶¹⁰ por sua acusação combatido a classificação do crime e portanto concorrido para a absolvição de Getúlio.

O Abrantes ainda não trouxe os papéis precisos para resolver sobre os vencimentos do Capanema, dizendo que a demora era da secretaria, e comunicou que está cuidando duma casa para a Comissão Científica, e lembrei que podia Burlamaque com mais vantagem para o serviço ocupar essa casa alugada por conta do ministério do Império.

Albuquerque retirou-se antes de concluído o despacho, e depois da sua retirada. Sinimbu disse que o Albuquerque lhe declarara que não se oporia à proposta de Abílio Tavares para chefe de polícia de Pernambuco.

Sinimbu apresentou as condições para o serviço de Maxambos *[sic]* a vapor, e eu apenas refleti que empregando 2 locomotivas não precisava haver a reversão na Rua dos Ciganos ⁶¹¹ a qual ocuparia bastante espaço da rua, e que seria bom declarar no contrato que o governo não o afiança de nenhum modo, não se pagando a subvenção caso não haja nos contratos tal ressalva. O Albuquerque deseja que o Tolentino, por falta de energia, saia do seu lugar, e lembra por ora em conversa com o Antão ⁶¹² para inspetor da Alfândega, o que logo aprovei.

O Abrantes tornou com a questão da extradição de súditos de 3ª potência pedida pelo Brasil ou pelo Estado Oriental, e eu disse como entendia o artigo do tratado de extradição; isto é, literalmente, e impugnando-me Abrantes e Sinimbu eu rematei que era preciso ou pelo menos conveniente novo ajuste com o Estado Oriental sobre o modo de execução do tratado ⁶¹³. Quando se tratou dos negócios da Alfândega da Corte o Polidoro aponto Antônio Eulálio como gozando da fama de ser cúmplice de contrabandos, e o Castro.

Reclamei a respeito das instruções dadas pelo Sinimbu aos engenheiros sobre observações meteorológicas porque a falta de conjunção e antes das palavras do higrômetro dá a entender que os outros instrumentos devem ter graduação métrica do higrômetro. Além disto, refleti que teria sido necessário indicar qual o instrumento – pois que há diversos, sendo o melhor o psicrômetro – que devia medir a umidade atmosférica cuja observação foi o que unicamente lembrei quando o Sinimbu me deu as instruções, trabalho de Cândido Batista, para ver. Fiz esta reclamação porque haviam de saber que eu fizera a referida observação, e não queria que se repetisse o que se disse por ocasião da exposição, para cujo catálogo lembrei o Amianto, e que não sei quem classificou entre os sais, segundo me consta sucedeu numa lista não impressa felizmente.

O Sinimbu disse que tencionava propor para um dos lugares de promotor o filho do Eustáquio, secretário da província do Rio Grande do Sul.

9 de novembro de 1862 – O Frederico Carneiro de Campos ⁶¹⁴ trouxe-me uma resenha de seus serviços e pediu-me que o protegesse na promoção. Respondi que não compreendia senão justiça, e ele então acrescentou que pedia justiça.

Assisti a uma experiência de domar cavalos pelo Luís Jácome, filho de Baltasar Jácome de Abreu. Escolhi um cavalo russo pedrês que me pareceu mais xucro ⁶¹⁵ dentre os que vieram de Sta. Cruz e já lhe tinham sido entregues desde o dia 25 do passado, ainda que Fernando Dias Paes Leme ⁶¹⁶ assevera que Jácome não tocara nos animais, e só por meio da vista, som do chicote, movimentos, pancadas, e mimos deste e da mão em 1 hora punha o cabresto no cavalo, e em hora e meia montava-o com freio sem barbeta e selim, e levantava-lhe as mãos e os pés. O cavalo ainda não tem 3 anos, e disse que levava tanto tempo por causa da bulha sobretudo de outros animais ao princípio. Segundo lhe ouvi não é mais preciso senão conservar o cavalo na estrebaria por não voltar ao antigo estado acabando de ensiná-lo pelos mesmos meios. Disse que já tem posto a cabresto a animais xucros em ¼ de hora não havendo causas que perturbem a sua ação. O cavalo foi logo depois montado por um moço da estrebaria. É uma bela vitória da inteligência humana.

À tarde fui à sessão aniversária da instalação da congregação beneficente de Sta. Teresa na Câmara Municipal.

10 de novembro de 1862 – Logo que li os jornais escrevi ao Abrantes sobre o atentado contra a soberania nacional praticado pelos vapores peruanos realizando-se assim o que eu receava e me fazia instar com os ministros da Marinha para cuidarem de ter uma força naval no Pará ⁶¹⁷. Abrantes veio antes de receber a minha carta e já me tinha prevenido quando à ida de vapores de guerra para o Pará. Falou-me a respeito das nomeações para o Instituto da Agricultura, comunicando-me que assentara com o Sinimbu em propor Otaviano por ser mais moderado que Saldanha Marinho ⁶¹⁸, que aliás ele Abrantes, reconhecia mais capaz de fazer alguma coisa, para contentar a imprensa.

Parti para o Colégio de Pedro 2º (Externato) e Abrantes ficou de levar lá os decretos. Já o encontrei no colégio e segundo o que pensei durante o caminho ponderei-lhe que Saldanha Marinho, que se mostrara tão favorável ao Instituto de Agricultura se ofenderia de seu esquecimento e nomeação de Otaviano, e que portanto me parecia melhor nomear Otaviano, Saldanha Marinho e Adet ⁶¹⁹. Abrantes concordou em preferir a nomeação dos três a seu esquecimento, e eu dei-lhe a escolher dentre os que me parecia que menos serviços prestariam no Conselho Fiscal, 2 que seriam substituídos por Saldanha Marinho, e Adet. Ficou de mandar lavrar estes dois decretos, e fui para os exames de Grego. Os orais correram

melhor que os de latim, distinguindo-se sobre todos o Mayrinck e respondendo pior de todos Eduardo Pereira Rego, o filho de Je. Fco. Diogo lhe foi superior. Ainda mais senti a necessidade das gramáticas serem organizadas pelas mesmas doutrinas na parte comum.

À tarde estive com o Lamare. Veio propor-me a partida de Belmonte e Beberibe ficando a Amazonas, que parece os colegas queriam que fosse; porque entende deve permanecer aqui às ordens pois tem capacidade para conduzir um corpo militar para qualquer parte. Deve segui-los de Pernambuco a Parnaíba, e propôs o Pereira Pinto ⁶²⁰ para comandá-los. Eu disse o que pensava sobre este oficial agora de pouco préstimo militar, segundo minha opinião, e lembrei-lhe que fosse algum que nos deixasse a ambos tranqüilos. Ele propôs logo o Parker ⁶²¹ que me parece excelente escolha, mesmo pela sua patente. O comando da estação conforme propôs o Lamare, e pareceu-me justo, fica preenchido interinamente. Lembrei que fossem imperiais marinheiros em maior número que a lotação dos navios.

Tive sessão do Instituto Agrícola e aí soube que o Sinimbu preferiu, por causa de Adet, que disse nada representar por si, que nenhum dos redatores fosse escolhido para o Conselho Fiscal, tendo metido na lista o Aljezur ⁶²², que por observação minha, foi substituído por José Duarte Galvão, que alguma coisa pode fazer por sua atividade. Nada houve na sessão de notável. Eu e a maioria da diretoria opusemo-nos à planta no valor de 15 contos para casa de trabalhadores, e o Burlamaque ficou de apresentar na próxima sessão da Assembléia Geral que deve ser a 26 um plano mais modesto. Cuidasse da aquisição de diretor, e por ora nomear-se-á um feito para cuidar da derrubada, e fazer as plantações necessárias para o terreno limpo não se cobrir de mato.

O Abrantes explicou ao Werneck ⁶²³ o motivo porque passa para o Conselho Fiscal, que é o de não poder comparecer assiduamente, sem sacrificio às sessões da diretoria. O Werneck e o Barbacena lembrou cada um homem inteligente e prático para o lugar de feitor, e o Mauá outro que serviria, segundo ele diz, com vantagens sob a direção do homem que se porá à testa da fazenda-escola. O Mauá lembrou a necessidade da encomenda de instrumentos; mas eu observei que só a prática indicará os precisos e que por ora só deveriam vir os já experimentados com vantagem. Já se falava em destocar por meio de máquinas e todavia Barbacena e Mauá disseram que os ferros das máquinas que usaram se partiram; é verdade que de aço americano. Mauá tem empregado para destocar correntes de ferros puxadas por bois, e Burlamaque preconiza as minas de pólvora em alguns troncos.

Também se assentou em ir transplantando as plantas do Jardim Botânico a principiar pelas baunilhas, e diminuir o número de 30 trabalhadores que se empregaram na derrubada. O feitor vence 133\$333 por mês, o que não julgo barato embora digam que por menos de 100\$000 não se acha um bom feitor.

Vi as diversas substâncias extraídas em Viena de palha de milho. O papel é muito bom, e o pano ótimo para sacas. A substância farinácea própria para sustento de animais estava com bolor, e parecia sabão pardo.

11 de novembro de 1862 - Fui assistir a exame na Escola de Marinha. A bulha não me deixou ouvir do meu lugar a maior parte do que disseram os examinandos de 3º ano, José Cândido Guillobel não respondeu mal na primeira parte; mas na 2ª mostrou que pouco sabia de Cosmografia. Luís Filipe Saldanha da Gama do 2º é vivo; porém muito presunçoso ao menos de moço bonito. O melhor foi o do 1º ano, Francisco Eutaquiano da Costa Penha. Ainda é muito moço. Na pedra atrapalhou-se um pouco; mas a prova escrita que me mostraram agradou-me; promete, e parece modesto. Vi de passagem os desenhos que eram mediocres e não me demorei mais porque esperava o Abrantes com as instruções para o Parker. Achei-o na Escola de Marinha e disse-me que achou o projeto de instruções muito belicoso e que pensando mais durante a noite julgava dever modificá-lo não podendo partir os vapores senão amanhã. Respondi que havia tempo para partirem hoje, e Abrantes foi para a audiência, para onde saiu também Lamare, a quem dispensei de acompanhar-me na Escola.

À tarde vieram Lamare e Abrantes. Li as instruções e observei que era mais prudente não dizer terminantemente que o tratado com o Peru tratava dos navios de guerra, e que para o Parker fazer alguma coisa deveria seguir até Tabatinga os vapores peruanos e se tivessem já entrado em águas do Peru, continuar num vapor até a principal povoação e pedir uma satisfação do governo do Peru como se atribuisse o procedimento dos vapores peruanos somente a seus comandantes, marcando um prazo da necessária duração, findo o qual deve ter ido da cidade de Belém receber a satisfação, retendo entretanto os novos vapores peruanos, que se aguardam, como penhor da satisfação. As instruções ordenavam que os vapores se retirassem para Belém caso os peruanos estivessem em águas dessa República, e aos novos vapores apenas

advertissem de modo cortês do que lhes cumpria fazer e os outros desprezaram. Abrantes anuiu às minhas reflexões, e eu recomendei-lhe que antes de expedir as instruções ouvisse a seus colegas sobre as alterações que eu propusera, e que esta noite mesma partissem os vapores. Cada um leva 20 praças de desembarque além dos da lotação e Parker tem autorização para tirar de 2 de Julho as que sejam precisas. Lamare vai contratar carvão para abastecimento dos vapores no Pará. Parker veio despedir-se e eu disse-lhe que não precisava recomendar-lhe que fizesse seu dever. Foram ordens para o presidente de Pernambuco mandar infantaria e artilharia e o do Maranhão infantaria à requisição do presidente do Pará ⁶²⁴, devendo levar cartuchame embalado. As praças dos vapores levam armas à Minié.

12 de novembro de 1862 – Em despacho ficou assentado que se desse a cada chefe de seção da Comissão Científica 200\$000 por mês além dos vencimentos de seus empregos. O Abrantes disse que o Museu poderia servir para os trabalhos e que o examinaria com alguns membros da comissão, segundo lhe recomendei. Fernandes Torres escreveu a Abrantes dizendo que ao constar-lhe que o novo não podia seguir logo se resolver a tomar posse do governo ⁶²⁵. O Albuquerque tratou das medidas que reclamava a Alfândega, e deu-me para ler por inteiro o relatório da comissão de inquérito e uma lista de demissões de empregados e proibições da entrada de despachantes. O José Dias da Cruz é um dos demitidos e eu disse que desejava ser informado cabalmente de seu procedimento para que se me convencesse de sua prevaricação riscá-lo da lista de meus criados e caso ficasse só em dúvida não o chamar mais a serviço ⁶²⁶. Albuquerque respondeu-me apenas que tinha colhido más informações a respeito de José Dias. Falando-se de Antônio Eulálio ⁶²⁷, que é chamado ao Tesouro o Polidoro disse-me que não o acusava de prevaricador mas de fraco contra os prevaricadores. Albuquerque diz que o Emídio da Câmara ⁶²⁸ é mal conceituado, e por isso propõe sua demissão, e no despacho passado já tinha falado na necessidade de remover Nicolau Tolentino da Alfândega por um modo honroso dando-lhe alguma presidência. Hoje lembrou o Estêvão da Cruz para o lugar de Antônio Eulálio o que me pareceu não agradar ao Sinimbu, dizendo eu que o achava muito idôneo para o lugar, e no despacho passado lembrara o Antão para o lugar de Nicolau Tolentino. Disse que desejava propor as cartas de Conselho para o Galvão e Ottoni; mas que não sabia se este aceitaria ⁶²⁹. Eu declarei que aprovava muito a idéia; mas que não queria expor a graça a uma recusa da parte do Ottoni por causa do receio que ele teria de que pudessem lançar-lhe em rosto seus adversário com ofensa de seu orgulho que tanto o domina. Disse mais que sou o primeiro a reconhecer as boas qualidades do Ottoni julgando-o por seu caráter capaz de levar avante empresas de importância para o país, e que apenas não concordava com suas reformas constitucionais, que já foram causa do Cristiano não entrar para o ministério; do que ele se desculpou pessoalmente com a urbanidade e deferência que sempre me tem mostrado. Fiquei de restituir os papéis relativos à Alfândega no despacho próximo.

Restitui ao Sinimbu um ofício com documentos do presidente das Alagoas ⁶³⁰ justificando a nomeação do subdelegado de Maceió e do inspetor da casa do algodão. O subdelegado vai servindo com atividade, e o crime de que eu o perdoei foi muito pouco importante; mas o segundo teve um processo de bancarrota culposa, e apesar de absolvido na Relação, posto que contra o voto do D. Francisco e Silva Gomes ⁶³¹, não era o que deveria ser preferido para o emprego.

Disse ao ministro da Guerra que se os escravos de Sta. Cruz como praças não tinham prestado serviços dignos de atenção, os mandasse entregar, e que eu já dera ordem para eles não serem castigados pela fuga.

Sinimbu comunicou uma participação do colono Borowski da qual consta que pelo seu processo, que cumpre examinar se é invenção dele, conservou toda a colheita de grãos do ano de 1860 que supriu a falta da do ano passado. Pede um prêmio para descobrir o processo.

Esqueci-me dizer que o Albuquerque lembrara a necessidade de cassar o exequatur ⁶³² do cônsul do Peru a José Romaguera ⁶³³ como contrabandista. Abrantes prevenindo as minhas observações disse que a medida era inconveniente por causa do sucesso dos vapores peruanos, e que depois da publicação do relatório de inquérito se poderia tomar. Falei no mesmo sentido.

13 de novembro de 1862 – Esteve cá o Olinda. Ainda o acho bem incomodado. Falamos do Maranguape. Ele entende que se deve nomear outro ministro; porém receia causar desgosto, e não sabe como resolver a questão do Conselho de Estado, visto Maranguape não poder servir na seção que lhe pertence. Eu referi-lhe o que dissera aos ministros sobre isto, e que não tendo pressa fizesse ele Olinda o que julgasse melhor. Disse-me Olinda que o novo ministro deve trazer força ao

ministério e lembrou o Abaeté receando que ele não aceitasse, e confessando que Abaeté parece pender para um lado. Eu lembrei de novo qual o pensamento da organização do ministério, e por isso falei dos boatos de dissolução que se espalhavam como partindo de ministros. Acrescentei que nada receio desta medida levada a efeito por ministério imparcial e que faça respeitar a lei com energia na votação para que os vencidos não aleguem coação. Olinda respondeu que não se podiam impedir boatos fundados em plausíveis conjeturas, e que seria impossível evitar a alegação de coação por parte dos vencidos na eleição; ao que repliquei não ter essa alegação importância se o procedimento da autoridade for como exige o dever. Falei no pendor do Sinimbu para a gente ligueira e liberal, com quem convive – citando algumas nomeações, das quais a recondução do juiz municipal Aurélio em Minas contra o qual o Olinda também teve muito más informações lhe causou reparos – desejando talvez por isso ainda mais alargar a pasta da justiça, assim como da mesma queda; porém mais disfarçada do Abrantes, sendo igual a do Lamare e contrária a do Polidoro, parecendo-me imparcial o Albuquerque, que apenas tivera algumas dúvidas com Sinimbu por causa de nomeações.

Recordei ao Olinda os apontamentos meus que tem em seu poder. Olinda ocupa-se com o regulamento para execução da lei dos casamentos; mas com uma hora deste trabalho sentiu-se muito fatigado. Disse que por ora pouco pode fazer e reassume a pasta porque seus colegas desejam que ele assista às conferências e despachos.

O capitão de mar e guerra Vale assim como ontem o Lima Campos, que me trouxe sua representação impressa vieram pedir ser contemplados na promoção ⁶³⁴.

14 de novembro de 1862 – Esteve cá Vasconcelos que parte na semana próxima para Minas. Recomendei-lhe as estradas, e a comunicação da de Pedro 2º com o rio de São Francisco. Respondeu que desde sua anterior presidência se ocupa de comunicações com o rio de São Francisco e que aproveitaria as habilitações de Mr. Liais ⁶³⁵. Disse-lhe que a respeito da política se entendesse com o ministério, e que ele pessoalmente sabia meu modo de pensar, nada tendo que lhe ordenar e tudo que esperar de sua presidência.

Assisti ao exame de literatura portuguesa do 7º ano no externato de Pedro 2º. O Mayrinck continua a conservar o mesmo lugar em relação das provas; mas a escrita que me pareceu hoje melhor foi a do Hermano que também fez boa prova oral. Notei, e fi-lo notar ao Eusébio ⁶³⁶, que os estudantes durante a prova escrita tinham sobre as mesas exemplares do compêndio de literatura porque estudam e de que um (Álvares de Azevedo) copiou, se bem me lembro do compêndio, extensas passagens.

Procurou-me o ex-chefe de polícia de Minas Ludgero ⁶³⁷. Disse-lhe que não julgava que tivesse sido reator e que sua exoneração fora motivada pela nomeação de novo presidente que desejou levar chefe de polícia de sua confiança; mas que talvez algumas demissões e nomeações não fossem justas como a do delegado Pereira de Itajubá que foi má atento o procedimento criminoso de Pereira durante a eleição geral, o que lhe motivou a demissão na presidência de Vicente Pires da Mota.

15 de novembro de 1862 – Abrantes trouxe uma representação do cônego Caetano Pinheiro contra a decisão a respeito de seu compêndio de literatura. Alega que só com ele é que há tal procedimento e que gastou com a edição do compêndio 2:800\$000. Abrantes mostrava-se favorável, mas eu insisti na primeira decisão, e que só tinha direito ao que houvesse gasto com a edição que não podia ser tanto como dizia, e que a respeito do compêndio do Vilela Tavares ⁶³⁸, julgava que não se dera o prêmio senão depois das correções; mas que o Olinda podia informar melhor. Abrantes disse-lhe que parecia haver acomodação para os trabalhos da comissão científica numa sala por baixo de outra da secretaria do Império, e que mandaria melhorar o local já destinado no Museu para Capanema. Eu tornei a lembrar a conveniência que trabalhassem no Museu, e recomendei ao Abrantes que depois de amanhã quando fosse examinar as diversas localidades levasse consigo chefes das seções da comissão científica e sobretudo o Dr. Freire (tio).

Restitui o relatório da comissão de inquérito da Alfândega e a lista dos demitidos etc. Mostrei que depois do que dizia a comissão não se podia dar uma presidência a Tolentino, e que para não o confundir com os prevaricadores, como era justo, se lhe insinuasse que pedisse sua demissão. Mostrei quais os que suspeitos pelo relatório não estavam na lista que na sua grande maioria compunha-se de indivíduos não comprometidos pelo relatório inclinando-me ao voto do Galvão. Albuquerque apresentou um papel resultado de informações de Sampaio Viana ⁶³⁹ que desabona muito José Dias da Cruz Lima como

prevaricador acusando de receber dinheiro por despachos e de ser desprezado por todos na Alfândega. Polidoro e Sinimbu observaram que Sampaio Viana é rancoroso, concorrendo talvez para a informação o ter sido José Dias despachado por Sousa Franco ⁶⁴⁰; mas Albuquerque defendeu Sampaio Viana e eu disse que propusesse o que entendesse para que se ele fosse aposentado como agora parecia Albuquerque querer não se dissesse que influíra para isso ser José Dias criado da Casa. Polidoro mostrou-se contrário a que se procedesse contra aqueles que não fossem suspeitos pelo relatório de inquérito. Sinimbu parece inclinar-se a esta opinião assim como Lamare e tendo aquele lembrado que devia ser ouvido o marquês de Olinda, eu observei que já o recomendara no despacho passado convindo todavia que se não demorasse muito a medida. Albuquerque mostrou-se muito incomodado e disse que com o adiamento nada se faria e que Olinda às vezes não quer ouvir; o que me obrigou a dizer para não ir adiante que me parecia achar-se ele prevenido contra o Olinda, que não embarçaria uma medida justa.

O Polidoro trouxe a lista dos coronéis nas condições de serem promovidos a brigadeiros. Dentre os graduados propus Sepúlveda Everard ⁶⁴¹. Eu e os ministros das Obras Públicas e da Marinha achamos má a proposta por causa das acusações que se fizeram à probidade de Sepúlveda, e eu acrescentarei que a não descer muito na lista para escolher um oficial capaz de comandar como Fontes ou Damaso dos Reis ⁶⁴², não incluindo Luís José Ferreira por seu mau procedimento eu escolheria o Frederico Carneiro de Campos. Polidoro mostrou-se bastante contrário e disse que muitos se empenhavam pelo Frederico tendo até recebido uma carta do marquês de Olinda mas que ele nunca fora militar, e que a não ser nenhum dos graduados antes fosse que Frederico o César de Miranda. Por fim conformei-me com que fosse o mais antigo só digno da escolha pelos serviços antigos que mais não prestará; mas que não se achava no caso do Sepúlveda que o Polidoro defendeu da acusação quanto à obra do picadeiro por cuja verba se fizeram muitos outros sendo por isso desproporcionada a despesa, mas não do que se disse dele no Rio Grande e lembrou o Sinimbu. Foi proposto o Caxias para marechal do exército graduado, e eu logo anuí achando que o merece.

Entreguei ao Lamare o projeto de decreto a respeito das estações, e notei a demasiada extensão da do Sul, que assim foi proposta para não haver preferência entre Bahia e Pernambuco quanto à do centro, assentando-se em que se reunissem as duas províncias sem que se designasse nenhuma para centro, e lembrei a conveniência de não deixar ao arbitrio dos comandantes de estação preferirem os cruzeiros ou a viagem de instrução durante o ano. O Sinimbu propôs Antônio Gonçalves Martins ⁶⁴³ embora ache o Dória ⁶⁴⁴ que eu preferia mais digno da escolha em absoluto, por isso que o outro não é acusado senão de fraco, passando a vara desde que o processo o pode comprometer, ainda que como eu disse me constara já alguma coisa em desabono de sua probidade o que Sinimbu atribui a calúnias que assacaram ao barão de S. Lourenço e refluíram sobre o irmão, e é mais antigo do que o Dória. Eu ainda observei que a lista é para escolher o mais digno em absoluto, e que ele também propusera como o Polidoro. Propôs a demissão dos promotores não precisando verdadeiras acusações senão contra Ferreira Viana, e só dizendo do Guanabara que trabalhava no mesmo escritório e servira de escárnio no júri acusando o Getúlio. Notei esta diferença apenas; porque reconheço no Sinimbu fundo de justiça, e ele propôs para substituir os promotores o Melo Matos ⁶⁴⁵ e Aristides da Silveira Lobo contra o qual nada me consta, pelo contrário, mas há de dar lugar a falsas interpretações do verdadeiro motivo das demissões. Também o Guanabara é acusado de reter o processo do Silva Pinto até se decidir o de contrabando contra Masset não tendo eu opinião ainda bem formada sobre a legalidade do procedimento que tem havido atendo o que publicaram os jornais. Propôs para major de permanentes o que foi nomeado; porque o comandante informa muito mal assim como o Polidoro do capitão Cesarino [*sic*], que diz Polidoro fora culpado de não ser o preso o Luís Botafogo e além de mau oficial é péssimo pai de família.

O Lamare disse que cuidava da praticagem da barra do Rio Doce.

16 de novembro de 1862 – Ao meio dia estava na primitiva catedral no Castelo. Começaram a remover a lápide da sepultura de Estácio ⁶⁴⁶. Esperava encontrar qualquer receptáculo só terra e logo que esta foi cavada apareceram ossos não muito antigos de adulto, e de criança, talvez menina. Não desanimei, e cavando-se até 5 palmos e 2 polegadas a encontrar o chão duro, e no comprimento de 11 palmos, e largura maiores que as dimensões da lápide acharam-se ossos colocados juntos, de consistência de massa para papelão, alguns e outros que se desfaziam ao contato de diversas partes do corpo que devia ser de estatura mais de mediana de homem quase com toda a certeza possuindo uma bela testa de arcadas superciliares eminentes não mostrando o crânio suturas o que parece contradizer a existência da mandíbula superior com

todas as raízes dos dentes menos do siso que ainda não havia nascido. O Dr. Fontes lente de anatomia da Escola de Medicina do Rio ⁶⁴⁷ que ia tirando com todo o cuidado e examinando os ossos disse que eram de indivíduo de menos de 40 anos e de faces pequenas. O que diz o Jornal do Comércio é exato, menos do tempo que durou a exumação. Aconselhei que pusessem os ossos dentro duma urna no mesmo lugar debaixo da lápide. Veremos o que dizem o Dr. Fontes e Dr. Ferreira de Abreu lente de medicina legal da mesma Escola ⁶⁴⁸ sobre tudo o que se puder colher do exame dos ossos. Recomendei que guardassem uma porção da terra que envolvia tanto os ossos de cima, que também serão examinados como os da camada inferior.

17 de novembro de 1862 – Fui assistir ao exames do 7º ano no externato do Colégio de Pedro 2º. Os que se distinguiram no exame de História do Brasil, tanto escrito como oral, foram Álvares de Azevedo, e o Hermano. O Frederico Rego mostrou feliz memória. Acharam-se alguns com compêndios que se lhe tiraram antes da prova escrita.

O João Carneiro do Amaral ⁶⁴⁹ veio falar-me sobre o despacho que pretende o Abrantes propor-me do diretor geral da secretaria Azambuja para ministro plenipotenciário no Peru ⁶⁵⁰, e disse que se for despachado, como é de crer o oficial de gabinete para diretor geral, o irmão dele Joaquim Tomás do Amaral ⁶⁵¹ que o Taques já quisera despachar para esse lugar trocando o Azambuja pelo da Bélgica seria prejudicado, mostrando-me a carta que Taques escrevera em 2ª via e este por pedido dele lhe mandaria. Parecia receoso de falar-me num negócio que ele soubera somente por ser oficial de gabinete de Taques, e eu apenas lhe respondi que veria, não acrescentando que tinha conhecimento pelo próprio Taques da carta que este escrevera a Joaquim Tomás do Amaral e que o João Carneiro mostrava escrúpulo em ma mostrar; porque não sei ainda bem porque Amaral veio falar-me.

18 de novembro de 1862 - Nada de importante.

19 de novembro de 1862 – Olinda veio ao despacho. Fiquei de examinar o método de leitura do Castilhos do Campo Grande ⁶⁵², antes de resolver a respeito do prêmio.

O Olinda propôs a demissão dos presidentes da Paraíba, Espírito Santo e Rio Grande do Sul, não o fazendo ainda a respeito dos do Paraná e Rio Grande do Norte por ainda não ter formado sua opinião ⁶⁵³. Como se alegou contra o presidente da Paraíba a influência do secretário eu disse que não aprovando mudanças de presidentes senão quando sejam absolutamente necessárias era melhor demitir o secretário ordenando ao presidente que proponha Olinda as queixas que se têm publicado, e a que não responderam em defesa do presidente, e eu objetei que às acusações eu tinha lido defesa em reposta, e que era preciso ver de que grupo partia a oposição. Abrantes disse que o presidente era governado pelo inspetor da Tesouraria ⁶⁵⁴, a que eu respondi que me custava a crer atenta a inteligência do acusado, e queixando-se Albuquerque do presidente ser gastador e não cuidar das colônias eu perguntei o que havia ao Sinimbu e este deu uma resposta evasiva. Quanto ao do Rio Grande alegaram a questão com o chefe de polícia, o secretário, e o comandante das armas, e Abrantes fala de atividade na diligência [*sic*] motivada pelo naufrágio do Prince of Wales, lembrando Sinimbu a nomeação do Saião ⁶⁵⁵ para chefe de polícia interino e o apoio que lhe presta o grupo de Félix da Cunha e Saião na Assembléia Provincial. Eu defendi o presidente, de quem formo excelente conceito, e disse que se atendessem a seu caráter concentrado e procurassem com confiança em sua retidão entender-se com ele provavelmente evitar-se-iam as desavenças, que não me pareciam razão bastante como o resto para a demissão; porém que se o ministério insistisse por esta como pelas outras eu nada mais diria pelo mesmo motivo que guiou meu procedimento nas demissões anteriores. Recordei ainda qual o pensamento que me dirigiu na escolha dos ministros, e eles ficaram de refletir sobre o que eu ponderei. Também disse que não tinha tido tempo de examinar os atos do presidente do Rio Grande do Sul de que fala o Diário; mas que pensava que era uma questão de direito o presidente como magistrado inteligente teria procedido regularmente. O Olinda propôs o chefe de polícia da Corte para presidente do Espírito Santo, e eu disse que não me opunha caso fosse demitido o atual, e que a dificuldade seria a escolha do substituto do chefe de polícia da Corte. Sinimbu disse que proporia o Espiridião de Barros Pimentel ⁶⁵⁶ ao que se opôs logo o Polidoro dizendo que devia ser um magistrado inteiramente imparcial aludindo às passadas eleições. Eu observei que Barros Pimentel tinha prestado bons serviços evitando conflitos; mas que talvez fosse além do necessário para que não corresse sangue e por isso entendia que era prudente escolher algum que não causasse suspeitas a nenhum dos lados

devido a autoridade durante as eleições fazer tudo o que as leis ordenam para que os mais ousados não privem os outros do exercício do direito de votar. Sinimbu respondeu que o novo ministro da Justiça proporia quem julgasse apto para o lugar. O Olinda falou do Liberato de Matos, e não percebendo eu que era para alguma presidência, que poderia bem preencher como depois declarei, opus-me dizendo que o Matos não tem a energia precisa para uma crise. Assentou-se em que Pedro Leitão da Cunha fosse presidente para Sta. Catarina, e o Sinval que foi secretário no Ceará para Amazonas ⁶⁵⁷. Em lugar do Assis Rocha foi proposto o Nunes Gonçalves, e aprovei-o de preferência a Araújo Ribeiro, em cujo nome se falou; por me parecer este fraco de caráter embora dotado de excelentes qualidades ⁶⁵⁸. Abrantes por lembrança de Lamare propôs uma atenção nas instruções dadas ao Parker para que deixasse seguir os navios peruanos que se esperam caso o almirante dê satisfações pedidas que disse Abrantes deverem ser uma salva à bandeira brasileira e o pagamento das multas. Eu disse que me inclinava a esse alvitre se se declarasse logo que não se retirava o pedido de satisfação, a qual se deverá declarar precisamente qual é, feito ao governo do Peru, enquanto este não aprovasse inteiramente a satisfação dada pelo almirante; mas que ainda queria pensar pois é preciso não confiar na boa fé de nossos vizinhos que devemos aliás tratar com toda a lisura. Ficou adiada a partida de vapor para o Norte até se assentar no que cumpre fazer. Albuquerque disse que tinham convindo em proceder somente a respeito daqueles que se acham comprometidos pelo inquérito, e antes do despacho referiu-me que o Olinda só pusera dúvidas quanto ao conferente Figueiredo ⁶⁵⁹, mostrando em despacho um papel escrito pelo Olinda – este já se tinha retirado – onde se apresentam dúvidas. Eu disse ao Albuquerque ser preciso decidir este negócio quanto antes, e que mandasse os decretos logo que estivessem lavrados. Albuquerque referiu que Ottoni mostrara não querer o despacho de conselheiro e que insinuara ter eu proximamente ocasião de atendê-lo ⁶⁶⁰. Eu respondi que a não ser despachado Ottoni não o devera ser Galvão, e anuí a que ambos fossem louvados em aviso de ministro, acrescentando que nas ocasiões a que aludira Ottoni eu jamais me deixava influir por interesses de qualquer partido como o tem mostrado meu procedimento. O Polidoro deu parte de que o deputado Brandão ⁶⁶¹ vai interessando a tropa na política, e que providenciaria a tal respeito.

20 de novembro de 1862 – Estive examinando a promoção com o Polidoro. As propostas têm me parecido quase todas as justas [*sic*], embora não me cingisse em tanto à antiguidade como o ministro quando a promoção é por merecimento. Polidoro confessa que propusera por favor o Telo Barreto desatendo ao que será promovido em melhores circunstâncias. Propôs José Martini para major como bom militar, e mesmo porque Artur Henriques representara contra ele por causa de idéias políticas. Queria mandá-lo para a Bahia; mas eu lembrei que ele é filho de lá, e, portanto, mais prudente enviá-lo para outra província. Polidoro disse-me que o Olinda lhe dissera que já tratara de dispor o Maranguape para sua retirada do ministério; porém que parece recear o substituto que ele Polidoro proporia ser o Sapucaí de preferência a Paranaguá que é lembrado ⁶⁶². Polidoro recebeu cento e tantas cartas de empenho por causa da promoção. Disse-me que o Fontes não quer senão ser comandante das armas ou brigadeiro, e que demora-se na Corte; o que ele Polidoro não consentirá mais tempo, para não servir sob as ordens do Solidônio ⁶⁶³. Enquanto estava com Polidoro chega o Albuquerque. Traz os decretos, e diz que para chamar Antônio Eulálio e Luís Cipriano ⁶⁶⁴ a servirem no Tesouro era dar-lhes os vencimentos que percebem com menor trabalho, e por isso trazia decretos fazendo a troca do lugar do 1º com o inspetor da Alfândega de Pernambuco e do 2º com o do inspetor do Rio Grande do Sul. Eu incomodei-me com esta troca que disse dever produzir mau efeito quando fosse publicado o relatório da comissão, e acrescentei que ele confirmava o que dizia quando chamava aos empregados das secretarias – Meus Senhores – Ainda mais me custou não manifestar tudo o que então pensava quando Albuquerque respondeu à minha pergunta porque não trouxera o decreto de demissão do Tolentino que este não quisera pedir a sua demissão, quando ele lhe disse a razão que levava o governo a desejar conceder-lhe demissão, desejando empregá-lo noutra comissão, e que se continuasse na Alfândega teria de ser rigoroso na execução do regulamento. A demissão de Tolentino era negócio assentado em despacho, e, portanto, disse-lhe que falasse a Tolentino com mais decisão e no caso se ele não pedir demissão mandasse decreto demitindo-o como com efeito o fez à tarde pelo filho que me disse que Tolentino insistira em não pedir demissão e o pai se afligia muito com estas coisas, sentindo eu que minhas palavras talvez um pouco impacientes pela falta de decisão do Albuquerque tão digno de estima o pudessem ter magoado. Polidoro disse-me que em despacho se opusera à proposta que desejava Sinimbu fazer de José Rodrigues de Moraes para comandante superior de Tacaratu por ser homem de partido – do Dr. Brandão – e ter mesmo entrado na rebelião de Pernambuco. Eu respondi que a outros mais

comprometidos do que ele eu tinha perdoado e que embora Sinimbu já me dissesse que todas as autoridades abonavam o proposto eu seria de opinião que se procurasse algum homem que não seja comprometido nas intrigas de Tacaratu.

21 de novembro de 1862 – Vieram Norberto de Sousa e Silva e Antônio José de Araújo falar-me a respeito do teatro nacional. Eu lembrei-lhe o prazer *[sic]* que o ano passado tinha apresentado uma comissão e que a idéia que me parecia mais útil era a reunião dos melhores atores das 3 companhias dramáticas, e que aliás seria difícil. Declarei que me opunha a qualquer aumento de subvenção, e eles disseram que não a queriam; mas certos favores para os atores e o uso do Teatro Provisório. Prometi-lhes toda a animação e já há muito falo neste sentido aos ministros do Império.

Fui depois assistir aos exames de História Natural do 7º ano no externato do Colégio de Pedro 2º, e reconheci que os estudantes aproveitam muito com o professor Dr. Antônio Correia de Sá e Benevides, sendo estes e os de História do Brasil discípulos do Dr. Macedo ⁶⁶⁵ os que mostram em geral mais conhecimento da matéria. Falei ao Eusébio na reforma de algumas disposições disciplinares do regulamento do colégio e ele ficou de apresentar até *[sic]* fim do ano o trabalho em que já pensa desde fins do ano passado.

À tarde fui ao Instituto Histórico, e o que se resolveu a respeito dos ossos do Estácio de Sá foi por lembrança minha.

22 de novembro de 1862 – Escolhi o Paranhos, senador por Mato Grosso. Fi-lo porque é ele quem melhor conhece a província e lhe prestou serviços, preferindo o Pedreira se atendesse unicamente aos serviços em geral e às minhas afeições. Nenhuma antipatia tenho a Ottoni e desejaria que ele viesse na alguma *[sic]* lista de Minas para eu escolhê-lo. Creio que desta vez as folhas liberais pouco dirão pois não querem perturbar a tendência da política para o seu lado. O Sinimbu pareceu-me contrariado com a escolha.

O Olinda tornou a propor as demissões, e, em lugar do Nunes Gonçalves que não vai para o Rio Grande por não se dar a mulher bem com o frio, o Espiridião Elói de Barros Pimentel que logo aprovei parecendo-me ter sido lembrança do Sinimbu depois do que referi no último dia de despacho.

Chegaram notícias do Pará e à vista delas creio que se devem manter as instruções expedidas. Os ministros ficaram de conferenciar amanhã, e o Amazonas deve partir levando as ordens que se expedirem e para reforçar a esquadilha. Não o acompanha o Magé para não ficar este porto sem nenhum vapor de guerra.

O Abrantes depois de se haverem retirado o Olinda e o Albuquerque pediu-me que se houvesse um despacho na 4ª vindo ao sábado um dos ministros da pasta do que haja. Alegou as doenças de alguns ministros e que os antecessores já tinham feito isto. Eu respondi que o fizeram durante as câmaras e que só com um despacho de todos os ministros ficariam os negócios em atraso. Abrantes replicou que tudo se poderia tratar senão houvesse conversa, e eu retorqui que se o Albuquerque era o conversador, e que mesmo alguma conversa é necessária para nos entendermos bem.

Ao retirar-me ainda Abrantes sorrindo-se disse-me que não haveria atraso nos negócios o que pus em dúvida, pretendendo na primeira ocasião mostrar-lhe as vantagens de não se restringirem as ocasiões de eu tratar os negócios com todos os ministros de cujas opiniões ficarei mais ciente desejando também que conheçam as minhas, que aliás poderão às vezes mudar o sentido das resoluções contrariamente aos desejos de algum tempo. Há tempo que não me falavam nisto e tornaram agora depois do despacho passado. Hei de cada vez limitar-me mais e dizer somente o indispensável para que jamais tenham nem mesmo pretexto para se queixarem de que lhes tomo o tempo.

O Dr. Tomás ⁶⁶⁶ deu-me umas reflexões do diretor da Escola Normal da província, Filipe Alberto sobre o projeto que têm os Bentos de fundar uma escola normal, e eu disse-lhe que julgando que os conventos devem extinguir-se não posso provocar semelhante criação. Tomás respondeu-me que não divulgando o meu modo de pensar apenas diria a Filipe Alberto que me deu o papel e eu lho restitui depois de lê-lo.

23 de novembro de 1862 – Como até de noite nenhum dos ministros viesse cá dizer-me o que tinham resolvido na conferência sobre os negócios do Pará ao Olinda que amanhã às 11 devo estar no externato; mas que se alguns dos ministros não pode vir dar-me notícias do resolvido antes da partida do vapor eu preveniria o Eusébio de que não podia ir ao externato e ficaria todo o dia em casa. Não sei porque não veio ninguém aqui; e se o vapor não pode sair hoje, é tempo muito precioso perdido, não tenho tido o Lamare razão para asseverar que o Amazonas podia partir à primeira ordem.

24 de novembro de 1862 – Antes das 9 veio o Abrantes e depois Lamare. O primeiro disse que não viera ontem de noite por causa da chuva, e eu observei que se não podia o Amazonas sair ontem não tinha havido inconveniente em só vir hoje. Lamare olhou para mim de modo a eu pensar que o Amazonas podia ter partido ontem.

O ministério propôs que se alterassem as anteriores instruções no sentido de se deixarem seguir os navios peruanos que se esperam caso o chefe que os deve acompanhar dê todas as satisfações ficando este de levar ao governo do Peru a declaração de que o brasileiro retire o pedido de satisfações, que não compreendem as multas contra as quais insistiu o Olinda de cujo acordo sou inteiramente como logo disse a Abrantes, na fé de que o governo do Peru aprove as satisfações dadas pelo chefe. Quando este as não desse, ficaria o presidente ao Pastaza *[sic]* no que é aprovado pelo governo, atendendo a que ele assim procedera por causa da irritação que se manifestara na população e fazia recear algum conflito. Eu observei que devia ficar bem claro a condição da aprovação do governo do Peru para que o brasileiro tenha retirado seu pedido de satisfação, e que era preciso rever o caso do governador de Loreto não querer enviar a seu governo a declaração, que me parecia dever ser levada por uma vapor brasileiro, se este pudesse ser dispensado e não pelo chefe peruano que se guarda. Abrantes replicou-me que o governador de Loreto não se podia recusar a mandar a declaração e depois todo o negócio seria com o governo do Peru. Eu retorqui que isto assim aconteceria num país em que imperasse a ordem; mas que, à vista da insistência dele ministro, anuí concordando Abrantes comigo em que, visto a possibilidade dos navios peruanos simularem uma saída, se declarasse ao presidente que de acordo com Parker detivesse ou deixasse sair os navios na hipótese figurada. O Lamare disse-me que havia a bordo dos navios que se reuniram no Peru 800 homens de desembarque e 30 peças de artilharia de 60 e 30. Os comandantes são bons e ele nada receia.

Depois fui aos exames de filosofia do 1º ano do Colégio de Pedro 2º no externato. O melhor foi o de Álvares de Azevedo, em geral sofríveis.

Observei ao Dr. Pacheco ⁶⁶⁷ que fazia às vezes de Eusébio que estava doente, que a argumentação entre os estudantes sobre o ponto seria mais proveitoso do que o sistema atual de provas, durando a escrita o tempo que quer o estudante dentro do que duram os exames, e estando alguns a ler o compêndio como também fizeram em outros exames enquanto não chega o tempo de fazerem o seu oral, que o Pacheco entende e com razão que seria melhor versasse sobre um único ponto.

25 de novembro de 1862 – Assisti a defesas de teses na Escola de Medicina. Nenhum dos defendentes brilhou e o último Moisés Rodrigues de Araújo Castro foi completamente batido; merece uma reprovação. Da parte de 2 opositores Torres Homem e Andrade não houve a argüição calma e sem tom ofensivo, que lhes cumpria ⁶⁶⁸. O substituto Gouveia também se assoma embora hoje declarasse que se queria moderar ⁶⁶⁹.

À tarde depois da audiência estive com o Lamare. Tratou da promoção. Propôs o Rafael Vale para chefe de divisão. Eu objetei que a atender às qualidades de marinheiro sem olhar à antigüidade eu preferiria a Mancebo ou Torres e Alvim; mas a não descer tanto havia Elzeario *[sic]* e Alcântara ⁶⁷⁰. Também lembrei o procedimento de Vale por ocasião da revolução de 48 em Pernambuco. Lamare respondeu-me que Vale era o que estava mais no caso de ser promovido, e que o que se lhe importaria em Pernambuco fora intriga de Joaquim Je Inácio, que sabe ser inimigo, por causa da comenda da Conceição dada ao Vale pela proteção prestada aos portugueses, e que Elzeario *[sic]*, sempre muito português, assim como Filgueiras ⁶⁷¹ também adotivo como os outros concorreram para a intriga. Informou muito mal da instrução do Elzeario e que disse que é estúpido, o que retirou quando eu repliquei que Elzeario é inteligente e respondeu muito bem a todas as perguntas que lhe fiz quando estive em Pernambuco. Referiu então que ele escreve muito errado e só há pouco principiara a traduzir francês não prescindindo do dicionário; contudo eu o vi falar inglês quando estive em Pernambuco e mostrou conhecimentos variados o que Lamare atribui a habilidade para impor. Enfim Lamare disse que eu escolhesse visto ter sido Vale seu cunhado, e eu lhe designei Antônio Félix Correia de Melo ou Manuel Francisco Pereira ⁶⁷² mais antigos que o Vale preferindo ele o 1º ainda que lhe fizesse peso a minha observação de que o 2º foi indicado por todos os votos do Conselho Naval, e o 1º por todos menos 1. Vale foi proposto pelo Conselho como o mais digno, eu disse a Lamare que visto ser já Antônio Félix mais oficial de terra que de mar como Vale, e declarar que ele que a acusação contra Vale fora um calúnia propusesse-o se assim o entendesse, ficando ele de pensar trazendo-me o que houvesse sobre o procedimento do Vale em Pernambuco antes da promoção.

Lamare também hesitou na promoção dum 1º tenente a capitão-tenente por merecimento. O Conselho propõe em 1º lugar Vital de Oliveira; mas é o nº 35; mas também apresenta João Soares Pinto, [nº] 19 673. Eu disse que preferia o 1º; mas que se quisesse atender à antiguidade também escolhesse o 2º que é muito digno. Ficou de pensar inclinando-se todavia ao Vital. Disse que a pretensão do Lima Campos 674, a quem ele desenganou, não é justa, e que o governo não pode deixar de promover por merecimento nem de preencher as vagas, caso haja oficiais nas condições das leis existentes. Lamare concorda com a última opinião. Referiu-me que Joaquim José Inácio espalha que ele lhe deixa lugar no Conselho Naval por ordem minha. Tenho notado mais duma vez indisposição de Lamare para com Joaquim José Inácio, bastante antilusitanismo.

Esta manhã estive cá Cipriano de Andrade para pedir licença de requerer sua reintegração na Alfândega 675. Respondi que o podia fazer que era seu direito; mas que o lugar para que fora despachado era de confiança e que julgava seu pedido escusado dependendo todavia do ministro. Alegou doença da mãe e que ia dirigir falto de prestígio uma repartição importante.

Estive cá o juiz municipal da 1ª Vara 676 e expôs-me o que tem havido no processo Silva Pinto durante o qual ele diz que mostrará a maior moderação que aliás ele próprio confessa que está no seu caráter. Eu respondi-lhe que tenho lido tudo o que se publicou e que o juiz deve ter toda a liberdade no seu procedimento não dando por isso minha opinião sobre dever ele depois de lavrada a sentença defender-se pela imprensa de acusação falsa de ele ter asseverado que Silva Pinto seria pronunciado com toda a certeza.

26 de novembro de 1862 – O Olinda entende que basta declarar nos decretos de condecorações que estas são feitas por donativos aos estabelecimentos, etc., de que trata o decreto; mas eu discordo e comigo o Abrantes, tendo por fim o decreto declarando os estabelecimentos, etc., para os quais os donativos dão lugar a condecorações animar a que tais estabelecimentos, etc., recebam donativos.

O Capanema insiste por mais 200\$000 por mês, e eu disse ao Olinda que ouvisse o Abrantes sobre o que eu já se assentou [sic] entre mim e o ministério quando ele estivera doente. Lembrei que não estava ainda preenchido o lugar de inspetor das obras da Alfândega servido agora interinamente, como confirma o Albuquerque. Restitui as provas de concurso para professor de inglês de preparatórios do curso jurídico 677. As do preferido pelo diretor são as menos más, e isto deu lugar a que eu questionasse com o Olinda, que só anuiu a que se procedesse a novo concurso – será o 3º tendo já o proposto sido o menos mau da 1ª vez – porque as provas são para ele quase iguais – elas aí estão; julgue-as qualquer – e o preferido pelo diretor não é moralizado. Há muito empenho da parte dos Pais Barreto 678 a favor do 2º proposto, e eu disse que o havia sem mencionar a pessoa, declarando ao mesmo tempo que conhecia o pai do 2º proposto, o Dr. Sarmento, de quem faço o melhor conceito. Também observei que há dúvidas sobre a nacionalidade do filho do Dr. Sarmento, como consta da representação dum Caio César. O Olinda leu uma comunicação do bispo do Pará 679 sobre os vigários de Mocajuba e de Cameté que dá idéia do estado moral do nosso clero. O Olinda ficou de apoiar com toda a eficácia as medidas do bispo a quem escreveria sobre a necessidade de instaurar processo a esses vigários.

Abrantes propôs que se pusesse o Berquó 680 em disponibilidade e eu disse que meu procedimento era o mesmo que no caso do José Lúcio Correia sendo contudo muito diferentes os motivos de demissão dos dois, pois que o Berquó o fora por lhe faltar o dinheiro próprio e pedi-lo ao ministro, creio que da Rússia, em Atenas onde [tem] mais dívidas além dessa. Acrescentei que tinha muita pena do moço e jamais esqueceria os serviços prestados por seu pai ao meu; porém que não admitia compaixão oficial.

O Albuquerque desejava remover José da Costa Machado de inspetor da Alfândega da Paraíba por envolver-se; mas eu recordei tudo o que no Tesouro constava em seu abono e que não me constava que no periódico que dirige ou para que escreve injurie a autoridade ou prejudique o bom serviço do seu cargo. Albuquerque ficou de conservá-lo.

Propondo a comissão permanente do exame da Alfândega da Corte sob a presidência de Antônio Je. Henriques 681 eu refleti que este é bom empregado mas nada descobriria, acrescentando Sinimbu, no que foi injusto, que até encobriria o que observasse.

O novo banco inglês propôs emprestar até 8 milhões de ££ a 92 e 4½ % de juro pagando-se o de 9 meses no fim do 1º semestre. Ainda não pensaram sobre a proposta. Notei que apparecesse o relatório de inquérito nas folhas diárias que não

são a oficial antes desta o publicar. Albuquerque disse que o Mercantil lho mandara pedir, e que ele o enviara. Observei então que neste caso eu o mandaria para as 3 folhas, no que deixou de concordar Albuquerque.

Lamare propôs Grenfell ⁶⁸² para almirante graduado, por isso que o foi Caxias para marechal do exército graduado. Eu lembrei que Grenfell estava numa comissão de grande favor para ele e que o arredava do serviço ativo da Marinha apresentando-se para ele só quando deste modo tinha obtido, aliás muito justamente, distintas recompensas. Abrantes defendeu a proposta de Lamare e Sinimbu dando a entender que o despacho de Grenfell justificaria o de Caxias, eu mostrei que as circunstâncias eram mais favoráveis a Caxias e Polidoro estomagou-se queixando-se de que Sinimbu não se houvesse oposto à proposta do Caxias e do Lamare por não ter levado este negócio à conferência; o que me obrigou a intervir ressaltando as intenções de Sinimbu e Lamare, que disseram; o primeiro – manifestar sempre a sua opinião com toda a liberdade acompanhada de moderação mesmo quando me desagrade, ao que respondi que isso mesmo desejava eu não podendo sempre pensar como todos os ministros, a cujo caráter fazia completa justiça, e o segundo que não havendo conferência na 6ª não podia ter apresentado antes a sua proposta de Grenfell na conferência. Polidoro mostrou como eu a diferença de circunstâncias entre Caxias e Grenfell e eu aproveitei o ensejo para dizer o que penso sobre a supressão dum dos dias de despacho, e a duma das conferências que já havia produzido tal cena em minha presença; mas que tinha atendido à representação do ministério, e só fizera aquela reflexão porque desejo que os ministros saibam sempre como eu penso assim como eu o que eles pensam.

Sinimbu disse que se tinha entendido com o Dias da Cruz ⁶⁸³ para que de acordo com a Câmara faça a limpeza da cidade cujo contrato pede à companhia para rescindir. Sinimbu comunicou que havia inspetores de quartirão pagos para não olharem para as infrações conforme ela mesmo confessou, e parece ter confirmado o chefe polícia por suas indagações.

À tarde assisti à sessão da Assembléia Geral do Instituto Agrícola. Houve o que consta da ata. Lembrei ao Sinimbu o pedido de informações a respeito do professor Gasl [*sic*] para diretor da fazenda-modelo que ele deixou de fazer pelo pacote francês. Conversei sobre o que sucedeu no despacho, e disse a Sinimbu que isso provinha das tendências opostas dele e do Polidoro entendendo que ou a missão do ministério é presidir a uma eleição – verdadeira solução da crise – se ela for inevitável antes da época ordinária. Abrantes, com quem também falei sobre o mesmo assunto, inclina-se ao Sinimbu só tendo notado a tendência do Polidoro, e disse-me que o que urgia era a mudança do Maranguape tendo Olinda ficado de entender-se comigo um destes dias quanto ao substituto de Maranguape.

27 de novembro de 1862 – Veio Paranhos. Lembrei-lhe o que disse quando ele se apresentou candidato acrescentando que ele sendo o único conhecedor da província ⁶⁸⁴ e que lhe prestara serviços foi justamente preferido sentindo que viesse com o Pedreira a quem igualmente estimo; porém que este teria outra ocasião de ser escolhido.

28 de novembro de 1862 – Assisti aos exames dos anos mais adiantados do Instituto dos Cegos. Achei-os pouco adiantados em relação ao ano passado. O Benjamin Constant Botelho examinou bem em Aritmética; mas em Cosmografia fez perguntas muito gerais. A professora Benedita da Costa é faceira demais e seria bom que case com o Benjamin, para quem parece há inclinação ⁶⁸⁵. A casa está asseada e tudo bem arranjado. Recomendei ao Benjamin que desse às Matemáticas o caráter prático. Ainda não se distribuiu a água pela casa.

Sinimbu trouxe 25 requerimentos de perdão. Infelizmente em tantos poucos pude agradecer. A província de Sergipe torna-se notável pelo número e gravidade dos crimes. Ainda existem na secretaria talvez 60 e eu disse a Sinimbu que podia trazê-los todas as 6^{as} feiras, que não fossem do Instituto Histórico.

Falamos de política no sentido das idéias de cada um e eu sempre insisto sobre o pensamento que presidiu à escolha dos ministros. Ele disse que se inclinava aos ligueiros, além de ter entre eles amigos; porque os conservadores sustentavam os abusos.

Falei sobre a demissão dos promotores dizendo que o verdadeiro motivo, porque eu concordara em tal medida fora por causa de suas relações com Pacheco advogado ⁶⁸⁶, as quais os tornavam suspeitos; pois que a opinião sustentada por Guanabara – que não podia haver estelionato sobre imóveis; direto – como ele explicou – é seguida por Fernão, Chauveau, e outros criminalistas, e as outras acusações contra os promotores não estavam provadas.

Perguntei quem propunha para chefe de polícia da Corte, e ele lembrou D. Luís, Witaker e Teodoro Machado Freire ⁶⁸⁷. Eu disse que o primeiro não era homem para crises, e que os outros também eram bons magistrados preferindo Witaker a não ter ele procedido mal quando o Ferraz procurou dirigir as eleições no Rio Grande; o que não sucedeu, pelo contrário; pois que Sinimbu refere que ele se desaviera ⁶⁸⁸ de Ferraz por esse motivo. Apontei o desembargador Firmino Antônio de Sousa, que Sinimbu não aceitou por já idoso; e José Caetano de Andrade Pinto, a quem ele ficou de falar e é seu mimoso ⁶⁸⁹.

Falou-me na necessidade de tirar o João José de Andrade Pinto de Sta. Catarina ⁶⁹⁰, o que me pareceu útil, e tratando-se de Eduardo, irmão de José Caetano, Sinimbu referiu-me que ele estava pronto a assinar o parecer da comissão favorável às medidas que reclama o estabelecimento seropédico. Sinimbu não falou ao Eduardo nem mesmo por insinuação minha. Lembrei-lhe a necessidade de prover os comandos dos batalhões da G. N. de Sacramento de Sta. Rita para o que ficou de se entender com o comandante superior ⁶⁹¹.

29 de novembro de 1862 – Vieram Lamare e Polidoro por causa dos decretos de promoções trazendo aquele despacho do Olinda. Vendo que o Quintanilha ⁶⁹² era promovido perguntei porque, segundo propusera o Conselho Naval, e Lamare concordara comigo na 3ª fr., não mandara inspecionar esse oficial e respondendo-me que o oficial tinha boa saúde e não havia tempo para a inspeção, eu repliquei que tempo havia, e dizendo que o tempo chega para tudo se há atividade e se dorme pouco o Lamare pareceu-me ficar picado, retorquindo que ele sempre acordava às 4 da madrugada, e não dormia a sesta, como lhe perguntei se fazia o que me obrigou a explicar que não o censurava; mas apenas expunha meu modo de pensar sobre a falta de tempo.

Depois notando que não se tinha preenchido o número dos 1^{os} tenentes, segundo o que o próprio Lamare julgara 3ª fr. conforme a lei que ele disse que apenas deixara de promover os que não tinham 2 anos de 2^{os} anos de 2^{os} tenentes, prazo exigido aos guarda-marinhas para sempre promovidos a 2^{os} tenentes o qual a lei não marcava aos 2^{os} para passarem a 1^{os} tenentes. Lamare mostrou-se logo pronto a preencher todas as vagas e eu disse que eu não tinha razão e que no 1º caso assim procedesse e no 2º caso fizesse o que entendesse, pois que eu não pretendia ser infalível e apenas expor minha opinião com a mesma liberdade com que o ministro, que tem a responsabilidade a deve tomar na consideração que merece.

O Lamare ainda pareceu contrariado, creio que sobretudo por ter estado presente o Polidoro. Apresentou-me um conselho de guerra que absolveu o Vale da acusação de relaxado que lhe fizeram em Pernambuco; mas eu disse que me parecia haver outra acusação sobre o modo porque ele procedeu em relação à rebelião; mas que já tinha dito na 3ª fr. o que devia dizer.

Falei ao Polidoro sobre um artigo em que se diz que o Vilagran Cabrita há de ser preferido ao Amaral para major de artilharia ⁶⁹³ por ser aquele parente duma viúva que se dá com o Polidoro, o qual quis atribuir o artigo ao Amaral que disse ser-lhe ingrato pelo bem que lhe tem feito, já destruindo a indisposição do Caxias, já concorrendo para ele ser opositor da escola de aplicação. Falou dos artigos sobre o trabalho do Amaral a respeito do sistema métrico em comparação do professor Jordão que Polidoro declarou ser seu filho parecendo-me querer patrocinar o trabalho do filho que ele reconhece ter procedido mal em certas ocasiões.

30 de novembro de 1862 – O Azeredo Coutinho ⁶⁹⁴ veio queixar-se do modo porque se fizeram as obras da Casa da Moeda e da falta de fiscalização do Carvalho. Eu respondi que o ministro ocupava-se deste assunto e julgava que o fiscal tinha mostrado falta de zelo.

Falou-me sobre o orçamento de Hailler para assentamento das máquinas.

1 de dezembro de 1862 – Nada de importante. Como o Olinda não veio para a conferência o Abrantes pediu-me para marcar outro dia para despacho depois da quarta fr.

2 de dezembro de 1862 – Já se vão 37 anos e que trabalhos tenho tido nos últimos 22! Creio que não morrerei velho embora deseje viver muitos anos para servir quanto puder ao Brasil ⁶⁹⁵.

À noite conversei com o Albuquerque e o Abrantes a respeito da folha oficial que é sempre precedida pelo Jornal do Comércio nas notícias, sentindo que o do despacho proposto para Teófilo Ottoni tivesse aparecido, porque não se fazendo, suporão que eu me opus.

O Abrantes disse que havia de falar a respeito do Diário Oficial na próxima conferência, e contou-me que o Ottoni ficara irritado por não ser escolhido senador tendo o cônego Geraldo ⁶⁹⁶ concorrido para ele se moderar. Albuquerque disse que havia de tornar a propor Ottoni para conselheiro, e eu respondi que julgava que ele aceitaria. Depois tornei a falar ao Albuquerque mais detidamente sobre este negócio, e ele disse que entendia que propondo Ottoni cumpria um dever, e que Ottoni fizesse o que entendesse. Eu respondi que também cumpriria um dever assinando o decreto, que seria justo prêmio do serviço, que prestou Ottoni, estando de certo que o Galvão sem o escudo de Ottoni não falaria com a mesma franqueza. Expus as razões porque escolhi o Paranhos senador, e apenas acrescentei que se Ottoni não aceitasse a graça do Conselho viria colocar-me em má posição para atendê-lo no futuro, embora, estivesse sempre disposto a fazer justiça a quem quer que seja. Albuquerque referiu-me que o Ottoni lhe mandou dizer pelo filho oficial do gabinete, creio que na ocasião da escolha do Paranhos, que ele, Albuquerque, era oficial maior meu. Compreendo semelhantes desabafos, e podem me contar porque os esqueço.

3 de dezembro de 1862 – Fui à tarde à sessão da diretoria do Instituto Agrícola. Fez-se o que da ata constara, e eu disse que se apresentava novo plano fora porque na sessão anterior se julgara precioso cuidar da acomodação para o feitor e trabalhadores; mas que podendo servir por ora a casa oferecida pelo Mauá, eu entendia que nada se deverá gastar com nova edificação enquanto não viesse o diretor do estabelecimento que, segundo sempre pensei, deve propor as obras necessárias convindo muito apressar a vinda dele para que a diretoria do Instituto não esteja a mudar de opinião todos os dias.

Burlamaque disse que ia pedir ao sua demissão [*sic*] de secretário da diretoria por muito trabalho e até despesa que tem; mas o Abrantes pediu-lhe que o deixasse pensar até a próxima sessão e esperar acomodá-lo.

Tornei a recomendar ao Abrantes que não se descuidasse assim como o Sinimbu de pedir informações aos nossos agentes na Europa a respeito de quem possa vir dirigir a fazenda-modelo.

Abrantes disse-me que o Sales ⁶⁹⁷ tinha um projeto de bancos agrícolas com auxílio de loterias. Veremos o que faz a comissão sendo mesmo bom que o Mauá discorde das idéias apresentadas já ao Instituto, como me consta e eu disse ao Abrantes depois de ter ele designado os três membros da comissão para examinar o projeto do Muniz Freire (Reginaldo) a que por pedido do Mauá se reunirá o outro, ou antes as idéias de que já falei.

4 de dezembro de 1862 – O Caxias que já viera ontem quando eu estava fora tornou hoje para agradecer o seu despacho. Falamos sobre política e ouvi-lhe o que já esperava. Mostrou-se sentido do artigo do Diário ⁶⁹⁸ a respeito do seu despacho, e eu recordei-lhe a minha opinião em conselho pela demissão do empregado da Alfândega da Corte cuja remoção para a Bahia serviu ao desabafo que o Diário teve por causa da escolha do Paranhos. Caxias disse-me que outros no ministério também eram do meu parecer.

Perguntei-lhe se havia lido o artigo da Atualidade de antes de ontem, acrescentando que só houve um Colbert e que Luís XIV obrava com toda a liberdade; o que aliás prejudicou tanto a França no fim de seu reinado, concorrendo para a revolução de 1789. Creio que o Caxias é leal e meu amigo mesmo por ser pouco homem político.

5 de dezembro de 1862 – Houve despacho hoje tendo acabado depois das 5 com impaciência do Abrantes que queria ir jantar, e reflexões de Polidoro e Sinimbu sobre a insuficiência de um despacho por semana. Não demorei o despacho de propósito; mas havia muito que fazer e ou os negócios não terão expedição ou eu não ouvirei a opinião do ministério sobre muitos negócios importantes caso não se restabeçam os 2 despachos por semana.

Eu disse que fazia a devida diferença entre os meus 37 anos e os de alguns dos ministros ⁶⁹⁹, e que se me opusera à diminuição do número de despachos fora aconselhado pela prática que mostrará aos ministros o que se deva fazer.

O Olinda que se retirou depois de expor os negócios de sua repartição deu parte de que estava arranjado o negócio dos capuchinhos segundo as instruções daqui mandadas. Disse que Francisco Manuel ⁷⁰⁰ deixa a direção do Teatro Lírico por medo do Araújo, e acrescentando que se entenderia com os outros dois não sendo o tenente-coronel Araújo como o irmão,

Polidoro interrompeu-o para declarar que os reputava irmãos em carne e osso, observando-o eu que o melhor seria não desperdiçar o produto das loterias como eu sempre pensei. Olinda ficou nesta intenção, e recordando eu o que se passara em despacho quando Olinda propusera ceder as loterias para construção dum teatro de ópera nacional a esta nova empresa.

Abrantes disse que com efeito eu hesitara o que me obrigou a explicar que eu não hesitei; mas opus-me. Prestou as informações que eu pedi a respeito da viúva Wanzeller; mas não são suficientes ficando o Paranaguá ⁷⁰¹ de dá-las a Sinimbu pois essa viúva reside em Petrópolis. Olinda reparou [*sic*] que o correspondente do finado marido dissera que um comunicado que apareceu num jornal em sentido desfavorável à viúva fora escrito unicamente para o fim de impedir qualquer demonstração de apreço à viúva.

Propôs Lourenço Je Ribeiro ⁷⁰² para conselheiro, o que eu logo aprovei por ser esta graça muito justa, opondo-me todavia a igual proposta para o Dr. Meireles que tanto há sido agraciado e Feijó ⁷⁰³, que, apesar de muito bom médico e eu estimá-lo assim como muito mais ao Dr. Meireles, que me serve há muitos mais anos nenhuma razão apresentava para tal graça que parecia ser pouco zelada talvez por não haver um decreto como o das condecorações. Abrantes falou a favor do Dr. Feijó, que tratou há pouco da marquesa e Meireles é todo da casa do Olinda.

Também me opus a uma pensão que o Lourenço Je Ribeiro pedia para a família, vistos o princípio porque me regulo, e os ministros acharam justo.

Entreguei uma exposição do método de leitura do professor Castilho, de Campo Grande, e documentos que ele me deu para ver recomendando-o ao Olinda como digno de animação. Este apresentou uma questão suscitada pelo diretor geral Fausto ⁷⁰⁴ sobre o complemento da graça de cavaleiro da Rosa feita ao Dr. Silva Pinto, que só agora por causa do processo de estelionato se lembra muito depois do tempo marcado no último decreto de pagar direitos e prestar juramento. Fausto é de opinião que não se pode deferir-lhe juramento sem dispensa de lapso de tempo observando além disto que o crime de estelionato é um dos que fazem pelo decreto perder as condecorações. Examinando o decreto entendi, à vista da opinião do Olinda, que não se devia perdoar o lapso de tempo.

O Abrantes apresentou as dúvidas do conde de Áquila sobre o modo porque se lhe concede o dote. Quer que o padrão monetário seja o da data da lei para receber o mesmo que se deu à mana Chica, princesa de Joinville. Acha que se exigem demasiadas cautelas a respeito da hipoteca do dote parecendo haver assim suspeitas dele, e não entende o que é reclamação em rigor relativamente às terras, que não recebeu, quando ela não é exigida para entrega do dote. Abrantes queria que eu pensasse, porém, disse logo que infelizmente tenho sido obrigado a pensar demais nesse assunto e que podia desde logo dizer qual minha opinião. Entendo que o conde de Áquila tem nestas dúvidas por fim principal ir continuando a receber a dotação etc. e que o padrão monetário não se diz na lei que examinei novamente, ser o atual, e que seu estabelecimento tendo prejudicado aos credores do Estado de dívidas anteriores a 1844 não pode deixar de aplicar-se ao dote que seria o mesmo para a mana Chica se ela o houvesse recebido depois da lei de 1844. Todos os ministros presentes, exceto o Albuquerque, foram de minha opinião, e tendo aquele voltado com sua opinião sobre a não terem os filhos de minhas irmãs direito à sucessão da coroa e aos alimentos eu sustentei a opinião contrária, e disse que a Constituição também prescreve que a lei é igual para todos sem exceção dos príncipes – prescindindo dos privilégios que a própria Constituição lhes dá – e portanto o deve a do padrão monetário que foi votada sendo ministro ele Albuquerque. As cautelas para conservação do dote devem ser mantidas, suprido aliás tudo o que não for necessário para este fim, e a respeito da reclamação em rigor o motivo dela escusa explicá-lo. A mana Januária disse ao Marques ⁷⁰⁵ que esperava tudo dos marqueses e do visconde. Comuniquei aos ministros que em carta à imperatriz o conde de Áquila lhe disse que a não serem atendidos seus pedidos está disposto a vir residir no Brasil por causa do futuro dos filhos. Contudo eu não espero, como acrescentei, que ele deixe a residência divertida na Europa pela daqui.

O Albuquerque fala da graça para o Ottoni e eu disse o que já referi a tal respeito, ficando ele de escrever ao Olinda sobre isso porque na conferência não tinha este manifestado devidamente sua opinião. Tratou-se da concessão de condecorações, e o Abrantes disse que o Olinda tinha medo da exposição de motivos, que eu acrescentei ser por isso mesmo o melhor decreto, achando Sinimbu que o decreto coarctava ⁷⁰⁶ demais. Sinimbu propôs a nomeação de João José de Andrade Pinto e de Hilário Nogueira juiz de direito da comarca de Jequitinhonha para comarcas da 2ª entrância para onde podem ser removidos ad nutum, e eu observei que era isso um despacho a quem se removia por ter servido mal, e que o Nogueira a ser ébrio,

como ele Sinimbu asseverava deveria ser responsabilizado, e replicando Sinimbu que o processo seria em vão eu retorqui que cada um fizesse seu dever como dizia o Albuquerque sem se importar com o que os fizerem. Albuquerque disse que já tinha 300.000 £ em Londres e que não tomaria letras para o saque deste pacote a mais de 7%.

6 e 7 de dezembro de 1862 – Nada de importante.

8 de dezembro de 1862 – Veio cá o Olinda. Disse-me que julgava necessário preencher a pasta da Justiça e que o Maranguape com quem falara reconhecia que não podia continuar. Eu respondi que tinha entregue esse negócio a ele marquês e que se julgava necessária a substituição eu concordaria nela. Recomendei-lhe que fizesse isto do modo o menos propenso ao Maranguape e que antes de falar ao substituto participasse a sua resolução e de seus colegas ao Maranguape como era justo. Ele mostrou-se receoso de que logo se soubesse; mas eu repliquei que o Maranguape saberia guardar segredo. Perguntei-lhe se tinha algum compromisso e respondendo-me que apenas falara com seus colegas a esse respeito eu disse que então podíamos conversar com toda a liberdade manifestando-lhe já minha opinião, que não é aliás definitiva.

Entendo que Sinimbu deve continuar na pasta da Agricultura onde pode prestar bons serviços e que não é política como a da Justiça. Olinda propôs-me para esta Abaeté que Polidoro disse ser muito bom e eu declarei que aceitava com ambas as mãos pois não viria contrariar o pensamento da organização do ministério posto que, embora com cheiro de santidade para os conservadores me parecesse pender para a liga. Acrescentei que talvez desejando ele continuar a ser elogiado nas folhas liberais e no Constitucional não aceitasse a pasta, e que por isso era prudente pensar já noutro. Propôs Olinda a Paranaguá; mas eu observei que seria contraditório se, entendendo que convém deixar Sinimbu na Agricultura, fosse de opinião que entrasse para a Justiça o Paranaguá, a quem aliás estimava por suas excelentes qualidades, embora Olinda asseverasse que Paranaguá não se deixa dominar. Disse que no caso de não aceitar o Abaeté, eu lembrava o Sapucaí, recordando de novo ao marquês qual o papel que segundo minha opinião deve representar o ministério o qual foi organizado claramente para esse fim. Olinda respondeu que Sapucaí não sabia sustentar suas opiniões por franqueza de caráter e não traria força ao ministério, ao que repliquei que a força que o ministério fosse procurar em qualquer dos partidos contrariaria a opinião que já expus, e que no caso do Abaeté não aceitar é que eu lembrava o Sapucaí. Ficou de tratar este negócio amanhã em conferência.

9 de dezembro de 1862 – Nada de importante.

10 de dezembro de 1862 – No despacho o Olinda disse que achara digno de atenção o trabalho de Castilhos sobre métodos de ensinar a ler; mas que tudo dependia da prática. Observei-lhe que já se fizera um ensaio favorável ao sistema proposto e Olinda ficou de se entender com o Castilhos para a despesa da impressão que ele pede ⁷⁰⁷.

Trouxe de novo ao despacho as informações a respeito do finado Ferreira, introdutor da vacina na província do Rio Grande do Sul, e dizendo que nada havia que fazer visto Ferreira só ter deixado sobrinha eu lembrei a conveniência da publicação do que fizera o governo para prova de seu interesse por semelhantes benefícios feitos ao país, e que não se tinha atendido a um requerimento para pensão de Ferreira, o qual eu nunca soube que existira, e isto como refletiu Olinda pode ser causa de justa censura ao governo, contudo este mostrou pelo pedido de informações desejar atender a família de Ferreira se ele a tivesse deixado.

Também se tratou de alguma remuneração ao Macedo, propagador no Ceará da indústria da carnaúba, e assentou-se em que Olinda propusesse para ele no relatório um prêmio de 2 contos como se marcou para os cultivadores do trigo.

Olinda perguntou-me se devia tratar do preenchimento das vagas na capela e eu disse que se ele assim o entendesse o fizesse, entendendo eu que devia ser escolhido monsenhor um dos cônegos, e passar o Fonseca Lima para o lugar de cônego. O marquês mostrou pouca disposição para a promoção dum cônego a monsenhor, e tendo-lhe eu dito que já pensara no cônego que poderia merecer tal despacho ele ficou de me dizer o nome de que ele preferiria dos cônegos a fim de ver se combinavam comigo.

Assinei o decreto nomeando conselheiro a Ottoni, depois de Albuquerque ter dito que à noite passada argumentara com Ottoni para que aceitasse dizendo ele que não o podia fazer porque entendia não dever o deputado aceitar graças. O

Albuquerque estava muito incomodado com isso, mas disse que ele fazia seu dever propondo, e Ottoni procedesse como entendesse.

Olinda trouxe o requerimento do filho do juiz do Supremo Tribunal de Justiça, Tibúrcio Valeriano da Silva Tavares, pedindo o foro de moço fidalgo e eu disse que pela mesma razão porque herdara o foro grande eu lhe recusava a graça de moço fidalgo, apelando para o mau conceito que tal magistrado adquiriu.

Recomendei ao Olinda que tratasse de obter do corpo legislativo a continuação do auxílio pecuniário que sempre recebeu o Dr. Martius para terminação da sua Flora ⁷⁰⁸ que é um verdadeiro monumento científico para o Brasil.

Instei pela nomeação dum diretor enérgico para o curso jurídico de S. Paulo e senão puder ser o Vitor de Oliveira ⁷⁰⁹ vissem se o Peretti aceitava, podendo talvez o Abrantes, que é amigo de Peretti conseguir dele mais este bom serviço.

Abrantes leu um extrato fiel das notas recebidas de Christie sobre o naufrágio do Prince of Wales e da bulha entre oficiais ingleses e o posto de permanentes da Tijuca. Suas exigências sobretudo a respeito da última reclamação não podem ser admitidas e concordou-se em que se respondesse a Christie que estes negócios continuariam a ser tratados em Londres para evitar alguma discussão desagradável com o Christie que briga com todos. Por esta ocasião eu observei que era de estranhar que os jornais soubessem mesmo do que ficaria em segredo se os ministros o guardassem. Referia-me a uma correspondência do Mercantil.

O Abrantes leu uma nota do ministro de Estrangeiros do Estado Oriental ao nosso encarregado de negócios interino propondo um arbitragem para ajuste da reclamação nossa a respeito da morte do guardião da Ivaí Moraes, e logo todos acordamos em não admitir tal arbitragem respondendo que confiamos no direito que nos assiste e na justiça do governo do Estado Oriental. O mesmo encarregado de negócios comunica o pedido de compaixão de José do Couto que afrontou as armas brasileiras, em Taquarém e se mostra arrependido do que fez jazendo há meses numa prisão em processo. Fui de opinião, que prevaleceu, que se reclamasse do governo oriental a punição legal de José do Couto. Abrantes observou que isso seria uma censura ao procedimento do governo do Estado Oriental; mas eu retorqui não haver motivo para contínuas finezas a esse governo. Pedi informações ao Albuquerque a respeito do inspetor da Alfândega do Rio Grande do Sul Bernardino Borges; e ele disse-me que as tivera más do Fernandes da Cunha, empregado do Tesouro, que voltou do Rio Grande, e por isso suspenderia o ato de passar o Borges par a Alfândega da Corte até ficar bem informado ainda que lhe conste ter Borges destruído as acusações que em certa época lhe fizeram.

Tornei a chamar a atenção do ministério para o modo porque vai o Diário Oficial, de que aliás cumpre não desanimar como procura conseguiu-lo o Jornal do Comércio. Sinimbu disse que o Josino não se ocupou bastante do Diário Oficial observando eu que era ele aliás, quem melhor podia realizar o pensamento capital do programa do Diário, temendo que outro lhe desse cor partidária.

Falei ao Lamare sobre o fornecimento de carvão aos vapores que foram para o Pará, e ele disse que só o receberam no Recife e que o do depósito da ilha de Mocanguê tem muita moinha por culpa do intendente ⁷¹⁰ que não tem querido substituí-lo por melhor procedendo a uma escolha. Mostrou-se contrário ao estabelecimento do depósito, e que era melhor comprá-lo quando seja preciso. Lembrei a necessidade de aumentar a força naval do Rio da Prata mas o Lamare respondeu que só tem aqui o Magé e a frota que foi para o Pará e preparara-a ele para o Rio da Prata. Contudo os negócios aí se complicam e até o comandante da estação pede instruções que lhe serão dadas no sentido de completa neutralidade lembrando eu apenas que deve ficar bem claro que ele pode receber nos navios de guerra os que aí procurarem asilo, seja quais forem suas opiniões.

Sinimbu disse que o chefe de polícia tinha falado com o Melo Sousa a respeito da falta de carne que se receava e ele respondera que tinha depósito de gato para caso de falta, que sempre se teme nestes meses de chuvas. Protestou que nada contara a respeito da lembrança de José Caetano de Andrade Pinto para chefe de polícia da Corte, não lhe tendo mesmo falado nisto, recordando-me que no seu passado ministério fora acusado de revelações, que depois mesmo no corpo legislativo se reconheceu terem partido de colegas seus. Referiu a dissensão entre o gerente do Mercantil e os compositores, a quem o chefe de polícia, que interveio, a pedido, dá razão em parte, e disse que lhe oferecera auxílio da Tipografia Nacional e outros da polícia tendo só o gerente pedido que recontassem dos compositores turbulentos os que o pudessem ser para exemplo. Já dirigiu uma circular aos nossos agentes na Europa a respeito dum indivíduo capaz para diretor da fazenda-modelo, e especialmente ao Magalhães ⁷¹¹ sobre o professor Glasl.

Capanema pediu a Sinimbu para se explorar os jazigos de carvão de pedra mas assentou-se que isto ficasse para depois que ele apresentasse os trabalhos de sua sessão da Comissão Científica.

Leu uma carta do Vasconcelos, presidente de Minas, que depois de ter viajado pela estrada União e Indústria e ter estado no Juiz de Fora, confessa que mudou de opinião sendo favorável a um auxílio à empresa prometendo mandar informações circunstanciadas sobre este assunto.

Vicente Pires da Mota diz num officio que a direção da estrada de ferro de S. Paulo não é a melhor e que as obras são mal feitas apesar do zelo do engenheiro fiscal, que aliás consta a Sinimbu que não tem todas as condições necessárias, e sobretudo energia, para desempenhar bem o cargo. Dá parte da affluência de mineiros ao Rio Doce e eu recomendo-lhe que cuide diligentemente de aproveitá-los como colonos – não podendo a colonização estrangeira vingar nessa paragem – e trate da medição das terras para a venda. Sinimbu disse que este negócio depende da resolução do negócio do França Leite que é provável que fique decidido no próximo despacho. Refere à vinda de um padre que será acompanhado de outros 6, todos agricultores do estado de Kentucky, por encomenda do ex-abade Saraiva, e não tendo eles emprego de mandá-los para o Rio Doce, ao que eu me opus pela razão que já indiquei, e ele ficou de mandar o que já aí está para o Rio Novo.

Falou da autorização do adiantamento à companhia de vapores costeiros ⁷¹² que se acham em mau estado, dizendo que pretende só dar metade da soma autorizada, e suprimir a viagem a Montevidéu que não é precisa visto haver os vapores inglês e francês e dá pretexto para entrarem no Rio Grande.

Recomendei ao Sinimbu o estabelecimento do telégrafo elétrico pela costa do Brasil como um dos melhores serviços ao Império para que ele pode concorrer, respondendo que era seu desejo prestá-lo.

No despacho passado perguntando eu ao Olinda como ia o regulamento dos casamentos ele respondeu que se ocupava disto e que o Silveira da Mota ⁷¹³ havia apresentado seu trabalho tendo pedido também ao Abaeté seu parecer. Lembrei-lhe Nabuco, Paranaguá, e Vasconcelos como tendo estudado esta matéria.

11 de dezembro de 1862 – Nada de importante.

12 de dezembro de 1862 – Fui à distribuição dos prêmios aos meninos cegos, e muito gostei da cerimônia.

Às 6 veio Sinimbu para despachar requerimentos de perdão – examinei 30, e infelizmente só pude perdoar a 4 ou 5.

Sinimbu falou-me no desejo que tem de largar a pasta da Justiça e eu respondi que tinha entregue a decisão desse negócio ao Olinda. Disse-lhe que podia vir todas as 6^{as} feiras para pôr em dia os requerimentos de perdões, e negócios da Guarda Nacional de maior importância, se em tal convierem os outros ministros.

Esqueceu-me dizer que na 4^a fr. estive comigo a mulher do Joaquim Procópio de Figueiredo a quem falei com toda a franqueza sobre a capacidade [do] marido dizendo-lhe que se houver algum lugar para que ele sirva eu o lembrarei ao respectivo ministro, exceto para a Alfândega da Corte; pois dissera ao Albuquerque aprovar muito a sua resolução de preencher as vagas com empregados de outras repartições da fazenda.

13 de dezembro de 1862 – Li logo que acordei a carta do Ottoni. Nada lhe acho de inconveniente e se não fosse o excesso de orgulho que nela se descobre eu até a louvaria.

Veio cá o Albuquerque e disse-me que na conferência de 3^a tratando-se da substituição do Maranguape lhe lembrara Teófilo para a pasta da Agricultura passando Sinimbu para a da Justiça e que Olinda aprova muito a idéia e nenhum dos colegas se opusera. Eu referi o que se passou entre eu e o Olinda antes da conferência deles e disse que admirava não ter Olinda feito nenhuma reflexão. Acrescentei que Olinda parecia fugir de falar-me; pois me parecia que não estavam suas opiniões sobre política, se as tinha verdadeiramente, no que não conveio o Albuquerque, de acordo com as minhas que tornei a expor, ouvindo ao Albuquerque que a liga não tinha elementos para sustentar-se, e que se havia imparcialidade no Sul não se dá o mesmo no Norte. Entende que o Olinda deixa-se arrastar pelos acontecimentos e que dá ordens ao Sinimbu embora concorde no sentido de que lhe disse em sentido inteiramente oposto que Sinimbu tem sabido apoderar-se do espírito de Olinda sendo aquele que este fala de preferência.

Albuquerque contou-me que dissera ao Cristiano que seu irmão tinha sido lembrado para ministro e que este respondera que se tal idéia fosse minha ele correria a falar ao irmão observando contudo que os ministros atuais estão muito velhos. Eu

estranhei tal procedimento da parte do Albuquerque dizendo-lhe que sobre escolha de ministros nada devia passar dos ministros enquanto não tivessem ouvido a minha opinião, que, de acordo com o que eu tinha dito ao Olinda, e expusera a ele Albuquerque, não podia ser favorável à entrada de Teófilo Ottoni para ministério, ainda que não propusesse condições como asseverava Albuquerque não faria Ottoni. Muito me admirou a leviandade do Albuquerque, cujas intenções não podem ser melhores, e tomara que Ottoni não vá pensar ainda mais que tenho inimizade pessoal a ele, apesar de ter dito sempre que o que desejo é saber, por meio duma eleição tão livre, como o permitam nossas circunstâncias, qual a política, que apoia a Nação, para confiar sua execução aos ministros, sejam quais forem os indivíduos, que melhor a possam realizar.

Albuquerque aceita por colega o Abaeté, contra quem sente pouca simpatia, embora deseje o Sapucaí, cujo filho Candinho quer empregar na Alfândega, ainda que concorde comigo que ele não sirva, fundado numa doutrina monárquica – atendendo a ter sido o Sapucaí meu mestre, e sê-lo de minhas filhas, a qual de nenhuma forma admito, dizendo-lhe que, se a monarquia é a injustiça, eu sou republicano. Lembrei-lhe o meu procedimento para com o filho do Sapucaí, juiz de direito, e disse que isso é que era ouro sobre azul, estimando muito poder sempre premiar o mérito dos filhos duma pessoa a quem tenho tanta amizade como Sapucaí.

À tarde estive cá o Abrantes que me disse que o Olinda tratava de convencer o Maranguape de pedir sua demissão estimando muito que Abaeté entrasse em lugar daquele ficando Olinda de lhe falar. Nada me disse sobre a lembrança de Ottoni apesar de ser eu quem lhe perguntei que havia a respeito da reorganização ministerial. Também por eu perguntar, asseverou-me que não tem tenção de propor o Azambuja diretor geral para uma missão extraordinária ⁷¹⁴ pois que iria assim de encontro a suas idéias de economia.

Falei com Mr. Liais muito de passagem marcando-lhe 6^a fr. às 11 para conversarmos sobre seus trabalhos, que me parece foram frutíferos. Julgo que dá mais importância à navegação do rio das Velhas que à do rio S. Francisco acima da foz de seu confluente.

14 de dezembro de 1862 – Barbacena deu-me um relatório de Johnson sobre as explorações do carvão de pedra da Laguna e disse que a remessa de melhores amostras e sobretudo com impressões vegetais, como de calamitas e pinheiros; que achou agora Johnson espera organizar a companhia do que cuida em Londres entre outros Marcelino José Coelho. Pretende ir para o mês a Laguna cuidando de mandar levantar a planta da projetada estrada de ferro. Pediu-me que se encarregar alguma pessoa entendida de examinar a barra de Laguna, cuja saída não impedirá o nordeste, feita uma obra de pouca dificuldade.

15 de dezembro de 1862 – Fui visitar a fortaleza de Sta. Cruz não podendo ir a Laje porque Lamare e o Tavares ⁷¹⁵ inspetor do Arsenal me aconselharam que não procurasse desembarcar aí por causa da forte ressaca.

No caminho falei ao Lamare sobre os artigos do Constitucional sobre a promoção, e ele diz e repete que pelo estilo conhece terem partido de Joaquim José Inácio mesmo porque ele disse ao Bontempo ⁷¹⁶ que se recusara a escrever contra o Lamare embora muito instado.

A fortaleza está mal comandada pelo Rosado ⁷¹⁷ que sempre dizia que se dependesse dele tudo estaria na melhor ordem e contudo não satisfazia bem às minhas perguntas. Há muitas peças cujas carretas não suportam um tiro e artilheria é antiga, havendo na bateria do lume d'água, a mais importante três coronadas *[sic]* francesas que por terem a carreta assente muito baixo só poderão fazer mal a S. João ou mais longe. A bateria 3 de Maio tem uma fenda em que é preciso cuidar já. As duas grandes prisões eram muito fétidas, e uma célula escura por umidade e abafada não deve continuar a servir. A matrícula dos presos não tem os sinais destes. Há muitos recrutas e outros presos há mais de ano e cujo destino é ignorado os quais, se chamam encostados. Os cadetes e oficiais presos andam por toda a fortaleza e nada fazendo só diferem dos destacados por não poderem ter licença de ir à cidade. As camas dos soldados e ainda tem estrado de madeira, e nas prisões há tarimbadas. As cozinhas são más sobretudo a dos soldados de artilheria. Vi 3 ou 4 quando poderia ser uma só. Os gêneros são bons; mas a carne seca dos presos estava ardida, e o café compra-se já torrado. A botica está em lugar úmido e pouco sortida embora se façam os pedidos aos sábados. Diversos presos fizeram-me pedidos e eu mandei tomar as necessárias notas para o comandante informar ao ministro e este a mim. O farol é mau e de azeite. O sistema de buzina é mau; talvez fosse possível empregar o telefone, ou telégrafo acústico. Servem na fortaleza 9 africanos livres todos com muitos anos de

serviço, tendo um 34. A fortaleza foi caiada há um ano com o que se gastaram, por empreitada, 6 contos e está outra vez suja. Seria conveniente que o destacamento de artilheria fizesse exercícios de sua arma. Há recontos *[sic]* do 1º de fuzileiros comandados por um tenente.

Depois estive a bordo da corveta Januária que o Lamare diz que até 20 poderá partir para o Rio da Prata. Estava nalgum desarranjo por causa dos aprestos para a viagem dos aspirantes; mas limpa. Examinei os gêneros, e a carne seca pareceu-me já ardida. O comante *[sic]* capitão de fragata Tavares ⁷¹⁸ pareceu-me descontente ou de cara de adoentado. Não tem destacamento, a não serem imperiais-marinheiros *[sic]* do que consta a guarnição pela maior parte; mas o Lamare ficou de pedi-lo ao Polidoro e não convém que vá assim a corveta para o estrangeiro numa comissão que mais chamará a atenção sobre ela.

À tarde tive a sessão aniversária do Instituto Histórico, como constará dos jornais. Não fui ouvido se bem me lembro, sobre a deliberação tomada pelos ministros de que trata a declaração do Paranhos no jornal de hoje. Havia de opor-me porque acho o meio imoral e não sigo a máxima atribuída aos jornais.

16 de dezembro de 1862 – Nada de importante. Li a continuação de minha biografia. Muito me desgosta tamanha exageração, e creio que me defendo mal de algumas acusações que julgo injustas. Não sou dissimulado e apenas esforço-me por não dizer senão o que é preciso e se enganam comigo algumas vezes não é porque eu procure enganar; mas porque examinam mal minhas ações. Quando entendo dever repreender, procuro fazê-lo, quanto posso, sem ofender a pessoa repreendida, contudo minha opinião não fica duvidosa. Muitas e muitas vezes o que gente que me rodeia reputa falta digna de censura não o é para mim, que pouco me importo com o que não me parece verdadeiramente útil, p. e. a etiqueta; certas comodidades; coisas de luxo, ao menos no meu pensar, etc.

17 de dezembro de 1862 – Houve despacho. Apresentando o Olinda uma representação curso de S. Paulo para reforma de algumas disposições dos estatutos eu lembrei a necessidade de se irem aproveitando a experiência e trabalhos feitos para melhorar os estatutos das faculdades de Direito e Medicina. José Ribeiro da Silva Leão pediu o uso de armas, e Olinda disse fundado em informações de Abrantes, que o demitiu dum lugar na Misericórdia por trampolineiro assim como Abrantes declarou que não se devia fazer a graça. Eu deixei a decisão ao Olinda pois que para mim tal graça como disse não tem nenhuma importância e tem se feito a todos os que a têm pedido.

Olinda apresentou dois requerimentos pedindo dispensa de lapso de tempo para a passagem de títulos de condecorações e eu fui de opinião que por ora não devia haver tanto rigor e que ao menos se examinasse primeiro qual o motivo das graças que o Olinda e o Abrantes disseram que se deviam considerar perdidas para não abrir mau precedente. Olinda disse que achara Maranguape determinado a tomar conta da pasta, julgando que a filha Mrs. Jones fora causa de tal mudança. Eu respondi que o embaraço provinha de ele Olinda não falar francamente a Maranguape, não podendo eu anuir a que se deixasse Maranguape tomar conta da pasta para talvez morrer de novo ataque, e desejando não ser obrigado a demitir a Maranguape; o que todos disseram que não era sua intenção. Olinda replicou que se entenderia com a filha que podia tudo com o pai, e eu dizendo que o homem devia ter mais força que a mulher, ele aceitou a minha sugestão de se entender com o filho que assim como disse, conheço desde menino por ter muito propósito. Sinimbu disse que para apressar a solução da crise estava pronto a escrever ao Olinda que não podia com as duas pastas; o que respondi não se deve fazer antes do Olinda falar com toda a franqueza ao Maranguape. Polidoro observou que o modo porque o Maranguape só admitiria possível sua retirada do ministério talvez fosse na companhia de todos os colegas.

Abrantes ler *[sic]* duas respostas a Christie que ficaram para eu examinar dizendo-lhe desde logo que não me agradável *[sic]* o trecho duma por causa do tom irônico de que tanto gosta ele Abrantes, e poderia irritar mais o Christie, quando nos convém até procurar meios de abrandá-lo, assim como de satisfazer prontamente à Inglaterra no que for justo a fim de não provocarmos algum conflito desagradável. O pedido que faz Christie de restituição de livros apreendidos na alfândega ao Dr. Kalley está nesse caso, como disse; pois os livros nada tinham de imoral e se pregavam a doutrina protestante o que cumpria fazer era evitar que o Dr. Kalley pregasse publicamente o protestantismo. O tribunal do Tesouro aprovou a apreensão; mas o Albuquerque mostrou-se logo disposto à restituição que eu recomendei fosse feita sem irregularidades,

convindo ouvir antes as seções de Fazenda e Justiça porque o negócio tem caráter religioso e portanto exige a maior consideração.

Antes do despacho já tinha manifestado ao Albuquerque minha opinião contrária à repreensão que o tribunal do Tesouro mandou dar a Antônio José de Castro, e notei a precipitação com que a ordem foi logo cumprida no dia 16, apesar da publicação de Paranhos no jornal de 15; o que tornava o negócio da gravidade dos que vem a despacho. Disse-lhe que, depois de recorrer à minha memória apenas podia referir que Paranhos consultou-me sobre o meio porque se pretendia fazer a apreensão, e que, mostrando eu repugnância por julgar que haveria imoralidade nesse meio, ele insistia e eu por fim anuíra contanto que a apreensão, que aliás eu reprovava muito por combater a imoralidade, não desse lugar a outra de consentimento do governo. No despacho tornei a falar neste negócio para que todo o ministério soubesse como eu pensava, e disse o mesmo que já referi, tendo pena de que as excelentes intenções do Albuquerque não sejam acompanhadas de mais vigor de corpo. Estigmatizei o terem demorado a solução do negócio para depois de Paranhos ter saído do ministério, e ao mesmo tempo mostrei-me justamente indignado das expressões do Diário relativas ao Albuquerque explicando-se esta linguagem, como disse, pelos interesse *[sic]* de Saldanha Marinho advogado de Castro no processo de apreensão o que faz com que ele acusasse o Paranhos por ter empregado um meio imoral.

Referi ao Polidoro o que observei em Sta. Cruz chamando principalmente sua atenção para a falta de zelo do comandante, estado da bateria do lume d'água e 3 de Maio, e última caiação. Ele ficou de ir lá. Disse-me que pretendia cuidar da litografia, e vai nomear uma comissão – fui de opinião que escolhesse um só individuo – para coordenar os mapas do arquivo militar. Referiu que não querendo Muritiba ⁷¹⁹ aceitar a comissão de rever o código de processo militar apresentado pelo auditor Magalhães e Castro ⁷²⁰ senão em obséquio a ele Polidoro, que não lhe queria dever, propunha Nabuco, que se oferecera.

Indiquei ao Albuquerque o artigo do Liberal de 10 e ele disse-me que indagara já sobre o descaminho dos tipos.

Perguntei ao Olinda qual a opinião do governo sobre a luta entre a maioria e minoria da Assembléia do Rio de Janeiro, e ele respondeu-me que aprovava o procedimento do Belo a quem disse que podia prorrogar ainda a Assembléia até haver orçamento. Eu acrescentei que estava de acordo com o ministério não julgando que o procedimento do Belo, desmereça a aprovação do governo que não podia consentir que a minoria inutilizasse a maioria, que também devia proceder com toda a regularidade, o que por alguns periódicos parece não tê-lo feito.

Entreguei ao Sinimbu o parecer da seção do Império sobre a colônia do Valão dos Veados ⁷²¹ que me ficou do último despacho para examinar, e disse que era de opinião do Olinda – tem um ano de assinada! E assim anda quase todo o que não é atropelado pelos interesses de partido. Falei sobre colonização que não convém descuidar um instante cumprindo ter as terras medidas, em lugares próprios, para os emigrantes que desejam vir cultivá-las.

Recomendei que se estudassem os meios de povoar, e defender o Amazonas, lembrando eu e vão a urgência de cuidar da fortaleza de Óbidos. Polidoro disse que tratava disto e eu acrescentei que se aproveitasse ao menos a lição que há pouco levamos do vapor peruano Morona.

O padre dos Estados Unidos Oswald W. Moosmiller sempre quer ir visitar o rio Doce. Deus queira que volte!

Paranaguá informou em carta particular ao Belo que muito favoravelmente a respeito da viúva Wanzeller. Tratou do marido que desesperado da elefantíase dos gregos suicidou-se, e com todo o desvelo prometeu-lhe nunca abandonar seus despojos mortais. Por pedido do marido veio habitar Petrópolis onde todas as 6^{as} frs. ouve missa por alma do marido por quem depois vai rezar junto ao túmulo que lhe erigiu no cemitério. É de maneiras muito delicadas, e metida consigo. Hei de ainda tomar informações quando estiver em Petrópolis; pois que receio algum caráter romântico.

Sinimbu informou-me de que houve exageração no que se publicou sobre o Patrício morto na Casa de Correção; mas ficou de indagar melhor do mordança *[sic]*. Quem deu parte do sucedido foi o preso Dr. Cardim.

Vai-se fundar uma colônia espontânea de dinamarqueses no Paraná perto de Assungui.

Disse ao Sinimbu que era preciso cuidar dos prêmios em que se deve empregar o que renderam as entradas da Exposição Nacional; deve pagar-se a dívida.

18 de dezembro de 1862 – Nada de importante.

19 de dezembro de 1862 – Estive com Mr. Liais que me trouxe uma exposição breve de seus trabalhos em todos os ramos das ciências naturais e sobretudo geográficas. Nada me pode dizer sobre a melhor direção para chegar em continuação da Estrada de Pedro 2º ao rio de S. Francisco; o que sobretudo me interessaria. Seus trabalhos parecem muito interessantes, e além do que era relativo à comissão, continuou a ocupar-se das duas questões sobre que já apresentou memórias do vôo dos pássaros com aplicação à locomoção aérea pelo homem ajudado do vapor, e do alcance e efeito máximo da artilharia. Deu-me boas informações dos ajudantes tendo encarregado o Ladislau ⁷²² de formar o herbário instruindo na taxonomia. A conversa foi de mais de 3 horas, e mal poderia resumi-la. Apenas referi que me disse que havia muitas forjas de ferro que era o que se consumia na província e que muitas minas de ouro de grande riqueza eram desaproveitadas. A Mantiqueira não lhe parece de difícil passagem. Entende que a navegação à sirga no S. Francisco seria de menos custoso estabelecimento que a de vapor. De Barbacena à barra do rio dos Vermelhos são 160 léguas e não 80 como disse o Ottoni; – é reflexão do Liais. Observou 5 a 6 trombas nos campos, e atravessou mesmo a cavalo por uma que lhe virou o chapéu de sol e quase o desmontou; era seca.

O Sinimbu recomendou-lhe que apresentasse antes das câmaras um relatório do mais útil dando-lhe 2 anos para acabar todos os trabalhos; o que não é pouco visto ser a colheita de observações de 14 meses.

Sinimbu trouxe 22 requerimentos de perdões dos quais três somente puderam ter favorável deferimento.

Mostrou-me cartas particulares dos presidentes da Bahia, Pernambuco e das Alagoas ⁷²³. O primeiro fala na necessidade de energia; mas sempre protestando moderação. Eu disse que era preciso seguir à risca o pensamento do governo e cumpria não perder o sangue frio por mais que gritassem amigos e inimigos.

Sinimbu parece não gostar dessa linguagem ainda que me dissesse que lhe escreveria que aceitasse o martírio. Tratou-se da demissão dos empregados e eu expendi de novo os princípios que sempre procurarei fazer prevalecer embora os partidos os contrariem por falta de espírito de justiça.

O de Pernambuco parece menos atordoado ou menos sincero, e o das Alagoas fala de modo que parece inclinar-se demais a uma parcialidade – a do Sinimbu.

Entregou-me, empenhando-se, o requerimento do Dr. Cincinato Pinto da Silva pedindo o lugar de secretário da Faculdade de Medicina da Bahia. Disse que não conhecia nenhum dos concorrentes; mas advogaria a causa do que está servindo há anos. Sinimbu observou que o despacho deste iria dar a vitória a um partido cujos membros alardeavam esse despacho, ao que repliquei que eu não sabia de partidos acrescentando que também me constava que o Cincinato deixaria o lugar da secretaria da presidência para o Zama que o Sinimbu disse ser sobrinho do deputado Espínola ⁷²⁴. Sinimbu pareceu contrariado com a minha resposta embora eu dissesse que se o ministro da repartição insistisse eu nada mais diria pois que a responsabilidade é dele.

20 de dezembro de 1862 – Houve Conselho de Estado para aprovar dois atos. Depois despachei com os ministros não estando presente o Olinda que o Abrantes disse que fora ver se arranjava o negócio do Maranguape.

Ouvi ler e li os ofícios do Pará e Amazonas, e disse que era preciso estranhar ao menos o procedimento do presidente da última província e do capitão-tenente José da Costa e Azevedo ⁷²⁵ que deviam continuar a marcha encetada pelo presidente do Pará. O comandante do Morona disse que tinha só 19 homens a bordo do vapor, e o Belém podia muito bem tê-lo detido, como Lamare disse que pensava tivesse feito o Leal que é oficial muito desembaraçado. Muito me magoou ver como o Morona foi tratado pelo presidente do Amazonas e José da Costa e Azevedo apesar de informados de tudo.

Restitui ao Abrantes os projetos de notas ao Christie com algumas alterações das quais a importante é a que já indiquei no dia 17. Antes do Conselho de Estado Abrantes falou-me na vantagem de mandar já um enviado ao Paraguai para aproveitar as boas disposições do novo presidente ⁷²⁶ que já constavam pelo nosso cônsul em Montevidéu e se revelam em carta escrita ao Pimenta Bueno ⁷²⁷ que o presidente mostrara depois de tornar a ver. Aprovei a idéia e lembrei o Paranhos para esta missão de preferência a Pimenta Bueno [*que*] pareceu-me querer propor Abrantes; porque iria sem dificuldades nessa ocasião e não pediria mais do que razoavelmente se lhe devem conceder o que não faria Pimenta Bueno que é amigo de dinheiro. Entre o Conselho de Estado e o despacho o Albuquerque a quem falei sobre a responsabilidade a que foi chamado Saldanha Marinho respondeu-me que tinha sido pedido do tribunal do Tesouro, acrescentando que obrara em rigor de direito; mas que ele sabia qual a minha opinião sobre a liberdade de imprensa.

À tarde estiveram cá o Josino, o Caxias e o Paranhos. Falei ao primeiro sobre a folha oficial, que é preciso tornar mais interessante e disse-lhe que, aprovando muito as idéias do programa do Diário Oficial entendi contudo que ele devia defender os atos do governo de modo que o programa permitia, e já era meu pensamento, desde que, há anos, comecei a pugnar pela criação dessa folha. Recomendei-lhe também os extratos das folhas das províncias, que nada dizem das discussões das assembléias respectivas. Disse que pretendia ver quem se encarregasse de tal trabalho.

Caxias, que me procura agora amiúde, disse-me que o surpreendera a decisão do Tesouro quanto ao Castro, e que Wanderley ⁷²⁸ lhe escrevia muito empenhado na vitória de seu partido com exageração que o admirou.

Paranhos assim como Caxias confirmou o que minha memória não tinha a princípio bem presente a respeito do modo porque feita a apreensão do contrabando Romaguera. Censurou a precipitação com que foi feito o relatório do inquérito só dizendo o que pode achar de mau na Alfândega quando até o Ottoni se admirara da perfeição com que o Luís Cipriano tinha escrito seus livros. Constou-me que o Galvão ⁷²⁹ a muito custo apresentou seu inquérito da Alfândega de Pernambuco pois compromete diversos empregados taxando o inspetor ⁷³⁰ de fraco e que estes papéis passou-os ao Albuquerque com recomendação. Também me disse que o Henriques e o Cardoso de Meneses ⁷³¹ tinha ele certeza que sabiam da autorização dada ao Castro, sendo aliás isto público em tal tempo; visto que nenhum dos ministros fez segredo disto. Paranhos procurou defender a moralidade do meio empregado; mas não me convenceu, e quando ele pela imprensa, como me disse que faria, desenvolveu a defesa da autorização do meio empregado anteriormente pelo Leopoldo ⁷³², numa apreensão de jóias na praia de S. Cristóvão, eu fiquei de lhe dizer o que penso definitivamente a respeito da moralidade do meio empregado. Também observei que se o meio é imoral não devia a apreensão aproveitar ao Estado, contrariamente ao regulamento e por fim mostrou o mal que provém de tais censuras ao ministro, sendo o tribunal do Tesouro novamente consultivo quanto à ordem de repreensão ao Castro.

Eu defendi o Albuquerque que não sabia da autorização apesar do Paranhos ter dito que lhe devia os maiores elogios em relação a seu ministério, o que é exato pois os tenho ouvido mais duma vez. Lembrei ao Paranhos o que se tinha passado a respeito da remoção do Antônio Vicente da Costa para a Bahia, e ele nada disse em sua defesa além do que já lhe ouvira quando propusera unicamente a remoção. Também veio despedir-se o Espiridião Elói de Barros Pimentel ⁷³³, e disse-lhe qual a política que o ministério ao menos ao entrar aceite sem reflexão, e disse-lhe que a província carecia sobretudo de muito zelo e bem dos melhoramentos morais também não estando quanto aos materiais no pé em que poderia achar-se. Recomendei-lhe muito sangue frio que ele afirmou ter no meio das algazaras dos partidos a fim de fazer justiça.

21 de dezembro de 1862 – Procurou-me o juiz municipal de S. João do Príncipe ⁷³⁴ a respeito do qual o juiz de direito filho do Sapucaí ⁷³⁵ informa muito bem. Expôs-me o que eu já sabia em parte, e disse-me que a indisposição começara de não querer ele satisfazer pedidos da Câmara como se fossem ordens. Queixa-se mais do Bahia advogado de Breves do que este que é governado por aquele escritor de pasquins contra famílias, como depõe até o tabelião do lugar, e redator com os Drs. Hemetério ⁷³⁶, Francisco Nicolau dos Santos do periódico Agricultor cuja tipografia foi levada para S. João do Príncipe pelo Dr. Bahia. Pode ser removido julgando ter passado tempo suficiente para que o ministro da Justiça não receie, como lhe disse, que atribuam a remoção à influência do Breves e gente que o cerca. Fiquei de falar ao Sinimbu.

Estive com o Belo. Disse-me que a maioria não tinha infringido em nada o regimento, e que demitira os Drs. Batista Pereira e Francisco Leocádio de Figueiredo ⁷³⁷ porque tinham injuriado a presidência na Assembléia, dizendo um com apoio do outro que não receava a demissão a qual estaria pronto a atirar à cara do presidente. Respondi que tinha-os demitido com toda a razão expendendo os princípios que entendo devem regular em tais casos o procedimento do governo. Acrescentou que ninguém sabia da sua intenção de demitir os referidos empregados senão quando manda a nota para a secretaria, e que Batista Pereira tinha-o tratado com perfídia, até elogiando o orçamento, senão quando muda-se para a oposição, por isso que afiançaram-lhe que Belo seria demitido, a Câmara dissolvida e ele Batista Pereira apresentado como candidato por um dos círculos do Rio de Janeiro. A respeito de Francisco Leocádio disse que todos os presidentes têm se queixado de seu caráter, e que não podia mesmo continuar a servir como seu diretor ⁷³⁸ veremos qual é o procedimento do ministério para com o Belo, a quem também disse que reparara em que os da maioria atacassem os ministros ao que ele respondeu que pedira a esses deputados que não falassem em política e sobretudo não agredissem o ministério de quem ele

era delegado. Como o Belo é amigo de Sinimbu creio que será conservado aliás com justiça, segundo penso, e é preciso porque de outro modo tudo é anarquia segundo também na conversa com o Belo refleti.

22 de dezembro de 1862 – Fui visitar a fábrica de José Maria Reis na Rua do Hospício ⁷³⁹. Vi instrumentos curiosos sobretudo um espectroscópio de Bunsen, e outro de Soleil para medir os ângulos dos eixos dos cristais. Reis ficou de mandá-los cá para eu examiná-los detidamente. Há muito instrumento que ele decerto não vende. Tem 9 oficiais quase todos portugueses e apenas faz armações de óculos e lunetas e alguns instrumentos de menor importância. Disse-me que vendia de 60 a 80 contos por ano de óculos e prometeu dar-me uma estatística dessa venda distinguindo a natureza dos óculos. Trouxe-me um catálogo dos nomes apenas dos instrumentos que há na loja. Os vidros são lapidados na Europa. Defendeu-se de ser careiro alegando o empate de capital que já sobe a 300 contos. Quis vender um telescópio ao Observatório que é muito mau como vi e por isso brigou com Melo ⁷⁴⁰ o qual lá se achava assim como outros entendidos entre os quais o Bellegarde ⁷⁴¹ que mostra conhecer bem os instrumentos de sua profissão. Gostei de ver um sextante de algebeira que dá a aproximação dum minuto. Mostra-me a mesa onde trabalhava o Maia a quem pertenceu uma alidade de marfim da antiga navegação. Notei fotografias obscenas para esteroscópico; devia ao menos tirá-las do mostrador. A casa dos Reis parece apresentar algum aparato de mais não sabendo porque empata dinheiro em instrumentos que não lhe comprarão; contudo Reis tem boas amizades e julgo-o trabalhador.

Depois estive na fábrica de refinação de Cunha e Sauerbronn na rua da Gamboa ⁷⁴². O método é muito simples. Faz-se a calda e clarifica-se com a albumina de sangue de boi; operação que dura 1 hora para 100 arrobas de açúcar. A calda passa meia hora pelos filtros que contém 2 toneladas de carvão animal, que se faz na fábrica e é revivificado ao fogo sendo cada fornada de 1 tonelada, metendo-se os ossos nos vasos de ferro por um lado, e saindo por seu próprio peso depois de carbonizados pelo outro, e finalmente vêm para um tacho raso onde é agitado por dentes, e os torrões quebrados com rolos. Esta última operação levou na minha presença de 8 a 12 minutos gastando menos tempo quando se botam os torrões provenientes de anteriores operações depois de separados por uma peneira. O açúcar fica muito branco e desfeito na água não deixa o menor resíduo de carvão como ouvi e parece-me que na verdade assim o observei que sucede na fábrica de refinação de Niterói. Aproveita-se por este sistema muito mais que empregando as centrífugas e tudo dependente do ponto que se dá durante 20 minutos a 8 arrobas numa tacha para onde sai a calda depois de ter passado pelos filtros. Tudo é movido por uma máquina de 4 cavalos. Vende a libra de açúcar a 5\$800. O açúcar que refina ao menos o que vi não é muito escuro. O Sauerbronn deu-me explicações de tudo e parece inteligente; esteve 20 e tantos anos na Confeitaria Desroche, e empregado aí obteve privilégio para este método de refinar, que à primeira vista parece muito superior [a] outro que conheço. Refina até 160 arrobas por dia; porque não compram mais regularmente.

Também visitei a fábrica de Miers e Maylor na Rua da Saúde n° 136. Tem 168 trabalhadores a maior parte brasileiros entre os quais Maylor me apontou como muito inteligente [sic]. Este ano já fez 6 vapores, e virar de crena o Apa sem alquebrá-lo como receavam. Deu-me um pedaço de madeira do Apa não coberta de cobre a qual parece uma renda sendo as entradas dos bichos muito pequenas e portanto disfarçáveis em relação aos estragos no interior da madeira. Tem diversas máquinas para o trabalho movidas por uma de 8 cavalos, e vi um condensador tubular que Maylor disse que já construiu aqui antes que esse melhoramento viesse preconizado da Europa. Já encomendou um martinete. Estão postas as cavernas de ferro para um vapor de navegação da baía do Rio de Janeiro. Vi diversos modelos de cascos de vapores que aí se têm feito, e também me mostra o desenho da porta do dique que é empresário Miers que está em Londres cuidando disto.

Esteve cá o barão de Lajes ⁷⁴³ muito desgostoso do procedimento da Assembléa Provincial, e eu disse o que julgava a tal respeito e já escrevi asseverando-me ele no jantar que nem se falou no Olinda como é de supor que mesmo por interesse próprio não fizessem os membros da maioria. Disse-me que com efeito havias mesas de jogo e que se assentavam deputados de ambos lados procedendo com muito pouco respeito, chegando a deitar-se sobre as mesas, e levantar as pernas quando falavam assentados por licença da Assembléa.

23 de dezembro de 1862 – Nada de importante.

24 de dezembro de 1862 – Houve despacho. O Olinda disse que o Maranguape julgava que estaria capaz de servir daqui a um mês e observando eu que só três meios havia de sair deste embarço pedir ele demissão, deixá-lo reconhecer que não pode com o trabalho da pasta ou demiti-lo; o que entendo se deve evitar e não será preciso vistas as relações entre Maranguape e Olinda, este acrescentou que trabalharia para que ele pedisse demissão visto que tornar ele à pasta seria arriscar a vida.

O Olinda disse que havia empenhos contraídos pela ópera nacional e não podia deixar de auxiliá-la com a proteção do governo para o contrato de artistas na Europa.

Eu insisti na minha opinião desde o princípio e o Olinda deu os papéis ao Abrantes, que parece pensar como eu, para examiná-los.

Restitui ao Olinda uma confidencial do Sá e Albuquerque, e notei hesitações a respeito da política que tem seguido, como ele diz, de moderação e imparcialidade, e que tanto convém continuar.

O Belo comunicou ao Olinda as ocorrências com a Assembléia Provincial, e parece que o ministério aprova o procedimento do Belo nada tendo eu dito além do que já referi.

Abrantes leu o ofício de Marques Lisboa em que este diz que meu cunhado conde de Áquila deseja uma nova licença mais ampla que a outra enquanto apresenta sua representação a respeito do modo porque entende o padrão que deve regular o pagamento do dote. Eu disse que me parecia quererem ganhar tempo mas que anuiria a uma prorrogação de licença por mais 4 meses; porém que cumpria responder logo que viesse a representação e de modo a não haver ainda protelação no sentido que já havia exposto. Sinimbu lembrou a conveniência de ouvir as seções de Justiça e Estrangeiros e da Fazenda; mas eu repliquei que minha opinião era firme, e que, receando que os conselheiros não fossem rigorosamente justos vindo a responsabilidade de todo este negócio a recair sobre mim concordaria somente, como sugeriu Sinimbu, que se consultassem os conselheiros das seções particularmente e que se eles pensassem como eu e todos os ministros, à exceção do Albuquerque e talvez de Olinda, como já referi, então houvesse consulta para apoiar a resolução do governo perante o conde de Áquila.

Abrantes leu notas de Christie sobre as reclamações do Prince of Wales e oficiais da fragata Forte em que faz exigências a que não podemos anuir com decoro. Referiu que conferenciando com o Christie este lhe dissera que no caso de não serem satisfeitas suas exigências entregaria o negócio ao almirante inglês, e que ele de acordo com seus colegas eram de opinião que não cedêssemos deixando empregar a força como já sucedeu aqui com o almirante Roussin, e em Portugal. Eu aprovei inteiramente a proposta do ministério, e falando-se sobre o desforço que poderiam tirar os ingleses todos concordaram em que se acometessem algum navio de guerra nosso fosse antes ele ao fundo do que arriasse bandeira. Christie pediu uma conferência para sábado, e exige resposta por escrito até Segunda fa. Assentou-se em que houvesse despacho no sábado aonde se apresentaria Abrantes depois da conferência com Christie.

Falei ao Albuquerque sobre o inquérito feito por Galvão na Alfândega do Recife e ele disse-me que se ocupava deste negócio. Chamei a sua atenção sobre o estado da Recebedoria do município de encarregar o Cruz do exame desta repartição. Suscitei uma questão por causa dum despacho do Sinimbu sobre poderem ser providos pelo governo geral os lugares de justiça na provincia de Minas, criados por lei geral, depois da interpretação do Ato Adicional, sem que tenha sido revogada a lei provincial anterior a esse ato que deu tal atribuição ao presidente. Sinimbu ficou de examinar o que há sobre esta questão.

Propôs a remoção do Juiz municipal de S. João do Príncipe para Campos. Disse que embora não tivesse autorização para isso, o que de antemão eu reprovava, tinha mandado dar 6 contos para as obras da igreja dos Capuchinhos do Castelo, e fazer as despesas de passagem da família do ex-presidente do Rio Grande do Sul.

Roswadowsky⁷⁴⁴ e Resnburg propuseram fazer um atlas geográfico e estatístico do Brasil; mas eu disse que o primeiro não é muito digno de confiança, e que a condição de ninguém mais poder fazer qualquer publicação sobre o modelo deles julgava tornar inaceitável a proposta, que aliás não pede auxílio pecuniário.

25 de dezembro de 1862 – Nada de importante.

26 de dezembro de 1862 – Id.

27 de dezembro de 1862 – Houve despacho. O Olinda disse que por falta de informação exata sobre o modo por que se achava composta a lista dos vice-presidentes passava para 2º João Batista Carneiro contra quem escreveu ao Olinda uma carta o Alencastro dizendo que Carneiro era diretor do Santa Cruz que foi demitido e que mesmo como inspetor da tesouraria servia mal, sendo isso confirmado por Albuquerque o qual mandou proceder a um exame nessa repartição.

Contra João Batista Carneiro representaram como presidentes Gama Cerqueira e Alencastro ⁷⁴⁵, e o que daqui partiu também antes de sair. Eu observei ao Olinda que era mais prudente esperar por informações do novo presidente depois que visse com seus próprios olhos mais que ele Olinda me propusesse o que julgasse melhor. Disse que o monsenhor instava muito pela nomeação para os lugares vagos da capela e propunha o Fonseca Lima e cônego Paiva de Sta. Catarina para monsenhor, só achando dos cônegos atuais digno de ser promovido, caso não fosse português, e muito moderno, o padre Félix Maria de Freitas e Albuquerque ⁷⁴⁶. Eu reclamei contra o que julgou injustiça e disse que os cônegos Januário Bento Xavier e Freitas e Albuquerque, filho de brasileiro, e que só nascera em Portugal por ter o pai estudado em Coimbra eram dignos de nomeação de monsenhores, e que Fonseca Lima e Paiva passassem como cônegos para a capital imperial por sua ilustração, e vantagem que havia em arredá-los de suas províncias onde não gozavam do conceito de morais. Olinda parece que acha justas minhas razões e ficou de propor um padre para o terceiro canonicato que ainda ficará vago. Alegou para a nomeação de monsenhor do Fonseca Lima os cargos que ele tem na diocese da Bahia; mas ignorava o que lhe disse sobre a moralidade do Lima e do Paiva.

Entreguei os papéis relativos ao orçamento da Câmara Municipal da Corte e chamei a atenção do Olinda sobre a criação dos inspetores de calçadas assim como dos 5 guardas além do número marcado sem autorização do governo e outras despesas não autorizadas. Abro *[sic]* a medida tomada de passar do banco para as mãos do tesoureiro o dinheiro dos depósitos eu disse que a lei de 28 ordena que todo o dinheiro sob a administração da Câmara esteja no cofre, e que para dar-lhe outro destino será preciso autorização do Corpo Legislativo como se fez em caso análogo além de que estando o valor dos depósitos no banco diminui a responsabilidade do tesoureiro e a fiança deste não deve ser diminuída, proporcionalmente. Lembrei ao Olinda a necessidade de mandar examinar as contas da Câmara e ele parece que já tinha pensado nisto.

Falou ao Albuquerque sobre o artigo do Diário de hoje e disse-lhe que era preciso não se fiar somente em suas boas intenções; mas procurar sempre marchar de acordo com a lei no que muito o podia ajudar seu filho como magistrado que foi. Observei também que seu procedimento a respeito dos lugares de 4^{os} escriturários que a lei mandou abolir à medida que vagarem não tem sido regular, e que examinasse esse negócio.

Quanto ao artigo do Diário apenas dizia o que pensava com uma primeira leitura, mas que examinaria a questão. Albuquerque fez o que pode; mas já não pode examinar sem bons auxiliares os negócios como ainda mostrou hoje quanto a um parecer da seção sobre o recurso da lotação do ofício de ausentes. Albuquerque ia com o parecer da maioria do Tribunal do Tesouro; mas à vista da leitura dos papéis que ele trouxe não defendeu sua opinião, e disse que não se opunha ao parecer da seção.

Falou-se do ultimatum do Christie no sentido que já referi e Sinimbu disse que Christie tinha consultado St. Georges ⁷⁴⁷ sobre qual a desforra injusta – que tiraram de nós se tomar um navio brasileiro fora ou dentro do porto e que St. Georges lhe advertira a irritação que tal ato excitaria na população contra os ingleses. Eu disse que desejava que me avisassem de qualquer movimento hostil dentro do porto da marinha de guerra inglesa para eu ir para o Arsenal de Marinha. Os ministros observaram-me que seria melhor eu ir somente para o Paço da Cidade para que minha presença no arsenal não excitasse a população. Eu respondi que apenas desejava não parecer indiferente em tal conjuntura indo para o meio da população e que, portanto, sairia para o Paço da Cidade logo que o ministro da Marinha me avisasse por telégrafo cujo serviço Sinimbu devia recomendar que estivesse alerta.

Lamare expediu ontem para que as guarnições estivessem prontas para revista em ordem de marcha e completaria logo que for preciso a guarnição dos dois navios de guerra que temos armados no porto. Sinimbu queixou-se do serviço como é feito pelo inspetor das obras públicas ⁷⁴⁸ muito curto de inteligência e que deseja ser comandante do corpo de engenheiros que se acha criado; mas ainda não se organizou.

Comunicou-me que o Pena era de opinião que se organizassem bandeiras contra os índios que tinham agora feito incursões em Mato Grosso, eu e todos os ministros reprovamos tal idéia que aliás o Pena ⁷⁴⁹ submetia à aprovação do governo.

Também falei ao Albuquerque sobre o ex-inspetor da Alfândega do Rio Grande do Sul e parece que ele apesar das informações a favor lhe é contrário por causa do que diz Sampaio Viana ⁷⁵⁰.

Abrantes não chegou até depois de 5 da tarde. Veio depois de se terem retirado os colegas e disse-me que Christie lhe pareceu abalado pelo exame que fez de todos os papéis, e já não formulava algumas das exigências como até agora parecendo que o governo inglês deixara a seu arbítrio a escolha da satisfação a exigir de nós. Não falaram de ameaça, e portanto Abrantes não disse o que parece julgava conveniente, conforme a lembrança de Sinimbu na conferência de ontem, que os navios de guerra brasileiros não arriariam bandeira indo de preferência a pique depois de responderem a balas com balas; mas feita esta declaração da mesma forma por que Christie nos ameaçara dizendo que apenas queria que o governo brasileiro não ignorasse a triste obrigação em que se poderia achar.

Amanhã vem buscar o projeto de resposta a Christie e 2 Memoranda sobre as reclamações que me deram para examinar e à tarde haverá conferência de ministros. Referiu-me o que se passou entre Christie e St. Georges e eu já contei.

28 de dezembro de 1862 – Veio o Abrantes. Fiz pequenas observações sobre os memoranda e nota, suprimindo nesta um trecho de tom irônico; o que ele achou acertado e levou os papéis para a conferência. Disse-lhe para recomendar ao Lamare que no aviso não diga o motivo porque o faz.

29 de dezembro de 1862 – Procurou-me o dr. Drummond ⁷⁵¹ concorrente a um lugar de substituto do Curso Jurídico do Recife. Como ele da vez passada já apresentou melhores provas que o outro concorrente Sales que Olinda desejava que fosse mesmo preferido ao José Liberato Barroso, e agora já querem tornar a escolha política, eu disse a Drummond que ele apresentara boas provas da vez passada; mas que se ele apresentasse agora melhores que seu concorrente ainda assim poderia embaraçar sua escolha o fato de Serinhaém ⁷⁵². Respondeu que ele até apreendeu a maior parte dos africanos, e que Sérgio ⁷⁵³, Policarpo de Leão, e juiz Campos podia dizer quais os criminosos que não ele e o pai que até fora por ele incitado a tomar conta da delegacia para fazer a apreensão. Contudo isso explicou como meio de evitar a acusação, e eu lembrei-lhe que muitos africanos não tinham aparecido. Disse-lhe enfim que procurasse o ministro e lhe expusesse tudo procurando desfazer a impressão do sucesso de Serinhaém pois que eu entendia que um professor não deve ter em sua vida pechas que seus discípulos lhe possam lançar em rosto. Drummond pareceu sair algum tanto desconcertado.

30 de dezembro de 1862 – Recebi a carta que junto do Abrantes que veio à tardinha e me disse que Christie esteve à noite passada em casa de S. Georges e que hoje foi a bordo da Fort; mas voltará para o Hotel dos Estrangeiros. Referiu-me que o almirante Warren fora à Praça do Comércio onde havia grande agitação e falavam mal de Christie e perguntara porque tal celeuma, nada havendo para tanto; mas dois navios de guerra ingleses saíram não se sabendo para que fim. A resposta do Abrantes foi alterada na conferência; mas sem eu ser ouvido afinal para acrescentar dois trechos em que se diz que o governo não esperava tal despacho, e que as circunstâncias dum país novo e extenso do Brasil explica certos embaraços que de nenhum modo devem ser entendidos como falta de atenção para com outra nação. Creio que estas alterações não alterariam o importante da resposta, e por isso disse que as aprovava.

Abrantes pretende mandar imprimir com todo o segredo na Imprensa Nacional os principais documentos relativos à questão pendente para que sejam publicados logo que haja qualquer afronta da parte dos ingleses e em todo o caso poderem ser comunicados pelo próximo paquete a nossos agentes nas principais cortes européias. Abrantes ficou de me escrever se houvesse alguma novidade até o despacho de amanhã. Christie ainda não deu sinal de si. Lembrei ao Abrantes que tomassem em consideração o caso dos ingleses tomarem um cruzeiro nosso e trazê-lo para este porto como troféu. Qual será o procedimento do comandante do nosso navio? Abrantes disse que deve ser protestar contra força desigual depois de dar o tido *[sic]* de que fala o direito marítimo. O Abrantes pareceu-me já um pouco menos ferido no brio nacional embora dissesse que se Christie quisesse reatar sua correspondência sobre as reclamações da questão que o governo já lhe disse que referia a Londres se não deveria anuir a isso, entendendo eu conforme lhe manifestei, da mesma maneira. O artigo do Jornal disse-

me Abrantes que é do Paranhos e apesar de achá-lo redigido de modo mostrar que partira do governo produzira bons efeitos. Entende que o artigo devia ter aparecido no Diário Oficial convenientemente redigido em atenção à folha que o publicaria.

O concorrente Dr. Sales veio cá, e eu apenas lhe disse que as provas e informações decidiriam. A cara não revela inteligência.

31 de dezembro de 1862 – Houve despacho e além de outros negócios que referirei depois que tratar do principal de quase todo o dia de hoje, examinou-se este que é o das reclamações de Christie. Este respondeu à nota do Abrantes dizendo que o almirante ia ordenar a captura de navios brasileiros em represália até serem satisfeitas suas exigências. Como Abrantes que leu só a conclusão da nota por ser longa disse que o Christie englobava as duas reclamações assentamos todos em que se respondesse que o governo nada mais tinha que replicar, visto os ingleses resolverem indenizar-se por suas mãos. Christie lançava a responsabilidade de todas as conseqüências sobre o governo brasileiro. Abrantes retirou-se logo para cuidar da publicação de toda a correspondência entre ele e o Christie nos jornais de amanhã, enviando esta noite a resposta ao Christie, e todos os ministros deveriam estar comigo no Paço da Cidade às 6 ½. Depois veio notícia de que havia excitação na Praça do Comércio e até se falava em meter a pique um navio de guerra inglês. Assentou-se em que fosse para lá o ministro respectivo, o Sinimbu e o Olinda guardando o resto dos papéis para o próximo despacho retirou-se também para igualmente tranqüilizar as pessoas que o interrogassem. Lamare disse-me que tinha armado os vapores Iguatemi e Anhambaí que não o estavam além do Imperial Marinheiro, brigue Maranhão, Baiana (corveta) e vapor Magé que o estavam, e que preparava artilharia para estabelecer uma bateria na Ilha das Cobras e outra no Arsenal tencionando também mandar a Constituição ancorar junto a este para preveni-lo. Eu disse que era bom prevenir-se como por exemplo mandando aprontar carretas para peças nos dois arsenais como tinham feito os dois ministros, mas que as ordens para as baterias e Constituição era intempestivas. Pouco depois retiraram-se os ministros restantes por convir mais que estivessem na cidade, e recebi antes de partir para a cidade três recados telegráficos dizendo o primeiro da parte do Sinimbu que a praça tinha ficado muito satisfeita com suas declarações e que tencionavam os ingleses reter os navios brasileiros nas ilhas de Maricá, tendo vindo durante o despacho notícia de que Christie afixara no Consulado Inglês um edital anunciando a seus patrícios que se iam fazer as presas; o 2º que já havia sido apresado o vapor S. Pedro e o 3º que este assim como tinham entrado, e que ainda não houvera nenhum apresamento. Chegando ao Paço da Cidade disse-me Lamare que o Mauá procurara Abrantes e Olinda e lhes sugerira a idéia de recorrer na questão do Forte; que a outra é de dinheiro, a uma terceira potência não parecendo Christie opor-se a esta idéia. Manifestei-me logo contra semelhante alvitre no momento atual; mas durante o Te Deum pensei moderadamente sobre o caso, e na ocasião em Abrantes *[sic]* apresentou duas propostas uma no sentido do ajustado de manhã e outra conforme a idéia do Mauá eu desenvolvi minha opinião em contrário como logo direi.

Acabado o Te Deum disse que ouvindo a Mauá lhe dissera que se ele lhe assegurasse por escrito a aceitação por Christie da mediação ele a apresentaria a seus colegas e a mim, mostrando carta do Mauá neste sentido. Leu a resposta conforme o ajustado pela manhã, tendo eu antes manifestado minha opinião contrária à proposta de mediação feita por nós porque ainda a Inglaterra não nos tinha querido obrigar por meio do emprego efetivo da força, e convinha ganhar tempo a ver se os interesses dos próprios ingleses faziam pressão no ânimo do Christie levando-o a ele ou a outro diplomata por ele a sugerir-nos a idéia de recorrer à mediação duma terceira potência. Olinda inclinou-se à proposta feita por nós desde já da mediação querendo que nada se respondesse até sábado ouvindo primeiro o Conselho de Estado. Abrantes não declarou sua opinião; mas mostrou bem seguir a do Olinda, e Cansansão antes de todos pediu-me para manifestar-se no sentido de minha opinião, Polidoro e Lamare não ocultaram sua adesão a este parecer, assim como o Albuquerque, apesar de dizer que não se sentia em estado de deliberar. Quanto adiamento da resposta e audiência do Conselho de Estado ponderei que era indispensável publicar tudo aproveitando esta oportunidade em que o Christie pelo receio das conseqüências poderia fornecer-nos um meio o mais decoroso possível de sair da dificuldade e que o Conselho de Estado poderia ser depois ouvido. Alterou-se pois o projeto de resposta no sentido de dizer somente que se aceitava a intimação, não separando as duas reclamações; o que se deveria deixar ao Christie fazer; porque entretanto ficava o governo livre para obrar segundo entendesse melhor, podendo no caso do Christie insistir nas exigências que fez por causa do negócio da Forte ser ouvido o Conselho de Estado e tratar-se de mediação, já depois de ficar bem patente que só cedemos ao emprego da força.

Logo que o Abrantes comunicou o que se passara com o Mauá; porém antes de eu saber da carta, já tinha eu estranhado o que ele dissera a Mauá, embora ad referendum, como ele se exprimira, de modo a parecer-me justificável o que ele fez; mas depois que me contou o que houve a respeito da carta, e tendo ele dito ao Polidoro que se rira, creio que sem intenção de ofender a Abrantes, que o negócio não era de escárnio, e julgava ter cumprido seu dever aceitando como o fez na intervenção de Mauá, eu observei que Abrantes cumpriria seu dever se, não repelindo logo a lembrança de Mauá, como disse Sinimbu que se deveria ter praticado, ouvisse a seus colegas e a mim antes de ter dado qualquer resposta a Mauá; o que pareceu incomodar muito ao Abrantes que aliás nada replicou tendo eu lido, quando ele se retirava para cuidar da entrega da resposta ao Christie, perguntando-lhe porque havia perdido o seu sangue frio habitual e procurar atenuar a impressão da risada do Polidoro que decerto veio muito mal a propósito quando ele lhe pedia para ler as conclusões do outro projeto de resposta que tendo sido rejeitado mesmo sem ser lido era escusado e mesmo desagradável ao Abrantes ler nessa ocasião. Já então, eu procurei acalmar o Abrantes dizendo que reconhecia suas boas intenções e diferia de sua opinião antes na oportunidade que a respeito dela mesma; porém sentia que Abrantes se retirasse sem nova prova de que o estimo, e ele me respondeu que se admirava de que Polidoro, e creio que também se referiu a Lamare; porque este soube pelo Abrantes da intervenção do Mauá, desaprovasse o que antes tinha achado muito bom. Depois da retirada do Abrantes disse que em todas as ocasiões e sobretudo agora deviam os ministros estar bem unidos e que ele Polidoro não tinha rido, embora eu cresse que por qualquer outra causa, em boa ocasião. Também disse que se o Christie viesse à recepção do Corpo Diplomático, eu apenas o cortejaria e no caso de ter chegado o pacote lhe perguntaria pela saúde da rainha e sua família. Não falei em mandar passaportes ao Christie porque nós apelamos nas respostas dele para o governo inglês, embora ele dissesse a negociantes ingleses que ele cumpria as ordens do seu governo. No despacho da manhã ouvi que os negociantes queriam protestar contra o procedimento do Christie. O Lamare disse que estando a bordo do Imperial Marinheiro assistindo a exames fora aí um oficial inglês da parte de seu almirante a título de dar desculpas por não ter feito uma visita; mas pareceu-lhe que para examinar o estado do navio.

1 de janeiro 1863 – Que triste começo de ano sob a pressão de ameaça dum governo estrangeiro! Pensei que fosse mais difícil este meu diário posto que muito imperfeito, e escrito muitas vezes quando o corpo pedia descanso; mas já se completou um ano e agora tornou-se um hábito que julgo não perderei mais.

Nada me constou de mor.

À tarde estiveram cá bastantes visitas.

Eusébio aconselha toda a prudência no negócio Christie e parece querer que não se empregue a força em nenhum caso dos que lembram como prováveis mesmo. Aprovou as respostas do governo parecendo-lhe todavia brusco o modo porque se interrompeu a discussão com o Christie sobre as duas reclamações para referi-la a Londres. Eu disse-lhe que impertinências tinha Abrantes sofrido antes de Christie. Paranhos ainda mais pareceu assustado, e disse-me que não julgava que o Christie houvesse marcado prazo peremptório para a decisão, não tendo sido consultado nesta questão. Eu respondi que só não haveria prazo peremptório na forma, e manifestei-lhe como feito ao Eusébio como eu pensava, rematando para lembrar-lhe que honra e proveito não cabem num saco. Eusébio disse-me que os negociantes ingleses reprovavam o procedimento de Christie. Cansansão disse-me que Mauá tornaria a escrever a Olinda no sentido da mediação assim como o Abrantes. Eu declarei-me logo no sentido de ontem, e o mesmo fiz quando estavam todos os ministros reunidos menos o Albuquerque o qual me pediu para retirar-se pouco depois que chegou por muito incomodado. Lembrei que era preciso ver qual deva ser nosso procedimento, caso tragam os ingleses as presas para algum de nossos portos e sobretudo para o do Rio não tendo eu ainda opinião bem firme a tal respeito. Olinda dá parte da comunicação; mas parece entender que não convém só pela intervenção de Mauá modificar a marcha seguida. Abrantes disse que já se tinha respondido à nota do Christie sobre o que disse Sinimbu na Praça do Comércio expondo que se o edital se afixou antes da entrega de sua nota de ontem fora porque esta só alta noite ficara copiada, e houve demora em remetê-la. Ao vir para cá recebeu outra nota do Christie que ainda não pudera ler toda; mas que confirmava a justeza de alguns reparos na resposta do Abrantes da noite passada, pedindo-me licença para ir cuidar da resposta que se fosse importante levaria à conferência amanhã e estava contrariado.

Polidoro com quem eu falara antes da vinda do Abrantes e me disse que rira por causa do modo peremptório porque eu não quisera ouvir o projeto de resposta que não foi preferido ontem, mostrou querer desfazer a impressão da falta de atenção de ontem.

Conversou-se sobre o estado em que se achavam os 3 oficiais ingleses na Tijuca, e as informações de Sinimbu, Abrantes, Lamare, Polidoro foram no sentido de estarem eles espiritualizados e ser um deles, o capelão da fragata, borracho e de maus costumes. Sinimbu ficou de mandar interrogar alguns ingleses que deram essas informações; o que seria de utilidade para o futuro. Tinha me constado que se não apresaram o vapor S. Pedro comandante Pereira da Cunha; mas nenhum dos ministros, apesar de constar-me que foi o Peçanha que deu tal notícia no Paço da Cidade ontem ficando Lamare de verificar isto.

Sinimbu disse-me- quando falava só com ele da carta de Mauá que ele se retiraria do ministério se fosse alterada a marcha seguida. Adiante dos colegas lembrou a conveniência de tirar lucros, aliás por meio muito permitido, a dois negociantes ingleses que se mostravam decididos a favor de Christie; mas eu me opus atendendo a que os outros ingleses talvez se declarassem a favor dos lesados e contra o ato do governo a que muito convém agora ter o comércio inglês a seu favor. Recomendei que vissem se as folhas de maior formato nada diziam por ora sobre o conflito com o Christie senão o que lhes mandasse o governo para evitar certas palavras inconvenientes como vêm no Mercantil e Diário de hoje sobre o que também me falara o Paranhos. Entre as visitas veio Cristiano Ottoni. Caxias disse-me que aprovara o que fez o governo e que se as presas viessem para este porto não podíamos deixar de empregar a força, e que ele já se oferecia para ocupar o posto mais perigoso. Lembrou a conveniência de fortificar o Pico sobranceiro à fortaleza de Sta. Cruz. Não consta que fosse vapor chamar os dois pequenos navios de guerra que os ingleses têm no Rio da Prata. Leopoldo da Câmara Lima ⁷⁵⁴ disse que lhe constava promoverem os negociantes ingleses um protesto contra os atos de Christie. José Maria Pinto Peixoto ⁷⁵⁵ referiu que os liberais diziam que o ministro dos Estrangeiros declarara que pedia sua demissão se se alterasse a marcha seguida quando alguém (eu) aconselhava toda a prudência! Já esperava esta injustiça, e muito estimaria se eu fosse o único arriscado que se desse ocasião de provar quanto sou brasileiro. Sinimbu, quando Abrantes falou em novas respostas ao Christie, mostrou não aprovar que se dessem. Acho-o um pouco entusiasmado demais assim como o Lamare, notando desânimo nos dois marqueses; Deus queira que antes de brigarmos com os ingleses não briguem eles entre si! Falando Polidoro no tom acrimonioso dos artigos do Constitucional contra o Christie, Abrantes disse logo que não lia esse periódico. Ainda espero que tudo se arranje por meio do recurso a uma terceira potência, que o Olinda lembrou ontem ser a Prússia e de preferência a Bélgica, sem o menor dever para nós. Dentro em poucos dias haverá sucessos importantes. Leopoldo também disse que o St. Georges atizava o Christie porque deseja ser o conciliador. Vou dizendo tudo o que me consta de mais importante com muito pouca ordem porque o tempo não sobra e a preocupação é grande. Sinimbu disse que ouvira a Otaviano ⁷⁵⁶ que o Christie pretendia deixar a decisão do negócio a seu governo, e que os deputados e senadores de todas as opiniões residentes no Rio queriam fazer uma manifestação de apoio ao governo; mas parece que não julgam oportuna por ora e assim eu e Abrantes nos exprimimos quando Sinimbu o referiu.

2 de janeiro de 1863– Abrantes trouxe-me a nota de Christie, e convimos no modo porque de acordo já com seus colegas se lhe devia responder publicando-se tudo nos jornais de amanhã.

Abrantes lembrou que se escolhesse por árbitro o rei dos Belgas e assim se comunicasse a Christie em tempo oportuno. Queixou-se-me de Polidoro que lhe lembrava apesar de ir de farda à conferência que me devia consultar respondendo Abrantes um pouco teso a Polidoro que ele diz contar tudo o que se passa em conferência e despacho aos conservadores e ser muito malcriado. Referiu que Mrs. Jones, filha de Maranguape assim tinha sabido que Sinimbu dissera em despacho que breve se nomearia novo ministro da Justiça e que isto indispusera muito a Maranguape para ouvir o Olinda. Falou na doença do Albuquerque ⁷⁵⁷ que está a morrer e da substituição do Maranguape a quem Olinda somente fala como compadre. Disse que abertas as Câmaras haja ou não dissolução pediria sua demissão eu respondi então que conversaríamos, que desejava que o ministério marchasse unido e que no caso de dissolução deveria ser ele quem presidisse às eleições. Ficou de voltar às 5. Entretanto recebi diversas participações e algumas contrárias sobre 2 apresamentos um referido por um navio austríaco e outro visto do Castelo, seguindo o primeiro L. N. E. e o outro S. Escrevi ao Olinda no sentido da carta que ele me respondeu e ajunto ⁷⁵⁸. Antes do Abrantes veio o Lamare que me disse que o vapor S. Pedro não foi revistado, que pensa que

o navio de que falou o comandante do navio austríaco não era presa, e portanto não levarão os nossos navios apresados rumo de Sta. Helena ou Assunção [*sic*] como ao principio supôs, crendo que o patacho apresado, de nome Norma, segundo ouvi depois ia para Angra; o que talvez não seja assim porque a noite tive participação de que o patacho estava ao S. da barra, embora depois viesse parte de que seguia para o sul. Lamare disse-me, o que já ouvira ao Abrantes de manhã, que o Olinda queria logo que se aceitasse a proposta do Christie sem consulta do Conselho de Estado, e que o capitão do porto tinha 500 homens prontos à primeira voz, e que preparava carretas para uma bateria de peças de 68 em Villegaignon que sempre colocará embora se arranje este negócio pacificamente; o que aprovei. Disse-me que Drummond elogiava-me na Praça do Comércio por sustentar a honra nacional, e que meu modo de pensar era sabido entendendo eu que não devíamos consentir na entrada de presas neste porto, ao menos havendo força para não ficar vencidos nos primeiros encontros. Veremos o que dizem de mim amanhã embora julgue que procedi como devia, à vista da proposta espontânea do Christie, pois que Abrantes não viu mais o Mauá desde antes de ontem, e foi Olinda que lhe disse como li numa carta do Mauá escrita hoje a Abrantes apressando a solução do negócio, que talvez fosse o Conselho de Estado consultado. Lamare disse-me que toda a Marinha está muito animada e que ele não poderia consentir que entrassem presas neste porto e que tinha ordenado desde já que elas não pudessem vir ancorar onde estão os navios de guerra pretende vir cá logo que lhe constasse ter entrado no porto qualquer presa.

Abrantes tardou; porque esteve com Eichman ⁷⁵⁹. Christie não o procurou como talvez o fizesse conforme a carta que junto de Abrantes. Vi a resposta. Apenas notei algumas faltas na linguagem, e declarei-me contra o emprego da palavra condescendência para Christie aguardar a decisão depois de ouvido o Conselho de Estado. Respondeu-me que era estilo diplomático, e Christie poderia perguntar porque o faziam esperar podendo ser ouvido o Conselho de Estado imediatamente, o que não se fará ficando a reunião para 2a fr., depois de Abrantes mostrar no domingo todos os papéis aos conselheiros; por isso que não devemos mostrar pressa em anuir à proposta de Christie, mesmo porque há a recear que a nota dele seja um meio de experimentar a firmeza de nossa decisão enquanto o Christie não recuou em sua marcha arrogante. Apesar de nada ter objetado pensando mais escrevi ao Abrantes sobre a conveniência de suprimir a palavra condescendência que soaria mal a muitos outros ouvidos além dos meus. Perguntei-lhe o que diria a Christie se este o procurasse e respondeu-me que diria que tudo dependia da consulta do Conselho de Estado e da opinião de seus colegas e minha que ainda não sabia qual era. Lamare disse-me que tinha pedido a Saldanha Marinho que por qualquer publicação imprudente não embarçasse o curso dos negócios. Receio que a imprensa ao menos depois do negócio ajustado se divida em dois campos, a conservadora acusando o governo de imprudente e a liberal de fraco. É natural que explorem este lamentável sucesso no sentido dos interesses de partido; contudo talvez a posição que tomou Mauá neste negócio contenha um pouco o Diário e o Jornal do Comércio sendo o Mercantil menos indócil.

Já me dispunha a descansar quando recebi a resposta do Abrantes que junto. Lembra-me dizer que avisei o Abrantes do que eu faria ao Christie se ele viesse amanhã à recepção do Corpo Diplomático, e que seria conveniente que evitasse a vinda do Christie. Ele falou em entender-se com St. Georges; mas eu repeli a idéia pelo que se diz do procedimento de St. Georges em todo este negócio, e lembrei Eichmann.

3 de janeiro de 1863 – Houve despacho e depois de falar do que se tratou a respeito da questão Christie direi o que se passou demais. Abrantes apresentou a nota de Christie em resposta à última daquele, e assentou-se em que se respondesse de modo a por bem patente que a proposta de árbitro partiu de Christie, e não se admitisse o árbitro senão para a questão dos oficiais, devendo Abrantes na conferência limitar-se a dizer que o governo nada podia resolver sem ter ouvido o Conselho de Estado. Abrantes retirou-se tendo antes feito algumas reflexões sobre a palavra devida do aviso que Sinimbu dirigiu ao presidente na Praça do Comércio ⁷⁶⁰ as quais eu contrariei dizendo que só era devido o que era justo, e concordando o Olinda assim como todos os outros menos o Lamare, que não estava presente, e avisado compareceu logo escrevendo antes que não sabia do despacho em que fosse remetido tal qual como o foi imediatamente. Tratei da questão da entrada de presas entradas no porto, e Olinda observou que só por força maior isso poderia acontecer, querendo que nós as não tomássemos e que elas saíssem; o que as fortalezas disse ele aliás não consentiriam se fossem como presas. Combati isto fortemente, dizendo que não devíamos consentir na entrada e estada de presas em nosso porto, sendo da minha opinião Lamare, Sinimbu e Polidoro. Lembre a este que nomeasse José Mariano de Matos ⁷⁶¹ comandante de Sta. Cruz encarregado de

preparar ao menos a bateria de lume d'água e coronel Fontes da Laje, tendo aliás já cuidado da primeira fortaleza e do posto do Pico tencionando tirar o paiol da pólvora donde está. Sinimbu disse que os ingleses deixaram de lavar o protesto contra o procedimento do Christie; porque este os ameaçou de não dar seguimento à reclamação relativa aos direitos diferenciais. Chamei também a atenção do governo sobre o procedimento que deve ter para com os negociantes que apoiavam o Christie e são do mesmo governo dependentes; porém nunca deixando de ser justo e guardando esta desforra para quando não possa prejudicar a solução do negócio. Depois do despacho recebi a carta que junto do Abrantes e à noite ele veio referindo-me que o Christie lhe escrevera que estava indisposto e receava sair com medo de algum insulto pedindo que Abrantes lhe fosse falar ou mandasse seu secretário o Calógeras ⁷⁶². Este trouxe um papel por letra e muito pouco delicado [*sic*] do Christie, em forma de lembrança; mas assinado, em que diz que o governo do Brasil se sujeita a pagar a soma que o governo inglês marcar pelo negócio do Albardão; que propõe o governo brasileiro recorrer para decisão da outra questão a um árbitro imparcial que o da Inglaterra poderá aceitar ou recusar; que só o governo brasileiro fica responsável pelos prejuízos sofridos por todos os interessados nos navios apresados; que logo que o governo se sujeitar a pagamento da indenização irá ordem para suspender o apresamento e que as presas serão relaxadas logo que se fizer o ajuste. Declarei-me contra semelhante modo de propor por parte do Christie, devendo ficar bem claro e por nota dele que foi ele que fez a proposta e que nos comprometemos perante o país a indenizar os interessados nos navios apresados e não o fariamos perante a Inglaterra. Christie também diz no tal papel que propõe o árbitro porque o negócio dos oficiais é de dignidade para os dois países.

Recomendei ao Abrantes que consultasse seus colegas sobre o papel do Christie e ele ficou de passar ao Christie uma nota com referência ao papel a fim de firmar os pontos de que não prescindindo para que o arranjo que já me dói profundamente não nos fique indecoroso. Abrantes parece às vezes não sentir sua superioridade pelo lado dos sentimentos nobres nesta questão. Lembrei-lhe também a necessidade de não deixar entreve qual a decisão que tomará o governo depois de ouvido o Conselho de Estado, a quem o Abrantes disse que não comunicaria que procedimento teria o governo e que o árbitro seria o rei Leopoldo. À tarde estive cá o Belo e disse-me que tem havido seu movimento nos espíritos em Niterói e que o Moura do Pátria anda a açular o povo tendo lido hoje na Praça do Comércio um artigo do Pátria muito virulento contra os ingleses. Falou-me da Seropédica tencionando escolher o Murtinho para administrador nada resolvendo a respeito da indústria sérica sem as informações que espero de França pelo Jacobina ⁷⁶³ e sendo bem explícito quanto às atribuições do Murtinho. Também me consultou sobre redução da verba da despesa de Petrópolis e eu respondi que sempre disse a seus antecessores que tratassem essa povoação conforme sua importância comparada à das outras da província. O chefe de polícia participou-me como ficou de fazê-lo na audiência que o Ottoni não tinha feito discurso na Praça do Comércio como lhe disseram que tencionava fazer. Tinha mandado um agente para avisá-lo; mas este retirou-se para casa e só lhe participou isto depois de se ter fechado a praça; o que me obrigou a dizer-lhe que escolhesse melhor seus agentes. Na participação diz que a leitura do artigo do Pátria foi ouvido sem aplausos nem reprovação.

Cândido Batista com quem estive é de opinião ao menos por ora que não se deve arbitragem na questão dos oficiais, e devemos lutar com os ingleses. Preveni o Abrantes disso e de que havia de talvez ficar embaraçado com o parecer do Conselho de Estado; porque a responsabilidade é do governo e alguns quererão passar por patriotas.

Sinimbu disse no despacho que a solução do negócio tal qual a pretende dar o governo o deixa tranqüilo em sua consciência. Disse ao Olinda no despacho o que se passa entre mim e o Dr. Drummond. Albuquerque deu parte de que M. Jones ⁷⁶⁴ lhe fora propor a compra do trapiche do Maxwell por 1.200 ou 1.000 contos ou seu arrendamento por 7 anos a 60 contos cada ano. Os ministros presentes, Albuquerque, Sinimbu, Polidoro e Lamare pareceram preferir a compra e também assim penso. Entreguei ao Polidoro tradução duma carta do mineiro sueco Bretoh que foi examinar a fábrica de S. João de Ipanema o qual pinta o estado tristíssimo dela, que o Polidoro já sabia pelo Vogely e pede com justiça mais algum dinheiro e outras coisas queixando-se da demora que teve em São Paulo por causa da falta de diligência do presidente Pires da Mota. Disse ao Sinimbu para trazer a petição de graça do juiz municipal de Aquiraz que me parece ter sofrido grave injustiça como disse a este quando me veio hoje falar à audiência acrescentando que esta minha opinião dependia ainda do exame do seu processo tendo ele me dado alguns documentos. Joaquim Norberto ⁷⁶⁵ e outros vieram convidar-me para assistir à inauguração de seu instituto de ensino público, e eu lhes disse que por ora não podia marcar dia. Falei ao Norberto sobre o teatro dramático e ele ainda persiste em reuni-lo ao lírico, e disse-me que já havia 3 contratos de cantores, e suas idéias sobre o teatro dramático, que lhe manifestei ser para mim o importante, se acharão num escrito que está em poder do

Olinda. Gabaglia ⁷⁶⁶ também me procurou e eu disse-lhe que cuidasse de fazer um regulamento para a segura entrega de instrumentos da comissão científica a qualquer que deles precise, e respondeu-me como quem não tinha recebido ordem para tal fazer. Esquecia-me dizer que ficou adiada a remoção do juiz municipal de S. João do Príncipe até que eu decida o processo injusto, segundo informou o juiz de direito, que lhe formaram, e entretanto Sinimbu procura juiz que o substitua logo em S. João do Príncipe.

4 de janeiro de 1863 – O barão de Lajes mostrou-me uma proclamação impressa que felizmente não se afixou tendo-a eu mandado a Abrantes para ver. Disse-me que estavam prontos ao primeiro sinal a formar corpos de voluntários. Falei-lhe no sentido das minhas idéias e do governo, mas sem todavia dar a entender como provavelmente se resolverá a questão e preguei prudência e confiança no governo que nada faria que em sua consciência julgasse pouco decoroso à nação brasileira. Lendo a Pátria e Atualidade chamei a atenção do Sinimbu para o artigo em que se nota que eu não fosse para o Paço da Cidade e se expõe com pouca boa fé e que está na última nota do Abrantes e disse-lhe que convinha retificar ambos estes trechos no Diário Oficial falando ele primeiro sobre isto com o Olinda ao menos; junto a resposta do Sinimbu. Constou-me que St. Georges emprestara a Christie um vapor para mandar vir outros navios de guerra ingleses – naturalmente os do Rio da Prata –; mas eu logo disse que não acreditava, posto que me diziam que St. Georges atiçava a Christie. Lamare veio logo dizer-me o que lhe constava a respeito das presas, e recebi a carta que junto de Abrantes a quem respondi como se verá da carta que também lhe pedirei para guardar. Lamare disse-me que de seus colegas prescindindo de Albuquerque que irá para onde eu entender que vá o ministério só Olinda é que estava receoso dos ingleses. Não exponho o que julgo por ora que se deve fazer porque bem me explico na carta que escrevi ao Abrantes. Também escrevi a Sinimbu para o fim; que consta de sua resposta que junto.

5 de janeiro de 1863 – Reuniu-se o Conselho de Estado. Abaeté = Tratou da significação da palavra arbitramento da nota do Christie. Abrantes responde que a palavra arbitragem tem a significação de decisão por árbitro; mas que nós a definiremos. Abaeté entende que as reclamações são injustas, e que a situação é grave no presente e no futuro cumprindo sair dela sem desar. Diz que sugestão é o mesmo que proposta, podendo o governo ser quem a iniciasse, se o arbitramento compreende ambas as questões com o fim de decidir sobre o direito das reclamações e justiça das satisfações; mas que tendo havido presas deverá a relaxação preceder o ajuste que se não for feito dará lugar a retaliações e excessos que trarão a guerra. = Uruguai = Disse que estas questões encobrem outras que são de difícil solução, e que o negócio exige toda a prudência. Lembra o direito de retorsão cujo uso não demanda o emprego da força, e o que nos fizeram os ingleses por causa do tráfico; mas que estes meios só se devem por em prática depois de recorrer a um arbitramento. Acrescentou que vias de fato levadas a efeito como represálias se podem repeli do mesmo modo sem que haja guerra embora muito custe a fazer tal distinção. Christie parece oferecer uma saída, que deve ficar mais clara, e portanto figurará hipóteses. Distingue os princípios dos fatos, e diz que contestando o governo o princípio no caso do naufrágio da costa do Albardão deve tentar o arbitramento. Entende que o Christie é adrede confuso em suas notas e que se ele declarar que vai relaxar as presas e admite o arbitramento a respeito das duas questões, mesmo sem reserva da nossa parte, devemos fazer o ajuste. A não chegarmos ao ajuste faz diversas considerações lembrando o caso do Charles et Georges, em que o governo português não admitiu o princípio da reclamação, e respondeu que exigissem indenização a quem quisessem. Entende [que] o governo brasileiro respondeu bem ao Christie menos quanto ao pagamento pelo negócio do Albardão; pois se lhe deveria dizer que se pagassem criando uma comissão para ouvir as razões do governo e liquidar a quantia. Sem ultrapassar as represálias julga que nossas fortalezas não devem consentir que se acometam navios à sua vista e recorda que se negara redondamente a Hudson ⁷⁶⁷ a ordem por ele pedida para que as fortalezas brasileiras não atirassem nos cruzeiros britânicos que apresassem à vista delas, e se respondera ao mesmo Hudson, se bem me lembro, o qual se queixara de que a fortaleza de Paranaguá matara um marinheiro e ferira outros dum cruzeiro britânico apresado sob as baterias da fortaleza que só haveria de repreender seu comandante por não cumprir melhor seus deveres ⁷⁶⁸. = Jequitinhonha = Disse que ontem (A carta do Abrantes dá idéia do que se passou) opinou que nada se fizesse sem voltar ao antigo estado, lembrando que os interesses comerciais embaraçariam a guerra; que a atual não era de tráfico, e não se devia admitir o arbitramento pela forma porque foi sugerido. Hoje é de voto que não permite a dignidade do governo que aceitemos qualquer proposta sem a relaxação das

presas, e que se estas não se realizar se mandem os passaportes a Christie, e o nosso ministro em Londres se retire se o governo inglês não nos fizer justiça. Admite a conferência pedida pelo Christie e o memorandum, de que fala o protocolo da conferência entre Christie e Calógeras, mas sendo o memorandum redigido por terceira pessoa; porque assim o exige a dignidade do ministro e talvez a este convenha emendá-lo. Lembra para o caso de não haver arranjo que haja uma declaração assinada pelo ministério garantindo a proteção a todos os interesses e sobretudo dos ingleses por causa de nossas dívidas e capitais deles empregados no Brasil. Não desconhece a vantagem do arbitramento; mas depois de voltar tudo ao antigo estado. Acrescenta que devemos pesar as dificuldades em que também se vai achar o governo inglês, preparando-nos para tudo; pois que vida sem honra é pior que a morte. Refere que os representantes da nação que estão na Corte pretendem reunir-se amanhã ou depois e pergunta se pode assistir à reunião embora saiba que não deve prevenir o voto que ainda tenha de dar como conselheiro de Estado. = Cândido Batista = Entende que o governo resolveu muito bem as questões remetendo-as para Inglaterra, e que nada se deve fazer senão aguardar o resultado da negociação lá preparando-se para o possa vir *[sic]*. Alega os interesses britânicos para que não se receie guerra. Declara-se contra o arbitramento sobretudo a respeito do caso da Forte, porquanto esse alvitre menos decoroso e podendo tornar-se funesto; porque a balança penderá provavelmente para o mais forte. = Sapucaí = O arbitramento simples não se pode aceitar. Se Christie relaxar as presas entre o Abrantes em ajuste, adotando a opinião do Jequitinhonha, e o que disse que o Uruguai a respeito do procedimento da fortalezas (que aliás já receberam essa ordem segundo o resolvido em despacho). = Eusébio = Diz que quem fala friamente em tais ocasiões sempre sofre; mas que persiste na opinião ontem manifestada. O governo deve esgotar todos os meios pacíficos antes de provocar uma guerra. Entende que já houve proposta do Christie e que o governo deve aceitá-la não lhe ficando mal a iniciativa mesmo agora. Não nutre esperanças que se chegue a um acordo pelo arbitramento que o governo deve aceitar com prazer. Escreva-se a Christie para explicar se o árbitro deve decidir do princípio e do fato, devendo-se neste caso aceitar o arbitramento. Diz que as represálias são princípio de guerra e portanto só em último caso aconselharia que a elas se recorresse. = João Paulo = Ontem disse que tudo estaria acabo se declarássemos ceder à força, e no caso contrário apelássemos para o governo inglês não tratando mais com o Christie. Adota o arbitramento; mas sobre o quanto da reclamação do Albardão. Diz que se pergunte o que compreende Christie no arbitramento embora não espere que seja menos escuso. = Pimenta Bueno = Discute princípios e diz que sobretudo um governo fraco não deve admitir o princípio que se contesta com toda a razão na questão do Albardão. Queria que este ponto ficasse mais esclarecido na discussão diplomática. A questão da Forte também é em princípio inadmissível. Julga que já houve proposta de ajuste por parte do Christie e que o governo deve aceitá-la. Se o oferecimento é sincero não podemos rejeitá-lo, se é capcioso Christie se desarmará. diz que a cessação e relaxamento das presas deve ser condição sine qua non do ajuste, e que não convém mandar passaportes a Christie; porque isto seria tomado pelo governo inglês como rompimento. Recomendou que se mantivesse a dignidade nacional sobretudo dentro dos portos da capital do Império e dos das províncias. = Manuel Felizardo pensa como o antecedente. = Sousa Franco entende que a situação não mudou e não se deve rejeitar logo o arbitramento quase proposto por Christie. A questão ainda é diplomática e cumpre admitir o arbitramento. O próprio governo devia propor o arbitramento antes do emprego da força; mas Christie ou houvesse intervenção de alguém ou espontaneamente lembrou o arbitramento que deve compreender ambos os casos. Diz que Pimenta Bueno discutiu bem nas que um governo não pode impor o arbitramento ao outro e que nos seria desonroso aceitá-lo se não fosse in re integra; (creio que se referia a prescindirmos nós da sustentação do direito). Julga que as presas devem ser relaxadas não duvidando todavia anuir a que os ingleses conservassem as presas até a decisão do arbitramento. = Pimenta Bueno = Discordando de Cândido Batista entende que o arbitramento não é desonroso a uma nação fraca e que a França se o fosse o árbitro não faria pesar contra nós a espada de Breno. Concorda com a opinião do Uruguai e acrescenta que se se reconhecer que a sugestão do Christie foi ilusória devem se fazer contra represálias como p.e. a imposição de 10% adicionais sobre os gêneros britânicos que forem de ora em diante importados ficando esse dinheiro em depósito, e outras medidas que não são de guerra e vistas as circunstâncias não dependem do poder legislativo. = Uruguai = Entende que não se deve fazer proposta sem primeiro sondar o terreno. = Jequitinhonha = Diz que alguns conselheiros entendem que só se deve admitir o arbitramento depois de colocar tudo no antigo estado, e neste caso também admite ele o arbitramento. = João Paulo = Lembra a conveniência de mandar imprimir uma exposição de todos estes fatos para se distribuir pelo Brasil. Quando alguns conselheiros quiseram falar segunda vez eu lhes recomendei que vista a urgência se limitassem ao que fosse necessário para explicar seu voto; mas eles

embora falassem pouco sempre se esqueceram algum tanto de minha recomendação de brevidade sobretudo Uruguai. Jequitinhonha e Pimenta Bueno trouxeram pareceres escritos, e constando-me pelo Sapucaí que Itaboraí estava disposto a enviar o seu disse àquele que lhe lembrasse da minha parte o seu voto por escrito; mas só depois de terminado o Conselho e certo despacho com os ministros é que chegou. No meio da sessão do Conselho de Estado o Sinimbu teve de ir à Praça do Comércio por causa da agitação que aí havia. Eu de acordo com o ministério resolvi no sentido de que se publicará e disse-lhes que fossem para cidade onde eu me acharia no Paço às 6 horas para que as deliberações pudessem ser mais prontas como convinha. Hoje principiou propriamente a crise, e não sei se me chegará a tempo para que este diário seja escrito em dia.

VOLUME 10

Viagem à região de Angra dos Reis

05 a 10/12 de 1863

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

5 10bro de 1863 [**5 de outubro de 1863**]

Saída da barra do Rio de Janeiro às 5h da manhã.

Chegada à enseada das Palmas na Ilha Grande ao meio dia.

Ponta da Guaratiba metade do caminho e de lá para as Palmas viagem mais rápida.

Lage; ilha do pau a pino que de longe figura um navio a vela.

Desembarquei nas Palmas e depois na enseada ou seio de Abraão onde escrevo e que é excelente ancoradouro e apenas algum tanto incômodo com as fortes nordestadas. Vê-se aqui o bico de papagaio, talvez demasiado adunco, da Ilha Grande; ouvi que tem 400 braças acima.

O tempo tem sido excelente e nem tive ameaças de enjôo. A corveta é muito doce de movimentos e veleja excelentemente, sentindo que o vento fosse bastante escasso.

Vi a capela que principiou a construir aqui o devoto Manoel Caetano de Lima, que andava esmolando com um registro de N. Sra. É muito pequena e a porta da frente fica a um lado.

A ilha tem seus sítios de café, mas os morros só conservam matos nas cabeças.

A gente é pobre e de aspecto doentio.

Meu incógnito foi logo roto e as poucas casas daqui acham-se iluminadas.

O prático tem sido um Machado que navega há 45 anos e foi comandante de navios negreiros. É inteligente e conta histórias curiosas. Estou muito cansado, quase que não me sento há perto de 18 horas.

Enseadas das Estrelas e do Céu. Ida desta para Angra - porto muito abrigado e fundo tendo contudo a entrada um recife que as vezes aparece - infinitas ilhas com bons abrigos que ia vendo durante o trajeto.

Caráter do prático Machado ex- comandante de barcos negreiros.

Angra é cidade pequena. Matriz em mau estado. Conventos de S. Francisco e Carmo, estando o primeiro melhor conservado, para o qual querem mudar o hospital da Misericórdia, que não está mal arranjado.

Tem cais e um com árvore.

Forte com peças desmontadas (10) servindo o quartel ao destacamento policial.

Boa água da Carioca e da Saudade. Há o riacho do Choro que atravessa a cidade.

No hospital vi um paralítico e monomaniaco religioso de nome Francisco das Chagas Ribeiro - antes de trazer hábito era Francisco da Costa Ribeiro - o qual viajou muito pelo Amazonas e o Issá e por 18 províncias do Brasil. Falei aos padres Bitancourts de quem todos falam muito bem tendo o João cara mais inteligente como o é pelo que ouvi ao juiz de direito Teófilo Ribeiro Resende.

Quem mais me mostrou foi o Dr. Vidigal cuja família tem plantado algodão até 100.000 pés; mas tendo colhido só 18 arrobas que vendeu a 23\$000 a arroba. O terreno diz ele que não se presta, o que não me parece.

Vim a Jurumirim - 2 horas de viagem, por causa do vento rijo de N.E. pela proa. Está este lugar em decadência por procurarem as tropas de café outros portos, sobretudo depois da morte de José Francisco da Silva. Tem muito poucas casas e o rio pequeno mal pode ser navegado por escalares mesmo quando está seco como agora. Este porto como todas as outras enseadas sobretudo a do Céu, que parece um lago são mais belas e só vendo se faz idéia destes lugares.

Em Angra chegou o vapor S. Mateus que seguiu para o Rio e aqui a noitinha o Afonso que seguirá para Parati.

A noite caiu uma pequena trovoadas com alguma chuva, que já passou.

As ruas de Angra são pela maior parte calçadas.

Não vi o João Pedro de Almeida, por estar doente na sua fazenda de Jacuecanga.

Às 5h fui ver o Ariró onde algumas casas de comércio; espraia muito. Mais para um lado há Itanema com uma fazendola de um Amorim; forma uma enseada muito bonita. Vindo para o seio de Abraão.

Exercício de Corveta e do Amazonas. Alvo posto numa ilha de pedras a 5 amarras e 80 braças. A Corveta deu 11 tiros com a 3ª parte da carga de calibre 30, 36 de 4ª parte id.; 12 de 6ª id.; 2 de 6ª parte de calibre 32 raiado; 27 de 6ª parte de calibre 70 raiado [*acodizios?*] - 76 tiros e acertaram 31 em pedras da ilha perto do alvo. Alguns dos tiros de calibre 70 foram à ilha do pau a pino a mais de 2 milhas e chegaram lá com 12º de elevação. Os tiros do de 70 à ilha na distância de 5 amarras e 80 br. deram nas pedras quase todos. O Amazonas deu 45 tiros, e acertaram bastantes nas pedras perto do alvo. O exercício durou mais de 2 horas parando para se poder aprontar o jantar.

Chovia sofrivelmente e depois caíram rajadas fortes de S.O. que fizeram garrar um pouco a corveta e o Ipiranga.

Por causa do mau tempo não fui a Mangaratiba e durmo nesta enseada.

A ilha do pau a pino parece um navio a vela de longe tanto do lado de dentro como de fora. O boticário de bordo Carvalho filho do Coronel de artilharia do mesmo nome é quem fez os tacos de cebo e cera para as peças de 70 de Whitworth; são melhores que os tacos vindos da Inglaterra.

A botica está mal colocada perto da máquina por causa do calor.

O 1º tenente Cerqueira Lima parece muito esperto e dirigiu o exercício da peça de 70 que atirou ao alvo.

Quando foi ontem a enseada da estrela soube que a árvore chapéu de que há aqui bastante chama-se Bapurubu ou pau de canoa.

Esqueci-me dizer que em Angra ainda se enterra em catacumbas.

[*Os dias 6 e 7 de outubro não contém anotações feitas pelo imperador.*]

8 de outubro de 1863

Partida às 5h

Seminário em ruínas de Jacuecanga.

Ponte de ferro numa das salas térreas do Seminário há 4 para 5 anos quando devera ter se colocado sobre o rio que enche muito.

Chuva ao chegar a Jacuecanga.

Bonita enseada. Vento rijo e bastante rolo ao atravessar da altura de Mambucaba até a ponta da Joatinga.

Esta enseada de Parati é tranqüila como um lago.

Fui logo para a cidade, sendo meu Ciceroni o Manoel José de Souza e Juiz Municipal delegado Lopes.

A cidade talvez seja menor que Angra. A ponte que dá passagem sobre o Piraqueguaçu para a Misericórdia e Fortaleza está pouco segura e esse rio assim como o Mateus Nunes do lado oposto da cidade inundam a ponte de andarem de canoas pelas ruas.

A fortaleza foi mal colocada devendo ser nas margens do canal entre a ilha das bexigas e a terra firme. Contudo a muralha ainda serve. Há peças velhas e sobre reparos estragadíssimas.

Manancial particular de água inferior à fortaleza é boa.

Há um chafariz mandado fazer pelo Pedreira em 1851; mas que seca em certa época.

A Misericórdia é maior que a de Angra admitindo até 60, mas tendo já 15 doentes. Havia em cima da mesa um copo de ouro oferecido pelo Pedreira à Misericórdia, dissera que a cidade de Parati oferecera ao Pedreira. Não sei porque não venderam o copo e o mais conforme era a vontade do doador afim de ter mais algum dinheiro havendo déficit anual para a Sta. Casa.

Cento e tantos guardas nacionais do comando de Manoel José de Souza bem vestidos e armados.

A matriz concluiu-se há dias na parte principal, tendo uma Geralda da Silva gasto até 25 contos com esta conclusão sendo ela própria a administradora da obra. É grande e faltam torres e consistório. Pedem auxilio à provincia.

Não vi tantas crianças como em Angra nem tanta gente apresentável continuando as fisionomias a ser doentias.

O hospital foi feito a custa de uma irmandade perto de alagadiços do rio e abaixo do cemitério que é colocado na falda do morro muito íngreme e tem um depósito de cadáveres coberto de palha.

O cais para desembarque feito pelo Câmara está parado.

Além da matriz mais 3 igrejas.

Um advogado Caramanho entregou-me uns jornais para eu ter conhecimento do modo porque o perseguia o juiz municipal que diz querer Caramanho tirar-lhe o lugar para si.

O mestre das obras da matriz chamou-me a atenção para uma correspondência do Jornal do Comércio de 4.

As casas são piores em grandeza e aspecto que as de Angra.

Manbucaba onde não fui por causa do tempo, tem já bastantes casas como vi ontem. O pico chamado frade, apresentou-se como um dedo estendido. O pico de Parati chama-se Cuscuseiro. É preciso ver se Mambucaba vem de Membig ou Membsy e de aba.

3 embarcações mercantes neste porto de Parati.

O comandante manda arriar as vergas de joanetes o que se fez com muita grande rapidez. As peças foram bem atracadas tudo para a viagem de amanhã.

9 de outubro de 1863

Parti às 6h

Encontrei mar no costão da Ilha Grande e defronte da ilha de Jorge Grego vomitei, continuando depois até o porto aberto de Mangaratiba.

Jogava muito no primeiro ancoradouro de modo que um imperial marinheiro ao atracar a galeota caiu no mar, porém sabia nadar e agarrou-se à escada.

Fomos para o abrigo de umas ilhas à direita de quem entra e aí embarquei bem na galeota. Mangaratiba é pequena vila e só há de melhor a grande casa do barão de Sahy que estava na sua fazenda da Inगतuba.

Há uma chácara que pertenceu ao finado promotor da comarca Carlos Frederico de Lima e Silva que está sofrivelmente tratada e bem colocada no morro, onde estão as ruínas da fortaleza com 3 peças no chão. Foi muito mal colocada onde estava.

A vila está entre o rio do Choro que atravessa a tal chácara e outro.

O cemitério é longe e parece que na falda de um morro. Fui ver o arruinado trapiche da Companhia de Mangaratiba e depois na galeota contornei o porto do lado da povoação do Seco que tem algumas casas e uma capelinha. Carregavam uma lancha entrando os pretos no mar com uma corda para se segurarem.

A estrada de ferro de Pedro 2º tirou quase toda a importância de Mangaratiba.

O juiz municipal emprestou-me Jornais do Comércio de 5 (suplem^{to}) 6 e 7 vindos pelo correio terrestre de Itaguaí.

Vim dormir a enseada de Abraão gastando pouco mais de hora de Mangaratiba a vapor e a vela. A tarde estava muito bonita e foi lindíssimo passeio. A matriz de Mangaratiba tem sido fornecida de parâmetros e aumentada assim como reparada por dinheiro de particulares.

10 de outubro de 1863

Saimos às 5h e às 2h estávamos perto de Redonda. Tornamos para as ilhas de Maricá e depois às 6h e 35 min, ao pôr do sol que vi mergulhar-se todo no horizonte de novo arribei para o Rio com vento fresco de Nordeste.

Havia 5 navios arribados nas ilhas de Maricá e quando para lá íamos encontramos um navio que para lá arribava, mas que depois julgou melhor não fundear junto à barra do Rio.

O práctico disse que o conhecia do Valongo e que fazia viagem para Pernambuco.

Pouco longe barra avistamos a corveta Sá da Bandeira que seguia para o Sul.

Enjoei hoje bastante, porém não dei parte de fraco e estive sempre de pé ou assentado. O navio jogou muito e com o vento fresco para proa antes de arribarmos molhou por duas vezes a gente na proa e entrou pelas portinholas na bateria. Dei fundo neste porto às 8 ½ h Constou-me que o farol da Rosa não se vê agora de tão longe, por causa da pouca luz.

VOLUME 11

1ª VIAGEM AO EXTERIOR – 1ª PARTE – EUROPA

25/05 a 23/06/1871

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

[Desenhos]

25 de maio de 1871 - Douro 10 e 22 da manhã.

1871

25 de maio (5ª feira). Largamos às 8h e 10 min. Saída da barra às 9h e 20 min

Conversa com o comandante e o chief-officer - 10 ½ h Nada sinto.

3h Cabo Frio. Vou muito bem.

Bem frio que está.

[Desenho]

27 de maio de 1871 (sábado) - No dia 25 pouco depois das 5h começou N.E. forte e tive de ir estudar os homens horizontalmente. Contudo vomitei pouco.

A noite foi boa apesar dos choros de crianças; ânsias de enjoados; arrastamentos como de cadeiras; um verdadeiro castelo de Ana de Radcliffe. Jogou muito o vapor e a água lavou soavelmente a tolda e entrou pelos hatchways apesar da caution. Consolava-me refletindo que outro vapor jogaria mais.

Ontem pelas 2h da tarde amainou o vento mas eu só me animei a surgir esta manhã e vou muito bem na tolda onde estou escrevendo.

Já vou conhecendo a gente de bordo que enjoou quase toda ontem, rolando um inglês pela escada.

Antes de ontem a torre do novo farol do Cabo-frio apresentou-se sobre o píncaro qual sombra de poema de Ossian.

O velho de resfriado estava com quase sempre embuçado em névoas. Mandou-nos parar para ordens, porém nada disse. Arrumamo-lhe um all are well e, embora não fosse um gaélico, deixou-nos passar com um amável desejo de boa viagem.

E boa vida; que lá fomos afocinhando o N.E. que me virou de crena.

Estão a bordo o Paes Barreto e o Luis Filipe de Sousa Leão e outras pessoas minhas conhecidas. Duas valentes senhoras - uma delas mulher do Laio do Guimarães do Senhor dos Passos - resistiram valentemente ao enjão durante o dia 25.

Já se caracterizou um esganiçado, que por trajar diversas cores chamam o arco-iris e para diante falarei de outras.

Reparo que os louros - não são os papagaios; pelo contrário - louraços e outros da mesma nuance são calados; os de cabelos pretos, castanhos, etc - os portugueses sobretudo papagueiam que é um gosto - para eles.

Tenho arranhado inglês com o commander Waiter e o chief-officer Bruce. O primeiro tem sido muito amável com todos. Há pouco (são 11h) fez-me subir ao passadiço para descobrir de óculo muito ao longe - e o tempo está chuvoso - os Abrolhos. Foi do passadiço que desenhei o farol novo do Cabo.

Veio a bordo o dr. Rosendo Muniz Barreto ⁰⁰¹ com quem acabo de falar e o irmão rabequista, que já convidei a que nos dê uma serenata.

Apareceram pássaros entre os quais um bem-te-vi, e agora uma andorinha.

O tempo tem-se desenevado um pouco depois de 4 ½ h

O cirurgião da armada portuguesa Magalhães e o Muniz Barreto (poeta) fazem boa companhia e o Muniz Barreto (artista) tocou bem algumas peças de música (a Saloia; Carnaval de Veneza, etc) em ruim rebeca.

O mar está excelente e o vento enche um pouco as velas.

28 de maio de 1871 — Houve alguma lua de noite e ouvi da tolda a péssima música de bordo, que rematou pelo hino brasileiro.

Mamãe esteve até tarde sobre a tolda e todos vão bem.

Há a bordo uma onçazinha malhada.

Vi o cruzeiro e melhor as patas – conversei fora do camarote antes de dormir e levantei-me às 6h, subindo pouco depois para a tolda.

Choveu muito de noite e chove bem agora (9h) que passa perto um chaveco [*sic*] de dois mastros em direção oposta a nós. O N.E. atrasou-nos a viagem; pois chegamos a botar só 6 milhas. Ontem andamos 12 milhas. Creio que chegamos à Bahia ao meio dia para sair de lá às 5 ½ h da tarde o tempo está muitíssimo chuvoso.

29 de maio de 1871 (segunda) — Ontem quando abriu um pouco a cerração cerca de 11 ½ h aproava o Douro para o forte mar. Fundeamos perto de 12 ½ h Muito vento e chuva. Custou a chegar ao Arsenal da Marinha a galeota é má e os remeiros péssimos. Tem fama de já se haver virado.

A recepção foi brilhante, de baianos. Saí a pé a ladeira da Conceição e fui de carro ao Pilar, onde meti num dos bondes do Bonfim (companhia de veículos econômicos) chamado Bahia e seguido de outro de nome Bonfim.

Nicolau Carneiro é presidente da companhia e muito conversei com ele a respeito da companhia e da Condessa, a quem ele escreve pelo Douro. A companhia tem 36 bonds e 200 animais, sendo o meu bond puxado por cavalos.

Fui nele até a baixa do Bonfim de onde segui tirado por locomotiva até perto do mar em Itapagipe.

Voltei ao Bonfim, subindo de carro à Igreja onde fiz curta oração.

Vim a palácio, que estava apinhado de pessoas importantes de todas as parcialidades. Achei quase todos os meus conhecidos mais grados.

Escrevi a meus filhos comi à pressa e às 5h e 20 min estava a bordo.

Por causa do fornecimento do carvão seguimos somente às 7h e 14 min. Houve bastante vento de noite e jogou o navio, mas tenho passado bem, lido e vim almoçar com vontade. O vento é S.E. e andamos bem.

Ontem o Muniz Barreto, por pedido meu, recitou como sua a minha tradução homeométrica da Ode de Manzoni a Napoleão, que eu trouxe para limá-la ainda mais e dá-la talvez a Manzoni em Milão.

Agradou geralmente e aproveitarei das críticas que lhe fizeram mais facilmente supondo-a do Muniz Barreto.

Hei de estudar inglês e alemão na viagem juntamente com o Bom-Retiro ⁰⁰² e o Itaúna.

Na Bahia há mais as linhas de bonds Trilhos urbanos – para a Vitória e – central.

Vi das janelas do palácio girar a locomotiva do sistema Thompson (de que é empresário o Dr. Rocha (deboche!) e anda bem, dizendo-me alguns que sobe facilmente a ladeira da preguiça. Este sistema é para os caminhos ordinários. As rodas são cercadas de borracha. Há outras novidades que só na volta poderei ver.

O vice-presidente em exercício o Dr. Francisco José da Rocha, companheiro meu de viagem a Paulo Afonso, o Francisco Lourenço (Barão de Sergi), o chefe da divisão Mamede e outros vieram a bordo depois das 5h e 20 min.

Escusaria dizer que conversei com a Teté (Paraguaçu) e sua família. (Pedro Muniz estava doente na fazenda).

Há a bordo um inglês (Mr. Croskill) assaz original e que por animar os enjoados chamaram consolador dos enjoados. Com traje de mau tempo é uma espécie de urso, mas amável e bom jogador de xadrez. Passeia com relógio na mão, pois segundo ele diz certo tempo de passeio é indispensável a sua higiene.

Veio há pouco do Rio da Prata. Já barbarizei inglês com ele e hei de continuá-lo. 11 ¼ h.

O vento tem refrescado e botamos 13 milhas.

[Desenho]

Romeu e Julieta. Par miúdo que parece reciprocamente enjoado.

12h e 4 min Navio a vela ao longe do lado da terra.

E o oficial de Marinha brasileiro é irmão do Dr. José Joaquim do Carmo e nascido em S. Paulo pertencente pela mãe à família Bueno.

1h desci por causa de um aguaceiro forte.

3h menos 10 min outro aguaceiro, mas sem vento.

Subi há pouco, depois de ter estudado inglês com os Barões.

10h e 35 min – Às 5 e 20 min novo aguaceiro menor. O tempo ficou bom e gozamos de belo luar na tolda. Viu-se bem porém muito longe o farol de Maceió. Reparei bem para o Cruzeiro.

O inglês Croskill mostrou-se entendido em astronomia e falou-me em John Herschell que devo achar em Londres.

O filho de Ana Simões, residente em Lisboa, irmã do Simões do Supremo Tribunal de Justiça, conversou bastante comigo e disse-me que escrevera a seu amigo, o conhecido botânico Archer de Edimburgo se eu aí fosse. Respondi que talvez visitasse essa cidade.

A música tocou. Sei que há carta-suja na Bahia. E a cornetinha de bordo!

Toca a alvorada, a avançar etc e o Bom-Retiro não é o soldado menos pronto para o ataque dos dentes. Que comer! Eu também tenho excelente apetite e vou perfeitamente.

O par que retratei já se mostra mais amável entre seus membros. Disseram-me ser português que residiu em Valença e talvez leve as patacas para a terrinha.

Amanhã pelas 7h da manhã diz o comandante que se chegará a Pernambuco.

Tenho lido o grama Calabar do baiano Dr. Agrário de Sousa Menezes. Revela muito talento. Emprestou-me o Rosendo Muniz.

O passageiro da direita do primeiro desenho soube há pouco que é um d'Essa ex-empresário da navegação do rio Pirai. Sentiu-se então enjoado, que ficou na Bahia.

Há também cobardia no enjôo; e quem a tem sofre mais.

Acabei de conversar com os Barões junto ao portaló para fazer quilo de canja e vou ler um pouco e dormir.

A gente que navega no Douro é quase toda estimável, menos um bonifrate⁰⁰³, chamado Benjamin, que ostenta de dandy e patito.

Adeus! Amanhã hei de escrever bem cedo no livro de que vou arrancando as páginas e portanto – boa noite (11 ½ h).

30 de maio de 1871 (terça-feira) — 5 ½ h Dormi sofrivelmente.

6h e 10 min. À vista de Pernambuco.

Vou escrever a meus filhos.

6h e 20 min. Deu o tiro estamos fundeados.

Li os papéis que trouxe da Bahia e mando para o Rio.

3h e 40 min. Cheguei de volta do Recife às 2h Vê-se um navio de velas parado em direção oposta a nossa.

Fui para terra com chuva. Mamãe vendo os movimentos da galeota receou e eu segui sozinho com o Nicolau, vice-presidente Portela etc e Paiva. Quis entrar logo na galeota e machuquei a canela esquerda. Rebocou-nos o moleque. Acompanhavam-nos outro vaporzinho.

Desembarque no largo da igreja onde ouvi missa.

Muita gente (3h e 50 min).

Vapor ao longe vindo no Norte.

Como a maior parte não se ajoelhava o vigário capitular foi logo chamando a atenção do povo para o meu exemplo. Não houve protesto.

Daí fui de carro com o V. Presidente e o Presidente da Câmara Municipal Bento José de Menezes sobrinho do Barão das Mercês, e o Nicolau até a estação do caminho de ferro de Apipucos, de que é principal diretor o inglês Rawlinson (tem já 72

vagões e 8 locomotivas e conduz termo médio 4 mil pessoas por dia, rendendo 17%). Há muitas casas novas no caminho e bonitas.

Encontrei no vagão o sobrinho do agente da Companhia Pernambucana: Vitoriano Borges e sua mulher francesinha da gema, que muito me falou de seu Parris [sic]. Eu grosseyei [sic] também sofrivelmente.

Vi de longe a chácara da Mangueira à rosa da qual há em boa altura uma varanda de madeira [sic] onde tomei café em 1859 ou 60 – que bela vista da várzea! Mas só havia tempo de continuar mais 3 milhas (9 ao todo) até Caxangá para examinar a ponte nova, que não me parece ter ficado sólida. Dirigiu sua construção o engenheiro Pedro Uchôa, que os ingleses inscreveram Pedro Uchão. Creio que devia ser pênstil como a levada pela cheia; pois o solo parece-me pouco resistente e já uma das colunas de ferro abateu.

Há casinhas novas bonitas em Caxangá, perto da Capela. Depois da estação da linha férrea de Olinda até onde fui. Esta estrada de ferro que tem ramal já adiantado até a povoação de Beberibe finda do outro lado perto do Convento do Carmo de Olinda. A companhia possui 32 vagões e 4 locomotivas, esperando mais duas. O diretor principal é um Cunha de Beberibe.

Na volta falei com diversos e entre eles o diretor das obras provinciais, Tibúrcio Magalhães sobre melhoramentos da Província. Vão fazer ramal da estrada de ferro para Sto. Antão e para Limoeiro. Recomendei o de Valença.

Conversei com o Dr. Moscoso que me disse que ainda houve já dias um morto de febre amarela, e 20 casos de beribéri na casa de correção.

Antes de voltar a estação do Recife vi as casas do Curso Jurídico e do Colégio das Artes. Que miséria! Assinei meu nome com a data num livro onde já fizera o mesmo em 1859.

Depois casa da Sociedade das Artes Mecânicas – e liberado, espécie de liceu das artes e ofícios do Rio de Janeiro. Já tem 50 e tantos alunos.

Enquanto inaugurei o serviço da companhia de esgotos de Antônio Gomes Neto e Laco. O estabelecimento fica junto à fortaleza das 5 pontes. Há uma máquina de vapor que jorra água pelo cano de esgoto, impelindo até o fim da ilha do Nogueira, as imundícies, que se acumulam num depósito subterrâneo. Pareceu-me tudo bem arranjado e dizem haver água bastante. Quando abri o registro jorraram a grande altura 5 repuxos divergentes.

Fui depois para palácio; nele havia bastante gente e depois de fechar papéis e cartas para meus filhos e comer embarquei-me no Arsenal de Marinha para o Douro.

A cidade do Recife está quase toda calçada de paralelepípedos, embora maiores e menos úmidos que no Rio. Há uma rua onde os moradores estabeleceram lampiões de gás tão unidos que deve a noite ser quase dia. As três pontes novas, sobretudo a que liga Sto. Antônio ao Recife estão muito bem acabadas. Esta tem passagem central para os carros e cavalos e laterais para pedestres. Há muitos armazéns e casas de belo aspecto. A draga ainda não trabalha, mas recomendei muito este serviço ao Vice-Presidente. Quem veio da Europa para montar esse serviço morreu.

Lá vai anedota de bordo. Dizia um português antes de chegarmos a Pernambuco: “Oh homem! O Pará não nos fica em caminho? Qual, respondia outro, o Pará fica depois de S. Vicente. Lembrei-me da lição de geografia da “Morgadinha de Val-flor”.

31 de maio de 1871 (4ª feira) — Levantei-me às 6h

Ontem de tarde as nuvens do poente estavam muito curiosas. Todos exclamaram ao reparar numa: olha o galo! E com efeito até era calçudo.

Fiquei na tolda até perto de meia noite. Que lindo o céu! Ainda era o do Brasil. Disseram-me que enquanto estive no Recife apareceram tubarões à roda do Douro.

Parece que se pregaram no Recife pasquins injuriosos a mim. Não me importa! Fui bem acolhido, e melhor seria se não fosse a pressa e a chuva a princípio.

Ontem de noite o Simões contou-me seus serviços na defesa do Recife em 2 de fevereiro de 1849. É moço inteligente, mas talvez um pouco falador, como quase todos se tornam a bordo, quando passam bem. Eu hei de procurar viajar-me escrevinhando, que é mais prudente.

A Julieta é filha de Valença, mas ainda não pude explicar o aspecto desse par.

7h Já tomei café. O tempo está muito bom. Ontem a noite puxávamos 11 ½ milhas. O comandante diz que veremos bem Fernando de Noronha. A quarentena em S. Vicente e sobretudo a de Lisboa, é que me desespera.

7 ½ h **[Desenho de navio]**

Direção oposta a nossa. Fez sinais a que se respondeu. Parece que pediu a latitude e a longitude. Viram-se voadores ao longe. Parecem aves. Não pude observá-los bem.

7h e 55 min. Botamos 12 ¼ milhas.

No Recife já se começaram a assentar os trilhos para os bonds.

9 ¾ h Vai tudo muito bem.

Li artigos curiosos sobre o Road-Steamers de Thomson.

Ouvi que o comander diz que veremos Fernando de Noronha às 12h

O navio das pardas velas vinha de Glasgow com 23 dias. Novo não se sabe o nome.

12h e 55 min. Já se avista da proa Fernando de Noronha.

2h menos 12. Navio muito longe, na mesma direção. Bando de gaivotas.

[Desenhos]

5h e 12 min. - Fui jantar há pouco.

Última terra do Brasil que eu ainda vejo saudosíssimo! Tempo belo, mar da baía do Rio de Janeiro.

1 de junho de 1871 (5ª feira) — 6h Já estou vestido e assentado perto do portaló.

Ontem de noite a lua esteve muito bela.

O cruzeiro ainda alto.

Viu-se navio antes das 9h e não muito longe, em direção contrária.

Navegamos ontem N. 18° E. O “Commander” disse-me que se houvesse ventos fortes de E. só poderíamos avistar Palma. E eu que tanto desejo descobrir ao menos o vulto majestoso de Tenerife!

Conversei bastante e li enquanto houve claridade. Desci às 11h e 25 min da noite.

O Itaúna teve sua febrícula e tomou acônito.

Josefina e Mamãe estão constipadas.

Já visitei hoje Itaúna. Está melhor.

Tomei café e vou lendo, aqui mesmo deixar enxugar a baldeação da tolda. O barão de Tabatinga (Souza Leão) que vem de Pernambuco tem conversado bastante comigo. Disse que na ilha de Fernando há pé de milho com 6 maçarocas.

O cirurgião da Armada portuguesa também conversou bem comigo ontem de noite e não discute mal. Contudo quem parece merecer mais estima entre nossos companheiros de viagem é a família do Peixoto sócio do Guimarães.

5h Conversei com o Testa da família italiana, mas nascido em Lisboa. Disse-me ser da família Malatesta de Gênova – fez bem de suprimir o Mala pelo pai e dos Guidotti de Milão pela mãe. O pai foi cônsul e ele vice-cônsul da Nápolis em Lisboa. Conhecido e amigo de Marcelino José Coelho e de Peixoto de Brito. Depois falei ao padre napolitano Giuseppe Maria Regillo. Está há 8 anos no Brasil e foi vigário de Sta. Bárbara em S. Paulo. Disse-me não conhecer o novo bispo de Pernambuco; professor do seminário de S. Paulo.

9h Vou almoçar. Cerca de 10h viram navio de vela em direção oposta.

12h – Andamos 11 ½ milhas. Faz muito calor. Já se faz sentir a aproximação do equador.

12h e 10 min. O “Commander” trouxe o ponto. Lat. 16 m. S. - Long. 31° 11’ O. de S. Vicente 1094 que na marcha de 11 m. por hora dão 4 dias 3h 1h e 40 min.

Lição de Inglês desde 12 ½ min.

Passagem da linha à 1 ½ min.

Navio pequeno à vista em direção contrária.

5h e 20 min.

Às 2h tomei banho.

Os cômodos são bons e amanhã tomá-lo-ei inteiramente frio.

Li; conversei; jantei às 4h O “Commander” disse-me que depois de amanhã passaríamos a 500 milhas de Serra Leoa, e que iríamos de S. Vicente direto a Tenerife aonde chegaríamos em 3 dias.

A lua ainda está bastante alta e verifiquei que será cheia no dia 3, às 6h da manhã. O sol atrás das nuvens parece a boca de uma fornalha.

Há 3 judeus alemães a bordo. São negociantes segundo dizem e um deles bastou-me saber que era alemão e olhar-me para os cabelos pretos e traços de fisionomia para dizer é judeu.

2 de junho de 1871 (6ª feira) — 5h e 50 min. Já estou ao portaló apesar de descer ontem a meia noite.

O Cruzeiro estava alto.

Avistou-se navio de vela não muito longe e que parece seguir a mesma direção. Seriam cerca 9h.

O mar não está calmo como ontem apesar de ter havido seu vento como agora.

O Itaúna está bom.

Os passageiros são 302 em vésperas de 303, segundo ouvi. As senhoras quiseram ontem de noite dançar, mas não houve cavalheiros bastantes, embora o barão de Tabatinga já se afiambresse para dançar com a sobrinha-neta dos Buenõs do Rio Grande; bonita oriental.

O Simões fez-me grande preleção sobre a fábrica de extractum-carnis de Buschental em Trinidad (Estado Oriental) a qual já faz 10.000££ por mês vendidas a 550 e tantos réis, quando o Extractum-carnis do Mauá custa 700 e tantos e não conserva a albumina da carne.

Há a bordo uma gentilíssima menina de 3 ½ anos Inesita; filha de francês e oriental, nascida em Buenos Aires.

O cirurgião Magalhães descreveu-nos as ilhas de Cabo-Verde e disse coisas que pareceram-me fruto de sua imaginação.

Mamãe só esteve na tolda pouco tempo à tardinha e princípio da noite, por causa do defluxo. Ainda não me aborreci, mas que saudades do Rio e impaciência de ver os que procuro!

Às 7 ¾ h aguaceiro forte, mas sem vento maior que atravessamos em poucos minutos.

9 ¾ h Andamos 11 ½ milhas.

Ontem rifaram um bonito vaporzinho feito por um marinheiro (preço 50\$000) e tirou-o o marido da oriental. Eu, bem entendido, não contribui para a rifa.

10h Passamos o aguaceiro.

11h e 40 min. Pesado. Navio de vela muito longe, na mesma direção. Já se pode conversar com a Julieta e o Romeu. Aquela coça a cabeça quando se lhe pergunta se tem saudades dos pais e responde: pois não! Diz que vai a Lisboa, Porto, Guimarães, etc. e à capital de Inglaterra, que é Londres; e à capital de França que é Paris; à capital de etc.

Falei com um dos judeus, Holffsohn, sócio do Behrend de Berlim, que tem prestado serviços ao Brasil, e a quem aquele escrevera no sentido de meu programa, o que de certo me fará perder menos tempo.

Soube pelo genro do Eufrásio do Rio Grande, que o Croskill era da casa Croskill que vende instrumentos agrícolas e que um português que parecia-me reconhecer é com efeito o Azevedo da casa Azevedo Macedo, que eu vi em Porto Alegre e na casa do Eufrásio.

2 ½ h de 12 ½ h até perto de 2 lição de inglês, depois banho. Corre alguma aragem mas o ar está pesado. O prático vem agora de Pernambuco. Foi em 1818 remador da galeota de meu avô, casou duas vezes tendo tido da primeira 12 filhos que todos morreram (São informações do cirurgião português).

3 de junho de 1871 (Sábado) — 6h menos 11min. Levantei-me às 5 ½ h para ver a aparição da lua e do sol; mas as nuvens não me deixaram admirar o equilíbrio dessas duas imensas conchas da balança. A lua ainda estava alta e o sol já às 6h e 40 min aparecia emergido.

Ontem às 7 ¾ h observei um belo arco-íris formado pela lua. Receei bastante chuva, mas a noite foi belíssima e a lua debruava as nuvens de modo o mais pitoresco.

Senti descer às 11 ¼ h porém tinha de levantar-me mais cedo.

Às 9h e 18 min descobri a estrela do Norte. Coitadinha! A lua ofuscava-a e exclamei, olhando para o Cruzeiro do Sul ainda tão alto e brilhante:

O mundo há de ver um dia
Neste céu sereno e azul
Curvar-se a Ursa do Norte
Ante o Cruzeiro do Sul

(Marquês de Paranaguá)

Conversei muito ontem, mas li também.

Mamãe subiu um pouco para ver o Cruzeiro do Sul.

Ontem de noite também avistou-se navio de vela ao longe na mesma direção. Perto da noite houve aguaceiro pequeno.

O prático de Lisboa chama-se Manoel Carlos Jaques e tem 77 anos.

Já tomei café na tolda e para lá volto.

O moço, que vai estudar construção chama-se Coutinho.

10 ¼ h Já deixamos pela alheta um navio de vela que víamos pela proa bastante longe.

12h e 20 min Trazem o papel. Lat. 8° 28' N. Por um mapazinho parece ser do de Serra Leoa. Estamos a 540 milhas de S. Vicente. Andávamos 11 milhas.

4 de junho de 1871 (Domingo) — 6h Já tomei café ao portaló.

Vi às 7h e 4 min da noite o Cruzeiro e a Estrela do Norte. Aquele ainda estava bem alto.

Às 7 ½ h olhava ainda para esta, quando, segundo o ajustado, minha filha devia olhar para o Cruzeiro. Que saudades tive ainda mais do meu Rio!

Desci perto das 11h, por causa do aguaceiro, que já começava a cair.

O dia estava bem fresco depois do jantar às 4h e o vento refrescou, de modo que o navio jogou um pouco.

Conheci ontem uma aragonesita ⁰⁰⁴ de 10 a 12 anos muito galantina (chama-se Julia) a qual é filha da criada de uma espanhola, que dizem ter dado pancadas na mão. A ama tem cara de mau gênio e ficou sendo Medea.

A Julietta e Romeu continuam no seu doce arrufamento, pelo menos aparente.

Tenho lido, mas confesso que gosto mais de conversar e de estudar este microcosmo. Mamãe, apesar de ter ainda tosse, subiu para ver o por do sol e a lua. Antes de ontem um passageiro do Douro, que você adivinhará, glosou a quadra do Paranaguá deste modo:

Deus protege-te, Brasil;
Teus passos à glória guia;
A ti grande; a ti magnânimo
O mundo há de ver um dia
Já povo livre e potente (Os Estados Unidos)
Te aponta a sede curul (como árbitro)
Respeita as leis como os astros
Neste céu sereno e azul.
Eleva-te por teu mérito;
Não inveja a alheia sorte;
Se nobre, embora não venha
Curvar-se a Ursa do Norte
Tua fé é santa e pura;
Não é como a d'Irmisul.
Se o orgulho te assalta, prostra-te
Ante o Cruzeiro do Sul.

Vou para a tolda. 9h e 20 min.

Já almocei e voltei para a tolda. Mesmo aqui vai ficando quente, mas é provável que para a cidade suceda como ontem.

Viram-se poucos voadores.

Ontem vi bem a constelação do escorpião e soube então que os filhos de Gibraltar chamam-se escorpiões, tendo um passageiro natural daí, sobressaltando-se ao pronunciar eu tal nome defronte dele conforme disse, brincando o cirurgião português.

Como é domingo principiarei a leitura das Confissões de Sto. Agostinho de que tanto gosto. Não esquecerei a Histoire de St Bernard por l'abbé Rastibonne que minha filha me emprestou.

Andamos 11 milhas. 10h e 50 min.

Acabou o ofício de bordo. Foi na sala de comida, a portas fechadas e começou às 10 ½ h .

O purser (agente das malas) foi quem leu e os outros responderam assentados à roda da mesa. O pavilhão cobria um travesseiro colocado sobre a mesa. Assistiram quase todos os passageiros ingleses protestantes. Observei o que pude pela escotilha. Antes do ofício houve revista da tripulação que é de 120 homens, sendo os marinheiros quase todos saídos da marinha de guerra segundo ouvi.

Já falei ao prático de Lisboa que me asseverou que entraríamos de manhã. É baixo e gordo, com ares bem de marujo.

6h A leitura fez que só à 1h fosse a lição de inglês e voltasse a tolda às 2 ½ h Conversei e li aí, jantei às 4h e estou de novo na tolda, tendo há pouco aparecido uma gaivota vinda provavelmente das ilhas de sotavento de Cabo Verde. Ao meio dia estávamos na altura pouco mais ou menos de Cabo Roxo.

O comandante disse-me que chegaríamos a S. Vicente amanhã, das 10 às 11h

Vi o sol mergulhar no oceano; as nuvens serviram-me vidro corado (são 6h e 25 min).

5 de junho de 1871 (Segunda) — 6h Levantei-me às 5h e 10 min.

Já tomei banho e vou tomar café.

Desci ontem de noite às 11h e 35 min. Que luar! Apenas nuvenzinhas passaram pelo disco da lua para ainda mais o abrilhantarem.

Para a tarde o vento amainou e o Douro seguia firme sob fresca aragem.

Observei a estrela do Norte antes das 7 ½ h e a esta hora, assim como o Cruzeiro do Sul, que talvez ainda se veja esta noite. Olhei para lua com binóculos e o óculo de alcance do Commander. Como saudoso lembrei-me de que a faixa luminosa, com que a lua cingia o globo chegava até lá.

Conversei bastante e o cirurgião português contou histórias das ilhas de Cabo Verde, que precisam de verificação.

A bordo tudo serve e quanto nos divertiu o caso do desembargador Costa Mota que vem de Pernambuco: Entornaram-lhe uma xícara de chá quente pelo cachaço e quando ele, espanejando-se, consolava-se de que o chá ao menos não tinha ainda açúcar para manchar-lhe o casaco, saltam-lhe em cima 3 criados a esfregá-lo com guardanapos, que ele virou-se gago. O Bom Retiro assistiu a cena e como é andejo dá notícia de tudo o que passa a bordo. Todos tem sido polidos, embora não faça eu a menor cerimônia. Eu é que aprecio a vantagem de ver os homens horizontalmente. Ai vejo pelo portaló alguns voadores, que parecem passarinhos! Vou daqui a pouco para a tolda.

O Coutinho, dando eu sinal batendo na borda do navio viu que um voador voou 17 segundos. Tem aparecido bastantes. Contou-se o vôo de dois de 8 e 4 segundos. Apareceu uma gaivota. Leio que os voadores saltam ou voam até a distância de 200 jardas (83 braças) e a altura de 20 pés ingleses.

7h e 20 min. Já vi ao longe Sto Antão. Disse-me o Bruce que passamos a meia noite a 70 milhas a O. da Brava. Sto Antão ainda parece uma nuvem que se acastela no horizonte. É bem alta. 10h e 25 min. Já tinha visto bem S.Vicente e descubro ao longe Sta Luzia.

[Desenho]

Ilha dos pássaros 11h e 25 min.

Pôs-se-lhe o nome de Ilha dos jasmins do Cabo

[Desenho]

Cara do Washington

Fundeados em S. Vicente 9 navios com o Douro.

[Desenho] Monte verde

Casinha bonita com trepadeiras que mal se animam a trepar na varanda.

Forte de S. Vicente *[Desenho]*

À direita da entrada

[Desenho] Segue -se a cara de Washington

Contorno das montanhas de Sto Antão

Lugar da dentada do gigante

[Desenho]

[Desenho] Ilha dos pássaros olhando de S. Vicente para Sto Antão.

1h e 10 min – Vou escrever a meus filhos, pois devem-se dar as 2, segundo disseram-me.

2 ½ h Li diários de Marselha e de Inglaterra vindos pelo vapor de Marselha provavelmente Moneur ou Auber.

As ilhas de S. Vicente e de Sto Antão do lado do S. são esterilíssimas.

Aspecto das montanhas muito curioso.

O Monte Verde talvez seja assim chamado por ser menos pardo escuro ou avermelhado e amarelado do que os outros. Assim mesmo vi algumas tristes matazinhas ao dobrar a ponta da ilha e manchas de musgo esbranquiçado.

Há bastante areia que rijo vento está tornando em nevoeiro.

Pouco depois de chegados vieram dois escalares, um dos quais com o cirurgião da armada portuguesa residente em S. Vicente. É gordo de cabelos longos anelados e vende saúde. Desceu o imediato e apresentou-lhe a carta de saúde como lemos pelo binóculo. Ansiedade geral! Disse-nos adeus e bandeirinha amarela icada.

Estamos presos até 6h que seguimos viagem, conforme ouvi ao comandante.

No outro escaler apareceu o Miller, cujas duas casas uma com a bandeira inglesa alvejam graciosamente nestas alturas. Recebeu cartas e diários e foi-se. Só chegam as alvarengas com carvão e esse serviço é terrível para ouvidos e olhos dos passageiros.

Veio há pouco numa grande selha de que os trabalhadores comiam aos punhados uns grãos na água, que pareciam de bico, mas eram de milho – como inchou!

Os negros falam um inglês que lembrou-me o de que aparece no “Espião” de Cooper.

Que pena que os negrinhos não venham apanhar moedas no fundo do mar!

A ilha tem de 1500 a 2000 habitantes. Sto Antão é habitada do lado de fora e exportou o ano passado café no valor de 80 contos fortes. Contudo sempre lhe lobriguei duas casas no sítio chamado Tarrafal.

Venta bem rijo do Norte. Teremos dança de noite. O cimo do Monte Verde está coberto de nuvens.

À esquerda do fortim olhando para este. 5h *[Desenho]*

Jantei às 4h Vieram antes as autoridades de terra e mandaram sua congratulação com sobrescrito para o Senhor Imperador do Brasil e na qual dizem que gira o sangue de meu Pai nos meus canais arteriais e venais. Agradei da borda e disse que sentindo não ir a terra, por causa da quarentena teria o prazer de desembarcar na volta.

Deram um tiro para vir a mala.

Notei nas montanhas manchas vermelhas que parecem de ferrugem. Há de ser difícil, mas bonita uma aquarela da ilha.

Um navio dinamarquês tem içado a bandeira brasileira. 6h

O sol tem esclarecido a ilha e vê-se bem tudo. Tem bela casa da câmara com escola em construção; o hospital fica ao pé; segue-se lateralmente o quartel parece bom e novo; junto a praia a alfândega e ainda mais para o lado do fortim há no morro a casa do cônsul Miller que a bandeira inglesa e junto ao mar quatro trapiches com ponte do Miller. Para a extremidade oposta à direita de quem olha e longe da povoação vêem-se na baixa mais de 6 árvores bem copadas e em cima, na encosta um edifício. O cirurgião Magalhães disse chamar-se o sítio Madeiral e que o Miller não sei se pai ou filho – o que vi no escaler é o filho – tinha mandado vir sem proveito terra de Sto Antão para plantá-la.

A urgela colhe-se do outro lado da ilha e o prático de Lisboa disse segundo creio, que a ilha tem 400 cabeças de gado.

A disposição das camadas das ilhas de S. Vicente e de Sto Antão convergentes para o mar entre elas e a aridez desse lado das ilhas faz-me supor que estamos fundeando em antiga cratera que o mar ocupa.

Uma chalupa vai saindo.

6 de junho de 1871 (Terça-feira) — 6h e 5 min.

Já tomei banho e café.

O vapor jogou um pouco, também saímos depois das 6h com vento fresco de S. Vicente.

A lua mostrou-se tarde por causa das nuvens.

Vi bem a Estrela do Norte e o Cruzeiro do Sul, que não sei se enxergará ainda esta noite.

O vento continua fresco e vejo o mar encachoeirado pelo portaló.

Vou subir com o meu S. Bernardo.

Tomara já chegar a Lisboa! É muito mar e muito céu!

Esqueci-me dizer que vi em S. Vicente uma casa com a palavra Hotel, que disse o Magalhães ser de Franca.

A distância entre S. Vicente e o porto mais próximo de Sto Antão é de 9 milhas, mas os pontos mais chegados das duas ilhas não parecem distar entre si mais que o Rio e Niterói.

7h e 10 min. O vento tem refrescado e joga sofrivelmente o vapor, mas eu vou bem. O meu relógio ainda está certo pelo de bordo.

É enfadonho ter de adiantar o ponteiro à medida que diminui a longitude ocidental.

Disseram-me ontem quando eu visitava de óculo a povoação de S. Vicente, que uma casa de janelas e portas grandes é teatro.

O cirurgião português como não gosta de Mr. Salis, que é um dos signatários da congratulação aproveitou as bernardices de que eu falei e escreveu nesse sentido para terra. Eu conversando com ele desculpei-os da congratulação, mesmo para que não se pensasse a bordo que eu sou escarninho. Esse Salis nasceu na Suíça e serviu na guerra de meu Pai com D. Miguel.

O grande escândalo do nosso Dr. Magalhães parece ser o ter Salis sido duas vezes reformado e contudo ainda estar empregado por nunca deixar de alegar esses serviços, aliás muito relevantes. Por fim mostrou-se contente por lhe constar que ia ser nomeado para o cargo do Salis um moço do arquipélago de Cabo Verde, chamado Opfer, que Magalhães acrescentou ser muito hábil.

Nem voadores tem aparecido e receio vá resfriado e ventoso além da monotonia da cena. 8h e 50 min.

Andamos 9 milhas. 3 $\frac{3}{4}$ h

Almoço às 9h

Tornei a subir e li.

Lição de inglês com o Bom Retiro de 12 $\frac{1}{2}$ h às 2h

Conversa e agora vê-se navio de vela, que se aproxima por estibordo. O Comander trouxe o ponto do meio dia e disse-me que avistaria à meia noite de 5ª feira vendo-se às 5h da manhã de 6ª feira.

Andamos ainda 9 milhas e o vapor focinha sofrivelmente.

É inglês o navio e fez sinal.

7 de junho de 1871 (4a. feira) — 6h Banho tomado e vou tomar café.

Ontem no resto da tarde e da noite jogou bastante o vapor.

Bastantes nuvens no horizonte e o sol pôs-se espeguado (com muitas réstias de luz descendo até o mar). Vi ainda um pouco alto o Cruzeiro.

Como o vento me resfriava um pouco desci às 9 $\frac{1}{2}$ h Que noite comprida! – Fui borrifado pelo mar ao portaló.

Subi para a tolda. 6 $\frac{1}{2}$ h Disseram-me ter visto voador e que andávamos 10 milhas.

12 $\frac{1}{2}$ h li, conversei, às 9h almocei, tornei a ler e a conversar e há pouco recebi o ponto, cuja latitude só se obteve por estimativa. A latitude é de 22° 11' N. e a declinação também é de pouco mais de 22°. Vento N. porém não joga tanto como ontem.

12 $\frac{3}{4}$ h Atiraram 6 garrafas ao mar lacradas contendo cada uma: A borda do Douro – Boa Viagem ou Graças a Deus vamos bem – Lat. 22° 11' N. Long. 21° 19'O. Or. e 7 de junho de 1871. Ao meio dia. Assinadas por D. Pedro d'Alcantara – Teresa – Josefina etc. – Barão de Bom Retiro – B. d'Itaúna – Nicolau e Maria Francisca e filha.

Vou daqui a pouco para a lição de inglês. 3 $\frac{3}{4}$ h Interrompi a lição para ver um navio de vela inglês, que passou perto, por bombordo e fez sinais. Como ia depressa em direção oposta a nossa!

O Boreas tem-nos amofinado e creio que não desinchará as bochechas até Tenerife.

Terminei a lição às 2 ½ h e tenho estado a ler Byron para variar.

5h e 40 min.

Às 4 jantei. Depois tenho conversado onde o Dr. Magalhães e um Brito português, noivo da filha do Guimarães tem feito ginásticas andando sobre uma só tábua da tolda ou com um pé só etc.

Andamos 9 ½ milhas. O vento é menor e joga muito menos que de manhã.

8 de junho de 1871 (5a. feira) — 6 ¾ h Já tomei banho e café.

O vapor joga um pouco mais. Desci ontem às 10 ¼ h

O Cruzeiro quase molhava o pé. Noite linda. Parece-me ter visto Saturno para S. E. não muito longe do Escorpião.

7h e 5 min. Acabo se subir para a tolda, tendo explicado astronomia ao Itaúna.

Disse-me o Tabatinga que andávamos 10 milhas às 6h O vento está fresquinho.

9h e 50 min. Almocei às 9h e já estou outra vez na tolda.

Andamos 10 ¼ milhas.

O Coutinho chama-se Antônio de Abreu etc.

Parece inteligente, mas devera ter mais princípios para poder logo aproveitar mais a Inglaterra.

12h e 35 min. O Comander trouxe o ponto. Lat. 25° 31' cerca da altura do Cabo Bojador. Havemos de chegar à extremidade S. de Tenerife por volta da meia noite e estaremos à vista da ilha das 6 ½ h até 11h da manhã. Chegaremos a Lisboa 2ª feira cerca de meio dia. 4h

Lição de inglês de 12 ¾ h a 2 ¼ h

Andamos 10 ½ milhas 6h e 5 min. Voltei breve. Tenho passeado sofrivelmente pela tolda e o tempo está magnifico.

Avista-se navio no horizonte.

É de vela e está muito longe.

6 ¼ h Subi ao passadiço. É brigue a 8 ou 9 milhas de distância, vem para cá, mas talvez só passe a 6 milhas. Tudo isto disse-me o chief officer Bruce.

O sol espequado. Gaiyota grande provavelmente das Canárias (6h e 25 min). O sol mergulhou como um balão de fogo por entre nuvens às 6h e 51 min.

9 de junho de 1871 (6ª feira) — 9 ½ h Já almocei e tornei a subir.

Ontem de noite admirei o efeito da ardentia, sobretudo à proa, onde parecia-me ver um campo de lírios cravejado de pirilampos.

Julgo que descobri, apesar das nuvens, às 9h a estrela da cabeça do Cruzeiro.

Por ameaçar aguaceiro e já chover desci pouco depois das 10h Levantei-me antes de 3h e subi. Que belo luar! Saturno podia ser muito mais observado, mas estava incomodamente alto.

Comecei a ver o vulto majestoso de Tenerife (a Nivalia ou Pluvialia das ilhas Afortunadas) às 3 ¾ h e passei pelo farol de Anaga, ponta de N.E às 8h e 35 min. Tirei os croquis, que pude. A ilha é tão vulcânica que até se vê vestígio de lava, que numa encosta chega quase até o mar, com a singularidade se ser o terreno intermediário bem verde, descobrindo-se um canalial quase no vértice de duas antigas correntes de lava; únicas que pude reconhecer claramente. A ilha é muito cultivada e tem pinheirais, em certa altura e sobre as montanhas grandes árvores, que pareceram carvalhos, ou sobeiros. Observei bem o pico e certa parte branca não era senão terreno arenoso. A muralha, que cerca a cratera, a qual está inativa, desde o fim do século passado, mostrava suas fendas e tanto ao luar, como principalmente com o reflexo do sol, enlevou-me. Tem 12.183 pés ingleses de altura e há cavernas onde se conserva a neve todo o ano. Senti que não me fosse possível conhecer Guajara (pico de 8903 pés ingleses da muralha da cratera e o Alta vista (ao lado do grande pico de 10.702) onde em 1856 o diretor do observatório de Edinburgo, Piazzi Smith, fez suas pesquisas astronômicas e físicas tão interessantes. Também há a Montanã Blanca e o Chajorra, que não fico conhecendo. As encostas das montanhas são todas rasgadas pelas torrentes e muitos dos sulcos vem até a costa.

Até Sta. Cruz avistei 7 povoações e algumas grandezinhas, assim como muitíssimas casas, quase tudo, pouco mais ou menos, na altura do terço inferior das alturas, como se seguissem um caminho circulando a ilha e, com efeito, vi paredes e o vão de uma ponte.

Sta. Cruz, cidade de 13.000 e tantos habitantes é muito bonita e alegre – casas quase todas de sotéia e algumas grandes – suas torres bem altas. Contei 7 moinhos de vento e alguns em movimento – perto da cidade – o que me lembrou que estava em águas da pátria de D. Quixote.

Há 5 fortificações no porto, onde ancoravam bastantes navios, entre os quais 2 vapores de guerra espanhóis. Passada a cidade ainda vi 2 povoaçõeszinhas: um convento – segundo disseram-me – com sua cruz de pau – no alto de um penhasco – e enfim o farol da ponta de N. E. – de Anaga – cujo aspecto pareceu-me melhor que o de Cabo Frio.

A população da ilha é de mais de 80.000 habitantes. Sinto que nossa desrota não nos deixe avistar Orotava do lado oposto e não visse mesmo de longe a Gran Canaria, que nos ficou à direita.

A cochinhilha é agora grande gênero de comércio de Tenerife e não sei quem fez o 1º tenente Lobo crer que certas manchas vermelhas do terreno provinham da cochinhilha, pois dá esta cor encarnada. Expliquei-lhe o seu engano e ficou algum tanto corrido. É moço inteligente, mas quer mostrar muito depressa o que julga saber. Esteve 5 anos no Paraguai.

Havia bastante gente num cais de Sta Cruz, talvez admirada da passagem do vapor que não costuma por aí passar.

Hei de procurar fotografias de Tenerife na Espanha.

Li que em 1865 começaram a construir 2 molhes extensos para abrigo dos navios, mas pelo que pude ver, penso que a obra parou.

12h e 20 min. Andamos 10 milhas e pelo ponto devemos estar em Lisboa a 12 entre 9h e 10h da manhã. Lat 29° N.

Disse-me o Simões que nesta viagem que a despesa por dia com alimentação e carvão é de 232£ das quais 62 com a alimentação, que é boa porém mal feita em geral, segundo ouvi geralmente.

O carvão recebido em S. Vicente não é bom.

4h e 20 min. Já almocei e bem. Li antes e conversei na tolda.

Mamãe gosta mais de estar lá em baixo e as vezes assim é prudente por causa do tempo que tem resfriado bastante.

O vento é contrário e fresco e só botamos 9 milhas.

Viram-se 2 pássaros pretos, que pareceram gaivotas pequenas.

10 de junho de 1871 (Sábado) — 7h e 20 min. O sol pôs-se ontem quase claro às 7h e 7 min.

Mamãe esteve um pouco na tolda.

A noite foi nublada e nem as patas do Centauro pude descobrir.

Havia bonita ardentia na popa.

Desci às 10h e 40 min. Levantei-me pouco depois de 5h, tomei banho, café e escrevi o que tenho de dar ao Lisboa em Lisboa para saberem que quero viver como particular, e transmitir em telegramas.

Já tinha subido antes à tolda por causa de um vapor que vinha bombordo e o Bruce disse-me julgar ter saído de Lisboa e pertencer à linha da Bélgica e Londres, ou a de Glasgow; antes a primeira. Vê-se bem um navio de vela, ao longe, por estibordo, que segue conosco.

O comandante disse ontem que chegaremos à barra de Lisboa depois de amanhã das 5h às 6h da manhã e para não entrar de noite ouvi que diminuiria a marcha do vapor.

Andava ontem a noite 9h ½ milhas [*sic*].

O mar tem estado muito bom e o vento não incomoda, apesar de fazer fresco. Estas noites tenho sentido frio, mesmo no camarote.

10h Almocei às 9h O vento já enche uma vela.

Andamos 9 ½ milhas.

Há a bordo 4 passageiros que são muito parecidos - o physician com o senador Silveira da Mota, ao menos no nariz; o negociante Gasparzinho com o Paranaguá, menos os óculos; outro com o senador Teixeira de Souza (de longe) e o quarto, lojista português do Recife com o Ministro de Portugal no Rio, Matias de Carvalho, até na voz.

Antes de ontem disseram que iam rifar um papagaio, mas o bicho tinha morrido – coitado!

Vou principiar o 2º volume da vida de S. Bernardo. Tenho lido muitas outras coisas, sobretudo em relação a lugares vistos durante a viagem e fenômenos marítimos. Muito me tem servido uma enciclopédia inglesa publicada em 1868 que me deu de presente e mandou por a bordo o Dr. Gunning da estrada de ferro. Já lhe encontrei-lhe *[sic]* faltas.

Achei a filha do Guimarães lendo os *Cuentos populares* de Trueba; cuja leitura tem me divertido bastante.

[Desenho] Julieta abismada na leitura de St. Clara

[Desenho] Anel que Romeu deu a Julieta.

11 ¾ h Pouco depois das 10h um inglês ou americano deu choques com uma máquina eletro-magnética, mas era fraca e apenas senti formigueiros mais ou menos intensos.

Depois fui com o comandante e o maquinista ver a máquina. Dizem que é de 500 cavalos nominais e 2000 efetivos. São duas máquinas. Perto da galeria das fornalhas o calor é de 87º Fahr. A água que sai do condensador não marca sal nenhum no areômetro e a do mar disse-me o maquinista marcar ordinariamente 10º variando de 1º nos diferentes mares – Máquina etc foi feita há 6 anos em Greenock, na fábrica de Carr, se bem ouvi.

Andamos 10 milhas.

Arejam a água destilada de 4 em 4 horas. 1h

Vou para a lição de inglês. Li Truels. O comandante trouxe o ponto. Lat. 32º 34'. Long. 13º 32'. Estamos cerca da altura da Madeira e mais perto de Marrocos que Lisboa.

2 ½ h Voltei para a tolda.

Navio de 2 mastros no horizonte por bombordo em direção oposta. Disseram-me que durante a lição apareceram 2 outros em direção oposta. Amiudam-se agora, como é natural.

6h e 8 min. Jantei às 4h e voltei para a tolda, onde se está muito bem.

A Julieta tem conversado hoje e disse-me que tinha nascido em Mata cães perto de Vassouras. Chama-se Mariana Guimarães e é filha de português, homem de negócio e de mãe nascida em Iguçu. O marido Joaquim Pereira Guimarães, nascido em Guimarães, tem negócio.

6h e 37 min. Mamãe subiu para tolda. Tarde magnífica. Vou ver o por do sol.

11 de junho de 1871 (Domingo) — 5 ¾ h Já tomei banho e vou tomar café e escrever.

7 ½ h Chamaram-me para ver uma baleia. Nada vi já, mas o Bruce disse-me que ela jorrara a 3 ou 4 milhas por estibordo.

O sol não se viu ontem mergulhar, mas uma nuvem figurava perfeitamente um coelho assentado por cima do sol.

A noite esteve mais clara que a de antes de ontem. O escorpião quase que enrosca a cauda no mar. Parece-me que vi bem Saturno.

Desci às 10 ¾. 8h Desci para tornar a escrever e de novo chamado por causa da baleia, que jorrou mais duas vezes, corri e nada tenho visto do passadiço, onde traço estas linhas.

Venta de O. e o Bruce diz-me que é vento de chuva, que talvez caia logo mais.

9h 50' Já concluí a correspondência a remeter de Lisboa onde acrescentarei algum *post-scriptum* e almocei.

Subi para a tolda e leio o 2º volume de S. Bernard. Tempo fresquinho e as nuvens parecem desfazer-se.

Andamos serenamente, 9 ½ milhas.

Vou passear como já o tenho feito estes dias a passo largo.

12 ¼. Chuva conosco. Ponto trazido pelo comandante. Lat. 36º 27'. Long. 10º 48' O. Distância de Lisboa 160 milhas (16 horas). Penso que só por estimativa é que se determinou a posição astronômica do vapor.

2 ¾. O vento tem refrescado e chovido, mas pouco.

Viram-se dois pássaros.

Vi no mapa, estamos pela altura do estreito de Gibraltar.

3h Andamos 11 milhas. O vento vai rodando para N.O. e o tempo melhorando.

Agora diz um oficial que estamos na altura do Cabo de S. Vicente. O oficial chama-se Charles H Hanslip e tem por vezes conversado parecendo o terceiro a bordo.

6h 25'. Desci por causa do aguaceiro.

Às 5 fui jantar à mesa redonda tendo o comandante, no fim do jantar, feito nossa saúde tomando-se café depois dele, vim agora para a tolda, onde o vento está algum tanto resfriado, ameaçando aguaceiro.

7h 10' O tempo parece que melhora. Andamos 6 milhas, para não chegarmos a Lisboa à noite.

12 de junho de 1871 (2a fa.) — O tempo esteve frio e desci pouco depois das 9. Antes de descer vi um navio de vela por bombordo, que vinha.

Conversei até 11h Levantei-me à 1h e a 1h ½ vi os faróis da Roca-girante – o de S. Julião – o do Bugio girante – uma luz à direita deste que o prático disse ser do navio – e o de Espichel – tudo contando de bombordo para estibordo. 4h 5' desci; conversei e tornei a subir – 24 navios de pesca – bonita esquadilha ao longe – vem de Caparica.

Vêem-se bem o cabo da Roca por cima do Raso e do lado estibordo o de Espichel. Vêem-se um vaporzinho e um navio de vela do lado do cabo raso. Avista-se o farol da Guia com binóculo.

[desenho de navio] Uma muleta.

4 ½ Avista-se a serra de Sintra. 4 ¾. O sol vem receber-nos à foz do Tejo.

Já vi Cascaes. O Bugio e sobre a montanha o zimbório da Estrela destacam-se no resplendor do sol.

[Desenho].

5h 10' Salva. S. Julião por defronte do qual passamos, ficando o Bugio a estibordo.

11h 12' Estou no lazareto. Uf! Custou-me a desvencilhar-me das cerimônias, mas tudo correu bem. Vieram primeiramente o Lisboa e família. Porto Alegre, Marquesa de Cantagalo e filhos, etc. Dei-lhe as cartas e telegramas e recebi as que ele me trouxe. Antes havia aparecido o oficial de marinha João Batista de Andrade, o qual oferecia a corveta Estefânia para minha quarentena. Respondi que minha viagem é de caráter particular e que não aceitava exceção para mim. Finalmente chegaram o Fernando, Augusto, Campanhã, etc., e falei bastante com aquele.

Ando com a cabeça tão atrapalhada que esquecia-me referir que meu genro Augusto apareceu-me com o Lisboa e está no lazareto conosco, o que causa-me grande prazer. Depois de todos chegaram D. Luiz, Maria Pia, ministros, dos quais o Ávila pareceu-me um pouco de embófia, Ficalho (Marquês) que tem fisionomia muito simpática e na sua alegria disse-me que eu pouco diferia em feições do que ele vira-me há 40 anos no Rio de Janeiro, onde morava na casa do Targini à rua do Riachuelo – ficou de vir visitar-me no lazareto e de ir ao Porto comigo, onde acompanhou meu pai no cerco dessa cidade etc. O Campanhã também companheiro de meu Pai na guerra mereceu-me especial atenção e disse-me que fazia 80 anos nestes 2 meses. Está muito forte. Por fim ainda tornei a falar ao Lisboa dizendo-lhe que nada mudava de minhas resoluções e às 10 vim para cá no escaler da Estefânia, com seu comandante o Batista de Andrade.

Parece-me o lazareto excelente edifício. Sobem-se a esta espécie de palácio por diversos lanços de escada com 52 degraus e rampas. A vista é belíssima.

O Fernando já respondeu-me e eu escrevi-lhe no mesmo tom. Há de vir logo conversar comigo.

Colhi florezinhas numa das rampas.

Vi uma fotografia de meus netinhos que estão lindíssimos.

Como o José lembra sua mãe!

A vista é com efeito belíssima, mas cada vez que reparo mais nela sinto a calvície das montanhas.

Escrevo numa sala onde estão pintados meu Pai – que retrato! – e outros homens notáveis de Portugal.

[desenho de edifício]

É um hexágono de que desenhei um lado.

13 de junho de 1871 (terça-feira) — 1 da tarde. Ontem foi dia de muita confusão. Vieram o Luiz e o Fernando ao parlatório particular de baixo e conversei sobretudo com estes muito tempo. O Luiz não me agrada de fisionomia e modos – parece – Fui interrompido...

14 de junho de 1871 (4a fa.) — 4h ½ da manhã (bem claro) – ter pouco assunto.

O Fernando é muito fanhoso e lento na fala, porém seu olhar revela a inteligência, que se descobre melhor na conversa.

Estes edifício pode admitir 700 pessoas e até pela forma de hexágono é um cortiço de abelhas. Há oratório no corpo concêntrico, onde também vem o geral das pessoas falar aos quarentenários, que estão por detrás de grade de arame afim de nada poderem lançar fora.

Come-se bem, embora estes serviço seja irregular e as camas também são boas como os quartos.

Na tarde e parte da noite de 12 houve música do 5° de caçadores e da Estefânia. A primeira toca muito bem e seu regente é o Croner que esteve no Rio.

Às 10 tomei chá com minha comitiva na sala dos retratos dos heróis.

Por causa da agitação nada dormi e levantando-me ontem (13) às 5 ¼ tomei banho, escrevi para Lisboa e o Rio e depois fui passear fora de casa no terreno correspondente ao meu lado do hexágono. Que linda vista!

Na noite de 12 gozei de uma sala do andar térreo, que é comum, dos fogos da véspera de Sto. Antônio, estando a Estefânia muito lindamente iluminada assim como um vapor, que andou tocando o hino brasileiro e soltando foguetes e vivas por defronte do lazareto.

Depois do almoço que se seguiu à missa ouvida da gaiola do locutório – que alguém chama interrogatório – geral conversei e olhei para Lisboa, cujo panorama do Ginásio do Rio é muito semelhante.

Já conheço bem muitos lugares interessantes.

Li também o que pude apanhar ou me mandaram.

As conversas com os Ficalho pai e filho, que é substituto de Botânica da Escola Politécnica e muitas informações me deu a respeito desta e do movimento científico e da instrução pública falando-me o pai do Rio, onde esteve em 1830 e prometendo-me procurar o soldado talvez ainda vivo, que meu Pai abraçou na hora da morte e com casal Ribeiro, que pelo físico e talento chamarei um frasquinho de espírito e o visconde de Algés adjunto do procurador da coroa, que muito me disse a respeito das justiças neste reino interessaram-me sobremaneira.

Casal Ribeiro descrê da política e faz vinho perto de Alemquer, na Crujeira, assim como azeite o Alexandre Herculano ⁰⁰⁵ em Val de Lobos perto de Santarém. Tanto o Casal como o Algés são amigos de Herculano e ficaram de escrever-lhe exprimindo-lhe o desejo que tenho de conversar com ele em Lisboa antes de eu seguir para Espanha.

Também estive no locutório geral Sá da Bandeira que é um velhinho respeitabilíssimo. Convidei-o para o Porto. Antes de jantar cá estive no locutório particular o Augusto, que trouxe-me carta e fotografias da parte do Fernando e o Luiz interrompeu-me o jantar; – isto é fez-me levantar da mesa, onde todos aguardavam a comida, que mesmo depois de eu voltar, tardou.

O Luiz pareceu-me o mesmo.

O Augusto é a voz do pai e tem testa muito estreita.

Aquele já vai se acomodando a respeito de minha ida para hotel. Depois do jantar música ouvida da gaiola. A do 5° tocou lindas músicas e vai aprender a Palomita. A de bordo da Estefânia – a Marangana assim chamam aqui uma banda pequena de instrumentos metálicos – já tocou de noite a Palomita só de ouvi-la ao piano do Lazareto. As meninas dançaram duas contradanças numa das salas inferiores e depois do chá retirei-me perto das 11.

Li ontem as Miniaturas, poesias do pernambucano Crespo, que estuda em Coimbra. Tem talento e a poesia “O Rosário” é muito linda.

Foi Porto Alegre que veio no dia 12 ao locutório com o Lisboa e família que tornaram ontem quem me mandou o livro.

Vi ontem no locutório comum o irmão do Testa, meu companheiro de viagem e a mulher daquele, bela italiana filha do Conde Bobbone, que foi aqui Ministro da Itália. O Testa (irmão) que tem sido deputado mandou-me pelo meu companheiro de viagem dois folhetos políticos que ele publicou.

O locutório ontem de tarde estava apinhado, provavelmente para verem-me na gaiola e todos me tratam quase que com afeição.

O venerando Sá da Bandeira achou-me muito parecido com meu Pai.

Não sei quando sairei desta prisão, que só me atormente, por ver sómente de óculo Lisboa e não ter exercício senão nestes corredores e escadas.

Vou falar ao meu Augusto e tomar banho.

6h $\frac{1}{4}$ Depois de beber café fui com o Augusto a um dos terraços superiores. Não tem quase vista por causa das divisões. O administrador da saúde disse-me que o edificio levou-me 5 anos a fazer e custou mais de 900 contos fortes podendo receber de 600 a 800 pessoas. Havia tenção de anexar-lhe o terreno da Asenha para jardim ou lugar de passeio.

O capelão só vem dizer missa e se comunica agora conosco é por ordem do governo ficando por isso também de quarentena. O capelão toca piano soavelmente e ontem à noite executou a Saloia dá etc. logo que se lhe pediu.

15 de junho de 1871 (5a fa.) — Ontem de manhã tive a visita de muitas pessoas entre as quais o Dr. Antônio Henriques Leal, que está paralítico do lado esquerdo, mas assim mesmo anda de bengala. Deu-me muitas informações sobre o movimento literário e homens de letras sobretudo de Lisboa, bibliotecas, etc.

O visconde de Menezes que falou de belas artes e da sua escola em Lisboa, onde há quadros do Grão-Vasco e indicou-me 4 do Sequeira, que se acham em casa do Duque de Palmela – O Visconde estudou viajando 3 anos pela Itália e é presidente da Junta de Crédito Público – o arquiteto Possidônio com o Porto Alegre, com os quais falei de monumentos dizendo-me aquele ter criado um museu arqueológico e que não se sabe bem onde estão as cinzas de D. Maria 1^a na Estrela, o caixão não tendo cabido no mausoléu que se fez, e o qual indica o que não contém, e que em Alcobaça os frades em desforra de um abade severo enterraram numa passagem de modo que esta já tem gasto quase todo o nariz do baixo relevo da campa, representando o abade.

O Fernando veio e falamos longamente.

Também vi o Bolama ⁰⁰⁶, régulo ⁰⁰⁷ de Bijagós, com outros ministros e membros da Academia Real de Ciência de que o Bolama ⁰⁰⁸ é presidente.

Entre eles veio Soromenho, professor de árabe, que empraizei para larga conversa hoje; trazia o penduricalho de ouro ao pescoço, como o fazia no Rio o infeliz Castro que matou a mulher.

Depois das 5 estiveram o rei e a rainha e os filhos, que são lindíssimos. A Rainha assenta-se que parece padecer da moléstia dos homens sedentários. Não gosto da cara dela, mas tem sofrível corpo e revela inteligência, embora não haja saca-rolha para fazê-la falar um pouco mais.

A música da associação dos cegos da Casa Pia e a do 5^o tocaram bem sobretudo esta, que executou muito bem a Palomita. Verei se toca também As noites de Luque.

O Croner ofereceu-me uma música composta por ele e que se há de executar esta tarde.

Às 9 $\frac{1}{2}$ chá e quando dançavam retirei-me, passei no terraço com o Augusto; li ainda e dormi depois de meia-noite. 8h $\frac{3}{4}$.

Tomei banho às 5 $\frac{1}{2}$ depois de falar no terraço com o Augusto, café; passei fora de casa, olhando de binóculo para Lisboa, ou lendo uma brochura do Carlos Testa, professor de direito internacional da Escola de Marinha, em defesa do Papa.

Antes de sair escrevi para Lisboa e para Inglaterra. Soube que o cirurgião Magalhães é casado e tem filhos.

O Luiz prometeu-me trabalhar para que cantem à minha volta. O Profeta e o Guarani e representem no teatro de Maria 2^a “O Gladiador de Ravena”.

O Taborda só tem 3 meses de licença, portanto ouvi-lo-ei à volta.

9h $\frac{1}{4}$ Acabei de ouvir missa.

16 de junho de 1871 (6a fa.) — 6h $\frac{1}{2}$ Já tomei banho, café e escrevi para Lisboa.

Ontem tive as visitas dos Castilhos pai e filho recitando-me estas lindas poesias de que mandar-me-á cópias. Aquele, que está bem abatido, cuida agora da tradução das Fourberies de Scapin e prometeu-me fazer representar à minha volta “O médico à força”, onde brilham o Taborda e mulher. Diz que nada há de notável modernamente na literatura portuguesa.

Veio o Soromenho que estudou com o Gayangos em Madrid. Deve-me uma fotografia de Herculano, verdadeiro lapuz e referiu-me o que se passou aqui quando Herculano desgostoso e à vista da minha carta, queria ir para o Brasil. Soromenho ensinava árabe no Liceu, assim como, segundo ele me disse, era professor de hebraico um judeu Saraga, que está muito mal de saúde, mas tem um filho muito versado na Bíblia que há de vir conversar comigo.

Pela reforma dos estudos esses professores não ensinam mais essas matérias.

Há 2 sinagogas em Lisboa, uma de puristas e outra de reformistas.

Referiu-me a história do padre Saraiva que é para ele impostor. Ficou de mandar-me livros sobre o árabe. Recebi também o Loulé – belo homem mas de olhar pouco leal – parece-se no geral da fisionomia e metal de voz com o Caxias. Lembrou-se do Cabral, de quando serviram no Rio no regimento de cavalaria.

O Luiz e o Augusto estiveram cá com o Viale, que tem conversa interessantíssima e recitou-me versos – não dele – muito bonitos – e o Dr. Magalhães Coutinho professor de portos da escola de Lisboa muito instruído e cheio de espírito. Ri como há muito não o fazia infelizmente.

O Luiz falou bem de moedas etc. que tem na Ajuda e disse-me que as Antigüidades descobertas em Setúbal não são de grande importância. O Augusto deu-me carta do Fernando.

No resto da tarde à noite houve boa música do 5º e o Croner tocou muitíssimo bem saxofone.

Chá às 9 ½, conversa e antes de 11 ¼ dormia eu.

Vou sair um pouco.

O tempo, que amanheceu chuvoso, melhorou. O Dr. Forbes trouxe-me livros entre os quais a tradução do “Gladiador de Ravena” e o Dr. Leal mandou-me quase todos os prometidos. O Viale ficou de mandar-me uma tradução ou imitação dos Cantares e Lamentações de Jeremias por João de Deus, que ele gaba muito. O autor ouvi que se acha preso no Tejo por crime de imprensa, é redator do Raio.

17 de junho de 1871 (sábado) — 7h 10’ Já tomei banho, café e escrevi para Lisboa.

Está chovendo tendo começado ontem de manhã o mau tempo. O Tejo não convida a passá-lo.

Ontem tive as visitas do Ministro francês, Conde St. Amand, que pareceu-me bom homem e ficou de telegrafar ao Gobineau sobre minha chegada a Bordeaux; da diretoria da Associação Comercial de Lisboa; da Câmara Municipal desta cidade, do Visconde de Menezes com a mulher, que parece-me bastante pretensiosa sem ter de que e de Mendes Leal com quem conversei largamente sobre literatura e bibliotecas. O Esmeraldo de Duarte Pacheco, manuscrito da biblioteca pública parece ser muito curioso. Não conhece o códice da Divina Comédia de que falou-me o Viale e diz estes julgar-se escrito pelo filho de Dante. Ficou de procurar-me letra de Camões para eu compará-la com a do Luis de Camões seu dono do exemplar que tenho da 1ª edição dos Lusíadas. Disse-me que talvez fosse para o Brasil ser brasileiro e com todo o ar de convicção. Tirei-lhe isso da cabeça. Prometeu-me versos dele que ainda não li.

O Luiz veio antes de meu jantar e trouxe fotografias da mulher.

O conde da Alcaçovas trouxe-me depois do jantar carta do Fernando, que não veio por causa do tempo. O conde é primo de José de Vasconcelos e genro do velho duque de Palmela. Deu-me notícias de Maria de Vasconcelos que criou meus sobrinhos. Está doente. Perguntei-lhe por uma senhora Amélia de Figueiredo, que procurou-me antes do almoço e contando-me uma história de nascimento que talvez seja invenção. Chorou muito chamando-me meu amor e lamentava-se até de que uma senhora idosa, sua protetora e que a acompanhou de Lisboa caíra na subida do lazareto e quebrara um braço. O Alcaçovas disse-me que só conhecia a moça como afilhada dos duques da Terceira e que julgava-a recatada.

Ouviu-se música no locutório geral; li as Parietárias livro de poesias de Candido de Figueiredo, que é moço de talento; tomou-se chá às 9 ½ e às 11 já dormia.

Levantei-me antes das 5 ½. 7h 37’ Que tempo ruim! Não pude sair. Vou passear pelos corredores.

Ontem depois do almoço fui ver o terraço geral e para isso saí do lazareto, mas sob a vigilância imedita [*sic*] do administrador que era de arrebrantar de riso ver como corria de nós e afastava os outros.

Há bastantes moinhos nos morros próximos e vê-se uma garganta que conduz à fonte santa – mas não boa digo eu – que dá água potável para aqui e a casa da bela vista, que eu chamei Quinta da Boa Vista.

Vi um campinho de trigo que ondulava bem amarelinho com o vento e 3 ceifadores que o cortavam. Há vinhas e batatas assim como um milharal. A quinta da Azenha e do lazareto; mas não se fez o jardim.

8h 40’ Que tempo frio e úmido! Vi um bonito arco-íris há pouco. Torno a passear pelos corredores, lendo também.

18 de junho de 1871 (domingo) — 6h 40’ Levantei-me às 5 ½.

Não passei bem do estômago e intestino. Já escrevi para Lisboa e o Rio – sai vapor amanhã – e tomei café. Ontem tive entre outras visitas menos importantes as do nuncio ou internuncio, arcebispo de Damietta muito risonho e esperto, que não se saiu de querer *[sic]* sustentar que as idéias liberais são incompatíveis com a ordem – falei-lhe segundo o que penso e sempre com o respeito e estima que eu tenho pelo Papa; o encarregado de negócios interino inglês Dória, com quem me entendi muito bem em inglês – gosta de astronomia e disse-me que havia eclipse de sol invisível na Inglaterra, mas talvez visível aqui, sem contudo saber a hora do fenômeno ontem. É filho de italiana e o pai de família escocesa Campbell.

O Conde de Bradenburgo, Ministro da Alemanha muito agradou-me na sua conversa. Está aqui há 6 anos e aprecia muito a tradução da 1ª parte do Fausto pelo Castilho. Vieram também o Inocêncio Francisco da Silva e falamos longamente sobre dicionários e publicações literárias. É pouco mordaz. Contou-me que os dicionários são muitas vezes como o de Moraes, que aliás julga será por muito tempo o único, o qual traz abrixar e agudar-se porque nos clássicos citados os havia, por erro de imprensa, em lugar de abaixar e ajudar-se. Continua no seu trabalho complementar do dicionário bibliográfico. Disse-me que o contingente brasileiro é sofrível.

Enfim apareceu o Herculano, que logo conheci pela fotografia, que mandou-me. Tratou-me como amigo e chorou quando eu lhe pedi que fosse para mim tal qual foi para meu sobrinho e afilhado Pedro 2º *[sic]*. Ficou de mandar-me garrafinhas de bom azeite para o peixe de mamãe e quando iam começando conversa interessante chegou o Luiz com mulher e filhos. Volta cá amanhã às 11 horas.

Falei depois do jantar com o Fontes Pereira de Melo, mas o Fernando aí estava também e despediu-me *[sic]* dentro em breve.

Fontes Pereira de Melo tenente coronel de engenheiros, tem ar inteligente e enérgico e 51 anos. Disse-me ser sobrinho de Cunha Matos, duplamente e então falei-lhe do neto daquele que tanto figurou na guerra do Paraguai.

Depois ouviu-se a banda do 5º do locutório geral; tomou-se chá às 9 e eu só recolhi-me passada meia noite porque conversei enquanto dançavam e estive vendo um vapor todo iluminado e atirando foguetes que andou por defronte do lazareto.

Ouviram-se as vozes – algumas femininas – que cantavam o hino brasileiro.

Havia de constipar-se, pois a noite estava bem fresca. Vi tudo quase sempre por detrás das vidraças.

Esquecia-me dizer de que o nuncio queixou-se de prevenção do governo daqui contra tudo o que vem de Roma e de que não há cuidado na escolha dos Bispos indo mal os seminários e sendo, em geral, ruim o clero.

Pelo que converso com os oficiais da Estefânia, que vêm cá quase todas as noites, o serviço da marinha não vai bem e os vencimentos, mesmo fora do Tejo, são muitíssimo mesquinhos.

19 de junho de 1871 (segunda fa.) — 6h 50' Já tomei banho o que não fiz ontem por um pouco incomodado do estômago; café e escrevi para Lisboa.

Ontem conversei largamente com A. Herculano sobre sua especialidade e negócios de Portugal. Tem escrito grande parte do tomo 5º da história e outros trabalhos um dos quais em uma narrativa em que ele pintava o estado de Portugal – horrorizou-se e rasgou esse manuscrito.

Nas horas de descanso traduz Ariosto, que ele diz agradar mais em verso solto.

Falou muito de Pedro 5º e recomendou-me que levasse para o Brasil a cópia do processo dos fidalgos que tentaram matar D. José, única que existe e muito curiosa pelos depoimentos do rei, tendo o Conde de Olivas assistido até os tratos. Por mais que esquadrinhasse não pôde envolver os jesuítas.

Como Herculano fala entusiasmado da Batalha! A caveira do mestre Ouquet está numa espécie de nicho. Hei ir ver o Convento dos Jerônimos com ele. Se tiver tempo hei de visitar Herculano em Val de Lobos e ele ficou de ler-me o que traduziu de Ariosto, quando lá nos acharmos.

Herculano falou com muita moderação. Descrê de Portugal, sobretudo porque há falta de religião – péssimo clero – e de instrução - dando as eleições, quando libérrimas, como agora, piores resultados quanto ao mérito dos eleitos. Elogiou os seminários todavia. Estigmatizou a igualdade em todo o reino do sistema das escolas, com obrigação de freqüenta-la, pois tornam-se assim o maior vexame da população agrícola. Para ele Soromenho nada tem feito para a idade que já tem. Já o Inocêncio me disse que Soromenho é reputado a pior invenção do Herculano.

É curioso ouvir as opiniões desencontradas dos homens. O Padre Saraiva, impostor, para Soromenho merece todo o conceito a Viale. Herculano não estima o Cantu como historiador, prefere-lhe Amari o historiador da Sicília e referiu-me que Cibrario muito amigo sorria-se quando gabavam a Cantu. Não conhece a obra deste sobre os secretários italianos.

Estiveram o Ministro da Espanha, Fernandes de los Rios e sua mulher; pessoas estimáveis – o Rios historiador é outro – e falamos sobre o teatro espanhol principalmente. Breton de los Herreros ainda vive.

O Ficalho apresentou-se à testa da comissão dos veteranos *[sic]* da liberdade um dos quais era o irmão do Rodrigo Theodoro de Freitas que está no rio chama-se Gregório de Freitas e é bastante idoso. O mais jovem da comissão tem 59 anos.

Vieram também o diretor etc. da Escola Acadêmica – espécie de liceu – acompanhando-os 12 colegas brasileiros – só do sul de Minas – entre os quais 2 filhos do Dr. José Joaquim Ferreira Vale. O Visconde de Menezes e família – duas lindas meninas – trouxe-me desenhos dele litografados e gravados assim como fotografias.

Apareceram igualmente o Dr. Leal e o Soromenho com o Sagara filho que voltaram hoje.

Por fim vieram o Luiz e o Augusto com o Ficalho filho e o irmão do Folque. Falou-se de muitas coisas – o serviço de incêndios parece merecer ser visto – e o Luiz trouxe-me uma nota do observatório meteorológico que confirma o aparecimento da aurora boreal na noite antes de ontem para ontem. Mandaram traço feito pelo declinômetro, mas, como a agulha nada indicava, às 9, não fizeram observações diretas dessa aurora, que foi às 11.

O padre capelão veio aqui, assim como outros – depois da meia noite – mas quando iam chamar-me desvaneceu-se. O ofício remetendo o traço do declinômetro e dizendo o mais é assinado pelo chefe do serviço João Carlos de Brito Capelo – é oficial de marinha. Fez-se isto em resposta a telegrama meu.

Ouvi missa às 9h ¼ da manhã.

Chá às 9h da noite depois de ouvir a banda do 5º que tocou mal a habanera – Noites de Luque. Depois conversa e os outros dançaram ao som da charanga da Estefânia, que estava muito ruim.

Recolhi-me depois de meia noite.

Nada de aurora boreal a noite passada. O tempo está nublado e faz seu fresquinho. Vou mexer um pouco as pernas.

20 de junho de 1871 (terça-feira) — 7h Não havia água corrente mas encheu-se de outro a banheira e tomei banho e café.

Antes veio a música do 5º tocar no terraço junto ao meu quarto.

Já é começo de liberdade. Tudo o que deve ir para terra está arranjado (digo terra porque a vida aqui é como de bordo) e expedi telegramas para Lisboa.

Ontem tive as visitas entre outras a do Ministro da Itália, Marquês Oldoini, pai da célebre M^a Castiglione – Não conversa mal e confessou que seu governo tem feito violências, mas desculpa-as com a necessidade.

Vieram Soromenho e Saraga Filho. Pouco conversamos porque apareceu o Luiz. Saraga que se chama Schlmo (Salomão) Segarah (em caldaico luz = ohr). Leu-me versos de um psaltério, que pertenceu ao Garrett e deu-me o Soromenho. Fiquei de falar-lhe mais em Lisboa. A fisionomia revela bastante inteligência.

Emília das Neves e outros artistas do teatro de D. Maria 2^a vieram cumprimentar. Eu disse à Emília que esperava na volta ouvi-la no papel de Thusnelda do “Gladiador de Ravena” que ela tinha criado em Portugal.

Condessa do Bonfim, cunhada do Valdez, meu conhecido e o filho dela oficial de artilheria que serviu como engenheiro na Zambésia onde perdeu 2 irmãos, um em combate e outro de febre.

Li ainda a tradução dos Cantares por João de Deus e a bela poesia Napoleão no Kremlin de Mendes Leal.

A mulher do Castilho morreu antes de ontem à tarde mandei-lhe pêsames.

Ontem veio um fotógrafo e eu e minha família tiramos retratos assim como um grupo com a nossa comitiva e Barão de Tabatinga e o Sousa Leão.

23 de junho de 1871 (6a fa.) — Estação de Badajoz. 6h da manhã. Não tenho tempo para escrever o diário. ⁰⁰⁹

20 de junho de 1871 – antes de almoçar fui passear no fundo do lazareto de onde se goza de belíssima vista.

Encontrei muitos burricos com mulheres montadas numa certa cangalha de banda.

Depois de ter ido à Estefânia, onde não ficaria tão bem como no lazareto desembarquei no terreiro do Paço, indo logo às Janelas-Verdes chorei de alegria e também de dor vendo minha Mãe tão carinhosa para mim, mas tão avelhantada e doente.

Muito agradou-me a Baronesa de Stingel pelos seus modos

S. Vicente de fora bela igreja onde rezei junto aos túmulos de meu Pai, de minhas Manas e de Pedro 5º – não souberam dizer-me onde estava o de meu avô.

À Ajuda – belo mas frio palácio por fora e por dentro e às Necessidades todo arte por dentro onde o Fernando ⁰¹⁰ apresentou-me a mulher, tendo eu logo decidido esta questão com minha Mãe. ⁰¹¹

Vim enfim para o Hotel de Bragança, que é muito bom e tem linda vista – a propriedade assim como as dessa rua pertencem aos bens da casa de Bragança, segundo ouvi depois de ver o convento dos Jerônimos.

Que mimosa arquitetura, sobretudo a parte inferior do claustro!

Lá tive o Herculano, que eu convidara para essa visita. A parte moderna do interior do tempo *[sic]* desdiz muito do resto e a torre cujo risco deu o Cinati é muito pouco graciosa. No claustro há baixo relevo do sol e de navegadores dos quais só um – Pedro Álvares Cabral? – olha para o lado oposto.

O suposto sepulcro de D. Sebastião nada tem.

21 de junho de 1871 – Tomei banho frio e fui pouco das 6 a pé com o Fernando até as Necessidades.

Vi bem o monumento de Camões – não me agradaram senão alguns dos escritores do pedestal.

Esquecia-me dizer que ontem (20) às 10 pouco mais ou menos fui ao Passeio Público que é grande e estava cheio de gente. Ouvi música assentado junto ao coreto – regia-a o Cardim, que esteve no Paraguai – e muitas meninas dançaram perto de mim, querendo todos beijar-me a mão e pedindo beijos que dei nas mais pequenas. Ao sair houve atropelo, mas eu fui metendo o ombro e só o Nicolau é que se viu mais zozzo.

As Necessidades exigiriam um volume. O jardim, onde passei bem é lindíssimo. O Fernando prometeu-me fotografia do mesmo tamanho de um admirável desenho do célebre Sequeira representando o descendimento da Cruz.

A cópia de um mercado de escravos e outro quadro original de uma odalisca creditam o Fonseca.

Vi paisagens bonitas do Assunção e tanto objeto de arte curioso que fiquei tonto.

Visitei a Escola Politécnica excelentemente montada e gostei de... ⁰¹²

VOLUME 12

1ª VIAGEM AO EXTERIOR - 2ª PARTE - EUROPA

14/09 a 08/10 de 1871

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Viagem a Nurenberg a 14 de 7bro *[setembro]* de 1871.

Partida da estação de Carlsbad às 5h e 20 min

5 ¾ h . Seguimos da estação de Chodau , depois de se tomar água.

Tem havido neblina, que o sol forceja por atravessar

5h e 55 min. Paradinha na estação de Elbogen Neusattel e seguimos. O sol já mostrou toda a cara para se velar de novo. Andamento vagaroso.

6h e 25 min. Deixamos a estação de Falkenau depois de demora. O sol descara-se.

6h e 35 min. Demora rápida na estação de Lieditz.

6h e 47 min. Demora rápida na estação de Dassnitz. Maldita neblina!

7h e 5 min. Konigsberg-Mariakulm. Deixamos esta estação depois da demora um pouco maior. O sol está ainda muito vergonhoso.

7h e 11 min. Deixamos Mostau-Debanitz, onde foi rápida a demora. O terreno, quando permite vê-lo a neblina, é bonito e cultivado, mas chato.

7 ½ h Deixamos a estação de Tischnitz de curta a demora.

7h e 40 min. Chegamos a Eger.

8h e 25 min. Já meti-me o vagão. Tomei chocolate em Eger não muito longe de um homem gordo de japona que me fez rir bastante pela figura. Com medo de perder o trem nada vi de Eger. Umás crianças apresentaram-me querendo mostrar o Schless.

Os empregados da estrada sabem quem sou e creio que o incógnito não me servirá como eu desejava.

No vagão imediato conversam em alemão crianças e uma senhora, cuja voz melancólica revela tristeza.

8h e 48 min Partimos

8 ¾ . Pinheiral grande à direita. Bela paisagem. Grande serraria, segundo parece à direita.

8h e 55 min. Convento grande à esquerda e perto da estrada. É talvez o do frade que encontramos na loja de Arteriese em Carlsbad.

9h Chegamos à estação de Waldsassen e partimos com rápida demora.

9h e 11 min. Chegamos à estação de Mitterteich Há bastantes casas e bastante madeira cortada e tábua de pinho.

9h e 13 min. Seguimos.

9h e 20 min. Atravessamos um pinheiral. Há os quase ao longe de toda a estrada mais ou menos perto.

9h e 22 min. Chegamos a estação de wiesau.

9h e 40 min. Seguimos da estação de Reuth onde foi rápida a demora. Já comi e bebi do bonito cesto e vou comer ainda goiabada.

9h e 50 min. Lugar pitoresco acidentado com arroio pedregoso. Chegamos a estação de Windischenbach e com rápida demora partimos.

10h e 5 min. Chegamos a estação de Neustadt. Bonito lugar. Ponte bem feita sobre o rio límpido e margeado de verdes campos. Rápida demora e seguimos.

10 ¼ h À esquerda ao longe colina pontiaguda sobre cujo cimo eleva-se uma igreja. Vasta planície. À esquerda não muito longe aldeola com sua igreja sofrível.

10h e 16 min. Chegamos à estação de Weiden.

10h e 21 min. Apeei-me e partimos.

10h e 26 min. Plantação de vinha carregada de flor, à esquerda.

10 ½ h Chegamos e partimos da estação de Rothensadt.

10h e 37 min. Chegamos a estação de Luhe, rápida demora e partimos.

10h e 50 min. Chegamos a estação de Wernberg - Belo bando de garça de pescoço teso, marchando em fila ao longo do caminho.

10h e 52 min. Partimos. 11h Chegamos a estação de Freimd. Rápida demora e partimos. Vamos beirando quase a nível lindo do rio depois de Freimd. Ponte à esquerda sobre o rio com pegões de cantaria. Povoação bonitinha à direita. Houve paradazinha.

11h e 11 min Chegamos à estação de Nabburg e com rápida demora e partimos.

11h e 23 min. Chegamos a estação de Schwartzenfeld rápida demora e partimos

11 ½ h Chegamos a estação de Imenlohe.

12h Partimos. Apoiei-me e passei um pouco durante esta meia hora.

12h e 23 min. Chegamos a estação de Freihols. Partida logo. O sol está muito quente. Mesmo esta madrugada não senti propriamente frio.

12h e 20 min. Terreno feio, arenoso, pinheiros pequenos e clareados.

12 ½ h Chegamos a estação de Amberg. Linda vila com 2 igrejas, uma sobre uma montanha à direita. Bonitos jardins.

12h e 34 min. Partimos. Na estação houve a cena tocante do centro de um militar, que segue viagem, com um velho, provavelmente seu pai e umas senhoras que aguardavam o trem na estação. Diversos rapazes disseram adeus a outro, que segue no trem e quanto custou a um culvde-iatte a entrar nele que parou um pouco depois do primeiro arranco para ajudar a entrada!

12h e 17 min. Chegamos a estação de Altmannshoi. Partida logo depois.

12h e 54 min. Chegamos a estação de Rosenberg. Partida logo depois. Montanha à direita com umas pedras curiosas das quais uma semelha um cogumelo. Plantações de lúpulo cheio de flores.

1h Chegamos a estação de Sulzbach Bonita povoação sobre colina. O castelo dos duques de Baviera não é pequeno e sua situação é pitoresca. Partida logo depois da chegada à estação.

1h e 25 min. Passamos pela estação de Eltzelwange partida logo depois.

1h e 35 min. Garganta muito pitoresca com pedras de formas curiosas e mimoso riachinho. Plantação de lúpulo.

1h e 40 min. Parou-se um pouco talvez por causa da grande fábrica de cal de Karl Sebal. Outra parada junto à estação de Hartmannshoi e segue-se já (1h e 43 min). À esquerda roda da fábrica movida pela corrente do ribeiro, que serpenteia no campo verdinho.

1h e 48 min. Chegamos a estação de Pommelsbrunn - Castelinho sobre uma montanha à esquerda não muito distante. Alarga-se a garganta. Aldeolas. Bando de gansos. É ave que abunda. Grandes lupulaes.

1h e 57 min. Custamos para tornar a andar.

2h Chegamos a estação de Hersbruch

2h e 2 min. Passou outro trem em sentido contrário a este segue.

2h e 12 min. parada na estação de Ottensbos para logo seguir. Ao longe, à direita sobre uma montanha, grande fortaleza, segundo parece.

2h e 20 min. Chegamos a estação de Lauj.

2h e 22 min. Segue.

2h e 28 min. Atravessando o pinheiral. Terreno arenoso.

2 ½ h Chegada a estação de Rothenbach, para logo seguir. Pinheiral que se atravessa.

2h e 39 min. À direita plantação de fumo com flor.

2h e 40 min. Instante de parada.

2 ¾ h Seguimos depois de pequena parada na estação de Mogeldorf. Vasta planície. Chegamos a estação de Nurenberg. 2h e 55 min.

10h e 20 min da noite. Hotel da Baviera. Logo cuidei de comer. Encontrei Mne Hamanne e a filha. Disseram-me que há dias houve desordem em Nurenberg por causa da alta do preço do pão e da carne. Veio força de fora e por isso o hotel está cheio de oficiais.

Visitei a igreja de S. Lourenço - que belo pórtico e rosaça! - o interior é soberbo e notei o cibório - que rendado de pedra e com a fisionomia de Adam Kraft, figura do centro que sustenta nos ombros com os 2 ajudantes a sua obra revela gênio! Tem o malho na mão direita e tudo mais que Bedecker aponta. Mostraram-me também uma cabeça de Cristo que atribuem a Alberto Durer com o título de Ecce-Homo.

Na praça de S. Lourenço vi a Tugend-Brunn - que idéia de fazerem jorrar água dos seios das 6 virtudes e como lhes alongaram os bicos dos peitos com os tubos!

A fonte de Adolpho de Nassau mesquinha - e a Haus Nassau de aspecto inteiramente de idade média e dois relógios do sol nas duas faces do canto do S. que se completam. Hei de ver um subterrâneo que desce de uma espécie de gruta nessa casa do lado do S. onde se anuncia vinho Palatinado.

Vi a fonte do Gonveranonchen que é uma linda estatuazinha de bronze de Sabenwolf, discípulo do célebre Peter Vischer por cuja casa de moradia passei e a do poeta Hans- Sachs.

A Schone-Brunnen é bela mas não corre água porque se arrebetou o encanamento. Tão linda obra de pedra merecia mais cuidado.

Os frescos de Durer na Rathaus são muito curiosos e agradou-me sobretudo o do menestréis. A sala é grande e majestosa. As gravuras dos retratos de Erasmo Pinkheimer e de um Duque de Nassau são admiráveis. Há no pátio da

Rathaus uma fontezinha de Sabenwolf, cujo menino que a remata é lindíssimo. Tem a data de 1557. Espero voltar à Rathaus.

O retrato de Carlomagno por Durer é magnífico.

Gostei muito do quadro de Sandart. O retrato do pintor é o melhor. Carlos Gustavo tem a fisionomia acarneirada de Gustavo Adolpho do castelo do Duque de Saxe-Coburgo.

A estátua de Alberto Durer é bela de frente. As pregas da capa por detrás são retas e paralelas demais. Vi-lhe a casa. O sol dourava então a beira da varanda perto do telhado. Entrei e corri a sala onde há dois medalhões no teto esculpidos em pau por Vert- Stoss, o quarto de dormir, a cozinha e o atelier no andar térreo onde Durer havia de sentir bastante frio e umidade. Havia um retrato de Durer feito por ele mesmo na idade de 28 anos. Que bela cara! Também aí me mostraram cópia autêntica do plano de Veneza por Durer, achando-se o original nessa cidade.

As ruas são muito originais pela forma das casas e há passagens de partes das fortificações que parecem túneis. Dei uma volta fora das portas para ver a Vis's Haus com forma de pagode e finalmente assisti a um circo de cavalinhos que tantas saudades me fez do da Guarda-Velha do Grande Oceano. Excelentes cavalos e todos trabalharam bem.

No hotel só havia um quarto vazio com duas camas e o Bom Retiro quer dormir no salão comum por que deita minha porta e o qual só é freqüentado às horas da comida.

Vimos para o hotel no ônibus que ele manda para trazer os passageiros. As malas batiam e estalavam como bombas de noite de S. João.

Há uma ilha na cidade formada pelo Pegnitz a qual aformoseia muito Nurenberg.

O rio banha um lado do hotel e há pontes, que arremedam as de Veneza, segundo dizem. Só passei por ora a Carlsbrucke.

Depois do circo, onde pulei para arranjar lugar voltei para cá e acabo de comer e falar a Mme Hamann e sua filha. Vou descansar. Amanhã tenho muitíssimo que ver. Tomara já a noite de amanhã!

Fleischbrucke (boi de pedra com esta inscrição. Omnia habent ortus sua que incrementa sed ecce. Quem cernis nunquam boi fuit vitulus.

16 de setembro de 1871 - Partimos de Nuremberg 12h e 20 min.

12 $\frac{3}{4}$ h Esperei na estação, mas já estou no vagão. Partimos 12h e 55 min.

Dormi bem até 4 $\frac{3}{4}$ h Por se demorar a comida só saí às 6h depois de despedir-me de Mme Hamann e sua filha que saíam às 6 $\frac{1}{2}$ h para Stuttgart.

Vi as pontes Fleischbrucke e Henkerstein que tem ao pé uma ponte suspensa que passei duas vezes. O sitio é lindíssimo. Neste passeio gozei um pouco dos arrabaldes da cidade que tem bonitos jardins e vi um carro puxado por parelha de cavalo e vaca.

Visitei S. Sabold. Como igreja cede à de S. Lourenço, mas tem o movimento do Santo por Vischerm que é a obra de fundição mais mimosa que tenho visto.

O Schwerger Monument é muito belo, sobretudo a parte que representa a deposição de Cristo no túmulo. O enterramento por Durer é boa pintura e no canto esquerdo estão ele, Pinkheimer e a mulher deste. A fonte batismal, em que se batizou o Imperador Wanceslau é bem feita.

Fui a loja de Warnschaffe e comprei muitos curiosos e lindos brinquedos para meus netinhos. Se pudesse não sairia tão cedo dessa loja.

Fraienkirchen. Nada de notável internamente.

Sto. Egidio tem perto estátua de Melanchton ereta em 1826. 300 anos dia por dia depois que ele inaugurou o Ginásio próximo. A estátua não é bela.

Não me agradou o quadro de Van Dyck em Sto. Egidio.

O estilo da igreja é de mau gosto de 1700 e a forma das tribunas dão-lhes ar de camarotes de teatro.

O Burg é muito curioso e domina a cidade. Max. 2º o habitou em 1860. Não tive tempo senão de corre-lo.

As capelas do Heidenthum são curiosas.

Colhi flores da tilia plantada pela Imperatriz Cunegundes no pátio do Burg. Vi depois o poço onde a água que se devia cair só depois da 6ª porção que se derrama com a diferença de 1ª entre cada porção, se deixa ouvir. Um espelho que reflete a luz colocada no fundo faz tremer os raios sobre a água do fundo e apreciar assim quão o fundo é o poço.

Que horrível é o subterrâneo da torre de Freithurm! Que instrumentos de tortura! Bastará descrever a Virgem de ferro. É uma figura de moça de pedra. Abre-se como um caixão. Está espetada de puas de ferro na altura dos peitos e olhos. Metia-se aí padecente e quando trespassado descia-se o fundo e o cadáver caía no cano de esgoto.

Na antiga capela de S. Maurício vi os quadros apontados e agradaram-me sobretudo o Ecce-Homo de Durer e o S. Jerônimo de Pench

Fui ao Germanisch-Museum mas eram 11h e corri-o somente para ver o fresco de Karlbach, que é belo sobretudo pelo desenho e o retrato de Holzschuher de Durer. É admirável de expressão nos olhos mormente e de acabado principalmente cabelos e barba.

O Saraiva quando chegar aos 57 e se engordar terá um retrato magnífico. Ainda antes de chegar ao hotel procurei a casa do célebre geógrafo Martim Behaim cujos trabalhos concorreram para o descobrimento da América e indicaram-me uma grande com aspecto de restaurada e sem inscrição como tem as do nascimento de Durer; moradia do Vischer e Pinkheimer assim como da morte deste que também vi por fora somente.

Era tarde comi um pouco depois de escolher fotografias de que comprei 2 no Burg e segui para a estação.

Não souberam no hotel quem era e trataram-me aí de comida melhor que em Carlsbad.

Nuremberg só se pode ver bem uma semana.

Demora de mais de ½ hora em Irrelohe.

Passei e conversei 6h e 14 min. Apeei por minutos em Weiden de onde seguimos. Em Irrelohe bebi café e agora vou comer da cesta.

Em Eger apeei-me. Houve demora de ½ hora.

Chegamos à estação de Carlsbad às 10h e 20 min.

A Praga

20 de setembro de 1871

Partimos às 5h chegamos às 6h e 25 min da tarde.

O caminho é geralmente bonito.

Komataes onde tomamos a estrada de ferro é um descampado triste. A estação parece-se com a de Eger. Quase todas estão se acabando.

Em Schlackenwerth fazia muito frio - menos de 0 - e apesar de andar aí a pé bati quase o queixo.

Klosterle tem uma fonte curiosa com diversas figuras alegóricas de pedra grosseiramente feitas e entre as quais está a América e a África com 2f.

A entrada de Praga desde Bubna é pitoresca.

As ilhas de Moldau que a estrada atravessa em pontes e viadutos aformoseiam-na muito.

Já ouvi o Fausto de Gounod no teatro que não é feio. A execução da bela ópera foi medíocre, porém é completa como não sucedeu no Rio.

Nada de importante ou digno de nota durante a viagem. O hotel é bom mas nossos quartos estão muito altos. É bom para moer a comida.

Dominique mora perto de mim assim como o Bom Retiro. Recebi o telegrama pouco depois de ter chegado.

São 10 ½ h e careço de descanso. Amanhã será menos fastidioso. Que bela noite! A cidade apresenta grandes edifícios.

Bubna - Túnel - Bruska - Meleslawin - Ruson - Não tem nome escrito por ora - Jenô - Uconicha - Roeisch - Unohscht - Wijhyhka - Mrakau - Lana - Neutraschitz - Renô - Luana - Lisán - Não tem nome escrito por ora - Milostin-Kounowa - Satkan - Feschnetz - Mecolun - Irnowan - Saaz - Homtiz - Priesen -

7 de 8bro de 1871 - Pesth à meia-noite e meia hora.

Cheguei aqui perto das 10h

Comida às pressas e ao som de horrível música em Neuhausel pouco depois das 7h
Terreno quase sempre plano. O contraforte dos Karpathos, que se atravessa em túnel a chegar a Presburgo é pitoresco.
Plantações de milho, abóbora e vinhas.

A posição de Presburgo é bonita. A noite não me deixou ver as margens do Danúbio que se beiravam a chegar aqui.
Tudo bem disposto. Jantei e saí a dar um giro pela cidade, que tem ruas largas.

A lua está enebelinada. *[sic]*

Acabo de chegar. Como estou saudoso!

Adeus! Vou descansar, depois de pensar muito e muito.

Falamos na minha amiga que tanta falta nos faz.

Devo ir por Passau. Deus lhe dê a felicidade que lhes desejo. Vou deitar-me.

Praga, que não é Peste - triste trocadilho!

É ilhota faceira - e a dar-lhe coa pilhéria.

Por causa de três ilhas - bem! A coisa é séria.

Que ao entrar na cidade, galga o férreo trilho.

Um palácio de Gallas deve mostrar brilho

Porém fá-lo no nome mais que na matéria

Contudo há casas belas e pouca miséria

Té no bairro judaico, assunto de estribilho

Pingi nele se quis achar um bom retiro

Não eu, que o preferi nas salas majestosas

Do Burgo ou no Convento, onde a obra inspira

Vendo da arte ou de Deus as obras grandiosas

Dessa linda montanha ao céu preces desfiro

Que acompanha o Moldeu coas ondas sonoras

5 ¼ h - Bons dias! Vou por o termómetro fora da janela como dormiriam no caminho de ferro. Vou vestir-me para sair às
6h Adeus:

6 ¾ h O termómetro marca 8° .

11 ¾ h da noite. Blocksberg - belíssima vista das duas cidades. Keiserbad - banhos quentes termais - Mesquita turca -
pequena e a desabar com inscrições turcas e muito suja - caminho de ferro de 100 metros e 30° de inclinação - se o cabo
romper para o carro que sobe sempre horizontal e em 35°.

Monumento de Hensi na praça sobre a montanha de Offen - Liga as duas cidades uma só ponte suspensa e muito bela

Almoço pouco depois das 10h

Museu de antiguidades - Diretores padre Former e o conhecido Pulzky - As antiguidades do tempo dos romanos
curiosíssimas. Vi a coleção de belas artes. Belos quadros de Legeti, em cujo atelier pegado estive.

Que linda vista de Damasco.

Conversei com Legeti e o conhecido arqueológico epigrafista, Disjardins, que está estudando as inscrições do Museu a
pedido de Pulzky, que é homem muito interessante até por haver vivido desterrado 18 anos.

Galcrin - Esrtorhasy (?) - tem belos quadros. Pulzky mostrou-me um manuscrito em húngaro - é o mais antigo existente -
do século 13°.

Vi também a biblioteca da Academia de Ciências, belo edificio onde está a Galeria - Estaleiros do Barão Burg. Nada de
curioso a não ser a cordoaria.

Jantar às 4h Música muito boa e original dos Boêmios de casada, como quaisquer outros - durante o jantar.

Às 5h conversa com Deak em latim. Homem célebre que muito contribuiu para a conciliação da Hungria com a Áustria.
Fisionomia inteligente e enérgica, fala perfeitamente latim.

Máquina elétrica de Politécnico ⁰⁰¹

Velhos *[sic]* de minha mãe

Inst. Geografia

Cegos

Dentista

Rebuçados - o caderninho

Carro na estação às 6 ½ h

Bien à Paris? Nous tous bien.

Anusés a Pesth Belle Ville. Mio arrivé tantôt. Les damos arriveront d'Ebenthal

Pedro d'Ancantara

Vienne 8 octobre

Mme de Barral. Paris. Boulevard Haussmann - n° 77

214000 ÷ 6600 ⁰⁰²

160 32

28

-

— * —

Reçu telegramme à Trieste. Bonne santé. Comtesse de Molina et Villencio retribuent souvenirs. Ravi de Venise. Arrivé par terre. ⁰⁰³

— * —

Antonio Carlo Gomes ⁰⁰⁴

Arrivo a Milano 11 17. Dimora 11 18,19,20. Desidero udir I1 Guarany a la Scala.

[Desenho - Sac de Hallstadt - Mer de glace] ⁰⁰⁵

[Desenho - Mer de glace Domerkg!]

VOLUME 13

VIAGEM AO EXTERIOR - 3ª PARTE (EGITO E EUROPA)

03 a 14/11 de 1871

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

1871

NOVEMBRO

3 de novembro de 1871 — A mesquita de Mohamed-Ali ainda merece algumas palavras. O interior é de alabastro e vastíssimo e o zimbório eleva-se majestoso.

Muitos passarinhos esvoaçavam chilrando *[sic]* dentro da mesquita e os árabes consideram isto como sinal de felicidade.

O átrio cercado de arcadas que precede a mesquita também é belo e está cheio de cordas pendentes para lustres, sobretudo no Ramadan, que se aproxima.

A alguma distância da mesquita e perto do palácio de Mohamed-Ali habitado agora pelo príncipe herdeiro é que se vê o lugar onde o mameluco saltou a cavalo, creio que sobre um montículo então maior provavelmente, mas que assim mesmo não salvou o cavalo, escapando-se ele montado num camelo.

Meu drogoman *[sic]* Antônio ainda o conheceu julgo que em Damasco.

No morro da cidadela, que faz parte da serra do Mokattam, se pode chamar-se serra esta série de baixas montanhas também se o poço de José aberto na rocha calcária. Desci até onde se tira a água do fundo de uma cavidade artificial de altura igual à daquela que eu percorri e se acha dividida em três andares.

Dois cavalos que da boca do poço, pareceram-me duas cabras tocam a nora chamada aqui saquiã.

Num recanto do fundo da porção do poço que eu desci está um túmulo de pedra com o competente turbante nela figurado, que dizem ser de um ministro de Saladino de nome José. Contudo os árabes imaginam que este poço é do tempo do filho de Jacob. Não cheguei até o fundo extremo do poço porque da nora para baixo só os alcatruzes podem descer. Referem que o Sultão Saladino mandou cavar este poço porque não havia o aqueduto da época florescente dos árabes, o qual ainda campeia nestes areias, ou por ele estar então arruinado. A água do poço é tão boa como a do Nilo e cresce com a cheia do rio.

Este dia também foi notável pela visita do Museu de antigüidades de Bulak. Mr. Mariette tudo explicou-me e fiquei maravilhado do grau de perfeição da escultura entre os Egípcios, 4.000 anos antes de J. C.

As estátuas de Chafra (o Cefreu da 2ª pirâmide) de pedra preta e de um pastor feita de madeira, o qual parece andar apoiado num pau, são admiráveis.

O catálogo de tantas riquezas arqueológicas feito por Mr. Mariette dá uma idéia deste tesouro.

Não tenho sentido calor abrasador e as madrugadas e noites do Cairo são belíssimas e muito agradáveis nesta estação.

As ruas são verdadeiros formigueiros, e que fedor! Não falo da parte da cidade que se tem europeizado.

Quisera escrever tudo o que visse nesta região tão singular, mas isto só seria possível se menos examinasse. Muito ficará para as conversas. Adeus! Adeus!

4 de novembro de 1871— Estou muito cansado e atirar-me-ia já na cama se as saudades não exigissem que lhe desse as mais afetuosas boas noites. Adeus, cara amiga! Nada me interessa completamente longe de Você. Adeus!

Depois de ouvir missa na igreja dos Franciscanos à qual só a pé se pode chegar por causa destas ruas que parecem galerias de formigas fui às Pirâmides de Gizeh O caminho quase todo por alamedas de acácias, das quais muitíssimas trançam entre si as comas do verde o mais esplêndido é condigno vestibulo de tão venerando monumentos.

Parecem pequenos até chegar a eles e só se faz idéia da altura da grande pirâmide quando se observam os que por ela trepam e vão-se tornando cada mais pigmeus.

Subi facilmente ajudado pelos árabes e no cimo reunimo-nos mais de 30. Da minha companhia só foram Bom Retiro e o egiptólogo distinto dr. Brugsch, que muito tem simpatizado comigo e dado-me informações interessantíssimas.

Também galgaram a pirâmide 11 de 17 moças nos Estados Unidos, que consta pertencerem a uma sociedade emancipadora *[sic]* das mulheres. Um rapaz e senhora de mais idade também as acompanharam.

Logo que atingimos o alto da pirâmide soltamos muitos hurrahs, agitamos os lenços e eu assentado numa pedra do tempo de Chufu (Cheops dos gregos) escrevi algumas palavras a Você e os dados que o Brugsch comunicou-me a respeito da pirâmide.

As americanas pediram-me que escrevesse meu nome em bilhetes de visita e eu fi-lo também numa das pedras do cimo do monumento, depois de havê-la escrito, com um grosso lápis dado por um árabe. Já havia feito o mesmo num recanto onde descansei mais tempo na subida.

A vista do cimo é admirável. As tamareiras arremessando-se das ilhas que a inundaçãõ ainda forma; as acácias alastrando até quase ao Cairo, de onde se elevam a cúpula da mesquita de Mohamed-Ali e o Mokattam através de uma poeira luminosa, mas tudo domina pela majestade secular do monumento, que aliás um homem pisava... que mais posso eu acrescentar que não exprima melhor o abraço que toda amizade lhe dá seu devotado Gautier!...

A descida não foi tão incômoda, apesar de ter de pular a pés juntos degraus de quase 2 metros de altura, embora aparado e mesmo carregado pelos ágeis árabes e depois de curto descanso entramos os três — quem dera que fôssemos nós três! — na pirâmide.

A visita do interior desta custa mais que a subida. Houve lugar que tive de andar de gatinha e noutra deixar-me escorregar assentado sobre pedra dura e pouco lisa.

O aspecto das entranhas deste monumento é imponente porém lúgubre. Conhece-se bem que foi construído de pirâmides sobrepostas e cuja espessura é tanto maior quanto mais durou o reinado do rei que levou todo esse tempo a construir a pirâmide para sua sepultura.

Na câmara onde se acha o sarcófago de Chufu também fiz gravar meu nome e os árabes dançaram lembrando-me pelos movimentos e toada do canto a dança dos botocudos do Rio Doce.

Sobre esta câmara há mais 3 e 3 outras embaixo, só tendo eu visto destas a da rainha, que fica exatamente sob a de Chufu. Sabe-se que esta pirâmide é de Chufu porque acharam-se em pedras do interior dela a pintura hieroglífica de seu nome e Heródoto a chama de Cheops. Sobre as outras não há certeza de quem são e a estátua de Chafra achada no tempo ou sepulturas descobertas por Mariette junto ao Esfinge não tem relação conhecida com a pirâmide denominada de Cefren por Heródoto, contudo os nomes parecem-se e a estátua foi encontrada perto.

Esta pirâmide afigura-se mais alta do que a chamada grande, mas talvez seja isto devido a ser mais afinada nas proporções. No cimo dela há ainda revestimento de tijolo.

A menor de Mecherah (Micerinus) não merece menção. Para o lado do Esfinge estão as 3 pirâmides muito destruídas das Princesas, de que fala Heródoto e, além do Esfinge, que não produz quase impressão e é muito feio com seu narigão achatado, está o templo descoberto por Mariette. Compõe-se de grandes massas de granito e de alabastro na parte superior, parecendo as pontas dolmens. As areias cercam-no todo.

Fotografaram-me com Mr. Mariette e alguns árabes sobre a muralha do templo e Você julgará bem da cena pela fotografia. Outra se fez de um grupo maior aos pés do Esfinge e também é sua, pedindo-lhe que repare para o modo por que se acha o grupo composto. Brugsch, que é sem dúvida, mesmo por confissão do bom Mariette, melhor conhecedor de hieróglifos e creio também de monumentos, apesar da reserva que Mariette parece fazer para si dessa parte da egiptologia, diz que o templo não é senão uma carneira de gatos, que os egípcios adoravam.

Esquecia-me referir que as pinturas hieroglíficas do nome de Chufu são as que costumavam os egípcios fazer nas pedras tiradas das pedreiras de Mokattam, durante o reinado do rei, que mandava construir o monumento e de que ainda se acham algumas nessas pedreiras, por não terem sido empregadas.

Na volta vi os jardins dos palácios de Ghizet e de Gheziret. O primeiro está cheio de grutas artificiais e de ruas de pedrinhas formando diversos desenhos e o segundo mais natural tem uma bela menagerie; a terceira na importância que vi, depois das de Londres e Antuérpia. Aí achei o uraeus — cobra que incha o pescoço, alteando cabeça e é figurada hieroglificamente sobre os pilonos dos templos.

Ainda não pude descobrir o cerastes, serpente de dois chifreiros e muito venenosa, mas nesse mesmo jardim examinei o ichneumoso ou rato dos Faraós, que come os ovos do crocodilo e era objeto de culto dos egípcios. Com que prazer vi o tatu e o coati [*sic*] e tenho comido excelentes bananas!

6 de novembro de 1871 — Estive em Heliópolis (ou dos egípcios e da Bíblia) Matarieh dos árabes que examinei o obelisco de Ositarsen 1º anterior a Moisés e um dos dois que precediam ladeando-a a porta do templo, cujos sacerdotes foram mestres de Platão e de Eudoxus.

Que areial [*sic*] agora!

Brugsch descobriu os restos de uma das portas do templo que já desapareceram quase aproveitadas pelos árabes para construções e podem-se distinguir certas linhas do recinto.

O obelisco está 15 pés enterrado na areia, mas assim mesmo honra os séculos de Moisés e de Platão. Antes de aí ter ido colhi folhas de um belo sicômoro que chamam a árvore da Virgem, por ser de tradição que à sua sombra descansara N. Sra. na fugida para o Egito. Este lugar foi dado pelo Khedive à Imperatriz Eugênia.

Hoje senti sol de rachar, mas na volta refrescou e passei pelo jardim de Chubrah obra de Mohamed-Ali. É o mais belo que vi à margem do Nilo e com um lindo e imenso tanque rodeado de colunas e com salas riquíssimas nos cantos. Dizem que o velho Vice-Rei gostava de admirar nesse tanque a ginástica aquática de seu numeroso harém.

7 de novembro de 1871 (terça-feira) — Foi um dos dias mais interessantes.

Subi o Nilo até Mênfis passando por Tamó à margem esquerda, onde dizem que Moisés foi lançado no rio e pelo convento Copta de S. Jorge, de onde os frades vinham dantes a nado pedir esmolas aos navegantes. A decência, que todavia não é muito respeitada por estas paragens impediu esse costume. Todos os árabes nadam como peixes e Mariette contou-me que havia ainda um velho no Alto Egito que servira sob Murad-Bey contra Bonaparte, o qual é célebre como nadador e vive de pescar.

Mênfis é areia ornada de tamareiras, que se estendem na margem esquerda do Nilo por 77 milhas. Caminho pitoresco entre lagoas do Nilo, que a água já tem deixado para cobrirem-se de culturas de um verde que fere quase a vista.

Ia de burrinho alongando meus olhos muito e muito além do deserto, bem o sabe Você e dei comigo nas pirâmides de Sakamah

Apoei-me à porta da casa onde Mariette gozou, durante 4 anos, dos prazeres do deserto e depois de curta demora fui com ele, Brugsch e mais companheiros ver o túmulo do padre Ti. Examinei as gravuras das paredes que representam ofertas e cenas da vida daqueles tempos. O mesmo fiz no túmulo de Phtahnotep padre de Phtah (Vulcão Egípcio) mas as senhoras não me acompanharam por causa de certas imagens que aí existem.

As estátuas desses 2 padres estavam outrora em nichos e por baixo delas em subterrâneos é que se achavam os sarcófagos. Não entrei nesses buracos. Tudo cobriam as areias antes das escavações. Notei nas gravuras das paredes o modo de apanhar o hipopótamo, que parece provar que era este o Behemoth (que traduz a vulgata leviathan) do livro de Job, os navios com 3 e 2 remos servindo de lemes, o que talvez desse origem ao nome triremes e biremes e não 3 ou 2 ordens de remos, cuja posição para o movimento do navio é quase impossível explicar e a prensa para fazer vinho, que era quase o nosso tipiti.

Brugsch fez o irmão estampar as gravuras da câmara tumular de Phtahnotep e mandarei as folhas para Lisboa porque não posso carregá-las comigo. Mariette não sabe disto e a rivalidade entre ambos, apesar de toda a polidez e mesmo amizade, pois moraram juntos mais de ano na casa onde apeei-me é evidente. Mariette, segundo diz Brugsch, chegou a mandar tapar inscrições no Museu de Bulak para que Brugsch não seja o primeiro a lê-las. Contudo são duas pessoas muito estimáveis e que me deixarão saudades.

Por último entrei na carneira do Serapeum, a mais importante das descobertas de Mariette. São longas galerias cavadas na rocha e 64 câmaras de que só 24 contém túmulos dos bois Apis. Estes túmulos são gigantescos e pesam 65.000 quilogramas. Dentro de um deles bebi à saúde de Mariette em honra de sua descoberta. Podiam estar bem 10 pessoas à mesa, porém só eu, Mariette, Brugsch e Bom Retiro aí entramos. Acharam-se preciosidades arqueológicas dentro desses túmulos e um deles tem o nome de Cambyses e foi portanto do boi Apis, que ele feriu. Não é a Você que careço de contar esta história.

O pôr do sol na volta foi lindíssimo e eu com Mariette nos nossos burrinhos arrastando quase os pés pela areia conversamos longamente, não podendo deixar eu de dizer-lhe o interesse que Você teria em examinar tantas coisas curiosas dotada como é de espírito tão investigador.

Quando chegamos à margem do Nilo e aí esperamos os outros, o lugar tomou o aspecto de acampamento de caravana e quase tive desejos de dormir sob o céu recamado de estrelas, depois de ouvir algum conto árabe, que Brugsch me traduziria, ou mesmo Mariette aliás muito menos ou pouco filólogo.

Desembarcamos na margem direita acima do lugar de embarque de manhã, porque deixaram uma ponte passagem estreita demais e a corrente do rio era forte. Assim é quase tudo no Egito, que engatinha na estrada da civilização!

Adeus! Esta palavra tudo exprime a Você e sobretudo hoje.

8 de novembro de 1871 — Visitei a biblioteca no Instituto, que dirige Brugsch Há alcorans curiosos, um sobretudo por ser do tempo do Saladino.

Brugsch apresentou-me na biblioteca um poeta árabe que há de fazer-me versos e outro árabe que tem traduzido muitos livros franceses para a instrução pública. Ainda está bastante atrasada posto que instituiu 25.000 alunos no Cairo as escolas primárias e o atual Khedive instituiu uma de meninas, o que é grande progresso, onde o belo sexo é tão desprezado.

O aspecto de uma escola árabe é curioso, por causa do balancear constante do corpo dos alunos, quando lêem o Koran. Disseram-me que, imitando assim a oscilação dos que montam em camelo, comemoram a fuga de Mohammed de Medina para Meca.

Adeus! Vou dormir. A parte menos interessante de minha estada no Egito contá-la-ei depois que tiver tido tempo de referir o importante. Ainda este abraço.

9 de novembro de 1871 — Saí acompanhado de Brugsch antes das 6h e fui ver as pedreiras de Mokattam. Não pude entrar senão numa gruta mas elas estendem-se durante hora e meia ou 2 horas de marcha a pé. Que gigantescos moles destacados de montanha! Parece xisto-calcáreo e os degraus tão desiguais das pirâmides provieram da irregularidade de espessura das diferentes camadas.

As pirâmides de Ghizet, na margem oposta e iluminadas pelo raios de sol, atravessando pouco espesso nevoeiro, apresentavam uma cor opalina lindíssima.

Voltei depressa demais para almoçar e fui depois até a barragem do Nilo. Reúne a ponte do Delta às duas margens do rio por 60 e tantos arcos divididos em duas partes iguais, cada uma de 500 metros de extensão. Estes arcos fecham-se por meio de portas curvas, com a curvatura para a corrente e assim a represa faz o rio, na descida da cheia, subir o que é preciso para continuar em canais a alargar uma parte do Delta. Estes canais ainda não estão todos abertos e as passagens que se deixaram para a navegação são estreitas para vapores de maior lote. Além disto já muitos barcos tem se virado de encontro a barragem.

Mr. Linant-Bey com quem conversei há poucas horas e foi quem deu o plano da barragem a Mohammed-Ali julga que atualmente ficará muito mais barato elevar a água com máquinas de vapor. Creio que a barragem, quando muito, poderá servir de ponte. Mr. Linant-Bey falou-me muito de Mohammed-Ali e apesar de seus 70 anos, e 40 e tantos do Egito, ainda parece ter o vigor da mocidade.

Na volta da barragem ainda admirei os belos efeitos de luz sobre as margens verdes do rio e os edifícios do Cairo, ao lado de Mokattam. Foi um cenário novo para mim e dos mais lindos.

Adeus, cara amiga, que tanto apreciaria tudo isto!

10 de novembro de 1871 — Estou de novo em Alexandria e durante tantos dias nenhuma carta e apenas antes de ontem um telegrama de Você!

Culpo só a distância que infelizmente nos separa.

Acabei de assistir à sessão do Instituto do Egito, arremedo do de Bonaparte e do qual me trouxeram desde que cheguei esta tarde aqui o diploma de membro honorário.

O presidente honorário é Mariette e a sessão foi presidida por Collucci-Bey, médico de família italiana e que se formou em Bolonha. Depois da leitura da ata da sessão passada em que Mariette comunicou-me seus interessantes trabalhos a respeito da Alydas do Egito (a antiga Ebot, que os gregos grecizaram) eu pedi a palavra e agradecendo a minha eleição de sócio, disse algumas palavras para mostrar que conhecia já um pouco o Egito na minha pátria e viajei nele com espírito de observação.

Leram-se diversas memórias interessantes, depois percorri um pouco a casa, sobretudo a biblioteca, pequena ainda, e conversei com todos os meus colegas presentes, que eram 16. Pareceram-me quase todos inteligentes e instruídos principalmente o irmão do presidente, Paulo Colucci, médico também, e que fez a campanha da Síria com Ibrahim

Pachá; o médico francês Gaillardot, que reside há quase 40 anos no Egito e fez a mesma campanha e parte da expedição de Mr. Renan na Síria, o Dr. Abate, médico nascido na Itália; Mr. Emmanuel, francês que deu-me seu mapa das explorações mais recentes do interior da África; Mr. Savaire, francês, orientalista distinto e Gallici, italiano advogado, que tem estudado muito e escrito sobre o direito otomano.

Agora que está quase terminada minha viagem ao Egito tenho mais descanso falarei de coisas menos importantes ou que me tivessem esquecido no momento.

Os túmulos de um califa e de sultões mamelucos, junto ao Mokattam, são muito graciosos por sua arquitetura, principalmente o de El Bibar com suas duas cúpulas elegantes e minarete todo cheio de requifes. São para assim dizer as flores desse areal. Resplandeciam ao pôr do sol e para maior contraste, de plantas só encontrei madeira petrificada esparsa sobre a areia.

Há um sitio chamado a floresta petrificada, mas não fui lá não só por falta de tempo como por dizer-me Brugsch que não valia a fama que lhe deram os turistas.

As mesquitas de Galahûm, de Tulûm, de Amrû e de Ashar são dignas de visitar-se. Também me ocuparei de outras talvez. Junto à primeira houve quem sabe se a primeira casa de loucos fundadas pelos árabes. Agora está noutra edifício felizmente, porque a primitiva tem aspecto de calabouço.

A 2ª é vastíssima com arcos ogivais e um dos minaretes tem escada de caracol por dentro e o outro de igual forma, porém externamente. Conta-se que o Sultão Tulûm estando a enrolar um papel entre os dedos, seu vizir notara que poderia melhor empregar o tempo, ao que retorquira aquele que se achava planejando a escada exterior do minarete.

A 3ª é também vasta com arcos ogivais e colunatas, havendo duas colunas por entre as quais dizem que só passam os que não são profanos. Está claro que eu não podia passar mesmo sem a minha barriga, apesar de tentá-lo com a fê robusta de meus braços e pernas.

A última também se chama a universalidade, mas em que consiste esta? Na leitura escrita e interpretação do Coran, por maometanos de diferentes regiões, que deitados, assentados no chão ou de cócoras e separados, conforme nações ou tribos, desconfo que antes durmam ou cochilem do que estudem. Goza de grande fama de sapiência oriental, mas nem o edifício é belo como os outros.

Na Igreja das Missões Austríacas há uma porta de arabescos árabes lindíssimos e também se tornam notáveis por isto uma porta no palácio de Cherif-Pachá e outra defronte.

Não compreendo porque os edificios recentes não imitam a arquitetura árabe tão elegante, não fazendo pelo menos parte senão feias casas à européia. A do hotel tem sofrível aparência e é grande devendo, quando acabada conter 500 quartos. Pertence ao Khedive como quase tudo de melhor no Egito, pois ele ou o faz ou compra-o.

O Khedive que vi duas vezes, quando visitou-me e paguei-lhe a visita é inteligente e fala bem o francês, mas creio que por seus hábitos de sibarita nunca será verdadeiramente reformador. Deu-me bastantes informações sobre o Egito e apenas sumiu-se ao dizer-lhe que ao menos executassem o Coran à risca e não tomassem quase como preceitos o que ele por demais tolera.

Tudo facilitou para minhas digressões e permitiu que alguém com suas companheiras jantasse no palácio da mãe, vendo assim um pouco o interior de um harém.

O ministro dos Negócios Estrangeiros Nurbar-Pachá, armênio pareceu-me muito inteligente, porém servilíssimo, falando bem francês, gostando eu muito de seu sobrinho Akel-Bey, que formou-se em direito em Leipsig, tem maneiras distintíssimas e, segundo dizem-me, não é estimado do Khedive, por causa de suas opiniões verdadeiramente européias e civilizadoras.

Senti não ver Ibrahim Pachá escudeiro do Pachá que veio acompanhar como tal as Sras. ao palácio da mãe do Khedive e Mariette disse-me ser o retrato tal qual do Faraó Sethi 1º.

Poucas caras vi eu no Egito parecidas com as dos monumentos, nem belezas mulheres, apesar de correr quase todas as ruas do Cairo.

Assisti a uma dança nacional em casa do Vice-Cônsul Brasileiro de Ismaília, mas a poesia dos Atmées desvaneceu-se toda.

Ainda mais me repugnou a chamada da abelha noutra casa a que fui unicamente para poder assegurar que nada escapou-me por culpa própria. Na primeira casa como na segunda havia umas poucas de mulheres, que trajando vestidos, que deixavam ver-lhes a camisa na cintura, tremiam como chocalhos, ora requebrando-se sem graça, ora pondo-se de cócoras para logo se levantarem, — e isto ainda era bom — ao som de instrumentos iguais aos dos negros boçais.

Na casa do Vice-Cônsul era cousa recebida e creio mesmo que cortesia, tocar na cintura das dançarinas, para elas ainda mais chocalharem, mas eu não o fiz e na outra tal era o calor que elas procuraram, pouco a pouco, senti-lo o menos possível, por causa do vestuário. Cobrem-se de pedrarias ou verdadeiras ou falsas e em tudo brilha péssimo gosto. Este povo parece-me uma nova espécie cinica em todo o sentido, podendo eu apenas referir o que presenciei em companhia de Brugsch quando víamos hieróglifos de uma pedra numa pequena praça do Cairo.

Chega-se um velho que parecia respeitável levanta a capa e faz de cócoras, no meio da praça, lembrando um trecho de Heródoto, o que o Pai da história diz que as egípcias faziam em pé. A mais estúpida superstição completa o quadro.

Assisti uma das noites passadas a outra reunião de dervixes uivadores, que não sei como não deslocaram o pescoço com os safanões laterais que lhes davam. Apareceu no meio deles um possesso esperneando e muito custou a um dos dervixes a convencer o diabo falando aos ouvidos do possesso de que era tempo de deixá-lo e a mim ver a cena dos sabres e punhais, que fingem enterrar no ventre e no rosto e olhos, mas que não se representou por não aparecerem os instrumentos e a cerimônia da circuncisão, dentro da casa, em que a criança de 4 para 5 anos berrava antes do tempo, talvez por ter já alguma idéia do que lhe iam fazer. A mãe estava presente: um dervixe creio eu segurou a criança entre as pernas dele, o barbeiro pôs no chão a bacia, meteu o pauzinho, esticou, prendeu com uma espécie de pinça, passou a navalha, curou-o e um alarido de alegria abafou quase o choro do pobre menino, que voltou aos braços da mãe, que o envolveu num véu.

O dervixe mostrou aos circunstantes, entre os quais estava eu assentado como os outros em colchões, o testemunho de estar perfeitamente finda a cerimônia. Antes da circuncisão e durante os uivos dos dervixes na rua tinham passado bandejas de comida para quem entrava e eu bebi café que me ofereceram na rua. Cobriam-nos bandeiras e lustres que pendiam em cordas passadas de casa a casa, assentando-me eu numa espécie de capoeira de galinha feita de junco trançado e pouco alta para o comprimento.

Não sei se já referi numa de minhas cartas a cerimônia dos dervixes giradores no seu convento. Assisti a ela na 6ª fa. atrasada de uma espécie de tribuna circular que domina o recinto onde se reuniram 24 dervixes, dos quais a maior parte girou 3 vezes, abrindo-se as saias pela força centrífuga, como chapéus-de-sol. Os músicos também estavam na tribuna, porém afastados e tocaram instrumentos os mais desenxabidos possível. Depois de tanto exercício era justo que fossem comer cada um na sua cela, como se disse.

Este convento tem 40 dervixes, mas revezam no giro. O maioral é um grande magricela e consta que não admite só noviços por vocação, mas também por gentileza.

As procissões são curiosas e além dos noivos de que já escrevi encontrei uma muito grande com músicos e bandeiras indo no coice dela a cavalo o chefe dos islans com seu grande turbante verde o qual se dirigia ao túmulo de um santo, cujo aniversário natalício festejavam. Não a vi bem, porque o Brugsch disse-me que havia muitos fanáticos e era perigoso perturbá-los em suas devoções.

Já na ida às pirâmides de Sakarah um árabe sem nenhum motivo que eu soubesse chamou-me cão de cristão!

Para ser santo aqui não custa muito: basta viver como Diógenes e fui ver eu que felizmente já se lembrara vestir-se com uns trapos, mas não queria estar senão de cócoras no meio da rua com o criado ao pé, que recebia esmolas e tudo o que lhe oferecia a roda dos devotos. Ele com os olhos semi-fechados resmungava talvez preceitos admiráveis. Há 2 anos que não vive com a mulher, porém traz-lhe esta regularmente docinhos e parece adorar o marido.

Quem fuma haschisch e diz muitas asneiras, durante a bebedeira, também mostra propensão para a santidade destes muçulmanos. Há três espécies de haschisch, que eu vi numa das lojas dos bazares, as quais são como nichos onde os vendilhões, estão de pernas cruzadas cercadas às vezes, de bugingangas inumeráveis. Uma destas espécies faz rir e, com efeito, ao fumá-la, o árabe fingiu, pelo menos, dar muitas gargalhadas para apanhar backschisch (dinheiro) palavra que se ouve proferir a cada canto, e de mão logo estendida.

Eu só dava aos cegos, que talvez sejam a sexta parte dos habitantes do Cairo e aos aleijados também freqüentes.

A outra inspira idéias lúbricas e a terceira fantásticas. Vende-se na forma de maçinhos. Proximamente deve ser o Bairam, que se segue ao Radamam e então costumam ornar os túmulos de flores durante alguns dias, o que produzirá singular efeito no areal dos cemitérios, como acontece com os lustres, arandelas e bandeiras nestes corredores imundos alcinhadas ruas, quando há qualquer festa em casa próxima ou procissão.

Dizem-me que também há aqui a circuncisão das mulheres, o que compreendo não só pela limpeza, como para evitar costuras, que também fazem estes povos, porque a viagem a Meca é ausência demasiadamente prolongada e as paredes do harém não bastarão.

Mas conversemos de assuntos que não trescalem os aromas do Cairo.

Há aí bastante divertimento para os civilizados. Os teatros da ópera e francês são bons, o hipódromo é grande e também existe um circo de cavaleiros, cujo edifício nem mesmo vi interiormente.

Fui a um café — chantant —, que interessou-me por serem instrumentistas e cantores na maior parte muito sofríveis, quase todos da Boêmia e aparentados, sendo o resultado de sua digressão artística ganharem com que viver na sua pátria, casando muitos entre si.

Encontrei também noutra de feição um pouco árabe, onde quase pego no sono, ouvindo um senhor Bey, que Brugsch apresentou-me e pretende conhecer tanto as leis de elevação do solo egípcio que, pelo reconhecimento do número de pés que um monumento está enterrado, diz logo o ano em que foi feito! Apesar de tudo, este Bey pareceu-me inteligente e Brugsch diz que é honrado, cousa rara no Egito.

Nubar-Pachá passa por não respeitar o 7º mandamento, e entre os ministros cita-se com grandes louvores por sua honradez Cheriff-Pachá ministro do governo, antigo escravo do célebre coronel Seves, francês que tanto serviu a Mohamed-Ali e com cuja filha casou aquele.

Em 10bro vão cantar a nova ópera de Verdi Aida, assunto da época de Ramsés 2 (Sesastris) e cujo cenário, vestuário e mais acessórios foram feitos em Paris sob a direção de Mariette. Procurei com empenho vê-los, sobretudo por causa de um cenário que representa edifícios de madeira desses tempos, os quais Mariette disse-me serem de arquitetura graciosa e semelhante à arábica, mas tudo se achava ainda hermeticamente fechado e o diretor da ópera Dvanet Bey, que outrora foi boticário e, segundo Mariette, manipula as belas artes como se fossem drogas, nada pôde fazer.

A visita à casa de Brugsch foi interessantíssima por causa de manuscritos Coptas, e seu belo mapa do Egito antigo que ele mostrou-me. À vista desse mapa procurou ele convencer-me de que os Hebreus saíram de Thanis (Sane) e fugiram do exército do Faraó por uma restinga dos lagos do Norte do Delta. As vagas impelidas por algum Khamsin furioso teriam destruído aquele exército ao atravessar a estreita restinga. Um monumento perto de Thanis diz que fora ele construído pelos Habraiú. Apesar da opinião de Brugsch ainda penso que os Hebreus passaram para a Ásia junto a Suez. Mas as minhas relações literárias com Brugsch não de continuar e espero dever informações curiosíssimas como as que já deu-me, tendo ele me feito conhecer o Dr. Saga médico distinto alemão, em cuja casa vi Nyam- Nyam de 13 a 14 anos, que por sua fisionomia não parece ter pertencido a um povo do interior da África, o qual é antropófago.

O viajante Schweinfuhrer foi quem primeiro visitou esse povo assim como o dos pigmeus, que vivem perto tendo somente 3 a 4 pés de altura.

Adeus! Estou caindo de sono.

11 de novembro de 1871 — Que belo tempo para a viagem! Não sofro nada e posso escrever.

Antes de deixar Alexandria ainda fui ver com Mohamed-Bey os vestígios que ele julga ter achado da antiga cidade.

Mohamed-Bey, que vi muitas vezes no Cairo foi discípulo estimado do Arago. É árabe e parece excelente pessoa. Agora dirige o levantamento da carta do Egito. Deu-me diversas publicações suas entre as quais uma memória, onde ele quer que as pirâmides tivessem sido construídas em honra de Sothis (Sirius) por isso que no solstício de verão essa estrela ilumina perpendicularmente uma das faces da grande pirâmide e as outras que ele enumera, mas que não são a maior parte, tem a mesma orientação da base e quase a mesma inclinação das faces.

Brugsch e Mariette riem-se da idéia, também eu creio que isto é querer que haja uma arqueologia astronômica, porém na sessão do Instituto pareceu-me que o presidente e outros membros não deixavam afagar a idéia, quando em conversa toquei nela.

Porém já ia-me alongando de Alexandria, em direção oposta àquela em que nunca será demais que eu caminhe. Mohamed-Bey mostrou-me na verdade duas calçadas de grandes pedras nas direções da porta Canópica e do cabo Lochias, devendo a 1ª ser a rua Canópica e a 2ª a real por estar o palácio dos Ptolomeus perto do Lochias e depois levou-me ao lado de Necrópolis até um campo onde há pedras de um edifício, que ele diz ter verificado ser um templo. Pareceu-me ver o fragmento de uma estátua, que Mohamed-Bey chama de Antônio e que, segundo ele, se reconheceria se escavasse a areia, referindo-me ele que aí há outra pouco distante de Cleópatra.

O tempo era escasso e não pude ir até o campo de César onde se acham restos de um grande castelo nem examinar outros lugares da Antiga Alexandria.

Mohamed-Bey apontou-me para a colina que fica na cidade atual e era o Panium. Com efeito deve gozar-se de bela vista do alto dela. Pelo sítio que ele indicou-me como sendo o do Soma, a biblioteca dos Ptolomeus, não era onde se acha a casa do Instituto.

É bom não abusar do bom estado de minha cabeça e estômago.

Adeus!

12 de novembro de 1871 — Tempo excelente. Nem o mais ligeiro incômodo.

Já passou Creta muito ao longe.

Há muitos poucos passageiros a bordo, contudo 2 moços mexicanos que tem viajado quase pelos lugares que eu, têm conversado comigo muito agradavelmente.

Vai ficando escuro. O barômetro baixou tem fuzilado e ventado, mas talvez não haja borrasca.

13 de novembro de 1871 — Bons dias! Avisto o cabo Matapan e Navarino.

Belas terras da Grécia, quando sinto não visitar-vos com minha amiga!

Ainda não são 7 horas. O tempo está de aguaceiro e o comandante disse-me que choveu a guelas [*sic*] entre 1 e 2 horas da madrugada. 10h

Vê-se muito bem a ilha de Stamphane (uma das Strophades) com o seu farol. O dia está bom e o comandante disse ao almoço que o barômetro subira. Se o tempo continuar assim pisarei terra da Itália amanhã ao meio-dia e aí espero ter carta ou cartas de Você.

Vou ainda rever minha tradução da ode de Manzoni, cuja estrofe que fala das pirâmides escrevi junto destas.

Sabe que nome entre outros muitos fui achar no cimo da Grande Pirâmide? O de Jenny Lind, mas penso que seria um de seus apaixonados e não ela que aí subiu. Não é árvore para rouxinol.

A data mais antiga que se tem lido nas pedras da grande pirâmide, segundo disse-me Mariette e eu vi é de 1555.

Disseram-me que só três imperadores galgaram a pirâmide: o nosso amigo íntimo o atual da Áustria e o Romano Adriano.

Não sei se lhe escrevi que em Port-Said conheci o Dr. Carogna, grego, que presenteou-me com sua curiosa memória a respeito dos efeitos sobre o organismo das erupções vulcânicas, estudados por ele na ocasião das que abalaram as ilhas de Santorini. Já eu havia lido nos *Compte-Rendus* um resumo dessa memória, bem como dos trabalhos de Fouqué, de quem o Dr. Carogna deu-me notícias.

O poeta árabe mandou-me os versos com a tradução — poucas frases contendo pensamentos muitíssimo banais. O outro escritor árabe já me tinha lido versos publicados no seu diário a respeito de minha ida ao Egito e reconheci que não eram senão palavras rimando de enfiada, o que, segundo ouvi a Brugsch é mesmo a poesia árabe que não tem metrificação. Valha-lhe o pensamento!

Farei quando puder algumas considerações sociais sobre o Egito tomando por tema estas palavras de Ampère em 1846 na introdução de seu belo livro a respeito dessa região. “L’Egypte intéresse encore dans le présent et dans l’avenir;

dans le présent par l'agonie de son douloureux enfantement; dans l'avenir pa les destinées que l'Europe lui prépare quand ele l'aura prise, ce qui ne peut tarder.”

Vi bem posto que ao longe Zante e Cephonia. Naquela descobri casas com binóculo. Tem havido aguaceiros, mas creio que chegaremos amanhã a Brindisi até meio-dia.

14 de novembro de 1871 — 6h 20' da manhã. Bons dias cara amiga.

Avista-se o porto de Brindisi.

Que bela viagem! Compensação da ida para Alexandria.

11h Almocei a bordo às 8, pouco depois da chegada. Já telegrafei e escrevi a Você.

Que saudades veio sua carta ainda fazer-me mais!

VOLUME 14

Novembro de 1872 e Junho de 1873

NOTA DO TRADUTOR - O presente Diário possui algumas notas, escritas a lápis, com letra diferente da de D. Pedro II. Como o Diário é todo escrito dirigindo-se a uma determinada pessoa, é de se concluir que tais notas foram escritas por esta mesma pessoa. O tratamento, aliás, dado pelo Imperador a tal pessoa, é o mesmo de suas cartas à condessa de Barral, não sendo assim difícil de se concluir ter sido o diário escrito como uma forma de mantê-la presente nos seus afazeres diários, uma vez que à época a condessa encontrava-se na Europa. Às vezes corrige-lhe a redação em francês, outras ironiza com determinados fatos, e, no final, chega a se queixar de que não é na forma de um relatório dos afazeres quotidianos que se deve “conversar com uma velha amiga”.

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

6 de 9bro [novembro] de 1872 (quarta-feira) - 4^h 20^m. Venho do conselho e vou jantar.

5^h Tendo tomado o café e lido os pequenos jornais, vou traduzir Tucídide.

6^h ½. Vou à casa de minha filha.

Adeus!

9^h ¼. Minha filha está bem.

Vou falar nos semanários e subir.

10^h 7^m. Cá estou no meu poleiro.

11^h ½. Adeus ! Boa noite!

7 de novembro de 1872 - (quinta-feira) 6^h ½. Bom dia!

Vou tomar banho e ler os jornais.

9^h 7^m. Vou almoçar.

9^h 35^m. Vi meus netos e vou aos exames do último ano do Colégio de Pedro 2º.

3^h Os futuros bacharéis, se conseguirem ser felizes nos exames, não conseguirão mais que 8. Os exames foram de grego e de História do Brasil. Só há dois bons estudantes: Miranda Azevedo e Barboza. José Paranaguá é inteligente, mas acredito que estude pouco. Ele traduziu eis to pedion - de pé ⁰⁰¹!

Vou ler.

4^h 7^m. Até já!

4^h 38^m. Depois do jantar vi meus netos e falei às pessoas da varanda. Vou ler perto da janela.

5^h 20^m. Tomei o café e vou traduzir do hebreu.

8^h 7^m. Fui ver meus netos antes deles dormirem e vou ler.

9^h ¼. Vou falar aos semanários.

10^h 8^m. Eis-me ainda mais suscetível às saudades na solidão da noite - mas, vou ler.

11^h 27^m. Boa noite!

8 de novembro de 1872 - (sexta-feira) 6^h ½. Bom dia !

Vou tomar banho e ler os jornais.

9^h 10^m. Até logo!

9^h 50^m. Após o almoço vi meus netos e falei a pessoas da varanda. Vou ler.

11^h 20^m. Vou conversar com Rio Branco e o Ministro da Agricultura sobre uma regulamentação ⁰⁰² para a execução da lei de emancipação do ano passado.

4^h 20^m. Só pude vir jantar agora. Adeus!

5^h 10^m. Acabo de ver meus netos e de tomar café. Vou daqui a pouco à casa de minha filha.

10^h 20^m. Ficou-se na casa de minha filha e retornei para lá após a seção do Instituto Histórico. Cheguei em casa ainda agora e já estou aqui em cima.

Ladislau Neto comunicou ao Instituto que uma inscrição encontrada às margens do Paraíba e de que eu já vi uma cópia é do antigo fenício e fala de uma viagem ao Brasil ao tempo do rei Hiram ⁰⁰³, aquele que forneceu a madeira para o templo de Salomão.

Neto está escrevendo “mémoire” sobre isto e pediu que não divulgue seu achado ⁰⁰⁴ antes da publicação deste “mémoire”. Eu demonstrei minhas dúvidas e acrescentei que algum viajante moderno chegado ao estudo das línguas semitas poderia ter gravado a inscrição para criar embaraço a aqueles que o encontrassem. A inscrição pareceu-me logo semita quando vi uma sua cópia há algum tempo. Espero com impaciência o “mémoire” de Neto, que confessou não ser mais que um amador das línguas semitas. Ele deve ter uma ajuda, que segundo o ouvi dizer ⁰⁰⁵, será talvez de Akerblom ⁰⁰⁶, meu primeiro mestre de hebreu nos bons tempos de Petrópolis. Vou ler.

11^h ¼. Adeus! Boa noite!

9 de novembro de 1872 - (sábado) 6^h ½. Bom dia! Vou tomar banho e ler os jornais.

9^h . Até logo!

9 ½. Acabo de almoçar, de ver meus netos e de falar a pessoas da varanda. Vou à Escola da Marinha.

3^h Assisti lá aos exames, que foram fracos e percorri a fragata escola. Vou ler.

4^h Vou jantar.

4^h 40^m. Antes e depois, vi meus netos. Vou ler perto da janela.

5^h 20^m. Tomei o café e vou à audiência.

8^h 10^m. Depois disto expedi as petições, recebi os diplomatas ; pois sábado passado ⁰⁰⁷ foi o dia dos mortos; o novo comandante da estação, o contra-almirante de Giulio me falou de você, que ele viu na casa de Mme. Jourés ⁰⁰⁸ - e coloquei meus netos para dormir. Vou ler e falar aos semanários antes de subir.

10^h 7^m. Cá estou empoleirado. Vou ler.

11^h ½. Adeus! Boa Noite!

10 de novembro de 1872 - (domingo) 6^h ½. Bom dia! Ao banho e aos jornais!

Onde estará você hoje? Há muito tempo não recebo notícias suas.

9^h 7^m. Até logo!

9^h 33^m. Almocei e vi meus netos. Vou ler.

10^h 37^m. Assisti a missa e falei a pessoas da varanda. Vou ler.

1^h ½. Vou falar com o Ministro de Portugal.

3^h 25^m. Vou à casa de minha filha.

10^h 5^m. Depois de retornar falei um pouco aos semanários. Li a viagem ao Egito para a minha filha. Ela vai bem. Vou ler.

11^h 35^m. Adeus! Boa noite!

11 de novembro de 1872 - (segunda-feira) 6^h ½. Bom dia! Vou tomar meu banho e ler os jornais.

9^h 10^m. Vou almoçar. Antes e depois, vi meus netos e vou ler ainda antes de sair.

3^h ½. Assisti aos exames finais (inglês - história moderna) do sexto ano (segundo na França). Os alunos são fracos ⁰⁰⁹. Vou ler.

4^h 8^m. Adeus.

4^h 35^m. Jantei, vi meus netos e falei a pessoas da varanda. Vou ler perto da janela; mas sonhando em você.

5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu. Acabo de levar meus netos para dormirem e vou ler.

9^h Vou falar aos semanários e subir.

10^h 7^m. Eis-me aqui no alto. Vou ler até perto da meia-noite; porque as saudades estão muito vivas e quero me lembrar logo em seguida de nossas felizes terças-feiras.

12 de novembro de 1872 - (terça-feira) Meia noite 20^m. Adeus, ainda - e ainda!

Bom dia e o mais saudoso boa-noite!

6^h ½. Re-bom-dia ! Vou tomar meu banho e ler os jornais. Pudera ir conversar com você sobre o programa do dia!

9^h 10^m. Adeus!

9^h 40^m. Almocei, vi meus netos e falei a pessoas, da varanda.

2^h ½. Estive nos exames na escola central ⁰¹⁰ - fracos. Vou ler com Mr. T; - mas, antes disto vou lembrar de nossa felicidade de há alguns anos. Adeus!

4^h Li alguns jornais franceses. Vou jantar.

4^h 37^m. Antes e depois vi meus netos. Vou ler.

5^h 23^m. Tomei o café e vou à audiência.

7^h Depois eu expedí petições e vou ler.

8^h 12^m. Acabo de levar meus netos para dormir e vou ler. Depois eu falarei aos semanários e subirei.

10^h 8^m. Eis-me aqui empoleirado e vou ler.

11^h ¼. Adeus ! Boa noite!

13 de novembro de 1872 - (quarta-feira) 6^h ½. Bom dia!

Vou tomar meu banho e ler alguns papéis e os jornais se der tempo.

9^h ¼. Vou almoçar!

9^h ¾. Vi meus netos e falei às pessoas, da varanda. Volto para os papéis.

11^h ½. Vou ao conselho.

4^h 10^m. Vou jantar.

4^h 47^m. Antes e depois eu vi meus netos. Vou ler os pequenos jornais.

5^h 20^m. Tomei o café e vou traduzir Tucidade.

6^h ½. Vou à casa de minha filha.

10^h 8^m. Acabo de falar um pouco aos semanários e de subir. Minha filha vai bem; mas, como ela não pode ainda vir a minha casa, eu vou à sua. Vou ler.

11^h ½. Adeus ! Boa noite !

14 de novembro de 1872 - (quinta-feira) 6^h ½. Bom dia ! Vou tomar meu banho e ler os jornais.

9^h 10^m. Vou almoçar.

9^h 47^m. Vi meus netos e falei a pessoas na varanda. Vou sair. Adeus!

2^h ½. Visitei a imprensa nacional que tem necessidade de uma reforma, e em seguida fui ao palácio da cidade para ver meu amigo Sequeira ⁰¹¹ que depois de seu ataque cerebral não pode ainda fazer longos caminhos ⁰¹² em viatura. Achei-o muito bem. Ele sobe bem as escadas, tendo necessidade de apoio para descer, suas pernas estão fracas. A memória e o raciocínio estão perfeitos, e a língua fica somente um pouco embaraçada às vezes. Vou ler.

4^h 7^m. Adeus!

4^h 32^m. Antes e depois do jantar eu vi meus netos. Vou ler perto da janela.

5^h 20^m. Tomei o café. Vou traduzir do hebreu.

8^h 10^m. Assisti meus netos indo dormir e vou à Filarmônica.

15 de novembro de 1872 - (sexta-feira) Meia noite e 20^m. Guardei para você o programa do concerto ⁰¹³ que, talvez, como o último do ano, foi dos melhores a que já assisti. Estou cansado. Adeus!

Bom dia e boa noite!

6^h ½. Re-bom-dia ! Vou tomar meu banho e ler os jornais.

9^h 7^m. Vou almoçar.

9^h 40^m. Vi meus netos, e falei às pessoas, da varanda. Vou ler.

10^h ¾. Acabo de assistir a uma missa negra pela morte de minha irmã em Portugal, e vou sair.

3^h ¾. Assisti aos últimos exames dos alunos da sétima (primeira na França) do colégio Pedro 2^o. (Filosofia-Literatura). José Paranaguá ⁰¹⁴ foi fraco. Aqueles de que já falei fizeram excelentes exames escrito e oral.

Vou jantar logo.

4^h ½. Antes e depois vi meus netos. Vou ler perto da janela.

5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir Tucídide.

6^h ½. Mr. K ameaçou de ter um dos ataques ⁰¹⁵ de que ele sofreu há alguns dias, mas tudo desapareceu em poucos minutos. Vou à casa da minha filha.

10^h 8^m. Depois de meu retorno eu falei aos semanários e acabo de subir. Vou ler.

11^h ½. Adeus! Boa noite!

16 de novembro de 1872 - (sábado) 6^h ½. Bom dia ! Vou tomar banho e ler os jornais.

9^h 7^m. Até logo!

9^h 40^m. Antes e depois do almoço vi meus netos. Vou ler.

10^h Adeus!

1^h ½. Vou a bordo da corveta encouraçado Atlante que porta o pavilhão do contra-almirante Roussin. Vi dois aperfeiçoamentos no serviço dos canhões que me eram desconhecidos. As balas içadas, do paiol escorregam por um trilho onde elas passam por um meio ⁰¹⁶ de um cacho até a boca do canhão. A caixa do cartucho é introduzida na culatra do canhão, e empurrando o fundo da caixa coloca-se o cartucho no canhão. Percorri a corveta que não tem muito espaço para a tripulação. O sistema de torrinhas laterais para os tiros de caça e em retirada não agrada ao almirante Roussin, que confirma, pelo que entendi ⁰¹⁷ dos oficiais brasileiros que os “curiasses” produzem um efeito negativo à moral dos artilheiros. A casamata da corveta é estreita demais para a manobra dos 4 canhões de 15 centímetros. Vou ler.

4^h 5^m. Adeus!

4^h 37^m. Antes e depois do jantar vi meus netos. Vou ler perto da janela.

5^h 25^m. Tomei o café. Vou à audiência. Depois despachei algumas petições. Vou ver meus netos e em seguida ao teatro São Pedro ver um drama novo da Companhia do Valle. Adeus!

17 de novembro de 1872 - (domingo) Meia noite e $\frac{1}{4}$. Estou caindo de sono. Adeus!

Bom dia! Boa noite!

6^h $\frac{1}{2}$. Re-bom-dia! Apesar de todo o sono com que eu estava ontem quando cheguei do espetáculo, sonhei toda a noite.

Vou tomar banho e ler os jornais.

9^h 8^m. Vou almoçar.

9^h 37^m. Antes e depois vi meus netos. Vou ler.

10^h $\frac{1}{2}$. Acabo de assistir a missa sempre com meus netos, e vou ler.

11^h $\frac{3}{4}$. Acabo de falar com Mitre. O caso com Buenos Aires está concluído, e Mitre se mostrou bastante conciliador ⁰¹⁸.

Tratei-o com a maior cordialidade, apesar de que desconfio de ⁰¹⁹ seu caráter.

1^h 40^m. Vou falar com o ministro português.

3^h $\frac{1}{2}$. Vou jantar na casa da minha filha.

10^h 5^m. Pouco depois de meu retorno ⁰²⁰, subi. Após o jantar, acabei a leitura da viagem ao Egito. Vou ler até que ⁰²¹ e venha um sono irresistível ⁰²².

11^h 20^m. Adeus! Boa noite!

18 de novembro de 1872 - (segunda-feira) 6^h $\frac{1}{2}$. Bom dia! Vou tomar meu banho e ler os jornais; mas em pouco tempo, pois devo sair às 7^h $\frac{1}{2}$ após o almoço. Assisti aos exames de aprendizes - artilheiros em São João. Meu genro estava lá também. Percorremos antes os alojamentos dos aprendizes. Houve apenas 3 exames de prova escrita em Português. Todos fracos ⁰²³ em Gramática. Pertenciam à classe mais avançada.

Vou mudar de roupa e ler.

4^h Até logo.

4^h 35^m. Antes e depois do jantar vi meus netos. Vou ler perto da janela.

5^h $\frac{1}{4}$. Tomei o café. Que bela carta a sua! Felizmente você estava contente, e quanto lastimo de não a ter visto dançar a tarantela em Sorrento! Que este passeio é maravilhoso! Creio que tem um vapor amanhã à tarde para a Europa, e eu tenho pressa em lhe escrever.

6^h $\frac{3}{4}$. Tive de falar a meu engenheiro e arquiteto italiano Almonte, que deseja engajar-se na colonização, e depois ao brigadeiro Miranda Reis, que vai como presidente para Mato Grosso. Ele já esteve lá duas vezes ⁰²⁴, prestando excelentes serviços durante a guerra do Paraguai.

Vou traduzir do hebreu.

8^h 10^m. Acabo de pôr meus netos na cama e vou escrever para você.

9^h Vou falar aos semanários.

10^h 7^m. Eis-me aqui no alto e vou ler ainda uma vez a sua carta antes de dormir.

11^h $\frac{1}{2}$. Adeus! Boa noite!

19 de novembro de 1872 - (terça-feira) 6^h $\frac{1}{2}$. Bom dia! Vou tomar meu banho e ler os jornais.

9^h Que a terça-feira me cause ainda mais saudades! Você sabe o quanto a ausência me faz sofrer? Vou almoçar - mas ainda este adeus!

9^h 40^m. Antes e depois do almoço vi meus netos. Vou sair. Adeus!

3^h $\frac{1}{4}$. Assisti aos exames da Escola de Medicina. Fracos, a exceção de um apenas. Vou ainda ler com Mr. T.

4^h 10^m. Li um pouco os jornais franceses de anteontem. Até já!

4^h 37^m. Antes e depois do jantar vi meus netos. Minhas crianças chegaram em minha casa antes de eu sair. Jantaram aqui e eu volto para onde eles estão.

9^h 8^m.

Às 5^h 25^m concedi audiência, e teve muita gente, apesar da tempestade, que não foi muito forte. O Dr. Brum se apresentou. Depois eu expedi algumas petições e disse adeus até Petrópolis a meu genro que foi com sua incumbência. Minha filha acaba de sair. Ela passa bem; mas tem necessidade do ar de Petrópolis, para onde ela vai amanhã com meu genro.

Às 8^h levei meus netos para dormir. Vou falar aos semanários. O vapor não vai partir hoje para a Europa.

10^h 7^m. Eis-me só com minhas lembranças cada dia mais vivas. Vou ler.

11^h 30^m. Adeus! Boa noite!

20 de novembro de 1872 - (quarta-feira) 6^h ½. Bom dia! Vou tomar meu banho e ler meus papéis. Antes de fazê-lo verei de novo meus netos.

9^h 40^m. Ainda vi depois meus netos e falei às pessoas da varanda. Vou ler alguns papéis.

11^h ½. Vou ao Conselho de Ministros.

6^h Só acabou agora e vou jantar.

7^h ½. Após o jantar tomei o café. Acabo de traduzir um pouco Tucídide. Vou ver meus netos e a uma noite em benefício de um violoncelista no Teatro de Pedro 2^o.

Já tive notícias de meus filhos após sua chegada a Petrópolis. Eles chegaram bem.

O Cuzco chegou com a data de 6 de Lisboa. Ainda não trouxe carta sua. Adeus!

11^h 50^m. Durante os entreatos li a correspondência de Portugal. Nada de importante, mas não sei ainda nada de você. Vou ler ainda.

21 de novembro de 1872 - (quinta-feira) Meia noite e 40^m. Adeus! Bom dia e boa noite!

6^h ½. Re-bom-dia! Vou tomar meu banho e ler os jornais.

9^h 7^m. Até logo!

9^h ¾. Antes e depois do almoço vi meus netos. Vou ler e sair. Falei ainda há pouco às pessoas, na ⁰²⁵ varanda.

1^h ¼. Fui à fundação de Miguel Couto dos Santos ver a grade para o monumento de José Bonifácio, e assisti a uma fundição. Vou ler.

4^h Adeus! Expedi também diferentes assuntos da casa. Vou jantar.

4^h 37^m. Antes e depois vi meus netos. Vou ler.

5^h ¼. Tomei o café e vou traduzir do hebreu.

9^h 40^m. Traduzi pouco porque tenho de falar com o barão da Villa da Barra; o Dr. Bonifácio d'Abreu que chegou ontem do Pará, e despedir-me de Carvalho de Moraes, que parte amanhã para o Rio Grande do Sul. Sua família e sua mãe D. Maria Amália o acompanham. Estou certo que ele fará uma boa administração ⁰²⁶.

Perto das 7^h vi meus netos e fui assistir à abertura do curso de física industrial no Liceu de Artes e Ofícios. Assisti aos exames de geometria e vi os desenhos seguindo os moldes feitos pelos alunos. Alguns revelam muito talento. Vou falar aos semanários e subir. Até logo!

10^h 8^m. Eis-me aqui no poleiro e vou ler.

11^h 15^m. Adeus! Boa noite!

22 de novembro de 1872 - (sexta-feira) 6^h ½. Bom dia! Vou tomar banho e ler os jornais.

9^h ¼. Escrevi também para a Europa e vou almoçar.

9^h 50^m. Antes e depois do almoço vi meus netos. Vou ainda ler os jornais.

10^h ¼. Acabo de receber seu diário ⁰²⁷ terminado em 18 de outubro. Adeus! Vou sair.

2^h ½. Assisti aos exames dos surdos-mudos e distribuí prêmios. Tem dois que estão bastante avançados. O número é pequeno, apesar da espécie de recrutamento que se procede. Eu não compreendo a conduta dos pais. O Instituto está bem instalado e é dirigido com muito zelo. Lá encontrei o Dr. Álvaro Castro que me entreteve longamente falando sobre o infortúnio doméstico ⁰²⁸ que lhe ocorreu.

Ainda vou escrever para a Europa, e vou lhe falar esta tarde sobre Álvaro de Castro e sobre seu diário.

4^h Está quase tudo escrito. Vou jantar.

4^h ¾. Antes e depois do jantar vi meus netos. Minha filha me escreveu. Ela passa muito bem. Acabo de falar a pessoas, da varanda, e ainda vou escrever.

Às 6^h devo ir ao Instituto Histórico.

5^h ½. Acabo de tomar o café. Vejo tudo fechar mas quero antes lhe dizer que minhas saudades aumentam todos os dias e que espero que sua alocução adivinhará o que a falta de tempo não me permite acrescentar.

Adeus! ⁰²⁹

16 de junho de 1873 - (segunda-feira) - Quantos arrependimentos me deixaram o livrinho ! Nada de remarcável [sic] neste dia.

São 9^h 7^m da noite. Vou ler antes de dormir. Adeus! Boa noite !

17 de junho de 1873 - (terça-feira) 6^h ½. Bom dia ! Você sabe o quanto eu me lembro deste dia da semana. Sou sempre o mesmo para você e esta idéia é uma grande consolação para seu amigo. Vou recomeçar as jornadas.

O Niger só parte hoje às 8 horas e embora eu não lhe possa ainda enviar algumas palavras que este pensamento lhe chegue no diário!

11^h 15^m. Acabo de chegar do espetáculo. Li hoje com Mr. T. Concedi audiência que foi rápida por causa do mau tempo.

Durante os entreatos eu li a correspondência de Portugal com telegrama de Paris de 28 de maio. Creio que este vapor que passou por Cherbourg não me trará novidades.

Adeus ! Boa noite !

18 de junho de 1873 - (quarta-feira) 6^h ½. Bom dia. Tenho muita coisa a fazer para o conselho esta tarde. Ainda não lhe falei da morte de Manzoni de 22 de maio. Você sabe o quanto eu o estimava. Estou impaciente por saber as circunstâncias deste triste evento. Ele deve ter morrido como um verdadeiro cristão; como seu amigo Rosmini.

O próximo pacote deve me trazer também o discurso de recepção de Littré na Academia Francesa no dia 29.

19 de junho de 1873 - (quinta-feira) Meia noite e 40^m. O Conselho de Ministros acabou agora.

Durante o dia inteiro eu quase não fiz outra coisa que ler papéis.

Ouvi o Dr. Pinto da Cerqueira - nossa experiência na ilha de Paquetá ; você se lembra? que foi como comissário do governo à colônia de Cananéia em São Paulo. O solo é bom; mas a direção desta colônia foi muito má. Quando eu me informo da conduta da administração geral no Brasil, confesso que chego a sentir vergonha; entretanto, minha consciência não me acusa de não ter feito tudo que me é permitido fazer.

É bastante lamentável que não se aproveitem melhor tantas riquezas naturais.

Adeus! Bom dia e boa noite!

6^h 40^m. Re-bom-dia ! Hoje eu conto com um dia nascido mais a meu gosto.

10^h ¼. Li antes de sair quando recebi a correspondência de Portugal de 4 do corrente chegada pelo Chimborazo. Vi que tudo está tranqüilo e que o general Du-Barail substituiu Cissey. Espero que você me tenha escrito nos dias 30 ou 29 de maio.

Adeus! Vou a um concurso de professor no externato do Colégio Pedro 2º.

VOLUME 15

Viagem a Campos e São Fidélis - RJ

14 a 16 de junho de 1875

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Campos

14 de junho de 1875

6 ½ h Casa do Ministro; Hospital Português; Misericórdia; Cadeia; Casa da Câmara (quadro de Clovis Arnault discípulo de E. Delacroix); Beneficência Brasileira; Serraria de Joaquim Barroso; Fundação Jeannot e Lima (antiga de Sulage e Mignot).

9h almoço.

10h missa na Matriz; Quadro de Arnault e Recolhimento da Lapa (belíssima vista); Fábrica do Gás, lançamento da pedra para a escola perto de S. Benedito; Colégio Reis; Matadouro; Lançamento da pedra para a estação da estrada de ferro do Carangola passando a grande ponte de Paraíba; Estrada de ferro de S. Gonçalo (19 Kil.).

Na volta engenhos - do Colégio e de Luiz José de Carvalho; Aulas noturnas da Beneficência Brasileira; Teatro (É 1h de 15). Peça 3 atos, e cena cômica de uma menina que já vi no Rio.

15 de junho de 1875 - 6 ½ h Distilação muito bem montada, mas sem ter trabalhado do Barão da Lagoa-Dourada; Cemitério (muito descuro); Fundação da Coroa da viúva Pacova; vai-se fechar; Fundação Nable; Obras do hospital de S. Francisco e igreja; Circo; teatrinho Empireo; Carmo.

Casa e às 9h embarque.

S. João da Barra onde se viu Matriz; Correram-se ruas; Câmara; Cadeia; Casa onde se comeu fiambre; Casa do Juiz de direito Correia onde se comeu.

Casa do Alecrim dada para escola.

Ida à barra e à Capela da Penha e ao Pontal.

Volta; visita à fazenda do Queimado.

São 10h e 35 min da noite.

16 de junho de 1875 - 6 ½ h Partida para a Sapucaia Engenho muito bem montado e almoço.

Chuva, segui para S. Fidelis onde cheguei às 8h

Matriz; Câmara; Biblioteca

Moço desenhista retratos do Vigário Guaraciaba, e de outro

Casa onde o Barão de Vila-flor preparou comida.

Chegada a Campos à meia-noite

Belo efeito de iluminação.

17 de junho de 1875 - Baile de 1h até 3h na casa da Câmara.

Saída para a estação às 4 ¾ h Partida para depois das 5h

Chegada a Morrinhos perto das 7h de onde a Quissamã vendo bem a Lagoa feia cerca das 10h

Engenho montado de novo e bom almoço; saída ao meio dia e ½ chegada à estação de Macaé às 5 ¾ h

Matriz; Câmara com biblioteca; Casa de Caridade, e do Visconde de Araújo - acolá um palacete - muito bem situada.

Volta à estação de Imbitiba onde se começa.

Embarque na Imbitiba perto das 10h. Saída para o Rio. Muito mar.

18 de junho de 1875 - Só de manhã enjoei um pouco na tolda.

Entrada da barra 9h e 5 min.

Comida antes do desembarque para o Arsenal.

VOLUME 16

18 de agosto de 1875 às 6 $\frac{3}{4}$ h— Term. 48° fora da janela 8 da noite 62° F.

Descida do Carmo com diversos socalcos e escadas — tudo muito bem arranjado e de linda vista.

7h saída a pé. Passeio lindo das margens do Tamanduatei. Jardins na ilha dos amores onde pouco estive. Pintaram escadas, bancos, etc.

Mercado (triste cousa)

8h Curso jurídico.

9h vim almoçar.

10h no curso jurídico. Ouvi todos os lentes professor Magalhães Castro deu lição ao João Teodoro.

Vi o edificio muito melhorado e com obras e a exposição que aí está é muito curiosa.

Depois penitenciária (células muito estreitas. Solitária sem ar) rações diminutas.

Instituto dos meninos artifices, defronte da igreja do Brás. Tem 60 e tantos que são bem tratados e tocam na banda. Voltei a casa.

3h Fomos ao alto do Ipiranga. Alicerces. Colhi raminhos.

4 $\frac{1}{2}$ h tendo chegado a casa fui à Casa da Caridade sob os cuidados de 6 Soeurs de St. Joseph Muito bem arranjada. 50 e tantos doentes vista do jardim sobre a várzea.

5 $\frac{1}{4}$ h Jantar.

6h às 8h Recepção. Alemães com archotes e deputação de congratulação. Cantaram porém mal. Depois teatro. De 4 ordens e grande. Representaram uma zarzuela de 3 atos que já vira no Rio.

Chegada à casa às 11h 40' — 60° F.

19 de agosto de 1875 às 6 $\frac{1}{2}$ — 59° fora da janela.

7h — Seminário episcopal. Linda posição do Quiosque do observatório de F. Germano Annecy. Os eixos dos pilares que sustentam o Quiosque são perpendiculares aos rumos das principais povoações cujos nomes foram colocados correspondentemente. No Quiosque há uma pequena luneta meridiana com que Fr. Germano já observou passagens de astros.

Relógios do sol e da lua marcando horas e estações e um numa parede do seminário indicando o meio-dia em S. Paulo e diferentes lugares da terra; até Ilhas Marquesas.

Bonita igreja.

Gabinete de física e de história natural sofrível.

Fr. Germano há 10 anos que faz observações meteorológicas. Jardim bem plantado. Dá bem o carvalho branco. Rua de bambus. Moinho de vento para tirar água do poço. Hei de mandar um cronômetro e agulha de variação a Fr. Germano, que é saboiardo. O reitor é Fr. Firmino de Centellas, catalão, mas que residiu muitos anos em França.

Fábrica de fundição até 1000 quilos de Berlinus [*Humd?*]. Veio pobre para S. João de Ipanema e já tira da fábrica 20 contos livres anuais.

Fábrica de fiar e tecer algodão de Paes de Barros, filho do Barão de Piracicaba, que aí estava. O Dr. Olegário acompanhou-me. 2.000 e tantos fusos 50 teares, que não trabalham todos. Algodão tecido de 3 qualidades para roupa grossa. Faz agora 1500 metros por dia. 60 trabalhadores. 40 mulheres. Máquina motora do sistema Corlies de Botton, aparecida pela 1ª vez na exposição de Paris de 1867.

Litografia de Jules Martin que ofereceu-me a carta de Haberscham feita na sua casa. Trabalha também em cromo litografia. Tem litografado muita música.

Casa da Relação bem situada quanto à vista e bem arranjada.

Almoço.

10h Fui ver hospício dos alienados. Tem 71. Aumentou-se e ficará bom. O administrador Alvarenga parece zeloso. Os cubículos por ora tem pouco espaço.

Quartel de Polícia pessimamente colocado no Convento do Carmo.

Vi a igreja. Quartéis das companhias fixa de infantaria e de cavalaria. O primeiro revela melhor comandante. O de cavalaria é novo; chegou antes de ontem. Ambos com o depósito de cangalhos bélicos no mesmo edificio.

Cemitério perto da Igreja de N. S. da Consolação. Bela posição. Alguns túmulos bonitos. O do Montalegre desleixado.

Lazareto de bexigentos muito longe e em casa de pau a pique, péssimo. Felizmente os doentes estão quase bons e os novos iam para o antigo seminário de Sta. Ana além da ponte do Tietê.

Fábrica de chapéus de Fischer à rua Direita. Bem montada com 50 trabalhadores — algumas mulheres e meninos. Faz todo o gênero de chapéus e já tira de renda anual 150 contos.

Repartições que estão no edificio do palácio.

Saimos antes das 2 ½.

Seminário da Glória das Soeurs de S. Joseph Tem 100. Tudo muito bem arranjado. Algumas recitaram fábulas em francês. Diretora Anne Felicité de Chambéry. Instituto de D. Ana Rosa, que administra o Senador Souza Queiroz. Já o estabelecimento em casa sua enquanto não obtém o Convento do Carmo, que reparado serve muito bem. Tem já bastantes meninos aprendendo 1.^{as} letras, música instrumental e ofícios.

Igreja bonita do Convento da Luz. Ponte grande do Tietê e depois depósito de imigrantes. Havia aí 168. Já estiveram lá mais de 3000. O administrador Fernandes parece-me zeloso, porém há várzea alagadiça perto. Bonita gente; a nacionalidade principal a italiana. Vi uma rapariga de Nápoles doente muito engraçada. Parece que tem bexigas.

Um italiano tocava o hino brasileiro, gaita de pau presa ao peito, sobre a qual passava a boca, zabumba tocando com o cotovelo, pratos e triângulo com uma cordinha presa ao calcanhar direito.

Passeio público.

Plantação aumentada.

Torre que lembrou-me o pagode de Kew-Garden. Tem 122 degraus. Vista soberba de cima onde se está muito à larga. Lanços das escadas doces. Jardim dos amores, onde vamos à casa de banhos para mergulhar e de chuva.

Jantar das 6 até às 8 gente.

Te Deum na matriz pregando o cônego Justino de Andrade lente substituto do Curso jurídico. Teatro provisório muito pequeno, onde Amoedo e outros representaram sofrivelmente A filha única, do autor da Estátua de Carne. É boa peça.

É uma 1h 5' da madrugada de 20. O termômetro marcou fora da janela 59°.

20 de agosto de 1875 — 5h 10' — Term. que ficou toda a noite fora da janela 58°.

Partida de S. Paulo às 6.

Comida na boca do túnel de Pinheirinhos. Na saída é o ponto mais alto da estrada, 155 metros acima de S. Paulo. Sorocaba está abaixo daquele ponto 356. Pouco depois do túnel, curva de 80 m. de raio. Há bastantes e ásperos na estrada e bastante declive, o maior de 1 em 50. Tem abatimentos nos aterros e os trilhos beiram quase a estes, que se fendem. Há 2 túneis além do de Pinheirinhos.

Chegada a Sorocaba ao meio-dia. Daí a pouco fui à Casa de Caridade muito pequena e com 7 doentes.

Mal cuidada; à Casa da Câmara, boa. Havia 17 pessoas.

Máquina de Maylaski de fazer os fardos de algodão depois de descarocá-los em 3 máquinas. A de comprimir o algodão ainda é movida a mão. Emprega o caroço como combustível da caldeira tem 30% de abatimento comparado ao carvão. Já teve ano de enfardar de 80 a 100.000 arrobas de algodão. É grande produção de ao redor de Sorocaba.

Colégio de Meninas de uma sociedade particular. Também Maylaski entra nisto. 16 meninas. Há uma mostra alemã que pareceu-me inteligente.

Estação da estrada de ferro que é boa.

Fábrica de chapéus de Antonio Rogisch, meu conhecido de Carlsbad. Casa muito bem arranjada. Associou-se em Nasel que foi trabalhador com ele. Parece excelente gente. 40 trabalhadores. Pode fazer 60 chapéus por dia. A fábrica Fischer tem uma máquina de formar o chapéu lançando por sopro o pêlo sobre a fôrma que gira, a qual não possui Rogisch.

Cemitério, em posição alta com bonita vista.

Voltei a casa e saímos às 3 ½ para a cascata que é muito pitoresca. Mau caminho para carro.

Jantar às 6.

O Dr. Adams nada adiantou quanto ao terremoto. Assevera que muita gente saiu para rua espavorida e que caíram muros velhos. Ninguém percebeu que o solo tremesse e apenas oscilação de objetos.

Os estrangeiros com bandeiras e músicas saudaram-me da rua falando o Maylaski.

Recebi das 7 às 8.

Te Deum, música detestável.

11h chego do teatro de S. Rafael muito sofrível. Só assisti a 2 atos da peça. A mesma companhia de Amoedo.

O Dr. Adams disse-me que fez a operação cesariana por causa de um feto extra-uterino de 14 meses [*sic*]. A mulher apesar de ulcerações intestinais ficou boa.

Colhi folhas na cascata.

11 ½ da noite fora da janela 61°.

21 de agosto de 1875 — 6h Partida.

Chegada a Ipanema ⁰⁰¹ de vitória às 8.

Fornos altos e oficinas.

Almoço.

Em trole ⁰⁰² à oficina de ustulação e pilões, pelo caminho do mato; pedreira de ferro, de cal camadas inclinadas concordantes com as que se acham a 2 léguas do lado de Sorocaba.

Nem mesmo com microscópio se tem descoberto vestígios de fósseis.

Volta a casa.

Saída a cavalo, até a Pedra Santa, grande massa de camadas de grés que não é do vermelho. Ao pé há uma massa de granito porfiróide, que errou da serra a bastante distância. Debaixo da Pedra Santa dormia o Monge da Gávea.

Lanche.

Saída de trole. Vi as carvoeiras e os limites das terras da fábrica 2 léguas quadradas com bons matos, chegando a casa às 7 pela estrada que segue para Porto Feliz. Vi a escola que de noite é de adultos, mas onde se reuniram as crianças que estudam de manhã. Há 47 matriculadas.

Cadeia e Fundação.

Jantar.

Discussão sobre a melhor direção da estrada de ferro para a cidade de Tietê entre mim, o presidente da província e o Juiz municipal de Sorocaba Toledo, moço muito inteligente.

São 10 ¾. Vou deitar-me. Term. fora da janela 64. Chega no inverno a gelar.

22 de agosto de 1875 — 4 ¾ da manhã 61° fora da janela.

Parto às 5 para Sorocaba. Chegada às 7 a Sorocaba.

Falei a um suíço Budicken engenheiro que me deu uma vista de Sorocaba e tem carta de recomendação do Presidente da Confederação Suíça Schenk e a um Luis Delfino que cria abelhas. Tem 800 cortiços e disse-me que a abelha que dá mais cera é a Mumbuca. Disse-me que aprendera a tratar as abelhas na quinta da Boa Vista, morando com o pai no Pedregulho.

Há outros em Sorocaba que possuem 200 a 300 cortiços.

Ouvi missa na matriz e parti às 8 para S. Paulo.

Chegada ao meio-dia ½. Coberto de pó mudei-me e fui ver o Convento de S. Bento. Repararam-no — não achei as pintura antigas.

Depois à fábrica do Dr. João Ribeiro de fazer tijolos, telhas, panelas, etc. e pedra artificial com ornatos. Os fornos admitem 80.000 e 30.000 tijolos. Faz telhas francesas.

O sócio Clavel está em França e quer admitir todos os melhoramentos. É fábrica importante.

Vi a marcenaria de Sydow. Tem máquinas das mais aperfeiçoadas.

Visitei a triste casa dos lázaros. É uma senzala. Há de ter muito frio. Almoçam um pão de 2 vinténs com água e açúcar. Há 6.

Depois a casa de Carlos Rath velho. Tem coleção curiosíssima do que achou nos sambaquis. Merece ser estudada melhor que no folheto que ele publicou e eu li na volta de Sorocaba.

Enfim o edifício que se fez sob a direção do Quartim para vacaria (?) e mercado — o lugar é central e entre ruas apertadas — a escola normal e tesouraria provincial em cima!

O primeiro andar descansa sobre colunas, e abóbadas de tijolo.

5 ¼ jantar.

De 6 às 8 recepção.

Vi as folhas da planta da estrada de ferro para Bragança.

Fui às 8 à associação propagadora da instrução. Tudo fechado apesar de ter sido prevenido o Dr. Leôncio — é verdade que é hoje domingo.

Teatro de S. José. Assisti somente a ato e meio da zarzuela. Vento muito frio.

Às 7 ½ marcou o termômetro exposto ao ar do lado que não venta 61°. O mesmo há pouco.

23 de agosto de 1875 — 5 ½. Term. noite fora 51°.

Parto às 6 para Jundiaí e Itu.

Chegada a Jundiaí às 7 ½.

Reza matriz.

Almoço em casa do Queirós Teles.

Partida às 9.

Caminho bonito à margem do Jundiaí, que às vezes corre por baixo das pedras.

Chegada a Indaiatuba cerca das 10. Eu só tomei pelo ramal de Capivari, ficando alguém na estação de Indaiatuba. Este ramal tem obras de arte que não há na linha de S. Paulo e Jundiaí onde contudo se passa um túnel de 600 metros.

Ontem houve um desmoronamento numa cava de terra muito friável que se desfazia com a trepidação da passagem do trem.

Pelo ramal de Capivari fui até à estação de Monsenhor antiga Água-choca. Esperei debalde por segunda locomotiva para volta.

Tardando ela julguei o caminho impedido, mas felizmente depois de 3 horas de demora na estação do Montemor pudemos seguir logo que chegou notícia que a segunda locomotiva arrebentara o tubo do injetor pouco distante de Indaiatuba.

Aí cheguei depois das 4 e a Itu passadas 5 horas.

Brilhante recebimento.

Já vi a testa de sua música o Elias Lobo da Noite de S. João.

Depois do jantar fui ao Te Deum.

Acabo de falar com o vigário Miguel meu conhecido e vou descansar. Estive em casa do Queirós Teles na rua do Comércio.

O frio em Jundiaí chega a zero. Em Itu somente a 38 F.

O mais velho dos filhos do Queirós Teles, Barão de Jundiaí, vai montar nesta cidade uma fábrica de fiar e tecer algodão com 36 teares.

Dentro do quarto 68°. Segundo o traçado do engenheiro Bematon fazia-o quase sobre o Salto, o que seria muitíssimo pitoresco.

17h Tendo o termômetro ficado fora da janela algum tempo indica neste momento 60°.

24 de agosto de 1875 — 6h 58° F.

7h Fábrica de fiação do Anhaia. 500 tantos fusos e 25 teares. Só pano grosso. Descaroça o algodão. Teatrinho de 3 ordens com 18 camarotes cada uma e um mais largo no centro da 2ª ordem.

Colégio de S. Luiz dos Jesuítas. Casa grande ainda não acabada. Um leigo italiano chamado Alberani ou cousa assim fez um pequeno aparelho eletro-telegráfico que já servia para comunicar todo o colégio e pinta uma sala — mediocrementemente.

Ouvi alunos: em filosofia — o padre Fialho professor disse-me que ainda não davam metafísica — silogismo; Latim — professor Sabbatini que parece-me muito hábil o rapaz traduziu bem Cícero e Virgílio a livro aberto

Geometria professor Aureli — é o reitor — um menino Toledo mostrou muito talento. Vim almoçar.

Às 10. Casa da Câmara sofrível e cadeia que não me agradou. Poucos presos. O padrão do metro quadrado com pouco cuidado.

Volta à casa e saímos para o Colégio do Patrocínio — as mesmas irmãs da misericórdia — Misericórdia.

Bem montado. — irmãs de S. José. Aulas de 1^{as} letras de Pereira Jorge — primo do marido da Domitila.

Os meninos tinham-se ido — uma professora medíocre — saletas pequenas para os alunos.

E de Latim de Joaquim Mariano — é bom professor desta língua como de francês — rapazes saíram-se sofrivelmente.

Lázaros. Péssima casa. O Padre Bento é muito caridoso para eles, mas também almoçam pão e água com açúcar. Bem arranjado. As meninas recitaram em português e em francês.

Chácara de José Elias Pacheco Jordão pertencia quando estive aqui ao atual Barão de Piracicaba. Plantação de chá colhem de cento e tantas arrobas. Chupei laranjas, assim como comi excelente goiabada.

Estive antes do Patrocínio no sítio de plantar chá de Egídio da Fonseca. Colhe de 200 a 300 arrobas.

Pedreira de Itu — Camadas de grés. Salto de Itu. Até à estação do Salto de estrada de ferro e depois a pé. Ligeiro iris na poeira da água do Salto.

Andorinhas (Taperós) que vem dormir entre os rochedos pegados a eles, como morcegos.

Fábrica que já começou a trabalhar do Galvão. Moviada por água do Tietê. 2600 fusos a 50 e tantos teares. Pano grosso e menos grosso.

Vi as oficinas da estrada de ferro.

Jantar.

Recepção.

Houve gelo desde esta manhã feito em máquina de Caré pelo boticário Teófilo Fonseca. Instituto Ituano do Novo-Mundo.

Aberta a aula de 1^{as} letras noturna de Pereira Jorge. Vão se abrir as de matemáticas elementares professadas por Grey empregado da estrada de ferro e de história pátria do Juiz municipal de Itu, Assis Pacheco.

Biblioteca em princípio. Objetos mandados dos Estados Unidos pelo Dr. José Rodrigues do Novo-Mundo.

Conheci João Tibiriçá. Moço simpático e que parece ter muita inteligência. Estudou química sobretudo na Europa e pretende fazer um curso dessa ciência aplicada principalmente à agricultura.

Elias Lobo e o cunhado Tristão Mariano procuraram-me. Aquele tem composto músicas sacras que prometeu-me mandar para o Rio. Eles [*convidam?*] a um congresso de música na cidade de S. Paulo a 26 deste para cuidarem da proteção e desenvolvimento da arte.

Almeida Leme mostrou-me um projeto de história de Itu com desenhos com principais edifícios feitos por ele que dizem maluco. Talvez a obra seja curiosa.

Às 10 ½ da noite fora da janela 58° F.

25 de agosto de 1875 — 5 ½ no quarto 68 fora 58° F.

Às 6 parto para Campinas.

Chegada às 7 ½ a Jundiá.

Almoço.

Saída às 9 ¼.

Chegada a Campinas às 10 25'.

Caminho mais bonito.

Belo aspecto da estação pela vista e quantidade de gente e de carros.

Casa do Joaquim Bonifácio do Amaral excelentemente preparada.

Almoço.

11h 35' ⁽²⁾ Casa que se constrói para Misericórdia por esforços sobretudo do padre Vieira de que se diz muitíssimo bem. Dizem que até alguém o assustou de noite mantendo-lhe dinheiro na mão.

Linda posição. Ficará talvez o segundo hospital do Brasil ⁽¹⁾.

Colégio Culto à Ciência. Bem montado ouvi estudantes nas aulas de aritmética, física, alemão e latim. Um estudante pareceu-me distinto por seu caráter estudioso — quis traduzir Tito Lívio apesar de não ser o livro da classe — e passa pelo melhor.

O professor de Física Renschler pareceu-me confuso nas idéias.

O de latim é o filho de Hércules Florence.

Fábrica de chapéus — faz 300 por dia — de Bierrembach onde vi um maquinismo para começar o trabalho tão pesado à mão nos tachos de água fervendo. Muito bem montada. Pedi-lhes um chapéu que ele deu de pelo de raton do Rio Grande do Sul.

A fundição é ainda melhor. Tem um martinete automático como não vi no Rio e pretende misturando ferro da Europa e de Ipanema na fusão obter fundições cuja superfície seja endurecida por um resfriamento rápido em forma de ferro. Pode fazer locomotivas e todo o gênero de trabalhos, estudam a introdução do processo Bessemer. São 3 irmãos. O mais velho nascido em Pelotas e os outros em S. Paulo. O pai veio com as tropas estrangeiras no tempo de meu pai e a mãe viúva foi professora em S. Leopoldo.

Fábrica de Sampaio de tijolos por máquina Clayton que faz 4000 em 5 horas. Tem motor de vapor e de água. Fornos de cozer 80.000 e 30.000. Vi o que resta da antiga fundição. Comunicava-se o escritório com as oficinas por tubos acústicos onde se ouvia à distância de 300 palmos. Sampaio, genro do Três Rios parece-me muito inteligente.

Colégio internacional Morton. Muito bem montado.

Ouvi nas aulas de português professor Pestana, álgebra e história e latim o Morton, e grego Dabney, que em 6 meses já fala bem português.

Em álgebra pôs muito bem em uma incógnita de 1º grau a equação e resolveu-a a rapariga Newmann. Vi sobre um harmônio um livro de cantos publicado na imprensa evangélica do Rio.

Cemitério geral e do Sacramento. Nada de notável e não tem capela.

Passei pelos alicerces do novo lazareto de bexigentos, para que há 20 contos de subscrição e fui ao atual muito melhor que os outros. É médico o Dr. Marinho filho do Dr. Marinho americano.

Depois do Culto à Ciência tinha ido ao gasômetro. Muito bem arrumado. 2 gasômetros.

Muito contribuem para esse trabalho assim como para o Lazareto o Tenente-Coronel Quirino dos Santos.

Officinas da estrada de ferro Paulista. Melhores as da Ituana. Apenas fazem reparos.

Colégio de Mme. Florence. Tem três professoras Melles Schmid, Kasselmann e Zoega, sueca. Ouvi meninas em alemão e francês. A filhinha do Hércules Florence respondeu bem em alemão. É espertíssima. Florence mostrou-me pinturas suas. O retrato por acabar do Carlos Gomes está horrível.

Colégio Perseverança do Cesarino e sua mulher pardos. Tem muitas meninas e é conceituado.

Matriz nova. Linda obra de talha sobretudo em altares ao lado do arco-cruzeiro. O altar-mor é obra de um Vitoriano da Bahia.

Casa da Câmara e da cadeia piores que as que tenho visto.

Perto de 6h jantar. Conversei durante ele com o botânico boticário Joaquim Correia de Melo sobrinho do Francisco Álvares Machado. Tem relações com Bureau, Hooker e outros. Descobriu novamente um gênero de bignônia.

É um velhinho muito inteligente, vivo e limpinho. Gostei muito dele. Prometi-lhe a remessa regular da Flora de Martius.

Depois recepção. Vieram os alemães cantar. Te Deum.

O pregador é sofrível e vigário da paróquia da Conceição desta cidade.

Entoou o Te Deum o Cônego Montenegro irmão do da Nova Lousã.

Procurou-me durante a recepção o Dr. Valentim da Silveira Lopes dizendo-me que o fazia pelo bem que eu tratara sua filha que recitou uma parte do Misântropo de Castilho e é professor de S. Cristóvão.

Enfim teatro que é sofrível. Assisti a 2 atos da zarzuela O Juramento.

Term. fora 60° — 1h 5' do dia 26.

26 de agosto de 1875 — 6 ¾ 58° fora.

7 saída.

Visitamos a matriz nova.

Fazenda das 7 quedas. Vi as casas dos colonos. Parecem prosperar, sistema de parceria. Conversa longa com Joaquim Bonifácio do Amaral sobre a colônia. Ele sustenta acerrimamente esse sistema. As máquinas de Lidgerwood para o café estão muito bem montadas e são movidas pela água do ribeirão das 7 quedas.

Almoço.

12 ¼ saída para Nova-Colúmbia colônia de Montenegro associado a Barbosa.

O Cônego Montenegro acompanhou-me. Sistema de salário. Poucas famílias. Casas dadas. Só compram roupa para o que lhes dará o produto das roças. Até três meses tem pago as despesas de seu transporte e adiantamentos. Alguns tem voltado a Portugal com 2 e 3 contos. É a mesma organização da Nova-Lousã que tem mais trabalhadores e foi fundada há 8 ½ anos.

Volta à fazenda do Joaquim Bonifácio.

Lanche.

Volta para Campinas às 4h 10'. Que poeira!

Jantar.

Recepção de 6 às 7.

Veio a Baronesa de Campinas.

Os barões de Três Rios e de Atibaia preferem o sistema de aforamentos de terras aos colonos ao de parceria.

Esteve comigo Correia de Melo.

Trouxe-me Memórias de Bentham e Hooker sobre trabalhos deles. Disse-me que não pensa que o café amarelo do irmão em Botucatu seja degenerescência porque a baga é maior, porém ele mesmo falou de hipertrofia que aumentasse o volume da cereja.

Fui ao teatro. Cheio como ontem. Zarzuela do Campanone. Bonita música.

Chegou esta noite o Homem de Melo do Rio e trouxe-me carta do Bom-Retiro sobre o Monumento do Ipiranga.

Meia-noite — Ter. dentro 70° — fora 62°.

Dia 27 de agosto de 1875 — 6h — 70° dentro e fora pouco depois o mesmo. Saída para a estação.

Partida para o ramal de Rio Claro. Vai-se até Sta. Bárbara 38 km. 9 de interrupção por causa da ponte do Piracicaba.

Encontrei José Vergueiro e outros entre os quais o Dr. Luiz Correia de Azevedo, que é médico na fazenda do Vergueiro.

De volta à estação de Campinas às 10 ½.

11h 50. Benção da estrada depois de ter visto as plantas da estrada e sua continuação até o Mogi-guaçu indo a Piraçununga.

Meio-dia partida para Mogimirim.

Bela vista de Campinas que a estrada rodeia. Pontes do Jaguari e Camanducaia, porém na estação daquele nome tomei pelo ramal do Amparo até o lugar chamado Francisco Soares 8 a 9 km. Volta com 43'.

Segui para Mogimirim. Entre 57 e 58 km de Campinas vi e colhi pedras que parecem escória vulcânicas no sítio de Joaquim Antônio de Campos. João Tibiriçá tinha me indicado o lugar e disse-me que já reconhecera 3 ou 4 crateras.

4h Chegada a Mogi. Benção da estação e launch rápido.

Fui ver o lazareto dos bexiguentos.

A Câmara mandou tapar com paus fincados a parte da rua onde está a casa e entra-se por uma porteira. Quase todos os bexiguentos vão bem. A casa é a melhor que tenho visto destinada para esse fim. Admite até 60.

Escolas fechadas.

Igreja de S. Benedito fechada.

Cemitério bem situado e com muro. Vai-se fazer a capela, mas tem mato dentro.

Colégio acreditado de Mme. Masson.

O vigário que o é desde 1844, sobrinho de Monsenhor Ramalho não trabalha por causa das bexigas. Há medo imenso.

O Presidente da Câmara Tenente Coronel José Guedes de Souza em cuja casa muito bem arranjada estou, fica longe do lazareto até foi comigo de carro. Por causa deste cujos cavalos estão acostumados a trole fui, andei um a pé.

À espera da chave de S. Benedito que não vieram fui um pouco para o lado do caminho de Mato Grosso. Passei pela Igreja do Carmo a melhor mas em construção. Estava fechada e fui à Câmara. Boa casa.

A cadeia tem sala e enxovia. O carcereiro fugiu por causa das bexigas. Do destacamento de 20 praças tem morrido de bexigas um cabo e 2 soldados.

Fui para a casa do Guedes.

Jantar e depois de falar com quem queria fui às 8 ao Te Deum e voltando conversei com diversos.

Boa água e cuida-se de conduzi-la a chafariz na praça onde estão a matriz e casa do Guedes.

Há bonita iluminação nela e um coreto e um pavilhão com músicas. Este tem lugar com cadeiras onde se pode conversar à vontade.

10h 10'. Dentro 72° e fora 40. Tem feito calor.

Perto do sítio do Camargo vi grande fogo no campo. Talvez prejudicasse cafezais. Estes estão em geral crestados de frio.

A terra na maior parte da linha é da roxa que dizem ser a melhor para café e pareceu-me decomposição das escórias vulcânicas.

Amanhã às 5h da manhã parto para Campinas e S. Paulo.

28 de agosto de 1875 — 4 ½ da manhã — Dentro 77° na janela. Há um muro defronte. 76°.

5h Partida.

Chegada a Campinas às 7h 20'.

Almoço e às 8 partida para S. Paulo.

Chegada às 11h e 10'.

Visitei as oficinas da estrada de ferro inglesa e a capelinha dos ingleses da estrada, com seu harmônio que tocou um dos trabalhadores.

Segui para casa e daí fui à fotografia de Gaspar e Carneiro. Tirei meu retrato 2 vezes. Creio que não saiu bom.

Antes fui ver na enfermaria um soldado que dando salvas pelou a mão direita por causa da camada que introduziu sem havê-la molhado.

Ouvi no Curso Jurídico os professores Francisco Aurélio de matemáticas, Galvão Bueno de filosofia. Muito distinto segue a doutrina de Krause. É filho de quem me hospedou em 1846 no Ponto Alto.

Pinto de Mendonça de história. Leciona muito bem. Vale, de retórica, idem.

Às 1 ¾ chegada à estação da estrada de ferro do norte. *[Ilegível]* fui até Itaquera, distância de 28 km. Houve aí lanche e às 3 ½ volta. *[Ilegível]* os que me obsequiaram nas estradas de ferro e Costa Pinto e mulher para o jantar.

Das 6 às 8 recepção.

Fui à conferência do Dr. Barata sobre a vacina no teatro Provisório. Mediocre e divagou bastante.

Associação propagadora da instrução popular. Mais de 400 alunos. Interroguei alguns da aula primária. Responderam bem. Alemão e outras matérias. Mendes Paiva fez boa preleção sobre a fundação dos Jesuítas em S. Paulo e antiga cidade.

Vim para casa às 10h 40. A água de Campinas é muito calcária. A de S. Paulo não me satisfaz a sede.

Depois das 8 da noite. Term. fora 56°.

São 11 ½. Vou dormir.

Chuviscou ontem em Mogimirim. Esta noite choveu bem em São Paulo. Venta agora.

29 de agosto de 1875 — 6h 40'. Fora 56°.

Plantações de Carrão para um lado da Penha na distância de légua ½ de S. Paulo. Julga que fará 60 pipas de vinho e colhe 30 arrobas de chá. Abandona a uva Isabel porque tem pouco açúcar e um gosto desagradável. Prefere a todas a Catiba. Vai deixar a vinha alastrar pelo chão. Vinha Supernoni. Dá 340 cachos de 20 e tantas bagas do tamanho de laranjinhas. Pôs açúcar no mosto da uva Isabel porém ficou calda. Não crê no processo de Pasteur para conservar o vinho. Pisa em máquina. Tem também muitas árvores frutíferas.

Na volta ouvi missa na igreja do palácio, almocei e segui para Santos.

Neblina na serra.

Chegada à 1 ½.

Às 2h fui ver a Câmara — Municipal e cadeia muito boas as melhores de S. Paulo.

Só notei a célula escura que não tem bastante ar.

Casa da Misericórdia boa, à exceção do quatinho para banhos.

Telegrafia elétrica. Esta madrugada houve aqui forte trovoadas e muita chuva. Ainda chovia.

De Petrópolis disseram tempo bonito, muito quente.

Do rio Nimbois vento muito calmo. De Iguapé Paranaguá e Porto Alegre tempo chuvoso.

Quartel dos aprendizes marceneiros. Tudo muito bem arranjado. O comandante é o capitão-tenente Palmeira.

Matriz para ver sepulturas de Brás Cubas fundador de Santos e da Misericórdia — 1553 — e de Estêvão Raposo.

Beneficência Portuguesa. Ainda não está de todo acabada. Gastaram com essa casa 80 contos!!

Capitania do Porto.

Jantar às 5.

Recepção das 6 às 8. Te Deum.

A Rua do Comércio onde eu moro está iluminada a gás no gênero da do Ouvidor no Rio em noites de festa.

Teatro pequeno de duas ordens de camarotes. Companhia Amoedo.

É quase meia-noite. Term. fora muito tempo 66°.

30 de agosto de 1875 — 50h 50'. Fora da janela 66°.

6 ¼ partida para ver um sambaqui ou sambaguê no lugar

Casqueirinho da família Bueno. Ossos pedras trabalhadas conchas ostras.

Volta às 8.

Remessa encomendada para o Rio de grande conglomerado de ostras e ossos que parecem de esqueleto inteiro com uma espécie de argila vermelha que sempre indica esqueleto inteiro.

9h 20'. Almoço.

10h Fui depois de ver a lápide de S. Vicente tomando bondes em caminho. Tem aumentado do lugar onde estão os ossos ao lado de José Bonifácio no Carmo. A. C. do Carmo mandou pôr a pedra.

Casa da Câmara destelhada pelo vento a 22 de outubro de 1874.

Rápido lanche.

Volta em carro pela Barra vendo a capelinha de Sto. Antônio do Embaré e depois em bondes.

Alfândega muito acanhada para a renda.

Muito boa ponte.

Escola de meninos no Carmo. Má. Mesa de rendas provincial.

Praça do Comércio nesse canto. Vi aí plantas do cais. Escola de meninas sofrível.

Em casa antes das 3.

Jantar à pressa para aproveitar o dia na viagem.

Vi jorrar água até acima do paredão em que morava à rua direita por cima das bocas de incêndio a que se aplicou uma mangueira.

Embarquei antes das 4 e às 4 já estava a caminho afastado de Santos. Andamos em toda a viagem 165 léguas [ininteligível].

No caminho para S. Vicente vi a fábrica de gás. Bem montada já encomendaram segundo gasômetro.

31 de agosto de 1875 — Ontem às 9 ½ passamos por S. Sebastião.

De 1h por diante trovejou [*ilegível*] com relâmpagos e choveu.

Entramos a barra do Rio às 9h 11'.

VOLUME 17
2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 1ª PARTE (AMÉRICA DO NORTE)
29/04 a 24/06/ 1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

134 m. de S. Francisco Brighton.

Vale do Sacramento. Abunda em ouro. Produz muita fruta — exportam-se frutos verdes e secos. As vinhas já deram colheita de 300.000 galões de vinho e brandy. O monte Shasta de cerca de 13.000 pés de altura é a origem do rio Sacramento. Vasta planície toda plantada e florida. A *O[este].* das Rocky-Mountains não há mina que seja aproveitada exclusivamente pelo minério de chumbo e contudo mais da metade do chumbo extraído em 1875 nos EE.UU. vem do *O[este].* de Missouri.

Lindas plantações nos subúrbios da cidade de Sacramento. Vai-se de vapor desde S. *Fr[ancisco].* até aí. Em Sacramento fui ver o Capitólio; magnífico edifício com lindas escadas internas e bela livraria. Na volta para o trem passei por algumas ruas. Que belas rosas encarnadas há nestes jardins!

Na vinda examinei aqui as oficinas centrais desta estrada de ferro. São muito importantes; porém não tão bonitas como as da estrada de ferro do Rio. Junction de muitos caminhos de ferro e em breve futuro do estreito de Behring que pretende fazer o Yankee-Tunnel abrindo um destes por baixo do estreito. Ir-se-á assim por estrada de ferro de N. Y. até Lisboa. E a América do Sul?

Rocklin — daqui puxa-nos uma e empurra-nos outra locomotiva por causa da rápida subida. New Castle. Para a esquerda subindo ficam as antigas minas de Ophir, Virginia-City, que ainda tanto produzem. Daqui lanço a última vista sobre o vale do Sacramento e Auburn — 8m. S.E. fica a célebre caverna de alabastro com púlpito, sanefas etc. Antes de chegar aqui há um corte de 85 p. a. e 800 comp.

Antes de Clipper Cap passou-se por velhas Washing-mines onde trabalhavam há poucos anos milhares de homens. Túnel de 700 pés de comp. Pouco depois começam os pinheiros. Colfaz 5 ½. Já vai diminuindo a luz. Daqui vai-se para as minas de Nevada. Só para as de Cronstock estão fundindo em S. Francisco máquinas do valor de 2 a 3 milhões de dólares. Colfaz está a 3448 acima do mar. O viaduto de Cape-horn 878 pés de comp. e 113 de a. 7 horas. Custa a ler sem luz. Passado o lugar mais belo da estrada que beira o precipício de 1000 a 2000 pés que forma o vale do American-River-Blue Cañon 217 m. de S. Fr. não pude ver mais daí por diante.

Às 11h paramos entre Cisco 13 m. adiante e Summit mais 13 até agora 6 ½ da manhã de

30 de abril de 1876 - Dizem que há um trem adiante. É de mercadorias. e desencarrilou porque houve descuido em não fechar a agulha.

Estaremos dentro deste snow-shed, de luzes acesas no vagão até talvez 3 da tarde.

7 ¾. Felizmente anda o trem. Raiou o sol para nós sobre montanhas cobertas de neve e de grandes pinheiros. Entramos noutro snow-shed. Trens de mercadorias e passageiros parados à nossa esquerda. Vamos seguindo bem.

Na subida das cristas do Summit há uma sucessão de tunnels e snow-sheds dos quais o maior tunnel tem 1659 p. de *c[omprimento].* e os outros de 100 a 870.

Comprado snow-shed 23 milhas ao custo de 10.000 dólares por milha.

8 ¼ Summit — A estação vê-se quase coberta pela neve e gelo por entre as tábuas do snow-shed.

8h 40m. Donver-lake no fundo dos precipícios à esquerda. Aí morreram entre os gelos Donver mulher e filhos; outros imigrantes seguiram seu caminho a tempo. Isto sucedeu no inverno de 46 e 47, e o lugar ficou-se chamando Statawaton-Camp. Descemos desde o summit pelo próprio peso somente.

Truckee. 12 milhas S. lago Tahoe. 6.000 habitantes outro guia dá 2.000. Com muitas serrarias. Margeamos o rio Truckee que, as neves derretidas, tem engrossado. Está na Nevada-Country célebre por escolas públicas. Atravessado o

Truckee para a margem direita. Corre rapidamente e um pouco encacheirado. Antes de Bronco deixa-se a Califórnia. Atravessado para a margem esquerda. Outra vez para a direita. Verdi 4.915 pés de a[ltura].

Nada de importante. Outra vez para a margem esquerda. O vale de Truckee é muito apertado às vezes.

Começam os sage-brush (espécie de alfazema) não muito longe do Reno 4.525 pés de a[ltura].

1000 habitantes 2 jornais diários.

Passeamos entrando numa livraria com boas obras. Já havíamos feito o mesmo em Truckee onde li na parede de uma casa Photographic-Gallery.

Virginia-City onde há as célebres minas de prata está situada a 51 m. da estrada de ferro. Perto de Virginia-City ficam as de ouro de Gold-Hill. A de ouro de Cronstock Lode produzirá 25 milhões de dólares por ano depois de feito o Sator-Tunnel cujo tronco terá 19.700 pés de c[omprimento]. e os ramais 12.000. Custo de quase 4 milhões e 500 mil dólares. A 12m. S[uperfície]. estão as Steamboat-Springs, algumas de muito alta temperatura.

Vão-se vendo áreas cultivadas; mas abunda o sage-brush

Morros ao longe de ambos os lados, e os da direita com mais ou menos neve.

Estreito da bacia do Truckee pouco antes vi algumas manchas de neve nas faldas menos da esquerda. Agora não se vê neve de nenhum lado. Solo pedregoso. Algumas casas espalhadas.

1h ¼ Wadsworth - 250 habitantes limite ocidental do [ilegível] mas antes quase que o era já.

O Truckee foi atravessado outra vez pouco antes deste lugar.

Entrou um homem e perguntou-me se eu era D. Pedro I, à minha resposta II apertou-me a mão, agradeceu-me e foi-se, este foi o mais simples de muitos shakehands que tenho tido.

Wigwans e índios.

O reservation dos Piutes fica a 18 m. N.O.

1 2/4 duas casas isoladas. Nem mesmo há muito sage-brush Vê-se bem o álcali branco na superfície do solo denudado. Casas, e sacos empilhados formando um cercado. Hot-springs

A ½ m[etro] da s[uperfície] estão as obras da companhia de extração de bórax as quais custaram 200.000 dólares.

Há ao longe à esquerda uma coluna de vapor de alguma hot-spring.

2h ¼. Nesta hora não andamos mais de 20m.

2h 35. Duas casas. Alarga-se muito a planície e descobre-se à direita uma serra com alguma neve.

Descobri à direita outra coluna de vapor muito distante. Casas e sinais de próxima estação. De ambos os lados descobrem-se ao longe nas curvas dos montes rochados de formas mais ou menos escabrosas. Algumas montanhas parecem cones truncados sobrepostos com bases de raios diferentes terminando em ponta.

Nada vi no lugar Mirage do fenômeno que lhe deu o nome.

Às 3 margeávamos o lago Humboldt que vi até 3 ½. Está cercado de montanhas além das quais se descobrem outras, elevando-se do lado para onde vamos ao Rocky-Mountains ou Humboldt-Range com suas carapuças bem brancas. Já falei na vinda a respeito deste imenso reservatório de águas. V. o n° 11, de março, da Mining Scientific Press publicada em S. Francisco pg. 162.

Passamos às 3h 10' pela estação de Browns.

Temos visto hoje muito pouco gado.

Antes de Lovelock há o Grande Nevada Desert. A base do solo é argila e lava.

4 ¾ Rye-Ratch Estamos perto das Mountains-Rocky à direita. Humboldt.

5h 5. 7m. N.E. Star-Peak o mais alto Humboldt-Range, coberta sempre de neve.

2 ½ m. S.E. 5 minas ricas de ouro e prata. Perto do coração da mina bórax. A uma milha passou-se à direita por uma mina de enxofre quase puro. Junto à estação há jardins com hortaliças e frutas, e defronte uma bonita fonte. O terreno foi irrigado. Dei um passeio. Levo uma linda amostra de enxofre nativo presente de um homem que me viu à janela do vagão.

Partimos às 6h Terreno alcalino e de sage-brush

6h 24'. Mill-City. A 18 m. S.O. Unionville rica mina de prata.

7h 25'. De Browns para cá andamos na razão de pouco menos de 25m por hora. Winnemucca (nome de um cacique Piute). Há muito minério de prata por estes arredores, e grande número de moinhos e fornalhas para extração da prata.

Achou-se o Daylybun de N.Y. de 25. Nada vi nele de novo.
8h Agora vou cear como de costume. O almoço é às 8 e o jantar às 3.
Cessa o diário até poder ver.

1 de maio de 1876 — De noite 236 m. (a 26 m. p.h) Um snow-shed agora. Outro. 3°, 4°, 5° mais de 6.000 pés de a[ltura] 6°.

É a Pequop-Range. Passamos de noite por Shoshone onde há ricas minas de cobre no Rose-Creek por Palisade a o[este]. do qual está o Devill's Peak de cerca de 1.000 pés de a[ltura].

Numa fenda do cimo deste há restos de um nicho de pássaro gigantesco de espécie extinta, ou da família condor por Elko com 1000 habitantes.

Ao N. da cidadezinha está a university que custou 30.000 dol[áres].

Por Wells cerca dos quais estão os Humboldt-Wells, cujo fundo não se achou e parecem crateras jorrando água ligeiramente salobra.

Por Independence. Grande parte do vale é muito produtiva e ocupada por sutlers.

Chegamos a Ivans 3 milhas atrás apenas de Salt-Lake; fim da bacia Humboldt 7 m. Passamos a linha ocidental do deserto. A maior parte da superfície deste é areia misturada de conchas marinhas e fragmentos fossilizados. Só em séculos futuros será este deserto habitado pelo homem.

Tonno está a 5964 pés de a. Tenho visto mais neve perto da estrada.

6h Seguimos. Colinas cobertas de sage-brush Algumas casas. Mais um snow-fence.

7h 10' Tecoma. Minas de prata e chumbo a 5 m. Indicações de carvão de pedra na vizinhança mas ainda não aproveitado sistematicamente. Poucas casas. Vasta planície de sage-brush

[Desenho]

morros à direita não muito altos.

7 ½. Vêem-se ao longe as águas de Salt-Lake. Passamos um lugar onde havia trilhos com vagões de carvão de pedra. Andou-se muito pouco e paramos. Passamos por depósito de carvão.

8h 5'. Terrace. Oficinas da companhia. N[orte]. vê-se a entrada para Thousand-Spring-Valey.

Partida 8h 35'.

9h À direita e pouco distante vasto plano de sal e no fundo o Salt-Lake. Natlin quase no centro E.O. do Deserto Americano de 60 m².

9 ½ aproximamo-nos de St. Lake.

10h 7' Kelton (ou Indian Creek). Daqui há linha para Idaho e Oregon. Todo o terreno esbranquiçado de sal. Tem já suas casas. Vi um carro com 5 parelhas de bestas. Sempre o mesmo deserto.

10 ½. A ilha do Salt-Lake parece pela miragem destacar-se da superfície do lago.

10 ¾. Como está verde-claro a água do lago apesar de não haver verdura nas margens! Montanhas cobertas de neve no fundo e por cima de uma faixa azulada superior a outra pardacenta que borda o lago verde-claro. Deste lado campo acidentado de sage-brush

11 ½. Passa-se entre colinas que escondem o lago.

11h 40' Promontory. Aqui se ligaram em 1° de maio de 1869 os dois trechos da estrada que vinham de O[este]. e de E[ste]. Então a de O[este] só chegava a Sacramento.

O presidente da Companhia do Pacifico Loland Stanford (conversei com ele em S. Francisco. Muito simpático) pegou no martelo de prata e quando curvou o último prego estando o martelo ligado com os fios do telégrafo transmitiu-se logo a notícia deste sucesso a toda a Confederação.

Temos um trem adiante

2h Adiantei agora o relógio de uma hora por virmos para E[ste].

Acabo de dar um bom passeio. O trem que temos adiante descarrilou. Talvez percamos o trem de Ogden.

Vi um rompe-neve que puxado por 10 ou 12 locomotivas vai rompendo neve de 6 pés de altura com a rapidez de 33 m. em 50'.

4h Parados sempre. O trem que ia na mesa direção desencarrilou por causa de um boi. Cavalgaram 11 carros uns nos outros. Morreram 2 pessoas e 2 feridas. Soube-se isto pelos passageiros que vieram até cá. Um deles, gracejando, disse que o desastre sucedeu a 11 m. O[este]. que depois que por brincadeira fingiram num vagão que encomendavam um bêbado como morto.

Larga 7h 23'. pequena paradinha, e segue às 7h 29'.

O S. de neve. Atravessamos solo pedregoso.

Perto das 8 chegamos à vista do lugar do sinistro. Apesar de termos avisado por aviso telegráfico estamos 8 ¼ aqui. Já ceamos.

9 ¾. Acabamos de passar pelo lugar do desastre. Que montão de vagões! A locomotiva caiu para a direita e fora dos trilhos que percorremos. Graças a Deus!

10h 36'. Corinne. As terras circunvizinhas só carecem de irrigação para serem produtivas. Antes de Corinne ao N. de Utah ficou o Montana-Territory — Aí é que depois das explorações do Dr. Hayden e maravilhas que observou foi votado pelo Congresso o estabelecimento do Great-National-Park uma área de 55 por 65 milhas de extensão. Esta região tem a aparência vulcânica mais maravilhosa de toda a União. Acha-se aqui o geyser que durante horas jorra uma coluna de água a ferver de 15 pés de diâmetro e 150 de a. Outro jorra água quente a 200 pés de a[ltura] com mais de 1 pé de diâmetro. No que não creio é que o Yellow-Stone corre por tal plano inclinado de lajeado de pedra que na distância de 20 m. fica a água a ferver por causa da fricção!

Na estação próxima de Bonneville vêem-se nas montanhas os sinais das três alturas a que já chegou a superfície do S. Lake.

Perto de Union-Junction, última estação antes de Ogden há diversos hot-springs. Tem bonito hotel olhando para as Wistach-Mountais cobertas de neve que vou [ilegível] à minha esquerda.

Não me deitei ainda porque desejo saber se tenho ou não de ficar em Ogden por causa do trem.

Tenho visto o S. Lake do lado direito ao luar. Infelizmente há nuvens e névoa.

11h 44' Ogden. Seguimos daqui a pouco.

2 de maio de 1876 — 5 ¼ Evanston. Andamos 77 m. 6870 pés de a[ltura]

A 3 m. E[ste]. minas de carvão em Alma.

De noite passamos pelos pitorescos canyons e da árvore que marca 1000 m. de Omaha.

Antes das 7h seguimos.

7 ½ Hilliard. 12 m. estava a Bear-river-city (Beaver-City?) que foi atacada em 1868 pelos voughs, que fizeram diversos danos e destruíram o material do jornal Frontier-Index que ia mudando de lugar à medida que progrediam as obras. Campo de sage-brush com lençóis de neve — 1º snow-shed — 2º (comparo com os snow-shed a catimplora) aí paramos um pouco.

8h 5'. Seguimos. Mais 5 catimploras quase seguidas.

9h 7'. Passa-se Bridges terreno com pequenas colinas de sage-brush e pedregoso. Na parte dos snow-sheds e pouco antes e depois vimos snow-fences.

9h 25'. — Carter — Em Fort Bridger a 10 m. S.E. reside quase sempre o cacique dos Shoshones Was-a-kie. Chama-se Bridger de Jim James Bridger o mais notável pioneer do O[este].

Nesta região os mórmons cometeram grande depredação em um comboio de 230 pessoas, dizem só chegaram 80 aos estabelecimentos dos limites tendo também sofrido das facas dos selvagens e de fome. O acampamento do Fort também padeceu muitíssimo pela falta dos gêneros do comboio. Muitos dos soldados abandonaram suas companhias e partiram para S. Lake-City. Isto foi em fins de 57 primavera e 58.

[Desenho]

Do mesmo lado uma colina quadrângulo-piramidal. Ponte atravessada sobre o arroio Muddy. Outra.

10h 10'. Church Buttes. Solo com muitas ágatas. Colinas de ambos os lados com formação igual à desenhada. Snow-fences à esquerda. Nenhuma colina figura igreja. Passando outra vez o Muddy. Passa-se o Hammer's Fork.

10 ½ Granger. As terras do vale desse rio dão muito pasto e a parte superior feno. Talvez irrigados produzam pequenos cereais. Passa-se outra vez o Hammer's Fork. Já vemos o Green-River à direita e descemos pela margem esquerda.

11 ¼. Bogan. Descobre-se ao longe à direita uma serra cheia de neve. Atravessa-se o Green-River para a margem esquerda. Estação de Green-River 6140 pés de *a[ltura]*.

[Desenho]

Da direita montanhas esverdeadas e com placas de neve. Tem bastantes casas. Atravessa-se o rio 12h 36'. Outra vez. Id. Id. Id. Terreno todo escabroso árido e cheio de Sage-brush Passa-se outra vez o rio. Não lhe achei a cor verde. Exploram-se os canyons deste rio e do Colorado em que se lança; mas não se acharam navegáveis.

1h 11'. Rock-Springs. Águas a ferver. Na ida bebemos água daqui quente e com gosto férreo. Nesta estação há um poço artesiano de 1.145 pés de profundidade. Perto minas de carvão abundantes e de boa qualidade. Tem bastantes casas. Atravessa-se o rio.

2h 12'. Snow-fence à esquerda. Deserto de sage-brush

2h 6'. Salt-Wells. Achou-se carvão no Creek (arroio)

2h 25'. Terreno muito escabroso as colinas apresentaram-se às vezes como morros que parecem de adobe, ou antes terra amassada. Até aqui a mesma formação de Green-river.

2h ½ Point of Rocks bem posto. Há aqui um poço artesiano de 1.015 pés de *prof[undidade]*, água abundante e pura. Minas extensas de carvão perto daqui.

O prof. Hayden diz que nestes rochedos encontram-se vestígios de uma palmeira de leque, que, na época de sua existência devia ter folhas de 10 a 12 pés. Há diversas cavernas. Cave-of-Sand; Hermit-Grott.

2h 37' Seguimos. A lua deve ter uma superfície quase como este terreno. Atravessa-se o rio. Outra vez algum tempo depois. Outra vez. Minutos depois outra vez.

3 ½ durante a ½ h do jantar passa-se 3 vezes o rio (ou antes arroio de há muito). Deixamos Block-Buttes, mais uma vez se atravessa o rio. Percorremos grande chapada da mesma aridez. Table-Rock 6890 pés de *a[ltura]*. Está na extremidade do deserto. Antes de Green River já era árido terreno e desta estação até Table-Rock são 70 m.

4 ½ Snow-fence à direita.

4h 40'. Red-Desert. O solo é mau entre Table-Rock e Creston (38 m.). Compõem-se de ardósia e argilas calcáreas e apresenta um vermelho escuro de hidro-sesquióxido de ferro. Snow-fences destacadas à direita na campina que no princípio aparecia alagada. Snow-fences com neve à esquerda. Bastante neve entre snow-fences à direita. Mais snow-fences de ambos os lados com neve.

6h 6'. Creston 7030 pés de *a[ltura]*. A estrada vai passando por entre baixas e mais ou menos perto dela. Snow-fences à esquerda com neve. Separation

6h 20' — Assim chamada dos survayors que depois de terem estado durante as últimas 100 m. tomaram diversas direções para O. Há muitos poços artesianos ao longo da linha alguns dos quais perfurados em 18 meses. Snow-fences de ambos os lados mas não vejo neve. Rawlins

7h 6' 6732 pés de *a[ltura]*. perto há uma fonte sulfurosa. 30 a 40 m. ricas minas de prata dos distritos Ferris e Semi... A 2 milhas da estação uma mina de terra para pintar. Dei um passeio. É povoação que cresce. Tem oficinas da estrada de ferro. Vi peles de antílope, raposa e elk.

Partimos às 7 ½.

3 de maio de 1876 - 5 ½ da manhã. Snow-fences à esquerda. À noite passamos St. Marys-Wyoming onde ha uma espécie de sapo com chifres e cauda. Carbon onde se descobriu carvão pela primeira vez na Union-Pacific — R.Q. — como onde há lago do devil-fish com cabeça de peixe corpo de lagarto. Antes de Lookout na planície percorrida por elk sobretudo no inverno — gamos e antílopes. Wyoming povoação de alguma importância — Laramie City com 1000 hab. As planícies de 20 m. sobre 60 são uma das melhores seções para cria do gado nesta região.

Há oficinas da Companhia Fort Sanders posto militar considerável onde na ida tocou a banda de música e apareceram os oficiais. Passamos o Dale-Creek-Bridge, antes de Sherman, obra importante pelo comp. 650 pés e a[ltura]. 126. — Sherman — 8242, ponto mais alto de toda a estrada.

O termômetro Fahr. marca de 82° acima até 30 abaixo de O[este].

Há muitas fontes.

Não é a quantidade de neve que faz à estrada, porém o drift dela nos cortes.

Há oficinas da companhia — Granite Canõn. Há extensas pedreiras.

6h 16' Cheyenne 6041 pés de a[ltura]. Antes de chegar a esta estação alguns snow-fences à esquerda e passa-se um rio (agora arroio).

Belo Inter-Ocean-Hotel. 3000 hab. Escolas e igrejas em número suficiente. O subsolo é milenar e contem fósseis marinhos em grande quantidade. Tribunal que custou 400.000 dol[áres]. Diamantes, esmeraldas e ágatas. Oficinas de pedra trazida de Granite-Canõn a 19 m. O. A estrada de ferro do Denver-Pacific vem a Cheyenne e vai a Colorado Territory rico por minas de ouro; ferro, prata, carvão e cobre como por suas pastagens e florestas e que já tem milhões de carneiros e vastas manadas de gado.

A Denver-and-Rio Grande R.N. foi a primeira de bitola de 3 pés construída no Colorado.

Passei em Cheyenne onde tornei a ver o grande urso empalhado defronte de uma loja.

Vi um homem carregando 2 belos salmões, que disse serem de Oregon.

Partimos às 6 ³/₄. Percorremos planície ondulada coberta de relva. Snow-fences à esquerda.

7h Saímos de um dos catimlores (snow shed) que levamos poucos minutos a atravessar. Li 2 diários de Cheyenne, de hoje. Falam do desastre de Promontory, antes de ontem. Mais snow-fence à esquerda. Pine-Bluffs. À direita viram-se os bluffs. Já 42 m. de planície de grama. Adiantei ¹/₂ hora em Cheyenne relativamente à hora de Ogden.

9h Snow-fence à esquerda. Entre a passada estação e a de Antílope estão como dizem os plaint-men "The best grass country in the world", excelente para engorda. Esta pastaria estende-se 700 m. N.S. a E. das Rocky-Mountains e cerca de 200 de lat. não incluindo a superfície dos vales.

9 ¹/₄. Deixamos Bushnell.

9h ¹/₂. Passamos por Antílope. Tenho visto desde a manhã casas espalhadas pela campina e algum gado, e cavalos.

10h 10' Potter — Aqui vem grande quantidade de madeira de 20 m. N.

Passamos Prairie Dog City, onde abundam Spermophilus-Ludovicianos. Vivem em buracos como corujas; cascáveis, lagartos de chifres e tartarugas. Os índios chamam-nos Wish-Tin-Wisch Na ida alguns viram-nos, porém eu não pude ver nenhum.

Pouco depois de Potter colinas pedregosas à esquerda.

11h 12'. Sydney. Porto de expedições às minas de ouro de Black-Hills. Passei como na ida. Há aqui um acampamento militar. A temperatura está fria. O termômetro logo depois de tirado da mala marcava 58°. Mandeí pô-lo ao ar. A companhia tem aqui oficina. Vi armando-se uma casa de madeira que não observara na ida.

Partida 11h 6'. Snow-fence à esquerda. O termômetro fora só desceu a 42 ou 43°. O aspecto do solo é quase o mesmo; mais acidentado.

12 h ¹/₂. Julesburg. Passamos. Daqui vai-se a Colorado; New Mexico, etc. Em junho de 1867 quando estrada chegava somente até aqui Julesburg tinha 4000 hab. Poucas casas agora.

Chegamos, 1h 4'. O braço S. do rio Platte que é longo e corre na nossa direção beirando-lhe nós a margem esquerda. O Platte lança-se na margem direita do Missouri.

1h 12'. Passamos por Big-Springs assim chamado por causa de uma fonte abundante; a primeira achada nesta estrada do lado oposto à estação. A água excelente, a melhor da estrada —

2h 10' — Ogallala à margem do braço S. do Platte. Perto daqui, há anos, os índios tentaram descarrilhar um trem, amontoando os pôneis adiante dele. Muitos pôneis foram mortos sem dano do trem enquanto os do trem usaram as facas e espingardas. Os índios que conheciam então a locomotiva chamaram-na "Smoke-wagon-big-chief! Ugh! No good!"

Vejo mais cabeças de gado perto da margem do S. Platte.

2h 35'. Alkali — Passa a galope um homem com um laço do lado esquerdo cavalo. Cercado de madeira e poucas casas; algumas cobertas de terra, como tenho visto pelo campo, durante a viagem. Vi há pouco, alguns prairie-dogs um todo fora do buraco.

3h 6'. O'Fallin's Bluffs ao sul do rio. Do lado oposto e estendendo-se para cima uma grande ilha acampamento dos índios. Daqui até Julesburg há o alkali-belt — cerca de 70 m. Tenho visto largas manchas brancas ao álcali sobre a terra. Aqui começam as melhores farming-lands.

3 $\frac{3}{4}$ — North Platte — Passeei. Bom edifício para escola do 1º distrito. Bela casa já quase acabada para o Court. Três igrejas pequenas. Pouco próspera. Tem uma companhia de infantaria cujo comandante veio falar-me. Diz o guia que já houve aqui 2000, mas que estão reduzidos a centenas depois que a estrada continuou. Não me parece exato. Comunica-se facilmente com Big-Horn-Country rica em matas, carvão e ferro. Partimos.

4h 18'. Passamos 4h 28' em 3 a 4' muitíssimo devagar o braço N. do Platte. A água é muito amarela. Campina mais ou menos verde, linha de colinas ao longe de ambos os lados. À direita, mas não se vendo, corre o S. Platte. Willow-Island

6h Vimos à esquerda, antes de chegar à estação, fortes construídos de logs com loop-hales de todos os lados. Servem de refúgio aos settlers. Depois de passar Covote ao longo de cujo rio há muita madeira cotton-wood.

Deixamos 7h menos 13'. Plum-Creek. Em torno do antigo Plum-Creek houve muita matança dos primeiros imigrantes pelos Sioux, Cheyenne e Araphoe. Aqui em 1868 os Sioux atacaram um trem para roubarem. Depois vieram os Pawnees a serviço dos Estados Unidos e enforcaram 16 Sioux defronte do acampamento dos Pawnees.

As colinas que limitam à direita e esquerda esta vasta planície, estão muito afastadas.

7 $\frac{1}{2}$ — Ainda se lê sem luz. Snow-fence à esquerda.

7h 35' El-Creek 2241 pés de a[ltura] — 272 m. de Omaha onde podemos estar da 5 para as 6h da manhã.

4 de maio de 1876 - Chegamos a Omaha 5h da manhã. Passamos de noite por Grand-Island 1000 a 1200 hab. Quando a estrada chegava até aí havia muitos búfalos, estendendo-se seu aparecimento até 200 m. para O[este]. Estes animais foram obrigados a atravessar o Platte vindos dos vales de Arkansas e Republican onde tinha inverno voltando de novo gordos no fim do outono; porém desde que esta região povoou-se poucos tem sido vistos. Em 1860 havia números imensos deles ao sul do Platte — perto de Fort Kearney. Eram tão grandes as manadas que os imigrantes paravam até os búfalos atravessarem a estrada para Fremont com cerca de 3000 hab.

Tem 7 igrejas e belas escolas. Já 7 anos era a thiring plane in the midst of a beautiful country. A linha de Fremont and Elkim transportou em 1873 mais de 2000 carros de trigo — e para Elkhorn em cujas planícies há peru (turkey) selvagem, antílopes e gamos.

Omaha tem 18.000 hab. Na ida andei por ela. Belo edifício da Universidade ou antes high-school. Publica 3 diários em inglês e também em alemão; outro boêmio e outro escandinavo. Há oficina da Companhia. O edifício do correio e tribunal tem 4 andares e custou 350.000 dol[áres]. Visitei então as Smething-Works para separação da prata do chumbo e ouro no valor anual de 1.000.000 dol[áres]. A companhia erigiu no seu depot uma casa para emigrantes. Omaha está a 9660 pés a[ltura] do mar.

Na ida seguimos de Omaha para Dunlau, Denison, Tip-top, etc. Agora voltamos para outra linha a Chicago. Temos de andar 504 milhas a 20 por hora fazem 25 a 26 horas.

6h 7' — Saímos e vamos atravessar o Missouri em ponte de ferro com dormentes de madeira no que gastaram-se andando devagar quase a passo de cavalo 8'.

O rio deixa grande parte do que cobre descoberta. Até Council-Bluffs a 11 m. Mesmo caminho da ida. Planície como a mesma entre Sydney e Omaha (410 m.). Estivemos muito tempo parados junto a diversos trens, mas enfim 6 $\frac{3}{4}$ partimos — Tornamos a parar. Move-se de novo. Passa por oficinas.

7h Creio que vai agora seguindo. Para em Council-Bluffs. Vi bonitas casas com jardinzinhos. Adiantei o relógio de $\frac{3}{4}$ em relação a Sydney.

8h 10' partimos. Terras cultivadas, mas água como de inundação em diversos lugares. Choveu de noite e está com aspecto chuvoso. Menos frio que ontem.

Na direção que seguimos na ida nada houve de notável. Tenho lido bastante dos guias, o 1º volume das poesias de Bryant, poesias de Miller, que sinto não ter encontrado em S. Francisco — achava-se em Inglaterra onde de certo há de ser devidamente apreciado, assim como Bret-Heart que está em Boston — e agora leio a viagem de ao *O[este]*. dos Estados Unidos de Kirchoff.

Não sei se falei do Tabernáculo Mormón que visitei em S. Lake. Admite de 7 a 8.000 pessoas e tem imensa cobertura de abóboda de madeira que não se apoia em pilares. O órgão é imenso e tem 3.000 tubos. No tempo frio por não ser possível aquecê-lo celebra Brigham Young noutra menor ao pé daquele.

Tocamos em Pacific-Junction donde seguimos às 8h 35'. Antes vi campos de milho já colhido.

9h 6' — Passamos Glen-Wood. Casas com jardins, árvores — É capital de Mills Country

9h 10' — Passamos por Hillsdale com bastantes casas e uma igreja pequena — parece-me.

9h 20'. Passamos por Melvern. Tem bastantes casas, e vejo 2 igrejas sobre uma colina à esquerda. Passamos por plantações de milho já colhido.

9h 32' Hastings — Tem suas casas e um hotel Perry de bonita aparência. Tenho atravessado desde Omaha muitas pontes cobertas, como tenho notado são quase todas na estrada de ferro.

9h ¾. Emerson. Bastantes casas. Vejo como uma igreja. Passaram-se mais 2 pontes cobertas. Na estrada do pacífico observei que junto a cada ponte telegráfica vê-se o topo de um pau saindo da terra. Creio que é um pau enterrado para suprir a falta do poste. Noto de certo ponto para cá cercas de ambos os lados desta estrada.

18h 13' — Red-Oak e bastantes casas (antes passamos por Harthorn, porém não o notei); Vejo igreja grande; vejo um grande edificio que deve ser escola ou Court-House ou City-Hall.

Passamos por Stanton. Bastantes casas. Vi uma igreja. Houve interrupção de cercas em lugares necessários, mas voltam agora. Na estrada do Pacifico faltam as cercas e por isso os animais embaraçam os trens.

11h Villisca. Bastantes casas. Vejo um edificio grande, que parece-me escola.

11h 13'. Nodaway — lugar de mato sem folhas ainda agora — milharais — terras muito bem cultivadas — Ponte sempre cobertas.

11h 22' — Brooks. Muito poucas casas.

11h ½ — Corning. Bastantes casas. Grande edificio.

12h 13'. Prescott. As terras anteriores pouco cultivadas. Não muitas casas. O gado visto até agora não é muito bonito. Bonito terreno acidentado e cultivado.

12h 6'. Cromwell com algumas casas. Vejo um pequeno hotel.

12h 21'. Creston. Grande povoação. Há oficina da estrada de ferro. Vejo a imprensa do Democrat; uma Libray-Building de sobrado.

Saimos a 12h 34'. Parece-me ver um poço artesiano em perfuração ou poço de moinho que se faz de vento. Terreno bem acidentado onde pasta gado.

1h 5'. Afton. Tem algumas casas. É o nome de quem fez os gastos da expedição científica de Agassiz⁰⁰¹ ao Brasil.

1 ½ Murray. Algumas casas espalhadas. Vasta campina cultivada.

2h 5'. Passamos por Osceola. Povoação de alguma importância. É o nome de um índio da Flórida que viajou pela Europa onde se instruiu e depois veio guerrear com a sua tribo os Estados Unidos.

2h 25'. Woodburn. Tem bastantes casas. Vejo uma à esquerda sobre a colina que parece escola.

2h ¾ Lucas. Algumas casas. Vejo ao longe à direita sobre uma colina como uma caixa de água. Terreno muito acidentado. A estrada atravessa colinas. Lindo campo à direita em colinas. À esquerda também se desafoga o terreno.

3h 5'. Chariton 800 *p[és]*. acima do mar. Está em linha divisória das águas do Mississipi e do Missouri. Tem suas casas.

3h ¾. Já deixamos Chariton. Tem bons edificios; um dos quais parece-me escola e oficinas da estrada. Terreno plano todo cultivado.

4h Russel. Tem suas casas pequenas e maior a Railroad-House (hotel).

4h 20' Melrose. Algumas casas. Pequena igreja sobre a colina da igreja. Atravessamos terreno quase que de árvores ainda em esqueleto.

4h 50'. Tyrone. Poucas casas. Derrubam as árvores à direita. Atravessamos um mato de esqueletos de árvore e várias pontes cobertas.

5h Albia. Casas pequenas. Não se vê bem, por ora, a estrada atravessa a povoação numa cava. Agora vejo casas boas e uma igreja. Parece ser escola um grande edifício. Terras planas cultivadas.

5h 24'. Frederic. Poucas casas, mas lá está o hotel. Casa grande numa colina à esquerda.

5h 35' Chillicothe. Poucas casas. Outra ponte coberta, creio que por ser de madeira. Outra. Mais uma. Mato. Outra ponte coberta. Outra.

5h 44'. Chillicothe — bastantes casas. Rio largo, na esquerda, cuja margem esquerda percorre-se. É o Des Moines River.

6h 6'. Passado o Des Moines em ponte coberta. 6h Ottumwa. A maior cidade entre o Missouri e o Mississippi. Já vi uma Iron-Works; Pluring-Mill; torres de igrejas e grandes edifícios. Vê-se à direita sobre o Des-moines aproveitando uma ilha, uma bonita ponte de ferro sobre 6 pegões de madeira até à ilha. Vi oficina na estrada, Gasômetro e um grande edifício à esquerda com aspecto de escola.

Às 6h e 20' ficara atrás Ottumwa 285 m. de Chicago. Margem esquerda do Des Moines à direita.

6h ½ Agency-City. Algumas casas e parece-me ter visto uma boa casa de escola com para-raios. Hoje e em Salt-Lake-City é onde tenho visto para-raios.

7h 12' Batávia. Vejo a chaminé de uma fábrica que não parece pequena. Bastantes casas e pareceu-me ver uma boa casa de escola. O terreno de belos campos cultivados e muitos sem folhas que mostram mais ou menos cortes.

7h 12' Whitfield. Não pude ver bem.

7 ½. Fairfield. Pouco depois das 10 que me deitei e estivemos parados em Burlington passou-se o Mississippi numa grande ponte de ferro. Burlington tem a University, uma livraria pública e belas casas. Fairfield tem um land-office, um seminário de meninas e um colégio do Estado. De noite passou-se Mount-Pleasant com o Whittler College e Werlegan University e diversas boas escolas.

5 de maio de 1876 - 5 ½. Vamos atravessando campos cultivados. Até o Mississippi estávamos no Iowa. Agora estamos no Illinois. 5h 40' Aurora. Cidade de mais de 10.000 hab. sobre o Fox-river que dá força para numerosas importantes fábricas (atravessamos o Fox em ponte de ferro). As oficinas da estrada empregam 700 homens.

6h 9'. Seguimos.

6h 22'. Lugar com algumas casas bonitas.

6h 27'. Passamos Claredon Hills. Algumas casas e bonitas. Hinsdale bastantes casas e algumas bonitas. Western Springs: bonitas casas. O trem vai em disparada. West-Lyons. Lindas casas com jardins. Passaram arrabaldes de Chicago. Atravessamos um rio (creio que Des Pages-River) em ponte de ferro. La Grange. Bastantes e bonitas casas. Vejo uma igreja à esquerda. É River Side. Algumas casas, campina muito verde.

6h 40'. Clyde. Plantações. Muitas casas; algumas grandes e bonitas e igreja não pequena à direita.

7h 9'. Vamos chegando a Chicago.

9h 10'. Já estou de volta ao trem há algum tempo. Embarquei num pequeno Ton boat e fui ao lugar a 20 m. no meio do lago onde entra água nos dois tubos que a conduzem aos Water-works da cidade. O lago estava um pouco agitado, mas atracamos bem ao edifício de pedra onde estão as extremidades dos tubos. Também há um farol e um sino para os fogs. Perto do edifício viam-se os mastros de um navio naufragado no lago.

O Bom Retiro⁰⁰² disse-me que um termômetro marcava 2° acima de 0.

Voltamos pelo rio e tomamos pelo braço S. até perto da estação. Vimos na ida e na volta de passagem casas de elevadores — uma das curiosidades de Chicago mas que não tive tempo de visitar.

Na minha primeira passagem por esta cidade de 400.000 almas corri suas ruas de casas, palácios e visitei as Water-works, que tem uma imensa máquina motriz para as bombas talvez tão grande como a que vi em Hamburgo.

9h Já andamos há minutos.

9h ½ Imensa casa à direita Wilson Sewing Machining Co. com torre de relógios e grandes anexos. Englewood já passou.

9h 40' passamos por Grand-Cross. Bastantes casas e grandes. Passa-se em ponte de ferro. Calomar-River. Tem alagado. Campos de cultura e árvores em esqueleto ainda.

10 ½ Valparaiso. Povoação grande. Oficinas da estrada. Grande Woolen-Manf. Co. Bastantes casas.

11h 7' Wanatah Bastantes casas. Uma igreja, e uma capelinha de madeira à direita. Continuam os campos cultivados. Antes deste lugar vi colinas à direita com bastante árvores sem folhas.

11h 42' Plymouth Bastantes casas. Parece-me ver à esquerda um belo City-Hall. Vejo torre de igreja à esquerda. Outra igreja mais longe. Saímos de Plymouth

11h 50'. Atravessamos bosque estreito e pouco comprido. Etna-Green.

12h 7'. Não sei que lugar. Bastantes casas, mas pequenas.

12 ½ Warsaw. Bastantes casas e algumas grandes e uma igreja muito pequena. Parece-me ver uma grande escola à esquerda.

12h 40'. À direita vê-se o Wabash (margem direita) que corre para o Ohio (margem direita) que se lança na margem esquerda do Mississippi abaixo da confluência do Missouri que se lhe reúne pela margem direita. Estamos no Estado de Indiana desde perto de Chicago-Kasciuski — Algumas casas (a cruz denota que não são estações)

1h 5' Pierceton. Considerável. Parece-me ver boa escola e vi igreja.

1h Larwil. Tem suas casas. Columbia. Bastantes casas. Vi uma igreja.

1h 40' o tempo tinha ficado melhor, porém aí está começando como ontem, e a temperatura desceu bastante.

1h ¾ Fort-Wayne. Grande povoação. Igreja elegante com 2 torres. Oficinas da estrada. Belos edifícios.

2h 8' Partimos. Campos bem cultivados e pequenas matas. Muita lenha cortada à beira do caminho.

2h 25' Moroeville com suas casas e uma grande.

2h 48' Dixon. Poucas casas. Mata. 3h 3. Pequena povoação com igreja.

3h 10' Van-Wert. Grande povoação com belas casas. Muito bela City-Hall quase acabada. Uma Paper-Making. Cidade de Ohio. Na Indiana e no Ohio a terra está mais dividida e muito bem cultivada.

3h 40'. Atravessamos uma canal (Settle-Madama) em Delphos. Povoação considerável. Igreja grande numa rua à esquerda.

4 ½. Passamos por Lima povoação considerável. Com uma bela City-Hall segundo me pareceu. Depois passamos outra povoação. Antes dela vi bonitos carneiros. Desde minha ida a S. Francisco que não vira mais carneiros durante o trajeto.

4h 26'. Ada. Com bastantes casas.

5h 7'. Outra povoação com bastantes casas. Vi uma igreja. O trem vai botando 30 m. ou mais por hora. Outra vez carneiros, mas não como os outros.

5h Forest. Suas casas. City-Hall bonita, 2 igrejas. Quase sempre terrenos planos bem cultivados.

5h 11' Kirby. Com suas casas e algumas bonitinhas.

5h 20' Chegamos a Upper Sandusky. Tem bastantes casas. Partimos

5h 26'. Adiantei 29' em relação a Chicago. O tempo está quase como o da tarde de ontem. Durante não tem chovido [sic] mas chuviscado mais ou menos. A temperatura tem subido.

6h 6'. Passamos por uma pequena povoação.

6h 9'. Passamos povoação maior. Vi igreja.

6h ¼. Atravessamos uma mata, porém já teve corte por mais tempo que anteriormente. Torna a mata.

6h 21'. Chegamos a povoação considerável. Bonita City-Hall. Igreja e um belo edifício que parece escola. Grande fábrica. Chama-se Buycrus.

6h ½. Poucas casas reunidas à direita.

6h 35'. Robinson. Tem bastantes casas. Mata como a anterior; mas interrompida por culturas.

7h 14'. Bastantes casas. Oficinas da estrada. Igreja. Uma grande Lock-works. Estamos em Crestling. Seguimos às 7h 9'.

6 de maio de 1876 - 5h 21'. Ontem de noite vi deitado a chegada a Pittsburg cerca das 2 da madrugada depois de atravessar em ponte de ferro um largo rio (o Ohio). Tomamos aí um trem especial e seguimos para Oil City. Ontem de

noite umas senhoras redatoras de um diário contra a intemperança quiseram ver-me. Vieram a meu vagão. Tendo uma que se lhes agrega perguntando-me notícias de Valparaíso pensando que esta cidade estava no Brasil, e eu respondia que não, a mais esperta levantou-se logo, como que receando mais asneiras e todas as 4 se foram.

Vê-se do outro lado do rio Allegheny a povoação de Parks-land.

5h ½. Atravessamos o Allegheny para a margem esquerda por uma ponte de pau coberta, não pequena.

5h 34'. Crocksburg lugarejo bonito beirando a margem esquerda do rio. Bonita ponte de ferro suspensa à esquerda atravessando o rio.

6h 12'. Passamos uma bonita povoaçãozinha. O rio corre entre altas colinas cobertas de mato já rarefeito. Adiantei o relógio em 33'. Desde ontem que torno a ver pereiras e pessegueiros todos floridos. Vi há poucos alguns destes junto ao rio, lindíssimos.

7h 7'. Pequena ilha com árvores e casas no meio do rio, cujas margens são bonitas. Pequeno monumento de mármore cercado de grade ferro à margem esquerda do rio que percorremos. Do outro lado vê-se a encosta das colinas cultivada.

7h ¼. Atravessamos o rio em ponte coberta que me pareceu de ferro. Tenho visto poços de petróleo à margem oposta do rio e um até com o tubo botando labaredas. Vi-os também nesta margem.

7h 26'. Muitos poços nesta margem. Vi ontem muita madeira cortada assim como na minha viagem à S. Francisco, mas os Estados Unidos ainda tem 1.460.000.000 acres de florestas.

7h 25'. Franklin. Povoação considerável na margem oposta com três igrejas cujas torres vi. Ponte ligando as duas margens. Na região oeste dos Alleghanies e norte de Ohio incluindo O. Virginia e Kentucky há 2.359 fornalhas de fábricas das quais só 709 não trabalham.

7h ½. Povoação pequena na margem oposta com bastantes poços de petróleo.

7 ¾ Oil-City. 10h Partimos. Dei um passeio de carro pela cidade de 8.000 hab. com bons edifícios e 5 escolas das quais high-school. Encontrei aqui Mr. Cone que vai como cônsul para o país e acompanhou-me. Deu-me um livro Petroles. Visitei uma refinação de petróleo intitulada Imperial Company. Faz ordinariamente 300.000 barris por ano de petróleo refinado. Deu-me amostras dele e de lindíssima parafina. Está abrindo um poço que já tem 400 pés esperando achar petróleo a 620. Encontrou já terreno impregnado de petróleo. Rio abaixo é que há poços mais produtivos; há um de 2.100 pés. Na cidade os poços não jorram, tira-se petróleo a bomba. O petróleo vai para a fábrica que vi por tubos de 5 a 6 milhas de distância. Tem tanques para 100000 barris e uns de 20.000. O petróleo entra por tubos nos barris e as torneiras fecham-se por si mesmas quando os barris estão cheios. São barris de grandeza ordinária. Tem uma escoadeira que vai ao rio para o caso de incêndio nos tanques de petróleo. O último processo de refinação faz-se com ácido sulfúrico e soda cáustica em um grande tanque, onde o ar por meio de bombas agita o líquido. Vamos parar em caminho para ver um poço que dá 40 barris por dia, mas poço onde jorra o petróleo só na distância de 10 léguas. Há 75 anos estava este vale desabitado.

Também há aqui carvão (betuminoso) e minério de ferro. A maior parte das árvores são white-oaks. Desde antes de Pittsburg que estamos na Pensilvânia. O monumento de mármore comemora a morte de 2 homens pela explosão numa fábrica de nitro-glicerina.

11h 36'. Hemington. Povoação pequena, mas com algumas casas bonitas da margem esquerda do Alleghany que percorremos.

12h 6'. Acabamos de ver um poço de bomba que dá 50 barris por dia de petróleo. Descemos a ribanceira até perto do rio nesta margem esquerda. O rio tem quase todo ele sobretudo em Oil-City como manchas de azeite boiando. O verdadeiro distrito dos poços são estas 2 milhas que percorremos.

12h De Parkers capital do distrito de Oil, onde há muita gente na ribanceira, direita cheia de casas, assim como a colina que a domina, festejam a minha passagem com lenços de perto de uma casa com o pavilhão americano, provavelmente a City-Hall.

12h 6'. Mina de carvão. Desce ele por uma calha de madeira do alto da colina da margem esquerda até o lugar onde o embarcam por um guindastes.

12h 32'. Bela e grande ponte de ferro à direita, que atravessa o rio para outro lado onde há fábrica. Deste lado há bastante casas e algumas boas. Muitas tábuas. Leio no diário de Oil-City de hoje o Dayly Dernok que nos primeiros 4 meses deste ano o petróleo exportado da região dele foram de 2.327.982 barris.

1h 10'. Atravessado o rio em ponte coberta de madeira. Pelo que leio no diário citado creio que os festejos do Exchange no momento acabado de construir. Povoações maiores ou menores de cada lado e diversas minas de carvão que embarca do mesmo modo já mencionado. Passou-se.

1h Outra vez o rio em ponte de madeira coberta. Vejo um vapor no rio empurrando para cima uma barca chata de forma quase quadrangular, como já vi outras neste mesmo rio, há pouco. Casas com terrenos bem cultivados e pereiras floridas nesta margem do rio. Vi pinheiros bonitos perto da estrada. Bonitos viveiros de plantas perto da margem que percorremos.

1h $\frac{1}{4}$. Grande povoação com igreja, fábricas e grande City-Hall, segundo parece. Chama-se Kittanning. Paramos perto de Bismark House. Bela Court-House com prisão. Curiosos barcos formados quase unicamente de tábuas horizontais com um ressalto muito baixo.

1h 40' Margens de ambos os lados muito bem cultivadas com casas pequenas. Passou-se o rio em ponte coberta de madeira. À direita fica uma bela ponte de ferro atravessando o rio. Tree-port. Grande povoação nesta margem.

3h menos 5' Arnolds, com casas bastantes e bonitas. À margem oposta com muitas casas e muito cultivado. O trem vai a mais de 30 m. por hora.

2h $\frac{1}{4}$. Muito bonitas casas e plantações nesta margem. Um Paper-Mill à direita que não parece pequeno. Fundição grande à esquerda. Imensa Work-House na margem oposta. O rio já há muito que não está azeitado. Repetem-se fábricas numa e noutra margem.

3h 36'. Chegados a Pittsburg.

6h $\frac{3}{4}$. De volta ao trem. Igreja Catedral Católica S. Paulo (Bispo) bela de pedra gosto romano. A mais elegante que tenho visto. City-Hall de pedra. Muito suja por dentro mas grande. Fica a perder de vista da de Sacramento. American Iron Works: 3000 trabalhadores. Consome por dia 20 a 30 ton. de ferro. Tem sua mina de ferro de 35% que extrai do outro lado do rio Monongahela. O carvão de pedra vem de mina própria por um caminho de ferro por onde desce até a fábrica por seu próprio peso. A oficina de fazer pregos por máquina é a melhor que conheço de todos os países. Faz a obra de ferro mais procurada somente. Pequeno montinetes a vapor. Emprega para o fogão de preferência a pressão circular com máquina motriz de 3.000 cavalos. O outro motor é de 2.100. Depois fábrica de vidro mas não flint. Ordinária apesar de seus 400 trabalhadores o [ilegível] com o de Perth e maior altura de onde se domina a cidade e os 2 rios Monongahela e Allegheny vendo-se depois de sua confluência o Ohio — Vista belíssima.

Passamos primeiramente por uma ponte coberta para o bairro de Birmingham, o das fábricas e do elevador; depois por segunda ponte coberta para ir à Penitenciária que tem perto de 400 presos dos quais só 6 mulheres. Não é tão boa como a do Rio, apesar de ser do mesmo sistema. Auburn. A primeira escolha onde há poucos anos fundaram livraria e escola-capela, é verdade que estas só as admite o sistema que não é reclusão celular completa. Quem me levou aí foi o Travelli com quem muito simpatizei por seus bons modos e inteligência. Disse-me que tinha estabelecido aqui um jardim Fraebil para crianças, sinto não ter tempo para vê-lo. Informou-me que haveria um na exposição de Filadélfia, onde talvez torne a encontrar o Travelli.

Vi num morro, mas de longe o Soldier's Monument que pareceu-me artístico com estátuas, etc.

Informaram que havia um bom observatório com um excelente telescópio, e creio que o último planeta dos 140 e tantos descobertos entre Júpiter e Marte o foi aqui há meses. Esta estação é grande e com fachada grande.

Também conheci aqui o chefe de Polícia L. Donnelly, que esteve 9 anos no Brasil e fala bem português. É muito estimável e vivíssimo. São 2 que, como Wood e Roosevelt em New-York, me deixaram gratas lembranças.

A cidade é a de Birmingham ou Sheffield dos Estados Unidos. Tem também casas elegantes para o lado da Penitenciária que fica perto de um jardim público bonito. Sinto deixar tão cedo Pittsburg.

São 7h 10' e daqui a pouco sigo para Washington aonde espero chegar amanhã às 9 da manhã. Disseram-me que havia o projeto de reunir o Monongahela por meio de um canal ao ponto de Baltimore.

Fizeram um açude no Monong acima de Pittsburg para dar mais fundo ao rio. Os navios sobem por meio de comporta e navegam até 90 m. acima de Pittsburg pelo Monong.

Partimos às 8h ½ cada um diz sua hora e as tabelas impressas iludem.

A velocidade foi a princípio de disparada mas agora 9h 20' vai regularmente.

Vi há pouco à esquerda uma fileira de fogos creio que de chaminés.

Nos limites do que se chama Pittsburg há 35 m. de manufaturas de ferro, vidro, aço, cobre, petróleo, madeiras, algodão e brasa. Estas 35 m. são de manufaturas não contíguas que se fossem postas numa só linha cada uma teria 400 pés de frente. São 475. O comércio de carvão de pedra era 74 de 10 milhões de dol. anuais e há 103 minas (collers) nas vizinhanças de Pittsburg.

7 de maio de 1876 - 5 ¾. Temos passado diversas pontes cobertas de madeira. Viu-se o Susquehanna. Terreno acidentado de colinas.

Às 5 passamos Harrisburg, capital do Estado de Pensilvania com quase 25.000 hab. Daí tomei à direita deixando a estrada que seguia para Washington. Vi-a ao levantar-me.

York. Sobre o Codorus Creek. A Court-House custou 150.000 dol[áres]. Tem de 11 a 12.000 hab. 18 igrejas. 3 bancos.

6h 26'. Passou-se um pequeno túnel.

6h 36. Hanover Junction.

7h menos 6'. Glen-Rock Algumas casas sobre colinas.

7h ¾ Glen-coe. O trem nas volta perto daqui tem dado terríveis boleios. Passamos por vales estreitos entre colinas. Casas espalhadas por estas. Margeamos o Gun-Powder pela esquerda. Atravessamo-lo em pequena ponte descoberta. 8h lugar desafogado. Bonitas casas com jardins à direita e à esquerda. Campos pequenos de relva e plantas.

8h 7'. Já passamos por Texas com bastantes casas. Depois de Baltimore Junction, pouco depois das 8h passamos o 1º túnel, 2º maior, 3º menor, 4º muito pequeno, todos por baixo de Baltimore. Caminhos bonitos com muitos jardins e casas bonitinhas — grande cemitério à direita.

9h 4'. Atravessei um rio pequeno. Vista mais desafogada. Bastantes casas e chaminés parecendo de fábricas à direita ao longe. Atravessamos por entre árvores onde houve já corte. Vejo grande número de pinheiros. Passei outra vez um rio pequeno. Campos cultivados com árvores e pinheiros alguns daqueles já com folhas.

8h 23'. Bowie, com algumas casas.

9h 40'. Aproxima-se Washington. Vejo ao longe o Capitólio. Belo descampado. Margeamos o Potomac. Passamo-lo.

8 de maio de 1876 - Antes de chegar à estação de Washington que não corresponde a uma capital de Nação passou-se um túnel. Ontem depois de descansar um pouco neste hotel Arlington que não é digno de descrição fui à missa de St. Mathew. Igreja pequena e cantoria péssima. Notei que as pessoas de cor ocupavam um lugar separado na galeria. Sermão medíocre por um padre perto de 80 anos, que pediu aos diplomatas por uma missa mais cedo que a conventual todos os domingos 80 dol[áres] por mês.

Depois fui ver o Capitólio. Aspecto majestoso. Agradou-me muito o todo da arquitetura. Tudo o que é escultura é medíocre. As salas são baixas e escuras de dia. Há escadarias belas sobretudo pelo mármore cor de chocolate de Tenesee.

Os quadros representando a batalha do lago Erie, a proeza do Cap. Perry feito por um Powell e duas vistas de Yellowstone e Sierra Nevada por Moran são bons. Os baixos relevos de um Pérsico Causici de Verona na rotunda de espera são menos que medíocres. A cúpula da rotunda está bem pintada. Representa a apoteose de Washington e também os descobrimentos de Franklin. Subi até a última galeria da rotunda por quase 400 degraus desde o segundo andar. Há numa das salas um retrato a óleo de Washington feito por um Rembrandt no tempo dele que é belíssimo. Ficou a livraria para hoje. Retirei-me para o hotel e falei ao Geo Bancroft, o historiador, que veio de Berlim inteiramente partidário da política ao menos em torno de Biowarek, Thornton⁰⁰³ ministro inglês, e o astrônomo Newcomb.

Jantei às 4 e depois dei um passeio por Georgetown e terras do General Lee que o governo confiscou e onde se enterraram mais de 12.000 homens mortos na batalha de Bullrun.

A vista de Washington das alturas de Arlington é muito bela destacando-se no fundo o Capitólio. O monumento que erigem a Washington é por ora uma torre que querem que seja a mais alta do mundo — é verdadeira Babel. Hei de vê-la melhor depois e mandar para ela uma pedra do Brasil como o tem feito diversas Nações.

Às 7 estava no observatório. Muito bem montado. O telescópio maior é de refração e a ocular tem 36 pol. de dianteiro; a maior conhecida. Pareceu-me bom. Vi a estrela dupla Gama Leonis, Alfa da mesma constelação e Arturas. Os movimentos do telescópio e da cúpula são facilísimos assim como o meio do observador se colocar convenientemente. Excelente cronógrafo e registradores elétricos. O regulador elétrico da hora a que já correspondem 4 relógios na cidade não é tão perfeito como o do observatório do Rio. Não achei o cronógrafo estabelecido com toda a estabilidade precisa. O relógio Standard para as observações está muito mal colocado. Pedi todas as publicações do observatório. Todos pareceram-me muito inteligentes e conhecedores dos trabalhos dos Liais no Rio. O Newcomb falou-me sobretudo na nota do Liais para as observações da passagem de Marte para a determinação da paralela que Newcomb pensa que melhor se achará pela medida da velocidade da luz. Mostrou-me um espelho feito pelo sistema Foucault para experiências que ele quer fazer a respeito da velocidade da luz melhorando aquele processo. O Diretor o Comodoro David que estava no Rio e levou-me carta do Agassiz foi quem pareceu conhecer menos o observatório. Creio que se ocupa só de que é direção administrativa.

Voltando dei um passeio pelos jardins da repartição da Agricultura e do Smithsonian Institute. Luar muito lindo. À tarde entrei num jardim com a estátua equestre de Washington — por um Clark Wills.

Vi no Capitólio um busto de mármore de Crawford feito por ele mesmo, que pareceu-me obra artística.

Fez muito calor de noite.

A cidade de Washington está bem colocada e tem 4 monumentos: Capitólio, Patent-Office, Tesouro e casa que fazem ainda para as repartições “Estrangeiras, Guerra e Marinha”.

O Post-Office também é grande o edifício bem construído.

8 de maio de 1876 — Antes do almoço fui ao Smithsonian Institution. Os objetos mais curiosos foram para Filadélfia onde encontrarei o professor Henry, que muito me agradou e era amigo íntimo de Agassiz, que muito me falou nele. Mostrou-me todo o estabelecimento. Há belos modelos em gesso de animais fósseis. O túmulo de Séptimo Severo não está acabado mas indica que fosse dele.

Neste instituto recebem-se publicações de todas as partes que são enviados para a biblioteca do Congresso e enviam-se obras para as diferentes sociedades que se acham em correspondência com o Instituto.

Há quartos para até 20 pessoas que aí comem também e estudam ou completam seus trabalhos científicos. Tem um jardim anexo.

Às 10 fui ver o botanical-garden que me agradou pela variedade de plantas exóticas. Vai publicar um catálogo. Fica junto ao Capitólio aonde eu fui e vi a biblioteca de 300.000 volumes. É bela porém não chega no arranjo ao do British Museum, e da nova planta da Biblioteca Nacional de Paris.

Assisti à reza da abertura da Câmara ao meio dia. Vi a Supreme-Court cujo aspecto impôs-me respeito. São 9 magistrado — todos presentes — que dizem são de uma reputação ilibada.

Fui depois visitar o presidente ⁰⁰⁴. Seu aspecto é grosseiro. Pouco fala. A nora é muito amável. A mulher feia e vesga faz o que pode para ser amável. O filho parece rapaz muito inteligente. Mr. e Mrs. Fish agradaram-me muito.

Passei num jardim onde havia árvores de pequenos pendões de flores brancas cujas folhas que o vento levava arremedavam queda de neve.

Tornei ao Capitólio.

Estive no Senado para ouvir a defesa do Ministro Belknap pelo advogado Back. Gostei do modo porque este falou. Com muita lógica. Vi lá e falei ao Ministro da Dinamarca Linden Krone e sua mulher ex-Mrs. Malton que muito me agradaram.

Acabo de falar ao General Sherman que é muito simpático e alegre, ao secretário da Guerra Wood e ao irmão de Barbacena que tocava rabeca com meu Pai; quando Mme. Gabrielle tocava creio que harpa.

Depois de jantar fui à imprensa nacional. 1200 trabalhadores. Salões de 300 pés de comprimento e 76 de largura, para composição, prensas das melhores — uma imprime 7.000 folhas de ambos os lados numa hora. Disseram-me que a máquina não dobra perfeitamente; porém depois o diretor confessou que o governo não adota essa máquina nem a de coser para empregar mais braços. Bela oficina de encadernação — encadernam muito solidamente e com gosto. Há 500 mulheres empregadas. A oficina da eletrotipia é mesquinha. Imprime só para o governo na razão de 700.000 impressos por ano e encadernam na mesma razão. É um estabelecimento digno de ver-se. Montou-se em 1861.

11 de maio de 1876 - O tempo esteve bom durante a festa. Ouvi mal a marcha composta por Wagner. A cantada agradou-me muito e o basso Myron de Bastim é excelente.

Já corri quase toda a exposição. É imensa. Não fazemos figura decente.

À noite fui a um sarau em casa do ricoço Child onde estão morando o presidente Grant e Ministro Fish. A casa é muito bonita; mas pequena para tanta gente. Fiquei conhecendo muita gente. Conversei com o poeta Joaquim Miller. Lá estavam também os professores Henry e Beard. Logo vou ainda à exposição ver agora de relance o Agricultural Hall.

A nossa exposição agrícola faz lindíssima vista.

Acabo de jantar tendo chegado de Wilmington. Muito interessante cidade manufatureira. Tenho de dar esta carta e por isso fica o resto para depois. À noite tenho jantar de 200 a 300 pessoas dado pelo Ministro inglês Thornton⁰⁰⁵ aos homens notáveis em todo gênero que se acham aqui.

Infelizmente Longfellow⁰⁰⁶ não pode aceitar o convite. Ainda não vi também Whitter autor da poesia Barbara Freach que li a você outrora. Adeus! Um abraço ao nosso Gastão; festinhas ao Pedro que já mexe o braço e mãozinha; festinha aos outros netinhos, e lembranças a todos. Tome o abraço saudosíssimo de Seu pai extremoso Pedro.

Recomendo-lhe o New York Herald que publica tudo de minha viagem com muitíssima exatidão⁰⁰⁷ — quando o permitem as circunstâncias. O Partridge e mesmo outros hão de recebê-lo. Adeus! As notas de viagem foram escritas a vapor e só para depois fazer uma narração exata da viagem à vista delas. Porém ainda não me chegou o tempo para isso, e vocês aproveitam o que puderem de semelhante sarrabulho. Adeus Ainda cheio de saudades de seu Pai que tanto lhe quer...

12 de maio de 1876 - Ponte do Susquehanna em Perryville 2/3 m. de comprimento. Pegões de pedra. Terra e madeira. O pegão da margem do lado de cá indo de Filadélfia sobre o rochedo a 100

pés de profundidade. Os pegões no rio sobre estacas de pinha enterradas a 36 pés.

12 ½. Bonitos campos cultivados. Conheço este caminho por onde já passei vindo de Washington para Fil.

1 ¼ Chegada a Baltimore.

13 — Visita a Anapolis pelo rio Potapsco Cheapeake-bay e rio Savern. Antes estive na Naval-School. Estabelecimento modelo. Belo gabinete de química e laboratório onde se fazem ensaios. Diretor dessa parte do ensino o Capitão de fragata Sampson, de 26 anos inteligentíssimo e muito parecido com o Plínio filho do Cândido Batista.

Observatório muito bom para a escola. Equatorial de amplificação de 1000.

Monumento a Herndon (viajante do vale do Amazonas) à custa dos senhores que salvou no naufrágio do Central-América em que pereceu.

Exercício dos cadetes todos fortes e destros. Desmancho instantâneo das peças para descanso depois deles.

Bela escola de maquinistas com caldeiras de diferentes espécies para estudo, assim como caldeiras que trabalham de uma máquina de 600 cavalos efetivos que funcionam. Três navios um para estudo de aparelhos outro de artilharia e outro para a viagem que fazem durante 2 meses de verão em três anos do curso que é de 4, indo depois servir em longas viagens. Excelentes alojamentos, capela e livraria com os melhores livros para o ensino.

Do outro lado do rio — não pude ir lá — experimentam a artilharia e tem os melhores instrumentos — o cronógrafo é o de Boulanger. Vi diversas qualidades de pólvora. A que dá maior velocidade e menor pressão tem grandes grãos que se encaixam como pedras de damas com um lado relevo e outro côncavo.

Capitólio e Anápolis. Sala do Senado onde resignou Washington seu cargo tal qual era então.

Launch em casa do governador Carroll onde havia excelente sociedade.

Na volta vento muito rijo pela proa.

À entrada do Potapsco há um forte de casamatas que o governo tem desfeito por não servir segundo a opinião dos entendidos.

Logo ao deixar a cidade de Baltimore passa-se pelo forte Henry que os ingleses bombardearam em 1814 e que deu lugar ao hino nacional. The Star spangled banner. Galeria de quadros de Walter de Gerome (o duelo depois do baile) de Breton (findar do dia) Jalavert, Gleyne, Lamvelle, Corot, Vibert, Paul Délaroche (é uma reprodução do hemicírculo das Belas Artes de Paris em ponto pequeno) — o Cristo de Ary Scheffer. uma bela estátua de Rymehart.

Academy of Music. Lindo teatro de 1600 a 1700 pessoas de uma acústica admirável. Ouvi de uma ordem elevada e longe os menores sons de um piano no tablado. O arquiteto Mr. Nelson fez que a corrente de ar circulasse o teatro com os sons. Mr. Nelson pareceu-me muito inteligente, estudou em Baltimore.

Theatre Ford — Miss Anderson excelente artista dramática na peça Lady of Lyons.

(Ontem) 12 chegada aqui depois de 1h Fui a Peabody Institute – Belíssima estátua de Clythia de Rymehart (morreu moço de beber, assim me disse hoje o Governador Carroll).

Biblioteca de 60.000 volumes. Tem obras excelentes. Há conferências no inverno. Grande edifício constróem outro ao pé para colocarem aí a livraria. Academy of Sciences — Curioso Museu de História natural de Maryland.

Catedral católica de S. Luiz (tem arcebispo). Nada de notável. 2 quadros de P. Guerin e de Stubbens. (Descimento da Cruz e S. Luiz carregando um morto).

Passeio pela cidade que tem casas bonitas (caiu chuva e bastante saraiva).

Normal-School. Grande edifício. Organização da de Nova York. Subi à torre que domina toda a cidade.

City-Hall. Um dos edificios mais belos que tenho visto. O Maire que conhecia casa do Childs mostrou-me tudo que está perfeitamente arranjado. Custo edificio inaugurado este ano perto de 3 milhões de dólares.

Vi a sepultura do talentoso poeta Egdar Poe, cujas poesias conhecia. Glória de Baltimore.

À noite First Theatre. Miss Anderson na Evadne de Steel. Um teatro bonito. Sempre me recebem com palmas e tocam o hino brasileiro. No meio do teatro apareceu-me o meu conhecido Wright do Rio de Janeiro e levou-me o Concert-Glee. Ouvi tocar muito bem Mrs. Machado mulher do agente consular da Venezuela, filha de Baltimore e excelentes coros. A sala é grande. A sociedade de Baltimore tem me agradado muito. Os Battle Monument (do bombardeamento de 1814) e de Washington são feios e até neste o para-raio está espetado nas costas da estátua.

É preciso descansar amanhã falarei de Wildmington no dia 11 tendo à noite jantar de Thornton que muito me maçou apesar do salão da sociedade de beneficência de S. Jorge ser belo; a música sofrível e ficar à esquerda de Thornton a cuja direita estava o Grant. À minha esquerda tive o governador da Pensilvania que meu deu bastantes informações, porém às vezes quase se deita sobre mim para conversar com o Thornton e despejou no chão um pouco champanha do copo; o Senador Cameron a quem dei muitas informações do Brasil, que ele me pediu; o jornalista Meg-Mike divertido, mas que me parecia alegre demais. Havia outros que muito desejaria chamar para perto de mim e viriam mesmo por si, se o governador da Pensilvania não tomasse tanto tempo e lugar. À saída dei o braço ao general Sherman com quem muito simpatizo e o que me valeu muitos cheers. Era tarde e ficou assim quase tudo só em banquete. Fiz meu pequeno speech, que julgo não desagradou. Exprimi-me em francês valendo-me de boas razões para assim proceder.

14 de maio de 1876 - As 4 folhas do New York Herald do dia 11 foram impressas numa prensa na exposição de Filadélfia para isso destinada.

O comandante de Naval School é o Comodoro Rogers primo do da Califórnia e sobrinho dos Perry da batalha do Lago Erie, e da expedição no Japão. Seria trazido do Japão por Perry e colocados nos jardins da Naval School (impresso dado).

Na sala para conhecimento de aparelhos e construção de navios na N^a School vi o modelo da Trajano.

Na City-Hall de Baltimore vi um desenho da cidade quanto tinha só cerca de 300 habitantes. O que uma folha disse de meus enganos sobre o monumento do arquiteto e Battle Monument não é exato. Eles é que não me prestaram atenção e também poderia ser causa a minha falta de prática de inglês.

Em Wildmington (36.000 hab.), no dia 11 — Fábrica de Auchincloss Wagons para a Ituana. Tem máquinas para todos os portes de vagão. Uma para abrir as fêmeas das taboinhas dos stores foi a primeira vez que vi. Por meio de canos como

de chaminés a serragem e os cavacos desaparecem. Fábrica de Lobdele para rodas de vagões. Processo por Chilling. Quase que dá a tenacidade do aço. Faz 306 rodas por dia. Grande fábrica de fundição (não me lembro o nome que vem no N. Y. Herald) — fábrica de chapas de ferro. Pedi uma das mais finas de 1/8 de pol. Mas tendo tido que mandavam esqueceram-se — fábrica de fósforos (a maior dos Estados Unidos) 100.000 caixas por dia.

Que velocidade em meter a mão os fósforos nas caixas, e pôr a goma com o vidro para a fricção! São mulheres que fazem estas coisas — Estaleiro com dique de degraus de madeira. Constroe-se aí o Monitor Amphitrite para os Estados Unidos. Vi 2 ferry-boats no rio Christina que limita a cidade. Como do outro lado o Brandwine. Lançam-se no Delaware. Indo para Wilm. Passei por Chester onde se construíram City of Pessin e outros.

Tive launch na bonita casinha do Auchincloss. Estiveram lá a mulher; pais desta; o pai dele que me acompanha desde Filadélfia, etc. Vi o filho criança que tem muito gosto por mecanismos. Passeei pela cidade e fui a uma altura de onde se goza de linda vista. Há um monumento memorativo dos mortos na guerra civil.

Esqueci-me de dizer que defronte do Capitólio de Anápolis há uma bela estátua fundida do ex chief of Justice Towney pelo artista Rymehart. Parece viva.

Meu sobrinho Pedro estudou quando a N. School durante a guerra estava em New Port. Comandava-o Black já morto; foi segundo por pouco tempo o Rogers a quem sucedeu o irmão dele.

14 de maio de 1876 - 6 ½ partida de Baltimore.

6h 40'. Relay-Junction. Aqui passam 103 trens por dia. Bonito lugar. Passamos o Potapasco num viaduto (Thomas Viaduct) de granito de 700 pés de comp.

7 ¾: Vejo o Capitólio de Washington.

8h 6'. Parou na estação.

8 ¾: Windhaus. Campos acidentados e com boas culturas. Rocksville perto das 9h

9h 25'. Germantown. Poucas casas e lugar feio. Atravessa.

9h 40': o segundo viaduto bastante elevado (não incluo o Thomas). Bonita vista ao longe. Atravesso a ponte de um rio. Bonitas colinas.

11h 5'. Martinsburg. Estive conversando com o engenheiro Sharp que me deu muitas informações. Terreno pouco povoado. Plantações de trigo, milho e minas de carvão. Passagem dos Blue-Ridge pelo Potomac (cita. de Th Jefferson viajou [ilegível] 708 - Bela vista). Passamos por Harper's Ferry onde conflui o Sherandoah no Potomac, que se margeia assim com o Canal de Cumberland que vem das minas de carvão desse lugar até perto de Washington (150 m.). O Potomac é muito cheio de pedras. Em Harper's Ferry foi que apareceu a 1º vez o bando de sulistas comandados por John Brown, uma das chaves da guerra civil. Shoop que serviu o Sul nas estradas de ferro, disse-me que o projeto do Canal de Pittsburg é entre esta cidade (Ohio) e o canal de Cumberland (170 m.). Atravessamos já as Blue-Mountains em altura de 150 e tantos pés em Point of Rocks. O Shenandoah entra no Potomac, logo abaixo da ponte de 900 pés. Martinsburg onde há belas oficinas da estrada de ferro está à margem do Tuscarora. Aqui o Jackson (Stone-Walls) tomou 87 locomotivas e 400 carros de frete a 23 de junho de 1861.

Hanoch 12h 10'. Povoação pequena. Rio à direita. (Potomac sem pedras) margem direita. Árvores todas brancas de flores sem folhas.

1h 10'. Pequeno túnel.

1h 7' Paw-Paw. Algumas casas. Ponte sobre um braço do rio. Pinheiros nas colinas e bonitos campos verdes, à direita.

1h 7'. Atravessamos Patterson-Creek e paramos um pouco aí. Algumas casas. Antes de North-Mountains há um corte de 62 pés de a. em slate-rock, depois atravessou-se o Back-Creek em 2 partes, numa ponte de ferro, uma de 80 e outra de 54 pés de compr. Passamos em pontes o Potomac e o Canal, onde há 6 dams. Até Harper's Ferry o Maryland; depois de passada a Virginia e atravessando o Canal outra vez Maryland onde está Cumberland a que chegamos à 1h 15'.

Grande povoação com grande Town-City. Encontrei aqui e falei-lhe o Humbird empreiteiro do grande túnel da estrada de ferro de Pedro 2. Antes de chegar a um belo edifício de um rolling-mill. O viaduto do Will's Creek é de 14 arcos elípticos. Há belas oficinas de trilhos de aço da Companhia.

3h 10' Kaiser. Parada para tomar uma locomotiva de 150 ton. para subir os Alleghanies. Seguimos a margem esquerda do Potomac — muito estreito — e há pouco passamos para a direita. Há tanto milho que o queimam para fogo. Do lado direito do Potomac há formações como as dos canõs e vi a chamada Chinney-hole-rock, que pareceu mais castelo torreado. As minas de carvão de pedra ficam a 5 m. de Cumberland. De Piedmont (206 m. de Baltimore) começamos a subir a serra. Passa o vale de Savage River pelo Everest-Tunnel (passei 2 pequenos) e a foz do Crab-tree-Creek a estrada rodeia a Great Backlane Montain e chega-se a Altamont (223 m. de Balt.) ponto mais alto a 2.700 pés acima de Balt. Divisão de águas — (Ohio etc. - Potomac etc.) — 20 m. de extensão para prados pastorais.

4h 10' Deer-Park. Poucas casas. Bem posto nome. Lindo prado todo verde.

Cumberland — 2ª cidade do Maryland tem 8.000 hab. Passará 20 m. pelo Pallo Queen City Hotek. Em 1873 pelo canal até Georgetown pegado a Washington a estrada de ferro passaram a 2.573.618 tons. de carvão semi-betuminoso.

Os prados além de Altamont ficam entre Youghiogheny river e o grande Allehany-platton. Chamam-se the Glades. Vamos seguindo o Cheat-river-Valley (citação de G. Bancroft — Orgood Middle States pg. 413).

6h 16' Kingwood Tunnel o maior feito na America 4.100 pés. Passamo-lo

2 ½ m. Antes dominamos o vale do Cheat. Muito pitoresco e ainda mais se todas as árvores tivessem folhas. Depois de atravessarmos o grande Youghiogheny river em um viaduto de um só arco de ferro de 180 pés de abertura. Descem-se de Granberry-Summit. W. Va. 11m. onde o Cheat-river apresenta fortes cavas e paredões. 2 tunnels Mac Guine de 500 pés e Rodemor de 400. Também há um viaduto sobre Salt-Lick-Creek de 50 pés de vão e 50 de a. 6h 5'. Newburg W. Va. nas chapadas (flats) de Raccoon-Creek. O Sharp disse-me que nesta estrada que mais se subiam os Alleghanies — Maior declive 173 pés numa milha, e curva mais forte de 300 pés de raio. Os gouges nos Estados Unidos são de 6, 5, 4 1/8 pés — Ao sul do Ohio este último, ao N. de 5 e a estrada do Erie 6.

6h 10'. Acabo de passar por um caminho elevado de madeira com trilhos e casas de *[ilegível]* à esquerda da estrada. A neve não interrompe o tráfego, nem os telegramas, nem as inundações. De Newburg que tem suas casas segue-se pelos vales de Raccoon e Tree-Forks-Creek.

6h ¼. Temos atravessado mato. O Sharp disse-me que a árvore toda branca de flores antes das flores é a dog-tree. Madeira muito rija. Muito antes de subir Alleghanies não as vi.

Agora 6h 20' torno a vê-las.

6 ½. Passamos já Thornton e chegamos a Grafton 279 m. de Balt.

7h Passamos o Tygart (confluente do Monogahela) numa bela ponte de ferro.

7h 31' Passamos um túnel sofrível. Antes uma longa e alta cava. Outra também depois do túnel.

3ª 7h 35' Clarksburg. Bastantes casas à esquerda. Grande edifício que parece escola. Em Grafton dei um passeio. Tem 8 escolas primárias. Aí se despediu de mim o Sharp.

Em Cumberland há 8 escolas primárias segundo me disseram.

8h 10'. Já custa a distinguir o que se passa.

15 de maio de 1876 — 5h 10'. 19 m. de Cincinnati. Lugar de bastantes casas e grandes e bonitas. Pareceu-me ver a escola à esquerda. Campo verde e árvores. Grande planície com pastos e rezes. À esquerda bonita casa porém não grande dos Expostos. Passamos como um canal. Igreja grande longe à esquerda. Grande fábrica à esquerda, numa povoação, cujo creek atravessamos numa ponte estando sua ribeira de cá muito bem lavrada. Passa-se o creek numa ponte de ferro. Parecem casas *[ilegível]* de Cincinnati. Cercas, bonitas árvores, casas espalhadas.

Chegamos a Cincinnati numa planície com colinas e montanhas altas ao longe.

Chegados 6h 10'. 7h Sai. Pontes suspensas reunindo a cidade a Covington sobre o Ohio e esta a Newport sobre o Licking. Belas pontes, algumas casas de campo bonitas e bela vista. Fundação de sinos. Nada de notável. O Guia enganame. Fábrica de instrumentos cirúrgicos e cutelaria. Trabalha bem. Usa o cromo aço preparado em N. York. Deram-me uma navalha com que presenteei o Bom Retiro.

10h Fui ao parque muito vasto e colocado em bela posição com dois grandes lagos alimentados com águas elevadas por bomba do Ohio — um não pronto — e depois percorri as belas avenidas de muitas milhas bordadas de árvores e de casas de campo com jardim assim como a de Probasco. Linda em tudo. Quadros de R. Bonheur, Th Housseau — um

sobretudo — outro de Toulmonche à cabeceira do leito no quarto de dormir que deita para um dos lados mais pitorescos e onde se descobre longe um cemitério que parece muito belo. Probasco chama esse quarto o do profeta.

Tem boas estátuas sobretudo de Connoly — uma fonte bela que orna uma das praças da cidade com lindíssimas estátuas. Chama-se de Probasco. Ele deu-me um livro com a história da fonte e fotografias. O artista foi Kreling genro de Karlbach por isto tem ele o belo quadro da caravela deste artista na parede da escada para seis quartos do 1º andar — e o fundador Miller de *[ilegível]*.

A casa de Probasco é toda no interior de madeiras dos Estados Unidos.

Numa das avenidas caiu um temporal, mas, assim mesmo deu lugar a que lhe visse a Universidade pelo sistema da de S. Francisco. Tem três estudantes brasileiros: Aguiar, Silveira e Cesar.

Uma casa de matar e salgar porcos.

[Grande trecho apagado, onde se consegue ler apenas palavras esparsas].

Nada de notável mesmo, achei *[ilegível]* os gabinetes de química e física, todavia possui museu anatômico menos maus, segundo a opinião do Dr. Fontes, que também julgou esta mostra da fábrica de instrumentos cirúrgicos.

Catedral católica de S. Pedro. Frontispício de templo grego: no interior do salão de colunas.

5h Não vieram Aguiar, a quem marquei hora porque a *[ilegível]* e o Dr. Murphy, professor da escola e que eu conheci em Paris quando no Palais de l'Industrie mostrou-me os aperfeiçoamentos que fizera nas ambulâncias *[ilegível]*.

Saí a dar um passeio pela cidade porque disseram-me não haver tempo de ir a galeria Langworth por ser muito longe. A cidade não tem edifício como as outras de que falei. Cheguei à estação às 6 ½ por causa do cocheiro — esperei até às 8, deveria sair às 7 ½.

16 (terça-feira) de maio de 1876— À meia-noite Louisville. Minha mulher aí ficou. Segui para City-Cave, pequena cidade e cheguei ao Hotel de Mammoth Cave e segui logo a pé.

Entre no quarto às 9 ½ e saí às 12 ½. Mudei de roupas. Pinguei de sono; pouco lanchei.

Às 1 ¾ parti na diligência pior que o carro. Parte do caminho é de minérios brancos, por causa das pedras. Cheguei a City-Cave antes das 4 horas, hora da partida, que só foi às 4h 20'. Vizinhanças de Cave-City bem cultivadas muitos carvalhos no caminho para Mammoth Cave. O caminho que sigo tem bonitos campos cultivados.

Às 5h 6' vi à direita de Green-river até onde pode chegar na caverna. A descrição de Mammoth Cave para depois. A Univers. e Medical School são fundações particulares e está na ilha Miami cujo nome se acrescenta ao título.

Há um canal que atravessa a cidade como o nome de Miami Canal.

Não pude visitar uma biblioteca pública de 82.000 vol[umes]. com belas salas de leitura e que empresta livros para fora a pessoas de crédito. Esta manhã depois das 3h, que estava pronto passou-se Elisabethtown que pareceu-me considerável. Pouco povoado relativamente, mas terras bem aproveitadas. Não tenho podido ver nenhuma indicação de lugares e não achei lista deles. Madisonville pequena povoação.

5h 47'. Elisabethtown. Grande edifício para os carros da estrada de ferro.

6h Passamos por um túnel não muito pequeno e pareceu-me ter poços pela claridade que notei três vezes. Bonito vale não muito profundo por onde se desenvolve a linha pela encosta das colinas da direita. O fundo do vale bem cultivado.

6h ¼. Dizem que faltam 34 m. Informaram-me que temos de 85 milhas *[sic]*. Passamos por uma ponte de ferro. Andamos para uma linha de colinas uma cônica todas cobertas de árvores verdes.

Bonito aspecto.

Atravessamos muito mato. Vamos a 45 m. São 6h ½. Não pude ler o nome da estação. Meu trem é expresso.

6h 36'. Atravesso rio não pequeno em ponte de ferro. Passamos por algumas casas, como já temos feito, mas não muitas vezes.

7h 10'. Bonito pôr do sol. Planície de ambos os lados, cultivada com árvores isoladas que se destacam.

7h 5' Paramos — É a segunda vez que batem no truck. Andamos há pouco 21 m. em 24'. Vamos mudar o truck porque ao N. de Ohio a bitola torna a ser de 5 pés.

7h 12' já andamos um pouco em truck novo. Seguimos. 7h 16'.

17 de maio de 1876 - Deixamos Louisville às 8h Dizem-me que esta cidade é mais bonita que Cincinnati. Casas são edificadas à moda inglesa com jardim na frente. Esqueci-me de dizer que no parque de Cincinnati há jardim zoológico que não pude ver a um bairro, por que passei todo habitado por alemães que mantem seus usos e costumes e conhecido por Over-Rhine.

Ao entrar a Mammoth Cave sente-se uma corrente de ar muito frio e é preciso passar depressa para não se apagarem as lanternas. A temperatura da gruta é de 59° e constante o ar até às proximidades do Green-River é muito leve e agradável. A princípio o caminho é fácil, mas depois deve-se muitas vezes andar quase que de gatinhas e atravessa um escavado na pedra cheio de anfractuosidades e de profundidade de um homem até as axilas; tão estreito que apenas pude insinuar-me por ele. Há salões muito vastos e altos, dos quais o main cave tem 5 milhas de extensão. Num destes salões do lado esquerdo há a chamada igreja que a pedra figura e onde já se pregou, noutra, do lado direito, a denominada capela gótica, noutra o cofre de pedra (coffin) e numa das abóbedas as infiltrações arremedam diversos animais. O urso seguro a um pau e um cavaleiro estão muito semelhantes. Passa-se rente a profundidade de até 100 a 200 pés e numa delas há uma pequena canoa chamada do mar-morto. Em duas os abismos sotapõem-se [*sic*] a cavidades nas abóbedas, que parecem chaminés. Todas estas escabrosidades são produzidas pela água carregada de carbônico o qual dissolve a rocha de carbonato de cal. Há passagens muito escorregadias, uma delas rente a um dos abismos mal resguardados por varões bambos ligados por outro mais delgado que dá muito pouco apoio.

As margens do Green-River que tem 30 a 40 pés de largo e navega-se em toda a extensão de 500 são tenebrosos bem chamado Styx — mesmo quando se queima uma tigelinha! Apenas se vê sobre suas águas um barco. Nesse lugar tem 5 pés de fundo, mas para a esquerda emprega. Não embarquei na barca de caronte porque o relógio obrigou-me a voltar; já tinha andado 2h $\frac{1}{4}$ e apenas tinha 4 para este passeio na gruta.

Voltei ao hotel em menos tempo e senti que só me dissessem na volta que poderia ver a Star-Chamber, a que se sobe por uma escada de pau à esquerda, — subi e descí diversas — quando já a tinha passado. Os cristais da abóboda parecem estrelas quando se acende luz na Chamber. Há abóbedas que apresentam o achamalotado que arremeda nuvens. Enfim é uma gruta grandiosa; estupenda como quase tudo nesta terra, mas também sem a natureza artística dos arredados da gruta de Adeslberg. Além do Green-River há 5 $\frac{1}{2}$ m. da gruta, e segundo meu guia chamado Mat, mulato muito prognóstico, e atirado a sabichão de história natural. Queria explicar tudo e queimava de vez em quando; a propósito sua tigelinha de pau enxofrado, ou qualquer outro objeto facilmente combustível. Disse-me também que além do Styx não há nenhum inferno, que o caminho é fácil e começam as estalactites e estalagmites. Um livro refere que aí corre um rio Echo-River navegável por quase uma milha com a largura de 150 pés e tão fundo que podem sulcá-lo os maiores vapores do Mississippi.

À saída da gruta o ar externo produzia o efeito das baforadas ardentes em torno de um forno.

Numa das abóbedas há uma escavação formando um novo arco largo da linha a mais artística. Não encontramos nenhum animal, mas sinais de ferradura e carros na parte onde se tirou salitre durante a guerra de 1812. Há na gruta água que pareceu-me boa, posto que misturasse um pouco de conhaque. Contam que alguns físicos quiseram aproveitar o ar da gruta, onde moravam, porém morreram logo 3.

Em 1812 houve um terremoto, mas os que estavam dentro da gruta nada sentiram.

Cerca de 5h $\frac{3}{4}$. Passei pela povoação de Horse que não é pequena. Antes os campos continuavam bem aproveitados pela cultura, desde 5h $\frac{1}{4}$ que estou observando. Depois de Horse já passamos diversas estações. Pequenas povoações. Terreno plano e bem cultivado.

7h 40'. Breese a 40 m. de St. Louis. 8h $\frac{1}{4}$. Trenton. Antes Aviston. Pequenas povoações. De noite atravessamos em Vincenner o Wabash confluyente do Ohio pela margem direita. De Cincinnati até St. Louis atravessamos Ohio, Indiana, Kentucky indo a Louisville e Mammoth Cave e Illinois.

8 $\frac{3}{4}$. Bonito arvoredo à direita. Linda plantação de trigo do mesmo lado.

9h 7'. Dizem que estamos a 10 m. de St. Louis. Não tenho visto povoações consideráveis. Depois de Trenton já passamos Summerfield, Lebanon, O'Fellow, Al Fuseman's, creio que chegamos a Caseville a 9m. de St. Louis. Bonita campina bem cultivada com colinas ao longe à esquerda. Margeamos pela direita como um canal separado por um caminho de ferro de uma espécie de lagoa.

Depois de uma hora de descanso sai. Exchange. Bela casa. Custou 1.800.00 dol. Vastíssima sala com pinturas no teto por um artista italiano. Fui por elevador a todos os andares e vi a sala da galeria superior que percorre os 4 lados dela. Library Pública de 34.000 vol. só deixando lê-los fora os 3000 assinantes. Tem igualmente exemplares de Belas Artes, que copia quem quer. Nesta casa também se acha a Normal-School, cuja organização só difere da de N. York em também servir de High-School. Não há primary-school na casa, mas em outra como anexo. Belcher Refinery. A melhor que tenho visto. Refina 300.000 libra de açúcar por dia. Disse-me o dono que pouco açúcar recebe do Brasil — só da Bahia e Pernambuco, que é o melhor. Nova casa para a Alfândega — United States Court e Post Office. Constroe-se. Toda de pedra, granito róseo do Missouri e cinzento do Maine e ferro. Edifício magnífico que custará 5 milhões de dol. Passa junto a ele a estrada de ferro que atravessa por um grandioso viaduto sobre o qual passam os carros, e etc. O Mississippi, depois de ter passado por outro viaduto muito menor o Keo Kee (creio que assim se escreve). A estrada de ferro entra na cidade por um túnel sobre o qual existe um hotel. É uma das grandes obras desta terra empreendida por um engenheiro Eads, que também empreendeu tornar navegável para os maiores vapores a barra do Mississippi por meio de 2 imensos molhes encanando a corrente do rio.

Ouvi que já saiu há dias um vapor para a Rússia (disse-me o Smirnoff, que é russo).

Fui à casa dos loucos.

Passei perto do parque Lafayette, e atravessei outro muito grande e bonito. Caiu forte chuva com pedrisco. O carro teve que refugiar-se debaixo de uma árvore por causa dos cavalos que viravam a garupa ao vento.

O Hospital não se pode comparar ao nosso do Rio apesar de ser um belo edifício. Quartos muitos frios de noite no inverno por confissão do próprio médico diretor; emprego de manilhas e outros meios de prender mãos e pés dos furiosos por falta de casa de banhos terapêuticos. É fundação do Condado e serve só para os loucos e idiotas dele. Possui bastante terreno que os loucos cultivam. Há uma sala onde Eles leem braille a que podem assistir pessoas alheias à casa todos os sábados. Boa idéia. Também há bilhares para Eles jogarem.

Casa de pobres. Também do Condado. É boa, porém as salas mal aquecidas e no andar superior puseram loucos que não cabiam no hospital. Depósito de instrumentos agrícolas feitos em diversas fábricas do oeste. São uns poucos de andares, a que se sobe por elevador. Há instrumentos excelentes e dos mais aperfeiçoados. Trouxe o catálogo. São enviados instrumentos destes a 3.300 milhas Missouri acima.

Voltando a casa tive a visita de Miss Blow, filha do Ministro Americano deste nome com quem sempre me dei muito bem, e Figueiredo filho de Joaquim Procópio, empregado no comércio de St. Louis.

Fui ao Divina Theatre. Pequeno, mas bonito com a forma de sala de quase todos. Representação burlesca, mas com muita graça sobretudo a paródia de uma cena do Hamlet.

18 de maio 5^a f^a de 1876 — Sai às 7. Passeio de carro pela cidade. Apeei-me à entrada do parque Lafayette onde dei bom passeio. É bonito. Vi aí cisnes com outras cores dos conhecidos por mim.

Tornei a sair às 10 ½. Fui à casa de Miss Blow a 7 m. de St. Louis. Fui aí recebido do mesmo modo que esta família sempre me tratou. Recebeu-nos Mrs. Smirnoff, o irmão estava num dos 13 Kinder-garten cuja instituição do Condado se deve a ela. Há outros em Filadélfia (Mrs. Peabody) em N. York. Apareceu daí e fomos todos ao Kindergarten.

Que lindo espetáculo não é ver 20 a 30 meninos de 4 a 6 anos somente com quase nenhuma diversão que Eles sintam, fazer contas, objetos de argila e achar demonstrações geométricas como uma menina de 6 anos que Miss Blow interrogou de joelhos — é entusiasta da instituição que acho excelente — Miss Blow deu-me o folheto que escreveu e uma obra em alemão a tal respeito — somar, diminuir, multiplicar e repartir partindo de um pauzinho de forma de triângulo retângulo, assim como chegou a provar a igualdade do quadrado da hipotenusa e da soma dos quadrados dos catetos. Depois fizeram exercícios ginásticos e brincaram. Tem jardim que plantam ficando assim conhecendo muitos vegetais e uma pequena coleção de minerais que assim como quadros pretos com desenhos a gis muito bem feitos pela irmã ainda pequena de Miss Blow. Esta nunca se quis casar e eu disse-lhe que não era preciso para ser a mãe carinhosa de grande família.

Fomos ver o Vulcano-Iron-Works para trilhos de aço e chapas de zinco. É a maior fábrica que tenho visto deste gênero até agora neste país. Três imensos fornos, de um dos quais vi correr o ferro para barras. A oficina para fazer aço

Bessemer montado como as melhores da Europa não está acabada. Belas oficinas para obras de ferro, e trilhos de aço. Não me levaram à oficina de chapas de zinco. Só ontem a bordo é que soube que lá se faziam.

Voltamos à linda casa de Miss Blow, onde mora com os irmãos — o irmão estava em Louisville por causa das corridas é muito amigo de cavalos e cães — e lá launchamos [sic] e tomamos café. A casa tem cópias bem feitas das melhores obras de belas artes e o risco das lindas salinhas e quartos com seus ornatos foi do pai, que instituiu uma Academia de Belas Artes em St. Louis e queria que se tirassem cópias das melhores obras artísticas. Mr. Smirnoff que me falou muito do Brasil sobre o qual escreveu um livro em russo, que nos é muito favorável apareceu no Kindergarten. Enfim foi uma das melhores manhãs que temos tido.

Às 5 partimos para bordo do Grant-Republic pelo barco de vapor. No imenso salão onde escrevo e para onde deitam os camarotes, que são bons, porém falta-lhe quarto de banho e outros confortable. À noite os fogos da Vulcano-Iron-Works faziam belo efeito do rio sobretudo o azulado da chama das fornalhas de zinco.

Dormi muito bem. O vapor parece não marchar, e também disse-me há pouco que ele deita senão 8 milhas, sendo a corrente de 3. Contudo passa por andar 18 milhas rio abaixo e 15 acima. Veremos de ora em diante. Já estou a escrever desde às 6. Vou olhar para as margens do rio que descubro apenas daqui pelas saídas do salão para a galeria da proa.

Apesar de embarcarmos ontem às 5h 10', não seguimos senão às 9h Também esteve parado a receber grande carga de um elevador, perto da grande ponte da qual falei.

1 ½. Já passamos pelas pequenas povoações de St. January, St. Mary onde vi a maneira fácil porque fazem o embarque dos gêneros por uma das pranchas que o vapor leva arvoradas de cada lado da proa, e faz descer sobre a margem do rio. Chester onde parou mais tempo, sendo este salão invadido por toda a casta de curiosos vindos de terra, e Grand-Tower com mina de carvão de um lado do rio e de ferro do outro. Há uma fundição considerável. As barrancas são formadas de estreitas camadas e as águas separaram uma parte na margem direita formando uma torre coberta de mato. É o lugar mais bonito por onde tenho passado até agora.

4h Estamos recebendo carga da povoação Cape-Girardeau a 150 milhas de St. Louis. É a maior povoação mas não muito grande que tenho visto hoje. As margens do rio são cobertas de mato e há pontos de vista. O fundo é às vezes muito pequeno e o canal dá grandes voltas. Talvez por isso se tem andado tão pouco. Em 19 horas 150 milhas! Pouco mais de 7 por hora. O Amazonas leva em tudo as lampas como rio ao Mississipi. Vejo uma igreja, hotel e uma casa, que parece-me da escola. A demora não foi pequena.

5 ¾. Estavam a lançar uma das pontes levadiças sobre a praia da pequena povoação Commerce. É muito lindo este lugar, por causa de uma ponta de terra que entra pelo rio, que se alarga, ou ilha muito estreita toda cheia de árvores.

As margens do Mississipi tem apresentado colonas bonitas. O calor dentro deste salão é horrível. Vou já por-me ao fresco.

20 de maio de 1876 — 5 ¾. Estamos ainda recebendo carga no Cairo, povoação considerável onde vejo um grande hotel. Ontem de tarde conversei no alto do vapor, numa espécie de pagode, onde se acha a roda do leme, sobre uma fieira de quartos, que julgo serem de creados e tripulação de bordo, com os dois pilotos. Disseram que o rio está baixando ½ pol. por hora — a cheia em Abril e a baixa em 8bro [outubro] e 9bro [novembro]. De St. Louis até Commerce onde estávamos parados a maior cheia é de 30 a 35 pés, para baixo a maior do rio é de 47.

Um dos pilotos foi Mort. Burnham também do navio de Porter quando Ferragut forçou com seu navio somente por terem as fortificações de Vicksburg destruído os outros o forte Hudson para se reunir a Porter, abrindo depois o canal que reuniu o alto ao baixo Mississipi evitando a passagem do Vicksburg.

À noite uma senhora tocou e cantou melhor que outra ante de ontem.

Conversei com uma senhora idosa que perdeu marido e filho combatendo pela causa do Sul. Disse-me que não tinha mais pátria e admirou-se de que visitasse Grant prevaricador. Respondi-lhe convenientemente e ela concordou comigo que o princípio da escravidão tinha tornado antipática a causa do Sul e que apesar de nada dizer a tal respeito a constituição não podia estar na mente de Washington, Franklin, Jefferson e tantos outros grandes homens da Independência manter tal princípio. Enfim que neste mundo o resultado valeu muitíssimo e que era preciso sujeitar-se a

ele tendo o consolo de ver a pátria outra vez reunida, formando uma grande nação. A isto acudira ela logo com dois never bem acentuados.

Deitei-me às 10. Acabo de ver a confluência do Ohio no Mississipi. Um grande vapor o descia vindo de Cincinnati. O lugar é belo e a cidade do Cairo importante por seu aspecto. Vi um hotel muito grande. Seguimos há minutos. 7 ½.

21 de maio de 1876 — As margens do rio continuaram bonitas e antes do pôr do sol de ontem passamos por uma grande ilha. O rio ainda está 40 pés acima da baixa.

À tardinha fui ver a carga do navio acima do rio e parte noutra abaixo da tona dele. Examinei as caldeiras que são 6, mas não tubulares. O Comandante só apresentou com vantagem o ser mais difícil limpar os tubos. A máquina é de 1800 cavalos. Os animais cavalos e uma vaca que estava muito doente vem bem cómodos. Disse-me o comandante que seu vapor descarregava tudo em um dia em New-Orleães, mas ele asseverou que chegaria em 4 ½ dias e já fala na chegada só 3ª fª, procurando por todos os modos que eu desembarque em caminho afim de correr assim o maior tempo de viagem por minha conta. Disse-lhe já em St. Louis que não desembarcava e que o maior favor que me faria, já que tanto o oferecera era chegar o mais depressa possível a N. Orleães, mas receio que só cheguemos na 4ª o que muito transtorna meus planos.

O Comandante Thorvegan, nascido na Alemanha, mas que está aqui há 33 anos — terá de idade 40 e tantos — parece-me muito esperto.

Ontem escrevi muito.

À noite houve um começo de representação dos meninos de bordo. Esta família compõe-se a bordo da tia já idosa, do marido daquela, de uma filha rapariga, e de um rapaz e dois meninos filhos da tia, que julgo ser viúva. Creio que a mulher do sobrinho teve um filho que engatinha.

Hoje parece que tenho também fúria de escrever, pois entro em tantos pormenores de pouco interesse.

Ainda não vi (são 6 ½ da manhã) ninguém que me informasse de onde estamos, mas já há movimento de mesas no salão onde costumo escrever na mesa própria para isto.

Ontem de tarde ameaçou trovoada, porém nada deu. À noite choveu bastante e o dia de hoje está chuvoso.

Este vapor fez sua primeira viagem há um mês. Tem 350 pés de comprimento.

7h 20'. O piloto Burnham acaba de dizer-me que estamos 40 m. abaixo de Memphis porque passamos às 4 ½ da madrugada.

Antes das 8 o piloto mostrou-me que seguíamos um caminho mais curto que o antigo, aberto há 2 anos por cima de uma grande plantação. Dava-se anteriormente uma volta de 5 milhas quando agora anda-se menos de milha.

10 ½. Estamos em Helena 555 m. de St. Louis. As margens tem continuado bonitas. Antes do almoço vi o casco do Indiana tombado no meio do rio. Passamos também por esse pelo vapor Susie-Silver que ia de N. Orleães para Cincinnati. Outro vapor foi visto vindo de N. Orleães quando encontrei o casco do Indiana.

Ontem vi uns barquinhos que pareciam os dos pescadores de nossos pequenos rios.

Atracamos a Helena. Houve uma grande invasão a bordo. Um sujeito quis ler-me um discurso, porém disse-lhe logo que não tinha para ouvir [*sic*] discursos em viagem e fugi dele.

Vejo jornais The Helena Daily World e Helena Daily Mail de ontem e de hoje dão indicações sobre a altura das águas nos rios. Aqui está crescendo o Mississipi.

Estou escrevendo rodeado de gente. Estas invasões parecem as da Assembléia, etc. no tempo da Revolução francesa. Não sei como o Comandante não as proíbe a bem da polícia do navio. Contudo é um espetáculo curioso para o viajante. Acabo de ver o discurso que me queriam impingir. Não está feio e mandei uma desculpa. Recebi um convite para um game ball of the fat men em Memphis. Guardei o convite em bilhetes do correio como curiosidade.

22 de maio de 1876 - 6h 5' da manhã. Levamos muito tempo a carregar em Helena onde vi de bordo o bonito edificio dos tribunais.

Tem a high-school.

O rio apresentou-se muito cheio de tarde. Vi um escaler a vela e barquinhos como ontem; os pássaros tem aparecido mui raras vezes. Antes de ontem em Commerce algumas crianças pescaram peixes grandes que parecia cat-fishes.

À tardinha de ontem viu-se o grande vapor City-of-Vicksburg, que estava atracado a Carson's Landing perto e acima de Concórdia. Aí o rio é muito largo. À noite parou-se por causa de um vapor que passou pela proa do nosso.

De manhã e de noite cantaram creio que hinos religiosos, era domingo.

Às 10 da noite recolhi-me e já há muito que o vapor recebia fardos de algodão de Tersene a 679 m. de St. Louis. Era curioso o espetáculo por causa dos fogaréus fincados junto à rampa que iluminavam a cena. A noite estava muito bela, relampejava apenas pela proa.

Junto a Tersene deságua o White-River um dos grandes confluente do Mississipi, pela margem. Perto deságua outro ainda mais considerável o Arkansas. Dizem comandante e piloto Burnham que a 12 m. da embocadura do White-River há uma comunicação entre este e o Arkansas.

Pelo que pode andar o navio — embora já andasse 13 milhas — e a distância a percorrer só depois de amanhã 24 pela tarde ou noite.

7h 11'. Deixemos Greenville onde não houve carga a tomar. Pequena povoação. Antes passamos por Columbia que segundo uma lista dos lugares que parece dever ser importante, porém nada notei na marcha do vapor. Uma dista da outra 6 m. Greenville está a 751 m. de St. Louis.

Num livro sobre a cidade de St. Louis vejo que a ponte de que falei tem 2.046 pés de comprimento, incluindo os aproches. 6.220 e com o túnel por baixo da cidade 11.100. Três lances tem a ponte formados de arcos de chromo-aço. O do centro de 520 e cada um dos outros de 502.

10h 26'. Estive lendo a tradução da Iliada por Bryant.

Entretanto tocamos numa muito pequena povoação para receber sacos de sementes de algodão de que extraem óleo, e vi passar o grande vapor Scudder da carreira entre N. Orleães e Memphis. Subia o rio.

A manhã está mais agradável que a de ontem.

Esperava achar mais povoados às margens do Mississipi. É verdade que algumas casas, ontem, estavam no meio da água, e disseram-me que tinham feito como um parapeito de terra — vi ontem parte dele na margem esquerda e arrombada em todo o comprimento do rio para resguardar as terras de inundações, e a deste foi muito grande, portanto é natural que os habitantes se achem além do parapeito. Não tenho notado casas grandes que me pareçam escolas. É verdade que até as fazem só de tábuas, bem como igrejas, de quem um specimen⁰⁰⁸ de cada coisa indo de Cave-City para Mammoth Cave.

Os confluente do Mississipi, segundo o que tenho colhido parecem mais facilmente navegáveis que os do Amazonas.

O céu tem-se parecido como o do Brasil em seu aspecto geral e nas formas das nuvens. Referiram-me que para o lado de Memphis o gelo chega a impedir a navegação, como aconteceu ao Gran-Duque Alexis, em sua viagem.

2h ½. Margens mais povoadas e chatas. Agora na margem direita há um extenso campo salpicado de casas e vezes bem como o rio rompeu o dique em diversos pontos.

Tenho estado mais tempo na proa onde também há mais fresco. Há aí uma chapa com amostras e esta inscrição. Homogeneous Steel plate in boilers of Steamers. Grand-Republic: 70.000 lb Tensile Strenght — Bent Cole Burgesse Steel Iron Works — Portsmouth — Ohio. Boilers made by Joe F. Wangler — St. Louis.

Antes das 2 passou subindo o vapor Lucy Keern. É grande, mas velho.

Pouco antes de 6h chegamos a Vicksburg grande cidade subindo um morro. Bela posição. Vi de longe o City-Hall que faz vista e o hospital de Marinha que não é pequeno. Antes observei bem a língua de terra da margem direita oposta à da cidade e a direção do canal com que a cortou, ou pretendeu cortar, disse O'Kelly depois de ouvir o outro piloto, não o Burnham, para reunir a parte inferior à superior do rio. Passamos ou antes 2 vapores passaram-nos um subindo — Natchez que fez a viagem de N. Orleães a St. Louis com 3 ½ dias e outro o Pargout, descendo que já vai longe de nós. Contei com o nosso e outro que chegava 14 vapores em Vicksburg. Não carregamos aí.

São 6 ½. Em Vicksburg houve também invasão de bárbaros. Um querendo falar espanhol e dizendo-me que sabia o francês que também falou e o inglês e o italiano disse-me ter estado há 40 anos no Brasil de que se lembrava muito e não

querendo responder à minha pergunta a respeito do nome dele, lá se foi cambaleando um pouco. Antes de chegar o 2º piloto mostrou-me a embocadura Agure-River na margem esquerda.

23 de maio de 1876 — 6h da manhã. Ontem à noite passou por nós um vapor. Atracamos para descarregar e antes de recolher-me às 10 ½ vi dançar — antes houvera cantoria sobretudo de Mrs. Lindell — e conversei largamente com o bispo da religião episcopal de Nova Orleães que vai de Vicksburg para aquela cidade. É sulista, mas homem moderado.

Não lhe disse como a Sra. idosa, com quem conversei por diversas e despediu-se minha afeiçoada em Vicksburg, que não tinha pátria.

Houve grande trovoada e ainda mais chuva de noite. O dia de hoje há de ser mais fresco. O céu não está claro.

6h ¾. a 15 milhas de Natchez. Este lugar fica a 270 m. de N. Orleães. Estamos descarregando. É o primeiro campo arado que vejo assim perto do vapor.

10h 20'. Ainda estamos atracados a Natchez aonde chegamos depois daquele lugar. A margem a que atracamos é de montanhas, que aliás não se estendem muito ao longo do rio. Há casas, algumas grandes, na margem oposta plana também se vêem casas mais ou menos espalhadas. A posição é bonita.

Dura a invasão de bárbaros a bordo, mas é não fazer caso dele e não vêm bulir com a gente.

11 ¾ — Formou-se dos que vieram de terra uma roda escolhida e uma senhora cantou e tocou bem. Os que foram de bordo à vila ou cidade dizem que tem bonitas casas e uma igreja católica.

Nada me disseram de escolas.

Publica-se aqui um periódico.

Deram-me magnólias daqui, mas já não é tempo dos natchezes quando Celuta ornava-se com elas.

12h 5'. Largamos para atracar do outro lado e houve nova invasão, que já se retirou ouvindo o sino. O lugar defronte a Natchez chama-se Vidalia. Porém seguiu pouco depois.

1h conversei novamente com o Bispo de ontem. Repisou. Ficou de dar-me indicações do que há de mais curioso e se possa ver dentro do tempo em N. Orleães.

3h começou chuva forte de trovoada que durou pouco.

6h ½. Margens elevadas há pouco tempo. Largamos de Longside 10 milhas acima de Red-River. Daqui a 7 m. começam as plantações de açúcar. Tenho visto muito moleque de camisa esfarrapada.

7h Red-River. Parada pequena em Landing - Red-River. A noite ficou bastante escura, porém seguimos. Tocou e cantou Mrs. Lindell; conversei com o bispo e às 11 deitei-me.

24 de maio de 1876 - 6h Acordei estando nós em Baton-Rouge. Invasão de bárbaros. Já me deram um ramalhete de flores monstruoso, porém muito bonito. Um judeu polaco A. Kowalki dirigiu-me uma saudação em hebraico por escrito, que eu li a ele, o que o encantou.

Estamos a 130 m. de N. Orleães. Creio que os sulistas hão de incomodar-me com suas obsequiosidades, pois que o bispo já me disse que se fosse possível ele me quieriam para monarca do Sul, como durante a guerra da secessão tiveram intenção de se constituírem monarquia e chamar um soberano de fora. O tom da linguagem deles é de quem ainda não se resignou do resultado de sua imprevidência e sobretudo de sua má causa interesseira.

Por ora nada posso dizer, porém o Norte me tem agradado muito mais que o Sul.

The Daily Democrat de 23 publicado em Natchez dá notícias do estado do rio. O capitólio; porque Baton-Rouge (cidade de 5.000 hab. segundo ouvi) tem forma de castelo e vê-se bem de bordo. Há outra casa para que se sobe por socalcos gramados e ajardinados como em algumas das chácaras do Brasil. O 2º piloto diz que chegamos às 8 da noite em N. Orleães e eu assim penso, porque paramos muito.

Chegou a N. Orleães o grande vapor Katie e está parado perto do nosso. Vai para Greenville rio acima. Parece bem carregado. O nosso tem feito uma razzia por estas margens. Desde lobrica carga, mesmo de achas de lenha atraca. Dizem que daqui por diante são fazendas de ambos os lados.

9h 1/2. Largamos de Plaquemine que parece-me povoação importante. Disseram-me pessoas que desceram em Baton-Rouge que já erva nas ruas e que a capital do Estado de Luisiana está agora em N. Orleães.

Tendo deixado há muito de Baton-Rouge vi à esquerda um grande edifício que me disseram ser a casa dos surdos-mudos.

A água que bebemos do rio já é mais clara; até agora cor de terra, mas já disse-me o que me referiram a respeito dela em St. Louis. Por ora ainda não apareceram as fazendas de que falaram.

12 h Já vi diferentes fazendas de açúcar em ambas as margens do rio. Agora passou-se pela de Boucher à esquerda, cuja renda em pães de açúcar é de 200.000 dol. por ano, segundo me disse o bispo que se chama Joseph Pere Bill Wilmer. Parece que me quer catequizar à causa do sul, mas eu rebato seus argumentos.

2h Aproximamo-nos para atracar ao lugar St. James. Temos passado por muitos engenhos e uma grande casa de convento à esquerda. O comandante diz que de mau carvão como o atual consome 46 ton. em 24 horas.

6h 40'. Pensei ver mais fazendas às margens do rio. O nosso Paraíba tem mais e é muito mais bonito de Campos para S. Fidélis.

Vi dois vapores um descendo e outro subindo. Já se descobre ao longe de N. Orleães. Com as voltas do rio ainda há 9 m. até lá.

25 de maio de 1876 - 6h da manhã. Desembarquei ontem pouco depois de 7 ½ da tarde. Custou a assentar uma das pontes sobre a margem. Há somente uma espécie de assoalho já meio podre nalguns lugares como cais.

O hotel tem bela fachada, mas os meus quartos cheiram como água barata. Tive que capitular com os mosquitos que são inumeráveis cantores e compridos; envolvi-me em mosquiteiro. Que calor de noite!

A aproximação da cidade é bonita. Passa-se primeiro pelo bairro Carrolton à esquerda.

Saio logo às 7. Já há jornais do Rio de 25 de abril chegados ontem assim me disse o Nathan, que falou-me sobre o desejo que há nos agricultores de imigrar; o governo da Venezuela procurando atraí-los e tendo ele recebido colonos portugueses e esperando-os da Galícia para aqui.

Disse-me que os jetties do Eads já tinha dato 15 pés de fundo ao rio onde só tinha 6, e que esperava que saia a 15 de junho para o Brasil um vapor de 2000 tonel.

1 ¾ — Já corri a cidade. Nada de notável. Depois do almoço missa na Catedral de S. Luiz. Grande, mas gosto do salão. Pte. de Brumbeeh representando Luis IX convocando para a cruzada.

Crismou o bispo mexicano de Taumalipas. Vai a Roma onde já estudou. Pregou às crianças em francês que fala corretamente. Pelo discurso não me pareceu muito inteligente.

Já li jornais do Rio até 25 porém nada de nada. Que fará o Joaq. Nabuco por aqui?

26 de maio de 1876 - Ontem das 7 às 9 fui ver a Esplanada; French Market e a parte criola da cidade. Na Esplanada há alguns jardins bonitos. As ruas são sujas, e tem mau cheiro. Entrei num mercado onde não vi nada de notável.

Às 10 e 10' estava na catedral católica de S. Luiz. Muita gente, tribuna de gente de cor. Por supor que era missa ordinária já estava ela no meio. Houve confirmação de grande número de meninas e meninos administrada pelo Bispo mexicano de Taumalipas que logo suspeitei pelas feições e cor da tez ser americano. É muito bem apessoado e pregou correntemente em francês. Os padres falavam em língua aos meninos — mas não mostrou talento no sermão. Estudou no colégio americano em Roma, tendo estado 6 anos na Europa. Vai um destes dias para Roma.

Depois fui ao Mecanical e Agricultural College and Museum. Só há a casa construída às 6 anos *[sic]* com uma pequena livraria, a única pública da cidade de onde não podem sair livros. O edifício é grande e tem 2 grandes salões sobretudo o do andar de cima. Apanhou-me aí uma tremenda trovoadas com muita chuva. Tornei ao hotel onde li jornais do Rio até 25 de abril. Sai de novo e vi parte da cidade de 2 às 3. A esta hora combinei com o engenheiro Eads a minha visita às obras das jetties onde segundo telegrama de hoje já um navio passou com 16 pés e 3 pol.

Depois conversei até o jantar com os Drs. Chopin e Write sobre a febre amarela. Aquele foi há anos presidente da comissão sanitária e este o é atualmente. Há 6 anos que se executa uma lei estabelecendo quarentena de 10 dias para navios de portos infestados. Quando não aparecem casos de febre em passageiros os 10 dias incluem os de viagem. O navio era fumegado com enxofre e agora desinfetado com ácido carbólico usando-se de bomba para que o desinfetante chegue a todas as partes — durante horas antes de desembarcarem os passageiros no lazareto e depois na descarga na

cidade. O lazareto acha-se 30 e tantas léguas rio abaixo em lugar isolado. O ano passado modificou-se a lei ficando o tempo de quarentena dependente da Comissão de Saúde Pública. Antes da quarentena houve 13 epidemias e depois desde 1856 só três; uma de navio que não fez caso da quarentena e duas por ter sido a desinfecção mal feita. O ano passado de agosto a 9bro houve 80 e tantos casos na cidade dos quais 30 e tanto fatais. Os 2 Drs. não creem na quarentena porque nunca será perfeita aqui. O Dr. Chopin disse que tratou aqui do meu genro Augusto. Indicaram-me o Dr. Devron como entendido na desinfecção pelo ácido carbólico.

Às 5 fui até o lago Ponchartrain que é uma espécie de lago. Margeia-se o canal que da cidade vai até lá. Vi diversas casas para banho à margem do lago e restaurante. Pela outra margem seguia o caminho de ferro ou tram-way a vapor. Passei por perto do cemitério de Greenwood. Vi de longe um monumento aos militares mortos na guerra civil. Pareceu-me artístico.

À noite estive cá o sobrinho de Mrs. de Marigny que hospedou aqui Louis Fillipe em 1800 e ultimamente estive com o Duque de Penthièvre. Pareceu-me um sulista-nortista querendo que seu filho se eduque no Norte.

Vieram Drs. Devron e Write. Disse-me aquele que todos os anos antes de começar a estação da febre desinfetam-se com ácido carbólico — quando puro leva 49 vezes água — ruas e pátios de casas e logo que consta caso de febre com todo o cuidado é desinfetada tudo de modo que não possa prejudicar o doente. Eles pensam que a epidemia se propaga junto ao solo. Também pulverizam o ácido carbólico para desinfetarem. Observaram que lugar bem desinfetado não é segunda vez atacado pela febre. Só conhecem contudo a neve ou gelo que penetre o solo como só podendo matar o germen. Só reaparece aí a febre se houve comunicação com objeto que traga o germen de outra parte. Estes Drs. tem grande fê na desinfecção como é praticada. Disseram-me que o asseio das ruas não é da competência da comissão sanitária, que apenas inspecionam e representam. Só tem atribuições quanto a medidas no interior das casas e escoamento de águas do interior delas.

Todos três pareceram-me muito inteligentes, mas Chopin não tem a mesma reflexão que Write e Devron, que também me disse ser amigo de plantas e ter no seu jardim 120 espécies de caladium. Mandaram relatórios — pediram os da nossa comissão e já tomei nota e apressarei sua remessa do Rio e uma brochura sobre o emprego do ácido carbólico.

Ainda conversei com o Bom Retiro depois do chá e à meia-noite fui dormir. Passei melhor a noite, porque logo me envolvi no mosquiteiro. Tomara-me já no Norte!

Hoje das 7 às 9 fui até Carrolton. Encontrei muito bonitas casas de campo com jardins. O jardim público de Carrolton só está melhor tratado na frente. Tem suas flores e misérrima estufa onde sempre alegrou-me a vista de sinphonea elástica.

Creio que esqueci de dizer que na catedral há um fresco sobre o altar-mor representando S. Luis convocando para cruzada. É de um alemão Bumbrecht — penso eu — Coisa medíocre, assim como, ou ainda piores as outras antigas.

Já voltei de minha volta depois do almoço, mas há muito que contar e já são quase 4. Fica para esta noite se for possível.

27 de maio de 1876 - Fui ver um bonde movido por locomotiva sem fogo, só com vapor que recebe no lugar da chegada. Estes bondes não andam por dentro da cidade. Meti-me num e fui e voltei de Carrolton — ida e volta 6 milhas em menos e 40' com pequena demora no lugar da chegada onde recebeu vapor, como as outras água. Depois escreverei os dados que colhi.

Escola de pessoas de cor. Edifício próprio e bem montada. Tem 400 e tantos. Os mestres senhoras e algumas de cor.

Escola de brancos e de cor 400 e tantos de que só 40 e tantos de cor. Como a outra. Ouvi uma menina de 6 anos ler e recitar de cor admiravelmente bem. Era branca. Há grande repugnância nessa mistura de cores. Existem 17 escolas de negros públicas e 2 high-schools na cidade.

Visitei o suntuoso edifício de pedra o mesmo da alfândega, Correio que ocupa vasto espaço e tem o serviço muito bem regulado e tribunais. A alfândega tem uma belíssima sala de colunas, tudo de mármore, com duas estátuas de Bienville fundador de N. Orleães e General Jackson seu defensor em 1815. Finalmente Thompson's rice mill. Ele confessa que os pilões descascam melhor o arroz e descasca 400 sacos de arroz num dia de 24 horas, que enchem 200 barricas.

Às 5 fui aos Fair-Grounds onde está o Jockey Club. O jardim é bonito. Do alto da casa boa vista descobrindo-se o Bavout-St. John que liga o rio ao lago Pont-chartrain e o City-Park que não acabaram. O Jockey Club tudo o que é preciso para corridas, que se fazem nas Fair-Grounds.

Na volta fui ao Temple-of-Sinai. Bela sinagoga. Estava tudo cheio. O coro cantou bem com acompanhamento de órgão.

Dormi bem. Hoje às 5 ½ fui embarcar-me em Bienville. Esqueci-me de dizer que também à noite tive visita do Bispo mexicano chamado Ignácio de Monte d'Oca Y Obregon, e falei com o naturalista Fontaine, que se ocupa muito de geologia dos Estados Unidos e me oferecera uma obra. Fui ver as fazendas Carroll de Bradosh Johnson, onde encontrei o superintendente Perret, falando como um francês e muito inteligente; Valcouraine de John Bumside. Escocês que comprou e onde achei o homem de negócios dele Chiapella, que fala também muito bem francês e é muito inteligente, e Dugan de Thomaz S. Dugan, que me deu as explicações e parece-me o menos inteligente. Ele e Johnson acompanharam desde N. Orleães e o último voltou comigo até lá. Ambos responderam-me na ida a perguntas de que depois falei.

As plantações agradaram-me, os engenhos há melhores no Brasil. Plantam a cana entre 2 regas de arado, que é puxado por cavalos. Dá em 8 a 9 meses; plantam as ressecas e ainda um ano os filhos destas e o ano seguinte esse terreno é plantado de favas corn-peas e milho que renova as qualidades do terreno que no seguinte ano leva cana. Também plantam o milho logo com a cana. As gavinhas das favas faz muito bom feno. Os pretos trabalham bem por contrato de ano, que quase sempre renovam, ganhando de 13 a 18 dol. por mês — no 1º caso com comida e no 2º sem ela — em ambos com casa, que não me pareceu má. Ao meio dia recolhiam-se os arados; a aiveca passado por um arco de ferro fincado numa tábua sobre que o condutor era arrastado.

As negras trabalham bem; os jovens de 16 por diante; os de menor idade nada recebem. Numa plantação há 50 chins, mas não trabalham com os negros e são borrachos. Referiram-se que a semente do algodão, além do azeite, dá depois deste extraído um tijolo que alimenta bem o gado e amarelece o leite da vaca. Os resíduos são excelentes. Nestas plantações empregam o estrume artificial de J. Villi. 200 e tantas libras por acre americano — 210 pés².

Na plantação de Valcouraine 16 barris cada um creio que tem 200 e tantos de carvão de pedra 11º além do bagaço — dão um boucault [*sic*] de açúcar refinado, que vale cerca de 50 arrobas nossas. A fazenda Dugan está bem situada à margem do Mississipi. No fundo há belas arvores — um live-oak e ainda mais belas Pekan (creio que assim se escreve) trees.

Perto de Valcouraine fica Armant fazenda ainda maior e do mesmo dono. Aquela tem um solo que logo seca. Esta cidade tem suas ruas muito mal calçadas — ou de lages — ou de seixos grandes e pequenos. Há alguns belos edifícios com os já nomeados e um muito grande todo no exterior do gosto de Alhambra que chamam a Casa-Mourisca.

6 ½ da tarde — Acabo de visitar o New Orleães Machinery Depot para os Baxter's portable stean Engine. O menor é de um cavalo. Desenvolve-se o vapor por meio de gás aceso em poucos minutos. Pesa 230 ££ e custa em N. York onde se faz (casa Maxim and Welch) 250 dollars. Trouxe a descrição de um engenho de prensa de algodão, de invenção do homem da loja.

Logo vou com minha mulher até a Grande Ópera — representação francesa — para benefício — e às 8 parto rio abaixo para amnhã de madrugada para ver as obras das jetties do engenheiro Eads.

29 de maio de 1876 - Partida às 6 ¾. Campinas mais ou menos encharcadas. 7h 11'. Atravessamos há pouco Chef-Menteur. Vem de uma lagoa e vai ao Golfo do México. De um lado li numa casa Chef-Menteur e do outro noutra Banditti-Cava. Que bela correspondência. Passo a lagoa que é grande.

Cheguei dos jetties perto da 1 ½ da madrugada e ao hotel às 2. Encontrei cartas do Rio e da Europa. Falarei depois dos Jetties.

8h ¼ Rigoletto.

Vê-se à direita o Golfo do México. Atravessamos uma larga ponte sobre os Rigolets.

8h 40' Temos passado junto de mato e agora atravessamos um algum tanto cerrado.

8h ¾. Atravessamos floresta de pinheiros que se vê que são cortados. Pequena estação Waveland.

9h Bay-St.-Louis.

9h 6'. Atravessamos a baía sobre um longo viaduto de madeira.

9h ½. Há poucos minutos deixamos Pass-Christian.

9h 40'. Atravessamos bonitas chácaras (casas com pequenas plantações) antes de chegar agora a Mississipi-City.

10h Biloxi. Tem suas casas bonitas de madeira.

10h 5'. Atravessamos outra baía sobre longo viaduto de madeira (Estes viadutos são de paus fincados no fundo da água cujo nível pouco excedem os rails).

10h 12'. Ocean Springs. Lugar bonito de pinheiros e lindas casinhas de madeira.

10h 40'. West-Pascalouga. Vi uma oficina para creosotar madeira vinda por água e trilhos. É um imenso cilindro onde a madeira seca primeiro 24 horas pelo vapor e depois impregna-se de creosote vindo de N. York a 6 galões (o mesmo que o inglês) por pé cúbico sob a pressão do vapor de 125 ££ por pé quadrado durante 48 horas. Passamos outra baía como as anteriores.

11h East-Pascalough Tem suas casas e algumas bonitas.

11h 25'. Atravessamos grande campo com pinheiros espalhados.

11h 35'. Deixamos Grand-Bay com suas casas. Pinheiros e madeira cortada para lenha.

11 ¾. St. Elmo a 20' de Mobile.

12 ¼. Passamos por um lugar de corridas à direita.

12h 40'. Desci um pouco e fui até um cais onde vi lousa muito fina vinda de outro lugar dos Estados Unidos. Subi para o vagão já em movimento. Partimos há minutos. Mobile — 141 m. de N. Orleães — tem bastantes casas e uma rua comprida que eu vi. Atravessamos um braço da baía como os outros e parte em ponte de ferro e madeira.

O Dr. Fontes disse-me que em N. Orleães é bom o hospital para 200 doentes. A escola na Universidade agradou-lhe menos, contudo achou peças bem preparadas no museu anatômico. Um médico de N. Orleães que se ocupa de helmintologia e tem coligido cento e tantas variedades ou espécies de helmintos disse-me que os meninos padeciam muito de bichas porque o Mississipi abunda deles, não havendo peixe que não os tenha e o gado comendo peixe nos campos quando as águas baixam e portanto cirando cisticercos, de onde provém os tênias.

Passamos 2 vezes o rio Alabama e agora 1h 5' em ponte grande de ferro sobre o Tensaw confluyente do Alabama.

2h 10'. Parou para beber água. Temos atravessado pinheirais.

2h 27'. Chuva copiosa de trovoada já há algum tempo. Pinheiros quase sempre.

3h 7'. Paramos em um lugar de poucas casas, mas onde há hotel para os passageiros e seguimos.

3h 20'. Passamos por uma pequena aglomeração de casas com uma casa tendo este nome — Escambia House.

4 ¾. Passamos por outras casas com Bar-room. Continuam os pinheiros. Agora estamos parados mas não sei onde. Não tenho achado nenhum guia de St. Louis para cá, a não ser um muito resumido de N. Orleães. Ainda não apareceram os últimos volumes dos de Appleton e de Osgood.

5h ½. Passamos por outras casas e agora paramos junto a maior número de casas. Ainda pinheiros. Parece que o negócio desta região é a madeira. Há aqui grandes pilhas de tábuas de pinho.

5 ¾. Bonitas plantações junto a casas de ambos os lados.

6h 11'. Passamos por uma povoação maior.

6h 7'. Lugar cultivado que parece povoação considerável. Margeou-se o rio Alabama. Esta tarde antes do pôr do sol, houve descampados bonitos e aquele foi belo. Esta povoação é importante.

7h ¾. Largamos da estação à esquerda. A cidade fica a alguma distância à direita. Já tenho um jornal.

8h Agora vou ceiar. Há mais de ½ hora que nada se vê.

30 de maio de 1876 - 5h 10'. Estamos em Atlanta. Cidade importante.

5h ½. Deixamo-la há pouco. Tenho 3 jornais. Saindo dela vi o lugar das corridas. Atravessamos em ponte o Chattahoochee. Estamos no Estado da Georgia depois de ter passado os de Mississipi e de Alabama.

5h ¾ Pinheiros e carvalhos. N. Orleães está no de Lousiana.

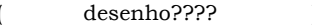
6h Há pouco estação com algumas casas. Madeira cortada e fardos de algodão. Terreno cultivado de ambos os lados. Li num dos jornais que há 200 queijarias no Illinois, para que dão leite diariamente 2 milhões de vacas.

6h 5'. Deixamos Marietta onde paramos minutos. Tem bastantes casas com jardins e pequenas plantações. Predominam os carvalhos.

Antes que me esqueça. Em N. Orleães vi no hotel uma menina de nome Lucia Zavata, mexicana, que o pai dizia ter 12 anos. Tinha as dimensões de uma boneca não muito grande e era muito esperta andando e falando desembaraçadamente.

6h 37'. A máquina bebe água há minutos em Big-Shanty.

6h 40'. Seguimos. Tem suas casas com pequenas plantações.

7h 9'. Terrenos bem cultivados com casas de ambos os lados. Vejo cercas como já conheço muitas, de paus simplesmente sobrepostos e formando esta figura () com os vértices para fora.

Chegamos a Acworth Povoação com bastantes casas. Vejo uma igreja.

7h 9'. Chegamos a Allatoona. Pequena povoação.

7h 16'. Passamos por Stegall's. Tem suas casinhas com pequenas plantações. Logo Etowah

7h 20'. Descobre-se à esquerda linda vista de colinas com árvores nos cimos e plantações nas encostas e baixas. Atravessamos o Etowah (7h 26') em ponte de ferro curta.

7h 28'. Paramos. Cartersville. Povoação com bastantes casas e parece-me ter visto oficinas da estrada. Só me deram a lista das estações depois de Marietta.

Acerto o meu relógio que marca 7 ½ pondo-o nas 8h

8h 25'. Durante o almoço passaram Roger's e Cass. Poucas casas, mas esta mais considerável.

9h 7'. Kingstom. Algumas casas e pequenas.

9h 11'. Deixamos Hall's. Madeira empilhada.

9h 20'. Calhoun. Algumas casas. Talvez me enganasse a respeito dos nomes precedentes porque na lista antes de Hall's há Adairsville e Mac Daniels. 9h ½ Passamos o Oostonaula em ponte coberta, não grande, e pela estação de Resaca.

10h 48' Passamos Tilton com algumas casas. Ainda se vêem bastantes árvores porém poucos pinheiros.

10h 3'. Dalton. Povoação de bastantes casas. À estrada bifurca-se e vamos seguir o caminho de Lynchburg (Virginia) entrando no estado de Tennessee. Paramos defronte de uma grande casa com o título Duff Green House (é um hotel de onde recebi um ramo de flores. Tenho recebido vários na minha viagem). Vi uma igreja pequena, mas bonita. Não tenho edifícios que me indiquem escola.

11h 7'. Passamos Varnell's porém eu não vi outra estações nomeadas antes na lista. Serão muito pouco importantes, quase sem casas, como a acima mencionada. Atravessamos (11 h) pinheiros e carvalhos.

11h 5'. Passamos Dalton (Tennessee). Quase nenhuma casas. Árvores bonitas.

11 ½. Chegamos a State-Line (Já passou). É Cleveland (Tennessee) a que chegamos. Tem suas casas e uma de sobrado de boa aparência com o título Mondey House. Paramos minutos e seguimos às 11h ¾. Bonita vista de terreno ligeiramente acidentado com árvores plantações não muito grandes, à esquerda. 12h 3' Charlston. Apenas paramos. Poucas casas pequenas.

12h 6'. Lugar de colinas separadas e com bonitas casas de jardins com árvores. Chama-se Riceville. Apenas paramos. Atravessamos uma ponte de ferro não muito grande o rio Hiwassee. Continua quase o mesmo aspecto.

12h 25'. Athenas. Tem bastantes casas pequenas, mas algumas bonitas. Vejo uma igreja pequena. Poucos minutos de parada.

12 ¾. Reagan's. Bonita do lado direito que se vêem casas no vale entre as colinas com belas árvores. Plantações, à esquerda sobretudo; colinas de ambos os lados cobertas de árvores. A vista estende-se pelo caminho adiante. 1h Sweetwater. Casas bonitas, mas pequenas, de ambos os lados. Paramos apenas — Leio numa casa Mouse Creek. Na lista há Mossy-Creek muitas estações depois de Sweet Water. O terreno parece há tempo melhor aproveitado, mas não é como o que vi de Chicago até Washington Pittsburg.

1h ¼. Bonita povoação com igreja sobre um teso. Tem suas casas e duas de sobrado que eu vejo. É Sweet-water (E o que eu supus?). Custa a obter informações exatas. Para não terem trabalho respondem logo embora errado, ou o I don't know.

1h 40' Depois de minutos deixamos Filadélfia (Tennes.). Poucas casas e uma igreja.

2h 5' Deixamos London. Poucas casas. Atravessamos sobre ponte que não é pequena e a princípio coberta, o que indica madeira — o rio Tennessee. Água muito amarela. A margem direita do rio que se vê da ponte — creio que nunca — está toda muito bem lavrada. Bonita vista do Tennessee que margeamos. Do outro lado a falda da colina coberta de mato é cultivada. O barômetro está muito baixo ameaçando temporal.

2h 12'. Lenoir's. Pequena parada. Campo lavrado e plantado à direita. Algumas casas. Uma grande casa com roda de água à esquerda. Tornou a para na estação cheia de sacos. Seguimos.

2h 24'. Passamos por Concord. Poucas casas.

2h 35'. Igreja sobre colina à esquerda. Algumas casas com árvores na frente, segundo tenho visto. Erin, onde não paramos.

3h 12'. Bela paisagem à direita.

3h ½. Deixamos Knoxville onde há parada foi talvez de 20' *[sic]*. Grande povoação bem situada. Vi uma grande casa de Implements, Agricultural & Fertilizers perto da estação. Bonitos lugares. Passamos outra vez ao longo do rio Tennessee, mas por pouco tempo. Lindo campo arando-se. Outra vez o rio junto a cuja margem direita paramos, creio que para a máquina beber água. Margeamos o rio bordado de campos cultivados e bonitas árvores. Agora a margem oposta tem casas com árvores e plantações e o terreno é avermelhado. Atravessamos o rio em ponte forrada de ferro, pelo menos. Lindo campo de terra roxa toda plantada à esquerda, com arados trabalhando. É uma das partes mais bonitas dos Estados Unidos que tenho atravessado. Há lagos formados por água tirada de poços por noras afim de regar o solo.

4 ½ New-Market. Quase não tem casas. Já passamos Mc Millan's e Strawberry-Plains, talvez os bonitos lugares mas que é dos morangos? Contudo muitos tenho comido desde que cheguei a N. York.

4 ¾ Talbot's. Tem casas bastantes. Grande e bonita casa no cimo de uma colina à direita rodeada de belas árvores. Tem uma torre que a faz parecer com o Castelo de Martim Birimbela.

5h Morristown. Lugar bastante acidentado com algumas casas.

5h 20'. À esquerda sobre um teso duas casas bonitas de campo. Bastantes casas e 2 igrejas.

5h 24'. Agora é que chegamos a Morristown. Tenho visto gado e juncos como neste momento, pastando. Partimos. 5 ½.

5 ¾. Ao longe por entre as colinas da esquerda vê-se uma montanha grande. O terreno é acidentado, com casas e bastantes árvores junto às casas e pelas colinas.

6h Passamos por lugar de algumas casas.

6h 5'. Já passamos Russellville. Estamos em Rogersville Junction. Vejo um caminho de ferro que toma para esquerda. Há bastante gente adiante creio que consertando o caminho. Tenho visto muitas florezinhas brancas e cor-de-rosa como as margaridas do campo. Aparecem onde há trevo e o Bom Retiro diz que nascem nas plantações de alfafa, vindo talvez as sementes misturadas. Estivemos parados um pouco, ma seguimos. Carneiros, mas de raça pequena.

6h 20'. Bonito lugar plano cercado de colinas com mato e ao longe à direita azulão por uma abertura alta montanhas.

6h ½. Lugar de casas. Vejo também uma barraca de pano armada que talvez seja de empregados da estrada, onde já há trabalhadores fazendo consêrto.

6h ¾. Bonito vale entre colinas cultivadas ou cobertas de árvores, com casas espalhadas. A tarde tem refrescado. O dia esteve muito quente e não deu nada de si o tempo.

7h 6'. Há minutos que não se observa cultura nenhuma dos lados. Vê-se agora a serraria muito alta à direita. Viu-se à direita, não eu, o lugar onde está enterrado o General confederado Johnston Stonewall. A serra chama-se Unaker (Blue Ridge ou Smoky Mountains). Já passamos Midway e estamos em Greenville, povoação de bastantes casas e com 3 igrejas, pelo menos, das quais uma parece ter a ponta da torre prateada. Este caminho foi de grandes combates na guerra civil. Em Kennesaw-Mountain penso que Sherman ganhou uma grande batalha, esta montanha vi-a à esquerda depois de Atlanta.

7h 26'. Fullen's. À direita a vista enfia por um longo vale que descobre a Blue-Ridge. Não paramos. Custa já a ver.

31 de maio de 1876 - 5h 10' da manhã. Big Liek a 151 m. de Bristol e 393 de N. Orleães. Faltam 290. Montanhas altas perto à direita. Ontem de tarde subimos, embora docemente.

5h 20'. Passamos lugar com casas e árvores à esquerda pequenas plantações e não longe desse lado montanhas. A paisagem alarga-se; colinas, algumas plantadas e semeadas de árvores e as montanhas cercando-as mais perto do lado direito.

5h ½. Terreno mais dobrado. Encosta da colina à esquerda plantada de vinhos. Um corte alto e longo. Aproximamos das montanhas, mas seguindo o vale por cavas e cortes, o último bem alto. A vista espraia-se e no sentido da estrada só muito longe se descobre uma serra, que parece não se prolongar para a esquerda.

5 ¾. Chegamos a Buford's depois de ter passado 3 estações, sendo a última Blue-Ridge. Apenas paramos.

6h 6'. Tornou a apertar-se e terreno e passamos um pequeno corte. Outro maior. Pouco depois de Bristol que dista 167 m. de Buford's que entramos na Virginia.

6h Vê-se à esquerda na serra uma montanha muito alta e pontuda. th 4'. Bonita casinha à esquerda com jardim. O Lamare disse-me que às 4h o terreno era muito montanhoso.

6h ¼ Liberty tem suas casas. Paramos instantes. Hotel não pequeno à esquerda, casa grande que parece fábrica. Não tenho notado igrejas e ainda menos casas para escolas como no Norte e Oeste.

6h 34'. Terreno ainda muito acidentado e o caminho passando por apertadas colinas e cortes.

7h 5'. Bonita plantação à esquerda, estendendo-se por um aberta entre as colinas depois da qual parecia alargar-se. Grande aberta pela esquerda por onde a vista alarga-se por cima das colinas até as montanhas. Atravessamos um bom corte.

7h 10'. O mesmo terreno muito dobrado; passamos um corte como o outro. Grande corte. Muitos deles são em rocha lamelar — Cortes seguidos por colinas apertadas. Passamos em outra ponte o Ivy-Creek.

7h ¼. Passamos pequeno túnel na rocha. Grande corte na rocha. Casas trepadas em linda colina relvada e com árvores na margem.

1 de junho de 1876 - 5 ¾ da manhã. Só agora posso completar as notas de N. Orleães: Sobre as locomotivas sem fogo. Cada uma custa 1.500.00 dol. A velocidade ordinária 15 m. por hora. Máxima na linha que percorri 18 m. por hora.

Máxima obtida 30 m. Cada máquina anda 120 m. por dia e demanda 5.580 ££ de carvão, para produzir no reservatório central o vapor necessário para esse serviço de cada máquina. A linha tem 9 máquinas.

Os fazendeiros responderam-me indo eu ver as fazendas, que as canas plantadas até agora são as red and yellow ribbon (a melhor) Otaiti; Cristaline e Creole que tem degenerado e não presta.

O grande areômetro mais elevado 11°. Um acre — 219 p². dá 2000 ££ de açúcar são dados por tonelada de cana quando o areômetro marca 8°. A cana leva depois de plantada 8 a 9 meses para poder ser moída. Quando passa 2 vezes pelas moendas dá 10% mais açúcar. Aproveitam tudo para açúcar. A moléstia observada é um bicho que começa a atacar as folhas por cima. Desaparece por si ou mudam de planta. O bicho não ataca a raiz e só faz que produza menos açúcar a cana. Atribuem o aparecimento do bicho à má drenagem. A cana dá 8 filhos e atinge a altura de 7 pés e ¾ de polegada de grossura. Costuma ter 6 a 7 limpas por ano. Raras vezes frecha a cana e em janeiro quando o frio o permitira o frechamento. Não conhecia nem tinha idéia de nova variedade obtida pela junção de outras duas.

A vista da cidade quando partia entre 8 e 9 da noite para a barra do Mississippi era pitoresca por causa das luzes. Havia algum luar.

Cheguei à jetties cerca das 5 da manhã do dia seguinte. Fui logo ver as obras no meio de uma nuvem de mosquitos e moscas mutucas que atacam sem cessar. O meio de formar as jetties por meio de madeiros engradados cheios de faxina que compacta o lodo que aí se entranha é muito engenhoso e simples. Trago publicações que tudo explicam. Já há muito feito desde 14 de junho que se fincou a primeira estaca.

Fui no vaporzinho Julia de propriedade do Coronel Andrews o homem de dinheiro da empresa até fôra dos jetties e sondando. Onde há pouco só havia 8 pés de água e correnteza entre os jetties já cavou até 16.

O que li e conversei com o engenheiro Eads cabeça da empresa, me faz reputar estas obras de grande importância. Também conheci o ajudante o engenheiro Bayley que é muito inteligente e outro Pruciano Schmidt, que também muito me agradou pela sua perspicácia. Deixei os jetties às 9h

O Mississippi é mais bonito abaixo de N. Orleães. Com a enchente as árvores pareciam nascidas no fundo do rio.

Vi mais de 6 ou 7 jacarés (alligator) alguns muito grandes tomando sol sobre paus um bem perto de uma casa. Também achei urubus como os nossos.

À tarde vi grandes plantações de laranjeiras. Um passageiro de nome Kennedy asseverou-me que havia laranjeira que se carregava ao mesmo tempo de 8.000 laranjas. Duvidei mas ele pareceu-me que não mentiu. Ao chegar o pôr do sol vi grandes plantações na margem direita do rio e os edifícios consideráveis da fazenda Magnólia de Mr. Lawrence representante no Congresso do Estado de Louisiana. Havia aí também um arado a vapor. A fazenda de Bradosh Johnson perto da outra também é importante.

Senti muito não ter sido informado a tempo para combinar minhas digressões às fazendas e às jetties

Como o fiz deixei de ver fazendas muito melhores de que as que visitei. Mr. Kennedy expus-me o processo diffusion empregado com proveito numa fazenda.

Cortam a cana em pequenos discos que depois pela lavagem cedem todo o seu caldo. Estava de volta em N. Orleães à 1 ½ da madrugada.

O vaporzinho está perfeitamente arranjado e se não fosse o carvão poderia navegar muito dias no mar alto. Pertenceu ao tristemente célebre Tweed de N. York. Mudaram-lhe o nome quando Andrews o comprou. Eads deu-me um discurso seu na Academia de Ciências de St. Louis que prova sua grande inteligência e vastos conhecimentos. Ele e suas obras de engenharia foram as duas coisas mais interessantes de minha digressão ao Sul dos Estados Unidos. Ontem ao chegar aqui soube da chegada do Augusto a N. York antes de ontem e que estará hoje aqui às 6 da manhã e às 6 da tarde fomos fazer a devida visita à legação brasileira. A casa do Carvalho Borges está bem arranjada. Deu-se uma volta pela cidade. Capitólio, Smithsonian Institute e Monumento de Washington. Depois li cartas. Conversei com Mr. e Mrs. Bacon nossos companheiros de viagem do Rio de Janeiro. Ceei e ainda li até 11h que fui deitar-me.

1 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ver o Monumento de Washington. O mais curioso é a casa onde guardam pedras oferecidas por diversos. Há uma do Parthenon (panteon????) e outras das ilhas de Paros e de Naxos. Dei de mandar uma do Brasil. Deixei meia libra de contribuição e recebi um retrato de Washington e outro papel que ainda não vi bem.

Depois de um passeio até quase o Soldier's Home. Depois do almoço: Museu Anatômico. Muito interessante — depois falarei de tudo mais miudamente — e estarei no Senado até 2 horas: assisti à reza antes de se abrir aquele como já observei na Câmara. Não se procedeu ao interrogatório do ex-Ministro Belknap.

Reparei para a estátua de Washington assentado. Três inscrições na frente: First in the heart of his countrymen — olha para o Capitólio: da direita — First in war; — da esquerda: First in peace.

Vi o colégio Franklin. Gostei. A casa apropriada para escola até formar professoras quase todas as 20 que saem cada ano custam 240.000 dol. a particulares. Esta normal school que educa desde a instrução primária não chega quanto ao ensino às outras que visitei.

Às 3 conversei com o Augusto que almoçara comigo.

À tarde fomos ao Soldier's Home depois de ter visto uma fábrica de fazer 60.000 tijolos por dia apertando somente o barro tirado da barreira de encontro às formas. É muito interessante. O Soldier's Home é colocado num lugar muito pitoresco e todo rodeado de árvores chegando-se aí por avenidas de árvores. É lindíssimo. Admite 200 soldados mutilados ou inutilizados em serviços ou que o tenham prestado 20 anos. Tem livraria; reading-room; bons quartos de dormir, refeitório e enfermaria. O comandante que é general e os oficiais tem lindas casas ao longo das avenidas. Há um lugar por onde se vê o Capitólio muito ao longe numa aberta das árvores.

À noite assisti a um concerto de música sacra que me agradou. Guardei o programa. Fui num templo protestante para se pagar o órgão. Ainda li e escrevi e dormi depois de meia-noite.

2 de junho de 1876 - É preciso mandar as cartas logo e por isso irá tudo às pressas. Antes do almoço Instituto de surdos-mudos — o mais completo que vi mesmo na Europa. Tem 100. Há 44 anos nos Estados Unidos. Com 4.000 e tantos alunos, e 25.000 surdos-mudos nos Estados Unidos. Neste belo estabelecimento perfeitamente colocado e com 150 acres de terreno onde os alunos trabalham saem deles bacharéis em letras ou ciências. Metade deles articulam e falam

melhor ou pior. Resolveram equações algébricas, discorreram por escrito na pedra perfeitamente expondo um a teoria dos eclipses e outro traduzindo falando Horácio e uma passagem das Catilinárias mostrando saber bem latim. O diretor é filho de uma pessoa que aprendeu em Paris com Abbé Sicard. Casou com uma de sua discipulas surda-muda que é a mãe do diretor e a qual me deu uma hera que eu plantei perto da escada do estabelecimento. Fiquei encantado da visita.

Volto de visitar o Court Survey dirigido por Patterson amigo de Agassiz. Este estabelecimento merece longa descrição. Agradou-me muitíssimo. Depois fui ao Arsenal de Marinha e gostei do Anchor's e Chain's Shops e da gunnery. Falarei ainda do Arsenal. Enfim venho do Kinder-garten de Mrs. Pollock. Interessou-me como o de Mrs. Blow. Tem 50 meninas de 4 a 8 anos e só duas delas de 10.

Às 4 vou a Mount-Vernon, casa e túmulo de Washington e à noite um pequeno soirée em casa de Mr. Thornton.

3 de junho de 1876 - Agora não posso falar de minha visita a Mount-Vernon.

Sai de Washington perto de 4 ³/₄. Gastei mais de 2 horas. Cheguei perto de 11 da noite. Voltei da casa de Thornton perto de 1 ¹/₂ da madrugada. Muita gente e da melhor em casa de Thornton é tudo muito bem arranjado. O interior da casa é muito bonito. Saio daqui a pouco para ver o Arsenal de Guerra com o general Sherman e depois pretendo ir ao fotógrafo, etc. Hão de fazer perto do hotel um exercício de bombeiros. Depois do almoço vou ver o edifício suntuoso do Department of State, que terminado compreenderá os da Guerra e Marinha sobretudo para ver Hunter filho do meu conhecido Hunter cuja família, menos esse filho que ficara já empregado nos Estados Unidos, conheci muito no Rio quando ele pai aí esteve de Ministro.

Às 11h saio para a viagem.

11h Chego do State Department. Belo edificio.

Mrs. Brickhead está em New Port e uma irmã de Hunter. Não se parece com o pai. Estava de chinelos.

Depois fui ver o jardim do departamento de agricultura. A estufa é curiosa e tem 74 variedades de vinha com seus nomes. Finalmente voltei dando um giro. Acabo de ir ao teatro que é bonito no interior. A família Vokes, 3 irmãos e 2 irmãs — ingleses e tem corrido o mundo representando peças que eles mesmo arranjam é digna de ver-se. Duas irmãs são excelentes artistas; e uma destas até tem excelente voz e canta que agrada, dançando também, com muita graça.

Esqueci-me de dizer que os presidentes das Câmaras batem martelo, em lugar de tocarem campainha.

Há 9 igrejas católicas e constroem-se mais 2.

O Post-Office é também um belo palácio.

A White-House casa do Presidente não tem arquitetura nem muito grande, porém há seu luxo no interior, e tem jardim bonito.

Esqueci-me dizer que nas salas das comissões e corredores respectivos no Capitólio procuraram imitar as pinturas murais de Pompéia.

O rapaz que no quadro da batalha do lago Erie está com medo de que o Com. Perry morra é seu filho, do mesmo nome e que comandou a expedição ao Japão. Vi hoje outra pintura interessante no muro ao subir uma das escadas. Representa o ataque de um forte de índios.

Tenho tido cartas a valer sobretudo pedindo autógrafo meu.

Vi nos arquivos o borrão da declaração da Independência por letra de Jefferson e assentos de despesas por letra de Washington, assim como despachos e Paris assinados por Franklin. Depois fui ver a estátua eqüestre de Jackson pelo escultor Clark Mills. É uma das boas — poucas — que tenho visto aqui. Está no Lafayette Park. Vou sair para a estação.

4 de junho de 1876 - O sol parece querer dar-nos belos dias para a cascata.

Vou dizer que o tempo não me permitiu referir em Washington.

O Soldier's Home admite 300 segundo me disse Sherman que me informou haver mais 3, sendo o de Ohio o maior.

Plantei junto à escada do Instituto dos Surdos-Mudos uma hera, de que trago uma folha.

No Coast Survey dirigido por Patterson amigo de Agassiz e homem muito inteligente informou-me este de que mesmo a carta dos estudos marítimos não está acabada. Tem medido diversas bases das quais a maior é de 10 milhas, com o instrumento aperfeiçoado por Bache, o qual verei na exposição mediram um arco de meridiano entre os Montes Shasta e

Diablo de mais de 200 milhas assim como mediram um arco não menor de paralelo. No alto do Monte Shasta de mais de 14.000 pés de alto colocaram um marco que reflete o sol e torna-se visível assim por telescópio a mais de 200 milhas. Possui oficina de gravura e de eletrotípia, tendo o diretor desta última oficina A. Zumbrock obtido depositar o aço sobre a chapa de cobre eletrotípica. Deu-me uma linda gravura obtida por essa forma. Há um graduador até 5" com o nonnio 1/10". Repararam instrumentos, mas compram-nos na Europa.

Patterson ficou de mandar-me a melhor carta dos Estados Unidos até agora publicada e uma planta excelente do porto de N. York.

No Museu Anatômico vi trabalhos muito curiosos e fotografias de composição do sangue de diversos animais e do homem e o Fontes disse-me que tinham trabalhos histológicos fotografados de muito interesse.

Mount Vernon é um lugar pitoresco. Sobe-se do desembarque até à sepultura de Washington e Marta. Não gostei do monumento vermelho e de péssimo gosto. Pela grade atirei flores sobre as duas sepulturas e plantei perto uma maple tree por pedido de Mrs. Berghmann Presidente da Sociedade de Sras. que cuida de Mount Vernon (ver as notas do testamento de Washington, cujo impresso me deram lá) — é digno de ser traduzido em todas as línguas e ainda mais me faz venerar a memória do grande cidadão. Pedi ao historiador Bancroft que me acompanhou na digressão que pegasse no galho enquanto eu o plantava. Depois vi na antiga sepultura de Washington um lugar muito bonito olhando para o Potomac. Colhi umas folhas de uma das árvores que o sombreavam como assim trago outra do galho que plantei e um pau de um Hickory de Mt. Vernon que me deu Mrs. Berghmann. Mudaram os ossos de Washington da família para outro lugar por causa da recomendação do testamento, porém só o fizeram em 1837, 38 anos depois da morte dele. Depois vi à casa dele (ver o livro de descrições que trouxe por pedido meu) e houve comida.

Na volta choveu um pouco. O rio é bonito. Muito gostei de conhecer durante este passeio e no soirée da noite a Condessa de Hoyos, da família Eberstein, mulher do Ministro da Áustria cuja fisionomia de turco não me agradou. Conversei também com o Ministro da Venezuela Della Costa. Muito interessante e estimável pessoa. Conheci também então o almirante Porter, o que mais se distinguiu na Marinha de guerra civil depois de Farragut. A Condessa de Hoyos tem expressão de rosto e sobretudo de olhos muito parecido com o da Isabel, mas o talhe do corpo não.

8h 9' da noite, que ainda é dia.

Depois da missa da Igreja de St. Mary, que não é pequena mas feia — um só padre cantou-a e explicou epístola e evangelho; o coro desafinou que foi um gosto.

Fomos ver a cascata. É belíssima — porém a de Paulo Afonso mais sublime, caindo de muito maior altura. Via-a, contemplei-a primeiro do lugar chamado Prospect — lado americano — o parapeito está sobre a queda desse lado e olhara para a majestosa queda de Horse-shoe lado do Canadá. Todos os da comitiva fotografaram-se junto ao Prospect. Depois fui pela suspension-bridge mais abaixo da outra ao lado do Canadá. O passeio é bonito — com bonitos jardins assim como plantações de árvores. Ai há a Clifton-House. Comprei numa casa adiante fotografias, binóculos, onde se olha a vista da cascata. Ai vesti a roupa própria para ir a Table-rock. Parte da cascata de Horse-shoe me caiu por cima. Incomodou-me um pouco a ventania produzida pela queda e o chuveiro na cara. Saindo fui ver bisões vivos; uma pirâmide coberta de ossos de chefes dos índios Chippawa desenterrados de um cemitério deles e noutra casa ursos.

No hotel também os prairie-dogs meus conhecidos da viagem a S. Francisco. Na segunda casa subi até um mirante de onde há excelente vista sobre a cascata. Daí fui até a ilha onde há o chamado observatório. Subi a essa grande altura que domina melhor a cascata. Voltei ao hotel para jantar. Pouco depois das 6 fui ao Goat-Island. Para lá chegar atravessa-se uma ponte sobre os rápidos perto da qual existe a fábrica que faz o papel para Tribune de N. York. A ilha fica sobre a grande queda do lado americano. Apanhei folhas assim como um ramo de cedro, como o do caramanchão perto do meu torreão de S. Cristóvão tinha escolhido na ilha do observatório. Goat-Island é muito pitoresca. Daí fui as Three-Sisters três ilhotas reunidas por pontes. A última fica sobre os grandes rápidos e aí parece sobretudo ao longe um mar de temporal. Em caminho vi a parte do parque que levou à pedra sobre que estava uma torre que caiu e chama-se Terraput Tower. Na volta entrei num anexo de nosso hotel que serve de parlor e que tem vista sobre os rápidos de ambos os lados. Do salão observei o brilhantíssimo pôr do sol. Os espelhos do salão faziam que o rio parecesse nesse ponto correr em sentidos *[sic]*.

São 8 ½ e ainda há bastante crepúsculo. Às [que horas????] será a ceia e às 10 vou admirar o luar de Goat Island que dizem ser o melhor lugar.

11 ½. A lua nunca esteve muito tempo limpa. As águas apresentam outro aspecto diurno. Nas Three Sisters é que a vista mais me agradou. As pequenas nuvens que levantam os rapids parecem fantasmas deslizando-se sobre a água. Não observei nenhum arco-iris. De dia vi alguns que pareciam quase deitados sobre a água. Muitas vezes interrompido, ou parecendo cores, que corriam sobre as águas. Agora de noite é que desci e fui até onde houve a torre. No passeio de dia eu vi uma parte da margem comida pela corrente com a forma de uma abóboda. A pedra junto da qual passei para ir a Table-rock está se desfazendo como madeira podre. Há um bote que atravessa muito bem o rio e aproxima-se de Horse-shoe, vindo da margem inglesa até o elevador que há nessa.

A vista do Prospect-Point com lua bem clara deve ser admirável; contudo agora apresentava aspecto encantador. Estou com muito sono. Adeus.

5 de junho de 1876 - 5 ¾. Já tomei banho. Meu guia disse-me ontem que 1 milha acima das Sisters-Islands navega um vaporzinho até Búfalo, 22 m. Esta cidade fica no desaguadouro do lago Erie. A 18 m. abaixo da Catarata de Niágara fica o lago Ontário.

8 ¾. Saí às 6. Fui ver os Whirlpools primeiramente os pequenos onde os rapids produzem enormes colchões, tendo descido até perto do rio por elevador e escada, e depois o grande onde um objeto caído redemoinha 3 dias antes de seguir rio abaixo. Este forma aí um lago e depois continua estreito entre altas barrancas. O pequeno vapor que ia até perto da Catarata do Niágara não tendo dado lucro fizeram-no descer os Whirlpools. Eram 3 homens que estavam dentro. 2 quiseram voltar, o outro fingiu que assentia, mas fechando-os deitou-se com o vapor o Maid of Mist pelos redemoinhos abaixo chegando ao lago Ontário. Levo vistas disto. Voltei pela margem do Canadá e defronte de Clifton-House desci a tomar o bote que nos conduziu muito bem — eu, Bom Retiro, o Augusto, o guia do hotel e um remeiro com 2 remos e que dirigiu perfeitamente o bote através da corrente até o elevador a vapor na margem americana. Eleva à altura de 180 pés; o dos Whirlpools é de 192 — por meio de cadeiras em plano inclinado com trilhos. Daí subi pela margem do rio de onde navega um pequeno vapor que aí estava muito longe, para Búfalo. Voltei por um caminho bonito atravessando um bosque de carvalhos. É preciso cuidado para não ser surpreendido pelos trens, onde não tenho visto guardas que dêem sinais aqui na viagem de Washington para cá. São 9 e vou almoçar. Comprei uma bengala num mostrador perto do porto do bote.

Leio no Buffalo Daily Courier de hoje que o express de N. York para S. Francisco chegou ontem (41 a Oakland) às 9h 25' da manhã 26' menos que as prometidas 84 horas e os passageiros apearam-se às 9h 52 ½' no saguão do Palace Hotel de S. Francisco. Nada sucedeu durante o trajeto. Vejo que hoje de tarde cantam em Buffalo a 20 e tantas milhas daqui o oratório S. Paulo de Mendelssohn — que pena!

Antes de sair de Washington 3 dos 5 postos de bombeiros da cidade velha acudiram prontamente ao sinal gastando minutos apenas, e as bombas a vapor jorravam a altura maior que a das mais altas casas. Vimos também as escadas, mas não fizeram exercício com elas. Antes do almoço fui ao Arsenal de Guerra. Não encontrei ninguém e pareceu-me que nada havia que ver. Dei uma volta de carro e retirei-me.

O caminho até o Arsenal à margem do rio sobre uma ribanceira é bonito.

Perto da estátua de Jackson há peças tomadas aos ingleses na guerra de 1812 creio que pelas tropas de Jackson.

Washington tem as maiores ruas asfaltadas e em tempo de chuva e com as variações de temperatura que aí há ficam lamaçais pegajosos.

Não vi a grande casa para os negros libertados junto ao Soldier's Home porque disseram-me que não valia a pena. Não sei se já falei das espirradeiras (planta Nerium Oleander) vermelhas e cor de rosa como ainda não vi tão belas, quando subi o Mississippi vindo da barra.

12 de junho de 1876 - Fomos ao Burning-Springs que fica na margem do Canadá perto das Street Islands onde há uma ponte que lá vi do caminho onde passei pelo colégio católico que é um bom edifício. O gás sulfídrico sai de um tubo

de um reservatório colocado no poço. Inflamam-se ao contato do fogo. Através de um lanço que não arde, penetra as noras tapando parte do tubo; no fundo do poço depois de esvaziado um copo dessa água, que não tem mau *[sic]*.

Colhi ramos de uma planta rasteira em Burning-Springs.

3 de junho de 1876 - Partida de Washington 11h 50'. As estações de Washington que conheço mas não são feias externamente e são grandes.

12h 4'. Passamos um túnel não pequeno. Caminho de Baltimore que já conheço.

1h ¼. Chegamos a Baltimore

1h 21'. Seguimos

3h 40'. York. Lugar bonito e desafogado à direita, com suas casas. Até Harrisburg. Já eu conheço de quando vim de Pittsburg.

Às 3 ¾ Mount-Wolf — Poucas casas, colinas. O movimento não me deixa escrever bem. Ponte coberta. Outra.

4h Já há minutos que margeamos o rio Susquehanna. Bonita vista de colina defronte do outro lado do rio. Passamos defronte de uma casa com lindos carvalhos. Tem feito calor abrasador, mas agora vai refrescando, apesar de ter falhado a trovoada. O rio alargou e fez linda vista. Ponte coberta, antes desta passou-se. Todas elas curtas. Há muito que se vê ao longe Harrisburg. Estou em dúvida se não passei por outro caminho de Pittsburg até Washington, pois não vi Harrisburg de longe, mas também vamos atravessar o rio. Paramos para que outro trem passe a ponte. Contudo creio que segui ao lado oposto da minha primeira vinda a Washington, sendo que o caminho perto desta pareceu-me o mesmo. As Montanhas ao longe do lado de Harrisburg formam esta figura.

[Desenho]

Não se vendo a base da abertura entre elas.

4h 32'. Passamos a ponte e estamos em Harrisburg.

5h 13'. Desci, mas pouco andei. Apareceu uma banda de música vestida ao tempo de Washington que tocou o hino americano e outras músicas. Creio que vamos seguir porque chegou o trem que se aguardava.

5 ½ Seguimos. Campos bem plantados. Vales à esquerda. Bela ponte à esquerda sobre o rio que margeamos tendo passado por Rockville.

5 ¾. Um canal ao longo do rio porque este aqui é pedregoso. Barcos puxados a sirga no canal uns para baixo outros para cima. Paramos por causa de um grande trem que ainda está passando.

6h 26'. A trovoada deu muito para cá e a linha ficou interrompida. Tomamos por isto um desvio e vamos seguindo agora. Mas passamos segundo ouvi pelo lugar do esbroamento *[sic]*. Paramos outra vez um pouco e 6h 40' parece que vamos seguindo decididamente. Um grande negrume de nuvens, porém creio que não cairá a grande carga de água sobre nós.

7h A chuva tem caído com trovoada. Continuam o rio e canal a este de comportas — que já se viram duas. Estamos na Lykens Valley e defronte do lugar do embarque do carvão de pedra. Shipping Office for the Liken's Valley Coal.

Paramos minutos e seguimos. À margem oposta 7 ½ está muito bonita bordada de casas que dominam as colinas todas relvasas. Recebeu-se telegrama de que se queimou uma ponte no caminho. Dizem que não atrasa a viagem e apenas queriam se eu preferir aguardar que se reparasse a ponte a seguir outra linha.

7h 23'. Há minutos que não vejo o canal que julgo afasta-se do rio que margeamos sempre. Este vale é lindíssimo.

7h ½. Passamos por casas. Muitas canoas pequenas junto à margem do rio. Vai ficando escuro para ler.

7 ¾. Atravessamos há pouco uma ponte. Por hoje deixo de escrever.

8 ¼. À lua sempre acrescentarei que passamos há minutos Sunberry povoação considerável a 186 m. de Niágara.

4 de junho de 1876 - 5h 20' da manhã. A paisagem é muito bonita. Estamos a mais de 40 milhas de Buffalo de onde começar o Erie-Canal que une os lagos do rio Hudson em Albany e Frog por Rochester, Siracusa e Utica. Custou 45 milhões de dol. Os barcos gastam 11 dias de Buffalo a Albany andando noite e dia. Buffalo tem 117 mil habitantes. Devemos estar perto de Watkins. Há aí um glen com muitas belezas naturais, cascatas etc. Segue-se o Glen-Cathedral

calçado de camadas silurianas e com rochas laterais de 300 pés de alto. Ai cai a Central Cascade de 60 pés num estreito poço de grande profundidade. Há muitas outras belezas.

6h ¼. Do lado esquerdo há plano muito bem plantado.

A estrada aproxima-se quase a tocá-las das colinas da direita. (Dizem-me agora que Watkins fica noutra linha que vai a Buffalo).

6h ½. East-Aurora. Bonita estação. Algumas casas com árvores e lindo campo relvoso. O dia tem sido chuvoso mas sem cair muita água.

7h Chegamos a East-Buffalo, mas por causa da chuvinha quase nada vejo.

7h 40'. Niagara-river à esquerda. É largo.

8h 12'. Perdemo-lo de vista. Por causa da ponte queimada não fomos por Elmira mas por Olean. Creio que antes de chegar a ver o Niágara-river atravessamos o Canal-Erie que não é largo. Estava cheio de madeiras flutuantes.

7h 50'. Vê-se outra vez o rio. Terreno chato, e bem cultivado de ambos os lados do caminho.

8h 5'. Estamos parados porque não houve onde telegrafar para os carros que devem levar-nos ao hotel. Só se pode fazer aqui na estação de Niágara-Falls creio que ouvir a bulha da cascata.

São 9h 10' pelo hotel adiantando eu meu relógio 25'. Cheguei há pouco ao International Hotel do lado americano, onde há passeios. Parece-me bom. A povoação tem bastantes casas. Às 10 ½ é a missa.

5 de junho de 1876 - Às 12 ½ estávamos no trem. O rio Niágara só é navegável francamente abaixo da catarata de Niágara de Lewistons para diante, mas nós vamos por estrada de ferro.

1h 5'. Passamos a segunda suspension-bridge, contando da catarata para baixo. A Tuscaron Reservation está a 3 m. E. de Lewiston, e está de 5 a 7 m. da catarata Lyell diz que 40 mil milhões de pés cúbicos de água passam por hora pela catarata. Quando não há ventos O. no lago Erie sobre o nível do rio e 1 pé na catarata corresponde a 17 ½ abaixo. 2 ½ m. acima da catarata o rio tem 3^m de largo e no Whirlpool só 400 pés. Em 30 anos e queda americana adquiriu uma ligeira curva e o Horse-shoe do lado do Canadá mudou consideravelmente de contorno. Em remotos períodos geológicos as águas do Erie cobriram maior superfície do que agora e eram limitados a E. pelas alturas de Queenstown e Lewiston. A água, a geada e o gelo cortaram profundamente esta barreira e formou-se uma sucessão de quedas de uma altura de 300 pés. Desde então a queda recuou 7m deixando a imensa garganta entre Niágara e Queenstown. Continua vagorosamente o recuo. O peso das águas desagrega a ardósia macia perto do leito do rio até as camadas de calcáreo, que se quebram, não tendo sustentáculo. A queda cai sobre o mesmo leito no Whirlpool há séculos porque as camadas superiores de calcáreo são sustentadas por uma camada resistente de sandstone (pedra arenosa). O recuo é agora menor pois que o rio que só tinha 1000 pés de largura na garganta forma agora uma curva de mais de 4000. Houve receio que o rio abrisse caminho para trás na direção do lago Erie, porém a natureza das camadas acima das quedas e a largura crescente do rio destroem essa suposição.

Na ponte para Groat-Island os rapids correm 30 m. por hora. A primeira ponte suspensa a maior do mundo custou 175.000 dol. sendo o comprimento de terra a terra de 1268 pés. Aqui une Niágara City e Clifton (a que passamos agora custou 500.000 dol. Tem 700 pés de comprido e 230 sobre o rio. 2h 5'. Agora é que seguimos de Clifton. Terreno de colinas. 2h 20'. Planície onde estão como que fazendo um canal à direita.

2h 25'. Passamos Welland Channal que visto abrir o comércio na Sta. Catharina, em Merritton e Junction. É povoação de bastantes casas.

2 ½ St. Catharina. Povoação considerável. Tem águas minerais e por isso chamada Saratoga do Canadá. Campos bem plantados.

2h 40' Atravessamos um rio que ia dar a uma grande massa de água ao longe à direita.

2h vê-se bem o lago Ontário à direita. Era a massa de água. À esquerda linha de colinas altas cobertas de árvores; à direita planície que finda perto no lago Ontário. Vejo colinas como as da esquerda além da parte da massa de água à direita.

3h 25'. Estamos a chegar a Hamilton com 27.000 habitantes. O porto é um dos melhores do lago Ontário. Parados há minutos em Hamilton.

São 3h 36'. 4h 35'. O terreno tem sido plano e cultivado vendo também gado e carneiros; porém em pequena quantidade; o lago Ontário quase sempre à vista e não mui longe do lado direito. Pinheiros do lado do Lago (4h $\frac{3}{4}$). Creio que nos aproximamos de Toronto (segundo uns quer dizer árvores na água, e segundo outros lugar de ajuntamento). Agora estende-se bem perto à direita o grande lago. Chegamos à 4h 55' (4 $\frac{1}{2}$ no Canadá)

4h 10'. Voltou-se do passeio na cidade. Avenida comprida e bonita de castanheiros. Queen's Park com o monumento dos voluntários mortos pelos Fenianos em 1866 grande e belo edifício da Universidade com linda porta de arquitetura romana que é a de toda a casa. Boas casas para High-School, Normal School, College of Technology, belo novo Post-Office, belas igrejas: católica do custo de 100.000 dol. English Cathedral Anabaptist, Baptist, etc. No Queen's Park vi uma torre de observações meteorológicas; o Osgood Hall de boa arquitetura chamado depois first chief Justice da provincia, o grande edifício de Trinity College (escola de direito). O Hospital de loucos (Lunatic Asylum). Todos vi por fora e entrei no terreno deste hospital, que é o maior que vi depois que saí do Brasil. O terreno tem jardim e espaço muito grande plantado e para plantar. Não gostei das espécies de salas semicirculares comuns de varetas de ferro, que de fora parecem gaiolas. As ruas não são bem calçadas, quando o são, e algumas de difícil trânsito por causa do terreno. A cidade tem mais de 75.000 hab. segundo Appleton. Osgood dá-lhe 60.000. Chamam Toronto de cidade rainha do oeste. 7h 17'. Começamos a mexer-nos mas paramos e seguimos agora

7h 42'. Veio a meu vagão o Mayor Angus Morisy fazer seus cumprimentos. O New York Herald de 3 publica uma representação que o Grande Jury apresentou, ao encerrar-se o termo de maio, ao Juiz Sutterland contra o estado de prostituição da cidade de N. York, dizendo que se o mal é inevitável deve a prostituição ser regulamentada.

São 8h no meu relógio (7 $\frac{1}{2}$) nos do Canadá e o ocidente ainda está rubro. Terreno plano com pouca cultura. Lago que se vê ao longe à direita. Tenho lido um livrinho sobre o Niágara. O que diz sobre geologia confirma o que já escrevi mas acrescenta que o fundo do rio entre as 2 pontes suspensas é de 100 pés. O horizonte no O. parece andar. Vi tudo no Niágara, mas não passei a Cave of the winds. Está-se mais debaixo de uma das quedas americanas que da inglesa no Table-rock. Não haveria tempo, mas lá não desci porque o Augusto que já a visitara disse-me que não valia a pena e eu posso ver outras cousas.

8h 20'. Vamos seguindo por muito perto do lago.

O ocaso ainda está alaranjado. Lenha cortada perto do lago. Ainda braseia *[sic]* a O. Bonita vista do lago. Vê-se um barquinho sobre o lago

9h (8 $\frac{1}{2}$) Ainda há crepúsculo. Há pouco passamos por Whitby. Custa a ver a paisagem e por isso faço ponto por hoje.

9h $\frac{3}{4}$ (9h $\frac{1}{4}$). A noite de luar está muito bonita. Vi um farol no lago Ontário sobre o qual se refletiam os raios da lua formando uma faixa luminosa.

6 de junho de 1876 - 6h 25'. Dizem que o trem parou às 2 $\frac{1}{2}$ em Kingston. Acordei às 4. Depois fui ver o vapor em que parto, o Spartan e passei pela cidade. Passei pelo belo edifício do Banco todo de pedra. Tem na frente uma bateria de pedra com 9 pés. Há fortificação na margem do rio mais abaixo. Dizem que o Spartan larga entre 6 e 6 $\frac{1}{2}$. A cidade está na confluência do Cataracqui e S. Lourenço no fim do lago Ontário e acima do principio das Mil-Ilhas. A baía é alongada pelas ilhas Wolfe e Garden. Tem de 13 a 16.000 habitantes. As ilhas que principiam quando acaba o Ontário estendem-se por 40 m. sendo mais de 1.800 ilhas e ilhotas e a largura nalguns lugares de 7 m. Amherst-Island é a mais acidentada.

6h Partimos. O comandante diz que o vapor bota 13 a 14 m. e que estaremos em Montreal às 7h

7h 35'. Já se almoçou e bom almoço e estamos atracados a Gananoque (Canadá) situada na foz do rio deste nome. Tem 5 igrejas e diversas fábricas. Tínhamos passado a ilha do farol e um farolete no meio do rio, e antes o cabo St. Vincent onde se refugiaram os franceses sob a direção do Conde de Real chefe de polícia de Napoleão e neste lugar seria a morada de Napoleão se ele escapasse de Waterloo. Defronte de Gananoque está Clayton onde embarca muita madeira e se tem construído muitos navios. Há muito peixe em suas proximidades.

Passei por um bote e um farolete na ponta da direita do Ivy. À esquerda ponte de madeira que o atravessa.

7h 20'. Chegamos a Lynchburg com bastantes casas e algumas que parecem fábricas, ou oficinas. Desci um pouco. Há um edifício para guarda de locomotivas e vagões e talvez reparos.

7h 36' Estamos mudando para a bitola estreita.

8h 10'. Atravessou-se o rio e seguimos. Atravessamos o rio — James River em ponte de ferro para a margem direita.

8h 9'. Estamos parados sobre outeiros. No fundo do vale vêem-se diversas casas. Atravessamos um grande corte. Vi num jornal, que achei hoje, creio que de ontem, a notícia de um furto provado e confessado no valor de 30 dol. feito por cadetes da Escola Naval de Anápolis.

9h 7'. Continua o terreno muito acidentado e aproximamo-nos das montanhas. As colinas estão bem cultivadas.

9h 12' Passamos por *[ilegível]*. Poucas casas. As montanhas de ambos os lados cobertas de mato não estão longe. Elmington? Tem suas aspecto interessante dos outeiros formando um tapete esquadrejado como de *[ilegível]* terra avermelhada e os verdes diferentes das plantações.

9h 33'. Vamos subindo os contrafortes das montanhas docemente. Grande corte. Outra *[ilegível]* igual e outro. Como que uma chapada de poucas altas ondulações. O solo não é tão bom, como o de ontem a tarde, para o cultivo.

10h 1'. Passamos por Coperville onde a parada foi de instantes. Bonita vista para a esquerda por onde se alonga a vila. Apertam-se os contrafortes das montanhas, e já se passou um corte. Antes houve 2 estações insignificantes ao que parece, pois não as notei. Corte considerável.

10h 8'. Bonito descampado com colinas mais ou menos altas e a serra muito longe à esquerda. A estrada vai agora por entre colinas apertadas. Corte de grande altura.

10h 20'. Garganta entre colinas mais altas. Corte alto na rocha em parte.

10h ½. Bonito lugar. Charlottesville, o edifício com cúpula que se descobre à esquerda é a Universidade da Virginia. Tem bastantes casas e algumas bonitas. Já lobriguei 2 igrejas.

11h 9'. Vi à direita sobre uma montanha uma casinha que me disseram ser aquela onde trabalhou o célebre Jefferson. A casa de vivenda e a sepultura dele estavam escondidos pelas árvores. O caminho passa depois por um alto viaduto por baixo do qual corre um dos riachos que formam o rio Rivanna cheio de pedras que margeamos pela esquerda.

11h 6'. Lugar bonito em que a vista se alarga e de algumas casas. Já mudou o aspecto e o terreno um tanto árido. Pinheiros sobretudo. Bonita casinha sobre colina relvosa e rodeada de árvores à direita, a vista estende-se para a esquerda até morros que elevam-se ao longe acima das colinas.

11h 23'. Cobham onde a máquina bebe água. Tem algumas casas. Vou acertar o relógio. O do nosso condutor tem 12h 4'. Dizem que a água aqui vinda por uma calha é muito boa. Provei-a, assim é, mas está morna. Vi casas de campo bonitas e a paisagem agrada por causa das colinas e árvores.

12h 10'. Atravessamos bonito mato de pinheiros sobretudo. Chegamos a povoação considerável (Gordonsville) com algumas casas boas.

12h 26'. Seguimos. Passamos o Madison Creek. Daqui a 2 m. estão a casa e sepultura de Madison.

12h 39'. Lugar com casas.

12 ¾. As colinas achatam-se e vejo à direita terra avermelhada e boa para cultura como a de ontem, à tarde. Aparecem casas e igreja sobre uma das colinas à esquerda. Casas de ambos os lados e algumas grandes e bonitas com viçosas hortas.

1h 11'. É Orange, povoação grandezinha de onde seguimos. Já tinha passado Madison. Boa terra avermelhada e bem plantada à esquerda. Antes via-se bem a alta serra azulada muito ao longe. Lindo descampado todo verde com algumas casas bonitas e uma sobre outeiro dominando um lago pequeno artificial. Chegamos ao Rapidan-River.

1h Rapidan. Bonita igreja com torre, toda branquinha. Casa à esquerda rodeada de árvores sobre a colina verde. Do lado direito também é bonito o campo pouco ondulado com montanhas ao longe. A serra azulada à esquerda muito longe é Blue-Ridge.

1h 10'. O terreno vai-se tornando planície sobretudo para o lado direito. Chegamos a Mitchells. Poucas casas. Estamos na quase planície muito bem cultivada e com árvores dispersas. Do lado direito termina em uma linha de colinas com mais ou menos mato e da esquerda a vista esbarra mais baixo ou mais alto no Blue-Ridge.

1h 26'. Passamos por Culpeper. Tem bastantes casas, duas igrejas, e à direita um cemitério bem retirado subindo uma colina, onde se enterraram os mortos na Guerra-Civil. Desci e passei um pouco.

1h ¾. Partimos. A mesma planície. Casas aqui e acolá, como de herdades.

2h Brandy. Algumas pequenas casas. Grande e bonita plantação à esquerda embora ainda pouco crescida, toda verdejante e ondulante com a aragem.

2h 10'. Atravessamos em curta ponte de ferro o Rappahannock e chegamos à estação deste nome, onde não paramos.

2h 20'. Passamos por Bealeton com poucas casas. Continua a planície mas as árvores tapam a vista sobretudo defronte e da direita. Lindo campo à esquerda todo esmaltado de florzinhas, mas não como os da Califórnia.

2h 35'. Chegamos a Warreton-Junction depois de ter passado Midland e seguimos.

2h ¾. Passamos Catletts.

3h 22'. Acabei de jantar. Durante ele passou-se Manassas que tem suas casas.

3h 23'. Passamos Clifton. Poucas casas. Também durante o jantar passou-se pelo pequeno rio Bull-run onde se feriu a grande batalha que o governo central quase perdeu. Vi à esquerda uma igreja sobre a colina e casas.

3h 37'. Terreno acidentado.

3h 42'. Chegamos a Burke com poucas casas depois de ter passado Fairfax.

4h Terreno mais apertado, porém plano. Colinas de um e outro lado com casas e cobertas de mato.

4h 5'. Alex & Fred Cros'g. Há uma linha que segue à esquerda. Já se tinha passado Springfield. Terreno mais largo, porém ondulado. Casas à esquerda e uma sobre colina desse lado sempre com árvores ao pé como tenho reparado.

4h 10'. Mais casas do lado esquerdo. À direita um cemitério pequeno e casas.

4h 12'. Chegamos a Alexandria povoação considerável.

4h 20'. Seguimos. Viu-se à esquerda um cavalo puxando uma casa de um lugar para o outro. Atravessa-se um campo grande de relva com algumas casas. Vê-se o Potomac e ao longo dele um canal. Ao longe Washington com o seu Capitólio.

4h 34'. Começamos a passar o Potomac em ponte de ferro e madeira. Agora o rio é raso e os trilhos quase assentam no fundo. Toma a ponta 3ms. passagem. 4h 40'. Paramos um instante.

4 ¾. Chegamos à estação de uma das ilhas que apresentam um aspecto muito pitoresco e estendem-se até Wells Island. A primeira passagem pelo "Long Sault" (rapids) foi cerca de 1840 sob a direção do índio Teronhiahéré creio que da tribo dos Caughnawaga, que dá agora os pilotos para a passagem dos rapids perto de Montreal, segundo me disse o comandante que parece-me amável e dá ares do Dr. José Antônio de Oliveira e Silva. Esqueci-me dizer que vi muitos vapores e outros navios em Kingston.

9h ¾. Muito longe à direita vê-se uma torre do hotel de Alexandria; defronte e perto está a ilha onde o Pullman dos carros tem uma vila. Abaixo de Brackville acabam as Thousand-Island, algumas com seus faroletes e entramos propriamente [*própria não existe*] agora no rio S. Lourenço com 2m de largo. Daqui a 17' minutos chegamos a Brockville com mais de 5.000 hab., 7 igrejas e 2 diários. Nas ilhas refugiaram-se os insurgentes canadenses de 1837. Um deles foi salvo pela filha que sabia governar muito bem uma canoa no labirinto de ilhas. Antes das cem Clayton estão as Manitoulin Island. Os índios creem que o Manitou (o Great Spirit) proibiu os seus filhos de procurar ouro e dizem que o lugar onde há ouro nunca foi visitado pelos índios sem as canoas se virarem com a tempestade.

10h 12'. Chegamos a Brockville. Andamos 57 m.

10h 21'. Desatracamos. A cidade é bonita e tem uma City-Town [*sic*] de pedra de belo aspecto. A cidade é assim chamada em honra do general Brock morto como um em Queenston onde está seu monumento em 1812. Esqueci-me de dizer que numa praça de Toronto em Queen's Garden há uma bonita fonte de mármore com peças tomadas aos americanos; desforra das do monumento de Jackson no Lafayette-Park em Washington. Ogdensburg está do lado da América oposta a Prescott no Canadá. Aqui o rio tem 1 m. de largo.

11 ¼. Chegamos a Prescott no Canadá; do outro lado está Ogdensburg onde missionou em 1748 l'abbé François Piquet chamado depois o Apóstolo dos Iroquois. Prescott tem 3000 hab. 4 igrejas e 2 diários. O rio tem 1 m. de largura. Ogdensb. está na confluência. Oswegatchie. Suas ruas são arborizadas e por isso chama-se Maple-City. 10 milhões de bashels de cereais de Oeste passam por aí anualmente, para Nova Inglaterra. Há também grandes depósitos de farinha de trigo e madeira. Mas de 12.000 hab.

2h 4'. Passou-se o Long-Sault. Belo espetáculo. Rio encarpelado. Às vezes só há 1 pé de água debaixo da quilha do vapor que demanda 8. À tarde tem estado lindíssima. Pouco depois de 1 ½ houve uma corredeira pequena, embora maior que outras antes. A de Long-Sault é a maior. Se recebem índios em Lachine como pilotos é provavelmente para honrar a

memória daquele cujo nome já escrevi. O vapor inclina-se agora bastante nas voltas, como sucedeu nas corredeiras últimas, sobretudo a penúltima. O rio é bastante povoado em ambas as margens e cultivado, sendo até mais baixo a margem do Canadá, melhor para a cultura. Há bastantes canais marginais longos e com muitas comportas onde há pequenos vapores. Os vapores não podem subir corredeiras como a última onde a velocidade é de 20 m. por hora.

3h 5'. As margens continuam do mesmo modo à exceção das altas montanhas que se descobrem muito ao longe do lado direito. Os faroletes repetem-se. Vi patos antes de passar o Long-Sault. Não há alligators no rio segundo me disse o comandante. Os rapides do Long-Sault tem 9 m. com a queda de mais de 48 pés, e são divididas por ilhas em S. Channel por onde passamos e N. Chan. chamadas prim^{te}. Lost Channel porque julgavam que conduzia a perda infalível. Os navios sobem pelo Cornwall Canal (lado do Canadá) de 11 m. de compr. Cornwall tem 2.500 hab. e 5 igrejas. Há muitas fábricas de algodão. 3 linhas de vapor tocam nesse porto. Abaixo de St. Regis o rio forma o lago St. Francis de 5 ½ m. de largo e 25 m. de comp. em cuja saída está a aldeia Coteau du Lac, na extremidade de 11 m. de rapids, em 83 pés de queda chamados Cedar-rapids e Cascades. Depois de Cornwall Canal o curso do S. Lourenço está todo dentro do domínio inglês. Há pouco ouvi que os rapids de Lachine são mais perigosos e assim parece pela descrição. Do lago St. Louis vê-se a montanha de Montreal a quase 30 m. Em Lachine a corrente é tão rápida que para evitá-la cortou-se um canal nos rapids, obre estupenda, diz um dos guias impressos. Do lado oposto a Lachine está a aldeia dos Caughnawaga que quer dizer "Índios rezando". Depois de Lachine passou-se a antiga aldeia de Laprairie na costa americana; lugar célebre por ter-se aí constituído o primeiro de ferro da América do Norte britânica daí até St. Johns em 1836. O trem foi primeiramente puxado por cavalos.

Os canais à borda do S. Lourenço são 41 com comportas e 234 ½ pés de nível e de Prescott vai-se de estrada de ferro a Ottawa capital do Dominion por acabar com mais de 27.000 habitantes.

4h 40'. Atracamos um instante em Cote du Lac que tem bastantes e cuja torre resplandecia desde longe com os raios solares. Defronte fica Beauharnais, mas ainda não vi.

O comandante tem me agradado. É inglês. Também procura-me o escocês de Glasgow de 65 anos homem vivo e jovial, Mr. Alworth inglês que parece-me inteligente e anda com uma filha e outros 2, um dos quais é o perfil e expressão de fisionomia de Gobineau, que anda com uma senhora que se parece com ele ambos inteligentes. Outro também me tem falado e a todos tenho falado das maravilhas de minha terra e progressos que realmente tem feito e fará. Eles espantam-se às vezes do que eu lhes digo, mas parecem-me simpatizar com o Brasil.

Agora que passou o lago St. Francis o rio estreita-se.

Os passageiros são pelo menos 150 e o vapor é grande mas sem nada de notável.

5h Passamos os Cedar-rapids. Não são como o Long-Sault porém mais consideráveis do que os outros. O velho escocês chama-se Rbt. Robertson de Port Robinson.

Ontário. As montanhas muito longe de que falei, são as Adirondack-Mountais. Ainda não pude descobrir no horizonte a montanha de Montreal.

5h 25'. Passamos as Cascade: rapids menos iguais aos de Long-Sault; a água fervia em caixões à direita.

6 ¾. Passamos por outros rapids mas não tão ferventes como os anteriores chamados (Behaconie)? Descobre-se bem porém muito ao longe a montanha de Montreal e adiante o farol-barco numa ponte que se dobra para chegar à cidade.

Disseram-me que Albert-Brigde está ainda em projeto etc. Depois dos rapids entramos no St. Louis Lake. Não podem tardar os pilotos índios para atravessarmos os rapids de Lachine. Dois pequenos faróis-barcos.

7h 6'. Passados os rapids de Lachine. Nesta povoação à direita recebemos o piloto índio (chamado Batista) que nada tem de característico. Houve 4 balanços maiores de estibordo e bombordo, e outros em sentido contrário. Passamos perto de um rochedo quase coberto de água à esquerda. Estes rapids são mais perigosos, mas não tão pitorescos e de aparência amedrontadora como os de Long-Sault. Aproximamo-nos de Montreal de que já vi bastantes casas e uma igreja defronte de Lachine.

A cidade dominada pela montanha atrás da qual se punha o sol que também corava de rosa a imensa ponte produzia uma vista belíssima. Perto de 8 entrou o vapor para uma pequena doca perto de outra com comporta depois de se terem passado os passageiros, para Quebec do Spartan para o Montreal também grande.

Receberam-me no cais com hurrahs.

O compartimento da Victoria Bridge é de 9.194 ou quase 2 milhões inglêsas. Descansa sobre 24 pegões e duas cabeças de sólido trabalho de pedreiro. O vão central tem 330 pés de comprimento. O tudo por cujo interior passa o caminho de ferro tem 22 pés de altura e 16 de largo. O custo foi de 6 milhões e 300.000 dol. Tem 250.000 toneladas de pedra e 8.000 de ferro. Chegamos ao Hotel St. Lawrence Hall depois das 8 ½. Vesti-me e fui ao teatro — Academy of Music — Bonita sala e representaram bem a peça cujo programa trouxe. Tocaram o hino inglês quando eu cheguei e retirei-me e aplaudiram quando eu passava.

Comi um pouco e vou dormir que é mais de meia noite. A água de S. Lourenço é muito clara.

7 de junho de 1876 - 9h 40'. Das 6 às 9 Market de Bon-secours. Grande edifício de pedra. No terceiro andar está a Câmara Municipal. Tem zimbório e cúpula. Não vi objetos curiosos. Quase todos os vendilhões falam francês. Havia peixes de rio — sobretudo um muito grande esturgeon e de mar, de Portland. Igreja de Notre-Dame do Bon-Secours muito perto. É de 2 séculos fundada pela Bonne-Soeur Bourgeois, que morreu em 1700. É curiosa pela sua forma antiga. St. Patrick. dos irlandeses. É bela externamente e no interior de colunas parece-se com a de St. Peter de Pittsburg, que muito me agradou. Christ Church episcopal. De estilo gótico e com uma flecha de grande estatura. É muito bela externamente; internamente é bonita; mas não gosto dos arcos de madeira no teto de pedra. Retrato do Deão Bethune que morreu em 1872 de 91 anos e monumento no terreno fora da igreja de bispo Fulford, cujo busto se acha na sacristia perto do retrato do Deão durante 24 e pároco durante 40 e tantos anos.

Instituto de surdos-mudos. 50 meninas. Uma respondeu bem vocalmente a perguntas da diretora de rotundas dimensões pertencente a uma congregação que se diz de irmãs de caridade. Tem 10 mestres nesta ordem. O edifício é grande e cercado com bastante terreno para plantarem. O governo do Canadá só concedeu 5.000 dol. por ano. A superiora queixou-se de pouco dinheiro, tendo reparos e obras que fazer como eu observei.

Catedral católica de Notre-Dame. Grande igreja. O interior pintado e dourado à moda britânica. O teto é baixo demais. O cura chama-se Martineau e queria por força que eu visse os ornamentos da igreja. A cidade tem belas casas e aqui perto um belo correio. Antes de voltar ao hotel entrei numa loja de livreiro. Não tenho achado em nenhuma parte as obras de Siman sobre os Estados Unidos. Há muita pedra ao pé e por isso as casas são de pedra, e muitas de cantaria e quase todas as ruas calçadas de paralelepípedos. A cidade do lado do rio tem bons cais de pedra.

2h 20. Fui ao Museu mineralógico e geológico. Belo estabelecimento. Tudo muito bem classificado. Também há aí um gabinete para análises de minerais. O químico deu-me um lindo cristal de silicato de alumínio e ferro (garnet) (creio que é que chamamos granada da British Columbia). Depois ainda falarei deste Museu.

Casa de ensinar a cegos dirigida por irmãs de caridade. São 13. 50 cegos e cegas (Estes 13). Aceiada [*sic*]. Sistema de Braille. Os cegos aprendem a fazer vassouras e a afinar pianos. Primeiras letras, geografia, e história; a tocar todos os instrumentos e as meninas costura, bordados, etc. eis o ensino.

Mc Gill-College. É uma universidade fundada por este homem, e socorrida grandemente pelo banqueiro Malsson (há um banco na cidade com este nome). Deram-me uma brochura sobre este estabelecimento. A escola de medicina anexa; muitos porém estão em férias desde 3 de maio até 13 de setembro e nada tinha que ver.

Passeio ao morro. Belíssima vista da cidade. Ao longe montanhas de Belisle e outras. Voltei por junto do reservatório das águas, que as recebeu por canal vindo do rio de ponto superior aos rapids de Lachine (creio eu) e depois são levados por bomba às alturas precisas. Vi de cima do morro o Hotel Dieu, que é um grande edifício para doentes e órfãos. Agora vou para estação de onde parto para Lowell.

A livraria de Mac Gill-College é bonita e tem 12 mil volumes, alguns curiosos. No Museu vi um lindo bustozinho de Bache, e outro busto de Sir William Logan, o célebre geólogo, de que um amigo seu deu-me uma biografia.

3 de junho de 1876 - Partimos. O seminário de S. Sulpice de Montreal manda-me de presente ao vagão a Histoire de la Colonie Francaise aux Canada — Villemarie Biblioteque. Paroissiale 1865.

Deram-me hurrahs na estação ao partir. Passamos um canal. Atravessamos a ponte em 6' 25". Tem muitos pequenos postigos do lado e superiormente, e alguns rasgões como que janelas. Pareceram-me todos como vidros.

4h ¼. Terreno plano e bem cultivado.

Às 4h 5' poucos minutos em St. Johns. Tem suas casas e uma igreja. Acabamos de passar em pontes de ferro e madeira o Richelieu-River, que é um tanto largo. Esta estrada passa por New-Port (Vermont) na extremidade do lago Memphremagog de 35 m. de com. e 2 a 5 de largo. É muito pitoresco por suas belas enseadas com pontas cobertas de mato tendo atrás linhas de montanhas e por suas numerosas e lindas ilhas.

5h 25'. Depois de passarmos uma estação (West Farnham) e um rio pequeno (Wamarka) chegamos agora a uma estação (Brigham) lugar de algumas casas e uma igreja e seguimos. A paisagem é muito bonita, com colinas um pouco elevadas ao longe do lado esquerdo. 6h creio que o último ponto que passamos foi St. Albany e antes Burlington.

6h 17'. Chegamos e partimos de Stanstead-Junction. Vi à direita nesta estação grande quantidade de casca de árvores amontoada que pareceu-me cortiça. A estação vem depois de outras posteriores às que citei erradamente. Outra porção de casca alguns minutos de caminho distante.

6h 35'. Vejo na estação escrito Sulton-Flat.

6h $\frac{3}{4}$. Terreno de colinas e uma montanha à direita ao longe.

Chegamos a Abercorn. Devemos chegar breve ao lago de Memphremagog, que segundo o superintendente do trem quer dizem Bela-Água. Os montes Owl's Herd e Oxford Mountains, que dominam o lago tem 3.000 pés de alto.

7h 7'. Chegamos a Rickford. Bonito lugar com bastantes e uma igreja que sol ilumina ao longe.

7h 4'. Atravessamos o pequeno rio Mansisko. O terreno é muito dobrado e talvez sejam as montanhas de Memphremagog as que se descobrem ao longe.

7h 10'. As altas montanhas se aproximam. Lugar muito pitoresco. Seguimos há tempo a margem esquerda de um rio pequeno que às vezes parece canal pelo paralelismo das margens. Corremos bem ficando à esquerda a bela vista do vale. Erie.

7h 25'. A vista alonga-se por verde vale até altas montanhas ao longe. Poucas casas junto a colinas à direita.

7 $\frac{1}{2}$. Chegamos a Marsonville 17 milhas de Newport e 48 de West-Farnham. Passamos por um alto corte.

7h 40'. North-Troy. Vê-se ao longe uma montanha pontuda assim.

[Desenho]

Cemitério e pequena povoação à esquerda.

7h $\frac{3}{4}$. Atravessamos lugar de mata com queimada.

8h menos 7. Newport Centre. Algumas casas de ambos os lados e 2 igrejas à esquerda.

8h Passamos um alto corte e dentro em pouco avistamos o lago Memphremagog.

8h 10'. Vamos chegando a Newport.

9h Vimos o hotel que tem bela vista para o lago, onde andei um pouco dentro de uma casca de noz em companhia do Lamare e o remador. Era preciso estar quieto para não virar o escalerzinho. Parece que o do Bom Retiro e o Kelly meteu-lhes bastante receio de virar e tinha água no fundo. Vamos seguindo. Faço ponto por hoje.

7 de junho de 1876 - 5 $\frac{1}{2}$ da manhã. Ontem antes de me deitar ainda vi o lago junto ao qual passamos e ao longe as White Mountains que me pareceram bastantes altas. Deixamos há poucos minutos Concord (capital de New Hampshire) e margeamos o Merrimack.

Esteve há pouco comigo o baritono Guelmete. Foi cantor na Capela do Rio e mostrou-me um atestado de Francisco Manoel da Silva de 1853. Lembro-me dele no Rio.

Paisagem de colinas relvosas com cultivo e casas de vez em quando. Bonita cocheira do rio perto de uma ponte. Seguimos sempre a margem direita do Merrimack.

5 $\frac{3}{4}$, passamos Hooksett e logo depois atravessamos o rio em ponte de madeira coberta não pequena.

6h 4'. Cachoeira do rio e uma ponte. Chegamos a uma povoação considerável, com longas ruas arborizadas. É Manchester cidade manufatureira e a mais popular de N. Hampshire com 23.509 hab. Elm-Street sua principal rua tem 100 pés de largo e mais de 1 m. de comp. Estação grande. Seguimos. 6h 19'. Goff's Falls. Atravessamos o rio em ponte coberta. Passamos

6h 34' outra vez o rio em ponte coberta.

7h 6'. Outra vez. Chegamos a Nashua.

7h 9'. O Merrimack alargou, contudo apresenta pequenas corredeiras.

7 ½. Há tempo que vejo no rio uma grande linha de madeiras flutuantes ligadas em continuação, dizem que para evitar que as que boiam no rio deixem de seguir o mesmo caminho.

Chegamos a Lowell.

8h 10'. Já estou no Hotel Merrimack House para onde fui a pé por ser muito perto da estação. A entrada da cidade é muito por causa da muita água que julgo ser de Pawtucket-Canal que não tendo dado lucro para a navegação, estendendo-se desde as cachoeiras até o Concord-River abaixo da cidade, foi aproveitado para uma fábrica. Começou em 1846 um canal desde a saída do lago Winnepesaukee para obviar as baixas do Merrimack River.

Em 1871 havia em Lowell 69 fábricas com 9404 mulheres e 5413 homens. 570.586 fusos e 13.466 teares. Tem 42.000 habitantes. Frederika Brener fala "Glorious vieux from Drewcroft's Hall on a cold winter evening of the manufactories of Lowell lying in a half-circle, glittering with a thousand lights like a magic castle on a snow-covered earth".

A estátua do monumento que se vê na praça ao pé do hotel é do célebre Bauch Esqueci-me de dizer que vi no Museu de Montreal a medalha que obteve a coleção na Exposição Universal de Paris. Os serolitos foram com outros objetos para a Exposição de Filadélfia.

Vi aí diversos exemplares de rocha do Eozoon assim como pedras com impressões das patas do batráquio antediluviano Sauropus Unguifer.

É preciso formar no Rio uma coleção semelhante das riquezas do Brasil e em cada capital de Província outras das respectivas.

Vi enxofre em pó, que se condensou sobre a rocha de cujas fendas saía o gás ácido sulfuroso. Que belos mármore e serpentina como a do pedestal sobre que está o lindo bustozinho de Bache! Tudo está perfeitamente classificado e senti não parar por aí todo o dia. A casa muito bonita embora as salas não sejam grandes tem três andares.

Está caindo boa pancada de chuva. Adiantei ¼ meu relógio pelo do hotel.

Disseram-me que foi o Dr. Ayer da salsaparrilha quem doou à cidade o monumento ereto à memória de Ladde Whitney do 6. reg. Milícia de Massachussets *[sic]* morto no ataque daquela comp. pelos (roughs) turbulentos de Baltimore em 19 de abril de 1861.

5h 10'. A cidade é bem situada. Ruas arborizadas de Maple-Tree e quase todas bem calçadas.

O passeio por cima de uma colina e belo Belvedere onde mora o general Butter em linda casa de campo é bonito. Fica perto a entrada do Northern Canal que por meio de um açude conduz água de cima dos rapids do Merrimack. Também vi o canal Pawtucket. Visitei as fábricas. Merrimack — a maior — de tecido de algodão pintado — calicot — que faz por ano chita que medida em sua extensão iguala 12 m. Tem mais de 2000 trabalhadores. Pagam por yard e cada trabalhador ganha até 36 dol. por mês; o Carpet-Mill. A casa dos teares em número considerável ocupa um acre de superfície. A Usa cores de 600 nuances — só de verde 60 — mais de 2000 trabalhadores; muito importantes; não menor que a de Handerson de Durham; a Machine-shop com igual número de trabalhadores para todas as máquinas relativas à manufatura de algodão fabricando 4.000 teares por ano. A Lawrence-Mill de meias propriamente dita assim como camisa de meia, com máquinas engenhosíssimas.

Casa do Dr. Ayer. Corri-a toda. Publica disse-me o que lá estava Cooks ou Crooks 10 milhões de almanacks por ano imprimindo 80.000 por dia. Vi as máquinas de dobrar as folhas. Tem 150 trabalhadores dos quais 100 mulheres. Reinava muita atividade. Quase todos tem turbinas de 250 cavalos cada uma e 300, e Machine-Shop também uma máquina de vapor de 1000 cavalos. Há um folheto que dá informações sobre as fábricas de Lowell. Levo-o. O salário é por empreitada nas fábricas de tecidos e regula em todas de 20 a 33 e 36 dol. por mês.

6 ¾. Partimos. No passeio de antes do jantar vi por fora dois bons edificios. High-School e Primary-School — e uma bela e grande igreja católica de pedra em construção. A 1ª fábrica que vi foi de panos com 2000 e tantos trabalhadores. Faz panos de todas as qualidades; excelentes chalés de todas as cores e cobertores. É tão boa, segundo me pareceu, que uma que visitei em Aix-la-Chapelle.

Esta tarde dei um passeio do outro lado da cidade de Lowell, vendo a boca do Pawtucket-Canal. Bela avenida de maple-trees com lindas casas de campo quase todas como as desta manhã de madeira: uma se estava construindo perto da parte mais povoada. O passeio de subida esta manhã foi, parece, o de que fala Frederika Brener.

7h 4'. Já passamos por duas estações e ao chegar à última vi à direita um grande edifício de feio aspecto que disseram ser a casa de caridade do condado.

7h 13'. Nada de notável no aspecto do terreno, passamos um corte baixo e curto. Terreno alagadiço à esquerda colinas à direita junto à estrada. Povoação por detrás das árvores, à esquerda, casa grande e igreja. O sol vai-se pondo rubro do lado que deixamos. O céu desta banda está nublado. Depois do jantar deu uma boa pancada mas o tempo ficou bom para o passeio perto das 6. Esqueci-me dizer que o governo do Canadá dá 400 piastras disse a irmã de caridade; mas julgo que são dol. por ano ao colégio dos cegos.

7 ½. Outro corte como o que já mencionei. Água estagnada à esquerda.

7h 34. Uma junção. Atravessamos mato.

7h 40'. Água é que vou vendo, à esquerda terreno bem cultivado. Passaram-se algumas casas desse lado.

7h 43'. À direita povoação Peabody. Também há casas à esquerda. Não é pequena. O célebre Peabody gostou deste sítio. 2 igrejas. Tem um largo bonito e estação feita com gosto. Bonito edifício do Peabody-Institute. Muitas peles cosidas penduradas ao sair da povoação. Aqui existe ainda a casa onde nasceu. No Instituto há livreria e coleções dignas de visita e o retrato da rainha Vitória dado a Peabody.

8h 6. Chegamos a Salem. Num cemitério está enterrado Peabody. É a cidade-mãe da colônia do Massachussets. 8h Atravessamos um túnel. Estamos em Salem, onde ainda se mostra a Old Witch House em que alguns feiticeiros foram julgados.

8h 11'. Chegamos a um lugar bastante povoado. Antes só casas de campo que me pareceram bonitas. É Lynn de 20 e tantos mil como Salem. Possui um dos mais belos City Hall de Nova Inglaterra.

8h 12' se vê à esquerda a baía de Boston e de outro lado as luzes de Mahant a 12 m. por água de Boston, que parecem as de Niterói, e perto da qual julgo ter lido que Longfellow arrendara ou alugara uma casa. Não percebi quando passamos o rio Lynn. Já se vêem as luzes de Boston. São 8 ½ e chegamos a Chelsea.

c

9 de junho de 1876 — Antes do almoço Bunker-hill. Pequeno outeiro muito perto do hotel, no meio da cidade. Vi a estátua do General Warren morto na batalha e o antigo pequeno monumento antes de subir o grande obelisco, cujo terreno foi doado por uma loja maçônica. Na cada da guarda há vistas e outras coisas de que comprei algumas como aquelas e um retrato de Lincoln feito pelas letras de mão da cópia da declaração de emancipação dos escravos. O obelisco é todo de pedra e a escada interior tem 299 degraus. A vista de cima é tanto bela. Depois de Bunker-hill vi o monumento aos mortos defendendo a União na guerra de secessão de 1861. Foi o artista Mellmore. O marinheiro é a estátua que me agrada à primeira vista. South-Old-Church onde se batizou Franklin e pregou Whitely. Tudo em desarranjo no interior. Serviu de Correio antes de ficar pronto, ha 2 anos, o novo que é monumental e de muito belo aspecto externo.

Antes estive em Faneuil-Hall. Construíram uma bela casa sobre o lugar da histórica. Belo salão com galerias e retratos e um quadro de mérito, representando o que consta do papel que me deram. Vi na casa outras memórias do tempo da Independência. Perto há um mercado digno de ver-se, mas ficou para outra vez.

Estava almoçando quando chegou Agassiz filho com quem muito simpatizei. Ficou combinada a ida a Cambridge — amanhã. Passo lá todo o dia. Almoço com os Agassiz e janto com Longfellow.

Tornei a sair às 10. Public Garden. Muito bonito. A fonte é bela. New State House, foi visto antes. Belo aspecto. Na entrada há estátuas entre as quais uma muito bela pedestre de Washington. Infelizmente puseram por detrás da vidraça cujo reflexo contraria a vista. Mostraram-me toda a casa. Notei na Câmara o peixe (ad-fish) pendurado, que é o brasão da cidade. No Senado há retratos dos governadores antes da Independência. Gostei de ver os dos célebres Winthrop e Ellicot. Mostraram porque eu pedi um interrogatório feito a uma feiticeira negra em Salem, onde ouvi que foram enforcadas umas 11. Deram-me publicações do Senado. Mostraram-me um cofre forte que abre somente à hora que se quer por meio de um relógio. Estava aí uma rica medalha dada pelo governo de Haiti a Ch Sunner. Depois estive no Common (jardim). Há aí uma bela estátua de Everett — só acho o braço direito esticado demais — por Story — a fonte monumento comemorando o emprego do éter [*sic*]como anestésico pela 1ª vez no hospital geral de Boston. O grupo superior é belo e

também me agradou um baixo-relevo. Alex Agassiz disse-me ser obra de escultor italiano. Também há a bela estátua eqüestre de Washington. O cavalo está magnífico e também me agrada muitíssimo a posição do cavaleiro menos o acanhado do braço esquerdo e a posição da lâmina da espada na mão direita descansando sobre a esquerda.

Estive depois na Public-library. Sala elegante com diversas galerias sobrepostas. Quase todas as estantes abertas de ambos os lados, mas de madeira. Quem a fundou foi um Bates, cujo busto foi oferecido pela filha Mme. Van de Weyer. Ha outro de Ticknor muito belo feito por Millmore. A biblioteca possui nesta casa 200.000 volumes e em outras partes mais 100.000. Muitos livros caros; letra de Shakeaspeare; de Luthero, copiando uma nota de Gerson que diz In floreno littis nullus est obulus charitatis. O floreno deu-me que fazer, mas por fim na mesma livraria achei um dicionário que trás florenus como moeda florim. Já também outras preciosidades literárias como a 1ª edição de D. Quijote, etc. Vi lá o 1º volume da nova história popular com estampas dos Estados Unidos pelo Bryant. Comprei-a já. Ai me encontrou Agassiz e fomos ao colégio de Tecnologia.

É um começo de um Conservatório de Artes etc. Tem bons professores e vi bons instrumentos, mas não completos de física e melhor laboratório de química e mesa para análise com água, gás e aparelho para obter vácuo. Há o que é preciso para a prática da metalurgia; modelos de arquitetura e escultura e apenas uma máquina de vapor. A casa do custo de 200.000 dólares foi feita por subscrição. Gostei em geral do que vi. Trouxe publicações a tal respeito.

Pouco depois das 3 veio visitar-me Mme. Agassiz que achei bem disposta e nutrida. Escrevi antes um pouco.

Às 5 ½ dei um longo passeio pela cidade, que tem belas avenidas com caminho central arborizado para os pedestres; belos edificios como a Catedral católica; hotéis, City-Hall, Casa Maçônica etc. e hotéis pelo lado do mar, onde docas estão cheias de navios e voltei por Buncker- Hill ao pé do qual está a grande State-Prison.

Antes vi sobre umas colinas ao longe a casa dos loucos, que parece-me grande. A princípio segui na direção da nova casa para galerias artísticas. De noite fui ao Globe-Theatre. Bonito interior, talvez mais do que qualquer dos outros que vi. Representaram pantomima, e dançou maravilhosamente sobre o arame bambo Miss Beshell. Nunca vi cousa assim. O irmão do Hermann, o menino que o acompanhava ao Rio fez peloticas tão perfeitas como as do irmão, que dizem ser agora banqueiro em Viena.

Chegando a casa recebi cartas da Europa.

10 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ver o novo edificio, que é bonito e num belo lado da cidade, destinado a museu de belas artes. Já aí há quadros — e alguns bons — e gessos, de que verei se obtenho na Itália os que faltam à Academia de Belas Artes do Rio. É bom principio do South Kensington Museum.

Às 8 ½ fui a Cambridge. Chega-se por uma rua de cottages à casa de Agassiz.

Almocei aí com Longfellow que logo conheci pela fotografia; Lowell⁰⁰⁹ fundador do Instituto desse nome; Pourtales das coraleiras — Laman do Museu Agassiz; Lawrence, Dr. Holmes e o Presidente de Harvard-College além dos Agassiz. Lowell é um velho todo vivacidade e muito me agradou. De Longfellow não é preciso falar. Vi em casa de Agassiz um retrato gravado de Humboldt quando chegou da América. Tem ar carregado, mas o Dr. Holmes disse com espírito que era de quem deslembra ainda o sol da Nova Espanha.

Retratos de Agassiz moço e um bellissimo busto dele pelo filho do escultor Powell, que disse Al. Agassiz ter muito talento. Conversou-se bastante.

Às 11h saí. Belo edificio para os exames — faziam-no de grego de classe atrasada — todos os exames são só por escrito — e festas de Harvard-College. Gabinetes de física — excelente com as máquinas mais modernas e muito hábil professor — e de química inorgânica e orgânica muito bem provido de mesas para ensaios tendo até fornecimento de hidrogênio sulfuroso retido. O professor de química inorgânica disse-me vendo eu um aparelho para as experiências de luz e calóricos como o motor no vácuo feitas por Crooks disse-me que este se tinha enganado e que ele encontrou dentro de cada parcela um corpo de peso de 1/10 de centigrama que pela dilatação produzia a rotação do corpúsculo suspenso.

O de história natural é bom e pode-se estudar cada classe em uma sala separada.

O horto botânico está muito bem classificado e tem plantas muito bem escolhidas como a estufa. O herbário é rico. Tem salas para trabalhos microscópicos. O professor é conhecido Gray e o diretor do jardim pareceu-me muito inteligente.

O observatório é muito bom. O círculo meridiano é perfeito em todo o sentido. Há aparelho fotográfico mas não heliostático para copiar a face do sol. Vi magníficas fotografias do cometa Donati e outras etc. É estabelecimento digno de ver-se depois de Washington. O lugar para a ginástica de 1200 rapazes é acanhado; assim o reconheceu o Presidente, que é muito inteligente assim como a pouca duração do curso de Medicina que está em Boston.

Passei pelas casas das escolas de engenharia e dos teólogos. Visitei um alojamento de estudantes — 2 a 2 que me agradou; vi a livraria de 200.000 volumes, e com bustos dos quais me agradaram sobre tudo pela expressão e boa obra artística os de Channing e de Emerson de quem falei depois.

Fui a um dos clubes de estudantes com sua biblioteca. Ai me deram champagne. Entrei na capela que é boa. Finalmente, visitei o Museu Agassiz riquíssimo de objetos em vasto edifício — tendo-se já gasto um milhão de dólares nesse estabelecimento e achando-se a parte entomológica de Hagen muito bem arranjada por ele — cada espécie de inseto em sua gaveta mostrando todas as fases de sua vida e até parasitas, que os atacam. Há uma sala que é destinada a uma espécie de curso resumido de história natural pela escolha dos objetos.

Enganei-me quando falei das salas separadas para as classes, tratando de Harvard-College. É neste museu que estão e serve também para a Harvard-College creio eu. O ensino é instrumento livre no College somente no último ano dos cursos e no Museu e Agassiz sem limitação. Agassiz, Pourtales e Liman são os três homens principais do Museu. Agassiz tem em Newport casa de verão com gabinete para trabalhos microscópicos. Hei de visitá-lo.

Finalmente fui ao cemitério de Mount-Auburn que é muito pitoresco pelo acidentado terreno plantado de grama e de árvores. Procurei o monumento do célebre Channing. É modesto mas bonito e de um maple-tree que cresce ao pé tirei algumas folhas assim como copiei o epitáfio.

Visitei a sepultura de Agassiz. Colocaram sobre o lugar um bloco do glacier de Aar que ele tanto estudou. Sobre o bloco está o epitáfio. Colhi flores de perto dele, de que mandei uma a Mrs. Agassiz.

Jantei com Longfellow. Casa mais bonita externa e internamente que de Agassiz. Belos quadros, estátuas e bustos, sobretudo de uma italiana, cujo nome pareceu não querer dizer-me. Tem um retrato a óleo pequeno de Litz [*sic*] trajando de padre e com uma tocha na mão. Que fisionomia apaixonada. Longfellow ouviu-o e era muito dele. Não quis dizer quem preferiu entre Litz e Thalberg. A conversa na mesa foi muito espirituosa falando sobretudo Dr. Holmes professor de anatomia da Medical-School e poeta de merecimento. Fez-nos muito rir com o que ele disse do olhar de porco de Charles Dickens, de quem é aliás entusiasta, que ouvira aqui em conferências. Ralph Emerson era um dos convidados. Falou pouco, porém sua fisionomia e seu olhar falavam mais que todos. Longfellow estava também docemente espirituoso e gostei das 3 filhas que também jantaram, não estando Mme. Agassiz, nem Lowell, Liman, Lawrence presidente do Harvard-College, Elliot e Pourtalés. Mas julgo-os todos amigos.

Longfellow deu-me dois livros de sua livraria e depois do jantar passeamos bastante na varanda do lado da casa fazendo-me ele bastantes perguntas sobre o Brasil. Deixei esse filho de um dos maiores contribuintes para o Museu Agassiz excelente amigo em todo o sentido perto das 8 da tarde.

À noite fui ao Boston-Theatre para a Imperatriz ver a família Vokes, de que já falei em Washington.

11 de junho de 1876 - Antes do almoço fui a Chestnut; lindo lugar onde se acha o reservatório de águas quase tão grande como o de N. York, perto do Central Park — para ver o professor de zoologia no Harvard College, Mr. Slade. Tem 10 filhos muito interessantes. Trataram-me muito bem no seu bonito cottage.

Às 10, missa na catedral católica, bela igreja no gosto interno de S. Pedro em Pittsburg.

Depois estive na State-Prison. Sistema de trabalho em comum. Muitos defeitos de construção. É antiga. Só vi de curioso algumas máquina para fazer sapatos podendo 12 pessoas aprontar 24 pares em um dia. Finalmente, vi o Navy-Yard. Excelente cordoaria, como só vira em Toulon, para cabos de linho. Aqui fazem-nos de fio metálico perfeitos. Este arsenal é que fornece cabos à Marinha dos Estados Unidos. Tem máquinas inventadas há 4 meses para fiar o cânhamo que economizam 2/3 de tempo e tornam o fio muito mais macio. As máquinas para aplinar, brocar, etc. são as maiores que tenho visto. Poderia chama-las monstruosas. O Comodore e outro oficial muito inteligente e falando muito francês foram muito amáveis também outros. O Comodore deu-me champagne, doces e café em companhia da filha e mãe dele e

mostrou-me bela pasta de live-oak, a melhor madeira de construção. Há armazéns para tudo e portanto — muito grandes — para madeira.

Acabamos de dar (8 ¼) um passeio com Mme. Agassiz e filho por Brooklin voltando por Chestnut. Os arrabaldes de Boston são muito bonitos. Mme. Agassiz disse-me ter conhecido muito Channing e que quando o irmão dela tocava Channing descansava o rosto nas mãos e caía numa espécie de êxtase; tanto gostava de música.

Acabo de falar ao cego rebequista, Heine, cuja mulher que tocava piano com ele no Rio, o acompanhou. Está paralisado do braço direito, a que parece. Coitado!

O epitáfio de Channing, de lado do maple-tree, árvore que dá açúcar e para simbolizar a doçura da doutrina de Channing, diz: "In memory of William Ellery Channing honored throughout Christendom for his eloquence and courage and maintaining and advancing the great cause of truth religion and human freedom this monument is gratefully and reverently erected by the christian society of which during nearly forty years he was the Pastor. Do lado oposto: Here rest the remains of William Ellery Channing born on 1870 7 April at Newport Rhode-Island. Ordained 1st of June 1803 as a Minister of Jesus Christ to the society worshipping God in Federal-Street, Boston. Died 2^d October 1842 while on a journey at Bermington, Vermont".

No passeio desta costa vi o jardim do pai do jardineiro do horto botânico de Harvard College. Que rododendros belíssimos! Nunca vi tufos semelhantes. A casinha de fazer manteiga é lindíssima; estufa com plantas escolhidas e uvas que comi excelentes e casa de vivenda com belos retratos de Copley, e bustos de mármore, de Power. Também passei sem entrar pelo cottage de Liman muito bonito. Na ida passei por perto de um lindo lago chamado Jameca-pond se bem escrevi o nome.

A máquina de cardoaria de que falei é a Good's Patent. Silesby and Cheney. Broadway - Bridge So. Boston.

12 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ver a Perkins-Insitution para cegos. Casa grande e bem situada. Tem cento e tantos cegos. Laura Bridgeman estava doente e fora com os parentes. Outro também cego-surdo-mudo chamado Caskwell, acha-se em Newport e o diretor, o grego Agnanos genro do Dr. Howe, que educou a Laura e a Caskwell ficou de prevenir a este que me procurasse em casa de Bancroft, em Newport. Os cegos aprendem a consertar e afinar pianos de que havia 50 no estabelecimento e a fazer vassouras, colchões, capachos e palhinhas de cadeiras. Lêem nossas letras em relevo e escrevem pelo sistema de pontos de Braille ou letras como as nossas formadas de traços a lápis nos vão retilíneos de uma papelão — deram-no — para suas relações com os videntes; trouxe bilhetes destes de Laura assim como sua fotografia — e contam por um sistema que me pareceu diferente e melhor que o adotado no Rio para onde levo ou mandarei a explicação. O curso é de 8, e aprendem pouco ou mais ou menos o que se ensina no Rio. O Diretor foi redator de um periódico grego. Enviou-me a pedido meu jornais recentes da Grécia e prometeu-me escrever para lá a respeito de minha viagem pela Grécia.

Depois do almoço, Museu de história natural, Bouvet amigo de Agassiz mostrou-me. A melhor coleção é a de pássaros. Vi um belo modelo de Megatherium. Impressões de patas — uma muito grande de hidrarchos (?) — e de gotas de chuva em rochas. Imagem pequena de um ponto dos Black-Hills — creio eu — em que os rochedos vistos de lado e ao longe figuram o perfil de um velho.

Primary School — Ensino excelente por meio da leitura de figuras da leitura, numeração e música em seus rudimentos para crianças desde a idade de 5 anos. 3 de ensino primário; 6 anos grammar schools que não pude ver hoje. — 3 nas high schools de que vi as melhores de meninas e de meninos. Aquela é excelente — a melhor que tenho visto aqui — excelente laboratório de química — a professora muito hábil chama-se Whites — gabinetes suficientes de física — aula de botânica onde descreviam em cadernos com os nomes das partes do vegetal que se lhes dava a professora. Sala de desenho com bons modelos; gabinete fotográfico — deram-me duas fotografias — e até querem fazer um pequeno observatório. O superintendente Mr. Elliot é primo do presidente do Harvard College e muito inteligente. As 600 discípulas de que saem — o curso é de 3 anos — 100 prontas cada ano indo de 40 a 50 ser mestras, reuniram no hall que é belo, apesar de algum tanto baixo, e cantaram o hino da escola de que me deram cópia. Percorri somente a dos rapazes que vi depois no drill — grande salão sobre um açougue — fazendo exercício de recruta. É costume estabelecido para estas escolas desde a guerra de secessão.

Medical School – Hospital Geral e Museu Warren. Falarei depois disto.

À tarde tipografia e fábrica de piano de Chickering.

À noite no hotel vistas fotográficas do Yellow-Stone.

13 de junho de 1876 - No instituto dos cegos ensinam aos cegos e cegas para criados a lavar, etc. e coser. Cada cego maior vive em seu quarto e os outros a 2. Na Medical School há muito bom gabinete de fisiologia experimental de que é professor o neto do célebre matemático Bowditch do mesmo nome que estuda em Leipsig com Ludwig. Lá conheci os professores de patologia Jackson que muito tem trabalhado; o de anatomia o Dr. Holmes já meu conhecido e o célebre operador, lente de operações Bigelow. Este asseverou-me como exato o fato de um canteiro cuja alavanca arremessada por explosão de broca lhe entrara por detrás do olho direito e saiu pelo alto do crânio, que lá está com os buracos assim como a pesada alavanca. O homem só foi visto pelo Dr. 2 meses depois do sucesso. Ficou somente com afasia e foi para casa da pedreira quase por seu pé. O olho perdeu-o por inflamação. Barnum especulou com esse homem e custa-me a acreditar em tudo o que contam. A escola sofrível Museu e o Laboratório químico. Para a física serve o de Harvard College de que é professor o Dr. Labouring (assim soa). O hospital é muito grande. A parte nova de pequenos corpos separados feitos de madeira é excelentemente ventilado e aquecido no inverno agradou-me muito. cadeira de operações também cama, inventada e aperfeiçoada pelo Dr. Bigelow e cujos movimentos ele mostrou assentando nela um guarda pareceu-me engenhosa. A sala das autópsias tem uma mesa de invenção de Bigelow que recebe uma contínua corrente de ar de baixo para cima e cuja forma dá evasão a todos os líquidos. Também gira. O Fontes achou-a excelente. Também o lugar onde se põem as vísceras estabelece corrente semelhante de ar pelo aquecimento produzido por luzes de gás.

Finalmente fui ao museu do Dr. Warren substituto de Bigelow onde está um mastodonte quase sem ser restaurado. As presas são artificiais porque as naturais tem-se desfeito. A casa do museu é só de pedra e ferro.

De tarde estive na imprensa de Rand & Avery. Pode imprimir 60.00 folhas por hora. Tem oficinas de heliotipia, eletrotipia e de passar traços com tinta de escrever para gelatina em que pegam e recebem depois com o rolo a tinta de imprimir. Deram-me um retrato de Washington assim feito, que é muito bonito.

Depois visitei a fábrica de pianos de Chickering. Faz 2.000 pianos por ano mandando de 40 a 50 para o Brasil. Vi todo o processo. Empregam o sapin (?) para a tábua harmônica. Vem de fora, sobretudo da Alemanha. Empregam para as caixas dos pianos nas obras de marcenaria a madeira do Brasil serrada em folhas finíssimas.

As vistas do Yellow Stone sobretudo as dos abismos dos gêiseres agradaram-me. O congresso votou uma lei criando aí em grande superfície de terreno um parque nacional.

13 de junho de 1876 - Antes do almoço exercício de incêndio. Espantosa rapidez, como em Nova York. Em cada estação são 40 em Boston e arrabaldes há um reservatório de vapor com 5 libras de pressão que enche quando se quer a caldeira da bomba de vapor. Também vi trabalhar a que lança ácido carbônico misturado com água, sendo aquele produzido pela mistura de ácido sulfúrico e carbonato de sódio. A escada que se eleva e serve para alturas de muitos andares é boa. Não aprovam a manga para descer por ela homem e objetos. Os bombeiros estão sempre vestidos e para não haver demora só os querem trajando a roupa ordinária. Fui ver o fire-boat para incêndios no mar — pode jorrar água, até 250 pés — um só jorro — e até 8 jorros de uma vez. Dei um passeio pelo porto. Gostei muito desse serviço todo e levo os regulamentos. Muito me agradou o diretor Mr. Sawyer.

Depois do almoço. Parto para Wellesley às 10. Bonito caminho todo bordado de casas mais ou menos bonitas e com jardins. Gastei uma hora em caminho de ferro.

O colégio de Wellesley, que só em 8bro [outubro] foi ano passado ficou como está, acha-se em uma colina suspensa ao lindo lago de Waban. É um palácio e tudo o mais arranjado possível. Ali tem indicador do grau de umidade no ar do edifício bem ventilado e aquecido no inverno. Tem lindos quartos para as raparigas — salãozinho e quarto com 2 leitos. Os aposentos dos mestres maiores. Excelentes lavanderia e cozinha, e até há umas poucas companhias de bombeiros cada uma com sua capitoa [sic] e tendo uma bomba muito bem colocada. Excelente laboratório de química. A professora foi à Europa buscar instrumentos. Aula de botânica. A de física não está pronta. Ouvei uma lição de grego da Anabasis. Uma das moças traduziu bem. A professora estudou no Vassar College. Achei-as no exame de matemática que vão até

seções cônicas, na capela do colégio por ser a sala grande com uma bela janela de vidro pintado com figuras. É um colégio modelo onde só entram raparigas de 15 anos com estudos preliminares. Há quase 300 lá. Terreno de bastantes acres foi comprado por Mr. Durand que também fez a sua custa o edifício e o mantém quando chegam as contribuições das discípulas. Dizem que já gastou 2 milhões de dol. Foi advogado e também ganhou muito com manufaturas de objetos de goma elástica. Deram-me fotografias do colégio. Há também linda livraria de 10.000

volumes com retratos e bustos curiosos acompanhados de autógrafos das pessoas dos retratos como Longfellow, Agassiz, Whittier ⁰¹⁰ que visitaram o colégio.

Fechada a porta de ferro fica a livraria preservada de incêndio. Atravessando o lago que é pequeno em escaleres tripulados pelas raparigas do colégio e que remam e governam muito bem – o meu escaler chamava-se Evangeline em honra de Longfellow e uma das remeiras tirou do peito para dar-me uma fita azul escuro com o nome do escaler em letras douradas – chegamos à propriedade fronteira de Mr. Anwell, primo de Mrs. Durant. É um dos mais belos jardins que tenho visto. Rododendros e azaléas admiráveis e formando tufos; uma pelouse lindíssima, sabugueiros, chorões, etc. O dono é que plantou tudo isso há 25 anos. Tem uma casa muito bonita que olha para o lago e o Colégio. Aí se launchou [sic].

Na volta Agassiz disse-me ao chegar a Boston que havia um bom matadouro para o serviço, vindo o gado de Oeste pela estrada de ferro que vai a Chicago.

Esqueci-me de dizer creio eu que na sala de ginástica de Harvard College há um aparelho que faz dar ao corpo movimentos de quem rema e serve para o inverno quando as águas estão geladas.

Poucos minutos depois das 3, veio despedir-se Mme. Agassiz. Disse-me que o poeta Whittier chegava hoje e me avisariam da casa onde ficaria aqui, mas não recebi o aviso até agora. Agassiz filho ficou de escrever a Mr. Tumbull muito conhecedor das línguas dos índios para se encontrar comigo em Newhaven. À tarde vi um quadro do pintor David Neal, de Munich, que anunciaram como grande cousa, Maria Stuart e Rizzo. Não é feio, mas superabunda a cor branca.

Depois atravessei em ferry-boat o Charles River para East-Boston e fui ver um grande Elevator que pode esvaziar 100.000 bushels por dia num navio, podendo conter 1 milhão. Vi botar milho. Quando ele caía no vagão no lugar de onde é elevado parecia uma cachoeira. O elevador tem 120 pés de altura. Que bela vista do porto de Boston se goza de cima!

À noite, fui ao teatro Boston-Museum. Ficamos todos de platéia. Representaram uma peça cujo assunto é a traição de Arnold.

Bonita vista de Washington atravessando o Delaware sob uma chuva de neve e no fim uma apoteose de heróis, que pouco valeu pelo lado do gosto artístico.

Hoje tenho muito que fazer e saio às 9 da noite de Boston.

Boston. 14 — Experiência dos Sinais de Robinson, estrada de ferro Lowell. City Hall sinais para incêndios.

Esqueci-me de dizer que no caminho para Harvard College vi o Elm debaixo do qual estava Washington quando tomou conta do comando do exército.

Vi ontem uma boa estátua de Franklin, com baixo relevo de sua vida defronte do City Hall, feita por Greenhough em 1855.

Na Commonwealth Avenue há as estátuas de Hamilton, Ministro de Washington — feita de granito e medíocre e outra de bronze do general Glover amigo de Washington, muito boa e feita por () ⁰¹¹.

14 de junho de 1876 - Depois do almoço fui ao Instituto das Surdos-Mudos da City (Municipalidade). O mais o interessante é o grande número dos que falam (processo Bell cujo filho é mestre no Instituto). Traços que imitam as formas dos lábios etc. e forma o sinal cujo som devem articular. Gostei muito deste Instituto. Grammar School (intermediária). Nada notei de novo, a ser a recitação de discursos no hall. Tinha 600 rapazes.

Sessão dos médicos na sala do Lowell Institute. Introduziu-me um dos Drs. Ouvi o discurso do secretário. O Presidente Dr. Cotting deu-me o diploma de sócio honorário. Eu disse que só podia ser social physician and not medical. Daí passei ao salão da sociedade musical e onde estava armada a grande mesa para o banquete dos 800 médicos e ouvi o belo órgão do que já falei e tem 300 tubos.

A estátua de Beethoven é a última obra de Crawford.

À 1h fui à oficina ótica de Alvar Clark em Cambridge etc. Vi o pai, amigo de Agassiz e os filhos dos quais Jones obteve em 1866 da Academia das Ciências o prêmio Lalande, por ter achado a estrela companheira de Sirius com o telescópio que lá vi armado fora de casa. Está fazendo instrumentos para o governo do Japão, um telescópio para Viena. Foi ele que preparou a grande objetiva do observatório de Washington. Seus processos são simples e até parecem pueris. Agassiz zombou deles por brincadeira. Ele apresentou-me toda a família até a única filha casada e paralítica. Gostei muito deles e depois soube pelo professor Slade que Clark velho fizera dele um bom retrato e é bom pintor.

Vim ao Athenum onde fui recebido pelos trustees, dos quais é o velho Lowell, filho do fundador do Instituto do mesmo nome. Quase todas as obras de arte foram para a nova galeria de que já falei, contudo aí está o belo Colombo criança, de Montecarlo. A naturalidade sobretudo das pernas cruzadas, é admirável.

Vi bons bustos feitos pelo Crawford e na sala anexa da Academia de Ciências o retrato a óleo de Crawford. Continuarei amanhã. Partimos às 9h em ponto.

15 de junho de 1876 - 5 $\frac{1}{4}$ da manhã. Ontem depois do Atheneum fui ao City Hall ver o Mayor e pedir-lhe uma coleção do que a City tivesse publicado a respeito de instrução pública.

O nome do dono do belo jardim defronte ao Wellesley College é Humewell.

Depois do jantar fui ontem despedir-me de Mme. Agassiz e de Longfellow. Entre 3 e 4 tivera a visita do professor Slade e da mulher dando-me aquela uma bela obra com estampas sobre Harvard College e fui à casa de John T. Sargent ver Whittier cuja fisionomia, embora algum tanto severa, muito me agradou. Falei-lhe de Barbara Freach e do hino do Centennial e ele agradeceu-me a tradução de The cry of a Lost Soul. Pouco discorreu sobre literatura.

O célebre orador Phillipps e outros chamaram logo, a propósito da doença de Blaine, a conversa para o terreno da eleição presidencial.

Ofereceram sorvete de creme e café com leite, sendo Mrs. Sargent muito amável com todos e retirei-me abraçando eu Whittier que se mostrou muito comovido.

Vou a caminho de Albany. O terreno é de colinas e vêem-se plantações.

5 $\frac{1}{2}$ vejo à esquerda o Hudson River bordado de colinas deste e do lado oposto dele. Vão aparecendo casas e até vejo o grande vapor atracado.

5h 35'. Chegamos a Albany. Vi 10 vapores no Hudson, que atravessamos em bela ponte de ferro. Depois de chegar à estação passeamos de carro duas horas. Belo novo Capitólio que se construiu todo de cantaria e tijolo, internamente. Belas catedrais episcopal – vi no fundo grande janela de vidros pintados muito bonitos quando pude julgar de fora – e católica.

Penitenciária. Pelo que vi, passando, parece fazer-se ainda – porque está aumentando com os defeitos da de Boston.

Bonito jardim público, onde passei um pouco a pé com lago e barcos – um era remado por duas senhoras. Belo Hotel. A cidade é sobre colinas.

Partida às 8h 10. O caminho é lindo.

8 $\frac{1}{2}$. Que bela cascata — como a grande da Tijuca pela massa de água — e à esquerda! Canal Erie tão cheio de barcos que parecem uma só linha. As ruas de Albany são quase todas plantadas de árvores. Calçadas más de pedras arredondadas.

9h 3'. Chegamos a uma estação. Estamos em Mechanic-ville.

O New York Herald de hoje já publica o que fiz em Boston ontem e só foi sabido depois das 8h Já passamos Troy. Foi uma grande povoação que eu vi pouco depois de Albany e tem 50.000 — Albany 70.000 aqui também passei pela casa do Governador, não muito grande mas bonita e quase coberta de folhagem das trepadeiras. É cidade manufatureira (ferro, aço Bessemer, algodão, lã, etc.). Vejo agora no guia que a cascata chama-se Cohoes-Falls no Mohawk que afluente no Hudson.

9h 40'. Muito bonito caminho quase todo com lindas casas e jardins — também vi plantações. Chegamos a Ballston com bastantes casas e algumas bonitas. Tem diversas boas fontes de águas minerais A melhor é Lithia.

9h $\frac{3}{4}$ Atravessamos uma ponte. Outra. Lugar de bastantes casas com árvores e cortado de águas.

9h 49'. A vista alonga-se à direita por cima de lindos campos e colinas com árvores e plantações. Para a esquerda também a vista é bonita. Já se vêem casinhas com bandeira americana e letreiro Geyser-Spring etc.

10h 5' Descampado bonito com árvores e casas espalhadas.

10h Chegamos a Saratoga.

10 ¼ da noite. Estamos no Grand Union, que parece não ser tão grande como o outro desse nome, que ardeu. Todavia é um dos maiores; mais comprido, porém não tão alto nem tão largo como Palace Hotel de S. Francisco; contudo tem seis varandas superiores umas às outras que deitam para o saguão pequeno comparativamente ao do Palace Hotel. A rua do Hotel Broadway é bonita. O lugar em geral não é bonito.

Fui à igreja católica pequena, mas que não é feia no interior de gosto romano. Dei depois um giro vendo primeiramente Geyser-Spring assim chamado porque repuxa dentro de um tanque circular onde também há um globo de vidro onde a água entrando e saindo por uma pequena abertura produz efeito curioso. Acharam esta fonte abrindo uma artesianana até 183 pés. A camada a 9 pés do nível atual é do carbonífero. O jorro vem de água que passa por fendas de terreno Fleinty de bird-eyes. É alcalina e ligeiramente férrea; fria. Vi outras que não descrevo porque são muito conhecidas pelos guias; mas ainda que a água do Excelsior é muito fresca e gasosa, sabendo-se muito bem, apesar de ligeiramente férrea e sulfurosa. Perto da Geyser-Spring, no jardim e correndo para as águas que formam um bonito lençol de água por cima de um açude acima do qual está um lago, há uma fonte fria porém muito sulfurosa e alcalina.

Junto à Excelsior há um bosque onde encontrei mais de pic-nics [sic] e muitos passeantes. Voltando daí vi ao lado esquerdo um edifício vistoso onde está a bomba por vapor que distribue a água de beber pela vila. A água é boa. Perto do hotel está o Congress-Spring que estão arranjanado melhor, assim como o jardim que é bonito e tem veados num cercado pequeno. As árvores do jardim são olmos, que abundam neste lugar. O guia de Osgood dá muitas informações das fontes, etc. Vi o modo porque se enchem em Excelsior os barris e levo explicação assim como mapa da povoação de Saratoga, que não é grande; tem 8.000 residentes – e confesso que neste lugar só reparei nos hotéis que são notáveis.

Depois do jantar fui ao lago de Saratoga à distância de 6 milhas. Há restaurantes; dois tanques ao pé, tendo um trutas e daí goza-se de belíssima vista, havendo diversos caminhos na falda relvosa da colina para descer até à margem do lago. Aí avança uma ponte de madeira que dá embarque para um vapor, o Silvermoon que navega o lago agora às 11 e às 4.

Perto do embarque há casa de jogar a bola. Vendo outro vapor perto do cottage de Frank Leslie, que é editor de diversos jornais – alguns ilustrados em N. York – Fui até lá e ele, de muito bom grado, fez o vapor andar e vim no vaporzinho com ele e a mulher – meus conhecidos do soirée em Filadélfia, de Mr. Child, até onde estava minha e os companheiros de viagem [sic], menos Macedo e O'Kelly que tinham ido comigo até o vapor de Leslie, e deu-se um passeio até o fim do lago que os índios chamavam Kayaderoga.

Saratoga significa em língua iroquesa place of herrings, nome aplicado ao que se chama agora Fisch-Creek. Tem 9 m. de comp. e muito perto de 3 de largo. Além de Snake-Hill estando entre mato para cá dessa ponte a casa que serve aos estudantes da Universidade de Cornwell, onde há bastantes brasileiros, para as regatas em julho e agosto – aparece o edifício que não é pequeno dos Sulphur-Springs junto do qual repuxava uma fonte. O lago é muito bonito, e desse lado há diversas vilas. Vi duas marrecas voando por sobre o lago.

A casa dos Leslie – sendo a mulher muito espirituosa, falando castelhano, italiano e francês – é de N. Orleães, da família Foline. – Além da língua da terra e tendo aprendido latim, veio conosco o Coronel Willoghby, sogro de Pierrepont, nomeado Ministro para Paris. Tem 86 anos, mas espírito juvenil cheio de vivacidade. Também é vigoroso e manobrou o leme revezando com Leslie que me agradou, e a quem prometi um exemplar da última Breve-notícia, em inglês. A senhora muito me perguntou a meu respeito e admirou-se de que a tradução da Breve-Notícia fosse em tantas línguas inglês, francês e alemão. Foi um bom passeio. O caminho até o lago tem lugares que não são feios e bonitas plantações e arado. Passa-se pelo campo das corridas de cavalo. Chegamos ainda com restos de crepúsculo porém minutos depois das 9.

Vi esta manhã um acampamento ou antes casas de madeira que são ocupadas em tempo próprio por índios do Canadá. Frank Leslie falou-me dele como gente muito suspeita. Do lago vêem-se ao longe as Green-Mountais que parecem-me ligar-se aos Adirontek que vi ao longe descendo o S. Lourenço.

Sigo amanhã às 6 ½ para Pougkeepsie. Se alguma coisa me lembrar acrescentarei de manhã.

O que escrevo são rápidos apontamentos e portanto desconexos. Levo fotografias.

16 de junho de 1876 - 6h 40'. Acordei às 5. Estou no vagão à espera da partida. Ontem fez muito calor. Partimos. O Dr. Fontes foi ontem ver a casa de banhos do Dr. Strong. Achou-a boa. Tem banhos russos, turcos, elétricos e aplica o vácuo por meio de recipientes e máquina pneumática a diversas partes do corpo.

A sala comum de comida no Grand-Union tem 259 pés de comp. 56 de largo e admite 1400 hóspedes. Não tem apoio nenhum para o teto sobre o qual repousam contudo as divisões de andares superiores, mas consta-me que o madeiramento está todo travado com as paredes da sala. O salão de conversa tem 140 p. de comp. e 62 de larg. O hotel pode receber 1800 hóspedes.

Seguimos o mesmo caminho para Albany e depois vamos a Poughkeepsie, do nome índio Apokeepsing (safe harbor). Dizem que a High-nek-spring surge de um pequeno rochedo formado por depósito de água, mas que creio que aí foi posto de propósito para tornar a fonte mais procurada.

7h 13' linha de barcos no canal à direita perto de colinas. Esqueci-me de dizer que a State-library que vi por fora, em meu passeio de ontem em Albany é um edifício grande. Custa a reter tudo e agora lembro-me de que o quartel general de Washington durante o cerco de Boston foi no lugar da casa e Longfellow, em Cambridge.

7 ³/₄. Chegamos a Albany. Ontem quando chegávamos do lago encontramos diversas pessoas que corriam puxando uma bomba para exercício. Vejo aqui um sleep-car, de Wagner, quase que tombado de todo de um aterro. Este Wagner, por ser rival de Pullman, põe dúvidas em admitir o nosso carro em sua linha, mas espero que se vença aqui esse embaraço, que o é mais pelo incômodo de passar a bagagem para outro carro.

9 ³/₄ Enfim partimos no outro trem (Wagner car). Vanderbilt não quis, parece, responder ao telegrama.

Margeamos o Hudson (10h 7'). Ao longe à direita e por detrás montanhas muito distantes. Vejo desse lado e além do rio uma povoação com casas derramadas por colinas altas.

10 ¹/₄. Passamos por edifícios num porto onde estava um vapor grande. A margem, toda semeada de casas. Ponte deste lado do rio. Segundo edifício que vejo do lado oposto com calhas descendo de janelas. Parecem elevadores. O rio alarga bastante. Vê-se por detrás das colinas da margem oposta uma serra muito elevada e muito longe.

10h 20'. Passamos ponte coberta em algum pequeno rio, ou entrada do Hudson deste lado. A vista do lado oposto do rio é muito bela. O caminho segue um aterro nas águas do rio. Ambos os lados lindos e muito habitados.

10h 25'. Addison. Na margem que seguíamos. Tem bastantes casas e chaminés das fábricas.

10h 32'. Temos andado 50 m. por hora. Vejo no cimo da colina na margem oposta uma grande casa com bandeira americana flutuando num mastro. Parece-me hotel. A estrada roça quase as colinas baixas deste lado e as águas do rio. Tenho visto barcos pequenos a vela. Os carneirinhos no rio parecem indicar pedras, ou fundo baixo. Mais três elevadores na margem oposta e um grande vapor atracado a um deles.

11h 12'. Outro aterro no rio e talvez maior que o primeiro. Vejo outro elevador na margem oposta com barcos ao pé. Avistam-se mais do mesmo lado. Outro aterro – menor – dentro do rio. Povoações sofríveis na margem oposta. Navios de vela e vapor de rebocar madeira. Vapores um pequeno – os outros três rebocadores dos quais um o Niágara, muitos barcos, creio que de lenha. Tenho visto faroletes dentro do rio.

11h Chegamos agora a uma ponte deste lado. Atravessamo-la. Tem casas e arvoredo. Campo pequeno a arar com um cavalo à direita. Volta o rio.

11h 3'. Ilha de rocha lamelar não muito grande. Elevador na outra margem. Casas espalhadas nesta. O rio estreita. Colinas bastante altas na margem oposta. Pequeno aterro no rio. Esta margem também é de pedra mais ou menos lamelar.

11 ¹/₄. Pequeno túnel. Chegamos a Poughkeepsie. Partimos de Poughkeepsie perto das 2h

Às 11h 35'. Fui a Vassar College a 2 m. O caminho não é feio. As ruas da cidade são arborizadas. O lugar do colégio nada tem de saliente. Grande edifício de 4 andares, com sótão. Gostei em geral mais de Wellesby College. Parece-se com este sobrepujando-o no gabinete de física que é muito bom para o fim; no museu, que ainda não está organizado, dada por Giraud, companheiro de Audubon e no observatório que aquele ainda não tem. Este é melhor que o de Harvard College.

Telescópio de objetiva de 16 pol. feita por Clark. Cronógrafo elétrico bom círculo meridiano com colimadores. Observam o disco com heliostato fotográfico que não existe em Cambridge. A diretora é Maria Mitchell que teve em 1864, creio eu, um prêmio na Dinamarca pela descoberta de um planeta. Tem no observatório um bom busto de Somerville, de quem ela dá alguns ares. Traz canudos grisalhos e tem cara larga e expressiva, sobretudo os olhos que são reflexivos. Anexo está com o Museu, na mesma casa, a galeria de belas artes de que falarei depois.

Ouvi uma rapariga tocar a marcha de Korsti ao piano sofrivelmente, na capela onde há órgão e é também o lugar dos atos.

Assisti à tradução dos Captios de Plauto que os rapazes tinham representado e de uma passagem da sátira de Juvenal e gostei. Entram com 16 anos e o curso é de 4. Vi lá o professor Houghton, que escreveu sobre o Brasil e ficou de mandar-me a nova edição de sua obra.

Pouco depois de Poughkeepsie, túnel em rocha, pequeno; outro também pequeno.

2h $\frac{1}{2}$. Altas colinas com mato em ambas as margens e antes vi à direita uma montanha cônica coberta de mato. Saímos (2h 34') de 3º túnel, pouco maior que os outros. Margens com casas e povoações; uma grande na margem oposta.

2h 35' Chegamos a West Point. 6h $\frac{1}{4}$. Atravessei o rio em pequeno ferry-boat. Subi a ladeira de carro e fui à porta da livraria onde encontrei quem disse ao Comandante da Escola General Rogers? Examinei os retratos que há na livraria, um dos quais é muito parecido com o Barão de Laguna. Creio que é o general de engenheiros. A livraria tem 10.000 volumes, porém nada de curioso. A capela de colunas e bonita, Tem lápides nas paredes com os nomes e datas da vida dos generais que guerrearam pela Independência, à direita; e à esquerda no México; a do Major-General Arnold tem o lugar deste nome em branco. Nas paredes desse lado estão as bandeiras tomadas aos ingleses e mexicanos. Vi os gabinetes de química e de física – neste há um magneto bobina, o maior conhecido, que atrai o peso de 3.000 libras e um aparelho de Rumkerf cuja centelha mata um homem. Vi também amostra do asbesto, que serve para cobrir casas e vem de pouco distante de West-Point.

O professor Kenrick é conhecido. O professor de certa parte da física – luz, acústica e mecânica – levou-me ao observatório de que não gostei. O telescópio é de pequena objetiva, feita na casa Ertel, de Munich O círculo meridiano tem movimentos perros e a cúpula dificilmente gira e por manivela de vai-e-vem. O próprio professor confessa que esta parte do observatório não prestava. O gabinete para a física que ele ensina possui excelentes instrumentos. Assisti a exames de matemáticas elementares onde vi Church, matemático distinto que ensina todo o curso matemático; outro de engenharia; o professor Weare de desenho e outro colombiano, creio que Dejamon, de família de origem francesa, muito amiga de Bolívar que também estava na mesa dos exames.

Visitei quarto dos cadetes – três em cada quarto – e num com uma meia divisão separando duas camas de uma. Vi a sala dos desenhos onde está um bem feito do General Sherman representando Teseu derrubando com a malha o minotauro e o lugar onde desenham; o lugar da comida e depois de ir ao cemitério para ver o túmulo do General Scots, bonito e simples ereto pelas filhas (e) e o monumento de Kosciusko sobre um teto que descobre o Hudson até longe e foi ereto em 1828 pelos cadetes; vim assistir defronte da casa do comandante que me apresentou à mulher à vista de 280 cadetes que, apesar de não estar aí a classe mais antiga, que acabou o curso, trabalharam bem marchando perfeitamente bem. Vi no alto de um morro que olha para o rio as ruínas do forte Putman que figurou na guerra da Independência. A fuga de Arnold para a corveta inglesa Future foi milhas abaixo.

Washington indicou o lugar de West-Point, assim chamado por estar em ponte dirigida a oeste para a Escola. Partimos às 6h $\frac{1}{2}$ para N. York.

O rio é belo em ambas as margens bordadas de colinas elevadas e de montanhas.

6h $\frac{3}{4}$. O rio alarga bastante. Atravessamos por entre casas. Muitos escaleres no rio. Agora atravessamos uma ponte, sempre do mesmo lado. Custa a rabiscar com tamanha velocidade. Pequeno túnel.

7h Torna-se a ver o rio. Outro túnel, pouco maior; corte pequeno e rio que se alarga muito. Ao longe estreita entre uma montanha à direita e a ponta de uma larga colina à esquerda que vamos seguindo margeando o rio à direita. Fecharam-se as duas pontas pela perspectiva, parecendo o rio um grande lago. Grande corte em terreno arenoso. Alargou o rio de novo. Passamo-lo numa ponta em aterrado com uma ponte. Belíssima vista ao longe, rio abaixo. Nas montanhas da margem oposta empoleiram-se [ilegível]. Pequeno túnel. Passamos junto à prisão de Sing-Sing.

7h $\frac{3}{4}$ Outro pequeno túnel e passamos uma povoação com suas casas. Vêem-se bastantes barcos a vela e há pouco vi um vapor. Pequeníssimo túnel. Rio muito largo. O sol vai-se escondendo (7h 20') por detrás das montanhas do lado e dá às árvores deste lado um verde bellissimo. Lindas casas de campo sobre as colinas deste lado. Vamos rente com a superfície de água do rio. Vapor grande atracado deste lado e algumas casas. Montanhas de pedra que parecem paliçadas do lado oposto. São as Palisades (7h $\frac{1}{2}$).

[Desenho]

Vem subindo 2 vapores que não são pequenos quase emparelhados; mais atrás outro. Mais 2 emparelhados; mais um. Deste lado molhe de madeira e bastantes; *[sic]* algumas com bonitos e jardins. Grande aterro deste lado sobre o rio, cercado de seus paus fincados e pedras soltas. O centro ainda tem água. Outro lugar deste que se aterra sobre o rio. Pequeníssimo e curto corte em rochedo. Bonita povoaçãozinha do lado direito. Grande corte com pequeníssimo túnel na rocha. Lindo castelinho em colina verde do outro lado de água à direita. Um vapor atracado. A terra do lado direito de rochedo e árvores é o começo do aqueduto de Croton que passa aí o rio sobre altos arcos de tijolo com uma torre do outro lado. Ponte que também deixamos à direita (7h 48'). Já se avista N. York creio eu. Com efeito vamos chegando a N. York. Rochedo à direita, todo cheio de letras brancas de anúncios. Paramos 8h 8'. Segui logo depois de ter largado vapor. Atravessamos ponte de ferro e madeira não muito longa. Túnel e muito longe passagem coberta com pequenos intervalos. Em parte era a passagem coberta com pontes superiores. Chegamos à estação 8h 6'.

17 de junho de 1876 - De noite fui ver Pique no teatro Fifth Avenue. Representaram muito bem. Fiquei no Windsor Hotel, que não me parece tão cômodo como o outro. Parti às 8h 12'. A passagem quase toda coberta de pontes levou a passar perto de 8'.

Em Vassar College vi na galeria de belas artes uma bellissima cópia da Virgem de Foligno, feita por Mrs. Emma Church Um esboço de paisagem – bosque no outono, de Church; uma aquarela de Turner, onde Ladsen desenho a lápis dois cães de fila um em pé e outro deitado que deixam a perder de vistas outros da aquarela. Sothard desenhou levemente à esquerda da aquarela uma mulher morta.

Anápolis agradou-me mais em tudo que West Point. Aqui ainda vi que os professores moram junto à escola – que tem 2.000 acres de terreno – em casas muito bonitas e algumas com jardins, do Estado.

Todos os discípulos do Vassar College pagam 400 dol. por ano, além de estudos especiais como o de desenho, etc.

Trago os regulamentos das escolas que visito. 9h 5'. O caminho tem percorrido bonitos lugares, mas ou menos cultivados e bastante habitado. Passamos o rio em lugar muito bonito. À direita o rio como que desemboca numa baía. À esquerda fica a povoação pequena de Cos-Cob, um pouco distante da estação.

9h 14'. Paramos em Stanford. Vejo uma grande casa com o título – Billiard - Table - Factory. A povoação não parece pequena, porém não vejo habitações dignas de nota.

9h 33'. South-Norwalk. Parece ter alguma importância. Até aqui passaram-se algumas bonitas casas de campo. Seguimos logo depois. Plantações bonitas de ambos os lados. Campos muito verdes; também vejo neles bastante água.

10h — 9'. Vejo o mar à direita ao longe.

10h Chegamos a Bridge-Port. Bonito lugar. Planície verde com casas semeadas e árvores. Tem grandes serrarias. Estamos à beira-mar. É povoação importante. Vejo os edificios das serrarias de Howe, que são muito grandes. Muito pequena demora e seguimos. Também reparei numa fábrica de pano de lã à direita, quando seguia da estação.

10h 20'. Atravessamos em ponte de ferro o Housatonic. Tem sua largura e margens bonitas com colinas verdes e árvores.

10h 37'. Já vejo New Haven. Campo muito verde, mas alagado, creio que do mar, que descobro ao longe à direita. Pequena passagem coberta, creio que ponte; outra 10h 40'. Chegamos a New Haven.

3 $\frac{1}{2}$. Saímos. Da estação descobre-se o mar.

3h 50'. O caminho é bonito, mas não se vê o mar. À noite, em Newport, escreverei em lugar firme sobre Yale College. Vi um pequeno campo que parecia nevado de margaridas; nunca observei outro assim.

4h 4'. Vê-se o mar à direita, por uma enseada com ilha de pedras. As montanhas da costa azulam muito longe. Outras duas abertas por onde se vê o mar. Planície esquartelada de plantações pequenas até perto do mar que se descobre muito bem.

Chegamos a Gilford. Parece pequena povoação. Vai-se descobrindo o mar e uma ilha com torre ao longe. Navios a vela quase que no horizonte.

4h ¼. Vejo por uma aberta um grande edifício ao longe perto do mar.

4h 27'. Depois de minutos de demora em Saybrook-Junction seguimos. Ao longe à direita ponta com habitações formando uma enseada. Agora não se vê de novo o mar. Campo todo verde e chega-se a um braço de mar em cuja extremidade para o lado daquele está a povoação e um farol. Mais longe montanhas da costa. Vêm dois escaleres à vela. Atravessamos o braço de a maior parte em ponte coberta e o resto de ferro e aterro.

5h 7'. Agira passamos rente ao mar e atravessamos uma ponte de pedras – enseada estreita de pedras com um vaporzinho e pequenos barcos. Deixamos o mar. Abre-se o mar. Muitos barcos à vela, ao longe. Vamos por um aterrado no mar e ponte de ferro para passar uma ponte de terra com árvores que me encobriu o mar até agora, o mar entra pela terra como se fosse um rio. Casas à direita, e tornamos de vista a água. Colina com casas à esquerda. Vamos subindo-a e descobrimos um braço de mar coalhado de pequenos navios à vela que saem. O lugar tem muitas casas à roda da enseada e chegamos (5h 9') a New London.

Vi 2 vapores pequenos numa ponte de embarque e ao longe, na ponta de cada enseada, há uma fortificação com muralhas e gramados. Paramos perto de 2 vaporzinhos, um chama-se Cecile e uma taboleta diz Pecquot and Edgcomb house. O trem entrou numa barca ferry onde havia mesa para comida e camas em camarotes e passaremos para o outro lado. Às 5 ½ tínhamos passado e seguíamos. Ouvi que o rio Thames lança-se na enseada de New London, onde o vi do lado esquerdo. N. London foi fundada em 1645 por Winthrop. É a terceira vila baleeira dos Estados Unidos.

5h ¾ – Bonita vista do mar com enseada à direita. Chegamos à povoação com vapores. Escaleres à vela. Atravessamos o mar em aterrado e ponte de madeira e ferro. Vamos agora atravessar uma ponta de terra. Seguimos agora quase que pela costa e perto do mar.

6h 6' vamos chegando a uma povoação com bonitas casas e vapores de 2 casas e grandes. Não paramos. Ao longe sobre uma colina numa ponta de terra um grande edifício branco. Passamos com rapidez incrível por uma povoação considerável com bonito edifício, que pareceu-me colégio. Vamos por colinas e arvoredos sem ver o mar. Passou-se um corte considerável na rocha e uma pequena povoação.

6h 25'. Grande planície onde está a estação de Kingston. Há colinas afastadas. Tem algumas casas.

6h 35'. Vamos subindo colinas com arbustos. Não se tem visto o mar. Vemos casas à direita.

6h 40'. Wickford-Junction. Tem algumas casas e arvoredos. Vamos chegar a Wickford com manufaturas de lã e algodão. Esta cidade produz um efeito pitoresco, por causa das águas próximas do Narraganselt. Em Wickford embarcamos para Newport, na Rhode-Island. Na Junction seguimos direção oposta. Passamos por uma pequena estação somente para largar passageiros (7h 6') e seguimos ao longo, creio que de um braço de mar onde vejo vapor e outros navios (7h 5'). Chegamos.

18 de junho de 1876 - Apareceu-me logo ontem o filho do Bancroft e também o Mayor de Newport, para onde foram comigo, no pequeno vapor, onde o primeiro apresentou a neta do General Cole, cuja conversa muito me agradou. Fui vendo as ilhas das quais a Canonicut tem uma forma curiosa. Mostraram-me ao longe as Prudence – outras e o lugar chamado Bishop's frock, que é uma pedra. Goat-Island, muito perto da cidade de Newport, na ilha de Rhode-Island (concepção das palavras que significam Ilha encarnada). Iluminou muito de longe com luz elétrica. É aí que existe a oficina de torpedos. Havia muita gente no desembarque e o velho Bancroft levou-nos em seu carro até o hotel Aquidneck. Esta palavra índia era o nome da ilha, e quer dizer ilha da paz.

Ceei às 9, tendo chegado às 8h 10' ao desembarque perto do Hotel, e deitei-me às 11. Encontrei no vapor um empregado do Signal-Office a quem perguntei notícias do General Meyer e ficou de pedir os sinais do tempo amanhã. Yale College. Na estação, encontrei logo o Presidente Noah Penter e o professor Dana com cartas de Bancroft. Aquele é muito conhecido como entendedor da língua inglesa. Fui logo com eles para a Universidade e minha mulher correr a cidade.

Entrei no Hall onde fazia exame escrito de inglês – trago o pondo dado – e vi os retratos do governador de Yale fundados na Universidade e de muitos professores, entre os quais reparei nos de Homestead, Gooduch e outros. Havia 2 de Shermans parentes do general, creio que benfeitores do Yale College. Museu de mineralogia e de geologia onde muito folguei de conhecer o professor de geologia Marsh que tanto estudou as Rocky-Mountais. Mostrou os ossos de Pterodactilo dentado e do elefante diferente de primígenos que aí achou. Trago os trabalhos que ele publicou a tal respeito. Na coleção mineralógica há uma amostra rara pela qualidade do mineral e perfeição e grandeza dos cristais de Franklinite. É dos Estados Unidos de onde vi também antimônio puro e mercúrio também puro.

A capela é muito bonita, sobretudo externamente – internamente prefiro a de West Point – que se consagra hoje.

A livraria tem 100.000 volumes, uma coleção de livros orientais muito curiosa. Vi lá um exemplar do Cosmos com citação e extratos de autores escritos nas páginas por Humboldt. Também há aí a grande obra de Bonpland que estava na livraria de Humboldt. Tem bustos de professores. Aí encontrei o astrônomo Newton e falei-lhe sobre os seus trabalhos a respeito dos cometas. Tem ar muito modesto e fisionomia muito inteligente.

Visitei o Instituto Politécnico onde está a coleção mineralógica de que já falei em parte; olhei também um pouco para a sala de ginástica, onde vi outro aparelho para remar em seco, mas não tão bom como o de Harvard College, e enfim por uma linda rua com casas e todas bordada elms New Haven chama-se a cidade dos Elms.

Fui ver a casa do Presidente onde conversei com Trimball, sobre as línguas índias de que o Algonquin é como o nosso tupi ou guarani, na generalidade e construção gramatical. Conhece os autores alemães que se tem ocupado de filologia e prometeu-me suas publicações. Pouco antes de sair, chegou o professor Loomis que ensina astronomia matemática e disse-me que tinha observado os fenômenos elétricos que já confirmara Agassiz a que a eletricidade origem das auroras boreais provém do sol e liga-se às manchas dele.

18 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ver as praias dos banhistas. A terceira beach não é freqüentada. Na 2ª, reparei para os Harpin-rocks que rindo parecem a boca aberta de um monstro. Era este o lugar de predileção do célebre Bispo Berkeley, autor de Alciphron (diálogos sobre a doutrina cristã e como vi nas suas obras que existem na Redwood Library de um trabalho sobre as vantagens da água com pez ou alcatrão. (Tar-water). A volta apresenta uma perspectiva muito bela e passei entrando na cidade por lindas casa de campo.

Casa onde nasceu Channing de aparência mais antiga do que aquela onde Washington encontrou-se em Rochambeau, chegado na frota francesa. Aquela veio do lado do atual. Tour Park onde manhã vi a bonita estátua do Comodore Perry que foi ao Japão. Tem bonitos baixos relevos também de bronze no pedestal. O que representa um desembarque no México é o melhor. Há as datas de seus serviços no Japão – África e México. Na mesma praça, está a round tower que é visivelmente um moinho do tempo dos ingleses e não dos irlandeses ante-columbianos. Esta família Tours era de judeus ricos. O mesmo deu dinheiro para a Sinagoga, feita por um arquiteto português – segundo me disse quem me guiava, um literato de New Porto apresentado por Brancroft filho – e outro, Judah, o terreno para o cemitério dos judeus, que também vi, passando.

Fui depois a Redwood Library onde há a coleção artística de King, e seu retrato feito por ele mesmo aos 20 anos. Há boas cópias em mármore de estátuas antigas. Vi aí um quadro a óleo de Newport, em 1776. Não vi o sobrescrito de uma carta de Londres para N. York, onde se acrescentava para não haver dúvida – perto de Newport – o que indica a mudança que pouco tempo fizera na importância das duas cidades.

Fui ver Mrs. Birckead, filha do velho Hunter, que esteve no Brasil. Só achei lá a filha casada do oficial da marinha, que me disse que a outra estava na igreja e ela já tinha um filho de 6 meses. É uma linda rapariga. O marido também se achava presente. Habita Mr. B. uma casinha com seu jardim na cidade, não longe do mar, que não se vê.

Voltei ao hotel e de lá fui a Goat-Island ver a fábrica de torpedos. Tem um diretor, 5 oficiais ajudantes e 20 aprendendo. Está muito bem montada. Aí aprontavam um caixão flutuante com peça de atirar por baixo d'água, mas ninguém confiava como eu não confio no bom resultado a respeito do projétil de movimento retilíneo pela incompressibilidade da água. Vi ainda o barco torpedo que tem a velocidade de 20 m. por hora; caldeira de tubo interno em espiral que em um momento produz vapor, e consumindo 400 ££ de carvão por hora. Assisti ao manejo do torpedo spar, e vi os que servem de defesa de portos. Muito me agradaram os gabinetes elétrico dirigido pelo inteligente Farmer

que melhorou a máquina eletro-magnética, tendo visto também uma eletro-motora e a poderosa faísca produzida pela eletro-magnética e o de química, dirigido pelo inteligente Eads, discípulo de Harvard College, onde se preparam a nitroglicerina e a dinamite misturada àquela com uma espécie de gesso vindo de New Hampshire, no estado de pureza que as torna inocentes só explodindo com fulminato ou faísca elétrica. Vi também um aparelho – o maior que conheço – para liqüidificar o gás ácido carbônico.

O diretor falou-me do emprego deste gás como motor, mas os ensaios só tem dado velocidade até 10 m. por hora. Pretendem regular da ilha a hora na cidade por meio da eletricidade. Muito me agradou esta visita.

Às 2 ½ fui para casa do Bancroft para o launch e acabado este demos um lindo passeio pelos jardins, casa do Agassiz e costa com lindas pequenas enseadas nos rochedos e por fim soirée em casa do Mayor Bedlow.

Falarei depois de tudo isto com minuciosidade.

A casa de Bancroft olha para o oceano. Ele gosta desta vista, porém não de viajar nele. Lembrei-lhe os versos de Lucrecio. Lindo jardim.

Mme. Bancroft é muito amável, porém um pouco alemã de opiniões, como o marido, embora reconheça que prolongaram demais a guerra e lhe repugne a anexação.

Vi as filhas de Ticknor e a do Comodore Perry, do Japão, ambas muito bem conservadas. O publicista Lawrence, Russel, os generais Warren e Bodes que passa por bom matemático; o pintor Lafarge e outros, todos mais ou menos interessantes. Conversei também bastante com Mrs. Bedlow mulher do Mayor. No passeio, atravessei as chácaras de Rutherford, das fotografias da lua, viúva Breuver, da fonte do Common de Boston; passei pela casa de Appleton, cunhado de Longfellow, em cuja porta deixei um bilhete a lápis e entrei na casa de Alex. Agassiz situada numa colina de rochedo no bairro, como um pontozinho entre rochedos. Vi alguns peixinhos quase microscópicos que cria e desenhos de peixes.

Esqueci-me dizer que em Yale College vi um polvo com braços de 27 pés de comprimento.

No passeio os pontos de vistas do lado do pôrto são lindíssimos, porém os da volta pela costa ainda são mais pitorescos, talvez por causa das pequenas enseadas de rochedos, em alguns dos quais Agassiz mostrou-me o polimento das galerias.

Parei na casa de Russell, com jardim lindissimo, onde vi belas árvores agradando-me sobretudo os purple-beechs e a árvore do Japão, Gando, com folhas pequenas, de forma de leque japonês ou chinês. Russel não parece ter os 80 anos. As filhas são muito amáveis e a mais moça parece muito querida de Bancroft. Deram-me uma espécie de merenda. Bancroft e Agassiz também acompanharam-me no mesmo carro. A Imperatriz foi com outros dois homens e a Josefina, deixando de ir, creio que com Mrs. Brunn, indicada por Bancroft como falando muito bem francês. Também atravessamos o lindo jardim dessa senhora que talvez fale demais. Em casa do Mayor, soube que ela era amiga de Begman (rainha de Mount Vernon, como se intitula) que danada.

A casa de Mayor do lado oposto por onde passeamos é muito bonita e a soirée foi muito agradável. Mrs. Bedlow é muito amável e a filha Alice cheia de graça e de espírito. Também conversei bastante com o general Bodes, que muito me agradou e uma senhora que esteve 12 anos em Florença e tem muita graça conversando. Também encontrei um homem que muito me falou do Fayal e Madeira, perguntando-me pela família Dabney que é a da mãe do juiz de direito de Itu, filho do Brotero, o que lhe disse. Infelizmente, por ser domingo só tocou a música de Fort Adams que também cantou. A senhora dos 12 anos de Florença é amiga de Litz que tocou piano para ela cantar e discípula de um pianista, cujo nome não me lembro agora, cunhado de Litz.

Retirei-me antes das 10 ½. Depois de chegar ao hotel veio como prometera o Sr. Meyer, de Viena, com quem falara também bastante em italiano, na casa de Bedlow e trouxe-me os Figaro de maio e junho.

Ontem e hoje, bem cedo, pela manhã, recebi telegrama do general Meyer, do Signal-Office, dando-me os sinais do tempo provável. Ontem, antes de ir à casa do Bedlow, estiveram no hotel a filha de Mrs. Birckead, nascida em Botafogo, com o tio Thomas e um filho deste. A mãe antes se lembrou de uma visita que fez a São Cristóvão quando eu estava na lição, que interrompi para falar-lhe, assim como a outros americanos. Ela esteve de manhã com a Imperatriz; de noite não pôde voltar. O vapor partiu às 7 em ponto.

Arreventaram muitos torpedos ao passarem por Goat-Island, mas o fog espesso só permitiu-me ouvir o som de quase todos e somente 2 foram bem observados quando fizeram explosão, mas eu supor acabadas as explosões só vi o círculo de água revolta deixado pelas explosões.

Esqueci-me dizer que em New London só três vagões e a locomotiva passaram na barca de trilhos, creio que por não permitirem mais as dimensões da barca.

No passeio de ontem depois do almoço e missa em uma igreja não muito grande mas cujo interior no gosto da de Boston agradou-me, vi, passando a casa com jardim da célebre atriz Cushman, que só deixou parentes longínquos.

Em casa de Bancroft também conheci o literato Calvert.

O diretor do estabelecimento de torpedos é o Captain Breese.

O nome do professor de New Haven que também muito me agradou é Brush

Em casa de Agassiz vi as 2 filhas mais velhas – o Rodolfo não apareceu – parecem sérias, o que em crianças não é ordinariamente bom sinal – e a sogra gorda e de cabelos quase brancos.

9h 20'. Almoçamos a bordo do vapor, parado mais de hora e segue agora o trem.

1 ³/₄. Caminho o mesmo, porém passada a estação de Fair Haven vi bem sua grande montanha de pedra à direita, que já havia descoberto ao longe chamada Hiss-rock.

Creio que me disse que em Bridgesport havia grande serraria, enganei-me, são de máquinas de costura. Ontem apareceu-me o cego educado como Laura Bridgeman com os pais, que tem mais 5 filhos fortes e sem defeito. Enfiou um agulha. Mostrou-me que conhecia o fim de um relógio pegando neste e apresentando-me o seu. Comprei objetos de missangue muito bem feitos por ele e escreveu seu nome e idade 46 anos. Levo o papel. Disse-me a mãe que ficou cego, surdo e mudo de escarlatina aos 4 anos, e aos 8 foi para o Instituto Perkins, dirigido pelo Dr. Howe onde ficou muitos anos. Corresponde-se por escrito com Laura.

Saimos de New Haven às 2h 27'. O caminho é meu conhecido até New Rochelle.

Versos do Bispo de Berkeley:

Westard the course of empire takes its way,

The four first acts already past.

A fifth shall end the dram with the day

Time's noblest off spring is the last.

4h 27'. O caminho atravessa água sobre trilhos descansando em pontaléticas baixas de madeira. À direita descobre-se o mar e ao longe Long-Island.

4 ³/₄. Passamos pela estação de West Farms.

5h 8. Chegamos a New-Rochelle.

Entraram os vagões e a locomotiva na barca onde jantamos. Vimos pelo East-River vendo as ilhas, sobretudo a de Ward onde há edifício públicos dos quais a Poor-House – também vi à esquerda a prisão – grande casa e os presos em grande número marchando – e os rapids, onde se vão arreventar as grandes minas no dia 4 de julho, no lugar Hells-Gate – e agora (6 ³/₄) dobramos a ponta de N. York, onde há Castle-Garden – entramos no Hudson-River e 7h 10' Chegamos a Jersey.

7h 5'. Saimos da barca e seguimos para pararmos. East-River é muito bonito e povoado. Depois de Jersey atravessamos uma verde campina com bastante água à esquerda. É o rio Hockindock e agora creio que seguiremos sem pronta interrupção. São 7h 25'. Passamos o rio em ponte de ferro.

7h ¹/₂ Deixamos a estação de Newark, povoação considerável. Terrenos bem cultivados de ambos os lados em pequenas extensões. Bonitas casas de madeira, de ambos os lados.

7h 40'. Atravessa a vila considerável, de nome Elisabeth Linda casa de campo à direita afastada do caminho. Atravessou-se um lindo pequeno bosque. Já vi duas casas de madeira abertas com letreiro Gasgling-oil.

8h 5'. N. Brunswick. Vamos atravessando a povoação que não é pequena depois de passar em ponte de ferro o rio. Já custa a escrever. Amanhã completarei. O rio chama-se Raritan. Não é muito largo.

20 de junho de 1876 – Cheguei ontem perto das 10 a Filadélfia, e até ir dormir perto da meia noite só fiz dispor tudo para o que tenho de visitar.

Esta manhã antes do almoço fui ver as obras das águas. Represaram o rio que passa por Taismount Park (o Schuykill), o que forma uma bela cascata em extensão, e água corre para onde 7 turbinas a fazem subir para um reservatório e o alto de uma torre donde vai também para outro reservatório mais alto. Para estes reservatórios são elevados por hora 1.869.100 galões e por dia 44.858.400. Fizeram um jardim perto da casa das turbinas, e tudo está muito bonito. Deram-me o último relatório. Antes das 9 estava no Inter-Continental Hotel para almoçar e as 10 comecei com o professor Archer o meu exame pela exposição inglesa. O que for relativo a esse exame irá num caderno a parte.

Sai de lá às 2 e às 3 estive com Lopes Neto e Sir M. Tennan e Hawkshaw e Archer – Levasseur ⁰¹² não está cá – e Brugsh foi para a Europa – a conversar sobre as palestras e métodos de minhas visitas à Exposição que pareceu ser o melhor – por nações em todos os buildings.

Depois do jantar dei um passeio pelo Roismocurt-Park de carro e de um lugar vi muito bem todos os buildings e a cidade – linda vista. No jardim há duas torres de madeira com elevadores e um diz – 35 milhas de vista por 25 cent.

À noite fui ver a peça Our American Cousin, onde o ator principal inglês representa há 20 e tantos anos o tipo desta nação — todo cheio de formalidades e outro o yankee — sendo o 1º muito estimado, jantando em casa de Thornton e tendo já ganho com essa peça uma fortuna. Só assisti a parte da peça, que foi muito bem representada, e de lá fui à casa do Child, onde conheci grande número de pessoas entre as quais o filho do Dr. Martius; os franceses Rochambeau; Kalmer — químico que estudou na Escola Central — Barthold, da Estátua da Liberdade para o porto de N. York, etc.

O irmão do Brughs disse-me que se retirara porque não eram pagos os empregados. Houve comida e refrescos e depois Child pediu-me que subisse ao andar de cima onde vi Mrs. Child, nos netos do general Patterson que tem 80 e tantos e está muito fraco e uma inglesa muito bem conservada e falando muito bem francês e também alemão segundo me disse ela com a idade de 26 anos e 10 de casada. Às 11 ½ estava no hotel, e fui descansar.

21 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ao Colégio Girard – o corpo principal é um belo templo grego de colunas de mármore assim como o resto do edificio. Ai logo depois de subir os degraus externos encontra-se no peristilo uma bela estátua de mármore de Girard – fisionomia de bondade algum tanto maliciosa – um sepulcro creio que com seus restos. No edificio estão as aulas e gabinetes, assim como uma sala com os objetos pertencentes a Girard entre os quais vi o retrato da mulher que morreu doida, e que ele esposou por se admirar da perfeição com que ela limpava as vidraças de uma casa como criada. O colégio começou a fazer-se por deixa de Girard dois anos depois de sua morte. Começou a servir em 1848 se bem me lembro, e tem de renda anual de 600.000 dol.! É destinado somente aos estudos preparatórios para as carreiras industriais e os meninos aí só entram com a idade de 6 anos. Há 550. Não se admite nenhum ministro de religião, segundo exigência do testamento de Girard; mas o diretor que é Mr. Altenagora, fá-los rezar e ensina-lhes moral. Entre no colégio meninos de todas as religiões, e contudo ensina-se aos judeus a venerar Jesus Cristo! Não compreendo o que quis Girard. Em boas casas próximas estão salas com 21 camas cada uma e os refeitórios, mais baixos que o solo em frente, e úmidos como confessaram acrescentando que estão cuidando de construir um bom para todos os meninos juntos. Tem 4 professores homens para o ensino mais elevado e 14 a 18 senhoras professoras. Deram-lhe publicações relativas ao colégio. Assisti à oração antes de entrarem às 8h para as aulas. O diretor leu na Bíblia, e depois todos os meninos conservaram as cabeças baixas apoiadas nas mãos por alguns instantes.

Das 10 às 2 acabei com o Archer o exame da exposição inglesa. Às 5 ½ fui ao jardim zoológico; o mais completo da América. Tem animais muito curiosos até da Austrália; rinoceronte; 2 elefantes, 4 girafas; ursos em cavas; antas, etc. Tudo muito bem arranjado em uma parte bem ajardinada do Fair Mount Park. Hei de voltar.

À noite fui à Academia de Música, belo teatro internamente de 4 ordens de camarotes. Ouvi a Kellog no brindisi da Traviata; excelente cantora – assim tivesse a voz mais volumosa; a Cary bom contralto na Pieta do Profeta; Brignoli tenor que já teve excelente voz e ainda agrada bastante por seu estilo; e a Esmeralda Cervantes que tocou as variações de Moisés por Thalberg. Retirei-me no fim da 1ª parte para ir à reunião do Carvalho Borges no Club Union-bague. Tudo muito bem arranjado, e a música de Niteroy tocou bem. Foram convidados só o pessoal das comissões e júris da Exposição. Enfim vi Mrs. Levasseur e Simonin, cuja fisionomia um pouco turca não me agradou. Além disto a lingua

parecia pegar-lhe um pouco. Também falei ao coronel Périer. Como tinha muito que escrever safei-me da barafunda antes das 11.

22 de junho de 1876 - Antes do almoço fui à Universidade. Belo edifício. Gostei muito de ver o gabinete de física de que é professor Barker nome conhecido. Na livraria achei um livro raro de cartas impressas de Franklin com duas passagens muito notáveis, que eu pedi para mandar copiar. As cópias vão anexas. Tem boas coleções de história natural. A escola de Medicina anexa é digna também de visita. Um dos professores é casado com uma neta de Bache neto de Franklin. Junto à Universidade estão abarracados os estudantes de Harvard College (Universidade de Boston) convidados para visitarem a exposição, e assistirem às festas de 4 de julho.

Depois do almoço no Transcontinental Hotel perto da exposição lá estava às 10 e visitei toda a exposição francesa até 2. Depois de jantar fomos à Academia das Belas Artes, lindo edifício que custou mais de 400.000 dol. de subscrições, e tem uma muito notável coleção de estátuas e quadros, sendo destes os mais notáveis o do rendimento de Leyden a Filipe 2º por Withkamp e o colóquio entre César Bórgia e Maquiavel – a expressão de qualquer deles é inteiramente no caráter do personagem, e o colorido excelente – de Paruffini. O diretor da Academia é um homem de muito bom gosto e de caráter jovial e simpático. Chama-se Claghorn. Quis que eu fosse ver sua galeria particular que possui Rosa Bonheur; Bouguereau; Alma-Tadema, Zamacois, Vibert, etc. e está arranjado com muito gosto. A nora toca muito bem piano e recreou-me os ouvidos com músicas de Mozart e Mendelssohn. Mande-lhe já uma cópia do hino de Carlos Gomes⁰¹³ para a festa de 4 de julho. À noite recebi no meu salão membros escolhidos das comissões para conversarmos sobre a exposição e finalmente fui descansar à meia-noite.

23 de junho de 1876 - Antes do almoço Academia de Ciências Naturais. Ricas coleções sobretudo de conchas. Também vi fósseis interessantes como a imensa coluna vertebral de Emalssaouros platyurus achada nos Estados Unidos e o crânio do Bisen cayifrone com uma profunda depressão na testa. Lá está a coleção de crânios de diversas nações de Mortons que eu desejei comprar quando li sua menção nas cartas de Ampère e não adquirei por informar-me de cá, julgo que o Araguaia, não valer ela a pena. Vi a sala onde está a biblioteca só de obras de ciências naturais – onde não se compreendem química e física – e se reúne a Academia a cuja sessão de 3ª fª eu assistirei às 8h Vão estabelecer cursos. Tem um gabinete micrográfico onde pode trabalhar quem trazer seu microscópio. Creio que o presidente da Academia é o professor Konig da Universidade e muito conhecido como físico.

Das 10 às 2 examinei a bela exposição do governo dos Estados Unidos primeiramente com o diretor da instrução pública o inteligente, ativo e simpático general Heaton (ou Saton), e depois com o professor Baird que tarde compareceu e eu convidara assim como ao professor Henry que deixou de aparecer por cansado. Baird é do Smithsonian Institute.

Depois do jantar jardim zoológico de que trouxe guia explicativo e último relatório e vi muito bem devendo ficar logo que esteja tudo pronto um lindíssimo e instrutivo passeio. À noite ouvir ou antes ver Offenbach reger orquestra. Parece-se de longe com Mr. Noel de cabelos pretos, onde os tem. De perto segundo me disse C. Borges está avelhantado e chupado. A orquestra tocou bem num jardim coberto de vidro iluminado no teto com linhas curvas de copos de diversas cores havendo no fundo um arremedo do Niágara com passagem por detrás da queda d'água sem a gente se molhar. Ficamos numa espécie de púlpito rústico perto do Niagarazinho (*sic*). Não gostei da Offenbachiana (vid. programa) e notei melhor como o Offenbach furta árias mesmo na peça intitulada Geneviève de Brabant. Havia bastante gente entre ela Cervantes e sua mãe, que encontrei e disse-me o que pensava da música de Offenbach no sentido de minha opinião, indo depois a Esmeralda oferecer uma imensa corôa de flores ao Offenbach

Esqueci-me de dizer ontem que na Universidade fundada por Franklin há na sala dos atos uma bela vidraça pintada relativa à vida de Franklin.

O belo edifício da Academia de Ciências N. foi construído por doações, mas só tem de renda anual de 4 a 8 mil dol.

25 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ver uma fábrica de forjas portáteis. Trouxe um folheto com os desenhos etc. delas. Das 10 às 2 vi o resto da exposição do governo e quase toda a americana do Mainbuilding.

Às 3 estava cá o filho do Rei da Suécia. Terá 16 anos. É guarda-marinha, e sua fragata chegou há poucos dias ao Delaware diretamente da Suécia. Apenas entende e troca palavras de francês. Não parece inteligente. Viaja como oficial.

Às 5 ½ fui ver um imenso bazar onde se faz e vende roupa. Uma sobrecasaca como a minha custa 16 dol. e faz-se num dia. Cortam e cosem por máquinas movidas por vapor. Tomei medida e encomendei calças; colete, e sobrecasaca. Trabalham no bazar 400 pessoas, as mulheres são que cosem. Também dão costuras a 1.200 pessoas de fora. Vi o edifício somente todo de cantaria — do templo maçônico. O interior é belo; mas não chega ao exterior. De noite assisti um pouco ao benefício de Cervantes na Academia de Música onde a pianista tocou muito bem a pedido meu a 2ª rapsódia de Litz e depois tive palestra dos comissários da exposição.

25 de junho de 1876 — Às 6 ½ parti para a exposição onde dei por terminada a visita à exposição americana no Main-Building.

Fui à missa em catedral católica, que é a mais bela igreja que tenho visto nos Estados Unidos – com colunas e bela arquitetura – todas de pedra – e depois de almoçar no Transcontinental fui a experiências dirigidas por Sir W. Tompson no main-building. O telefone de ()⁰¹⁴ não deu perfeito resultado, mas assim mesmo duas pessoas leram – uma quase nada – dois telegramas que mandei ao mesmo tempo – Verity one single. All the sciences conduct to varity – aplicando o ouvido a um dos tubos acústicos. Em todo o caso ficou demonstrado o belo princípio achado por Konig e que o professor Baker explicou assim como sua aplicação ao telefone, bem como sua praticabilidade. Depois examinei com Sir W. Tompson o aparelho⁰¹⁵ elétrico automático e quadrupler, creio eu e finalmente a aplicação que Bell, o mesmo do Instituto dos Surdos-mudos de Boston, fez do princípio de Konig à transmissão dos sons pelo fio elétrico. Seu aparelho é mais simples que o outro porém não é como este aplicável à telegrafia. Não é parecer somente meu; mas que Sir W. Tompson achou exato.

Às 3 estive com o Dr. Mé Figueira que conheço de Lisboa e veio estudar o serviço sanitário aqui – é médico de minha sobrinha a rainha, e disse-me que já está quase acabando a farmacopéia portuguesa de que ele foi encarregado com outros. Depois estive com Draper pai, que já vira de manhã depois do almoço no Transcontinental. Conversamos sobre a sua obra Conflict between the Bible etc. e ele pareceu-me pensar como eu que o antagonismo entre a Bíblia e as ciências naturais só pode provir de má interpretação daquela. Disse-me que um dos filhos tinha o maior telescópio refrator dos Estados Unidos. Fiquei de ir onde Eles moram em Hastings a 40 m. por estrada de ferro de N. York. Depois de jantar dei um passeio de barquinho de vapor Skuykill acima partindo do açúde para as águas da cidade, em Fair-mount Park.

Percorreram-se somente 6 milhas até a confluência de Cate-fish creek. Depois há pedras e corredeiras. Sulcavam o rio outros barquinhos a vapor e escaleres remados até por mulheres. Perto do parque e da exposição à margem direita mostraram uma casa onde o poeta Morre passou 3 verões e dizem que compôs o poema Lalah-Rooke – hei de verificar. Do lado oposto do rio; porém mais para o lado do açúde, há uma casa sobre uma colina onde morou Washington. Agora me lembro que esta manhã indo para a fábrica de forjas passei por uma casa com uma tabuleta dizendo que aí habitara Washington no período presidencial de 179 a 97 [sic] – a rua da fábrica é uma espécie de beco sujo e mal calçado – e mais para diante está o lugar de recreio habitado principalmente por alemães chamado Winnasikon e a alturas do cemitério onde estão enterrados o general Mead que tanto brilhou na batalha de Gettsburb e o Dr. Kane da viagem em busca de Sir J. Franklin.

De volta dei ainda um passeio de carro pela margem esquerda acima do açúde do rio, e fui a um concerto perto do hotel Trans-Continental. A casa arranjada quase no mesmo gênero da do concerto Offenbach Regeu a orquestra Opperti que dirigia a orquestra do teatro Booth de N. York quando lá fui. Os músicos aqui nestes concertos traziam uniforme como se fossem de banda militar. Ainda esquecendo outro uso americano e curioso. Por causa do sol os cavalos trazem uma espécie de chapelinho [sic] entre as orelhas, e a um vi com esponja no mesmo lugar sobre a qual um homem botava água antes de arrear-lo.

26 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ver as exposições – da instrução do estado da Pensilvânia, e de Kansas e Colorado – em edifícios separados.

Às 9 ½ Fui até Bethlehem à Lehigh University onde há estudantes brasileiros. O caminho é bonito e o terreno todo bem cultivado. Acompanharam-me o Child e o que chamam Judge Pacquard ricoço do lugar e a quem se deve essa Universidade. O que mais me agradou lá foi o laboratório de química dividido para análise qualificativa, e para quantitativa, como todos os arranjos precisos. O professor Chandler pareceu-me muito hábil, e deu-me diversos objetos como a notícia de uma análise por ele feita dos líquidos de uma envenenada por arsênico chamada Amanda etc. e um pedaço de vidro Labastie que deixei cair de bastante altura e mesmo atirei com alguma força e não se quebrou. Também me deram do gabinete mineralógico um pedaço de antracite com impressões de fósfil. Chandler mimoseou-me igualmente com o último número de sua revista de química. O gabinete de física é bastante incompleto em relação a outros que tenho visto e o observatório é apenas para engenheiros e não propriamente de astronomia. Guiaram-me nesta visita o Presidente da Universidade Levitt e o estudante brasileiro Queirós Teles neto do barão de Jundiá. Aí se graduou este ano o estudante Malcher do Pará. Vi também o estudante Jordão filho de Severo Jordão, e o estudante Albuquerque.

Depois fui às fábricas — de óxido de zinco, e chapas deste metal — de aço pelo processo Bessemer — e de extrair ferro do minério em grandes fornalhas cuja ventilação é produzir por duas grandes máquinas de vapor — uma sobretudo de mil e tantos cavalos. A última pertence a Mr. Thomas pai de Gertrude Thomas; uma das 16 raparigas dos Estados Unidos que encontrei chegando eu ao alto da Grande pirâmide do Egipto. Mostrou-me o bilhete de visita que aí assinei para ela com o Bom Retiro. Dei-lhe agora o meu nome e data assim como ela num bilhete de visita. As fábricas são todas em ponto grande, e interessantes; mas o desejo que Pacquard e Child tinham de mostrá-las fez que eu não fosse a Lafayette College pouco distante de Bethlehem, em Easton, onde há brasileiros e faziam-se exames graduando-se hoje um deles.

Na volta passei por um bairro da cidade que não conhecia habitado por gente mais remediada e onde enxameiam as crianças. De muito estive na Academy of Music onde se distribuíam prêmios ao colégio Lasalle dirigido por padres e os estudantes fizeram discursos e recitaram versos. Um padre gordo de Montreal e que fala bem francês, e que queria por força tomar-me o chapéu e desfez-se em amabilidades fez uma falazinha em francês revirando os olhos, e tudo nele revelava o jesuíta.

Às 9 sai e fui à reunião na Academia das Belas Artes que estive brilhante e onde achei pessoas conhecidas, e outras fiquei conhecendo.

27 de junho de 1876 — Fábrica de Baldwin. Faz 400 e tantas locomotivas por ano e agora 12 para o Brasil. Uma tem o nome de Príncipe do Grão Pará para a estrada de ferro Pedro 2º: 2000 trabalhadores. Vi também um carro com rodas forradas de borracha para andar por vapor nas ruas da cidade. Ainda não está pronto.

Indo para o Trans-Continental passei pelo panorama do Siege de Paris. O expectador sobe por uma estrada que representa as alturas de Chatillon. Está rodeado de cestões; de bonecos representando caçadores deitados atirando e mais longe desenrola-se a vista de Paris no fundo; estando pintado no 1º plano o ataque dos franceses, e a um lado a casa onde se vêem o Imperador da Alemanha e Moltke ao pé dele lendo um papel. Está bem feito. Ao entrar da casa há outro figurando a morte do arcebispo Darboy durante a comuna; porém não chega ao outro; no corredor antes de subir a Chatillon vêem-se fotografias referentes ao cerco de Paris.

Desde as 10 até as 2 vi as exposições de Alemanha e da Áustria. Antes de jantar trovoadas fortes; também houve calor de 84º Fahr. às 5 da manhã à janela e de 89º ontem de noite no corredor deste hotel. Depois das 5 Machinery-Hall exposições: americana, alemã e austríaca.

Às 8 sessão da Academia das Ciências Naturais; onde ouvi a exposição sobre os rizópodes; pelo Dr. Leidy; outra sobre os mastodontes, pelo professor Cope, e a 3ª pelo professor Frazer a respeito de amostras de minerais que lhe deu o Coutinho e ele mostrou pelo polariscópio projetando as imagens sobre um pano branco assim como as de minerais dos Estados Unidos que as formações de certos terrenos desses países eram iguais. Esta parte foi muito interessante. Finalmente fui ao teatro Alhambra — muito bonito e com jardim ao lado — encontrar minha mulher. Aí vi o resto de Trip of the Moon. Os cenários não foram maus; porém a dançarina principal era meio gorducha e parecia-se na expressão do rosto sobretudo com a baronesa de Maracaju.

28 de junho de 1876 — Antes do almoço vi a exposição agrícola da Áustria, e a plantação de groselha e outra fruta parecida com as uvas de Corinto feito por um austríaco que perto de Viena já obteve 3000 variedades da groselha e 2000 da outra planta. De caminho vi a boa coleção de vidros pintados na fábrica Lomain de Chartres, que são destinados à catedral católica de N. York. Estive na padaria pelo sistema de Viena e daí trouxe excelente pão. Das 10 ao meio-dia exposição da Rússia, e depois Machinery-Hall em movimento de 1 às 2. Depois das 5 – antes choveu um pouco – a exposição da Suécia e grande passeio a pé por junto da maior parte dos pavilhões e acampamentos dos cadetes de West-Point. Pouco depois das 9 tive neste hotel a reunião do Comissário russo Bielski. Conheci mais algumas pessoas; mas o calor tem sido insuportável. O Dr. Me Figueira disse-me ter observado 35° cent. e que ontem de noite a água nos vasos estava a 30° cent.

29 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ao Mint – É inferior como edificio ao de S. Francisco. Gosto do sistema de dar tempero ao punção sobretudo por meio da água que esguicha debaixo para cima dando de encontro ao centro dela que foi antes aquecido e ainda o é depois. Às 10 estava na exposição e vi Bélgica, Holanda; Luxemburgo; Suíça; China; Túnis e México. Depois das 5 Agricultura – Rússia e Holanda. Dei um giro de carro pelos anexos, e às 9 horas minha reunião a que assistiram Petermann e Nordenskiold, que parte amanhã para nova viagem. Estivemos vendo por onde ele andou até a boca do Genissey num mapa que ele trouxe. Sir W. Tompson disse-me que conversando com Newcomb se convocou de que a precessão dos equinócios não é prova da rigidez da terra, apesar de que crê por outros argumentos como o das marés.

Falei com o professor Hilgard sobre o barômetro de Bache que disse-me ter provado bem em todas as temperaturas, não havendo inconvenientes em ser de contato. Ele esteve na comissão do metro e deu-me um pequeno modelo metro padrão em liga, como este de platina e iridium.

Antes de Mint vi um cemitério, dentro da cidade as sepulturas pedras só com os nomes de Benjamin Franklin e Deborah e de Bach e Sara (creio que a filha de Franklin), também havia outra perto da de Franklin que pareceu-me do filho dele (não me recordo do nome que li).

30 de junho de 1876 — Antes do almoço vi exposições Argentina; do Chile; Peru, e coletiva de Bolívia e Estado Livre de Orange. Depois das 10 até perto de 3 as de Noruega; Dinamarca (com Groenlândia); Espanha; México, Japão e Itália, correndo o anexo das fotografias. Depois das 5 máquinas de Bélgica e Holanda. Passeio de carro vindo as casas dos Stoves (poeles *[sic]*etc.) e a da Imprensa; enfim reunião do Comissário japonês na casa dos Jurados. Vesti-me no Trans-Continental.

1 de julho de 1876— Antes do almoço Portugal no Main-Building e Agricultura. Depois do almoço, das 10 até perto de 4, coleção das Belas Artes no Memorial Hall e anexo. Depois das 5 Agricultura do Japão, Venezuela, Argentina e da Espanha.

Ontem antes de ir ao Main-Building visitei a exposição do governo espanhol no anexo. Voltando dei um passeio pelo parque. Vi os anexos, para cortar pedra – mas é grés – por máquina – e fazer tijolos por diversas máquinas e para fazer vidro. Havendo delicados trabalhos, principalmente brinquedos.

Assisti ao princípio do concerto de Mr. Tomas. Infelizmente tocara a marcha de Wagner para o centenário no fim da 1ª parte e tinha minha reunião.

Antes de voltar para a casa depois da 2ª visita entrei na Escola Sueca muito arranjada, e onde vi um meteorógrafo automático, estando os instrumentos numa barraquinha ao pé. O comissário Neerlandez Baumhauer – químico – ficou de mostrar-me outro meteorógrafo que ele inventou. Conversei muito com ele de noite, e também com um engenheiro de Paris da Comissão austríaca, o qual é partidário das construções de madeira americanas; de bitola estreita, e do modo como aqui se constrõem pontes rapidamente pelo ajuste de grandes pedaços, que se formam. Pareceu-me muito inteligente.

2 de julho de 1876— O calor tem sido insuportável. Hoje de madrugada já 86° Fahr. Nunca senti tanto como a noite passada; também as camas são as que servem para o inverno.

Fui antes do almoço ver um sistema de caminho de ferro de um só trilho central elevado; os carros tendo rodas horizontais que correm lateralmente a outros trilhos muito pouco distantes um do outro. Andei a vapor por este caminho perto do Horticultural Hall. A inclinação é de 100 pés em milha. Quem me mostrou esse caminho foi o empresário General Stone. O carro oscila bastante e o trilho central pareceu-me já bastante curvado pelo peso da locomotiva, que é muito simples, e vagão o mais leve possível.

Missa às 9 em St. John.

Das 11 até 1 ½ experiências acústicas de Konig, no Main-Building e de aparelhos telefônicos; autômato e sem eletroimam na casa do telégrafo (anexo). Vi lá ontem um sistema de pilha. Há diafragmas e só com espiras de cobre onde se deposita o cobre. Depois visitei ao Nitherói no Delaware.

No rio havia fresco por causa do vento. O José da Costa deu-nos um pequeno launch A corveta está muito limpa e bem arranjada. Tem sido muito visitada; e quando eu comia recebi o Comandante da fragata francesa Minerve que vinha visitar José da Costa. O Comandante esteve no Rio a bordo da Belle-Poule.

Depois de voltar ao hotel dei um passeio na direção e até perto do Navy-Yard. A cidade tem larga planície por onde estender-se. A paisagem lembrou-me a campagna-romana.

De noite nada houve por ser domingo. Por falta de vapor que se tinha ajustado não dei o passeio pelo rio Delaware, que parece bonito, e defronte do embarque onde esperei bastante o vapor tem ilhas e uma com estabelecimento de banhos.

3 de julho de 1876— Antes do almoço exposição brasileira no Main-Building. Às 10h passeio na estrada de ferro da exposição com os membros da comissão brasileira que eu convidei, e a quem dei bilhetes. Depois Machinery-Hall com o Luiz Filipe Saldanha e Agricultura. Às 12 ½ fui ver o ensaio do Hino de Carlos Gomes. Não chegara o Gilmore e fui à livraria pública de mais de 100.000 volumes fundada por Franklin, onde vi mapas curiosos – mesmo antes de chegar Penn – da cidade de Filadélfia. O bibliotecário é filho do antecessor. Enfim voltei ao lugar onde devia-se estar ensaiando o hino e aí se achava Gilmore. Muito me agradaram as rabecas e as harpas. Havia muita gente na sala do ensaio e aplaudiram com furor.

Jantei mais cedo e às 4h saí. Vi o anexo ainda não pronto inteiramente onde estão modelos muito bem feitos de máquinas empregadas na mineração no Chile; outro que vende tintas e vernizes (Acerite etc.) a pequena casinha de Marrocos que é mui linda internamente e onde se vendem tapetes e outros objetos; tomei 2 xícaras de café – no chamado Brasileiro estabelecido pelo Resende com proveito para ele – a renda tem sido de 50 dol. por dia vendendo a xícara a 5 cent. e para conhecimento do gênero do Brasil – e o Pavilhão do Brasileiro que é elegante de fora e bem arranjado internamente. Tem terraço superior que é preciso cobrir para não andar sobre tábuas estreitas de pinho não contíguas e que oscilam quando se anda. Às fui à festa do Lopes Neto neste hotel. Havia bastante gente e bonita mesa. Às 10 ¼ saí com o general Newton meu guia para a procissão. Acompanharam-me no mesmo carro o Carvalho Borges e o Archer. O carro tinha a bandeira brasileira hasteada por um moço perto do cocheiro. Reuni-me à procissão. No lugar indicado, tendo se oferecido para minha escolta os operários de uma grande fábrica de serras, servindo-lhes de armas aquelas. A procissão vai até o fim de uma rua bastante larga e de 2 ½ milhas de comprimento. Depois seguiu pela rua do meu hotel até o City Hall. Deixei-a antes de eu chegar a esta última rua – era mais de 1 hora e vi do hotel passar a procissão. Levava 16.000 pessoas e representações de fábricas e associações. Alguns dísticos eram chistosos e um carro representava 1776 por uma velha e 1876 por uma bonita moça. Os comissários da exposição; autoridades e outras pessoas foram de carro como eu.

4 de julho de 1876— Às 7 saí para assistir à inauguração da estátua de Humboldt no Fairmount Park. Chegando antes das 8 dei ainda um passeio de carro no parque. Às 8 ainda não tinha chegado na comissão diretora. Falei com o comissário alemão na exposição. Apresentou-me o cônsul Schumacher e enfim vendo que tardava a cerimônia – eram 9 retirei-me.

O vento descobriu a estátua – é de Drake – e pareceu-me a fisionomia não está muito parecida. Está de pé com uma folha na mão esquerda onde se lê Cosmos. No pedestal de granito lêem-se datas de nascimento e morte – Os cidadãos alemães da cidade de Filadélfia – o cônsul disse-me andarem por 100.000 - e estas palavras tiradas do Cosmos – Nature is the Empire of freedom – As outras inscrições também são em inglês. Na volta custou-me a romper o povo para chegar ao hotel, sobretudo porque a tropa vinha marchando; mas com algumas cotoveladas consegui entrar no hotel. Almocei e fui para a festa. Que calor! O hino de Carlos Gomes não se ouvia quase pela distância e bulha do povo. A poesia de Bayard foi bem recitada pelo autor. Evarts proferiu como orador amestrado o seu discurso escrito e interminável; mas a sua voz não é forte e creio que o respeitável público aplaudia quando ele acionava com mais energia. A praça ao pé do City Hall estava apinhada. Antes de entrar no hotel visitei a imprensa do Ledger dirigido pelo Child. É uma casa muito grande de 4 andares. O Ledger é diário de 85 mil folhas de tiragem. Também imprimem-se aí anúncios com figuras coloridas. Depois do jantar fui à penitenciária. Sistema de reclusão absoluta. Acompanhou-me Lopes Neto. Achamos as celas pouco arejadas e o Lopes Neto notou outros defeitos concernentes à vigilância dos presos, como haver porta no muro que fecha o lugar de passeio ao ar livre no fundo de cada cela etc. Estava limpa e cumpre dizer que foi construída há 40 anos. Segui para o parque. Estava um fogo armado que dizem importava em 20.000 dol.

Muita gente assentada ou deitada pelas pedras das colinas. Dei um giro, e na volta já vi balões de diversas cores subindo aos pares. A chuva creio que pelo menos destruíram um pouco o efeito do fogo de artifício. Antes de 9 ½ estava em casa do negociante Drexel. Não é tão bonita como a do Child. Muita gente toda do sexo masculino. Calor de abafar.

5 de julho de 1876— Às 6 ¾ fui para a exposição. Antes do almoço vi o anexo dos couros. Bonito edifício onde há que aproveitar no sentido de aperfeiçoarem indústria nossa. Tudo aí que se acha em relação a ela. O anexo das Obras Públicas de França. Pequeno mas feito com gosto. Disseram-me que se armaram aqui as peças vindas de França. Interessante coleção de mapas e modelos das obras mais notáveis feitas em França sobretudo nestes últimos anos. Perto dele na casa onde vi os vidros pintados de Lomain também há 2 retratos de Isabel e do Gastão pintados em vidros na mesma oficina. O da Isabel não está parecido e tem olhos pardos. São bons, como vidros pintados. Presente da Lumain a meus filhos.

Agricultural Hall com quase todos os comissários brasileiros.

Das 10 até 11 ¾ Machinery-Hall – Bélgica instrumentos para furar minas, picaretas que se armam e desarmam facilmente e de excelente aço da casa Hardy, recomendada pelo Briggs de Good-Hope e outros objetos. O comissário da Rússia Bielski mostrou-me lindíssimas obras de galvanoplastia feitas na Rússia. Igualam quase em méritos artísticos às da casa Elkington.

Exposição do governo para ver um descaroçador de algodão. Agricultural Hall que está agora muito bonita internamente para ver o órgão que toca por eletricidade – o fole é contudo movido a mão – das músicas que se notam numa tira de cartão furando-o, sistema do telégrafo automático.

Às 8 tinha-me fotografado no anexo de fotografias. Antes de entrar em casa fotografei-me junto ao hotel. Assistiram à minha partida além dos comissários brasileiros o Archer que se tem sempre mostrado muito amigo meu; o Bielski, o Fabro – com parte dos comissários espanhóis – também se mostraram ambos muito meus afeiçoados. O Ach secretário da comissão diretora da exposição, desculpando o Gaschorn de não comparecer, por indisposto.

O calor muito me incomodou Estes últimos dias, e compreendo que as comissões estejam morrendo para deixar a Filadélfia durante esta maior calma. Minhas notas sobre a exposição ainda me hão de dar muito trabalho e todavia nunca me satisfarão por isso que só posso dizer meu juízo quase unicamente sobre o que vi, muitas vezes apenas através de uma vidraça.

5 de julho de 1876— Estive na exposição desde às 7 até 11h 40' com o intervalo do almoço no Trans-Continental e às 8 fotógrafo no anexo.

12h 20' Fotógrafo perto do Continental. Partida para a estação à 1h ¼. O trem esperou de Washington e largou à 1h 40'.

3h 21'. Passamos por Trenton e N. Brunswick; povoações importantes. O terreno é cultivado e vi máquinas agrícolas puxadas por cavalos. Já atravessei o Hudson em boa ponte de ferro. Tem feito um calor insuportável, como ontem que só houve de noite pequena trovoada com pouca chuva.

3h ¾. Seguimos da estação da povoação de Newark depois de termos passados por Elisabeth São consideráveis.

3h 50'. Atravessamos uma bela ponte de ferro. Bonita planície e atravessamos outra grande ponte de ferro e madeira.

4h Passamos um longo e estreito corte, e entramos em grande população (Jersey). O Hotel está muito bem arranjado; mas Windsor parecia-me mais cômodo. Depois do jantar fui dar um passeio de carro pelo parque e depois assisti ao concerto Gilmore excelente como sempre tocando cornet-à-piston e Levy, exímio artista. Encontrei lá o Tomasen; Frank Leslie e a mulher meus conhecidos da casa do Child e do lago de Saratoga, e enfim Alvim que chegou hoje na Rússia. É preciso para começar amanhã a lida que não será pequena.

6 de julho de 1876 - Fui à battery pelo elevated-rail-road. Pareceu-me seguro. Há freqüência de trens. O lugar da battery é bonito com seus cais de pedra junto ao rio ou antes mar. Vi casas de banhos, mas não entrei.

Depois das 10 fui a Blackwell-Island tendo primeiro obtido licença no office onde ficaram surpreendidos quando eu disse o meu nome. O Dr. Fontes acompanhou-me. Vi aí o hospital de loucas onde ainda liga as furiosas às cadeira por correias. Contudo não é mau e tem sala para 600 a 700 pessoas com teatrinho onde há representações de pessoas de fora para divertimento dos loucos. Só tem banheiro para lavagem. Casa de trabalho para mais de mil pessoas; bem arranjada. Asilo de pobres, também me agradou, porém a penitenciária para 800 a 900 presos tem os mesmos defeitos das de Boston e Albany. O hospital de Caridade para 700 a 800 pessoas é bom, e tem anexos separados para os bexigentos que são às vezes em grande número sobretudo entre os imigrantes alemães, e para febre amarela e tifoide. Estão construindo na penitenciária por meio dos presos que já fizeram um edificio para oficinas. No hospital vi uma mulher que teve a noite passada três filhos dos quais um morreu horas depois. A ida em barco de vapor até à ilha é muito bonita.

Depois das 5 ½ fui ao parque e apeando-me fiz melhor idéia do lago, que é mui lindo e onde andavam botes a remos. À noite assisti em Wallack's Theatre que não é muito a comédia Mighty-Dollar, que foi bem representada e tem bastante graça. Aí falei pela primeira vez de meu camarote perto da platéia com Mr. e Mrs. Tribault (creio eu) que visitaram minha mulher quando eu fui a S. Francisco. A mulher tem muita vivacidade de espírito e parece francesa até no nome. Devia ter sido muito bonita. O marido também tem graça, mas não é tão pronto como ela nos repentes. Offenbach estava defronte num camarote. Estudei-lhe bem a fisionomia, que não me agrada, apesar de inteligente e espirituoso.

7 de julho de 1876 - Antes do almoço estive no magnífico edificio do Western Union Telegraph – Aí convergem 40 linhas. As proximidades parecem uma meada de fios que se cruzam no ar. Tem tubos pneumáticos para os telegramas do serviço das principais estações da cidade, e a 5 de agosto começa a trabalhar em grande parte da cidade o telégrafo por meio de fios dentro de tubos de ferro enterrados 3 pés. Mandeí um telegrama para a minha filha. Subi quase até o cimo do edificio. Que bela vista! Pode-se estudar daí a topografia da cidade. Vi a ilha de Bedlos onde será assente a Estátua da Liberdade feita em Paris.

Depois das 10 Academia de Belas Artes – acompanhou-me Roosevelt. Tem bastantes quadros dos melhores autores modernos. Não possui estátuas. Há aulas de desenho sobretudo d'après la bosse o modelo vivo. Creio que os artistas também aí podem pintar. Cooper Institute. É uma espécie de conservatório de artes e ofícios. O octogenário Cooper seu fundador e grande amigo de Agassiz acompanhou-me por todo o edificio que tem muitos andares e é muito grande querendo até que eu visse tirar dentes depois da anestesia pelo gás hilariante. Assim mesmo o pobre homem contorceu-se bastante quando arrancaram-lhe 2 dentes. Também vi fazer dentaduras. Há estabelecimento de gravura sobre madeira e chapa metálica. Do telhado da casa onde me levou Cooper apesar de seus 86 anos, goza-se de bela vista.

Astonian Library com pouco mais de 10.000 volumes fundada pelo célebre negociante Astor, cujo retrato lá vi com sua fisionomia muito característica de homem de ganhar dinheiro. O superintendente, Carson Brevoort é muito instruído; fala o francês correntemente e foi secretário de Washington – Irving quando ele esteve Ministro na Espanha. Contou-me que este jamais se casara por causa da delicadeza de seus sentimentos; tendo deixado de freqüentar uma mulher que amava por lhe ter ofendido expressões menos delicadas. Astor fez sua fortuna no comércio de peles e contou-me Mr. Brevoort que

visitando aquele uma coleção de quadros só reparara no bem pintado de uns coelhos peludos. Disse-me que adquirira na Holanda documentos curiosos do tempo dos Holandeses no Brasil e que me enviaria uma indicação escrita a tal respeito. Talvez seja bom comprar para o Instituto Histórico.

Esqueci-me de falar de uma bela sala que acomoda de 2000 a 3000 pessoas no Cooper Institute; muito acústica e bem arejada e aquecida por meio de tubos. Também aí sofríveis laboratórios de química e gabinete de física. Há conferências. Aí se reúne a sociedade de geografia. A oficina de gravura trabalha para diversas nações, fazendo seus bilhetes de emissão. Penso que esta oficina é dependência do Instituto. Cooper pouco me explicava e impedia por eu não querer deixá-lo que eu me informasse cabalmente. Já tinha visto Columbia College, Universidade desta cidade onde há 1300 estudantes, que não moram nela. Acompanhou-me o professor de química Chandler e lá achei a mulher do presidente do colégio Mr. Bernard, irmão do general que mandou-me há anos uma memória matemática sobre o giroscópio. Tem boas coleções e o laboratório de química está muito bem montado. Chandler mostrou-me diversas projeções. Observatório muito pequeno – o indispensável. O estado nada deu para esse estabelecimento de que a parte antiga de tempo da colônia e a nova de 15 anos a esta parte.

Ainda vi outra coleção de quadros, e de estátuas – entre elas o Napoleão 1º de vela, que é obra de grande mérito; a latona de Rimehart etc. Também há um busto colossal de Bryant ⁰¹⁶, feito de bronze. Agradou-me. Pretenderam colocá-lo no Central Park. Nesta casa existe a tão falada coleção Cesnola de objetos fenícios achados na ilha de Chipre, e onde se encontram tantas formas gregas e egípcias. Gostei muito de vê-la e parece que não houve fraude da parte de Cesnola.

Depois das 5 ½ entrei na Appleton Library cujos livros são tão conhecidos no Brasil e fui ver a casa dos imigrante – Castle-Garden. Foi um antigo forte. Os imigrantes podem, quando pobres estar aí até 6 semanas, depois são obrigados a trabalhar no estabelecimento municipal em Ward-Island. Dormem por cima de uma espécie de galeria circular elevada, e no chão. Tem os anexos das casas onde tomam emprego, e se tratam enquanto não vão para o hospital de caridade. Esta casa nada tem de notável, e até achei-a pouco asseada.

Finalmente fui à casa de Tomsen onde houve soirée cantante. Uma senhora Henne é muito bom contralto. Também tocou violoncelo o Werner. Havia gente com quem conversar. O velho Peter Cooper retirou-se cedo.

8 de julho de 1876 — Antes do almoço vi a Young men's Christian Association. Ocupa-se da instrução popular. A casa é grande e presta-se a lições e conferências. Com 5 dol. por mês podem-se seguir as classes. Também tem 24 quartos para studio de artistas que pagam 400 dol. por ano. Lá vi quadros de Hart e outro. A associação está ramificada pelos Estados Unidos e Inglaterra, e naqueles possui 700 e tantas casas para os fins da instituição.

Depois fui à American Bible Society que imprime bíblias para todo o mundo e em mais de 130 línguas. Tem 24 prensas. Casa muito vista. Imprime com chapas de eletrotipia e manda vir tipos também de fora dos Estados Unidos. Não os faz.

Às 10 fui pela estrada de ferro de Hudson River até Hastings à casa do professor I. Draper. Lá vi o observatório muito interessante de seu filho Henry onde ele tem sua pequena oficina sendo ele o operário. Tirou na minha presença a imagem do sol pela fotografia e fez-me observar os raios por um espectroscópio que ele modificou e é mais claro que os outros. Não pude distinguir, apesar de olhar com todo o cuidado a raia que ele me apontava de uma nova substância que ele descobriu e chamou Helium.

Houve launch muito me diverti a conversa com duas pessoas já idosas que ele convidara – a senhora francesa e o marido médico alemão; mas que já estão nos Estados Unidos há mais de 20 anos. Versou sobre a guerra da Alemanha com a França. O Dr. parece que foi amigo do Duque de Saxe anterior ao Duque Ernesto. As filhas do Draper são morenas, a mulher do Draper nasceu no Brasil, em Vila Rica e pertencia – morreu há 6 anos – à família Paiva Pereira. Uma delas casada com um Ministro protestante, dá muitos ares da filha do V. de Barbacena. Voltamos todos – eu, o Borges e a família Draper – a mulher de Henry é muito estimável – os outros filhos, dos quais um creio que não me acompanhou, são professores como ele. É família muito interessante e estimada aqui.

Depois das 5 ½ vi a casa do Stuart toda de mármore e com bela escada para os dois andares. Há quadros de mérito; porém poucos e creio que todos Eles foram vítimas de cópias. As estátuas à exceção de uma são medíocres. Não achei o

nome do autor da melhor nem sei que figura representa. O modelado das costas é perfeito; mas um dos pés parece inchado.

Estive no novo correio e casa dos tribunais. Magnífico edifício não acabado ainda todo de pedra e com mármore. Lembrou-me a secretaria de Estrangeiros de Washington. Vi todo o processo das cartas, e outros papéis. Há por dia um movimento de 50 a 60 toneladas tanto de umas, como dos outros.

Enfim assisti na Academia e Música à representação de Romeu e Julieta de Shakespeare, pelo Regnold, e uma atriz que também me agradou. O calor é que tem sido insuportável.

9 de julho de 1876 - Antes do almoço fui ver a ponte de Haerlen que gira na parte central sobre um peão para deixar passar os barcos. O serviço da passagem não está bem organizado; um barco por falta de espias ou reboque demorou mais de meia hora no princípio da ponte. A ponte central roda sobre três rodets que giram em cima de um pegão de forma cilíndrica. O lugar de Haerlen não é bonito.

Das 10 ³/₄ até 3 ¹/₄ fui ao cemitério de Greenwood em Brooklin. É um dos mais bonitos que tenho visto por sua posição, plantação de árvore e gramado, lagos com repuxos e número de monumentos. Há alguns belos, distinguindo-se o material que cidade de N. York levantou em honra dos soldados que morreram na Guerra Civil, tendo mandado 148.000. As estátuas de bronze representando soldados das diferentes armas que cercam a coluna são de mérito. Um monumento muito bonito é o que tem esta inscrição: Charlotte Canda died suddenly by falling from a carriage on the night of the 3d of February 1845 being the seventeenth anniversary of her birthdat. Em baixo lêem-se estes versos:

So sinks from sight Eve's golden star

Lost in the watery depths, afar:

Yet still does the fair planet burn:

Not hopeless is our Charlotte's urn

In God's own morn her orb will rise

Once more – a star of Paradise

Os cavalos arrastando o carro a despedaçaram. O pai empregou o dote dela na construção do monumento feito na Itália. De Greenwood andei no Prospect-Park, que é tão belo – e com melhor vista – era mais belo que Central Park da cidade de N. York. Brooklyn tem boas ruas e casas e uma linda fonte rodeada de globos de vidro, em parte cavados e ligados entre pelo conduto de gás.

Acha-se num alto de onde descem diversas ruas. Lembrou-me para muito menos é verdade – o lugar do arco da Estrela em Paris. De tarde fui ao Central Park, e andei todo o lago em escaler. À noite fui ao Concerto Gilmore – benefício de Esmeralda Cervantes.

Rompi o povo para ouvir duas vezes o hino de Carlos Gomes que muito me agradou; mas parece não ser bastante barulhento para este povo.

10 de julho de 1876— Antes do almoço Instituto dos Surdos-Mudos. Para o lado de Fort- Washington; à margem do Hudson River. Bela posição. Grandes edificios tendo custado tudo 800.000 dol. Fundação particular. O Estado de N. York paga por cada surdo-mudo 300 dol. pelo ensino e 40 pelo vestuário. Há uma especial para as crianças, e outra para os atacados de moléstia contagiosa. Há 500; 300 homens e 200 mulheres. Assisti a alguns exercícios; mas não me agradaram como em Boston e sobretudo em Washington. Um articulou; porém pouco. Cumpre advertir que só havia 40, estão em férias.

Depois do almoço fui com o Dr. Waynes que se ocupa da reforma das prisões e tem assistido a todos os congressos a tal respeito à prisão de Sing-Sing; Hudson River, acima de Hastings. Grande prisão. A dos homens acomoda 1300 e a das mulheres 100 e tantas. Tem os mesmos defeitos das outras, como Wayne reconhece. Medical-School anexa à Columbia College. Nada de importante e menos que o de St. Louis, contudo possui seu museu pequeno anatômico, e laboratório de química pequeno, com alguns instrumentos de física.

À tarde, casas de Tiffany e de Stuart. A primeira de muitos andares cheios de lindíssimas jóias e objetos de metal, aquelas e Estes de prata feitos pela maior parte na casa. Também tem rica coleção de objetos de porcelana; de bronze, etc.

A de Stuart serve para lojas. 5 andares. Toda de mármore e ferro. O saguão interno é lindíssimo olhado de baixo para cima ou vice-versa. Custou 16 milhões de dol. Tem outro em outra parte da cidade, que custou 14 milhões. Rendem 10% ao ano.

À noite American Geographical Society. Muita gente no Salão Chickering. Lá meu pequeno speech de agradecimento. Houve discursos e leitura de um trabalho. Depois ofereceram sorvetes e outras coisas de uma mesa que estava armada noutra sala próxima. Aí conversei com os professores Whitney (o Sanscritista de Yale College). Hayes do Polaris e Hayden que descobriu as cidades antigas das Índias. Este prometeu cópias das fotografias e modelos que vi na exposição de Filadélfia. Foi uma festa interessante. Quem se mostrou mais obsequioso foi o Coronel Bahley Myers, cujo filho oficial de marinha foi há anos condecorado com o hábito da Rosa por um ato humanitário.

11 de julho de 1876 - Antes do almoço cortei o cabelo e fui ao Instituto dos cegos. Casa grande e onde estão 100 e tantos podendo admitir muito mais Todos se acham fora. Curso completo para os superiores. Parece pouco cuidarem de artes que exijam mais perícia manual que inteligência. Tem 13 pianos e aprendem música e a afiná-los. Vi um processo de escrita por pontos mais rápidos e demandando menos espaço. Trouxe um livro explicativo. Também há um cilindro, que por seu movimento circular e carreiras verticais de bilhetes indica facilmente ao cedo seu número para saída quando o merece por sua aplicação e bom procedimento em geral. É particular. O Estado paga por cada cego por ano 300 dol. para ensino e 50 para vestuário. A casa custou 100 mil dol. Fábrica de Tiffany onde se fazem todas as obras de prata, ouro, cobre, bronze, esmalte – há oficina galvanoplástica para os três metais e platina, e de desenho. É muito interessante.

Depois do almoço no Delmônico – 5th Avenue nº 14 com o Bom Retiro e o Fontes – tardou o almoço; porém não desconheceu a casa afamada – fui ao New York Times. Vi lá um modelo de máquina de secar café por meio de vapor de água na razão de 10.000 ££ por dia em 40 tabuleiros de 63 /sic/cada um, consumindo a caldeira uma corde de madeira como combustível. Ao mesmo tempo não se evapora toda a lavagem do café que serve para produzir o vapor, e trabalhando 2 caldeiras; ora uma ora outra de 40 litros de xarope de lavagem extraem-se 3 de aguardente. O inventor Tarière deu-me também aço feito diretamente do magnetito de Long-Branch Vi também fotografias feitas com negativos de gelatina em que a pena traça o desenho. Assim se fazem os desenhos do Novo-Mundo. O Rodrigues estava presente. A imprensa do Times está bem montada porém tira 6.000 folhas por dia.

Depois fui à Tribuna. Casa magnífica, de cujo cimo se goza excelente vista. Bayard Taylor (o poeta) acompanhou-me. Muito bem montada essa prensa. Tira 25.000 por dia.

Diário Alemão. Casa magnífica toda de mármore. Imprensa muito bem montada. Tira 55.000 por dia. O dono alemão que está aqui há 27 anos, embora sofrendo um pouco de paralisia nas pernas acompanhou-me sempre. Goza também de bela vista e bom fresco. É fácil ir a todos esses andares por causa dos elevadores.

Continental Bank Note e American Bank Note. Ao primeiro fui por engano supondo ir ao outro onde se fazem bilhetes para o Brasil. Trabalham bem em ambos sobretudo no segundo, cujo diretor pareceu-me muito inteligente.

Estive no Consulado perto de Castle-Garden e finalmente vi as ruínas deste que ardeu no domingo de tarde. Os colonos lucraram com o fogo. Terão breve boa casa.

Às 5 ¼ fui ver uma fábrica de querosene onde o processo de despejá-lo nas caixas é curioso; mas o mesmo dos barris em City-Oil. Antes de lá chegar num vaporzinho – East-river – quis ver se abordava a um vapor onde uma sociedade de Sras. estabeleceram um hospital para 200 crianças. Só as vi de perto. A água estava muito agitada. Tinha havido boa trovoadas. Ontem o calor chegou a 100 e 101 e houve mais de 40 casos de insolação, dos quais alguns fatais. O calor tem sido hoje também respeitável. Da fábrica fui ver as escavações em Hell's gate debaixo de East-River, para fazer saltar o fundo por meio da explosão, e poderem os navios da Europa passar por dentro de Long-Island o que abreviará o caminho de 8 horas. Estive a 40 pés debaixo d'água. Tem 10 entradas e com todas as galerias 40 tendo de extensão todas unidas mais de 7 milhas e há uma nota impressa; que não encontrei: agora já vi a obra depois de terem gasto 1000 contos. Esperam auxílio do Congresso.

Segui até perto de High-bridge pelo rio de Harlen. Além da ponta deste nome há outras duas onde passam os trens e que também tem a parte central girante para dar passagem aos barcos. Perto de High-Bridge, donde vem o aqueduto de Croton há casas de escaleres de regatas. Como o vaporzinho levou bandeira brasileira vitoriaram-me.

A bordo conversei com Bayard Taylor que é um viajante universal e fala italiano; espanhol e o árabe de suas viagens pelo Oriente. Esteve um ano Ministro em S. Petersburgo. Tem-se mostrado muito meu afeiçoado.

Há pouco houve aqui no meu salão um concerto organizado pelo violoncelista Werner. A Thrusby, que eu ouvira em S. Francisco cantou muito bem a balata C'est une volta un prince – A Henna (contralto) cantou muito bem. Franz Remmert's tem excelente voz de barítono. Mills é excelente pianista. De Werner já falei. Gostei bastante. Vou descansar para a partida de amanhã. Durante o concerto houve tremenda trovoadas e sempre quente a não ter as janelas abertas ao vento. Não conheço tempo como o do verão aqui. Estava todo brotoejado *[sic]*; porém em Filadélfia tive momentos de ficar desesperado do prurido.

EXPOSIÇÃO DE FILADÉLFIA

Inglaterra e Colônias

20 e 21 de junho – das 10h às 2h

Acompanhou-me o professor Archer.

Main-building

Exposição na fábrica de galvanoplastia de Elkington de Birmingham.

Lindos objetos sobretudo um prato que representa em baixo relevo a toilette de uma pompeiana. Foram-se os olhos nele porém custa 8.000 dol. Nas porcelanas e diversas espécies de ladrilhos revela-se grande progresso no desenho. Há tapetes belíssimos. Instrumentos científicos aperfeiçoados onde reparei sobretudo para um barômetro de receptáculo de mercúrio feito no vidro chato e tão flexível que é sobre ele que se opera a pressão do ar. Não tem como os aneróides o inconveniente de se enferrujar o fio metálico.

Relógios, onde se pode fazer parar qualquer dos ponteiros independentemente dos outros; o que é de grande vantagem para a observação precisa de um tempo.

Nas colônias notei sobretudo a parte relativa ao ensino do Canadá, onde há modelos em ponto pequeno; mas bem feitos das casas das escolas, e as da Austrália principalmente a de Queensland. Foi muito bem organizado por Daintree, agente dessa colônia em Londres. Está dividida por grandes indústrias com tábuas indicando os diferentes produtos, sua importância no ano de 1874, e outros os diferentes terrenos geológicos, acompanhado os diversos objetos, e pinturas das localidades características, e mapas geográficos e geológicos.

A de New South Wales também está muito bem organizada, e apresenta um belo troféu de pedações de carvão de pedra. As colônias donde se extrai ouro em abundância mandaram sólidos dourados representando o volume do metal até 1874 extraído, e como dele em dol. e ££.

As coleções mineralógicas da Austrália são riquíssimas, assim como completas as de lã de carneiro. Também apresentam muitos grãos; porém nada vi de notável neste gênero.

A coleção de fotografias de paisagens e monumentos de New South Wales é interessante. Vi uma curiosa coleção de extratos de eucalipto de que há um grandíssimo número de variedades asseverando-se-me que as moléstias, onde cresce o eucalipto, não se tornam endêmicas atribuindo esse efeito à umidade que essa planta absorve.

Na exposição do Cabo vi diamantes que não são tão belos como os nossos, e uma Miricica de que pouca porção das sementes dá 16 ££ de cera, que vi e tem um ligeiro cheiro de sebo.

Na da Jamaica vi café tão bom como o nosso melhor, e boas amostras de Cinchona suci-rubra, de que se vê um tronco bastante alto e grosso de um pé de 7 anos. Mais adiante ainda falei dessa cultura na Jamaica. Também devo referir às obras artísticas de terracota onde os ingleses tem feito muito progresso.

Entre o Main-Building e o Agricultural Hall o asfalto que puseram com o sol e a passagem vai ficando pasta, e dentro em pouco há de ser difícil ainda por aí. Vi uma grande e bela amostra de teína extraída numa fábrica de Edimburgo que apresentou perfeitos preparados químicos.

Machinery Hall

Grandes moendas aperfeiçoadas para açúcar, de que levo todas as explicações. Tear muito engenhoso de fazer fitas com desenhos de diversas cores. Verruma de furar ferro em todas as direções. Um modelo de trilhos em que o movimento que muda sua direção para um aviso ao mesmo tempo dessa mudança por sinais visual e auditivo. Outro que torna mais doce para os vagões a mudança de uns trilhos para outros, quando muda a direção do trem. Modelo de uma bomba do sistema que na atualidade produz maior resultado e é usado no dissecamento do lago de Haarlen. Reparei numa bomba de pequeno trabalho que jorra água pelo movimento creio eu de um êmbolo dentro do bocal da mangueira, segurando-se nesta com uma mão e a outra manejando o bocal e o êmbolo. Máquinas já conhecidas e que não tenham melhoramentos eu não examino.

Agricultural Hall

Máquina para cortar cereais muito engenhosa e prática; outra cortando de 4 formas diferentes as raízes para alimentação dos animais; outra cortando forragem diagonalmente não encontrando assim tão grande resistência das fibras; outra de descarregar algodão deixando as sementes quase brunidas. Locomotiva para serviços rurais com rodas feitas de modo a encontrarem apoio necessário no terreno e podendo-se-lhes adaptar, segundo me pareceu pedaços de caoutchou. Vi colméias curiosas sobretudo aquelas em que se põem o fundo das células feito artificialmente poupando assim trabalho às abelhas, e outra em que se coloca água quente, e com açúcar, a qual aquece e alimenta as abelhas durante o inverno assegurando-lhes a vida e poupando o mel dos favos. A maior das colméias tem vidros para se ver o trabalho das abelhas, e como que gavetas que permitem tirar os favos sem matar as abelhas. Parece-me muito curioso esta parte.

Horticultural Hall

Plantas vindas da Jamaica das quais as mais curiosas são as espécies de quina. Da Calisaia já aí tem plantado 27 mil, e de todas 140 mil com próspero resultado.

Este edifício é bonito externamente e internamente, mas a Inglaterra e colônias quase nada mandaram.

FRANÇA

22 de junho de 1876 — De 10 às 2 — com Levasseur; Rochambeau; Simonin, Dugagé; Khulman e agente da casa Hacheté; depois apareceu o coronel Périer. Dugage e Périer pareceram-me os mais competentes.

Main-Building – Nos metais não vi obras que me agradassem tanto pelo lado artístico como os trabalhos da casa Elkington. Barbedienne e Cristofle não expuseram. Muito me interessou a coleção de instrumentos de Deleul, com a sua balança engenhosíssima para separar as moedas em três categorias: com título nos limites da tolerância; acima, e abaixo, e a 1ª categoria em outras três: título exato; acima, e abaixo, e outra balança de precisão em que carrega uma das conchas de 500 gramas indica a diferença de meio milígrama. Contudo a máquina mais curiosa é a pneumática fundada no princípio da aderência constante de uma porção de ar ao êmbolo formando-lhe assim uma rodilha que permite que ele não se ajuste perfeitamente ao tubo, e desse modo se estrague pelo atrito. Não tinha nenhuma idéia dessa máquina.

Admirei a joalheria de Boucheron, sobretudo os esmaltes transparentes. Pensei que Feil tivesse exposto, segundo ouvira, pedras preciosas formadas pela química; porém só vi imitações – como diamantes de quartzo e de rubis etc. sendo coloridos por óxidos metálicos.

Farcot apresentou uma bela coleção de relógios, sobretudo de pêndulo com movimento cônico, evitando a bulha dos oscilantes. Um relógio apresenta a singularidade de se lhe dar corda, quando se abre a tampa para se ver as horas.

Belos tapetes d'Aubusson, e sedas de Chappel sobretudo para as quais são precisos para as de desenhos mais compridos e complicados 140.000 cartões – Jacquard Chappel veio com Levasseur; porém quebrou a perna a bordo do América.

Na parte relativa à imprensa vi lindos livros – alguns da casa Mame, que propriamente não expôs – e um mapa da Suíça gravado em França sobre o qual versou uma discussão entre eu e Levasseur, sustentando eu que o do estabelecimento Julio Perthes, de Gota é mais perfeito no ponto artístico. Fomos compará-los na repartição alemã, e julgo que tenho razão parecendo-me melhor no alemão o relevo das montanhas. Périer inclinou-se a minha opinião e ficou maior exame para quando chegasse Petermann, que me disse o agente alemão, ou quem achei nesta repartição dever chegar até sábado de Baltimore.

Nas porcelanas e faiences vi lindas cousas, mas não achei porcelana tão como a da fábrica Ginori perto de Florença. Também se acham lindas carruagens cujo preço pareceu-me barato.

Também vi um aparelho para aumentar ou diminuir o tom dos diapasons muito curioso, e alguns que pelo simples roçar das crinas de um arco de rebeca dão sons muito fortes. O aparelho em ponto maior serviu para que um inventor que me mostrava descobrir leis de acústica diferentes das aceitas pela ciência.

Vi dois magníficos espelhos de St. Gobain sem que se descubra a menor falha ou diferença de nível na camada de estanhamento apesar desta ser derramada ao mesmo tempo em duas direções diferentes; processo aliás de há muito seguido nessa fábrica.

Quando passei pela coleção de substâncias corantes creio que Simonin disse-me que ao sair de França soubera pelo inventor que se descobrira o processo de obter outre-mer verde.

Machinery Hall

Máquina elétrica de Gramme ligada a imã e ao aparelho de luz elétrica de modo que se via a eletricidade converter-se em movimento, e este voltar à condição de eletricidade quase que sem perda de força. Guindaste de êmbolo no braço que levanta o peso, movido aquele por vapor. Máquina de cortar aduelas aproveitando o mais possível a madeira. Rodas de ferro forjado por pressão hidráulica numa fábrica de Rive-de-Gier. Desculpavam-se por não haver senão poucas máquinas dizendo que houve medo da viagem tão longa, e das despesas, sobretudo de direitos.

Agricultural e Horticultural Hall

Não fui porque os comissários disseram que na primeira nada havia de interesse para mim, e no segundo deixaram de expor.

Trouxe os impressos que pude dando explicações a respeito do que vi na minha visita à exposição francesa.

Exposição do Governo dos Estados Unidos em edifício separado, e americano

23 e 24 das 10 às 2, e 25 das 7 até 8 ½.

Acompanharam-me diversos e sobretudo o General Eaton diretor da Instrução Pública, e professor Baird do Smithsonian Institute. A 25 o secretário da Exposição.

Os modelos das cidades antigas dos índios, e fotografias são curiosas. As casas debaixo de rochedos e quase inacessíveis parecem-se com algumas de certos povos do Cáucaso. Os ídolos – um de 40 pés de altura – feitos um só de madeiro e pintado com relevos são dignos de estudo pelo lado escultura, e colocam-nos na frente das casas como as torres de menage da idade média, e uma abertura na parte inferior dá entrada para a casa. Fazem também ídolos pequenos revelando-se em todas as obras dos índios mais gosto artístico do que nas do Brasil. Há uma coleção que mostra a aptidão que os índios tem revelado nascer assim como de retratos de índios que se distinguiram na sociedade americana.

Toda a parte relativa à instrução pública dada pelo Estado é interessantíssima, sobretudo pelas tabelas que mostram à primeira vista o progresso dos Estados Unidos neste século e por décadas em todos os ramos. Neste sentido também se vêem livros do Censo de três épocas de 30 anos cada uma sendo a última a do mais recente.

Pensei que a exposição relativa a peixes sob a direção imediata de Baird me enfadaria; porém interessou-me. A coleção mineralógica é riquíssima tendo visto uma massa imensa de cobre puro do Michigan e um meteorito com a forma de anel numa parte da massa, tendo esta o peso de 1400 ££. Observei uma espécie de monte de que chamam Mineral-Wool com efeito parece lâ feita de slag de best-formace. Serve para caldeiras impedindo o calor irradiante.

Na repartição de guerra agradaram-me sobretudo as máquinas para fazer balas para cartuchos metálicos, e carregá-los de pólvora e bala no mesmo aparelho. Há outra para lubrificar as balas, que parece-me útil, e uma para cortar fardamento, podendo-se aprontá-lo completo num dia para um soldado, com a máquina de costura. A guerra também apresentou torpedos para defesa de portos, arrebatando pela centelha elétrica partida de terra ou pelo choque de encontro à bóia, e aparelhos para medir o efeito das explosões debaixo d'água. A marinha expôs um torpedo de Ericson que se move e dirige pelo ar comprimido por bomba a vapor. Experimenta-se há 6 meses. Vi também canhões de diferentes sistemas um dos quais consiste em cobrir um tubo de aço de fios de ferro que depois vão ao fogo. Vi a máquina de enrolá-los. Há 2 canhões de carregar pela culatra parecendo-me o fechamento do maior bastante moroso. Este tem grande número de raias e o outro 7. Há modelos de reparos de bateria equilibrando-se num deles duas peças próximas e a descida de um elevando a outra à bateria. O oficial que me acompanhava e pareceu-me muito inteligente não gosta do sistema Mincriff. Vi também o telégrafo para os fogs cujo som se faz ouvir muito longe. O governo ocupa-se de repovoar os rios e mar de peixes e observei os diferentes modelos de vapor para os peixes subirem as corredeiras – são de madeira com um caminho cavado de formas diferentes e que os peixes procuram por ser aí que brada a corrente de água. Também expuseram um grande refrigerador com um grande peixe dentro que se pode aí conservar tempo indefinido renovando-se o gelo, de que se gastam 400 ££ por dia. Há todos os instrumentos de pesca – entre os quais uma espingarda e projétil, que arrebatam no interior da baleia – e um modelo de pau representando a sua pesca.

Main Building

A americana apresenta belas coleções: de produtos químicos pela perfeição, e massas deles; não pensava que esta indústria estivesse tão adiantada aqui; levam as lampas às outras nações na exposição – de vidros – alguns lindíssimos – de prataria para serviço ordinário revelando até gosto artístico nalgumas peças – e de obras de mármore e outras pedras naturais e artificiais, que imitam perfeitamente aquelas. O Imperador da Alemanha comprou uma lindíssima chaminé de ornato para a sala de ônix mexicano.

A coleção de obras de ferro é magnífica – admirando eu muito a de uma fábrica de Pittsburg onde em grossos varões redondos se deram nós a frio como se torcesse outra matéria mole. Também há obras de zinco de grandes dimensões, e algumas revelando gosto artístico. Já começam a trabalhar com proveito, e algum gosto, em porcelana, e a coleção de Trenton (N. Jersey) merece menção. Numa galeria superior existem exposições de alguns Estados relativos à instrução pública, distinguindo-se as de Massachussets e Connecticut. Compõem-se de tabelas mostrando o progresso da instrução, de desenhos e plantas dos edifícios e terrenos onde os construíram para aquele fim, de livros, de trabalhos de estudantes etc.

Esqueci-me de falar de tubos de metal de pouca espessura e forrados de substância isoladora que pretendem empregar na telegrafia elétrica subterrânea.

Exposição da Instrução Pública da Pennsylvania (edifício separado) e

Exposição de Kansas e Colorado (edifício separado)

A Pennsylvania apresentou nesta exposição um quadro completo do estado de seus estabelecimentos de instrução.

É interessantíssima, e só à vista é que se pode fazer idéia dela. Falarei apenas dos asilos dos órfãos dos soldados estabelecido depois da guerra civil, e onde já se tem educado 8.500. Trouxe livros que informam a este respeito. Os objetos expostos são da natureza dos que já mencionei, tratando de exposições análogas, mas é na Pennsylvania que se aprecia melhor a importância que dão nos Estados Unidos à instrução pública. Desejaria que aí passassem algumas horas nossos ministros de Estado. A de Kansas e Colorado distingue-se pela magnífica coleção de cereais – que pés de milho gigantes! – e minerais arranjada principalmente por uma companhia de estrada de ferro a quem foram concedidas

largas terras nessa região. Também há quadros a óleo representando lugares pitorescos, e um grupo de animais empalhados por uma mulher, que mostra a exposição, pelo que me pareceu, e alguns com bastante arte, sobretudo um cachorro, que a princípio julguei que se tinha assentado no meio dos animais empalhados.

VOLUME 18

2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 2ª PARTE (ORIENTE MÉDIO)

14/11 a 04/12/1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

14 de NOVEMBRO de 1876

Partida de Beirute às 4 da madrugada. Bela estrada de onde se vê a princípio o alto das montanhas a ponta onde está a cidade estendendo-se; de um lado a costa para o norte na direção de Trípoli e do outro para o sul na direção de Saída (Sidon) e Caifa.

Atravessou-se em Mezher o ponto mais elevado da estrada a 1515 m no nível do mar. Felizmente a chuva tinha cessado clareando o tempo de modo a gozar da vista magnífica da planície de Bkaa.

Em Ch'tora a 905m de altura houve o almoço logo e às 11h 20' separou-se a companhia indo eu e os que deviam igualmente montar a cavalo ainda de carro até Malakah e os mais seguindo para Damasco.

Daquele lugar foi a cavalgata por uma interminável planície ladeada à esquerda pelo Líbano e à direita pelo Ante-Líbano, até Baalbeck. Desde Ch'tora é o caminho feito e empedrado pelo governo turco. Está quase pronto apesar de só se empregar o trabalho obrigado de cada homem durante 4 dias do ano e em época diferente da das ocupações agrícolas. O engenheiro é um filho de Beirute de procedência armênia chamado Bechara que foi empregado na construção da estrada de Beirute a Damasco feita pela companhia francesa dirigida por Mr. Peothuis que serviu na marinha com o Joinville a quem Bechara conheceu em Beirute.

Choveu bastante de tarde, mas a entrada nas ruínas de Baalbeck à luz de fogaréus e lanternas atravessando por longa abóboda de grandes pedras, foi triunfal e as colunas tomavam dimensões colossais.

15 de novembro de 1876 — Como não tinha roupa para mudar pela demora das cargas meti-me ontem na cama às 6 ½. Quase 7 horas de marcha contínua a cavalo dispõe ao sono e só acordei pela noite fora com algum frio. A barraca sempre deixa entrar vento e puseram na cama um cobertor algum tanto ralo e por cima uma manta acolchoada, porém bastante inteiriça de modo que facilmente caía para um lado, como os travesseiros me fugiam da cabeça. Não dormi bem e como me envolvia bem no raro véu não podia ler e cismeí muitíssimo. Antes das 6 da manhã vesti-me e fui correr as ruínas.

Comecei pelo pequeno templo e que o é menos. Devia-se subir até a porta por uma escada. A pedra que forma a verga rachou-se e parte dela como uma cunha enorme desceu ficando suspensa pelos pontos de apoio nos dois fragmentos laterais. No interior de cada uma das pilastras que ladeiam a porta há uma escada muito estreita de 70 degraus cavados nas pedras, que vai até o alto daquela. A escada da esquerda está quase toda desamparada pela banda de dentro do templo e na da direita entra-se por um buraco ao rés do chão e tão estreito que meu corpo não podia passar.

O interior desse templo é muito ornado e com gosto, porém não é das ruínas a que mais me agrada. Por fora do templo há do lado do norte — a frente olha para E[ste]— 9 colunas coríntias de pé com o entablamento e a abóboda da arqueada e sobrecarrega de ornatos que as liga ao templo e as bases de outras 3. Do outro lado só existem 4 colunas de pé e o fuste de uma tombado de encontro ao muro de que fez recuar uma das grandes pedras. Passei por baixo dela. No fundo do templo vêem-se 4 troços de colunas mais ou menos de pé e 3 nesta posição. Medi alguns tímpanos de colunas desse templo deitados no chão e seu raio iguala o comprimento de meu chapéu de sol. Os capitéis que parecem pequenos nas colunas em pé custa a trepar nele quando derrubados. Ao lado esquerdo de quem olha para o templo e perto deste há duas grandes abóbodas sobrepostas, formadas de grandes pedras cobrindo espaço considerável com seteiras e a superior dividida como

igreja latina. A escada para descer ao recinto inferior está muito estragada e meu guia foi menos feliz do que eu, pois deu uma pequena queda.

Afastado desse pequeno templo, mas sobre a mesma colina e paralelo àquele estava o grande. Do lado do pequeno só se vêem 6 colinas belíssimas de 17 cujos lugares se contam na outra parte correspondente onde há apenas 4 troços mais ou menos de pé. No fundo só eu e mais 3 pudemos abarcar com os braços um troço de coluna. Do lado oposto ao das 6 colunas desce para uma parte saliente da colina de onde se observa a construção ciclopeana das antigas muralhas sobre elas como entre as colunas colocaram posteriormente grandes pedras com seteiras como fortificação. Rodeei todas as muralhas e na que sustenta o fundo do grande templo que fica para O. medi com o metro uma das maiores pedras que tem 22m de comprimento, 4 de largo e 5 de alto, está no canto.

Defronte dos templos há ruínas muito curiosas e de lindo ornatos não podendo eu saber que significam duas águas em baixo-relevo, uma num espaço com 7 estrelas. Há nichos por todas partes, mas sem as estátuas e grande número deles ornados internamente do lado de cima de conchas em baixo-relevo acompanhando a curvatura dos nichos.

Além sempre para E[ste]. ainda há as ruínas de um edifício hexagonal também muito ornado e por fim os lados da porta por onde se entrava para esta espécie de acrópolis e que está tapada há de cada banda contando dos cantos 3 pilastras e 7 colunas tendo cada uma das quartas em sua base a mesma inscrição que não pude ler senão muito imperfeitamente com um óculo de alcance.

Os espaços estão tomados com pedras, segundo já disse.

Defronte da porta há vestígios do conduto da água que estaria por baixo da escada de que aliás não encontrei vestígios. Todo o âmbito da colina não se anda a passo regular em menos de 20 minutos.

Nunca vi monumentos propriamente de arquitetura tão majestosos como de Baalbeck.

Na aldeia miserabilíssima há as ruínas de um diminuto templo circular que tem belos ornatos, mas que não me pareceu elegante no seu todo.

Saindo de Baalbeck, onde deixei meu nome com a data na parede do fundo do pequeno templo está cheio de semelhantes inscrições, lendo-se logo depois da entrada estas palavras — Comme le monde est bête!!! e por aí além de interjeições.

Vi junto à parte da casa do governicho da aldeia, a estátua de mármore de uma mulher assentada com a figura de um grifo, cuja cabeça quebrou-se do lado esquerdo e do direito sobre a cadeira o baixo-relevo de uma urna pequena.

Esqueci-me de falar de baixos-relevos meio enterrados no solo do pequeno templo representando danças ao som de instrumentos e pedaços como de frontão do grande templo com a imagem em meio-relevo de uma creio que deusa ora com uma palma, ora também com uma espécie de cornucópia ou trazendo a modo uma de torre na cabeça e aleitando uma criança.

Na larga galeria abobedada por onde entrara de noite vi de manhã na parte superior dois bustos em baixo-relevo de que um tem uma inscrição de que só li Divis e o outro é feito com algum gosto.

À distância de $\frac{1}{4}$ de hora a cavalo parei para examinar a pedreira e lá medi uma massa de pedra quase toda faceada para obra, de mais de 21m de comprimento, 4 de largura e uma altura, que só com escada poderia ser medida. Segundo um cálculo que li deve pesar 1.200.000 kg. Uma quase igual já disse ter visto nas muralhas de substituição do grande templo.

Almocei nas ruínas e parti às 11.

Cheguei a Malakah às 5. Vim por caminho um pouco mais curto. Mostraram ao longe do lado esquerdo nas faldas do Ante-Líbano a aldeia de Nabá-schid, onde um ponto branco é o túmulo de Adão para esta gente.

Reparei melhor para a planície que apesar de coberta de seixos é aproveitada para trigo e vinhas sobretudo.

Perto de Baalbeck nasce o antigo Orontes que vai banhar Antióquia e até Malakah só atravessei como na ida o Litani que na estrada de Beirute a Damasco está 873m acima do nível do mar.

A noite passada encheram-se os cabeços dos montes de neve e que belo efeito produziram vistos do fundo do grande templo ou por entre as 6 colunas!

Jantei em Malakah e tornando a caminhar de carro às 7 só cheguei a Damasco às 3 da madrugada. Choveu de tarde menos que ontem e à noite, ao chegar a Damasco, estava estrelada e as nuvens escuras não se enrolavam mais nos cimos das montanhas.

Comprei em Baalbeck algumas moedas aí achadas.

16 de novembro de 1876 — Antes das 9 fui correr a cidade que é muito porca e ver a grande mesquita (Djami'a el Amavi) dos Omiadas. Tem belas colunas de um antigo templo que precedia ao lado de *E[ste]* um arco triunfal, que ainda se vê sobrepujando as casas que o ocultam e era ligado ao templo por um pórtico de talvez 60m de comprimento em cujas colunas ainda se percebem mais ou menos como outras do templo incrustadas, por assim dizer, nas casas dos bazares dos sapateiros e dos ourives. É vastíssima e possui três minaretes tendo eu subido por 141 degraus até a galeria do *N[orte]* chamada nadinet (minarete) el Arous (da desposada).

Goza-se aí de uma bela vista da cidade rodeada de seus jardins e ruas de choupos e salgueiros nas margens do Baradah que fornece água excelente à cidade.

Tanta verdura perto de montanhas tão áridas devia produzir grande efeito no ânimo de Maoma quando avistando Damasco do cimo de um monte exclamou: “basta-me um só paraíso” e retrocedeu.

A um lado do pátio da mesquita está o túmulo do célebre Saladino que fui ver. Entrei na chamada casa de Judas onde S. Paulo se escondeu e agora é muito exígua casa de oração muçulmana cuja porta deita para um bazar e vi no cemitério os túmulos dos netos de Mafoma, Fatimé e a filha de Ali e de uma das mulheres do profeta. Os de outras duas e dos três criados daquele, todos mortos por ordem de Yezid que trouxe de Meca a família do profeta, não os pude ver por falta da chave. O do fiéis criados muito me interessavam. No meu giro passei pelo grande plátano que é com efeito um monstro vegetal.

Depois do almoço andei pelos bazares de carro e contornando as muralhas da cidade cuja parte inferior tem muitas vezes pedras de época anterior à dos romanos vi o lugar por onde S. Pedro fugiu e o resto da antiga calçada na direção de Jerusalém onde dizem que S. Paulo se converteu. Outros colocam com mais plausibilidade esse lugar mais longe a 4 km. de Damasco.

Apanhei umas pedrinhas dessa calçada.

Enterraram perto os ossos dos cristãos assassinados em 1860. Falam de 4 a 600 e ainda agora passam alguns a noite assustados e temem que a vitória dos Serbas seja motivo para outra matança. Até querem emigrar para o Brasil segundo ouvi.

Visitei a gruta de Ananias onde há uma igreja latina tendo sido criado quase todo o rochedo internamente. Acha-se entre casas e desce-se por creio que 12 degraus.

À 1h fui visitar Abd-el-Kader a quem tinha prevenido. Achei na porta da rua com seus 2 filhos mais velhos. É baixo, pouco cheio de corpo, testa arredondada, nariz ligeiramente aquilino, olhos pequenos porém vivo às vezes, ainda que pouco encarem e beijos de homem enérgico. Parece ter a cabeça raspada sob o turbante. Traja simplesmente e tinha chinelos de marroquim amarelo. Tratou-me com muita amabilidade tendo-lhe eu logo dito por intérprete que o visitava pelos serviços prestados aqui em 1860 aos cristãos, deu-me chá excelente com um gostinho muito bom de hortelã pimenta, mostrou-me parte da sua casa, oferecendo-me até levar-me ao harém o que não aceitei e da do filho mais velho, as quais estão muito bem arranjadas e tem pátios com árvores — comprou casas para acomodar toda a família perto de si — 18 filhos; 7 filhas e não sei quantos netos — conversou bastante comigo perguntando-me sobretudo se havia no Brasil alguns frutos e plantas que víamos e deu-me um exemplar da obra que escreveu e publicou sobre a Síria em árabe. O cabelo é preto e a barba não é grande, mas creio que a pinta assim como as sobrancelhas. Quis levar-me pela rua até o carro e eu dei-lhe o braço apesar de ser fortíssimo para quem nasceu em 1807. Vi as medalhas de ouro e prata que a França mandou cunhar em honra dele pelos fatos de 1870 — terminando a legenda assim: *La France qu'il a combattue l'aime e l'admire* — e o grande retrato de corpo inteiro que lhe deu o Napoleão 3º e onde ele está com sua grã cruz da Legião da Honra, de S. Lázaro da Sardenha com sua cruz, etc.

É possuidor de terras dos arrabaldes de Damasco cultivadas por ele e gosta de viajar a cavalo indo até o Hausan e Jerusalém e de caçar sobretudo gazelas que abundam perto desta cidade.

Escrevi depois até o jantar e às 5 fui de carro pela estrada de Beirute que passara de noite. Atravessa uma garganta de rochedos de formas muito pitorescas e margeando o Baradah, que aí encachoeira.

Cheguei até a habitação de campo de Abd-el-Kader em Dumah Compõe-se de três pequenas casas.

Como a noite estava linda à volta, toda estrelada!

Abd-el-Kader veio pagar-me a visita e trouxe-me sua fotografia, que lhe pedi em troca da minha que lhe levara de manhã e a do filho mais velho. Esteve sempre amável.

17 de novembro de 1876 — Antes do almoço fui ver a casa de lady Ellenborough que se casou com o Cheik dos beduínos chamado Mejuel *[sic]*. Prevenira-a da visita a título de ver as vistas que ela tinha da Palmira onde estivera. Apareceu-me logo o Cheik, bela cara inteligente muito mais trigueira que a de Abd-el-Kader. É baixo e trajava simplesmente trazendo como aquele um anel de aro de prata com pedra de sinete. Abd-el-Kader tem-no no dedo mínimo da mão direita.

Mostrou-me seus cavalos de duas raças árabes — não me pareceram excessivamente belos — e conversou um pouco comigo por intérprete até que chegou a mulher que mostra ter sido muito bela. Casaram em 1853 e ele deixou a mulher que tinha, mas que sustenta. Pedi que me mostrasse as vistas de Palmira e ela foi buscar depressa mas pesadona a pasta em que admirei belíssimas aquarelas feitas por ela, cuja mãe segundo me disse foi exímia pintora a óleo, de Palmira, de Babilônia, da Acrópolis de Atenas e da cidade da ilha de Tinos. Revelam grande talento artístico e a fisionomia de Mrs. Mejuel *[sic]* é de pessoa muito inteligência *[sic]*. Ainda pedi-lhe como lembrança sua fotografia como a do marido. Respondeu-me que dela só tinha uma antiga, o que já esperava e correndo quase apresentou uma fotografia feita em Roma com suas feições mas de uma formosíssima mulher e um retrato do Cheik feito a lápis por ela que explica seu casamento e honra a artista. Tomou-se café no salão que é bonito a gosto oriental e vieram até a porta do jardim que é a da saída para se despedirem de mim.

Fui de lá ver melhor trepando nos terraços de algumas casas, o arco do triunfo de *E/ste* e o que se descobre ainda menos do que lhe corresponde a *O/este*. Deviam ser belos.

Às 10 fui visitar as casas judias de um Schamaiah e de um Lisbon (ou Lisboa) de origem portuguesa. Tem salas bonitas e de luxo em habitação de aspecto externo quase repugnante, sobretudo à entrada, que depois dá em pátios de agradável aparência e com árvores. Também entrei na casa árabe chamada de Abd-Allah-Pacha e que pertence agora a seu filho Mohamed-Bey. O pátio é muito lindo e tem uma sala de pedras de diversas cores e arabescos, assim como os das janelas e portas que deitam para o pátio com as árvores, que merecem ser desenhados. Os tetos de relevos de madeira e pinturas de formas e cores variadíssimas são lindíssimas.

Entre no Kan-Hassad-Pacha, praça do Comércio desta cidade cuja porta de pedra de estilo árabe é uma das mais lindas que tenho visto. O interior de pedras escuras de diferentes cores mas de aparência severa como todo o edifício de grande altura e pilastras sustentando 6 cúpulas em 2 linhas muito me agradou; é pena que por qualquer motivo seja a parte entre as duas linhas de cúpulas coberta por dois telhados de madeiras de ângulo bastante agudo. Ainda examinei uma porta da grande mesquita com chapas de bronze, onde estão figurados cálices em baixo-relevo; até um deles apresentando 2 outros muito menores sobre seu relevo. Duvido de que sejam os cálices da missa, embora uma inscrição grega no resto do arco triunfal de O., mas que não pude ler por estar coberta de fragmentos de pedra diga que — a igreja de S. João Batista fora restaurada por Arcadius filho de Teodósio.

Já me tinham mostrado no interior da grande mesquita uma espécie de cenotáfio onde dizem guardar-se a cabeça do Batista.

Antes do jantar tomei um banho turco assim como já o fizera em Beirute. É muito agradável, porém faltam os esguichos e emborcações deliciosos de água fria do estabelecimento do Dr. Pallath de Londres.

Às 5 fui até o Tekyeh É uma espécie de claustro rodeado de colunas e com mesquita onde se recebem os peregrinos de Meca e são alimentados pela renda do estabelecimento. São 2 perto um do outro construídos o maior em tempo de Selim e o outro de Suleyman. Acomodam mil peregrinos.

Aqui há um externato de meninas (500) das Irmãs de Caridade e uma escola de meninos (14) dos Lazaristas. O superior Fr. Najesan esteve há pouco comigo. Tem uma barba respeitável. Não me pareceu dotado de grande fervor pelas escolas.

Amanhã parte minha caravana às 5 da madrugada.

Antes do jantar fui até o alto de uma colina oposta à cidade do lado de uma vilota. Goza-se aí de uma vista admirável. Os edifícios da cidade elevam-se do ergaste de verdura que contrasta com a nudez das montanhas. Ao entrar nessa

povoação está ao lado direito a casa de sobrado com uma porta de ornatos mouriscos onde morava Burton de quem todos falam bem assim como de lady Burton.

Vi antes de ontem as igrejas grega católica e maronita. Nada tem de notável o superior dos Lazaristas que se refugiou com os cristão em 1860 no castelo disse-me que a matança seria de 1200 a 1300.

18 de novembro de 1876 — Cheguei ao pouso às 3 ½. A saída foi às 5 da madrugada. Céu cheio de estrelas. Rompia a marcha um piquete de soldados turcos; depois cavalgavam alguns árabes com a cabeça coberta à beduína e outro diante hasteando longa lança de bandeirolas verde e amarela, seguiam-se 6 tarantuas (liteiras) com a Imperatriz, Josefina, Dr. Fontes, Bom Retiro, que torceu a perna durante a excursão de Baalbeck — não é coisa de cuidado e anda apenas com alguma dificuldade e Leonédia, os cavaleiros e enfim uma guarda a cavalo turca. Passado pouco tempo o Dr. Fontes preferiu o cavalo e Joanhina tendo caído entrou em liteira, que depois do almoço deixou para seguir outra vez a cavalo.

O clarear do dia foi roseando as neves do Monte Hermon, cujo resto da serra apresentava um azulado transparente, lindíssimo, encantou-me. A planície ostentava-se risonha e tudo prometia a jornada que tivemos. O solo era pedregoso, mas para o lado das montanhas cultivado e o aspecto destas tão belo quase como na Grécia, cujo verde claro do céu também observei um pouco esta madrugada.

A serra do Hermon sempre à direita dominando ele a paisagem com sua cabeça venerável toda encanecida e pouco tempo depois muito longe à esquerda a linha levemente azulada das montanhas do Hauran. Grandes fatos de cabras, algumas gazelas que quiseram cerca toda a brida e sobre as quais atiraram valendo-lhes as pernas ligeiríssimas que Deus lhe deu e dois ou três pássaros chamados gattas, cujas penas dizem refletir às vezes lindas cores variaram o cenário.

Às 10 acampamos para almoçar em Khanicheir, bonito lugar com suas árvores ainda verdes ou já amarelas de frio — e a madrugada bem se mostrou a estação — junto a um arroio pretencioso com suas orlazinhas verdes. Uma hora antes tínhamos passado pela aldeia de Artours que nos ficava à esquerda e um pouco mais a de Kawikaba sobre uma colina por detrás da qual dizem que fôra a conversão de S. Paulo. Aí se vê uma estrada romana.

Depois do almoço, enquanto não se seguia traduzi os Atos dos Apóstolos com o Henning ambos nós sentados perto do arroio Dhirani.

S. Paulo aproximava-se de Damasco quando ouvi a voz celeste e se fosse isto no lugar de que falei noutra dia os Atos dos Apóstolos diriam que S. Paulo chegava a Damasco; contudo as pedrinhas que não podia arranhar no segundo lugar sempre tem valor.

Seguimos à 1h 10'. O terreno é mais acidentado e pedregoso. Só há arbustos por onde passa outro arroio que poderia ser ainda mais modesto para maior felicidade da passagem das liteiras. A margem oposta à que seguimos até atravessá-lo é um pouco elevada e cheia de pedras grandes que em muitos casos são pontas do rochedo de contextura lamelar. Ao chegar a este pouso chamado Sása estende-se vasta planície bem cultivada e toda verdinha do lado esquerdo — creio que elevada — do direito vi indícios de cultura de cana de açúcar.

Minha tenda olha para a colina há 2 Khans.

Por detrás fica a planície que termina na serra do Hermon. Corre perto o Djenani, que forma com o Arni o Awadi; o Forpos da Escritura. Há as mesmas árvores que no lugar do almoço. O arroio do ponto do almoço talvez seja o Sabirani (e não Dhirani) que mais abaixo é chamado Awadj.

Durante o trajeto de Kanicheir até cá vi pombas selvagens voando, e antes no almoço reparei em montículos de terra com uma cavidade superior que levantam perto de lugares onde se guardam animais para aí se porem os grãos que eles comem. Só depois do almoço é que houve vento forte de rajadas mas agora está o céu sereno e espero que o tempo excelente continue.

Esta madrugada vi uma estrela cadente com longa réstea de luz. Mais bela observei eu em Beirute a 12 voltando do passeio. Não me tenho esquecido deste fenômeno do mês de novembro, quando a viagem me permite.

19 de novembro de 1876 — 3h ¾. Chegamos ao pouso de Koneitirah aldeia pequena.

O Hermon já fica para trás.

Saída às 6h $\frac{1}{4}$. Antes vi os dois Khans que de um tem uma porta de volta ogival que não deixa de ser elegante. Subi ao cimo da colina onde está o outro. Vi sobre o solo no alto pedras negras porosas que parecem vulcânicas. Havia famílias beduínas nesses Khans com suas cabras, boisinhos [*sic*] e burricos.

A manhã estava lindíssima. O tufo de choupos produzia aprazível efeito. As águas do Djenani murmuravam e borbulhavam movendo dois moinhos.

Cedo começou um caminho horrível sobre pedras e lagedos, mas onde aparecia de vez em quando a calçada romana em sofrível estado. Durou este escorrega aqui, escorrega acolá dos cavalos e burros das liteiras quase hora e meia. O que carregava por detrás da liteira da Joaquina caiu. Ela gritou um pouco achando-se em posição tão inconveniente, porém nada sofreu a não ser em seu pudor. Eu ia adiante — honni soi qui mal y pense!

Depois atravessamos algumas colinas baixas e um descampado com pedras soltas, mas não inumeráveis. Havia arbustos algum tanto raquiticos e pequenos carvalhos entre plantas quase rasteiras todas estreladas de espinhos. Dizem que não apareceu água no lugar destinado para o almoço e por só se lhe fizeram honras esplendidas perto do meio-dia. O sítio era bonito pelos planos e linhas do terreno e gradações da luz. Apareceram beduínos e reparei como as mulheres que pintam de azul com figuras a testa, braços, mãos e até seios e tingem dessa cor todo o lábio inferior.

Ontem de noite fizeram charivari no acampamento, mas o frio nem me deixou dormir bem apesar de enrolar-me bem num cobertor, que é conhecido de Atenas, mas aí tudo era belo, luz, calor e vida. A água num copo fora da barraca gelou toda. Encontrei pedaços de gelo como vidros nas pedras do caminho até muito depois do nascer do sol.

Traduzi Atos dos Apóstolos em relação a S. Paulo com o Henning e li um pouco de meu guia.

Levantou-se campo às 2 $\frac{1}{4}$. A tarde está de um tom tão límpido e suave que arrebatava. Os frios de Hermon condensando a umidade encobrem-no muito ligeiramente num véu luminoso. Apareceram muitos rebanhos de carneiros durante o trajeto depois do caminho ruim. Voaram creio que algumas pombas. Deram-lhe um tiro, mas elas tem asas com pernas as gazelas.

Os diretores da caravana são os irmãos Antônio e Mulhelm Uardi (rosa em árabe). São do Líbano, maronitas e vivem em Beirute. Antônio é a agilidade, atividade e infatigabilidade em pessoa. Traja da maneira mais pitoresca e elegante com seu lenço de fino tecido e às vezes lindamente bordado, atado à roda da cabeça e pendente por detrás, como usam os beduínos.

Não faz esta noite tanto frio como ontem.

Antes do jantar à 6 fui ver a aldeia. Seu terreno foi concedido pela Turquia e emigrados Circássios [*sic*] — umas 80 famílias. Pouco cultivam e recebem: criança 100 dracmas e homens feitos 200 por dia.

Este sítio tem boas pastagens — desde o sítio de olmo — Ain-rakat — que vejo o solo verde de grama agora pouco crescida. Os Beduínos até o número de 2000 — os que tenho visto até agora são trigueiros e parecerem [*sic*] cabras e tem cabelos corridos — vêm em tempo próprio pastorear seu gado aqui.

Num muro da casa do Kamaikanato e perto de uma porta há uma pedra no meio das outras com algumas palavras gregas de inscrição muito gasta.

Disse-me o tesoureiro do Kamaikanato, que aliás pareceu-me estúpido, que numa igreja, que se acha em ruínas, havia outra pedra com inscrição grega, porém não me pode mostrar, embora a procurasse. Durante o jantar as cornetas de chaves [*sic*] da guarda de cavalaria caramelaram-nos bastante com um sonzinho às vezes fanhoso que tinha sua graça. A cadência muitas vezes convidava a dançar.

A noite está belíssima, porém o pôr do sol acompanhado no crepúsculo de um princípio de luar é que foi admirável, sobretudo pelas matizes de azul do lado de Hermon cujo topo nevado vê-se já muito na direção oposta à nossa e para cima do terreno elevado onde acampamos e se projeta sobre essas montanhas.

Amanhã saímos às 6 e de tarde estaremos às margens do Jordão e entrar na Terra Santa.

20 de novembro de 1876 — A noite passada foi melhor. Não gelou.

Saída às 6. Céu com nuvens. Chuviscou; abri o chapéu-de-chuva e minha égua branca espantou-se; segurei-me. Pararam os choviscos e fechei com gosto o incômodo instrumento. Tornou a cair água e ao abrir de novo o chapéu espantou-se a égua; agacha a garupa e eu meio deitado em chão felizmente de relva. Pouco me posei e logo cavalguei meu cavalo de Baalbeck e do primeiro dia e parte do segundo.

Daí a pouco mais ou menos meia-hora comecei a ver o lago Merom ao norte do de Genazaré para onde corre o Jordão depois de atravessar aquele vindo do Monte Hermon.

Chegamos às 9h 20' ao lugar do almoço depois de ter passado por cabanas de paus, esteiras e cobertura de terra dos beduínos que procuram esse lugar chamado Ain-Mahron, por causa da excelente água da fonte. Domina o lago de Genezaré que estende ao longe seu manto azul. Mais afastado descobre-se o Tabor de forma arredondada surgindo de uma planície.

Descemos a maior parte da chapada do Djuran (antiga Gaulonetide). Perto da fonte há ruínas creio que de um Khan e sobre as pedras crescem algumas árvores meio raquíticas.

Depois do almoço li bastante de meus guias.

Seguimos à 1h ½.

Terreno pedregoso a cerca de ¾ antes de chegar aqui terrível por ser de descida, só as pernas do cavalo me livraram de nova queda. A vista pagava o risco. À esquerda o lago de Genezaré entre altas montanhas; defronte elevada serra por detrás da qual esconde-se Safed e à direita o lago Merom com suas margens esverdeadas de plantas palustres; para o fundo o Líbano e um pouco para trás desse mesmo lado o Hermon, que revestiu sua cabeça nevada de um turbante de nuvens.

Chegamos à margem esquerda do Jordão, que será na largura do porte do Maracanã, que passa pela quinta de S. Cristóvão e atravessada a ponte (Djissr) das filhas de Jacob (beniti-Yacub) pousamos logo à margem direita do rio. Antes da ponte de pedra com três arcos ogivais, por baixo dos quais encachoeira um pouco o Jordão, passaram-se ruínas como as de Ain-Nahron, a que conduz antiga calçada, que já tinha observado na direção desse Kahn antigo e depois uma torre redonda arruinada.

A ponte é a única sobre o Jordão e a garganta por onde corre o rio debaixo dela tem 25m de largo. Estamos a quase 230m abaixo do nível do mar; que tal é a altura da superfície do lago de Genezaré que não se acha muito distante.

Desde Koneitirah descemos mais de 1200 pés. Poucos arbustos pequenos e espinhosos ornaram as margens deste rio e junto ao Khan vi alguns cactus. O caráter severo da paisagem convém à austeridade e simplicidade da religião de Cristo. Não sei a origem do nome deste lugar; apenas leio ser rabínica.

Antes do jantar fui até o rio onde os criados já tinham apanhado alguns peixinhos com alfinetes feitos anzóis. Tinha aparecido um grande peixe que debalde quiseram pescar com um gancho de cozinha. O rio é muito fundo e tem correnteza muito forte abaixo da superfície. Reparando melhor penso que é um pouco mais largo que o Maracanã. Fiz dois croquis logo que chegara e quando me achava à beira do rio passou um bando de pássaros pretos tão numerosos e altos que pareciam poeira de carvão. Ao afastarem-se para o lado do Merom formaram como uma nuvem redonda. Também apareceu escondendo-se depois nas ervas da margem oposta uma espécie de galinha d'água.

Nas ribeiras há uma espécie de frechas e nos morros descobrem-se algumas árvores, mas a primeira impressão não foi desvanecida. Encontrei o Kaimakan de Tabarieh (Teberiadés) com sua gente que vinha cumprimentar-me no terrível caminho de que falei! Apearam-se e quiseram beijar-me a aba da sobrecasaca. Felizmente como não sabem língua que eu conheça, na maior parte dos casos não são incômodos: um shake-hand ou cumprimento de mão avia-os logo.

Em quase todos os campos que tenho atravessado estes dias vi buracos de ratos. Lembrei-me dos que roeram as cordas dos arcos dos arqueiros assírios de Senacherib. Até dentro da barraca do Lamare no pouso de ontem havia dois desses buracos. Tem fuzilado para o lado do Líbano desde o anoitecer, mas agora (7h) o céu clareou e as estrelas refletem-se no Jordão, cujo murmúrio na cachoeira ouve-se distando convidando ao sono, mas eu vou ainda ler na cama e pensamentear até dormir; amanhã sai-se às 5 ½ por causa do giro de Cafarnaum (hoje, segundo opinião, Tell-Hum).

Ao atravessar caminhos tão ruins, mesmo perigosos, refleti por vezes que os Estados Cristãos poderiam ter se reunido para abrir uma boa estrada e desvios para visita dos Santos Lugares. Ah se o Papa tivesse com o apoio dessas potências mudo *[sic]* seu domínio temporal para este território quando se houvera lucrado também com a realização da idéia, que me ocorreu! Além de que me repugna ver Kamaikans etc. por estes lugares.

21 de novembro de 1876 — Estou às margens do lago de Genezaré. As impressões da noite passada e deste dia exigiriam outro narrador cuja pena remontasse à altura de seus sentimentos.

A noite foi tormentosa; duas trovoadas ribombaram nos vales da Galiléia; os chacais uivaram e tudo era mais silêncio e trevas que os raios iluminavam. Felizmente não houve vento forte que levasse as barracas, mas assim mesmo batiam as estacas de vez em quando. Eu pouco dormi preocupado de uma provável interrupção de viagem.

Às 4 ½ levantei-me; tudo tinha passado e antes da 6 em marcha com fogaréus. Subida cheia de pedras, mas clareou o dia e vi lugares verdes; bastantes bois num grotão onde se abrigaram da tempestade e na encosta das montanhas do lado de Safed misiráveis aldeias e perto de uma delas um pomar de um verde que se enlevava, porém tão longe! Atravessamos lugares de pasto quase sempre com os arbustos espinhosos que já mencionei e chamam indevidamente rosas do Jordão por causa de suas florezinhas, também não havia outras. Também encontrei como já o tinha feito uma espécie de erva doce ou funcho com muito bom cheiro.

As nuvens enegreciam e começou a cair chuva por pequenas batéguas. Pelo sim pelo não o chapéu-de-chuva não se abriu; barra o cautchú. Ao aproximar-me do chamado Poço de José (Bir-Yusuuf) estava o chão alastrado de pedras amareladas e tão cheias de buracos — quase rendilhados — que figuravam ossadas. O poço de José é um antigo Khan ao pé de uma colina sobre a qual vi um poço de pequeno diâmetro quadrado todo entupido de pedras. Ai cheguei às 9h

As tarantuas continuaram seu caminho e eu tomei à esquerda descendo mais rapidamente para o lago, que ainda não me parecia tão belo como depois.

Às 10 ½ estava à margem dele em Tell-Hum. O chão está cheio de troços de colunas; pedaços de entablamento com baixos-relevos, alguns de desenho curioso e um capitel coríntio. Os beduínos, que aí acampam, serviram-se de outros rastros para suas casas, que parecem de bichos. Achavam-me no lugar da sinagoga onde Cristo pregou. Fiquei por momentos absorvido em minhas contemplações e depois só tinha vontade de correr com esses beduínos para fora desse sítio.

A praia é só pedras soltas e olha quase para o fundo do lado da outra parte do Jordão que vai sumir-se no Mar Morto.

Perto das ruínas há palmeiras muito baixas e nerium oleander — custa-me a dizer espierradeiras — em abundância e alguns com flores. O lado de *O[este]* onde se abre o Uadi-Haman (vale dos pombos) apresenta uma garganta cujas montanhas laterais parecem de Tell-Hum recorta-se com o perfil dos degraus de um anfiteatro. Fiz um croquis à pressa, que o tempo voava para mim e dirigi-me mais ou menos pela margem do lago para Betsaida, lugar do almoço, depois de ainda olhar para as ruínas da sinagoga, como posso admitir que o fosse apesar da aparência romana e outra que dizem ser da casa da sobra de S. Pedro que ele curara e onde dizem residira com N. Sra. durante sua pregação em Cafarnaum e vizinhanças.

Trouxe fragmentos das pedras da sinagoga.

O caminho passa depois por uma fonte sulfurosa — o gosto é leve — onde julguei ver as ruínas de um estabelecimento balneário e ladeando rochedos iminentes ao lago e passando por um conduto, que serviu já para água cavado na rocha e onde não sei como os cavalos não caíram — só lhes falta descerem por uma parede — dei-me comigo em Betsaida num campo junto ao lago. Não há aí senão as ruínas talvez de um Khan, por causa das voltas ogivais e sobre um outeiro próximo muitas pedras de ruínas.

Em Betsaida nasceram S. Pedro, S. Filipe e Sto. André.

Talvez o conduto de água no rochedo já não servisse no tempo de Cristo e ele passasse muitas vezes por esse caminho mais curto entre a cidade e o da sogra desta *[sic]*.

Cheguei aí perto do meio-dia. Depois do almoço li os guias e a 1 ¾ comeci o trajeto encantador desta tarde; ora à vista do lago que o vento encrespava, ora onde as águas dele batiam na praia até El-Medjdel (Magdala). Antes da aldeia dobrava com o vento seu porte elegante uma grande tamareira e defronte para o lago agitavam-se os ramos de uma das roseiras do tamanho de árvore.

Esta povoação é como quase todas as outras.

Que contraste com a bela pecadora! O caminho principiou a subir pela encosta das montanhas — pouco depois de Betsaida passara na planície à vista do belo vale dos pombos — e daí ainda gozei mais do espetáculo do lago e das montanhas fronteiras, que abrihantava o sol a esconder-se por detrás das que seguia o trilho. A superfície do lago achamlotava-se *[sic]* ligeiramente e duas velzinhas branqueavam para a banda oposta. As margens são quase sempre cheias de pedras, que às vezes formam como um molhe a entrar pelo lago. Há algumas n'água que semelham altares. O

trilho estava orlado de lírios arroxados *[sic]* que, pela proximidade da montanha onde Cristo pregou o divino sermão, lembraram-me o verso 28 cap. 6 de S. Mateus: “vede os lírios dos campos como crescem; não trabalham, nem fiam”, colhi boa porção.

Enfim apareceram os rochedos perto de Tiberiades cobertos de povo e depois as torres da outrora importante cidade cujas muralhas esbandalhadas por dois terremotos ainda fazem vista.

Os tarantuas passaram por fora e eu com outros atravessamos a cidade com suas ruas tortas e estreitas muito sujas e seus bazares e fomos todos depois de atravessarmos o acampamento, até a casa de banhos termiais construída no governo de Ibrahim-Pacha. Aí chegamos às 4 ½. A água corre em grande quantidade e quase de pelar, mas sem cheiro nem gosto. Vem das montanhas próximas, cuja estratificação é muito curiosa e tem muitas cavernas, na maior parte cavadas no rochedo, segundo penso.

Na praia entre a cidade e a casa dos banhos há troços de colunas, uma torre redonda maciça e diversas outras ruínas.

A vista deste acampamento é muito bela. Esconde-se o lago defronte até as montanhas, cujos cimos traçam quase como uma reta; à esquerda vê-se a cidade murada e torreada formando uma ponta; além o lado de onde viemos e por detrás e à direita levantam-se altas montanhas acidentadas, fechando quase inteiramente por este lado a saída para o Mar Morto. A noite está ventosa e fuzila um pouco para o mesmo rumo de ontem.

As liteiras tem vindo muito bem, só ontem caiu a Josefina do mesmo modo que sucedera à Joaninha. O Bom Retiro tem já vindo a cavalo a maior parte do tempo.

22 de novembro de 1876 — Saímos às 5 ¾. De noite ventou bastante e à saída ameaçava chuva.

Fomos à pequena igreja católica fazer oração e encontrando aí Frère Lievin autor do melhor guia que tenho consultado e oferecendo-se ele a acompanhar-me até Jerusalém disse-lhe que muito prazer tinha nisto e ele foi logo buscar o cavalo e eis-me com esse frade e mais o superior do convento de Nazaré na caravana.

Seguimos às 6 ¼. Começou a cair chuva e depois neblina e por isso só vi de longe, porém muito bem a montanha do Sermão que pela sua formam *[sic]* os cornos-de-Hattin.

Guy de Lasignan tinha sua tenda sobre essa montanha quando foi derrotado por Saladino na planície que atravessamos e onde não muito longe da montanha fez Cristo o milagre da multiplicação dos 5 pães e 2 peixes. Frère Lievin tudo me explicava e muito me agrada por seu caráter singelo e jovial, além de ser bastante inteligente. É belga de entre Anvers e Gand.

O tempo principiou a prometer bom dia e enfim descobri a extensa e belíssima planície de Esdrelão, de solo feraz e bem cultivada.

O Tabor descobria-se distante e antes de chegar ao lugar do almoço perto de sua base passou-se uma grande garganta muito pitoresca cheia de carvalhos brancos. Eram já 10h, mas temendo que o cimo do Tabor se enublassem continuei por ele acima, ficando as liteiras e alguns dos que as acompanham em baixo. O caminho é apenas praticável para as pernas destes cavalos. Gastei ¾ até o cimo. Que vista admirável desse ponto o mais elevado da Palestina. Está a 1000 pés acima da planície. No cimo de km ½ de comprimento e 600 a 800 m. de largura há ruínas de fortificação de diversas épocas, sendo as mais antigas dos romanos e de uma igreja do tempo de Sta. Helena, de que me deram pedaços de mosaico. Há bastante a estudar em todos estes restos, descendo-se nos da igreja para uma cripta por uma escada de 12 degraus. Acha-se pegada a pequena capela dos frades de Nazaré. Fiz oração aí e depois percorri tudo, gozando sobretudo da vista que descobre até parte do Mediterrâneo por detrás das montanhas do Carmelo girando para a esquerda enxergam-se as aldeias de Naim e de Endor; os montes de Galaad, perto do lago de Genezaré; as montanhas do Hermon e onde se dependuram Safed cobertas de nuvens.

A planície para esses lados continua a ser bem cultivada e perto da Aldeia de Daburieh quase ao sopé do Tabor há 3 bonitas plantações de oliveiras; os cactos dividem muitas das propriedades. Entre as montanhas a que se apoiam Naim e Endor; e o Tabor corre o Cison, onde Sisara foi batido.

Quanto senti não ter à mão a Bíblia para ler o canto de Deborah!

Aí se dividem as águas do Mediterrâneo para onde corre o Cison das do Jordão. Ainda visitei *[sic]* o Convento Grego não unido, que divide com o outro pelas hortas e a hora forçou-me a deixar o Tabor que jamais esquecerei.

Disse-me Frère Lievin que desinteligências entre os dois conventos tem embaraçado a construção de um caminho propriamente dito para subir o Tabor. Eu obrigaria cada visitante a pagar um tanto para essa obra.

Desci em $\frac{3}{4}$ e por fim almocei à 1 $\frac{1}{2}$.

Levantamos campo às 2 $\frac{1}{2}$ e por um caminho muito ruim chegamos às 4h $\frac{3}{4}$ à risonha Nazaré num lindo recanto de montanhas e em grande parte novas e bonitas ao menos por fora em anfiteatro. Atravessamos a cidade, orando por alguns instantes na igreja da Natividade que está no convento de Frère Lievin e acampamos do outro lado da cidade em uma verde e alegre pequena planície, antes das 5 $\frac{1}{2}$.

Amanhã antes de seguir viagem visitarei tudo o que há de curioso na cidade.

Ao atravessá-la vi a fonte chamada da Virgem, que tem duas bicas, que pingam sómente para assim dizer e é notável unicamente por ser tradição que N. Sra. aí vinha buscar água.

A estrada em Nazaré foi uma das mais notáveis desta viagem. A população acudiu em grande parte fora das portas formando alas e muitos meninos cantando, outros numerosos ocupavam os terraços das casas e as alturas. Os sinos repicavam e as palmeiras balançavam-se por cima da porta da cidade.

Tomara já o dia de amanhã para melhor ver tão linda povoação em sitio tão encantador, sobretudo depois de pedras e mais pedras. Este lugar parece mesmo criado em região quase sempre agreste para nascimento da Virgem Mãe de Deus.

Vou jantar. A noite serena e estrelada e com lua misteriosa está contribuindo para o enlevo que me causa Nazaré (da palavra árabe Nâsrah, que significa flor).

Cada vez aumenta minha dificuldade em exprimir o que sinto e no meio de tais impressões por força me esqueceram muitas coisas.

A igreja católica de Tiberíades é reparação de outra construída por Tancredo. Nessa cidade há um quarteirão importante de judeus que pela maior parte falam alemão e muitos português e espanhol.

Entre Tiberíades e os banhos, que se chamam Hammath, encontra-se um cemitério, onde dizem estar enterrado o célebre filósofo Maimônides predecessor para assim dizer de Espinoza.

Frère Lievin reside há 18 anos na Terra Santa. É amigo do Saucly, Clement-Ganesa e Guérin e de outros que também conheço de nome ou de vista e tem acompanhado viajantes notáveis da Palestina. Falou-me com saudades de Sebastião do Rego Barros. Tem idéias de homem esclarecido e não se pode estar aborrecido em sua companhia.

Em Daburieh junto à base do Tabor Cristo tirou um demônio mudo do corpo de um menino, que julgo ser o figurado como possesso no quadro da Transfiguração de Rafael. Também aí aguardaram a Cristo os 9 apóstolos, que não assistiram à Transfiguração.

Antes de ver a planície de Esdrelão passei pela aldeia bem situada de Lubiek onde há bonitas plantações. Também se encontra depois desta aldeia Khan-eh-Tudjar (Khan dos Mercadores) já em ruínas construído em 1587 para as caravanas do Egipto. Há aí uma feira toda as 2^{as} feiras.

Perto do acampamento do almoço vi eu um de Beduínos onde reparei em fisionomias curiosas. Disseram-me ter vindo daí uma mulher belíssima com três armilas no braço, quando eu fiz a digressão ao Monte Tabor.

Ainda falarei do aspecto dele quando eu seguia para Nazaré. Elevava-se sobre a planície como um sino imenso que tal é sua forma visto desse lado. Está todo cheio por todas as bandas de carvalhos brancos. Descendo o monte vi pela primeira vez grandes águias pairando. Disse-me Frère Lievin que eram tão frequentes dantes que matavam-nas pousadas nas árvores.

23 de novembro de 1876 — Pouco depois das 6 fui ver a cidade entrando pelo lado da fonte da Virgem. De cima da colina mais elevada ou antes montanha vi a E[ste] o Tabor de que diz Jeremias: “Juro por mim mesmo, diz o rei que se chama Senhor dos Exércitos, que Nabucodonosor em sua vinda assemelhar-se-á ao Tabor entre as montanhas e ao Carmelo que olha para o mar” (Jer. 47,18) E a O[este] descobria eu o Carmelo; Caifa, seu farol; o Mediterrâneo e mais para o N. S. João d’Acre. Por detrás de mim no horizonte erguia-se o venerando Nermon com suas cãs de neve. Não muito longe distinguia-se sobre uma colina, Seforis pátria de S. Joaquim. Tudo sob um céu de safira e erisado das cores de uma manhã formosíssima.

Antes de fazer essa ascensão que não é difícil e deixa apreciar completamente as belezas de Nazaré tenho orado na capela edificada no lugar da oficina de S. José, de que só mostram algumas pedras na parede à esquerda da porta de entrada. Descendo visitei o colégio inglês muito bem situado e construído com algum gosto e onde há 30 meninas internas e apenas 4 externas. A diretora está em Londres e a regente deu-me uma fotografia do exterior da casa e folheto explicativo. Gostei dos arranjos do colégio. As meninas almoçavam.

Depois visitei o convento das Damas de Nazareth. É modesto, mas assim mesmo educa 20 e tantas internas e perto de 200 externas. Aí escrevi uma carta a Mme. de Vaux, que por causa do atraso de vapores creio não ter recebido minha carta de Beirute e a de Mme. Guyot. A de agora foi levada para um soldado a Caifa e as 7 horas de Nazaré para uma caravana e espero ver Mme. de Vaux em Jerusalém. A superiora em Nazaré chama-se Bridelle. Não me agradou como Mme. Guyot de Beirute.

Da casa das Damas de Nazareth onde achei a Imperatriz fomos ouvir missa à Capela da Anunciação. Desce aí por uma boa escada de pedra dentro do edifício. Antes da gruta dizem que se achava a casa que apareceu por fim em Loreto. Do lado direito da gruta, que cobre o altar debaixo do qual, num pequeno vão, vê-se uma pedra de mármore indicando o lugar onde a Virgem percebeu o anúncio da boca de anjo, há troços de colunas de pedras descendo o superior do alto da gruta e o debaixo elevando-se do chão dela. Do lado esquerdo do altar há uma porta conduzindo a outro vão onde se acha segunda capela menor com um altar, dando as costas ao primeiro e subindo sempre desse lado uma escada vai-se a terceiro vão ou gruta que dominam a casinha da Virgem. Também por aí é o caminho do coro por cima da capela da Anunciação. O povo assiste à missa principalmente dos degraus da escada porque o espaço da capela é apertado. Guardo como lembrança algumas pedrinhas dessa gruta onde o Santo Sacrifício da missa muitíssimo me comoveu.

Visitei a escola do convento dos frades franciscanos onde está a capela. O número dos estudantes de instrução primária e de italiano é de 100 e tantos.

Finalmente vi o lugar — que só este se mostra — da sinagoga onde Cristo começou a pregar e excitou os ânimos a ponto de quererem despenhá-lo da montanha chamada de precipício, de que falei depois, a capela chamada Mensa Christi que cobre a grande pedra onde Cristo partira o pão com os Apóstolos depois da Ressurreição; a igreja Maronita e a chamada Casa-Nova, onde os franciscanos hospedam os peregrinos. Está muito limpa e bem arranjada. Tem 9 bons quartos com duas camas cada um podendo acomodar mais duas.

Segui para o acampamento onde tendo almoçado às 10 parti às 11h 5'.

O caminho até alcançar a planície de Esdrelão é péssimo sobretudo ao descer para ela. Os cavalos do Pedro e do Lamare caíram com eles, porém não se machucaram muito.

Vi ainda o Tabor por bastante tempo, porém antes da descida passei por perto da colina até onde dizem que a Virgem correu quando o povo perseguia Cristo querendo matá-lo e por isso se chama do Susto.

Na planície atravessei o Cison que era apenas uma ligeira depressão do terreno e vi de longe o pequeno Hermon de onde fiz uma legenda os descendentes de Seth reconhecendo que suas penitências não lhes restituíam o paraíso desceram para casar-se com as filhas dos descendentes de Caim dando origem aos gigantes; as ruínas da fortaleza de El-Fuleh, do tempo das Cruzadas junto à qual ganharam os franceses a batalha do Monte Tabor, que já se descobre daí.

Zeraine (Jesrael) onde sucederam os fatos bem sabidos do reinado de Achab e Jezabel, ficando perto a vinha de Náboth; Sunam rodeada de verdura, viçosa como Abisag, a Sulamita, que aí foi escolhida para remoçar o velho Davi; os Montes de Gelboe que a poesia do filho de Isai tornou célebre lamentando a morte de seu rei e de seu amigo; Ain-Djalud, em cujas vizinhanças Gedeão escolheu os 300, que não beberam como cães e outros lugares bíblicos menos interessantes.

Às 4 chegamos a nosso pouso defronte da cidade de Djenin espécie de oásis com árvores e palmeiras encostadas às montanhas que fecham a planície de Esdrelão do lado de S. Os tarantuas não puderam entrar como eu e os cavaleiros por baixo dos arcos do aqueduto de um moinho, e que foi mais característico.

Muito conversei com Frère Lievin de quem gosto cada vez mais por seu espírito esclarecido e portanto tolerante.

Não pude senão olhar para as bandas onde fica a montanha do Precipício; outras a encobriam. Os soldados de nossa escorta *[sic]* e sobretudo os que foram de Djanine *[sic]* a nosso encontro fizeram admiráveis fantasias. Não sei como não houve mais quedas além de uma segunda do Pedro, que nada sofreu. O Romão também caiu com o cavalo, mas sem incômodo.

Vejo no Gênesis 32,33 que Jacob atravessou com 2 mulheres, 2 criadas e seus 11 filhos (sem distinção de sexo) o vão (Iaboch) (do Jordão) — depois de ter reconciliado com Labão e talvez confundissem a palavra — iaboch com iacub — no nome do lugar da ponte. Mas a palavra beniti que significa filhas?

Os mucres (criados da caravana) fizeram uma festa depois do jantar. Começaram por conduzir 2 deles arranjados como burros de tarantuas com muitas campainhas, ao som de uma espécie de flauta e das cornetas de que já falei. Depois houve o jogo do alforje, com o qual fazem mil passos, quase a tocar um dos jogadores no outro. Seguiu-se dança cantada em torno de outro e de um fogaréu com muito sapateado. Trouxeram depois 4 em pé sobre os ombros de outros, formando como um templo circular com sua cúpula e também cantando girando e os de cima pulando nos ombros dos carregadores. Fizeram ir aos ares um e mesmo dois deitados num tapete, que agitavam rapidamente de baixo para cima; ainda sapatearam cantando em linha, que avançava e recuava e finalmente renovou-se o jogo do alforje, segurando cada um dos dois combatentes numa espécie de prato envolvido em pano branco que movia como um escudo. Admira como ainda são tão ágeis depois de aguentarem tarantuas durante mais de 5 horas.

Agora vou me deitar depois de ter traduzido quase todo o canto de Débora numa Bíblia hebraica, ajudando-me o Henning.

Amanhã é preciso sair às 5 ½ da manhã, porque há muito que ver no caminho.

24 de novembro de 1876 — Saímos de Djenine [*sic*] às 5 ½. Este lugar é famoso pela tendência de seus habitantes a apropriar-se o alheio, porém creio que nada nos falta.

Em Nazaré eu vendo umas torres de pedra disse-me Frère Lievin que eram para secar frutas dormindo os donos por baixo afim de não haver algum furto.

Desde ontem que Bom Retiro por aparecer-lhe gota no calcanhar direito e Fontes por seu antigo incômodo andam de liteira.

Passa-se por um vale estreito e entra-se depois na bela planície de Burkiné os lugares notáveis foram só de vista e mais ou menos longe Dothan onde Frère Lievin disse-me que está o verdadeiro poço de José chamando-se o lugar dele na Bíblia Dothain.

Djeba povoação considerável na encosta de bela montanha que forma parte de um dos vales por onde se vai a Betulia.

Cidade de Judith a 1 hora de distância e hoje Sanur e Sileh ainda mais lindamente situada num grotão e toda rodeada de oliveiras e figueiras e com uma fonte ao pé onde observei uma Samaritana, pois a Samária começa desde Djenine, descobrindo-se da estrada que lhe é superior o Mediterrâneo e o lugar da Cesaréia junto ao mar de que foi bispo Sto. Eusébio autor da célebre obra “Prepara Evangélica”.

O Monte Hermon vai-se do lado do sul como quando atravessamos a planície.

Deixamos a uma lado Cabarieh onde quando veem um cristão gritam logo Nasraclutah; Nast Machetah — Nazareno que vende a mulher; Nazareno de fé mesclada.

Também antes de chegar às 10 ¼ a Sebastieh (Sebastos de Herodes — Samária do reino de Israel) vi ao longe a aldeia de Borca onde os habitantes gostam de ofender aos cristãos. Almocei em Sebastieh, cuja posição é elevada a 300m sobre o mar e é precedida de um aprazível vale plantado de oliveiras, referindo-me Fr. Lievin que na Judéia uma oliveira rende 10 fr. por ano e depois fui ver as colunas que restam segundo penso, de um vasto pórtico, retangular e de um templo, que não era muito grande existente no meio daquele. As colunas são dóricas e monolitos de pedra calcárea de dimensões regulares.

Atravessando para o lado oposto a miserável aldeia que substituiu a cidade tão notável na história dos Judeus e que Heródes chamou Sebastos em honra de Augusto que lhe deu esse terreno e onde ele esposou Mariana descendente dos Macabus e mandou estrangular por suspeitas políticas os filhos que teve dela, casando-se depois com Maltacea natural dessa cidade.

Fui ver as ruínas da igreja do tempo das Cruzadas e onde achei sinais de ter substituído outra bizantina. É de bom gosto tendo três absides. No interior há uma casa de oração muçulmana muito ordinária e uma cripta a que se desce por 21 degraus e onde mostram-se três óculos feitos numa parede e que alumiados internamente, reconhece-se abrirem para túmulos de pedra, mas não cavados no rochedo como costumavam ser os dos antigos hebreus. O do meio dizem ser do profeta Abdior; o da esquerda de quem olha de Eliseu e o da direita de S. João Batista. Há três outros óculos por cima

destes e mais três vãos acima daqueles. Eliseu morreu com efeito na cidade de Samária, mas quanto ao Batista o Evang. S. Mateus 14, 1a. diz sómente: “seus discípulos levaram seu corpo e enterraram-no”.

Apareceram-me em Sebastieh o cura dos poucos cristãos de Naplusa; l’abbe Bost, assinante do Univers e que pela conversa pareceu-me ultramontano e antípoda do bom Frère Lievin. Quis acompanhar até essa cidade. Partimos à 1 ¾. Eu dei a volta da Montanha para ver outras colunas tendo contado inteiras e partidas, incluindo as que já falei, 154.

Há umas ruínas de torre e parece que existia um imenso pórtico que ia da entrada da cidade, onde existiriam duas torres uma de cada lado até os edificios de que fiz menção a principio. Devia ser uma construção majestosa pela extensão. O caminho até defronte de Naplusa, onde pousamos é pitoresco sobretudo o vale que conduz até este lugar. As oliveiras abundam nele e há bastante verdura como vi campos todos verdes de trigo a arrebentar em muitas paragens da minha jornada de hoje sobretudo. O aspecto da Samária tem me agradado. O caminho foi melhor principalmente na parte construída ou reparada em tempos do ex-Pacha de Naplusa que principiou uma boa estrada daqui até Jerusalém. A vista deste acampamento é apertada.

Jantei às 6. Acabei depois a tradução do canto de Deborah reconhecendo que tenho esquecido bastante o hebraico e vou deitar-me daqui a pouco.

25 de novembro de 1876 — Montei a cavalo às 6h ½. Entrei na cidade que fecha a vista do vale do lado do sul e por baixo de arcos e abóbedas e ruas mais ou menos estreitas fui até a sinagoga encravada nas casas da cidade. É pequena. Fiquei à porta enquanto rezavam dentro homens e meninos todos de roupa branca. No fim de poucos minutos convidaram-me a entrar. A sinagoga menos que modesta recebe a luz de cima por 2 óculos com grade. A meu pedido trouxeram o tora para fora da sinagoga onde estava claro. Examinei bem o manuscrito de pele de gazela já meio rasgado e com as letras bastante apagadas. Pretendem que sua antiguidade é de 1500 anos A.J.C. do tempo de Absua filho de Finéas filho de Eleazar filho de Arão, mas não datará senão de Menassés grande sacrificador do tempo do Gazirim 300 A.J.C. ou mesmo de época posterior ao nascimento de Cristo para melhor ver as letras pedi que o desenrolassem mais, porém havia umas linhas que embaraçavam e o grande-sacerdote samaritano tendo procurado um canivete, que lhe deu o Henning, não quis todavia cortar as linhas por não infringir o preceito de não fazer nenhum trabalho em sábado. Cortou as linhas o Henning, mas outro judeu bem apessoado e já maduro de idade não hesitou em prometer-me levar a meu acampamento esta noite uma folha da cópia que mostraram-me desse Pentateuco. Há outro que serve para os sacrificios do Garizim e cuja cobertura de folha de cobre tem gravadas as imagens do templo que houve no Garizim com a mesa, candelabro, trombetas, etc. Este templo foi rival do de Jerusalém. O Pentateuco de que tanto falo é escrito em letras fenicias ou cananeas usadas antes do Cativo da Babilônia, que os judeus adotaram as letras caldaicas. Depois vi aporta de pedra original sobretudo por um capitel com um leão e uma espécie de ave infelizmente pintada de diversas que dá entrada para uma mesquita de colunas que também besuntaram e pertenciam à igreja que aí existia do tempo das Cruzadas.

Tornando a *E[ste]*. da cidade subi por muito ruim caminho de pedras a quase todo bastante íngreme até o cimo do Garizim a 2.600 pés acima do mar. Do lado oposto está o Hebal a 2700 pés de elevação. Josué colocou (Josué 8, 30) os observadores da lei para abençoá-los sobre o Garizim e as transgressoras sobre o Hebal para amaldiçoá-los. Como essa cena devia ser grandiosa mesmo nas fraldas dos dois montes como adiante direi! Reccei que espessa neblina nem o caminho me deixasse ver, porém dissipou-se quase de todo quando atingi o cume da montanha.

Antes de aí chegar passei ao lado do lugar onde todos os anos se reúnem em tendas os judeus samaritanos, durante 15 dias para sacrificarem carneiros. Veem-se os restos dos fornos onde cozinham. No cimo há ruínas de dois recintos de pedras um de aparência mais antiga que o outro para defesa do tempo que aí existiu talvez, onde se observa uma espécie de eirado de lajeados. Do edificio só examinei com muito interesse por causa da forma os vestígios de uma igreja creio que bizantina. Tracei aproximamente *[sic]* o plano dessa igreja.

A vista do alto do Garizim é belíssima, porém a névoa não me deixou ver bem o Mediterrâneo. Desci pelo mesmo caminho de onde ao chegar ao acampamento se vê muito bem toda a cidade que é considerável e recreiam a vista plantações de oliveiras, figueiras, nogueiras, legumes e outros vegetais.

Pouco depois das 10h 25’ que cheguei ao acampamento almocei e às 11h 25’ segui viagem.

Ao sair do Uadi-Neblous (vale do Neplusa) os dois montes como que formam anfiteatro nas pedras de suas fraldas entre as quais há um grande plantio. Provavelmente Josué com a arca se achava no centro e os judeus de um e de outro lado nas faldas do Garizim e do Hebal poderiam perceber o que Josué ordenava que se fizesse. Do cimo dos montes seria impossível. Parecia-me ouvir o eco das vozes das lecitais nas quebradas das montanhas.

Já no cimo do Garizim quisera ler o discurso de Joathan (Juizes 9) o mais antigo dos apólogos de 1245 an. A.J.C.

Pouco adiante começou a Uadi-Mocknah onde vi o poço da Samaritana, montão de pedras cercado uma cova com pedras dentro, entre as quais há pequena abertura. Uma pedra atirada aí levou alguns segundos a chegar ao fundo regulando pelo som. Frère Lievin disse-me que em 1869 mediu 21m de profundidade com 4 de água, que 10 dias depois já não achou.

Algum tanto distante e para a esquerda vê-se o túmulo chamado de José. Foi na propriedade que Jacob deixou a José no poço de Jacob, que a Samaritana encontrou a Cristo (S. João 4). Antes de aí chegar tinha eu visto a aldeia de Balata (Balua significa em hebraico carvalho) e como junto a um destes escondeu Jacob as imagens que se acharam em poder dos seus talvez fosse esse o lugar.

Aproveitei a parada ao meio-dia $\frac{1}{4}$ perto do poço da Samaritana para preparar-me para o temporal que nos atacava pela retaguarda. Felizmente não deu a chuva que eu temia. Depois passamos por desfiladeiro quase sempre de muito ruim caminho para o Uadi-Yetma do nome da aldeia onde nascera a mulher do infeliz Sedecias. Outro desfiladeiro conduziu-me ao Uadi-Luban em cuja frente pousamos às 4h Por um Uadi que se abre defronte do acampamento pode-se ir em $\frac{5}{4}$ de hora a Silo, onde esteve a arca mais de 300 anos e foi educado Samuel no tabernáculo. Os últimos Uadis da jornada também são cultivados. Na passagem entre o de Mocknah e o de Yetma mostrou-me Frère Lievin uns montículos de pedras que os árabes fazem quando do lugar se vê alguma mesquita — chama-se Meschal-Khid. O segundo Uadi pertencia à tribo de Efraim, que pronunciava o sin pelo sehin.

26 de novembro de 1876 — Acampei às 4h 25' do lado do N[orte] de Jerusalém e vendo por cima das muralhas da idade-média o monte das oliveiras.

Às 4 achava-me no Santo Sepulcro onde orei por minha filha, netos, irmãos, e todas as pessoas que estimo.

A igreja tem externa e internamente um aspecto venerando.

O árabe que se chama Yusef (José) el (o) Schelib (belo) não me trouxe ontem de noite a folha da cópia do Pentateuco Samaritano, nem veio o padre Bost para dizer missa esta madrugada. Antes de dormir traduzi o apólogo de Joathan de hebraico.

Partimos às 5 $\frac{1}{2}$ com fogaréus.

Na passagem do Uadi-Luban para o outro chamado Sin-Gille o caminho foi horrível. A liteira da Imperatriz quase que se esbandalhou, mas felizmente pôde sair dela e adiante tudo se pôs em ordem. Confesso que tive medo.

O Uadi-Sin-Gille é menos largo que o precedente, porém bonito e cultivado. Depois passamos o Uadi-Haramish (dos ladrões) estreito vale ou antes leito de torrente. Saindo dessa garganta descobrem-se montes mais ou menos altos de cada lado com diversas aldeias sendo a de Taibeh interessante, porque provavelmente foi a antiga Efram aonde retirou-se Cristo depois da ressurreição de Lázaro.

Chegamos a Beitine (Bethel e antes Losa), onde começara a tribo Benjamim e muitos fatos se passaram. Já existia quando Abraão veio da Mesopotâmia. Aí se separou ele de seu sobrinho Loth que foi para Sodoma e teve Jacob a visão da escada misteriosa, quando talvez se estivesse, como fazem os viandantes.

Não vi nenhum carvalho que pudesse chamar dos choros por ter sido enterrada debaixo dele Débora ama de Rebeca. Atravessei a aldeia e examinei os restos de uma igreja de uma só absida do tempo das Cruzadas.

Aproveitei a descida de cavalo para preparar-me para a chuva que ameaçava seriam 9h $\frac{1}{2}$. Foi boa prevenção porque caiu alguma chuva até a aldeia de El-Bireh (Beroth) onde N. Sra. e S. José voltando de Jerusalém deram pela falta de seu Filho.

Atravessando a povoação vi as ruínas de uma bonita igreja de 3 absides bizantina restaurada pelos Cruzados e de um hospital também deles. Existe perto uma fonte com piscina. Em todas estas fontes vejo sempre bastante mulheres, encontrando hoje uma muito bela e elegantemente enroupada. Parecia aí colocada para algum artista retrata-la.

Almocei e perto de 1 hora já com bom tempo segui viagem.

Os lugares notáveis que notei são El-Gib (Gabson) sobre uma colina longínqua e perto de outra com uma fileira de árvores, onde Josué mandou parar o sol, que a iluminava de segunda vez que a observei e a colina de Tel-el-Sonia (Gabaá) pátria de Saul e onde Respha conservou-se “desde o principio da colheita até que a água do céu caísse” sobre os cadáveres de seus dois filhos e dos cinco de Michel que os Gabaonitas tinham enforcado, afim de impedir que os animais devorassem esses corpos.

Vi em Filadélfia o belo quadro de um pintor francês representando essa cena. Enfim cerca de 3 ½ galguei o monte chamado Skopus e Jerusalém apresentou-se a meus olhos que um pouco se turvaram. Neste lugar Alexandre Magno saltou de seu cavalo ante o aspecto venerando do Grande-Sacerdote Jaddus 332 anos A.J.C.

À esquerda ainda longe sumia-se um pouco na depressão do terreno a cúpula escura do Santo-Sepulcro.

Desci uma ladeira de muitas pedras soltas; passei o vale de Josafá e deixando à direita um longo edifício talvez para peregrinos construído por Melle Morcoff, que à testa de milhares de cristãos foi em socorro de Serbas e, sendo presa ao despirem-se reconheceram que era mulher.

Entrei por uma grande porta, cuja arquitetura agradou-me e por debaixo de abóbodas de pedra e ruas estreitas e sujas apeei-me junto a uma pequena porta, que dá entrada para o pátio que precede a Igreja do Santo Sepulcro, aonde só fui orar. Os arredores de Jerusalém são muito acidentados e pedregosos, mas aproveitam-lhes qualquer terra para cultura.

Pouco mais de meia hora depois de El-Bireh vi eu no horizonte por cima das colinas a cúpula do estabelecimento russo que me fica perto do acampamento. Estava sófrego por cartas, mas apesar de minhas diligências, nenhuma recebi das que mais desejava.

Felizmente tive cartas de Mana Januária e da Condessa que não sei porque se lembra das brigas de quem é tão seu amigo.

Que bela noite de luar! Acabo de traduzir do hebraico o salmo 122 que pode exprimir os sentimentos dos que chegam a Jerusalém. Amanhã tenho de ir por Jericó até o Jordão e Mar Morto, porém já tive a felicidade de beijar o sepulcro de Cristo e 29 estarei de volta a esta cidade. Depois de Skopus vi restos da calçada romana e para a direita de Gabaá e bastante longe, Mamathaim-Sophim pátria de Samuel agora facilmente reconhecida pelo minarete no cimo da montanha.

27 de novembro de 1876 — Antes de tudo preciso de exprimir a beleza da planície de Jericó ao pôr do sol que dardeja e faz ressaltar as ondulações da faldas da montanhas de Moab que parecem os relevos de ouro de um finíssimo lavor de ourivesaria.

As águas do Mar Morto que descubro à direita e o campo verdejante dos espinheiros chamados dôm (não dôm) com um céu marchetado de nuvens dos mais variados matizes de azul completam o quadro.

Por detrás da minha tenda levantam-se as montanhas áridas mas verdadeiramente pitorescas, por cujos desfiladeiros cheguei até aqui. A mais alta é a que dizem ser a da tentação de Cristo pelo demônio, chamada Djebel-Kerontul (Monte de Quarentena). Tem no cume algumas ruínas de capela e em suas paredes numerosas cavernas em uma das quais vejo um muro com janela e é habitada por frades gregos segundo ouvi a Frère Lievin. Quando olho para as montanhas de Moab não posso deixar de lembrar de Ruth (amiga) e dos bons tempos em que traduzi esse idílio hebraico.

Levantei campo às 6 ½ da manhã. Acompanhei as muralhas de Jerusalém, reparando para a porta de Damasco por onde entrei ontem; dobrei a torre chamada de Godofredo de Bulhões por ter sido aí aberta a brecha que lhe deu ingresso na cidade; vi de longe as portas de Sto. Estevão e Auser e deixei à direita o túmulo pontegudo de Absalão.

Pouco antes das 7 via inferiormente nesse pequeno terraço o lugar da figueira amaldiçoada [*sic*] por Cristo e onde outra apresentava-me as folhas encarquilhadas.

Às 7 e quase ¼ estava em El-Arosieh (Betânia). Poucos árabes. Atravessei a aldeia para ir ao túmulo de Lázaro aonde cheguei depois de passar quase deitado de barriga para baixo por um buraco que abre para o vestibulo de onde se descem 5 degraus, havendo até esse 27. No vestibulo do lado direito de quem olha para a abertura do túmulo vê-se na parede uma porta murada que foi a antiga entrada tornando-se necessária a atual e a escada de 27 degraus por causa de uma mesquita que aí levantaram. O túmulo é quadrado e tem de lado 9 pés meus. Mostraram-me não muito distante deste lugar o da casa de Marta e Maria e mais longe está o da de Simão e Leproso. Tenho dúvidas sobre a colocação do túmulo de Lázaro por

achar-se contra os costumes dos judeus no meio da povoação sempre tida por Betânia. A 5 minutos pelo menos daí fui ver a pedra chamada do colóquio por ter Marta, encontrando aí Cristo vindo de além Jordão, lhe anunciando a morte de Lázaro. A leitura do Evangelho de S. João parece-me indicar um lugar muito próximo da casa de Marta e de Maria. A pedra do colóquio é pequena e surge pouco do solo apresentado de forma abaulada. É um pouco escura em relação às pedras próximas. O ponto importante que se segue é a fonte chamada dos Apóstolos por freqüentarem eles o caminho de Jerusalém a Jericó e ser a única fonte que nele se encontra. Com bastante água e boa, porém aparecem às vezes nela sanguessugas. Talvez seja a fonte do sal (Josué 18,18) nos limites das tribos de Benjamin e de Juda.

Depois de percorrer o Uadi-Sidr (espinho) desce-se uma colina e atravessando um plano ondulado onde Ibrahim-Pachá ganhou uma vitória aos Beduínos cheguei a Khan-el-Abmar. Há aí ruínas de um Khan construído por Ibrahim-Pachá sobre outro que ainda era muito falado no 14º século e sobre a colina que os domina descobrem-se outras de fortaleza considerável. Perto dessa colina onde há grutas e uma destas atrás de nosso acampamento, almoçamos. Depois li bastante e seguimos às 2 com bastante sol e calor depois de começar a jornada com alguma chuva. O caminho passa por uma garganta que, ora domina a torrente só de pedras, ora segue por ela. Desce-se rapidamente pois Jerusalém está 1171 metros acima do Mar Morto. No fundo do precipício à esquerda da estrada da qual me desviei vi as ruínas de uns arcos que ligavam as faldas opostas e do lado fronteiro mais para direita um pequeno convento cavado na rocha onde dizem que S. Joaquim pedira a Deus que interrompesse a esterilidade de Sta. Ana. Desembarquei na vasta planície de Jericó estendendo-se até o Mar Morto, que já descobrira ao longe durante esta jornada, assim como as montanhas de Moab, cujos cimos formam como diz Chateaubriand uma linha reta traçada pela mão levemente trêmula de um artista e antes de atravessar o seco Nahr-el-Kelt que nas águas interrompe o caminho e cujas margens são ornadas de canas de frecha e de doms, fui ver uma espécie de túmulos bastante alto onde se fizeram escavações achando-se ruínas de casas — Só encontrei perto dele um muro que me pareceu tesselado e em diversos pontos da planície pedras cravadas no chão como que de edifícios. Sessão da antiga Jericó que existia segundo dizem junto à fonte de Eliseu (Aint-el-Sultan = fonte do Sultão) muito abundante de água onde pousamos às 4h 35'.

Quanto ao Monte da tentação perto da cidade de Jericó quando os Evangelhos dizem que Jesus se retirara para o deserto não posso deixar de hesitar. Ao chegar à fonte de Eliseu vi outras alturas como aquela que chamei túmulos. Já encontrei a maçã de Sodoma (Solarum Sodomeum Lin). Tem espinhos terríveis.

As montanhas da Palestina são calcáreas e hoje observei nelas camadas de sílica apresentando curvaturas muito interessantes.

Talvez por causa da estação não tenho visto cobras nem escorpiões. Estes abundam no verão. Há lobos e raposas, muitos perdizes cailles e becasses.

28 de novembro de 1876 — Saída às 6. Amanhecia do lado das montanhas de Moab. Meia hora depois passava pela Jericó atual que se distingue somente por uma torre quadrada. Não muito longe está o sicômoro de Zaqueu, porém não vi. Até o Mar Morto encontrei montículos muito curiosos formados no rochedo calcáreo pelas águas e os ventos. Um parecia ter no cimo uma coroa imperial. Antes do Mar Morto há uma planície que deve alargar-se. Cheguei à praia às 8h ¼. O mar perde-se de vista rodeado de grandes montanhas. Do lado O. numa ponta que entra no lago estava Gomorra (Kherbet-Gumran ou el-Yoûd); uma légua para dentro achava-se Segol (Balo) (Ioêva); Sodoma (Esdom) no fundo para o lado do sul e Seboim (Kherbet-Sebaân) a 5 léguas da extremidade sul na margem oriental. Não se sabe qual o lugar de Adomah Também deste lado mostrou-me Fr. Lievin a direção do Monte Nebo (Bjebel-Nebû). Defronte da praia e a pouca distância vi uma ilha de pedras chamada Redjom-Luth Perto dela está metida no fundo a barca que serviu ao duque de Luynes para suas explorações; era movido a mão por meio de rodas e feito em França. Quando cheguei passava um bando de 15 marrecas. Apanharam-se 2 peixes mortos que terão sido arrastados pelo Jordão. A água é amargosa picante e oleosa ao tato. O vento parece agitá-la dificilmente. Há tempestades grandes nesse mar. A proporção dos sais é de mais de 26%. Abunda o cloreto de magnesium. O aspecto não é tão árido como pensava; é verdade que estou mais que habituado à aridez. Achei bastantes ramos na praia. Segui às 9 ¼. Ainda observei montículos com formas de guarita, fortaleza e outras e às 10h cheguei ao vau do Jordão que já tinha visto na planície. A barranca deste lado, o direito é alta; mas ainda mais do oposto havendo aí uma ponta de terra baixa. Neste lugar há às margens do rio árvores e bastantes arbustos, tamariscos a maior parte destes. A

correnteza é grande, sendo a largura e do Inhomirim nos lugares estreitos. Não tomei banho por conselho de Frère Lievin, porém lavei as mãos e colhi pedras e ramos. Almocei depois e vi passar peregrinos russos, que tinham-se banhado no rio. Pareciam camponeses. Ao retirarem-se viraram-se para o rio e benzeram-se diversas vezes à russa. Fiz 3 croquis do Mar Morto e deste lugar, onde dizem que o Batista batisou Cristo e Josué passou a pé enxuto com a arca. Para depois caírem as muralhas de Jericó ao som das trombetas.

Na planície de Jericó apanhei frutos secos de oskar ou Kharrub-el-usui (Kharrub do chacal) cujo âmago esponjoso serve de isca e outros (Zek-kum) de que se extrai um bálsamo bom para feridas. Não achei o *anhath* com seus frutos vermelhos cujo gosto dizem ser delicioso. Da maçã de Sodoma já falei.

A maior profundidade do Mar Morto é de 400m e seu nível está 400m abaixo do do Mediterrâneo. Pode-se considerar como o fundo do vale, que se estende desde o Monte Hermon até o golfo de Akabah com a extensão de 85 km.

Desde Jerusalém somos acompanhados por 6 beduínos da povoação de Arbusieh entre Jerusalém e o Mar Morto, dos quais 2 são filhos do Cheik Mohamed que está doente. Respondem pela segurança dos passageiros e do que lhes pertence na digressão do Mar Morto. O Cheik é uma espécie de senhor feudal desse território. Paga-se-lhes alguma cousa e já ou.. *[sic]* que o governo turco tolera-lhe isso a troco de dinheiro, como que lhe aluga o direito que se arrojam. Depois de Jerusalém tenho visto menos beduínos, também estão em muitas partes fugitivos por causa do recrutamento, achando-se a moderna Jericó (Riegha) quase deserta e seu aspecto é muitas vezes repugnante. Todo o sabão que se fabrica em grande na cidade de Naplusa tendo os resíduos formado pequenas colinas fora da cidade seria bastante para a barreira.

4h $\frac{1}{4}$. Depois do almoço e de ter escrito e conversado com Frère Lievin fui ver passar no vau do Jordão pouco acima do lugar do almoço. Os homens passaram-nos, eu arregaçando a camisa para não molhá-la tendo a carga à cabeça. Duas mulheres não duvidaram molhar as saias. A tarde tem estado belíssima e vim admirando os efeitos de luz nas montanhas sobretudo da Judéia que ontem ficavam-se pelas costas.

Perto do Jordão tornei a ver sobre uma das pequenas colinas restos de um convento de que fala Procópio secretário do Imperador Justiniano. Seguimos caminho direito e ficaram-me mais longe para a esquerda as ruínas de uma fortaleza da idade-média. Atravessei a aldeia de Jericó onde vi bastante gente encontrando os peregrinos russos, que soltaram muitos *hurrahs* ao verem-me. Passei entre plantações de vinhas e figueiras. Antes de Jericó tomei um pouco para a direita e fui ver o lugar Tell-Gehldjul (Ghalgal ou Galgala de Josué — 4,19) primeiro lugar da terra da promessa onde esteve a arca durante 6 anos de ser transferida para Silo. A Bíblia denomina esse sítio do Monte dos prepúcios por aí se circundarem *[sic]* os judeus pela primeira vez depois da saída do Egito. Aí achou-se uma pedra coberta de cruces que Fr. Lievin levou para o convento de S. Salvador em Jerusalém. Apanhei alguns tubos dos mosaicos da igreja que existiu nesse lugar. Ao chegar ao acampamento da fonte de Eliseu cuja água límpida murmurante encanta vi de novo as ruínas em que já ontem reparara chamadas Kherbet-Taūahin-essukkar (ruínas do moinho de açúcar). Os cruzados encontraram aí a cultura da cana de açúcar.

Na planície próxima ao Mar Morto observei esta manhã eflorescência de sal e o Mar Morto, desde que por lá andei pareceu-me que recuava, pois descia diversos planos sobrepostos apresentando-se assim a meus olhos sempre maior porção de lago. Antes de apear-me neste acampamento ainda fui ver uma excavação feita num dos montículos, que ficam por detrás das barracas, um resto de muralha, que parece muito antiga e pode-se imaginar ter sido casa de Rahab e a única não arrasada pelos israelitas comandados por Josué por ter escondido os espiões enviados por êle. Não tenho visto a chamada rosa de Jericó; a *anastática hierocuntica* de Lin, da família das crucíferas de 5 a 10 cm. de alto. Abre-se depois de estar de 5 a 6 horas na água. Outra que na idade média reputaram rosa de Jericó e que M. de Saulcy encontrou é semelhante a uma grande *pâquerette* e a família das *radiadas*. Nenhuma pode ser a de que diz o Eccl. 24,18 — “Levantei-me como a palmeira de Cades ou a roseira de Jericó” — Quando me apeei no acampamento achei um chacal que tinham morto com uma pedrada. Antes do jantar li diários franceses e acabado aquele conversei Vou ler ainda e dormir, que tenho de partir às 5 $\frac{1}{2}$ da madrugada. Está uma bela noite de luar. Os chacais já uivaram, o que sucedido quase todas as noites.

29 de novembro de 1876 — Saí às 5 $\frac{1}{2}$. A Imp. como não podem ir as liteiras a S. Sabbas e mesmo não entram Sras. no convento segue o caminho de antes de ontem partindo mais tarde. Tomei a direção das montanhas da margem O. do Mar Morto que depois de nascer o sol pareceu-me duas vezes, onde este batia por entre algumas nuvens chumbo derretido.

Antes de chegar a Nebi-Mussa lugar do túmulo de Moisés para os Muçulmanos passei por uma quebrada onde as pedras eram na superfície brancas como as calcáreas de que se compõem estas montanhas e por dentro pretas com cheiro de betuminoso. Parece-me que se tornam brancas ao contato do ar. Também havia sobre o solo inumeráveis caramujos de uma espécie que dizem própria da localidade. Precederam a Mesquita de muito longe, como se lhe seguiram numerosos montículos de pedras (os meschakids), mesmo onde minha vista não descobria mais a mesquita. Acha-se esta sobre uma elevação. Nada tem de notável senão o ser uma das 3 mais veneradas; as outras duas são as da Meca e de Medina. Todos os anos partem peregrinos de Jerusalém por nossa Sexta-Feira Santa, com grande aparato até oficial. O oficial que comandava o piquete e talvez quisesse aproveitar a minha demora aí para também visitar a mesquita com os seus soldados arranhou tudo para que eu aí entrasse embora o chefe dos beduínos que me acompanham ficasse escandalizado dizendo que receiava que o castigo do céu caísse sobre ele, mas acomodou-se ao declarar o oficial que ele próprio tomaria sobre si todo o castigo. Os soldados fizeram suas abluções e prostraram-se ante a tumba coberta de doce e manto verdes sendo este bordado de ouro e colocado sobre outros 8 cobertas de diversas cores. Segui pouco depois das 8 tendo aí chegado às 7 ½. O caminho daí até perto de S. Sabbas é terrível, atravessando-se gargantas horrivelmente pitorescas, descendo-se quase que por uma parede de pedra e trilos distantes quase só a largura do cavalo de medonhos precipícios. O cavalo de Fr. Lievin escorregou e quase foi parar no fundo de um abismo. Ao chegar ao convento caminha-se ao longo do Cedron, cujas ribanceiras de pedra em camadas mais ou menos contorcidas tem centenaes de pés de altura. Agora não havia pingo d'água, mas depois de alguns dias de chuva enche 50 metros. Os edificios do convento estão agarrados à ribanceira direita do rio que se lança do Mar Morto. Depois de almoçar descí longa ladeira calçada em degraus e outros de pedra e corro todo o convento. Receberam-me com repiques desde que me avistaram e à entrada com duas tochas acesas. Os frades que são 60 estavam me esperando. O que mais me agradou no convento cuja regra é a de S. Basilio — são gregos cismáticos — foi como os melros que se abrigam nos buracos da ribanceira oposta vêm comer na mão dos frades. Visitei a gruta de S. Sabbas com a capela do Santo e a cavidade onde o leão vivia com ele, a sepultura dele cujos ossos se acham em Veneza é a do ilustrado S. João Damasceno com sua capela, onde se vê através de uma grade a boca da gruta onde o Santo vivia. Num pequeno quarto havia manuscritos dos Evangelhos e dos sermões de S. Gregório Nazianzeno, mas o mais antigo dos Evangelhos, do século 10º está na biblioteca do Convento de S. Salvador em Jerusalém. Custou a obter do frade que falava francês que deixasse o Henning examinar a outra coleção de livros de uma torre onde ele achou alguns manuscritos apesar do frade asseverar que só existiam impressos. Tal repugnância poder-se-á explicar pela vergonha que eletenham de não haverem aproveitado por ignorância as riquezas literárias que possuem. Referem que essa torre fôra construída pela Imperatriz quando procurara Sto. Eutimio mestre de S. Sabbas. Aquelesanto não queria falar a uma mulher principalmente sendo eivada do eutiquianismo. Fiquei, mas outro frade o persuadindo da necessidade de converter Eudóxia volta o consente em falar à Imperatriz nessa torre fora dos muros do convento. A outra está mais arredada e vi tirar água dela, coisa que falta às vezes de todo durante muito tempo, só a havendo de cisterna nesse lugar. A que bebi era muito boa. O convento é, por assim dizer, um *meschakid* de edificios aproveitando as anfratuosidades e grutas do rochedo. Até fizeram casinhas de madeira iminentes ao precipício e em pequenos ressaltos do rochedo, que cobriam de terra trazida em sacos, plantaram nela algumas flores e arbustos. Num canto mais abençoado levanta-se uma palmeira bastante alta, mas que se curva para trás como que precisando do encôsto na parede. Os frades deram-me doce para a água e café e à 1 ¾ parti. O caminho daí por diante não é tão pitoresco. Às 3 ¼ já via Jerusalém, subia sempre mais ou menos atravessando diversas vezes o Cedron ou seguindo para dentro de Jerusalém. Deixei à direita o vale de Siloeh com a aldeia deste nome na encosta da montanha e costeando à esquerda aquela sobre a qual se veem os restos de um edificio que se acha no campo de Haceldama e uma escada de um túmulo onde disse-me Fr. Lievin existir uma inscrição grega aproximei-me dos muros de Jerusalém onde está a torre de Mariana com seu tope de forma de tiara e a porta de Jafa defronte da qual acampam peregrinos creio que ingleses pelo *How do you do Sir* que me dirigiu um deles ao avistar-me e entrando a porta de Damasco, hospedei-me na casa austríaca de bela aparência com capela, mas onde, para chegar da rua a meu quarto preciso subir 82 degraus.

Achei cartas do Rio e de amigos meus. Que pena me causou a notícia da morte de José Sequeira, amigo de mais de 30 anos! Sirva minha oração pelos amigos de lhes dar a felicidade que lhes desejo. Hei de repeti-la amanhã no Santo-Sepulcro.

Antes que me esqueça de todo falarei do costume que há de reservarem em todas estas povoações, mesmo aldeias, uma casa que chamam Medafé para abrigo dos viajantes. Senti que o tempo não me permitisse completar a minha digressão na Palestina subindo o Nebo de onde os judeus viram pela primeira vez a Terra da Promissão e asseverou-me Fr. Lievin que se descobre Jerusalém.

30 de novembro de 1876 — Saí às 7 pela porta de Damasco e corri as muralhas que foram aumentadas por ter crescido a cidade no tempo de Herodes Agripa para afastar a povoação de um morro fronteiro cortou um largo caminho no rochedo. Notei a entrada de um subterrâneo por baixo da cidade que se estende até 800m dizem alguns e uma ponta de rochedo para o lado das muralhas, que parece cabeça de ponte sobre o caminho de que falei. Passei pela torre de Godofredo de Bulhões defronte da qual a depressão creio que do fosso ainda é profunda — fica a N. E. — e notei todas as portas, duvidando pelos ornatos de que a Áurea seja do tempo de Herodes o Grande, atribuindo-a antes a Justiniano apesar dos argumentos em contrário de Fr. Lievin e entrando pela estercoraria (?) que me levou a um lugar cheio de cardos. A chegar ao ângulo das muralhas que se segue à porta Áurea fez-me Fr. Lievin observar grandes pedras — algumas de 7 metros de comprido — muito bem faceadas e com alguns vão tapados por pedras menores, que ele julga do tempo de Salomão e parte das muralhas da cidade que formava um lado do palácio dos Reis que, segundo a Bíblia, devia estar perto do templo, que ladeáramos antes ocupando o lugar onde se acha a Mesquita de Omar. Depois acompanhamos as muralhas que continuam a cercar o monte Moriah e cercam em parte o Monte Siob que sai para o lado onde se vê sobre essa ponta o lugar do Cenáculo. À esquerda tinha-me ficado o vale de Josafã entre a colina de Onhel e a montanha das oliveiras e o chamado dos Queijeiros (Tyropocion) entre aquela e o Moriah Passei pela torre quadrada de Davi junto à qual está a porta deste nome ou de Sion e entrei pela de Jaffa ao lado do Ocidente atravessando a cidade até o meu hospício. Almocei pouco depois das 9, li diários franceses até 15 do corrente e às 10 ½ fomos à Igreja de Sto. Sepulcro.

Ouvi missa, por alma de meu amigo de mais de 30 anos José de Sequeira na capela do Calvário e depois corri todos os Passos da Via Dolorosa. O Pretório estava onde hoje se acha um quartel. Que violências não continuam a praticar os exércitos! Dei uma pequena volta para ver o lugar da escada cujos sinais se notam no muro. Passei por baixo do arco do Ecce Homo que se liga ao edifício elegante do *orphelinat* do padre Ratisbonne e cheguei ao terço passo da 1ª queda de Cristo indicado por duas colunas deitadas no chão — gastando cerca de 7 minutos desde o Pretório.

Encontro da Virgem no cruzamento de 2 ruas perto de um arco. Auxílio do Cireneu. Indicado por uma pedra no muro à esquerda. Verônica — Indicado por um pedaço de coluna encravado na calçada. Apontam para o lado esquerdo como devendo aí estar a casa de onde saiu a mulher que enxugou o rosto de Cristo. **2ª queda**. Indicada pela porta Judiciária por onde dizem sair Jesus da cidade. Mediana outros 7 minutos desde a 1ª. *Filhas de Jerusalém não choras etc.* (S. João 19, 27). Indicada por um buraco numa pedra do muro à esquerda do convento de S. Corolambos (?). Perto de uma porta pequena dando para o átrio da Igreja de Sto. Sepulcro. Cerca de 9 minutos da 2ª. As outras 5 são na Igreja do Sto. Sepulcro, para qual subi 18 degraus na rua tendo descido um e também a inclinação da rua. Entrando na Igreja do S. Sepulcro ainda subi 18 degraus até a capela do Calvário. Defronte do altar à direita Cristo foi despido! mais para o lado do altar pregado na Cruz; sob o altar da esquerda fincou-se a cruz onde se vê um orifício circular numa chapa de mármore; defronte do altar do meio foi descido da Cruz e no centro sob a grande cúpula da Igreja foi deposto. À entrada da Igreja há uma pedra de cor rosada onde Cristo foi ungido antes de ser sepultado. Defronte do altar do meio na capela do Calvário mostra-se uma fenda no rochedo, que se faz notar ter-se aberto em sentido perpendicular às camadas da rocha por efeito do terremoto. Há muitas capelas em torno da do Sto. Sepulcro, que pertence aos gregos cismáticos, cujo belo coro com a sede do Patriarca deles está fronteiro à porta daquela capela, para a qual se entra por uma porta estreita e baixa que dá para um pequeno vestibulo onde está sobre um pedestal perto da pedra que o anjo removeu da boca do sepulcro, onde se entra por uma porta de ainda menores dimensões que a primeira e que se vê muito bem tem sido aberta na rocha. O sepulcro que é muito simples de pedra lisa amarelada creio que pelo templo, está encostado à face esquerda do rochedo para quem entra. Desci por 27 degraus à capela de Sta. Helena para que se entrava outrora por uma porta externa e vi o lugar onde ela orava, quando se procurava a cruz na cisterna onde descí também por degraus de pedra e existe um altar. Não enumero as capelas que rodeiam o Sto. Sepulcro porque constam de qualquer guia e nada achei nelas de notável. Só na

capela do Calvário é que vi uma deposição do pintor Huymans de Antuérpia e outro quadro, creio que cópia das cabeças da Virgem e de Cristo em seus braços da pintura de Ary Scheffer, que pareceram-me bons trabalhos artísticos.

Depois fui ver os lugares das casas de Annah, sogro de Caifás onde se mostra aquele em que Cristo foi esbofeteado; de Caifás com um pátio onde S. Pedro renegou Cristo — apanhei folhas aí — a grande igreja dos armênios não unidos onde vi o túmulo de S. Tiago Maior estando a cabeça do Santo no altar-mor e seu corpo na Galiza e perto dela um museu que nada tem de importante e em cuja sala vi os estudantes de um colégio que elas fundaram e cujo mestre de francês, segundo este declarou que o é, mal arranja algumas frases dessa língua; outra menor da mesma religião e ambas por causa dos dois referidos lugares onde há capelas mostrando-as no segundo a prisão de Cristo antes de levado ao Pretório. O cenáculo, de que existe só o lugar, tendo já existido aí uma igreja bizantina ocupada depois pelos franciscanos, de que restam a abóboda e colunas, de que algumas tem capiteis com a figura de um pássaro bicado no peito por outros dois laterais — um pelicano certamente — havendo à direita uma escada que sobe por uma espécie de casa de oração com um túmulo de aspecto muçulmano que chamam de David; passei perto de um terreno no qual é tradição que morreu a Virgem em casa de S. João e entrando pela ponte de Sion recolhi-me ao meu hospício. Depois do jantar li e falei com o Padre Ratisbonne cuja fisionomia é bem judaica e pareceu-me afetado em seus modos e vaidoso de sua longa barba bastante grisalha dos trabalhos por que tem passado disse-me eleacariando-a com a mão e com o superior dos Franciscanos, Fr. Gaudenzio da Matellica, bom arabizante que ficou de enviar-me sua gramática árabe em italiano. Também me procurou o Patriarca à hora do jantar. Não tem ares do cargo e fala adocicadamente. Finalmente tenho lido e preciso de descanso.

1 de dezembro de 1876 — Às 7 saí e em 10 minutos estava no adro da Igreja do Sto. Sepulcro. Do lado fronteiro à igreja onde existia a porta que dava para o hospício dos cavaleiros de S. João há socos de colunas que indicam um pórtico de arcos repousando sobre as colunas. Sobre as portas da Igreja há baixos-relevos repousando cenas da vida de Cristo próximas à Paixão e as virtudes perseguidas pelos vícios sob a forma de monstros. O alto da pedra que cobre a capela do Calvário dista do chão da igreja 4m 5. Meti a mão e o braço pelo orifício que indica o lugar da Cruz e no sentido do altar não encontrei o rochedo e só do lado direito, havendo no fundo uma pedra de mármore assim como do lado esquerdo. O orifício circular existe só no mármore que sob o alto cobre esse vão do rochedo. Procurei rodeá-lo o mais possível e para o lado de detrás depois de subir bastantes de degraus que me colocaram cerca do nível do orifício circular achei um poço que pela corda da caçamba calculei pouco mais ou menos que descia abaixo do chão da Igreja do St. Sepulcro. Este distará 30 metros do Calvário e está muito mais perto do lugar que já visitara ontem dos sepulcros cavados no rochedo, que chamam de José de Arimatéia, custa a despir estes lugares das vestes de pedra e cal que sobre eles se tem lançado desde Sta. Helena mas pelo que pude reconhecer devia ela ter cortado muita pedra para nivelar tão grande espaço. Na volta para casa mostrou Fr. Lievin a muralha de grandes pedras que elecrê ser uma das torres do 2º recinto aquém do Sto. Sepulcro. Deveria elecompreender uma cidade muito menor que a do tempo de Herodes o Grande que construiu a muralha mais externa, ou 3º recinto. Às 11 fomos ver a Igreja da Flagelação. Um fragmento da coluna existe numa das capelas da Igreja do St. Sepulcro, depois seguimos para o túmulo da Virgem ao sopé do Monte das Oliveiras. Desce-se à capela por uma larga escada de 48 degraus e à direita está num vão estreito para o qual se entra por uma abertura estreita e baixa o túmulo muito simples. Sta. Helena fez cavar o rochedo em tórno do vão do sepulcro, de modo que ficou um pequeno rochedo dentro de um grande igualou tudo artificialmente e cobriu as abóbodas de pedra. O Santuário é muito escuro apesar das lâmpadas e infunde profundo sentimento de veneração. Na altura do 24º degrau há do lado direito um vão com os túmulos de Sta. Ana e de S. Joaquim, e do esquerdo outro com o túmulo de S. José que dizem enterrado em Nazaré onde não há aliás vestígios disso. Depois entrei na grande gruta da Agonia no hórto de Getsemani onde há uma capela; vi depois as oliveiras — são 8 — mais antigas, que cercaram de um jardim com grade de ferro feita à custa de uma senhora russa e uma cisterna no centro, construída em 1873 a expensas de Adelino Wehlan dos Estados Unidos. Continuando por um caminho extra muros de pedra sêca para a direita de quem sobe do hórto esbarra-se num canto onde dizem fôra o beijo de Judas, e S. Pedro cortara a orelha de Malchus. Mais para cima e esquerda veem-se umas pedras onde dormiam os Apóstolos. No alto do Monte há um muro com colunas encravadas, de que alguns tem capiteis com grifos, em cujo centro existe uma pequena mesquita redonda onde se mostra o cabeço de uma pedra de onde Cristo subira ao Céu. Há nela como o sinal de um pé que dizem ser pegada de Cristo. Os muçulmanos veneram muito esse lugar e creem que Cristo prevendo sua morte trocara sua

aparência com a de Judas que fôra o crucificado. Subi ao minarete de onde a vista é belíssima e faz-se bem idéia do plano de Jerusalém da direção do 2º recinto segundo Fr. Lievin. A cidade não teria assim no tempo de Cristo quase todo o que vai de N.N.E. até S.S.O. Acho demais e Flávio José fala de 600 mil habitantes. Visitei depois o Pater da Princesa de Latour d’Auvergne. É uma espécie de claustro no estilo do Campo Santo de Pisa em cujas paredes lê-se o Pater em 32 línguas e vê-se num para assim dizer capela reintrante o túmulo onde ela há de ser enterrada com sua estátua deitada de mão cruzadas sobre o peito meias sem sapatos e coroas aos pés. Tem ar risonho e é obra de mármore muito bem feita. Dizem que não gostou do jeito que lhe deram à ponta do nariz. Não é bonita. Sobre a parede do fundo está escrito em italiano à direita e à esquerda em francês o que Botta diz no livro 17 de sua História da Itália sobre o Conde Bossi pai da Princesa, que se chama Aurélia Bossi. Fui à capela onde vi pinturas a óleo medíocres — sendo a Virgem a menos má — feitas pela Princesa que também é música e toca o órgão da capela quando está aqui. Acha-se em Paris há 18 anos e duas freiras de Sta. Tereza, que vieram falar-me a uma grade cheia de puas de ferro, que furaram-me quase os olhos, porque eu queria ver, disseram-me que a Princesa tendo dado tudo à freiras ficara só com uma casinha de vivenda muito incômoda. Supus que fosse desculpa piedosa. Ainda descí a uma cisterna onde se diz que os Apóstolos fizeram o Credo e que a princesa descobrira e arranjara colocando aí um altar. Por isso na porta principal da entrada para o estabelecimento lê-se do lado direito de quem entra *Pater* e do esquerdo *Credo*. Jesus Cristo ensinou segunda vez o Pater no monte das oliveiras. Daí fomos a casa do arquiandrita onde mora Me^{lle} Solkoff de Moscou para ver um belo mosaico que se encontrou no chão onde está a sala. Representa animais e contém uma inscrição em armênio. Também muitos túmulos numa gruta perto da casa parecem armênios por uma inscrição. Não conheço a sua língua, mas também não entendo por truncada uma inscrição grega na gruta artificial do túmulo da Virgem e nem mesmo ler outra na subida do Monte das Oliveiras. Não muito longe daquela vi uma pedra onde dizem a virgem aparecera a Sto. Tomás depois de sua Assunção, quando ele procurava no seu túmulo e lhe dera seu manto. Da casa do arquiandrita, tendo entrado antes no túmulo de Sta. Pelágia, para que se descessem alguns degraus estando a gruta cheia assim como o túmulo de palavras em hebraico, fui ver o túmulo dos profetas. Entrei quase deitado de costas para saber por onde passava uma gruta alta e com diversos corredores cavados na rocha e contei 32 aberturas de sepulcros. Um esbroamento [*sic*] de terra talvez ocultasse outras. Saí de gatinhas, mas felizmente só não me pude resguardar de ramos espinhosos sobre o chão à entrada da gruta. Tomando em direção à porta estercorária fui por ela e o interior da cidade até a muralha da cidade que forma parte da Mesquita de Omar, sobre o Monte Moriah e no lugar do antigo templo. Estava a rua cheia de judeus que rezavam voltados para a muralha. Alguns, sobretudo mulheres soluçavam realmente e vi judeus respeitáveis por sua aparência agitar o corpo, dando mesmo saltinhos, o que segundo me disse Fr. Lievin simboliza os movimentos sobre os burros e camelos dos ismaelitas quando iam do Egito para a Terra da Promissão. Custou-me a suster o riso, apesar de compungir-me o arrependimento dos judeus que creem ver-se privados de seu antigo templo por causa de seus pecados. Antes de chegar a esse lugar vi pela primeira os sinais das duas cabeças da ponte que ligava os Montes Moriah e Sion. Numa delas Tito à frente de seus soldados intimou os judeus que ocupavam ainda o Monte Sion que se rendessem e na outra Herodes Agripa procurou acalmar os judeus revoltados contra os romanos. A ponte tinha bastantes arcos de que Fr. Lievin disse-me achara vestígios. Trouxe lembrança dos lugares mais importantes. No convento de Sta. Tereza do Monte das Oliveiras deram-me a fotografia da Princesa de Latour d’Auvergne.

2 de dezembro de 1876 — 9h Confessei-me entre 6 e 7 na Igreja do Sto. Sepulcro e depois comunguei perto deste sobre o qual se disse a missa. Peço perdão de todas as ofensas feitas sobretudo as pessoas que mais estimo. Já dei meu passeio com Fr. Lievin e vou almoçar.

Depois da missa vi as ruínas do antigo hospício de S. João com suas abóbodas, cisternas muito profundas e vastas e abside de uma igreja. A porta que deita para a rua tem na frente do arco os sinais do zodíaco. Levei algum a tudo examinar. Esse terreno pertence ao Imperador da Alemanha tendo sido dado pela Turquia na ocasião da visita do Príncipe Imperial da Alemanha, mas o Imperador pagou 20.000 fr. A capela tem vidros de cor com as datas creio que de 7 de janeiro de 1859 e 14 de julho de 1861. O conservador é um alemão Adolph Mepagen que já me conhecia de quando formou parte do contingente de soldados alemães contratados por Sebastião do Rego Barros por ocasião da guerra contra Rosas em 1851. Às 11 fui a Belém onde cheguei à 1h De caminho à esquerda vi uma colina chamada do *Mau-Conselho* por ter aí Caifás sua casa de campo onde se resolveu a morte de Cristo. Segui o vale dos Raphaim (Gigantes) onde David bateu por diversas

vezes os filisteus, vendo ao longe à distância sobre uma colina um aldeia onde David quando menino foi levar comida aos irmãos que pelejam contra os filisteus e que pouco dista do lugar onde ele matou Golias. Também vi desse lado o lugar onde dizem estava a casa de Simeão. Passei pelo túmulo de Raquel que está dentro de uma mesquita que se achava fechada e por perto do convento de Sto. Elias que é um grande edifício. As vizinhanças de Belém não são muito plantadas de oliveiras, de que muitas foram doadas ao convento dos franciscanos para óleo das lâmpadas do santuário da Natividade. Há nesse convento uma basilica de duas fileiras de belas colunas cada uma de 10, onde me disse Fr. Lievin que havia às vezes mercado e para fundo está a igreja grega cismática de onde se entrou por uma escada de pedra na gruta da Natividade onde vi um com a designação sobre o solo do lugar da Natividade e perto outra capelinha com dois altares fronteiros o da direita do Presepe e o da esquerda da adoração dos Magos. Seguem-se a esta gruta a sepultura de Eusébio de Cremona discípulo de S. Jerônimo a gruta onde se acham fronteiros os sepulcros de Sta. Paula do lado da gruta da Natividade e de S. Jerônimo e para a direita e para diante aquela onde o Santo estudava. Quebrei com um martelo uma ponta de pedra da parte superior da gruta dos túmulos dos dois amigos e guardo os fragmentos da rocha. Antes do convento fui à cisterna de David, cuja água ele apetece quando acampado com seu exército junto à gruta de Odollano. Há ao pé outras duas (Biar-Daüd - poços de Davi) onde dizem que existia a casa do pai de David. Do convento fui à Gruta do leite onde é tradição que a Virgem se refugiara sabendo da perseguição dos Inocentes deixando cair aí gotas de leite amamentando seu filho; o lugar chamado Casa de José onde só se vê a absida de uma muito pequena capela e dizem pertencera ao esposo da Virgem a ele habitara antes do seu casamento, alugando-a depois, o que o obrigou a ir pousar no Presepe — que terrível caminho até aí! — e atravessando o campo de Booz, onde colhi umas florezinhas em memória de Ruth da terra de Moab, cujas montanhas descobria no horizonte, havendo visto um cantinho do Mar Morto durante o caminho passei por perto de Bait-Sahûr (Casa dos Pastores) e cheguei à Gruta dos Pastores, a que desci por uma escada até a capela no interior dela e onde dizem que o anjo anunciara o nascimento de Cristo. Dista 20m. de Belém. Esquecia-me dizer que no interior da gruta da Natividade há muito mármore e telas, sendo uma com passos da vida de Cristo pintados e incombustível (?), segundo me disse Fr. Lievin dada pelo governo francês. Pouco depois de ter saído Jerusalém vi a piscina superior que é muito vasta e perto da qual Isaias disse que: *O Filho da Virgem?* Gastei na volta 1 ½. A tarde estava muito agradável. Chegando ao hospício jantei a visita do Cônsul francês Patremônio, que muito me agradou — é corso — e tendo sabido da chegada de Mme. de Vaux por uma carta desta fui à Casa Nova hospício dos franciscanos. É senhora muito inteligente e agradável. Falamos muito do General Morno e dos negócios do oriente sobretudo em relação à educação do povo. Estou bastante cansado e vou dormir.

Tive diversos telegramas de parabéns.

3 de dezembro de 1876 — Das 7 às 9 vi a gruta de Jeremias perto da porta de Damasco fora da cidade. É muito vasta e descem-se degraus até ela e depois continuando na direção do Norte fui até os chamados sepulcros dos Reis. Entra-se por uma abertura numa parede de rocha num recinto retangular. Voltando à esquerda dá-se com o rochedo tendo na frente uma cornija de baixos-relevos sobretudo de cachos de uvas. Por baixo dessa saliência superior está a entrada para os sepulcros, vendo-se antes dela a borda de uma espécie de poço agora entulhado e à esquerda uma corredeira por onde escorregou a pedra de fechamento, de ambos os lados há na rocha chafaduras onde descansavam lajes que nivelavam o terreno da entrada que ficava assim de todo tapada. No interior há dois andares não em toda a extensão com câmaras, onde ao rez do chão se abrem os sepulcros, ou há, como vi em duas, ressaltos feitos na rocha e numa dois destes sobrepostos, todos de comprimento de um corpo regular. A maior parte dos sepulcros tem regos de seção retangular cavados no chão e no fundo uma pequena câmara. Custa muito a ver tudo por causa das passagens muito baixas e estreitas. No andar inferior achou Mr. de Saulcy um sarcófago com inscrição e já antes parece que o haviam achado pois estava oculto com ele por uma continuação artificial do rochedo um diário inglês. O sarcófago pelas dimensões da entrada da câmara só aí podia ter sido lavrado. Os turcos já estão tirando pedra da parede de rocha à entrada do recinto, que precede a abertura de entrada para os sepulcros. Das 11 até 5 ½. Visitei o Convento do Salvador pertencente aos franciscanos. Ensinam a 140 meninos. Estive outra vez na Casa Nova para subir ao terreno de onde se goza bela vista. Depois fui visitar o patriarca que tem muito boa casa com uma igreja de risco que me agradou, assim dissesse o mesmo dos ornatos; sobretudo de tantos sonatos pintados no teto. Na casa há o seminário onde se ensina desde as primeiras letras a

uns 60 meninos e rapazes. Não gostei da expressão atoleimada de grande número deles. Seguiu-se o estabelecimento das Irmãs de S. José com cento e tantas alunas e enfermarias de ambos os sexos. Tem farmácia e sala de banco para todos que lá vão, assim como o Convento do Salvador.

Visitei o estabelecimento russo para abrigo somente de mais de 1000 peregrinos com bom hospital, tendo visto no edifício destinado para os eclesiásticos uma espécie de museu onde há uma bela cabeça de mármore com um diadema em que se vê, sobre a testa a imagem de uma água. Foi achada perto dos sepulcros dos Reis. Há um busto da ilha de Chipre com inscrições dignas de exame. O arquiandrita gosta de astronomia e há uma espécie de observatório que não vi pelo que me disse o Cônsul russo.

O que há de mais notável no terreno desse estabelecimento é uma imensa coluna que ainda não se acha destacada do rochedo onde a lavraram. Pode-se supor ter sido começada para o templo de Salomão. Fui ao colégio alemão com bastantes meninas e bem arranjado como o de Beirute administrado também pelas diaconisas. A inscrição no frontespício da casa muito bem situada, como o estabelecimento russo e elegantemente construída muito me agradou, diz: *Talita-Kumi* — rapariga levanta-te — palavras de Cristo quando ressuscitou a filha de Jairo. Achei neste colégio uma ex-discípula do de Beirute que falava bem francês e parecia muito inteligente. Enfim fomos às Dames-de-Sion do Padre Ratisbonne. A casa é muito bem situada, aproveitando todo o espaço possível. Educam-se aí em S. João das Montanhas 140 meninas e meninos e tem hospital e farmácia como as de que já falei. A capela aproveitando em suas paredes os restos do arco do *Ecco Homo* e de muralhas antigas, assim como fazendo o frontal do altar de lajes de *lithostratos* de que falam as Paixões dos Evangelistas é de muito gosto. Tem uma belíssima estátua de Cristo no *Ecco Homo* e um quadro creio que também do *Ecco Homo* de bastante mérito feito por um artista belga. Cantaram acompanhados de harmonium com verdadeiro sentimento religioso. Também aí vi a escrita da abóboda muito bem feita e duas passagens de abóboda subterrâneas, de que uma parece que vai quase até a mesquita de Omar. Interessou-me muitíssimo toda essa visita. Ainda antes de voltar ao hospício saindo pela porta de Sto. Estêvão passei pela fonte de Sioleh, no rochedo, a que se desce por duas escadas; uma depois da outra, de 18 a 16 degraus e cuja água corre para uma piscina regando depois diversos terrenos bem cultivados de hortaliças. Jantei às 6 e depois tive a visita de Mme. de Vaux e conferenciei com os cônsules de França e da Rússia — os outros não vieram — sobre uma idéia minha de que falarei amanhã. O Bom Retiro tem estado desde ontem mais atacado da gota no joelho esquerdo. Não pode estar senão deitado e imóvel.

Deixei de falar ontem de um aqueduto feito de pedra e na pedra ao rez do chão que vi no caminho para Belém que traz água, quando a há, desde uma légua além daquele lugar até o interior da Mesquita de Omar. Servia para as abluções do Templo creio eu.

4 de dezembro de 1876 — Das 7 às 9 fui ao Convento dos gregos cismáticos de Sta. Cruz a 20 m daqui. Queria ver manuscritos, mas não os achei curiosos a não ser uma liturgia escrita em pergaminho que se enrolava e com letras maiúsculas de figurinhas pintadas que disseram ser do 9º século. O dos Evangelhos e também deste século ou do 10º. Visitei a igreja que é muito curiosa do templo do Imperador Heráclius que a fez erigir para aí ter crescido a árvore de que se fez a Cruz — mostra-se sob o altar o orifício circular indicando esse lugar — ou acampado depois de ter derrotado os persas e retornado a Cruz. Das 10 ½ até depois das 6. Visitei a Mesquita de Omar. Vi primeiro os restos do rochedo sobre o qual estava a torre Antônia e que Herodes o Grande mandara arranjar *[sic]* dando mais um ângulo ao retângulo ocupado pelo templo e seus anexos não se lembrando da profecia popular de que seria aquele destruído quando tivessem 4 ângulos. A Mesquita é suntuosa internamente por seus dourados e pinturas porém muito sobrecarregada de ornatos. O cabeço do rochedo do Monte Moriah onde se diz que Isaac ia ser sacrificado por Abrão acha-se no centro da Mesquita, mas cercado. Por baixo dele veem-se pedras com lindos ornatos encaixados na parede que sustenta o cabeço indicando uma o lugar onde rezava Salomão e outra aquele em que Davi rezava. Também há aí o lugar de Elias e de Mafoma. As tradições árabes são muitas e algumas extravagantíssimas, como p.e. os sinais no cabeço do rochedo das unhas do arcanjo Gabriel que segurou no rochedo para elenão acompanhar Mafoma quando elesubiu ao céu montado na jumenta *El-borak*. Também se mostra as pegadas de Mafoma e de Cristo e perto o escudo de um tio do profeta. Segui para a Mesquita El-Aksah atrás da outra que ocupava o lugar do templo como esta o da vivenda das mulheres que trabalhavam para o templo. Mostram aí um retângulo pintado de preto sobre o muro que se deve tocar com a mão andando para elede certa distância e de olhos fechados, se

quem o faz tem de salvar-se — tentei-o e toquei a parede à direita — e duas colunas entre quais passa quem deve salvar-se mas desisti por causa do meu diâmetro. Felizmente Fr. Lievin disse que também se salvaria quem passasse entre outras duas colunas mais separadas uma da outra e eu passei, com muita alegria do chefe da Mesquita de Omar, homem inteligente que fala o árabe tão claramente que meu hebraico fazia-me entender a significação de algumas palavras.

Por baixo da Mesquita de El-Aksah há uma vasta abóboda com duas belas colunas que parecem do tempo de Herodes o Grande. Também se desce a um lado daquela mesquita até um vastíssimo espaço onde contei 12 galerias de abóboda com pilastras e arcos na direção N.S. mais ou menos extensas e terminando três portas muradas de que já falei tratando de meu passado em torno às muralhas. No tempo das Cruzadas acomodaram-se nestas galerias 3000 animais entre cavalos etc. e alguns as chamam estrebarias de Salomão. Antes de sair do recinto do antigo templo e suas dependências vi a porta Áurea por dentro com duas belíssimas colunas, cúpulas e ornatos mais belos que seria uma entrada suntuosa para o templo. Os orifícios para os gonsos dos batentes são muito grandes e indicam a grandeza deles. Por esta porta entrou Heráclius com a Cruz reconquistada. Saindo pela porta de Sto. Estêvão, que alguns dizem não indicar o lugar próximo do apedrejamento do proto-martir, que morrerá noutro lugar que Fr. Lievin mostrou-me, fui ver os túmulos de Absalão todo até a segunda cornija cortado na rocha e com seu remate em forma de funil de bôca para baixo e os de S. Tiago Menor, Cleofas, etc., com seu pequeno pórtico de três colunas precedendo a gruta onde se cavaram os sepulcros e de Sagari (pai do Batista) etc., não sendo este último aberto. Antes de fazer esta visita fôra à igreja de Sta. Ana que está construindo a França no terreno que lhe doou a Turquia depois da guerra da Criméia. Sustentam alguns e entre estes Fr. Lievin que aí nascera a Virgem numa gruta por baixo da igreja onde há um altar. Tudo está feito com muita elegância e bom gosto aproveitando o que se pôde das ruínas da antiga igreja. As obras não estão terminadas e tem custado à França de 700 a 800 mil fr., segundo me disse o Cônsul francês, que aí se achava e sem cuja licença não se pode entrar. Se empregasse metade ao menos desta soma nas escolas da Palestina! Fui ver ao pé o lugar da *Piscina Probática*. Um esbroamento *[sic]* quase nada deixa ver do vão da piscina.

Dos túmulos de que falava subi a ver um monumento cavado na rocha que dizem ser um dos pequenos templos construídos por Salomão aos deuses de suas concubinas e muito me custou trepando e quase escorregando pela aldeia de Siloeh a alcançar o caminho dos cavalos. Segui a ver também trepando rochedos a pé três túmulos em grutas: os fora do vale do Josafá no dos filhos de Himom; primeiramente o que tem uma inscrição grega mal se pode decifrar e parece tratar de *Egonomenos* (?) de um mosteiro de Tecla; outro com estas palavras e letra — Eta e Agios Sion e o terceiro com uma inscrição grega não pequena que não se pode entender, mas existe impressa. Indo a todos estes túmulos deixei a direita o caminho que Cristo percorreu preso depois da traição do horto de Getsemani e passei pela árvore que já tinha visto, junto à piscina de Siloeh que indica o lugar onde Isaias foi serrado por ordem do rei Manassés. Voltando visitei a escola inglesa dirigida por uma Palmer onde há 40 meninas e perto da qual examinei os restos muito curiosos das muralhas do tempo dos Jebuseus antes de David lhes conquistar a cidade; vi em casa de Schick marceneiro muito bem feitos modelos da Igreja do Sto. Sepulcro com suas adjacências; tudo de madeiras e podendo desmanchar-se de modo a nada ficar por ver; as cores indicando as diferentes religiões a que pertencem os edifícios — a cúpula é representada como era antes da bela reparação pelo arquiteto Moss que também deu o plano para Igreja de Sta. Ana cuja obra acusaram-no de prolongar por causa dos vencimentos que percebia — e do tabernáculo com tudo o que continha segundo a Bíblia e por duas formas conforme as duas diferentes interpretações do texto. Enfim fui por curiosidade visitar a loja de bric-à-brac do célebre Safira, cuja fisionomia não denota veracidade e parece-me um Schliemann sem fanatismo pouco sério. Mostrou-me suas últimas antiguidades moabíticas que pareceram obras de barro feitas há pouco tempo por gente muito pouco civilizada. Êle deu-me fotografias dos monstregos de argila. Ainda antes de jantar tomei banho turco porém não tão bem dado como em Damasco e depois recebi frades franciscanos; falei ao Cônsul inglês e fui despedir a Casa Nova de Mme. de...

VOLUME 19

2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 3ª PARTE (ORIENTE MÉDIO)

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

4 de Dezembro de 1876

Os cônsules aceitaram a distribuição da renda de 15 mil fr. que eu deposito como capital no Banco Otomano de Beirute para dar meios a crianças pobres de freqüentarem as escolas de Jerusalém onde sejam recebidas gratuitamente. É este o negócio que disse no meu diário de ontem que falaria no de hoje.

O tempo ainda está belíssimo, apesar de relampaguear no princípio da noite.

A pedra que apanhei na gruta, onde S. Pedro, dizem, fizera penitência depois que renegara Cristo lembra-me que aí estive no dia 1º. Fica na montanha de Ophil creio eu.

5 de dezembro de 1876 — Escrevi ontem até 1 da madrugada, depois estive um pouco incomodado do ventre. Às 6h 20' fomos ao Santo Sepulcro, assistimos até o fim a missa que se dizia sobre ele.

Julgo que me esqueceu dizer que à entrada de um corredor que conduz à parte inferior do rochedo do Calvário, onde os gregos cismáticos veneram o crânio de Adão acham-se ao lado direito o lugar onde descansara o túmulo de Godofredo de Bulhões e à esquerda o mesmo de Beaudoin 1º rei de Jerusalém.

Mostram-se a Igreja do St. Sepulcro a espada direta e que não pesa muito e as esporas de Godofredo, que outrora serviam a armar os cavaleiros do Santo Sepulcro.

Às 7 saímos a porta de Damasco e seguimos viagem até certa distância ao longo das muralhas de Jerusalém que deixou-me recordações indeléveis. A manhã estava belíssima e fresca aragem fazia tremular a bandeira auri-verde da caravana. Os lugares notáveis foram primeiro a torrente do Terebintho em cujo vale virante para estes rochedos Davi matara Golias, não lhe faltando seixos de todos os tamanhos. À direita sobre uma colina até a aldeia de Kolanieh

Há ao sopé da colina uma bonita chácara, onde vi uma carruagem perto da vivenda.

A estrada tem algumas pedras, mas podíamos muito bem anda-la de carro.

Não muito adiante apareceu-me à esquerda sobre as montanhas S. João (ain-Karim), onde vi talvez à 1 hora de distância o estabelecimento do Padre Ratisbone com uma espécie de torre quadrada e grande número que pareceu-me compreender outros edificios, um jardim com ciprestes pertencente ao Convento dos franciscanos que fazia vista. Para um lado fica um estabelecimento russo.

Em S. João nasceu o Batista e foi a Virgem de Nazaré visitar sua prima Isabel.

Senti muito que o tempo não me permitisse fazer essa visita, mas eram precisas 5 horas pelo menos a Jerusalém e suas circunvizinhanças pouco tempo me deixava.

Chegou-se às 9 ½ a Abergosch do nome do célebre Cheik a que obedeciam cerca de 60 aldeias e cujo livramento por parte de Mehemer-Ali salvou Ibrahim-Pacha cercado em Jerusalém. É o antigo Kariathiarim onde em casa de Abinadab foi colocada a arca depois de entregue pelos filisteus. Aí esteve 20 anos antes de Davi levá-la para Jerusalém cerca de 1033 A.J.C.

Aí se almoçou e depois vi as ruínas de uma igreja de 3 absídes do tempo das Cruzadas. A cripta tem por baixo uma nascente cuja água corre por entre pedras que parecem de edificio que precedeu o templo e não era da época dos Cruzados.

Fui ver a fonte por onde corre a água de que falei e é já abundante e muito boa de beber. Quem me abriu a porta da igreja arruinada foi um filho de Abergosh não muito bem encarado. O pai era o terror desta região.

O caminho segue pelo Uadi-el-Ali que tem verdura depois de em 5 minutos de Abergosh alcançar-se uma altura de onde se principiam os cômoros da costa e o Mediterrâneo. O caminho é muito freqüentado e encontrei inumeráveis camelos de carga alguns dos quais conduziam para Jerusalém imensos caixotes contendo as peças do órgão para a igreja do convento do Salvador pertencente aos franciscanos.

Depois de Bal-El Uadi (porta do vale) onde há uma casa de sobrado com o título de Maison de rafraichissements e de Restaurant des Modernes Judes o terreno tornou-se de outeiros pouco elevados indicando o fim das muralhas da Judéia e princípio da planície de Saron, onde entraremos amanhã.

Cheguei ao pouso (Bir-el-Khelseh - Poço doce) às 3 ½ tendo saído a 1 ½ do lugar do almoço. Sobre um outeiro próximo chamado Latrûn vêem-se as ruínas e a tradição coloca aí a morada do Egípcio Dimas denominado o Bom Ladrão.

O meu incômodo tem durado porém sem me desarranjar fora de propósito.

A tarde está belíssima.

Já tomei uma água gasosa e com o descanso da noite espero estar amanhã como dantes. Espero pelo aspecto do céu ter excelente embarque em Jafa que não demorarei depois de ter visto tudo que é pouco.

No lugar do almoço soprou uma aragem quase que fria, depois aqueceu o ar.

Antes de Abergosh descobre-se à esquerda sobre uma alta montanha Subah, que se tinha por Medina pátria dos macabeus antes do Padre Forner franciscano ter achado em 1866 a 2 léguas da E. da Lydda (Diospolis) um lugar chamado Medych de onde se vê muito bem o Mediterrâneo e onde Clermont Ganneau descobriu o túmulo das 7 pirâmides como era o dos macabeus.

6 de dezembro de 1876 — Cheguei aqui (Sefant) para almoçar às 10 ½.

Passei bem a noite, mas ainda não estou de todo bom.

Larguei o pouso às 6 ¾. Subi ao alto da colina para ver as ruínas de Latrûn que devia ser um castelo forte. Ibrahim Pacha destruiu-o por ser refúgio de ladrões. Passamos bem à vista de El-Kubab sobre um outeiro pedregoso. Reputa-se o antigo Kobe nos limites de Israel e dos filisteus. Ficou à direita. Para diante à esquerda, porém muito distante avistei umas colinas sobre que há como um edifício redondo Abulusch (antiga Iaser segundo Clermont Ganneau) que um dos Faraós deu em dote à filha quando se casou com Salomão.

Pouco depois do pouso entramos na risonha planície de Saron vastíssima e muito bem cultivada. Cheguei a Ramleh cerca das 9. Visitei a antiga igreja de S. João hoje mesquita principal com tres absides e naves de arcos porém mal acabada, a capela no lugar da casa de Nicodemo que morava perto de José de Arimatéia (hoje Ramleh); acha-se no interior do Convento dos franciscanos e a escola muitíssimo modesta e onde havia apenas 8 meninos que pertence ao convento; enfim subi a torre chamada dos 40 mártires que está visivelmente dentro de um grande Khan arruinado. A torre quadrada tem aspecto e ornamentação elegante. 110 degraus conduzem a uma parte da torre que está descoberta parece que por arruinada e de onde se goza lindíssima vista. Daí para cima ainda contei 11 degraus numa parte arruinada e que não valia a pena subir. Por cima do vão da escada e apenas presa por uma extremidade ao muro do lado direito descansando a outra sobre um ressalto do muro oposto vi uma pedra de belo mármore algum tanto azulado bem lavrada como tendo servido de cornija ou entablamento a edifício diferente da torre. Perto dela e na mesma posição há outra pedra sem ser de mármore nem lavrada. Saindo de Ramleh desviei-me um pouco para ver o que chamam Tanques (Vasques) de Sta. Helena que são uma cisterna de abóboda sustentada por pilares. Nada tem de notável.

Desde antes de Ramleh me viera aborrecendo um velho estúpido de bombachas e turbante chamado Damiani, agente consular de França que queria fazer as honras da vila e disse que eu devia ver as Vasques de St. Hélène. Até me obriga seguir caminho mais longo só falando de buracos que não víamos. Fr. Liévin conhece de há muito Damiani, mas não quis fazer valer seu conhecimento da Terra Santa palmo a palmo. Se não fosse ele não teria eu visto nem metade do que tenho podido ver e muito bem com suas explicações. Há de fazer falta aos peregrinos e o superior apesar das insistências dele ainda lhe não deu ajudante para se ir preparando a substituí-lo quando for necessário. Tenho notado falta de inteligência, ao menos, na maior parte destes frades. Poderiam ter feito muito mais assim como as potências cristãs ajudando-os com maior empenho.

Já almocei e há pouco andou por dentro desta tenda da comida um pequeníssimo beija-flor, é o terceiro que se tem visto desde a saída de Beirute. Que linda planície se desenrola defronte de mim! Como este verde consola! Ramleh está rodeada de bastante árvores e de abundantes cardos. É um dos lugares bonitos que tenho encontrado na Palestina.

7 ½. Escrevo já andando para Port-Said tendo largado de Jafa às 5 ¾. Saí do lugar de almoço ao meio-dia ½ hora.

A planície continuou muito linda e meia hora depois já avistara à esquerda em pouca distância cômodos de areia do mar que Fr. Liévin não via há 18 anos. Se não tratarem de detê-los por meio de plantações de árvores há de esterelizar por fim a planície. Esquecia-me dizer que Lydda antiga Diospolis fica para a direita e a ¾ de hora de Ramleh e que neste lugar aboletou-se Bonaparte em duas celas comunicando por dentro do Convento dos franciscanos e o estado-maior na igreja.

Prosseguindo atravessei por onde acampou o exército de Bonaparte e pouco depois por entre oliveiras as únicas alinhadas da Palestina e plantadas por ordem de Colbert que aí fundou uma espécie de escola agrícola — foi tudo isto referido por Fr. Liévin.

Enfim cheguei aos arrabaldes de Jafa todos plantados, sobretudo de laranjeiras carregadas de frutos e muito virentes e tendo passado por defronte da chácara do agente consular francês Mr. Philibert cuja família em terraços ao lado do portão festejou Fr. Liévin, que me disse serem pessoas muito estimáveis, entrei por uma porta na cidade em anfiteatro bastante elevado. Fui logo à capela que se acha no lugar da casa de Simão canoeiro [?] onde habitava S. Pedro e junto à qual há um pátio de cujo parapeito vi o mar que estava muito calmo felizmente.

Daí segui a visitar a casa muito modesta das Irmãs de S. José com escola para 160 meninas e dispensatório de remédios e por fim o convento dos franciscanos com escola de meninos. Aí vi a parte abobedada que repartem agora em quartos onde estiveram os pesteados do exército de Bonaparte. Lembrei-me da dedicação de Desgenettes inoculando-se com o vírus para animar o exército e da integridade de Larrey se é verdade que respondera a Bonaparte: vim para curar e não para matar.

O exército de Bonaparte desembarcou numa praia perto do convento e para o norte da passagem para onde saem os barcos.

A imperatriz já chegou ao embarque, pois eu adiantei-me afim de não retardar o embarque com as minhas visitas e metemos no escaler do Aquila Imperial cujo comandante e o oficial já havia encontrado a entrada na cidade. O mar estava calmo, porém assim mesmo foi preciso cuidado ao passar por entre pedras onde roçam quase os barcos e escaleres. Os filhos do agente consular francês disseram que havia notícias de guerra, mas os diários mais recentes que obtive não dizem isso.

Não larguei mais cedo por causa das bagagens. Fr. Liévin veio a bordo e deixou-me muitas saudades. Se a Isabel vier à Palestina há de ser o seu guia ao menos por minha recomendação, com o que ficou satisfeitíssimo e bom e inteligente Fr. Liévin.

Quando o vapor seguiu pela primeira vez ouvi um assobio de um barco que vinha para ele e voltou. O vapor parou e assobiou, mas o barco parece que nada tinha de importante a comunicar, porquanto não se vira voltar apesar dos assobios repetidos do vapor.

Há em Jafa um farol, cuja luz intermitente pareceu-me a princípio luz elétrica.

O vapor não joga e espero que chegaremos sem o menor incômodo a Port-Said antes do meio-dia de amanhã.

Foi na planície de Saron — mas para o lado dos limites entre Israel e a terra dos filisteus que para queimar-lhes as searas Sansão soltou as raposas tendo fachos acesos nas caudas.

VOLUME 20

2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 4ª PARTE (EGITO)

11 a 23/12/1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Dia 11 de dezembro de 1876 - Às 2 ³/₄ partimos do porto de Gizeh no vapor Feruz (turquesa). Ocaso esplendoroso; as copas das tamareiras pareciam inflamar-se ao contato dos raios do sol. À direita, notei em longínquo plano pirâmides de tijolo formando as “fiadas de Sakarah”. Às 5 ³/₄, ancoramos em Marguna, havendo navegado 22 milhas inglesas.

Dia 12 de dezembro de 1876 – 6 horas da manhã – O sol levante toma o colorido de apagado arco-íris.

Egito, diz Heródoto, é um presente do Nilo, que vejo carregar turvas águas sedimentosas vivificadoras da vegetação, adorno das margens.

Às 2 horas, passamos por Beni-Suef, tendo reparado, à direita, na pirâmide de Meidum, a que chamam falsa e composta de dois troncos de pirâmide de base a um terceiro.

Em suas imediações descobriu Mariette Bey as duas estátuas de homem e mulher assentados e com olhos de vidro.

Os cartuchos datam da terceira dinastia (mais de 4 000 aC.)

As cores estão muito bem conservadas, sendo característicos os traços fisionômicos e diferentes dos da estátua de Quefrem, o rei da segunda pirâmide de Gizeh

Quando vim ao Egito pela primeira vez essas duas estátuas ainda não figuravam no museu de Bulaq.

Durante largo espaço de tempo avista-se a pirâmide de Meidum.

Antes das três horas, começam a aparecer, à esquerda e além das colinas, as montanhas de alabastro.

Quase às 4 horas – Passamos por Bibeh, onde a coxilha à margem esquerda adianta-se para o rio, formando um promontório cujo perfil se assemelha à uma escada. Encalhamos esta manhã; somente, porém, durante alguns minutos; o rio deve vaziar alguns meses ainda.

A todo instante, sulcam o Nilo os dahabiehs freqüentemente ajoujados por tábuas e transportando grandes medas de forragens. Duas dessas grandes embarcações arvoraram hoje a bandeira inglesa, a proteger viajantes dessa nacionalidade, tanto quanto pude deduzir da aparência dos passageiros.

Leio no guia de Mariette Bey que, com certo cunho de verdade, se atribui a pirâmide de Meidum ao rei Senoferu, predecessor de Queops (o da grande pirâmide de Queops, da IV^a dinastia, 4 225 aC.).

Às cinco paramos perto de Fechu, onde as colinas da esquerda vêm morrer no rio, destacando-se-lhes perfeitamente a disposição das camadas horizontais.

A certa distância da barranca direita, percebo as altas chaminés de um dos engenhos centrais de açúcar do Quediva. Já avistara outro do mesmo lado e em frente a Bibeh Pretende Mariette que a pirâmide de Sakarah, de que falei ontem, pode ser atribuída ao rei Uenefes da primeira dinastia (5 000 aC.).

Dia 13 de dezembro de 1876 – Não há dúvida! Estamos no Oriente onde ninguém tem pressa. A custo partimos às 6 ½. As datas da história do antigo Egito ainda estão muito longe de se tornarem precisas. Para os egiptólogos alemães há uma divergência de 2 079 anos entre os limites da época do primeiro rei Mena (o estável), o Menés dos gregos. O meu amigo Brugsch acha que vivia em 4 455 aC.

As montanhas de Ambia apresentam formas estrambóticas; procurei desenhar-lhes os contornos.

Às 12 ¼ contrapunham o minarete de Samalut, sito à margem esquerda, a sua elegância à das tamareiras. Pouco depois, mostraram-me o lugar onde virou, numa lufada, o dahabieh que transportara Campbell e outros ingleses, afogados por não terem conseguido sair do camarote, completamente fechado.

Quase em frente, no cume de um rochedo da margem direita chamado Gebel Teil (montanha dos pássaros) ergue-se o Deir-el-Bakarah, convento da talha; nome proveniente do moitão que servia para suspender os que visitavam o mosteiro.

Habitam-no monges mendicantes que costumam, a nado, pedir o backschisit (esmola). Escapamos dessas visitas.

1.20 – As montanhas da margem direita afastam-se do Nilo em El Baikur, formando uma espécie de anfiteatro.

Às 2 ½ desembarquei em Minieh, pequena cidade, para visitar um dos engenhos do Quediva, grande usina provida de aparelhos Derosnes e Cail, e produzindo anualmente cinqüenta mil quintais de açúcar e quatrocentos mil litros de álcool a 40 graus.

Nesse porto encontramos uma dahabieh com bandeira inglesa e, um pouco a montante, outra que, segundo penso, levava Sir John Elliot e a família.

Nas proximidades de Beni Hassan vê-se areia entre o rio e as montanhas, assim como sobre estas, cuja desagregação é visível.

O pôr-do-sol abrasava a margem oposta.

Às 5.40 ancoramos.

Encanta-me esta viagem; uma coisa, porém, entristece-me: penso nos amigos que estão privados destes gozos.

Não posso repetir com o filho do Faraó Aen: “Conserva-te alegre, durante toda a existência. Acaso houve quem saísse do túmulo?”

Dia 14 de dezembro de 1876 – Desembarcando às 6 ½ , parti montado em burrico, de modo muito característico – o cavalo e o camelo só figuram nos monumentos egípcios depois da décima dinastia (3 000 aC.).

Visitei quase todas as grutas de Beni Hassan. Escavaram-nas nos rochedos da margem direita para servirem de túmulos (verdadeiros poços abertos no solo das grutas e tendo dos lados outros por onde passavam os sarcófagos.

As duas grutas Setentrionais são as mais interessantes.

A primeira que visitei é a sepultura de Xnumhotep, monarca do distrito de Sah, durante o reinado de Usirtasen II (2 400 aC.) e cujos cartuchos trazem o seu nome oficial e o da família.

A face norte apresenta pinturas e hieróglifos interessantíssimos.

Trinta e sete indivíduos da tribo dos Amon (nome semítico; do hebraico am povo, ou do copta, que também pode ser considerado como semítico, amon pastor, carreiro) oferecem ao monarca do distrito de Sah um mineral próprio para tingir os cílios e proveniente do país de Pit-Sa (Arábia).

Os companheiros do chefe dos imigrantes, chamado Abera (nome semítico) são homens barbudos, armados de lanças, arcos e clavas, mulheres e crianças, com jumentos carregados de trastes.

O chefe oferece ao monarca um cabrito montês dos que se encontram na península do Sinai.

A segunda gruta é o túmulo do monarca do mesmo distrito chamado Amenhi, contemporâneo de Usirtasen I, (cujos cartuchos já tive ocasião de ver) e de Amenemhait II, cujos cartuchos com o nome oficial também já li (2 400 aC.)

A gruta tem uma tríplice abóbada no sentido do comprimento, com fiadas de quatro colunas dóricas de dezesseis faces caneladas, exceção feita das que simetricamente se acham no sentido perpendicular à porta da entrada; todas muito belas.

Vi outras colunas dóricas de oito e dezesseis faces, mas não caneladas, numa gruta, onde formavam como que um vestibulo; é inadmissível que tenham sido trabalhadas em época posterior à abertura da cava que deixaram incompleta e parece nunca ter servido de túmulo.

Nesse pequeno vestibulo há hieróglifos; avistei também muitas outras cavas assaz profundas e perpendiculares à parede.

Sobre as portas de entrada das duas grutas há desenhos curiosíssimos.

Alcansei o navio um pouco à montante, o caminho é melhor e bem bonito por causa das tamareiras.

Também percorri a gruta chamada Speos Artemidos (gruta de Diana, em grego) e que não passa de um túmulo aberto sob Set I, pai de Ramsés II, (1 400 aC.) cujos cartuchos se destacam dentre inúmeros hieróglifos.

No fundo da lapa que está mais ao Norte em Beni Hassan vêem-se, num quarto, três estátuas assentadas bastante conservadas, em baixo-relevo, sendo que das três a maior é a do meio.

Em uma das outras notei também, numa espécie de nicho ao fundo, certa pedra saliente com ares de múmia em baixo-relevo.

Uma das coisas que mais me interessaram nas grutas de Beni Hassan foram as colunas, que procurei esboçar.

Imitam quatro troncos de árvores amarrados pela parte superior por meio de cordas; nos intervalos dos troncos existem, no sentido do comprimento, peças de madeira destinadas a consolidar o conjunto.

Pouco depois de Beni Hassan, vimos Rodah, à margem esquerda, onde os edifícios da usina de açúcar do Quediva - ao todo quinze, iguais à de Minieh - oferecem bela perspectiva.

Prefiro a vida da aldeia, à da margem direita, sombreada por inúmeras palmeiras.

Às 3 ¼ chegamos a Haggi Gandel, à margem direita.

Sinto não dispor de tempo para visitar as grutas de Tel el Amarna, correspondentes à XVIIIª dinastia. (1 700 - 1 400 aC.); quase todas servem de sepulcro aos cortesãos de Amenófis IV. Tanto sob esse monarca como sob Ramsés II, representavam os artistas as personagens com os traços fisionômicos do soberano.

Nos túmulos de indivíduos ali sepultados vêem-se figuras com cabeças de eunuco e torsos muito adiposos.

Na Rússia, no reinado da Imperatriz Isabel, promulgou-se um ucasse proclamando oficial certo retrato da soberana e condenando outro que era muito feio.

Vi o original desse decreto na Biblioteca Imperial de Petersburgo.

Amenófis IV deveria ter proibido a reprodução de seus traços grosseiros. Tratem os egiptólogos de achar algum ucasse em hieróglifos.

Às 4 ½ passamos em frente às montanhas de Gebel-abu-Fedra, à margem direita.

Quase à extremidade meridional desses montes acham-se as grutas do Maubdet. Nelas penetrando por uma fenda encontram-se pelo que me contou Mariette Bey - milhares de múmias de crocodilos. No entanto, quase se não os vêem na viagem do Nilo; até agora não avistei um único.

No túmulo de Ti (que vivia sob a Vª dinastia, 3 000 aC.) estão gravadas imagens de crocodilos e hipopótamos que examinei, quando pela primeira vez vim ao Egito. Este túmulo está no local de Menfis; pode-se, pois, concluir que nessa época os dois animais eram freqüente nesta parte do Nilo.

Às 5 ¼ fiz um ligeiro esboço das montanhas, crivadas de grutas escavadas ou naturais e depois encontrei uma das dahabiehs dos ingleses que procurava aproveitar a frescura do vento.

Teve porém de parar, pois, já estava escuro; às 7 ancoramos perto da margem esquerda e um pouco a montante de Manfalout. Esteve admirável o crepúsculo com os seus matizes esverdeados e vermelho claro.

7h 40m. - As estrelas brilham como diamantes no meio de carvão.

Antes de dormir, estudo a gramática hieroglífica de Brugsch Confesso que muito se tem progredido em matéria de interpretação de hieróglifos, mas é preciso dizer que muita coisa tem sido quase adivinhada. O meu amigo Brugsch parece-me mais sábio; Mariette, porém, fez descobertas mais belas em matéria de monumentos e revela-se mais prático. Desde a minha primeira viagem é um dos meus afeiçoados. O aspecto das margens do Nilo sugere muitas considerações geológicas; julgo que o rio já desembocou no Mediterrâneo em Beni Souef, a oitenta milhas do Cairo.

Assim pensava também o Dr. Gaillardot que conheci por ocasião da minha primeira viagem e pessoa muito estimada pelo Conde Joubert, que a seu respeito a mim se manifestou com profundo pesar, há alguns dias.

Sustentou pertinazmente no Instituto Egípcio a opinião de que este país existia na idade pré-histórica da pedra; creio, porém, que Mariette combateu com excelentes argumentos.

Dia 15 de dezembro de 1876 – As 6h10m partimos. O dia não foi dos mais interessantes; as paisagens, porém, continuam sempre muito belas. Às 10 atracamos para receber carvão; visitei Siut que é bem populosa e não muito suja. Grandes acácias ensombram a estrada que a ela vai dar. A cidade tem um lindo minarete de pedra.

Fui orar na pequena igreja católica guardada por um capuchinho do convento do Cairo. Disse-me ele que no lugar há uns cem católicos. Parte do bazar de Siut é coberta de madeira.

Às 11 ¼ partimos novamente. À 1 ¼ avistei no horizonte, à direita, o elegante minarete da aldeia de Abu Tig.

À tarde, passamos perto do lugar onde o célebre El Mahdi tanto mal fez aos cristãos que viajavam no rio, tendo chegado a comandar 20 000 sectários que o consideravam como um grande santo.

As montanhas da margem direita apresentam numerosas grutas cavadas pela mão do homem e uma ponta de rochedo assemelha-se bastante a um indivíduo deitado de bruços.

Às 6 ½ paramos a dez milhas de Suhag. O comandante não quer navegar à noite embora o céu esteja muito claro. Isso demonstra sensatez da sua parte, porque às vezes muda a corrente de direção, acontecendo deslocarem-se os baixios após as inundações.

Notei hoje quanto o Nilo carregou grande extensão da margem direita, terreno plantado de belas tamareiras.

Não há pôr-de-sol em que os matizes não sejam diferentes e sempre encantadores.

Antes de chegar a Siut, vi à direita a embocadura de um belo canal que leva a água do Nilo ao Faium: uma das partes mais férteis do Egito e que conto percorrer quando voltar.

Ali fez Amenemhait III, da XIIª dinastia (2 000 aC.) escavar o lago do Moeris (Meri significa lago em egípcio) e construir o labirinto que tem três mil salas e quartos acima do solo e outros tantos abaixo. A palavra labirinto provém das seguintes em egípcio: rape-ro-hun-t ou lape-ro-hun-t que significam: templo do orifício do vertedouro.

O nome moderno do lugar é Elahoun, o canal que provocou uma diminuição de minha ignorância em Egiptologia, é obra do Quediva que realmente tem feito muitos benefícios ao seu país.

Muito se desenvolveu, a instrução pública depois da minha primeira viagem.

Dia 16 de dezembro de 1876 – Partimos um pouco antes das seis. Paramos em Suhag para tomar carvão. É uma cidadezinha bonita, verdade é que a vi de bordo.

Às onze, chegamos a Belianeh depois, de haver passado por diversas aldeias, das quais a mais importante é Akhmin à direita. Alcunham-na Um el Bacaur, – mãe de todas as desgraças – pois goza de má reputação sob todos os pontos de vista. É a antiga Chemmis ou Panapolis e nela se acham inscrições da XII^a dinastia, pretendendo os gregos que ali nasceram Danaus e Linceu.

Penso ter decifrado os hieróglifos da entrada da gruta não acabada e o nome de Xnumhotep (XII^a dinastia). No entanto ele não está em cartucho algum, embora pense eu que estes sirvam somente para a inscrição dos nomes de reis, príncipes e cidades.

Chamaram-me a atenção os pombais sobre as casas com a aparência de pequenas fortalezas ameaçadas. Os pombos são mais numerosos e mais gordos aqui, no Alto Egito.

Dentro em pouco, hei de desembarcar em Beleiut para visitar as notáveis ruínas de Ábidos, a antiga Tenis, onde nasceu o primeiro rei do Egito, Menés (daí Meneston, lugar de Menés?). Noto a semelhança desse nome com os de Manú da Índia e Minos de Creta.

Às 11 e 25, passo em frente a Girgeh, a maior cidade do Alto Egito, depois de Siut. Conto sete minaretes. Perto desta cidade, está o mais antigo dos conventos católicos do Egito.

Daqui a uma hora, aportarei a Belianeh, devendo andar duas ou três léguas a cavalo para atingir as ruínas de Ábidos. O resto do dia talvez não chegue para se ver tudo.

Às 12 e 50 desembarquei em Belianeh, a aldeia dos pombos, à margem esquerda.

Causaram-me surpresa as casas cobertas de pombais onde se implantam galhos, para que os pombos neles se empoleirem.

O solo é bem cultivado e cheio de belos palmeirais.

Atravessei três canais de irrigação e quatro aldeias antes de chegar a Arabat-el-Matfun (Ábidos; Abtu em linguagem hieroglífica); comecei a visita pelo templo de Osiris, completamente desentulhado.

Após os pilonos da entrada, há um grande pátio rodeado de 24 pilastras feitas de grande blocos de pedra, onde se vêem destroços de cariátides (baixos-relevos), logo depois surgem enormes pilonos de alabastro caídos que formavam a entrada da cela. Há um grande número de quartos de ambos os lados do templo.

Nas paredes de um vi uma laje de dimensões avultadas cuja face inferior está coberta de estrelas em meio-relevo, pintadas de uma cor fusca.

Em outro há uma escada de dez degraus, em rampa, muito suave conduzindo à parte superior da parede externa que não devia ser muito alta.

Todos os muros estão cobertos de baixos-relevos e de hieróglifos (alguns dos quais entalhados na pedra) e de pinturas cujas cores e linhas ainda hoje são muito salientes.

O templo foi construído e dedicado a Osiris pelo soberano Ramsés II, o Sesostris dos gregos (1 400 aC.), e é contemporâneo do obelisco da praça da Concórdia.

Foi neste templo que se encontrou a tábua chamada de Ábidos e existente no Museu Britânico.

Daí fui ver o templo de Set, pai de Ramsés II, chamado Memnoniano – de Memnon, monumento em egípcio, – por Estrabão.

É um dos mais belos que tenho visto. Após vasto pátio onde muito há ainda que desentulhar, no perímetro e mesmo em frente a uma fileira de pilastras – pátio precedido por degraus e por uma espécie de escadaria com colunata – entra-se pelo intervalo de duas pilastras para o centro de segunda fileira cujos espaçamentos estão tomados por um pórtico – no sentido da largura do templo – com doze colunas de cada lado, estilo egípcio. Atravessa-se segundo renque de pilastras, segundo pórtico idêntico ao primeiro, nova fiada de doze colunas como a dos pórticos e afinal se chega a sete quartos cuja entrada está ao lado das colunas.

A primeira da direita era dedicada a Hórus, a segunda a Ísis, a terceira a Osíris, a quarta a Amon, a quinta a Harmachon, a sexta a Ptah e a sétima ao próprio Set. Em todos os quartos há baixos-relevos muito bem acabados. Uma imagem de braços alçados na capela de Ísis e duas ajoelhadas na de Harmachon têm bastante vida e elegância.

Creio que se não fosse o cânone a que se deviam cingir os artistas teríamos encontrado verdadeiras preciosidades artísticas no Egito.

À esquerda, na direção do renque simples de colunas, há um corredor, onde na parede da direita foi achada uma tábua de reis mais completa (76) do que a do Museu Britânico.

Ali se vêem as imagens de Set e de seu filho Ramsés, ainda menino, com os cabelos anelados, contemplando os cartuchos de todos esses soberanos desde Menés até Set. Segundo as idéias modernas dir-se-ia que o pai dava ao filho uma lição de história.

Na parede oposta vêem-se os nomes de 260 divindades e os dos lugares onde eram veneradas.

Uma lição de mitologia e de geografia.

As duas imagens de Set e de Ramsés ali se acham; o cartucho do último destaca-se-lhe visivelmente sobre as roupas.

Nas celas do fundo do templo, atrás das capelas dedicadas aos diversos deuses, há pinturas de cores muito bem conservadas.

Na fiada simples das colunas e em vários aposentos – não nos sete principais, que chamarei capelas – alguns dos quais quase enterrados na areia, vi colunas, com fuste cilíndrico e plinto, sobre pedestal redondo e atarracado, legítimo estilo proto-dórico.

Sua existência não me causou tanta surpresa, porquanto já admirara a elegância de algumas outras em um gruta de Beni Hassan, correspondente à época muito anterior, em que se pode supor que as regras do cânone impostas aos artistas devessem ser observadas com muito maior rigor.

Cobrem este templo grandes lajes extraídas de diversos lugares, em forma de abóbada e cheias de hieróglifos em meio-relevo.

Caía a noite rapidamente; pude, porém, atingir Kom-es-sul-tan, mais distante do Memnomnium, para o lado do norte, do que este do templo de Ramsés II – ainda a tempo para poder ver os imensos destroços de túmulos das pessoas que, segundo conta Plutarco, queriam enterrar-se em Ábidos, perto do túmulo de Osíris.

Já ali se tem feito escavações; vi pedaços de coluna que me pareceram do estilo egípcio, e um busto de pedra verde, sem cabeça, com as mãos cruzadas ao peito, semi-enterrado na areia.

Os túmulos encontrados nesta necrópole pertencem, sobretudo, à sexta, duodécimo e décima-terceira dinastias (3 700 - 2 800 aC.).

Talvez ainda achem os de Menés e Osíris.

Mariette diz que certos indícios fazem acreditar que o último fosse aberto na rocha, sob os montões de destroços, a que me referi.

Do alto de Kom-es-sul-tan estende-se a vista sobre dilatada planície de um verde aveludado, com ligeira cercadura de brumas, limitada pelos tons nacarados da cadeia líbica.

O céu, onde já transparecia o brilho das estrelas, encantava-me de modo tal que quase me esqueci da distância que me separava do navio.

A volta, durante a noite, foi sob todos os aspectos, deliciosa, graças, sobretudo, aos sonhos que me embalavam, deixando-me carregar pelo excelente burrico.

Ceguei a bordo antes das oito, encantado com a excursão.

Para acabar com o Memnomnium, resta-me interpretar as palavras do grande texto hieroglífico da fachada do templo, em que Ramsés II alude à bondade do pai: “Assim obrava ele para comigo: era para mim o que era para si”.

Melhor se poderá exprimir a afeição?

Dia 17 de dezembro de 1876 – Às 9 e meia passamos por Farchut à margem esquerda, lugar industrial; às 9 ³/₄ por Hou, do mesmo lado, onde com o binóculo avistei famoso felah santarrão.

Acocorado sobre um monte de palhas, só lhe pude ver a cabeça branca e o tronco.

Rodeavam-no diversas pessoas, o nosso piloto tentou atirar-lhe no saco algumas oferendas, pois segundo crença geral, sucedem desastres às embarcações que não lhe tributam respeito.

Contaram-me que o Quediva costuma visitá-lo quando viaja e que pela imposição das mãos faz cessar a esterilidade das mulheres felahs.

Hou está no local da antiga Diospolis parva.

Em frente ergue-se Lasr-es-sayad, a antiga Chenoboscion, onde se encontram túmulos da sexta dinastia; desejo, porém, chegar à Denderah, quanto antes.

Às 12 ³/₄ passamos pela Ilha de Tabeneh, à esquerda.

Aí fundou S. Pacomio um mosteiro, no VI século.

A ilha está cheia de tamareiras e de outras palmeiras, menos, da chamada dun, que eu já avistara nos dias anteriores.

Li os Evangelhos; ocupação que reservo para os domingos desta viagem; assim fixei as idéias com vistas à minha próxima excursão à Terra Santa.

Às duas, desembarcamos em Denderah, à esquerda. Como os burricos ainda estivessem do outro lado do rio, em Kench, e para não perder tempo, parti a pé.

Em três-quartos de hora, cheguei ao pilono onde está o cartucho de Domiciano.

O templo é notável pelo estado de conservação e informações coligidas do seu exame, acerca do culto e dos mitos egípcios.

A principal deusa é Hator, afrodite dos gregos e a Vênus dos romanos.

Consideravam-na, sobretudo, como pupila do sol, colocando os egípcios a beleza, sobretudo nos olhos.

Simbolizava ela, também, a harmonia geral do mundo, e um dos atributos que mais se lhe nota no templo é o que diz respeito ao rejuvenescimento, ao desabrochamento e à ressurreição.

O rei, fundador do templo, representam-no oferecendo a Hator uma estatueta da Verdade.

Essa deusa também se transforma em Íris que se prende a Osíris, o qual, segundo Plutarco, simboliza o princípio do bem, encarnando Hator, deusa da harmonia e do amor, e da verdade.

Os baixos-relevos e os hieróglifos não são tão bem feitos quanto os de Ábidos.

Penetra-se em um vestíbulo de vinte e quatro colunas de estilo egípcio que, pelas dimensões, produzem real sensação.

No teto se destaca, a grande altura, um zodíaco, que difere do que se acha em Paris ocupando uma das celas sobre o terraço do alto do templo.

Nenhum deles tem o valor astronômico que a princípio lhes atribuíram, pois época alguma indicam pela posição dos astros.

Entra-se, depois, em um segundo compartimento do edifício, com seis colunas no meio e três de cada lado, e duas portas para o norte e para o sul, para onde eram introduzidas as oferendas do Baixo e do Alto Egito.

Passa-se a outra sala, por onde se sobe a um terraço, após haver atravessado pequeno corredor em rampa, com degraus à esquerda e uma escada de cinco lances à direita, junto à parede.

Continuando a visita do andar inferior chega-se a uma grande sala que encerra outra morada e com uma única abertura, tudo isso cercado de quatorze cômodos, dos quais um tem dois andares.

Todos esses quartos comunicam, direta ou indiretamente, com a sala grande.

Percorri um dos corredores, espantando uma nuvem de morcegos. Em outra passagem do lado do norte, descobriram-se inscrições comprobatórias da existência, naquele local, de um santuário ereto por TutsésSet III, da XVIIIª dinastia (1 700 aC.) e igual ao outro do tempo de Choufou, (IVª dinastia, 4 000 aC.) cuja descrição foi achada na época do rei Papi (VIª dinastia, 3 700 aC.).

Nos baixos-relevos dessas câmaras, acham-se muitas indicações acerca das cerimônias do templo.

O quarto do fundo era o santuário de Hator. A procissão principal saía por ocasião do ano novo que começava a 21 de julho, dia em que Sotis (Sírio) nascia com o sol, coincidindo com a cheia do Nilo.

Subia o cortejo pela escada do norte (a dos diversos lances), tendo à testa o rei e treze sacerdotes, empunhando bastões encimados por emblemas dos diversos deuses (segundo a descrição pormenorizada encontrada nas paredes da escada) e atingia o terraço para estacar em frente a um pequeno templo de doze colunas, cada qual consagrada a um dos meses do ano – voltando depois pela escada do sul, a de rampa.

Este pequeno templo é consagrado a Osíris. Há ainda seis quartos dando para o terraço, três do lado do norte e três do sul. Os diversos Osíris dos setentrionais estavam nos primeiros e os dos meridionais nos outros.

Os nomes são quarenta e dois e desse modo soube-se quais eram as quatorze invocações de Osíris.

Vêem-se também longas procissões de deuses trazendo em vasos os membros de Osíris pertencentes a cada cidade e os quarenta e dois esquifes do deus; aparecem depois as doze horas do dia e da noite com as pedras de cada uma dessas horas, tudo dividido com o templo, em norte e sul, Baixo e Alto Egito.

Um calendário regulamenta as festas processionais em que tomam parte sacerdotes de todo o Egito e insere receitas para óleos e perfumes, existindo também calendários resumidos para as festas de Osíris em outras cidades.

Os préstitos iam até ao recinto exterior de que restam montões de tijolos.

O dromos (avenida) que vai do templo até o pilono já mencionado e onde se vê também o cartucho de Trajano, tem cento e dez passos de largura.

No templo só entravam o rei e os sacerdotes mas talvez admitissem no recinto exterior, pelo menos, alguns privilegiados.

As criptas, corredores, serviam de depósito para os objetos mais preciosos; os hieróglifos, das paredes falam apenas da natureza desses objetos e das substâncias de que eram fabricados.

Na parede exterior de oeste, perto de dois ângulos, vêem-se as imagens de Cleópatra e do filho.

A fisionomia da rainha é bem cruel.

Infelizmente degradaram as imagens, de modo a parecerem marcadas de bexigas.

Tanto em Dendera como em Ábidos são flagrantes os vestígios de incrível vandalismo. O Quediva bem poderia gastar uma parte da soma, que prodigaliza com os seus palácios, na conservação desses monumentos, tão interessantes para o estudo do Alto Egito.

O templo de Dendera foi começado sob Ptolomeu XI, terminando a sua construção sob Tibério e ornamentação no tempo de Nero.

Muito próximo do templo, atrás do ângulo S. O., há um pequeno santuário de Ísis, ou antes de Hator Ísis, datando a porta monumental do trigésimo-primeiro ano de Augusto, segundo rezam as inscrições gregas existentes no fim de um dromos de cento e setenta passos.

A noventa passos do grande templo acha-se um edifício conhecido sob o nome de Tifonum, porque nele existe a imagem de Tifon.

Os hieróglifos apresentam os cartuchos de Trajano, Adriano e Antonino.

Em torno das construções vê-se a cercadura de tijolos crus com 240 passos; cada face tem duas entradas, uma fronteira ao pilono do grande templo e outra em frente à porta monumental de Ísis.

A quinhentos passos desta há outra muralha de tijolos crus que, segundo me parece, cerca de uma área de 155 passos sobre 265, devendo ter encerrado monumentos em seu recinto.

No portal de cantaria têm-se inscrições funerárias ao lado do cartucho de Antonino. A cidade estendia-se entre este muro e os templos, cercado assim o perímetro sagrado. Dela restam, quando muito, fragmentos de destroços soterrados.

Dia 18 de dezembro de 1876 – Ontem à noitinha o vapor atravessou o rio para receber carvão em Kene.

Partimos hoje às seis horas. Até Luxor nada de notável há.

Nakada, à esquerda e a 35 quilômetros de Luxor apresenta um aspecto pitoresco, projetando-se com as suas tamareiras sobre a cadeia líbica.

Às 11 ½ chegamos a Luxor.

Fui imediatamente ver o templo.

Amenófis III, da XVIIIª dinastia (1500 a.C.) construiu o santuário e a parte principal.

A alta coluna que domina o rio data do reinado de Hórus (1480 a.C.), tendo Ramsés II feito os dois obeliscos, o da esquerda, companheiro do da Praça da Concórdia e o pilono que os acompanha.

As casas construídas em grande parte da área ocupada pelo templo e em torno dele tornam o seu estudo muito difícil.

Inúmeras inscrições louvam as riquezas e a grandeza desse Amenófis.

Os reis e os povos tributários vinham de países tão remotos que antes de serem conquistados pelo rei nem sequer conheciam o caminho e o nome do Egito.

Procurei com afincos e segundo indicações precisas a decoração mural que representa o nascimento do rei Amenófis, dado à luz pela rainha Motemua, e recebido pelas divindades que presidem aos partos; mas apesar de archotes e do emprego de escadas duvido muito que o pudesse encontrar.

Acham-se também no interior do templo os cartuchos de Taharqu - um dos reis etíopes XXVª dinastia - 600 a.C.), de Psamético e de Alexandre, a quem se deve, pelo menos, parte da ornamentação do santuário.

Observei os vestígios de um grande bloco de arenito construído numa extensão de 65m, para proteger o templo do extravasamento do rio, sob os últimos Ptolomeus ou sob os Césares.

Por ele se nota a direção diversa seguida pelo Nilo.

Vi também o canal aberto para o transporte do obelisco da praça da Concórdia em 1836.

Montado em burrico, visitei depois Karnak.

Observa Mariette -- Karnak é o mais admirável ajuntamento de ruínas do mundo. Nunca se vê Karnak o suficiente e mais se visita, mais avulta a idéia dela formada.

Não há exagero no que diz Mariette.

Lá volto amanhã.

É impossível fazer compreensível descrição dessa babilônia em ruínas.

Basta dizer que o contorno geral de tijolos crus mede talvez 2400m.

O grande templo, desde o portal exterior do grande pilono até o ponto extremo do edifício, tem 365m, sendo a sua largura, a do primeiro pilono, 113m. O perímetro total é de 950m.

A sala das colunas, ou hipostilo, construída sob o reinado de Set I, pai de Ramsés II é o mais vasto de todos os monumentos do Egito, medindo 102m de largura e 53 de profundidade, com 134 colunas de grandes dimensões que suportam o teto em uma altura de 23m na parte central.

Doze dessas colunas que formam uma avenida central igualam em diâmetro a da praça Vendôme e todas pertencem ao estilo egípcio.

O lado sul - entra-se pelo leste - foi o que mais sofreu com os séculos.

Várias colunas arqueiam e uma caiu sobre a que lhe fica frente.

Sobre a face exterior da muralha setentrional do templo e correspondente a esta sala, reportam-se baixos-relevos muito notáveis às expedições de Set I.

O rei está no seu carro. Os cavalos (o primeiro chama-se Poder) arrastam-no para a peleja.

Os inimigos são os Shashú, árabes do deserto. Ao lado, segunda batalha com os povos do país de Kharú e ainda outra campanha contra os Rutenu (Assírios) "que não conheceram o Egito".

Os prisioneiros, acorrentados, são arrastados para serem oferecidos aos deuses de Tebas.

O rei vitorioso volta para o Egito, indicando-se diversos lugares onde se demorou.

Perto de um rio, cheio de crocodilos, recebe as homenagens dos principais funcionários do país.

Grande cena. O rei brande a clava sobre as cabeças de um grupo de prisioneiros que segura pelos cabelos e vai imolar perante o deus de Tebas.

Novas cenas de guerra, etc. - Os baixos-relevos da face exterior, lado sul da muralha, correspondente à sala hipostila, comemoram a campanha do primeiro rei da XXIIª dinastia (980 a.C.), que a Bíblia chama Sesac, contra a Palestina.

O rei é representado de braço erguido a desfechar golpes sobre um grupo de prisioneiros, cujo crânio é tudo quanto a areia permite descobrir. São mais ou menos cento e cinquenta personagens cujas cabeças, unicamente, aparecem nos cartuchos serrilhados.

Nos hieróglifos estão os nomes das cidades que Set tomou na Palestina.

Esses indivíduos têm os traços e o modo de cobrir a cabeça que percebi na Judéia. Desenhei ligeiro esboço de um deles.

Champollion pensa que o nome Judat-meleh (rei de Judá) encontrado num dos cartuchos revelava em uma das cabeças a figura de Jeroboão; Brughsc, porém, demonstrou que se trata do nome de uma localidade Palestina.

Aliás é inteiramente idêntico o tipo de todas essas cabeças. Sobre a mesma parede, do lado de leste está a cópia do famoso poema Pentatur, do nome do poeta que pretendeu eternizar um feito de armas de Ramsés II, na campanha do quinto ano de seu reinado, contra os Khetas.

Tendo sido vítima de uma emboscada bate-se só; as queixas contra Amon, que ele sempre venerou e que parece querer abandoná-lo, lembram as de Davi, revelando o grande estro de Penta-ur.

As exprobrações do rei ao seu exército que não o acompanhou são muito belas; a última frase é a seguinte: “Tive de lutar só!”.

Antes desta sala atravessa-se o segundo pilono onde há duas estátuas de Ramsés III (da XXª dinastia, creio, 1 288 aC.), também construtor de um templo.

Uma dessas estátuas está ereta, tendo ambas sido esculpidas em monolíticos de granito vermelho, de sete metros de alto.

Segue-se à sala hipostila o terceiro pilono, precedido por dois obeliscos, em frente ao pátio de TutsésSet I (da XIIª dinastia, 1 655 aC.).

Seguem-se ainda o quarto pilono e dois obeliscos, dos quais o da esquerda é o maior até hoje descoberto, pois mede 33,20m de alto (o de Heliópolis tem 20,27m, o de Luxor, em Paris, 22,80m, o de S. Pedro, em Roma, 25,13m e o de S.João de Latrão, também em Roma, 32,15m.

Passa-se depois à sala das cariátides ou pilastras osíricas, que deveria ter sido muito bela antes de cair no estado de ruína em que está, penetrando-se no santuário ou apartamento de granito, que atualmente não passa de um amontoado de blocos de granito e onde é quase impossível reconstituir a planta primitiva; nesse mesmo lugar a comissão francesa de 1798 percebeu vibrações sonoras ao alvorecer.

Vem depois o grande pátio posterior onde se encontram colunas como as das grutas de Beni Hassan, embora não caneladas, datando do reinado de Usirtasen cujo cartucho apresentam, e o palácio de TutsésSet III (XVIIIª dinastia, creio, 1 600 ou 1 500 aC.).

Nesse palácio havia preciosos baixos-relevos, hoje no Louvre, representando TutsésSet a fazer oferendas a cinqüenta e sete dos seus predecessores, documento tão importante para a história faraônica quanto a tábua de Ábidos.

Ao sair do grande templo, pude do primeiro pilono, apreciar o admirável ocaso; o sol esbraseava como ferro fundido, iluminando através de delgado véu de brumas a cadeia líbica e a verdura magnífica que cerca o Nilo.

Do alto desse pilono adorei a Deus, criador de tudo quanto é belo, voltando-me para as minhas duas pátrias, o Brasil e a França, esta, pátria de minha inteligência e aquele pátria de meu coração ⁰⁰¹.

No interior do pilono, no alto, lêem-se os nomes das localidades do Egito onde se acham os principais monumentos, com a indicação de suas coordenadas geográficas, tudo aberto na pedra pela comissão francesa de 1798. As recordações científicas prendem-se, por toda parte, ao nome da França.

Não devo deixar de mencionar as inscrições de TutsésSet IV (XVIIIª dinastia, 1 500 aC.), Minepta I (XIXª dinastia, 1 300 aC.), Takelotes (XXIIª dinastia, 900 aC.), Filipe Arhideu (320) ? e Ptolomeu Alexandre (106-80, aC.).

Há outros monumentos no recinto que hei de ver amanhã.

Estudarei melhor o grande templo.

Diodoro aponta este recinto como o mais antigo dos quatro templos de Tebas. Faltam-me os livros para poder fazer um diário menos defeituoso; apesar de tudo preciso de bastante tempo para coordenar estas lembranças.

Se não as metodizar, arrisco-me a vê-las perturbadas por outras mais recentes. Enfim vou fazendo o que posso.

Ora, justamente esquecia-me de dizer que Hatson foi uma regente célebre da XIXª dinastia. Seu obelisco é de grande beleza e as inscrições da base nos informam que as suas extremidades estavam cobertas de ouro puro tomado dos chefes das nações.

Se não se tratava de uma mesa pyramidion ou de cobre dourado, como deveria ter sido o obelisco de Heliópolis, talvez se refiram às inscrições à esfera que se vê nos baixos-relevos de Sakarah

O obelisco era dourado, de alto a baixo, sem dúvida, notando-se que o fundo dos hieróglifos é polido com cuidado, sendo rugosa a superfície plana, tal como se tivesse de receber um reboco branco, fato que se repete em todos os monumentos egípcios.

Era ali que se dourava.

Enfim diz a inscrição que esse obelisco, assim como o companheiro derrubado, foram acabados em sete meses, desde o começo da extração na pedreira.

O embasamento é perfeito e o seu eixo, o do templo; seu peso considerável explica o emprego de meios mecânicos muito aperfeiçoados.

Dia 19 de dezembro de 1876 – Às 5 ½, parti para Karnak. A impressão de hoje ainda foi mais forte que a de ontem.

Até às 8 estive no santuário e nas câmaras graníticas, só, ouvindo o canto dos pássaros. Fiz um croqui do lugar onde me instalara. Tudo observei em Karnak com a máxima atenção. As colunas poligonais de Usirtasen I estão derrubadas; há porém, outras, do mesmo estilo, ainda eretas.

Almocei na sala hipostila e durante a refeição desenhei novo esboço. Não compreendo nem pude saber o que vem a ser a grade de pedra que se vê nesse croqui.

As colunas dessa sala colossal são em parte pintadas.

Examinei novamente muitos cartuchos e os baixos-relevos da parede exterior do sul da sala hipostila, página de história realmente interessantíssima.

Ao redor do grande templo, há ruínas curiosas do mais alto interesse; apenas me referirei, porém, a um pequeno templo onde se vêem imagens pintadas de vermelho.

Os hieróglifos dizem que se trata de uma embaixada fenícia; quase todas as imagens abraçam-se de tal modo que designarei o monumento pelo nome de templo dos amplexos.

Às pressas procurei reproduzir um desses amplexos.

Perto do grande templo há um pequeno lago, além de outro mais longe, semicircular, no fim de uma alameda onde, de cada lado, havia numerosas esfinges. Ambos estão um pouco salobros; da vizinhança extrai-se salitre. À direita e a esquerda de outra alameda pude contar 54 esfinges mais ou menos arruinadas; esta avenida ligava-se à primeira por uma terceira, perpendicular a ambas e devia prolongar-se até Luxor.

Essas avenidas, antes da destruição deviam produzir maravilhoso efeito, embora estejam as esfinges muito próximas uma das outras.

Vi também as ruínas de dois templos, um cheio de imagens de Tifon e o outro de estátuas da deusa Piht, em cuja cabeça abriram pequeno rego.

Seria para fazer algum acréscimo à essa cabeça ou para escoamento das águas, servindo de gorgulhas essas estátuas? Estão de pé e em parte enterradas.

Notei uma bela cabeça, igual à de uma esfinge cujo corpo está enterrado na areia. Sua expressão é realmente notável, e pareceu-me terem deitado a estátua de propósito e isso com verdadeira arte.

A direção da alameda das esfinges que vai ter ao lado semicircular atravessa quatro pilonos muito curiosos, cujos eixos não estão em prolongamento e voltados para a parte leste da muralha meridional da sala hipostila.

Do lado exterior desse pilonos haviam uma série de colossos em frente ao grande templo, exceto no quarto onde existem dos dois lados. Assentei-me sobre a mão enérgica de um deles descobrindo o cartucho de Amenófis

Ao chegar a Luxor (do árabe El-luq-sor, os palácios) encontrei-a muito movimentada, por ser dia de feira.

Camelos e jumentos havia-os em profusão, achando-se a praça da aldeia juncada de verdes canas-de-açúcar.

Às duas horas estava a bordo, transportando-me o vapor à margem oposta.

Desembarquei num lugar onde o Nilo extravasara recentemente, de modo que o terreno não tinha recuperado a consistência primitiva.

Fomos ao templo de Gurnah, erigido como monumento funerário em honra a Ramsés I, por seu filho Set I, cuja imagem em baixo-relevo, numa das câmaras, é muito bem feita, apresentando notável caráter de altivez e energia.

Todos esses baixos-relevos do reinado de Set I são muito melhores do que os que já avistei. O templo está bem deteriorado.

Visitei depois o Ramsseion ereto pelo rei Ramsés II. Começa por dois pilonos, dos quais o mais afastado representa cena idêntica à do Penta-ur.

Percebi distintamente os mesmos episódios que se deram nas margens do Arunta (o Orontes).

Vêem-se soldados egípcios arrastando prisioneiros, sovando-os com varapaus e procurando arrancar-lhes a barba.

No assalto de uma fortaleza distinguem-se soldados com escudos subindo em escadas; alguns vêem-se precipitados do alto das muralhas.

Observa-se também o exército egípcio em ordem de batalha, destacando-se um grupo que felicita o rei por suas façanhas.

O outro pilono está quase arruinado, desde o tempo da expedição francesa de 1798.

Perto deste, do lado de leste, acham-se os destroços do bloco de onde extrairam o colosso de Ramsés II, que media 17,50m de alto, pesando nada menos de 1 217 872 k – quatro vezes tanto quanto o obelisco da praça da Concórdia. É a obra de um rei que mandou erigir um templo à própria pessoa e, segundo Diodoro, fez inscrever sobre o colosso, que o autor grego chama de Osimandias, as seguintes palavras: “Sou o Rei, o rei Osimandias. Se alguém pretende saber quanto fui grande onde jazo procure primeiro exceder uma de minhas obras.”

Como a noite caísse, apenas pude percorrer o templo. Amanhã, de manhã, conto estudá-lo. Os colossos de Menon destacavam-se ao longe na planície verde, para o poente inflamado.

Voltei por outra estrada mais curta e, em grande extensão, toda cheia de buracos, que me disseram serem túmulos. A cadeira arábica também apresenta inúmeras entradas de sepulcros escavados na rocha.

Seria da maior importância conservar todos esses templos tão curiosos, sobretudo os de Karnak, cujo calcário está corroído pelo salitre. Acho que se devia limpar os baixos-relevos com cuidado porque atualmente o pó, a fuligem e as imundícies quase que os tornam invisíveis.

Dia 20 de dezembro de 1876 – Às 5 ½ da manhã deixei o vapor para tornar a ver os colossos de Menon. Antes do sol nascer já os distinguia, na planície, distantes de meia-légua.

Representam Amenófis III; as estátuas encostadas ao trono e as que estão de pé são: à direita, a de sua mulher Tuet e à esquerda a de sua mãe Motemua, que não lhe atingem a altura dos joelhos.

Após o terremoto do ano 29 aC. A que se refere Eusébio Theboe et Egypti usque ad solum dirutoe sunt, o colosso do norte (o da direita para os que os contemplam de frente) começou a emitir sons semelhantes à voz humana, ao nascer do sol.

Dois séculos mais tarde, Septimio Severo mandou refazê-lo e completar com grandes blocos; daí em diante calou-se.

Subi até a parte superior do solo, procurando ler as inscrições que se acham sobretudo sobre o pé esquerdo e as pernas.

Transcrevo as que me pareceram mais curiosas. As outras copiei-as do livro de Mariette Bey.

..... Tenax Primipilaris leg. XII fulminat et C. Valerius Priscus Leg. XII et L. Quentius Viator decurio andimus Memnona Anno XI.

[Digitalizado do original, para melhor compreensão das palavras em grego] ⁰⁰²

(Floriano Filipe ouvia Menon enquanto o divino autocrata Adriano o escutava à hora...)

Senti não haver encontrado a inscrição citada por Mariette: “Sabina Augusta, esposa do Imperador César Augusto, ouviu duas vezes a Menon durante a hora primeira”.

Da poesia também lançaram mão: por exemplo, diz Patumanus: “Quanto a ele, sentado no trono e privado da cabeça, ressoa suspirando para queixar-se à sua mãe dos ultrajes de Cambises, quando o brilhante sol lança os primeiros raios e anuncia o dia aos mortais aqui presentes”.

Outro assim se exprime: “Tua mãe de dedos de rosa, ó célebre Menon, deu-te a voz, para mim, que queria ouvir-te... (o trecho é longo demais para que se transcreva).

Gemela, por sua vez, escreveu uma poesia aqui, tendo sido acompanhado da cara esposa Rufela e filhos.

Os dois colossos estavam à entrada da longa avenida de esfinges, cujo traçado ainda se divisa no solo, devendo dirigir-se a um templo.

Um pouco à frente dos colossos há outro, deitado do lado esquerdo e quebrado em diversos lugares. Todos eram disformes monólitos. Existem ainda outros destroços desse grande templo de Amenófis III.

Tendo um árabe subido ao ombro de um dos colossos, pude melhor avaliar-lhe o tamanho.

Fui depois ver o pequeno templo de Dur-el-Medineh, oculto numa dobra de terreno, atrás da parte da necrópole de Tebas, hoje chamada Lurnat-Murai.

Começou-o Ptolomeu Filopator, acabando-o seus sucessores.

A fachada é muito elegante e de um tipo de que o templo é o exemplar mais bem conservado. Nela se vê uma janelinha muito curiosa de que tirei desenho, que apenas valeu para que a olhasse com mais atenção.

Visitei depois os túmulos escavados nas colinas rochosas; o de Hauri, da XVIIIª dinastia, tem pinturas que o representam tomando posse, sob o título de príncipe de Kush, do governo geral de Sudão. Distinguem-se imagens de povos de todas as cores, os negros com os traços étnicos característicos, embora de narizes arrebitados, girafas, bois, anéis de ouro, barras de cobre, leques de cabo comprido, penas de avestruz que lhe trazem, etc.

Houí lá está também a voltar de uma missão no país de Rutennú (Assíria). Apresenta ao rei os embaixadores dessa nação, que se destacam pelas grandes túnicas de cores vivas em que se envolvem várias vezes.

Os escravos, nus até a cintura, são de cor branca e vermelha, e trazem, como presentes, cavalos, leões, barras de metais preciosos, vasos de ouro e prata curiosamente lavrados. Notam-se ainda dois macacos, um a saltar numa corda e outro do gênero dos cinocéfalos.

Os túmulos de Scheik-abd-el-Gurnah são também dignos de interesse. Examinei alguns, tendo de escalar colinas de acesso bastante difícil.

Em caminho assisti a uma cena tocante: um homem idoso acompanhado por um rapaz e um menino chorava ruidosamente à porta de sua cabana. Acabavam de ver morrer a mulher e mãe.

Notei, nesses túmulos, baixos-relevos referentes a cenas da vida desses tempos, como, por exemplo, o arroteamento dos campos, o estabelecimento de uma eclusa, etc.

Uma figura de mulher, com ar melancólico e a mão ao peito, pareceu-me bem notável. Alguns dos tetos tinham pinturas de traços graciosos, cujas cores conservavam o frescor primitivo.

Ao descer colinas, perto da casa onde residiu o célebre egiptólogo Wilkinson, que estudou e catalogou todas essas grutas, entrei numa delas, onde notei colunas dóricas idênticas às de Beni-Hassan.

Uma dessas colunas tem hieróglifos muito visíveis. Daí fui ao templo de Deir-el-Bahari, mas antes de falar dele, devo dizer que, no túmulo, perto da casa de Wilkinson, encontrei pela primeira vez um corredor subterrâneo fazendo um cotovelo que ia ter ao buraco por onde descia a múmia.

O templo de Deir-el-Bahari está num canto formado pelas colinas. Embora de uma aridez absoluta, o aspecto do local é assaz pitoresco.

O templo tem três andares, a que vão ter outras tantas rampas. Precediam-no uma alameda de esfinges inteiramente destruídas e dois obeliscos de que restam apenas as bases. Nele se vêem baixos-relevos e pinturas muito curiosas, sobretudo as que se referem à expedição marítima, enviada à Arábia (país de Punt) pela rainha Hutason, irmã de Tutmés II e de Tutmés III, cujos cartuchos são muito diversos, quando associada ao trono, do tempo dos irmãos, regente em nome do último, ou quando reinou por si.

Notei cartuchos dessa princesa junto de outro dos Tutmés e ainda muito legíveis, embora destruídos. Provavelmente fizeram como outros monarcas que martelaram os cartuchos dos predecessores, cujo nome os ofuscava.

No baixo-relevo pintado, de que falei, aparecem peixes perfeitamente desenhados, perfeitamente reconhecíveis, para os que estão familiarizados com a ictiologia do Mar Vermelho.

Mariette descrevendo esses baixos-relevos fala de choupanas cobertas por cúpulas. Não as vi; amanhã hei de voltar a esse templo tão interessante.

De ambos os lados de uma escada do fundo vê-se a efígie real bebendo o leite divino nas tetas de Hator, representada sob a figura de uma vaca de notável realismo. O menino mama com um apetite que me fez sorrir. Desde a XXIIª dinastia começaram a utilizar-se deste templo como necrópole; vi num dos quartos muitos restos de múmias, cujo cheiro rivalizava com o dos vestígios dos morcegos.

Indo daí para El Assasif encontrei grandes construções de tijolos crus, arruinadas e apresentando verdadeiros arcos abobadados. Entrei depois no grande túmulo pertencente, provavelmente, à XXVIª dinastia (600 a.C.). É um imenso corredor em rampa. Além do orifício tumular, vêem-se de ambos os lados nichos com duas estatuetas, algumas das quais bem conservadas. Todas as paredes estão cheias de hieróglifos em baixo-relevo, sendo isso extraordinário, quando se reflete que esses túmulos deveriam estar, em quase todo o comprimento, escondidos para sempre, pela grande pedra que os fechava.

O túmulo que percorri, nos seus corredores principais e laterais e nas câmaras, continha milhares de morcegos que me tocavam no rosto com as asas.

Ao sair voltei ao Ramesseion para melhor examiná-lo.

É na fachada do pilono menos afastado do templo que se acha a cena do Penta-ur. O outro pilono apresenta no frontispício, defronte ao templo, um episódio de batalha contra os Ketas e dá acesso ao pátio, cercado de pilastras, onde se apoiam grandes imagens de Ramsés, revestido de atributos de Osiris, como convém a um monumento de caráter funerário.

Diante desse pilono, isto é, do lado do templo, está o colosso. Examinei com atenção o teto do único quarto coberto que deu motivo a trabalhos astronômicos de Biot; não pude, porém, reconhecer senão a natureza astronômica das imagens, das quais treze, inclusive uma estrela, parecem representar os primeiros meses lunares e o complementar.

As colunas da sala com os seus capitéis ornados de palmas são menos desgraciosas do que as da sala hipostila de Karnak.

Voltando ao vapor entrei num túmulo da necrópole de Drah-Abul-Neggat, a mais antiga de Tebas e correspondentes às dinastias XIª, XVIIª e começo da XVIIIª. Os sarcófagos dos reis Entefs (XIª) que estão em Paris e Londres e o da rainha Ash-Hotep com a sua coleção de jóias, do museu do Bulaq, provêm dessa necrópole.

Na gruta nada vi de notável.

Dia 21 de dezembro de 1876 – O vapor foi atracar mais perto de Medinet Abu; por causa de uma ilha tivemos de passar por um canal que nos levou ao lugar do desembarque.

Medinet-Abu compõe-se do templo de Tutmés III, cujos cartuchos mais antigos são de Tutmés II, do templo magnífico de Ramsés III e de uma parte com duas torres quadradas, que não se sabe se era palácio real ou fortaleza. Em que edifícios habitaram os Faraós? É difícil dizê-lo.

As duas últimas partes estão separadas por um pátio.

As janelas das torres apresentam exteriormente ornatos muito originais; consolos suportados por imagens de prisioneiros ajoelhados parecem ter servido nos pisos superiores para prender o velarium destinado a amortecer os ardores solares.

Desde a porta da entrada do edifício que denominarei palácio, vê-se Ramsés levando prisioneiros aos deuses.

Seu tipo está muito bem caracterizado. Do lado direito, norte -- os asiáticos, os da Líbia e do país de Kaushu à esquerda, do lado sul. Todos os nomes estão em hieróglifos.

No palácio não há senão cartuchos de Ramsés III. O primeiro pilono do templo desse rei menciona em estelas figurativas as expedições contra os líbios, os maschuscha e outros povos oriundos da Líbia, Síria e ilhas do Mediterrâneo, coligados contra o Egito. Na fachada norte do pilono o rei prostra com uma clava prisioneiros ajoelhados.

O deus Amon-Harmachon apresenta-lhe o machado de guerra e faz-lhe esta prática: “Volto o rosto para o norte e quero que os fenícios estejam a teus pés. Quero que as nações que não reconhecem o Egito tragam para a tua casa todo o seu ouro, e prata..... a Arábia te forneça em perfumes, essências e madeiras preciosas todos os seus produtos. Volto o rosto para o leste, e quero que os habitantes do país dos Tekenon te prestem homenagem.”

O pátio, logo após o primeiro pilono, é notável pelos colossos de Ramsés III e Osíris encostados aos pilares e revestidos do caráter funerário do monumento. Nesse segundo pátio avista-se, de frente, a face anterior do segundo pilono. Do lado meridional, vê-se grande quadro, cujo grupo inferior representa diversos povos do Mediterrâneo coligados contra Ramsés e formando uma confederação com os povos da Ásia Ocidental. O lado setentrional contém a longa inscrição que o Sr. de Rougé interpretou. Atravessando a porta de granito desse pilono, penetra-se num vasto e interessante pátio, cujos quatro lados apresentam galerias cobertas de esculturas de cores vivíssimas.

A este e oeste essas galerias repousam sobre pilares, onde se encontram estátuas do rei; as duas outras começam por colunas maciças cujos capitéis representam flores de lótus ainda por desabrochar.

No meio notei fustes de colunas de uma antiga igreja copta. Nessas galerias há também cenas de batalha. Vêem-se mãos decepadas de prisioneiro cuja virilidade também foi mutilada, exatamente como sucedeu nestes últimos tempos na Abissínia com os egípcios aprisionados. Nas Cartas escritas do Egito de Champollion, encontra-se a descrição – que verifiquei in loco – de um desses quadros, em que se pinta a saída do rei para adorar Hórus.

O muro exterior contém dez quadros de uma campanha.

Um representa renhida batalha naval em que se nota um navio com o caso virado.

Na oitava fala-se da esquadra dos Scherdina e também da coligação contra Ramsés; lê-se o nome de Puliste que o Sr. de Rougé acredita serem os Filisteus; segundo um trabalho que Brugsch deve publicar, todos esses nomes de povos, ou quase todos, são os de cidades de Chipre, o que é muito mais aceitável para explicar-se a confederação, nessa época, de nações tão distantes umas das outras.

Nas paredes interiores do palácio notam-se baixos-relevos, dos quais um representa o rei jogando damas com uma mocinha.

Distinguem-se-lhes as mãos, a segurarem peças iguais a onze outras, sobre uma espécie de mesa.

Em frente ao templo de Tutmés III, vê-se um pátio sem importância, cujo teto mostra, pela arquitetura, ser contemporâneo do resto, como aliás também o pilono a meio construído após tal pátio.

Voltei ainda a Deir-el-Bakari. Creio ter enfim encontrado a choupana de cúpula, cuja forma e entrada e a vizinhança de pombos fazem-me acreditar que se trate de um pombal.

Nesse templo as colunas são todas do estilo dórico de Beni Hassan.

Como amostra do estilo de Ramsés III, reproduzo o hino que se lê no primeiro quadro, e que representa a sua volta a Tebas. “Estou sentado sobre o trono de Horus: a deusa Hurkekau reside sobre a minha cabeça. Rival do Sol, protegi com o meu braço os países estrangeiros e as fronteiras do Egito para repelir os nove povos. Apoderei-me de seu território e suas fronteiras são hoje as minhas. Cumpro os desígnios do senhor absoluto de meu venerável pai divino, o senhor dos deuses. Soltai clamores de alegria, habitantes do Egito, até as alturas dos céus. Sou o rei do Alto e Baixo Egito, sobre o trono de Tum, que me deu o cetro do Egito, para vencer em terra e no mar e em todos os países”.

Voltei aos túmulos dos reis em Biban el Moluk; já é muito tarde, deles falarei amanhã.

Cheguei a bordo às 7 ¼. A vapor, voltarei a Luxor.

Esqueci-me de dizer que vi em uma parte do templo de Luxor, pinturas de uma igreja da Idade Média. As tapeçarias e as pernas de um cavalo estão sofrivelmente desenhadas.

Vi também no meio das ruínas interessantes antigüidades descobertas pelo Sr. Mounier.

Dia 22 de dezembro de 1876 – Parto hoje para Esneh --, antes, porém, devo falar dos túmulos reais. O vale que lá vai ter é de uma aridez absoluta, verdadeiro caminho de mortos cujo comprimento, a partir do Nilo, regula seis quilômetros. Todos os túmulos foram escavados na rocha e as câmaras interiores que se encontram nos outros e onde se reuniam os que honravam os mortos deviam ser grandes edifícios comemorativos construídos à entrada da necrópole, como por exemplo, no Ramesseium, o grande templo de Medinet-Abu; o número dos túmulos é de vinte e cinco.

Estrabão fala de quarenta mas, embora supondo que nesse cômputo não se incluam as sepulturas das rainhas, é preciso notar que os primeiros reis da XVIIIª dinastia não se acham em Biban el Moluk.

Aquém da série iniciada por Amenófis III, pode dizer-se que não há um único monarca, um pouco conhecido, até o último da XXª dinastia com exceção de Hórus, cujo túmulo falte em Biban el Moluk.

Horus tem um lugar cronológico até hoje incerto, e como foi o último da XXª dinastia, há quem pense encontrar-lhe o túmulo no vale de oeste, ao lado dos contemporâneos.

Comecei visitando o túmulo de Set I, cuja descoberta se deve a Belzoni. No gênero, é digno de figurar ao par dos mais notáveis monumentos do Egito.

É imenso e para percorrê-lo deve-se descer por três rampas de degraus muito suaves. As cenas dos baixos-relevos e as pinturas diferem inteiramente das dos túmulos comuns. Tudo ali é fantástico quimérico; os deuses têm formas exóticas.

Enormes serpentes, quase todas com três cabeças, rastejam pelos quartos e põem-se de pé, apoiadas às portas.

Há condenados que estão sendo decapitados e outros lançados às chamas. São as provas que o morto pode arrostar quando virtuoso. O túmulo não é senão a imagem figurada da alma até à morada eterna.

A grande sala do fundo mostra a definitiva admissão à segunda vida “que a morte não pode atingir”, reza a inscrição.

Quando Belzoni, o grande viajante cujo busto visitei na imensa sala do paço municipal de Bolonha ou de Pádua, descobriu o túmulo, jazia, no quarto do fundo, então entaipado por uma muralha, belo sarcófago de alabastro.

Belzoni mandou derrubar a parede por causa do som que emitia, quando perscrutada, indicando vazio.

No meio do quarto há um corredor que penetra no solo até certa distância e que mostra ter sido interrompido.

Como em todos os monumentos que se referem a Set I, os baixos-relevos, sobretudo os das diferentes divindades que rodeiam um dos quartos do fundo, são feitos com muita elegância e finura, embora ainda submetidas ao cânone tão constrangedor para o artista.

Vê-se uma sala inteiramente rodeada por uma espécie de altar cuja frente está cheia de pinturas.

Em certo lugar a cor amarela é vivíssima, como aliás acontece em quase todo o túmulo.

Há tetos abobadados cujas linhas e pinturas são belíssimas. Em parte alguma, porém, pude observar nas cores, no vermelho sobretudo, um polido luzidio parecendo verniz, tão perfeito quanto o dos túmulos visitados anteontem.

Os baixos-relevos pintados mais curiosos são os grupos, que se reproduzem, de quatro imagens cada um, representando as quatro raças conhecidas: egípcios, semitas, negros e brancos, com a pele, fisionomia e trajos característicos.

Vi depois o túmulo n.º XI (Wilkinson, numerado com tinta vermelha e algarismos gravados), o de Breio, chamado o dos harpistas.

Lá estava a múmia de Ramsés III, o túmulo, porém, não corresponde à câmara exterior, magnífica, do grande templo de Medinet-Abu.

Há também quartos notáveis, onde foram reproduzidos o mobiliário do rei, seus trajes de cerimônias, os produtos de seus jardins e hortas, o trabalho das herdades, suas armas e chicotes, as iguarias dos banquetes, etc., etc.

Num desses quartos se acham as famosas harpistas tão populares, graças ao desenho que delas tiraram. Em outro, as paredes estão cobertas de imagens da deusa, numa espécie de armário.

Afinal entrei nos nº 9 e 6 de Ramsés VI e IX. Nada contém de notável, a não ser no primeiro, imenso sarcófago de granito, quebrado, e no outro (acho que Mariette se engana no número que indica) certas imagens que me obrigam a dizer que o viajante deve vê-las, lembrando-se sempre de que o simbolismo religioso do Egito presta-se a extravagâncias que mal se podem referir.

No túmulo de Set vê-se uma barca arrastada por planos de níveis diversos, indicando a passagem das cataratas do Nilo; no de Bruche observei planos inclinados por onde desliza uma caixa, parecendo reproduzir o modo pelo qual o cofre da múmia chegava ao seu lugar no túmulo.

A noite estava estrelada, havendo lua que aumentava o efeito produzido pelo aspecto do vale dos mortos. Minhas recordações dali serão profundas.

“Os monumentos do Egito”, escrevi num livro dado pelo célebre egiptólogo Lepsius ao cônsul alemão de Luxor, “serão em todos os séculos uma das maiores fontes de prazer para os pensadores.”

Às seis da manhã saí de Luxor. Às 8 ¼ passávamos em frente a Ersut, à margem esquerda, a antiga Hermonthis. Entre o rio e a aldeia o solo está juncado de destroços. Ali se encontram os cartuchos de Tutmés II, da XXIIIª dinastia (800 aC.). À esquerda das ruínas existe um templo da época de Ptolomeu Alexandre e de sua mãe Cleópatra (100 aC.) onde há cartuchos de Cesarião, o filho de Cleópatra e Júlio César.

Esse templo era dedicado a Harpekhuti (Harpocrates dos Gregos), Hórus criança, símbolo do sol nascente.

Sinto bastante muito não ter visto a tábua geográfica, recentemente descoberta por Mariette, em Tebas.

A 20 telegrafei-lhe de Gurnah pedindo indicações precisas do local onde se acha.

Não respondeu ainda. Talvez sobre-me tempo de vê-la voltar.

Antes de chegar, vi à direita Djebel Gebelein (as duas montanhas) que apresentam contornos notáveis. Fiz um croqui dessas rochas.

Cheguei a Esneh às 10 e 40 minutos. Resposta de Mariette com as indicações. Na volta, hei de parar em Luxor. Visitei o templo de Esneh A sala hipostila - fachada e colunas - é da época romana. Vi cartuchos de Septímio Severo, Caracala e Geta. O fundo é da época grega e mostra que parte, pelo menos, foi construída por Ptolomeu Filopater.

Os capitéis das colunas demonstram trabalho delicado e cuidadoso.

A arquitetura, menos sujeita à influência hierática, pôde emancipar-se sob os gregos e romanos, ao passo que a gravura e a escultura caíram em decadência.

Mariette disse-me que a redação dos textos da sala é tão má, tão recheada de trocadilhos e de letras empregadas a esmo, que se torna preciso uma aptidão especial para adivinhar-se o sentido das frases.

Apesar da ascensão das muralhas nada se descobriu que esclarecesse a reconstituição da planta geral.

Encostada ao muro, onde se encontra a única porta visível, há uma espécie de grande nicho com baixos relevos que não parece mais recente do que a construção.

Contam que Champollion pôde ver o santuário onde conseguiu ler o nome de Tutmés III.

Dizem que as outras partes do templo jazem sob as casas da cidade, no meio das quais está encravada a parte que se pode visitar. Percorri as ruas onde existem restos da muralha exterior e de um cais feito com grandes blocos, que pertencia a uma antiga barragem do rio.

Às 12 ¼ desatracamos. Desembarcarei em El Kab para visitar os túmulos, entre outros o de Ankmés, chefe dos barqueiros, que serviu de assunto para uma memória de Mr. de Rougé.

Quando por ocasião da Exposição Universal de Paris pedi-lhe algumas obras, mandou-mas com as suas demais produções. Foi das primeiras que estudei na época em que comecei a ocupar-me com a egiptologia.

Conheci Mr. de Rougé em 1872 e foi, talvez, para atender a um pedido meu que reabriu o curso do Colégio de França, nesse ano, sentindo-se já bem doente.

Morreu pouco após o meu regresso ao Brasil. Será, pois, com vivo interesse que hei de visitar esse túmulo.

Esneh era a Latópolis de Estrabão (do peixe *latus*, venerado na cidade). Entretanto o nome hieroglífico é Chemma ou Seui.

Sete quilômetros à montante de Esneh, está El Kenon, onde começa a região do arenito calcário que os egípcios tanto empregaram nos seus monumentos do Alto Egito. Este lugar é o chiubés dos Ptolomeus.

Às 3 horas desembarquei em El Kab, a antiga Eileitias.

À margem direita, em face de Hieraconpolis, encontrou-se o nome do rei Usitarsen em uma pedra das ruínas.

Em meia hora atingi as colinas onde se acham os túmulos. Comecei pelo do monarca Fêre, cujas paredes do quarto têm baixos-relevos representando cenas da agricultura, cultura da vinha, fabricação do vinho, caça e pesca, criação de gado, assim como de embalsamentos e preparação de múmias.

É curiosíssimo e contemporâneo da XVIIIª dinastia, assim como os demais.

Procurei detidamente o de Ankmés, e entretanto está a 30 passos do outro, à direita de quem sai.

Li na inscrição os cartuchos do rei Aahmés (Amasis dos gregos) e os de seu predecessor Ápriés. Não achei o de Tutmés I.

Aahmés distinguiu-se como chefe dos barqueiros, almirante contra os pastores, os Hicsos. A inscrição é muito conhecida. Observei no primeiro túmulo dahabiehs, cujas vergas tinham uma roda virando no convés para facilitar a manobra da vela.

Voltando a bordo, percorri durante 10 minutos, em passo rápido de burrico, os dois lados de um recinto de tijolos crus, que me pareceu antigo. Há no interior fragmentos de colunas dóricas como as que já descrevi, cheios de hieróglifos da decadência ou talvez mesmo da época romana. Também vi os restos de uma estátua ajoelhada – de pedra negra – com hieróglifos que me pareceram melhores como feita.

Essas ribanceiras do Nilo estavam cobertas de monumentos; Tebas, porém, merecia bem o nome de cidade de cem portas.

Pelo que vi, a cidade e as duas margens do rio deviam ocupar extensões de mais de 12 quilômetros, de cada lado do Nilo. Segundo alguns papiros havia com o nome de Rua Real, uma comunicação direta entre o grande templo de Ramsés III, de Medinet Abu, e o templo meridional da margem oposta, perto do Luxor atual, que eu acredito ser o que percorri, embora encravado na aldeia atual.

Esqueci-me de dizer que também visitei, no dia de Medinet-Abu, um templo minúsculo, ao sul e próximo ao de Tutmés, da época dos últimos Ptolomeus.

Só pude avistar, de longe, (aliás nada ali interessa) o local dos lagos que serviam aos templos de Medinet-Abu. Cada qual tinha o seu para a passagem das barcas sagradas.

O lugar chama-se hoje Bisket-Abu.

Logo que cheguei a bordo, o vapor partiu para Edfu.

Desde ontem, encontro-me com o barco da companhia Cook para o transporte de passageiros até Assuan, de onde os que querem continuar até a 2ª catarata vão a cavalo até Filoe, para apanhar o outro vapor da mesma companhia.

Não tive ainda ocasião de dizer que observei na muralha setentrional do grande templo de Medinet Abu três gárgulas que parecem indicar que outrora ali chovia bem mais que hoje. No teto do templo de Esneh há um zodíaco; verificou-se, porém, que essa representação não tem a mínima importância para a cronologia.

Dia 23 de dezembro de 1876 - Às 7 desembarquei. Atravessei lavouras não tão belas quanto as de ontem, embora quase me cobrissem, a cavalo, verdade é que num burrico. Não cheguei a gastar meia hora para chegar ao pilono que se vê de longe, e está muito bem conservado.

Na fachada exterior, de cada lado da porta, vêem-se duas cavidades prismáticas, cujo fundo é vertical.

Atingem elas grande altura do pilono, que se eleva a 35 metros (dez menos que a coluna Vendôme) e parecem servir de apoio aos mastros de bandeiras que o ornamentavam.

As câmaras interiores do monumento cujas janelas quadradas se vêem de fora no alinhamento vertical das corredeiras, serviram provavelmente para o levantamento dos mastros.

O templo de Edfu foi fundado por Ptolomeu IV Filopater.

O santuário e os quartos que o envolvem, a capela e toda a parte posterior, pertencem ao reinado desse Ptolomeu.

A decoração de algumas salas do centro é devida a Ptolomeu VI Filometor. A sala hipostila que forma uma espécie de fachada, à frente do edifício, é de Ptolomeu Filometor e de Ptolomeu IX e Evergeto II.

O corredor exterior tem de um lado os nomes desse Evergeto II e do outro os de Ptolomeu XI e de Alexandre.

O pilono foi decorado ou talvez mesmo construído sob o reinado de Ptolomeu XIII, Dionisios.

Entrando pela primeira porta do templo em frente ao piloto, tem-se à esquerda um quartilho de pedra encostado à muralha e chamado o quarto das estrelas segundo os hieróglifos que nos atestam que o rei ali se purificava antes de penetrar no santuário.

À direita, há uma outra, onde existe, em hieróglifos, a lista dos livros da biblioteca, chamada a bibliotheca.

Na parede interna da muralha exterior do templo, do lado sul, em frente à parte central, com que forma o corredor exterior, notam-se baixos-relevos curiosos, representando caçadas de hipopótamo por meio do arpão, com uma corda destinada a puxá-lo. O bruto tem, aliás, as patas traseiras amarradas por meio de cordas e correntes.

Vi ainda um crocodilo atravessado por um lançaço e comprida rede puxada por muitos homens e envolvendo pássaros, peixes, cabritos monteses, um belo veado e até homens prisioneiros.

Na parede exterior do templo, li o cartucho de Cleópatra. Baixos-relevos relativos a assuntos religiosos acham-se espalhados nos quartos que rodeiam o santuário, como em Denderah, cujo templo lembra muito a disposição deste.

A capela de Hor-hut, filho de Hator, e o Horut de Edfu, contem baixos-relevos de figuras mais bem feitas, e é o único onde se nota a imagem da barca do deus.

Numa parte do embasamento exterior do templo, hieróglifos que mostram que cada quarto tinha um nome, mencionando-se-lhes além disso as dimensões em côvados e meios côvados egípcios, de modo que pela medição dos aposentos, conhecem-se hoje as relações entre as medidas do antigo Egito e os metros.

O arquiteto do templo deixou a assinatura; chamava-se Ei-em-hotep-der-si-Phtá (Imhotep, o grande filho de Phtá).

No canto de um dos quartos, há um monólito de granito cinzento, talhado em forma de nicho, onde pude ter-me de pé e que foi deslocado do santuário, onde devia estar como em Denderah

Pode-se afirmar que o monólito foi lavrado por Nectanebo I (XXXª dinastia) -- li o seu cartucho no interior -- para servir de naos (santuário) do templo, no local onde construíram o que existe.

No corredor exterior, do lado norte, descí por uma escada que vai ter a um reservatório comunicando com um poço, fora do templo, para receber a água do rio, cujo nível pode-se avaliar pelo do poço.

Há gárgulas, pelo menos, pela forma, como em Medinet Abu; mas essas não têm abertura. Seriam consolos como os do palácio de Medinet-Abu?

O pátio, vastíssimo, rodeado de colunas entre o pilono e a primeira porta do templo, é muito belo, assim como os capitéis das colunas, em estilo egípcio, alguns com palmas muito elegantes.

Nem todos são semelhantes e sim dois a dois, ocupando cada coluna um dos grandes alinhamentos do pátio.

Do lado do templo não há colunas, existindo duas salas, em continuação uma da outra, logo após a porta da entrada.

O templo tem ainda criptas em corredor e duas escadas para os terraços; a do sul conta várias rampas (seis ou sete) e a do norte uma única permanece. Nas paredes desta os baixos-relevos têm a face voltada para o lado da descida.

Nos terraços não há templo pequeno e sim, apenas, dois quartos.

Subi do lado norte de pilono. Que vista!

Li gravado numa pedra, no alto, o nome de Caillaud (1816), o célebre explorador da Abissínia e das nascentes do Nilo.

Voltando até quase a metade do caminho, passei para o lado sul do pilono, em cuja entrada li e copiei o nome do engenheiro Legentil com a seguinte data: Frimaire, an VIII, com o metro que ele traçara acima e à esquerda do nome.

Visitei depois, junto ao grande templo, outro, minúsculo, de Tifon, cuja imagem se repete nas frisas e acha-se também na parede do fundo.

Ouvindo ao guia Isambert, que acho excelente, embora um tanto atrasado, fui às colinas de arenito ver as grutas que ali há, trabalho totalmente infrutífero.

As 2 ½ estava a bordo e a caminho de Guebel Selsesah Desde ontem à tarde o vapor encalhou diversas vezes, durante momentos, porém.

Ao passar por algumas cabanas de felas, noto que ainda não falei de certas construções ou antes fornos de terra anexos a essas cabanas que elas emolduram algum tanto e às vezes de modo bem original, segundo o gosto egípcio, inspirado pelos monumentos.

Os pombais por exemplo, têm a forma exterior dos pilonos. Abertos por baixo, neles guardam grãos e frutas para secar. Servem também de quarto de dormir no verão.

Brugsch emitiu a opinião de que as ranhuras de que falei poderiam ser o ponto de apoio não de mastros de bandarias propriamente ditos, e sim primitivos pára-raios.

Lembra-me isso o que imaginaram a princípio das hastes pontudas que coroavam o templo de Salomão para depois chegarem à conclusão de que serviam para impedir que os pássaros pousassem nas açotéias do templo, sujando-as.

O luar, hoje, não está tão belo como ontem.

Passei, no entanto, algumas horas deliciosas, deixando a imaginação divagar.

Acreditei a princípio que os templos eram orientados, mas penso agora, que suas fachadas se voltavam para o Nilo, o rio sagrado, que alimentava os lugares onde as barcas levavam as imagens das divindades e onde se representava a passagem das almas para o amenti (o inferno egípcio). Lá impunham-lhes provas... (O manuscrito imperial aqui se interrompe).⁰⁰³

Nota do tradutor Taunay: Vários dos nomes próprios citados neste Diário devem ter sido incorretamente grafados devido à dificuldade de interpretação da caligrafia de D. Pedro II, muito apagada, quase sempre, e com os caracteres confusos de quem escreve às pressas. Procurou o tradutor identificá-los todos com os nomes inscritos nos mapas do Egito e nos livros de egiptologia de que pôde lançar mão; alguns houve, porém, cujos equivalentes não foram encontrados; é bom notar, aliás, que há fundas divergências na grafia de grande número dos termos e apelidos egípcios, segundo os diversos autores, como por exemplo Usitarseu, Urutersen, Usitersen, etc., etc.

VOLUME 21

2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 5ª PARTE (EGITO)

24/12/1876 a 06/01/1877

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

24 de dezembro de 1876 — Partimos às 6h do local onde havíamos ancorado ontem. Antes do alvorecer avistamos o Cruzeiro do Sul. Foi um grande prazer para mim.

Desembarquei na margem esquerda. Avistei primeiramente a caverna (speor) do reinado de Hórus, último rei da XVIII dinastia. Apresentam-se inicialmente quatro colunas e em seguida uma câmara com diversos nichos contendo estátuas sentadas, em baixo-relevo, bastante deterioradas.

No ângulo sudoeste existe sobre a parede sul uma deusa aleitando o rei Hórus. É um belo conjunto pela naturalidade e graça com que a deusa oferece o seio. Sobre a parede oeste vê-se o triunfo de Hórus. O rei sentado no trono é conduzido por doze oficiais do exército. Dois outros carregam o flabelo — muito necessário neste clima e com tantas moscas — acima da cabeça do rei. É o retorno de uma expedição contra os Cuchitas do Sudão. Soldados armados precedem o cortejo escoltando os prisioneiros aterrorizados. Eles dizem ao rei:

Curve tua face ó rei do Egito, sol do novo povo (líbios). Teu nome é engrandecido na terra Couch e és renomado guerreiro naquelas terras. Tua coragem — ó bondoso rei — deslumbrou os povos. O Faraó é nosso sol.

Examinei a seguir, junto à margem do rio, duas mesas com imagens e hieróglifos tendo como cercadura ornamentos arquiteturais, todo o conjunto inteiramente escavado na rocha e mais acima o que o povo chama de sustentáculo do conjunto e do qual falarei posteriormente. Reconheci ali os cartuchos de Set I e Ramsés. Um pouco mais adiante, à direita, existe outra mesa escavada na rocha, mas sem os mesmos ornamentos.

Retornando, notei ao longo da margem nove cavidades na rocha, razoavelmente grandes, das quais algumas exibiam, em péssimo estado, hieróglifos e estátuas sentadas.

Bem próximo à gruta de Hórus avistei três mesas esculpidas na rocha, em uma das quais se vê a imagem de Schaschang (XXII dinastia, 900 a.C.), o Sesac de que fala a Bíblia, apresentado a Amon pela deusa Moat. Vi nessas mesas o cartucho de Ramsés V (XX dinastia, 1.200 a.C.). Prokesch Osten fala, em seu excelente livro, de trinta pequenas câmaras mortuárias nesta mesma margem como pertencentes a personalidades da corte ou príncipes — erpahas — da XVIII dinastia (os cartuchos dos reis sob os quais eles serviram, eram de Tutmés III), de sua irmã Hatasou e de Usertesen I — (XII dinastia, 3.000 a.C.). A cartucha deste último encontrava-se no túmulo do grande sacerdote do Egito — Norte e Sul — Hapu-soreb.

Retornei ao vapor e logo após a refeição desembarquei em um bote à margem direita para visitar as principais pedreiras do período dos faraós — eu já havia avistado outras, também na margem que acabara de percorrer. Uma das partes cortadas na rocha tem, sem dúvida, cem passos de comprimento, grande largura e mais de cinqüenta pés de altura.

A superfície do rochedo em todos os seus recortes mostra que empregaram-se apenas métodos que cortavam a pedra no sentido de suas camadas. Parece, pelos indícios que nos foram deixados, que os egípcios cavavam buracos na rocha formando uma espécie de tabuleiro de damas, nos quais se inseriam cunhas de madeira que dilatadas pela água nelas vertidas separavam as lajes.

Percorrendo as pedreiras, encontrei esboços de duas esfinges cujas cabeças se me assemelharam à de carneiros e blocos parcialmente facetados, alguns com hieróglifos, para uso indeterminado, onde li a cartucha de Ra-maa-ra. Adentrei em uma pedreira em forma de gruta onde conservaram grandes colunas e avistei uma mesa escavada na rocha, dominando a planície através da qual reencontrei o bote acima do ponto onde havia desembarcado. Duas das três mesas, dentre as quais uma expõe a imagem de Sesac, mas não exatamente esta, documentam a criação das festas no Nilo sob o reinado de Mer-n-phtah-Hotep-her-maa.

As duas margens do rio se aproximam em Silsileh, quase até cerca de 500 m. Os árabes acreditam que havia outrora uma corrente fechando o Nilo neste local e Silsileh significa corrente em árabe, a qual se atava à coluna que já mencionei. Todavia na obra Introdução ao Império Romano este nome está registrado pela corruptela Sililé.

Em uma das grutas Ramsés II faz oferendas à tríade tebana e ao deus Nilo, um dos locais onde está associado às outras divindades.

Antes de atingir Silsileh passamos pela aldeia de Rédésich, margem direita, onde reside um dos chefes dos Abadeh, tribo nômade que acampa entre o alto Nilo e o Mar Vermelho. São chamados de árabes, mas só as atitudes e os hábitos justificam tal nome, porque eles têm o mesmo sangue dos Bichusé da Núbia oriental, os antigos Herouscha invasores de que falam as inscrições em El-Kab, que mandaram construir uma fortaleza cujas ruínas em tijolos crus ainda são avistadas e que remonta provavelmente à X dinastia ou mesmo anterior à esta.

Acima de Rédésieh e próximo a Silsileh um rochedo à margem esquerda forma um cabo chamado Djebel-Abou-Chéguer (montanha das tempestades) porque a disposição dos vales torna os ventos freqüentes e perigosos. Desde Edfou e sobretudo após Silsileh o vale do Nilo perde o aspecto vicejante. Não se vê mais o verdor em sua margem, somente de longe em longe surgem duas ou três choupanas ao abrigo de tamareiras.

Algumas inscrições em Silsileh mencionam um lugar denominado Khennou, ou ainda a variação Pekenou (com o uso do artigo egípcio), que existia no vale e era consagrado a Sibek (o crocodilo), o deus de Ombos. Os vestígios marcantes da existência de uma antiga cidade do norte, bastante próxima ao desfiladeiro do Nilo, à margem direita, indicam talvez a provável localização do posto romano de Sililé.

4h e 1/4 — Retorno de Ombos, segundo a denominação dos gregos. O pequeno templo foi destruído pelo Nilo que ameaça também o grande. Este tem inscritos os nomes de Filometor, de Evergeto II e de Dionísio. O templo é constituído pela reunião de dois santuários justapostos, o do norte dedicado a Horouer (a luz aformoseada, sob o nome de Hórus) e o

outro, do sul, dedicado às trevas, simbolizada por Sebek, o deus-crocodilo. Separados por uma muralha, os edifícios são antecidos por colunas com elegantes capitéis formando um pórtico. Noto mais uma vez os lábios das imagens de Tutmés, grossos e voluptuosos e que sob a influência dos gregos, os membros das imagens tornaram-se melhor desenhados. A terceira câmara do lado norte apresenta a seguinte inscrição:

Cepes Basileôr Pitolemaiou Kai. Basilissês Kliopatras tês adeéphês tôn philomêtorôn Kai tôn toutôn Teknôn Ârvêrei theôi megâlôi Apellôni Kai tois sunnaies theois tôn sekon oi en tôi Ombitêi tassómenoi pesoi kai ippeis Kai oi álloi eú noias eneken tês eas aútoús.

Sob o rei Ptolomeu e a rainha Cleópatra sua irmã deuses filometos e seus filhos a Horouer o grande deus Apolo e aos deuses do templo o santuário os peregrinos e os cavaleiros e outros recrutados em Ombos por causa de sua bem-querença a eles. ⁰⁰¹

À certa distância do grande templo e à esquerda deste, dominando o rio, onde certamente em breve ruirá, observa-se os destroços do pilono que era de grandes dimensões e fora construído deslocado do eixo da edificação, sem dúvida em decorrência do templo menor. Havia, no teto da sala em colunas, representações astronômicas curiosas por suas formas; sobre uma parede sobressai uma barca com uma imagem carregando um cetro sobre o qual estava pousado um pássaro cercado de flores de lótus e pássaros diversos que esvoaçavam. Existem restos de uma muralha de tijolos crus.

Desci o Koum (colina). Ombo (nome atual desse local) em direção a um local mais a frente onde a embarcação veio me apanhar partindo em seguida para Assuan. O nome Ombus, segundo Brugsch, é Noubi em hieróglifos.

6 e ½ — Interrompi a exploração às 5 e 3/4. O guia Isombert não é muito preciso quanto à sua explanação.

Às margens do rio, sobretudo a partir de Koum-Ombo, se assemelham às que antecedem Edfou.

25 de dezembro de 1876 — Parti, aproximadamente às 6h da manhã para Assuan (Syene dos gregos e Souân em hieróglifos) lat. 24° 5' 23", mais setentrional 37' 23" que o Trópico de Câncer que deve ter sido de 15' 58" à época de Eratóstenes, cerca de 230 a.C., devido a obliquidade da eclíptica erastotênica. Supondo Assuan sob o trópico e medindo, após ter determinado astronomicamente a posição de Alexandria, a distância entre esta e Assuan dela deduzi sua localização.

Os faraós da XVIII dinastia exploravam as pedreiras de granito rosa em Syène utilizando um grande número de trabalhadores, mas sobre as rochas se multiplicam nomes dos reis da XII dinastia. A população de Assuan que se estima em mais de 4.000 almas é uma mistura de Barabrás, Felas, Ababdeh, Albanais e Turcos. Os Coptas são em pequeno número segundo Mariette ⁰⁰² que diz: "Assuan surpreende o viajante. Imagina-se estar em um outro mundo. Ali termina o Egito e começa um outro país." Em nenhuma outra parte se encontrará misturados tantos egípcios (em desacordo ao que diz Isombert), turcos, barabras, bickaris de torsos nus (os Ababdeh), negros de toda origem. Os habitantes de Cartum se fazem notar por sua bela figura pictórica, sua pele negra, sua cabeça semelhante ao melhor exemplar das raças setentrionais. Complementando o quadro percebe-se expostas na praia várias mercadorias, gomas, presas de elefante, peles de animais cuja aparência exótica leva ao desencanto do olhar.

Ao centro desta multidão circulam mercadores que vendem não mais antiguidades, mas cassetetes de ébano, piques ⁰⁰³, lanças, flechas cujas pontas de ferro dizem ser envenenadas. A descrição é tarefa extensa, sem dúvida um quadro impressionante.

Na ilha Elefantina — tanto em árabe como francês. Após mais de mil anos de abandono e esquecimento a fortaleza foi completamente desentulhada. As antigas divisões foram respeitadas. Foi adaptada uma nova tubulação na altura do 46° e 47° de graus no sentido descendente e colocada à disposição do povo em 1870, sob o governo do Quediva Ismail, o bom soberano que soergueu o Egito, pelo astrônomo Mahmoud-Bey um dos seus mais fiéis servidores.

Cheguei a Assuan aproximadamente às 8h A aldeia está disposta em forma de anfiteatro com belos sicômoros no cais. As pedras enegrecidas e de formas caprichosas que surgem do rio ou das margens e a ilha Elefantina logo defronte, com sua extremidade norte inteiramente verde, formam um conjunto bastante original e pitoresco.

Não percorri Assuan mas pude observar de bordo a veracidade da descrição de Mariette. Segui imediatamente, de bote, para a ilha Elefantina. Estrabão diz: "Ela abriga uma cidade onde se encontram um templo, de Cnuphia e um nilômetro

como em Mênfis”. São apenas escombros da antiga cidade e as duas pequenas aldeias existentes são habitadas por Barabrás.

Quando da expedição de Bonaparte existiam ainda dois pequenos templos dos quais um estava, naquela ocasião, em bom estado e do outro restavam vestígios; vê-se agora apenas alguns blocos de granito, dois em pé como indícios de uma porta e os outros dispersos pelo chão. Esses blocos apresentam diversas cartuchas e pude ler aquelas de Amenófis II, Ramsés II e Alexandre.

Na época dos Ptolomeus construiu-se um cais em arenito de 150 a 200m de comprimento e quinze metros acima do nível mais baixo das águas. Uma escada com cerca de noventa degraus conduz ao Nilo e na parede existem escalas graduadas para medir a elevação do nível das águas do rio. Atualmente usa-se essa escada para retirar água por meio de uma nora ⁰⁰⁴ (saquieh) e cheguei a descer quarenta e sete degraus até ao nível d'água.

No local copiei a inscrição sobre a qual versa uma das páginas anteriores. Examinei também uma outra onde se fala de Sétimo Severo. As escalas graduadas gravadas na parede são bem visíveis. Sobre os rochedos que bordejam a ilha na face para Assuan estão gravados os nomes das divindades locais às quais eram consagrados os templos: Noum ou Khnoumis (Knouphis, Cnophis) e às deusas Anouké e Sati.

Knoumis é chamado de senhor de Couch ou do Sul, das cataratas, senhor de Elefantina. Este último atributo também é conferido a Set. A etimologia da palavra Elefantina remete à forma hieroglífica Ab, que significa elefante e lembra à forma latina ebur (marfim), sendo que a ilha em árabe é chamada Geziret-en-Taher (ilha florida), também habitualmente chamada Gesiret-Assouan (ilha de Assuan).

Retornei a bordo e às 11h estava a caminho da primeira catarata. No caminho avistei as rochas de granito rosa e notei um bloco, com cerca de quarenta dos meus pés, sendo preparado provavelmente para um obelisco.

Após ter passado na localidade conhecida por túmulos dos califas, onde vêem-se elegantes cúpulas e talvez por sua distante semelhança com os belos monumentos conhecidos pelo mesmo nome no Cairo, aqui também nomeados da mesma forma, alcancei o porto de Chéllal (catarata), com sua aldeota cercada de árvores e rochedos quase negros e ainda mais singulares por seus contornos que aqueles próximos a Assuan. Tomei um dahabieh que manobrava seus longos remos aos quais se agarravam grande número de felás que cantavam, ou quando não, gritavam (o que aliás faziam a maior parte do tempo). Fui conduzido por corredeiras até uma angra arenosa entre os rochedos, onde desembarquei para caminhar até à uma ponta de onde se aprecia as corredeiras, em nada semelhantes às do Grande Salto no Rio São Lourenço que atravesssei em barco a vapor. O dahabieh pode descer ou mesmo subir esta catarata por uma passagem próxima à margem direita oposta à que me encontrava.

Os numerosos felás se lançaram na maior corredeira ultrapassando troncos de tamareira, tentando guiar estes corcéis fluviáteis por entre vagas e contracorrentes sobre as quais planavam com o torso fora d'água. Um espetáculo arrebatador.

O dahabieh abriu a grande vela para vencer a corrente. O vento não estava forte, mas avançávamos rápido e a paisagem, sobretudo quando as ruínas da vicejante ilha de Filas surgiram, atraíram toda minha atenção. Reparei em alguns rochedos que me pareceram as pernas de um colosso, sentado, sobretudo porque neles se distinguiam hieróglifos.

A ilha de Filas é pequena e repleta de escombros. Ali permaneci até 4 ¼ e lá retornarei, amanhã pela manhã, antes de partir.

O nome da ilha em egípcio se encontra nas inscrições que chamam Ísis de principal deusa da ilha “senhora de Ilak (com uso do artigo transforma-se em Pilak) e das províncias do Sul”. À esquerda de quem sai, na primeira coluna do grande templo e sobre a parede deste lê-se a inscrição de Deraide que transcreverei depois. Em um pátio e na parte superior da parede há outra inscrição com os nomes de alguns dos comissários científicos de 1799 e longitude e a latitude de Filas por eles localizada. Transcreverei também estes registros. São belos alguns capitéis do grande templo e muito me agradou um outro pequeno templo com quatro elegantes colunas de cada lado (computando duas vezes aquelas dos ângulos). É o que resta do mais antigo monumento construído por Nectanebo I, erguido trinta anos antes da conquista de Alexandre.

No grande templo há uma grande estela de granito onde estão gravadas as concessões de terras feitas ao templo por Ptolomeu Filometor e Evergeto II, havendo outra importante inscrição sobre uma das paredes do pátio principal. É uma cópia daquela da Rosetta, exceto a parte em grego, origem da descoberta de Champollion. Nesta mesma língua observei diversas outras sobre as muralhas, algumas interessantes e das quais farei uma cópia.

Sobre o terraço, na câmara de Osíris, uma inscrição grega prova que em 453 de nossa era, sessenta anos após o édito de Teodoro, O Grande, a deusa Ísis dispunha ainda de um colégio de sacerdotes. Foi próximo à metade do século VI que o templo se transformou em igreja de São Estevão e as esculturas egípcias foram encobertas pelo limo do Nilo. Dentre os monumentos do Egito foram os dedicados às divindades femininas os que mais sofreram com os atos de vandalismo, tendo sido golpeados a martelo. Subi em uma das faces do primeiro pilono através de uma escadaria com 127 degraus em lances helicoidais. A vista é particularmente original: um pequeno oásis entre rochas de contornos diversos, assemelhando-se algumas a colossos apenas esboçados.

A superfície do rio é calma em torno da ilha e bramante e coroada por rochedos logo a seguir, onde o Nilo se apressa em abandonar a Núbia para fertilizar o Egito.

Paul Lucas, viajante da época de Luís XIV, diz que esta catarata faz tamanho estrondo que os habitantes de locais bastante afastados ficam surdos. Os ouvidos deste viajante eram de uma sensibilidade extraordinária.

É curioso observar o modo como foram reutilizados os monumentos mais antigos em relação aos mais modernos. Sobre uma das faces do primeiro pilono abriu-se uma porta de entrada a um pequeno templo que passou a dispor de um pórtico próprio.

26 de dezembro de 1876 — Desembarquei às 6h 20'. Visitei inicialmente a ilha de Bigeh quase inteiramente coberta de pedras, com apenas uma pequena orla cultivada. Examinei diversas cartuchas, as ruínas de um diminuto templo e uma estátua sentada cuja cabeça havia sido quebrada. Em seguida fui à ilha de Filas onde desembarquei na face sul. Logo avistei um pequeno templo, bem próximo a um dos dois pórticos com colunas — o do lado oeste e que à esquerda de sua face sul deixa entrever um obelisco sem hieróglifos nem imagens, onde sobre a face norte gravou-se uma inscrição grega que copiarei junto às demais, em uma das páginas deste diário. Encontrei neste templo a cartucha de Naxt-neb-f (Nectanebo I). Prokesch diz que esta data do reinado de Nectanebo e que a outra, a quem também a atribuo, segundo Isombert, é da época de Trajano. Na face oriental do pórtico em colunas existe um capitel muito elegante, ornado com palmas intercaladas com cachos de pequenos frutos. Atrás deste pórtico, de um pequeno templo mais a leste e à esquerda, um pouco distante do templo de Trajano, copiei duas inscrições gregas. A inscrição atribuída a Desaix se encontra na face interior do lado oriental do primeiro pilono, em cujo topo estive ontem. A outra, creditada à comissão astronômica de 1799, avistei após ultrapassar as duas colunas da muralha a leste que forma, junto com a parte central do grande templo, um pequeno pátio.

Uma outra inscrição, da comissão romana, copiei da verga da porta que conduz da sala hipostila às câmaras do templo. A sala hipostila tem seus capitéis e teto decorados com belas cores. Nas câmaras que também examinei, haviam imagens em baixo-relevo, muito bem feitas, como as de Ísis com tranças pintadas de azul e subindo uma escada em lance contínuo — a outra não mais existe — prossegui apreciando a câmara de Osíris no terraço. Lá estão as melhores representações, que eu jamais havia visto, da morte e ressurreição de Osíris e os numerosos sinais de anch e de us junto aos hieróglifos que estudei atentamente, assim como as cartuchas. A imagem é guarnecida de braços que carregam os dois bastões cobertos de insígnias e que hoje avistei pela primeira vez. O templo possui também criptas dispostas em corredor e do lado oeste uma escada, que desce até ao rio e de onde se vê a porta de saída. Não consegui decifrar uma inscrição grega, à esquerda da porta da câmara de Osíris e onde não avistei outras. Talvez seja aquela de que já falei. Em uma outra câmara, sobre uma das colunas da sala hipostila, lê-se o nome do bispo Teodoro; existem também cruzeiros e outros indícios que comprovam a afirmativa de Isombert que disse ter sido aquele templo (ou melhor, esta parte) transformado na Igreja de São Estevão pelo bispo Teodoro.

Retornei a bordo às 9h ½ aproximadamente.

Almoço ao meio-dia e desembarco logo após para ver na margem esquerda o pequeno templo de Débod ou Debout. Não encontrei ali qualquer cartucha de Arkamen, rei da Etiópia, contemporâneo de Ptolomeu Filadelfo (285-247 a.C.). Precedido por três pilonos que mais parecem portas e sobre o que resta da verga do segundo deles, há uma inscrição grega de um ptolomeu. O rio é guarnecido por um cais de pedra onde se vê os restos de uma escada. Existem ainda alguns degraus que levavam ao terraço do templo.

Em uma ilha chamada Konasso (Kenés em hieróglifos), próxima a Filas e Bigheh e que não pude visitar, acha-se o nome de Neferhotep da XIII dinastia (2.000 a.C.).

1h 18'. Novamente a caminho.

Eis a inscrição de Desaix, gravada em maiúsculas:

L'an 6 de la République le 12 messidor une armée comandée par Bonaparte est descendue à Alexandrie L'armée ayant mis, vingt jours après, les Mamelouks en fuite aux Pyramides, Desaix, commandant la 1^{ère} division les a poursuivis au delà des cataractes, ou il est arrivé le 13 ventose de l'an 7.

Lê-se abaixo em letras maiúsculas:

Les genereaux de brigade Daourt Frianb e Belliard Dondelot chef de l'Etat Major Latoumerie Comm de l'artillerie Eppler chef de la 21^{ème} legère

Le 13 ventose an 7 de la République.

Le mars an de J.C. 1799.

Gravé par Costaz sculpteur.

Inscrita pela comissão científica, em letras maiúsculas:

R.F.

An 7

Balzac. Coquebert Coraboeuf.

Costaz. Coutelle. Lagimerre.

Ripault. Lepere. Méchain. Nouet.

Lenoir. Nectouse. St. Genis. S. Vicent

Dutertre. Savigny.

Longet. Depuis Paris. 30 ° 16' 45"

Latitude Boreale 24° 3' 45"

Inscrita em letras maiúsculas pela Comissão Romana, a melhor gravação:

Gregorio XVI

Pegli auspici degli Em. P.P. Gambesini e Tosti.

Fin qui la spedizione sul bordo la Fedeltà.

Che dal Tevere a questi scogli.

Il 21 del 1841 approdava.

Antonio Calvi

Sculpi

No obelisco de Filas lê-se:

Basileus Ptolemaiou theou neou Dionasiou Philopators Kai sunadelphou Kai tôn teknôn to proskunêma parà tê kuria Iside Kai tois sunaiois theois Theodoror Agêsiphôntor Axain apo Patrôn pepor...

Sobre a verga da porta sul, acesso leste do pequeno templo, no extremo norte do pórtico oriental em colunas:

Basileus Ptolemaios Kai Basilissa Kleópatra thesi Epiphaneôs Kai Ptolemaios ô uios Às Klêpiôs.

Sobre a verga na face interna da entrada leste do pequeno templo ptolomaico, a leste do segundo pilono do grande templo:

Basileos Ptolemaiôs Kai Basilissa Kleópatra à delphê Kai. Basilissa Kleópatra e guñe theoi euergetai Aphroditêi.

As margens do rio são bastante pitorescas em virtude dos rochedos que guarnecem a estreita orla verdejante. Tem-se uma bela vista ao sair de Filas, cujo primeiro pilono vê-se ainda a grande distância.

Desembarco às 4h para visitar as ruínas de um diminuto templo muito gracioso. Um dos capitéis me pareceu ornado com espigas e cachos de videira. Data do período romano. Não pude examinar, pela distância, uma pedreira de arenito com inúmeros ex-votos gregos desenhados sobre a rocha e inscrições da época de Marco Aurélio e de Severo.

Os núbios nos cercaram e meninos, rindo, nos ameaçavam com seus punhais curvos que carregam embainhados ao mesmo tempo que pediam gorjeta. Meninas usavam os cabelos em finas tranças iguais às que havia visto na imagem de Ísis. Os cabelos reluziam bastante mas não se sentia o cheiro do óleo de rícino com que elas os esfregavam. Atravessei uma

plantação de nafê ⁰⁰⁵ cuja fibra me disseram ser bastante sedosa e utilizada para tecer. Há alguns dias vi uma planta, cujos grãos são contidos em uma casca redonda, bem fina, assemelhando-se a uma pequena lanterna chinesa. Seu caule produz abundante sumo causando cegueira quando apenas uma gota cai nos olhos.

Às 5h 20' estava a bordo de retorno de Gestásse (também chamada Kerdaseh). Durante o jantar, que começou às 6h, paramos em Markap (Tafah ou Wadi Tafahi) diante do lugar que havíamos pretendido atingir. Bonito luar. Os rochedos estão a nossa volta quase inteiramente.

Hoje travei conhecimento com um dos passageiros, Mr Elijah Walton, que me parece artista de algum mérito, pelas aquarelas que me mostrou e ainda uma outra obra de maior porte, onde desenhou todos os detalhes do camelo e estudou seus movimentos e foi dedicada ao célebre zoólogo Richard Owen que já conheço bem. Parece-me que poderá ajudar a resolver interessantes problemas de mecânica animal.

27 de dezembro de 1876 — De pé às 5h Li. Após às 6h subi à ponte. O amanhecer é soberbo. Parti às 7h Não vi Tafah ou Wadi Tafahi (margem esquerda) porque não soube que poderia visitar as ruínas 1/4h antes da partida e temia que o tempo não fosse suficiente. Acham-se ali dois pequenos templos da época romana, um quase inteiramente destruído.

Logo em seguida o rio se estreita por entre os rochedos com várias ilhas de blocos enegrecidos emergindo da corrente e locais verdejantes, coroados de tamareiras fazem um belo contraste com a severidade da paisagem. Ao sul, o Nilo parece estar fechado por uma ilha plena de verdor. Logo adiante o rio parece um lago. É impossível descrever todos os aspectos deste local conhecido como Portas de Kábsheh ou El-Bab.

Às 7 ½ o primeiro jejum e às 8 cheguei a Kalabsheh (margem esquerda). Fui imediatamente visitar o templo mais importante da Núbia, após aquele de Ibsamboul.

Imagino que o acesso ao templo se faz a partir do rio por dois lances de escadarias entre os quais havia um terraço. Chego ao pilono bastante grande e bem conservado. Ele precede três câmaras das quais uma possui colunas onde vi folhas e cachos de uvas em um de seus capitéis. A terceira câmara exibe figura humanas em baixo-relevo, pintadas, muito curiosas por suas vestimentas. Vemos ali belos colares com pingentes, uma espécie de polaina para nadar, ceroulas, calções e sobre o peito uma capa fechada coberta de pequenas lâminas semelhante a uma cota de malha. Duas das figuras são bem expressivas e uma delas destaca-se pela superioridade de sua modelagem. Chega-se a um terraço por um lance de escada. Existe também uma passagem subterrânea não muito extensa. O templo é cercado por muralhas duplas, em pedra, que abrigam câmaras em seu espaço interno.

Sua construção foi iniciada no governo de Augusto e continuou sob os de Calígula, Trajano e Severo. Copiei algumas cartuchas para estudá-las e não me parece que sejam destes imperadores. O templo substituiu um outro da época de Tutmês III. Não conseguiu localizar a estátua onde provavelmente se encontra a cartucha deste rei. Em hieróglifos o nome deste local é Telmês e os romanos o chamaram de Tolmis. Em uma das colunas do templo há uma inscrição do rei núbio Silco, do final do século VI.

Nesta época, os nobadae, já convertidos de longa data ao cristianismo, não dominavam mais a região de Dodecaschène, que havia sido retomada pelos Blenyas, provavelmente seus antigos ocupantes. O reino de Silco começava somente em Primis (Ibrim de hoje em dia, a dois terços da distância entre Assuan e Wadi-Halfa). A região de Dodecaschène começava em Syene e compreendia, rio acima, uma distância de 133 km. Foi esta a parte acrescentada ao Egito, de modo definitivo, sob Psamético (665 a.C.).

Uma estela descoberta em Wadi-Halfa atesta que Ousertesen III (XII dinastia) havia dominado até à região de Couch, tendo chegado à ilha de Argo. Seu sucessor, Anenemno, tem seu nome nas inscrições desta mesma região.

Três reis compõem a XXV dinastia proveniente da Etiópia ou Couch, como também é conhecida a região. Tahrarka, o último desses reis, promoveu expedições assim como os Tutmês e os Ramsés. A Bíblia cita com freqüência a região de Couch Jeremias diz “Pode o etíope mudar sua cor?” e Isaías fala de seus habitantes como homens de grande estatura. O casamento de Moisés com uma couchita *[sic]* foi motivo de murmúrios da parte de Aarão e Miriam.

Estive, em seguida, visitando em Beit-el-Wali (a casa do santo) um templo escavado na rocha, dedicado a Amon-ra, Noum ou Kneph e a Anoukê. O espaço exibia em suas paredes cenas de guerra e desenhos de girafa, touro, leão, cabrito, macaco e avestruz muito bem feitos. O chefe dos couchitas e seus filhos são levados prisioneiros, junto com todas as

oferendas, à presença do rei Ramsés II pelo filho deste. Na parte escavada na rocha há duas colunas dóricas, mas existem vinte e quatro outras, das quais vinte com caneluras e as quatro restantes lisas e em pares; destas últimas duas estavam alinhadas ao eixo da entrada. Cada uma das quatro corresponde em largura a duas das caneladas. Sobre as muralhas está a gravura do rei segurando pelos cabelos uma cabeça, de traços negros, muito bem delineados, que ele vai massacrar com sua clava e ainda a figura de Hator aleitando uma criança, ou melhor, um menino.

O vapor partiria às 11h, lamentei não ter tido tempo para examinar esses baixos-relevos. Notei muitos jovens, Ísis inteiramente negras pedindo insistentemente esmolos e punhais e lanças farpeadas. Meu guia era um belo núbio que trazia seu punhal atado ao braço esquerdo por um bracelete.

Após ter atravessado Abou-Hor, onde na estação de baixa das águas o Nilo deixa apenas uma estreita passagem, quase tocando a margem oriental, o vapor chegou a 1h $\frac{1}{2}$ a Dindour, onde conheci as ruínas de um pequeno templo contemporâneo a Augusto.

É notável a curva acentuada formada pela muralha do terraço defronte ao templo. Não consegui encontrar a cartucha de Augusto. Li truncadamente duas cartuchas próximas uma da outra, onde decifrei numa a palavra autocrater e na outra Cesar. Dindour é consagrado a Ísis, Osíris e Horus.

5h — Chegamos a Gherf-Hossein (Gircheh ou Kirscheh) também na margem esquerda. É necessário um bote para o desembarque. Em hieróglifos o lugar se chama Pephtah — morada de Phtah O templo é dedicado a Phtah Hator e Anoukê. Há em toda parte a cartucha de Ramsés II. O pórtico é formado por cariátides. Atinge-se o templo, a partir do rio, por uma larga escada decorada por estátuas e esfinges de que encontramos fragmentos. Entra-se em seguida numa sala cavada na rocha, com seis colossos apoiados a pilastras de 8 m de altura. Sobre paredes laterais estão quatro grandes cadis esculpidos na pedra, contendo cada um três imagens, sentadas, em baixo-relevo. Uma segunda sala conduz a uma terceira ainda menor, o aditum ou santuário, ao fundo do qual se encontram quatro divindades, sentadas, também esculpidas em baixo-relevo. Quatro pequenas câmaras laterais completam o monumento. Não consegui distinguir as divindades esculpidas apesar do esforço que me impus. Já estava tarde e era necessário retornar. O bote estava envolto por barulhos estranhos e bastante pesado e não conseguia avançar. Foi rebocado até que alcançou a corrente e finalmente estávamos a bordo próximo das 7h $\frac{1}{4}$. A noite era belíssima com o luar se lançando sobre o Nilo. Acabo de jantar. Vou apreciar o luar que se derrama sobre a popa do navio e conversar um pouco.

28 de dezembro de 1876 — De pé às 5 $\frac{1}{2}$. Partida às 6 $\frac{1}{2}$. Chego às 9h a Dakkeh Visito as ruínas do templo fundado no período de Ptolomeu Filadelfo, pelo rei da Etiópia Ergomêne, do qual lê-se as cartuchas e continuado por Filopator, Evergeto II e até mesmo por Augusto cuja cartucha, a qual não pude ler, diz-se figurar em todas as inscrições. O nome desse lugar é Pselchis segundo as inscrições gregas. Foi aqui que Petrônio desafiou as tropas de Candace, rainha dos etíopes, em sua marcha sobre Napata. O templo era cercado por uma muralha de pedras envolvida por outra em tijolos crus. Está situado paralelamente ao rio. Apresenta uma pequena câmara onde se percebem baixos-relevos extremamente bem feitos de dois leões, que por suas posturas se assemelham aqueles de Micenas. Ao lado um cinocéfalo adorando outro leão, em cima dois íbis, lado a lado e mais elevado dois outros leões se contemplando.

As paredes mostram imagens de divindades. Sobre a parede da sala, atrás daquela ao lado da pequena câmara, observa-se a imagem de um sicômoro sob o qual está sentado comodamente um cinocéfalo, vendo-se do outro lado da árvore um boi, assim como diferentes representações da deusa Nil, das quais uma parece colher alguma coisa sobre o sicômoro. Subi ao pilono de onde se avistam ao longe pequenas colinas bem delineadas cuja forma e cor quebram a monotonia do deserto.

Não muito distante do pilono e entorno deste e das pedras que se alinham à direita paralelamente àquelas da esquerda e por uma certa extensão, bem à frente do pilono, vê-se lançado por terra o fragmento da cabeça de um pequeno leão.

Tendo que retornar a bordo às 10 $\frac{1}{2}$ não pude ir à aldeia de Kabban, (Pselas - forma contracta) defronte a Dakkeh, na margem direita, visitar os restos de um templo e ver as cartuchas de Ramsés VII e VIII, assim como o de Amenófis III, também em escombros.

O vapor partiu imediatamente após a chegada dos passageiros e não parou em Korte, na margem esquerda (segundo os hieróglifos Ísis é considerada como deusa de Kerté. No Itinerário, livro onde se descrevem as proezas de Antonino, escreve-se Corte).

O pequeno templo de Kerté foi fundado pela primeira vez na época de Tutmés III. Chegamos a Mehamkkah, margem esquerda, às 12h 35' e retorno à 1h 20'. As ruínas não têm grande importância. Na parede de uma pequena construção ao lado do templo e bem próxima ao rio vê-se em baixo-relevo a imagem de Ísis sentada sob uma figueira. Uma galeria de colunas dominava a visão de três das faces deste pequeno templo e um de seus ângulos é ocupado pelo vão de uma escada em espiral que levava aos terraços das galerias. O templo dedicado a Ísis e a Osíris data do tempo dos Césares. Na face perpendicular ao Nilo existe uma porta no intercolúnio. Parece ter desmoronado uma muralha, estando as pedras dispostas em linhas paralelas e colocadas como fiadas de um telhado, fazendo supor a existência de uma escadaria.

Em Mehamakah (Hiera Sycominos — sicômoro sagrado), no lado sul, terminava a província greco-romana como na época dos faraós. Em uma das colunas do templo de Mehamakah, li e copiei um prokyrema (ex-voto) em grego dedicado a Ísis.

O rio mostrou belas paisagens até Wadi-tebouak, sobretudo quando o pôr-do-sol azulava suavemente as colinas distantes e tornava mais vivo o verde da estreita orla da margem mais iluminada.

Cheguei a Sebonah às 5 h 1/2. Fui apreciar imediatamente o local. Quase tudo havia sido invadido pelas areias. Ainda se percebem dois colossos de Ramsés, seguidos de três esfinges com cabeças humanas e calculo que tenham sido dezesseis, formando uma aléia até ao pilono. Atrás deste, a areia encobriu toda uma sala e vedou completamente a entrada de outra logo a seguir. Antes de chegar às ruínas reparei num local onde se concluíra a colheita e tudo se cobrira de areia.

Nos templos de Maharnakah e de Kalebsheh percebi umas espécies de gárgulas, de que já falei anteriormente e na primeira delas havia um tipo de cânula na face externa. O nome Sebouah corresponde a Péamên que significa morada de Amon. A maior divindade, Amon-Ra, tem ao lado Ramsés considerado a segunda divindade em importância e aparece adorando a si mesma.

Em Sebonah termina a primeira divisão da baixa Núbia, conhecida por Wadi-Kénous, nome proveniente da raça aborigine e se inicia a região de Wadi-el-Arab que se estende até Derr. Os árabes desta região pertencem à tribo de El-Seghât.

Retornando de Sebouah antes das 6 ½ e prosseguindo viagem, logo em seguida, chegamos a Korosko situada à margem direita somente às 11h Sob o luar as colinas causam uma impressão bastante pitoresca. A areia amontoada entre as fendas dos rochedos assemelhava-se a pequenas galerias, embora a partir de Assuan a areia não seja inteiramente branca, ora amarelada ou com tonalidades plumbeadas.

Korosko está quase na metade do caminho entre Sebouah e Derr. É neste local que chegam as caravanas de Sennaar.

29 de dezembro de 1876 — De pé às 5 1/2. Faremos a escalada ao pico de Aures-el-Guarany, local sagrado para os Árabes por causa do túmulo de um homem santificado. Dizem que a vista é magnífica e que dali se observa a passagem de incontáveis caravanas. Um viajante encontrou certa vez mais de 2.000 camelos na estrada.

8 ¾. Retorno. A visão deste oceano feito de ondas de colinas de arenito enegrecido e cortado por correntes de areia, como aquela da estrada das caravanas, é de uma aridez impressionante, às vezes amenizada em certos pontos por elevações azuladas na linha do horizonte.

Visitei o acampamento dos mercadores próximo ao rio. Comprei pedaços de goma arábica ali oferecidos em grande quantidade. Um vaso de couro para carregar água chamou minha atenção por sua forma semelhante à das moringas de barro do Brasil. Vi carneiros do Bargou (Sudão) bastante grandes e cuja cabeça e dorso se assemelham aos do camelo. São em pequeno número, de porte pequeno e reconheci neles o dromedário por suas pernas finas. O número de corcovas distingue apenas os camelos da Ásia, que possuem duas, enquanto os da África apenas uma. Entrei na tenda de um dos mercadores feita internamente de esteiras. Dentre os objetos característicos da sua região de origem, fiquei impressionado ao ver malfeitas cópias, a óleo, de Cenci e da Sybilla-Persica.

Gostaria bastante de percorrer demoradamente a margem do rio sombreada de belos sicômoros cuja folhagem o vento fazia cintilar, mas tenho o que fazer a bordo e talvez o comandante nos faça partir mais cedo para apreciar melhor o trajeto até Ibrim, onde esperamos pernoitar.

Desde que iniciei a navegação pelo Nilo, acima e próximo de Assuan, não escutei outra coisa senão a exclamação — veja um crocodilo! — que não consegui enxergar e apenas entrever, rapidamente, três destas feras, empalhadas grosseiramente. Diz-se que são numerosos nas cercanias de Derr, onde passamos hoje. Cheguei a Amada ou Hassaia, na margem esquerda, às 11 1/2. O minúsculo templo dedicado a Amon-Ra está quase soterrado pelo templo *[sic]*. Seus baixos-relevos são bastante curiosos. Vê-se uma imagem de mulher abraçando uma figura masculina, com os lábios quase se tocando e cuja boca expressa grande doçura. Existem também imagens do rei portando em oferenda quatro bois, sem chifres, seguros por quatro cordas amarradas às pernas dos animais e de Safesh, deusa que presidia as bibliotecas e tudo o que se relaciona à ciência e às letras.

A fundação do templo se atribui a Ousertes III (XXVII século a.C.). Nele estão as cartuchas de Amenhotep II e Tutmés IV. Foi transformado em igreja nos primeiros séculos do cristianismo. Do terraço tem-se uma bela visão do perfil das montanhas ao longe. Parece contemplar o rio que está próximo.

Retorno e nova partida à 1h Cheguei a Derr ou Deir (Pé-ra na forma hieroglífica — Morada do Sol). É um pequeno burgo, mas muito importante.

Em visita ao templo de Amon-Ra, na margem direita, ao contrário da maioria que se localiza na margem esquerda, passei junto a um belo sicômoro. Defronte ao templo havia um pátio cercado de uma muralha com oito pilastras. Escavado na rocha, nele penetramos através de um frontispício com seis pilastras e por entre vestígios de colossos voltados para as pilastras. Ladeando a fachada distingue-se baixos-relevos mostrando cenas de batalhas famosas. No interior as paredes mostram cenas religiosas como nos demais templos, destacando-se as que reproduzem duas barcas divinas conduzidas em procissão sobre as espáduas de numerosas pessoas. A última das câmaras, expõe em sua parede do fundo os restos de três estátuas, sentadas, que representam, a partir da direita para a esquerda de quem as contempla: Ramsés, Amon-Ra, Ptah e Toth. É para mim bastante difícil distinguir a maioria dos deuses.

A visão que se desfruta do alto do rochedo é uma das mais belas desta viagem. De um ponto junto ao templo contempla-se a aldeia repleta de tamareiras, o Nilo um pouco mais além e voltando-se para o lado oposto, junto à linha do horizonte, distingue-se o contorno das colinas em formatos variados e coloridas de um azul às vezes quase negro.

Antes das 4h estava novamente a bordo e partimos para Ibrim. As margens do rio, abaixo de Derr (Deir), são muito viçosas sobretudo aquelas da esquerda, onde as colinas dispõem grandes espaços para o cultivo também favorecido pelas águas do Nilo. Os saquieh (nora) ⁰⁰⁶ são numerosos. Não vejo mais os antigos chadoufs, sistema primitivo usado na irrigação dos campos. Um cesto, um tanto quanto rústico, afixado na ponta de uma haste basculante, retira a água do Nilo vertendo-a em uma cânula que a conduz a outro cesto mais elevado, o qual derrama o líquido em outra canaleta superior e assim a água do rio chega ao canal aberto no nível do campo a ser irrigado.

Cheguei a Ibrim, na margem direita, às 6 3/4.

Às 8h o vento se abranda depois da violência com que nos surpreendeu ao pôr-do-sol. A noite está deslumbrante. A margem direita do Nilo se assemelha a um lago suíço com suas montanhas nevadas.

30 de dezembro de 1876 - Ibrim é chamada Primis nos documentos contemporâneos aos romanos — Primis parva para diferenciá-la de uma outra muito mais adiante, rio acima.

Logo após a conquista do Egito, Selim colocou ali uma guarnição de soldados bósnios, cujos descendentes permaneceram no local até o começo desse século. O castelo, situado em uma elevação, foi ocupado pelos mamelucos após o massacre do Cairo, mas estes foram rechaçados por Ibraim-Pachá.

Ontem na aldeia de Deir, ou Derr, vi mulheres e meninas com os cabelos trançados como os de Ísis. Uma delas carregava um pedaço de madeira semelhante a uma boneca ornamentada com colares e cuja cabeça é feita de lã, em formato de borla, arrematada por uma longa farpa, retirada da madeira, que serve junto com a borla para sombrear a borda das pálpebras, usando uma planta que acredito seja uma espécie de hena, a qual há havia visto ser utilizada para avermelhar as unhas e cuja flor tem o aspecto e sobretudo o odor agradável do resedá.

Após ultrapassar Derr vi sobre a margem direita muitas acácias.

8h Avistei as grutas cavadas no rochedo contornado pelas ruínas de uma aldeia, onde provavelmente se localizava o castelo dos mamelucos. Retomamos a viagem. Utilizamos escadas e cordas para atingirmos a mais curiosa das quatro grutas. Lá encontrei junto à parede do fundo três estátuas, sentadas, esculpidas em baixo-relevo e a cartucha de Ramsés. O teto está pintado em quadrados brancos com cantos em vermelho. Sobre a verga da porta, pelo lado de fora lê-se a cartucha de Amenhotep (Amenófis).

[desenho]

Ibrim, 30 de dezembro, 8 da manhã.

Em outra gruta que visitei o teto também foi pintado em pequenas volutas brancas com a seguinte forma (desenho) entremeadas por outras vermelhas. Pude observar melhor nesta margem (a direita) a planta leitosa de que já falei. A vagem antes de secar é cheia de sementes, com filamentos sedosos que se dispersam ao menor sopro.

Esta manhã examinei o ricino, bastante baixo e chega a ser quase rasteiro.

Em Anilé, na margem esquerda, existe um túmulo datado da XX dinastia (1.200 a.C.). Não pude visitá-lo, porque seguiremos direto para Abu-Simbel (Ibsamboul).

11h 1/2. Há cerca uma hora vi em uma ilha de areia um enorme crocodilo. Observei-o com meu binóculo inseguro quanto ao que via, pensando que fossem pedras, até que ele correu a se lançar na água.

Atravessando o Nilo quando retornava das cavernas de Ibrim ouvi o eco dos rochedos, por uma vez um deles se fez escutar por 3'.

2h 40'. Chegamos a Abu-Simbel (margem direita). Aproximadamente uma hora atrás, entrevi dois crocodilos sobre uma ilha rochosa. Fui imediatamente conhecer os templos. O menor é dedicado a Hathor. A fachada apresenta seis colossos com cerca de 71 m, representando Ramsés e sua mulher Nofreari (segundo Isombert) com os filhos a seus pés. De pé eu alcançava apenas os joelhos do rei que estava sentado. O interior possui três divisões: uma primeira sala sustentada por seis pilastras quadradas e capitéis com a cabeça de Ísis; uma passagem transversal, uma câmara em cada extremidade e o santuário.

[desenho]

30 de dezembro de 1876 — 4 ½ da tarde. Abu-Simbel (Ibsamboul)

Os muros são decorados com baixos-relevos mostrando o rei e a rainha fazendo oferendas a diferentes divindades. A cartucha da rainha, pelo que consigo decifrar dos hieróglifos, deve ser lida Nefer-t-ar-i-mer-n-met. Ela tem nas mãos, quase sempre, um instrumento de música semelhante ao sistro, espécie de guitarra e uma de suas imagens trazendo um carneiro é bastante graciosa, com uma boca muito expressiva.

O segundo templo, o maior em direção ao sul, mostra em sua face principal quatro estátuas colossais de Ramsés com mais de 20m de altura, sentada, talhada na rocha do mesmo modo que a do templo menor. Constituem um conjunto belissimamente trabalhado, destacando-se a primeira delas, contada a partir do sul, que possui uma expressão notável, deslumbrante. A cabeça e o torso da segunda das estátuas jazem no chão irreconhecíveis. Uma linha horizontal de hieróglifos encimada por uma cornija composta de vinte e duas imagens de macacos acorados, muito desgastada e a figura em relevo, de Hórus sobre a porta, completam o admirável frontispício. Escalei o monte de areia que quase o encobre e ali permaneci, quase meia-hora, contemplando o mais belo dos colossos. O esboço que fiz serve apenas para mostrar meu esforço e vã tentativa de captar sua expressão. Foi esta imagem que conquistou minha simpatia para com Ramsés II (Sesostris), apesar de seu caráter vaidoso, próprio a todos os conquistadores e dos seus 162 filhos, o que o faz supor polígamo e cujas imagens dizem figuram no templo de Sebonah Entretanto, no templo maior, vê-se apenas a rainha Nefer-t-ar-i. Há sobre a perna de um dos colossos ao sul uma inscrição grega, já traduzida por Lake, mas vou estudá-la antes de transcrevê-la neste diário. Li também esta inscrição de um viajante italiano bastante conhecido: "Carlo Vidua italiano qui venne dalla Laponia".

Viagem surpreendente!

O nome Lesseps está inscrito em uma das pernas das estátuas da fachada do templo menor e sobre a verga à direita da porta do templo maior encontrei o de Thierry, datado de 1832. Teria Agustin Thierry vindo a Ibsamboul? Quatro salas

sucessivas com profundidade total de 60 m e dez câmaras laterais formam o conjunto dessa grandiosa escavação. A primeira sala tem dupla fileira de oito pilastras às quais estão apoiados colossos de 5m 26 de altura. A segunda sala tem apenas quatro pilastras simples, mas ao fundo acham-se outras quatro, em tamanho maior que o natural, representando Ramsés, Amon, Ra e Ptah.

Os murais não representam temáticas ligadas às divindades ou barcas sagradas carregadas em procissão, os principais assuntos são as expedições guerreiras de Ramsés às quais se acrescenta o Pen-ta-our. Um grupo de seguidores do rei espanca um semita que segura ainda seu arco. O desenho extremamente bem feito imprime à postura do rei e ao abate do inimigo bastante movimento.

Os diversos povos asiáticos cuchitas e negros, derrotados pelos egípcios têm seus traços, vestes e cores muito bem reproduzidos, principalmente os cuchitas e negros. Do lado esquerdo, encostada à parede externa da fachada, havia uma pequena câmara onde se vê imagens de prisioneiros cuchitas fielmente reproduzidos em seus traços e vestimentas. Bem próximo dali, ao sul, distingue-se sobre a rocha peças semelhantes a mesas com imagens gravadas e hieróglifos que talvez sejam as portas de entrada de escavações interessantes. Hoje não consegui encontrar um certo tipo de lanterna cuja forma aguça a curiosidade e é comumente achada unida às pontas dos bastões e cetros que as divindades e os reis costumavam carregar. Farei muitas perguntas a Mariette quando nos encontrarmos no Museu Boulaq no Cairo.

A noite é totalmente bela. Quando sai do grande templo Ísis, refulgente, se banhava nas águas de seu amado rio. Entre 9 e 10 h irei contemplar novamente, sob o luar, o colosso de minha predileção e sonhar que não existem distâncias na terra que não possam ser vencidas quando se pode viajar como Vidua.

Há muito tempo não vejo os pombos que aqui no Egito são tão numerosos, superando os 30 milhões. Se os alimentassem a despesa seria enorme, porém eles fertilizam o solo. Esta observação corrompe os pensamentos poéticos inspirados pela visão de tão belas ruínas, mas nada eleva tanto a alma quanto a harmonia reinante em toda a criação.

Revi meu croqui do colosso. Se não fosse a lembrança que ele traz eu o teria rasgado em pedacinhos. Talvez eu tente refazê-lo amanhã de manhã.

10h — Retorno de minha caminhada sob o luar para apreciar os colossos. Sentei-me no alto da montanha de areia e contemplei esta fachada inigualável. O primeiro colosso do lado norte, observado ao luar, foi extremamente realçado e favorecido. É notável a expressão dos olhos e da boca. O colosso que quase me reconciliou com Ramsés II estava muito distante e a luminosidade insuficiente. Se eu não receasse a névoa retornaria diante daquela fachada, pois valeria a pena a longa caminhada. Os desenhos, as fotografias que havia visto não me proporcionavam uma idéia mesmo que longínqua do que havia experimentado assim que me aproximei daquele monumento. Amanhã pela manhã retornarei aos templos.

31 de dezembro de 1876 — De pé às 5h Li. Após o primeiro desjejum, aproximadamente às 6h retornei aos templos. Assisti ao levante do sol defronte a extraordinária fachada. Ao sul do grande templo existe uma gruta aberta a 16 de fevereiro de 1874 (opened Febr. 16. 1874 by A.M.G.B. Eyre. Witnessed by C. Renshar, A.B. Edwards). Ali as pinturas estão ainda bem conservadas e pude ver o abutre desenhado sobre a cabeça do rei, carregando com suas garras o anx entre duas insígnias, todo o conjunto se assemelhando aos contornos de uma lanterna. Seria semelhante à lanterna que já mencionei? Um buraco bastante profundo fora cavado na parede do que eu acreditava ser uma gruta mais ao sul, mas agora começo a pensar que é apenas uma mesa escavada na superfície da rocha. Examinei atentamente o que ontem mais me impressionou e notei ao pé de uma das muralhas do grande templo, quase encobertas pela areia, as imagens de oito filhas de Ramsés.

Percebe-se, examinando com atenção, na nave do pequeno templo uma figura humana enlaçada pelas costas por um boi. É Hator sob a forma animal que abraça a rainha. Nesse templo existem também cenas de guerra. Nas paredes internas e externas desses templos ou de outra construção ao redor são vistas mesas esculpidas na rocha com numerosas inscrições hieroglíficas. Detive-me novamente a decifrar a inscrição grega da época de Psamético, mas existem palavras que não compreendo o significado e que não foram traduzidas por Leake. Bem próximo dali, em um dos colossos, pensei ter encontrado uma das inscrições de que fala Prokesch-Osten. Quase ao lado de Abu Simbel, em Fêraig, existe uma pequena construção provavelmente da época de Amenófis III!

Retornei a bordo quase às 9 h e partimos às 2 h para Wadi-Halfah de onde, montados em jumentos, visitaremos, amanhã de manhã, a segunda catarata. A 13 km ao sul de Abu Simbel, na margem esquerda, existem algumas ruínas que parecem datar da época romana. Mais ao sul acha-se uma gruta com hieróglifos do período de Ramsés II e mais acima, a oeste, câmaras cavadas na rocha com inscrições coptas com o nome de Diocleciano. Os cristãos talvez tenham se refugiado ali durante a perseguição no ano de 303. Em Serra, 9 km mais acima sobre a margem direita, surgem construções que parecem um antigo cais. O vapor apenas interrompeu seu curso para ultrapassar os baixios e consertar uma peça no motor. As margens tornam-se baixas, avista-se as dunas logo atrás da estreita faixa de vegetação. Cheguei a Wadi-Halfah às 6 h 40'. A lua se mostra em todo seu fulgor sobre a copa das tamareiras. Uma noite de longos devaneios!

[desenho datado de Abousir, 1º de janeiro de 1877]

1º de janeiro de 1877. Levantei às 5 h Escrevi para a Europa.

Primeiro desjejum. Às 6h 40' cruzei o rio em um barco à vela em direção à margem esquerda. Montado em um jumento segui até ao rochedo de Abousihr, distante cerca de 6 milhas de Wadi-Halfah Do alto de seus 300 pés de altura avista-se muito bem a segunda catarata, a grande catarata segundo os antigos. É muito mais notável que a primeira pela extensão das corredeiras e altura das quedas. Os rochedos se sucedem no leito do rio ocupando um trecho de 10 a 15 km e calcula-se em 30 a 40m o desnível total do rio. Uma ou duas das quedas chegam a atingir 8 a 10m de altura. Graças às obras realizadas por Mohamed-Ali os ahabichs conseguem ultrapassar esse trecho durante os meses de cheia. No ponto mais alto do rochedo de Abousihr deixei a seguinte inscrição:

1º de jan. 1877

D. Pedro D'Alcântara

V. de Bom-Retiro

Artur T. de Macedo

Brésiliens

C. Henning

Dali avistei uma grande extensão deserta sobretudo na margem esquerda, possuindo a da direita alguma vegetação; o som dos nora⁰⁰⁷ se escutava ao longe, zumbindo como as abelhas e em perene atividade como elas. Distingue-se na linha do horizonte as montanhas de Dongolah e caminhando em direção a Abousihr entrevi à direita o caminho que por entre o deserto de pedras e areia conduz a Kordofan. Não encontrei os grandes gipaetos⁰⁰⁸ brancos nem os abutres, únicas formas vivas dessas paragens. Os árabes chamam a catarata de Bata-el-Hagar (Ventre de pedra). O Nilo é repleto de pedras negras e refulgentes como blocos de antracito.

Retornei pelo rio num bote a remo. Chegamos a esbarrar e até encalhar nas pedras por causa das contracorrentes, mas o timoneiro era hábil. Os remadores cantavam uma espécie de melopéia cujas palavras me eram traduzidas pelo dragman. Eis um exemplo:

Escutei o rouxinol e me enamorei. Minha amada é como o jasmim. Ele tocou as duas ameixas da sua árvore mas os seios de minha amiga são como belas romãs de Fassah.

Depois eles iniciaram uma longa história, do menino Ali que tendo se perdido é procurado em toda parte por sua mãe. O tema se presta a inumerável repetição, que exprime sobretudo a ansiedade da mãe.

Saí de Abousihr após às 11h e cheguei a bordo meio-dia e 35'. Defronte a Wadi-Halfah, na aldeia de Béhéni, existem vestígios de antigüidades dentre as quais uma pequena construção cercada de colunas, bastante danificada, remanescente de um templo do período de Tutmés III. Não pude ir até lá. Pouco depois das 2h desembarquei em Wadi-Halfah e montado em um burro logo depois pude embarcar num dos vagões da estrada de ferro que seguia para Dongolah O trem parte a 7 km ao norte de Wadi-Halfah, em Hanskaiah onde já existe uma estação. O caminho está aberto numa extensão de 47 km e já pode receber os trilhos, mas foram colocados apenas 35 km, dos quais percorri 28 em cerca de uma hora até Sigadah, passando por Hamkah e Mouschid. Os trabalhos foram iniciados há dois anos. Em quatro anos a estrada chegará a Chendi, numa extensão de 9.000km, devendo em novembro deste ano, com a extensão de 100km, alcançar a província de Sakout. Deve atingir Kartoum que está a quase 200 km de distância de Chendi. Declive acentuado em todo o percurso, 1,30

por cento. Menor raio 160 m. Emprega-se 3.000 operários a quatro piastras (um franco) por dia, pagos aos adultos e aos meninos de mais de dez anos três piastras. Mulheres não trabalham. Cada km eqüivale a 2.000 libras esterlinas. Um operário é capaz de produzir um metro cúbico de aterro por dia — os Barabrahs não se equiparam aos felás em capacidade de trabalho. Não existem cortes muito altos nem longos. O gauge *[sic]* é estreito. Os dormentes são de madeira importada através de Alexandria. São empregados granito e tijolos feitos com barro do Nilo cozidos a carvão de pedra. Procuramos em vão a hulha e o ferro no território egípcio.

A localidade que visitei é atravessada por torrentes e há quatro anos não existe água aqui. Detive-me no local onde deve ser construída uma ponte sobre a maior das três torrentes, com dimensões que excedem aquelas das duas outras que atravessei. A margem direita, acima da catarata, é em geral menos árida. Existem belas plantações de tamareiras em Mouschid sobre a margem esquerda percorrendo o caminho até Hanskarah Do alto de uma colina rochosa, em Sigadah, tinha-se uma vista muito bonita olhando-se para o lado do rio. O pôr-do-sol foi como sempre. Tendo partido de Sigadah as 4h 8' retornei a bordo somente aos 10 minutos para às 6h, porque fomos obrigados a uma longa parada em Mouschid pela falha na alimentação da caldeira, sendo a água retirada do rio em odres carregados pelos Barabrahs. É um prazer inexprimível atravessar o deserto da Núbia em estrada de ferro e talvez eu tenha sido um dos primeiros viajantes a apreciá-lo. As informações me foram dadas durante o trajeto por um jovem engenheiro egípcio que fez seu curso de seis anos na escola politécnica e dois outros anos no do estado-maior do Cairo. Ele fala francês razoavelmente, mas compreende muito pouco o que se fala nesta língua. Vou jantar e em seguida redigir minha correspondência.

2 de janeiro de 1877 — Levantei as 5 1/2. Parti logo após. Não pude traduzir toda a inscrição de Abu-Simbel e a transcrevo tal como li:

Basileos ethontos es Elephantinan *[sic]* Psama tipo tauta agrapsan toi sun Psammatixo tō Theokl... Epleon êlthon de Kerkios Katuperthen *[sic]* iso potamos amiê aloglosos o () êxe potasimto Aigyptios de amasis egraphie *[sic]* Damearchon Amor Bixo *[sic]* Kai Pelephos *[sic]* Oudano *[sic]*.

O rei Psamético chegando a Elefantine escreveu essas coisas aquelas com Psamético o Theoke... Eles navegaram a Kerkis subindo o rio falando uma outra língua (estrangeira) (o êxe potasimto?) o egit...*[sic]*. O rei Amasis foi general de Psamético, escreveu Damearchos Amosbixas e Pelefos filho de Oudano.

Às 10h chegamos a Abu-Simbel e o retorno às 11h 20'.

Observei novamente os colossos, examinei a inscrição grega e copiei uma das figuras que possui de ambos os lados cordões que unem flores de lótus e de papiro à uma espécie de remo achatado, como um pangaio, para saber o que representa esta ponta caída próxima da axila direita. Partimos às 11 h 1/2.

[desenho — figura humana, Abu Simbel, 2 de janeiro de 1877]

Lendo o extrato do boletim da Sociedade Geográfica, número de fevereiro e março de 1876, onde se encontra o breve relato da viagem do Dr. Gustave Nachtigal, que conheci na casa de Krupp em Essen, constato que em Dasfour, pertencente ao Egito desde 1873, há cobre e o antimônio foi explorado recentemente. Parece provável a existência de chumbo e o ferro é extraído de minas na província do sudoeste. A informação de ontem à noite não foi exata.

Esta noite encalhamos no lodo, mas foi por pouco tempo. Logo após às 6 h paramos a aproximadamente sete milhas aquém de Sebouah

3 de janeiro de 1877— De pé às 5 1/2. Ponho-me a escrever cartas. O vapor retoma o curso. Avisam-me a presença de crocodilos, mas quando vou vê-los já haviam desaparecido.

Às 4 h já era possível avistar a ilha de Filas com seus templos e tamareiras. Desembarquei às 4 h 20' e, atravessando um caminho por entre os rochedos até aos túmulos dos califas, cheguei em uma hora a Assuam graças ao meu valoroso jumento.

4 de janeiro de 1877 — Levantei às 5 h Escrevi cartas. O vapor partiu às 5 ¼ e passou agora, 7 h 25', defronte a Ombos. Vi rapidamente o pilono de Edfu e a aldeia de Esneh O vapor encalhou e somente quase duas horas depois voltou a flutuar outra vez. Cheguei a Luxor próximo às 5 h Fui até Karnak. O telegrama de Mariette foi mal traduzido do árabe por

causa da semelhança de som entre a palavra pilono e o nome de duas cores, fazendo-me duvidar da exatidão das indicações do guia que me disseram haver acompanhado Mariette nesses trabalhos, mas finalmente me convenci de que havia visto as tábuas geográficas. São baixos-relevos sobre as paredes de ambos os lados do primeiro pilono, representando numerosas figuras de homens unidos uns aos outros, como prisioneiros e cujos torsos são cartuchas com o nome de um lugar ou país. Existe também a figura do rei, de dimensões gigantescas, segurando homens como feixes, pelos cabelos, para espancá-los.

Encontrei dentre os restos de um colosso, próximo à cartucha de Tutmés, os signos Nefer-et-xeper. A luz do magnésio me ajudou bastante, sobretudo na sala hipostila onde produzia um efeito feérico, principalmente no local da coluna que tombara e fora amparada por outra mais à frente. Esta sala é deslumbrante.

5 de janeiro de 1877 — Levantei às 5 h, o vapor já havia dado a partida. Vou ler. 6h Levantando os olhos fiquei encantado pelos belos matizes do oriente, mas embora eu seja matinal, prefiro as cores do pôr-do-sol. 9h 20' da noite. Cheguei junto com o poente, ao local a 45 milhas de Siout, onde o vapor fez uma parada. O céu está inteiramente estrelado. Nada é mais belo.

6 de janeiro de 1877 — De pé às 5 1/2. Novamente a caminho após longa espera. Espero chegar a Siout próximo das 9 h Prosseguirei fazendo anotações até ao Cairo. Poderiam ser mais interessantes se Mariette ou Brugsch tivessem me acompanhado ou houvesse tempo suficiente para consultar mais livros. Lamento intensamente que o problema matemático do qual Brugsch me falou em sua carta e também quando o encontrei em Filadélfia, aquele referente ao templo de Edfou, tenha permanecido quase um enigma para mim. Não acredito que as indicações que ali se encontram sejam das dimensões das câmaras e das quais já falei, porque Mariette em seu excelente guia já o havia dito. A gramática egípcia de Brugsch me foi de grande utilidade e recomendo a História dos povos antigos de Maspero como uma obra muito bem feita.

No Cairo passarei algumas manhãs com Mariette no Museu Boulaq, para que eu traga do Egito uma idéia bastante nítida de sua história, através de seus monumentos ou ainda por seus anais de pedra.

A aurora — não a de dedos rosados, mas a coroada com todas as pedras preciosas, vem-me acenar adeus das bordas do Nilo e eu saudarei o sol como o escriba real, chamado Anaoua, contemporâneo do Antigo Império (3-5.000 a.C.):

Saúdo a ti quando te elevas sobre a montanha solar sob a forma de Ra e quando tu declinas sob a forma de Ma! Tu percorres os céus e os homens te contemplam e se voltam em tua direção escondendo os rostos! Assim poderei acompanhar tua majestade quando tu te desdobras na manhã de cada dia. Teus raios sobre os rostos dos homens impede reconhecê-los; nada é comparável a teus raios. As terras divinas são vistas nas pinturas, as terras da Arábia são nomeadas, só tu és oculto! Tuas transformações se assemelham àquelas do oceano celeste; ele caminha como tu caminhas. Conceda-me o país da eternidade e a região daqueles que foram aceitos; que eu possa reunir-me aos belos e sábios espíritos de Kernefer e que eu figure entre eles para contemplar tua beleza na manhã de cada dia!

O Nilo merece também uma saudação e eu transcreverei algumas passagens do hino que lhe foi dedicado durante a XII dinastia (2-3.000 anos a.C.).

...Ó Tu que vens em paz para dar a vida ao Egito!

...Irrigador dos vergéis criados pelo sol...

Caminho celeste que se abre... Seu trabalho é o repouso das mãos dos milhões de infelizes... Sua bravura é um escudo (para os infelizes)... Não conseguimos esculpi-lo na pedra; não é visível nas estátuas em que colocamos a dupla coroa... Não podemos conduzi-lo para o interior dos santuários; não sabemos onde encontrá-lo, não o vemos nunca na pintura de cenas de caça; nenhuma morada consegue contê-lo; nenhum governo em teu coração (na verdade procuramos ainda suas nascentes). Alegrastes a descendência de teus filhos; te rendem homenagem no Sul, teus decretos são permanentes quando declarados servidores do Norte. Ele absorve o pranto de todos os olhos e prodigaliza a abundância de seus bens.

2ª VIAGEM A SÃO PAULO - 10/09 a 01/10/1878

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

10 de setembro de 1878 — Guaratinguetá - Pindamo

11 de setembro de 1878 — Chegada S. Paulo (eixo quebrado).

12 de setembro de 1878 — Às 9h saída — 10 às 2 — fábrica de tecidos de algodão de Diogo Paes de Barros — Passeio Público — 5 às 7 — Ipiranga.

13 de setembro de 1878 — 7 às 9 de carro Penha. 10 ½ a 3 ½. Curso de direito — Escola Normal — Penitenciária — Fábrica de obras de madeira de Braga — Litografia de J. Martin depois de hoje marmorista de Martinelli tendo antes ido ao Instituto de D. Rosa de Sousa Queirós — 5 a 7 — Colônia de Sta. Ana.

14 de setembro de 1878 — Campinas-Mogimirim. Passeio na cidade e circunvizinhanças, Igreja do Carmo e antes Matriz.

15 de setembro de 1878 — Missa (domingo) Casa Branca — Sorócas — Linha mais longa.

16 de setembro de 1878 — Colônia de Nova Lousã — Trovoad a chegar a Mogimirim — e maior no caminho do Amparo.

17 de setembro de 1878 — Amparo — Matriz — escolas. Colégio de Vivien da Amelo em Petrópolis — Visita à Colônia do Salto onde houve a greve.

Chegada à Campinas às 6 ¼ da tarde.

Cartas da Europa.

18 de setembro de 1878 — 7h Bierrenbach — Gabinete de leitura — Colônias de Sete Quedas e Saltinho. Escolas — Colégios Cultura à Ciência e Morton — Obras da Matriz, depois de Rink e Hipódromo.

À noite conversa sobre a colônia do Salto.

19 de setembro de 1878 — Limeira — bonito caminho sobretudo a posição da fazenda de Cândido Serra — Rios Piracicaba com sua ponte delineada pelo Antônio Rebouças e o Tatu que se passa 14 vezes. Matriz bonita — escolas — Câmara e cadeia. Fazenda do Morro Azul de Silvério Jordão — bom maquinismo — casa de forma original com linda queda de água artificial no fundo — fazenda da Laranja Azeda dos Três Rios — excelente quanto à produção.

Chegada à Rio Claro à casa do Barão de Araraquara que foi Alferes no tempo de meu pai, a mulher filha do Dr. Melo Franco que veio com minha mãe. Tem 78 anos e bisnetos e 12 filhos vivos, 6 homens e 6 mulheres.

20 de setembro de 1878 — Matriz, Câmara, escolas, gabinete de leitura — Araras, almoço.

Pirassununga — última parte quase feita — passagem da ponte — Matriz, câmara, escolas — conversa sobre o prolongamento. Volta a Araras. Casa do Lacerda, 2 irmãos, cada um com 12 filhos cada um, 6 homens e 6 mulheres — o [ilegível] patrão casado com a sobrinha. Deltago [?] forte.

Fábricas de beneficiar café de Ferraz em Rio Claro e do americano Eduardo Niss em Pirassununga, que monta também serraria. 400 rs por arroba de café beneficiado. Discurso de Olímpio de Tal em Pirassununga.

21 de setembro de 1878 — Matriz e pequeno giro pela povoação bem arruada. Campinas — casa do club bem arranjada e com grande salão.

Chegada a Jundiá.

22 de setembro de 1878 — Matriz, Câmara e cadeia de alçapão — colégio em casa pertencente à Câmara que a emprestou a Rita Sayão Lobato com a condição de educar gratuitamente 3 meninas. Gostei de ouvir as alunas sobre português, francês, contas e história. É internato de 30 e tantas. Escolas primárias — boa fábrica de tecidos de algodão de Joaquim Benedito Queirós Teles. Há de recomeçar a trabalhar em um mês.

Capivari — excelente casa onde almocei. Matriz, Câmara e Cadeia sem preso — gabinete de leitura bem começado, escolas — uma particular procurando eu um livro para leitura deram-me a Vida de J. Cristo por Renan versão portuguesa — desculpa de que era da mestra que o obtivera do gabinete de leitura.

Chegada a Piracicaba bela posição, e brilhante recepção. O J. B. de Queirós Teles disse-me que a irmã viúva do Senador Fonseca tem tirado bons resultados da sociedade com um francês, que se entende com mais de 100 colonos, a maior parte franceses, dando-lhe ele metade da colheita do café, que eles colhem, casas e 400 rs por cada pé novo de café plantado.

Os Lacerdas têm colonos sem contrato pagando-lhes eles 500 rs por alqueire de café. J. B. Q. T. tem colonos de parceria administrados pelo filho de um colono suíço que ele diz excelente. Ele está convencido da vantagem de vender tanta terra desaproveitada.

Vi no caminho de Jundiá até Capivari sobretudo excelentes para arar e plantação de cereais não valendo senão 50\$000 5000 braças quadradas. Há nesta província muitas terras baratas e aproveitáveis para colonos à beira das estradas de ferro, por isso que não servem para cafezais. O mesmo já observara às margens do Paraíba.

O Q. T. pretende montar um engenho beneficiador de café. A empresa do engenho central de açúcar perto de Porto Feliz começará a trabalhar brevemente. A cana virá a ele pelo rio Tietê. Dista 5 léguas, mas de mau caminho partindo de Capivari. Sinto não ir lá, mas nem tudo se pode fazer no curto tempo de que disponho. Muito há que fazer no Rio.

23 de setembro de 1878 — Jornal do Comércio de 22 — eleições da Paraíba chegada na véspera a Piracicaba, que apresenta bonito aspecto vendo-se no horizonte uma serra com um corte de forma de semicírculo levantando-se por detrás um morro cônico.

Passeio ao Salto — muito bonito — café em casa do Dr. Estêvão Ribeiro de Resende meu afilhado de batismo e da Mana Chica, último filho do Valença, genro do Barão de Serra Negra.

Navegação do Piracicaba de ajoujo por baixa das águas até o Canal torto e depois em pequeno vapor de 25 cavalos até o Limoeiro por falta de tempo. Nas cheias o vapor navega do porto da cidade abaixo do Salto até Lençóis 42 léguas — frete 11 rs por arroba e quilômetro.

Pode-se fazer facilmente um caminho de trilhos do Canal torto até à cidade, tendo andado na volta este espaço de trole.

No lugar chamado Enxofre sente-se este cheiro, e além do morro desse nome o Luís Vicente de Sousa Queirós espera encontrar carvão de pedra. Vi no passeio das 7 às 9 a fábrica de tecidos de algodão montada por ele perto do Salto. Pareceu-me boa.

24 de setembro de 1878 — 7 às 9 — Visitei Câmara e cadeia — obras da cadeia nova mal feita; serve antes para escola — escolas e gabinete de leitura — sofrível casa a dos meninos, missa por alma de meu pai, e vim almoço *[sic]*.

16 partida para S. Paulo. Em Itaici vi luzerna da plantação de Tibiriçá. Dá 7 contos ao ano. Já colhe de 6 a 700 toneladas e vende a 1500 rs a arroba. Chegada a S. Paulo antes das 5.

25 de setembro de 1878 — 7h partida para Sorocaba.

No pantojo vi a mina e forno de cal de pedra mármore do Stavaux. Prometeram-me amostras na volta.

Chegada a Sorocaba perto do meio-dia. Almoço em casa do Mogimirim que apesar dos 83 anos ainda parece o mesmo de há 3 anos. Fui ver Matriz, Câmara e cadeia, gabinete de leitura — o melhor dos que tenho visto — escolas e fábrica de chapéus do Rogisch que me deu um.

Partida às 3h chegada a Ipanema tomando o trole a 2 km. da fábrica, pois aí fica a estação da Sorocabana às 4 ¼.
Jantar às 6. Conversa com o Mursa.

26 de setembro de 1878 — Li o ofício do Mursa de 3 de abril deste ano sobre o futuro da fábrica. Não o conhecia nem o Ministro da Agricultura.

7 às 9 vi todo o fabrico. Só notei o acabamento da oficina nova para carpintaria e outros serviços e o princípio do novo “forno alto”. Correu fusão e refinou-se. Canal projetado para obter maior força motriz de água.

Depois do almoço as 10 até 4 ½ correr de trole os matos vendo a oficina de hostulação etc. e carvoarias. Rodeei o campo fora do terreno da fábrica e perto da estação da estrada de ferro, que está destinado para colônia industrial. Apanhei duas boas pancadas de água, mas não por muito tempo e apesar de estar em trole descoberto pouco me molhei debaixo do chapéu de chuva. O caminho escorregava muito e quase não se pôde galgar a subida que fica no caminho para Tatuí. Larga conversa com o Sinimbu e Mursa. Este quer chamar tudo para a fábrica que entende deve ser empresa indústria.

Continuando a Sorocabana até a cidade do Tietê. Vencidas as quedas do Avanhandava e Itapura por meio de canais laterais com comportas — Calcula a despesa em 3.000 a 4.000 contos — fica livre a navegação até o Paraná onde se lança o Pardo, que dista pouco do Cochim afluente do Paraguai.

27 de setembro de 1878 — Hospital existente — as obras do novo e da escola, cadeia. Partida às 9. Chegada a S. Paulo à 1 ½.

5h 1ª pedra das obras da companhia do fornecimento de água da Cantareira e dos esgotos da cidade. Choveu um pouco. Baixou bastante a temperatura. Cartas da Europa.

28 de setembro de 1878 — 8 a 9 sabatina da aula do Falcão. Falaram bem Prestes e sobretudo Magalhães Castro — 1º o cego pode testar cerrado 2º não.

12 a 1 sabatina na aula do Furtado — legitimidade do contencioso administrativo. Não brilharam os estudantes 2 argüentes e 2 defendentes. O filho do Sinimbu defendente pareceu-me medíocre.

Vi um quadro de um alemão exposto na Igreja do Colégio — muito ruim.

Cartas da Europa — bilhetinho da Condessa.

3 ½. Estrada de ferro de Santos até S. Caetano — colônia do governo — de italianos.

¼ de hora — 162 estabelecidos os mais antigos há pouco mais de ano. Parece que prosperaram plantando cereais. Convém que tenham melhores casas. Estão contentes.

5h de volta.

29 de setembro de 1878 — 7 ½ para Santos. Planos inclinados. Chegada às 11. Lazareto de bexiguentos em S. Bento. Fonte de Itororó.

3 ½ S. Vicente. Já terceira Igreja. Só uma casa velha talvez da primitiva. Fonte romântica. Tem-se edificado bastante desde 1875.

Caleira de Sambaqui de Jorge Avelino. 3 fornos de 8,40 e 27 moios com máquina de vapor. Bem montada. Fui eu que dei o primeiro movimento à máquina de moer o Sambaqui. De volta às 8h

30 de setembro de 1878 — 7h Passeio ao alto de Monserrate. Linda vista — cidade e Mar Alto.

10 ¼. Obras da Alfândega, ponte, porto embarcado. Aprendizes-marinheiros — bom arranjo — só 29 — aluguel da casa 500\$000 por mês!

Matriz, Câmara e cadeia, serraria de Leopoldo de Azevedo filho de S. Vicente — Carmo — sepultura de José Bonifácio.

Escola de meninos aí e outra de meninas em sofrível casa.

5h Pedra da nova obra da Misericórdia e visita desta.

1 de 8bro. [outubro de 1878] - 7h Partida para S. Paulo. Chegada pouco antes das 10h,

De 11 às 3h Escola Americana — com seu Kindergarten — 2 casas feitas para escolas em terrenos doados. Cavalos de puro sangue e meio-sangue de Antônio Prado e plantações de alfafa e luzerna etc — máquina de Fernando de Albuquerque meu conhecido dos Estados Unidos onde estudou na Universidade Lafayette para rachar lenha feita na pequena fundição do Dias. Instituto dos Artífices.

5h primeira pedra para o novo hospital da Misericórdia no lugar chamado Bexiga.

Visitas — conversa com o Bispo.

VOLUME 23

VIAGEM AO PARANÁ - 17/05 a 07/06/1880

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

17 de maio de 1880 — Saída às 8 ½. Bom tempo durante o dia. A corveta Guanabara sempre nos seguiu. Noite de luar, mas com muitas nuvens ameaçando aguaceiros. Desci às 11 ½.

18 de maio de 1880 — Dormi mal. Algum balanço. Não enjoei. Subi às 5 ½. Belas cores nas nuvens ao nascer do sol. Toninhas que pareciam andar tanto como o vapor, de 10 a 10 ½ milhas. Alguns pássaros. Chuva, porém vagas encarneiradas à feição.

2 ¾ da tarde. Sempre tempo chuvoso. Ilha da Figueira quase no limite de S. Paulo com o Paraná.

A Guanabara veio saudar com gente nas vergas. Há de tomar pela barra do sul, por falta de fundo no Paranaguá e nós entraremos pela do norte de Paranaguá. Farol das Conchas. Bela entrada com a serra no fundo e ao longe o Pico Feiticeiro, cuja cobertura de nuvens anuncia chuva. ⁰⁰¹ Ilha do Lazareto ⁰⁰². Chegam dois vapores, um dos quais com o Presidente etc. Dobra-se a Ponta da Ilha da Cotinga e segue-se o canal balasido [*sic*]. Passo para o pequeno vapor do Presidente. Cidade iluminada.

Desembarque difícil para a Imperatriz. Não há carruagem em Paranaguá. A pé por péssimas calçadas, até a casa espaçosa do barão de Nacar ⁰⁰³.

Jantar, chá e conversa. Programa organizado com o Presidente e o Ministro Buarque de Macedo. Disse-me o Comendador Antônio Alves de Araújo que em Ponta Grossa já as casas ficaram cobertas de neve e a serra se coroou de neve. Referiu-me também que tem havido furacões fortíssimos. Um deles arrebatou peixes de um lago e arrebatou uma casa, arrancando e torcendo pinheiros, no mês de setembro. Outro indivíduo falou de uma chuva preta e de sapinhos.

19 de maio de 1880 — As casas das escolas que vi não são más. Os professores bons. Das três professoras só regia uma substituta. Os alunos que interroguei por serem os melhores dos presentes responderam muito bem sobretudo um fulano Maravalha.

Ponte da Alfândega ⁰⁰⁴ só permite a barcos de muito pouco fundo atracar. O porto desse lado aterra-se rapidamente. Fábrica de velas e sabão para cuja proteção a Câmara Municipal impôs nos mesmos gêneros entrados no município. O sebo vem do Rio Grande. Ver o bilhete da lista de lugares que visitei.

Trovoada com grande chuva ao chegar à Matriz. Não me molhei muito.

Baile na Casa da Câmara bastante concorrido apesar do mau tempo que molhou as ruas. Valeram em parte algumas cadeirinhas. Voltei à meia noite ⁰⁰⁵.

20 [desenho] Cabeça do Gigante africano.

20 (5a fa.) de maio de 1880 - Partida de Paranaguá às 7 ½, no vapor Iguçu. Examinei a carta do Mouchez ⁰⁰⁶. Depois de algum tempo, passei-me para o Rio Grande que me trouxe do Rio.

Tem chovido porém não muito.

Passei por defronte do porto de Pedro 2º. Estacada que aí constrói a Empresa da Estrada de Ferro. Bonitas vistas das montanhas. A Serra do Gigante Africano é a da Prata. Disse-me o presidente da Câmara que aí se achou também platina ⁰⁰⁷. Disse-lhe que mandasse amostra ao Museu do Rio.

Almoço.

Forma o porto de Antonina como um lago rodeado de montanhas. Desembarque às 10. Pouca demora na casa preparada.

10 h 40', partida. Até a barreira que é além do núcleo de colonos Ipiranga ⁰⁰⁸ — lugar alegre e pitoresco — não se sobe a serra.

Quase nenhuma cultura, alguns engenhos de socar mate. Vi uma araucária pequena ⁰⁰⁹. No núcleo Ipiranga, lugar chamado S. João da Graciosa deram-me boas laranjas cravo. Atravessa-se uma boa parte sobre o rio muito empedrado ⁰¹⁰, chega-se à barreira e começa a serra. Tem belas perspectivas. A Serra da Prata oferece-se majestosa no fundo da paisagem e para o lado Antonina, de que alveja somente o estabelecimento do comendador Alves de Araújo, e ainda mais longe a ponta onde se enxergam casas de Paranaguá e o mar no horizonte, vendo-se até uma ilha no caminho de S. Francisco de Sta. Catarina. No alto da serra é a vista ainda mais bela. O pôr do sol dava-lhe cores admiráveis.

Antes também vira o rio Nhundiaquara que vai a Morretes, cujas estradas vêm à que percorri na baixada antes de São João da Graciosa e neste lugar de que dista 1 ½ léguas. Do alto da serra atravessa-se um mato de árvores de ramos enegrecidos e cobertos de parasitas que o fogo poupou, os quais parecem espectros de braços levantados. A vista de que se goza depois para o lado oposto ao da subida da serra é também muito bela, sobretudo ao pôr do sol que se deita desse lado. O céu estava semeado de nuvens de ouro. Vi araucárias porém ainda não apareceu o arbusto do mate ⁰¹¹.

Às 6 h e 35' cheguei à casa do Rio do Meio, onde dormi. Que diferença de temperatura! O céu parecia prometer geada. No caminho de Antonina até aqui encontrei talvez 50 a 60 carros, como os dos alemães de Petrópolis ⁰¹², conduzindo principal ou mesmo exclusivamente surrões e barricas de mate. Também levam bananas de que vi grandes plantações de grandes cachos, porém má qualidade.

As cores dos habitantes da baixada pareceram-me, em geral, más, de quem sofre do figado. Os carroceiros que desciam tinham-nas boas. Os cocheiros que nos conduziam eram belos rapazes de família alemã. Pararam diversas vezes para dar água aos cavalos, que aliás nada comeram em caminho. Penso que era isso antes para descanso dos animais, pois não há quase lanços horizontais na serra e se os há muito curtos e as rampas são um pouco fortes para tão longa extensão de mais de 20 quilômetros.

Esta casa é de madeira de pinho da terra e como que improvisada, aos menos quanto aos acessórios para a nossa estada. A dona, viúva Campos ⁰¹³, filha de Santa Catarina, tem um penteado de carrapicho de cabelos à roda da testa que parece de um dos povos da Rússia ⁰¹⁴. Dormi bem no meu quartilho, apesar de algum cheiro de tinta. Acordei antes das 6 e agora vou andar um pouco e almoçar para seguir às 8 horas. Por muito sono que me fez o andar vagaroso na Serra, nada escrevi na noite de ontem ⁰¹⁵.

21 de maio de 1880 — Almoço às 7. Partida às 8. Araucárias ⁰¹⁶, erva mate. Colhi ramos. Capurry com boa ponte. Campinho. Volta Grande com belos capões e grande abundância de araucárias cujos ramos enfileirando-se em planos diferentes, sobretudo por causa da inclinação do terreno, formam degraus de imensa escada. Creio que pertencem à Companhia Florestal ⁰¹⁷ que possui uma área de 600 braças sobre 150. Tinha visitado antes seu estabelecimento, há 5 anos abandonado. Dois empregados estão por pagar há 4. Gastaram 300 contos no material. A primeira remessa de tábuas de pinho deu no Rio 2\$000 mais por dúzia que o americano ⁰¹⁸. A segunda, por falta de cuidado, apodreceu em metade nos lugares onde a deixaram no trânsito. O depósito de 5.000 tábuas está metade podre. É pena que não tenham olhado mais para o estabelecimento. Encontrei também no caminho muito joá-bravo, aroeira e um arbusto bonito de frutinhas redondas amarelas que parecem as do murici porém não se comem. Ouvei chamar os capões aimbetê ⁰¹⁹.

Depois do Canguiri principiaram os planos acidentados mais vastos, com montanhas ao longe. São lindíssimos. Perto de Curitiba encontrei os alemães a cavalo com fitas a tiracolo, nas cores brasileiras e alemãs e muitas outras pessoas. Começaram os prazos das colônias suburbanas onde vi muitas crianças lindíssimas.

Grande entusiasmo sempre e sobretudo na cidade, aonde cheguei à bela casa que habito às 3 h ⁰²⁰. Três oficiais de cavalaria de linha comandaram os piquetes — de Antonina, Tavares, filho do Dr. Tavares — de Rio do Meio, Camargo, e do Canguiri, Floriano de tal Lavôr, cearense e muito conversador. Tavares é meu conhecido dos piquetes de S. Cristóvão e de Petrópolis; Camargo parece bisonho ⁰²¹.

Jantar às 4 e depois dei um passeio pela cidade e fui a estação telegráfica onde examinei o livro das observações telegráficas ⁰²². O frio tem sido maior às 8 da manhã e no dia 15 foi de 8° centígrados.

Às 7 recepção. Vieram meninas das diferentes colônias suburbanas, cada uma de sua nacionalidade, arvorando seu guião com o nome da colônia. Muitas eram polacas alemãs. Os alemães fizeram procissão de fachos e cantaram ⁰²³. A iluminação foi bonita.

Esqueci-me de dizer que em Paranaguá procurei-me um alsaciano Sigwald ⁰²⁴, de Superagui ⁰²⁵, que ofereceu uma caixa de garrafas de vinho de uva americana. Já faz 40 pipas por ano e disse-me que essa qualidade de vinha produzia bastante.

Entre os que se apresentaram esta noite, notei o boticário Stelfeld ⁰²⁶ que reside aqui há 28 anos, mas só tem estudado um pouco as plantas que servem para curtir, assim como Agner ⁰²⁷ comandou o 3° de Voluntários e assistiu a diversos combates, entre os quais a batalha de 24 de maio e foi ferido num pé.

22 de maio de 1880 — Saí às 7 e fui ao Museu do Ermelino. Está bem arranjado e é curioso na parte da História Natural, Mineralogia e Sambaquis. Hei de pedir o catálogo ⁰²⁸.

Missa às 8 ¼ pelo aniversário fúnebre ⁰²⁹. A igreja serve de matriz, enquanto se faz esta, é pequena, porém bonita e muito limpa.

9 ½ almoço.

10 ¼ Instituto Paranaense que ensina os preparatórios. Os estudantes — são poucos — responderam sofrivelmente. Casa pequena é ainda externato. As aulas de primeiras letras depõem contra o estado da instrução primária em Curitiba. Casas acanhadas para 120 alunos numa a duas — atraso no ensino e falta quase absoluta do conhecimento de doutrina religiosa. Tesourarias — más casas — pior a do correio que já tem um movimento de 200 a 300.000 papéis por ano.

Inauguração do hospital novo da Misericórdia, entre a visita da primeira aula e o resto. Está bem situado. Ouvi missa na capela que é de bonitas madeiras das quais uma é o lindo cipó florão. Bom relógio de torre e necrotério demasiado grande para o resto. As enfermarias são boas e têm bastante espaço para aumentar o edifício, que aliás devia ser construído conforme os hospitais modernos. Tem pára-raios e um deles foi fulminado durante a trovoadas de Paranaguá. O Dr. Murici ⁰³⁰ foi quem mais concorreu para a construção do hospital. O provedor, Dr. Pires Albuquerque ⁰³¹, seu genro, leu um discurso bem feito em que recordou comovido os serviços de Murici. É cirurgião militar. A enfermaria militar com bonita botica, acha-se no hospital que tem diversos quartos e alguns com grades para alienados.

Jantar às 4 horas.

Chácara do Capanema em lindo lugar. Vasta e muito bem plantada. 140 variedades de pêra, 70 de maçãs. Dálías, rododendros de que um tem botão a arrebentar, azáleas, choupos de Itália, etc. etc. abóboras monstruosas ⁰³². Há de ser um estabelecimento importante de aclimação. Constrói uma estufa. Tem um casal de cavalos de Dangolah muito bonitos. A égua está prenhe. O terreno era como o das cercanias de Curitiba, pouco fértil, mas estrumou-o com as ervas do campo e estrume dos bois e vacas que tem, depois de ará-lo, etc. Excelente leite. Voltei com bellissimo luar e céu admirável. Ao chegar à chácara do Capanema, fazia frio; disse-me ele que 8,5° C.

Pouco depois de volta, Te Deum, recepção — pequena — novas procissões de archotes ⁰³³. Chá às 9 ½, conversa e deitei-me.

23 de maio de 1880 — Senti menos frio a noite passada, não fui atacado de calafrios. São 6 horas. Vou escrever o diário de ontem, tomar café e sair.

Cadeia limpa e tudo bem providenciado pelo chefe de Polícia que é inteligente e ativo ⁰³⁴. Um preso de 26 anos de prisão onde aprendeu primeiras letras, ensina-as aos outros. Deu-me petição e parece arrependido.

Mercado pequeno e pouca gente.

Quartel de Polícia — casa acanhada. Aula de que é professor o tenente Lavôr muito bem arranjada. Gostei de tudo aí, mas paga-se 120\$000 de aluguel e as benfeitorias ficam para o proprietário.

Depósito de artigos bélicos — a casa é boa, mas tem muitos cunhetes de cartuchos com pólvora que é preciso remover daí. Câmara Municipal — casa boa. Conversei sobre necessidade da cidade: dessecamento de pântanos — abastecimento de água — tem duas fontes cuja água diminui bastante na seca; arborização das ruas principais que são direitas e largas e a gramação *[sic]* das margens do rio Ivo, afluente do Iguaçu, que atravessa a cidade. Padrões métricos mal conservados.

Almoço às 9 ½. Saída às 10 ½.

Colônia Santa Cândida ⁰³⁵. Missa em pequena capela decente. Os colonos polacos alemães cantavam. Visitei diversos prazos. Plantam cereais da terra e centeio. Não tem moinho e tem de trazer o centeio à cidade em distância de mais de légua.

Argelinos. Visitei três prazos, entre os quais o de Chatagner que, parece, vai dando alguma cousa ao dono. No fim da colônia Santa Cândida, ao lado da cidade e antes dos argelinos ⁰³⁶ estive nos prazos de dois suíços de Valois que cultivam também a vinha e fazem já vinho. O de Jean Nicolas pareceu-me menos vinagre. Ele com a filha mais velha ensinam os outros filhos. Agradou-me essa domesticidade. Ambos estes colonos são muito trabalhadores. Enfim fui a um prazo dos da nova colônia Senador Dantas. O sítio é muito bonito. Terras, como quase todas carecendo de adubo tendo alguns dos colonos suas vacas ou cavalos, mas os da colônia Dantas aproveitam o esterco de uma cocheira vizinha. Muitos dos colonos preferem serviços na cidade e a indústria de transporte.

Jantar às 5 h Depois e já antes li requerimentos, etc., em que aproveito os intervalos de repouso. Recepção de diversas deputações e das meninas das aulas e colégio. Nove horas. Concerto em que o pai do Dr. Itiberê (Dr. João Manuel da Cunha) cantou tocando ao mesmo tempo rabeca na orquestra ⁰³⁷, cantando também filha e neto. Esteve muito ruim o chamado concerto. Seguiu-se baile onde houve menos animação que no de Paranaguá. Tudo foi no salão do Museu em que arranjaram um coreto para a banda do Corpo Policial ⁰³⁸, que é boa. Antes tocasse ela só no concerto em que alemães cantaram coros muito parecidos com cantochão fúnebre. À meia noite voltei para casa.

24 (2a fa.) de maio de 1880 — Das 6 horas às 7 vesti-me e li. Visita à capela e escola protestante. Casa de aspecto de chalet. 150 alunos de que parte estuda em casa do pastor. A outra é ensinada por um sub-mestre.

Paiol da Pólvora bem construído e à boa distância, porém muito úmido. Assim mesmo, deve-se e pode-se mudar para lá a pólvora do depósito de artigos bélicos.

Casarões feitos por contrato com um particular para estada de colonos; a 600 rs por adulto e 300 menor. Achei alguns aí recolhidos.

Ontem, depois da visita dos colonos suíços, estive no estabelecimento do inglês Frederico Fowler (Disse-me que seu nome paterno é Philippe Todd). Tem máquinas para picar palha e debulhar grãos. Tudo muito bem arranjado.

Capanema escreveu que ontem fez às 6 horas da manhã frio de 2º e que havia um inglês que faz excelentes presuntos e canta bem. Infelizmente não apareceu no concerto.

A noite passada pareceu-me menos fria, como esta manhã. O dia principiou muito úmido.

O Capanema disse-me que há uma árvore chamada Cahimbetê — talvez seja o nome que ouvi ao Tenente Lavôr.

9 h Almoço.

10 ¼ partida para Campo Largo. Excelente estrada. Araucárias em três lugares dispostas como na Volta Grande. Colônia Riviera de italianos que acudiram à estrada ⁰³⁹. Muita outra gente também apareceu e os alemães vindos a cavalo de Curitiba agregaram-se outros cavaleiros e carros em caminho. À entrada de Campo Largo, cuja posição corresponde ao nome, vi laranjeiras bem carregadas e belos pés de fumo, que dá bem no Paraná.

Pouco afastado de Curitiba há o soque de mate de Ildefonso Correia, irmão do senador Correia, onde vi as máquinas inventadas pelo Camargo, que eu chamava Erva-Mate, quando ele trabalhava no Arsenal de Marinha. Esteve depois nos Estados Unidos ⁰⁴⁰.

Disse-me Ildefonso Correia que do mate vindo dos cultivadores só se aproveita metade para o mate de 1ª qualidade porque é mal preparado nos carijós em que os especam com o fogo. Também quebram os paus e misturam com os restos

das folhas em pós, e assim obtém um mate de 2\$600 a arroba, quando o bom o vendem a 6\$000 e tanto. Esta indústria carece de muito melhoramento ⁰⁴¹.

Em caminho passei por defronte do soque do Mariano Torres, a quem falei e que mostrou um cacho de pinheiro que tinha ainda 7 pinhas de 12 que tivera.

Entreí na casa de Campo Largo às 3 ¼ ⁰⁴². Jantar às 4 ½. Depois oração na igreja, de 1816.

Aulas, uma das meninas e outra de meninos — não me agradaram.

O Clube Literário onde começou uma biblioteca. Aí entreguei algumas cartas de alforria, cujo preço foi pago pela Sociedade de Emancipação, para que muito trabalhou fulano de tal Garrett, sobrinho do poeta ⁰⁴³. Foi ele que pediu-me entregasse as cartas e pareceu-me homem inteligente. Conversei com os da casa, que pertence ao Juiz de Direito, filho do José Bento ⁰⁴⁴ — está com licença

Vou descansar.

25 (3a fa) de maio de 1880 — Acordei à 5 h Não fez frio de noite, mas já geou aqui.

A vila só tem quase uma rua de comércio.

Disseram-me que as laranjas são azedas.

Esqueci-me dizer que a 23, quando visitei a Casa da Câmara de Curitiba, apareceu-me um francês mal vestido e que parece bebedor, o qual é tido por engenheiro hábil e disse-me que tem o curso da Escola Politécnica, embora respondesse-me que seu certificado caíra no fundo do mar e referisse que deixara a França por causa de dois duelos.

Já tomei café e falou-me uma escrava de nome Firmiana cujo dono Soares, diz ela que dera errado o nome dela, e que está depositada na casa de um Ermelindo daqui.

8 h 25 [Desenho] — Serrinha.

Nada de notável até a Serrinha. A subida não é difícil. Do alto a vista, apesar de haver neblina em alguns vales, era belíssima, tanto do lado de Campo Largo como dos campos gerais. De cima de montanha xistosa fiz às pressas o contorno das montanhas que se descobrem ao longe de Campo Largo. Ao chegar ao alto, onde tomei café na casa de um Hermes de tal, passei por baixo de um arco de fetos e trepadeiras lindíssimo. Os campos parecem os do Rio Grande.

Almoço em São Luís, Ponte dos Papagaios, boa obra cujas dimensões dos dois arcos de pedra de grés dura assentes sobre lajes do rio são consideráveis. Custara pouco mais de 36 contos ⁰⁴⁵. Em São Luís é a separação das águas que vão à Ribeira das dos afluentes do Paraná.

Passei por Alegrete, antiga colônia russa — má terra de cultura. Deixei a estrada nova pela antiga para examinar o Capão de Anta, onde ainda há 11 famílias russas — muito má terra de cultura. Vi plantação de batatas e de milho. O capão não é longo e bastante estreito. Disseram-me que foi Jesuíno Marcondes que vendeu esta propriedade de uma légua sobre duas ao Estado ⁰⁴⁶.

A mais de uma e meia légua de Palmeira, grande número de cavaleiros e entre eles o padre Camargo deputado provincial ⁰⁴⁷ com quem conversei durante a muda. É bem falante. Os cavaleiros foram fazendo como que fantasias árabes e dando vivas. Perto da vila mais cavaleiros. O acompanhamento era vistoso.

Jantar.

Junto à vila e ao longe do lado direito no Puga ⁰⁴⁸ vi casas da colônia russa.

Cheguei à casa da mãe do Marcondes, a baronesa de Tibagi ⁰⁴⁹ às 4 ¼. Fica arredada da vila e perto de um riacho que tem queda. A casa é boa.

Jantei às 5 horas. Conversa depois. O engenheiro Tourinho ⁰⁵⁰ ficou de dar-me cópia do perfil da estrada que segui e nota das alturas. Com o ajudante dele Wieland ⁰⁵¹ falei sobre diversos assuntos e sobretudo a respeito da viação da Província.

Chá às 9 horas e vou deitar-me. Amanhã escreverei mais.

26 de maio de 1880 — Não dormi mal. A temperatura não foi fria, contudo disseram-me que já tem nevado aqui. O dr. Murici nas suas Ligeiras Notícias, etc. diz “que a culminância da Serrinha é de 1000 ms. mais 100 do que a Serra do mar e

quase 200 que Curitiba. Os rios que regam os Campos Gerais são: Iguaçu, Ivai em suas cabeceiras, Tibagi, Cinza e Itararé afluentes do Paranapanema que se lança no Paraná ⁰⁵². Além destes há o dos Papagaios, rico de diamantes.

Espero logo o negociante Bernardo Pinto para falarmos do azougue ⁰⁵³ encontrado a 4 léguas daqui.

Aulas. A de meninos num corredor da matriz, onde se acham os padrões métricos mal conservados até por ser o lugar úmido.

A Câmara Municipal noutra corredor além do coro da matriz. A aula de meninas em casa pequena da professora, irmã do professor. Interroguei a um aluno e uma aluna, ambos bastante inteligentes, que mostraram saber doutrina religiosa como nenhum outro na Província. Desconfiei logo e soube que o vigário, muito estimado, João Batista de Oliveira ensina doutrina na matriz.

Ponte pequena mas bem feita sobre o lajeado, que forma a queda de água perto da casa, com pedras de grês como a ponte dos Papagaios. Disseram-me que a pedra é escolhida da mais dura.

Cadeia — casa de pau a pique e não tem livros.

Bernardo Pinto disse-me que nada achara a respeito da existência da mina de azougue e apenas referiu-me o que já sabia. O dr. Pizarro que fica em Palmeira pretende ir ao lugar onde se achou mercúrio nativo.

Almoço depois de oração na matriz que não é pequena e feita por donativos. No passeio das 7 também vira o velho cemitério que carece de ser capinado. Acaba-se um novo, afastado da vila.

Demora de cavalos, de que já tem morrido e fraqueado alguns, apesar da marcha ser lenta e partida às 10 ³/₄. O caminho é lindíssimo. Campos onde se erguem capões de araucárias, de que há algumas de mais de 33 metros de altura e contados de fitas de árvores e arbustos que indicam cursos de água. As nuvens projetando sombras mais ou menos movediças sobre os campos e as colinas aumentavam a beleza da paisagem.

Parada em casa do comendador Roseira que pareceu-me excelente velho. Ganhou a sua fortuna como condutor de tropas de gado, tendo sido um bom peão e em 1822 plantara trigo ⁰⁵⁴.

A terra também dá muito bem chá, segundo ouvi a Roseira e outros. A demora não foi grande nesta fazenda chamada do Sutil, a que se chega depois de passar numa ponte o Caniu ou Candiu. O caminho para diante ainda é mais pitoresco, sobretudo em dois lugares o alto de Santa Cruz sobre uma colina de onde se goza de extensa vista, havendo à esquerda ao longe um capão em forma de meia-lua muito bonito. No fundo do vale à direita, descobre-se a casa de uma fazenda que a dona deixou aos escravos que ela [forou?] em nome de 30 ou 40 com a condição de não venderem as terras e a ponte do Tibagi que parece uma lista prateada na campina. A ponte de madeira e cujas tábuas do estrado exigem reparação é longa por causa das enchentes.

Molhei a mão direita na água do Tibagi e trago lembranças de suas margens — alguns raminhos e branca e fina areia onde não acharei diamantes, apesar de dizer o Dr. Murici — escorre suas águas por cima deles. A serenidade e iluminação do céu ao aproximar do ocaso contribuiu muitíssimo para a impressão causada pela paisagem. Durante a viagem só vi uma codorna levantar vôo, bandos de chupins que parecem anus ⁰⁵⁵ e nenhum veado que aliás aparece freqüentemente nos campos. Também voaram curucacas que pareceram-me aves de rapina de pescoço sem penas e gaviões ou carunchos. Na areia da margem do Tibagi vi rasto de uma grande anta. O rio é piscoso. O sol foi baixando, a orlar de luzes colinas e as araucárias agigantavam-se negras no meio do céu abrasado quando a bastante distância de Ponta Grossa vieram-me ao encontro numerosos cavaleiros, porém, não tantos como na Palmeira.

O terreno apresentou-se-me depois do Tibagi avermelhado, ou antes arroxado [sic] como o melhor de São Paulo para a cultura do café ⁰⁵⁶.

Por ser tardinha não vi Ponta Grossa, um dos pontos mais elevados dos Campos Gerais. Apresentou-se graciosa ao viajante desde a distância de 20 quilômetros. Era noite fechada quando entrei na vila, que não me pareceu pequena e cheguei à casa do major Domingos Ferreira ⁰⁵⁷.

Antes do jantar conversei com duas senhoras de que uma sobrinha e afilhada do padre Camargo, da Palmeira, pareceu-me muito inteligente. Referiu-me diversos casos de pessoas de sua família que tem tido uma descendência numerosíssima ⁰⁵⁸.

27 (5a fa) de maio de 1880 — Às 5 h levantei-me para escrever o diário de ontem. Às 7 começo as visitas do dia. Câmara Municipal — bom edifício de sobrado, cadeia em baixo. Pedi os livros da cadeia, mas não apareceram. Padrões métricos em melhor estado do que em outras partes. Renda da limpeza 3 contos e tanto, vencimentos um conto e tanto. Goza-se no sobrado da Câmara de bela vista dos campos.

Clube Literário que já tem bastantes livros, embora apertados no almário ⁰⁵⁹. Aulas — não gostei. Na de meninos até o decurião ⁰⁶⁰ não soube fazer uma operação de dividir.

Voltei à casa e saí para a missa. A matriz é pequena. O decurião é o sacristão. O vigário Scarpetti de aparência de quem leva boa vida, dizem que tem ganho dinheiro negociando.

Almoço. 10 h visita às colônias.

Uvuranas — 76 famílias e agora por 11. Queimaram algumas casas — assim diz a informação manuscrita da Secretaria que eu trouxe. Os colonos russos como os mais que habitam a casa da fazenda, e quase nada fazem. Falei com um colono de outra colônia, Botuquera, que muito se queixa do modo injusto porque os colonos foram tratados, sendo presos até os que não queriam ocupar os prazos. A terra não me pareceu boa. O colono que se queixou, considerando-se aliás feliz em Botuquera é prusso. Os colonos não têm querido plantar gêneros do país em algumas das colônias.

Taquari. Perto quase se virou o carro e os carros caíram. O carro ficou nesse capão e eu segui a cavalo. Colônia de 65 famílias que ficaram. Bonitas plantações e colonos contentes com o seu padre protestante e escola. Trago algumas amostras do que aí se colhe. O cavalo, acompanhando o carro, até a casa do José Branco ⁰⁶¹, proprietário do soque e que pareceu-me inteligente e ativo ⁰⁶². Tomei aí café na volta da colônia Tavares Bastos. Branco seguiu-me de trolly [trole?] e eu cheguei a cavalo à cidade, ao lusco-fusco.

Lindo pôr do sol. Antes tinha ido a galope da casa de José Branco à Colônia Tavares Bastos. De 50 famílias restam 32. Cultivam bem. Parecem contentes. Boa água de beber.

Em Taquari é preciso conduzi-la da baixada próxima. Trago amostras da colheita da colônia. Há 300 e tantos animais. Um colono já possui 15 cavalos. Possuem carros para condução de gêneros. Penso que os colonos só poderão prosperar verdadeiramente cultivando gêneros cujo preço compense o frete que é muito elevado. Por isso agora dedicam-se em grande número a serviços que não são propriamente de lavoura e colhem principalmente para serviço doméstico e vender a outros colonos que nada colhem. Já vi em Taquari e Tavares Bastos bastante mandioca. Lembrei a amoreira e criação de bicho da seda, a oliveira — parece que dão bem — o chá que dá bem — já plantam fumo. Notei que ainda não aproveitassem casas de colonos abandonadas — a madeira podia ser dada aos colonos para seus misteres — e não estejam divididos [sic] os lotes dos colonos uns dos outros — apenas há cercados perto das casas.

A colonização russa, pelo que tenho visto e ouvido foi estabelecida más terras junto à Palmeira e faltou-lhe boa direção. A fazenda de Botuquera é demasiada para todos os colonos russos que vieram ao Paraná e de que a maior parte se ausentou e contudo comprou-a o Estado por 128 contos ao proprietário.

Capão da Anta – era de Hipólito de Araújo, genro de Jesuíno Marcondes — que a recebera de um devedor ao preço de 18 contos, vendendo-a ao Estado por 96 ⁰⁶³.

Jantei cerca das 6 h ½, e depois conversei — com a interrupção do chá às 9 h até 10 ½. Botuquera foi comprada ao tio do presidente da Câmara Municipal, Lustosa Ribas.

Hoje vi uma codorna levantar-se da macega. Apareceram chopins que são muito graciosos com seu topetezinho e cauda direita, todos negros.

Procurou-me um Ildefonso Soares, de Guarapuava, o qual disse que os correntinos estabeleceram-se em ervais em território nosso a 30 e tantas léguas de Guarapuava.

Também aqui há teatro começado e foi-me apresentado o que agenciara os meios e se encarregara dessa empresa, a quem disse que embora louvasse todo e qualquer trabalho útil, estimaria antes que houvessem cuidado de construir casa para as aulas. Há fonte na cidade, a água é boa. O José Branco deu-me vinho de laranja, feito em sua chácara. Não gostei. Pareceu-me ter gosto resinoso como os vinhos da Grécia.

28 de maio de 1880 — Almoço às 6 h ½. Partida às 7 h O caminho, quando se entra na parte de alguma vegetação é bonito. O cão que nos acompanha desde Curitiba levantou três perdizes.

O major Agner deu à imperatriz duas flores muito bonitas do campo.

A aproximação de Castro agradou-me. Colinas com árvores e algumas bonitas, grande açude que dá água para mover uma serraria ao lado da estrada. Esta desde Ponta Grossa atravessa diversos lajeados — alguns pitorescos — e a ponto do rio Pitangui, onde se lê à entrada: Plano do engenheiro Therésio 1877 ⁰⁶⁴. As margens do Pitangui são orladas de árvores.

Chegada à 1 h Casa do Juiz de Direito Vasconcelos ⁰⁶⁵ — onde está a livraria pública, mas cujos livros se lêem fora, por pedido escrito. Tem já boas obras. Conversei com o francês José Bailly que parece conhecedor de agricultura. Ofereceu-me uma bandeira cuja haste, etc. é formada dos produtos vegetais de sua plantação e da província. Centeio, cevada, trigo, aveia, vinha, batata, etc. Deu-me duas garrafas de vinho feito por ele com dois cachos de uva americana. Talvez Bailly seja aproveitável, mandei-o ao Ministro.

O vigário é italiano ⁰⁶⁶.

Já aqui achei banda de música bem como a havia em Campo Largo, Palmeira e Ponta Grossa.

Um Firmiano deu-me algumas velas de cera muito bem feitas. Cria abelhas.

29 (sábado) de maio de 1880 — 5 h Acordei. Vou continuar o diário de ontem.

Às 3 h jantar. Igreja que se repara, antiga matriz, grande e ficará muito decente. Igreja onde está agora o Sacramento — pequena, porém decente.

Câmara Municipal sobrado com a cadeia em baixo. Não é má. Os livros da cadeia não estão em regra. Padrões métricos, quase como os dos outros municípios. Rende 3 e 4 contos, 800\$000 de ordenados.

Passeio até o rio Iapó, afluente do Tibagi. Ponte longa de madeira, em mau estado e é caminho de S. Paulo. Bonita vista da ponte para ambos os lados, e do alto do além. O rio com a cheia cobriu uma das margens, ficando um cercado dentro d'água. O rio é piscoso e ao jantar serviram o tabarana ⁰⁶⁷. A Câmara proibiu certos meios de pescar e vedou-o nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro.

Conversei no passeio com Manuel Inácio do Canto e Silva, que disse-me ter dividido as fazendas entre os filhos e possuírem todos de 7 a 8.000 reses. Murici fala de 12.000. Pareceu-me pelo que ouvi a diversos que não cuidam muito de melhorar a criação. Canto e Silva atribuiu a diminuição do gado a fazer mais conta alugar os pastos aos criadores de mulas de São Paulo.

No passeio, entrei no jardim onde vi uma bela figueira do antigo vigário Damaso ⁰⁶⁸, primo do senador Correia, que foi atacado de paralisia.

Numa casa térrea junto ao jardim habitou o bispo dom Mateus.

À volta, conversei sobretudo com a viúva Ericson ⁰⁶⁹, irmã da marquesa de São Vicente e mãe do juiz municipal Haroldo e juiz de Direito Conrado. Uma filha é casada com o Juiz Municipal daqui, fulano Blee, filho de colono ⁰⁷⁰. É senhora inteligente, e que esteve na Europa com o marido dinamarquês. Residiam em Santos quando lá estive em 1846. Nasceu em Mato Grosso e seu irmão foi o tenente coronel Faria e Albuquerque. É professora de aula pública de meninas.

Às 7 h estava na aula noturna de adultos. O mais velho tem 60 anos e o mais moço 13 anos. Notei que o professor que também o é da diurna de meninos não tinha já ensinado o indispensável da doutrina religiosa. O que interroguei somente sabia ler mal e somar assim como recitar muito mal o Credo e o Padre Nosso. Não tinha escrita na aula. Animei o Inspetor Juiz de Direito Vasconcelos a agenciar subscrição para a casa de aulas. Ouvi-lhe dizer que são duas as bandas de música da cidade.

As ruas são largas e direitas as que correm ao comprimento da colina. Durante meu trajeto de Ponta Grossa até cá, li o relatório de Tefé sobre o porto de Antonina ⁰⁷¹, que encerra bastantes idéias dignas de estudo. Disseram-me que cai bastante geadas aqui mas o dia de ontem só teve manhã fresca. O presidente informou-me bem do Bailly ⁰⁷². Esquecia-me de dizer que ao aproximar da cidade vieram três grupos de cavaleiros em diversos pontos a meu encontro e a cavalgada sobre as colinas produzia bonito efeito.

30 (domingo) de maio de 1880 — Às 7 h de ontem fui à propriedade do Bailly que veio com outros encontrar-me ao caminho que é mau nalguns lugares. Mostrou-me a aveia que colheu e a plantada está bem verdinha. Possui vacas e cento

e tantos carneiros. Disse-me que são necessários 150 para estrumarem um are. Quer vender a terra. Faz selas. Tem três filhos.

Vi uma mulher de papo e outras pessoas de papo tenho encontrado na Província.

Aulas. dona Emília Ericson parece-me muito boa professora, contudo não explicara ainda a doutrina às meninas. O netinho dela leu bem, para o que estava preparado aliás, apesar de muito vivo. Os meninos mostraram pouco adiantamento; um contudo resolveu um problema de juros simples.

Partida às 15 h. Choveu no caminho. Acompanharam-me muitos cavaleiros. Avistei Ponta Grossa de muito longe. A posição desta é bonita.

A cascata do Niágara é um pequeno hotel. Muitos cavaleiros ao aproximar-me de Ponta Grossa, aonde cheguei às 4 ¼. Jantar às cinco. Depois conversei. Deram-me um ramo de belas castanhas e outro de algodoeiro. Ambas as plantas podem prosperar aqui. Nas conversas com esta gente conhece-se quanto são em geral rotineiros.

O chopim ⁰⁷³ que vi aqui em gaiola parece-me um vira-bosta ⁰⁷⁴. O de topete chamam viúva.

Senti ver os campos tão faltos de animais de todo o gênero.

Que belas peles de imensa onça preta e rabudo tamanduá se vêem nesta casa ⁰⁷⁵! Creio que se fará também aqui edifício para as escolas.

31 de maio de 1880 — 5 h da manhã. Ontem às 7 ½ fui à Câmara Municipal de Ponta Grossa para gozar da vista pensando que não houvesse neblina, porém, apesar de demorar-me aí conversando com o presidente da Câmara ⁰⁷⁶ nada pude ver.

A cadeia só tem livro de visitas e o suplente de delegado apenas alegou falta de carcereiro que só agora fora nomeado porque ninguém queria servir sem ordenado. Admira que este não tenha sido marcado há muito tempo.

Depois, fui ver o mercado — casa pequena — e onde achei poucos gêneros — a carne boa — e ao cercado que serve para matar um boi por dia. Missa e almoço.

Num dia anterior deu-me um cuvu ⁰⁷⁷ curioso pela forma o capitão Azevedo, do 2º Regimento, que me tem acompanhado desde Curitiba. Também trago um belo cará de terra que deu-me o major Domingos Ferreira Pinto.

Partida às 10 ¼. Bastante calor. Cavaleiros nas proximidades de Palmeira aonde cheguei às quatro horas. Conversei com diversos. Um francês foi-me apresentado como tendo próspera cultura nas vizinhanças.

Jantar às 5 ½. Conversa com o major Marcondes que estava no Campo Erê e até o de São Pedro, que ele denominou no ministério de Manuel Felizardo e no de Jesuino Marcondes ⁰⁷⁸. Pelas informações colhidas em relação também à atualidade, parece que os correntinos não se estabeleceram para cá de nossa divisa do Santo Antônio e Peri-Guassu.

Um homem deu-me ao chegar uma garrafinha com azougue do lado da Lapa.

O Dr. Pizarro não foi lá como pretendia e acha-se mais atacado de sua moléstia que muito tem de imaginária ⁰⁷⁹. Achei diários do Rio até 25 e distribuí-os para facilitar a leitura.

Antes de dormir só pude até 11 e tanto ler alguns Jornais do Comércio.

1 de junho de 1880 — Quis sair às seis horas da manhã de ontem de Palmeira, mas só estava tudo pronto às 6 ¾. O caminho é mais descampado do que os outros.

11 h 20. Ponte do Iguçu. O rio corre por entre pedras formando diversas quedas. As pedras apresentam grande panelas e recortes feitos pelas águas. Longa ponte sobre pilares de pedra. O do centro teve ser aumentado em altura por causa das cheias que já levaram o estrado da ponte. A uma hora para baixo é o Iguçu navegável até o porto da União. Colhi ramos aí numas pedras que beiram as águas barulhentas. Segui à 1 h.

Passei pela colônia de Johannisdorf ⁰⁸⁰. Antes tinham vindo ao encontro talvez 1.000 cavaleiros. Muitas cruces no caminho indicam assim como outras que já vi, lugares de mortes. Uma das de ontem marca o ponto de um homicídio para roubar 300\$000, sucedido há 20 anos.

Os cavalos atrasaram minha chegada à Lapa pouco depois de 6. Estou em casa do sogro de Manuel Alves de Araújo.

Tamandaré e Andrade Pinto deram-nos cuidado porque só chegaram por causa dos animais e a noite com chuva às 9 h Jantei e pouco falei ainda depois. Li bastante dos diários oficiais durante o caminho.

Às 6 ½ (são 5 horas e 35 da manhã) vou fazer as visitas habituais na povoação e pretendo partir às 8 ½.

Choveu toda noite.

Apresentaram-me ontem ao chegar um velho alemão que veio para o Brasil em 1825 onde serviu no exército. Tinha feito a campanha da Rússia com Napoleão e assistido à batalha de Waterloo.

6 h ½. Casa da Câmara — boa e os padrões bem conservados devido muito ao secretário Pedro Fortunato de Sousa Magalhães, português de nascimento que veio para o Brasil em 1836. A cadeia no andar térreo é boa; livros de assentos e de óbitos.

Aulas acanhadas. Na de meninas uma destas me respondeu bem. O mesmo não sucedeu na de meninos — há duas — que visitei, regida pelo filho do secretário da Câmara — aliás bom professor.

Agência do correio em casa do secretário da Câmara, que é o agente e tudo tem em boa ordem.

Perto da cidade há uma montanha de camadas xistosas onde existe uma lapa. Capanema esteve aí.

8 h Oração na matriz que é pequena. O vigário pareceu-me um pouco apatetado.

Partida da Lapa às 8 h ½. Chuviscos. Vista bonita da Lapa ao longe.

11 h Colônia Marientha ⁰⁸¹. Os colonos estão contentes. Plantações maiores no terreno de mato. Casa grande demais. A compra foi feita a Pacheco, irmão do sogro de Manuel Alves de Araújo. Almoço e segui à 1 h.

2 de junho de 1880 – Escrevo às 7 horas da manhã de 2. O caminho é mais arborizado. Lugar chamado Largo das Almas, com um círculo de árvores muito bonito. Colina arredondada, coroada de pinheiros. Ao pôr do sol pareciam acesos esses candelabros gigantes e depois as estrelas pousavam sobre eles como pirilampos.

Passagem do Iguazu em comprida ponte de madeira, seguindo-se pontilhões sem guarda. O rio é mais largo que no lugar onde passei indo para a Lapa, contudo mal o vi por causa da noite.

Povoação de Tendicuera, perto do monte coroa de pinheiros já vieram cavaleiros a meu encontro. O Buarque disse-me em Tendicuera que o engenheiro informara que era péssimo o caminho e lhe parecia prudente não continuar, mas eu que já conheço como se procuram eximir a incômodos e estrago de animais julguei que se devia seguir com cuidado ⁰⁸². O caminho estava muito melhor do que o do dia e chegamos sem novidade, mas com muito mais cavaleiros de archotes e no meio de foguetório a Curitiba depois de 1 h ½ da madrugada.

Comi um pouco, tomando também chá e dormi depois de 2 h Depois de Tendicuera atravessei terrenos com casas da colônia Tomás Coelho que disseram-me próspera. Pouco para cá da Lapa o aspecto do terreno muda muito e observei matos de pinheiros formando as copas de graus de imensa escadaria. Logo que o céu estrelou fui observando as constelações e isolei-me em minhas lembranças. Junto ao Largo das Almas virou-se um dos carros pisando-se o cocheiro. Era preciso ser excelente cocheiro como o meu para andar em tal caminho que em muitos trechos foi bem feito. Aproveitou-se na maior parte o da natureza.

Na Lapa também começaram teatro de que felizmente aproveitaram parte para pequena livraria pública que dá livros a quem os pede para ler. Lembrei que utilizassem o teatro para casa de aulas. A cidade tem ruas calçadas — algumas sofrivelmente — e durante certo tempo floresceu.

Casa de mercado que informou-me o Juiz de Direito Conrado Ericson ser pequena e alugada. Não tem matadouro. Matam 1 a 2 reses por dia no campo, creio eu.

3 (5a fa) de junho de 1880 — Ontem acordei às 6 h 20'. 9 h Almoço.

11 h Colégio de uma inglesa de Niwak e outro onde se ensina a ler pelo método de João de Deus. Todos particulares ⁰⁸³. Neste último vi um menino de 8 anos, Leão Praxedes de Borba, que, disse-me o professor ter aprendido a ler em 12 lições. Faz já contas de multiplicar e escreve números com facilidade. É filho do tabelião ⁰⁸⁴. Nestes colégios há internos — em pequeno número.

1 h e tanto sítio do Capanema. Vi bem todas as plantações. Terreno em que deitou cinza numa parte e noutra não, tendo semeado ambas de centeio. Na que levou cinza somente vê-se o centeio nascido com bastante viço e na outra nada. Mostrou-me as ervas que estragam — sobretudo o mata pasto — as pastagens. Entre estas a carqueja tem 5% por ácido

fosfórico e 21% de cal. Capanema entende que se deve embarçar a saída dos ossos dos animais — até exportamos para a França — porque é a única origem de fosfato para os campos do Paraná.

Vi o terreno preparado para o ensaio da semente de mate que floresce desde outubro e tem semente madura em janeiro. Pensam que a semente do mate só germina depois de excretada pelos pássaros, o que consta fazerem os índios por ordem dos jesuítas. Dizem que também germina depois de estar em infusão em água quente — parece que é necessário que se destaque uma película.

4 Jantar. 5 ¼ — Fui colocar a mais de 2 quilômetros a pedra da Penitenciária, segundo risco das da Bélgica. O terreno foi dado ou agenciado pela Câmara. Tudo modesta e convenientemente arranjado para a cerimônia. Senti que já fosse noite. Vieram visitar. Os requerimentos têm chovido.

8 h ½. Quadros vivos do canto do sono de Schiller e de Moriamur pro rege nostro Maria Teresia ⁰⁸⁵. Agradaram-me sobretudo o do siá Concórdia já pronto.

A sala de baile também no Museu, cujo salão arranjou-se de modo que parecia maior. Este melhor que o outro. Retirei-me à meia noite ¼.

Diários do Rio, até 28 de maio. Li o último e dormi depois das 2. Antes de ir ao Capanema, visitei o escritório da empresa da estrada de ferro, onde tomei informações relativas à obra de Ferracci e Curiberti. Os desenhos deste pareceram-me muito bem feitos. Estudam a melhor passagem da Serra. Há quatro possíveis: Itupava, Embaque, Caiquaba e Arraial de norte para o sul. Vou ver ainda requerimentos e às 7 h sigo para Morretes.

4 de junho de 1880 — Só parti ontem às 7 h 20' depois de almoçar. Cavaleiros acompanharam-me até certa distância. A serra foi descida muito depressa. Chovia um pouco e não pude quase gozar da bela vista. Cheguei à 1 h e tanto a São João da Graciosa. A estrada daí até cá é excelente. Atravessei Porto de Cima, onde havia arranjos para receberem-me, sem aí parar porque não estava prevenido disso ⁰⁸⁶.

A ponte sobre o Nhudiaquara, que passei é de madeira, porém pareceu-me bela. As nuvens não me deixaram admirar as montanhas ao lado da estrada e sobretudo o Marumbi que tem 1.700 metros de altura. Cheguei a Morretes pouco depois de 5 h.

A estrada é bordada de casas e plantações. Vi cafezeiros e pequenos canaviais. Muita gente à entrada de Morretes e grande entusiasmo de todos, principalmente, dos italianos das colônias com as suas bandeiras.

Estou na casa de Joaquim de tal, genro de José Miró ⁰⁸⁷. Conversei bastante com este que pareceu-me inteligente e dotado de muito bom senso. Pensa como eu a respeito do que se fez a respeito da colonização russa. Disse-me que escrevera ao presidente Rodrigo Otávio as seguintes palavras — “Se V. Excia. entrega o negócio à estupidez da gente política da localidade está tudo perdido”. Referiu-me que chegou a ter carneiros do valor de um conto, mas que esse ensaio era temporão para a Província. A casa achava-se na margem do Nhudiaquara, que até Barreiros só é navegável por canoas. Inunda. Em 1846 Miró foi obrigado a refugiar-se na Igreja. Miró disse-me que possuía bons animais em sua fazenda perto de Ponta Grossa, a confrontar com o rocio da Câmara e falou nas grandes vantagens da estrada passando pela Colônia Teresa, no Ivaí, cujas terras todos preconizam como ubérrimas ⁰⁸⁸. Segundo ele a capital da Província devia recuar para Guarapuava. Também noutras opiniões afigurou-se-me algum tanto original.

5 de junho de 1880 — 5 h ½. Ontem. Fui à Câmara de Morretes ⁰⁸⁹. Casa alugada. Sala bem arranjada. Mesma reflexão sobre padrões métricos. Cadeia sem presos e sem nenhum livro. O delegado não gostou do que eu disse a tal respeito.

O dono da casa, Joaquim Alves levou-me ao cemitério que ainda não se acabou e de que parte carece de aterro. A Câmara endividou-se para fazê-lo. Teatro começado, porém não acabado.

Aulas de melhores professores. Pareceram-me bons, sobretudo a professora Hectória Mangin ⁰⁹⁰. Atraso em doutrina religiosa que aliás disse-me o cônego vigário ⁰⁹¹ explicar na igreja. Em parte do teatro está um gabinete de leitura que dá livros para ler.

8 ½ Almoço.

9 h Parti para Porto de Cima. Gostei de ver a pequena exposição agrícola feita por esta ocasião. Aconselhei-os a que a fizessem regularmente. Na mesma casa existe o Clube Literário ou gabinete de leitura, o melhor do Paraná. Reúnem-se à noite para ler — termo médio de 10 a 15 pessoas. Há conferências.

Fui depois à matriz fazer oração.

Engenho Central de Antônio Ricardo. O aspecto da cana não é dos melhores e o resto de sistema moderno, assentado por León, de um estabelecimento do Rio. Disse-me León que as moendas só podiam moer 2000 arrobas de cana por dia e que as plantações, principalmente de colônias de Nova Itália, segundo me informaram, só darão para talvez dois meses de trabalho, que vai começar neste mês ⁰⁹². O engenho deixou-me má impressão. Felizmente já não tem a garantia de 7% sobre o capital de 100 contos concedida ao Lamenha Lins.

Núcleo América. As terras têm me parecido boas. A estrada deixou-me ver dos lotes.

Visitei uma casa de um francês que estava moribundo. Um pau caiu-lhe sobre o quadril de que resultou tumor, que o Dr. Grilo e outros abriram tarde é infecção pútrida. O Maceió disse-me que os médicos que trataram o francês tinham-se descuidado ou são ignorantes.

Núcleo do Rio do Pinto. Boas terras. O tempo que pelo programa feito pelo ministro e presidente ficou escasso para as colônias quase nada deixou-me ver. Entre na casa de um colono cuja filha de 11 anos está morrendo de infecção palustre. Estes terrenos de América, etc., apesar dos trabalhos dos colonos são encharcados em parte.

Voltei a Morretes e pouco depois de 2 parti para Antonina. Bonito caminho vendo-se sempre ao longe o alto Marumbi ⁰⁹³. A estrada atravessa o núcleo Sesmaria. Terras boas, porém em alguns lugares encharcadas como num prazo cujo colono disse-me que suas melhores terras tinham muita água que impedia sua cultura.

Outro prazo de bergamasco Luigi Corbetta estende-se por uma encosta. Está bem plantado. Os colonos dos terrenos percorridos mostraram-se contentes. Cavaleiros no lugar em que a estrada se reúne à da Graciosa e cheguei a Antonina cujo aspecto é risonho, às 4 h e 20'.

Meia hora depois saí. Câmara. A casa é boa e muito bem arranjada. Padrões métricos o que já tenho dito, parecendo-me contudo melhor tratados que em outros municípios, porém não com o mesmo cuidado que na Lapa.

O Clube Literário está muito bem arranjado. Também há leitura de noite. Poucos livros.

Cadeia vazia alugada por 20\$000 ao mês a um mestre de obras Adriano que me apresentou o dono da casa que habito, Antônio Alves de Araújo e parece seu protegido, quando a Casa da Câmara que alugou a casa da cadeia e de que é presidente Alves de Araújo, paga 30\$000 sendo muito melhor casa. Não há proporção.

Finalmente, visitei a enfermaria particular montada pelos Drs. Melo e Grilo em casa de sobrado por que pagam 15\$000. Só havia seus doentes, sendo um de infecção palustre.

Jantar cerca das 7, conversa depois e às 10 h recolhi-me para ainda ler requerimentos, que não pudera examinar em Morretes.

O presidente da província com que conversei a respeito de seu último relatório e outros negócios da Província disse-me que Jesuino Marcondes vendeu os terrenos de Pugas ⁰⁹⁴ e outros da mãe, de quem é procurador, por elevado preço, apesar de maus para as colônias e que Jesuíno está frio como ele. Eu muito me tenho incomodado com esse negócio das terras e declarei ao Presidente que à vista do que me constava do precedente de Jesuíno Marcondes que eu supunha ter se arredado de semelhantes traficâncias, entendia que não podia continuar a ser vice-presidente da província.

Enfim percorri de carro 44 léguas de Antonina até Castro, o que não posso fazer em qualquer outra Província, a não ser o Rio Grande com seus caminhos naturais.

A viação é a principal necessidade do Paraná. Convém levá-la até as férteis margens do Ivaí. Ai é que se estabeleceram prósperos agricultores. Os Campos Gerais são próprios para a criação que cumpre melhorar pela maneira que disse e a marinha é pouco adequada à colonização, pelo clima e terrenos paludosos ⁰⁹⁵.

[O dia 6 encontra-se descrito ao final do dia 7.]

7 de junho de 1880 — 6 h da manhã, perto do Rio. Antes de ontem em Antonina saí às sete da manhã.

Aulas. Casa pequena, mas bem arranjada. Os professores e professora das aulas que o inspetor designou-me como

melhores pareceram bons. Os chamados como melhores embora recitem orações, não sabem explicá-las. O vigário passa por virtuoso, mas não explica doutrina ⁰⁹⁶. Fui também ao mercado — casa menor que a de Paranaguá. Poucos gêneros. As reses, 3 por dia — matam-se fora, no campo.

Almoço às oito e meia.

9 h Exame no porto desde Itapema de Baixo até o molhe, cuja escada já na ocasião de meu passeio da manhã vira que ficaria em seco, tanto espraia o mar. Notei três pedras ou parcéis ⁰⁹⁷, que não estão no mapa do Tefé ⁰⁹⁸. As sondas deste parecem exatas, pois as que se fizeram no meu escaler o foram em meio e mais que praia-mar. O ancoradouro está se aterrando, pelo que traz o Rio Cachoeira. Um dos práticos disse-me que vira formar-se uma ilha que aparece bem grande.

Ao meio-dia segui para Paranaguá. Desembarquei cerca das 2 e segui para o lugar da estação bem arranjada para a colocação de pedra ⁰⁹⁹.

Jantar em casa do Nacar ¹⁰⁰.

Antes das 4, embarque no vaporzinho que me levou ao Rio Grande que largou logo. Até perto de 10 estive no tombadilho. Noite de bastante mar, por causa do nordeste fresco.

Dia 6 mais ou menos enjoado, embora não me recolhesse ao beliche. Jantou-se dentro da Ilha de São Sebastião que é muito bela pela variedade de formas que apresenta, ajudando muito a altura do sol. Há muitas plantações, notando-se as de cana. A vila na terra firme tem casas grandes e coqueiros que se vêem também da ilha.

Recolhi-me cedo e à noite foi menos balançada. Li durante o dia o Jornal do Comércio de 2.

Entramos às 8 ½ da manhã ¹⁰¹.

VOLUME 24

VIAGEM A MINAS GERAIS - PRIMEIRA PARTE

26/03 a 19/04 de 1881

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

26 de Março de 1881 (sábado) — Partida da estação de S. Cristóvão às 6 h da manhã. Almoço na barra do Pirai. Retiram-se os Ministros Saraiva, Dantas e Homem de Melo assim como Martinho presidente do Rio ⁰⁰¹ com quem conversara longamente. Observei bem a estrada na subida da Mantiqueira tendo passado por uma galeria atrás do trem.

Chegada à Barbacena às 4 ¼.

Quiseram que eu viesse até casa ⁰⁰² debaixo de pátio. Escusei-me por não ser a primeira vez que visito Barbacena. Segui devagar em carro.

Cuidam de encanar água para a cidade. Pouco pude informar-me até agora. Deputação de chefe de Polícia ⁰⁰³ e outros empregados vindos por parte do vice-presidente ⁰⁰⁴ que se desculpa com incômodo que o priva de montar a cavalo. Não sei quanto tempo ficaram esses empregados ausentes de seus lugares.

Ouvi em conversa que dava muito bem café em Itabira ⁰⁰⁵. Recebi visita das 7 às 9. A Câmara Municipal convidou-me para assistir amanhã ao assentamento da pedra fundamental de uma penitenciária que deve ser, segundo a lei, do sistema de Filadélfia modificado. Não há plano nem orçamento.

27 de março de 1881 (domingo) — A noite foi muito fresca. Dormi bem.

7 h. Ida ao alto do Monte Mário onde se chegou às 7 h 35. Havia nuvens no horizonte, porém descobri a serra de S. José, Morro de S. João Del Rei, monte de Prados para o lado O. e do S. os serros de Ibitipoca, de cujo cimo disse-me Mr. Lepage que se descobrem com óculo as montanhas de Petrópolis ⁰⁰⁶.

11 h. Missa conventual — Misericórdia. Não teve melhoramentos. Carece de água corrente em abundância. Pedra fundamental da penitenciária da província no antigo morro da forca — que diferença de épocas! Discurso curto e bem feito

do presidente da Câmara Dr. Sá Forte ⁰⁰⁷.

Aulas de meninos onde vi como mestra a filha do Castro ⁰⁰⁸, que tem plantação de vinha de que faz vinho, e de meninas cuja mestra é a mulher do Castro. A casa não é má. Não gostei em geral do adiantamento na instrução, sobretudo religiosa. Colégio do Dr. Abílio ⁰⁰⁹ (antigo Perseverança — agradou-me) e de D. Isabel de meninas ainda mais.

Câmara Municipal — o primeiro andar desagradou-me — o térreo foi limpamente arranjado para fórum. O secretário ⁰¹⁰ não guarda com cuidado os padrões métricos. Deu-me informações menos exatas sobre os fundos de que pode dispor a câmara para o encanamento de água. Na praça da Câmara fizeram o jardim mas cuja grade de pau é feita por ora enquanto não crescerem as trepadeiras.

Cadeia muito ruim. Carcereiro inválido quase. Livros mal escriturados.

Laboratório Lepage. Tem novos preparados de plantas indígenas.

Escritório das obras da estrada de ferro ⁰¹¹. Tudo muito em ordem. Pequeno observatório astronômico e meteorológico — espécie de mangrullo ⁰¹².

Hipólito Aché indústria os empregados da estrada nas observações. Pedi uma informação do que se tem feito. O desenhista Mayschek, sobretudo em topografia, é habilíssimo.

Jantar às 5 ½. Recepção até 9.

Teatrinho muito ruim onde representou a família Escudero.

Tomei chá e deitei-me perto de meia-noite.

28 de março de 1881 (2a fa) – Partida à 6 ¼ por pequena demora das liteiras ⁰¹³ e montaria. Comera alguma coisa às 5 ½. Cheguei à 1 ½ ao sítio do Gentil ⁰¹⁴ para cá do Carandaí. Fui pelo leito da estrada de ferro primeiro a cavalo e depois em besta. Caminho de trole. As nuvens formam cômodo chapéu de sol. Andei 36 km. A estrada parece ter sido mal estudada e mal feita que pude ver passando.

O viaduto da Boa Vista ao sair de Barbacena tem a cabeça do lado oposto e está rachado, segundo disse-me Ewbank ⁰¹⁵. Há aterros e consideráveis, onde podem ir o leito de nível, a pouca distância, exigindo a má direção revestimentos de pedra dispendiosos. Aterros abatidos e um deles de tal forma que exige que o leito tome outra direção ao lado. Talvez alguns túneis houvessem poupado bastante despesa. Não me agradou o que vi embora Ewbank prevenisse às vezes meus reparos. Há muitíssimos cortes e alguns imensos só para suprimento de terra.

Não observei nenhuma cultura. Plantas selvagens que vi no Paraná. Só na fazenda da Costa da Mina — lugar da estação de Ressaquinha — cuja casa de vivenda data mais de cem anos — é que descobri pequenos grupos de pinheiros como os do Paraná. O ponto mais elevado sobre o mar de toda a estrada de ferro do Rio a Macaúbas é o da Garganta da Porteira Caiada, que vai chamar-se, segundo indicação de Batista Caetano, Ibaté (1179m. — O túnel do Ouro Branco tem 1132m).

O Sr. Gentil tem na sala uma litografia do retrato de Afonso Celso ⁰¹⁶. Parece inteligente. É empresário da navegação do Jequitinhonha de Canavieiras a Pannels e de estrada de ferro ao largo das cachoeiras, continuando a navegação até Arassuaí. Sugeriu-se à vista do mapa que seria mais conveniente a estrada do Porto de Sta. Cruz na costa até Pannels, são mais 12 léguas ao todo 30 (18 aproveitando a navegação do baixo Jequitinhonha). Diz já ter formado uma comandita para 2400 contos (20 contos cada km. de bitola de metro). Disse-me que plantou aqui para gasto doméstico. O terreno nada dá no descampado. A 1 légua começa a mata até o Pomba. No que ainda tem capões produz os cereais da terra e excelentes batatas. Bom pasto para vacas de 14 garrafas por dia de excelente leite. O Gentil criou belos capados. O carneiro engorda muito e referiu-me que mandando vir um de longe morreu em caminho de cansaço por causa da gordura.

Depois de jantar dei um passeio até o alto do morro fronteiro onde a vista deste arraialzinho do Gentil e seus trabalhadores da empreitada de obras da estrada de ferro é bonitinha. O lugar chama-se Rincão por causa de dois riachos que se reúnem. Iluminação bem arranjada. Conversa com Ewbank que chamou minha atenção para o telégrafo provincial de Carandaí até Ouro Preto.

29 de março de 1881 (terça feira) — Dormi bem. Saída às 6 h.

7 h Carandaí na distância de 6 km. 2 ½ pelo leito da estrada de ferro. A povoação tem já bastantes casas e uma

capelinha no morro. Vi passando duas boticas. Começa o meu caminho; mas agora muito transitável. Conversei em caminho com um Coimbra homem de boa cara que já tem por ano 50 crias muares, os jumentos e as éguas são da província. Deu-me diversas informações a respeito da criação. Vende mula de primeiro serviço a 70 ou 80\$000. O capim melado é o melhor pasto.

Alto das Taipas às 9 h. Bela vista para o lado de Barbacena do alto do Mandú para a esquerda aonde fui. À direita há um morro de cujo cimo descobre-se Barbacena. Antes de subir a serra das Taipas há bastantes árvores junto ao ribeirão desse nome. A fazenda foi do tio do Lima Duarte ⁰¹⁷. A estrada de ferro procura uma quebrada — para leste direita da serra das Taipas. Antes de chegar a esta ficam à esquerda águas do Rio Grande e por detrás de montanhas à direita as origens do Piranga afluente do Doce ⁰¹⁸. Antes de chegar à casa de Filipe (Engenho), vi um arrozal; há também milharais.

Às 11 ao montar soltou-se a mola do estribo e caí; pôs-se outro. O chapéu de sol embaraçou-se nos ramos de uma árvore, o cavalo algum tanto arisco empinou-se, porém pude segurar-me bem. Contudo passei para uma besta.

O engenho que deu lugar ao lugar *[sic]* fica a pouca distância, é ou era de um Pedro Tavares e de cana que dá bem nas encostas onde não cai geada. A vista ao descer para o Filipe é muito bela. Descobre-se ao longe a serra do Ouro Branco. Esqueceu-me de dizer que o Coimbra referiu-me que só em mulas de cruzamento de jumento com égua vi algumas emprenhar; também poucas vezes o cavalo cobre a jumenta. Um jumento cobre 60 éguas durante alguns meses do ano.

Encontramos carros de 8 juntas de bois que vinham de Sto. Amaro e Ouro Preto. Cobra cada um de Barbacena a Ouro Preto de 80 a 120\$000. Gastam 7 a 8 dias. O sal depois da estrada de ferro tem baixado muito de preço.

Subiram-se bastante montes altos. O caminho para liteira é mesmo perigoso em poucos lugares. O ribeirão do inferno assim chamado por causa dos atoleiros pelos tropeiros está agora muito transitável.

Do Alto da Bandeirinha já se avistam casas de Queluz. Parou-se em alguns lugares por causa da liteira. O tempo das pequenas paradas e o do almoço andariam por menos de duas horas. O coronel Pereira ⁰¹⁹ apontou-me suas terras do ribeirão do Inferno e Queluz. Possui outras fazendas que dão-lhe 50 crias de mulas e 100 de poldros ao ano. Antes de Queluz atravessa-se o ribeirão das bananeiras onde não vi nenhuma. Ouvei falar também do alto da Paraopeba de onde se goza de vista extensa e bela e da ponte deste rio que ainda não é navegável para canoas nessa altura. A várzea por onde serpeia o Bananeiras é bonita assim como a entrada em Queluz por um novo caminho que se fez seguindo o alto do morro. No fundo da cidade e fim de uma subida está a igreja de Sto. Antônio e no fundo alteia-se a serra do Ouro Branco coroada de nuvens douradas pelo sol que se punha do lado oposto. O aspecto da cidade é mais pitoresco que o de Barbacena.

Descansei um pouco conversando com a família de Washington ⁰²⁰ filho do coronel Pereira, e saí para ver aulas que são duas — agradando-me a de meninos, cadeia bom edifício por acabar internamente; porém onde falta quase tudo, não tendo os soldados da polícia nem baionetas nem sabres-baionetas.

Câmara Municipal que se acabou de arranjar hoje — bonita fachada a que não corresponde o resto — puseram as armas do Brasil dentro do antigo escudo português que quiseram aproveitar — e voltei para casa.

Apareceu o violeiro — fazem-se aqui muitas violas — a que veio tinha caixa de pinho e braço de jacarandá, sendo os embutidos de cabiúna. O rapaz tocou bem viola e melhor violão também feito aqui. As ruas de Queluz não são de fácil trânsito sobretudo de noite. Antes de ouvir o violeiro houve o Te Deum na matriz ⁰²¹. Arranjaram-no sofrivelmente.

Na capela-mor há pinturas que talvez não sejam más, porém a falta de luz não me permitiu vê-las bem.

Conversei com a mulher do Washington Pereira filha de Luiz Antônio Barbosa ⁰²², que lembrou-me tê-la eu interrogado num colégio de Niterói.

Parece-me excelente senhora e muito inteligente.

Recolhi-me depois das 9.

30 de março de 1881 (4a fa) — Partida às 6 h. Carreiras — bonita posição de vasto horizonte para leste e sobretudo oeste.

Encosta a uma tranqueira estava uma linda rapariga *[sic]* com sua saia e camisa revelando formas elegantes. Dava-lhe muita graça o lenço branco de pontas pendentes atado na cabeça.

O caminho é bom porém muito montanhoso. Passam-se diversos ribeirões, havendo uma ponte solidamente construída,

todas as águas do Paraopeba. Varginha.

Casa onde se reuniram os inconfindentes. Pertencia então a um pedreiro de nome João da Costa. Vi a mesa e banco corridos, de encosto onde se assentavam. São de Massaranduba e estão colocados na varanda ⁰²³. Reparando que não houvessem conversado no interior da casa disse-me o dono dela que havia vedetas para avistá-los.

Atravessada a ponte do ribeirão da Varginha entra-se no município de Ouro Preto. Chegada à casa do Sperling ⁰²⁴ cuja mulher é sobrinha do Sepetiba (Aureliano) ⁰²⁵ perto do arraial de Ouro Branco às 10 h. Vieram encontrar-me a caminho Gorceix ⁰²⁶ e outros. Gorceix já está um verdadeiro mineiro e fala corretamente português.

Almoço onde conversei sobretudo com Gorceix ⁰²⁷ que já conhece as principais pessoas de Minas, e segui às 11. Chuva forte, segundo dissera Gorceix, consultando o seu aneróide, que traz como relógio, desde o arraial do Ouro Branco que é pequeno com sua igreja que não parece feia de fora até mesmo depois de galgada a serra, que tem belos pontos de vista. Gorceix ia-me mostrando as diversas rochas quase todas de xistos micáceos e cuja inclinação é N.N.O. Conversamos muito de geologia e mineralogia. A descida da serra do Ouro Branco é mais pitoresca do que a subida. Ao chegar ao cimo formava-se escura trovoadas do lado da subida.

Aproximando-se do arraial do Itatiaia vi uma papuda. Monsenhor José Augusto ⁰²⁸ contou-me que na freguesia do Jacaré de que foi vigário até as crianças nasciam de papo ⁰²⁹, que chamam pescoço — reparando em quem não tem pescoço. Também me disse que indo pregar, um raio matou-lhe a besta deixando desacordado e depois 8 dias sem poder articular palavra e com um sinal numa das fontes onde sentira como uma pancada o qual durou-lhe 2 anos.

A subida do Itatiaia com penhascos é muito pitoresca. O caminho para lá do alto também agradou-me bastante. Às 4 chegava a Falcão onde havia uma caleça onde entrei e troles. A descida para Ouro Preto parece a de Petrópolis. Vieram muitos cavaleiros a meu encontro e entre eles Pedro de Alcântara Feu, afilhado meu que batizei em 1840 ou 41, filho do Feu do 1º de cavalaria ⁰³⁰.

Às 4 h 20' passava por defronte da casa de D. Felicidade ⁰³¹ e às 5 ½ chegada a Ouro Preto cuja vista encantou-me. Apareceu-me na imaginação como Edimburgo. A estrada que margeia o ribeirão do Carmo que atravessa em parte uma espécie de túnel é lindíssima. A caleça custou-lhe a subir por estas ruas de aspecto tão original, e temia que se pisasse alguém pois havia imenso povo e cordialíssimo acolhimento. Enfim alcancei o alto do palácio, mas tive de apelar-me e subir ainda um pouco. Aí encontrei vice-presidente e bispo ⁰³².

O palácio é de construção muito característica. Parece uma fortaleza e até tem guaritas. Defronte levanta-se a bela cadeia, cuja iluminação de copos de cores e luz elétrica logo que anoiteceu era lindíssima ⁰³³.

Jantar.

Recebi algumas pessoas das 7 às 9 no belo salão do palácio que tem excelentes acomodações.

Recolhi-me às 9 e pouco li. Desde ontem que vejo Congonha do campo e colhi um ramo florido. Vi hoje a Canela de ema, planta que se acende a modo de vela.

31 de março de 1881 (5a fa) — Ontem houve fogo de artifício que não foi brilhante e soltaram um balão defronte do palácio.

Esta manhã tomei um bom banho frio num banheiro de pedra bem arranjado no fundo do palácio. Quis ler a inscrição mas só pude distinguir — Palmensis Comes 1812 ⁰³⁴.

Cerca de 7 ½ saí. Dei uma volta pela cidade entrando nas igrejas — do Carmo de cujo interior gostei, havendo na sacristia um lavatório de pedra um pouco azulada cuja escultura revela talento ⁰³⁵, e sobre a porta escultura do mesmo gênero que não me agradam tanto, — e da matriz cuja forma parece antes do teatro e onde conversei com o cura Sta. Ana ⁰³⁶ cuja fisionomia predispôs-me em seu favor.

Do adro do Carmo a vista para o lado das cabeças é muito pitoresca. As ladeiras são íngremes e mal calçadas.

9 ½ Escola de Minas. Arco original com forma de martinete e instrumentos de mineiro. Gorceix deu sua lição durante uma hora fazendo 2 estudantes Luís Barbosa e Paulo reconhecer rochas que estavam sobre a mesa, mostrando ambos sobretudo muita aptidão. Percorri a escola que parece-me muito bem montada.

Às 10 ½ voltei para almoçar. Por causa da demora da segunda liteira só muito depois do meio dia estava na matriz para o Te Deum. A música não foi muito ruim. O cônego Ottoni ⁰³⁷ pregou bem embora metesse alguma literatura profana no

sermão e parece-me ouvir-lhe falar dos carvalhos sob os quais balançavam-se os caboclos nas suas redes.

Daí fomos ao Rosário, que só se distingue por sua arquitetura externa. Corpo da igreja oval; Carmo onde disseram-me que o lavatório era obra do Aleijadinho e já com chuva de trovoadas a S. Francisco de Assis cuja escultura do Santo em êxtase sobre a porta, púlpitos — principalmente o baixo-relevo da tempestade do lago de Tiberíades — e figuras do teto da capela-mor — tudo obra do Aleijadinho — são notáveis. O teto do corpo da igreja foi pintado pelo tenente-coronel Ataíde ⁰³⁸ amigo do Paula Cândido ⁰³⁹. Não pensava que fosse capaz de tanto, pois a pintura revela bastante talento no grupamento das figuras. Referiram-me que Ataíde fora discípulo da Academia de Belas Artes ⁰⁴⁰. De um dos lados da igreja descobre-se no vale a casa de Marília de Dirceu.

Fui depois à polícia onde falta de estatística criminal e da legislação desde 1878. Há um telefone que se comunica com a cadeia e o palácio. Aí morou o Ouvidor Tomás Gonzaga e de uma das janelas vêem-se muito bem ao longe as da casa de Marília. Disseram-me que Gonzaga costumava passear até perto de uma igreja no alto de uma ladeira onde se deitava a contemplar a casa de Marília.

Enfim estive na casa da Câmara que é a melhor que tenho visto em minhas viagens. Reparei somente que não guardam com cuidado os padrões de pesos e medidas. Prometi dar uma bomba de incêndio à Municipalidade comprometendo-se o presidente Domingos Magalhães de organizar uma companhia de bombeiros. Nunca se pensou nisso.

Jantar às 5.

Conferência de Gorceix no salão da Assembléia, que ficou cheio. Gorceix expôs com talento as riquezas de Minas, sobretudo a do ferro, cuja quantidade calculou em 81 mil milhões de toneladas podendo a província tornar-se a fornecedora de aço ao resto do mundo se por meio de linhão de que se encontram vários depósitos em Minas se conseguir aceitar diretamente o seu ferro. Gostei de ouvir a exposição de idéias tão civilizadoras a 80 léguas do Rio de Janeiro de onde felizmente já começou a irradiar-me o progresso a todo o Brasil.

Recebi até 9. Conversei bastante com o velho Quintiliano ⁰⁴¹ e o Juiz de Direito Guimarães ⁰⁴² que não me deram informações satisfatórias do foro de Ouro Preto. A mãe do deputado Lemos ⁰⁴³ é uma senhora idosa de fisionomia distinta.

Li na cama os jornais do Rio até 29. Já deviam ter chegado os de 30 se o correio é diário como anunciaram e preveniu-me o Buarque ⁰⁴⁴.

1 de abril de 1881 (6a fa) — 6 h banho. Leitura até 7. Visita à cadeia. Edifício bem construído, porém as prisões inferiores sobretudo uma de galês, verdadeira enxovia; não me agradaram. Livros em regra. Disse aos presos que mandassem suas petições à presidência. O chefe de polícia disse que um deles está preso inocentemente conforme a declaração de que existe certidão do culpado. Aula na cadeia, mas o ensino não é obrigatório. Os alunos são os mais morigerados e apenas 36, quando há mais de 300 ⁰⁴⁵. Prisões que não hão de ficar às escuras fechadas as portas das janelas ou inabitáveis por ventania ou chuva que entrará pelas grades. Lembrei que pusessem vidraças.

9 — Lição de Bovet ⁰⁴⁶ sobre a mineração do ouro. Morro Velho perde 25% do ouro da mina, e Pari 40%. Foi muito interessante a lição. Pedi-lhe notas para minha visita a Morro Velho.

Gorceix explicou-me a sua quase crença de que o diamante forma-se em veios onde há fluoretos dentro dos quartzitos. Mostrou-me pedras que parecem provar isto. Examinei as coleções de diamantes, ouro, ferro, linhão e grafite, escrevendo com um pedaço deste ⁰⁴⁷. As provas agradaram-me sobretudo as de Augusto Barbosa da Silva que é o melhor estudante de matemática. Gorceix trabalhou com bateia ⁰⁴⁸ em cuja fica ouro que ele me mandará.

11 h ¼. Depois do almoço tornei a sair, mas a cavalo.

Liceu. Casa pequena. Os alunos interrogados agradaram-me.

Escola Normal. Casinha bonita. Não me desagradou. A professora pareceu-me inteligente. Aula primária mista casa acanhada. Não me agradou. Há outras aulas que não pude visitar, porque de uma, ao menos, os alunos retiraram-se à hora habitual.

Perto do Liceu está a Escola de Farmácia. Poderá ser boa somente pelos professores que são três — física e botânica — as duas químicas — matéria médica e terapêutica.

Tesourarias provincial — má casa — onde está também a biblioteca provincial que tem boas obras, porém em geral já antigas e faltando as periódicas em dia — e geral, antiga Casa dos Contos. Bem construída. Aí também está o correio mal

acomodado. Vi o lugar da bala do revólver que disparou contra o gerente do Monte Socorro o tesoureiro comprometido por um desfalque de um conto, mas que havia roubado diversas associações. A tesouraria geral carece de alguns reparos e parte do edifício é muito úmida.

Fui ver a casa de Marília de Dirceu onde se conservam uma cadeira e o cabide na alcova em que dormia. Cortaram os pinheiros que havia no fundo da pequena chácara. A capela em ruínas junto à qual se reclinava Gonzaga para contemplar a casa de Marília tem a invocação das Dores. De uma janela do fundo desta casa descobre-se a casa da Ouvidoria. Assentei-me perto dela. Voltando entrei na Igreja matriz de Antônio Dias tem belas proporções internas.

Igreja de S. Francisco de Paula — Lindíssima vista do adro para a banda da cidade e da ladeira das cabeças. Creio que foi deste lugar que se pintou o quadro que possui ⁰⁴⁹. Antes de ter ido lá visitei o quartel de polícia. Casa boa porém até os soldados dormem em casa de pessoas da família.

Hospital da Misericórdia. Pequeno, em parte mal situado, porém pareceu bem tratado. Jantar e recepção.

Entreguei 3 cartas de alforria a 3 mulheres por intermédio do monsenhor José Augusto e do cura Sta. Ana, e soube que a baronesa ⁰⁵⁰ que veio com a família alforriou seus escravos que têm servido na liteira da Imperatriz.

2 de abril de 1881 (sábado) — 6 h. Partida. Entrada na Igreja de Antônio Dias. Esculturas em pedra sobre a porta. A rua que aí conduz chama-se do Alvarenga. Bela vista para o lado da cidade ao aproximar-se do antigo Jardim Botânico. Lá fui. Abandonado. Belas jaboticabeiras. Ainda há pés de chá. Guardam na casa a pólvora — 20 barricas. O Estado vendeu por 5 contos a prazos esta propriedade tão aproveitável. Teria ficado talvez melhor aí que no Seramenha a Escola Agrícola.

Subida da serra que divide águas do rio Doce de águas do rio das Velhas. Alto da pedra de amolar. Vasta e bela vista. O caminho é todo muito pitoresco. Descobri ao longe o Rio das Velhas. Chafariz do tempo do governo de D. Rodrigo de Meneses 1722 creio eu ⁰⁵¹. Arraialzinho dos Taboões com ponte. 11 Cachoeira do Campo arraial de muitas casas. Almocei; fui orar à Igreja que tem dois altares laterais que muito me agradaram por seus labores de talha.

Visitei só a coudelaria ⁰⁵². Casa arrumadíssima. O arrendatário fulano Castro não quis responder-me claramente sobre a extensão das terras e as cabeças de gado por causa de pequena renda que paga e assim mesmo sem tê-lo feito pontualmente. A terra da coudelaria é só de meu usufruto mas a fazenda do buraco igualmente arrendada ao mesmo é minha propriedade. Pensarei em aproveitá-las para colonos.

Voltei à casa onde vi uma cadeira de forma antiga onde meu Pai se assentou e um Murta de 88 anos que lhe cuidava dos animais de viagem ⁰⁵³. Entreguei as duas cartas de alforria dadas pelo dr. Fernandes Torres ⁰⁵⁴ a dois cônjuges ao marido estando ausente a mulher. O arrendatário das duas fazendas disse-me que cada alqueire já produziu 8 carros de mantimentos.

Fui ver as aulas de meninos e de meninas. Casas acanhadas. Naquela os alunos estavam ausentes, porém nesta achei meninas interrogando a uma e a professora irmã de um Modestino discípulo de preparatórios da Escola de Minas pareceu-me muito inteligente.

Partida às 1 ½ e chegada à Casa Branca às 4. Caminho sempre belo. Vi bem a Serra de Capanema e sua garganta. Foi por aí que nasceu o barão de Capanema ⁰⁵⁵. Orei na igreja.

Jantar. Concerto, leitura dos diários do Rio de 30 — última data.

Deitar às 9 h.

3 de abril de 1881 (domingo) – Missa dita pelo monsenhor pouco antes das 5 h. Partida às 6 h 20'. Manhã fresca, com belíssima, linda paisagem. Atravesso mato de capoeira. 7 ½. Ponte de Ana de Sá sobre o rio das Velhas pouco largo e raso com pedras. Alto do Peres. Pico de Itabira com suas duas pontas. Na ponte de Ana de Sá atirei um raminho no rio. Conversei quase todo o tempo com o Gorceix sobre geologia e geognosia. Chegada ao bonitinho arroio do Rio das Pedras com suas duas capelas e palmeiras às 9 h.

Almoço. Seguimos às 10. O caminho continua pitoresco e vi ainda ao longe do lado direito o vale de uma mina de S. Vicente cuja igreja avistara antes de chegar a Rio das Pedras ⁰⁵⁶. Atravessaram-se diversos córregos até chegar às 2 ¼ ao pequeno arraial de Sto. Antônio ⁰⁵⁷ tendo observado pouco antes bonitas plantações de café todo carregado de fruto ainda verde, e de feijão. Atravessa-se uma ponte maior ao entrar no arraial de onde segui deixando atrás as liteiras às 2 ½. O

caminho margeia o Rio das Velhas que já faz vista aí, e pode ser atravessado por canoas.

Sítio de D. Florisbela do lado oposto do rio muito bonito com suas altas macaúbas. O coco desta palmeira dá azeite fazendo-se da polpa sabão e das folhas excelentes cordas. Esse sítio parece uma ilha de verdura. Antes de Sto. Antônio vieram ao encontro dois empregados de Morro Velho. Na longa ponte de Sta. Rita que atravessa o rio estava o diretor de Morro Velho ⁰⁵⁸ e muita gente. Ia olhando distraído, diversas mulheres correram para mim e espantando-se o cavalo caiu dele ⁰⁵⁹. Não foi nada, montei noutra oferecido pelo diretor de Morro Velho e continuei a andar. Tomei à esquerda para a lavra de Assis Jardim ⁰⁶⁰. Fui até o engenho 6 pilões, couros sobre que passa a água com o pé do minério, e bateias que agitadas circularmente pela mão fazem depositar o ouro que se lavou dos couros. A água que por eles passou vai depositar mais longe o pó do minério que ainda se aproveitar pelo mesmo processo. Tiram 4 a 6 oitavas de tonelada de minério. Por curiosidade trabalhei um pouco de bateia. Um filho de Jardim é o único que faz este trabalho. A mina segundo me disse Gorceix é a céu aberto com 300 metros de extensão e 1 ½ de largura. Ainda apanhei as liteiras pouco adiante da ponte de Sta. Rita. Vim conversando com o diretor de Morro Velho. Passei pelo arraial de Congonhas do Sabará ⁰⁶¹ e cheguei à casa de residência do diretor ainda com bastante luz. A vista do alto de onde se desce para o arraial é muito bela. Muita gente reunida. Só de homens empregados pela companhia há 6.000 ⁰⁶².

Tomei um banho morno tendo antes visto da varanda o fogo de artifício; jantei às 7 1/5 e pouco depois deitei-me. Amanhã é que hei de colher informações sobre a mina. O diretor já me deu algumas. Contratou a iluminação pela eletricidade produzida na máquina Gramme. Diz que o recurso está a extinguir-se. Dá 6 a 8 oitavas por tonelada pilando por dia 250. Ao chegar vi ao lado do caminho um depósito de pó que já fora aproveitado, mas ainda contém ouro de talvez 120.000 toneladas.

4 de abril de 1881 (2a fa.) — Acordei às 5 ½. Banho frio. Vai começar a tarefa do dia. Antes do almoço às 11 ½ — Amalgamação — O ouro talvez não esteja todo puro sem combinação química que impeça em parte a liga com o mercúrio. O minério é quartzito de piritas, uma delas muito arsenical. Por isso, segundo alegaram deixaram de prosseguir num ensaio de hostulação [*sic*]. Tiram só de 3 a 4 oitavas em tonelada. As mesas sobre que corre a água com o pó são prismáticos triangulares. Depois de correr a água 15m viram-nas, e a face que despejar a água e sobre que houve o depósito, levam-na com uma manga de bomba, e essa água é que vai por a amalgamação, onde depois de misturada com metade quase de mercúrio é bem agitada na água, e a massa que fica espremida através de um saco de camurça para que saia o mercúrio livre. Forma-se um bolo que vai ao forno sublimando-se o mercúrio, que apesar de condensado depois perde-se quase na razão da metade. Pilões cento e tantos sistema ordinária, e duas mãos chamadas de elefante que fazem o trabalho de 25 pilões. Mesas de percussão em que a água com o pó se divide em três porções de diferente concentração. A água que escorre das mesas cai sobre uma espécie de bateia grande emborcada e sobre cuja parede fique pó com pouca água. O que não se aproveita vai para o que chamam praia. Como já disse retificando já há aí 150.000 toneladas onde o ouro acha-se quase na mesma proporção, porque há diversos motivos para que as águas de resíduo cheguem à praia com a mesma ou quase a mesma condensação do princípio.

Gorceix tomou notas de tudo. A pedra vem da mina por trilhos e em vagonetes que são puxados pela força de uma turbina, atravessam pequenos túneis. Antes do minério ir para os pilões, elefante e arrastos que são como galgas onde são arrastados por cadeias grandes pedras, é quebrada numa máquina que trabalha com duas queixadas de ferro cuja força muscular elo da turbina. Olhei de cima do precipício os estragos da mina que se incendiou, diz o diretor que por malefício. Na volta para casa entrei na biblioteca. Possui boas obras inglesas sobretudo as de viagens modernas na América do Sul e interior da África.

Saída de novo à 1 ½. Hospital está bem arranjado. As latrinas ficam inodoras pela queda de carvão ou terra produzida pelo movimento. Lançam-se depois longe e num buraco as matérias excrementícias.

Capela católica. É grande porém pouco cuidada.

Às 3 estava à boca da mina. Vesti-me como mineiro ⁰⁶³ com minha vela pregada com argila ao chapéu. Começou a descida no ascensor às 3 ½. Movimento muito suave. Muita água escorria das paredes do poço. Em um ¼ tocávamos o fundo a 457 metros. Há outro andar inferior que vi bem dos poços, estando o fundo bem alumiado com estopa queimada, velas, magnésio, etc. O diretor queixa-se de que o veio vai a terminar porém a qualidade e disposição das rochas parece

indicar o contrário. Tem revestido o interior da mina com madeiras enormes e um deles ficou achatado em pouco tempo como um chapéu de pasta. De algum tempo começaram a não escavar tudo, conservando partes da rocha como pilares, o que parece ser mais razoável, embora não o tivesse feito para tirarem mais ouro. Demorei dentro da mina mais de 1 ½. Arreventaram minas que pareciam ruído de terremoto e agitavam o ar dentro de espessas paredes de pedra. A subida fez-se igualmente bem.

Antes das 6 já tomara eu banho morno. O diretor disse-me que os empregados e operários contribuem com 1\$000 por mês para acudir aos que não podem trabalhar. É grande partidário dos trabalhadores chins. Antes do banho fui com o diretor ver, posto que de longe, os 3 canos que formam um sifão conduzindo a água para movimento das máquinas. A água vem da serra do Curral. A extensão de todos os regos é de cerca de 9 léguas.

O jantar foi às 7 ¼ e depois conversamos até perto das 10. Noite belíssima.

O diretor mostrou lindos cristais de rocha achados na mina. Alguns contém piritas que se irisam. O maior salário de empregado nos trabalhos da mina é de 15 ££ por mês. Trabalham dia e noite em três turmas que se revezam. As brocas são pagas por empreitadas e alguns abrem-nas 3 horas. A melhor madeira empregada é baraúna. Não vi a capela protestante. Há escola para os meninos filhos dos trabalhadores e empregados. Na botica do hospital aviam-se receita dos trabalhadores e empregados e de todos os que têm relações domésticas com eles.

5 de abril de 1881 (3a fa) — Banho, leve refeição e partida às 6 h. Conversei muito com o diretor de Morro Vermelho, até perto de Sabará. Segui primeiro o bom caminho que serve de passeio ao diretor e sua família, até pouco além de um dos 2 pontos de dinamite. Bela vista do lado da serra do Curral, avistando-se ao longe pontas da serra da Piedade. Garoa forte. 180 brocas — cada uma de 3 palmos de fundo e menos de polegada de diâmetro cheia de 1 a 3 cartuchos de dinamite dão a 2 toneladas de explosão de mina 360 toneladas de minério por dia. Escolhem pelo peso o minério. Os pilões etc. moem 250 por dia. Fazem a aparição do ouro de 9 em 9 dias e uma barra de ouro de 1600 oitavas é o resultado da do trabalho de 9 dias. Cada minério inglês dirige o trabalho de 13 a 15 brocadores. Não admitem trabalhadores — homens só — senão de 12 anos para cima. Tem 400 animais de carga sobretudo para condução de carvão que fazem da árvore candeia. A madeira vem do lado de Jaguarão e Caeté. Esqueci-me de dizer que a maior parte das mesas são fixas, e com couros como as vi no Assis Jardim, e de que assisti ontem a copulação que prova uma perda de ouro de 27% segundo disse o diretor.

Chegada ao Arraial Velho onde foi o antigo Sabará. Estavam aí o deputado Assis Martins ⁰⁶⁴ e outros. O Rio das Velhas já foi navegado por vapor pequeno desde pouco abaixo do Arraial Velho ⁰⁶⁵. A chegada a Sabará é bonita. Entro na casa onde hospedou-se meu Pai às 9 ½. Pouco antes da cidade na margem oposta vê-se um sobrado onde nasceu o Paulo Barbosa ⁰⁶⁶.

Almoço às 10 ½. Saí ao meio-dia. Licei com internato para poucos na casa que foi do barão de Curvelo ⁰⁶⁷. O aluno de latim traduziu bem Tito-Lívio. Os de francês não têm má pronúncia. O de geometria desagradou-me assim como os de geografia. A casa não é boa. Quatro aulas duas de meninos e duas de meninas. Quase todas más casas. Só me agradou uma das aulas de meninas.

Visitei a Igreja do Carmo que nada tem de notável, e a casa onde nasceu o Sapucaí ⁰⁶⁸ e foi vendida ao desembargador José Lopes da Silva Viana. Tem jardim maltratado com um chafariz. Colhi um ramo de uma mangueira que dizem ter sido plantada pelo Sapucaí de caroço de manga trazida de Alagoas ⁰⁶⁹. A vista para ambos lados — serra do Curral e da Piedade que vi alumada pelo sol uma parte penhascosa são bonitas.

Hospital da Misericórdia. Mal situado. Estava limpo. Na sala do consistório estão os retratos do fundador do vínculo da Jaguará ⁰⁷⁰ de onde provém a renda do hospital do finado barão de Sabará ⁰⁷¹ que tem excelente fisionomia e de mais dois padre benfeitores. Esperam aumentar a renda com o resto da liquidação do vínculo. Pensam em fundar casa para lázaros, mas lembrei que era melhor empregar o dinheiro no hospital geral e que no Rio de Janeiro havia muito lugar para lázaros. Tenho visto muitos papos também aqui. O diretor do Morro Velho disse-me que a mulher só de beber água num lugar começou a criar papo ⁰⁷² operando-se dele na Inglaterra, do que lhe ficou apenas pequena cicatriz.

Jantar às 5 ½.

Te Deum no Carmo. Ruim música. O vigário irmão do cônego Roussin pregou bem. Depois recebi. As ruas têm ladeiras e são calçadas de pedras que espetam os pés.

6 de abril de 1881 (4a fa) — Acordei às 5 h. 6 h $\frac{1}{4}$. Começo a navegar o rio das Velhas ⁰⁷³ 1 braça de fundo de areia.

6 h 35' Capela arruinada de Sto. Antônio da Roça Grande ⁰⁷⁴. Margens com mais ou menos árvores formando muitas vezes mato espesso. O patrão Antônio Moreira disse que tinha ido à barra do rio das Velhas em um mês por causa da demora de 8 dias para conserto da barca. O rio começa a baixar em abril e a encher de 7bro [setembro] por diante. De Maquiné para baixo há pedras. Até lá areia. De Sabará ao córrego do Malheiro

1 h $\frac{3}{4}$ percorrido em 1 h $\frac{1}{4}$ — 8 h 20'. Fazenda do finado barão de Sabará na margem esquerda. 8 h 40' Antônio do Bosque; alarga bastante o rio — 9 h Temperatura — da água 19° $\frac{3}{4}$ — do ar 20° — 9 h $\frac{1}{2}$ José Correia margem esquerda. Bonito lugar. O rio é bastante largo de 150 m talvez. 9 h 50' Bicas. Tem-se visto algumas plantações de milho e muitas macaúbas. — 10 h. Temperatura da água 25° — do ar 21° $\frac{3}{4}$. A 1m de profundidade 21°. 10 h. Avista-se a igreja de Sta. Luzia à margem direita no alto de uma montanha ⁰⁷⁵. O rio tem sempre apresentado quase que o mesmo fundo e de areia. Há bastante espriados e vi gado vindo das margens até quase metade do rio, que é menos largo que o Jacuí. 11 h 5'. Vê-se a ponte.

Chegamos às 11 $\frac{1}{4}$. Almoço e pouco depois conversei com o dr. Modestino Franco ⁰⁷⁶ que julga que a estrada de ferro deve ir até a foz do Paraúna.

Partida às 12 $\frac{1}{2}$. 1 h 5'. Lugar das estacas resto de trabalhos de mineração. Vamos devagar porque o barco pode bater. Ficar perto do lugar chamado Carreira-Comprida.

1 h 25'. Defronte casa da fazenda da Carreira-Comprida ⁰⁷⁷.

1 $\frac{1}{2}$ acabou a estacada.

2 h 12'. Ponta de areia que se adianta da margem esquerda no lugar Taquaras

2 h 4'. Passou-se a ilha das Taquaras que tem seu comprimento.

2 $\frac{3}{4}$. Margem direita fazenda de Joaquim Moreira das pedras. O rio é aqui bastante fundo.

3 h 5' Ribeirão da Mata. 3 h. Muitas macaúbas (acrocomia selercarpa) ⁰⁷⁸ Mat. St. Hilaire — Voyages dans les provinces de Rio etc., 1^{ère} partie vol. 2 pág. 377.

3 h 35'. Passamos por defronte da casa do engenho de cana do major Frederico Dolabella, Encerra-bodes, irmão do dr. Modestino de Sta. Luzia.

4 h. Avista-se a serra da Piedade do lado para onde o rio corre.

4 h 26'. Fazenda Pinhões — de cana na margem direita. As canas têm aparecido bonitas. Pedimos algumas que nos atiraram para bordo.

5 h. Grande montanha onde se vê uma que se me afigura parede de pedra calcária na margem esquerda. Mais de perto parece-me rocha xistosa.

5 h 10'. Rio Vermelho à direita. Já avistei a casa do estabelecimento que é grande. Grande volta Sarilho na margem esquerda que serviu para embarque de madeira.

5 $\frac{1}{2}$ — Chegada ao porto de Macaúbas.

6 $\frac{1}{2}$. Fui ver a igreja — nada tem de notável — colégio 32 meninas cujas respostas satisfizeram, tocando duas piano a 4 mãos e sendo as escritas bonitas como as dos colégios das irmãs de Caridade — e recolhimento 39 recolhidos — que é extenso. A renda para tudo é de 11 contos. O diretor padre Lana ⁰⁷⁹, mineiro pagou 40 contos da dívida. Tem um pequeno engenho de cana que não trabalha. Não possui escravos. Permitiu a edificação de casas de vivenda de que os moradores só têm usufruto. Talvez devessem dividir as terras e vende-las ãem lotes onde se cultivaria a cana que o engenho reduziria a açúcar.

Deitei-me às 9 pouco depois do jantar.

7 de abril de 1881 (5a fa) — Acordei às 5. Chegaram ontem diários do Rio e 3. Saída às 5 $\frac{3}{4}$ até o embarque. Passagem do rio na barca. Partida a cavalo da margem oposta à 6 h 20'. Bom e lindo caminho. A vista de um alto descobre largo horizonte: Serra do Curral, pico de Itabira ⁰⁸⁰; Serra da Piedade. Vim me informando de diversas árvores. O chapadão parece pelo solo e arvoredo o de S. Francisco saindo de Piranhas.

Pequi fruto de caroço espinhoso que deve comer-se com cuidado para não ferir a boca e a língua. Barbatimão que

contém muito taininho; Pau-terra casca adstringente boa para a diarréia; Bolsa-de-pastor de casca boa para hidropsia. Depois a lobeira de linda flor, e apanharam-se 2 araticuns num só ramo. Há-os maiores.

Esquecia-me dizer que até o embarque conversei com o padre João Batista Caldeira que está ajudando o padre Lana muito doente de pericardite. Disse-me que o Instituto de Macaúbas tem 600 alqueires de terra. Num lugar chamado Retiro plantam cana, milho, etc. Vi outro padre Castro de guedelhas ⁰⁸¹ pretas cuja fisionomia revela hipocrisia e mais um que esteve em Petrópolis e missiona.

Às 8 ½ avistei a Lagoa Santa do alto de um morro. Lembrei-me do lago de Nicefa, cujo aspecto é contudo mais pitoresco, ainda que mais risonho e da Lagoa. Já antes tinha descoberto uma parte desta.

Vieram pessoas a meu encontro e entre elas o dr. Inácio e o barão do Rio das Velhas ⁰⁸² que muito se parece com o dr. Bonifácio de Abreu ⁰⁸³. É irmão do deputado Fonseca Viana ⁰⁸⁴ que já morreu. Monsenhor José Augusto disse-me ter já visto 2 seriema perto de Queluz. Neste caminho aparecem muitas assim como emas, estas sobretudo do lado do Retiro de Macaúbas.

A Lagoa só não corre em meses de seca que são sobretudo os de julho e agosto. Atravessei o desaguadouro ao chegar ao povoado. As águas correm agora e vão ter ao rio das Velhas 4 ou 5 léguas abaixo de Macaúbas. A entrada da povoação foi por entre hastes e ramos de bananeiras, e outras plantas algumas floridas que produzem aprazível efeito.

Almoço às 10 h. Saída às 11 h. Igreja — insignificante edificada a 80 anos. Casa do Lund. Percorri-a toda vendo o quarto onde ele morreu de uma constipação depois de bastante tempo de doente com mais de 80 anos. Falei com Nereu ⁰⁸⁵ que Lund protegeu desde menino, sendo o pai deste a quem pedi também informações leitor de português de Lund; e P. V. Røepstorff cand. fil. secretário dele desde 1876. Lund vinha em 1827 para a Ilha da Reunião por tísico em segundo grau; porém tendo de passagem melhorado de saúde no Rio de Janeiro, só tornou em 1830 à Dinamarca. Piorou de saúde e voltou em 1832 ao Brasil viajando até Goiás por Uberaba. Fixou-se na Lagoa Santa em 1834 de onde não saiu mais. Todos dizem ser lugar muito sadio havendo muitos centenários, um de 137 tendo morrido há pouco tempo conforme refere o barão do Rio das Velhas. Lund vivia muito retirado e quase que não lia nos seus últimos anos. Anteriormente gostava da companhia de senhoras e de música, cujos preceitos ensinou ao Nereu. Este foi seu herdeiro dos bens do Brasil, tendo deixado em Copenhague mais de 200 contos fracos. Escrevia freqüentemente ao professor Reinhart, mas sua correspondência e todos os manuscritos foram remetidos para Copenhague. Nereu deu-me notas escritas a respeito de Lund e prometeu-me cópia do testamento de Lund em dinamarquês e de suas últimas disposições ⁰⁸⁶. O jardim tem muitas plantas que Lund plantou e removeram para uma casinha que aí está a sua biblioteca. Não é pequena e compõem-se de obras importantes em anos atrasados sobretudo relativos às ciências que ele cultivava. Perguntei muito se tinha deixado filho ou criara alguma relação afetuosa neste lugar. Responderam-me positivamente que não. Era de proceder castíssimo e muito esmoler. O pai de Nereu contou que lendo a Lund as Meditações do conselheiro Bastos ⁰⁸⁷ e chegando a uma passagem em que estava S. Gregório ele o mandara parar assim como noutra lugar que pareceu-me referir-se à doutrina religiosa. Parece que Lund só tinha a religião natural. Também o pai do Nereu lhe lera com muito prazer dele Paulo e Virgínia.

Duas escolas ambas em edifícios acanhados tendo a de meninas 103! Agradou-me algum tanto a professora, contudo apesar de ser irmã do Cura as meninas não sabem explicar doutrina. Aproveitei a ocasião para repetir que a doutrina religiosa deve-se ensinar somente na casa paterna e na igreja ou templo quando se possa ensinar aí; o que não sucede ainda no Brasil.

São 2 vou navegar a lagoa. Dizem-me que há 3 anos nos meses de julho, agosto e setembro, sobretudo, e de 8 em 8 dias, às vezes sentiam-se estrondos e abalos da terra, às vezes só com intervalo de 8' — os estrondos que pareciam partir de N.E. e se ouviam em Lagoa Santa e mais longe, e os abalos no lugar da Quinta do Sumidouro e em sentido horizontal batendo as vidraças e quebrando-se garrafas. A lagoa tem em alguns lugares bastante fundo, e referem que para o lado do Sul surge uma mina que dá água à lagoa de que não há notícia que não existisse. Não pude ver a edificação que está no fundo da lagoa para o lado do povoado porque há bastante água agora e o céu não estava claro. Na volta do passeio da lagoa que é muito piscosa ⁰⁸⁸, não pegando contudo peixe nos anzóis durante as paradas do barco mandei que se dirigissem para a banda do escoamento que não pude ver por causa do juncal. Dizem ter ¾ de légua de comprido.

Chegada à casa às 4. O Nereu deu-me em casa do Lund apontamentos que devem ser exatos. Logo que cheguei à Lagoa

Santa recebi carta de Gorceix dando-me informações sobre o que tenho de ver amanhã e depois.

Descanso até o jantar às 6 h, porém mesmo deitado pensarei e escrevo a respeito da viagem. O barão do Rio das Velhas acha fácil a navegação de Macaúbas para baixo e contudo nesse trecho é que há as corredeiras onde Liais correu risco. Da foz do Paraúna para baixo ninguém aponta dificuldades e dizem todos que o terreno às margens do rio é fácil para o leito da estrada de ferro. Assim não me pareceu do rio, nem de Macaúbas até Lagoa Santa; verei na volta para Sabará quanto se pode julgar andando pela estrada ordinária.

O tempo tem estado quente desde a descida de Ouro Preto para a bacia do S. Francisco à exceção das primeiras horas da navegação do Rio das Velhas. Ouvi ainda sobre Lund que no momento de ir-lhe ler os diários o pai do Nereu achou sobre a mesa diversos óculos ⁰⁸⁹. Perguntou a Lund para que estavam aí e respondendo-lhe este que talvez precisasse de algum para ler-lhe o que verificou logo pelo clarear das letras dos diários encheram-se-lhe os olhos de lágrimas ou por gratidão ou pelo desgosto da fraqueza da vista. O mesmo pai do Nereu avisou Lund de que um criado deste de nome Toulon de nacionalidade francesa o furtava, Lund não quis acreditar; mas por fim declarou que com efeito via-se obrigado a despedir o Toulon, que lhe furtara talvez 5 contos. Lund constituiu a Nereu uma pensão vitalícia com sobrevivência de 60\$000 mensais à mulher que principiou a gozar ainda na vida daquele e deixou-lhe no testamento o que possuía no Brasil: dinheiro e duas casas na Lagoa Santa.

Depois do jantar conversei. Veio Nereu com seu violão sendo acompanhado pela irmã e mulher. Ele toca com seu gosto e a irmã tem voz agradável e bem afinada. A mulher também cantou agradavelmente o lundum mineiro — quero me casar, quero me casar.

Amanhã tenho de partir para a lapa da Aldeia às 5 h da madrugada. Vou tomar chá e dormir. São 9 h.

8 de abril de 1881 (6a fa) — 5 h. Saida para a gruta da Aldeia. Chapadão de bela vista de madrugada. Engenho Fidalgo ⁰⁹⁰; Lapinha pequena, povoação onde se explora uma gruta e bem situada; Poção engenho de cana; Mocambo id. uma das 5 do vínculo de Jaguará ⁰⁹¹. O caminho tinha sido preparado e estava bom. Quase sempre havia mais ou menos sombra antes de Mocambo e depois ainda; pois o caminho atravessava capoeiras mais ou menos espessas. Passa-se junto ou pouco longe de 5 ou 6 depósitos de água das chuvas que disse-me meu guia Antônio Fonseca Viana ⁰⁹² secam depressa.

Cheguei à gruta às 11. Bonito mato a precede. Desce-se até defronte do rochedo de calcário pouco cristalino entremeado de finas camadas de areia. A parte fronteira semelha um magnífico arco ou pórtico, com púlpito externo e um buraco parecendo uma rosaca. Raízes ou trepadeiras que parecem cordas pendem dessa fachada de igreja gótica, e insinuam-se por entre as falhas da rocha. Estes cipós estão cheios de sal que sobre eles deposita a água, creio que nitrato de potassa, porque ele abunda no interior destas grutas onde o apanham. À direita fica a entrada da gruta que cobre uma espécie de chapéu de chaminé. Belos estalactites na primeira sala semelhando uma imensa juba e outros bambinelas; passagem reptante para a segunda sala que é grande. Há uma parte nesta onde o teto tem cor esverdeada originada por protococos. Sobre a sala grande há um andar e penso que também outro inferior. Gorceix mandou abrir um buraco no fundo da sala grande, porém nada encontrou senão a entrada provável do andar inferior. Na noite passada já tinha um pequeno osso que eu trouxe.

Estive na gruta 2 horas tendo almoçado antes fora dela debaixo das árvores. A água era salitrosa. Encontrei aí um Manuel Simão dos Reis que disse-me como Lund em companhia encontrara o esqueleto na gruta da Escrevania. Simão tirava salitre e depois de achar os dedos dos pés e o resto do esqueleto procurando mais dera com o crânio. A camada de salitre é relativamente moderna.

2 h 10'. Volta de certa altura seguiu-se outro caminho pelo lado do Sumidouro que vi ao longe à direita assim como a Quinta do mesmo nome num desbarrancado.

Chegada às 8 h 20'. Comi alguma coisa. São perto de 10 h.

9 de abril de 1881 (sábado) — 6 h. Partimos para Sta. Luzia. Esqueceu-me falar de algodoais bonitos que vi. Do junco que cresce às margens a Lagoa Nova fazem diversas obras em que comerciam. Nereu mandou-me as obras de Lund que pôs a parte em sua livraria. Hei de levá-las para mandar traduzir as que tratam de fósseis enviando cópia ao Gorceix.

Dois dos repórteres ⁰⁹³ foram ver as grutas mais próximas, porém penso que as acharam cheias de água.

Gorceix voltou à Lagoa Santa às 10 da noite.

É preciso subir escada para entrar na gruta da varanda de onde extraem salitre com a terra de que ele viu separar nitrato por meio da água em coadouro. O barão do Rio das Velhas ao sair da casa onde pousa caiu da escada de pedra de grande altura. Feriu bastante a testa ⁰⁹⁴ e contundiu fortemente o olho esquerdo. Tem vomitado. Fui vê-lo antes de sair.

O caminho é por chapadão descendo-se todavia para passar o ribeirão da Mata, e o Córrego Sujo ⁰⁹⁵ e outros poucos lugares até a grande descida para a ponte de Sta. Luzia. Desse alto onde Gorceix mostrou massas anfibólicas a vista é belíssima, descobrindo-se ao longe a cidade de Sta. *[Luzia]* sobre uma montanha. Aí cheguei às 10 ½. Almoço.

12 h. Igreja matriz, as duas aulas em salas estreitas agradando-me somente a de meninos ⁰⁹⁶.

Câmara e cadeia de alçapão na mesma casa ruim. Padrões métricos mal conservados. Soldados de espingarda mas sem baioneta nem sabre.

Misericórdia em mesquinha casa fundada pela baronesa de Sta. Luzia com apólices que o marido deixou por testamento ⁰⁹⁷.

Fiquei em excelente casa que foi dos barões de Sta. Luzia ⁰⁹⁸ e agora pertence à filha do segundo barão ⁰⁹⁹ casada com o deputado Frederico de Almeida. Recebeu-me o tio desembargador aposentado Antônio Roberto de Almeida sua mulher e família. O dr. Modestino é filho do segundo barão.

Sai às 2 pouco conversando com Roberto de Almeida, Modestino presidente da Câmara e João Alves tio de José Alves dos Santos ¹⁰⁰ que vi em Mogi Mirim. A renda da Câmara é de menos de 2 contos por ano! João Alves disse-me que o melhor é levar a estrada de ferro até a barra do Rio das Velhas.

Gorceix disse-me em caminho que 50 litros de milho compram-se de 2 a 4\$000 quando as estradas estão más e que em Arassuaí 80 litros vendem-se por 800 réis. Tenho notado a grande diferença entre a forma do solo e vegetação das duas margens. A esquerda dos chapadões e árvores pequenas e a direita muito acidentada e com árvores grandes e de muito maior viço. O caminho até descer para Sabará tem aspectos belíssimos de um lado até às serras do lado do Serro e Diamantina e de outros a serra da Piedade com seu morro recortado de itabirito como o Donner Kugel que se vê das montanhas que dominam o lago Hallstatt e a serra do Curral avistando a povoação de Curral Del Rei ¹⁰¹.

A cidade de Sta. Luzia avista-se até menos de 2 léguas do Sabará. A trovoada e diversas mangas de água do lado da Serra do Curral, destacando-se do grosso das nuvens fiapos destas, com formas extravagantes e os raios de sol dando às montanhas, por entre as nuvens, cores variadíssimas, tornavam a paisagem encantadora.

Ao descer para Sabará começou a cair chuva. O sol transformava num monte de ouro o da capela creio que do Bom Jesus. Desabou por fim uma trovoada de água açoutada fortemente pelo vento. Cheguei molhado como um pinto à casa do coronel Jacinto ¹⁰² pouco antes das 6 h.

Recebi cartas de Saraiva e de Dantas ambas do dia 3.

Jantar. Vou daqui a pouco a um teatrinho particular. Veio um fulano Viana ¹⁰³ da parte do diretor do Morro Velho para acompanhar-me à mina de Cuiabá da mesma companhia.

O professor primário de Sabará tem também aula noturna percebendo 25\$000 de gratificação por mês ¹⁰⁴.

Ontem à noite quando eu voltava para a Lagoa Santa fuzilava do lado do sul, de onde veio igualmente a trovoada desta tarde. No caminho de Sta. Luzia para cá vimos granito alterado. Na margem oposta do rio das Velhas segundo Gorceix não se observa granito. Nos terrenos de granitóides ou grés decompostos crescem as maiores e mais viçosas árvores.

A Imperatriz disse-me ter-lhe falado uma francesa que parece ser Mme. Foulon que se fez de conhecida por ter pertencido à companhia dramática francesa que representou no S. Januário.

O teatrinho não é feio e muito melhor que o de Barbacena. Representaram duas peças de 2 e 1 ato e sofrivelmente para curiosos. Faltam 25 para a meia-noite.

10 de abril de 1881 (domingo) — 4 ½ Acordei. Vou ouvir missa no oratório da casa ¹⁰⁵ e sair às 6 h.

Fui à casa onde morava habitualmente Mons. José Augusto. Pertence-lhe assim como outras ao pé. Queria mostrar uma imagem da Sra. das Dores de seu oratório. É grande porém nada tem de notável. Na sala retratos de Saldanha Marinho ¹⁰⁶, bispo do Ceará hoje arcebispo da Bahia ¹⁰⁷, Ferreira Lages ¹⁰⁸, marquês de Barbacena, Gordon e creio que mais outros, rede para a sesta.

Segui para a matriz. A mais bonita igreja internamente que tenho visto. Duas galerias laterais com arcos a que correspondem os altares. Coro elegante. Obra de talha dourada de bom gosto. Quadros na sacristia de que o melhor é o da ressurreição. Penso que são os que St. Hilaire elogia ¹⁰⁹.

Continuei para Cuiabá. Atravessam-se os rios Gaia e Cuiabá onde não há ponte e com a cheia serão intransitáveis. No caminho o Comendador Viana mandado pelo Morrison disse-me que pedras de calçada ao sair de Sabará tinham 75% de ferro, que uma mina de ouro perto desse ponto consumiu 1.000 contos a uma companhia sem proveito e que havia pés de café de 100 anos, dando até 70 a 80 barris de vinho um vinhedo da casa de um italiano porque passamos, tem uva branca e preta muito boas.

Às 8 pequeno arraial quase abandonado de Pompeu onde houve mina de ouro.

8 ³/₄. Cuiabá onde me esperava Morrison.

Almoço. Pouco antes das 10 fui ver a turbina de queda de água de 50 pés correndo 350 pés cúbicos por minuto com a força de 55 cavalos que comprime o ar que move as brocas do túnel. Passei pelos pilões sistema antigo. A mina dá por hora 2 ¹/₂ oitavas ou menos por tonelada. O sistema é o antigo. Está assentando 20 pilões de novo sistema. Entrei no túnel a que falta ainda 200 a 300 br. até chegar ao veeiro, tendo já 400 br. de comprimento e boa largura e altura. Vi trabalhar duas brocas. Podem trabalhar 4. Fura cada uma polegada por minuto ou pouco mais de minuto, 250 pancadas por minuto. Num mês abrem-se 13 a 15 braças de túnel. A pedra do túnel é xistosa. O chão do túnel fica a 45 metros se não me engano, inferior ao alto da montanha. O veeiro corre N.O. S.E.

Às 11 segui viagem. Há logo grande subida. Bela vista, terreno muito montanhoso. Despediu-se Morrison. Vista da serra da Piedade com o cimo dentado. Cobriam-no em parte as nuvens. Bastante calor que ameaçava chuva sendo indicio de tempo incerto e nublamento do cimo da Piedade.

Encontro de caetenses. Conversei largamente com o coronel Agostinho Santos casado com uma irmã do finado dr. João Pinto Moreira ¹¹⁰ sobrinho do visconde de Caeté ¹¹¹.

Esta região é mineira e criadora. Não vejo agora o capim gordura, (Tristígios glutinosa — antes — Melinis minutiflora) que abundava no terreno que atravessei para ir à gruta da Aldeia.

Na volta para Sabará à tarde descobri o pico de Itabira. Viu-se por fim em parte a matriz de Caeté numa depressão do terreno e descendo aí cheguei às 2 h 6'. Vi no alto da serra da Piedade a capela e indicaram-me em posição inferior o asilo fundado pelo vigário de Caeté Domingos José Evangelista de quem o Coronel Santos diz muito bem assim como do Juiz Municipal Melo de Pernambuco. O coronel tem 2 filhos no Seminário de Mariana Carlindo de tal Santos e Santos de tal Santos ¹¹².

Às 3 ¹/₄ Matriz. É grande e elegante externa e internamente. Duas colunas que sustentam o coro e as pias são de serpentina das circunvizinhanças segundo ouvi Gorceix.

Aulas de meninos regida por professora casada e de meninas. Casas muito acanhadas. Agradou-me mais a de meninas.

A casa da Câmara é decente. Os padrões não se guardam aí! Cadeia em parte de alçapão, porém melhor que a de Sta. Luzia. Livros escritos irregularmente e falta o dos termos de visita. Guardas com clavina. O serviço da polícia na província é muito mal feito.

Gorceix disse-me ter trazido pedras de sua excursão quando o deixei em Sabará. Logo que cheguei a Caeté falei com o vigário aposentado Jacinto. Homem muito inteligente e dado às boas letras. Pregou aqui por ocasião de minha coroação e recebeu meu Pai.

Tomei um banho morno e às 6 ¹/₂ jantarei. Tenho me esquecido de dizer que me falam de mangabeiras desde que deixei Sabará, porém ainda não vi nenhuma. Já exportam da província borracha da mangabeira segundo ouvi o monsenhor.

Vi bons papos também aqui e o vigário tem princípio dele. Aparecem sobretudo em gente de cor talvez pela comida ¹¹³.

Em Cuiabá mina que estava abandonada recomeçaram os trabalhos que visitei só há 3 anos. Visitaram-me 3 das asiladas da serra da Piedade com a diretora. São 39 pobres e 10 que pagam alguma coisa.

Também falei a Lott e não Lothis e a outro sócio português. Disse-me que o Descoberto dá pouco ouro por ora. Lott está no Brasil desde 1835 e é casado com brasileira ¹¹⁴.

O vigário aposentado deu-me a cópia da memória de uma décima em português e em latim do senador Gomide ¹¹⁵.

Estava com muito sono e custou-me a chegar às 9 h.

11 de abril de 1881 (2a fa) — 5 h Acordei. Tomei banho frio na banheira. Ontem li St. Hilaire as pinturas que ele elogia da Matriz do Sabará são do coro e não as da sacristia que aliás pareceram-me melhores. O vigário do Caeté ontem ao jantar disse que uma tia dele tinha sido amiga da Irmã Germana milagrosa de que fala St. Hilaire ¹¹⁶. O vigário apesar de inteligente parece-me crendeiro.

Às 6 h parto para o Caraça. O vigário dá-me cópia da inscrição da Matriz. Lenda do vigário Henrique Pereira que a ela se refere e vem publicada no almanaque mineiro ¹¹⁷. Em Caeté há um chafariz de pedra de 1800. A capela do alto da serra da Piedade não foi feita por esforços do Vigário mas sim há mais de século.

Ao sair da cidade de Caeté apreciei a vista que é bonita. Casa do barão de Catas-altas João Batista Coutinho ¹¹⁸ duas vezes cunhado de S. João Marcos por suas mulheres ¹¹⁹. Dono do Gongo-soco que talvez desse 300.000 contos de ouro. Era pródigo atirando moedas ao povo.

Belo mato. Lavra abandonada de Luís Soares ¹²⁰ marido de Barbara Horta Barbosa irmã mais velha de D. Antônia ¹²¹. Mulher caçadora de veados e que se vestiu de militar para fingir que prendia o oficial legalista André Saturnino da Costa Pereira em nome de José Feliciano ¹²². Aí também ia o Barbacena ¹²³ e monsenhor José Augusto que me contou histórias da Irmã Germana ¹²⁴ nascida na Roça Nova e que depois da morte seu diretor espiritual o padre José Gonçalves recolheu-se a Macaúbas. Aí a visitou Mons. com o bispo Viçoso ¹²⁵. José Augusto trocou seu traje de padre com o de outrem e a irmã Germana só deixou a rigidez cataléptica ao contato das mãos de José Augusto, não recebendo o mesmo com o vestido de padre. Referiu-me casos de aparente adivinhação de uma afilhada sua muito nervosa, que vive em S. João Del Rei curada com banhos de mar. Ficou de me apresentar, assim como dar o parecer do Dr. Gomide sobre a Irmã Germana que era tida por santa, o que fez com que o povo se fizesse levantar contra Gomide por causa do parecer.

Edifícios estragados do Gongo-soco. Lugar curioso por causa das escavações antes de chegar àqueles e à Casa Grande que julgo ter sido a do engenho do Gongo-soco. Caminhos sobre a ganga terra argilosa misturada com itabirito — que é composta de quartzo, óxidos de ferro e de manganês e às vezes argila branca indício de ser aurífera. A jacutinga é a itabirite friável.

Antes do lugar de Luís Soares passei por junto da casa João Soares do Pari. Há nesta casa bonitos trabalhos de junco formando os tetos dos aposentos ¹²⁶ segundo o monsenhor

Na conversa com Gorceix aprendi bastante que ele reputa os quartzitos com outro de grãos diminutíssimos em sua massa de formação mais antiga que os de grãos grossos tendo-se o ouro depositado na massa dos primeiros quartzitos — ou itabirito — por dessulfurização produzida pelo calor podendo a causa de termo ser substituída pela distância da origem do calor. Hei de ler o trabalho de Pessis — *Les soulevements au Brésil* ¹²⁷ — publicado nas Memórias de Ciências ¹²⁸. Gorceix também explicou-me porque não havia árvores frondosas em terreno de salitre; o terreno é aí pouco permeável às raízes. Cheguei ao lindo campo onde serpeia o ribeirão do Socorro que vai desaguar engrossando no Piracicaba afluente do Doce. Tenho visto bastante capim-gordura.

Parei aí no lugar chamado ilha porque o rodeiam o ribeirão e um riacho afluente dele.

Quereria ver o sistema primitivo de separar o ferro do minério. Botam carvão, acendem-no em uma espécie de buraco de fogão de alvenaria e depois camadas alternadas de jacutinga e carvão até encherem o vão. Depois de 4 h tiram a lapa de ferro separando com martelo e borra. O ventilador é de água que também o monjolo martinete que bate o ferro e serve de laminador por esse modo. Disse-me o neto de um fulano Marques ¹²⁹ dono agora do estabelecimento que separa até 12 arrobas de ferro por dia.

Gorceix disse-me que se vende nas circunstâncias de 2 a 3\$000 por tonelada e no Ouro Preto por 12. O carvão também chega a 40 e tantos mil réis no Ouro Preto por tonelada, custando 12, se não me esqueço perto dos lugares onde o fazem em covas ou caieiras ou medas (meules) preferindo o primeiro sistema para o sistema primitivo. A ganga por sua porosidade é preferida para os fornos catalães. A forja que visitei pareceu-me a de Tubalkain.

Custou-me a apanhar a liteira apesar de trotar bastante. Diversos cavaleiros entre eles Afonso Pena ¹³⁰ vieram a meu encontro. A caravana entrou reunida de novo em S. João do Morro Grande pouco depois de 11 ½. A igreja é pelo risco da de Caeté. St. Hilaire teve razão de falar dela ¹³¹.

Almocei e falei a diversas pessoas, às filhas de um irmão do barão de Catas-altas e viúva de outro irmão João Alves de

Sousa Coutinho que com ela casou aos 80 anos e procurou-me em S. Cristóvão com um pedido de comenda tendo sido da Guarda de Honra e acompanhado meu Pai nesta província; do barão de Cocais ¹³² casado com uma prima, a viúva mãe do Modesto da Aninha; o juiz municipal de Sta. Bárbara de Salvador Albuquerque do Pau Amarelo [sic]; um representante da mina de Cocais que não dá agora nem 3% de ouro em tonelada; a Câmara Municipal de Sta. Bárbara e outras pessoas.

Em caminho depois de sair de Caeté conversei com o engenheiro da mina do Descoberto, cujo nome soou-me como Geech. Diz ele que espera que a mina renderá muito. Pareceu-me inteligente. Esteve empregado em diversas minas do Oriente. Julgo ter-lhe ouvido que estão abrindo túnel para encontrarem o Veeiro.

Partida de S. João à 1 ½. O caminho margeia o rio. Ponte da barra do Caeté perto de onde se encontram os rios S. João continuação do Socorro, e outro que vem do lado do Caeté. Depois margeia-se o rio de Brumado. Escavações curiosas de explorações antigas de ouro. A povoação do Brumado tem suas casas, sendo a principal a que pertenceu a Sebastião Pena avô do deputado. Aí parou meu Pai. Disse-me o deputado que havia na casa bonitas pinturas. Pouco adiante despediu-se ele depois de dizer-me que a principal indústria atual destas várzeas é a criação de muares.

No município de Sta. Bárbara o número de crias anual é de 2 a 3000. Avistam-se elevadas e pitorescas montanhas de formas pouco comuns de rocha mas que não contem ferro. Desde que se começa a subir a serra do Caraça cresce a beleza da paisagem, e do alto descobre-se vastíssimo horizonte e depois uma das mais belas cascatas que eu conheço que forma lençóis e tanque e corre depois em fundo vale estreitado pelas montanhas de que já falei. Nunca admirei lugar mais grandiosamente pitoresco do que este. O caminho passa por cima da cascata que parece sumir-se de repente ¹³³. Continuei como anteriormente por dentro da mata e por cima de pedras. Felizmente o belo luar sempre deixa ver um pouco o lugar por onde se anda mesmo debaixo das árvores, e num lugar de grandes lagos, perigoso para liteira alumia a lua com todo o seu esplendor. O cruzeiro fulgurava em nossa frente e à esquerda Vênus faiscava quase sobre a montanha. Não posso descrever tanta beleza. Por fim dobrando uma ponta do morro aparece de repente o edifício do Caraça iluminado e de que descem pela encosta duas longas filas de luzes. Altíssimos rochedos em anfiteatro formavam o fundo do quadro. Era bellissimo, mas a lua e as estrelas elevam-me os olhos a maior altura.

Apeei-me e subi com as filas das luzes. Passei pela capela que constroem, e cuja arquitetura agradou-me ¹³⁴. Tomei meu meio-banho, depois de conversar um pouco com o Superior Clavelin ¹³⁵ e diversos professores, sobretudo com o nascido em Constantinopla de família grega ¹³⁶. Jantar às 7 ¾. Depois informei-me dos estudos com o superior. Tenho muito que fazer amanhã. Vi no caminho muitas flores e árvores de madeira de lei como tatajuba e óleo vermelho.

12 de abril de 1881 (terça-feira) — Acordei às 6 h. Fui tomar banho no rio. De volta admirei as montanhas por detrás da casa entre as quais a chamada Carapuça.

Esqueci-me de falar ontem da bonita aldeola do Sumidouro antes de subir a serra. As casas pequenas com seus quintais floridos estavam caiadas de novo, e tudo respirava alegria. O nome de Caraça provém ou da forma de caraça de uma das montanhas ou de um português que morou perto da serra a que davam a alcunha de Caraça. Assim ouvi ao padre Clavelin. Referiu-me ele que se supunha que Fr. Lourenço, terceiro de S. Francisco, e fundador do Caraça pertencia à família Távora e por isso fugira para o Brasil. O capitão-general de Minas Bernardo José Lorena tratava-o com muita estima e deixou-lhe sua baixela. Acharam o testamento de Fr. Lourenço que parece desmentir a legenda dos Távoras. Fr. Lourenço comprou a primeira terra a faiscadores, doou-a a D. João 6º que mandou vir Fr. Leandro e Viçoso a quem deu a terra com o princípio de edificação da capela que se constrói no lugar da antiga construída por Fr. Lourenço. 6 janelas de cada lado — que fizera Fr. Lourenço. Depois houve uma licença de meu pai para adquirirem mais terra e enfim há pelo menos uma que possui a congregação sob nome de outrem. Respondi a Clavelin que era preciso regularizar a situação. Todo o terreno forma quase um círculo de 1 ½ de diâmetro.

Na saleta onde escrevo há bons livros pertencentes ao padre Clavelin, ou padre Sipolis ¹³⁷, alguns de história natural.

São quase 8 h e vou para a missa que disse Clavelin no refeitório anterior ao atual. A casa tem um pequeno pátio com algumas flores, fonte e feto arborescente. Estive na biblioteca onde achei bons livros e edições antigas chamando minha atenção a da Crônica de Eusébio de 1483. Veneza, impressor Arnoldt Augustensis. Há aí uma pequena coleção de minerais quase todos de Minas. Altura do Caraça sobre o nível do mar 1300m pelo hipsômetros de Gorceix. Aqui dizem que são 1600. O maior frio foi já de + 4° C e o calor de 23 a 25.

Depois fui para as aulas. Comecei pela de direito canônico. Tive necessidade de protestar contra o modo porque o professor Chanavaz combatia o direito do placet. Depois ele estranhou que um monarca católico protestasse contra a doutrina e eu tive de dizer que talvez fosse mais católico do que ele e era tolerante quando ele se mostrava intolerante. Expliquei sempre ao padre Clavelin que parece-me excelente pessoa como eu ressalvava o direito unicamente contra abusos de autoridade eclesiástica que não deviam ficar dependentes da única apreciação daquela ¹³⁸. Assisti a todas as classes onde gostei em geral do modo porque os estudantes respondiam. Desagradando-me as de álgebra e aritmética. Os professores a meu pedido chamavam os mais adiantados. O filho do Peixoto de Sousa de Caeté não traduziu e regeu mal Justinus.

Enquanto jantavam fui ver a oficina do padre Boa Vida ¹³⁹, que está fora missionando. Admirei aí o seu trabalho de órgão. A madeira preta das teclas é belíssima. Visitei outras partes do estabelecimento. As interrogações nas classes terminaram às 4 ³/₄.

Jantar. Subida ao pequeno morro de pedra do Calvário de onde a vista era belíssima sobretudo do lado da montanha da Carapuça com matizes róseos e violáceos do pôr do sol. Olhei bem para todas as montanhas que cercam o edifício. Ontem mostraram-me o pau de jacarandá a que se arrimava o Irmão Lourenço e não Fr. quando St. Hilaire o viu aqui. Fui depois por um caramanchão onde está o chamado Quiosque até a represa de água em que se espelhava a lua. A noite está belíssima. O edifício para maior largueza dos alunos carece ainda de bastantes obras. Tem gasto já bastante com a igreja que ficará muito elegante. Vi muito bem feitos capitéis e socos de pedra daqui por três canteiros sob a direção de um mestre sendo um daqueles Joaquim Martins português, e os outros fulanos Vidal espanhóis.

Avistei do Calvário a horta viçosa tem bois para carroto e 300 para corte. Compram o milho agora a 1 a 2\$000 o alqueire mas já chegou a 4, e o feijão a 7 ou 8 o sacco. O carroto é necessariamente caro.

Voltei de meu passeio por dentro da cozinha, que não é má menos o fogão que não é econômico.

Visitei a farmácia dirigida por um padre. Tem pequena enfermaria perto de cada dormitório e quartos para doentes graves. O médico Dr. Figueiredo vem de 15 em 15 dias quando não seja chamado para qualquer caso extraordinário e grave. O lugar passa por muito *[sic]*.

As chuvas vêm do lado do N.O. Logo há serão literário. Chegou hoje correio do Rio com diários até 8.

Reuniram-se os professores e os estudantes na Capela que se constrói iluminada com velas em lustres de papel. O espetáculo era muito belo. Dirigiram-se discursos em francês Clavelin; latim e grego o grego de Constantinopla, professor de história e geografia; hebraico o padre Lacoste ¹⁴⁰, espanhol um empregado da casa ex-oficial de cavalaria espanhol ¹⁴¹, inglês o professor de inglês ¹⁴², português o desta língua ¹⁴³; e italiano um estudante Tertuliano Ribeiro de Almeida que pronunciou tão mal como o de inglês ¹⁴⁴. Cantaram uns versos franceses antes de oferecerem um ramo com os versos acompanhados de flores pintadas pelo professor de desenho à Imperatriz. Tocou a banda dos alunos que é sofrível.

São mais de 9 h e vou deitar-me, que saio amanhã logo que clarear.

Ia me esquecendo dizer que na volta da represa vi araucárias, e disse Clavelin que no tempo de visita de meu Pai ainda existia uma alameda delas plantadas pelo irmão Lourenço.

13 de abril de 1881 (4a fa) — Desci a pé a ladeira íngreme e mal calçada às 5 h 20'. Montei a cavalo às 5 ¹/₂. A cascata e a vista belíssimas. Tomei à direita. Chácara da congregação onde há vinha — bebi do vinho ontem — não me agradou — onde mora o irmão Freitas da congregação. Foi ele que dirigiu a abertura deste novo caminho. No tempo de meu Pai passava mais à direita e por um lugar chamado Varanda de Pilatos. No estabelecimento também mora um antigo professor Manuel Ferreira que ensinou latim igualmente em Congonhas ¹⁴⁵. Foram discípulos deles o Lima Duarte, e Afonso Pena. Vim conversando com ele sobre latim pouco depois de sairmos ambos de S. João de Morro Grande. Chegada a Cata-altas às 9 ¹/₂. Freguesia de bastantes casas, bonita igreja, cujas torres têm remate um pouco extravagante e muito bem situada com a pitoresca serra do Caraça defronte para o ocidente, a qual torneáramos. Também se vêem desse lado as escavações da mina de jacutinga aurífera de Pitangui, cujos trabalhos recomeçaram por uma companhia inglesa.

Almoço de meia hora.

Ao partir entreguei diversas cartas de liberdade concedidas pelo inglês diretor da mina de Cocais de que falei em Caeté.

Segui. Arraia *[sic]* de Água quente pequeno. Atravessou-se mato depois de uma volta que se deu por um tabuleiro todo

de canga para evitar parte do caminho ordinariamente trilhado que é muito mau para liteira. A canga desta região segundo Gorceix tem talvez 20m de espessura, que riqueza de ferro! Arraial do Inficionado depois de margear o ribeirão do mesmo nome. Assim chamado por causa de bexigas que aí houve, ou de cobre de sua mineração que venderam com o ouro por este metal dizendo-o por isso inficionado ¹⁴⁶. Para chegar ao arraial que é grande e tem 3 igrejas atravessa-se uma ponte comprida.

Encontramos correio, e soube aí da morte do Taunay velho o que muito senti ¹⁴⁷.

Sta. Rita Durão nasceu no Inficionado. Indagando da casa de seu nascimento só um velho Lúcio Ottoni disse da janela que já tínhamos passado pela casa na entrada do arraial, à direita, e para dentro. Achei melhor não voltar para procurá-la.

A serra do Caraça produz bela vista do Inficionado.

Arraial de Bento Rodrigues pequeno mas com igreja. Tenho passado desde Catas-altas diversos ribeirões ou riachos que vão ter por fim a Sta. Bárbara e aumentar as águas do rio Doce.

Arraia *[sic]* de Camargos bem situado com igreja. Sempre se tem visto a serra do Caraça. Pouco adiante vieram ao encontro cavaleiros entre os quais o Gentil, Carlos de Assis Figuero ¹⁴⁸ e seu sogro, e o diretor da companhia da mina da passagem Patridge ¹⁴⁹ com sua mulher, que eu conhecia do Rio. Enfim passamos por perto dos trabalhos da mina do Morro de Sta. Ana — avultava a grande roda de água com o luar — e depois encontraram-se os carros e troles que já tardavam. O caminho não é mau agora que não tem chovido foi muito reparado, porém há ladeiras íngremes e com pedras por onde não podiam passar os carros.

Perto das 8 entrada na cidade de Mariana. Bonitas iluminações; boas casas. Subiram-se ladeiras íngremes e às 8 era eu recebido pelo bispo ¹⁵⁰ no seu palácio, que é grande. Por falta de acordo esperaram com as trevas até minha chegada, contudo eu falara com o Bispo de modo a começarem-nas às 5 mesmo que eu não estivesse. Despedindo-se o Bispo de mim afim de eu poder descansar julguei-me dispensado de assistir às trevas ¹⁵¹.

Irei às de amanhã e de 6a. fa., o que não faço no Rio.

Jantei perto das 9.

14 de abril de 1881 (5a fa.) — Acordei às 5 ½. Depois do Arraial do Camargo, avistei na encosta de uma montanha à direita a casa que pareceu-me grande da fazenda do tesoureiro do barão de Camargos ¹⁵², e pés de chá.

Ao sair de Catas-altas disse-me José Augusto que chegava o Dr. Manuel José Rebelo Horta que foi presidente da província. Tinham-me dito em Catas-altas que estava doente. Senti não vê-lo.

Não tem aparecido carneiros e com razão diz St. Hilaire que “les paturages des montagnes de Minas Gerais conviennet parfaitement aux bêtes à laine” ¹⁵³. St. Hilaire diz que há mais espécies vegetais na Serra do Caraça que na da Piedade por ser aquela mais úmida. Na Caraça não dão as plantas tropicais. No alto da serra da Piedade St. Hilaire viu o morangueiro e ceraisto comum (*Cerastium vulgatum*) e o mouron dos pássaros (*stellaria media*) plantas européias. Perto de Ouro Fino há uma árvore que dá uma espécie de cortiça. A mesma reflexão de St. Hilaire já fiz eu. Em 20 léguas tinha visto 2 cidades e 5 aldeias ou arraiais (*villages*). Ontem na distância de 9 léguas vi uma cidade (Mariana) e 5 arraiais. Todos os povoados revelam mais ou menos decadência. St Hilaire diz: En peu d’années un petit nombre d’hommes auront ravagé (pela mineração) une immense province et ils pourront dire: He terra acabada!! Contudo essas minas abandonadas são de novo trabalhadas pela indústria melhorada pela ciência e disseram-me em Caeté que a vida reaparece. Sempre lembrando que St. Hilaire pg. 190 tomo 1 parte 1ª. Siga a estrada de ferro, deite estes ramais, naveguem-se os rios onde se achem desimpedidos de pedras, sobretudo, e a província de Minas será uma das mais ricas do Brasil.

Apesar do bispo dizer que a missa começaria às 10 por pedido do mesmo aguardei aviso e só começou às 11 e terminou às 3. Estive já vendo papelada dos ministros.

Jantar às 4 e às 5 ½ na Igreja, porém aproveitarei ainda estes minutos.

St. Hilaire diz que comeu em Sta. Quitéria na casa do coronel Antônio Tomás de Figueiredo Neves ¹⁵⁴ excelente pão feito de trigo colhido a algumas léguas de distância. O mesmo autor lembra que Caraça poderá vir do tupi cãaraçaba = desfiladeiro. Ele foi de Sta. Bárbara à ermida de N. Sra. Mãe dos homens de Caraça. A descrição lembra o atual edifício, que foi aumentado para os lados, e no fundo em parte, edificando-se nova capela em lugar da antiga, no mesmo lugar. Ainda há a capela com as reliquias. Não existem os passos da Paixão. Refere que o irmão Lourenço esteve antes na Serra da Piedade.

Ce veillard etc. pg. 222 do tomo 1º primeira parte — pag. 223. Je contempkais ce veillard etc. bela pintura melhor que o retrato a óleo de que já falei. Creio que subiu a montanha por onde eu lá fui de Caeté. Não poder eu como ele — pg. 225 — Je reviens à l'ermitage etc. Em Catas-altas vi muita fruta ao almoço. Havia bastantes cambucás. St. Hilaire diz que para lá de Bento-Rodrigues é que se principia a ver a serra do Caraça — ele ia de Mariana para Catas-altas mas creio tê-la avistado em parte mesmo para cá de Bento-Rodrigues vindo para Mariana. Fala de fontes de água quente que tinham existido em Água quente, mas Gorceix não as achou segundo me disse. Suas reflexões sobre a cultura extensiva são justíssimas. Que não se tem procurado fazer depois das medidas de Gomes Freire de Andrade a bem das florestas! Não cesso de lembrar a urgência de acudir-lhes. O Bispo mandou tarde aviso.

Cheguei à matriz às 6 h $\frac{3}{4}$. Lava-pés do Bispo. Pregou o cônego Bernardino Brandão, de Campanha. Sermão ordinário. Por lembrança do Bispo fui antes das trevas em companhia dele à Igreja de S. Francisco onde havia exposição do Sacramento. Más calçadas, porém a iluminação produzia belo luar. Lindo luar.

Voltei à matriz para as trevas.

Cheguei à casa às 11 h 20'.

15 de abril de 1881 (6a fa) — Acordei às 5 $\frac{1}{2}$. Ontem depois de chegar a casa de noite recebi carta de Gorceix com Comptes-rendus etc. Diz-me que o engenheiro Boutan ¹⁵⁵ e dos reconhecimentos para o canal de Panamá chegará domingo ou 2ª fa. a Ouro Preto.

Vi processos e papéis até há pouco (quase 9). Tem chovido, mas não em abundância. Vou almoçar.

Ontem às 8 confessei-me a monsenhor Joaquim Silvério Pimenta ¹⁵⁶ e comunguei na capela do Palácio episcopal onde estive e que tem sacramento. Pouco depois das 10 h começou o ofício de hoje e terminou pouco antes das 2. Não tenho gostado do modo porque cantam aqui p. e. a Paixão. As lamentações das trevas de ontem foram lamentáveis, tom sem caráter triste e muito aborrecido, pior foi o das lições dos noturnos. Houve adoração da cruz fora do presbitério para todos os homens que estavam na igreja. O pregador Corneliotto ¹⁵⁷ agradou-me. É padre de talento e instrução e houve momentos em que revelou muito sentimento.

Já assinei os decretos dos perdões e comutações e vou tomar meio-banho e ler até serem horas de jantar.

5 $\frac{1}{2}$ Trevas que terminaram às 8. Da matriz fui à casa onde está o presidente e nasceu Maria Cândida ¹⁵⁸ para ver passar a procissão. As longas caudas dos cônegos arrastando pela rua produziam um efeito majestoso. A principio pareciam a sombra dos corpos. A noite está lindíssima. Conversei com o Quintiliano ¹⁵⁹ enquanto aguardava a passagem da procissão. Ele lembra e procurou que se ensaiasse a indústria de cera de abelhas, cochinchila, e bicho-da-seda.

16 de abril de 1881 (sábado) — Wanderborn ¹⁶⁰ da mina da Passagem trouxe-me coleção curiosa de minerais desse e outros lugares. Recebi carta do Bom Retiro ¹⁶¹ ainda não escrita por ele com a data de 11 da Solidão ¹⁶².

Tomei banho frio numa fonte no jardim deste palácio e li notícias científicas.

Às 9 Almoço.

Ofício às 10. Acabou às 2 h. Vim a casa e saí depois.

Aula de meninos regida pela professora Bicalho irmã do cônego ¹⁶³. Não me agradou. De outra a professora estava com licença. Aula de meninas. Professora e limpeza da sala embora muito estreita, como a da outra agradaram-me. Aula de latim agradou-me.

Fui até o alto onde se começa a construção da Igreja de S. Pedro, que pena é não acabarem pois é a mais bela externamente das de Mariana ¹⁶⁴. Bela vista. Bebi perto excelente água de um chafariz. Há uns poucos em Mariana.

Seminário. Muito bem arranjado. Reitor Cornagliotto — nome exato — o que pregou ontem. Gostei sobretudo do estudante Barroso de Latim. O Carlindo dos Santos de Caeté tem talento e não se saiu mal do latim. Compêndio de filosofia do Soriano ¹⁶⁵. Não gostei das respostas em geometria. O monsenhor da Santa Sé — cônego Pimenta é professor de história. Bem estudado hebraico e vi um cumprimento que ele escrevera nessa língua. Padre Cardito de Nápoles professor de Geografia aritmética e álgebra conhece o árabe. Esteve muitos anos na Terra Santa.

Na volta pouco antes das 7 jantei e recebi até 9. Vieram dois índios um velho que fala bem português e outro moço que apenas o entende. Noutro livrinho escrevi algumas palavras da língua deles, dos Nak-na-nuks aliás já bem conhecida.

17 de abril de 1881 (domingo) — 5 ³/₄. Acordei. Banho no jardim. 7 saí.

Casa de Câmara. Boa. Padrões métricos tratados com descuido.

Cadeia muito boa, mas com presos demais.

Enfermaria pestilencial pelo mau cheiro. Livros como sempre irregulares.

Voltando entrei na Igreja do Carmo. É grande e elegante. A de S. Francisco foi construída em 1753 na administração do 1º bispo.

Quarto de cama (?) de Mariana. Figuras pintadas nas paredes de Benedito XIV erigiu o Bispado de Mariana no ano de 1746.

Fr. Manuel da Cruz da ordem de S. Bernado *[sic]* 1º Bispo.

D. Joaquim Borges de Figueiroa 2º B.

D. Bartolomeu Manuel dos Prazeres ¹⁶⁶ 3º B.

D. Domingos da Encarnação da Ordem dos Dominicanos 4º B.

D. L. Cipriano de S. José da Ordem dos Menores 5º B.

A festa durou das 10 até pouco depois de 12 ¹/₂. Pregou o cônego Honório ¹⁶⁷. Pode fazer melhor sermão.

Voltei à casa e fui depois ver o estabelecimento das Irmãs de Caridade. O colégio tem 142 pensionistas e 58 pobres separadas umas das outras embora podendo comunicar-se. Muito asseio e ordem.

Hospital quase que unicamente para mulheres — 68 — que pareceram-me antes inválidas. Os edifícios são da mitra. Cada pensionista paga 20\$000 por mês.

Voltei à casa e às 3 fui à mina da Passagem ¹⁶⁸. Percorri a galeria e escavações durante uma hora. Agora só a tem esgotado por meio de bomba movida por água. É trabalhada desde 1713. A água tinha sido causa sobretudo da interrupção dos trabalhos. Acompanharam-me Patridge, Wenderborn e Monchot. Gostei muito do segundo. Esperam tirar muito ouro do veieiro que vi bem. Estava de volta pouco depois de 5 ¹/₂.

Jantar. Conversa com o bispo que se encarregou de promover a construção da casa para as aulas primárias, com o padre Sipolis sobre o que tem visto em suas missões da natureza de Minas, referindo-me à existência de uma lagoa de quilômetros de circuito perto de Bambui que enche e decrece periodicamente, assim como de chamas que se observam no mesmo distrito elevar-se a bastante altura do sopé de uma montanha. Anda à procura do inseto hippocephalus de que só existe um no Brasil na coleção de Luís de Carvalho no Rio. Só se tem encontrado em Minas. Espera que o padre David venha estar aqui o tempo necessário para conhecer a província de Minas. Disse-me que usam de cortiça, que lhe parece mais leve que a do Carvalho, da qual fala St. Hilaire. Em certos distritos não compram cera pois criam abelhas, e que há amoreira selvagem. Enfim a conversa de Sipolis é muito interessante e seu ar extremamente simpático, recorda-me um pouco o padre Tosti, mesmo fisicamente.

Ainda conversei com monsenhor — Cônego Pimenta que falou-me muito sobre seus estudos de grego e hebraico. Animei-o a estudar árabe com o padre Cardito. Indiquei-lhe as obras de l'abbé Vigouroux e de Maspero que ele não conhecia. Quase que prometeu-me ir a Ouro Preto. O pai é de Congonhas do Campo — era primo do Pimenta que foi afinador de pianos em minha casa em 1830 e tantos. Ainda me lembro dele.

18 de abril de 1881 (2a fa) — Choveu muito de noite, mas estiou. São quase 6 h. Vou sair.

Cheguei à mina do Morro de Sta. Ana (de Maquiné) de que é manager por companhia de Londres Mr. Heilburt ¹⁶⁹. Vi primeiro a bomba hidráulica cujo motor é uma máquina de vapor de 30 cavalos. A bomba começou hoje a trabalhar regularmente. Os trabalhos de extração do minério (jacutinga) estão parados há 1 ¹/₂ ano por se ter desarranjado a enorme roda de ferro feita na Inglaterra na fábrica Hail, que, pela queda da água, movia a bomba de esgoto. Sobre a galeria em que estou há outra que se abandonou há 19. Esta é explorada de há 10. Anda-se perfeitamente pela galeria na extensão de 440m ou 220 br, e ainda há 100 e tantas cheias de água que se esgota à razão de 4 metros cúbicos por hora. Reparei bem para tudo e trago um pedaço de rocha de que se separa por bateia o ouro que tem dado 4 oitavas por tonelada, termo médio e apesar de muito friável ainda vai aos pilões. A mina da Passagem é de quartzito e vi um trabalhador separar facilmente o ouro, que logo pintou, na bateia. Esqueci-me de dizer que depois da visita da mina da Passagem fui medir com os olhos de

um pequeno teso o abismo por onde corre o ribeirão ¹⁷⁰. Em Maquiné tem agora 300 e tantos trabalhadores quase todos escravos alugados. Já houve 600. O mechanical é um John Martins casado com brasileira como o é Heilburt que já está no Brasil há 25 anos tendo estado noutras minas e empregando-se ao chegar ao Brasil na casa Naylor.

Almoço às 9 ½. Segui às 10 ½. Belo caminho que domina um largo vale. A vista do Arraial de Antônio Pereira é muito risonha por causa de suas plantações verdejantes. Atravessei-o e cheguei à Lapa. Não tem nada de notável. Afearam-na com o pórtico, e o que construíram dentro para tornarem-na capela. Deviam aproveitar somente as pedras naturais. Corri o que pude da lapa. Para ver os outros três salões teria que passar quase de rastos dentro da água. Em 15 de agosto que é a romaria não há água na lapa.

Montei a cavalo às 12 h 40', mas parei em casa de Paula Castro que me estava esperando na mina que aliás nunca eu disse visitaria. Havia mesa posta, porém só bebi café com bolinhos mineiros.

As escavações da mina deram ao solo a aparência de ondas mais ou menos pontadas de mar de teatro, o que aumentava o pitoresco do aspecto do lugar do arraial. O coronel Pereira de Queluz veio a meu encontro tendo saído hoje de Ouro Preto quando eu seguia de lapa. É velho durinho.

O caminho tem vistas belíssimas até Ouro Preto. Sobe-se a alta serra de Antônio Pereira cujo arraial tarde se perde vista, avistando-se do lado do vale oposto ao do caminho a mina de Maquiné. Deu-se uma grande volta mais ou menos pela encosta das montanhas que bordam o vale. Por detrás do arraial de Antônio Pereira, mas a boa distância vê-se a montanha recortada do Frazão que se ladeou vindo de Catas-altas. Avistei pois mais longe para esse lado a serra do Caraça.

Cheguei ao palácio de Ouro Preto às 4 h. Estou tomando um meio banho apenas para melhor dormir. Nada me fatigou a jornadita. Em caminho vi bem Mariana em baixo iluminada pelo sol e antes descobriu-se o pico de Itabira do Campo. Desde que saí de Ouro Preto dei uma volta perfeita. Antes de chegar a esta cidade passei pela antiga Vila Rica ¹⁷¹ – muralhas arruinadas que lembram-me Pompéia. Dizem-me que povo quer esbordoar o repórter Je. Carlos de Carvalho ¹⁷² por atribuírem-lhe o que publicou a Revista Ilustrada a respeito das mulheres de Ouro Preto ¹⁷³. Vou indagar. Exigem que Carvalho deixe Ouro Preto.

Jantar depois das 5 ½. Ouvem-se vozearias do lado da casa do tenente-coronel Carlos de Andrade ¹⁷⁴ onde Carvalho está hospedado. Andrade não quer que Carvalho saia porque [é] seu hóspede. Há receio de algum sucesso desagradável. Enfim Carvalho entrou pelos fundos do palácio. Nicolau ¹⁷⁵ foi falar-lhe na sala de jantar. Resolveu-se sair de Ouro Preto. O Dr. Gesteira ¹⁷⁶ deu-lhe sobrecasaca e Pedro Paiva ¹⁷⁷ o chapéu e foi-se pelos fundos.

Tive visitas entre as quais Quintiliano e Vilaboim. O juiz de direito Guimarães ¹⁷⁸ veio com as filhas que tocaram muito bem piano e a mais jovem uma valsa de sua composição. É a que vi na aula da rua do Pilar.

Na serra de Antônio Dias cai alguma chuva. Choveu aqui no princípio da noite.

Estudantes da Escola de Minas amigos de Carvalho foram em defesa dele e disseram-me que tinham levado pancadas. Desde mais de hora que nada se ouve. Tudo serenou.

São 8 ½. Vou deitar-me e ler até dormir.

O sobretudo ou sobrecasaca não foi do Dr. Gesteira, mas do Pedro Paiva. O Gesteira facilitou a saída pelo fundo do palácio.

19 de abril de 1881 (terça-fa) — 5 h Acordei. Banho frio. Leitura 8-10 ½ . Escola de Minas. Última lição de Gorceix. Falou da época quaternária. Começou pela Europa e sobretudo bacia do Sena, e depois tratou de Minas. O terreno da Ganga é quaternário. Não se observa deslocamento nele. Os rios sulcaram-no entrando as águas nas cavernas calcárias cujas fendas produzidas pela contração da camada calcária foram alargadas pelas águas. Os fósseis e ossos aí foram depositados por habitação dos animais, arrastamento pelas águas ou queda pelas fendas. Fez um cálculo de mais de 7 milhões de ossos que se teria acumulado na lapa da Cerca grande segundo os dados de Lund que à razão de 4 animais por dia exigiram 5.000 anos para seu depósito. Crê que há muito mais das 200 e tantas lapas. Diz que só o salão de entrada da lapa da Aldeia é que tinha sido explorada antes de eu lá ir e que encontrou na parte que se escavou então os diluvia da época quaternária devendo estar no fundo do terreno terciário sobre o qual se achariam fósseis. Foi na lapa da Varginha que Lund achou o crânio cuja antigüidade não quis Liais ¹⁷⁹ discutir. Enumerou os principais fósseis encontrados por Lund dando às cavernas que foram cheias durante a época quaternária no Brasil o nome de cavernas Lund. O terreno tem

sofrido elevações e abaixamentos, cujos vestígios são as numerosas lagoas que se observam em Minas. Falou quase 2 horas, mas o assunto era demasiadamente vasto. Serviu-se muito na parte paleontológica da obra de Gaudry que devidamente elogio Enchainement etc. Depois assisti um pouco à lição de mecânica de Thiret ¹⁸⁰. Explica bem e o aluno Barbosa mostrou ter bastante talento matemático.

Almoço perto de 11. Houve de noite uma manifestação dirigida por três padres dos quais um Camilo de Brito ¹⁸¹ contra Gorceix porque supunha que asilara Carvalho em casa dele. Diziam — vamos varrer-lhe a casa e tratavam-no de maçom!

12 h — Aulas de freguesia de Antônio Dias. Estão as duas de meninas e de meninos em boas salas quase contíguas da mesma casa. Agradou-me mais a dos meninos, um mostrou saber mais doutrina religiosa do que em todas as outras aulas que tenho visitado. O professor é normalista.

Segui até o chafariz da ponte para ver a neta de Maria [*sic*] de Dirceu ¹⁸², mulher do Carlos de Andrade ¹⁸³, que mora perto. Apareceu à janela. É elegante e graciosa, porém não beleza, tem ares de inteligente.

Relação onde só achei Quintiliano e o Secretário. Não é má casa. Ouvei que os empregados são bons. Quartel de linha com a companhia de cavalaria e o contingente do 7º de infantaria. Em mau estado e guardam nele cunhetes com pólvora! Assoalhos todos esburacados. Prisões solitárias mefíticas. A cavalaria é boa.

Vou ler. Jantar 4 h.

5 h fui à Igreja de S. Francisco de Paula sobretudo para mostrar a vista de Ouro Preto à imperatriz. Preguei uma cavilha num altar novo. Segui de lá para o Funil passando pelo Palácio. Era já escuro, mas a noite clara por causa das estrelas tornou poético o passeio ao reflexo nas águas que borbulhavam. A subida da cidade iluminada também era um belo espetáculo. Houve fogo de artifício e conversei com o desembargador Guimarães que...

[desenho] Vista da frente da casa do Caraça 12 de abril de 1881.

[desenho] Vista da frente da casa do Caraça 12 de abril de 1881.

[desenho] Caeté — Serra da Piedade 6 h da tarde de 10 de abril de 1881.

[desenho] Sta. Luzia.

VOLUME 25

VIAGEM A MINAS-GERAIS - SEGUNDA PARTE

19 a 30/04 de 1881

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

... muito lido [*sic*]. Ficou de trazer-me um romance de costumes mineiros escritos por ele e de ao Rio o manuscrito de uma espécie de prefação histórica que pretendia anexar ao romance ⁰⁰¹. Escreve sobre a filosofia de Cousin, considerando o ecletismo mero sincretismo.

Depois recebi a carta de Lesseps que me trouxe o engenheiro Boutan chegado hoje e que já encontrara quando estávamos de passagem na Escola de Minas, que ainda não tinha visto a Imperatriz, ao irmos para S. Francisco de Paula. Conversei com Boutan sobre o Lesseps e família e também a respeito do canal do istmo do Panamá.

Enfim assisti ao drama – o Capitão Paulo de A. Dumas — no teatro que é menor, porém bonito e muito mais elegante que o de Sabará. Terminou depois da meia-noite.

20 de abril de 1881 (4a fa.) — Acordar às 5 ½. Banho frio. Leitura.

7[h] partida para Itacolomi. Neblina cerrada com garoa ou antes chuva. Bom caminho. Lugares esmaltados de flores do campo. Linda árvore de copa arredondada, pareceu-me jaboticabeira, porém não é; colheu-se um ramo na volta. As pedras ao chegar adiantaram-se da encosta como enormes espadas apontadas. Estava no ponto mais alto que não o do rochedo

columi às 9h 10. Tudo rodeado de neblina. Medidas da altura em referência a Ouro Preto com o barômetro Fortin, aneróide de Boutan que convidei ontem e ipsômetro.

Almoço campestre seriam 10. Perto de meio-dia clareou. Vi Ouro Preto e Mariana, serra de Itatiaia e de Ouro Branco, descobri também a igreja da Boa Vista. Quando tudo estiver claro há de ser uma paisagem admirável. Também se via o pico de Itabira do Mato-dentro ⁰⁰². Antes de deixar o Itacolomi nova observação do Fortin. Na descida vi melhor as montanhas entre as quais a do Frazão e a serra do Caraça. Há um ponto onde se avistam Ouro Preto à esquerda e Mariana à direita.

O Gentil mostrou-me a planta chamada chá-de-porrete excelente em infusão das folhas muito amargosa para dores de cabeça provenientes do estômago.

O ribeirão do Carmo passa por um precipício estreito entre lajes muito pitoresco. Atravessa-se aí pequena ponte. Volta a palácio às 2 ½. Banho morno e leitura. São quase 4h. Vou jantar.

5h aula agrícola no Seromenho. Casa boa. Já tem galinheiro mal arranjado e arados. Houve 9 meninos. 4 saíram porque os papais pensavam que os filhos não teriam de trabalhar braçalmente. Ainda não tem aula. O diretor atual é o padre João Paulo irmão do secretário do Presidente.

Chuva, dificuldades de caminho. Andou-se bastante a pé por estas pedras.

Chegada à Igreja de Antônio Dias. O Te Deum esteve mais concorrido que o da matriz de Ouro Preto. Cantou-o o Bispo. Volta a palácio. Falei com alguns.

Concerto no Paço da Assembléia. Esteve sofrível. As senhoras tocaram bem piano. Na retirada houve vivas a mim e morras à Confederação Argentina por causa do sucesso do vapor Inca de que falam os diários do Rio de ontem ⁰⁰³.

21 de abril de 1881 (5a fa) — 5h Banho frio. Leitura. Vou partir. Parei no Falcão onde se almoçou. Quintiliano e Monsenhor Pimenta assim como outros vieram até perto, como Gentil, Carlos de Assis F. Etc. Acabado o almoço segui viagem.

Tempo nublado e fresco.

Tenho reparado para direção dos quartzitos xistosos. Indica a direção da falha na do Rio das Velhas.

Cheguei à casa do Sperling ⁰⁰⁴ às 2h 10'.

Li as notas relativas ao projeto do ramal de ferro entre a estrada de ferro de Pedro 2º e Ouro Preto e outras cousas.

4h Jantar. Conversa. Sperling disse-me que o terreno entre Queluz e Ouro Preto prestava-se a estrada de ferro. Falou-me da navegação ou antes não navegação do rio das Velhas segundo entendo. Os distritos dos 5 engenheiros da Província são enormes. O de Sperling chega a Diamantina.

8 ¾. Vou descansar.

22 de abril de 1881 (6a fa) — 5h Acordei. Gorceix deu-me ontem o cálculo aproximado da altura do cimo o Itacolomi *[sic]*; uma pedra aí quebrada e o ouro que ele bateou em minha presença na Escola de Minas.

Ontem antes de sair de Ouro Preto entregaram-me da parte do padre Sipolis uma pintura do inseto hipo — e não hipocephalus armatus.

6h saída. Pouco adiante despediu-se Gorceix. Chegada à Queluz às 10h 10'. Almoço e partida ao meio-dia.

Pouco adiante do último lugar das Bandeirinhas onde há uma casa toma-se um caminho à direita (2h 10'). E bem agora. Avistam-se plantações pequenas. Terra sobretudo de criação, que no inverno mete-se nos capões, e mato da serra de Camapuã no fundo.

Joaquim Alves Pereira (conhecido por Pena) disse-me ter 100 crias sobretudo muares por ano. Um fulano Campolina de Suassaí que dista aqui 6 léguas tem só 20 a 30 crias anuais ⁰⁰⁵. Também com estes e muitos outros apareceu o Benfica escrivão na vila de Suassaí. É irmão do Franklin Massena e mostra-se muito grato pelo que fiz pelo irmão, ambos nascidos no Aiuruoca.

O arraial de Sto. Amaro começa a ver-se perto de um morro bastante alto. Seu aspecto é alegre projetando-se sobre a serra de Camapuã. É pequeno, mas como todos fez seus arcos e enfeitou-se.

Cheguei à casa do Vigário às 3h 35'. Disseram-me muito bem do Vigário.

Encontrei Ewbank em Queluz. Disse-lhe o que vi e contou-me do rio das Velhas e solo das margens. Ele vai estudar a direção ao S. Francisco pelo vale do Paraopeba ao mesmo que a de Macaúbas. Observei muito poucos insetos na região dos campos onde me acho ainda. Nos matos que atravessei na região da Lagoa Santa vi muitíssimas aranhas fazendo suas teias de ramo a ramo e mesmo de árvore a árvore. Vamos beirar a serra de Camapuã para Lagoa Dourada e S. João Del Rei.

St. Hilaire diz que Queluz é a 15 léguas E. de S. João Del Rei é 8 léguas S.E. de Vila Rica (hoje Ouro Preto). Não pude ver nas vizinhanças de Queluz a nicotina Langsdórfica de que fala St. Hilaire 1ª parte tomo 1 nota 2 pg. 127. A canela-de-ema do gênero velosia está descrita a pg. 133 e 134. Já falei dele na primeira passagem da Serra do Ouro Branco. A montanha por onde se subia esta chamava-se no tempo de St. Hilaire — Deus livre — segundo ele diz; mas era Deus-te-livre por ser de difícil subida. O que St. Hilaire diz da falta de hospital próprio de uma capital é exato. Indagando no que poderia eu auxiliar de útil a Ouro Preto não me falaram de hospital. Ainda não há iniciativa individual nem espírito público bem entendido. Leia-se o que diz St. Hilaire pg. 150. Não sei porque sempre se foram esquecendo de mostrar-me o quartel dos aprendizes militares. Com outras cousas a fazer deixei de lá ir. O terreno deste arraial tem muitos desbarrancados produzidos pelas águas. A casa do vigário, a igreja pequena e o sobrado da escola de 1ªs letras, assim como outras estão num vasto largo. St. Hilaire fala a pg. 158 do mata-pasto que parece não ser o capim-gordura. Nota a diferença de vegetação entre Ouro Preto e Mariana tão perto uma da outra mas com grande diferença de nível. O que ele diz no clero de Minas ainda tem alguma aplicação. Juízo de St. Hilaire muito favorável aos mineiros — Aucun etc. pg. 182 e 183.

Jantar às 5 ³/₄. Conversa.

Li na cama e vou dormir 10h 10'.

23 de abril de 1881 (sábado) — 5h Acordei. Dizem-me que choveu muito de noite. Vou ler St. Hilaire ainda trata do capim-gordura quanto à sua origem a pg. 220 nota 1. Diz que nas vizinhanças de Camapuã o milho dá 150 a 200 por 1, feijão, cana-de-açúcar, algodão etc. Cama-puã significa Seio-redondo. Diz que o termo de Camapuã dista 8 léguas do de Queluz. Palavras muito honrosas a respeito de Lund a pg. 229.

Partida às 6 depois de oração na Igreja. Chovia.

Passagem da ponte de Paraopeba, vale do afluente Pombal e povoaçãozinha deste nome, lugar de Caixeta perto deste subida difícil por íngreme. O terreno parece-me fértil.

10h 20'. Fazenda Curtume — para ir até aí houve desvio à direita. Proprietário João Ferreira da Fonseca plantador e criador de cavalos e bois, 100 crias por ano. Belos cafeeiros, mas dá às vezes geadas fortes que os mata. A família é numerosa e seus modos sobretudo os da mãe matrona de belo perfil muito me agradaram.

Almoço e partida às 11, com chuva açoitada pelo vento. Passagem da ponte do Camapuã. Vastos campos. Atravessei o terreiro da fazenda de Eduardo Ferreira da Fonseca sobrinho do João. Aí tomei café a cavalo. Eduardo é plantador igualmente de mantimentos e criador de muaras, 100 crias por ano. Já o tempo tinha levantado. Antes até parece-me haver sentido granizo muito fino na cara. Longo caminho de morros por entre mato de capoeira. Terra fofa e com a chuva de ontem de noite já dava mau trânsito em muitos lugares. Ao sair do mato cavaleiros da Lagoa Dourada. Perto desta há 2 desbarrancados das chuvas com enormes dimensões. Antes do arraial apareceu um italiano da mina e mandei prevenir o engenheiro de minas Campos que veio a meu encontro no princípio do arraial. Este não é pequeno e cheguei à casa às 4h 20'.

No caminho para o engenho Curtume do João Ferreira vi flores e frutos de lobeira. Uma espécie de lobo que abunda aqui come estes frutos. São cães grandes. Matam galinhas etc. e carneiros. De dia estão nas macegas ou nos capões. Rondam de noite uivando como cães.

Desde Queluz que não observo mais como ontem os sons que o vento mesmo ligeiro produz nos isoladores. Nos côncavos o som parece o de uma povoação de muitos sinos a tocarem muito longe.

Vou agora 5h ver a mina com o Campos. A antiga lagoa está quase toda aterrada e até a parte superior do poço que se abriu há poucos meses foi feita de baixo para cima. São por ora ensaios para reconhecer a importância do minério. É quartzito separado por gneiss moderno em parte decomposto e o chamado talcito formando nódulos como contas de um rosário. É muito rico e já deu em ensaios na Escolas de Minas mais de 100 oitavas por tonelada. Por ora só há o poço de 23m de fundo com o qual se estuda o poder da mina e no qual se desce por escada subindo o minério em caçamba, uma

máquina à machoir para quebrá-lo, duas galgas de prato giratórios para trituração das pedras quebradas, outra para amalgamação havendo também mesas físicas. Campos quer substituir as galgas por pilões que com a mesma força fazem 3 vezes mais. O motor é uma locomotiva de 12 cavalos que trabalha com 8 e também move a bomba do poço que faz 100 m³ de água por dia. Está terminando um pequeno para cupelação. O ouro é de 22 quilates e só ligado a prata. O minério tem muito pouco de pirites. O gerente da empresa é Caetano Dias ⁰⁰⁶ filho do que foi fundador da colônia do Rio Novo. O nome do 2º fazendeiro é Eduardo de tal Resende da família do marquês de Valença.

Mudei de roupa e jantei depois das 6.

Achei música em Sto. Amaro e aqui, alguns dos músicos vindos de outra parte. Disse-me Monsenhor que a maior parte dos vigários são encomendados. Em toda a parte pedem esmola, até um que tem alguma cousa de seu o fez, segundo me disse o monsenhor.

O Chaves irmão do dono da casa teve mais de 17 filhos assim como outros o tem numerosos. Conversei até perto das 9.

24 de abril de 1881 (domingo) — Acordei às 4 ½. Vou ler. Às 5 ¼ diz aqui em casa missa o Monsenhor. A madrugada está fria.

A reflexão de St. Hilaire pg. 237 sobre o número de homens de cor é muito verdadeira. O ouro que se tem achado na mina daqui é de grão que se pode batear e um preto assim separou algum ontem. Passa por muito hábil neste mister.

5 ¾. Já ouvi missa vou orar na matriz e seguir viagem.

6h. A caminho de S. João Del Rei. Ouvi que na pequena igreja da Lagoa Dourada ainda se enterra como em outras! Campos de colinas. Viu-se à direita num baixo a fazenda do Capão de Francisco José Ferreira. Parece importante.

8h 40'. Fazenda do Engenho de Domiciano Ribeiro de Resende sobrinho neto do marquês de Valença e filho de Geraldo Ribeiro de Resende. Fazenda de mantimentos e criação de 20 e menos crias por ano. Almoço.

A manhã tem estado encoberta e um pouco fria.

Saí às 10h. Ponte do Carandaí (águas do rio das Velhas) ⁰⁰⁷.

Esqueci-me de dizer que indo à mina da Lagoa Dourada, e muito perto do arraial vi o ponto onde com intervalo de poucos palmos talvez correm águas de um lado para a bacia do rio da Prata e do outro para a do S. Francisco.

O Carandaí tinha grande correnteza e alguma largura. Fazenda do Retiro. Parei aí para se mudarem as bestas da liteira e eu bebi boa água e mudei para o melhor animal (cavalo) da viagem de Minas. Os campos são bonitos, sobretudo no lugar de que se avista numa baixada ao longe à direita a casa da fazenda de D. Maria de Carandaí da família dos Resendes. A serra de S. José alta um pouco recortada e pedregosa levanta-se à esquerda e vê-se ao longe um pouco para direita a do Lenheiro de aspecto um pouco semelhante. Vai-se pelo leito arenoso de um riacho há de encher muito e sobe-se um morro onde havia um arco e esperavam numerosos cavaleiros, entre eles o deputado Galdino ⁰⁰⁸ Juiz de Direito Costa Belém, Penido Juiz de Pirai de onde veio com licença.

Já de há muito (12h 25') avistara torres e casas de S. João Del Rei num recanto do lado da serra do Lenheiro. Deu-se grande volta em parte por várzea e tendo entrado no arraial de Matosinhos, passada a ponte que é grande e boa de madeira, havendo resistido a grandes enchentes durante 30 anos, sobre o Rio das Mortes, onde se acha atracado o vaporzinho de pouca força e que gasta 3 dias rio acima até a Invernada quando leva descendo 6 horas, (Galdino veio nele com a família) e vi perto da ribanceira um grande batelão de reboque por acabar, olhei caminhando para a igreja do arraial, tendo chegado depois à várzea do Marçal onde se dá ainda extensa volta acompanhando o leito arenoso de águas, que hão inundar nas cheias e despejam no rio das Mortes. Perto da entrada da cidade atravessou-se o arroio de Água-limpa vendo-se à esquerda os pegões do viaduto da estrada de ferro do Oeste e depois o Sto. Antônio que como o anterior vai ao Rio das Mortes e enfim cheguei à cidade.

É bem colocada e risonha, sobre o Sto. Antônio (hoje Riachuelo) há duas pontes de arco de pedra correndo a água antes da primeira e do lado delas por uma rampa de lagedo de um açude, o que dá a este lado da cidade subindo para o edifício da Câmara o aspecto do Arno em Florença. Dobrei a esquina para uma rua onde vi a bonita casa, externamente pelo menos, da Filarmônica e depois para outra por onde cheguei ao largo onde me hospedei na casa do barão de S. João Del Rei ⁰⁰⁹. Grande edifício. Apeei-me às 3 ¼.

Na mina da Lagoa Dourada vi um empregado Moser que disse-me ser filho da ama de meu filho creio que Afonso.

Observei pelo caminho roças viçosas. Nos pastos há bastante mata-pasto que é uma planta de caule fino e alto com flores pequenas esbranquiçadas. Avistei cabeças de gado cujo aspecto agradou-me. O sol tornou-se quente ao deixar Engenho Velho.

Entrando na casa falei a um homem já de cabelos brancos que disse-me ser bisneto do marquês de Valença por uma filha dele natural. Saí às 5.

Casa da Câmara e cadeia. Grande edifício e de boa aparência. A cadeia ocupa o andar térreo. Notei que se pode conversar com pessoas da rua por entre as grades. O despejo é em barris apesar de ter rio perto. Casas de pau como gaiolas para os bêbados! Livros irregulares, última visita pelos termos de 9bro [novembro] passado. Um preso a que faltam 23 dias saía da sua prisão para ajudar o carcereiro inválido da pátria condecorado porém maneta de 24 de maio ⁰¹⁰. As prisões são bem arejadas e não senti mau cheiro nelas.

A casa da Câmara tem tudo o que é preciso menos almário ⁰¹¹ para guardar os padrões que estavam bem arranjados por constar o que tenho reparado. Coleção de minerais do Município curiosa feita por Guilherme Lee, médico, irmão do Dr. Lee do Rio. Também há mapas do Brasil nessa sala. Boa biblioteca, mas de livros antigos e pouco próprios de bibliotecas populares. É franqueada só de manhã ao público. A vista das janelas da casa da Câmara é bonita.

Entrei na casa da Filarmônica. Também vão estabelecer ai biblioteca.

Hospital. Não me desagradou, mas facilmente se podem ventilar melhor as enfermarias. Tem 76 doentes dos quais 30 loucos em parte distinta do edifício. É o único asilo para os loucos da província. Pareceram-me estreitos os quartos e é preciso que fechadas as janelas não fiquem no escuro. Há um terreno onde os loucos têm plantado. No ano findo hoje. Estivera e estão no hospital 294 e faleceram 46. A igreja não é má.

O recolhimento é pouco afastado. Tem 9 meninas. Bem arranjado. Pequeno espaço onde plantam suas flores. Instrução primária, costura, e misteres domésticos. Todo o serviço é feito por elas. Notei mau cheiro num lugar. Pequeno quarto de enfermaria. No hospital há sofrível banheiro, que pretendem melhorar à altura da douche, e farmácia que pareceu-me bem arranjada e avia remédios para os pobres. É boticário um sobrinho do Sapucaí filho do dr. Silvério ⁰¹². As iluminações são bonitas sobretudo o arco transparente feito por um rapaz Luís José Alves à custa dos médicos e advogados e a da igreja de S. Francisco de muito bom gosto.

Queimaram fogos de bengala que alumiam a praça de S. Francisco onde moro. Conversei com diversos e vou descansar 9h 25'.

O Maceió foi da minha parte visitar o Barão de S. João Del Rei. Está desenganado de moléstia do coração.

25 de abril de 1881 (2a fa) — 5 ¼ Acordei. Saio às 7h. Vou ler St. Hilaire pg. 254 diz se doute qu'il y ait auprès d'aucune des villes de Minas Gerais autant de jardins que j'en ai vu dans la vallée délicieuse du rancho de Marçal a S. João Del Rei! Vejo aqui mais brancos. St. Hilaire já fez a mesma observação. Ainda fala de capim-gordura pg. 272. Não o encontro desde Congonhas do Campo até Faria perto da Mantiqueira, passando por S. João Del Rei.

7h vou sair. Passeio pela cidade. Entrei nas igrejas de S. Francisco — grande, o arco abatido de pedra que sustenta o coro é o que tem de notável — e Carmo que também é grande e mais elegante internamente e tomei para o lado das Mercês de onde não gozei da vista por causa da neblina. A margem do rio de Sto. Antônio com suas duas pontes e represa é que mais me agradaram.

Fui ver um pé gigantesco de cambucáseiro em casa de uma sobrinha do barão de Camargos — podem colher-se as frutas de uma das janelas do sobrado, e dá 120\$000 por ano — e entrei no jardim do colégio de meninas que está muito bem plantado.

Almoço às 9. Saida às 10 com a Imperatriz. S. Francisco, colégio das meninas dirigido por sobrinhas mãe e filha — esta é muito inteligente — do Sapucaí. Gostei do arranjo do colégio. As meninas responderam bem. A professor de francês Aureliano Pimentel é bom latinista, estuda o sânscrito tendo traduzido o episódio de nalo do Ramaiana, e conversa muito bem ⁰¹³. Suas idéias pelos livros que citou são ultramontanas ⁰¹⁴.

Depois fui às Mercês. Bela vista. A Imperatriz seguiu para casa e eu visitei o colégio do vigário Machado ⁰¹⁵ onde os meninos de latim e francês responderam muito bem sobretudo um menino muito inteligente Lauro da província do Rio. É

internato de 30 e tantos. A biblioteca do vigário compõe-se de excelentes livros revelando nele muita inteligência e seriedade de espírito, embora ultramontana.

Inauguração da escola do Dr. João Batista dos Santos. A casa ainda não está consertada de todo. O Pimentel fez um curto e bonito discurso.

No colégio das meninas tinha visto a cataléptica do monsenhor ⁰¹⁶. Agora só tem alguns incômodos nervosos por ocasião de seus meses. Está curada e parece uma senhora tendo menos de 15 anos.

Externato provincial. Um pouco em desordem embora a casa da antiga intendência seja boa. O diretor que é o promotor e inspetor da instrução pública do círculo literário o rábula José Antônio Rodrigues tem ares de homem grosseiro e de letras gordas. No andar térreo em sala espaçosa está a aula de meninos. O professor agradeu-me. Daí subi até o alto da igreja do Bonfim. Extensa vista. Descobre-se toda a cidade perto da várzea do Marçal. As duas serras produzem efeito muito pitoresco sobretudo a penhascosa de S. José. Na volta entrei na aula de meninas. Sala acanhada. Não me agradeu senão a menina que respondeu bem em doutrina religiosa.

Jantar às 5 — Visitas entre as quais Honoré Genteur e Arthur Genteur Comissários da Académie Nationale de Paris que vem estabelecer relações comerciais entre o Brasil e as casas de Paris e fui às 7 ao Te Deum na matriz. Já tinha visto esta igreja de manhã. Não é feia, mas não sei porque pintaram as pedras no exterior. A música do Te Deum foi a melhor que ouvi em Minas, dizem ser composição do padre José Maria. O vigário fez um pequeno sermão em sentido inteiramente religioso e algum tanto ultramontano citando muitos autores. Voltei a casa. Ainda visitas e teatro. Este é feio. Tive muito sono.

26 de abril de 1881 (3a fa) — 5h Acordei. Vou sair às 6. Caminhei mais ou menos pelo leito da estrada de ferro margeando o Rio das Mortes com a serra de S. José à esquerda. Bonita vista sobretudo por causa da neblina na serra por detrás da qual levantava-se o sol. Tomei à direita e às 8h estava na boca da gruta (Casa de pedra). Corri-a como pude até perto de 9h. Não há estalactites curiosos a não ser o que chamam de púlpito. Há salas vastas sobretudo a chamada do lustre por causa de um estalactite que pende do teto em forma de lustre. A gruta tem mais 2 andares superiores que só poderia percorrer se tivesse tempo embora a subida por eles seja difícil. Passagem do Elvas onde constrõem viaduto de alguma importância. Depois caminha-se perto da margem esquerda do Rio das Mortes e começa a ver parte da cidade de S. José Del Rei que atravessamos, tendo antes passado a ponte do Rio das Mortes.

A cidade seu estado decadente. Há casas grandes. Almocei na casa do padre Lara já falecido e que pertence agora a uma afilhada. Falei aí com um sobrinho neto de fr. José Mariano da Conceição Veloso (da Flora-fluminensis) ⁰¹⁷ de nome Francisco Veloso de tal. É homem de 70 e tantos anos.

A vista da Serra de S. José é pitoresca. Sigo às 11 ³/₄.

Entre na escola de meninos. O professor tem feito figuras geométricas de papel bem feitas, e mostrou-me desenhos, mas os meninos não me pareceram adiantados na instrução primária. Orei na Igreja grande, mas que não me agradeu como outras. O caminho que é o leito da estrada do oeste vai sempre seguindo a margem esquerda do Rio das Mortes. O Joaquim Lisboa enganou-se na extensão do caminho que não era o do programa e só chegamos à ponta dos trilhos onde encontramos o trem às 5. Passaram-se Invernada e arraial do Barroso. O caminho tem vistas bonitas, porém anoiteceu e não pude ver uma cascata que dizem pitoresca.

O desejo de que eu passasse pelo leito da estrada desde S. João Del Rei foi causa de eu só chegar ao Sítio às 7 ¹/₄ e à estação de Barbacena perto das 8 e à casa da viscondessa de Prados ⁰¹⁸ vindo de carro às 8h 20'. O Joaquim Lisboa diz que a estrada de ferro do oeste estará pronta em 2 meses. Só em 6; falta ainda bastante trabalho. O trem veio com a velocidade de 29 e 30 km por hora e não balançava. A obra parece-me bem construída.

Depois do jantar conversei. São 11 ¹/₂.

27 de abril de 1881 (4a fa) — 5 ¹/₂ Acordei. Vou ler. Saio às 7h. Caminho conhecido até Serraria. Cheguei às 8 ³/₄ a Juiz de Fora. A cidade tem aumentado muito. Bela avenida com bonitas casas que devem arborizar. Almocei numa destas que é do barão de Cataguazes ⁰¹⁹.

Partida do trem às 11h 10'. Nada de novo até Serraria. Aí entramos no trem da estrada de ferro da União Mineira ⁰²⁰. Percorremos 84 km até o arraial — vila ainda não instalada de S. João de Nepomuceno. A estrada para subir parte da serra do Macuco tem 2 ziguezagues com plataformas. Tem 7 estações pequenas porém bem construídas conforme a aparência. Vista muito bela assim como mato viçoso de Bicas para diante. Descobre-se amplo vale fechado por altas montanhas, e perto de S. João avista-se a alta serra do descoberto de contorno original. Grande número de quilômetros a começar da Serraria passa a estrada por fazendas de café muito bem plantadas e algumas com casas feitas com bom gosto. Há interrupção de terras tão boas para voltarem estas. Vim conversando com o engenheiro Betim ⁰²¹ cuja direção inteligente e ativa revela-se no modo porque a estrada foi construída e se conversa tendo trilhos de aço, e com o desembargador Pedro de Alcântara Cerqueira Leite ⁰²² a cuja influência se deve sobretudo a estrada que é de bitola de um metro.

Cheguei à S. João às 4h 20'. Estava decadente mas já ressurgiu. O Juiz de direito da Comarca (Rio Novo) Virgílio de Melo Franco ⁰²³ agenciou 3:000\$000 para compra de boa casa para as aulas e biblioteca. É um bom prédio. Visitei-o assim como o destinado para as futuras Câmara e cadeia que não é mau e a aula atual de meninas em muito má casa. Os meninos não estavam presentes. O professor concorda com quem falei pareceu-me inteligente. As escritas dos meninos que vi eram más. A professora foi retirada por mau procedimento, pelo que ouvi ao Cerqueira Leite.

Jantar às 6 ½. Depois conversei com diversas pessoas. São quase 10h.

28 de abril de 1881 (5a fa) — Saio às 6 ½ para orar na Igreja e embarcar-me no trem que parte às 7h. O interior da Igreja não me desagradou. Tem bastante espaço e está limpa. Os trilhos estavam úmidos e nas subidas o trem andava de vagar ao principiar a jornada.

Chegada às 10h 20 à fazenda de Assis Ferreira sobrinho do Prados ⁰²⁴ e casado com uma sobrinha de d. Antônia Barbosa filha do irmão desta com o qual falei e tem o mesmo gênio da irmã. Assis Ferreira é muito inteligente e sério. A mulher amável e inteligente e quase bonita.

Antes do almoço fui às máquinas que nada têm de importante — não gosta da borracha para descascar o grão do café porque se estraga depressa — sistema muito inconveniente para a escolha do grão. Preparam as máquinas 700 arrobas por dia 200.000 pés de café. Já colheu 14.400 arrobas por ano. A colheita deste será de metade. Gasômetro que emprega a mamona. Com 5 horas de trabalho tem gás por 10 dias para os 7 bicos. Assis já paga a homens livres para a colheita e o fará para a cultura. Muitas laranjeiras por entre os cafezeiros. Casa muito bem arranjada. Até o trole que nos levou da estação é muito bonito, dos feitos na casa Roke.

Segui depois do almoço às 11h 50'. Antes do Assis parei na estação de Bicas, que é quase um arraial formado há 2 anos ⁰²⁵. As oficinas em ponto pequeno [*sic*] agradaram-me. Também visitei um engenho de preparar café da vizinhança, na razão de 800 arrobas por dia feito por fulano Melo. Enfim a digressão da estrada de ferro União Mineira 82 km e não 84 agradou-me muitíssimo. Querem levar a estrada até o rio Pomba.

Entramos às 11 ½. Pequena demora. Achei Sapucaia muito adiantada e ainda mais Porto Novo do Cunha ⁰²⁶. Aí tomei o vagão aberto e muito cômodo a estrada de ferro da Leopoldina. O Melo Barreto ⁰²⁷ foi me informando de tudo. Quase toda a linha até S. Geraldo tem trilhos de aço. Querem levá-lo até Ponte Nova, o que talvez desaconselhe o ramal de Mariana até aí ⁰²⁸. De Ouro Preto se faria o ramal até Mariana. Convém muito estudar todas estas direções de estrada de ferro.

Estação do Pântano ⁰²⁹ e daí a pé até casa que é uma espécie de palácio sobretudo internamente e situada no cimo de uma colina de Santos e Silva ⁰³⁰ um dos diretores da Leopoldina casado com a filha de Antônio Carlos Teixeira Leite, que era o dono da fazenda há 2 anos e sobrinha do barão de Vassouras ⁰³¹.

Cheguei aqui às 3 ½. Já tomei excelente banho morno em quarto destinado a esse fim e o jantar é às 6h. Não senti calor de Porto Novo por diante — vagão aberto e havia aragem também. Até S. Geraldo são 203 km. Amanhã informar-me-ei melhor de tudo. Pedro de Alcântara Cerqueira Leite cuja conversa muito me interessou deu-me um livro com os relatórios da União Mineira.

Jantar às 6h.

Depois conversei. O fiscal da estrada da Leopoldina filho do Dantas disse-me que a maior parte daquela já tem trilho de aço, mas que tendo custado 23 contos o km talvez fosse construída com pouca perfeição.

Recolhi-me às 10h 36'.

29 de abril de 1881 (6a fa) — 5h $\frac{1}{4}$. Já tomei banho de chuveiro. Ontem conversei muito com o ex-vigário de Barbacena Camilo de Brito. Muito inteligente e estudioso de ciências naturais. Tem lido os melhores livros e feito experiências de química em sua casa. Suas opiniões nos assuntos religiosos são as minhas. Gostei muitíssimo de conhecê-lo ⁰³². Está morando na Sapucaia.

Às 5 $\frac{1}{2}$. Vou ver a capelinha da fazenda e parte o trem às 6h. A capela é pequena, porém singela e bonita internamente. Roseava a neblina quando por ela subia.

Partida às 6h. Nada de novo até tomar pelo ramal de Pirapetinga às 7h. Margeiam Este ramal que está bem feito embora haja muita curva de pequeno raio muitas fazendas de café de pequenos proprietários relativamente. A maioria é de portugueses.

8h Arraial de Pirapetinga. Almoço que interrompi às 8 $\frac{1}{2}$ para ir ver o arraial. Igreja, aula particular de meninas, ponte do Pirapetinga além da qual é província do Rio e casa provincial má que destinam a aula pública. A professora está licenciada. A renda deste ramal é de 12 a 15 contos mensais.

9h Volta. José Caetano ⁰³³ alegando cansaço fica com José Augusto ⁰³⁴ na estação de Vista Alegre indo hospedar-se na Leopoldina ⁰³⁵. O caminho até S. Geraldo acompanha mais ou menos o Pomba. As obras de importância são o viaduto de ferro do Pomba e cortes na serra do Presídio ⁰³⁶. Na estação do Pomba goza-se da vista da serra do Descoberto atrás da qual está S. João Nepomuceno. Cataguazes é povoação de alguma importância. A produção do lado de Cataguazes parece irem mais naturalmente pela estrada de ferro de Leopoldina do que pela de S. João Nepomuceno viesse entroncar na segunda ⁰³⁷. Guardei para a volta minha visita a Ubá. Na estação além de muitos vivas sérios ouvi um — viva o pataco! ⁰³⁸

Continuei para S. Geraldo chegando a Ponte Nova etc. Poucas casas quase todas feitas depois da abertura da estação em janeiro de 1880. Andei pela povoação nascente e regressei. O arraial do Presidio ⁰³⁹ tem muitas casas e quintais.

Às 6h $\frac{1}{4}$ chegada ao ponto de onde fomos em trole até à fazenda do Cesário Alvim ⁰⁴⁰. A mulher é neta do Calado ⁰⁴¹ e a mãe brincou com as minhas manas. Os filhos são muito bonitos e inteligentes e instruídos para sua tenra idade — Guiomar, Ida, Sílvia ⁰⁴² e José. Conhecia-os de Petrópolis.

Tomei banho de todo corpo sendo a água tépida. Conversei e logo que me chamaram para o jantar aí fui. Depois conversei, vi a procissão de colonos italianos com archotes. Falei-lhes e ao padre Filó que os dirige. Tocou gaita de foles, cantou um e 2 dançaram. São quase todos da província de Salerno.

São 10h. Vou descansar. Andaram-se hoje 2 × 31 (extensão do ramal de Pirapetinga e 203 de Volta Grande aqui = 265). Da estrada de ferro viemos em trole até à fazenda. Atravessa o bosque. Chegada aqui seriam 6h $\frac{1}{2}$. A frente da casa que é boa estava lindamente iluminada.

Muito boa banda de música vinda de Ubá. O oficlido tocou muito bem umas variações. No Pântano a banda era de escravos de casa. Tocou muito bem.

Cesário Alvim colhe 9.000 arrobas de café por ano e emprega na colheita, principalmente braços livres. Está montando um engenho central de café na cidade de Ubá prepara até 600 mil arrobas por dia. Outro foi montado no Presídio por Lynch engenheiro do Gás do Rio.

São 11h. Tenho muito sono.

30 de abril de 1881 (sábado) — 5 $\frac{1}{2}$ já tomei banho de queda d'água — muito agradável. Arranji papéis. Saio às 5 $\frac{3}{4}$. Partida pouco depois das 6h no trem que chega daí a pouco a Ubá. Cidade menor que o arraial do Inficionado. Igreja vasta. Casa da Câmara e cadeia grande, mas está só com o livro de entradas mal escriturado; padrões métricos para um lado e no chão do quarto das testemunhas. Mande tirar a gargalheira a 2 presos.

Colégio de meninas 31. Não me pareceu mau. Aula pública de meninas. Péssima casa. A professora mulher do agente do correio apronta sala em casa própria porque tem internos que lhe pagam. Ela recebe os vencimentos de 80\$000 mensais e nada para casa.

O irmão do Lynch disse-me que o engenho do irmão, que trabalha no presídio é provisório. Foi aquele Lynch que estudou a passagem da serra de S. Geraldo onde disse-me que são precisos 2 túneis pequenos ⁰⁴³, sendo a despesa total

dessa passagem de 2 a 3000 contos. Falei ao antigo deputado João Carlos Moreira presidente da Câmara Municipal e ao deputado Carlos Peixoto. ⁰⁴⁴

A Imperatriz descansou depois da oração na igreja em casa do médico Esteves Brás. De trole à estação de onde parti às 8h. Parou-se minutos na estação do Diamante por causa do Daniel ⁰⁴⁵ que cultivava perto daí e prepara o conhecido fumo em rolo. Falei-lhe assim como ao sogro do filho dele, Antônio Gomes Pereira que ofereceu excelente café.

Na estação de Vista Alegre (10h 35') tomou-se o ramal da Leopoldina. Ai cheguei às 11 ½ à casa de um amigo de Gervásio Monteiro de Barros sobrinho neto do Congonhas ⁰⁴⁶.

Almoço que interrompi às 12.

Câmara e cadeia — idem. A casa não é má. Aula primária de meninos que não me desagradou. A sala é muito pequena. Colégio de meninas que não me pareceu mau, tendo a mestra fisionomia inteligente. Aula 1ª de meninos do grau superior. Sofrível. A aula 1ª de meninas não tem agora professora. O cura não explica doutrina aos meninos na igreja como quase nenhum faz.

Oração na igreja de onde se goza de boa vista; subida íngreme; fomos de trole e de lá por boa ladeira para a estação.

Partida à 1h ¾. Chegada às 2h 10' a Vista Alegre. O estacionário *[sic]* é casado com uma filha do Gadele. Vi belos retratos do Freese ⁰⁴⁷ aos 30 anos e da mãe dele que era uma linda italiana. Seguimos cerca das 2h ¼.

4h 40' chegamos ao Pântano. Pequeno povoado. Café etc. Entramos as senhoras do Pântano.

5h S. José de Além Paraíba. A igreja está ficando bonita.

11h 40'. Chegada com chuva à estação da Quinta ⁰⁴⁸. O Buarque ⁰⁴⁹ entrou no trem na estação de Porto Novo do Cunha.

O CONTEÚDO DO VOLUME 26 SÃO DESENHOS DO IMPERADOR, PORTANTO, SÓ PODEM SER VISUALIZADOS NO [ORIGINAL DO VOLUME 26](#) NÃO CONTÉM TEXTO

VOLUME 27

3ª VIAGEM AO EXTERIOR - PRIMEIRA PARTE

30/06/1887 a 26/04/1888

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

De 30 de junho de 1887 a 23 de abril de 1887.

De 30 de junho a 1 de julho

Caminho andado 233; de Dakar 2510 milhas.

1 de julho de 1887 - Lat. S. 21° 20' 15" – Long. O. Paris. 41° 59'.

Bordo do Gironde **2 de julho de 1887**. Antes de ontem partida às 4 ½ da tarde. Comandante Minié. Bom tempo. Vi bem o farol de Cabo Frio às 8h da noite.

9h 7' Defronte. Passei bem a noite. Vem a bordo Nioac e filho Alberto; Carapebus, mulher e a Helena; Drs. Mota Maia e família e Sabóia com a filha solteira. Comecei um soneto de despedida hoje acabado e fiz charadas.

Há 500 passageiros entre os quais o Seibold com quem continuarei meu estudo de sânscrito, árabe e grego. Dormi bem. Já almocei, tempo excelente. São 11 ¼.

Cumpri o meu dever; se mais não fiz
É que a moléstia m'impedi a ação.
Da pátria e da família é o coração,
E por seu bem eu tudo sempre quis.
Este adeus tão saudoso, que lhes diz
Quem os ama, só tem consolação
Na idéia de voltar, qual dantes são
Para entre eles viver sempre feliz
Apesar de sofrer cruéis demoras,
Vendo os progressos dos que mais viveram,
Darei aos brasileiros meus emboras,
Pois seus antigos dotes não perderam,
Revelando-os melhor todas as horas,
No que a muitos outros excederam.
Meio-dia Lat. 17° 19' S. – Lg. O. Paris 39° 28'. Caminho andado 285 – De Dakar 2225 milhas; defronte de Porto Seguro.
Há a bordo um oficial boliviano que vai estudar na Europa.
O Paranhos regressa para Liverpool.

3 de julho de 1887 (domingo) — Dormi bem. Tomei café. Almoço ao mesmo tempo que os passageiros de 1ª classe às 9 ½.

Ouvi ler antes. A causerie scientifique de Temps de 7 de junho.

Ponto do meio-dia. Lat. 13° 11' 45" S. Lg. O. Paris. 36° 55' – Caminho andado desde ontem 289 milhas. Faltam para Dakar 1936.

4 de julho de 1887 — Dormi e almocei bem. Tempo excelente. Mar calmo. Escrevo da tolda.

Vendo as ondas correr para ocidente
corre mais do que o mar a saudade
Mas espero que a minha enfermidade
O mesmo a mim consinta brevemente
com saúde dar mais lustre à mente
É cousa que enobrece a humanidade
Contudo agora paga a amizade
Da pátria e da família, cruelmente
Mas consola-me a idéia que mais forte
Lhes voltarei para melhor amá-los
Pois mais anos assim até a morte
Eu mostrarei que sempre quis legá-los
Na feliz e também na infeliz sorte
Para amando-os ainda consa-los [sic]

Lat. 8° 55' S. Lg. O. Paris [ilegível] 34° 72'. Caminho corrido 305 milhas; distância de Dakar 1631 milhas.

5 de julho de 1887 — Dormi bem; almocei na mesa dos passageiros. Depois fiz charadas.

Bom mar. Lat. S. 4° 32' S. Long. O. 31° 23'. Até Dakar 1321 m.

O grego tem pernas tortas - 1
Tudo destrói o francês - 1

Não deu em Roma uma vez - 1
 É bom só falar do luso - 1
 Se longe apenas se morre
 Perto vai a toda parte,
 Não agora, pois com outros
 Pequeno espaço reparte
 Quando o é já o não é - 2
 Andando mede o caminho - 1
 Roma assim deu a mais de um - 1
 Decerto num espelhinho,
 Que não esconde nenhum,
 Vê-se o conceito bofé!
 Não hei de aqui repeti-lo }
 Pois seria muito feio; }
 Mas, se o fizer à segunda }
 Que às vezes a queres creio - 1
 Em Portugal pelo chão, }
 Mas em França pelos ares, }
 Ali com ele progrides - 1
 Para aqui tu desandares }
 Som querido dos guerreiros }
 Que nas aulas amedronta }
 Ao menino, que o latim - 1
 E a palmatória afronta }
 Se tu não m'adivinhares }
 Com tão clara explicação }
 Ele irá sempre gangento;
 Tu Prá o mar, tolo cação.
 Amigo de São João }
 Ando n'água, e a terra furo - 2
 Corro risco de cair, }
 Se me levas pelo escuro - 1
 Nem em terra e nem no mar }
 Qualquer me ouve seguro }
 Se agora tu te assentaste
 Junto a mim para o achar
 Mesmo lá o achareis
 Como aqui o hás de encontrar

6 de julho de 1887 — São 9h 7'. Dormi bem. Subi há pouco.

Logo que acordei às 7h fiz esta charada.

On la retrouve joyeux
 Dans votre grande chansonnier
 Pour que l'on soit hereux - 1
 De completer son entier
 L'écolier toujours mutin

N'y voit aucune défense
 Loin du maitre, grande matin
 À l'attraper il pense **1**
 L'ortographe rien ne vaut
 Quand, la trouvant fleurie,
 Il n'y a qu'à faire un saut
 Pour embasser son amie
 La mer aussi les loups
 Qui ne front jamais du mal
 Parfois ils nous donnent même
 Un excellent régal.

11 ³/₄.

Ce mot fatal aux humains
 Est, certes, banni d'ici
 Car les soins les plus actifs
 Ne lui font jamais merci
 Il semble que la nature
 Ne songe qu'à notre bonheur
 Puis qu'on pourrait la danser 2
 Sans la plus petite peur
 Mais la confiance que j'ai
 Dans une telle perfide
 Je la dois avec justice
 Au grande zèle qui nous guide.

Meio-dia. Lat. 0° 8' 45" S. Long. 28° 42' 15". Distância corrida 312 milhas – de Dakar 1009.

Dei lição ao Seibold confrontando a tradução em verso, alemã que me pareceu boa dos Lusíadas.

Jantei bem. Vi o pôr do sol às 6h 2'. Tempo excelente.

Toujours tranquille - 1
 Pas même là - 1
 Jamais ne file - 1
 Guidant non pas
 Harmonieux - 1
 Grand entêté - 1
 Toujours présent - 1
 Pour sureté
 Nom de petite fille - 2
 Que l'on aime à caresser
 Mais quand elle est plus grande
 Comme elle aime à la sauter -1
 Malgré qu'il sort fort aimable
 Ce n'est que dans peu de jours
 Que sa bonne causerie
 Serait bien plus désirable
 Le premier est diviseur - 1
 Le second égale zéro - 1
 Le troisième est positif - 1
 Qui a eu bon numero,

Quittant la Polytechnique
Ne doit pas s'effaroucher
De tant de mathématique
N'étant pas dehors - 1
Il n'est pas là - 1
Mais il y est - 1

Menant non pas
Sur ce nom pourrai-je écrire
Le double de ce qu'il est
Mais je crains m'entendre dire
Un mot qui m'arrêterait
Cependant ce que j'assure
De bon dans cette charade
Vous le trouverez sans doute
Dans ce brave camarade.

Dormi bem. Acordei às 6h e na cama escrevi as charadas. Subi às 8 ¾.

Tempo bom. Vento S.

Almoço às 9 ½ – 10 ¼ Almoçado.

Céu enevoadado, porém mar calmo.

Qualquer vapor de carreira

É uma barca de Noé

vêm-se todos os bichos;

Mas o solípede é

O que mais abunda aqui,

E quem tivesse paciência

Dotava d'espécies novas

Uma tão útil ciência.

Todo o dia grasnam galhas

E assobiam passarinhos,

Fazendo estes, de noite,

passar bons momentozinhos.

Se fosse naturalista

Todos classificaria;

Mas o bruto, à sua vista

Algum couce me daria

Andar pois bem caladinho

Só comigo resmungando,

Por este infindo caminho,

Até que, firme pisando,

Eu veja a prumo o vizinho.

Lat. 4° 23'. Long 25° 14'. Distância percorrida 315 milhas. Até Dakar 694.

Andando 13 minhas *[sic]* por hora estaremos depois de amanhã lá às 5 da tarde.

8 de julho de 1887 (sexta fa.) — Ouvi ontem a noite música de canto e de piano até 10h

Noite boa e bonita de luar. Escrevo às 7. Joga pou.. *[sic]*. Estou ainda deitado, mas bem disposto para o dia que pelo que vejo pelos vidros das portinholas promete ser como o de ontem.

A um dia se segue outro dia,

E mal no céu e mar há variedade
 Assim dirá quem ama a tempestade
 Em que na terra sem cessar vivia;
 Mas feliz de quem Deus esclarecia
 A mente para achar sua bondade,
 E no que a outrem enfastia a imensidade
 Daquele apenas a imagem via
 Querendo chegar a terra
 Queiramo-lo também àquela
 Que em si todo o bem encerra
 Sem inverno, sempre bela,
 Onde a borrasca não berra,
 E só brilha a nossa estrela.

10 ³/₄. Almocei bem. Passei um pouco pelo tombadilho. Ar quente. O irmão do Dr. Freitas do Rio e de Lisboa deu-me a tradução deste do Hamlet.

Corro em terra e no ar vôo - 1
 Nem assim fiquei sabendo - 1
 Não é para ti somente - 1
 Que o vai o chinês colhendo
 Se são muitas aborreço
 Mas, se tu me deres ar, - 2
 De bastantes cabeçadas
 Posso eu te consolar
 Muito célebre em Paris
 Não mente com o que indica
 E pelas ciências e pelas artes
 Muita nação faz rica

Li o artigo dos Debats de 13 de maio sobre o livro de M. de Falloux intitulado “Lamartine em 1848”. Observação de meio-dia L. 9° 9' 30" N. Lg. O. 22° 47' 30". Distância percorrida 340 milhas. Faltam 354.

3h ¹/₂ Traduzi desde 2 ¹/₂ sânscrito com o Seibold. Jantei bem. Estive no tombadilho. Mar calmo. Céu enevoadado. Ouvi tocar piano à noite e deitei-me às 10h

9 de julho de 1887 (sábado) — 6h Dormi bem.

Bem sabe o italiano
 E o luso poetou, - 1
 Dando também conselhos
 Noutra língua que adotou
 Na terra do si, inconsciente
 Instrumento é de morte; - 2
 Porém aqui a muitíssimos
 Tem poupado triste sorte
 Se o conceito não encontras,
 Ele te encontrará
 E a não ser para teu bem
 Nada te roubará
 A seu nome reunia
 O valor de sua poesia - 1

Fatal na Itália seria
 Ela aqui nos salvaria - 2
 Apesar de quanto o estime
 Muiíssimo sofreria
 Se o visse perto de mim
 Com a sua ferraria
 Que já curou
 Sabe o italiano - 1
 O que ele segue - 2
 O cru tirano
 Felizmente nada faz
 Senão andar por aí
 Porém já espatifar-nos
 Para o nosso bem o vi
 Mui sabido é o italiano - 1
 Se nunca me deixa vê-la
 Embora salvando, sua mão
 Junto a mim não quero tê-la
 Bem duro pisa o francês - 2
 O alemão confirmando - 1
 Sem nunca ter que fazer
 Melhor é que vá andando
 Já não sei com o mesmo nome
 Tantas charadas fazer - 1
 Mas pergunta a um italiano
 Que ele diz logo saber
 Se na Itália vai matando
 Ele não é o culpado; - 2
 Porém gosta mais da que
 Tantas vezes tem salvado
 Como explicar o conceito
 Se todos bem o conhecem!
 Querem-no em toda a parte;
 Mas no leito quase o aborrecem.

São mais de 8 ½. Vou sair de meu camarote às 9. Almocei bem. Ponto do meio-dia. Lat. 13° 53' 30". Long. 20° 10'.
 Distância corrida 318 a Dakar 54. Vou ver navio que anunciam ao longe. É o vapor Matapan – grande e bonito que segue distante para o Rio da Prata. 2h 35'. Já vi da casinha do passadiço onde escrevo as colinas de Cabo Verde a cerca de 17 milhas – 3h vejo muito do passadiço na distância de 13 milhas os edificios do Lazareto de Dakar e agora a ilha de Goréa. 3h ½. Estive no passadiço até agora em meia hora até ¾ chegarei a Dakar. Vou fechar a carta. Adeus para todos.

(9 julho 87)

(Continuar-se-á)

9 de julho de 1887

[desenho] Dakar – Ile de Gorée.

Divertimento das moedas. Jantar. Mandaram cumprimentar o comandante da Goleta espanhola de guerra Ligera José de Barrasa y Fernandes de Castro.

5h 35' Já jantei. Vou desenhar.

6h 5'. Chega o trem de vapor de S. Luiz de onde vem em 12 horas.

[desenho]

Grande movimento de barcos e escaleres. Os negros apanharam moedas no fundo do mar.

São 8 ½. Céu muito estrelado. Estou lendo na sala da comida os diários recentes de França.

10 de julho de 1887 (domingo) — Acordei às 6h Dormi bem, apesar do barulho. Antes de vestir-me fiz charadas.

Agarra diz o romano - 2

E com mais força o francês

Olhando quando ele come - 1

Escarnece o português

É como o luso o italiano;

Co'aquele não se discute - 1

A este só o que faz

É que confiança incute

Passando defronte dela

Não a poderei rever

Como tanta coisa bela,

Que a bola nos faz perder

Diz-me Roma que segura - 2

E Portugal que arrisque - 2

Porém é melhor que imóvel

Mostrando o caminho fique

Como é doce assim chamar - 1

A quem conosco o tomar

Como o francês constipado - 1

Logo ele fica encarnado

Se está alegre o português - 1

Bem o saboreia o francês

Se aquele a tem porqu'a tem - 1

O Italo trabalhou bem

Quanto é belo aos céus lançado,

O errante a caminhar

Como aos judeus no deserto;

Ora de nuvens coberto,

E outrora fogo a jorrar.

São 9 ¼. Transcrevi as charadas. O comandante deu-me este telegrama de Dakar: Lemaire nommé Ministre Pékin.

11 ½ Avista-se muito longe um vapor que vem para Dakar da companhia "Transports Maritimes" de Marselha como me diz o comandante.

12 ¾ – Ponto do meio-dia 16° 20' N. Lg. O. Paris. 19° 55'. Distância percorrida 112 m. Para chegar a Lisboa 1448.

6h Jantei bem; bom tempo. Andamos 10 ½ m. segundo ouvi ao comandante. Vento fresco e algum mar da proa.

Faz comer e enterrar - 1

Igualmente caminhar

Que os tiver sem descansar - 1

Há de seu lenço tirar

Embora morando longe,

Aqui se põe a andar;

Mas sempre Prá bem servir

No que seu nome há de honrar.

Rica e imensa região - 2
 Que honra a Constituição
 Se quase o repito aqui - 1
 Bastante deles eu vi
 Quem o fez e tanto o fez
 Para sua pátria servir
 Há de melhor cada vez
 O seu nome ao deste unir
 Quão bem a pancada soa - 1
 Em um galo roedor! - 1
 Mal repetindo-o di-lo-ia - 1
 Desse bando chorador
 Já é terceira charada,
 Que desta palavra faço;
 Mas para falar de amigos
 Nunca pode haver cansaço.
 Ouvi música e recolhi-me às 10.

11 de julho de 1887 (2a fa.) — Acordei às 6h tendo dormido bem. Tomei café às 7. Fiz já estas charadas.

Ah como é lindo o francês - 1
 Trazendo mais de um biquinho!
 Como num só percorre - 1
 Seu infinito caminho!
 Admira como o Romano - 1
 Ligando parece estalar
 La no fundo do Brasil
 E no mar o há de achar.
 Diz que nem mesmo existe
 O tão cético francês; - 1
 Mas o que aí apanha
 Come-o ele, muita vez
 É semelhante a Deus,
 Sem ter princípio nem fim - 1
 E para melhor admirá-lo
 Não se acha coisa assim
 Quando aprendeste latim,
 Palavra tão pequenina - 1
 Chorar talvez te fizesse
 Pelos olhos da menina
 Metidos na água chamando,
 Da água tirou o nome;
 Não da pia, da gentia,
 Que ganhou assim renome;
 Contudo não o papando;
 O que mesmo a uma rocha
 Muitíssima pena faria.
 La pipia o passarinho - 1

Pois nem lá diz o francês
Abre a boca ao português - 1
Se o aborrece o vizinho
dele gostava sem dúvida
O usuário latino
Mas aqui todos o querem
Por seu trato leal e fino

Subi perto das 8 ½. O vento N.E. está fresco e levanta bastante mar.

11h Almocei bem. Continuei a ler o relatório do Barão de Ibitiruna como presidente da Junta de Higiene. Hei de apresentá-lo à Academia das Ciências de Lisboa.

12h 25'. Entregam-me o ponto. Lat. 20° 27' 30" N. Lg. O. de Paris 20° 16' 30". Distância andada 252 milhas; de Lisboa 1196. Ao N. do banco de Arguim. Li da última Revue des deux-Mondes. 6h Jantei bem; passeei. Aguardo o pôr do sol.

12 de julho de 1887 (3a fa.) — Ontem houve música de noite. Recolhi-me às 10h Dormi bem. São 7 ½. Dizem-me avistar-se o Richelieu que vai para o sul.

On n'y devrait que le dire - 1
De qui fait un bon sommeil
Ah quel bonheur de la danser - 2
N'était le pair le soleil
Je voudrais la voir filer
Comme sa douce marraine;
Elle se ferait aimer
Sans la plus petite haine.

12h 27' Entregaram-me o ponto do meio-dia. Lat. 24° 34' 30" N. Lg. O. de Paris 18° 42' 15". Distância corrida 267. Distância de Lisboa 929.

[sic] h ½. Acabei de traduzir árabe depois de comparar a tradução dos Lusíadas em alemão com o original e de continuar a traduzir as Mil e uma Noites no original com o Seibold.

À mesa diz o comandante que andamos 12 ½ m.

13 de julho de 1887 (4a fa.) — Acordei às 6h Tomei café; fiz charadas francesas. Vou me vestir para ver Fuerte Ventura. São 7h

Pelo través do farol às 8 comecei o desenho perto de 8 ¼. Ponta S.

[desenho]

Charadas que darei ao Comante [sic].

Y mettant les préjugés - 1
On en rasait la moitié - 2
À présent la liberté
Vous y abreussez en entier
On n'aime jamais a y être - 1
La moitié même n'en reste - 2
Que de gens en la voyant
Ne disait naguère: reste!
Tout lecture y commence - 1
Sans avoir l'aile mouillée - 2
Comme brillant il s'elance
Que de misère cachée!
Le paysan ne le porte - 1

Il souffit de la moitié - 2
 À présent on s'y conforte
 Du manque de liberté
 J'y voudrais toujours les armes - 1
 Pour le grand bonheur de l'homme
 Le mouillant on le dégomme - 2
 Et il perdra tous ses charmes
 Bien du sang elle a versé
 Mais la justice de Dieu
 Celui-là changen en eau
 Tout-à-fait au même lieu.

10h ½ Almocei. Dei as charadas hoje ao Comandante. A capital fica detrás de uma ponta que sempre nô-la [sic] encobriu.

Il ne voudrait pas l'être - 2
 Mais près du roi elle était - 2
 Cependant elle est modeste
 Et toujours nous disparaît
 C'est le hélas de l'agneau - 1
 Quand on le mème au bourreau
 Tout ce que l'on passe a bord - 1
 Jamais nous amuse fort
 Il ne faut pas le rester - 1
 Qui ame à y figurer
 Je parle de l'homme hardu
 Qui trouva ce que je vois
 Peut-être mena la foi
 Où va la science aujourd'hui.

11 ¾ Vem muito perto uma pequena canoa com 4 homens. Avista-se na ilha a pequena povoação de Toston. Meio-dia. L. N. 28° 44'. Lg. O. 16° 25'. Distância corrida 280. Faltam 649 para Lisboa.

4 ½ Andamos 13 m. Acaba-me de dizer o Comandante. Estou jantando.

5 1/2. Acabei de jantar. Antes do jantar traduzi a Odisséia com o Seibold comparando-a à tradução alemã. São 5 ¾. Passei bem o resto da tarde. À noite li um pouco e ouvi música no salão. Recolhi-me às 10h

14 de julho de 1887 (5a fa.) — São pouco mais de 6. Dormi bem.

Dans votre grand chansonnier - 1
 Elle fait toujours bombance
 Assez près du poulailler - 2
 Mon Saint perdit sa vaillance
 Dans son grande salon de danse
 Qu'il sait si bien douger
 Chacun ne songe du reste,
 Qu'au moment de la quitter
 Tenant toujours l'équilibre - 1
 Ce que le monde conteste - 1
 En l'affirmant, du reste - 1
 Bientôt en serai libre,
 Avec force regret,

Et le plus vif souhait
De le voir où je ne vibre
Feita no dia 12.
On n'y devrait que le dire - 1
De qui fait un bon sommeil
Ah quel bonheur de la danser - 2
N'étant le pair le soleil!
Je voudrais la voir filer
Comme sa douce maraine;
Elle se ferait aimer
Sans la plus petite haine
Nom charmant de jeune fille - 2
Près de là qu'elle este heureuse! - 1
Si c'est lui qui conduit
Elle n'est jamais pereuse.

10h 20' Já almocei e passei no tombadilho.

Andar e mais andar é a vida a bordo;
Mal estudo, apenas eu vou lendo,
E a noite com a música entretendo
Deito-me cedo, e mais cedo acordo.
Saudosíssimo a pátria eu recordo;
E Prá consolo versos lhe fazendo,
Desenho terras só aquela vendo,
E para não chorar os lábios mordo.
O dia há de voltar, eu bem o sei
Que o meu Brasil reveja jubiloso
E se outrora em servi-lo só pensei
Muito mais forte e muito mais zeloso
Prá mais servi-lo ainda voltarei
E vê-lo, como sempre generoso.

12h 13' Veio o ponto. Lat. 33° 18' N. L.O. de Paris 14° 22'. Distância corrida 299 de Lisboa 350; altura de Mazagão.

Si on y met beaucoup de choses - 1
La liberté en surgit
Elle ne serait qu'à demi - 2
Et la justice s'impose
Le meilleur gouvernement
Est celui qui fait le bien
Si parfois en la rencontre
Reduison-la à rien.

4h Acabo de traduzir árabe com o Seibold. Passei bem a tarde. À noite houve concerto, cujo programa junto. Vou me deitar. São 10h ½.

15 de julho de 1887 (6a fa.) — Dormi bem. São 6h Já fiz estas charadas.

Bataillant naguère en France - 1
J'y mène à présent l'enfance - 2
En y pensant je me crois

Hors de mer una autrefois
 Souvent je me trompe, en croyant - 1
 Si je le fais, être un savant
 Parfois ce mot signifie - 2
 De l'enfant la vraie amie
 Enffin elle n'est pas loin
 Mais toutefois je regrette
 Celui qui avec bonheur
 Sains et saufs nous y jette
 Si tu le fais, tu sauras - 1
 Si tu l'es, tu me plairas - 2
 Elle ne tardera que peu de temps
 C'est alors à guider le commandant.
 Quand on le criait naguère, -1
 Pleurmichaient enfant et mère
 Este celle-ci avec rigueur - 2
 Gênait de l'enfant le bonheur
 Au temps des métamorphoses
 Je serais en promenade,
 Mais, comme sont les choses,
 Je m'y voudrais sur l'estrade,
 Voyant danser les enfants
 Sous les arbres du printemps.
 No meu relógio 8h 20. Vou subir 8h 35'.
 Já estou na tolda. Fresco; bom tempo. Já tenho vontade de almoçar.
 10h 20'. Almocei bem já há tempo. Fresco e claro.
 Longa noite dormi tão sossegado,
 Que nem mesmo sonhei com o meu Brasil
 Porém, vendo infinito o mar d'anil,
 Lembra-me a aurora dele nacarada.
 Cada dia que passa não é nada
 De quantos ainda faltam, mais de mil,
 E o tempo que lé é um só ceítíl
 É para mim aqui grande maçada.
 Se a doença porém me consentir,
 Sempre pensando nele cuidarei
 De tornar-me mais digno de o servir
 E quando possa logo voltarei;
 Pois na terra só quero eu existir
 Quando é para bem dele que eu o sei.

Ponto de meio-dia. Lat. 37° 47'. Lg. O. de Paris 12° 2'. Caminho andado 301 m. De Lisboa (conforme itinerário) 49 – exatamente 57 m. Altura de Sinos. Andamos 12,5 m por hora.

Das 4 para 5h estaremos entrando o Tejo. O tempo está muito bom. Há pequenos carneiros, mas o Gironde quase não se mexe.

2h 40' Deixei a comparação da tradução alemã dos Lusíadas e estou vendo quatro vapores que vão. Descobre-se bem a serra de Cintra.

[desenho]

5h 7' Embandeiraram. Jantei e vim há pouco para o passadiço. Tempo excelente.

5h O forte de S. Julião salva vapor pequeno saindo. Vento forte creio do quadrante do Norte. Avista-se uma fragata Americana ancorada, e o Lazareto do lado direito e do esquerdo o Palácio d'Ajuda. Avisto um moinho trabalhando. A fragata põe a gente nas vergas quando passamos por ela. O Luiz veio a bordo. A rainha e o filho estavam no lugar de desembarque. Tomei chá. Vou me recolher.

16 de julho de 1887 (sábado) — 6h ½ Dormi bem. Respondi a carta de ontem da Condessa d'Edla que eu lá estaria depois do meio-dia. Dei um giro de carro. Estive no jardim de S. Pedro d'Alcantara.

Almocei bem às 9h ½. Fui à Ajuda depois do almoço e à casa que habita a viúva do Fernando. Estive nas Câmaras onde assisti à discussão. Jantei bem. Conversei e vou dormir. São 10 ¾, tendo ainda lido diários do dia. Faz muito calor. Recebi bilhete de visita do Camillo Castello Branco saudando-me. Vou dormir. São 11h 10'.

17 de julho de 1887 (domingo) — 5 ¾ Dormi bem. Bela manhã. Li. Tomei banho morno; são quase 8h Almocei bem.

Já voltei da missa. Antes do almoço fui ao Alto da Graça e estive na Igreja. Faz bastante calor. 11h 40' Recebi o irmão do Pera (?) da marinha que já morreu.

Na Graça há uma sepultura de João de Albuquerque.

Na Igreja onde ouvi missa perto do Hotel não há nada de notável. Vi duas lápides fronteiras na Capela-mor de um Noronha, e creio que sua mulher, referindo-se à destruição da Igreja pelo grande terremoto.

São 11h ¾ Vou falar ao casal Ribeiro.

4 ½ Fui despedir-me da Condessa Edla e depois do Luiz. 8h ½ Jantei bem e agora parto de Sta. Apolonia. O tempo está bom.

18 de julho de 1887 (2a fa.) — Dormi bem. Acordei às 5 ½. Atravesso terreno muito pouco acidentado. Vê-se serra do lado do N. para onde vamos. Passei pequeno túnel e outro (6h 6'). Atravessamos como que a água de uma represa. Pequena plantação de oliveiras.

6h ½ Vilota com igreja à esquerda.

6h 35' Estação Cañaverl – Paramos cerca de 5'. Seguimos.

7h Saímos do pequeno para entrar noutra muito pouco maior.

7h ½ Plasencia. 53' La Baragona. Comi argolas de pão-de-ló com açúcar que me souberam.

8h ½ Meu relógio parece que estava um pouco atrasado. Casatejada.

8 ¾ Naval-Moral de la Mata, demora de 4 a 5'.

9h Vasta campina – Oropesa 24' – Passamos por Alcanizo e Calero chegamos 10h a Talavera onde almocei. Segue 35. Monte-Aragon 55'. Bela planície à direita e à esquerda ao longe da povoação.

11h ¼ Illan-Cevalle 25' – Ernste – Santa Olada Torrijos 40'. Vieram ao vagão Foronda sobrinho de Broton de los Herreros e nosso afilhado Pedro filho do infante d. Sebastião. Depois de passadas outras estações, passamos por Cabañas à direita às 12h ½.

Villaluenga 12h 20' à esquerda. Depois à direita da estação de Azaña e à esquerda pouco depois e um pouco distante Illescas.

13h 50' Griñon. O Foronda diz-me que é o ponto mais frio da parte baixa de Castellanova. Humanes – Fuenlabrada pequena povoação como a outra. Diz-me Foronda que tem havido em Madrid 40° cent. de calor.

1h ¼ Legaães à direita com 4 quartéis e hospital de doidos. Já estamos vendo à esquerda Madrid ao longe.

1h 20'. Villaverde à direita. Bela vista de Madri; para o lado esquerdo avista-se a cúpula da Igreja de S. Francisco.

2 ¾. Já vi os arranjos do hotel. Às 3h vou tomar um banho.

3h ½. Já tomei meio banho. Estou descansando e lendo o Brinde do Diário de Noticias espécie de biografia de Mendes Leal Júnior.

4h 40'. Vesti-me; vou para a sala.

8h 10'. Depois do jantar fui ver a exposição das Filipinas de onde acabo de chegar. É curiosa, trouxe o catálogo. Se puder voltarei lá na volta. Vesti-me; vou para a sala.

19 de julho de 1887 (3a fa.) — 6h 20'. Já acordei. Dormi bem e não senti muito calor. Acabei de ler o Brinde etc. do Diário de Notícias a propósito da morte de Mendes Leal.

7h 50. Estive lendo o folheto Exposición general de las Islas Filipinas.

Guia 11.

2h ¼. Fui à Igreja de S. Francisco perto do hotel onde vi boas pinturas modernas espanholas; de Calzado e outros; depois ao Senado onde muito me agradaram diversas pinturas, porém não o rendimento de Granada aos reis católicos, de Pradilla. O cavalo e figura de Boabdil não me agradaram, e também as figuras dos reis católicos. A paisagem muito pouco me agradou.

Estive no museu de antigüidades espanholas dirigido pelo Rada. Trouxe o catálogo.

Vim para o hotel. Li: El Liberal; El Imparcial; El Dia; El Globo.

Jantei bem às 4h

O filho do infante D. Sebastião, Pedro de Borbón y Duque de Durcal com a mulher Caridad de Maden y Uriondoneta do célebre Duque de Bailen, que muito me agrada, vieram despedir-se ao hotel e à estação do Norte de onde partimos às 5 ¾. O duque mora Alcolá Galiano 3 Hotel – Madri.

5h 59'. Pozuelos à esquerda.

6h 14' Las Rosas.

6h 25' Las Matas. Terreno pedregoso.

6h 36' Torrelodones. Leio no Gaulois, de 17 notícia do batizado do neto da Barral sendo padrinho o Gaston representado pelo Arinos.

7h 12' Vilalba pequena povoação à direita.

7h[sic] Las Zorreras à esquerda. Já avisto o Escorial ao longe.

10' Escorial. 20' Já passamos por esta 30' Zarzalejo também à direita 44'.

Robledo à esquerda 8h À direita Sta. Maria. Já está pouco claro. Cruzamos outro trem. Segue o trem de sentido oposto. Seguimos. 8h ½ Las Navas – 40' Naval – Peral.

9 ½ Ávila. Paramos um pouco.

20 de julho de 1887 (4a fa.) — 5h 10' Dormi bem. Já estou vestido e no outro compartimento.

Bribiesca 5h 17'. Terreno verde. Chuvisca e nublado.

[desenho]

45' Pancorbo – 5h 50'. Passamos 2 túneis pequenos.

6h À esquerda quadrelas bem plantadas que parecem tapete.

6h 10' Miranda. Dei um pequeno passeio na estação.

7h 5' Vitória 10' Partimos. Os autores ofereceram-me a Crônica de la exposición de Filipinas que eu vi em Madri.

[desenho]

8h 1' Alsásua 10' Seguimos.

[desenho]

27' Atravessamos túnel – mais 3 pequenos – Mais 2; o segundo maior; outros 3 quase seguidos – 2, e o segundo maior; mais outro pequeno.

43' Brincola. Paramos; passa trem em sentido oposto.

9h Zumárraga – túnel pequeno – outro pequeno; vi mais outro pouco maior; 3 pequenos quase seguidos – outro pequeno; mais um menor; outro pequeno.

9h 26' Beasain demora de 5'. Tem represa de água junto a qual passamos depois. Túnel curto – outro pouco maior. Passamos estação de Vila-franca. Curta demora na de Legorreta. Túnel curto – outro pouco maior. Passamos pela fábrica La Guipuzcoa.

9h 9' Tolosa. Demora de minutos. Lendo El Eco de San Sebastian de hoje vejo um artigo sobre a obra de Paul de Vasilé La Societé de Paris. Mais um túnel pequeno.

10h 9' Andoain; pequena demora, tendo só passado por Vila-bona-Cezurquil. Túnel pequeno. 20' Hermani pequena povoação – outro túnel pequeno.

10h ½ São Sebastião. Passei na estação e conversei um pouco com o governador civil Caballero que veio cumprimentar-me. Vêem-se navios.

41' Pasajes. Navios e um com as vela rotas. Túnel pequeno e ponte de ferro.

49' Renteria. Pequeno túnel.

11h 5' Irun. Passei um pouco pela estação.

20' Hendaya.

11h 40' Seguimos almoçando numa gaiola de vidro. Rochedos no mar que despertam saudades de Icarai.

12h St. Jean de Luz. Bela vista do mar que vamos margeando. Já chove.

25'. Atravessamos curto túnel. Estamos em Bayonne.

1 ½ Dax.

2h 6' Morceux. Há muito que atravessamos os pinheiros das Landes.

3h ¾. De há muito que deixei-as. Pequeno túnel.

4h 10' Chegada a

4h Acabamos de passar a parte do Gironde. Vamos beirando o rio. Túneis 5 quase formando um só.

4 ¼ Torna-se a ver o rio à esquerda ao longe. O terreno é baixo, plantado e com casas que não se distanciam muito.

4h ½ Libourne. Recebi bilhete do Dr. Valeriano Ramos, desejando-me boa viagem e completo restabelecimento; mas sem parada do trem.

4h ¾ Coutras. Parada de 5'.

5h 40' Saímos de um túnel de alguns minutos.

6h 5'. Passamos por baixo de Angoulême. Vou sair para jantar.

6h ¼. Já estou na gaiola, porém nada de alpiste; passamos pela estação de Var.guardo os pratos com a comida.

Longa tangente.

6h 25'. Passamos pela estação de Luxe.

6h 40' Estação de Ruffec. 7h 18' Saímos de um túnel curto.

7h 1/2. Passamos por baixo do túnel e chegamos a Poitiers

9h 12'. Passei há pouco na estação de Tours e sigo. 55' Blois.

21 de julho de 1887 (5a fa.) — Cheguei a Paris depois de meia noite. Tomei alguma cousa. Dormi bem. Havia bastante gente conhecida na estação. Falei à Condessa, a Mme. Villeneuve e a outras pessoas.

São 7 ¾ e prepara-se o banho.

Dominique veio conosco desde a fronteira assim como o Arinos.

Estive na sessão da Companhia do Canal de Suez onde Mr. de Lesseps leu o seu relatório. Por causa da morte de Caro não houve sessão da Academia Francesa.

Recebi diversas pessoas conhecidas.

Fui ao hipódromo, onde nada houve de verdadeiramente interessante. Tomei chá e vou-me deitar, que é quase meia-noite.

22 de julho de 1887 (6a fa.) — 6h ½. Dormi bem.

8h 20'. Já tomei ducha.

9h 20' Dei meu passeio a pé. Estive na igreja de St. Germain L'Auxerrois. Voltei de carro.

10 ¾ Almocei. Fui visitar sem a Imperatriz Mr. Grevy. Depois vim tomar a Imperatriz e fomos à casa da Condessa de Barral.

Vim para jantar, assistindo a ele a Mana Chica. Depois vieram algumas pessoas e antes examinou-me o Dr. Brown Sequard que muito estimei ver.

É quase meia-noite e chego da ópera, tendo ouvido a Favorita, e o primeiro ato do bailado Les deux Pigeons. Junto o anúncio. Já ouvi cantar a Favorita muito melhor no Rio. Passeei no foyer onde falei a Mr. Quesnel filho, cujo pai, disse-me ele estar entrevado. Visitei a casa deste no Havre da vez passada.

Tomei chá e vou-me deitar. Tem feito bastante calor. Vou dormir e com vontade.

23 de julho de 1887 (sábado) — Dormi bem. São 7h 20'.

9h 40' Tomei ducha não muito fria. Sai a pé; fui à Madeleine onde entrei e voltei de carro. São horas do almoço.

2h 25'. Passeei de carro, estive com Chevreul pai e filho na casa daquele no Jardin des Plantes.

Acabo de ser examinado pelo dr. Bouchard professor de clínica interna da Escola de Medicina.

3 ½ Acabo de conversar com Mr. Jansen que é agora o diretor da Academia de Ciências. Conversamos pouco e a respeito do observatório de Meudon.

Acaba de visitar-me o médico Worms. Recebi mais visitas, entre as quais Hevesy da Academia Francesa.

10 ½ Fui visitar Mme. Planat. Acabo de tomar chá e vou deitar-me. Recebido telegrama do Rio – Merci. Saudades. Bien. Depot 4h 20'.

24 de julho de 1887 (domingo) — 7 ½ Acabo de levantar-me. Dormi bem. Faz calor.

9 ¾. Já dei meu passeio a pé depois da ducha. O termômetro indica no quarto 26° C.

10 ¾. Acabo de almoçar bem. O Saldanha da Gama mandou-me de Bruxelas – Suit aux richesses de l'empire du Brésil.

6h ¾. Ouvi missa na Madeleine. Visitei a delegação do Brasil. Fui ao Jardim da

Aclimação onde vi diversos animais e zebras e lhamas puxando carrinhos. Estive em casa do Nioac. Recebi Faye e outros. Jantei bem. Na minha ausência esteve no hotel Mr. Lévassieur, membro do Instituto, Professor do Colégio de França e do Conservatoire des Arts et Metiers meu conhecido da exposição de Filadélfia.

7 ¼. Jantei às 5 e conversei; foram-se embora as Manas e a Condessa.

10h 50'. Dei um passeio de carro descoberto até diante do Arc de l'Etoile.

Tomei chá há pouco e vou tratar de dormir.

25 de julho de 1887 (2a fa.) — 6h 35'. Dormi bem. Logo vou tomar a ducha.

O Pedro há de se apresentar hoje à Academia de Ciências, a cuja sessão assistirei, uma nota sobre mineral do Brasil.

25 julho 1887 (2a fa.) — Mando as folhas tiradas à Isabel.

9h ¾. Passeio a pé, voltando de carro. Acabo de conversar com o Dr. Azevedo Castro que regressa para Londres.

11 ½ Almocei. Vi fotografias minhas e de outras feitas em casa do Valery. Saio daqui a pouco.

8h 5'. Escola das Belas Artes que percorri. Academia de Ciências a cuja sessão já começada assisti até o fim.

Recebi. Jantei, conversei com a Mana Chica e a Condessa que jantaram comigo. Apronto-me para o Prophète na ópera.

26 de julho de 1887 (3a fa.) — Meia-noite ½. Não foi mal cantado. Visitei o foyer pintado pelo Baudry e a máquina eletro-magnética da iluminação do teatro.

Tomei chá e vou dormir.

7h ½ Dormi. 25° C.

9 ¾. Tomei ducha; passei a pé; comprei um ramo de rosas no marché aux fleurs e daqui a pouco almoçarei.

9 ½ da noite. Estive no observatório depois de ter visitado o gabinete de histologia de Ranvier na Escola de Medicina. Recebi diversas pessoas e dei um passeio de carro.

11h 10' Vi papéis e vou descansar.

27 de julho de 1887 (4a fa.) — Dormi bem. Acordei às 7h Tenho lido o recebido e vou agora 8h para a ducha.

10h 40. Depois dei um passeio a pé e de carro pelas Tuileries *[sic]*.

Acabei de almoçar e vou fotografar-me com a Imperatriz e o Pedro.

1h Acabo de voltar da minha visita à loja de Lecuger, de terrecotte, recomendada pelo Paranhos. Nada vi de notável. Antes tinha estado em casa do Petit para ver pinturas. Visitei os Estrelas.

Recebi a filha do Gobineau Mme. Guldencrone, e os Marjalias.

6h ½. Já jantei, tendo antes das visitas percorrido o edifício da ópera examinando sobretudo a iluminação elétrica em companhia do professor Mascart. Vi o melhor possível todas as esculturas e pinturas e à noite lá irei ouvir o Fausto.

28 de julho de 1887 (5a fa.) — Cantaram regularmente. Passeei no foyer. Na volta tomei chá e antes de meia-noite estava na cama. São 7h Tomei ducha. Dei meu passeio a pé entrando no jardim da praça Montholon. Voltei de carro como tinha andado.

São 9 ½ quase 26° C. De 11 a 12h 36 Rue Taitbout, para ver quadros e o modelo do monumento de Courbet rue d'Assas n° 68. Agradou-me.

1h a 2h Estive no Pantheon vendo as pinturas e visitei Ferdinand Denis, que ainda está forte, apesar de quase 90 anos. Estiveram aqui diversas visitas entre as quais Faye e Guillaume.

7h Jantei bem. A mana Chica despediu-se há pouco. 10h ¾.

Estive em casa da Condessa onde encontrei Japurá e a filha solteira. Depois da volta conversei com o Nioac e vou dormir.

29 de julho de 1887 (6a fa.) — 7h 10' Dormi bem. 25° C. Li, já tomei a ducha; vou beber chá e sair. São 8h 25'. Dei o meu passeio e estive na exposição da Societé internationale d'Etudes brésilliennes que parece-me começar bem. Aí achei Dominique, Estrela e outros. São 9h ½.

Gare d'Orleans 12h 25'.

Parto para Juvisy. 35' Vitry – Bonitas plantações. Pouco depois Choisy-le-Roi. Muitas plantações – Ablon – Vamos sempre mais ou menos perto da esquerda do Sena.

12h ¾ Juvisy. Gostei de visitar o observatório de Flamarion. Via-se bem no telescópio o crescente de Venus. Estive na oficina do escultor Bartholdi que me deu a publicação *[sic]* The status of liberty enlightening the world. Conheço-o da exposição de Filadélfia. Seu atelier é interessante.

Recebi. Jantei.

Fui à ópera ouvir Patrie cujo libretto junto. Os cenários são belos e têm alguns trechos de música que me agradaram. Passeei no foyer onde falei ao Nabuco.

30 de julho de 1887 (sábado) — Dormi bem. São 7h 20'. Está chovendo.

8 ½ Acabo de tomar a ducha. O tempo melhorou. Dei um passeio a pé e de carro pelo jardim das Tuileries.

10 ½ Acabo de almoçar tendo depois falado a diversos entre os quais o Nabuco. Esteve cá o General Périer do Instituto meu conhecido da Exposição de Filadélfia.

10h 35' da noite. Depois do Almoço conversei. Fui ao casamento do Alberto filho do Nioac em St. Agostinho. Depois estive em casa da mãe da noiva, e daí fui à fotografia de Nadar onde fiz a minha fotografia. Trovejava. Depois ao Instituto, sessão da Academia das belas artes.

Jantei às 5h, tendo recebido antes. Depois fui à casa dos Estrelas que jantavam, e daí à Tour St. Jacques para assistir à experiência do pêndulo de Foucault que se desvia com a rotação da terra.

Acabo de chegar e de tomar chá. Vou deitar-me. Troveja.

Às 11 ½ da manhã visitou-me o célebre Hyacinthe Layson que no bilhete de visita diz-se Prêtre. Nada lhe ouvi de importante.

31 de julho de 1887 (domingo) — 7h 20' Dormi bem. Vou ler um pouco.

8 ¼ 25° C. Vou à ducha.

9h ½ Passeei. Vou almoçar.

Às 11 missa em Sto. Agostinho. Diorama de Jerusalém pintado por Pichat. Encontramos lá o cônsul francês em Jerusalém Charles Ledoux. Reconheci bem a cidade e vales que a rodeiam. Depois visitei a viúva do dr. Cloquet.

Passeei de carro ao redor do lago do Bois de Boulogne e vim para o hotel, onde recebi diversos, entre os quais o escritor Houssaye. Pouco depois do jantar dei um passeio de carro até além do Arco da Estrela e visitei Mme. Planat de onde chego às 10h 10'. Vou tomar chá e recolher-me. Durante o passeio vi as estátuas de Diderot e de Broca.

10 ¼. Acabo de tomar chá, tendo antes visitado Mme. Planat, que ainda está quase tão animada como antes.

11h 5' Tomei chá e conversei. Vou deitar-me.

1 de agosto (2a fa.) — 7 ¾. Já li a Illustration de 30 com o artigo a meu respeito. Temperatura do quarto 25° C.

6h ¾ da tarde. Antes do almoço tomei ducha e dei meu passeio, vendo o obelisco da Praça da Concórdia com Maspero. Depois do Almoço visitei os Estrelas.

Assisti à Sessão da Academia das Ciências tendo o Pedro lido um trabalho mineralógico.

Recebi visitas. Jantei às 5h e vou sair agora depois de ter conversado com o Joinville e a Condessa que jantaram comigo.

7h 30'. Partiu o trem da estação de Strasburgo – 37' Noisy-le-Sac.

A lua está bonita. 314 Chelles.

8h ½ La Ferté-sous-Jouarre. 9h 48'. Passamos por Epernay.

10h 10' Chalons-sur-Marne.

2 de agosto de 1887 (3a fa.) — 4h da madrugada. Dormi bem.

4 ½ Estação de Strasburgo. 40' Atravesso o Reno.

5h 10' Achen – 53' Seguimos depois de ter passeado na estação.

6h Chegamos a Baden-Baden.

7h Já me lavei e arranjei um pouco.

9h ¼. Acabo de dar meu passeio a pé com o Jauru, tendo parado para ouvir música do concerto que cessou daí a pouco, quando eu continuava o meu giro; o Jauru deu-me notícias de meus conhecidos de Berlim.

11h Almocei bem; andei pelo hotel. Daqui a pouco sairei.

1 ½ Corri a povoação a pé e trouxe álbuns de fotografias para a Imperatriz. Vi a galeria com frescos da casa, onde se bebe água termal. As pinturas não são grande cousa. Tem feito calor. Quase 4h Dei um bom giro de carro. Estive na casa de banhos que muito me agradou pelos diversos lugares em que eles se tomam e máquinas para o movimento dos músculos. Meu peso é 84k 500 gr. Agradou-me também a paisagem.

9h 40' Jantou comigo o Jauru. Depois fui dar um passeio de carro através de um mato até uma casa de caça. A vista do alto em que ela se acha é bonita. Estive na galeria defronte da casa da música ouvindo o concerto só na parte marcada no programa junto. Já tomei chá. São 9 ¾ e vou deitar-me.

3 de agosto de 1887 (4a fa.) — Acordei às 7. Dormi bem. Vou para a ducha.

9h 20' Tomei ducha e passeei. Já começa a aquecer.

12h 23'. Depois do Almoço conversei com Maxime du Camp da Academia francesa. Estou defronte da cascatita água límpida e rodeada de árvores de Oos no Geroldsau.

[desenho]

Depois estive no estabelecimento da piscicultura de salmões e enguias. Trouxe um folheto a este respeito.

6h ½ Jantei bem e conversei com o Jauru.

10h 20'. Acabo de tornar vindo a pé do teatro onde ouvi a opereta de Johann Strauss Die Fledermaus. Cantaram agradavelmente. Vou descansar.

4 de agosto de 1887 (5a fa.) — 7h 20' Acordei às 7. Dormi bem. Vou para a ducha.

9h 35'. Estava boa e volto do passeio a pé. Vi lojas de fora e comprei o livrinho "Wild's practical Guides Baden-Baden and the Black-Forest".

4 de agosto (5a fa.) de 1887 — 11 ½ Já se expediu o correio.

5 ½ Chego do giro depois do almoço. Visitei o Castelo de Eberstein que é muito curioso e na altura de 387 m. Há muito que ver. Estive no castelo Favorita edificado em 1725 por Sibila viúva do Margrave Luís Guilherme vencedor dos turcos.

10h 10' Jantou comigo o Jauru. Conversei. Fui ouvir o grande concerto militar cujo programa junto. Retirei-me depois de ter ouvido a Erinnerung an Mozart, Fantasie de Boetige. Conversei com Maxime du Camp, que estava lá. Tomei chá e vou descansar.

5 de agosto de 1887 (6a fa.) — 7h Acordei. 9 ½. Fui à ducha e dei meu passeio; tudo a pé.

10 ¼ Almoçar.

3h ¾. Saí ao meio-dia. Fui a Ebersteinburg e visitei o velho castelo Hohenbaden de onde se goza de bela vista. Tomei aí café. Depois vi passando o Wolfs-schlucht, que me ficava à direita, sem dúvida assim chamado depois da ópera de Freischütz; pois seu primeiro nome era Eselsklamm.

10h 10' da noite. Tomei chá depois de ter voltado do Walhalla onde ouvi a operette Das verwanschene Schloss – de Alois Berla, música de Carl Millöcker. Não é feia. Vou deitar-me.

6 de agosto de 1887 (sábado) — Dormi bem. Acordei às 7. Vou para a ducha..

9 ½. Foi muito agradável e dei um passeio a pé de que volto agora para o almoço. Já faz algum calor.

10h 25'. Acabou o Almoço que me soube.

11h ¾. Estive conversando com o Paraguaçu que chegou hoje de Hamburgo.

4h 10' Saí ao meio-dia.. Fui ao Mercurius 672m. de alto pelo Teufels Kanzel. Subi ao cimo da torre, 82 pés; 132 degraus. Bela vista do vale do Reno, Vosges e parte inferior do vale do Musg. Vi o altar de pedra consagrado a Mercúrio. A pedra tem uma inscrição que diz o guia de Wild não se poder interpretar. A vista de cima da torre é muito bela. Descobre-se a flecha da Catedral de Strasburg. Voltei pelo caminho de Müllenbild passando pelo Fischzuchtanstalt e vale de Oberbeuren e Lichtenthal.

6 ¾. Jantou cá o Jauru. Conversei um pouco.

7h Li o Débats de hoje.

10h 20' Acabo de tornar tendo ouvido a companhia do Walhalla – Operetten de Berlim cantar pela primeira vez aqui Josephine in Egypten (Joséphine vendue par ses soeurs) de Paul Ferrier et Fabrice Carré traduzida livremente por E. Jacobson músicas de Victor Roger. Agradou-me. Vou deitar-me.

7 de agosto de 1887 (domingo) — 7h Levantei-me.

9h 25' Fui à ducha e passeei a pé, chegando agora.

10h 20' Acabo de almoçar com vontade. Li no Scotsman de 2 o artigo em que se fala do grau de Doctor in Laws da Universidade conferido a diversas pessoas entre as quais o Dr. Robert Gunning Dignatary of the Empire of Brazil and of the Ordem of the Rose. Nessa sessão entregou-se o Gunning Victoria Jubilee Prize de química a Hugh Marshall B. Sc. for an experimental researchon oxydation of Cobalt salts by electrolysis, e o Victoria Jubilee Prize in Anatomy.

11h ½ Volto da missa. Pouco vi da igreja; tem vidros pintados e nas paredes inscrições que não tive tempo de ler. Saí ao meio-dia.

São 3h 40'. O passeio a Yburg é bonito. Subi ao cimo da torre. Levanta-se de um cone boscoso de 350m. de alto. Estava encoberto do lado de Strasburgo. Voltei pelo Wald-See. O lago é pequeno. Hei de vir o monumento erigido, em Steinbach, ao edificador da catedral de Strasburg, Erwin de Steinbach

11h quase. Depois do jantar a que assistiu o Jauru conversei. Fui ao concerto das 8h Assisti até o 8º do programa que ajunto. Tomei chá; passeei algum tempo pelo corredor. São 11h e vou deitar-me.

8 de agosto de 1887 (2a fa.) — Vou para a ducha. São 7h 25'.

9 ½ Ducha que me agradou e passeio a pé. Volto. Vou ver o Augusto.

12 ½. Sai e fui à estação onde recebi a grã-duquesa de Toscana .

4 ½. Recebi-a na estação. Acabo de ouvir música. Marquei no programa o que ouvi. Conversei com Maxime du Camp da Academia francesa que apareceu no concerto e acompanhou-me até perto do hotel.

O Carapebus. tem estado um pouco adoentado. Dormia quando eu entrei.

8 de agosto (2a fa.) — 6h ½ O Augusto e o filho mais moço jantaram comigo. Está bastante calor. Vou logo à ópera-cômica.

10 ¾. Fui à ópera-cômica depois de ouvir no Concert des Stadt as músicas marcadas no programa.

9 de agosto de 1887 (3a fa.) — Dormi bem. 7 ¼. Já estou vestido e vou para a ducha.

9 ¼. Dei o meu passeio a pé. Li no Indicateur Général de 25 julho – 10 de agosto o artigo “La Maison de Victor Hugo”. Meio-dia e 10'. Depois do Almoço que me soube fui à estação, mas a Mana Januária não chegou. Dei um passeio de carro e acabo de voltar.

Acho o livro de F. Alves Nogueira – Der Mönchsritter Nilolaus Durant von Villegaignon – Leipzig F. A. Brockhaus.

3h Esteve cá o professor Küssman de Strasburg que me examinou.

4 1/2. Volto de ouvir música na Conversationshaus – junto o programa marcado. Visitei a sala de leitura.

11h Tomei chá. Estive antes na Conversationshaus – junto o programa. Aí falei com o Baligand.

10 de agosto de 1887 (4a fa.) — 7h Dormi bem. 9 ½. Fui à ducha que me soube. Dei meu passeio e acabo de voltar, o tempo ameaça chuva.

10 ½ Acabei há pouco de almoçar. Tem choviscado.

São quase 11h da noite. Antes do jantar fui ao castelo do Príncipe de Solms que se acha num alto. A posição é bonita. Depois de jantar fui ao hotel onde estão os Baligands. Assisti à execução das músicas indicadas no programa da Conversationshaus. Voltei perto das 10h Tomei chá. Passei no corredor e vou deitar-me.

11 de agosto de 1887 (5a fa.) — 7h 25' Dormi bem. Vou à ducha.

11h ¼. Passei pelas montanhas de onde se domina a cidade. Estive na igreja grega construída pelo finado príncipe Stoundia (?) aqui residente em memória do filho, que morreu na idade de 17 anos. É curiosa e tem pinturas e frescos de artistas de Munich.

Depois do almoço recebi a visita do Grand-Sénéchal do Gran Duque de Baden G. de Bohlen Halbach e da mulher. São amáveis e ele parece-me inteligente.

1h ¼. Li jornais. Acabo de falar ao Villeneuve.

4 ½. Volto da Conversationshaus. Ouvi as músicas marcadas no Badeblatt. O tempo está um pouco quente.

6h 7'. Já tomei café. Estou ouvindo a filha do Nioac tocar piano.

11h Fui ao concerto cujo programa junto. Tomei chá e passei pelo corredor e vou dormir.

12 de agosto de 1887 (6a fa.) — 7h 20' Acordei às 7h Dormi bem. Vou para a ducha.

9h 20'. Dei meu passeio a pé pela alameda de Lichtenthal. Daqui a pouco vou almoçar.

10h 40' Comi bem.

Às 11h hei de ouvir Mr. de Beligand tocar no piano a música do Parsifal de Wagner.

12 (6a fa.) — Estive com os Baligands, ouvindo o marido tocar no piano, sobretudo, trechos do “Parsifal” de Wagner. Acabo de voltar do concerto da Conversationshaus acompanhado até perto do hotel por Maxime du Camp com quem conversei.

São 4 ½. Vou ver o Débats de hoje.

7h 10'. Depois do jantar às 5h conversei um pouco e fui dar um passeio a pé. A tarde não está muito fresca.

Às 7 ½ tenho a opereta em 3 atos, música de Millöcker intitulada Der Bettelstudent.

10 ¾. Não é feita a música. Falei no foyer à Baronesa de Zeuter; ao príncipe Talleyrand que eu conheci em Florença. Acabo de passear no corredor e vou deitar-me.

13 de agosto de 1887 (sábado) — 7h 20' Dormi bem. Acordei às 7. Vou para a ducha.

11h Gostei do passeio. Almocei bem às 10h O tempo ameaçava chuva.

1h 10' Acabo de dar a minha lição com o Seibold. Vou para o concerto.

4h ½ Conversei com o Maxime du Camp. Marquei no programa as músicas que ouvi. Está chovendo bastante.

7h Jantei bem e li parte dos Débats de hoje.

10 ¾. Ouvi a opereta Die Marketenderin. Não cantaram mal. Tomei chá e vou dormir.

14 de agosto de 1887 (domingo) — 9h 40' Acordei às 7. Ducha que me soube. Passeio a pé muito agradável. Estou assentado aguardando os outros para o almoço.

10h 25' Acabei este e vou ler diários.

4h ¾. Volto da música onde conversei com Maxime du Camp. Tendo antes ouvido missa rezada.

7 ½ Depois do jantar que foi às 5h e do café conversei um pouco e saí a pé. Daqui a pouco torno a sair a pé e vou ouvir música.

Está aqui a família Alcalá Galiano que conheci de passagem por Espanha na minha segunda vinda à Europa. A temperatura está mais quente do que fria.

10h 40' Junto o programa do concerto. Já tomei chá e vou dormir.

15 de agosto de 1887 (2a fa.) — 7h ½ Dormi bem. Vou para a ducha.

9h ½ Soube-me bem. Dei meu passeio a pé.

11 ¾. Ouvi missa depois de ler o Brésil. Muito sinto a morte da Chica. Vou estudar com o Seibold.

4 ¾. Chego da música. Conversei com Maxime du Camp e falei no regresso com Mme. Marliani irmão do Quentino Sella e minha conhecida de Florença.

7h Tendo jantado às 5h pouco depois recebi Mme. Marliani e o General Perceval com a mulher e a filha.

11h Fui ao teatro ouvir a opereta Gasparone. Cantaram-na bem.

Conversei com a Baronesa Seutter. Tomei chá. Passeei no corredor. Vou despir-me e para a cama.

16 de agosto de 1887 (3a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Acordei às 7h Estou vestido. Chuvisca.

9h 20'. Tomei a ducha muito agradável e passeei.

11h Almocei bem. Acabo de ler a Semaine dramatique do Débats de ontem. Aprecia com talento as tragédias de Corneille.

4h 20'. Acabo de dar um passeio e ouvir a música das 3h Conversei com Maxime du Camp que me acompanhou até a mudança de nossas direções.

10h 25' Jantei bem às 5. Conversei depois do jantar. Fui ouvir música. Junto o programa. Conversei lá com Seutter que retirou-se antes de mim. Tomei chá e vou deitar-me.

17 de agosto de 1887 (4a fa.) — 7 ¼. Acordei às 7. Dormi bem. Venta e chuvia.

9h 10' Fui à ducha, andei a pé voltando de carro por causa da chuva.

1 ¾. Almocei bem. Descansei. Acabo de traduzir a Odisséia com Seibold. Vou sair.

4h 20'. Volto da Conversationshaus. Junto o programa. Conversei com Maxime du Camp e a Marliani.

7h Jantei bem com a Januária filho e neto. Li os Débats de hoje. Artigo primeiro sobre o curso de hebraico de Renan. É bem escrito.

10 ½ ouvi o concerto das 8h até onde tracei no programa. Voltei de carro por causa da chuva. Tomei chá; passeei pelo corredor e vou para a cama.

18 de agosto de 1887 (5a fa.) — 7h 20' Dormi bem e já estou vestido.

9 ½ Ducha que me soube e passeio de que entro. Está chovendo. Receio que vá todo dia assim.

10h 20' Almocei bem; mas como havia demora, levantei-me para fazer alguma coisa. Chove bem.

12h 20' Acabo de conversar com o Marquês Alfieri di Sostegno senador italiano. Prometeu-me informações sobre o senado italiano.

1h 35' Lição de hebraico e vou para o concerto que é às 3. A casa Eugène Mézard de Rueli vai enviar variedades de dália à Isabel que as mandará plantar em Petrópolis.

6h 10' Depois de ouvir música na Conversationshaus – junto o programa – fui ao baile das crianças de onde volto. Gostei. O tempo está chuvoso. Tenho estado com Maxime du Camp.

10 ¾. Voltando de ouvir Die Fledermaus tendo conversado no foyer com algumas pessoas tomei chá passei pelo corredor e vou dormir. Chove um pouco.

19 de agosto de 1887 (6a fa.) — 7h 25' Dormi bem. Já estou vestido. Chove.

9h 50' A ducha foi boa. Volto do passeio. Chuvisca. Vou almoçar. 10 ½ Soube-me.

19 de agosto (6a fa.) de 1887.

9h 50' Escrevi a minha filha e vou escrever a meu compadre o Príncipe Imperial.

1h Almocei bem. Acabo de traduzir a Odisséia com o Seibold.

4 ¾. Tive a visita da viúva do Blanchard filha do Wylep. Fui à Conversationshaus. Junto o programa. Vim com Maxime du Camp até o lugar em que cada um segue para o seu hotel.

6h ¼ Jantei bem com a Mana Januária filho e neto. Daqui a pouco vou passear.

10 ¾. Andei bastante, voltei ao hotel e fomos todos ouvir Der Bettelstudent. Música bonita. Conversei na sala com a mexicana e outras pessoas que já conheço. Chegando a casa tomei chá, passei no corredor. Vou despir-me para a cama.

20 de agosto de 1887 (sábado) — 7h Levantei-me; dormi bem.

9 ½. Tomei a ducha; passei. O dia está excelente.

1h ¾. Almocei bem. Acabei a minha lição de hebraico. A Mana Januária assistiu com o neto ao almoço.

4h ½. Vi a exposição de pinturas na Conversationshaus onde está o quadro de Schlimanski discípulo querido de Makart. Representa Shakespeare na corte da Rainha Isabel. Junto o catálogo dos quadros. Depois ouvi música. Junto o catálogo.

Conversei com Maxime du Camp que me acompanhou até os limites comuns. Está chovendo bastante.

11 ½ Depois do jantar conversei um pouco. Fui ao Walhalla ouvir “Der Feldprediger” que tem bonita música. Depois assisti ao baile onde conversei com uma conhecida do Nioac que anda com o irmão.

Tomei chá, passei no corredor e vou deitar-me.

21 de agosto de 1887 (domingo) — 7 ½. Já estou vestido. Acordei às tendo dormido bem. Vou à ducha.

9 ½ Agradou-me, assim como os movimentos nos aparelhos de Zander. Acabo de dar o meu giro a pé com o Nioac. Chuvisca.

10h 20' Almocei bem.

11h 50' Fui de carro à missa de onde volto a pé.

5h ¼ Chego das corridas. Junto o programa. Falei com diversas pessoas conhecidas. Está chovendo, mas não apanhei chuva durante o caminho na ida por causa do chapéu de chuva que me preservara bastante, pois a chuva foi pouca. Gostei das corridas, cujo programa junto sendo o tempo bom durante elas.

11h Estive no concerto da Conversationshaus ouvindo as músicas indicadas com traços a lápis no programa. Depois tomei chá, passei no corredor. Vou me deitar.

22 de agosto de 1887 (2a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Acordei às 7h Estou vestido.

9 ½ Tempo bom. A ducha e o emprego dos diversos aparelhos Zander souberam-me. Volto do meu passeio a pé.

10h ½ A Januária chegou com o filho e o neto a horas do almoço a que assistiram. Escrevi à Chica e à Condessa dando as cartas à Januária que parte hoje para Paris.

1h 40' Traduzi hebraico com o Seibold: foi um cumprimento de um judeu de Paris.

4 ¾. Fui despedir-me à estação da Januária, filho e neto. Deixei a Imperatriz no hotel e fui à música onde falei com Maxime du Camp que me acompanhou até tomar cada um para seu hotel. Vi e falei da passagem a Mme. Marliani e vi no carro a conhecida do Nioac a qual está aqui com irmão Baronesa Ruxleben.

Li o artigo da Queen de 20, sobre mim e a Imperatriz com os nossos retratos que estão bons.

11h Jantei bem. Saí depois para o concerto da Conversationshaus . Ouvi as músicas marcadas no programa junto. Tomei chá, escrevi um pouco depois de passear no corredor com o Nioac. Vou deitar-me.

23 de agosto de 1887 (3a fa.) — 7h 20' Acordei às 7h Dormi bem. Já estou vestido.

9h 25'. Fui à ducha e usei de muitos aparelhos Zander. Passeei a pé e são quase horas do almoço. Dia magnífico.

10h 25' Acabo de almoçar. Logo tenho de ir a um concerto cujo programa junto. Peço-lhe que o mostre à Tostinha para ela ficar como você de água na boca como eu estou agora sempre da melhor música de lá.

23 de agosto (3a fa.) — 5h 10' Volto do concerto.

6h ¼ Acabei de jantar e tomar café. Toca piano a filha do Nioac.

7h Falei com Mme. Bianchoux que vai amanhã às corridas. Vou sair.

11. Estive ouvindo música e passeando fora da Conversationshaus . Junto o programa. Voltei pouco depois das 10. Tomei chá. Conversei com o Nioac passeando no corredor. Vou deitar-me.

24 de agosto de 1887 (4a fa.) — Dormi bem. Já me vesti. São 7h ¼.

5 ¼. Almocei bem depois de ter tomado ducha, nadado e feito ginástica nos aparelhos Zander.

Dei minha lição de hebraico.

Fui às corridas cujo programa junto, onde conversei com pessoas conhecidas. Acabo de voltar e vou jantar.

11h Comi bem. Dei um passeio e fui assistir à opereta de J. Strauss Die Fledermaus. Cantaram. Nos entreatos conversei com pessoas conhecidas como a Seutter e outras.

Tomei chá, passeei no corredor com o Nioac e vou deitar-me.

25 de agosto de 1887 (4a fa.) — Acordei às 7h São 7h 20'.

9 ½ Estou já à mesa. Tomei ducha, fiz ginástica Zander. Experimentei o Sismógrafo e dei meu passeio a pé

12h 40'. Estive com Lemaistre que foi Ministro da Alemanha no Rio e o é agora na Grécia.

Li com o Seibold a tradução alemã dos Lusíadas comparando-a com o original.

4 ½ Fui ouvir música. Falei com o Alfieri e a Marliani.

11h 5'. Estive com o príncipe Tchiatchef meu conhecido de Florença da vez passada. Autor de uma viagem interessante na Ásia Menor; membro correspondente se não já associado estrangeiro da Academia das Ciências de Paris.

Estive no concerto das 8 cujo programa ajunto. Conversei aí com diversos e cantando eu o hino da Independência, escreveu-o Baligand que o tocou depois no piano e há de ser tocado aqui a 7 de setembro na Conversationshaus.

Tomei chá; passeei com o Nioac no corredor. Vou deitar-me.

26 de agosto de 1887 (5a fa.) — 7 ¼. Já estou vestido. Dormi bem até pouco antes das 7h

9h ½. Ducha como sempre de chicote. Chego do passeio a pé depois do emprego dos aparelhos Zander.

10 ¼. Acabo de almoçar.

Hei de dar lição com o Seibold. À 1h parto para as corridas que são as penúltimas.

26 de agosto (6a fa.) de 1887.

10 ½ Fechei a carta para a Isabel.

5h Dei lição de hebraico tendo comparado antes a tradução alemã dos Lusíadas, de que tenho falado, com o original.

Fui às corridas conversando com diversas pessoas. Junto o programa. Tempo quente, porém bom, muita poeira no caminho.

11h da noite. Às 5 horas jantei. Depois estive cá a Ruxleben com o irmão e apresentaram-me o pianista que eu tinha ouvido já no concerto da Trinkhalle e tocou piano no salão. Fui ao teatro, onde ouvi os 2 primeiros atos do Der Bettelstudent de Millöcker, cuja música ainda mais me agradou desta vez. Conversei no salão com a Seutter e filhas principalmente; ainda passei por defronte da Trinkhalle a música do coreto e vim para o hotel onde tomei chá e passei no corredor com o Nioac.

11h 5' Vou despir-me e deitar-me.

27 de agosto de 1887 (sábado) — 7 ¼. Acordei antes das 7 tendo dormido bem; mas um pouco suado. Dia belo. ½ Vou para a casa de banhos.

9h ½. Nadei na piscina. Usei de não sei quantos aparelhos Zander. Manhã muito agradável de passeio.

4h ½. Almocei bem. Dei minha lição de grego comparando os Lusíadas com a tradução alemã.

Fui ouvir o concerto cujo programa marquei. Lá conversei com Mme. Marliani que me deu a obra L'Abetone Pistoiese e le sue Speranze Ricordi escrito por Teresa Ravaschieri enviada por esta com meu endereço escrito no livro por ela. Antes tinha ido ao fotógrafo onde tirei um grupo de mim, Imperatriz e companheiros de honra.

11 ¾ da noite. Jantei bem. Fui depois dar um passeio a pé. Assisti ao concerto cujo programa junto. Vi dançar, acabado o concerto, conversando com diversas pessoas. Tomei chá, passei com o Nioac no corredor e vou deitar-me.

28 de agosto de 1887 (domingo) — 7h 25' Acordei às 7 tendo dormido bem. Estou vestido e vou à ducha.

9h 20' Foi agradável assim como o emprego dos aparelhos Zander. Acabo de voltar a pé com o Nioac. Faz calor.

11 ¾. Almocei bem pouco depois das 10h estava acabado. Fui assistir na Conversationshaus ao ensaio do hino nacional brasileiro sob a direção de Baligand. Executam-no bem. Acabo de voltar da missa. Vou ler algum diário ou outra coisa antes de ir às corridas.

5h Acabo de voltar e de escovar-me da poeira. Bastante calor. Conversei com as pessoas que vou conhecendo. Junto o programa.

7h 5' Jantei bem. Recebi depois a Baronesa Seutter com outra senhora que ela apresentou.

11h Dei um passeio a pé e fui ao Duplo Concerto cujo programa junto incluídas num traço a lápis as músicas que ouvi. Passei durante parte do tempo que lá estive com pessoas já conhecidas. Estava de volta depois de 10 ¼. Tomei chá e conversei com Nioac no corredor. Vou agora deitar-me.

29 de agosto de 1887 (2a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Já estou vestido. Chuvisca.

9h ½ Acabo de voltar do passeio. Natação e aparelhos Zander. Quase que não chuvia mais, porém tempo encoberto.

4h 20' Dei lição de sânscrito. Fui ouvir o pianista de que já falei conhecido da Ruxleben que lá estava, e depois assisti à música das 3, cujo programa marquei. Chegou Maxime du Camp com quem voltei da música até onde nos separamos. Vou mandar buscar o romance Carmem de Merimée para dar à Ruxleben. Comprei numa loja um livro com Colomba e outros romances de Merimée e a mulher da livraria ficou de mandar vir a Carmem de Merimée.

7h Li um pouco antes de jantar às 5h com apetite. Acaba de visitar-me Mme. Marliani que parte amanhã. Dei-lhe fotografias minhas para ela; a irmã Mme. Sella e para a Ravaschieri com uma carta. Vou sair.

11h Estive no concerto, cujo programa junto. Aí falei com pessoas conhecidas. A noite está antes quente que fria. Tomei chá. Passei no corredor com o Nioac e vou deitar-me.

30 de agosto de 1887 (3a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Já estou vestido e vou para as duchas. 11h 40' Almocei bem de volta do passeio a pé, acabadas as duchas. Escrevi há pouco em resposta a Mme. Ristori.

3h Lição de hebraico e comparação da tradução alemã com o original dos Lusíadas. Estou agora ouvindo música na Conversationshaus . Junto programa.

4 $\frac{3}{4}$. Depois fui ver os trabalhos romanos das fontes termais. Pedi algum impresso sobre estes lugares. A água é bastante quente.

7h $\frac{1}{4}$ Jantei bem. Acabo de dar um passeio a pé.

11h 10' Acabo de dar meu passeio no corredor com o Nioac.

Às 8h estava em casa da Seutter. Conversei com diversas pessoas, sobretudo com a Ruxleben, a dona da casa, Maxime du Camp, e a Talleyrand que cantou acompanhando-a ao piano uma senhora. Também cantou com muito gosto o tenor que já ouvi na Conversationshaus . Esteve uma reunião muito agradável. Logo que voltei tomei chá. Vou deitar-me.

31 de agosto de 1887 (4a fa.) — 7h $\frac{1}{4}$ Dormi bem. Acordei às 7. Já estou vestido para ir à ducha. 9h $\frac{1}{4}$. Hoje foi natação na piscina e emprego de aparelhos Zander. Acabo de voltar. O tempo está quente, mas bonito.

6h 20' Jantei com vontade às 5. Antes ouvi tocar piano em sala da Conversationshaus duas irmãs recomendadas pelo Baligand tocar muito bem piano. Depois assisti ao concerto do Quiosque. Junto o programa. Jantei às 5. Chovia ainda ao voltar para casa. Depois do jantar conversei.

Fui de carro ao teatro às 6h $\frac{1}{2}$. Ouvi o Benvenuto Cellini de Berliot. Agradou-me. Chegando à casa pouco depois das 10 tomei chá. Passeei no corredor com o Nioac e vou deitar-me.

Tempo bom e havia bonito lugar ao voltar do teatro.

1 de 7bro [setembro] (5a fa.) — 7 $\frac{1}{4}$. Dormi bem. Já estou vestido.

9 $\frac{1}{2}$ Volto das duchas e do passeio.

5h 20'. Comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original depois de traduzir a Odisséia. Estive na igreja protestante onde ouvi o Ribner com acompanhamento de rebecca executar o programa. Estiveram presentes diversos que vou conhecendo, entre os quais Mme. Ruxleben. Depois assisti ao Baile das crianças na Conversationshaus. Maxime du Camp assentou-se perto de mim. Estou de volta e vou jantar daqui a pouco. Pedi a Maxime du Camp artigo para a Revue du Monde Latin sobre minha estada aqui. Assim responderei à carta da Barral que escreveu-me a respeito da colaboração de Du Camp na Revista de Dominique.

7h $\frac{1}{4}$ Jantei bem. Conversei há pouco com o Baligand e Nioac sobre o concerto do dia 7. Hino da Independência, alemão e nacional brasileiro. Baligand encarregou-se de apresentar o programa.

11h 20'. Acabo de passear com o Nioac no corredor depois de ter tomado chá à volta do concerto em que se tocou e cantou bem. Estiveram as Lagrenées e Ruxleben. Junto o programa. Vou me despir e deitar.

2 de setembro de 1887 (6a fa.) — 7h $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Escrevi. Vou para as duchas. 9 $\frac{1}{2}$ Nadei e usei dos aparelhos para diversos movimentos.

4h 10' Almocei bem. Conversei e li. Fui ao concerto dos tiroleses. O baixo canta muito bem. Junto o programa. Depois fui ao concerto das 3 cujo programa está no Bahenblatt que junto. Conversei com a Ruxleben que é muito amável.

7 $\frac{3}{4}$ Jantei bem. Acabam de sair as pianistas de Fortis. A mais moça tocou. Deu-me sua fotografia. Vou ao concerto da Conversationshalle.

11h Estive no concerto da noite. Só deixei de ouvir o n° 12. Passeei um pouco. Tendo chegado a casa depois das 10h, tomei chá e passei com o Nioac no corredor. Vou despir-me e deitar-me.

3 de setembro de 1887 (sábado) 7 $\frac{1}{2}$. Dormi bem. Acordei às 7. Estou vestido e vou daqui a pouco às duchas.

9h 29' Tomei-as e acabo de voltar de meu passeio a pé com o Nioac.

1h $\frac{1}{2}$ Dei lição de grego traduzindo a Odisséia e comparando-a com a tradução alemã. Vou sair.

4h $\frac{3}{4}$. Fui à Casa do Witztum irmão do que conheci em Dresde. Bela vista. Tem retratos curiosos. O retrato da mulher feito creio que por Makart é bellissimo. Interessaram-me outras pinturas como retratos em miniatura e a óleo de Mme. de Sevigné, de Mme. de Guignan, da Sibilla e de outras pessoas históricas.

Na volta quando vinha a pé encontrei Maxime du Camp.

12h da noite. Jantei bem, conversei no salão Às 7h esteve cá o Gran-duque de Baden. Fui ao concerto passeando fora, depois de assistir ao primeiro ato da comédia em alemão Golfische de Franz von Schönthan e Gustav Kadelburg e vim assistir ao baile de onde me retirei às 11h

Tomei chá, passei pelo corredor com o Nioac e vou me deitar.

4 de setembro de 1887 (domingo) — 7h 20' Acordei às 7h Estou vestido. Chove bastante. Houve trovoadas não sei bem a que horas.

9 ½ Voltei do passeio na galeria da Trinkhalle depois da natação e ginástica dos aparelhos Zander. Ainda chuveira, mas espero que o tempo fique bom.

4 7bro (domingo) 1887 — Baden-Baden. 10h ¾. Almocei bem. Li carta de Ristori de em resposta [*sic*] à minha.

4h ¾ Fui ver aparelhos curiosos para estudo do movimento dos astros a convite de Maxime du Camp, que lá se achava com M. Lavis, professor de literatura da Sorbonne, que escreve na Revue des Deux-Mondes. Daí fui à música cujo programa junto. Lá falei com a argentina Moreno e suas filhas conhecidas do Nioac e perto do hotel falei com umas equatorianas que tenho visto diversas vezes.

11h 10' Jantei bem às 5. Depois conversei. Acabo de passear com o Nioac no corredor depois do chá que tomei tendo vindo do concerto cujo programa está marcado. Conversei com algumas pessoas passando defrente do Trinkhalle. Tempo coberto, mas a lua produzia efeitos nas nuvens. Vou deitar-me.

5 de setembro de 1887 (2a fa.) — 7h ¼ Acordei às 7. Já estou vestido. Dia de céu encoberto.

10h 50' Vou deitar-me. Estive nos concertos da manhã e da noite. Dei a minha lição de alemão. Houve alguma chuva para o fim do concerto da noite. Tomei chá e passei no corredor com o Nioac. O vento está zunindo.

6 de setembro de 1887 (6a fa.) — Acordei às 7. Fiz versos. 8h 5' Escrevo no quarto onde vou despir-me para o schwinbad. O dia está chuvoso.

4 ¾. Dei lição de grego. Fui ouvir o concerto cujo programa [*sic*]. Falei à Seutter e à Ruxleben. Ao chegar aqui encontrei o Gran-Duque de Toscana com o Camarista, a senhora que cuida dos filhos pequenos e estes. Vêm juntas.

11h Depois deste conversei. Às 8 estava no concerto cujo programa junto. Passei, conversei com pessoas conhecidas. Despedi-me aí do Gran-Duque de Toscana durante o passeio. Acabo de passear no corredor com o Nioac, depois do chá. Vou deitar-me.

7 de setembro de 1887 (sábado) — 7h Salve, três vezes salve! Vou vestir-me. O dia parece que será bom. ½ Vou às duchas.

9h 35' Foram agradáveis. Acabo de voltar do passeio. Limpam-me as botas. Tempo quente. Receio festa aguada.

1h 35' Acabada comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original da tradução da Odisséia. Tem chovido.

11h 20'. Fui ao teatro que principiou às 6 ½. Saí para o concerto do Quiosque onde ouvi o hino da independência e as músicas do programa. Conversei com diversas pessoas e depois de chegar ao hotel tomei chá, passei no corredor e vou deitar-me.

8 de setembro de 1887 (domingo) 7h 25. Dormi até 7 acordando duas vezes. Já estou vestido. Vou para a casa das duchas.

9h 40' Houve hoje natação. Volto do passeio a pé.

10h ½ Acabo de almoçar.

8 de 7bro [*setembro*] (5a fa.) de 1887.

9h 35' Acabo de fechar minha carta para a Isabel. 5h Dei lição de sânscrito e de alemão comparando a tradução nesta língua com o original dos Lusíadas. Volto do concerto no Quiosque. Conversei sobretudo com Maxime du Camp e Mme. Ruxleben.

11 ¼. Depois do jantar conversa. Estive na Conversationshalle vendo o fogo que não foi mau. Ouvi música, conversei passeando e acabo de passear no corredor – depois do chá com o Nioac. Vou despir-me e para a cama.

9 de setembro de 1887 (6a fa.) — 7h 20' Vestido. Acordei às 7. Dormi bem. Parece choviscar.

10 ½ Acabo de almoçar com vontade o que fiz fora de casa até vir para o almoço foi o pão nosso de cada dia.

12h 20' Caminho de Carlsruhe; estação de Estlingen. Campo cultivado. ½ Carlsruhe

7h 20'. Jantei bem. Depois tive algumas visitas. Gostei da galeria de pinturas de Carlsruhe – junto o catálogo marcado. Fui ao palácio e assinei meu nome. É hoje o dia de anos do Gran-Duque. Visitou-me há pouco o Casa-Valência. Prometeu-me livros espanhóis da atualidade.

11h Fui ouvir o concerto cujo programa ajunto – os cantores eram bons. Depois do chá passei no corredor. Vou dormir.

10 de setembro de 1887 (sábado) — 7h 20' Acordei às 7 e já estou vestido. Dormi bem.

9 ½. Natação; exercícios nos aparelhos, passeio a pé. Tempo muito bom.

5h Vou jantar. Voltei há pouco. Dei antes lição de alemão comparando a tradução dos Lusíadas com o original; depois de traduzir árabe até 12h ½. Ouvi tocar o harpista recomendado pela Gran-Duquesa de Bade. É muito bom e junto o programa das músicas. Fui ao concerto do Quiosque. Conversei com diversos entre os quais a Ruxleben, a quem falei do Egito.

7h Depois do jantar tomei café e conversei na sala e com o Nioac no seu quarto.

7h 10' Saio daqui a pouco para a música e o baile.

11 ¾ Conversei com diversos durante o baile. Já tomei chá e vou descansar.

11 de setembro de 1887 (domingo) — 7h 20' Já me vesti. Dormi bem. Dia encoberto ameaçando chuva.

9h ½ Fui às duchas e exercícios dos aparelhos Zander. Dei meu passeio a pé.

5h 10'. Almocei bem ouvi missa às 11h Visitei o que pude do convento de Lichtenthal depois ter estado na igreja russa onde infelizmente acabara o ofício – ficará para a próxima vez – ouvi música e conversei passeando defronte do Trinkhalle. Vim com Maxime du Camp até o ponto de separação. São quase 5h; tempo bom. Antes de sair estive com o Tachard que conversa bem e com quem falei de Mme. Ristori e família.

7h Jantei bem. Conversei no salão. Acabo de estar com George Rümker diretor do observatório de Hamburgo. Conversamos sobre questões astronômicas. Recebeu diversas publicações do observatório do Rio por intermédio do nosso cônsul em Hamburgo. Interessou-me a conversa.

11h Estive no concerto das 8 – marco as músicas que ouvi – no programa. Conversei com a filha mais velha de Buckley-Mathews; Mr. Tachard; Ruxleben e outros. Voltei às pouco depois das 10h *[sic]*. Tomei chá, conversei com o Nioac passeando pelo corredor. Vou-me despir para deitar-me.

12 de setembro de 1887 (2a fa.) — 7 ½ Acordei às 7h Dormi bem. Vou para as duchas.

9h ¾ Nadei; aparelhos Zander e dei meu passeio a pé. Tempo magnífico

11h 40'. Almocei bem. Acabo de falar ao médico da Imperatriz da Alemanha aqui.

1h Comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original depois de traduzir hebraico. Acabo de beber café.

2h ¾. Conversei com Tachard e li o Débats.

4 ½ Estive durante o concerto a passear e por fim conversei assentado junto à mesinha onde estavam a Ruxleben e o irmão.

5h 5' Estive com o diretor do teatro de Carlsruhe cuja companhia cantará aqui boas óperas e depois marquei para o sarau musical aqui.

7h ½ Jantei bem. Pouco depois do café. Fui falar a Geymiller cunhado de Henri Delaborde. É membro correspondente da Academia das Belas Artes do Instituto de França. Encontrei-o assim como à mulher irmã de Honoré de Labord secretário da Academia de Belas Artes do Instituto em minha passada viagem nas montanhas da Suíça.

11h 5' Estive em casa da Seutter. Houve música que me agradou, assim aquela não cantasse. Antes de sairmos para o sarau musical foi a Imperatriz ver a Alice mulher do Grão-Duque de Toscana a qual chegou esta tarde. Depois do chá que tomei verde e com torradas aqui, conversei com o Nioac passeando no corredor. Vou despir-me e deitar-me.

13 de setembro de 1887 (3a fa.) — 7h ½. Acordei às 7h Dormi regularmente. Dia encoberto e chuveira.

9h ½ Ducha e aparelhos de Zander, passeio na galeria do Trinkhalle.

1 ¼ Almocei bem e agradavelmente com a Gran-Duquesa de Toscana Alice e seus filhos entre os quais um se parece muito com o Pedrinho, até no choro. Acabo de dar minha lição de alemão comparando a tradução com os Lusíadas e de Sânscrito. Vou sair e depois me reunirei à Imperatriz e à Alice.

4 ¾ Voltamos da Favorita, onde tornei a ver tudo e deixamos a Alice e a filha no hotel. Está chovendo, mas pouco. Recebi de manhã carta da Mana Januária de ontem. Ia me esquecendo dizer que ouviu-se a missa aniversária depois do almoço.

9h Alice, filha e filho jantaram cá. Houve conversa no salão e dei um relógio ao filho da Alice que se parece com o Pedrinho. Conversamos até se retirar a Alice com os filhos. Depois estive no quarto do Nioac com o genro neto do Andaraí. A Cecília tem estado muito incomodada do figado. Veio também, mas ainda não a vi.

10h 20' Depois chá *[sic]* passei na varanda com o Nioac. Vou deitar-me que tenho sono.

14 de setembro de 1887 (4a fa.) — 7h 20' Acordei às 7. Dormi bem. Já estou vestido. O tempo parece bom.

9h ½. Chego do passeio a pé depois da natação e aparelhos Zander. Dei a minha fotografia ao Casa Valência. O tempo está magnífico.

5h 10' Chego do concerto em casa de Guaíta. Estiveram pessoas conhecidas entre as quais a Ruxleben e uma cubana muito amável. Agradou-me. Tocaram a Janota e o violoncelista que já ouvi. Vou jantar.

10 ¾ Pouco fiz depois. Passava pouco das 6h ½ e estava no teatro ouvindo Tanhäuser. Agradou-me. Nos entreatos passei no foyer. Quase nenhum conhecido. Tomei chá. Passei no corredor com Nioac. Vou deitar-me. Antes da saída da manhã tive lição do Seibold.

15 de setembro de 1887 (5a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Já estou vestido para sair e o tempo está magnífico.

9h 40' Natação, exercícios ginásticos. Não falei ao Casa Valência que aliás cortejei.guardo o almoço.

12 Almocei bem. Conversei. Li os Débats de ontem.

5h 5' Lição do Seibold de alemão como da vez passada. Fui ouvir música e assisti ao baile das crianças com Maxime du Camp e os Nioac. Vou jantar.

7 ½ Comi bem; conversei e ouvi ler jornais.

11 ¾ Acabo de passear na varanda com o Nioac. Antes estive no concerto em um salão do andar térreo para o qual convidei pessoas que já se dão comigo. Junto o programa musical. Estiveram talvez 60 pessoas. Vou deitar-me.

16 de setembro de 1887 (6a fa.) — Acordei às 7. Dormi bem. Já estou vestido e vou para as duchas.

9 ½. Piscina onde nadei. Depois instrumentos Zander e acabo de entrar dando o meu passeio a pé. Encontrei ao chegar Me^{lle} de la Fauzie com outras pessoas. O dia está excelente.

1h 20' Almocei bem, li e conversei. Acabo da lição de hebraico e alemão.

4h 55' Passei e ouvi a música na Conversationshaus e depois conversei na mesa onde estavam Ruxleben, irmão e as filhas e genro do Nioac que aí se reuniram. Na música não se tocou música notável.

7h Jantei bem. Conversei depois e li a última correspondência de Paris no Jornal do Comércio recebido ultimamente.

11h Estive no concerto. Bem composto. Muitas saú [sic] me causou a marcha guerreira dos sacerdotes da ópera Atalia. Conversei com os conhecidos. Sempre estive passeando. De volta tomei chá e passei com Nioac no corredor. Vou despir-me e deitar-me.

17 de setembro de 1887 (sábado) — 7h 20'. Dormi bem. Já estou vestido. Vou para as duchas.

11 ½. Almocei bem. Conversei com o meu conhecido proprietário do Hotel do Cairo para onde vou. Não o reconheceria.

1 ¾. Lição com o Seibold.

5h 10' Passei e assisti ao concerto. Ainda lá fiquei conversando sobretudo com Maxime du Camp e Mme. Ruxleben. Acabo de chegar ao hotel.

12h 7' Jantei bem; conversei no salãozinho. Fui à música – junto o programa – e passeando conversei. Depois assisti ao baile pouco concorrido pela melhor gente. Aí conversei com Mme. Ruxleben. Deixei o baile pouco depois de 11h Chegava a Imperatriz da Alemanha quando eu voltara para o meu [sic]. Tomei chá, passei no corredor com o Nioac. Vou despir-me e deitar-me.

18 de setembro de 1887 (domingo) — 7h 21' Já vestido. Dormi bem. Dia bonito.

9h 25' Natação. Aparelhos Zander e chego do passeio.

2h 55'. Almocei bem depois de ler um pouco. Acabo de outra vez com a Imperatriz o Convento de Lichtenthal. Daí dei um passeio a pé pela montanha com o Carapebus. Nioac ficara no hotel. Vou agora à música.

5h 5'. Marquei as músicas que ouvi, no Badenblatt. Nada de importante. Acaba de sair a Imperatriz da Alemanha. Está muito acabada. Durante a música conversei com Maxime du Camp que separou de mim no lugar de costume.

11h 10' Jantei bem. Conversei. Ouvi a música das 8h cujo programa segundo o costume. Por causa da chuva findou na Conversationshalle, onde quando podia conversava com a Seutter que estava a meu lado. Voltei de carro. Tomei chá. Acabo de conversar com o Nioac passeando pelo corredor. Recebi hoje carta de Isabel de 25 de agosto.

19 de setembro de 1887 (2a fa.) — 7h 35' Dormi. Já estou vestido. Tem chovido.

9 ½ Natação, aparelhos Zander, passeio a pé. Acabo de chegar. Mais que chuvisca.

10 ½ Almocei bem. O tempo parece melhorar.

19 de 7bro [setembro] (2a fa.) — 2h ¾. Visita à Imperatriz da Alemanha. Li o último Débats.

5h Volto do concerto cujo programa marquei. Bom tempo

7h ¼. Comi bem, depois conversei. Logo vou ao concerto.

11h 10' Fui ao teatro onde representaram Ein Kind des Glücks comédia de Carlota Birch Pfeiffer. Não estive até o fim. Vim ouvir música na Conversationshaus. Marquei o que ouvi no programa. Não me agradou. Chegando ao hotel, tomei chá e dei meu passeio no corredor. Vou deitar-me.

20 de setembro de 1887 (3a fa.) — 7h 22' Já estou vestido. Dormi bem. O dia parece de chuva.

11h 10' Fui às duchas, natação e os instrumentos Zander. Passeio e volta a pé. Estive com a Antonieta Gran-Duquesa de Toscana. Almocei bem. Li Revue des Sciences n° de 10 do corrente.

4 ¾ Depois da lição de alemão como das vezes passadas fui ao hotel onde está a Gran-Duquesa de Toscana onde se achava a Imperatriz. Depois assisti ao concerto cujo programa junto. Conversei com as pessoas conhecidas e Maxime du Camp acompanhou-me até o lugar da separação.

11h Depois do jantar às 5h conversei. Fui ao concerto das 8 cujo programa junto. Durante ele conversei na mesa da Ruxleben e das La Fauzie. Tomei chá à volta ao hotel. Dei meu passeio no corredor com o Nioac e vou despir-me para deitar-me.

21 de setembro de 1887 (4a fa.) — 7h 25' Dormi bem. Acabo de vestir-me e vou para as duchas. Tempo bellissimo.

9h ½ Acabo de voltar. Natação e aparelhos Zander. É mais cedo porque jantarei mais cedo por causa da representação de Carmem.

4h 20' Dei minha alemão *[sic]*. Fui passear a pé e volto de ouvir a música. Marquei o programa. Maxime du Camp acompanhou-me à retirada. Falei ao Ruxleben. A temperatura e o tempo tem estado excelentes. Vi de bem perto o Pennafiel, mas não lhe falei.

5h 35' Jantei bem. Saio daqui a pouco para a ópera. Vim desta para receber o Grão-Duque de Baden e sua mulher que são sempre muito estimáveis. Voltei à ópera – Carmem – que foi melhor cantada no Rio – às 9 ½. Aí conversei nos entreatos com pessoas conhecidas. Depois do chá passei com o Nioac no corredor. São 10h 40'. Vou deitar-me.

22 de setembro de 1887 (5a fa.) — 7h 20' Estou vestido. Dormi bem. Sinto que a temperatura está baixa. Belo dia.

9h 40' Natação. Aparelhos Zander. Passeio que muito me agradou. Céu sem nuvens

10 ½. Almocei bem.

7h ½. Li; lição de alemão. Passei, fui à casa da Guaíta. Tocaram os conhecidos violoncelista e pianista Janota, conversei com a cubana, a Ruxleben e outras pessoas conhecidas. Jantar, a que assistiram a Gran-Duquesa de Toscana, filhas e netas. Depois música no salão. Acabam de sair a Gran-Duquesa e seu séquito.

10 ¾ Acabo de tomar chá depois de assistir ao concerto cujo programa envio. Nada ouvi de mais interessante. A temperatura era na galeria de 8º Rimmur. Vou fechar a carta para o Rio. Amanhã tenho muito que fazer.

22 7bro *[setembro]* (5a fa.) — 11h da noite. Vou despir-me e deitar-me.

23 de setembro de 1887 (6a fa.) — 7h 20' Acordei às 7. Dormi bem. Vou daqui a pouco para as duchas. Tempo excelente 1

1h da noite. Comi alguma cousa às 9h ¼. Fui depois a Carlsruhe. Assisti aí à conferência da Croix-Rouge cujo programa junto. Depois falei a diversos membros da conferência, entre os quais o Marquês de Vogué que eu conheci na minha anterior viagem de embaixador francês em Viena; orientalista distinto; membro do Instituto. Depois fui ao palácio onde almocei com o Grão-duque e a mulher assim como outros. Depois vi a exposição de ambulâncias e vagão-enfermaria notando apenas falta de cordão junto a cada leito para que o doente peça socorro facilmente. Visitei a exposição de ferro batido que muito me agradou pelo trabalho de muitos dos objetos. Junto o catálogo. Cheguei aqui de volta à 6. Jantei com vontade, mas pouco. Fui à música, estando a noite pouco fria, contudo não me assentei, passeando a conversar com pessoas já conhecidas. Acabada a música vim a pé para o hotel, tomei chá, passei no corredor com o Nioac e agora 11h 25' vou despir-me e deitar-me.

24 de setembro de 1887 (sábado) — 7h ½ Dormi soavelmente. Estou vestido. Vou para as duchas. Tempo encoberto.

9h 50' Nadei e o mais do costume. De lá a pé à igreja onde cheguei ao mesmo tempo que a Imperatriz de carro. Chegamos de ouvir a missa aniversária. Chuvisca.

4 ½ Dei lição de alemão e depois fui passear. Queria visitar a Isenburg filha da Gran-Duquesa de Toscana, mas tinha já partido daqui. Ventou, mas já acalmou o vento e o céu está coberto.

10 50'. Jantei bem. Depois conversei. Tive a visita da Imperatriz da Alemanha que está muito acabada. Depois passei no corredor com o Nioac. Vou agora despir-me e deitar-me. A noite está fria.

25 de setembro de 1887 (domingo) — 7h 20' Dormi bem. Acordei às 7h Já estou vestido. Belo dia e não me parece muito mais frio que manhãs de Petrópolis.

9h ½. Nadei e fiz os exercícios do costume nos aparelhos Zander. Dei meu passeio. Poucos conhecidos encontrei.

1h ½ Almocei bem. Escrevi cartas e daqui a pouco saio.

4h ¾. Bom passeio a pé até quase Lichtenthal e depois música. Voltei desta com o Maxime du Camp que prometeu-me cópia de um soneto francês que me recitou e hei de traduzir, pois agradou-me muito.

7h ½. A Gran-Duquesa de Toscana e a filha casada com o Isenburg com a dama jantaram cá. Já se foram. Ouvei o Nioac ler notícias no Temps. Vou daqui a pouco à música.

11h Passei ouvindo a música. Chegando ao hotel tomei chá. Acabo de passear no corredor com o Nioac e vou agora deitar-me. Ao entrar no hotel havia só 4° C.

26 de setembro de 1887 (2a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Está frio.

9h ¾ Acabo de voltar da estação onde recebi o Imperador da Alemanha que está muito acabado.

10h 40' Almocei bem.

12 ¾ Fui até à estação a pé de onde volto. Não chegou a Ristori como me escrevera.

4h 40' Enfim veio cá. Depois de ter conversado com ela fui visitar o Imperador. Acabo de voltar.

10h 55'. Jantei bem às 5. Pouco depois de tomar café fui à estação receber a Tereza filha do Príncipe Luitpoldo da Baviera, sempre a mesma – muito boa e muito inteligente. Da estação levamo-la ao hotel onde ficou. Ai despedi-me da Gran-Duquesa de Toscana e sua filha a Condessa de Ysenburgo. Vim para o hotel com a Imperatriz. Saí depois para o concerto. Por estar frio tocaram no salão. Marquei no programa o que ouvi. Depois de chegar ao hotel tomei chá. Conversei andando no corredor com o Nioac. Estou como sono e vou despir-me para deitar-me.

27 de setembro de 1887 (3a fa.) — 7h 20' Estou vestido. Levantei-me às 7. Dormi. Está frio mas seco.

9h ½. Chego do passeio a pé vindo das duchas do costume.

11h 40' Almocei bem. Acabo de conversar com a filha do Príncipe Luiz de Baviera.

7h Tradução de alemão como das vezes passadas, depois da lição de sânscrito. Passeio ouvindo música no coreto da Conversationshaus. Conversei com diversos. Jantou aqui a Teresa filha do Luitpold. Saiu há pouco. Junto o programa, marcadas as músicas ouvidas, do concerto referido.

10h ¾. Antes do jantar visitaram Bylands e a mulher, representante aquele dos Países Baixos; também Stahl embaixador da Rússia. Fui ao concerto das 8. Junto o programa onde marquei as músicas ouvidas. Conversei com as pessoas minhas conhecidas que lá se achavam. A noite aqueceu; toldou-se o céu cobrindo-se a lua. Chegado a casa tomei chá. Passei com o Nioac pelo corredor. Vou despir-me e deitar-me. Tenho sono.

28 de setembro de 1887 (4a fa.) — 7h 20' Dormi bem. Acordei às 7. Já estou vestido. Céu encoberto. Vou para as duchas.

11 ½ O costumado na casa das duchas. Voltei a pé, já não chovia. Ao almoço chegou a Teresa da Baviera. Dei-lhe uma viagem ao Brasil em alemão que não li ainda e achei aqui a venda. A Teresa da Baviera despediu-se. Li um pouco. Vou para a lição do Seibold.

6h 20' Fui ver o estabelecimento pneumático cuja descrição prometeram. Concerto a convite da Ruxleben. Junto o programa. Agradou-me sobretudo a harpista. Depois assisti à música em do Dr. Heiligenthal que muito me agradou e cujo programa anexo. Muito me agradou. Depois do jantar fui receber à estação o Gran-Duque e a Gran-Duquesa de Baden. Voltei ao hotel. A Imperatriz e meu neto foram para o teatro e eu daqui a pouco para a estação receber o Rei da Bélgica.

11h Depois de acolhê-lo na estação fui para o teatro. Cantaram bem a Dame Blanche – junto o libreto. Nos entreatos, falei a pessoas conhecidas. À volta do teatro estive cá o Rei dos Belgas. Tomei chá e conversei passeando no corredor com o Nioac. Vou me despir e deitar. Penso que está caindo chuva.

29 de setembro de 1887 (5a fa.) — 7h 20' Vestido. Dormi sofrivelmente. Tempo encoberto. Chuvisca.

11h 5' Natação, aparelhos Zander. Almocei bem depois de ter voltado a pé.

1h 40' Dei lição de hebraico e de alemão.

4 ½. Visita ao Grão-Duque de Baden com a Imperatriz passei pelo hotel onde está o rei dos Belgas – tinha saído.

11h 5' Acabo de dar o meu passeio de corredor com o Nioac, acabado o chá. Antes assisti ao espetáculo do prestidigitador Meunier – junto o programa. Não foi grande cousa. Depois ainda ouvi o concerto que foi no salão da Conversationshalle – programa marcado.

30 de setembro de 1887 (6a fa.) — Dormi bem. Acordei às 7.

7 ½. Vou para as duchas.

9 ½ Como de costume. Dia encoberto.

11h Primeiro Almoço com apetite. Escrevi. O Seibold despediu-se. Vai para Paris.

4 ¼. À 1h Almoço no Castelo do Gran-Duque. À direita a Gran-Duquesa filha do Imperador. Almoçou também o Príncipe Henrique filho do Príncipe Imperial, o qual esteve no Rio. Foi tudo muito agradável. Depois música na igreja protestante. Junto o programa.

11h Jantar no palácio do Gran-Duque. A Gran-Duquesa ficou defronte com o Pai à direita. Eu tive por sorte pouco feliz a Imperatriz da Alemanha à esquerda e a Princesa de Nassau nora do Grão-Duque de Baden à direita.

Chegado a meu hotel ocupei-me em fazer versos. Fui ouvir a música Conversationshalle, tendo primeiro passeio defronte do Quiosque, sobretudo com o Rances y Villeneuve, agora Marquês não me lembro de que, o qual foi Ministro de Espanha no Rio. Estavam assentados perto de mim a Penedo, a filha, a Pennfiel, e pouco distante o filho desta e o Rances y Villeneuve. Voltando ao hotel tomei chá. Acabo de passear no corredor com o Nioac.

1 de outubro de 1887 (sábado) — Acordei às 7. Dormi bem.

7 ½ Vou às duchas. Nada de novo.

10h Pouco antes da partida. Despedidas na estação: do Imperador, Gran-Duque de Baden e sua mulher, Rei dos Belgas, Gran-Duque de Saxe-Weimar, outros Príncipes, Rances y Villeneuve, Maxime du Camp, Mme. Ruxleben, Penedo mulher e filha e outros.

10 ½ Passamos fortificações de Rastadt. Campo cultivado.

11h quase Calrsruhe. Torre isolada numa colina à esquerda – venho de costas.

11 ½ Bruchsaal

12h 10'. Heidelberg venho de frente. Grande edificio a construir à esquerda. À direita o grande Hotel Schrieder. Parada.

12h 20' Segue. Pequeno túnel outro maior. Parou. Apagaram as luzes. ½ Margeia-se a margem esquerda de um rio pouco largo que navega um pequeno vapor rebocando. É o rio Neckar – 40' da Estação de Neckagemünd. Túnel pequeno. Pequena povoação atravessada por pequeno rio. 50' Neckarteinach com um pequeno castelo sobre a montanha, tudo à direita.. 55' Neckarhausen também. Falda de colina à direita com arbustos que parecem cafezal.

1h Estação de Hirschonn. Túnel pequeno. Novamente o Neckar, túnel maior e ainda o Neckar... margem esquerda – e 10' Eberbach – Túnel curto. Do outro lado do Neckar, margem direita, ruínas pitorescas sobre uma montanha pouco alta – e 25' Passamos pela estação à esquerda de Zwingenberg que dá o nome às ruínas mencionadas.

½ Estação de Neckargerach com povoação à direita. Dupla curvatura do Neckar. Túnel que me pareceu maior que os precedentes. Estação de Binau. Ondulações do terreno cultivadas. Novas sinuosidades do rio.

1 ¾. Parada em Neckarels de poucos minutos. Mosbach poucos minutos de parada.

2h 4' Dallau. Segue quase sem parar. Túnel pequeno – Auesbach Túnel pequeno

2h ½. Passou-se por Eicholsheim – Túnel pequeno. Passamos por estação pequena. Túnel curto. Outro menor.

2h 42' Adelsheim – Túnel pequeno. 55' Osterburken com estação grande. Rosenberg, por cuja estação passou-se, Hirschlanden id., Eubigein parada de minutos. Túnel curto.

3h 27' Baxberg - Wölschingen terreno bem plantado. ½ Schweigern. Parece aldeia com igreja e algumas casas já. 37' Unterschüpf. Pequena aldeia. 45' Königshofen id. 50' Lauda

4h Avistam-se 3 povoações, 2 à esquerda e uma à direita. Parou-se um instante e agora passou-se a estação de Gerlachsheim, pequena povoação; mas a igreja avistada não me pareceu tal. 12' O trem está parado há minutos, mas não posso ler o nome da estação. 17' Era trem que vinha. Seguimos. Passamos pela estação de Grünsfeld. 20' Pela estação de Zimmern. ½ Passado pequeno túnel, parada na estação de Wittighausen muito pequena. 42' Passamos pela de Kircheim. 5h Passamos pela de Reichenberg 5' pela de Heidingsfeld. 10' Wurtzburg. Jantei na estação.

10 ³/₄ Chegada à estação daqui às 9h 1/2. Ai estava a Duquesa Alexandrina. Havia guarda e tocavam o hino brasileiro. Acabo de tomar chá e passei no salão de meus aposentos com o Nioac. Vou deitar-me. Recebi telegrama da Condessa logo ao chegar e respondi.

2 de outubro de 1887 (domingo) — 7 ³/₄ Acordei-me às 7h ¹/₄. Já estou vestido. Temperatura fora 6°. 8 ¹/₂ O estabelecimento das duchas não me agradou e por isso não as tomei. O dia está úmido.

10h ¹/₄ ouvi a missa. Muito me custou não chorar como uma criança perto do túmulo da minha Leopoldina.

11h 25' Almocei e recebi o filho do Duque de Edimburgo que está aqui no Ginásio. Este menino agradou-me. Depois veio o padre Fleischmann que disse a missa.

3h Volto da visita à Alexandrina. Vi o que pude do castelo no Callenberg. Hei de lá voltar para jantar. Vou escrever à Isabel. Ainda um abraço a todos cinco.

Coburgo, 2 8bro [outubro] 4 ¹/₄. Acabei há pouco de fechar a carta com o meu diário para a Isabel.

8h 40' Jantei com a Alexandrina no castelo do Duque Ernesto ausente. Sempre amável. Subi até o lugar dos sinos na torre do qual se descobre pelas janelas um vasto horizonte. Conversamos a respeito da Condessa Edla cuja situação a interessa. Hei de escrever a esta e talvez possamos ambos concorrer para o bem da Condessa.

10 ³/₄. Tomei chá depois das 9h Tendo estado a passear no quarto do Nioac. A noite está fria. Vou-me deitar.

3 de outubro de 1887 (2a fa.) — 7h ¹/₂ Acordei perto de 7. Já estou vestido. 8° F. 8 ¹/₄ Partimos. A Alexandrina veio à estação. Vi aí o Conde Gobz comandante do regimento ou do batalhão e que fez-me a continência na chegada ontem.

Niederfüllbach Ebersdorf – Campo com plantações. 8h 46' Lichtenfeld.

9h 10' Passamos pela estação de Staffelstein. Antes avistamos 2 edifícios sobre montanhas; o da direita é a abadia de beneditinos de Banz sobre o Mein. 20' Estação de Ebensfeld ¹/₂ de Zapferdorf. Vi grandes balsas de madeira. Acabo de ler La France de 1°. 20' Breitengüsbach 40' Hallstadt. Campo bem plantado.

10h Bamberg. 20' Segue. O Burgomestre com o seu colar e hábitos cumprimentou-me à chegada e à saída. Almocei com vontade. Planície bem plantada. ¹/₂ Oberhaid pequena povoação. 40' Staffelbach 49' Pequena parada antes de passar pela estação de Ebersbach Seguimos por planície mais ou menos plantada em vale largo.

11h quase, parada curta antes de passar pela estação de Zeil.

7h Parada curta antes de passar a estação de Hassfurt pequena cidade murada. Margeamos um rio margem direita. Estação de Obertheres. Plantação de vinha. Pequena parada antes de passar a estação de Güdheim. Plantação de vinha. 40' Schonnungen. Passa-se por perto da pequena povoação com igreja. Margeamos, creio que pela esquerda um rio pouco largo. Parece ser o Mein. Parada. 55' Schwinfurt parada. Bifurcação à direita para Genanden.

12h 12' Passamos a estação de Bergenheinfeld. Campo arado ou com plantação. 20' Weifolshausen pequena parada. Vasto campo arado e a brotar. ¹/₂ Essleben. Parada de minutos. O céu tem estado nublado. 24' Quase Bergtheim. Casa com a frente coberta de trepadeira meia verde e meia já vermelha. ³/₄. Selingstadt. Parada de minutos. Campo verde arado e a brotar. Medas à esquerda couralal verdejantes entre outras a brotarem. Tufos de arbustos.

1h Rottendorf. Parada de minutos. 20' Würzburg descendi na estação 35'. Parada. Grande edifício que parece hospital – é o Julius da Escola de Medicina – Weitschosheim. Passamos pela estação. Grande plantação de vinha à direita. Além do rio na margem esquerda avista-se povoação. Atravesso terreno plantado e quase todo verdejante. Vamos margeando o rio. Plantação de vinha à direita na falda das colinas. Do outro lado do rio pequenas povoações.

2h Parada na estação de Karlstadt de minutos. Bom trecho margeando o rio onde vejo pequenos barcos e um creio que de escavação. 20' Estação de Gemünden. Parada de minutos. Grande trecho do rio – barco pequeno de banhos. Povoação pequena à direita, outra maiorzinha à esquerda. Estação de Langejarszelten. Estreita o vale. Gado junto ao rio. Aldeola à direita. Alarga o vale. Margeia-se longa extensão do rio. Aldeola da outra banda com sua torrinhã; atravessa-se outra; Lohr, em cuja estação há parada. Bonita paisagem entre colinas e montes cobertos de árvores como as de cá com as cores do outono. Passa Laufach Céu acinzentado e parece choviscar. Hösbach

3h quase ½ Aschaffenburg. Não avistei a casa pompeian (?) mandada construir pelo rei Luís da Baviera junto ao fosso. Atravessamos o Mein. 55' Babenhausen.

4h Planície bem plantada e verdejante. 10 Dieburg. Pouco depois atravesso um pinheiral. Tenho avistado veados. Olearia pequena no meio do campo como no Brasil.

4 ½. Darmstadt. Aqui nasceu Liebig. Sentirei não vir seu busto que está na estação. Avistei ao longe a colina em cujo cimo está a estátua do Grão-Duque Luís 1º a quem tanto deve a cidade, de 7m de alto esculpida por Schwanthaler; o da Bavária de Munich

4h 50'. Passamos por Gross-Geran

11h 20'. Já tomei chá. Cheguei ao hotel em Colônia às 10. Já vi passando a catedral. No caminho flamejavam as fornalhas da fábrica do Krupp à margem do Reno. A lua clareou e produzia belíssimo efeito.

12h Estive com o Krupp filho no quarto do Nioac. Vou me deitar.

4 de outubro de 1887 (3a fa.) — 7h 40' Dormi bem. Já estou vestido e escrevo. Dia escuro de chuvinha.

11 ¼. Fui ao estabelecimento das duchas. Muito bem montado. Tomei banho de chuva. Vi o diorama da batalha de Worth (Junto a explicação). Há partes muito bem pintadas como o lado da ferme perto da qual está Mac-Mahon a cavalo e defendem-se os turcos, dentro de um cercado de pedra. Estive no estabelecimento Farma (folheto anexo). Na sala dos retratos do Farma fundador e de outros da mesma família há um do último que pareceu-me muito bem pintado. Almocei bem na companhia do Krupp filho.

4h ¾. Acabo de estar na catedral onde estive mais de hora sem a ver bem. Antes visitei a igreja de S. Pedro e admirei uma vez mais o belo retábulo de Rubens da Crucificação de S. Pedro de Rubens. Estaria ainda a olhá-lo com admiração. Antes de tudo visitei o museu. Gostei muito do retrato da Rainha Luiza descendo a escada pintado pelo Richter genro de Meyerbeer. É belíssimo. Marquei no catálogo o que mais me agradou. Estive na casa do diretor onde há belas pinturas e algumas dele .

11h Jantei bem. Fui ao teatro que é bonito e onde representaram bem a comédia Último (Junto o Kölner Hachrichter de hoje). Depois tomei chá e falei com os Viscondes de Nioac e Dr. Mota Maia. Vou-me deitar.

5 de outubro de 1887 (4a fa.) — 7h 10' Já vestido. Acordei às 7. Dormi bem. Li os Débats de 2. Vou tomar café. Dia de neblina.

8h 35 Partida. Rei dos Belgas com 3 ajudantes veio à estação e vai no trem. Planície de couralal bem plantadas. Túnel de alguns minutos. Planície com árvores e plantada. Avistam-se arados trabalhando.

9h 25' Estação de Düren – 35' Eschweiler. 50' Stolberg. Túnel

10h Aixla-Chapelle. 10' Segue tendo eu pouco andado na estação. Colinas verdejantes. Bonita casa isolada à esquerda. Túnel curto. Outro menor. ½ Herbsthal. 48' Dolhain lugar bonito. Pequeno túnel – outro; mais um; outro

11h Chegamos a Verviers. 40' Partida depois do Almoço na estação. Aí se apresentou o botânico Alfred Cogniaux que colabora na Flora Brasiliensis com a monografia creio que das orquídeas. Túnel que não é longo, outro menor – outro maior; outro menor. Trooz – Túnel pequeno – La Brouk. Vale bonito onde corre um ribeiro bonito. À direita um colégio de meninos brincando no jardim. Túnel pequeno. Atravessamos uma povoação que o rio acompanha. Atravessamos 12 ½ o Mosa. Chegamos a Liège. Sinto não encontrar mais Percot que já morreu. Bela vista olhando para a cidade que se vai afastando. Subida rápida. Grande planície que parece tapete com as plantações e moinho de vento a trabalhar ao longe. Avistou outro à esquerda. Vou de frente. Estou no campo de batalha de Neerwinden. Agora só vejo nele meios de nutrir o homem.

12h 50' Passamos por Waremme. 55' Rouxcoyer.

1h Gingelom. 3' Landen onde morou Pepino deste nome maire du palais no reinado de Dagoberto 1º cerca de 620. Avista-se um túnel depois de outro que se vê perto de Landen que serviu de primeira sepultura a Pepino. ¼ Passamos por Tirlémont que se crê pátria do jesuíta Bolandus, que deu o nome aos bolandistas. m. 1655 – 35' Vejo ao longe uma das torres da catedral de Louvain. Atravessamos o canal – Passa Wisele. Depois outra começando por Havent 55'. Savensheim.

2h Dieghem - Shaerbeek. Chegamos a Bruxelas.

2 ³/₄ Vim com o Rei e a Rainha a qual estava na gare onde se achava Mme. Villeneuve; Saldanha da Gama e família, Itiberê e outros brasileiros como Vitor Meireles. Fiquei de ir a Ostende ver o panorama que ele e o Langenrouck que me apresentaram hão de expor naquela lagoa.

4h 45' Visitei a Universidade livre. Nada de notável. O anfiteatro de anatomia e gabinete de química e de física estão noutra parte. Hei de vê-los brevemente.

6 de outubro de 1887 (5a fa.) — Meia-noite ³/₄. Jantei bem. Vieram os Villeneuve. Fui ao teatro. Cantaram em geral agradavelmente As Valquírias de Wagner. Estiveram no meu camarote os Villeneuve que me acompanharam na volta. Acabo de conversar com o Nioac depois de tomar chá com ele e os Carapebus. Vou me deitar.

6 de outubro de 1887 (5a fa.) — 7 ³/₄ Dormi bem e já escrevi. Vou me vestir.

3 ¹/₄ Depois de comer um pouco fui ver o Palais de Justice. Assisti aos trabalhos de um dos tribunais. Depois subi até o ponto mais elevado do edifício a que se chega por meio de degraus que são 600 desde o ponto mais baixo. Comi um pouco e bebi chá com torradas. Fui a Laecken. Almocei com o Rei, Rainha, Ministros, Villeneuve e mulher, etc. Depois fui ver as estufas onde há plantas curiosas.

Na sala de comida vi quadros que muito me agradaram, sobretudo o retrato de mulher feito por Pourbus. Depois estive na legação brasileira de onde cheguei às 4 ³/₄.

São 5h Visitas de bastantes pessoas que já vira. Pedi ao Juan Valera suas recentes publicações. Jantei na legação. Depois houve concerto de canto, piano e de violoncelo. Gosto do que tocou este instrumento. Estiveram os diplomatas e suas famílias. Foi um pequeno soirée muito agradável. Tomei aí chá. Voltando quase nada fiz e agora vou dormir.

7 de outubro de 1887 (6a fa.) — Dormi bem. 8h Vestido. Vou para a casa de banhos.

9h 50' Ducha de chicote e de chuva. A piscina é muito bela. Voltarei para nadar. Fundo de rampa até à profundidade de 5m.

Palais de Justice. Visitei o que me falava. Gostei muito da Sala de Cassação. É um dos belos edifícios da Europa.

3h 55' Almocei bem. Voltei de minha visita ao Museu onde achei os Van-Beneden. Pai muito bem conservado apesar de seus 80 anos e o filho. Examinei todas as coleções. Depois estive na galeria de pintura – marquei no livro que deixei lá para minha segunda visita. Fui à sinagoga e lá voltarei amanhã de manhã para assistir à cerimônia do sábado. É uma bela sala a do santuário. Vi os retratos de rabinos em uma sala ao lado do templo. Pedi ao guarda uma bíblia para amanhã e que prevenisse o rabino e sub-rabino.

11h 55 da noite. Jantei com o Rei e a Rainha. Estavam o Villeneuve e a mulher. Van Beneden pai e filho, Gevaert diretor do Conservatório de música, Van der Straten Ponthos que está avelhantado e outros. Junto o programa do que se tocou durante o jantar. Conversei pouco depois. Trouxe a Imperatriz ao hotel. Depois fui à Favorita de que ouvi o terceiro e 4º atos do camarote junto ao tablado. É o da rainha e estava lá o Pedro. Cantaram bem. Vou deitar-me.

8 de outubro de 1887 (sábado) 7h 10' Levantei-me. Não dormi mal.

1h 25'. Parto para Paris tendo vindo à estação os Villeneuves, Dr. Saldanha e família, Cantagalli Ministro da Itália, Juan Valera da Espanha e muitos outros. Antes do almoço fui às duchas. Vi a cascata da piscina natatória. Não é alta mas cai bastante água.

Visitei a sinagoga assistindo às cerimônias do sábado. Li o hebraico perto do rabino a quem falava às vezes. Tocaram bem órgão no fim. Depois visitei o jardim botânico as estufas e vi numa delas o tanque de água quente das Vitória Régia que ainda não tem flores.

Estação de Hal – li o que diz Osâdeker. Examinei o que pude do jardim que me agradou e voltei para o almoço a que assistiram os Villeneuve.

2h 24' Mons. Acabei de ler a Revue Internationale de Bruxelas onde vem meu retrato e uma biografia minha.

3h 12'. Sigo, tendo antes andado na estação. O tempo está enevoado. 28' Aulnoye. 40' Acaba um mato. Campos arados e bem plantados. 50' Le Cateau-Cambresis. Colinas mais ou menos verdes pelas culturas. Vai chegar St. Quentin pátria do

grande historiador da França Henri Martin que eu tanto estimei e conheci tendo viajado segundo programa dele na Bretanha era muito amigo meu e de Mme. Planat a quem devo nosso conhecimento íntimo.

4h $\frac{1}{4}$. St. Quentin. Encomendei a um homem da estação algum modelo e fotografia da estátua de Henri Martin para dá-la a Mme. Planat. Disse-me aquele homem que o monumento fica a $\frac{1}{4}$ de légua da estação. $\frac{3}{4}$ Tergnier. Dei meu pequeno passeio na estação. 55' Chauny.

5h Appily. 6' Noyon. 25' Compiègne. 57' Creil. Fábrica importante de porcelana opaca. Já se vê muito mal. 6h 17' Chantilly, segundo dizem. 35' Surveilliers. 50' A chegar a Paris.

11h 1/ [sic] Encontrei na estação a Condessa de Barral, Estrela e mulher, Conde de Áquila. Hei de visitar amanhã a Mana Januária. O filho dela com o neto que estivera comigo em Baden-Baden aí se achavam e muitos outros conhecidos como Daubrée, o Ministro português Barão de Sta. Ana.

Jantei com vontade e fui à Ópera. De lá volto, Cantaram mediocrementemente o Roberto o Diabo. Junto o programa do Entracte. Vou agora deitar-me.

9 de outubro de 1887 (domingo) 7 menos 5'. Dormi bem. Tempo enevoado.

10h Volto das duchas. Hei de ir talvez amanhã tomar banho no Haman que visitei já hoje. Dei um sofrível passeio a pé.

1h Condessa com o netinho depois do almoço. Missa em Sto. Agostinho onde havia a rezada por um defunto. Encontrei ainda no hotel a Condessa com o netinho.

4h 5' Fui ver o panorama da batalha de Resonville por Neuville e Detaille. É belíssima pintura. Há efeitos de luz notáveis. Hei de procurar uma cópia ou fotografia. Acabo de passear de carro e a pé pelos Campos Eliseos onde encontrei pessoas conhecidas como a família Valais de Petrópolis que apeou-se para falar-me. Estive também em casa da Mana Januária que está de pé e muito melhor da gripe.

10 $\frac{3}{4}$. Jantei com apetite. Fui depois à casa de Mme. Planat a quem levei o que recebi de St. Quentin relativo ao monumento de Henri Martin. Estava animado. Receberam-se notícias da Ristori a quem ela mandara o criado que eu também encarregara de recados para a Ristori e família.

Chego do Eden-teatre. É bonito com sua arquitetura árabe e espelhos. Junto o programa. A principal dançarina não é feia e dança bem. O cenário é muito bom.

Estou escrevendo da mesa do chá. São 11h 40'. Vou deitar-me.

10 de outubro de 1887 (2a fa.) — Acordei às 7. Dormi bem. Contudo mamãe teve sua asma de que vai bem agora. Saio logo. Vou ao Haman tomar o meu banho. 11h 5' Depois da ducha dei meu passeio a pé, e acabo de almoçar com apetite. Dia sombrio. Vou escrever à Isabel.

10 de 8bro [outubro] de 1887.

Fui ver o panorama da batalha de Bugenval. Agradou-me. Chovia mas pouco. Depois estive em casa de Mme. Ristori. Conversei com ela e vi os filhos. O marido descansava. Enfim fui à sessão do Instituto. Estive assentado ao pé do Daubrée. Falou o Chevreul que está caducando. As comunicações não foram de muito interesse.

Jantaram cá a Mana Chica e o Joinville. A Condessa esteve cá antes.

11 de outubro de 1887 — 12 $\frac{1}{2}$. Acabo de tomar chá tendo estado antes no teatro francês onde representaram bem como quase sempre.

7 55' Dormi bem. Já estou vestido. Vou para as duchas.

9h 55' Souberam-me. Andei a pé e chego do cabeleireiro. O dia promete ser bom.

7 $\frac{1}{2}$ da noite. Depois do Almoço visitei Monsenhor Pinto de Campos por estar de cama. Conversamos um pouco. Fotografei-me em casa do Siroco que é o fotógrafo dos membros do Instituto. Hei de mandar a coleção a minha filha. Estive depois em casa de Arsten Houssaye cuja irmã acabava de fazer o retrato a lápis da Imperatriz que lá estava com a Condessa de Barral. Depois fui ao Campo de Marte ver os trabalhos da futura exposição, sobretudo a torre Eiffel. O tempo estava chuvoso. De lá vim para casa. Recebi e jantei com vontade.

11h 5' Chego das Vaudeville, representaram bem La Grammaire e Celimare le bien-aimé (junto o programa). Agradou-me. Passeei no foyer pequeno de forma oval que não é feio.

Vou tomar chá. 40' Tenho estado a ver cartas dirigidas a mim. Vou cuidar de dormir.

12 de outubro de 1887 (4a fa.) — 7 ³/₄ Já estou vestido. Dormi bem. Dia encoberto. Vejo que a inauguração do belo observatório de Nice devido a Bischoffsheim será a 21.

9h ³/₄. Fui às duchas. Visitei o estabelecimento do Dr. Beni. Não corresponde ao que me constava dele .

12h 10' Almocei bem. Tenho estado a ver o que me mandaram.

7h Visita à Barral. A Madame Ristori. Fotógrafo Benke onde vi fotografuras por novo processo. Depois recebimento de diversas pessoas entre as quais os Villeneuve. Jantei. Li cartas e às 8 estava no Grand-Opera.

13 de outubro de 1887 (5a fa.) — Meia-noite e 10'. Assisti a quase todo o Profeta de uma das cadeiras tendo passeado um pouco pelo foyer. Tomei chá e vou agora deitar-me.

Dormi bem. São 8 ¹/₄. Vou para as duchas.

10h 5' Estou de volta. Para fazer exercício a pé percorri a passagem Jouffroi. Comprei um boneco tocando piano para a filha do Mota Maia. Chove um pouco mas não faz frio.

6h ³/₄. Almocei bem. Fui ao estabelecimento de vender café do Brasil que aí se torra do Ferro Cardoso. Gostei de visitá-lo e trouxe impressos que me deu o dono. Visitei rapidamente o Louvre.

12h da noite. Recebi visitas. Fui jantar em casa de Nioac. A não ser da família assistiram a Condessa de Barral filho e nora e o Arinos. À noite tocou muito bem rebecca o Sivori e piano.

Foi reunião muito agradável. Cheguei há pouco de lá.

14 de outubro de 1887 (6a fa.) — Acordei às 7h São quase 8 e estou vestido. Tempo encoberto. Vou para as duchas.

10h Souberam-me. Dei meu passeio de carro e a pé nos Campos Elíseos até o Arco da Estrela. O sol foi rompendo os nevoeiros e brilha agora bem.

11h Estive vendo cartas. Deve chegar agora o Rocca.

12h Conversei pouco com este e o Ministro Argentino que tem melhor fisionomia do que Rocca.

11 ¹/₂ da noite. Acabo de ver cartas tendo tomado antes chá, de volta da Sociedade de Higiene. Presidia Marié Davy. Estava também Daubrée Pietra Santa deu conta do expediente falando sobre as obras apresentadas. Antes fui à Tour St. Jacques onde vi trabalhar o pêndulo de Foucault tendo falado Fonviel. Antes do jantar estive em casa de fotógrafos e fui à sessão da Academia das Inscrições e Belas letras presidida por Bréal. Estava na mesa também o Hervey St. Denis que veio falar-me. Vi uns deuses gauleses de bronze sobre que fez uma leitura Simon Luce.

15 de outubro de 1887 (sábado) — 7 ³/₄. Dormi bem. Já estou vestido para sair.

3h 6'. Tomei a ducha. Dei meu passeio. Almocei bem. Chego da casa da Mana Chica despedindo-me dela que parte para Chantilly. Antes estive na sessão das Ciências morais e políticas presidida por Gréard. Acabada ela falei aos acadêmicos presentes. Saí de novo dentro de pouco tempo.

7h ¹/₄. Fui à Academia das belas artes. Leu Henri Delaborde. Vim de lá para jantar. Jantou a Condessa. Assistiu a Mana Chica e jantou a Mana Januária e o Conde de Aquila. Antes do jantar tive visitas entre outros a filha do Japurá e os filhos de Mme. St. Georges.

7h ¹/₂ Vou preparar-me para ir à casa da sobra do Alfredo Nioac.

16 de outubro de 1887 (domingo) Meia-noite ¹/₄. Foi um concerto muito agradável e Coquelin Cadet apresentou cenas com muitíssima graça, Sarah Bernard declamou versos como ela o sabe. A Van Zanda cantou com muito mimo embora não me agrade muito sua voz. Excelente companhia de Mme. Ristori e filhos, dos Villeneuve, de Mme. e Melle de Lagrenée e outras pessoas conhecidas. Esteve a Condessa, Dominique e a mulher; Mr. Gillaume, a pintora Abbema, e muitos outros conhecidos mais ou menos. Agradou-me muito o sarau. Vou despir-me e descansar.

Acordei às 7h ½. Dormi bem. Tempo encoberto. Vou ver se saio.

10 ¼ Duchas, passeio de carro e a pé até além do Arco da Estrela. Vi num termômetro 1° apenas.

11h Acabo de almoçar. Bom tempo. Sol bem quentinho que me alegra agora o quarto.

12h 20'. Tomei as duchas que me souberam. Dei meu passeio. Almocei bem. Volto da missa na Madeleine e vou agora às Battes Chaumont.

7 ¼. Estive no Quiosque, na ponte suspensa que se está consertando e por isso não percorri toda, na gruta da cascata, enfim gozei o mais possível deste lindo passeio. Fui à casa da pintora Dusseuil recomendada de Mme. de Villeneuve e gostei muito dos retratos de um abbé e de uma senhora de corpo inteiro sobretudo daquele. Fui ao hotel dos Inválidos não tendo podido descer ao lugar do túmulo de Napoleão. Vi os outros túmulos e fiquei de voltar 4ª fa. para visita mais completa.

Recebi as pessoas que vieram, entre outras Mme. de Villeneuve e jantei bem, assistindo a Mana Januária.

17 de outubro de 1887 (2a fa.) — 12h 20' da noite. Acabo de tomar chá. Assisti à Gran-Duquesa nas Variétés. Junto o anúncio. Judá e Christian cantaram e representaram bem distinguindo-se este como cômico no papel de General Brum.

Vou deitar-me. Levantei-me às 7 1/2. Dormi bem. Vou ver se tomo ducha.

9h 55' Estive no Hamam. Soube-me a ducha de repuxo. Tomei café com um pouco de pão com manteiga. Fui passear a pé no parque Monceaux. Acabo de voltar. Dia de sol e não muito frio.

11h ½ Almocei bem. Vou sair. O dia está de sol.

7h ½ da noite. Estive na Escola de Minas percorrendo as coleções, fui antes à Escola de Farmácia gostando de ver os gabinetes e sobretudo o de matéria médica. Assisti à sessão da Academia das Ciências. Estiveram há pouco aqui o Chevreul com o Triana de Venezuela, autor do trabalho sobre as quinas.

18 de outubro de 1887 (3a fa.) — 12 ½ da noite. Gostei da Aida que ouvi até o fim. Voltando tomei chá. Vou dormir.

7 ½ Dormi sofrivelmente. Dia encoberto

11h 5'. Fui ao Hamam; depois passei no jardim das Tuileries. Já almocei e bem. Depois fui ver quadros de Mme. Haas conhecida do Krupp. Não me pareceram grande cousa. De lá fui ao Jardim das Plantas cujo novo edifício me agradou. Não está ainda arranjado. Tem diversas galerias e sobre o solo se poderão colocar os ossos dos animais gigantescos. Quem me mostrou tudo foi Fremy. Lá estava também o Chevreul cujo centenário celebrou-se nesse imenso edifício. Vi os animais apanhados nas sondagens do Talismã. Evitei gastar tempo com o que já conhecia. Encontrei aqui na volta a Condessa e Dominique. Vem jantar cá amanhã. Um Grassut apresentou-me um aparelho de mostrar os principais movimentos da terra e da lua. Estiveram depois do jantar o Czarttorisky e a mulher.

19 de outubro de 1887 (4a fa.) — Meia-noite 20' Gostei muito de ouvir a Arlesiëne de Bizet no Odeon. Junto o programa. Gostei da estátua de Molière moribundo que está no foyer. Também há outra muito bela de Clesinger representando a tragédia. Há bons retratos de artistas como o feito por Caroles Durand de um ator. Vou despir-me para dormir.

Acordei depois das 7 ½. Dormi bem. A Imperatriz teve alguma asma de manhã cedo. Vou para as duchas.

10h Muito me agradaram. Depois dei meu passeio pelo parque Monceaux, voltando pelo Arco da Estrela onde tornei a tomar o carro.

11 ¼ Mana Januária e marido estiveram aqui antes do almoço a que assistiram a Condessa e o Arinos.

5h 20' Acabei de receber. Vieram bastantes pessoas. Ajustei com Mr. Ravaisson a visita ao Louvre no sábado.

O neto da Januária filho do Luis trouxe-me de presente um desenho geográfico da América do Sul feito por ele.

Estive no hotel Lambert cujas pinturas sobretudo de Lesseur me agradaram. Fui depois ao Museu Spitzer que tem objetos muito curiosos. Juntarei brevemente o catálogo. Vim para casa e depois da recepção do costume fui jantar à casa do Arinos. Depois houve aí reunião onde se tocou.

20 de outubro de 1887 (5a fa.) — Acordei depois das 7. A Imperatriz teve sua asma. Vou para as duchas.

10h 25 Acabo de voltar. Depois de estar no Hamam dei bom passeio a pé pelo jardim das Tuileries.

11h ½ Acabo de almoçar. Dia bom.

20 de 8bro [outubro] (5a fa.) 1887 — 11 ½. Já expedi carta e folhas do Diário à Isabel assim 3 grupos fotográficos e uma carta do Presidente da Sociedade da Croix-Rouge.

Fui ao Colégio de França, onde encontrei Renan que chegara do campo para ver-me, e assisti à experiências fisiológicas do Brown-Sequard, e de Mascart que fez aparecer imagens de diversas cores pela decomposição da luz de alumínio projetada sobre chapas metálicas. Também experimentei a resistência que encontra um disco isolador cortando a corrente magnética. De lá fui à Academia francesa assistindo ao levantar da sessão pela morte de Cuvilier Fleury, falando eu a diversos Acadêmicos entre os quais Alexandre Dumas. De lá fui visitar Mme. Ristori a quem achei em casa assim como Bianca. Depois jantei com apetite.

Tive a visita do Príncipe herdeiro de Mônaco, com quem conversei sobre suas explorações do fundo do Mediterrâneo. Pareceu-me inteligente. Cheguei há pouco da sessão da Sociedade de estudos brasileiros presidida pelo Levasseur que falou, assim como o Nery dando conta dos trabalhos anuais da sociedade, e o Barral. Esteve interessante. Agora vou tomar chá.

21 de outubro de 1887 (6a fa.) — Acordei às 7 ½. Não dormi mal. Tempo encoberto.

9h 55' Tomei a ducha no Hamam. Andei a pé pelos Campos Elíseos. Vou agora cuidar do almoço

6h ½ da noite. Depois do almoço fui ao Instituto Pasteur onde vi tudo e principalmente a inoculação do vírus rábico. Hei de juntar as últimas publicações sobre o processo Pasteur que ficou de me enviá-las.

Vim ao hotel e depois estive no Palácio da Indústria, onde vi diversos quadros, entre os quais os de Cormon da volta dos vencedores de Salamina, cujas cores do céu e do mar não me agradaram e de uma cena da idade de pedra que me agradou. Percorri a galeria de obras de escultura, onde me agradou, sobretudo, o rapto de uma mulher por um chimpanzé que é repugnante, mas trabalho de mérito. Seu autor Frémiet me acompanhava.

Antes de voltar para casa passei pela casa da Barral, Avenue d'Iena, não a achando aí e somente a nora. Ainda não se havia mudado, como tencionava fazê-lo hoje de sua residência em Boulogne s/s.

Recebi visitas, nenhuma importante. Acabo de jantar com bom apetite. Conversei e agora 12h ¼ da noite

22 de outubro de 1887 (sábado) Chego do teatro Renaissance onde assisti a Paris sans Paris que representaram com graça – junto o programa.

Acabo de tomar chá e vou deitar-me.

8h ¼ Dormi bem. Já estou vestido e escrevi 2 telegramas. Vou agora para as duchas.

11 ¼ Foram muito agradáveis. Dei depois meu passeio a pé. Já almocei bem. Torno a sair dentro em pouco. Pouca névoa. Sol bom.

23 de outubro de 1887 (domingo) — Meia-noite 10'. Depois do almoço fui à galeria de escultura do Louvre. Lá encontrei o Guillaume.

Fui à sessão da Academia das Inscrições e Belas letras onde houve leituras. Voltei ao hotel tendo passado antes pela casa da Condessa onde só encontrei a nora.

Voltei ao Instituto assistindo à sessão da Academia das Belas artes lendo Miller um parecer bastante irônico sobre os trabalhos mandados de Roma. Depois estive na sociedade de biologia onde um professor de Leão fisiologista que esteve para ir para o Brasil leu um trabalho sobre a coloração da córnea pela injeção de cloro de amilena. Leu o Príncipe de Mônaco um trabalho sobre os animais encontrados pelas sondagens do Travailleur no Mediterrâneo. Presidia a sociedade Brown-Sequard. D'Arsouval também leu. Aclamaram-me membro da Sociedade e eu agradei em poucas palavras.

Condessa jantou aqui. Houve visitas entre as quais Mme. de Villeneuve. Acabo de voltar do teatro francês – junto o programa – onde visitei todo o interior do teatro tendo falado com Got e Mounet-Sully. Gostei muito da peça de Musset *Il ne fait jurer de rien*. O diretor Claretie esteve no camarote quase sempre e acompanhou-me na minha visita à caixa do teatro.

Tomei chá antes de vir completar meu diário de ontem até hoje 8h.

Acordei às 7 ½. Dormi bem. Vou às duchas.

9h ¾ Souberam-me e fui à pé a Sto. Agostinho. Não ouvi toda a missa, porém cheguei antes da comunhão. Recebi carta da Mana Chica datada de 22 de Arc-en-Barrois.

10 ¾ Almocei bem. Vou sair. Bom tempo.

7h 10' da noite. Fui à Salprière. Assisti a experiências de Charcot de hipnotismo sobre pessoas nervosas. Dão-se fatos notáveis que não se podem atribuir a fingimento.

Visitei a igreja octonal, simples, mas que não me desagradou. Assisti ao concerto do Chatelet que foi muito bom e cujo programa junto. Já tinham tocado as duas primeiras músicas.

Passei por casa da Condessa. Só falei ao netinho. Encontrei-a aqui com a nora.

Ninguém de notável na recepção. Jantei bem sendo de fora somente a Mana Januária. Depois do jantar estive cá a Sangusko polaca conhecida do Nioac. Agradou-me. Foi bonita mas já vai envelhecendo. Tem ar sério. O Nioac foi jantar à casa com a família e a Sangusko.

12h (meia-noite) Chego do Hernani. Gostei muito de Mme. Weber-Segond (Doña Sol). Não assim de Maubant que já está cansado e achava-se rouco e de Mounet-Sully. Ainda menos de Leither no papel de Carlos 5°. Estive na Caixa do teatro e falei sobretudo a Mme. Weber que no último ato cortou um pouco a mão nos metais do vestuário de Hernani. Claretie esteve no meu camarote e acompanhou-me por toda a parte.

Já é bastante o dia.

24 de outubro de 1887 (2a fa.) — Vou deitar-me.

7 ½ Estive incomodado dos intestinos mas sem dor. Agora creio que nada terei mais. Já estou vestido. O dia parece que não será claro.

11 ½. A ducha foi agradável. Andei a pé por debaixo das arcadas da rua de Rivoli e pela passagem Jouffroy. Almocei bem.

2 ¼ Fui à oficina de Thiebault Freter. Não me agradou a estátua do General Tibúrcio. Depois fui à de Vasselot. Gostei da maquete da estátua de Henri Martin e encomendei uma para dá-la a Mme. Planat. Há outros trabalhos de mérito.

(2a fa.) 24 de 8bro [outubro] de 1887 — 6h ½ Chegado da sessão da Academia das Ciências onde leram os trabalhos: Brown Sequard quando eu chegava já começada a sessão, e o Príncipe de Mônaco.

Recebi visitas. Antes fui à casa da Condessa que estava com a nora e os netos. Ela está quase boa.

Jantei sofrivelmente e daqui a pouco vou ouvir na ópera a Africana do camarote do Estrela.

Resfriou bastante de noite mas não me incomoda.

25 de outubro de 1887 (3a fa.) — 12h 20' da madrugada. Cantaram bem. Não fui ao foyer. Nos entreatos conversei com os Estrelas.

Já tomei chá e vou deitar-me.

8h Não passei bem dos intestinos, mas dormi bem até 6h Já estou vestido e vou para as duchas.

10h Agradaram-me. Dei meu passeio a pé vendo o monumento de Alexandre Dumas por G. Doré. Agradou-me sobretudo a estátua do moço de cabeça baixa que lê no livro que segura a moça. A estátua creio que de d'Artagnan é bela. A de Dumas podia ter sido melhor inspirada.

12h Almocei bem. A Condessa também almoçou aqui. Estiveram o Áquila, o filho, mulher e nora que conheço desde Baden-Baden.

Brown Sequard com o auxílio de Arsouval fez experiências da rapidez da corrente nervosa minha, da Imperatriz e outros. A que observaram em mim é menor que a normal.

Sessão pública das 5 Academias – junto o programa. Estive sentado perto de Daubrée. Visitei Mme. Ratazzi em cuja casa há algumas obras de arte de mérito. Assisti apenas ao jantar das 5 Academias onde pouco comi tendo-o já feito no hotel, ficando-me Jansen à direita e Garnier à esquerda. Renan estava defronte. Conversei depois um pouco com diversos membros do Instituto e fui à reunião em casa de Mme. de Chambrun onde houve boa música – programa anexo – vi o lindo

retrato dela de há anos por Dubuffe, o grupo que muito me agradou das virtudes teologais – sobretudo a estátua da fé – de Guillaume, e a capela de estilo gótico que é bonita.

26 de outubro de 1887 (4a fa.) — Dormi bem. 8h Vou para as duchas.

10h ¼. Souberam-me. Dei bom passeio a pé. O sol clareia. Vou almoçar.

11h Comi bem. Mr. Guillaume tomou as dimensões para o meu busto do Instituto. Vou sair.

7h 20' da noite. Depois do almoço vi os trabalhos do pintor Franco de Sá. Tem alguns retratos bons; o quadro da família do Barão de Itacolomi do Maranhão e o da finada mulher do Dr. Feijó filho não me agradaram. O *[espaço deixado em branco]* é bom. De lá visitei Mme. Ristori falando-lhe assim como à Bianca. O marquês não teve novidade, mas não o vi ainda.

Fui ver a loja de Duval que a tem de tapeçarias e pinturas, mas não vi nada de notável. Daí visitei a Barral. Fui ao colégio Jansen onde o Mota Maia pôs os filhos. Agradou-me a construção e assisti a algumas aulas. Entre internos e externos tem mil e tantos estudantes. Os gabinetes de física e química nada oferecem de notável.

Vim jantar, não tendo havido visitas e agora trato de ir ouvir o D. João de Mozal em celebração do centenário.

Hoje esteve comigo o Reed construtor inglês.

27 de outubro de 1887 (5a fa.) — Meia-noite ¾. Não cantaram mal. Belos cenários. Exposição de objetos referindo-se a Mozart. Mme. Viardot estava no teatro mas não pude falar-lhe. Troquei algumas palavras com Daubrée e Garnier. À Condessa, nora e Estrelas só falei à saída. Junto Entre ato onde vêm os versos de Bornier à memória de Mozart recitados por Lassalle. Agradou-me muito esta honraria artística. Vou despir-me e para a cama.

8h Acordei às 7 ½. Dormi bem. Vou para as duchas.

10h Foram agradáveis. Dei meu passeio a pé. Fresco de 7 a 8°. Vou tratar de almoçar.

11h 10' Almocei bem. O dia está claro.

4h 40' Fui ver o Museu de antropologia da Escola de Medicina. Fopinard está doente, porém vi-o com Manouvrier. Não achei esqueletos de Niamnians nem de Accas. Visitei Mme. Planat em cuja estavam Ristori e Bianca.

Passsei pelo Instituto onde já tinha terminado a sessão da Academia francesa em que me disse um empregado houvera leitura, dando-me provas dos discursos da sessão geral do Instituto de ontem. Despedi-me de Mme. de Villeneuve que achei abatida.

7h ¼ Partimos. Bastante gente; brasileiros sobretudo, na estação. Vou bem disposto, tendo jantado com vontade. O tempo está bom embora um pouco frio.

28 de outubro de 1887 (6a fa.) — 7 ¾ Acordei bem disposto. Fez frio de noite. Bonito dia. Avisto do lado de N.E. uma serra em parte dentada.

8 ¼. Passamos por Sorgues 35'. Sigo de Avignon onde descí para ver rapidamente a estátua de Philippe Girard inventor da fição mecânica do linho, bronze por Guillaume. No fim da alameda há a de Crillon (pendis-toi etc.) mas não tive tempo de ir vê-la.

9h Tarascon. Partindo avistei a ponte que liga a Beaucaire. Forma de serra, de que já falei, muito ao longe.

9h Vamos beirando o Rodano. 25' Arles. Passamos. Nada vi, mesmo de longe, dos monumentos que há aí. 50' Temos percorrido a planície da Crau (celta craigh). 50' Miramar. 10h 12' Passamos por St. Chamas no extremo. N.O. do lago salgado de Bezze com a superfície de 15.000 hect. Avisto as salinas. 20' Par de Lanciers – Túnel de la Norte de 638m 6' para atravessá-lo. Vejo o mar. Túnel de 475m. 35' St. Barthelemy. 40' Tomam os bilhetes e estamos em Marselha.

11h 34' Seguimos. Almocei bem. Fui ver ao longe, do fundo da estação a igreja de Notre-Dame de la Garde. Passei um pequeno túnel. Outro bastante longo e passo por Cassis (Casrasicis portas) ruínas; bela vista sobre o golfo des Leques. Não me dá tempo para mais, forma muito curiosa de montanhas.

[desenho]

12 ½ Túnel curto.

[desenho]

50' Toulon.

1h Segue. Cumprimentaram-me na estação o Vice-Cônsul do Brasil Louis J. B. Jouve e o 1º Tenente da Marinha brasileira Lobato de Castro.

2h 11' Seguimos de Carnoules – Não pude avistar à direita a ermida Notre Dame des Anges sobre o contraforte da cordilheira des Maures de onde se goza de belíssima vista – Gonfaron – Le Lac et le Cannet 40 km. S. Está S. Tropez – lembra-me o drama O Marinheiro de S. Tropez representado no Rio por João Caetano e o Florindo que tanto berrava nesse papel. 3h Parada em Les Arcs. Apeei-me instantes e seguimos. 12' Le Muy. À esquerda. Vê-se uma torre de onde os Provençais em 1536 emboscados atiraram sobre Carlos 5, que se retirava, mataram o poeta Garcilaso de la Vega, cujo traje elegante tomaram pelo do imperador.

À direita.

[desenho]

Pouco depois Roquebrune à esquerda 40' Fréjas. $\frac{3}{4}$ S. Rafael. Foi aqui que desembarcou Napoleão voltando do Egito e indo para a ilha de Elba. 50' Mandei um bilhete a lápis a Alphonse Karr por um empregado da estação.

4h Seguimos bem perto do mar. Avisto um pequeno farol numa ponta da enseada. Passo um túnel pequeno. Belos recortes em piçarra pela água do mar e da chuva. Pequeno túnel. Outro menor. Mais um maior do que aquele. Já avistei Cannes e a ilha de St. Marguerite; prisão do Máscara de ferro e de onde fugiu Basaine. Havemos de ter bela noite de luar. Já se vêem bonitas casas entre as quais e o mar passa a caminho. Pequeno túnel.

4 $\frac{1}{2}$ Chegamos.

5 $\frac{3}{4}$. Havia muita gente entre a qual o viúvo da Mangarinos com a filha e o genro assim como o vice-cônsul brasileiro. Custou-me chegar ao hotel por causa da passagem do trem da estrada de ferro. O hotel parece-me bom. Já conversei um pouco a respeito do programa, estando presente o vice-cônsul. Vou tratar de jantar, que tenho vontade.

9h 20' Comi bem. Acabo de passear pelo corredor. Tenho sono. Vou deitar-me. A noite está fresquinha.

29 de outubro de 1887 (sábado) — 8 $\frac{1}{4}$ Já estou pronto. Acordei e levantei-me às 7 $\frac{3}{4}$. Bom tempo. A janela do quarto em que me visto olha para o mar; assim não tivesse um grande edifício creio que hotel que toma parte da vista. Vou tomar café.

10h 10' Bom passeio a pé e de carro. Fui à praia de banhos. Passei pelo estabelecimento hidroterápico que já me servirá talvez amanhã. Bom tempo e vistas pitorescas.

[desenho]

1 $\frac{1}{2}$ Almocei bem. Depois dei bom passeio de carro até o lugar chamado Californie. Há belas casas com jardins e linda vista do lado do mar.

2h 10' Partida para Nico. 52' Antibes (meu relógio pelo de Cannes adianta 20' em relação à hora de Paris que regula os trens).

3h Percorremos junto ao mar terreno de areia concilifera desde alguns minutos afastamo-nos do mar, árvores baixas – Estação de Vence-Cagnes. Pequena parada, movimento de pouca gente. Bastantes casas e igreja numa colina, de aspecto pitoresco. Povoação à direita afastada do caminho. À esquerda povoação comunicando com o mar por uma vala que parte de uma espécie de espraiado. Estação La Var. Casas e Vilas. $\frac{1}{4}$ Já avisto Nice. Vou por entre casas e ao longo do cais pouco distante. 25' Nice. 7h 5' Estou de volta.

9h 7' Assisti à última sessão da Conferência geodésica que já trabalhava. Falei mais ou menos aos membros cujos nomes marquei na lista que junto. Fui tomar café no Cassino ouvindo um pouco a música que aí toca na galeria envidraçada, que achei baixa demais. Na volta a lua, que vai para cheia, refletia-se sobre o mar. Jantei com apetite, tendo lido um pouco os jornais. Recebi carta do Alphonse Karr mandando-me a 2ª edição do seu *Le pot aux roses* com a sua assinatura depois de algumas palavras também escritas por ele na primeira página e uma cartinha em que também se assina Chevalier de la rose.

9h 35' Vou passear um pouco pelo corredor e deitar-me.

10h Vou despir-me e descansar até amanhã às 7.

30 de outubro de 1887 (domingo) — 8h Não dormi mal apesar de me levantar algumas vezes. Já estou vestido e vou sair daqui a pouco. O dia ameaça chuva e está escuro.

10 ¼. Dei meu passeio a pé vendo a estátua de Lord Brougham onde há uma inscrição de versos de Liégeard que hei de copiar e ouvi missa numa capelinha perto do hotel. Cantaram com acompanhamento de harmonium e o padre fez pequena prédica na ocasião do Evangelho.

12h Almocei bem. Li um pouco diários da terra. Vou sair daqui a pouco.

3h Volto do passeio a Napoule. Praia bonita assim como a vista de Cannes. Tomei lá uma xícara de café sofrível. O tempo está de chuva. Não faz frio.

4 ¾. Acabo de voltar do concerto da música municipal. Cheguei quando tocavam o nº 3 – junto o programa. O tempo está chuvoso; mas não sinto frio.

9h Depois do jantar joguei um pouco bilhar no andar de baixo do hotel e tenho estado a ver diários e publicações na sala de leitura. Li um bom artigo sobre o livro de Maxime du Camp *La vertu en France*.

10h Tenho estado a ler cartas recebidas e vou deitar-me daqui a pouco ¾. Pois estive lendo artigos que hei de cortar. Bela noite. Vou deitar-me.

31 de outubro de 1887 (2a fa.) — 7 ¾ Acordei às 7. Já estou vestido. Tive necessidade de levantar-me algumas vezes de noite. O dia está enfarruscado.

10h ¾ Ducha. Museu municipal de Cannes. Trouxe fotografias de um sarcófago curioso.

11h 40' Já almocei, e bem.

3 ¾ Chego da Manufacture de Faiences d'Art de Clément Magier-Golfe Juan. Bonito passeio apesar do dia chuvoso. Vi bem tudo. Há bonitas pinturas de paisagem. Assisti a todo o trabalho que se fazia. As cores e pinturas dos trabalhos cerâmicos assim como as formas deles agradaram-me muito. Falei a Guisard proprietário da herdade onde Napoleão passou a noite debaixo de uma oliveira a 1 de março de 1815 voltando da Ilha de Elba. Tinha ele então 2 anos segundo me disse.

4h 55'. Tenho estado lendo “Cannes, son climat et ses promenades” par le Dr. de Valcourt et Victor Petit. Está muito escuro e vão sendo horas de jantar.

10h 40' Jantei bem. Joguei um pouco bilhar. Li em voz alta *Les folies amoureuses* de Regnard que devem representar amanhã. Tomei chá. Li o *Débats* de ontem e vou tratar de dormir.

1 de novembro de 1887 (3a fa.) — 8h Acordei às 7 ½. Estou vestido. Dormi sofrivelmente embora acordasse algumas vezes saindo da cama. Há nuvens. Não sinto frio.

10h 35'. Volto da missa aonde cheguei ao mesmo tempo que a Imperatriz. Tomei antes ducha dando um belo passeio de carro até Le Canet.

12h 5' Belo sol. Estou muito bem disposto e almocei bem. Vou sair.

5h ½ Chego de Grasse. Goza-se de bela vista do hotel onde tomei café. Fui ao hospital, em cuja igreja há os quadros de Rubens de que falam os folhetos anexos. Não me agradaram. Estive em casa de Malvilan onde vi as pinturas de Fragonard. Subscrevi para as gravuras de que gostarei pela que me mostrou Malvilan. Os originais não me encantaram.

11h 35' Jantei com apetite. Depois li artigos de jornais de Paris.

Às 8 ½ estava no teatro onde representaram bem. Junto o cartaz. Já tomei chá e vou dormir.

2 de novembro de 1887 (4a fa.) — Quase 8. Acordei às 7 ½. Dormi bem mas levantei-me algumas vezes.

11h Parto para Nice. Acabo de almoçar em Cannes tendo tomado as duchas e dado meu passeio a pé na direção do molhe onde está o farol. Cheguei até perto; o mar estava bastante agitado e não permitia ir até o farol sem risco de molhar-se.

10 20' da noite. Em Nice visitei o observatório que muito me agradou quanto aos instrumentos e seu movimento. O símbolo egípcio do céu sobre a porta todo dourado não me agradou. É verdade que Garnier quis imitar um templo egípcio.

Percorri algumas avenidas como a de Victor Hugo. Gostei muito desta excursão. Despedi-me de Daubrée. Cheguei aqui às 7h tendo bonito luar. Jantei bem. Joguei algumas partidas de bilhar com o Matias de Carvalho que veio de Bonn para me ver e estive também com o Lopes Neto.

Li o artigo escrito por Francisque Surcey no Petit Marsellais de hoje a meu respeito.

3 de novembro de 1887 (5a fa.) — Quase 8h Dormi bem embora me levantasse algumas vezes. Já estou vestido. Dia muito bom.

10h 20' Ducha, passeio a pé junto ao mar e de carro descoberto pelo Canet. Entrei na igreja de Sta. Filomena, estilo romance onde rezei. Vou almoçar.

11h Almocei bem. Logo vou ver jardins.

3 de 9bro [novembro] de 1887 — 11h 10' Expedida carta para o Rio.

4h 50' Volto de ver as Vila da ex-duquesa de Perligny que muito me agradou pelos objetos de arte que aí há a revelar o bom gosto da proprietária, e de Droguiart fabricante de seda de Leão, que morreu há pouco e cujo jardim tem plantas americanas. Ambas botam para o mar. À volta passeei pela música municipal. Junto o programa onde marquei o que ainda pude ouvir. Não tocaram mal.

10 ½. Jantei bem. Depois joguei bilhar com o Nioac e o Matias de Carvalho. Tomei chá. Conversei com o Nioac. Vou deitar-me.

4 de novembro de 1887 (6a fa.) — 8h Acordei às 7 ½. Já estou vestido. Dormi bem; bem disposto – porém dia chuvoso. Que farei? 10h 25' Soube-me a ducha. O tempo chuvoso pouco me deixou andar a pé. Trouxe maçãs de um mercado que dei à Imperatriz.

11 ¼ Almocei bem. Vou partir para Monte Carlo. Já estou no vagão. 25' Vallauris. ½ Juan-les-Pins. 40' Antibes antiga Antipolis fundada pelos Massalistas para resistirem aos Lígures. Praia à esquerda (vou de costas) vista do mar alto. Tempo coberto, horizonte levemente róseo. ¾ O mar fica longe. 50' Vence - minutos de parada.

12h Atravessamos o Var. Passamos a estação à direita Le Var 14' Nice. ¾ Sigo. Estive com Daubrée que vai para Marselha e Paris. 48' Atravessamos um túnel de minuto – o Paillon. Riquier de passagem. Túnel de alguns minutos. Pequena demora.

1h Passamos Villefranche, depois de pequeno túnel e 2' Beaulieu Vila Mariani o das prensas. Descobre-se ainda ao longe o telégrafo de Villefranche. Pequeno túnel. 10' Estamos parados por causa do trem rápido no qual Daubrée pretende voltar para Paris. ¼ é que passa por nós. 20' Seguimos. Bonita vista do lado do mar; a estrada de carro está perto e pouco mais elevada. Três túneis pequenos. Parou no último porque o extremo do trem já chegara a la Turbie. 24' Passamos à vista da estação. Pequeno túnel e mais outro. 27' Chegamos a Mônaco. Avista-se o bonito bairro inferior de la Condamine. Atravessa-se um túnel pequeno. 35' Chegamos.

6h ¼. De volta. Estive na casa de jogo. Há um salão ornado de duas paisagens de Mônaco pintadas por Tundil que me agradaram.

O teatro é mais belo interiormente do que em sua fachada cujas torres lembram um pagode. Não pude ver bem as pinturas do teto. Admite 700 espectadores. Ainda hei de vê-lo melhor.

8h Jantei com apetite. Tenho estado a ver jornais. Vou jogar bilhar. Esteve comigo o Barão de Harder, que ficou de prevenir a Cruvelli que iríamos ouvi-lo cantar em Nice. Vila-Vigier Avenue de l'Imperatrice, no dia 9 às 2 da tarde.

9h 50' Tomei chá e estou vendo jornais. Morte de Jenny Lind. Ouço ler um artigo sobre ela no *Temps* de 3.

11h 40 Vou tratar de dormir.

5 de novembro de 1887 (sábado) — 8h 10' Dormi bem. Já estou vestido. Belo dia.

10 ½ Boa ducha. Belo passeio a pé e de carro indo até o alto de La Tour em cuja igreja entrei. A vista que se goza de cima de um passeio sobre um muro a que se sobe e de que se desce por degraus é muito bela.

4h ½. Almocei bem. Acabo de voltar da Vila Thuret onde estive com Naudin do Instituto e a família dele. Trouxe folhetos dados por ele. A vila tem plantas muito interessantes e o herbário contém exemplares de trinta mil espécies. Interessou-me muito esta visita. A vista do alto da casa é muito bela. O céu está muito claro e lindamente dourado da banda de l'Esterel pelo pôr do sol. O tempo está sereno e o mar é um espelho.

6h ¼ Acabei de jantar e tomar café.

9h 10' Li um pouco e acabo de ouvir a pianista Carlota de Jagwitz que não tocou mal músicas de Schubert, de Gounod e de Schumache. É boa pianista.

10h ½. Tomei chá. Conversei com o Nioac. A Cruvelli telegrafou que tinha de partir – por causa do casamento do filho. Não sei pois quando ouvirei a Condessa Vigier. Vou deitar-me.

6 de novembro de 1887 (domingo) — 8 ½. Já estou vestido. Dormi bem. Tempo encoberto.

10h 10' Tomei a ducha. Dei pequeno passeio a pé por causa da missa de que volto. O céu parece que não clareará.

11h ¼ Almocei. Tenho estado a conversar [sic] com o Nioac. Despediu-se o segundo tenente da marinha brasileira Lobato que volta para o estabelecimento marítimo da Seyne. Tive há pouco a visita do médico Dr. Bernard que me trouxe o seu livro L'Algérie qui s'en va. É cavaleiro da Rosa.

4 ¾ Acabo de voltar. Fui à Vila Vallombrosa. Goza-se de bela vista do alto da torre que é bastante elevada. Passei pelo jardim que tem plantas curiosas. Ouvi depois a música municipal programa junto. Passei até a ponta do Croisette onde me apeei para ver melhor a Ilha de Sta. Margarida e de carro vim depois até o Jardim da cidade onde passei um pouco – não é feio – regressando ao hotel.

10 ½ Jantei com apetite. Depois vi um pouco jornais. Falei ao Martins cônsul brasileiro em Gênova. Estive vendo publicações com estampas na sala de leitura, e depois ouvi tocar piano à pianista de ontem. Subi para tomar chá e tenho conversado, com o Nioac no salão dele. Vou descansar.

7 de novembro de 1887 (2a fa.) — 8h Já estou vestido. Dormi bem, apesar de ter me levantado algumas vezes. Houve trovoadas que ainda continua mas não é forte. Venta sem grande intensidade e o céu está escuro do lado oposto à serra de l'Esterel.

10h Tomei ducha, e andei um pouco a pé. Tem ventado e chovido e ventado um pouco. Volto da missa.

11h Acabo de almoçar. O tempo melhorou e creio que haverá bom tempo. Recebi carta de Aix datada de 5 escrita por Timoleão Zallony que tantos serviços prestou no momento da epidemia do cólera em Sergipe carregando até cadáveres para serem enterrados.

1h 47' Parto para Nice. Antes estive na Vila Rotschild pertencente a Alphonse. A casa está se arranjando para o dono que vai chegar. Passei pelo jardim que é bonito. Estão demolindo uma casa da frente por causa da vista. Procurei retrato de Mme. Alphonse mas vi somente o do marido.

6h ¼. Volto de Cannes. Visitei a Mana Januária. Estava lá o filho doente de uma perna. Não vi a nora. Fui ver a igreja de estilo romance de Notre-Dame. Achei as colunas muito finas. Estive no Cassino onde só tive tempo de ouvir sinfonia do Cheval de bronze, que foi bem tocada, depois de tomar café que não era grande cousa. Vim despedir-me da Mana Januária e para a estação onde achei já a Imperatriz.

Pouco andei em Cannes. Estive com o Montbrial e o vice-cônsul brasileiro. Vou jantar. Do jardim do Rotschild trouxe uma bonita flor para a Imperatriz; a Correnia carulla.

8h 5'. Jantei com apetite. Tenho estado a ver um pouco de diários, e vou jogar bilhar. Troveja bastante.

10h Acabo de tomar chá e antes ouvi a pianista já nomeada que é boa. Continua a trovejar de vez em quando. 35' A noite está agora estrelada. Vou descansar.

8 de novembro de 1887 (3a fa.) — 8h Levantei-me às 7 ½. Tive que levantar-me, porém dormi bem e estou disposto.

10h Boa ducha. Passeio a pé até o farol. Manhã esplêndida. Chego da missa, e ao entrar no hotel avisto navios da frota francesa que vão ancorar no porto Juan.

11h Almocei bem e ai vão as folhas da minha saudade. Adeus!

8 de 9bro [novembro] de 1887.(3a fa.)

Vai o pacote para a Isabel. O dia está sempre esplêndido. São 11h Vou ver o que haja em diários. Vou falar a Mr. de Boisbrunet antigo Avocat Général genro de Mr. de Baker que vive na Palestina. Victor Guérin mora perto de Mr. de Boisbrunet. Há de vir falar-me domingo às 11h

5h 40' Chego de Grasse com alguma chuva. O caminho afastando-se do mar não é feio.

9h ½. Joguei bilhar. Li diários e agora vou tomar chá.

11h Ainda li diários e vou agora deitar-me; porém a fim de que não o esqueça, direi que estive na fábrica de perfumarias de Grasse de que junto informações impressas. Vi bem tudo.

9 de novembro de 1887 (4a fa.) — 10h 6' Partimos para Monte Carlo. Tomei antes a ducha e andei um pouco a pé. A noite foi boa, embora tivesse de levantar-me algumas vezes. 13' Avistei já a esquadra francesa. Passou pela estação do Golfo Juan.

¾ Nice. Entrei no hotel perto da estação. Depois segui de carro descoberto para Monte Carlo onde almocei. Começou a chover, mas o Cassino está perto do hotel e fui ouvir o concerto cujo programa junto, de um camarote de onde apreciei bem a música que é excelente. Ao sair encontrei Esmeralda Cervantes e a mãe. Vou ver se tocam no Cassino o hino do centenário dos Estados Unidos composto por Carlos Gomes, em que a Cervantes tocou a parte de harpa quando estive em Filadélfia.

4 ½. Parada em Villefranche. Bonita tarde. Nuvens acasteladas de um bonito amarelo róseo. Foi curta, seguimos.

4h 35' Riquier. Antes passamos um túnel um pouco longo. Não torno a falar, ordinariamente, do que já tenho nomeado. Já avisto o observatório de Nice dominando a torrente do Paillon. ¾ Nice.

6h 10' Chegada a Cannes. Noite estrelada. 11 Joguei bilhar depois de ter enviado telegrama à Princesa Imperial da Alemanha por causa do estado do marido que foi de novo operado. Ouvi um pouco de música de Chopin tocada ao piano pela Amélia Nioac no salão de baixo. Bebi chá. Li jornais e agora vou tratar de dormir.

10 de novembro de 1887 (5a fa.) — 7h 50' Vestido. Acordei às 7 ½. Não passei bem da barriga mas sinto-me bem disposto. Bom dia.

10 ½ Soube-me a ducha. Depois dei bom passeio a pé pela praia além do molhe do farol. Quis fazer patinhos, mas o mar ficava um pouco afastado. Tempo excelente. Vou almoçar.

11h 25' Com apetite. 50' Vi fotografias feitas por Tuvis Mickelsen. Não me pareceram maus os retratos dos que conheço como o Príncipe e Princesa de Gales num grupo a bordo de um navio.

4h ¾. Visitei a vila Brougham. Tem feitos arborescentes reunidos em pequeno espaço que muito me agradaram. Há poucas lembranças do célebre Lord Brougham. Vi uma pequena livraria que lhe pertenceu. Ouvi a música que toca perto do café onde bebi (junto o programa). A tarde esteve muito agradável.

9h 50' Espero que fique pronto o chá. Estive há pouco ouvindo a pianista, depois de ter jogado bilhar. A noite está estrelada. Não ouço o Mistral. Hoje veio uma deputação da Sociedade dos cavaleiros salvadores dos Alpes marítimos convidar-me para a festa da Sociedade no dia 4 de 10bro [dezembro]. Junto cópia das inscrições do Castelo Eleonore de Lord Brougham.

11h Vou deitar-me.

11 de novembro de 1887 (6a fa.) — 8h Acordei perto de 7 ½. Dormi bem embora me levantasse algumas vezes. Vou para as duchas. Boa manhã.

12 ¼ Agradaram-me. Depois passei a pé e vi pescar de rede na praia além do farol do lado do passeio público. Vi puxar uma rede que pouco peixe e pequeno trouxe. Uma seiche tinha um peixe na boca. Passei por uma livraria onde comprei as poesias de Mistral. Almocei com apetite. Li um pouco diários e vou sair.

4h ¾. Bonita tarde. Visitei a vila Henri IV do Conde de Paris onde nada há de notável. Fui depois ao alto do observatório ou antes mirante em ponto elevado de onde se goza de bela vista do alto das montanhas e vale de Saut-du-Loup avistando-

se muitos cimões cobertos de neve, e do mar descobrindo-se os encouraçados franceses que estão ancorados no Golfo Juan vêem-se não muito longe a ilha de Sta. Margarida e por detrás a de Sto. Honorato com o convento, cujas telhas mostram que foi consertado não há muito tempo. Foi um passeio muito agradável, andando também um pouco a pé antes do cair da tarde e entrei no carro que mandara fechar.

8h Estive vendo diários e vou agora jogar bilhar. Jantei com apetite às horas do costume depois do passeio.

9h 35' Vou tomar chá. Antes conversei com o médico Buttura que me agradou. Há em casa dele pinturas de artistas conhecidos, espero vê-las.

11 ¼ Depois do chá estive conversando com o Nioac a respeito do que pretendo ver. São horas de descansar.

12 de novembro de 1887 (sábado) 7h 50' Foi boa noite embora acordasse algumas vezes. Já estou vestido. O tempo está muito bom.

10h Soube-me a ducha. Andei a pé entrando na loja de música de Touché que me tocou bem na rabeça o Victor de Crémone.

12 ¾. Sigo de Nice para Monte Carlo. Demora de ¼ na estação de Nice onde andei um pouco comprando L'homme tout nu de Catulle Mendès. Tenho lido diários – Riquier pequena demora.

Quase 1h Villefranche. Pequena parada. 13' Passa trem em sentido contrário que também pára instantes e segue; é longo. 17' Seguimos. ½ Mônaco 20' Monte Carlo 4h 5' Tiveram de esperar-me poucos minutos em Mônaco. Fui lá de carro. Junto o programa do concerto que foi excelente.

4h 55 Nice. Encontrei o vice-cônsul brasileiro. Passei na estação.

Sigo 5 ¼. Tempo excelente. Lindíssimo poente e o farol de vence parece uma lamparina. 37' Antibes depois de ver ao longe o farol.

6h Cannes.

10h 5' Acabo de tomar chá desacompanhado. Antes ouvi a pianista que tocou sofrivelmente.

11 ¼ Conversei com o Nioac. Vou dormir.

13 de novembro de 1887 (domingo) — 8h Acordei às 7 ½. Dormi bem, mas acordei algumas vezes. Já estou vestido.

10 ½ Ducha passeio a pé terminado de carro. Venho da missa. Cartas da Mana Chica e da Princesa Imperial da Alemanha; esta em resposta à minha aceitando encontro em Bordeghera.

11h 20' Almocei com apetite. Acabo de estar com o Barão de Farincourt Mordomo do Príncipe de Mônaco. Fiquei de ir ver o palácio do Príncipe. Acaba de sair le Chevalier de Colquhoun diretor do Club náutico. Não me parece grande cousa. Sai o vigário de Cannes. Falamos da ilha de St. Honoret. Sai o Dr. Baretty. Pouco se demorou.

12 ¾ Tenho estado a conversar com Victor Guérin sobre minha viagem à Palestina. 4 ½. Visitei a Vila des Coctiers pertencente ao Conde Epresmenil vice-presidente da Sociedade de Aclimação de Paris. Tem plantas muito curiosas e o dono prometeu-me o catálogo delas. A tarde estava belíssima e o mar era quase um espelho avistando-se os encouraçados franceses no Golfo Juan. Vim depois ouvir a música municipal; mas só faltava a última do programa. Tomei café no restaurante da praça. Caminhei um pouco a pé e como o sol já abrilhantava a crista da Esterel, entrei no carro que se fechou. Senti que o passeio não durasse mais.

5h 35' Estive lendo cartas e escrevi uma a Naudin agradecendo as publicações que me mandou assim como Alphonse Karr em resposta.

6h 25' Jantei bem.

10h 50' Joguei bilhar. Depois fui ouvir tocar piano à senhora de que tenho falado. Tomei chá e tenho estado a conversar com o Nioac. Vou deitar-me.

14 de novembro de 1887 (2a fa.) — 7h 20' Acordei. Dormi sofrivelmente.

10h Dia de chuva. Fui à ducha que me soube. Depois andei de carro que sempre me sacudiu um pouco. O dia parece que será todo de chuva. 40' Almocei bem. Daqui a pouco vou para Bordeghera.

11 ¼. Partida.

12h 17' Nice. Andei pela estação.

1h ¼ Já passei por Villefranche e chego a La Turbie. O tempo está chuvoso. 25' Chegamos a Mônaco. 50' Menton. Chove bastante.

2h Seguimos. 20' Ventimiglia. 3h Bordeghera onde achei a Princesa Imperial da Alemanha com as três filhas solteiras. Demoraram-se pouco tempo.

10 ¾ Acabo de chegar. Vou tomar chá. 11h A noite está estrelada, mas o mar não está manso. ½ Conversei com o Nioac. Vou me deitar – mas ainda não tenho sono e li o Corrieri Italo-Americano de 11 de Milão onde se fala a favor da emigração para o Brasil. Agora vou me deitar.

15 de novembro de 1887 (3a fa.) — 8h Acordei às 7 ½. Dormi bem. Já estou vestido. O dia parece que será bom.

10h A ducha agradou-me. Por causa da missa de que venho pouco andei.

12h Almocei bem. Estive com o Dr. Giambert que tratou aqui Merimée.

4h ½. Chego do colégio dos congregados Marianistas onde Guérin tem os filhos. Grande edifício. Agradou-me. Assisti a diversas aulas superiores. O professor da filosofia não me pareceu muito bom. Guérin acompanhou-me durante a visita. Assisti à ginástica de marcha e movimento de braços e de jogo de florete. Respondi a A. Karr dando-lhe às 11h de 5a fa. para conversarmos aqui.

Vejo agora no Le Litoral de hoje que morreu Leegeard o autor dos versos do monumento de Lord Brougham, em Cannes, com a idade de 87 anos.

7h 35' Jantei com apetite. Li os Débats, o Temps e o Petit Marseillais de hoje. Nada de maior importância. Vou jogar um pouco bilhar. Esquecia-me dizer que antes de ir ao colégio estive em casa do Dr. Buttera que tem bons quadros, sendo um deles uma paisagem de lugar próximo bem pintada pelo filho do Dr.

10h 10' Estive no salão comum e nada se passou lá digno de nota. Já tomei chá e leio as cartas recebidas. A noite não promete de bom amanhã. Conversarei ainda com o Nioac. ½ Estou com sono e vou deitar-me – ainda estive com ele até agora. 11h; que vou despir-me e deitar-me. A noite está escura.

16 de novembro de 1887 (4a fa.) — 8h Já estou vestido. Dia de chuva. Dormi bem apesar de haver-me levantado duas vezes. Sinto-me bem disposto.

10h 10' A ducha foi boa. Por causa do tempo andei somente de carro.

11 ¼ Almocei bem. Tempo de chuva.

12h 20' Vi diários. Vou à Vila Thuret.

5h quase. Volto de lá. Vi sobretudo os Eucaliptos do herbário conversando com o Naudin. A mulher e o filho estavam presentes. Tomei café. Gostei muito desta excursão apesar do tempo não me permitir sair de casa. Naudin pareceu-me melhor disposto que da outra vez.

11 Jantei bem. Depois joguei bilhar e tive no hotel o concerto de que junto o programa manuscrito. Tomei chá somente e tenho estado conversando com o Nioac. Vou-me deitar.

17 de novembro de 1887 (4a fa.) — 8h Dormi bem, apesar de levantar-me algumas vezes. Já estou vestido. Tempo um pouco chuvoso.

12h 20' Vou partir para Nice. Antes do almoço, que me soube, tomei a ducha e dei passeio a pé. Almocei com vontade e depois tive a visita do Alphonse Karr com quem conversei perto de meia-hora. Achei-o bem conservado apesar de seus 80 anos. Pedi-lhe as últimas Guêpes e um exemplar de Geneviève para reler este lindo romance. Foi conversa muito agradável.

6h ½ Chego de Nice tendo visitado a Vila da Viscondessa Vigier. Sofia Cruvelli é uma ruína interessante. Canta com o melhor método. Junto o programa do que ela me fez ouvir acompanhada ao piano. A vila é bonita com belo jardim de terraço olhando para o mar. Estava lá uma irmã da Noaille que eu conheci em Roma. É senhora de bastante espírito. Percorri o jardim que é bonito. O filho da Vigier casado há pouco estava lá. Vi um quadro bonito representando paisagem da floresta de Fontainebleau.

10h Acabo de tomar chá. Antes estive no salão ouvindo a pianista do costume.

11h Conversei com o Nioac e li diários. Vou deitar-me.

18 de novembro de 1887 (5a fa.) — 8h Pronto. Dormi bem embora acordasse duas vezes de madrugada levantando-me. Já lamentei o dia chuvoso.

10h 20' A ducha soube-me. Fui de carro à praia de Croisette. O mar estava crespo bastante e de cores variadas.

3h $\frac{3}{4}$. Almocei com apetite. Fui ver os Ateliers de Buttura filho – tem bonitas paisagens e de Lematte onde há boas pinturas, de que expôs algumas no Salon. Gostei do retrato da mãe dos Tchihuteheffs, um dos quais é membro da Academia de Ciências. Agradou-me como expressão, embora lhe afeie bastante a cara o enorme chapéu – foi feito por uma miniatura. Finalmente passei pelo Cercle Nautique onde joguei bilhar. As nuvens ainda prometem muita chuva.

5h Veio o Numa – não Pompílio – com as fotografias. Ficaram boas quase todas.

7h $\frac{1}{4}$ Jantei bem. Li o artigo de Mérimée sobre as Ilhas Lerins e vou jogar bilhar.

10 $\frac{1}{2}$ Ouvi música no salão comum e depois vi os últimos Jornais do Comércio de 27 e 28 de 8bro [outubro] onde nada achei de maior importância.

11h Ainda vi diários da terra e vou tratar de dormir.

19 de novembro de 1887 (6a fa.) — 8h Dormi bem. Acordei às 7 $\frac{1}{2}$. Já estou vestido. Dia de chuva.

9h 50' Foi boa a ducha. Fiz exercício de carro até a Croisette. A arrebentação do mar estava bela. Continua a chuva.

11h Almocei bem, sobretudo por ter recebido carta de Isabel e os programas dos concertos do Cassino Também recebi do José Carlos de Carvalho por intermédio de Nicolau fotografias do aerolito de Bendegó. Logo vamos ver os quadros de Rose Bonheur em casa do Giambert em Nice.

19 de 9bro [novembro] (sábado) 1887.

11h 20'. Expedida correspondência para o Rio.

12h $\frac{3}{4}$. Vou seguir para Nice. Antes de sair do hotel recebi carta de Canter datada de 13 em Milão. Parto. Fui ver a Galeria Gambart, que deu-me os versos que junto de Nadaud. Tem na escada uma espécie de hemicírculo da Escola de Belas artes de Paris. O centro até imita um pouco a célebre pintada de Paul de la Roche. Gambart há de dar-me uma fotografia dessa pintura. O quadro de Rose Bonheur representando uma família de leões é muito belo assim como outros animais. Pedi-lhe um catálogo dos quadros. São muitos e quase todos excelentes e de pintores modernos. Hei de voltar lá para ver também o jardim que dizem ser bonito. Passei pela casa da Mana Januária onde ficara a Imperatriz e eis-me aqui bem disposto para o jantar.

8h Depois deste conversei com o Alvim e filhos que vieram de Viena para me verem. Aquele trouxe-me carta do Pedro de 2 do corrente, que diz chegaria aqui ontem.

11h $\frac{1}{2}$ Vou deitar-me. Depois da despedida dos Alvins joguei bilhar com o Nioac; estive no salão ouvindo tocar piano e li um artigo (Les souverains en vacances) na Revue de Paris et de Saint Petersburg do dia 15 em que se fala muito favoravelmente de mim; subi para tomar chá e acabo de ler diários no quarto do Nioac.

20 de novembro de 1887 (domingo) — 8h Dormi bem. Levantei-me às 7 $\frac{1}{2}$, mas já estava acordado há tempo. Dia de chuva. Vou para a ducha.

10h 20' A ducha soube-me. Pouco andei de carro até chegar ao colégio Succarbah do de Stanislas de Paris de onde volto de ouvir missa. Os rapazes não cantaram mal. O Salutaris creio que é de Mozart. Antes recebi carta da Condessa de Paris de 18 e estive com Guerin com quem vi sua grande obra com estampas sobre a Palestina e discuti a questão do lugar do Calvário.

5 $\frac{1}{2}$ Volto da reunião pedagógica onde falou sobre o Brasil o advogado H Marcy.

10 $\frac{1}{2}$ Traduzi os versos de Nadaud que vi em casa do Gambart. Conversei com o Itajubá que tomou chá comigo e ainda aqui está. A noite está boa e talvez amanhã possa ir à ilha de Sto. Honorato.

21 de novembro de 1887 (2a fa.) — 8h Está chovendo. Passei bem. Já me vesti.

10h $\frac{3}{4}$. Acabo de almoçar com vontade. O sol aparece e o tempo creio que ficará muito bom. A ducha foi boa e fui de carro até a croisette. Mar calmo. Perdeu-se um bom dia para Sto. Honorato.

11h 10' Belo sol. Vamos partir. 4 Voltamos para Cannes.

6h $\frac{1}{4}$. Chego. Em Mônaco vi o palácio do Príncipe, onde há bons retratos sobretudo um feito por Largillière e outro de Rigaud. Gostei muito da igreja de arquitetura romance. O arquiteto chamado Lenonnand prometeu-me fotografias do interior da igreja que ainda verei outra vez quando for aos concertos clássicos. O pátio interior do palácio tem pinturas interessas e frescos nas paredes. A noite está muito bela e o luar espelhava-se lindamente nas águas do golfo Juan.

7h 40' Recebi as obras de Montoya e já marquei o Salve e o Pater para o livro que se imprime em Sto. Honorato para o jubileu do Papa. Hei de dar o Montoya amanhã para a biblioteca do convento.

11h 25' Joguei bilhar – o Itajubá é bom taco – ouvi música no salão comum; tomei chá; li no salão do Nioac; e agora vou tratar de dormir. A noite está boa.

22 de novembro de 1887 (3a fa.) — 8h Dormi bem. Acordei às 7h 20'. Já estou vestido. Dia sombrio. 10h quase. Soube-me a ducha. Passeei a pé até o farol e voltei ainda um pouco [*sic*]. Chove porém pouco e não venta muito.

$\frac{3}{4}$ Almocei bem e vou para Sto. Honorato. Creio que terei bom tempo para a navegação aliás curta.

11 $\frac{1}{4}$ Estamos navegando para Sto. Honorato. O Carapebus toca piano como permite o instrumento. O vaporzinho parece-me bom.

35' Quase entra Sta. Margarida e Sto. Honorato.

40' Chegamos. Vejo entre árvores o Restaurant de Lesins.

1h 55' Estou de volta para Cannes. Igreja de estilo romance. Agradou-me. Trago um folheto com informações. Vem florzinhas. Chove. As senhoras de bordo em sua reconhecida humildade pedem que diga que ficaram com toda a razão fora do santo estabelecimento trincando biscoitos e saboreando azedas.

Protestam contra a verdade as abaixo assinadas.

Teresa

Viscondessa de Carapebus, que já pedia por favor um livro de rezas para fazer a leitura.

Viscondessa de Mota Maia – Helena de Castro – Alexandrina Maia – Amélia de Nioac.

5h 10' Chego do assalto de armas no hotel “Príncipe de Gales”. Junto o programa. Trouxe um esplêndido ramo de belissimas flores – não pode ser mais belo – que dei à Imperatriz. As florzinhas foram colhidas em Sto. Honorato. O dia de hoje tem sido dos melhores apesar do mau tempo. 6h 50' Acabo de jantar com apetite.

11h Depois do jantar joguei bilhar com o Itajubá; depois ouvi a pianista com o Dr. Wickman Legg a respeito da Escócia. Falamos de Hope Scott casado com a neta de Walter Scott, e cuja filha casa-se um dia destes. Ficou de mandar-me uma biografia de Colenso Bispo de Natal (Cabo da Boa Esperança). Tomei chá. Pouco depois chegou minha sobrinha Antônia Hohensollern com o marido. Falei-lhe no seu salão. Está bastante magra e pálida. Sua voz muito me lembrou a do Fernando.

Tenho lido diários e tentado terminar a tradução de versos de Cantar vou deitar-me.

23 de novembro de 1887 (4a fa.) — 8h Já estou vestido. Dormi bem, embora tivesse de acordar-me duas vezes. O dia parece que não será muito bom pois o céu está sujo.

10h 20' Estou de volta da ducha e passeio. Andei a pé pelo molhe.

11 $\frac{1}{2}$. Acabo de almoçar com vontade. Vou logo ver o jardim de Alphonse Karr e conversar com o autor des Guêpes de Genève etc.

23 de 9bro [*novembro*] de 1887 — 11h $\frac{1}{2}$. Expedida carta para a Isabel. Recebi carta da Condessa. Escrevi.

1h 50' Parto para S. Rafael. Achei na estação e segue no mesmo trem o padre inglês Goddard que foi aio do filho de Napoleão 3º e mora em Chilshurst onde estão enterrados Napoleão 3º e o filho. Foi quem educou durante 3 anos o Militão Noto, o gordo. É amigo do Nioac.

Avisto ao longe os navios de guerra franceses em coluna e fumegando. Lá está Sto. Honorato parecendo o castelo uma ilha. Cannes faz bela vista, mas falta sol. Túnel de bastantes minutos. Outro pequeno. Outro ainda menor. Bem perto do mar porém em nível pouco elevado. Túnel pequeno. Vê-se um farol pouco longe e pouco acima do mar. A vegetação é mesquinha.

2 ½ Chegamos. A casa do Alphonse Karr está no fundo de jardim mal cuidado. Entra-se por pequena porta sobre a qual lê-se Maison Close. Conversei bastante com ele que me prometeu uma comediuzinha dele em versos. Apresentou-me a filha senhora amável e as 2 netas que têm boas maneiras. O genro está doente e o neto no colégio Stanislas. Gostei bastante do velho a quem fiquei de dar a fotografia de meus netos, pelo menos dos filhos de Isabel. Agradou-me muito esta visita. Chegando fui ver minha sobrinha Antônia, que está de cama, mas não tossia, e com quem conversei, aparecendo depois o marido. Jantei com apetite.

8h Ouço da sala comum o concerto cujo programa junto. Tocam no corredor. Não é grande cousa.

12h Conversei no salão de onde ouvia a música cujo programa junto. Tomei chá, estou lendo na sala do Nioac e vou agora deitar-me.

24 de novembro de 1887 (5a fa.) — Parto às 10h para Turbie. Creio ter bom tempo. Acordei às 7h tendo dormido sofredamente. Soube-me a ducha. Depois andei a pé ao longo do mar. Almocei com apetite. Antes de sair vi a Antônia a quem dei a fotografia dos netinhos. Achei-a pintando flores porém muito anêmica. O médico dela disse-me que vai melhor.

10 ¾ da noite. Fui ver o estabelecimento do Dr. Onimus perto da estação da Turbie. Bela posição dominando o mar. Não deixa de ser interessante, embora nada visse de novo para mim. O Dr. Onimus mostrou-me tudo e lá vi a fotografia de Isabel com meus netos. Depois fui a Monte Carlo assistir ao concerto clássico. Junto o programa com minhas notas. Dei-o à Antônia para vê-lo. Agradou-me muito a música e a sala do teatro sempre é vista por mim com satisfação. Belas arquiteturas e pinturas. Trouxe para a Antônia lindas flores de ramallete que me deram em Mônaco. Achei-a já na cama de onde aliás se levantara durante o dia. Jantei com apetite. Depois assisti a experiências de hipnotismo feitas por Pikman. Parece-me um grande charlatão, mas divertiram-me bastante porque fizeram-me rir.

11 ¼ Estive lendo e assinando fotografias na sala do Nioac e vou me deitar.

25 de novembro de 1887 (6a fa.) — 8h Vestido. Acordei. 7 ½ Dormi bem. Dia chuvoso.

11h 10' A partir para Nice. A ducha foi agradável. Cheguei de passeio de carro até a praia da Croisette. Mar calmo. Almocei bem. Ainda vi a Antônia levando-lhe a minha fotografia feita em casa do Numa. Estive também com o marido. ¼ Vou andando.

6h 20' Já dei à Antônia os desenhos de Rosa Bonheur para ela escolher um. Vi com a artista seus quadros em casa de Gambart cuja galeria muito me agrada. Espero ter as fotografias de algumas das pinturas. Tornei a ver a tomada de Granada por Pradilha que ele reduziu a menores dimensões que o painel pintado para uma das salas do Senado em Madri. Tem muitos defeitos embora seja digno de louvor.

11h Trouxe desenhos de Rosa Bonheur que dei à Antônia para escolher um. Jantei bem. Depois houve concerto na sala comum. Junto o programa. Não foi grande cousa. Tomei chá e tenho estado na sala do Nioac a conversar com o Arthur de Souza Corrêa sobre minha visita ao Papa que espero farei antes de ir ao rei. Contudo meu conhecido como Arcebispo de Pérugia parece-me muito mais cabeçudo do que Pio Nono.

Vou tratar de dormir.

26 de novembro de 1887 (sábado) — 4h Só agora posso escrever neste diário.

[desenho] Ilha de Sta. Margarida vista da Croisette.

4 ¾ Volto de passear de carro depois de ter ido ao Colégio Stanislas ouvir o hino brasileiro com as letras que lá postaram e que eu corrigira como já disse. Foi uma cena que muito me agradou. Depois um estudante Rumeno tocou piano acompanhado por um rabequista que suponho ser mestre de música no colégio. Dei um passeio de carro até a Croisette. Na volta larguei o Nioac no dentista. O sol ao pôr-se esbraseia o céu da Esterelle. A tarde está belíssima.

9h Estive com minha sobrinha Antônia e vi desenhos dela, a maior parte caricaturas que me agradaram. Dei a tradução fiz da poesia de Canter quando estava preso dirigida à mãe de uma rapariga que parece amava. A Antônia conversou animada.

10 ³/₄. Tomei chá e tenho conversado com o Nioac. A noite é de luar.

27 de novembro de 1887 (domingo) — 8 ¹/₄ Levantei-me às 7 ¹/₂. Levantei-me algumas vezes mas dormi bem. Já estou vestido. O céu ameaça chuva. Daqui a pouco vou para a ducha. Missa como de costume.

12h 35' Esterel ao longe. Era tempo de voltar. Assim não se vê nada bem.

[desenho]

2h Parto para Marselha. Antes de deixar Cannes estive com a Antônia. O marido veio à estação e muitos dos que conheci em Cannes. Como é bela a neve no cume das montanhas sobre que se projeta a cidade!

[desenho]

2 ³/₄ Já passei pela estação de S. Rafael. Lá estava A. Karr com os netos e deu-me sua comediola *Roses Jaunes* que hei de traduzir em verso e mandar-lhe. O céu parece prometer mau tempo.

3h 20' Pequena parada na estação Les Arcs. Sigo

4h 5' Carnoules

4h 20'. Desde bastante tempo que vejo oliveiras.

[desenho] À esquerda.

6h 18' Cheguei à estação. ¹/₂ Estou no Grand Hotel de la Paix et du Louvre. Bastante povo que me recebeu com palmas e muita cordialidade. A noite está de belo luar.

9h Jantei com vontade. Pouco depois do jantar visitaram-me Armand Behic diretor das Forges et Chantiers de la Méditerranée. Jules de la Noé que foi a Cannes entender-se comigo quanto à viagem ao Oriente; F. Angst vice-cônsul do Brasil nascido em Zurich e Hipólito Ferrieaux agente comercial do Brasil. A fisionomia deste não me agradou.

40' Li um artigo da Revista geral da clínica e de terapêutica de 24 de 9bro [novembro] *Maladies de Souverains* onde se fala muito favoravelmente de mim.

11h Tenho estado a ver jornais onde vêm artigos a meu respeito. Agora vou deitar-me. Adeus!!

28 de novembro de 1887 (2a fa.) — Quase 8. Acordei às 7 ¹/₂. Já estou vestido. Dormi bem embora acordasse algumas vezes e houvesse contínua bulha de carro na rua. O dia está bom. 10h 20' Acabei de tomar chá. O Dr. Charcot assistiu. Muito me agradou minha visita a Toulon. Acompanhou-me o Primeiro presidente da Cour d'Appel de Aix Rigaud que acaba de mandar-me sua tradução em verso francês de Mireio poema em provençal de Mistral. Sua conversa foi-me muito aprazível.

Na Seyne visitei o vapor Meris que deve levar-me ao Egipto. Os arranjos são muito bons. Aí achei lauta mesa e comi alguma cousa. Mr. Behic não assistiu por incomodado. Visitei o encouraçado espanhol Pelago, que ainda há bastante que fazer e trabalha-se há anos. Ficará um belo navio. Tem 4 torres que terão de possantes peças [sic].

Preguei a cavilha no vapor Brésil para o serviço da linha de Bordéus ao Brasil. Deve ser um belo navio. Será um pouco maior que o "Portugal" que vi no Tejo. Encontrei no Meris a Condessa Jean de Montebello, que muito me agradou. Acompanhava-a a irmã que mora em chácara perto; a Viscondessa Michel de Pierredon, cujo marido, antes deste título, era conhecido como Miguel Pacha assim denominado por ter ganho grande fortuna com a construção de faróis no Egipto. A Montebello tinha camarote na Ópera da vez passada e aí a vi algumas vezes. Reparei bem nas belas cariatides de Puget no Hotel de Ville. Na Seyne visitei a oficina de furar chapas sendo a eletricidade o motor, e o grande salão do risco onde havia modelos de navios da companhia e de encouraçados. Também uma de tornos.

Às 6h ¹/₂ estava de volta.

11h 20' Vou dormir.

29 de novembro de 1887 (3a fa.) — 8 ¹/₂ Acordei às 7. Não dormi mal, porém o estômago e a barriga ainda não estão bem arranjados. O dia está muito belo.

4h 10' Não saí antes do almoço que me agradou. Consulta dos Drs. Não saio por ora daqui. Acabo de ver a nova Catedral que ficou um belo de gosto bizantino com belas pedras *[sic]*. O risco foi de Voudoyer. Vi-o com arquiteto que dirige as obras começadas há 30 e tantos anos. Tem lugares de muito eco. É vasto tendo a nave principal 144m de extensão. Está muito bem situado. Vêem-se ao longe as ilhas Pomegais reunidas por uma muralha de pedra formando assim o porto abrigado. Depois vi o jardim zoológico perto do chateau-d'eau e do observatório. Terreno acidentado e pitoresco. Possui animais interessantes.

8h Jantei bem. Estive com Jules Ch Roux Presidente da Sociedade de Geografia que há de ouvir em sessão a exposição das explorações de Theodor Westmark na sessão desta noite. Felizmente pude colher informações sobre a região que ele explorou visto que não seria prudente sair hoje à noite. Roux trouxe-me o seu livro a respeito do Canal do Panamá. Já o li em Petrópolis pouco depois de publicado.

40' Acabo de estar com o Behic e fiquei de ir ver a oficina de máquinas de vapor pertencente à companhia Forges et Chantiers. Procurou-me o Dr. Mota Azevedo professor de inglês aposentado do externato do Colégio de Pedro 2°. Achei-o bastante avelhantado.

10 ¼ Tenho estado a ver jornais no quarto do Nioac e agora estou com sono. Luar bonito.

30 de novembro de 1887 (4a fa.) — Quase 8h Acordei às 7 ½. Dormi bem, mas a Imperatriz queixou-se de manhã de muitas dores nas pernas. Dia encoberto.

12h Almocei bem. Estiveram cá a Condessa de Montebello e a irmã. Chuvisca. Vou sair para o observatório.

4 ½. Já estou em casa. O observatório já muito bem montado. Conversei com Mr. Stephan, falei a Borehy que descobriu há pouco um cometa. Senti não poder estar lá mais tempo, mas tinha de ir ao Chateau d'Eau que é um belo monumento. Fiz minhas notas no catálogo do Museu de Belas artes que aí se acha não tendo podido visitar o de história natural. Acompanhou-me o diretor do Museu de Belas Artes. O tempo está encoberto e de chuva.

Quase 5h Telegrama da Mana Chica. Tudo bem. Carta de Cruls que fala do oferecimento feito de um heliógrafo do fabricante Steinhell de Munich ao observatório e parece pedir mais do que agradecimento já dado. Hei de escrever a minha filha.

6h 35' Acabo de jantar e com apetite.

8 ¼ Li no L'Etendard um artigo interessante a respeito do banquete dado a Emilio Castelar no Rocher de Cancale pela sociedade Aliance latine vulgou L'alouette.

9h ½ Tenho lido jornais franceses. Vou tomar chá.

10h 10' Acabo de ler na Revue hebdomaire *[sic]* illustrée do 1º de agosto de 1880 – artigo “Courier des Musées” – La nouvelle salle des dessins du Musée de Marseille escrito por Bouillon Landais conservador do Museu que me mandou, e acompanhou-me na minha visita. No Courier de l'ars de 4 de abril de 1884 que também me mandou o mesmo conservador li um artigo dele que fala da casa de Puget edificada em Marselha, canto das ruas de Roma e de Palud. Num nicho de forma semi-esférica colocou ele uma cabeça de Cristo de mármore com estas palavras gravadas por cima: Salvator mundi miserere nobis e sobre o coroamento da janela escrevera também Nul bien sans peine, mas Bouillon Landais não crê que a escultura do museu seja a mesma, embora interessante, por se poder considerar, para assim dizer, o derradeiro alento de Puget.

1 de dezembro de 1887 (5a fa.) — 8h 10' Já estou vestido. Não dormi mal. A Imperatriz queixou-se de madrugada de dores nas pernas. O dia parece que será bom.

9h 50' Fui à ducha. O serviço não se faz tão bem como em Cannes. Dei passeio a pé que não me agradou por causa das ruas por onde fui. Agora vou almoçar.

4h 20' Nada de notável até sair. Fui à oficina de obras de ferro das Forges e Chantiers de la Seyne no caminho de Toulon. Lá estavam Behic Langué e outros empregados da Companhia. Vi tudo, mas não achei nada que me atraísse notavelmente. Os martelos a vapor não são dos maiores assim como as outras máquinas. Gostei de uma máquina de vapor de milhares de cavalos de força e pouco peso. Subi depois a Notre Dame de la Garde. A estátua da Virgem dourada é grande demais. Não me agrada esse templo. Fui ao telégrafo e de lá vi bem de óculos as Pomegais e o Chateau d'If. Tarde serena,

mas encoberta e não fria Altitude do Canigon que se avista em tempo claro, do alto de Notre Dame de la Garde, 165m acima do mar, e a 2558 km de distância, 2785m.

Le Magistrat

Sonnet dédié à la Cour d'Aix
Si fractus illibatur orbis
Ne caresser aucun de ces rêves divers
Qui font chercher au loin la gloire ou la fortune
Et de son doux payz faisant son univers
Boire modestement à la coupe commune;
Ouir, sans se lasser les roscats deserts,
Comparer leurs raisons, savoir en choisir une;
Et puis par des arrêts aussi sobres que clairs,
Convaincre les plaideurs ou braver leur rancune,
Commander à son coeur n'obeir qu'à la loi;
Garder un front serein si la barque chancelle,
Mourir debout le jour où tout s'écroulerait;
Voilà le magistrat! Quand j'ai fait ce protrait
Chacun de vous, Messieurs, m'a servi de modèle.

Le Magistrat – Sonnet dédié à la Cour d'Aix par le Premier Président Rigaud – Traduction de D. Pedro d'Alcântara que lhe vou mandar.

Não embalar ninguém um sonho lisongeiro,
Que faça buscar longe a glória e a fortuna,
E a doce pátria sendo-lhe o mundo inteiro,
Beber com singeleza a taça que nos una;
Ouvir sem se cansar o advogado eloquente,
Comparar as razões; saber o que coaduna
Convencer quem litiga, ou arrostar quem puna
Mandar ao coração, obedecendo a lei
Dobrar ao mesmo jugo a Liga como o Rei;
Ver sereno do barco o mar, que é um novêlo,
E em pé morrer, se tudo é desbarato,
Assim é o magistrado, e faça-lhe o retrato,
Em cada um de vós achando o meu modelo.

11h 40' Assisti à sessão da Sociedade de Geografia a quem agradei o meu diploma. Anexarei artigo sobre o que aí se passou. Vi muito ligeiramente a livraria, diversos objetos e retratos, sendo muito bons o do de Lesseps e o de Brazza, percorri rapidamente com os olhos a pequena biblioteca e vim para o hotel onde tomei chá e finalmente li diários com telegramas de Paris que tem causado alvoroço nas ruas de Marselha e Deus queira que não haja mais do que vozes.

É quase meia-noite. Vou deitar-me.

2 de dezembro de 1887 (6a fa.) — 8h Acordei às 7 ½. Dormi bem embora me levantasse algumas vezes pela madrugada. Até muito depois de meia-noite os gritos dos noticiadores pelas ruas.

10h Volto do passeio a pé e de carro depois da ducha. Fui até um arco de triunfo macaqueação do arco da Estrela. Vi a estátua do Bispo Belzunce que não me agradou. O tempo está encoberto.

11 5' Almocei bem. Li e tenho escrito telegramas. Fiz este soneto.

Mais um ano que passe mais eu sinto
O que a pátria e os meus são para mim,
E vê-los só com a alma, longe assim,

É dor que, embora tente, eu não pinto;
Porém do coração o vivo instinto
Que mais se me estranhou depois que vim
Segreda-me benigno um terno sim
Que só Prá meu amor é bem distinto
Tudo por onde eu ando o repercute;
Em tudo o ouço, alívio da saudade,
Porém quem há que o falso bem reparte
Ser a sua gozada felicidade
Quando n'ausência tristemente lute
Com os pungentes espinhos da saudade?

Já passa de meia-noite e começou o dia 3 (sábado). Escreverei de manhã o que resta a dizer de ontem. Recebi esta noite (10 ¼) telegrama de Isabel dando parabéns pelo dia 2.

8h ¼ Não dormi mal, porém levantei-me algumas vezes de madrugada. Já estou vestido. Dia encoberto. Ontem visitei o Museu Arqueológico do Chateau Brely (junto o catálogo). Tem objetos curiosos. Maspero foi examiná-lo quando por aqui passou há dias. Traduz mais este soneto de Rigaud.

Le sol natal

Au Village de Pourrières
Nescio qua natale solem dulcedme cunetus
Sumit et im memoris non sinit ese sui
Ovid. Pint. ep. 3
Pauvre petit pays où le ciel m'a fait naître
où dorment mes aieux à l'ombre de la croix,
où mon père m'apprit, mieux qu'aucun autre maître
Et tout ce que je sais et tout ce que je crois
Humble toit que mom ciel se plait à reconnaître
Clocher qui m'attendait des que je l'aperçus
Montagne où je voyais le soleil disparaître
Doux vallons où j'aimais pour la première fois
Et vous tous, lieux chéris dont j'ai gardé l'image
Parfums du sol natal, souvenirs du jeune âge
Paix des champs qui s'accorde avec la paix du colur
Je viens vous retrouver au déclin de la vie!
Que volent près de vous les biens qu'en envie?
Ils sont le rêve et vous, vous êtes le bonheur
Sacaron 8 7bre 1882
11 ½ Parto.

“O solo natal”

Paizinho onde o céu me fez nascer
Onde meus avós dormem junto à cruz
Onde como ninguém fez-me aprender
Meu pai tudo o que sei, e devo crer
Teto humilde que folgo de rever;
Torrinha, que de longe torna luz,
Monte, onde eu vejo o sol a se esconder,
Vale onde o amor primeiro me seduz

Vós caros sítios, de que zelo a imagem
Pátrio aroma, a do jovem só miragem
Paz dos campos que aplica-nos a mente
Eis que vos acho ao declinar da vida!
Que vale pois riqueza apetecida?
Tudo é sonho, mas vós dita sômente

2h ½ Paramos um pouco em “Les Arcs”. Acabei de copiar mais esta tradução de outra poesia do Presidente Rigaud.

À la Mignarde

Hoc erat in votis: modos agri monte magnus
Hortes ubi, et tecto vicinus jugis aquae fon
Et palum salvae super his foret
Horat. Sat. II, VI

Ille terrorum mihi proeter omnes
Argulus ridet

Horat. Od. II, VI

O ma maison des champs, dont l’aspect me délasse!
Coin de terre acheté du prix de me labeurs
Tu réponds au désir que formulait Horace,
De l’ombre, du soleil, une source, des fleurs
Sans toi le sort on eût fait une autre place
Tu detournas le vent qui me poussait aillerus
Mon coeur ne rêve pas plus d’air ni plus d’espace
Les jours qu’on coule en paix sont toujours les meilleurs
Tu reçois, mes enfants vers la saison d’automne
Je te dois le bonheur que leur séjour me donne,
C’est por eux que je fis tout ce qu’on aime en toi
Abrite-nous longtemps dans la même demeure;
Et quand le ciel aura marqué ma dernière heure
Abrite-les encore et parle-leur de moi.

27 mars 1874

Choupana, cujo aspecto é já repouso,
Cantinho que eu compreí com meus labores
Deras a Horácio o desejado gozo!
Sombra, sol, uma fonte e ainda flores.
Sem ti fôra meu estar quiçá penoso,
Mas do vento desviaste-me os rigores
Não sonhando eu mais ar, num melhor pouso.
Dias tranquilos são sempre os melhores
No outono meus filhos acolhendo
Parti feliz com eles vou vivendo
Para eles fiz tudo o que amo em ti
Por muito tempo cobre-nos casinha
E quando o céu marcar a hora minha
Abriga-os ainda, e fala-lhes de mi.

3h ½ Já passamos S. Rafael mas não vi A. Karr. O mar está todo encrespando a alva juba e o horizonte tomado pelo mau tempo.

4h 20' Acabo de chegar ao hotel Beau-Séjour. Já vi a Antônia. Pareceu-me melhor. Já está escuro e tudo aceso; o tempo está mau. Volto ao dia 2

11 ½ Missa em S. Vicente de Paulo. Voltei a casa e depois fui ao Museu Brely. Dai fui ao assalto de armas retirando-me às 4 ½ para o hotel. Jantei bem e depois ouvi Coquelin Cade recitar de 8 até 9 ½. Junto o programa. Depois estive lendo jornais e traduzindo versos de Rigaud até 11 ¾ enquanto os crieurs dos jornais gritavam nas ruas – E agora em Cannes.

8h ¾. Ouço a pianista sempre a mesma, tendo jogado bilhar antes com o Nioac e o cônsul Broissard que é bom taco, depois de haver jantado com vontade. No salão acha-se a gente do costume, menos o Anfíbio que foi para outro hotel. A pianista falou de uma espécie de terremoto que parece ter ela somente sentido às horas de meu jantar.

9h 50' Já tomei chá.

10h 40' Li o Ítalo-Americano de 30 de 9bro [novembro] publicado em Milão. Parece favorável ao Brasil e vi Débats de até 3. Vou deitar-me.

4 de dezembro de 1887 (domingo) — 8h ¼ Dormi bem mas sempre me levantei de madrugada. Já estou vestido. Dia com nuvens.

10 ¼ Boa ducha; pequeno passeio a pé por causa da missa a cuja igreja do costume cheguei de carro. Já estive com Antônia que achei bastante pálida.

11h 10' Escrevi a carta. Logo vou à Sociéte des Sauvateurs de la Méditerranée de que sou membro. Adeus!

4 de dezembro de 1887 — 11h 12' Expedi carta para a Isabel com as folhas do Diário.

12 ¾. Tendo estado a ler e agora estou na sala de Antônia à espera que ela almoce. Estou com ela agora. Está bastante pálida.

3h 20' Volto da sessão da Sociedade de Sauvateurs. Hei de juntar o que se publicar nos diários. Interessou-me. Tempo de chuva. O mar estava encrespado na Croisette em cujo hotel foi a sessão.

5h Acabo de jogar bilhar com o Nioac. É noite muito fechada.

Quase 10h ouvi música da pianista do costume e conversei com as pessoas do salão, sobretudo o professor de Oxford e tomei a minha xícara de chá solitário.

12h Estive traduzindo uma poesia que me deu o Rigaud. É tarde, copiá-la-ei amanhã.

5 de dezembro de 1887 (2a fa.) — 8h Já estou vestido. Dia bom. Chapelle e Bachaumone na sua viagem pela Provença.

Nossa Senhora da Guarda

C'est Notre-Dame de la Garde

Governo cômodo e belo

Gouvernement commode et beau

A quem basta como guarda

A qui soufit comme garde

Suiço com alabarda

Un Suisse avec sa halabarde

Pintado sobre o castelo

Peint sur la porte du chateau

Vimos o forte primitivo

Nous fumes donc au chateau d'If

Muito pouco recreativo

C'est un lieu peu récréatif

Que defende o ferro inativo

Defendu par le fer oisif

De soldado já bem esquivo

D'un ancien soldat maladif
Que de guerreiro outrora ativo
Qui de guerrier jadis actif
Ficou sendo guarda passivo
Est devenu garde passif
Também indo em meu barco ativo
Aussi voguant sur notre esquif
Ao som pouco lenitivo
Au murmure peu lenitif
Do elemento enjoativo
De l'element rébarbatif
Dizia em tom expressivo
Nous disons d'un son plaintif
Livrai-me Deus do forte, vivo
Dieu nous garde du chateau d'if.

10h 50' Fui à ducha que muito me agradou. Passeei. Vim de carro à missa. Já vi a Antônia que me pareceu muito pálida e tocou bem um pouco de Beethoven. Acabo de almoçar com apetite.

11 ½. Estive lendo diários. Vou sair.

7h Acabei de jantar e bem. Estava às 5h de volta de meu passeio da Esterel e antes de jantar conversei com a Antônia. Meu passeio de carro foi até o Auberge des Adrets onde entrei para tomar café e ver o subterrâneo no qual os salteadores recolhiam seus roubos e vítimas. Fiquei de mandar procurar em Paris o drama Robert Macaire ou l'Auberge des Adrets que vi representar pela companhia francesa no Rio há mais de 40 anos. O ator Moreau sobressaía nessa peça fazendo de Robert Macaire. As montanhas apresentam às vezes a forma de cristas de galo. Pensei que a Esterel cantada por Mistral me agradasse mais. Talvez seja mais pitoresca do lado de Marselha.

Quase 11h Depois do jantar joguei bilhar com o Nioac. Estive no salão do hotel conversando com a dama de Antônia. Tomei minha xícara de chá. Tendo lido a Nice Artistique de 26 de 9bro [novembro] onde há um artigo sobre La Terre de Zola – os trechos citados são mui bem escritos e outro sobre a Legenda du Mari aux deux femmes sobre que leu um trabalho Gaston Paris na última sessão da Academia das Inscrições e Belas letras e é o assunto do drama lírico Le Comte de Gleichen ópera de Manzacchi cantada no dia 26 do passado no teatro municipal de Nice. Talvez leia o romance de Zola.

11 ¼ Vou deitar-me.

6 de dezembro de 1887 (3a fa.) — 8h Vestido. Acordei 7 ½. Não dormi. Tenho alguma tosse. Tempo claro.

10 ¼ Antes de sair falei ao marido de Antônia que já havia visto voltando de seu passeio. Fui à ducha que me soube; dei meu passeio a pé até além do farol junto à praia. Voltei de carro. Conversei um pouco com Antônia e chamam-me para o almoço.

[desenho]

Vista tirada do mamelon da Villa des Pins anexa à vila Rochefoucault-Doudaenville.

4h 20' Volto do passeio e fui levar à Antônia uma bela rosa que trouxe da vila Hofmann chamada Chateau dela Bocca. Praiazinha do chateau de la Bocca pertencente a Joseph Hofmann.

[desenho]

e ¾. O céu está de um belo alaranjado do lado da ponta da Esterelle que vejo daqui entrando pelo mar. Naquela vila há uma bonita queda de água imitando a natureza.

10 ¾ Jantei bem. Joguei bilhar e conversei no salão. Acabo do chá seco e daqui a pouco irei deitar-me.

7 de dezembro de 1887 (4a fa.) — 10h ¼ Acordei às 7 ½ não tendo dormido mal, pois não ouvi a tempestade. Depois de vestido fiz versos e saí. A ducha soube-me e volto de meu passeio a pé e de carro. O mar está encrespado. A Esterelle destaca-se de modo a ameaçar-nos com algum bom mistral.

11h 5' Almocei bem.

Les Adieux

Lorsque du lac tranquille et bleu, quelque hirondelle
Egratigne en passant, le satin, d'un coup d'aile,
La bleussure se ferme et l'azur se rendort;
Lorsque le papillon, vêtu de pourpre et d'or;
S'envole, abandonnant la pauvre fleur aimée
Qui ne peut pas le suivre et reste, là, pâmée
Il la laisse, elle aussi, frissonante un instant,
Puis, elle se redresse et l'oubile ou l'attend
Mais lorsque tu t'en vas loin de moi, chère absente,
Tu laisses une trace autement plus puissante
Que le frisson des fleurs et les rides de l'eau,
O mond doux papillon! O mon gentil oiseau!
Et plus temps s'enfuit, plus, dans mon âme hereuse
Le frisson se prolonge et la ride se craise
(Illustration de Décembre)

Quando do lago azul e calmo uma andorinha
Passando, arranha o cetim coa asazinha,
A ferida se fecha, e o azul torna a dormir,
Se a borboleta ouro e púrpura fugir
Deixando sôzinha a flor que tantou amou,
Que não pode segui-lo e triste aí ficou,
Larga-a trêmula também por um instante
Ergue-se e esquece –ou a volta não está distante
Mas quando me desamparas, cara amante,
Deixas em mim vestígio muito mais constante
Que o balancear da flor ou da água o encrespado,
Querida borboleta, passarinho amado!
E mais o tempo foge, e mais n'alma feliz
Permanece o tremor e afunda a cicatriz.

Visitei a vila Florence da duquesa de Montrose. Agradou-me muito e achei aí um jardineiro muito inteligente. Hei de lá voltar com a Imperatriz. Depois continuei o meu passeio de carro pela Croisette e o Canet. Jantei com apetite. Fui dizer adeus à Antônia que já se tinha deitado porém estava animada e conversei com ela e o marido. Joguei bilhar, ouvi a pianista no salão comum lendo a Causerie scientifique du Temps de 6 L'oeuvre de Darwin. Está bem escrita e hei de pedir a Hooker a obra que o filho de Darwin acaba de publicar, contendo a correspondência do pai. Vou agora tomar chá.

11 $\frac{1}{4}$ Li diários, escrevi à Isabel fechando a carta amanhã e vou agora deitar-me.

8 de dezembro de 1887 (5a fa.) — 8h Dormi bem. Já estou vestido. Boa manhã. Vou para a ducha.

Cannes 8 de dezembro de 1887 (5a fa.) — 10 $\frac{1}{4}$. Fui à ducha que me soube, dei meu passeio a pé voltando de carro para a missa de onde chego. Dia belíssimo.

50' Já almocei e às 11 vou para Monte Carlo.

11h 10' Estou no vagão e já assobia.

12h $\frac{3}{4}$ Passeei na estação de Nice onde achei os Montbrial e o Broissard.

1h 40' Chego a Mônaco.

11h ½ Ouvi o concerto clássico – junto o programa, tendo dado antes um bonito passeio a pé. Jantei com apetite no hotel da casa de jogo e estava de volta aqui antes das 10 ½. Tomei chá. Escrevi sonetos meus para dá-los à Antônia e agora 11 ½. Vou deitar-me.

9 de dezembro de 1887 (6a fa.) — 8h Já estou vestido. Dormi bem, embora me levantasse algumas vezes de madrugada.

10h 25' Soube-me a ducha. Passeei a pé pela praia e depois de carro até a Croisette onde o mar estava muito calmo. Acabo de estar com a Antônia que me mostrou versos engraçados num diário de Portugal.

1h Almocei bem. Estive com Ferdinand Jacob que me diversas publicações suas e mostrou-me um livro onde ele escreve o que mais lhe agrada em suas leituras e que ele vai publicando como no livro que me deu *Les mystères du Coeur* etc. d'après les meilleurs auteurs – Dijon 1868. Vou ler jornais. Muito senti a morte do Monsenhor Pinto de Campos em Lisboa e da Garcez no Rio de Janeiro.

1 ¾ Acabam de sair o Montpensier, mulher e nora Eulália.

4h 5' Chego do passeio à vila. Não é feia, mas nada tem de notável. Há um morro da Esterel que parece coberto de brasas. A Mana Januária está aí com o filho.

5 ½ Tenho estado a ver se traduzo os versos que hei de copiar. Vou jantar.

6h 55' Comi com apetite. Li o *Captain Fracassa* diário italiano de 8 onde se fala da recepção na embaixada da Alemanha “Piu che osservati, stupefacente addirettura i grandi, gli immensi calzoni bianchi del Ministro del Brasile, signor Lopes Netto”. Acabo de ler um artigo curioso do *Guide historique* etc por Ferdinand Jacob sobre “Les Esterels”.

9h 50' Joguei bilhar, conversei no salão comum e agora vou ler.

10 de dezembro de 1887 (sábado) - 8 ¼ Não dormi mal. Já estou vestido. Dia pouco claro. Estou vestido para sair. Escrevi para Bruxelas.

10 ¼ Gostei da ducha. Dei meu passeio a pé. Voltei de carro. Já vi a Antônia que pintava flores a óleo sobre madeira. Tem talento.

12h 10' Almocei bem. Acabo de conversar com o abbé Herbert, que me mostrou o seu álbum com desenhos bem feitos de objetos pré-históricos. Mora em Cannes 65 rue d'Aubagne.

1h Tenho a traduzir a paródia de *La chute des feuilles*. Vou passear de carro.

4h 10' Fui à altura chamada do observato [*sic*] de onde tirei a vista das montanhas de formas e cores devidas à neve e à luz muito pitorescas. No regresso andei 1 hora a pé. O pôr do sol na Esterelle que vejo agora da minha janela sempre é...

[desenho] Vista tirada do observatório – altura assim chamada nas montanhas de Cannes.

Vista do Saut du Loup. Neve.

... mais ou menos belo. Continuei a traduzir a paródia da *Chute des feuilles* de Milleroye. Acabo de jantar com apetite.

11h 10' Joguei bilhar, depois de conversar no salão comum, tendo antes estado com a Antônia a quem li algumas páginas da “Viagem sentimental” de Sterne. Já estava na cama, porém bem disposta. Tomei chá sem nada mais. Tenho lido diários daqui. Vou deitar-me.

11 de dezembro de 1887 (domingo) — 8h Acordei às 7 ½. Boa noite. Tempo bonito. Vou mais cedo à ducha por causa da missa.

11h Soube-me. Andei e fui depois de carro ao Colégio Stanislas ouvir missa. Cantaram-me [*sic*] bem. Lá encontrei Mr. Guérin. Acabo de estar com a Antônia que pareceu-me mais bem disposta. Vi também o marido dela. Dia esplêndido.

12 ¾ Acabo de estar com a Antônia e o marido. Dei àquele a minha tradução de *La chute des porte-feuilles* que vem no *Comic-Finance* de 24 de 9bro [*novembro*]. Vou sair de carro daqui a pouco.

4h ½. Fui ver a Vila Alexandra de Mr. Trip et Skryptzihe (nome da mulher). Belo jardim. Casa no gosto mourisco. Subi à varanda do minarete a que se chega depois de subir cento e tantos degraus sendo os últimos de escada de caracol. Muito me agradou tudo e principalmente o proprietário sobre de Fenelon Solignac, que, sendo ajudante de ordens do Presidente Thiers acompanhou-me em coupé de Versailles a Paris onde cheguei de madrugada. Depois fui à praia do Golfo Juan, onde

havia muito movimento por causa das visitas que voltavam da esquadra francesa, que aí está fundeada. Andei a pé pela praia lembrando-me da de Sepetiba. Regressando aqui, entrei na fábrica de Clemente Massur, que aí estava. Vi as faianças, de que trouxe bonitas para mim, a Imperatriz, o Pedro e a Antônia, a quem já as dei. O ocaso do lado de Esterel está belíssimo.

9h 50' Acabo de tomar chá. Antes joguei bilhar e conversei no salão comum.

10h 10' Já estou lendo diários no salão do Nioac. Li Le petit Nicois. Le littoral. Acabo de ver "Les Débats" de hoje. São horas e o sono já começa a assaltar-me rijamente.

12 de dezembro de 1887 (2a fa.) — 8h Já estou vestido. Dormi bem. Bom tempo.

10h ¼ Fui de carro à ducha que me agradou. Passeei a pé até além do farol e vim de carro à missa por alma de minha mãe – ontem foi domingo. Já falei à Antônia que dormiu mal e achei bastante abatida.

11h 20' Almocei bem. Acabo de estar com o diretor do Colégio Stanislas. Li o Petit Marseillais de 12 de o Petit Niçois. Dificuldades na organização do novo Ministério Francês.

12h 40' Comecei a ver o interessantíssimo álbum da Baronesa Franck com os autógrafos preciosíssimos.

4h ½ Volto de meu passeio tarde belíssima sobretudo do lado da Esterel. Fui à vila "Valetta" do Dognien. Vi-a melhor que da outra acompanhando-me o jardineiro P. Roffand (?) que parece-me bem inteligente. Depois ouvi música que toca junto ao Cercle Nautique onde tomei café. Do programa que junto só pude ouvir Les Parques (symphonie) de Busset. É bonita, mas nota-se afetação, assentando-lhe mal o nome e La malle des Indes (golop) de G. Lamatte. Não é feia. Fui até a praia da Croisette. Mar que era um espelho e o lado de Nice estava bonito. Antes de subir levei um ramo florido do eucalyptus globulus e a linda flor aquática colhida na Villa Valetta. Vejo agora da banda Esterel um pouco de verde claro no céu, como o observei bastantes vezes na Grécia. Leio no diário Le Littoral daqui um artigo interessante Mme. Boncicaut viúva do fundador dos Magasins du Bon Marché de Paris. Que mulher filantrópica. Morreu aqui 5a fa. passada.

6h 10' Jantei bem. Anunciam também no Littoral que Mme. Favart vem representar aqui no dia 20.

8 ½ Continuei a ler de modo conveniente Les Contes drolatiques à Antônia que já estava na cama, conforme seu hábito de doente, depois que joguei bilhar com o Nioac e o Pedro. Estou ouvindo a pianista tocar piano. A companhia não está hoje completa.

11h ¼. Conversei com a dama da Antônia falando-lhe de romances de Théophile Gautier que ela não conhece – hei de emprestar-lhe La momie e Melle Maupin – e tendo tomado chá seco, vim ler diários no quarto do Nioac. Vou agora deitar-me.

13 de dezembro de 1887 (4a fa.) — 8 ¼ Acordei às 7 ½. Já estou vestido. Dia calmo, porém o céu não está bonito.

10h ¼. Boa ducha. Passeio agradável a pé até além do farol. Na volta atravessei o jardim público. Já vi a Antônia a quem dei um pequeno ramalhete.

11h Almocei bem. Li o número de 9bro [novembro] de La Famille de Jacob publication religieuse mensuelle par le Grand Rabbin Benjamin Mossé com quem conversei em Marselha.

4h Ao entrar estive com a Antônia a quem dei as folhas das plantas que eu trazia da Ilha de St. Marguerite. O mar estava tranqüilo. Corri a fortaleza. Vi a prisão do Máscara de ferro – 2 quartos abobedados, que se comunicavam dantes; num deles notei a latrina onde lançou o prato escrito, segundo li – e botam para um corredor que se podia fechar. Visitei a casa, onde Basaine esteve preso e o canto das muralhas, de que pendia a corda de nós pela qual parecia ter fugido quando saiu, na realidade, pelo portão da fortaleza. Atravessei a floresta que não é feia e abunda em coelhos, regressando pelo lado com pedras pitorescas que fronteira a ilha de Sto. Honorato, cuja visita agradou-me muito mais, e antes de embarcar-me no mesmo lugar do desembarque, vi a criação de faisões, de quem arrendou parte da ilha, que não serve à fortaleza. Há-os dos mais belos como Lady Amhertt etc.

10h Acabo do chá. Antes joguei bilhar e estive com a Antônia com quem vi diários portugueses tendo depois conversado no salão comum com a mulher do Kahn judia. Falamos da língua hebraica e de livros da Bíblia. Vou percorrer diários franceses. Li os boletins da Union Protectrice des Animaux de 1883-1884, 1885 e 1886 e o Corriere Italo-Americano de Milão 10 de dezembro. É muito favorável ao Brasil.

11h Estou com sono. Vou dormir. Foi um dia ótimo. Recebi resposta do Hooker de Kew. Não dirige mais Kew-Garden mas o genro Dyer. Mora agora em Ascot. Pede-me que o previna de minha visita a Kew.

14 de dezembro de 1887 (5a fa.) — 8h Já estou vestido. Céu carregado, chovendo do lado da Esterelle.

14 de 10bro [dezembro] de 1887 (4a fa.) — Continuo. 10h 20' Gostei da ducha. Passeei de carro por causa do mau tempo. Fui até a praia da Croisette.

4h ½. Depois do almoço comecei a ver o álbum da Baronesa Franck. É curioso e hei de copiar alguns dos autógrafos que aí há.

1 ½ Sai de carro e fui à Petite Bastide Melle. Mercier para ver seu atelier mas não estava em casa. Lá voltarei. Depois visitei a loja de Beni Simon argelino como a mulher. Vi aí bustos de tipo africano de Cordier que me agradaram. Há também bonitos tapetes e móveis orientais. Finalmente estive no atelier do pintor Masse autor do belo quadro Une matinée chez Barras de que prometeu-me fotografia igual à que vi. O quadro está em casa de Mr. Dumont (antes Deutz) em Paris. Tem outros quadros que me agradaram, como o retrato do Dr. Jambert etc.

Envoyâ Madame le Comtesse de Salm

Vous possédez le maximum

De ce que l'on aime et de ce qu'on admire

Chacun le pense et nos coeurs sont l'album

Où la justice a pris le soin de l'écrire

(Do álbum da Baronesa Franck)

Possuís quanto é possível

Nosso amor e admiração

Neste álbum é bem visível

Que a justiça ditou no coração.

Cumac Nusta

Torallaq quim

Puenyqueta

Puques cajan

Hina Mantara

Curuñunan

Ylla pantac

Camré Nusta

Unuy Quita

Para munqué

Pacha-murac

Pachacamac

Viracocha

Cay hinaysac

Churasunqué

Camasunqué

Belle Nusta

Ton frère

Vient de casser

Ton urne

Ce fracas

Est le tonèrre

Accompagne des feux du ciel

Mais toi fille des rois

Tu veras paisiblement

Les douces pluies

Le créateur du monde

Pachacamac

Viracocha

T'a chargé de ce soin

Que tu aimes à remplir

Ces vers écrits en langue quichua sont un fragment d'un poème sur les météores composé par un des successeurs de Manco-Cupac Un religieux missionnaire le Père Valera nous l'a conservé: L'Incas (sic) dit-il voulant prouver que tous les biens dont nous jouissons viennent des femmes et que sans la maladresse du frère de Nusta, que représente les hommes le monde n'eût pas connu les orages. Cette mythologie est sans doute plus aimable que celle qui nous est venue de l'Inde par la Palestine. Pourroit [sic] on douter de ce dogme péruvien lorsqu'on fixe les yeux sur la première page de ce livre et qu'aux doux accens de la sapho française on se rapelle l'aliance heureuse des Muses et des Graces.

Paris a 28 dec. 1810 Alexandre de Humboldt.

Joguei bilhar. Fui dizer adeus à Antônia a quem li um pouco Les Contes drolatiques de Balzac tornando-os um pouco ad usum delphini. Estive no salão conversando e ouvindo a pianista do costume. Tomei chá seco e agora 10h vou ler diários.

11h Li Le Littoral, Le Petit Niçois e Le Petit Journal, onde vem os legados de Mme. Boncicaud. O testamento da proprietária do “Bon Marché” de Paris é notável.

20’ Vou para o meu quarto deitar-me. Tenho estado no do Nioac.

15 de dezembro de 1887 (5a fa.) — 8h Acordei às 7 ½. Não dormi mal. Já estou vestido. Bom dia.

11h 10’ Partida para Monte Carlo. A ducha soube bem. Dei meu passeio a pé até o farol – a Esterelle destacava-se muito bela – voltei de carro. Antes de subir vi a Antônia que passou mal a noite e achei com a fisionomia bastante abatida. Almocei com apetite. Li uma carta de Naudin escrita no dia 13 ao Mota Maia sobre o Simaba Cedron arbusto da América Central, cuja noz é empregada, conforme refere o viajante John Penn, contra o veneno das serpentes, como a cascavel. O mordido mastigou uma noz, molhou a mordedura com a saliva e depois bebeu uma infusão quente do resto da noz. Em meia hora a inflamação e a inchação desapareceram. O mordido teve náuseas e duas horas depois estava bom de todo. Este e outros fatos referidos nos diários “Alta Califórnia” de S. Francisco e “Lancet” de Londres. O Dr. Langwert afirma que uma tintura alcoólica do cedron tomada duas vezes ao dia na dose de 15 a 20 gotas cura a mais inveterada. Creem em Panamá que essa noz preserva da hidrofobia depois da mordedura mesmo em cães e outros animais. Naudin fala também na carta da utilidade da fundação no Brasil de um ou dois jardins para estudo de plantas úteis.

12 ½ Encontrei na estação de Nîmes os Montbrial. Passeei pela estação onde comprei La Souris de Pailleron. O dia está bellissimo, mas parece que já começou a soprar o mistral e 40’ parte.

10 ¾ da noite. Acabo de voltar e já tomei chá. Gostei muito do concerto clássico. Fui a ele depois de ter passeado a pé (junto o programa com as minhas notas). Tornei a olhar bem para as pinturas do teatro de que terei boas fotografias. Agrada-me sobretudo a figura de mulher deitada de costas quase toda nua de cabelos pretos desgrenhados.

Jantei no Grand Hotel cujas salas de gosto mourisco são muito bonitas. Estive no salão de leitura e entrei em lojas do andar de baixo do hotel. Comprei numa delas a edição do figaro com desenhos de Madame de Pierre Loti e autor do Pêcheur d’Islande e de outro romance cuja cena passa-se em O-tai-ti. Também comprei lá La Souris de Pailleron já na 5ª edição.

16 de dezembro de 1887 (6a fa.) — Meia-noite ¼. Tenho estado a ler e escrever no quarto do Nioac depois de haver tomado chá. Vou dormir.

8h Já estou vestido tendo me levantado às 7 ½. Não dormi mal embora me levantasse algumas vezes pela madrugada.

Ontem de noite acabei esta tradução em verso da poesia quichua que transcrevi do álbum da Baronesa Franck.

Oh bela Nusta

o vosso irmão

vos quebra urna

Nesta ocasião.

Um tal barulho

É o trovão

Do céu co’os fogos

Em turbilhão

Mas vós, oh filha de reis,

Só docemente farias

Chover. O autor do mundo

Pachamac Viracochá

A vós confiou esse encargo

Que é para vós tão jucundo.

Vou sair. Bela manhã.

10 ¼ A ducha foi boa. Passeei a pé pela praia além do farol – como se via bem a Esterel! e voltei de carro. Antes de subir fui ver a Antônia que achei muito pálida. Já estava na sala. Ao sair encontrara eu o marido que voltava.

11h Acabo de almoçar e vou mandar a minha carta para o Rio.

16 de dezembro [de 1887] (6a fa.) — Tudo pronto para o Rio. 12h Acabo de estar com o Bispo de Goiás acompanhado do deputado de Goiás, o cônego Xavier Caminha tio deputado deste nome e o seminarista mineiro Murta.

4 ½ Entrando fui ver a Antônia que já estava na cama. Cheguei até Napule. Recolhi-me a pé, de pouca distância do hotel. O pôr do sol está muito belo. As nuvens estendem-se paralelamente por cima da Esterel como brasas.

6h ½ Jantei bem. Li La Reforme de Bruxelas traz um artigo Le Brésil x Province de Santa Catarina. É favorável mas inexato. Assina-o N. Ribeiro Silva de que já li outros artigos sobre o Brasil antes da minha viagem. Percorri outros diários e vou jogar bilhar.

11h Conversei no salão ouvindo tocar a pianista do costume. Tomei chá e tenho lido Jornais do Comércio do Rio de 23 e 24 de 9bro [novembro]. Falta-me ver os de 21 e 22 mas é tempo de ir descansar.

17 de dezembro de 1887 (sábado) — 8h 20' Dormi bem. Já estou pronto e escrevi para Paris e Bruxelas. O dia está bonito.

10h 5' A ducha foi agradável. Passeei a pé onde estão armando barracas para a feira. Comprei anêmonas para a Antônia e a Imperatriz. Aquela ainda não estava vestida e respondeu-me do quarto. Venta bastante e o mar encrespa-se.

12h 20' Almocei com apetite. Recebi o Dr. C. Veraguth que acudiu em Catânia a Josefina quando quase que morre asfiziada pela fumaça do carvão de pedra e Aubry de La Noé irmão do que vi no estabelecimento da Seyne que veio da parte do Vice-almirante Amet entender-se comigo a respeito de minha visita à esquadra fundada no Golfo Juan. Li durante este tempo o artigo A. Karr Les bêtes à bon Dieu na Revue de Paris de 15. É uma terrível Guêpe que dá boas ferroadas nos homens políticos da França sobretudo Grevy.

12h ¼ Vou sair.

4 ¾ Acabo de chegar. Estive no Golphe Juan onde passei pela praia. Muito me agradou lembrando-me a praia da Sepetiba. Depois fui à “Petite Bastide” de Melle Mercier que tem pintado bonitas paisagens da Itália. Lá ouvi Mme. Plucinska tocar bem piano. Muito me agradou a “marcha turca” de Mozart. Também cantou Melle Pernini que não é digna de nota, e tocou o rabequista Kockert que pareceu-me medíocre. Lá encontrei de novo Mr. Geoffroy e falei com a prima a Marquesa Godemaris, mulher de um coronel, antigo ajudante de ordens de Mac-Mahon.

6h 10' Jantei bem.

7h 20' Li Le Petit Marseillais, Le Petit Niçois, Le Petit Journal, Le Littoral e Le Brésil, este de 15 e os outros de hoje.

10h 20' Despedi-me da Antônia a quem li um pouco de Les contes drolatiques tendo antes jogado bilhar com o Nioac. Já tomei chá depois de conversar no salão com a judia francesa Kahn ouvindo a pianista do costume. Acabo de ler o Débats de hoje. Traz um artigo interessante de Berard - Varagnac sobre o livro de caro a respeito de George Sand. Tomei nota de François le Champi de G. Sand, de Les chants du soldat de Déroulê de edições ilustradas e de George Sand por Caro para mandar vir de Paris. Como ainda não tenho sono li no “Gaulois” de hoje um artigo L'exposition du Vatican, que deve haver durante o jubileu, dos presentes feitos ao Papa. No diário semanal La Santé au Soleil de Nice li um artigo recomendando a aspirina contra o enjôo, na dose de um gramo dissolvido em um cálice de água, antes de cada comida, 2 ou 3 dias antes de navegar, e também no 1º e 2º dias de viagem, e mesmo mais tempo. Os que a tomaram e enjoavam muito antes, nada sofreram. Na dose de 4 a 6 gramas em 24 horas não tem inconveniente.

11h 35' Vou deitar-me.

18 de dezembro de 1887 (domingo) — 8 ¼ Já estou vestido. Dormi bem. Vou para a ducha. Céu nublado.

10 ¼ Foi boa a ducha, passei a pé e vim de carro para a missa. Acabo de estar com a Antônia que está já na sala. Vou almoçar.

12 ³/₄ Li o “Gaulois” de ontem. Tem um artigo interessante intitulado Les femmes de Loti. Hei de ler proximamente. Mme. Chrysanthème do mesmo. Estive com o oficial de marinha em retraite francês Philippe conhecido do Nioac, cujo quarto deixei para vestir o casacão de saída.

4h ¹/₄. Como está belo o céu ao poente, do lado da Esterel! Fui a Mougins de onde se goza de bela vista. Andei por suas ruas em ladeiras e estreitas e vim meter-me de novo no carro no caminho de Les Baraques. Em Mougins subi uma torre, mas não até o ponto mais alto, pois não é fácil aí chegar e descobri bellissimo panorama. Agradou-me muitíssimo o passeio.

³/₄ Interrompo a leitura da Illustration de 17 para admirar o crepúsculo onde vejo até uns longes de verde, como o admirei bem esmeraldino na Grécia.

10h Acabo de tomar chá, tendo estado antes no salão comum conversando com o Dr. inglês que me deu a tradução da Bíblia feita em Oxford e sobretudo com a dama da Antônia à qual li um pouco estando ela já na cama, depois eu ter jogado bilhar com o Nioac. Agora vou ler.

11h 20' Vou deitar-me.

19 de dezembro de 1887 (2a fa.) — 8h 20' Vou para as duchas. Não dormi mal. Levantei-me às 7h ¹/₂. O dia creio que será chuvoso. Está frio.

10h ¹/₄. Soube-me a ducha. Passeei a pé até a feira onde vi o que pude e comprei flores para a Antônia, a quem já as dei, achando-a bem. Já estive com o marido dela.

11h 5' Almocei bem. Conversei com o diretor do Colégio Stanislas e vou escrever para o Rio.

(19 10bro)

19 de dezembro (2a fa.) — 11h 20'. Expedida a carta para o Rio. 4h O tempo não permitiu que fosse à esquadra francesa. Joguei bilhar e escrevi. Esta manhã tive a visita do Ministro protestante H Percy Smith e sua mulher recomendados de Mrs. Mauhe. Antes do jantar acabei de ler a parte da correspondência manuscrita que recebo quinzenalmente de Alfred Marchand intitulada A travers livres et publications de 17 do corrente.

6h 20' Acabo de jantar e com apetite. A noite está muito bela. Vou ler os Débats de 19. 8 menos 7'. Já o li. Vou despedir-me de Antônia.

9h 50' Acabo de tomar chá seco. Li poesias de Béranger à Antônia numa edição ilustrada que ela tem. Depois estive no salão ouvindo cantar.

11h 5'. Li os Débats de 18.

20 de dezembro de 1887 (3a fa.) — 8h 5' Não dormi mal porém tive de levantar-me algumas vezes. Já estou vestido. O tempo é sereno ainda que o céu se ache ensarrabulado.

10h 10' Ducha agradável. Passeio a pé do lado das barracas. Entre em algumas onde nada vi de notável. Trouxe um ramo de junquinhos que dei à Antônia cuja fisionomia pareceu-me melhor. Já dei bons dias ao Leopoldo. 50' Almocei bem.

12h Li a Illustration de 17 onde vem o artigo “La visite de l'empereur du Brésil aux forges et chantiers de la Méditerranée”. Está exato. A estampa pôe-me mais velho do que pareço.

4h 5' De volta da visita aos encouraçados “Colbert” e “Devastation”. No primeiro está o Vice-almirante Amet que comanda a esquadra e no outro o contra-almirante De Varennes. Assisti no branle-bas de combate a bordo do “Colbert”. Vi as máquinas de ambos e os tubos de lançar torpedos assim como examinei o fechamento da culatra cujo sistema pareceu-me bom. A banda de música do Colbert tocou muito bem. O café que aí me deram era ruim. Ambos os navios têm canhões hochkiss nos cestos das gavinas. Agradaram-me os dois navios, embora o exame fosse o que as circunstâncias permitiam. O céu está de um belo rubro acima do Esterel, cujo contorno recorta-se, arredonda-se e aguça-se de modo muito pitoresco. Foi uma bela tarde. Que tal será à noite a Favart? Poderei dizer desde já que é pena represente somente hoje aqui? Junto o programa com extrato que aí se publica do jornal Paris Artista – 55' Que pôr de sol lindissimo! Na ponta Esterel que entra pelo mar nuvens como cinzas escuras por baixo de alaranjado enrubescido, mais acima cor de ouro, verde demasiado, azul claro e azul quase ferreté. Não se pode descrever e creio que nem mesmo pintar.

21 de dezembro de 1887 (4a fa.) — Meia-noite $\frac{1}{4}$. Já tomei chá de volta da representação de Favart de que junto o programa com observações a lápis. Vou tratar de dormir. A noite está fria e muito bela; a cobertura do carro alvejava com a geada. O termômetro indica fora da janela 3° C.

Vou deitar-me.

8h Já estou vestido. Dormi bem. Que dia belíssimo.

10h 25'. Estive há pouco com a Antônia que tocava piano. Soube-me a ducha, talvez por ter saído só com 3° de temperatura. Dei o passeio a pé do costume até o farol e pela praia do lado da Esterel, que se avista através de ligeira névoa.

11 $\frac{1}{2}$ Almocei bem. Acabo de estar com o diretor do Colégio Stanislas daqui.

12h $\frac{1}{4}$ Li *Le Petit Littoral* de ontem, *Le Petit Niçois* de hoje assim como *Le Petit Journal* onde li que uma publicação científica austríaca traz 6 fotografias feitas em Viena pelos capitães Mach e Salcher de balas com a velocidade de 400 a 500 metros por segundo. Vê-se a forma parabólica da onde anterior de ar comprimido e da posterior de ar dilatado com forma cônica. O projétil é muito alongado e tais resultados estão de acordo com os cálculos feitos há muitos anos pelos oficiais franceses.

50' Acabei de ver diários daqui e de Nice. Vou falar à Esmeralda Cervantes e à mãe.

4h $\frac{1}{2}$ Acabo de estar com a Antônia a quem dei o programa do que ouvi tocar em casa de Mrs. Dampster, onde vi o quadro representando a Provença do pintor Masse. Não me desagradou, sobretudo a figura cujo rosto e parte do corpo são sombreados por um cesto cheio de flores, que tem na cabeça. Encontrei aí Monseigneur Guigoux e o capitão do hospital civil e militar. Tocou piano Mme. Plucinska; cantou Melle. Arnim e rebequeou quem já ouvira em casa de Melle. Mercier. Tendo tomado uma xícara de bom café, fui à vila, Cromber viúva do mesmo nome da proprietária. Belga e onde vi pequenos quadros de Teniers que não me desagradaram um busto de mulher que pareceu-me bom, e uma Madalena, que dizem de Murilo, o que não penso e outras pinturas. Passei pelo jardim de gosto francês, e de uma pequena altura gozei de bela vista desde a Esterel até a ponta da Croisette. Acompanharam-me a dona da casa e uma inglesa sua amiga de bastante espírito.

6 $\frac{1}{4}$ Acabei de jantar com apetite. Li *Le Gaulois* de 20. Artigo sobre o casamento do filho de Sarah Bernhardt, Maurício com a princesa Jablonowska.

10h $\frac{1}{4}$ Tomei a minha xícara de chá. Antes ouvi na sala comum as músicas de que junto a lista com as minhas notas.

11 $\frac{3}{4}$ Acabei de ler o belo discurso de Jules Simon sobre Louis Reybaud na sessão pública anual da Academia das Ciências morais e políticas do dia 17. Vou dormir.

22 de dezembro de 1887 (5a fa.) - 8 $\frac{1}{4}$ Estou vestido já. Dia de chuva. 11 $\frac{1}{4}$. Parto para Monte Carlo. A ducha soube-me bem. Por causa da chuva passei só de carro indo à Croisette onde os rolos do mar produzem belo efeito. Almocei com apetite. Vi já a Antônia que parece bem disposta.

10h 55' da noite. Tomei chá tendo voltado de Mônaco. Assisti aí ao excelente concerto, cujo programa junto com apetite [*sic*] no hotel das salas mouriscas e numa das lojas comprei o *Poèmes et récits de Coppée*; edição illustrée por Myrbach. Acabo de ler o *Compte rendu* da Academia das Ciências de 12. Li *Le Littoral* de hoje. Publica um soneto de Soulas, que não é feio.

É meia-noite. Vou deitar-me.

23 de dezembro de 1887 (6a fa.) — 8h Dormi bem. Já estou vestido. Dia feio, mas não chove.

10h 20' Já estive com a Antônia que achei bem disposta. Gostei da ducha e dei meu passeio a pé até a praia da Croisette onde o mar estava calmo. Continua o dia feio.

11 $\frac{1}{4}$. Almocei bem. O dia parece ficar menos enevoado. Logo vou a um concerto no Hotel St. Junto o programa. (Continuar-se-á).

23 de 10bro [dezembro] de 1887 — 11h 35' Fui pedir à Antônia o programa do concerto de ontem de Monte Carlo para enviá-lo à Isabel a quem acabo de expedir as folhas do diário com os programas musicais.

1 ½ Estive copiando do álbum da Baronesa de Franck. Vou passear.

4h Chego do concerto no Hotel St. Charles perto do meu. Junto o programa notando minhas impressões.

6h ¼ Acabo de jantar e com vontade. Li Le Petit Niçois. Tem um artigo sobre “Le Monument d’Edmond About”. Hei de ler os discursos que se proferiram. Leio no Petit Journal que Puvis de Chavannes está fazendo uma pintura mural na Sorbonne de 26 metros de comprimento. No Petit Marseillais leio que querem empregar o vento para produção da eletricidade nos acumuladores para a iluminação elétrica. Também serviriam como força motriz.

11h 20’ Vou deitar-me depois de ler “Don Antônio rei de Portugal. Son histoire et ses nonnaies” par Renier Chalon. Deu-me Saice diretor dos arquivos de Mônaco. É curiosa. Antes tomei chá, tendo estado com a Antônia e ouvido no salão piano tocado pela pianista do costume, a que pouca atenção prestei, porque falava com o Dr. Eduardo de Menezes parente do Mota Maia – acaba de freqüentar cursos na Escola de Medicina de Viena e a mulher dele. Também falei com Mrs. Kahn e seu marido. Vou dormir.

24 de dezembro de 1887 (sábado) — 7h 35’ Fiz meu exame de consciência. Levantei-me às 7. Não dormi mal. O dia está bom.

10h ½ Confessei-me – peço perdão dos agravos – e comunguei.

Tomei a ducha que muito me soube, dei meu passeio a pé até além da praia depois do farol. Já estive com a Antônia que acho sempre pálida e vi o filho que não tem cara inteligente como os pais.

12 ¼ Escrevi cartas para Charcot, Brown Séquard e German See recomendando o Dr. Eduardo de Menezes casado com a sobrinha do Mota Maia.

Li Le Petit Niçois de hoje e Le Littoral de ontem. Vou sair.

4h ¼ Estou de volta. O ocaso é quase sempre belo. Entre dois cabeços da Esterel parece o fogo de um vulcão. Fui chamado ao observatório. Que bela paisagem sobretudo do lado dos Alpes cobertos de neve! Desci a pé. Visitei a Vila Petit-Pavillon do alsaciano Barão Fernand de Turckheim, onde vi a cabeça de um velho camponês de Greuze que me agradou muito por algumas das feições e sobretudo pelo colorido; e “A bela grega” retrato da Condessa Potocka (1790) de que fala o Príncipe de Ligne nas suas Memórias, e Luciano Percy no livro “Une Grande Dame au 18^{ème} Siècle”, Turckheim tocou muito bem no piano a marcha fúnebre e um noturno, se não me engano, de Chopin. O crepúsculo está admirável!

5h 50’ Dei boas noites à Antônia depois de ver a árvore de Natal. Tocou-me um álbum com uma rosa pintada por ela.

6h 40’ Jantei com vontade. Já li o Petit Journal de hoje.

10h Joguei bilhar. Fui ver a árvore de Natal da Antônia que estava bem arranjada, dando-me ela um pequeno álbum, onde ela copiou uma rosa que eu lhe trouxera. Depois conversei no salão com as pessoas do costume, e a pianista ia arranhando piano. Acabo de tomar chá seco. Li o diário La Curiosité publicado a 22 em Nice. Traz um artigo “Collection Gambart” que hei de cortar para anexar à este diário. O artigo assinado Ernest Bosc “A propos d’hypnotism” parece curioso. Li no Gaulois um artigo sobre minha ida aos navios de guerra franceses no Golfo Juan e o Débats onde vejo que Gréard deve ser recebido na Academia francesa a 19 de janeiro. Estou com sono, vou deitar-me.

25 de dezembro de 1887 (domingo) — 8h Já estou vestido. Dia bonito. Acordei algumas vezes de noite mas não dormi mal.

10h 20’. A ducha foi agradável, dei meu passeio a pé – havia só 3° de temperatura – e vim de carro à missa durante a qual cantaram umas moças com acompanhamento de harmonium e rebeca.

11h 40’ Almocei bem. Escrevi para França e para Bruxelas.

12h ¼. Já vi minha sobrinha Antônia. Pareceu-me mais bem disposta. Vou ler diários: Le Petit Niçois nada de importante – São horas de sair – continuar-se-á.

4 ¾ Antes de subir estive com a Antônia a quem levei flores da vila Madrid, da viúva Ettling que fala bem espanhol. Tem salas bonitas e o jardim também não é feio avistando-se dele um pouco do mar e da Esterel – agora sem nuvens, com um ocaso lindíssimo pelas cores do céu. A dona da casa é muito simpática. Tem uma fotografia da Regente de Espanha e seus filhos, que lhe deu aquela com sua assinatura.

5h O céu está agora quase um íris desde o perfil da Esterel até grande altura.

26 de dezembro de 1887 (2a fa.) — Quase 1h Jantei com apetite. Joguei bilhar. Estive no salão conversando sobretudo com a dama da Antônia, tendo me despedido desta já na cama antes de ir para o salão e procurei traduzir um soneto da romana Helena Vacaresco, cujas poesias emprestou-me o marido da Antônia. É tempo de dormir.

8h Já estou vestido. O céu não está muito limpo, porém sereno embora aviste ao longe muitos barcos velejando.

10 ½ Acabo de estar com a Antônia, a quem li a tradução do soneto francês da romana Helena Vacaresco, que hei de copiar aqui. A ducha foi muito agradável e dei meu passeio a pé até além do farol para o lado da Esterel que se destaca com as montanhas do Rio quando ameaça mau tempo. Vou almoçar.

Sonnet

Ce que je cherche en toi ce n'est pas de l'ivresse
Ni l'assouvissement d'un désir insensé
Ma saine n'a pas de feu lorsque ta main la presse
Mes yeux qui n'ont des tiens point cherché la caresse
Ignorent si l'azur en est clair ou foncé.
Mais près de toi mon coeur a la douce paresse
Et l'envahissement du souhait exaucé
d'autres voudrent sans doute essayer de le lire
Ce livre de ton coeur que je n'ai pas ouvert
Tu pourras leur donner l'extase ou le délire,
Tu les entraineras dans quelque sentir vert,
Mais j'aime mieux encor, sous ton calme sourire,
Rêver au paradis sans l'avoir découvert.

Eu não procuro em ti ebriedade,
Nem saciar desejo tresloucado,
Não me arde a mão, se a tua tem tocado,
Nem minha frente ao eflúvio da beldade.
Meu olhar, que não busca a saciedade,
Não vê se o teu está azul, ou carregado;
Porém junto a ti desacordado

Sinto enlevar-me a felicidade.

Outros sem dúvida desejam ler

Na tua alma que nunca folheei

Tal delírio que lhes podes conceder

Nos verdes trilhos onde nunca andei;

Mas antes teu sorriso calmo ver

E sonhar com o céu, que não gozei!

12 ½ Vou sair. Belo dia.

4 ½ Estou de volta. Que belo ocaso! Fui ao Golfo Juan. Passeei pela praia a pé e ainda na volta, tomando depois o carro que me conduziu ao Cercle Nautique. Ouvi as duas últimas peças de música, passeando a pé na frente do hotel e depois até a Croisette – como a tarde era linda! – e tomando o carro regressei para aqui.

10h Jantei com apetite. Joguei bilhar. Estive com minha sobrinha a quem li a minha tradução do epigrama feito pelo Dr. Dadderige.

“Live while you live” – The Epicure would say

And seize the pleasure of the passing day!”

“Live while you live”, the sacred Preacher cries,

And give to God each moment as it flies!”

Lord! In my wish let both united be
I live un pleasure, while I live to Thee.”
“Viver para viver” – o epicuro dizia,
os prazeres gozai do passageiro dia”,
“Vivei enquanto viveis, o pregador exclama,
Dai a Deus, cada instante rápido qual chama”
Seja tudo, Senhor, num só desejo unido;
Feliz só eu serei se em ti houver vivido.
Junto a cópia do original que me deu George Lawrence.

O poeta Liégeard, o dos versos do monumento de Brougham mandou-me de Paris na data de 21 do corrente seu livro “La côte d’Azur”. Ouvi a pianista do costume conversando eu com Mrs. Kahn. Subi para o chá do costume. Tenho estado a ler agora.

11 ¼ É preciso que me deite. A noite está fria mesmo onde há fogo. Há pouco só havia fora de casa 2°.

27 de dezembro de 1887 (3a fa.) — 8h Já estou vestido. Dormi bem. O dia não está claro.

10h ¼ Soube-me a ducha. Dei depois o meu passeio até além do farol pela praia de onde se avista a Esterel, cujos contornos se destacavam claramente. Pouco vento, mas assim mesmo velejavam ao longe pequenos barcos.

10h menos 6’. Almocei com vontade. Le Petit Journal de ontem – artigo interessante sobre a viagem de Camille Douls no deserto entre o Senegal e Marrocos. Apresentou-se à Sociedade de Geografia de Paris – já mandei vir o bulletin *[sic]*. Le Phare du Littoral de ontem tem um bom artigo “La situation aux Etats-Units”. Louva a mensagem do presidente que propõe a redução dos impostos protetores.

12h 50’ Li Le Brésil de 25. Traz uma curta biografia do Pinto de Campos; fala da visita que lhe fiz em Paris.

1h Vou sair.

4h 40’ O ocaso aqui é sempre belo. Fui ao observatório de “La Corniche”, tendo antes estado na povoação de Vallauris, cujas ruas estreitas e mais ou menos ladeirantes *[sic]* percorri a pé, entrando em pequenas olarias. A vista do alto da serra é belíssima sobretudo do lado das montanhas nevadas.

10h 10’. Acabo de tomar chá depois assistir no salão à “Récreation humoristique, artistique, littéraire et amusante de M. F. Lambert” que me entreteve bastante. Junto o programa.

28 de dezembro de 1887 (4a fa.) — Meia-noite ½. Depois do chá acabei de ler o livro “Le théâtre de Monte Carlo” par Maurice du Seigneur. Dá informações muito interessantes. Vou deitar-me. Parece-me ouvir bulha de vento.

8h Vejo a terra e alguns arbustos brancos de neve. O dia está claro e sereno. Acordei algumas vezes. Já estou vestido. O termômetro estava há pouco a zero.

10 ¾ Nada de novo até agora que vou embarcar-me para S. Tropez. O tempo está bom. Creio que nada sofrerei no mar.

[desenho] A entrar na enseada de Aguay.

Passeio a Saint Tropez por mar.

[desenho] Saída da enseada.

3 ½ Deixamos S. Tropez às 3. Vamos também a vela. Andei pela povoação com o maire, A. de Champomarni Chef de bataillon du 114^{ème} Régiment territorial d’Infanterie. Não me agradou a estátua do Bailly de Suffren no desembarcadouro. Corri a povoação a pé e de carro, e só vi por fora a casa onde habitou Suffren. Estive numa fábrica de rolhas feitas à mão e com auxílio de máquina. Um trabalhador – são quase todos mulheres – podem fazer milhares por dia. A casca é cozida na água.

Pierre André de Suffren – St. Tropez
Chevalier des ordres du Roi
Grand Croix de St. Jean de Jérusalem
Vice-Amiral de France
Né en 1729 mort le 8 Décembre 1788.

Produit d'une souscription spontanée ouverte a St. Tropez en 1863 par le vice-amiral Comte Bouet Villaumez prefet maritime de Toulon et Monsieur Montois Préfet du Var. Cette statue a été inaugurée sous le règne de Napoléon 3. Monsieur Chasseloup Laubat étant Ministre de la Marine. Monsieur Martin de Roquebrune étant Maire de St. Tropez.

4 Avril 1866.

6h ½ Volto ao hotel. Mar bom. A noite não está muito clara. O frio não incomoda. Vou tratar de jantar, que tenho vontade. Li o Gaulois de ontem e o Petit Niçois de hoje durante meu regresso.

7h 20' Jantei com vontade.

8 ½ Li Le Petit Journal de hoje e Le Littoral de ontem, vindo naquele um artigo sobre o almirante Burgois, que acaba de morrer, e um trecho do elogio de Dupuy de Lôme por Bertrand, na sessão pública anual de ontem da Academia das Ciências.

10 ¾ Acabo de tomar chá seco. Antes, depois de ir dizer adeus à Antônia, ouvi o concerto que a Pulcinska organizou para mim, e cujo programa, que dei ao Leopoldo para mostrar à Antônia, juntarei a este diário. Li uma carta escrita de Milão à Imperatriz com data de 25 do corrente por Ester A. de Freitas Reis filha do Emilio Ascagne dentista com um retalho de um diário de Anconna, em que se lê: "Hier será la parte del Pierotto venne assunta all'improvviso dalla signora Ester de Freitas un vero e sonoro contralto che promette un grande avvenire. Il público la festeggió nella sua aria e nel duetto com Linda, bissato".Recebi uma música intitulada "Roland neveu de Charlemagne. Rimes héroiques. Paroles d'Aguste Barbier Musique de Louis Boppo". Vou dar à Amélia Nioac para tocá-la ao piano. Leio que os membros do Instituto podem ter um exemplar da medalha comemorativa da doação de Chantilly. Vou pedi-la por intermédio do Daubrée.

11 ½ Vou deitar-me.

29 de dezembro de 1887 (5a fa.) — 8h Já estou vestido. Manhã encoberta ameaçando chuva. Dormi bem embora me acordasse algumas vezes.

8 ½ Vou para a ducha. Li o Débats de ontem.

10h 10' Ducha agradável. Passeei a pé até a praia do farol. Ainda há neve sobre o solo e os telhados. Acabo de estar com a Antônia e o marido. Já vi o filho.

11h 10' Almocei bem. Já andei pela estação. Vamos partir.

12h ¾ Passeei pela estação de Cannes. Tudo está nevado. Encontrei os Montbrial. Seguimos.

5 ¼ Depois do concerto, cujo programa junto e muito apreciei, fui dar um passeio a pé do lado superior à Condamine. A lua iluminava a paisagem de maneira encantadora. Estou no pequeno salão superior onde há piano.

10h 50' Já tomei chá. Nada de importante na volta. Depois do jantar no hotel de Monte Carlo joguei bilhar. Vi lá os Bember e a senhora disse-me que me mandaria amanhã as poesias do Echeverria que Calvo pode achar em Paris. Li Le Petit Niçois. Fala da morte de Cotta Paul? membro fundador do círculo republicano operário do Brasil e da subscrição aberta favor da viúva. Le Petit Marseillais. Peças pneumáticas cujas experiências foram feitas com excelente resultado na baía de New-york. Le Littoral nada de importante. Le Petit Niçois A Câmara Municipal quer demolir a Chapelle Expiatoires.

30 de dezembro de 1887 (6a fa.) — Meia-noite ½. Vou me deitar.

8h Já estou vestido. Não dormi mal. Belo dia. O termômetro fora da janela marca 2° abaixo de zero.

10h 20' Estive com a Antônia voltando do passeio. Vi o marido e o filho. A ducha soube-me. Dei meu passeio até a Croisette – linda manhã – e voltei de carro.

11h Acabo de almoçar.

[desenho] Na praia a lesta de Napoule.

Cannes, 30 de dezembro (6a fa.) de 1887.

Fechei a carta para a Isabel.

Recebo um bilhete de visita de Mistral em provençal – Frederi Mistral e sa moiné – Maillane (Bouchesda Rhone 29 Xbre 1887) entre os traços por letra dele assim como outro – À sa Majesta Don Peire II empereire du Brasil touti li vot couvau de sour bèn devot sôci en Felibrige. F. Mistral. Escrevi para San Remo à Princesa Imperial da Alemanha. Escrevi a Daubrée pedindo-lhe um exemplar da medalha comemorativa da doação de Chantilly ao Instituto. Saio agora quase 1h .

4h 40'. Chego ao hotel. Belo ocaso. Assisti à sessão da Sociedade Científica e Literária de Cannes. Junto o programa. Esperava melhores leituras. O Dr. Buttura ficou de pedir para mim um exemplar da correspondência de J. J. Ampère que ele ofereceu àquela sociedade. Li Le Rabelais – Revue politique et litteraire fondée le 20 Novembre 1880. Parraissant tous les quinze jours Nice. Que diferença de “Les Guêpes” tão notáveis de A. Karr! 7 Jantei bem. Li Le Petit Niçois, Le Petit Marseillais com um artigo curioso “Les Kabiles” e Le Petit Journal. Vou jogar bilhar.

10h 5' Tomei chá depois de estar conversando no salão comum. 25' Li Les Débats de hoje.

11h ½ Estive copiando do álbum da Baronesa de Salm. Vou dormir.

31 de dezembro de 1887 (sábado) — 8h Estou já vestido. Dormi bem. Bela manhã. ½ Vou para a ducha.

10h ¼ Foi boa. Dei meu passeio a pé para além do farol. Acabo de estar com a Antônia. Vou almoçar.

11 ¼ Comi com vontade, e depois de ter passeado na estação vou partir para Nice. Antes de sair do hotel recebi uma carta de Jurien de La Gravière de 29 recomendando o Barão Guy de Contenson oficial do estado maior adido por muitos anos da embaixada francesa em Madri.

6h ¼. De volta ao hotel. Já vi a Antônia. Em Nice fui à casa do Czartoiscky. Vão para Argel. Não o achei bom. Vi o filho da primeira mulher com seu traje de seminarista. Quer ser padre mas não sei se o será bom. Os filhos da Margarida não são bonitos e não me parecem ter cara inteligente.

Antes estive em casa de Mana Januária, que achei bem disposta e visitei os Montpensier achando a nora de cama, porém o incômodo não é de cuidado.

Visitei o atelier de Masse que pintou um quadro que não é mau representando Torquemada presidindo ao martirio da família do imperador Inca, cena inspirada pela poesia de Vitor Hugo. Também me agradaram os desenhos e os quadros de uma pesca de tubarão. Mostrou-me grande número de paisagens à aquarela desta região, que em geral não me pareceram dignas de nota. Dei depois bom passeio a pé pela Promenade des Anglais e fui ao Cassino ouvir a música, não assistindo senão ao que tocaram da Aída, a “Cavalaria ligeira” de Suppé e a valsa de Straus.

Reuni-me à Imperatriz na estação. Chegando ao hotel vi a Antônia. Jantei com vontade.

Meia-noite 5'. **1 de janeiro de 1887 (domingo)** — Joguei bilhar com o filho da Antônia de quem despedi-me tendo antes conversado com ela que já estava na cama. Conversei no salão do hotel onde as Sras. ofereceram-me, assim como à Imperatriz, um belo ramalhete com este bilhete – Les dames de l'hotel ont l'honneur d'offrir à leurs Majestés leurs hommages respectueux et leurs bons voeux, e acabo de escrever cartas na sala do Nioac.

O termômetro fora marca 4°. 8h Vestido. Dormi bem. Dia carregado ameaçando chuva. Li Le Petit Journal de ontem. Vou mais cedo à ducha por causa da missa.

10h ¼. Já ouvi missa e dei boas festas à Antônia. A ducha soube-me, mas por causa do tempo que está úmido sacudi-me de carro.

11h 40' Estive há pouco com a Antônia o marido e o filho, que vieram dar boas festas. Telegrafei a diversas pessoas pelo dia de hoje

12 ½ Já li Le Petit Niçois e antes recebi a visita do Grão-duque de Mecklemburgo e da mulher que é russa e filha do Grão-duque Miguel. Nada tem de interessante. Li Le Petit Journal e Le Littoral Illustré. Corto o artigo sobre a reunião da “Sociedade Científica e Literária” a que assisti.

1h ½ Vou sair embora o tempo esteja feio.

5h Voltei há pouco. Levei meus presentes à Antônia e ao filho assim como à Imperatriz. Comprei-os eu mesmo dando um bom passeio a pé e de carro por lugares já conhecidos mas pitorescos. Recebi carta da Princesa Imperial da Alemanha com lembranças de ano bom para a Imperatriz e para mim. Vou telegrafar à Princesa agradecendo e dando parabéns. Não chove mas o tempo está ruim. Recebi também telegrama de minha Mana Chica e do Joinville de Paris pelo ano bom, assim como do Cotegipe e do Rei dos belgas.

10h 20' Jantei com apetite em companhia da Antônia, do marido e do filho, assim como da Mana Januária e do filho. Joguei depois bilhar com o filho da Antônia e ouvir tocar piano à mesma do costume, conversando eu com Mrs. Kahn. Recebi telegrama do Tefê enviado de Lisboa, aonde tinha chegado, fazendo ardentes votos por minha robusta saúde, e em

resposta a um meu, o da Duquesa Ravaschieri que eu conheço pessoalmente desde minha passada viagem e é escritora de talento.

11 ½ Li o Gaulois de ontem onde vem um artigo que é interessante intitulado “Impression du premier jour” em Roma.
11h 40' Vou deitar-me.

2 de janeiro de 1888 (2a fa.) — 8h Estou vestido. Dormi bem. Dia feio.

10h 10' Soube-me a ducha. Passeio de carro até a praia da Croisette. Que belos rolos do mar! ½ Li um artigo bem escrito sobre os Pescadores de pérolas de Bizet. Vou almoçar.

1h Apetite. Recebi o General de Divisão de Coutpont Governador da Praça de Niza genro do almirante Tréhourat do combate naval do Obligado, o Bispo de Jafra, ilha do Ceilão, Mgneur Th And. Mélizan O.M.I. com quem conversei a respeito do Ceilão, acompanhando o Vicaire de Cannes Abbé F. Jaime. Visitaram-me também o Dr. Raphael Blanchard agregé à Faculdade de Medicina que me pareceu inteligente e o Barão e Baronesa G. de Contenson recomendados de Jurien de la Gravière residentes na Vila des Hirondelles.

2h ½. Tenho continuado a ler e conversado com o Nioac. Vou sair.

7h Fui ao Club Nautique onde joguei bilhar e li um artigo que me interessou sobre figuras feitas com as sombras das mãos por (espaço em branco).

Jantei com apetite depois de conversar com a Baronesa Sofia Airtema de Gentins que muito me agradou por seu espírito e ter-me prometido mandar a indicação dos dias de chegada aqui da Duquesa de Luynes e outras pessoas. É holandesa. Mora no hotel de l'Esterel. Li Les Débats de ontem.

10h 25' Estive conversando no salão depois de ter-me despedido da Antônia a quem comecei a ler o Eurico de Alexandre Herculano. Acabo de tomar chá. Leio no Le Phare du Littoral de hoje que o dinheiro enviado ao Papa pela missa do Jubileu cada oferta sendo de lfr. 50 importa em 2,70,000 fr. Li Le Petit Marseillais onde não vejo nada de notável, e no Petit Journal diz-se que Pasteur quer demitir-se de Secretário perpétuo da Academia das Ciências por causa de seu estado voletudinário [sic].

São 11h ½ e vou deitar-me.

3 de janeiro de 1888 (3a fa.) — 8h Não dormi mal. Já estou vestido. Não chove, mas o céu está coberto.

10h 10' Soube-me a ducha. Passei a pé como de costume para o lado da Esterel. Acabo de voltar de carro e de estar com a Antônia que sempre acho pálida.

12h 10' Almocei com apetite. Recebi um fulano Biar que esteve no Rio em 1868. Fala português. Reside nos Estados Unidos e veio à Europa por negócios de herança.

Li o Jornal do Comércio do dia de 3 [sic]. Minha filha entregou a 2 na Câmara Municipal 64 cartas de liberdade [sic].

Li Le Littoral Illustré. Fala da “Manufacture de poteries artistiques” do antigo castelo de Cannes. Talvez valha a pena ver.

5h 5'. O poente está bellissimo. A extremidade da Esterel parece a boca de uma fornalha a apagar-se. Sobre ela há uma barra de verde desmaiado. Chego do concerto cujo programa junto com minhas notas.

6h 25' Acabo de jantar com apetite. Li Les Echos de Cannes et du Canet de domingo, Le Petit Niçois de hoje; no Petit Journal também de hoje leio que Sucre prepara-se para receber Thouar que se reputava morto. As colônias britânicas da Austrália vão gastar 50,000 ££ com uma expedição polar. A Inglaterra só contribui com 5 a 6000 mas protege a expedição. Deve partir na próxima primavera para o polo sul sob o comando de Sir Alen Young. Ilhas situadas à borda banquisa estão cobertas de guano na espessura de muitos metros. Também nessa região se encontrará grande número de baleias, que desapareceram quase dos mares setentrionais.

9h 55' Joguei bilhar, conversei com a Antônia e conversei no salão com Mrs. Kahn. Já tomei chá seco.

11 ¼ Li o Débats de 2 e 3 onde vem o artigo “L'Europe en 1887” que podia ser mais interessante. Também não é notável “La semaine dramatique” de Jules Lemaitre. A poesia de Auguste Dorchain em honra de Racine, cujo aniversário se festejava, parece-me de mérito pelo trecho citado. Vou deitar-me.

4 de janeiro de 1888 (4a fa.) — 8h Estou vestido. Não dormi mal. O dia não está bonito.

10h 20' Soube-me a ducha e dei um passeio agradável. O céu clareou, faz bom sol e espero que a ida a Antibes depois do Almoço seja agradável. Já estive com a Antônia e o Pedro mostrou-me o rascunho de uma carta que deseja que eu escreva ao pai dele declarando seu intento de ficar residindo no Brasil depois de seu casamento embora venha de passeio à Europa. Vou almoçar, batem-me à porta.

11h 10' Almocei com apetite. Respondi a telegrama de bons anos do professor Busivi engenheiro arquiteto presidente da Academia de S. Lucca de que sou membro. Le Petit Journal de hoje com artigo interessante “Les expositions”.

1h Acabei de conversar com Charles Murray que era Ministro da Inglaterra em Lisboa da vez passada que aí estive. Sabe o árabe e li e traduzi com ele alguns trechos de árabe na “Méthode pour l'étude de l'arabe parlé (idiome algérien) par L. Machuck 4^{ème} édition” do corrente ano. Foram muito agradáveis.

3 ¼ Estive lendo na obra de Liégeard o que ele diz de Antibes para onde vou.

10h Estive no salão a conversar com a dama da Antônia enquanto tocava piano a do costume, tendo primeiro ouvido a violoncelista de que já falei tocar com uma menina rabequista de modo agradável.. Antes joguei bilhar e estive com a Antônia a quem li um pouco, ficando de lhe ler sermões do Padre Antônio Vieira aos domingos, numa nova edição que ela tem e eu só conheci agora. Em Antibes vi o galet inscrit. offrand phallique à Aphrodite, a respeito do qual trouxe o “étude etc.” por Bazin. Esta oferenda é do 6º ou 7º século antes de J. C. Reparei também na outra inscrição que diz “D. M. Pueri septentrionis annorum XII qui Antilope in teatro biduo saltavit et placuit”. O felibre Bonaparte-Wyse em sua coleção de poesias provençais “Li Piado de la Princesso” consagrou estrofes à lembrança do rapaz. Michelet também se compadeceu dele . Não vi a de que fala Liégeard em seu livro “La Côte d'azur” na qual um Albucius lamenta a morte de sua mulher depois de 30 anos de casados “sine ullâ querelâ de l'encaster dans la tour que par respect sans doute de la verité due à la maison de Dieu li la hissa sous la grosse cloche, tête en bas et lettres renversées”.

Dentro do forte Reille está o do tempo de Henrique 2º, perto do qual se vê uma sepultura E - O ladeada por 16 ciprestes 8 de cada banda, com esta inscrição “Ci-git Championnet Général de la République”. A cidade foi fortificada por Vauban. Na praça havia uma coluna que aproveitaram para chafariz lendo-se aí inscrições referentes à defesa da cidade. Acompanharam-me nesta visita o adjunto do maire Frederic Isnard; o Tenente-coronel Cardot do 111º regimento e o Sous-Lieutenant Guérin. É meia-noite. Vou deitar-me.

5 de janeiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem.

10h Foi boa a ducha. O tempo embora ameaçador deixou-me andar a pé. Acabo de voltar de carro. A Antônia não estava visível, mas já falei ao filho.

11 ¼ Almocei com apetite. Parto para Monte Carlo. Antes de sair do hotel vi a Antônia que estava cuidando de pintar.

12h 40' Andei na estação de Nice onde encontrei o Pedro e os Montbrial. Sigo.

1h ½ Chego a Mônaco.

2h 35' Estou ouvindo o concerto. Antes passei a pé tendo tomado café no terraço que olha para o mar – o tempo está feio. Na pintura do teto à esquerda do rosto da mulher que se debruça com uma grinalda que solta de uma das mãos dá-me ares de Sarah Bernard.

5 ¼ Depois do concerto, cujo programa junto, fui cortar o cabelo e estou no salão do hotel.

10h 40' Acabo de chegar. Parece que choveu bastante aqui. No salão do hotel de Monte Carlo li em voz alta o primeiro ato do libreto da ópera Paraguaçu composta pelo pai do Villeneuve e J. O'Kelly. Jantei com apetite e joguei bilhar com o Nioac. Nada de novo na volta.

11h 35'. Tomei chá e li o Jornal do Comércio de 4 de dezembro onde se fala dos impressos de meu neto Luiz e de 13. Já deu meia-noite. Vou deitar-me.

6 de janeiro de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. Dia encoberto. Parece que não haverá sol. Recebi ontem dois bilhete de Le Grand père Felix Lassere. Auteur de la Confession d'ou Gran Praire Rua Grande 8 Cannes 1887 bon an – e de Mr. et Mme. Felix Lassere. Bonheur et Santé. Rue Grande 8 Cannes.

10h 20' Boa ducha. Passeio a pé pela praia além do farol. Já estive com a Antônia e o filho. Tempo enevoadado.

11h 20' Almocei bem. $\frac{3}{4}$ Já li Le Petit Niçois. No Petit Journal, no artigo "Le testament de Henry Giffard". Legou 300.000 fr. à disposição do Dr. Darun para o tratamento de cancro por meio da eletricidade na clínica Henry Giffard em atividade (Boulevard des Capucines n° 28). O resto da fortuna, satisfeitos todos os legados, o qual importará em mais de 3 milhões fr. deve ser empregado pelo estado a bem das ciências. Jansen anunciou em seu discurso de 25 de dezembro que a Academia das ciências foi empossada de 50.000 fr. cujo destino será decidido ulteriormente. A sociedade dos engenheiros civis consagrou os atrasados do legado de 50.000 fr. à recompensa do melhor escrito sobre os trabalhos de Giffard. O prêmio de pouco mais de 3000 fr. será concedido na sessão anual de junho. Encerrou-se o concurso, e foram entregues duas memórias. Ainda não se preencheram as formalidades para a aceitação pela cidade de Paris de legado de 10.000 fr. a cada um dos bureaux de bienfaisance. Giffard morreu em 1882 e os bureaux de bienfaisance nada receberam ainda.

1h $\frac{1}{2}$ Vou sair.

4h 20' Passei a pé até a praia da Croisette sempre pitoresca e daí de carro à casa rua Hoche n° 9 onde se reúne a filial da Association des Dames Françaises. Abriu a sessão Mme. L. Lemaitre. O Dr. Paul Pouzet leu o relatório anual e depois falou sobre a instituição o secretário geral e fundador da Associação Dr. Duchaussoy professor agregado da Faculdade de Paris. Estava à minha esquerda o senador Foucher de Careil que se ocupa de uma tradução de Dante que ficou de mostrar-me. Acha-se agora em Menton. Depois visitei a coleção de objetos cirúrgicos que não é importante. Trouxe de lá uma espécie de lenço com figuras com isto escrito: Triangle de pensament indispensable pour l'armée et pour l'usage domestique. Avec mouchoir on peut faire tous les pensements cidessous. En vente ches W. Wackjer 42 rue Rochechouart à Paris. Vou mandá-lo a meu genro.

6h 50' Jantei com vontade. Acabei de ler a parte intitulada: A travers livres et publications – da correspondência manuscrita datada de 4 que me envia quinzenalmente Alfred Marchand.

10 $\frac{3}{4}$ Acabo de ver o livro "François" 1^{er} chez Mme. de Boisy. É curioso – hei de comprá-lo em Paris chez Auguste Aubry libraire-editeur. Antes tomei chá desacompanhado.

11h 25' Li "Saint Tropez et le Bailli de Suffren" por J. B. Vou agora descansar.

7 de janeiro de 1888 (sábado) — 8h Vestido. Dormi bem, mas levantei-me algumas vezes. O tempo está bom.

10h 20' Acabo de estar com a Antônia sempre sem cor, mas animada. A ducha agradou-me. Passei a pé além do farol. Voltei de carro.

11h 20' Almocei bem. Os Trapassi estão aí. Despedi-me do filho da Antônia. Volta para os estudos na Universidade de Tubinge.

$\frac{3}{4}$ Ainda estive com a Antônia, marido e filho. Li os diários de hoje Le Petit Niçois, Le Littoral de que transcrevo este soneto que hei de ver se traduzo.

Sur la vitre le givre a peint des arabesques
Ce n'est qu'en les grottant qu'on peut voir au dehors,
Passer, emmaillotés du haut en bas du corps.
Les humains grelottants, transis, piteux grotesques
Le vent emporte leur chapeau, les rend burlesques
Le grand vant indompté qui fait les arbres tors
Et fait s'entrechoquer, entre eux, les sapins morts,
Avec leurs saluts, raides et pittoresques.
Le vent qui soulève en poudre l'eau du lac,
Et la lance inondant quai, jetté et tillac
Où le froid aussitôt la change en stalactites
Mais qui semble bercer les mouettes, petites
Boules de satin gris argenté, voletant
À la cime du flot, comme un duvet flottant
D. Mon

Le Petit Marseillais. Cópia da crônica científica de Parville o que ele diz da moldagem de rendas por Outerbridge cujo processo torna as rendas incombustíveis e resistentes. Bom artigo de fundo do Débats de ontem a favor da reentrada do duque d'Aumale em França. Vou sair.

5h Chego. Fui de carro até "La batterie" a meio caminho do Golfo Juan onde montei um burrinho assim como o Nioac e Mota Maia. Andou muito bem lembrando-me sobretudo minha excursão de Cintra. A tarde embora encoberta permitiu-me admirar a vista dos alpes do observatório da Corniche perto de Vallarus. Daí desci de carro até a vila Solignac onde vi as estufas muito interessantes pelas flores, principalmente rosas – mais de 30 variedades – que aí se cultivam. Percorri todo o jardim, vendo também as flores que têm numa parte da casa, e gozando da belíssima vista do ponto mais elevado do jardim. Se Martius adotou o motto ex palmis resurgo, Solignac poderá dizer ex rosis floresco. Trouxe belas flores para a Antônia a quem já as dei.

10h 20' Jantei bem. Traduzi o soneto que já copiei.

Risca a geada nos vidros arabescos,
E se os raspo, avistando vou lá fora
Quem passa encapotado a qualquer hora,
De frio tiritando, e bem grotesco
Vai com o vento o chapéu, fica burlesco;
A árvore contra o vento não s'escora,
E outra fere, morta muito embora
Com seu saudar tão rude e pitoresco
D'água do lago faz sutil poeira
Que inunda cais e molha e a barca inteira
Onde o frio em stalactites a converte,
Mas a gaivotazinha se diverte,
Globo argênteo sobre a água saltitante,
Como sutil penugem flutuante.

10h ½ Acabo de copiar a minha tradução. Antes tomei chá depois de ter estado no salão comum onde conversei e ouvi um menino de 6 anos chamado Phal tocar sofrivelmente receba.

11h 35' Li o artigo de Darmestetter sobre o 1º vol. da "Histoire du peuple d'Israel" por Renan. Vou descansar.

8 de janeiro de 1888 (domingo) — 8h Vestido. Dormi bem, embora me levantasse algumas vezes. Dia belíssimo.

20' Li o Débats de ontem. Morte de Chantelauge; discurso de Coppée nas exéquias dele .

10h ¼ A ducha soube-me. Passeei a pé e vim de carro à missa. Acabo de estar com a Antônia que achei pálida e com pigarro. Vi o Pedro que tem a garganta inflamada e ainda não se levantou.

11h Acabei de almoçar e com vontade. Espero dar logo um bom passeio.

8 de janeiro (domingo) de 1888 – 11h ¼ Expedi carta e diário para o Rio. 50' Conversei com Ernest Michel Docteur en droit sobre assuntos religiosos.

12h 25' Saem P. A. Favier Fondateur Directeur de la Ramie Française Societé Anonyme – Capital 4.300.000 fr. e o Dr. Grusa de Lacoune-les-Bains (Tarn.) Etablissement Thermal. O primeiro mostrou-me tecidos de rami e deu-me dois escritos sobre a rami. Ficou de enviar amostras de tecidos de rami ao Instituto Agrícola e Sociedade auxiliadora do Rio.

1h Li Le Littoral de ontem, Le Petit Niçois, Le Petit Journal. Vou sair.

5h 10' Acabam de visitar-me o filho herdeiro do Grão-Duque de Baden e a mulher que julgo ser de Nassau. Antes fui passear de carro para o lado da Esterel, no boulevard de Gran-Duc. A tarde estava belíssima. O poente parece agora um íris mas sem a forma de arco.

6h ¼ Jantei bem.

10h ¼ Joguei bilhar. Li poesias de Gonçalves Dias à Antônia. Acabo de tomar chá seco depois de ter estado no salão onde ouvi tocar piano como de costume conversando com Mrs. Kahn.

11h 10' Não pude ainda copiar tudo o que me chame a atenção no álbum da Baronesa Franck. Estou precisão de dormir.

9 de janeiro de 1888 (2a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. O dia está bom, porém não belo.

10 ½ A ducha soube-me. Dei meu passeio para o lado da Esterel além do farol. Voltei de carro. Acabo de estar com a Antônia que pintava. O céu está sarrabulhento.

11 ¼ Almocei e bem.

12h 25'. Li Le Brésil de 5. Rabisquei a carta agradecendo a Mme. Chevreuse os livros dos Ampères.

10h 20' Já tomei chá depois de ter estado na sala onde se tocou piano e se cantou pedindo eu o Home sweet home de Moore que apenas foi tocado e mal no piano pela Iagwitz – a que recebeu nomeação de pianista da corte do Brasil porque se tem prestado a tocar com a melhor vontade.

Antes do jantar estive na Vila Vitória de Sir Charles Murray que conheci enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Inglaterra em Portugal quando lá estive da vez passada. A mulher pinta muito bem aquarelas. Vi bonitas de Baalbeck e da Palestina. Tem livros árabes cuja língua parece saber bem e trouxe de lá três folhetos que hei de ler por me parecerem curiosos sobre o Ricardo 3º, Júlio Cesar e O Mercador de Veneza de Shakespeare. Passeei pelo jardim de onde se goza bela vista do mar e para o lado da Esterel. O pôr do sol foi muito belo. É quase meia-noite e vou deitar-me.

10 de janeiro de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem, mas a Imperatriz queixa-se muito da perna. Céu enevoado.

1h A ducha foi boa. Dei bom passeio como de costume. Vi a Antônia. Almocei com vontade. Escrevi cartas. Tempo magnífico. Vou sair.

3h 50' Estou de volta. Que bela tarde! Fui de carro e depois a pé até uma igreja de cemitério na montanha. Notre Dame de Vie. Precede-a uma pequena rua de Ciprestes. A igreja estava fechada como o cemitério, em cuja porta se lê: “Nos jours passent comme l'ombre”. A paisagem é muito pitoresca. Não há uma nuvem e o sol enfia seus raios pelo quarto onde escrevo. Antes de sair li os Débats de ontem onde vi o discurso de Gréard na sessão de 7 na Academia das Ciências Morais e Políticas. Fustel de Colange presidente eleito para este ano não assistia à sessão por se achar doente em Cannes. Espero conversar com ele.

11h Joguei bilhar; li “Eurico” à Antônia. Estive conversando no salão com os Kahn. Tomei chá seco e agora vou ver diários.

55' Li Le Petit Journal e Le Petit Niçois e Le Petit Marseillais de hoje e Le Littoral de ontem. Nada de importante. Meia-noite. Vou deitar-me.

11 de janeiro de 1888 (4a fa.) — 8h Estou vestido. Não dormi mal. Bela manhã.

10h ¼. A ducha foi boa. Dei meu passeio a pé de costume. Estavam puxando um rede imensa e senti não ter tido tempo de ver os peixes a pular. Já falei à Antônia que pintava flores. Antes de sair estive com o Pedro que ainda me falou algum tanto rouco.

11h 6' Almocei bem. Li Le Littoral de ontem; no Le Petit Journal, que o general Tchen-Ki-Tong dirigiu uma carta a Franck da Academia de Ciências e políticas e fundador da “Liga contra o ateísmo” a que pertenço mostrando que os chineses proclamam a existência de Deus e promete a publicação de um trabalho a tal respeito que aparecerá na Revue des deux Mondes. No Le Petit Niçois vejo que há eclipse de lua a 28 ou 29. Entra na penumbra às 8h 38 da noite. O meio às 11h 29' e sai da penumbra às 2h 20' da manhã.

12h 50' Acabo de ler Le Petit Marseillais onde vem um bom artigo sobre Flourens Ministro dos Negócios Estrangeiros.

4h 40' Bela tarde. Acabo de chegar de meu passeio a Antibes onde andei bastante a pé, já não achando lá os tubarões que foram para Nice e Paris. A vista dos Alpes estava belíssima. Antes de ir a Antibes visitei com a Imperatriz no Hotel Pavillon o filho do Gran-Duque que lá está com a mulher.

6h 25' Acabo de jantar com vontade. Antes traduzi sânscrito com o Seibold, reconhecendo que apesar da interrupção desse estudo não esqueci o que aprendi.

10h 10' Acabo de tomar o chá desconsolado depois de ter estado no salão onde não havia quase ninguém ouvindo a pianista do costume. Entretanto vi algumas publicações com desenhos. Antes joguei bilhar com o Nioac e li o Eurico à minha sobrinha.

11h 10' Terminei a leitura da Revue retrospectiva mensal.

11h ½ Li no Temps um fragmento de uma obra apenas começada sobre a educação das moças escrita por Legouvé. Vou deitar-me.

12 de janeiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Não dormi mal embora me levantasse algumas vezes. Belo dia. 20' Li um belo artigo sobre os escritos que eu conheci em Baden-Baden por E. M. de Vogué nos Débats de antes de ontem.

10h 10' Ducha agradável. Passeio e missa.

11 ¾ Almocei com apetite. Li os Débats de ontem onde vem um artigo que me fará ler mais cedo “Madame Chrysanthème” de Pierre Loti que já está sobre a minha mesa. Vou sair daqui; o tempo está bellissimo.

5h ¾ Chego de volta com um bellissimo pôr de sol. As árvores parecem arder. Estive no castelo de Cagnes. Goza-se de bela vista do alto da torre. Tem pinturas de mérito. Notei sobretudo um quadro representando Catão rasgando as entranhas, que dizem ser do Guesino. Tem dois pequenos quadros de de Camps, uma menina de Greuze, que não me agradou muito e uma cabeça atribuída a Murilo que um dos olhos tem muita expressão. O proprietário é J. C. Gerecke nascido em Bounswick, mas cidadão francês, casado com uma russa de Orel. Esteve de passagem no Rio indo buscar mulas para a Ilha da Reunião.

8 ¼ Jantei com apetite. Tenho estado a ler os Débats de hoje e vou jogar bilhar.

10 ¼. Estive conversando no salão depois de despedir-me de Antônia. Já li Le Littoral de ontem. No Le Petit Marseillais de hoje um artigo pouco benévolo de Sarcey sobre as Memórias de Ristori.

11 ¼ Li também La semaine dramatique no Débats de 9. Vou dormir.

12h A Imperatriz sofreu muito de dores na perna, mas parece que quer sossegar e vou despir-me e deitar-me.

13 de janeiro de 1888 (6a fa.) — 8h A Imperatriz passou melhor. Céu enevoadado. Já estou vestido.

10 ¼ Acabo de estar com a Antônia. Sempre pálida. Pintava. Ducha agradável. Passeio do costume. Venta do lado do norte, navegação adiada.

10 ¾ Almocei bem. As nuvens vão se desfazendo. Vou à missa.

11h 35' Ouvi missa. O tempo está ventoso porém vai limpando.

13 (6a fa.) de janeiro de 1888 – 11h ¾. Acabo de expedir minha carta à Isabel e outra a Gorceix congratulando-me pelo prêmio Delessert que ele recebeu. O dia está bom, mas por causa do vento não dou meu passeio marítimo. No Littoral Illustré leio que ontem no Circulo Filarmônico Mr. Gabriel devia jogar bilhar dando 50 a 70 pontos sobre 100 aos melhores jogadores. Vou ver se ele joga adiante de mim. Polvo gigante visto no folgo de Exmouth, costa ocidental da Austrália, com tentáculos de 18 a 20 pés de comprido, grossos como uma criança e de vulto maior que de uma baleia. No Sudamerikanischer Beobachter redigido pelo Graber que se ocupa de colonos para o Brasil vejo uma saudação “Ao Dois de Dezembro” com a tradução, de quase todos os sonetos que eu fiz na minha vinda para a Europa exprimindo minhas saudades da pátria.

Vejo no Petit Journal que de Lesseps participou à Academia que com o concurso de Eiffel que levanta a torre de ferro para a próxima exposição vai colocar - no canal do Istmo do Panamá uma imensa bacia de ferro provisória que permitirá rodear a montanha Culebra, dando assim navegação entre os dois oceanos desde fevereiro de 1890 quando só em 1893 se fará pelo corte da montanha.

4h 5' Tarde encoberta ameaçando chuva, porém chego de bom passeio de carro e a pé pelo Boulevard Leuder até a Croix des Gardes, com bela vista sobre o mar, a Esterel e as ilhas descendo pelo Boulevard Roquebillière até a estrada de Cannes a Napoule. Vou à minha lição com o Seibold.

9h 40' Traduzi Nehemias com facilidade – não tenho esquecido o hebraico e depois comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original o que principiei a fazer durante minha viagem do Brasil até Lisboa. Acabei de tomar chá depois de assistir à sessão do equilibrista Werly – junto o programa – que trabalhou muito bem.

10h Lido Le Petit Niçois, Le Petit Marseillais diz que a abertura da exposição de belas artes em Nice abrir-se-á no dia 16 às 2h no antigo palácio da Bourse. Li o Débats. Nada tem de notável.

11h 5' Vou deitar-me.

14 de janeiro de 1888 (sábado) — 8h Quase. Pareceu-me longa a noite. Dia nublado. Já estou vestido.

10h 5' Boa ducha. Passeio agradável embora o céu esteja sarrabulhento. Já estive com a Antônia sempre descorada a quem dei o programa dos Félibriges.

11h Interrompi o almoço para recebê-los e volto agora para ouvi-los de perto. $\frac{3}{4}$ Junto o programa da Aubade Félibresque. Estive no quarto da Antônia. Escrevi a Mme. de Villeneuve mandando-lhe o programa do concerto clássico de Monte Carlo de 19 onde se tocará a 2a. parte de “Paraguaçu” ópera cujo poema lírico é do sogro assim como a música com a colaboração de J. O' Kelly.

6h 25' Acabo de jantar com vontade. Até 1h li diários. Depois vieram os Montpensier que vão para Espanha e a Duquesa de Chartres que está na sua Vila, achando-se o marido na Península com a Condessa de Paris. Fui dar um passeio a pé durante meia hora e vim buscar a Imperatriz para ir ao concerto dos ciganos no Hotel Beau-Site. Junto o programa com minhas notas. Depois traduzi árabe com o Seibold.

11h $\frac{3}{4}$ Jantei com apetite. Joguei bilhar. Li o Eurico à Antônia, estive conversando no salão comum, tomei chá seco, traduzi versos e vou agora deitar-me.

15 de janeiro de 1888 (domingo) — 8. Vestido. Dia chuvoso. Não dormi mal, porém a Imperatriz passou mal de madrugada, queixando-se de asma. Li Le Littoral Illustré de 13. Fala do projeto de um socialista contra a vida do Príncipe Imperial da Alemanha em San-Remo.. Le Petit Niçois traz telegrama dizendo que o Imperador da Alemanha enfraquece cada vez mais. 20' Vou para a ducha.

10 $\frac{3}{4}$ Chego da missa na Igreja de Notre-Dame du Bon Voyage onde cantaram a missa que me foi dedicada pelo músico A. Revoire e não me desagradou. A igreja é de estilo romance e tem vidros pintados representando passos da vida de Nossa Senhora e martírios de Sto. Estêvão, creio eu, e dos religiosos da Ilha de St. Honorato pelos sarracenos e penso que outros mais. Não me agradaram muito as pinturas.

Já estive com a Antônia que pintava e estava de bom humor embora sempre anêmica.

1h Almocei bem. Escrevi à Helena Vacaresco poetisa da România que me mandou seus “Chanta d’Aurore” enviando-lhe a tradução que fiz de um soneto daquela coleção “Ce que je chercher en toi ce n’est pas de l’ivresse...”

O que procuro em ti não é ebriedade

Nem o gozo de um desejo tresloucado.

Não me arde a mão se a tua tem tocado,

Nem minha fonte à tua proximidade

No teu olhar não busco a sociedade,

Nem sei se é azul claro ou carregado,

Porém, entre os teus braços enlevado,

Sinto somente a minha felicidade

Tentem outros embora folhear

Esse teu coração que não abri

Fá-los-ás arroubados delirar

Em verdes trilhos que eu não conheci,

Mas, teu doce sorriso a contemplar,

Vou sonhando com o céu que nunca vi

Li artigo da Gazetilha do Jornal do Comércio do Rio sobre a notícia que correu de que o Papa não me receberia se eu fosse visitar em Roma o Rei da Itália.

Escrevi a Tamandaré sobre sua elevação a Conde.

Tamandaré

Embora conheça a afeição, que sempre lhe tive, apresso-me em dizer-lhe que o testemunho de justíssimo apreço por parte do governo de nossa pátria, a que vejo com sincero regozijo ligado o nome de minha filha, causou a maior satisfação a

Seu amigo

D. Pedro d'Alcântara

Cannes, 15 de janeiro de 1888.

10h 20' Acabo de tomar chá, tendo estado antes no salão comum, depois do jogo de bilhar com o Nioac e de ler Eurico à Antônia. Conversei aí com o professor de Heidelberg (espaço em branco) sobre Döllinger, cujas conferência a respeito de Dante prometeu-me ele dar para ler.

Antes de jantar traduzi árabe com o Seibold e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original.

Vou ver jornais – Petit Niçois onde corto um artigo, no Petit Journal circular do Ministro da Marinha recomendando o azeite para acalmar as vagas – outro sobre a fotografia no teatro. Tem servido no teatro do Chatelet para obter a imagem de diversos cenários e vão empregá-la na ópera. Le Petit Marseillais fala como o diário já mencionado do trama contra a vida do Príncipe Imperial em San-Remo.

Li no Jornal do Comércio de 29 passado o que se diz de minha viagem com a data de 23 de 9bro [novembro] e outros artigos. É quase meia-noite. Vou deitar-me.

16 de janeiro de 1888 (2a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. Céu com nuvens porém vêm-se reflexos de luz.

10h 20' Estive com a Antônia, que pintava ao chegar eu da missa depois da ducha que me soube e de curto passeio a pé.

12h $\frac{3}{4}$ Acabo de estar com Foucher de Careil que me leu os contos de Francesca di Rimini e do Conde Ugolino da sua tradução de Dante. Agradou-me este trabalho. Prometi-lhe mandar-lhe o que traduzi da Divina Comédia.

1h $\frac{1}{4}$ Li Le Petit Niçois. $\frac{1}{2}$ Vou sair.

4h $\frac{1}{2}$ De volta. Sai a pé e fui ouvir a música municipal, sem me assentar. Tocou muito bem e junto o programa, onde marquei o que ouvi. De lá fui à vila Lycklama holandês desse nome onde vi dois quadros, um dos quais representa um baile de fantasia dado no jardim dele que me disse quais as pessoas retratadas. Há retratos curiosos de filhas do Xá feitos por um pintor persa.

10h $\frac{1}{2}$ Acabo de tomar chá depois de ter conversado no salão. Antes do jantar que me soube, traduzi sânscrito com o Seibold e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original.

11h 35' Acabo de ler o Débats de hoje. Selim Farés diretor de dois diários árabes el Djewaib e el Kahira acaba de publicar uma obra “Declínio do prestígio britânico nas regiões do Oriente” que parece ser muito interessante. Vou me recolher. Tenho lido no quarto do Nioac.

17 de janeiro de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem até que pela madrugada a Imperatriz começou a queixar-se de dores diz ela que no osso da perna de que sofre. O tempo não está claro.

10h 35' Soube-me a ducha. Dei passeio muito agradável. Acabo de estar com a Antônia que pintava suas rosas brancas.

12h Almocei bem. Recebi a visita da filha do Príncipe Imperial da Alemanha casada com o Saxe-Meiningen. Dei o libreto de “Paraguaçu” à Princesa para melhor apreciar o que se deve dessa ópera na 5a fa. em Monte Carlo onde a encontrarei. Recebi do Lycklama a Notice que junto com os livros de jurisprudência em latim de Lycklama in Nycholt Proefecti et nobilis Sullinger via, Frisii I.C. Benedictorum Libri IV An. 1617 e Marci Lycklama a Nyeholdt. Equitis Aurati Jurisc. Frisii Membranarum libri septime in quibus ad constitutiones codicis etc. Anno 1644.

4h $\frac{1}{4}$ Chego do concerto da Pulcinska. Foi muito bom. Dei o programa a Antônia para lê-lo com as minhas notas à margem. Meia-noite. Traduzi a Odisséia e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original no meu estudo em companhia do Seibold. Jantei com apetite. Depois joguei bilhar e vi o modo admirável por que o joga M. Gabriel que fez

depois habilidades de cartas muito notáveis. Junto o programa. Conversei no salão comum a respeito de minhas viagens com Mrs. Kahn; o Dr. Legg e a dama da Antônia, de quem me havia despedido. Depois do chá estive lendo o que diz Liégeard de Fréjus na sua obra “Le Côte d’Azur”, pois amanhã pretendo visitar as ruínas que aí há. São horas de dormir.

18 de janeiro de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz queixou-se bastante da perna. Dia belíssimo.

5h 40’ Depois da ducha, que me agradou passei a pé e fui a Fréjus pela estrada de ferro em companhia de Mr. Roland. Almocei aí no hotel em cuja casa esteve Bonaparte quando voltou do Egito. Percorri o anfiteatro vendo tudo com cuidado, menos as cave por não valer a pena. Não é pequeno. Visitei o museu onde há objetos interessantes, mas como não tenho tempo de falar de tudo reporto-me ao livro de Liégeard “La Côte d’Azur” e aos de Aubenas sobre Fréjus. Voltei com Roland no mesmo vagão. Chegando a S. Rafael recebi a carta que junto de A. Karr. Logo que cheguei ao hotel tornei a sair e com a Imperatriz fui visitar a filha da Princesa Imperial da Alemanha que é casada com o Príncipe de Saxe Meininger e está no Chateau Ste-Anne de onde breve se retira.

6 $\frac{3}{4}$ Jantei com apetite e acabei de escrever estas primeiras notas do que fiz em Fréjus.

10h 20’ Joguei bilhar com o Nioac. Estive com a Antônia a quem principiei a ler o primeiro sermão dos do Padre Antônio Vieira denominados as cinco pedras da funda de David, numa nova edição desse semanário que ela tem. Conversei no salão comum e acabo de tomar chá.

Recebi hoje uma carta de Berthelot com data de ontem pedindo recomendação para os primos dele Mr. e Mme. Allen Ball que vão ao Rio de Janeiro. Hei de dar-lhes cartas para minha filha e para meu genro recomendando-os.

Amanhã vou ao concerto de Monte Carlo onde executarão trechos da ópera Paraguaçu composta pelo pai do Villeneuve e um O’ Kelly e que foi dedicada já há bastantes anos.

Vou ler ainda e depois descansar de tudo o que fiz em Fréjus.

23 de janeiro de 1888 (2a fa.) — 11h Almocei com apetite. Expedi minha carta para o Rio.

50’ Li o Gaulois de ontem. Artigo sobre o centenário de Byron que a Inglaterra festejou nesse dia. Vou mandar buscar as conferências de Guilherme Gerezit sobre Byron.

1h 10’ Comecei a ler o discurso de recepção na Academia Francesa de Gréard. O Tefé esteve há pouco comigo. Dei-lhe carta minha para Perrotin, diretor do observatório de Nice. Vou tomar café e sair.

4h 40’ Chego. A Esterel não está bela como de costume. Logo falei da Matinée Musical na Vila Florentina.

10h Tomei o chá seco. Antes assisti a peloticas de Fauque que trabalhou bem ajudado por Melle. Irene das Folies Bergères de Paris, depois de ter estado um pouco com a Antônia, acabado o jogo de bilhar com o Nioac. Antes de ir para o bilhar li o discurso de recepção do Gréard na Academia Francesa pela morte de Falloux. Agora vou ler a resposta de de Broglie.

11 $\frac{1}{2}$ Lido. Gosto mais do discurso do Gréard. Vou deitar-me.

24 de janeiro de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem até que a Imperatriz começou a queixar-se muito da perna. Feliz não vai melhor *[sic]*.

O dia não está bonito.

Li um artigo sobre as experiências de Brown Séquard provando que no ar expirado há um alcalóide que em dose igual é tão violento como o ácido prússico.

10h $\frac{1}{4}$ Ducha muito agradável assim como passeio embora o céu esteja sujo. Trouxe dois ramos de violentas *[sic]* comprados no mercado de flores. Já dei um à Antônia cuja fisionomia pareceu-me de doente e outro à Imperatriz.

11h 5’ Acabo de almoçar e com vontade. Leio no Petit Niçois de hoje um pequeno artigo sobre Laviche que morreu. Muito me fizeram rir as suas comédias.

$\frac{3}{4}$ Despedi-me do Tefé que vai a Toulon ver o estabelecimento da Seyne e antes estive com a Antônia, o marido e mãe desta que é muito surda.

12 $\frac{1}{2}$ Li no Petit Journal um artigo curioso sobre a fotografia dos astros. “Les astres peints par eux-mêmes” e Le Littoral.

1h Vou sair a pé. O sol está bem quentinho.

10h Fui dar um passeio a pé pela praia do lado da Croisette e às 2 estava no teatro para assistir ao benefício da Association des Dames Françaises que se ocupa do serviço sanitário em companhia. Representou-se o que consta do programa junto. Agradando-me menos do que no Rio o modo por que representaram “Le monde où l’on s’ennuie”. Jantei com apetite, li à Antônia depois de jogar bilhar com o Nioac. Depois de ter estado no salão comum conversando, tomei chá seco e vou ainda ler.

11h Li o Débats de hoje. Excelente artigo de Paul Leroy-Beaulieu sobre o orçamento de 1888. Ainda li Le Gaulois de ontem.

25 de janeiro de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Não dormi mal embora me levantasse duas vezes. A Imperatriz passou bem. O dia não está como alguns daqui de céu tão azul.

11h ½ Estive com a Antônia à volta do passeio habitual e depois da ducha que foi muito agradável. Almocei com vontade e acabo de ler nos Débats de 21 o 1º artigo interessante de Lavissee, meu conhecido de Baden-Baden, sobre Pedro d’Aughera, assunto do livro que mando vir de Paris.

1h Assisti a experiências curiosas de fonógrafo feitas por Bargem de Viverois. Não fez todas as do impresso anexo. Vou sair a pé.

5h 10’ Volto do batizado do último filho do Caserta. Assinei o auto. Antes estive na Vila Venezia da Marquesa Thuisy onde vi pinturas e objetos de arte curiosos. A dona é muito amável e bem conservada.

6h 20’ Acabei de jantar com apetite.

10h 20’ Joguei bilhar com o Nioac, continuei a ler Echeverria (La Cautive) à Antônia; conversei no salão geral com Mrs. Kahn enquanto a Jagwitz tocava piano monotonamente e acabo de tomar chá seco. Fechei a carta para de Lesseps agradecendo-lhe as fotografias dos trabalhos do Canal do Panamá.

Quase 11h Acabei de ler os Débats de hoje. Vi Le Petit Niçois e Le Petit Marseillais. Também vi Le Littoral onde vêem os versos que não são maus de um rondó feitos assim como a música pela Judia. 50’ Vou deitar-me.

26 de janeiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Levantei-me algumas vezes. A Imperatriz tem se queixado bastante da perna. Dia feio.

10 ¼ Boa ducha. Passeio a pé, mas pequeno, por causa da missa, de onde volto tendo antes de subir estado com a Antônia, que está bem.

11h Acabo de almoçar e bem. Falei há pouco com o Caserta que veio com os filhos rapazes agradecer a assistência ao batizado.

12h 10’ Li a Illustration de 21. Artigo interessante sobre “os balões militares”. Esteve aqui a cantora vienense Mme. Mery Löscher a quem restitui o programa com algumas supressões que fiz do que ela há de cantar amanhã.

Petit Marseillais de hoje – artigo sobre o navio submarino de Baron. Li a Illustration de 14.

4h ¾ Volto da fábrica de vidros na Boca. Faz somente cloches para plantas, garrafas e frascos. Tem 200 trabalhadores homens e mulheres fazendo estas os cestos para os garrafões. Trouxe uns ratinhos de vidro que, soprando pela cauda, esguicham pela boca a água que se bota neles. Dei um deles à Antônia, a quem mostrei uma vista da fábrica que lá me deram.

10h 20’ Joguei bilhar depois do jantar, que me soube, tendo antes deste traduzido árabe e comparado a tradução alemã dos Lusíadas com o original na minha lição do Seibold. Estive com a Antônia a quem li e acabo de tomar chá seco, depois de haver conversado no salão comum. Antes de ir à fábrica fui com a Imperatriz à Villa des Fayères visitar a Duquesa de Chartres cujo marido deve chegar breve.

11h ½ Li Le Brésil de ontem. Vou deitar-me.

27 de janeiro de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Levantei-me duas vezes. A Imperatriz queixou-se muito da perna mas quando sai do quarto ia melhor. Dia com a Esterel um pouco enfumaçada.

11 ½ Almocei com vontade. A ducha soube-me. Dei depois o passeio do costume até além do farol para o lado da Esterel cujos relevos viam-se muito bem.

Cannes 27 de janeiro (6a fa.) 1888.

Acabo de escrever à Condessa e de fechar a carta para o Rio.

1h 10' Estive com minha afilhada Estrela.

Li Le Petit Niçois – mas ainda não o acabei.

É 1 ½; tomei café e vou sair.

4h 7' Chego da exposição de flores que muito me agradou. Encontrei aí o Presidente Roland e o fêlibre Mouton. Tocava a música municipal de que somente ouvi bem as peças entre os dois riscos do programa. Hei de ajuntar o que se publicar a respeito da exposição. Prepara-se no céu pela aparência formidável borrasca.

6 ½ Lição de sânscrito e comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem.

10h Joguei bilhar com o Nioac, estive com a Antônia a quem principiei ler a tradução de Quentino Durward pelo Caetano Lopes de Moura. Estive no salão ouvindo Mary Löscher que se apresentou como contratada para a Ópera de Viena. Não é grande cousa. Junto o programa. Acabo de tomar o chá do costume.

28 de janeiro de 1888 (sábado) — Meia-noite 5'. Li L'Intermédiaire des chercheurs et curieux de 10 de dezembro de 1888, que é curioso. Vou descansar.

8h Pronto. Dormi bem. A Imperatriz queixou-se bastante da perna de madrugada. Dia bonito mas ventoso. Avisto o mar com seus carneirinhos. 20' Li artigo sobre Labiche nos Débats de 26.

11 ¼ Acabo de almoçar com apetite. A ducha soube-me; dei passeio a pé mas longe da poeirada do mistral, voltando de carro. Estive com a Antônia que me tocou uma música de Suppé à primeira vez com bastante gosto.

12 ½ Acabei de ler L'Intermédiaire des chercheurs et curieux de 10 de 10bro [dezembro]. Dá muitas notícias curiosas.

1h Li em l'Osservatore Romano de ontem um artigo sobre a apresentação no dia 20 ao Papa de uma deputação de brasileiros tendo à sua frente o Bispo de Goiás que ofereceram presentes pelo Jubileu. ½ Li Le Petit Marseillais, Le Petit Niçois, Le Petit Journal onde vejo que a Universidade romana foi fechada por causa do barulho dos estudantes no curso de Bonghi, que eles acusam de opor-se a que se erija um monumento a Giordano Bruno. Le Littoral Illustré traz um artigo "Ouverture de l'Exposition d'horticulture" que vou cortar.

4 ½ Chego da minha visita da exposição hortícola. Aí encontrei Mouton que me acompanhou quase sempre; Roland e Alphonse Karr. Do programa da música municipal ouvi o que pus entre parênteses. Venta bastante mistral.

6h 20' Acabo de jantar com apetite. Antes traduzi hebraico e continuei a comparação dos Lusíadas com a tradução alemã. Recebi bilhete de Mouton dando a etimologia da fêlibre – fez-me rir – e de mistral. Junto o bilhete.

7h Li Le Petit Marseillais de 27.

10h ¼ Joguei bilhar. Estive com a Antônia a quem li a tradução de Quentin Durward pelo Caetano Lopes de Moura; estive no salão comum ouvindo o concerto de clavicordeon tocado por Antônio Vicini que não é grande cousa – junto o programa e vou ver o eclipse da lua. ½ Já estão bastantes dígitos na sombra. 11h Acabo de tornar a ver a lua que ainda se ia eclipsando.

¾ Li o artigo de Ed. Scherer sobre a História do povo de Israel de Renan que apareceu em Paris em casa de Calmann Levy. Vou deitar-me.

29 de janeiro de 1888 (domingo) – 8h Vestido. Dia bonito. Dormi bem, embora me levantasse duas vezes. A imperatriz queixou-se da perna.

12h 20'. Acaba de cair neve. Estive conversando com H. Marcy antigo magistrado, advogado, e oficial da Academia em relação ao direito internacional; assunto de um livro por ele que me mandou. Prometi-lhe as histórias anuais das Faculdades de direito do Brasil.

A ducha soube-me, dando meu passeio a pé, que foi curto, e já de volta, que se completou de carro até a igreja onde ouvi missa. Almocei com apetite e tive a visita da mãe da Hohenzollern em companhia do filho que me deu notícia de sua observação do eclipse da lua no grande telescópio de sir Archibald Campbell na Vila Bela Vista.

Para não me expor ao frio da noite é que não fui lá; o que muito me contrariou. Vou pedir à condessa de Barral o meu manuscrito de astronomia para que a Antônia possa copiá-lo. 1 ½ Li "Le Petit Journal" de hoje. Artigo sobre experiências de

tiro no mar com peças de 32 centímetros e 8m de comprimento e peso de 40.000 kg atirando balas cilindro-cônicas de 420 kg a 10 quilômetros de distância com 150 kg de pólvora. Atirou 10 tiros em 2 horas. Tocou o alvo muitas vezes.

6h 20' Jantei com vontade depois de ter traduzido árabe e comparado a tradução alemã dos Lusíadas com o original na minha lição do Seibold. Antes fui passear a pé e de carro chegando até a praia da Croisette. A esterel estava muito pitoresca com o seu polvilho de neve.

10h 40' Joguei bilhar com o Nioac e o Pedro. Despedi-me da Antônia a quem acabei de lere o primeiro sermão e comecei o segundo das pedras da funda de David do padre Antônio Vieira. Acabo de tomar chá seco depois de haver conversado no salão comum. Acabei de ler no "Débats" de ontem o segundo artigo de meu conhecido Lavisso sobre Martir d'Anghera.

Vejo pelo resumo da discussão da Câmara que o serviço penitenciário ainda merece gravíssimos reparos. Escrevem de Roma a "Correspondência política" que o Papa acaba de dar a última de mão a uma encíclica que parece muito importante sobre a questão social.

"Le Petit Marseillais" artigo sobre o plano de encouraçado de Palha de La Barrière. Tem grandes meios de defesa e de ataque comprimento de 120 m, largura 19m 50, deslocamento 9.700 toneladas, calado 7m, máquinas de 14 a 15.000 cavalos e velocidade prevista 18 milhas.

Li também "Le Petit Niçois", nada de importante. Vi a publicação das 5as fas. intitulada "Liste des Etrangers de Bordighera". Esta tarde traduzi assim os versos latinos do monumento de lorde Brougham que já transcrevi neste diário.

Adeus fortuna, esperança, tudo se foi embora

Bastante me enganaste, engana outros agora.

Meia-noite. Vou deitar-me.

30 de janeiro de 1888 (2ª fa.) – 8h Vestido. Levantei-me algumas vezes. A imperatriz queixou-se bastante da perna. 10h 10' Comecei a ler o último número da Revue Retrospective. Fui à ducha que me soube – O termômetro no pequeno jardim da casa marcava ½ grau – dei pequeno passeio a pé e vim de carro à missa.

Acabo de voltar e já estive com a Antônia. 35' Almocei com vontade. 12h 35' Escrevi a Garnier e a Ambroise Thomas para que se cante "Tosca" à minha volta a Paris e a Tachard, enviando-lhe as óperas de Carlos Gomes para piano as quais poderá tocar a filha daquele.

10h ¼ Acabo de tomar chá simples depois de ter ouvido no salão comum o Trio Tirolês, cujo programa junto, e que não me agradou. Fez-me sono, e pouco conversei com madame Khan. Antes do jantar, em que comi com apetite, traduzi no meu estudo com o Seibold a Odisséia, comparando-a à versão francesa, de que já falei, depois de ter voltado de meu passeio a pé até à exposição que percorri durante algum tempo, seguindo depois pela praia até a perfumaria Lubin, cujo terreno atravessei para tomar o carro. Quando estava com o Seibold veio madame Tachard com a filha a quem fui falar, tornando com pouca demora ao grego.

A 1 ¾ tive a visita de Charles Vergé membro do Instituto que redige a publicação que dá notícia dos trabalhos apresentados à Academia de Ciências Morais e Políticas a que ele pertence. Veio com o presidente Roland. Conversamos algum tempo.

11h 20' Li "Le Petit Niçois", "Le Petit Marseillais" e "Les Echos de Cannes et du Cannel" de ontem de que corto alguns artigos.

12h Ainda li algumas páginas do último folheto da Revue Retrospective. O artigo sobre as memórias de Roustam cujo retrato acompanha é muito interessante. É preciso ir deitar-me.

31 de janeiro de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem, embora me levantasse algumas vezes. A Imperatriz passou regularmente. A manhã não está bonita.

10h 25 Boa ducha e bom passeio a pé além do farol para o lado da Esterel. Já vi a Antônia que pintava um ramo de laranjas em grisaille [*sic*].

11 ¾ Almocei com apetite e escrevi. Acabo de receber o Dr. Duchaussoir que me trouxe o diploma de presidente honorário da Association des Dames Françaises.

12h Acaba de sair Tachard com quem conversei.

12 ½ Li artigo muito interessante de Le Petit Journal de hoje sobre os efeitos mortais e nocivos à saúde causados pelo uso da eletricidade. Cita o Compte-rendu de 4 de abril que hei de procurar. Le Petit Niçois e Le Petit Marseillais.

4 ½ Chego de meu passeio de carro e a pé à roda da ponte da Croisette. Que belo tempo e mar tranqüilo!

Depois fui à fábrica de cerâmica de Castel em Mont Chevallier subindo ao alto da torre de onde se goza de bela vista. Acompanharam-me Mouton e Hibert proprietário do velho castelo e vice-presidente do conselho geral. Está aí Seibold. Completarei logo a narração.

10h 50' Traduzi com Seibold sânscrito e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei com vontade, joguei bilhar com o Nioac. Li a tradução de Quentin Durward à Antônia. Estive no salão comum conversando sobretudo com Madame Kahn. Tocou piano a Jagwitz. Tomei chá seco, copiei para o Carapebus dois sonetos que fiz a bordo e agora vou ler o Débats.

Acabei de ler o discurso necrológico do Escrangolle Taunay na sessão solene do Instituto Histórico a 12 de dezembro do ano passado. Meia-noite. Acabo de ler Le Littoral de ontem. Vou deitar-me.

1 de fevereiro de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Belo dia. Dormiu-se bem.

10 5' Acabei de almoçar com apetite. A ducha foi agradável. Dei meu passeio a pé e antes de subir vi a Antônia que pintava sua grisaille [*sic*] de cacho de laranjas.

12h 40' Almocei com vontade. Esteve comigo o Dr. Bonnafont Medecin principal en retraite membre correspondant de l'Academie de Médecine. Assisti às campanhas da Argélia desde a tomada desta. Tem 83 anos. Deu-me o folheto "Souvenirs de Cannes em 1885" escrito por ele. Comecei a ler o Compte-rendu de 23 de janeiro. Chega Fustel de Coulonges.

1h Senti que nossa conversa fosse tão curta.

3h ¾ Volto do meu passeio a pé e de carro. Fui até a Croisette onde assisti ao tiro dos pombos. O Caserta lá estava e atira bem. Pobres aves! Na volta estive no passeio público onde ouvi música. Junto o programa. O céu esteve encoberto, mas não havia vento.

10h ¼ Antes do jantar que me soube traduzi hebraico e comparei a tradução alemão dos Lusíadas com o original. Depois joguei bilhar com o Nioac e estive com a Antônia a quem cópia de sonetos e charadas [*sic*] que fiz durante minha viagem de mar. Acabo de conversar no salão sobretudo com Mme. Kahn e tomei chá seco.

11h Li Le Petit Marseillais e Le Littoral de hoje. ½ Vou deitar-me.

2 de fevereiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz queixa-se da perna. Choveu de noite. Dia encoberto. ¼ Acabei de ler um trabalho de Brown Séquard e de Arsonval que aquele me mandou e foi publicado nos Comptes-rendus de 9 de janeiro provando por experiências que 1° Les poumons de l'homme, du chien et du lapin à l'état de santé produisent un poison extrêmement énergique et qui en sort sans cesser avec l'air expiré – 2° Il est extrêmement probable, sinon certain que c'est cet agent qui rend si dangereux l'air confiné.

10 ½ Soube-me a ducha. Fui depois de carro à missa de que volto tendo estado já com a Antônia e o marido. Dia chuvoso.

6h ½ Almocei bem; joguei bilhar com o Carapebus. Comecei a traduzir o soneto feito pelo General Carnot avô do atual presidente da República francesa. Às 2 fui com a Imperatriz à Quermessa no Grand-Hotel. De lá fui à exposição de aquarelas de flores de Theresa Hegg, 24 Boulevard de la Foncière onde comprei uma pintura de flores amarelas que me agradou e trouxe para a Antônia. Passei a pé no Boulevard da Croisette. Chegando à casa levei a aquarela de flores à Antônia e dei minha lição de árabe com o Seibold, depois de ter acabado a tradução do soneto. Jantei com vontade, e agora vou jogar bilhar.

10h ¾ Li à Antônia o original e a minha tradução do soneto do General Carnot:

Bonheur! ô toi pourquoi tout se meut sur la terre,
Tes favoris sont-ils chez les grands? aux hameaux?
À Sparte? à Sybaris? au camp? au sanctuaire?
Prefères tu les bois? la garde du troupeau?
Es-tu la volupté? la gloire? une chimère?

Le désir satisfait; ou l'absence des maux?
Es-tu dans l'amitié? dans l'amour sous le haire?
Dans la paix? le savoir? la vertu? les tombeaux?
Impatients mortels, il est dans l'espérance,
Il est dans notre coeur, couronne l'innocence,
Il résiste à nos vœux, et vient inattendu
Ce présent du Très Haut, cette celeste flamme,
Ne peut se définir, il est le pain de l'âme,
On n'eût connait le prix que quand on l'a perdu.

- * -

Ventura Só a ti o mundo aspira.
Tens valido nas cortes, nas aldeias?
Em Esparta? Sibaris? No Campo? ou junto à pira?
Bosques escolhes guardar cabras alheias?
És tu prazer ou glória, ou és mentira?
Gôzo, ou ausência de desgraças feias?
Amizade ou amor; cilicio que nos fira?
Paz, dotes, saber, campas de horror cheias?
Impacientes mortais, é a esperança;
d'um puro coração a c'roa entrança;
Resiste aos votos; chega inesperada.
Divino dom, esta celeste chama
Não se define, é o pão que a alma reclama;
Sabe-se-lhe o valor – quando passada.

Continuei a leitura da tradução de Quentin Durward. Conversei no salão com Madame Kahn e o marido, lendo um pouco da tradução de Anacreonte por Thomas Moore que ela estava lendo. Tomei o meu chá e li os Jornais do Comércio de 6 e 7 de janeiro e uma carta de Bianca Ristori à Mme. Tachard. É quase meia-noite. Vou deitar-me.

3 de fevereiro de 1888 (6a fa.) — 9h 10' Vesti-me tarde porque não passei bem a noite, tendo vomitado. Contudo dormi bastante. Dia bonito.

12h 50' Li os Débats de 2. Almocei com vontade. Estive com Lord Acon cuja conversa agradou-me. Depois conversei com Mouton. Indicou-me a Ermitage de St. Cassien, de que fala Liégeard na sua Côte d'Azur.

1 ½ Li Le Littoral de 2 e Le Petit Niçois de 3. Estiveram hoje comigo a Duquesa de Luynes e a Condessa de Montebelo minha conhecida da Seyne. Disse-me que se demoraria poucos dias aqui.

9h ½ Depois da visita das duas senhoras fui de carro até a ponta da Croisette e na volta dei um passeio de ½ hora vindo ouvir no Hotel St. Charles o concerto, cujo programa está com a Antônia. Traduzi depois a Odisséia, comparando o original com a versão francesa, de que tenho falado, e o mesmo fiz a respeito da tradução alemã dos Lusíadas na minha lição do Seibold. Jantei com apetite jogando depois bilhar com o Nioac. Estive com Antônia pouco tempo e fui para o salão comum onde ouvi "The mysterius musicians", cujo programa junto e que pouco me agradaram. Por uma carta de Martins de Gênova datada de 2 vejo que em janeiro partiram 8000 emigrantes para o Brasil, e no corrente acham-se fretados 12 vapores que levarão 10.000. Li Le Petit Marseillais e Le Petit Journal de hoje. Comecei a ler o Débats de 3. Estou com bastante sono, são 11 ½, vou deitar-me.

4 de fevereiro de 1888 (sábado) — 8h Vestido. Dormi bem embora tivesse de levantar-me para urinar. A Imperatriz queixou-se da perna. Dia bonito. 20' Li no Débats de 3 um bonito discurso de Renan na Alliance française. Vou sair.

10h 25' A ducha soube-me. Pouco passeei a pé por causa da missa. Já estive com a Antônia e o Pedro que tem uma pequena erupção e por isso ainda não se levantou.

11 ½ Almocei com apetite. Acabo de estar com o Marquês d'Hautpoul. Não me deixou impressão. No Petit Journal de 2 li artigo curioso sobre a grande quantidade de pombos em Viena. Trichy propõe embriagá-los por meio de ervilhas embebidas de álcool – Dame de Monsoreau – artigo escrito com espirito sobre esta ópera.

1h ½ Estive lendo no quarto do Nioac. Acabo de ver o Pedro que vai bem de sua erupção e vou sair.

5h Já dei à Antônia um ramo de rosas amarelas e flores brancas que me atiraram na batalha de flores que vi da rua. Havia muitos carros, talvez perto de cem e alguns com pessoas já minhas conhecidas. Depois fui à ermida de S. Cassiano onde vive o leigo da ordem de Sto. Agostinho Fr. Luiz Gonzaga. É bem situada com seus bonitos ciprestes e boa vista.

10h Traduzi sânscrito com o Seibold. Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Estive com a Antônia, a quem principiei a ler “Souvenirs d'un naturaliste” de Quatrefages. Conversei no salão com a dama da Antônia e Mrs. Kahn, e tomei chá seco. Littoral de 3. Terremotos em Inverness, Birmingham e circunvizinhanças. A 31 de janeiro na aldeia de Brassus, cantão de Vaud 36° abaixo de zero e fora da aldeia 41. *Le Petit Niçois* de hoje onde não vejo nada de notável. Li no Débats de 31 de janeiro um artigo interessante sobre a publicação Henriette Anne d'Angleterre etc. pelo Comte. de Baillon.

11h 20' Vou deitar-me.

5 de fevereiro de 1888 (domingo) — 8h Vestido. Bom tempo, mas o céu não está límpido. Dormi bem embora me levantasse duas vezes. A Imperatriz passou bem ainda que falasse dormindo.

10 ¾ Ducha; passeio a pé e de carro; missa. Vou almoçar. À volta da missa estive com a Antônia.

11h 20' Almocei bem. Antes de sair comecei a ler o artigo dos Débats de 31 de janeiro sobre a obra do Conde de Baillon “Henriette Anne d'Angleterre” que deve ser interessante e acabo agora

12h 10'. Li *Le Littoral* de 4. Fala dos concertos na capela do hotel da Condessa de Chambrun a que pretendo assistir. *Le Petit Niçois* de hoje. Artigo sobre a representação de ontem de Hamlet de Ambroise Thomas, que parece assistir, no Teatro Municipal de Nice. *Le Petit Journal*. Notícia de San Remo. A consulta dos médicos parece ter resolvido a próxima operação da traqueotomia no Príncipe Imperial da Alemanha. Coitado! *Le Petit Marseillais*. Nada de notável.

1h 10' Vou sair. 5h Estive em casa da Princesa de Sagan onde ouvi Mme. de Guerne cantar com muito gosto Mozart, Gounnot e outras músicas do pequeno programa junto. Muito boa companhia. Achava-se aí a Condessa de Montebelo sempre muito agradável. Há boas pinturas na vila e o lugar onde foi a cantoria acompanhada no piano pelo irmão da cantora o conde de Ségur tem ares de tribuna de museu artístico.

Antes de chegar de carro ao hotel andei a pé pela rua junto ao mar. Em casa da Sagan estavam o Duque de Chartres e mulher e os Mecklemburgos Schverin, assim como o Príncipe e Princesa de Wagan, e o d'Harcourt filho do Marquês que foi embaixador de França em Londres casado com a irmã de Mme. de Langsdorf. Também lá estava a verdadeira Madame de Montgomery etc.

10 ½ Jantei bem; joguei bilhar; acabei de ler à Antônia um dos sermões do Padre Vieira intitulados as 5 pedras da funda de Davi; ouvi a pianista Jagwitz conversando eu com Mrs. Kahn; tomei chá seco e vou ler ainda – São 11h 20. Cumpre descansar.

6 de fevereiro de 1888 (2a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz queixou-se da perna. Céu com nuvens. Li nos Débats o 2º artigo sobre o Concours général agricole, e o folhetim de Rayer sobre a ópera de Salvayre *La Dame de Monsoreau*, que segundo ele, tem bastante mérito.

10h ½ Belo dia. Chego do passeio além do farol e já estive com a Antônia que me trata com a amizade que eu lhe tenho. Pintava ainda seu ramo de limões. A ducha soube-me bem. Já vi o Pedro que vai mas com a cara ainda serapintada.

12 ¼ Almocei com apetite. Acabo de ter longa e interessantíssima conversa com Gladstone que não achei muito mudado desde 1877.

Le Petit Niçois, *Le Phare Littoral*, *Le Petit Journal*, *Le Petit Marseillais*. Fal- *[sic]* da oração feita em Nice a Ambroise Thomas que assistia ao seu “Hamlet”.

8h 50' Sai a pé e depois assisti no Convento de Assunção onde se educam meninas entre as quais as filhas do Caserta à representação de “*Le Fils de Ganelon*” drama tirado de “*La Folle de Roland*” de H Bornier da Academia Francesa, cujo programa junto. Quem representou foi a que fez de Gérald. A música de Mermet agradou-me embora cantada e tocada no

piano por discípulas do colégio. Essa festa muito me agradou. Uma das religiosas ficou de mandar-me as obras de Mr. Nicolas de que tanto gosto e que desejo reler.

Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac e acabo de ler a tradução de Quentin Durward de Caetano Lopes de Moura à Antônia.

Recebi telegrama da Princesa Imperial da Alemanha a telegrama meu dizendo – Merci un peu moins bien. Changement passager – Pas inquietant – Vitoria.

9h 40' Li o Débats de 6. Sessão da Academia das Inscrições e Belas letras de 3. Ascoli obteve o prêmio Volnez por suas “Lettere glottologiche” que vou mandar vir.

7 de fevereiro de 1888 (3a fa.) — Meia-noite ¼. Antes de meia-noite saí do baile multitraje de Walter Scott em casa de Murray. Vou tomar chá. Falarei de manhã a respeito do que se passou.

1h Acabei de ler o folhetim dos Débats de ontem sobre o poema “Le Bonheur” de Sully Prudhome. Vou mandar buscá-lo. São horas de repouso. 8h Vestido. Belo dia. Passou-se bem a noite. Pensei que o baile da casa do Murray me agradasse mais. Agora só me lembro de uma Minna de Pirata que estava engraçada. Lady Murray agradou-me como Rowena. O marido com sua farda de ex-diplomata destoava um pouco. Mas algum dos diários daqui informará melhor do baile.

12 ¼ Boa ducha; passeio agradável. Vim de carro à missa. Recebi do abade Lesins um exemplar da publicação do Magnificat em 150 línguas que levei à Antônia com quem já estivera ao voltar da ducha, e que pintava o ramo de limões. Almocei com vontade. Conversei com Alphonse Karr a quem dei o Temps com o soneto do General Carnot a respeito da felicidade e minha tradução, a qual escrevi a lápis no mesmo diário. Escrevi para Bruxelas e a Lady Holland bem como para a Suécia.

1h ¼ Li Le Littoral de 6. Vou sair.

4h Fui até o hotel Garibaudy. Bela vista para o lado do mar e das montanhas. Vê-se Oribeau no fundo de um vale. Hei de lá ir. Gostei muito do passeio. Vou ao Seibold.

10h ¼ Traduzi hebraico e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Li a tradução de Quentino Durward à Antônia. Conversei no salão com Mrs. Kahn e o marido e agora vou ver diários. Li Le Petit Niçois, Le Petit Journal assim como Le Petit Marseillais de hoje publicando este um artigo curioso “Les Pyrenées vues de Marseille”.

11h 40' Vou deitar-me.

8 de fevereiro de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. O céu não está bonito. Dormi bem embora me levantasse duas vezes.

11h 10' Almocei bem. A ducha foi excelente e dei o meu passeio a pé voltando de carro. Gambart trouxe-me as fotografias como se puderam obter o belo hemiciclo composto de artistas também modernos, à imitação do de Delaroche. Fui levá-las ao Pedro que ainda está de cama. Logo vou à vila do Naudin conversar com ele a respeito de botânica.

Cannes 8 de fevereiro (4a fa.) 1888.

11h 20' Expedi a carta para Isabel.

40' Acabo de estar com o Presidente Roland que me indicou uma dança macabra no lugar Bar onde irei, depois de ter lido um escrito que ele me prometeu sobre essa pintura. Convidou-me para uma sessão no dia 17 da sociedade literária, onde lerá Liégeard.

¾ Li Le Petit Niçois. Le Petit Journal tem um artigo curioso “L'etendar de Jeanne d'Arc” – Continuarei a ler Le Petit Marseillais.

É 1h vou ver Naudin. 4h ½ de volta. Passei com ele pelo jardim da Vila Thuret. Interroguei os filhos mais moços dele sobre tradução latina. Trouxe de lá o livro de Romanes “A inteligência dos animais” por causa do prefácio sobre a evolução mental escrito por Edmond Perrier que eu ainda não li.

11h Traduzi árabe e comparei um pouco a tradução alemã dos Lusíadas com o original na minha lição do Seibold.

Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Li o livro “Souvenirs d'un naturaliste par M. de Quatrefages” à Antônia.

Conversei no salão comum com a dama da Antônia e Mrs. Kahn, e há pouco com os engenheiros *[sic]* Soares da estrada de ferro do Paraná e o Alfredo de Souza genro do Nioac a respeito dos trabalhos das estradas de ferro da Europa que já começaram a visitar.

12h Li o resumo do discurso de Bismark em Le Petit Marseille de hoje e nos Débats o resumo dos trabalhos da Academia das Ciências na sessão de 6. Vou descansar.

9 de fevereiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. O dia não está frio. Dormi e só me levantei uma vez.

10h 5' Antes de sair comecei a ler “La Comtesse Jeanne” por Clarisse Bader que me mandou seu escrito. A ducha soube-me bem; o mais como de costume. Já vi a Antônia e o Pedro.

50' Almocei bem. 11 ¼ Andei um pouco pela estação e parto.

6h 5' Acabo de chegar de estar com a Antônia e o Pedro, a quem mostrei o estandarte que me deram em Nice no combate das flores. Gostei da festa, tendo antes visitado a exposição de pintura, cujo catálogo junto. Perto da minha tribuna estava a viúva de Sanford que foi secretário da legação e encarregado de negócios interino da Inglaterra no Rio.

7h 5' Jantei com vontade. Vou para o bilhar.

11 ½ Li à Antônia os “Souvenirs d'un naturaliste” depois de tradução de “Quentino Durward”. Tomei chá acabada a conversa do salão e termino a tradução destes versos da Condessa de Chambrun.

Voici sur mon déclin la fleur que j'ai choisie
D'aucuns l'appelleront “fleur de la Passion”,
Je la nomme “fleur de vie”
Qu'importe? C'est le même nom.
Neste meu declinar é a minha flôr querida
Chamem-na outros embora só “flor da paixão”
Eu a chamo “flor da vida”
Há pois diferença? Não.
Elle a la couronne d'épines,
Et l'échelle qui monte au ciel,
Et l'éponge aux gouttes divines,
Tour à tour d'hysope ou de miel
D'espinhos tem a coroa
A escada aos céus s'elevando,
Divinas gotas escoa
Hissope, ou mel distilando.
Elle a le vert de l'espérance
Elle a le violet du deuil
C'est la joie et c'est la souffrance,
C'est le berceau, c'est le cercuel
Tem o verde da esperança;
Tem do luto o arrochado *[sic]*
É alegria, ou dor que cansa,
Berço ou tumba de finado.
C'est donc, sur mon déclin, la fleur que j'ai choisie
D'une teinte pareille au jour qui va palir
Elle est l'image de la vie
C'est le passe, c'est l'avenir
É pois em meu declínio a minha flor querida
Do dia qu'enlanguede tem o claro-escuro
É ela a imagem da vida

É o passado, é o futuro.

É meia-noite. Vou deitar-me.

10 de fevereiro de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Bom dia. Dormi bastante, mas a Imperatriz está com uma forte catarral.

Li Le Littoral de ontem. Marquei para cortar os artigos “Le Phonographe” e “la Cour du Brésil”.

12h $\frac{3}{4}$. Boa ducha e excelente passeio do costume. Almocei com vontade. Acabei de despedir-me dos engenheiros Soares e Alfredo de Souza a quem darei cartas para engenheiros das obras que vão examinar.

Antes estive com Liégeard que muito me agradou. Dei-lhe a tradução literal do soneto que fiz ao Brasil durante a minha viagem para cá e ele ficou de pô-la em verso francês.

1h $\frac{1}{4}$ Vou sair. 5h 20' Acabo de voltar. Dei um ramallete à Antônia e outro à Imperatriz de belas flores da casa de Mme. Crombes onde ouvi Nadaud cantar as canções, cujo programa junto e recitar versos com muito talento. A voz já lhe vai faltando.

10h Acabo de assistir à representação do prestidigitador Prosen, que trabalha bem e cujo programa junto. Antes li os “Souvenirs d'un naturaliste” à Antônia depois de ter jogado bilhar com o Nioac, findo o jantar que me soube, havendo antes traduzido sânscrito com o Seibold por pouco tempo.

Li Le Petit Marseillais, Le Petit Niçois de que marquei artigos para cortá-los. Le Petit Journal de hoje e o Littoral. Também vi o artigo do “Moniteur” de Roma sobre a abolição da escravidão no Brasil a propósito da encíclica que o Papa vai escrever no sentido da libertação. Nos Débats de hoje li nas “Informations” a inauguração do monumento à memória de Bécларd e a Conferência de Lavisse, meu conhecido de Baden, na Escola das ciências políticas, sobre a crise do estado prussiano no 18º século.

É meia-noite e vou deitar-me.

11 de fevereiro de 1888 (sábado) - 8h Vestido. A Imperatriz queixou-se muito de noite. Dia bom.

8h $\frac{1}{2}$ Li nos Débats um artigo de Paul Leroy Beaulieu sobre as finanças na Rússia que parece vão. Vou para a ducha.

10h $\frac{1}{4}$ Soube-me. Dei meu passeio até além do farol para o lado da Esterel. Já estive com a Antônia que vai bem e o Pedro ainda na cama.

11h 10' Almocei com vontade.

4h 20' Depois do almoço li uma publicação que se faz pelo jubileu do Papa e que me pareceu interessante.

Fui de carro até o Hotel Garibaudy, cuja vista muito me agrada, e de que já falei, andando depois a pé. Antes de tomar para o hotel segui pela praia até a da Croisette e na volta entrei numa loja de objetos de arte para ver a pintura, que, apesar de me falarem dela não me agradou, de um preto escrevendo na parede. Olhei para outras pinturas e reparei em algumas esculturas, apenas me agradando a fotografia de um quadro que a dona da loja me disse que receberia brevemente, e representa uma caçada de Luiz 11.

10h 40' Comparei um pouco com a Odisséia a tradução francesa de que tenho falado no meu estudo de grego com o Seibold. Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Nioac. Li um pouco da tradução de Quentino Durward à Antônia. Ouvi no salão uma família tirolesa tocar na cítara e uma espécie de violão as músicas do programa junto enquanto conversava muitas vezes com a dama da Antônia, porque os artistas não eram de atrair. Recebi hoje telegrama da Princesa Imperial da Alemanha em resposta ao meu dizendo “En ce moment tout va bien”. No Débats de hoje vem a opinião do Peter a respeito da operação da traqueotomia que se fez no Príncipe. Diz que ela lhe dará mais alguns meses ou anos de vida se for seguida da ablação da laringe.

11h 35' Li Le Littoral de ontem. Marquei artigos para cortar. Le Petit Journal, Le Petit Niçois de hoje. Meia-noite 5'. Vou deitar-me.

12 de fevereiro de 1888 (domingo) — 8h Vestido. Dia feio.

10 $\frac{3}{4}$. Acabo de almoçar bem. A ducha soube-me. Andei a pé e vim de carro à missa. Ao recolher-me vi a Antônia que vai bem. Encontrei na rua o marido dela e dei-lhe os bons dias. Tempo feio porém sereno. Vou agora para a estação.

11 ¼ Parto. Encontrei na estação o Príncipe de Saxe Maininger e cumprimentei a mulher num dos vagões.

6h Acabo de voltar. Fui à casa do Gambart onde tornei a ver as belas pinturas que aí há e como lá se achava Nadaud, melhor comparei o retrato dele no hemicírculo de artistas modernos pintados por Kaiser com o original, que não me parece ter sido bem imitado. Revi todas as pinturas dessa interessante galeria, e volto amanhã para examinar os livros ilustrados que aí há.

Depois assisti da casa do cônsul brasileiro à passagem dos carnavalescos e combate de confeitos, que também atirei da sacada da casa. Lá estavam pessoas conhecidas entre as quais a cunhada do cônsul Mrs. Sanford sempre muito amável. Hei de juntar a descrição da passagem dos carros publicada nalgum periódico.

9h Jantei com vontade; li à Antônia “Les Souvenirs d’un naturaliste” tendo antes ouvido uma senhora cantar a ária de “Grace” de Roberto Diabo e depois outro de “Ninon” de Massenet e a pianista Jagwitz tocou Chopin.

10h 10’ Acabei de tomar chá. Li carta de 11 que me escreveu de Roma a Ristori. O marido tem tido febres. Li Le Littoral de ontem; Le Petit Niçois; Le Petit Journal; Le Petit Marseillais e Débats de hoje. Vejo neste a notícia da inauguração ontem do laboratório de eletricidade que parece ser de grande importância relativamente às aplicações elétricas.

Meia-noite. Vou deitar-me.

13 de fevereiro de 1888 (2a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz queixou-se de asma. Dia encoberto e parece choviscar.

10h ¼ Ducha agradável. Movimento de carro até a Croisette. Acabo de estar com a Antônia.

¾ Almocei bem. Vou para Nice.

11h 20’ Passeei na estação onde encontrei um moço que tocou e cantou em casa da Seutter em Baden-Baden.

6h ¼ Acabo de voltar. Visitei a Duquesa de Saxe-Coburgo na sua Vila Fabron pitorescamente situada com bela vista do lado do mar avistando-se ao longe o observatório. Vi os livros com estampas da casa do Gambart assim como sua bela estufa de 100 metros de extensão cheia de primaveras de diversas cores sendo a fachada que olha para o mar de linha arquitetura. Meia-noite. Jantei com apetite. Joguei bilhar. Estive Antônia. Vi (espaço em branco) jogar bilhar como jamais presenciara. Faz truques admiráveis. Estive no salão onde cantaram e tocaram piano as mesmas de ontem. Tomei chá seco.

Estive depois no quarto do Nioac a escrever minhas traduções de poesias de Chambrun – para dar a ela. Uma já transcrevi no diário. Neste meu declinar etc. Farei o mesmo às outras de manhã. É preciso deitar-me.

14 de fevereiro de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz passou sem novidade. Céu encoberto.

10 ½ Boa ducha. Passeei a pé na praia além do farol para o lado da Esterel. Voltei de carro. Já tive com a Antônia a quem dei um vaso de camélias brancas, trazendo bonito ramo para a Imperatriz.

12h Almocei com vontade. Estiveram comigo Maxime Outrey ex-ministro de França nos Estados Unidos e A. Rivoire que compôs a missa que ouvi na Igreja de Notre Dame du Bon Voyage. Trouxe-me sua composição que vou mandar à Isabel.

4h ½ Chego de passeio de carro. Por causa do cocheiro que me parece estúpido deixei de ver umas aquarelas que me indicaram. Antes de sair estive traduzindo versos de Mme. Chambrun. Copiá-los-ei aqui. Vou estudar com o Seibold.

6h ½ Traduzi árabe e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Interrompi a lição para receber o Príncipe de Gales que achei bom e amável como sempre. Jantei com apetite.

Acabo de telegrafar à Princesa Imperial da Alemanha.

10h Joguei bilhar com o Nioac. Li à Antônia “Les Souvenirs d’un naturaliste”. Ouvi uns tirolezes tocar muito monotonamente as músicas do programa.

Já tomei chá seco. Li Le Petit Journal. Soneto improvisado em Nice na noite de ontem por ocasião do baile.

Care donnine e giovani zitelle

D’esser venuto a voi non son pentito

Parmi toccar a Nizza il ciel col dito

Trovandovi per me si buone e belle

Pallida virgo cupet nella pelle

Serpeggiami pel corpo un gran prurito

Che me fa rimaner tutto contrito
Non potendo domar l'amor ribelle
Dice il proverbio: il bruno il bel non toglie
Anzi, ed è ver, acrescer fa le voglie
Come lo provo stando a voi vicino
O bionde o brune voi che tanto amo
Voi ch'ignorate quanto io vi bramo
Ricordatevi almen di
Cassandrino

Le Petit Niçois e Le Petit Marseillais foram percorridos e o Débats de hoje de que lerei amanhã o artigo de J. Simon a respeito das “Memoires d'un royaliste” pelo Conde de Falloux.

11h ½ Vou deitar-me.

15 de fevereiro de 1888 (4a fa.) — 8h 6' Dormi bem mas acordei diversas vezes porque a Imperatriz queixou-se de ambas as pernas acusando dores e dizendo que ficaria parálitica. Dia feio.

8 ½ Li Le Petit Journal e Le Petit Marseillais de ontem.

10 ½ Boa ducha. Andei pouco a pé. Volto das cinzas tendo ouvido também missa. Já estive com a Antônia e o Pedro.

11 ¼ Almocei com vontade.

1h Estive traduzindo versos da Condessa de Chambrun. Li em Le Petit Niçois de hoje o artigo “L'Empereur du Brésil Comte de Nice” e outros sobre o Carnaval. Vejo em Le Petit Journal telegramas de 12 e 13 de San Remo que inspiram confiança no bom resultado da operação feita no Príncipe Imperial da Alemanha.

4 ½ Chego de passear até à praia da Croisette de um e passeio público do outro depois de visitar o Príncipe de Gales sempre amável na Vila Baron e ver os desenhos que muito me agradaram de Simon que foi mestre dessa arte da duquesa de Bragança e a quem comprei um representando o filho do artista em posição muito natural parecendo os pezinhos sair do quadro. Hei de dá-lo de presente à Antônia no dia de seus anos com estes versos.

O quase irmão do pai à filha sua diletta;

O tio que lhe diria mais que o poeta.

Vou à lição do Seibold.

10h ½ Hebraico e comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. Depois do jantar, que me soube, joguei bilhar com o Nioac. Li a tradução portuguesa de Quentino Durward à Antônia; estive no salão ouvindo a cantora e a pianista de que tenho falado e conversando com a dama da Antônia. Tomei chá seco e vou ler ainda.

Leio em Le Petit Journal um artigo curioso sobre o novo encouraçado com ferro de celulose-amorfa chamado Dupuy-de-Lôme de que já falei no meu diário. “Le Musée Guimet” no mesmo diário, artigo interessante. O museu passa da Lião para Paris muito aumentado e sua abertura será no começo da próxima época escola [*sic*] embora fique instalado na primavera. Há de haver conferências nesse museu. Artigo curioso “Les Mascarades”. Dá notícia do testamento de Jenny Lind (Mme. Goldschmidt) que morreu a 2 de 9bro [*novembro*]. Legou ao Rei da Suécia um quadro pintado por ela “A inundação”, para o estabelecimento de instituições de beneficência em Estocolmo e os dois filhos e a filha ainda partilharam cerca de 2 milhões. Le Littoral artigo curioso “L'hypnotisme devant les tribunaux”. Um advogado alegou esse estado do organismo como causa do ato criminoso que um terceiro ordenara praticar, ou como tornando o nevrospata incapaz de vencer uma perversão natural.

É quase meia-noite. Vou deitar-me.

16 de fevereiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. O dia está bom. Levantei-me algumas vezes de noite, mas passei bem assim como a Imperatriz.

10 ½ Boa ducha. A filha tão galantinha [*sic*] do dono da casa de banhos estava de cama. Não me apareceu com sua carinha tão engraçada. Dei meu passeio a pé como de costume e voltei de carro. Já vi a Antônia que pintava e o Pedro.

11h 25' Almocei com vontade. Acabo de receber Mr. Ch L. Livet que vive em Aix les Bains onde viu a Isabel e tem uma notável biblioteca onde se acham bons livros portugueses. Prometeu-me mandar sua tradução do romance de Andrade Corvo – creio que “Um ano na Corte”. Acabam de sair o Presidente Barão de Blonay e outros membros da sociedade protetora dos animais. Um deles é o General Charles A. B. Gordon irmão de um Gordon que foi secretário da legação inglesa a Ouseley no Brasil. Acaba de sair o Visconde de Suarez d’Aufan aposentado Ministro plenipotenciário que foi primeiro secretário da embaixada em Roma. Não me pareceu grande cousa. Também esteve J. Hibert já meu conhecido. Mandei o Relatório da Junta de Higiene do Rio para a sociedade de Higiene de Paris, de Londres, de Roma e de Berlim e para o “Jardin des Plantes”.

Os arquivos do Museu Nacional do Rio do ano passado. Le Petit Marseillais.

Artigo curioso sobre o serviço postal e telegráfico. Ocupa em França 56.000 pessoas. Receita líquida quase 32 milhões fr. Na Inglaterra a receita líquida é de 74 a 75 milhões de fr. Nos Estados Unidos o correio e telégrafo despesa de quase 264 milhões fr. Renda quase 155. Na Alemanha despesa de mais 211 milhões fr. renda de pouco mais de 242. A Inglaterra transporta no ano um milhar 403.547.900 cartas; a Alemanha 625.692.700; a França 577.686.330; a Áustria 312.800.536 e a Itália 172.737.882. Há outros dados que seria por demais transcrever. As linhas telegráficas francesas tem 86.440 km de extensão com o desenvolvimento de 264.980 km de fio. O número de telegramas em França foi o ano passado de mais de 29 milhões e na Algéria 1.500.000.

Artigo notável sobre o fato de que fala o Figaro de um homem que vive muito bem sem o laringe que lhe tirou Pean o ano passado.

6h 37' Acabo de jantar com apetite. Antes traduzi a Odisséia com o Seibold comparando com o original as traduções francesas – a de que já falei e a de Le conte Delisle.

À 1 ½ saí a pé até o Quiosque, junto ao qual ouvi a “Sinfonia D. Pedro” composta pelo regente da música municipal. Não me agradou. Fui daí ao concerto em favor da sociedade de beneficência italiana em casa de Lady Goldsmid [sic]. Junto o programa com as minhas notas. Ao chegar ao hotel recebi Theodoro de Gloser empresário da tournée Coquelin-ainé a quem falei no meu desejo de que esta vá ao Brasil, como pretende, quando eu já lá estiver, tencionando ele partir para a América do Sul em princípios de maio.

12h Acabo de tomar chá seco. Gostei muito de ouvir Coquelin-ainé que representou o papel de Destousprelle e o filho dele Jean o do Marquês na comédia “Melle. de La Seiglière”. Recitou também com muita graça “Brabançon” e “Le renard et le corbeau” arranjada a fábula de modo muito cômico. Veio falar-me ao camarote. Junto o programa da tournée do Coquelin. Havia muita gente conhecida no teatro. Vou deitar-me.

17 de fevereiro de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz tossiu bastante e queixou-se de dores. Estão caindo flocos de neve e tem chovido. A neve apertou, que algodoada! E engrossou.

Li um bom artigo de Jules Simon sobre as “Memoires d’un royaliste par le Comte de Falloux” nos Débats de 14.

10h 10' Boa ducha. Passeio depois de carro caía bastante neve – até à praia da Croisette. Ao entrar no hotel fui à Antônia e levei-lhe de presente de seus anos um belo desenho (espaço em branco) representando um menino remexendo numa máscara. Escrevi em baixo estes versos:

O quase irmão do Pai à filha sua diletta;

O tio que lhe diria mais que o poeta.

11h Almocei bem. O dia vai ficando belo.

4 ½ Acabo de chegar da sessão literária cujo programa juntarei com os discursos, que se hão de publicar. Presidiu-a o Liégeard e leram Mr. de La Tourasse; Mr. Blondel e o Dr. Valcourt. Hei de juntar o artigo do diário que der noticia da sessão.

11h 20' Traduzi sânscrito e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Li os “Souvenirs d’un naturaliste” à Antônia. Conversei no salão comum, enquanto cantava aquela senhora de que já tenho falado e tocava depois o piano a Jagwitz. Tomei o chá do costume. Acabo de ler o Jornal do Comércio do Rio de 22 do passado. Tem feito seu frio. O termômetro estava fora a 1º antes do chá, segundo ouvi e agora a 3º entre a vidraça e a veneziana exterior. Vou despir-me e deitar-me.

18 de fevereiro de 1888 (sábado) — 8h Vestido. Dia feio. Dormi bem embora me levantasse uma vez. Traduzi ontem este soneto de Jean Richepin.

A Coquelin

Quand la pâtre en exil entend la cornemuse
Il vous revoit grand blés pleiu de coquelicots,
Ciel bleu, terre natale aux gais cocoricos,
Sentiere brontés par la chèvre camuse
Oui, tout cela, dans un refrain qui nous amuse!
C'est pourquoi, toi qui val à de nouveaux échos
Faire ouir notre langue aux rires musicaux,
Comédia qui pars porte-noix de la muse,
Ton oeuvre est bonne et vaut qu'on t'en dise merci;
Car plus d'un exilé va tressaillir aussi
En songeant au pays perdu dont il s'honore,
Et dont il revera les souvenirs vivants
Tandis que le chanson de ton clairon sonne
Semera de l'esprit français aux quatre vents

- * -

Quando ao pastor no exílio a gaita longe soa
Revê-vos ela, searas, de papoulas cheias
Céu azul, pátria sua, que com os sons enleias
Trilhos do amor onde a cabra voraz roa.
E tudo em cantiga que alegre nos ecoa!
Por isso partes para em regiões alheias
Nossa língua falar com que tanto recreias
Artista que te vais, arauto da Musa boa.
É nobre tua ação, merece um obrigado;
Pois sei qu'estremecerá mais d'um exilado
Com as lembranças da pátria de que se gloria,
E de que receberá tão viva saudade,
Enquanto teu clarim que altivo canto guia
Solta o espírito francês por toda a imensidade.

11 ¼ Vou para Nice. Falei na estação ao Dr. Jambert e a Backer. A ducha foi agradável. Passeio do costume. Ao chegar a casa falei à Antônia. Almocei com vontade.

11 ¾. Li os Petit Niçois de ontem e hoje, o Petit Marseillais de ontem e Le Littoral de 16.

12 ¼ Chego a Nice. 5h Já estou no vagão para voltar. Em Nice fui logo à casa da Mana Januária que achei como sempre e anda abalada pela impressão de um formidável trovão da noite passada que a fez pensar de novo em terremoto. De lá fui a uma loja de pinturas onde nada vi de notável e segui para a casa de Mme. de Chambrun onde ouvi Melle. Calvé cantar de modo muito agradável. Fui depois de carro até o templo grego de onde se goza de bela vista e avistei a árvore plantada pela Isabel.

Mme. de Chambrun também quis cantar a sua poesia da Passiflora cuja música foi composta por Gounod, mas a voz já não a ajuda. Dei-lhe a tradução que fiz de algumas poesias dela de que já falei e mesmo traduzi lá um verso que me esquecera, escrevendo o meu a lápis. Lá estava Nadaud, que recitou versos, que dedicou e ficou de mandar-me e mais outras poesias suas, dando-me o livro das canções compostas por ele.

20' Parto. 6h 25. Cheguei há pouco.

19 de fevereiro de 1888 (domingo) — Jantei bem. Joguei bilhar com o Nioac. Despedi-me da Antônia. Fui ao teatro ouvir Coquelin no “Tartufe” e nos “Precieuses ridicules”. Representou muito bem e o filho mostrou que a vai igualando. Falei com Tachard que passou por meu camarote para ir ao cenário e com o marido que veio a meu camarote.

Acabo de tomar chá seco e vou deitar-me. 8h Vestido. Dormi bem. O dia não está bonito.

10 ½ Já estive com Antônia quando eu chegava da missa. A ducha soube-me bem. O passeio foi curto por causa da missa.

11h 20' Acabo de almoçar com vontade e cumpre dizer-lhes adeus; que parte a mala.

19 de fevereiro [de 1888] (domingo) — 11 ½ Acabo de fechar a carta para Isabel.

12h Vi o livro com as assinaturas de pessoas do Rio que o mandam ao Papa pelo seu Jubileu. Não poderia de melhor gosto [sic]. Só me agradou a pintura da primeira página feita pelo Pacheco fotógrafo.

Esteve comigo o Dr. Vidal médico das Águas d'Aix na Savoia que veio agradecer hábito da Rosa.

Vejo no Petit Niçois de hoje o artigo “Une bonne action”; Maad a filha do Príncipe de Gales passando por Hyde-Park e vendo uma pobre tiritando de frio tomou-lhe o cesto e continuou a vender para a pobre. Li Le Petit Niçois, Le Petit Marseillais e Le Petit Marseillais de hoje vejo que neste o Príncipe Imperial não vai bem e que Gran-Duquesa de Baden era esperada em San-Remo na noite de 16

1h ¾ Li alguns números da “Exposition vaticana illustrata”. Vou tomar café para sair.

5 ¼ Já estive com a Imperatriz e com o Pedro tendo voltado da “Villa-Edelweise” onde cantou Nadaud; tocou piano Plucinska diversas músicas sendo uma de composição da dona da casa, Lady Borthwick. Havia muitas pessoas que tenho [sic] já tido ocasião de conhecer e o marido da Antônia. Tem caído bastante neve.

10 ¼ Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Nioac. Li o sermão do Padre Antônio Vieira à Antônia e depois estive no salão ouvindo música e conversando. Acabo de tomar chá seco.

20 de fevereiro de 1888 (2a fa.) — Meia-noite, ½. Acabei a tradução de uma cantiga da Nadaud que ele me deu manuscrita e intitula “Preface pour les chansons de Béranger que j'ai mises en musique” – acrescentando inédita. Copiá-las-ei de manhã. Vou deitar-me.

20 (2a fa.) — 8h 10' Vestido. Dia de chuva.

J'ai voulu te rendre un hommage

Chacun l'entend à sa façon

En joignant mon petit ramage

Au large accent de ta chanson

Quis prestar-te minha homenagem

Cada um tem sua maneira amiga

Ligando modesta linguagem

A altivez de tua cantiga

Pardonne cet excès de zèle

J'ai même mon cuivre a ton or;

J'attache une plume à ton aile

Pour suivre un moment ton essor

Perdoa meu zêlo atrevido

Teu ouro a meu cobre mesclei

Débil pena, à tua asa jungido

Contigo um instante voei

Les artistes en mélodie

Craignent les poèmes complets

Dans ton oeuvre leur main hardie

De coupe deux ou trois couplets
 Os artistas da melodia
 Poemas completos receiando
 Em teus versos com ousadia
 Vão duas, três coplas cortando
 Je n'ai rien retranché du texte,
 Rien altéré, rien répété;
 Ma musique n'est qu'un pretexte
 À moduler le vers noté
 Nada eu alterando do texto
 Nada repetindo, ou tirando
 Minha música é só pretexto
 De ir os versos modulando
 Tu fus et tu restes mon maître
 Ton coeur ne me fut pas fermé
 Je t'admiraïs sans te connaître
 Et te connaissant je t'aimais
 Tu foste meu mestre e o ficaste
 Teu coração não me é fechado
 Sem conhecer-te m'admiraste
 Conheci-te e tenho-te amado.
 Protège-moi, la clématite
 Fleur de la haie et du sentier
 Allonge sa tête petite
 Pour s'appuyer au chêne altier
 Protege-me, que a clematita
 Flor das cercas, flor do caminho
 Estira a hastea pequenita
 E em altivo carvalho acha ninho.

10h 10' A ducha foi agradável. Sacudi-me um pouco de carro até a Croisette. Os rolos brancos do mar estavam muito pitorescos. Já estive com a Antônia a quem li os versos que escrevi há pouco e pedi-lhe que no seu telegrama para saber do estado do Pinheiro Chagas que esbordoaram por causa do que ele disse de Rose Michel incluísse seu nome.

Já falei ao Hohensolern que ia visitar os Badens, a quem pedi que desse lembranças minhas.

11 ³/₄. Almocei com apetite. Recebi o bispo armênio católico de Adam Monsenhor Garabed Astanian que veio pedir dinheiro para a Igreja de Tarso. Pareceu-me mui pouco inteligente e Mr. L. de Sorbière de la Tourasse que eu ouvi ler na sessão literária e me trouxe uma poesia sua intitulada "Hommagem à Sa Majesté Dom Pedro 2 d'Alcântara Empereur du Brésil".

Li Le Petit Journal de 17. Fala de Brazza que chegou a Paris a 16 e do que tem havido ultimamente no Congo e no Gabon; de 18. Dá notícias do grande incêndio das Halles Centrales de Paris. Um forte abalo de terremoto foi sentido em Maulion perto de Pau. Em Burgalette (Navarra) sentiu-se terremoto a 15. Houve estragos sem vítimas. O Ministério romano estava em crise. Le Petit Marseillais do mesmo dia. Madrid interpelação a respeito da ida do Montpensier conselhos confidenciais a respeito da inconveniência dessa ida. Le Petit Niçois também de 18.

10 ¹/₂ da noite. Depois da leitura dos mencionados diários tomei café e fui jogar bilhar com o Nioac. Pela volta tive a visita do Gran-Duque de Baden, mulher, filho mais velho e nora que partem já amanhã para Carlsruhe por causa da doença do filho mais moço. Depois tive a visita de Edouard Hervé da Academia francesa que está no hotel e a quem prometi mandar o meu soneto, Andar e mais andar etc., com a tradução do Liégeard. Traduzi árabe com Seibold e comparei os Lusíadas com a tradução alemã. Jantei com apetite; estive com a Antônia a quem li a tradução de Quentino Durward,

depois do jogo de bilhar com o Nioac e acabo agora de tomar chá seco havendo antes conversado no salão com a dama da Antônia e o Dr. Legg enquanto cantou a que costuma fazê-lo e tocou piano a Jagwitz.

21 de fevereiro de 1888 (3a fa.) — Meia-noite $\frac{1}{4}$. Copiei o meu soneto que Liégeard traduziu e vai com a minha tradução francesa interlinear para enviá-lo a Hervé da Academia francesa. É tempo de descansar.

21 (3a fa.) — 8h 5' Vestido. Parece que haverá bom dia. Dormi bem embora me levantasse algumas vezes para urinar [sic].

10h 35' Já estive com a Antônia que achei ainda na cama, pálida e tossindo. A ducha soube-me. Havia somente 3º quando lá cheguei. Dei meu passeio a pé até além do passeio público. O mar arrebatava com violência mas o tempo está sereno e o céu não tem muitas nuvens.

11h 40' Almocei bem. Acaba o alfaite [sic] de tomar medidas, tenho estado eu antes com Madame Crombez que me trouxe o programa de Les Pupazzi de Lemercier de Neuville a que assistirei no dia 4 de março.

4h 20' De volta de meu passeio de carro e a pé tendo ido diretamente à estação com a Imperatriz despedir-me do Gran-Duque de Baden que vai a Friburgo onde o filho segundo está doente de pneumonia. Depois visitamos no Hotel Pavillon a Gran-Duquesa de Baden que parte à tarde. Aí separei-me da Imperatriz e fui ao boulevard Lauder. O dia tem estado excelente.

10h 20' Acabo do chá seco. De volta do passeio traduzi hebraico e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original na minha lição do Seibold. Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Acabei a leitura do 2º volume da tradução portuguesa de Quentino Durward e li “Les souvenirs d’un naturaliste” à Antônia e estive no salão ouvindo cantar e tocar piano às mesmas senhoras de ontem enquanto conversava com Mrs. Kahn cujo marido já bom de sua cólica hepática produzida por cálculos. Tendo sabido que o Príncipe Imperial da Alemanha tinha piorado mandei um telegrama à Princesa.

11h Acabei de ler a Illustration de 11. Leio no Petit Marseillais de hoje a morte de meu conhecido o General Perrier membro da Academia das Ciências. Le Petit Niçois da mesma data fala dos estragos causados pelo temporal de ontem em Nice e na região 40 m. Li também Le Petit Journal. Vou tratar de dormir.

22 de fevereiro de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Senti resfriamento de noite. A Imperatriz chamou o Mota Maia, porém dormi sossegado e nada senti depois. O dia tem má cara, parece ameaçar trovoada.

10 $\frac{1}{2}$ Agradou-me muito a ducha. Passeio a pé pela praia além do farol. Comprei flores que já dei à Antônia que estava na cama e bem pálida.

12h Almocei com vontade. Li nos Débats de 15 anúncio de livros que vou mandar vir e o resu

5 $\frac{1}{2}$ Dei um passeio a pé pela borda do mar e depois na volta vim para o teatro de onde chego de carro. Representaram bem em benefício dos ingleses as peças do programa junto. Gostei muito de “Jean Marie” e Melle. de Labroise – todos eram curiosos – representou muito bem. O filho do Murray ataranta-se às vezes. Havia muitos dos que já conheço, mas os espectadores eram poucos, mesmo para o teatro que é pequeno.

10 $\frac{1}{4}$ Acabo de tomar chá seco depois de ter estado no salão comum a ouvir a cantora de que tenho falado e a Jagwitz. Antes tocou rebeca Mme. Jacobi que não é grande cousa. O programa vai anexo. Depois do jantar na volta do teatro joguei bilhar com o Nioac e li à Antônia “Les souvenirs d’un naturaliste”. Li no Temps de hoje o artigo sobre a sessão da Sociedade de Geografia de Comunicações de Galliené e de Davaust dirigidos do interior da África a respeito do rio Niger. O Dr. Verneru fala das Ilhas Canárias. Faz descender os Guanchos do homem quaternário. Os nômadas visitaram-nas depois, deixando aí inscrições. Seguiram-se outros povos, como os semitas.

Academia das ciências sessão de 20. Carta do Dr. Freire sustentando a existência do bacilo específico da febre amarela contra a opinião de Paulo Gobier. Jansen anuncia a morte imprevista do General Ferrier meu conhecido pessoal desde a exposição de Filadélfia e levanta-se a sessão.

11 $\frac{1}{2}$ Li quase todo Comptes-rendu de 13. Vou deitar-me.

23 de fevereiro de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Levantei-me duas vezes para urinar *[sic]*, mas dormi bem. O dia está bom. ½ Acabo de ler o Comptes-rendu de 13. Vou para a ducha.

10h 5' Soube-me mui bem. Passeio a pé para o lado da Croisette. Voltei de carro. Já dei os bons dias à Antônia que estava na cama e achei bastante pálida. ¾ Almocei com vontade. Vou daqui a pouco para Monte Carlo.

11h ¼ Andei um pouco pela estação e vou partir. 5h Regresso para Nice. Fui a pé da estação para onde cortei os cabelos, tendo depois tomado café no terraço. O tempo tem estado bellissimo. Daí fui para o concerto cujo programa junto com as minhas notas. Vi as pessoas do costume. Busquei falar a Reyer que me disseram estar no teatro, mas já se tinha retirado.

6h 5' Estou em Nice no Restaurant-Français com o Nioac, Mota Maia e o Cônsul brasileiro.guardo o jantar que me há de saber.

10h 40' Chego de Nice. Morreu infelizmente o filho do Gran-Duque de Baden.

Já tomei chá seco. Depois do jantar que me soube com efeito fui ao teatro onde ouvi o primeiro ato da Lucia. Junto o programa. A que cantou o papel de Lucia é mediocre. Havia bastante gente. Conheci Mme. Sanford com a irmã mulher de nosso cônsul e a gente de Gambard.

Li Le Littoral de ontem; Le Petit Niçois e Le Petit Journal de hoje.

24 de fevereiro de 1888 (6a fa.) — Meia-noite 10'. Vou deitar-me.

8h Vestido. Dormi bem. Bom dia, mas pelo que sinto um pouco frio.

½ Li Le Petit Marseillais de ontem. Vou para a ducha.

10 ¼ Soube-me bastante. Passeio a pé além do farol. Bela vista da Esterel. Já estive com a Antônia que achei pálida. Já sabe da morte do filho dos Baden. Vou almoçar. O Pedro já tinha ido para Nice quando fui a seu quarto.

11h Acabo de almoçar com vontade. Tudo vai bem. Logo pretendo ir a Oribeau onde há que ver.

24 (6a fa.) de fevereiro de 1888.

11h ¼ Carta para o Rio expedida. No livro “La Côte d’Azur” de Liégeard leio que Auribeau. Dizia-nos o comentador da tábua de Peutinger e do itinerário de Antonino aurait plaisir de faire derivar de ad horrea belli – celeiros de guerra. Conforme o mesmo autor os auribelianos no século passado dirigidos pelo vigário armado de mosquete guerrilharam contra o exército do Duque de Suábia. “Aujourd’hui le paisible homme se contente de rester un décor d’opéra comique. Une visite à l’église oeuvre de Vauban...”

12 ½ Acabo de estar com Roland e Liégeard a quem dei o meu soneto à morte de meu segundo filho varão com a tradução interlinear. ¾ Acabo de escrever a Jansen mandando-lhe a circular do Cruls para um “Dicionário climatológico universal”, afim de que ele a comunique à Academia das Ciências de Paris.

5 ¼. Chego de meu passeio a Auribeau voltando por Pégomas. A vista do alto da igreja é pitoresca. Domina o vale estreito de Siagne. Nada achei de notável na igreja. Na ida, ao passar pelo hotel Pavillon, parei para dar meus pêsames ao filho mais velho do Gran-Duque de Baden pela morte do irmão. Tinha saído e só falei do carro com o camarista dele .

10h 10' Acabo de tomar chá. Pouco depois da volta do passeio jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Li “Les souvenirs d’un naturaliste” à Antônia. Conversei no salão com Mrs. Kahn, enquanto cantou a de que já tenho falado e tocou piano a Jagwitz.

Li Le Littoral com artigos marcados para cortar; Le Petit Journal e Le Petit Marseillais de hoje. Este traz um artigo “Le Règne de la mediocrité” em que fala de um artigo do último no da Revue des deux Mondes como tendo muito interesse da atualidade.

11 ¾ Vou deitar-me. A noite está fria.

25 de fevereiro de 1888 (sábado) — 8h Vestido. Dia frio. Pouco antes de levantar-me caiu alguma geada segundo me disse meu criado. Dormi bem mas levantei-me duas vezes para urinar *[sic]*. 25' Li os Débats de ontem.

10h 6' Acabo de dar bons dias à Antônia que estava na cama e pálida. A ducha soube-me. Passeio habitual.

1h ½ Almocei com vontade. Acabo de escrever a Liégeard, porque na sua tradução de meu soneto “Andar e mais andar etc” falta um verso que não está na cópia que lhe mandei e é a do livrinho do Mota Maia a quem são sei porque escapou. Também respondi ao Cruls que me envia a 1 do corrente sua circular a respeito de um dicionário climatológico universal, dizendo-lhe que envio à Academia das Ciências por intermédio de Jansen, a quem escrevo.

10 ¾ da noite. Saí à 1 ¼ de carro e fui até a praia da Croisette onde o espetáculo do mar com seus altos rolos alvejantes era bellissimo. Voltei antes do que desejava para ir ao concerto da cantora Arosim no Hotel Principe de Gales. Junto programa com as minhas notas. Antes do jantar que me soube traduzi sânscrito e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original durante o pouco tempo que me restou de estudo com o Seibold.

Jantei com apetite, joguei bilhar com o Nioac; li “Les souvenirs d’un naturaliste” à Antônia que estava bem pálida, mas alegre e fui para o salão, onde trabalhou com muita destreza o prestidigitador Bruno Delville, cujo programa junto. Custa-me imaginar como pode ele fazer aparecer em ponto pequeno grudadas no interior das tampas de alguns relógios cartas semelhantes às que os donos daqueles tinham tirado de um baralho. Estavam presentes as pessoas do costume e eu conversei com Mrs. Kahn. Liégeard respondeu à minha carta com outra que acompanhará este diário.

26 de fevereiro de 1888 (domingo) — 8h Vestido. Chovia há pouco bastante, mas parou. Dormi bem. A Imperatriz tossiu muito antes de eu me levantar. No Débats de ontem vejo notícias pouco animadoras do Principe Imperial. Fala-se da extirpação do laringe. Vou para a ducha.

10h 50’ Acabo de almoçar com vontade e o tempo pôs-se bom depois de ter caído bastante granizo. A ducha foi agradável, mas só andei depois de carro indo à missa. Estive ao voltar com Antônia que pintava suas flores.

12h ½ Estiveram comigo o Dr. Debout d’Estrées médico de Contrexville com quem conversei a respeito das águas desse lugar; o Dr. Jambert que veio mostrar-me o seu aparelho de inoculação que diz ter aplicado com proveito para a cirurgia dos tubérculos pulmonares e o Tenente Coronel Mair e sua irmã Misses Sarah Siddons Mair, netos da célebre atriz Siddons que vieram convidar-me para uma conferência do dr. George Mac Donald sobre o Julio Cesar de Shakespeare na 5a fa. próxima, mas como é dia de concerto clássico tratarei de entender-me com eles a respeito do dia da conferência seguinte sobre não sei que drama do mesmo autor.

O Dr. Raphael Blanchard agrégé da Faculdade de Medicina de Paris mandou-me os “Elements de Zoologie” que ele escreveu com Paul Bert membro do Instituto.

1 ½ Escrevi à Mana Chica. 3h 50’ Saí de carro e fui andar um pouco a pé defronte do coreto da música que mal ouvi sobretudo porque estive conversando com Tachard. Antes de meter-me no carro para voltar começou a chover um pouco. O dia tem sido mau.

6 ½ Jantei com vontade e em companhia da Mana Januária e do filho. Antes traduzi a Odisséia comparando-a com a tradução francesa de Leconte Delisle, e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original, no meu estudo com o Seibold. Recebi a visita do Cretineau Joly que escreveu um livro sobre Colombo que ele apresenta como inspirado por Deus, e creio eu promoveu sua canonização. Ficou de mandar-me sua obra a respeito de Colombo, que já li há bastantes anos, e outro livro escrito por ele posteriormente. Apresentou-me carta de recomendação de Maxime du Camp que está agora em Villefranche e a quem pedi a Cretineau que dissesse que desejava vê-lo 5a fa. em Monte Carlo no concerto clássico.

11h ¼ Li o Jornal do Comércio do Rio de 2 do corrente depois de ter bebido o meu chá desacompanhado. Antes estive no salão comum ouvindo tocar e cantar as mesmas senhoras de ontem. Não estavam aquelas com quem costume conversar. Depois do jantar em companhia da Mana Januária e do filho mais velho joguei bilhar com o Nioac e li à Antônia a tradução de Quentino Durward por Caetano Lopes de Moura. Vou agora deitar-me.

27 de fevereiro de 1888 (2a fa.) — 8h Vestido dormi bem até que já de manhã a Imperatriz começou a queixar-se de seus incômodos. Dia encoberto.

Li Le Littoral. A Câmara dos Comuns deliberou que as sessões de 2as., 3as., 5as., 6as. comecem às 3 da tarde. A discussão de questões contestadas deve terminar e as sessões acabarão à 1 da madrugada o mais tardar. A cicatrização da ferida causada pela operação da traquéia do Principe Imperial não se produz normalmente e tão depressa quanto se

esperava. A noite não foi boa e depois das 8h da noite precedente piorou. Li *Le Littoral* e *Le Petit Niçois* de ontem. Há neste um artigo sobre a exposição hortícola regional.

11 ½ Acabo de almoçar com vontade. A ducha foi agradável; dei o passeio de costume e vim de carro à missa que meus amigos companheiros de viagem mandaram cantar no aniversário de minha moléstia. Cantou sofrivelmente durante a missa Melle. Rainaud. Ao chegar de volta estive com a Antônia que achei como sempre pálida, mas animada, e depois com o Visconde León de Jauzé membro do Conselho Geral do Sena Inferior que é amigo de Bennett e veio da parte dele entender-se comigo a respeito do passeio no seu iate na próxima semana. Recebi da parte de La Borthwick três músicas que ela compôs para piano e canto.

Mr. Ealeu dono do iate Iza veio convidar-me para um passeio de mar na 4a fa. talvez até Monte Carlo.

Li no *Le Petit Journal* de hoje um artigo sobre a ópera “Jucelyn” poema arranjado por Armand Silvestre et Victor Capoul, música de Benjamin Godard, que me fez mandar vir essa ópera para piano. Leio que o General Baserbaki chegou aqui. Vejo no *Petit Niçois* que na Exposição floral e hortícola de Nice vêm-se 80 variedades pelo menos de eucaliptos. Artigo “L’origine des bals marqués”. O primeiro realizou-se em Paris a 2 de janeiro de 1746. Foi imaginado pelo Cavaleiro de Bouillon filho de Maria Mancini para distração do Regente. *Le Phare du Littoral*; “Postes e télégraphes”. Mostrou a inferioridade do serviço do correio da França relativamente ao da Suíça e da Bélgica.

1h ¼ Acabo de estar com Victor Guérin que vai pela 10ª vez à Palestina com os filhos que vi na sucursal do Colège Stanislas aqui. Pedi-lhe que me escrevesse sobre o que ainda visse por lá de interessante e desse lembranças minhas a Frère Lievin, Fra Gaudenzio da Matalica, e Madame de Vaux irmã de meu amigo o finado General Moran da Academia das Ciências. 35’ Li parte de *Le Petit Marseillais* e vou sair.

4h 10’ Acabo de chegar de meu passeio a pé e de carro tendo ouvido sem me assentar a música que tocou defronte do Cercle Nautique. Por dizer que havia uma publicação sobre a circulação do sangue na Associação das Damas francesas fui até lá, mas o meu informante enganou-se.

10 ¾ De volta do passeio traduzi árabe com o Seibold e comparei a tradução alemã dos *Lusíadas* com o original. Jantei com apetite. Joguei bilhar com meu neto Pedro. Li “*Les souvenirs d’un naturaliste*” à Antônia. Estive no salão ouvindo cantar e tocar pianos as mesmas senhoras de ontem. Conversei com a dama da Antônia e Mrs. Kahn. Tomei chá seco. Acabei de ler *Le Petit Marseillais*. Li o *Journal de Nice* ontem. No *L’Union* diário de Nice de 27 li o artigo 2º sobre o Salon.

11 ½ Vou deitar-me.

28 de fevereiro de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dia encoberto. Dormi bem. A Imperatriz não se queixou.

10 ¼ A ducha foi muito agradável. Passeio a pé além do farol para o lado da Esterel cujos relevos pelo encoberto do dia não se destacavam. Ao chegar de carro ao hotel fui ver a Antônia que estava já pronta e sempre pálida.

11 ¼ Almocei com apetite. Já dei meu passeio pela estação e vou partir.

5h ¼ Regresso. Fui ver a Mana Januária que achei sozinha. Estive em casa de Rose Bonheur onde vi suas novas pinturas agradando-me muito o quadro do pastor de ovelhas. A paisagem e a figura muito menos que os animais. Trago um desenho dela. Depois assisti ao concerto na casa tão pitorescamente situada do cônsul da Áustria. A Nikson esteve, mas por incomodada não pôde cantar. Espero ouvi-la em Cannes daqui a dias. Mudou muito fisicamente. Mrs. Sanford cantou bem. Hei de procurar um programa do concerto ou referir de memória o que lá ouvi. Depois fui a uma exposição de caridade no Cassino, de onde trago flores que comprei a diversas senhoras que as ofereciam.

Parti da estação de Nice às 5 ¼. Passeei por ela bastante tempo e esperava que chegasse o trem com Maria Eugênia Monteiro de Barros, mas ela já estava em Nice e lá ficaram Nioac e a Amélia que voltarão logo. Um sujeito julgou-se com direito de entrar no meu vagão onde venho somente com o Mota Maia e pareceu-me prudente não insistir que ele saísse.

6h 25’ Acabo de chegar. Levei um ramo à Antônia e vou jantar. 10h 50’ Tomei meu chá seco. Antes estive no salão ouvindo as duas senhoras, de que tenho falado e conversando com os Kahn, depois do jogo de bilhar com o Carapebus e da leitura à Antônia dos “*Souvenirs d’un naturaliste*”. Acabei de traduzir a cantiga “*Le hanneton*” de Nadaud.

Allon disait la troupe folle

Des enfants cruels en jeux

Allons hanneton vole, vole

Reveille toi donc paresseux
Dizendo ia a malta louquinha
De meninos cruéis no gôzo;
Vamos, besouro, voa azinha;
Acorda-te enfim, preguiçoso
Et l'insecte entrouvant son aile
Cherche à sécour sa torpeur
Son lours effort se renouvelle
Sans succès et non sans douleur
E o inseto a asa entreabrindo.
Busca sacudir o torpor,
Grande esforço repetindo
Sem êxtio e não sem dor.
Enfin il bourdonne il s'enlève
Il vole... mais un fil léger
L'arrêtê, et comme un ballon crève
Sur le sable il va naufrager
Zumbe e enfim se eleva do chão
Voa, mas fio ligeiro
Detem-no, e qual estála o balão
Naufraga na areia cesteiro
Il s'élève encore et culberte
Au grand plaisir des spectateurs
Alors tout meurti de sa chute
Il dit à ces enfants rieurs
Inda s'eleva e cambalhota
Muito zombando as espectadoras
E diz às crianças em risota
Da queda curtindo mil dores
Je suis l'artiste, le poète
Le philosophe, le savant
J'étais caché dans ma retraite
Moitié dormant, moitié rêvant
Sou artista, poeta sou
Filósofo, e também sabichão
No meu retiro oculto estou
Sonhando, ou dando meu cochilão
Vous venez d'un propos frivole
Mettre le trouble en mes esprit
Allons, dites-vous, vole, vole!
Imagine, peins, chante, écris.
Vindes com teu discurso à toa
Meu espirito perturbador
Vamos, dizes, voa, voal
Toca a escrever, pintar, cantar
Et lorsqu'à des hauteurs nouvelles
Je crois atteindre, aidé par vous,

Vous venez brise mes ailes,
En me disant amusez-nous
E quando até novas alturas
Com vosso auxílio vou chegar,
Dizendo: fazei diabruras
Vindes-me as asas quebrar
É meia-noite. Vou deitar-me.

29 de fevereiro de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem embora me levantasse algumas vezes. Dia bom. Le Petit Journal de ontem tratando da sessão da Câmara dos deputados de 25 resume o que disse M. Millerand em seu relatório sobre a necessidade de rever a lei de 1875 relativa à prisão celular.

10h 10' Ducha agradável. Passeio a pé além do farol do lado da Esterel cujos relevos destacavam-se pitorescamente. Já estive ao chegar de volta com a Antônia.

11h Acabo de almoçar com vontade.

10h 35' da noite. Depois do Almoço estiveram comigo o Cura Lyons, cuja carta junto, e a quem minhas explicações a respeito do que disse o Dr. Constantin James sobre minha conversa com ele relativamente ao darwinismo pareceram satisfazer. Felizmente estava de paciência para dar-lhe essa explicação; Melle. Rainaud que costuma cantar na igreja da Apresentação onde ouço missa e veio pedir-me que eu assista a seu concerto no dia 5 de março, trazendo-me a música de uma das poesias da Chambrun com a tradução minha, cuja cópia emendei e que ela pretende cantar nessa ocasião.

Depois fui com a Imperatriz ao Hotel Central visitar o arquiduque Renier e sua mulher que pouco me agradaram, embora pareçam boas pessoas.

De lá fomos até o porto de onde eu e o Pedro partimos no iate Iza de propriedade de Mr. E C. Healey onde estavam Mrs Weeding com o marido e Miss Hollons pessoas da amizade do Healey em cuja companhia viajam. O iate seguiu por fora das Ilhas Lerins, por causa do calado e foi até o porto de Villefranche de onde voltou entrando no de Nice. Aí estavam ancorados o grande iate de Bennett que espero visitar, e o de Gustavo Rothschild. Desembarcando encontrei o filho mais velho da Czartorisky e tomando um fiacre fui à praça Massena onde me apeei e seguindo pela Avenue de La Gare até esta comprei em caminho um ramallete para a Antônia. Encontrei-me na estação com D. Maria Eugênia Monteiro de Barros; sua filha Elisa e amiga Mme. Turquet, e o pai desta Mr. de la Boissérie, as quais iam para Roma, e não podendo por causa da neve passar pelo túnel do Moncennis, tinham vindo de Modane. Cheguei à estação de Cannes às 6h e tomando um fiacre, vim para o hotel. Levei logo o ramallete à Antônia.

Soube-me o jantar. Joguei depois bilhar com o Nioac. Li à Antônia os "Souvenirs d'un naturaliste". Estive lendo no salão, ouvindo a cantora e pianista do costume e conversando com os Kahn.

O Pedro voltou de Nice embarcado e chegou ao hotel quando eu jogava bilhar.

11h Tomei o meu chá seco depois das 10h e vou ver se ainda leio do Intermediaire des chercheurs et curieux de 25 o que me restou da vinda de Nice. Recebi hoje a descrição manuscrita e informação impressa sobre o "Appareil de sauvetage élévateur-descendeur" Bérard do qual já falei no meu diário por ter assistido a uma experiência desse aparelho em Marselha.

É mais de meia-noite. Vou deitar-me.

1 de março de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. Só me levantei uma vez. A Imperatriz queixou-se da perna e da estada em Cannes.

10 ¼ A ducha soube-me muito. Passeio a pé até além do farol do lado da Esterel embaciada. Comprei um raminho bonito e já o dei à Antônia que estava pintando e pareceu-me de melhor feição.

¾ Almocei com vontade. Vou agora para a estação e Monte Carlo.

11h 10' Já estou no vagão. Belo dia. Acabei de ler L'Intermediaire de 25 e li os impressos de meus netinhos em sua tipografia.

12 $\frac{3}{4}$ Fui dar bons à Mana Januária [*sic*] e voltei à estação de Nice. Já estou em vagão com o Nioac, Mota Maia, Roissard e o Pedro e sigo para Monte Carlo.

5h 20' Li durante o caminho. Encontrei no camarote do teatro as pessoas do costume. Falei no intervalo das músicas, cujo programa junto anotado por mim como Reyer a quem disse desejava ouvir com ele a sua ópera Sigund. Durante o concerto trocava reflexões sobre as músicas com Mme. de Chambrun e menos com Mme. de Farincourt.

Acabo de dar um passeio, gozando da vista e examinando as plantas e seus rótulos com os nomes botânicos e naturalidades. O Alcoforado despediu-se ao entrar eu no Grand Hotel, em cujo salão de leitura estive escrevendo. Vou jantar.

10h $\frac{3}{4}$. Acabo de tomar meu chá seco de volta ao Hotel de Cannes. Depois do jantar, que me soube, joguei bilhar com o Roissard que parece mais fraco do que eu. Dormite quase todo o trajeto. A lua está muito bela, embora já roída e com uma forma singular. Le Petit Marseillais de hoje traz telegrama de San Remo de ontem dizendo que o estado da moléstia do Príncipe Imperial agravou-se e outro de ontem de Florença que a Rainha da Inglaterra sob o nome da Duquesa de Kent é esperada aí a 23. Le Petit Journal traz um artigo curioso “Le diamant” a propósito de rubis artificiais que Freny apresentou à Academia na sessão de 2a fa. Os 300.000 fr. que restaram da exposição de eletricidade de 1881 vão ser empregados na construção em Grenelle de um gabinete internacional de eletricidade. A representação de Coquelin antes de partir para a América deve ser a 25 de abril. No Petit Niçois leio que o Dr. Kussman reconheceu que a doença do Príncipe Imperial da Alemanha tinha feito enormes progressos e o corpo estava inteiramente em completa decomposição. Diz que Le monde élégant anuncia que haverá a 10 às 8 $\frac{1}{2}$ da noite em Nice um desfilar de carruagens no qual tudo há de ser branco até as flores que atirarão. Ambroise Thomas deve deixar hoje a vila Medicis em Roma para ir a Hyères, mas assistindo antes em Monte Carlo à última apresentação de Melle. Isaac no “Songe d’une nuit d’été” e à primeira de Arnoldson em “Mignon”. Vi também Le Littoral de ontem.

Vou deitar-me. É já meia-noite $\frac{1}{2}$.

2 de março de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. Levantei-me uma vez para urinar [*sic*]. Bom dia.

10h $\frac{1}{2}$ Já estive ao voltar com a Antônia que pintava. Trouxe-lhe flores de um vermelho que não sei se ela poderá imitar. Ducha muito agradável. Passeio a pé além do farol para o lado da Esterel bem clara com os todos os seus recortes. Puxavam uma rede. Parei para ver – mas só peixinhos vieram. Encontrei Mr. Roland que comprava flores para Madame.

12h 20' Almocei com apetite. Recebi a visita do comandante e mais pessoas de bordo do Iza. Li cartas escritas pela Amandinha à Imperatriz que veio agora aqui com o Caserta.

1h Li a Revue des Sciences des Débats de ontem. Ocupa-se quase que exclusivamente da doutrina microbiana. Não é o micróbio o agente vacinador, mas uma substância solúvel química fabricada por ele. Ainda há de ser isolada e preparada formando uma farmácia microbiológica. Por fatos observados cuidadosamente pode-se concluir verosimilmente que a difteria é transmitida pelo animal ao homem. A estomatite aftosa parece também sê-lo por meio do leite. Há sempre coincidência entre a cocotte dos animais e a estomatite.

No corrente mês deve aparecer um belo cometa. Viu-se um no Cabo da Boa Esperança na constelação do Pavão, tendo cauda de 2°. Aproxima-se rapidamente e talvez se veja daqui dentro em pouco do lado sul cerca de 4 horas antes do nascer do sol.

Na sessão da Academia de Medicina de 28 o Dr. Le Fort ocupou-se da profilaxia da sífilis e sustentou ainda a necessidade de regulamentar a prostituição e para evitar os abusos na inscrição quer que esta dependa do juiz. Enfim tudo me convence mas que só os meios morais são os verdadeiros e portanto eficazes.

2h $\frac{1}{2}$ Acabo de estar com Mr. Vergé da Academia das Ciências Morais e políticas.

5 $\frac{1}{4}$ Chego a pé da festa anual da União Protetora dos Animas que me elegeram Presidente honorário. Havia bastante gente no teatro. Junto o programa.

10h 40' Antes do jantar traduzi hebraico e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. na minha lição do Seibold. Jantei com vontade. Jougei bilhar com o Nioac e o Pedro. Continuei a ler à Antônia os “Souvenirs d’un naturaliste” e a tradução de “Quentin Durward” por Caetano Lopes de Moura. Fui para o salão onde conversei com os Kahn e o Dr.

Bellesmeme diretor dos serviços de piscicultura da cidade de Paris. A Jagwitz tocou piano, mas pouca atenção lhe dei. Acabo de tomar o meu chá seco.

Li Le Littoral de ontem e Le Petit Niçois de hoje. Condenação de Wilson a 2 anos de prisão; 5.000 fr. de multa e interdição durante 5 anos dos direitos políticos. Soou meia-noite. Acabo de traduzir estes versos que li no Tir do Cassino Municipal de Nice. Junto o artigo de Le Petit Niçois.

Vem, caridoso, de qualquer sexo ou idade,
Fazer a bem do infeliz a pólvora soar.
Seja o dó para vós a vossa heroicidade,
Quem mais atira aqui melhor há de ganhar
De balas e de cartões a prodigalidade
Generoso tributo pague ao desgraçado
Aqui é que se pode, grande raridade,
Sempre o alvo ferir, sem nele haver tocado.

3 de março de 1888 (sábado) — 8h Vestido. Dormira melhor se a Imperatriz não houvesse tossido tanto. Bom dia.

10h 20' Ducha que me soube. Passeio a pé para o lado da Esterel. À volta de carro estive com a Antônia que tem hoje melhor fisionomia e já pintava.

11h 20' da noite. Almocei com vontade. Estive lendo. Fui ver quadros que Lematte manda ao próximo salão; um retrato de senhora e uma Fella em pé. Aquela tem muita expressão, porém não me agrada a boca, e a paisagem desta não tem as cores do Egito onde, pelo que lhe ouvi, parece não ter estado.

Depois estive na Vila Thuret com o Naudin e a mulher trazendo de lá uma poesia impressa de que falarei depois, e fomos todos a pé por uma praia pitoresca, onde havia barcos de pescadores com suas redes e barcos, descobrindo-se ao longe a Esterel até o Chateau de la Pinède, e daí às plantações de Vilmorin onde o encontrei. Percorri-os observando as belas couves-flores, e lindas primevères, assim como outras plantas, e tendo voltado à Vila Thuret tomei café.

Regressando ao hotel traduzi sânscrito e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original no meu estudo com o Seibold.

Jantei com apetite; joguei bilhar com o Nioac e o Pedro; li os "Souvenirs d'un naturaliste" à Antônia. Estive numa sala junto ao salão de conversa vendo valsar ao som de uma pequena orquestra depois de haver falado naquele com Mme. Kahn e tendo vindo para o salão, ouvi cantar e tocar as mesmas senhoras de ontem e conversei com a dama da Antônia.

Tomei meu chá seco; vim para o quarto do Nioac, onde achei a resposta do Sully Prudhomme à minha carta com a cópia de dois sonetos seus, de que vou traduzir um e como é mais de meia-noite vou deitar-me.

Tenho muito que ler aí, mas o repouso é indispensável.

4 de março de 1888 (domingo) — 8h Não houve novidades. Vou ver se termino a tradução do soneto de Sully Prudhomme. ½ São horas de ducha.

10 ¼ Soube-me. Passeio, voltando para a missa. Já estive com a Antônia. Tem melhor fisionomia.

11h 5' Almocei bem. Que belo dia apesar da Esterel estar um pouco enfumaçada!

12 ¾ Acabo de receber a visita da Antônia a quem li a minha tradução, que transcreverei, de um dos sonetos, que me mandou Sully Prudhomme. Antes estiveram comigo Mr. de la Tourasse que trouxe-me o seu discurso impresso "De L'originalité dans l'Art" que eu lhe ouvira ler e os Drs. Gruza, e Heckel professor da Faculdade das Ciências e da Escola de Medicina e Diretor do Jardim Botânico de Marselha, que me trouxeram aquelas amostras de ramie manufaturada e o outro diversos trabalhos seus impressos e frutos de Kola africano com tijolinhos formados pela pressão do chocolate desse fruto, ou sendo misturado com alfafa para forragem.

1h ½ Acabo de assistir à aplicação do cautério Paquelin a diversos pontos da espinha dorsal da Imperatriz. Felizmente a dor foi rápida e ela vai sair daqui a pouco. Li cópia da carta do Penedo de 25 de fevereiro, enviando da minha parte e com minha assinatura o Relatório da Junta de higiene do Rio ao Local Government Board de Londres, e da resposta assinada por Hugh Owen. Diz-me o Mota Maia que o gosto do chocolate de Kola é muito ruim.

Le Littoral de ontem tem artigo curioso comparando as frotas italiana e francesa. A França tem mais encouraçados e cruzadores, mas a Itália tem alguns de melhor marcha que os franceses. Nenhum destes pode lutar a tal respeito com o “Itália”, mas não devem a proteção e melhor evolução ceder à rapidez e por isso o autor do artigo A. Pignatel prefere o Coubert ao Itália. Telegrama ruim de San Remo. Le Petit Niçois. Motim em Roma ontem por causa dos obreiros sem trabalho, mas cessou no mesmo dia. Parede de obreiros em Lille e Bruxelas. San Remo – 3 – O Príncipe passou noite sofrível e acha-se melhor por causa do belo dia. Querem o Príncipe Imperial em Berlim e o Príncipe Guilherme seu filho levou-lhe carta neste sentido, mas se não conseguir isso o Imperador contra o parecer de seu médico o Dr. Lauer irá a San Remo. Vou sair.

9h 10’ Pupazzi na vila de Mme. Crombez. Quem o fez representar tem bastante espírito e já ouvi segundo me disse ele, na minha viagem passada, em casa de Mr. Benoist d’Asy. Estavam lá muitas pessoas que só então vi e a algumas das quais eu falei. Depois dos pupazzi a dona da casa fez escolher objetos para crianças e eu tomei três para os filhos da Isabel. Gostei bastante dessa reunião. Por causa dela jantei e com vontade, um pouco mais tarde. Joguei depois bilhar com o Nioac e o Pedro. Li ainda um dos sermões de Vieira, “As cinco pedras da funda de Davi” à Antônia e vim para o salão comum onde ouço a cantora do costume que não está hoje de veia. A Amélia de Nioac já tinha tocado um pouco piano. Agora procura a desconsolada Jagwitz recrear-nos um pouco ao piano.

[desenho]

11 ¼ Ainda conversei com os Kahn; tomei o meu chá seco e acabo de ler no quarto do Nioac o artigo sobre o Brasil da Enciclopédia de Edimburgo. Não o acho mau, não podendo dizer se os algarismos são exatos. Tenho sono e careço de descanso. O capitão Dürr oficial de ordenança do Gran-Duque de Baden veio de sua parte agradecer o que fiz quando seu filho morreu.

5 de março de 1888 (2a fa.) — 8h Vestido. Noite boa. Dia que parece será bonito. Sully Prudhomme a quem pedi me indicasse a poesia que preferia eu traduzisse enviou-me dois sonetos de que já traduzi este.

Il est tard, l’astronome aux villes obstinées
Sur sa tour, dans le ciel où meurt le dernier bruit
Cherche des îles d’or, et le front dans la nuit
Regarde à l’infini blanchir des matinées
Les mondes fuient pareil à des graines vannées
L’épais fourmillement des nébuleuses luit
Mais attenfir à l’astre échevelé qu’il suit
Il le somme et lui dit: “Revians das mille années”
Et l’astre reviendra. D’un pas ni d’un instant
Il ne saurait frauder la science éternelle
Des hommes passeront, l’humanité l’attend
D’un ceil changeant mais sur elle fait sentinelle
Et fût-elle abolie au temps de son retour
Seule, la Vérité veillerait sur la tour.

- * -

É tarde, o astrônomo em tardes continuadas
Da torre e no céu onde o som s’esvai
Busca ilhas de ouro e quando a noite cai
Vê brilhar infinitas alvoradas.
Voam mundos, sementes peneiradas
Formigam nebulosas leite que se extrai
E ao astro, que crinito pelos ares sai
Cita que volte, eras mil passadas
E volta o astro. Um passo, ou um instante

Não pode a eterna ciência ele roubar
Vai-se o homem; a humanidade é constante
Movel a vista sempre anda a velar
E embora esteja à volta já abolida
Vigia a verdade so n'alta guarida.

10 ½ Boa ducha. Excelente passeio a pé pela praia do lado da Esterel que está hoje bem cortada. Já estive com a Antônia que pintava. Não tem mau semblante.

11h ½ Almocei com apetite. Acabam de sair Mme. Crombez e a amiga que o Nioac chama com espírito a carapetinha. Trouxeram os bonecos para meus netos Pedro e filhos da Isabel.

12h ½ Acaba de sair Mme. Favard recomenda da *[sic]* Condessa de Barral. Conversa agradavelmente embora o faça com alguma afetação.

Li Le Journal de Nice de ontem onde marquei artigos para cortar. Le Petit Niçois artigo “Jules Verne” mostra que a ciência tem realizado muito dos sonhos desse autor.

7h 50 Matinée musical de Jane Rainaud no salão do Hotel Beau-Site. Junto o programa com as minhas reflexões. Estive ao pé de Madame de Chambrun. Havia bastantes conhecidos entre os quais Mr e Mme. Delaporte meus conhecidos do Egito e do museu de Compiègne. Voltei em parte a pé.

Traduzi árabe e comparei pouco tempo a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem e tenho jogado bilhar com o Pedro. Vou agora à Antônia.

10 ½ Li os “Souvenirs d'un naturaliste”. Estive conversando no salão comum com os Kahn, depois de ouvir umas crianças cantar mal com acompanhamento de piano e ruim rebeca – repugnou-me semelhante especulação. Cantou mal a senhora do costume.

Muito me interessaram dois artigos de Le Cannel sobre a Dança Macabra de Bar.

Quase meia-noite. Vou dormir.

6 de março de 1888 (3a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem até clarear, pois a Imperatriz teve muita falta de respiração. Felizmente passou-lhe. Belo dia. Le Petit Niçois de ontem artigo curioso sobre a realização das fantasias de Julie Verne. Telegrama animador do Príncipe Imperial da Alemanha. Mackenzie sustenta que não é cancro e não há perigo imediato. O filho Guilherme deve partir hoje para Berlim. Le Petit Journal tem artigo interessante sobre a pena de morte, que felizmente não se executa no Brasil embora o júri a imponha às vezes porque o poder moderador a comuta.

10h 20' Ducha agradável. Passeio a pé até muito além do farol do lado da Esterel envolta em ligeiro véu de escomilha. Já estive com a Antônia que pintava. Trouxe-lhe bonitas rosas de cores modestas.

12h 50' Acabo de conversar com M. Liégeard que me trouxe a tradução de meu soneto de bordo que está agora fiel. Trouxe-me o livro Concours Litteraires Rapports annuels 1875-1885 onde se fala de Gustave Nadand.

6h ¾ Dei um passeio até a Croisette. Gosto muito da volta da Ilha de Sta. Margarida e de Nice. Mar calmo. Assisti depois ao concerto de Melle. de Brunn e de Mme. Wita Jacobi. Junto o programa anotado. Fui daí à conferência no teatro de Westmark sobre o Alto Congo. Nada teve de notável. Não havia quase ninguém. Estudei hebraico e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original na minha lição do Seibold. Jantei com apetite. Vou jogar bilhar.

10h 20' Li à Antônia os “Souvenirs d'un naturaliste”. Estive vendo dançar. Conversei com a dama da Antônia. Tomei meu chá seco. Traduzi hoje outro soneto que me mandou Sully Prudhomme.

La Grande Ourse, archipel de l'océan sans bords
Scintillait bien avant qu'elle fût regardée
Bien Avant qu'il criat des pâtres en Choldée
Et que l'âme anxieuse eût habité les corps
D'innombrables vivants contemplant depuis lors
La lointraine lueur aveuglement dardée
Indifférente lueur aveuglement dardée
La Grand Ourse luira sur le dernier des morts

Tu n'as pas l'air chrétien, le croyant s'en étonne
Oh figure fatale exacte et monstre
Pareille à sept clous d'or planter dans un drap noir
Ta précise lenteur et la froide lumière
Desconcertent la foi: c'est toi qui la première
M'as fait examiner mes prières du soir

- * -

A Ursa arquipélago de mar sem praias
Muito antes de ser vista cintilava;
Inda o pastor caldeu não vagueava
E alma ansiosa, o corpo não ensaias
Inúmeros veem, por tempo que não tem raias
Sua remota luz, que já os deslumbrava
Indiferente às vista que a escrutava
Brilhará a ursa quando último morto caias
Não tens feição cristã, espanto és do crente
Fatal figura de rigor algente
Sete áureos cravos em pano enfeitado
Teu medido vagar, frígida luz
Vem turbar minha fé, e isto m'induz
A ver porque eu à noite tenha orado.

7 de março de 1888 (4a fa.) — 1 da madrugada. Custou-me a arranjar. 8h Dormi bem. Vestido. Leio nos Débats de ontem melhores telegramas sobre o estado do Príncipe Imperial da Alemanha. Desordens em Roma por causa do pão. Interveio a tropa houve feridos.

10h ¼ Indo para a ducha tomei uma carta de 5 da Condessa de Barral. Muito prazer me causou. A ducha soube-me bem. Dei meu passeio do costume e vendo gente reunida junto a uma casa soube que uma mulher com os filhos tinha caído ou se precipitado de um balcão de 5 metros de altura. Parece que a queda não lhe fez muito mal. Coitada!

Já estive com a Antônia que pintava e dei-lhe um pequeno ramo de junquinhos e anêmonas de um arrochado *[sic]* escuro por me parecer difícil de pintar. Veremos como ela o imita.

11h 10' Almocei bem. Li Le Littoral de ontem. Dá notícia da conferência de Westmark a que assisti. Estiveram aqui Roland e Blondel que fez uma conferência na Mairie, a que eu assisti e trouxe-me diversas publicações suas. Acabo de falar a Pitman, amigo de Mr. de Lesseps, cujos "Souvenirs" publicou, que eu vi em Baden, e vai publicar uma tradução inglesa da viagem de Bouvalot e Chapus no Pamir, ao mesmo tempo desta em francês, de que Plon é editor. Prometeu-me enviar as folhas impressas à medida que o forem sendo *[sic]*.

Le Littoral de 5. Leio que telegrafam de San Remo que a partida do Príncipe Guilherme é motivada por indisposição do imperador. Le Petit Niçois de hoje. Le Petit Journal traz um artigo sobre as memórias de Garibaldi publicadas em Florença. Vou mandar vir. Telegramas de San Remo. Nada de mais importante. O Príncipe Guilherme não quis ver Mackenzie durante sua estada em San Remo. Acaba de formar-se uma comissão de estudos preparatórios para o centenário de 1789. É presidida por Carnot membro do Instituto. Ocupar-se-á de uma espécie de exposição retrospectiva da Revolução francesa (conferências, museus etc. e criação de uma Sociedade da história da Revolução).

5h 50' Fui à casa de Melle. Mercier ver o quadro que ela vai mandar para o Salon. Agradaram-me as flores, embora me ferissem demais a vista as brancas pelo contraste sobre o vestido preto da vendedora. As rosas de cor desmaiada estão muito bem pintadas. Há uma amarela no chão que não está bem figurada, parece andar. Disse com a maior franqueza à artista a minha e que ela *[sic]* teria acertado em não pintar a figura que tem um pé esquerdo que parece um só dedo horizontalmente colocado. Vamos ver o que dirá o crítico do salão nos Débats. O Pedro apareceu quando eu lá estava. Fui depois pelo Canet até Vallauris, subindo ao alto do chamado observatório da Corniche, que é um simples mirante de onde

se descobre belíssima vista e contemplei a divisão de encouraçados avisos e torpedeiros que seguia das Ilhas de Hyères para Villefranche.

Quando regresssei ao hotel já eram horas de jantar e por isso não estudei com Seibold. Comi com apetite. Joguei bilhar com o Pedro. Acabei de ler à Antônia o 1º volume dos “Souvenirs d'un naturaliste”. Estive no salão comum, onde não havia ninguém cuja conversa me agradasse cantando e tocando as duas senhoras que tantas vezes tenho nomeado.

Já tomei meu chá seco e vou fechar a correspondência, porque amanhã logo depois do almoço vou para Nice assistir ao combate das flores. Acabo de ler um artigo mal escrito sobre o mesmo combate em Petrópolis.

7 de março (4a fa.) 1888 — 11h da noite. Fecho a correspondência para o Rio pois tenho muito que fazer amanhã. Li Le Brésil de 5. Vou deitar-me.

8 de março de 1888 (5a fa.) — Meia-noite 20'. 8h Dormi bem, embora me levantasse algumas vezes. Li no Débats de 7 o resumo dos trabalhos da sessão da Academia das Ciências de 5.

10h 20' Ducha agradável. Passeio do costume. Trouxe belo ramo de flores amarelas e raminho de violetas para a Antônia que já estava pintando. Dei outro raminho de violetas de um roxo quase preto à Imperatriz. O dia está belíssimo para a batalha das flores em Nice aonde irei.

11h 5' Almocei com apetite. 25' Pouco andei na estação. Parto.

6h ¼. Estou de volta. Estive pouco tempo com a Mana Januária. Fui ver o panorama em Nice das corridas de Longchamp, que é muito interessante. Junto folheto que o descreve e em que escreverei minhas observações. Depois assisti à batalha das flores, conversando sobretudo com Mrs. Sandford e a mulher do Broissard cônsul brasileiro. Atirei também minhas flores e em alguns carros, como aquele onde estavam a pupila de Gambard e Esmeralda Cervantes, todo cheio de flores amarelas. Hei de anexar a descrição dessa festa publicada em algum diário.

10h 20' Jantei com apetite. Houve bilhar com o Pedro. Li à Antônia os “Souvenirs d'un naturaliste” e a tradução de “Quentino Durward” pelo Caetano Lopes de Moura. Estive no salão comum conversando com Mrs. Kahn enquanto havia música pelas duas já tão nomeadas e agora vou tomar meu chá seco.

9 de março de 1888 (6a fa.) — Meia-noite ½. Deixei pronta a carta para Sully Prudhomme mandando-lhe a tradução dos dois sonetos dele que me mandou. É tempo de dormir.

9 (6a fa.) — 8h Dormi bem. A Imperatriz passou bem. O dia não está bonito. Já estou vestido. ½ Pus as minhas notas no folheto explicando o “Panorama Tout Puris au Bois de Boulogne”.

Li no Jornal do Comércio do Rio de 11 de fevereiro o folheto sobre a execução da ópera Paraguaçu em Monte Carlo.

18h 20' Ducha agradável. Passeio do costume e trouxe flores para Antônia, que me disse não ser exata a notícia da morte do Imperador da Alemanha anunciada num diário.

11 ¼ Almocei com apetite. Escolhi o presente para o dia 14. É uma pulseira com um relojinho em que se dá corda fazendo-o girar. Confirmada notícia da morte do Imperador da Alemanha. Excelente homem com quem sempre simpatizei. Qual será o efeito no ânimo e portanto no físico do Príncipe Imperial, que eu estimo tanto! Avô morto, filho quase morto; neto que parece não ter as qualidades de nenhum deles! Altos juízos de Deus!

Le Littoral de ontem. Dernière heure. Telegrama de Sofia para o Times. Crê-se que os búlgaros não consentirão a partida do Príncipe de Coburgo. De Constantinopla para o mesmo Times. Pronta decisão do Sultão surpreendeu. Atribuída a Bismark Príncipe de Saxe Weimar para suceder o Coburgo. Rússia admitiria príncipe protestante mas não católico. Telegrama favorável de San Remo.

6h Acabo de estar com a Teresa Estrela, ao voltar de meu passeio de carro além do Auberge des Adrets. Tarde bela em que vi bem os contornos da Esterel. À ida passeio pelo Hotel Pavillon e tendo aparecido o camarista do filho do Baden pedi-lhe que desse ao neto do Imperador da Alemanha meus sinceros pêsames pela morte do avô. Antes da saída tinha recebido telegrama de Berlim do Príncipe Guilherme dizendo que o avô morrera às 8h ½.

11h Jantei com apetite. Joguei com o Pedro e o Nioac. A Antônia escreveu à Imperatriz que estava incomodada. Não fomos lá. Estive no salão conversando com os Kahn. Bebi meu chá seco. Li o Débats de hoje. Artigo interessante sobre as Memórias de Garibaldi que mandei vir de Florença e outro a respeito das faculdades de teologia e a antiga Strasburgo. São quase 11 ½. Vou dormir.

10 de março de 1888 (sábado) — 8h Vestido. Dia encoberto de chuva fina. Dormi bem. Li o Jornal do Comércio do Rio de 12 de fevereiro.

10h 20' Acabo de ver a Antônia que vestia luto pela morte do Imperador. Boa ducha. Dei meu passeio a pé de chapéu de chuva até à praia além do farol. Não se via quase nada do lado do mar que se encrespava orgulhosamente.

11h 10' Almocei com vontade. Li o Jornal do Comércio do Rio de 13 de fevereiro. Festas do entrudo em Petrópolis e no Rio.

1h Acaba de sair a Teresa Estrela. Vou para a vila Thuret.

6h 10' Estou de volta. Logo falarei também de Edenroe que é uma das vilas mais pitorescas que tenho visto.

10h 20' Chá seco. Antes joguei bilhar com o Nioac e li à Antônia já na cama os “Souvenirs d'un naturaliste”. Edenroe no cabo de Antibes pertence a Mr. Wyllie. Domina o mar. Há escadas e caminhos nos rochedos conduzindo ao mar, assim como lugares onde se pode admirá-lo tranqüilo ou revoltado e tomar banho. As ondas não estavam muito agitadas, contudo destaca-se uma pedra onde o mar jorrava a bastante altura. Enfim gostei muito deste passeio. O frontespício de colunas da casa não me agradou. Antes fui à Vila Grammont onde vi pinturas de marinhas de Casinelli, que não são notáveis e o dono não tocou mal no piano músicas de Mendelsohn. Grammont é casado com uma holandesa, que lá estava e cuja mãe, também presente, é irmã do físico Donders, que eu conheci na Holanda.

Naudin e a mulher acompanharam-me desde a Vila Thuret. Os Alpes nevados estavam belíssimos, ao pôr do sol, quando eu regressava. Lembrei-me dos dois ocasos que se admiram e eu contemplei olhando para o Mont-Blanc, quando estive em Chamonix. Na vila de Wyllie vi a filha viúva Mrs. Hugh Coleridge Kennand. O sobrenome lembra-me o poeta inglês, cujas poesias conheço e amo tanto e visitei por isso a sepultura perto de Londres.

Meia-noite ¼. Li bons artigos no Débats de hoje — “L'empereur Guillaume” e “Le nouvel empereur d'Alemagne”.

11 de março de 1888 (domingo) - 7h 50' Vestido. Dormi bem. Levantei-me só uma vez. A Imperatriz queixou-se bastante da perna. Dia bonito, mas ventoso. Débats de ontem. Acabei de lê-lo. Agita-se ainda a questão não da hereditariedade da Câmara dos Lords. O deputado Labouchère devia fazer proposta neste sentido na sessão de antes de ontem. Pormenores interessantes do relatório do primeiro Lord do Almirantado.

10h 40' Boa ducha. Passeio indo para a missa. O sol está quente. Já estive com a Antônia que achei bem disposta.

11 ½ Almocei com apetite. O sol entra bem quentinho no meu quarto.

12 ½ O marido da Antônia veio despedir-se, pois vai a Berlim assistir aos funerais do Imperador. Acabo de ler a Illustration de 3.

1h 20' Li Le Petit Marseillais, Le Petit Journal bom artigo sobre “Le nouvel Empereur” da Alemanha.

4h 40' Acabo de dar bons anos à Mana Januária que está aí com o filho para jantarem. Dei um excelente passeio de carro andando também a pé pelo Lauder, voltando pela praia e daí até a ponta da Croisette atravessando na volta o rond-point que pertence ao dono da Villa Alexandra a sair defronte desta e seguindo daí para o hotel. O céu estava encoberto e ameaça chuva.

Traduzi a Odisséia comparando-a com a versão de que tenho falado e o mesmo fiz a respeito da tradução alemã dos Lusíadas. Jantei com vontade em companhia da Mana Januária e do filho, que anda com ele, fazendo-lhe a minha saúde pelo dia de hoje.

Joguei bilhar com o Nioac. Induzi o Pedro que fosse a Berlim assistir aos funerais do Imperador, ficando ele de telegrafar ao Estrela para acompanhá-lo de Paris. Acabei de ler à Antônia 5º sermão das Cinco Pedras da funda de David. Comuniquei-lhe minha intenção relativamente ao Pedro, para saber quando ele deveria partir, que deverá ser amanhã e estive no salão comum conversando com os Kahn.

Tomei meu chá seco e vou ler ainda alguma coisa – mas soube que o Pedro havia voltado e disse-lhe que se entendesse a tempo amanhã com a Antônia sobre sua ida a Berlim.

12 de março de 1888 (2a fa.) — Meia-noite 50' Não pude acabar a tradução do soneto de Coppée. É preciso descansar. 8h ³/₄ Dormi bem. Já o traduzi. Vou para a ducha. Dia bonito mas de vento.

11h Soube-me. Dei o passeio de costume. Ventava bastante mas os rolos do mar eram pitorescos. Os relevos da Esterel destacavam-se de modo admirável. Trouxe flores para a Antônia que já vi e resolveu que o Pedro não fosse a Berlim assistir como eu tanto desejava aos funerais do Imperador, por causa do frio intenso que lá deve haver. Vou almoçar.

12h Estive com o Conde de Barrême legitimista que me falou muito do Conde de Chambord, de Montalembert e de Bereyer.

A Aloys Blondel

Aloys, songes-toi quelque fois au poète
Qui t'attirait naguère entre ses deux genoux
Et mettant en baiser sur tes cheveux si doux
Admirait ton tein finis et tes rires de fête?
Lui se souvient de toi. Devant ta blonde tête
Il éprouvais hélas! comme un regret jaloux
Car privé des bonheurs du père et de l'époux
Il vieillit solitaire et sa vie est mal faite
Cher petit Aloys, ô fils de mon ami
Que l'ange du Seigneur qui te veille endormi
Te fasse prendre un jour la route droite et sûr
Et demeurant la joie et la fierté des tiens
En ton regard viril garde le clarté pure
Que dans tes yeux d'enfant mit le ciel d'où tu viens
(François Coppé)

- * -

Aloísio

Lembra-te, Luiz, quando o poeta vinha
Colocar-te nos joelhos buliçoso,
E o cabelo beijando-te mimoso,
Admirava tua cor e risos de festinha?
De ti se lembra. A loura cabecinha
Fazia-o aí! sentir pezar cioso;
Pois, sem a dita de pai, ou a de esposo
Velho e só para a morte é que caminha
Caro Luizinho, filho de meu amigo
Seja-te o anjo de Deus no sono abrigo
E a estrada indique-te reta e segura
E, alegria e orgulho sempre dos teus,
Em teu olhar viril brilhe a luz pura
Que, oh criança, veio comigo dos céus.

Escrevi carta de pêsames ao atual Imperador da Alemanha. Junto o rascunho.

5 ³/₄ Fui a uma loja de aquarelas e pinturas a óleo, algumas de mérito, sobretudo aquelas, de que comprei uma para a Antônia. Ouvi depois Mr. Mermillet pregar, com seu grande talento, na igreja do colégio da Assunção. Arrebatou-me às vezes apesar de sua voz cansada. Fez em poucas palavras uma belíssima pintura dos Alpes. Tomara que se publique essa

conferência. Depois de acabada fui cumprimentá-lo e ouvi-lo-ei sempre que possa. Depois ainda estive no concerto, cujo programa junto e que interrompera para assistir à conferência. O pôr do sol está belo como quase sempre.

10h ½ Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Pedro. Li à Antônia os “Souvenirs d'un naturaliste”. Estive conversando no salão comum, cuja sociedade se animou um pouco por causa de um ratinho artificial com que metiam medo à Jagwitz que se presta ao derriço por seus modos e feições.

11 ¼ Li Le Petit Marseillais de hoje. Artigo “L'empereur Gillaume” que é interessante. Transcrição do “Courier de Londres” de um artigo que parece-me exageradamente injusto para o finado Imperador da Alemanha – Le Petit Journal Artigo sobre Frederico 3°. Fala com justiça atual Imperatriz da Alemanha. Le Phare du Littoral. Nada de notável.

Meia-noite. Vou deitar-me. Zune o vento.

13 de março de 1888 (3a fa.) — 8h Quase. Bom tempo embora ventoso. Dormiu-se bem. Débats de ontem. Eiffel anunciou sábado numa conferência que no dia 14 de julho a torre para a exposição de 1889 elevar-se-ia a 150 metros e que queimariam no cimo um fogo de artifício.

10h 35' Ducha agradável. Bom passeio a pé além do farol olhando todos os relevos da Esterel. Já estive com a Antônia para quem trouxe bonito ramo de flores brancas e amarelas.

13 de março de 188 [sic] (3a fa.) – 11h 50' Acabo de ler o 1º artigo de Charles Malo sobre o finado imperador da Alemanha no Débats de ontem. É muito bem escrito.

1h Minha conversa com Mgr. Mermillot foi interessante. Pedi-lhe suas obras sobretudo a que se publica neste momento e é como continuação do Traité des Variations [sic] de Bossuet. Antes recebi a visita do filho mais velho do Gran Duque de Baden e da mulher. Pareceram-me muito tristes, sobretudo ela, com a morte do Imperador da Alemanha. Já sei por telegrama ao Nioac qual a composição do novo Ministério no Rio.

1 ¾ Conversa interessante com Fustel de Coulanges cuja visita sempre me agrada tanto.

2h 10' Estiveram comigo Arinos, Diogo Velho e Tefé. Vieram por causa de amanhã. Tive grande prazer que lhes retribuio fazendo-os ir comigo Mgr. Mermillot.

5h Fui ao concerto da Union protectrice dex animaux”, mas só ouvi a 1º coro a área O meadows clad in early green que Mr. Curran não cantou mal. Depois à Igreja da Assunção ouvir Mr. Mermillot que pregou sobre o trabalho como sempre. Fui acabada a prédica aos aposentos onde vi um deles lhes estava preparada pequena mesa com biscoitos, creio eu, e vinho. Muda de roupa, mas apareceu-me dentro de poucos minutos e eu exprimi-lhe a senção produzida em mim por sua prédica. Todavia não me agradou tanto como a de ontem.

10 ½ Dei minha lição de árabe e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original no meu estudo com o Seibold. Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Pedro. Li à Antônia os souvenirs d'un naturaliste e dei-lhe cópia do soneto do Coppée e da minha tradução. Estive no salão comum conversando com os Kahn e cantou um pouco ao piano a senhora do costume. Já tomei meu chá seco, e fui dizer adeus ao Carapebus que parece ir bem e ao Pedro que também já estava na cama.

Meia-noite. Acabo de ler nos Débats de hoje o 2º e último artigo de Charles Malo sobre o irmão do Imperador da Alemanha. É escrito com bastante talento. Vou deitar-me.

14 de março de 1888 (4a fa.) – 8 Vestido. Já dei meu presente a quem faz hoje anos e minha felicidade há 45. O dia não está bonito.

½ Acabei de ler a Semaine dramatique dos Débats. Hei de ver se leio a conferência de que se fala aí feita por Brunetière sobre Efigênia de Racine. Li antes a carta interessante do Capanema datada de Palmas a 15 de 9bro[novembro] a respeito de serviço meteorológico e dos trabalhos da comissão de limites.

10h 25' Chego da missa a que assistiram os brasileiros menos o Carapebus que ainda está recolhido por prudência.

A ducha soube-me, mas dando meu passeio a pé já de volta não pude comprar flores para a Antônia, que já vi e parece bem disposta, embora sempre anêmica.

Subi com a Imperatriz no lift.

11h ¼. Acabo de falar ao Arquiduque Renier e à mulher que me interromperam quase o almoço. Vou escrever a minha filha. Hei logo de passear a pé indo depois assistir à conferência de Mgr. Mermillot.

Cannes 14 de março de 1888 – 11h 20' Expedi a carta para o Rio. 12h 20' Estive com Mr. Tachard, Arinos, Diogo Velho e Tefé. Falei, sobretudo aos brasileiros, relativamente à futura exposição de Paris, onde o Brasil deve aparecer por meio da iniciativa particular apoiada pelo governo. Fiquei de dar a Diogo Velho uma carta para Filipe Berger diretor dos trabalhos para a exposição. Acabam de sair o japonês K. Inabata de Kioto e León Dury antigo vice-cônsul de França no Japão. Nada colhi deles que me interessasse. Junto um impresso que me deu o Diogo contendo duas cartas escritas com o fim de obter a participação do Brasil, pelo modo que já disse, na exposição de Paris.

1 ¾ Escreverei a Jansen pedindo-lhe que apresentasse à Academia das Ciências os boletins mensais do 1º observatório meteorológico da Repartição dos telégrafos do Brasil que me mandou o Capanema e com a nota dando idéia deles, por que a vida que levo não me permite escrever.

2h 25' Saem os japoneses, o que já estive aqui e K. Hamaoka President de la chambre de commerce de Kioto e T. Satho Directeur de la Fabricatioln et la Manufacture de la Kioto Porcelaine Cia. Conversamos sobre o que eu sei um pouco do Japão. Só Hamaoka não fala francês. Acompanhou-os León Dury. O Gaulois de 13 dá notícia da morte do Dr. Constantin James que era muito meu conhecido de Paris.

5h ¼ Fui de carro até quase a Croisette e depois assisti à conferência de Mgr. Mermillot que muito bem falou a respeito da família. Quando figurou Sta. Mônica em companhia de seu filho na praia de Hipona, fazendo-o admirar a grandeza infinita de Deus na vastidão do mar e do céu, não pude deixar de recordar-me da pintura de Ary Scheffer. Antes de regressar estive nos aposentos de Mgr. Mermillot que mudava de roupa, mas pouco me fez esperar. Exprimi-lhe o que sentira ao ouvi-lo e o Nioac foi dar-lhe à saída a minha fotografia, pedindo a dele para mim. Já vi a mesa para o jantar, que se colocou no salão e está ornada de belas flores. Já colocaram luz no meu quarto, mas como os raios de sol rompendo as nuvens ainda douram as árvores!

11h Jantaram comigo os brasileiros, de que tenho falado, além dos da comitiva; a Mana Januária e filho e os de Caserta. Fiz saúde – a quem devo quase meio século de felicidade – e aos que no Brasil lembram-se hoje ainda mais de mim. Depois joguei bilhar com o Nioac. Li um pouco à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste. Estive no salão comum, aonde também foi a Imperatriz e ouvi as do costume e Jane Raynaud cantar a minha tradução de Passiflore e outras músicas. Tomei o chá seco.

Li no Temps de hoje o resumo da sessão da Academia das Ciências de 12 onde se noticia minha recomendação de projeto de uma obra de climatologia universal projetada pelo Cruls e para qual ele pede o patrocínio da Academia e informações. Anuncia a morte ocorrida ontem do Dr. Constantin James com a idade de 75 anos; fala do livro dele sobre o darwinismo e diz que eu escrevi notas à margem, o que é exato.

15 de março de 1888 (5a fa.) – Meia-noite ¼. Li Le Petit Marseillais de ontem. Proclamação do Imperador da Alemanha a rescrito dirigido a Bismark. Artigo sobre a extirpação da laringe. Um operado de 44 anos viveu 9 meses depois da operação, tendo o cancro reaparecido. Outro de 57 anos, a quem extirparam a laringe, há 10 meses, goza de perfeita saúde, cuida de seus negócios, come e bebe como todos; não fala, mas faz-se compreender cochichando e sustenta perfeitamente uma conversa. ½. Vou dormir.

8h Vestido. Dormi bem embora me levantasse duas vezes. A Imperatriz não passou mal. Céu sujo, mas sereno. 35' Li os Débats de ontem. Vou para a ducha.

10h 20' Soube-me. Passeio a pé até além do farol para o lado da Esterel cujos relevos por estar o céu enevoadado não se viam bem. Já via a Antônia sempre pálida que pintava. Trouxe-lhe bonito ramo de junquinhos – creio eu – brancos e amarelos.

12h Almocei com apetite. Acabei de estar com o Arinos e o Diogo Velho a quem dei a carta que depois do almoço escrevi a Filipe Berger que dirige as obras para a futura Exposição Universal de Paris e conheço de ter visitado com ele os trabalhos que se faziam para a de 1878. Le Littoral de ontem. Artigo curioso sobre invernos de Paris em 1709 desceu o termômetro a 30º abaixo de zero.

½ Acabam de sair o Arinos e o Diogo Velho. Partem logo mais para Paris e de lá este para o Rio no paquete de 20.

Le Petit Journal de hoje. Artigo sobre reforma do Calendário. A Academia de Ciências depois de ouvir o padre Cesare Tondino Guaranghi missionário apostólico russo nomeou Abbadie Loevy e Janses para estudarem a questão e proporem o que for conveniente. A associação astronômica propõe que os anos sejam uniformes, de 52 semanas, 364 dias, não se contando o dia de ano bom e o suplementar do ano bissexto.

5h 10' Passeio até o observatório. Pouco se viam as Ilhas Lerins e as montanhas. Atirei ao alvo, mas pouco acertei, comprei objetos bonitos para a Antônia e desci a pé durante algum tempo entrando depois no carro para ir à conferência de Mgr. Mermillot. Agradou-me sobretudo o que disse do filósofo Jouffroy. Fui depois a seus aposentos e pouco tardou a aparecer-me. Manifestei-lhe também quanto me parecera bela a comparação entre a locomotiva e a fê que progride alimentada pelo fogo da caridade e lhe era grato pelo que na peroração dissera do sentimento religioso com que eu e a Imperatriz assistíramos a suas conferências. Ficou de mandar-me diversas obras desejando eu ler sobretudo a continuação que ele escreveu ao Tratado das Variações de Bossuet.

10 ¾ Traduzi sânscrito com o Seibold. Joguei bilhar depois do jantar que me soube, com o Pedro e o Nioac. Li à Antônia Les Souvenirs d'un naturaliste e levei a tradução dos mártires de Chateaubriand por Filinto Elísio. Conversei no salão com os Kahn e houve canto e toque de piano pelas duas do costume. Acabo de tomar chá seco, isto é, sem mais nada. Li Le Petit Marsellais de hoje. Escrevi.

É meia-noite. Vou me deitar.

16 de março de 1888 (6a fa.) – 8h Vestido. Há sol mas o céu está um pouco sarrabulhento.

10 ¼ Ducha agradável. Passeio a pé do costume. Já estive com Antônia a quem levei o seu ramo. Falei ao Pedro que também vai comigo ao ofício por alma do Imperador da Alemanha.

12h Almocei com vontade mais depressa.

Fui à capela protestante. Já tinha principiado o ofício pela morte do Imperador. O Ministro não falou mal a respeito do defunto. Cantaram no coro regularmente e o Ministro proferiu a oração dominical com bastante unção religiosa. A capela estava modestamente enlutada. Assistiram os Príncipes e Princesas alemães e os austríacos que se achavam em Cannes e a Antônia. Foi uma cerimônia comovente.

20' Acabo de estar com Naudin e sua mulher, trazendo-me aquela o Boletim da Sociedade de Aclimação de 5 do corrente, onde vem seu artigo "L'héritité et l'innecté e Mr. Wyllie e a mulher proprietários da vila Edenroc, aonde hei de voltar e então com a Imperatriz.

1h 25' Le Petit Marseillais de hoje. Relatório de Logerot que ordenou que o general Boulanger fosse posto em não disponibilidade. Correspondência de Berlim sob o título La mort de l'empereur Guillaume. Nada tem de maior importância.

5h 7'. Vou estudar com o Seibold. Escreverei depois o que fiz durante minha ausência do hotel a que voltei agora.

10 ¾ à 1 ¾ Fui a pé até a Mairie tomando em caminho medida para um chapéu. Cheguei às 2 ½ e principiou a sessão da sociedade literária e científica de Cannes, cujo programa junto, ficando Liégeard de trazer-me cópia de sua poesia sobre o túmulo de Lamartine e da tradução que ele leu de meu soneto. "Pode o artista pintar a imagem morta". Depois visitei a Caserta que faz hoje 38 anos. Estavam lá todas as pessoas da família e a irmã da Colonna, a quem prometi mandar cópia da minha tradução dos versos de Nadaud feitos ao retrato da irmã, estudei com o Seibold. Voltando ao hotel traduzimos hebraico e comparando a tradução alemã dos Lusíadas com o original.

Entretanto veio o Abbé Fredern diretor do Colégio Stalislus, com quem me entendi a respeito da hora da festa escolar do dia 20. Jantei com vontade, joguei bilhar com o Nioac e li à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste. Mostrei-lhe as fotografias do quarto de cama do Príncipe Imperial e da Princesa Imperial antes de aquele operado e do outro onde o foi, que me mandou o Alfredo Bastos.

No salão comum do hotel ouvi tocar rebecca Miss Madge Wickman e Adeline Baillet pianista de 7 anos. Junto o programa escrito pela Amélia Nioac. Conversei sobretudo com Madame Kahn.

Meia-noite. Copiei os versos de Nadaud que estão embaixo do retrato de Marcelo (Duquesa Colonna) É meia-noite. Cumpre dormir.

17 de março de 1888 (sábado) – 8h 7' Vestido. Dia bom. Dormi bem embora a Imperatriz se queixasse bastante de dores no braço. 20' Li um bom artigo de Paul Leroy Beaulieu nos Débats de ontem sobre a discussão do orçamento.

10h 20' Boa ducha. Andei a pé já de volta para o hotel por causa da missa por alma do Iguazu, meu amigo de 50 anos. Logo que cheguei fui ver Antônia que desenhava no balcão a vista que se goza dele. Achei-a bastante pálida. Tinha na mão uma carta do marido, que ia bem, escrita de Berlim.

11h 5' Almocei bem. Achei uma bonita edição do Rafael de Lamartine que prometi a Mme. Kahn. ³/₄ Sae Mgr. Mermillot. Dei-lhe minha tradução dos versos de Nadaud ao retrato da Duquesa de Colonna. Entregá-los-á à irmã desta que eu vi em casa do Caserta e que ele conhece muito.

5h 5' Chego de meu passeio de carro e a pé ao observatório da Corniche, a cuja torre subi – bela vista dos Alpes – descendo pela Vile des Cocotiers, e indo depois à praia da Croisette que não estava hoje muito pitoresca, pois o vento não levantava vagalhão. Vou a meu estudo com o Seibold.

10h 20'. Traduzi a Odisséia comparando-a à tradução de Leconte Delisle e o mesmo fiz relativamente à tradução alemã dos Lusíadas.

Joguei bilhar com o Nioac. Li os Souvenirs d'un naturaliste à Antônia e estive no salão comum conversando com os Kahn. Assinei meu nome num livro dela que tem trechos impressos das obras de Shakespeare para cada dia do ano. O de 2 de dezembro refere-se à amizade, fui assim muito polido e Mrs. Kahn parece-me boa senhora. Mostrei a ela o periódico "Le Littoral" ilustré de Cannes de ontem onde vem a tradução feita por Liégeard e que ele leu na sessão de ontem da sociedade científica e literária de Cannes, de meu soneto "Pode o artista pintar a imagem morta"

Intitulou-o: Lermes d'un père

Au soir du long sommeil, l'artiste, sur la toile

De son ange endormi peut reveiller les traits;

Un baiser chaste au front que déjà la Mort voile

Soulage encor l'épouse et trompe ses regrets;

Dans son adieu l'ami fait briller une étoile...

Mais dire ce que sent, courbé sous tes arrêts,

Le père dont ton glaive a pénétré la moelle

En coupant de ses jours la fleur pleine d'attraitis

Son fils!... Qui le pourra, Seigneur, si le tien même

Laisse des pleurs de sangs du diadème

Si la terre, à la voix du Golgotha, trembla,

Si le feu de l'éclair qui déchirat les nues

Fit passer dans le ciel des terreurs inconnues

Quando pour nous noirs pêcheurs, l'agneau pur s'immola

São belos versos, mas a tradução não reproduz meus sentimentos sobretudo nos tercetos e contudo eu dei-lhe uma tradução interlinear.

Li o Projet de fondation à Bruxelles d'une publication hebdomadaire intitulée: "Le Travail, Journal de la vie". Deve promover a imigração para o Brasil. Como Aug. Claus declara seu domicilio 1 Place d'Alleray – Paris Vaugirard vou mandar a carta ao Arinos para entender-se com Aug. Claus e o Villeneuve.

Li no Temps um artigo sobre a mudança de ministério no Brasil. Transcrevo este trecho. "Le ministère... est comme les précédents tombé sur la question de l'esclavage. L'initiative généreuse et poursuivie avec persévérance de Don Pedro a déterminé dans le pays un mouvement qui parait devoir surmonter tous les obstacles... Le nouveau presidente du conseil a pris l'engagement de déposer d'urgence un projet de lois tendant à réaliser à bref delai ce programme". Contudo nada me consta a tal respeito. 11h ¹/₂ Vou deitar-me.

18 de março de 1888 (domingo) – 8h Dormi bem só me levantei uma vez. O céu não está muito claro.

10h ¹/₂ Chego da missa e já vi a Antônia sempre pálida. A ducha foi agradável e só pude andar a pé vindo para a missa.

11 ½ Almocei com apetite. 5h Fui até a Napoule. Gosto muitíssimo dessa enseada tão pitoresca. Trouxe lindas flores da loja do Solignac e já as dei a Antônia. Antes de sair copiei o meu soneto feito a bordo ao deixar o Brasil, completando-o hoje, pois lhe faltava um verso no terceto final assim como a tradução dele incompleta pelo Liégeois, para Mme. Kahn a quem assim prometera. Acabei o meu soneto deste modo.

= Até que nele encontre o último repouso =

Recebo a resposta do Conde de Tamandaré à minha carta por ocasião de sua elevação a Conde. É datada de 20 do passado.

10h 40' Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Pedro. Li à Antônia um sermão do padre Antônio Vieira. Estive no salão conversando com os Kahn e o médico deles e já tomei o meu chá desacompanhado. Vou escrever à Isabel.

18 de março de 1888 (domingo) – 11h Já fechei a correspondência para o Rio e acabei de ver L'illustration de 10.

19 de março de 1888 (2a fa.) – 8h Vestido. Boa noite. Dia que parece será bonito.

½ Comecei a tradução do Stabat Mater. Vou para a ducha.

10h 20' Foi agradável. Volto da missa e já vi a Antônia.

2h Vou para Nice. Chegaram há pouco a Mana Chica com o filho Pedro. Passei pela estação com o Tachard. Não me deu boas notícias do Grilo.

3h 20' Começou o concerto. Estive antes em casa da Mana Januária que achei bastante corada.

5 ½ Vou voltar. Junto o programa anotado do concerto a que senti não ter assistido. Encontrei agora na estação a equatoriana Mme. Levin que eu conheci em Baden. Também vi na estação a Nilson e despedi-me do Broissard e de sua mulher, da filha e da cunhada.

6h 25' Cheguei há pouco e já vi a Mana Chica e o filho. Na estação aqui encontrei o Filipe Coburgo, a mulher e o Dr. Guaneau de Mussy.

8 ½ Jantei com apetite em companhia da Mana Chica e do filho. Joguei depois com este que é bom taco.

Stabat Mater dolorosa

Está a Mãe dolorosa

Junto à cruz toda chorosa

Donde o Filho pende-lhe

Cuja alma gemebunda

Contristada e em dor profunda

A espada fende-lhe

Como triste, e como aflita

Não está aquela bendita

Mão de Unigênito,

Que sofria e que carpia

Pia mãe, enquanto via

A dor do Filho inclito

Que homem há que não chorara

Se a Mãe de Cristo ele olhara

Em tão curel suplicio?

Quem imensa dor não sentira

Se esta Mãe piedosa vira

Do filho a pensar o exício?

De sua grei pelo pecado

Vê Jesus atormentado,

E sujeito a flagício

Vê seu terno filho amado

Moribundo, abandonado,
Quando exala o espírito
Ei a Mãe fonte de amores
Faze-me sentir tuas dores
De teu dó participe
Faze que arda o peito meu
No amor, que Cristo me deu,
E assim nele apraza-me
Santa Mãe, se tu me afagas
Do Crucificado as chagas
Em mim rasga válida
Com teu Filho tão chagado
Por bem meu atormentado
Sofrer oh concede-me
Junto à cruz eu quero estar
E a ti acompanhar,
Com meu choro, trepido
Virgem entre as virgens preclara
Jamais me sejas amara;
Chore eu contigo assiduo
Sofra eu de Cristo a morte,
De sua paixão consorte;
Suas chagas adore-lhe
Rasga-me tu as chagas
Pois, oh Cruz, tu me embriagas
Tanto, oh Filho, quero-te
De nas chamas ser queimado
Por ti, oh Virgem salvada
Seja eu no juízo último
Possa em ti da Cruz livrar-me
De Cristo à morte esquivar-me
Ter da graça o júbilo
Quando o corpo estiver morto
Dá-lhe tu à alma conforto
Do paraíso na glória

11h 40' Antes de tomar o meu chá seco estive no salão conversando, sobretudo com os Kahn, que se retiram amanhã para Menton, dando-me ela a cópia anexa de pensamentos de Shakespeare. Hoje estava a Antônia recolhida por não ter passado bem o dia. Acabo de ler no quarto do Nioac e vou deitar-me.

20 de março de 1888 (3a fa.) – 8h Vestido. Boa noite. Belo dia ainda com alguma névoa ligeira.

10 ½ Excelente ducha. Passeio do costume. Comprei 3 bonitos ramos. Já dei à Antônia o seu assim como cópia da minha tradução do Stabat Mater.

12h Almocei com a Mana Chica e o Pedro Joinville. Copiei a minha tradução do Stabat Mater para dá-la ao Aljesur que conversa agora comigo.

1h 25' Aljesur acaba de sair. Vou tomar café.

3h ¼ Estou no Colégio Stanislas depois de dar meu passeio de carro, a pé e ainda de carro pelo boulevard de la Madeleine, voltando pelo de Monbrillant.

6h 5' Chego de volta. Gostei muito. Junto o programa anotado.

10h ½ Jantei bem em companhia dos do costume; da Mana Chica e do Aljesur. Joguei bilhar com o Nioac. Li à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste por Mr. de Quatrefages. Estive no salão comum conversando com o Legg e a mulher. Os Kahn foram para Menton. A Jacowitz [sic] tocou piano, mas ninguém lhe dá atenção.

Tomei chá seco. Vou ler um pouco Le Littoral de hoje. Vou cortar o artigo de notícias La cour du Brésil. O mesmo diário, mas de ontem, pequeno artigo sobre Carnot pai do presidente atual. Vejo que foi colaborador em diversas publicações dos san-simonianos.

11h Vou deitar-me. Estou com sono.

21 de março de 1888 (4a fa.) – 8h Vestido. Dormi bem. Dia chuvoso. Ontem recebi resposta à minha carta de Philippe Berger com data de 18 assegurando todo o auxílio, na expedição de 1889, aos industriais brasileiros. A resposta vai com este diário.

10h 20' Boa ducha. Fui de carro até o mercado de flores onde encontrei Melle. Mercier a quem pedi que me arranjasse o ramalhete para a Imperatriz, escolhendo flores para a Antônia e a Mana Chica.

Estive na praia da Croisette onde a arrebentação do mar era pitoresca e voltei para casa atravessando o bosque pertencente à Vila Alexandra.

Já mostrei à Antônia, a quem dei o seu ramalhete, o que trouxe para a Imperatriz e está arranjado de modo a colocá-lo nos braços, chamando-o eu por isso o nenê de Melle. Mercier.

Vou almoçar. 11h 40' Com apetite. Tomaram parte no almoço a Mana Chica e o filho. Escrevi uma carta em resposta.

12h 10' Estive no aposento da Mana Chica onde se achava também o Pedro. Acabo de dar minha fotografia assinada a Mme. Baroncelli, que vai fazer a minha miniatura. Trouxe-me para ver duas feitas por ela que não estão más. ¾ Estou já no vagão. No Petit Mareillais de hoje vejo que as despesas da Europa com o exército e armada eram em 1856 de mais de 2 mil milhões de fr. e subiram em 1884 a mais de 4 mil milhões. O total das dívidas era de mais de 110.000 milhões, ou quase 56 mil milhões mais. Artigo Le couer dans la main o cirurgião Lannelongue cobriu por meio de uma operação com retalhos do peito de um menino o coração lhe saía por orifício congênito. Melhores notícias do Imperador da Alemanha. O sultão mandou-lhe um amuleto que diz-lhe o curará se o trouxer três dias ao pescoço. No Petit Journal de hoje leio também. Artigo curioso Les recidivistes tatoués. Estes desenhos podem auxiliar a policia judiciária.

1h 55' Estou chegando.

5h 20' Já estou voltando. Vieram à estação o Cônsul Broissard, mulher e cunhada Sandford. O concerto foi muito agradável. Assistiram os acima nomeados e o filho Araguaia além de muitos outros quase todos meus conhecidos. Gostei muito. Logo falarei do que a Nilson cantou e do mais. Leio em Le Petit Journal que Mme. Tournés de Bordeaux com auxílio de esposas no mesmo caso dela, fretou um vapor para ir em busca do marido comandante do "Gédeon" e de outros da tripulação que tinham partido de Argel e pelo estado do navio não é provável que passassem de Gibraltar.

6h ¼ Acabo de chegar. Achei a Imperatriz, a quem entreguei o belo ramo enviado pelo Nilson, na sala com a Mana Chica e o Pedro. Tive bastante chuva em caminho e ainda chove.

10h 20' Acabo de tomar o meu chá seco e de assinar fotografias. Depois do jantar, que me soube, joguei bilhar com o Nioac e o Pedro. Li à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste e depois conversei no salão comum depois de ter visto dançar no outro perto daquele. Mme. Kahn já foi para Menton. Conversei com Mrs. Legg e a dama da Antônia. Junto o programa das músicas que tocaram no corredor. Li e vou mandar à Isabel os impressos Extrait du 2^{ème} réunion du Comité Franco-Brésilien pour l'exposition de 1889 tenue de 17 Mars 1888 e a lista dos "Membres du bureau et membres du Comité de propagande". Leio no Temps de hoje no artigo "Academie des Sciences" (19 mars) que Jansen apresentou os dois boletins meteorológicos do Capanema que eu lhe enviei, conforme pedi-lhe em carta minha. Nos Débats de hoje artigo "Academie des Sciences" Mascard tratando do phonosignal d'Ader diz que este conseguiu com um meio artificioso transmitir sinais sonoros e muitos distintos pelo telefono através dos cabos submarinos. Ganhar-se-ia muito em rapidez de transmissão com esse sistema. A experiência feita na linha Paris-Marselha deu resultado muito satisfatório. O telefono transmite despachos longos e breves pelos cabos submarinos de modo a poder-se ler um telegrama segundo o alfabeto Morse. A transmissão será mais rápida.

É quase meia-noite, vou deitar-me.

22 de março de 1888 (5a fa.) – 8h Vestido. Dormi bem. Creio que o tempo está bom apesar do céu não estar muito claro.

40' Li os Débats de ontem e o Microcosmo do Jornal do Comércio do Rio de 26 de fevereiro.

Vou mandar vir o livrinho de história da Grécia e Roma pelo Berquó professor do Colégio de Pedro 2°.

10h ½ Boa ducha. Passeio além do farol para o lado da Esterel, que parece ameaçar trovoadas para a tarde. Comprei ramos e já os dei à Antônia e à Chica, que entrou no quarto daquela com o filho, quando lá me achava e a Imperatriz. Vou almoçar.

11h ¼ Soube-me. Meio-dia ¼. Copiei minha tradução do Stabat, no mesmo metro, a qual mando a Mr. Rivoire que me fará ouvi-la amanhã em latim e quem sabe se também em português com a música de Palestrina. Vou sair.

12 ¾ Já estou no vagão. De caminho para estação fui à fábrica de cerâmica de Pellegrini et Daumas. Nada aí vi de notável. Reconheci logo um busto do Dr. Crouzu. Parti 55'.

1h 50' Cheguei a Nice e fui ver a Mana Januária. Assisti à sessão da Sociedade de Letras, Ciências e Artes dos Alpes-Marítimos, cujo programa junto anotado, e antes dela tomei café no mesmo estabelecimento do Rumpelmeyer. Vim a pé depois para a estação por onde passei e parti às 5h 1/4. A tarde está bela.

6h 20' Chego e já dei os cravos da Januária à Imperatriz. Li durante a volta o último Comptes-rendu da Academia das Ciências.

11h Jantei com apetite. Depois joguei bilhar com o Nioac e o Pedro. Li à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste. Estive no salão comum conversando com o Legg e a mulher. Foi-me apresentado o Dr. Humphrey professor de clínica externa cirúrgica. Segundo o Motta Maia é homem de mérito que tem escrito. Tomei o chá do costume. Li Le Littoral, Le Petit Journal publica telegrama de Paris dizendo que a morte do imperador atual é de prever dentro de poucos dias e Le Petit Niçois. Meia-noite. Vou dormir.

23 de março de 1888 (6a fa.) – 8h Vestido. Dormi bem. Dia encoberto. 10h 10' Boa ducha. Passeio do costume. Comprei flores. A filha da Mana Chica também lá estava e disse-me que a mãe gostava de cravos. O rolo do mar estava belo. Já dei meus ramalhetes à Antônia que pintava um leque e à Imperatriz.

11h 10' Almocei bem. Vou logo ouvir o Stabat Mater com a bela música de Pergolese.

Cannes 23 de março de 1888. 11h 20' Expedi minha carta para o Rio. 12 ¾ Acaba de sair a Marquesa Thuisy, cuja conversa foi muito interessante. Ficou de dar-me uma tradução francesa dos poemas de Longfellow.

1h ½ Li Le Petit Marseillais. Anuncia um concerto de música sacra na 4ª fa. sob a direção de Ambroise Thomas. Hei de procurar assistir a ele.

4h ¾ Volto de ouvir o Stabat de Pergolese na igreja de Notre-Dame du Bon-Voyage. Não foi muito bem cantado. Voltei a pé. O mistral sopra rijo e por isso não segui pela borda do mar. Vou estudar com o Seibold.

10h 40' Traduzi árabe e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei com vontade e em companhia da Mana Januária e do filho casado. Joguei bilhar com o Nioac. Li a obra Souvenirs d'un naturaliste à Antônia. Estive no salão onde conversei com Mrs. Legg e assisti a prestidigitações e habilidades de Mr. Hasard que trabalha com muita limpeza. Já tomei o meu chá seco – isto é, sem fatias.

Le Littoral de hoje. No teatro do porto que ardeu morreram 52 pessoas. O viajante de Brazza deve vir a Nice por causa de sua saúde. Ontem efetuaram-se as corridas de cruzeiros entre Menton e Cannes, Catalan, Lithé, Gilda e Catanha percorreram 32 milhas e chegaram na ordem nos nomes. Ganhou o 1º prêmio Catalan. No departamento do Sena de 263 pessoas mordidas o ano passado por cães danados 2 somente morreram, uma das quais era alcohólica continuando a beber depois de mordida e tendo interrompido o tratamento durante 5 dias e a outra mordida por gato, cuja hidrofobia é extremamente violenta, não quis, ou não pôde por causa de suas ocupações vir duas vezes ao laboratório da rua Ulm, 44, compreendidos os 7 mortos, que tendo sido mordidos por cães danados, deixaram de recorrer a Pasteur; mortalidade de quase 16%, quando a das pessoas inoculadas foi de 0,67%.

Já deu meia-noite. Vou deitar-me.

24 de março de 1888 (sábado) – 8h Vestido. Dormi bem. Céu sarrabulhento. Li o Débats de antes de ontem. Mr. Ritchie expôs na Câmara dos Comuns sessão de 19 o projeto local elaborado pelo ministério; algumas disposições lembram as do Ato adicional do Brasil. Sociedade de geografia comercial de Paris. Emile Daireaux teve a medalha Crevaux por seu livro Les moeurs de La Plata.

10h Boa ducha. Choveu. Tive de ir de carro até o mercado de flores onde comprei os ramalhetes do costume. Já dei o da Antônia sempre descorada.

11 ¼ Vou partir para Nice. Almocei bem em companhia da Chica e do filho.

12h 10' Pedem o bilhete. Li os dois primeiros atos de Arlésienne.

5h Estação de Nice. Vou voltar para Cannes. Despedi-me do Broissard mulher e Mrs. Sandford e dos Monbrial. ¼ e parto.

Chegando a Nice fui ver a Mana Januária. Tomei café no Rumpelmeyer e assisti à representação, que me agradou de Arlésienne em casa de Mme. de Chabrun, onde estiveram o Filipe Coburgo com a mulher e muitas pessoas conhecidas. Vim ter com a Imperatriz na estação. Li o que me faltava da “Arlésienne”.

6h Chegamos à estação de Cannes. ¼ Estou no meu quarto do hotel. Tenho bom apetite. A tarde tem sido um pouco chuvosa.

10h 20' Jantei bem. Joguei bilhar com o Nioac. A Antônia escreveu à Imperatriz desculpando-se não poder receber por incomodada. Conversei no salão comum com o Legg e a mulher. Tomei o meu chá seco – o que já expliquei neste diário. Recebi carta de Jansen de 22 em resposta à minha, com a qual lhe mandei as observações meteorológicas da repartição dos telégrafos elétricos que recebi do Capanema, e enviando o impresso da nota apresentada à Academia das Ciências.

Li carta do professor Dr. Hermann Tol a quem na sessão geral a que assisti da Sociedade de Letras, ciências e artes dos Alpes-Marítimos em Nice pedi informações sobre o laboratório zoológico de Nice - Villefranche (Siège principal 4 Place Bellevue à Nice).

25 de março de 1888 (domingo) – 1h ¼ da madrugada. Quis traduzir o Vexilla regis prodeunt. É muito tarde, mas vou dormir satisfeito.

8h Dormi bem embora tivesse de levantar-me algumas vezes. Chove.

Vexilla regis proedunt...

Avançam as bandeiras régias

Fulge da cruz o mistério,

Com que, oh morte, a vida fere-te

E com ela a vida oferece-te

Que ferida pelo ápice

Da tão cruel lança rígida

Prá lavar-nos d'imundícies

Sangue, e água também, surde-lhe

O que em seus versos proféticos

Cantou David realiza-se;

Quando ele aos povos disse-lhes

Sobre a cruz imperou Deus

Nobre e brilhante árvore

Ornada de real púrpura,

Eleita e digna vergôntea,

Que os santos membros toquem-na

Em seus dois braços auspices

Do mundo o resgate pesa-se;

Balança o corpo torna-se
E a préa arrebatada ao tártaro.
Ave Cruz; esperança única
No tempo do sacrifício,
Acrescenta graça aos súplices
E aos réus os crimes lava-lhes
Trindade a salvar-me auxílio
Aclamam-te os espíritos
A quem dás com a cruz vitória
Dá-lhes também o prêmio.

10h 35' Ducha agradável. Por causa da chuva fui de carro ao mercado das flores onde comprei meus três ramos de que já dei o da Imperatriz e o da Antônia.

Ouvi missa em Notre-Dame-des-Roses e junto a indicação do que aí se cantou e não me agradou muito.

11 ½ Almocei com vontade.

12 ¾ Estive conversando com Edouard Turrel avocat-général et conseiller d'Etat de Monaco sobre a legislação deste Estado. Deu-me um exemplar impresso das Ordenances Souverains de S.A.S. le Prince de Monaco. Depois conversei com Mr. Dogson, que em Manor House Sevenoaks irmão de outro do mesmo nome diretor das oficinas da Ponta da Areia. Disse-me ter estado comigo em casa de Spottwood, que já morreu, estando ainda viva a viúva.

2h ¼ Veio o Rivoire a quem fiz ler a minha tradução do Stabat Mater, que ele fará cantar com a música de Pergolese. Saiu lendo menos mal o português. Antes estivera cá o Príncipe herdeiro de Baden com a mulher. Trouxe-me fotografias de membros agrupados do Congresso científico e literário de que assisti a algumas sessões em Carlsruhe.

5h 10' Acabo de voltar da exposição do sacramento na igreja.

Antes andei de carro e passei a pé, tendo encontrado Mr. Tachard que me acompanhou até eu voltar ao carro, por junto do mar a chegar quase ao farol, arrebatando as ondas com violência de modo a alagar toda a extremidade do molhe. Era um belíssimo espetáculo. A cantoria da igreja não foi má, porém o sermão medíocre. Não sei quem foi o missionário Antônio da costa da África que tanto exaltou o pregador que é quem me confessou em dia de Natal.

7 ¼ Acabo de jantar com apetite e em companhia de Manas e seus filhos. Fiz a minha saúde. Ao aniversário do juramento da Constituição do Brasil, que declara o Imperador seu primeiro cidadão, e que certamente não é menor que os outros brasileiros no amor à pátria.

10 ¼ Já tomei o meu chá seco. Antes fui despedir-me da Antônia depois de ter jogado bilhar com o Nioac. O sermão foi pregado por Mgr. Guigou. Junto o convite para ele. Li Les échos de Cannes. Em Le Petit Niçois. Berlim 24 de março à tarde. O dr. Mackenzie descobriu na garganta do Imperador da Alemanha, acima das cordas vocais, novo abscesso do tamanho de um grão de café. Diz que há um rescrito conferindo a regência ao Kronprince e que será publicado se a moléstia do Imperador o exigir. Le Petit Journal nada tem de notável.

11h Vou deitar-me.

26 de março de 1888 (2a fa.) — 8h Dormi. Dia feio. Já estou pronto.

10h 20' Boa ducha. Passeio a pé além do farol. O rolo do mar está muito belo. Comprei meus três ramalhetes. Deixei o de Antônia que tinha saído à criada dela. Já dei os outros à Imperatriz e à Mana Chica que estava no quarto daquela.

12 ¼ Almocei com vontade em companhia de Mana Chica. Acabo de traduzir o Pange Língua.

Canta oh língua do glorioso
Corpo seu o mistério,
E do sangue precioso,
Que deste mundo em prêmio
De seio tão generoso
Dá Deus qual refrigério
Dado a nós, prá nós gerado

De virgem sem mácula
Cos homens tendo tratado
Esparsa ao verbo a fâcula
Seu viver está terminado
De forma mirácula
A ceia, última cena
Com os irmãos deitando-se
Obedecendo à lei plena
Conforme a lei cibando-se
Manjar à turba duodena
A si vai dando-se
Carne o verbo; pão real
Com o verbo muda-se
Vinho a Cristo o sangue val
Se aos sentidos vela-se
Firmará a alma leal
A fé, o mais escusa-se
Um tão grande sacramento
Sempre se adore cúmplice
E o antigo documento
A outro rito curve-se
Ao Gerador e ao Gerado
Ledo hino cante-se;
Salve, e honor à glória aliado;
Bênção sobre ele espalhe-se
A quem vem de um e de outro lado
Louvor igual referve-se

1h 20' Vieram Cervantes e mão despedir-se. Gostaram muito da ópera de Mendelssohn e da letra dela – Mid summer's night dream. Ficou Cervantes de mandar-me a música para piano.

5h 5' Fui despedir-me dos Príncipes e Princesas. Deixei a Imperatriz em casa dos Caserta e filharada de quem muito gosto. Depois tomei café no Rumpelmeyer e fui à praia de Croisette. Aí o mar estava calmo. Acabo de voltar e vou estudar com o Seibold.

10h ½ Traduzi hebraico e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem companhia da Mana Chica. Joguei bilhar com o Nioac. Li à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste. Estive no salão com o Legg que me deu para ler versos de Swiburne ao mês de março que me agradaram. Já tomei chá seco.

11h 10' Copiei minhas traduções dos hinos Vexilla Regis prodeunt e do Pange lingua gloriosi para dá-los à Antônia.

11h ¼ Vou deitar-me.

27 de março de 1888 (3a fa.) 7h 50' Vestido. Passei bem a noite. As montanhas estão cobertas de neblina. Creio que haverá um belo dia.

8h 20' Comecei a ler o Débats de ontem. Vou sair.

10h Passeei na estação com Mr. Rolando que me disse que o nome de Grasse vem ou de Gratia pelo favor feito aos judeus de lhes permitir residir aí ou de Crassus governador romano ou de ser a terra fértil. Deu-me um desenho da dança macabra que se vê na Igreja de La Chaise Dieu (Haute-Doire) 1450. Disse-me que Adrets no patois do lugar é o sul, e alubac o lado úmido, em que não há sol; o norte, e que Mme. Charles Reybaud escreveu um lindo romance, cuja cena passa-se na Esterel intitulado "Misê Brun" (mademoiselle em provençal). Soube há pouco que morreu Nisard.

5h Volto de Grasse, tendo ido ao Bar, cuja posição é pitoresca, para ver a dança macabra a respeito da qual junto um folheto. Nessa igreja também se nota uma pintura de retábulo que não é má de Tadeu representando Cristo e diversos santos. Também há uma lápide, cuja inscrição copiei para mim Mr. Maximin Seytre notaire que me acompanhava.

Quadratiae Sextimae

Val. Marcellae filiae

Pise et charissimas

Quae vixit An. XXXI

Et sibi viva facit

Avista-se muito bem perto dessa igreja o Saut-du-loup e a torrente que sai daí. Almocei no hotel de Grasse pertencente ao irmão do dono do de Belle-Vue de Cannes. Por causa da Mana Chica vi novamente os quadros de Rubens da igreja do hospital de Grasse e percorri as 3 igrejas que se seguem e em diferentes níveis na encosta da montanha desse lugar.

5 ½ Aproximo-me de Cannes. Avistam-se os iates da regata. 40' Chego à estação.

6h A Mana Chica tornou para seu aposentos no andar superior. Já estive com a Imperatriz. Li durante o caminho o artigo do "Gaulois" de ontem sobre Misard. Podia ser melhor. Verei o dos Débats. Notícias de Berlim de ontem às 5 ¼ da tarde dizem que o Imperador vai ser novamente operado por Mackensie que recebeu de Londres instrumentos especiais.

6 ½ Acabo de ler o "Gaulois" de ontem. Chamam-me para jantar.

10h ½ Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac. Li os Souvenirs d'un naturaliste. Acabo de tomar o meu chá seco depois de ter estado a conversar com a dama de Antônia cuja amiga Mme. Leuss tem uma filha que tocou muito bem piano. O repórter do diário Life-river publicado em Londres estava no salão e dizem que tirara o meu retrato numa câmara escura de daguerreótipo que ele continha na mão.

11h Li Le Petit Marseillais de hoje assim como Le Petit Journal que fala de Otto Heyner de 11 anos que parece ser um pianista admirável.

½ Vou descansar.

28 de março de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. Levantei-me duas vezes de noite. Dia sombrio.

10h 10' Boa ducha. Comprados 3 ramalhetes. A chuvinha não permitiu senão curto passeio a pé do lado do farol. O vapor "Namouna" de Bennet chegou ontem. O Nioac há de escrever a este a respeito de minha visita. À volta avistei a fragata russa onde está o Gran-duque Miguel que navegava para cá. A Antônia tinha saído e entreguei o ramo ao criado. Já dei os da Mana Chica e da Imperatriz.

10h 55' Almocei com apetite em companhia de Mana Chica. Vou para a estação.

11h 12' Já me encafeui no vagão tendo andado pouco pela estação. Chove. Vamos partir.

Oh salutaris óstia

Os salvadora vítima

Que as portas do céu abre-nos

Terrível guerra oprime-nos

Reforça-me tu, dá auxílio

Para Deus trino e único

A sempiterna glória

Que uma vida sem término

Dê-nos ele na pátria.

Que dos homens o pão seja o angélico

Deus o alimenta; como é magnífico!

Pobre; servo; indígena [sic]

Oh Deus trino e único rogamos-te

Visita-nos pois tu como adoramos-te

Por tuas veredas que trilhemos leva-nos

Para a luz onde acolhes-te

Ave ver corpo nado [sic]
De Maria puríssima
Que sofreu, foi imolado
Pelo homem na cruz cruelíssima
De cujo peito lanceado
Água com sangue surde-lhe
Por nós se tu pregustado
Da morte à hora célere
Oh Jesus, doçura pia
Jesus, filho de Maria
Vem de nós apiedar-te.

5 ¼ Vou regressar. Quando cheguei à estação encontrei Broissard, mulher e cunhada Sandford que soube agora não foi para Paris porque não reservaram vagão só para ela.

Estive em casa da Mana Januária que achei boa.

Fui ao Gambert ver os novos quadros tornando sobretudo a examinar o hemicíclo de Keyser, cuja parte dos artistas vivos é a que mais me agrada. Fiquei de mandar-lhe minha tradução dos versos de Nadaud ao retrato da Princesa Collona para colocá-la também em baixo daquele.

Despedi-me da Alexandrina a quem a Condessa Edla não escreve há muito tempo pretendendo eu também despertar seu silêncio antes de minha partida de Cannes.

Voltei à casa do Gambard e fui com ele ver o atelier de Condier onde há belos bustos, entre os quais reduções do núbio e da núbia que vi em casa do Gambart.

6h Chego. Vim lendo. ¼ Fui dar bons dias à Antônia que ainda não vira. Já estive com a Imperatriz que se achava em companhia de Mana Chica que veio para jantar.

Antes de ir à casa do Gambart, fui ver a coleção de pinturas de Mr. Bonnal de que algumas me agradaram, achando curioso o tríptico pintado com imagens de Santos cujo dístico diz – Ioannes de Pisis pinxit 1422. Hoc opus fecit fieri, Hoios quum Rosenego fuerunt extra domum, e visitar o Hospice pour enfants (Dispensaire hospital) fundado pelo Barão Leval que esteve lá comigo, em memória de seu filho único Leão Miécislas, nascido em Varsóvia a 18 de abril de 1872 e morto em Nice aos 12 anos. Junto um folheto que trata deste estabelecimento. O presidente do estabelecimento é Mr. Gilly e o médico o Dr. Bourdon que estavam presentes. Também me apareceu por lá Mme. de Chambrun.

10h Jantei com vontade. Depois joguei bilhar com o Nioac. Li à Antônia os Souvenirs d'un naturaliste tendo estado com o marido. Conversei com os Logg e a dama da Antônia e tomei o meu chá seco.

11 ½ Li os artigos que anexo a respeito da morte dos Scimid que adotara o pseudônimo poético de Dranmor. Conheci-o muito em Petrópolis e sempre se mostrou meu afeiçoado. Não pude deixar de traduzir estes versos que lhe fez o poeta Ernst Heller.

Der du des Todes Majestät besungen
Bist nur verstummt im niegebroch'nen Schweigen
Doch hast Du Dir mit niegebroch'nen Schweigen
Den Lonbeer um die Diehterstim geschlungen
Und dakbar spricht der Tod für deine Töne
Du dauerst fort, denn ewig lebt das Schöne
Tu que cantaste da morte a majestade
Ora estás mudo em silêncio continuado,
Depois de poeta a fronte haver-te engrinaldado
O louro sempre viçoso em sua beldade
E grata a morte de teus versos à harmonia
Diz viverás, que Prá o belo sempre há dia.

29 de março de 1888 (5a fa.) — 6h 40' Vestido. Dormi bem. O mistral sopra rijo. Avisto o mar encarneirado.

10h 35' Comunguei na igreja onde ouço missa em companhia da Imperatriz. Mana Chica, meu neto Pedro e os Hohenzollern. Tomei ducha que me soube. Comprei ramos de flores e já dei o da Imperatriz e o da Antônia que também recebeu cópia de minhas traduções dos hinos dos ofícios desta semana assim como a da poesia à morte de Drammor. Fui de carro desde o mercado das flores até o molhe do farol, cuja lanterna era quase coberta pelo mar açoitado pelo mistral. Chamam-me para almoçar.

12h Acabo de estar com o Jobert que voltará amanhã para me fazer ver o bicho do café com o microscópio. Sai Mrs. Maude sempre a mesma. Está no hotel de la Terrasse. Vou ler diários de hoje. Le Petit Niçois. Relatório do General Legerot Ministro da Guerra pelo qual Belanger foi posto d'office à la retraite. Sai Therillat e conversamos sobre os concertos de Monte Carlo aonde deve tocar brevemente Pierné artista de nomeada. Recebi Mr. Palanque presidente da sociedade dos Sauvateurs des Alpes-Maritimes. Le Petit Journal. Le doyen de l'Academie sur son lit de mort, despacho de San-Remo com pormenores curiosos sobre a exposição do cadáver de Nisard que declarou não querer honras militares no seu enterro como comendador da legião de honra, e discurso pronunciado em nome da Academia. Anuncia-se a publicação em livraisons dos mystères de la science por Figuier. Vou mandar vir. Congresso de antivacinadores anunciado. Pretende-se que a inoculação vacinal não preserva, a diminuição das epidemias provém da melhor higiene pública assim como o menor número de casos graves, que as estatísticas estão inçadas de erros, e enfim que a vacina jenneriana é verdadeiro vírus sífilítico mais ou menos atenuado. Os anti-vacinadores são também contrários à inoculação do pus obtido diretamente da novilha. Muitos médicos assistiram a esse congresso.

5 ½ Entrando no hotel encontrei Mme. de Guaita minha conhecida de Baden que saía. Poucas palavras trocamos. Fui às Igrejas de Notre-Dame-du-Bon Voyage, e à dos Jesuítas que a não ocupam e à de S. Roque onde ouvi a música sacra, cujo programa junto com as minhas notas. Continuei a minha digressão até à praia além da ponta Croisette, onde havia pouco rolo, quando este era grande do lado do farol, cujo cimo borrifava o mar, e na volta atravessei o bosque artificial a sair defronte da Vila Alexandrina.

6h 10' Li Le Littoral. Pequeno artigo a respeito de presente que me fez o armeiro Miollet; hei de cortá-lo. 7h Jantei com vontade em companhia da Mana Chica. Vou jogar bilhar.

10h 20' Acabei de tomar o meu chá do costume. Antes conversei no salão com os Legg dando-me o marido diversos livros que eu desejo ler sobretudo uma vida de Walter Scott. Houve trovoada e granizo de que apanhei algumas pedrinhas caídas pela chaminé de meu quarto. Recebi carta de De Gubernatis mandando-me o primeiro fascículo de seu "Dicionário internacional dos escritores contemporâneos" em francês. Li Le Littoral de hoje. Tem um artigo curioso sobre a eletricidade aplicada como instrumento de morte aos condenados à pena capital e outro sobre as Régates de Cannes. Li também Le Petit Marseillais.

11h ¼ Vou deitar-me.

30 de março de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem. O dia parece dever ser bom.

10h ½ Ducha agradável. O mar chapoeirava irir sobre o farol. Comprei flores no mercado e em casa do Solignac para a Antônia a quem já deis as lindas rosas, uma das quais quase preta, para a Imperatriz a quem vou entregá-las e cravos para a Chica que os receberá com estes versos.

Não tem hoje o trocadilho

Mando-te eu estes cravos

Com ele rime hoje o Deus Filho

Os homens da culpa escravos

Vou almoçar. 11 ½ Com apetite.

1 ¾ Estive com Jaubert que fez-me ver o bicho do café com o microscópio e o Liégeard que me trouxe as traduções em francês impressas de sonetos meus e o Matias de Carvalho com os filhos. Vou sair.

5h 20' Volto de assistir ao sermão e à adoração da Cruz na Igreja de S. Roque. Junto o programa da música que foi boa. O sermão não brilhou. Vim a pé pela praia com o Matias de Carvalho, o filho meu afilhado e a filha. Despedi-me em caminho do Araguaia e mulher que se retiram de Cannes.

6h Estive há pouco com Saint-Gennat que escreve para o Figaro e é irmão do genro do finado pintor Gallait o qual está com a mulher e a filha em Menton. Conheci muito o pintor já muito doente quando visitei Bruxelas na minha passada viagem à Europa.

9h ½ Estou no salão comum tendo lido quase todo o discurso do lente Dr. Barata Ribeiro no último doutoramento médico. Antes li à Antônia o que faltava de uma conferência de Lacordaire, depois de ter jogado bilhar com o Matias de Carvalho que está comigo.

11 ¼ Tomei chá seco em companhia Daquele e dos filhos.

31 de março de 1888 (sábado) — 8h Dormi bem. Já vestido. Dia belo. 11h Volto com meus ramos e ovos de Páscoa feitos de flores do Solignac, que dei: aqueles à Antônia, à Imperatriz e à Chica e estes às duas primeiras. Ducha agradável depois da missa e passeio a pé além do farol.

1h Almocei com apetite em companhia de Mana Chica. Completei minha tradução do Miserère e o soneto de Rigaud ao magistrado a que faltava um verso e ele quer mandar publicar numa revista. Vou sair agora.

10h ¼ Fui à Vila Thuret quando saí à 1h com a Imperatriz. Estive aí com os Naudin e o filho e vi a obra de Thuret sobre as algas que hei de mandar vir. Dois holandeses estudam aí essas plantas. Tomei café e fui com os Naudin e os mais a Edenrock que a Imperatriz ainda não conhecia. Percorri os caminhos entre os rochedos mais ou menos artificiais dessa vila tão pitoresca. Infelizmente o mar não fazia das suas entre os rochedos. Voltando à casa de Willie aí encontrei o irmão da mulher o Dr. Georges Keith que esteve há dois anos no Rio da Prata; Rio de Janeiro e Bahia e conversamos sobre o que ele viu. Trouxe flores e cheguei ao hotel às 5h ¼, indo levá-las à Antônia assim como o ramo que deram em Edenrock à Imperatriz e esta quis que eu oferecesse à minha sobrinha da parte dela. Jantei com apetite. Joguei bilhar com o Nioac e o Pedro. Li um pouco das conferências de Lacordaire à Antônia que achei algum tanto rubra e a quem dei as traduções de sonetos meus por Liégeard, ao qual indiquei algumas alterações que ele adotou exigidas pelos originais. Depois estive no salão comum conversando com os Legg e já tomei o chá do costume. Junto o cartão de Keith onde Sywald Muller diz-lhe que parte a 4 de abril no Cotopaxi para o Rio e o que vai fazer aí.

11h ½ Copiei minha tradução dos versos de Nadaud sob o retrato da artista Duquesa Colona que pintado a aquarela por ela mesma se acha na casa do Gambart. Vou deitar-me.

1 de abril de 1888 (domingo) — 8h Vestido. Dormi bem. A Imperatriz queixa-se de cansaço. Dia bonito. Li nos Débats de ontem excelente artigo de Leroy Beaulieu sobre os estrangeiros em França e tomei notas de obras que mando vir.

10h 20' Volto da missa onde houve canto que muito me agradou sobretudo pela voz e estilo de Jane Rainaud. A ducha tinha sido boa e a Jeanette filha do dono dos banhos estava muito bonitinha vestida toda de flanela branca, barrete igual e sua carinha alegre. Comprei bonitos ramos em casa de Solignac e já dei os da Antônia que está muito pálida e o da Imperatriz. Os cravos irão logo para a Chica. Vou almoçar.

1h 20' Comi com apetite. Estiveram diversas pessoas a despedir-se entre as quais Liégeard que na Revue de Cannes de hoje que junto e já li dedica-me um soneto Au revoir; Roland com Aubenas Maire de Fréjus; Mr. de Backer com o genro Mr. de Boisbrunet; o Marquês de Thezan que trouxe uma poesia dedicada a mim, a qual não é grande cousa, e um diploma do tempo de meu Pai de Cavaleiro do Cruzeiro de um tio dele, o qual tem o nome errado e eu lhe disse procurasse fazer corrigir no Rio de Janeiro; Melle. Jane Reinaud; l'abbé Pascal que tem dito a missa que ouço na Capela de Nossa Senhora da Apresentação, e o vice-cônsul de Bellet.

2h Vou sair com a Imperatriz. 5h quase. Acabo de receber o Farincourt que veio fazer seus cumprimentos de despedida. Antes de sair procurou-me Maxime Rayband homem de 94 anos que foi cônsul na Bahia quando era Ministro da França o Barão Rouen. Servia na divisão do Grouchy quando houve a batalha de Waterloo. Conheceu o Lopes Gama (depois Visconde de Maranguape) na Bahia e Thomas Xavier ainda está forte. Deu-me um n° do periódico da Bahia de 10 de julho de 1846 em que se fala dele. Fui com a Imperatriz à vila Henri 4 onde estão os Wladimir. O Grão-Duque estava ausente e a Gran-Duquesa dormindo, segundo me disseram. Deixei a Imperatriz e fui ouvir a banda municipal na praça des Iles que já, no fim do programa tocou música do Rigoletto, o hino brasileiro por obséquio a mim, e que muito me agradou e a polca Les Fauvettes de Bousquet que não é grande cousa. Vi aí o Mouton e conversei com Roland sobre os trabalhos do código civil no

Brasil. Segui para a praia de Croisette onde o mar estava calmo como um lago de jardim e chegando ao hotel recebi o Barão de Farincourt governador do Estado de Mônaco que veio despedir-se de mim.

6h 10' Acabo de estar com o comandante Filipe conhecido do Nioac, a mulher e a cunhada que são suíças. Falei-lhes bastante da Suíça; a cunhada pareceu-me uma católica de caráter pouco tolerante em assuntos religiosos. Acabo de responder a telegrama da Condessa de hoje, enviando de Neuvy-sur-Barangeon dando-me boas Páscoas e augurando-me feliz viagem.

10 $\frac{3}{4}$ Jantei com vontade em companhia das Manas e de seus dois filhos. Comecei a jogar bilhar, mas chegou a Baronesa Franco e estive conversando com ela a respeito de Lacordaire que ela conheceu muito, dando-me uma obra de pensamento do célebre dominico. Depois traduzi poesias que ela me ditou e transcreverei se tiver tempo e fui para o salão comum onde conversei pouco por ser já tarde. Acabo de tomar chá seco segundo o costume. É melhor fechar já tudo porque amanhã é dia de partida.

Cannes 1 de abril de 1888 — 11h $\frac{1}{2}$ da noite. Já está fechada a carta para Isabel. Escrevi também à Ristori. Li carta de Isabel de 4 à Imperatriz a qual também é para mim. Vieram números do Correio Açú impresso pelos netinhos mais velhos. Diz que já tem as bengalas que eu prometi a Alphonse Karr. Vai copiar as minhas traduções de Dante que é para eu dá-las a Mr. Foucher de Careil.

2 de abril de 1888 — Meia-noite 10'. Cumpre dormir.

2 de abril de 1888 (2a fa.) — 8 $\frac{1}{2}$ Dormi bem tendo acordado às 7 $\frac{1}{2}$. Copiei versos feitos ontem para dá-los à Antônia. Vou para a ducha.

11h 10' Soube-me. Comprei três ramos bem bonitos. Fui à praia da Croisette e estive onde se acha a choupana dos vigias da alfândega. Mar que era um espelho. Já vi a Antônia e dei-lhe o ramo. Ofereci ao marido levá-los comigo para o Rio e depois aos Campos de Jordão que são bons para os que sofrem do peito. Vou almoçar.

Meio-dia quase. Almocei com vontade em companhia de Mana Chica.

1h Acabo de estar com a Antônia que copiou minhas traduções das poesias que me repetiu ontem a Baronesa Freny e que eu transcrevi neste diário. Conversei com o Père Elie Roger superior da Escola Apostólica da Imaculada Conceição sobre a Palestina onde ele esteve.

3h quase. Fui à gare à chegada da Princesa Clementina e do Augusto. Depois ouvi a música municipal que tocou também o hino nacional. Já escrevi uma carta e estou de partida.

4h 20'. As despedidas sempre custam. Muita gente estimada já na estação. Partimos.

5h $\frac{1}{2}$ Sigo de Nice. Muitas pessoas conhecidas na estação: a Alexandrina, os Kahn, Mana Januária e o filho mais velho. Despedi-me também dos Monbrial que pretendem ir ao Rio no mesmo vapor em que tenciono voltar.

3 de abril de 1888 (3a fa.) — 1h da madrugada. Já tomei o meu caldo. Estou em Gênova. Fez-se bem a viagem. Muita gente na estação; entre outros Lopes Neto, Araguaia, Bossi, filha do Persiani e marido desta. A Imperatriz tem se queixado de falta de ar e está muito nervosa, porém espero que sossegará.

8h Estou vestido. Dia sem sol. Dormi bem. A Imperatriz não dormiu mal. Esqueci-me de falar ontem do cônsul brasileiro Nicolo A. Passizzi di Luigi.

$\frac{1}{2}$ Li extratos de cartas escritas por Lacordaire dos anos de 1847, 48; 1852 e 59 que me deu a Baronesa Francy. Vê-se bem nelas o frade cheio de sentimento. Estou no Hotel Isotta via Roma.

10h 50' Belo passeio a pé e de carro depois de tomar a ducha, cujo serviço não é tão bem feito como em Cannes. O cavalo da estátua de Vittore Emmanuele não me agradou e o monumento de Mazzini ainda menos. A estátua tem uma cabeça desproporcionada e a coluna que a sustenta é demasiadamente pequena. Já estive com o Sivori que tocará esta noite.

12 ½ Estive com o Conventi que me deu muitas informações sobre homens ilustres italianos de que conheci alguns. Falei também com o oficial de marinha Amegazza que conheci no Brasil tendo-o visto em Petrópolis. Também veio a gente do Persiani.

5 ¾ Campo Santo. Vi os principais monumentos fúnebres entre os quais o de Mazzini. A vista do ponto mais alto é muito bela. Fui ao Palazzo Rosso que foi doado pela Duquesa de Galliera nascida Marquesa de Brignole-Salé, com o que continha à cidade e chama-se Museu Brignole, cujas folhas no catálogo, que se imprime, foram notadas com! ou!! nos quadros que mais me agradaram e cujas fotografias me prometeram. Finalmente visitei as Igrejas de San-Syro e da Anunciada que tem belas pinturas agradando-me mais as daquela e sua arquitetura. A segunda não é tão elegante e tem muito dourado. Ia me esquecendo de falar da biblioteca do museu onde folheei uma bela Bíblia com pinturas, a qual disseram-me ser do tempo de Santo Tomás de Aquino. O bibliotecário é um eclesiástico e tem cara de homem do ofício.

9h Jantei com vontade em companhia do Lopes Neto. No Campo Santo achei estes versos:

Io fui come sei tu

Tu sarai como son io

Pensa a questo e prega Dio

Eu já fui o que és agora

O que sou tu o serás

Pensa-o, e a Deus orarás

11h O Sivori tocou muito bem suas variações no final da Norma e do Pirata, assim como Campanello de Paganini, uma bergeuse lindíssima composta por ele próprio e que lhe pedi para mandá-la a minha filha e outras músicas. Assistiram além dos companheiros de viagem Lopes Neto, filho do Penedo e Araguaia com a mulher. Foi um sarau muito agradável. Junto um artigo a meu respeito da folha de Gênova de hoje II Secolo XIX. O diretor da Galeria Brignole Salé é o Comendador Professor G. Isola membro da Academia Romana de S. Lucas Pintor do Rei. Recebi hoje um telegrama muito amável do rei a que respondo a amizade que sempre me mostrara Victor Emmanuel e eu lhe retribuía. Vou tratar de deitar-me. Já tenho fotografias do Campo Sancti e seus mais belos monumentos funerários.

4 de abril de 1888 (4a fa.) — 8h Vestido. Dia sombrio. Dormi bem, mas tive de levantar-me algumas vezes. 12h 10' Acabo de almoçar com vontade. Ducha agradável. Catedral. Bela igreja de três naves. Arcos sobre colunas quadradas de pedras brancas e pretas. Aspecto severo e grandioso. Município, onde vi as supostas cinzas de Colombo seu retrato como o de Marco Polo; a rebeça de Paganini, um busto bem feito pelo lado artístico de Sivori, mas onde lhe fizeram o resto longo demais e pinturas de mérito. Sinto que não haja um catálogo.

1 ¼ Passeei pela estação. 25' Saio de um longo túnel. Rio que há de ser torrentoso. Colinas coroadas de fortes e casas. Outro túnel. Vista do mar à direita. Túnel pequeno. Outro pouco maior. Outro pequeno. Novi. Os rochedos pequenos à beira-mar são pitorescos. Túneis pequenos. Outro túnel muito pequeno. Maior. Outros dois pequenos. Outro menor. Outro pequeno. Maior. Recco. Outro pequeno. Maior. Dois pequenos. Outro que o não é. Um muito curto a que se segue igual. Sta. Margarida bonita vilota à borda do mar. Mais três túneis pequenos. Rapallo. Mais dois túneis pequenos. Mais três túneis pequenos. Colinas de pedra recortadas formando enseada. Três túneis pequenos. Mais dois curtos e outro muito mais longo. Chiavari. O Rodeker diz que o trajeto entre Rapallo e este lugar é um dos mais belos da Itália e recomenda que se faça de carro. Túnel maior. Passamos Lavagna berço dos Condes Fieschi, a cuja família pertenceu Inocência 4º adversário de Frederico 2º da Alemanha e de Giovanni Luigi de'Fiesolli conhecido por sua conspiração contra os Dórias entre 1547 assunto do belo drama de Schiller e Sestri-Levante. Há um caminho de vista muito bela para o carro daí até Spezia. Mais dois túneis pequenos, um que o não é e outro pequeno; outro muito curto, dois curtos, outro que não é pequeno. Túnel curto. Outro, mais três, um curto, outro maior e outro curto, mais dois curtos. Framura lugar pitoresco. Mais três túneis, dos quais dois muito pequenos, outros dois pequenos. Mais outros dois pequenos. Parada na estação de Levaato. Túnel que não é pequeno. Dois que o não são tanto. Outro maior. Dois que o não são tanto, e mais dois maiores – outro pequeno e finalmente um longo – se não errei na conta e grandeza relativa. Mais um pequeno.

3h 50' Spezia. Parou. Desci para mexer-me e bebi água boa e fresquinha. Dizem que passamos 80 túneis. Segui e já outro túnel pequeno; mais outro pequenote. Que tunelada! Outro túnel pequeno, mais outro – e ainda lá se foi outro

curtinho. Passei Arcola. Longo vale que banha o Magra, limite na Antigüidade entre a Ligúria e a Itália. Santana dominada pela pitoresca fortaleza de Sarzanello construída por Castruccio Castracani. Nas montanhas à esquerda estão as pedreiras de mármore de Carrara. Avisto ao longe à esquerda uma montanha que de um lado cobre o arco-íris e pelo outro desdobra-se um lençol de neve. Paramos instantes em Avenza, mas não pude avistar o velho castelo de Castracani. O Pedro trouxe para o vagão um pedaço de mármore. Há aí um pequeno porto onde embarcam o de Carrara.

4 ¾ Pequena demora em Massa onde residiu algum tempo Elisa Bacciochi de Massa irmã de Napoleão 1º. Tem grandes pedreiras de mármore quase tão bom como o de Carrara. Túnel curtíssimo. Serravera e vejo por toda a parte lajes de mármore. Tem pedreiras dele . Pietrasanta. Há perto minas de azougue. Notável pelo assédio que sofreu e sua tomada pelos Florentinos sob Lourenço de Médicis em 1482.

5 ¼ Viareggio. Terreno pantanoso banhado pelo Serchio. Atravesso planície alagada.

5h 35' Vejo já Pisa com o seu Duomo e torre inclinada. Atravesso o Arno 40 m e chego à estação.

6h 5' Passeei pela estação, tomei café que não era mau e sigo.

8h 20' Já estou no hotel em Florença ouvido a bulha do Arno. Muita gente na estação notando sobretudo o Pedro Américo e o ator Ernesto Rossi. Já esteve comigo o camarista do Rio e ficou a visita a ele que chega hoje para manhã à 1h que irei almoçar no palácio Pitti. Ensaboei bem as barbas que estavam quase pretas de fumo do vapor e vou jantar.

5 de abril de 1888 (5a fa.) — 8h 10' Nada fiz de notável ontem depois do jantar a não ser a tradução de La Canzoni dei Latini. Deitei-me tarde e dormi bem. Já estou vestido.

12h Fui ao Cascine e vi o monumento do Rajah depois da ducha que não sabem dar como em Cannes. Almocei com vontade.

5 ½ Fui com a Imperatriz ao Palácio Pitti visitar o Rei. A rainha Margarida pareceu-me menos amável que dantes. Conversamos um pouco. Fui depois a Santa-Croce onde demorei-me bastante. Vi o que aí de notável não esquecendo a sepultura com o busto do arquiteto meu conhecido cujo plano foi o que se executou para o complemento da fachada que me agrada muitíssimo. Hei de pedir ao Seibold que me copie as inscrições principais. Esse Panteón italiano sempre me interessou muitíssimo. Muitos homens célebres italianos ainda não têm monumento como Hugo Foscolo, que só tem o nome no lugar onde se acha sepultado, mas cuida-se de erigi-lo a aquele . Depois fui visitar minha antiga conhecida Dora d'Istria que achei muito acabada mas falando sempre com o mesmo talento. Conversamos como há anos defronte do belo retrato dela em pé. Deu-me muitas informações da rainha da Sérvia que parece recomendar-se somente por sua beleza. Continua a escrever para revistas e prometeu-me seu último artigo.

Tradução de Leonida Olivari da canção em provençal

La canzone dei Latini

Cara Italia suora amata,
Dei Roman sangue preclar
Sui Latin predestinata
Splendid astro a scintilar
Sei la terra che si noma
Delle muse e degli amor
Che la gran fama di Roma
Tassecura gloria ognor
Cara Itália, irmã amada,
Romana estirpe a brilhar
Prá os latinos destinada
Esplêndido astro a cintilar
És a terra que se chama
Das Musas e do amor
Pois de Roma a excelsa fama
Afirma-te glória e louvor

Itali, Franchi, Iberi ed Engandini
Cantem d'accordo, tutti siam Latini
Ítalos, francos, íberos e engadinos
Cantemos d'accordo, pois somos latinos
Portoghese, buon marino
E tu pur fiero Spagnuol
Che dell'India in sul cammino
Discoprìsta ignoto suol
E laggiù l'oro cereando
Vi portaste redenzion,
A quei popoli insegnando
Dei Latin l'arte e il sermon Itali, etc.
Português bom marinheiro
E tu altivo espanhol
Que das Índias caminheiro
Achastes terras do sol
E aí o ouro buscando
Lhes levaste redenção
A seus povos ensinando
Latina língua e invenção
Nel Tirol nell'Engadina
Nella tua baita, oh o Grigion
Nella tua língua ladina
Fà tue preci e tua canzon
Del Danubio in sulle rive
Libertà canta Traian
Rumen canta, e in te rivive Itali etc.
No Tirol, na Engadina
Na tua baita, oh Grigião,
Na tua língua ladina
Solta preces e canção
Onde o Danúbio se passe
Cante-te livre o Trajano
E o rumento em ti renasce
O alto gênio do romano.
E tu mia bela Provenza
Che ogni di cresci in splendor
Fonte eterna di Giuvenza
Patria dei dei Trovator
Presso ed Aix quando dal Norte
Cupo nembo il sou velò
Mario accorse e dalla morte
Il romano impor salvo Itali etc.
Tu minha bela Provenza
Sempre crescente em esplendores
Fonte eterna de juvença
Pátria és dos trovadores

Pero de Aix, se do norte
Nuvem negra o céu velou
Acudiu Mario, e de morte
A Roma o poder salvou
E tu Francia, tu eroína
Caldo sol di civiltà
A te il nome di regina
Frà le suore resterà
Non più guerre, nom più affanni
Dio l'assiste e guiderà
E per lunga serie d'anni
La tua razza trionferà Itali etc.
E tu oh França, heroína minha
Sol de progressos serás
Com justiça, qual rainha
Entre as irmãs te verás
Nem mais guerra, ou afãs assim
Deus te acode e guiará
Durante anos sem fim
Tua raça triunfará.

8h quase. Jantei com vontade. Visitaram-me o Rei e a Rainha sempre muito agradávelel. Estive copiando para o Rossi a minha tradução de *La canzone dei Latini*. Daqui a pouco vem o Rossi.

10h 10' Estive com ele. Pedi-lhe que viesse recitar versos aqui domingo às 8 ½ da noite. Dei-lhe a minha tradução que ele leu menos mal.

São 11h ½. É tempo de dormir.

6 de abril de 1888 (6a fa.) — 8h 12' Dormi bem, embora desde a madrugada me levantasse algumas vezes. Já estou vestido. O dia está escuro.

12h 50' Fui à ducha que me soube, tomando depois no hotel a que voltei o meu café e um pouco mais de pão. Dei meu passeio a pé e de carro até San-Miniato, em cuja igreja, de que tanto gosto, entrei, vendo-a o melhor que pude, não esquecendo a sepultura do célebre poeta satírico Giusti, e, tendo voltado ao hotel reuni-me à Imperatriz para visitar a Rainha Vitória na Vila-Palmieri, onde num terraço de bela vista Bocaccio lia os seus Contos, como consta de lápide, cuja inscrição transcreverei. Achei a Rainha bem avelhantada e veio receber-nos à entrada a Princesa Beatriz.

1 ¼ Torno a sair.

6h Estou de volta. Fui almoçar com o Rei da Itália, Rainha desta e da Sérvia, e lá achei a Rainha da Inglaterra e a filha assim como Crispi e outras pessoas notáveis. Na volta tive de entrar no hotel e daí fui pagar visita com a Imperatriz à Rainha da Sérvia, que convidou-nos a almoçar em família, pedindo ser avisada dois dias antes. Na vila Itzinger que ela habita há objetos de arte interessantes. Ela foi muito amável para conosco. Ernesto Rossi mandou-me seus *Studi dramatici* e indica-me no 1º tomo pg. 114 e 115 a tradução de Julio Cesar e pg. 208-9 estudos e comentários *[sic]* sobre esse drama, dizendo que no 3º volume, que ainda não se publicou, falará muito das Américas e especialmente do Brasil.

Débats de 4. Vejo que morreu o botânico Planchon correspondente da Academia das Ciências que eu conheci em Montpellier.

7h Bebi um bom caldo e ruim café. Continuo a ler artigo muito interessante de Duremberg *L'assainissement de Paris*. Escrevi à Rainha da Sérvia para que o almoço seja domingo às 11h

9h ½ Acabo de estar com o Marquês de Torrigiani síndico de Florença que ficou de mandar um programa de emprego do resto de meu tempo de estada e com Peruzzi com quem conversei também sobre os melhoramentos de Florença depois da minha última viagem.

Recebi telegrama do Rio de Janeiro dizendo – organizei meteorologia diretor Pinheiro – assinado Ministro Marinha – que é o Senador Luiz Antônio Vieira da Silva.

Recebi resposta da Rainha Sérvia. Pede que marque 12h ½ para o almoço, ou outro dia, pois que só àquela hora estará de volta da igreja. Já escrevi carta à Rainha da Sérvia para ir amanhã dizendo-lhe que iremos domingo à hora que ela pede.

Concluí o artigo de Duremberg. É quase tempo de deitar-me Aproximam-se as 11h e a bulha do Arno convida ao sono – contudo ainda li o artigo do diário Fieramosca de hoje a meu respeito e que vou cortar. Li também o folheto intitulado “Di un omicidio politico” scritto di Nicolo Tommaseo que não me pareceu grande cousa. Agora sim vou dormir.

7 de abril de 1888 (sábado) — 8h Já estou vestido. Dormi bem. Dia bonito. 10 ¼ De volta. Ducha agradável. Fui ver o Battistero. Não subi ao Campanile, porque o Mota Maia, e Nioac insistiram que eu o não fizesse, o que muito me contrariou. Depois estive na Loggia dei Lanzi, e olhei sobretudo para o Perseu de Benvenuto Cellini, cada vez sentindo mais não ter subido o Campanile, que desejaria, como Carlos 5º, poder pôr sobre a mesa de meu quarto para vê-lo todos os dias. Sempre me lembro de Sancho Pança na Ilha Basataria onde os médicos com suas varas tocavam as iguarias apetitosas vedando que delas comesse.

11h ½ Almocei com apetite.

11 ½ da noite. Depois do almoço fui ver o museu Pitti de que trouxe o catálogo e onde farei algumas observações quando tiver tempo. Voltei ao hotel e fui daí visitar o Rei e Rainha Olga de Stuttgart. Aquele está bem doente. Esta muito me agradou e mostra como havia de ter sido bela e representam seus antigos retratos. Jantei com vontade. Depois estive com o Dr. Francisco Ferraz de Macedo, que me trouxe suas traduções de poesias gregas modernas e de russas, e fiz-lhe algumas reflexões sobre as primeiras, reservando para outro dia ocupar-me de segundas, posto que pouco me lembra, receio eu, do que estudei de russo.

Enfim fui ao observatório de Arcetri. O edifício está arruinado e o sucessor de Tonati Tempel teve já dois ataques apopléticos e fala com dificuldade. Não sei se durará muito. Assim mesmo mostrou-me seus desenhos das nebulosas e conversamos sobre assuntos astronômicos. Ficou de mandar-me os trabalhos do observatório, que se tenham publicado recentemente. Observei Marte pelo telescópio. Chegando ao hotel tomei chá e vou descansar.

8 de abril de 1888 (domingo) — 8h 5' Vestido. Dormi bem.

10h 35' Já ouvi missa e depois vi um vidro para ver bem desenhos e pinturas assim como um óculo de alcance apresentados por um refugiado húngaro de Pest chamado Hirseh Nada tem de notável. À missa assistiu também a filha do Príncipe de Cápua. Falei a um Miguelista neto do General Stockler amigo do Padre Caldas que prometeu-me algum manuscrito do avô! Também recebi membros da Academia della Crusca que me convidaram para a sessão de 3ª fª. 4.

Chego da exposição de quadro do Pedro Américo. Agradou-me em geral contudo não brilha pelo colorido e há um cavalo que se inclina tanto para o lado galopando que tenho medo que se prancheie. Mais direi depois que tiver a fotografia onde talvez possa escrever os nomes das pessoas retratadas. Depois vi rapidamente as pinturas de diversas épocas para estudo que possui a Escola de Belas Artes. Estiveram presentes à inauguração membros da família de Pedro Américo; Peruzzi e a Rainha da Sérvia em cuja casa almoçamos, antes uma senhora serba tendo depois tocado ao piano o hino da Sérvia e diversas melodias que me agradaram-me *[sic]* bastante. A Rainha deu-me duas fotografias dela. O filho da idade de 12 anos, menino inteligente que sabe diversas línguas e já estuda latim almoçou ao lado da Imperatriz. Hei de dar à Rainha os hinos brasileiros e já me entendi com o Pedro Américo para se tocar o da Independência durante a exposição do quadro.

A Dora d'Istria sur son chien Brahma
Le poil est doux et fauve est sa prunelle,
Le calme des forêts reluet dans son oeil bon
Et lorsque votre voix à vos pieds le rappelle
Tranquille, dans sa force on dirait un lion

Le marbre gravera son image fidèle
Noble animal à qui Brahma donne son nom
Mais pour faire un portrait qui ressemble au modèle

Il me faudrait avoir la plume de Buffon
Elle a semé partout la Nature éternelle
Ses trésors, sans compter, dans ses créations
Et dans la bête aussi la mère universelle
A caché, maintes fois, ses plus précieux dons.
Emile Signogne
21 Abril 84

Macio e pardo é o pêlo e parda é a pupila
A calma dos bosque no doce olhar transluz
E quando à tua voz perto de teus pés se asila
É leão que tua graça a um cordeiro reduz
A imagem fiel o marmor guardará
Deste nobre animal que Brahma se apelida
Porém fazer o retrato que o imitará
Somente pode a pena por Buffon servida
Semeou por toda parte a eterna natureza
Seus tesouros sem conta e suas criaturas
E também no animal, oh mãe da redondeza
Dons ocultos e preciosos tu apuras.

Já enviei minha tradução a Dora d'Istria com uma carta cujo rascunho junto.
6h Li diversos diários. Na Gazzetta d'Italia de ontem vem um artigo bastante longo a meu respeito e da Imperatriz.
7h 25' Jantei com vontade e vou fechar a correspondência. Vieram Antônio Gerini e o Avv. Cesare Barsi trazer-me uma pasta com gravuras e texto tendo o título – La facciata de S. Maria del Fiore. Illustrazione storica e artistica dell'Architetto Luigi del Moro. Este arquiteto era discípulo de Fabris e substituiu-o.
10h Ouvei Rossi recitar o Sonho de Colombo e outras poesias. Vou tomar chá. 10' Vou fechar a carta para Isabel.
Florença 8 de abril de 1888 (domingo) — 10 ¼ Estou fechando o que mando à Isabel. ½ Vou deitar-me.

9 de abril de 1888 (2a. fa.) 8h 10' Já vestido. Dormi bem. O céu não está claro.

11 ½ Volto de ver Santa Maria Novella. Antes de sair traduzi estes versos já vertidos por Cacchelli dos que o poeta romeno Elia de Radulesco fez a Dora d'Istria e vem no folheto Gli Eroi dela Rumenia com prefazione – a qual já li – de Mantegazza.

Le l'ho vista una piccola sorella
Dolce graziosa più che ogne altra mai
A un angiole somiglia tanto é bella
Angiol spendente di celesti rai
Se tu ne vede la gentil sembianza
Sempre in core ne avrai la remembranza
Tive a dita de vêla inda menina
Doce graciosa mais que outra qualquer
Anjo do céu deslumbra a quem quiser
Se vire é tão gentil sua aparência
Fica-te no coração a reminiscência

6h Volto de visitar a Galeria de Gl'Uffizi pondo no catálogo, onde o Pedro escreveu suas notas, as que me sugeriram tantas obras de arte, e depois estive no Palazzo Vecchio, de que restauraram muitas pinturas e é para assim dizer uma crônica pintada de Florença. Respondi ao bilhete anexo que recebi de Cesar Cantù que mandou-me publicações suas.

10 ¼ Volto da sessão do “circulo filológico” onde ouvi uma leitura que não me interessou. Percorri o edificio. Junto o convite. Depois do jantar, que me soube, recebi a visita de Spence, que tem a vila em Fresole, a que pretendo ir e a mulher de Gubernatis, que está incomodado, mas poderei tornar a ver brevemente.

11 ½ Estive conversando com o Nioac. É tempo de deitar-me; é quase meia-noite.

10 de abril de 1888 (3a fa.) — 8h ¼ Vestido. Tempo de chuva mas não forte.

11h Boa ducha. Visitei a Nunziata. Junto o livro que descreve a igreja. Não deixei de ver a Madona del sacco d'Andrea del Sarto.

37' Almocei com vontade.

12h Acabei de ler Le Brésil de 5.

2h ¼ Fui à sessão da Academia della Crusca. Junto a lista escrita pelo Gotti dos membros presentes. Trataram do dicionário. Eu disse alguma cousa sobre franja e fimbria em português, palavra de que tratavam. Depois fui à oficina da filha do Dupré a quem comprei o seu Giottino para mandá-lo à Isabel.

6h ½ Fui a Fiesole para ver a casa do W. B. Spence. Lá achei o livro onde na minha passada viagem assinamos eu e a Imperatriz e os da comitiva. Vi bem todas as obras de arte que há aí assim como a oficina de pintura do filho dela. Foi nessa casa que se tramou a conjuração dos Pazzi. Na volta para cá visitei a oficina do pintor Spence pai que prometeu-me duas paisagens uma para mim e outra para a Imperatriz. Ficou de prevenir Lady Paget e sua filha minhas conhecidas da casa de Lady Holland que eu as receberia amanhã às 8h ½ da noite.

8h Jantei com vontade. Acabo de estar com Angiolina Puccio que me deu uma carta de Maffei que ela não me pôde entregar então, mas pretende ir desta feita com as filhas ao Brasil e disse-lhe que me procurasse logo que chegasse.

10h ¾ Acabou o concerto cujo programa junto.

11h ¾ Estive conversando com o Nioac. Vou deitar-me.

11 de abril de 1888 (4a fa.) — 8h 25' Dormi bem. Já estou pronto para ir à ducha. O dia está encoberto.

10 ¾ Soube-me a ducha. Fui ver a estátua de David no piazzale de Via-de-Colli. Infelizmente não há muita luz para fazer brilhar Florença. Acabo de estar com o Marquês d'Equivilley que esteve no Rio. Deu-me um artigo sobre ele da Union-Franc-Comtoise de 1º de setembro de 1881 e um artigo por ele “Gl'Italiani” in Spagna na Strenna per l'anno 1888.

11h 35' Almocei com appetite. 6h Galeria Buonarote. Junto o catálogo. Vi bem tudo e principalmente o retrato de Victoria Colonna pintado a óleo sopra un embrice por Jacopo Pintorino e tomei nota do livro Sämtliche Gedichte Michelangelo's mit deutscher ubersetzungen von Sophia Hassenclever para comprá-lo. Pus cruces no catálogo. Infelizmente o dia estava muito escuro.

Daí fui despedir-me da Rainha da Sérvia a quem dei a carta da Imperatriz e animei a fazer uma viagem ao Brasil com o filho, o que ela me prometeu para daqui a três anos.

Assisti de antropologia do Professor Mantegazza no Instituto dos Estudos superiores, onde vi o museu indiano do Professor de'Gubernatis que lá estava. Hei de juntar talvez a lição de Mantegazza na qual falou de mim. Fui também à coleção de crânios e antropologia que ele organizou e contém muitos objetos curiosos de suas viagens e pus-lo em relação com o Mota Maia para troca de crânios. Finalmente visitei a oficina de escultura do Professor Pietro Costa que tem feito busto e estátuas de pessoas notáveis das Repúblicas da América, não me agradando o busto do Mitre porém muito a estátua de um escravo apesar de pintada de que ele me deu a fotografia. Antes da lição do Mantegazza assisti ao concerto de Henrique Oswald nascido no Rio filho de negociante suíço. Anexo o programa da música onde escrevi minhas observações

11h ¼ Vou tomar chá, tendo agora voltado do sarau em casa do professor De'Gubernatis, onde a mulher tocou piano; ouvi um rabequista, que não era mau, e o harpista que já tocara aqui no hotel e me fez ouvir uma música a mim dedicada e que ele executou admiravelmente bem. Apresentei o Sibold a De'Gubernatis e outros orientalistas.

É tempo de dormir e não posso traduzir agora o soneto que De'Gubernatis me dedicou e recitou. Uma senhora também cantou um pouco em sânscrito. Anexo o trecho composto nesta língua, assim como o soneto.

12 de abril de 1888 (5a fa.) — 7h Vestido. Dormi bem. Daqui a pouco parto para Pisa. O céu não está claro.

8h Passei pela estação e vou partir.

5' Parto $\frac{3}{4}$ Empoli, para onde os Gibelinos em 1260, depois da derrota dos florentinos nas margens do Arbia, tiveram intenção de transferir a sede do governo, destruindo Florença. Pontedera, pequena cidade à margem do Era. Há tramway até Pisa.

[desenho] À direita.

Passamos Cascina onde os pisanos foram batidos pelos florentinos em 1364.

[desenho] Castelo também à direita.

9h 35' Passamos Navacchio. Fábricas de tecidos e de biscoitos. $\frac{3}{4}$ Chegamos a Pisa.

Sta Maria della Spina – Non desta terrae sed sacro et sancto vertice fixa spina fuit malis et rosa nota bonis – 1534.

Tempore Domino Michaelis Leonardi de Pisis hujus Ecclesiae operarii 1462 os baixos relevos foram esculpidos por Andrea de Firenze. Representam Prudentia; Temperantia; Fortitude; Justia; Charitas. Virgem com o menino Jesus mamando por Niccola Pisano.

6h Volto, depois de ter me demorado na estação por tardar o trem de Gênova. Do vagão ainda cortejei o sindaco e o Reitor da Universidade.

8h Já estou no hotel de Florença. Vou jantar. Logo escreverei as notas.

10h $\frac{1}{2}$ Comi com vontade. Escrevi ao Marquês del Grillo a carta de que junto e rascunho e para o Tirol. Antes de Sta. Maria della Spina estive em S. Paulo ripa d'Arnos com frescos já estragados que datam de 1400. Depois aquela igreja visitei S. Nicolau com sua torre de colunas e escada em espiral construída no ano 1000. Fui daí a Sto. Stefano di Cavalieri começado em 1565 acabada em 1586. Tem troféus turcos e pinturas representando a batalha de Lepanto.

Visitei a Universidade onde os estudantes me saudaram com vivas à entrada e à saída. Vi a biblioteca onde me mostraram algumas obras. Passei pela Torre della fame onde em 1288 morreram presos de fome o conde Ugolino e seus filhos. Vi a ponte nova de Solferino; o passeio do Lunganno e a estátua do Grão-Duque Cosme, obra de Giovanni de Bologna. Visitei o museu de zoologia onde estão as animais tão bem empalhados por Savi e o de mineralogia, vendo da janela o horto botânico a respeito do qual falei com professor de botânica. Visitei a catedral, o batistério com o seu belo eco, vi a Torre inclinada, o Campo Santo onde vi as pinturas e notei os túmulos de Leonardo Fibonacci autor dos sinais algébricos, de André Vacca Berlinghieri, célebre cirurgião falecido em 1826 e de Matteucci, célebre fisico. Fui à Câmara Municipal, vendo as salas das sessões e dos casamentos e aos Arquivos onde me mostraram diversos manuscritos entre os quais um do tempo de Ricardo Coração de Leão de 1192 e outro de Luiz de Baviera de 1328. Depois fui à uma loja onde comprei fotografia dos monumentos principais. Meia-noite. Escrevi carta a Fiorelli pedindo-lhe que me acompanhe na minha visita a Pompéia. Hei de deixar a carta na estação de Roma quando por lá passar amanhã. Vou deitar-me.

13 de abril de 1888 (6a fa.) — 6h $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Bom dia. Já estou vestido.

Quase 7h Bebi chá depois de ovos quentes. Soube-me bem tudo.

7h 50' Parto. Diversos conhecidos na estação, entre eles Peruzzi. Siegi à direita de um rio, cujo vale subimos. Não se parou. Pontassieve. O rio é o Sieve que conflue aí com o Arno. Atravessamos 2 túneis pequenos. Li a correspondência de Cannes de 16 de fevereiro publicada na Gazeta de Notícias do Rio. Fala do Carnaval. Podia ser mais bem escrita. O caminho segue subindo o rio pela esquerda. Além do rio montanhas de cimos nevados. Figline. Acharam-se aí muitos ossos fósseis. Parece que este vale foi um grande lago – S. Giovanni. Parou o trem. Aí nasceu o célebre pintor Masaccio em 1401 – Mastevarchi. Não pude, passando, avistar a casa do historiador Varchi favorito independente, como diz o guia de Cosme de Medicis. Túnel muito pequeno. Outro maior. Outro igual; mais outro. Bucine. 4 túneis pequenos. Avistam-se à esquerda as montanhas com os cimos bem alvejantes de neve Latezina. Agora passaremos Ponticino de onde se sobe até a chapada de Arezzo que se avista já de longe. Estou-a já vendo.

10h Arezzo. Tomei café passei pela estação onde recebi os cumprimentos do Prefeito e Comandante militar e $\frac{1}{4}$ já estou caminhando. Túnel curto. Frassineto. Castiglione Fiorentino numa colina pitoresca. Ruínas do forte de Montecchio sobre uma colina à esquerda. Vale della Chiana que foi dessecado por um sistema de esgoto inventado por Forricalli e Viviani da Escola de Galileu e executado por ordem do ministro Fossambroni. Passamos pela estação de Cortona. A cidade está pitorescamente situada sobre uma colina. Pátria do pintor Lucas Signorelli Terontola. Avisto o lago Trasimeno perto do qual Aníbal derrotou Flaminio. Passo por junto de sua margem. Avista-se sobre uma colina junto ao lago um castelo que parece ser o do duque de Cornia. Panicale. Acabei de ler a Notta sulla fecondazione artificiale nella donna del professor Paolo Mantegazza. É interessante; emprestou-me o Mota Maia a quem a deu aquele .

Li no Diário de Notícias de 19 do passado a notícia de haver o Ministro Ferreira Viana se congratulado com o Visconde de Araruama por este ter alforriado mil e tantos escravos. Hei de enviar também meu telegrama ao Araruama logo que chegue onde possa fazê-lo.

Parou-se pouco em Chiusi. Túnel que não é pequeno. Terreno desbarrancado. Ficulle. Dois túneis um pequeno e outro maior. Alberona. Atravesso o Paglia. O terreno parece alagadiço e agora à esquerda o da Casabranca em S. Paulo. Sobre uma colina à direita há uma espécie de castelo que não é senão um rochedo. Todo este terreno é terciário. Paramos junto a Orrieto sobre a montanha de tufo, começando o terreno a ser vulcânico daí por diante. Chegamos à estação. A fortaleza foi construída em 1634 pelo Cardeal Albornoz. Antigamente chama-se cidade Urbsvetas. A catedral passa pelo maior e mais rico monumento policrônico. Aí na capela do corporal acha-se o relicário de milagre de Bolsena. Avista-se o Paglia afluente do Tibre. Túnel pequeno; outro maior; passa-se o Paglia. Vê-se Baschi sobre colina a cujos pés corre o Tigre que vamos margeando. Passamos pela estação de Castiglione-Teverino. Atravessamos uma ponte do Tibre às 12h 50' e descemo-lo. Alviano. Túnel pequeno. Vejo à direita uma ponte sobre o Tibre. Attigliano. Parada. Ponte sobre o Tibre. Passamos para a margem esquerda e avistamos Bassano à direita. Túnel curto. Andamos na razão de 50 km. por hora. Orte. O Pedro calculou pelo seu relógio que estaremos em Roma às 3h Descemos o Tibre pela margem direita. Tomara já avistar o Soracte de que Horácio diz *Vides ut altèi carddum Soracte e Virgílio Summe deum sancti cuator Sonactis Apollo.*

Inspira-te oh Apolo, guarda do Soracte Santo. Vês do altivo Soracte a nivea candidez.

San-Vito; Otricoli, antigo Otriculum onde se encontrou o busto de Júpiter que está em Roma na sala rotunda do museu Pio Clementino. Civitá Castellana depois de passar por Borghetto. Passa-se para a margem esquerda do Tibre e por Stimigliano situado nas montanhas da Sabina. Poggio Minteto também na montanha Sabina, que em minha terra seria apenas colinosa. Beiramos o fluxo do Tiber. Depois de nos afastarmos dele avistam-se à esquerda montanhas nevadas entre as quais parece que se vê o Soracte. Passa-se pela estrada de Para-Sabina. Avisto carneiros. *Tityre tu patula recumbans sub tegmine fagi;* mas aqui não vejo senão planície e raros pequenos arbustos.

1 $\frac{1}{2}$ Monte-rotondo. Tem um castelo velho pertencente aos Príncipes de Piombino. A cidade fica a 3 km. Esta planície lembra a que se atravessa ao chegar a S. Paulo também sobre colinas como Roma e com seu Tibre o Tietê.

2 $\frac{3}{4}$ Já avisto ao longe a cúpula de S. Pedro. 55' Parada. Já se descobre um dos aquedutos.

3h Daqui a pouco estaremos na estação. 7' Chegamos.

4h 10' Partida para Nápoles. Muita gente conhecida na estação: Matias de Carvalho e família Corrêa; Martins Ferrão; Fiorelli que irá comigo depois de amanhã a Pompéia; Barão Rosa; Ristori e filha Baronesa da Estrêla; a Drago e a Massimo com os maridos; Mme. de Chambrun; Lopes Neto, Sta. Cruz e a mulher e outros de que me lembrarei depois, nomeando já o Bassi.

Jantei com vontade. Ciampino de onde parte a linha de Frascati. Pequena demora. Marino. Lá vejo ao longe a cúpula de S. Pedro. Cecchina. Genzano. Civetá Lavinia; Velatri; parada, antiga Velitrae dos Volscos pátria da gens Octávia, a que pertencia Augusto. Não se avista a coluna comemorativa do combate em que Garibaldi venceu as tropas napolitanas a 19 de maio de 1849. Ontanese a 40 km. de Roma. Parou alguns minutos. O Pedro calculou que chegaremos a Nápoles às 9h $\frac{3}{4}$. Escapou-me Valmontone com seu cone vulcânico isolado e coroado do castelo Doria-Pamphili. Segui o caminho pelo vale do Sacco, o Trerus ou Toderus dos antigos paralelamente à via latina. Segni onde paramos. Signia dos romanos com suas enormes muralhas, que não avistei. Também fica a 9 km. da estação e sobre um alto Aragni. Aqui nasceu o célebre Papa Inocêncio e também judiou com o quase caduco Bonifácio 8º o Cavaleiro francês Guilherme de Nogaret aliado dos Colonna e instrumento do rei de França Filipe o Belo. Sgurgola; mais em cima está Carpineto. A montanha é pedregosa é apovilhada

ainda de neve, e os efeitos de luz do sol no ocaso são belos. Numa quebrada das montanhas se encrespa pitorescamente uma povoaçãozinha. Terratino. A 15 km. está a Aleticum dos antigos com uma espécie de fortaleza de enormes pedras e a 1h daí a gruta de Collepardo que penetra 650 metros na montanha, com estalactites muito belos. Frosinone. Frusinus dos hémicos tomada pelos ronos [sic] 304 a.J.C. Ceccano. Cidade encarapitada, e no sopé da montanha estava a antiga Frabateria Vetus onde se acharam muitas inscrições. As montanhas que se vêem ao longe à esquerda que estão todas encimadas de neve. Pofi. Parou. Depois de um trem ter cruzado o nosso, seguiu este. Sempre gostei do pôr do sol. Hoje está muito modesto. Ceprano

6h 40' O Pedro calculou que andamos 1 km. por minuto. Já se atravessou o Liris, limite outrora dos Estados da Igreja e do reino de Nápoles. O Liris com a junção do Sacco forma o Garigliano. Passamos Rocca-Secca e Aquino (Aquinum). Nasceram nesta Juvenal, O Imperador Pescennius Niger, e Santo Tomaz, o Doutor Angélico, filho do Conde Landulfo, nascido no Castelo de Rocca-Secca e educado no convento de Monte-Casino.

7h 10' Casino. Já há pouca luz. Há um filete de lua muito bonito.

10h 50' Passando por Caserta soube que a improvisadora Milli está em Avelino tendo-lhe morrido o marido. O hotel é um pouco longe da estação. Já tomei chá.

11h $\frac{3}{4}$ Estive escrevendo. Vou deitar-me.

14 de abril de 1888 (sábado) — 8 $\frac{1}{4}$ Vestido. Dormi bem. Dia belo.

10h 25' Tomei a ducha, não me agradando o estabelecimento. Dei meu passeio a pé entrando na Igreja de São Francisco de Paula que se prepara para a festa do Santo. Recebi a resposta de Ravaschieri que virá esta tarde visitar-nos.

12h Li o "Microcosmo" do Jornal do Comércio de 11 de março. Almocei com vontade. Acabo de receber o Arcebispo de Nápoles Cardeal Guglielmo San-Felice que foi beneditino. Estive no Convento da Cava. Prometeu-me diversos livros que me parecem ser interessantes.

7h $\frac{1}{2}$ Acabo de jantar com apetite. Vou falar ao Padre Tosti e a Fletcher. Aquele referiu-me o que tem havido entre ele e o Papa, que parece influído pelos jesuítas e pouco conversei com o outro que acho bem disposto e nutrido.

9h $\frac{1}{2}$. Ao meio-dia $\frac{1}{4}$ começou a minha visita do Museu Nacional onde me serviu de guia Giulio de Petra professor da Universidade, e diretor dos museus de antigüidades de Nápoles. Vi tudo o que pude. Depois estive na galeria com lojas Príncipe de Nápoles.

Cheguei ao hotel às 5 $\frac{1}{4}$ e recebi a visita da Duquesa Filangieri Ravaschieri que está muito mudada; porém sempre a mesma de inteligência e maneiras agradáveis. Só com um catálogo que vou procurar, do que contém o Museu poderei fazer minhas observações sobre tantos objetos que examinei, como me permitiam as circunstâncias.

11 $\frac{1}{2}$ Estive vendo a tradução de Dante em verso português publicada pelo Corazzi. Vou deitar-me. Meia-noite. Ainda estive vendo a tradução do Dante – mas cumpre deitar-me.

15 de abril de 1888 (domingo) — 8 $\frac{1}{4}$ Dormi bem. Já estou vestido.

8h $\frac{1}{2}$ da noite. De volta de Pompéia. Antes de partir para lá fui à ducha e à missa na Igreja de Sta. Maria al Portico.

11h 25' da noite. Recebi carta de Isabel mandando-me o "Correio-Açu" de 20 do passado e o Correio Imperial do mesmo dia e de 14 impressos pelos netinhos e a fotografia dela que está engordando. Também me enviou conforme lhe pedira cópias de minhas traduções dos episódios do Conde Ugolino e de Francisca de Rimini da "Divina Comédia".

Jantei com vontade em companhia dos meus companheiros e do de Petra, a quem li as minhas traduções de Dante. O Fiorelli, a quem também convidara para jantar, estava muito cansado e tem de partir amanhã para Roma, escusando-se por isso. Hei de escrever no livro de Fiorelli sobre Pompéia as minhas notas a respeito do que aí vi.

Encontrei lá o inglês Arnold Wienholt e sua duas irmãs que viajaram comigo no alto Nilo. Amanhã hei de escrever à vista do livro do Fiorelli o que observei em Pompéia.

16 de abril de 1888 (2a fa.) — 8h 20' Vestido. Dormi bem. Vou para a ducha.

19h Soube-me. Andei a pé e fui à missa a Sta. Maria in Portico onde acabo de voltar. O dia está muito bom para ir a Capri.

[desenho]

Quase 2h Sai haverá meia hora da gruta. A água estava bem azul e prateava os objetos mergulhados. A abóboda natural parecia o fundo de um tacho azinhavrado.

Vou para Ischia ver as ruínas de Casamicciola.

[desenho]

Aspeto das montanhas de Casamicciola.

Andei de carro. Entrei na casa arruinada dos banhos. A água é bem quente. O teatro que é de madeira e onde representavam não matou ninguém com suas ruínas. Agora constrõem de madeira. Acompanhou-me o síndico Menella que muito sofreu com o terremoto, ficando-lhe a filha paralítica.

[desenho]

Prisão. Comunica com Ischia por uma espécie de molhe.

[desenho] Procida

Monta de Procida Cabo Miseno

[desenho]

por estar defronte.

Ana-Capri Capri Muito longe ao voltar de Casamicciola

[desenho]

Nisida – Prisão onde esteve Fiorelli.

[desenho]

Vejo dois parenzelli com as suas curiosas velas a pescar no golfo de Pozzuoli.

[desenho] Lazareto na ilha de Nisida.

[desenho] Brasileira que foi do Conde d'Aquila.

Como está belo o Vesúvio todo cor de rosa desmaiada!

[desenho do Vesúvio]

[outro desenho do Vesúvio]

16 de abril 1888 Pedro

8h Acabei de jantar com apetite.

11 ½ Estive a ver a tradução de Dante feita em Portugal e conversei com o Nioac.

Capri **[desenho]** Pedro

7h Acabo de chegar ao hotel. Vou jantar.

17 de abril de 1888 (5a fa.) — 7h 55' Já estou vestido. Dormi bem. Bom tempo.

7h ¾ da noite. De volta. Ducha que me soube. Passeio a pé a encontrar o carro em que vinha a Imperatriz e ida ao Vesúvio. Depois de almoçar no hotel perto do plano inclinado que chega a formar o ângulo de 63° subi até um ponto que pouco dista da cratera, a cuja borda cheguei a pé as senhoras em cadeiras carregadas por 4 homens.

Fumegava bastante e atirava às vezes pedras a grande altura. Era um belo espetáculo. Depois visitei o observatório onde se estudam os fenômenos e fazem-se coleções relativas ao Vesúvio. Palmieri aí estava; tudo me mostrou e prometeu-me suas últimas publicações.

9h 10' Já jantei. Recebi carta do presidente Rolland datada de 14 Cannes, mandando o discurso de recepção de Alfredo Jourdan como membro da Academia de Marselha e resposta do Marquês de Saporta, assim como a de 14 de Pasteur à minha carta, anunciando-lhe a instalação do Instituto anti-rábico do Rio de Janeiro. É preciso mandar este diário com minha carta à Isabel. Irá depois o livro a respeito de Pompéia anotado por mim.

Durante o jantar cantaram algumas canções populares que me agradaram. Hei de ver se mando algumas. O lápis apaga-se mas a Isabel poderá fixar por meio de tinta o que vou rabiscando. Como complemento da estátua que mandei a minha filha para o dia de seus anos envio-lhe este folheto do poeta Aleardo Aleardi sobre Giotto fanciullo.

Nápoles 17 de abril (3a fa.) de 1888 — 10h ¼ da noite.

Já fechei minha correspondência para o Rio e incluí o escrito de Aleardo Aleardi que a filha de Dupré me enviou hoje sobre a estátua dela do Giotto a qual mando a minha filha como presente do dia 29 de julho.

11h 10' Vou recolher-me.

18 de abril de 1888 (4a fa.) — 1h Estive a tradução de Dante feita em Portugal. Vou dormir.

8h $\frac{1}{4}$ Acordei algumas vezes, mas dormi bem. O tempo está encoberto.

10h 50' Boa ducha. Visitei o aquário de onde trouxe dois folhetos. Aquarium Neapolitanum e Guida per l'aquario. Hei de voltar depois de amanhã às 9h da manhã.

10h $\frac{1}{2}$ almocei com vontade.

4h $\frac{1}{2}$ De volta do passeio a Pozzuoli. Estive na gruta do Cão onde se fez experiência com este animal. Vi o anfiteatro onde foi martirizado S. Januário e os restos do templo de Serapis, com suas colunas furadas por animais marinhos mostrando assim até onde chegava o mar e tendo na ida atravessado o túnel bem conhecido voltei por outro caminho tendo deixado à direita o túnel chamado de Sejano.

Visitei a Condessa de Latour que chegou hoje a este hotel e cujo marido avistei num carro no meu regresso da excursão; escrevi à Duquesa de Filangieri a respeito de minha visita amanhã aos Institutos, que ela protege e recebi a visita do Professor Eugênio Semmola vice-diretor do observatório do Vesúvio e irmão do célebre médico do mesmo nome.

Vou jantar que são mais de 6h $\frac{1}{2}$.

7h 40' Li depois de comer com apetite um pequeno artigo a meu respeito no Il Risveglio de 15 de Napoli-Pozzuoli que me deram hoje neste lugar e vou jogar bilhar.

10h 50' Estive conversando com o Conde de Latour e a mulher. Esquecia-me dizer que na ida para Poselippo fui ver a igreja à saída do túnel a lápide com a inscrição dizendo que aí foi enterrado o poeta Leopardi.

11h 50' Vou dormir.

19 de abril de 1888 (5a fa.) — 8h Vestido. Não dormi bem porque a Imperatriz sofreu bastante de asma.

11h A ducha foi muito boa. Dei meu passeio a pé para o lado de Mergellina. Acabo de almoçar com apetite.

6h Saem o Conde e Condessa de Latour. Antes de falar-lhes visitei o Museu artístico industrial e escolas-oficinas. Junto o relatório de 1881 apresentado ao Ministro da Instrução Pública por Gaetano Filangieri Ravaschieri. Depois estive no museu do mesmo Príncipe a quem acompanhou a irmã. Está-se publicando o catálogo de que me deram as folhas já impressas e que anexo. Do primeiro estabelecimento informa o relatório e quanto ao outro museu falarei depois, se tiver tempo, dizendo apenas agora que tem belíssimas pinturas, agradando-me principalmente pela expressão comovente o retrato da filha do Spagnoletto, que este pintou quando toda chorosa lhe voltava a casa depois de levar vida de perdição.

11h Estive com o célebre professor Semmola, a quem falei sobre seus trabalhos, exprimindo-se ele muito bem. Queixou-se da intervenção da política na Universidade. Hei de ouvi-lo professar talvez amanhã. Finalmente conversei com os Latour, e tomei chá desacompanhado. Estou como sono e vou dormir.

20 de abril de 1888 (6a fa.) — 8h Vestido. Dormi bem embora levantasse algumas vezes. $\frac{1}{2}$ Li em L'Encyclopedie Moderne um artigo sobre o Dr. Mariano Semmola que vi ontem. Hei de procurar sua obra "Medicina antiga e Medicina nova". Vou para a ducha.

10 $\frac{3}{4}$ Foi boa. Dei meu passeio a pé indo ao Aquarium onde observei muitos animais curiosos no microscópio. Aumentam o edifício. Ficaram de mandar-me informações e trabalhos publicados. Chove.

11 $\frac{3}{4}$. Almocei com vontade. Vieram Matias de Carvalho e a mulher. Escrevi à Ravaschieri. Recebi carta de Ristori de 19.

5 $\frac{1}{4}$ de volta. Fui à Universidade cheia de estudantes que me receberam com vivas. Parece-me que seu número é de 4 a 5.000. Assisti à lição de Palmieri. Visitei os gabinetes: de mineralogia, onde ouvi lecionar Scacchi que está bem acabado; também já conta 77 anos. Disse-me que soubera por Daubrée, como também me ouviu, que eu votara nele para correspondente da Academia das Ciências; de paleontologia, e de zoologia onde vi o melhor possível que eles contém. Depois estive no Instituto técnico que me disseram tem 500 estudantes vendo os gabinetes e as sala de estudo, parecendo-me as de desenho muito ruins por serem acanhadas e não receberem luz do alto. Assisti a experiências elétricas feitas pelo irmão

do Semmola. Antes de tudo estivera no Instituto arqueológico onde ensina o Petra e ouvi o professor de sânscrito falar dos hinos védicos de que leu algumas traduções feitas por ele que muito me agradaram e eu procurarei obter.

21 de abril de 1888 (sábado meia-noite 20') — Volto de ouvir os huguenotes. Cantores mediocres, mas gostei de rever o teatro de S. Carlos. Era tarde e por isso não assisti ao baile Scèba. Já tomei chá e vou deitar-me.

8h 7 Vestido. Dormi bem. O dia não está dos melhores e creio que houve trovoadas antes das 7. Vou sair.

10h 10' Volto. Ducha agradável. Hospital Lina que muito me agradou. Como é galante um menino que se proclama Soldato di Umberto! Acompanhou-me a Ravaschieri fundadora do hospital em memória da filha. Tudo está muito bem arranjado. Vi umas poucas de crianças que sofreram a operação da talha e que cálculos que se tiraram!

11h Almocei com vontade.

5 ½ Fui ao hospital della Pace onde ouvi com muito interesse o professor Semmola fazer sua lição junto ao leito de um doente de icterícia. Falou muito bem e fez-me seu cumprimento muito discretamente.

Depois fui ao observatório de Capo-di-monte onde estive com de'Gasparis que achei bem avelhantado e o Fergola que tudo me mostrou, não podendo eu nada ver com o telescópio, por causa das nuvens.

Visitei com o Petra a ala que me faltava do Museu Nacional e fui com ele à sala de reuniões da sociedade histórica de Nápoles, onde me mostraram manuscritos curiosos entre eles um com o retrato de Masaniello ou melhor Thomas Aniello encontrando-me aí com o irmão da Ravaschieri, que é membro dessa sociedade.

9h 50' Jantei bem com os Dragos e o Matias de Carvalho e mulher ao som de cantigas populares. Depois joguei bilhar com o Matias de Carvalho. Recebi um bilhete assinado por Michele Kerbaker que é de quem ouvi trabalho sobre os hinos védicos. Anexo-o a este diário. Escrevi ao professor Albini que vou amanhã entre 3 e 4h a seu Instituto fisiológico da Universidade.

11h 20' Vou deitar-me.

22 de abril de 1888 (domingo) — 8h Vestido. Dormi bem. Dia encoberto.

11h Ducha agradável. Passeio a pé na direção da Igreja de Sta. Maria in Portico onde ouvi missa. Já almocei apetite e estou conversando com o Comm. Giovanni Lagana, diretor geral da companhia de navegação, cujos vapores transportam emigrantes para o Brasil e o secretário geral Napoleone Leanza. Visitaram-me também o cônsul inglês Captain Brodrick Wastwell e a mulher; o Príncipe de Antunna filho da Drago, e Santa Maria nascido em Gibraltar, antigo cônsul da Inglaterra em Buenos Aires, cujo tio ficou aí formando família importante. Também conversei com Vassiff Effendi que me acompanhou quando eu estive em Constantinopla. Vejo no Corrieri di Napoli de hoje telegramas de Berlim sobre o estado do Imperador que muito me entristecem.

5h 20' Acabo de jantar com apetite. Antes estive em San-Martino de cuja igreja gosto muito e de onde se goza de magnífica vista. Fui a San-Severo onde vi sobretudo as estátuas cobertas de véu e de rede, tudo de pedra, e ao Instituto fisiológico do professor Albini que me prometeu suas últimas publicações. De tudo falarei ainda, porque daqui a pouco parto para a estação. Está aí Fletcher.

6h ½ Parti. Estiveram na estação muito dos conhecidos de Nápoles entre os quais os Drago, a Ravaschieri, e o Semmola físico. Antes do jantar assisti a um concerto no belo salão para isto destinado no hotel; junto o programa, sentindo não haver chegado ao princípio de sua execução. Frata-Goummo.

7h Aversa. Parada de minutos.

¼ Caserta. Schettini Francesco oferece-me com uma carta um trabalho seu que verei quando puder.

50' Dugenta. Parada.

8 ¼ Passamos por Solopacca onde houve pequena parada.

¾ Benevento. Desci para tomar chá. Daí a poucos minutos seguiu.

9h ½ Monte Calvo. Parada de 4'. Segue. Já passamos um dos 5 túneis das vertentes entre os mares Tyrrhenno e o Adriático. 10h quase. Passamos por Ariano depois dos túneis. 5' Atravessamos um túnel. Pequena parada. ¾ Parada de alguns minutos e segue.

11 ¼ Houve uma parada e segue. A lua clareia bastante. Creio que passamos por Foggia.

25' Agora é que chegamos aí.

35' Sigo. Havia bastante gente. Um parecia autoridade superior. Vou deitar-me.

23 de abril de 1888 (2a fa.) — 5h ¼ Vou pouco distante do mar de onde está ainda perto o sol.

25' Porto-Civotà-Nuova na foz do Chienti. Curtíssima parada.

37' Passagem de um túnel de alguns minutos. Pequeno túnel.

6h ½ Sigo de Ancona. Tomei café na estação onde se vê a estátua do engenheiro Dionigi Ruva.

7h Passamos Sinigaglia. Li artigo curioso no jornal Don Chisiotte de hoje intitulado “In cerca di forza”. Trata da transformação da força das cascatas de Tivoli.

½ Passamos por Fano. Vamos pela praia. Vejo barcas que velejam de pescadores e o mar está muito calmo.

43' Pesaro. Pátria de Rossini. À direita à saída da estação está sua estátua de bronze ereta em 1864 por Salamanca e Delahaute. Não pude avistá-la. Atravessei um túnel não pequeno.

8h 10' La Cattolica porque aí se hospedaram os bispos católicos durante o concílio de Rimini em 359. Crianças enfileiradas em grande número que vitoriam o trem ao passar. O mar não está muito longe. Avisto-o agora azul escuro um pouco esverdeado. “Riccione”. Atravesso o Conca, e Crustumius rapax — bem humilde neste momento — de Lucano. Vou me aproximando de Rimini onde Francesco foi vítima dos dubliosi desii.

8h ½ Chego à estação.

E quello che dà me non fui diviso.

La bocca me bacció tutto tremante

Quando lemos que o riso desejado

Sentia o beijo de tão fino amante

Que nunca sairá deste meu lado

A boca me beijou todo anhelante.

De minhas traduções da Divina Comédia cuja cópia de sua letra enviou-me a Isabel. E continua.

Nesse dia não lemos para diante.

Enquanto essa alma conta o seu labor

A outra chora, e tanto o dó me atrai

Que desmaiei da morte sob a cor,

E caí como corpo morto cai.

9h 18' “Cesena”. A seus governo heterogêneos alude Dante quando diz Così della sié trà il piano e il monte. Frà tirannia si vive e stato franco. Antes passamos por S. Arcangelo onde nasceu o Papa Clemente 14, Ganganelli.

34' “Forlimpopoli” Forum Popilli. Avista-se à esquerda Bertinoro com suas vinhas antiga propriedade dos Malatesta.

43' Forli; Forum Livii fundada depois da derrota de Asdrubal por Livius Salinator. Atravessamos Montone que reunido ao Ronco (Bedesis) deságua não longe de Ravenna no Adriático. Depois o Anone. Regam vasta planície.

10h 12' Imola (Forum Cornelii) pátria de S. Pedro. Chryso logo. Antes passamos por Fuenza. Faventia dos Boianos notável pela vitória de Sylla sobre Carlo. Pátria de Torricelli que inventou o barômetro.

27' Estivemos parados no meio do campo não sei porque; talvez por causa da necessidade de lubrificação, mas prosseguimos por uma planície mais ou menos plantada.

40' Pequena parada em “Mirandola-Ozzano”. Avistam-se à esquerda as últimas vertentes dos Apeninos.

53' Bolonha.

11h 20' Já estou na minha sala no hotel.

12h 5' Estive vendo o Anuário da Universidade de Bolonha. Ano escolástico 1888-88 que me deu Capelini e li o discurso deste por ocasião da abertura dos cursos a 20 do ano passado. Vejo que Carducci não quis deixar o Ateneu aceitando a cadeira dantesca em Roma.

6h 20 Chego de ver os edifícios da Exposição Italiana que deve inaugurar-se nos primeiros de julho. O artístico tem já alguns quadros bons; a sala destinada aos concertos é bela, mas fica um pouco afastada e os edifícios para a Agricultura, cuja arquitetura não me pareceu de forma adequada, e o destinado às outras indústrias. Disse que escreveria a Carlos

Gomes para compor alguma música para festejar a exposição. O local foi muito bem escolhido por ser espaçoso e gozar-se aí de bela vista.

Passei depois pela frente da Casa di Risparmio, cuja arquitetura muito me agrada, lembrando-me o infeliz Mengone que deu o risco para ela assim como para a Galeria Vittorio Emmanuelle de Milão, de cujo alto escorregou ou precipitou-se voluntariamente, morrendo. Finalmente visitei a igreja de Sta. Margarida com pinturas, algumas de mérito de Franceschini, e onde está o túmulo de Galvani, o descobridor do galvanismo e de sua mulher. Nada tem de artístico, mas já da primeira vez que estive em Bolonha causou-me profunda impressão pela idéia que desperta do poder da inteligência humana.

10h Depois do jantar que me soube tenho estado a conversar com o Capelini e Carducci sobre os professores de ciências e de letras da Universidade e assuntos correlativos. A fisionomia do Carducci é vulgar. Antes de ficar conversando com esses dois troquei algumas palavras com pessoas de caráter mais ou menos oficial. Este os quadros da Exposição mencionarei desde já o quadro do enterro de Britannicus. Há outros de que falarei.

½ Vou dormir, que sinto-me fatigado.

24 de abril de 1888 (3a fa.) — 7h 35' Dormi bem. Já tenho lido um pouco e vou vestir-me.

10h 25' A ducha foi sofrível. Visitei a igreja de S. Petrônio. Não tem obras artísticas notáveis, mas produz bastante efeito por sua vastidão.

11h 20' Almocei com vontade.

5h 50' Depois do almoço fui à casa de meu antigo conhecido Conde Gozzadini que já morreu. Recebeu-me a filha que infelizmente está separada do marido. Mostrou-me o museu que é curioso. Volto de visitar a universidade. Vi suas belas coleções geológicas e mineralógica, e anfiteatro anatômico com belos trabalhos artísticos de madeira, e estátuas de professores distintos. Ouvei Carducci falar muitíssimo bem sobre o Decameron de Bocaccio, na grande sala da biblioteca, percorrendo eu também as outras. Tudo me interessou, embora não fosse o tempo bastante para tudo ver como desejaria. Saindo da Universidade concluí a peregrinação diária indo ao Museu Cívico, onde se reuniram restos da civilização etrusca achados perto de Bolonha. É muito interessante e hei de pedir o catálogo que não me deram lá.

8 ½ Estive com o engenheiro arquiteto Zannoni. Falamos a respeito da escola onde ele é professor. Procurou-me o capitão in ritiro Salvador Teseo que esteve no Rio de Janeiro com o Conde d'Aquila.

9 ¾ Acabo de conversar com o Cappellini que me prometeu o que se publicou a respeito do museu cívico, de cujo catálogo ainda se cuida. Falei entretanto a Clementina Zileri dal Verne e ao filho desta, assim como a duas sobrinhas dela, uma das quais Maria Tereza afilhada minha e da Imperatriz, filhas de Isabella Conté e Giambatista Conté, sendo ambas as mães filhas da Duquesa de Berry e do Duque della Grazzia.

11h Depois de tomar chá sem acompanhamento ainda conversei um pouco e vou deitar-me.

25 de abril de 1888 (4a fa.) — 7h 50' Dormi bem, embora me levantasse durante a noite. Já estou vestido e vou sair.

10h Ducha. Igreja Santo Stefano muito curiosa por sua arquitetura. Sobe-se uma escada para chega ao altar que está no meio da igreja. Pinacoteca onde vi a Sta. Cecília de Rafael e sobretudo a sala dos quadros de Guido-Reni, agradando-me sobretudo aquele que representa Cristo morto com a Virgem, adorando-o diversos Santos, um dos quais é São Petrônio. Tudo isto um pouco à pressa.

11h Almocei bem e com o Cappelinni 50' Parto. Estiveram na estação Carducci e os outros conhecidos de Bolonha. Planície cultivada. San Pietro in Casale.

12 ¼ Seguimos depois de minutos de parada. Vai-se daqui em diligência a Cento onde nasceu João Francisco Barbieri por alcunha Guercino (vesgo). Galliera. Vastíssima planície. Não menciono sempre as estações.

12h 55' Parada de poucos minutos na estação de Ferrara. Pouco vi andando pela estação e na direção desta. Comprei o diário La Rivista de Sedje. A cidade está afastada. Atravessamos o Pó que é largo. Não podia deixar de lembrar-me de Leonor d'Este e de Tasso.

1h 40' Sigo de Rovigo onde andei pela estação e tomei café. Vou lendo as Oddi Barbare de Carducci. Atravessa-se o Adige em Boara.

2h 7' Para em Monselice. Vêem-se fortificações à direita sobre uma colina cônica com poucas árvores.

12' Battaglia a 1h a S.O. está Arguá del Monte onde morreu Petrarca. Seu túmulo está defronte da igreja com esta inscrição.

Frigida Francisci lupis hic tegit ossa Petrarce
Suscipe Virgo parens animam! Sate virgine, parce!
Fessaque nam terris coeli requiescat in arce
1373 28 Julii

Em cima de um busto do poeta de 1547.

Passamos um túnel não pequeno. $\frac{3}{4}$ Andei um pouco pela estação e seguimos. Mal avisto ao longe a igreja de Il Santo.
3h Já passamos o Brenta.

21' Mestre.

40' Quase a chegar a Veneza, percorremos o belo molhe.

4h $\frac{1}{2}$ Muito me agradou a vinda em gôndola até o hotel Danielli. Um homem ia me dizendo quais os palácios porque passávamos. A tarde está belíssima. Antes de chegar a Molamocco já tinha traduzido os versos latinos.

A que sob a pedra louza que os jazem os frios ossos cobre de Francisco Petrarca
Mãe Virgem recebe-lhe a alma! Oh Filho pio a barca
Prá que da terra lassa pousa dos céus na arca.

6h $\frac{1}{2}$ Já estive na Praça de S. Marcos onde ouvi a música militar tocar sofrivelmente diversos trechos entre os quais a marcha do Tannhäuser. Fui ver o monumento de Manin de que mandarei uma das folhas das coroas a Mme. Planet. Encontrei os Balagand. Finalmente entrei na igreja de S. Marcos que percorri e de onde saí ao som do órgão. Hoje é a festa do Santo e há logo creio que Te Deum. Revistei tudo o melhor possível, não deixando de olhar para as colunas trazidas de Constantinopla pelos venezianos. Havia muita gente na igreja. Acompanharam-me Nioac e o Seibold.

7 $\frac{3}{4}$ Acabei de jantar com vontade.

9h $\frac{1}{2}$ Recebi a visita do Síndaco de Veneza Conde Dante di Serezo Allighieri com quem conversei a respeito de assuntos municipais, e Leopoldo Bizio Vice-cônsul do Brasil que deu informações para o programa de Veneza o qual ficou feito.

10h Acabei de ler o que Castellani prefeito da biblioteca de S. Marcos disse, a 8 de maio de 1888, quando se inaugurou a Sala Bassarião e a exposição de tipografia veneziana.

11 $\frac{1}{4}$ Vou tratar de dormir.

26 de abril de 1888 (5a fa.) — Meia-noite $\frac{1}{2}$. Enfim aí arranjei sofrivelmente a tradução dos versos latinos da sepultura de Petrarca. Trovejou, porém pouco. Tudo está tranqüilo. Cumpre descansar.

8 $\frac{1}{2}$ Pois não pude. A Imperatriz sofreu muito da perna e chamou-se o Mota Maia. Enfim sempre dormiu. Estou vestido. Dia encoberto.

10h 50' Agrada-me muito a casa da ducha que me soube. Visita ao Palácios dos Doges, aonde voltarei. Falei ao vice-cônsul brasileiro numa reunião da Sociedade histórica a que eu pertenço, e fui ao menos para conversar com os membros dela. Já lancei um relance de olhos no missal Grimaldi, porém hei de voltar à Marciana. Tudo foi visto como a escassez do tempo permitia.

11h 55' Almocei bem.

6h De volta ao hotel. Antes do Almoço Marco Antônio Canini deu-me o seu Il Libro dell'amore onde traduziu poesias de brasileiros.

Fui ver a Galeria de pinturas, de que trago o catálogo com as minhas notas, e depois estive na igreja de Frazi onde vi os túmulos de Canova e de Ticiano e as principais obras de arte que aí há. Vi no museu os desenhos para a obra sobre a Basílica de S. Marcos, cuja publicação subscrevi, falando aí com quem a faz. Também me enviaram a gravura da espécie de almário para guardar os livros que conterão esses desenhos, e de tudo anexo uma explicação impressa.

9h $\frac{1}{2}$ Jantei bem. Tive visitas entre as quais a viúva do Visconde de Almeida que está aqui com uma filha casada. Também recebi o Margrave Sigismundo Csaky Pallaricini e Ugo Botti representante da Sociedade Italiana de emigração.

10h Tenho lido. Vou tomar chá.

VOLUME 28

3ª VIAGEM AO EXTERIOR - SEGUNDA PARTE

26/04 a 04/05/1888

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

26 de abril (6a f.) 1888 — 10h ½ Fechei a carta para a Isabel. 11h Li ainda e agora vou deitar-me.

27 de abril de 1888 (6a) — 8h ¼ Vestido. Dormi bem. O dia não está claro.

11 ½ Ducha excelente. Igreja de S. Sebastião — pinturas de Paulo Veronesa. Jardim Papadopoli.

12 ½ Almocei bem. Vou escrever à Madame Planat mandando-lhe folhas do [*ininteligível*] de [*Marin?*]. Escrevo também à Barral. Vou sair.

6h ½ Estou de volta com a Imperatriz e gostei dos trabalhos levíssimos de vidro da fabrica de Salvioni de Murano. Lá fui; assisti ao trabalho e vi a exposição das lindíssimas obras de vidro. Salvioni acolheu-me com a maior cordialidade. De lá segui para S. Lázaro e creio que nada me ficou para ver de interessante no convento dos Armênios, de onde trouxe publicações curiosas, entre as quais as folhas já aí impressas da tradução francesa do armênio da historia deste povo escrita por Leão o Magnífico.

Desembarquei no jardim público, e aí passei um pouco e tomei café. Regressando entrei na Igreja de Sta. Maria-della-Salute. Tem uma cúpula alterosa e elegante e quadros que muito me agradaram, sobretudo o das Bodas de Canon do Tintoretta.

Antes de entrar no hotel desembarquei da gôndola para ver o monumento de Victor Manuel de Ferrari. Gosto sobretudo da estátua do rei a cavalo. Exprime bem a sua fisionomia e também da de Veneza escravizada. Os baixo-relevos não me agradaram muito, e o melhor é o do combate de Paleostro.

28 de abril de 1888 (sábado) — 1h da madrugada chego do Theatro Rossini arde Duse checchi representar Fernando. Tomei chá seco.

A Duse Checchi agradou-me mais no Rio. Havia muita gente no teatro que não é bonito. Victoriaram-me à saída.

Depois do jantar estive com o duque delle Grassie que convidou-me amanhã para um concerto de música clássica. Também falei a Mrs. Maude.

É tempo de descansar.

8h 25'. Dormi bem, mas a Imperatriz queixou-se de falta de respiração. Vestido. Escrevi e vou para a ducha.

10h 25' Foi vigorosa; a água tem muita pressão. Chego de ver a Igreja de S. Jorge, onde foi eleito e coroado Papa Pio 7°. Possui belos quadros de Tintoretto.

11h 40' Acabo de almoçar com apetite. Já mandei telegrama de parabéns a Gastão pelos seus anos. 10 ¾ da noite. Depois do almoço fui à biblioteca Marciana onde vi diversos manuscritos, e falei a diferentes membros da sociedade literária que aí se reúne e a que pertencem. Visitei o museu cívico, notando no catalogo os objetos que me mereceram mais atenção. Voltei ao hotel e fui a bordo vapor "Thetis" do lago de Trieste que contratou com o governo austríaco, uma linha de vapores para o Brasil encontrando aí o barão Mopurgo. O "Thetis" dá força de 120 cavalos nominais navega o Danúbio. Os da linha Brasil serão de mais de 2000 efetivos e 6 por ano. O governo austríaco subvenciona essa linha. Tomei café a bordo. Depois visitei os Baligands, e chegando ao hotel recebi a visita do Cardeal Agostini patriarca de Veneza que me prometeu diversas publicações relativas ao patriarcado e história de Veneza, e o monsenhor conde Sanfferno Protonotario Apostolico.

Jantei com apetite.

Recebi visita do Delle Grassie e da viúva do visconde de Almeida e filha casada que dá muitos ares a do Jeronimo Martins de Almeida primo dela.

Volto do concerto da Sociedade Marcello. Junto o programa com as minhas notas. Já tomei chá seco. 11h ½ Vou deitar-me. Tenho de acordar-me às 6h.

29 de abril de 1888 (Domingo) — 6h 50' Vestido. Dormi bem. Bom dia.

9h ¼ Boa ducha. Missa em S. Marcos na capela de Sto. Isidoro interessante por seus mosaicos como toda a igreja. Senti não ter podido subir o campanário da praça de S. Marcos. Atravessando a piazzetta depois de ter tomado café para favorecer a reação da ducha, encontrei Mme. Boligand a quem disse adeus.

Na estação achavam-se a maior parte das pessoas que me procuraram em Veneza.

9h ½ Ligo de “Mestre” onde houve pequena parada e despedi-me do Vice-Cônsul brasileiro. “Marano”. “Dolo”. Avista-se ao longe à esquerda uma torre alta. Há aí a vila da família Pizani hoje Villa Nazionale.

10h Passamos o Brenta.

¼ Sigo da estação de Pádua onde andei um pouco e meu conhecido De Bon deu-me dois impressos que junto. 60^m passa “Lerino” e antes “Pojana”.

¾ Pequeno túnel. Passagem. “Vicenza”. Pequena demora. Falei do vagão com o dr. Pio [*Limana?*], médico-cirúrgico[*ininteligível*], que esteve no Espírito Santo. Deu-me um bilhete. Disse-me que o Pedro Tabachi da colônia de Sta. Cruz, meu conhecido, morreu nos braços dele. “[*Ininteligível*]”

Pequena parada. Percorre-se vasta planície. Ao longe à direita avista-se montanhas com neve. “San Bonifacio”.

A 1h ¼ está Arcole celebre pela passagem da ponte. Passa “[*Caldiera?*]” cujas águas minerais eram conhecidas pelo romanos. Avisto à direita a Villa Musella com seus ciprestes. Paramos pouco antes da estação de “S. Martino”. O terreno está bem plantado.

12h Chegamos a Verona.

12h ¼ Almocei bem. Vive um dos Akkas. O filho de Minescalchi está em Milão onde espero vê-lo.

Despedi-me aqui dos Baligands, depois de ter visto os dois filhos deles; o mais velho surdo. Os dois meninos tem ar inteligente.

Quem me deu informações dos Minescalchi; e ficou de telegrafar ao que está em Milão é o conde Luigi Sormani Moretti Senador. “Sonna Campagna”. Li na Gazzetta de Genova de 26 e 27 a tradução do artigo sobre o café escrito pelo Pires Garcia e publicado no “Brésil” de 5.

Dois túneis pequenos.

1h Passei “Peschiera”. Avistei ao longe o lago, e depois passei pelas fortificações com seus fossos. Agora descobre-se bem o lençol d’água bordado de montanhas, nevadas algumas. Vai-se vendo maison menos o lago que se avista estreito como um rio.

[*Desenho*]

Lago de Gurda.

½ Estou parado em “[*Desenzano?*]”.

¼ Logo de cima do viaduto avisto bem o lago que vou deixando. Numa península do lago está [*Sermione?*]. Aí se encontram ruínas que dizem da casa de campo de Catullo: Peninsularum, Sirmio, insularum que ocella. Passa a estação “Loreto”. Escapou-me antes de [*Desenzano?*]. S. Martino-della- Bataglia onde se devia ver à esquerda o monumento da batalha de Solferino “Rezzato”. Antes “ponte S. Marco” e atravessou-se o Chiese. 50 m. Brescia. Sali do vagão por pouco tempo para falar com a filha do conde Fé. O pai foi em março como ministro da Itália para Atenas. 2h Já estou há minutos a caminho. 20m “[*ininteligível*]”. Parada curta. “Chiari” cidade antiga industrial. Poucos minutos de parada. Vamos atravessando campo com lugares bem verdes. Atravessei o Oglio que sai do lago Isco. Passei por defronte de uma fábrica de Fiamiferi (fósforos). Passei o “Serio” afluente do Adda. “Vidalengo”.

3h 2'. “Greviglio” Parada [*de mais de 1?*] minuto. Daqui a pouco mais de ½ hora chego a Milão.

3h ½ De ambos os lados tudo muito verde e com florzinhas no campo. “Stazione di Loreto. Creio que vamos chegar a Milão. 40m. Já avisto o Duomo e vamos chegar. 5m.

Chegamos 4 ½. Já tive o prazer de abraçar Cantú na estação. Já me lavei e vou dar um passeio pela galeria Victor Manuel.

A Família Manzoni já não ocupa Brusaglio. Hei de procurar visitar algum dos descendentes.

6h 40' Fui à Galeria Victor-Manuel; à arena, e na volta achei marquesa [*ininteligível*] bela neta de Manzoni que veio logo procurar-me, e me disse que os outros netos de Manzoni estão em Nápoles. Os pais dela já morreram. Convidei-a para o concerto de amanhã.

8h Acabei de jantar com apetite.

9h Combinei num programa provisório até certo ponto com o vice-cônsul brasileiro Mazzoni para o que tenho de ver aqui. Carlos Gomes acaba de sair, assim como Masoni.

O lampião elétrico dá muito boa luz e assim é iluminado todo o hotel. Escrevi a Brambilla neta de Manzoni prevenindo-a de que vou depois de amanhã a Brusaglio entre meio-dia e 1h e dizendo-lhe que venha amanhã aqui ao concerto às 8 ½ da noite.

Li artigo da Gazeta de Notícias do Rio com o título de “Libertação em Petrópolis” sobre a entrega que se devia fazer, naquele dia, às 2h da tarde, de cartas de liberdade aos poucos escravos que ali havia. Eram 93, sendo 11 a título gratuito, e prometendo o major José Candido libertar deste último modo mais 13.

11h Acabei de ler o impresso sob o título “Exposição Universal 1889. Comissão franco-brasileira iniciadora da Exposição de Paris, 1888. Vou deitar-me; estou com sono.

30 de abril de 1888 (2a fa.) — 7 ¾ Vestido. Dormi bem apesar de tanto rodar de carros na rua que não é larga do hotel. A Imperatriz queixou-se bastante de seus incômodos.

Dia encoberto.

Li a tradução impressa da poesia “Amalfi” de Longfellow que me mandou Minervini que eu não pude ver em Nápoles por estar enfermo.

10h 20' Ducha sofrível. Fui a Sta. Maria-Delle-Grassie onde vi o afresco da ceia de Leonardo da Vinci. Está bem estragado. O pintor Barbaglia Giuseppe, cujo bilhete junto, fez uma cópia que aí vi, e pareceu-me boa.

Passei pela casa onde morreu Manzoni, e pretendo visitar com a marquesa Brambilla o quarto do falecimento do poeta, que o atual proprietário a quem a família daquele vendeu a casa obrigou-se a conservar tal qual.

5h ¼ Fui a Pinacoteca no Palazzo Breza. Notei o catálogo. Depois visitei o museu Turati que é particular. Ha um belo retrato da mulher de Turati, mãe daquele que tudo me mostrou, e muitas pinturas boas, sobretudo de Bertini. O moço também gosta da história natural e possui bela coleção de insetos, além da de pássaros, a que prestei menos atenção. Antes de ir à Pinacoteca percorri a biblioteca, visitando especialmente a sala, onde estão as lembranças Mazonianas, entre as quais a carta que escrevi ao poeta enviando-lhe a minha tradução do “Cinque maggio” cujo verso “Des Alpes às Pyramedes” escrevi junto à grande de Gisch Estava lá o marquês Brambilla casado com a neta de Manzoni.

7h 20' Acabo de jantar com apetite. Li antes do diário o artigo “La Lombardia” a meu respeito.

10h 40' Já tomei chá seco, isto é sem mais nada, depois do concerto que houve no meu salão, e cujo programa anotado anexo. Antes dele estive com o general del Vecchi comandante do corpo do exército que me deu diversas informações sobre ele e os quartéis, e o síndico comendador Gaetano Nayri a quem falei a respeito de melhoramentos municipais. Apesar de talvez ser escusado direi que assistiram os brasileiros de que tenho falado e o vice-cônsul.

O professor Albini escreveu de Nápoles a 27 mandando-me diversas publicações do laboratório de fisiologia.

Li na “L'Italia” de hoje o artigo “Il testamento de Bertani e il perché del monumento”. “Lascio tutti [] [] [] [] territoriate... ai [] calunniatori del 1860 innanzi, degnaci della massima governativa corrompere e c..... Termina o artigo: “fusi nella Statura di branzo”. Traz artigo sobre o conserto no conservatorio da pianista, que ouvi-ha pouco. O juizo que d'ella faz é justo. “Possie[]e [] forza e molto sentimento... Na non ha ancora [] [] perfezione che l'[] [] d'artista deve sicuramente desiderare”.

11h 50' Vou deitar-me.

1 de maio de 1888 (3a fa.) — 7 ¾ Já estou de pé. Dia encoberto.

8h ¾ Não pude acabar de traduzir o Soneto de Manzoni falando de si. É preciso ir para a ducha.

11h boa casa onde morreu Manzoni e estava o Brambillo. Igreja de Sto. Ambrosio que vi sofrivelmente. Passei por perto do lugar onde se rompe a avenida que deve ir da praça do Dnamo até o Castello de que se conserva a Sforzetta. Será uma grande avenida de quase 5 quilômetros.

12h 5' Almocei bem. Depois recebi a visita do Bispo de Piscensa com dois seminaristas. Conversei com ele a respeito dos padres italianos que eu disse não serem bons em geral. O ar dele agradou-me. Vou sair. Esquecia-me dizer que trouxe flores do quarto de Manzoni. Dei uma à Imperatriz.

5h 40' Visitei a Fondazione Artistica Poldi-Pezzoli. Junto o catálogo com as minhas notas. Depois percorri os Archivos com o Canto. A superfície de todos os andares do edificio equivale a 15 quilômetros quadrados. Só pude ver tudo muito à pressa. Ao voltar estive com o Conde Turati pai.

11h 40' Jantei bem. Traduzi o soneto que Manzoni fez a si, e fui ouvir a [Carmosi], cujo libreto junto, do brasileiro Gomes de Araújo no Theatro [dal Verne]. Não me agradou, apesar de ter alguns trechos sofríveis. Conversei num dos entreatos com o Carlos Gomes, que deseja estabelecer-se no Brasil para dar lições de música tendo idéia de ir para o Paraná ou Rio Grande.

O Sancta Anna Nery veio de [] para assistir a representacão de Carmosi[]. Veremos o que escreve.

2 de maio de 1888 (4a fa.) — Meia-noite ½ Estive ainda acabando a tradução do soneto de Manzoni a si próprio. É tempo de deitar-me.

9h 40'. Dormi bem. Antes de ir para a ducha escrevi a Brambilla neta de Manzoni enviando-lhe minha tradução do soneto em que este se descreve.

Parti para Como.

“Sesto”. Parada muito curta.

“Monza” Pequena parada.

“Désio id”

Tenho lido “la Perseveranza” de hoje onde marquei artigos para cortar. Terreno plano sem nada digno de nota.

“[]” Parada curta.

“[]” Parada curta.

“Cantir-Azmago”. [] Tunnel pequeno. “Cucciago” Quasi que não parou. “[]” Passamos terreno acidentado. Bela paisagem. Chegamos a Como 11h 10’.

[Desenho - indo para Bellagio]

Villa do Conde Arconati, cujo amante foi depois de Gambetta, que dizem envenenara [sic]. Vê-se sobre o ponto que desenhei. Avisto à direita e longe a Villa Melfi, que deixou três filhas casadas uma com o Príncipe Gonzaga. Numa ponta à esquerda vejo ao longe Cadenabbia com sua Villa Carlotta. Como está coberta de neve uma alta montanha à direita!

12 ¾ Estamos a tocar em Cadenabbia.

1h 50' Já larguei. Vi as esculturas olhando bem para o grupo de Amor e Psyche, e todas as esculturas de Canova. Andei um pouco pelo belo jardim onde admirei esplendidos [].

2h ½ []. 8h Atravessei o lago para Bellagio, de onde em carro subi até o ponto de que se descobre a continuacão do lago de Como, que se chama de Colico, e o de Lecco, onde já navego, tendo de volta me embarcado em Bellagio.

[Desenho]

4h Vi em Secco a casa [al] [Caleotto] que habitou Manzoni e onde me deram um folheto intitulado “Ricardo della festa celebrata al Caleotto il 7 marzo 1885. Commemorandosi il primo centenario della [] di Alessandro Manzoni”.

10' Parti. O vagão não parece movido a vapor pela pouca velocidade. Vejo à direita um braço do Lago de Secco. Estacão “Magianico” e a chegar a ela, à esquerda, a casa que não é pequena, e pertenceu ao Carlos Gomes. “Vercuzago”. “Calozico”. Daqui segue, à esquerda o caminho que vai ter às ruínas do Convento de [] [] era perto de Secco na direcção do lago. Percorre-se o vale que o Adda alaga. Túnel pequeno. Não avisto mais o Adda. “Airuno” Vale às ruínas de Castello do Innominato.

Na casa de Manzoni em becco li estes versos feitos pelo professor Rissini na occasião da festa:

Salve, o Famoso, [] al sublime canto

[] e [] [] il nobel estro;
 Che nell'arte del dir grande maestro
 Fosti; e [] [] nostra il [] bel vanto
 Salve, of Afamado, que no altivo canto
 Patria e fé o []
 Grande mestre dizer quem []
 Ninguém [] louvor de nós mereceu tanto.
 “[]-[]” “[]” “Osnato-Casnatre”.

Demora 40' Já dei as camélias de Cadenabbia à Imperatriz. Li a carta em resposta da Brambilla neta de Manzoni a quem mandei a tradução do soneto deste de que já falei.

3 de maio de 1888 (5a fa.) — Meia-noite 25'. Jantei com vontade. Assisti ao concerto cujo programa anexo com minhas notas. Tomei chá desacompanhado.

Escrevi a Alphane Karr a carta cujo rascunho junto mandando-lhe as bengalas de diversas madeiras que pedi a minha filha e vou agora deitar-me.

4 de maio de 1888 (6a fa.) — 7h ³/₄ Dormi bem. Ainda não sei o que farei. O dia de ontem passei na cama por ter tido um pouco de febre; vou muito melhor.

10 ³/₄ Bebi chá com pão e manteiga. Soube-me

1h 40' Acabo de ler o folheto que contém os discursos de [] Ghiron director da Bibliotheca Braidense e da Bonhgi, na ocasião da inauguração da sala Mazoniana naquela biblioteca. ⁰⁰¹

VOLUME 29

VIAGEM PARA O EXÍLIO - 6/11/1889 a 11/01/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

6 de novembro de 1889

Duvida o italiano que ela o seja	}	-1
E contudo ele a chama criminosa		-2
Pois assim o fazia desdenhosa,	}	-1
Que para lição voltar lho assim deseja		-1
Tornando a sua alma angustiosa	}	-1
Sem que o porque tão claramente veja		-1
Com um só a todos d'alma ela os despeja		-1
E de alegre solta-o esta jubilosa		-1
Agora não pode ele ser perfeito		-2
Embora aí ajunte excelente ar		
Que não posso qual índio no conceito		
A bela natureza saborear;	}	Repetição das 2
Pois quem qual este anima tudo a jeito		1ª e 2ª destas últimas
Dar-nos-á breve quem não o há de achar última letra		

7 de novembro de 1889

Da estação boa não dividia esta	-1	
Então ao avistar-me ela o fazia	-2	
E bem acentuado assim não o sentia	-1	
Que este porque ninguém jamais contesta	-1	
E sem gravá-lo dá-mo não m'o empresta	}	-1
E grave agora o coração remoía		
Por não dizer o quanto eu padecia		3 são letras da 4ª e 5ª juntas
Quando como ele a remorde o infesta		-1
E na separação tudo há que o exceda		-1
Tentando o que sofre em vão exprimi-lo		-1
Não havendo a quem Deus maior conceda		-2
Aqui e em tal repouso, a fruí-lo		

Com quem de sua amizade nunca ceda
Doce gozo ao que ouse destruí-lo

8 de novembro de 1889

A dúvida que o seja não se admite -1
E até de estulta quem a ouve, o faz -1
Se de irado contê-lo não é capaz -1
Que dele só acentuado se permite -1
Quando o francês a indagar se excite -1
Mesmo que não te ouça, lhe dirás }
Que não há prazer em que saudade eu evite -1
Todo o que é meu é nisto que se encerra -1
Aí o acho e ao vê-la, quase exclamo -1
Quando livre o respiro nesta terra -1
Mas céu a tal altura inda não chamo
Que então e só pra mim ela o encerra,
Mas não o gozo já quando o reclamo?

9 de novembro de 1889

Espero que esta noite não o seja, -1
Inda que o céu não o faz muito constante, -1
Embora este o invoca a todo instante -1
A que do almejado grave não se veja, -1
E o porque bem o advinha quem o desejas -1
Bem m'ô disse o olhar seu tão lampejante -1
Pois carregado assim me é distante, -1
E o solto em que meu ser pra ela adeja -1
Em si resume o que há de apreciado, -1
Aí se aspira todo o que há mais puro, -1
Enfim não temo ser exagerado,
E só deixar o brilho um pouco escuro,
Pois o que fica em mim sempre guardado
De melhor sublimá-lo não descurado

10 de novembro de 1889

Depois do baile da Ilha Fiscal dado aos chilenos.
Não há de tão contrário qual a festa, -1
Onde mais do que tudo me fazia, -2
E d'onde jamais grave eu o sentia, }
Que a razão d'isto ninguém já o contesta -1
Um basta, e assim com o peso não me resta -1
A dúvida que, como ele, me roía, }
E que estar contente eu então exprimia, -1
Possuindo-o eu bom como se atesta, -1
Aí, com o que mais livre lá respiro }
E quisera também que respirasse, -2
Mas que a sonhar um mês inda difiro, }
Embora a existência me formasse,
Qual, de suave zéfiro ao suspiro,
O que haja de fragrância s' espalhasse

11 de novembro de 1889

Quão mais extenso se eu a ele for -1
Indagar tudo, pra que sempre andava, -2
E do que grave tanto a angustiava, -1
Sem da razão ser eu bem sabedor. -1
A mim gravado assim remoedor -1
Como ele, o sofrimento devorava -1
Aí mal consolo gosto achava, -2
Grande e no que inspira animador -2
Porém tudo sorri-me nas montanhas,
A que chover e névoa só convinha,
Como a saudades, que aí são tamanhas,
Porque a bela estação já se avizinha,
E a amizade procura doces manhãs
De duas vidas serem uma qual a minha

12 de novembro de 1889

Não o posso estar, quando a ela eu imagino, - 2
Embora ausente muitas vezes diga, - 1

Se do pesado meu passear só abriga, -1
 Bem mostrando a razão, que é tão mofino - 1
 E m'ó traz, grave a remoer-me o tino, - 1
 Mau grado a sorte o ouça, se inimiga; - 1
 A que não praz tão bom que eu consiga, - 1
 Achando aí e assim qual o mais dino; - 2
 Só o seu nome e não tudo o que sinto,
 Nestes tão poucos versos conter pude
 Porém no meu olhar eu nunca menti, } -1
 E não há mister que nele muito estude,
 Pra descobrir o que é quase d'instinto,
 E quando não o diz é que m'ílude.

2ª de 12
 Do melhor ela é digna certamente, - 2
 Do que grave lhe (grave lhe) faça nunca em vida - 1
 E dê-lhe sempre sempre a graça em obtida - 2
 Que é porque a mim a deu, a ela reverente, - 5ª - 6ª
 Começo do que sei e sou insciente. - 1
 Tudo nela a apreciá-lo me convida, - 1
 E aí e a respirar quem não o envida. - 2
 Mas, como o belo tempo é só promessa - 1
 Do que já d'antemão tenho pensado
 Talvez por isso o céu não apareça
 Já cedo com o trem, tão estrelado,
 E de nuvens escuras bem s'espessa
 Para não vendo estar eu enganado.

13 de novembro de 1889

Fundo e extenso qual meu sentimento; - 1
 Aí achei o que de gozo faz soltar
 A tão nobre elegância a m'admirar } - 1
 Do que acentuado a outras é escarmento } - 1
 Quando se é tal não tem bom cabimento } - 1
 Assim m'ó diz gravado a tritular - 1
 Coração que em alívio o vai exclamar - 1
 Embora quase este o ache em seu tormento - 1
 Mas aí mais livre, em breve, respirado, - 2
 Já a veja em toda parte me sorrindo;
 No céu, em flores, no arroio encachoeirado,
 Que em suas lípidas águas repetindo
 Vai o que em amizade tenho respeitado,
 E no olhar do céu estou descobrindo

14 de novembro de 1889

Se alguém a chama ou mesmo se duvida, - 1
 Mal que s'indigne melhor qualquer o faz - 1
 E d'admiração ao menos soltarás - 1
 Do que só bem pesado aí tem cabida - 1
 Se a razão do que sofro é inquirida - 1
 E não m'ó adivinham assim grave que me traz - 1
 Opressa a idéia, que em alívio não é capaz - 1
 De o achar embora o seu de tanta vida, - 1
 Onde o posso mais livre bem gozar, - 2
 Melhor mostrando tudo o que lhe devo,
 E muito menos posso eu lhe pagar;
 Pois aos que o não compreendem não me atrevo
 Mostrar o quanto cumpre-me estimar
 A quem inspira-me os versos que eu escrevo

15 de novembro de 1889

Elevado conduz-nos a bom porto - 1
 Princípio sendo de quem em honestidade - 1
 Também é do que a mor felicidade }
 Nos dê sem perturbar-nos o conforto } - 1
 Do que grave em harmonia só eu lhe reporto, } - 1
 E a razão diz té a última extremidade } - 1
 Do que a mim agravado com a enormidade
 Pesa, no admirá-la todo absorto, - 1
 Soltando-o a expressar tudo o que sinto, - 1

E quanto o que ela tem gosto apreciá-lo, - 1
 Aí e em que tão puro o seu pressinto, - 2
 Qual nela folgo eu de desejá-lo
 Belo e bom, que em louvar nunca desminto
 Sem jamais qual merece eu alcançá-lo

2ª
 Mais um soneto que uma tal notícia - 1
 Que assim como italiano chamará, - 2
 Do que aí e agravado encontrarei - 1
 Motivo é d'ele em hora não propícia. - 1
 Mas a mim grave a volva, como disse-a - 1
 E o coração qual esse roerei, - 1
 Quando nem eu calado exclamarei, }
 Em tal sofrer achando até delícia; } - 1
 Pois quem não sabe aí quem o aspirar } - 2
 Tudo o que aspiro só no seu semblante,
 E o quanto é arrebatador o adivinhar
 O que em si guarda, talvez anelante,
 Sem esquecer o que devo respeitar,
 Tornando-me assim d'ela mais amante.

16 de novembro de 1889

Era-o sem dúvida e até com injustiça - 1
 Se de um tal sentimento assim fazia - 2
 Do que agravado mais o sentiria, - 1
 Quem soubesse a razão do que cobiça, - 1
 E m'ò diz grave remoendo, que enfeitica - 1
 Nutrição d'alma, embora me roia }
 Qual este e de que vive assim exprimia } - 2
 Quem cada vez seu apuro mais enliça } - 1
 Tal o solto se mais livre o respiro, } - 2
 Onde só de sonhar não me alimento,
 E o prazer para longe não difiro,
 Em que é um século um único momento,
 E adivinho em seu olhar, que não inquirio,
 Que é igual da amizade o sentimento

2ª
 A sorte é assim, se a contrario é mais devida - 1
 Também em quem chorar o oposto aparecia, - 2
 E do que é dita agravado já se via, - 1
 Sem aí ver o porque o tem invertido, - 1
 E m'ò tem grave, qual esta, remoido - 1
 O coração que nele se alivia, - 1
 E tanto o que é a orná-la bem aprecias, - 1
 Aí não esperando mais tê-lo sentido, - 2
 Junto a quem sempre lá recordarei
 Nos sonhos que são a vida dos ausentes,
 E em cuja ventura esperarei
 Breve seja o encontro de dois entes,
 Que amigos de vinte anos nomearei,
 E adivinhem por não serem mais freqüentes

17 e 18 de novembro de 1889 Com o Riachuelo à vista indo um oficial deste navio o Alagoas. (9ª 10ª)

Receber o recado daquele.

Já deixei o lugar que vi ao nascer, }
 E vou correndo o que mais afastar }
 Me há de tudo o que a m'encantar, } - 1
 Assim houvera os anos que viver: } - 2
 Do que de flores agora de sofrer, }
 Quando pesado for só no lembrar } - 1
 E este porque a ainda mais me atormentaj, } - 1
 M'ò diz e grave assim a idéia a remoer } - 1
 Embora gosto aí até o aspire - 3
 Irei no amor que dei muito esperando,
 E confio com ausência que mui breve expire,
 Voltar à pátria, à qual me devotando,
 À filha deixe que em meu amor s'inspire,
 Ainda mais por essa trabalhando

19 de novembro de 1889 – 12^h Lat. S. 21° 16' – Lg. 31° 56' defronte de Itabapoana. 1,140 milhas da ilha de Fernando. Passei bem. Li e conversei. Fui deitar-me antes das 10 por estar com sono.

20 de novembro de 1889 (4^a f^a) – Acordei antes das 6^h. São 7^h.

Passou o vapor de Hamburgo assim chamado. Saído da Bahia a 18. De muita carga e poucos passageiros e com marcha regular de 10 a 11'.

Às 2^h da madrugada 2 navios de guerra muito iluminados que parecem ser holandeses.

Por ele vou os olhos alongando,	- 1
Como pelas montanhas bem o fazia;	- 2
Do que alongado só eu o sentia,	- 1
Claro o motivo todos observando,	- 1
Que m'ò mostra qual esta ora pesando,	- 1
E como este a saudade remordia;	- 1
Que apenas mau consolo a ele pedia	- 1
Na falta do que foi sempre encantando-o	- 1
Ai e em toda parte que me achar,	- 2
Pois não há quem no agrado mais confiança,	
Sabe, sem mau pensar tanto inspirar;	
No que nos dá a mais suave esperança	
De em tanto lhe querer só aspirar	
Ao sentir puro que dá a bem aventuraça	

Retrospectiva para o dia 19

Sonhei aí que achava-me entre ondinas	- 1
E que a uma a falar me dirigia	- 2
Do que agravado agora me afligia,	- 1
E a razão porque bem o imaginas.	- 1
E disse-mo esta assim: com ela te amofinas	- 1
Pesada, bem como ele te mordia	- 1
E qual consolo bem eu o percebia	- 1
Do que não dou-te aqui e nas divinas	- 1
Auras, que nós tão ávidos aspirávamos	- 1
Espera, a nada cede o pensamento,	
Com que já tantas vezes entrevoávamos,	
Assim nos reunindo num momento,	
E talvez porque tão ausentes não estávamos	
Não só fosse o esforço eficaz por não violento	

Ponto do meio-dia **20 de novembro de 1889**. Lat. S. 18° 31'. Lg. O. Grew^{ch} 38° 3^h 6' N. de S. Mateus, e 35' e N. Abrolhos. 956' da ilha de Fernando.

21 de novembro de 1889 (5^a f^a) — Dormi bem. Tempo magnífico.

Que companhia aqui e nunca sonhada:
O médico esse a quem devo a própria vida;
O sócio da infância dirigida
Por quem, qual Deus, fez-me sair do nada
Amigos fiéis que tem simbolizada
Lealdade das esposas tão querida,
A quem devia a sua carta esclarecida
De teu honesto pai
Para seguir a honesta pegada
Da família tão cara que direi?
Na boa filha só encontrei prudência;
No bravo genro leal saber achei.
Netos para servir dei competência
A Nação que eu amei e amarei,
E dos netinhos duas mães de consciência ainda fala o coração
Cala o soneto e di-lo e
A ela tudo e à sua religião!

Ponto do meio-dia. Lt. S. 15° 21'. Lg. O. 37° 18' 12' S. da barra do Una. 750m de Fernando, da Bahia 148.

22 de novembro de 1889 (6^a f^a) — Dormi bem e já tomei café. Parou-se por causa do encouraçado Riachuelo. São 7h 20.

Vou copiar com tinta o soneto de ontem. Dei-o ao Mota Maia ⁰⁰¹ pois sem os seus cuidados não poderia tê-lo feito.

Li a poesia da Gautier ⁰⁰² filha do Théophile e que há de ser o assunto da sinfonia musical a que se dará em concurso o prêmio do Instituto.

É 1h. Dão-me o ponto Lat. S. 12° 42' – Lg. O 36° 10' 78 N. da Bahia, 575 de Fernando. Avistou-se a Leste e muito no horizonte um lugar.

Acabei de jantar a que o Pedro Augusto ⁰⁰³ [assistiu], estando hoje muito nervoso e agitado.

6h 10' Já nos distanciamos muito do Riachuelo, que virou de bordo. Vamos andando agora entre 12 e 13 milhas. 1 Li alto. Ponto do meio-dia. Lat. S. 8° 41' Lg. O 34' 32' O. de Fernando. Ainda ao S. de Pernambuco. Correntes contrárias de água. 22° em 24 horas. De Fernando a S. Vicente, 13° 40'; 5 dias a 11 ½ por hora. 2h ½ Navio no horizonte do lado [do] Brasil. 5h 20' Jantei bem. Alongo a vista da portinhola de estibordo. Que bela tarde! 12h 35 – Ponto S. 4° 20' – Lg. O 32° 26'. Distante de Fernando 28m 292 andadas de ontem para hoje.

23 de novembro de 1889 (sábado) — Nada de notável. De manhã fiz o meu soneto, que depois transcreverei. À noite li o soneto. Depois ouvi ler e fui me deitar.

24 de novembro de 1889 (domingo) – Rezei e logo que clareou fiz o meu soneto que trancrevo. Passa por Fernando alongando bem a vista para a última terra brasileira.

O dia foi bom e como de costu[me]. Fiz este soneto ao avistar Noronha.

Breve não avisto mais a pátria amada
Com a prece de Deus sempre atendida
E passado o dilúvio desprendida
Pomba (infelizmente por sair da prisão onde estava há muito e sem movimento caiu no mar com a palavra saudade) e
assinatura de todos os brasileiros.
Quem a achará? Volte com a nova desejada
Segurança nos dando tão almejada
A pátria combalida que se
Já ao antigo estado restituída
Sempre qual meu desejo resplente
Seja entre as nações pela riqueza
E pela força do saber ingente
Que entesoura o que dá a natureza
E só pelo que assim for seja valente,
Sempre impondo-se a todas com a inteireza.

25 de novembro de 1889 (2ª fª) — Dormi muito bem. Como deito-me cedo começo a fazer alguma logo que me acordo não estando bem escrever os versos que então faço.

A linha do dever, nosso equador
Nunca a passaste, e agora bem o mostras
Quando com teu caráter belo arrostras
Gelos da indiferença assim como o ardor
Do sol, que não se sente animador
Só do bem, que tão boa nos demonstras
E só com um aceno a quem se esquece mostras
Riso dando do mal consolador.
Equador significa o que é a igualar;
Também aqui em reciproca amizade.
Tratemos pois de sempre contemplar
Esta lição com a maior integridade,
E em todo o tempo seja para admirar
De tais amigos a comunidade.

Banho mais agradável. Almoço com alguma. Passamos a linha com o batismo ⁰⁰⁴ do Dória ⁰⁰⁵ e mulher, tendo eu lido o soneto.

12h 25^m Lat N 15' Lg O 30 58. 290 milhas andadas. (290 | 24
50 122
2 24

5h Jantei bem. Custa-me a escrever. O vapor está parado. Não sei que desarranjo tem. 9h 20^m Vi alguma ardentia.

26 de novembro de 1889 (3ª fª) — Dormi bem. Logo que pude ler estando [sic] feito o soneto. Li, tomei banho mais agradável que ontem. A mão escreve mal. Café mau.

9 ¾ Avista-se do navio uma barca no horizonte caminhando para N.

10h 10^m Almocei bem. Tempo escuro ameaçando chuva. Parece estarmos no “Pot-au-noir” ⁰⁰⁶.

11h 10^m Vai nos cair aguaceiro. Estimativa 4° 20' Log E 29° 31'. Andado 260m para S. Vicente 725.

1h ¾ Barca de 3 mastros que parece muito carregada indo em rumo contrário. Levei o resto do dia para mim, para minha filha comecei as biografias escritas por Montegut ⁰⁰⁷, sendo a primeira de Béranger ⁰⁰⁸. Continuou Dória a ler-nos o livro do Veríssimo ⁰⁰⁹ sobre o Amazonas que não deixa de ser interessante. Noite de relâmpagos e chuvosa. Fui deitar-me pouco depois das 9.

27 de novembro de 1889 (4ª fª) — Dormi até clarear. Li, tomei bom banho e vou agora 7h 20 beber café. Passou um navio de 3 mastros, grande, rumo contrário ao nosso.

7h ½ O Pedrinho entrega-me o ponto. L Ob. N 8° 18' Lg Chr O Gr 28° 31' Para S. Vicente 566m. Dif. contra em 48h 24'. Devemos chegar a S. Vicente depois de amanhã às 3h da tarde.

Passou para o sul um vapor da Companhia Lamport Hall de Liverpool.
4 ¼. Estive lendo. Acabo de jantar. Nada houve de maior. Leu-se à noite.

28 de novembro de 1889 (5ª fª) — Dormi bem até clarear. Acabei de ler a obra que anotei de Chauldby sobre o estado da França. Não tomei banho por falta de água doce. Almocei bem. Tenho estado lendo a História da Lusitânia e da Ibéria ⁰¹⁰ do padre.

12 ½ Trazem o ponto L N 12° 09' Lg O Gr 27° 12'. Para S. Vicente 312 milhas. Andamos 254'. Estaremos amanhã em S. Vicente entre 4 e 5 da tarde. Tomei café.

2^h Grande navio em rumo oposto ao nosso. Tenho estado a [ler] História da Lusitânia e da Ibéria. Parece uma barca alemã.

5^h Jantei. Antes eu continuei a ler a História da Lusitânia e da Ibéria. Tarde boa. Passou um navio rumo sul. Li o resto da biografia de Béranger por Montegut e ouvi Dória ler o livro do Verissimo sobre os índios do Amazonas e fui deitar-me perto de 9 ½.

29 de novembro de 1889 (6ª fª) — Acordei às 6 e já pude ler a Revue des Deux Mondes de 15 de outubro. Tomei café na cama. Já estou (8^h) a ler junto à portinhola.

12^h 40^m Almocei bem. Tenho estado a ler junto a História da Lusitânia e da Ibéria.

O Pedrinho traz-me o ponto. L N 15° 32' Lg O Gr 25° 39^m. 90' para S. Vicente. Só lá chegaremos depois das 11 da noite.

4^h 25^m Estive lendo a obra de que tenho falado. Passou muito longe um palhabote que ia para Nova York.

4 ½ Chamam para jantar e li a biografia de Nodier ⁰¹¹. Ouvei a leitura do costume e tendo-me já deitado levantei-me para ver mal a ilha de Sto. Antão e tornei a deitar-me cerca de 10 ½.

30 de novembro de 1889 (sábado) — 6^h 20^m Dormi bem. 2^h Li, almocei bem. Fui a S. Vicente donde voltei há pouco. Acho a povoação adiantada. A alfândega rende mais 100 contos fortes por ano. Há bons edifícios. Pedi dados estatísticos que hei de extractar. Continuo a ler a mesma publicação História da Lusitânia e da Ibéria. É bem feita. Fiz o que costume e vou deitar-me.

1 de dezembro de 1889 (domingo) — 7 ½ Dormi bem. Acabei o que tenho da História da Lusitânia e da Ibéria toda geológica. Pareceu-me bem feita.

8^h 5^m Tomei banho.

8 ½ Por causa do mar um tanto encapelado não fui à missa na povoação. Chegaram de noite e madrugada os vapores da Europa Westminster e Hibernis.

Retificação do telegrama de ontem – João Alfredo, Mayrink, Patrocínio foram presos. 10 ¾

Almocei bem. Antes chegaram meu genro e os que foram à terra; o que muito senti não ter feito.

12 ½ Estive com o pároco e vigário forâneo Augusto Maria Lino da Fonseca, que esteve em Guiné. Deu-me muitas informações prometeu-me outras. É inteligente.

Li o artigo muito interessante da Revue des Deux Mondes de 15 de outubro “Un Juif Polonais” sobre Salomon Maimon ⁰¹². É muito interessante.

4 ½ Já jantei. Chegaram vapores do sul. Vou saindo. Despedi-me acenando com o chapéu do Bartolomeu Dias e do vapor alemão chegado do Rio do qual acenaram com chapéus licenças [sic]. Vou vendo bem o perfil de Washington à minha direita porque vou de costas. Passo não muito longe da ilha de feio nome.

10^h Li e ouvi ler como de costume. Conversei e vou dormir.

2 de dezembro de 1889 (2ª fª) ⁰¹³ — 5 ¾ 64 anos. Quase 50 destes procurei servir o Brasil e mesmo de longe o farei.

O dia parece belo, mas há os verdadeiramente assim sem esperança de voltar quase certa à Pátria?

7 ¾ Li na cama a Revue des Deux Mondes de 15 de outubro. Já vou tomar café ao portaló resguardado do vento. Minha filha e genro, depois de Rebouças que procurou esta ocasião para lembrar passos comuns de nossa vida pública e a Amandinha ⁰¹⁴, assim como meu neto Pedro grande trouxeram-me escrito referentes ao dia de hoje.

11 ¾ Tenho lido diários de Lisboa e a Revue des Deux Mondes.

12^h 35^m Lat N. 19° 57' Lg O 23° 13' Andamos 210' em 19^h. Para Palmas 588m.

10^h Não houve novidade. Li a Revue des Deux Mondes. Vou dormir.

3 de dezembro de 1889 (3ª fª) — 6^h 10^m Dormi bem, embora jogasse bastante e ainda jogue. 8^h Já estou vestido, mas por causa do vento fecharam o portaló. 16^m Tenho lido o livro de Montegut Biografia de Musset ⁰¹⁵.

Vem o ponto. Lat 23° 28' – O Gr 20° 25^m. Andamos 262m de Tenerife 335. Corrente contra 24m. Estaremos em Tenerife às 8^h da noite. 3 navios de vela a E para S.

(8 ½) da noite. Passei bem o dia lendo. Acabo de ler a Revue des Deux Mondes de 15 de outubro menos o artigo sobre Bizet ⁰¹⁶, “A travers l'Exposition” e o resto. Vai ler o Dória. A mulher do século de Marques Gomes Porto ⁰¹⁷. Às 10 fui me deitar.

4 de dezembro de 1889 (4ª fª) — 6 ½ Dormi bem. O dia parece bonito. Acabei de ler a Revue des Deux Mondes à exceção do resto do artigo sobre Bizet.

12 ¼ Almocei. Tenho lido. O tempo não está claro. L 27° 04 Lg O 17 03 65m de Tenerife.

2^h 40^m Vou vendo sobre as nuvens o Pico de Teyde (12180 ^p). Mais para o lado do mar estão o Monte Chahora (9885). Los azulejos (9400). Parecem cones na grande cratera. Há muitos outros cones, um dos quais esteve em atividade em 1705. Não falo senão dos principais.

5^h 5^m. Jantei bem. Antes passou um vapor de carvão. Antes do jantar estive lendo e olhando para ilha. Passamos por Granadilla. Temos antes de S^{ta} Cruz Arico, Limas e Arafo no interior. Vê-se indistintamente por causa de alguma cerração e estibordo a grande Canária.

8 ¾ Belo pôr do sol. Tinha lido e ouvido ler as leituras de costume. Vou ainda conversar e depois deitar-me.

5 de dezembro de 1889 (5ª fª) — 8^h ½ Já estou ao portaló. Antes li desde que clareou. Dormi muito bem.

12^h 25. Li almocei bem e tenho estado lendo. O Pedrinho traz-me o ponto. L N 31° 20' Lg O 14° 11^m. Andamos 297m. Da barra de Lisboa 500, a que chegaremos no dia 7, entre 5 e 6 da manhã.

7 ¾ da noite. Tenho passado bem. Acabei de ler Nos morts contemporains por Émile Montegut. 10^m Vou deitar-me. Ouvi ler o Dória A mulher através dos séculos.

6 de dezembro de 1889 (6ª fª) — Dormi bem. São 6 ¾ Vou ver se leio.

8^h 5 Tenho lido. Vou vestir-me.

½ Já estou à portinhola.

9 ½ Vapor mui longe a estibordo seguindo para o Norte.

12 ½ Almocei. Entrega-me o Pedrinho o ponto L 35° 35^m Lg O 11° 45' Andamos 278^m de Lisboa 222^m. Defronte de Tanger

8^h 2 navios à vela para o N e um vapor de E para O. Tenho ouvido ler A mulher através dos séculos.

10^h Cama.

7 de dezembro de 1889 (Sábado) - 8^h Já estou lendo ao portaló. Ainda não olhei para Lisboa que está a [sic] à vista. Já ficou o B[agho].

11^h Já estive com as pessoas reais e a condessa Edla ⁰¹⁸ que achei bem disposta. Jantei bem e tenho conversado.

Em Lisboa receia-se motim e o general Seixas da Escola Militar, já manifestou, na cadeira, idéias republicanas.

Não conheci quando visitei a rainha, a Seisal, filha da Carolina Pereira ⁰¹⁹.

Vou deitar-me.

8 de dezembro de 1889 (Domingo) - 7 ½ Dormi bem. Vou ler os diários de 7.

9^h 5^m Acabei de ler os diários de ontem. Vou vestir-me.

7^h 10 Já jantei. Estive em Belém. Corri tudo o que aí há de mais interessante e pedi cópia das inscrições da capela onde está o monumento funéreo de Herculano ⁰²⁰, o qual muito me agradou. Aí deposei uma coroa com inscrição. Depois fui à avenida da Liberdade, percorrendo-a toda de carro. É muito larga e bela, e aí edificam-se belos edifícios. Recebi visitas e acabo de jantar. Na volta recebi a condessa Edla.

10 ¼ Estive conversando com o Penedo ⁰²¹. Os correspondentes do New York - Herald e Thompson do Times. Vou tomar chá e deitar-me.

9 de dezembro de 1889 (2ª fª) - 10^h Dormi bem. Tenho estado a ler e a responder cartas.

12^h 40^m Almocei bem. Tenho lido. Vou para a Politécnica. 4^h 10^m Chego. Ouvi a lição de física do professor Almeida e a de química de José Júlio Rodrigues ⁰²² que só me agradou pelas experiências. Visitei os gabinetes e o museu de Zoologia com o Bocage ⁰²³ que ficou de vir cá uma noite para conversarmos. Tomei café e vou falar ao infante.

9^h 35^m Não o achei já. Jantei bem. Recebi visitas entre as quais, o nuncio e o ministro dos Estados Unidos com a senhora e Bussy ⁰²⁴ da Academia das Ciências que trouxe-me a expressão de seus sentimentos. Despedi-me de Penedo que parte para Paris. Estou com o Nioac ⁰²⁵ e já vou precisando de descanso. Junto a cópia das inscrições da capela de Belém onde estás [sic] enterrado meu amigo Alexandre Herculano.

10 ½ Estive vendo cartas. Vou descansar.

10 de dezembro de 1889 (3ª fª) - 7^h ½ Dormi bem.

9^h 23^m Escrevi cartas. Vou almoçar.

7^h 10^m da noite. Chego de Sintra.

1^h de estrada de ferro. Vi o palácio da vila. Fui à Peninha que muitas saudades me causou e ao jardim do Monserrate. A casa estava chegava [sic]; mas percorri. Lá voltarei para ver a casa que aliás bem conheço e o chalé do Fernando ⁰²⁶, assim como o convento da Cortiça.

10^h e 40^m Jantei bem. Depois conversei com o Bocage sobre história, o museu da Escola Politécnica e estado desta, e de outros assuntos referentes e com outras pessoas.

Vou tomar chá e deitar-me.

11 de dezembro de 1889 (4ª fª) - 8^h 5^m Dormi bem. 7 ¼ Acabei de jantar bem. Estive em Queluz onde vi todo o palácio e sobretudo a câmara onde nasceu e morreu meu pai, havendo nódoas de sangue no travesseiro, talvez do que ele expectorava. Reparei na cascada [sic] artificial e nos repuxos dentre plantas. De

lá fui a Benfica e perto dos degraus que sobem está uma lápide que cobre a sepultura de Fr. Luís de Sousa, que foi posta pelo Pinto de Campos e o sepulcro de João das Regras ⁰²⁷. Hei de voltar lá. 10^h 10^m Estive conversando com Aguiar de Andrada ⁰²⁸ e lendo. Vou agora despir-me e depois descansar.

12 de dezembro de 1889 (5^a f^a) - 7^h 45^m Dormi bem. 9^h 20^m Li livros e vi cartas 10 ½ da noite. Fui ao convento da Cortiça que vi bem. Ao chalé da condessa Edla e a casa de Monserrate cujo interior cada vez mais me agrada. Chegando mandei à condessa de Edla camélias do chalé e duas flores do convento da Cortiça. Jantei bem. Depois conversei, sobretudo com o Tomás Ribeiro que ficou de indicar-me diversas obras. 10^h 40^m Vou tomar chá e depois deitar-me.

13 de dezembro de 1889 (6^a f^a) 8^h 10' Dormi bem. 9^h 5^m Lendo diários. ½ Vestido. Vou para o almoço. 12^h 10^m comi com apetite. Estive com o [Cama?] Leme que me trouxe seu livro sobre *Incompatibilidades* e conversei a respeito de assuntos militares. O Testa ⁰²⁹ trouxe-me diferentes publicações suas. Recebi diversas que [sic] obras que mandara buscar algumas das quais tratam de Lisboa antiga para habilitar-me a melhor correr o bairro de Alfama. 4 ½ Corri o bairro. Fui ao Castelo de S. Jorge. Vi o lugar donde descia o caminho subterrâneo que encheram. Gozei da bela vista. Visitei algumas companhias do 5^o, cujo comando tomou no cerco do Porto quando o comandante caiu morto perto de uma bala (perto de uma bala). Estão na sala diversas lembranças desse, e o retrato do soldado do 5^o que me abraçou da cama pouco antes de expirar. À vista de diversos pontos é esplêndida. O comandante do corpo e outros oficiais receberam com o melhor agasalho. Depois fui ao Carmo-Velho onde está o museu de antigüidades que se tem tornado muito interessante. Examinei-o com muito cuidado e trouxe o catálogo e a cópia de uma inscrição. Hei de anotá-lo. Ainda lerei um pouco antes do jantar. 7^h 25^m Jantei bem. Não há visitas. Vou ler. 9^h ¼ Estive com o dr. Freitas vendo mapas que abonam as pretensões do Brasil à fronteira que sustenta com a República Argentina ⁰³⁰. Vou recolher-me e descansar. 11^h 5^m Li os diários da tarde. Vou procurar a Corografia dos Açores e a tradução de Chito - Harold que além da memória histórica sobre Bento de Moura de Portugal ⁰³¹, personagem importante do tempo de Pombal, fizeram seu autor o dr. Alberto Teles ser eleito, na sessão de ontem da Academia Real das Ciências, seu sócio correspondente.

Vou dormir.

14 de dezembro de 1889 (Sábado) - 7^h ¾ Dormi bem. Leio que realizou-se a 10 em Nova York a primeira pena de morte pela electricidade.

Leio que a grã-duquesa Alice ofereceu-me o palácio de [Schlagenowerth], perto de Carlsbad, para minha residência.

Na Gazeta de Portugal veio um soneto de Jaime Vítor ao meu adeus ao Brasil levado pelo pombo. O xieque Abû Naddara vai fazer em Lisboa uma conferência. É redator do jornal Abû Naddara e da revista árabe A Itawood.

No Temps, artigo curioso sobre balões dirigíveis e assuntos militares.

9^h 25 Li os diários. Vou vestir-me. 4^h 50^m Depois do almoço que me soube, li um pouco.

Fui às Necessidades. Vi tudo e percorri o jardim com imensas saudades.

Assisti à lição de sânscrito do Abreu. Agradou-me. Poucos ouvintes.

Acabo de estar com a viúva de Mendes Leal e a sobrinha dela, solteira.

Escrevi à Edla mandando-lhe uma flor do jardim das Necessidades.

9^h Jantei bem. Tenho estado com diversos entre os quais o visconde de Ouro Preto ⁰³² e o filho, assim como o Cândido de Oliveira. Conversei também com mr. Bussy do Instituto. Tive outras visitas.

10^h Vou tomar chá, ler e dormir.

11 ¼ Vou dormir. Li um artigo sobre a literata espanhola Patrocínio de [Biedma?] cujos escritos vou procurar. É tempo de deitar-me.

15 de dezembro de 1889 (Domingo) - 7 ½ Dormi bem. Li o que há publicado da tradução bem inçada de galicismos do dr. [docteur] Rameau de [Georges] Ohnet ⁰³³ por Pinheiro Chagas ⁰³⁴.

Nos diários leio que se fala em ser eleito cardeal monsenhor Mermillot ⁰³⁵.

8 ¾ Li diários. 10 ¼ Fui a S. Vicente depositar uma coroa no túmulo do Fernando por ser aniversário. Ao retirar-me encontrei a condessa Edla com uma senhora que lhe carregava a coroa funerária. Falei-lhe pouco; mas logo irei fazer-lhe minha visita.

7 ¾ Acabo de jantar bem. Depois do almoço fui visitar o marquês de Ficalho ⁰³⁶ que achei bem disposto aparecendo lá o conde. Visitei a condessa Edla e fui ao jardim zoológico que me agradou. Não tem catálogo e as indicações dos animais pareceram-me insuficientes.

No castelo de S. Jorge há esta inscrição - El Rei D Afonso Henriques mandou colocar esta estátua e cabeça de pedra em memória da gloriosa morte que d. Martim Moniz, progenitor da família dos Vasconcelos, recebeu nesta porta quando atravessando-se nela franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos mouros esta cidade no ano de 1147. No mesmo castelo. "Chave do caixão do soldado reformado Manuel Pereira (lugar da chave). Pertenceu ao antigo batalhão caçadores n.º 5 e nesta qualidade recebeu do duque de Bragança, d. Pedro 4º seu primeiro coronel honorário um abraço por ocasião do passamento de Sua Majestade Imperial como tributo de reconhecimento aos serviços do mesmo e saudosa despedida dos seus imperritos ⁰³⁷ camaradas. No Museu arqueológico do Carmo no soco da estátua de S. João Nepomuceno; S. Joanni Nepomuceno Novo orbis [thuum aturgo] Terrae aquis igni aereque imperanti Atque cum alias tum prasertem in itinire marritimo Luculenti sospetativi suo grati animi ergo Hanc statuam Posuit cliens devotissimus Anno reparati salutis. 1743.

16 de dezembro de 1889 (2^a f^a) - 8 menos 5m. Dormi bem.

No Diário Ilustrado - "Um livro raro" Leio um artigo sobre a cópia do precioso manuscrito de Pedro Barreto de Resende ⁰³⁸ - História dos governadores e feitos militares da Índia. Hei de procurar vê-la.

Acabo de responder a uma carta de Miranda Reis ⁰³⁹, do Rio, de 25 de novembro.

11^h 20^m Recebi a viúva do general Sarmento, ajudante de campo de meu pai, depois de ter almoçado bem.

No Correio da Noite tive ontem a cataléptica de 7 anos.

Acabo de estar com o Lampreia que teve colégio no Rio e concorreu para uma das cadeiras de português no Colégio de Pedro 2°.

4^h Escola de Medicina no Hospital de S. José. Não me agradou. Ouvi o professor de anatomia descritiva. Tem horto botânico, pequeno mas que pareceu-me bem arranjado. Depois fui à loja onde ainda não estava pronta a coroa para o túmulo de A. Herculano. Dei uma volta até ficar aquela pronta e levei a Belém onde a depusitei no túmulo, dizendo que aí deixassem para ser vista, guardando-a depois no almário ⁰⁴⁰ com outras. Ficou muito decente e tem numa das fitas Voz do Profeta; Harpa do Crente; Eurico; Lendas; História; Eu e o clero, e em saber, só rico [?] e na outra - 16 de Dezembro. Depú-la às 3 ^¼.

4^h ^¼ Vou falar a uma pessoa que me procura, tendo acabado de voltar.

8 ^½ Jantei bem. Li alguma coisa. Tenho estado conversando com Mr. Bussy. Prometeu mandar-me o discurso de Renan ⁰⁴¹ na sessão anual das Academias do Instituto.

9^h Estive com o Cândido de Oliveira que veio apresentar a mulher. Também acabaram de sair o barão de S. Joaquim ⁰⁴² e a mulher.

10^h Conversei com o Aguiar de Andrada. Vou tomar chá e ler ainda. Esqueci-me de dizer que antes do Bussy conversei com o Bonança sobre a sua obra. Pareceu-me inteligente mas pouco refletido.

11^h 20^m Estive lendo a obra do Bonança. Apesar de ser às vezes pouco científica revela estudo. Vou dormir.

17 de dezembro de 1889 (3^a f^a) - 7 ^½ Dormi bem. 8 ^½ Estive lendo diários. Vou vestir-me e sair.

10^h 50^m Voltei de ouvir Sousa Martins ⁰⁴³ professor de patologia. Gostei. Tem ares de mulato.

11 ^¾ Almocei bem. Vou ver se acabo hoje o Bonança. Vi cartas. Creio que não acabarei o Bonança.

4^h Fui aos observatórios da Escola Politécnica; à condessa de Edla que achei de cama e com alguma febre. Só de volta à casa achando carta dizendo-me seu estado. Estive na Escola das Belas Artes, que nada tem de notável, sendo o diretor o Fonseca ⁰⁴⁴, filho do que eu conheci ⁰⁴⁵. Ainda dei uma volta e vim achar em casa a Maria Pia. A tarde está bellissima.

9 ^¾ Estive conversando com Gomes Amorim e Pinheiro Chagas sobre assuntos literários e aquele ficou de trazer-me o Camilo Castelo ⁰⁴⁶ e de mandar-me e indicar-me diversas publicações interessantes. Li diários e daqui a pouco irei descansar.

11^h 10^m Cumpro dormir.

18 de dezembro de 1889 (4^a f^a) - 7 ^¾ Não dormi quase nada por causa da asma da imperatriz.

Tenho estado [lendo] os diários de ontem que faltavam e os de hoje. Na Tarde: tremor de terra em Granada a 15 às 9^h e 18^m da noite. Durou 4 segundos e só produziu grande alarma. Novidades como outros as instruções para o estudo do caminho do Chire, rio importante da África. No Economista vejo que um milhão de toneladas de carvão dariam o calor absorvido durante o verão pelo lago Leman. Representa a carga de 3 milhões de vagões de hulha com a extensão inferior de 2 mil quilômetros a um meridiano. Um comboio com a velocidade de 20 quilômetros por hora gastaria 38 dias a passar.

9 ^½ Vou vestir-me e almoçar.

6^h 20^m Jantei bem. Fui ao batizado do filho Manuel ⁰⁴⁷, do rei. Foram padrinhos o avô materno e a avó paterna. Havia muita gente oficial. Vi o visconde de S. Januário.

Fui ao observatório da Tapada. Só 2 empregados, o diretor Hom e um ajudante. Corri-o todo. Fui ver o Museu das Belas Artes do Palácio das Janelas Verdes onde morava minha mãe ⁰⁴⁸ Amélia. Deram-me catálogo. É muito interessante. Hei de notar o catálogo.

Estive com o Ouro Preto e o filho. Não vieram o Amorim e o Camilo Castelo Branco. Volto da Sociedade de Geografia onde [J. Sanuh Abou Nadara] (ajunto o bilhete dele) falou sobre o Oriente, sobretudo o Koran. Não me desagradou. Percorri depois livraria; museu; coleção de produtos coloniais.

11^h 20^m Vou deitar-me tendo acabado de ver os diários.

19 de dezembro de 1889 (5^a f^a) - 8 menos 5m Dormi. Vou ler os diários. O Amorim mandou o 1° de Janeiro, do Porto, ao Aljezur, com um artigo sobre mim.

9 ^½ Corri o interessantíssimo poema: "O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano ⁰⁴⁹ na história verdadeira que ele escreve em cantos líricos... Lisboa 1780. Emprestou-mo Amorim. Vou vestir-me.

11^h 20^m Almocei bem em companhia de Japurá e filha. Li El Imparcial de 18 dando conta das experiências do barco submarino Peral ⁰⁵⁰ - Resumo: O Peral ficou 7^{hs} incomunicável com o exterior, respiravam os tripulantes, ar comprimido em depósitos. Navegou 3^h ^½ submerso. 3^m ^½ ou até os vidros da torre ótica e com a bússola e aparato ótico até 3^m, 8 de calado. Utilizou 1^h ^½ o aparato ótico. Navegou 35^m. Perfeitas condições de estabilidade.

12^h 20^m Li o Brésil de 15. Vou sair 5^h 5^m Para fazer horas, dei uma volta de carro apeando-me nos jardins da estrela e do príncipe real. Fui à casa do Palmela onde vi belos objetos de arte e a oficina com as esculturas da duquesa ⁰⁵¹. Andei pelo jardim. O duque fotografou duas esculturas da duquesa. A do "Diógenes", que esteve na exposição anterior de Paris, não me agradou. De lá fui à casa do conde Daupias onde me encontrei com o irmão do Valmór que foi secretário da legação portuguesa no Rio. Infelizmente não tem catálogo. É bellissima.

Acabo de despedir-me da Edla a quem disse o que por pedido fizera-o ao rei.

Vou preparar-me, se é isto preciso, para jantar. 7^h Bem ^¾.

Li no Dia o artigo “Brasil” onde vem a resposta de Rui Barbosa ao que já lhe constava do manifesto de Ouro Preto.

8 ³/₄ Vieram a viúva do Kopke ⁰⁵², de Petrópolis, e a irmã. O duque de Palmela trouxe-me a cópia em bronze do busto feito pela duquesa de uma preta que vi em casa deles. É obra de mérito. Sinto ainda não conhecer a duquesa quanto ao físico senão pela bela pintura retratando-a, que fez Carolus Duran quando esteve em Lisboa, e que admirei como pintura, hoje em casa do duque, a quem ainda exprimi esperança de ver e tratar pessoalmente a duquesa quando voltar a Lisboa ou alhures.

11 ¹/₄ Li os diários da tarde, creio que só estão num papel avulso estas inscrições - No convento da Cortiça perto de Sintra, d. Álvaro de Castro do Conselho de Estado de El-Rei d. Sebastião fundou este convento por mandado do Viso-Rei d. João de Castro seu pai em 1560. Santo Honório (frade do) convento (convento) da Cortiça, santo dos capuchos, viveu 14 anos na gruta e faleceu em 1596. Peccata nostra ipsa [*três palavras em latim*]. Vou deitar-me.

São 11 ¹/₂. Vou me deitar bem disposto para o sono.

20 de dezembro de 1889 (6ª F) - 7 h ¹/₂ Dormi bem.

No Comércio de Portugal, 3º artigo sobre “O regresso de Stanley” ⁰⁵³. Ao costear o Nírgé achou as origens ocidentais do Nilo. Em [*Msalala*] à margem do lago Vitória [*Niarza*] achou um verdadeiro celeiro. Logo 6000 milhas quadradas de água ignorada, salinas, vales ridentes e regurgitantes de riquezas, povos desconhecidos, raças quase brancas, enfim o campanário de uma igreja. No dia 6 do corrente entrava de novo em Zanzibar com Emin Pacha, Casati ⁰⁵⁴ e outros companheiros. Gastara de ida e volta 1012 dias, levava 700 homens e voltava com 284 sobreviventes. *Gazeta de Portugal* - “Palestra do Mr. J. Sanua Abû Nadara” interessante.

A Epoca - Discussão do orçamento 1884-85 último discutido 31.967 contos. As contas apresentadas às Câmaras em maio registram a despesa feita no exercício de 88-89 de 40.191 contos. O contrário da Espanha onde a despesa tem diminuído desde 87.

9 h 55^m Vestido. Vou almoçar. Depois de almoçar, ainda li diários e vou sair.

4^h 10^m De volta. Ouvi, no Instituto de Letras o Teófilo Braga ⁰⁵⁵ que não me agradou como desejava, mas não esperava. Fui à Ajuda despedir-me da rainha viúva; à igreja da Estrela para ver o túmulo de d. Maria I ⁰⁵⁶. Pedi que copiassem a inscrição e enviassem a cópia ao hotel. Depois fui a São Roque, ainda armada para as exéquias do Luís. Trago um folheto a respeito desta igreja. Tem de notável a capela de mosaico e lápis-lazúli presenteada pelo papa a d. João 5º ⁰⁵⁷. Tem três cópias, em mosaico, do batismo de Cristo, de Miguel Angelo ⁰⁵⁸; da Anunciação, de Guido Reni ⁰⁵⁹, e da descida do Espírito Santo, de Rafael ⁰⁶⁰.

Vou fazer alguma coisa até o jantar, mas veio o marquês da Fronteira (Moncorvo) ⁰⁶¹ e estivemos conversando de muitas coisas e de quando visitei, em Benfica, o sogro e de nossos saraus nas Necessidades na Pena quando vivo o Fernando ⁰⁶².

8^h 35^m. Jantei bem. Vieram Ouro Preto e o filho e acabei de ler o manifesto daquele, o qual achei bom, menos no que deixa supor de deslealdade da parte do Maracaju ⁰⁶³.

10^h ¹/₄ . Li os diários da noite. Vou tomar chá, ler ainda um pouco e deitar-me.

11^h ¹/₄ . Acabei de ler o Elogio de Antônio Augusto de Aguiar ⁰⁶⁴ por Gomes de Brito ⁰⁶⁵. Vou procurar o que se tenha publicado de improvisado a 14 de setembro de 1877 ao ser encerrado o fêretro de Alexandre Herculano no túmulo do general Vieira Gurjão. Vou dormir.

21 de dezembro de 1889 (Sábado) - 7^h Precisei de levantar-me mais cedo, mas sem incômodo. Estive vendo cartas quase todas pedindo esmola.

9^h 10^m Li os diários da manhã. Vou vestir-me.

11^h ¹/₄ Almocei bem e já acabei os diários da manhã.

3^h ¹/₂ Fui à lição de Jaime Muniz ⁰⁶⁶ no Instituto Superior de Letras. Não me agradou muito.

Visitei Camilo Castelo Branco ⁰⁶⁷. Casa afastada da rua. Recebeu-me o filho. Achei o pai com aspecto quase de moribundo e quase gemendo de dores e junto à mulher. Conversei com ele bastante tempo, dando-me seus últimos e prometendo-lhe cópia do meu que lhe recitei “Não graciejes com [*Lina?*] meu patusco” de que pareceu gostar.

De lá fui ao matadouro que percorri todo, parecendo-me o de Santa Cruz melhor em certos pontos, trazendo um livro sobre ele.

5 ¹/₂ Conversei longamente com o duque de Palmela. Depois falei com o prior da Encarnação, canarim de nascimento, e que disse-me pregará Alves Mendes.

7 ³/₄ Jantei bem. Tenho lido e mandei cópia de meus sonetos “Pode o artista pintar a imagem morta?” e “Não graciejes com [*Lina*] meu patusco”.

10^h Recolhi-me já. Estive conversando com o neto do barão de Taquari que vive no Porto. Recebi há pouco a resposta do Camilo Castelo Branco escrita pelo filho. Diz: “Recorro à morfina... se estiver vivo responderei amanhã”.

Vou ler diários. A tradução em alemão de que [*sic*] o Jornal da Noite trouxe-a eu da casa do Castelo Branco. Vi diversos e um que não conhecia. A discussão de Nova G[*aiá*]. Traz um artigo sobre o finado rei.

Cumpro descansar e dormir. São 11^h e 40^m.

22 de dezembro de 1889 (Domingo) - 9^h Levantei-me antes das 7. Dormi bem. Já mandei a Camilo Castelo Branco o soneto que transcreverei. Vou ler os diários. Ainda não li todos. Vou vestir-me.

3 ³/₄ Almocei bem. Fui despedir-me da rainha e ouvir Alves Mendes, na Sé, pregar sobre a Conceição. Muito me agradou pela propriedade das expressões, quase afetado. Despedi-me da Edla e indo ao hotel já

todos tinham saído para estação. Tomei café e para aí me dirigi. Havia o irmão do rei e pessoas conhecidas a despedir-se. Já passei Sacavém. À direita planície, à esquerda linha de morros baixos que vão se afastando.

4^h 20^m Carregado 33^m Azambuja onde havia um pinhal de muitos pinheiros. 10^h Chego a Coimbra. Houve bastante entusiasmo. Recebeu-me o bispo, meu conhecido, do caminho não vi bem senão o que disse porque breve escureceu. Jantei bem na estação do encontramento [sic].

11 ¼ Tomei chá. Conversei um pouco e depois de ler vou deitar-me.

23 de dezembro de 1889 (2^a f^a) - Meia noite 20. Li os diários de Cádiz e de Lisboa. Vou dormir. Dormi bem. São 8 e 10^m Vou ler o diário de Lisboa que me restava e depois continuar a leitura do folheto Les noces de Alexandre Farnese et de Marie de Portugal escrito por Auguste [Castan?] que o general [Liagre?] ofereceu ao Amorim e este me deu.

5^h 20^m Almocei bem. Fui à universidade, corri-a toda. Goza-se bela vista. Sala da biblioteca muito bela onde puseram na mesa livros para eu vê-los. Museu de História Natural. Curioso... Antes de ir à universidade estive num lugar com escadaria, repuxo cascata e árvores que não é feio. Visitei o seminário que agradou-me, vendo tudo que me mostra o bispo que me a[companhava]. Fui ver o jardim botânico, bem arranjado para o ensino, que muito lembrou-me o Antonico, lente de botânico [sic], quando aqui estive a outra vez. Fui ao observatório meteorológico, que já não é dirigido pelo Justino, que já morreu, e já estou de volta no hotel, achando a imperatriz deitada por achar-se cansada, mas sem indícios de febre. O dia foi bem empregado. Prometeram-me diversos livros para ler. O Stoltz vai massar-me [sic] as mãos.

10^h Jantei bem. Conversei e vou ainda copiar estes dois sonetos, um que fiz e mandei ao Camilo Castelo Branco no dia seguinte ao da minha visita e o de Luís Paulino ⁰⁶⁸ quando os portugueses se entregaram aos franceses na Guerra da Peninsular.

A Castelo Branco
Já falei de Camilo com o talento,
E nas suas dores mais brilha a doutrina
Que a alma é tudo e tudo nos domina
Sendo corpo infeliz revestimento!
Quando mais abatido, num momento
O seu tão cego olhar se lhe ilumina
E pronta animação logo destina
A quem de assim o ver tem desalento
Não receie portanto o amanhã (1)
Quem do que vale deve ter consciência
Do éden não tragou a cruel maçã;
Antes a saboreia com impaciência;
Pois a mente possuindo sempre sã
Só lhe é transitória esta existência

(1) Em resposta à minha carta assim o exprimia

De Luiz Paulino Pinto da França

A teus pés, como me lembro, furtador da monarquia
Vem ser a lusa gente desarmada
Hoje rende à traição a nobre espada,
Que jamais se rendeu à valentia.
Oh rei! Se minha dor; minha agonia
Penetrar sepulcral morada
Levanta a campa e com a mão mirrada
Vem vingar a afronta deste dia
Eu fiel qual te foi Muniz teu pajem
Fiel sempre serei, jamais cedendo
A espada nem mesmo à leal coragem
Mas eis-me reverente a oferecendo
A quem certo a recebe como imagem
De meu preito de amor e vassalagem

Em 1833 uma faísca elétrica desarvorou a cruz que rematava o frontispício e danificou outros ornatos da Sé nova. Um poeta popular de Coimbra, Francisco António Gomes ⁰⁶⁹ fez esta poesia:

Caiu um raio na sé
Sobre a augústia [sic] frontaria,
Esgalhou a cantaria,
Sem respeito à cruz da fé;
Ofendeu quem estava ao pé;
A uma jovem consumiu
S. João defronte viu,
E no seu livro escreveu:
Este raio era judeu,
Pois a santa cruz partiu

No jazigo do bispo Francisco de Lemos, bispo reformador lê-se AETERNITATI Sacrum Illustrissimo e excelentíssimo Domenico * (São 11h. Vou deitar-me. Continuarei a transcrever amanhã)

24 de dezembro de 1889 (3ª fª) - 8^h Dormi bem. A imperatriz passou sofrivelmente.

* D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho Avisensio Ordines Equita zenopolitano Dein conimbricensis Episcopo, Argentiensi Comite et Cojæe Dinastæ Christianæ Pietatis Ecclesiasticæ Disciplinæ et Episcopalis Honoris Conservatori Strennissimo, Sub Joseph I – Maria I ⁰⁷⁰ et Joanne VI. Arg Academiæ Conimbricensis ab Instaniatis Litteris I et IV Reformatore et Rectori Ad Olisponensia Extraordinaria ab Fluvii Januarii Provincia Procuratori Delegato Omnium Disciplinarum Reparatori Studiosissimo, Doctorum que Mecenati Ingenio Judicio Doctrina ac Dexteritate Justitia, Pietate Fide Beneficentia atque Largitate Praestanti viro Denique Summo, Exteris Etiam Gentibus Notissimo Praesentibus Posteris que Mirando Nato Non. April. Anno MDCCXXXV. Denato XVI Kal. Maii Anno MDCCCXXII. Academica Juventutis Moderatori Optimo Studiorum que Patrono Desideratissimo D.S.O.M. Debitum Admirationis Obervantiae Amorisque Praecipui Officium Persolvens, Pieque Parentans Grata atque Memor Subens Sugensque Posuit Anno Salutis 1864.

Escrevi à condessa Edla como lhe prometera. Continuei o folheto sobre Les Noces de Alexandre Farnese et de Marie de Portugal depois de ler um artigo – “Passado, presente e futuro”, do Correio de Santos, de 2 deste mês sobre a monarquia, que não é mau. Li O Imparcial, de Coimbra. Tem o artigo de fundo “D. Pedro de Alcântara”, que agradeço.

2 ½ Fui à Santa Clara com o bispo. Beijei a mão de Santa Isabel com o cerimonial usado e vi grande parte do convento. A vista de Coimbra, do convento é bonita. Fui depois à Quinta das Lágrimas, de Miguel Osório ⁰⁷¹, que está doente. Perto da fonte, que pouca água tem, há uma pedra com a est. 135 do canto 3º dos Lusíadas. Entrei na casa onde tomei café. Daí fui até Almecegue, bonito passeio. Daqui a pouco sigo para o Porto 4 ½ Souselas. Antes de partir conversei com diversos, dentro e para fora do vagão. Prometi ao bispo a tradução do padre Caldas e o livro sobre o Brasil da enciclopédia, para a biblioteca da universidade.

4^h 50^m. Pampilhosa. É onde o rei atual veio encontrar a noiva.

40^m Jantei bem. Vamos continuar.

6 ½ Tenho feito charadas. Quitanes. 7 ^h10^m Estarreja 40^m Ovar. Comecei a ler as Musas Cristãs de Alberto Albano de Lima Duque ⁰⁷². Creio que as não acabarei. Parece-me muito fraco trabalho 8 ^h10^m. Espinho. 8^h ½ Passamos por outra estação, mas não pude saber qual fosse. ¾ Valadares - Gaia e Porto a que cheguei às 10 ao Grand-Hotel de Moura Guimarães. ¼ Já vi diversas que me falaram. Vou Tomar chá e descansar. Ao chegar achei carta da Ristori ⁰⁷³ de 17.

11^h 5^m Estive lendo; tomei chá e vou deitar-me.

25 de dezembro de 1889 (4ª fª) - 7 ½ Dormi bem. Vou ler diários - O Comércio do Porto - Notícias do Brasil - Seca no Piauí - O jubileu de Rubinstein ⁰⁷⁴. Em S. Petersburgo festejando o cinqüentenário do princípio de sua carreira artística - Carta de Jules Verne ⁰⁷⁵ em que se diz que se poderia fazer a viagem à roda do mundo em menos de 6 semanas, logo que a linha transatlântica por Irkutsk ⁰⁷⁶ estiver concluída. Artigo - “A chegada da família imperial” - Parece que o rei está doente de influenza. Hoje há a Gioconda.

Jornal do Porto. Artigo sobre minha estada em Coimbra e prometi, com efeito, mandar para a biblioteca da universidade um exemplar da Flora de Martius ⁰⁷⁷.

Jornal de Notícia - “O teatro francês e a censura”. Proibição da comédia, em um ato, *Pater*, de Coppée ⁰⁷⁸ que publicou uma carta de desabafo. Deve chegar brevemente a Lisboa o Serpa Pinto. Artigo sobre minha chegada.

Jornal da Manhã. Morreu Ernesto Havet ⁰⁷⁹ do Instituto, muito meu conhecido. Diz que segundo a Étoile Belge o Pedro foi levado para uma [casa] de saúde em Gratz ⁰⁸⁰ por atacado de mania de perseguição. “D. Pedro em Coimbra”. Não é exato que dissesse à freira: minha menina, como está? Falta um diário, mas cumpre vestir-me.

11^h 40^m Almocei bem; farei a leitura de O Comércio do Porto - Notícias do Rio - “Os ex-imperadores do Brasil no Porto”. Narra a minha chegada - “Os ex-imperadores em Coimbra”.

A Atualidade - “Estados Unidos do Brasil”.

4 ½ Fui à igreja da Lapa onde ouvi e venerei o coração. Escreverei depois a inscrição da lápide na parede. Depois fui a S. João da foz cuja praia lembrou-me as de Cannes perto do farol e da Croisette. O rolo do mar era já belo. Segui para ver as obras do porto artificial de Leixões. Dentro talvez de pouco ano estarão concluídas. Vi o mais que pude. Passei por S. João de Matosinhos. Toda a digressão agradou-me muito. Vou ler diários.

O Economista tem telegrama do banimento e de minha família do Brasil. Para que? Ouro Preto ⁰⁸¹, Carlos Afonso ⁰⁸² e Silveira Martins ⁰⁸³ deportados. Reunião da Constituinte em 15 de novembro sendo as eleições a 15 de setembro. Interrompam-me (5^h 25^m) para o jantar.

7 ¼ Jantei bem.

Li em O Primeiro de Janeiro o artigo - “O Imperador”, agradou-me por seu tom - “Bens de D. Pedro de Alcântara”. Nele se diz que querem vender à sorrelfa ⁰⁸⁴, os bens meus de Petrópolis. Fechou-se a venda da estrada da Leopoldina por 7 milhões esterlinos. Telegrama de contra revolução no Rio a 18 que, por fim a 20, estava sufocada. Houve muitas prisões - “A família imperial em Coimbra” - “A retirada dos imperadores e a despedida”.

9 ¾ Recebi diversas pessoas entre as quais o pintor Resende, a quem prometi ir a seu atelier e um juiz da relação com [quem] conversei sobre organização judiciária e leis de Justiça, e prometeu-me o novo projeto relativo apresentado às Câmaras, e em fim, com pessoas que me acompanharam, tendo me despedido já de todos e das filhas do cônsul brasileiro. Vou tomar chá. Escrevi telegrama para mandarem meus livros de estudo e as obras do Caldas, prometidas ao bispo de Coimbra.

26 de dezembro de 1889 (5ª fª) - 7^h Dormi mal por causa de incômodos da imperatriz. Ainda não está claro.

9^h10^m Acabei de ler o folheto *Les noces de Alexandre Farnese et de Marie de Portugal*, por Castan que me deu Francisco Gomes de Amorim. Tem notas por letra deste. Vou vestir-me.

5 ½ Almocei bem. Nada de importante até eu sair. Fui ao Palácio de Cristal. Museu industrial, casa onde morreu Carlos Alberto de Massard em Entrequintas, freguesia das quintas das Marrecas. Igreja de S. Francisco que parece a igreja do convento de São Bernardo e Praça do Comércio. Falarei depois do que vi. Achei de [cama] e [ininteligível]. Mandeï à Maria Pia pelo trem desta noite, flores da casa onde o avô morreu. Numa das paredes de uma sala há esta inscrição numas pedras sendo as letras pintadas de preto

Carlo Alberto di Sabóia
Reabdicatario di Sardegna
Nacque li due Ottobre 1831
Abdicò a Novara li 28 Marzo 1849
Mori in questa Camara
Li 28 Luglio 1849 nell'età

10 ¼ Jantei bem. Conversei com alguns; sobretudo o conde de Samodães ⁰⁸⁵ a respeito dos estabelecimentos dando-me uma lista dos principais.

Joguei e vi jogar xadrez e vou deitar-me dentro em pouco.

Também recebi depois do conde de Samões [sic], Eduardo da Costa Sobrinho, que me trouxe a tradução ilustrada da Divina Comédia, por Domingo Ennes e o catálogo das edições que tem publicado a Livraria Civilização. Vou recolher-me e descansar. A Província dá notícia de um interessante [sic] de Mr. Monat, diretor da Assistência Pública - "Últimos ecos da exposição". É curioso. Dá notícia no artigo "O imperador do Brasil", notícia exata do que fiz ontem e hoje.

A luta. Achou-se perto de Sevilha uma placa de bronze com um discurso do senador romano aprovando várias reformas sobre jogos de circo. Data do 2º século da era cristã e deve ter sido gravada no reinado de Cômodo ⁰⁸⁶. A luta - "O imperador do Brasil no Porto". Não merece menção depois do artigo de outro dia no O Dez de Março. Mrs. Beecher Stowe ⁰⁸⁷ autora de A cabana do pai Tomás, enlouqueceu em Hartford (Connecticut). Concerto da orquestra austriaca no Ateneu realiza-se hoje e o programa é interessante. "Os ex imperadores do Brasil". Pouco interessante. Fala do soneto que se tem dito ser meu. Não maldigo o rigor da ímpia sorte. Diz que o rei passou a noite muito melhor.

27 de dezembro de 1889 - (1^h20^m) da madrugada. Estive marcando publicações do catálogo das edições, Livraria Civilização a ver o que tinha. [Faltam uma ou mais palavras] que gemeu e queixou-se-me de grande ardor interno. Vou descansar um pouco.

7^h40^m Já fui ver a imperatriz. Achei-a melhor. Há muita neblina e não leio bem sem luzes.

O Comércio do Porto - Folhetim de Maria Amália Vaz de Carvalho ⁰⁸⁸ sobre o livro de [Greland] A educação das mulheres pelas mulheres - "os ex-imperadores do Brasil no Porto. Exata narração do que fiz ontem. Vejo no Jornal do Porto que o governo provisório do Rio suspendeu um diário de oposição.

O Comércio Português - Aeronauta caído no mar em Honolulu e devorado por tubarões. Quando Miss Bly partiu de Nova York para a viagem à roda do mundo o redator do Cosmopolitan Magazine mandou que Elisabeth [Bisland] saísse de Nova York para fazer a viagem em sentido contrário. Seu projeto é de viagem de 72 dias por S. Francisco, Japão, Índia, Suez, Brindisi, Calais e Inglaterra. A loura miss conta apenas 20 anos.

O Comércio Português - "A revolução no Brasil" - "A família imperial no Porto". Jornal da Manhã - "D. Pedro no Porto" - "A República no Brasil" etc. O conde de Mota Maia só consentiu em acompanhar o imperador depois do governo lhe assegurar que lhe conservaria por inteiro os seus ordenados da Escola de Medicina.

9 ¾ Vou vestir-me.

12^h menos 5^m Almocei bem e escrevi cartas. Vou sair.

4 ¾ Voltei e logo direi o que fiz. Junto o bilhete escrito por árabe na casa do Cairo da última exposição e que achei em casa do pintor Francisco José de Resende ⁰⁸⁹. Vi aí diversas pinturas e esculturas. Entre aquelas há uma glorificação, de [Haranann?], que não me agradou. A pintura é mediocre [ininteligível] que quase toda de Resende. Também lá está uma fotografia de Pasteur com estas indicações por ele, talvez para Resende fazer-lhe o retrato: Monsieur. Paris 14 Nov. 1886 teint pâle - pâle jaunâtre yeux gris foncé barbe grise très grisonante cheveux à peine grisonants; mais quelle singulière idée de faire un portrait à l'huile dans ces conditions. Recevez l'assurance de ma considération distinguée.

L. Pasteur ⁰⁹⁰.

Antes fui à Câmara onde percorri a casa; vi o arquivo e documentos mais curiosos que tinham reunido e, os bombeiros que fizeram os exercícos vindo auxílio de outro ponto, mas tudo me pareceu ao serviço. Junto regulamentos.

9^h ½ Jantei bem. Conversei com o presidente e um dos comissários de polícia e assentei sobre o programa. Recebi diversas publicações. Li o Jornal de Notícias. Artigo "Os imperadores do Brasil".

O Stoltz auxiliou-me na tradução da nota do Kahn ⁰⁹¹ sobre meus estudos filológicos que me enviou o Seibold.

18^h Acabei de ler a espécie de prefácio de Teófilo Braga à edição da Cidade do Porto. Luís de Camões ⁰⁹² - Os Lusíadas 1889.

Antes do Resende, fui ao consulado brasileiro que não está mal arranjado. Estavam o cônsul e o vice-cônsul, depois de ter visitado o estabelecimento de Biel ⁰⁹³, editor dos Lusíadas. Aí vi os desenhos das

gravuras dessa edição. Finalmente fui às oficinas de S. José com estudo do padre Sebastião de Vasconcelos⁰⁹⁴. Não gostei. Que fedentina e [porcarias]. O padre esteve cá à noite para agradecer a visita!

Vou recolher-me. No álbum do Resende li: oprimido sob o peso de uma doença fatal o vigor e a energia faltariam se por elas quisesse mostrar a admiração àquele que lutando soube conquistar o futuro; faltam-me as forças ainda que me sobrem desejos; porém como não quero deixar de satisfazer ao lisonjeiro pedido do talentoso artista a quem Deus tão maravilhosamente revelou os segredos da arte aqui deixo uma simples recordação:

Da luz um raio celeste
Te envolve a fronte inspirada
Reflita-o a tela que brilha
Pelo teu gênio animada.
Fascinam as cores, encantam!
A tela vive, respira!!
Avante artista, pintor,
Da arte o gênio te inspira.
Coimbra 1856

Crespo?
Maria C. de Carvalho

Havia aí (havia) um bilhete de um árabe da rua do Cairo da exposição de Paris. Junto-o. Já tomei chá. São quase 11. A *Atualidade* - “Nós e o sr. d. Pedro 2º”. Sensato na aparência, mas pouco simpático. O *Primeiro de Janeiro* - “Os Bardi regressaram a Frohedorf da viagem à roda do mundo” - “Os imperadores do Brasil no Porto”. A *Província* - “O republicanismo”. Fala de sintomas dele. A *Província* - “O imperador”. O dia de hoje”. 12^h Vou deitar-me.

28 de dezembro de 1889 (sábado) - 7^h Dormi bem. Ouvindo a imperatriz queixar-se fui ver o que é. Está com forte dor nas costas, mas não tem febre.

7^h 50^m As janelas estão molhadas da umidade do quarto condensada 7º cent.

Jornal da Manhã - “D. Pedro no Porto”, diz o que fiz ontem. Telegrama de Rui Barbosa⁰⁹⁵ dizendo que foi cassada a dotação e o subsídio, visto que não o acatando e só aquela que é de lei, nego a legitimidade da revolução.

A *Atualidade* - “O ex-imperador do Brasil no Porto”. O *Comércio Português* - “Os Estado Unidos do Brasil”, artigo sensato. Não foi só chegando à Europa como diz o telegrama de Rui Barbosa que não aceitei os 5.000 contos, mas logo que de tal soube.

O *Primeiro de Janeiro* - “Os imperadores do Brasil no Porto”.

O *Comércio do Porto* - “Os ex-imperadores do Brasil no Porto”. Fala do que fiz ontem. Vou ver se há aí

Uma prece por Carmem Silva (Isabel rainha da Romênia). Começa a tradução do romance em folhetim.

1 ¾ Não sei como escrevo. Morreu haverá ½ hora a imperatriz, essa santa. Tinha ido à Academia das Belas Artes e ao sair foi chamar-me o Rebelo que a imperatriz tinha tido uma síncope. Já achei o prior da freguesia que lhe acudira com os ofícios extremos da Igreja. Ninguém imagina a minha aflição. Somente choro a felicidade perdida de 46 anos. Nada mais posso dizer. Minha filha já telegrafou de Madri com a notícia do estado da mãe, e já se lhe expediu a da morte. Custa-me a escrever mas preciso não sucumbir. Não sei o que farei agora. Só o estudo me consolará de minha dor. Custa-me a crer. Sempre desejei precedê-la na morte. Abriu-se na minha [vida] um vácuo que não sei como preencher. Que me tarda abraçar minha filha! Se pudesse desafogar minha dor! Nada pode exprimir quanto perdi... Que noite vou passar! Dizem que o tempo tudo desfaz! Mas poderei viver tempo igual ao da minha felicidade? Quando puder escreverei o que faça aquilatar a minha perda? Não; não posso crer que meus patricios talvez concorressem para a morte de quem verdadeiramente mais amei. Foi uma crueldade e eu a causa por ter me dado quase 50 anos de ventura! Quanto deverei mitigar com lágrimas essa última dor que ela quis compartilhar! Ninguém sabe como era boa e sofria mais pelos outros do que por si. Como sua madrinha, a rainha de Sabóia, merece ser santificada, se ainda expresso [o que] sinto é porque a conheceram e quero que me façam justiça. Estou certo que no Brasil sentirão como eu. Quis ler, não posso. Ainda não chegaram os diários da tarde. Talvez não possa percorrê-los. Só a chegada de minha filha!

Vou ver *Il Secolo de Milão*. Vejo em telegrama à *Presse de Paris*, do general Coelho chefe do partido republicano português: O meu exército e o Brasil saúdam em vós a alma da democracia; admiram os esforços que fazeis para fundar a república portuguesa e estamos convosco de coração. Benjamin Constant⁰⁹⁶. Parece apócrifo.

Passsei pela vista a *Tribuna de 29, 27 e 24 de novembro*.

Em *O Novo Tempo de [Mangual]* de 20 de novembro há um artigo sobre as citânias⁰⁹⁷ e fala de um Sarmiento que se tem ocupado delas nas descobertas só na Espanha. São da idade de ferro. Descobriram-se em Briteiros e Sabroso. O artigo é assinado por Avelino Germano de Guimarães. Há outro sobre as citânias e as cidades fortificadas do Minho.

Continua e é da *Revista de Guimarães*. Aí se diz que Sabroso está a 278 metros de altitude. Nada me distrai os olhos daquela porta fechada.

Tribunal Liberal de 30. Continua preso o nosso amigo o conselheiro Silveira Martins. Informações fidedignas dão como certo que a prisão do ilustre riograndense é instada pelo sr. visconde de Pelotas que não respondia pelo estado de que é governador se ao Rio Grande o popularíssimo cidadão. E aí está como se respeita a autonomia provincial! “Viva a federação!”

Ainda me custa crer. Ninguém como eu a adorava por suas qualidades. Que fez ela para sofrer por mim? Tomara que chegue minha filha!

Vejo na *Étoile Belge* de 17 de dezembro que Bossi publicou o 3º volume de suas memórias. Li também *L'Étoile Belge* de 18 onde nada achei para apontar.

10^h Recebo telegramas da Maria Pia e do Afonso. Veremos o que fazem os reis.

2 10^m Fizessem-me tudo, mas não a matassem por causa de mim, do muito amor que me tinha. É crueldade demais. E estou certo que ela está orando no céu por eles mesmos. O estudo e a leitura só podem ser meus consolos. Hei de assim também lembrar dela que tinha vaidade por mim. Quando puder hei de escrever sua vida para exemplo e [sic]. Pediu muitas vezes um padre, mas havia toda a esperança até a síncope e se houve culpa de não receber todos os sacramentos foi minha, embora não o julgasse preciso o Mota Maia, aliás não só mo disse não tendo eu perguntado, quando eu mesmo tinha toda a esperança. Infelizmente pelo seu estado antes da síncope eu saíra. Deus me perdoe, assim como o padre a quem primeiro me confessar.

29 de dezembro de 1889 (Domingo) - 7^h 20^m Dormi como pude. Primeiro dia de vida bem desconsolado. Viverei para o estudo que infelizmente quase que não aproveitará senão para mim e para meus netinhos.

9^h 35^m Li a *Tribuna Liberal* do Rio de 15, 21, 22, 23 e 28 de novembro. O Dória foi demitido de professor de retórica do externato de Pedro 2º.

Jornal do Porto - Brasil. "Últimas notícias". Nada de importante a não ser bom artigo sobre a morte da imperatriz.

A *Atualidade* - "O ex-imperador do Brasil no Porto" - "O falecimento da ex-imperatriz". Não está mau, porém diz que contemplei o cadáver da imperatriz, da minha devotada amiga de quase 50 anos. Não o poderia. Ninguém conhece a felicidade que lhe devi.

Comércio Português. Pequeno artigo sobre "Um dos quarenta", Ernesto Havet ⁰⁹⁸. Vejo que não há hoje teatro de gala. Já assim esperava.

Jornal da Manhã - "D. Pedro no Porto" - "A morte da imperatriz".

Jornal de Notícias - "Os imperadores do Brasil". Exato.

O *Primeiro de Janeiro* - "Morte de Sua Majestade a imperatriz". Bom artigo.

12^h Já me vesti. Vou à missa. ¾ Ouvi missa e quanto rezei pela minha santa!

6^h Comi alguma coisa, bebendo depois café. Tenho estado a ler para ver se afasto a idéia da tão saudosa vida que me resta, se dar-me-á alento pela fé e a ciência. Hei de ainda mais regozijá-la distinguindo-me. Tenho querido fazer versos, mas não posso. Faz-me muita falta o Seibold para meus estudos lingüísticos. Sinto que já se tenha publicado o livrinho "Brésil". Muito poderei acrescentar, embora se faça outra edição ou lhe ajunte outro livro.

8^h 10^m Estive outra vez comparando com o original a tradução do *Inferno* de Dante acabei o 1º canto. Já fiz isso na viagem passada. Não me agrada essa versão.

Li no *Comércio do Porto*, de 28 o folhetim sobre Uma prece por Carmem Silva que vou ver se acho aqui. É muito elogiado.

30 de dezembro de 1889 (2ª f *) - 7 ½ Dormi muito sossegadamente. Há [ininteligível] 9º cent. de temperatura e os vidros estão escorrendo água.

9^h 35^m Estou vestido. Tomara já abraçar minha filha!

Jornal da Manhã - "A morte da imperatriz do Brasil". Faz justiça à minha dor.

Jornal de Notícias. "Notas de viagem. Tomar" Interessante descrição do templo da Ordem de Cristo sucessora, no tempo de d. Diniz, da dos Templários". Sempre desejei ver este monumento. "A morte da imperatriz". Está exato.

O *Comércio do Porto* - "A morte da ex-imperatriz do Brasil." Quase que exato pois não estive com o bispo cardeal d. Américo. Continuação de Uma prece por Carmem Silva. Tomara o original.

12^h 25^m Tenho estado a ler *Le Monde* e num dos números o folhetim sobre a tradução de *Otelo* por Haraucourt ⁰⁹⁹.

40^m Chegaram minha filha, Gastão, netinhos e o Pedro grande. Que felicidade! Domingo e 2ª fª celebração em Paris do aniversário da morte de l'abbé de L'Epie. Na 2ª depôs-se uma coroa em nome da Escola do Rio. Se a saúde permitir a Barthélemy-Saint-Hilaire ¹⁰⁰ assistir sábado (28) à Sociedade da Academia das Ciências Morais e Políticas ser-lhe oferecida [sic] uma medalha feita por Chaplin solenizando seu cinquentenário acadêmico ¹⁰¹. Bouillier presidente fará um discurso.

3^h 5 Recebi o Afonso irmão do rei, o bispo com quem muito conversei, mesmo depois de ter trocado, de pé, algumas conversas com os camaristas do rei que acompanharam o A [ininteligível] sono e até agora.

5^h falei com os netinhos a respeito do que viram em Sevilha e de seus estudos

5^h ¾ Jantei. Mas nunca a esquecerei. O que lhe devo de tranqüila felicidade ninguém o ajuizará. Que mudez!

7^h 8^m Li *Le Temps* de 28. Achei os últimos. [Dulacs] - Académie des Sciences du 23 Berthelot ¹⁰² apresenta uma notícia de Stanislas Meunier ¹⁰³ sobre o meteorito carbonoso de Mighel, Rússia Meridional onde se achou um sal solúvel na água ainda não indicado nas pedras caídas do céu. Daubreé ¹⁰⁴ chama a

atenção sobre os meteoritos diamantíferos. As minas diamantíferas da África acham-se em rochas eruptivas serpentinosas, no meio de peridot. Cada vez se pensa mais que os meteoritos provêm de rochas profundas lançadas por erupções para fora da esfera atrativa atraente da terra. Berthelot apresenta algumas dúvidas. Chaveau ¹⁰⁵ apresenta uma observação sobre bacterioterapia de físicos de Edimburgo mostrando que injeções de vírus piocianico em coelhos preservam-nos do carbúnculo. Gaudry ¹⁰⁶ diz que perto de Perpignan achou-se um crânio fóssil de uma macaca velha. Faye ¹⁰⁷ entrega uma nota do coronel Bassot ¹⁰⁸ sobre a diferença que se determinou há pouco entre Paris e Leyde. Interessava ligar esta cidade a Paris pois Leyde está no paralelo de 52 o maior medido. A operação foi feita por Van Backhäuser, diretor do observatório e Bassot com precisão até 2/100 de segundo. A academia associa-se à Sociedade Real de Londres subscrevendo para a estátua de Joule ¹⁰⁹, físico inglês a quem se devem os primeiros trabalhos importantes sobre termodinâmica. Segunda feira próxima à 1 hora é a sessão pública anual e a proclamação dos prêmios de 89. 10^h Estou com minha filha a quem fiz ler o artigo dos *Débats* de 26 sobre os negócios do Brasil, que parece-me sensato. Academia de Medicina sessão de 24. Interessante pelo que se disse da influenza. Mr Leudet lê um trabalho sobre o contágio da tuberculose entre parentes. Sobre 112 viúvos e viúvas, cujo cônjuge morreu de tísica, 7 foram atacados de tuberculose.

10 ½ Tomei chá com minha filha e ela retirou-se. Vejo em A Luta - “A morte da imperatriz do Brasil”. Exato em geral. “Influenza”. Estão atacados a rainha da Rumânia, o grão duque de Baden e a condessa de Flandres. Telegramas de Rui Barbosa de 28 às 3 da tarde. Diz que não ameaçou a Europa em telegrama. Seria insensatez. Defendeu-se apenas. Do mesmo dia - diz que a Europa continua a aceitar boatos falsos. Não foram confiscados os bens da família imperial. Um decreto garante dois anos para a liquidação dos bens. O que suprimiu foi a dotação concedida no orçamento e o subsídio concedido pelo Governo provisório.

O Dez de Março - “Morte de S. M. a imperatriz do Brasil”. Tocante artigo! Para mim o sucesso ainda é quase um sonho. Bem diz o artigo “A imperatriz do Brasil não morreu - santificou-se”. Com efeito foi uma santa felicitando-me quase meio século. “Crônica de Luto”. Agradeço. 11 ¾ Vou deitar-me.

31 de dezembro de 1889 (3ª Fª) – 6^h 40^m Já me levantei. Preciso de distrair-me. É muito, muito duro! Fui mais feliz.

7^h ¾ 3º cent. Vidraças escorrendo.

8 ½ Acabei de ler as Odes e Canções de Luís de Magalhães ¹¹⁰ que me ofereceu seu livro como se vê pelo que escreveu na primeira [página], não prevendo que me oferecia uma consolação. Mil vezes obrigado.

O Comércio do Porto - “Não pode haver rêsita de gala no teatro de S. Carlos por ter falecido a augusta e virtuosa (diga santa) esposa do senhor D. Pedro de Alcântara”. Braga manifesta seus pêsames pela morte da imperatriz. Em Viana de Castelo foram interrompidos os festejos.

Jornal de Notícias “A morte da imperatriz”. Muito me comoveu a leitura.

O Comércio Português - “A imperatriz do Brasil”. Revela sentimento sincero - “O falecimento de S. M. a imperatriz”. Exato.

A Atualidade - “A morte da ex-imperatriz”. Exato. Estiveram há pouco aí o visconde de Ouro Preto e o filho. Pareceram partilhar a minha dor. O Ouro Preto disse-me que me havia de mostrar brevemente a exposição de motivos da proposta de abolição da pena de morte. Falei-lhe também dos trabalhos do código. Acabaram de estar comigo a Isabel, os netinhos e Gastão. O Pedro grande mexeu em tudo e torna-se incomodo.

Jornal do Porto - “A morte da imperatriz do Brasil”. Exato.

Jornal da Manhã - “A morte da imperatriz do Brasil”. Exato e bom.

Correio da Noite. Palavras sentidas a respeito dessa morte.

O Primeiro de Janeiro. Promovem a fundação de uma sociedade que me assegure a renda anual equivalente aos juros de 5.000 contos que não aceitei do Governo provisório – a 6% serão 300 contos.

Do País, do Rio. Deliberou o gabinete adotar medidas de severa repressão contra os capoeiras. “Demissão de Aguiar de Andrada”. “A morte da imperatriz”. Exato.

Na parte Correio da Noite o que diz da morte da imperatriz comoveu-me.

3^h 5^m Vi meus netinhos e estive conversando com o Muritiba ¹¹¹, o Loreto e mulheres. Em lugar de Fustel de Coulanges ¹¹² que eu vi bem doente em Nice foi eleito membro da Academia das Ciências Morais e Políticas Albert Sorel ¹¹³. Em lugar de Nisard ¹¹⁴ que eu ainda vi creio que em São Remo na passada viagem foi eleito membro livre pela academia das inscrições e Belas-Letras Artur de la Borderie de que tenho vergonha de confessar não conhecer escrito algum.

Na Revue des Sciences des Débats de 29 vejo que na Escola Politécnica em 490 estudantes cerca de 400 foram atacados de gripe. Barbier refere que em 1743 da gripe - tout le monde fut pris jusqu’aux chirurgiens. É a tradução verdadeira de influenza. No dicionário de medicina em 100 volumes onde se descreve a epidemia de 1742 acha-se a moléstia sob o nome de influenza. Ataca mesmo os animais. Parece infecciosa. A antipirina foi geralmente muito eficaz. Parece ser a dengue, nome proveniente do modo especial do andar (dengoso) dos doentes. Ambas as moléstias são infecciosas. A gripe vem do Norte, a dengue do Sul, mas antes de vir do Norte poderia ter estado no Sul. Em Madri a semelhança entre a febre atual e a febre de Cádiz é tal que se chama a influenza trancazo nome da dengue. A gripe seja qual for sua origem estende-se por tão vastos espaços que força a admitir que não se propague só por contato. Há muita indecisão quanto à natureza da moléstia. Enfim é principalmente epidêmica e miasmática tanto para os médicos da Alemanha como os de França. A gripe tem sem dúvida micróbio que julgaram na Alemanha ter achado. Estamos no auge da epidemia e dentro de 15 dias terá desaparecido. Os caracteres meteorológicos dos 2 últimos meses não ofereceram nada de saliente, mas de alguns anos atravessa período de frio continuo. Segundo [Renan], ¹¹⁵ vamos ver elevar-se a temperatura média e o abaixamento precedente será compensado por séries de anos quentes. Mr. [Renan] atribui certas doenças de vegetais a esse resfriamento. O martelo pneumático de Mac Coy até é aplicado pelos dentistas. Trabalhava com ar comprimido. O inventor aperfeiçoou-o. Pesa hoje 250

gr a 10 quilogramas. O ar é comprimido a 3 ou 5 atmosferas e conduzido ao utensilio por um tubo de borracha. Pode dar até 15.000 pancadas de êmbolo num minuto, embora menos fortes. No campo de [Marte] viu o autor do artigo [Pa....te] martelo pneumático que teria dado mais de cinco milhões de pancadas no mesmo tempo, tinha a cabeça brilhante polida e não gasta. A substituição de grande número de pancadas fracas a violentas dá mais segurança e precisão ao trabalho e prepara mais depressa o artista. Na galeria das máquinas havia aparelho novo para substituir em certos casos os ascensores. É o sobe escada de Amiot, mais simples que o ordinário, menos caro, serve a uma só pessoa. O motor é elétrico, mas pode ser também água. Na exposição era elétrico. Difícil é escrever no carro ou em caminho de ferro. Na Inglaterra empregaram um aparelho wrigheasy (escreve facilmente). Prende-se o cabo ao punho e a extremidade da prancheta sustenta duas cordinhas sustentáculos que se fixam por um gancho à rede do vagão. A prancheta forma assim uma escrivaninha. Braço, mão e escrivaninha deslocam-se sincronicamente e a escrita é fácil. O aritmógrafo de Troncet faz somas e subtrações até milhões. Com ele e hábito efetuam-se operações mais depressa que de ordinário. Custa 2 fr. 50c. Parece carteira de algibeira com lápis. Provavelmente o aparelho trará explicação.

Diário Popular. Critica os atos de Rui Barbosa que chama telegrafista-mór do Brasil, de conservar o provisório durante um ano e de suspender um jornal da oposição. O Diário Popular censura Benjamin Constant ¹¹⁶ de telegrafar ao exército portugueses.

O Tempo - "Os acontecimentos do Brasil". Censura a fúria de telegrafar de Rui Barbosa. A imprensa de Lisboa, a fora a republicana, é unânime entre abusivos e picarescos do governo provisório. É bom artigo. Interpreta bem o meu ato de não aceitar a dádiva dos 5.000 contos. Na sessão de 26 da Academia Francesa o duque de Aumale leu novo fragmento de sua Histoire des princes de Condé. Fala do assédio de Valencienne de julho de 1556 e do ataque de Cambrai 1557.

9^h Estou com a Isabel. Já se despediram todos os meus netos.

Li A Província. Artigos sobre a influenza - "A morte da imperatriz. Dá notícias referentes. Gladstone ¹¹⁷ fez 80 anos. O Dez de Março. O destino? Artigo muito e muito injusto para com a minha [sic] e os sentimentos de minha filha.

A Luta - "A triste realidade". Artigo de oposição e quase contrário ao rei.

Diário do Comércio. Fala da imperatriz modestamente e como ela merece - "Falecimento da ex-imperatriz do Brasil". Nada que os outros não digam.

10^h 10^m estive com Isabel e Gastão, lendo um pouco de Lisboa antiga, do Carvalho e vou tomar chá.

1 de janeiro de 1890 - 7^h Já li na cama, terminando a correspondência quinzenal sobre tudo o que houve de interessante na Europa.

Que será para mim o ano que principia? Deus terá piedade de mim embora não tenha mais a esposa devotada de quase 50 anos, mas a vida é luta e sofrimento.

3^o cent. 9^h Tenho estado a ler a minha correspondência científica e de outros assuntos que recebo há muitos anos da Europa todos os 15 dias. Já li a mais moderna de 4 de dezembro e acabo a anterior de 17 de novembro. Minha filha já me deu bons dias. Recebi carta de pêsames da Edla e respondi-lhe.

10 ¼ Vestido e vou almoçar.

10^h 40^m Almocei bem.

Comércio do Porto. O dr. Severiano da Fonseca ¹¹⁸ propôs na sessão de 5 do Instituto Histórico (propôs) que cadeira em que me assentava conserve-se desocupada e coberta de um véu. Petrópolis passou a chamar-se Cidade da Liberdade. "A morte da ex-imperatriz do Brasil"

Jornal do Porto. Reformados Ladário, Maracajú e Apa. O Deodoro receberá subsídio mensal de 10.000 \$ e cada ministro 2 contos. Muitas aposentações. Corpos de infantaria serão elevados a 400 e criados mais 4 batalhões. "A morte da imperatriz do Brasil"

Jornal de Notícias. Em Barbacena foi vítima o filho do senador [Correia], engenheiro da estrada de ferro Central quando examinava essa linha. Ontem entre as pessoas que assinaram foi a poetisa que o periódico chama distinta Albertina Paraíso ¹¹⁹ diretora do Almanaque das Senhoras Portuenses. O governo provisório do Rio parece mandou fechar as repartições em sinal de sentimento pela morte da imperatriz. No hospital de S. José em Lisboa, há 400 doentes de influenza.

Jornal da Manhã - "A morte da imperatriz do Brasil".

O Comércio Português. Brasil - Dissolução da Câmara Municipal do Rio. Até a definitiva constituição dos Estados Unidos do Brasil ou antes se assim convier, haverá um Conselho de Intendência Municipal composto de 7 membros sob um presidente de nomeação do governo provisório e com as atribuições que este abaixo lhe dá. A nova tarifa da alfândega pende de ulterior exame para sua execução - "O falecimento de sua majestade a imperatriz".

Atualidade. Tem-se dado bastantes casos de febre amarela no Rio. O calor é muito intenso. Segundo aviso telegráfico do ministro da Marinha foi adotada provisoriamente pela República a antiga bandeira substituindo a coroa por uma estrela encarnada.

2^h Li a continuação de Uma prece, por Carmem Silva, a qual vai me secando. Vou passear no quarto com minha filha.

10^m Teve de sair e eu fiquei com meu bom passeiosinho.

Li Le Monde de 29.

En Orient. Dá notícia dessa obra de l'abbé Raboisson. Parece interessante e vou mandar buscar. Li a brochura A proibidade científica do sr. João Bonança por um tal Rocha Peixoto, e escrevi no folheto o que penso a tal respeito.

5^h 25^m Estive lendo como nos tempos felizes o sermão do padre Vieira na Bahia começado pela frota holandesa.

5^h 25 Já estou jantando mas sempre saudosos das minhas leituras feitas à santa e a minhas filhas. Que vida tão diversa tenho eu de [desviver]!

6^h5^m Não jantei mal. 5° C.

8^h ¼ Tenho estado conversando com os barões. Minha filha e genro retiram-se para deitar os netinhos.

9 ½ Tomei chá com minha filha que Mota Maia chamou. Espero seu adeus para deitar-me. Passei bem o dia a não serem as mãos com impressão de areia e as saudades de minha santa que está de certo no céu pedindo por nós. Ninguém imagina quanto sinto sua morte. Iludo-me para não ter vontade de chorar... Não posso ainda fazer versos. Hei de beijar-lhe a mão com os nossos, antes de fechar o esquite.

10^h Mota Maia esteve falando de certos desejos da santa que todos serão satisfeito religiosamente. 35 Já me deitei. Vou ver se acabo discurso: O transformismo, recitado na Academia de Santo Tomás de Aquino no Seminário de Coimbra pelo professor de filosofia tomística do mesmo seminário Tiago Sisibaldo [?]

11 ½ Li o Débats de 31 com diversas passagens do elogio de Lavoisier ¹²⁰ pelo Berthelot que o leu na sessão aniversária de 30. É muito interessante e, por isso só agora tratarei de dormir. Os Débats só chegaram esta noite ao hotel. Cumpre descansar.

2 de janeiro de 1890 (5^a f^a) - 6 ¼ Passei bem a noite fisicamente e não tenho mais sono.

9^h 10^m Escrevi diversas cartas. Jornal da Manhã - "A morte da Imperatriz do Brasil".

O Dia, do Rio. Aviso de meeting no lugar da Lapa para reclamar a retirada do ministro de Portugal, mas parece que o governo resolvera proibi-lo. O conde de Figueiredo ¹²¹ ofereceu 60 contos para a fundação de oficinas no Liceu de Artes e Ofícios e quando regressar da Europa dizem que dará mais 60.

Jornal da Manhã - "O cólera continua a alastrar na Pérsia" - "A morte da Imperatriz do Brasil".

N.º 40 da Revue mycologique onde se descrevem os cogumelos das ilhas de S. Tomé e Príncipe colhidos por Moller e determinados por Winter em parte que estudou 100 espécies de que 37 novas. Faltam determinar muitas outras de que Moller trouxe exemplares em 1885. A mais curiosa foi dedicada pelos classificadores a Moller com o nome de Polystratus Mollieranus.

10^h 20^m Vestido. O Comércio Português. Transcreve artigo do Figaro desfavorável ao governo do Rio. Vou ver se traduzo poesia que aí leio de Campo-amor

Um cura de Torrevelha
Batiza criança um dia
Com a água que cabia
No que uma concha semelha
Essa gota batismal
P'ra a menina foi de modo
Que não lavou-lhe de todo
O pecado original
Deixou-a mal batizada
O cura; porque sabia
Que assim a criança seria
Só fúria em forma de fada
Fúria de tal agração
Que a muitos matou de amor.
Atira-se ao homem a dor
Tal qual o imã ao aço
Mal que a tantos fez penar,
Foi amada até morrer;
Que saber fazer sofrer
É saber fazer-se amar
Pensando no que aí veja
Mil vezes me hei perguntado
Se te haverá batizado
O cura de Torrevelha

Aí vai, mas o estro não me voltou ainda - A influenza - É coisa velha. Propaga-se em todas as latitudes. Esteve em Roma 30 vezes. Nem as chuvas torrenciais de 1732 na Lombardia, nem o grande frio de Roma em 1709 ou intenso de Cádiz em 1729 nem os calores terríveis de 1580 retardaram a marcha da moléstia. Fala da marcha da epidemia em diversas localidades. "O falecimento de sua majestade a imperatriz".

Débats de 30. Academia das Ciências Morais e Políticas. Bouillier leu uma biografia de Lucas, o criminalista, que ainda eu conheci já cego. Depois da morte de Chevreu ¹²², que foi 63 anos membro da Academia das Ciências era Lucas o decano do Instituto. Foi eleito em 1836 - "La Semaine Dramatique". Já tomei nota do Polyeucte ed. Mamei.

A Atualidade - "A morte da ex-imperatriz". O dia de ontem.

Jornal do Porto - "As moedas da república (do Brasil)". Cachimbo higiênico - Mantegazza ¹²³ diz ter obtido pelo uso do instrumento, em 2 anos, um acréscimo de 5 mil da circunferência da caixa torácica. Em Barcelona calculam-se em 52.000 os atacados de influência.

O Comércio do Porto - "A morte da ex-imperatriz do Brasil".

6^h 7^m Acabei de ver a minha santa, fazendo o seu cadáver tão calmo tocar a medalhinha benta que trago sempre ao pescoço desde que aí ma colocou quando estive tão mal em Milão. Aí ficará toda a minha vida com outra encerrando seus cabelos. Quem me diria que ela subiria ao céu para orar por mim e por todos que ela amou e estimou nesta terra?!

17 ¼ Já jantei com a Isabel. Há pouco havia 9° cent. Vou tomar café.

9^h Tenho conversado e lido fazendo-o agora da fala do trono de 2 às 5 horas da tarde.

A Luta - "Morte da Imperatriz."

O Dez de Março - Crônica de luto. Conseguimos penetrar na câmara ardente. É tal a profusão de flores que parece mais um jardim que uma sala mortuária.

Diário do Comércio - "Falecimento da ex-imperatriz do Brasil". Telegramas da epidemia. Barcelona. Numerosas reuniões do partido Zorrella ¹²⁴ fazendo os mais entusiásticos votos por seu regresso. Dizendo que aumenta a influenza em muitos lugares.

Le Monde de 30 de dezembro.

A Província - "A morte da Imperatriz". O dia de ontem. Ocupa-se com a condução do corpo da santa para a igreja da Lapa. Não posso crer ainda na minha infelicidade. Tomei chá depois das 10 com minha filha. Vou deitar-me.

São quase 11^h Lerei ainda um pouco e depois dormirei.

3 de janeiro de 1890 (6^a f^a) - 6^h 20 Não dormi mal, mas não tão bem como ontem. Acabei de ler a oração fúnebre de d. Margarida Relvas pelo padre Alves Mendes ¹²⁵. Tem muito talento, mas que estilo quase sempre afetado!

7^h 55^m 7^o cent. Já me levantei.

9 ³/₄ Quase que acabei de ler o "Almanaque das senhoras portuguesas e brasileiras" para 1890 por Albertina Paraíso. O outro agradou-me mais. O Primeiro de Janeiro - "A morte da Imperatriz". Incêndio do palacete de Laecken na Bélgica. Perderam-se as coleções e só ficaram os aposentos do rei. A princesa Clementina foi salva a custo.

12^h Saiu a santa para a Lapa A Atualidade - "A morte da ex imperatriz". O dia de ontem.

O Comércio do Porto - "Carta de França" - José Reinach ¹²⁶ apresentou um projeto para refrear os abusos da imprensa. O ministro do Interior proibiu a representação do drama "Pater" de Coppée. A duquesa de Richilieu, mulher do príncipe de Mônaco exige o cumprimento da promessa que este lhe fez de abolir o jogo quando se desse sucesso de maior vulto como deu-se com a morte de um russo arruinado completamente pela roleta. Fala-se muito do processo contra a obra intitulada "Sons offs". A pintura é realista e repugnante. Oficiais inferiores desafiaram o autor. "A morte da ex imperatriz do Brasil". A rainha da Espanha manda o infante d. António assistir as exéquias da santa.

"Jornal de Notícias". Ontem vieram mas não pude recebê-las duas senhoras solicitando minha intervenção junto ao rei para ser concedida uma pensão a d. Maria da Glória Carvalhal, viúva de um fidalgo da Ilha Terceira que prestou relevantes serviços a meu pai. Diz que morreu o mais notável dos poetas do Norte de Portugal Alfredo Carvalhaes ¹²⁷.

Li no Comércio do Porto a continuação de Uma prece por Carmen Silva.

3^h Já estive com meus filhos e netos. Tudo se passou como eu desejava.

Le Monde de 19 de dezembro do Aljezur ¹²⁸, que só agora me aparece para lê-lo. Diz que no último concerto de Chatelet que Engel ¹²⁹ cantou a arrebatou a cavatina do "Príncipe Igog" [sic], ópera de Borodine ¹³⁰, un des maîtres de l'école russe contemporaine.

5 ¹/₄ Estive conversando com o filho do Ouro Preto. Depois li à minha filha um pouco do sermão de Santo Antônio pregando aos peixes. Ela assistiu ao princípio do meu jantar e retirou-se, continuando-o eu.

5^h 40^m Jantei. Estive conversando com o Mota Maia. Estimaria levar a imperatriz quanto antes e não sei quando poderei partir. A família real é que, por considerações oficiais, me retém aqui. É uma prisão bem aflitiva.

10^h ¹/₂ Li e conversei com os barões. Tomei chá com minha filha. Na estrada de ferro para cá houve um desastre com morte de alguns e ferimento de muitos. Veremos o que dizem os diários. Vou ler deitado.

4 de janeiro de 1890 (sábado) - 6^h 10^m Dormi bem. Não tenho sono e vou já ler.

7^h 40. Diários de ontem.

A Luta - "Morte da Imperatriz". Amanheceu chovendo. Escrevi a Daubrée em resposta.

Diário do Comércio. Ainda ontem poesias dele que não me agradaram.

O Dez de Março - Crônica de luto.

A Última Hora. É uma crueldade reterem-me aqui. Desejara tomar um trem logo que a estrada o permitisse e sair daqui.

A Province - "A trasladação!" Era mais que desarranjo, era crueldade! Vem os nomes dos que pegaram nas borlas do caixão ao sair do hotel e na porta [da] igreja e não vejo o nome do conde de Samodães que por conhecido antigo, finezas para comigo e espírito de caridade que indiquei para pegar numa das borlas. Uma grande desgraça.

A Última Hora fala do desastre da estrada de ferro.

Tribuna Liberal de 4 de dezembro, do Rio. Carta do Sinimbu ¹³¹, digna dele. Discurso muito sensato de Oliveira Machado na sessão de 21 de novembro, da sessão da Assembléia Provincial do Rio.

Jornal da Manhã - "A morte da imperatriz do Brasil". Muito me abalou sua leitura. Descarrilhamento - 4 mortos e 50 feridos.

O Comércio Português - "O falecimento de sua majestade a imperatriz" - "Descarrilhamento na linha de Porto a Lisboa. 2 mortes. Ferimentos graves. Material destruído". Chegou à tarde a Lisboa o príncipe de Hohenzollern para assistir aos funerais da minha santa, da parte do imperador da Alemanha.

Jornal do Porto - "A morte da imperatriz do Brasil" - "Descarrilhamento. Passageiros mortos e feridos".

O Comércio do Porto. Houve ontem a trasladação porque a permanência do cadáver prejudicava o dono do hotel. Já se tinham avisos assinados pelo Aljezur participando que a pedido do rei ficariam transferidos para quando se combinasse, os ofícios fúnebres. Depois foi dada ordem em contrário - "A morte da ex imperatriz do Brasil" - "Descarrilhamento, mortos e feridos" - Pacote do Brasil - Vai ser nomeado cônsul geral em Paris o dr. Manuel José Barbosa - O governo vai adquirir o palacete Itamarati por 600 contos para residência do chefe de Estado.

10 menos 5 m Vou vestir-me 11^h 20^m Já vi meus filhos, netinhos e neto. Almocei com apetite.

A Atualidade - Boato de que o Czar está doente, vítima de envenenamento. Desastre na estrada de ferro - "A morte da ex imperatriz". Segundo o Standard passam de 600.000 os atacados de influenza em Londres.

O Primeiro de Janeiro dá a morte da imperatriz. O saimento adiado para 7 e depois decidido que fosse ontem.

Correio do Brasil. Aposentado Pontes Ribeiro, ministro do Brasil em Montevidéu. O governo da Rússia recusa reconhecer o governo provisório do Rio. A febre amarela recrudescer. Artur de Sousa Correia nomeado para Londres. Chegaram a Lisboa a viscondessa da Fonseca Costa e o barão da Estrela.

4^h 20^m Tenho estado lendo em voz alta e me ocupado com outras leituras e espero minha filha para ler-lhe.

6^h Quase que acabei de ler o sermão de Santo Antônio aos peixes. Minha filha assistiu o jantar tendo-se retirado para o seu.

7^h ½ Tenho lido. Vou conversar um pouco.

10^h 10^m Tenho estado conversando com todos meus companheiros, tendo tomado chá com minha filha. Vou deitar-me.

11 ½ Já percorri os diários da terra e 2 Mondes e vou dormir.

5 de janeiro de 1890 (Domingo) - 7^h 20^m Dormi. Diários de ontem A Província "Os caminhos de ferro em Portugal" - Junto do soldado vinha um outro passageiro já idoso, galego, tipo do lavrador que ficou com a perna esquerda quase separada do tronco acabando ele mesmo de arrancá-la - "A imperatriz do Brasil" - "S. M. o imperador enviou um telegrama assim: Senador Fannee (Taunay) bem se vê que é filho de Felix Fannee. Como vai a família?" - "Os funerais da imperatriz Lisboa - "Diário do Comércio" - "Falecimento da ex-imperatriz do Brasil".

O Dez de Março - "As lágrimas de um velho" a propósito da morte da imperatriz.

A Luta - "A morte da imperatriz".

Débats de 2 - Académie de Medicine. Germain See - A tuberculose não contagiosa. Leite cru não perigoso. Aconselha quando não bebe-lo senão do popular que, fornecido por muitos animais é menos perigoso. Não aconselha o leite fervido. Produz dispepsias, diarreias verdes; depauperação da criança. Os adultos nunca beberão 3 a 4 litros de leite fervido por dia, mas facilmente de leite cru, e embora se conseguisse não se obteria o desejado pois o fervido não tem as propriedades nutrientes e diuréticas do cru. A carne vendida nos açougues não transmite a tuberculose e se a elevassem à temperatura de 130° para destruir bacilos que não tem, perderia a importância alimentar.

Herard crê no contágio. Ninguém admite a geração espontânea do bacilo de Koch. A tísica desenvolve-se por herança também, sendo esta mais freqüente e, se pouco podemos contra a herança preservamo-nos bem do contágio. O ar é o grande veículo deste micróbio. Ambos de acordo admitindo como causa do contágio a poeira dos escarros secos. Não pensa no temor produzido afirmando [que] o contágio da tuberculose seja tal como dizem e cumpre, aliás, esclarecer o povo e a administração a respeito dos meios profiláticos. 13 ° cent.

O Comércio do Porto - "Brasil". Decreto de grande naturalização. Com algumas garantias mais aceitá-las embora seja eu contrário às idéias de cosmopolitismo. É muito belo porém pouco prático. - "A morte da ex imperatriz do Brasil". Reclamação do capitão de mar e guerra, diretor do Observatório da Princesa D. Amélia contra a omissão de seu nome nas honras fúnebres dizendo ter sido convidado por minha família. Eu só indiquei, como já disse, o Samodães.

"A situação financeira do Brasil" - um despacho do Rio diz que já se apresentou um relatório ao ministro da Fazenda. Despesas para o ano corrente 68.000 contos. Receitas não passam de 62. Déficit saldado com o excedente de um empréstimo que permitirá cumprir os contratos interinos (não entendo bem, digo eu). Total da dívida pública 1.072.000:000#000.

No Diário de hoje publicou-se o programa do funeral da santa em Lisboa. Chegou a Lisboa o representante, nas exéquias, do imperador da Alemanha, o general Winherfeld. Senti muito que, por incomodado, não viesse o marido da Antônia. Uma prece de Carmen Silva.

A Atualidade - Dizem que a influenza tem origem em Bokhara ¹³² onde é endêmica. "A morte da ex-imperatriz" - "o descarrilhamento".

Jornal do Porto. Em S. Paulo, no armazém da imigração achou-se uma caixa com objetos pertencentes ao finado visconde de Araguaia e, entre estes, documentos de valor cuja assinatura parece ser de d. Pedro I.

10 ¼ Vou vestir-me e almoçar.

Jornal da manhã - "A morte da imperatriz do Brasil" - Gayarre foi acometido para assim [sic] da moléstia mortal em cena cantando "Os pescadores de pérolas" no 9° ato ao cantar de novo a romança chegando à nota final calou-se de novo; curvou a cabeça dizendo: "isto acabou-se". Morreu em casa. "O descarrilhamento".

11^h ½ Li o artigo do Rebouças na Gazeta de Lisboa, de ontem. É justo para com minha filha e comigo, porém apaixonado.

O Comércio Português - Zorrella ¹³³ fez anos a 31. Já tinha intenção de mandar vir o que traduzi para o continuar de seu poema de "Granada" - "O falecimento de sua majestade a imperatriz". Pouco diz. Alfredo de Carvalhaes nasceu em Barcelos. Residiu muito tempo em Guimarães - "O descarrilhamento".

Jornal da manhã "A morte da imperatriz do Brasil".

Comércio de Portugal de 4, de Lisboa - Diz que o cônsul do Brasil não assistiu às exéquias na Lapa. Rio de Janeiro. Confessa Leôncio de Carvalho que não queria já a república porque o imperador critérios e verdadeiramente amigo do país aceitava a federação das províncias como disse Saraiva e porque para a república ser o governo do povo pelo povo era preciso primeiro educar e preparar os cidadãos (Minha opinião ficou bem clara quando tratei disso com Saraiva). O ex-imperador ... favorecia com inexcusável generosidade [sic] generosidade a educação popular. Os fatos cuja responsabilidade pertence aos maus amigos e conselheiros da Coroa, precipitaram os acontecimentos. Voltando à questão política entendo que a primeira Constituição da república deve ser elaborada e proclamada como foi a primeira Constituição do império e

ninguém terá direito de queixar-se. Concluído o projeto da Constituição dê-se-lhe larga publicidade e promulgue-se por ato do poder executivo, fazendo reservado ao Congresso Federal o direito de a rever e modificar. Continua intensíssimo o calor. O exército elevado por decreto a 24,8% é dividido em 6 batalhões de infantaria, um regimento de artilharia e 2 de cavalaria. Os batalhões de artilharia de 329 praças, os de infantaria de 425 e os de cavalaria de 405.

1^h Acabou a missa. 4^h Estive lendo aos barões algum pouco da tradução da Notre Dame de Paris pelo João Pinheiro Chagas edição ilustrada do Porto. Linguagem e, sobretudo estampas podiam ser muito melhores. Li antes La France Aérienne. Pouco científico. La fédération des sociétés des colombophiles de France. Ocupa-se dos pombos correios. - “Académie Aérostation météorologique”. Sessão de 7 à l’ocasion d’un mémoire lu au Congrès aérostatique par Mr. le Baron de Tefé Mr. Deneuve dégage sa responsabilité de l’incident provoqué par le reporter de l’aérostat et Mr. Aimé s’attachant à démontrer que cela ne pouvait pas être et que l’Académie ni la rédaction ne sont en cause il propose d’élire le Baron de Tefé membre honoraire. Mr. Malfroy communique un rapport sur les résultats comparés des ascensions le 14 Juillet. Cette étude détaillé et interessante est vivement applaudie. Apresentou-se um instrumento para indicar no balão a altura dele.

5^h 20^m Estive lendo sermões de Vieira à minha filha que saiu. Vou jantar. Rivista Italo-Americana n.º 2, 15 novembro 1889 - O congresso resolveu que a primeira exposição seja Chicago; n.º 3 de 1 de dezembro - Brasile per Don Pedro ... un uomo de idea airouvicat .. non avere uomo da benne mentre in vece nel gesuita nêl fanatico, trovanoo le migliore prerogative di questo mondo ... tanto prodigo a dar [titoli ?] a nulità ...e tanto avaro con quelle che cosa valgano per effetto che sudilai exercita la principessa Isabella.

10^h menos 10^m Conversa geral e sobre cousas de Portugal principalmente. Vou conversar com o Aljezur. Aguardo às 10. Sempre gostei da pontualidade.

11½ Estive lendo os últimos Temps. Amanharei [sic] hei de dizer o que aponte. Ê tempo de dormir.

6 de janeiro de 1890 (2ª fª) - 6^h Dormi bem levantando-me apenas algumas [vezes] para urinar mas sem incômodo.

7^h ¼ levantei-me para ler assentado - à luz da vela. Aborrecido tempo (14º cent.) Estou [lendo] o 1º folheto dos Serões de S. Miguel, de Seide. Tenho gostado muito.

8^h Já se vê bem sem luzes. O Primeiro de Janeiro. Impressões de viagem. De Lisboa à China pela América do Norte 1º artigo. Gonçalves Pereira - “A morte da Imperatriz”. Jornal da Manhã. “A morte da Imperatriz do Brasil”. Nada tem de interessante.

Jornal de Notícias - “A família imperial Brasileira” - “A imperatriz do Brasil e o governo” - Censura o governo por ter deixado o cadáver da imperatriz estando depositado no hotel, devendo ter ido para o palácio das Carrancas. Assim não se teria [ininteligível] o hoteleiro exigido a remoção do cadáver para ser depositado na Lapa; visto por pedido do rei se adiara a ida para Lisboa. E eu desejei sair quanto antes daqui. Tem sido (sido) dias de prisão angustiosa no Porto. Escrevi a Daubrée, mando-lhe o pedido do jovem astrônomo para ele fazer o que for justo.

10^h 10^m Vestido. Le Temps do 1º de Janeiro. Causerie scientifique oficina municipal de eletricidade das Halles, observação da temperatura sobre a torre Eiffel. Eclipse do sol de 22 de dezembro, projeto de estrada de ferro para o cume do Yungfrau como há para o Pilatos e o Righi etc.

12^h Almocei bem. Temps de 2 e 3 - Bilan [?] de six mois Juillet - Décembre Fala de diversas obras publicadas. Já tomei nota de algumas e de diversos fatos incluindo o falecimento de minha santa. “L’influenza Academia de medicina (31 décembre - Réformes dans l’enseignement secondaire - relativas à hygiene.

Le Matin de 30 de dezembro. Artigo interessante a respeito dos agregés de medicina.

12^h 50^m Já ouvi missa no quarto onde morreu a minha santa. Muito orei por ela.

1 ¾ Estive conversando com o Estrela. Minha afilhada não veio por doente.

2 ¼ Conversa interessante com o governador civil do distrito conselheiro José Augusto Correia de Barros e o comissário geral de Polícia Adriano Acácio de Moraes Carvalho. Aquele deu-me informações sobre os trabalhos públicos no distrito e prometeu-me publicações a tal respeito. Está lindo o dia. 17º cent.

4^h 50^m Tenho estado lendo; indo [ininteligível] todos à Lapa creio que para trasladarem o caixão à estação donde seguirá às 11 para Lisboa. Parece-me que não poderei ler hoje à minha filha os Sermões do Padre Vieira. Já lhe li o do Bom Sucesso das armas de Portugal contra as armas de Holanda pregado na igreja da Ajuda da cidade da Bahia no ano de 1640 e o de Santo António pregado na cidade do Maranhão no ano de 1674 até - Com os [voadores] tenho também uma palavra - talvez continuar logo e mesmo começar qualquer dos da Epifania que estão marcados.

Vejo no Monde de 3 que Mgr. Mermillot acaba de chegar a Roma.

8^h Jantei bem. Chegou o irmão do rei. Estão ainda jantando creio eu. Tomara já partir para Lisboa e daí para Cannes onde procurarei consolo no estudo. Quais são os afeiçoados que lá encontrarei?

8^h 35^m Acabei de ler o sermão à minha filha para dispor tudo para viagem.

Correio da Noite de 5, de Lisboa. - “A imperatriz do Brasil” - Na casa Père foram encomendadas duas coroas para serem depositadas no fêretro de minha santa em nome da rainha da Espanha e da rainha de Inglaterra - “A revolta das freiras de Odivelas” por Camilo Castelo Branco - “Descarrilhamento. Não é grande cousa o artigo de Castelo Branco - Enfermo o rei dos Belgas - Em Sofia, a 4 foi dita uma missa pela minha santa a que assistiram o príncipe Fernando, princesa Clementina e a gente oficial. Recebi uma estampa da caverna calcária de Vimioso, que restitui prometendo-se-me uma fotografia e uma amostra do calcário.

Novidades. Agravaram-se os padecimentos do vice-almirante Andrade Pinto - “Descarrilhamento” - “A imperatriz do Brasil” - Nada de novo - O incêndio do palácio de Laecken - Amanhã é o 14º aniversário de Sá da Bandeira. O teatro da Porte St Martin correu risco de incendiar-se com a luz elétrica - Ensaia-se a “Joana d’Arc” com Sarah Bernhardt.

10^h (esqueci-me de dizer que ainda 10^m pela hora do Porto). Vou tomar chá com biscoitos e seguir para a estação. Felizmente ainda não deixo para sempre a minha santa. Estive conversando com meus filhos, netos e pessoas da comitiva.

7 de janeiro de 1890 (3^a f^a) - 7^h Entroncamento. Não dormi mal. Santarém. Azambuja.

8^{3/4} Carregado. 9^h menos 7 Vila Franca. Tomei café. São 9^h 1/4 - 9^h 18^m Alandra. Tenho estado a ver o Tejo e chego 9^h 50^m a Sacavém 10 5^m Chego.

5^h Depositei a minha santa no jazigo de S. Vicente e assisti a encomendação. Rezei por ela e também junto aos caixões de meu pai, de minha mãe Amélia, de minhas irmãs, irmãos, do Fernando, e de outros meus parentes. Almocei; falei com alguns. Dei um passeio com minha filha e netinhos pelo jardim das Necessidades, e tinha antes escrito à condessa a quem por conselho dela pretendo *[visitar]* amanhã depois de fazê-lo à Maria Pia e ao rei e à rainha.

10 1/2 Jantei bem às 7. Tenho estado a conversar com os barões e o ajudante de ordens do rei. Vou deitar-me, ler um pouco e dormir.

8 de janeiro de 1890 (4^a f^a) - 5 1/2 Não tinha sono. Antes de dormir ainda fiz ontem este soneto.

Meio século lá foi aí de ventura,
Que muito amor apenas deslumbrou
E em trevas, onde em fim me sepultou,
Para meu coração se transfigura
Dizer o que essa imagem tem de pura
Nem mesmo pode quem a venerou
E, se Deus junto a si a colocou,
Foi para velar na triste criatura
A Deus rogando a felicidade
Da pátria e dos seus tão adorados
Sempre no gozo de tranqüilidade,
E do que é justo firmes aliados,
Todos ganhando assim a eternidade.

Escrevo como fui inspirado mas a dor, se inspira, também acabrunha e o tempo, assim o espero, consentir-me-á a felicidade de fazer versos melhores. Em Cannes sentirei por fim o “Delicioso pungir d’acerbo espinho...” - como diz o poeta cuja memória sempre se recordará e ainda há pouco se celebrou em Portugal.

Vou continuar a ler a Lisboa antiga de Júlio de Castilho cujo nome recorda-me tempos tão felizes para mim. A vida depois de certa idade como que se torna póstuma. Quem me dera *[estar]* já em Cannes junto às praias - sobretudo da Croisette, com seus passeios ao molhe, nas alturas, por mar. Hei de comprar flores quando forem brotando no mercado e na loja e no jardim do Solignac! Hei de rever-me em Cannes - mas agora meu prazer nunca será completo.

7 1/2 10 ° cent. Temperatura ordinária de Petrópolis nos meus passeios inverniais da manhã.

Jornal do Comércio - Lisboa 7 de janeiro declaração assinada por portugueses a 24 de dezembro deste mês. Barão de Salgado Zenha e muitos outros dizendo: Reconhecemos com gratidão que o governo do império hoje deposto manteve sempre a colônia portuguesa ... todas as garantias ... Do governo ... que escolheu para presidir hoje ao seu destino esperamos confiadamente iguais garantias. “O funeral de sua majestade a imperatriz do Brasil” - artigo onde vem a poesia de Tomás Ribeiro à morte da imperatriz com o título In Excelsis - Coroas de saudades portuguesas sobre o fêretro da primeira dama brasileira. Es[...]o que o distinto poeta tivesse a mesma idéia de transfiguração. Confesso que o desconheci. Não gosto.

Diário de Notícias. Brasil. “O enterro da imperatriz do Brasil”.

12^h 3^m Almocei com vontade. Acabo de dar bom passeio a pé com minha filha na praia. Temperatura . Vou agora a visitas oficiais com meus filhos. Fui à Maria Pia e ao rei. A rainha ainda estava convalescente no quarto. Breve conversa. Daí visitei a condessa Edla, tendo deixado à porta, meus filhos e o Pedro Augusto. Chego de volta e vou falar ao nuncio.

O Repórter - “Funeral da imperatriz do Brasil”. A imperatriz viúva da Alemanha, Augusta faleceu a 7 em Berlim às 5^h e 45^m da tarde - 6 de Madri. Rei Afonso continua com febre. Sagasta ainda não formou o novo gabinete. Vou falar ao nuncio.

5^h 50^m Conversei bastante com *[sic]*. Encomendei ao capitão Costa que está a meu serviço o palito métrico, tendo me ele trazido os Subsídios para a História de Macau, obra que parece-me curiosa. Já tenho o Jornal do Domingo Ilustrado que logo folharei. É tudo que tem aparecido. Vou jantar.

8^h Comi (comi) com apetite. Já vi um pouco da carta de alforria de Tomás Ribeiro ¹³⁴ com a carta de Castelo Branco.

Novidades. Grande número de portugueses que, no Brasil enriqueceram e que residem no Porto, formaram entre si, uma associação para comprarem o edifício em que morreu a minha santa e transformá-lo num hospício ¹³⁵ para raparigas pobres sob o título de Hospício de D. Teresa Cristina, sendo transformado em capela do hospício o quarto em que faleceu a virtuosa senhora. Nada podia ser mais grato a ela e a nós.

Correio da Noite. Nada de novo.

O Dia. O incêndio no palácio da Laecken. Morreu queimada melle. Drancourt, aia da princesa Clementina.

10^h 25 Estive conversando. Já me despedi de todos. Vou tomar chá. Já o tomei (chá) e ainda lerei para que a noite não me pareça tão longa.

Jornal da Noite. “A declaração luso-brasileira” de que se queixa chamando extravagante repreensível a declaração dos portugueses do Brasil, pois no pouco que essa folha tem dito da revolta brasileira se alguma galhofa se tem introduzido terá sido a que ela própria haverá querido exibir e exportar. Hospício de D. Teresa Cristina. O que já li.

A Tarde. Mandaram-me cópia da inscrição da lápide que cobre o coração de meu pai na igreja da Lapa, no Porto. Tenho muito sono, mas não [*ininteligível*]. Amanhã estar [*sic*]. Não posso mais com sono. 11^h 25^m. Vou deitar-me.

9 de janeiro de 1890 (5^a f^a) - 6^h Não tenho mais sono. Vou ler.

7^h ½ Acabo de ler o 1^o número do Mensageiro com as poesias, que não me agradaram, dirigidas a mim. “Carta de alforria e “In Excelsis” pela morte da minha santa a que tarde bem tarde, me resignarei. Escrevi no exemplar o meu juízo. Hei de mandar assinar o Mensageiro. 8^o cent. fora da janela.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 8. Um decreto do governo provisório estabelece a separação da Igreja e do Estado e a liberdade de consciência. Nunca me repugnou a idéia mas nunca julguei o Brasil já preparado para esta.

Jornal do Comércio. Viagem a Ceilão e Índias em 1887 por Mgr. [*Zalesko*] publicado em Roma, em 1889. Fala do corpo de São Francisco Xavier que está bem conservado.

“Carta do Porto”. Fala da Imperatriz e de seu enterro, e de mim.

Gazeta de Portugal. Artigo do Rebouças a quem muito o agradeço.

9 ¾ Vou me vestir para almoçar.

11^h 55^m. Almocei bem. Li diários. Meu genro falou-me em protesto contra o ato de banimento. Respondi-lhe que meu protesto é de meio século quase, mas que ele fizesse o que quisesse.

1^h 7^m. Tenho lido e vou sair.

3^h 40[’] Dei bom passeio vendo o pindaro [*sic*] que não tem nada de notável. Antes tornei a ver as obras artísticas do Palácio das Necessidades.

Diário de Notícias. As novas conferências da rainha de Espanha para o novo Ministério ficaram para hoje.

O diário [*ininteligível*]. A situação de Paris quanto a influenza melhora, mas pouco; continua a aparecer em toda a França. No dia 3 sepultaram-se nos cemitérios de Paris 425. Na companhia do gás adoeceram quase todos os empregados e em certos bairros a metade dos candeeiros ficaram por acender. Em Londres e Berlim metade da população pode-se dizer, foi atacada. Em Montdidier têm sido atacados os cavalos em grande número. Em Berlim havia há 5 dias 20 generais e cerca de 2000 oficiais acometidos. Quanto aos soldados, os doentes excedem em número o terço dos efetivos nos corpos. Na Suíça quase todos os dos caminhos de ferro adoeceram e muitos dos comboios da linha de [*ininteligível*] foram suprimidos por falta de foguistas. Em Espanha a situação agrava-se. Hospitais tanto civis como militares insuficientes. A questão com a Inglaterra.

Diz o Temps entrou no periodo agudo Correio da Manhã. Questão da faculdade de Teologia. Redução ordenada das guardas dos paços de Belém e da Ajuda em consequência do número das baixas pela epidemia.

Repórter. Alfredo Carvalhaes. (Notas). Publica dele “Beatrice” que me agrada bastante.

Comércio de Portugal. A revolução e a imprensa portuguesa. Transcreve o artigo “Uma insolência” do Dia, do Rio de Janeiro, em que leio. Entendemos devolver a Portugal o sr. d. Pedro e os seus pertences que durante quase meio século sugaram e corromperam este país. O sr. d. Pedro de Alcântara vivia no Brasil voltado todo para Portugal e falando francês no interior do palácio. Mandamo-lo passear com cinco mil contos no bolso. Portugal mostrou-se arrufado. Ele amava tanto o sr. d. Pedro de Alcântara, nós mandamo-lo de presente e este não gostou da história. Mandou agora, como uma desfeita ridícula desarvorar o nosso pavilhão do mastro do Alagoas, obedeceu. A insolência que esse fato contém é um perigo com que o governo está ameaçando a tranqüilidade de seus compatriotas no Brasil. Está excitando ódios coloniais que dormiam e preparando dissabores aos domiciliados. Se em Portugal não há bastante brio e dignidade para repelir com um pontapé os reis que infestam o país e corrompem homens e instituições, no Brasil há dignidade de sobras e o exemplo solene acaba de ser dado à luz. Ao governo provisório como resposta ao desaforo deste país que perdeu no ridículo a responsabilidade de seus atos, pedimos que mande retirar do Brasil, dentro de 24 horas, o ministro português no Rio de Janeiro e varrer do nosso porto todos os calhambeques de Portugal que carregam para aqui cebolas e palitos, únicos representantes da lavoura e de indústrias do grande reino. Ora, depois de tudo isto parece-nos que a intenção atribuída a alguns jornais portugueses ... é até para agradecer... se a compararmos ao punhado de falsidades, de tolices e de injúrias do artigo que transcrevemos e que por isso mesmo não é digno de resposta.

10 ¾ Jantei bem tendo convidado um orientalista inglês que assistiu ao congresso em Estocolmo e que deu-me notícias deste e das línguas orientais prometendo-me diversas obras. Depois recebi Ouro Preto e o filho. Acabo de conversar com os companheiros de casa. Vou deitar-me tendo tomado chá e ainda lerei um pouco a obra de Maria Amália Vaz de Carvalho, Alguns homens de meu tempo, 1889.

10 de janeiro de 1890 (6^a f^a) - 6^h 10^m Já estou lendo Tarde e outros, de ontem. Os jornais ingleses. Artigo enérgico, mas que pode fazer Portugal senão queixar-se? O Afonso esteve antes de ontem na escola de torpedos em Paço d’Arcos. Vão publicar-se brevemente as Memórias de Talleyrand ¹³⁶. O “Dia” - A declaração dos Portugueses que estiveram no Rio é bem intencionada mas foi mal pensada mas o efeito da declaração vai ser desagradável, verão. O escultor Begas ¹³⁷, cuja oficina visitei em Berlim e deu-me um trabalho seu quando aí estive terminou o mausoléu de Frederico 3^o.

Novidades. “Imperatriz Augusta” - Quando a augusta família de Bragança ainda chora a perda de uma imperatriz maior, talvez pelas virtudes que por egrégia estirpe (e ainda disseram pouco não sabem quem perdi e sempre chorarei) etc. - Morreu, em Madri como Gregaré, o barítono Ronconi ¹³⁸ que foi companheiro de Mário e de quem ouvia falar na minha mocidade. Vivia retirado, do ordenado de professor do conservatório

de Madri - Vai aumentando, em Londres, a influenza - A questão da língua e a das escolas impediram o bom êxito da conferência dos checos e alemães.

Perto de 8 $\frac{3}{4}$ 11 ° cent. Fora da janela.

9^h 50^m. Tenho estado [*a ler*] a obra de Maria Amália Vaz de Carvalho, Alguns homens do meu tempo, tenho-a anotado e muito me tem agradado.

Jornal do Comércio. A miséria intelectual crianças em idade escolar 600.000. Matriculados 246.203. Frequência média. 160.726. Ainda se todos estes últimos trouxessem da escola fortes noções sobre coisas verdadeiramente úteis! Professores em grande número sem qualidades para ensinarem; material mesquinho e mau na maioria das escolas; livros que geralmente não primam em ser próprios.

11^h 20^m. Almocei bem. Vou ouvir missa em São Vicente e orar à minha santa que proteja o Brasil, os meus e a mim.

7^h 10^m. Jantei bem. Despedi-me de Stohl a quem [*ofereci*] um presente em meu nome e do de minha família, da boa Josefina e da sobrinha, e vou partir.

11 de janeiro de 1890 (sábado) - 7^h 20^m. Dormi bem. Muito me lembro de todos que foram tão bons para comigo. Grande número deles veio à estação. Já li o *Daily Advertiser*, de Boston de 25 de dezembro. Artigo “[*overduty?*] towards Brazil”. Todos os nomeados foram meus amigos nos Estados Unidos e muito. Sherman, cuja longuíssima e rápida marcha com o exército deu vitória à causa do Norte. Já passamos, mal partida.

Jornal do Comércio de ontem. A crise em Espanha. Sagasta ¹³⁹ ainda não conseguiu novo gabinete e depôs nas mãos da regente esse encargo. O maior embaraço foram as pretensões dos protecionistas. Gamazo ¹⁴⁰ apresentou seu plano e declarou não ceder. Tinha prometido aos eleitores além de outras reformas importantes elevar os direitos das alfândegas sobre os produtos estrangeiros. Crê-se que Canovas e Toreno aconselharam que os liberais continuem até a aprovação do sufrágio universal e dos orçamentos.

Diário Ilustrado. A propósito do Brasil. No sentido de reprimir a emigração portuguesa na atualidade.

Correio da Manhã. Nós e a Inglaterra. Resume o artigo que chama esplêndido mandado por Batalha Reis ao Times. Um livro de horas da rainha d. Leonor – mulher de d. João 2º – sepultada no convento de Xabregas. O sindicado deste negócio (de como ele anda por aí) incumbe à polícia. Se bem informados quando a administração do asilo de d. Maria Pia tomou conta desse edifício havia aí um livro dessa mesma rainha. Faltavam-lhe duas iluminuras e na parte interior tem escrito: “Este livro não poderá sair deste mosteiro sob pena de excomunhão”. (Lembro-me de ter visto talvez este livro nas Necessidades).

8^h 40^m Disseram-me há pouco que havia 1º cent.

8^h $\frac{3}{4}$ Naval Moral de la Mata. Diário de Notícias. Madri 9 – O rei teve recaída moderada de febre.

Portugal Agrícola pelo visconde Vilarinho de S. Romão, ed. Lugan e Genelioux. Mandar vir O Globo. Incêndio nos teatros. Em 1889, destruídos 28.

Gazeta de Portugal. Artigo do Reboças. É justo!! O Tempo. “As colônias portuguesas”. Hei de assinar esta revista.

O Reporter. “Os sábios”, curioso.

No Panorama, nome derivado de cada reza que repetiam 5 vezes por dia os mouros que moravam em torno de Lisboa e talvez daí o nome de um antigo (de antigo) tributo do pão cozido de Lisboa e seu termo, chamado saloia. A Castilho (visconde) na Lisboa antiga não toa a outra etimologia de fr. Francisco de S. Luís que deriva saloios de Calé, cidade da Mauritânia Calé (que a esquadra francesa bombardeou). A laringe de Gayarre. A autopsia mostrou que devia ser de cantor notável.

9^h 40^m Avistei há pouco sobre uma montanha à direita o grande castelo de Oropeza. O Diário Popular. Nada de interessante. Atravessamos extensa planície.

10^h Talavera de la Reina. Trata-se de apagar fogo na casa da estação. Vou almoçar.

12^h 20^m Almocei bem. Depois estive conversando sobre coisas da Itália com o ministro dessa em Itália. Greñon.

12^h 35^m Humanes sempre o mesmo descampado.

12^h 40^m Frenil. Abradas.

12^h $\frac{3}{4}$ Leganes. Parece o grande edifício, à direita grande quartel ainda em construção.

1^h Madri. Estavam na estação Regis e a mulher, Toronda, Lanat; o Valera está doente. Heredia Spinola. Prometeram alguns deles, publicações literárias.

2^h Já segui há minutos. O rei estava melhor porém muito mal ainda.

El Liberal, de hoje. “El submarino Peral”.

2^h 7^m El Plantio. El Imparcial. Quase todo com a moléstia do rei.

El Dia. Moléstia do rei. La Correspondência de España. Quase tudo sobre a moléstia do rei. El Pais, id. El Globo. El Drama de Galdoa: – Drama de los buenos, de los grandes – drama épico. El estado del rey. Pretendo começar a ler em voz alta Luz e Calor, do padre Manuel Bernardes, mas chego a 2^h 40^m a Vilalba.

3^h $\frac{1}{2}$ Comecei a leitura de Luz e Calor até página 8. O governo provisório sempre convocou a Constituinte para 15 de setembro. 3 túneis. 4 $\frac{1}{2}$ Navalgrande. 6^h 10^m Fui jantar, tendo antes passado 4 túneis não muito compridos. Durante o jantar vi ao longe vultos da igreja e casas de Ávila. Acabei de jantar com vontade. Agora lerei um pouco. A noite é que é dura e dura, até querer levantar-me acender luz para ler e que sonhos saudosamente acordado! Nem sempre posso fazer versos. Muito sinto que não pudesse acabar de traduzir o poema de Granada que fez sobretudo coroar como poeta Zorrilla ¹⁴¹ nessa cidade. Já fiz copiar em boa letra a tradução do 1º volume e estava-se copiando a do 2º em grande parte quando saí do Rio. Creio que mandei a Zorrilla alguns trechos traduzidos que mais me agradam. Hei de telegrafar para que me mandem. Em S. Cristóvão tenho o Raposo, mas não tenho quem os procure com o Raposo. Veremos como poderei restabelecer continuando meus trabalhos literários. A tradução da maior parte é que mais sinto porque irá atrasar a publicação da tradução da Bíblia do hebraico por brasileiro, não a havendo de português. Dê-me

Deus saúde e hei de provar que posso fazer nas letras e nas ciências o que possa falar do meu Brasil. Agora sinto-me capaz disso, pois deram-me tempo que aproveitarei para minha pátria que jamais deslembro.

... privado del-rei dom João fundador deste mosteiro – Finou aos três dias de maio.

Trecho da inscrição do túmulo de João das Regras, na igreja de S. Domingos de Benfica. Dezembro 11 de 1889. [Data em que d. Pedro visitou o sepulcro de João das Regras].

Com estas e outras tais (Nasc.)
devem de ser conservadas (Sul)
pois com esforços leais (Poente)
serviços foram ganhos (Norte).

Versos inscritos nas três faces da sala de d. Manuel, no palácio de Cintra, visitado pela Família Imperial do Brasil em 10 de dezembro de 1887[?].

Para poupar tempo mandei copiar todos estes que não estão por letra minha. [Desde "Em estas... até 10 de dezembro de 1889 a letra é diferente da de d. Pedro].

Aqui jaz fr. Luís de Sousa. Nasceu em 1555. Morreu em 1632. Mandou colocar esta lápide o pe. Joaquim Pinto de Campos ¹⁴², natural de Pernambuco (Brasil) aos 4 de junho de 1878. Inscrição copiada na igreja de S. Domingos de Benfica embaixo dos degraus da escada do coro.

Em 11 de dezembro de 1889.

Custou-me a concluir se não entender
Que dias passei eu angustiosos
Era amargo fel em curto espaço,
Não porque do poder eu caso faço,
Mas no futuro choro só saudosos
Qual o sol em seus dias mais chuvosos
O olhar da filha a lágrima minha embaço
E a atenção dos netinhos satisfaço
De festinhas enchendo-os jubilosos
Dividindo eu assim a antiga felicidade
Poderei minorar a falta dela
Enquanto não gozar na eternidade
O que na terra enfim pr'ái se apela
E entretanto a sua caridade
Sempre verei quais magos a estrela.

VOLUME 30

EXÍLIO - 12/01 a 27/03/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

9h 10' (hora de Espanha) – Dorãs – Passamos – Cruvillas – 9 ¼ venta de baños. Vou tomar chá e dormir porque amanhã tenho de mudar de manhã cedo.

12 de janeiro de 1890 (domingo) – 5h 20' Dormi bem.

Estou andando para a estação em que hei de mudar de trem.

Choveu de noite e creio que ainda chove. 35' Já estou no novo trem em Hendai. 6h 5' Partimos. 7h 35' Na estação de Bavonne com a marquesa de Acapulco e as filhas.

Está muito úmido e não poderei ir à missa.

9h ¼ Sigo. A marquesa de Beranger deu-me notícias da Sociedade de Paris. Estive com o Behrends. A mulher está de influenza.

Já atravessei túneis e o Adour.

10h 35' Seguimos depois de alguma demora na estação de Peyrehorade. Passamos por l'Eglise pouco depois 5h 20' deixamos a estação Liberat. Perguntei a dois porque assim chama a atenção. Nenhum me respondeu.

La Grecque por madame Adam. Mandarei buscar de Cannes esse e os outros escritos da mesma.

11h Pinjoo. 11h 12' Seguimos. Bom artigo no *Figaro* de 11 "Les Revues et la Presse brésilienne l'exposition du roina [sic] français".

J. K. Huysmans (hei de procurar os melhores deste). 11h ¾ Argagnon. 12h (Lacy). L'Autorité.

Mudança de calendário no Rio. O jornal diz: Et il ya dedommis quelque chose de plus bête que la republique en France ce que nous n'avions pas cru possible c'est la republique au Brésil. "L'estafette". Stanley au secours de Emir Pacha par Wauter Paris Maison Guantin.

12h ¼. Articy e quase sem demora seguimos. 25' Lescar, tendo passado antes Denquien. Já vejo o rio Gave e o castelo assim como o hotel Gassion para onde vamos. 12h 35'.

1h ½ Já vi Mmes. André e Depaul. O Manuel Inácio, S. Joaquim e mulher assim como outros. A vista de meus quartos é muito bela.

4h ¾ Almocei bem.

Esteve cá o Itajubá.

Li o livreto – Guide de Pau. Amanhã de manhã começarei minhas excursões. 5h ¼ Li com Mme. André. Melle. Jaqueman o marido está doente. Quer tirar meu retrato. Mandou-me diversas artísticas, entre elas "Las femmes" de Brantonne por Henri Boucho que vou ler.

Agora continuarei os Serões de Castelo Branco e dormirei. Estiveram aqui Jules Detfer prefeito dos Baixos Pirineus e Gustave Savère seu chefe de gabinete. Vou deitar-me.

13 de janeiro de 1890 (2a fa) – 7h 20' Dormi bem. Bonita vista dos Pirineus das janelas do meu quarto.

[desenho]

"Está agora 8h empoeirada – mas de luz".

11h e 40' Almocei com vontade.

Estive com Mme. Dremer e a filha, minha afilhada, cujo marido é conservador do Castelo. 19° ao sol.

12h 12' Acabei de ler o 5° folhetim dos Serões de S. Miguel de Seide de Castelo Branco. Sempre mais ou menos interessante.

3h ¼ Dei bom passeio na alameda em que o público passeia, ao longo e superiormente ao Gave, e volto agora. Gaston foi com as meninas à casa de Mme. Depaul em Morlas, a ¼ de hora daqui.

Estiveram cá Mme. André com o marido cuja fisionomia muito me agradou. Mme. Depaul, a filha e o genro, A. Certes Inspecteur Général des Finances que se ocupa de bacteriologia e com quem *[sic]* a respeito dos estudos de Pasteur.

Já jantei e bem. Continuarei a conversar na sala. 10h Vou deitar-me lendo um pouco até dormir. Às 8 recebi Mme. du Rocher já viúva e com 4 filhos que é filha de Mme. Benoist d'Azy. Conversei bastante com ela, pedindo-lhe notícias das irmãs, do irmão René e da mãe a quem mandei lembranças. Parece-se com a mãe, porém não tem o rosto longo e ossudo dessa e ainda menos seus belos olhos e olhar penetrante. Ficou de levar os filhos amanhã à estação e talvez alcance ver a mãe.

Estive conversando com todos os meus companheiros e o barão e baronesa de S. Joaquim. Recebi telegrama da Barral pedindo notícias de todos. Espero vê-la em Cannes no dia 21 segundo me disseram.

10h 35' Vou ler ainda um pouco deitado e dormir.

14 de janeiro de 1890 (3a fa.) – 7h Já estou assentado e escrevi a Mme. du Rocher (Denise Benoist d'Azy) pedindo-lhe de mandar a carta inclusa a sua mãe. Veremos se se quebra seu mutismo de tantos anos.

8h ½. Só 2° fora da janela.

Vou mandar buscar o livro Don Sebastien et Filipe 2 pelo conde S. Mamede.

Cartas do infante D. Luís (filho de D. João III) a D. João de Castro Nice – Rei da Índia.

Le Soleil de 14. "Les emposonnement par la viande" – Efeito do fumo de tabaco sobre a carne *[sic]* experiências de Bonsrier.

10h Vou almoçar.

4h 10' Já fui à gruta de Lourdes; a igreja que é bonita de que falarei melhor amanhã dizendo apenas agora que agradou-me e encanta-me a paisagem.

Antes de sair de Pau estive na Igreja de S. Martinho que é bela. Mas agradou-me sobretudo pela bela vista que desse ponto se goza e o teatro pequeno, mas cuja sala é bonita. Dando bom passeio dominando o Gave. Na gare vieram muitas

pessoas despedir-se; as de que já falei. Vi a Denise Benoist e seus filhos de que o menor tem feições do avô, o conde Jaubert. Entreguei-lhe por não saber onde morava, uma carta com outra que pedi-lhe enviasse à mãe.

O caminho até cá é muito pitoresco e o lugar de Lourdes encanta-me. Amanhã verei se o Panorama dá idéia do local.

8h 20' Carta de Daubrée de 10. Interessante. Dá-me notícias de diamante em meteoritos em estado pulverulento ou transformado em grafite conservando a forma característica de diamante. Pequena quantidade cerca de 1% do peso total. O que é extremamente notável também é estar associada ao peridoto e em condições inteiramente análogas às em que se acha nas massas eruptivas da África Austral em igual abundância. Novo ponto de união que liga estes restos de astros às partes internas da terra. Promete mandar-me para Cannes tudo o que me possa informar-me *[sic]* do mais importante do movimento científico.

Figaro de 13 – “L’empereur du Brésil à Pau”.

Débats de 14 “Une biographie anglaise” de J. Bastien Lepage. Lembranças do príncipe Bodjar Kahageorgevitch numa revista inglesa ilustrada. Vou mandar buscar Dix Contes por Jules Lemaitre gosto muito das críticas literárias dele no Débats.

“L’Evenement”. Nada de notável e Le Telephone de 1º de dezembro.

10h 5' Tomei chá e vou recolher-me.

15 de janeiro de 1890 (4a fa.) – Meia *[sic]* ¼ Estive lendo o livro interessante Histoire de Lourdes por Lagrèze. Vou dormir.

Tenho ouvido o Luis falar. Meus filhos e netinhos dormem no outro quarto.

5h Dormi bem mas não posso mais. Falaram bastante no quarto ao pé de meus filhos e um dos pequenos creio que tossiu, mas agora está tudo no maior silêncio.

6h Ouço já cantar na rua.

7h 35' Tenho estado a ler Histoire de Lourdes por Lagrèze. É interessante. Vou vestir-me.

12h 50' Comunguei e ouvi missa na igreja, que muito me agrada a do morro. Dei um passeio. Vim almoçar – com vontade. Fui até o lago de Lourdes que não me encantou; mas depois à fortaleza que tem uma vista belíssima.

Ao retirar-me daí encontrei Gaston e meus netinhos. Tenho gostado muito de Lourdes. Na primeira saída havia só 5º e mesmo encontrei gelo de noite, mas o frio mesmo naquela ocasião era agradável. A fortaleza nada tem de notável em si. É do 4º século e figurou no tempo de Carlos Magno quando ele pelejou com os árabes que a ocupavam.

Vou continuar o livro de Lagrèze.

2h ¼ Parto. Terreno plano com montanhas ambos os lados baixos. Ossam. Ao longe o Pico do meio dia de Bigorre à esquerda a estação e a povoação. À direita vasta planície bem lavrada. Juillan.

3h 5' Tarbes. De longe vi um grande edifício com uma cúpula, talvez a catedral. Estação grande. Com pouca gente. Estátua do Larrey nascido no departamento dos Altos Pirineus. Mercadieu. Túnel de 454m e idêntico de 654 – Lespouly Lalasd – Túnel 634 Bordes l’Hez, Tournay – Ozon – Lancepède.

Já vejo o grande viaduto cousa que me parece mui belo. Nas montanhas. – Capoern – A tarde neblinosa não me deixou avistar à direita o cume do pico de Ardideir; a massa isolada do pico do meio-dia de Bigorre e o maciço do tríplice cume do pico de Arbizon. Em Capevern há duas fontes termiais de água sulfatada calciça no gênero das de Bagnere de Bigorre – Lannemezan – Vasta planície aproveitada com montanhas no fundo, à direita. Pena é que haja neblina (Cantaous – não a vi).

St. Laurent – St. Paul - Aventignon com a gruta de Gargas de que *[ilegível]*. Atravessa-se o Garona – Montrejean. Daqui se vai à Bagnères de Luchon. A 8 km está a gruta de Gargas notável por estalactites. Seu nome é de um senhor, que fez dela prisão. Serviu no 18º século de refúgio a um canibal que matou e devorou mais de 30 mulheres da região. St. Gandeus

–

Jantei, porém tudo muito mal disposto, comendo com a mão pão com o presunto e carne.

6h ½ Pouco vejo. Em Toulouse suprirei o que falta aqui.

7h Cheguei a Langages e em meia hora a Toulouse para lá o que não tenho anotado.

11h 10' Parto para Marselha. Jantei bem. Conversei. Senti nada ver da cidade embora já conheça Toulouse de outra vez. Daqui a pouco vou deitar-me.

16 de janeiro de 1890 (5a fa.) – 4h da madrugada. Dormi bem. Já passamos Peste. Em Marselha fui a Notre-Dame de la Garde. O dia deseneblinou-se quase de todo. Descobri a cidade, a ilha com Castelo d'If. Almocei bem. Vi a família do Porto, do Rio Grande e o cônsul brasileiro [ilegível].

10h 5'. Já estou de partida para Cannes. Belos Chateaux à esquerda e uma montanha alta rochosa que parece ter edifício no cimo.

[desenho]

À esquerda bastante afastada.

Túnel que não é comprido – outro comprido – um muito curto. Antes Arris – Agora à direita extensa e bela vista. St. Cyrne. Escreverei depois os nomes das estações precedentes. Mar à direita.

12h 37'. Passeei pela estação de Toulon e vou seguir. La Garde. Castelo arruinado à esquerda sôbre colina pedregosa à esquerda.

Figaro de 15 comprada em Toulon – Lettre de Madrid – Interessante. Soliet – Pont – Coquelin seul. Tem graça. “Un théâtre inconnu” representações pelo club dramático israelita russo no faubourg de Chateau-d'eau. 10 Vai de Lancry, siêges de Chambres syndicales; peças de assuntos hebraicos com bailados. Pouca couleur locale nos cenários. “Le réforme des chemins de fer en Hongrie” – Jeanne d'Arc pagée par Mr. Carnot. Elogiou-a a 10 de 8bro [outubro][outubro]de 1880 em Compeigne, na inauguração da estátua dela. Gomfaron Le Lac et le Cannet – correspondendo S. Tropez ao S.

Já anotei sobre a altura a capela de Sta. Brígida. Vidauban. Não vi... Chegamos a Les Arcs – Comércio grande de cortiça. Desde Vidauban entramos no belo vale de Argens, que parece já passamos. À esquerda sobre uma altura o castelo de Atros que julgo ter avistado. Le Mery onde os provençais na retirada de Carlos 5º matando o poeta Garcilaso de la Vega atento seu vestuário mais rico pelo rei, mataram aquele. Roquebrune Frejus (Frejus) Frotum Julii. Curiosa por suas recordações. Visitei-a com muito cuidado a vez passada.

3h 40' Cheguei. Estavam na pessoas [sic] das que conheci aqui. Já conversei com o Seibold que me trouxe livros para as lições que serão às 3h cada dia. Hei de sair sempre que haja bom tempo, antes e depois do almoço. Pretendo cuidar regularmente do corpo e do espírito.

5h 20' Vou jantar.

10h ¾ Jantei bem. Escrevi à Amelot porque não vi o nome do marido no indicador das pessoas em hotéis e pensões. Amanhã é que hei de inteirar-me do que puder. Vou deitar-me lendo ainda um pouco antes de dormir. A Muritiba tem estado com dor de garganta e febre, porém, suponho que vai melhorar. Passei o dia bem, mas tomara tornar à vida regular e de estudo.

17 de janeiro de 1890 (6a fa.) – 6h 10' Dormi bem. Vou ler.

12h ¼ Acabo de almoçar bem. Fui até Villa des Palmiers pensando achar aí Mme. Amelot segundo lera no Indicateur, embora na dúvida por não dizer comtesse. Com efeito era outra que me tratou com muita amabilidade. Depois dei um passeio até Croisette, onde o mar estava um lago. Andei um pouco a pé.

Figaro de 16, “Une entrevue avec Stanley”. Cairo 15 de janeiro. “Le pont sur la Manche”. Ont discuté et onte deux conclut en faveur des solutions présentées par mm. Schneider et Hersent. Un grand nombre d'Anglais et des plus notables – enthousiasme de ce projet – Partira de Folkstone au port d'Ambeteuse. Respondi a Liégeard pedindo-lhe versos. Vou sair.

1h 20'. 10h 40' Estivo no Golfo Juan. Dei lição de grego traduzindo a Odisséia com facilidade convencendo-me que não estou esquecido. Jantei bem. Tenho conversado tomando há pouco o meu chá. Acabado o jantar descí para jogar bilhar. Agora vou deitar-me e ler até vir sono.

18 de janeiro de 1890 (sábado) – 6h 5' Já estou assentado. Não dormi como ontem porque tive de levantar-me algumas vezes para urinar.

8h ¾ Estive lendo e escrevendo a Renan, Daubrée e Charcot. Já me vesti e vou à ducha.

11h Volto. Soube-me. Andei a pé. Agora vou tratar de almoçar.

12h 5' Comi bem.

3h 5' Dei um bom passeio de carro e a pé pelo Boulevard de la Croix des Gardes.

10h Estudei sânscrito traduzindo o Hitopadeça, reconhecendo com prazer não ter esquecido o que aprendi.

Jantei bem em companhia de meu genro Augusto que chegou. Joguei depois bilhar com ele e tenho estado a conversar e 40m. Tomei chá, ainda conversei e vou me deitar para ler até dormir.

19 de janeiro de 1890 (domingo) – 6h 35' Passei bem mas levantei-me algumas vezes. Já estou assentado lendo.

Le Petit Marseillais de ontem. Cadix experiences d'un navire sus-marine. O Peral; Rapidez de 7 milhas submergindo até a parte inferior da torre ótica e manobrando com grande velocidade em todas as direções.

Londres 17; Na véspera a Sociedade do Túnel sob a Mancha, decidiu solicitar ao Parlamento na próxima sessão a continuação dos trabalhos de experiência para a abertura do túnel. Manifestações de 20.000 socialistas em Hamburg. Manifestações do Count-Council de Londres contra o proceder de Stanley na África. "L'état de santé de Alphonse XIII" – Em franca convalescença. L'épidemie de grippe. A Paris – diminuiu. Morreu antes de ontem em Nice uma mulher de 103 anos no uso de toda a sua razão.

8h $\frac{3}{4}$ Estive lendo o discurso de Barbier de Meynard na sessão pública anual de 22 de 9bro [novembro] [novembro] de 1889 da Academia das Inscrições e Belas Letras e tomei nota de diversas obras premiadas. Já estou vestido e vou para a ducha.

10h $\frac{1}{2}$ A ducha foi boa e vim para missa que muitas saudades causou-me de minha Santa que aí a ouviu tantas vezes comigo.

11h 5' Estive lendo o publicado da sessão anual da Academia das Inscrições e Belas Letras de 22 de 9bro [novembro].

5h $\frac{1}{2}$ Fui a Antibes e vi bem tudo segundo livro do Dr. J. Orgeas.

10h 35' Jantei bem. Conversei – vi cartas. Respondi a A. Karr marcando-lhe das 3 às 4. Depois do jantar joguei bilhar com o Augusto que retirou-se por incomodado do estômago e depois com o Gastão. Conversei, li e tomei chá e agora vou deitar-me.

20 de janeiro de 1890 (2a fa.) – 6h Dormi bem, embora me levantasse algumas vezes para urinar, mas sem incômodo para urinar. Vou ler.

8h 18' Acabei de ler os discursos da sessão pública da Academia das Inscrições e Belas Letras de 22 de 9bro [novembro] e Le Monde diplomatique de 14 com retrato meu que parece avelhantado de mais e artigo justo. Un reine influenzée. Carta de Maria Antonieta à mãe falando dessa moléstia que a tinha atacado assim como à filha e outros; datada de Versalhes a 15 de janeiro de 1780.

Vou me vestir. Festa. Ainda vou ler até sair.

9h Vou para a ducha. 11h Foi boa. Passeei até o farol e pela praia além. Vou agora almoçar.

12h $\frac{1}{4}$ Almoçei com apetite.

Li no El Americano de Barcelona de 15 9bro [novembro]. Traz o meu retrato que não está mau só tendo um olhar que não é o meu e artigo de Hector Varela a meu respeito e que revela a simpatia que sempre lhe inspirei.

2h $\frac{3}{4}$. Fui ao observatório de Corniche; que bela vista! E voltei por Vallauris. Trouxe 2 bilhetes com as representações das fachadas dos estabelecimentos de Clement Massier. Vou para a lição de hebraico. 10h Ainda bem que não o esqueci.

Depois de traduzir Isaías, fui jantar, fazendo-o conosco o duque de Nemours. Depois conversei. Chegaram o Pedro e o irmão Gusty que está bem apessoado mas sempre com a sua rouquidão. Foram jantar fazendo-os ir depois de ver o pai. Estive conversando com todos retirando-se antes do duque de Nemours alegando fadiga de viagem. Tomei chá e vou deitar-me lendo até às 11.

21 de janeiro de 1890 (3a fa.) – 6h 10' Já estou assentado e vou ler. Acabei a publicação do Neto "Le Museum National de Rio de Janeiro". É interessante. Vou vestir-me para ir à ducha. O dia está claro, mas forte mistral. 10º cent. fora.

11h 5' Ducha que me soube. Depois passei a pé, continuando de carro até a Croisette onde me apeei, voltando de carro pelo caminho anterior. O mistral está um pouco forte. Vou começar a ler *Le Pater* de Coppée.

1h $\frac{3}{4}$ Almocei bem. Acabo de chegar da estação com a Chica e o Pedro Joinville. O Joinville não veio por incomodado creio que de influenza.

4h Volto da estação onde fui receber a condessa que veio só com Chiquinha. Achei-a a mesma e felizmente se não aceitou meu oferecimento de aposentos neste hotel que fica perto do de St. Charles. Convido-a assim como Chiquinha a jantar comigo.

4h $\frac{3}{4}$ Acabei *Le Pater*. Lott devia brilhar recitando o que marquei.

10h $\frac{1}{2}$ Antes de jantar estudei árabe, traduzindo "As mil e uma noites". Jantei bem. Depois veio a condessa com a nora. Estive conversando com a condessa até há pouco. Vou deitar-me e ler um pouco até dormir.

22 de janeiro de 1890 (4a fa.) – 12h 25' Já peguei no sono e vou dormir deveras.

7h Vou ler. Dormi bem, mas pensei demais antes de levantar-me. 8h $\frac{1}{2}$ Acabei de ler o belo *Rapport sous les prix de vertu* lido por Mr. Perrayd bispo de Autran, presidente da Academia Francesa a 14 de 9bro [*novembro*] de 1889.

10h 10' Ducha, passeio de carro por não ser bom tempo. Almocei bem. Fui com a condessa, nora e Amandinha até o observatório de Cornija. Voltei por Vallauri onde vi tudo o que pertence à fábrica de porcelana e trouxe objetos para os netinhos. Ainda traduzi a *Odisséia* e li provas da arte guarani de Restivo com o Seibold. Jantei bem, e tendo vindo a condessa conversei com ela, a nora e os maridos. Acabo de tomar chá, e disse adeus a meus filhos, aos da comitiva e à condessa e a nora e vou ler até dormir.

23 de janeiro de 1890 (5a fa.) – 6h 40' Estou já lendo. Dormi bem embora me levantasse algumas vezes para urinar.

8h 40' Li a publicação do que se leu na sessão pública anual da Academia das Belas Artes de 19 de 8bro [*outubro*] de 1889. Vou vestir-me. Dia enevoadado.

10h 45' Boa ducha. Passei pela exposição de horticultura de que o Mouton trouxe-me convite para a sessão de abertura, não tencionando de lá ir senão amanhã. Dei um passeio de carro.

11h Vou almoçar a esta hora porque a Isabel vai a Nice.

10h 20' da noite. Depois do almoço li um pouco. Dei um bom passeio de carro pelo Canet vindo na volta tomar café no Rumpelmayer. Traduzi Hitepadeiras depois de ir assistir ao estudo dos netinhos Pedro e Luís com a condessa; ainda continuei a edição da arte do Guarani de Paulo Restivo que está publicando com o Seibold. Jantei bem. Conversa a que depois de seu jantar veio a condessa com a nora. Tomei chá depois de despedir-me de todos.

São 10h $\frac{1}{2}$. Vou deitar-me, ler ainda e dormir.

24 de janeiro de 1890 (6a fa.) – 6h 35' Dormi bem embora urinasse diversas vezes. Vou ler.

9h Escrevi e abri cartas que ainda há para responder. Vou para a ducha. Céu um pouco sarrabulhento.

3h $\frac{1}{2}$ Ducha muito agradável. Exposição hortícola. Interessante. Vi Solignac. Um viajante da Austrália e pessoas minhas conhecidas de outra vez como o Mouton e o presidente Roland. Trouxe uma florzinha da Austrália, cujo nome escreverei depois para Isabel. Almocei bem. Fui com a Isabel à condessa e depois ao observatório da Califórnia. Que belo panorama! Agora aí está Seibold.

10h 10' Traduzi Isaías, depois continuarei a ler a edição que ele fez da arte guarani de Restivo. Jantei bem e tenho conservado [*sic*] no salão e na sala do Muritiba. Acabo de despedir-me de todos e amanhã vou ao hotel da condessa para esta cuidar-me das mãos. Vou ler ainda, tendo já tomado chá na sala do Muritiba e vou deitar-me; ler um pouco e dormir.

25 de janeiro de 1890 (sábado) – 6 menos 5'. Dormi bem mas levantei-me algumas vezes para urinar. Já estou lendo.

8h $\frac{3}{4}$ Li o belo livrinho de J. Simon sobre Michel Chevalier ambos meus muito conhecidos pessoais. Vou vestir-me para a ducha.

10h $\frac{1}{4}$ da noite. Depois da ducha fui acabar de ver a exposição. Visitei a condessa, que me curou as mãos. Almocei bem; li alguma cousa e fui com a Chica a Mougens subindo a torre. Na volta traduzi ainda "As mil e uma noites" do árabe

com o Seibold. Jantei bem tendo-o feito com a Januária e o filho Luizinho. Conversei depois com as pessoas que jantaram. Tive a visita de um legitimista morador de Nice que deu-me informações curiosas dos Chambords e do que houve por ocasião da reconciliação dos dois ramos família real de França. Vou ainda ler e dormir.

26 de janeiro de 1890 (domingo) – Faltam 10 para as 4 e já vi cartas. Vou ler.

8h $\frac{3}{4}$ Acabo de ler o interessantíssimo discurso de Jules Simon sobre Michel Chevalier. Vou vestir-me.

1h Boa ducha. Vim para a missa onde encontrei a Chica e ao sair a condessa que lá estava. Almocei bem. Li, escrevi e vou dar um passeio até Esterelle convidando a condessa e filhas a acompanhar-me.

6h 5' Não pude chegar ao Auberge-des-Adrets que apenas visitei de longe. Foi passeio muito agradável. Ao aprear-me no hotel quase que caí. Felizmente não me machuquei e já tomei uma xícara de café. Recebi cartas de Mme. Marjolin de 22 a que respondi há pouco.

11h 25' Jantei bem e tenho conversado. Agora escrevi a Liégeard pedindo-lhe o soneto que lhe mandei com tradução francesa interlinear, à morte da minha Santa. Vou deitar-me, e ler um pouco até dormir.

27 de janeiro de 1890 (2a fa.) – 7 menos 5'. Passei a noite bem mas tenho as mãos bastante presas.

12h 20' Almocei bem. Antes fui à ducha. Andei a pé, indo à condessa. Tive lá grande revolução intestinal que muito me aliviou. Glicinou-me *[sic]* as mãos. Ainda dei um passeio de carro até horas de vir para casa. Acabo de ler o discurso de Mazade que não é mau em resposta ao belo de recepção na Academia Francesa de Jurien de la Gravière. Vou agora sair tomando a condessa no seu hotel.

4h 20' Volto do passeio com a condessa e Amandinha, o marido desta e Mota Maia. Fui a Mont Cassin e depois a uma Vila para a qual queriam que eu fosse, mas em viagem só gosto de hotel. A condessa não ficou satisfeita com a minha decisão.

10h 5' Acabo de tomar *[sic]* no salão da Tosta *[sic]*. Antes do jantar traduzi a Odisséia, e continuarei a ler a Arte Guarani de Restivo, de que tenho falado. Jantei bem e depois conversei no salão. A condessa está zangada comigo sem razão. Recebi carta de Arau *[sic]* Gondim de 1º de janeiro dando-me pêsames pela morte da Imperatriz. Escreveu da rua Silveira Martins, 68 Corte. Vou ler deitado e dormir.

28 de janeiro de 1890 (3a fa.) – 8h 20' Já me levantei com desarranjo de intestinos. Estou enfim assentado a ler. Quase que acabei os discursos da inauguração em Alais da estátua de J. B. Dumas. Vou à ducha. Dia encoberto.

11h $\frac{1}{2}$ Dei meu passeio pela praia e vim para a missa, de onde estou de volta. Os intestinos ainda estão desarranjados.

4h $\frac{1}{2}$ Volto do bom passeio a Napoule com a Mana Chica. Vou estudar com o Seibold.

10h $\frac{1}{4}$ Traduzi Isaías e continuei a ler a edição da Arte guarani de Restivo. Jantei bem. Tenho estado a conversado *[sic]*, havendo tomado chá há pouco. Vou ler ainda deitado e dormir.

29 de janeiro de 1890 (4a fa.) – 9h 20'. Acordei às 6h $\frac{1}{2}$. Tenho estado a escrever cartas em resposta. Acabou de estar aqui a Mana que veio dizer-me que por causa do tempo enevoado não vai ao Mont Vinaigre. Vou vestir-me.

11h 5' Boa ducha. Andei a pé e depois de carro até St. Charles e achei a Isabel com a condessa. Combinamos sobre a residência futura. Aguardo lendo aviso para o almoço.

11h 25' Almocei bem. Escrevi a d. Américo cardeal bispo do Porto, mandando-lhe minha fotografia com meus agradecimentos de tudo que fez pela minha Santa.

1h 40' Vou sair tendo lido as notas do Elogio de Dumas por Armand Gautier da Academia de Ciências na inauguração da estátua daquele em Calais.

4h Volto. Fui em companhia da condessa até perto de Antibes. Vou agora a meu estudo com o Seibold.

10h $\frac{1}{4}$ Traduzi Isaías. Continuei a examinar a edição da Arte Guarani do Restivo. Jantei bem. Conversei com as pessoas do costume até a saída da condessa. Joguei com Mr. le Riancey que é bom taco. Tomei chá na sala do Muritiba, e vou agora deitar-me e ler até dormir.

30 de janeiro de 1890 (5a fa.) – 7h 25'. Dormi bem. Acordei há pouco e já estou trabalhando. Acabei de ler o discurso de Chauneau que muito me agradou. Faz conhecer e estimar Bonley, cuja estátua erigiram tão merecidamente na Escola de Alfort.

8h $\frac{3}{4}$. Vou me vestir. 10h 50' Volto da ducha e alisamento das mãos pela condessa que se mostra sempre minha amiga de 40 anos.

12h 25' Almocei bem. Vou ler.

1h 10' Não pude acabar o bellissimo discurso de Vogué sobre Nisard. Vou sair.

4h De volta do passeio até Vallon com a Chica. É muito bonito. Esteve cá a duquesa de Coburgo. Retirou-se porque não pde chegar à hora marcar [sic]. Vou ao estudo com o Seibold.

10h $\frac{1}{4}$ Traduzi Hitopadeça. Continuei a ler a edição da Arte Guarani de Restivo. Jantei bem. Conversei e acabo de tomar chá. A condessa não veio segundo ouvi por cansada. Vou deitar-me e ler ainda até dormir.

31 de janeiro de 1890 (6a fa.) – 7h 5' Dormi bem. Já estou assentado lendo. Acabei de reler o discurso de d'Haussonville que substituiu Caro na Academia francesa. É muito bom.

8h $\frac{3}{4}$ Vou vestir-me para ir à ducha.

3h 40' Boa. Dei meu passeio a pé e indo ao St. Charles não achei a condessa que tendo saído com a mana Chica debalde aguardei a volta assentado defronte do hotel. Almocei bem. Conversei, li. Fui passear com a Chica tomando a condessa no hotel até o Golphe Juan. Avistei bem a esquadra francesa de encouraçados fundeada. Andei a pé pela praia e um pouco pelo caminho de volta acabando de chegar ao hotel. Vou à lição do Seibold.

10h Traduzi Homero. Odisséia. Continuei a leitura da edição da Arte Guarani de Restivo feita pelo Seibold. Comparei uma tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem. Conversei com a Chica, o Nemours e a condessa que veio depois do jantar. Acabo de tomar chá e de conversar na sala do Muritiba. Vou deitar-me e ler.

1 de fevereiro de 1890 (sábado) – 6h 10' Dormi bem e já leio. Acabei de renovar o prazer que já tivera creio que em Petrópolis com a leitura da resposta de Jules Simon ao discurso de recepção de Meilhac.

Li na Revue exotique illustrée um artigo, acompanhando meu retrato. É de Edgar la Selve. Li nos Débats de 27 de janeiro a correspondência do Rio de Janeiro que fala da exposição financeira de Rui Barbosa.

10h 50' Boa ducha. Depois vim à pé ao hotel da condessa com quem estive e vou ler Le Monde de 20 de janeiro. Artigo sobre a carta do cardeal de Lavigeru a respeito das doutrinas contagionistas. Marcaram-me porém é de pouco mérito. Societé de Geographie de Paris, sessão de 17 de janeiro.

L'abbé Desgodins depois de ter estado 35 anos nas fronteiras do Tibé volta com o manuscrito de um dicionário tibetano, latino, francês e inglês. Boas notícias da África e da Ásia. Mr. Foumeau na parte setentrional do oeste africano. Subiu o Ogoné até Lapé a 500 km da foz, e dirigiu-se ao norte. Foi excursão de cerca de 1.200 km em 65 dias. Não perdeu ninguém nem deu tiro. De Tachkend recebeu-se carta de Bonvalos de Kourla a 370 km N.N. e de Lob-Nor de onde ele e o príncipe Henrique dirigiam-se ao alto Knicha Kiang ao Yuran e ao Tonkin. Se não houver obstáculos limitar-se-iam, conforme pensa Muller de procurar os vestígios do antigo leito do Tarim que segundo tradições chinesas era o curso superior do Honny-Ho ou rio Amarelo.

1h 10' Almocei bem. Escrevi a Villeneuve. Vou sair.

10h 40' Dei um belo passeio com a mana Chica e a condessa. Na volta traduzi árabe com o Seibold, vi a edição que este fez da Arte do Guarani de Restivo e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem e depois de jogar bilhar com Mr. de Riancey estive conversando. A condessa não veio. Vou deitar-me e ler ainda.

2 de fevereiro de 1890 (domingo) – Pouco depois de 6h. Dormi bem. 8h $\frac{1}{2}$ Escrevi respostas. Agora lerei um pouco antes de vestir-me.

11h 5' Boa ducha. Dei passeio em parte pela praia. Fui à missa já apenas começada e dela volto. Logo talvez vá à condessa para as mãos. Li em Le Monde de ontem um artigo interessante dando notícias da sessão de 3a fa. da Academia de Medicina de Paris em que se tratou do parasitismo contagioso da tuberculose e da gripe.

12h ³/₄ A condessa veio cá. Almocei bem há muito tempo. Estive com o Dr. Onimus.

5h ¹/₄ Bom passeio até Pegomas. 664 hab. compõem-se de 2 grupos de casas aproximados, mas separados pelo Mourachone afluente do Siagne. Origem recente. É lugar pitoresco. De caminho traduzi o soneto de Rigaud a Lourdes.

A voz de menina que um povo inteiro escuta
Pelo templo se eleva, pese aos invejosos,
Cada cidade alça o estandarte à gruta,
Infindo peregrinos ajoelham-se ansiosos.
Sua torre ao longe diz que o fim já desfruta
A gruta milagrosa abre-se para os sequiosos;
A fonte gotejante, outrora, como em luta;
Jorra límpido arroio em regos pedregosos.
Velozes mensageiros rezas a levar
Aves na hera tufada estão-se a aninhar
Só a torrente turba a terra silenciosa.
A velha fê francesa o simbolo recobra,
Cura-se aí a dor, desdita não sossobra
Chega-te ateu, e vê! Deus poderás negar?
Transcrevo o original. Precede-o esta citação.

Quae est vita quae progneditur quasi aurora consurgens pulchra ut luna electro ut sol, terribles ut castrorum acres ordinata – Hei de transcrever quando me tenha vindo do rio a minha tradução do hebraico.

A la voix d'une enfant que tout un peuple écoute
Un beau temple s'élève en dépit des jalouses
Chaque cité suspend sa brunière à sa voute,
Des pelerins sans nombre y tombent à genoux.
Sa flèche annonce au bon le terme de la route;
La grotte du miracle est beauté au dessous
La source qui jadis y coulati goutte à goutte
Jaillit en clair ruisseau sur son lit de cailloux
Messagers toujours prêts à porter la prière
Des oiseaux y font leur nid dans ses touffes de lierre
Le torrent trouble seul le silence du lieu.
Le vieille foi française y reprend son symbole
La douleur s'y guerit, le malheur s'y console
Approche athée, et vois si tu penses nier Dieu.
17 Juillet 1882 Premier President Rigaud.

10h 20' Jantei bem. Conversei com as pessoas do costume. Acabo de tomar chá no salão do Muritiba. Vou ainda ler deitado e dormir. O soneto de Rigaud “A Marguerite” que traduzi há pouco hei de copiá-lo amanhã.

3 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 7h ¹/₄ Já estou trabalhando. Respondi à carta da Branbella neta de Manzoni. Li no *Magazin litteraire et Scientifique* de 15 de junho deste ano um artigo de L. Backer que tenho conhecido sobre a rainha da Rumânia, Carmem Sílvia onde se fala de poesias dela que não conheço e faz-me pedi-lhas [*sic*]. O pai ou avô, o príncipe Neuvied viajou pelo Brasil.

12h ¹/₂ Almocei bem. Fui antes à ducha. Depois a pé até o hotel S. Charles onde a condessa tratou-me das mãos. Vou falar ao Villeneuve.

3h 20' Volto do passeio pelo Canet tendo visto ao longe as montanhas que estavam muito belas e debruadas de neve. Andei também a pé e tomei café no Rumpelmeyer havendo aí muita gente; também tocava a música onde não estive, encontrando o Tosta que disse-me a ouvia com a mulher. O dia está esplêndido.

10h 25' Traduzi árabe com o Seibold; interrompendo meu estudo para falar com Mme. Yenesty, nada mudada, irmã do Marreuil que viera com a condessa de Barral. Tornei à lição com o Seibold, continuando a ler a Arte da língua guarani do Restivo. Jantei bem. Joguei bilhar com o Riancey; conversei e acabo de tomar chá na sala do Tosta. Vou ainda ler antes de dormir.

4 de fevereiro de 1890 (3a fa.) – 7h Já me levantei tendo dormido embora acordasse por vezes para urinar. 8h Acabei de traduzir o soneto “L’été” do presidente Rigaud e vou começar o “L’autonne”. Hei de copiar tudo junto.

11h Ducha que me soube. Passeio até o St. Charles onde a condessa alisou-me as mãos. Vou traduzir o soneto.

1h ¼ Almocei bem. Questão de vivendas; decidi não sair deste hotel. É difícil viajar com outros. Volto do passeio lindíssimo do lugar Grand Pins de onde se avista o mar, as ilhas Lerins, Vallauris, Antibes e as montanhas debruadas de neve. É um dos passeios mais belos que tenho. Encontrei um grande pic-nic a que apartencia *[sic]* o ministro anglicano meu conhecido da vez passada. Vou estudar com o Seibold.

10h 25' Traduzi sânscrito e continuei a leitura da edição da Arte Guarani de Restivo. Jantei bem. Conversei na sala e acabo de tomar chá na sala do Muritiba.

11h 50' Acabei a tradução do soneto do presidente Rigaud – “A meu cão”. Vou despir-me e deitar-me.

5 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 7h ½ Dormi bem. Ontem no Littoral li que Bokai, professor da Universidade de Klemssenburg descobriu remédio contra a hidrofobia composto de água clorada, água bromada, ácido sulfuroso, hipermanganato de potassa de óleo de eucalipto. Lava-se a parte mordida, depois aplica-se um chumaço de algodão embebido de mistura. Bokai estuda agora curativo interno. Também vi um artigo de La Union de Valparaiso de 17 de 9bro *[novembro]* e da Libertad electoral de Santiago sobre a revolução do Brasil que são muitos justos para mim.

5h ¼ Volto de Frejus com Dória, Amandinha e Mota Maia. Notícia da morte repentina de Monpensier. Vou ao estudo com Seibold. Direi logo o que tenho feito antes e fizer depois. O Roland que foi comigo fez-me excelente companhia e prometeu-me diversos livros que indicou e lhe pedi.

10h ¼ Estudei hebraico com Seibold. Jantei com apetite. Conversei no salão e agora na sala do Muritiba, depois de tomar *[sic]* e daqui a pouco irei deitar-me.

6 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 6h ½ Dormi bem e vou ler. *El estandarte católico* de 18 9bro *[novembro]* de Santiago do Chile traz artigo sobre os sucessos que me parece justo. Em *Le Monde* de 3 li um discurso de Mg. Freppel na sessão da Câmara de 1 a favor da intervenção do clero nas eleições do deputado Soubeiran. Não penso como bispo ao menos no Brasil. Foi invalidada por 291 votos em 496 votantes.

La fête academique Entrega na sessão desse dia com discurso de Bourlleir, presidente do ano passado, da medalha a Barthelemy St. Hilaire por seu 50º ano de acadêmico.

Academia das Ciências. Sessão de 27. Duchartre analisa as observações de Musset sobre a influência dos raios lunares nas plantas. Reconheceu que os caules viram-se para a lua. Parville lembrou a Duchartre que fez experiências em 1860 junto ao equador ao nível do chão. Uma dezena de plantas sempre se viravam na direção da lua cheia ainda que menos visivelmente que para o sol. Parece que os raios actinicos influem mais que os calorificos. Piazzzi Smith já achara no cimo do pico de Tenerife que a ação actinica da lua era apenas equivalente à de uma vela a 15 metros. Os actinicos contudo permitem fotografar. Parville observou então em Nicarágua que as sementes germinam mais rapidamente semeadas na lua nova do que na cheia. Bonchard tencionava ler uma nota sobre os micróbios da influenza e mostrar que alguns nossos comensais habitualmente e então parcialmente inofensivos tornam-se perigosos durante a epidemia. Julgava ser essa comunicação mais própria da Academia de Medicina e encontrar-se-á em seu compte-rendu.

Academia das inscrições e belas letras. Sessão de 31 de janeiro. Tratou-se de candidatas. “M. Edison journaliste” tirado do *Harper’s Magazine*. É curioso.

11h 10' Boa ducha. Vim a St. Charles para o alisar das mãos e combinei com a condessa na ida à Mana Januária em Nice.

35' Estive lendo e vou almoçar.

1h Já comecei o estudo do árabe com o Seibold e logo pretendo dar sessão fotográfica para retratar-me com os companheiros.

6h $\frac{1}{4}$ Volto de Nice aonde fui com a condessa que ia despedir-se da Mana por retirar-se aquela para Voiron. Estive somente em casa da Mana que pareceu-me melhor alojada na Villa-Taafe. Fiquei de ir lá almoçar. O tempo esteve sempre bom e gosto muito do caminho.

11h Jantei com apetite. Estive conversando com as pessoas do costume. Tomei chá no salão do Muritiba, acabando de ler a explicação do Maracaju provocado pelo manifesto do Ouro Preto, e agora vou deitar-me, continuar o folheto incluindo o que se publicou por ocasião da distribuição dos Prix-de-vertu do Instituto de França.

7 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 7h Dormi bem. Vou fazer alguma cousa.

11h $\frac{1}{2}$ Li, depois da ducha que me soubera vim à missa por tenção de Montpensier. Acabo de estar com a condessa que me alisou as mãos. São horas de almoço.

12h $\frac{1}{2}$ Almocei bem. Vou ler um pouco. $\frac{3}{4}$ Vou falar a Liégeard.

3h $\frac{1}{4}$ Deu-me algumas para ler. Fui depois despedir-me da condessa que partiu para Marselha e daí para Paris e depois para Voiron. Vim ao hotel pensando que Chica sairia comigo, mas não a encontrei. Acabo de voltar, passeando um pouco pelo jardim além do molhe aonde fui a pé. Vou agora a meu estudo com o Seibold.

6h 20' Traduzi árabe e continuei a ler a Arte Guarani de Restivo. Vieram l'abbé Federlin do colégio Stanislas convidar-me para festa do colégio e o presidente Roland trazer-me uma tradução francesa de Apuleu que hei de começar a ler antes de dormir.

10h $\frac{3}{4}$ Jantei bem. Conversei com o Dr. Charcot e a filha e com a condessa da Estrela, Maia Monteiro, mulher e sogra; tomei chá no salão do Muritiba. Vou deitar-me e ler um pouco de tradução de Apuleu antes de dormir.

8 de fevereiro de 1890 (sábado) – 7h 40' Dormi bem. Dia muito bom.

8h 40' Tenho copiado quase todas as traduções dos sonetos de Rigaud para mandar-lhos. Vou vestir-me.

11h $\frac{1}{2}$ da noite. Ducha, depois passeio pela praia. Missa por alma do Montpensier. Almocei bem, traduzi sonetos do presidente Rigaut [*sic*]. Passei até “Les grands pins” com a Isabel e a Chica. Lição de sânscrito e continuação da leitura da edição da Arte Guarani com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Riancey. Conversei na sala do Muritiba onde tomei chá e acabo a cópia das traduções que fiz dos sonetos do Rigaut [*sic*], e escrevo-lhe uma carta remetendo-lhe e pedindo-lhe mais poesias dele. Vou deitar-me.

9 de fevereiro de 1890 (domingo) – 7h $\frac{1}{2}$ Dormi bem embora me levantasse para urinar algumas vezes.

12h $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Passeio a pé pequeno por causa da missa. Almocei bem e tenho escrito.

5h $\frac{1}{2}$ Passeio de carro por Garibondi voltando pelo Canet e muito agradável com a Mana Chica. Tenho estado a escrever para conhecidos da Itália afim de dá-las aos Loretos. Falei ao médico surdo mudo Raudin que tem estado de cama.

6h Acabei a última carta ao Tosta para o Loreto levar.

10h 5' Jantei bem. Joguei bilhar com o Riancey. Conversei no salão do Muritiba onde acabo de tomar chá. Vou deitar-me, ler e dormir.

10 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 7h 10' Dormi bem. Vou ler.

1h Boa ducha. Passei pela praia. Almocei bem. Acabo de levar a Chica à estrada de ferro, pela qual partem para Paris. Tenho estado a ler a tradução de “O asno de ouro” de Apuleus em francês de 1745.

4h Fui à estrada de ferro para despedir-me dos Dórias que partiram para a Itália depois de haver assistido à sessão literária presidida pelo Liégeard, mas à qual não assisti ao fim só tendo assistido aos discursos deste, do Roland e a parte do de outros.

10h 10' Antes do jantar traduzi a Odisséia comparando a minha versão à de Mme. Dacier, e continuei a ler a edição da Arte Guarani de Restivo. Comi com apetite. Joguei bilhar com diversos. Tomei chá na sala do Muritiba e vou ler até dormir.

11 de fevereiro de 1890 (3a fa.) – 7h ¼ Dormi bem embora urinasse algumas vezes. Vou ler.

10h 50' Boa ducha. Passeio quase até a Croisette. Vou fazer telegrama de pêsames ao Papa pela morte do irmão.

11h ¼ Vou almoçar.

10h ½ da noite. Fui à vila de Ormesson para onde foi minha filha com a família. Tem boa vista. Traduzi árabe com o Seibold e li um pouco da Arte Guarani de Restivo editado pelo Seibold. Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Villeneuve e tenho estado a conversar com ele e meus companheiros havendo tomado chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

12 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 7h ½ Dormi bem. Estou lendo.

8h ¾ Tenho lido a tradução do “Asno de ouro” de Apuleus. Vou vestir-me.

10h 40' Boa ducha. Passeio a pé e de carro até a Croisette. Montanhas do lado da Esterelle com muita neve. Na casa da ducha disseram que havia fora 6°.

11h Vou almoçar.

12h 10' Bem. Tenho lido Le Genie Civil de 19 de 8bro [outubro] sobre a ponte da Mancha avant projet de M. M. Schneider e Cia. (Usine du Creusot et H. Hersent), o qual mandou-me Daubrée. Orçamento 380 milhões fr. Pilares – 480 super estrutura metálica; tempo de construção de 10 a 12 anos. 2 milhões de passageiros anualmente entre os portos ingleses e o litoral entre Cherburgo e a Haifa. O tráfego de mercadorias entre a Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e a Alemanha foi em 1885 de 14 milhões de toneladas. Se eliminarem as mercadorias pesadas etc. que vão por mar, ficam de 5 a 6 milhões. Além da questão econômica, objetaram o que já fizeram ao túnel submarino, assim como os perigos dos pilares para os navios e os embarços que os trabalhos causarão à navegação, mas como Ch. Tessandier autor do artigo espero que se realizará esta empresa colossal e de tal importância para as oficinas metalúrgicas de França, como para as relações desta com a Inglaterra.

1h ½ Escrevi a Daubrée em resposta à dele de 10. Vou tomar café e sair.

3h ¾ Volto do passeio pela Croix des Gardes. Vou estudar com o Seibold.

10h 25' Traduzi árabe e continuei a ler a Arte Guarani de Restivo com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Augusto que é bom taca. Estive com a Isabel no salão do barão de S. Joaquim. Tomei chá no meu salão depois de despedir-me da minha filha li o artigo do Fígaro sobre Salambo, ópera de Rayer cantada em Bruxelas e que muito agradou e vou deitar-me lendo até dormir.

13 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 6h ¾ Dormi bem. Estou lendo Apuleus.

8h 50' Vou vestir-me.

10h 50' Boa ducha. Passeio a pé e de carro, por Cannes velha.

10h ½ da noite. Visita do príncipe de Mônaco. Falamos de seus trabalhos sobre a fauna submarina. Ficou de me avisar de quando tivesse alguma reunião em Mônaco de homens de ciências e letras. Dei bom passeio de carro e a pé pela Califórnia e Golfo de Juan sem ser pela praia. Traduzi a Odisséia e continuei a leitura da parte impressa da Arte Guarani de Restivo. Jantei bem com a Isabel e família. Joguei bilhar com o Riancey. Tomei chá na sala de S. Joaquim. Ainda conversei pouco na minha sala e vou deitar-me, ler e dormir.

14 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 6h 35' Dormi bem embora acordasse as minhas vezes para urinar.

1h Boa ducha e passeio a pé pela praia em direção e além do farol passando pelo passeio público, de onde voltei de carro. Almocei bem. Conversei com a condessa da Estrela e o filho Maia Monteiro e tenho lido a tradução do Asno de Apuleus.

4h Passeio: caminho de Grace, volta pelo Canet. Bom tempo e muito me agradou. Li no liv. 9 de Apuleu um conto que parece o de tonel; o marido e o amante de Bocacio. Vou estudar com o Seibold.

8h ¾ Isaias e Restivo. Acabo de jogar bilhar com o barão de S. Joaquim que o joga bem. Vejo na tradução francesa do Asno de Apuleu: Ce nom de Sirenes en Phenicien signifie des Chanteuses. Sei que em hebraico – schis schirine – significa cântico dos cânticos.

10h 20' Tomei chá na sala. Vou deitar-me e ler até dormir.

15 de fevereiro de 1890 (sábado) – 6h 20' Dormi bem. Já estou assentado.

8h 55' Li o Asno do Apuleu na tradução francesa mais hei de ler o original. Tempo encoberto. Vou à ducha.

11h Almoço. Boa ducha. Passeio a pé para o lado do farol e de carro para o do Canet.

½ Acabei de almoçar. Os convivas reduzem. Foram eu, Aljezur e Mota Maia com a mulher. Os netos grandes foram a Nice.

1h Continuei a ler a tradução francesa de O Asno de Apuleus e acabo de estar com o Machado que foi demitido há pouco de cônsul-geral Brasil em França para ser nomeado o Dr. Barbosa!

1h ½ Vou sair.

3h ¼ Cheguei à hora à Vila de Ormesson, mas Isabel apesar do combinado não estava em casa. Antes fui em direção a St. Cassien tendo antes de lá a pé dado um bom passeio.

7h ¾ Vi sempre a Isabel. Estudei com Seibold árabe, e li a edição de Arte Guarani de Restivo. Tardou um pouco para o jantar, porque sem motivo pensavam que eu jantava fora. Antes do jantar estive com o Roland que da parte do Rigault [sic] restituía-me a tradução que fez dos sonetos deste e prometeu-me algumas leituras. Jantei bem. Estou à espera de uma visita.

10h ¼ A visita era o marquês de – não me lembro de que. Depois joguei bilhar com o barão de S. Joaquim e o Riancey. Acabo de tomar chá na minha sala e vou deitar-me, ler ainda e dormir.

16 de fevereiro de 1890 (domingo) – 6h 20' Já estou assentado. ¾ Respondi a cartas.

11h 20' Boa ducha e vim a pé à missa a que só assistiu o Nemours. Acabo de almoçar com apetite.

1h ½ Acabei de ler o 2º volume do Asno de Ouro e também do “Demônio ou Espírito familiar de Sócrates”. Vou sair.

3h ½ Fui quase até a Antibes. Tempo feio. Depois de tomar café vou a casa de minha filha para jantar.

4h 20' Não a achei e mesmo a encontrei em caminho indo conforme disse-me Gaston para uma tômbola no Colégio Stanislas. É difícil viajar com quem nos faz perder tempo. O Mota Maia foi dizer-lhe que eu estava aqui, e entretanto lerei.

6h 25' Estive com o Glaziou e Jobert com os quais falei sobre o assunto de que se ocupam e comecei a minha leitura à Isabel de “Luz e Calor” de Manuel Bernardes.

10 ½ Jantei bem em casa de Isabel com todos os netos que estão aqui e as pessoas de casa de Isabel assim como o Nemours. Conversei e saí às 9h. Joguei bilhar com o S. Joaquim. Tomei chá. Vou deitar-me e ler até vir sono.

17 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 6h 25' Dormi bem sobretudo de madrugada. Vou ler o 1º volume de Histia [sic] Universal do Riancey.

10h 20' Ducha boa. Passeio menor que de costume. Almoço mais cedo por causa da partida do Nemours depois de almoçar conosco, levamos à estação. Daí fui dar meu passeio pela Esterel, até o Alberge des Adrets defronte da povoação deste nome, e daí a pé segui até defronte da próxima povoação. No Alberge des Adrets tomei café que não era bom, e quando perguntei pelo subterrâneo onde Robert Macaire guardava os roubos e as pessoas que matava para roubar a dona do albergue riu-se.

O dia estava excelente. Ainda na volta traduzi árabe e li Restivo, porque o jantar foi mais tarde pela vinda de minha filha. Joguei bilhar com o S. Joaquim que disse fora o carnaval muito brilhante em Nice. Conversei com minha filha, o padre Germaine na sala dos S. Joaquim. Tomei chá no meu salão e vou deitar-me para dormir, o que espero farei, tendo apenas lido.

18 de fevereiro de 1890 (3a fa.) – 7h 20' Dormi bem e já estou assentado. Dia encoberto.

11h Escrevi cartas. Fui à ducha que me soube e acabo de voltar de carro depois de ir a pé até além do farol, e do passeio público. Vou almoçar.

1h Recebi os exemplares encadernados do artigo Brésil, do Rio Branco e já o distribui por algumas pessoas e pedindo ao Liégeard uma conferência sobre o Brasil a propósito do livro.

1h Vou me agasalhar para o passeio com a Isabel.

10h da noite. Vimos bem as estufas do Solignac e sobretudo a paisagem. Traduzi a Odisséia e li o Restivo. Mandeí 2 exemplares de Le Brésil à condessa e a Dominique, pedindo a este que fale desse na sua Revista.

Jantei bem. Joguei bilhar com o Augusto, pois S. Joaquim e a mulher jantaram com a Isabel. Acabo de estar conversando com Mota Maia e Aljezur no meu salão onde tomei chá e vou deitar-me lendo ainda.

19 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 6h ½ Dormi bem e já estou lendo.

8h ¾ Talvez acabe de ler o Jornal des Savants depois da ducha para onde vou e agora vestir-me.

11h Boa ducha. Passeei a pé pela praia e tomando carro fui a Monchevalier, mas por causa do vento, não subi a torre porém vi a fábrica cerâmica de arte, trouxe alguns objetos para minha filha e netinhos e gozei da vista do observatoire. O dia está magnífico para ir a Nice visitar a Alexandrina. Mandeí dizer a Seibold que o estudo é ao meio-dia.

6h 25' Às 2h terminei meu estudo de sânscrito e li a edição de Restivo. Fui para estação e parti com a Isabel para Nice onde visitei a Alexandrina na sua bela vila de Sabron, em cujo jardim passeei um pouco e visitei a Mana Januária e agora estou de volta, 6h ½ e vou jantar.

10h 48' Joguei bilhar com o S. Joaquim. Tomei chá na minha sala. Conversei com Aljezur e Mota Maia e vou deitar-me.

20 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 7h Vou ler. Dormi bem.

11h 40' Almoço com apetite. Antes boa ducha, passeio a pé até o mercado e daí de carro pelo Canet. Dia feio.

12h ½ Li anotando a Histoi [sic] du Monde de Riancey.

6h 20' Estudei hebraico e Restivo com o Seibold e escrevi no exemplar que lhe dei do livro Le Brésil o oferecimento em todas que sei e que aprendi com ele. Volto do Colégio Stanislas que sem convites de fora a não ser a família de Mota Maia e a S. Joaquim repetiu sua festa escolar cujo programa junto e que muito me agradou. Agora vou jantar.

11h ¾ Jantei bem. Joguei bilhar com o S. Joaquim, em cujo salão estou com minha filha, tendo se retirado antes Gaston com o Pedro e Antônio não tendo vindo Luís por incomodado. Tomei chá no meu salão. Vou dormir tendo lido deitado a obra do Riancey.

21 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 6h Já estou lendo, mas prefiro traduzir Les Brésiliennes, poesia que recitaram ontem no colégio Stanislas.

7h ½ É homeométrica a tradução e creio que se poderá cantar bem os versos.

11h Anotei a História Universal de Riancey. Fui à ducha que me agradou. Andei a pé e de carro cheguei até a Vila d'Ormesson para saber do Luís que estava de pé mas amarelo. Vi minha filha e os outros. São horas do almoço. Almocei bem. História Universal de Riancey.

4h ½ Volto de meu passeio a Castelleras. Foi de reconhecimento ativo – porque o tempo encoberto só me deixou desejos de tornar a gozá-lo – e passeio, pois descobri que será belíssimo com tempo claro.

9h De volta do passeio estudei com Seibold árabe e Restivo. Jantei bem e acabo de jogar bilhar com o Augusto e o S. Joaquim.

10h 10' Tenho estado [sic] Riancey na sala em que tomei chá. Vou deitar-me.

22 de fevereiro (sábado) – 7h 5' Estou lendo. Dormi mais e bem.

8h ¾ Anotei o Riancey. Vou para a ducha. Tempo feio, e chove um pouco.

3h ½ Almocei bem com minha [sic] e Gaston. Assinei uns papeis forenses. Traduzi o soneto, de Zidler a Colombo procedendo seus Christophe Colomb poème héroïque en quatre *actes en vers*, que o autor me ofereceu. Acabo de chegar do passeio quase que até St. Antoine de Vallauris aonde não cheguei por estar o caminho mau para o carro até perto da capela aonde não cheguei a pé por estar o caminho enlameado e muito escorregadio.

23 de fevereiro de 1890 (domingo) – 7h Dormi bem as mãos estão um pouco presas. Vou transcrever o soneto de Zidler que este me madou [sic] impresso acompanhando o seu “Christophe Colomb” poème héroïque en quatre *actes en vers* e que ele dedicou a Jurien de la Gravière e ofereceu-me com algumas palavras e assinatura escritas na primeira página

do livro.

Que fais tu, de Colom je façonne l'image
Dans le marbre imortel que l'attendit souvent
Et toi? J'écris sa vie admirateur fervant.
Et toi? Je peins sa flotte à son premier voyage
Tours, de tous pays comme en pelerinage
Nous francissons des flots, marin, reveur savant;
Et pavillon do fête aux mats ailes au vent
L'ancien monde en va porter son hommage!
O terre d'Amerique ô fille de Colomb,
Puis que tu vas bientôt, jalouse de ton nom,
Après quatre cents célébrer sa memoire,
Moi poète de France avant tous s'approchant
Au pied du monument qui s'élève a sa gloire,
Je mets avec amour ma couronne et mon chant.

- * -

Que fazes? De Colombo esculpo-lhe a imagem
No mámore imortal, que o esperou impaciente
E tu? Escrevo-lhe a vida admirador fervente
Todos – de toda a terra – como em pia romagem,
O mar passamos nauta, sonhador, sapiente
Mastros embandeirados, velas ao ar gemente,
O mundo antigo ao novo leva sua homenagem.
Oh filha de Colombo região americana.
Pois que breve tu vais, de sua glória ufana
Depois de quatro séculos honrar-lhe a memória
Ao pé do monumento que alçam sua glória
Eu poeta de França a todos me adiantando
Vou um coroa depor também cantando
Ao pé do monumento que alçam a sua glória.

Vou mandar buscar o poema também sobre Colombo de Campo-amor, que estava traduzindo e a minha versão quase completa do de Granada de Zorrilla e outros livros como as traduções dos Lusíadas que continuava a comparar com o original.

10h $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Passeio a pé até a missa. Tempo de sol. Espero a Isabel para o almoço.

1h Tudo bem. Minha filha já se foi. Escrevi a Alphonse Karr sobre seu lindo artigo do *Figaro* “Les Crepusculaires” e pedindo-lhe uma exemplar de Geneviève para minha filha que disse-lhe me lera o artigo do *Figaro*.

4h $\frac{3}{4}$ A Isabel não tinha saído, e fui com ela ao atelier de Mercier. Vi trabalhos novos dela, não me agradando muito o quadro que ela está pintando e representa uma procissão creio que na Bretanha. Tem branco demais. Minha filha queixou-se e fui à Notre-Dame-de-vie. Caminho quase de cabras, quando sai do carro. Alameda de ciprestes. Num alto. Vê-se bem de uma banda Mongins e do lado oposto um canto do golfo de Napoule.

Mandei a melle. Mercier um dos livros Le Brésil artigo de enciclopédia nova e pedi-lhe que neste inspirasse seu talento artístico.

10h 20' Fui jantar com a Isabel, a quem li antes mais de $\frac{1}{2}$ hora de “Luz e Calor” do padre Manuel Bernardes, da obra de que tanto gosta por sua linguagem, doutrina e caos tão interessantes em que a apóia. Comi com vontade, conversei e voltei para depois de algumas partidas de bilhar com o São Joaquim tomar chá na minha sala, estando só comigo o Aljezur que deu-me notícia da reunião da sociedade de beneficência em Nice que parece não foi muito interessante. Vou deitar e ler até o sono vir.

24 de fevereiro de 1890 (2a fa.) – 7h ½ Dormi bem, mas demais por causa do criado. Vou ler. Dia esplêndido.

11h Andei a pé depois da ducha que me soube pela praia além do molhe.

9h da noite. Passeio até Casteleras. Que bela vista! Hei de voltar talvez com minha filha Vi na Igreja uma gravura curiosa representando l'abbé de Rancé com os seus confrades trapistas. Jantei bem, joguei bilhar com o Aljezur e depois com o S. Joaquim, em cuja sala li um trabalho Nouvelle des convertes d'idoles de l'Amazones par P. de Lisle du Drenesie, o qual mandarei a Liégeard com algumas palavras sobre a minha opinião favorável à origem oriental do tupi. Poderá servir-lhe para fazer a conferência que lhe pedi sobre o Brasil.

10h 10' Já tomei chá na minha sala. Antes de deitar-me vou copiar estes versos que não pude dar à Isabel com o raminho de violetas que aí está – mas esquecia-me que li na sala de S. Joaquim um artigo num jornal creio que de Roma sobre a revolução no Brasil e que mandou o Bizzio. Não está mau.

Raminhos de violetas
São quase diárias gazetas,
Que te levam, e sem petas,
Nem giro de carapetas,
Saudades que são muletas
Dos anos que sem tretas
Não sugam mais boas tetas
Nem deliram por cruzetas,
Que veem, só, sem caretas
Dos cadáveres nas gretas
Tratando de bons patetas
Os que vaidade, tu encetas
Quando mui breve os sufetas
Dir-te-ão, oh homen, o que afetas,
E por isso, bem acarretas
Vaias que, oh sábio, decretas
Vou passear e a completas,
Terei mais rimas em etas;
Porém, se de ânsia te espetas,
Direi que de castanhetas,
E sacudindo as pernetas
Não anda a musa em saletas
Qual na rima em suas betas
Não se acham sempre palhetas,
E o cérebro cacetas,
Sem que poesia aí metas.

Vou agora 10 ½ deitar-me e ler ainda a História Universal de Riancey. Primeiramente li carta de Daubrée de 18. Antes de sair hoje a passeio conversei com o Saige que prometeu-me algumas obras e deu-me informações sobre esta costa do Mediterrâneo que conheceram até os antigos egípcios.

23 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 7h Dormi bem e já estou assentado a ler. Dia bonito. Já enviei à condessa meu diário até hoje e à Isabel o raminho de violetas e versos em etas de ontem. Vou ler a História Universal do Riancey.

4h ½ Boa ducha onde vou lendo Au Maroc é de Pierre Loti. Dei meu passeio a pé pela praia além do farol. Voltei de carro para o almoço. Estudei árabe com o Seibold. Fui ao Collège Stanislas onde vi meus netinhos maiores, e assisti a todas as aulas do dia, encontrando o Antônio com o Gaston ao sair de lá. Vou mandar o raminho de violetas à minha filha com estes versos.

Aí te vão mais floretas
Custam-me suas gorjetas,
Porém pinta-me paletas
Com as cores que em bocetas
Oh amizade, tu injetas
De mais perfumes repletas,
Que não murcham e são diletas
Quanto mais sejam provetas
E a que disparam quais setas
Aspirações e em retas
Quando elas são mais corretas,
E não sensações concretas,
Com que oh corpo nos infectas
Que enfim nos são abjetas.
Recebe pois das coletas
A de hoje, que outros projetas
Oh sentir, tu me completas,
E nunca trazes secretas
As idéias, que trajetadas,
Sejam tristonhas ou letas
A outra, tu que as interpretas
E vistos os carapetas,
Passo um dia tal sem gretas
Onde, oh sol, sem nuvens pretas,
Brilhas sem eu usar tretas
De explicar como intrometas
Dia escuro, que remetas
A quem à saudade submetas.

10h ¼ Minha filha veio jantar aqui. Comi com apetite. Desci com ela ao bilhar. Joguei com o S. Joaquim, em cuja sala estive com minha filha. Tomei chá na minha sala, tendo-me depois despedido de meus grandes e vou agora deitar-me.

26 de fevereiro de 1890 (4a fa.) – 7h 40' Não dormi mal, porém tenho as mãos muito presas. Vou ler.

11h 40' Almocei bem, que a ducha e o passeio sobretudo de carro do tempo predispuseram-me.

1h ½ Estive fazendo versos para minha filha e daqui a pouco irei passear de carro. Tempo encoberto.

3h ½ Bom passeio para o lado da Califórnia. Antes mandei à Isabel os versos que transcrevo. Ficaram; ela não estava em casa. Ao voltar encontrei de carro a princesa Czartoryski, irmã do Gaston com a senhora que costuma acompanhá-la. Vou ao Seibold. Copiarei os versos logo.

8h 50' Traduzi a Odisséia. Reli a Arte Guarani de Restivo. Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Aljezur e depois com o S. Joaquim.

Se não te mando violetas,
Queixa-te das maretas
Que o mar puseram cachetas
Com que, oh Doutor, te inquietas
E eu de não dar pesetas
À Criança quase em muletas,
Visse embora, quais vedetas,
Falsos pobres, quais chupetas.

Mas logo te vão rosetas,
Não dos da terra cometas,
Na vaidade se atletas
Mas colhidas nas valetas
Que são suas próprias jarretas
Guarda-as tu bem nas saletas,
Se de mim o dia longe encetas,
E contudo te encasquetas
Que está perto quem aquietas
Com tuas pupilas eretas
E as carícias discretas,
Em que ardor novo me injetas
Mas de nuvens as barretas
Não prendem onde em carretas,
E só quem traga calcetas
Não move agora as pernetas.
Mais estes e até amanhã!
Se de manhã as roletas
Das vagas forem diabretas,
E em bravura não obsoletas,
Tocando bem cançonetas
Talvez eu cale as tombretas
Da Musa e as deixe capetas
Bailar com as suas venetas,
Pois tenho também tinetas,
Como todos os poetas.

10h 8' Tomei chá na sala, presentes Aljezur e Mota Maia. Vou ainda ler deitado e dormir.

27 de fevereiro de 1890 (5a fa.) – 6h 25' Dormi bem. Já vou ler – mas respondi a carta do Nioac.

11h Ducha que me soube. Passeio além do farol. Veio a criança das violetas e logo continuarei versos em etas.

Com olhinhos de galhetas,
E perninhas de vaquetas,
Faces roliças maletas
Costelas que são arquetas,
Boca e orelhas bem turbetas
Vem a criança não como etas
Direitos, mas ampulhetas
Perto do mar sem cornetas
Com grancinhas *[sic]* mui corretas
Trazer-me das suas coletas,
E eis para mim rejetas
Rimas de agro perfeitas.

Vou começar minha tradução do Burro de Apuleu.

10 ½ da noite. Mandeí as violetas à Isabel. Almocei bem. Estudei com o Seibold sânscrito e Arte Guarani. Falei interrompendo a lição com o médico do arquiduque da Rússia e pedi-lhe que viesse estudar comigo o russo que cheguei a traduzir tendo antes passeio de carro pelo observatório da Corniche onde encontrei Mme. de Henessy com os netos Panvilliers, a qual me disse estar a chegar Carlota Mareuil, e por Vallauris, desci a pé até Clement Massier, e da altura do

Golphe Juan regressei de carro.

Jantei bem com meus filhos e netos. Joguei bilhar com o Aljezur. Gaston retirou-se com os netinhos ficando Isabel em cuja presença tomei chá, retirando-se logo que os Muritiba chegaram de Monte Carlo aonde foram ao concerto clássico cujo programa trouxeram, parecendo que lhes agradou muito. Vou deitar-me, ler e dormir para o que estou bem disposto.

28 de fevereiro de 1890 (6a fa.) – 6h 5’ Sonho de batalha sanguinolenta. Felizmente não sei onde. Já estou trabalhando. E como devo aproveito para meus versos das violetas.

Da memória nas gavetas
Em Londres e Alhures Zuoetas
Cubanas não Lisboetas
Com fala quase de pretas,
Flores cheirando a sargetas
E em torno aos saltos gambetas
Bem junto a mim em masetas
Busquem-me em suaves tardetas
Consolo, como em jaquetas
Goza o povo com as auretas,
Se não acompanhas ginetas
Em passeios a cruzetas,
Aonde o mar nas barbetas
Os fuzila quais baletas
Disparadas das ilhetas
De Bazaine e anacoretas
E em cujo seio arquitetas
Passeio em que o ar não concretas,
Olhando o mar que detetas!
E onde a ilha projetas
Em que ver o curso afetas
Porém eis da água as secretas
Sensações sempre repletas
De prazer em que te espetas
Com esguicho vida pra netas
E a criança? Não haja gazetas;
Que para ela flores são petas
Mas pensas que haja grilhetas
Para as Musas borboletas
De rimas nunca forretas?

11h Boa ducha. Passeio a pé pelas ruas até a missa. Vou almoçar. Está aqui a Isabel que a trouxe da missa.

10h ¼ da noite. Traduzi Apoleu. Estudei com o Seibold como de costume. Passeando antes de carro pelas montanhas minhas conhecidas. Jantei bem. Joguei bilhar com o S. Joaquim e vou tomar chá sozinho com o Aljezur estando Mota Maia meio incomodado e a quem visitei depois de meu jantar no seu quarto. Não é cousa de cuidado.

1º de março de 1890 (sábado) – 6h 20’ Dormi bem. O dia parece que ficará bom. Entrando na casa das duchas havia só 4,5° de temperatura.

11h Boa ducha. Passeei a pé pela praia além do farol e voltei de carro.

4h 10’ Fiz versos em etas para Isabel que esteve cá e a quem os dei com o raminho de violetas.

10h ½ Estudei com o Seibold árabe continuando a tradução das “Mil e uma noites” e tornei a ler o Restivo. O meu

passeio depois do almoço foi por Garibaldi voltando pelo caminho de carro de Grace. Jantei com Isabel. Joguei bilhar com S. Joaquim em cujo salão estive com a Isabel e retirada esta, subi e tomei chá. Antes de descer para o bilhar estive com a marquesa de Laqueville e condessa Raoul de Boisbrunet. Conversam bem e aquela prometeu-me poesias suas. Esperava a Mareuil, porém não veio. Vou deitar-me ler e dormir.

2 de março de 1890 (domingo) – Antes de dormir ainda li o artigo de Liégeois acompanhando o de Hippolite Lucas em 1872, falando de minha visita à biblioteca de l’Arsenal em que era bibliotecário. No mes- [sic] Littoral de ontem vem um artigo sobre tísica. A epidemia de gripe a *influenza* matou em Paris mais de 5.000 pessoas, mas a tísica mata na média 180 a 200 por semana e a população não cresce normalmente. Sua propagação é por contágio.

O bacilo transmite-se com o ar, os alimentos, ou deposita-se em na superfície de chaga em organismo predisposto por fraquesa hereditária, vida desregrada, ou certas moléstias como sarampão. Pela alimentação adquire-se sobretudo com a carne dos animais tísicos, por leite de vacas doentes de pommelière.

Nocard em suas inoculações só observou inoculação falhada de 1 em 40. Arlong estabeleceu que as vacas tuberculosas em França são 45.000 mas que por inspeções podem reduzir a 10.000 cuja carne é consumida. Cada uma dará 100 kg de alimentos a 500.000 habitantes de modo a haver 12.000 infeções anuais.

O suco gástrico em 18 a 36 horas de estada no atenua o perigo [sic], mas esse tempo é excepcional. A cocção diminui os casos de inoculação. O bacilo de animais mortos tuberculosos só é perigoso 4 ou 5 dias depois da morte, mas durante esse tempo dá-se o consumo. A destruição dos animais doentes é a única medida eficaz e trata-se do meio melhor de indenização. O leite é muito nocivo às crianças.

Nocard referiu casos demonstrativos. O Dr. Straug observou outro. 4 observações análogas são citadas pelo Dr. Demme de Berna. Há um fato muito interessante observado por Broardel. Num colégio de meninas 4 filhas de pais são morrem tísicas por terem usado de leite de vacas tuberculosas. Dizem que as vacas são mui pouco numerosas nos açougues de Paris mas isto é devido à severa inspeção porém muito freqüentes na banlieue, e em raio considerável.

A diagnose do ubre é muito difícil a princípio e cumpre pois, segundo Nocard desconfiar do leite. Cumpre fervê-lo e se dizem que é menos digerível, sobretudo para as crianças, e sem sabor, menos agradável e o fato é discutível.

11h 40’ Boa ducha. Fui à Igreja de la Boca parte a pé e parte de carro. Ai ouvi com minha filha a missa; música de Rivoire cantada por coristas creio que da Ópera de Nice. Vou almoçar com a Isabel, que veio comigo.

4h ½ Saí de carro, mas o passeio foi quase que todo sob forte granizo. Joguei depois bilhar com Aljezur e S. Joaquim. Vou continuar minha tradução de Apuleio [sic]. Li um pouco de História do Riancey. Continuando a traduzir Apuleius; deu 5h e vou jantar com a Isabel.

10h 10’ Li-lhe “Luz e Calor” do padre Manuel Bernardes. Jantei bem. Conversei e voltei às 9 com muita neve. Estive conversando com Aljezur, Mota Maia e S. Joaquim. Tomei chá e vou deitar-me, ler e dormir. Talvez ainda traduza os versos de A. Karr escritos no exemplar de *Geneviève* que a meu pedido mandou à Isabel.

Comme aux grande monts la neige ajoute un charme austère

La malheur mes aux fronts un nimbe de lumière

Les traites, les ingrats, les lâches, sont dessus,

Leur haine en vous frappant vous grandit et vous donne

Une nouvelle couronne

Une magesté de plus

Fevrier 1890 Alph Karr

St. Raphael – Maison-Close

A son Altesse Impériale

Madame la Comtesse d’Eu

Les habitants de la Ville Chambrun après son auguste et touchants visiste du vendredi 7 Fevrier 90.

Pleurez, pleurez, mes souers: les plus grand de nos rois

A perdu son empire, a perdu plus encore,

L’impitoyable sort lui reprend à la fois

Tout ce que fit sa gloire et tout ce que'il honore
Chantez, chantez, mes soeurs il regarde au delà
Sa compagne est au ciel – son règne est dans les âmes,
Et près de lui se tient pour ramener ses flammes
Son Antigone et sa Cordelie
C^{tesse} de Chambrun
12h Traduzi. Amanhã copiarei o traduzido. Agora vou ler só para melhor dormir.

3 de março de 1890 (2a fa.) – 6h 25' Dormi bem. Vou ler com luz que aquece. Tudo branco ainda de neve que de noite caiu a valer. Vou já transcrever minhas *[sic]* as traduções como o aspecto da natureza convida a respeito desta.

Qual neve aos montes dá encantos tão austeros
Desgraça põe na frente vivos reverberos
Traidores, ingratos, fracos o acabrunhais.
Vosso ódio ferindo-o, exalça-o e lhe doa
Ainda outra coroa,
Esta majestade mais.
Chorai, chorai, irmãs o rei de maior prez
Perdeu o seu império e muito mais ainda
A impiedosa morte rouba-lhe de uma vez
Tudo o qu era sua glória, e sua honra infinda.
Cantai, cantai, irmãs, pois ele enxerga além
No céu sua companheira, e é em almas seu reinado...
E para reanimá-lo está junto a seu lado
Sua Antigone e sua Cordélia.

Três a 4° abaixo de zero e agora 9h menos 5' há 1,5° acima de zero. Traduzi Apuleus e vou vestir-me. Tudo neve indo ao banho. 4° na casa das duchas e são 9h 35'.

11h 10' Volto do passeio a pé pela praia além do farol e depois de carro.

1h Mando as traduções à Isabel com estes versos.

3 de março

Foram-se hoje as violetas!
Tem tudo brancas fardetas,
E treme como vaquetas.
mas não gosto de gazetas
E Karr e Chambrun poetas
Flores são também corretas
Que te levam bem seletas
Carícias de pais patetas
Por filhas que amam discretas.
Vê pois traduções secretas
Qual de modo, em papeletas.

9h da noite. Passeio de carro e a pé; muita neve ainda. Andei pelo Cannel velho; praia até a Croisette. Havia um vapor e muitos barcos a vela na regata. Traduzi a Odisséia e reli o Restivo. Jantei bem e ao chegar do passeio já havia tomado café. Joguei bilhar depois do jantar que me soube com Aljezur e o S. Francisco. Interrompi o estudo para falar à Mareuil e à filha casada. Agradou-me muito a visita. A Carlota Mareuil está bem conservada, e fala melhor português que a filha. Apresentei-lhes meus netos grandes. Agora vou ler até o chá.

10h 20' Tomei-o e estava bom. Vou deitar-me, ler pouco e dormir como espero, e amanhã – novo dia que espero seja melhor para passear.

4 de março de 1890 (4a fa.) – 6h ³/₄ Dormi bem. Dia bonito. Vou ler o Riancey que tem me agradado e vou anotando.

11h Boa ducha. Passeio a pé além do farol voltando de carro.

12 ¹/₂ Almocei bem. Quase que acabei a versalhada e talvez a aumente antes de mandar o raminho.

Trouxe flores. São vedetas,
Que bem como clarinetas,
Alvoradas, não retretas,
Soam de amor, que não afetas,
Coração e das tuas sinetas
Por mais que, oh dor, acometas
Notas são em papeletas,
Que prazenteira arremetas
E a deixar mal te submetas.
Por em rimas a carretas
São bem como de escopetas
Bulhonas e não bulhetas
Que nos deixam as orelhetas
Bem rubras como planetas
Se não as ameaçam cometas
E imitam igneas rodetas,
E as que são rabinetas
Fazem pronunciar pulhetas.
Venham pois boas arietas
Que ponham almas mansuetas
A minha só a tu a aquietas,
E convém bem as tardetas
Quando oh sol, em casa metas.

4h ¹/₄ Li Riancey. Fui passear. Visitei a condessa da Estrela que me disse que o filho José e a Teresa chegam a 6. Tomei lá café e volto do passeio pela Croix-des-Gardes, Boulevard – Chemin-de-fer e caminho de Pegomas até à Boca de onde vim para o hotel.

9h Traduzi árabe com o Seibold e reli a Arte Guarani de Restivo. Jantei bem com a Isabel tendo antes com o Roland a respeito de livros que ele me mandou como a obra em grego de Lúcio de Patras que originou o Burro de Apeleu. Joguei bilhar com o Aljezur, Augusto e o S. Joaquim e estou com a Isabel no salão do S. Francisco.

La nuit

(valse chantée)

L'ombre descend et dans le ciel immense
A sombra desce e neste céu tão imenso
L'astre des nuits s'allume par degrés
O astro da noite brilha a passos retardados
L'heure est venue en passant en silence
A hora veio em que passam em silêncio intenso
Les spectres noirs et les rêves dorés
Espetros negros e sonhos dourados
On entend – dans le bois
No bosque estão-se a ouvir
On par la clarière
Ou então pela clareira

Des soupirs ou des voix
Vozes que vem carpir
Pleines de mystère
De mistério à maneira
Les Naiades en pleurs
Naiades a chorar
Soulevant leurs voiles
Seus véus levantando
Racontent leurs douleurs
Contam o seu pezar
Aux brillantes étoiles
Aos que estão brilhando
Et tandis que dorment les hommes
E enquanto os homens estão dormindo
Quand au lointain sonne minuit
Se longe meia-noite soou
On voit les lutins et les gnomes
Trasgos e gnomos vêm vindo
Par les sentiers glisser sans bruit
Que trilho sem ruído arrastou
Parfois la source cristalline
Às vezes fonte cristalina
S'egrenant en note argentine
Desfiando nota argentina
Trouble l'écho d'un léger bruit
Turba o eco com leve rumor
Et dans le vallon solitaire
E no vale em que não há viva alma
Comme l'encens d'une prière
Qual imensa de oração calma
Montent les parfums de la nuit
Da noite perfuma o negror.
11h Volto do passeio a pé e de carro até além do jardim para lá do farol.
Apesar de bem longuetas
Poesias, não de patetas,
De manhã como gorjetas
Ter feito, pensando em netas
Aí vão mais a encher maletas
Pedindo doces caretas
Da mais suave das linguetas
Continuo a cópia das traduções depois do almoço que se soube; às 11h 40'.
C'est l'heure où deux se font en promenades
Hora é que dois a dois se dão muito bons passeios
L'heure où les amoureux chantent leurs serenates
Hora em que os amantes cantam devaneios
Vois l'ombre et le mystère
Vê o mistério e o sombrear

Pour nous seuls ont fait taire
Para nós fazem clarear
Au ciel et sur la terre
No céu e a terra a girar
Tous les vains bruits du jour
Do dia vão ruído traidor
Ah! Ne sois pas rebelle
Ah! Não seas zombadora
A ma voie qui t'appelle
De minha voz chamadora
Car je veux, oh ma belle
Quero-te, oh encantadora
Te conter mon amour
Referir-te meu amor
Viens oh ma bien aimée
Vem pois, oh minha muito amada,
La nuit est embaumée
A noite é embalsamada
La brise parfumés
E a brisa perfumada
D'enivrantes odeurs
De inebriante odor
Ah ne sois pas farouche
Não seas enfezadinha
Si mon amour te touches,
Se meu amor te avizinha
Que je vois sur ta bouche
Que eu perceba em tua boquinha
Un sourire enchanteur
Teu sorriso encantador
L'aube parait et dans le ciel immense
No céu imenso vem surgindo a alvorada
L'astre des nuits s'efface par degrés
O astro da noite vai-se a passos bem regradados
Les bruits joyeux succèdent au silence
Segue o silêncio alegre barulhada
Voici le jour, adieu rêves dorés
Eis o dia e adeus sonhos dourados.

J'aimais Pierre aussi
(romance)

Quand sur la bruyère
Se na capoeira
Nous causons le soir
À tarde e a falar
Près de toi c'est Pierre
De Pedro parceira

Que l'on voit l'asseoir
Te vejo assentar
Si vive et légère
Se viva e ligeira
Tu veux t'élancer
Tu queres pular
Ah c'est encore Pierre
De Pedro parceira
Que te fait danser
Te vejo dançar

Danse, Marguerite,
Dança Margarida,
Moi je pleure ici
Que eu já choro aqui
C'est que me petite
É que eu, oh querida,
J'aime Pierre aussi
Amo Pedro e a ti

Lorsque le dimanche
Se em dia feriado
Sur ton corset blanc
No traje alvacento
Une fleur se penche
Botão inclinado
Et s'effeuille au vent
Desfolha-se ao vento
J'ai souvent vu Pierre
Eis Pedro à carreira
Souvrir l'oeil reveur
A olhar cismador
La feuille légère
A folha ligeira
Qu'il vit sur ton coeur
Que viu em ti seu amor

Danse Marguerite etc.

Fiancés et fière
Noiva ensoberebecida
Et ton Pierre au bras
Pedro ao braço teu
Hier au soir ma chérie
Ontem à tarde, querida,
Tu passais là bas
Ias qual no céu

Pierre pour la vie
Pedro por sua vida
T'offre son amour
Oferece-te amor
Donne lui ma mie
Dá-lho teu estremecida
Le tien sans retour
De perda sem temor

Danse, Marguerite
Dansa Margarida,
Moi, je meurs ici
E eu morro aqui
C'est que ma petite
Pois, oh, apetedida
J'aimais Pierre aussi
Pedro eu amava assim.

9h ½ Fui ao sermão do cônego Poirrier no hospício des Petites Soeurs des Pauvres a que assistiu também a Isabel. Foi mediocre. Tendo antes passado pelo Hotel de Califórnia tendo deixado bilhete em paga ao Gran-Duque da Rússia Jorge, e depois vim para casa onde traduzi sânscrito e li o Restivo com o Seibold.

Jantei com apetite e depois joguei bilhar com o Augusto e o Barão de S. Joaquim. Estive no salão à espera de chá.

11h ½ Tomei-o com minhas boas bolachinhas e agora acabei a tradução homeométrica da Vieille Chanson que penso ser poesia da Chambrun. A cópia fica para amanhã e vou deitar-me com o livro e tratar de dormir.

6 de março de 1890 (5a fa.) — Dormi bem. São 7h e vou começar o dia.

Velha canção
(romance)

Achavam-se ambos no vale
Ils étaient deux dans la vallée
Sol em outeiros ia se pôr
Sur les citeaux fuyant le jour
Rouxinol se a folhagem abala
Le rossignol sous la feuillée
Cantava canção do amor
Chantait la chanson de l'amour
Rosa vinha da sua fonte
Rose ventait de la fontaine
Em atros cabelos com lentidão
Mollement sur ses cheveux noirs
Pote oscilava sobre sua fronte
Se balançait la cruche pleine
Que enchia as tardes sem exceção
Qu'elle allait puiser tous les soirs
Pedro lá estava espiando sua bela
Pierre était la guettant la belle
Olhar encantado com emoção
D'un ceil ravi, d'un deil si doux

Que Rosa vendo-o junto a ela
Que Rose le voyant près d'elle
Tremeram-lhe os joelhos de confusão
Trembla soudain sur ses genoux
Rosa tu sabes quanto te amo,
Rose tu sais bien que je t'aime
E mais não pode minha razão
Je ne peux taire plus longtemps
Conter paixão que extrema chamo
L'aveu de cest amour extrême
Dize dize, estou com atenção
Dis Rose dis que tu m'entends
Rosa em silêncio a mim me escutava
Rose écoutait silencieuse
Os olhos belos postos no chão
Les beaux yeux à terre baissés
Rouxinol feliz que aninhava
Dans son nid philomèle heureux
Soltando sua bela canção
Chantait les refrains cadencés.
De repente e perto da fonte
Tout-à-coup près de la fontaine
Baixo o olhar trêmulo o coração
L'oeil baissé le coeur palpitant
Rosa pondo o pote defronte
Rose posant sa cruche pleine
Responde a Pedro, estou com atenção.
E foram três em todo o vale
Ils furent trois dans la vallée
Longe indo o dia da escuridão
Tandis qu'au loin fuyait le jour,
Dizendo inda a folhagem: cale
A redire sous la feuillée
Do amor a velha canção
La vieille chanson d'amour

Ontem de noite li no Figaro de antes de ontem um artigo "L'academie française et La bête humaine de Zola". Já tenho dito que por meu voto não entraria ele no Instituto; não o quero por colega apesar de seu talento que mais avulta pela triste originalidade. Espero que lhe dêem merecida lição. Li em A Nação de Lisboa de 1 a descrição das exéquias feitas pelo cabido no Rio na Igreja do Carmo servindo de Catedral à minha Santa esposa.

12h Almocei bem com a Isabel a quem dei minha tradução da Vieille Chanson (Romance) com as violetas e estes versos.

6 de março

Não foi hoje a corcundeta
Porém moço de jaqueta
Se não trajar fardeta
Que vendeu tanta violeta
Para que extraias com masseta
Suco, que não é peta

Que ponha tua narigueta
A cheirá-lo carapeta
Ou te faça, qual asceta
Ver o céu em tua retreta,
Mas o almoço já se enceta
E a missa fica pateta

4h $\frac{1}{4}$ Volto da Vila Thuret. Conversei com Naudin e mulher, em companhia de ambos e de Isabel vi todo o jardim examinando as plantas depois de ter gozado de vista esplêndida no alto da casa. Ele deu-me e prometeu-me diversas publicações. Pareceu-me mais bem disposto que da outra viagem.

10h 10' Dei lição com o Seibold de hebraico e reli o Restivo. Jantei bem com meus filhos, netos e netinhos. Depois joguei bilhar com o Augusto e S. Joaquim em cujo salão despedi-me da Isabel, tendo Gastão levado primeiro os netinhos. Tomei chá no seu salão e vou deitar-me e ler.

7 de março de 1890 (6a fa.) – 6h 40' Dormi bem. Dia bom.

8h $\frac{3}{4}$ Estive lendo o Journal des Savants de fevereiro.

1h 10' Boa ducha. Passeio em parte pela praia além do farol. Acabo de conversar com o meu conhecido de Florença Tcheraï, chefe correspondente da Academia das Ciências de Paris. Ficou de mandar-me a nota de diversas obras.

4h Passeio a pé e de carro deixando primeiro meu nome para saber do Grão-Duque de Mecklemburgo. Passeio de carro por caminhos já conhecidos, voltando do Caminho de Grace pelo que leva ao Canet.

Foi um moço de muletas
Que vendeu-me sem caretas
Quando lhe dei pesetas
E até fez suas gambetas,
Que as de criança mais murchetas.
Mas a amizade tem tretas
De dar-lhes cores completas
Que de serviço repletas
Ainda nos são mais letas,
Como diriam sufetas,
Que em Cartago não eram poetas,
Mas saberiam as Pandetas
De sapiência comretas
Chamando a todos patetas
Sem usarem de indiretas
Pois não usavam de capetas
Lançando claro suas setas
Porém basta pras gavetas
E vou ao Seibold com os tetas

8 $\frac{3}{4}$ Traduzi hebraico e li Restivo. Jantei bem. Tenho estado a jogar bilhar. Vou ler e expeço telegrama que faz ano hoje.

10h 20' Acabei de tomar chá. Vou continuar a ler o Journal des savants deitado até dormir.

8 de março de 1890 (sábado) – 7h $\frac{1}{4}$ Dormi bem. Bom dia.

8h Li no Jornal do Comércio de 8 de janeiro o novo regulamento eleitoral. Não o acho em geral mal concebido. Admite a votar os que saibam ler e escrever, medida que sempre me agrada e dispõe parece-me que bem quanto à verificação dessa qualidade. O deportado ou banido deixa de ser cidadão brasileiro e não se diz que em virtude de sentença. O governo poderá assim influir como quiser.

12h $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Passeio ao longo da praia além do farol, onde continuei com o S. Joaquim até o jardim público,

voltando depois de carro. A corcundinha trouxe-me o raminho de violetas que mandarei à Isabel com os versos de costume. Almocei bem e estive com a Estrela e o Maia Monteiro. Mande telegram à Teresa que faz anos hoje.

Um raminho quase peta,
Na forma tem qualquer zeta,
Que apenas flores afeta
É bem de que forma reta
Não possui maledeta,
Como dissera em Gaeta
Quem tanto emprega a escopeta,
Mas em espécie de ancoretta
Ornando tua saleta,
Ser-me-á sempre diletta
A lembrança que aí o espeta
E que longe me caceta,
Se de ver-te a hora é tardeta,
Como no mar barqueta
Se venta, à praia ir enceta,
Pois sempre é sua diletta
Já que o homem não é sardinheta
Que no mar viva em alguma greta
Mas que tremenda tineta!
Parece que a tetraneta
Tocará a clarineta
Canção que não é de chupeta,
Mas antes boa grilheta
A tinir, ou de estafeta
Chicote do ar raqueta
Montando aquele em forqueta,
Rápida a voar palheta,
Que tarde em terra abolheta
É tempo vou à Cruzeta
Das ondas ouvir maretta.

Volto do passeio pelo Canet caminho antigo de Nice e Vallauris. Foi muito belo. Andei bastante a pé.

Vou estudar com o Seibold. 10h 20' Homero e Restivo. Jantei bem com a Isabel. Joguei bilhar com S. Joaquim em cuja sala estive depois com a Isabel e papei bons chocolates. Tomei chá na minha sala presentes Aljezur e Mota Maia e vou deitar-me, ler até dormir.

9 de março de 1890 (domingo) – 11h ³/₄ Acordei às 7h. Boa ducha. Vim à missa que senti não ouvir com os meus. Pedro o maior bem tê-la [*sic*] ouvido comigo. O Augusto não saiu por causa da tosse de que já vou me assustando. Li Riancey antes de sair. Não pude comprar violetas mas fiz estes versos que talvez acrescente.

Não tens hoje violetas
Porque da missa as coletas
Vedam à de costeletas
Frutas antes em piruetas
Ou de carneiro as marretas
Que de espartilho em varetas
De moeda encha as caixetas

Mas elege ótimos poetas
Ou prosas muito seletas
Qual “Luz e Calor” corretas
Finas como o ouro em betas
Da noite às horas secretas
Leituras ser-te-ão propectas
De pai às filhas diletas,
E nelas achei detectas
Sensações que aí projetas
Quais jamais abjectas

4h Volto do passeio pela Califórnia – Mon repos – Pins indo até Ruppelmeyer *[sic]* onde tomei café. Li carta de Daubrée de 7.

8h $\frac{3}{4}$ Jantei bem tendo lido antes até as 6h “Luz e Calor”. Agora enquanto os netinhos se deitam farei alguns versos para a remessa de amanhã.

9h 50’ Voltando e breve tomarei chá.

11h quase, continuei versos em etas para as violetas e vou deitar-me.

10 de março de 1890 (2a fa.) – Pouco li ainda antes de dormir, o que faz bem. São 6h $\frac{1}{4}$ e vou começar o dia que está escuro. Ontem comeci estes versos que hoje acabarei mandando com as violetas a minha filha.

9

D’amanhã para as violetas
Ao pé de quem as cordetas
Da Musa perca as venetas
Traçaram melhor canetas
O que do miolo está em gavetas,
E que somente as jarretas
Não fará dar boas gambetas,
Quase a tocar castanhetas
Luzindo-te quais cometas
Olhares em que interpretas
Doçura com que me aquietas
E que às vezes nuvens pretas
Converte em outras bem letas
Com que vida nova encetas,
E ventura te acarretas,
No mais achando só petas
Como na pátria aos profetas,
E igualmente gazetas
Se não as tiras das gavetas
Não as respondo limpetas
Ou não as goza de chupetas
Do estudo, ao deixar saletas
Com as pálpebras repletas
De sono a abrir só gretas
Mas não é a hora que decretas
Oh ducha vir violetas
Saudar-me ao mover pernetas

Pelas praias inquietas
Florejando de espumetas.
Mas horas são de retretas,
E da cama as taboetas
Convidam-me quais banquetas
De sonhos doces – de petas,
E fora só de patetas
Não chupares essas tetas
Se mais reais não acometas
E a criança quase a piruetas
Talvez por duvidasetas,
Qual da ducha às repuxetas,
Estudando suas manetas
Já conta que aí lhe metas,
Com que sempre bolachetas,
Que as outras façam rabinetas

4h ¼ Almocei bem depois de ler Riancey. Depois tive visita de um holandês que me viu em Holanda e cuja conversa pouco me interessou e que aproveitei para fazer que me procurem os seus patrícios distintos que apareçam por aqui. Mande as flores à Isabel. Fui passear a Mandelieu. Agradou-me. Junto folheto que dá notícias do local.

10h 10' Traduzi do árabe “As mil e uma noites” e reli Arte Guarani de Restivo. Jantei bem com a Isabel, porque amanhã vamos almoçar com a Mana Januária. Joguei bilhar depois do jantar com o Joaquim em cujo salão estive depois com a Isabel e depois da saída desta tomei chá na minha sala. Vou ainda ler e dormir. Talvez ainda traduza Apuleu. O holandês que me visitou hoje é o barão V. de Constant Rebecque que habita o Hotel Continental.

11 de março de 1890 (3a fa.) – 6h Dormi bem. São anos da Mana Januária sempre a melhor de nós três e a mais infeliz.

2h 35' Em vagão para Cannes e acabei a tradução da poesia do Naudin. Depois de logo continuá-la tomei minha ducha e fui a pé para a estação. O almoço foi muito agradável. Éramos Januário e o filho mais velho, Isabel, Mota Maia e eu. Depois de almoçar conversei e passei a pé indo à estação.

4h ½ Vou para o Seibold tendo antes ouvido o Domenico P. Dumas pregar sem nada de notável sobre a Esmola na Capela que é pequena das Auxiliatrizes du Purgatoire chemin St. Nicolas perto do Hotel Central.

9h 10' Lição de hebraico e leitura da Arte Guarani com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur e o S. Francisco. Também estive conversando com o oficial da Marinha de guerra francesa em retraite conhecido do Nioac cuja falta de cartas admira-me.

10h ¼ Acabei de tomar chá assistindo Aljezur e Mota Maia e pouco demorando-se meus netos grandes que se despediram. Estou com muito sono e muito pouco lerei.

12 de março de 1890 (4a fa.) – 7h 10' Dormi bem, porém levantei-me diversas vezes para urinar. Já vou ler depois de escrever ao Daubrèe.

11h ½ Ducha boa. Passeio a pé. Comprei violetas no mercado das flores. Fui à Vila d'Ormesson ver o Muritiba já de pé mas de cara doente. Combinei encontro com a Isabel e passeio a Chatelarat.

12h ½ Almocei bem. Já fiz estes versos que não me agradam bastante para as violetas.

Hoje foi de lagrimetas
A cena das violetas
Que da polícia os vedetas
Vedam essas taboetas
De provocar esmoetas

E assim quase as linguetas
Tenho eu minhas gazetas
Que era o nome de venetas
Moedas, custo de folhetas
Vendidas nas lagunetas,
Das duchas bem frigidetas
De dama um dos Pigafetas,
Que em direções bem diretas
Não acham ilhas infectas
Pegaso inferno antes barquetas
Me conduzem às praietas
Onde há tantas às piruetas.

5h ½ Volto do Chatelarat tomando e deixando Isabel em caminho depois de havermos admirado juntos a esplêndida vista.

10h 50' Estudei árabe e Arte Guarani de Restivo com o Seibold. Recebi a Marueil e a filha que partem de Cannes pedindo-me aquela a minha fotografia. Jantei bem. O José Estrela ficou de vir depois do jantar dele e então conversei bastante quando voltou, jogando também bilhar com ele. Teresa virá amanhã ao meio-dia. Tomei chá, continuei, mas pouco, a tradução de Apuleu, e vou deitar-me e ler o Riancey até dormir.

13 de março de 1890 (5a fa.) – 6h 50' Já escrevi à condessa. Bom tempo. Dormi bem.

12h 20' Boa ducha. Passeei a pé até o jardim, em que ainda andei, além do farol. Almocei bem. Vou mandar às violetas à Isabel com estes versos.

Das duchas junto à caseta
Trouxe-me hoje muito capeta
Ramo, qual só uma violeta
A menina jucundeta
Sem ter medo da corneta
Da polícia zangadeta
Que vencedor acometa
A polícia na estradeta,
Deixando qualquer peceta
Fazer a tua veneta
Mas o mundo é uma roleta
Onde só a sorte não é peta
O que prova a quem não é pateta
Que é do homem o céu a meta
Sem louvar o anacoreta
Que num buraco se meta
Como o esculápio a lanceta
Sem servir traz em gaveta,
Ou o soldado a baioneta
Põe na ponta uma masseta
Pois é gente que só afeta
Estar no mundo discreta
Mas a ele não é diletta
E labirinto de Creta
Faz tudo em que se intrometa.

Esteve cá a Teresa Estrela com o marido. Achei-a magrinha.

4h Dei um passeio de carro e a pé pela “Ville des Cotiers”. Caminho à esquerda até a estrada de Antibes, por junto do Hotel Metrópole, lindíssimo.

Li artigos em Il Commercio di Genova de 18-19 de dezembro e 2-3 de janeiro sobre a revolução do Rio – Foram escritos em Buenos Aires a 24 de novembro e 8 de 10bro.

10h 20’ Minha filha, Gastão e netinhos jantaram aqui. Estes retiraram-se antes. Minha filha esteve no salão do S. Joaquim e eu lá a acompanhei, até ela ir-se embora, e eu subir para tomar chá presentes Aljezur, Mota Maia e o Augusto tendo-me antes despedido do Pedro. Não é muito favorável mas espero obter dele a conferência sobre o Brasil baseada nas publicações que lhe mandei. Já tenho o livro que me mandou Mr. de Quatrefages e começarei a lê-lo amanhã.

14 de março de 1890 (6a fa.) – 7h Eram os anos da minha Santa. Ninguém imagina a falta que me faz! Acho-me incompleto. Vou responder ao Liégeard e espero que faça a conferência sobre o Brasil.

10 ³/₄ Ouvei missa rezando por minha Santa. A ducha foi boa e li como de costume vindo a pé e de carro para a missa.

12h Almocei aqui com a Isabel e vou dar-lhe as violetas com os versos.

Veio a criança de roupeta

Porém quase circunspeta,

E um raminho qual violeta

Me oferece a sgranzziatta

Que o italiano é língua adjeta

É útil é que a intrometa

Na poesia, a que me submeta,

Se aí navego qual corveta

Saindo-me aliás grisetta

Que tenta imitar donneta

Mas não arrio a flamuleta;

Pois não sou na arte maneta

E mal Pégaso é gambeta

Faz-me do corpo mofeta

Que antes pondo-lhe eu seleta

Pelo ar levar-me uma seta

Qual Borak a seu profeta.

3h ³/₄ Vindo da missa o presidente Roland deu-me o tomo da tradução de Lucien de d’Ablencourt de 1694 em que vem a do Asno. Li Riancey. Volto do passeio com a Isabel até Notre-Dame de la Garoupe. A vista é esplêndida. Hei de voltar um dia não encoberto.

10h 10’ Traduzi a Odisséia e reli Restivo com o Seibold. Depois de jantar que sempre me sabe bem, estive com a Mareuil e a filha. Prometi-lhe a minha fotografia. Não pude jogar bilhar porque estava cheia a sala. Li no Magazin Pittoresque de 15 de janeiro um artigo de Guignet “Le Brésil et l’empereur Don Pedro d’Alcântara”. Traz estampas vistas de Petrópolis e o meu retrato. Recebi convocação da sociedade de Estatística de Paris para a sessão de 19, com as contas e orçamentos. O Littoral de hoje traz a notícia da distribuição de prêmios da sociedade de Proteção aos Animais em cujo ato Aljezur representou-me. Tomei chá como de costume. Vou deitar-me e ler até dormir.

15 de março de 1890 (sábado) – 7h Dormi bem apesar de levantar-me às vezes para urinar. As mãos estão bastantes presas. Li Le Littoral de ontem. Dia encoberto. Estou acabando de ler o Magazin Pittoresque de 15 de janeiro. Artigo curioso (La Neige). Pelo aspecto da massa de neve pode-se saber o frio. É como que termômetro. O artigo sobre os poetas Roberto Browning e sua mulher. Fiz mandar vir suas poesias. Também notei para fazer vir outra “Les voyageurs anciens”.

7h 40’ Respondi à carta do Nioac de 12.

8h ³/₄ da noite. Dr. Livet d’Aix les Bains que se ocupa de uma obra sobre palavras usadas por Molière. Fui com minha

filha ao belo Ettenroc [*sic*] que foi de um holandês Corneillen anagramado o nome, e hoje de um inglês Willis. O mar não estava calmo e por isso o lugar era mais pitoresco ainda. Tomei aí café e como apareceu Naudin, ainda tomei café na vila Thuret.

Estudei com o Seibold árabe e guarani. Jantei bem. Depois estive com os Estrelas até as 10. Tomei chá e deitei-me para ler Riancey até vir o sono.

16 de março de 1890 (domingo) – 7 ½ Estou a escrever este resto do diário desde 4h que acordei, mas a mão está enferrujada.

Transcreverei os versos das violetas que pelas circunstâncias irão com as de hoje e seus versos.

Esta massa assaz grandeta
Da flor que nos acarreta
Cheio que os maus desinfeta
Ofereceu-me a gambeta,
Bem se sabe, por gorjeta,
Sendo sempre minha meta
Dá-la à filha tão dileta
Que, de contente, a espeta
No corpinho de saieta
Ou coloca-a na jarreta
Perto da janeleta
Para que sempre frasqueta
Vai-lhe alegrando a saleta
Mas que é tarde diz a sineta
E as horas que a baeta
Eu largar para a ducheta
Buscando de outra a grilheta
Irão ambos em cruzeta,
Se não alvorada leta
Também não com a retreta

11h ¾ Boa ducha. Vim de carro à missa por serem horas e o tempo chuvoso. Já almocei depois de ter feito exercício no bilhar tendo a Isabel aparecido durante o almoço.

1h Estive com o Villeneuve.

Vou mandar os dois ramos com os versos.

Por tudo o que se arquiteta
E na testa a cacholeta
Busco mais rima em eta.
Tudo a Musa me dejeta
Nem mesmo a amizade a infleta
E a paciência me caceta
Qual no tear naveta
E dura qual uma beta
Não tem a inteligência greta
Pra do vulcão a mofeta
E a corcunda na estradeta
Deu-me cheiro em violeta
Mas de rima só gazeta
De modo a talvez careteta

Fazer eu à estadafeta

Como vou jantar, melhor é levá-los.

4h 10' Passeei de carro pelo Canet. Tomei café no Ruppelmeyer *[sic]*. Havia só duas pessoas. Fui até a Croisette sempre bela com suas manchas de arminho.

4h ½ Li um artigo do Figaro sobre Renan. Não vale o que promete o título.

9h ½ Li a minha filha “Luz e Calor”. Jantei bem e conversei. A sala do bilhar está cheia de gente. Vou ler e tomar chá.

10h 20' Despedi-me ao chá de meus netos grandes que aí estavam com o Maia Monteiro e do Aljezur e Mota Maia, e vou deitar-me ler até dormir.

17 de março de 1890 (2a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Tempo encoberto. Choveu muito de noite. Vou ler o Riancey.

12h 20' Almocei bem e o tempo melhora. Vou mandar as violetas com os versos.

Vai o raminho de chupeta,

Que forma só a violeta

Saudar a cara filheta

Que o pai ama qual pateta

E aos netinhos também meta

Em perfume a narigueta

Se a lição foi sabideta,

E não andam qual borboleta

E só vaguear na vileta,

Esquecendo a caderneta

Pois vida que bem enceta,

É que a velhice tem leta

Porquanto a que é de gazeta

Toma-nos tudo peta,

Fazendo o mundo careta

A quem no sentir traz jaqueta

Ou antes tem-no de retreta

Mas já o sol o céu deteta...

Vou passear, mas a seleta

Companheira não obleta.

12h ¾ Acabo de despedir-me do Villeneuve.

4h ¾ Fui a Garibondi, onde a Lady inglesa mãe da que é dama da rainha acompanhou-me no passeio que dei pela belíssima vila com vista para o mar e as montanhas do lado de Oribeau. Voltei pela Bocca. O dia não esteve bonito mas a excursão foi lindíssima.

Estudei com Seibold árabe, enquanto estive com ele procurou-me a Isabel.

São horas de jantar. 9h ¼ Comi com apetite. Joguei bilhar. Conversei com Liégeard que me trouxe as suas poesias e com quem falei um pouco sobre a língua geral dos caboclos e só estará pronto para a conferência sobre o Brasil de sábado a oito dias. Pouco joguei mais. Tenho estado a ler o Journal des Débats de 17 onde vem um artigo *[sic]* a conferência de Berlim e a “Semaine dramatique” que nada tem de notável, mas artigo curioso “La brigade des pompiers de Londres” é interessante.

10h 20' Conversei ainda. Estou já deitado lendo Riancey.

18 de março de 1890 (3a fa.) – 7h Está o tempo feio e chuvoso.

11h Boa ducha. Dei meu passeio do costume indo até além do farol. Sei agora que a dona da vila em Garibondi era Lady Alfred Paget. Lembrou-me muito da filha, dama da rainha em cuja casa estive em Londres ou vi em casa de Lady Holland.

12h ½ Almocei bem. Li Riancey. Vou mandar as violetas que não comprei à aleijadilha. Foram bonitos ramos que

minha filha há de gostar assim como dos versos.

A falta da aleijadeta
Valeu-te mais violeta
Comprado na taboleta
De flores junto à praieta
Mas só há falta da muleta
Da rima que é aí só o poeta,
E que a achar tanto me inquieta
Trepando de Pindo a veta
Italo termo, e eu o acometa
Não achando a galgá-lo treta,
Embora toque trombeta,
Que só ilude o pateta
Como cores em paleta
Não fazem pintar nem um zeta,
Nem músico é corneta
A badalar, qual sineta
E por isso é bom que meta
No saco ruim clarineta,
E, embora zangadeta
Ache a manhã benedeta
A passear não em carreta,
Mas em landau sem greta
Que à chuva sem medo submeta.

Recebi carta da Imperatriz viúva da Alemanha minha comadre, de 15 de Berlim. Mandando-me um folheto curioso.

“School for modern oriental studies established by the Imperial Institute in connection with University College and King’s College London. 1890”.

1h 40’ Li um artigo espirituoso “L’atavisme” no Figaro de 16. Débats de 16 – sessão da Academia das Inscrições e Belas Letras. Curioso. A impressão achada de um loureiro prova pelo tempo da maturidade do fruto que a erupção foi a 23 de 9bro [novembro] e não a 21 de agosto. Os manuscritos de Plínio antigo não concordam entre si nem com o resumo de Dion Cassius na data do sucesso.

4h Fui passear de carro até a Croisette Tomei café no Ruppelmeyer. Chovia; voltei e joguei bilhar até agora.

10 ¼ Traduzi sânscrito e li Restivo com o Seibold. Jantou cá a Isabel. Joguei bilhar até 10h. Tomei chá e vou deitar-me e ler um pouco até dormir.

19 de março de 1890 (4a fa.) – 5h ¾ Já não tenho sono e perto da janela posso ler. Li no Comércio de Portugal de 15 um pequeno artigo sobre a coroa de flores artificiais mandada por senhora do Rio e que foi depositada sobre o ataúde de minha Santa e com esta a inscrição “À nossa virtuosa Imperatriz mãe dos brasileiros”.

O dia parece que será bonito. Vou continuar a História Universal do Riancey. Tenho anotado. Vou vestir-me.

11h Boa ducha e fui depois levando as violetas mas ainda sem versos para a festa de S. José no Colégio Stanislas. Cantaram a missa de Gunot – mas não a reconheci.

12h ½ Almocei bem com toda a família.

4h ¼ Depois que se foram li Riancey agora volto de passeio de carro e a pé pela estrada de Napoule. As montanhas têm muita neve. Vou falar ao Franco de Sá e depois estudar com o Seibold.

8h ½ Odisséia e Restivo. Jantei bem. Joguei bilhar com o Augusto e S. Joaquim. Vou continuar o Riancey. Em Le Courier de Cannes de 16 um artigo de M. E. Molyneux (née Fitz-Gerald) sobre Catarina Fitz-Gerald condessa de Desmond que viveu 162 anos. Na idade de 90 subiu a uma cerejeira e caiu curando-se completamente da queda. Teve 3ª dentição e

há 3 retratos dela, um pertencente à rainha, o 2º a Mr. Herbert Macross e o 3º por Gerald Dow ao irmão de quem escreve Sir Maurice Fitz-Gerald Knight of Kerry. Uma bela gravura deste último acha-se na vila Springland e embaixo está gravado um resumo da vida da condessa de Desmond.

10h 25' Acabo de tomar chá. Tenho lido o Riancey. Vou deitar-me, ler ainda e dormir.

20 de março de 1890 (5a fa.) – 7h 25' Estou já escrevendo tarde por causa do criado Guilherme que ainda não é bom para mim.

8h 50' Adiantei o Riancey e vou vestir-me.

12h ½ Soube-me e dei o passeio a pé e de carro além do farol. Almocei bem. Vou mandar o raminho com os versos.

Embora já esgravetas

Da rim as fundas gavetas

Pros raminhos de violetas,

Se, oh amor de pai, as acarretas,

Nunca serão incompletas,

E quais trêmulas vaquetas,

Ou ressoantes trombetas,

Irão à filha, entre as diletas

Consolar as orelhetas

Serão, como papeletas,

De amor intenso repletas

E das flores nas urnetas

Voltearão borboletas

Ou iguais a carapetas

Girar-lhe-ão nas mesetas,

Cheia de olor as saletas

Não sendo como manetas

Que não as tocam falaquetas,

Não fazendo até caretas

Que, oh espinho, não as espetas,

Ornando tu capetas,

Ou nas ligeiras roupetas

Menos que tu lindetas,

Mas encher as cadernetas

Não sendo quais pandetas

As frases em si detetas

Não houveram graças que infletas

Mas a outra lista de etas

Está suprida e esta adjetas.

Fico. Isabel vem jantar. Estive com o Dr. Bonnafont da Sociedade de Higiene de Paris com carta do Dr. Pietra Santa pedindo um exemplar do livro *Le Brésil* para a sociedade. Dei-lhe com dedicatória de minha letra.

5h 6' Volto de belo passeio a Mandelieu continuando pelo Boulevard Jeanne d'Arc em direção a Auribeau, até pararam as obras. Dia excelente, embora a luz faltasse para gozar a paisagem. Vou estudar com o Seibold.

10h ½ Árabe e Restivo. Jantei bem com minha filha, Gaston e netinhos. Joguei um pouco bilhar, e na sala deste conversei com Daubrée sobre trabalhos científicos, convidando-o para jantar amanhã. Li um artigo assinado F. S. a respeito dos negócios do Brasil. Está publicado numa revista de Portugal. Não me parece mau. Os Tostas chegaram do concerto clássico de Monte Carlo. Minha filha retirou-se tendo-o já feito Gaston e os netinhos. Tomei chá e vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

21 de março de 1890 (6a fa.) – 7h 5' Dormi bem. Estou lendo.

8h ½ Comecei o livro de Quatrefages sobre as raças que é muito interessante e vou vestir-me.

10h 55' Boa ducha e enquanto me fricciono e visto em parte leio o Maroc de Loti. Passeio a pé pela praia além do farol voltando de carro. Le Petit Marseillais de hoje traz uma biografia pequena do Presidente Rigaud de quem traduzi alguns sonetos. Morreu na sua propriedade “La Mignarde” com 76 anos antes de ontem à noite.

12h ½ Almocei bem e fiz estes versos para as violetas que logo darei à Isabel.

Qual que não tão pequenetas,
Séria, e sem fazer careta,
Vem a criança da violeta,
Trazer ramo que à diletta
Filha dá-lo eu acarreta
Juntando esta papeleta,
Em que me esgrimo poeta
A Musa pondo pateta
Coa tal rima que a esbofeta
Semelhante a escopeta
Que atire mão de cadeta
Da guerra sem a etiqueta,
Mas que serve como treta
De Isabel ter alegreta
Quando não toque espicheta
Ou não corra-lhe a caneta,
Sendo ela a brasileira,
Qual o espanholeto em Gaeta,
Ou em Roma na Ripeta,
Tocando eu violeta,
Pois não fica isoladeta,
Como no céu planeta
Sem ter sócio ou qual cometa,
O que sabe, se em gaveta
Não pôs ela a caderneta,
Que nos lembra na proveta
A nossa idade mais leta.

Vou ler o livro de Quatrefages.

4h 55' Volto de Mouans Sartoux. Aldeia célebre pelo assédio sustentado por Suzana de Villeneuve durante muitos dias contra o duque de Savoia em 1562. Arrasado o castelo Suzana seguiu o duque até Cagnes e detendo o duque pela rédea do cavalo obrigou-o à indenização de 400 escudos. O nome de Mouans vem de Mos-bens – meu bem e Sartoux de Sertorius, que aí estabelecera em acampamento entrincheirado. As duas aldeias têm cerca de 943 habitantes. Na invasão dos sarracenos Castrum – Sertorii foi saqueado e incendiado.

10h ¼ Estudei com o Seibold hebraico e o Restivo. Daubrée jantou comigo. Depois joguei bilhar com o S. Joaquim, conversei na sala de bilhar com minha filha e o Daubrée que vai para Paris amanhã de manhã, ainda joguei bilhar um pouco, e fui conversar com minha filha na sala do S. Joaquim. Retirando-se esta e sendo quase 10h subi para o chá. Já o tomei e agora vou deitar-me e ler até dormir.

22 de março de 1890 (sábado) – 7h Dormi bem. Escuso dizer que já estou lendo.

8h 55' Acabei de ler o 1º livro da História Universal do Riancey pondo-lhes notas a lápis. Vou vestir-me.

11h 5' Boa ducha. Belo dia e como vi bem os recortes da Esterel no meu passeio a pé além do farol.

12h ³/₄ Almocei com apetite e aí vão os versos mensageiros das violetas.

Já tenho aí as violetas,
Mas dá a Musa pernetas
De loucas, não de patetas
Para achar rimas discretas,
Que não sejam só muletas
Do Pindo a saltar valetas,
Ou antes ruins sinetas,
Que mal chamam a completas
Sonetos anacoretas,
Que de bocejos impletas
Deixas as suas celetas
E preferem em escarpoletas
Tornar as fibras rijetas
De companhia a grisetas,
Encontrando em tais bocetas
De gozo em boas tetas
Ou delícias que quais setas
Do prazer abem as betas
Goze-as no quarto incompletas
Pois que as do céu seletas
São a que tardias e inquietas
E, como casa de gretas,
Cedo tu sempre aboletas,
Assim diz quem não aquietas,
Oh fé das almas eletas
Que fazes crer em secretas
Ditas, quando não detetas
No mundo, onde as arquitetas
Oh Deus, que a nós a defletas
Em céu, terra e em mar dejetas
Mas de certo não expectas
Que eu das almas circumspectas.

4h 41' Quis ver a source petrifiante que sai de um rochedo na Notre-Dame-de-vie e de que tanto os ingleses gostam segundo os quais mas não a achei apesar de minhas perguntas. Contudo o passeio agradou-me.

10h Estudei com o Seibold hebraico e Restivo. Jantei bem, joguei bilhar com o Aljezur. Estive com os Estrelas e o Pedro, tendo se despedido o Augusto, e agora 10 ¹/₂ depois do chá vou deitar-me e ler o 2º volume do Riancey até dormir.

23 de março de 1890 (domingo) – 6h ¹/₂ Não pude mais dormir e estou já trabalhando.

8h 10' Continuei a tradução do Apuleius.

12h ¹/₂ Boa ducha e passeio do costume vindo à missa. Almocei bem e já fiz os versos para as violetas que eu mesmo levarei logo.

Hoje ao som de mil trombetas
Seguidas de citaretas,
E de agudas clarinetas,
Que a acompanhem em dansetas

Moçoilas muito facetas
Quisera eu as violetas
Oferecer-te assim lindetas
Pois não posso em grinaldetas
No cabelo enredadetas
Como se a este murchetas
Vê o quanto assim decretas
Prazer às almas repletas,
Mas delícias mais concretas
De iguarias tão seletas
Tenho hoje nas taboetas
Da mesa, a ver de mesetas
Qualquer que em horas diletas
Mais comigo estar projetas
Sem temer jamais caretas
Da sorte ruim em tretas,
E antes a acometas
Te que desprezando-a a metas (sic)
Qual roupa velha em gavetas
De gosto ao som de sinetas
Ou alegre espingardetas
Que disparem as fardetas
Que não manejam espadetas
Assim fazendo gazetas
Por livre de suas petas,
Em que, oh sábio, te espetas
Quando de esperto afetas

4h 40' Belo passeio. Canet, Notre-Dame-de-vie, de onde creio ter trazido água incrustante, Route de Grace, Boulevard de La Foncière e Croisette, que estava lindamente calma.

8h 20' Li um pouco Riancey antes de tornar a sair. Jantei bem com minha filha em sua casa e li-lhe "Luz e Calor" e agora acabei de copiar para ela sobre sua mesa a minha tradução do soneto do presidente Rigaud "A mes petits enfants".

10h 20' Antes de tomar chá ainda joguei bilhar; vou deitar-me e ler até dormir. Ainda não sei aonde irei amanhã.

24 de março de 1890 (2a fa.) – 7h Bem. Estou já lendo Riancey, mas prefiro responder ao Beaurepaire e se houver tempo lerei – mas li no Figaro de 22 um bellissimo artigo "Les hannetons" de A. Karr.

8h 55'. Vou vestir-me.

1h 10' Ducha. Passeio do costume. Almocei bem. Recebi carta do Riancey. Já fiz os versos das violetas que escreverei logo. Estive com o Dr. Bonafond.

Bem que a Musa estafadeta
Ache mal a rima em eta,
Qual criança de teta,
Fustigue mal a vareta
Espingarda que é só peta,
Do Pindo por qualquer greta
Força é que os dedos eu meta
Pra não deixar de violeta
O raminho se intrometa

A furto, sem papeleta,
Da Isabel na toaleta
Quando quero de chupeta
Vê-lo ornar-lhe a capeleta
Fazendo-a mais engraçadeta,
Qual a simples Rigoleta
Dos mistérios que à retreta
Da guarda até que a filheta
De Thetis o dia enceta
Em ler eu era pateta
E no sonho inda deteta
A imagem era que este arquiteta;
Pois que sempre por pipeta
Quis prazer que m'acometa
Que ao fim tarde se submetta
Pois vivemos para creta,
E cedo é a atingir a meta
E andar para lá sem treta,
Não mando às vezes muleta
Que a viagem torne grandeta
Pois mostra até que em gaveta
Gratidão não está qual roupeta
E gira qual carapeta
Pra que não a digam em boceta
E soa igual à trombeta
Que no dia da *vendetta*
Língua do Papa é correta
A uns de palma, a outros calceta
Em brasa – mais pesadeta
E se a terra tem cruzeta
Como o morte, com taboeta,
Justo é tenham mofeta,
Versos de rima em grillhetas

5h 5' Passeio de carro e a pé por Pegomas, Roquette, pequena aldeia com igreja de S. Francisco de Sales, e tomando o caminho de Grace perto de Moins-Sardoux, vim para o hotel, atravessando o boulevard de la Foncière, pelo Canet. Agora espero o Seibold para o estudo. O Estrela trouxe-me resposta de Jeanne de Montebello com suas fotografias.

10h ¼ Traduzi árabe e li Restivo. Jantei bem com minha filha. Joguei bilhar. Estive conversando com a Isabel na sala do S. Joaquim. Acabo de tomar chá na minha sala. Fui despedir-me de meus netos: o Augusto estava já na cama, mas falei; o Pedro tinha a porta fechada e não respondeu quando bati de leve. Creio que já estava dormindo. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

25 de março de 1890 (3a fa.) – Já estou lendo. Dormi. Tempo muito ruim de vento e chuva. Não serei [*sic*] se poderei sair. Não me esqueço hoje o dia do aniversário do juramento da Constituição que julgo concorreu para o bem de minha Pátria há mais de 60 anos e querem agora abolir talvez insensatamente.

Escreveu o Estrela mandando a resposta à condessa Jeanne de Montebello – mas peço a esta seu endereço para precisar do Estrela. Vou ler Riancey.

12h ³/₄ Boa ducha, mas por causa da chuva vim de carro para o hotel e joguei bilhar com Aljezur e por fim com o S. Joaquim. Almocei com a Isabel e fiz os versos das violetas mas sem elas. Logo as darei.

Com chuva de gameletas,
Que punge quais baionetas
A não serem em sarjetas
Não verei eu violetas,
E inda menos as gambetas
Aquele das corcundetas,
Que não pede com indiretas
Que em troca dêem-lhe pesetas
Mas versos tem sempre aletas,
Que rápidos como setas
Os levam às que diletas
Não os escondem nas gavetas,
Porém sempre os lêem letas
Se as saudades incompletas
Tornam as horas secretas
Adejantes borboletas
Em torno do fogo inquietas
Que sempre arde pras filhetas
Jamais crestando as folhetas
Pondo-as antes mais lindetas
E nas angústias mais pretas
A luz do conselho gretas
Dá quais grades aos calcetas

Acaba de despedir-se a Isabel. É 1h mas creio que o exercício será de bilhar. Que dia!

4h Fui até a Croisette assim mesmo. Pequeno vagalhão. Joguei bilhar e agora vou estudar com o Seibold. O dia continua mau, porém espero que amanhã faça bom tempo.

10h ¹/₂ Traduzi hebraico e li Restivo. Fui jantar com vontade. Joguei bilhar, e tenho estado a conversar com os filhos da condessa de Estrela principalmente o barão e o Pedro, tendo tomado chá. Vou agora deitar-me, ler um pouco e dormir. Recebi carta de Alphonse Karr com versos dele que ele não publicou embora estejam impressos e que eu traduzirei.

26 de março de 1890 (4a fa.) – 7h 40 Acordei às 7 e escrevo depois de tomar [*sic*] com gravetos de pão. Passei muito mal a noite com indisposições estomacais e outras. Creio que foi das bolachas que me souberam mofadas de bordo.

2h Tenho passado e soube-me o chá e os fragmentos de torradas.

Lamentation

Oh mon Rafael on chère solitude
Asyle du de silence et de paix et d'étude
Qui peut dire aujourd'hui ce que tu deviandra?
Bals, fêtes et concerts, boutiques comédies
Roulette et baccará – cancans et calomnies,
Enfin – tous le plaisirs avec tous le fracas
Il faut aujourd'hui changer les almanaches
Car tes pars maintenant sont tous des mardis gras
Aimez les pauvres, oui, soulagez leurs misères
Mais en les assistant ne les supprimez pas
A vis des amusements ils sont très nécessaires

Luizes en quelques uns bien nourris frais et gras
Mais du pauvre gardant la stricte etiquette
Les supprimer serait à vos plaisir fatal
Plus de pauvres! Alors plus de pretexte honnête
A donner aux maris pour surcroit de toilette
Plus de Bal au profit de pauvres!
Chantes, valsez, flirtes – on nommera la fête
Pauvres au profit d'un bal.

Lamentação

Oh meu São Rafael que para mim é tudo
Asilo do silêncio e paz do estudo,
Quem me pode dizer serás o que a vir serás
Bailes, festas, teatros, sempre vozes
Cancans, bacará, roleta e aleives
Enfim prazer inteiro tão atroz com a bulha que farás
Cada dia a folhinha agora mudarás
Amais os pobres, sim, consolai suas misérias
Suprimi-los seria o vosso folgar fatal
Sem pobres! Pretexto não se arquiteta
Para dá-lo a marido e encherem-se a gaveta
Não mais
Baile para os pobres. Isto me é igual
Canto, valsa, namoro e o nome se decreta
“Dos pobres que um baile vai”
Estando no começo de meu parco almoço – mas carneiro. Veio ver-me a filhinha que volta logo para o jantar.
Não tens hoje violetas
Pois que cessar vaquetas
Sacaram o pó das tripetas
Sem cheiro de caçouletas
Mas com tremendas trombetas
Que inda tremem as pernetas
Com a bulha que acometas,
Limpando bem o mar são petas
Sem líquido que metas
Como a água que tu injetas
Seave improvement nas sarjetas
Se o conto é pra que não submetas
A idéias só indiscretas
Ações que bem como setas
Vão sempre a quem amo diretas
Ou iguais a carapetas
Cercam a filha das diletas
Dizendo frases secretas
Que a meus olhares projetas
E a formar só um acarretas
Poesia das minguetas
Aí vai que as taboetas

Não dizem que nas lojetas
Mais e muito – há do que inspectas
E o convívio é que corretas
Faz amizades provectas

Li artigo muito interessante “L’electrotherapie” do Figaro de 24 de março. Le Petit Marseillais de hoje Le Pitheque. É curioso sobretudo pelo que diz Allent, conforme o artigo, dá como palavras que exprimem “chien-chien”, “tarara” e “zonzon” noticiando-se sucesso feliz surpresa, temor, ou dor – palavra de carinho. Acabo fazendo-lhe notas o folheto muito interessante “Sous Teure” de Mr. Martin. Explosion des eaux interieures et cavernes des Causses. Extrait de l’Anuaire du Club Alpin Français de 1888 – publicado em 84. Tenta provocar a curiosidade da reunião geral do Club Al- [sic] no ano de 1890 na Lozère.

Falei com o Muritiba que veio saber de mim que penso estar completamente embora um tanto fraco de rebordosa. Vou ao Seibold.

5h 35’ Jantei com a minha dieta, que me soube bem. Só pude traduzir árabe. Estou olhando para o pôr do sol no Esterel. Acabo de escrever dizendo-lhe que admiro agora o pôr do sol de La Côte d’Azur e peço-lhe um bilhete para o Seibold assistir à conferência sobre o livro Le Brésil.

9h 20’ Acabo de despedir-me de Isabel. Leu-me algumas páginas do Maroc de Pierre Loti. Vou tomar chá daqui a pouco.

10h quase. Tomei meu chá, mas não Índia – não era mau. Vou-me deitar daqui a meia hora depois de escrito ao Riancey mandando-lhe o 1º volume de sua Histoire du Monde com o que escrevi à margem a lápis.

Vou me deitar e ler até dormir.

27 de março de 1890 (5a fa.) – 7h Dormi muito bem. Belo dia.

8h $\frac{3}{4}$ Tomei chá com pão torrado. Não fui [sic] cautelosa à ducha. Tenho estado a ler o 2º volume do Riancey.

9h quase. Vou vestir-me e sair de carro.

11h $\frac{1}{2}$ Fui até a Croisette, mar que nem espelho. Comprei depois o raminho à corcundeta, e passei pelo mercado das flores, indo além do farol atravessando o jardim por causa do sol, tomando a uma das estradas o carro. Almocei com vontade.

Ressoem já as trombetas,
Soprem-se clarinetas
As hebrías Kinnoretas,
Toquem também harpetas,
E as gaitas de palhetas
De crianças nas festetas,
E da China as campanetas
Do gong com as pancadetas
E também as rabequetas
Egípcias que soam às dansetas
Qual de abelha que as anquetas
Põe-nas desconjuntadetas,
Que vão hoje violetas
Embora o move lancetas
Pra meu bem e assim o interpretas
Vedou-me as chicotadetas,
Que, lesto põem mais vedetas
E às vezes mometas

M.D.

Puen Spentrionis annos XII qui Antipoli in theatro bi duo saltavit et placuit

Inscrição de uma lápide embutida no canto da Rue de la Paroissi em Antibes e copiada em 19 de janeiro de 1890.

[desenho]

Visões me faz ter mui letas
Mas o som das moedetas
Que mais clama que cornetas
E não assusta qual de escopetas
Fez as minhas de alejadetas
Mais graciosa das corcundetas
Vim gingando com as floretas
Que a teata a bater não encetas
A adivinhar a quem são defletas
Pois se o coração me setas
Logo aí ter a detetas

1h ³/₄ Estive com a Condessa de Estrela e o Barão. Despedi-me do Pedro que vai a Paris a mandado do pai e por poucos dias. Recebi a visita dos Kahns que moram em Menton e vieram aqui por alguns dias, e li bom artigo do Figaro de 26 “Le repos du dimanche”.

2h ¹/₄ Estive com o Roland que encarreguei de mandar-me diversos livros. Vou passear de carro.

VOLUME 31

EXÍLIO - 27/03 a 12/06/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

27 de março (6a fa.) de 1890, 4h 20’. Passeio de carro e a pé pela Califórnia, indo depois dar um giro pelo jardim du Midi. Indo para lá estava um charlatão, em carro puxado a 6 cavalos, tirando dentes e vi-o arrancar 2 a uma rapariga e três a 3 homens. A cena passava-se no largo da estátua de Brougham cujo distico composto por este quadrava bem ao charlatão.

Sat me lusisti; lusiti nunc ulios.

10h da noite. Sânscrito e Restivo (Arte Guarani) com o Seibold. Interrompi o estudo para falar que me trouxe livros que lhe pedira me procurasse. Ainda estudei com o Seibold. Jantei com minha genro e netinhos. O Augusto não sei onde foi. Joguei bilhar com Aljezur e S. Joaquim. Foram-se Gaston e filhos. Subi para receber a Borghimano com quem conversei em companhia de minha filha sobre teatros de canto e óperas. Despedi-me da Borghimano e depois de minha filha, tomei chá que não é chá, mas não tem mau gosto e vou deitar-me e ler até dormir. Esquecia-me dizer que veio Rivoire e estive fazendo-o ler bem a tradução em português do Statbat Mater que ele pôs em música e dedicou a minha filha, devendo-se ele cantar em dia conveniente nesta Semana Santa. Vou me deitar e ler ainda até dormir.

28 de março de 1890 (sábado) – 6h 50’ Dormi bem. Vou ler. Dia belo.

11h Ducha excelente. Passeio pequeno a pé até à missa pela Santa. São horas do almoço.

12h ¹/₂ Com appetite.

Com as violetas

Já hora das bombardetas

Que enrolando-me as tripetas

Faziam-se ver estreletas

Ao meio dia e verdetas

Punham as cores mais lindetas

E os membros bem capetas
A quem netos se não netas
Já lhe fixam as forças metas
Ofereço-te hoje violetas
Da esperta das corcundetas
Que te dirão discretas
O que à amada das filhetas
Pai dissera com olhadetas,
E melhor com as chupetas
De beijos de estafadetas,
Que façam as faces vermelhetas
De inda mais não enfadadetas
Pois dizem que às cadaletas
O morder curam as felpetas
Mas o dia é pra ginetas
Ou airosas calecetas
Que façam sem por gretas
Sorver melhores suretas
Pra bem ouvir arietas
Da Borghi-Mamo tão eletas
Que de gosto faz patetas
E de mais querer caretas
12h ³/₄ Vou estudar com o Seibold.

5h ¹/₂ Árabe e Restivo. Passeio pela Croix-des-Gardes Às 4 em casa da Isabel onde ouvi a Borghi-Mamo cantar como sempre e tomei café.

10h ¹/₄ Jantei aqui com minha filha. Joguei bilhar como de costume; estive no meu salão com a Isabel e pessoas do costume despedindo-me dela tomei chá sem ser chá verdadeiramente e vou deitar-me e ler até dormir.

29 de março de 1890 (domingo) – Dormi bem e por isso já às 5h 5' estou já lendo. Li a história do Riancey e escrevi ao Nicolau uma carta de não aceitação do último decreto do governo provisório sobre dinheiros meus e da família aguardando a resolução da constituinte.

11h Boa ducha, comprei o raminho de violetas; passeio a pé até o de Midi; a Isabel tomou o raminho em caminho, mas logo e oportunamente mandarei os versos.

12 - Lá irão a tempo
Tomaste-me as violetas
Porém não estas rimetas
Que aí te vão rabinetas
Por isso que não encetas
O dia sem em gazetas
Do Brasil ouvir só poetas
Orgulhosa que em carretas
Não veja às mais altas metas
Sem tenção a pátria esbofetadas
De choro a receiar caretadas
Que a crer não acarretadas
Se não quem mame inda em tetas
Mas a dor porque a espivetas

Se calada não a projetas
Nas entranhas mais secretas?
Talvez assim tu me objetas
E o brilhante que esgravetas
É às vezes de mais facetas
Mas norma as brasileiretas
Quisera-te em tais coletas
Que lembram nossas praietas
Nossas matas tão verdetas
Em flores enredadetas.

2h 10' Vou sair. Traduzi árabe. Li Restivo.

4h ½ Chego da sessão literária. Muito me agradou o que [sic] Liégeard sobre o livro Brésil do Paranhos e o publicado pela Sta. Ana Nery para a Exposição Universal de Paris. Entregaram-me diploma de membro da Association Universelle, Academie des Palmiers com a medalha de honra “pour son dévouement à son peuple et à l’humanité. Paris le 18 Février 1890”.

10h 20' Jantei só com os constantes e assim não estive presente o Augusto que não revi até agora. Joguei com os de costume vou agora deitar-me algum tanto e lerei até quando puder.

30 de março de 1890 (domingo) – 5h ½ Já às 4h ½ sentia-me tão bem que se não fora incomodar o Guilherme haveria manifestado, pondo-me de joelhos como vou fazê-lo e rezando em voz alta pois mentalmente sempre o tenho feito. Minha fé e amor por Deus cada vez se afervora mais e tem sempre guiado minha vida, bem como o amor do próximo que resumo agora principalmente nos que me têm tratado tão carinhosamente, não falando de minha filha a que sempre ligo a lembrança de sua Santa Mãe que vela no céu por nós, e dos meus; porém não podendo deixar de mencionar o amigo Mota Maia entre os outros. Vou principiar o trabalho do dia.

Li em The New York Herald de 28 de março este telegrama. “Rio de Janeiro March 27 – The garrison of the capital is disaffected on Suterday some of the troops were ordered to proced to the Southern provinces, but the men refused to go and the Provisional Government ultimately cancelled the order. There is much disconten throughout the city”.

O Figaro de 28 dá o mesmo telegrama.

8h ¾ Já fiz os costumados. O dia está de neblina forte.

Tem cor própria as violetas
De dias de matraquetas
Que da terra são vasquetas
Ante o mal a que derretas
Mancha teu sangue às gotetas
E pois sem mais piruetas,
Se quer, mostrando as chaguetas
Da miséria, em que vegetas,
Como vejo nas varetas,
Que serão antes muletas
Do que perninhas chochetas
Dar mais flores pras jarretas
De quem o nome quase encetas
E o resto no olhar me interpretas
Porque as sensações concretas
Rejeita-as quem não as tem eletas,
E creio que não bem seletas
As que, oh mente, me arquitetas

Pois muitas coração afetas,
Que a joeirar põem-nos patetas
E em continuas gongadetas
Dão-nos brinco às maluquetas
Que tiram mais que jaquetas
E por-nos no Eden sem etiquetas.

11h 20' Saborosíssima ducha. Já ouvi a missa, tendo antes mandado as violetas trazidas pela corcundeta com os meus versos que posso agora melhorar. Aguardo Isabel para almoçar vai para meio-dia.

1h 40' Almocei bem com a Isabel. Depois despedi-me ainda dos visconde de Ouro Preto e do irmão que vieram despedir-se da Isabel e dei àquele uma carta para o Papa. Vou ler ainda antes do passeio.

4h $\frac{3}{4}$ Achei raminho para levar a minha filha com estes versos.

Lá te vai inda masseta
De flores que ama azuleta
Ampare em tarde frieta
Do que a põe tão rijeta
Sem a graça que a defleta
Poesia era na cacholeta
Té amanhã sem gorjeta,
Que os miolos me atopeta
De noite, sem achar greta
Té o sol fazer careta,
Quando nova mofineta
Ache eu, na estradadeta
Que pra mim é só boceta
De Pandora esta gadeta
Se não se tem boa filheta.

10h $\frac{1}{4}$ Jantei com minha filha em sua casa. Antes li-lhe durante o tempo costumeado Luz e Calor. Que bela tarde e vista do mar. Conversei depois já com muito sono que passou-me na volta. Antes do chá que só amanhã tornarei ao da Chica, joguei uma partida com o S. Joaquim. Agora vou para a cama e como dormi pouco ontem creio que pouco lerei.

31 de março de 1890 (2a fa.) – 5h $\frac{3}{4}$ Já estou lendo mas com luz por causa da forte neblina. Trouxe novo rapto, e mais cedo. Quis escrever, mas felizmente pude ceder à mesma razão e logo escreverei o que ele me suscitou, vou ler Riancey – mas dormitei e talvez ao mandar o raminho nos versetos direi as idéias que o rapto me suscitou.

8h 50' Ainda lerei Riancey.

10h 40' Ducha que soube, dei passeio a pé e depois de carro até o hotel, andando o mais possível ao ar do mar.

Almocei com a Isabel a quem dei o raminho e os versos que logo copiarei. Não é hoje dia de vapor a Sto. Honorato, passearei até Vacluse. Enfim verei tudo o que há por aí de bonita paisagem.

4h 10' Precisava descansar e dormir. Copiarei logo os versos. Vou ainda ler carta do Riancey. 4h 40'.

Da Igreja Mãe e suas sectas
Tu marcaste as úteis metas
Mas não fossem profetas
Ao Brasil dava Pandetas
À injustiça não achar gretas
Alta instituição sem grilhetas
Onde oh prática não defectas
Primária e secundária [ilegível]
E uma e a outra indiretas

Normas das nas que projetas
E enfim as religiões respeitadas
Com ensino onde Deus detectas
E arma tu as rejectas
Em reserva onde as projetas
Para ocasiões mais infectas
Se de ruínas há profetas
Se só corações de poetas
Respondem às Pátrias *[ilegível]*

1 de abril de 1890 (3a fa.) – Declaro já que direi severidade mesmo em versos. Tive novo rapto de saúde sonhando com lagos que eu considerava qual círculo do Paraíso de Dante e como prova de saúde continuarei as Tijucanas, Petropolitanas agora da cama vou expedir telegrama.

6h 50' Já tomei torradas com café que me suprem a ducha tão agradável agora.

Já expedi o telegrama do sonho e não sei que farei agora senão deitar-me e talvez dormir.

10h Assim foi e sem violetas porque ainda não se privaram da deliciosa ducha aí tenho a vegetar.

11h 5' Já fiz os versos das violetas, por que o Dr. não quis a ducha saborosa para mim.

2 de abril 1890 (4a fa.) – 8h 20' Sinto-me bem e vou tomar café com torradas – mas tomara já a ducha.

11h ½ Conversei com o Charcot estive com a Isabel e a quem darei os versos de ontem que guardei para copiá-los como os de hoje. Tomara já a ducha talvez amanhã.

1h 40' Dormi boa sesta contra meu costume, mas também que vida diferente agora!

Não te vão inda violetas

Pois de Hipócrates pardetas

Também não o são bem corretas

Não dão ao exterior duchetas

Matinas vão té completas

E o interior delas impletas

Mas que assim mais provectas

Experiências te submetas

Pois assim na vida injetas

O que alongá-la projetas

E entretanto te diletas

Com as letras que sempre inspetas

E foste e és dos atletas

De gosto a dar às diletas

Filhas que uma já seletas

Chore as do céu eletas

Chamaste e a protetas

E a quem suspira por netas

E certo Deus lhas prospectas

Minha Santa, as mãos eretas

Em sonhos quais os profetas

Me augura em preces tão retas

Que ao acordar em algazarretas

Creio ver-me entre as lindetas

E eu assim com as navetas

Da imaginação nas tretas
Penso mais nessas barquetas
Onde eu aspirar não assetas
3h $\frac{3}{4}$ Saiu minha filha e recebi a Tosta não sabendo porque veio não veio Tosta.
Vou copiar os versos das violetas de ontem.
Sem irem com as violetas
Por terem machadetas
Do Lictor – cura as duchetas
Pedido e ao pai há dias tão diletas
Porém já o ouvi que sempre em retas
Linha pai novo quase aí tu te arquitetas
Com as idéias que tenhas mais seletas
No teu pensar apenas tu o ampletas
E se ai qual ele a outros tu o dissetas
Achas entranhas só do que é bom repletas.
Estudei com o Seibold sânscrito. Vou deitar-me pois careço de descanso. Tendo jantado sofrivelmente e antes conversado com o Charcot. Tomei chá e vou para a cama.

3 de abril 1890 – 5h Dormi bem. Já me confessei com Mgr. Gigoux o da vez passada. A penitência da leitura da Imitação de Cristo que ele deixou ser da tradução Corneille é uma delícia para mim.

9h $\frac{1}{4}$ Conversei com Charcot que vai a Nice.

10h 10' Vem Aljezur mostrar-me água da fonte dita petrificadora que nada depositou sobre objetos.

11h $\frac{1}{2}$ Almocei conversando com o Nioac e o Augusto.

Hoje só de violetas

A cor em tudo tu metas;

Pois a dor tu acarretas

Hoje de Deus, quais setas,

Foram lança, espinhos, grillhetas

E nele a bondade aspectas

Bem como de entre as diletas

Filhas só circumspectas

E assim sendo incompletas

Graças a outros adjetas

Talvez andem, em rodetas

Ou talvez em cavaletas,

Apanhando chuvaletas

Dando ao avô de amor gazetas

Mas Deus em suas eletas

Intenções mostrou-nos retas

Que devem que é pai completas

Sofrer dores té indiretas

Como esta, a quem aliás inflectas

Graças que circumspectas

E sempre em alegres horetas

Netos trazes a gambadetas

4h $\frac{1}{2}$ Dormitei. Estive com meus netinhos. Conversei com Nioac que prometeu-me jornais onde vêem discursos na assembléia do Rio do advogado de Barra Mansa que obteve um lugar de justiça por intervenção dele.

6h $\frac{3}{4}$ Acabo de jantar com vontade e estive com o Nioac e o conde da Estrela, cuja mulher não recebi para não haver queixas. Lembrei até vê-la através da porta, mas o marido não quis.

7h 40' Jantei bem. O Pedro esteve a ver se me convencia de ir para uma vila. Persisti no meu hábito.

Li no jornal de 4 de março uma conferência da Glória feita por Oliveira Machado sobre o estado da provincia do Rio aconselhando a conversão das fazendas de café em de criação. O passado foi do café; o futuro será o pastoril em sua primeira fase e depois a piscicultura.

8h 50' Estive com minha filha e recebi as três Marias como as chamei do béu [*sic*] – A Muritiba, a S. Joaquim e a Mota Maia. Vou deitar-me mas não para dormir de uma vez.

4 de abril 1890 (6a fa.) – 6h Dormi bem.

Hoje são as violetas

Até as mesmas culpetas

Quando mais em uma das cruzetas

Juntas tens estaladetas

Batendo cravos massetas

Tu que a nós acarretas

Assim graças coletas

Roga-as ao Pai que as decretas

Mistério que a ver encetas

Com a razão que à Fé adjectas

Que em todas crenças detetas

Na Índia, Egito e nas Cretas

E até mesmo incompletas

Na América, Oceania e ilhas adjectas

Crença geral que te injetas

Não podes ser de patetas

E se oh razão ma dissectas

Cada vez mais nela invectas

E que graças tão diretas

No coração me projetas!

Quanto em Milão foram letas

Horas quando das diletas

A ouvir quase as sinfonetas

De anjo em aplauso das filhetas

À mais cara, se às grillhetas

Acabou das raças pretas.

11h $\frac{1}{2}$ Almocei com vontade. Estive antes conversando com Charcot sobre micróbio e curas de suas moléstias, assim como a respeito de outros assuntos científicos. Vou ler Journal des Savants de março.

4h 40' Estive lendo deitado o último número do Journal des Savants. Passei um pouco pelo sono. Conversei com o Nioac e vou estudar com o Seibold.

6h $\frac{1}{2}$ Traduzi árabe até o jantar. Preferi não interromper esse estudo com o guarani. Jantei bem e vou agora fazer aquilo. Vi os netinhos antes do jantar. Vou agora fazer aquilo sozinho. Entretanto acrescento mais estes.

Chega-me a filha a tardetas

E talvez só bolachetas

Trincam hoje sua dentucetas

Formando-se a aleluetas

De sinos campainhas sinetas

E mais de almas alegretas
Vendo eu já sem tundetas
Por vontades indiscretas
E do céu as glórias docetas
Não aguardando tempo sem metas
Mas com Patriarcas profetas
Pois que esperanças que impletas
E traz graças completas.

9h ½ Conversei com Nioac. Apareceu minha filha e recebi os Tostas e São Joaquins.

10h Estive lendo o Journal des Savants; tomei chá e vou deitar-me, continuar essa leitura e dormir.

5 de abril 1890 (sábado) – 6h 10' Dormi bem. Vou ler o Journal des Savants.

10h ½ Vi meus netos grandes. Estive com o Charcot a quem falei sobre os trabalhos da Academia das Ciências o qual parte hoje para Paris onde encarreguei-o de lembranças para os meus confrades mais conhecidos dizendo a de Quatrefages que me deixou lendo seu artigo sobre “Théories transformistes” no Journal des Savants de março.

11 ¼ Despedi-me de Charcot a quem encarreguei de lembranças a nossos confrades e de dizer a Mr. de Quatrefages que lia seu artigo no Journal des Savants de março quando ele se foi.

12h ½ Almocei com vontade. Acabei de ler o Journal des Savants de março.

1h ½ Escrevi em resposta à Mana Januária.

3h 55' Deitei-me para ler o n° de março do Compte-rendu des Sciences et travaux de Academie des Sciences Morales et Politiques. Isabel leu-me e Gastão despediram-se até amanhã.

4h 20' Estive deitado conversando com o Nioac e vou ao Seibold.

6h ½ Traduzi árabe e li Restivo.

10h ¼ Jantei com a Isabel e os companheiros. Soube-me bem. Depois conversei, embora algum com sono. Retirou-se ela. Conversei ainda, tomei chá e vou deitar-me. Fiz versos para as violetas que não foram. Copiarei os versos amanhã. Creio que nada mais escreverei hoje.

6 de abril 1890 (domingo de Páscoa) – 7h ¼ Acordei. Já tomei café. Li carta afetuosa de Carapebus que me diz virá ver-me brevemente e manda-me um artigo do Diário do Comércio com a data de 26 de fevereiro escrito pela Rose Merys que vi na Tijuca intitulado “D. Pedro Alcântara”. Favorável mas exagerado.

8h 55' Já ouvi missa com todos menos Antônio por indisposto e Augusto não sei porque.

Versos chamados das violetas
Não é hoje de violetas
Soem hoje as timpanetas
Assobiem clarinetas
Modulem suaves frautetas
Que de pedra e de pranchetas
Ressurgiu Quem das diletas
Salva a cara das filhetas
Prometendo-te glorietas
Desde o mundo em que as encetas
Té o céu onde as completas
Não é dia de festetas
Mas das maiores gazetas
Onde rodem as carretas
Enfeitadas de floretas
Galopeando ginetas

Em cavalos aridetas
E o pobre suas galhardetas
Solte algumas cançonetas
Tudo enfim – as glorietas
Chamadas pelo que afetas
Do que mais intimo assetas

12 ½ Almocei bem com todos. Estive com minha filha e os netinhos, Pedro e Luís. Apareceu o Augusto. Estive conversando com o barão Maia Monteiro e a mulher. Retiram-se Isabel, Gaston e filhos mais velhos. Vou ler.

4h 10' Li a publicação de L'Academie des Sciences Morales et Politiques – Mars 3^{ème} livraison. Conversei com o Franco de Sá que vai à Itália até Florença prometendo-lhe carta para de Gubernatis. Sempre gostei de sua inteligência e caráter desde que foi ministro meu.

10h 5' Estudei grego continuando a minha tradução e reli Restivo com o Seibold. Jantei bem com Isabel, Gaston, seus filhos mais velhos e o Pedro. Augusto não sei aonde foi. Depois conversei até retirarem-se Gaston e os netinhos e depois com a Isabel, Tostas e S. Joaquim que parte amanhã para Paris. Despedi-me de minha filha e dos mais, tomei chá e ainda falei com Aljezur e Mota Maia. Vou deitar-me e ler até vir sono.

7 de abril 1890 (2a fa.) – Abdicara como meu Pai se não me achasse ainda capaz de trabalhar para a evolução natural da república.

Dormi bem. Vou ler. Recebo cartas da Edla e da Januária e vou responder.

8h ½ Respondidas; vou ler.

11h 5' Vestido para o almoço. Li 3^a Livraison de março da publicação da Academia das Ciências Morais e Políticas e Riancey. Espero que me chamem para o almoço.

6h Bem. Tenho lido, conversado com o Gaston, visto a Isabel e os netinhos mais velhos. Dei lição de hebraico e estudei guarani com o Seibold. Acabo de estar os Teixeiras Leites. Aguardo lendo que me chamem para jantar. Não passarei o dia sem os meus etas, mas vou jantar.

10h 10' Jantei bem, sabendo-me sempre a laranja gelada. Joguei bilhar um pouco com o Aljezur mas as pernas ainda estão bambas. Ouvi ler o Aljezur e tomei chá em companhia deste e de Mota Maia. Ainda vou ler até dormir. Farei os etas amanhã.

8 de abril 1890 (7h 25') – Dormi muito bem. Vou principiar o dia. Débats de 3. Revue des Sciences casos curiosos de autografismo. Misnet, o doente, vai inscrever-se em ambos os braços seu nome Jules. Anestésico do braço direito e hipnotizável. A sugestão tornou-o inteiramente sensível. O braço direito movia-se tão livremente como o outro com 45° no dinamômetro. Não foi mais autográfico. Mr. Ferroul tem hoje no Hotel Dieu de St. Etienne uma hipnotizável que transuda lentamente gotas de sangue pelos seios, peito, braços. Exercícios em Champigny de pólvora sem fumo. Fala das diferentes pólvoras a empregar toda a força de expansão. Estas experiências eram de grande artilharia. O azoteto de amoníaco só produz compostos gasosos. Gaüs quis incorporar ao salitre e ao carvão o azotato de amoníaco. Resultados maus. Heidmann, mudada a dosagem obteve pólvora de pouca fumaça porém muito hicroscópica. Soube-se porém 1886 que estava o problema resolvido em França. Mr. Vieille tinha achado de grande força balística e só com a fumaça de nuvenzinha brevemente desfeita. Pólvora de Schultze de pequenos cubos de madeira sem fumaça mas boa só para caça. Faladas outras pólvoras inventadas. Disseram que pólvora sem fumaça não produzia detonação, mas não é verdade. A nova pólvora tem som mais seco e menos prolongado que antiga pólvora que não poderá revelar a posição do inimigo.

Em 3.127 que passaram o Canal de Suez 370 ou 12% empregaram luz elétrica. Em 1888, 1610 sobre 3.440 de trânsito ou 47% passaram de noite. Enfim em 1889 as passagens de noite chegaram a 72%, 2.454 passagens elétricas em 3.420 transeuntes. A eletricidade aumentou a renda do canal de 172 – 100 correspondente a alargamento do teto de 22 metros, largura atual de 37,50m trabalho *[sic]* exigiria a despesa mínima de cerca de 200 milhões fr. A duração média da passagem está reduzida de 15 horas, de 37h ½ a 22h ½. Isto é 40%. Para alguns navios grandes a travessia é só de 15h. A renda quase dobrou e não terminou. 95% dos navios usam os projetores Mangin; os da torre Eiffel. Mais de 50% dos navios de

trânsito com aparelhos de aluguel usam o material francês. A sociedade dos tramways de Bruxelas acaba de renunciar à tração por acumuladores Julien.

O serviço elétrico deixou déficit de 26.616 fr. 63c. Diferença entre tração de cavalos e elétrica. Diversos motivos há para isto em Bruxelas e não se deve concluir de modo geral. A tração elétrica desenvolve-se nos Estados Unidos. Experimenta-se há meses em Paris a tração por acumuladores. Teria vantagem sobre a tração animal nos Tramways da linha Madeleine-Levallois-Perret. Os acumuladores são do tipo Faure-Sellon-Wolckmar a chapas pares. Velocidade normal de 11 km em patamar – 9 km em declive de 3%; de 5 km em 5%. Potência média de cerca 45 amperes e 200 volts; de 7 a 11 kw. Os carros têm muita elasticidade. Preço talvez de cerca de 35 cent. por km e carro; economia de quase 50%.

O inverno atual foi de temperatura média sem frio muito rigoroso quase sem neve e pouco chuvoso. Barômetro de novembro a março quase acima do normal. Maior frio a 3 de março, temperatura a 9° em Paris e a 11° em St. Main. Temperatura anormal de 23 foi observada a 29 de março. Os frios acentuam-se nos *[sic]* em cada princípio de mês sobretudo de 1 a 5 em 10bro *[dezembro]*, janeiro, fevereiro e março. E da primavera e do verão? Há prognósticos a tirar. Pode-se presumir que o ano será médio como inverno. Só em 1891 atingiremos as declinações extremas lunares de 26° que trazem-nos habitualmente estações chuvosas e depois estações frias.

Brooks descobriu em Geneva (New York) em 20 de março um cometa. Viu-o pouco antes do nascer do sol Bigourdan no observatório de Paris. Brilho de 11ª grandeza. A 10 de março novo pequeno planeta no observatório de Nice. 21 de março novo planeta por Pulsa em Viena. Aguarda-se breve a volta do cometa de Borsen e aparição do de Arrest.

10h Estive lendo o Bulletin de l'Academie des Sciences morales et politiques e vou almoçar.

10h 10' da noite. Almocei bem. Li o Bulletin de l'Academie des Sciences morales et potiques *[sic]*. Saí de carro e a pé pela Califórnia voltando pelo caminho de Antibes. Bom dia. Dei minha lição de árabe e guarani com Seibold. Jantei bem com a Isabel. Joguei um pouco bilhar com o Aljezur. Conversei com a Isabel e os Estrelas que se retiraram depois da Isabel e antes do meu chá, findo o qual ainda falei com Aljezur e Mota Maia. Vou deitar-me, ler e dormir. Foi bom dia.

9 de abril 1890 (4a fa.) – 7h Dormi bem. Vou acabar de ler Comptes-rendu de Mars 3^{ème} livraison de Academie des Sciences morales et politiques. Vou ler Riancey.

10h 50' Estive com o Nioac. Voltei ao Riancey. Vou vestir-me e almoçar.

1h Bem. Tenho lido Riancey. Despedi-me com muitas saudades de Nioac. Recebi antes a Maria Antônia Bulhões e a irmã que vieram ver-me aqui. Vou ler até sair. 2 Continuei Riancey. Café, vou sair.

10h 10' da noite. Dei meu passeio de carro e a pé pelas montanhas. Estudei hebraico e guarani com o Seibold. Vi Gaston e os pequenos mais velhos. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur e o Augusto. Subi. Conversei um pouco. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir.

10 de abril 1890 (5a fa.) – 6h $\frac{3}{4}$ Dormi bem. Dia belíssimo.

10h Li Riancey. Agora lerei “La Semaine dramatique” dos Débats de 7 e 8.

4h 40' Almocei bem. Riancey, cujo 2º volume já está bem anotado.

4h $\frac{3}{4}$ Volto do passeio de carro e a pé. Route de Grace, de Pegomas, voltando pela Bocca. Dia belíssimo. Antes estive na villa Ormesson para ver o Antônio que está de cama, porém vai bem. Gaston e os outros estavam fora.

10h 5' Estudei árabe e guarani com o Seibold. Jantei bem só com Aljezur e ouvi tocar as meninas mais velhas do Mota Maia com a mestra e a mais pequena recitar na sala do Mota Maia a que subi por elevador. Ouvi o Aljezur ler, tomei chá e vou deitar-me. Pedro e Augusto ainda não voltaram. Vou ler deitado.

11 de abril 1890 (5a fa.) – 7h $\frac{1}{4}$ Dormi muito bem. Bom dia. Vou ler e escrever os etas de ontem que talvez acrescente hoje.

E aí vão girandoletas

Pois que sabem-me a gaitetas

E aos outros quais grinaldetas

Servir-lhe-ão de cerquetas

São as de 10
Oh no mundo só há petas
E pois sendo dos poetas
Do cérebro pelas gretas
Não saem rimas em etas!
Já a musa com trompetas
Clarinetas e frautetas
Mais forte com timboletas
Se não bastam escopetas
Pô-la-ei qual dos patetas
A cingir-me grinaldetas
De pindáricas floretas
Com as castalias gotetas
Que não serão para os acetas
E verei como rodetas
Ou antes girandoletas,
Acudirem-me massetas
Das tais poesias diabretas
A soarem quais matraquetas
Da filha nas janeletas
Pois não lhe ornem as banquetas
Com prejuízo das duchetas
Raminhos de violetas
Já que em mestrança caretas
Proibem-me as frigidetas
Que poem-me as pernas rijetas
Sem risco de caidetas
Se eu apresso as passadetas
Mas quem sabe afotogmetas
Todos mete em chineletas
E assim tudo acéptas
Com amargas papeletas,
Em tripas republiquetas
Que põem tudo em bolandetas,
Dando só razões infectas
De tuas causas mais retas,
Com que as contrárias rejectas
Porque, oh home, tu convertas
Contrários onde projetas
Cercadura de 11 – Precedem.
E aí vão girandoletas
Pois que sabem-me a gaitetas
E aos outros, quais grinaldetas
Servir-lhe-ão de cerquetas
Seguem.
Não foi das ruins coletas
Testa das mais fresquetas,

Coração que é de brasetas
Sem queimar e esquentadetas
Pra sentir-lhe as agulhetas
Sem ferir, sempre docetas
A tão amada das filhetas
Versos de colmeetas
Surdem abelhas zumbetas,
E não param-lhes aletas
Se, oh mais terna das boquetas
Com o basta! Não encetas
Lembrando sempre gavetas
De tais versos bem repletas
8h 50' Volto a Riancey.

11h 40' Almocei bem. Vou ler *Lettres sur Hippone par Papier*, é leitura melhor depois da comida.

2h Vou sair de carro. As Cartas de Papier são interessantes.

5 ½ Volto de lindo passeio até a ponte de l'Argentière que passa perto do auberge des tremblants, talvez por causa de Robert Macaire. Avistei a capela St. Jean sobre a montanha de Napoule. Fui à Villa d'Ormesson onde vi o Antônio de cama o qual vai bem. Isabel estava com o Filipe de Coburgo e a mulher com quem conversei. Vou mandar à Isabel os versos etas que esqueci.

10h Antes do jantar estudei sânscrito e guarani com o Seibold. Jantei com vontade. Joguei bilhar. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir que julgo será cedo.

12 de abril 1890 (sábado) – 7h Dormi bem.

É a musa das traquinetas

Levanto um pouco as saletas

O resto para logo, vou ler.

Ontem antes de dormir vi Figaro de 10. Li um artigo sobre o “Mahomet” de Bornier. Já o mandei vir.

11h Li as cartas sobre Hippone. São muito interessantes.

1h ½ Estiveram cá os Casertas com os filhos mais moços e o príncipe de Gales com seu ajudante de ordens. Parte hoje, mandei por ele lembranças à mãe e à irmã Vitória.

4h ¾ Acabo de estar com A. Karr que a Isabel não conhecia pessoalmente e estava com ela quando voltei do passeio de carro e a pé do observatório da Califórnia que ficou muito melhor depois dos reparos do incêndio.

Que tempo e vista belíssimos! Vou estudar com o Seibold. O tempo promete agora chuva.

10h ½ Árabe e Restivo com Seibold. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Subi e ouvi ler jornais, conversei com o Estrela e Mota Maia e Aljezur e vou deitar-me e ler. Mas ouço a voz de meus netos e vou despedir-me deles.

10h 40' Despedi-me e vou deitar-me. Com a cabeça fresca de manhã farei melhor versos em etas.

Pois as musas mais fresquetas

Melhor vão às dansaretas

13 de abril 1890 (domingo) – 7 ½ Dormi bem.

9 ½ Estive lendo Ludéli rance d'Emin Pachá e vou vestir-me.

12h 20' Ouvi missa, cortei o cabelo na loja do Ademar, almocei com vontade. Acabo de falar à condessa da Estrela.

2h 10' Li o livro *La délivrance d'Emin Pachá d'après les lettres de Stanley* – 1890. É curioso. Vou sair.

5h 40' Volto de Notre Dame de Vaucluse, lugar pitoresco, a 2 km de Auribeau. Perto da capela há um barranco fundo onde surge uma fonte abundante o Vivier que move moinho de farinha e de azeite. Avista-se o monte Tanneron a 6 km sobre o Briançon, afluente da Siagne e o Argentière que deságua em Napoule a ponte notável de Tannerons e os cimos de

St. Vullier. Há anualmente festas campestres e peregrinações a 15 de março e 8 de 7bro [setembro]. A alguma distância em vasta planície, para o lado de Mouans-Sartoux, tem origem o manancial chamado Fouei que deságua em Cannes. Há fonte com este letreiro em francês – Deus me criou e um homem me aperfeiçoou, 1832. Por causa do nome de Vaucluse mandei buscar Petrarca para amanhã traduzir algum de seus sonetos.

10h 10' Jantei bem com meus filhos e netinhos mais velhos. Joguei bilhar e ouvi os diários franceses mais modernos que nada tem de interessante. Vou deitar-me e ler até dormir.

14 de abril 1890 (2a fa.) – 7 ³/₄ Dormi bem e vou ler. Li La délivrance d'Emin Pachá d'après les lettres de Stanley. São quase 9h e vou vestir-me.

2h 10' Almocei. Li o livro sobre a viagem em busca de Emin. Estive com Berger que me informou da Exposição e prometeu-me o publicado sobre a exposição e enfim venho de conversar com o famoso Stanley interrogando-o sobre a viagem em [ilegível] "Emin Pachá". Tem cara comum porém ar inteligente, deu-me muitas notícias Mackinon quase que não faltou. Vou passear de carro.

3h 50' Pelo Canet. Voltando joguei bilhar com o Aljezur e vou ler. La délivrance d'Emin Pachá.

6h ³/₄ Traduzi árabe e estudei bem guarani com o Seibold. Vou jantar.

10h 20' Comi com apetite. Joguei bilhar e ouvi ler jornais franceses. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir.

15 de abril 1890 (3a fa.) – 6h 50' Dormi bem.

8h 20' Acabei as Lettres sur Hippone par M. A. Papier. Curiosas. Continuei o tomo 2º da Histoire du Monde de Riancey.

8h 55' Vou vestir-me. Dia de chuva.

10h 25' Boa ducha, por causa da chuva vou jogar bilhar.

11h Li Riancey e vou almoçar.

1h Com apetite. Estive com diversos paredes [sic] com quem falei da Normandie e da Bretanha. Acabam de sair Maia Monteiro e a mulher que vão para Paris. Lido Riancey.

2h ¹/₂ Vou dar um pequeno passeio de carro. Está chovendo. [ilegível]. Fui à Croisette e até o passeio de Midi. Joguei bilhar. Homero, Odisséia e Guarani com Seibold. Jantei com apetite. Bilhar. Ouvi ler diários franceses onde se noticia sobretudo uma empresa para exibição de óperas francesas. Tomei chá e vou ainda ler a nova obra de Renan antes de dormir.

16 de abril 1890 (4a fa.) — 7h ¹/₄.

A uma moça

Se Margarida a Fausto abriu a jovem alma

Solução se espalhou do céu até o fundo

Era o anjo da guarda de sua glória bela e calma

Que remontava ao céu com o choro seu profundo

Se Teresa a seu Deus votou-se toda inteira

Um ai de desespero no inferno reboou

Alegria no céu, aqui dor derradeira

A alma desde a terra cadeia despedaçou

Se Branca a seu esposo sagrou-lhe toda a vida

E deu-lhe qual penhor um filho de tal siso

Que santo foi de sua pátria estremeçada

Houve festa no mundo qual no paraíso

Três caminhos se abrem para vós jovem donzela

Três mulheres bem perto estendem-vos a mão

Margarida, Teresa e Branca de Castela

Qual seguirás no caminho sem hesitação?

Um vai até bem alto em senda alcantilada
O outro cheio de flores cobre horrendo vão
Dir-vos-ei minha mãe onde ela era andada
E do vale a segui-la na escuridão.

11 ½ Boa ducha. Passeio de carro pois chovia. Bilhar. Almoço com apetite. Na ducha traduzi Hélios.

E desço da altura serena
Onde o senhor dos deuses queria me reter
Digo-lhe: tenho na planície amena
Amigo, que me espera e não pode volver.
Chama-me para as regiões humanas
Mas brilham pra mim a luz, também a fé
Se aos pés se lhe ligam ainda cadeias tiranas,
Sua alma se estorvos acima de ti é.
Ao monte S. Miguel
Quisera a ver melhor horizontes futuros
Um dia recolher-me à sombra desses muros
E ouvidos cerrando à bulha deste mundo
De Deus ouvir rumor, e as nuvens e o mar profundo
Quisera possuir de lutador ardente
Que vem aqui arrostar o elemento fremente
Firme resolução e o austero seu valor,
E só, coração erguido, findar o seu valor,
Depois sempre subindo e o cimo já galgando
E seu eterno segredo enfim eu lhe arrancando,
Além do céu aonde o arcanjo já me chama
Dos mundos sacudir poeiras e também lama
E para estar com Deus não ter que adormecer
Olhando para o céu, deixando-me morrer

—

Sobre o soco de uma vitória alada
De bronze bom efeito funde-se a coroa
Que a oferece ao mestre triunfante
Seu nome qual sua obra em séculos ressoa
O que Gounod cantou vibra constantemente.
Para um berço
Deixai-o dormir, irmãos
Muito cedo acordará,
Muito cedo os saberá
Do mundo os males não vão
Deixai-o dormir, irmãos
E que a asa da dor
Do coração não eslore os desvãos
As lágrimas não têm mãos,
Deixai-o dormir, irmãos
Deixai-o sonhar, irmãos,
E no sonhar luminoso
Ver além do céu gozoso,

Lembrar outros mundos são
Deixai-o sonhar, irmãos
Pedro e Madelon
Um dia – que tempo bom!
Era à margem de um ribeiro
Disse: bons dias, Madelon!
Pedro! Eu e assim o primeiro
Desde então cada manhã
Voltou em busca da pastora
Mas, um dia, a espera é vã
Foi pra guerra assoladora
Dissemos e longamente
Em uma palavra a história
Amas verdadeiramente,
Pedro, amo-te és minha glória
Um dia ouço em suave tom
Meu nome a sarça zunia
A avezinha de Madelon!
Outra Pedro respondia
Já de tradição se ouve o som
Porém não pode ser crido
Quando ouvirei: Madelon!
Em troca a Pedro querido!
Mas ontem o cura passou
E disse: faz oração
E no céu o som ecoou
De bons dias a Pedro à outra em união
Mina
Oh Mina vi-vos um dia
Fica o resto para amanhã.

11 ½ da noite. Boa ducha onde o presidente Roland procurou para falar-me de Jules Verne que parece estar em Antibes. Passeei de carro porque chovia. Almocei bem. Traduzi versos da Chambrun e li Riancey. Novo passeio de carro até além de S. Cassiano. Tudo encharcado. Estudei com o Seibold Odisséia e guarani. Jantei com apetite. Bilhar. Ouvi jornais franceses. Tomei chá. Tomei estas notas e vou deitar-me.

São 11h 40' Pouco lerei ainda.

17 de abril 1890 (4a fa.) – 6 ½ Dormi bem. Dia feio.

7h 20' Acabei a tradução de Mina.

Oh mina, vi-vos um dia
Talvez mais não vos verei,
E a imagem gravaria
No que mais puro terei
Simple é o que vou traçar
Éreis moça, e pura e venturosa,
Se a guerra veio talar
Sua mão ceifando horrorosa,
O herói que foi vosso amigo

Caiu jovem com tanta glória
Vosso coração levou consigo
Na morte como na vitória
Assentaste-vos junto à borda
Guarda do corpo, que não acorda,
Fiel a um ser tão ditoso
Conservastes na sua flor
A esta tão heróica figura
De vossa alma irmã o honor
De vossa vida austera e pura
Oh Mina, não chore tanto,
Não haveis dúvida conhecido
Nem o tão atroz desencanto
Ou inverno do coração temido.
A coroa de desposada
Transformou-se num véu de dó
Mas a esperança aí está alçada
Em pé da tumba no pó
E ainda sedes, ai de mim!
Bendita entre tantas mulheres
Porquanto o céu, se não fora assim,
Fá-lo-ia Deus pra vossos dois seres
Adeus Mina, não vou pra tão perto
Mas nesta peregrinação
Não reverei, estou bem certo,
Fronte assim pura, ou encanto da feição
8h 10' Vou ler Riancey.
9h Vou vestir-me.

11h Boa ducha. Passeei a pé e de carro para o lado do jardim du Midi. A corcundinha das violetas não apareceu.

Comprei cravos para Isabel.

11 50' Almocei com vontade. 12 ½.

Hoje serão só cravos
Porém não dos que com travos
Livres faze-nos de escravos
Da culpa de nossos avós,
E que tamanhos agravos
Resgatam bem com centavos,
Constituindo-os bravos
Contra os infernos cavos
Fazendo já dos Timavos
Jordões claros ou antes flavos.
Quase não tem aflavos
E se em passeio comprava-os
É para ti que lembrava-os
E em tuas jarras pespegava-os
Pra vê-los quando papava-os
Jantares, que em casa dava-os

A filha, e eu bem saboreava-os
Se com conversa temperava-os
E ela com doçura olhava-os
E assim os beijos adoçava-os.

Tem trovejado. É a primeira vez que o observo na atual estada aqui. Chove tropicalmente.

2h ¼ Li Riancey. O tempo parece levantar. Vou sair.

4h 20' Califórnia, Mecklemburgo, deixando meu nome; Caserta, vi-a e estive com os filhos mais moços; Canet; route de Grace e aqui estou. Bonito passeio. Tempo bom que permitiu andar a pé. Estou com algum sono. Vou estudar com o Seibold.

10h Árabe e guarani. Jantei bem. Joguei bilhar. Jornais franceses. Despediram-se meus 2 netinhos mais velhos e Gaston. Tomei chá. Foi-se embora a Isabel. Vou deitar-me e ler até dormir.

10 ¾ Pois ainda traduzi Apuleu e vou deitar-me.

18 de abril 1890 (6a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Tempo encoberto. Já acabei a Semaine dramatique. Curiosa como sempre.

Resultados do Instituto Pasteur. Aplicação terapêutica bem sucedida do hipnotismo. Telefonia sem corrente elétrica para trajetos curtos. Constância notável da pilha Kousmine excelente para luz elétrica. Registrador de Sabouviat verificando a rapidez de trens da estrada de ferro até 2%. A existência do observatório deve estar a centenas de metros da estrada de ferro.

Morte de Peligot – Aguardo seu elogio. Romance de Feuillet Honneur d'Artiste muito elogiado. Academia de Medicina. Sessão de 15 relatório de Rochard contra o trabalho noturno das mulheres.

8h ¼ Estive lendo o projeto de Constituição para a república do Brasil. Agrada-me a idéia do nº 20 do art. 111. Sempre fui contrário ao sufrágio universal e favorável ao voto de quem mostre saber ler e escrever mormente pelo efeito produzido sobre a instrução primária. Hei de reler o projeto.

10h 35' Boa ducha. Passeei a pé e de carro até além do passeio do Midi.

11h ¼ Li Riancey. Vou almoçar.

4h ¾ Bem. Traduzi Apuleu. Fui passear de carro e a pé tirando por pedido minha fotografia – forte maçada! na Villa Villeite pertencente a John Fergus fotógrafo curioso. Andei pelo Canet, route de Grace, Vallergues, atravessei o Boulevard de la Foncière e aqui estou, quase 5h, indo agora – Isabel está comigo – estudar com o Seibold.

10h ¼ Traduzi sofrivelmente árabe e estudei guarani. Jantei bem. Joguei bilhar. Ouvi diários franceses, tomei chá e vou deitar-me. Ainda lerei.

19 de abril 1890 (sábado) – 5h Dormi bem e eis-me em atividade. Li A Reforma de Porto Alegre de 4 de março com retrato de Koseritz. A retirada de Demétrio riograndense do ministério tem agitado um pouco o Rio Grande.

6h ¾ Reli o projeto da Constituição. Nada vejo sobre os direitos eleitorais. Deixaram a lei eleitoral regular o assunto, como a constituição pode ser reformada conforme o artigo 139. A constituição atual é mais prudente atendendo a indole da raça latina. Enfim o trabalho revela estudo, mas como já disse eu seria republicano, se julgasse o Brasil bastante adiantado para tal forma de governo.

7h ¾ Acabei de percorrer o 1º vol. da tradução alemã das Mil e Uma Noites pelo Dr. Gustavo Weil com desenhos muito mediocres.

10h ¼ Li Riancey.

11h 25' Boa ducha. Andei a pé ao longo da praia e de carro.

Outras flores a corcunda
Sem violeta que as circunda
Com seu corpo todo bunda
Traz-me quase gemebunda
Qual borrasca furibunda

As plantas pelo ar difunda,
Com o olhinho na rotunda
Moedinha, em que ela funda
A alegria, que a inunda
E que aos poucos abunda
Tornando-a mais sitibunda
Dessa querida rotunda
Que mesmo parece-lhe afunda
As corcovas como tunda
Até tornando-a iracunda
A quem se lembra em mofa jucunda
11h 55' Vou almoçar.

2h 10' Soube-me; estive com minha filha e continuei a ler a obra magistral de Quatrefages Histoire générale des races humaines. Vou passear.

5h ¼ Fui a Pegomas avistando no fundo do vale Auribeau e tomando à direita, ladeei a montanha de Taneron e a pé a margem direita da Siagne passei por Mandelieu e vim tomar a estrada que me trouxe de volta. Belíssimo passeio. Vou ao Seibold.

10h 10' Traduzi Odisséia comparando o original com a versão de Mme. Dacier. Podia essa bas-bleue empregar melhor o seu tempo. Pouco tempo tive para o guarani. Comi com apetite. Joguei bilhar, ouvi ler diários franceses e a Revue bleue, tendo tomado chá. Agora vou ler deitado Riancey até dormir.

20 de abril 1890 (domingo) – 5 ½ Dormi bem. Tempo nublado mas penso que levantará.

6h ¾ Li Riancey e para variar vou continuar a tradução de Apuleu.

8h 20' Agora para descansar volto ao Riancey.

8h ¾ Vou vestir-me.

10h 25' Boa ducha e vim para a missa a pé e no fim de carro. Vou ler Riancey até o almoço.

11 ½ Bem. Continuo Riancey.

12 ½ Estive com os Caserta.

Raminho de violetas

Vem hoje mais galhardeta

Com raminho qual violeta

A menina quase ereta

Sem a sua giba deteta

A menina quase ereta

No rosto não há careta

E dissera eu fora peta

Visse-a eu assim de dor pateta

E vai ele formando a seta

De perfume tão rofecta

Que orna a simples saleta

Que amizade não afeta

E tem-na sempre repleta

Do que mais terno acarreta

E ao piano que sons enceta

Siga-se em união perfecta

E céu de gozos completa

Onde não há dor que espleta

E ruim pensar não infecta
Pois que sempre circumspecta
Está a filha dileta
Que na vida me projeta
O que nunca esta rejecta
E com ardor sempre injeta
Do peito em parte secreta
De onde sempre deflecta

5h ¼ Villa d'Ormesson para protestar contra um arranjo sem ser ouvido entre Mota Maia e minha filha que fá-la vir jantar comigo aqui não vendo talvez assim o Antônio que com os outros dois e Gaston vi ao portão do Ruppelmeyer. Fui ao observatório de Vallauris, a cujo primeiro terraço subi – que vista belíssima! E estou de volta passando pelo hotel Metrópolis e chegando aqui pelo lado do hotel.

6h 11' Li Riancey. Minha filha já aí está.

10h ¼ Jantei bem. Joguei bilhar, ouvi ler diários franceses entre os quais a Revue exotique onde vem um artigo de Pierre Loti a respeito da rainha da România Camem Silvia. Tomei chá. Isabel retirou-se e eu vim ler ainda um pouco e dormir.

21 de abril 1890 (6 ¼) – Dormi bem. Vou ler.

8h ¾ Riancey. Recebi carta de Daubrée de 19 e respondi-lhe há pouco. Vou vestir-me.

9h 10' Arreentou o encanamento. Não tenho ducha. Vou passear.

12h Já almocei e com vontade. Antes fui até a Croisette aonde subi à casa dos aduaneiros e colhi flores silvestres para a minha filha depois cheguei a pé até ao passeio do Midi e desde além do farol e nesse jardim andei a pé, enfim voltei de carro para o hotel.

Abriram-se em canos gretas
E foram-se-me as duchetas
E em praias traçando zetas
E na bela das Cruzetas
Apanhando estas floretas
Ofereço-as sem mais tretas
Para as lindas capeletas
Ou chistosas manteletas
De quem as põe mais lindetas,
Beijando-as qual tu encetas
A beijá-la, pois não afetas
Ternas sensações concretas
E o amor que lhe decretas
Não é das coisas secretas,
Mas das felizes, quietas,
Das horas as mais seletas
Em que teu ser coletas
E é assim que bem o completas
Tudo o que é alheio disjectas
E nada de mau projetas
Nas aparições mais letas
Sempre a achando onde a arquitetas
Como os cristãos ascetas
Viam anjos da cor nas setas

E de luz celeste betas
Cercando-a como aureoletas
Anjos de suas aletas
Com as mais doces sinfonetas
E suaves cançonetas
Que acompanham suas dansetas
Tecidas quais grinaldetas
Nas mais airosas gambetas
Bem iguais a vejo corretas
Que desfazem-se em folhetas
Se os apanham rajadetas,
Jogando-os como navetas
No ar a fazer figuretas
E perfumadas chuvetas,
Com que as mais namoradetas
Querem ver-se molhadetas
Creio que basta de etas.

1h 20' Vou ver se acabo o 2º volume do Riancey.

5h 20' Volto do passeio a pé até a Roquette. Já o tinha dado. Mandei cortar o 3º volume do Riancey tendo acabado 2º antes do passeio. Vou ao Seibold. A tarde está belíssima e promete pôr do sol de arrebatador.

10h 40' Árabe e guarani. Deixei Seibold dizendo-lhe que referisse ao príncipe de Mônaco e a Liégeard que me dê um soneto a Beatriz para as festas de Florença o qual fiquei de mandar-lhe traduzido por mim. Jantei bem com a Isabel. Estive com os Mecklemburgo agradando-me a mulher filha do gran-duque de Weimar e com quem conversei a respeito de minha estada nessa cidade literária. Meus filhos foram-se. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir.

11h ¼ Mas acabei de traduzir o soneto de Liégeard e vou deitar-me. Copiarei amanhã a minha tradução.

22 de abril 1890 (terça-feira) – 6h ½ Dormi bem. Copiei o soneto e já o mandei a Liégeard para que o receba talvez antes de partir para Paris. Esqueci-me dizer que estive com Paul Harel que trouxe-me suas poesias. Conversei com ele sobre a literatura francesa atual.

7h ¼ Escrevi a Riancey mandando-lhe o 2º volume de sua história universal com as minhas notas e pedindo-lhe a indicação de publicações que possam interessar-me conforme os meus gostos que ele vai conhecendo.

11h Dei passeio a pé e de carro indo pela rua e depois de carro até o passeio do Midi onde passei voltando de carro. O dia está quente. Comprei flores para a Isabel passando pelo mercado delas.

11 ½ Li Riancey e vou almoçar. 11 Bem.

1h 10' Acabei de ler um artigo da Revista de Portugal de março “A ditadura no Brasil” que me pareceu justo em geral. Vou começar a ler o folheto do Ottoni de 1890 “O advento da República no Brasil”.

5h Volto. Fui de carro à casa do pintor Vauthier na rua Legoff que está fazendo o meu retrato a óleo de mais de meio corpo e penso não ficará *[sic]*. Foi recomendado pelo Rivoire que aí estava assim como um dos que escrevem para a Revue des deux Mondes e com quem conversei sobre literatura e deu-me notícias de G. Sand tendo estado em Nohant. Vou ao Seibold.

11h Odisséia e guarani. Jantei bem com minha filha. Bilhar. Leitura pelo Aljezur de diários de Paris. Rivoire que trouxe-me uma Revue des deux Mondes de 15 de 9bro de 89 com o artigo de Edmond Planchut o escritor da Revista que encontrei em casa do retratista desta manhã. “Les congrés anti-esclavagiste” que lerei amanhã. Continuei o folheto do Ottoni, despedindo-se a Isabel, e tomando eu chá e vou deitar-me e ler até dormir. Acabei “O advento da República no Brasil” folheto escrito pelo Ottoni. Anotei à margem – e adeus até de manhã, que o dia de amanhã deve ter começado.

23 de abril 1890 (4a fa.) – 7h 25' Dormi bem. Já estou lendo.

11h 10' Boa ducha. Violetas da corcundeta, passeio a pé em torno do mercado das flores. Sol intenso. Riancey. Aguardo Isabel.

11 $\frac{3}{4}$ Recebi resposta da condessa Edla de 19.

12 $\frac{1}{2}$ Acabo de almoçar com vontade. Vou ler Riancey. Respondi a carta da condessa Edla de 19. Despedi-me de Isabel e às 2 vou passear. Ainda lerei Riancey.

5h 10' Bom passeio a Napoule. Andei a pé em direção de Theoule. Andei pelas lindas praias e rochedos. Deixou-me bilhete Maurice Rouvier deputado e Ministro das Finanças. Hei de procurar conversar com ele.

Hei de ir a um destes a Biot. Verei se aí nasceu o célebre físico e autor do tratado de astronomia que eu muito estudei. Há de ser excursão interessante pelo que diz o Guia.

10h 20' Estudei com Seibold sânscrito e guarani. Jantei bem. Bilhar. Ouvi ler diários de Paris. Tomei chá e vou deitar-me e ler Mahomet de Bornier. Carta de Liégeard em resposta à minha mandando-lhe a tradução de seu soneto a Beatriz.

24 de abril 1890 (5a fa.) – 6 $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Vou ler.

11h Li o Mahomet de Bornier que pouco se inspirou do que é árabe. Boa ducha. Fui a pé e de carro até o promenade du midi onde passei e acabo de chegar ao hotel e vou almoçar.

12h 10' Bem. Petit Marseillais de 24. Mr. Hiroguelle continuava obeso apesar de todos os regimes. O Dr. Marx com o auxílio do Marx propôs operá-lo para desengordá-lo. Fizeram-lhe duas incisões na barriga tirando-lhe quase 2 kg de gordura. O operado não sofreu tendo sido cloroformizado e ao acordar disse: estou com fome! Estado perfeito e fala de segunda operação para livrar-se da gordura nas regiões laterais do abdômen. Marx crê que Hirondelle *[sic]* ficará definitivamente curado.

1h $\frac{3}{4}$ Acabei o artigo de Edmon Planchut “Le congrès anti-esclavagiste” na Revue des deux Mondes de 15 de novembro. É interessante.

5h 25' Volto. Fui ao retratista Vaudier *[sic]*. Não gosto ainda da expressão do olhar de meu retrato. Estava aí Blondel com quem conversei sobre a Suíça para onde se retira por ser aí deputado. Encarreguei de lembranças para meus conhecidos. Estive no observatório da Califórnia. Elevaram-no. Que bela vista. Tomei café na casa próxima. Foi um belo passeio. Trago objetos do observatório para a Isabel e os netinhos. Vou ao Seibold.

10h $\frac{1}{2}$ Árabe e guarani. Jantei bem com minha filha, Gaston e os meninos os quais se foram à hora do costume quando eu jogava bilhar. Estive com o judeu Mossé, que escreveu a minha biografia e deu-me notícias de trabalhos relativos ao hebreu, e prometendo-me mandar algumas publicações. Tomei chá, Isabel retirou-se e eu vou deitar-me lendo até dormir.

Nos Débats de hoje vejo o anúncio – Arzene Darmesteter – Reliques scientifiques recueilles par son frère. Conheci pessoalmente a ambos e vou mandar buscar o livro.

Academia de Medicina sessão de 22. Dá-se notícia da noz de cola que contém a mesma de cafeína que o café. Heckel combate a opinião de Colin que quer dar a cafeína e não a cola à tropa sob o pretexto de ser aquela uma substância já definida. A cafeína não é elemento essencial da cola mais sim a parte da noz que ele chamou vermelho de cola. Os alemães conhecem as pesquisas de Heckel e tratam do uso dela no exército. Os ensaios feitos na França, segundo as indicações de Heckel, foram favoráveis, mas fizeram-se com a cola inteira e não com a cafeína, e aconselha que se dê ao exército a cola inteira e não a cafeína.

Esquecia dizer que Mossé deu-me cartas de Franck e de Jules Simon sobre a minha biografia escrita por ele.

25 de abril 1890 (6a fa.) – 6h 50' Dormi bem.

9h Li Mahomet. Vou vestir-me.

11h O coronel Lichtenstein officier d'ordonance do presidente veio para cumprimentar-me porém estava ainda despido.

11h 5' Boa ducha. A corcundinha trouxe violetas. Passei a pé até a Promenade du Midi e por ela. Daqui a pouco vou almoçar.

12h $\frac{3}{4}$ Acabei de ler o Mahomet de Bornier. É drama de mérito. Fiz minhas reflexões à margem.

1h $\frac{3}{4}$ Estive com o Penedo que falou-me de suas antigas relações com os ministérios, não adiantando nada ao que eu já sabia.

6h ¼ Volto do Biot. O cura disse-me o nome vem Bi-bis-otto de 16 famílias genovesas que fundaram a povoação. Bem situada num alto à esquerda do riacho Brague. Indo para Antibes toma-se à esquerda por caminho a cuja margem logo no começo constroem-se quartéis. De carro e pé por ladeira íngreme creio que cheguei a umas ruínas de um templo dito da Cabra de ouro, na fábula só me lembro da cabra Amathéa e do velocine.

10h 10' Jantei com vontade, tendo antes sempre traduzido árabe. Bilhar, leitura dos diários franceses do costume, chá e vou ler ainda até dormir.

26 de abril 1890 (sábado) – 5h Dormi bem e já não tenho sono e vou ler. Biot tem o solo ceio de conchas. Foi dos templários até 1247 no 13º século foi dos cavaleiros de Malta. Em 1460 depois de uma invasão de sarracenos que levaram escravos os habitantes repovoada pelos genoveses cujo idioma *[sic]* alterado ainda se observa. Em 1746 foi saqueado pelo exército de Maria Teresa. Nos arrabaldes há abundantes argilas azuis, brancas e amarelas, que servem para o fabrico de enormes jarras. Vi a inscrição romana, mas não pude lê-la por seu mau estado em pedra encrava no muro da num muro da torre de igreja *[sic]*. Acha-se aí peróxido de manganês de que se extrai oxigênio e emprega-se em Vaullaris para dar cor.

Li Riancey. Copiei a minha tradução do soneto de Liégeard para mandá-lo a Mouton que mo pediu e vou agora 9h vestir-me. Tinha recebido pouco antes carta de Quatrefages de 24 a que logo respondi.

5h ½ Boa ducha. Passeio do costume. Almocei bem. Fiz versos. Li Riancey. Volto do passeio até Valbonne aonde já estive com a Mana Chica. Estudei com Seibold hebraico e guarani.

10h 55' Jantei bem. Bilhar. Ouvi ler diários franceses e folhetim no Diário do Comércio de 10 de abril do Rio sobre a palavra itapira que lerei eu mesmo amanhã. Tomei chá. Isabel despediu-se vou ler ainda na cama.

27 de abril 1890 (domingo) – 7h Dormi bem. Mandeí telegrama a Dominique e à condessa pelos anos da Chiquinha.

8h ¼ Escrevi a de Gubernatis mandando o meu soneto e a tradução do de Liégeard para a festa de Beatriz e li no Diário do Comércio do Rio de 10 o folhetim “Itapira” de João Mendes de Almeida que revela estudo do guarani.

8h ½ Recebi cartas de meus netos Pedro e Augusto, de Daubrée sobre candidaturas do Instituto e de Riancey.

11 ¾ Boa ducha. Passeio a pé e de carro até a missa. Escrevi a Daubrée. Vou almoçar.

1h 50' Li *[ilegível]* verbaux sommaires. Exposition Universelle internationale de 1889. Congrès international d'aeronautique tenu à Paris, du 31 Juillet au 3 Août. Interessantes, mas a magna questão da direção ainda não ficou resolvida como espero.

2h Tomei café e vou passear de carro às 2h ¼.

4h Bom passeio de carro e a pé até a Croisette. As nuvens encastelaram-se belissimamente.

10 ¼ Li Luz e calor à Isabel. Jantei bem. A Muritiba tocou um pouco piano. Conversei. Voltei há pouco. Tomei chá e deitado ainda lerei.

28 de abril 1890 (2a fa.) — 7 ¼ Vou ler. Não acabei o folheto relativo ao 2º congresso internacional de antropologia criminal na Exposição universal internacional de 1889. Vou vestir-me.

12h ¾ Boa ducha. Flores da corcundinha. Vim à missa onde encontrei meus filhos. Almocei bem. Acabo de estar com o abbé Monte diretor da Institution Ste. Marie. Trouxe obras de P. D. Bornier. Notions d'etymologie classique grecque, latine et française e “Sênéque Lettres à Lucilius” com edição latina.

4h Acabo de ler o folheto sobre Antropologia criminal da Exposição Universal de Paris. Volto do passeio de carro e a pé regressando pelo lado do hotel Metrôpoles.

10h 20' Traduzi árabe e pouco li de gramática guarani. Jantei em casa de meus filhos por serem anos de meu genro e também a irmã e o filho desta Withold. Depois conversei. Voltei há pouco e tomei chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

29 de abril 1890 (3a fa.) – 6h ¼ Dormi bem. Ontem li Riancey antes de vir o sono. Lindo dia.

8h 55' Estive lendo folhetos da Exposição. Vou vestir-me. Que lindo dia repito eu.

10h Boa ducha. Passeio do costume.

10h da noite. Almocei bem. Continuei a ler folhetos da Exposição Universal. Dei belo passeio a N. Dame de la Garoupe. Que belo tempo. Vi bem todo esse pitoresco sítio. No farol encontrei os bustos do célebre ótico e matemático Fresnel e de outro que tanto se ocupou de faróis. Não subi ao alto da torre. São 103 degraus.

Na volta estive na villa Thuret com o Naudin que prometeu mandar-me uma poesia quando a tiver acabado agradando-me o que li. Traduzi a Odisséia comparando o grego com a versão de Leconte Delisle que não me agrada, escrevendo os meus reparos. Isabel jantou.

Depois comecei a jogar bilhar com o Muritiba mas aparecendo depois o Roland continuei com este que joga muito bem mas a quem venci. Prometeu-me ele mandar vir para mim a melhor obra francesa moderna sobre direito romano e convidou-me a janta na 6a fa. Foi secretário de Dupin-ainé. Cada vez gosto mais dele e hei de aproveitar sua conversa sobre direito romano que conhece bem. Ouvindo ler o Débats de hoje tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir. A altura da torre do farol de Antibes no alto de la Garoupe é de 24m; 103m acima do nível do mar; o raio de iluminação é de 20 milhas.

30 de abril 1890 (4a fa.) – 6h Dormi. O dia parece bom.

7h 55' Li um dos folhetos da exposição universal, vou vestir-me.

Grace 12h ¼ Boa ducha. Passei a pé. Cheguei aqui com quase hora de caminho. Já almocei e com vontade. Falta sol para esta bela vista. Vou ler o último do Commece de Grace de 27; li outros diários.

3h ¾ Volto ao hotel. Vi os Rubens na igreja do hospital, e os Fragonard, cujo busto está no pequeno jardim público, não gosto muito dessas pinturas. Visitei a fábrica do Negre, onde infelizmente nada comi senão um morango de confeitaria. Vou tomar café antes de regressar.

O dia tem estado feio. Como venho passar aqui alguns dias falarei então mais deste lugar de que gosto muito.guardo o carro. No Figaro que li antes de sair fala-se do caso de um homem, que passou só bebendo água 40 dias sem comer. Hei de reler o artigo.

10h Traduzi árabe com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur que voltou de sua excursão a St. Maximim de que nos falou durante o jantar. Tenho estado a ouvir ler jornais franceses. Tomei chá e vou ler deitado até dormir. Em Lisboa houve abalos de tremor de terra antes de ontem.

1 de maio 1890 (5a fa.) – 6h 50' Dormi bem. Que farão hoje os socialistas? 3h ¼ Li um folheto da Exposição. Ducha e vim de carro por causa da chuva jogar bilhar. Almocei bem. Chegou a mãe do Tosta a qual não achei mudada e só com o ventre muito elevado; também veio Mme. Doyen. Li Riancey. Sai de carro até a Croisette. Agora vou falar com Revy.

5 ½ Expôs-me seu projeto de uma estrada tubular com pressão do ar no fundo da Mancha. Fiz todas as objeções que me ocorreram e a todas respondeu. Sugeriu-me o motor elétrico, e ficou de estudar o seu emprego. Interessou-me muitíssimo a conversa, mas ainda pensarei sobre tal projeto.

10h ¼ Traduzi hebraico com o Seibold. Jantei com meus filhos e netinhos, a Marianinha Avelar e Mme. Doyen. Joguei bilhar com o barão de S. Joaquim que voltou com a mulher de Paris. Meu genro e netos retiraram-se. Tomei chá. Minha filha retirou-se. Vou deitar-me e ler até dormir.

2 de maio 1890 (6a fa.) – 6h ¼ Dormi bem. Vou escrever e ler.

12h 55' Almocei bem. Antes tomei ducha e porque chovia vim de carro jogar bilhar no hotel com Aljezur e S. Joaquim.

2h ½ Li Riancey. Vou passear de carro. Dia um pouco chuvoso.

4h ¼ Passei de carro e a pé. Voltei apressado por desarranjo que me fez bem.

10h ¼ Árabe e guarani. Jantei com o presidente Roland que joga bem bilhar ganhando-lhe eu todavia algumas partidas. Trouxe-me a tradução de Lucrécio por Sully Prudhome deu-me também um catálogo de obras de direito romano. Já ouvi ler o Débats, tomei chá e estou com sono. Creio que pouco lerei deitado.

3 de maio 1890 (sábado) – Antes de dormir li o artigo da Revue du Monde Latin – Dom Pedro 2 et son règne por F.A.D. Trindade e Riancey que vou ler.

8h 55' Vou vestir-me.

11h Boa ducha. A corcundinha veio com bonitas flores, mas não violetas. Encontrei a companheira de Melle Mercier. Vai para Lugano, onde esta se acha com a Antônia. Mande-lhe lembranças. Passei a pé até a promenade du Midi e nesta. Vou ler Riancey.

11h 40' Almoçar.

12h 10' Bem. Continuo Riancey.

4h 20' Fui à estação despedir-me dos Tostas e levei as flores de ontem e hoje à Isabel. Depois andei de carro e a pé pela Esterel. O dia esteve bellissimo.

10h 5' Hebraico e guarani com o Seibold. Jantei bem só com Aljezur e Mota Maia. Joguei bilhar, conversei com Revy sobre melhoramentos materiais. Tomei chá e se puder ainda ler depois de começar a ler a tradução interlinear dos Salmos pelo Mossé.

10h 20' da noite. Boa ducha. Missa. Li a vida de Cristo por Bonghi. Gostei fui passear pela Califórnia, subindo ao observatório. Ai encontrei a amiga da Mercier que vai a Lugano onde estão minha sobrinha Antônia e a Mercier, ainda vim ao hotel e fui depois jantar com a Isabel. Li-lhe antes Luz e Calor. Jantaram também os S. Joaquim e Marianinha Avelar. Agora lerei ainda Bonghi, deitar-me-ei e lerei Riancey até dormir.

5 de maio 1890 (2a fa.) – 7h Dormi bem. Bom dia. Vou ler Riancey.

9h Vou vestir-me.

10h 5' da noite. Ducha. Passeio do costume a pé e de carro.

Às 2h fui de carro a Juan-les-Pins atravessando o pinheiral até à praia por onde fui a pé e de carro à extremidade do cabo de Antibes. Traduzi árabe e li pouco de gramática guarani com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o S. Joaquim. Ouvi ler diários franceses, tomei chá e vou deitar-me e ler o que o sono permita.

Junto um retalho de diário com um acróstico interessante dos nome dos 13 candidatos ao lugar da Academia francesa dos quais nenhum teve maioria de votos nos 7 escrutínios, sendo 39 os acadêmicos presentes.

6 de maio 1890 (3a fa.) – 5h $\frac{1}{4}$ Não tenho sono, mas dormi bem. Bom dia.

9h Li no Morning Post de 3 o artigo que pensei fosse mais interessante “Mr. Stanley at St. James Hall. His narrative of his journey and adventures”. Vou vestir-me.

4h 5' Boa ducha. Passeio do costume. Almocei bem. Li Riancey. Escrevi a Daubrée. Saí com minha filha indo ao jardim de Nabonand (Nabo-nan) e filhos que têm rosas admiráveis, tamareiras, de que chupei uma fruta e outras plantas curiosas. Deu-me o catálogo que examinarei. Continuo Riancey até a hora do Seibold.

4h 20' Estive com Veridiano Machado que foi professor no Liceu Literário português no Rio e a quem pedi informações do estado do Liceu e pedi que desse lembranças ao Mearim que está agora em Portugal.

10h 10' Traduzi hebraico e pouco estudei guarani. Jantei bem com a Isabel. Joguei bilhar com o S. Joaquim. Ouvi ler diários franceses. Tomei chá e vou ler deitado o que puder, pois tenho sono.

7 de maio 1890 (4a fa.) – 5h Não tenho sono. Dormi bem. Vou ler. Dia encoberto.

10h 5' Acabo de tomar ducha. Soube-me bem. O dia está de mormaço muito desagradável.

11h 5' De volta. Passeio do costume. Acabei de ler o 3º volume do Riancey.

1h Almocei bem com os do costume e Avelar. Terminei o artigo de La lecture de 25 de abril “La fauteuil d'Emile Augier”. Vou começar o 4º vol. de Riancey.

1h $\frac{3}{4}$ Daqui a pouco Ellen-Rock. Acompanha-me Marianinha Avelar.

10h $\frac{1}{4}$ O tempo não era bom mas assim mesmo vi sofrivelmente o pitoresco Ellen-Rock. Traduzi hebraico e estudei muito pouco guarani. Jantei com vontade e em companhia de Marianinha. Joguei bilhar com o S. Joaquim. Ouvi ler diários mas com muito sono. Acabo de tomar chá, e lerei deitado até se puder até dormir.

8 de maio 1890 (5a fa.) – 7h Dormi bem. Belo dia. Li o Riancey.

10h 55' Boa ducha. Passeio do costume e já tenho o meu ramo.

11h 40' Riancey. Vou almoçar.

12h ¼ Bem. Despedi-me de Marianinha Avelar que vai para Paris.

2h Isabel já chegou. Vou tomar café e sair com ela.

5h Volto de Antibes, dei a volta do porto e vi as rosas do irmão do Nabonand. Gozei quanto pude da vista. Não estive no forte nem mostrei à Isabel a sepultura de Championner por falta de licença do comandante que mora na povoação à rua Vaubin, e por ser tarde não busquei obter. Vou estudar com o Seibold.

10h 10' Árabe. Boa lição. Jantei bem com meus filhos e netinhos. Bilhar com Roland. Foram-se os netinhos. Rivoire e Vauthier que mostrou-me desenhos de Boulanger dos quais alguns me agradaram muito. Roland ficou de mandar-me obras de que falamos, sobretudo um dicionário de antropologia. Tomei chá e vou deitar-me lendo Riancey até dormir.

9 de maio 1890 (6a fa.) – 7h 20' Dormi bem. Vou ler.

1h 15' Li Riancey. Boa ducha. Comprei flores para a Isabel. Passeei a pé e depois fui de carro visitar o Chartres com quem conversei sobre a viagem do filho em companhia de Bonvalos. Parte daqui a pouco para Paris. Pedi-lhe tudo o que se publicasse relativamente a essa viagem. Vou ler Riancey.

12h 10' Almocei com apetite.

4h Fui visitar a Czartorisky. Mandou vir o romance em polaco, de que me falou. A mulher não gostou de que a dama se assentasse ao pé dela conversando animadamente comigo. Estiveram cá o príncipe de Mônaco e a mulher judia de raça e católica de religião, da família Heine de Paris. Amável, porém não bonita, como parecia lembrá-la tê-la visto em Baden-Baden. Agora não há mais reunião de literatos em casa do príncipe. Já me convidei para elas.

Minha filha e Gaston já se retiram e torno a Riancey. Li o que se refere a mim desde pg. 42 das Recollections by George W. Childs, que tanto me obsequiou em Filadélfia.

10h Traduzi Odisséia e estudei guarani com o Seibold. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Estive com o Revy que pediu-me audiência para amanhã. Já tomei chá e talvez apesar do sono possa ainda ler deitado.

10 de maio 1890 (sábado) – 6h ¾ Dormi bem. Dia enevoado. Vou ler Riancey a quem mando o 3º volume.

9h Li bastante. Vou vestir-me.

11h 25' Boa ducha. Passeio a pé e de carro do costume. Li no Report of the British Association de 1869 publicado em 1870 pg. 206 a "Discription of a proposed Cast iron tube for carrying of a railway across the Channal between the Coasts of England and France by John Frederic Bateman, and Julian John Revy". É muito interessante.

12h ¼ Almocei bem. Li o que deu-me Revy, uma nota escrita por ele, onde diz que nestes últimos 20 anos o melhor aço maleável é produzido pelo preço do fundo que esta questão foi ultimamente examinada de acordo com o finado Whitworth.

4h ¾ Volto do passeio de carro e a pé pelo Canet e caminho de Grace, ao boulevard de la Foncière. Antes estive com Revy com quem conversei sobre o projeto tubular e dei carta recomendando-o a de Lesseps. Vou estudar com o Seibold.

10h Árabe e pouco de guarani. Jantei com apetite. Joguei bilhar. Tomei chá e não sei se o sono me deixará ler alguma cousa. Recebi carta de Daubrée de ontem.

11 de maio 1890 (domingo) – 6h ¾ Dormi bem.

10h 35' Boa ducha e vim a pé pela praia e rua até a igreja, onde ouvi missa, regressando a pé ao hotel. Vou ler a vida de Cristo por Bonghi.

12h 25' Almocei bem. Depois tive discussão renhida com Aljezur sobre questões religiosas pois que firma minha crença somente em dogmas declarados, conforme o quer a nossa religião – por maioria em concílio o qual fundara sua decisão na tradição constante da igreja, o que não se deu relativamente à imaculada conceição de Maria, que poderá aliás ser objeto de respeitável piedade que eu sempre venerarei.

2h 10' Li Bonghi. Vou sair.

3h ½ Croisette, bonito rolo. Promenade du Midi. Deserto tudo por causa do vento. Café no Ruppelmeyer onde só havia um homem comendo. Vou ao Bonghi.

5h 35' Está escurecendo.

10h 40' Minha [filha] jantou aqui. Depois joguei bilhar com Aljezur que leu-me diários franceses antes de tomar chá. Agora ainda lerei deitado até vir o sono.

12 de maio 1890 (2a fa.) – 7h Dormi. Mau tempo escuro. No Reveil de la Provence de ontem li o artigo “Notes sur les Judaïmes de François de Montplaisant” contra a influência dos judeus. Não promete. Li somente agora o artigo do periódico Lanceta do Estado de Pernambuco intitulado “A Recusa” elogiando o meu ato de recusa do dinheiro que me quis adiantar o governo provisório.

1h 40' Boa ducha. Comprei ramo. Passeio do costume. Continuei a ler a pastoral dos bispos do Brasil anotando-a. Vou agora almoçar.

1h ½ Com apetite. Acabei de ler a pastoral dos Bispos do Brasil nos jornais do Comércio do Rio de 5 a 7 de abril e seu suplemento. Pus-lhe notas que talvez sirvam para uma resposta, mesmo para que saiba que eu sempre fui católico profundamente convencido, mas sustentador dos direitos do Estado, não negando aliás os da Igreja; mesmo de acordo com as opiniões dos canonistas mais conceituados. Não há direito contra direito, e só este se mantém pelo respeito recíproco.

2h ¼ O alfaiate provou sobrecasaca e casaca já começadas. Vou sair.

4h Fui à casa da Isabel. Estava com o Gaston no Stanislas. Lá estive. Vi-os assim como meus netinhos Pedro e Luís; o Antônio estava na classe. Vim jogar bilhar com o Aljezur e agora Seibold. O dia tem estado feio e chuvoso.

10h 10' Árabe e pouco guarani. Jantei com vontade. Bilhar com Aljezur. Chá. Tenho tido sono e creio que pouco lerei. Hei de ver se não durmo já por não ficar a noite longa demais.

13 de maio (3a fa.) – 7h ¾ Pois só acordei há pouco. Dormi bem e vou ao Riancey.

9h ¼ Vou vestir-me.

2h Boa ducha. Passeio do costume. Fui quase até o farol. Que belo estava o mar revolto. Almocei bem com minha filha. Ainda li Riancey. Volto da estação assistindo à partida que demorou-se pelo atraso do trem do Alberto Nioac, mulher e filhinha muito galante. Mande lembranças a todos em Paris e disse ao Alberto que eu tenho notado a falta de cartas do pai. Vou tomar café e passear de carro.

3h Riancey e só agora chegou este.

11h da noite. Fui pelo caminho de Napoule até à ponte do Siagne vê-lo transbordado. Estudei com o Seibold. Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Aljezur. Subi. Ouvi-o ler jornais e tendo chegado minha filha ofereci-lhe um papel com a data de 13 de maio que é a da lei da Emancipação dos últimos escravos de 1888.

Assinei e os que me acompanham, escrevendo Seibold a saudação a este dia nas línguas que estudo com ele. Acompanharam o papel lindos ramos de flores, meu e dos companheiros. Minha filha retirou-se. Tomei chá. Estive vendo o livro de Walon sobre S. Luís com estampas que hei de dar amanhã ao meu neto Luís com estes versos escritos por mim na primeira página.

Alva qual flor de liz

E a mãe, que tanto lhe quis

Conserve a alma feliz

Em dizer sempre o bem fiz

14 de maio de 1890 Cannes

Seu avô

Pedro

Vou deitar-me e ler só para dormir.

14 de maio 1890 (4a fa.) – 6h Noite de trovoadas que ainda dura, mas dormi bem. Já estou vestido e estou lendo perto da janela por estar o quarto ainda um pouco escuro. Vou ao Riancey.

6h ¾ Vou sair. Troveja e chove.

9h $\frac{3}{4}$ Muito me agradou a comunhão dos discípulos do colégio Stanislas. Encontrei lá mme. Amelot que disse só ter vindo para esta cerimônia. Creio que volta amanhã para Paris. Muito lhe agradeço a fineza. Vou ler ainda Riancey antes de voltar ao Stanislas para o crisma. Para lá vou.

10h 25' O bispo de Nice que crismou uma prática e houve depois missa rezada. Antes de ir para o hotel, o bispo apresentou-me seus cumprimentos. É do Vivarais. Li Riancey. Ao meio-dia almocei bem. Saí por caminho já conhecido de carro andando também a pé. Árabe com o Seibold a quem [sic] o 4º volume para as citações. Fui jantar com a Isabel levando o livro ao Luís. Tinham convidado Mme. Amelot. Depois do jantar conversei, despedi da Amelot que retira-se amanhã de manhã para Paris mandando por ela lembranças ao marido. Joguei bilhar no hotel com Aljezur, tomei chá; recebi carta e li de Daubrée de ontem. Vou deitar-me e ler se não vier o sono.

15 de maio 1890 (5a fa.) – 7h Dormi bem. Bom tempo. Vou ler Riancey e responder a Daubrée. Já o fiz e escrevi também à condessa de quem não tenho notícias há dias; a Chiquinha estava doente e isto me preocupa.

9h Vou vestir-me.

12h 20' Boa ducha com a leitura do costume. Passeio a pé e de carro até a missa. Leitura do artigo dos Débats de 14 "Academie des Sciences". Daubrée: experiências explicando as deformações do globo, nunca tendo podido pela pressão fendas semelhantes aos canais observados em Marte, que apareciam com as dilatações. Operou-se com água comprimida, em balões de borracha e esferas metálicas com 6 atmosferas, deformando-se e tomando formas geométricas características. Trook apresenta em nome de M. G. Geisenheimer novos compostos pela ação do pentoclorureto e do biclorureto de fosfato e hidrato de trióxido de iridium a 300° em tubo selado.

Monchez [sic] fotografias da lua no observatório de Paris feitas pelo Hervey superiores às americanas são do desenvolvimento de 30 km por cent. Maurício Levy analisa o trabalho do engenheiro Decoeur para utilizar a força das marés. Na costa do Havre a Tancarville cada hectare daria 1200 cavalos-vapor e na de 25 km com 7000 hectares, ter-se-iam 30.000 cavalos-vapor. Já se construiu como ensaio uma pequena bacia mas as despesas com o terreno e a construção foram consideráveis.

Saporta apresenta nota pela qual parece que as madeiras de lei que conservam as folhas mais tempo são as que reverdecem mais cedo na primavera, ao menos na Provença. Mr. Duclaux analisa trabalhos de Winogradsky sobre o fermento nitrificador. Schlosing e Munta tinham evidenciado um micróbio de nitrificação. Winogradski isolou-o e cultivou-o. Só prospera em meio provido da matéria orgânica. Só carece de azoto sob forma de sal amoniacal e de carbono em carbonatos. Rouba o hidrogênio e o oxigênio à água. É uma mucédinea pálida e incolor, sem clorofila decompondo ao abrigo da luz compostos químicos para fabricar seus tecidos e desenvolver-se. O descobrimento é importantíssimo para a fisiologia e contrário às noções atuais, mas parece certo.

"Salon du Champs de Mars" Le rocher de Mônaco por Friant Portrait de Georges Hugo: creio que é o neto de Victor Hugo, meu conhecido de menino da casa do avô e já homem a última vez que estive em Paris: por Duez "A Mônaco" por Jean Béraud.

"En tout 1409... Avouons que c'est un peu trop... Ce que nous... ce n'est pas un contre-salon. A trop s'inquisiter de la quantité ils ne pourraient que compromettre ... le succès de leurs expositions. Ce qu'ils nous montrent ... est très intéressant et très bien présenté. L'effet en eût été plus grand, si le choix eût été plus sévère".

2h 31' Estive conversando com Roland que ficou de pedir ao geólogo Daux informações a respeito do dolmen de Draguignan. Vou mandar ao Daubrée e sair a passeio.

5h 20' Pegomas, Taneron, onde andei a pé à margem do Siagne de cuja inundação ainda se descobrem vestígios, passeio por Mandelieu e aqui chego. Vou ao Seibold. Tempo bellissimo.

10h Árabe e pouco de guarani. Meus filhos e netinhos jantaram comigo. Joguei bilhar com o Aljezur. Meu genro e netinhos retiraram-se entretanto. Subi e deitado no canapé ouvi ler, porém mal. Isabel despediu-se. Tomei chá e vou deitar-me depois de ler um pouco a vida de Jesus de Bonghi, deitar-me e pouco ler Riancey até dormir. Já estou com bastante sono.

16 de maio 1890 (6a fa.) – 7h Dormi bem. Belo dia.

9h Li Journal des Savants do mês passado. 11h 10' Boa ducha. Passeio do costume. Manuscrito miniado(?) que Roland deu-me para ver. Na 2ª página escudo de armas, em que leio ladeando a imagem da Virgem – Ave Maria Gratia plena – defronte – torre com labaredas. Inferiormente lado esquerdo por baixo da virgem escudo branco com o leiteiro à roda – Cujus agareno et hae arma ab ipse accepi in campo aureo servavi – Defronte vermelho com espada atravessada de fita azul franjada de ouro. Tudo encimado de coroa de ouro e sobre troféus de guerra de povos dos antigos continentes. Na 1ª com a mesa coroa e pintura de nenhum interesse – Despacho de título de Castela concedido por el S. Rey D. Filipe V (que Dios guarde) En Atención a la Calidad y méritos del Señor D. Antonio Joachin Guerra de el consejo de Su Mag^d y su Ministro de Capa y Espada en el Real de Hacienda etc y la cédula que declara la Relevación de Lanzas y Médiannata asi para el dicho S. Don Antonio como para todos sus heredados perpetuamente –à esquerda em baixo – S. Fernando faciet año 1729.

Delicada pintura da Virgem rodeada de anjinhos, adorando-a St. Antonio com o menino Jesus nos braços talvez cópia de quadro de Murilo – Pintura da Virgem com manto, cetro e o menino Jesus coroado e de pequena cruz na mão esquerda. Não me agrada. Em baixo de tudo – Milagrosa imagem de N. S. de la Gracia que se venera en el Rl Convento de los Trinitários descalços de la Ciudad de Granada – Pintura mediocre de S. José com o ramo de lírios sobre a mesa tendo os instrumentos de carpintaria e o menino Jesus uma cruz pequena de pau nas mãos. Pintura de menino no ar de espada na esquerda, e cetro na direita sob coroa vermelha e saindo de debaixo das cortinas vermelhas do trono onde estão o retrato do rei de listão azul, cabeleira cota de armas e manto vermelho à esquerda de quem olha e da rainha à direita com cabelos e tranças empoadas, vestida de azul com o tosão de ouro entre eles. Inferiormente medalhão de infante de cabeleira empoada traje de corte vermelho e listas azul lado de anjos e de águia à direita e leão à esquerda. Página de cercadura pinta e carranca ladeada de bustos nus de mulher com remate de cauda de serpente saindo da boca daquela, medalhão de armas da Espanha e esta inscrição

P

Da direita para a esquerda

Filipus V. D. G. Hispaniarum rex – Página seguinte de cercada pintada igual e paisagem terrestre de grisaille incluindo a inicial P. O mesmo e paisagem de marinha com a letra Y – O mesmo e paisagem de grisalha e Y inicial sendo uma árvore pintada a ouro sem folhas – O mesmo. Assinaturas autógrafas sob estas palavras – Dada en Sevilla a veinte de Mayo de mil setecientos y veinte y nueve.

Yo el Rey

As mais não me parecem só com este exame interessantes.

Em baixo

Título do marquês de Guerra a D. Antônio Joachin Guerra para su Persona y subcesores en su Casa. Tomose raçon en las Contadorias generales de Valores y distribucion de la Real Hacienda. Madrid y Junio dos de mil setecientos y veinte y nueve – Assinaturas que não parecem curiosas. O mesmo já escrito P da direita para esquerda etc. El Rey por quanto en atencion a los buenos servicios etc – P dentro de grisalha com edificios, árvores sem folhas e 4 figuras – Paisagem variada contendo uma palmeira de tinta imitando ouro e sendo o Y inicial – Cercadura da folha sempre a mesma – Dada em Sevilla a veinte de Mayo de mil setecientos e veinte nueve.

Yo etc e mesmo que já escrevi.

Por m^{do} del Rey nso Señor Marcos Montbio.

V. M. se ha servido hazer merced de Titulo de Castilla con la demonstracion de Marques Guerra a Don Antonio Joachin Guerra libertandole del derecho de Mediannata y Lanzas perpetuamente como aqui se expressa. Assinatura sem importância à direita e à esquerda de Sin Deêos – Será sin derechos? Não me parece.

2h 35' Almocei com vontade. Estive conversando com o Penedo. Vou tomar café e Clausonne e saindo ao boulevard de la Foncière que atravessei, seguindo para o hotel. Traduzi Odisséia comparando o original com a versão de Leconte Delisle, e estudei um pouco de guarani com o Seibold. Jantei em companhia de Isabel. Joguei bilhar com o Aljezur a quem ouvi ler o Débats, mandando apontar a nova obra de Anatole Leroy Beaulieu para mandar vir. Tomei chá e vou ver se ainda leio o Journal des Savants.

17 de maio 1890 (sábado) – 7h Dormi bem. Belo dia. Vou ao Riancey. Li também para ver se o acabava o último Journal des Savants que vou anotando.

9h Vou vestir-me.

1h $\frac{1}{4}$ Boa ducha. Passeio do costume. Li Journal des Savants e fiz versos em ete para mandar à Isabel com o ramalhete comprado. Almocei com vontade e estive conversando sobre Mato Grosso com o bispo desta diocese o qual vai a Roma. Prometeu-me informações impressas e manuscritos sobre essa província, que já visitou. Pedi-lhe que desse lembranças minhas ao Papa e a meus conhecidos.

1h $\frac{3}{4}$ Quase que dou por acabada a versalhada para acompanhar o ramo.

Vai oh lindo ramalhete

Da filha pras estenderete

Rescendendo qual pivete

A lembrar-lhe do Catete

Belas flores quais massete

Da saudade quando vê-te

Longe da pátria, a que dê-te

De pensar nela alegrete

Dize: fui o teu valete

No que imprime qual sinete,

Ou punge mais que alfinete

Coração, pois mal encete

Qualquer trabalho, o acomete

Com choro, que o não derrete

E a têmpera antes mete

Em frágua, e mais o arremete

Mui pior sendo que os sete

Pecados, que o mau comete

Sem lhe servir lembrete

Que o diabo no inferno o espete

A assá-lo em ígneo retrete,

Dos mais diabinhos joguete,

Mas a hora já aquiete,

A musa tão diabrete

Que tempo é do sorvete

De ar passeando em calechete

4h 20' Volto do passeio. Grand-Pin de que fala Juliette Lambert levanta-se ancião esquecido pelo tempo, e é notável pela grossura, mas perdeu mais da metade da copa. Daí à chapada do Pezou há metros de distância. Do lado de Cannes pinheiros em terreno inculto, de Vallauris vinhas e árvores frutíferas.

O Pezou é a montanha mais alta da circunvizinhança, 266 m. Goza-se daí de vista admirável do lado da Esterel e dos Alpes. Sobre a parte mais alta do Pezou observam-se ruínas de acampamento céltico do tempo da invasão romana e construído sem dúvida por habitantes fugitivos das circunvizinhanças. A chapada é cercada por muralha de pedras esparsas que serviram decerto para casas. Acharam-se já aí restos de telhas romanas, tijolos e vasos de argila. Volta-se pelo Gran-Pin como fiz, ou pela Capela de Sto. Antão. Também se volta por Vallauris para alcançar, pouco abaixo o boulevard de Oxford. O guia, como sempre faz, fala dos insetos e das plantas e conchas com os nomes científicos.

Vou ao Seibold. 10h Árabe e pouco guarani. Jantei com vontade. Joguei bilhar. Pouco ouvi ler. Tenho muito sono e creio que deitando-me breve estarei dormindo.

18 de maio 1890 (domingo) – 5h Não tenho sono. Dormi bem. Bom dia. Vou acabar o Journal des Savants.

6h ½ Interessante sobretudo o artigo de Berthelot – Registres inedites de Lavoisier. Vou ao Riancey.

7h 40' Para variar lerei o Bonghi, pois é o livro que reservei para os domingos.

8h 50' Vou vestir-me.

10h ½ Boa ducha e vim para a missa, de que volto.

11h 35' Bonghi. Vou almoçar.

12h 5' Soube-me. Bonghi.

2h ¼ Os Czartorisky vieram despedir-se. Acompanhou o Gaston. Vou passear de carro. Veio antes o alfaiate tomar medida de casaca.

4h 5' Fui ao observatório da Califórnia. Que vista belíssima, mas mormaceira a valer. Andei também a pé. Volto ao Bonghi. 5 Vou jantar com minha filha.

9h 40' Jantei com apetite, depois de leitura de Luz e Calor a minha filha. Li folhas de Barcelona falando de Bonghi Mamô e dos obséquios a ela pelos Saldanhas. Meus netinhos estão bons. Vou tomar chá. Ler Bonghi e Riancey depois de deitar-me.

19 de maio 1890 (2a fa.) – 7h 5' Dormi bem. Tempo encoberto. Vou ler Riancey.

11h 25' Boa ducha mas por causa do mau tempo vim para o hotel jogar bilhar e agora com o Riancey espero o almoço.

2h ¼ Soube-me. Tenho continuado Riancey. ½ Passeio.

5h Fui à Croisette e voltei do caminho de Pegomas. Dia feio, mas em chuva [*sic*]. Vou ao Seibold, e enquanto não vem continuo Riancey.

11h 20' Árabe, pouco guarani. Jantei bem em companhia da Isabel. Assisti à festa dos filhos do Mota Maia em honra da mãe que faz hoje anos. Junto o programa. Agradou-me muito. Minha filha foi-se embora. Tomei chá e depois de escrever uma nota que pediu-me o Estrela, de informações para o relatório do Buisson presidente da Classe 6a., instrução primária, da exposição de Paris sobre as escolas que estabeleci por minha conta, vou deitar-me, que são 11h e talvez ler ainda Riancey.

20 de maio 1890 (3a fa.) – 7h 10' Dormi bem. Vou ler. No 1º de janeiro do Porto o princípio da correspondência do Rio descrevendo a procissão cívica em memória do Tiradentes justificado a 15 de abril de 1790 – Revue de la Provence de 11 – “Notes sur le Judaïsme”. 1º artigo assinado François de Montplaisant. Não parece dever ser muito interessante. Vou escrever ao Estrela mandando-lhe uma informação sobre as minhas escolas que pediu-lhe Mr. Buisson relator do júri da classe VI da Exposição Universal de Paris – Instrução primária. Primeiro artigo no Jornal do Comércio do Rio de J. J. de Andrade Pinto – A Constituição – sobre a nova organização republicana do Brasil. Não prometeu ser grande cousa. Jornal de Minas de 9 de abril. Artigo – “Dr. Cesário Alvim” – ao partir para o Rio – É moderado. Não sei porque mandaram-me o periódico tendo a palavra – Cannes escrita à pena – Riancey.

9h 10' Vou vestir-me. 20' Para a ducha.

11h 35' Boa. Passeio do costume. Comprei ramallete que mandarei à Isabel. Escrevi a Perrotin que ia a Nice visitar o observatório no sábado ao meio-dia.

12h ¼ Almocei com vontade. Volto a Riancey.

2h ½ Li La Bible et l'Astronomie por Thomas Burton. Há de servir-me para completar o tratado de astronomia que escrevi para minhas filhas e servirá aos netinhos, aproveitando minhas leituras posteriores.

4h 20' Passeio de carro pela rua de Antibes e voltando a pé também por defronte ao hotel Métropole. Dia encoberto. Vou às cartas que acompanham a obra de Burton.

6h 50' Hebraico e pouco guarani. Jantar.

10h 5' Bem. Bilhar. Estive [*sic*] um livro interessante com estampas relativo à Exposição, tendo ouvido ler na Revista de Portugal artigo de Oliveira Martins – Os filhos de D. João 1º, de que já lera alguns na Tijuca. Vou continuar La Bible et l'Astronomie “Extraites de quelques lettres”.

11h 40' É preciso descansar embora muito me interesse a leitura das cartas que me fazem desejar conhecer as obras de que falam e também quero julgar. Vou deitar que é preciso.

21 de maio 1890 (4a fa.) – 6h 20' Dormi. Belo dia. Vou ler. Cada vez gosto mais do livro de Burnton, cujas cartas apreciando-o muito me interessam. Vou vestir-me para a ducha. São 9h.

11h 10' Boa ducha encontrando aí o Roland. O Aljezur passou pela casa do Mouton para saber da missa de 7º dia do pai a que desejo que assista. Passeio a pé e de carro do costume. Vou continuar La Bible et l'Astronomie.

11h 55' Almoço.

12h 35' Com apetite. Escrevi a de Lesseps pedindo-lhe que o Congresso dos Americanistas seja em 8bro [outubro] que eu pretendo estar em Paris e que me envie informações sobre todos os seus projetos realizados e não realizados.

2h 7' Tive larga conversa com os meus filhos a respeito dos negócios do Brasil de uma carta do Estrela e de meu neto Pedro. Eu como sempre aprovei o bom pensar de Gaston, e disse-lhe que aconselhasse o Pedro. Eu sempre pronto, como sabem, a servir minha Pátria, e a sacrificar-me por ela, nunca serei manivela de tripotages; expressão que empreguei. Antes continuei a ler a obra de Burnton. Tomei café e vou sair.

6h 50' Fui de carro por Juan les Pins e a pé até a ponta extrema de Antibes, colhendo aí umas flores verdes para a Isabel. Traduzi árabe e vou jantar.

22 de maio 1890 (5a fa.) – Quase 1h da madrugada. Terminei leitura do livro La Bible et l'Astronomie de Burnton que muito me interessou. Jantei com o Matias de Carvalho que veio de Roma para ver-me. Joguei bilhar com ele depois do jantar. Muito conversamos tendo ele ficado até depois de eu tomar chá. É tempo de deitar-me.

7h ½ Dormi bem. Bom dia. Vou ler Riancey.

9h Vestir.

11h Boa ducha. Passeio do costume. Comprei ramo para a Isabel a quem logo entregarei as flores esverdeadas da ponta do cabo de Antibes. ¼ Li em Le Littoral de ontem artigo muito curioso “La Conquête du Pole” a respeito da projetada viagem do capitão Nanssen veterano dos mares árticos. Pensado haver corrente submarina da Sibéria para o Groenland, pretende navegar para o Norte o mais possível do arquipélago da Nova-Sibéria e preso pelo gelo deixar-se levar por meio de rompimento das banquises à região não atingida.

Restos da Jeannette achados em gelo flutuante ao Sul do Groenland e vindo da foz do Lena. Sugeriram essa derrota. Vai um navio de madeira muito sólido de forma de folha de faca, e 170 ton. Com equipagem de 12 homens e víveres para 5 anos. Mandei buscar o que se tenha publicado de viagens polares depois da de Greely que eu li na Tijuca.

1h Almocei bem. Depois veio Matias de Carvalho para almoçar comigo. Estive lhe lendo há pouco versos meus. Vou ler Riancey, mas antes li carta do Travassos Valdez de Madri de 19 a Aljezur dizendo-lhe que ainda não terminou os 2º e 3º volumes da África Ocidental dedicada a D. Luís e que está concluindo o “Teatro Trágico Valdez” composto de 53 peças inéditas em 5 atos, e em verso, o qual dedicou a D. Carlos I, e que já eu conheço por aceitar em 1865-66 três no Rio-Janeiro – “Romeu” – “As amigas rivais” e “Demétrio Griska”. Espera ver-me em Paris.

Débats de ontem Académie des Sciences – 1ª fase du 19 Séances des Mémoires de Paleontologie de Gaudry – já mando assinar. Contém um trabalho dele sobre o driopiteco macaco inferior ao gorila inferior ao chimpanzé inferior ao homem. De Seurre sobre os amonetos da parte superior da cré, estudo de Dépéret sobre os fosseis de Marselha. Bouchard análise da nota do Dr. Alcide Treille d'Argel sobre os caracteres clínicos das verdadeiras febres da quinina, invariáveis em seus efeitos. Ocupa-se da época de sua administração adiantando a cada semana um dia, das doses e seus intervalos. A medicação dura 2 meses. Há 12 anos que não observa febres intermitentes aluviônicas rebeldes. Proscreeve formalmente purgantes e vomitórios. As intermitentes e perniciosas conferem imunidade aos atacados e a intermitente aluviônica parece que não.

2h Artigo de Chantevoine que muito me agradou sobre a última publicação de Legouvé que mando vir. Muito conheci e estimei Bersot e a Legouvé que mando vir. Muito conheci e estimei Bersot e a Legouvé bem pudera aplicar Boissier, como diz o artigo. Quid voveat culcinutriculamapis alumno?

4h 40' Volta do passeio de carro e na descida a pé até Mandelieu e boulevard Jeanne d'Arc. Vou ao Seibold.

6h ¾ Odisséia. Pouco guarani. Vou jantar.

10h 40' Jantei com meus filhos netinhos e Matias de Carvalho. Joguei bilhar. Assisti à sessão de “Magie élégante par le célèbre Prestidigitateur M. le Professeur A. Cherry de Vienne”. Gostei. Empalma admiravelmente bem. Meus netinhos

divertiram-se a valer. Ainda joguei bilhar com o Matias. Tomei chá. Minha filha despediu-se tendo se retirado o resto da família. Dei meu abraço de despedida ao Matias com lembranças à mulher deste e a meu afilhado e irmãos e agora lerei ainda na cama Riancey. A Isabel que também vai comigo na digressão de sábado avisou à Mana Januária de que lá almoçaríamos.

23 de maio 1890 (6a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Vou ler Riancey.

9h Vou vestir-me.

11h ¼ Boa ducha. Comprei ramo para Isabel. Já quase não há vendedoras. Dei o passeio do costume e voltei às carreiras por causa de temendo destempero de ventre, que foi tudo raso. Estou bem e Riancey até o almoço.

5h Saí de carro até a Villa Marie Valentine de Mr. Arnould recomendado de Roland. Ele e sobretudo a mulher são muito agradáveis. Tem coleção de pedras lascadas e trabalhadas muito curiosa, objetos interessantes ao mesmos estudos e livros curiosos, sobretudo um com estampas sobre a Irlanda. Emprestou-me leituras curiosas. Ainda voltarei lá. Vou ao Seibold.

10h Árabe e pouco guarani. Jantei bem com meus filhos e a princesa Alexandrina que se retirou cedo por causa do trem da estrada de ferro. Joguei bilhar com Aljezur a quem ouvi depois ler jornais franceses, mas pouco ouvi por causa do sono. Tomei chá e vou ler até dormir.

24 de maio 1890 (sábado) – 6h 25' Dormi bem, mas as mãos estão bastante presas. Belo dia. No Littoral de ontem leio Mr. Perrotet “des Pins transmet les renseignements souvants sur l'éclipse du soleil et le temps probable de Juin: – L'éclipse annulaire de soleil dont la conjonction des centres aura lieu de 29 prairial à 4h 21' 53” décimales an 98 (17 Juin à 10h 7' du matin 1890 temps moyen de Paris) quoique étant que partielle en France”.

O que se acham na linha central, da Senegâmbia, Saara, Tripolitânia, Turquia da Ásia, Pérsia e China verão o sol à roda do disco da lua como anel de 49” 60 de largura. Em França o aspecto do céu será o de um crescente no espaço. O eclipse se efetuará na constelação de Touro. 5h 43' de ascensão reta. Em Marselha durará 2h 44' de 8h 20' até 11h 4' da manhã e ocupará em Marselha, 59 do diâmetro solar. Provavelmente o céu não será favorável, pois o mês de junho manifestará abaixamento de temperatura com céu enevoadado, às vezes de chuva. De 18 a 26 sujeito a borrascas, ao mistral na bacia do Ródano. Vou começar “L'Homme” Origine de l'homme par le Docteur Zimmermann que me emprestou ontem, Mr. Arnould.

Mas carta de 22 e vou responder-lhe. 8h Respondida. Recebi carta de Gorceix de 26 de abril. Responderei logo. Continuei a ler “L'Homme”. Vou vestir-me tenho de ir mais cedo à ducha.

9h ½ Boa e vim a pé para a estação onde passei, já estando no vagão para partir às 9h 40'.

6h De volta. Almoço em casa de Januária que está de cama, porém com quem conversei comendo comigo o filho mais velho. Fui ao observatório e conversei com Perrotin sobre astronomia. A cúpula é movida pelo eletromagnetismo. Encontrei lá Gautier do observatório de Paris que limpava a objetiva do grande telescópio, mas no instrumento de passagens observei Vênus, que ainda estava quase plena. Mme. Perrotin deu-me café. Proximamente ainda falarei deste observatório depois de examinar suas recentes publicações. Depois fomos à Villa Fabron despedimo-nos da Alexandrina Coburgo que se retira para lá.

10h 5' Acabei de estudar árabe e pouco de guarani com o Seibold. Antes jantei bem. Joguei bilhar e recebi os médicos brasileiros Carlos Boto, Jorge Strech, filho do engenheiro deste nome empregado em medição de terras e estrada de ferro, e Aurélio Soares de Araújo que quando estudava Mota Maia chamava Bichat creio que por ser bom estudante de anatomia. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

25 de maio 1890 (domingo) – 6h 40' Dormi bem. Belo dia. Vou ler “L'Home” de Zimmermann. Vou vestir-me para a ducha. São 8h 50'.

10h ½ Boa. Chego da missa aonde fui a pé e para chegar a horas de carro. De lá volto a pé. Vou ao Bonghi depois de acabar o 2º folheto do Zimmermann.

12h ¼ Almocei bem. Ainda não vou ao Bonghi.

2h ¼ Estive conversando com o Abbé Daulpé du Pensionat de St. Maurice à Cannes sobre lembranças de Jeanne d'Arc à St. Remy pois ele é da Lorena e indicou-me o sermão do Père Lejeune como muito original.

4h Depois de tomar café fui passear de carro e a pé descendo pela Califórnia saindo Villa Mernier, à Route de Antibes. Vou agora ao Bonghi.

10h 20' Li Luz e Calor à Isabel. Jantei. Depois conversei e vi uma espécie de Illustration, e depois de chegar a casa ainda joguei bilhar com o Aljezur. Tomei chá e depois de ler Bonghi, vou ler Riancey e dormir. Já tenho arranjada a leitura para Grace.

26 de maio 1890 (2a fa.) – 7h 5' O dia parece chuvoso. Dormi bem. Vou ler Riancey.

9h 5' Recebi carta de Liégeard de Paris de 24. Respondi-lhe e disse quais as palavras de minha tradução que faltam na que fiz de seu soneto a Beatriz. Também o Nioac de 23 a que hei de responder. Vou vestir-me.

12h ½ Tomei ducha. Fui a pé até a venda das flores. Já se retiraram quase todas as vendedoras. Comprei à minha conhecida dois ramos que dei à Isabel e à San Joaquim. Deste lugar entrando no carro da Isabel segui para Grace aonde chego. Comi pouco do que se trouxe para os netinhos que vieram com o Gaston noutra, vindo mais pessoas num terceiro. O dia está encoberto.

5h 40' Almocei bem. Gozei da vista, e fui ao Bar, onde entrei na igreja, que nada tem de notável e ao pé subindo uma escada, junto ao corpo da Igreja vi a dança macabra mal pintada e só curiosa pelas figuras. Um homem que, da vez passada já me acolheu, e pertence à sociedade arqueológica de Cannes prometeu-me as publicações da sociedade, e sobretudo a que respeita à dança macabra de que trago 3 fotografias. Depois fui até a ponte do Loup. Desci a pé até a margem do rio torrencioso. Todo o vale é muito pitoresco. Depois de sair de Grace antes de Bar avistei à esquerda sobre a montanha as ruínas de Goudron.

Para divertir-me fiz estes versos de calembourgs a esta região

Mugia em que bela avance e acanhe

Cara abunda é certo na pula

Dum bilhar brilha sem tropeço e anha

E junto ao tão cruel tempo de Nero,

O Ítalo desliza, embora queixe-se

10h ¼ Estive com o Pinho Alto-Mearim e Vecker célebre oculista e médico Vidal ex-cirurgião da marinha de guerra francesa que muito viajou. Muito conversamos sobre oculística e medicina operatória. Ouvi a Vidal, e o foi pela primeira vez que a sífilis veio da bestialidade dos quíchuas do Peru com as fêmeas dos lhamas. Ouvi que se curava o estrabismo sem deixar o menor sinal nos olhos e os tumores do cérebro por meio da trepanação. A conversa foi longa mas os assuntos dela não são dos que mais me ocupam; minha memória não pode referir todos. Vou ler ainda e dormir.

27 de maio 1890 (3a fa.) – 7h 5' Dormi bem. Bom dia. Vou escrever à condessa e à Mana Chica. Li no Débats de antes de ontem um artigo curioso. “Le sixième centenaire de l’Université de Montpellier que se diz em latim Montepessulapas. No liber rectorum dispõe-se quando ao vestuário – justa morem antiquum – Proibição a qualquer membro da corporação de tripudiare chorisare extra domum suam etc. Os estudantes parece que não obedeceram aos preceitos do cardeal Bertrand pois em 1341 escreve-lhes ameaçando-os com excomunhão se durante o carnaval continuarem a perturbar os professores per ablationem librarum et trebarum sonos et alias diversas insolentias.

A escola de medicina manteve seu renome. O frade Cesário d’Heiterbach chama-a fins artis physicae. Os Papas de Avinhão e os reis de França até Henrique 4º não queriam outros médicos. Estabeleceu-se rivalidade entre as universidades de Paris e Montpellier e médicos notáveis injuriavam-se reciprocamente, mas agora estimam-se, e as festas em que a Sorbone tomará grande parte provarão essa fraternidade cordial e fecunda. Escrevi carta ao Nicolau por pedido de meu genro e conforme rascunho dele a que nada tive opor pois que em nada poderá ofender o melindre de amigo velho. Vou continuar L’Homme.

11h ¼ A ducha foi muito boa. Fui à casa de Malivan e vi os Fragonard com meus filhos e netinhos. Estive nas duas igrejas sobrepostas. Nada aí achei de notável. Antes estive com meus filhos e netinhos na igreja do hospital aonde já tinha ido e vi os quadros de Rubens, de Natoire, e de Gaet de que me agrada bastante o juízo-final, embora sombreado demais. Vou continuar “L’Homme”.

12h 40' Almocei bem depois de despedir do Pinho. Tive de deixei os mais almoçando [sic] e agora vou ler "L'Homme".
1h 5' Sair.

6h ¼ Volto. Fui a Gourdon. Belissimo passeio pelo aspecto das montanhas xistosas onde fui notando as camadas de linhas variadas a meus netinhos mais velhos. Não vi as apregoadas ruínas romanas, mas o castelo de que transcrevo uma inscrição. Pertence a um Villeneuve de Bargemond, cujo retrato, que é de homem moço, vi na sala. Um do mesmo nome escreveu a obra intitulada "Economie politique chrétienne" que muito me interessou há cerca de 40 anos.

Fui à igreja que nada tem de notável e é pequena, também os fregueses são 150. O vigário chama-se Garagnaire nome do maire de Cannes seu parente, quando se erigiu a estátua de Brougham, e pedi-lhe que visse se me obtinha o exemplar da obra de Bargemont que tivesse pertencido à biblioteca do autor. Na ida e na volta passei à vista do acampamento militar sobre uma chapada. Disseram-me que não tinha água e encontrei muitos soldados a cavalo dando de beber aos animais longe do acampamento. Talvez ainda me lembra escrever mais sobre o passeio. Vou ler "L'Homme". 10h Jantei bem. Nada fiz depois que mereça menção. Tenho muito sono e creio que pouco lerei de "L'Homme" antes de dormir. Vou deitar-me – mas antes escreverei a inscrição do castelo de Gourdon.

[desenho]

Auspice Deo

Ludovicus Lombardus Dñs de Gordono Regis Conslarius scalcus

Et Grassenis Prosenecalus

Hoc Castellum vetustate ac

Civilibus bellis colapsum

A fundamentis erexit

Anno MDCX

28 de maio 1890 (4a fa.) – 6h 5' Dormi bem. Neblina forte e chuva. Vou a "L'Homme".

9h 25' Vou vestir-me. Não tomei ducha por causa do tempo. 40' Vou para a missa.

10h ¾ Ouvia-a na igreja do hospital pela minha Santa. Como ainda não tinha chegado Gaston com os meus netinhos pois foram passear estive a examinar os quadros. A luz era fraca e ainda não pude bem julgar da pintura do juízo final. Vou continuar "L'Homme".

11h ½ Almoçar.

12h ¾ Bem. Acabo de estar no salão comum do hotel. Vi de passagem os livros que aí havia e tomei nota de um para mandar vir. Volto a "L'Homme".

4h Volto do passeio de carro pela estrada de Draguignan até avistar ponte de estrada de ferro sobre duas pilastras de ferro. A Isabel tomou os nomes das povoações que vimos mais ou menos longe. Vou tomar café e seguir de carro para Cannes.

10h Vim lendo "L'Homme" e de vez em quando olhando para a paisagem minha conhecida e falando com a Isabel que me acompanhou. Traduzi árabe e vi um pouco de guarani com o Seibold. Jantei com vontade. Joguei bilhar. Foi-se Gastão com os pequenos e há pouco a Isabel. Tomei chá e vou ler o que possa de "L'Homme". Estou com bastante sono.

29 de maio 1890 (5a fa.) – 6h Dormi bem. Vou ler "L'Homme".

9h 10' Vestir. Dia belo. Veio o Aljezur dizer que não há água para a ducha.

11h Contudo saí a pé fui até as flores onde comprei à freguesa ramo para a Isabel e cheguei até o passeio do "Midi" que atravessei para tomar o carro. Vou continuar "L'Homme".

12h Almocei com apetite. Conversa renhida sobre questões religiosas com o Aljezur a quem disse que mandasse a vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires por Fr. Luís de Sousa para dá-la ao Mota Maia afim de lê-la e fazê-la ler aos filhos. Recebi carta da condessa de antes de ontem, datada de Londres de casa de Ms. Maude. Já lhe respondi e vou mandá-la.

2h Tomei medida de roupa. A Isabel passou antes por aqui. Vem jantar e 10' Vou sair.

4h 40' S. Cassiano a que subi e onde me aprazi olhando para as árvores todas cheia de via [sic]. Falei ao leigo que lia um jornal francês de 25 de 10bro [outubro]. Prometi-lhe modernos quando lá voltasse e segui curta distância. De volta e vou ao Seibold.

10h Hebraico. Livro do Mossé a quem mandarei a tradução em melhor francês. Continuei a de Isaías. Jantei com vontade com a Isabel. Joguei bilhar. Ela retirou-se. Ouvi ler o Débats de hoje com a semana científica, e notícia dos trabalhos do congresso das sociedades científicas, da França. Tomei chá e lerei o que o sono permitir.

30 de maio 1890 (6a fa.) – 6h Quase. Dormi bem. Belo dia. Vou ler “L’Homme”.

9h Vestir e ir à ducha, pois já corre a água no encanamento.

11h $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Passeio do costume e comprei ramo. Li “L’Homme” e vou almoçar.

12h $\frac{1}{4}$ Bem. Continuo a leitura.

2h A Isabel e Gaston passaram por aqui. Continuei “L’Homme” e vou sair de carro.

5h 35' – Croix des Gardes voltando pelo boulevard du Chemin de fer. Encontrei no caminho a Isabel que passou de seu carro para o meu. Vinha com livros meus recebidos do Rio. Já os vi e faltam muitos de meus estudos. Vou ao Seibold.

10h Árabe. Jantei com apetite. Joguei bilhar. Ouvi ler o Débats, mas já estou com sono. Tomei chá e lerei deitado até dormir.

31 de maio 1890 (sábado) – 5h $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Vou ler “L’Homme”. Li no Figaro de 28 um artigo “La Guillotine et l’électricité”. Pouco me agradou, também sou contrário à pena capital, e ocupava-me ultimamente de ler tudo o que podia sobre o assunto e dei ao visconde de Ouro Preto as informações que pude coligir para o relatório da proposta da lei da abolição dessa pena que aliás não se executava no Brasil havia mais de 20 anos, porque o poder moderador sempre a comutava. Hei de lembrar ao Ouro Preto este assunto.

Torno à outra leitura. Vou ver se ponho em verso a tradução da oração do ritual hebraico que me enviou Mossé. Quase 9h. São horas de vestir.

11h 10' Boa ducha. Passeio do costume e compra de ramallete à mesma. Acabei de traduzir a poesia hebraica do livro de ritual que comprei ao Mossé.

Litteral

Bouclier. À la rosée

Élevé depuis la jeunesse de lui vers Diei dirigea le coeur de lui
Les paroles de Lui comme la rosée coulent sur la vie dure de lui
Dans les rosées de la grace de Lui tu seras béni dans le coeur de Lui
Bouclier celui-là pour tous les confiants en Lui
Je célébrerai Dieu le suprême le racines de Lui étendant
Les bénédiction de sa sageux pour les prudents réservant
Avec les rosées de miséricorde vers eux il se dirige
Ils vivifient le bled et ils poussent comme la vigne
Jeune à Dieu l’élève haussera son coeur
Les mots de Lui sont rosée des maux au pleur
Les rosées de la Grace Divine repondues
Sont un bouclier à ceux qui y fixent leurs vues
Je chanterai Dieu, ses longs bras étendant
Les dons de la sagesse aux prudents réservant
Avec rosées de pitié Il s’avance
Tels le bled nous poussons, et la vigne s’élance
12h Almocei bem e vou a “L’Homme”.

2h 5' Não li muito porque conversei com o Penedo que veio sondar-me quando meus sentimentos de desinteresse e desejo de servir todos os modos à pátria são bem conhecidos não desejando para viver descansado o resto de meus dias

voltar ao posto que ocupei sobretudo por meio de conspiração seja de que natureza for.

Ia falar também a meu genro e a minha filha. 20' Tomei café e vou à fábrica de vidro.

5h Volto. Assisti a todo o fabrico e trouxe três dos bichinhos de vidro para os netinhos. Segui pelo caminho de Pegomas e de Grasse e Cannet. O dono da fábrica ficou de mandar-me informações relativas ao fabrico.

9h $\frac{3}{4}$ Hebraico. Jantei bem com minha filha. Joguei bilhar com Aljezur e o Roland que já recebeu de Paris o livro dos cem sonetos. Tenho para traduzir. A Isabel retirou-se e vou agora tomar chá e ler "L'Homme" até quanto permitir o sono.

1 de junho 1890 (domingo) – 6h Dormi bem. Vou ler "L'Homme".

9h Recebi carta do Pedro de 30 de Paris assim como da Chica da mesma data de Chantilly.

10h 35' Boa ducha e vim a pé e de carro para a missa de onde volto. Vou ler "L'Homme" e Bonghi.

11h 40' Fica este para depois do almoço.

12h 10' Bem. Li "L'Homme". São 2h 40' Vou sair.

3h 40' Croisette – Praia voltando pela rua de Antibes. Chovia pouco. Vou a "L'Homme".

5h 10' Para a casa da Isabel.

6h 40' Acabei a leitura de Luz e Calor e vou jantar.

9h 40' Jantei bem. Conversei e vi Illustration com a representação dos melhores quadros do Salon e estou de volta com sono. 11h 20' Li "L'Homme". Vou deitar-me e talvez ainda ler o mesmo até dormir.

2 de junho 1890 (2a fa.) – 7h Dormi bem. Belo dia. Vou ler "L'Homme".

9h 5' Vestir-me.

11h Boa ducha. Passeio do costume. Comprei meu ramallete à vendedora costumada. Na volta de carro passou Isabel de encontrei de carro [*sic*] para o meu e ficamos de encontrar-nos na minha saída das duas em casa do Numa Blanc. Volto a "L'Homme".

4h $\frac{3}{4}$ Fui ao Numa Blanc com a Isabel e fotografamo-nos depois passei de carro e a pé por caminho já conhecido e gozando a vista do mar. Jantei bem. Joguei bilhar. Ouvi ler diários franceses e agora depois de adiantar a leitura de "L'Homme" continuarei a lê-lo na cama até dormir. 11 $\frac{1}{4}$ Vou deitar-me.

3 de junho 1890 (3a fa.) – 6h 5' Dormi bem. Vou ler "L'Homme".

9h 5' Vestir para a ducha.

12h $\frac{1}{4}$ Continuei a ler "L'Homme" pois desejo acabá-lo e fazer encadernar o livro antes de voltar à casa de quem mo deu para ler. Acabo de almoçar com apetite. Ducha, ramo e passeio, tudo como de costume. Ainda "L'Homme".

Estive antes do almoço com o padre Berouielet professor de grego do colégio Stanislas. Ficou de dizer ao padre lazarista que veio com o padre Germain d'Annecy que eu desejo falar-lhe. Conversei com o sobredito professor sobre os estudos latinos e gregos e prometi-lhe a Arte guarani de Montoya, pedindo-lhe que examinasse a minha opinião sobre a filiação asiática do guarani, conversando eu ainda com ele, depois de seu estudo, sobre o assunto.

2h 10' Tenho adiantado muito "L'Homme" e vou sair, a 2h $\frac{1}{2}$ depois de tomar café.

5h 5' Fui além de Juan les Pins. Cheguei a pé até o máximo de um promontóriozinho de pedras muito pitoresco. Voltei depois de carro pelos pinheiros e praia. Vou agora ao Seibold.

9h $\frac{1}{2}$ Odisséia comparando-a com as traduções de Leconte Delisle e Odorico. Jantei bem com minha filha. Bilhar. E daqui a pouco chá. Vou ler.

11h 20' Continuarei a ler deitado "L'Homme" e tratarei de dormir.

4 de junho 1890 (4a fa.) – 4h $\frac{1}{2}$ Não tenho mais sono. Dormi bem e vou a "L'Homme". O dia parece bom para o passeio do Mont Vinaigre.

6h $\frac{3}{4}$ Volto. Em caminho li no dia L'autorité de 3 o artigo "Séance annuelle de la Société de l'encouragement au bien". Liégeard recitou versos que traduzirei. Gostei muito do passeio. No regresso terminei "L'Homme" e mando encadernar os folhetos.

O Primeiro de Janeiro de Lisboa de 2. Pequeno artigo sobre a morte de Castelo Branco. 3 telegramas – Fimalicção 1º 6h 19' da tarde. Camilo Castelo Branco disparou um tiro na cabeça às 2 da tarde. Chegou há pouco de Seide um criado a procurar um médico. Consta-me não ser muito grave o estado do eminente escritor.

Amanhã darei notícia circunstanciada.

Famalicção 1 às 6h 40' dat.

Morreu Camilo C. Branco

Famalicção 1 às 6h 9' dat.

(Telegrama particular)

Num momento de alucinação disparou um tiro de revólver na cabeça o mestre de nossa língua Camilo Castelo Branco.

10h Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur.

Às 8 ½ estudei árabe com o Seibold. Tomei chá e vou ler na cama Riancey.

5 de junho 1890 (5a fa.) – 6h Dormi bem. Vou ler Riancey.

9h Carta de Revy datada de 1º do corrente de Croydon. Viu de Lesseps a quem entregou minha carta. Escreve – “I am nos trying to organise a Comettee of promolors [*sic*] and of founders for the submarine Railway enterprise to be composed of men well know by the public for their capacity and high standing. If the Panama enterprise had not turned out such a disaster no mand could have commanded public attention and confidance more fully than M. Lesseps”.

11h 20' Ducha muito boa com este calor. Passeio do costume. Comprei ramo à mesma mulher. Escrevi a Villeneuve. 44 Rue de l'Industrie Bruxelles. Vou ao Riancey até o almoço.

11h 40' Almoçar e mando o ramo à Isabel.

12 ½ Almocei com apetite. Escrevi a Gillaume e a Nioac a respeito de meu busto que aquele entregará a Pasteur para seu Instituto e este para o pagamento. Vou ler Riancey.

1h 50' Escrevi ao Sinimbu e ao Ladário a quem devo tanta gratidão por seu procedimento a meu respeito ou antes relativamente ao imperador do Brasil.

Li no Débats de 4 um artigo pequeno sobre a morte de Castelo Branco.

10h 5' Antes de sair estudei hebraico com o Seibold. Dei um passeio de carro e a pé muito pitoresco num vale de rochedos de diversas formas, que me lembrou em ponto pequeno os *canõns* e rochas de formas tão originais no caminho da Califórnia. Abre-se, indo à esquerda para o caminho de l'Estereel. Chama-se Mouien-Vieillon – Morro Velho. É um dos passeios o que mais me tem agradado. Jantei com apetite em companhia da Isabel, Gaston e netinhos, retirando-se estes antes daquela a quem li depois de jogar bilhar com o Aljezur os artigos do Primeiro de Janeiro e do Comércio do Porto sobre Camilo Castelo Branco.

Isabel despediu-se e subi para tomar chá e vou agora ainda ler Riancey depois de me deitar, até dormir.

6 de junho 1890 (6a fa.) – 5h 50' Dormi bem. Belo dia. Vou ao Riancey. Não peguei no Débats de 4.

Sessão da Academia das Ciências de 2. O Príncipe de Mônaco assiste. Berthelot equação falsa de que derivam a soda cáustica insistindo na redução dos alcalinos pelo hidrogênio e o carvão. Dentro de 8 dias inaugura-se em Saint-Denis a estátua de Nicolau Blanc inventor da soda. Bonchard comunica que os produtos de um micróbio injetados tornam os humores microbicidas. O efeito não se produz a princípio quando há o maximum dos produtos, aumenta com eliminação pela urina, e persiste muito tempo depois de eliminação completa. Os micróbios patogênicos segregam substância que na circulação impossibilita a diapodese (a saída) dos glóbulos brancos. Apresenta nota de Gamela e Chardin sobre a ação dos produtos microbianos na inflamação. Determina-se inflamação nas orelhas do coelho com óleo de croton e só pára no injetado. Os glóbulos não saem e o mal é detido desde o começo. Troost analisa trabalho de Joly sobre o peso atômico do iridium que é 193. Blanchard apresenta uma obra de Victor Fatio sobre os peixes dos grandes lagos da Europa. Peixes que se julgavam das mesmas espécies o são de diferentes embora vizinhas. Para explicar sua existência simultânea é preciso supor que essas massas comunicaram-se antigamente, as ovas foram transportadas pegadas às asas de pássaros mergulhadores, mas no caso atual é verosímil que a maior parte desses lagos comunicavam entre si por cursos de água gigantescos.

Mascart apresenta nota de Renou sobre a pressão média de maio. O inverno passado foi notável por altas pressões e por compensação deviam esperar baixas. A pressão média de maio foi de 753mm de pressão não observada desde 1856. É preciso inteiramente anormal resultante da passagem persistente de ciclones por nossas latitudes chegando à Europa pela América. Carta de de Braghlie sobre a publicação de fragmentos das memórias de Tayllerand no Times de 29 e reproduzidas no Figaro de 30 de maio.

Souvenirs de Mr. de Maugny relativos aos fins de 2º império. Vou mandar buscar. “Princesses et grandes Dames par Arnède Barine – id (en litterature). Seu nome verdadeiro é Mme. Vincens. Artigo bem escrito e com muito espírito como todos de Chantavoine. Respondi a carta de 4 da Ristori. Vou vestir-me.

11 ¼ Como de costume. Faz muito calor. 28º cent. ao sol. Quase 76 Fahr. à sombra. Li Riancey. Vou almoçar.

1h ¼ Bem. Fiz este soneto para mandar a de Gubernatis no aniversário da morte de Beatriz.

Ao paraíso entrarei, que sonhara

Teu altissimo poeta, que dirias

Quando a pensar no dele só vivias

Onde pra todo o sempre te cantara

Sua voz mesmo lá te ressoara

Por entre as mais divinas melodias

E da eternidade serão dias

Gozos que por tua causa nos doara

E já não ouves na sublime altura

Os ais dos desgraçados, que apiadaste,

E atravessando da penitência agrura

O deslumbrar de Deus logo encaraste

Tentando ver com celestial ventura

Quem amando tanto sem igual tanto adoraste

6h Riancey. Seibold. Odisséia e comparação dos Lusíadas com a tradução alemã. Passeio de carro e a pé pelo caminho da montanha até Vallauris. Tempo muito quente e abafado. Torno a Riancey.

10h Tomei chá. Depois do jantar em que tomou parte Roland e joguei com este bilhar. Recebi telegrama de Tomás Ribeiro dizendo “Les désirs de Votre Majesté sont remplis (pêsames à família Castelo Branco) et j’aurais l’honneur d’envoyer immédiatement et successivement tout il qu’on publié à l’égard Camilo”.

Ouvi ler jornais referentes a este. Agora lerei Riancey até vir sono, indo deitar-me.

7 de junho 1890 (sábado) – 6h ¼ Dormi bem. Vou ler Riancey.

9h 5’ Li bastante. Vou vestir-me.

11h 5’ Boa ducha. Encontrei Gaston e os netinhos que tinham ido ao banho com os rapazes dos Stanislas, falando também eu do diretor. Passeio do costume, tempo muito quente.

1h 10’ Almocei bem e já mandei a de Gubernatis o soneto à morte de Beatriz que foi a 9 de junho não se sabe de que ano, havendo nascido em 1266 no dia que foi agora festejado. Continuo Riancey.

2h Vou ao Seibold. 6 ¼ Árabe e comparação da tradução dos Lusíadas em alemão com o original. Fui despedir-me de Naudin. Vi a família menos a nora que está de cama de parto. Mostrou-me publicações e prometeu-me a poesia dele que acrescentou, depois de impressa. Ainda falarei desta visita.

Minha filha está aí e vou jantar.

10h 20’ Bem. Bilhar. Isabel retirou-se. Subi. Ouvi ler jornais sobretudo a respeito do Castelo Branco. Tomei chá. Ainda ouvi ler um pouco jornais do Rio. Vou deitar-me, e ainda ler Riancey. Tenho lido assentado. Achei Naudin melhor, e sempre ativo de espírito. Vi um livro curioso com estampas representando lugares do interior da África e tipos africanos. Agradou-me muito essa visita.

8 de junho 1890 (domingo) – 6h 40’ Dormi bem. Vou a Riancey.

9h Acabei o 5º volume. Vou vestir-me.

10h 50' Boa ducha. Venho da missa que durou mais pois houve exposição do sacramento. Vou ao Bonghi.

11h 25' Estão aí os Caserta.

12h ½ Almocei bem. Volto ao Bonghi.

2h ¼ Gazetas de Notícias do Rio de 10 de maio. Discurso de Ramis Galvão com Inspetor da instrução pública na manifestação pública dos alunos de instrução primária ao governo. “Se a derdes (a educação) sem as excitações do passado”. Chama Manuel Deodoro Washington brasileiro e apela em favor da instrução para a sua grande alma. Contudo apesar de dizer que a monarquia é regime condenado pela sociologia acrescenta sem faltar ao respeito que devíamos todos a um ancião profundamente honesto, justo e notoriamente venerado.

4h 40' De carro e a pé por caminho que ainda não conhecia e fui até a Croisette. Muito quente. De lá volto a Bonghi.

5h Para jantar com a Isabel.

10h Já tomei chá. Li à Isabel Luz e Calor. Jantei com apetite. Conversei. No Comércio de Portugal acaba de ler-me Aljezur pequeno artigo sobre Castelo Branco. Não é importante. Ainda lerei Bonghi e perto de 11 deitar-me-ei para ler até dormir, talvez o último Journal des Savants.

9 de junho 1890 (2a fa.) – 5 ½ Dormi bem. Bom dia. Vou ler Journal des Savants.

9h 5' Vou vestir-me.

11h Boa ducha. Comprei flores. Por causa do sol fui de carro, depois de andar a pé pela rua até o passeio habitual onde passei e de carro cheguei ao hotel. Vou acabar Journal des Savants.

12h 5' Almocei bem.

1h Acabei de ler o Journal des Savants.

3h ½ Árabe e comparação dos Lusíadas com a tradução alemã. Isabel passou por aqui para mostrar-me retratos fotográficos de todos nós e vou sair de carro.

6h ¼ Volto. Fui a Theoule. Meu caminho para carro de Napoule por diante. Fui a pé até perto do fim do caminho de rochedos de onde de balaustrada creio que de pedra goza-se de vista esplêndida de mar, praias de pedras e de areia e de montanhas de formas pitorescas. Tomei o trem da estrada de ferro e gozando de bela paisagem quase sempre por perto do mar estava em 14 minutos na estação daqui, onde tomei carro de chapéu de sol que nos trouxe: eu, Aljezur e Mota Maia ao hotel. Vou a Riancey até o jantar.

10h 5' Bilhar. Ouvi ler jornais que nada tinham de interessante. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir, que penso será breve.

10 de junho 1890 (3a fa.) – 4h Não tenho sono. Dormi bem. O dia parece bom. Vou ler Riancey.

7h Vou ler deitado para descansar [*sic*] a Revue des deux Mondes – artigo sobre a pronúncia grega.

9h Ainda não o acabei. É muito interessante. É tempo infelizmente de deixá-lo para vestir-me.

11h Boa ducha e passeio do costume. Faz muito calor. Recebi carta de Daubrée de 8. Sempre interessante. Anuncia-me a publicação nos dois próximos nºs do Journal des Savants de um trabalho sobre “La génération des minéraux métalliques”. Acrescenta “on a peine à comprendre que la rôle générateur du soleil et de chaque planète ait été considéré par des praticiens comme une notion indispensable que l’emploi de la boussole dans l’explorations des filons”.

Continuo o artigo. 12 ¼ Almocei com apetite. Vou continuar o artigo.

1h Teminei-o e li o Diário do Comércio do Rio de 13 de maio com os retratos da Isabel, à direita desta o Patrocínio e à esquerda o de Nabuco. Soneto do Múcio – Isabel a redentora onde leio

Teu velho Pai no exílio agonizante

Sol de que foste a estrela na alvorada

Seguindo a triste Filha desterrada

Lembra um fantasma solitário errante

Ainda bem que se lê – Soneto de 1888 – modificado depois do desterro da Augusta Senhora. Traz um artigo “Suicídio” noticiando o do pobre Raposo da minha biblioteca. Em um dos seus bolsos foi encontrada uma carta dirigida ao coronel Jardim na qual dizia que motivos particulares o levavam à prática do suicídio.

2h Respondi à carta do Daubrée de 8.

6h Antes de sair estudei hebraico e comparei *Lusiadas* com a tradução. Volto. Passei carro e a pé pelas alturas da Croix-des-Gardes. O tempo estava quente, mas bonito, e a bela vista nunca se goza demais. Vou a Riancey.

10h Jantei bem com minha filha. Joguei bilhar. O Aljezur leu-me, porém tive muito sono. Vou ver se não me sucede o mesmo. Lerei os jornais sobre Castelo Branco que mandou Tomás Ribeiro – *A Província* de 6 – Não é importante. A Atualidade de 4 do Porto – Camilo Castelo Branco. Artigo de José Caldas – Não me agrada. Correio da Noite de Lisboa de 4 – Artigo – “Camilo Castelo Branco”. Meia-noite – Já li os artigos sobre Castelo Branco. Amanhã falarei deles. Vou dormir.

11 de junho 1890 (4a fa.) – 5 ¼ Dormi bem. O 1º de Janeiro do Porto dá notícias biográficas de Castelo Branco. Um R em anatomia fê-lo partir para Coimbra foi por um tio realista instigado a seguir as forças de Mac-Donou mas a morte deste chefe de guerrilha fê-lo voltar para Vila-Reão. Diz os jornais em que mais tempo colaborou. Em 1848 quis fazer representar o drama “Marquês de Torres Novas” que a censura proibiu enquanto o autor não emendar com maiúsculas a palavra rei que teima sempre em escrever com r pequeno. Em 49 foi para Lisboa. 54 foi de fecundidade literária assombrosa, ou a média de 10 páginas por dia.

Acusado de adultério em 1860 foi às Cadeias da Relação onde em 1861 o visitou Pedro 5º. A relação confirmou a prisão, foi julgado em 16 de 8bro [outubro], sendo ele e a que era hoje sua esposa absolvidos por unanimidade. Depois escolheu a S. Miguel do Seide de onde mais não saía senão em pequenas digressões quase sempre em busca de remédio aos sofrimentos físicos desde as dores gerais em todos os músculos até à cegueira que de todo o prostrou. São desta época as suas maiores polémicas, a da escola Coimbrã, do processo Vieira de Castro e outras.

Em 1885 teve o título de Visconde de Correia Botelho em duas vidas e depois magnífico improviso do Dr. Antônio Cândido foi relevado de pagar os direitos da mercê (este Antônio Cândido foi o estudante de Cânones que ao dar lição tanto chamou-me a atenção a primeira vez que estive em Coimbra). Há dois anos foi a Lisboa consultar oculistas, e cruelmente desenganado voltou a Seide onde encontraria a miséria se não fosse a pensão anual de um conto em duas vidas a dele cego da vista e a de seu filho de inteligência.

Em 1869 a rainha de Espanha nomeou-o comendador de Carlos 3º. Era sócio da Real Academia das Ciências de Lisboa e membro do Instituto de Coimbra.

Pormenores da morte e do enterro – Correio da Manhã de Lisboa de 4 – Alguns outros pormenores da morte. O 1º de Janeiro do Porto – Frases de Castelo Branco sobre o suicídio – O de 5 – os funerais – Frases de Camilo – Invetivar de covarde o suicida é escarrar na face de um morto. Não se pode ser mais cruel nem mais infame. Quando confronto a minha covardia com as tentações redentoras do suicídio então compreendo a grandeza de ânimo dos que se matam. A vida dos desgraçados irremediáveis seria um pérfido escárneo do Criador se o suicídio lhes fosse defeso – Um dos cânticos do Inferno de Dante é um poema de lágrimas. São os suicidas que passam gementes. Camilo ocupava-se quando cegou de um trabalho relativo a Leonor Teles do qual resultava a reabilitação de sua memória, a respeito de Inez de Castro mostrando que não era espanhola, mas que nascera na quinta de Oliveira (em Gaia) propriedade do visconde do mesmo título – O 1º de Janeiro do Porto traz artigo de fundo – “Camilo Castelo Branco”. Nada tem de notável. Até agora nada li de saliente sobre Castelo Branco, mas era da Academia Real das Ciências de Lisboa e talvez Tomás Ribeiro aí leu eu elogio.

8h ¾ Acabo de ler o nº do Mensageiro que mandou-me Tomás com linhas de sua letra.

11h ¼ Fui à ducha que é muito agradável com este calor e tudo mais do costume. Esqueci de dizer que escrevi a Tomás Ribeiro agradecendo-lhe o nº 2 de sua revista e dizendo-lhe que muito me agradou a sua poesia “Patrícia”.

O protesto da Sociedade 1 de 10bro contra as violências da Inglaterra na África não é bastante fundada em fatos alegados nesse caso não admite a indignatio de Juvenal principalmente de linguagem.

Vou a Riancey. 11 ¾ Chamaram-me para o almoço.

12h ¼ Almocei bem. Continuo Riancey.

1h $\frac{3}{4}$ Je reste à Julien. Il faut lire avec attention de qu'il en dit. E eis-me pensando em francês. Sucede-me isto com diversas línguas por uma espécie de movimento adquirido.

6h $\frac{1}{2}$ Chego de casa de Mr. Arnoux. Isabel foi também para ver a coleção de pedras lascadas, e mais ou menos faceadas. O dono como a dona muito graciosa receberam-me tão bem como da primeira vez que aí estive, e a Arnoux esteve me mostrando as estampas da viagem que eu não vira da vez passada. Tomei café. Na volta passei pelo cabeleireiro e cortei cabelos, aparando a barba. Vou jantar.

10h 10' Bem. Joguei bilhar. Tenho tido muito sono. Tomei chá. Venta muito. Vou ver se leio ainda antes de dormir.

12 de junho 1890 (5a fa.) – 6h $\frac{1}{2}$ Dormi bem, mas o estômago não está muito direito. Vou ao Riancey. Para variar lerei nos Débats de ontem o artigo “Académie des Sciences Séance du 9”. Menabrea estava presente assim como o príncipe de Mônaco. Friedel apresenta a síntese ainda não alcançada de alguns minerais com a nefelina a sudelita, o anfigeno, a ortose e a anortite. Faye corte e plano conforme as suas idéias e observações feitas das tempestades em estações elevadas até 4.600 metros e Schloesing decomposição estrumes orgânicos no solo.

Pergunta o que sucede ao azoto se o fermento nítrico não está no solo. Conclui presumindo que aparece sob forma de amoníaco. Príncipe de Mônaco lê nota sobre a fauna das profundidades do Mediterrâneo ao largo de Mônaco. Explorações anteriores fizeram pensar que o fundo daquele mar não é habitado e ele quis verificá-lo com aparelhos novos e aperfeiçoados que usou nas excursões do Atlântico a bordo de seu iate Hirondelle. Nas primeiras tentativas a rede em ponto julgado deserto, mergulhada a 1.650m voltou cheia de animais entre os quais uns trinta tubarõezinhos (centrophorus squamosus) e outros trinta grandes camarões de belo rubro-carmim do gênero acanthephyra, espécie nova.

Esses animais não morriam por decomposição como de costume e sucedeu nas explorações do Atlântico. É espantoso ver animais experimentando em alguns minutos de compressão de 160 atmosferas. Alguns viveram por dias. O príncipe conclui que a decomposição teria nos órgãos efeitos fisiológicos menores que até agora criados. Inversamente a passagem rápida por temperaturas muito diferentes teria influência mais considerável. Carpenter outrora, e Alph Milne Edwards mais recentemente reconheceram a uniformidade da temperatura do Mediterrâneo. Mesmo nas maiores profundidades não desce de 13° nas profundidades do Atlântico, em níveis correspondentes à temperatura é mais baixa e oscila entre 10 e 11. Com efeito a variação de temperatura parece influir nos animais.

No Atlântico os animais que se decompõem depressa passando de 1000 a 1200 para a superfície do mar chegam ao barco mortos com os tecidos dilacerados. Esta diferença relativamente ao sucedido no Mediterrâneo constituirá estudo especial. O príncipe anuncia que está construindo navio propriamente para estes estudos.

Mascart nota de Angot sobre a amplitude da variação diurna da temperatura no observatório do parque Saint-Maux. Em sessão discutem os títulos dos candidatos ao lugar de Cosson. Julga-se que a comissão proporá os nomes: 1° Bischoffsheim, 2° ex-equu Laussedat e Lauth Rochard, Roché. 9h Vou vestir-me.

11h 5' Boa ducha, e tudo como de costume. Continuo Riancey – mas vou ler antes. Em Le Petit Journal de 11 o artigo “Le Chemin de fer trassiberien” – É muito interessante, e guardo o jornal. O toundra da Sibéria conheço-a bem pelas explorações do almirante russo Wrangee que substituí como correspondente da Academia das Ciências de Paris antes de me elegerem Associado estrangeiro.

11 $\frac{1}{2}$ Vou almoçar.

12h 7' Bem. Li no 1° de Janeiro do Porto de 9 – Artigo “Camilo Castelo Branco”. É da exma. Sra. D. Amaro Vaz de Carvalho esta eloqüentíssima página – e transcreve-a quem assina – Valentina de Lucena.

Outro artigo “O Camilo” assinado José de Azevedo e Menezes. Tem pormenores curiosos. Até o Seibold vou a Riancey.

6h 25' Volto do passeio com todos os meus menos a S. Joaquim. Levei os netinhos à fábrica de vidros. Vieram o que mais os interessava sobretudo fazer os porquinhos com seu rabinho levantado e formando sifão para água. Depois estivemos em Momon Veion, de carro e a pé, e fui pelo caminho da direita que não trilhei todo da outra vez até uma vala que me deteve. Sempre se admiram as formas das montanhas creio que calcáreas mas também com aparência psamítica. Agora vou satisfazer o apetite.

10h Jantei bem com meus filhos e netinhos. Depois joguei e foram-se meu genro e netinhos. Tentei ouvir ler mas só tive sono. Foi-se a Isabel. Tomei chá e vou ver se ainda posso ler Riancey antes de pegar no sono, apesar de deitado.

13 de junho 1890 (6a fa.) – 6h 50' Não passei bem de noite por causa da barriga – vou ler. Dia bonito.

Débats de 12 – “Au jour le jour”. Artigo que parece-me muito sensato quanto à conservação de edificios feitos para a exposição. Termina “Quelques esprits délicats et portés au paradoxe auraient préféré que la carcasse du feu d’artifice disparût avec la dernière fusée”.

Revue des Sciences. Nitrificação do solo. Ste. Claire Deville foi primeiro a verificar em 1846 o ácido nítrico em todas as águas. Boussingault achou que o Sena leva cada dia para o mar 258.000 kg de nitratos. É pois colossal a perda causada por todos os rios. Em 1849 a agricultura francesa importou do Chile e consumiu 180.000 toneladas de nitrato de soda. Três rios somente Sena, Reno e Nilo descarregam no mar nitratos em quantidade três vezes maior. Conheciam-se os efeitos da nitrificação e seus resultados mas nada se sabia do mecanismo do fenómeno.

Há 10 anos filtrando água de esgoto em areias com calcário Schloesing e Müntz que a nitrificação levava a operar-se quase mês. Os trabalhos do Pastor fizeram pensar que o fenómeno seria como a putrefacção, e acharam que o cloroforme suspen- [sic] a nitrificação. Depois não encontraram o micróbio apesar de dizerem ser corpúsculo levemente alongado e brilhante, mas não se isolou o micróbio por motivo que descobriu Winogradsky professor em Zurich. Contra o admitido verificou células vivas que adquirem o carbono preciso sem clorofila e luz nutrindo-se contudo de compostos inorgânicos decompondo-os. Chamou-as nitro-nomadadas. Cultivavam-se e contudo e apesar de caldo rico de matéria azotada e ainda mais depressa morriam. As partes verdes das folhas decompondo o ácido carbônico do ar guardam o carbono e restituem o oxigênio sob o influxo dos raios luminosos. A monada de Winogradsky toma carbono, mas guarda oxigênio que fixa sobre o azoto para formar ácido nítrico e daí a nitrificação. Viu que os micro-organismos das águas sulfurosas morrem mas que não têm enxofre.

Estes bactérios oxidam o hidrogênio sulfurado e excretam ácido sulfúrico. Assim nas águas ferruginosas os bactérios oxidam os sais ferruginosos. Refletindo sobre a existência dos sulfo-bactérios e dos ferro-bactérios Winogradsky teve a idéia de entes vivendo exclusivamente de corpos minerais e compostos carbonados inteiramente incapazes de nutrir organismos sem clorofila. Colocou logo entes nitrificadores em água sem matéria orgânica e só com materiais minerais, carbonatos para darem o carbono necessário, sulfato de amoníaco para por-lhes azoto a alcance. Colocou nos antípodos de seus predecessores e viu prosperar miríadas de nitro-montanhas. Não sabíamos que se pudesse viver e desenvolver diretamente de compostos minerais. As condições de vida são em maior número que o julgado. Cada meio determina modos de vida particulares. O fenómeno é biológico. A nitrificação é ato correlativo da vida como a vivificação ou a evolução das doenças microbianas. O obreiro nitrificador foi isolado, talvez seja possível fazê-lo trabalhar industrialmente. Possuímo-lo esse micróbio microscópico que nos dá o pão de cada dia pela providência do Criador. Está resolvido o problema a nitrificação que ocupou tantos sábios desde Lavoisier até Kuhlmann, Boussignault, Schönbun, Henri Deville e Schlösing. Fala do laboratório de Fol em Nice para a exploração do fundo do mar, de seu iate e das sensações do escafandro. A 17 há eclipse do sol visível, anular em parte da Ásia, Cândia, Tripolitânia e Saara. Ao norte como ao sul do espaço apontado o eclipse será parcial. Mando perguntar a Perrotin em Nice qual a hora mais cômoda e de maior interesse de lá ir. 9h Vou vestir-me. 11h 10' Como de costume. Chego ao hotel. Riancey. ½ Vou almoçar. 12 ¾ Li a Petite Notice escrita pelo Estrela para as publicações relativas à Exposição. Achei-a boa com pequenos acrescentamentos. Em o 1º de Janeiro do Porto de 10 leio “Hoje aniversário da morte do grande poeta nacional (Camões) celebra-se no teatro (ortografia deste jornal) – Gil-Vicente a sessão literária comemorativa promovida pela sociedade Camoneana” – Riancey. 2h Vou para o Seibold. 8h 20' Na sala do bilhar. Árabe e pouco do estudo comparativo dos Lusíadas com a tradução alemã.

Passeio bellissimo, pelo boulevard du Gran-duc, à direita do caminho de Napoule. Descobre-se o mar e indo a pé de onde o caminho ainda não está bom para carro avistei o Mamon Veiou. Voltando reparei melhor para uma casa de gosto árabe chamada Villa Árabe, e depois da estrada de Napoule tomei à direita até seguir ao longo de pinheiral na direção da estrada de ferro, a sair perto da fábrica da Boca.

Encontrei minha filha com quem vim até o hotel onde despedi-me dela. Conversei com o abbé Federlin, que veio convidar-me para festas escolares de que tanto gosto, e de que lhe disse assim como o botânico Martius, na sua monografia das palmeiras, expalms resurgo expueris rejuvenesco. Depois jantei bem e vim com o Aljezur e interrompendo esta distração para escrever isto, afim de logo quase só ler torno ao jogo ainda por algum tempo resistindo à tentação de já ouvir

ler o Débats. 10h Estive com o Macedo ministro que foi do Brasil em S. Petersburgo e que retiraram daí por não haver a Rússia querido reconhecido *[sic]* o governo do Rio. Já tomei chá, tendo ouvido ler o Débats e vou deitar-me podendo talvez ainda ler Riancey. O Macedo deu-me notícia de alguns conhecidos meus da Rússia. Ainda há de vir amanhã. Vou começar novo livrinho. A lápis tem o inconveniente de apagar-se, mas é mais cômodo de escrever o diário assim. Hei de ver melhor modo de escrever o 4º. E agora vou deitar-me e tentar ler ainda Riancey.

VOLUME 32

EXÍLIO - 13/06 a 08/08/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

13 de junho de 1890 (6a fa.) – 10h 20' Vou deitar-me e ler Riancey.

14 de junho de 1890 (sábado) – 5h ½ Dormi bem. Bom dia. Vou ler.

Débats de 13. Academia de Medicina. Sessão de 10. Cafeína e Cola. M. Duhamel do clube alpino francês de Gaères mostra-se partidário da Cola e contra a Cafeína. Sustenta as idéias de Heckel combatendo as de Germain See. Segundo numerosos alpinistas a cafeína é um excitante; a coraína é um anestésico; as preparações chamadas acelatrizes da noz de Cola são agentes moderadores; a circulação, a sudação, a secreção salivar são calmadas e o sistema muscular excitado. Alguns biscoitos de Heckel dão forças a aniquilados de cansaço; a cafeína nunca daria esse resultado. Duhamel declara-se seu campeão ache See outro para a cafeína. Ambos deixarão Chamounix *[sic]* na mesma tarde às 10h, subirão o Mont-Blanc descendo no mesmo dia. O pneumógrafo, o cardiógrafo e o cronômetro darão o prêmio. Duhamel conta com a vitória.

M. Laborde mostra que as experiências de cloroforme no laboratório são aplicáveis ao homem. Os resultados no animal são tanto mais certos quanto é doente o órgão que mostra perturbações na experiência. Sendo assim os acidentes da cloroformização nos coelhos deverão ser análogos aos do homem são ou doente. Fez ver que os primeiros vapores fazem parar o coração do coelho e explicou o fenômeno devido a um reflexo da parada, a ação do cloroforme nos brônquios é a mesma. Sendo absorvido há primeiramente excitação cerebral de respiração circulatória e muscular. Podem sobrevir espasmos tetânicos, fecha-se a glota de repente, nas paredes torácicas imobilizam-se e a morte pode dar-se por asfixia. Mais tarde não se trata mais da ação irritante, mas da própria tóxica. A morte sucede então pela parada da respiração, continuando as pulsações do coração. Este fato já entrevisto por Claude Bernard, é hoje aceito pela comissão inglesa do cloroforme. Enfim dá-se a morte ao primeiro golpe do cirurgião. Produz-se então refluxo produzindo síncope cardíaca. Resta indicar o que as pesquisas de laboratório podem fazer para impedir esses fatos. Será a comunicação de M. Laborde na próxima reunião.

Li o 6º artigo – Les salons de 1890 – Procurarei os anteriores. Vai tratando de Meissonier, e fala de seu quadro antigo – Joueurs de quilles à Antibes – hei de procurar alguma fotografia deste. Contraste o que depois se diz de Pavis de Chavannes. Seu quadro “Inter artes et naturam” é destinado ao museu de Rouen – L’inspiration de Pavis de Chavannes est plus que sérieuse et austère elle est triste et dans une nuance qui nous parait bien moderne. Parece pelo que se diz uma de suas melhores pinturas. Escrevi para a Suécia em resposta à carta de 9.

Li no Correio do Povo órgão republicano da Capital Federal (Rio de Janeiro) de 19 de maio o artigo “Inácio Raposo” sobre o suicídio deste. “Raposo na carta dirigida ao tenente Jardim diz que as chaves ninguém as encontrará mais”.

Vou a Riancey. 9h 5' Vou vestir-me.

11h 5' Ducha muito agradável com este calor e ameaças de trovoadas. Ramo. Passeio do costume, mas com volta que o cocheiro tornou maior que a precisa por carro transportando longa trave – boa polícia municipal! Torno a Riancey.

11h ½ Faz muito calor, abafado. Chamam-me para o almoço.

12h Relatório de Daubrèe sobre o serviço meteorológico – Journal officiel de 4 – Moyenne générale des reussites des prévisions qui était de 92% em 1888 voltou em 89 a 91. Avisos especiais de tempestades: 241 nas 4 estações marítimas – 135 bons; 55 bastantes bons; 51 maus pois a previsão de tempestades (gros temps) não se realizou. Resultado que atesta

pessimismo mas em 136 tempestades observadas uma não foi prevista. Continuam informações interessantes. A observação do vento no alto da torre Eiffel a 300m acima dos obstáculos da superfície do solo de junho a 8bro [outubro] deram a velocidade média 7m por segundo, quando a repartição central meteorológica o anemômetro posto sobre a torrinha a 500m da torre Eiffel indicava para o mesmo período velocidade média de 20m. Cria-se a velocidade do vento aumentada com a altura, mas com variação tão rápida. Na repartição central como em todas as estações baixas o minimum de velocidade é cerca do levantar do sol, e maximum pelo meio dia, no cimo da torre são entre 9 e 10 da manhã e no meio da noite, o que se realiza no Puy de Dôme e no Pic du Midi.

As observações da temperatura mostraram que a variação diurna é muito menor no cimo da torre que no observatório do Parc St. Maur, o que se explica pela fraqueza do poder emissivo e do absorvente do ar. A diferença dos regimes é muito mais acentuada que nas estações montanhosas onde a influência do solo é ainda considerável. A ampliação de variação diurna na torre Eiffel, a 336m sobre o nível do mar é antes inferior à observada no Puy de Dôme a 1.400m. No Parc St. Maur os observadores estão muito mal acomodados, porém o ministro da instrução pública já aprovou o melhoramento. Com o novo pavilhão, a cúpula de M. Eiffel e os diversos aparelhos disseminados nas pelouses e rodeados de bosquetos, o observatório terá aspecto verdadeiramente científico.

Fala enfim dos donativos, entre os quais o de Eiffel da cúpula, que figurava na sua exposição particular do Champ de Mars e cujos gastos de colocação fez ele. É datado de 29 de maio e só extractei o mais importante.

La Nazione de Florença de 12. Transcreve minha carta de 7 que escrevi ao conde Gubernatis com meu soneto, que não transcreve, à morte de Beatriz que aí vejo ocorreu a 11, secondo il calendario arabe, mas que todavia disse-me Mota Maia que assim havia lido, conforme decerto o nosso calendário. É contínua. Teri – Il Ministro Boselli accompagnato dal Com. Gioda e dal cavaliere Rosso faceva una gentile improvisata alla esposizione Beatrice dove era ricevuto dal Conte e della Contessa de Gubernatis e dal marchese Pietro Terrigiani. Percorse ammirando le varie salle dell'esposizione.

2h ¼ Vou ao Seibold e tomar café. Traduzi hebraico, e pouco comparei dos Lusíadas com a tradução alemã.

5h 55' Passeio de carro a pé pela praia atrás de Juan les Pins. Ameaçou muita trovoadas que dissipou-se. Vou a Riancey.

6h 33' Jantar. A tarde pôs-se boa.

10h Jantou comigo o Sérgio Macedo. Conversamos a respeito da Rússia. Depois do jantar joguei bilhar com ele. É forte, mas sempre lhe ganhei uma ou duas partidas. Despedi-me dele que parte amanhã. Isabel retira-se. Antes tinha ouvido artigos sobre Castelo Branco. Ainda os ouvi depois de subir para o chá e agora deitando-me lerei Riancey até dormir.

15 de junho de 1890 (domingo) – 8h Taparam-se as janelas e o dorminhoco do Guilherme deixou rolar na cama até agora. Vou começar a leitura de Riancey.

10h ½ Boa ducha. Meu passeio foi vir a pé e de carro à missa. A cantoria agradou-me.

Li no Petit Marseillais de hoje “on amonçe que le baron d’Itajubá remettra très prochainement à Mr. le president de la Republique les lettres qui l’accreditent en qualité de ministre des États Units du Brésil”. La France et le Brésil... “D’autre part le gouvernement brésilien a manifesté le désir d’arriver dès qu’il serait officiellement reconnu par la France à une entente définitive, soit par un accord direct soit par un arbitrage avec le gouvernement de la République sur la question de délimitation des territoires entre la Guyane française et le Brésil”... Deus queira que não se faça o mesmo que na questão argentina! Tem um artigo interessante “Magistrats et justiciables”... a respeito de julgamentos... “dernièrement à Paris dans un procès de presse... le ministère public... voulant détruire la valeur... d’un témoin... rappelant qu’il avait été déclaré en faillite vingt ans au paravant”. Fala de outros procedimentos abusivos da justiça. Isto recorda-me o que tenho feito para a abolição legal da pena de morte, não de fato, como realizava eu pela comutação, há quase 30 anos. Hei de lembrar isto ao Visconde de Ouro Preto que pareceu-me tomar empenho por essa abolição. Já lhe escrevi a tal respeito na Europa – “La famille au Soudan éthiopien”. Curioso pelo que diz da miséria que reina na região ocupada pelos ingleses... Trouvera-t-on assim escreve um membro da sociedade anti-escravista de Londres “un moyen pratique de faire disparaître les causes de la detresse qui régnent dans la vallée du Nil? On dit avec raison que le gouvernement est allé se mêler des affaires d’Egypte pour tout brouiller... M. Caix de Saint-Aymour a justement nommée (cette position) le Guénier soudanais”.

6h ¾ Volto da ilha de St. Honoré. O Guide será logo completado por minhas impressões. A imprensa está aumentada. Ainda restam-me ver algumas coisas. Aproveitarei para isto a minha digressão à ilha de St. Marguerite. Trouxe um

exemplar do Magnificat poliglota oferecido ao Papa. Morreu o abade da vez passada. O atual reconheci-lhe logo a fisionomia, acompanhou também um frade inglês de Londres. Vou vestir a casaca para ir jantar com a Isabel.

10h ½ Bem depois de ler Luz e Calor voltei mais tarde porque estivendo *[sic]* revendo traduções, completando-as, de poesias de Chambrun, que minha filha copiou para ela. O Antônio ficou um pouco incomodado do passeio a St. Honoré, mas não parece coisa séria. Já tomei chá. Vou deitar-me e ler ainda. Riancey talvez até dormir.

16 de junho de 1890 (2a fa.) – 7h Dormi bem. Bom dia. Li diários com artigos escritos sobre Castelo Branco. Boa ducha com este calor. Roland foi despedir-se de mim, pois vai para sua casa de Frejus que disse-lhe tanto lhe placuit, como lê-se na inscrição do menino que aí saltavit.

Ramalhete e o mais do costume. Continuei a ler diários sobre o Camilo que assim o chamavam os afeiçoados de que eu era um desde tantos anos. Almocei bem, terminei a leitura do que tinha até agora a respeito do Camilo e vou escrever à condessa. Agora continuarei a ler “Les salons de 1890” nos Débats.

2h Vou ao Seibold.

5 ¾ Traduzi árabe. Continuei a comparação dos Lusíadas com a tradução do alemão. Volto de belo passeio por um boulevard não acabado, a cujo fim cheguei a pé, atrás do Canet. Continuei o passeio de carro até a Route de Grace e regressi pela Foncière. Mandei pôr todos os diários que falam de Camilo dentro de um sobrescrito dizendo o que contém. Volto ao artigo dos Débats “Les Salons de 1890”.

10h 25’ Jantei e bem com os Penedos. Depois joguei bilhar com o Penedo que apenas sabe mal empurrar as bolas. Despedi-me de Isabel e fui a pé ao colégio de meninas da Présentation em cuja capela costumo ouvir missa. Recitaram e cantaram sofrivelmente ao som de piano bem tocado. Voltei satisfeito da festa escolar. Tomei chá e pouco lerei que tenho amanhã de beber café cedo para ir ao observatório de Nice.

No Petit Marseillais de hoje vem um artigo “Reception de Mgr. Ricard à l’Academie de Marseille” Mgr. Ricard é de la Ciotat evocou ao entrar na douta sociedade a lembrança de Louis Marsin, cuja história escreveu sob o título “Une victime de Beau-Marchais” – Já mandei buscar a obra – Acrescenta o artigo... “Nos lecteurs n’en ont pas oublié les curieuses peripeties. Comment ce modeste organiste de petite ville – qui se preparait à entrer dans les ordres devint – il précepteur chez la Comtesse de Rose qui tenait bureau d’esprit, puis avocat au Parlement de Paris etc. Comment ce meridional introduissait-il le premier sa locution favorite *qu’es aco*, tel point que Marie Antoinette alors dauphine inaugura une coiffure à la *qu’es aco*? Et de ce même *qu’es aco* le spirituel Provençal Marin en fil la devise de ses armoiries et en décora les panneaux de sa voiture quand Beaumarchais l’en protendait écraser en l’injurier”...

Fala de outros escritos do recipiendário, e diz referindo-se a Beaumarchais – “portraicturé de son vivant par Mme. Vigée Lebrun, il est peint après sa mort par un écrivain doublé d’un savant”. Respondeu-lhe Mr. de Jessé diretor da Academia que fala dos escritos do recipiendário entre os quais enumera a “Vie de Mgr. Lavigerie” – Vou ler – e defende de passagem a memória de Henri de Jessé presidente da Assembléia Nacional em 1790. Mr. Eugène Rostan apresenta o relatório sobre o concurso de literatura, cujo assunto é *Mery*, suas obras tanto tendo encantado minha mocidade e aprecia muito favoravelmente o escrito de M. Emile Camau. Fala-se de outro assunto de prêmio Marie Madeleine a 1a. Sta. Beaume tratado por um só concorrente, que não foi premiado. 11h 20’ Vou deitar-me e descansar.

17 de junho de 1890 (3a fa.) – 5 ½ Felizmente o dia está claro.

6h 5’ Vou vestir-me.

6h 53’ Estou já no vagão e parto às 7 para Nice.

8h Chegamos. Vim lendo nos Débats “Les salons de 1890”.

5h Vou regressar. Falarei depois do que fiz. Em caminho – Librairie de l’art – collections des artistes célèbres, étude d’Emile Michel sur Hobbema et Madame de Beaumarchais ed. Colman Levy – Jeanne d’Arc au théâtre par le Comte de Puymaigre.

6h 5’ Volto. Vi bem o eclipse de 6 dígitos. O Perrotin fez-me dar o sinal elétrico, quando a Isabel e eu vimos ao mesmo tempo o último contato. Observei também Vênus, cuja imagem não estava bem clara, e disse eu que ainda não se tinha débarbouillée. Perrotin e mulher foram amáveis como sempre. Almocei com a Januária que achei melhor. Depois fui

passar de carro até a companhia floral, paisagem até lá e flores muito me agradaram. Voltei à casa da Januária com quem estive ainda uma hora e de quem me despedi talvez até o ano que vem. Recebi cartas de Matias de Carvalho de Roma de 15 e de Atkinson de Kent e de 15. Mrs. Atkinson pede dedicar o poema que compôs.

10h Jantei bem. Joguei bilhar. Expliquei astronomia às filhas do Mota Maia. Às 9 traduzi árabe e comparei os Lusíadas com a tradução alemã. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir. Mais terei de dizer do eclipse quando aparecer a nota no *Compte-rendu*.

18 de junho de 1890 (4a fa.) – 6h ½ Dormi bem.

7h ½ Já escrevi a Matias de Carvalho e a Mrs. Phillis Atkinson de Kent que quer dedicar-me versos. Esteve no Brasil.

9h 10' Traduzi versos de Atkinson a Stanley. Já me lavei e vou vestir-me.

11h 10' Ducha agradabilíssima. Tudo o mais. Acabei de traduzir a poesia a Stanley que junto e está no seu bilhete de visita, onde leio “With the complements of the authoress”.

Bem-vindo, grande Stanley, a nosso alvo rochoso
Repito-o tres vezes, como se em folguedo
Antes de África negra o sol queimar-te a fronte
E argentea croa aí por qual neve em monte
Bem-vindo, bravo herói com natural orgulho
Inspira a tudo arrostar, qual de ondas marulho,
Onde noite escureça, ou aglomere-se a escuna
Onde o dever nos chama, embora nos consuma
Faisquem os olhos selvagens um cruel odiar
Ou estejam sons selvagens cru fado a anunciar
Fome, frio, calor ou mato bem embrenhado
Desânimo, matança, ou morte o nosso fado,
Valor anime as almas ao pensar em ti,
E manda-as para diante só confiando em si
No meio da glória, que tanto hás adquirido
Coração angústia que ao chamar-te filho querido
Beijo não te desse ela de mãe extremosa
E tua ação não abençoasse tão famosa
Que posso mais dizer senão que em relação bravia
Seu filho distante natura protegia
De tua fonte ao redor não visto poder poussa
E todos que te veem creem só uma coisa
O que pode fazer quem fez só o direito
O que pode sofrer no escuro mais perfeito
Ventos, borrascas, ondas, calor, calma ardente,
Setas ervadas – de arrojo – mas paciente
Tu, guia de homens, luz do caminho bom,
Reina em amor indômito tu, astro de Livingston
3h 40' Seibold – hebraico e estudo da tradução alemã dos Lusíadas. Vou passear.

6h Volto de belo passeio de carro por Vallauris até a capela pequena de Notre-Dame, cujo interior visto por uma janela nada pareceu-me ter de interessante, de carro e depois a pé até lugar de bela vista para o lado de Antibes, voltando por caminho bonito de carro, que eu não conhecia até a Route de Antibes. Riancey até jantar.

10 ¼ Bem. Recebi carta de Daubrée de 17 que diz-me morar 254 Boulevard St. Germain, assim como de Tomás Ribeiro com informações manuscritas do Fortuna sobre os últimos momentos do Camilo. Joguei bilhar com Aljezur. Ouvi tocar

piano às filhas mais velhas do Mota Maia. Li-lhes a carta de Tomás Ribeiro com as informações e o “D. Afonso 6º” drama em verso de João da Câmara até o 3º ato. Tomei chá e vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

19 de junho de 1890 (5a fa.) – 6h 20’ Dormi bem.

8h 40’ Li o livro de Lady Dufferin “Quatre ans aux Indes Anglaises”. É interessante. Vou vestir-me.

11h Boa ducha. Fui a pé até as flores e comprei o ramalhete, depois fui de carro ao colégio Stanislas onde vi meus netinhos mais velhos Antônio passou incomodado e ficou com a Isabel e assisti ao jogo de armas dos alunos, julgando que o Corso Casanelli terá o prêmio. Entreguei o ramo a Gaston.

Vou ler carta do Paranaguá. É de 24 e responderei. O abbé Federlin deu-me no colégio apontamentos de trechos da Bíblia que no Velho Testamento se referem ao estado do homem depois da morte, com estas palavras – voyage – sommeil – resurrection. Junto o papel. Vou continuar a leitura de antes de sair.

12h Almocei bem e vou escrever antes da leitura. Escrevi a Tomás Ribeiro, Paranaguá, Kantzow. Recebi carta de Cantu.

2h ¼ Vou ao Seibold.

6h Estudei grego traduzindo a Odisséia que comparo com as versões de Leconte Delisle e a de Odorico. Depois continuei o estudo comparativo dos Lusíadas e da tradução alemã. Fui de carro até a Villa Thorrens do duque de Montrose, e passei toda a pé. É muito bela, percorri a casa e trago lindos ramos para a Isabel. Voltei pelo Canet. Belo passeio. Vou continuar o livro de Lady Dufferin.

¾ Vou jantar.

10h ½ Bem. Antes dei as flores à Isabel com quem jantei assim como Gaston e os pequenos mais velhos, tendo Antônio que vai melhor ficado com a S. Joaquim. Joguei depois do jantar bilhar com Gaston, que se retirou com os pequenos, ficando ainda Isabel que foi-se depois com a S. Joaquim, tendo eu antes ouvido ler artigos de diários sobre o Camilo. Subi, tomei chá, e li em voz alta o 3º ato do drama “Afonso 6º”, e agora vou deitar-me e continuar a leitura de hoje até dormir.

20 de junho de 1890 (6a fa.) – 6 ¼ Dormi bem. Vou ao livro de Dufferin. Mas preferi o Débats de 18 que dá-me notícias da obra que mando vir. La veru morale et sociale du Christianisme de M. Guy de Bremond d’Ary Academie des Sciences – Sessão de 16. 67 presentes. Bischoffsheim eleito acadêmico livre. Berthelot oferece seu livro “Lavoisier et ses doctrines”. Discussão entre Mascart e Faye a propósito da formação dos ciclones. M. Richet apresenta nota de Charles Richet e d’Haricourt sobre a transfusão peritoneal do sangue do cão. Injetado num coelho retarda consideravelmente a tuberculose. Os concurrentes de Bischoffsheim foram ex quo Laussedat, Lauth, Rochard e Rouché. Maurice Levy apresenta o 1º fascículo do nivelamento da França. Desde 1884 que se faz este trabalho gigantesco. O erro em km era de 3 milímetros no nivelamento de 1857. O atual não admite erro maior de 1mm. A primeira parte está muito adiantada fez-se em 6000 km ao longo das estradas de ferro. Quanto ao zero deste nivelamento que sabe-se diferir 7mm do de 1857 só se poderá definitivamente quando se tiver determinado por observações de maior exatidão o nível do Mediterrâneo.

Artigo “L’eclipse du Soleil”. Curioso. Não haverá mais eclipse total visível em França antes de 24 de maio de 1900 e só será visto nos Pirineus. O folhetim intitula-se “Notes italiennes”. Quem as escreve René Bazin revela bastante talento. Vou ler os anteriores.

9h Não há ducha por falta de água! Vou ler o livro de duchas.

11h Fui à casa de minha filha comprando-lhe de caminho o ramalhete. Achei o Antônio ainda pálido. Vi Isabel, Gaston e a S. Joaquim. Vou ler o livro de Lady Dufferin.

6h 25’ Volto do passeio a Cagnes. Andei a pé na parte mais acessível e gozei de bela vista. Segundo alguns foi perto desta colina que houve o combate entre Othon e Vitellius. Na planície correm a (rivière) Cagne e o (fleuve) Malvans. O castelo a que infelizmente não subi é notável pela pintura de Curlone e, a queda de Phaetonte. À igreja de Notre-Dame la dorée Carlomagno fez dois preciosos. Há ainda as ruínas do mosteiro de St. Veran e o velho castelo arruinado “Les Salles” Castelo e o mais não vi, pois não fui que dirigi a excursão. Tem 2600 habitantes. De ora em diante buscarei fazer programa a tempo.

10h ½ Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Às 8 ½ estudei com Seibold árabe e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Tomei chá e li em voz alta o 4º ato do “Afonso 6º”. Vou deitar-me e ler a obra de Lady Dufferin até apagar a vela e dormir.

21 de junho de 1890 (sábado) – 6h ¾ Dormi bem. Vou à tradução dos versos de Naudin.

9h Nada de água. Tomei café e vou me vestir. Escrevo no quarto de trabalho de A. Karr e vou tomar nota da obra de que ele tanto aproveitou. “Traité de l’opinion” par Gilbert Charles de Gendre, Marquis de S. Aubin – dans Loire.

4h 10’ Volto de S. Rafael com minha filha. Almoçamos lá com e a família *[sic]* – filha, genro e neto e netas. Andei por todo o jardim e trouxe de lá “Les cinq livres (mosaistes) de Moise” “Premier livre”. “La Genèse” par Alexandre Weil. Parece-me curioso e prometi escrever a respeito dele a A. Karr. Conversei muito com todos e fui com A. Karr ver a nova igreja de arquitetura romance construída há três anos e que vale a pena ver. Estive algum à espera de trem conversando com A. Karr entre mim e Isabel. Vim traduzindo em vagão os versos de Naudin e às 5 estudarei com o Seibold. Continuo a versão da poesia.

10h 5’ Jantei bem com minha *[sic]* depois do árabe e comparação dos Lusíadas com a versão alemã. Joguei bilhar. Isabel retirou-se. Acabei a leitura em voz alta a Aljezur e Mota Maia do “D. Afonso 5º” de João da Câmara. Tem bons versos, mas não sei como se representaram certas cenas em Portugal. Tomei chá. Vou agora deitar-me e ler até dormir. 11 ½ Pois continuei a traduzir os versos de Naudin e agora é que vou deitar-me.

22 de junho de 1890 (domingo) – 6 ¾ Acabei a tradução dos versos muito tarde. E custou-me a dormir, o que depois fiz bem. Vou à leitura do Bonghi, mas é melhor adiantar o livro das duchas.

8h Mas sei que já há água e venha o Bonghi, que eu ainda apenas continuei porque me deram a Democracia do Rio de 23 de maio com um artigo “Erros” de Vicente de Souza que parece-me mal escrita e censura o decreto de 10 mandando cobrar parte em ouro os direitos de importação, por anti-econômico e dever ser assunto na assembleia.

10h ½ Água jorrando abundante. Vim à missa de que volto. Dia belo porém quente. Volto ao Bonghi.

11 ½ Vou almoçar. Bem e Bonghi. Depois comecei a assinar fotografias minhas com meu nome acompanhado de “Associé étranger de l’Academie des Sciences” para Daubrèe distribuir por nossos colegas. Volto a Bonghi.

3h ½ Vou passear e depois tomando aqui a casaca vou jantar com minha filha.

4h 50’ Canet voltando por Vallergues de carro e a pé. Volto a Bonghi.

5h 10’ Para a casa de Isabel.

10 ½ “Luz e calor”. Antônio melhor. Jantei bem. Conversei. Emendei as traduções das poesias da Chambrun que eu fiz e a Isabel copiou. Acabo de voltar e tomar chá, e vou ler provavelmente pouco, pois dormi pouco a noite passada.

23 de junho de 1890 (2a fa.) – 6h 20’ Dormi bem. Está bom dia. Vou a Riancey.

8 ¾ Para descansar da leitura séria vou ao livro de Lady Dufferin. ¾ Boa ducha. O mais como do costume. Almocei bem. Continuei meus apontamentos sobre os monumentos célticos. Árabe e estudo da tradução dos Lusíadas com o Seibold e vou passear.

6h ¼ Fui até além Clement-Missier e tomei por um caminho, que vai Vallauris e à direita a pé por álveo de torrente pedregoso e passando-o havia água sobre pedras, entrei na Villa des Eucalyptus, rodeando a casa bem situada e vindo retomar o carro ao portão na Route de Antibes, segui para o hotel. Vou escrever sobre os monumentos druídicos.

10 ¾ Jantei com vontade. Joguei bilhar. Ouvi ler o resto dos artigos sobre o Camilo. Tomei chá. Terminei quase meu trabalho sobre os monumentos célticos, guardando o resto para amanhã. Vou ler ainda deitado o livro da Dufferin.

24 de junho de 1890 (3a fa.) – 5h 10’ Dormi bem. Não esqueci os foguetes de ontem que ainda o ano passado me estalavam tão alegremente na minha Tijuca.

7h ¾ Acabei as minhas notas sobre os monumentos megalíticos, extrato da obra de Henri “Etudes d’Archeologie Celtique” e do Meys Conversation Lexicon pertencente à pequena livreria do salão de leitura do hotel.

11h Tudo como de costume. Está muito quente. Li no Petit Marseillais de hoje o artigo de Francisque Sarcey escrito com

bom senso e espírito – “L’elixir Brown Sequard” – Comunicou ele os dias passados à sociedade de biologia uma memória a tal respeito. Lembra Brougham caído na infância e cujos discursos eram ouvidos com os olhos baixos. Il est certain que Mr. Brown Sequard est aujourd’hui en proie à l’idée fixe et que les sujets où se porte si invinciblement sa pensée trahissent les préoccupations d’un érotomane... Il... rapelle la communication faite l’an dernier... Il dit ensuite... il n’eut plus un moment de liberté... des visites sans fin et de lettres sans nombre... lui demandaient des détails... Mr. Brown Sequard est... au moins un monomane. Ceux qui l’interrogent me semblent plus fous que lui...

12h 5’ Lady Dufferin.

1h $\frac{3}{4}$ Acabo de conversar com o engenheiro Schreiner. Veio do Brasil queixoso do governo e por isso cumpre dar desconto ao que diz.

2h Vou ao Seibold.

3h 35’ Hebraico – Camões. Vou passear.

6h 35’ Volto. Fui a Ellen-Rock e escolhi lugar de almoço se meus netos puderem ir lá 5ª fa. Dia e vista bellissima sobretudo do lado de Nice. Encontrei o filho de Naudin e depois a mulher com os netos, a quem disse adeus.guardo Isabel para jantar e tenho apetite.

10h Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Recebi Schreiner e a mulher. Aquele trouxe-me o parecer que dirige o Dr. León Lefort sobre um plano daquele para hospital. Isabel retirou-se. Tomei chá e vou ler até dormir. A cama está me convidando.

25 de junho de 1890 (4a fa.) – 6h Dormi bem. Dia bonito. Respondi às cartas de Daubrée de 22 e de Gillaume de 20 recebida a 24.

Li o parecer que Léon Le Fort professeur de clinique chirurgicale de la faculté de médecine de Paris et membre de l’academie de Médecine dirigiu-me sobre o plano do hospital marítimo apresentado pelo Schreiner e que ele aprova com algumas alterações. Dá-lo-ei a Schreiner que me pediu para publicá-lo.

9h Li o livro da Dufferin. Vou vestir-me.

11h O costumado. Muito calor. Livro de Lady Dufferin. 25’ Acabo de estar com o paulista Aristides S. Belém da França. Conheceu-me quando eu estive em S. Simão.

11h $\frac{1}{2}$ Continuei a leitura e vou almoçar. 12h Bem. A mesma leitura.

1h 50’guardo o café para sair.

1h 55’ Vou sair depois de tomar o café muito bem feito.

4h 40’ Colégio Stanislas. Exame de trigonometria. Responderam bem. Notei que não dessem noção do cálculo diferencial e integral para melhor compreensão dessa parte da geometria. Ouvi meus netinhos sobre álgebra – o Luís sempre mostrando-se nesse estudo melhor que o Pedro. Depois fui à aula de grego onde ouvi também meus netinhos sempre com a mesma distinção entre os dois. Depois assisti aos banho de mar dos rapazes entre os quais estavam os mesmos dois netinhos. Gaston também tomou banho e Isabel assistiu de carro com o Antônio que ainda tem cara de doentinho.

Às 5 vou estudar com o Seibold. Gostei muito da ocupação do colégio, lembrando-me de meus melhores anos.

6 $\frac{1}{2}$ Árabe e Lusíadas. Vou jantar.

10h Jantei bem. Joguei bilhar. Acabo de tomar chá e estou com muito sono. Débats de hoje sessão de 25 da Academia das Ciências. O barão de Tefê assiste à sessão. Bischoffsheim toma assento. Lacaze Duthiers fala da prosperidade do laboratório Arago em Banyuls. É destinado a pesquisas zoológicas. Ultimamente estrelas do mar tinham-se aglomerado em todos os cantos quando caiu no fundo um pedaço de peixe meio podre. As estrelas estenderam seus tentáculos e envolveram o pedaço. Pareciam vê-lo. Cortaram-se esses apêndices a estrelas distantes metros do pedaço de peixe, e era bombardeado pelos tentáculos cortados. A luz elétrica atua sobre esses entes diversamente da solar. As actíneas escondem-se do sol e desdobram-se à luz do arco elétrico. Lacaze Duthiers diz que vai se construir grande viveiro no laboratório Arago para pôr animais ao alcance dos sábios e começar ensaios de ostreicultura. Em Roscoff fizeram-se tentativas análogas com o melhor êxito.

M. Faye recebeu de Nice documentos sobre o eclipse. O imperador do Brasil observou o segundo contato no grande equatorial de 36mm pelo método das projeções. Achou 11h 16’ 23”, número intermediário entre obtido por Perrotin e o dado

por Charlois. Este envia também uma efeméride do último pequeno planeta, o 293 que ele descobriu nesse observatório. Dom Pedro pediu a M. Charlois que a batizasse e chamar-se-á Brasil. Faye ainda trata da descrição de uma tempestade tal como resulta de documentos conhecidos e deve resultar das teorias que sempre defendeu. Gaudry oferece o último volume – vou mandar buscá-lo – de sua obra “Enchainements du monde animal à travers les âges géologiques”. M. Janssen recebeu notícias do eclipse M. de la Baume – Pluvinel pôde observar muito bem o fenômeno Ilha de Creta. Crê poder afirmar a presença de oxigênio no sol. M. Maurice Levy transmite nota de M. Ch. Lallemand sobre o zero dos nivelamentos na França e no estrangeiro. O correspondente do mar médio é o mesmo no Adriático, Mediterrâneo e Oceano? Achou-se diferença entre o mar em Brest e em Marselha. M. Lallemand atribue essas diferenças a curvas de nível a que se não deu importância. Enfim nessas regiões ao menos o mar terá em toda a parte o mesmo nível.

Vou ainda ler deitado e dormir. São 11h.

26 de junho de 1890 (5a fa.) – 5h 40' Não tenho sono. Bom tempo. Vou ler. Ontem antes de dormir li no Le Monde de 23 um folhetim interessante sobre a nova apresentação da “Fille de Roland” de Bornier: l'oeuvre si noble et si puissante – Je voudrais pouvoir prédire avec autant d'assurance un fauteuil à l'Académie. Il me semble qu'il vient de le mériter une seconde fois. S'il suffisait d'avoir du mérite ce serait trop commode. Cella me rappelle une bouvade de je ne [sic] sais quel académicien à qui un candidat proposait ses titres. “il me semble ajoutait-il en terminant que je n'en manque pas – Eh! Monsieur, vous en avez trop. Também li nos Débats. L'épidémie cholérique!! Les mesures prophylactiques ont obtenu l'approbation des membres du comité M. le professeur Brouardel après avoir insisté sur l'importance des mesures prises a ajouté que dans le cas – où elles auraient été prises – sans effective – elles n'en constitueraient pas moins un précieux enseignement. Cet essai de mobilisation des services sanitaires permettra de constater leur bonne organisation – Malgré les precautions la maladie s'est propagé dans la province de Valencia – L'ont criant que les districts ne soient envahis à brève échéance. Toutes les lettres qui arrivent d'Espagne sont périlés d'un trou, c'est la trace auquel on les suspend dans les chambres de désinfection. On télégraphie de St. Petersburg que la nouvelle – sur l'apparition de la cholérine à Tashkead est inexacte. La commission médicale envoyée sur les lieux télégraphie qu'il n'y a eu aucun cas de cholérine ni à Tachkead ni dans d'autres endroits de l'Asie centrale.

“Au jour le jour” dá notícia de livros reacionários. La polémique eclesiastique est âpre, superbe, méprisante volontiers déclamatoire – e cita passagens de novos livros, e acrescenta Avez vous lu quelques livres de M. Léo Taxil diz o autor do artigo “à M. l'abbé Brettes que j'estime infiniment j'avoue à ma honte avoir lu quelques unes des livres qu'il publiait où il exposait dans la vitrine de sa librairie la griffe de fer avec laquelle les prêtres avaient déchiré la peau du chevalier de la Barre. Plus tard pendant un séjour assez long que je fiz dans un convent de moines un des bon Pères me fit lire un livre où M. Leo Taxil converti a'accusait d'avoir commandé cette griffe chez un serrurier.

9h ¼ Li Dufferin. Recebi carta de Daubrée de 24, da Mana Januária de ontem e de Revy de 23 interessante.

3h 25' Vestir-me para a ducha que foi boa. Fui encontrar nas flores Isabel a quem dei o ramo, Gaston e os netinhos mais velhos, pois o Antônio ainda está fraquinho e seguimos para Ellen-Rock pela praia de Juan les Pins. Almoçamos no lugar ontem escolhido por mim, andamos sobretudo os pequenos, pelos rochedos e na volta paramos onde se pescam os sabots, que não encontramos. Pelo mesmo caminho chegamos ao hotel e Isabel e família seguiu para casa afim de voltar para o jantar.

Recebi as obras de Luigi Alberti de Florença com uma carta de 17. Li o artigo de “The Rio News” de 26 de maio que mandou o Revy com esta nota muito justa de letra dele. O papel hostile to Brazil hostile to the monarchy and hostile to the Provisional Government in short – “A yankee paper”. Vou ler Dufferin.

4 ½ Vou a Seibold. 6h 40' Odisséia e Camões.

Aguardo minha filha. 10h Veio com Gaston e os netinhos mais velhos. Jantei bem. Joguei bilhar. Foram-se. Subi mas estou com sono. Tomei chá e creio que pouco lerei. Vou ver se ainda leio Dufferin deitado, mas penso que cedo estarei dormindo.

27 de junho de 1890 (4a fa.) – 5h 55' Dormi bem. Bom dia. Vou escrever a Daubrée.

6 ¼ Respondi. Vou ver se acabo o livro da Dufferin.

8 ¼ Vou vestir-me.

9h ½ Estou em vagão com a Isabel e o Mota Maia. Ducha boa e passeio a pé até as flores que comprei para Isabel a qual encontrei com o Gaston e o Antônio que ainda achei pálido.

9h 36' Já estou andando.

11h ½ Almocei bem em Arcs. Estou em Draguignan. Em caminho tive um destempero de que vou agora remediar os estragos. Não penso agora em al.

6 ½ Vi bem o dolmen que é grande e sombreado de árvores entre as quais o carvalho. Andei pela cidade a cujo museu fui. Trago o catálogo dele, e receberam-me a direção e membros da sociedade arqueológica de que é membro Roland. Atravessei de carro o passeio que não é grande coisa. A respeito do dolmen deram-me diversos impressos. Deixou-me Roland em Frejus e a Isabel foi da estação daqui para a sua vila. Admirei como sempre as paisagens do caminho. Um conhecido de Roland fotografou-me instantaneamente junto ao dolmen. Conversei muito com Roland cujo trato agrada-me cada vez mais. O trabalho que escrevi sobre os monumentos megalíticos como dolmen dei-o à Isabel para lê-lo aos netinhos mais velhos. Vou ler Riancey até o jantar.

10h Bem. Joguei bilhar e às 8h vim para a lição do Seibold – árabe e Camões. Tomei chá e vou ver se ainda leio deitado. Deitei ao Seibold [*sic*] meu trabalho sobre os monumentos e as publicações que me deram em Draguignan para ele completar o que eu fiz.

28 de junho de 1890 (sábado) – 6h Dormi bem. Dia encoberto. Vou ler Riancey.

7 ½ Respondi à condessa Hoyos e a Tesa [*sic*] Estrela que me mandou a carta daquela.

8 ¼ Vou para variar ler o manifesto do Nabuco que vem no Diário do Comércio de 4 – interrompi-o. São 9 e vou vestir-me.

11 ¾ Boa ducha. Depois ouvi com toda a família à missa pela nossa Santa. Acabei de ler o manifesto, que junto marcado a lápis. Falei a respeito de empréstimo para o dinheiro preciso com o Mota Maia e vou almoçar.

12h ¼ Bem. Riancey – Vou variar de leitura e ler La mort d'un franc-maçonn por Eugène Loudun.

5h 55' Com Seibold hebraico e Camões. Volto do passeio ao Boulevard du Grand Pin. Caminhei até o extremo do espigão pedregoso com vista esplêndida para o lado das Lerins e de Vallauris descobrindo Nice ao longe com o seu observatório. Fazia muito calor.

6 ¾ Continuei a ler o folheto La mort d'un franc-maçonn por Eugène Loudun. Trata de Felix Belly que conheci muito no Rio.

Joguei bilhar. Veio a Inhoan e estive conversando com ela, queixando-me da falta de resposta da amiga dela Amelot. Já tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir. Amanhã vou mais cedo à ducha, para almoçar e assistir à festa de S. Pedro no colégio Stanislas.

29 de junho de 1890 (domingo) – 5 ½ Dormi bem. O dia não está claro mas talvez levantem logo as nuvens.

7h 5' Acabei o folheto muito interessante La mort d'un franc-maçonn por Eugène Loudun. Trata da morte de Felix. Vou ler o Bonghi.

40' Ronco forte de trovoada.

8 ¼ Vou vestir-me. 10 ¾ Boa ducha, e comprei flores para a Isabel, a quem as entreguei no Colégio Stanislas para onde me dirigi a pé e de carro, aí a entregando assim como Gaston e meus netos. De lá chego tendo ouvido a missa cantada da festa de S. Pedro admirando a voz de um estudante de nome Fournier. Aprazendo-me festas como esta. Vou ler. Carta de Revy de Croydon de 27. Como de Lessps por sua situação excepcional não pode pôr-se à testa da empresa daquele da estrada de ferro tubular através da Mancha pede-me carta para Sir William Armstrong hoje Lord Armstrong.

11h ½ Já escrevi a ambos. Volto a Bonghi. 12h 20' Almocei com vontade. Le Soleil de hoje. "Academie des Inscriptions e Belles-lettres. Séance du 28" Ravasson continua a leitura sobre o grupo de Marte e da Vênus de Milo. História de sua aquisição pelo embaixador francês em Constantinopla Rivière. A perda dos braços e estragos por combate não é exata; chegou ao Louvre quebrada como se achou. Declara-se contra a restauração, sempre nociva e prejudicial à inteligência do monumento. Mr Gérard comunica a decisão da comissão do prêmio Bordin sobre o concurso. O exame da geografia de

Strabão. Obteve o Marcel Dubois. A Academia forma-se em sessão secreta para ouvir o parecer sobre o prêmio Gobert. Tornada pública a sessão M. Deloche continua sua leitura sobre o dia civil e o cálculo dos prazos legais na Gália. Exumaram ontem da carneira de Montmorency os despojos mortais do poeta Adam Mickiewicz. Em torno do filho Ladislás reuniram-se membros da família e polacos. Os despojos serão transportados para Cracóvia. Publica informações biográficas, mas tenho-as mais completas na “Gallerie des hommes illustre par um homme de rien”. La dépouille relativement bien conservée apparait couchée au milieu d’herbes et de plantes noirâtres. On sait qu’il mourut à Constantinople, il fut par consequent mis en bière selon la mode turque qui remplace notre sciure phéniquée par des herbes et plante aromatiques... C’est aujourd’hui qu’aura lieu à Montmorency lacé remonie du transfert... Le cortege se formera à la gare de Montmorency. Là des discours seront prononcés par Renan au nome du collège de France – onde Mickiewicz era professor da língua eslava –; o príncipe Czartoryski em nome da sociedade histórica e literária polaca... La cercueil... partira le jour même pour Carcovic. Em caminho recepções solenes em Zurich e em Viena. Os tchecos pediram que passasse por Praga, mas a família não anuiu pois não se achava essa cidade no itinerário direto assentado.

Li o folhetim – Un livre posthume. É de Victor Hugo “En voyage, Alpes et Pyrenées”. Vou mandar já buscá-lo. Não desgostei do estilo do folhetim de Charles Canivet.

2h Recebo telegrama do cardinal em resposta ao meu que o congratulava por cardinalato. 3 ½ Li Bonghi e vou passear.

5h 10’ Volto do passeio ao observatório da Califórnia. O mais belo ponto de vista de Cannes. Céu quase sempre nublado e por isso faltavam efeitos de luz. Vou para casa da Isabel.

10h 20’ “Luz e Calor”. Jantei bem com os do costume e Amélia Inhoan cuja filha vi antes. Conversei, assisti a foguearia dos netinhos que armaram também sua iluminação para festejar S. Pedro. Comecei a leitura de Lágrimas abençoadas de Camilo Castelo Branco. Logo que cheguei tomei chá e creio que pouco lerei deitado do Riancey até dormir.

30 de junho de 1890 (2a fa.) – 7h 20’ Dormi muito bem. Belo dia. Vou ler Riancey.

8h ¼ Li no Débats de 22 que pusera de lado. O artigo “Coquelin in Amerique”. Vou ler o suplemento do Fígaro de 28 sobre Stanley. Mandei vir o livro Dans les tenebres de l’Afrique que apareceu antes de ontem em 10 línguas na Austrália, em ambas as Américas e nas grandes capitais européias. O artigo do Fígaro com o retrato do Stanley bastante parecido e outros desenhos intitula-se “La grande forêt du Congo”. Hei de extractar o livro, mas não posso deixar de escrever já isto que leio no suplemento do Fígaro “La surface de l’Afrique est trois fois plus grande que l’Europe et infiniment plus variée... Vous retrouverez... le Brésil dans le bassin du Congo, l’Amazon dans le grand fleuve lui même et les immenses forêts vierges dans celles de l’Afrique centrale”. Aguardo o livro para protestar e fazer meus extratos, apenas transcreverei: “Le Congo et l’Arouhouimi m’ont permis de pénétrer su une très grande lisière de la grande forêt primitive, mais je ne parlerai que la partie qui s’étend de Yambouys, 25° 30’ de lat. E. à Indesoura, 29° 59’ c’est-à-dire à vol d’eau [sic], sur 525 kilométres. 9h 10’ Continuarei essa leitura.

Vou vestir-me. 11h 5’ Volto. Boa ducha. Flores que dei a minha filha, que esperava Gaston e os netos mais velhos que se tinham banhado. Falei a Gaston e Antônio por cima do muro do jardim onde costume passear e depois aos outros quando se retiravam. Vou ler o Fígaro de que já falei. 40’ Almoço.

1h ½ Acabei de ler o Fígaro. Li em o Comércio do Porto de 27 como são as insígnias da nova ordem de Cristóvão Colombo no Brasil. Numa das últimas sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro propôs o Sr. (general) (creio que é engano do jornal) João Severiano da Fonseca a ereção de uma estátua a Cristóvão Colombo que será inaugurada no alto do Pão de Açúcar no dia 8 de outubro de 1892, quarto centenário da descoberta da América. Notícias a respeito da viação férrea. Li no Diário do Comércio os artigos de Trindade “D. Pedro 2° e seu reinado”, faltando creio que alguns que não me deram.

2h ¼ Vou ao Seibold.

5 ¾ Árabe e Camões. Passeio de carro e a pé descendo e novamente de carro até a rua que vai ao Golfo Juan, apeando-me por causa do povo, e indo depois ver a festa das regatas que haviam terminado. Vi o povo dançar aqui e segui a pé pela praia, fazendo o mesmo na volta, até tomar o carro e seguir para aqui, ainda tendo tempo antes do jantar para ler um pouco. Vou continuar Riancey. O Diário do Comércio do Rio traduziu o artigo “Dom Pedro 2 et son Règne” da Revue Mensuelle du Monde Latin do 1° de maio.

6h 35' Deixo Riancey e vou jantar.

10h Bem. Ouvi ler no Débats de 29 o discurso de Renan administrador do Colégio de França na cerimônia de transferência dos despojos mortais para a Polônia do poeta Adam Mickiewicz que foi professor da língua eslava nesse colégio. Academia das Inscrições e Belas Letras. Sessão de 24. Ravaisson continua a leitura de sua memória sobre a Vênus de Milo. Combate a veracidade de pretendido combate em que a Vênus toda inteira então perdesse os braços e sofresse muito. Chegou ao Louvre como foi descoberta, isto é, em pedaços. O trabalho de restauração prejudicou a inteligência do monumento, demorando a restituição proposta por ele Ravaisson. Protesta contra o uso tão geral das restaurações. A memória de Ravaisson decidiu a Academia fosse lida na sessão da 5 Academies a 5 de 8bro [outubro]. Mr. Deloche continua a leitura sobre o dia Civil e o cálculo dos prazos legais na Gália. M. Jules Girard obteve o prêmio Bordin de 3000 fr. pelo "Exame de geografia de Strabão". M. Renan elogia o trabalho de M. Abel Lefranc sobre "As origens do Colégio de França". Diz porque a fundação definitiva foi retardada, qual o papel da rainha de Navarra na fundação; o de Erasmo é a que se devem atribuir as irregularidades de pagamento dos professores de então. Apresentam trabalhos l'abbé Duchesne Senard e Delisle.

A comissão mista das cinco classes do Instituto encarregada de conceder: o 1º prêmio Valney, de linguística decidiu que a medalha de 2000 fr. seria dada a M. James Darmesteter (judeu muito conhecido meu), professor do Colégio de França por seus "Cantos populares dos Afgãs", 2º medalha de fr. a M. Loth professor da faculdade de letras de Rennes pela "Chrestomathie bretonne".

Amanhã falarei do Débats de hoje. Vou deitar-me. São 10h 40' e talvez ainda ler Riancey.

1 de julho de 1890 (3a. fa.) – 7h 10' Vou continuar a "Nouvelle Geographie" de Varigny – meu conhecido por ter estado no Rio. Parece-me que há de servir para meus netinhos. Dormi bem e o dia está claro e bom.

9h ¼ Li La nouvelle Géographie moderne que mandou o meu conhecido C. de Varigny. Vou vestir-me.

11h 5' Volto. Tudo conforme o costume. Encontrei Mouton no passeio e deu-me "L'Empereur d'Arles" drame en trois actes, en verse de Alexis Mouzin. Musique d'Eugène de Briquerville que eu já tinha.

11h 40' Li Varigny e vou almoçar. Continuei a leitura e escrevi a Mathias de Carvalho, Ibituruna e Capellini mandando-lhe minha fotografia, ao Laet e à Ristori. A respeito das obras que suponho serem as italianas que recebi. Vou tomar café e ao Seibold.

6h 35' Hebraico e Camões. Volto do passeio de carro até o ponto a que se pode subir assim do Boulevard Jeanne d'Arc, e segui a pé até a parte onde quase não se abriu caminho. Tempo bellissimo como a vista é encantadora.

10h Jantei bem com minha filha e o S. Joaquim que chegou de Paris. Depois joguei bilhar com S. Joaquim e Aljezur. Subi para tomar chá e vou deitar-me procurando ainda ler um pouco a Nouvelle Géographie Moderne de Varigny. Depois de ler no Figaro de ontem o artigo "L'executiva de Panitza". Qualifica-a d'assassinat juridique... Le complot Panitza n'existe que dans l'imagination de M. Stambouloff... on a donc fusillé un homme simplement parce qu'il gênait un ministre.

Par dépêche de nos correspondants.

Panitza était en costume civil. Il a eu une contenance très ferme et s'est bandé lui même les yeux avec son mouchoir. Ses dernières paroles ont été: Vive la Bulgarie! Les vingt une balles tirées... ont toute porté...

Les journaux n'expriment aucune opinion... mais le monde politique... voi un grand danger pour la couronne du prince Ferdinand... on supposait que le prince Ferdinand aurait l'énergie de résister aux mauvais consuls de M. Stambouloff.

2 de julho de 1890 (4a fa.) – 6h ¼ Dormi bem. Belo dia. É hoje o dia da visita do belo hospital da Misericórdia. Como irão os diversos estabelecimentos anexos? Vou ler.

9h 20' Acabei o 2º folheto da Nouvelle Géographie moderne. Vou vestir-me.

10h Dispo-me para a ducha.

11h 5' O costumado e vou mandar o ramo à Isabel.

¼ Li em A Nação de 26 de junho bom artigo do padre João Vieira Neves Castro da Cruz "Camilo Castelo Branco suicídio". Mostra as opiniões contraditórias dele a respeito do suicídio.

Le Petit Journal de 30 "La semaine exterieure". Bom artigo por ter le ministère français engagé avec l'Angleterre des

négociations qui sont la suite naturelle de l'accord anglo-allemand pour le partage de l'Afrique orientale.

11 ½ Almoçar. 1h 10' Almocei bem. Vou a Riancey.

2h Seibold.

10h Árabe e Camões. Passeio muito belo do Boulevard Grand-duc de carro até onde o caminho daí por diante só permitia ir a pé e descobrem-se as montanhas recortadas da Esterel. Voltei por caminho diferente esperando que o carro me viesse encontrar, mas assim não foi. Contudo numa propriedade de Mandelieu onde se criam vacas para leite e perto das vilas do almirante reformado Chopard e de um duque francês que está agora em Aix les bains. Mr. Dubsit seu dono conduziu-me num break de um só cavalo – soube depois que o dono recebeu dinheiro – até cá, querendo o animal parar nas casas dos fregueses do leite.

Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Agora vou ver se ainda leio deitado.

3 de julho de 1890 (5a fa.) – 6h 20' Dormi bem. Bom dia. Ontem antes de dormir li nos Débats um artigo interessante de Henri Chantasoine “Memoires inedites de l'internonce à Paris pendant la Révolution” por M. l'abbé Bridet. Mando vir e o artigo “Academie des Sciences Séance du 30 Juin”. Lacaze Duthiers dá conta dos ensaios de ostreicultura em Roscoff. A 17 de abril puseram-se nos viveiros 8500 ostrasinhas de meio centímetro. A 24 de junho muitas já tinham 5 a 6 cent. Se não der a moléstia haverá mui boas ostras em 1891. São cultivadas em tanques engradados que impeçam os caranguejos de devorá-las num instante abrindo com as unhas a concha.

M. La Baume Pluvinel observou bem o último eclipse na Canêa. As observações tendem a confirmar as conclusões de M. Janssen que o oxigênio não deve achar-se no mesmo estudo do sol que na atmosfera terrestre. A temperatura baixou durante o eclipse anular de 33 a 27° e a diminuição da luz permitiu ver sobretudo certas estrelas.

Verneuil chama a atenção da Academia sobre operação notável de Lannelongue. Menina de 4 anos quase idiota parecia só ter 2. Crânio um terço do normal, altura não excedente de 66cm, desenvolvimento do torax de 15. Não podia andar. Não ria, nada a interessava. Hoje tudo mudou. De três hipóteses explicativas só prevaleceu a de Lannelongue. Virchou admitia a ossificação das suturas do crânio. Broca, lesões encefálicas. Lannelongue atribui a encefalia a lesões cerebrais à estreiteza da caixa craniana. Nestas idéias abriu na linha craniana média incisão longa e estreita paralela à sutura sagital e partindo da frontal a atingir a occipital. Tirou do lado esquerdo do crânio mais deprimido substância do comprimento de 9cm e largura de 6. Não comprometeu a dura-mater. A operação foi a 9 de maio e a 15 de junho verificava-se mudança notável na criança; a idiota desaparecera, era verdadeira metamorfose. Há oito dias o mesmo professor tentou a operação noutra menina. A recessão foi mais extensa e espera-se igual resultado.

9h ¼ Muito me tem interessado o folheto “Curiosidades naturais do Paraná” pelo Taunay e que este mandou do Rio com data de 31 de maio.

4h 40' Almocei. Continuei o folheto do Taunay e volto do Colégio Stanislas onde estiveram meus filhos e netinhos e assisti às recitações cujo programa junto. Gostei muito. Recebi carta de Daubrée datada de 30 de junho em resposta. Diz-me que pretendem os financeiros tomar de 75000 dinâmicos à catarata do Niágara para transportá-los a 20 milhas. Abre-se concurso entre todas as nações e a comissão encarregada do julgamento reúne-se em Londres a 9 de agosto. Mascart representará a França. As condições do programa são fixadas com muita generosidade pelos promotores da idéia.

5h Continuei o folheto do Taunay e vou para o Seibold.

10h Árabe e Camões. Jantei bem com Isabel, Gaston e os netinhos. Bilhar com Aljezur. Foi-se Gaston com os netinhos. Tenho tido grande ataque de sono. Despedi-me da Isabel. Subo para o chá. Vou ver se posso acabar o folheto de Taunay sobre o Paraná.

4 de julho de 1890 (6a fa.) – 7 ¼ Dormi bem. Bom dia. Vou acabar o folheto do Taunay e ler Riancey.

8h ½ Recebi carta de Revy em resposta. Respondi a Daubrée e escrevi outras cartas. Vou vestir-me. 11 ¼ Volto. O costumado – Le Petit Marseillais de 3 – “Une soirée présidentielle dans les pays chauds” artigo curioso sobre os sucessos da República e a propósito dos quais fala de Tomás Caicedo poeta distinto venezuelano e que conheci muito em Paris – C'était le ministre plenipotentiaire à Paris de la République de San Salvador la plus petite du monde, après Saint-Marin... Il a été un des litterateurs remarquables du Centre-Amérique. L'excellent homme affable entre tous, et disant et édit “Mes

compatriotes, ce n'est pas dou (était sa prononciation) sang qu'ils ount dans les veines c'est dou feu. Mais vis allez voir dans l'avenir comme ils sont faits aux règles de la civilisation.

12h 10' Almocei bem. Vou ler a publicação "Aos meus concidadãos" de Manuel Francisco Correia "Na carta (não sei qual é) por força da qual se me afigura de necessidade a presente... disse... que em nossas atuais circunstâncias não aproveitaria a causa pública a restauração monárquica. A forma republicana parece-me que se tornou definitiva no Brasil (assim esteja digo eu; já preparado para ela! São meus ardentes votos)... Jamais houve... propriamente... questão monárquica... tivemos questão dinástica... Deposta a dinastia... que o Brasil não tem motivo para amaldiçoar, havemos de seguir o influxo dominante no nosso continente... Para a pacífica fundação da República... houve o rápido e providencial acordo de toda a força pública (contanto que não houvesse imposto, digo eu)... O regime excepcional... deve durar somente quanto baste... para que a sua obra possa ser consolidada... pelo garantidor princípio da legalidade.

Organização da República... Tem de assentar no princípio da descentralizadora até onde esta puder ir sem prejudicar a unidade nacional.

Não sei se o princípio exige... se conservam como estados todas as províncias antigas... opinaria imediatamente neste sentido a antiga divisão se não ressentisse de graves defeitos... Urge no entanto que as... divisas respectivas sejam desde já fixadas de modo que exclua qualquer dúvida.

Divisão dos poderes. Em sua marcha traz a civilização relações novas. Deve prevalecer em casos omissos a competência dos estados. A constituição fará a fixação e distribuirá as atribuições pelos poderes legislativo, executivo e judiciário. Há atribuições que ninguém contesta a autoridade federal... Penso que a autoridade central deve ficar... decretar os códigos civil e criminal, regular o meio circulante e superintender o serviço do correio, telégrafo, das vias de comunicação que não se restringirem ao serviço de cada estado...

Divisão das rendas. Princípio gerais, e diversas interrogações cuja resposta "não é animadora". É entretanto o problema aí está implacável e implacável.

Conclusão. "Do que fica escrito resultam os princípios que eu teria de sustentar no congresso legislativo se acaso contra a minha expectativa aí viesse a tomar assento para não faltar ao compromisso tomado em novembro último". O mais não tem importância.

2h 10' Riancey e vou ao Seibold.

6h 40' Volto do passeio bonito e com bom tempo – Canet, route de Grace, Roquette, route de Pegomas e Bocca. Encontrei Isabel e a S. Joaquim que apearam-se para dizerem-me adeus. Vou ler Riancey até o jantar.

10h Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Já tomei chá. Creio que o sono pouco me deixará ler deitado terminando o volume de Riancey.

5 de julho de 1890 (sábado) – 6 ¼ Sempre o li. Dormi bem. Vou acabar esse volume. Bom dia.

7h 40' Li Riancey. Vou vestir-me.

11h ¼ Boa ducha e vim a pé tomar o carro, que me trouxe, andando eu também a pé, à Villa Trastour tendo passado por Villeneuve de Loubet com uma espécie de castelo no alto. Todo o trajeto é muito belo. Desta janela descubro o castelo de Villeneuve e mais longe o mar e à esquerda a povoação elevada de St. Paul. Hei de extractar o guia Excursion entre Nice et Antibes – Ville Loubet etc. Este lugar chama-se La Colle. É pequeno e quase que a povoação consiste na rua que atravessei – mas não sempre – vindo para a Vila.

12h 20' Almocei bem. Estou no salão do andar de onde se goza bela vista. Achando um álbum com o título Photographs – fui a ele ansioso – mas são da Escócia, nenhuma daqui. Foi pouca ainda minha contemplação da vista. Entre as duas povoações há um grupo de casas. Poucas árvores; o terreno é próprio para vinhedos. Vi um álbum de retratos fotográficos. Vou ao folheto.

1h 25' Estive lendo o folheto. Vou sair. 2 ½ Chego de St. Paul, povoação fortificada do tempo de Francisco 1º. Estou na igreja. Os quadros mesmo o apontado representando Sta. Catarina são medíocres. Contudo o passeio agradou-me. Depois de tomar café vou a Villeneuve de Loubet ou antes de le-beait.

5h 50' Subi a torre de Villeneuve – 124 degraus – bela vista para o lado de Montbouillon, espécie de Saut-du-loup, de St. Genest e das montanhas que se seguem como do lado do mar fronteiro azul ferrete. Voltei pelo mesmo caminho, que da

Route de Antibes toma à esquerda. Li no Guia que na Colle havia o commandeur Maxime Raybau coronel dos filahelenos da expedição de Morea; depois cônsul geral da França hoje aposentado. Procurei-o na volta e disseram estar em Nice. Hei de indagar, assim como falar ainda deste passeio e agora que cheguei ao hotel vou ver o que há. Recebi carta da Januária de hoje.

Jornal de Notícias de 30 do Porto “Adriano Vale”. “Um parente íntimo... refere... disparou os tiros (contra mim) porque numa sociedade secreta de que fazia parte foi pela sorte designado para dar a morte ao velho imperador. Dessa sociedade eram também membros os que hoje dirigem a nova república. Uma palavra dele provocada pelo desespero de sua situação quando se viu preso e tê-los-ia perdido a todos... Adriano do Vale veio à pátria procurar alívio para uma doença de que está afetado.

Le Petit Journal de ontem “Canal do Corinthe”. Logo extractarei como o artigo de 11 de junho com o retrato do barão do Amazonas no Diário do Comércio do Rio daquele dia. Vou a Riancey até o jantar – mas chamam-me para este.

10h 10’ Jantei bem com minha filha. Os S. Joaquim comeram no seu quarto. Depois bilhar com Aljezur que está um pouco incomodado pelo que almoçou e depois com S. Joaquim. Foi-se a Isabel às 8h ½. Dei lição de árabe e comparei a tradução alemã dos Lusíadas com o original. Subi, tomei chá e vou deitar-me e ver se leio ainda.

6 de julho de 1890 (domingo) – E acabei antes de dormir o 6º e comecei o 7º volume do Riancey. Dormi bem. O dia parece bom. Vou adiantar o Bonghi. Escrevi respondendo a carta do Muritiba de 5 de junho.

9 Li bastante o Bonghi e vou vestir-me. Está ventando muito.

10h 35’ Boa ducha e vim a pé e enfim de carro para ser pontual à missa de onde volto. Vou ao Bonghi.

11 ¾ Vou almoçar. 12h 10’ Bem. Torno à leitura. 12 ½ Mota Maia traz-me o Temps de 5. Com os artigos “Brésil” sobre a recusa da candidatura por Nabuco e cita suas palavras “Peut-être aurai-je un jour dans la république la foi de Thomas; mais je lui demande de faire un miracle, celui de gouverner aussi bien et de laisser la même liberté que la monarchie. On nous écrit de Rome le 2 Juillet. O Papa sentiu-se incomodado. Julgou-se envenenado. Mandou chamar um médico o Dr. Ceccarelli que examinou tudo, e verificou que isso era devido a aspargos mal digeríveis para estômago de mais de 80 anos.

1 ½ Estive com o brasileiro Teófilo da Cunha e Sousa nascido em Juiz de Fora que volta para o Brasil depois da ausência na Europa de 11 anos. Estudou sem proveito, ao que parece no Brasil, e formou-se em Direito em Paris. Fisionomia alegre, mas pouco inteligente. Custa-lhe a falar português.

3h ½ Bonghi. Vou sair.

10h 40’ Fui a Vallauris e assisti a corridas de cavalos que poderia chamar de roça. Um dos cavaleiros estava bêbado que nem cabra. Agradou-me essa festa popular, do dia de St. Eloy – du roi Dagoberto. Comprei numa loja três trombetas para os netinhos. Havia também feira. Vim ao hotel, encasaquei-me e fui jantar com a Isabel. Antes do jantar que me soube li “Luz e Calor”. Depois conversei, traduzi poesias da polaca dama da Czartorisky e que transcreverei amanhã e voltei depois das 10h. Hei de ainda ler um pouco deitado – talvez Bonghi ou Riancey.

7 de julho de 1890 (2a fa.) – 6 ½ Dormi bem. Bom dia. No Temps de 5. Artigo “Le Congrès pénitenciaire”. É o 4º internacional. Reúne-se Trabalho em S. Petersburgo. É como uma introdução, veremos os artigos seguintes. Petit Journal de 4 – “Canal de Corinthe”. Áustria, Itália e Grécia aproveitam com seus 1300 navios com a tonelagem média de 1500. Não incluindo a de outras nações passaram pelo canal 3.947.706 toneladas à razão de 75 cent. por tonelada. L’autorité. Sur diz millions de mètres cubes de déblais à extraire 8 sont déjà enlevés... En moins de trois années le canal sera ouvert à la gran-navigation. Emitiram-se a 5 obrigações para essa obra no Comptoir d’escompte de Paris.

Diário do Comércio do Rio de 11 de junho sobre o combate do Riachuelo com retrato muito mal feito do barão do Amazonas. Publica a parte oficial cujas primeiras linhas sempre releio com orgulho de brasileiro “Não fomos *[sic]* tudo quanto desejávamos, mas fizemos tudo quanto podíamos”. Vim com o programa da festa mas só extractarei o seguinte: “A Diretoria do clube naval autorizou o comandante do encouraçado Trajano surto em Montevidéu a colocar sobre o túmulo do barão de Amazonas – o bravo do Riachuelo – que jaz naquela cidade uma coroa ofertada pela diretoria do mesmo clube.

Débats de 3 “Revue des Sciences”. Curioso. Observação de Fol que talvez seja o mesmo penso das experiências de Villefranche sobre a comunicação de semelhança de feições pela convivência. Solução de metilo roxo em milésimo é

segundo Stelling de Strasburgo antisético poderoso. Ehrlich insiste sobre as propriedades analgésicas do azul de metileno puro... Medicamento nervino contra a dor e comparável à antipirina, porém mais em dose igual e menos caro. O professor Hayem preconiza ácido láctico para as diarreias. Curou com ele um caso de cólera-nstras. Profilático em dose de 4 a 6 gramos por dia. Curativo empregado logo em dose de 10 a 20 gramos por dia. Depois de falar de experiências de Pasteur e outros diz: En réalité les levures spéciales communiquent aux liquides en fermentation des bouquets particuliers. Pasteur diz: la levure donne au vin son gout pour une grande part. "Il y a encore autre qui échappe aux expérimentateurs, diz Parville.

Bour obteve o almiscar artificial. Prepararam-nos em Mulhouse e na fábrica de Bellevue perto de Giromagny. O almiscar vale agora 3000 fr. o kg. Esse comércio atravessa período crítico. O sabor de morango é dado artificialmente ao sorvete. Obtém-se do modo que diz e basta empregar pouca quantidade. A água salgada da exposição só o era natural em 1878, mas a despesa atingia cerca de 50.000 fr. Fabricou-se pois conforme o processo de M. Perrier do Museum. As ostras principalmente viveram muito bem. Dá informações das aranhas. Combate a aranha grande com um peixe. Arrastava-o para terra, e o teria vencido se não separassem os lutadores. A aranha tinha 18 mm de comprimento e pesava 4 gr. 8. Combate mais interessante de aranha do volume de ervilha e de um ratinho. Principiou cerca das 10 da manhã e às 2 o ratinho já não tocava o assoalho. A aranha subia e descia ao longo dos fios e mordida de quando em quando a cauda do ratinho, cuja ponta do focinho estava às 2h da tarde a 3 cm do solo. Às 9 o ratinho ainda vivia mas só movia quando a aranha descendo mordida-o. No dia seguinte pendia morto a 7 cm do assoalho e o ratinho media só 4 cm do focinho à raiz da cauda, mas admira que tão pequena aranha o agarrasse e matasse.

Depois diz qual o preço do tiro dos canhões. Chega o custo a 4,160 fr. Mas um canhão destes de marinha custa 410.000 fr. e depois de atirar 100 vezes fica bem doente. Se se calcula o estrago cada carga de tal canhão será de cerca de 8000 fr. Atira-se ao inimigo a renda de um empréstimo de 212.000 fr. Cada tiro de peça de 67 ton. calhando 250.000 fr. e se estraga com 130 tiros custa 3.000 fr. A peça de 45 ton. e preço de 157.000 fr. podendo dar 150 tiros, custa 2.450 fr. cada tiro.

9h $\frac{1}{4}$ Vou vestir-me.

11h 10' Como de costume e com muito vento e muita poeira que parecia ao longe neblina. Vou enviar o ramo. Chegando ao hotel achei Ferreira Viana a quem dei um abraço e o genro.

Vou copiar a tradução dos versos de Maria Obalska dama da Czartorisky e que ontem traduzi em casa da Isabel.

11 $\frac{3}{4}$ Não acabei e vou almoçar.

3h $\frac{1}{2}$ Ferreira Viana com quem conversei longamente, porém menos do que desejara por ter de ir às 2 à casa de Isabel e depois árabe e Camões com Seibold. Vou passear.

5h 40' Fui à Villa Dognien, uma das mais belas de Cannes e que muito gostei de rever. O dono morreu muito velho há 2 anos. A viúva com as filhas estão em Paris. Não gosta da vila porque o marido aí vivia com a amante que julgo ter visto de longe na vila da vez passada. Agrada-me sobretudo a rua de fetos arborescentes da Austrália que lembram os do Brasil. Vi bem tudo e voltei pela Califórnia, vindo a pé descendo de grande distância até o meu hotel. Foi bellissimo passeio.

10h Jantei com minha filha, Ferreira Viana e conversei com todos. Já subi para tomar chá havendo me despedido de todos menos de Aljezur e de Mota Maia que assistiram ao chá e a quem disse já adeus. Vou ver se leio ainda antes de dormir.

8 de julho de 1890 (3a fa.) – 7h 20' Dormi bem. Bom dia. Vou ler Riancey. Respondi à carta do oficial de Marinha Adolfo Pinheiro e volto à leitura.

9h 5' Vou vestir-me.

11h Boa ducha. Tudo o mais como de costume. Faz calor. Logo mandarei a tradução dos versos da Obalska pedindo que lhes envie a peça mais, pois essas traduções ao acordar como que enxáguam o espírito.

$\frac{1}{2}$ Almoçar. O vento zune.

2h Almoçaram comigo Ferreira Viana e o genro com os quais estive conversando até agora. Regressam a Florença e encarreguei-os de lembranças para meus conhecidos daí.

3 $\frac{1}{2}$ Seibold. Sânscrito e Camões. Vou passear, embora vente bastante.

5 $\frac{3}{4}$ Fui à Croisette, onde esperava arrebenção mais forte. Depois segui pelo Canet, andei a pé na Toute-pleine e voltei

para o hotel pelo boulevard la Foncière, vindo da route de Grace. Agora lerei Riancey.

10h Jantei com minha filha. Joguei bilhar com o S. Joaquim. Tenho tido muito sono e penso que pouco lerei deitado Riancey.

9 de julho de 1890 (4a fa.) – 6h $\frac{1}{4}$ Dormi bem. Dia encoberto vou ler Riancey.

9h 25' Li bastante. Vou me vestir.

12 $\frac{3}{4}$ Boa ducha e tudo como de costume, encontrando só os netinhos Pedro e Luís. Gaston e Antônio estavam ainda na casa de banho, onde não os achei depois. Li Riancey. Almocei bem. Trabalhei no que escrevo para a distribuição dos prêmios no Stanislas. E torno ao Riancey.

Mas vou ao Débats de 7. Cólera em Valência recrudescu. 2a. edição francesa da obra de Stanley “Dans les ténèbres de l’Africa” posta a venda a 7. François eleito para Academia de Belas Artes em lugar de Robert Fleury depois de 4º escrutínio por 19 votos. Processo das revolucionárias russas. Bromberg e Reinstein. La Semaine dramatique – “Le Capitain Fracasse”. Comédie heroique extraite du roman de Théophile Gautier, en vers par M. Emile Bergerat genro daquele.

2h Seibold. Árabe e Camões. Apresentou-me as citações nas diversas línguas que sei relativas à vantagem da instrução.

5h 50' Volto do passeio de carro e a pé pelo alto da Califórnia, regressando pelo hotel Metrópole, e route de Antibes. Vou a Riancey.

10h Jantei com o Carapebus. Depois joguei bilhar com o Carapebus. Subo e ouvi ler os artigos de jornais. Tomei chá e vou ler ainda deitado.

10 de julho de 1890 (5a fa.) – 6h Dormi bem mas tenho me levantado por vezes para urinar. Dia bom.

Li ontem antes de dormir no Débats. Academia das Ciências. Sessão de 7. Lacaze Duthier apresenta comunicação de Prouno do laboratório Arago. Viu estrelas ouriços marinhos que caçando estrelas do mar uma nuvenzinha aparecia. Reconheceu sob os espinhos orifícios de 2 condutos de glândulas segregando uma espécie de veneno muito vivo para ataque e defesa. Mouchez apresenta: 1º espectro solar de grandeza ainda não alcançada obtido nos Estados Unidos; 2º fotografia da nebulosa da Lira devida a Hayet do observatório de Bordéus. Schutzberger em nome de seu preparador Bidet apresenta uma série de produtos aromáticos que embora expostos à luz não se alteram. É que ela não influi nos produtos puros. Janssen anuncia a morte de Grad antigo discípulo da escola de Minas de Paris. Fez trabalhos importantes sobre as geleiras e o período glacial. M. A. Laboulène lê nota sobre a dificuldade de verificar da ladrerie bovina. Há 20 anos a solitária aumentou muito em Paris. O toenia solium tende a desaparecer e o saginata multiplica-se. É que os germes do ténia inerte vem da carne de vitela ou de vaca enquanto dos do ténia de cabeça armada acham-se na carne de porco doméstico. Ora come-se carne de vaca sangrenta ou mal cozida e recomenda-se carne crua na terapêutica. Estamos expostos à invasão do ténia inerte, tanto mais que os cisticercos escapam ao exame da carne dos açougues. M. Laboulène cuidou de muito tempo de descobrir a presença dos cisticercos na vaca e vitela ladres como se faz no porco. Para tal fim deu a Colin d’Alfort ténias inertes para infectar vitelas e vacas. A carne contaminada foi remetida a Laboulène no estado natural e em álcool. No dia seguinte se os fragmentos em álcool deixavam claramente ver cisticercos os pedaços de carne fresca não tinham sinal deles. Sua presença passava inteiramente despercebida. Ninguém havia assinalado o desaparecimento rápido do aspecto dos cisticercos ao contato do ar e da carne de vitela e de vaca. Aguardou nova experiência para concluir ora tentativa muito recente de M. Guichard e M. Georges Pouchet não permite dúvida. A dificuldade de verificação da ladrerie bovina é devida ao desaparecimento do aspecto visiculoso dos cisticercos. Essa conclusão não tranqüiliza. Estaríamos assim expostos a engulir cisticercos da ténia inerte. Felizmente termina a leitura.

Em próxima comunicação darei meio de reconhecer sempre se a carne de açougue contém cisticercos qualquer que seja seu aspecto. Le central transsaharien. “Il vous en quatre jours du bord bleu de la Méditerranée à la nappe d’argent du lac Tchad. Mando vir os livros publicados pelos promotores da idéia o general Philibert “La Conquête pacifique de l’intérieur africain” e engenheiro Roland “La France en Afrique et le Transsaharien”.

7h $\frac{3}{4}$ Riancey.

8 $\frac{1}{2}$ Recebi carta de 8 de Liégeard mandando-me os números de 8 e de 9 do corrente do Autorité, onde publicou sua conferência sobre o Brasil a propósito do livro “Le Brésil” do Sta. Ana Nery. Vou vestir-me. São 9h 10’.

11h 35' Tudo como de costume acompanhou-me também Carapebus. Respondi à carta de Liègeard de 8 de Paris e li Journal des Savants de junho.

12 ¼ Almocei bem, assistiram também os Carapebus que me deram notícias de Petrópolis

2h 5' Journal des Savants. Vou para o Seibold.

6h 10' Hebraico e trabalho nas citações nas diferentes que sei de pensamentos sobre a instrução para a distribuição dos prêmios no dia 24. Depois fui passear de carro e a pé até além de St. Cassien, e o Aljezur comprou no Magnen “La vie des Saints” par l'abbé Pradier para eu levar amanhã ao leigo de St. Cassien.

Recebo cartas da Mana Januária de hoje. Diz-me que não pode caminhar e parte a 16 para Acgni Hotel delle vecchio Terme e carta do Matias de Carvalho de 8 das águas de Salsomaggiore.

10h Jantei bem com os meus, família e companheiros, e com os Carapebus marido e mulher, e a S. Joaquim. Depois joguei bilhar com o Carapebus despedir-me de Gaston e dos netinhos e por fim da Isabel. Tomei chá e agora talvez leia deitado se o sono me permitir.

11 de julho de 1890 (6a fa.) – 5h 20' Dormi bem. Manhã enevoada. Antes de dormi li no *Figaro* de 9 o artigo “Une Eminence Suisse” sobre o cardinalato de Mermillot. Há aí informações interessantes.

7h 35' Acabei o Journal des Savants de junho.

8h 10' Escrevi a Daubrée por causa do artigo dele nesse Journal.

8h 35' Escrevi a Matias de Carvalho mandando-lhe carta para Lady Dufferin.

11h 10' Tudo como o costume. Vou ao Riancey. ½ Vou almoçar. Tempo escuro. Recio *[sic]* muita chuva.

12h Almocei bem. Sempre a mesma discussão com o Aljezur. Vou a Riancey.

1h 5' Vou ver o filho do Dantas. 20' Acabo de estar com ele e a mulher filha da Vera. Ficaram de aparecer-me com a Vera em Baden. Torno a Riancey.

2h Respondo a carta de Rolland de 10 e que me fala de tradução em verso francês das “Mil e uma noites”.

5h 50' Seibold. Árabe e Camões. Depois saí a passeio. Encontrei os Carapebus de volta de Nice aonde foram à Mana Januária. Larguei o Aljezur e tomei aqueles no meu carro. Fomos a St. Cassien. Dei o livro com a data e meu nome depois das palavras Le pélerin de St. Cassien ao leigo cujo nome soube e lá escrevi – Au frère Louis Gonzague – o fez 86 anos em junho. Andei por toda a parte com os Carapebus e Mota Maia descendo continuando a pé pelo caminho de Napoule, voltando de carro pelo caminho da direita perpendicular à estrada de ferro. Fiquei de ouvir missa na ermida de S. Cassiano no dia da festa do Santo, regressando à tarde para assistir às danças populares.

Recebi carta de Daubrée de 10. O Mouton mandou-me hoje sua fotografia escrevendo nas costas “Amor e Fidelidade” – que é a legenda da ordem da Rosa que o governo do Brasil lhe deu depois de minha última viagem – à S. M. Dom Pedro d'Alcantara – Son très humble, très respectueux et très devoué F. Houton.

6h ½ Vou jantar.

10h Comi com apetite na companhia dos meus companheiros do costume e dos Carapebus. Joguei bilhar com o Carapebus. Tomei chá e por causa do sono não sei se muito lerei deitado. Em “La famille de Jacob” publication religieuse mensuelle par M. le grand rabbin Mossé vem nas Poésies religieuses du rituel comtadin a minha tradução do hebraico com esta declaração “Traduit litteralement de l'heubreu par dom Pedro II d'Alcantara”.

12 de julho de 1890 (sábado) – 6h ½ Dormi bem. Choveu de noite. Dia que parece de chuva. Vou responder à carta de Daubrée de ontem e escrever a Villeneuve 44 rue d'Industrie Bruxelles. Vou a Riancey. 9h 5' Vou vestir-me.

11 ¼ O costumado. Voltando achei Isabel com S. Joaquim que chegavam e desarranjo em meus quartos por causa de novos hóspedes. Reclamei e fica tudo como antes. Torno a Riancey depois de dar em mão o meu ramallete diário da Isabel. 11 ½ São horas do almoço.

12 ¼ Almocei bem e vou escrever a Taunay mandando-lhe anotado por mim o seu folheto “Curiosidades naturais do Paraná”, o qual é muito interessante. Entreguei ao barão de S. Joaquim o que mando ao Taunay.

2h ¼ Fui à estação receber os Joinville que já deixei em seus aposentos. Vou a Riancey.

3h Passear até Seibold às 5h.

4 ³/₄ Também andei a pé pela route de Antibes. Torno a Riancey.

6h ³/₄ Por querer concluir a tradução de um soneto só traduzi a Odisséia com o Seibold. Vou jantar.

10h 40' Jantei bem com Isabel, Gaston e os Joinville. Retiraram-se e a S. Joaquim toda chorosa pois retira-se amanhã com o marido para o Brasil. Tendo eu antes jogado bilhar com o Carapebus subi para tomar chá e terminei a tradução do soneto em italiano mandado por Ferreira Viana de Florença. Hei de transcrever tudo amanhã. É tempo de deitar-me para ler ainda Riancey.

13 de julho de 1890 (domingo) – 7h Dormi bem. Recebi ontem carta de Avignon de 10 de Rabbi B. Mossé mandando-me alguns números da sua publicação “Famille de Jacob” contendo a minha tradução do hebraico. Excelente tempo. Vou ao Bonghi mas antes lerei o Petit Journal de 11 com artigo curioso sobre micróbios principalmente da cólera-morbus. O vírus está na excreção do verme e o ácido láctico precipita-o e destrói o tóxico. Nos casos de cólera epidêmica, morbus ou asiática esse tratamento seria eficaz na infantil. Lesage demonstrou a identidade do veneno da cólera nostras e da asiática. Há muito que o professor Hayem mestre daqueles dois preconizava o leite nos casos de cólera infantil. Demonstraram que o veneno aproxima-se dos ácidos graxos e que perde as propriedades tóxicas na temperatura de 120°. Uma grama dessa secreção bastaria para mil pessoas. 8 ¹/₂ Respondi a carta de Ristori de 10.

Ontem traduzi o soneto de Guinio Carbone di Genova autore delle storie di Genova que mandou-me de Florença Ferreira Viana.

A Dio

Nee Unus nee Trinus
D'unità screvo e di pluralidade
Ed inaccessa a ogni intellecto umano
ineffabile essenza o spirito arcano
cui stolto orgoglio nome ed impietade
Se guardar degni a noi, se par bondate
Oa te guistizia è questo mondo insano
Correger, del colcenno tuo sovrano
Caccia il demon feroce che ne invade
Sil rio demon che mille dii ne finge;
Se qual solo, qual moltiplice, uma tutti
pazzi, iniqui, crudeli ed oppressori
La Tirania che i nostri fati stringe
Stermina omai, pon fine a nostri lutti
Nè a Te comprender l'uom piu si martori
16 Ottobre 1850
Quino Carbone di Genova
autore della Storia di Genova

10 ³/₄ Tudo como em domingo. Volto da missa a que assistiu Gaston, pois que perdeu a do colégio. Eis a tradução do soneto.

A Deus

Sem unidade e sem pluralidade,
E inacessível ao entendimento humano,
Inefável essência ou espírito arcano,
Que só ousa nomear jatância ou iniquidade
Se olhas para nós e se bondade
Ou a ti justiça é este mundo insano
Corrigir, com teu aceno soberano
O diabo expulsa a feroz, que nos invade

O diabo réu, que deuses mil nos finge
Um ou múltiplice, todos porém
Ímpios, cruéis, loucos e opressores
Tiranía em que o fado cruel nos cinge
Doma, e o mal longe de nós detém
Nem teme homens por Ti hoje perseguidores
11h 40' Vou almoçar.

1h 10' e estive conversando com os Joinville na sua sala, retirando-se o Joinville para escrever. Vou ao Bonghi.

2h 10' Para Nice. Já li os jornais que trouxe. Petit Journal sobre "Le fusil Giffard" sem pólvora atirando 300 sem limpar-se nem aquecimento notável, além de rapidez do tiro, e economia de projetis – completa segurança e supressão das emanações. Os 300 tiros armazenados no recipiente podem disparar-se à vontade. O preço do recipiente cheio de gás é muito baixo. Quando Graham Bell achou o telefone em 1867 quem pensaria que em 1887 se telegrafasse de Paris a Marselha?

2h 40' Chegamos daqui a pouco.

5h 10' Partimos. Estive com a Januária a quem disse adeus. Nada vi de Nice. Gaston e os pequenos passearam. Vou ler um livro comprado na estação.

6h 7' Chegado. O Joinville brincou muito com meus netinhos mas assim mesmo "Le nu au Salon" de Armand Silvestre que tem me agradado. Vou jantar em casa de Isabel.

10h Acabo de tomar. Li à Isabel "Luz e Calor". Jantei bem com os do costume, menos os que já se retiraram e os Joinvilles que se recolheram mais cedo do que eu. Vou ainda ler antes de deitar-me a obra de Bonghi e depois a obra que li na volta de Nice.

São quase 11h. Já tenho sono. Vou deitar-me e tentar ler ainda.

14 de julho de 1890 (2a fa.) – 6 ½ Ainda li até dormir que não foi tarde "Le nu au Salon". Dormi bem. Vou ler. Bom dia. Esquecia-me dizer que li no Fígaro de 12 bom artigo sobre o rei da Bélgica "Le roi Léopold 2".

8h ½ "Le nu" também enfastia e vou ao Riancey.

9h ¼ Vou vestir-me.

11 ¾ Boa ducha. Tudo em festança. Perto do banho vi meus netinhos menos o Luís que estava incomodado com o Gaston na casa de banho. Já vi a Isabel. Dei o passeio de costume. Fiz um soneto ao dia de hoje e vou almoçar.

1h ¾ Estive no salão dos Joinville onde li à Mana Chica no Fígaro de ontem os artigos "Le Docteur Faust" humorístico a propósito das experiências de virilidade Brown-Sequard e Esmeralda ópera de Arthur Coring Thomas. Publica telegrama de 12 de Hamburgo. "Des dépêches prouvée du Brésil mandent qu'un attentat aurait été commis contre M. da Fonseca". Será Manuel Deodoro?

Riancey e 2h 5' Seibold. Árabe e Camões. 5 ¾ Saí com a Chica e a Isabel de carro e a pé pela praia de Juan les Pins. O tempo estava bellissimo. Eis o soneto.

Hoje ruia e a imagem da injustiça
Brilha a fé no que é justo a caridade
Buscando até remir da humanidade
Os males que lhe faz cruel cobiça.
Livre move-se do arado já a rabiça
O suor próprio dá a felicidade,
E o inteligente com atividade
Aspira à posição, que não o enliça
E oxalá que este dia seja propicio
Dando ao Brasil ventura inabalável
E possa em breve seu grandioso edificio
Formar-lhe o esforço meu sempre incansável

Sendo que eu fizer meu beneficio

Ver que tão jovem surge incomparável

10h 5' Jantei com toda a minha gente. Depois joguei bilhar com o Aljezur, Gaston, Joinville e os meninos retiraram-se mais cedo para assistirem ao fogo cuja bulha da foguearia ouvi muito bem. Minha filha e a Chica despediram-se e eu subi para tomar chá. Já o fiz e vou ver se ainda leio deitado "Le nu" do Salon e Riancey.

15 de julho de 1890 (3a fa.) – 6h ¼ Dormi bem. Vou ler ainda "Le nu au Salon".

8h 35' Traduzi aí umas poesias. Vou me vestir.

h ½ Ducha por ido à estação despedir-me dos Joinville.

10h ¾ Disse-lhes adeus e depois dei meu passeio do costume. 11h 5' Traduzi. Vou almoçar.

2h 10' Tenho traduzido. São horas já do Seibold. O que ontem estudei diz o que hoje estudarei. 10h Já tomei chá.

Passeei de carro e a pé pela Esterel e o mais como de costume. Li "Lu nu au Salon" e continuei a traduzir a poesia que aí achei e lendo Riancey – já deitado, – dormirei.

16 de julho de 1890 (4a fa.) – Quase 10h traduzi, tomei ducha e parto com os companheiros e Isabel em trem da estrada de ferro para o passeio. 12h Já almocei e bem depois de ter acabado a tradução dos versos de "Le nu au Salon".

12 ½ Estive anotando o folheto do Nabuco e vou ao passeio a Vence.

6h Cheguei. De Grace fui ao Ponto du loup onde já estive. Atravessei-o e segui por Tourette e St. Genest até Vence. Aí parei. Vi a igreja antiga e curiosa. Fui ao chamado Chateau, subindo uns poucos de lanços de escada para nada ver. Depois vim a Cagnes, de onde a esperar o trem ficaria. 2h ¼ Por isso segui no carro e de costas até gozar bem da vista de Nice. Ainda falarei do passeio depois de ter um pouco a respeito de Vence.

6 ½ Vou jantar tendo lido ainda o folheto do Nabuco – "Resposta às Mensagens do Recife e Nazaré". Notei-o todo e dei-o a Mota Maia a quem o enviou a Taunay com um elogio que parece-me exagerado.

10h ¼ Comi bem. Joguei bilhar e às 8h ½ estudei com Seibold árabe continuando a comparação dos Lusíadas com a tradução alemã. Vou ver se ainda leio Riancey antes de dormir, mas já na cama.

17 de julho de 1890 (5a fa.) – 7h ¼ Dormi bem. Bom dia. Vou escrever e ler Riancey. Já escrevi à Mana Januária em Acqui e a Daubrée. 9h Li Riancey e vou me vestir.

11 ¼ O costumado, sol quente. ½ Comecei meu estudo do Atlas de Nordenskjöld em relação à América e sobretudo ao Brasil.

12h 10' Almocei bem e vou continuar.

6h 5' Concluí esse rápido estudo o qual enviei a Daubrée para seu artigo a tal respeito no Journal des Savants. Hei de escrever sobre o Atlas.

Estudei grego traduzindo a Odisséia com a comparação do costume e o mesmo fiz relativamente aos Lusíadas e o alemão. Passeei de carro e a pé pelo observatório da Califórnia e Vallauris, comparando *[sic]* objetos para os netinhos no armazém de Jérôme Massier. Chegando recebi carta datada a 11 de Paris 5 rue du Regard enviando-me seu livro "Jerusalém son histoire etc." Conheço a obra grande "Dans le present volume qui sera à la portée d'un plus grand de courses je me bornerai à l'étude succinte de Jérusalem" "Ce volume"... diz ele na carta contient les résultats du dernier pèleriange que j'ai accompli en Palestine... J'ai dû le dicter très péniblement au milieu de maux de tête presque continuele... J'ai eu l'extrême chagrin de perdre en la personne de ma chère fille le principal secrétaire qui m'avait secondé dans ce travail, elle a revivé ainsi sa mort prémature la douleur que m'avait causée celle de mon fils ainé. Sente contudo minhas infelicidades, e agradece-me de novo a comenda da Rosa. Muito comoveu-me esta carta. Recebi também carta de João Cesário Fernandes de Pitangui. Falarei depois dele.

Chamam-me para o jantar e ouço as vozes dos netinhos.

10h 10' O chá tive de fazer de novo. Depois do jantar que me soube, joguei bilhar com Aljezur. Gaston levou os netinhos, e veio buscar a Isabel. Ouvi ler jornais franceses. Agora vou ler deitado até vir o sono que penso não tardará.

18 de julho de 1890 (6a fa.) – 6h Bom. Pela madrugada tive pouco sono. 6h 20' Acabei Revue des Sciences do Débats de 17. Fala da espingarda Giffard de emprego de líquido volátil. Ce ne sera pas encore la puissance de la poudre... On peut conclure pour le moment l'application de la force du gaz liquéfié aux armes est borné a des emplois spéciaux. Aparelho de M. A. Cassagnes. Experimentou-se na Câmara. Le système est tout-à-fait étonnat pendant qu'un député parle ses pareles sont stenographiées mecaniquement transmises aux quatre coins de la ville et imprimées simultanément. L'appareil a fonctionné régulièrement a une distance égale à celle de Paris à Marseille. Il faut des heures pour transcrire les signes stenographiques en signes ordinaires, c'est ce que fai l'appareil. Toute dépêche stenographiée peut être traduite en langage vulgaire à l'ortographe près et même l'ortographe en pendant un peu dans la vitesse de transmission qui depasse tout ce que l'on a obtenu jusqu'ici.

Cassagnes reduziu muito a despesa de 20 fios necessários à de um. Experiências em Alfort de purificação do ar. Da água demasiadamente elétrica. Não parece ser de aplicação muito geral. Afiamento de utensilios por eletricidade parece que com bom resultado. Aritmógrafo de Troncet que multiplica e divide. É muito engenhoso e prático. M. Troncet a realizé véritablement un petit appareil à la fois utile et charmant.

Academia de Medicina de Paris. Sessão de 15 observações sobre o emprego do cloroforme. Lagneau observações demográficas. Mortalidade em França 21 por mil quase a da Inglaterra; 27 Prússia; 25 Rússia. A ação nociva das cidades manifesta-se pela fraqueza da natalidade e em Paris são uma raridade cidadãos de 4ª geração. Na profissão militar em tempo de epidemia nas colônias morre metade. A mortalidade das crianças de pouca [...] é horrorosa sobre nas 6000 que Paris manda para o campo a fim de alimentarem-se. Assim em França a natalidade é apenas maior que a mortandade. Sem a contribuição dos estrangeiros a população diminuiria. Na Áustria, Prússia e Alemanha aumenta cada ano de modo considerável. M. Javal formula um voto que proporá – “A Academia chama a atenção dos poderes públicos para as conclusões da memória de M. Lagneau conforme as quais a parada do aumento da população tem por causa principal a diminuição voluntária de natalidade, diminuição causada somente pela situação constituída às famílias numerosas pelas leis civis, fiscais e militares.

Le Monde de ontem. “L'antrophologie chrétienne et la science historique”. Já mandei buscar as obras citadas de P. de Borniot. Devem ser interessantes mas o artigo de Marius Sepet é fraco. Le Littoral de ontem publica o estudo de Liégeard “Le Brésil”. Le gouvernement français vient de reconnaître solennement la Republique de Rio, nous croyons qu'on ne lira sans interest l'étude ci-dessous. C'est... le tableau saisissant... de que qu'était le Brésil... à l'heure où le moins justifié des coups de force renversait le meilleur des souverains... On y verra ce que Dom Pedro d'Alcantara l'hôte actuel de Cannes avait su faire du vaste Empire – Foi pouco.

1h ½ O costumado acabo de responder a Tomás Ribeiro com uma carta minha em resposta à que lhe enviou a viúva do Camilo Castelo Branco agradecendo-me as demonstrações pela morte do marido a quem fiz um soneto que vai com a carta. Vou já transcrevê-lo.

Abençoadas lágrimas choravam
A quem deu fim ao sofrer em cruel martírio,
E qual farol posteridade adquire-o
Dos que nas boas letras se ilustraram
Os amigos no cego adivinharam
Vendo-lhe os olhos, que ocupava o empíreo
E que era só para ele sacrificio
Não ver também os que tanto o prezaram
Eu fui um destes na sua adversidade
E quando mal deixava de penar
Pelo que o Vate diz da meia-idade
A ninguém as doçuras perdoar
Mas depois que provei a adversidade
Vim junto ao infeliz mágoas trocar
2h Vou ao Seibold. 5h 40' Árabe e Camões. Volto do passeio de carro e a pé. Observatório da Califórnia e volta do

costume. Muito calor. Vou ao Riancey. Li sofrivelmente apesar do calor. Vou jantar. Comi bem. Joguei bilhar. Ouvi ler o Débats que nada tem de importante. Acabo de tomar chá e vou deitar-me. Creio que pouco lerei por causa do sono.

19 de julho de 1890 (sábado) – 5 ³/₄ Bom tempo. Não tinha mais sono, Vou ao Riancey.

9h ¹/₄ Vou vestir-me.

11h 20' O costumado, por causa do macadam dei volta maior de carro. Faz muito calor. Ao sair encontrei Melle. Glinka de carro. Falei-lhe. Veio visitar-me. Logo a receberei. 37' Li o livro das duchas e vou almoçar.

6 ¹/₄ Bem. Ao meio-dia conversei com a filha do Glinka que me deu notícias curiosas, pois é muito instruída, e pensamentos em russo, um dos quais sobre a instrução, que aproveito para o trabalho que oferecerei na distribuição dos prêmios aos alunos do Stanislas. Estudei com o Seibold, terminado o primeiro volume do original das “Mil e uma noites” ed. Abicht, e continuando a comparação dos Lusíadas com a tradução alemã. Volto do passeio de carro por Pegomas, Taperon e Mandelieu. Convidei a Glinka para jantar.

10h menos 8 – Antes do jantar li Riancey. Depois do jantar a que assistiram a Glinka e a Isabel conversei com ambas na minha sala de modo muito interessante. Já se retiraram tendo vindo Gastão buscar a Isabel. Vou tomar chá.

10h Talvez o sono deixe-me ainda ler deitado. Recebi à tarde bilhete de Caserta, dizendo De la part de la Comtesse de Caserta avec ses meilleurs respects e acompanhado de ramalhete.

20 de julho de 1890 (domingo) – 5h 10' Não tenho mais sono. Dormi bem. Dia de neblina. Débats de ontem. La nouvelle constitution du Brésil. Decreto nº 510 de 22 de junho – O governo provisório da república do Brasil constituído pelos exércitos de terra e mar em nome e com aquiescência da nação etc. Eleição a 15 de setembro e convocação para 15 de 9bro [novembro] [novembro]. Congresso com poderes especiais dos eleitores para julgar a Constituição publicada por este ato. Constituição publicada só com efeito imediato quanto à dualidade das Câmaras do Congresso e sua composição, eleição e funções que são chamadas a exercer, isto é, de aprovar a Constituição e proceder depois conforme suas disposições.

Analisa muito resumidamente a Constituição. Les officiers de l'armée et de la marine ont le droit de vote et sont éligibles ce que n'est peut-être propre à enrayer les maux du militarisme politique. Les organisateurs de la nouvelle Constitution l'ont à peu près calquée sur la Constitution des Etats Unis, dont ils se sont pourtant écartés sur certains points surtout en ce qui concerne la liberté religieuse. La constitution exclut les jesuites du territoire brésilien, abolit les couvens et défens la fondation de nouveaux ordres religieux. Le gouvernement général n'aura d'autres ressources que cellas provenant de l'impôt sur l'importation, le timbre, le post et les télégraphes. Tous les autres impots appartiendront aux Etats Unis. Ceux-ci auraient même le droit de voter des impots sur l'importation, si les marchandises son destinées à être consommées sur le territoire de l'Etat.

Tira do Diário de Notícias os pormenores seguintes. A assinatura da Constituição realizou-se antes que se assentassem para um banquete. Os ministros ofereceram uma pena de ouro ao generalissimo e por intermédio de um menino filho de seu sobrinho Hermes da Fonseca seu secretário. O Ministério havia deliberado que se fizessem somente duas saúdes, o primeiro ao generalissimo e à marechala [sic] Marianna da Fonseca. Contudo o generalissimo foi o primeiro a beber à saúde de Rui Barbosa agradecendo-lhe os serviços feitos à nova Constituição e Rui Barbosa por sua vez bebeu à saúde de Manuel Deodoro “o grande homem que a história colocará ao lado de Washington”. O ministro dos negócios estrangeiros bebeu à saúde de Mariana da Fonseca esposa virtuosíssima do generalissimo (assim se exprime o Diário) ascrentando [sic] que a acompanhou com uma serenidade heróica a obra de 15 de 9bro [novembro]. O Diário de Notícias acrescenta: “Honra aos heróis de 15 de 9bro [novembro]. – Excederam a expectação geral dando à pátria tudo o que é permitido esperar do civismo da abnegação e do devotamento o mais completo. O dia de ontem é um glorificação explêndida do caráter e do talento de todos os brasileiros”. E termina com este grito: Alea jacta est! Au jour le jour.

Escreve com espírito sobre o atentado contra Carnot – “Sully Prudhomme Stoicien”. Artigo interessante de Paul Dujardin sobre o novo poema dele Bonheur. Vou lhe pedir.

7 ³/₄ Escrevi-lhe. Riancey.

8 ½ Vou adiantar o livro das duchas.

10 ¾ Volto da missa a última de Cannes este ano pelo menos. O mais como de costume. Sol muito forte e ameaça trovoadas. Esquecia dizer que La Patrie de 14 cita o trecho de Liégeard sobre a liberdade de imprensa no Brasil que se lê na conferência que ele fez a respeito de minha Pátria, e diz “Nous détachons ce passage sur le régime de la presse au Brésil du temps où D. Pedro régnait encore. Les renseignements proviennent croyons nous de la source la plus haute et leur mérite d’exactitude et d’actualité est double par la plume académique qui nous les transmet. “Mes idées sont favorables à sa plus grande liberté”. Qui a écrit cela l’empereur lui-même de sa main, il y a peu de semaines en tête du chapitre que M. Ferreira de Araújo consacre à cette reine de notre époque. Et de fait avant les événements de 9bre je ne repondrais pas qu’il en allât ainsi depuis le départ du tyran – aucun ne jouissait, sous ce rapport de pareilles immunités”. Gosto de citar estas palavras, e vanglorio-me delas. A consciência não me acusa de poupar seja o que for para o progresso de minha Pátria e ainda espero prestar-lhe bons serviços, porque muito posso estudar para isto.

12h Almocei bem. Houve Aljezurice e já sabe em que sentido não lhe valendo o nome pagão.

1h Acabei de ler a vida de Jesus de Bonghi. Gostei muito e talvez releia ainda algumas passagens. Vou sair.

5 ¾ Volto ao hotel do passeio à ilha de Sta. Margarida do qual falarei depois. Vou jantar com minha filha.

9h 50’ Jantei bem. Antes despedi-me de Ludomila que não achei assentada na cama e não muito desfeita. Regressa ao Brasil. Deus lhe dê lá muitos anos de vida. Jantei bem. Tive um desarranjo que fez-me bem. Em Sta. Margarida não vi senão a porta fechada do máscara de ferro e o lugar onde se achou pendente a corda por onde se figurou ter descido Bazaine – que saiu muito bem pelo portão. Atravessei o bosque até a praia que olha para a ilha de Sto. Honorato e apresenta a mesma formação geológica de Ellen-Rock e segui até onde havia uma criação de faisões. A caça de aves e coelhos ainda está arrendada a um capitão inglês Winer. Nada de se vê *[sic]* de faisões e ao lado uma espécie de lago artificial, onde disseram-me não haver peixe. Estive assentado bastante tempo perto do lugar onde desembarquei e num barco e em companhia de outros passageiros dirigi-me ao Cannois logo que se avistou.

Do desembarque em Cannes fui ao hotel onde escrevi uma nota para o Seibold a respeito do meu presente ao “Stanislas” no dia dos prêmios. Vou ainda ler deitado embora o passeio na ilha me houvesse disposto bem para dormir.

Gaston disse-me que não levou os netinhos ao meu passeio como eu pensava, por causa dos exames, e eu disse-lhe que fizera bem. Vou para a cama.

21 de julho de 1890 (2a fa.) – 8h menos 10’ Já escrevi a condessa Edla por lo “Menestrel” de 13 que fala das memórias de Max Marenzek onde se conta como foi o casamento da Edla com o Fernando. O Menestrel diz: Elle était la fille d’un pauvre tailleur de Boston et attira l’attention d’un impresário *[sic]* par sa ravissante voix la beauté de son visage et l’éclat de ses grands yeux noirs (E assim devia ser). Elle avait déjà conquis la reputation d’une remarquable cantatrice dramatique lorsque Dom Fernand epoux de la reine du Portugal... devint son protecteur. Peu de temps après la mort de la reine (quando começaram as relações)... il l’épousa (na capela da casa de minha tia a infanta Maria Isabel), e tendo talvez concorrido eu para este casamento por minhas cartas ao Fernando, sendo isto causa de minhas íntimas relações com a condessa Edla que aliás se esquece talvez pelo que ouvi em Portugal.

Recebi sobrescrito de Liégeard com a Autorité de 20 em que ele publicou a carta que lhe escrevi sobre seus artigos relativos ao Brasil aparecidos na mesma Autorité.

9h 10’ Respondi a carta de Daubrée de 19. Vou vestir-me.

11h 5’ Volto da ducha. O costumado. Vou ler Riancey depois de responder a G. Ville que mandou 3 memórias impressas – Recherches sur les relations qui existent entre la couleur des feuilles et la richesse des terres en agents de fertilité = Recherches sur les relations qui existent entre les caractères physiques des plantes et la richesse du sol en éléments de fertilité = Études sur le parti qu’on peut tirer de la connaissance du poids des récoltes pour fixer la composition de la terre”.

11h 40’ Pouco de Riancey e vou almoçar. 12h 7’ Bem. A Riancey! Recebo carta de Villeneuve datada de Eyern a 18 e já lhe respondi. Vejo que é amizade constante. Promete ir a Baden-Baden quando eu lá estiver. Riancey. 2h Vou ao Seibold.

5h 50’ Só tive tempo de ocupar-me dos pensamentos sobre a instrução nas diversas línguas que conheço. Passeei de carro e a pé pela Croix des Gardes. Estava o ar muito pesado. Dei a Mota Maia o meu trabalho lingüístico para ver se tira litografia antes do dia 24 da distribuição dos prêmios. Vou ao Riancey até o jantar. Pois não li. Veio carta da Inhoan que me

custou a ler a assinatura e outras.

10h Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Respondi à Inhoan. Ouvir ler o Débats de hoje que na “Semaine Dramatique” de Jules Lemaitre a apreciação da obra curiosa “Alexandre Hardy et le théâtre français à la fin du seizième et au commencement du dixseptième siècle par Eugène Rigal (librairie Hachette) 2° article. “Academie des Inscriptions, séance du 18. M. Simeon Luce a publié récemment un volume sur “La France pendant la guerre de cent ans”. Dans ce travail il avait nommé Jeanne d’Arc la dixième preuse preuse”. Concluirei o extrato amanhã. Vou deitar-me ler ainda Riancey até dormir.

22 de julho de 1890 (3a fa.) – 6h ¼ Dormi bem bom dia. Chamar Jeanne la dixième preuse era sugerido a Simon Luce por certas relações entre ela e Dughesclin, mas M. Bouchet d’Orleans mostra que dizia verdade mais do que pensava. Na grande sala do Hotel de Ville de Hondschortte capital do canton do arrondissement de Dunquerque acham-se pinturas que parecem dos fins do 16° ou princípios de 17° e representam as nove preuses; mas o artista reuniu a estas imagens uma décima que não é senão a de Jeanne d’Arc. Aparece revestida de armadura do tempo de Henrique 4°, espada ao lado, bastão de comando flor de lisardo e estandarte empunhado e com uma espécie de chapéu de pluma branca. Os nove preux e as nove preuses foram sempre muito populares em Flandres, mas surpreende-me essa décima, e principalmente da escolha para representá-la, de Joana d’Arc, em Flandres, e quando não houvesse senão fantasia do artista obscuro “dever-se-lhe-á ao menos uma das representações mais antigas e originais de Joana d’Arc”, diz Simon Luce.

Achou-se em Leão um medalhão de argila cozida representando o suplício do amor. Notável por sua composição traduz legenda de todos os antigos poetas. M. Lafaye professor da faculdade de letras de Leão escreveu trabalho curioso a esse respeito apresentado hoje à Academia por Gaston Roissier. Mostra que o autor do medalhão representou cena dos tribunais e dos anfiteatros. Crê que a literatura apoderou-se da legenda. O medalhão representa assunto que a mitologia dava aos mimas e pantomimas da época imperial. Em janeiro último a pedido de Schliemann, a Academia das Inscrições e Belas Letras designou M. C. Babin engenheiro de pontes e calçadas para assistir a uma conferência em Hissarlik – onde já estive com o próprio Schliemann, para visitar essas escavações. Fala delas. Começadas em 7bro[setembro] de 1871 e continuadas até 73, recomeçadas em 1878-79 – quando eu lá estive – e 82-83 fizeram achar inúmeros objetos da mais remota antigüidade. M. Schliemann distinguiu sete épocas sucessivas nas construções e identificou segundo à Tróia de Homero. Desde a publicação do resultado de seus trabalhos foi muito atacado sobretudo na Alemanha – com razão, em grande parte, digo eu, a uma objeção que eu lhe fiz a não ver eu vestígios de uma cidade de que ele precisava para suas considerações arqueológicas disse-me ele com o maior desplante que de certo não podia eu vê-los porque a cidade sobreposta tudo achou! Um de seus adversários o capitão Böttlicher veio a Hissarlik (dezembro 1889) e mudou de opinião ao menos nos pontos principais (vou procurar o que se tiver publicado). Mas sua teoria foi condenada de modo absoluto pelo processo verbal da conferência provocada por Schliemann. Restos acumulados sobre a colina de Hissarlik a cinco quilômetros da entrada do Hellesponto formam camadas da espessura de 16 metros. Apoiando-se na cerâmica achada Schliemann distingue 7 épocas 4 das quais relativas à construção. Da primeira só muros de destino incerto, os objetos de remotíssima antigüidade, instrumentos de pedra sobre esta camada descobrem-se grandes edificios cujos muros subsistem em parte. O muro de recinto bem conservado tem forma poligonal de 106m de lado. A substrução de pedra era coroada de muro de adobe. Entrava-se por duas portas que refizeram quando depois de incêndio construíram novos muros de recinto e torres de defesa sobre área maior. Todos este edificios foram destruídos completamente por novo incêndio. O adobe foi cozido e calcinado mesmo. Schliemann conjeturou que estava em presença da Tróia homérica. Nesta camada descobriu tesouros que estão no museu de Berlim. Os edificios dessa época oferecem grande analogia com os de Tirinte e de Micenas. Depois desta destruição total a colina de Hissarlik não foi ocupada senão por pequenas aldeias. As três primeiras camadas contém grande quantidade de conchas, ossos de animais (cabras, carneiros, porcos, javalis, veados, que deviam servir de alimento. A 4ª camada corresponde à época greco-romana pelas moedas e inscrições achadas. Depois de ter examinado os descobrimentos de M. Babin no relatório que hoje leu (hei de tê-lo em breve) perguntou a si mesmo se estava à vista de uma cidade. Segundo ele, atenta a pequena área das ruínas, trata-se de acrópolis ou praça fortificada análoga a certos castelos fortificados da idade média. A cidade pelo menos na época romana, estendia-se de Sul a Leste. Não se acharam ainda vestígios das cidades da primeira e segunda épocas.

Ravaisson continuou a leitura sobre a Venus de Milo. 8h 50’ Riancey. Mas vou acabar o que ando relativo a Castelo. “A

Luz” com retrato de Camilo de 8 de junho. Nº 8. Parece de rapazes. Apenas transcreve esta citação do “Cancioneiro alegre” de Camilo.

De certo tempo em diante começou (fala de si) a dizer que morria e mandava adiante de si um volume de poesias à voragem do esquecimento. Isto nele era presunção porque aos funerais do seu eu de poeta já ele tinha assistido em pessoa e de saúde perfeita. Quando estava sinceramente velho, acabou por onde começara.

“Isto escrevia ele em 1878”. (da Luz)

O nº 12 do A Jornada de Barcelos também escreve artigo “Camilo”. É fraquíssimo assinado por Silva Esteves. Li o impresso “Subvenção à Exma. Sra. D. Antônia Wanderley filha do finado barão de Cotegipe”. Protesta contra a pensão concedida. Mal escrito por Gonçalo José Pereira Espinheira e datado da – Bahia 25 de março de 1889.

- 25 de março -

Anunciação a Nossa Senhora. Juramento da Constituição. Que constraste. (isto é escrito antes da assinatura). 9h 34’
Vou vestir-me.

11 ¼ O costumado. Sol muito quente. Nuvens acasteladas. 11h 35’ Li Riancey. Vou almoçar. 12h 5’ Riancey, mas li no Temps de 21 um artigo interessante “Le roman en Chine” a propósito do romance “Homme jaune” do general Tchen-ki-tong que o Temps publicará dentro de poucos dias. A literatura romanesca da China apareceu no 7º século sob a dinastia dos Soué. É em prosa ou em verso. Há um “Sonho no pavilhão vermelho” em 60 volumes longos e compactos. O teatro apareceu no século 13 sob a dinastia dos Yuang. Li no mesmo jornal a “Critique Musicale” de J. Weber ocupa-se do “Don Juan de Mozart par M. Ch. Gounod” Um vol. in 12 ed. Ollendorf – vou mandar buscar – “A critique musicale” parece-me bem escrita.

3h 35’ Seibold, Odisséia e Camões. Vou sair.

5h 55’ De carro pelo boulevard du Grand Pin, e a pé até onde as pedras não molestavam muito gozando de bela vista de ambos os lados. 6h ½ Riancey e chamam-me para jantar.

9h 55 Bem. Depois joguei bilhar com Aljezur enquanto Isabel escrevia. Depois ouvi Aljezur ler o Débats de hoje. Vou mandar estes livros publicados em Les hommes du 14 juillet par Victor Fournel – Paris ed. Colmann Levy – Ste. Thérèse par le Comtesse d’Estionnes d’Orvres – Paris Didot Universités transatlantiques par Pierre de Coubertin – Paris Hachette.

Stendhal – Vie d’Henri Breulard publiée par Casimir Styrienski – Paris Hachette.

Morreu Sir Richard Wallace, morreu domingo em seu castelo de Batignoles no Bois de Boulogne aos 72 anos. Prestou muitos socorros durante a Commune. Ofereceu à Sociedade de socorros aos feridos 300.000 fr. para fundar uma ambulância com o nome de marquês d’Hertford. O governo francês nomeou comendador da Legião de Honra e a rainha fê-lo baronnet. Em 1871 dotou Paris de grande número de fontes às quais deram o nome dele.

“La Revolution chimique” – Lavoisier par Berthelot ed. Felix Alcan. “La question du charbon de terre” par Albert de Lapparent ed. Savy. “Traité de physique industrielle – Production et utilisation de la chaleur” par L. Ser professeur à l’Ecole Centrale etc. ed. G. Masson.

Aljezur leu-me na Revista de Portugal de junho o artigo “A república brasileira” por Frederico de S. É bem escrito. Vou ainda escrever e deitar-me para ler Riancey e dormir.

23 de julho de 1890 (4a fa.) – 6h ¼ Dormi bem – mas eu que não sonho há anos sonhei infelizmente com a maçada da organização de um ministério.

Já escrevi e vou ler Riancey.

8 ½ Acabei o 7º e vou principiar o 8º onde se trata do descobrimento da América e dos primeiros anos de sua história onde pararei neste meu trabalho. Vou vestir-me.

12 ¼ Ducha, comprei ramallete que pedi à vendedora que levasse à Isabel e segui para Mont-Cassien. Corri as barracas, e às 10 ouvi missa cantada de Batmann que não me desagradou. Comprei uns diabinhos que mandei aos netinhos e curta carta à Isabel contendo esta quadra:

De São Cassiano três diabinhos

Ao bom Bebê e ao cabeçudo

E em saber Luís a quem em olhinhos

Promete saberá mais tudo.

Almocei e Riancey, 9º vol. 3h 40' Estiveram os Casertas e os 2 filhos a despedir-se e o padre que dizia-me antes a missa. Árabe e Camões com o Seibold e vou sair.

6 $\frac{3}{4}$ Cheguei de St. Cassien. Corri tudo. Vi dançar, quase todas as barracas mais ou menos divertidas para crianças, uma onde se mostrava um creio que suposto selvagem com sua massa de ilha do Oriente de Madagascar e outra de magnetização onde a que se dizia sonâmbula respondeu com algum acerto dizendo-me outra a buena-dicha sem extravagâncias, mas suspeitando eu que sabia quem sou.

Vou jantar. 10h 5' Joguei bilhar e ouvi ler artigo de Fígaro sobre Wallace cuja coleção artística era avaliada em 53 milhões fr. Tomei chá e vou ver se o sono deixa-me ler Riancey antes de dormir. O meu trabalho lingüístico para a distribuição dos prêmios foi para se tirarem cópias e nada veio por ora, mas prometem amanhã às 6 da manhã.

24 de julho de 1890 (5a fa.) – 6h 10' Dormi bem. Bom dia. Vou escrever. 7h $\frac{1}{2}$ Vou à ducha.

12h Almocei bem. Da ducha fui à retribuição de prêmios no Colégio de que trouxe o folheto “Palmares” com o nome dos premiados entre os quais estão os do Luís e do Antônio. Levei o meu trabalho lingüístico que lá deixei como lembrança dando cópia litográfica muito bem feita aqui à Isabel, esperando outras para distribuí-las. Aguardo para poupar trabalho a descrição da festa nalgum diário.

Escrevi a Daubrée e ao Rio Branco que se recordou em Paris do dia 23, e agora vou a Riancey – depois de enviar telegrama à condessa.

2 $\frac{1}{2}$ Dei por despedida pequeno passeio e vou ao Seibold. Antes de sair despedi-me com abraço cordial e Roland.

4h Seibold árabe e Camões e vou ler Riancey.

6h 5' Parti. Jantei bem. Joguei bilhar. Despedi-me do dono do hotel e da mulher que deu-me belo ramos que será para a Isabel. Vieram à estação pessoas conhecidas entre as quais os Arnoux que vão no meu trem e tomaram em Valença para Metz de onde é Mme. Arnoux. A tarde está quente mas bonita.

6h $\frac{3}{4}$ St. Raphael. Pedi ao chef de gare que desse lembranças a Alphonse Karr – Frejus. Roland despediu-se de mim deixando o trem para ir para sua casa. Tomei café na estação de Les Arcs e passei a pé.

9h $\frac{1}{4}$ Toulon – 11h 20' Marselha. Tomei chá com pão com manteiga. Soube-me. Vou seguir.

25 de julho de 1890 (6a fa.) – 4 $\frac{1}{2}$ da manhã. Claro. Cheguei a Livron. Dormi bem. O aspecto nada tem de notável. Riancey. Estamos em Valence. Despedi-me do meu vagão de Mr. Arnoux que me disse dormir ainda a mulher.

5h 10' Tomei café com rosca. Vi Aljezur. Sai do vagão e dei bons dias a Gaston que via leitura e Isabel e netinhos assim como aos Mota Maia e seguindo daqui a pouco. 5 $\frac{1}{4}$ Partimos. Túnel não pequeno. 5 $\frac{1}{2}$ St. Marcel – Les Valence. 40' Alixan. 3 $\frac{1}{4}$ Passamos sobre rio não pequeno. Serra ao longe e alta à esquerda (venho de costas) – 50' Romans com bastantes casas.

6h 5' St. Paul les Romans. $\frac{1}{4}$ St. Lattier. Paisagem bonita entre colinas. 22' Hilaire St. Nazaire. Montanhas altas à esquerda. Abertura ao longe que parece o Saut du Loup. 35' La Sone. $\frac{3}{4}$ Atravessa ponte depois de deixar a estação de Ste. Marceline onde se parou por instantes. Altas montanhas à esquerda. A estrada domina o vale onde corre um rio. Vê-se bem o corte da montanha em certa altura. Passam-se casas e campo com árvores e chega-se a Vinay. Pequena demora.

7h 7' Talbenc. Túnel. Outro pequeno. $\frac{1}{4}$ Polienas, curta demora. Vejo à esquerda ao longe outra espécie de Saut du Loup. 23' Tullins. Bonito. 36' Antes de chegar a Moinans, vi à direita uma espécie de pão de açúcar. Avançou para recuar. Avisto melhor o pão de açúcar e à direita montanha com uma torre no cimo. 50' Sigo. 7h 55' Voiron.

5h 20' Condessa, Dominique, Chiquinha, meninos destes. Dória e Amandinha. Bom quarto para mim, o da condessa. Li, escrevi e corri toda a casa.

11 $\frac{1}{2}$ Almoço. Estive vendo objetos de minha filha. Agora acabo de passear de carro com a condessa, Aljezur e Mota Maia. Fui ver a casa das duchas que principiarão amanhã. É boa. Fui à igreja que é bonita por fora, plano de Violet le Duc. Dei volta de carro pela povoação de Voiron, Moans e pelo lado das montanhas calcáreas de formas recortadas. Gostei muito do passeio e sempre me causa agradável impressão o bosque em torno do castelo, a que se chega depois subir por entre as belas árvores. Vou ler Riancey depois de escrever. São quase 7h e daqui a pouco chamam para jantar.

10 $\frac{1}{2}$ Jantei bem. Depois conversa, música e tomei chá. Vou ainda ler um pouco até dormir.

26 de julho de 1890 (sábado) – 6 $\frac{1}{4}$ Dormi bem. Já olhei pela janela do meu quarto que não tem a melhor vista da casa. Vou escrever.

Débats de 23. Academie des Sciences. Sessão de 21. Berthelot anuncia o descobrimento de cometa por Coggia do observatório de Marselha a 17. Bertrand dá notícia de um aparelho colocado na sala dos Pas-Perdus e imaginado pelo coronel russo Victor Koslon. Tem grandes dimensões facilitando as indagações estatísticas por imediatamente a modo de integrador a médias das diversas partes dos diagramas. Permitirá converter os dados numéricos em peso, determinar esses pesos etc. O sistema é novo e interessante.

M. Verneuil transmite em nome de M. Dr. Gueniot da Academia de Medicina reclamação de prioridade da operação da craniotomia realizada ultimamente por M. Lanelongue. Já a 5 de 9bro [novembro] de 1889 tinha indicado o método à Academia apresentando um menino microcéfalo. Contudo toda a honra da realização compete a M. Lanelongue.

M. Chaveau comunica nota de M. R. Dubois professor da faculdade de Lyon sobre a secreção de seda no bombix. A seda é contida em glândula no estado líquido e solifica-se à saída como coagula-se o sangue. M. Gaudry apresenta em brochura os discursos pronunciados nas exéquias e no dia em que se depôs sobre o túmulo o medalhão – hei de pedi-lo pois conheci muito Hebert – reproduzindo o perfil do sábio geólogo. M. Duchartre em nome de M. M. Prilleux e Delacroix descreve nova moléstia da batata que ataca o caule e produz sua gangrena rapidamente.

M. Mascart analisa nota de M. The Maureaux sobre os fenômenos magnéticos dos arrabaldes de Paris. Determina os elementos em mais de 200 diferentes estações e achou a curva das pontes de igual declinação em lugar de sensível reta qual paralelo forma gancho muito pronunciado entre Fêcamp e Dijon. É anomalia muito singular e merece ser notada. O professor Laboulène lê nota sobre o meio de reconhecer a ladrerie bovina produzida pelos cisticercos do tênia saginata. A 12 de maio de 1870 uma vitela ingere com leite 12 anios ou cacurbitanos de tênia menina. A 30 a vitela é morta, e acham-se nos músculos cisticercos, sobretudo nos músculos do pescoço, da cabeça, etc. Os grãos de ladrerie são bem perceptíveis. Disseram-me rapidamente apenas vendo-se o que não se dá se camadas aponevrótico cobre o quisto. Fincando todavia alfinetes perto do quisto e secando ao sol corte de carne coberto de grão do ladrerie reconhece-se ponto esbranquiçado correspondente à cabeça. Praticamente para reconhecer esses grãos basta combater a dissecação deitando água pura sobre a carne, o quisto reaparece. Melhor é que a água tenha ácido nítrico ou acético. As fibras do cisticercos incham e readquirem aspeto reconhecível. Para tornar a carne inofensiva basta cozinhá-la suficientemente sofrendo na superfície e no interior calor de 50 a 60° cent. fica saneada. Quanto à crua como meio terapêutico é inofensiva por cisticercos desaparecidos se é despulpada com cuidado e passada por peneira fina.

Há um artigo “Une défense du baccalauréat”. É bem escrito, mas não que aproveite ao Brasil. Já escrevi no Progrès alimentaire de 20 n^{os} que achei ontem sobre a mesa de meu quarto leio bom artigo “La Cafeïne facilite grandement le travail musculaire et permet de le continuer longtemps sans fatigue. 2° En augmentant l’activité du système nerveux moteur, la caféïne empêche l’essoufflement et les palpitations consécutives à l’effort violent, et communique ainsi a l’homme qui se livre à un exercice violent et prolongé, l’entraînement. 3° La caféïne permet de se passer d’aliments pendant un laps de temps plus ou moins long, même si l’on a un travail considérable à accomplir. No artigo “Une révolution dans les procédés de torrefaction” que não posso transcrever todo por ser longo apenas direi que no café ordinário torrado pelos processos antigos a média de cafeína é de 250 a 600 gr. e pelo método de Turcq des Rosiers de 300 a 750 gr. os outros elementos aromáticos e nutrientes também muito sensivelmente. Recette – Pour faire du bon torrifié par le procédé le Turcq des Rosiers – e dá-a. Débats de 24 verei logo.

9h 10’ Já me vesti e vou para a ducha. 9h $\frac{3}{4}$ Atravessei o belo bosque a pé e depois cheguei a casa da ducha. Ainda não está tudo pronto e aguardo lendo Riancey. 11 $\frac{1}{2}$ Foi boa. Dei meu passeio e de carro pelo bosque e quase toda a povoação, traduzindo [sic] ramos para a condessa e para a Isabel e um tinteiro com pena lápis e canivete e tendo o busto de Mr. de Lesseps para animá-los e distinguir-lhe pela inteligência e o trabalho acompanhando um livro próprio para crianças.

Débats Academie de Medicine Séance du 22 – Demographie de M. Lagneau continua sua leitura. Para aumento da população em França cumpre antes de tudo facilitar os casamentos diminuindo suas formalidades que impedem-nos com estrangeiro. Proteção das donzelas contra as seduções elevando-lhes a maioridade a 21 anos e autorizando a pesquisa da maioridade e obrigando o pai natural a dar razão alimentar. Serviço militar limitado ao restritamente necessário para

facilitar e apressar a instrução.

2 ³/₄ Dei bonito passeio a pé com Isabel, condessa, Amandinha e os pequenos, netinhos e Jean Dominique. Fomos a uma torre do tempo dos Sarracenos, perto da qual criou-se a legenda de uma virgem a quem para escapar de um daqueles aproximaram-se os morros rochosos, abrindo-se novamente depois de sua passagem, precipitando-se o Sarraceno no abismo. Carta da Mana Januária de Acqui a 23 de julho. Vou sair com todos. São 3h.

6h ¹/₂ Volta. O lago de Paladru é pitoresco e do cimo de colina a oeste descobre-se às vezes o gelo do Mont-Blanc. Vagas no lago refletiam como esmeraldas e ouro. Conta-se que há povoação debaixo d'água, talvez das lacustres, e que ouve-se o toque dos sinos sub-aquático, também isto se explica pelo de igrejas existentes, e que se não vêem das bordas do lago.

A povoação estava em festa com balões de iluminação variegados, por causa de um Montgolfar dono de uma fábrica de papel o que se casa e que tendo um de igual nome sido elevado por balões, quer agora levantar um deles. Pela aberta das montanhas avistei muito ao longe Grenoble alumiada pelo sol. Chamam-me para o jantar e talvez ainda fale do passeio.

10h ¹/₄ Recebi carta do Nioac de Essen do dia 22. Jantei bem. Conversei bastante, falando ao José Paranaguá que chegou à Europa com a família, e disse-me que o pai ia bem. Tomei chá e vou deitar-me e ler Riancey.

O Débats de 25 tem o projeto de decreto sobre o bacharelado e ensino secundário clássico. Concurso do conservatório classe de tragédia e comédia. Estatística da cidade de Paris na semana última 966 mortes em lugar de 834 na semana anterior. Enumera as moléstias. 29 suicídios e 13 outras mortes violentas. 385 casamentos. 67 nascidos mortos dos quais 47 legítimos e 20 ilegítimos. Anuncia "Flor de Jade" de Lídia Paschkoff que viajou comigo da Europa para o Rio (ed. Calmann Levy). Vou ler Riancey até dormir.

27 de julho de 1890 (domingo) – 5 ³/₄ Dormi bem. Bom dia. Vou escrever. Escrevi duas cartas para a Alemanha e para Acqui à Mana Januária.

Projeto de decreto sobre o bacharelado do ensino secundário clássico.

Suprimido quanto a letras e ciências com restrição relativamente à parte matemática. É o bacharelado do ensino secundário clássico. As provas escritas são eliminatórias. As orais mal sucedidas não impedem exame no ano seguinte perante as mesmas faculdades. 16 anos, salvo dispensa para as provas da 1ª parte, e ano depois as da segunda se bem sucedido naquelas. Não se concede dispensa. Enumeram-se as matérias da 1ª parte e da 1ª e da 2ª série da 2ª parte. Não vejo aí nada a notar. Riancey.

Já visita de bons dias da condessa que me trouxe versos de Blanc ancien maire de Voiron com a data de 6 Juillet 1890. 8h 40' Li Riancey e vou vestir-me.

11h Boa ducha. Passeei pela alameda onde se reúne o mercado que sempre gosto de ver, e volto da missa dos homens na igreja principal, de cujo interior e onde se menos desgostei hoje. Já entreguei belos ramos à condessa e à Isabel.

11h 20' Acabo de estar com aquela a quem dei a carta que melhorei sob a dicção dela para Flaige Blanc. Recebi carta de Daubrée de Paris de 26.

3h Andei pelo jardim e vi dar pão às carpas. Recebi o Dr. Emilio da Fonseca o qual veio com a mulher e filhos até aqui para ver-me. Foi vereador do Rio e é adjunto da cadeira de terapêutica e matéria médica da Escola do Rio. A condessa convidou-os a jantar. Daqui a pouco vou sair de carro.

6h 10' Fui com a condessa, Aljezur e Mota Maia de carro e a pé até Morains ao longo das montanhas e voltei por outro caminho até o castelo de Barral e daí a pé até um portão fechado além do qual quase não há caminho na direção do chamado "Le Saut des Sarrasins", chegando agora de volta a pé. 7h 10' Riancey. Vou jantar.

10h 10' Jantei bem. M. Bailly maire de Voiron, que dispôs tudo para minha passada à Grande Chartreuse jantou conosco e deu-me muitas notícias desta região, prometendo-me obra curiosa e com estampas sobre estes lugares. Recebi carta de Flaige Blanc agradecendo o convite para o jantar de 29. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

28 de julho de 1890 (2a fa.) – 5 ¹/₄ Dormi bem. Vou escrever. 7 20' Li Riancey, tomei café e acabo de vestir-me. Estou para sair às 7 ¹/₂ . 40' Vou apressar a saída.

12h ¹/₂ Direi o que fiz mas logo que tiver almoçado. 6 ¹/₄ Pois só posso começar agora. Fui à benção do sino da igreja de Aupe-le-bas. O caminho da povoação de [espaço em branco] por diante, ambas são pequenas, é muito pitoresco por causa

das montanhas. Estive no presbitério antes de começar a cerimônia, que muito me agradou pelas orações que são muito eloquentes. Houve também canto religioso e a tudo precedeu a missa. O sino estava suspenso de um madeiro e ornado de flores e ramos. Foram padrinho Dominique e madrinha a viscondessa que deveu ser bonita e é elegante. O marido é cheio de corpo e tem ar comum.

Esquecia-me referir que, ao evangelho da missa, pregou o vigário de Voiron e muito melhor que da outra vez assim disse-lhe eu que muito me agradara. Foi tudo um pouco longo, porém muito me encantou. Nunca assistira a essa benção. Deu-me vontade de traduzir a balada de Schiller. Depois do almoço estive ouvindo Mme. Lepic tocar piano, que o faz com intenso talento e espero tornar a ouvir amanhã depois do passeio; joguei bilhar com a nora da condessa, estando presente Mme. Lepic. Fui passear a pé com a condessa e o Dória pela floresta, depois de assinar uma preocupação, que apresentou-me Gaston redigida e escrita pelo Dória para Silva Costa. Agora aguardo que me chamem para o jantar.

Recebi carta do Olegário de 16 de maio e do Dr. Blake de 30 a que responderei e do Dr. Alberto Liptay chileno, a que mando responder, enviando-me trabalho seu sobre uma língua universal. Vou ao Riancey.

10h 10' Jantei bem. Estive conversando e li uma farsa nova francesa que já tinha começado para ouvirem. Vou tomar chá. Principiarei a traduzir a poesia Das Lied von der Glocke e depois lerei Riancey na cama.

29 de julho de 1890 (3a fa.) – 6h 40' Dormi bem. Vou escrever.

6h 20' da tarde acabo de chegar da Grande Chartreuse. Antes de partir para lá dei à Isabel que ela desejou para o dia de hoje. Falarei do passeio logo que puder. Vão sendo horas do jantar e até lá traduzirei a balada do Sino de Schiller.

7h ¼ Li sofrivelmente. Chamam-me para o jantar.

10 ¼ Mme. Lepic jantou perto de mim. Depois houve conversa e tocaram ela e a nora da condessa e a segunda com melhor gosto. Foi-se Mme. Lepic, e todos se retiraram. Vou deitar-me e ler ainda um pouco. Faz muito calor. Amanhã falarei da Grande Chartreuse.

30 de julho de 1890 (4a fa.) – 7 ¼ Dormi bem. Bom dia. Vou escrever.

8h Já es- [sic] Guide Jaunne de 1890-91 le Voiron pg. 14. On m'a dit que l'Eglise de St. Bruno est le violet – le duc – Pour la Grande Chartreuse pg. 86.

Trouxe composto de fotografias. Álbum de La G^{de} Chartreuse par un chartreux troisième édition (Deuxième mille) Lyon 1887. Aí se acha tudo. Vou lê-lo e anotarei. Creio ser descrição completa de tudo.

9h ¼ O petit Jean já veio dar-me bons dias. Já me vesti.

11h 25' Boa ducha. Depois fui ver a coleção de objetos artísticos no hotel de M. Daigenoire onde vi tudo e principalmente a Phyrné de Pradier que para mim não corresponde a sua fama gostando mais de uma estátua beijando um anel de escultor italiano cujo nome não me recordo agora. Atravessei depois o mercado onde havia belos legumes e flores, não me agradando os bois, e vim tomar o carro que me conduziu até aqui pela encantadora floresta. Vou à tradução de Schiller.

12h Almoço. 7 ¼ Chego de ver a Papeterie de Roues pertencente a Blanchet-Frères et Kleber. Pedi informações da fábrica que me interessou muito. Deram-me boa mesa, mas tomei só café. Na volta os efeitos do pôr do sol nas nuvens de que surgia imensa luz e nas montanhas era belíssimo. Vou jantar.

10h 20' Jantaram M. Mr. Denantes e o sogro do filho deste o chef d'escadron, creio eu, Rongeat, belo homem e pouco mais alto do que eu e aquele deu-me nota para o passeio de amanhã, depois da ducha, em cujo estabelecimento pertencente a Rongeat, a quem agradei os ramos de flores que aí ele manda para mim, encontra-lo-ei. Conversei com a condessa, Amandinha e a outra senhora de casa, tomei chá, despedi-me delas e da Chiquinha que tocava piano, informando-me de Dominique incomodado de cólicas desde o passeio. Minha filha entrou há pouco para despedir-se e tendo dito adeus a Gaston e aos netinhos antes da conversa de que falei. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir. É 10h ½.

31 de julho de 1890 (5a fa.) – 6h 40' Dormi bem. Bom dia. Escrevi já cartas e li uma originalíssima escrita de Marselha 29 rue du Muguet 10 a Dominique por Lazarine Daniel oferecendo o seu mas para eu habitá-lo. Diz que fica perto de Mireille e que Mistral vem às vezes visitá-la, pois é fêlibrige. Diz que posso instalar-me modestamente com minha família

nesse pavilhão de caça construído por ordem do marechal Villars como estação balnear. Je me permets de rappeler à Sa Majesté... que Mme. Lazarine Daniel et le Félibreuse de Lu Crau ne font qu'une seule personne. Je me permets une petite trinité; puis que dans le journal l'homme de Bronze (Arles) je signe: una Cravenço. Mes correspondances Marseillais sont elles jamais arrivées sans les regards d'une personne de l'auguste famille.

Recebi ontem carta de Paris de 29 do membro da Academia das Ciências o matemático Ch. Hermite agradecendo uma das minhas fotografias que pedi a Daubrée que distribuisse pelos colegas. La physique, escreve-me ele, la mécanique et l'astronomie ont peut-être plus que les mathématiques abstraites attiré l'attention de votre Majesté. Mais j'ose croire Sire que... vous accordez aussi votre intérêt aux géomètres qui découvrent dans les formules et les théorèmes de l'analyse une étroite correspondance un lieu intime avec les phénomènes du monde extérieur." Escrevi-lhe pedindo os trabalhos mais importantes e recentes sobre o assunto.

8 ½ Vou vestir-me. 11h 20' Boa ducha. Lá me reúno a M. Denantes. Andei um pouco a pé, e de carro com ele e os do costume fui à Tivolière (Tuilerie), vendo fábricas ao passar. Lá achei a filha e genro de M. Denantes. Vi bem a casa onde passou uma noite Luís XI quando brigado com o pai. O andar superior só mostra janelas até certa altura pois que se arruinou. As inferiores são algumas de forma elegante. Corri toda a casa e hei de procurar ler o que se referir a esse lugar, na época de Luís XI, M. Denantes voltou comigo até o portão da floresta do Castelo de Voiron.

Já vi a condessa na ida e na volta, e informei-me da saúde de Dominique. Essa casa, a que fui, é um moinho e está situada superiormente à fábrica de seda de M. Brun. Vou ao Riancey até o almoço.

12h 10' Chamam-me para este. 4 ½ Com vontade. Depois tenho estado conversado com a condessa e outras pessoas entre as quais a viscondessa de Loriol e sua filha. Chegaram há pouco do passeio Gaston e os netinhos mais velhos.

10h 10' Antes do jantar passei a pé com a Isabel e a condessa pela floresta. Li e copiei o trabalho sobre as "Idées Messianiques" que hei de mandar a Riancey. Jantei bem. Tenho conversado e depois de concluir a cópia, de que falei, ainda herei deitado Riancey até dormir.

1 de agosto de 1890 (6a fa.) – 6h 20' Dormi bem. Dia bonito. Vou ao Riancey.

8h Agora traduzirei um pouco a balada de Schiller. 40' Traduzi pouco. Vou me vestir e para a ducha.

9h ½ Estou me despindo. Antes de sair vi Gaston e netinhos, porém não Isabel. Fui dar bons dias que tomava café com Dominique e Chiquinha.

55' Boa ducha. Vou tomar café. Li Riancey.

11h Andei a pé pela alameda, depois de carro por Beaubec voltando com uma capelinha de St. Pierre à esquerda. Faz calor. Escrevi a Riancey mandando-lhe meu apontamento sobre a idéia messiânica e dizendo-lhe que só de Baden poderei mandar os livros que anotei de sua "Histoire du Monde".

1h ¾ Estou de palestra à sombra e li o discurso de Liégeard pronunciado na "Société libre d'instruction et d'éducation populaires et union centrale des Sauvateurs" em Paris a 28 de julho. Vem no Littoral de Cannes de 30. Agradou-me. Arnould deu a Liégeard uma bela medalha cunhada em honra dele e nome de todo o comité, como prova de gratidão pelo devotamento dele à instrução popular e às diferentes sociedades de beneficência a que pertence Acabou por concerto dos melhores artistas. Li carta de F. Brillat-Savarin neto do autor "Physiologie du goût" datada de Belley a 29 dirigida a Dominique pedindo visitar-me.

7h 40' Fui a Fourey além do ocrori de Moirans, ao Castelo de Mistral onde mora Mme. Lepic. Estava para receber. Havia quadros entre os quais o retrato do cardeal de Tencien que julgo foi da família Barral. A tarde era bellissima pelos efeitos nas montanhas que já vou conhecendo bem. Chamam-me para jantar.

10h ¼ Jantei bem. Tenho estado com a condessa, a mulher do Mota Maia e a Amandinha e ouvir a Chiquinha e a Isabel tocar bonitas músicas. A noite de luar está bellissima. Volto à companhia. 10h 20' Já me despedi. Recebi carta de Daubrée de 31 de junho de Paris. Fala da marquesa d'Oraison morta com 88 anos. "Sa rare amabilité et son activité d'esprit n'ont aucunement faibli jusqu'au dernier jour, avec quelle chaleur de coeur elle s'entretenait souvent avec moi de votre majesté de Madame la Comtesse d'Eu et de toute votre famille! L'observation spectrale des contours du soleil lors de la dernière éclipse dans l'île de Candie n'a puy faire reconnaître la présence de l'oxygène. Marey a continué ses études sur le mécanisme de la progression en observant de petits animaux marins et en prenant les photographies à des intervalles de

moins de 1/100 de seconde... chef d'oeuvre de mécanique dont peut-être la connaissance sera susceptible d'être utilisée dans les applications humaine. Carta da Januária de Acqui a 30 de junho. Vou vestir-me e ler ainda.

2 de agosto de 1890 (sábado) – Li Riancey antes de dormir. 8h Já mandei telegrama à Mana Chica por seus anos; respondi à Mana Januária e a Daubrée, e escrevi para a Alemanha e cartas para Baligand e Pettenkoffer, que mandei noutra a Ferreira Viana para sua ida a Munich. Vou à tradução de Schiller.

9h Vou vestir-me. 12h Fui à ducha e depois a pé tomando o carro que levou-me à distribuição no Colégio das Trinitárias cujo programa junto. Almoço. Bem.

2 ¼ Fui conversar fora de casa, a que me recolhi por causa de um forte pé de vento que não deu chuva senão ao longe. Acabo de estar com Mme. Lepic que não assiste hoje ao jantar, por ter de ir ao Camp de Chalons, aonde a filha acompanhou o marido para as manobras e acaba de ter seu bom sucesso. Torno a Riancey que estava lendo quando chegou Mme. Lepic. ½ Recebi há instantes telegrama de Paris – Majesté ns avons la douleur de vous informer du décès de monsieur Ferdinan Denis – Baronne de Caix Vauquelin Baron de Pritzbuier 29 rue Tournon – Respondi que sinto profundamente a morte do amigo do Brasil e meu. Riancey.

3h ¼ Pouco li pois estive conversando com a condessa. 5h Volto de passeio de carro com a condessa e o Aljezur pela volta de Georges que é bonito. Vou tirar grupo fotográfico. Não sei se ficará bom.

6h 5' Foi uma maçada. Volto do jardim e lerei Riancey até o jantar. Recebo resposta da Mana Chica: Bien touchés merci tout coeur. Acabei quase o vol. 9º.

10h 10' Jantei bem com os donos e suas mulheres da fábrica de papel que visitei. Depois conversei sobretudo com a condessa tendo chegado Mota Maia de sua excursão à Grande Chartreuse em companhia da família. Vou ainda ler Riancey e deitar-me. 11h 35' Acabei o 9º volume.

3 de agosto de 1890 (domingo) – 6h menos 20' Dormi bem. Dia encoberto. Quase 7h. Já escrevi como costume. 55' Traduzi Schiller. Vou vestir-me.

9h 25' Boa ducha. Andei pelo mercado e vim para esta estação, cuja volta é bonita, tendo já andado ao longo da linha, por onde chegava um trem. A mulher do Mota Maia está aqui com os filhos rapazes menos o Cláudio que foi a missa. Chegam Isabel, Gaston, Amandinha, os netinhos meus e um da condessa assim como Chiquinha.

11h 5' Despedi-me dos Dórias choroso e eu profundamente comovido. Fui à missa dos homens na Matriz a que assistiram também Gaston e os meninos. Não me agradou a prédica do vigário sobre o milagre não só pela forma como pelo assunto, não crendo eu senão nos milagres da fé. Ninguém falou melhor sobre esse objeto, e no sentido da crença, do que Mr. Nicolas.

Recebo carta de Daubrée. É de 2. Menabrea manda-me o 1º vol. das obras de Galileu onde eu o quiser – será em Baden como vou responder. Fala distribuição da minha fotografia pelos confrades da Academia. Alguns vão agradecer-me diretamente. Fizeau fá-lo por intermédio de Daubrée. Este parte a 5 para Pontillac par Royan (charente inferieur) Grand-Hotel. Promete escrever-me de lá. Vou ao Schiller.

12h 50' Acabo de almoçar com vontade. Os intestinos estão um pouco revoltados.

Voiron que tudo encanta com a floresta

Suas montanhas, seu rio a sussurrar

Em tórno do castelo, que a habitar

Sua dona muito mais graça lhe empresta

Breve lhe estou ausente mas não resta

A mim só com o regresso já sonhar

Pois o oceano não pode me afastar

Do que hoje a distância mal contesta

Viveremos assim mais com a amizade

Sentindo que ela assim nos avizinha

Do que é em tempo e gôzo eternidade

E ao Eden recobrado encaminha
Sem ter de alcançar mais a ansiedade
Melhor possua talvez do que já tinha

7h 10' Primeiro estive no Cercle catholique. Recebe 80 homens do povo. Tem jogo da bola, de bilhar, e exercícios ginásticos. Eu estive assentado no tablado em que representam comédias. Pedi exemplar do regulamento da casa. Depois fui a Coublevie assistir à entrada procissão do aniversário quinquagésimo da restauração da ordem dominicana em França. Pregou o dominico da Província de Paris Gardet. Pregou bem, e figurou-se-me ver na altura em que pregava Pedro Eremita o qual pregou a primeira cruzada. Disse a um dominico o que sei de Lacordaire e falei ao Père Sisson parente do do mesmo nome que foi litógrafo no Rio. O fundo do quadro eram as montanhas. Havia altar na elevação de onde se pregou. Gostei muito de tudo. Chamam para jantar. Falarei ainda de tudo.

10h 10' Jantei bem. Ouvi a Chiquinha tocar. Conversei com a condessa e daqui a pouco vou deitar-me e talvez ainda ler Riancey.

4 de agosto de 1890 (2a fa.) – 6h Dormi bem embora acordasse três vezes para urinar. Vou escrever.

7 ¼ Respondi ao Amelot, Daubrée, escrevi conforme o costume. Vou traduzir o Sino de Schiller.

9h ¼ Algum tanto adiantei a tradução e vou vestir-me. O dia está enfarruscado.

11h 20' Boa ducha. A pé, voltando de carro por Paviou, route de Moirans. Já dei meu ramo à condessa. Guardo o da Isabel que não encontrei. Vou à tradução até o almoço.

12h Chamaram.

1h Já almocei. Estou no lugar do costume, junto à saída da sala de bilhar. Vou ler Riancey. Schiller.

4h ½ A chuva não deixou-me sair.

Quase 7h. Estive ouvindo tocar piano a Chiquinha e Marcelle filha de Mme. Lepic. Conversei com essa rapariga cujo ar tem me agradado.

10h 5' Depois de falar com a condessa, ouvir Chiquinha ao piano, e dizer adeus aos meus, tomei chá e vou ler ainda Riancey até dormir depois de deitar-me.

5 de agosto de 1890 (3a fa.) – 6h 10' Dormi bem embora me levantasse por vezes para urinar. Dia mau. Vou escrever.

11h 50' Boa ducha apesar do tempo chuvoso. Passei de carro e bilhar com Aljezur. Dei antes os meus dois ramos.

2h Almocei bem. Vi gravuras de quadros de Rubens e outras estampas. Li Le Brésil de 8. Condessa está perto de mim também lendo.

2h ¼ Vou ler “L'affaire de la rue de Lourcine” Comédie – Vaudeville de Labiche.

½ Chegaram Gaston e os dois netinhos mais velhos do passeio a St. Sixt. Tiveram lago inferior e superior com a chuva. Dizem coisas admiráveis da excursão. Ainda principiei a leitura.

4h Terminei a leitura da comédia de Labiche.

6h 10' Estive conversando com a condessa. O sobrinho neto de Brillat-Savarin esteve cá hoje assim como outros meus conhecidos daqui. Vou ler Riancey até o jantar.

10h 20' Com vontade. A condessa convidara M. Bailly e sua mulher que ficou a meu lado. Depois ouviu-se a Chiquinha tocar e conversou-se. Vou ainda ler deitado e dormir.

6 de agosto de 1890 (4a fa.) – 7h Li pouco antes de dormir e folheto que mandou-me Ch. Hermite “Inauguration de la nouvelle Sorbonne”. Dia chuvoso. Levantei-me algumas vezes para urinar. Vou continuar a ler o folheto.

8h Já o li e escrevi como costume, e também a Hermite da Academia das Ciências.

9h ½ Vou me vestir. Continua a chuva.

10h Vim com a Isabel e Luís e o Antônio até a ducha onde voltarão em meia hora.

11h 10' Boa ducha. Na saleta onde tomei café entreguei o ramo à Isabel. Dei com ela, Luís e o Antônio a minha volta de carro. Pus o ramo para a condessa no chão à porta desta, que julgo se estava vestindo e respondeu-me do quarto. Vou à tradução do Sino de Schiller depois de ter copiado o soneto com a data de hoje para dá-lo à condessa.

11h 50' Chamam para almoço.

2h $\frac{1}{4}$ Bem em companhia do vigário e do Dominico Sisson de que já falei. Conversa. Tocou-se piano. Conversei. Li Les étoiles artigo bom de Alphonse Daudet com esta nota por letra da condessa, que o tinha enviado à Isabel: "Lisez et montrez à l'Empereur en souvenir de son astronomie". A condessa acaba de dar-mo. Enviara-o ao Gaston.

4h 5' O Dr. Emílio da Fonseca e família vieram despedir-se e falei com ele a respeito do Brasil, para onde volta brevemente.

10h 10' Estive vendo o livro Le Brésil à l'Exposition de 1889 com Mr. Bailly a quem dei muitas informações sobre o que esse livro contém, indicando-lhe o artigo XXX que aí escrevi sobre a língua dos caboclos.

Jantei bem. Estive com o engenheiro Soares, que vem almoçar conosco amanhã e a quem pedi informação escrita relativa a estradas de ferro no Brasil. Ouvi Chiquinha e a filha de Japurá tocar, conversei com condessa e vou deitar-me e ler até dormir. Achei sobre minha mesa a fotografia que tanto me agrada e ainda olharei antes de deitar-me.

7 de agosto de 1890 (5a fa.) – 5h Dormi bem, mas não tenho sono. Dia encoberto. Vou ao Riancey.

6h 50' Já escrevi. Deixo hoje Voiron e, com que saudades, os prazeres *[sic]* de uma amizade de quase meio século, embora se gozem por todos modos possíveis e apesar das maiores distâncias, custa e muito a deixar de gozá-la na intimidade; porém resta a esperança de breve nos revermos, e o estudo é o meu grande conselho.

Recebo carta de Mana Januária. É de Acqui a 5. Ainda não pode andar senão dificilmente com bastão. Vai começar em banhos de lama.

7h $\frac{3}{4}$ Respondi a carta de Gorceix de Limoges dizendo-lhe que muito sinto não assistir a 11 à inauguração da estátua de Gay-Lussac e pedindo-lhe que exprima meus sentimentos nessa ocasião.

8h 50' Vou vestir-me depois de ter lido – O folheto – Association française pour l'avancement des Sciences. Informations et documents utiles n° 58 que mandou-me Gorceix.

10 $\frac{1}{4}$ Estou quase vestido tendo tomado boa ducha de onde levo 4 ramos para a Isabel, condessa, Chiquinha e Japurazinha. Vou tomar café. 11h Recebi ontem em resposta do Riancey de 5 agradecendo-me minha nota sobre a Idéia Messiânica, e as anotações que tenho feito à sua "Histoire du Monde".

Vou almoçar. 4h 25' Bem. Conversei com Penedo que se retirou depois das 3h. Tendo antes conversado também com as outras pessoas e continuei a leitura em voz alta *[sic]* "Fleurs d'Hiver – Frais d'Hiver – Histoire de ma Maison" por Legouvé que muito me tem agradado. Levo-o para Baden-Baden. Vão sendo horas do jantar que é mais cedo por causa da viagem. Agora provavelmente até o vagão.

6 $\frac{1}{2}$ Despedidas saudosas na estação e partimos. Túnel não pequeno! Jardins ou parques. Tarde bonita. Túnel curto. Bonitos efeitos de luz nas montanhas ao longe à esquerda. Plantações de vinhas. Estação de Rives à esquerda. Vi na estação mulheres e homens trazendo cruz vermelha de pano no peito sobretudo à esquerda, e algumas das pessoas como que cajados ou paus direitos.

7h 5' Seguimos. Avista-se bem à esquerda as montanhas que se abrem para Grenoble. Terrenos verdinhos, bem plantados, de ambos os lados.

7h 20' Grand-Lemps à esquerda. As nuvens no horizonte à esquerda tem figurado uma serra. Pouca demora, seguimos; demora; recuamos lentamente e paramos. Seguimos passando pela estação e paramos. Seguimos devagar e agora depressa depois de passagem de carros em sentido oposto. Tornamos a caminhar lentamente.

7h 55' Chegamos à estação de Virceu-sur-Bourbre, por onde passamos devagar assim andando. O planeta Venus está belo.

8h 6' St. André-le-Cas. Demora de minutos. A demora devia ser de 4' e já estamos aqui há 14. Segue. 8h 35' A demora foi de 29' – 40' La Tour-du-pin. 50' Cassieux. Quase que não parou. Quase.

9h 5' Bourgoin – Demora de minutos – $\frac{1}{4}$ La Grive. Demora de instantes – 20' Vaux-milieu. Demora de instantes – 27' La Vorpillière. Instantes. 35' St. Quentin – Fallavière. Instantes. Vai andando devagar. $\frac{3}{4}$ Heyvieux. Instantes. 52' Chandieu – Tourrien. Apenas parou – 10h Saint Priest. O conde deste título Alexis foi Ministro de França no Brasil em 1832 e assistiu a um sarau no Paço da Cidade a 4 de 8bro *[outubro]*, dia do nome da Mana Chica que foi de uma indigestão minha com convulsões e que matou-me quase. Casou com uma princesa russa. Escreveu a bela obra "Histoire de la Rayauté" e outras

sendo membro da Academia Francesa. 5' Venissieux. Instantes.

Vamos chegando a Lugan. São 10 $\frac{1}{4}$ – 11h Tomei um caldo de carne excelente e bebi bom chá preto na estação acompanhado de pão com manteiga. Soube-me tudo muito bem. Já estou no vagão. Três sujeitos vieram agradecer-me o que dei para socorrer as vítimas da explosão de grisou na mina de St. Etienne. 5' Já estou a caminho. De Leão vi apenas a água não sei se do Rodano ou do Saône. Não pude descobrir o vulto da Igreja de N. Dame de Fourvière. 13' Lyon-Vèze. Parada na estação 15' Sigo.

8 de agosto de 1890 (6a fa.) – 4 $\frac{1}{2}$ da manhã. Em Lyon tomei caldo e chá logo que cheguei ontem, à estação. Às 2 $\frac{1}{2}$ da madrugada cheguei à estação de Beaune. Não dormi bem.

3 $\frac{1}{4}$ Já estou vestido e perto de Dijon aonde cheguei em poucos minutos.

10h 10' Tomei café e comi pão com manteiga, andei a pé pela cidade podendo ver a estátua de Nicolas Poussin aqui nascido pelo escultor Rude e tomando um carro de aluguel voltei para a estação e já estou no vagão. Por causa do Aljezur que tinha medo de perder o trem andou-se a galope e vi a estátua às carreiras – sem necessidade. Partimos – 2º Magny.

$\frac{1}{2}$ Gen. Lembra-me a condessa de Genlis e suas obras para lecture des demoiselles tendo sido aia creio que dos filhos do pai de Luís Filipe .

Quase 6h 40' Colognes. Quase 50' Auxonne. 7h 3' Sigo. $\frac{1}{4}$ Campuans. Túnel sofrível. 25' Dol – Partida quase 40' – 50' Rochefort, id. 8h Quase Moulin-rouge, id. – 5' Orchamps. 10' Labazze. $\frac{1}{4}$ Ranchet. St. Vit – 35' Dannemarie. 45' Francis. Quase 9h Besançon. 9h 25' Seguimos. Não aproveitei o tempo para correr a cidade porque tudo me pareceu distante. Isabel veio dar-me bons dias no meu vagão. Atravessei túnel bastante longo. Quase 40' Roche, e instantes; depois seguimos. 52' Deluz. Poucos minutos depois seguimos – o caminho passa por vale estreito. Vou margeando um rio pela esquerda.

10h Laissey. Vejo ponte que atravessa o rio que tem uma represa com sua cachoeira. Será como o Andaraí. Túnel pequeno. $\frac{1}{4}$ Baume-les-Dames. É uma vila. Pequena demora. Túnel pequeno – 2 seguidos muito pequenos – outra represa, outro túnel pequeno, represa, túnel maior. Custa a escrever. Vê-se bem o rio e uma canoa na margem. À direita e afastada pequena povoação. Outra represa. Vilota. Túnel curto – 40' Clerval – pequena povoação; mas estou lendo no frontespício de uma casa à direita “Café Restaurant” e à esquerda – tenho ido costas – uma torre de igreja. Vejo povoação à direita. À esquerda túnel algum tanto comprido e vejo o rio à esquerda.

10h 55' L'Isle sur-Doubs. Pequena povoação e demora. Pequeno túnel. Atravessa-se o rio que julgo ser o Doubs. 11h 10' Colombière – font à esquerda do rio. 20' Voujaucourt. Pequena povoação. Parada curta. Sigo. Túnel curto.

11h $\frac{1}{2}$ Monbelliard. Aqui nasceu creio eu o ilustre Cuvier cujas obras tanto me inspiram o gosto pelo estudo da natureza. Hei de reler ainda uma vez o seu “Discours sur les revolutions” que relera a última vez que estive em Aix-les-bains. Quase $\frac{3}{4}$ sigo. 52' Hericourt. Li no Temps de hoje artigos interessantes “La première execution par l'électricité” a “Academie des Sciences – Thermomètre physiologique – L'alcool chez les saturnions, notícia dada por Charcot sobre os trabalhos de Combemale Composition dex eaux de (ininteligível) recherches de M. P. Denirais.

12h 8' Chegamos a Belfort. 1 $\frac{3}{4}$ Almocei bem e fui ver a cidade. Gostei do grupo de um guerreiro sustentando outro moribundo. Vi o monumento foi nobre dos Mobiles no cemitério mas do lado de fora. O leão colossal junto à montanha agradou-me muitíssimo. A estátua de Denfert está em Monbelliard. Aí devia levantar-se a de Cuvier e a do Guerreiro na cidade de sua façanha. O leão é de Bertholdi. No passeio andei ao lado do rio que parece-me ter ouvido chamar Savoureux. Enfim aproveitei o tempo. A pequena cidade de 20.000 almas antes da defesa do tenente-coronel Denfert Rochereau foi tomadas pelos Suecos em 1632 e pelos franceses em 1636, e foi assedia *[sic]* em 1814. As fortificações construídas primeiramente por Vauban foram consideravelmente aumentadas desde 1871. Senti não ter andado em Besançon pela razão que dei, pois é aí que nasceu Victor Hugo, em 1802, na casa que se mostra. O grupo de Belfort é de Mercur e o rio Savoureuse.

2h 37' Seguimos. 50' Chevremont, instantes. 3h Petit-Croix. 10' Seguimos. $\frac{1}{4}$ Alt-Münsterol. Estamos já na Alemanha desde Petite-Croix. 4h Vim no vagão de Isabel, com esta e a Lisboinha até Dammerkirch e sigo no meu vagão. 10' Altkirch cidade que faz vista num alto, com uma bonita igreja na baixa; passei-lhe perto ao longo de rio e vou seguindo, $\frac{1}{4}$ ficando também à direita bastantes casas. 20' Illfurt. 26' Sigo. $\frac{1}{2}$ Zillisheim. Parou. 40' Sigo. Acabo de percorrer a margem de um canal.

4h 50' Chego a Mulhouse. 5 ¼ Já estou andando. Antes tomei um carro e com o Aljezur percorri a cidade, que tem bons edifícios como Igrejas, a sinagoga e o teatro bonitos jardins. Logo que cheguei pedi que mandassem telegrama meu a M. Tachard. Não estava em Mulhouse, mas saberá que lembrei-me dele. É a primeira vez que ando em Mulhouse a terra do célebre João Dolfas primeira vítima da invasão alemã.

6h Sigo. Vi na cidade um canal que alarga e forma bela bacia, embora menor que a Alsing de Hamburgo. 6h Passamos por Darnach. Passei ponte sobre o rio. Há bastantes árvores de ambos os lados da estrada.

VOLUME 33

EXÍLIO - 08/08 a 23/09 de 1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

8 de agosto (6a fa.) de 1890 – Vou de Mulhouse para Strasburgo. São 6h 10' da tarde.

6 ¼ Bollweiller, vasto campo com árvores ao longe de ambos os lados. Passada a estação vejo povoação do lado dela à direita – vou de costas. Está chovendo, [ilegível] não forte e as nuvens iluminadas pelo sol estão belas – vento forte.

Quase 6h ½ Merxheim à direita. Instantes depois Rufach à direita. Não se avistam elevações à direita e montanhas só à direita. 3' Colmar. 6h 55'

Parto. A mesma paisagem. Passou às 7 uma estação à esquerda. Povoação deste lado ao longe em montanha.

7h 7' Rappolsweiler à direita. Plantação de vinha e de lúpulo. ¼ St. Piet.

9 de agosto (sábado) – Meia-noite já passada. Estou no Hotel Stephanea. Da estação até aqui vim reconhecendo tudo e indicando-o à Isabel, com quem vim no mesmo carro acompanhando-a a Japurazinha. O Nioac e o monsenhor Peixoto foram encontrar-me em Oos, e vieram comigo no mesmo vagão. Na estação aqui estavam Maria Eugênia e família dela e Nioac. Agora vou tomar chá e deitar-me que já começarei a andar por aí amanhã às 9h. Tenho aí muitas das minhas publicações periódicas para leitura.

7h ½ Dormi bem, embora tivesse câimbra na perna esquerda, mas não muito forte. Vou ler o Journal des Savants de julho, que principiei ontem antes de dormir.

8h ¾ Li o artigo excelente de Renan e comecei o de Ch. Levêque sobre a filosofia de Platão. Vou tomar café.

8h 55' Vou vestir-me para sair a passeio. Volto. Acompanharam-me Nioac, Aljezur e Mota Maia. Depois de andar bastante, indo à casa de banhos, encontrando em caminho a mãe da mulher com quem vive Maxime du Camp, pedi-lhe que desse lembranças minhas a ele que está de perna estendida e disse-lhe – mas que não o prevenisse que iria vê-lo às 3h.

Passei pelo Lichtenthal assentando-me para ver a gente passar e eis-me de volta bem disposto. No regresso falei com o Dr. Heilegental que se apeou do carro e disse-lhe que principiava amanhã os banhos.

2h ¼ Almocei bem. Conversei. Acabo de ler à Japurazinha Fleurs d'Hiver etc. de Legouve que principiei em Voiron e vou mandar à condessa.

10h da noite. Estive com Nioac e o irmão monsenhor Peixoto. Visitei Maxime du Camp que estava com a perna estendida, mas levantou-se para receber-me. Conversei com ele sobre o movimento literário e o grande número de candidatos ao lugar da Academia Francesa, entre os quais Lavisse, que breve vem cá. Jantei bem. Recebi diversos exemplares litografados de meu trabalho para a distribuição dos prêmios do Colégio Stanislas de Cannes. Tenho estado conversando com a Isabel, a Japurazinha, a quem dei um dos exemplares do meu trabalho de Cannes e os meus companheiros constantes e vou deitar-me e ler até dormir.

10 de agosto (domingo) – 6h 50' Dormi bem. Bom dia. Vou escrever para mandar o meu trabalho dos prêmios do Colégio Stanislas de Cannes. Já escrevi a Renan enviando-lhe dois exemplares, um para ele e outro for possível oferecer em meu nome à Academia das Inscrições e Belas Letras. Resta-me um que logo hei de dar a monsenhor Peixoto que foi meu

confessor.

8h 25' Li o Journal des Savants. Vou vestir-me. 11h Ducha. Enquanto descansei li Riancey. Fiz ginástica e muito agradou-me o tremido e esfregado das mãos – creio que breve estarão como dantes.

Nioac que encontrei em caminho acompanhou até às duchas. Volto da missa cantada, que nada teve de notável e onde esperava encontrar a Isabel, segundo o ajustado, mas que lá não foi. Vou continuar o Journal des Savants. Já ouço o piano.

Almoçar. 11h 10' – 2h 25' Bem. Conversei, estive traduzindo alemão com a Japurazinha que o vai fazendo muito bem e acabo de estar com D. Cecília Monteiro de Barros e a filha solteira. Vou continuar a tradução de Schiller.

3h 10' Pouco fiz. Família do Nioac. 5h 10' Passeei e ouvi o resto da música da Conversationhaus. Tenho o programa marcado. Conversei com Jules Oppert membro da Academia das Inscrições e Belas Letras. Vem cá às 7h e dar-lhe-ei um exemplar do meu trabalho lingüístico da distribuição de prêmios em Cannes. Voltarei para a música à noite. Pouco traduzi de Schiller.

São 6h e chamam para jantar.

7h 10' Esteve cá Jules Oppert a quem dei um exemplar de meu trabalho lingüístico para os prêmios do Colégio Stanislas em Cannes. Conversamos um pouco. Pedi-lhe o que publicar e a indicação do que interessar ao estudo de assiriologia e apresentei-o à Isabel. Está muito quente.

10h ½ Depois de estar com Oppert, conversei e fui para a música. Junto o programa do concerto. Depois de lá chegar chegaram Isabel e a Japurazinha que se retiraram antes do fim. Estiveram também Nioac e o monsenhor e ao retirar-me falei com a família daquele. Nioac disse-me ter encontrado às 5h Ruxleben de carro. Ainda não a vi. Vou deitar-me e ler até dormir o Journal des Savants. Esteve hoje comigo H. N. Gilbert, Fulton N.Y. U.S.A. Special correspondent – Syracuse Standard. Fez-me diversas perguntas, como da minha idade e outras semelhantes que não mostram ser inteligente e sua fisionomia pouco promete.

11 de agosto (2a fa.) – 6h 20' Dormi bem. Vou ver se acabo o Journal des Savants.

9h 50' Já me duchei. Estou deitado a traduzir o Sino.

12h ½ Passeei. Almocei bem e li em voz alta traduzindo um artigo no Galignani Messenger de 6 de uma conversa em Paris do Pedro Augusto. Custa-me a crer que seja tudo exato.

1 ¾ Bastante do Sino.

3h ½ Traduzi alemão com a Japurazinha. A Isabel recebeu carta de minha amiga a princesa da Baviera que esteve no Brasil dizendo que vinha ver-me a Baden. Que boa noticia!

11h Caiu bastante chuva, mas assim mesmo pude nas estiadas ir ouvir música. Jantei bem antes. Agora já estou deitado depois de ter escrito e pouco lerei antes de dormir.

12 de agosto (3a fa.) – 6h ¾ Dormi bem. Dia chuvoso. As mãos estão hoje mais presas. Traduzi Schiller.

8h 40' Vou vestir-me.

10h 40' Boa ducha. Pouco tempo demorei-me e por isso não li. Vi o Antônio na casa de banhos e depois a passeio com a Japurazinha. Passeei pelo Trinkhalle. O dia está quente. Ameaça mais chuva. Até o almoço pegarei no Schiller. Desejo acabar a tradução para dá-la à princesa da Baviera.

12h Bem.

4h Conversei. Traduzi alemão com a Japurazinha. Volto do concerto de que ouvi o resto marcando esta parte. Ouço tocar piano na minha sala e vou continuar a tradução.

6 Creio que fui feliz. Vou jantar.

7h 40' Bem. Ouço a Japurazinha tocar piano, o que faz muito bem.

10h Estou de volta. O prestidigitador professor Stengel trabalha bem – junto o programa. Meu neto Antônio gostou muito. O programa do concerto está anotado. Vou tomar chá e ao Schiller.

11 ½ Creio que termino amanhã a tradução, ao copiá-la limá-la-ei. Vou dormir.

13 de agosto (4a fa.) – 6h 10' Dormi bem. Vou ao Schiller.

9h Não estava mal de veia. Dispo-me para a ducha. Vim por caminho mais curto.

9 ½ Boa ducha e já vesti-me.

11h ¾ Passeei. Estava quente. Falei à filha do Nioac solteira que jogava o lawn-tennis. Traduzi ainda Schiller e acabo de almoçar.

3h ¼ Conversei com monsenhor Peixoto a quem dei meu trabalho lingüístico para o Colégio Stanislas e repeti versos meus ficando depois com Nioac. Continuei minha tradução e acabo a lição de alemão à Japurazinha. Vou à música. Junto o programa. Schiller e acabo de receber a filha de Thomsen de Nova York com a mulher. A primeira fala só inglês que apenas posso arranhar conversando. O marido exprime-se correntemente em espanhol. Volto a Schiller.

Quase 6h. Pouco adiantei. Chamam para o jantar.

7h Bem e vou traduzir um pouco de Schiller.

14 de agosto (5a fa.) – 5h 50' Dormi bem. Parece querer chover. Vou ao Schiller.

7h 40' Acabei a tradução de O Sino. Creio que está sofrível. Hei de lê-la para que alguém a copie. Vou vestir-me. Tem chovido mas estiou.

10h ¾ Boa ducha. Em lugar de passeio fui de carro à Conversationhaus e joguei com o Aljezur algumas partidas em excelente bilharzinho, a que levou-me o diretor de que já falei.

11h ¾ Li Riancey e almocei bem. Vou ouvir Japurazinha ao piano – mas são horas de se encharcarem as duas sereias e fiquei desarmonizado.

1h Riancey a que volto e recebi carta de Chica de Chantilly de 9. Daubrée de Pontailac de 12 – Grandidier do Instituto de Carlsbad a 12 – Baligand de Munich a 4, mandando-me folheto de Pettenkofer.

3h ¼ Estive às voltas com a cópia da tradução do Schiller.

6h Já estava o concerto no Gallop quando cheguei. Assisti ao baile das crianças que sempre me entretém. Apareceu Maxime du Camp que escreve sobre Théophile Gautier. Aproveitei sua conversa até à porta do meu hotel, onde ele só quis deixar-me.

7h Jantei com vontade. Creio que haverá bonita noite.

10h ¼ De volta. Noite estrelada, algum tanto fria. Vou tomar chá e ler talvez Riancey ou 2º vol. da tradução francesa de Robert de Consy de Quatre aux Indes anglaises. Notre Vice-Royauté, por lady Dufferin, que me enviou o 1º vol. e eu agradecendo-o reenviei anotado por mim. Vou deitar-me.

15 de agosto (6a fa.) – 6h ½ Levantei-me algumas vezes. Antes de dormir li a obra de Lady Dufferin. Belo dia.

7h ¾ Escrevi à Chica, Baligand, Grandidier e Daubrée. Vou ler Dufferin. Vou vestir mas ainda continuando a ler como possa.

11h Boa ducha e fui a pé à igreja onde houve missa cantada cuja música não foi grande coisa. Já vi Nioac que assistiu à missa dita pelo irmão e na igreja o Alfredo e a mulher. Vou agora ao almoço.

11h 50' Almocei. Isabel e a Japurazinha tocam a bonita música de Jonquières. Comecei o 2º volume da Dufferin, mas julgo melhor prosseguir na cópia de minha tradução do Sino.

2h. O resto ficou para amanhã. Vou ler Riancey que ainda não vi hoje.

2h 40' Vou à música. 4h ¾ Junto o programa. Conversei lá com Maxime du Camp e vim com ele até a porta do hotel. Sempre interessante. Prometeu-me diversas obras literárias e a brochura provando à maneira do simbolismo de Dupuis na sua *Origine des Cuttes* que a vida de Napoleão é um mito. Vou adiantar Riancey. Chamam para jantar. São quase 6h.

10h Volto do concerto. A Seuter assentou-se perto de mim e quis acompanhar-me até o hotel. Depois do jantar conversei e vou a Japurazinha ao piano. Agora vou deitar-me e ler Riancey ou Dufferin.

16 de agosto (sábado) – 6h 10' Dormi sofrivelmente tendo lido antes Dufferin. O dia está muito bonito. Vou ao Riancey e escrever.

7h 40' Recebi carta de Lermite de 10 a que já respondi e da Ristori de 13 a quem responderei depois. Vou vestir-me para

a ducha.

10h 40' Boa e fizeram-me deitar também num aparelho onde um rolo passa pelas costas muito agradavelmente. O passeio a pé foi pela sombra na encosta da montanha. Vou ao Riancey até o almoço.

4h $\frac{3}{4}$ Acabei de ditar à Japurazinha a cópia de minha tradução de Schiller. Estive com Nioac e o irmão. Recebi o cura católico a quem fiz mostrar seu conhecimento de português, a pronúncia é que é má. Fui com a Isabel e os outros ao Alt Schloss. Que belo passeio na floresta e nas ruínas, a cujo cimo não subi, guardando isto para outra vez! Tomei café fora, de onde se goza bela vista. No Jornal do Comércio de 19 de julho vem a notícia relativa ao planeta descoberto por Perrotin no observatório de Nice e a que por pedido dei um nome – o de Brasil (Brésil).

10h 10' Volto do concerto a que não assisti até o fim pois não me agradou o programa. Estive com Tachard que chegou hoje. Vem cá amanhã. 11h $\frac{1}{4}$ Estive pondo mais legível a última parte da tradução do *Sino*, a qual parece-me sofrível. Vou deitar-me e talvez ainda ler Dufferin para melhor dormir.

17 de agosto (Domingo) – Quase 7h. Já escrevi umas poucas cartas. A música de um regimento está tocando bem sob a minha janela.

11h Boa ducha. Andei a pé e volto de carro da missa. Já estou na sala para o almoço a que chamaram. A Isabel está ainda no quarto.

12h Com apetite. Missa como domingo passado assistindo a Isabel e Antônio e a Japurá na mesma bancada. Vou à Dufferin.

2h 10' Vou à casa da Sybilla.

5 $\frac{3}{4}$ Vi tudo e principalmente o retrato que indica a necessidade de sua penitência de cilício e disciplinas que eu vi. Corri parque, casa de sua penitência e palácio, cuja sala octogonal para banquete, com coreto superior da mesma forma correspondentemente inscrito sempre me agradou. Creio que nada me escapou. Acabo de receber a visita do Dr. Worms médico da Mana Chica e da esposa daquele. Deixou bons Chica e Joinville, que ia caçar.

10h 10' Jantei com vontade, conversei, li um pouco Dufferin. Volto do concerto, cujo programa conforme o costume e tendo conversado com o Tachard e sido acompanhado até o hotel pelo Nioac e família deste. Vou tomar chá. Chegando à minha sala achei a Japurinha na cópia de minha tradução de O Sino de Schiller. Vou tomar chá e deitar-me para ler até dormir.

18 de agosto (2a fa.) – 7h Bonito dia. Continuei Dufferin até dormir. Vou à mesma leitura.

10 $\frac{1}{2}$ Boa ducha e passei a pé no Lichtenthal. Muito calor. Creio que teremos trovoadas. 11h Almoço. Com apetite.

1h $\frac{1}{2}$ Estive corrigindo a cópia de minha tradução de Schiller com a Japurinha e quase terminei.

1h 50' Estive conversando com o Nioac e o monsenhor seu irmão, que vai amanhã assistir às exéquias do bispo de Strasburgo e depois a Roma. Prometi-lhe cartas.

4h 20' Junto o programa do concerto. Ao retirar-me encontrei a Japurinha com Antônio que acompanhei até o carro onde estava minha filha e fomos até a estação julgando que chegaria a princesa da Baviera pelo primeiro trem, mas soube que chegaria por outro e para recebê-la na estação jantarei mais cedo. Vou ler Dufferin.

Meia-noite quase. Trouxemos a princesa para nosso hotel. Conversei um pouco com ela depois dela ver seus aposentos. Fui ao concerto de que junto o programa, tendo aí me despedido de Tachard e conversando D. Maria Eugênia e família dela ficando ela de ver se o cardeal Mermillot que veio a Strasburg para as exéquias chega até cá. Revi a cópia da minha tradução do Sino de Schiller e vou deitar-me para dormir.

19 de agosto (3a fa.) – 6h $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Vou rever a cópia da tradução do Sino de Schiller. Marquei alguns lugares para compará-la com a oriental. Li o que me mandou o professor Dana muito meu conhecido dos Estados Unidos. O impresso intitula-se Dom Pedro 2 and the brazilian revolution. Li Dufferin e vou vestir-me. São 8h 20'.

12 $\frac{1}{2}$ Boa ducha. Dei volta a pé passando pela rua onde mora Maxime du Camp. Almocei bem com a princesa da Baviera e os mais. Dei-lhe minha tradução de O Sino de Schiller. Acabo de escrever cartas ao Papa, ao Tosti e ao cardeal Hohenlohe e vou assinar fotografias minhas pedidas e ler Dufferin.

2h 10' Estou ouvindo a filha solteira de Nioac discipula de Ruter tocar muito bem piano.

Em La France Moderne du 7 au 21 Août li agora um artigo de Lucie de Savignac "Au pays d'Azur" onde na Chronique de Cannes fala da distribuição de prêmios no Stanislas. Falando de mim diz: "C'était comme une vision de l'empereur Charlemagne bénissant les studieux élèves des colleges religieux du Moyen-age dont l'Institut Stanislas perpetue les doctes enseignements, les môles vertus et les nobres traditions". Interrompi a leitura da Dufferin para ir à missa. São 2 ¾.

4h 35' Trago programa anotado. A Isabel e a princesa Bávara assistiram. Maxime du Camp apareceram [sic] e a Bávara que não o conhecia achou-lhe muito espírito. Já estou lendo Dufferin e o Guilherme comprou-me um Oberon de Wieland em formato. Quero lê-la à princesa Bávara que disse-me tê-lo lido ainda desculpando-se com seu gosto pelas ciências naturais havendo também estudado por causa da física um pouco do cálculo diferencial integral.

10h ½ Jantei bem. Conversei. Li Oberon em alemão à princesa Bávara. Fui ao concerto de que trouxe o programa anotado. Vou tomar chá e ler ainda Dufferin até dormir.

20 de agosto (4a fa.) – 6h ¾ Dormi bem porém levantei-me muitas vezes para urinar. Ouvi chover bastante. Vou à Dufferin. 11h Dormi bem. Continuei a leitura. Boa ducha. Fiz movimento jogando bilhar na Conversation Hall.

Ouvi a Japurinha cantar com a voz bem trêmula, mas creio que por estar saudosa enquanto lia Dufferin e chamam-me para o almoço.

11h ¾ Com vontade.

12 ¾ Recebi carta de Daubrêe de Pontailac a 18. Interessante relativa a geologia daqui e outras publicações entre as quais o 1º volume das obras de Galileu.

1h 40' Acabei o 2º volume de Lady Dufferin. Agora vou traduzir alemão com a Japurinha.

2h 25' Recebo de Maxime du Camp o folheto que li há anos e desejava reler, "Comme quoi Napoleón n'a jamais existé on grand erratum Source d'un nombre infini d'erratas e noter dans l'histoire du XIX siècle par feu M. J. B. Pères. A O. A. M. Bibliothécaire de la ville d'Agen – Paris, 33, Rue des Saints-Pères, 33".

Vou à música que principia às 3.

4h 25' Já voltei da música e junto o programa anotado. Vou ler o folheto sobre Napoleão, que me enviou Maxime du Camp. A primeira vez que o li muito mais me interessou. Sou cada vez mais positivo em tudo que não é de fé para mim aliás justificada por argumentos da razão no que é de dogma. Vou ler Riancey um pouco esquecido estes dias.

6h Chamam para o jantar. Depois estive com a princesa de Baviera, li Riancey e fui à música de que trago o programa anotado, ou vendo a última peça já em retirada. Vou tomar chá e ler deitado Riancey até dormir.

21 de agosto (5a fa.) – 5 ½ Não tenho sono. O dia parece bom. Vou ler Riancey. Li o Compte-rendu da Société de Secours des Amis des Sciences a que pertenço, de 27 de março. Já me vesti.

São 7h 35' Vou sair para receber Gaston e netinhos mais velhos.

8h 56' Dispo-me para a ducha mais tarde por causa da chegada de que falei. Chegaram todos bons.

1h 5' Ducha que me soube e passeio costumado a pé. Almocei mais cedo por causa da princesa Bávara a quem dei o exemplar do Oberon, de que lhe lera algumas. Acompanho-la até o trem que também leva Alfredo Nioac, mulher e filho a visitarem o Alberto em Hamburgo. Vim do cabeleireiro Lorenz que me cortou os cabelos e tem as armas do Brasil, pois que já fizera o mesmo da vez passada e vou ler Riancey daqui a pouco.

5h ½ Traduzi alemão com a Japurá, fui ouvir a música segundo costume. Na volta encontrei Maxime du Camp que disse-me ia ao baile das crianças. Voltei com ele ao lugar da música. Tinha se enganado pois o baile é de 15 em 15, mas aí conversamos nos bancos de fora, e ele acompanhou-me até meu hotel de onde lhe mandei a carta, que não houvera fechado e onde lhe falo do folheto que me enviara, "Comme quoi Napoleón n'a jamais existé". Vou ler o trabalho de Jules Simon sobre Cousin por Jules Simon.

Quase 6h e chamam-me para jantar.

10h 5' Bem. Conversei e às 7 vieram Sully e Silveira Martins cuja conversa não foi muito interessante mesmo porque eu falei com alguma cautela. Fui ao concerto cujo programa junto conforme o costume. Ao chegar aqui achei a Japurinha no salão a escrever e restituiu-me o folheto sobre Napoleão, do qual tenho falado e que emprestei ao Aljezur.

Vou tomar chá e ler Riancey ou a biografia de Cousin [ilegível] que não será por muito tempo.

22 de agosto (6a fa.) – 7h ¼ Levantei-me bastantes vezes para urinar. Tive câimbra na perna esquerda, o que não me sucedia há muito tempo. Vou ler Riancey depois de conversar a Daubrée.

8h ½ Vou vestir-me para a ducha. 10h 25' Boa quente[*sic*] soube a gaitas. Passeei a pé. Comprei um raminho de flores que já dei à Isabel. Já vi todos os netinhos e Gaston.

2h ½ Almocei com vontade. Li a biografia de Cousin. Traduzi alemão com a Japurinha, a quem pedi que me copiasse a tradução do Sino de Schiller. Chegou Seibold e vou a um pouco de árabe.

4 ¼ Volto da música, trazendo o programa como de costume. Não encontrei Maxime du Camp, talvez porque está úmido. Vou à biografia de Cousin.

6h Chamam para o jantar.

10 ¼ Bem. Depois conversei e li um pouco. Volto do concerto com o programa marcado. Aí foi ter Carapebus vindo de Vichy. Fui ao hotel onde estão [ilegível] da música ver a Carapebus que não me esperava e voltei à música retirando-me antes de acabar acompanhando-me Carapebus até o meu hotel. Vou tomar chá e ler ainda deitado até dormir.

23 de agosto (sábado) – 6h 20' Dormi bem. Vou ler a biografia de Cousin.

8 ½ Li bastante, mas não pude acabar. Estudam piano na sala. Vou vestir-me.

10 ½ Boa ducha, passeio a pé. O dia não está quente. Vou ler a biografia de Cousin.

10h 35' Chamam para o almoço. Bom.

10h ¾ Biografia de Cousin.

4h 20' Traduzi sânscrito com o Seibold e continuei a comparar a tradução alemã com os Lusíadas. Fui ao concerto, cujo programa trouxe como costume, e na volta encontrei Isabel com o Gaston e os pequenos esperando carro para irem à piscicultura. Também queria ir lá com eles, mas, por ser tarde, resolvendo Isabel ir ao Vieux Chateaux que já visitei, vim andando para o hotel e vou ler Cousin até o jantar.

24 de agosto (domingo) – 7h ¼ Dormi bem. Dia bonito. Li a biografia de Cousin e vou vestir-me. São 8h 25'.

11h Boa ducha. Já ouvi com toda a família e voltei de carro com a Isabel, Antônio, Aljezur e Mota Maia. Quando cheguei à igreja terminava sermão em alemão que a Japurinha disse-me não ter entendido. Vou ao Cousin até o almoço.

2h ¾ Bem. Tenho estado a conversar com o Estrela que deu-me notícias da Teresa que não sei porque não veio ver-me seu padrinho, e dos Amelots que viu na Ópera em Paris na companhia de Lokoma. Vou à música.

4h ¾ Trago o programa marcado. Minha filha não foi passear a pé comigo por ter recebido telegrama de Sussance anunciando a morte da Ludomila que voltou doente de Cannes para o Brasil.

7h ¼ Li a biografia de Cousin. Acabo de jantar bem. Li Cousin, e vou à música.

10 ½ Trouxe o programa marcado. Houve duas músicas: uma militar no Quiosque e outra no salão. Ouvi esta. Achei as duas Isabeis ainda acordadas. Minha filha não sabe a que horas chegam os Tostas. Vou tomar chá e ver se acabo Cousin antes de dormir – mas deitado.

25 de agosto (2a fa.) – 6h 10' Dormi bem. Bom dia. Vou ler a biografia de Georges Sand. Escrevi a Maxime du Camp mandando-lhe a de Cousin com minhas notas a lápis.

8 ½ Estou me despindo para a ducha.

10 ¾ Antes desta fui à estação despedir-me da Japurinha que nos fez excelente companhia a quem dei carta para a mãe. Depois da ducha dei bom passeio e agora de escrever à condessa enviando-lhe minha tradução de O Sino de Schiller, e daqui a pouco almoçarei.

Chamam-me. 12h Almocei com vontade. Torno à biografia de Georges Sand. Recebo carta de Daubrée de Pontailac datada de 23. Cita um fato geológico interessante, que a pequena bacia de carvão de pedra em Bandweyer e Berghaupter ao sul de Baden a qual em consequência de deslocções violentas acha-se intercalada e comprimida no gneiss. É em ponto pequeno o que se observa nos Alpes.

Li o que Folha do Rio publicou a respeito da decisão do barão de Jaceguai sobre o duelo, que julgo não se efetuou entre o capitão de fragata Alexandrino Faria de Alencar e o capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena. E artiguinho de periódico do Rio “afirmam com insistência que não tardará muito tempo que um ex-diplomata seja aposentado na categoria que tinha quando o precipitaram da rocha Tarpeai e que tão calado se conservou que parecia não ser mais deste mundo”. Li o artigo do *Débats* de hoje publicado ontem “L’opinion de Zola sur Tolstoi”. Não lhe é favorável. “Ni les romanciers anglais ni les russes, ne sont de taille a jour le rôle, qu’on voudrait leur donner. Tolstoi a suivi nos traces, il est le disciple russe de l’école française. La “Sonante de Kreuzer” est un cauchemar. Dès la première lecture M. Zola s’est convaincu que l’auteur avait “une petite fôlure à la tête”. Tolstoi est un moine de moyen âge. Il regarde de sa cellule avec répugnance ce qui se passe dans le monde. Ses idées sur le mariage et ses théories sur l’amour sont également contre nature”.

Volto à biografia de G. Sand. 1 ½ Seibold. 4 ½ Traduzi hebraico e comparei com os Lusíadas a tradução alemã. Volto do concerto com o programa marcado. Recebi antes bilhete da senhora em cuja casa está Maxime du Camp que este fora operado, creio que de algum abcesso na perna e mandava buscar as biografias da coleção.

5h Respondi à carta de Daubrée. Irá hoje como a que dirijo à condessa. Não quero esquecer a história universal de Riancey e vou continuar o volume 8º até o jantar.

10h Comi com vontade. Conversei. Depois estive com Gey Muller da Academia das Belas Artes do Instituto, que prometeu-me mandar um exemplar de sua obra sobre Rafael que a Isabel não conhece, e deu-me notícias artísticas, conhecendo-o eu da Suíça, onde o encontrei nas montanhas com a senhora muito bonita e estimável, irmã creio que de Henri de Laborde secretário da Academia das Belas Artes do Instituto. Acabo de voltar do concerto que pouco apreciei apesar de trazer o programa por ter estado a traduzir a tradução em francês feita por Helena Vacaresco de versos em alemão de Sílvia Carmem nome poético da rainha da România. Vou ver se termino a tradução antes de deitar-me.

12h Mas pus-me a querer acabar a tradução e terminei-a. Para a cama!

26 de agosto (3a fa.) – 6h 5’ Dormi bem. Vou copiar a minha tradução da tradução em francês dos versos em alemão de Carmen Sílvia por Helena Vacaresco. Parece-me ficou sofrível. Vou vestir-me. Acabei também de ler o artigo de Gey Muller sobre a Virgem de Rafael.

10h ½ Boa ducha. Volto de meu passeio a pé.

11h 5’ Escrevi para Egern.

12h Almocei bem. Vou conversar um pouco.

1h ¾ Seibold, árabe e Camões como ontem. Daqui a pouco vou até a piscicultura provavelmente.

4h Quase vi tudo no estabelecimento com Isabel, Gaston e netinhos. Tudo nos explicaram e expliquei aos meus. Caiu bastante chuva, mas nada impediu. Recebi bilhete de madame Russon dizendo “Monsieur Du Camp souffre un peu moins aujourd’hui, mais est très fatigué. Il témoigne toute sa reconnaissance a Sa Majesté l’Empereur Dom Pedro d’Alcântara”.

Recebo carta da Ristori de Bagni di Nocera (Umbria) de 23. Espero vê-la em Paris. Também tive carta de Lhermite datada de Barèges a 22. Hei de responder-lhe talvez amanhã. Vou ler Riancey até o jantar – mas está lido o artigo de Le Petit Voironnais de 17 “L’empereur Dom Pedro et les Princes da sa famille au Chateau de Voiron” assinado por Alpinus. Por um trecho do artigo e já antes pelos versos reconhecido ter sido escrito pelo velho antigo maire de Voiron, cujo nome não me recordo agora. Fui emprestar o artigo a meus filhos e Gaston disse que o nome é Blanc. Agora Riancey.

10h 40’ Jantei bem. Conversei. Pouco li. Volto do concerto, cujo programa junto e a que assisti com os meus companheiros, Alfredo Nioac e mulher, assim como os Carapebus e o Estrela. Vou tomar chá e ler um pouco até dormir.

27 de agosto (4a fa.) – 6h Dia encoberto. Sempre li antes de dormir. Levantei-me algumas vezes para urinar. Vou escrever em resposta à Ristori.

8h Escrevi à Ristori e a Lhermite. Vou a Riancey. ½ Vou vestir-me para ir à ducha.

11h Boa, dei meu passeio a pé e fiz um soneto só para brincar. Chamam para almoço.

12h Almocei bem. Recebi pelo Muritiba carta de Miranda Reis de 28 de julho dando-me parabéns pelos anos da Isabel a 29.

12 $\frac{3}{4}$ Estive com os Penhas a velha Calógeras e o filho genro do Penha. Longa carta em resposta à minha do Ladário de 23 de julho. Quase 2h. Escrevi ao Paranhos e vou falar ao Militão Neto e depois ao Seibold. Também estiveram Alfredo Nioac e mulher e o Guimarães com a mulher.

4 $\frac{1}{2}$ Concerto. Trouxe o programa marcado. Acompanhei Mota Maia no passeio que quis dar para deixar a carta no hotel estão os Penhas. Vou ler Riancey.

10h $\frac{1}{2}$ Volto do concerto com o programa marcado. Lá estiveram Carapebus sem a Chica, Guimarães com a mulher, Militão gordo e a mulher e Alfredo Nioac com a mulher. O tempo pôs-se bom e a lua estava muito clara. Vou tomar chá e depois ler ainda, mas deitado. Jantei bem e conversei antes de ir ao concerto.

28 de agosto (5a fa.) – 6h $\frac{1}{2}$ Bom dia. 8h $\frac{1}{2}$ Estive anotando o 2º volume da obra de Lady Dufferin relativamente às palavras em línguas orientais que eu conheço e vou vestir-me.

10h 40' Boa ducha. Depois fui à pé à missa pela minha Santa. Voltei de carro e continuo as minhas notas ao 2º volume do Dufferin.

11h Almoço. $\frac{3}{4}$ Com apetite. Dufferin notas.

1h $\frac{1}{2}$ Seibold.

10h 35' da noite. Hebraico e estudo com Seibold a tradução alemã dos Lusíadas. Concerto de que trouxe o programa. Jantei bem. Conversei. Veio despedir-se Greymuller com quem falei e também a Isabel sobre belas artes. Depois do concerto fui ao baile das crianças que esteve melhor do que o outro havendo umas poucas vestidas de sapos a pular e outra sob forma de cavalo a corcovear que muito divertidas estiveram, tendo eu conversado com uma senhora de Honolulu e duas filhas pequenas, de cor cobreada. Muito se divertiram as pequenas.

Conversei com elas em inglês. Falei-lhes na árvore de pão, que tanto abunda nas Ilhas de Sandwich de que é capital Honolulu e no tabu que aplicado a qualquer objeto torna-o defeso. Volto do concerto da noite e marquei no programa. O dia foi muito ocupado e por isso o diário. Antes de sair à noite estive aqui toda a família da Penha. Depois da música devia haver baile. Ao retirar-me espiei pela janela. Havia pouca gente no salão. Vou ainda ler na cama e dormir.

29 de agosto (6a fa.) – 8 $\frac{1}{2}$ Dormi bem, mas levantei-me por vezes para urinar. Já trabalhei desde 7 $\frac{1}{4}$ que acordei, tendo acabado de escrever as notas correspondentes à significação dos nomes de línguas orientais que vem no segundo vol. do escrito de Lady Dufferin. Vou vestir-me para ir à ducha. Dia encoberto.

10h 40' Boa ducha. Dei um passeio bonito a uma capela, com Monte das Oliveiras no jardim e Cristo aí orando, os dois apóstolos a dormir, do lado de Landesbad. O Penha esteve no estabelecimento e já experimentou alguns dos aparelhos. Acompanhou-me até tomar para seu hotel. Encontrei o Alfredo Nioac, que disse-me ter chegado a Amélia Inhoan ao hotel dele. Disse-lhe que a convidasse a encontrar-me logo no concerto.

12h $\frac{1}{2}$ Almocei bem. Escrevi a Jansen sobre sua ascensão do Mont-Blanc de que lhe peço informações, pois o pequeno artigo dos Débats de 28 não me satisfaz. Recebi carta do Pontailac do dia 26 de Daubrée. Diz “Le loess(?) qui est entaillé dans une carrière à Oos est un échantillon type de ce limon quaternaire qui se montre par lambeaux dans toute la vallée du Rhin depuis Bâle jusqu'à Bonn et au de là comme dans la vallée du Danube”.

5h Seibold: árabe e estudo da tradução alemã dos Lusíadas. Volto de passear pelo Lichtenthal até além do Criskeh, depois de assistir cujo programa está marcado e onde falei a Amélia Inhoan que convidei para o concerto da noite.

Vou ler Astra da Carmen Silvia.

6h Estive lendo até agora que recebo resposta da Japurá em data de 26 de Biarritz.

7h 5' Jantei bem e estou ouvindo a Isabel tocar Chopin. 10h 25' Antes de ir ao concerto, li Astra. Não assisti até o fim e fui de lá com os Carapebus e Penhas ao Lieder-Abend, cujo programa também junto. Ai apareceram Estrela e a cunhada Amélia Inhoan. Vou tomar chá. Ao chegar ainda a Isabel fora do quarto e despedi-me. Vou tomar chá, deitar-me e ler ainda Astra até dormir.

30 de agosto (Sábado) – 8h $\frac{1}{2}$ Acordei às 6 $\frac{1}{4}$. E já escrevi a Ladário e Miranda Reis em resposta, assim como a Revy e ao engenheiro hidráulico meu conhecido Hans Kley para quem pediu-me aquele recomendação, também a Daubrée em

resposta. Vou vestir-me para a ducha.

10 ½ Estou já lendo Astra. A ducha foi boa. Aí encontrei o Estrela, com quem vim a pé pelo Lichtenthal até o hotel.

11h 50' Almocei bem. Vou terminar o artigo sobre o Cardeal Newman do Débats de 29 que principiei antes do almoço e é muito interessante.

12h 10' Acabei-o e li-o com muita atenção. Recebo carta da condessa de 27 agradecendo a que lhe escrevi mandando a minha tradução de *O Sino* de Schiller. Vou continuar Astra.

1h ½ Seibold.

5h 5' Sânscrito e comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. Depois fui à batalha das flores. Mais de 51 carros, que eram os numerados. Percorreram numa e noutra direção a rua defronte do hotel. Agradou-me sobretudo o carro todo ornado de hortênsias. Depois fui à estação receber o Nioac, e dei flores da festança à mulher do Alfredo e à mãe dela.

Vou continuar a leitura de Astra.

10h ¾ Volto do concerto. Jantei bem e depois fui ouvir música, tendo trazido o programa anotado. Ouvi música em companhia dos meus e do Carapebus, a mulher deste não apareceu, vindo depois a Amélia Inhoan e a família do Nioac, repartindo eu flores que me atiraram no combates destas com a Inhoan e a mulher do Alfredo. Tomei chá, e vou ler Astra até dormir. O termómetro de Réaumur marca 11° fora da janela.

31 de agosto (domingo) – 5h 40' Li Astra antes de dormir. Levantei-me muitas vezes para urinar. Dia escuro. Já choveu e parece mau para as corridas.

7 ½ O dia está me fazendo sono para ver se esperto vou ler Riancey.

8 ½ Li depois Riancey e vou vestir-me.

10h 5' Boa ducha e o mais e fui para a missa, de onde volto. Está chovendo. Enquanto Isabel muda os sapatos para o almoço vou à Astra.

2h 5' Almocei bem. Conversei com Gastão que vai a Paris sobre nossos projetos de viagem. Já estou na tribuna do Grão-duque de Saxe-Weimar à espera da 1a. corrida. Tempo chuvoso, mas de chuva miúda. A última devia ser às 4 ½, mas são 50' e ainda não principiou. 55' Toca o sino – 5h e ainda não partem – 5h 5' quase. Vão partir só 8, mas foi rebate falso – 7' Agora. Caiu um dos cavaleiros mas felizmente já vai correndo, caiu segunda vez, montou e corre devagar, os outros vem pulando de novo as cercas.

6h 20' De volta. Vou jantar. 10h 10' Bem. Depois do jantar conversei e fui ao concerto de que trouxe o programa marcado e onde de conhecidos só apareceram Nioac que disse-me ter morrido o cunhado da Benoist d'Azy a quem vou escrever dando-lhe pêsames. Depois cama e ler o que possa até dormir.

1 [setembro] 7bro (2a fa.) – 7h Quase. Não dormi bem. Levantei-me muitas vezes para urinar. Na sessão da Academia das Ciências Morais e Políticas de 30 leio que Charles Vergé que eu conheci em Cannes da minha vez passada na Europa, morreu em Creuzeau (Indre et Loire) a 27 de agosto. Nasceu em Paris a 22 de julho de 1810. Foi eleito membro livre da Academia a 23 de julho de 1870 em lugar de Moreau de Jouvét. Além de obras de direito foi redator em chefe da *La jurisprudence générale* e do *Compte-rendu officiel des séances et travaux de l'Académie des Sciences morales et politiques*. Fundou este último em 1842 em colaboração com Mignet et Loiseau. Lia-o regularmente. Na sessão da Academia das Inscrições e Belas Letras de 29 de agosto “O alfabeto etrusco é o antigo grego menos certas letras não usadas pelos etruscos pela fótica [*sic*] particular da língua.

Brial tratou de demonstrar que o primeiro fora adotado pelos latinos assim como por outros povos da Itália (oscos, úmbrios, etc.). Depois os latinos remediaram mais ou menos felizmente as faltas e lacunas desse alfabeto. Retomaram do alfabeto grego letras que lhes faltavam mas podem-se mostrar ainda pontos de leitura e certas inconseqüência que não se explicavam assim se originaram. Gaston Boissier apresenta dúvidas sobre o desaparecimento de muitas letras etruscas do alfabeto latino. Compreende que uma língua possa adquirir letras mas não que as perca tantas e tão facilmente. Brial lembra que o mesmo deu-se no francês na época da Renascença durante a qual escrita chamada impropriamente gótica foi substituída pelas letras romanas para maior facilidade da leitura dos livros.

M. Heron de Villefosse apresenta fotografias dos principais monumentos da coleção de antigüidades oferecida ao Louvre pelo comandante Marchand. São 500. Salvo 127 lâmpadas são a maior parte provenientes de Cartago. Há soberba cabeça de mulher achada em Ed-Jeme a que, coisa rara nas estátuas antigas, não falta nariz; é o busto da imperatriz Crespina. Falemos também de estátua colossal do imperador Adriano, de uma grande cabeça de Serapis, de uma máscara trágica, através da qual distinguem-se o movimento dos olhos e dos lábios sobre o rosto esculpido etc. Foram trazidos para França pelo hábil arqueólogo M. Joseph Letaille, e ficaram na sala das antigüidades africanas que se prepara. Entretanto veem-se sob a escada. Daru Oppert e Hamy apresentaram obras.

8h $\frac{3}{4}$ Li também no Débats de 31 o 2º artigo de Paul Desjardins sobre “Mary Robinson (Mme. James Darmesteter). Vou ver se leio que ela tem publicado. Vou vestir-me.

12h Almocei bem. Antes ducha e o mais voltando a pé. O Estrela despediu-se de mim. Parte às 3h. Recebi cartas da Mana Chica de Chantilly de 30 e da Januária de Paris da mesma data Rue Pauquet 28. Carta de Daubrée datada a 30 de agosto de Pontailac.

Quase 1h $\frac{1}{2}$ Escrevi a Daubrée. Tamandaré, Joana Paes Leme em resposta e mando responder a Adalberto Iahn que conheci como diretor de colônia no Brasil.

Agora vem Seibold. 4 $\frac{3}{4}$ Tradução da Odisséia, e comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. Volto do concerto com o programa marcado. Fui até lá com Nioac e Amélia. Voltei com a Inhoan e a filhinha. À noite também há prestidigitação. O tempo esfriou.

6h Continuei a ler Astra que talvez mereça ser relido porque é muito bem escrito. Chamam-me para jantar. 7h 7' Jantei bem e vou ler Astra e depois do concerto e prestidigitação.

10h 35' Programas marcados. O prestidigitador trabalhou muito bem e o desaparecimento do cavalo embora do tamanho de petição foi muito bem feito. A Isabel e Tostinha assistiram ao concerto assim como os Nioac e Penhas. O Gaston foi com os netinhos à prestidigitação desde o princípio. Quando fui a esta acompanhava o Penha a meus netinhos. A Isabel, e meus netinhos seguiram comigo para o hotel e despedi-me no saguão do Nioac, que vai amanhã a Hamburgo, voltando no mesmo dia para ver o Alberto, que está gravemente doente dos pulmões havendo já caverna. Vou deitar-me e ainda lerei até dormir.

2 de setembro (3a fa.) – 6h Dormi bem, mas urinei muito. Bom dia. Antes de dormir li Astra que vou ver se acabo hoje. Prefiro ler Riancey. 8h 27' Vou me vestir. 9º Réamur fora da janela. Antes de sair para França veio Gaston despedir-se. Volta breve.

10h 40' Boa ducha. Ao despir-me li Astra. Dei bom passeio voltando pela Lichtenthal.

11h Estive lendo em Le Monde de ontem um artigo interessante “L'Académie aujourd'hui et autrefois” – chamam para o almoço.

1h 50' Almocei com apetite. Ouvi a pianista da corte do Brasil Jacovitz [sic] tocar músicas de Chopin, Brahms e de todos os pianistas que estiveram no Brasil. Pareceu-me tocar melhor do que a primeira vez que eu ouvi na viagem na passada.

Li em Le Monde de ontem um bom artigo de Clarisse Bader que conheci creio que em Cannes da outra vez sobre a obra de l'abbé Fabre L'Académie autrefois et aujourd'hui”, o qual me interessou. Vou mandar buscar a obra assim como Etudes sociales sur la Revolution “Première série par Auguste Nicolas” – Paris – Retaux – Brasy. Também li no mesmo periódico, um artigo “Microbes et Phagocytes”. É curioso mas um pouco confuso.

5h Estudei árabe e comparei os Lusíadas com a tradução alemã. Estive no concerto cujo programa trago anotado. Encontrei Alfredo Nioac e a Amélia Drumond com a filha, e disse àquela que fosse ao concerto da noite. Depois dei bom passeio a pé por uma parte da cidade que ainda não conhecia. Comprei Die Psalmen aus dem hebraischen metrisch ins Deutsche übersetzt und erlautet von Prof. Dr. Watterich.

Débats de 1º “La prophylaxie du choléra”. Roux é contrário a cordões sanitários e às quarentenas. Estas não são tão rigorosas quanto é preciso. Os cordões não podem servir relativamente aos que trazem o gérmen se a moléstia tarda em declarar-se. Só confia nas medidas higiênicas. A água é o melhor meio de propagação. Em Calcutá filtrou-se a água e de 1826 a 44 só se contaram 35 mortes por mil habitantes, número que desceu a 2 por 1000 desde que o serviço das águas foi melhorado. Em Nagpur observou-se efeito semelhante.

10h ¼ Volto do concerto com o programa anotado. Jantei bem. Conversei depois lendo um pouco de Astra e fui ao concerto, aonde apareceram minha filha com a Tosta, os Penhas, menos a mulher do Calógeras assim como este e os pais e depois veio a Inhoan. Vou tomar e ler na cama até dormir.

11 ½ Terminei a leitura de Astra Honra o talento de Carmen Silvia pseudônimo da rainha da România a quem escreverei sobre Astra. Vou dormir.

3 de setembro (4a fa.) – 6 ¼ Dormi bem embora acordasse algumas vezes para urinar. Bom dia. 8h Escrevi à rainha da Rumânia falando-lhe de Astra e pedindo-lhe um exemplar de seu belo romance com a assinatura dela, enviando-lhe também a minha tradução da feita por Helena Vacaresco em francês da poesia dela, Le Sphynx, em alemão. Agora até vestir-me. Volto a Riancey. 35' A rainha da Rumânia chegou a 29 de agosto a Londres, mas julgo melhor mandar minha carta para Bucarest.

9h 7' Já me dispo para a ducha. Trouxe Georges Sand. 10 ½ Boa. De volta do passeio a pé onde encontrei a filha do Nioac com a criada. Disse-me que o pai chega às 4h.

12h 7' Acabei de ler “La semaine dramatique” do Débats de antes de ontem. Tomei nota da obra de Monval, Le premier registre de la Thorilliére por falar da representação das comédias de Molière. As receitas oscilaram entre 100 livres e 1700. Os gastos geram de 55 a 3 sous, cada representação, extraordinários de 5 a 20 e 30. A paga média de cada cômico era de 38 pelo menos, em cada representação. Um cômico da trupe de Molière ganhava nessa época mais de 4000 livres anuais. Molière em 1663, pelo menos, não recebia senão 3 partes, duas como autor e uma como ator.

5 ¼ Estudei hebraico e os Lusíadas comparados à tradução alemã com o Seibold e fui à música ouvindo do programa até o mercado, porque desejava ir à estação esperar o Nioac. Por não achar carro para alugar fui a pé e assim voltei agora. O trem demorou-se. Estive na estação com D. Cecília a filha solteira do Nioac e depois o Alfredo sozinho. Nioac deixou o Alberto ainda com febre, porém comendo bem.

Regressando para o hotel encontrei em caminho a mulher creio que de Alfredo, senão do Alberto, pois não as conheço bem, juntamente com a Inhoan a quem dei Astra para ler e que disse-me iria, – mas sem aparências de certeza – ao concerto das 8h. Vou ler Riancey até o jantar. A tarde está bonita e não fria. Eu e a Isabel estamos ouvindo a Jagwitz que chegou quase à hora marcada. Não tem tocado mal e vou jantar.

10h Depois do jantar conversei um pouco li não sei o que e fui para o concerto, cujo programa junto segundo o costume. Durante os n^{os} 8, 9 e 10 estive no salão onde se achavam a família dos filhos do Nioac e a Inhoan e acabavam o 10 quando me retirava, tendo Nioac se despedido de mim em caminho. Vou tomar chá e ler deitado Riancey até dormir.

4 de setembro (5a fa.) – 6h Não posso deixar de lembrar que hoje fariam 48 anos que estaria feliz na companhia da minha Santa. Vou ler. O artigo do Débats de 31 de agosto sobre Mary Robinson (Mme. James Darmesteter) fez-me desejar ler o 1º artigo.

7 ½ Li-o e ambos fazem-me desejar ler os escritos de Mme. Darmesteter. No mesmo diário o artigo “Au jour le jour” dá informações interessantes relativas aos cegos em França, que são cerca de 32.000.

8h ½ Vou me vestir.

10h 40' Boa ducha e dei meu passeio a pé. Vou ler Riancey. 11h Vou almoçar. ¾ Bem. Riancey. Recebi hoje telegrama do conde de Vila Nova da Cerveira camarista de serviço dizendo em resposta que o rei de Portugal está melhor da febre tifoide.

1h ¾ Li bastante de Riancey. Daqui a pouco tenho Seibold. 4h ¼ Árabe e estudo comparativo de Camões. Volto da música onde não tive nenhum companheiro a não ser Aljezur e Mota Maia. Nioac só me acompanhou até lá, e retirou-se. O Alfredo Nioac esteve conversando assentado perto de mim. Trago programa marcado.

Acabo de ler na Gazeta de Notícias de 12 de agosto a declaração do senador Fernandes da Cunha. É bem escrito mas devia lembrar-se de que sua linguagem concorreu às vezes para abalar a monarquia no Brasil. Li cartas do Taunay e do Maracaju. São dois amigos verdadeiros.

Escrevi à viscondessa de Sta. Rita D. Maria da Sapucaia dando-lhe pêsames pela morte do marido. Vou ler Riancey.

6h 5' Jantar. 7h ¼ Bem. ¾ Riancey e vou andando para a música.

11 ¼ Escrevi para a Alemanha. Trouxe o programa marcado. Estive na música em companhia do Aljezur e Mota Maia, vindo Nioac que na retirada acompanhou até o hotel e depois a Inhoan. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

5 de setembro (6a fa.) – 6h 35' Dormi bem, embora acordasse diversas para urinar. Vou ler Riancey. 8h 25' Vou me vestir.

10h 40' Boa ducha e enquanto me despia li Riancey. Ao retirar-me encontrei-me na entrada da sala de ginástica com as Penhas e Inhoan. Dei meu passeio a pé voltando por Lichtenthal, deixando à esquerda o lawn-tennis. Em caminho encontrei-me com a Isabel e o Antônio, que já tinha visto antes de sair do hotel. Vou ver se acabo o vol. 8º do Riancey.

11h Não pude e chamam para o almoço. 12h Bem. Antes recebi carta do Pedro de 2 de Klein Alm na Styria. Vou ler Riancey.

1h 5' Terminei o vol. 8. Há pouco recebi carta de Daubrée sempre interessante. Vou mandar o vol. de Riancey a este mesmo.

7 ½ Jantei bem e estou agora tocar piano à Isabel e à Muritiba.

10h 25' Tomei chá depois de chegar do concerto cujo programa anotado trouxe. Nioac, a filha Amélia e a Inhoan acompanharam-me até o hotel. A noite está bonita e pouco fria. Vou ler Riancey – deitado e dormir.

6 de setembro (sábado) – 6h 5' Dormi bem embora acordasse já se sabe para que, porém a vontade de urinar não me incomoda muito. Vou ler Riancey. 7h Para variar escrevo a Daubrée. Li no Débats de 31, no artigo “Au jour le jour”. Fazem-se considerações espirituosas sobre os arqueólogos. Dá informações da sala das antigüidades no Louvre que tornou a abrir-se depois das obras feitas e que se enriqueceu de muitos monumentos novos, como a dedicatória de uma memória recentemente descoberta na Argélia e consagrada a 7 de 7bro [setembro] de 350 aos mártires Vitorinus e Miggin [Migginus?] pelos cristãos Benenatus e Pequaria. É o testemunho mais antigo do costume quanto às reliquias de Belém e de Roma de recolhê-las e transportá-las para longe. Quanto ao Santo Lenho São Cirilo padre de Jerusalém diz em homília de 347 que os fragmentos estavam espalhados por todo o mundo. E este texto é o melhor comentário de tais palavras. Hei de ver tudo quando estiver em Paris.

11h Boa ducha, onde encontrei o Penha cuja família e o Calógeras já eu vi. Fui à sinagoga que é pequena e em lugar escuro. Lá deixei estas palavras – Schalamca = Pax – tibi. A comunidade é de 110 indivíduos. Procuraram-me os rabis que ficaram de mandar seus bilhetes. Não sei se poderei ir à hora da reza.

11h 55' Almocei bem. 12h 40' Estive com o engenheiro Street da estrada de ferro da Leopoldina e seu filho de quem já falei ontem. Deu-me informações das estradas de ferro construídas e projetadas no Brasil.

1h ½ Li Riancey. Estou com o Nioac e vou daqui a pouco estudar com o Seibold.

7 ½ Hebraico e estudo da tradução alemão dos Lusíadas. Concerto de que trouxe o programa marcado. Continuei a ler o tomo 10º da História Universal de Riancey. Fui visitar a princesa Cecília Olga Fedororona irmã da Alexandrina e do grão-duque de Baden e mulher do grão-duque Miguel, tio do atual imperador da Rússia. É muito amável e parece inteligente. Como o marido foi vice-rei do Cáucaso conversamos bastante sobre essa região: Tiflis, Monte Ararat e o que me lembrou, não esquecendo Prometeus e a respeito da estrada de ferro do general Anenkoff no Turkestan em direção à Ásia. Falei da Rússia e da Criméia e enfim de tudo que podia agradar à princesa e valer-me informações. Talvez ainda fale dessa visita interessante.

Já jantei com apetite e vou descansar talvez ouvindo tocar piano até horas de ir para o concerto. 10h 20' Volto deste antes do qual não tocaram piano. Do programa ouvi bem até a 7ª. Depois passei até o fim com a Isabel, Tostinha e sobretudo Inhoan a quem acompanhava a nora do Nioac mulher do Alfredo. Acompanharam-nos até o hotel os do costume, a Tostinha daí levando sem entrar a Eugeninha até o hotel onde pára ela com a família. Vou tomar chá, deitar-me e ler Riancey até dormir.

7 de setembro (domingo) – 7h Acordei às 6h. Dormi bem apesar de urinar três vezes, dói-me ligeiramente a garganta. Acabo de fazer este soneto.

Já entrada em anos nossa independência

Netos seus brasileiros nos afaga
E, se a caligem quase nos apaga
O pátrio sol, mais brilha na consciência
É ele que nos dá a existência,
E com a saudade nosso amor nos paga
E embora seu calor já não nos traga
Suave acalenta sua reminiscência
Mas somente hoje impera a alegria
Dupla beleza sua nos causava
Entre os outros não há como este dia
Que o pátrio amor em si simbolizava
E no patricio só um caro irmão se via
E tudo a sermos grandes nos ligava

Vou ler Riancey. 12 Boa ducha. Fui à missa onde a música esteve ruim. Almocei bem e torno a Riancey. 2h Estive conversando com o Nioac e volto a Riancey. 3h Vou para o concerto.

4 $\frac{3}{4}$ Voltei e o programa está marcado. Vou a Riancey até a Isabel regressar para a leitura do domingo. Veio mas quis vestir-me primeiro, também vou me encasacar e por a grã-cruz do Cruzeiro somente.

10 $\frac{1}{2}$ Tudo estava bem preparado e só faltaram o Street, brasileiro naturalizado e a mulher, por estar aquele incomodado. Seibold não assistiu por ter ido passear. Hei de juntar o menu com os lugares marcados dos assistentes. Conversei um pouco depois do jantar na minha sala com os convidados e fui ao concerto onde estive Nioac assentado perto e Aljezur e Mota Maia. Trago programa anotado. Despedi-me da Isabel que acompanhara com a Tostinha a Eugênia Penha a seu hotel. Vou deitado ainda ler Riancey até dormir.

8 de setembro (2a fa.) – 6h Dormi bem. Bom dia. Depois de Riancey comecei a ler o elogio de Buffon por Grandidier meu conhecido desde que passou pelo Rio, pronunciado em Montbard a 17 de 7bro de 1888 no centenário de Buffon. Vou acabar de lê-lo.

8h 20' Li também a Notice sur les travaux scientifiques de M. Alfred Grandier que este mandou para justificar sua pretensão a membro da Academia das Ciências a que pertence. Para descansar continuo Riancey.

3h 20' Já ouço a música. Antes árabe e Camões com o Seibold.

10h 20' Jantei bem. Conversei. Acabei de ler as publicações de Grandidier que dei à Isabel para ler menos os folhetos sobre a história de Madagascar que dei ao Seibold para ler antes. Acabo de voltar do concerto dividido em duas partes por causa do fogo de artifício, que foi sofrível, não me desagradando [*sic*] a iluminação com a inicial do grão-duque. Tudo anotei. Amanhã há um grande concerto que pelo programa publicado promete ser bom. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

9 de setembro (3a fa.) – 5h 55' Dormi bem embora acordasse 3 vezes como de costume para urinar. Vou a Riancey. 8 $\frac{1}{2}$ Vou vestir-me.

11h 10' Boa ducha. Volto da missa cantada na Igreja Católica. Em seguida cantaram até algumas das autoridades o Saloum fac Duceum magnum Fredericum. E já mandei telegrama para Mainau ao grão-duque e à família dele. Na ducha falei com o Heilingenthal que chegou ontem.

12h 10' Acabo de ler no Figaro de 7 artigo curioso “A l'observatoire”. Fala da carta celeste de 18° observatório que concorrera para esta e que o Papa mandou construir não há muito nos jardins do Vaticano e que dirige o Padre Venza. O trabalho da carta começará no fim da primavera próxima depois da 3ª e última reunião do comitê internacional convocado para o Observatório de Paris e a 30 de março de 1891. Em 2 a 3 anos conhecer-se-á a posição exata de cerca de 40 milhões de estrelas, segundo o autor do artigo.

Em Nol ouvi a Mouchez a estrada de ferro de Limoure construir-se-á mas os serviços de observação delicada mudarão de lugar irão para uma sucursal. O arquiteto apresentará os planos. O lugar será na chapada de Viroflay entre este local e Vélezy na altitude de 170m. Apresentas as melhores condições para o fim. Comunica com Paris pelas estradas de ferro das

duas margens que se encontram em Viroflay.

O antigo observatório ficará o mesmo para o público. Conservará alguns velhos instrumentos, os arquivos, a biblioteca, o museu e a secretaria dos cálculos. Em Viroflay os astrônomos habitarão bons pavilhões. Se o céu primeiramente coberto clarear no correr da noite hesitarão menos em chegar a postos. Os jardins do atual observatório têm 4 hectares e dois bastarão para recreio e salubridade. Bischoffsheim fez ao observatório entre outras dádivas um círculo meridiano de 19 centímetros de abertura, um equatorial coudé de 27 cent. de abertura, primeiro modelo construído e o retrato de La Verrier por Giacometti [*espaço em branco*].

A tradução Comércio do Porto de 5 vemos uma apreciação crítica de Karl von Reinhardstöttner professor em Munich da monografia de Ramos Coelho “D. Duarte de Portugal, o príncipe vencido”.

1h Recebo resposta datada de 30 de agosto dos banhos d’Ems de Hyacinthe Leyson à carta que eu lhe escrevi, exprimindo meu pesar de não assistir a nenhuma das conferências que ele aqui fez, embora manifestando-lhe eu minha opinião sobre seu procedimento. Envia-me seu livro intitulado Ni clericaux ni athéus. Contém sua fotografia e o prefácio. “À mes lecteurs” é datado de Paris le 1^{er} Décembre 1889.

2h 35’ Homero – Odisséia comparando o original com a tradução de Odorico Mendes – Seibold bebe café. Vou a Camões.

3h Vou para a música, mas o Aljezur mostra-me telegrama de Pena chegado hoje às 9 dizendo que o rei vai melhor.

4h 55’ Trago programa marcado. Não vi de conhecido senão o Guimarães. Recebi carta da Ristori de 7 de Bagni di Nocera, de Riancey de 8 Avenue des Sceaux em Versailles, de Daubrée de La Romagère par St. Gautier (Indre) de 7. Diz-me um manômetro gigantesco que estabeleceram na torre Eiffel há pouco vai servir a experiências sobre os gases em altas pressões o ponto crítico etc. feitos por Cailletet. Pretendia à próxima sessão da Academia dar as lembranças minhas aos colegas e pedir informações sobre os trabalhos servindo a resolver os problemas da ótica com as equações do eletro-magnetismo. Vou a Riancey.

7h Jantei bem e depois conversei e continuei Riancey até ir para o concerto em festejo do dia de hoje. Gostei e o programa está anotado. Fiquei assentado perto de Tachard que me disse que o marido da Ristori não ia bem. Disse-me que fora a Mainau e falamos sobretudo da grã-duquesa parecendo-me gostar do grão-duque por seu caráter. Vem amanhã visitar-me ao meio-dia.

Mota Maia disse-me que o Alfredo lhe dissera que o Alberto passara por Carlsruhe melhor e seguia para Bali e Davor. O Nioac que também foi ao encontro do Alberto não esteve no concerto. Vou tomar chá e ler deitado Riancey até vir o sono, que julgo será breve.

10 de setembro (4a fa.) – 6 ¼ Dormi bem embora acordasse às vezes para urinar. Bom dia. 9h 20’. Escrevi a Riancey, a Daubrée e à Ristori e arranjei papéis e vou continuar Riancey.

8 ½ Vou vestir-me. A Isabel veio já há algum tempo despedir-se pois que vai a Paris por alguns dias para ver casa nos arrabaldes para o inverno. Gaston lá lá [sic]. Os netinhos ficaram.

3h 12’ Ferreira Viana e genro e Tachard. Seibold, árabe e Camões comparado à tradução alemã. Vou tarde à música por culpa do Guilherme que põe-se a dormir não me trazendo o café a horas. Falarei depois das conversas.

4h 50’ Escrevi para Schwalbach em resposta a Villeneuve. Voltei antes do concerto com o programa anotado. Ferreira Viana, que volta logo para Strasburgo acompanhou-me do concerto a que assistiu a meu lado, bem como o genro, até a porta do hotel. No fim daquele despediu-se de Tachard, que se retira para Mulhouse e conversou sempre com o mesmo espírito. É um excelente companheiro.

5 ¾ Tenho estado a ler e concluí os discursos do “Congresso social internacional de Liège”, publicados em *Le Monde* de ontem. As idéias de Manning parecem-me boas, mas o discurso de Mermillot é o que li com mais prazer. O de Mgr. Doutrelong bispo de Liège é interessante pela composição dos serviços prestados às classes operárias pelas encíclicas de Leão 13.

10h ½ Volto da música e com o programa marcado. Antes e depois do jantar conversei e vi se traduzia uns versos latinos do Papa que vem em *Le Monde* da data de hoje. Vou deitar-me e ver se acabo a tradução. Recebi ontem telegrama em resposta aos que mandei ao grão-duque depois da missa de ontem agradecendo os meus parabéns e de Paranhos a quem dei pêsames pela morte da mãe. 11h 10’ Não estou de veia. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

11 de setembro (5a fa.) – 6h 10. Dormi bem, embora me levantasse às vezes para urinar. Bom dia. Vamos ver se a Musa é mais polida para com o Papa ou antes comigo trazendo eu mais facilmente seus versos. Ei-los.

Fluente sou em jorros argênteos, brilhantes
Que prados floridos com avidez vão beber
Mas não bebem, oh cidadãos que é mais meu prazer
Por vossas casas todas espargi-los ondeantes
Em curso difícil, e longo, serpeando,
Dos coles carpíneos ei-la água a borbulhar
Pois Leão Papa, o sólio de Pedro a ocupar,
Pai dos Cristãos filhos todos abençoando,
Em tempo, que os ânimos de guerra receosos
Suspensos de medo nos peitos estavam,
E dez lustros, incólume, nas aras passavam,
Pela paz ele orando com votos piedosos
E qual da pátria ao primeiro raiar de sua vida,
Amor tão vivaz coração lhe prendesse,
Arrancada do seio do monte, e escondida
Em conduto, mandou, oh cidadãos, que corresse
E já por cegos caminhos, plúmbeos meatos
Trazida me acolhe a urna em seu seio
Mais que o vidro luzente e em ruidoso anseio
E do alto rochedo escorre a onda sem jatos,
De há muito esperada, grata hóspede vim
Eis vim em bem vosso abundando em riqueza
Prá saúde, usos da vida conforto e ainda limpeza
Com auspícios feliz doar-vos é meu fim.
Correi aqui pois apressados, dos dons de Leão
Até meus suaves sussurros te falarão.

São horas de vestir-me. 11h Boa ducha. Passeio pelo lado da casa de Maxime du Camp onde deixei este bilhete –
“Souhais pour le retablissement de votre santé de la part de votre confrère à l’Institut D. Pedro d’Alcântara. Baden-Baden
17 7bre 1890.

12 ½ Almocei bem. Estive com o Tomás Alves Nogueira, mulher e filha. Moram em Wiesbaden. Conversamos sobre os estudos gregos e históricos relativamente ao Brasil. Mais direi a tal respeito quando me lembrar. Recebi carta de Revy de Croydon a 9. Manda-me artigo interessante do Times de 8 sobre a inundação do Danúbio e pede-me carta recomendando-o ao imperador da Áustria para os trabalhos hidráulicos precisos.

3h 10’ Seibold árabe e Camões. Vou para a música.

5h 50’ Trago o programa anotado. Depois fui ao baile das crianças que eram muitas. Estive conversando com a Inhoan e a filhinha dançou com o filho do Alfredo Nioac. Na saída vi dois balões no ar, um com a forma ordinária e o nome Baden e o um elefante com sua tromba a rebolar. Chamam para jantar.

10h 55’ Depois do jantar conversei e sobretudo com os netinhos. Fui ao espetáculo e às últimas músicas do concerto, estando aí a conversar com a Amélia Nioac e a Inhoan. Aquela parte amanhã com o pai para Essen onde os encontrarei em casa do Krupp. Vou tomar chá e ler deitado Riancey até dormir.

12 de setembro (6a fa.) – 6h ¼ Dormi bem e não acordei muitas vezes. Dia pouco claro. Vou a Riancey. 8h 35’ Li bastante. Vou vestir-me. 10h 40’ Boa ducha. Dei meu passeio a pé passando pela loja do Crocodilo onde comprei três pêssegos que já dei aos netinhos. Torno a Riancey. Pre- [sic] bem continuar a lei- [sic] da biografia de Georges Sand por

Caro.

11h Chamam para o almoço. 40' Volto à Sand. 12 ³/₄ Mayrink, o médico e a mulher e os filhos, conversamos sobre empresas de estradas no Brasil e pedi-lhe que me enviasse o que pudesse a tal respeito.

1h 40' Volto a Sand e agora Seibold. No concerto. Li no Brasil de 7 de agosto o protesto dos bispos de 6. Só concordo contra disposição que veda o casamento católico. 7h Jantei com vontade. Trouxe o programa anotado do concerto, onde apareceu-me Maxime du Camp, que achei abatido. Conversei com ele sobre assuntos literários e disse-me que Laville chegava esta noite. Viemos andando juntos do concerto e eu tomei para o hotel e ele despediu-se muito antes. Continuei a ler a biografia antes do jantar e continuarei daqui a pouco até o concerto.

10 ¹/₂ Programa marcado. Apareceu a Inhoan e estava parte da família do Penha assim como o Carapebus tendo a mulher se resfriado um pouco mas achando-se já boa. Acompanharam-me até o hotel. Vou tomar chá e ler até dormir. 11h 40' Agora é que vou deitar-me mas com a biografia de G. Sand por Caro que tem me deliciado.

13 de setembro (sábado) – 6h 55' Dormi bem, ainda que acordasse diversas vezes já se sabe para que. Vou à Sand. 8h ¹/₂ Acabarei logo. São horas de vestir-me. 10h 50' Boa ducha. Passeio agradável a pé comprando no Krokodil três cachos de uvas que já dei aos netinhos.

11h Para o almoço. ³/₄ Bem. Sand. 2h Escrevi a Derembourg filho arabisante que costuma ir ao concerto da noite onde o encontrarei. Vou estudar com o Seibold. 5h Sânscrito e Camões. Concerto de que trouxe o programa anotado. Passeio andando pela casa onde está Maxime du Camp, que disseram dormia e a quem deixei a biografia de Sand por Caro que ele me emprestou e anotei à margem. Vou agora continuar Riancey.

7h Jantei com vontade. Vou começar Mme. de Sael [*sic*] por Albert Sorel. 7 ³/₄ Li algumas páginas e vou para o concerto.

10h ³/₄ Trouxe o programa marcado. Conversei lá com o professor de árabe Derembourg, cujo pai também arabisante [*sic*] conheço de Paris e do Instituto. Pedi-lhe uma lista, que enviará a Seibold de obras interessantes para quem estuda árabe e depois com Stein, professor da universidade de Lahore, que foi em Tubingue condiscípulo de Seibold, a quem pedirei mais informações a respeito de ambos. Vou tomar chá e deitar-me, lendo até vir o sono.

14 de setembro (domingo) – 6h 10' Dormi mal julgando poder talvez ver minha filha quando chegasse que foi às 4h. Vou agora ler até ir para a ducha que é mais cedo. 40' Meus filhos já estiveram comigo. Continuo a leitura de Mme. de Stael por Albert Sorel.

8 ¹/₄ Já ouvi missa com minha família na capela da Vicentiseshaus. 25' Boa ducha. Estou começando a vestir-me.

9h 50' Partindo para Carlsruhe. Despedi-me de meus filhos e netinhos, de Inhoam, família Maryink, e da Tostinha, que só agora vi depois que voltou com minha filha de Paris. Fiz a reação vindo para a estação. Estou agora parado em Oos.

10h 25' Paramos minutos em Rostada. Tenho vindo lendo a biografia de que falei. 55' Carlsruhe. 1h 20' Andei de carro por toda a cidade vendo tudo por fora. Palácio, galeria de belas artes, edifício para festas, etc. Sigo. Planície.

1h 50' Estação de Wiesenthal. Nome bem posto. Das planícies – vale.

2h 10' Schwetringen. Pequena demora. 25' Demora maior. Passa um trem em sentido oposto, tendo já passado no mesmo. Enfim segue de Mannheim – quase [*ilegível*] – ³/₄ Pouco passo por Waldhof à esquerda ao longe. 3h 20' Passei Stockstadt. Senyme planície. Montanhas ao longe sobretudo à esquerda. Quase 3 ¹/₂ estação pequena à esquerda cujo nome começa por B. O mesmo aspecto. Passou à esquerda a estação de Dornberg-Gross-Grau – Gross Gerau. 40' Passei pela estação à esquerda. Bischofsheim talvez assim chamada em honra do ricoço amigo da ciência, ou ele assim se chama por ter nascido aí? 50' Passo ponte grande sobre o Reno – túnel grande e chegamos a Mayença (Mainz). 55'.

4h 5' Vamos seguindo a margem do Reno bem longe, e no alto da montanha na margem esquerda eleva-se ao longe o monumento da guerra (a estátua da Germânia) que não se distingue bem. Estamos parados na estação Bingen. Atravesso ponte e descubro melhor a ilha onde creio esteve preso o bispo que os retratos devoravam e é assunto de uma balada de Schiller que traduziu Longfellow. A ilha chama-se Maus-Turm (Torre do ratinho). Minha memória não me enganou, conforme verifiquei. 2 túneis quase seguidos e pequenos, outro também pequeno.

5h 12' St. Goar. 26' Boppard. 40' Brey – 45' Pequena estação de Mosel antes de Coblenz. Curta demora. 50' Coblenz. Pequena demora, tomei café no vagão e partimos. 6h 10' Neuwiede e mais outro nome. ¹/₄ Andernach. Avista-se o Reno em

grande extensão. Depois estação pequena à esquerda, de Root. À direita outra de Neulinden. ½ Estação de Sinzug. 33' Remagen, pequena parada. ¾ Meslen. Avistam-se bem situados castelos nas montanhas de outra margem. Já vai custando a ver e passa Jodberg. Escreverei em Colônia os nomes das outras mais, custa já a ver.

7h Quase. Bonn. Posso ver bem com a luz elétrica. Quase 7h 10' Roisdorf – ¼ Brahe. 22' Karlschei. ¾ a Colônia e ao hotel às 7h 55'. É o mesmo, onde estive da vez passada. Já tenho vontade de jantar e enquanto não me chamam lerei a biografia de Mme. de Stael.

10 ½ Jantei bem, conversei um pouco e vou deitar-me, ler e dormir.

15 de setembro (2a fa.) – 5h ¼ A cama estreita não deixou-me dormir bem, porém passei a noite sem incômodo de saúde. Pouco claro e acendi velas. Vou continuar a ler a biografia de Mme. de Stael. Já vejo passar carros pela altura da janela do meu quarto de dormir onde estou escrevendo. E agora passaram pessoas a pé.

9h Vou vestir-me. 10 ¾ Boa ducha, mas não me agradou tanto, como em Baden-Baden, na casa monumental minha conhecida da vez passada. Tudo aí é grandioso porém o principal que é a ducha etc. não corresponde.

Fui a pé até o Diorama da batalha de Mars-la-Tour e pequenos panoramas, também da guerra da Alemanha contra a França. Não valem grande coisa como pintura. Há no lugar do diorama 2 bustos dos dois últimos imperadores. Depois andei de carro pela cidade onde há belas ruas de edifícios correspondentes.

11h 10' Chamam para o almoço. 12h Almocei bem. Vou ler a biografia de Mme. de Stael. ½ Passam com música pela ponte em frente do hotel soldado e paisanos que acompanham um daqueles que acabando o tempo de serviço se tornou um destes.

1h 10' Recebi carta de Daubrée de 10 e já respondi. Vou sair. 6 Voltei. Vi a catedral em todo o seu interior e o tesouro onde há objetos anteriores ao 12º século. Depois estive no museu de belas artes, tendo marcado no catálogo o que mais me agradou. O diretor, que apareceu, depois de eu ter começado minha visita, fez-me ver o que havia de novo depois de minha visita na 2ª viagem à Europa. Finalmente corri todo o jardim zoológico que já conhecia da 2ª viagem e juntarei o catálogo. É um dos mais importantes da Europa e muito bem tratado. Conversarei com Mme. de Stael até o jantar.

6 ¼ Chamam para o jantar. 8h 20' Jantei bem. Tenho estado a percorrer catálogo da galeria das belas artes. É de 1888. Falta a indicação de muitas obras artísticas que eu vi. Disseram que não havia mais moderno. Contudo não inclui quadros que eu vi em minha segunda viagem à Europa.

10h Tomei chá. Antes li a biografia de Mme. de Stael que me tem agradado. Vou deitar-me daqui a pouco e ler o que puder.

16 de setembro (3a fa.) – 5h 40' Dormi bem e não urinei muitas vezes. Já está claro e tenho a lanterna mágica da minha janela aí passa um trem. Vou ler. O Nouveau Guide 13ª ed. de Frederic Heyn pareceu-me bem feito. Marquei também o Führer durch den zoologischen Garten zu Köln – von Direktor Dr. L. Wunderlich. É bem feito.

Vou a Riancey. Quero ter lido toda a parte antes de ir a Paris.

7h 35' Já estou vestido. Por causa da hora da partida não pude tomar ducha.

9h ¼ Já no vagão que o Krupp possui na linha. Fui antes de carro atravessar a ponte e depois de andar por Neustadt atravessei e tendo visto as estátuas de Moltke Bismarck e a de Frederico Guilherme, 30' vim para a estação onde estive com um alemão que habita de muitos anos o Brasil e fala muito bem português, tendo aí tendo *[sic]* 4 filhos, e tomei café com pão com manteiga, conversando com o professor Niessen, cujo atelier de pintura deve ser interessante, prometendo visitá-lo de outra vez.

Já estou andando há muitos. É uma vasta planície. 35' Longerich. Passei-a somente 35 Vorrigen. Achei no vagão um ramo de bonitas rosas amarelas com uma carta datada de hoje em francês de Otilia e Thecla Otilia do Rio de Janeiro, a qual é muito respeitosa e amigável. Passamos pela estação de Permogen. Atravesso extensa campina sem montanhas nem no horizonte. Nort – parada curta, e 10h 5' seguimos.

13' Neuse – 40' Passamos o Reno em ponte menos longa que a de Colônia. ¾ Dusseldorf.

11h Passamos por Gruttenberg. 5' Roth demora de instantes. 13 Ratingen – parada de 2'. 23' Passamos, como há muito não fazíamos, por mato à esquerda e chegamos à estação de Hüed onde apenas se deteve. Túnel sofrível. ½ Kettwiz.

Pequena parada. 40' Werdin. Pequena parada. Margeamos um rio pequeno. Vamos chegando a Hügel onde o Krupp me espera. $\frac{3}{4}$ Chegamos. É estação da fábrica aberta há dias.

Subi até a casa dando o braço a Mme. Krupp. Já percorri a grande sala que chamarei galeria dos retratos. Vi o do Krupp cujo ar dançante não me agrada com o que concordou o filho. Também não me agradou o retrato do imperador meu compadre dizendo-me Krupp que encomendara o retrato de minha comadre a um artista, cujo nome não retive bem. Vou me limpar.

2h Andei pelo jardim e toda a casa com o Krupp. Tenho visto Mme. Krupp e os filhos, que são engraçados. Vou ler Riancey recostado. 6h 20' Fui ao lugar onde o Krupp e as raparigas jogaram o lawn-tennis distinguindo-se Amélia Nioac. Eu estive assentado ao pé de Mme. Krupp com quem conversei. Depois entrei no jogo da bola. Tudo está muito bem arranjado, e disposto para mesmo de noite. As janelas tem vidros pintados e há uma espécie de tribuna, onde se colocou quem julga das jogadas.

Agora vou ler Riancey até chamarem-me para jantar. 10h 40' Jantei bem entre Mme. Krupp e Nioac e com muitas outras pessoas mais, entre as quais diferentes oficiais búlgaros. Depois do jantar conversei sobre a fábrica informando-me do engenheiro dela pedindo informações que desejo me sejam comunicadas como as haja por escrito a tempo de lê-las antes da visita à fábrica.

Falei com outros, joguei bilhar como Krupp que o joga menos mal, tornei a conversar, ouvi guitarra acompanhando assobio e subi agora acompanhando-me Krupp até meus aposentos. Vou ainda ler um pouco deitado, e dormir que estou bem preparado.

17 de setembro (4a fa.) – 7h 10' Dormi bem. Vou ler Riancey. 8 $\frac{3}{4}$ Vou me vestir.

9h $\frac{1}{2}$ Excelente banho de emborcação e repuxo. Agora espero o café lendo Riancey.

9h 40' Já estou em cima no meu quarto e vi Krupp antes de subir.

2h Fui com este de carro até a fábrica que visitei a parte relativa à artilharia, menos a oficina da frettagem e a fundição. Acompanhava o diretor técnico especial, a quem pedi tudo o que haja publicado, e ouvi interessantes explicações, que não consigno porque as dispensará o que pedi. Depois almocei bem e tenho estado conversando e vendo um álbum de fotografias do Egito onde viajaram Krupp e a mulher. Tudo se recolheu a seus quartos e eu vou assentado continuar Riancey.

4h Li bastante e há páginas muito bem escritas. 6h $\frac{1}{4}$ Lawn-tennis, passei bastante pelo jardim, voltei ainda para assistir ao resto do jogo e vou agora Riancey até o jantar.

6h 55 Toca o gongo para o jantar.

10h $\frac{1}{2}$ Bem. Depois estive vendo retratos e pinturas de salas onde não tinha ainda estado. Joguei bilhar com o coronel chileno comendador da Rosa que é bom taco, enquanto tocava o realejo de vapor diversas músicas, e bem, tomei chá e o coronel chileno fez empalmações com muita habilidade. Vou agora ler já deitado Riancey até vir o sono.

18 de setembro (5a fa.) – 6h Dormi bem, embora acordasse mais vezes que a noite anterior para urinar. Bom dia. Riancey.

9h Vou me vestir. $\frac{3}{4}$ Boa emborcação. Vou a Riancey ainda até sair. Já tomei café com pão e manteiga. Soube-me muito bem.

2h 10' Continuei a ver a fábrica – oficinas de obras menores de ferro; museu que não deixa de ser curioso, mas que foi formado por trabalhos das oficinas, aí havendo dois manequins, um vestido, com traje de amianto e outros preservativos para fogo e outro de trajes de mineiro assim como modelo de revestimento de mina que esbroa sem esmagar o mineiro, e enfim oficina de frettagem das peças por meio de aros quase incandescentes, que permitindo calor enfiá-los no canhão, apertam-no depois, quando resfriado com água, por isso que o anel quando quente tem maior diâmetro.

Almocei bem e tenho estado vendo fotografias do Egito com Mme. Krupp, que também lá esteve com o marido. Vou agora continuar Riancey. 3h Vou passear de carro com o Nioac depois de ter tomado café.

6h 36' Belo passeio pela floresta, indo depois ver jogar o lawn-tennis. Lerei Riancey até o jantar.

7h Vou jantar. 10 $\frac{1}{2}$ Bem. Ouvi Amélia Nioac tocar piano, e o realejo por vapor. Conversei com Mme. Krupp. Joguei

bilhar com o marido. Vieram duas pessoas de Dresde, o diretor de um banco e sua mulher que é bonita e engraçada, com quem falei a respeito do que vi em Dresde e outros lugares da Saxônia. Despedi-me de Mme. Krupp e vou ler deitado Riancey até dormir. Tomei chá às 10h na sala.

19 de setembro (6a fa.) – 6h 50' Dormi bem embora acordasse três vezes para urinar. Bom dia, ainda que haja suas nuvens. A Riancey até vestir-me.

7h 50' Vou vestir-me.

8h 25' Excelente ducha. Quase vestido. $\frac{3}{4}$ Ao passar pela galeria avistei a família Krupp, que estava numa sala ao lado a comer e cortejei Mme. que presidia à mesa. Revi os lugares da balada de Schiller O Sino que poderei logo ler na ocasião da fundição e vou Riancey até sair.

12h 20' Voltei há pouco de minha visita a Essen onde vi o manuscrito de Krupp cujas formas não me agradaram e fui à fábrica. Fundição, em cadinhos e de aço Bessemer. Prensa hidráulica de 900 atmosferas. Laminadores, o maior da força de 2000 cavalos. Tocam gong para o almoço. Continuarei depois.

Demais pedi a Krupp informação por escrito de tudo o que tenho visto. Não houve ocasião de ler as passagens marcadas da fundição do *Sino* de Schiller.

1h $\frac{3}{4}$ Almocei bem. Li o que marcara da Balada de Schiller. Vi estampas de uma viagem pelo Japão com Mme. Krupp. Vou a Riancey até o passeio.

2h 55' Vou sair. 6h $\frac{1}{2}$ Acabo de assistir ao lawn-tennis em que tomou parte Mme. Krupp. O passeio foi a Werden. Gostei muito. Vi bem a igreja católica do ano 1000, na parte mais antiga. O cura, cujo nome escreverei depois, tudo me mostrou e prometeu-me publicações relativas à igreja. A cripta é curiosa e lá vi um crucifixo não pequeno, que a inscrição em alemão diz que “Carlos Magno segurava, quando venceu os saxônios”. Hei de ainda falar desta igreja quando tiver as publicações. Agora lerei Riancey.

7h Vou para o jantar. 11h 20' Jantei bem. Depois ouvi boa música instrumental que veio de Essen. Dançaram os mexicanos dança de sua terra depois de terem jantado, eram todos na mesma mesa de forma de T. 40 e tantos e tudo muito bem arranjado. Valsaram quase todos os presentes e eu conversei com diversos entre os quais o diretor das minas da fábrica e o químico. Despedi-me de todos; ainda ouço a música de meu quarto e vou ler deitado Riancey.

20 de setembro (sábado) – 6h 40' Dormi bem embora tivesse câimbra na perna direita e me levantasse por vezes para urinar. Vou a Riancey.

9h Estou me despindo para a ducha. 20' Vou acabar de vestir-me e entretanto li Riancey. $\frac{1}{2}$ Café e depois às 10 sairei.

12h 20' Vi o bairro dos trabalhadores, casas bem construídas com seus jardinzitos [*sic*], para famílias e sem elas para solteiros e casa de Casino para os empregados elegante e com tribuna para música e sala para dança, assim como jogo de bola. Só não gostei do local entre edifícios e outro onde se vendem diferentes objetos a todos e aos trabalhadores, repartindo-se depois a diferença entre os custos de matéria prima e feitura e o razoável da venda pelos trabalhadores.

Tocam para o almoço. Escreverei depois o mais, mas falarei desde já da escola de domesticidade para raparigas que muito me agradou e de que ainda me ocuparei.

4h 10' Acabei o tomo 10º do Riancey. Vou tomar café.

6h $\frac{1}{2}$ Volto do lawn-tennis, jogando-se depois bola na galeria coberta, por haver mais chuva. Antes de começar o 12º vol. da História Universal de Riancey esquecendo em Baden o 11º.

Na saída da manhã falei ao coronel chileno no Casino, onde se podem dar também representações. Se me lembrar ainda alguma coisa escreverei.

7h Tocou o gong para o jantar.

11 $\frac{1}{2}$ Jantei com vontade. Joguei bilhar com o coronel chileno, que muito me tem agradado. Vi fotografias de belezas chilenas em grupo, conversei com Mme. Krupp, tomei chá e ainda conversei. Despedi-me agora de todos e vou ler deitado, até dormir, o Riancey.

21 de setembro (domingo) – 6 $\frac{1}{4}$ Não dormi mal. Dia com nuvens. Vou traduzir a poesia de A. Kopisch – Der

Mäusehurm que vi há poucos dias no Reno vindo para aqui.

Dos ratos na torre e à meia-noite

A alma oh Bispo Hutto, em alerta já foi-te

Voeja nas bordas de inferno candente

Chusma ativa de ratos lá existente

Dos famintos oh Hutto tens tu escarnecido

E em inferno, a abundância de Deus [ilegível]

E assim um grãozinho qualquer do manjar

Vem logo um ratinho ridente buscar

Interrompido por causa da partida para Dusseldorf de onde volto. (5h ¾).

Te abrias do Reno na Torre na ilha

E caem-te [*sic*] à roda ratos – e em pilha

Tu fechas a torre com porta de aço

Mas furam a pedra e enchem o espaço

Devoram comida, devoram o leiteo

E a mesa, e com apetite jamais satisfeitos

Devoram a ti mesmo e com astros crueldade

E espalham teu nome na imensidade

Longe passam os nautas à meia-noite

Quando a alma a velar a sorte te açoite

Voeja nas bordas do inferno candente

Chusma ativa de ratos lá existente

5h 12' Já passamos Grafenberg e Rathing. 20' Chegamos a Hösel e instantes depois seguimos. 24' Saímos de túnel que não é grande. 28' Kettin. 38' Werden.

6h 35' As Sras. vieram a pé com o Krupp de Hügel e eu com Mota Maia de carro e chegamos todos ao mesmo tempo. Tomamos café depois defronte da casa. Fiz uma visita a Aljezur que está melhor e vem jantar conosco e vou agora começar a falar de Dusseldorf.

Percorri toda a cidade que está aumentada da vez passada. Bons edifícios e ruas largas e direitas, porém geral menos bem calçadas. Fui a uma casa de quadros novos e à galeria de pinturas, de que trouxe o catálogo. Passei pelo belo palácio Provincial e entrei no passeio público onde está o busto da rainha Stephania Hohenzollern de Portugal, passando pelo palácio desta família que nada tem de bonito no exterior. Examinei com cuidado a Geberbe-verein, cujo diretor Frauberber mostrou-me tudo com muita amabilidade, tendo estado no Egito há pouco a respeito do qual conversamos. Pedi-lhe as informações, que pudesse dar-me relativas ao estabelecimento que é muito curioso. Amanhã ou quando lembrar-me escreverei sobre esta visita interessantíssima. Com o dicionário alemão-francês reveerei amanhã minha tradução de Mausehurm. Vou a Riancey até o jantar.

10h 20' Jantei bem e depois houve tableaux vivant de nomes muito bonitos, e de que ainda falarei amanhã. Apenas direi agora que houve do nome Dom Pedro, cujo conceito foi o quadro de minha fotografia, defronte do qual uma das moças deixava cair flores. Vou ainda ler Riancey deitado até dormir.

22 de setembro (2a fa.) – 6h Antes de acordar fiz esta poesia para dar ao Krupp filho.

Sempre honrei o trabalho, trabalhando,

E se de onde eu nasci Deus me tirou,

Sempre no estudo eu zeloso vou

À pátria servir mais me preparando

De Krupp a nobre imagem eu venerando

Também na gratidão eu parte sou

Pois que meu coração sempre [*sic*] lembrou

A afeição que lhe foi sempre ganhando
Mas a cena a meus olhos já se muda
E pouco eu vejo de outrora alça-se o malho
Com que pátria exaltar zeloso estuda
E o Brasil a quem esquecer seu agasalho
Já escudou e fortemente escuda
Em casa de Krupp, 22 de 7bro de 1890
D. Pedro d'Alcântara

O dia está encoberto. São 7h ½ Já copiei o soneto que me parece apresentável, posto que o estro está tristonho como o dia. Vou a Riancey.
9h 25' Já tomei ducha sempre agradável e vou ao café.

10 ½ Li Riancey depois de ter estado com Nioac que disse-me que o irmão de Mme. Krupp pediu a filha Amélia em casamento. Disse-lhe que muito estimava e apenas aconselhava que pedisse que os filhos fossem educados catolicamente, maiores fariam o que quisessem.

Vou sair. 12h 5' Fui ao terreno que Krupp pai comprou junto ao cemitério público para seu jazigo e dos seus. Lá pus cordas no seu monumento que muito me agradou e de que pedi fotografia ao filho e na lápide do modesto ornato de Mme. Krupp. Achavam-se presentes todos os principais empregados da fábrica, os quais também depuseram coroas no monumento de Krupp. Cantaram dois corais. Na ida entreguei o meu soneto ao Krupp filho. Acompanhavam-me no carro Mme. Krupp, seu marido, e Mota Maia. Antes de sair dei meus parabéns à Amélia por seu casamento. No carro ao ir disse a Krupp o que aconselhara à Amélia quanto à religião dos futuros filhos, pois, como declarou Mota Maia gosto de ser franco.

Agora vai sendo hora de almoço para o qual que chamarão lendo Riancey.

4h Depois do almoço, onde Krupp felicitou os noivos e todos tocaram-se reciprocamente os copos fazendo saúde a eles, conversei e vi estampas com Mme. Krupp. Acabo de trabalhar na tradução de Mäusethurm que antes li à irmã da Krupp para ver se ficava boa a cadência e já toca o sino para o café.

Estive vendo o lawn-tennis e sobretudo conversando com uma visita que tem muito viajado e esteve nos Estados Unidos e na Califórnia. Janta logo aqui e então escrever-lhe-ei o nome.

7h Vou jantar. 10h ½ Bem. Depois joguei bilhar com o viajante, que se chama creio que Samer. Não joga mal. Não contamos os pontos, fazendo apenas carambolas. Conversei com diversas senhoras e sobretudo Mme. Krupp, tendo tomado chá. Vou deitar-me, vendo se leio ainda, se não embaraçá-lo o sono.

23 de setembro (3a fa.) – 6h Dormi bem embora me lembrasse três vezes para urinar. O dia parece que será de chuva. Parto com muitas saudades ainda que maiores tenha de Baden-Baden. Não recebi aqui nenhuma das cartas que esperava. Vou a Riancey.

7h ¾ Vou à ducha. 8h 10' Já estava me vestindo, mas arreventou-se o botão do colarinho da camisa e o Guilherme já tinha mandado a mala. É bom homem, porém não serve para mim, pois é muito atrapalhado – Já veio nova camisa e estou me vestindo. ¾ Ainda vou a Riancey no meu quarto, tendo tomado na saleta da ducha ovos quentes e duas xícaras de café com pão e manteiga.

10h ½ Partida. Despedi-me de todos com muitas saudades. Krupp, o cunhado deste, futuro genro do Nioac e este acompanharam-me até Alten-Essen. 10h 35' Oberhausen. 48' Duisburg. 11h 12' Dusseldorf. 55' Passei grande povoação mas não me foi mais na curiosidade alheia. 12h Ponte de Colônia que estou atravessando – e parou – não sei porque. Sigo – Catedral – que bela! Para. 25' Sigo. Em Colônia comi e bebi caldo onde pus pão e alguns goles de chá. Ainda lá se empinam as torres da catedral.

1h 5' Paramos na estação de Bonn. Pouco momentos de parada e sigo. Li um artigo de Gavião do Estado de São Paulo publicado na Tribuna de 5 de agosto do Rio de Janeiro. Só tem mérito histórico por pregar a abstenção por causa da pressão do governo que aliás era de prever na época. Transitória do sistema monárquico para o republicano. Oxalá mostre-se a minha gente digna do sistema republicano não sentindo eu pena senão de não lhe haver dado mais cedo. Também oxalá vem do árabe Insellallah, que significa Deseje Deus.

2h 20' Colbenz. Pequena demora. Como estou parado e mais jeito direi que acrescentei ao soneto ao velho Krupp o

último verso que faltava o que julgo remata bem.

Com a vitória o nome dele espalho.

2h 38' Boppard. Mal parou. 3h 3' St. Goar. Parada de instantes. 3h ½ Estou passando à vista do Mäuserthurm com a sua bandeira vermelha. 50' Bingen. Estou vendo ao longe o monumento da Germânia. Defronte da Mäuserthurm li a minha a tradução da poesia de Teppich, e apesar da influência do lugar, creio que posso dizer que é boa e bem cadente. Clareou o céu e brilha o sol.

4h Torno a ver o Reno ao longe. Desaparece este e clareia o sol. 12' Mayença. Mudamos de linha, descendo e subindo por boa escadaria e creio que vamos já partimos *[sic]*. 26' Seguimos o túnel de alguns minutos e ainda a cidade e o Reno, que vamos agora atravessando em longa ponte. Campo de conielas *[sic]* bem plantadas e verdejantes. 50' Gerau. Parou. 54' Partiu.

Li no País de 16 de agosto artigo de Castro Lopes sobre a palavra suicidar-se. Acho justo o que ele diz e também prefiro matar-se, ainda que não recorde eu agora de onde vem matar.

4h 6' Darmstadt. Aljezur lembra para matar – morte dare e mavet é morte ou morrer? em hebraico, vejo uma imensa alameda e pena é que a estrada de ferro a corte. Andamos e estamos de novo na estação. Parece que vamos seguir. A parte da esquerda não é propriamente alameda, pois é uma larga rua de casas, com edificação no fundo que não sei qual seja. Atravesso como que bosque. Descampado que não é feio e novamente pinheiral baixo. Campo extenso à esquerda que vou de costas também à direita com morros no fundo.

5h 40' Bichonbach-Ingenheim. Matos pequenos de pinheiros. Descampados com povoação à esquerda ao longe. Passei pela estação e ainda à esquerda ao longe. Passei estação à esquerda e ainda à esquerda torre de *[ilegível]* e agora boas casas e paro na estação.

Campo a perder no horizonte à esquerda. 5h 53' Bensheim. Pôr do sol no descampado está bonito.

6 ¾ Eppenheim. Torre sobre montanha longe à esquerda. O mesmo descampado à esquerda. Passamos estação à esquerda. Outra não vi qual pois estava tasquinhando pão torrado. Já vai faltando luz e ainda chegamos ao meu Heidelberg.

6h 10' Weinheim. Pequena parada. Aljezur diz-me que já começou o arrasamento do morro de St. Antônio segundo lera. 6h 25' Já me custa a ler. Escreverei amanhã o mais.

VOLUME 34

EXÍLIO - 24/07/1890 a 16/11/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

24 de 7bro [setembro] de 1890 (4a fa.) de 1890 – Baden-Baden. Cheguei ontem às 9h ¾. Gaston na estação. Isabel desencaminhou-se, mas vi-a depois. Pedro grande esteve na estação mas pediu-me para voltar. Visitei logo o Augusto a cujo quarto custou-me a chegar guiando-me a Isabel. Tinha furado um abcesso na garganta e ia melhor.

9h ¾ Já tomei ducha e estou quase vestido. O mais para depois Mas vi antes os pequenos.

12h Almocei bem. Ouvi antes com a família, menos Antônio, por ter tosse, a missa por alma de meu Pai, que arrisquei não ouvir e só amanhã, o que me privaria também da música durante dois dias.

Escrevi a Nioac incluindo a cópia do meu soneto à memória do velho Krupp, com a sua tradução francesa, e a Krupp agradecendo-lhe a hospitalidade e dizendo-lhe que Nioac lhe entregara a cópia. Peço-lhe também que dê minhas afetuosas lembranças à mulher dele e a todos os da amável companhia desses dias. Vou a Riancey.

10 ¾ da noite. Depois estudo com Seibold de árabe e dos Lusíadas. A visita do grão-duque Miguel que só depois soube ser o que foi ou é governador do Cáucaso.

Fui visitar com meus filhos a grã-duquesa de Baden de quem sou tão amigo a irmã do meu amigo e compadre o finado imperador da Alemanha a qual me tratou como eu esperava reconhecendo eu pelos retratos o palácio onde estivera da vez

passada. Lá voltarei quando o marido regressar.

Ainda Riancey. Jantei bem.

Estive com Prado que se despediu, partindo amanhã para Paris, pedindo-lhe eu que me enviasse para aqui o novo livro de Marius Fontanes e a indicação de outros. Li também alguma coisa da obra “Luz e Calor” do padre Manuel Bernardes que tenho lido. Depois li a Mota Maia alguns versos da nova coleção de poesias do padre Correia de Barbacena. Tomei chá e vou deitar-me e ler Riancey até vir o sono.

25 de setembro de 1890 (5a fa.) – 6 ½ Já estou levantado apesar de não ter ainda bem clareado. Vou responder às cartas de Daubrée de 16 de Paris e de 22 de Mondorf-les-Bains a grand-duché de Luxembourg. Fala-me de Xavier Mermier e do que lhe disse ele a respeito do acolhimento que lhe fiz por causa das cartas, sobre a Islândia publicadas em 1836 um dos livros de mais antiga leitura de que me recordava com prazer. Ver nota que me recomenda de Poincaré no Comptendu de 18 de agosto. Na segunda diz-me: “Il est solonné par des voies antiques construites avec une telle solidité qu’elles sont d’une conservation parfaite... Un vaste camp de 14 kilomètres de contour qui domine tout le pays servant de centre à plusieurs d’entrelles”.

Recomenda-me artigo de Bertrand sobre Pascal no último número da Revue des Deux Mondes. Vou lê-lo quanto antes – É do livro sobre Pascal que aparecerá breve. Partida na data da carta para a Lorena alemã e depois para Paris.

7h 40’ Acabo de responder-lhe. Escrevi também para Swalbach Hotel-Allée-Saal. Vou vestir-me.

9 ¼ Dispo-me para o banho de natação.

9h 50’ Gostei da natação e nadei e mergulhei sofrivelmente. Estou me dispondo para o café com pão e manteiga.

10h 50’ Dei uma pequena volta de carro. Já vi meus netinhos e dei a meus filhos a notícia de que passaria com eles alguns dias antes de ir para a casa de Nioac em Paris. Vou ao almoço.

11h 50’ Bem. Está chovendo, mas assim mesmo sairei às 12.

3h 10’ Estive no convento de Lichtenthal (Clairvaux). Trouxe livrinho a respeito dele. Logo falarei do passeio. Seibold – Prefácio muito bem escrito por ele à edição do manuscrito sobre a língua guarani de Restivo que está publicando e muito pouco de hebraico. Vou à música.

3 ½ Já a estou ouvindo com a Isabel e o Pedrinho que me acompanharam e no intervalo da 3ª à qual cheguei e da 4ª foram fazer compras.

4h ½ Trago programa marcado, antes de chegar ao hotel assisti às compras. Isabel toca e eu espero o grão-duque de Baden.

7h Antes de chegar com a grã-duquesa pouco li. Conversei bastante com o Grão-duque cujas idéias pacíficas e de organização do exército agradaram-me apesar de não estar inteiramente de acordo quanto ao último assunto. Veio Maxime du Camp e sempre agradados de seu espírito eu e a Isabel conversamos sobre assuntos literários quase que exclusivamente. Rebatí sua apreciação de Charcot e a opinião favorável à pena capital, conforme as idéias que abraço. Disse-me que Lavissee tinha ido viajar com dois moços: um filho de Franck e outro de Ziller meus conhecidos membros do Instituto. Esquecia dizer que o grão-duque a quem ainda falei assim como à mulher no corredor ficou de enviar-me o que se publique relativo ao congresso médico de Berlim presidido por Verschon.

Jantei bem. Tenho conversado e um quarto antes de ir à música lerei “Luz e Calor” à Isabel.

10 ½ Li e chego agora do concerto cujo programa trago marcado. Vou tomar chá e ler Riancey na cama até dormir. Recebi às 7h 20’ carta de Nioac a que responderei amanhã.

26 de setembro de 1890 (6a fa.) – 6h ¾ Dormi bem. Já respondi à carta de Nioac de 24 e vou a Riancey. 10h Já nadei, duchei-me com chuva, tomei café e vou vestir-me. 11h Andei a pé no caminho de Lichtenthal voltando por defronte da morada de Maxime du Camp. Vou a Riancey até ir para o almoço do grão-duque.

2h ¾ Gostei muito. Os donos foram amáveis como sempre. Depois do almoço que me soube passei pelo parque de belas árvores, sobretudo fíbias frondozíssimas. Prometi ao grão-duque visitá-lo em Mainau. Se me lembrar ainda coisa digna de menção notá-la-ei depois. Agora vou ler Riancey até ir ao concerto.

10h ¼ Voltando estudei com o Seibold árabe e acabei de ler a dedicatória em latim e que há de acompanhar a edição da Arte da língua guarani de Restivo. Fiz-lhe apenas algumas reflexões. Jantei bem. Conversei. Li e ao sair para o concerto da

noite de que trouxe o programa segundo o costume com as minhas notas e falei ao filho do Barbosa do Supremo Tribunal de Justiça sogro do Jacobina, e a mulher filha do Ataliba Nogueira de S. Paulo a quem recordei o café, que me oferecia o pai quando eu passava pela estação da estrada de ferro a qual servia à fazenda dele. Vou tomar chá, deitar-me e ler Riancey até dormir. A Jagwitz veio despedir-se de mim antes de eu ir para o concerto, mas apenas lhe falei de pé.

27 de setembro de 1890 (sábado) – 7h 40' Os meus partiram para Versalhes. Depois que me vesti-me [sic] fui vê-los. Os netinhos tomavam um pequeno almoço. Pouco falei a Gastão que cuidava dos arranjos para a viagem. Isabel esteve assentada o mais que pôde a meu lado.

Vou ler D'Alembert por Joseph Bertrand secretário da Academia das Ciências. Porém antes assinei fotografias para os que me pediram em casa do Krupp.

9h 20' Já me dispo para a natação e ducha. 50' Estou-me [sic] vestindo. Tudo bem.

12h Estive com Tachard que parte às 2h de Paris onde eu encontrarei a Ristori. Deu-me os endereços da casa dela e da de Planat.

1 ½ Li D'Alembert por Bertrand e vou ao Seibold.

3h 20' Já estou no concerto. Pouca gente. Com o Seibold estudei hebraico e comparei os Lusíadas com a tradução. Comecei a ver um vocabulário guarani, cuja nova edição melhorada pelo Seibold e por mim contribui para também com despesa à vista do orçamento que Seibold me apresentara.

4 ½ Chego do concerto com Maxime du Camp que lá e com quem conversei muito agradavelmente cantando até canções de Beranger, e cortejando de longe os Badens que vinham de carro visitar alguém no meu hotel. Vou continuar D'Alembert de que tenho gostado porque tem me feito pensar muito.

6h Vou jantar. ¾ Bem, mas reduzido quase à expressão mais simples: eu, Pedro, Mota Maia e a mulher e Aljezur. Vou ler daqui a pouco o D'Alembert. Recebi cartas do Nioac de 26 da casa do Krupp, de Alfredo Taunay do Rio de 2 de 7bro [setembro] e de Adalberto Iahn de Berlim de 26.

Quase 8h. Vou para o concerto.

10h 10' Trago o programa. Pouca gente, mas tive o Tachard para conversar agradavelmente como sempre. Vou tomar chá e ler D'Alembert deitado até vir o sono.

10h 40' Pois me deitei, o que vou fazer continuando a leitura.

28 de setembro de 1890 (domingo) – 6 ¼ Dormi bem, mas as mãos estão hoje mais presas. Vou escrever à Planat e à Ristori e para Schwabach apesar dos que outrora eram regulares na correspondência não o serem agora.

3h Estive lendo D'Alembert. Vou para o concerto. Trago programa anotado. Conversei com Tachard sobre diversos assuntos. Vou tomar chá e ler D'Alembert na cama até dormir.

11h 40' Agora é que vou deitar. Acabei a leitura do D'Alembert por Joseph Bertrand. Agrada-me muito. Agora cama e breve largarei Vauvenargues para dormir.

29 de setembro de 1890 (2a fa.) – 6h 5' Dormi bem embora acordasse três vezes para urinar. O dia está escuro. Vou a Vauvenargues. Li-o mas a pouca luz fez-me preferir o tipo da obra de Riancey de que desejo ver se leio o volume e meio, que é o que falta, até ir a Paris conversar com o autor. Agora tornarei a Vauvenargues. Mas interrompi-o e escrevi à condessa que nem telegrama me tem mandado, nem sei há quanto tempo.

Todos os amigos têm mudado muito. Veremos quais ficam dos joierados pela minha mudança de posição, mas nunca faltarão os amigos – estudo e leitura. 8h 40' Continuei e estou me vestindo para o banho.

9h 5' Já me dispo e Heilingenthal recebeu-me hoje, talvez, por ser o último banho deste ano.

11h 50' Almocei com apetite. Boa ducha e despedi-me até o sono e mais cedo. Fui às igrejas russas: primeiro à pequena que não é feia e de onde trouxe La divine liturgie de Notre Saint Père Jean Chrysostome “traduction nouvelle accompagnée d'une instructiton préliminaire et de notes par le R. P. Wladimir Guettée prêtre et docteur en théologie de l'Eglise de Russie”. Parece interessante. Depois vi a outra maior em posição belíssima edificada pelo príncipe Strumitza de Moldávia, onde está enterrada a família dele achando-se seu túmulo na cripta a que desci com os da mãe à direita e do pai à esquerda. Na igreja há o seu retrato e o da mulher e pinturas sacras e fresco, porém nada tem de notável.

Recebo carta de Krupp de Essen de 27 agradecendo a minha que lhe escrevi logo que cheguei aqui de volta de seu estabelecimento. Torno a Vauvernagues.

1 ½ Seibold. 4 ¾ Traduzi hebraico e comparei Lusíadas com a tradução. Ele deve estar em Paris para meados de 8bro [outubro] e encarreguei-o de achar-me tudo o que houvesse de tradução dos Lusíadas nos diversos idiomas que sei.

Assisti ao concerto de que trouxe o programa anotado. Aí veio Maxime du Camp de quem despedi-me até para aonde ele talvez vá quando eu lá esteja entregando-lhe a biografia de D'Alembert com minhas notas. Fui ao palácio grão-ducal mas aí não estavam.

Procurei visitar a igreja protestante mas estava fechada e agora vou ler Vauvernagues. 5h 25' Mas veio o grão-duque despedir-se, assim como o filho chegado há pouco a Baden. Conversei com aquele, manifestando o que todos sabem que são meus sentimentos e que julgo interessar ao Brasil.

Trouxe-me os trabalhos já publicados que se apresentaram no 10º Congresso médico de Berlim.

6h Jantar. Com apetite. Vauvernagues.

7h ¾ Fui despedir do grão-duque Miguel da Rússia e da mulher irmã da Alexandrina. Foi governado [sic] do Cáucaso e falamos dessa região e circunvizinhanças e da estrada de ferro do Turquestão dizendo-me que eu encontraria no concerto as filhas do general Annonkoff que dirigiu os trabalhos dessa estrada que disse-me não ir além de Bukará.

Falamos das línguas do Cáucaso e de muitos assuntos que talvez ainda enumere. Enfim foi conversa muito agradável. Vou me preparando para o concerto.

10h 20' Já tomei chá, trouxe o programa como de costume. Estive lá com o Pedro e o Mota Maia e depois Seibold apresentou-me um Orientalista de conversa muito interessante, a respeito do qual ficou Seibold de apresentar-me uma nota. Vou deitar-me e ler talvez pouco porque às 7h já hei de estar tomando café para seguir para a estação, e adeus Baden que tanto me agrada e hei de aproveitar no ano próximo.

30 de setembro de 1890 (3a fa.) – 6h ¼ Dormi bem. Vou a Vauvernagues. O dia parece bom para a viagem. 7h 10' Já bebi café e daqui a pouco direi adeus até o ano próximo ano [sic], e mais cedo a Baden que aliás badando [sic] poderia apelidar esta região de badauds ou badejos que são petiscos para sibaritas, como a maior parte dos que trocam aqui as pernas.

8h 25' Partida. Estiveram na estação os Heilingenthal, Andau da casa do grão-duque a quem disse que manifestasse a parte que tomo no seu pesar pelo dia de hoje aniversário da morte de sua mãe a imperatriz Augusta e falei da guerra contra a França em que ele teve parte.

½ Oos. Pequena parada.

9h 8' Li na Gazeta de Notícias de 7 o excelente artigo de Taunay “Partido Moderado”, sobre o procedimento do Paulino.

9h 35' Passamos o Reno em ponte que não é pequena. Vejo ao longe a Catedral de Strasburgo. Estação de Strasburg-Neudorf – ¾ Estação de Estrasburgo. 50' Segue. 10h Verdenheim – Brunmark – Mannenheim – Hochfelden – Dettwiller – Steinburg.

10h 24' Parada em Saverne (Zabern em alemão). Túnel pequeno. Outro pouco maior. Ainda outro maior, mas pouco. Outro maior e estação de Lutzeburg. Pequeno túnel – Grande – Descampado agora. 11h À direita.

12h Sarrebourg. Parada ½. Descampado. Deutsch. Auricourt onde há a alfândega alemã. A hora alemã é 26' mais adiantada que a francesa. Vamos entrar em França. 12 ½ Passamos por Mont sur Blainville [ilegível] e acabo de almoçar no fim do trem, o que não foi cômodo. Durante o almoço passamos por Luneville e antes por Ebrémend-Rossieres. Vejo bela igreja de gosto gótico ao longe à direita 53'. Nancy. Parada. Não vi antes Domboles-sur-Mourthe com salinas, nem Varangeville – St. Nicolas duas povoações, que reúne ponte sobre o Meurthe.

1h 10' Vou pela margem esquerda do Meurthe-Livendun. 20' Atravesso ponte que não é grande. Quase ½ Toul – Quase ¾. Saímos de longo túnel o maior que temos percorrido. Passamos estação e percorremos túnel que não é grande. 2h 25' Bar-le-duc. Parou.

3 ¼ Acabei a biografia de Vauvernagues por Maurice Paléologue (será pseudônimo?) na interessante publicação Les grands écrivains français. 3h ½ Chalons-sur-Marne. Parou. Saiu (3h 16' hora de Paris e assim acertei agora o relógio).

Na Tribuna do Rio de 5 li os artigos “A Guarda Nacional” censura com razão a ordem do dia do comandante dela o

general Almeida Barreto anunciando que o governo vai fazer dela reserva do exército e “juízo do procedimento” censurando-o fortemente.

2h 40' Epernay – $\frac{3}{4}$ A caminho. 3h Ao longe sobre a colina Chatillon-sur-Marne com a estátua de Pio VIII por Roubaud. $\frac{1}{4}$ Chateau Thierry. 38' Saímos de túnel não grande. Continuamos à margem esquerda do Marne 43'. Nogent - Marne. Túnel não pequeno e já andei. 3h 55' La Ferté sur Jouarre – O sol desce brilhante para o horizonte do lado para onde vamos. Bela tarde embora haja nevoeiro no céu.

4h 16' Passamos por Meaux diocese da água. 20' Passamos um rio. Depois mas não logo túnel pequeno e vejo de novo o rio.

4 $\frac{1}{2}$ Lagny-Thorigny. Parou. 40' Dizem que descarrilou um trem que vem na frente. 47' Dizem que vai seguir porém não se move ainda. Passa um em sentido oposto. Assobia e partimos. 50' Rio à esquerda.

5h Vejo trabalhadores na estrada movendo terra. 5h Chelles-Cournay. Parada e andamos. 5h 10' Gagny. Pequena demora a 15 km de Paris. Estamos lá num $\frac{1}{4}$.

5h 26' Chegamos a Paris.

10h 40' Versalhes no Hotel des Reversoirs que habita minha filha. Já jantei e conversei tendo-se retirado há pouco o duque de Nemours e Riancey que jantaram conosco. Achei na estação de Paris Nioac, Carapebus, Estrela e outros. Segui de carro com meus filhos e netos através Paris até a estação, onde tomei o trem para Versalhes, tendo seguido por outro que partiu depois os que não me acompanharam. Em Versalhes entrei num carro de aluguel, pois não me esperavam já os carros do duque de Nemours e enfim achamo-nos no Hotel des Reservoirs que habitam meus filhos. Os netinhos estavam fora onde jantaram, mas por fim apareceram.

Disse ao Riancey que já estava acabando o último volume da História Universal, pedindo-lhe o penúltimo que se desencaminhou e ainda não li. Disse ao Gaston que fiz esse programa até o dia 26 (2a fa.) que pretendo com minha filha visitar em Paris a Mana Januária, indo depois à sessão da Academia das Ciências e ficando em casa do Nioac. Amanhã relerei o diário para ver se há a acrescentar.

São 11h 10' e vou deitar-me e ler um pouco para melhor dormir.

1 de 8bro [outubro] de 1890 (4a fa.) – 6h $\frac{3}{4}$ Dormi bem embora levantasse algumas vezes para urinar. O dia não está bem claro. Vou ao Riancey.

8h 50' Escrevi agora a Nioac e para Schwalbach assim como a Maxime du Camp a quem mando a biografia de Vauvenargues lida durante a viagem. Vou tomar café.

11h 10' Andei a pé com o Gaston pelo parque e ele tomou nota do que vi. Depois estive na casa de banhos “St. Louis” perto da casa do Riancey que me indicou. Amanhã começarei. Estive com o Binot filho que já me tinha deixado bilhete no hotel e parte para o Brasil. Perdeu a mãe. Encarreguei-o de lembranças para a mulher que lá está e para os que se lembrem de mim.

Já vi Pedrinho e Luís e o Pedro grande. Antes de sair vir no Gaulois de hoje no “Bloc-notes Parisien” a notícia da morte que tanto sinto de meu amigo Alphonse Karr. Vou ler o artigo. A filha Mme. Bouyer vai receber telegrama em meu nome dando-lhe pêsames. Li a pequena biografia. As exéquias dele são às 3h em S. Rafael. Vou ver se posso mandar depositar flores no seu esquife. A mãe dele era sobrinha do célebre cirurgião barão Heurseloup. O avô mestre de capela em Munich, veio estabelecer-se em Paris em 1787. Morreu aí obscuramente durante a revolução. Seu filho pai de Afonso Karr nasceu em Munich mas veio muito moço para Paris e ficou francês de coração toda a vida. Ligado à maison Erard em sua mocidade tornou-se logo compositor e teve celebridade. Morreu em 1842.

1h Almocei bem e depois conversei com o Gaston sobre a política sobretudo da França e cada vez o estimo mais. Vou continuar Riancey. 40' Acabo de ter conversa interessante com o Dr. Semmola sobre o movimento científico e literário e também político pois ele é senador na Itália. Não parece afeiçoado a Crespi. Disse-me que Carducci está para publicar um livro e pedi a Semmola que lhe dissesse em meu nome que mandasse logo. Despedi-me até à Itália aonde pretendo ir de Cannes.

4h $\frac{3}{4}$ Primeira visita às galerias de Versalhes de mais de duas horas. O Gaston marcou tudo o que vi no catálogo. Dia sombrio.

6h 35' Continuei Riancey. Vou jantar.

10h 10' Acabo de dar boas à Isabel que voltou de ver a filha do Penha que está doente com os Tostas que tinham ido a Paris ver a mãe, Marianinha Avelar. Antes o Gaston leu-me no Figaro de hoje um artigo interessante e bem escrito sobre Alphonse Karr. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir.

2 de outubro de 1890 (5a fa.) – 6h ¼ Dormi bem mas levantei-me diversas para urinar. Vou ao Riancey. As vidraças todas molhadas de umidade e o dia parece bom e ser de sol.

8h O sol já me entra prometedor *[sic]* pelo quarto. Vou me vestir.

9h 50' Boa ducha. Quase vestido. 11h 36' Volto do passeio ainda pelo parque de Versalhes. O Gaston tomou nota de tudo. Amanhã continuará a visita do palácio. Chamam para o almoço.

12 ¾ Bom. Quatro: eu, Gaston, Mota Maia e a mulher. Li os artigos “L'empereur du Brésil et Alphonse Karr” no Le Gaulois de 2 e outros no Temps da mesma data também sobre Alp. Karr. Vou continuar Riancey.

2h ¼ Estou à espera de minha filha para o passeio que devia ser às duas. Ela é pouco pontual.

5h 10' Volto de ver a parte principal de Trianon. O resto fica para domingo de Paris. Vou a Riancey.

6h 20' Vou jantar com o Nemours.

9h 20' Chego do jantar em casa do Nemours – vila Trianon. Comi com apetite. Depois do jantar conversei com Riancey e o abbé Alliés da casa do Nemours. Conversa de modo interessante e é dado ao estudo da música para cujos acordes inventou uma máquina. Amanhã vem também jantar comigo bem como Nemours e Riancey e melhor apreciarei. Vou continuar a Histoire Universelle. Creio que o sono me deixará ler bastante. Breve fá-lo-ei deitado, e até apertarem mais as saudades com o princípio de algum sonho.

3 de outubro de 1890 (6a fa.) – 6h 12' Levantei-me diversas vezes para urinar e sonhei bastante. O meu cérebro revive. Já está claro que possa ir a Riancey.

9h 20' Já me dispo para a ducha e recebo aqui o vol. XI de Riancey. Tinha perdido, tendo lido o XII que trouxe para aqui.

9h 40' Boa. Vou tomar café. 11h ½ Volto de minha nova visita ao museu de Versalhes. Gaston chegou depois de mim por ter levado os netinhos ao colégio. Vou a Riancey até chamarem para o almoço.

5h Depois do almoço estive com a viúva do Ferreira Lage irmã Fremy do Instituto a quem falei sobre a química e trabalhos da nossa Academia das Ciências, Mme. Antoinette Andemars viúva ou mulher de um engenheiro que trabalha na estrada União e Indústria.

5 ¾ Acabo de ter longa conversa com Charles Boa advogado “chef du service des information au “Rappel” que veio da parte de A. Vacquerie. Falamos muito de literatura e de obra que publicará proximamente Vacquerie. Disse-lhe que ia a Paris e visitaria no Pantheon, como fiz da vez passada o túmulo de Victor Hugo, cuja família esperava rever. Deixaram bilhete o barão da Mota Bacelar e Francisco Cardoso farmacêutico. Continuo Riancey.

9h ¼ Jantei com vontade. Antes estive na propriedade de Mme. Heine conhecida de Daubrée. Tem jardim bellissimo de estufas com belos fetos arborescentes e palmeiras. A casa de aspecto pouco elegante contém objetos de arte, pinturas sobretudo de muito mérito, e está ornada com apuro, jogando eu bilhar com Riancey que me ganhou por um ponto sendo que marcava a filha dela, moça que não é feia, porém muito simpática e inteligente. Gostei muito do que vi, menos do aspecto da casa e creio ainda lá voltarei, escrevendo eu mais a tal respeito se me lembrar e valer a pena.

Jantei bem, estive conversando e lamento que não me seja dado para escrever sobre assunto que tanto me interessa. Volto. Vou tomar chá. Chega Mota Maia de Paris que combinou tudo com Nioac para passar eu em casa dele e trouxe-me Le Monde Illustrée com a data de amanhã. Vou deitar-me.

4 de outubro de 1890 (sábado) – 6h 20' Dormi bem embora me levantasse às vezes já se sabe para que. Ontem antes de dormir li Riancey, que vou continuar. Acabei o artigo e quero acabar o que se tem escrito sobre meu amigo Alphonse Karr. Le Petit Moniteur de ontem. Artigo curioso. Leio entre os pensamentos dele citados este. “Le nombre des écrivains est déjà innombrable e va et ira toujours croissant parce que c'est le seul métier avec l'art de gouverner qu'on ose faire sans l'avoir appris”. Eu sentia apenas sabe-lo depois de quase meio século.

Le Monde Illustrée da data de hoje tem o retrato e pequeno artigo pouco importante. 7h $\frac{3}{4}$ Li Riancey e vou vestir-me e tomar café.

10h 10' Atravessei Paris de carro da Gare St. Lazare até a du Nord, o que muito me agradou, pois vi muitos edifícios dos meus conhecidos, como o da Ópera. Do caminho de ferro descobri por vezes a torre Eiffel.

$\frac{1}{4}$ Parto para Chantilly. Pequeno túnel. Pierrefille – d'Estoins Estação que passou. Vasta planície plantada e com árvores longe [ilegível] - Louvre – Surveilliers – Orvy-Foy. Avista-se o Lac-de-la-Reine Blanche que se vê de Chantilly.

11h Chegamos. Regressamos. Depois direi o que houve aí.

São 4h 40'. Chegamos à Gare du Nord.

5h 21' Já estou no vagão na Gare St. Lazare. Atravessei Paris de carro por outro caminho creio eu por onde vim e por defronte da Trinité. O tempo está bellissimo, porém o crepúsculo já adiantado. Parto 5 $\frac{1}{2}$.

$\frac{3}{4}$ Avista-se bem a torre Eiffel desde a base até o cimo apesar de alguma neblina e do mesmo lado e à esquerda torre um balão preso. Viemos pelo mesmo caminho e chegamos a Versalhes. 40'.

4h 12' À Gare. 6h $\frac{1}{2}$ Meus filhos foram buscar meus netinhos ao Colégio.

9h Jantei bem. Estive com a Luiza Bulanger que veio de Paris, para onde partia do Rio para acompanhar uma amiga. A visita a Chantilly foi muito interessante depois de ter almoçado em casa de Mana Chica onde estive com o filho, filha e netas, tendo jogado bilhar com o Waldemar marido da neta em S. Firmin em casa da filha, aonde fui depois de ter estado na do Aumale, cuja galeria de pintura vi toda, não escapando o pequeno quadro de Ingres da Francisca de Rimini. Também visitei a capela que tanto me agrada. Se me lembrar de mais alguma coisa de maior interesse dessa visita não deixarei de mencioná-lo neste diário.

Agora vou continuar Riancey. Meus netos grandes já se despediram depois dos pequenos que os pais foram deitar, e enquanto estes não voltam vou ao Riancey. Vi já os Tostas muito antes de tudo isto que eu escrevi. Recebo carta em resposta à que escrevi a Maxime du Camp mandando-lhe a biografia de Vauvenargues escrita por Maurice Paléologue e que eu anotei à margem. Aguardo as outras que tomou Seybold para lê-las e a quem pedi sua restituição para lê-las como a outra e enviá-las a Maxime du Camp.

10h $\frac{1}{4}$ Minha [ilegível] voltava dos Penhas e eu disse-lhe para combinar com Gaston a visita amanhã ao museu. Recebi carta de Haureau do Instituto datada de 3 agradecendo a minha fotografia, de Januária, de 2, de Daubrée de 1. Vou deitar e ler Riancey.

5 de outubro de 1890 (domingo) – 6h 40' Já se pode ver bem. Dormi bem embora acordasse por vezes escusando dizer porque. Vou ler Riancey.

8h 10' Respondi à Mana Januária e a Daubrée.

8h $\frac{3}{4}$ Li Riancey e vou vestir-me.

9h 20' Estou me despindo para a ducha.

40' Boa ducha, li Riancey enquanto me vestia e vou ao café.

11h $\frac{1}{2}$ Fui ao museu de pintura sendo meu guia Gaston pelo catálogo. Acabo de almoçar e estou com a Isabel e a Tostinha que almoçam agora. Dizem-me agora que o visconde do Ouro Preto e seu filho estão em Versalhes.

1h $\frac{1}{2}$ Longa conversa sobretudo com o visconde sobre assuntos interessantes à nossa pátria e animando na apresentação da lei abolindo a pena de morte que deverá acompanhar relatório de sua história comparada à da mesma pena nas diversas nações.

Torno a Riancey. 2h Riancey e vou sair.

5 $\frac{1}{2}$ Assisti ao belo espetáculo das águas. Vi todos os repuxos e cascatas. O efeito mais grandioso é o do tanque de Apolo. Além de 44 repuxos em torno, há outro no centro e bela cascata onde há está [sic] o grupo de Apolo. Voltei para o hotel a pé, pois ficava perto. Amanhã depois da ducha ainda espero ver obras de arte e às 11 $\frac{1}{2}$ parto para Paris e com cidades [sic] aliás de Versalhes sobretudo da companhia quase contínua de meus filhos e netinhos, que os netos creio que vão a Paris.

Vou a Riancey até o jantar. Vi na rua a chegar ao hotel e falei à nora do marquês do Paraná irmã do visconde Torres que esteve cá ontem. Chegando recebi bilhete de A. de Quatrefages, que procurou-me e vou ver se lhe posso falar depois do jantar. Outro bilhete de Luíza Pinho e Marie Prouve com um ramo. Vou ver se lhes falo.

6h 50' Depois de ler Riancey vou jantar.

11h 10' Bem. Conversei com meus filhos. Despedi-me de netinhos e os netos foram com Riancey ao teatro. Disse adeus a Nemours e tenho estado a ler Riancey. Vou deitar-me, ler e dormir.

6 de outubro de 1890 (2a fa.) – 6h 10' Ainda não se vê muito claro. Dormi bem embora acordasse muitas vezes já se sabe para que. Vou a Riancey. Quase 9h. Visto-me.

10h Já tomei café e pronto.

11h 40' Parto para Paris. Antes de ir para estação estive nas galerias com o Gaston que marcou o que vimos no catálogo.

12 ¼ Chegamos. ¾ Já vi os aposentos da casa do Nioac que são de todos e os meus. É uma primeira vista de olhos. Aguardo com vontade o almoço. Na estação estavam brasileiros entre os quais Diogo Velho com a mulher e a filha que está muito crescida.

1h ¾ Almocei bem. Vou acabar o *Compte-rendu* de 22 de 7bro [setembro].

5h Volto da sessão da Academia das Ciências que era presidida pelo secretário Bertrand, pois o presidente Lhermite está ausente. À contestação de Mascard a uma nota de Faye sobre o raio globular, dizendo aquele que jamais presenciara esse fenômeno, eu pedi a palavra dizendo que eu já o observei, escrevendo uma nota que naturalmente aparecerá no próximo *Compte-rendu*.

9h 40' Jantei bem. Jantaram comigo Nioac, Mota Maia, Amélia Nioac, Alfredo e a mulher. Conversamos e eu vou deitar-me depois de tomar chá e ler até dormir. Recebi resposta à carta que escrevi a Madame Marjolin. Espera-me amanhã às 4h ½. Da Ristori do 1º com sua fotografia.

11h Respondi à Ristori para a carta ir amanhã e vou ler Riancey e dormir.

7 de outubro de 1890 (3a fa.) – 6h 40' Acordei diversas vezes – já se sabe – mas dormi bem e vou ler Riancey.

8h 50' Li bastante visto-me para a ducha.

12h A ducha no Hamam que o cocheiro me fez perder tempo em achar foi muito agradável. Fui depois de carro até a praça da Concórdia e a pé até o Arc de l'Etoile que circulei e atravessei vendo tudo muito bem. Tomei nota da Exposição de ciências e indústrias do Panorama das batalhas de Champigny e outros por Detaille.

Acabo de estar com a Isabel filha do Tamandaré que parte nestes dias para o Brasil e a quem prometi carta para o Tamandaré. São horas do almoço. Recebi bilhete da Ristori em resposta à minha carta.

¾ Almocei com vontade. 3 ¼ Visconde de Cavalcanti e a mulher, Guaraná e o mais direi depois que voltar.

5 ¾ Volto de visitar a Mana Januária que não se pode mover senão dificilmente. Fui a Mme. Planat. Estava com Giorgio Ristori. Coitada, a moléstia e sobretudo os 85 anos tem acabrunhado a pobre cega. Está desmemoriada. Pedi-lhe que me avisasse quando pudesse achar-me lá com os amigos da casa. Daí segui para casa dos Marjolins que achei muito avelhantados porém fortes. Apresentei-lhes Mota Maia como meu médico e professor de operações da Escola do Rio. Vi os quadros do pai da Marjolin que estão no salão dela e recordei as belas soirées que aí passei nas quais conversei com pessoas que desejava conhecer e ouvi Mme. Viardot cantar e Gounod tocar no piano composições dele, encontrando um literato de cujo nome não nos lembramos.

6h 20' Escrevi à Isabel e mandei telegrama à condessa com lembranças de Mme. Planat. Acabo de ler o *Débats* onde se o resumo da sessão de ontem que refere o que disse a respeito do raio globular observado por mim.

11h Jantei com Daubrée com quem conversei depois assim como os outros, não tendo Mota Maia vindo ao jantar. Fiz depois até agora versos franceses em resposta aos da gente do Krupp. Vou deitar-me e ler Riancey.

8 de outubro de 1890 (4a fa.) – 6h ½ Já não tinha sono e levantei-me, porém vê-se mal todavia o tipo do *Journal des Savants* é talvez facilmente lisível [sic].

7h ½ Pois achei melhor fazer a resposta em versos franceses aos mandados pela boa gente do Krupp. Escrevi ao bom do Tamandaré pela filha Isabel que regressa ao Brasil e levará também ao excelente velho a minha fotografia.

11h 20' Boa ducha. Andei a pé e fui ver os Panoramas da Batalha de Champigny e de Jerusalém e do Gólgota de que

trago as explicações. Vi agora o netinho do Nioac filho do Alfredo e vou falar ao Sant'Anna Nery. 12h Conversei com ele sobre os negócios do Brasil e prometeu-me diversas obras relativas a ele.

1h Almocei bem só com Nioac e Amelinha e a governanta desta. Acabo de estar com o Pedro que me disse me procuraria todos os dias e iria para Cannes comigo em companhia do Augusto que ele não sabe onde está.

40' Bom artigo de Léon Lay no Débats de hoje. Diz coisas muito sensatas a respeito do orçamento. Vou falar ao Tour e à mulher. Chegaram meus filhos e netinhos e o Amelot. Todos causaram-me grande prazer. Conversei com eles. Já se foram e meus filhos para verem a Mana Januária aguardando eu Mota Maia para sair.

7h Quase. Fui ao Palais da Indústria e à Ristori tendo visto os filhos, porém não o marido, que parece, segundo disseram-me evitar emoções.

Vieram Ouro Preto e filho, assim como os Marjolins. Conversei com o arquiteto Sauvage, que concorreu com seu plano para um monumento no Rio sobre sua arte e agora vão sendo horas do jantar.

10h Jantaram Faye e Bouchard. Aquele é engraçado. Falei com Faye sobre astronomia e com Bouchard sobre diversos assuntos entre os quais suas viagens no oriente. Falei depois com o Mota Maia e os da casa. Bouchard chegou mais tarde por ter estado cuidando de Brown-Sequard que está com uma pneumonia. Mota Maia irá vê-lo amanhã e da minha parte. Vou tomar chá e ler deitado até dormir.

9 de outubro de 1890 (5a fa.) – 7h $\frac{1}{4}$ Já respondi à Cruls, a Guillaume e à condessa e vou continuar o Journal des Savants de 7bro [setembro].

9h Vestir. 12h Boa ducha. Comecei a minha ascensão da torre Eiffel até a primeira plataforma. Pode-se chamar a maravilha do século. Andei por toda a plataforma em roda gozando de bela vista. Daí mandei uma carta-telegrama à Isabel. Pondo uma moedinha não sei agora de quanto numa fenda caíram-se duas fotografiazinhas [sic] do Eiffel e do ascensor do 1º andar que trouxe assim como uma coleção de pequenas fotografias em livrinho com o título Tour Eiffel. Também comprei uma bela fotografia da mesma torre.

10h Chamam-me para o almoço. 50' Bem. Continuo o Journal des Savants, mas antes li retalhos dos jornais sobre a sessão de 8 da Academia das Ciências a que assisti e o que foram-me dados por Faye.

2h Guimarães e mulher. Klingöfer e o Bulhões que era intendente da armada, e irmão do lente da escola de medicina de cujo nome me lembrarei logo. Já me lembrei. Vou falar ao Picot. Também estiveram Castelões, que me deu notícias do Carlos Gomes, que foi encarregado de compor a ópera para a abertura do teatro Scala, e o filho do Martins Pinheiro. Agora vou para o Instituto.

5h 10' Chego da Academia Francesa onde se tratou do dicionário de que trago as palavras discutidas. Estiveram presentes muitos dos meus conhecidos, falando eu sobretudo a Gaston, Boissier e a Sully Prudhomme. Aumale esteve presente. Depois andei a pé ao longo do cais. Vou falar a Ferreira Viana. $\frac{3}{4}$ Conversamos a respeito do Brasil onde segundo ele vai havendo reação contra a atualidade.

Acabo de estar com o Bobi filho do Teresópolis, que me disse que o irmão mais moço perderá um ano de estudo por enfermo. A mãe não veio visitar-me, como pretendia, por estar de enxaqueca.

Vou continuar o Journal des Savants. Arranjei relatórios das exposições de diversas nações na de Paris as quais me mandou o visconde de Cavalcanti e torno à leitura.

7h Garnier está aí para o jantar. Vou falar-lhe.

11h $\frac{1}{4}$ O jantar foi muito agradável com o Garnier com quem ainda conversei depois, lendo-lhe meus versos franceses em resposta aos da gente do Krupp. Tendo-se retirado Garnier, ainda conversei. Vim ler o Journal des Savants que ainda lerei na cama até dormir.

10 de outubro de 1890 (6a fa.) – 6 $\frac{1}{2}$ Dormi bem porém não como a noite passada. Vou ler o Journal des Savants.

9 $\frac{1}{4}$ Vou vestir-me. 11 $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Fui a pé ver o Panorama "Histoire du siècle" curioso pelos retratos, porém mediocre como pintura. Trouxe o folheto.

5 $\frac{1}{2}$ Chego da sessão da Academia das Inscrições. Estive assentado junto de Menant assiriólogo. Vi muitos conhecidos. Houve longa leitura de pessoa de fora que mal ouvi. Falei a Clement Ganneau pedindo-lhe notícias de Frère Lievin, a

Haureau e a outros. Antes sair estive com Guai e mulher e conversamos sobre notícias do Brasil, principalmente as eleições achando-o desanimado. Também estiveram Maria Antônia Bulhões e a irmã Maria Júlia às quais falei sobre sua viagem e a família delas. Daubrée esteve no Instituto e assentamos nos convidados do nosso almoço na torre Eiffel. Até o jantar continuo a leitura da explicação do Panorama do Século.

6h ½ Longa conversa com Lafayette que falou-me com convicção monárquica e também liberal como fui sempre, sou e serei a respeito dos negócios de nossa pátria.

10h 50' Jantei bem em companhia de Charcot com quem conversei sobre suas experiências de hipnotismo sobretudo. Daubrée apareceu para tratar do almoço na torre Eiffel. Vejo Paranhos cujo irmão está à morte, e a quem pedi 10 exemplares do livro *Le Brésil*. Tratamos também do Congresso dos Americanistas nos dias 14 e 15 creio eu e de que sou presidente, ficando de mandar-me o programa dos trabalhos do Congresso. Acabei de traduzir o soneto que me fez Garnier. Vou agora deitar-me e ler até dormir.

12h 50' Acabei de ler e ver o folheto explicativo de Panorama – Histoire du siècle 1789-1889. Vou dormir.

11 de outubro de 1890 (sábado) – 6h 10' Não tinha sono contudo dormi bem apesar de levantar-me algumas vezes para o sabido. Vou acabar o *Journal des Savants*. Antes que o esqueça direi que a longa leitura na Sessão de ontem da Academia das Inscrições foi de Mr. Demolle Origine du Canton du Tessin. Terminei a leitura do *Journal* muito interessante e copiei os versos em resposta aos dos amigos da casa do Krupp. Vou vestir-me.

12 ¾ Almocei com vontade. Antes boa ducha e andei pelo palácio da Indústria vendo tudo e principalmente a parte que ainda não tinha percorrido. Ainda voltarei lá.

2h Tenho tido visitas e já estou vendo que me tirarão muito tempo do que às vezes melhor empregaria em casa. ¼ Li no *Gaulois* de hoje um artigo lisonjeiro e por isso nem sempre exato: “Une visite à l’empereur Dom Pedro” de um Marc Gerard que me procurou e outro “Le P. Didon” elogiando a obra dele, “Jesus Christ” que deve aparecer na próxima semana outro “Cléopatre au théâtre, a propos du drame de M. M. Sardou et Moreau”. É interessante. Vou falar aos Mayrinks.

5h 7' Chego da Academia das Belas Artes. Por engano de hora falhei à Academia das Ciências Morais e Políticas. Verei se aí vou de hoje a 8 dias antes da sessão aniversária das Belas Artes interessantes pela música. A sessão desta hoje foi para assim dizer doméstica. Falei a Delibes que compõe uma ópera nova, a *Delaborde*, que me disse que Gey-Müller seu cunhado pela mulher deste e ela chegam brevemente, a Meissonier, Garnier e a Ambroise Thomas o diretor, ficando ao pé de Janssen que aí estava como eu por sermos do Instituto. Recebi livros que me mandaram e breve lerei o de Alfred Marchand que parece o meu antigo correspondente “*Les Poetes lyriques de l’Autriche*”, e de Joseph Alliés capelão do Nemours e Prêlat de la Maison de Sa Santitité Léon XIII, a obra de Vigoureux que eu já li no Brasil e desejava reler.

Li o discurso do Delaborde na inauguração da estátua de Eugène Delacroix em Paris em 5 do corrente. Vou falar aos Araguaiaias.

10h 5' Mãe e filho. De fora jantou a Sangusko somente. Antes recebi visitas e entre elas os Villeneuves. Achei a mulher magra e avelhantada, mas sempre boa para comigo. Também estiveram o filho do Dantas casado com a filha da Vera, que segundo lhe ouvi espera a mãe em dezembro. Depois do jantar conversei e ainda depois de Sangusko se ir. Vou deitar-me e ler Riancey até dormir. Recebi carta do Dr. Antoine Cros creio que é genro do Odorico Mendes mandando sua tradução de “Prometeu encadeado” e “Le Problème social – Nouvelles Hypothèses sur la destinée des êtres”.

12 de outubro de 1890 (domingo) – 6h Não tenho sono mas não vejo quase. ¾ Fiz um soneto pois as musas até inspiram melhor às vezes no escuro, mas começa verdadeiramente o dia para mim quando posso lendo saber mais. Vou a Riancey.

11 ½ Boa ducha. O museu Grevin só abre às 11h. Passei pelo Par Monseau sempre bonito e voltei a pé passando pelo monumento de Alexandre Dumas. Recebida carta em resposta da condessa de Voiron de 11. Aguardo o almoço.

2h No vagão. Almocei com vontade, ouvi missa em St. Agostinho onde esperava muita gente conhecida só tendo visto o Bulhões que foi intendente da Marinha e a família.

Vou partir para Versalhes. 4 ¼ Estive no Hotel des Reservoirs onde tomei café e indo para a vila que habita Isabel com sua gente encontrei-os em caminho e ela foi comigo e Mota Maia até a vila dela segundo Gastão para o manège com os

netinhos. Corri toda a vila pequena com suficientes cômodos, mas rodeadas de árvores, sem vistas. Voltei com a Isabel que logo virá buscar-me para o jantar em Roquencourt onde já estive e é uma bela vivenda.

10h 40' Li Riancey. Chegou Isabel e fui ao jantar aonde foi ter Gaston. A iluminação do jardim estava belíssima sobretudo um quadrado de relva que parecia estrelado. Excelente jantar ficando Mme. Heine à minha direita e uma moça muito bonita e sobretudo simpática [*illegível*] quem ela como ao marido tratam como se fossem sem filhos.

Joguei bilhar e houve música vocal, que não foi grande coisa e instrumental boa; o pianista tocando o que eu lembrava, o rabequista, principalmente o violoncelista excelentemente. Foi tudo muito agradável e por mim ainda lá estaria. É tempo de deitar-me e ler o último *Compte-rendu*. Dei a Riancey em casa de Mme. Heine a tradução do *Prometeu de Ésquilo* em verso francês e que é muito boa e com as minhas notas, pois eu também traduzi essa tragédia do grego em prosa e tratava de por em verso a tradução – Agora cama!

13 de outubro de 1890 (2a fa.) – 6h ¼ Não tenho sono embora dormisse bem e vou ler o Riancey. Ainda acendi três velas.

8h 50' Escrevi em resposta à carta de 11 de Voiron. Vou vestir-me.

10 ¾ Em casa da Isabel em Villeneuve de l'Etang vim despedir-me. Antes tomei boa ducha no estabelecimento perto da casa do Riancey, que vi ao entrar no estabelecimento, e a quem disse e espero-o entregaria o volume que falta e já está muito adiantado da leitura de sua *História Universal*, quando voltar a Versalhes depois de amanhã, anos do Pedrinho.

11 ½ Já em vagão e pronto a seguir para Paris. Os netinhos estavam no colégio e os netos também não os vi ainda. O dia está bom, mas o céu neblinoso. Chega um trem. Quase 40'. Parti.

12h 25' Em casa de Nioac. 6h Li o último *Compte-rendu*. Fui à sessão da Academia das Ciências já presidida por Lhermite e quem disse que em outra ocasião conversariamos a respeito de sua pretensão de descobrir pelas matemáticas todas leis da natureza. Falei e vi a diversos colegas, já conhecidos meus. Como a sessão durou muito tempo fui ao Museu Grevin que sempre interessou e tudo vi trazendo o *Catálogo-Almanaque*.

Recebi carta de Seibold de Weilblingen de 11 dizendo-me chega a 14 ou 15 e vem para o hotel Bedford onde estão o Mota Maia e o Aljezur. Vou falar a visitas. Bilhetes do marido e filho da Ristori que entregaram quando eu estava fora. Recebi um telegrama de A. Duprat, Tito Higino de Miranda rue de la Chaise. Creio que são pernambucanos. Procuraram-me a viúva Miranda Jordão irmã do marido da filha da Vera e a mãe dela, ambas viúvas que residem na Europa há dez anos. A filha foi uma das belas mulheres que tenho visto, e ainda mostra bem o que foi.

10h Jantaram Tachard e vice-almirante Paris. Conversei muito com ele sobre assuntos de marinha e seu museu naval no Louvre. Está muito forte com seus 85 anos. Perdeu a mão esquerda por causa da manivela de uma máquina de vapor. Tem muita vivacidade na conversa. Depois do jantar já bem de noite veio Mouchez com o filho que escrevia o que se lhe dizia. Deu-me notícias do observatório a que irei um destes dias quando me informarei de tudo o que se refere à astronomia. Estou com muito sono, mas julgo que indo-me deitar porém poderei ler ainda.

14 de outubro de 1890 (3a fa.) – 6h 10' Não dormi bem. Pensei muito. Neblina. Acendi velas e vou ler Riancey.

9h 5' Vou vestir-me.

12h Boa ducha no Hamam e fui ver a minha conhecida e sempre admirada Notre Dame. Lá voltarei e com algum livro que complete minha memória.

10' Almoço. Estive vendo antes o *Catalogue-Almanach Musée Grevin*. Recebi a visita de l'abbé H. Brisset cura de Saint-Augustin cuja missa ouvi domingo. Conversamos muito sobre a instrução nos Seminários e ele prometeu o *Gênesis* de uma tradução recente da Bíblia em hebraico. Falamos da tradução e comentários da Bíblia de Reuss professor em Strasburgo e enfim de outros assuntos atinentes.

Vou dar a Nioac *Brevis linguae Guarani gramatica hispaniae etc.* editada pelo Seibold para que se escreva sobre ela no Gaulois. Estive com Luís Soares Oliveira negociante do Ceará, residente aqui há 6 anos. Falei dos açudes projetados pelo Revy, não se tem cuidado deles. Referiu-me as desordens que tem havido e a prisão de Rodrigues e outros que foram conduzidos para um navio de guerra.

2h 25' Estive arranjando relatórios das exposições de diversas nações na universal de Paris pondo à parte os relatórios

às Américas. O Nioac trouxe para assinar a resposta em versos aos da mesma língua que me enviou a gente da casa do Krupp.

5h 40' Primeira visita ao Louvre – Galeria de Pinturas. Pedi ao Aljezur marcasse o visto no catálogo. Vou falar ao vice-amiral Perigot. Vieram na ausência ou deixaram bilhete Pasteur com uma obra, René Vallery Radot genro dele e Haton de la Goupillière. Vou falar ao vice-almirante Perigot.

10 ¼ Reconheci bem Perigot e conversamos sobre marinha. Jantei bem com o barão Larrey que me falou das batalhas a que assistiu com Napoleão 3º na guerra da Itália de outros assuntos prendendo-se à época de Napoleão 3º e à vida do pai durante o tempo de Bonaparte e de Napoleão 1º. O barão Larrey teve o cavalo morto na batalha de Magenta. Fiquei de ir à casa dela 2a fa. saindo da sessão da Academia das Ciências. Ainda conversei com Nioac. Devo dizer que antes de jantar tive a visita de Mme. de Villeneuve a quem pedi que me fizesse saber quando poderia eu visitá-los que foram sempre tão amáveis comigo. Vou deitar-me e ler um pouco antes de dormir.

15 de outubro de 1890 (4a fa.) – 5 ½ Não tinha sono. Dormi bem embora acordasse já se sabe para que e hoje para mais alguma coisa, porém sem incômodo. Vou ler Riancey – mas antes aproveito as graças da Musa que é mais benigna no alvorecer belo dia.

6h ¼ E ei-lo o soneto que me parece menos mau. Agora cumpre ir ao Riancey.

11h 5' Em vagão a partir. Antes tomei ducha e fui à Madalena que vi bem por dentro e por fora com 8 colunas na frente e no fundo, e 16 de cada lado, com estátuas de santos e de santas de ambos os grandes lados por detrás e no intervalo das colunas. É um belo templo e não bela igreja. Parto quase às 11 ¼.

12 Chego. 4h 6' Parto. Almocei com meus filhos e dei os livros que são bonitos sobretudo as pequenas fábulas de La Fontaine, Paulo e Virgínia e outro ao Pedrinho como presente de anos, e conversei com as visitas entre as quais Mme. Heine, que fora agradecer a Isabel seu comparecimento ao jantar de sua vila. Os Carapebus foram dar parabéns e voltam comigo no mesmo vagão. Nemours assistiu ao almoço, depois do qual vi as estampas de meus livros de presente e o do Aljezur, volume 3º da Grécia de Durvy. A Isabel veio comigo até à estação e mandou-me beijos de adeus. Havia tenção de ir a Trianon mas preferiu-se ficar em casa.

Em Paris notarei o que houver esquecido. 5h Chego. 10h Estive com a condessa da Estrela e o filho Maia Monteiro. Jantou comigo Levasseur com quem muito conversei sobre economia política, geografia e estatística *[sic]*, prometendo-me diversas publicações suas e assistindo depois Eduardo Prado que veio visitar-me. Foram-se ficando eu só com Nioac de quem acabo de despedir-me como de Amélia e vou ler Riancey quando permitir-me o sono que vem forte. Antes do jantar visitou-me Antônio de Paula Ramos Jr. que foi no Rio promotor público e carta de Paris de Revy pedindo falar-me sobre a estrada de ferro do canal da Mancha respondendo-lhe Nioac que viesse falar-me amanhã. Lerei Riancey e deitando-me daqui a pouco será talvez só para dormir, mas sempre li bastante e vou descansar.

16 de outubro de 1890 (5a fa.) – 5h 10' Não tenho mais sono com a minha manhã artificial vou ler Riancey.

6h ½ Já há algum tempo poderia ler sem as velas que apaguei, mas o Guilherme aliás de excelente caráter é bastante preguiçoso.

7h Para variar vou fazer versos. Quis que saíssem menos ruins mas os partos de minha inteligência ainda não exigem fórceps, e o soneto que saiu é um sofrível rapagão. Agora até vestir Riancey.

12h 5' Boa ducha e fui o “Sanctuaire du Sacré Coeur” de Montmartre. Edifício magnífico que só estará acabado em 4 anos. Vi a cripta e o que está feito. A vista aí de Paris é magnífica e lá tornarei com tempo claro. Vou almoçar.

1h ¾ Bem. Recebi Crespo pai português e Crespo filho médico nascido no Brasil. Conversei com o Nioac e o Mota Maia sobre despesas.

3h Seibold, árabe. Vou para a Academia Francesa. 5h 5' Volto. Só houve leitura do já publicado das memórias de Talleyrand pelo Broglie. Há nelas, a par de muito espírito que, já no autor conhecia, reflexões que demonstram muitos conhecimentos e bom senso. Senti que a leitura não continuasse. Parei na livraria Porquet porque Mota Maia desejava comprar O Mundo invisível de Johnston, o qual ele já lera. Não achou o livro, mas eu encontrei uma Voyage de Paris à

Tomboucton que emprestei a Mota Maia para ler e uma tradução francesa da Evangelina em prosa mas com estampas que são boas pelo que já vi delas. Vou continuar a lê-las e ler Riancey até o jantar.

6 ³/₄ Pois estive com os brasileiros Manoel Ramos Moncorvo e Dr. Sequeira Ramos médico brasileiro e Revy que me trouxe carta de Armstrong desfavorável a seu caminho tubular da qual deu-me cópia. Também veio Menant do Instituto que mandara livro que não recebi sobre assiriologia e com quem fiquei de ir ver uma coleção interessante de antigüidades saindo amanhã da sessão da Academia das Inscrições. Recebi carta de Joinville de 15 dizendo-me que vem visitar-me a 19. Agora vou ver os Cavalcantes e depois jantar.

10h Comi bem. Conversamos depois, a Diogo Velho amável como sempre. Vou ler ainda Riancey até dormir. 11 ¹/₂ Mas fiz mais soneto – e cama.

17 de outubro de 1890 (6a fa.) – 6h ¹/₂ Dormi sofredelmente com as sabidas interrupções. Vou a Riancey – Mas para não esquecer direi que na L'Unione liberal Corriere dell'Umbro de 29-30 de agosto leio "Ieri sera rappresentazione del Mefistofele... la Monteyro (a minha protegida de Campinas)... furono festeggiatissime" e em *La Sera* de Roma de 28 "Il chedire della signorina Monteyro (Monteiro). Essa é una esordiente e sembra invece un'attrice provata da parecchi successi. Nella scena della Grecia l'intelligente artista ha cantato si franca e con tal valentia da strappare... i più frentici applausi... Alle stupende bellezze fisiche accoppia le ricchezze dell'arte".

9h Li bastante de Riancey e creio que domingo estará acabado. Vou me vestir.

11 35' Boa ducha. Fui a Montmartre ver a capela do martírio de S. Diniz que deu o nome à montanha – Montmartre. Vi-a bem assim como a cripta (pedreira de cal da montanha) no interior da qual disseram missa a 15 de agosto de 1534 instituindo a ordem os Jesuítas – Inácio de Loyola e seus companheiros Francisco Xavier, Pierre de Fèvre, Diego Laines e Afonso Salmeron, Nicolau Bobadella e Simon Rodrigues. Trouxe – Notice sur la chapelle du Martyr de St. Denis rue 9 Antoinette (Montmartre), Souvenir de Pélerinage au St. Martyre e Priè pour la novaine de St. Denis à Montmartre.

6h Na volta daí parei e apeei-me para ver em Clichy o monumento que me agrada pela sua defesa da Barreira. Pude estudar comparativamente os *Lusiadas* e a tradução alemã com o Seibold e fui ao Congresso dos americanistas assistindo à sessão administrativa e depois à pública assentando junto à mesa ao lado do presidente Mr. de Quatrefages e ouvindo as leituras até depois de começado a de meu conhecido Rada de Madrid. Seibold apresentou exemplares de sua edição de gramática Guarani de Restivo. Depois fui à sessão da Academia das Inscrições e Belas Artes onde houve leitura maçante de pessoa que não é da Academia presidida por Oppert que fez diversas observações que não deveriam agradar ao leitor que esperavam, o que não sucedeu, que bulisse com o abbé Duchenne membro da Academia.

O trabalho sobre os Papas. Menant assentou-se ao pé e não fui com ele ver a ver *[sic]* coleção de antigüidades assírias em casa de M. Leclée que publicou juntamente com Menant a obra que me mandaram e eu ainda não vi. Finalmente fui despedir-me da Januária a quem prometi uma coleção de livros interessantes e em bom português. Queixou-se-me de sua vida – coitada! e disse-me que leria com prazer os livros que lhe levei quando estivesse em Nice.

Recebi carta de Levasseur de hoje. Mandando-me os livros da estatística do ensino primário. Devem ser muito curiosos sobretudo o Rapport sur la statistique comparée (1829-1877). Recebi carta de A. Pipot 67 rue Lemercier falando-me de remédio da febre amarela de que foi o pai acometido no México e de que curou-se. Liègeard manda-me sua poesia, Au pays de Bourgogne – Journées de vendanges. Hei de lê-la para agradecer-lhe.

7h 5' Para jantar. 10 ³/₄ Jantaram Villeneuve e Inhoan. Foi muito agradável e conversei bastante. Retiraram-se há pouco. Escrevi uma carta e vou deitar-me lendo Riancey até dormir.

18 de outubro de 1890 (sábado) – 6h Dormi menos bem, mas levantei-me regularmente. Acendi velas e vou ao Riancey – mas aí vem a Musa que me pede um soneto e foi muito amável para comigo, por causa da companheira e tendo cumprido meu dever matutino vou deveras a Riancey.

9h 5' Ainda vou lê-lo vestindo-me. 11h 10' Boa ducha. Fui até a Ste. Chapelle só a vi exteriormente, estando aberta somente depois das 11. Agora Riancey até que chamem para o almoço. 5h ¹/₄ Bem. Fui com Daubrée à sessão pública da Academia de Belas Artes e junto o programa com as minhas notas. Depois do Congresso dos Americanistas cujas leituras hão de ser mencionadas nos diários. Tomei a palavra contestando o que disse o haitiano sobre os supostos ossos de

Colombo sobre que li um folheto escrito pelo Rocco-Cochia que foi Internúncio no Brasil. Manifestei-me contra a opinião do haitiano como de momento podia fazê-lo pelo que tenho estudado da questão. Vou falar ao Ouro Preto e ao filho.

10h 25' Jantei com vontade em companhia da condessa da Estrela, filhos e Teresa. Depois do jantar conversou-se e vou depois de ler o artigo do Figaro de hoje sobre Tchihatchef meu conhecido de Florença deitar-me adiantar talvez Riancey. O artigo podia ser melhor. Sua viagem científica à região do Cáucaso valeu-lhe ser meu confrade na Academia das Ciências. Quem o substituirá? Depois de amanharei *[sic]* indagá-lo-ei na sessão da Academia – Cama!

19 de outubro de 1890 (domingo) – 5h 40' Não sei quando dormi, mas não seria tarde por causa da minha conta das 6 horas de sono. Vou continuar Riancey. 9h Li bastante creio que lerei o que falta do volume indo para Versalhes. Vou acabar de preparar-me para sair.

10h 55' No vagão. Ouvi missa na Madalena na capela onde está a sepultura cuja inscrição li de l'abbé Deguerry fuzilado durante a comuna e cuja estátua de mármore aí está e cujo modelo vi na oficina do escultor creio que Oliva uma das vezes que estive em Paris. Hei de procurar fotografia da estátua e cópia da inscrição. Depois tomei a minha ducha encontrando no Hamam o coronel chileno da casa do Krupp, e para aqui vim a pé.

11 ¼ Parto. 3h 55' Estou no vagão para regressar. Almocei com Gaston, Isabel, meninos, Nemours, Riancey, Mota Maia e os netos grandes. Comi com vontade. Li ainda o que faltava do tomo da História escrita pelo que ainda não tinha lido Riancey e entreguei a Riancey. Depois com o Nemours, Gaston, Isabel e Riancey vi parte do que me faltava das galerias do museu cujo exame espero ainda concluir antes do fim do mês e breve partirei – em movimento.

5h 20' Chego a casa. Respondi a telegrama de parabéns da Chica.

10h Li e acabei o folheto sobre a Igreja de Montmartre que lá comprei e é muito interessante. Jantei bem só com os brasileiros de minha casa e da do Nioac e Isabel com os Tostas, assim como Eduardo Prado. Depois veio o coronel chileno de que tenho falado. Conversamos todos e retiraram-se Isabel com os Tostas e o chileno. Meu neto Pedro esteve no jantar, mas o Augusto não apareceu. Agora vou tomar *[ilegível]* e ler ainda deitado, creio que pouco tempo, pois creio que pouco pois tenho sono. Mas talvez a Musa me socorra.

11h Assim, assim, e vou deitar-me.

20 de outubro de 1890 (2a fa.) – 6 ½ Pouco li ontem mas antes de ler o artigo da Revista dos Dois Mundos sobre a vida de Cristo de Père Didon careço de fazer versos.

8h E não ficaram maus. Vou escrever.

12h 55' Almocei bem. Antes fui à ducha, e depois por ser segunda-feira não podendo visitar Ste. Chapelle e Hotel Cluny, fui a St. Germain l'Auxerrois que percorri toda vendo as pinturas, monumentos funerários, e vidros pintados antigos e modernos. Recebi ontem de Sena Ildefonso telegrama de parabéns da rainha Isabel.

1h 40' Comecei a traduzir a poesia de Liégeard Au pays de Bourgogne mas vieram condessa da Estrela e Maia Monteiro. Vou sair.

6 ¼ Volta. Assisti à sessão dos Americanistas na qual ouvi Gafarel responder muito bem a um que se ocupou do descobrimento de terras da América antes de Colombo, disse alguma coisa sobre Gaspar Corte Real que viu a Groenlândia antes de Colombo ter descoberto a América. Trouxe publicações que lá me deram. Segui depois para a Academia das Ciências onde mandei dizer a Daubrée que me encontrasse e sendo curta a sessão estive na biblioteca vendo manuscritos curiosos e falei a Renan que escrevia na sala imediata. Se me lembrar quais sejam os manuscritos falarei deles.

Terminei o programa por visita aos Estrelas barão e Teresa. Esta fez-me esperar um porque pois *[sic]* vestia-se de haver-se fotografado em traje de uma peça que representou e o qual deve ficar-lhe muito bem prometendo mandar-me um exemplar. Convidou-me para jantar em casa dela ficando de lhe mandar dizer o dia e a ela de escolher os convidados. Enfim foi visita mui agradável *[sic]*.

10h Jantaram Guai e a mulher que se foram agora e partes nestes dias para o Brasil mandando pela baronesa muitas lembranças à mãe dela, viúva do Laebe e toda a família dela assim como pelo barão a todos os meus conhecidos da Bahia. Veio o Cora professor de etimologia da Itália com muito conversei sobre a Itália e seus homens notáveis modernos prometendo-me ele diversas publicações importantes de sua terra. Veio também Villeneuve cuja mulher partiu hoje sem

responder à minha carta, mas creio que voltará a Paris antes da minha partida segundo me disse. Esqueci dizer que antes do jantar estudei hebraico e continuei o cotejamento da tradução alemão dos Lusíadas com o original. Não tenho sono e poetarei.

11h 5' Quem quer quase sempre vence, porém estava mais disposto para a realidade do que para a ficção – e cama! 11 ¾ Mas para lá vou somente, porquanto não pude traduzir da poesia Au pays de Bourgogne – Journée de Vidanges.

21 de outubro de 1890 (3a fa.) – 5h 40' Já não tinha sono e estou escrevendo.

12h 50' Ducha e Instituto Pasteur de que chego. Almoço e falarei logo de tudo.

1h 25' Belo edificio, antes palácio. Defronte um belo grupo fundido do escultor Truffor representando rapaz que para salvar a outrem é mordido pelo animal danado e foi o primeiro que experimentou o tratamento Pasteur. Examinei tudo e de tudo falarei depois das informações que pedi a Pasteur.

3 ½ Falei sobre direito principalmente romano ao advogado Levita que me trouxe a obra de Ihering. Estudei com Seibold árabe e Lusíadas comparados à tradução alemã e vou sair.

5 ½ A St. Chapelle ainda fechada, mas tornei a ver com muito prazer a igreja de S. Sulpício tão minha conhecida. Havia pouca luz e por isso mal vi as belas pinturas de Signon, Landelle e outros. Hei de voltar lá amanhã espero entrar na St. Chapelle defronte de St. Sulpice rodeei a frente dos 4 belos leões aos pés dos outros da Igreja de França. Fenelon olhando para a igreja e tomando pela esquerda Massilon, Fléchie e o grande Bossuet. Ouço a voz da Estrela creio eu e vou falar-lhe.

10h Não foi a Estrela. Jantei bem assistindo da gente de fora o Machado que foi nosso cônsul, a viúva do Pereira de Souza, a moça bonita de meu conhecimento da Paraíba do Sul, filha do Miranda Jordão e cunhada da filha da Dona Vera com a mãe também viúva. Depois veio o Eça de Queiroz cônsul português aqui, para onde veio de Bristol e que muito me informou de coisas portuguesas. Foram-se. Conversei um pouco com os de casa e o Machado e depois de tomar chá vim para o quarto continuar a tradução e ler deitado o que puder.

22 de outubro de 1890 (4a fa.) – 6h Não li muito querendo antes adiantar a tradução porém a Musa estava dorminhoca. Agora talvez acordasse e vou também despertá-la.

9h ½ Breve está tudo traduzido. Vou me vestir.

12h 10' Boa ducha, Ste. Chapelle – toda. Palais de Justice em parte, mas lá voltarei. Temperatura que foi só de 3°.

1h Acabei de ler um “La litterature americaine” J. Francis Shepard(?) que mandou-me seu livro Essays and Pen-Pictures com estas palavras da letra dele. “To his Majesty Dom Pedro d’Alcantara Homage of the author. Paris, Oct. – 1890”. Não tenho tido tempo para escrever logo o diário e por isso não irá muito em ordem. Fui com Daubrée à sessão da sociedade de Agricultura de que sou membro. Houve diversas leituras interessantes e vi pessoas já conhecidas minhas e conheci outras. Visitou-me o Père David do Instituto, cuja conversa sobre suas viagens que mormente a da China e Tibé foram muito interessantes. Prometeu-me diversas obras.

Dei lição de árabe com Seibold. Jantei bem e com os do costume, chileno coronel Almeida e Camille Doncet cuja conversa é muito agradável e jovial, contando sucessos interessantes do Império, tendo sido secretário do Baron Fain e merecido a confiança do Imperador. Vou tomar tendo todos se retirado menos os donos da casa. Vou agora tomar chá. Tomei-o. Esqueceu-me dizer que depois da Sociedade dos agricultores percorri as partes egípcias e assíria. Agora já a cama me pede e vou deitar-me lendo quanto puder. 11h ¾ Pois acabei quase a tradução da poesia de Liégeard – e agora vai a caixa ao porão – mas sem sono e talvez ainda pegue em livro.

23 de outubro de 1890 (5a fa.) – 6 ¾ Dormi bem mas não li na cama, porém continuei a tradução que vou ver com a cabeça fresca de ter dormido embora quente sem figura de retórica mais se preste à poesia.

8h 40' Vestido. Traduzi quase tudo.

12h 40' Boa ducha e Museu de Cluny de que trago o catálogo. Vi tudo, porém lá voltarei quando puder.

5h 10' Almocei bem. Conversei com diversos. Traduzi árabe com Seibold. Fui à sessão da Academia que se ocupou das páginas, que trouxe, do dicionário que ainda continua na letra, e onde vi diversos de meus conhecidos para não dizer todos os que compareceram entre os quais Aumale, e indo ao Louvre disseram-me que estava fechado mas também já estava

pouco claro, e por isso vi melhor o monumento a Gambeta feito por subscrição nacional, havendo à roda na base os nomes das povoações que subscreveram. Nada tem de artístico. O arquiteto foi o escultor Aubé. As figuras estão bem fundidas. Hei de procurar fotografia do monumento. Vou falar a Porfirio Teixeira Lopes genro de Vitor de Oliveira. Estive esta manhã com Abou Nadara egípcio cuja conferência ouvi em Lisboa da outra vez que aí estive. Junto folheto que ele me deu. Estive agora com o médico Dr. Ângelo da Veiga irmão do senador Evaristo da Veiga. Já me viu em Cannes e veio buscar o doente que trouxe então. A filha de Vitor de Oliveira parece-se muito com o pai o qual me disse continuar na Suíça por causa da saúde da mãe dela.

6h $\frac{3}{4}$ Estive com o irmão do André de Pádua Fleury. Foi secretário do Gonzaga no Rio Grande do Sul e creio que continuou com o Boa Vista. Falamos dessa época da invasão dos paraguaios. Pedi-lhe notícias do irmão o qual disse-me se retirara do serviço público. Recebi o Machado ex-cônsul do Brasil aqui, e sua filha, e genro A. Papeians de Morchoven. Paranhos agradeceu-me em carta que Nioac os pêsames que lhe mandei por morte do irmão e vem amanhã.

10h Jantaram além dos do costume a família Avelar com quem conversei depois da comida e retirou-se há pouco. Vou ver se acabo a tradução e deitar-me-ei para dormir – breve creio eu pois estou bem disposto para tal.

11 $\frac{1}{4}$ Acabei-a. Na copiá-la limá-la-ei *[sic]*. Julgo-a sofrível. Pelo menos provou-me que não estou muito mal com as Musas. Vou deitar-me e ler ainda La critique et l'histoire dans une vie de Jesus Christ na Revue des Deux Mondes do 1º de 8bro.

24 de outubro de 1890 (6a fa.) – 6 $\frac{1}{2}$ Dormi bem, mas não sei rolar na cama. Já acendi velas e vou ler o artigo começado do livro de Père Didon.

9h 35' Vestido. Vou para a ducha. Dia ruim. Chove mas pouco.

12h 5' Boa ducha. Visitei St. Germain-des-Près. Pinturas e busto do pintor Flandrin. Lápide na parede com o nome de Boileau e inscrição apropriada. Sepultura de Casimiro que foi rei da Polônia e morreu abade de St. Germain-des-Près. Hei de procurar guia da igreja. Vou falar ao Barral.

10h $\frac{1}{4}$ Almocei com o Barral. Dei lição com o Seibold de sânscrito e comparei os Lusíadas com a tradução alemã. Fui à sessão da Academia das Inscrições e Belas Letras ficando assentado ao pé de Renan. A sessão esteve interessante. Cortei o cabelo no cabeleireiro Pic no boulevard Haussmann. Jantei com Amelot com quem conversei bastante. Procurou-me o Paranhos para agradecer-me pelos pêsames da morte do irmão, e conversei também bastante com ele. Escrevi cartas de recomendação para Revy entregar ao imperador da Áustria, Say e Paul Leroy Beaulieu. Agradei à condessa Hoyos a fotografia dela e dos filhos. Vou-me deitar e ler ainda o artigo do Père Didon até dormir.

25 de outubro de 1890 (sábado) – 6h Dormi bem embora sonhasse o que causa prazer pois mostra que o cérebro trabalha. Acabei de ler o prefácio publicado da vida de Cristo pelo Père Didon. Anotei todo o artigo na Revue des Deux Mondes do 1º de outubro que deixo como lembrança a Nioac cuja casa habito. Vou começar a leitura da obra de Didon. Respondi a cartas da Chica de 23 de Chantilly e de Januária de Nice de 22. Esqueci-me dizer que recebi Des poèmes latins attribués à St. Bernard e Notices et extraits de quelques manuscrits latins de la Bibliothèque Nationale tome premier – ambas as brochuras de Haureau seu autor.

Vou começar a ler carta do Nabuco – mas é tempo de vestir-me. São 9h $\frac{1}{4}$ – 11h $\frac{1}{2}$ Soube-me a ducha e depois fui à igreja de Trinité. Não é feia. Tem pouca altura. Vi todas as pinturas, porém não me agradaram. 12h Fiz versos e vou almoçar.

5h 12' Volto da sessão das 5 Academias e junto o programa anotado por mim. Escrevi também 2 cartas recomendando o Dr. Araújo professor de Fisiologia da Bahia, que pediu a Charcot e Pasteur.

10 $\frac{1}{4}$ Voltei há pouco do jantar do Instituto no Hotel Continental. Bela sala. Assistimos somente 65. Notei a falta de muitos. Fiquei entre Jules Simon à direita e à esquerda Daubrée e Bertrand. Conversei bastante até com alguns que estavam defronte achando-se de mim Ambroise Thomas. Tomei café na sala imediata, recitando Garnier sua engraçada, que não é grande e ficou de mandar-me.

Vou agora tomar chá e alterar o final do meu soneto de hoje para poder dá-lo. Depois deito-me, leio e adeus até amanhã. O Nemours respondeu de Versailles ao telegrama de parabéns por seu aniversário.

26 de outubro de 1890 (domingo) – 5h 10' Já não tinha sono. Dormi bem. Vou ler o que principiei ontem antes de dormir, o artigo da Revue des Deux Mondes de Sully Prudhomme de Pascal. 8h Acabei-o. É muito bem escrito.

Vou a Quatrefages se puder ler antes a carta do Nabuco. $\frac{3}{4}$ Acabei de lê-lo e notei-o. É justo para comigo – também eu só caprichei em cumprir meu dever, e se a inteligência me auxiliou a Deus o devo, sendo essas duas convicções o meu melhor consolo, sobretudo da morte da minha Santa para que tanto concorreram os sucessos que nos expeliram da terra que tanto amávamos eu por aí ter nascido, e minha companheira por aí ter vindo ser feliz. Mas preciso de não pensar muito nisto, porque a chaga reabre-se – Mas venha o consolo do estudo, e vou a Quatrefages – mas o soneto? A Musa acena-me.

9h $\frac{1}{2}$ Não foi polida e não tendo acabado de poetar vesti-me e vou para a ducha.

12h 5' Boa ducha e fui ver St. Clotilde onde há pinturas de Langée que não são más e baixos-relevos que não são grande coisa, tudo relativo à vida da Santa. $\frac{1}{4}$ Acabei o soneto e vou almoçar.

1 $\frac{1}{4}$ Em Le Brésil de 26 li um artigo “Le Congrès des Americanistes” resume bem o que aí se fez e exatamente o que eu aí disse. Journal des Débats de 24 “Au pôle nord en Ballon”. É muito interessante. Refere tudo o que se prepara para viagem redonda calculada em 6 meses. Chegarão ao Spitzberg cerca de julho. Crêem poder estar no ar de 8 a 10 dias e que a travessia durará apenas 4. Hermite é sobrinho do membro do Instituto e Besançon já subiu 30 vezes em balão e a última foi a do Sirius referida com interesse pela imprensa científica. Partem do porto da França escoltados por dois vapores necessários por causa do material exigido pelo enchimento do balão no local e a produção do hidrogênio puro obtido pelos processos militares empregados em Chalais a preço de 1fr 20c por metro cúbico. O grande balão de 15.000m³ cúbicos tem o diâmetro de 30m e com força ascensional de 16.500km, 1k. 100gr. por metro cúbico. Cobre-o verniz especial inteiramente impermeável de base de colódio e óleo, invenção de Hermite e não empregado ainda. Carregará 4 balõeszinhos pilotos de 50 m³ para estudo das correntes aéreas e 4 balões de 350 m³ que fornecerão gás ao principal. Para não se elevar demais e permitir as observações fotográficas atar-se-á à barquinha um cabo guia de peso considerável que ou arrastará pelos gelos ou boiará sobre as ondas e no caso de dilatação excessiva do gás reterá o balão como âncora móvel. Além disto tem um deslastrador automático que botará fora lastro conforme a tensão do cabo guia e compensará as rupturas de equilíbrio. A barquinha de vime fechada por causa do frio será revestida de aço. Conterá os dois viajantes, os instrumentos, 8 cães, um traiepeau [*sic*], um batel insubmersível, viveres para um mês e certa porção de água que servirá também de lastro e impedir-se-á de gelar por meio químico. Em cima da barquinha há tombadilho que permitirá o acesso e livre circulação externa.

2h 20' Estive com o filho do Ipanema que chegou do Brasil e vai a Bruxelas onde estão a mulher e os três filhos. Vou tomar café e sair.

5h $\frac{1}{4}$ Volto da casa do barão Larrey rue de Lille 47. Vi os retratos do pai e quadros referindo-se mais ou menos aos dois impérios. Deu-me diversos livros que trouxe, e o tempo correu muito agradavelmente. Se me lembrar alguma coisa mais de interesse escreve-lo-ei. Vou ler Quatrefages.

9h Adiantei a leitura. Jantaram Daubrée e o Père David, cuja conversa foi muito interessante a respeito da China. Disse-me não ser exato o que assevera sob a autoridade de seu nome M. de Quatrefages a pag. 78 de seu livro Histoire générale des races humaines.

Foram-se e vou ainda conversar com a gente da casa. 10h Vou ler um pouco Quatrefages e dormir depois de ler talvez algum tempo deitado se o sono permitir.

12h Quase. É tempo de deitar-me. Se puder começarei a ler o livro do Père David.

27 de outubro de 1890 (2a fa.) – 6h 35' Dormi bem. Vou ler a obra do Père David que me esquecia dizer que é basco e sabe essa língua que disse-me não parecer segundo alguns à púnica. Hei de falar mais sobre o assunto com ele.

8h 20' Para variar vou ler o último Compte-rendu, que há hoje sessão da minha Academia.

9h 10' Observação curiosa da direção dos raios por Trecul. Nota Radau sobre uma causa de variações das latitudes, havendo outra nota sobre o mesmo assunto de Gallot, Deslandes organização as pesquisas espectroscópicas no grande telescópio do observatório de Paris. Protuberâncias solares observadas na observação de Haynald em Kulsca (Hungria)

Bourquelot matérias açucaradas nos cogumelos. São as notas mais curiosas no Compte-rendu de 20. Enquanto me visto 25' lerei ainda Père David.

11h 50' Boa ducha. Igreja de S. Vicent de Paul. Acabará hoje o tríduo pelo beato Perboyre lazarista mártir da China, cujo irmão está no convento do Padre David. Vi bem tudo agradando-me sobretudo as pinturas de Bragnereau e esculturas de Carrier Belleuse.

5 ¼ Almocei bem. Falei com diversos entre os quais condessa da Estrela e Maia Monteiro. Traduzi árabe com Seibold.

Fui à Academia das Ciências onde falei com diversos confrades, sobretudo Trecul a respeito de sua nota quanto a um fenômeno elétrico, dando eu a Daubrée notícia escrita relativamente ao que observei de análogo. Visitei Charcot em sua casa no Faubourg St. Germain n° 237. É como um museu e não poderia de pronto falar do que aí vi de artístico e interessante. A casa tem jardim bonito. Esteve toda a família Charcot, retirando-se o filho antes de eu sair por ter seguir um curso Vou agora falar a uma senhora.

6 ¾ A conversa interessou-me, porém pedi-lhe que me expusesse suas idéias por escrito ficando ela de fazê-lo quando eu estiver em Cannes. Deixou-me o 2° volume da obra que eu conheço de há muito de Stephens sobre Central America, Chiapas and Yucatan, tendo notas manuscritas de Waldeck que aliás não acho tendo folheado o livro muito rapidamente.

10h 10' Jantei bem com minha filha e Muritiba, Ouro Preto, filho e genro, assim como Lafayette. Conversamos sobre negócios do Brasil, foram-se assim como Mota Maia – Aljezur não veio jantar e depois conversei ainda com Nioac e filha. Vou ler, deitar-me e ainda ler até vir sono. Recebi à tarde bilhete de Wallon do Instituto e de Cavelier escultor também membro do Instituto. Não estava em casa.

28 de outubro de 1890 (3a fa.) – 7h 10' Dormi bem. Vou ler.

8h 5' Acabei o folheto interessante Vie admirable du bien-heureux Jean Gabriel Perboyre e vou à viagem de Père David.

9h ¼ Visto-me.

12h 10' Fui a St. Augustin ouvir missa por minha Santa. Tomei boa ducha e venho visitar St. Eustache, cujo exterior não promete o belo interior. Trago folheto sobre a igreja.

5h 25' Acabo de estar na sessão da câmara dos Deputados onde ouvi sobretudo Lokroy. Presidia Spuller por ausência de Floquet. Vi monseigneur Freppel e outros deputados entre os quais um de blusa. Logo escreverei o que lembrar.

7h Faro casado com a filha do Dr. Martins Pinheiro e a irmã dela casada com o filho do Odorico Mendes e sua filha Da. Lina de Freitas filha de Ernesto de Freitas tradutor de Shakespeare o qual morreu em Lisboa e prima de Luís Antônio Vieira da Silva, Visconde do mesmo nome Conselheiro de Estado, e que foi um dos últimos ministros meus e que morreu como tal.

10 ¾ Jantaram além dos do costume Sardou e Léauty. Conversamos depois do jantar até agora com muito interesse, prometendo-me Sardou uma cópia do drama de Cleópatra e ficando para depois a discussão sobre a correspondência que tive com Léauty sobre sua pretensão de poder descobrir todas as leis da natureza pelas matemáticas. Vou ainda fazer versos e deitar-me lendo Père David até dormir.

29 de outubro de 1890 (4a fa.) – 12h ¾ da madrugada. É tempo de deitar-me.

6h 10' Não tenho sono. Vou adiantar o livro de Père David até a Musa também acordar – mas acabei de ler Guide de l'église St. Eustache.

9h ½ Vestir. 11h 35' Volto da ducha que me soube tendo visitado a Igreja de Notre Dame des Victoires e visto na praça a estátua de Luís 15 na praça cujo cavalo não é mau havendo dois baixos-relevos no pedestal que julgo serem um da batalha de Fontenoy e outro que parece representar uma apresentação ao rei em corte.

1h 40' Li Père David. Almocei com minha filha que veio com a filha mais velha do Penha e acaba de retirar-se com essa e Mariquinhas Tosta que chegara de almoçar com a mãe. Vou ler o David.

1h 50' Chegou Seibold.

5h ¼ Sânscrito. Fui depois ao Louvre e com Pierret ainda vi o museu egípcio pedindo-lhe que dissesse a Revillont que me mandasse suas últimas publicações e depois em companhia de Mr. Kampfen que parece-me diretor geral percorri a parte assiriológica, sobretudo as coleções Sarzec et Dieulafoy contando revê-la com Menant e Haron de Villefosse, assim como a egípcia em companhia de Maspero. O Louvre tem sido sempre um estudo para mim. Tornei a ver a pintura de um

teto por Carolus Duran – a falta de luz não me deixou ainda apreciá-la bem.

6 ¼ Estive com o visconde filho do Itambi e um matogrossense de S. Luís de Cáceres que acompanhou Antônia Maria Coelho em Corumbá. Tem boa fisionomia e logo escreverei seu nome. Escrevi à condessa carta que lhe entregará Dominique.

10h Jantei bem e com o Rio Branco. Conversamos até há pouco que ele se retirou. Ainda depois demorei-me a falar com o Nioac e a filha, tendo se retirado Mota Maia e Aljezur.

10 ¾ Mais soneto hoje e a Musa está teimosa em não fechar. Vou ver se a zanga dando eu mais atenção à leitura, mas será já na cama.

30 de outubro de 1890 (5a fa.) – 6 ½ Dormira bem se não fosse a câimbra na perna esquerda que bastante me incomodou. Vou acabar o folheto sobre a St. Chapelle.

7h 40' Mandei ver termômetro que marca 9° Cent. Em Petrópolis faz muito mais frio em maio.

9 ½ Acabei o folheto bastante curioso Description de la Sainte-Chapelle por M. F. de Guilhermy. Há de servir-me muito quando voltar à Sainte-Chapelle.

12h Boa ducha. Visitei St. Roch de que trago Une visite à l'Eglise St. Roch por l'abbé Vidieu. Fui à casa de Mme. Planat aonde vieram Mme. Ristori, Bianca estando incomodada e Mr. Legouvé. Conversamos bastante falando sobretudo Legouvé com quem fui de carro até a Academia Francesa tendo-se ele retirado logo e eu conversado com os conhecidos sobretudo Leconte Delisle assentado ao pé de mim a quem disse a estima literária que tinha a Renan de quem aliás me interessa a Histoire du Peuple d'Israel e ao qual disse que principiaria hoje a ler o 3° volume. Vou ver se termino o soneto de hoje. Se não preferir ler Une visite à l'Eglise St. Roch por l'abbé Vidieu.

5 ½ Estive com Oppert e o filho que é uma criança conversamos a respeito de assiriologia e o que ele me disse interessou-me, porém vejo que não se tem adiantado no conhecimento da língua que ele chamou sumeriana pertencente à família turânica. Seibold está aí.

7h Traduzi árabe e ele trouxe-me o 3° volume da Histoire du peuple d'Israel por Ernest Renan. Começarei a lê-lo hoje mesmo. Depois estive com a filha do Dr. Ernesto de Freitas que conheci em Lisboa qual apresentou-me o marido que pareceu-me inteligente e o filho apenas adolescente que julgo também sê-lo. Acabam de sair o Saturnino da Veiga que parte para o Brasil a quem encarreguei de abraço meu para Tamandaré e o filho do Senador Corrêa que vai depois e de quem me informei do pai que sempre se ocupa de instrução pública e da família dele. Torno aos versos – mas não concluí o soneto.

10 ¼ Jantei bem com a viúva do Araguaia, o filho e o genro. A filha não pode vir por causa do filho recém-nascido. O Paranhos apareceu depois. Conversei com todos e recolhendo-me concluí o soneto. Vou deitar e ler até dormir.

31 de outubro de 1890 (6a fa.) – 5h 5' Não tive sono mais e vou ler. Depois de começar o vol. 3° da Histoire du Peuple d'Israel de Renan fiz o meu soneto diário.

9h ½ Vou me vestir. 11 ¾ Boa ducha e fui a St. Thomas onde só vi digno de menção um Cristo morto pintado em 1860 por Lesruy embora em estilo realista como um cadáver da Morgue. Vou almoçar.

5 ½ Traduzi árabe com o Seibold. Fui à Academia das Inscrições e Belas Letras de onde acabo de voltar e que esteve interessante. Vou ler Père David e fazer versos.

11 ¼ Vou deitar-me. Já não tenho quase nada do que me incomodara o olho direito.

1° de 9bro [novembro] de 1890 (sábado) – Meia-noite ¼. Fiz mais um soneto que não me parece mau. Vou dormir.

5 ¾ Dormi bem. Vou ler Père David.

8h 40' Já estou me vestindo.

11h 40' Fui ouvir missa cantada em St. Augustin. Felizmente foi a de Gounot que aliás reconheceu antes de certificar-me. A execução foi medíocre. Muita gente comungou. Daí estive na ducha que soube-me. Andei de carro até a altura de St. Augustin e depois a pé até aqui.

2h Almocei bem com a Isabel que acompanhou a filha do Penha.

Estiveram cá Guaraná e José Quintiliano da Fonseca, mulher e filha do Sergipe. Também Villeneuve a quem disse

escrevesse a Mota Maia que em que dia poderia visitá-los. Está aí o Estrela a quem vou falar.

5h 35' Fui aos Inválidos vi o mais interessante que podia ver em sábado. Notei das belas pinturas murais a que representa épocas da história da França desde os gauleses. Hei de voltar. Depois estive no Père Lachaise. Infelizmente o lado cidade estava escurecido. Vi as principais sepulturas que são estas numerosas e não esqueci a de Heloisa e Abellard. Indicaram-me a sepultura do Dr. Caetano Lopes de Moura, e a lápide de Filinto Elísio. Nada se pode ler nelas e estão muito maltratadas apesar do dinheiro que tenho dado para o contrário. Assim mesmo pus flores sobre elas. Vou falar à Teresópolis.

7h Conversei depois com Lhermite quase uma hora sobre matemáticas, e por fim a respeito de teologia dogmática, muito indiretamente combatendo eu a pretensão dele de por aquelas vir a conhecer todas as leis da natureza, como ele me disse na correspondência espitolar *[sic]* que teve comigo e pelo que lhe ouvi agora não parece tão ambiciosa. Nioac recebeu bilhete de Mitre que já me procurou e que Nioac vai convidar para jantar comigo. Chamam para comer.

10h 10' Com apetite. Gente só de casa. Uma das noras do Nioac é muito amiga da Pepita irmã do Aguiar. Mostrou-me a fotografia da Pepita Mora mulher do Costa Mota, e pedi-lhe que quando lhe escrever peça-lhe fotografia dela assim como da irmã a Aguiar para mim. Vou fazer o soneto de hoje se a musa não rusgar e ler Père David. O Mitre deixou bilhete com estas palavras – “Salve Mr. le Comte de Nioac. 68 Av. des Champs Elysées, e do lado posterior: et lui prie de presenter ses respects a S. M. l'Empereur du Brésil, avec les regrets de ne pas l'avoir trouvé chez vous pour le faire personnellement mais il se fera un devoir de repeter la visite si vous avez la bonté de lui signaler une heure précise”.

11h ½ Ficou sofrível e toca a deitar-me, lendo ainda Père David até vir sono.

2 de novembro de 1890 (domingo) – 6h 25' Dormi bem e o terço está quase bom. Vou ao Père David.

7h 5' Apaguei o candeeiro pensando ter clareado mais o dia, mas daqui pouco poderei ler facilmente, e entretanto farei versos. 8 ¼ Já fiz o soneto. Quis decifrar a letra da minha tradução da poesia de Liégeard, mas não pude e volto ao Père David.

8 ½ Já principiei a vestir-me, mesmo lendo. Vou lavar-me e concluir.

5h Boa ducha. Missa em St. Augustin. Almocei com vontade. Tive a visita da filha do Guimarães, minha conhecida de Nova Friburgo com a irmã e o marido desta. Comecei a copiar a minha tradução a lápis quase ilegível da poesia do Liégeard e volto de ouvir em St. Augustin o dominico Janvier pregar sobre o mérito dos Santos. Gostei e com mais alguns anos e o talento que tem há de ser talvez um Lacordaire e já prefiro a Monsabré. Recebi um impresso do Baron Mesnard – dans lequel – diz o autor, “cherchant à se rendre l'interprète du sens commun et de l'opinion publique s'attachait à réfuter le système de politique extérieure conseillé par un journal de Paris”. Recebi carta da Condessa de Voiron a 28 de 8bro como ela as sabe escrever.

6 ¾ Acabo de ler o artigo da Revista de Portugal “Ditadura Republicana no Brasil” por Frederico de S – que é o Eduardo Prado - Só direi que lhe devo indelével gratidão por sua justiça para comigo. Já chegou Isabel que veio dar-me um beijo e são 6h 50' quase horas de jantar.

10h ¼ Jantei bem com os do costume, meus filhos e Ambroise Thomas. Depois conversei com este sobre música e seus compositores não lhe ouvindo nada de novo. Daubrée veio depois. Vou agora ler Père David depois de tomar chá, e enfim deitar-me continuando talvez a leitura até dormir.

3 de novembro de 1890 (2a fa.) – 5h 25 Dormi bem, mas não gosto de rolar na cama e para isto é que serve um bom joinquet *[sic]*. Vou a Père David.

7 ½ Li de preferência os Compte-rendus que faltavam e volto a ele. 8h Está bem claro e vou ver se continuo a cópia de minha tradução de Liégeard.

9h 50' Copiei bastante. Fui à ducha que me sabe cada vez mais e depois a St. Augustin, onde a missa estava começada e por isso ouvi também a outra que se lhe seguiu depois de algum tempo. Agora vou tratar de almoçar.

9h ¼ Almocei bem. Conversei com a Estrela, o filho Maia Monteiro e a nora. Li e fui com Daubrée à sessão da Academia que esteve muito interessante como dirão aos jornais amanhã tendo eu dado a Daubrée uma nota a respeito de fenômeno geológico de que ele falou e eu observei em S. Paulo em Casa Branca, e na Cachoeira no Rio Grande do Sul. Jantei com os

do costume e Claretie da Academia Francesa e diretor da Comédia onde se leu hoje perante os sócios o manuscrito da comédia Thermidor de Sardou. Pedi-lhe que dissesse a este que contava me mandasse cópia desta peça e a de Cleópatra conforme a promessa dele. Já se retirou Claretie e o Pedro que também jantou. Volto à sala para conversar ainda.

4 de novembro de 1890 (3a fa.) – 7h Já respondi a cartas da Condessa. Li Père David ontem antes de dormir e vou ler sua viagem pois ele vem hoje para conversarmos.

5h 10' Fui almoçar com a Condessa. Toda a família menos os Estrelas por estar doente minha afilhada esteve presente assim como os Tovares. Comi com vontade. Depois fui aos Inválidos e vi o sepulcro de Napoleão 1º, igreja outra vez e o museu de artilharia. Falarei ainda de tudo trazendo folheto sobre o monumento e os tomos 1º, 2º e 5º do Catalogues collections composant le musée d'artillerie. Vou falar ao Père David.

7h Conversa muito interessante a respeito das notas que me sugeriu a leitura de quase todo o 1º livro de Le Journal de sua viagem. Depois estive com a Coqueline e agora jantar. Daubrée veio com o David.

11 ¼ Jantei bem sem convidados. Depois conversei um pouco. Li a viagem de Père David. Fiz o soneto diário. Escrevi em resposta à baronesa Goldenchrone filha de Gobineau, sendo a data de sua carta de 3.

5 de novembro de 1890 (4a fa.) – 6h ¼ Ainda li Père David, depois deitar-me. Dormi bem mas já estou levantado desde depois das 5, tendo lido a Description du tombeau de l'empereur, de la chapelle de l'intérieur – de l'hotel des Invalides. É interessante mas podia ser mais completa. Quando voltar a Paris lá vou de novo.

9h 35' Comecei a ler o último livro de Renan e quero ver se até amanhã posso acabá-lo para poder falar-lhe na sessão da Academia. Contudo o 3º volume de sua Histoire du peuple d'Israel exige bastante estudo. Vou vestir-me.

12h 5' Boa ducha. Fui por pedido do Ouro Preto ao hospital Bichat. Agradou-me por sua limpeza e serviço anti-séptico. O diretor é o Dr. Hachard e o cirurgião principal o Dr. Terrier que tem uma vila em Cannes onde prometeu visitar-me. Gaston e o Pedrinho assim como o Augusto estão aqui. Isabel chegou e vou vê-la.

2h 20' Estive com a Andrade Bulhões e a irmã. Também estive a condessa da Estrela que pelas pessoas que provavelmente irão a Cannes fez-me entrever muito agradável estada nessa cidade. Um representante do Instituto Rudy veio em nome deste agradecer-me o ter assistido à conferência de Abou-Nadara visto Rudy ter a mulher gravemente enferma. Li o artigo do cruzeiro referindo o jantar que dei em Baden no dia 7 de 7bro [setembro]. Vou falar a Marcel Dieulafoy e sair.

5h Dieulafoy deu-me informações curiosas de assiriologia e prometeu fotografia do modelo do templo de Persépolis e a indicação das obras modernas mais importantes sobre assiriologia. Volto do palácio de Trocadero que enfrenta a torre Eiffel. São as duas maravilhas de Paris. No Trocadero só pude percorrer e não como desejara a galeria de escultura comparada. Faltam-me ainda a de etnografia e o aquário e ver melhor tudo. Trago o catálogo do "Musée de Sculpture comparée". Lê-lo-ei amanhã com toda atenção.

9h 5' Jantei com o Mître tendo conversado depois muito com ele sobre diversos assuntos entre os quais sua tradução do Inferno de Dante cuja publicação com estampas, e que brevemente aparecerá, prometeu ele mandar-me. Dei um exemplar do artigo sobre o Brasil da nova Enciclopédia, e hei de mandar-lhe um exemplar da gramática da língua Guarani do Padre Restivo de que foi editor o Seibold. Vou ainda conversar depois de concluído o soneto.

10h 20' Conversei com o Nioac e tomei chá. Vou ainda ler a obra de Renan e depois deitar-me para dormir.

6 de novembro de 1890 (5a fa.) – 6h ¾ Dormi bem. Vou a Renan.

8h 55' Li bastante. Estou me vestindo.

9h 20' Vou para a estação de St. Lazare.

10h 35' Parto para Versalhes.

5h 22' De volta em casa do Nioac. Almocei em Versalhes com minha filha família incluindo [sic] Nemours, Chica, Joinville e o Pedro grande. Fui às casas do Tosta estando ele com um antraz na face esquerda, e do Penha. Achei as casas bem arranjadas e com alguns objetos artísticos de mérito. Visitei o colégio da congregação de St. Endes onde estudam meus netos. Achei tudo o que é para ensino bom, não sendo horas de aulas, mas gostei dos gabinetes de química, onde aliás não

encontrei depósito de gás sulfídrico, mas o aparelho de Alverngiat para vácuo, e sobretudo de física onde assisti a diversas experiências de eletricidade, calórico e luz, mas não de acústica e de magnetismo que não pedi, por não ver instrumentos meus conhecidos para elas. Observei no microscópio a triquina e sei que pretendem montar microscópio solar. Quando me retirei, havendo visto o lugar dos aparelhos ginásticos e dois rapazes de mais idade exercer-se no trapézio, elogiei o colégio manifestando aliás a minha opinião contrária ao general aos estabelecimentos de instrução dirigidos por Congregações religiosas. Vou falar a José Paranaguá e à mulher. Recebi carta do pai de 8bro [outubro]. Em casa da Isabel li hoje o discurso que o Conde de Paris proferiu em Nova York e vem em La Gazette de France de 29 de 8bro [outubro], e apenas notei a repetição dos cabelos brancos. No mais agradeceu-me. Conversei bastante com o Paranaguá e a mulher, também falei com a Miranda Jordão cunhada da filha da Vera e mãe dela. Tenho que responder a carta do Marquês de Paranaguá de 8bro [outubro] e à inclusa nesta da Paes Leme de 3 de agosto.

7h 20' Jantar. Mando carta ao Hotel d'Albe.

10h 25' Mr. Behic das Forges-et-Chantiers jantou aqui. Conversamos sobre melhoramento na construção e locomoção navais e prometeu-me mandar informações a tal respeito. Estive por fim conversando intimamente e só com o Nioac e vou acabar o soneto de hoje e ler a obra de Renan. Meia-noite quase, e soneto acabado. Cama e Renan para melhor dormir.

7 de novembro de 1890 (6a fa.) – 6h Dormi bem embora acordasse algumas vezes para urinar. Vou ler David.

9h ½ Acabei o 1º volume. Vou me vestir para ir à ducha. 2h Boa. E do Hamam aonde veio Daubrée fui com ele e Mota Maia ao Panteon por uma coroa no monumento de Victor Hugo, percorrendo o edificio todo, mas não subindo à cúpula. Trouxe o folheto Une visite au Panthéon e fotografias dos frescos de Lenepreu e de Canabel. Almocei com vontade e recebi o Godofredo Taunay que veio consultar-me sobre nova edição da Retirada da Laguna em francês do Alfredo, dando-lhe eu o conselho de acompanhar a edição do retrato do autor e de um prefácio dando idéia da topografia da região pelo barão do Rio Branco a quem poderia pedi-lo em meu nome. Depois estiveram Penha e os dois genros assim como Wagner. Veio também o Gaston saber como eu tinha passado desde ontem. Agora vou continuar a leitura de Renan. Acabo de estar com o Eduardo Prado a quem dei um abraço pela seu artigo assinado F. S. na Revista de Portugal onde foi tão justo para comigo. Vou sair.

4h 50' Academia das Inscrições e Belas Letras. Durou pouco. Falei aos conhecidos. Leu-se um trabalho sobre uma pintura etrusca e li na pedra preta a inscrição de um nome, porém nada ouvi no sentido da interpretação do escudo. Conversando com Breal disse-me que só se conhecia a significação de 15 palavras pouco se tendo adiantado, segundo me parece depois dos trabalhos de Corcem, o que mais houve di-lo-ei depois que ler o resumo publicado pelos jornais. Disse a Renan que estava lendo o 3º volume de sua obra, e que conversariamos depois. Vou continuar essa leitura.

11h 20' Jantei com as pessoas do costume e Ferreira e genro. Antes do jantar estudei com Seibold árabe e a tradução alemã dos Lusíadas comparativamente ao original e tive a visita de Mme. de Villeneuve. Agora tendo feito o soneto de hoje vou deitar-me e ler até dormir.

8 de novembro de 1890 (sábado) – 7 ¾ Dormi bem, embora acordasse por vezes para urinar. Estou de candeeiro aceso e vou ler.

12h Li bastante. Fui à ducha que me soube e depois a St. Nicolas-des-champs de que trouxe brochura. A igreja interessou-me.

5 ¼ Almocei bem. Conversei e à 1 ½ fui ao Hotel d'Albe visitar Villeneuve e a senhora que me trataram como sempre conversando com eles até horas do Instituto sessão da Academia das Belas Artes não tendo assistido às 3 à da Academia das Ciências Morais e Poticas [sic] por causa da visita que fiz tendo-me Mme. de Villeneuve emprestado a obra That Loos O'Lowrie's que lerei amanhã na viagem. A sessão pouco me interessou. Falei dos conhecidos e não pude arranjar com Garnier minha visitar amanhã à ópera vou falar à Inhoan e à Boulanger.

10h ¼ Jantei bem com os do costume, Nabuco e mulher e outros brasileiros, assim como Tovar e a mulher. Conversei depois e vou agora talvez fazer versos antes de deitar-me para ler e dormir.

9 de novembro de 1890 (domingo) – 6 ½ Dormi bem embora já se sabe me levantasse [sic] algumas vezes. Vou ler. 8h

10' Acabei o soneto do dia e já mandei-o. 9 ½ Li quase toda a Notice sur la Paroisse de St. Nicolas des Champs por l'abbé Pascar. Vou me vestir.

11h 35' Fui à missa em St. Augustin. Pregava l'abbé Juan na missa cantada. Pouco ouvi. Depois assisti à missa rezada. Vim à ducha e depois a pé até tomar o carro pouco além de St. Augustin. Vou almoçar.

12h 35' Bem. 1h 40' Estive lendo Notice sur la Paroisse de St. Nicolas des Champs. Vou agora sair.

3h 40' Mitre, papel apenas deixado em casa da rainha Cristina, Daubrée. Já dei beijinhos nos netinhos e na Isabel. Vou ver as visitas. Depois falarei de tudo.

7h 5' Partida. Amanhã direi o que ainda houve em Paris.

10 de novembro de 1890 (2a fa.) – 4 ¾ Deitei-me para dormir às 10 depois de ter chegado a Laroche. Dormi bem. Estou vestido e lendo. Passei Avaloz.

7h 10' Tomei café e pão torrado. Soube-me.

7h 23' Avignon. 8 ¼ Tendo estado a fazer e retocar o soneto. Li no Diário do Comércio de 11 de 8bro [outubro] uma poesia “Imperador do Brasil partindo para o exílio” que não é minha, porém não rejeito pelo sentimento.

9 ¼ Paramos dentro de grande túnel para deixar outro passar em sentido contrário. Continuamos. 20' Saímos. 24' Saída de túnel pequeno. 25' Estamos em Marselha e vamos para a estação a que chegaremos em minutos. ¾ Fui para a plataforma e avistei bem Notre Dame de la Garde. 10h 18' Três túneis, de que o intermediário pequeno e o último maior. Avisto novamente o mar. ½ Acabei de ler antes por causa dos desenhos, e por isso melhor percorrendo-o o Supplément spécial de l'Indépendance belge. Dedié à les lectrices. Novembre 1890.

11 ½ Acabo de almoçar bem depois de ter passado por Toulon, avistando o Fort Lamalgue, e tendo passado por diversas estações. 12h 50' Li o decreto de 6 de 8bro [outubro] para a comissão da dívida interna do Brasil, que não me pareceu mau. Passando pela estação de S. Rafael pedi ao chefe da estação notícias da família de A. Karr e pedi-lhe que desse meus sentidos pêsames.

New-York Herald de 9 de 9bro Caudeamus igitur. Grande procura da vacina contra a tísica – Interrupção pelo grande túnel – pequena inoculação do micróbio achado por Koch. 1h 35' Depois de túnel chegamos a Cannes.

1h 55' Já estou no meu quarto de cama no hotel “Beau Séjour” e Rosse que me recebera na estação encontrei-o eu já à porta do hotel. Acenderam fogo e o quarto está quente demais.

2h 50' Já escrevi e torno a ler o livro que me emprestou Villeneuve até horas de jantar. Mas por ser mais curto li em O Comércio do Porto de 6 um artigo “As habitações baratas e suas condições higiênicas”. Vou jogar bilhar com o Aljezur. Leio no jornal de que falei telegrama que informa de New York ter o arquiduque João Salvador morrido afogado numa embarcação não se dizendo onde.

4h 40' Basta de jogar. Vou ler o número de 8bro [outubro] do Journal des Savants.

9h ¼ Vi na estação diversos conhecidos entre os quais o President Roland. Jantei bem jogando depois bilhar que está em cima num quarto no corredor onde habito, havendo o geral no antigo lugar. Depois acabei o artigo do Journal des Savants “Charles Levêque”. La Philosophie de Platon. É muito bom e anotei à margem. Vou ler na sala.

10h 20' Cama e ler um pouco e dormir. Ainda não responderam de Paris aos telegramas meus. Apenas a família mandaram telegrama desejando feliz viagem a mim e ao Pedro.

11 de novembro de 1890 (3a fa.) – Dormi bem. Vou ler o Journal des Savants.

9h 6' Resposta de Nioac a meu telegrama.

10h Vestir.

10 ¼ Boa ducha.

11h 20' Passei a pé pela praia além do farol tendo comprado antes flores à vendeira do costume. O tempo não está bonito. Vou ver ser copio mais da tradução que fiz a lápis da poesia de Liégeard.

5h 25' Almocei bem. Conversa interessante com o Penedo. Passei de carro pela Route des antibes, e a pé pela praia antes do cabo e à volta de carro por estar tomando de novo o caminho por onde viera. Recebi telegrama da Estrela sem ser

em resposta e respondendo a Nioac, Villeneuve e de meus filhos. Vou fazer o meu soneto se o estro acudir ou ler o Journal des Savants.

7h 50' Escrevi os 2 quartetos. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur e vou terminar o soneto.

8 ³/₄ Fi-lo. Vou para o bilhar.

10h 5' Joguei ainda com o Aljezur. Depois conversei com aquele, Mota Maia e meu neto Pedro com quem folheei a obra de Harvard sobre móveis de diferentes épocas e de que não conhecia todos os volumes e de que percorri há pouco o 1º e o mesmo farei com todos outros amanhã sem ser à luz da lâmpada. Vou agora ao Journal des Savants. Li-o bastante.

São 11 ³/₄ Vou deitar-me e ler até vir sono.

12 de novembro de 1890 (4a fa.) – 5h ¹/₂ Não li muito de noite. Dormi bem acordando duas vezes. Vou ler.

6 ³/₄ Acabei de ler o Journal des Savants. Vou escrever.

7h ¹/₂ Já escrevi.

9h 12' Continuei a leitura do Renan e a cópia da tradução da poesia do Liégeard. Vestir.

11h Volto. Boa ducha. Fui a pé até além da Promenade du Midi e voltei de carro. Enquanto me vestia depois da ducha comecei a ler o Débats de ontem.

12h ¹/₄ Vou sair.

4h 10' Estive no colégio e assisti a todas as aulas que havia então. O abbé Federlin levantou-se com a sua flebite para ver-me e acompanhou em grande parte da visita. Disse a Mota Maia que pensasse no melhor modo de dar eu prêmios por ocasião de sua distribuição. Vou ao Seibold.

7h 35' Árabe. Cotejamento da tradução alemã dos Lusíadas com o original. Foi bom estudo. Jantei bem e joguei bilhar com Aljezur. Recebi em carta fechada do Rio – D. Pedro d'Alcântara "Inédito". Em que leio estes versos – estão impressos.

Foram vossos ministros, vossa filha

Que o leão que espreitavam... provocavam

O filósofo tereis reconhecido

Nada de grandezas preferindo

Num saudável retiro

A paz da consciência

Tem muitos versos que não são grande coisa. Assinado M. Amaral. Vou começar o 2º volume que mandarei também anotado ao autor, o Père David de seu Journal de mon troisième voyage d'exploration dans l'Empire chinois. 1875.

9h 45' Estou com muito sono mas é cedo para dormir. Vou ler Renan.

10h 40' Vou ler Père David.

13 de novembro de 1890 (5a. fa.) – 7h Dormi bem. Vou acabar a cópia da tradução da poesia de Liégeard.

9h ¹/₂ Quase acabada e eu pronto para a ducha.

10 ¹/₄ Boa e estou já saboreando o café.

11h 13' Passei a pé além do farol na direção da Promenade du Midi voltando de carro. 40' Acabei quase a cópia e vou almoçar.

2h ¹/₄ Almocei bem. Terminei a cópia que dei a Mota Maia para por a limpo. Recebi carta de 13 do Daubrée. Conversei com Itajubá que esteve com a Mana Januária em Nice. Ainda não se pode mover. Vou sair de carro.

4h 25' Volto do observatório da Califórnia. Que bela vista do alto do mirante. Havia passeantes, encontrei a hospedeira da outra vez. Lindo por do sol.

6h 10' Seibold sânscrito e Lusíadas. Chamam para o jantar.

8h Bem, havendo conversa à mesa a respeito do procedimento político dos bispos. Joguei bilhar e li no Débats de ontem o resumo da sessão de 10 da Academia das Ciências Berthelot que diz que Mr. Moissan reconheceu fluor e não color nos cristais de fluorina, Fremy apresentou rubis que de 7mm já chegaram 75 de peso. Houve outras comunicações menos interessantes. Carta de Daubrée de 11 fala dos rubis e diz que em comité secret resolveu-se de acordo com a seção de astronomia manter o estado atual do observatório com sucursal o mais próxima possível para observações exigindo céu

puro e grande estabilidade, com o desejo de manter os vastos subterrâneos, que bordam os edifícios e servem de zona de defesa contra as construções particulares. Mouchez premeditava a deslocação total.

10h ¼ Já escrevi carta para mandar amanhã para Paris. Vou deitar-me e ler a viagem do Père David até dormir.

14 de novembro de 1890 (6a fa.) – 7h 20 Não dormi. Escrevi à Condessa Edla prevenindo-me da minha ida [sic] à Lisboa e a Villeneuve.

9h 20' Li e vou à ducha.

11h 35' Soube-me. Passeei a pé até a Promenade du Midi. Fiz o soneto e vou almoçar. Na ducha continuei a leitura da viagem do Père David.

12h 25' Bem. Grande discussão ao almoço com Aljezur sobre religião. Embora profundamente cristão eu não penso como ele creio que melhor é não discutir mais com ele e buscar outro assunto de conversa. Vou ao Renan que está atrasado.

1h 35' Li bastante e vou falar a alguém.

4h 25' Volto do observatório da Corniche. Que bela vista. Desci a pé até Vallauris. Onde vi estar-se construindo um edifício para Delphin Massier filho de Clément e fui ver a exposição da fábrica deste onde pedi que me expusessem o objetos para crianças quando eu lá voltar. A tarde esteve muito boa. Vou ao Seibold. A pessoa que queria falar-me antes de eu sair era o arquiteto José Ravagnelli que trouxe-me uma fotografia da Coluna da liberdade erecta na cidade do Rio Grande com o artigo referente do Diário do Rio Grande de 10 de 10bro [dezembro] do ano passado.

10h ¼ Hebraico – quero terminar minha tradução de toda a Bíblia e fá-lo em latim pela concessão deste – e comparação de uma das traduções alemãs dos Lusíadas com o original. Jantar que me soube. Bilhar com o Aljezur. Leitura da Histoire des Peuples d'Israel de Renan 3º volume. Conversa, chá, ainda conversa e vou deitar-me e ler até dormir. Disse ao Aljezur que pedisse à livraria pública de Cannes as obras de Guerin sobre a Terra Santa.

15 de novembro de 1890 (sábado) – 6h 20' Dormi bem. Vou ler. A manhã está lindíssima. Já li bastante Père David e o novo dia convida-me a poetar.

11h 35' Antes de sair fiz o meu soneto. Boa ducha. Passeio até e na Promenade du Midi. Comprei ramallete com violetas à costumada vendeira e as flores inspiraram-me o começado soneto que o almoço interrompe. 12 ¼ Bem. Volto ao soneto. 1h 20'.

4h 50' Estive com a viúva Blanchoux e uma amiga. Chegou Seibold – continuarei depois – 10 Fui passear de carro e bom estirão a pé até chegar a ermida de St. Cassien. O leigo que aí estava Frère Louis Gonzague Dombre foi para Nimes e está servindo a Capelinha em cuja casa anexa habita, tudo quase como dantes. Fr. Jacinto franciscano do Convento de Ara-Coeli de Roma o qual fala muito bem francês conversando também com ele em italiano. Percorri toda a pequena esplanada da colina tão bem sombreada pelo arvoredado entre o qual se goza de linda paisagem. Fr. Jacinto pediu uma vida de Santos como a que dei ao outro anacoreta, e hei de levar-lhe quando lá voltar. Traduzi Isaías e continuei o estudo dos Lusíadas com o Seibold. Jantei bem. Pedro estava ausente. Joguei bilhar com Aljezur. Li Renan e fui conversar na sala com meus dois constantes companheiros. Acabo de tomar chá e vou ler na cama Père David até dormir.

16 de novembro de 1890 (domingo) – 6h ½ Dormi bem mas urinei três vezes. Dia bom. Vou ler. Havia ainda pouca luz.

8h Acabei o soneto e escrevi para Paris.

8h ½ Acabo de responder à Condessa da Estrela e ao Nioac.

11h 10' Boa ducha. Passei pelas flores e comprei ramallete com violetas à costumada. Volto da missa em Notre Dame du Bon Voyage, pois na capelinha perto do hotel não há agora missa à hora conveniente. Reparei para os vidros pintados da Igreja que não são dos melhores e entre os quais há um que representa a matança dos frades na ilha de St. Honorato pelos piratas sarracenos. Reconheci entre as pessoas que assistiam à missa a mulher daquele, em cuja casa onde há tantos objetos curiosos estive eu pela recomendação de Roland e dei os bons dias a ela.

11h 35' Comecei novo soneto suscitado pelo ramo comprado com violetas e vou almoçar para depois terminar.

1h ¼ Acabado, tendo antes almoçado bem. Escrevi esta manhã a Mme. Blanchoux mandando-lhe uma carta para Perrotin do Observatório de Nice, a qual lhe servirá de introdução como a sua amiga Melle Van Dijk. Vou ler a Tribuna do Rio de 19 d 8bro [outubro]. Artigo do Barão de Ladário “Acrescia... a convicção de que estava à testa... com a responsabilidade de ministros honrados antes um venerando patriota de sentimentos da mais pura democracia... Não obstante haver sempre me distanciando de seus paços... mereci sua confiança... dando-se-me a maior liberdade de ação... Como pois nessa hora extrema de ter grande infortúnio para si, não o havendo provocado, e a justiça de história o confirmará, podia eu abandoná-lo?” Copiei o que mais importante me dizia respeito. 19 de out. S. Pedro d’Alcântara.

Tão longe de nós distante

Onde irá seu pensamento

Ao ver a pátria querida

Em tão cruel sofrimento!

2h 5’ Vou sair. 5h Volto do passeio pela Esterel até quase ao vale de Moniou-Veiu cujos recortados avistei. Na volta andei bastante a pé. Bela tarde e por do sol de um rubro sangüíneo. Vou principiar Jesus Christ pelo Père Didon. Será minha leitura dominical.

6h Tenho gostado muito. Chamam para jantar.

7h Jantei bem. Tenho recebido antes a primeira carta da Isabel de 14 de Versailles. Fala-me do concerto em casa da Chambrun, a que assistiram Ambroise Thomas e Daubrée. Manda-me lembranças de Planat e diz que a filha de A. Karr escreveu-lhe que me dissesse quanto me ficara grata das lembranças minhas que lhe mandara ao passar por S. Rafael.. Vou continuar a ler Jesus Christ de Didon. Já vaticinei ao jantar que ele seria breve membro da Academia das Inscrições e Belas Letras. Será com Lacordaire o segundo frade dominico do Instituto.

9h 35’ Fui conversar na sala, tomei chá e torno a frêre Didon. Mandei comprar outro livrinho.

10 ¾ Sinto deixar o livro de Didon, mas cumpre deitar-me e o livro do Père David é mais cómodo. Breve estarei dormindo.

VOLUME 35

EXÍLIO - 17/11 a 25/12/1890

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

17 de novembro (2a fa.) 1890 – 6h 10’ da manhã. Vou responder à carta de minha filha de 14 e mandar-lhe o livro do diário. 23’ Respondida sobretudo com diário. Agora Père David.

7h 35’ Mas veio a Musa e fiz o soneto. Escrevi para Paris e vou fazê-lo para Voiron.

8h Feito e enfim Père David – Não ainda respondi a carta da Gondim de 19 8bro [outubro] dando parabéns. Agora creio que vai.

9h ¼ Li bastante e vou me vestir. Dia de sol brilhante. 11h 24’ Boa ducha. Li Père David e dei o passeio do costume comprando ramallete à vendeira que já comigo para as violetas que vão sugerir-me novo soneto em etas – mas não posso deixar de recordar que deixei hoje às 3 horas da madrugada, porque assim me pediram para evitar conflito receado, o Paço da cidade para embarcar no Paraíba que seguiu às 2 da tarde para a Ilha Grande de onde o Alagoas que não estava então ainda pronto veio tomar-me para deixar o meu Brasil. Tristes recordações. Assim não custasse tudo isto a vida à minha Santa em cuja sepultura rezarei o mês próximo indo para isto a Lisboa. Chamam para o almoço. Fica o soneto para depois.

12h 20’ Conversa com o Pedro sobre seu procedimento durante os últimos tempos do Brasil que não me parece ter sido tão correto como ele diz, todavia comi com vontade. Recebi de Sardou cópia manuscrita da sua Cléopâtre. Vou ao soneto. 1 ½ Feito.

Carta que muito me comoveu escrita a 15 pela Chica.

4h 20' Volto do passeio pelo Boulevard Croix-des-Gardes com regresso pelo Leader. Tarde belíssima. A pé e de carro gozei bem o panorama. Garibondi, Mougins, Monsarloux (Mons. Sertorii) Grace, Oribeau (horrium belli), linha do Taneron, enfim o passeio até fez-me muito bem ao físico. Estou bem disposto à espera do Seibold. Talvez ainda fale do passeio.

7h ¾ Árabe e Camões. Creio boa a lição. Jantei com vontade e só nós 4. Aljezur, eu, Mota Maia e a mulher. O Pedro não sei aonde foi. Faço mais companhia a ele do que ele a mim. Joguei bilhar com o Aljezur que vai agora ler-me e depois lerei eu Père David. Quero acabar seus dois livros para terminar o de Mr. de Quatrefages que desejo mandar-lho antes do fim do mês se puder.

9h 10' Estive com Mr. de Bois-Brunet e conversamos a respeito de assuntos relativos ao direito e com o padre Eugène Bonnet da diocese de Moulins que deseja emprego. Estudou em Roma, e deu-me informações sobre o assunto.

Recebi carta datada de Hamburgo de 13 de novembro do judeu Salomon Levy com uma folha de flores pintada incluindo citação hebraica seguida de tradução alemã. Para o Seibold amanhã. Vou ouvir ler o Aljezur até horas do chá. Leu em Le Petit Marseillais de hoje “La République au Brésil” Rio de Janeiro 16 Novembre “Les chambres sont reunies aujourd’hui en congrès et la présidence a été donnée au président du senat. Le secrétaire a lu en message de M. Deodoro da Fonseca présidente du gouvernement provisoire. Par ce message le présidente remet le gouvernement aux Chambres en leur expliquant la conduite du gouvernement provisoire et en leurs indiquant la tâche qui dès à présent leur incombe. Le congrès nommera une commission pour remercier et féliciter Mr. Deodoro da Fonseca. À l’occasion de l’anniversaire de la proclamation de la République des revues de troupes et des rejoissances ont en lieu avec grand enthousiasme dans les principales villes du Brésil.

Tem também artigo que lerei depois “La guérison de la tuberculose”.

10 ½ A transcrição do que leu Aljezur foi feita há pouco, depois do chá e vou agora deitar-me e ler Père David até dormir.

18 de novembro de 1890 (3a fa.) – 6h 25' Dormi bem, mas levantei-me três vezes para urinar. Dia bonito. Acendi a lâmpada e vou ao Père David, mas aí está o artigo do Petit Marseillais de ontem que não lera ontem “La guérison de la tuberculose”. “Richet et Hericourt ont communiqué à la société de biologie des résultats de leurs recherches sur la vaccination de la tuberculose. Ce sont les premiers essais couronnés de succès de vaccinations par des substances chimiques élaborées par les microbes suivant la méthode Pasteur. On télégraphie de Berlin au *Journal des Débats*. Le désintéressement de l’illustre savant est absolu. S’il ne veut point encore divulguer de secret de la composition de son remède c’est uniquement à fin de n’en pas compromettre le succès. On remarque avec une juste admiration que dans le mémoire publié hier le Dr. Koch dit... qu’il a fait sur lui-même... alors qu’il ne savait pas encore s’il produirait les effets espérés. Le soleil publie l’extrait suivant d’une interview avec le Dr. Dujardin Beaumetz. Il est presque hors de doute que ce liquide est une culture de la sécrétion du microbe... culture additionnée de cyanure d’or, les microbes sécrètent un liquide une toxine qui les détruit même en empoisonnant le malade. La culture consiste... à rendre inoffensifs par le malade les effets du liquide en les conservant destructifs pour les microbes vivants – Vienne 16. Le célèbre professeur Nothnagel en ouvrant son cours a prononcé une véritable apologie du Dr. Koch”. São elogios e apenas noto “Mr. Koch était un simple de destoit... Ce que Mr. Koch a découvert est aujourd’hui le patrimoine commun de tout le corps médical. Nous sommes arrivés a un instant qui marquera dans l’histoire humaine. D’autres professeurs de l’école de médecine ont également rendu hommage à la découverte du docteur Koch, mais un d’entre eux le docteur Schnitzler... a mis ses auditeurs en garde. Au conseil municipal deux membres ont proposé qu’un homme de l’art fût envoyé à Berlin pour rendre compte de la découverte et que le gouvernementût invité à établir à Vienne une clinique semblable à celle de Berlin, proposition qui a été renvoyée à la commission des finances”.

Para descansar vou ler Cléopâtre de Sardou. 8h ½ Acabei o primeiro ato. Vê-se foi escrito para uma atriz e para produzir efeito no teatro. Contudo revela estudo do Egito.

9h 6' Comecei o segundo. Vou me vestir. ½ Para a ducha.

11h 25' Boa ducha. Passeio a pé até a Promenade du Midi, que atravessei. Belo sol.

11h 40' Acabava o soneto quando chamam-me para o almoço.

11 ½ Bem. Já acabei o soneto. A Musa negaceou. Escrevi para Paris. Vou terminar a leitura do 2º ato de Cléopâtre.

2h 10' Acabei. Agradou-me muito. Vou tomar café e sair.

4h 35' Belo passeio. Juan-les-pins pela praia a pé, e até mais longe tendo tomado à esquerda pela estrada, que depois me trouxe de carro como na ida para casa. Recebo carta da condessa de Voiron a 16, dizendo estar bem perto de mim pelo pensamento e coração nestes tristes aniversários.

Está aí Seibold. 8h Hebraico e Camões. Jantei bem. Tenho jogado bilhar com Aljezur e vou à Cléopatra.

10h ¼ Tornei ao bilhar. Tomei chá e vou ouvir ler um pouco do dicionário de numismática de um russo, lendo-o Pedro. Antes de continuar a Cléopatra escrevi a Renan mandando-lhe diversos exemplares de meu trabalho lingüístico para a distribuição de prêmios no colégio Stanislas que este mandou imprimir com o caderninho, creio que para dá-lo aos premiados. Vou ler talvez Père David até dormir, depois de ter-me deitado.

19 de novembro de 1890 (4a fa.) – 6h 40' Dormi porém levantei-me 4 vezes. Vou à Cléopatra.

8h 25 Terminei o 4º que é muito dramático. O 3º não me agradou tanto pelo lado arqueológico mas é mais dramático. Vou ao último.

9h 5' Hora de vestir-me fechei a carta com as litografias lingüísticas para prêmios do colégio Stanislas que escrevi a Renan dizendo-lhe quais minhas razões a desejar ser de todas as Academias menos a Française, apesar de falar francês aos seis anos de idade, amar apaixonadamente e a litterat que ela tem animado por todos os modos. ½ Vestido.

Ducha. 11h 40' Boa. Promenade du Midi. Escrevi em resposta à Chica e à condessa. Vou almoçar.

2h Bem. Fiz o meu soneto. Escrevi para Paris.

2h ¼ Escrevi também à Ristori mandando-lhe a Vida de Jesus de Bonghi com as minhas notas. Foi ela que me enviara este livro. Passei de carro e a pé pela Califórnia atrás do hotel, Metròpole Hotel, vindo ter ao forte e daí seguindo para o meu. Boa tarde embora encoberta.

9h 50' Seibold. Árabe, Camões. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Comecei a ler o livro de Tchihatchef, que me deu a viúva. Conversei com Aljezur e Mota Maia que estavam vendo as fotografias do Brésil escrito para a exposição de Paris. Vou tomar chá.

10h 20' Conversei com Aljezur e Mota Maia. Vou continuar o mesmo livro. Acabei o artigo e que já lera na Revista de onde é extraído. Grandes projetos que sempre estudei, direção dos balões, estradas de ferro comunicando a Europa com a Índia e pela Sibéria com a América do Norte até o cabo de Horn, e do sistema atmosférico que ligará a Inglaterra à França segundo projeto de Revy, estrada de ferro atravessando na sua maior extensão a Austrália, a navegação submarina na maior escala como vão fazendo esperar os melhoramentos dos navios submarinos, que atravessarão os mares onde não há movimento das vagas, e a transmissão pela eletricidade na maior generalidade de movimento, calor, luz e sonificando o ar. Aproveitamento do movimento da maré para todos esses fins, assim como de outra qualquer força, e de todos os meios de poupá-la orgânica e inorganicamente. Enfim estudar cada vez mais a transformação das forças da natureza que nos levará a reconhecer a única que tudo regulou na ordem moral e física.

Muito mais teria de dizer, e se faço às vezes considerações desta é pelo prazer de reconhecer-me qual sou sem a menor vaidade de pensar assim, pois que aí está parece-me banal, e como já é tempo de deitar-me, não quero que julguem afetação o que digo. E cama!

20 de novembro de 1890 (5a fa.) – 6h 55' Dormi bem. Levantei-me duas vezes, vou ler Père David. 9h ½ Li bastante.

Vou para a ducha. Já estou vestido. 11h 20' Boa. Passei a pé até a Promenade du Midi. O resto de carro. Principiei o soneto e vou ver se o acabo antes do almoço.

12h ½ Bem. Discussão renhida com Aljezur já sabe sobre esse assunto. Ao menos é homem de convicção.

1h 50' Terminei o soneto. Escrevi para Paris. Vou ao Père David. 2h ¼ Café e vou sair.

4h 35' Juan-les-Pins. Carro menos o mato de Pinheiros que atravesssei a pé. Chego com belo pôr do sol. Aguardo Seibold. 7h ¾ Hebraico e Camões. Jantei com apetite e prazer pois recebi telegrama do visconde de Ouro Preto, que os banimentos tinham sido revogados pelo Congresso. Pedi explicações porque se refere ao meu e dos meus desejo responder com telegrama que já redigi.

Vou continuar o Père David. A obra do Tchihatchef tem letra melhor para de noite. Vou agora conversar. 10h ¼ Tive sono e passei pelo sono. Acordei para tomar chá. Vou ao Père David antes de deitar-me e ler talvez até dormir.

11h Mas li no Le Monde de 20 o artigo “Institut Catholique de Paris” onde vem o discurso de Mgr. Hulst reitor do Instituto. Aí leio: “La Compagnie de St. Sulpice s’est acquis un nouveau titre à notre gratitude en accordant à notre faculté le concours d’un maître dont le nom est aujourd’hui en France et à l’étranger la plus haute expression de la science dans tout la chama des études bibliques. Que M. l’abbé Vigouroux reçoive ici l’hommage public de ceux qui se sentent grandement honorés de le compte-au-rang de leurs collegues”. Conhecia sua obra desde o Brasil e tive o prazer de conhecê-lo pessoalmente há pouco tempo como digo no meu diário, por intervenção do capelão do duque de Nemours o qual vi há pouco tempo em Versalhes. Vou deitar-me e ler Père David até dormir.

21 de novembro de 1890 (6a fa.) – 6h ¾ Dormi bem levantando-me contudo três vezes. Dia creio que de nuvens. Vou ver se termino o livro do Père David.

9h ½ Acabei-o. Vestido. Vou à ducha. 11h 25’ Boa. Passeio do costume. Chegando recebo telegrama do Costa Mota de Berlim agradecendo-me os pêsames pela morte do Mora pai da Pepita.

45’ Comecei o soneto do dia. 12h ¼ Bem.

Débats de 18 – “La séance de la Société de topographie”. Pede-se a introdução dos passeios topográficos, e a leitura da carta do estado-maior no ensino secundário sobretudo nas classes de retórica e de matemáticas elementares. Medalha de honra ao capitão Binger pelas explorações do Sudan, a Schrader chefe dos trabalhos cartográficos, da casa Hachette, medalha fora de classe a M. de Brettes explorador do Chaco setentrional e grande número de medalhas e preleios *[sic]* a diversos entre os quais Melle Josephine Frelon. M. Drapeyron em nome do general Venukoff apresenta uma nova carta dos países limítrofes da Rússia asiática. O capitão Binger com a assistência de Molteni faz com projeções de luz oxidrica uma conferência sobre sua viagem do Alto Níger ao golfo de Guiné. Esta exploração foi muito aplaudida. O explorador atravessou o Mossi, o Dgomba, Saloga, o país dos Achantis e o Banduku sem dar tiro com escolta de 10 homens sem reportagem, sem assistir a comidas de carne humana bref à la française.

5h Volto de Naplouse. A tarde não estava tão bonita mas gostei do passeio. Vou ao Seibold.

9h 55’ Árabe e Camões. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Para brincar fiz estes versos a respeito de Naplouse.

Nova helelinica cidade

Só modesta obra na pula

Se sem gravame Napolas

Vai surgir do mar que azula

É préa o galo sem galinha

Bicho não há aí feio qual tinha

Nea-polis Grego

Na-pula Português

N’a-poule Francês o galo

N’a-poule – poderá soar como lais acentuando um pouco. Ouvi o Pedro ler-me arrigo “Le Sahara” de Tchihatchef no livro que mandou-me a viúva. Tomei chá e vou ler deitado até dormir.

22 de novembro de 1890 (sábado) – 6 ½ Dormi bem embora me levantasse cinco vezes para urinar. Vou ler jornais.

7h ½ No Débats de 18 o belo artigo de E. M. de Vogué sobre o livro de Theodore Reinach “Mittridate Eupator roi du Pont” que vou mandar buscar, mas o final do artigo onde leio “Bossuet a peut-être des explications meilleures. Il y en aussi *[sic]* de plus saugrenues” fez-me escrever “Respect à l’aigle de Meaux” – no de 19 “Le divorce de la reine Nathalie” que tanto conheci pessoalmente em Florença.

Grande confusão segundo parece das opiniões do metropolitano Theodosio e de seu sucessor Miguel. Roma 17. O professor Zona acaba de descobrir novo cometa no observatório de Palermo.

Diário do Comércio – publicado no Rio – de 19 de 8bro *[outubro]* onde li os dois testamentos de meu Pai. Ainda conheci em Portugal algumas das testemunhas. O Comércio do Porto de 18. A cura da tísica (sic). Nada diz de novo Diário do

Comércio do Rio “Banquete” no Cassino ao general Campos Sales pelos seus amigos e admiradores. Não noto por isso certos nomes. O País de 20 “Crônica política”. Manifesta-se pouco favorável à incompatibilidade eleitoral do ministro.

Fala da venda do Jornal do Comércio dizendo que “O Jornal foi o feudo que mais floresceu sob a monarquia e a instituição que mais tenazmente resistira ao influxo benéfico dos progressos modernos”... “o que fará a nova administração?... o que nos enche de vivas esperanças é a aquisição para a nossa imprensa do cavalheiro que fez um nome de jornalista no novo mundo (É José Carlos Rodrigues?).

O País de 21 de 8bro [outubro]. Salada de frutas sobre a venda do jornal. Estas palavras exprimem o artigo. “O Jornal do Comércio sócio da monarquia – mal se sabe quanto eu o contrariei em seus interesses por opiniões minhas – não podia sobreviver-lhe; morreu banhado em ouro”. O País do Rio de 18 de 8bro [outubro]. Artigo “Portugal e o Brasil” de Latino Coelho. Elogia o Brasil que se faz republicano comparando a Portugal que se submete à Inglaterra na questão africana.

Moedas de Ouro. Solicitação de Ennes de Souza para que a liga seja de prata como nas libras esterlinas, e o tratamento completo do ouro para a cunhagem nacional com a isenção de qualquer imposto, ficando assim com o valor real do ouro de 4 oitavas de 22 quilates ou título de 917/1000.

“Aquidaban e Guanabara”. Em missão de alta diplomacia seguem depois de amanhã (20 8bro [outubro]) (esses navios) portadores dos engrandecimentos... A nação americana das primeiras a reconhecer (a república). A divisão... tocará na Bahia e em Bárbados. Sua demora (em Nova York) será talvez... de 20 dias. O contra-almirante comandante é D. Carlos Baltazar da Silveira comandante do navio Júlio Cesar de Noronha. Refere os nomes dos outros oficiais. Guanabara comandante capitão de mar Carlos Frederico de Noronha. Refere os nomes dos outros.

9h ¼ Vou me vestir.

11h 25' Boa ducha. Ramalhete com cravos e passeio do costume.

1h ½ Almocei bem. Fiz o soneto e envio a carta.

2h 10' Continuei a ler a obra de Mr. de Quatrefages e vou sair.

4h ¼ Passeio de carro até o Pêzou onde se levantou econômico porém incômodo mirante sobretudo para senhoras. Tem na parte inferior botequim. A vista é muito bela para o lado de Mougins. Desci boa parte do caminho com Phebo afogeuado olhando para a pálida Phebe que nos mostra quase todo o seu rosto. Tudo era nudez e, em lugar de cadent suadentia sommum, diria eu, silent suadentia somnium.

Aguardo Seibold. Entretanto leio de Quatrefages. 9h 50' Continuei a comparação das traduções de Odorico Mendes e Leconte Delisle da Odisséia com o original que tinha ficado interrompida de há bastante tempo, e quase acabei a alemã do canto 9º dos Lusíadas com o original. Jantei bem. Joguei bilhar com Aljezur. Ouvi o Pedro ler-me o artigo de Tchihatchef sobre o deserto de Gobi, mas pouco aproveitei por ter-me atacado o sono. Tomei chá. Fiquei esperto e vou ler Quatrefages antes de deitar-me e ler até dormir. Deixei-o na refutação da teoria dos centros que de Quatrefages prefere chamar de aparição que de criação pois aquele que é monogenista, embora veja por seu novo que modificou suas idéias. Vou deitar-me e ler até dormir. São 11h ¼.

23 de novembro de 1890 (domingo) – 6h Dormi bem urinando 4 vezes até o momento inclusive de levantar-me. Antes de dormir li no Petit Marseillais de 22 um bom artigo, justo sobre Renan de Paul Bosy. Vou ao Père Didon. Li bastante e anotei.

8h 40' Vou vestir-me.

9h 40' Ducha mais tarde, porque já ouvi missa na capela perto do hotel com cantoria das meninas do colégio. 55' Já tomei-a e vou começar o soneto.

11h 5' Comprei flores à vendedora do costume tendo-me Mouton acompanhado até sua casa depois de me ter levado à ducha o diploma que me enviaram da exposição Beatriz por cuja ocasião fiz o soneto que transcrevi no diário de minha passada viagem, assim como com o endereço “A Sua maestà Dom Pedro d’Alcântara omaggio devoto ed affetuoso d’Angelo de Gubernatis” da “Esposizione Beatrice etc. VII Tribuna Beatrice Grandi diplomi di Benemerenza S.M. la Regina Vittoria d’Inghilterra per due volumi con firma autografa. S.M. Dom Pedro d’Alcântara ex-Imperatore del Brasile per due soneti autographi in lingua portoghese in onore di Beatrice” (um meu outro tradução minha do de Liégeard).

Passeio a pé do costume. Chego ao hotel e vou concluir os versos.

12 ½ Não pude. Almocei bem. Vou ao Didon.

2h 25' Li bastante. Acabei o soneto que logo mandarei. Vou ao Naudin.

5h 20' Chego de volta. Que belo céu de poente. Naudin pareceu-me melhor. Recebeu-me como sempre assim como a mulher e o filho. Conversamos a lápis sobre botânica. Deu-me uma publicação de Ville e versos dele Naudin que hei de mandar-lhos traduzidos. Tem adquirido novas plantas. Se me lembra ainda alguma cousa escreverei.

6h Escrevi para Paris. Vou a Didon. 10' Vou jantar. 8h Bem. Joguei bilhar com Aljezur. Vou ler Didon.

10h 5' Acabo de tomar chinar [*sic*] e Mota Maia leu-me o livro de Tchihatchef o artigo sobre o Tibé. É interessante embora que o lido ontem sobre o deserto de Gobi.

Em casa de Naudin encontrei uma senhora idosa bem conservada e retratista Mme. Chouvet amiga de Melle de Fauveau amiga da grã-duquesa de Toscana. Ainda vou ler Didon antes de deitar-me e ler alguma cousa para dormir.

24 de novembro de 1890 (2a fa.) – 7h 55' Dormi bem. Acordei 3 vezes para urinar. Já fui ver Mota Maia que passou mal com uma pontada, tendo-se chamado dois médicos. Custava-lhe a falar mas reconheceu-me.

7h ½ Cartas de Daubrée de Paris a 22. Diz-me – e estava lendo um trabalho análogo de Ville que trouxe ontem da casa de Naudin, que assimilação direta do azoto pelas plantas foi verificada por experiências recentes de dois jovens químicos. Nordenskiöld ocupa-se da exploração antártica e espera concurso da Austrália, mas em todos os casos não poderá partir antes 1893. O filho fez interessante ao Spitzberg. Elogia os concertos na capela de Mme. de Chambrun de música de Bach, Pergolese, Haendel com a cooperação de Mmes. Conneau e Kraus e de Colonne – da condessa a 21 de Voiron. Parte a 27 para a Grande-Garonne a 27 com os netinhos, e Dominique [*sic*] com a Chiquinha partiram para Paris quando ela escrevia – Dá-me o adresse dela – Mme. la Comtesse de Barral à la Grande Garrone par Neury-sur-Barangon Cher. Diz-me que verei aqui Mme. Gaston Kleber com quem jantei em Rives de Voiron.

Conclusões do trabalho de Ville. 1 Coloração das folhas conforme as condições do nascimento das plantas, é o fato culminante. 2 Cor dos líquidos tratando as folhas pelo álcool depois de extraída a carotina correspondente à observação direta das folhas, mas apresenta diferenças de intensidade menos distintas. 3 As dissoluções alaranjadas de carotina apresenta variações de intensidade correspondentes à da clorofila e formam escala paralela à primeira – “Ces conclusions sont le fruit de cinq annés d’observations et d’efforts assidus, et pourtant je ne les présente que comme des conclusions d’attente. Fournir aux agriculteurs les indications positives sur l’état de la terre sans les astreindres à faire eux-mêmes des champs d’experiences tel est le but que je poursuis... Des types vegetaux grace auxquels les hommes pratiques, une récolte étant donée suivant le type dont elle se rapprochera le plus pourront savoir ce que la plante a reçu et ce qui a manqué, c’est-à-dire ce qui manque à la terre elle même... il faut prendre en consideration la taille et le poids des vegetaux à des époques déterminées, la couleru relevée à la vue directe, et se servir desormais des liquides verts et orangés pour fixer les quantités de chlorophyle et de carotina contenues dans les ffeuilles. Sous cette forme de témoignage des liquides (a) une signification indépendante, et (tout) devient (l’affirmation) des conditions d’où la plante est issue fournissant... des indications pratiques très précieuses sur ce que la terre contient et ce qui lui fait défaut”.

Boa ducha, mas antes sair vir Mota Maia, e Roland lá me procurou e eu aproveitei a conversa para pedir-lhe algumas publicações ficando ele de avisar-me da hora em que na 5a fa. se reunirão diversos homens de letras para tratarem da sessão pública onde haverá diversas leituras.

Voltei a Mota Maia que ainda achei bastante incomodado. Parece-me coisa séria. Já tenho o soneto de hoje.

12 ¼ Almocei bem só com Aljezur. Vou ler de Quatrefages.

1h ½ Já fiz o soneto. Escrevi. Torno à leitura. Veio o Pedro que voltou de Nice onde dormiu. Continuo a leitura.

2h ¼ Vou sair.

4h 55' Belo passeio pelo caminho de Pegomas pouco adiante da Boca e voltando aí por Mandelieu tendo atravessado e beirado o Siagne. O pôr do sol foi bellissimo. Já vi Mota Maia que ainda geme com dor e vou ao Seibold. 11h Árabe e Camões. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Pedro leu-me Tchihatchef mas eu tinha muito sono. Tomei chá. Fui ver Mota Maia que ainda está bem incomodado mas parece melhor. A pedido de Prado expendi telegrama e escrevi carta a Pasteur que irão amanhã pedindo-lhe linfada que lhe mandou Koch para preservativo da tísica afim de se empregar no Rio de Janeiro. Vou agora deitar-me e ler até vir sono.

25 de novembro de 1890 (3a fa.) – 6h $\frac{3}{4}$ Vou continuar o Rapport de Say sobre os prin- de vertu (sic). 8h 10' Acabei-o. Não é dos melhores que tenho lido. Vou Rapport de Camille Doucet sobre os concursos de 1889.

9h 25' Li-o. Já me vesti e vou ao banho. 10h Despi-me para a ducha. Antes de sair visitei Mota Maia que está quase bom.

11h $\frac{1}{4}$ Tudo como de costume. Dia bellissimo. 45' Almoço.

12 $\frac{1}{4}$ Deixei Aljezur, que já almoçara e o Pedro que é muito demorado a descascar paulatinamente uma maçã.

1h $\frac{1}{4}$ Escrevi já para Paris e vou a Quatrefages.

2h $\frac{1}{4}$ Vou sair. 5h 10' Bela tarde. Mostrei ao Pedro Mouion-Veiu quase até o fundo do vale.

10h 10' Seibold. Sânscrito e Camões. Jantei bem. Li depois de ter ido dar boas noites a Mota Maia que vai bem e jogado bilhar com Aljezur o que não tinha ouvido ontem por causa do sono do livro de Tchihatchef, e o Pedro acabou de ler-me o livro. Vou ler ou fazer os versos e deitar-me.

11h $\frac{1}{2}$ Cama onde lerei.

26 de novembro de 1890 (4a fa.) – 9h $\frac{1}{2}$ Acordei às 7. Dormi bem só me tendo levantado duas vezes. Li um folheto interessante sobre Oliveira Martins que principiara ontem antes de dormir e fiz versos. Vou à ducha. 11 $\frac{1}{2}$ Boa. Aí continuei o folheto de G. Moniz Barreto sobre Oliveira Martins.

Estive no livreiro Maillan onde comprei um livro sobre os poetas latinos. A vendedora de flores já tinha pronto o ramalhete e continuei a direção do farol e depois pela praia até além do Promenade du Midi encontrando de carro Lady Witworth e a pé duas vêzes, na ida e na volta o Pedro.

12h $\frac{1}{4}$ Almocei com apetite e vou ver se termino o soneto.

1h $\frac{1}{2}$ Acabado e já escrevi para Paris. Recebi telegrama de hoje de Pasteur em resposta ao meu. Remède Koch pas encore arrivé attendu ce soir.

Carta de Isabel de 21 de Versailles. Estará aqui com o Gaston no dia 1º à 1h da tarde. Os pequenos escreveram.

2h 20 Acabei o folheto “Oliveira Martins”. Estudo de psicologia por G. Moniz Barreto. Interessou-me. Tomei notas das obras de Martins que não conheço, é talento notável que merece muito ser estudado.

4h 45' Volto com o Pedro e o Aljezur do passeio a Notre-Dame-de-Vie. Tarde bonita. Vou a Seibold.

6h $\frac{1}{4}$ Árabe e Camões. Vou jantar.

10h $\frac{1}{2}$ Joguei bilhar com Aljezur depois de comer com apetite e das 9 até agora estive ouvindo Pedro ler um livro muito interessante de Anatole Leroy Beaulieu, membro da Academia das Ciências Morais que muito me interessou. Vou a meu Quatrefages até às 11 que me deitarei.

11h $\frac{1}{2}$ Vou deitar-me.

27 de novembro de 1890 (5a fa.) – 7h $\frac{1}{2}$ Dormi bem. Levantei-me só duas vezes durante a noite e ao acordar já me desembarcei como de ordinário. Estou quase como quando tinha saúde.

Petit Marseillais “Mr. de Freycinet chez le Duc d’Aumale”. Visita de candidato à Academia francesa. Lembra que Freycinet contribuiu a desterrar e a readmitir o príncipe em França. Artigo interessante “Le Duc de Nassau”. Expõe o que se dá pela morte do rei da Holanda quanto à desmembração do ducado de Luxemburgo dessa nação o qual era somente um feudo pessoal.

“Insurrection d’Indiens”. Os últimos dos Sioux em número de cerca de 27.000 nas planícies do Dakota entre o Missouri e as montanhas reconheceram um Messias um Mandi que se chama John Johnson. Desde agora buscam briga com os brancos da cidade de Mandan no Norte do Dakota, e de Washington houve ordem para que o General Miles comandante das tropas federais do Noroeste prepare uma expedição de 3000 homens para fazer frente à insurreição. O governo dos Estados Unidos falta a seus tratos. Já os Sioux sob a direção de Setting-Bull protestaram contra a inexecução dos tratados pela grande rebelião em 1877. Os oficiais americanos general Custer e coronel Crook foram massacrados com sua milícia mas a luta findou pelo esmagamento dos Sioux. O mesmo sucederá agora e as tribos índias a que o governo de Washington dá rações desaparecerão em breve.

Journal de Débats de 24 Séance de 22 “Academie des Sciences Morales et politiques”. Levasseur comunica seu 2º vol. sobre “la population française”. Depois de examinar a questão do livro arbítrio relativamente às misérias humanas do livre arbítrio no foro interno e a influência da vontade e das condições exteriores no determinismo examina as teorias dos moralistas e dá a sua quanto à responsabilidade dos criminosos. Demonstra que as leis demográficas não são inconciliáveis com as misérias humanas.

Georges Picot apresenta em nome da comissão encarregada do trabalho o tomo 4º do catálogo dos atos de Francisco 1º. Compreende um período de pouco mais de 5 anos assinalada por uma paz logo interrompida, uma guerra geral terminada pelo tratado de Crépy e o começo da perseguição dos luteranos. O catálogo mostra uma administração a organizar-se. Oferece da parte do ministro dos negócios estrangeiros uma tiragem à parte dos primeiros relatórios dirigidos sobre as condições de trabalho no estrangeiro.

Obras apresentadas por Dareste e Aucoc. No comité secret da última sessão discutiram-se os títulos dos candidatos à vaga de membro livre pela morte de Mr. Vergé. No de hoje examinaram-se os títulos dos que se apresentam à vaga de M. Calmon – “La mort du roi de Hollande”. “Il faut donner ici un souvenir (à rainha Sofia) un souvenir à cette princesse qui sert au milieu d’une cour où sa situation fût parfois singulièrement delicate conserver la dignité et la grandeur de sa vie”. Escremo-nos *[sic]* e senti muito quando fui à Holanda não a ter conhecido pessoalmente, pois havia morrido há pouco, porém visitei seu palácio.

9h ½ Vestido e vou à ducha. 11h 35’ Boa. Chovia. De carro fui às flores que a vendeira já tinha para entregar-me no carro em que voltei para casa afim de jogar bilhar com Aljezur. Vou almoçar.

1h 35’ Bem. Visitei Mota Maia a quem li uma tradução em português da descrição de Roma e Campanha por Chateaubriand. Chegaram entretanto os filhos dele do colégio e ouviram o fim da leitura.

2h ½ Acabei o soneto de hoje e vou sair.

5h Boulevard Jeanne d’Arc. Desci em parte a pé. Seibold.

10 ¾ Hebraico e Camões. Estou acabando quase a comparação da tradução alemã dos Lusíadas com o original. Jantei bem. Joguei bilhar. Li a minha tradução do árabe do conto das Mil e Uma Noites, que está lendo a mulher do Mota Maia a esta e ao marido seguindo-a ela em francês, e parecendo a ambos boa a que eu fiz. Como continuei a minha tradução nesse livro em branco só lhes deixei o livro da minha tradução que está todo escrito e vou procurar o anterior para lhes emprestar também.

Depois ouvi o Pedro continuar a ler o livro do Anatole Leroy Beaulieu que continua muito. Tomei chá entretanto. Vou fazer versos.

28 de novembro de 1890 (6a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Começarei o dia fazendo versos.

11h 50’ Boa ducha depois de ouvir missa pela minha Santa. Passeio do costume. Já está concluído o soneto e vou almoçar, creio que bem, pois há bastante espaço tendo o barco alijado sofrivelmente.

12h 35’ Vou a Quatrefages, mas aí vem carta do Père David de 24 de Paris mandando os dois folhetos “Notice sur quelques services rendu aux Sciences naturelles par les missionnaires de l’Extrême Orient par M. Armand David” e “La Faune Chinoise” par M. l’abbé Armand David Lazariste Correspondant de l’Institut. Diz-me que me enviará um exemplar de suas viagens com as minhas notas copiadas por ele “corroborées de mes justifications et au besoin de mes contr’observations... Outre les Plantae Davidianae déjà (escrito que já me deu) et les oiseaux de la Chine que je ne pas disponibles il y a le 1^{er} et le 2^d voyage qui sont introuvables parce qu’ils font partie des Nelles. Archives du Museum... Un tirage à part d’un article qui a été publié jadis dans les Missions Catholiques fait l’historique des et résultats de mes travaux plus ou moins scientifiques et j’aurai l’honneur d’expédier un exemplaire de ce petit écrit...”

Carta de Nioac de 26 em reposta. Diz-me que o Alberto já foi vacinado com a medicina do Dr. Koch quatro ou cinco vezes, produziu febre 38º 5... ele está muito animado e tem ganho em dois meses e cinco dias 1 ½ libras. Amélia está na Alemanha com Melle Rosenfeld em companhia de Mme. Krupp. Já estiveram em Kiel com o noivo e presentemente se acham em Berlim. Neste 4 a 6 dias voltarão para Paris. Meus filhos no Brasil vão sem novidade e cumprimentam Vossa Majestade. Tenho pouco visitado e hoje faz um tempo da Sibéria.

Do Dória do Rio de Janeiro de 4. Cartas de Ouro Preto e Ferreira Viana a Mota Maia de Paris a 24 e 23. A primeira diz:

“calma aparente, candidatura de Deodoro ocultamente gerreada [sic] pelos ministros; Floriano Peixoto quer ser o presidente, outros propõem o Benjamin. Os militares resolvidos a dissolver o congresso se for aprovado o tratado das Missões... O último ato do Rui Barbosa tem por fim legalizar o abuso que fizera do ouro depositado no tesouro e para que os bancos interessados não se queixassem fez-lhes as mais largas concessões. As províncias organizam-se sem orientação. A minha por exemplo foi dividida em cantões que governar-se-ão por leis próprias esfacelando-se assim...”

Entre os telegramas um fala em anistia, o que seria coroar a violência com um desaforo a que não me sujeitarei... Esperarei que a situação se esclareça... Ferreira Viana... “Por mim julgo ser cedo ainda (para voltar para o Brasil). “Resolvi seguir para Lisboa aproximando-me do porto de embarque... Peço-lhe o grande favor de beijar por mim as mãos do imperador por quem todos nós fazemos os mais ardentes e sinceros votos.”

2h ¼ Vou sair. 6h 25’ Odisséia comparada às traduções de Leconte Delisle e de Odorico Mendes, e Lusíadas com a tradução alemã. Jantar.

10h ¼ Fui ao Mota Maia ouvi as filhas mais velhas tocar piano com a mestra não foi mal. Joguei bilhar com Aljezur. Li-lhe do livro que me lia o Pedro que hoje saiu. Tomei chá e vim deitar-me pretendo ler ainda na cama. Mota Maia recebeu carta do Revy de Londres a 15. Diz que Sir Edward Watking presidente da companhia da projetada estrada de ferro submarina do canal do lado da Inglaterra deseja adotar o plano dele Revy em lugar do túnel e que ouvira ao secretário da companhia que Sir Watking desejava obter audiência logo que pudesse ir a Cannes. “As soon as the matter will have been decided upon I will let you know. We have moved... to our residence as above (89 Sunderland Road Forest Hill London)”.

Escrevi a Koch em Berlim pedindo-lhe vacina para tísica segundo nota de Aljezur para o hospital de tísicos da Madeira fundado em lembrança da Mana Amélia que lá esteve e morreu tísica. O diretor do hospital é o Dr. Cesar Mourão Pita.

29 de novembro de 1890 (sábado) – 7h ¼ Pouco li. Dormi bem. Levantei-me duas vezes durante a noite. Vou continuar a ler o discurso de Mgr. de Lavignerie.

“L’expérience des dernières années de celles que se sont écoulées depuis la fin de l’empire qui, humainement parlant m’a persuadé que sauf un miracle sur lequel on ne peut pas compter rien n’est possible en France en dehors de la forme de gouvernement s’est légalement donné. La monarchie s’est suicidée en effet avec le Comte de Chambord qui a maintenu si haut le drapeau d’honneur chrétien mais qui au fond n’a pas voulu régner dans un sentiment élevé du devoir royal et des responsabilités qu’il impose... Il est vrai que le Comte de Chambord a un successeur d’un autre caractère formé à des idées différentes, mais lui non plus selon toute apparence et autant qu’on peut prévoir l’avenir ne régnera pas... Mas la volonté de notre France telle que l’ont faite les révélations ne choisit pas librement... le roi proclamant par un mouvement généreux sans doute qu’il prend sur lui la responsabilité de tout ce que d’autres avaient fait... s’est suicidé lui même auprès de tous ceux qui croient aux principes immuables et absolus de la morale chrétienne.”

“Que dira-je de l’empire? Le chef légitime de la dynastie impériale... Il s’est rallié à la république. Après de tels faits... comme s’ils s’étaient par la Province... comment garder encore quelques espérances?”

Um velho professor d’história à la Sorbonne como moi qui à longtempo reflecti à l’enchainement des choses humaines peut vous dire qu’en dehors d’un miracle le retour à la monarchie est impossible. Pour peu que l’on sache écouter les bruits qui arrivent jusque dans nos déserts la république dans un temps prochain sera partout indestructible... On vient de voir comment elle s’est établie (Tomara que assim seja proque provará o adiantamento na educação de meus patrícios e permitir-me-á rever a Pátria) en renversant le meilleur et le plus modeste des hommes.”

“On voit les mêmes bruyantes se faire dans les diverses contrées de l’Europe.”

Discute a linguagem das Encíclicas de Leão 13 e conclue delas “qu’au simple point de vue de la raison rien n’est plus conforme au bon sens que d’accepter sans arrière pensée la seule forme de gouvernement qui paraisse désormais possible em France.” Creio que dei cabal idéia da “Lettre... en réponse à un catholique Français M. de C. avocat à Amiens et rédacteur de “La Croix” de Picardie relativement à un trait récemment porté à Marine française. Alger 20 Novembre 1890. Li em *Le Croix* de 27.

Jornal do Comércio do Rio, 5. Congresso Nacional. Sessão de 4 do Senado, formação da mesa. Presidente interino Felício dos Santos “Várias notícias”. Escreve-nos a 9 do passado o nosso correspondente de Paris: notícias minhas Câmara dos Deputados. Presidente interino Dr. Antônio Gonçalves Chaves de Minas.

9h 25' Visto-me. Já me dispo para a ducha. Encontrei em caminho um enterro a que reuniram os padres.

1h 10' Passeio a pé do costume. Fiz o resto do soneto para mandar com algumas do ramo comprado à do costume. Acabo de conversar com o oficial de marinha Filipe conhecido Nioac, tendo já escrito a este em resposta a quem vou enviar a carta com a outra para Paris. Vou ao Quatrefages. Mas aí está o manuscrito de Maria Lecocq e é preciso que eu o leia.

2h ¼ Não se pode ler depressa pois não há muita clareza na exposição. Vou sair. 4h ½ Volto. Vallauris. Observatório da Corniche a que subi. Neve a amontoar-se nos cumes das montanhas. Andei a pé e de carro descendo por defronte do Metrópolis, passando pela Villa-Jean na entrada pelo lado do meu hotel. Vou ao Seibold.

6h 10' Árabe e Camões. Jantar. 10h Bem. Bilhar com Aljezur. O Pedro continuou a ler-me o livro de Beaulieu mas esta parte não me interessou como a outra. Leu depois um manuscrito intitulado "Potins", pouco interessante e que disse-me depois ser de lavra própria e enfim no *Comércio do Porto* um artigo sobre Vilhena Barbosa que morreu há pouco e eu conheci como inspetor da Biblioteca Nacional de Lisboa e era sócio da Academia Real das Ciências. Tinha 76 anos de idade. Mandei buscar o que publicou.

11h ½ Acabei de ler o manuscrito de Maria Lecocq – Contributions à l'Histoire de la Civilisations dans l'Amérique pré-Colombienne et Faits connexes. "Ceci devient terre française". M. Lecocq. Paris. Dorbon. Librairie ancienne et moderne 6 rue de Seine. Vou deitar-me e ler para dormir.

30 de novembro de 1890 (domingo) – 6 ¾ Dormi bem embora acordasse 3 vezes já se sabe para que. Antes de dormir ontem li o livro Les grandes écrivains latins – Horace, mas não pude chegar a Virgille. Hoje é o dia de "Jesus Christ" do Père Didon.

8h ¾ Li alguma cousa e cada vez me agrada mais. Vou acabar de vestir-me para ir à missa e depois à ducha.

9h ¾ As meninas cantaram. Já me dispo para a ducha.

11h 40' Passeei pela praia. Já fiz o soneto. Almoço.

1h Bem. Já escrevi para Paris com a poesia.

2h 20' Li Didon e vou sair. 5 ¼ Volto da Chatellaras. Andei à roda da casa. Bela vista, talvez a que mais me agrada destes contornos. Vou a Didon. Já lera um pouco e recebi telegrama do conde e condessa de Riancey congratulando-me e já respondi agradecendo e pedindo notícias da História que penso está ele continuando. Chamam para o jantar.

7h 10' Bem Joguei bilhar mas o Pedro impacientou-me e achei melhor vir ler. Li bastante Didon e saio do quarto. São 9h 5'.

10h 10' O Pedro continuou a ler-me Beaulieu, e tudo acabou como aliás era de esperar do rapaz que é bom. Tomei chá e ainda vou ler antes de deitar-me. Li Extrait des Archives internationales d'Ethnographie Tome III livro VII (1890). VIII^{ème} Congrès des Americanistes à Paris. 15 à 21 Octobre 1890. Diz resumidamente o que se fez – "après quoi la séance se termina par une longue discussion sur le lieu de sepulture de Christophe Colomb où participa entre autres le savant empereur du Brésil Dom Pedro d'Alcântara, protecteur du Congrès". Creio que disse também alguma cousa sobre Gaspar Corte Real ter visto a costa de Labrador antes de Colombo haver descoberto a América.

Em La France Moderne, Litterature Sciences etc, n° 25 – 27 Novembro a 10 dezembro. Paris e Departements. Leio Chronique de Cannes, "la brillante renommée de l'Institution Stanislas s'affirme chaque jour d'avantage... S. M. Dom Pedro d'Alcantara... visite souves les salles d'études et s'interesse aux progrès de la jeunesse studieuse. Imperissable souveraineté de la science que tous admirent et reconnaissent".

12h Didon. Vou deitar-me.

1 dezembro de 1890 (2a fa.) – 6 ¼ Dormi bem, as acordei três vezes antes desta já se sabe para que. O vento zune. Choveu de noite. Vou ler. Terminei o capítulo do Didon. Sinto o propósito de reservar esta leitura para os domingos. De Quatrefages que também muito me agrada – mas talvez vá fazer meu soneto para amanhã.

11h 10' Fi-lo. Ducha. Fui de carro comprar flores à mulher do costume que não me esperava tendo por isso senão o ramo que trouxe e vim para o exercício de bilhar que deixo para o meu soneto diário.

11h 40' Quase feito. Vou almoçar.

12 ¼ Bem. 50' Vou para a estação. Pouco falta para o soneto.

3h 55' Chegou a Isabel. Que alegria! Ela, Gaston estão bons, como os Tostas que os acompanharam. Acabei o soneto. Saí com eles para o lado das montanhas e querendo ir até a Croisette caiu saraiva com pequena trovoadas e voltamos. Vou ler à Isabel Hélène de Alphonse de onde ela está da leitura.

4h ½ Isabel tem de sair. Vou ao Seibold. 9h Hebraico e Camões. Jantei bem com Isabel, Gaston, Muritibas e os do costume. Conversei. Recebi telegramas pelo dia amanhã. Isabel e Gaston já se recolheram e espero o Pedro para ler-me a obra de Beaulieu. Está ventando muito. Já houve alguns roncões, mas trovoadas pequenas.

10h 40' Leu-me bastante, embora não aproveitasse muito pelo sono que aliás se explica por não ser a obra tão interessante como antes. Tomei entretanto e ainda vou ler assentado até às 11h.

2 de dezembro de 1890 (3a fa.) – Meia-noite 1/4. Interessou-me a obra de l'abbé Morlaix sobre os grandes escritores latinos. Vou-me deitar-me [*sic*] assim o exigem os meus 65 anos.

7h Dormi bem mas levantando-me três vezes além da de agora e vou já poetar.

8 ¾ Fiz o soneto ao som da música municipal que o Rosse faz tocar defronte do hotel em festejo de meus anos. Junto o programa. Vou vestir-me ao som de “Carmen” muito bem tocada.

10h ¼ Só agora na ducha porque deixara fazer a fineza das meninas cantarem-me a missa. ½ Tomei-a. Soube-me. Estou vestido.

11h Passei de carro pelas flores e tomei os dois ramos que minha vendeira tinha prontos, dos quais já dei um à Isabel mandando o outro para o hotel e estou no vagão a partir para Nice.

11h 10' Parto.

12h 5' Chego a Nice. 2h 5' Outra vez no trem. Almocei bem com a Januária que mal pode andar. Regresso para Cannes.

5h ¼ Acabo de conversar com o Rivoire sobre música. Vou ver se estudo um pouco com o Seibold. Recebi muitos telegramas a que já respondi e tomei nota dos nomes daqueles a quem pretendo escrever agradecendo.

11h Hebraico e Camões. Jantei com apetite. Assistiram os do costume, Isabel, Gastão, Muritiba e o Seibold. O Pedro esteve desarrazoado com o Mota Maia, que desejava apenas convidá-lo para o festejo de meus anos em no corredor [*sic*] que dá para os aposentos dele. Foi muito bonita a festa dos filhos do Mota Maia. Junto o programa. Tomei chá com a Isabel e Gaston e os mais. O Pedro meteu-se no quarto. O Manuel Albuquerque filho do visconde de Albuquerque assistiu a tudo. Recebi ainda muitos telegramas pelo dia de hoje. Respondi e responderei por mim mesmo e pelo Aljezur. A alguns escreverei amanhã. Vou deitar-me e ler até dormir.

3 de dezembro de 1890 (4a fa.) – 11h 50' Fiz versos. Boa ducha. Passeio do costume e vou almoçar.

2h Bem. Escrevi para a Bélgica e vou sair daqui a pouco. 5h Fui com a Isabel, Gaston e Aljezur mostrar àquele Castellaras. Belo passeio. Vou a Seibold.

10h ½ Sânscrito e Camões. Jantei com vontade. Bilhar com Gaston. Li Hélène de A. Karr à Isabel. Ouvei o Pedro ler a obra que terminou de Anatole Leroy Beaulieu que muito me agradou sobre a revolução francesa e figurando cartas de representantes de diversas nacionalidades sobre a Exposição de Paris e a Torre Eiffel e a pedido do Pedro escrevi minha opinião sobre o livro datando-a. Vou ainda escrever e depois deitar-me ler e dormir.

4 de dezembro de 1890 (5a fa.) – 7h 25' Dormi bem embora me levantasse três vezes para o mesmo que ainda agora. Dia chuvoso e ainda escuro. Vou escrever e ler.

8h 55' Pois copieie e limei os versos para meus netinhos, soneto e de redondilha maior dizendo adequadamente a etimologia de seus nomes. Li carta de Eduardo Prado a Aljezur de Paris 1 de 10bro [*dezembro*] dizendo o que tem feito para obter um pouco da linfa contra a tísica achada por Koch. Pasteur escreveu a este carta muito amável para mim, pedindo-a a Koch.

Vou continuar o livro Les grands écrivains latins por l'abbé de Morlaix.

9h ½ Vestido. À ducha. 50' Já me dispo e começo soneto para as flores. 11 ½ Boa. Fui comprar flores de carro por causa do tempo. Joguei bilhar e vou almoçar depois de ainda poetar.

12h ¼ Bem. Vou à estação despedir-me da Isabel.

4h Estavam lá Mme. Obolska e um dos filhos da irmã do Gaston e outras pessoas conhecidas; dei um passeio de carro pelo Canet, indo à Croisette que não estava bonita, e depois tomando café no Ruppelmeyer cuja mulher que dirige o estabelecimento é irmã do Ruppelmeyer de Nice, e ambos húngaros, conversando eu sobre o que conheço da Hungria. Depois vim para o hotel, joguei ainda bilhar, concluí o soneto, escrevi para Bruxelas, e daqui a pouco Seibold.

4h ½ Escrevi a Daubrée em resposta à sua de 29 9bro [novembro]. Vou a Seibold.

8h Árabe e Camões. Jantei bem. Depois joguei bilhar com Aljezur. O Pedro teve alteração de palavras com o Mota Maia que veio falar-me com lágrima nos olhos. Já fez chorar a Isabel. Vai-se tornando incômodo. Pediu-me para ir amanhã a Paris. Diz que a chamado do pai, mas não creio. Receio que nos dê algum desgosto grande.

Vou ler o livro Etudes morales etc. de que tenho falado e gostado. No Comércio do Porto de 1º há o número de senadores e deputados de cada classe no Congresso do Rio. Vou começar o livro com estampas La vie de St. Ignace de Loyola d'après Pierre Ribadeneira son premier historien par le P. Charles Clair S.L. Paris 1891. Destinado às leituras que me fará o Pedro.

10h Li o capítulo 1º. Parece-me interessante. Tomei chá. Daqui a pouco vou para meu quarto ler e deitar-me ainda lendo até o dormir o livro sobre “Os grandes escritores latinos”.

5 de dezembro de 1890 (6a fa.) – 6h ¾ Dormi bem. Levantei três vezes e ainda agora. Vou ler Quatrefages depois de escrever. Mas vou abrir cartas. Bilhete de Frau Hans Richard Mörekgeb d'Azambuja do Rio Grande. 1-11-90 escritas nas costas diversas frases – onde se lê – “sinceros votos de felicidade no dia do seu aniversário natalício”.

Aljezur responderá carta de New York da pianista Jagwitz de 20 9bro pelo dia 2 10bro [dezembro]. Bilhete de Melle de Kantzow de Upsala, 27 9bro [novembro] de Upsala. Bilhete de Henri Letuaire Correspondant-Redacteur du Petit-Journal – Chevalier de l'Ordre Imperial de la Base du Brésil, creio que pelo dia 2. Aljezur agradecerá por mim. Da Mana Chica de Carc-en-Barrois 2 10bro [dezembro]. De J. Derrieu d'Oliveira manifestando seus sentimentos pelos últimos sucessos. Ê de Rouen 1 10bro. Aljezur responde. De Feldbau professor de teologia de Targu Okna (Rumânia) em hebraico e alemão. Para ver com Seibold. Li a carta do Ferderlen do dia 2 e vou responder-lhe traduzindo os versos latinos que julgo que não são dele as que ele escreveu de se assinar Chevalier de l'ordre du Christ. Escrevi a Amelot que está em Chateloup (Manche). Telegrama de Eduardo Prado de Paris dizendo “Docteur Koch a remis medicament au représentant du Journal à Berlin que part très prochainement pour Rio”.

Vou me vestir. 9h ¼ . 35' Para a ducha.

10h 5' Já me dispo e começo o soneto.

11h 35' Boa. Passeio do costume. Encontrei um dos filhos do Czartorisky que ia ter com a mãe que fora à missa. Roland procurou-me com livros nas duchas e com ele conversei enquanto tomava café. Prometeu-me uma tradução francesa que não conheço. Vou continuar o soneto até o almoço. ¾ Almoço.

4h ¼ Bem. Acabei o soneto. Li. Acabo de voltar de St. Cassien aonde o Frère Hiacynthe (Frã Jacinto dos Franciscanos de Ara-Coeli em Roma) um exemplar da Vie des Saints igual ao que dera ao leigo seu antecessor agora no convento de Nimes. Lá escrevi no livro o nome do frade e o meu com a data e o lugar. Estão se fazendo as obras para que disse mandaria esmola. Espero Seibold. A tarde não estava bonita porém não havia frio.

6h 5' Hebraico e Camões. Vou jantar. 10h 10' Joguei bilhar depois de comer com apetite e sozinho porque Aljezur e Mota Maia jantaram no outro andar por causa do jantar e o Pedro saiu da mesa e foi comer no quarto. Aí fui conversar com ele. Ouvi depois Seibold ler-me a história de Sto. Inácio. Creio que o Pedro muito lucrou com a minha conversa, que continuei. Tendo-me despedido de Aljezur depois de tomar chá, vou ainda ler deitado Etudes morales sur les grands écrivains latins até dormir.

6 de dezembro de 1890 (sábado) – 4h ¾ Dormi bem, mas já não tenho sono. As mãos estão fazendo movimentos quase livres. A conversa ontem com o Pedro fez-me muito bem. Escrevi à Chica, a Melle de Kantzow e ao Baligand tudo em resposta.

6h 5' Vou ler deitado. Talvez ainda durma. Mas tomo nota em The Galignani Messenger de 1. “The brazilian Cabinet “by cable”... Compromises has been effected in the interest... of order... Difficulty arose from a conflict between Marshal Deodoro da Fonseca and the ministers regarding the mode of dealing with some milary (sic) officers who on the 29th uly.

attacked and partially destroyed the offices of the journal Tribuna”.

7h 50’ Tornei a deitar-me, mas pouco dormitei e li para diante os Etudes morales sur les grandes poetes latins que vou continuar assentando. O dia parece de chuva.

8h 10’ Agora hei de começar a Biografia de Lucrèce. Já tomei nota dos futuros Études para fazê-los vir logo que sejam publicados. Tenho gostado muito.

9h ¼ Para variar já fiz o soneto. Visto-me para a ducha.

11h 5’ Boa. Passeio do costume comprando flores segundo o costume.

11h 50’ Escrevi mandando os versos. Pedro foi a Nice com Seibold. Vou almoçar.

12h 10’ Bem. Aljezur e Mota Maia não vieram almoçar.

2h 12’ Li Renan e agora vou a Quatrefages. 20’ Vou sair.

4h 25’ Passeio da praia de Juan-les-Pins carro e a pé. Vou para o Seibold.

6h ½ Árabe e Camões. Vou jantar.

10h 25’ Bilhar depois do jantar com apetite só com Aljezur. Pedro foi a Nice, e Mota Maia não desceu do seu quarto. Depois ouvi Seibold ler até agora a história da ordem de Jesus. Tomei entretanto e vou deitar-me e ler até dormir. Pedro há pouco chegou de Nice onde jantou com o Penedo. Já nos despedimos.

7 de dezembro de 1890 (domingo) – 7h ½ Li antes de dormir a obra sobre os escritores latinos. Só me levantei duas vezes. Mande a resposta ao Baligand, o trabalho do Restivo sobre a língua guarani editado pelo Seibold. Vou ao Didon.

9h Li bastante disse bons dias ao Pedro que não estava vestido. Já comecei o soneto. Ouvi missa na capela perto do hotel. As meninas cantaram e já para duchar-me.

11h 55’ Boa ducha, passeio a pé até o fim do caminho que fazem aterrado paralelo à estrada de ferro e em direção paralela à Promenade do Midi. Voltei de carro e já concluí o soneto que acompanharam as flores das que comprei à vendedora do costume. Vou almoçar.

12 ½ Bem. 1h ¼ Mande o soneto. Vou ao Didon. Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 9 bro [novembro]. Leio uma notícia que fala do Congresso dos Americanistas de 17 de 8bro [outubro] a que assisti em Paris. No de 8 vejo que o ministério da guerra resolveu mudar o observatório astronômico dessa repartição para o alto do morro de Cintra em Sta. Teresa. Visconde de Carvalhais e outros oferecem terreno gratuitamente pedindo desapropriação de outros terrenos para construir casas de morar. Também informam o Jornal que pedem permissão de construir linhas de bondes que partirão dos Dois Irmãos pelo lado do sul a subir a encosta até o alto do morro. Foi a informar à intendência municipal.

2h 20’ Vou passear.

5h 10’ Volto do cabo de Antibes indo a pé por cima das pedras até a casa do faroleiro. Bela vista que o céu escuro não deixou gozar inteiramente.

6h 10’ Fiz quase soneto que não parece mau e vou jantar.

15h ¼ Bem. Bilhar. Conversei com a condessa Raoul de Boisbrunet e a Marquise B. de Laqueuille. Aquela deu-me para ler o Traité du Saint-Esprit par Mgr. Gaume que parece-me leitura interessante embora eu não goste do autor do livro intitulado Le ver rongeur por dia doutrina ultramontana. Vou ainda ler a obra do Père Didon. Mas terminei o soneto. Não faz mal que haja 2 amanhã. Será o outro talvez em isca. 11h ¼ [ilegível] deitar-me e pouco lerei ainda.

8 de dezembro de 1890 (2a fa.) – 5 ½ Dormi bem. Levantei-me durante a noite duas vezes. Vou a Didon.

7h Quero ver se adianto assim essa leitura sem prejuízo das outras.

9h 10’ Li bastante, mas em lugar de Quatrefages fiz soneto. Estou-me vestindo para ir à ducha.

9h 40’ Já me dispo fazendo versos.

11h Boa. Passeio do costume. Carta da Januária de 7. 55’ Fiz o soneto e vou almoçar.

2h 20’ Bem. Tenho estado a ler Quatrefages. Vou sair.

4h ¼ Observatório da Califórnia. 4h 40’ Chega Seibold.

7h 55’ Odisséia. Camões. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Aguardo as filhas do Mota Maia para ler-lhes a tradução de Christ devant le Siècle pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Leitura que sempre me agrada.

10h 25' Comecei a leitura às filhas do Mota Maia mais velhas depois de ter conversado com a filha do Wylep que vieram dar-me conta de sua visita ao observatório de Nice. Não foram recebidas como esperavam à vista da carta que lhes dei para Mr. Perrotin, além disto o céu estava escuro. A amiga de Wylep tem espírito. Li meia hora às Motas Maias e depois ouvi Seibold a História dos Jesuítas tomando eu entretanto chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

9 de dezembro de 1890 (3a fa.) – 6 ½ Dormi bem mas levantando-me 3 vezes. Vou ao Didon. 7 ¼ Já está bem claro. Vou a Quatrefages.

8 ½ Espero poder mandar-lho com as minhas notas de deixar Cannes por este ano. 55' Cartas de Daubrée de 7. Diz-me: “la lympe du Dr. Koch qui a singulièrement [*sic*] occupé la population de Paris et a cause à un grand nombre des illusions qui paraissent prématurées. A plus forte raison en était il ainsi à la station de Davoz au milieu des 1200 malades qui s'y trouvent en ce moment et entr'autres le gendre de les Cloizeaux. L'élection de l'Academie française qui aura lieu jeudi prochain ne parait plus présenter d'imprevu depuis que M. de Freycinet a eu l'idée de se porter candidat. L'éloge de Caro dont la memoire est toujours est si sympathique avai attiré hier beaucoup de monde à la séauce annuelle de l'académie des sciences morales” – e da condessa Estrela em resposta sem data. Diz: a nossa Terra anda passeando fora de Paris, mas estou certa que ela irá beijar as mãos de Vossa Majestade.

9h 10' Vou vestir-me.

12 ½ Almocei bem. Antes tudo como de costume. Vou agradecer ao Dr. Koch a sua linfa vacínica contra a tísica.

1h 35' Escrevi mandando soneto. 40' Vou falar ao Penedo e sair às 2h.

4h 50' Mandelieu voltando por Pegomas. Infelizmente tempo sombrio. Vou a Seibold.

8 ¼ Árabe e Camões. Jantei bem. Bilhar com Aljezur e vou às filhas do Mota Maia.

9 ¼ Acabei de lhes ler Cristo perante o século tradução do Dr. Caetano Lopes de Moura. Vou ouvir Seibold ler a História dos Jesuítas.

11 Tomei chá. Ainda conversei com Seibold e vou para a cama, tendo-me já despido. Lerei ainda Les grands écrivains latins e toca a dormir.

10 de dezembro de 1890 (4a fa.) – 6h ¾ Dormi bem, só me levantando duas vezes. Vou ao meu Didon.

9h ¼ Recebi cartas do Pedro de Paris a 8 – responderei e do Nioac de 8 a que acabo de responder.

12h 5' Almocei bem. Antes boa ducha. Passeio do costume. Comecei o soneto. Vou ver se o acabo.

1h ¾ Acabei-o e conversei de modo interessante com Comte de Barreme da Villa-Barreme em Nice. Tomou nota de diversas obras que pedi-lhe que me procurasse. Vou tomar café e já comecei a copiar o soneto.

4h 20' Acabei a cópia, escrevi e mandei-o. Volto do passeio de carro e bastante a pé pela Route de Grasse, do Canet, e Village deste nome, a estrada até o hotel. Belíssima tarde com ocaso correspondente. Aguardo Seibold.

6h 10' Hebraico e Camões. Vou jantar. 10h Bem. Bilhar com Aljezur. Leitura da tradução de Cristo perante o Século às filhas e aos Motas Maias. Leitura da História dos Jesuítas pelo Seibold. Tomando chá. Vou ainda ler para continuar a fazê-lo deitado até dormir.

11h Pois fiz o soneto que era para amanhã. Talvez faça mais outro e agora acomode-se musa, que preciso dormir.

11 de dezembro de 1890 (5a fa.) – 5h ¼ Dormi bem mas levantei-me 3 vezes durante a noite agora urinei outra vez e creio que não tenho contado estas nas mencionadas. Vou ler Didon.

6h ½ Vou ao meu Quatrefages.

7h ¾ Veio tendência ao sono e vou ler livro mais cômodo. Fica Quatrefages para logo.

11h Li-o. Missa por minha Mãe. Ducha. Passeio do costume e vou concluir.

11h 40' Acabei. Almoço. 12h 10' Dei uma vista de olhos no retrato de Minha Santa que o retratista retoca e parece ficará bom.

1h 10' Escrevi mandando os sonetos. 2h ¼ Li a mensagem do Deodoro na sessão da abertura do Congresso a 15 de 9bro publicada no Jornal do Comércio de 16. Anotei-a. Vou sair.

4h ½ Belo ocaso. Route Frejus passando por St. Cassien, Boulevard-de-l'Amiral, voltando pelas Thermes e a mesma Route. Vou ao Seibold.

6h 10' Sânscrito e Camões com a interrupção de quem logo direi. Vou jantar.

10 ½ Bem. Bilhar. Leitura às filhas do Mota Maia de Cristo perante o Século. Acabo de ouvir o Seibold ler-me a História dos Jesuítas e tomei chá. Recebi antes carta de Pedro de Paris ontem. Vou deitar-me, ler a carta e o livro Ecrivains latins de l'abbé Morlaix e dormir.

12 de dezembro de 1890 (6a fa.) – 7h Dormi bem, levantei-me durante a noite 2 vezes mas ao acordar sempre preciso do que me faz levantar durante o sono, porém posso conter a vontade de urinar. Vou ao Didon. 8 ½ Estou indeciso – mas termine-se talvez a leitura do livro de l'abbé Morlaix.

11h 20' Não acabou. Levei-o para a ducha, mas fiz versos. Antes de tomá-la ouvi missa pelo finado bispo do Rio. Comprei flores segundo o costume e passei da mesma forma. Agora até o almoço versejarei. 11h ¾ Não terminarei. Vou almoçar.

12h 50' Bem. Acabei o soneto que vou mandar. 2h Journal des Savants de 9bro [novembro] e daqui a pouco saio.

4h Carro e a pé pelo caminho do hotel Métropole e depois tornei à praia e fui até à Croisette que não estava bonita e pela praça da estátua do Brougham voltei ao hotel. Continuo o Journal des Savants até vir o Seibold. Hebraico e Camões. Vou jantar.

10h 20' Bem. Bilhar. Cristo perante o Século às filhas do Mota Maia. Leitura da História dos jesuítas que Seibold me leu. Entretanto tomei chá. Em Le Monde de hoje – “Dernières nouvelles”. Election à l'Academie Française – nombre de votants trinte-huit. Freycinet 12 voix au 1^{er} tour, 17 au 2^d, 20 au 3^e – Thurcan Dangin 12, 13, 12 – Brunetières 7, 4, 3 – Zola 3, 2, 1 – Becque 2, 1, 3.

10h ¼ Vou deitar-me e ler até dormir.

13 de dezembro de 1890 (sábado) – Meia-noite 5'. Acabei o livro. Les grands écrivains latins. É tempo de dormir.

7h 10' Dormi. Levantei-me já duas vezes durante a noite e sempre urino ao levantar-me definitivamente. Vou a Didon. 40' Interrompi para ler carta de 11 de Versailles. Tudo vai bem. A velha Calógeras ao descer a escada da casa do Penha escorregou com o verglas e quebrou a perna no dia 3, mas ia bem. Muito frio. Receberam a carta de Pedro pedindo desculpas pelo que fizera em Cannes. “Estamos prontos a andar às boas com ele, mas creio muito que com sua tendência de espírito seja sempre a recomeçar, o que mais sinto é que ele aflige Papai... Contamos sempre ir passar uma semana com Papai no fim e princípio do ano. Os netinhos estão muito contentes também de pensarem que breve verão o Vovô”.

Eu partirei daqui a 26, mas Gaston com os pequenos só poderão fazer a 30 ou 31 – Carta de Daubrée de 11 – Fala da eleição da Academia das ciências. Sobre 8 candidatos “deux – particulièrement distingués Mallard professeur de mineralogie à l'Ecole des Mines et Haudefeuille professeur à la Sorbonne auteur de travaux très remarquables sur la synthèse de nombreux minéraux. C'est M. Mallard que nous avons en première ligne qui sera très probablement élu le lundo prochain. Le prince Henri d'Orleans et Bonvalot y la société de Géographie recevront la bienvenue.

8h 55' Respondi a Daubrée. Vou ainda ler Didon. 9h ¼ Vou me vestir. Antes recebi carta do Maia Monteiro mandando-me outra do João Belisário de Campos, em que me agradece a carta de pêsames que escrevi por ocasião da morte do sogro Sta. Rita à viúva, e a que esta por incômodos não pode responder, enviando-me as fotografias do finado e da viúva. Vestir. 11 ¼ Boa ducha. Passeio ao longo da praia não entrando no jardim, e daí voltei de carro. ¾ Acabei. Vou almoçar.

12h 20' Bem. Vou ler A Tribuna de 20 9bro [novembro] “Revogação do exílio”. Só protesto contra a palavra alquebrado a mim aplicada e são o eco de meu coração estas palavras: “e deixar que ele venha finir-se em terras da pátria –como é seu mais ardente desejo” – “Manifestações”. A Tribuna tem recebido inúmeras manifestações de apreço – pela atitude – que assumiu na questão das missões e no conseqüente incidente Moreno – “Questão das Missões” Esclarecimentos para os membros dos Congressos. XVI – 1889 Fevereiro 28 – Pareceres de vários conselheiros do Estado.

1h ¾ Já escrevi mandando o soneto. 2h 10' Continuei o Journal des Savants e vou sair.

4h Volto. Belo ocaso. Fui a Vallergue visitar os Czartorisky. Não estavam em casa. Deixei meu nome. Route de Grasse, onde andei a pé, e novamente de carro regressei ao hotel. Vou ler o Journal des Savants boa letra até o Seibold. Recebo telegrama de Calógeras agradecendo o meu. Diz: “O estado de Mamãe é o melhor possível”.

Está aí Seibold. 10 $\frac{1}{4}$ Odisséia comparada com Leconte Deliste e Odorico Mendes. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Menino rebequista Louis Phal. Junto o programa. Li Cristo perante o Século às filhas mais velhas e à mulher do Mota Maia, e ouvi Seibold ler a História dos Jesuítas, tomando eu entretanto chá. Vou continuar o Journal des Savants talvez estando eu deitado daqui a pouco e finalmente dormirei lá pelas 11 $\frac{1}{2}$.

14 de dezembro de 1890 (domingo) – 7h $\frac{1}{2}$ Levanto-me mas não tive sono e leio deitado desde 5h o Journal des Savants de 9bro [*novembro*]. Vou ao Didon. Belo dia.

8h 40' Vestir.

9h $\frac{3}{4}$ Ouvi missa e estou me despindo para a ducha.

Às 6 $\frac{1}{2}$ só havia 1º e a água com que lavavam o hotel congelou-se.

11h Boa. Via outra dona da casa das duchas e as duas crianças suas filhas. Pouco andei a pé, não entrando no passeio como queria, e contudo havia tempo. O Mota Maia parecia ter pressa de voltar.

11h 35' Fiz versos e vou almoçar.

1h $\frac{1}{4}$ Acabei o soneto e vou mandá-lo e ler Didon.

2h 40' Tomei café. Vou sair.

4h 20' Fui até a música e do carro ouvi música da Lucia e outra que foi a última. Estive na Croisette e subi até a casa dos vigias. Ainda dei uma volta de carro, e ao chegar ao hotel admirei o ocaso. Vou ao Didon. Não sei se Seibold virá. Não conto com ele aos domingos.

6h 5' Custa-me a largar o Didon. Contudo a descrição do lago de Genesaré pelo Renan encantou-me harmonizando-se com a impressão que me causou quando por lá andei. Vou jantar – como é prosaico!

10h $\frac{3}{4}$ Bem. Bilhar. Li o Cristo perante o Século. Seibold por ser domingo não estava para ler-me como costuma. Conversei com o Aljezur. Já tomei chá e vou ler Journal des Savants deitado até dormir que creio será breve.

15 de dezembro de 1890 (2a fa.) – 6h 35' Desde 5h $\frac{1}{2}$ que leio na cama o Journal des Savants. Levantei-me. Ainda careço de luz. Continuo a leitura.

8h 40' Li-o todo e noite obras para lê-las. Li no Comércio do Porto de 12, “Os últimos acontecimentos no Rio de Janeiro”... muitos oficiais tentaram um golpe de mão para obrigar Deodoro a declarar-se ditador vitalício... O general recusou-se terminantemente”. Transcreve parte da carta do Ladário ao Aristides Lobo. Linguagem nobre... “Se o eleitorado me cercou de tão elevada posição é porque fiz parte de um governo reconhecidamente honesto... Posso crer que o povo... não é aquele que no dia 15 de 9bro [*novembro*] de 1889 assistiu bestializado – (é palavra que eu li empregada pelo Lobo) – à queda da Monarquia? Se foi não percebeu até o momento o que por aí vai de desgostos, decepções, clamores e tristezas, por toda a população do país!”

9h Vou a Didon depois de me vestir para tornar despir-me. Não sei como não se lembrou Rosse de estabelecer duchas no hotel. 40' Para ganhar tempo vim de carro. Havia pessoa a tomar ducha, mas pouco esperei. Dispo-me.

11h Boa. Passeio ao longo da praia além do farol para apanhar o bom solzinho, pois às 6h estava a 0º cent.

Acabo de receber carta de Versalhes de meu neto Luis dizendo-me hoje de manhã (11 de 10bro/*dezembro*) havia 10º abaixo de 0. 11 $\frac{3}{4}$ Acabei o soneto. Almoço.

12 $\frac{3}{4}$ Bem. Está frio e joguei um pouco bilhar com o Aljezur.

2 $\frac{1}{2}$ Li. Acabei de escrever em resposta à Isabel e ao Luis cartas de 11. Vou sair tendo tomado café.

4 $\frac{1}{4}$ Volto. Passeio de carro e a pé além de Mont-Cassien. Vou a de Quatrefages até Seibold. $\frac{1}{2}$ Sânscrito e Camões. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Leitura de Cristo perante o Século às filhas mais velhas do Mota Maia. Leitura da História dos Jesuítas pelo Seibold. Tendo antes visto os livros que me mandou o Dr. Gunning e dos quais o que trata das antiguidades da Escócia parece muito interessante. Durante a leitura tomei chá e ainda vou ler Quatrefages antes de

deitar-me. Já tenho o programa da “Séance dramatique litteraire et dramatique donnés au profit des pauvres par l’Académie d’emulation et la conference de St. Vincent de Paul – Institut Stanislas” – Promete ser interessante.

Trouxe-me hoje o abbé Federlin que esteve cá assim como o Bois Brunet.

11 ½ Quatrefages. Vou deitar-me e ler só para melhor dormir.

16 de dezembro de 1890 (3a fa.) – 8h Desde 6 que tenho estado lendo a Revue Scientifique de 13 cujo artigo “Le progrès scientifique de 1822 à 1890” muito me tem interessado na parte “Physique”. Vou ver se leio a “Chimie” antes de me vestir. 9h ¼ Levo para a ducha a Revue scientifique. Vou me vestir.

11 ¾ Boa ducha. Passeio, atravessando o jardim do Midi. Tenho comprado flores. Já terminei o soneto e vou almoçar.

2 ¼ Bem. Joguei bilhar com o Aljezur e tenho a ver Tácito. Vou sair depois de ter bebido café.

4h 40’ Fui passear de carro e a pé pela praia além de Juan-les-Pins. Já copiei o soneto de hoje que só irá amanhã com outro e vou ao Seibold.

10 ¼ Hebraico e Camões. Bilhar com Aljezur. Leitura de Cristo perante o Século às filhas mais velhas de Mota Maia e à mãe que sempre assiste. Seibold continuou a ler a História dos Jesuítas. Vou ler ou talvez começar o soneto para amanhã pois sinto e de veia e deitar-me para ler e dormir. 11h ¼ Fiz o soneto e irão amanhã três pois imaginei sensitiva para as flores de amanhã e agora cama – de uma vez – para ainda ler a Revue Scientifique.

17 de dezembro de 1890 (4a fa.) – 8h 20’ Desde 6h ¼ que continuo a ler na cama a Revue Scientifique de 13. Fiz versos e para variar vou ao Didon. Carta do Pedrinho de 13. Diz-me que o príncipe Henri filho do Chartres não assistiu ao banquete que lhe foi dado pela Sociedade de Geografia por doente. Mme. Bandieran a quem pedi por meio de Daubrée a fotografia dela recusa-se a mandá-la, porém eu insistirei. Resposta de Baligand de Munich a 13. Vou me vestir.

4h 20’ Boa ducha. Flores e passeio do costume. Almocei bem. Joguei bilhar com Aljezur. Transcrevi do original as passagens de Tácito nos Etudes morales sur les grands écrivains latins por l’abbé de Morlaix. Fui dar meu passeio de carro e a pé pelo Canet Route de Grasse. O Sant du Loup destacava-se da neve como esses animais polares, se fossem de pelo escuro. Aguardo Seibold com o Tácito.

10h ¾ Odisséia comparada com as traduções de que falei assim como dos Lusíadas com a tradução alemã. Jantei com vontade. Bilhar com Aljezur. A leitura do costume às filhas do Mota Maia e leitura pelo Seibold da História dos Jesuítas. Hei de mandar a Vida de S. Francisco Xavier por Lucena para ler ao Seibold. Vou me deitar e ler a Revue Scientifique até dormir.

18 de dezembro de 1890 (5a fa.) – 6 ½ Dormi bem só me levantando duas vezes. Já outra vez com o mais, porém a barriga vai bem. Vou à Revue Scientifique.

9h ¼ Estive transcrevendo os originais das citações de Tácito no livro de l’abbé Morlaix. Vou me vestir.

11h 10’ Boa ducha, aí fiz versos. Andei já pelas barracas, mas falarei do que houver visto depois que lá tornar.

3h 5’ Almocei bem depois de fazer versos. Joguei bilhar com o Aljezur. Continuei a escrever os originais das citações no livro do Morlaix – Seibold. Interrompi a lição para despedir-me do Czartorisky a quem pedi informações sobre a Polónia, língua, etc. – Hebraico e Camões, tomando café e vou agora para o Stanislas.

7 ¼ Volto da festa de caridade neste colégio. Junto o programa que me agradou. Estive assentado perto da Caserta que sendo talvez feia agrada-me pelo seu ar e parece ter-me afeição. É boa companhia de Cannes. Aguardo que me chamem para o jantar.

10h 20’ Bem. Depois conversei com o príncipe de Montenegro de modo interessante. Procurei as filhas do Mota Maia para lhes ler, mas já se tinham recolhido. Ouvei o Seibold a História dos Jesuítas. Tomei entretanto chá e vou ler a Revue Scientifique ante-penúltima até dormir.

19 de dezembro de 1890 (6a fa.) – Li antes de dormir os discursos da sessão anual da Academia das Ciências Morais e Políticas por ser a letra maior. Vou agora continuá-los.

9h 40’ Acabei o discurso de Jules Simon sobre Caro, é bellissimo.

11h ¼ Boa ducha. Fui comprar as flores. Andei pelas barracas e até além do farol. Tempo feio e voltei de carro.

11 ¾ Soneto quase pronto e vou almoçar.

12h 40' Bem. Joguei bilhar com o Aljezur.

2h 35' Escrevi a Daubrée, Villeneuve, Pedrinho e a Baligand. 2h 35' Saí de carro. Fui à Croisette onde andei a pé até a casa dos guardas no alto da colina. Depois de carro até as barracas onde nada vi digno de menção. O resto que é pouco para amanhã. Vou ao Seibold.

10h 40' Árabe e Camões. Jantei bem. Bilhar, leitura do Cristo perante o Século às Mota Maias mais velhas. Assistiu a Preceptora das meninas, porque os pais estão incomodados. Seibold leu-me a História dos Jesuítas e tomei entretanto chá.

Esquecia-me dizer que antes da leitura as Motas Maias ouvi música no corredor do hotel depois de descer a escada. Junto o programa. Não assisti a tudo. Vou ler um pouco de Didon e deitar-me e ler ainda até dormir.

20 de dezembro de 1890 (sábado) – 7h ¼ Dormi bem. Levantei só duas vezes durante a noite. Acordando como agora sempre urino. Creio que a tal respeito meu estado já é normal. Antes de dormir, li em O País do Rio de 27 9bro [novembro] o decreto a respeito das terras da Isabel. Quisera que fosse menos bem sustentado na exposição de motivos do ministro Francisco Glicério de 21.

9h 10' Estive transcrevendo do original as citações de Tácito do que vem no livro do abbé Morlaix. Vou me vestir e para a ducha.

9h ¾ Já me dispo para tomá-la – ducha.

11h ¾ Boa. Flores, continuando sempre a pé a tomar o carro além da Promenade du Midi, que atravessai. Acabei o soneto e vou almoçar.

1h 20' Bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Já escrevi para Bruxelas e vou ao Tácito.

4h 35' Estive em casa de Mme. Mercier. Vi suas pinturas e ouvi ao piano a Pulcinska acompanhando-a um rebequista curioso que toca muito bem. Estiveram a princesa Margarida Czartorisky e a Obolska e outras Sras. e poucos homens. Conversei com a amiga da Mercier. É minha antiga conhecida e muito agradável. Hei de voltar lá. Vou ao Seibold.

11 Hebraico e Camões cuja comparação com as traduções está quase acabada. Falta o mesmo trabalho para outras línguas, como francês, italiano, etc. Jantar com apetite. Bilhar com Aljezur. Conversa com a marquesa de Lacueil e creio que Mme. de Backer que me trouxe o livro Etudes literaires etc. de Louis de Backer seu marido. Publicação de 1890. Prometeram voltar, sua conversa interessou-me. Li o Cristo perante o Século às filhas mais velhas do Mota Maia que ainda vieram com a professora. Acabo de ouvir Seibold ler-me a História dos Jesuítas que está quase acabada. Vou agora ler deitado até vir sono.

21 de dezembro de 1890 (domingo) – 4h ¼ Não tenho sono. Levantei-me durante o sono e fui à banca. Já li bastante em diários de que falarei. São 6h ½ Saí da cama e já assentado a ler e o vento a soprar rijamente. Interrompi o soneto das flores – num momento fiz os dois quartetos para ler porque do contrário iriam dois sonetos – e tornar-se-iam enxurrada. Vou ao meu Tácito. Já transcrevi as citações no original. Mando vir as obras de Tácito que ainda não achei aqui. O mesmo farei relativamente às outras biografias. Vou a Didon.

8h 40' Li bastante e um pouco de Quatrefages. Vestir e duchas. Dia feio. Enevoadado.

10h 10' Missa na igreja perto do hotel como de costume. Ducha. Passeio pela praia além do farol. Já comecei o soneto na ducha. Trouxe as flores e com cravos.

11h 40' Acabei o soneto e lá irão os cravos.

3h ¾ Almocei bem. Bilhar com o Aljezur. Didon. Não foi possível sair por causa do mau tempo. Descansei na cama, porém não posso dormir de dia a não estar muito cansado. Vou jogar bilhar.

4h 40' Procurei Seibold para estudar com ele. Tinha saído. Vou adiantar o Didon. Já há muito que só se pode ver com a lâmpada.

6h Ainda hei de lê-lo antes de dormir.

8h 10' Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Espero as 2 filhas do Mota Maia. Talvez aproveite ainda o estro antes de dormir.

10 ½ Acabo de ouvir Seibold ler a História dos Jesuítas. Sto. Inácio tinha boa maneira de livrar-se de um secante e era

começar a falar do inferno e do diabo. Marquei a lápis o trecho. Entretanto tomei chá e vou ler ainda Didon e depois cama onde lerei até dormir. Falarei dos jornais lidos hoje. O que diz da Madalena é digno de se ler muitas e muitas vezes.

11h 10' Vou para a cama e espero ler pouco até dormir.

22 de dezembro de 1890 (2a fa.) – 5h 25' Dormi embora me levantasse 3 vezes e fosse agora à banca. Li ontem Didon até vir o sono. Vou a ele e depois a de Quatrefages – Journal des Débats, Revue des Sciences. Curiosa. Vou dar ao Mota Maia para pelo que aí se diz da vacina contra a difteria e o tétano e o tratamento elétrico da gota por Edson. Novo transporte de cartas pela eletricidade que já foi executado em Boston e parece melhor que os outros meios de mandar cartas e pequenos pacotes. Academia de Medicina sessão de 8. Curioso. Le Monde de 12. “Le traitement de la tuberculose”. Resultado no hospital de S. Luís. Favorável. O Dr. Huchard do hospital Bichat recusa o emprego dessa vacina. Protesta contra o monopólio do segredo pelo Estado, no que consentiu Koch. Diário do Comércio do Rio de 20 9bro [novembro]. “Estatís curiosa”. Professor americano calculou em cem mil os insetos que numa noite veem queimar-se na lâmpada elétrica e na maior parte nocivos à vegetação. “O sinapismo Edson”. O Dr. Stein de Moscou aplicou a ação da luz elétrica ao tratamento das nevralgias e afecções dolorosas. Excelentes resultados – de 27 “Desembargador Andrade Pinto” Pequena necrologia – uma nota de sua vida foi a recusa ao título do conselho.

“Bens da Princesa D. Isabel”. Já disse o que penso deste ato – de 19 A razão do não aproveitamento das terras não é com efeito admissível, desapropriassem-nas – 1 10bro [dezembro] “Em 9bro [novembro] de 1890!” Artigo que nada adianta sobre o atentado contra A Tribuna – de 30 9bro [novembro]. Nada de novo. 8 ½ Li Quatrefages, e para descansar já comecei o soneto. Como Juvenal, pudera eu talvez dizer em lugar de – facit indignatio versus – adivinhe-se, mesmo porque o que se adivinha é melhor que todo o latinário.

9h ¼ Mas como terminei o soneto sob a impressão do telegrama de Villeneuve anunciando-me de Bruxelas a morte da mulher que eu estimava há quase 30 anos e conhecia de quase menina quando os pais chegando dos Estados Unidos me apresentaram. Tinha quase calcinhas. O pai era Cavalcanti representante do Brasil nos Estados Unidos e a mãe inglesa irmã da primeira mulher do Sodrê, o qual casou depois coma filha da Sorocaba, Matildes... Sic transit gloria mundi. Vou me vestir.

11 ¼ Boa ducha. O mais como de costume. Vou acabar o soneto. 50' Não pude. Almoço.

1h Bem. Bilhar com Aljezur. 2h ¼ Terminei. Escrevi ao Pedro e ao pai dele. Vou sair.

4h 40' Fui para o lado de Napoule. Encontrei dois rapazes de andar creio que com seu pai que os faz desandar ao toque de um tambor. Conversei com eles de quem me despedi tomando eu para o lado da Esterel. Bom passeio. Comecei eu meus sonetos à minha Beatriz e vou ao Seibold.

10 ¼ Odisséia comparada com as traduções de Leconte Delisle e de Odorico. Lusíadas com a tradução alemã. Jantei com apetite. Bilhar com Aljezur. Leitura do livro de Vilhena Barbosa sobre as mulheres notáveis de Portugal que mandei vir para ler à minha sobrinha Antônia que infelizmente não vem, e o Seibold acabou-me a História dos Jesuítas por Ribadanera e tradução francesa com estampas e apensos. Agora vou ainda fazer versos e ler na cama até vir o sono.

23 de dezembro de 1890 (3a fa.) – 6h Quase. Dormi bem embora me levantasse três vezes para o mesmo que há pouco. Antes de dormir ontem li um artigo do Petit Journal “L’explorateur Bonvalot” mandado pela Mana Chica. Vou ler Didon.

7h 20' Vou começar os meus sonetos de Beatriz de que já compus ontem o prefácio para assim dizer.

8h Cartas a Daubrée de Paris de 13. Diz-me que em janeiro haverá a eleição pela vaga de Peligot. Apresentam-se Chamberland engenheiro Pents-et-Chaussées a quem se deve o reboisement das landes da Gasconha, Aimé Gerard que Daubrée diz me enviará a notice de seus trabalhos. A de 21. Diz que vem a 20 a Isabel e esta falou-lhe do Pedro e acrescenta: “je negligerais rien pour y porter remède autant que le permettra la faible influence dont je dispose”.

O Pedro redigiu curta nota sobre a millerite ou sulfureto de níquel das minas de Morro Velho que “je presenterai à l’académie. Il continue a s’interessar à cette branche de la science”. Diz que quando foi à casa de Mme. de Baranderian para lhe pedir a fotografia para mim partira para Bruxelas creio que por causa da doença da irmã Mme. de Villeneuve. “Je sui

obligé d'attendre le retour de cette aimable femme – mas não é como a irmã – qui a courageusement supporté de dures épreuves notamment de la part de son mari”.

9h 50' Vestido. Vou para a missa.

11 ½ Ouvi-a pela Villeneuve. Boa ducha onde fiz versos. Flores e Promenade du Midi. Chamam-me para o almoço.

1h ¾ Bilhar com Aljezur. Fiz outro soneto e vou transcrever o original das citações.

2h 20' Sair. 3h 50' Passeio de carro e a pé para o lado do Hotel Métropole. Guilherme não está em casa.

4h 25' Continuei a copiar as citações de Tácito. Creio que o Seibold já está aí.

6h ½ Hebraico e Camões. Vou jantar.

10h 40' Bem. Bilhar com Aljezur. Leitura do livro de Vilhena Barbosa às filhas mais velhas de Mota Maia. Seibold leu-me o que diz Jurien de la Gravière de Alexandre Magne. Vou ainda ler na cama antes de dormir.

24 de dezembro de 1890 (4a fa.) – 5 ¼ Levantei duas vezes durante a noite e agora fui à banca mas sem efeito, urinando depois. Li ontem antes de dormir Le Monde de ontem. “Vendredi la société de la navigation aérienne... a longuement parlé de l'expédition au pôle Nord. Parmi les objections nombreuses présentées par M. l'abbé Naze redacteur du Cosinos... auivant toute probabilité, les pôes de la terre sont occupés par des courants tourbillonnaires qui se permettront pas d'approche du but. Les auteurs du projet étaient presents. M. Hermite... a déclaré qu'ils iraient au Spitzburg pour étudier le regime des vents au moyen de ballons perdus confiés à l'atmosphère... Le président a exprimé le regret... n'aient pas choisi la crise actuelle de frois pour s'initier aux ascensions par une temps de neige” – e o Débats também de ontem – “Academie des Sciences du 20 note une interessante monographie de Mme. de Gerandi “la seule femme à laquelle du livre de M. Ernest Denis”. Fin de l'indépendance de la Bohême”. M. Franck fait une communication à propos du livre de M. Ernest Naville sur Le Libre Arbitre “Leopold de Ranke et M. Thirs”. Les deux derniers volumes de oeuvres de Ranke... nous font connaitre... le caractère d'un historien (eu conheci-o pessoalmente em Berlim) qui s'est attaché... à laisser passer les faits et les documents (vou mandar vir)”.

8h ½ Já transcrevi os textos latinos quase todos no livro de l'abbé Morlaix Les grands écrivains latins. Para os outros não achei os livros precisos. Mando-os vir. Este livro há de ser para o Luís.

11h 5' Almoço. Direi depois o que fiz antes.

2h 25' Conversa com Penedo que convidei um dia aqui com a mulher, e Francisque Michel que me trouxe o livro de sua segunda viagem circunavegação. Falamos muito a respeito de religião, tendo êle tendência aliás moderada para o ultramontanismo. Acabei o soneto a Beatriz, tomei café e vou sair.

4h 20' A pé pela praia, e de carro a voltar pelo Boulevard de la Foncière. Agradou-me e vai como tal para o Brasil. Falamos a respeito do Montenegro e do Brasil assim como da família de Victor Hugo que ele conhece. Jeanne vai casar e pedi-lhe que escrevesse a Mr. Lekroy dizendo quanto desejo a felicidade de Jeanne. Está aí Seibold. 6h 10 Hebraico e Camões com a tradução de alemão.

Jantar. 8 ¼ Bem. Joguei bilhar com o Aljezur vi a árvore de Natal de Rosse a que esteve presente a família. Aguardo as filhas mais velhas do Mota Maia para a leitura.

10h 10' Leitura de Seibold. Ambas como ontem. Estou já com sono porém vou ainda ler ou talvez fazer versos antes de me deitar para ler a Revue Scientifique até dormir. Li antes o programa da sessão da Association des Dames françaises que será no dia 30 às 2h ½ “Sous la présidence d'honneur de S.M.I Dom Pedro d'Alcantara”. No dia 17 de janeiro haverá pelo Mr. Révillet: Maladies bacillaires, vaccination de Pasteur et de Koch.

25 de dezembro de 1890 (5a fa.) – Meia-noite, 20'. Natal. Quis fazer um soneto, mas não ficou bom. São horas de cama. 6h 10' Dormi. Levantei só duas vezes e agora pouco urinei, indo de balde à banca. Vou a Didon, leitura própria deste dia. 7h ¾ Vou vestir-me.

9h 20' Já me confessei com Mgr. Gigoux e comunguei na freguesia e estou na casa das duchas vendo a última Illustration enquanto não chegava o Guilherme.

10h 50' Boa. Fiz versos. Flores e passeio do costume.

11h 40' O soneto de hoje ainda não está feito. Vou almoçar.

2h ½ Bem. Bilhar com Aljezur. Fiz o soneto. Tomei café e vou sair – mas o dia está feio.

4 ½ Fui a vésperas na igreja de Notre Dame-des-Sept-Doulerus. Durou bastante mais ouvi pregar muito bem Abbé Fannel professor do Pequeno Seminário. Disse a outro que tem mursa de cônego e muito meu conhecido mas de cujo nome não me lembro agora que muito gostei de ouvir o pregador sobretudo por estar eu agora lendo a vida do Cristo de Didon. A Princesa Czartorisky e Melle Obolska estavam presentes, mas sinto não lhes falado, mas saíram antes de mim. Vou para o Seibold, que me disse que os trechos citados de Isaías pelo pregador são – v. 5 e seguintes do Cap. 9. Também há profecia de Cristo no V. 14 Cap. 7.

6 ½ Sânscrito e trabalho canoneano. Creio que terminei a comparação desta tradução alemã. Jantar.

10h 24' Bem. Bilhar com Aljezur. Leitura às Motas Maias, de Seibold e chá, entretanto Comecei a ver a Imitation de Jesus Christ por l'abbé F. de Lammenais. "Pellein et Marchet éditeurs. Dijon". As estampas me agradam. Do texto pouco li, só aquele que tive por penitência hoje. Comprei o livro em casa de Renaudy. Vou ainda ler Didon e talvez fazer versos antes de deitar-me para ler até dormir. Direi amanhã na carteira nova o que tiver feito. Minha filha guardará esta como as outras.

VOLUME 36

EXÍLIO - 26/12/1890 a 20/02/1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

26 (6a fa.) Dez. 1890 – Meia-noite e 35'. O Didon só me deixa deitar-me agora.

5h 5' Não tenho mais sono, mas dormi bem. Vou ao Didon se não fizer o meu soneto.

6h ½ Acabo e limado. Talvez o achem bom. Agora Didon.

7h ½ Pois raiou a manhã e com ela novo soneto que terminarei depois de sair da ducha.

8 ½ Recebi carta interessante de Daubrée de Paris 23, da Januária de Nice a 24 e outra de miss Mary Elisabeth Gaylord com data de 10bro [dezembro] de Rochester, N. Y. à qual vou ver como responderei.

9h Custou-me a deixar o Didon, mas é preciso ler um pouco de M. de Quatrefages. ¼ Vou vestir-me para a ducha. 9h 50' Já me dispo. Encontrei um campista que está no mesmo tratamento que eu sob a direção de Mota Maia.

11h 25' Boa ducha. Fiz o resto do soneto. Flores e passeio do costume. Débats de 24. Académie des Sciences. Séance de 22. Lichyer e Tefé assistem à sessão. Berthelot achou em manuscritos latinos do 10º século o modo empregado depois por Galileu para medida das proporções dos metais nas ligas, segundo o princípio de Arquimedes. Os antigos já tinham balanças de milésimo. Esses métodos já muito aperfeiçoados são referidos no papiro de Leyde encerrado numa múmia achada em época moderna. O princípio de Cardano para a suspensão remonta a mui alta antigüidade. Os mágicos dos primeiros séculos conheciam-no muito bem como consta de diversos manuscritos.

1h 20' Almocei bem. Antes Mota Maia recebeu telegrama de Villeneuve "Baron Estrela rempli sa triste mission à Bruxelles avant-hier. Veuillez être mon interprète auprès Sa Majesté et lui exprimer ma reconnaissance et celle des miens". Da Mana Januária recebi telegrama de ontem Nice - "Souhails les plus heureux saudade".

Continuo o extrato do Débats. M Chatin comunicação sobre quatro espécies de tubaras encontradas comumente com as do Perigord [sic]. M. Chaveau apresenta nota de M. Guinard de Leão sobre a condição refratária dos gatos às picadas de morfina. São muito mais sensíveis aos anestésicos ordinários e adormece muito depressa o que sucede só depois de morfínizados. M. Milne Edwards que experimentou nos gatos do Museu obtendo para conseguir ulteriormente a insensibilidade dos tigres e das panteras em que fez operações cirúrgicas. As garras crescem de modo que curvando-se ferem o animal e é preciso arcá-las, mas a operação não é cômoda nesses animais e todas as experiências que fizeram com a morfina em gatos e tigres não tiveram êxito. M. Chauveau diz que se pode ensaiar de novo com a ação depois da morfina.

M. Wolf apresenta interessante comunicação de M. Jeannet sobre o famoso tornado de 18 de agosto em Dreux, em Saint-Claude e na Suíça. Não havia mais vento e contudo por efeito elétrico um homem foi atirado a muitos metros de distância. Um médico que foi outrora fulminado foi levantado ao ar na soleira da porta. Nos campos saíram chamas do solo

e viram-se rodear gado e lavradores. Tudo cheirava a ozona. Contestava-se o movimento giratório. M. Teesserenc só tinha-o notado em Dreux, mas em Rennes foi evidente. As árvores foram atiradas enraizadas, etc. como num círculo e derrubadas segundo raios. M. Wolf observa que há regiões inteiramente próprias dos fenômenos elétricos como a de Ille-et-Villaine. O raio causa aí grandes estragos. O mesmo tornado percorreu grande espaço e só se observaram fenômenos em alguns pontos o que deve depender do subsolo. As zonas de devastação foram como as mais das vezes perpendiculares ao caminho do tornado. M. Aimé Girard apresenta os resultados da cultura de batata. Em breve as colheitas pobres de 10 a 15.000 kg por hectare serão substituídas por outras de 30 a 35.000. A renda do solo desta cultura triplicou. A sessão pública anual proclamará os prêmios na 2ª fa.

4h 25' Volto de bom passeio de carro e a pé pela Croix-des-Gardes. Tempo encoberto. O colossal lobo negro saltava sobre suas neves. Gostei como sempre dessa paisagem. Espero Seibold. Enquanto não vem leio Didon. 10h 20' Sânscrito e acabei a comparação da tradução alemã com os Lusíadas. Princípio amanhã o mesmo trabalho em relação ao inglês. Jantei com apetite. Bilhar com Aljezur. Leitura minha às filhas mais velhas do Mota Maia. Leitura pelo Seibold feita a mim do escrito de Julien *[sic]* de la Gravière sobre as campanhas de Alexandre. Entretanto tomei chá. Vou ler ainda Didon antes de deitar-me, e depois alguma coisa para dormir. 11h 40' Acabei de ler o 1º volume 1º *[sic]* do Jesus Christ de Père Didon. Tem-me interessado e vou-lhe pondo à margem notas e sinais a lápis. Agora cama.

27 de dezembro de 1890 (sábado) – 6h 10' Dormi bem só me levantei uma vez e agora fui à banca. Terminarei no Brasil do Rio de 25 de 9bro *[novembro]* a tradução do artigo de Eugène Loudun da Revue du Monde Catholique sobre a obra de Didon. Parece-me justo. Vou principiar e ler o vol. 2º.

8h Não li muito. Respondi a cartas da Mana Januária, de Daubrée e da condessa e da Chica. ½ Hoje a musa está benigna e já fiz os dois quartetos enquanto cortavam as poucas folhas do folhetinho Les peuples nouveaux et l'Écriture Sainte, e li Les peuples nouveaux.

11h 40' Boa ducha. Flores e passeio do costume. Agora tenho continuado a transcrever os originais latinos das citações e vou almoçar.

2h ¾ Chegou minha filha e fiz mais um soneto a Beatriz.

4h 20' Fui depois de tomar café passear de carro e a pé com a Isabel subindo apesar do vento ao alto do observatório da Califórnia. Vou continuar a transcrever os textos latinos até o Seibold.

11h 20' Árabe e Camões com a tradução inglesa de Burton. Jantei bem com Diogo Velho também. Bilhar com este, leitura, a que ele assistira, da leitura às filhas do Mota Maia conforme o costume, presentes também a Isabel e a filha do Penha. Depois tudo se retirou e ouvi a leitura do Seibold tomando chá e depois de ter transcrito os textos latinos das citações vou-me deitar, que são horas e ainda ler, mas pouco.

28 de dezembro de 1890 (domingo) – Dormi bem, mas levantei-me três vezes, tendo urinado ao levantar-me. Há um ano que morreu a minha Santa. Vou fazer versos para o leque da mulher do Diogo Velho.

8 ½ Creio que não ficou mau o soneto com a rima de Amélia nome dela.

9h Transcrição das citações no original. Vou me vestir. 50' Já tomei a ducha e volto-me.

11 ½ A missa cantada fúnebre foi como podia desejar. Vieram dar-me pêsames acabada ela muitas das pessoas presentes. Depois da ducha passei com a Isabel que aí veio por onde costume e hora da missa permitiu e comprei as flores que dei hoje a ela. ¾ Vou almoçar.

1 ½ Bem e acabo de jogar bilhar com o Diogo Velho. Vou às citações.

Meia-noite. Passei de carro com a Isabel. Seibold árabe e estudo de Camões. Jantei com apetite. Bilhar com Diogo Velho, a quem li o meu soneto com o mote que ele me deu de Amélia para o leque da mulher. Leitura da Imitação de Cristo à Isabel – tradução de Laménais, a do costume às filhas mais velhas do Mota Maia e leitura feita a mim por Seibold, tomando chá no decurso dela. Transcrevi as citações e vou deitar-me lendo até dormir.

29 de dezembro de 1890 (2ª fa.) – 7h ½ Dormi bem. Levantei-me duas vezes e fui agora à banca. Continuo a leitura de antes de dormir para acabar o folhetinho Les peuples nouveaux et l'Écriture Sainte.

9h Recebi telegramas e respondi. Chegou o da Edla que tardava-me. Vou escrever-lhe também. São horas de vestir-me.

1h 10' Boa ducha. Depois passeio a pé e tendo-a encontrado com a Eugeninha Penha fomos ao passeio do Midi, e depois passando mais longe sob a estrada de ferro e tomar o carro. Fiz ainda versos antes do almoço que me soube bem despedindo-me antes do Diogo Velho, visconde de Cavalcanti que tanta amizade me tem mostrado vindo de Paris para assistir à missa do aniversário. Acabo de jogar bilhar com o Augusto e vou continuar a transcrição dos originais das citações depois de ver se concluo soneto de hoje. Terminado e sofrivelmente.

Recebo telegrama de Inhoan pelo dia de ontem. Bilhete de Mr. e Mme. Bouyer née Karr filha do Alp[honse]. Karr.

Carta de Daubrée de 27 e já respondida.

2h 50' Vou sair com a Isabel.

4h 12' Volto com ela Eugeninha Penha e Aljezur do passeio de carro e a pé até o extremo da ponta da montanha dos Grands-Pins. Belíssima vista. Infelizmente o céu não estava claro e só o pôr do globo incandescente do sol foi belo pelos tons. Aguardo Seibold.

10 ¼ Árabe. Camões como ontem. Jantar com apetite. Bilhar com Aljezur. Leitura às filhas mais velhas do Mota Maia. Leitura por Seibold de Jurien de la Gravière, tomando entretanto chá. Vou ainda traduzir o Dies irae. Começarei pelo menos e lerei na cama até dormir.

22 [sic] de dezembro de 1890 (3a fa.) – 8h Ainda preciso de luz. Antes de dormir continuei a traduzir o Dies Irae e acabo agora. Vou transcrever as citações latinas – mas é melhor ler pois já escrevi bastante.

11h 5' Ducha bem fria. Fui de carro às flores pois chovia e vim jogar bilhar. Agora torno aos versos.

11h 55' Vou almoçar.

1h Bem. Acabo de jogar bilhar com o Aljezur. Vou transcrever os originais das citações. A de Sófocles e pedirei o auxílio do Seibold.

2 ½ Fiz os versos diários e vou sair. 4 Volto da associação a que presidi das Dames françaises para os feridos na guerra e creio que também para os doentes militares em geral. Houve discursos que não foram grande coisa e fui mostrar o depósito das ligaduras etc. 40' Terminei a versalhada e vou a Seibold.

10 ½ Odisséia e Camões. Jantei com apetite. Bilhar com o Pedro e Aljezur. Acabei de ler o livro às filhas mais velhas do Mota Maia, tendo antes continuado a ler a Imitação de Cristo à Isabel. Seibold acabou de ler-me o 1º volume de Jurien de la Gravière sobre as Campanhas de Alexandre, e principiou o seguinte. Entretanto tomei chá. Dei o livro a Seibold para a citação de Sófocles e creio que só me restituirá amanhã. Escreverei as citações latinas que restam depois da chegada de meu neto Luís que chega amanhã.

Em Le Monde de hoje leio a nova da morte Schliemann em Nápoles de moléstia cerebral [sic] complicada de bronquite. Estava em Nápoles de passagem para a Grécia onde habitava quase sempre durante o inverno. Curta biografia. Nasceu em 1822. Muito lidei com ele e em sua companhia estive nas ruínas de Tróia e de Mecenas. Visitei sua casa no Bósforo. Creio que também com ele vi as ruínas ciclopeas de Tirinte. Era homem de muito mas com grande dose de charlatanismo. Casou com uma filha bem inteligente e simpática de um professor de Atenas, em cuja amável companhia e na dele almocei na suposta sepultura de Agamenon. Tinham feito decorar grande parte do Homero a uma filha pequena que eu ouvi recitar.

Escrevi a Paranhos sobre umas notas relativas a gravadores de medalhas brasileiras. Vou deitar-me e ler até dormir.

31 de dezembro de 1890 (4a fa.) – 7h 20' Li ontem antes de dormir a última Revue Scientifique. Levantei-me três vezes durante a noite, e fui agora à banca. Hei de fazer hoje os dois sonetos de ontem e de hoje. 9h ¼ Revue Scientifique. Vou me vestir. 55' Já me dispo.

11h 5' Estou de volta. Tudo como de costume. Encontrei minha filha de carro, mas não a vi. 40' Primeiro soneto. Almoço. 1h Bem. Estou na estação. ¾ Trouxe todas para a estação. Chegaram bem. Luís tem a cara escalavrada e acho-o bastante pançudo.

3h 40' Casertas [sic] e vou sair.

4 ¾ Assisti na freguesia ao Te Deum do fim do ano que a Deus agradeço. Havia bastante gente. Vou para o Seibold.

8h 5' Árabe. Camões. Jantei com meus filhos e netos. Joguei bilhar com o Gaston e daqui a pouco começarei a ler às filhas mais velhas do Mota Maia a obra do Vigouroux.

9 ¼ Seibold saiu. Vou ouvir ler a outrem. Leu-me o Pedro uma obra de Goncourt sobre a sociedade francesa do século passado. Não é mal escrita, mas não instruí. Hei de acabar de ouvi-la e as estampas que tem e ainda não vi talvez lhe dêem algum realce como as pernas do pavão. Vou ainda ler assentado e deitado até dormir depois de acabar o soneto 3°.

1 de janeiro 1891 (5a fa.) – 7h Deixei o final do soneto para agora. Vou à Revue Scientifique.

8 ¾ Estou me vestindo. 11h 40' Missa com meus filhos e os netinhos. Os netos não foram, contudo dei bons anos ao Pedro antes de sair. Boa ducha. Flores e passeio do costume e enquanto me vestia para a ducha li a Revue Scientifique. Tenho estado a fazer lista dos telegramas para bons anos e vou almoçar. Recebi carta de bons anos datada a 30 de 10bro [dezembro] de Paris de Riancey e as filhas do Mota Maia trouxeram-me bonitos bilhetes de boas festas.

1h ¼ Almocei bem. Joguei bilhar com o Aljezur. As tripas empurraram-me para o meu quarto. Vou continuar a transcrever os originais das citações.

3h Não escrevi muito porque tive conversa interessante com o Bois Brunnet. Vou sair.

11h 35' Não foi grande. Não estava muito boa a tarde. Árabe e Camões com Seibold. Os netos não jantaram cá apesar do dia. Joguei bilhar com o Gaston. Li Imitação de Cristo à Isabel. Vigouroux às Motas Maias mais velhas. Seibold leu-me o 2° volume de Jurien de la Gravière a respeito das expedições de Alexandre e tomei chá. Acabei agora.

11h ¾ A última Revue Scientifique e vou deitar-me para ler pouco e dormir.

2 de janeiro de 1891 (6a fa.) – 7h 45' Levantei-me 4 vezes durante e agora ainda urinei. Não dormi bem e ainda que nada sinta. Dia encoberto. Acendi o lampião. Vou ler o Journal de Hygiene de 18 10bro [dezembro].

8h 50' Traduzi uns versos que mandou-me com a data de ontem Mme. Sandford e peço-lhe sua fotografia. Vou continuar a leitura. 9h 20' Vou vestir-me.

11h 10' Boa ducha. Flores. Passeio do costume. Vou fazer versos para os livros de bons anos dos netinhos. 40' Escrevi-os e vou almoçar.

1 ¼ Bem. Joguei bilhar com Aljezur. Vou ao soneto de hoje e mais transcreverei [sic] depois.

4h 35' Não acabei o soneto. Fui da casa de Bois Brunnet onde tocou e cantou bem a marquesa de Lacueil e um poeta de que depois falarei leu versos. Foi muito agradável. Estiveram minha filha com quem fui, a Margarida com a Obolska a quem dei a tradução dos meus versos de bons anos que supus de Mr. Sandford. Também foi Roland. Só falo dos meus conhecidos. Cantou uma filha do Bois Brunnet. Vi um belo busto do escultor Croisy da filha do Bois Brunnet casada com o músico Niedermeyer. Parecer ser uma bela mulher. Vou ao Seibold.

6h 20' Odisséia. O príncipe de Montenegro estava dormindo e não pude obter a tradução de Leconte Delisle que lhe emprestei. Espero a Isabel para jantar. Chegou.

10h ½ Bilhar com Aljezur. Dei os livros de ano bom aos netinhos: o do Pedrinho com estes versos

Este livro é pra o Pedrinho

Que me faz tanto carinho

o do Luís

Agrada-me dá-lo ao Luís

Que bem soube quanto quis

e o do Antônio

Leia-o sempre o Antônio

Com esse olhinho – não de demônio

Li às Motas Maias mais um pouco a obra de Vigouroux pois o Seibold foi para o teatro com o Seibold [sic] e Aljezur leu-me o artigo dos Débats de 1° sobre Schliemann escrito por Georges Perrot. Meia-noite. Li o Journal d'Hygiène de 18 10bro [dezembro]. Não pude acabá-lo. Vou deitar-me.

3 de janeiro de 1891 (sábado) – 6h ½ Acabei-o. É interessante – artigo – “Suicides étranges – les bas rouges”. Tem proporções notáveis de óxido antimônico como suor, uma porção pode dissolver-se e provocar irritação da pele e formação

de pústulas. “Pars Monts et par Vaux”. Na antiga Atenas a palavra grega kaplos significava vendelhão, enganador e falsificador. Plínio antigo acautela contra as falsificações do vinho. Rabelais e Lutero queixam-se também delas. Bonchet deriva hotelier de hostis... “ces qui gaste [sic] et corrompt tant bonne chose qu’est le vin”. Vou mandar vir a Hygiène de l’estomac do Dr. Monin. Este diz “Les analyses chimiques constituent un véritable travail de Penelope, la moitié des chimistes étant à découvrir les sophistications imaginées par la génie de l’autre moitié” – “La prophylaxie de la diphterie”. Interessante. “Les bains de mer hollandais”. Fala da “remarquable thèse du Dr. Francken. Au chapitre de l’introduction nous empruntons des détails les plus instructifs sur le sol et l’eau du royaume des Pays-Bas... les mots Pays-Bas (Nedenlanden) e Holland (Holland) designent un pays (land) extremement bas (neden) ou excavé (hol.)”.

Diário do Comércio do Rio, artigo “2 de Dezembro”. Não me é desfavorável, apesar de dizer “os erros por ele cometidos durante o seu longo reinado”. Discutamo-los. Creio que poderei atenuar tal juízo. Versos de Múcio Teixeira ao “2 de Dezembro”. Mostra-se grato. Tornei a ler o belo artigo de Perrot sobre Schliemann que tanto conheci pessoalmente e nos lugares de seus descobrimentos. Parece-me vê-lo “ce qu’il y avait encore là de plus curieux c’était le maitre de la maison avec sa petite taille maintenant un peu courbé son visage hâlé où il y avait plus d’intelligence et le force que de distinction, la pétulance de son débit qui contrastait avec les lenteurs qui jetait dans l’entretien une dureté d’oreille que les prescription de Virchon n’avaient pu corriger”.

Li em O Comércio do Porto de 31 de 10bro [*dezembro*] o decreto autorizando a fusão do Banco dos Estados Unidos do Brasil com o Banco Nacional do Brasil. É a transcrição de considerações que entre outras faz o Jornal do Comércio. Pareceu-me tudo bem. Carta de Olegário de 2 10bro [*dezembro*] a Mota Maia que me deu ontem para ler. Fala das lembranças do dia e acrescenta – “se diz que poderá S. M. regressar ao Brasil... posto que não tenha razão para afirmar que a notícia seja exata... acredito que haja algum fundo de verdade pelas pessoas que ma tem comunicado e pelo que já tem dito a imprensa a respeito... P. S. Não me animo nas cartas... a falar em coisas políticas porque não há confiança no Correio”.

Telegrama do Papa agradecendo os bons anos – da Baronne de St. Didier de Paris – bilhete do Abbé Morland Missionaire Apostolique. Aljezur agradece – Carta de bons anos do Président Roland de 31 de 10bro. Bilhete de Henri Létuaire correspondente do Petit Journal – id. de Carlo Mazzoni vice-consul do Brasil e Rosa Mazzoni de Balabio de Milão – id. de La Supérieure Générale de Notre Dame de la Merie. Participação de casamento feita por Mr. Guy de la Marine en rétraite de seu filho Arthur Guy médecin de 2^{ème} classe de la Marine avec Madeimoselle Elisabeth Moreau Bordeaux. 16 Décembre. Dois pais e avó da moça com a mesma data de Arc-en-Ré. Será este Moreau o comandante do vapor francês da linha Bordéus para o Rio?

Carta de Daubrée de 30. Recomenda os discursos de Bertrand e Hermite na Sessão anual da Academia das Ciências. Hão de mandar assim como o novo annuaire du bureau des longitudes – Creio que o artigo de que fala de Cornu e de Tisserand vem no Annuaire. “Dans son chargin de la mort de sa soeur Madame de Barandieran ne veu encore recevoir personne”. Fala-me da partida na 5a fa. para Cannes e este hotel do duque Nicolau de Leuchtenberg. Sofre da laringe como o finado imperador da Alemanha. Não pode falar. Sinto-o duplamente porque Daubrée diz que ele “est éminent pour les qualités de son esprit, par ses connaissances et par sa bonté”.

9h ½ Estou-me vestindo. 10h 5’ já me dispo para a ducha. Dia bellissimo. 11h Boa. Podia ter ido às flores, mas fizeram-me passear sem nenhum interesse na estação. Vou partir para Nice. 5’ Segue.

12h Chego a Nice com o soneto feito. 6h ½ De volta. Almocei bem com a Januária que achei quase não podendo andar. Gaston e os netinhos regressaram para Cannes. Com a Isabel passei bastante a pé e de carro. Fui ao novo Cassino que breve se inaugura. Não entrei porque precisava de bilhete para fazê-lo. Visitei o antigo Cassino e como só tocaram depois de muita demora e mal sem ser a orquestra retirei-me e voltei para a casa da Mana Januária.

Perdi mais de meia hora por retardo do trem. Chamam-me para jantar, e só ouvirei logo o Seibold depois de minha leitura às Motas Maias.

10 ¾ Tudo fiz e entretanto vieram Gaston, netinhos e a Isabel com a Eugeninha Penha despedir-se de mim. A obra de Jurien de la Gravière agrada-me cada vez mais e o Seibold vai fazendo notas à margem para muitas explicações. Tomei chá às 10 e daqui a pouco me deitarei para ler até dormir.

4 de janeiro de 1891 (domingo) – 5h 20' Não tinha sono. Dormi bem embora me levantasse 3 vezes e agora fosse à banca mas sem incômodo de barriga. Antes de dormir comecei o Journal d'Hygiène de 1 de janeiro. Vou continuá-lo.

7h 50' Acabei. Artigo curioso “La dépopulation de la France devant l'Académie de Médecine” – Punitons e recompenses livro de F. Hement. Concorda com as minhas idéias quanto ao sentido moral dos castigos e abolição dos prêmios aos estudantes. “Les hauts plateaux de l'Amerique”. Fala da nota de Lacage Duthiers apresentada à Academia das Ciências. “Sur l'augmentation considérable du nombre de globules rouges dans le sang chez les habitants des hauts plateaux de l'Amerique du Sud”. Les enfants mal élevés. Mandei vir a obra de Nicolay. Aprovisionnements urbains en eau potable – Interessante. Zambaco – Voyage chez les lepreux “mandei vir”. O autor do artigo Dr. F. R. diz: “Malheureusement... tous les preuves (do não contágio da lepra) tombent devant ce fait... les fois que l'on a séquestré les lepreux... la lèpre a suspendu ses ravages et a même disparu”.

8 ¼ Vou ao 2º volume do Didon. Pouco li. Falei a Seibold sobre as transcrições dos textos no livro para o Luís. Vestir para a ducha.

9 ¾ Já ouvi missa. Isabel com Eugeninha chegaram depois do Evangelho e saíram para ouvi-la noutra Igreja. Dispo-me para ducha. 10h Visto-me e principio soneto.

11h Fui até o passeio habitual comprando as flores. Belíssima manhã. Vou almoçar daqui a pouco. ½ Não pude fazer o que queria do soneto. Almoço.

12h Bem. Fiz versos. 1h Partida para S. Rafael. Custou a achar vagão.

3h 10' Em Cannes direi o que fiz.

4h 5' De volta. Estavam na estação a filha de A. Karr e Mme. Boyher e o marido. Fomos no cemitério novo que inaugurou o cadáver de A. Karr. Ajoelhamos junto à sepultura onde havia coroas e depus a que levei. Depois fui à Maison Close onde vi o neto que ainda sofre e vai servir no exército e as netas de excelente aparência e a quem o pai ensina. Ocupa-se de jardim e é entendido em botânica. Encontrei lá o pintor Carolas Duran que havia chegado de Paris, autor de excelente retrato de A. Karr. Já tinha visto esta pintura da outra vez. Conversamos sobre belas artes. Deram-me café. Amanhã é o leilão dos livros e creio que outros objetos de A. Karr. Espero oferecê-los à família.

Acompanharam-nos à estação Mme. Boyer e o marido, tendo aquele sempre ido no meu carro com a Isabel e a Eugeninha. O tempo foi magnífico e gozei bem desses lindos sitios. A igreja de estilo romance ainda não está acabada creio que é do risco do arquiteto Aublet. Vou ao Didon.

8h 10' Jantei bem. Bilhar com Gastão. Li Imitation à Isabel, presentes Gaston, Eugeninha e netinhos. Vou ler às Motas Maias. 10h Depois ouvi o Seibold ler o Jurien de la Gravière. Vou ainda completar meus versos a A. Karr e ler deitado até dormir o livro sobre o Montenegro. ¼ Acabei de ler em Les Missions catholiques. Bulletin hebdomadaire illustré, que me deu Ernest Michel, o escrito deste “Les populations primitives dans l'hémisphère Sud”. Aí achei o seguinte... “à Nice sur le quai des Phocières le petit canot de cinq mètres de long sur lequel deux américains étaient arrivés de New York”. Interessou-me bastante essa leitura.

11h 40' Fiz estes versos de A. Karr que talvez mande à filha Mme. Boyer.

Que l'auteur de Gênevieve

Presque rêve sous les tilleuls,

Agrée mes fleurs, dont la sève

Pas craint les Guêpes, les frêlons seuls

Que de l'Hymitte les abeilles

Chassent du reste de ses treilles

Source de tant de fruits doux

Dont sans cesse juissons nous

Vou-me deitar e ler um pouco até dormir.

5 de janeiro de 1891 (2a fa.) – 7h 5' Dormi. Levantei-me três vezes durante a noite e agora urinei ainda. Antes de dormir comecei o livro Le Montenegro Contemporain por G. Frilley.

8h 35' Já mandei minha carta a Mme. Boyer filha de Alphonse Karr mandando os versos, torno a Montenegro. 9h 20'

Vestir.

10h Dispo-me para a ducha e faço versos. 11 ½ Boa ducha. Passeio do costume. Só havia um navio no porto, presságio de bom tempo.

1h ¾ Versos. Almocei bem com Isabel, meninos e Margarida com Obolska. Acabei o soneto e fui à partida de Isabel. Havia na gare os Bois Brunnet e apareceu a Laccueil. Almoçou também comigo o padre que é preceptor em casa da Margarida. Felizmente voltam-me daqui a 20 e tantos dias. O Augusto apareceu, mas não o Pedro que se meteu no quarto, contudo já lhe dei bons dias.

Voltando da estação joguei bilhar com o Augusto, e vou ler Montenegro.

2h ¾ Versos e vou sair.

4h 35' De carro e a pé até onde a vista de ser menos bela nos Grands Pins. Tarde excelente. Vou ao Seibold que estou esperando na mesa das lições.

6h 10' Hebraico e Camões. 8h 20' Jantei bem. Bilhar com meu neto Augusto. Aguardo aos Motas Maias e creio que aí veem.

10 ¼ Tudo como de costume e escrevo já na cama. Montenegro e penso que dormirei brevemente.

6 de janeiro de 1891 (3a fa.) – 6h ½ Sonhei muito, porém não me lembro dos sonhos que foram indiferentes.

Perguntei 3 vezes que horas eram, e 3 levantei-me para urinar. Agora fui à banca e só urinei pouco. Vou acabar o 2º soneto de ontem.

7 ¼ Acabei e vou ao Montenegro – mas iniciei o soneto – o céu está sombrio.

9 ¾ Dispo-me para a ducha. Antes ouvi missa em Notre Dame des Roses havia sua gente embora não seja aqui hoje dia santo.

11 ¾ Flores e passeio do costume. Já terminei quase o soneto e vou almoçar.

1h Tive antes grande desarranjo, mas isto faz-me bem. Joguei bilhar com o Augusto e vou ler – o que?... Quatrefages.

2 ½ Vou sair, mas ainda tornarei a Quatrefages.

4h 20' De carro e a pé pela Califórnia e route de Antibes. A tarde estava já fresquinha. Recebi cartas de Daubrée, Rio Branco. Bilhete de ano novo do Mouton, N. de David, L. Einstein e senhora de New York.

7h 50' Árabe e Camões – Burton com o Seibold. Jantei com vontade. Augusto não assistiu. Joguei bilhar com o Pedro que foi ao teatro assistir à representação do Cadi e depois com o Aljezur. Vou a Quatrefages até 8h 10'.

10h ½ Leituras do costume e chá. Vou deitar-me e ler. Creio que será por pouco tempo. Acabei de escrever a Mme. Boyer filha de Alphonse Karr.

7 de janeiro de 1891 (4a fa.) – 5h 20' Li pouco Montenegro antes de dormir. Por isso já não tenho sono. Acordei bastantes vezes e 3 para urinar. Tenho urinado agora ao levantar-me. Não foi boa noite embora calma. Vou ler Montenegro.

7h 25' Acabei a introdução histórica. É interessante. Notei diversos pontos para que deles fale ao príncipe de Montenegro que julgo ainda estar neste hotel.

9 ½ Li bastante da obra de Mr. de Quatrefages. Espero acabá-la antes de deixar Cannes. Vou vestir-me.

10h Já me dispo para a ducha.

1h Boa. Flores e passeio do costume. Antes da ducha e depois comecei o soneto. Almocei bem e acabo de jogar bilhar com o Augusto.

3 ½ Chego de um concerto em que se tocou e cantou. A cantora gritou bastante. O rabequista não era mau. Estavam Margarida, Obolska, Bois Brunnet, Laccueil e outras pessoas conhecidas como Roland, e aqueles que querem dar-me um concerto e tem muitas coisas curiosas em sua casa, como minerais, fósseis, álbuns etc. conhecidos de Roland.

Vim ao hotel por causa da barriga, mas ainda vou dar um giro de carro.

4 ½ Sai a passeio de carro – route de Antibes, Califórnia pelo Hotel Metropolitano a voltar pelo lado do meu hotel. Vou ao Seibold. O tempo está frio. Antes das 7 houve 3 abaixo de zero e pela madrugada nevou.

Árabe e Camões. Tenho estado estes dias menos boa ou antes excelente a tradução de Burton.

Jantei bem. Meus netos não vieram à mesa. Bilhar com Aljezur e vou ler às Motas Maias. Depois leu-me Seibold o livro

de Jurien de la Gravière sobre as expedições de Alexandre Magno. Já está no 2º volume. O que diz de Persépolis é muito interessante. O Seibold vai anotando o livro segundo a leitura. Poderei relê-lo com maior proveito.

10h 40' Vou deitar-me e ler Montenegro até dormir.

12h Pois fiz um soneto e agora é que vou deitar-me.

8 de janeiro de 1891 (5a fa.) – 6 ½ Dormi bem. Levantei-me 3 vezes durante a noite e urinei ainda agora. Carta do Revy de 31 10bro [dezembro] falando-me da comunicação por estrada de ferro entre a Inglaterra e a França. Diz-me “The government is cold in the subject... it is openly against a tunnel through the chalk as on by Sir Edwards. The real opposition seems to proceed from... the Duke of Cambridge, and, it is probable that because Lord Wolsey... officially opposes the tunnel – and that the Government find themselves in “Siberia”, whenever the channel tunnel is brought forward in Parliament. There are 3 bills on the subject of the Channel Railway in Parliament this session, namely: Messrs Schneider and Hersent’s Bridge; Sir E. Reed’s Tube, and Sir Edward Watkin’s Tunnel. The former two... from an engineering point of view, impracticable and are probably brought forward for public notoriety, the latter everybody knows will be again rejected... In order to follow up the matter. I seek to obtain an appointment as consulting engineer to the Austrian Government in London”.

Escrevi em resposta a Lermite do Instituto e ao Amelot. Vou vestir-me daqui a pouco. O termômetro, perguntei há pouco, marca 1º – 10h Dispo-me para a ducha. Aí houve 3º de madrugada também a casa é mais abrigada.

11 ¾ Terminei o soneto e almoçar.

1 ½ Bem. Joguei bilhar entretanto veio o Montenegro agradecer-me a visita. Foi a Nice ver a filha e logo conversarei à noite com ele para explicar-me alguns pontos do livro que ele me emprestou sobre o Montenegro que vou continuar a ler se não fizer de preferência versos.

Li em Le Petit Journal de 6 um bom artigo do Thomas Gremin ou talvez com este pseudônimo “Langues Mortes et langues vivantes”. Fiz novo soneto e 2 ¾ vou sair.

4 ¼ Antes de sair disseram-me que nevou um pouco. Não vi. De carro por Vallergues e Canet. Tempo frio e feio. Aguardo Seibold.

8h 50' Hebraico e Camões. No hebraico além de Isaías vi a tradução francesa e o original hebraico de uma poesia sobre o amor mandada por um judeu a qual muito nos fez rir.

Jantei com apetite, joguei bilhar com Aljezur e Augusto. Acabo de ouvir a música já minha conhecida da casa do Roland. Junto o programa. Vou ler às Motas Maias.

9h 50' Acabo de lhes ler. Agora ouvirei Seibold. Chega este.

10h 40' Continuou a ler a obra de Jurien de la Gravière e vou me deitar para ler, mas não posso deixar de dizer antes que recebi a carta em resposta que junto da filha de A. Karr com o manuscrito deste. Não sei onde estão as obras de Sta. Teresa que ela me pede que mande à Isabel “en souvenir de celui qu’elle veu bien appeler son ami”. Não vi ainda os livros que talvez só entregue à Isabel quando ela vier de novo. Agora cama. Esqueceu-me dizer que quando jogava o príncipe ainda veio dizer-me adeus antes de partir.

9 de janeiro de 1891 (6a fa.) – 6h ¾ Dormi bem mas levantei-me três vezes e agora ainda urinei bastante. Vou adiantar.

9h Li bastante. Acabo de ver um retrato meu feito pelo mesmo a quem devo retrato da minha Santa que parece-me excelente embora me avelhantasse talvez demais.

20' Ainda li. Acabam de chegar os livros que a filha de A. Karr manda à Isabel como lembrança do pai segundo na carta a que já me referi. Já vi um dos volumes. Vou começar nos Débats de ontem a “Revue des Sciences” enquanto me visto em parte. 40' Vou preparar-me para ir à ducha.

10h 10' Já me dispo e faço versos. 2h Passeio depois de retocar o soneto que talvez ainda não ficasse a meu gosto. 40' Saio.

4h 25' Bom passeio de carro até quase o observatório e depois a pé do observatório inferior passada à Villa-Louis 13 até o hotel. Tarde feia e fria. Aguardo Seibold. O exercício fez-me bem, e o jantar há de saber.

6h 10' Árabe e Camões. Jantar. 8h Com apetite. Joguei bilhar com o Augusto principiando com o Aljezur espero as Motas Maias mais velhas lendo Montenegro.

10h 10' Acabei de ouvir o Seibold ler-me o 2º volume de Jurien de la Gravière sobre as Campanhas de Alexandre que parece-me cada vez mais interessante. Entretanto tomei chá. O Pedro chegou-me do teatro dizendo-me estar muito aborrecido.

Vou acabar a “Revue des Sciences” do Débats de 8. É interessante somente a respeito da ação da água sobre a terra do globo que se desfaria toda em 4 milhões e 500 mil anos. Observaram-se em gotas de chuva cristais de hematina e apresentou-se a hipótese de ser de sangue de pássaros envolvidos num turbilhão que os feriria de encontro uns aos outros, mas as gotas espalharam-se em 2 km quadrados, e não seriam assim poucos os pássaros, contudo nenhum caiu. Os sapos comem as abelhas. Vou agora para a cama.

10 de janeiro de 1891 (sábado) – 6h 40' Dormi porém levantei-me 4 vezes para urinar e ainda fiz o mesmo agora. Antes de dormir li o folheto “Les origines et les premiers représentants de l’Economie *[sic]* en France”. “Discours prononcé à la séance annelle *[sic]* de l’Académie des Sciences etc d’Aix par Mr. Alfred Jourdan Doyen de la faculté de droit, Président de l’Académie de 28 Juin 1890”. Mandou-me o autor com estas palavras escritas pelo autor “A Sa Majesté Dom Pedro d’Alcantara hommage de l’auteur A. Jourdan”. Creio que o vi da outra vez que estive aqui. Vou acabar de ler o discurso.

7h 40' Gostei muito e quase me suscitou de novo o gosto pelos estudos econômicos – porém quero aproveitar estas férias para saber mais um pouco ciências naturais.

O Guilherme acaba de ver no termômetro fora da janela 1 ½ abaixo de zero, cent.

9h Cartas – de Pettenkofer de Munich de 6. Diz: “München hat seit mehr als zehn Jahren in Folge seine Assanirungswerke keine Typhusepidemien mehr gehabt un *[sic]* dürfen Fremde jetzt jeder Zeit ohne Furcht für ihre Gesundheit auch auf lange Zeit die Stadt besuchen”.

Li o Rapport sur le fonctionnaire me et les Colonies por E. Michel Avocat à Nice. Não deixa de ser interessante e tem aplicação ao Brasil. Vou me lavar e preparar para a ducha.

10h 5' Já me dispo e começo o soneto. 1 ¼ Flores passeio do costume. Soneto acabado. Almoço bem. Bilhar com o Pedro. Vou a Quatrefages.

4 ¾ Dei meu passeio de carro pelo Boulevard Leader e a pé por Ohnet até o carro que pela route Grasse me trouxe ao hotel. Tarde feia e úmida.

10h 25' Odisséia – grego comparando com as traduções de que tenho falado. Jantar com apetite. Augusto não assistiu. Bilhar com Aljezur e Pedro. Leituras: minha às Motas Maias e de Seibold a mim e chá. Vou a Quatrefages.

11h 5' Vou para a cama e aí ler até vir o sono o livro sobre Montenegro.

11 de janeiro de 1891 (domingo) – 7h Dormi sofredelmente. Levantei-me três vezes e urinei agora. Vou ao Didon.

8h 10' Estou me vestindo. 10 ¾ Boa ducha. Fui à missa no Stanislas, oficiou Mgr. Gigoux acompanhado de padres do colégio um dos quais o diretor. Uma das músicas das outras partes da missa. Gostei muito. Vou acabar o meu soneto. 11h 40' Acabei-o. O Pedro deu-me para Mazzochi “avec la collaboration d’autres ingenieurs Memorial Technique Universel”. Vou mandar buscar igual Paris H. le Seudier.

1h ¼ Almocei bem. Bilhar com o Aljezur a quem todas as Motas Maias deram um barrete preto bordado por elas. Escrevi à condessa Edla e vou continuar Didon.

2h 35' Sair. 4 ¾ Observatório da Califórnia – vista da esplêndida – desci a pé e fui ainda de carro por onde não andei depois da ducha conforme o costume menos o Jardin du Midi, e como não tenho hoje Seibold vou ao Didon. Se não fizer outro soneto como o belo pôr do sol convida.

6h 20' Árabe e Camões. Vou jantar. 9h 50' Bilhar com Aljezur.

8h Judeu Felbermann cuja conversa é interessante. Prometeu-me livros hebraicos e uma novela dele em que trata incidentalmente de assuntos hebraicos. Li às Motas Maias e ouvi Seibold ler Jurien de la Gravière.

10h ½ Tomei chá e depois de ler um pouco Didon deitar-me-ei para ler e dormir.

12 de janeiro de 1891 (2a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Levantei-me três vezes e ainda pouco fui à banca sem efeito quase. Vou acabar o folheto que lia ontem antes de dormir.

8h Acabei e principiei La Croix Rouge de France folheto de Maxime du Camp que deu-me com seu nome “Julie Bonnet directrice de la lingerie à Cannes” – Mas é preciso adiantar sobretudo o livro de Quatrefages – porém quase todo o soneto está feito deixando o resto para as flores.

10h 5’ Já me dispo. 15’ Boa ducha e fui bem esfregado.

11h 25’ Flores onde encontrei a amiga da Mercier que parece-me é freguesa das flores e dei meu passeio habitual. Acabei o soneto de ao esfregar-me da ducha e creio que farei outro hoje.

3h Estive com Mme. Amelot e Lokoma. Escrevi-lhe para Nice – Splendide Hotel mandando os versos que lhe fazia em francês quando a anunciaram. Vou sair.

4 ¾ Por Vallauris e Hotel Metrôpole. Belíssimo pôr do sol. Seibold.

6h 10’ Árabe e Camões. Ao jantar.

10h 25’ Tudo como de costume. Terminei o dia com o soneto francês. Depois cama e leitura para melhor dormir.

13 de janeiro de 1891 (3a fa.) – 5 Não dormi bem mas sem incômodo. Antes de dormir li Montenegro. Vou escrever o soneto e a carta.

6h Escrito. Quatrefages para adiantar, que o livro é barrigudo.

8h Quase. Não dormi bem de noite, dormi pois na cadeira. Volto de Quatrefages.

9h 25’ Vou me vestir. O tempo está mau.

12h Vou almoçar. Antes fiz o costumado, além de cortar o cabelo, encontrando na casa do cabeleiro *[sic]* a Mr. Arnoux. Terminei o soneto a Beatriz.

2h Pronto, tendo antes jogado bilhar com o Augusto. Vou ao Quatrefages. Estou antes tomando café.

4h ½ Passeio de carro por Vallergues e Canet. Tempo encoberto e um pouco úmido. Aguardo Seibold.

7h ¾ Hebraico e Camões. Hei de reunir todas as profecias messiânicas. Leio em um retalho de periódico – S. João del Rei (1 de dezembro de 1890). Ao primeiro brasileiro D. Pedro de Alcântara no dia de seu natalício saúda-o e beija-lhe as mãos quem nunca o fez quando ele era imperador. Dr. Afonso Cordeiro de Negreiros Lobato.

Em La France Moderne nº 28 de 1-21 de janeiro vem o artigo “Un ami de la France S. M. Dom Pedro 2 d’Alcantara”. Vou começá-lo e li-o.

9h 25’ Leitura às Motas Maias. Vou ouvir o Seibold.

10h 20’ Leitura muito interessante mas ainda há alguns volumes para ler. Fiz um soneto à minha Beatriz. Parece-me sofrível e cama! Porque a musa não me deixaria dormir.

14 de janeiro de 1891 (4a fa.) – 5 ½ Dormi bem depois de ler Montenegro. Levantei-me três vezes. 8 h ½ Arranjei o meu escrito, só me faltam as citações. 9h 20’ Está feito o soneto francês. 50’ Na casa da ducha despindo-me.

2h 5’ Morreu a condessa de Barral minha amiga desde 1848, e de ver todos os dias educava minhas filhas desde 1851. O mérito dela só o aquilantou quem a conheceu como eu. O telegrama ao Aljezur é este “Maman éteinte ce matin service vendredi seize midi Neuvy S. Bon Enterrement Paris samedi Prevenez doucement – obrigado! – Sa Majesté. D. Barral”.

9h 10’ Não passei. Entretanto li e escrevi meu trabalho para o concurso escolástico. Achei em Propércio um trecho que enquadrava à triste notícia. Jantei como pude. Antes tinha telegrafado a Nioac para representar nos funerais da condessa. Joguei bilhar com Pedro e Aljezur depois do jantar. Li às Motas Maias e vou ouvir Seibold.

10h 25’ Acabei o 2º volume. ¾ Acabei de escrever a Mme. Amelot que talvez esteja no Splendide Hotel daqui não de Nice como penso. Vou ler deitado. Tem ventado muito.

O abbé Federlin esteve cá e entreguei-lhe meu trabalho para o concurso literário no Stanislas sobre o “Auxílio mútuo das ciências e letras”. Federlin trouxe a lista que lhe pedi dos nomes dos compositores das músicas que se tocaram na missa do colégio, a que assisti: Kyrie de Vogt – Glória de Mozart – Sanctus de Beethoven – Agnus de Vogt.

15 de janeiro de 1891 (5a fa.) – 7h Dormi bem. 3 vezes e agora fui à banca. Não posso esquecer a morte da Barral. Hei

de fazer-lhe meu soneto quando o espírito estiver mais calmo.

9h Traduzi ao abrir do folheto Primeiros versos do filho do Varnhagen Javier. Varnhagen de Porto Seguro e poesia La huerfana. Vou vestir-me.

10h ¼ Na Notre Dame des Roses ouvi missa pela Barral que jamais esquecerei.

11h 40' Boa ducha. Flores e passeio do costume. Encontrei ao chegar Arnoux. Seu concerto fica para o dia 31. Já principiei o soneto à Barral. Meio-dia. Almoço.

2h 10' Bem. Bilhar com o Pedro. Terminei o soneto, que ao menos tem a inspiração do coração.

4 ½ Passeio de carro e a pé pelo Canet, Vallergues, La Foncière. Chego e espero Seibold. Antes de sair tive a visita da St. Didier e da filha. Conversamos bastante e prometeram voltar. Chega Seibold.

8 ¼ Árabe e Camões. Jantei bem. Bilhar com o Pedro. Aguardo as Motas Maias.

11h Li às Motas Maias. Depois Seibold leu-me a obra de Jurien de la Gravière e tomou nota de diversas obras citadas sobre a Pérsia para mandar vir. Não quis ouvir música hoje. Vou transcrever o soneto que fiz hoje.

Durante meio século de amizade

Talento e graça em ti bem me encantava

E o tempo junto a ti nunca durava

Em toda a sua maior diuturnidade

Quantas vezes com a mais doce maldade

O relógio fatal eu desandava

E um teu sorriso logo me indicava

Que em tal quiseras ter cumplicidade

Só por querermos mais cessava a harmonia

Também custava pouco reatá-la

E assim o dia era igual a outro dia

De ambos a vida a desliza-la

Uma só existência parecia

Que a morte mesmo nunca há de acabá-la

Ainda vou ler Quatrefages e na cama Montenegro até dormir.

16 de janeiro de 1891 (6a fa.) – 5h Li pouco. Sonhei muito a que me chamavam do Rio e para lá lia *[sic]* prestar os serviços como conselheiro de minha filha ou de meu neto. Acordei muito bem disposto. Vou ler o discours par M. Hermite na sessão pública anual de 29 de 10bro *[dezembro]*. Agora vejo que comecei a ler antes de dormir no Débats de 14 o extrato dos trabalhos da Academia das Ciências de 12. Falarei disso depois de receber o Compte-rendu. Li agora no mesmo Débats o 3º artigo de Philippe Berger sobre o livro Essais de mythologie greco-latine por Ch. Poux que por me parecer interessante vou mandar vir. Vou ao Discours. É interessante e pego no de Bertrand sobre Poinot que tanto li quando aprendi matemáticas com Canido *[sic]* Batista. Foi ele que teve a idéia des couples em mecânica e que tanto facilitou meu estudo. Vamos ver como Bertrand fala disto, mas antes tenho ainda os discursos de Mezières e de Claretie nos funerais de Octave Feuillet.

7h 20' O termômetro tem 3º abaixo de zero, também assim diziam as pernas apesar do xale.

9h Li o elogio recitado na sessão pública anual da Academia das Ciências a 29 de 10bro *[dezembro]* de Poinot por Bertrand e lerei breve o de Cosson pelo mesmo e o discurso de M. Hermite presidente. Também li os discursos nos funerais de Octave Feuillet em seus funerais a 31 recitados por Mezières diretor da Academia Francesa e Jules Claterie *[sic]* da mesma Academia como administrador do teatro francês. Li o elogio de Cosson e vou me vestir.

10h Dispo-me para a ducha. Também aqui se me disse que baixou a 2 graus abaixo de zero.

11h 25' Boa ducha. Flores, passeio pela praia para tomar sol, não entrando no jardim senão na volta para tomar carro.

1h ½ Almocei com apetite. Joguei bilhar com Aljezur e o soneto francês está feito.

2 ¼ Vou ler, tomar café e sair.

4h 25' Volta: Hotel Central, Vallergues, Route de Grasse, Cannet. O Chartres tinha saído e deixei meu nome no Hotel Central. 3º cent. Seibold está aí.

6h ¼ Odisséia. Camões. Jantar.

8h Joguei bilhar com o Aljezur. Aguardo as Motas Maias para a leitura. 10 ¾ Li-lhes até perto das 10. Vou deitar-me e ler Montenegro até dormir.

17 de janeiro de 1891 (sábado) – 6 ¼ Dormi bem mas levantei-me 4 vezes e agora fui à banca, mas sem efeito e ainda urinei. Vou ler Didon pare ver se termino o 2º volume até o mês que vem. 40' Tudo quase coberto de neve. Cent. 1º. São as despedidas do inverno embora agora é que se manifeste. 8h ¼ Pouco li porque a neve inspirou-me e fiz um soneto francês. A neve já vai se derretendo, será bom agouro? O soneto não está mau, a mereceria esse prêmio. Será poesia demais na minha idade, mas assim me vou iludindo e para o positivismo basta o estudo que não cessa.

11h ¼ Boa ducha e andei a pé. Plantei uma figueira, mas não me machuquei querendo ir até onde pude descobrir as montanhas. Tomei o carro e eis de me volta *[sic]*. Fui à banca mas sem desarranjo de. Recebi antes de sair cartas de Nioac de 15 e da Mana Chica da mesma data. A responder. ¾ Soneto a Beatriz quase acabado e vou almoçar. Bem. Bilhar. Quatrefages.

4h 25' Passeio pela route de Antibes. Sempre neve pelo caminho. Bonito e não muito frio. Seibold árabe e Camões. Antes tinha escrito para Nice. Jantei bilhete *[sic]* e joguei bilhar com o Aljezur. Meus netos não jantaram cá. Leitura às Motas Maias. O Montenegro chegou esta tarde.

10 ½ Acabo de ouvir Seibold ler Jurien de la Gravière. Acabou de dar notícia da viagem de Fraser pelo Mazenderan, o que é menos interessante e vai de novo falar de Alexandre *[sic]*. Agora deito-me e Montenegro creio que por pouco tempo.

18 de janeiro de 1891 (domingo) – 6h 10' Levantei-me 3 e há pouco ao acordar urinei outra vez. Dormi bem porém as mãos estão mais presas. Vou a Didon mas depois do Compte-rendu. 7h 40' Já vejo sem candeeiro. 2º cent. 8h ½ Só li o Compte-rendu de 29 10bro *[dezembro]*. Vou me lavar. 11h Missa. Cantaram as meninas do recolhimento. Boa ducha. Flores e atravessei a Promenade du Midi. Muita neve por onde andei mas felizmente não caí, como ontem. Vou acabar o soneto francês.

1 ¾ Não ficou mau. Almocei com vontade. Joguei bilhar com Aljezur. Escrevi para Nice. Recebi antes do almoço carta de Grande-Garonne referindo-me os pormenores da morte da condessa. Minha coroa já tinha sido depositada na tumba da condessa. Hei de transcrever alguns trechos da carta. Vou continuar o Compte-rendu.

2h 40' Não pude acabar. Saio.

8h 5' Passeei pelo passeio de todos. Cheguei até a Promenade du Midi. Voltando daí fui para o lado. A maior parte a pé. A tarde estava *[sic]* e embora da neve e do verglas encontrei muita gente mas poucos conhecidos. Li um pouco antes do jantar que me soube e depois tenho jogado bilhar com Aljezur. O Pedro disse que o trem de Nice e não chegou à hora do jantar porque disse ter retardado e foi jantar com Fleischmann. Vou ler às Motas Maias.

10h 20' Acaba Seibold de ler-me a obra de Jurien de la Gravière e tomei chá. Vou ler Didon 2º volume para adiantá-lo.

11h Vou para cama e até dormir adiantarei o último Compte-rendu.

19 de janeiro de 1891 (2a fa.) – 6h 50' Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e ainda há pouco urinei. Vou ver se acabo o Compte-rendu – 4º abaixo de zero. Quase 9h. Acabei o Compte-rendu. Escrevi para Nice de onde nada recebi em resposta. Não sei o que há, veremos. Vou ler o último Journal des Savants. Respondi a carta de Daubrée de 16 Paris. Saio.

4h 25' Fui passear de carro e a pé pela Route de Antibes. Ainda há bastante neve sobre o solo. Aguardo Seibold continuar o Journal des Savants de 10bro *[dezembro]*. Odisséia. Camões. Vou jantar depois de mudar as botas enlameadas.

8h 5' Bem. Joguei bilhar com o Augusto e aguardo as Motas Maias lendo. Journal des Savants.

10h 35' Li às meninas. Depois Seibold leu-me a obra de Jurien de la Gravière que é muito interessante. Agora é que o Guilherme abriu telegrama do Macedo de Vierzon Gare. 130 28 166/35 SR Cérémonie terminée. “La terre a reçu sa part d'un trésor y ai assisté jusqu'à la fin au nom de Votre Majesté” – Macedo. Vou ainda ler deitado o Journal des Savants até dormir.

20 de janeiro de 1891 (3a fa.) – 6h 10' Dormi embora me levantasse 5 vezes e ainda agora urinei. O termômetro marca 1° abaixo de zero. Está bom dia. Acendi bom fogo.

7h 40' Escrevi a Franck a respeito do seu belo artigo “L’avenir de la metaphysique” no Journal des Savants de 10bro.

9h 20' Carta do Revy de Viena a 16. Ia apresentar-se ao imperador com a minha carta. Tem resposta que escreverei depois. ½ Vou lavar-me.

10h Estou me despindo para a ducha. 1h 25' Boa. Flores e passeio a pé até a Promenade du Midi que atravessei. Fiz versos. Almocei bem. Bilhar com o Augusto. Escrevi para Nice e vou continuar o Journal des Savants.

2h 40' Estive com A. Heraud ancien notaire – ancien avocat e a mulher que é muito inteligente e foi educada em St. Denis. Prometeu-me o que já tem escrito e é autora de um artigo sobre mim publicado num jornal francês e que eu já li. Pedi-lhes que voltassem. ¾ Saio.

4h 20' De carro e a pé Petit-Joas e route de Cannet. Aguardo Seibold lendo Journal des Savants.

6h 10 Árabe e Camões. Jantar. 8h bem. Meus netos não apareceram. Bilhar com Aljezur com o Journal des Savants aguardo as Motas Maias.

Li o artigo “Dois de dezembro” de J. L. de A. G. no Diário da Manhã de 4 de Santos. Sempre foi minha amiga como toda a família me prezou.

10 Acabo de ouvir a leitura de Jurien de la Gravière. Vou para a cama que estou com sono a que penso não resistirei lendo o Journal des Savants.

21 de janeiro de 1891 (4a fa.) – 6h 35' Não dormi muito bem. Sonhei muito, felizmente e sonho não foi desagradável. O termômetro fora da janela como sempre é observado está a 1°. Vou acabar o Journal des Savants.

7h ¼ Acabei e vou ao Quatrefages ou ao livro do Sta. Ana Nery. 9 ½ Li este. Vou me vestir.

10h 25' Boa ducha. Estou quase vestido e comecei o soneto. Escrevi para Nice. Depois do almoço joguei bilhar com o Augusto que almoçou aqui. O Pedro ainda não voltou de Nice. Já comecei o segundo escrito sobre o eucalipto do Naudin a cuja casa vou agora depois do café.

5 ½ Volto do passeio à Villa-Thuret (Naudin) e à Villa-Thenard.

6h 25' Árabe e Camões. 10h Jantei bem. Bilhar com o Pedro. Leitura às Motas Maias. Acabei o 1° volume da obra do Abbé Vigouroux e principiei o 2°. Ouvi o Seibold ler Jurien de la Gravière e tomei chá. Vou ler deitado o Compte-rendu.

22 de janeiro de 1891 (5a fa.) – 3 ¾ da manhã. Não tenho sono na cama, contudo dormi bem e nada sinto. Escrevi para Nice e vou ler Quatrefages. Também fiz soneto.

8h ½ Agora é que vou a Quatrefages porque quis ler o Compte-rendu último que terminei e é interessante. 55' 3° que viu o Guilherme. 9h 25' Vou me vestir.

11 ½ Boa ducha. Bom tempo. Passeio do costume. Já escrevi para Nice. Vou agora ler Quatrefages mas vai chegando a hora do almoço.

1h 20' Bem. Bilhar com Aljezur e vou acabar o fascículo do Bonança. 2 ¾ Vou sair.

6h 10' Junto o programa da “Académie d’émulation de l’Institut Stanislas”. Gostei da feira escolar. Vou ler Bonança até o jantar.

9h ¼ Bem. Bilhar com meus netos. Leitura às Motas Maias. Estou ouvindo Seibold ler. 10h 10' Estou com muito sono. Tomei chá ouvindo ler. Vou deitar-me e ler pouco.

23 de janeiro de 1891 (6a fa.) – 7 ¼ Não dormi muito bem pois agora torno a sonhar o que não fazia há anos. Vou acabar Bonança.

9h ½ Vestir-me. 9h 55' Dispo-me. 11h 25' Boa ducha. Estive na exposição agrícola, falarei depois dela. Já comecei o soneto francês.

12h 50' Almocei bem. Bilhar com Aljezur. Leio telegrama no diário daqui. Rio Janeiro 22 Janvier. “Ministère donné hier demission divergences avec M. de Fonseca... port de Torres... Fonseca insistant garantie, d’interets. Autre motir rejet

congrès de l'article... Constitution legalisant les actes gouvernement provisoire... M. Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministre de l'instruction publique est mort ce matin. La crise ministerielle... pas encore terminée... Plusieurs listes du ministère en formation. Une solution parait imminente”.

1h 20' Li no Jornal do Comércio de 22 10bro [dezembro] um pequeno artigo sobre o pobre Villeneuve, mas podia-se dizer muito mais. Leio “Em toda a probabilidade será o seu corpo transportado para a Suíça onde o Sr. conde fez construir há algum tempo uma capela”. Esta notícia não podia deixar de lembrar-me de Mr. de la Rive. Também o discurso de apresentação de novo ministro dos Estados no Brasil e a resposta do Deodoro. “Ferrovia S. Paulo e Rio de Janeiro”. Hoje propriedade do Estado (a administração deve conforme penso ser de companhia particular) vai ser transformada de bitola estreita para bitola larga, sendo retificado o seu traçado por bem do encurtamento da distância. A este respeito tivemos ocasião de publicar há dias interessante publicação na qual o sr. conselheiro barão Homem de Melo sugeriu ao ministério da Agricultura diversas alterações do traçado.

2h ½ Estive com o Penedo. 55' Estive lendo publicações que trouxe da Exposição de flores, etc.

4h 25' Volto da exposição. Vi Solignac, e Roland. Já disse que hei de falar depois de tudo. A parte dos legumes é mesquinha. Aguardo o Seibold lendo o Bonança.

6h ¼ Árabe e Camões. Jantar.

9h ¼ Bem. Bilhar com o Pedro. Prestidigitador e sombrinhas com os dedos. Foi bem, leitura às Motas Maias agora.

Quase 11h Depois Jurien de la Gravière pelo Seibold que me entregou longa da Alice Kantzow de Upsala 18. Vou deitar-me e ver se acabo Bonança, até dormir.

24 de janeiro de 1891 (4a fa.) – 12h ¼ Interessou-me a leitura mas cumpre descansar.

6 ¾ Dormi bem. Levantei-me três vezes e ainda agora urinei. Vou ao Bonança.

9h 5' Terminei e respondi a carta de Daubrée de 21 enviando outra para a condessa Hoyos cujo marido quebrou a perna caindo do cavalo. Vou acabar a carta da Kantzow.

9h ½ Vestir. 10h Já me despindo para a ducha.

11 ½ Boa. Comecei meu soneto. Fui à exposição.

1h 10' Almocei bem. Bilhar com o Augusto. O Pedro tinha ido a Nice para onde vai o Augusto.

1h 40' Chambrun com o filho de Mr. Beulé do Instituto que me pareceu uma espécie de sigisbée dela. Deu-me notícias de meus filhos de Paris. Beulé prometeu-me um escrito do pai o qual eu não conheço e Mme. de Chambrun ficou de dar-me festa artística no seu templo grego e casa de Nice. A Alexandrina já está em Nice na Villa-Fabron. Já comecei a transcrever os sonetos franceses no livrinho. Vou a Quatrefages e depois à exposição. Junto o cartaz do divertimento de ontem à noite.

4 ½ Exposição. Encontrei pouca gente conhecida. Vou para Seibold.

6h 5' Árabe e Camões. Jantar.

8h 10' Bilhar com o Aljezur. Vou às Motas Maias.

25 de janeiro de 1891 (domingo) – 6 ¾ Urinei muito. De noite levantei-me 5 vezes e agora depois de ir à banca para pouco. Antes de dormir estive corrigindo a tradução e a cópia de poesia de Liégeard “Les vendangeurs”. Esqueci-me dizer que o estudo com o Seibold foi de árabe e Camões. Ainda tenho muitas traduções dos Lusíadas a cotejar com o original. O visconde de Cavalcanti (Diogo Velho) já restituiu-me o primeiro volume de Didon – Jesus Christ e vou continuar a leitura do 2º. Emendei a cópia retocando os versos da minha tradução dos Vendangeurs de Liégeard e vou vestir-me.

11h ½ Missa com cantoria das meninas do recolhimento na capela perto do hotel. Boa ducha e principiei o soneto. Giro pela exposição de flores e agrícola. Continuei o soneto e vou almoçar.

1h Bem. Bilhar com Aljezur e vou ao soneto. Quase 6. Distribuição de prêmios. Jantarei algum artigo de diário. Ouvi a música, passei a pé além da Promenade du Midi e voltei de carro. Havia bastantes, também a tarde esteve bela. Seibold foi a Grace e eu fiz 2º soneto sofrível e lerei Didon. Pouco. Jantar. São 6h 5'. 9h 10' Bem. Bilhar com Aljezur. Leitura às Motas Maias e mandei ver se o Seibold pode ler. Não está. Vou fazer outro soneto.

10 ½ A musa cansou, tomei chá e cama.

26 de janeiro de 1891 (2a fa.) – 7 ¼ Já concluí o soneto e enquanto seca a tinta vou a Didon. 2º Volume que desejo mandar a Diogo Velho.

Quase 8. O dia parece que será bonito. Vou a Quatrefages de que tenho saudades.

9h 25' Estou me vestindo e lendo Didon. Vou lavar-me. Não sei o Guilherme o que foi fazer. 9h 55' Dispo-me. Passando pela botica deixou-se urina para analisar.

11h 40' Boa ducha. Fiz versos. Comprei dois ramos à freguesa, por hoje e ontem e fui a pé até a Promenade du Midi, que assim atravessei até tomar o carro.

1h 10' Almocei bem tendo antes continuado o soneto. Visita muito agradável da Inhoan. Joguei bilhar com Aljezur e vou terminar o soneto. ¾ Acabei-o e vou falar ao general de Bernis.

2 ½ Veio convidar-me para a sessão da Croix-Rouge. Conversamos a respeito da Barral e família assim como sobre a Argélia onde chegou com as tropas francesas até Tugura e assuntos relativos. Vou tomar café e sair.

4h ½ Volto da sessão. Escreverei minhas reflexões no programa que não acho agora.guardo o Seibold. Já escrevi no programa.

7h 50' Hebraico (Isaiás) onde encontrei um trecho Messiânico que hei de mandar ao Riancey. Jantei bem. Joguei bilhar com o Pedro cujo escrito de numismática estive emendando e foi causa da desavença por causa da presunção desse moço que me incomoda, porque pode ainda ser causa de sério desgosto.

10h 5' Li às Motas Maias. Seibold leu-me Jurien de la Gravière. Tomei chá e vou me deitar, que tenho sono.

11h 40' Oh poder da poesia! Fiz o segundo soneto prometido hoje e creio que ficou sofrível. Verificá-lo-ei coma cabeça fresca da manhã.

27 de janeiro de 1891 (3a fa.) – 6h ½ Levantei-me 3 vezes. Fui à banca duas vezes mas a indigestão de que estive ameaçado desapareceu sem se ter precipitado.

8h 35' Didon. Soneto que não ficou mau. Visto-me.

12h 55' Acabo de jogar bilhar com o Pedro e o Augusto que sempre se retirara para sua fumaça depois do almoço. Antes deste, ducha que foi boa. Enquanto me vestia li Montenegro. Passeio do costume pouco além da Promenade du Midi.

2h 50' Czartoryska e a simpática polaca. Prometi-lhe ler algum de meus sonetos francês. Terminei o de hoje. Vou sair.

10 ¼ Representação no Colégio da Apresentação em cuja capela costume ouvir missa. Durou muito tempo. Foi maçante. Tocou bem no piano o que o faz às missas para as meninas cantarem. Camões com o Seibold enquanto não me chamaram para o jantar. Bilhar com o Aljezur. Leitura às Motas Maias tendo a mais velha me custado a leitura do Seibold. Tomei chá. O resto do tempo leu-me Aljezur no Débats de ontem o folheto de Jules Lemaitre sobre o “Thermidor” de Sardou. “Société de Géologie” Séance du 25 Janvier. Jules Garnier fala de sua recente viagem aos Estados Unidos. O resto para amanhã. Vou deitar-me e ler até dormir. São 10h ½.

28 de janeiro de 1891 (4a fa.) – 6h ½ Dormi bem, mas levantei-me 5 vezes e agora ainda urinei. Ontem antes de dormir li os pequenos discursos nos enterros dos membros da Academia das Belas Artes Delebes e barão Hausmann feitos pelo conde Delaborde secretário. Jules Garnier fala das novas jazidas de ouro, platina, cobre e níquel extremamente abundantes. Esse novo eldorado escondia-se em sítios muito selvagens ao norte dos grandes lagos. Os Peaux-Rouges penetravam nessa região coberta de rochedos abruptos e de florestas. Os viajantes seguiam o caminho dos lagos e rios mas as cavas da estrada de ferro Canadian-Pacific começou a revelar essas riquezas. Segundo Garnier que visitou as principais minas de níquel do mundo essas são geologicamente idênticas às da Escandinávia porém muito mais ricas. Lembras as da Novaldônia *[sic]* descobertas por ele.

Visitamos depois Chicago com suas casas inverossímeis de quize *[sic]* andares e os lugares da futura Exposição de 1893 que ocupará 126 hectares. Chega-se a Pittsburgo onde o gás combustível surge em todo o solo espalhando em toda a parte força e luz. Ai aí *[sic]* fábrica de aço dando mais rails que os que a França consome e onde se faz aço niquelado de que Garnier já em 1876 formulava as preciosas qualidades assim como o modo de fabrico. Visitou ainda uma tribo de Peaux-rouges de acolhimento suspeito como já se previsse a rebelião, daí a poucos dias escalpavam um branco inofensivo. A conferência foi esclarecida por numerosas projeções fotográficas.

“Diário e correspondência do major Bartelot comande *[sic]* da retaguarda da coluna de Stanley”. Vou mandar vir. Publicado pelo irmão em resposta às acusações de Stanley contra seus oficiais esclarece de modo novo certos episódios muitos graves da viagem de Stanley e consagra-se a restabelecer a memória de ousado explorador que a sorte traiu duas vezes pois que depois de morto numa cilada foi atacado ainda depois de morto.

Académie des Inscriptions etc. Séance du 23 Janvier. Descobrimientos em Roma feitos por Geffroy. Em Sarrano na Etrúria no lugar da antiga Luna o marquês Giacomo Grapallo fez descoberta de antiguidades curiosas. Geffroy anuncia que Tocesco discípulo da Escola des Hautes Etudes de Paris descobriu em Dobrut um monumento triunfal erigido por Trajano em 108 ou 109. Alguns troféus esculpidos representam prisioneiros bárbaros encadeados. M. Ravaisson diz que nas escavações feitas a Locres (Grande Grécia) por Paolo Orsi diretor do museu arqueológico de Siracusa fez descobrimento que confirma a teoria que ele propôs o ano passado para a restituição da Vênus de Milo. É um baixo-relevo remontando segundo M. Grisi à época de Fídias. Representa mulher na atitude de Vênus que está grupada com guerreiro de pé à esquerda (lembrando o Marte Borghese) para o qual se volta apoiando-se no ombro direito dele. Comunicação que me parece pouco importante de l'abbé Duchesne. Maspero anuncia que M. Bouriant acaba de descobrir no Egito dois monumentos da 9ª e 10ª dinastias heraclopolitanas: Merikarê e Miribê Khité. Considera a descoberta uma das mais importantes porque por muito tempo não se acharam monumentos dessa dinastia e que o pequeno número dos conhecidos até agora foram classificados na 13ª. Leitura que julgo seria pouco importante de Robert de Lustegoix. Comissão eleita para o prêmio Benoit Garnier deste ano. Figura nela Hervey de Saint Denys. A fondation Garnier (13. 500 fr.) é destinada aos gastos de viagem feito por um diversos franceses designados aos gastos de viagem feito por um ou por diversos franceses designados pela Academia na África Central ou na região da Alta Ásia.

9h 50' Fui à missa e já estou na casa da ducha aonde vim de carro e começo a despir-me.

11h 10' Boa, flores, passeio do costume. Já principiei o soneto e talvez acabe antes do almoço. 1h 5' Acabei-o. Soube-me. Acabo de jogar com Aljezur e o Pedro. A Musa talvez tenha a complacência de me inspirar de novo. L'avenir des Alpes-Maritimes de 15 artigo curioso. “Le progrès du phylloxéra en Europe”. Le Littoral de 26. “Atravers l'exposition horticole”. No de 24 já havia outro artigo com o mesmo título.

3h Fiz o 2º soneto e vou sair, tendo antes tomado café.

7h 35' Boulevards e Leader de carro a pé regressando de carro. Odisséia e Camões com o Seibold. Jantei bem com meu genro Augusto também. Bilhar com meu genro e às 8h iremos às peloticas.

11h Junto o programa. O pelotiqueiro é hábil. Havia gente do hotel. Augusto meu genro ficou com os filhos creio que no quarto do Pedro. Li às Motas Maias até perto das 10. Tomei chá e acabo de ouvir a leitura de Jurien de la Gravière pelo Seibold. Vou deitar-me e ler Montenegro até dormir.

29 de janeiro de 1891 (5a fa.) – Quase 7. Levantei-me 6 vezes e agora ainda urinei. Vou ler Quatrefages, mas embora julgue que já notei algo que junto. L'avenir de 15 – Le Littoral de 24 e 26 sobre a exposição. O tempo está bom e creio que haverá bom passeio.

8 ½ Débats de 27. Excelente artigo de Beaulieu sobre o relatório de Pauliat a respeito do governo geral da Argélia. Academia das Ciências Morais e Políticas sessão de 24. O dr. Marjorlin leu um trabalho interessante, “Etude sur l'état actuel de la protection d'enfance”. Vou lho pedir. Notice interessante, assim diz o resumo de M. Lefèvre – Pontalis sobre H. Carnot o pai do atual presidente. Respondi a carta de parabéns do Naudin.

Carta de Daubrèe de 27 recebida agora. Sessão última da Academia “Particulièrement interessante”. Cornu deu conta da experiência muito importante de Wiener que resolveu questão de prêmio proposto de há 30 anos relativa às oscilações de um raio de luz polarizada. Essa solução interessa altamente ao mecanismo da luz e demonstra-o conforme a opinião de Fresnel e contrariamente à de eminentes sábios alemães. A menagerie do Jardim das Plantas sofreu muito com o frio mas certos animais dos países quentes não adoeceram nem sofreram com sua agilidade e alegria. Milne Edwards propõe pois a aclimação de muitos que fariam a alegria dos caçadores, estando alguns instalados já nas florestas do estado.

Entregou minha carta à condessa mas nada diz de resposta.

8h 40' Vou me vestir.

10 ½ Acabo da ducha. Cortam-me as unhas dos pés.

2h ½ Passeio do costume depois das flores. Versos. Almocei bem. Bilhar com meu genro Augusto. Completei o soneto depois de responder a carta interessante de Daubrée de 27 recebida hoje, pedindo-lhe o que haja de publicado a respeito das regiões polares depois da viagem do Greely. Vou sair.

4h 25' Volto da reunião em casa das Dempster. Houve uma música de flautas e tambores creio que Toulouse. Conversou-se. Tomei café. Bastante gente na qual a amiga da Mercier a qual foi já mais amável. Aguardo Seibold começando a La femme par le Dr. Bonafont. Li pouco. Chega Seibold. 6h 8' Sânscrito. Camões. Ao jantar.

10h 20' Bem. Augusto e meus netos não jantaram cá. Foram creio à esquadra francesa. Talvez a visite quando chegarem de Nice os Amelots. Joguei bilhar com Aljezur e fui ao concerto de M. e Mme. Parodi. Junto o programa anotado. Depois li às Motas Maias, ouvi Seibold, tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir, que não será provavelmente pois tenho sono.

30 de janeiro de 1891 (6a fa.) – 6h 10' Dormi bem, 4 vezes levantei-me indo sem efeito uma vez à banca e ainda agora urinei. Sonhei com o meu Rio a que me deixavam ir e eu logo fui embora como de viagem. Que felicidade! Lá iria passar o inverno daqui em Petrópolis, voltando na primavera que é na Europa lindíssima. Foi um sonho. Acenderam a lâmpada e vou ler.

7h 25' Pois acabei o soneto composto às escuras e vou ler. Já está bastante claro.

8h 50' Acabei de ler La femme arabe dans la province de Constantine por Docteur Bonafont e que ele deu-me. É curioso.

9h 35' Vou me vestir. Fiz o soneto.

10h 10' Dispo-me para a ducha.

12h 50' Boa. Flores e passeio do costume. Almocei bem. Joguei bilhar com o Augusto com quem conversei sobre o emprego de meus netos, mais velhos, podendo o Pedro servir na empresa de engenharia e o Augusto na marinha austríaca declarando convenientemente o que faz sem renunciar ao serviço da sua pátria. Vou adiantar Quatrefages. 2 ½ Tomei café e sair.

4h 20' Carifórnia [*sic*] de carro, andando e descendo a pé pela Villa-Zenia e continuando na direção de Antibes até de onde regressando de carro cheguei agora ao hotel. Boa tarde, porém quente. Vou a Quatrefages até chegar Seibold. 6h ¼ Sânscrito, Camões. Vou jantar.

10h ½ Bem. Bilhar com Aljezur. Acabei de ler o volume às Motas Maias. Ouvi o Seibold ler o Jurien de la Gravière. Tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir.

31 de janeiro de 1891 (sábado) – Comecei até dormir o folheto “Ditadura militar no Brasil”. Dormi bem e só me levantei 3 vezes para urinar, tendo ido agora à banca sem grande resultado. Vou continuar o folheto do Ouro Preto. Li e notei-o. Estou vestido.

8h 55' E vou à ducha. 11 ½ Boa. Comecei o soneto. Flores. Passeio do costume. Dia feio, mas calmo. Está já muito adiantado o soneto, mas cumpre almoçar e são 55'.

1h 25' Depois joguei bilhar com o Pedro. O almoço soube-me. Vou ler Quatrefages, mas expeço antes telegrama em resposta à viúva do general Ybañez Marquez de Mulhacen, e meu colega da Academia das Ciências de Paris, que morreu em Nice e enterrou-se hoje cedo. Se soubesse a tempo do enterro teria assistido a este ou mandado o Aljezur.

6 ¼ Jantar. Bem. 8h quase. Antes do jantar. Li Quatrefages, fui ao concerto do Arnoux na sua Villa. Esteve muito bom. Junto o programa. Mme. Arnoux que vai tratando como pessoa mais íntima, acompanha muito bem ao piano. Tocaram-no igualmente, e com muito gosto um rapazito d'Olonne francês e uma húngara de Pest bastante jovem, Barda. Ao chegar ao hotel encontrei Seibold que me apresentou Pierre Loti, vem cá amanhã cerca da 1h. Então falarei dele. Estudei com o Seibold antes do jantar hebraico e continuei os Lusíadas. A conversa com Loti há de ser interessante. Já lhe disse que esperava vê-lo na Academia Francesa. Pelo motivo que aí não o admitiram não deixou o filho de Sta. Mônica ir para o céu. Quis lembrar-me do nome do Alcebiades do Santo, mas ainda não me acudiu.

Vou agora à leitura às Motas Maias. Lembrei-me o amigo de Sto. Agostinho era Alípio que julgo também foi santo. Acabei.

9 ½ Agora leitura de Seibold.

10h $\frac{3}{4}$ Muito interessante e uma marcha da tropa de Alexandre lembrou-me uma das minhas quando no inverno atravessei as campinas do Rio Grande durante a invasão desta província pelos paraguaios. Tomei chá e li também para não dormir. Agora cama e Montenegro até dormir.

1 de fevereiro 1891 (domingo) – 7 $\frac{1}{4}$ Dia escuro, por isso acendi luz. Sonhei muito. Levantei 4 vezes e ainda agora urinei. Vou ao Didon.

10h Estou já na ducha depois de ouvir missa com a cantoria das meninas na capelinha de perto do hotel. Antes de sair estive com meu genro. O Pedro parece que ficou muito excitado por ver-me assinar uma letra de câmbio sacada pelo Dr. Silva Costa. Aquele rapaz precisa de viajar. Já falei ao pai.

11h $\frac{1}{4}$ Flores. Passeio do costume voltei.

1h 10' Almocei bem. Bilhar com Aljezur. *[ilegível]* de despedir-me na estação de meu genro que foi para Paris e de lá para Sofia.

1h 50' Já está feito e copiado no livrinho o soneto. Espero Pierre Loti que ficou de vir. Vou ao Didon.

3h Conversei bastante com ele que me prometeu mandar obras dele que ainda não li. Está o tempo chuvoso e úmido e o Dr. não acha prudente que eu saia. Para ler mandei acender o lampião.

6h $\frac{1}{2}$ Didon. Seibold. Hebraico somente por causa do príncipe que veio de Montenegro despedir-se com quem conversei a respeito do livro de Montegro *[sic]* e falei do que anotei prometendo-lhe mandar o livro. Transcrevi o resto do 2º soneto e vou jantar.

8h 12' Bem. Joguei bilhar com Aljezur. 10h Já tomei chá depois de ler às Motas Maias. Se Seibold puder ainda o ouvirei.

11h Ouvei e acabou de ler-me o volume. Ainda faltam dois mas é obra muito interessante. Deitar-me e deitar-me lendo Montenegro até dormir.

2 de fevereiro de 1891 (2a fa.) – 7 $\frac{3}{4}$ Tendo-me levantado e ido à banca, havendo-o feito 4 vezes durante a noite para urinar já copieei o que compus, do 3º soneto do dia, o qual vou terminar e ler Didon. 8h 55' Quis limar os versos e só agora vou à leitura. A versalhada já parece bebedeira, mas sabe-me tanto a pinga!

Quase 9h Carta de Daubrée de 31 de Paris. Mme. Bandieran deixou essa cidade para Bruxelas por dois meses. Fala de terremoto há poucos dias no litoral da Algéria anunciado por perturbação magnética no observatório do Parc St. Maur antes de conhecido o fenômeno. Diz que pouco se creria no que será publicado no próximo *Compte-rendu* por Duclaux a respeito de micróbios se não fosse a competência dele. No dia que escreve deveria haver a recepção de Bonvalot e do filho de Chartres.guardo ansioso os diários de amanhã.

Carta do Paranhos de Paris de 29 mandando-me o “Agradecimento aos Pernambucanos” por Joaquim *[sic]* Nabuco. Já o li e hei de agradecê-lo ao autor. Vou me vestir.

11h $\frac{1}{2}$ Volto. Tudo como de costume.

12h 5' Soneto quase que feito. Almoço.

2h 35' Estiveram cá muitas pessoas entre as quais M. Amelot e Mme. a quem dei o livro de meus sonetos em francês. Tomei café e vou sair.

10h 25' Fui de carro e a pé pela route de Antibes. Escrevi a Amelot dizendo-lhe que lá ia acerca das 2 e sentindo não poder acompanhá-los ao Mouion Veillou cujo passeio lhe recomendo. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Concerto de Melle Millie que não esteve mau. Leitura às Motas Maias. Seibold leu-me Jurien de la Gravière. Tomei chá e vou deitar-me lendo ou fazendo versos até dormir.

3 de fevereiro de 1891 (3a fa.) – 6 $\frac{1}{4}$ Fiz versos mas não foram grande coisa. Dormi bem.

7h $\frac{1}{2}$ Pus o soneto capaz. Já está bem claro e vou ler *Fleurs d'Ennui* de Loti para talvez restituir hoje a Mme. Amelot.

8 $\frac{3}{4}$ Foi o que li até as folhas já cortadas. 9h 10' Continuei Didon. Agora torno a Loti, e vou vestir-me.

1h Boa ducha. O mais como de costume. Almocei bem. Joguei bilhar com Aljezur. Vou ver *Les Mille et nuits* por Galland. Ilustrée por M. M. François H. Baron etc. que levou-me à casa ducha, Mr. Roland.

1h 50' Li a dissertação de Silvestre de Sacy sobre o tempo em que foram esses contos. Interessou-me muito.

4 ½ Visitar Amelot que partem. Estavam no Hotel Britannique. Passeio de carro e a pé por Vallergues, Foncière e Canet. O dia esteve bellissimo e agradavelmente fresco.

7h 35' Seibold, árabe comparando com a tradução ou antes imitação dos Contos árabes de Galland, edição com estampas. Lusíadas, tenho pressa de concluir a comparação da excelente versão de Burton. Joguei bilhar com Aljezur depois de tê-lo feito com o Pedro que voltou para Nice. Espero que principie o jogador habilíssimo de bilhar fazendo versos.

4 de fevereiro de 1891 (4a fa.) – 6 ½ Jogou admiravelmente bem e fez habilidades que não vi todas. Ainda ouvi a leitura do Seibold tendo toman [*sic*] chá e antes de dormir pouco li. Durante a noite levantei-me 4 vezes e agora fui à banca.

7h ½ Acabei o soneto. Escrevi ao Amelot e li.

São 8 ½ e daqui a pouco vou me vestir.

11 ¼ Tudo como de costume. ½ Almoço tendo lido Quatrefages que hei de logo continuar.

12 ¼ Bem. Bilhar com Aljezur. Acaba de retirar-se o Alfredo Nioac, cuja fisionomia agradou-me. Está em Monte-Carlo. Compte-rendu de 26. Não vejo ainda a nota de Duclaux. Creio que aparecerá no imediato de 2 do corrente que deve chegar amanhã. Vou a Quatrefages.

2h 25' Sair. 5 ½ Fui a Mandelieu. Villa-Amiral onde mora o almirante en retraite Choppart. É um bom velho. Navegou muito, porém não esteve no Brasil. Havia pessoas já conhecidas: a pianista húngara Barda e sua mãe, Seibold e o amigo professor em Pest, onde parece que o é também o pai da Barda, o qual escrito sobre os nervos. Conversamos bastante, passeamos pelo jardim que é bonito. A pianista Barda que ouvi já em casa dos Arnoux ficou de tocar aqui quando eu quisesse.

O Seibold ainda não voltou e vou ler Quatrefages. Chegou Seibold. O que chamei professor de Pest de que falei não o é e chama-se Felbermann. Sabe bem o hebraico. Publicou na revista Life um romance húngaro.

6h 20' Hebraico e Camões. Jantar.

8h 10' Bem. Bilhar com Pedro e depois com Aljezur. Aguardo Motas Maias para a leitura. 10 ¼ Li-lhes. Depois ouvi a leitura de Seibold e tomei chá. 11h Quatrefages e vou deitar-me para ler ainda até dormir.

5 de fevereiro de 1891 (5a fa.) – 5h 10' 3 vezes levantei. Agora ainda urinei depois de ir à banca sem muito efeito. Vou a Quatrefages para adiantá-lo. Pois estive corrigindo – pouco – para mandá-la a Liégearde a tradução que fiz homeométrica de sua poesia Les Vendangeurs. Já está pronta a carta e envio. De há tempo que se lê sem lâmpada. Agora Quatrefages. Pois não Débats é mais cómodo parar ler Emeute d'O Porto. Foi sério. Devia ser seguido de barulho em Coimbra, Braga e Viseu. Prisão em Braga aonde se tinham refugiado os chefes José Sampaio e Basílio Teles.

Les greves en Anglaterrre. A dos caminhos de ferro escoceses terminou. Ameaça estender-se à "Great Western". Meetings em Gloucester e Bristol no domingo. Redução obrigada de hora de trabalho. Artigo de F. Brunetière sobre estudo de Maxime du Camp a respeito de Théophile Gautier.

8h Cartas da Isabel de 2 e de Daubrée de 3. Dirigiu-se a Rabot que deseja mandar-me sua conferência a respeito dos explorateurs artiques. Lippmann anunciou na sessão da Academia de 2 a reprodução e fixação das cores do espectro solar. Apresentou amostras – lâminas de vidro sobrepostas a banho de mercúrio, onde se viram as cores principais, mas o anúncio, embora interessante, baseia-se talvez não saber verdadeira fixação das cores apresentadas no espelho mas no mecanismo das lâminas fixas de Newton – "C'est à étudier d'avantage". Excelente artigo é o de Brunetière ainda que Théophile que eu conheci pessoalmente seja um de meus autores favoritos. O homem carece às vezes de parecer possuir pouco juízo – liect insanire. Não me lembro agora do que diz com tamanha felicidade de expressão o Ecclesiastes.

Vou vestir-me que são 9h ½. 11 ½ Boa ducha. Flores. Passeio do costume.

12 ¾ Almocei bem. Joguei bilhar com Aljezur. Amelot partiu já e carta que lhe escrevi ontem hei de mandar-lhe aonde foi. Vou a Quatrefages.

2 ½ Estive com Júlio Paranaguá e a mulher da família do visconde de Araraquara. Trouxeram-me recados do pai e do Dória e Amandinha. Aquele está forte.

2 ¾ Tomei café. Quatrefages. Vou sair.

4h ¼ Sessão da Croix-Rouge (Juntarei Jornal). Depois fui até a Croisette, onde atiravam aos pobres pombos. Bela tarde. ¾ Li discurso de Freppel – Aux blessés militaires. (Croix-Rouge française) – “Messe anuelle de Requiem en la presence de Son Eminence Mgr. le Cardinal *[sic]* de Reims pour les soldats et marins morts au service de la France”.

6h ¼ Seibold – Árabe comparado com Galland e Camões com Burton.

8h Jantei com apetite. Joguei bilhar com Aljezur. Aguardo as meninas a quem lerei depois do que estou lendo Cosmogonie de Moise par Marcel de Serres.

Pois vou começar. Assiste o Estrela. A Estrela chega daqui a 4 dias. São 9h. Começa a leitura do Seibold. ¾ Estou com muito sono. Custava-me a não dormir. Disse adeus ao Seibold. Já está aí o chá. Depois de tomá-lo deitar-me-ei e lendo o que puder deitado pegarei no sono.

6 de fevereiro de 1891 (6a fa.) – 6h 50’ Às 10 ontem já estava dormindo. Passei bem de noite levantando-me 3 vezes e tendo ido à banca mas menos que ordinariamente. Ainda careço de lâmpada para bem ler e vou a Quatrefages. Mas vou notar o que há no Débats de 4 – Rio Janeiro 3. “M. Blondel chargé d’affaires de France – a signé hier avec le ministre des affaires étrangères de la république brésilienne la convention relative à la protection de la propriété litteraire” – La charte de Mozambique – Organiza a companhia de exploração nos territórios limitados ao Norte e Noroeste pelo curso do Zambese desde a embocadura mais ao Sul e distrito de Têté a Oeste, pela fronteira interior de província e ao sul pelo curso do Save até sua embocadura mais ao sul a leste pelo oceano. A concessão será definitiva quando a companhia tiver aumentado o capital. O número de artigos é grande. O capital social é 4500 contos de réis divididos em ações de 5,500 réis.

Académie des Sciences de 2. Comunicação de Lippmann de que falou-me Daubrée na sua carta assim como da análise de Duclaux de nota Müntz a respeito do enriquecimento do sangue em hemoglobina conforme o modo de viver. Hei de melhor extractar *[sic]* tudo quando tiver o Compte-rendu. M. Müntz analisou sangue transportando ao Pic-du-Mid, cerca de 4.000m de altura, há nove anos. Era especialmente rico de hemoglobina, o ferro nos carneiros da planície era de 40 e passou a 70 nos animais vivendo em grandes alturas. A capacidade respiratória passa de 9 a 17. O sangue acomoda-se pois às condições de existência. O oxigênio muito rarefeito nas alturas exige para a hematose que o número de glóbulos cresça. Carneiros transportados a 1800, 2000m de altura apresentaram em poucas semanas aumento muito sensível de hemoglobina. Müntz examinou se a alimentação produzia esse efeito. Analisou sangue de carneiros do concurso de animais gordos que são sobre alimentados. O aumento da hemoglobina é notável. É evidente que para combustão de mais alimentos a quantidade de oxigênio deve aumentar.

9h ¾ Escrevi em resposta a Paranhos mandando carta ao Nabuco sobre o manifesto, aos condes de Barral e de Carapebus. Vou vestir-me.

10h ½ Já me duchei, e li o livro de Loti Fleurs d’ennui.

11h 35’ Flores e passeio do costume. Não vi a amiga de Melle Mercier.

2h ¾ Almocei bem. Bilhar com Aljezur e o Augusto. Escrevi bastantes cartas em resposta às Manas Januária e Chica, a Daubrée, à Isabel, ao comte de Riancey e ao Nioac.

6h 5’ Passeio pelo Canet e route de Grasse de carro e a pé. Acabo de traduzir Odisséia comparando as duas traduções de Leconte Delisle e de Odorico. Lusíadas e tradução de Burton. Vou falar a Federlin e jantar. 10h Federlin trouxe-me o programa da Sessão literal e musical do dia 10 do Colégio. Deve ser interessante. Assisti a uma sessão de prestidigitação, a melhor que tem havido. Depois quis ler às meninas, mas já estavam estudando. Ouvi a leitura do Seibold e tomei chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

7 de fevereiro de 1891 (sábado) – 6h ¾ Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e agora ainda urinei. 8h Já há muito podia ler sem lâmpada mas o livro de Quatrefages prendeu-me a atenção como sempre e esqueci-me.

8h 50’ Vestir-me. 9 ¾ Estou já me despindo-me *[sic]* para a ducha. Antes ouvi a missa pela Leopoldina na capelinha a que fui a pé, tomando aí o carro depois.

1h Li Loti Fleurs d’ennui. Ducha agradável mas fria porque baixou a temperatura a 10°. Passeio do costume comprando flores. Fleus d’ennui.

Almocei bem. Joguei bilhar com Aljezur que copiou bem minha tradução de Les Vendangeurs de Liégeard e vou a Quatrefages.

4h 20' Volto da conferência na Croix-Rouge do Dr. Valcourt sobre moléstias infecciosas e contagiosas. Nada aprendi. Há de continuar a falar sobre o assunto. Não tratou da febre amarela. Não havia muita gente conhecida. De senhoras as Dampster e Hérault. Foi maçante. Aguardo Seibold e talvez comece soneto.

6h 5' Árabe, (continuei a ver Galland com os desenhos) e Lusíadas.

10h 5' Jantei bem. Estrela por causa da passagem da estrada de ferro chegou todo esbaforido quando já se jantava. Joguei bilhar com ele. Li às Motas Maias que vieram tarde assistindo tudo o Estrela. Ouvi Seibold tendo-se os outros todos retirado Jurien de la Gravière. Tomei chá entretanto. Vou ler deitado a obra de Loti até dormir.

11h 35' Pois fiz o soneto e vou agora dormir lendo.

8 de fevereiro de 1891 (domingo) – 5h 55' Sonhei muito. Não podia mais dormir. Levantei-me três vezes para urinar, e fui há pouco à banca, mas com pouco resultado. Vou a Quatrefages.

8 ³/₄ Vestir por causa da missa.

12 ³/₄ Como de costume. Depois do almoço bilhar com Aljezur cuja cópia de minha tradução de Les Vendangeurs estive a corrigir e agora Didon.

2 ³/₄ Café e ainda li e vou sair.

6h 10' Pelo alto do hotel Metrôpoles, andei a pé, tomei café no Rumpelmeyer onde achei o Augusto e ainda fui além da Promenade du Midi. Voltando estudei hebraico e continuei a comparação dos Lusíadas com a tradução de Burton. Vou jantar.

8h 14' Bem. Bilhar com Aljezur. Espero as Motas Maias. Hei de logo fazer versos.

11h 5' Pois estive ouvindo a leitura do Seibold, e como ia lendo tendo sono também li para acabar o capítulo cujo fim relerei amanhã porque merece bem. Vou ler Loti na cama até dormir.

9 de fevereiro de 1891 (2a fa.) – 5h ¹/₄ Levantei-me 5 vezes e agora fui à banca para mais dormir sossegado. Vou a Quatrefages. Quase 9h. Acabei-o e sinto não ter ainda que ler nele – mas hei de relê-lo depois que tiver feito a digestão. Comecei a leitura de 19 de abril aqui em Cannes. É um dos melhores livros que tenho lido.

4h ¹/₂ Li Loti. Fui à ducha. boa. Continuei Montenegro o mais como de costume. Almocei bem. Li Compte-rendu de 26 de janeiro. Passeei de carro, a pé e novamente de carro por Vallergues, Route de Grace, voltando pelo Cannet e agora Seibold.

10h 20' Árabe e Camões como de costume. Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Soirée Vocale e instrumentale. Junto o programa. Madame A. Oude é quem melhor tenho ouvido tocar piano em Cannes desta vez. Li às Motas Maias. Ouvi Seibold e tomei chá. Vou acabar a carta para Quatrefages mandando o livro último dele que anotei a lápis.

11h Vou para a cama ler e dormir.

10 de fevereiro de 1891 (3a fa.) – 6h 40' Dormi bem. Só me levantei duas vezes e agora fui à banca porém somente urinando. O Compte-rendu de 26 de janeiro tem um trabalho póstumo sobre um pêndulo de Philipps o primeiro professor que ouvi da Escola Politécnica a primeira vez que estive em Paris em 1871. Aí se diz “l’isochronisme est à peu parfaits”. Isto é de grande importância para a navegação como digo numa nota a lápis. O ponto do navio já se acha com o erro máximo de menos de 200 metros. Nota de Cornu. Solução experimental direta do problema da direção das vibrações da luz polarizada aliás as reflexões de Fresnel provaram ser normal ao plano de polarização. Wiener de Strasbourg sem conhecer os trabalhos de Zenker obteve o resultado desejado. “Cette belle expérience, complément longtemps désiré de celle de Fresnel e d’Arago merite de faire époque dans l’histoire de l’optique”.

Berthelot e G. André. Sobre a formação do amoníaco na terra vegetal ordinária continuação de trabalho precedente. Não contém essa terra em dose sensível amoníaco livre ou sais amoniacaís, mas encontram-se sobretudo princípios amidados cuja decomposição lenta pelos ácidos e álcalis diluídos frios e principalmente ferventes e mesmo pela simples água na temperatura é a fonte principal do amoníaco achado nas análises. As distinções múltiplas dos princípios amidados aplicam-se aos compostos azotados da terra vegetal e representam papel essencial nas condições de absorção pelas plantas das

matérias hidro-carbonadas e azotadas do solo e da nutrição vegetal. Tratamentos alcalinos. A quente com solução diluída de potassa em 6 horas formou-se dose amoniacal contendo em 100 11,2 de todo o azoto nenhum composto azotado da classe dos compostos neutros ou incapazes de neutralizar os ácidos volatilizou-se ao mesmo tempo. A influência prolongada dos álcalis tornou solúveis em 26 horas no banho-maria 93,6 centésimos do azoto orgânico contido na terra vegetal. Em ordem inversa isto é começando pelo ácido clorídico diluído este tornou em 13 horas solúvel no banho-maria 71 centésimos de azoto, 15 tendo formado amoníaco e o tratamento consecutivo pela potassa diluída unido ao precedente tornando definitivamente solúveis os 91 centésimos. Novas observações de Berthelot sobre os compostos azotados voláteis emitidos pela terra vegetal. “Enfin c’est là le resultat le plus intéressant, l’azote contenu dans les composés organiques volatils émis dans ces conditions par le sable argileux a été toujours fort supérieur à l’azote émis sous forme d’ammoniaque... Il est probable d’ailleurs que ces phénomènes subissent dans tous les cas l’influence de la végétation des microbes ou plantes inférieures contenus dans tous les sols lesquels fabriquent les traces observées de matières azotées volatiles, sortes de ptomaines végétales”. Analogia interessante entre os organismos vegetais e animais. “Essai sur la synthèse des matières protéiques par Schützenberger”. É interessante e pus a nota que exprime a antiga opinião minha. “Ainda a química há de formar um organismo”. “J’ai en effet réussi à former un composé qui par ses caractères doit être rangé dans la classe des matières protéiques... Le corps ainsi obtenu présente de grandes analogies de caractères avec les peptones... Cette pseudo peptone synthétique... se décompose brusquement avec production d’un champignon volumineux de charbon bornoufflé comme celà arrive avec la gélatine. Chauffée sur une lame de platine elle se charbonne et se boursouffle en dégageant l’odeur caractéristique des matières animales brûlées. “De l’influence des grands froids sur quelques uns des animaux... du Jardin des Plantes” par Milne Edwards”. É curioso.

Morreram 52 mamíferos e 66 pássaros de frio. Diz quais resistiram, as espécies de animais que se podem aí guardar. Nota de F. Gonnessiat apresentado por Loewy sobre a equação pessoal. Diz qual o mínimo dela nos diversos processos de observação. Apontarei como exemplo: enquanto o euro na mesma noite era com o contador de segundos $\pm 0^s,075$ a variação da equação pessoal de $+ 0^s,17$.

8h 40’ Recebo carta de Daubrée de Paris de 8. Os 5 comissários internacionais reuniram-se a semana passada para classificar os projetos enviados de França, Suíça, Inglaterra e dos Estados Unidos para realização do aproveitamento da força da queda do Niágara. Seu julgamento foi transmitido a um conselho da Cataract Construction Company com a sede em New York mas representado agora em Londres. Quinta-feira jantou com meus filhos em casa de Mme. Heine. Recebeu nesse instante carta de Bruxelas de Mme. Barandieran dizendo que não tinha fotografia dela, mas que ia fazê-la e então me escreveria mandando-ma.

Nota de G. Defforges apresentada por Cornu sobre a resistência do ar ao movimento do pêndulo. Medindo a gravidade em diversos pontos da França e da Algéria determinou a variação da duração da oscilação e da amplitude dos pêndulos de Brunner em função do fluido em que mergulham. Sobre a aplicação da medida do poder rotatório à determinação das soluções aquosas do ácido málico com os fósfolimolibdatos alcalinos brancos. Sobre as condutibilidades dos ácidos isômeros e de seus sais de Ostwald nota apresentada por Lippmann. As medidas da condutibilidade dos ácidos orgânicos feitas por Ostwald e seus discípulos chegam a cerca de 400 de todos os gêneros. “Les lois unissant cette propriété avec la constitution des acides... se trouvent désaillés dans les publications mentionnées”.

9h ¼ Vou me vestir. 10h 20’ Acabei a ducha. Foi boa. Quis fazer versos, mas a musa está a fazer negaças.

11h 20’ Como de costume. ¾ Estive lendo a parte poética em francês e em latim macarrônico de Le Malade imaginaire e vou almoçar.

1h Bem. Joguei bilhar. Vou continuar a extractar o Compte-rendu. Ostwald em 1858 tinha achado por esse meio que os ácidos tártrico e racêmico tem condutibilidades idênticas e tirei as conseqüências referentes à dissociação completa do ácido racêmico em ácidos tártricos esquerda e direita nas dissoluções diluídas. Resposta de Daniel Berthelot apresentado por Lippmann. Essa aplicação da electricidade ao estudo dos compostos químicos não é nova. Foi feita por diversos e pelos conselhos de um deles Bonty é que o autor da nota ocupou-se da questão.

Nota de Adolphe Minet –“Eletrometallurgie de l’aluminium”. A eletrolia do fluorureto de aluminium permitiu-lhe melhorar o produto em função da quantidade de electricidade empregada, abaixando a diferença do potencial nos electrodes, e conseguindo assim 32 gr. de metal com a despesa de quantidade de energia equivalente a 1 cavallo-hora. As vantagens

nova disposição da cuba sobre a primeira são diversas, com o último aparelho as manipulações também se simplificaram. A alumina do comércio transformada em oxifluoreto de alumínio sem purificação prévia para depois utilizá-la na alimentação do banho, o metal obtido contém 2 a 3° de impurezas constituídas em grande parte por silício, a proporção o

ferro é de $\frac{6}{100}$ a $\frac{8}{1000}$. Assim mesmo o alumínio martela-se facilmente e pode ser trabalhado frio. Com produtos

isentos de sílica a riqueza do metal chega a 0,99. A diferença de potencial ainda se pode abaixar até o mínimo de 4 volts, e qualquer seja a intensidade da corrente tomadas as precisas disposições. Com essa diferença de potencial o clorureto de sódio que entra na razão de $\frac{63}{100}$ na formação do banho não seria decomposto, sua força eletromotriz sendo de 4,35 volts e o produto em função da quantidade de eletricidade subiria a 70%. Não pode ser definida ainda completamente a natureza das perdas. Segundo Fampes uma das principais causas seria o ataque fluorureto em fusão pelo alumínio no estado nascente, formando-se fluorureto de alumínio. Ainda lembra meio pelo arranjo do aparelho de obter quase o produto teórico. Bomba calorimétrica para determinar o calor de combustão da hulha.

Nota De Scheurer Kitner. A de Berthelot serve muito bem. O limite do erro é de 4 milésimos geralmente não varia senão entre e 2 milésimos [*sic*], mas é muito mais manejável que o aparelho de Favre e Silbermann. Uma amostra de hulha de Bonchamp tirada há pouco da mina tem por calor de combustão empregando o aparelho de Favre e Silbermann 8736 e 8620 com a bomba. Até agora não se achou a causa da diferença. Contudo não foi observada relativamente aos calores da combustão do carbono puro feitas na bomba por Berthelot e Petit que acharam números superiores em alguns milímetros aos de Fabre e Silbermann. Pelos primeiros trabalhos do autor da nota achou ele que a hulha de Bonchamp aumentava de calórico crescia à medida do aumento do carbono volátil. Recherches expérimentales sur la tétanos de Vaillard e Vincent nota apresentada por Duclaux. O tétano é causado pelo bacilo descrito por Nicolaier e cuja especialidade provou Kitasato. Há ainda há [*sic*] fatos obscuros e contraditórios que se explicam porque o bacilo opera somente pela toxina que contém. É

muito ativa. Basta $\frac{1}{100}$ de c³ de cultura esterilizada por filtração para matar um cobaia, $\frac{1}{100000}$ para matar um

ratinho. O micróbio não intervém no tétano experimental. Inoculam-se em animais muito sensíveis doses consideráveis de bacilos tetânicos puros.

7h 10' Voltei da festa no Stanislas. Falarei. Ainda não chamaram para o jantar. Junto o programa. Vou continuar o Compte-rendu até chamarem. Nada. Vou jantar.

8 ¾ Bem. Bilhar com Aljezur espero as meninas vendo o Rabelais Illustrée. 8h 55' Chegam as meninas. 10 ¼ Li até 10 ¼. Li até perto de 10h. Ouvi Seibold. Tomei chá e vou ler Compte-rendu e na cama talvez Loti até dormir que não será tarde pois o sono aí vem a marchas forçadas – Mote à propos du diabète de H. Arnaud. O açúcar desaparece como in vetre. Ch. Bernard o verificou pela primeira vez. O desaparecimento persiste aumenta talvez mesmo com a temperatura enquanto não teve modificação importante como a que provém de temperatura de 54° ao menos. Mas Lapine acrescenta que na destruição do fermento glicogênico. O autor da nota explica o fenômeno por modificação das propriedades vitais do sangue é particularmente de seu poder de assimilação e transformação em glicógeno do açúcar sangüíneo. Aniquilado [*sic*] esse poder o açúcar persiste no sangue sem modificação pelo menos até a transformação láctica que chega lentamente. Se na diabetes o açúcar diminui menos que no estado são, como afirma Lapine, é que em tal diabetes sobre o poder de assimilação do sangue para a glicose. Por isso persiste em crer que o açúcar desaparece in vitro como açúcar, mas que não é consumido aí onde se acha como glicógeno e que se normalmente penetrou no sangue pelas veias subhepáticas ele desaparece também na aparência, não se acha mais no sangue em estado de liberdade, mas na combinação e sob a forma de glicógeno para voltar ao estado de glicose, no momento de ser aproveitado para calor e trabalho, isto é, ao nível dos capilares gerais.

Sobre o desenvolvimento das fibras musculares de Luís Route, nota apresentada por Milne Edwards. É muito anatômica para mim. Visão dos gasterópodes pulmonares nota Victor Wilhem. Possuem sensibilidade táctil muito desenvolvida, permitindo-lhe receber fracos abalos de óleo onde andam e leves movimentos do ambiente. Vêem muito mal e dirigem-se principalmente pelas sensações olfativas e táteis. Percebem imagem, confusa de objetos volumosos a um centímetro quase.

Distinguem a forma dos objetos sofrivelmente a um até 2 milímetros. Influências de causas internas na presença do amido nas folhas. Nota de Emile Mar apresentada por Duchartre. É curiosa, mas dificilmente extractável. Nota “Contibution à l’étude des bacteriacées vertes” de Danyard apresentada por Duchartres. É estudo curioso da anatomia e fisiologia de algas. Estudo interessante por suas conclusões dos enclaves – encaixes, encravados? – dos traquitos do Mont-Doré.

Nota de Lacroix apresentada por Fouqué. É interessante. Influência da natureza do terreno sobre a natureza do solo por André e Raulin apresentada por Mascart. Interessante “au point de vue special qui nous occupe le fait saillant et remarquer esta la distinction très nette qui separe la terre de tourbe des autres terres, les oscillations theramiques sont beaucoup moins accentuées et les variations de temperature beaucoup plus lentes”.

11h $\frac{3}{4}$ Vou deitar-me. Pouco li de Loti.

11 de fevereiro de 1891 (4a fa.) – 6h 10’ Dormi bem. Levantei-me três vezes e agora fui à banca por pouco e urinei. Vou a Didon. 9h Respondi à carta do capitão de fragata Adolfo Pinheiro de 2, e escrevi a Baligand a respeito da ópera de Groolinde de Chabrier cuja partição que ele me mandou envie a Monte Carlo para ouvi-la nos concertos clássicos. Vou ler Le Temps que publica o que dá notícia da viagem de Bonvalot e do Henri meu sobrinho-neto.

9h $\frac{1}{2}$ Li alguma coisa e vou vestir-me.

11h 40’ Boa ducha. Flores. Encontrei Caserta com os meninos. Fui a pé a Notre Dame du Bon Voyage onde ouvi missa e recebi cinza. Vou agora almoçar.

1h Bem! Bilhar com Aljezur. 4 $\frac{1}{2}$ Tive a visita da filha do Dr. Delieux de Savignac que me trouxe a obra do pai Principes de la Doctrine et de la méthode en Medicine. Introduction à l’étude de la pathologie et de la therapeutique. É muito interessante, e ficou de vir mais vezes para conversarmos, é casada com Héraud e já tem escrito. Fui ao observatório da Califórnia. Ai estive gozando de bela vista. Havia bastante gente e voltei a pé e de carro até o hotel pelo caminho costumado. A esquadra francesa voltava de seus exercícios. Vou a Seibold. Sei que Estrela e a mulher vem jantar hoje.

Agora Seibold. 6h 5’ Sânscrito, obra de Max Muller, e Camões. Jantar.

9h 10’ Bem. Jantaram os Estrelas. Bilhar depois de conversa com a Estrela. Já se foram os Estrelas. As Motas Maias já estavam com a mestra quando mandei dizer que lhes ia ler. Vou à leitura do Seibold.

10 $\frac{1}{4}$ Acabou. Vou deitar-me e ainda ler até dormir.

12 de fevereiro de 1891 (5a fa.) – 6h $\frac{1}{2}$ Sonhei bastante mas dormi. Levantei-me três vezes e fui agora à banca por pouco. Quase 9h. Recebi carta de Daubrée de 12. Já estava lendo o livro de Quatrefages com as minhas notas desde a noite anterior – “pour me mettre à l’unité en autant que possible avec Votre Majesté”.

10h 20’ Já me dispo para a ducha. 4h 20’ Boa e o costumado. Li Fleurs d’ennui. Almocei bem. Fui visitar os Estrelas no hotel Belle-View, na sua saleta pequena. Depois batalha das flores. Reconheci muitas pessoas e atirei meu raminho à amiga da Mercier.

Conversei com o almirante Duperrey que passa com sua máscara – seu loup – de carro e depois veio falar-me conversando com ele de Petrópolis e pedindo-lhe notícias de Mr. Noel que ainda vive assim como enteado cujo emprego disse-me ele mas esqueci-o. Falei com outras próximas a mim entre as quais uma amiga da Estrela filha da Luynes casada com o filho do Bisaccia Doudeauville. Ao sair ainda vi a Estrela. Meus netos andaram de carro. Não é divertimento que muito me agrada.

Quatrefages fala-me também do que disse Becquerel sobre as cores fixadas pelo daguerreótipo. Mascart disse-lhe de 20 projetos para aproveitar a força da cascata do Niágara. Quatro receberam prêmios sem ser nenhum satisfatório, 2 franceses, 1 suíço, e um americano. Os projetos completos compreendiam 1º o aproveitamento das forças hidráulicas por uma série de turbinas de força sem precedente, 2º transmissão das forças e distância pela eletricidade. “C’est la première étape vers l’exécution de cette grandiose enterprise”.

Vou a Seibold. 6h 10’ Sânscrito. Camões. Jantar.

8h 5’ Jantei bem com o Pedro que se retirou para o quarto tendo pouco jogado bilhar depois do jantar. Continuei com Aljezur e aguardo as Motas Maias para a leitura. É preciso que faça versos antes de dormir. A Musa pode encavacar.

9 $\frac{1}{4}$ As meninas foram-se acabada a leitura. Aguardo a do Seibold. 9h 50’ Leu. Tomei chá e o sono fez-me deitar e ler

até dormir.

13 de fevereiro de 1891 (6a fa.) – 5h 35' Li Loti. Dormi, porém levantei-me 4 vezes. Fui agora à banca. Quase nada porém ainda urinei.

8h 25' Respondi a carta de Pierre Loti mandando-me livros seus que não conhecia. Li o artigo de J. Cardan sobre a descoberta da fotografia com as cores por Lippmann a quem escrevi pedindo amostras. Recebi carta do Nabuco de 9 de Londres do Nabuco *[sic]* em resposta à minha.

11 ¼ Boa ducha e passeio do costume. Antes de sair comecei a fazer de novo os sonetos. Não ficou mau.

4 ½ Volto do passeio de carro e a pé pela route de Antibes. Tarde agradavi *[sic]*. Estive com o Pedro hoje pela primeira vez disse que convidasse Estrela e Teresa para jantarem cá antes da partida com o Pedro para a Itália. Aguardo Seibold começando outro soneto. 6h Árabe e Camões. Jantar.

10h 40' Bem. Bilhar com Aljezur e o Augusto. Concerto. Junto o programa. Ouvi até a música inclusive sublinhada. O solo de cítara foi muito bem tocado pelo homem. As mulheres cantavam com voz muito áspera. Assentei-me entre Seibold e o filho de Max Muller que vi pela primeira vez em Interlaken com o filho que era então uma criança. Conversamos bastante sobre Oxford e a Inglaterra assim como a respeito da minha digressão Walter-scottiana pela Escócia. Depois falei com longamente com o professor orientalista Dr. Felberman que o Seibold me apresentou há tempo, e que é muito instruído sobre assuntos de meus estudos, e ficou de mandar-me diversos livros. Não houve leitura às Motas Maias, porém mandei ao pai de presente as obras de Loti numeradas segundo o maior interesse que me causaram. Ouvi Seibold e tomei chá. Agora vou deitar-me e ler – São 11h Fleurs d'ennui de Loti.

14 de fevereiro de 1891 (sábado) – 5h Não tinha sono. Levantei-me 5 vezes para urinar e agora ainda fui à banca. Regular e urinei. Contudo dormi sossegado.

8 ¼ Já acabei o artigo na Revista dos dois Mundos do neto da Mana Chica Henri d'Orleans. Honra muito o rapaz. Ontem escrevi a pedido de Mota Maia carta ao Ouro Preto, dizendo que recebi todos os telegramas e por isso resolvi descer de Petrópolis ao Rio na ocasião da Revolução e que foram-me eles entregues por meu meloso criado particular Cândido José Freire.

9h ¾ Li carta de Kantzow de 18 de janeiro que sinto responder tão tarde. Falei a Seibold que ainda vem logo para o estudo, e vou me vestir.

10h 20' Dispo-me para a ducha. 2h 10' Boa. Passeio do costume. Antes do almoço pouco li Fleurs d'ennui de Loti. Árabe e Camões com Seibold, que parte com o amigo Dr. Felbermann hoje para a Córsega. Estive com o Roland e o viajante orientalista Sir Cyrill Graham que ficou de mandar notas de diversas obras. Roland trouxe-me o n° 2 de L'aioli diário em Provençal.

5 ¼ Volto do passeio. Route de Pegomas e Croix-des-Gardes. Andei também bastante a pé. Tarde boa embora fria.

6h 9' Fechei o soneto e chamam para jantar, mas vou escovar as botas que têm muita poeira. 8h Bem. Bilhar com Aljezur. Espero as Motas Maias. Vou começando novo soneto.

“Tout est muet et mon coeur cependant toujours bat”

Li-lhes. Depois a mestra começou a ler pelo Seibold a viagem ao Oriente de Lamartine. Tomei chá. Vou ao segundo soneto e deitar-me lendo o que possa até dormir.

11h Quase. ½ Não ficou mau – e vou para a cama.

15 de fevereiro de 1891 (domingo) – 5 ¾ Dormi bem embora me levantasse 5 vezes e agora fosse à banca para pouco e ainda urinasse. Vou a Didon.

7h 40' Li até agora para variar e por ser mais cômoda a brochura e vou a Fleurs d'ennui. Antes estive na missa.

9h ¾ Para a ducha em cuja casa de noite houve *[ilegitivel]*. Li e agora ao Montenegro.

1h 10' Saio e depois da ducha comprei as flores e passeio a pé do costume. Ainda vi Mme. Hérault cujo trato muito me tem agradado. Almocei bem. Joguei bilhar com o Augusto. Esteve cá o Estrela e torno a Didon.

Esqueceu falar da carta de Pedro Américo do Rio de 21 de janeiro em que diz “Agora só desejo que essa prova de gratidão e respeito seja bem acolhida por S.M. e por todos os seus amigos e junta um retalho com a nota escrita a tinta – Aprovado da sessão de 21 de janeiro 1891”.

1 Adicione-se às disposições transitórias. É concedida a D. Pedro de Alcântara ex-imperador do Brasil uma pensão que a contar de 15 de novembro de 1889 garanta-lhe por todo o tempo de sua vida subsistência decente, ficando ao Congresso ordinário fixar em sua primeira reunião a cifra daquela pensão. Vem assinado 26. Um deles Pedro Américo e outro Custódio de Melo (Será Custódio José de Melo?). Não copio os nomes, porque posso revê-los no diário, quando deseje. Já disse que tudo aceito da nação e só preciso do que me permita viver decentemente e estudar cada vez mais.

2h $\frac{3}{4}$ Conversei largamente com Pierre Loti sobre viagens navegação e astronomia. Recebi carta de Quatreface [*sic*] de 12 respondendo-a com que lhe mandei o seu livro anotado por mim. Promete-me suas reflexões que lhe pedi sobre minhas notas, e recomenda-me como trabalho bom de antropogia [*sic*], Les races por Verneau. Mando buscar.

8h Fui despedir-me do Pedro e do Estrela. A mulher não foi à estação e por isso não a vi hoje. Disse ao marido tudo o que pretendia fazer em relação a ela como afilhada minha.

Dei passeio de carro e a pé pela Route de Antibes. Voltando escrevi à Teresa sentindo que ela não fosse, e referindo-lhe o que dissera ao marido. Jantei bem. Joguei bilhar com o Aljezur e aguardo as Motas Maias para ler-lhes. O Pedro esteve no Hotel antes de irem para a estação. Vamos [...] o que Pedro escreve-me de sua viagem.

Quase 10h. Li-lhes, vou a maestra ler a viagem do oriente de Lamartine, tomei chá e pouco lerei agora deitado. A Estrela não respondeu. Talvez guarde-se para dar-me a resposta de viva voz amanhã.

16 de fevereiro de 1891 (2a fa.) – 6h 20’ Dormi bem, porém levantei-me 6 vezes e agora fui à banca. Vou a Didon para adiantá-lo e sempre a 2ª se pareceu mais ou menos com o domingo. 7h Vou escrever à Mana Januária, a Quatrefages e à Teresa princesa da Baviera. Completei o soneto de ontem e estou-me vestindo para ir à ducha. 10h 20’ Dispo-me para a ducha.

11h 35’ Tudo como de costume. Adiantei Montenegro e agora começarei o soneto.

1h Almocei bem. Bilhar com Aljezur e carta de D. Josefina a Mota Maia a 22 de janeiro leio. Hoje enterra-se Benjamin Constant, depois de larga moléstia ficou maluco e perguntava quem lhe ia visitar, se o imperador já tinha chegado e quando davam alguma coisa para tomar perguntava ser era o imperador quem tinha mandado. Vou sair.

É 1h 1/4. 4h 50’ Chego do passeio a pé e de carro até quase tomar o caminho para a Croisette depois de assistir a representação teatral cujo programa junto. Agradou-me muito e o Dr. Duc Kauscir que me apresentou a mãe do autor a quem fiz meus cumprimentos pelo talento do filho cujas peças ela ficou de pedir para eu lê-las. Vou acabar o soneto.

8h Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Esperava que a Estrela respondesse à minha carta ou viesse jantar, porém creio que a afeição dela mudou muito. Quando jogava bilhar veio Rivoire convidar-me para música no dia 20 na Villa-Lavallée onde cantará uma excelente. Lá irei às 2 e às 3 a uma reunião em casa da marquesa de Chandieu. Acabo de ouvir a Troupe Napolitane no corredor do andar inferior do hotel. Junto o programa. Não era grande coisa e por isso subi e aguardo as Motas Maias.

17 de fevereiro de 1891 (3a fa.) – 6h $\frac{1}{4}$ Não sei porque não concluí o que tinha ontem de escrever, mas foi o mesmo de antes de ontem. Dormi bem embora me levantasse 4 vezes indo uma à banca, e agora urinasse. Vou a Didon porque é preciso acabá-lo breve para enviar este 2º volume, isto é, o resto ao Cavalcanti (Diogo Velho).

7h 20’ Li mais do que queria. Vou a Fleurs d’ennui.

10 $\frac{1}{2}$ Já tomei ducha, li Montenegro e estou vestido para o café.

11 $\frac{1}{2}$ Passeio do costume. Belo dia. Recebo carta do Luís de Versalhes de 14. Antônio estava de cama constipado, mas ia melhor. Manda programa de festa do colégio.

$\frac{3}{4}$ Vou almoçar. 1h Bem. Discussão pela religiosa com Aljezur que quer ser melhor católico, o que eu não admito. Joguei bilhar com ele. Vou responder ao telegrama do Pedro de Gênova. Sem novidade.

5h Volto do passeio de carro e a pé até a bifurcação para Naplouse e no regresso vim pelo caminho dos pinheiros. Bela tarde. Vou a Seibold que pelo mau tempo e medo do companheiro não foi à Córsega. Esteve em Nice.

6h 6' Hebraico. Lusíadas. Agora jantar.

8h Bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Quis num dicionário enciclopédico do hotel a origem da palavra carambola. Não a achei. Aguardo as Motas Maias. Comecei o resumo da história antiga que parece bom dando as explicações precisas. Depois ouvi a leitura pelo Seibold da obra de Jurien de la Gravière. Ainda falta o resto deste volume e mais outro. É muito interessante. Hei de congratulá-lo por este seu escrito quando o encontrar no Instituto. Tomei chá entretanto e vou ainda ler deitado, o que será pouco tempo.

18 de fevereiro de 1891 (4a fa.) – 5h 20' Comecei a dormir cerca da meia-noite. Dormi bem. Levantei-me 4 vezes e agora fui à banca com algum resultado e ainda urinei. Vou a Didon.

8 ½ Carta interessante de Baligand de Munich a 15.

9h 10' Completei o soneto de 15 que não sei porque não ficara estropiado, e penso que não está mau. Adiantar Fleurs d'ennui para não ficarem mais murchas. Recebo agora mesmo telegrama de New York. "The New York World presents its compliments and request that you favor it with your estimate of the military genius of General V.T. Sherman the deceases american heros – The World".

11h 20' Boa ducha, ramo e fui ao Hotel Central ver o Augusto que achei bem disposto e só com a cara inchada. Acabava de comer. Estava com Fleischmann, que me tocou e muito bem no piano uma sonata de Beethoven. Acabo de chegar ao meu hotel e aguardo o almoço.

1h Bem. Acabo de jogar bilhar com o Aljezur. Vou a Fleurs d'ennui. Respondi ao telegrama de New York. "Most highly estimate general Sherman's military genius and consider him as the hero to whom is due the great union of United States by the victory obtained in consequence of his wonderful military march. Had satisfaction make his appreciable acquaintance in my voyage to your country and know him as exceedingly perfect gentleman and obliging friend. Dom Pedro d'Alcantara" – Expedido a 18 de fevereiro.

5 ¾ Volto. Hotel Bella-View, visita à Estrela que recebeu-me mui bem tendo-me respondido ontem, mas não vi carta. O serviço não anda regular como muitas outras coisas. O Guilherme é afidalgado, filho de um cônsul austríaco. Eu não o escolheria. Passei de carro e a pé por Croix-des-Gardes, e vim pelo Leader. Bastante calor. Já vi enroladas as esteiras que resguardavam as plantas. Agora Seibold. Estava no bureau um papel aberto com palavras da Estrela relativas à minha carta.

6h 10' Árabe e Lusíadas. Vou jantar. Bem. Escrevi uma carta pois era e joguei bilhar com Aljezur. Aguardo as meninas lendo Rabelais.

9h 50' Li-lhes o livro de que já falei, explicando-lhes o que sei. Depois continuei a leitura do Seibold. Vou ler Didon e deitar-me lendo Fleurs d'ennui até dormir.

10 ½ Vou para a cama com Fleurs d'ennui, mas espero algumas "Fleurs de rêve".

19 de fevereiro de 1891 (5a fa.) – 6h 20' Dormi bem mas levantei-me 5 vezes e ainda agora urinei indo à banca por pouco. Vou a Didon.

7h 40' Custou-me a deixá-lo. Vou a Loti. Li Fleurs d'ennui e vou vestir-me.

11h ¼ Boa ducha. Fiz versos. Passeio do costume. Belo dia. 1h ¼ Almocei bem tendo acabado o soneto. Bilhar com Aljezur e vou acabar Fleurs d'ennui. ¾ Carta de Daubrée muito interessante de Paris a 17. Carta de Nadau de Nice de 18 a que respondi agora.

7h 50' Fleurs d'ennui. Sair.

5h 5' Fui ao concerto na Villa-Lavallée. A harpista Henriette Renié é excelente e a prima Joanne canta sofrivelmente. Vi muitos conhecidos entre os quais a amiga da Mercier que julgo lá estava. O pai das Reniés apresentou-se-me e infelizmente não tinha música para cantar. Dizem que o faz bem. Vi Mgr. Guigou, a Czartorisky e Obolska, Bemés, e outros de que falei depois. Vou começar o soneto à amizade que prometi à Obolska, e ela me lembrou – mas chegou Seibold. 6 ¼ Odisséia, Camões. Vou jantar.

7h 25' Bem. Bilhar com Aljezur. Vou fazer versos enquanto não vêm as meninas. Não encontrei o soneto em francês já começado "À Amizade" e vou extractar a carta de Daubrée. A experiência de Wiener sobre a direção da vibração da luz

originou discussão entre Cornu e Poincaré. Este exclusivamente matemático mostrou o perigo das hipóteses. As experiências tem mais valor e a doutrina de Fresnel parece decididamente confirmada. Conheciam-se de muito tempo um depósito de numerosos elefantes fósseis em terrenos marinhos quaternários em Mont-Dol (Ville-et-Villaine). M. Sirodot verificou que todos esses ossos têm cortes de sílex, facadas talhadas em sílex acham-se aliás no meio dos ossos, calcinados em parte e associados a carvão. É pois vasto montão de restos de cisonha “Kjökkebmöddiny” que se representa ao menos os corpos de uma centena de elefantes. Tudo parece remontar ao período glaciário.

Estive com a Isabel numa matinée em casa da condessa de Riancey.

10h 10' Li às meninas. Seibold leu-me. Recebi carta de despedida da Estrela, a que respondi para minha carta ser-lhe entregue cedo. Tomei chá e vou deitar-me lendo até dormir.

20 de fevereiro de 1891 (6a fa.) – 6h Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca por pouco e ainda urinei. Antes de dormir li na Revista do Novo Mundo pelo Múcio Teixeira. Número prospecto 30.000 exemplares e artigo “Noticiário” onde vem algumas palavras sobre e publicação do impresso a respeito do guarani cuja edição dirigiu Seibold. Vou a Didon. Depois de acabar *Fleurs d’ennui*. Terminei infelizmente. Escrevi no fim o soneto à amizade – mas procuro ainda o outro para transcrevê-lo.

Li um folheto interessante *The international Congress of Americanists* por D. G. Printon M.D. que me fez escrever a Daubrée pedindo-lhe e perguntando-lhe diversas coisas. Vou ver se leio Didon por fim. Pouco li a vestir-me para ir para a ducha. São 9h 35'.

11h 20' Boa. Comecei o soneto e li Montenegro. Passeio do costume. Almocei, bilhar com Aljezur e o Augusto e terminei o soneto.

Acabe-se o diário com soneto
Ao caro genro e à filha tão querida
Que o que é nobre me inspirou na vida
E fez-me reviver em cada neto
A tudo que importante eu enceto
Essa lembrança está pra sempre unida
Ela a meta me faz ver atingida
Ao que ousar de melhor enfim me meto
Na desdita me dando o que lhes dei,
Quisera ver seus filhos nomear
Entre os sábios com o que eu lhes ensinei
Podendo assim melhor aproveitar
À nossa Pátria, que tanto eu amei
E embora desterrado, eu hei de amar.

VOLUME 37

EXÍLIO - 20/02 a 28/03/1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

20 fevereiro 1891 Cannes – 1h 40' Acabei o outro e vou ler o artigo no *Jornal do Comércio* de 20 de janeiro assinado B. de L. [*barão de Loreto*] sobre a condessa de Barral.

4 ½ Volta da reunião e junto o programa. Esteve muito boa e a Caserta mais amável.

5h 50' Seibold, árabe e Camões. Vou falar a visitas.

10h ½ Falei ao autor de Les Papillons Noirs peça que vi representar. A mãe tinha ficado de me apresentar quando eu ao sair do teatro conversamos sobre a peça elogiando o talento dele. Falamos a respeito da literatura dramática e dos atores e sobretudo de Sarah Bernardt.

Jantei bem. Joguei bilhar com Aljezur, assisti aos trabalhos de um ventríloquo, não é mau. Hei de procurar o programa para juntá-lo. Li às Motas Maias, ouvi Seibold ler, tomei chá e vou deitar-me e ler mas não muito pois tenho sono.

21 de fevereiro de 1891 (sábado) – 6h 40' Dormi bem, mas levantei-me 5 vezes e ainda agora urinei, indo também à banca, mas por pouco. Vou escrever ainda nas Fleurs d'annui.

8h Escrevi carta ao Pedro e vou ler Didon, mas antes li a carta da viúva do general Ibañez, marquês de Mulhacen, escrita a Aljezur agradecendo meus pêsames pela morte do marido. Também ao mesmo de Sto. Amaro de 17 de Canstatt com outra sobrinha da filha do Iguassu dizendo-lhe que recorresse a mim que darei o que puder à St. Amaro irmão de Iguassu. Espero que poderei ler agora Didon.

9h ¼ Li e quanto custou-me deixá-lo. O que li é admirável. Carta pedindo esmola para o asilo noturno de Cannes onde começaria trabalhos importantes. É datada de 17 e assinada por Ch. Baron Architecte Expert. Vou me vestindo lendo ainda o folheto Séances et travaux de l'Académie des Sciences morales et politiques de fevereiro, 2º livraison.

11h 25' Boa ducha. Passeio do costume e flores. Encontrei pessoas conhecidas mas não a amiga da Mercier. Carta de Lipmann da Academia das ciências em resposta àquela em que eu congratulava por ter fixado as cores pela fotografia. ¾ Chamam para almoçar.

1 ¾ Bem. Joguei bilhar e fui receber na estação Isabel, Chica e seu filho Pedro. Andei pela estação onde quase não vi conhecido, os meus chegaram bem. Os netinhos vão bem, menos o Antônio que não tem muito boa saúde. Vieram com minha *[sic]* os Muritibas. Vou ler o folheto Séances et travaux de l'Académie des Sciences morales et politiques.

3h 5' Passeio. 4 ¾ Volto com a Isabel e meus companheiros por Canet, Route de Grace, e Vallergues.guardo Seibold. Dia enfumaçado, quanto ao resto bom.

6h 10' Árabe, Camões. Jantar. 8h 5' Bilhar com o Aljezur.guardo as Motas Maias. 9h 10' Vou ouvir o Seibold. 10 ½ A Isabel ainda veio dar-me boas noites depois de ter ido ver a Margarida. Tomei chá e acabo de ouvir a leitura do Seibold. 11 ¼ Escrevi o soneto – À l'amitié – para dá-lo a simpática Mme. Obolska amiga da princesa Margarida e vou deitar-me e ler até dormir.

22 de fevereiro de 1891 (domingo) – 5h Dormi bem. Levantei-me cinco vezes e ainda urinei ao levantar. Vou a Didon. 7h 10' Já bem claro. Vou ler Propos d'exil de Loti. Li até ir lavar o rosto e agora missa.

11h Como sai mais cedo já estou de volta com missa a que assistiram Chi – hei de ver se faço algum desenho nestas páginas que ficaram em branco por descuido. *[Espaço em branco]* – ca, Isabel e Pedro sobrinho. Boa ducha, flores e passeio costumado. Vou continuar Propos d'exil de Loti.

Mas chegou carta de 19 de Mr. de Quatrefages mandando suas reflexões a respeito de minhas notas no livro dele e 2 volumes. Quanto à geologia das ilhas do Mediterrâneo diz que Daubrée é o mais competente a indicar obras relativas a sua geologia. Aponta-me obras sobre a antropologia e etnografia dessas ilhas que mandarei buscar. Diz que La Marmora estudou a Sardenha e Cartuilha e acaba de fazer uma viagem arqueológica às Baleares – des plus fractueux – mas não conhece o livro do primeiro e o segundo ainda nada publicou.

11h 35' Almoço. 1h Bem. Joguei bilhar com o Pedro Joinville. Como a Chica vai à Czartoryska dei-lhe o soneto que prometi fazer à amizade para a Obolska. Vou continuar o Propos d'exil de Loti. Custa-me a deixar essa leitura, mas são 3h e vou passear.

8h 10' Direi logo o que fiz. 9h Passeio com Isabel, Muritiba (mulher) e Mota Maia de carro e a pé, em torno do cabo de Antibes vendo ao passar a fortaleza, mas o lugar dos ciprestes da sepultura de Championnet.

Pouco li antes de jantar, que me soube. Depois bilhar, li Loti e continuei a leitura do livro de história às Motas Maias, assistindo Isabel e a Muritiba. Todos se foram. Recebi telegrama de Carlos de Milão. “Très sensible félicitations de Sa Majesté pour succès mon Condor – Vous prie lui humilier mes meilleurs remerciements. Envoie journaux compliments personnels + Gomez”. Vou ouvir Seibold. Antes li carta do Ouro Preto de Paris de 24 de que logo falarei.

10h 10' Enquanto ouvia ler vieram Isabel e a Tostinha despedir-se de mim. Tomei chá e pouco ouvi ler depois. Considera como ordem a cumprir em tempo o que digo do recebimento dos telegramas. Diz que é útil elucidar convenientemente verdade a respeito de estar eu resolvido a admitir a federação asseveração repetida do Saraiva. Creio já ter tido bastante a esse respeito, mas Ouro Preto pretende vir cá a conversarmos. Estava com o Roland hoje quando apareceu-me a Estrela de surpresa, ficando de vir amanhã. Escrevi-lhe para o hotel Belle-Vue e esperava que me respondesse hoje mesmo, porém creio que só amanhã terei resposta dela. São quase 11. Vou deitar-me e ainda ler até dormir.

23 de fevereiro de 1891 (2a fa.) – 6h 10' Dormi bem mas levantei-me 6 vezes e agora fui à banca e com resultado urinando também. Vou a Didon.

7h 40' Loti. O 2º de Didon infelizmente está acabado nestes dias. Agora Loti.

9h ¼ Vou me lavar e depois de vestido ducha. 9h ¾ Já me dispo para tomá-la. Quase que tenho que esperar pois não avisaram de que eu viria mais cedo e outrem se duchava quando cheguei. Quase 11h.

Por ser ao almoço às 11 só andei a pé para comprar flores. Escrevi ao Nioac à carta dele de 15. Recebi carta do Pedrinho de 20 de Versalhes. Vou agora almoçar, porque tenho de ir a Nice, não muito por minha vontade. 1 ¼ Atravessamos o Var. 5h 7' Volto. Direi depois o que fiz em Nice.

6h 10' De volta porque esperei pelo carro na estação. O cocheiro não me vai agradando. Em Nice. Mana Januária, a neta mais velha está de cama com febre e toda reumática. Tem ares de moça inteligente e boa, fez-me pena. Alexandrina com quem muito conversei queixando-me da amiga dela a condessa Edla que não escreve desde 9bro [novembro]. Talvez ela me escreva depois do que disse à Alexandrina. Andei pelo jardim. Sempre boa verdadeira irmã do grão-duque de Baden e cunhada da mulher deste tão minha amiga.

Chamam para o jantar. O mais que não é pouco para logo. Da casa da Alexandrina fui andar pela cidade. 10h 10' Depois de jogar bilhar com o Pedro da Chica e Aljezur, li às Motas Mais e depois ouvi Seibold e tomei chá. Da casa da Alexandrina fui ao novo cassino de Nice. Não gosto da arquitetura. Parece-me chinesa. Corri tudo. Ouvi a música passeando no terraço e aí encontrei o Dr. Livet de Aix-les-Bains que prometeu-me sua publicação sobre Molière cujos manuscritos das comédias não se conhecem para saber com que variantes escreveu ele suas comédias e o pai de Sardou e que tem 87 anos, ficando de pedir para mim cópia do drama Thermidor.

Também encontrei D. Cecília Monteiro de Barros e sua filha mulher de Alfredo Nioac com este. Ainda voltei à casa da Januária onde tomei café e mandei meus adeuses à neta que não quis incomodar vendo-a ainda. Esta ida a Nice muito me agradou. A Estrela não me respondeu mas abrindo por não reparar carta que despedida à Isabel [sic] vi que mandava-me lembranças. Como não sei quando ela partirá ainda lhe escreverei. É uma doidinha, porém muito simpática. Agora vou deitar-me, ler Propos d'exil até dormir.

24 de fevereiro de 1891 (3a fa.) – 6h menos 5'. Dormi depois de ler porém não muito. Levantei-me 4 vezes e agora fui à banca e ainda urinei. 8 ½ Li Didon e agora só me falta o Apêndice. Vou a Fleurs d'ennui.

10h 5' Já estou me despindo para a ducha. Morreu a noite passada o duque de Mecklemburgo. 11h 35' Como de costume. Não encontrei ninguém conhecido. 1h ¾ Fleurs d'ennui.

Almocei bem. Joguei bilhar com Aljezur. Conversei com Mme. Héraut que é muito agradável e inteligente. Recebi carta da Daubrée de Paris 22. Promete informar-me sobre as questões americanistas. Manda-me a nota do Pedro sobre a mélinite de Morro Velho do Pedro apresentada por ele à Academia das Ciências. Também de Levasseur de 22. Manda-me o 2º volume de La population française oferecido 2a fa. à Academia das Ciências. O 3º e último imprime-se, mandar-me-lo-á antes de julho. Recomenda-me as conclusões dos capítulos da longevidade da "surviees des populations urbaines et sur les trois chapitres de la statistique morale". Fleurs d'ennui.

2h 50' Vi o general Bernis com quem conversei sobre diferentes assuntos militares e Mme. Fracal irmã do relojoeiro Hauriot que mandou-me um bilhete com uma lembrança. Vou sair.

5h 10' Observatório da Califórnia. Chica não quis subir. Tarde magnífica. Andei bastante a pé descendo. Seibold.

6h 5' Árabe. Camões. Vou jantar.

10h 50' Bem. Bilhar com Aljezur, mas logo fui falar ao holandês da Rebeque, com quem conversei muito a respeito da Suíça onde ele tem um castelo. É parente de Benjamin Constant. Conhecia Mme. de Stael e muito dos suíços que eu conheci. Enfim interessou-me bastante, mas voltará, completarei então a notícia dele. Li às meninas e o Seibold acaba de ler o 4º volume da obra de Jurien de la Gravière. Falta ainda um de menos páginas. Tomei entretanto chá e já estou deitado e vou ao livro de Loti até dormir.

25 de fevereiro de 1891 (4a fa.) – 7h Dormi bem. Levantei-me 5 vezes, indo uma à banca, e agora ainda urinei. Dia bom. Vou a Didon. 8h 25' Agora vou a Loti.

1h 5' Boa ducha. Li Montenegro. Flores que dei à Chica e à Isabel. Propos d'exil. Almocei bem. Bilhar com Aljezur e vou ao Propos d'exil.

1h 35' Estive com a Alexandrina. Sempre a mesma e boa carinhosa. Ficou de escrever à Edla transmitindo-lhe minhas queixas de seu silêncio. Volto à leitura.

2h 5' Gostei muito do escrito dos Propos d'exil. Mort de l'amiral Courbet.

2h 40' Pagodes Souterraines é féérico. Tomei café e vou sair. 6h Volto. Fui à casa do Roland. Vi no andar superior a coleção de dois viajantes das Ilhas Marqueas, M. e Mme. Georges Casalebieg. É muito interessante, colhi muitas informações de que depois darei a idéia que puder. Na sala do andar onde mora Roland ouvi tocar piano Mme. Arnoux e outro cujo nome não me lembra agora e conversei com Arnoux e os que aí estavam tendo a Isabel e o Aljezur ido comigo. Depois visitei o Mecklemburgo de que achei apenas a mulher, feia porém muito amável, e o grão-duque Pedro da Rússia, casado com a filha do príncipe de Montenegro, muito simpática e com quem falei bastante sobre o país do pai a quem pedi-lhe desse lembranças minhas. Encontrei os Casertas saindo de visitar os Mecklemburgos. As visitas ficam para outra vez em companhia da Isabel que aguardo para jantar. Foi uma tarde bem atacada. O que me lembrar ainda fica para depois. Continuo Fleurs d'exil [sic].

20' Chegou Isabel. Vou jantar. São 6h 25'. 7h 55' Bilhar com o Pedro Joinville. Vou para o teatro.

11 ¾ Tomei chá no camarote onde estiveram comigo Isabel com a Tostinha e o marido e Mota Maia. Execução apenas medíocre. Junto o programa, porém sempre foi a música da Haydée e que dê lembranças de mais de 40 anos. Vou deitar-me e ler Fleurs d'exil [sic] até dormir.

26 de fevereiro de 1891 (5a fa.) – 6h ½ Dormi bem. Levantei-me 4 vezes e agora fui à banca por pouco e urinei. Vou a Didon.

8h 10' Custou-me largá-la mas penso que o 2º volume ficará lido nestes dias. Propos d'exil. 9h 25' Acabei. 3h Vou sair. Direi depois o que fiz até agora. Acabo de conversar com Loti. Quase 6h. Concerto que me agrada e cujo programa junto em casa. Lá vi muita gente conhecida e a Caserta que foi muito amável. Depois fui com a Isabel ainda Tostinha e Aljezur visitar os Mecklemburgos, achando o duque que esteve com aparência de muito boa saúde. A mulher é que parece doente. Vou ao Seibold. Depois escreverei a respeito de tudo, 6h 25'. Árabe. Camões.

27 de fevereiro de 1891 (3a fa.) – 7h 10' Dormi bem só me levantando 3 vezes e agora fui à banca mas sem efeito e ainda urinei. Vou a Didon, mas ainda não tinha lido artigo de O Brasil Rio 28 de dezembro de 1890. “A Santa” sobre minha Santa. Apesar do tempo ainda derramei lágrimas olhando também para sua fotografia que se acha suspensa defronte de minha cama.

Vou ver se traduzo os versos de P. Monsabré que trouxe de Roma um belo cálice com que o Papa presenteou. Foi recebido Arcade com o nome acadêmico de Eliseo Elisendo e terminou o discurso de recebimento oferecendo um soneto com estas que “certaine n'est pas assez accompli pour valoir un long poème, vous le prenez pour ce qu'il vaut”.

Quase 9h. Traduzi por curiosidade.

Je suis vieux. Ma muse endormie

Souffre d'une longue anémie.

Je veux lui demander pourtant

De quoi vous payer comptant

Aux feux d'une lumière amie
Ce qui brille est plus éclatant
Voilà, messieurs, ce qui m'attend
Dans votre illustre Académie
Qu'ai-je donc fait pour obtenir
L'honneur de vous appartenir?
Pour moi, c'est un trop beau partage
Car, si je suis de vos élus,
Vous n'en vaudrez pas d'avantage
Et moi j'en vaudrai dix fois plus

** -- **

Velho sou, a Musa adormecida
Em longa anemia imergida
Desejo pedir-lhe contudo
Com que pague à vista e por meúdo
Ao brilhar de uma luz amiga
Tudo é mais resplandecente
Eis, senhores, o que se sente
Na ilustre Academia antiga.
Que fiz eu porém para obter
A honra de vos pertencer?
Pra mim é demais o quinhão
Porque se eu sou dos escolhidos
Não valeis assim mais menção
E eu, méritos décuplos tidos

Li um artigo de Le Midi Hivernal de 26 sobre Monsabré que não me desagradou embora no sentido que não aprecio. “Sans avoir en partage l'éloquence du P. Lacordaire” – que tanto senti não ouvir e breve irei eu à casa onde esteve em Nice – ni l'oration du P. de Ravaynan também não o ouvi – “il est plus profond que celui-là, plus male que celui-ci. Puis ils (Os Frères prêcheurs) viennent de découvrir Saint Thomas d'Aquaine. Je crois que le Père Monsabré a été pour beaucoup dans ce retour aux traditions de la chaire catholique”.

9h ¼ Já me visto e vou lavar-me. 10h Entrando aqui encontrei a Obolska que trazia um livro na mão. Sempre boa tratou-me com o maior *[ilegível]* e pedi-lhe versos dela para traduzi-los – e toca a duchar-me.

11h 35' Volto do costumado. Encontrei a Caserta com o filho mais moço e ainda vi-a quando eu voltava de carro. Pus o ramo da Isabel que não tinha ainda voltado. Li em L'Italie de 23 o artigo “Scala”... “é certo que che questa opera (Condor) incontrerà favore dovera che se música... che presto diventa popolare com accade infatti di tutte le opere del fiero Maestro brasiliano”.

São horas de almoçar. 1h 40' Bem. Joguei bilhar com Aljezur. Estive com o Baltazzi que mora agora em Paris e com quem conversei muito a respeito de Constantinopla onde ele muito me acompanhou e foi depois consul do Brasil. Li no Le Petit Marseillais de hoje – Rio de Janeiro – “Le Général Deodoro da Fonseca a été élu président de la République du Brésil par 129 voix, contre 97 accorés a M. Prudente de Moraes. Le général Floriano Peixoto est élu vice-président par 153 voix. M. Deodoro da Fonseca est élu pour quatre ans”.

2h 5' Estive com Barbosa de Oliveira, Almeida Neto e suas mulheres de S. Paulo e prometi-lhes carta para o Papa. Vou tomar café e sair.

4h 35' Volto da freguesia Notre Dame du bon Voyage. Muita gente. Entrei pela porta do lado. Pregou bem sobre a carta caridade o Père Monsabré com quem conversei recordando-me que pregara na festa de Jeanne d'Arc em Orleans quando ainda vivia Dufanloup. Assistiram Margarida e Obolska, os Casertas, Mme. Etling agora chamada não sei o nome do 2º marido, o harpista e o pai e outras pessoas conhecidas. Não pude despedir da Margarida, Obolska e dos Casertas, mas dir-

lhes-ei que senti não te-lo feito quando os vir amanhã como espero.

Vou ao Seibold. 6 ¼ Árabe e Camões. Jantar. 10h 10' Bem. Bilhar com o Pedro e o Aljezur. Li às Motas Maias e Seibold leu-me o último volume da obra de Jurien de la Gravière e entretanto tomei chá. Ainda lerei Didon, e para dormir já deitar o romance L'infamant cujo título atraiu minha curiosidade. 10h 55' Cama.

28 de fevereiro de 1891 (sábado) – 6h ½ Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e ainda agora fui à banca quase por nada e urinei. Por não estar muito claro acendi a lâmpada. Vou ao Didon.

8 ½ Chica veio dizer-me bons dias porque não almoça aqui. Conversamos um pouco. Li ainda e Didon e 8h 50' vou vestir-me.

9h 50' Fui à missa, chegando Isabel com os Tostas a tempo. Já me dispo para a ducha.

11h 20' Boa. Flores e passeio do costume. Desarranjo do ventre. Mme. Crombez e amiga. Ficou de arranjar-me a visita a uma amiga onde posso ver coisas interessantes. Conversei com os Penedos muito agradavelmente. Tenho de ir à casa de Mercier. Falarei depois do mais. Recebi carta interessante de Daubrée de 26. 5h Volto da casa da Mercier. Estavam muitas pessoas entre as quais me tratou muito bem a amiga dela, dando-me o braço em que me apoiei para não cair a Czartoryska e a Obolska. Vi as pinturas da Mercier, ouvi a Pulcinska que não toca tão bem como a Tostinha. Thenard recitou com muita graça e uma senhora cantou bem. Ainda falar desta reunião.

Vou ao Seibold. 6h 20' Hebraico e Camões. Vou jantar. 10 ¼ Bilhar com Aljezur assistindo a Chica e a Isabel. Leitura às Motas Maias assistindo a Chica. Assisti antes ao que tocou a Tostinha ao piano. Por fim ouvir Seibold ler o último volume da obra de Jurien de la Gravière e tomei chá entretanto. Vou ler agora deitado o último Compte-rendu até dormir.

1 de março 1891 (domingo) – 5h Dormi bem. Levantei 3 vezes, ainda urinei agora e fui à banca sem resultado. 7h Escrevi a Daubrée, a Levasseur, ao Pedrinho e ao Luís. Compte-rendu de 16. Objections faites à l'interpretation des expériences de M. Wiener par Cornu, interessante. Nota de Rod. Wolf sobre aparelho Ibañez-Brunner. A idéia do aparelho não foi de Ibañez. *Sur la statistique [sic] solaire dans l'année 1890.* Nota de Rod. Wolf. "Il résulte de ce tableau que les nombres relatifs et les relations magnetiques ont tous deux commencé à augmenter et que le parallélisme entre ces deux séries si différentes a encontre continué d'une manière assez remarquable. Um quadro confirme encore des taches et de variations, et que l'époque de ce minimum doit être placé dans les dernières mois, les dernières mois de l'année 1889 ou dans les premiers mois de l'année 1890. Une détermination exacte de l'époque n'est pas encore possible – Les éléphants du Mont-Dol (Ille-et-Villaine). Note de M. Sirodot. "Leur accumulation sur un espace limité s'explique cisément (carbonisés à tous les degrés). Ces éléphants ont été mangés. La détermination d'âge et variété repose exclusivement [sic] sur l'examen des dents... Si l'on fait entrer en ligne de compte les échantillons détruits sous la pioche on peut porter à 800 le nombre des molaires extraites d'un gisement d'environ 1400 m². Comme il y a eu plus 8 molaires qui peuvent être représenter à l'état fossile il en résulte que le nombre d'éléphants n'est pas inférieur à cent. Comme forme typique c'est l'Elephas premigenius qui domine, mais ves de telles variations que leur nombre d'échantillons auraient été classés come Elephas antiquus ou même comme Elephas indicus s'ils avaient été isolement das les gisements particuliers.

Levasseur oferece o livro que me mandou. M. D. Monclair note relative à un mode de traitement de la tuberculose. M. Lambert Rougin note relative à la direction des respstats. M. le secrétaire perpetuel informe l'Académie qu'elle vient do faire dans la personne de Mme. Kowalewsky lauréat de l'Académie. Era astrônoma. Secrétaire perpetuel entretient déjà obtenus par la mission Crampel au Congo. Avec le concours de M. M. Lauzière ingénieur et Porel, il a relevé le cours et les raies de la rivière Oubanghi entre le dernier poste français de Banghi et la rivière de Koningo affluent de l'Oubanghi. Le cours Peste seria cerca de um grau mais ao norte... Cela merite d'autant plus d'attention que le cours de l'Oubanghi sur le limite entre les possessions françaises et l'Etat inde pendant du Congo.

Observações do planeta Charlois. (Nice 11 de fevereiro de 1891) feitas por M^{lle} Klumpke apresentadas por M. Mouches. Sur la méthode de mesure de la dispersion atmospherique. Note de M. Prosper Henry présentée par M. Mouchez. Nous avons fait à l'observatoire de Paris en opérant comme venons de l'indiquer un grand nombre de mesures. On a pour la valeur" D (dispersão) pela observação ocular 0",723 e pela fotografia 0",729, pode-se pois como provável 0",726. Tomando para as irradiações luminosas as mais intensas A – 58",22 valor das tábuas de refração na distância zenital de 45° e com

comprimento de onda dos mesmos raios tem-se uma igualdade de $0,575$ como comprimento da onda acham-se pela fórmula. A (não escrevo a fórmula) que dá para diferentes irradiações as igualdades de grandeza que não transcreve. Vê-se por este quadro que os raios químicos têm um valor de A superior de $0,91$ ao dos raios luminosos.

8 $\frac{3}{4}$ Interrompo. Cumpro vestir-me por causa da missa e depois ducha. 1h $\frac{1}{2}$ Tudo como de costume e pus as flores no quarto da Isabel que ainda estava passeando, tendo-a visto na ducha para onde ia com a Tosta. Almocei bem com Isabel e Chica aparecendo antes do Augusto. Acabo de ver Mme. Héraud (filha do Dr. Salvignac) que encarregou-se por motu próprio a ser bastante inteligente de me extractar jornais trazendo-me já hoje o primeiro trabalho que vou ler.

5 $\frac{1}{2}$ O extrato está bom. Depois li um pouco e fui ao concerto em casa do Bois Brunnet onde havia bastante gente conhecida entre a qual Margarida e a Obolska. Isabel foi comigo. Só teve digno de menção o moço pianista Max de Olonne. Já o ouvi. Toca muito bem e parece inspirado. As variações de Fausto encantaram-me.

6h $\frac{1}{4}$ Árabe e Camões. Jantar. 10h Bem. Bilhar com Aljezur e ouvi a Tostinha tocar piano bem como sempre. Li às Motas Maias, ouvi a leitura costumada o Seibold tomando entre chá e continuo o extrato do *Compte-rendu*.

Será pois necessário calcular a refração fotográfica partindo da refração ordinária, acrescentar a esta $0,0156$ de seu valor. Sem a correção as refrações absolutas teriam o erro de $5''$ por $Z = 80^\circ$. Em medidas diferenciais não seria a correção desprezível para distâncias angulares consideráveis. Esta dispersão atmosférica demonstra que num por do sol o raio verde deve persistir sob nossa latitude um segundo depois do desaparecimento do raio amarelo. É aliás nesta explicação do fenómeno que o regnetté Tholon tinha parado. Segundo observações suas no observatório de Nice o último raio visível ao por do sol era azul a mor parte das vezes. Este raio verde ou azul é o limite do espectro solar no horizonte, os raios mais refrangíveis sendo absorvidos pela atmosfera terrestre – sobre a resistência de diversos gases ao movimento do pêndulo.

Nota de M. G. Defforges apresentada por Cornu. Observações por ocasião da nota de M. Poincaré sobre a experiência de Wiener. Nota de M. A. Potier apresentada por Cornu. Variabilidade do número de vibrações das notas musicais segundo suas funções. Nota de M. Mützer. “M. M. Cornu et Mercadier ont constaté que les notes musicales n’ont pas toujours les mêmes nombres des vibrations”. Conforme a nota aparecer numa melodia ou acompanhada uma série de acordes essa nota poderá preencher funções diferentes... Em resumo um acorde sendo formado de notas tomadas em série de sons parciais essas notas terão entre si uma espécie de parentesco expresso pela simplicidade de suas relações. Dois acordes assim formados terão entre si uma relação mais ou menos fácil, segundo a relação de suas notas coletivas for mais ou menos simples.

Da ação dos frios excessivos sobre os animais. Nota de M. Colin apresentada por. [sic] 11h Falta pouco. Fica para amanhã. Vou deitar-me e ler até dormir.

2 de março de 1891 (2a fa.) – 5h $\frac{1}{4}$ Dormi porém mal porque tenho saúde demais. Levantei-me 5 vezes para urinar *Compte-rendu* de 16 de fevereiro. Vou acabar o extrato *De l’action des froids excessifs sur les animaux*. “Note de G. M. Colin présentée par M. A. Milne Edwards”. Entre as causas de que pareceu depender o grau resistência ao frio enumera 4º fraca impressionabilidade dos aparelhos orgânicos mormente da respiração, das serosas, dos rins e outras vísceras. A última condição é capital. Se a impressionabilidade é exagerada, como em quase todos os animais de regiões quentes, as outras condições por mais realizadas que sejam não conjuram mesmo juntas os efeitos funestos de temperatura, baixa temperatura de longa duração sobrevindo sem transição sensível. As pedras de calórico em um tempo dado podem ser de $0,10$ e $0,15$ do peso do corpo em 24 horas. Cada uma das condições de resistência ao frio pode ser determinada na prática de modo bastante exato, o poder de calorificação pelo grau em que se mantém a temperatura animal de todo do corpo, a força de reação pela temperatura da superfície da pele e do tecido celular subcutâneo, a ação protetora das penas, fourrure ou velo pelo grau de calor conservado em suas camadas profundas, enfim a susceptibilidade orgânica pela gravidade dos efeitos patológicos atribuíveis ao resfriamento. O valor da resultante das várias combinações dessas condições não se determinaria teórica de modo exato. Contrariamente às previsões da teoria o coelho, o menor de nossos animais domésticos é dotado da máxima resistência ao frio. Os adultos suportam 5 e 6 dias em gaiolas de ferro suspensas a árvores ou sobre montões de neve frio de -10° a 15° sem perder mais 1° e alguns décimos de sua temperatura. Os que ficaram durante os dois meses deste inverno de fim de 9bro ao de janeiro em cabanas cúbicas completamente abertas de um lado com frio de -10° a -20° e mesmo -25° , ficaram de perfeita saúde. Os privados de alimentos durante 1 ou 2 dias tiveram perda oscilando

entre 1/15 e 1/8 de seu peso. Os que passaram um dia e uma noite em casinhas de pedaços de gelo, tocando a parte inferior e os lados dos corpos mantiveram a temperatura interna com 1° e décimos só abaixo da normal, embora orelhas e pés tivessem abaixamento de 12°, 15° e mesmo de 20°. Nas galerias sob a neve as coisas passaram-se como nas grutas de gelo. Nenhuma modificação apreciável resultou do resfriamento das extremidades. Mas os novos morriam segundo a ordem da idade e tão depressa que cerca da metade da noite ou ao alvorecer os líquidos dos cadáveres estavam congelados nas vias digestivas. O carneiro mostrou depois resistência ao frio igual à do coelho contanto que tivesse o velo sem umidade. Depois das noites as mais frias passadas ao ar livre, tinha ainda quase que no interior o grau normal e na superfície da pele sob o velo 36°-37°. O bode e o porco, tão espalhadas tem as cerdas, ofereceram resistência quase igual ao ovino. Estabelecida claramente a reação a pele tinha 34° a 35° C na maior parte das regiões. Na ordem decrescente em suportar o cão veio depois dos precedentes. Ao ar livre ou só abrigado em nicho aberto, manteve apesar de arrepios e tremores temperatura interior de 1° a cerca de 2° sem moléstia. Um morreu depois de refrigeração excessiva. A resistência dos solípedes domésticos pareceu, salvo durante o trabalho inferior à dos outros animais, o calor nas temperaturas referidas, baixava de 8 a 10° se tinham pelos longos e de 10 a 12 com pelo raso ou muito curto. Nestas temperaturas o calor da pele e do tecido celular subcutâneo perdia nas regiões inferiores dos membros e nos pés 25 a 30°. Os animais de galinheiro com plumagem espessa e seca resistem aos frios mais intensos. Neste inverno galinhas, galos e perus do observador só tiveram a postura suspensa durante 1 ou 2 semanas depois dos frios excessivos.

“Observations sur le bourgeonnement de quelques Ascidies composées. Note de M. A. Pizon présenté par M. A. Milne Edwards”. É curiosa mas pouco tenho estudado esta parte da história natural. Levasseur mandou-me o 2° volume de seu livro *La population française* e recomendou algumas partes que vou ler sobretudo. Marquei outras apresentadas à Academia para mandá-las vir. 7 ½ Acabei de extractar o *Compte-rendu. Figaro* de 21 de fevereiro carta de Renan a de Gubernatis sobre seu livro *France*, que vou mandar buscar. *Les mésaventures du Dr. Koch. Annales de la Société clinique.* “Je signale intéressant article du Dr. Gérard Piogey” – New York Herald concorrência do Dr. Liebreich (será o oculista meu conhecido?) para a cura da tísica “sans la produire des réactions dangereuses” como os da linfa Kochine (coquine seria o pensamento quando se escreveu aquela palavra). “Le temps rapporte que deux prêtres bhoudistes [*sic*] passant par Paris sont allés visiter le musée Guimet – En entrant dans la selle consacrée au bouddhisme ils se sont presternés avec une telle émotion qu’ils ont demandé l’autorisation de célébrer leurs offices. C’est aujourd’hui même que cette cérémonie aura lieu.

Devia ter sido a 21, e até os fins de fevereiro publicada a descrição da cerimônia. Artigo “L’Imperatrice Frederica à Paris” a minha comadre. Tomara que venha até cá. No artigo vê-se seu espírito ativo e amor às artes. A filha Margarida que julgo ser a minha afilhada embora julgue tenha ido fora com a Mãe a Atenas para casar-se com o príncipe real da Grécia, passeou a cavalo. Mas talvez escreva um destes dias à imperatriz viúva e tirarei a limpo o negócio. Achei que era melhor faze-lo já e escrevi a carta dizendo-lhe porque o faço e manifestando o prazer de revê-la cedo se ela vier a Grace onde passará breve algum tempo a Mãe.

Le Petit Niçois de 23 – “La Reine d’Angleterre à Grasse”. Deve chegar a Cannes a 26, e reprendra le train pour Grasse le même jour.

9h 35’ “L’enfamant” vai me agradando. Vou lavar-me.

11h 35’ Boa ducha. Montenegro. Flores que deixei no quarto da Isabel que não tinha voltado. Almoçar. 1h 10’ Bem. Bilhar com Aljezur. A barriga ainda não anda boa.

2h ½ Estive escrevendo nos *Propos d’exil de Loti* o significado de algumas palavras orientais. Vou ver a viúva do duque de Albany filho da rainha Vitória.

Recebi hoje carta do Nioac de Paris 28 de fevereiro. 6h 20’ Volto de bom passeio com a Isabel e a Chica e Mota Maia de carro até onde se pode ir e a pé por diante, não seguindo no vale à direita do de Mouillon-Veiou tão pitoresco. Seguimos pelo vale à direita mas não há até a tranqueira junto a um ribeiro que vi da última vez que estive em Cannes. Gostei muito da digressão que Chica ainda não tinha feito.

Jantar. Estou com apetite. 10 ¾ Tudo como de costume, e com o Seibold antes da leitura estive vendo os nomes orientais de *Propos d’exil*. Amanhã o livro ao Amelot – Paris 24 Avenue de la Grande-Armée – pour suivre – Vou deitar-me para ler mas por pouco pois o sono aperta já.

3 de março de 1891 (3a fa.) – 6h 10' Levantei-me 3 vezes e agora há ainda urinei [*sic*]. Dormi bem. Li até dormir nas pouco “L’infamant”. Vou escrever a Amelot. 9h 40' Tudo foi. Li L’infamant. Tenho gostado, Paul Verda é escritor de talento. Vou ver o que ele já tenha escrito. Acabar de aprontar para ir à ducha. 11h 40' Foi boa, embora compressa menor. Li Montenegro. Passeio do costume. As flores deixei no quarto da Isabel que ainda não tinha voltado.

1h 35' Li L’infamant. Almocei bem. Bilhar com Aljezur e vou aprontar-me para sair, mas antes ainda lerei. 5h 20' L’infamant. Volto do concerto da Academia de Loqueville. Foi muito bom. Junto o programa com as minhas notas. Aguardo o Seibold.

6h ½ Odisséia comparada com as traduções de Odorico e de Leconte Delisle. Jantar.

10h 10' Bem. Bilhar com o Pedro Joinville. Leitura às Motas Maias, depois de ouvir a Tosta tocar piano. E depois ouvi Seibold ler-me a obra de Jurien de la Gravière e tomei chá. Vou escrever sobre o assunto da conferência de 6 às 3 da tarde.

11h ½ Vou deitar-me e ler até dormir. Creio que compreendi e expus o assunto da conferência.

4 de março de 1891 (4a fa.) – 6h 20' Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e ainda agora uma também indo à banca por pouco. Vou ver as notas minhas no 2º vol. de Didon. 55' Não pude acabar por ser preciso pedir explicações ao Seibold. Compte-rendu de 23.

9h 5' Acabei-o. Marquei obras para mandar vir e notei os artigos. Depois extractarei.

10 ¼ Li L’infamant, vestir-me e ducha.

11h 50' Boa. Montenegro. Passeio do costume e flores. A barriga deixou-me chegar a tempo. Estas descargas fazem-me muito bem. Ao sair para a ducha quase que senti vertigem, mas passou depressa. Recebi carta de Quatrefages do 1º. Queimou o rascunho de suas observações sobre minhas notas a seu livro e vou mandar-lhe a cópia delas que ele me enviará depois. “Voici un fait qui interessera j’espere, Votre Majesté. Un M. James Torry a publié à New York un meoire (já mandei buscar) sur des sculptures spéciales trouvées dans la riviére John Davy un des affluentes de la Columbia (Oregon). Ces sculptures representant inconstetablement des têtes de singes et probablement des têtes de Gibbon – Or Votre Majesté sait bien que les singes américains s’arrètent bien loin de l’Oregon et que les gibbons n’habitent que le Sud – este de l’Asie et les archipels indiens. Ces têtes sont acompagnées de divers objets qui dénotent une industrie très supérieures à celle des populations locales. Aussi haut que remontent leurs propres traditions et présentant la plus grande ressemblance avec les objets de même nature trouvers au Mexique et au Perou. De ces faits quelques savants américains onto voulu conclure que la civilisation et les races qui l’apportaient ont immi gré du sud au nord... Mais (cela ne semble être en contradiction avec tout ce que nous savons de la marche generale) des populations qui ont marché du nord au sud (reserve faite pour les remous, dont je suis loin de nier la réalité. La conclusion à laquelle je m’arrête volontier (au moins provisoirement) est que les migrations asiatiques, polynésiennes, mélanésiennes, ... ont abordé les côtes occidentales de l’amérique et y ont apporté chacune un état social. La Californie et l’Oregon on reçu des émigrants très avancés de l’age de pierre et cela dès l’époque quaternaire. Il y a eu probablement plusieurs foyers de civilisation. Comme chez cous les invasions de barbares ont recouvert ces entiques peuplades qui avaient apporté, peut-être perfectionné les arts de leur première patrie. Ces barbares me semblent être venus toujours du nord et du nord-ouest. Ces données générales me semblent rendre compte des faits que je connai”.

Aguardo o café para sair de carro e andar a pé. 5h Fui a Grands-Pins. Andei bastante a pé. Escrevi num álbum de que falarei depois e vou à lição de Seibold. 6h 20' Árabe e Camões. Jantar.

10h 25' Bem. Bilhar com o Pedro. Ouvi Tostinha tocar piano e fui assistir à Grande Séance du progrès donnée par le professeur Emrof. Foi a melhor certamente a que tenho assisti [*sic*] aqui. Admira o que M^{elle} Emrof faz com as mãos e os pés atados bem como o pescoço, por detrás de uma espécie de barraca fechada. Junto o programa. Depois Seibold leu o último volume da obra de Jurien de la Gravière e tomei chá. A Isabel trouxe-me um provérbio da Chambrun “Il ne faut courir deux lièvres à la fois” em verso que pretendo traduzir. A Chica ficou em casa da Januária de quem trouxe-me saudades como da neta que ainda está entevada de reumatismo. Simpatizo muito com a moça.

Recebi telegrama do Papa em resposta ao meu congratulando-o creio que pelo aniversário de sua ascensão ao Papado. “Oltremodo gradite ci sono guinte le felicitazioni ed i voti di Vostra Maestà e della sua famiglia ne le porgiamo vox ringraziamento e compartiamo dall’intimo del cuore la implorata benedizione – Leo 13”.

No álbum de um ministro de Estado da Bélgica Victor Jacobi – É membro da “Chambre des Représentants”. Está no hotel Beau Rivage – pedi-me – escrevi estas palavras: “J’aime surtout qui n’est que la vérité, fondement de toute science. Elle a lié mon Pays au Vôtre par une amitié indissoluble. Ce fût à l’occasion d’un acte que n’oublieront jamais les Brésiliens. Vou deitar-me e ler L’infamant até dormir.

5 de março de 1891 (5a fa.) – 6h 10’ Levantei-me 5 vezes. Agora ainda fui à banca sem efeito. Urinei um pouco. Times de 2 [ilegível] a carta da viúva de Burton fez-me muito bem e vou ver o que posso fazer.

9h ½ L’infamant. Cartas do Pedro de 3 de Roma. Papa não o recebe se for ao Rei. Telegrafo – “Restez jours que voudrez. Dites Pape moi son ami conseille voir aussi Roi. C’est reconaitre seul fait. Écrirai. Bien souvenir Estrela” – De Daubrée de 3. Manda-me a conferência Les explorations arctiques par Ch. Rubot. Creio que já li com as outras da Exposição Universal de 89 mas vê-la-ei ainda. Anunciam os jornais expedição em maio do engenheiro dos Estados Unidos Herbert E. Peary. Irá em baleeira até a costa oeste da Groënland e tentará ir por terra ao polo com 5 indígenas somente.

Seibold voltando nesse dia de S. Petersburgo deu-lhe o Henri informações sobre as amostras geológicas examinadas. Nada de “très remarquable hier à l’Académie”.

10h São horas de vestir-me. 25’ Dispo-me para a ducha. 1 ½ Almocei bem e antes duchei-me, li Montenegro, comprei flores que dei à Isabel no seu quarto, à volta, e passei como do costume. O Augusto almoçou comigo e despediu-se pois que parte para Sofia. 2h ¼ Joguei bilhar com Aljezur. Li L’infamant. Recebi o Rebecque e a mulher com quem muito falei da Holanda, da rainha regente, e da Sofia. Vou continuar a leitura, tomar café e sair para Ellenrock.

8h Vi bem tudo. Só fui recebido por Mr. Willy. Esse hotel em parte artificial é um dos mais belos que conheço. O proprietário ainda tem na sala as fotofias [sic] que eu e a minha Santa lhe deram [sic]. Pouco li antes do jantar que me soube. Joguei bilhar com Aljezur estando presentes a Isabel e a Chica e aguardo as Motas Maias para a leitura. Vi os filhos do Mota Maia antes de voltarem para o colégio – l’abbé Federlein veio convidar para diversas festas escolares. Pedi-lhe o 1º volume da coleção dos sermões do Monsabré. Dei-lhe o 2º volume da vida de Jesus de Didon com as minhas anotações.

10 ½ Tudo mais como de costume. Vou deitar-me e ler talvez até o fim L’infamant. Até amanhã terminará Seibold a leitura de Jurien de la Gravière a quem escreverei.

6 de março de 1891 (6a fa.) – 6h 5’ Levantei-me 5 vezes para urinar. Comecei a dormir. Vou acabar L’infamant.

9h ¼ Acabei bem e tem mérito literário. Escrevi uma nota para o Xá da Pérsia dizendo o pouco que estudei porque ele assim o pediu em carta escrita de Teerã a seu cônsul ao holandês Lyklama residente em Cannes de Teerã em data de 25 de janeiro.

10h Escrevi ainda e li o boletim da Société de Zoologie e agora vou para a ducha.

2h 40’ Tudo como de costume menos as flores e o passeio o habitual por causa do almoço mais cedo, jogando depois um pouco bilhar com o Aljezur e indo ao caminho de ferro despedir-me da Chica. Depois li e recebi há pouco o cunhado do Dünhof e a filhinha do Dünhof de Petrópolis, a qual está em casa da baronesa Hoffman. Carta de Mary G. Roy dos Estados Unidos pedindo autógrafo. Carta de Revy com memorandum a respeito do railway submarino do Canal.

5h Volto da conferência sobre “A reação econômica nas democracias modernas”. Li a M. Brelay o conferenciário [conferencista?] o que escrevi sobre o assunto buscando fazer dele idéia previamente. Junto o meu papel. Falou admiravelmente bem e aplaudi-o bastante, como todos, que esperava fossem mais numerosos, pois já tinha feito outra conferência em Cannes. Estavam conhecidos mais além de Roland e Mme. Héraud.

Vou a Seibold. Mas mostrou-me telegrama de Roma do Pedro a que dei resposta, que ele foi copiar para mandar. 6h 25’ Sânscrito, Camões.

11 ¼ Jantei bem. Bilhete. Estive com minha filha e a cantora Jane Rainaud a quem fiz repetir e cantar a minha tradução da Passiflore da Chambrun, música de Gounod. Depois li às Motas Maias. Acabo de ouvir ler Seibold a obra de Jurien que depois acabei eu de ler a Seibold. De ora em diante ler-me-á uma viajante na Palestina. Vou deitar-me e ler até dormir.

7 de março de 1891 (sábado) – Li bastante do Bulletin de la Société Zoologie de France, a que pertença, pour l’année

1891. Seizième volume até meia-noite ½ hora. Vou ver se o acabo.

7h Dia bastante claro, que se pode ler sem candeeiro embora o tenha apagado não há muito. Terminei a leitura de que já falei. Vou agora escrever a Jurien de la Gravière e a meu neto Pedro com o nome de baron de Mösna. Li a carta de Revy de Londres 4 de março mandando-me o Memorandum “The Submarine Channel Railway”. Respondi-lhe.

9h ¾ Estou me vestindo. 11h 10' Boa ducha. Montenegro. Por ter de voltar mais cedo não dei o passeio habitual mandado por as flores no carro. Vou almoçar. 12h Bem. Carta do Amelot de Ragusa a 2. 25' Já estou no vagão para Nice. 27' Partimos. 5h 7' Voltamos. Reunião agradável em casa do cônsul da Áustria Gronoski. Falarei do que houve. Vou a Montenegro. 6h De volta. Bela tarde. A reunião foi numerosa. A casa em Morobon tem bela vista sobre o mar e a cidade de Nice. Os donos foram muito amáveis. Há na casa obras de arte, pinturas e esculturas que agradam. A Nilson que devia aparecer não veio. Tocou bem rebecca Simonetti. Não posso nomear todos os que mais chamaram minha atenção.

Vi a princesa Trubetskoi que conheci em Moscou uma de Smirna com quem conversei bastante sobre essa cidade. A mulher escocesa de um creio que de Lahore que mal pode mexer-se e tem um filho índio da primeira mulher e que lá estava, é engraçada e conversei com ela sobre a Escócia. Logo lembrar-me-ão outros. Chamam para jantar.

8 ½ Fui depois de jogar bilhar assistir ao concerto cujo programa junto e foi muito ruim. Subi e vou ler às Motas Maias.

10 ¾ Depois ouvi Seibold ler a viagem de Lortet à Palestina que me parece bem escrita, tendo o livro belas estampas. Tomei chá entretanto. Vou deitar-me e ler até dormir.

8 de março de 1891 (domingo) – 6 ¾ O folheto Les explorations arctiques conference – 18 juin 1889 par Rabot, interessou-me tanto que só dormi à 1h. Dormi bem. Levantei 4 vezes e ainda agora urinei tendo ido à banca por pouco resultado. Vou ler o Rapport of the U.S. Naval observatory for the year ending 1890. June 30. Washington. 8h 50' Li-o.

Vou escrever a Cruls para que me fale do observatório do Rio. São horas de vestir-me.

10h 10' A missa levou quase ¾. Era um padre velho. Já me dispo para a ducha. A Isabel largou-me aqui foi encontrar os Tostas na Igreja de Notre Dame du bon Voyage. 11 ½ Boa. Flores e passeio do costume. Já deixo o ramo com a Isabel que estava no seu quarto. Vou almoçar. 1h 50' Bem. Joguei bilhar. Estive com a Salvignac que me trouxe mais extratos de jornais. Vou ler Histoire du peuple d'Israel de Renan que há muito deixo de ler por causa do Didon.

3h Vou sair. 5h Bom passeio de carro por Vallergues e a pé até o Canet tomando de novo o carro. Se Seibold quiser vou aproveitar meia hora.

5h 30' Vou à lição. Árabe e Camões. 8 ¼ Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Li a Imitação de Cristo, tradução de Lamennais com suas reflexões. Aguardo as Motas Maias. Antes do jantar estive com Mme. Thenard da comédia francesa cuja conversa muito me agradou. Falamos dos atores e atrizes do teatro francês quando eu lá estive da vez que representaram Le Malade Imaginaire no aniversário da morte de Molière. Contudo não nos lembramos do nome da atriz que representava o papel principal em M^{lle} de Balliste de Dumas pai. Deixo de ir ao concerto clássico de 12 para que ela possa mudar seu concerto para essa dia pois que o de 11 é destinado a Nice por serem anos da Mana Januária.

Acabo de ouvir Seibold ler a viagem à Palestina de Lortet e vou deitar-me para ler até dormir. Vou ver quais os pontos de minha conversa com Bois Brunnet antes de sua conferência sobre a Palestina.

9 de março de 1891 (2a fa.) – Débats de 4. Sessão da Academia de 2. Nota transmitida por Bertrand de M. Bigourdan do observatório de Paris anuncia reachou a 31 de janeiro e a 26 de fevereiro uma nebulosa bastante pouco distinta perto de Alyol a qual parece a nebulosa descoberta em 1875 por Herschell. Foi observada diversas vezes em embora procurada há longos anos não tinha sido vista de novo. Lacaze Duthiers dá conta dos resultados da criação de ostras em Roscoff. De 8500 ostras pequenas depostas no mar em abril, a mortalidade no inverno foi só de 58. Este ensaio continuando por um ano provará a possibilidade aproveitar as praias vizinhas para a criação, e já cuidam disso e talvez se consiga sirvam grandes espaços sem o emprego do departamento dos Pirineus Orientais.

Procede-se à eleição de um correspondente na seção de mineralogia e é proclamado Gluke de Londres, na lista estava Thermak de Viena que eu conheço muito e é muito distinto. M. Milne Edwards apresenta nota de M. Joannes Chatin mostrando quanto a histologia zoológica servirá à anatomia geral. M. Chatin estudo dos invertebrados e esclarece muitos pontos da dos vertebrados. M. Deherain fez uma comunicação sobre a composição das águas de drainage. A formação dos

nitratos na terra arável à custa da matéria orgânica do solo é vantajosa na primavera pois dá às colheitas alimento precioso, no outono é funesta. Nas terras despojadas de vegetação o azoto nítrico formado é arrastado pelas águas de *drainage* e perdido. Para evitar tais perdas que no anos úmidos são consideráveis, pois subiram em outubro de 1889 por hectare a 72 kg de azoto nítrico correspondentes a 450 kg de nitrato de soda valendo centena de fr. M. Deherain semeia imediatamente depois da colheita uma planta de evolução rápida que retém o nitrato e que enterrada depois serve de estrume verde. Em 1890 o outono foi seco e os nitratos formaram-se em pequena quantidade, contudo 1 hectare teria perdido a média de 10 kg, 8 de azoto nítrico enquanto coberto de colza ou de navette perdeu só 44 gramas. Em outono úmido as porções de nitrato são notáveis e o azoto retido por essas culturas ressarce amplamente o custo delas. M. Deherain propõe semear duas plantas diferentes, colza para réter os nitratos, e vesce para enriquecer o solo do azoto que roubará a atmosfera. O azoto retido e fixado compensará e além as despesas das culturas empregas como adubo. Não sei como vão as escolas de agricultura por que tanto interessei-me no Brasil.

Débats de 6. Descobertas de M. Grebaut. O esconderijo está perto do das múmias reais. Teria sido feito pelos sacerdotes da 21ª dinastia. Quase todos esquifes estão abertos, os dourados estragados e mãos e caras tiradas; só resta um opérculo dourado intato. Muitas vezes os opérculos tem nome, a cuba outro e provavelmente a caixa interior terceiro. Até agora acharam-se cerca de 150 múmias muito belas, a maior parte em tríplice esquife, a 21ª dinastia domina conforme as caixas extremas, mas pode-se supor que bastantes caixas foram trazidas na ocasião da mudança para substituir as antigas quebradas. Não só são novas, mas muitas vezes o lugar do nome está em branco. Só saberemos bem o que há senão quando tudo estiver aberto. M. Grebaut pode contudo notar: dois Pinotmou de que um filho de Masahurtas alguns Ishinkel, Houttoni, personagens muito importantes, sacerdotes de Tah-Hotep e de outras divindades raras por exemplo de Sit. Todas as múmias estão cobertas de representações novas as mais curiosas. Reuniram-se mais de 60 papiros encerrados em estatuetas osirianas, alguns enormes, há o ritual teban e provavelmente muitos outros livros. Há duas estátuas de madeira de Isis e Neftis, número enorme de estatuetas Ushabti bonitas caixinhas, algumas estrelas pintadas sobre madeira e grande número de objetos diversos... Tudo se vai ser mandado para Gizé, há já dois barcos cheios e mandou-se outro de Seviet.

Vou escrever a Maspero – La collection Baur au Musée Carnavallet. A coleção particular mais rica em documentos sobre a topografia e os monumentos do velho Paris. Adquiriu a municipalidade. Tem sobretudo muitas curiosas sob ponto de vista do conhecimento de Paris. Un duel de maitres d'armes. Vivien era no começo deste século professor de armas em Paris e num duelo a arte deu-lhe o valor que não possuía. L'art transformant l'artiste et en en faisant un homme. "Il me semble qu'il y a là un petit document humain comme on dit aujourd'hui qui peut amuser ceux ce vos lecteurs qui font les armes et même ceux qui n'en font pas".

1h 10' Já me dispo. 1 ½ Boa ducha e tradução da comédia de Chambrun. Fui de carro tomar as flores. Tempo chuvoso. Dei o ramo à Isabel quarto dela. Almocei bem. Bilhar e vou traduzir a comédia de Chambrun. 6h 25' Jantar bem. Direi depois o que fiz antes.

10h ¼ Ouvi a leitura da viagem à Palestina de Lortet pelo Seibold, tendo tomado chá. Antes, depois de jogar bilhar com o Pedro, li às Motas Maias. O Pedro que chegou hoje já jantou aqui.

Às 2h ½ Começou o concerto da Rainaud cujo programa junto e estive muito bom e chegando ao hotel ainda estudei árabe e comparei os Lusíadas com a tradução de Burton. O Estrela que veio com o Pedro teve uma terrível cólica durante a viagem de que melhorou, tornando a piorar, e por isso ainda não o vi. Agora vou deitar-me e continuar a tradução da comediola de Chambrun até dormir.

10 de março de 1891 (3a fa.) – 6 ¼ Levantei-me 5 vezes. Não dormi mal todavia. Vou continuar a tradução da comediola da Chambrun.

5h 5' Boa ducha. Traduzi Chambrun. Passeio de carro às flores por causa do tempo. Deixei-as com Isabel que estava no seu quarto. Continuei a tradução. Almocei bem. Joguei bilhar com meu neto Pedro. Ainda traduzi. Volto do concerto muito bom da banda juntando o programa e vou ao Seibold.

6h 20' Hebraico e Camões. Jantar. 10h 55' Bem. Bilhar com o Aljezur. O Pedro saiu. Leitura às Motas Maias. Seibold leu-me a viagem pelo Oriente do Lortet. Tomei chá e vou deitar-me continuando a tradução da comediola da Chambrun.

11 de março (4a fa.) – 6h $\frac{1}{4}$ Só me deitei à 1 $\frac{1}{2}$ porque não pude deixar de acabar a tradução. Vou continuar a leitura de Renan que substituíra Didon.

8h 50' Pois ainda não li-o que estive copiando poesias minhas para o Xá da Pérsia ou o irmão dele que chega daqui a pouco.

9h $\frac{3}{4}$ Carta de Daubrée de Paris 8 – interessante. Respondi ao economista Ernest Brelay que ouvi aqui em conferência e faz outra hoje em Nice.

11h $\frac{1}{2}$ Boa ducha e passei em sentido contrário trazendo ramo para oferecer à Mana Januária fazendo logo buscar o da Isabel que o achará na volta em seu quarto.

Vou almoçar. 12h Bem. Vou daqui a pouco para Nice. $\frac{1}{2}$ Partiu o trem.

5h Em vagão para voltar. Direi o que fiz. Parto 40'. Chego 50'. No hotel. Achei a Januária melhor. Dei-lhe o ramo. A neta coitadinha também melhor. Li-lhe um pouco do livro inglês que ela lia. Não a supunha tão instruída. Sabe inglês e também italiano e espanhol, falando-os bem. Tem idéias de ciências naturais preferindo a geologia. Hei de procurar ensiná-la em minhas conversas. Tomei café. Estive com a Inhoan que visitou a Januária. Dei uma volta a pé regressando à estação. Belíssima tarde, sobretudo do lado das montanhas nevadas. Foi dia muito agradável. Avistei num carro em Nice o Pedro com o Estrela. O tempo era pouco para o Seibold e daqui chamam para o jantar que me há de saber. Durante a viagem adiantei o livro sobre o Montenegro. Hei de procurar o livro de história que li às Motas, mais para dá-lo à neta da Januária.

10h 20' Jantei com vontade. Joguei bilhar com o Aljezur e fui assistir a uma sessão muito interessante dada por um Weber. Provas admiráveis de memória, habilidades de cartas, e de outra natureza, enfim trabalhou muito bem, e fez sua coleta que julgo ter sido boa – voluntária, não recorrendo a tómbola. Vou deitar-me e ler ainda até dormir, que julgo não será tarde.

12 de março de 1891 (5a fa.) – 5h Dormi bem, mas ontem dormi às 11h e já não tinha sono. Vou ao Renan. Mas antes falarei da carta Daubrée de Paris 8 a que já respondi há pouco. Fala-me do Henri como tendo muito talento de naturalista. Tomou nota e colheu amostras. Depois de ter morto um yak e apanhando-o observou calcário fossilífero na altura de 5800 metros a maior em que se tinham – je crois – observando fósseis sendo os achados da época jurássica. As séries de vulcões de cratera e cursos de lava sobre a grande chapada e quase 5000 metros são também fato muito interessante.

M. Péter que vou ver novamente em meu nome ficou de mandar o que fosse interessante, no domínio dos americanistas. 7h Li Renan e vou ler o folheto La reaction economique de Clanageran – Seibold que me veio falar foi causa de eu telegrafar a Luitpold por seus 70 anos e a diversas sociedades.

10h 10' O folheto do Clanageran tanto me agradou que escrevi-lhe agradecendo e dizendo que me tinha entusiasmado. Vou vestir-me.

12h 20' Boa ducha. Montenegro. Passeio do costume. Flores que dei à Isabel. Vou almoçar. 2h 40' Bem. Bilhar com o Aljezur e o Pedro. Acabo de conversar com a Vera, um dos filhos e a filha solteira. Convidei-a para voltar. 2 $\frac{3}{4}$ Li Le Monde de 9 “Les philosophe de l’illusion” e no folhetim Un des cours de Talleyrand de 1821. Sobre Mgr. Bourlier bispo d’Evreux. Vou sair.

5 $\frac{1}{4}$ A recitação de Mme. Thenard agradou-me muito. Estive bastante e a Caserta [sic]. Vou a Seibold.

6h Homero. Camões.

10h $\frac{3}{4}$ O Ouro Preto e a mulher e os dois filhos pequenos jantaram comigo. Depois joguei pouco bilhar. Conversei com o Ouro Preto e mulher. Li às Motas Maias, ouvi Seibold ler tomando chá e vou deitar-me e ler até dormir. Esquecia-me dizer que antes de ler às Motas Maias estive com Bois Brunnet e outro viajante da Palestina e conversamos sobre a Palestina, conforme a nota que junto.

13 de março de 1891 (6a fa.) – 6h Levantei-me 4 vezes e agora ainda urinei. Vou a Renan.

9h $\frac{1}{2}$ Depois li o novo Código Penal e pus-lhe marcas para logo conversar a tal respeito com o Ouro Preto. Enquanto me visto leio o livro sobre Lavigerie.

10 $\frac{1}{4}$ Encontrei a Isabel na rua sozinha a pé e tomei-a no carro até aqui, casa das duchas, retendo-me ela no carro. 1h

¾ Na casa das duchas li Montenegro. Isabel voltou e fui com ela a quem dei as flores depois de comprá-las, até a Promenade du Midi e de carro enfim, até o hotel. Almocei bem com os Ouro Preto e depois falei com este sobre o novo Código Penal que o Batista Pereira e outros tinham já organizado no ministério, fazendo as reflexões que a leitura me sugerira. Disse-me que o Silveira Martins vinha até cá e pediu-me o acolhesse como aliás reconheço que ele merece, declarando apenas que eu jamais conspiraria nem autorizaria mesmo tacitamente conspiração e reservava minhas resoluções para tomá-las segundo as circunstâncias do momento. E ele ainda virá amanhã.

Vou tomar café. Ficou de declarar, oportunamente, tudo que se passou entre nós quanto à abolição da pena capital por lei porque pela comutação já se não executava no Brasil havia cerca de 30 anos.

Vou sair daqui a pouco. Esquecia-me dizer que recebi telegrama de Luitpold de Baviera em resposta ao meu – “Vivement touché sire de vos félicitations. Je prie Votre Majesté d’agrées l’expression de ma vive gratitude”. 5h Escrevi a carta para o Papa que levará o Ouro Preto. Antes cheguei do concerto cujo programa junto. Houve diversas pessoas conhecidas e a principal foi a Bois Brunnet que ficou perto e com a qual conversei.

6h ¼ Árabe e Camões. Jantar. 10h 25’ Bem. Conversei com os Ouro Preto. Estive com Mme. Wertheim e a Inhoan. Ainda conversei com o Ouro Preto a quem dei carta para o Papa. Ouvi Seibold ler a viagem ao Oriente de Lortet tomando chá há pouco e vou agora ler deitado o livro sobre Lavigerie até dormir. Porém agora antes começar a Histoire et Voyage de la Terre Sainte par le R. P. Jaques (sic) Goujon religieux de l’observance de S. François Lecteur jubilé de la Famille de Terre Sainte.

A Lyon ches Pierre etc. 1670. Acho no livro uma fotografia tendo escrito isto nas costas – Photographie de frère Lievin de Homme. – A sa Majesté l’Empereur Dom Pedro. Hommage respectueux de son très humble serviteur – F. de Bournonville – Commandeur du St. Sepulcre. N. B. Le frère Lievin servit de Guide en Syril à l’Empereur du Brésil. Au Cte. de Chambord, au fils du roi d’Italie à Renan, etc.

14 de março de 1891 (sábado) – 6h 35’ Li até 12 ¾ antes de dormir. Levantei-me 3 vezes e agora ainda urinei. Vou ler o livro que me deu creio que só para ler Bournonville.

8h 50’ Vou me vestir. Tempo encoberto.

9 ¾ Ouvi missa por minha Santa que fazia hoje anos. Já estou na casa das duchas até onde vim de carro com a Isabel que saiu no mesmo. Estavam na missa o visconde e viscondessa de Ouro Preto, a Wertheim. A Tosta não apareceu.

11h 25’ Já soube que foi por toar um purgante e dei-lhe bons dias ao voltar eu da ducha da porta do quarto, por não estar ainda visível. Da ducha que foi boa, tendo eu depois lido Montenegro, fui com a Isabel por quem pouco esperei na casa das duchas, às flores, que lhe dei, e vim jogar bilhar no hotel com o Aljezur. Agora são horas do almoço para que já chamaram.

1 ¼ Bem. Bilhar com o Pedro. Li no Le Monde de 12 um artigo “Les dernières découvertes de M. Grébaut et le égyptologie”. “Les tombeaux des prêtres d’Ammon et soixante-dix papyrus égyptiens viennent d’être découverts par M. Grébaut”. É interessante. Só tem de novo para mim que falando do Serapeum que eu visitei com Mariette diz “la tombe d’un des boeufs Apis se montra telle qu’elle avait été laissé trois mille deux cent trente ans auparavant l’an 26 du règne de Ramsés 2”. Les doigts de l’Egyptien qui avait étaient dit-il enconre marqués, sur le ciment. Mariette [ilegível]. Quand j’entrai, pour la première fois, je trouvai marqué sur la mince couche de sable dont le sol était couvert l’empreinte des pieds nus de quelques uns de ouvriers qui trois mille deux cents auparavant avaient couché le dieu dans sa tombe”.

Respondi agradecen [sic] a telegramas – da Chica – condessa Estrela e filhos. Continuo o livro Histoire et Voyage de la Terre Sainte. Caras [sic] de Daubrée de 11. Séance de lundi a été assez courte. Le nombre des petits est déjà de 308.

“Pasteur s’occupe de faire établir la stistique de son Institut pour 1890, il s’empressera de (me) l’offrir... Quoiqu’il ne soit plus chez lui il n’est pas très vaillant de Revy” – interessante em resposta à minha de 7. Promete-me as informações a respeito dos grandes projetos da engenharia.

Telegrama de Penha Pandia Rocha. Acompanhamo nas ... saudosas recordações do dia de hoje: Respondi – muito obrigado. Saudades a todos.

4h 50’ Fui com a Isabel à Villa-Vallergues e estive com a Czartoryska. Desci grande extensão a pé e acabo de voltar de carro. O passeio fez-me muito bem. Aguardo Seibold. Continuo o livro sobre a Terra Santa.

6h $\frac{3}{4}$ Sânscrito. Camões. 10 $\frac{3}{4}$ Li às filhas mais velhas de Mota Maia mas pouco porque veio a mulher do ministro austríaco que estava no Brasil. Conversei bastante com ela a respeito de minhas viagens pelo Oriente e Viena, não podendo ela por causa do tempo ir a Mouion-Veiu como lhe indiquei regressando ela amanhã a San Remo.

Ouvi o Seibold ler a viagem ao Oriente de Lortet, e tomei chá. Vou deitar-me e ler Lavigerie até dormir.

15 de março de 1891 (domingo) – 5 $\frac{1}{2}$ Dormi bem embora urinasse 4 vezes e ainda agora. Comecei um soneto.

De avô sete anos, tempo não servia

Quanto mais sete dias coa filha bela

Que a vida não servia, servia só ela

A um prêmio que eu sempre pretendia

Acabarei quando tiver à vista ou ante a memória o soneto de Camões. Vou ler Histoire et Voyage de la Terre Sainte.

11h 50' Boa ducha depois da missa conforme o costume e comprei as flores que dei à Isabel. Daqui a pouco, tendo já almoçado e com vontade, vou para a estação.

12h $\frac{1}{2}$ Já no vagão. Bonito dia. 5h Volto para Cannes. Depois direi o que houve.

6h 50' Chego ao hotel. Li Montenegro para lá e para cá. O concerto em casa da Chambrun esteve muito bom. Gostei muito de ouvir tocar piano a Salvaire, o compositor de óperas como “Ricardo 3^o” e outras músicas.

Cordier escultor distinto de que vi trabalhos em Paris e outras pessoas de que falarei como do mais depois. Vou falar ao abbé Federlein.

11h 20' Fiz versos que me impediram de completar o diário e agora fica o soneto para amanhã e vou me deitar e ler até dormir.

16 de março de 1891 (2a fa.) – 6h Dormi bem embora me levantasse 5 vezes para urinar fazendo-o ainda agora. 7h $\frac{1}{4}$ Estive copiando o soneto. Torno ao concerto da Chambrun. Esteve a Caserta. Cantaram a Peri de Schumann embora mal ensaiada acompanhando ao piano e muito bem um holandês cujo nome não me lembro agora. Também acompanhou ao piano em outra ocasião um mocinho Mr. Staub creio que premiado do Conservatório, o que bem se serviu. Procurarei saber os nomes dos cantores dos quais foi um Mr. Beulé filho do que tanto conheci outrora na Academia das Belas Artes e creio também na das Inscrições e Belas Letras. Parece muito afeiçoado à Chambrun. O marido desta não apareceu mas vai melhor. Se me lembrar direi, pois não quero perder em vasculhar a memória.

Vou ler o livro sobre a Terra Santa.

9h Recebi carta de Revy de 13 de Londres. Queixa-se da oposição ao seu projeto do caminho tubular da Mancha. Diz que procede do duque de Cambridge e fala da oposição que deseja ter durante a demora e chama para à carta que me escreveu a minha atenção. Manda um artigo de E. J. Reed ao Times datado de 11 de março advogando a passagem do bill para a construção do túnel. Telegrama do rei da Itália em resposta ao meu. “Sensibilissimo al buon ricordo di Vostra Maestà. La ringrazio de suoi affettuosi auguri e le ricambio cordiali rispetti anche per parte della regina – Umberto”.

11h $\frac{1}{2}$ Boa ducha. Montenegro. Fui de carro comprar flores que já à Isabel. Barriga um pouco desarranjada e vou jogar bilhar. 12h 50' Almocei bem mas sem a Isabel que almoçou com a Czartoryska. Joguei bilhar com o Pedro.

Pangolo de 10. Rio de Janeiro febreiro. Em Caiteté e Monte Alto, sertão da Bahia em poucos dias 200 mortos de fome. “Anche il governo... indifferente. Ecco la grande civiltà brasiliana che il corrispondente napolitano d'un giornale locale tanto! /sic/” E a que tem havido na Itália muitas vezes? – “Il cambio dell'oro... sale ogni giorno con una progressione matematica... Oi troveremo di fronte ad una situazione no molto dissimile da quella dell'Argentina. Il deprezzamento cartaceo é causato dalla sempre crescente emissione fiduciaria senza il corespettivo di riserva mettalica... È un vero monopolio nelle mani di parecchi speculatori protetti dal Governo. Il primo monopolio à exercitato dal governo sul cambio. Un recentissimo decreto stabilisce pei dazii doganale il pagamento in oro... per ogni sterlina di dazio un negoziante perde pel cambio L. 9, 62 val quanto dire il 38, 48 per 100°. Perche il governo nell'esazione dei dazii non calcola alla pari il valore dell'oro? La risposta è più facile indevinarla che darla! Vi sono, in media 16 morti al giorno di febbre gialla. Questo ufficialmente”.

1h 25' Vou falar a quem me procura. 2h 7' Era o marquês de Netumières. Trouxe-me a resposta do Papa à carta que lhe

mandei pelo Pedro. É bretão e conversamos muito sobre a Bretanha. Habita o castelo de Mme. de Sevigné. Prometeu-me diversas obras relativas ao baixo-bretão e à Bretanha. É dos fidalgos que servem o Papa. Foi visita muito interessante.

2h $\frac{3}{4}$ Estive com o Nioac e a mulher. Parece que o casamento da Amélia é em maio na casa do Krupp.

4h 20' Volto de passeio de carro com a Isabel e meus companheiros voltei por Vallergues. O dia pôs-se quase bonito. Acabei de ler uma espécie de pedido de socialistas fourieranos feito a mim para que proteja suas idéias. É bem escrito e interessante. Seibold. Árabe e Camões – episódio de Adamastor.

6h 20' Vou jantar. 10 $\frac{1}{2}$ Bem. Bilhar com o Pedro e Aljezur. Estudantina de 3 espanhóis de Saragossa e outros lugares de Aragão que tocaram muito bem guitarra, bandurra e outro instrumento congênere. Não pude ler às Motas Maias, porém Seibold leu-me a obra de Lortet e tomei chá. Vou ler a História da Terra Santa e deitar-me.

17 de março de 1891 (3a fa.) – 6h Dormi à 1h lendo o livro sobre Lavigerie. Levantei-me 4 vezes e agora ainda urinei. Houve trovoadas que roncou bastante à noite. Está chovendo. Vou à Histoire et Voyage de la Terre Sainte.

Recebi ontem telegrama de Londres de Revy – “Budapest flooded friday 13 the instant great destruction property and life my letter 10th foretold catastroph” – Às vezes parece-me que ainda treveja.

12h 55' Boa ducha. De carro às flores e voltei ao hotel. Dei as flores à Isabel. Bilhar com o Aljezur. Almocei bem e bilhar com o Pedro. Na ducha fiz versos. Vou à Histoire et Voyage de la Terre Sainte.

2h Acaba de sair a Salignac que me trouxe a continuação dos extratos de diários franceses de que a encarreguei por me parecer muito inteligente.

Li interessante *[sic]* datada do Rio de 20 de fevereiro escrita pelo Paranaguá a Mota Maia dá notícias do triste mental do Couto de Magalhães que encontrou no Sanatório de Barbacena e fala da morte da Barral com o sentimento que inspirava a todos essa minha amiga de quase meio século. 4h $\frac{1}{4}$ Volto. De carro até a Croisette e em sentido oposto além da Promenade du Midi. Na volta caiu alguma geada e avistei do lado de St. Tropez os restos de uma tromba.

6 $\frac{1}{4}$ Jantar. Seibold – árabe e Camões. 16 $\frac{1}{2}$ Jantei bem. Bilhar com o Aljezur. Ouvi a Tostinha tocar piano como ela sabe. Li às Motas Maias. Ouvi Seibold ler a viagem à Palestina de Lortet. Tomei chá, li também antes para combater a tendência e vou agora ao livro sobre a Terra Santa que desejo acabar antes da conferência do Bois Brunnet e dormir lendo a vida de Lavigerie até dormir.

18 de março de 1891 (4a fa.) – 6h $\frac{1}{4}$ Dormi à meia-noite. 9h $\frac{3}{4}$ Li bastante da Histoire et Voyage de la Terre Sainte. Vou vestir-me lendo ainda enquanto não vou ao lavatório Lavigerie. 10 $\frac{1}{4}$ Despindo-me para a ducha. 5h Boa. Flores que a Isabel. Vim jogar bilhar com o Aljezur.

Histoire et Voyage de la Terre Sainte. Almocei bem. Bilhar com o Pedro. Histoire etc. Saí de carro com a Isabel e fomos à Czartoryska onde conversei bastante com a Obolska. Agora vou ao Seibold. Tempo chuvoso. 10h 35' Odisséia comparada com as duas traduções. Camões (Lusiadas). Jantei bem. Bilhar. Li Imitação de Cristo e um pouco do 1º volume, edição ilustrada à Isabel. Leitura às Motas Maias do compêndio de história. Leitura da viagem ao Oriente de Lortet pelo Seibold e durante ela tomei chá. Vou ler Histoire et Voyage de la Terre Sainte, deitar-me e dormir. Lavigerie até dormir.

19 de março (5a fa.) – 6h Dormi bem desde 12h $\frac{1}{2}$. Levantei-me 3 vezes e agora uma indo à banca por pouco. 8 Cartas de Maspero interessantes, 15 de Daubrée de 16 e de Revy de Londres 16. Tenho lido a obra sobre a Palestina e vou-me vestir.

11h 10' Assisti à festa de S. José no Colégio Stanislas e dei ao Abbé Federlein os meus versos. Cantaram em parte a missa de Mozart.

11h $\frac{1}{2}$ Li a Histoire etc. e vou almoçar. 1 $\frac{1}{4}$ Bem. Volto da estação onde despedi-me da Isabel que partiu para Paris e Versalhes pouco antes da 1h. Estiveram na estação diversas pessoas conhecidas entre as quais o sogro do Bois-Brunnet a quem disse que estava acabando de ler a Histoire etc. que lhe mandaria anotada por mim o mais cedo que pudesse para visse minhas notas antes da conferência dele amanhã sobre Jerusalém. Vou falar ao Estrela.

3h 35' Longa conversa com o viajante inglês de que já falei. Prometeu-me publicações geográficas modernas. Ocupei-me também de assuntos literários e fi-lo tomar nota da excelente tradução dos Lusiadas pelo Burton a qual ele não conhecia.

Vou continua a Histoire et Voyage de la Terre Sainte até às 4h que vou ao Stanislas. 6h 50' Chego. Gostei muito. Junto o programa com as minhas notas.

10h 40' Li Histoire etc. Jantei bem. Joguei um pouco bilhar e fui ouvir o concerto. Programa anotado. Aborreceu-me e vim ler às Motas Maias, a mais moça já está boa. Ovi Seibold ler-me a viagem ao Oriente de Lortet. Tomei chá e vou ler a Histoire etc. e deitar-me lendo Lavigerie até dormir.

20 de março de 1891 (6a fa.) – 4h Não tenho sono e vou ler, que talvez ele venha. Contudo passei bem de noite só tendo me levantado 4 vezes e ainda urinando há pouco.

9h ½ Acabei a Histoire etc. que muito me interessou. Mando-a com uma carta minha a Bois Brunnet para que possa ler minhas notas antes da conferência. Vou continuar a obra sobre Lavigerie e vestir-me daqui. São 9h 50'. Boa ducha e quase vestido. São 10h 40'.

2h Escrevi cartas e li depois do bilhar e veio telegrama da Isabel de Versalhes. Não havia novidade.

4 ½ Conferência de Bois Brunnet assistido de Bournonville, sobre Jerusalém. Defectivo, mas fala bem, também foi procurador imperial e parece pouco ter lido minhas notas à Histoire etc. Enquanto não chega Seibold vou adiantar Renan.

6 ¼ Árabe. Acabei o 5º canto dos Lusíadas que fala do pouco apreço dos homens de letras em Portugal. É um gosto ler a tradução de Burton. Comecei o 6º – mas jantar.

10h ½ Bem. Bilhar com Aljezur. Leitura às Motas Maias a que assistiu o Estrela que tinha vindo e a quem li parte da carta que hei de escrever ao Taunay respondendo à sua carta de 22 de fevereiro mandando-me seu Estudo Histórico. Cidade de Mato Grosso.

Depois da leitura às Motas Maias e ouvi Seibold ler a Viagem do Lortet e tomei chá. Vou agora deitar-me e ler Lavigerie até dormir. 12 ½ Estive escrevendo o que mandarei ao Taunay – mas é preciso descansar.

21 de março de 1891 (sábado) – 5h 50' Dormi bem. 4 e agora. Vou ler o Renan. Preferi o Compte-rendu de 9. Sobre experiências feitas na éclipse de l'Aubois. Diminuição na duração das manobras e aumento no produto. Sire eleito na sessão de mecânica em lugar de Dausse. Observação do novo planeta 308 descoberto no observatório de Nice a 5. Deste em Paris e do de Millosevich (1881 março 1) em Toulouse e em Paris. Da medida do 52º paralelo na Europa. Resulta que a terra aí não é um elipsóide de revolução. Lembra que a medida do 42º nos Estados Unidos deu igual resultado. A terra não é um esferóide perfeito.

Sobre a fermentação da fécula pelo fermento bacterico [*sic*]. Existência das esferas atrativas nas células vegetais. Quanto à sua origem no ovo os zoologistas não puderam ainda precisá-la. Van Beneden vê-as aparecer simultaneamente sem saber de onde provém. Boverie julga provável que seja provável que no Ascaris traga ao ovo num controsoma (central-carpus) que se dividiria formando essas esferas. Vejdowski crera ter verificado o ato no Rynchelmis. Resumindo esses corpos que chamaria esferas diretoras pois dirigem a divisão do núcleo transmitem-se sem discontinuidade de célula a célula durante toda a vida da planta.

Sobre a classificação e história das células. Diz que exporá dois fatos de interesse mais geral, e tratará de mostrar a natureza a alcance das mudanças que o microscópio fará na botânica sistemática e descritiva. O desacordo na classificação das clúzias entre o autor da nota e a de Planchon e Triana e ainda mais da de Bertham e Hooker provém da ignorância da estrutura do androceu da secção florantera por falta de exame microscópico. O auto deduz que ao lado dos caracteres morfológicos os antepassados das clúzia possuíam já certos caracteres anatômicos que transmitiram aos descendentes – esses antepassados tinham já adquirido caracteres efarmônicos que transmitiram à sua descendência se não tais ao menos potencialmente.

Crânio de urso das cavernas tendo vestígios de ferida feita por machado de silex. A opinião do autor da nota é que o lugar anormal sobre a crista é de trauma cicatrizado, feito pela mão do homem com um machado que feriu da direita para a esquerda, alcançou o lado direito e interno da crista, fendendo o crânio e afastando os ossinhos quebrados um pouco para fora do rebordo. Sarou a ferida, formou-se calo entretanto que a crista esquerda da crista [*sic*] ficou intacta.

9h ¼ Agora Renan pois acabei o Compte-rendu e estou em dia, breve chegará o imediato. Ontem recebi de Revy este telegrama – “Direct advices state that Budapest just escaped but that 900 houses of Solt near Budapest where inundated”.

O homem não pensa somente no projeto de que já falei. Creio que por causa da falta dinheiro mormente.

9h $\frac{3}{4}$ Vesti-me tendo lido Renan.

11h $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Li Montenegro. Flores que infelizmente são agora para mim. Passeio do costume. 11h 55' Almocei. Já fiz minhas notas prévias do programa da sessão da Sociedade Científica e Literária. 2h $\frac{1}{2}$ Bilhar com o Pedro. Li os escritos dos estudantes do Stanislas deu-me para ler e a quem escrevi restituindo os com meu juízo sobre eles. Vou ler *Compte-rendu* de 2. 50' É tempo de ir para a Sociedade. 5h $\frac{1}{4}$ Seibold, sânscrito, Camões.

6h 20' E vou jantar. 7h 35' Bem. Bilhar com o Pedro. Vou ao Rabelais. 8 $\frac{1}{2}$ *Supplément du Journal des Débats* de 19. Foi achado sobretudo para mandar vir viagens aos mares polares depois da de Greely. 10 $\frac{1}{4}$ Li às Motas Maias. Ouvi o Seibold ler a viagem de Lortet e tomei chá. Vou ler o *Compte-rendu* de 2 até dormir. É meia-noite.

22 de março de 1891 (domingo de Ramos) – 5 $\frac{1}{2}$ Já clareia bastante. Wolf apresenta o 2º volume das memórias sobre o pêndulo em nome da Sociedade franqueza [*sic*] de física. Contém as traduções do fim da memória de Bessel sobre o comprimento do pêndulo simples em Könisberg o muito importante trabalho do mesmo sobre a força atraente da terra para corpos de diversa natureza, e a nota de Bessel sobre a contração simétrica de eixos recíprocos, origem do aparelho universalmente usado para medida da intensidade da gravidade. As outras memórias são relativas à questão da resistência do meio sobre o qual as experiências do comandante Defforges acaba de espalhar luzes inspiradas. A grande memória de Sto. Kis que inaugurou a nova das experiência sobre o pêndulo.

Observações dos pequenos planetas feitas no grande instrumento meridiano do observatório de Paris durante o 2º trimestre de 1890. Comunicação de Mouchez. Foram feitas por Callandreau. Sobre a reflexão metálica. Nota de Poincaré. Persiste no ceticismo sobre o caráter decisivo da notável experiência de Wiener. A questão é agora assim circunscrita sob a incidência normal qualquer plano refletor é nodal. É fácil ver que na superfície refletiva há nó com a teoria de Fresnel e ventre com a de Neumann, mas Potier julga poder demonstrar que na reflexão metálica e particularmente tendo os metais poder refletor muito considerável as duas teorias concordariam na existência de nó na superfície refletora. Mostra o ponto fraco do raciocínio do Potier. Examina a significação das equações apresentadas e diz que uma correspondente às hipóteses seguintes: 1º vibração perpendicular ao plano de polarização; 2º elasticidade do éter constante; 3º absorção da luz do metal devida à resistência proporcional à velocidade das moléculas do éter. A outra equação corresponde às hipóteses seguintes: vibração paralela ao plano de polarização, 2º densidade do éter constante; 3º a absorção seria devida à resistência que seguiria as mesmas leis do interior dos corpos e por conseguinte dependeria não da velocidade absoluta das moléculas do éter (ou de sua velocidade relativa relativamente às moléculas materiais supostas sensivelmente fixas) mas da velocidade das moléculas do éter relativamente entre si.

Ambas as hipóteses explicam a reflexão metálica, mesmo com incidência oblíqua, mas só com luz homogênia. A querer explicar o modo porque as constantes dependem do comprimento da onda é preciso recorrer a hipóteses mais complicadas ainda e menos nos fere a simplicidade do sistema de Fresnel. Meu ceticismo diz Poincaré é só relativo. Se a questão não tem solução clara como a transversibilidade das ondas, se considero enganadoras as experiências de Wiener, penso que pode haver razões num ou no outro sentido, é notável que todas as razões concorrem para fazer adotar as vistas de Fresnel. A nota que apresentou de Carvalho encerra outro argumento mas o mais sério é o tirado do fenômeno da aberração e da célebre experiência de Fizeau.

Sobre ensaio de ostreicultura no laboratório de Roscoff, nota de Lacaze – Duthiers. Algumas reflexões devem ser feitas. As perdas foram insignificantes de 210 em 8500. É bem sabido que cuidados regulares asseguram a vida dos animais. Este laboratório só de ciência não pode admitir criação considerável. Existe aí viveiro de 30.000 camarões ou lagostas. Não esperava tal exemplo da estação e tão depressa. Contudo contava com bom êxito pelas condições do estabelecimento. Nas praias do canal abrigado pela ilha de Batz, em Arcachon, Aurag, em todo o Morbihan há imensas praias aproveitadas e que dão bom rendimento. Sobre a composição das águas da *drainage*. Muito aproveitáveis na agricultura pelo azoto nítrico. As terras do Norte da França mantêm sua fertilidade pelo emprego incessante de estrumes. A formação dos nitratos é vantajosa ou nociva conforme a época em que em sucede [*sic*]. Daí a necessidade na primavera de ajuntar ao solo certa quantidade de nitrato. Propõe meios de remediar a abundância de nitrificação depois da colheita. “Il est donc démontré que les cultures dérobes (para conservar os nitratos como mostarda etc.) pour engrais sont très efficaces pour retenir les

nitrates habituellement entraînés par les grandes pluies d'automne". Contudo embora mínima a despesa não será compensada se a perda de azoto nítrico for muito pequena e talvez não se devam aconselhar as culturas dérobées. Mas Deherain autor nota pensa que o contrário e que se deve semear exclusivamente crucíferas, e também uma leguminosa, como a *vesce* por exemplo, a modo da Limage no Auvergne. Empregará pois mistura de vesce e colza.

Eleição de Gluke para o lugar de correspondente na seção de mineralogia. Alphonse Favre. Foram também votados Vizeau, Richtefen e Tchermak. Conhecem os dois últimos pessoalmente. Nomeação de Comissões de prêmio para julgarem o concurso de 1891 – Sobre uma nebulosa variável [*sic*]. O número de variáveis bem verificadas, talvez não o seja senão para uma a que Hind descobriu no Touro em 11 de 9bro [*novembro*] de 1852. A de que se trata é vizinha de Alyol e foi descoberta em 1785 por W. Herschell, tornada a ver pelo filho em 1831. Foi buscada em vão pelos astrônomos de Birr Castle em 1854 e por d'Arrest em 1863. Hoje é visível no lugar indicado pelos dois Herschell como verifiquei por duas vezes diferentes a 31 de janeiro e a 26 de fevereiro deste ano. É fraca e muito poucas observações se fizeram até a data da nota e parecem inconciliáveis e não admira a variabilidade. Sendo muito amplificativo o telescópio de Lord Rosse, e grande a experiência deste é conhecida a habilidade d'Arrest junta a sua afirmação tão positiva de não haver nebulosa no ponto indicado é muito difícil de admitir que fosse visível em 1854, 63 e 64, devendo lembrar que os dois astrônomos conheciam a concordância das observações dos dois Herschell e deviam redobrar de cuidados procurando-a. É pois provável que esta nebulosa apresente variações reais de brilho e merece ela estudo.

História dos aparelhos de medir bases – Nota de Laudessat. Falando do que disse Bertrand de Ibañez. Lembra o engenheiro de minas francês d'Aubuisson des Voisins que foi o primeiro que empregou régua única de traços transportada sucessivamente entre reparos colocados previamente sobre o alinhamento da base que se mede. Notas de geometria cinemática de Maenheim. Sobre as superfícies mínimas limitadas por 4 arestas de um quadrilátero enviezado (*gauche*) por Schoelfels e apresentado por Darboux.

Resultados das observações actinométricas feitas em Kief em 1890. Nota de Svalieff apresentada por Janssen. Não deixa de ser curiosa. Reflexões sobre esta nota por Crova – sobre “les anches metaliques doubles en dehors” de A. Imbert apresentada por Cornu. É de acústica de que pouco entendo. Sobre alguns derivados da eritrite. Nota de Forcaud.

8h 40' O resto fica para depois, tenho de me vestir por causa da missa e sendo ela longa já tomei uma xícara de café.

10h 25' A benção dos ramos e a missa duraram uma hora e $\frac{1}{4}$. Já vou para a ducha. Boa. Hei de fazer um ripanço para meus netinhos.

Tenho a minha tradução em latim dos salmos do hebraico, e a dos hinos da Semana Santa em verso português. Esta vez traduzirei o Te Deum, Benedictus e algum outro que falte, as Paixões e as orações.

11h 45' Passeio do costume. Comprei flores. Encontrei a Caserta com os filhos pequenos conversando com Mme. Combres e a amiga desta. Caserta disse-me que estivera ontem nas flores. Veremos amanhã.

Vou ao almoço. Quase 1h. Bem. Joguei bilhar com Aljezur. Tingimento do algodão. Nota de Leo Vignon. Mostrei que lã, seda e algodão quando imersos em licores ácidos, alcalinos ou salinos de composição conhecida colocados no colorimetro produzem fenômenos térmicos claros constantes e imensuráveis. Quanto ao algodão as medidas termométricas provam que este têxtil só acusa funções químicas muito fracas em comparação das fibras animais. A inércia química do algodão coincidindo com pouca aptidão para fixar substâncias corantes apresenta neste fenômeno relação entre causa e efeito? Para examiná-lo tentei modificar a molécula de algodão dando-lhe funções químicas determinadas depois de obtido isto busquei até que ponto as propriedades tinturiais eram mudadas. Comparando as amostras depois de tingidas do algodão ordinário e do amoniacal absorvia em proporções consideráveis as matérias corantes ácidas com que se experimentaram. Sobre uma hematina vegetal a aspergolina, pigmento do *aspergillus niger*.

Nota de Georges Linossier apresentada por Chauveau. O que dá interesse particular à substância dos esporos desse mofo é sua analogia notável com o pigmento o mais importante dos vertebrados, a hematina. A aspergolina é o nome imposto para esse pigmento seco em temperatura ordinária em presença do ácido sulfúrico e pulverizada, e que se apresenta como a hematina sob o aspeto de pó negro. Diz quais suas reações. É interessante achar num mofo substância completamente análoga à hematina. É verossímil que a analogia de propriedades seja correlativa à analogia de funções os caracteres que tornei salientes na *aspergolina*, sobretudo a propriedade de fixar o oxigênio para cedê-lo às substâncias redutoras pressupõe função respiratória. Esta dedução, mesmo com reservas de opinião é tanto maior importância quanto

ignoramos quase o papel dos pigmentos nos cogumelos inferiores. Raulin em seu notável trabalho sobre o *Aspergillus niger* tinha verificado que a supressão do ferro no líquido nutritivo não só diminui a colheita mas contrariamente ao que sucede quando se tira do meio nutritivo outro elemento embarça a formação dos esporos. Dou a interpretação do fato, com a ausência do ferro que entra com sua constituição pigmento dos esporos não se pode formar. É difícil embarçar de todo sua formação pois é difícil privá-lo inteiramente de ferro o líquido nutritivo porém mais se chega a esse resultado menos a cultura se colora.

Idiosincrasia de espécies de animais para o ácido fênico. Nota de Zwandemarkers. Intoxicados por doses demasiadamente pequenas gatos e ratos morrem sem excessão e os cães e os coelhos nada sentem. A noite foi precedida por convulsões até a morte por paralisia respiratória depois de longa custosa agonia. Sobre o conglomerado com ossadas de Gomberville (Mouchez) Nota de Lazparent. Interessante. Sobre a idade das camadas atravessadas pelo canal do Panamá. Nota de H. Dourville apresentada por Albert Gaudry. Todos os fósseis daí são achados nas camadas mais [ilegível] das da Jamaica e diferentes Antilhas. Os documentos paleontológicos não bastam para precisar a idade das camadas certas impressões lembram formas duplas [ilegível]. 1º grupo, a essência de foraminíferos no menos mal [ilegível] diferencia este grupo do segundo enquanto a natureza mineralógica reaproxima da seguinte. Fragmentos de grande [ilegível] foram [ilegível] nas margens do Chagres mas não em [ilegível].

Sobre a reparação dos sismos. Nota de M. de Montessas por Cornu.

4 ½ Sermão do cônego Charron em Notre Dame du bon Voyage, antes vésperas e depois exposição. Felizmente as mãos estão boas. Vou terminar o *Compte-rendu*. A nota de M. de Montessas. Depois de numerosas e antigas afirmações das leis das estações Perrey enunciou que treme (trata-se da repartição por estações dos sismos), que há mais tremores no inverno que no verão. Este fato provaria que os sismos são fenômenos meteorológicos. Esponho os resultados de 63.555 sismos correspondentes a 43.054 dias de abalos referindo-se a 309 séries ou regiões independentes e bem limitadas geograficamente sempre e geologicamente muitas vezes. Um exame superficial dos quadros minuciosos mostra que cumpre ampliar os termos do enunciado de Perrey dizendo que parece tremer mais no outono que no inverno e que nas outras estações 85 séries com 20.258 dias seguem a lei e 80 com 18.209 dias não, quase a igualdade, o que bastaria para rejeitá-la. Mas há mais, a fórmula é a condenação da lei. Classifica as observações pela importância. Se não há lei conforme as estações a repartição será tanto mais uniforme quanto se trata de classes de importância científica mais elevada. As séries de observações seguem a lei. Nenhuma das meteorológicas satisfá-la embora as do Chile e das Índias Neerlandesas, pelo número de anos e o cuidado com que são feitas sejam comparáveis às séries sismológicas.

9 séries de observadores com 2947 dias conformam-se a 3 com 1544 não. A magnífica série sismológica do Japão com 1127 dias, e às da Suíça seguem as da Itália e da Insulide 1 creio eu que são as ilhas onde houve observações – não – as séries dos observatórios geodinâmicos (o magnetismo terrestre?) dão resultado favorável à lei, mas extremamente pouco acentuado, e igualmente as séries de microsismos ou conforme regiões, ou observatórios. Como as estações astronômicas não limitam os climas claramente senão fora dos trópicos viu-se como as diversas zonas de latitude influem sobre a lei Perrey. Classificando as séries por intervalos de 10° e sendo ordenados os dias de sismos forma-se uma curva que apresenta grande maximum de 35° a 45° N. e baixa regularmente até 70° N e 8° S. Esta forma era de prever pois a zona boreal temperada corresponde às regiões onde a relação entre as superfícies terrestres e as oceânicas é maior e reduz-se a mui fraca importância, marchando para o Sul. Além disso a Europa e a Ásia compreendem regiões para que abundam documentos. Ora se constroem de 10 em 10° a curva de relação entre o número de dias de sismos de acordo com a lei e os contrários dá-se notável singularidade. Supondo a lei exata era esta segunda aproximar-se-á como se obtivesse pela refração luz ordenada da precedente em função dos limites que esta exatidão [ilegível] às relações de M a M e de M - M. Senão ela se aproximaria do eixo de latitudes e na distância 1, pois lutam só o acaso, presidiria à distribuição das séries conformes e não conformes e a igualdade dos números de dias correspondentes será para cada zona a hipótese mais provável, se todavia os números forem aí assaz grandes. Ora não se dá essa condição o que explica a forma inesperada da curva na fuga à primeira mas com um maximum boreal mais assinalado. Seria preciso admitir que a lei de Perrey verdadeira para zona boreal temperada torna-se cada vez mais falsa avançando para os polos. Mas no hemisfério austral as séries são raras em sismos. Impõe assim cada uma sua própria repartição estacional à zona de que fazem parte. Assim se explica esse grande maximum; numerosas e ricas séries neutralizam-se entre 35 e 45° Lat. N. e deixam o maciço

dos Alpes (35 séries de 3181 dias) e a Califórnia (901 dias) arrastar para zona uma característica estacionária (de estação) a favor da lei. De todas as considerações resulta que as estações astronômicas não tem relação alguma com os sismos.

Sucedo o mesmo com as estações meteorológicas, seus fenômenos e temperatura, pressão, altura de chuvas, etc. variáveis com as condições geográficas? Creio, mas cumpre examiná-los mais – É nota importantíssima e custou-me extractá-la melhor – Da ação da água em movimento sobre alguns minerais. Nota de J. Thonlet. Os minerais perdem peso na água em movimento. O depósito ócreo é mais abundante se se efetua na superfície do corpo de textura mais compacta e para corpo da mesma natureza onde a coluna de água quebrando-se está em contato com superfície igual do sólido. Julgava-se explicar a ausência do calcáreo nos abismos do mar admitindo que os foraminíferos caídos da superfície acima desses pontos desapareciam pela dissolução na água antes do fundo e que este efeito era notavelmente aumentado pela velocidade da queda. Verifiquei que a solubilidade do calcáreo no oceano é fraca. As experiências atuais mostram que o excesso do gasto devido ao movimento não tem grande importância, enfim outras experiências permitem limitar a 25 ou 30 horas o tempo preciso às globigerinas para descerem a 2000m. Tudo contradiz a teoria química de Mohr e a mais recente de John Murray. O abbé Tondoni em nota transmitida por Janssen anuncia que a Academia das Ciências de Bolonha foi informada pelo governo italiano da adesão de diversas potências (Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Suécia, etc.) ao projeto de uma conferência internacional para regular a hora universal. (Já me tinha ocupado disso no Brasil). E. Serrant manda nota intitulada “A nitrocresolina ou ácido trinitrosilico, e os trinitrocresilatos”. Larrey apresenta da parte de Sir James Paget um livro intitulado Estudos de cadernos velhos e observações. Obra de 30 anos de prática. Explica no prefácio com lealdade porque entre milhares de fatos colhidos poucos são úteis a outros observadores. Acha-se no livro uma conferência na sociedade de Londres sobre a cronometria da vida. Serve-se dela agora para explicar a influência dos erros do cronômetro sobre as causas e as proliferações das moléstias. O livro é obra de prática eminente e juiz imparcial de seus próprios trabalhos.

Entreguei o Compte-rendu ao Mota Maia e li às meninas. O Seibold vai ler-me o Lortet. Ouvi. 10h ½ Deitar e ler Journal des Savants até dormir.

23 de março de 1891 (2a fa.) – Dormi às 12 ¼. Levantei-me 5 vezes e de uma delas fui à banca, mas por pouco. São 4 ¾ Não tenho sono. Vou ler mesmo na cama. 6 ½ Deixei a cama. Continuo a mesma leitura.

Recebi ontem carta de Revy de Londres 20. Diz referindo-se a seu correspondente a quem telegrafou Budapes [sic] “entging dissimal mit Nooth einer Katastrofe, dafür überfloss die Donau bei Ratzkeve die Cspel Insel, machte grossen Schaden, und ergoss sich in den Sorksaren Arm. Am 13^{tem} wurde Lunberer Dam bei Duna – Foldwar durchbroche, und Sold mite 900 Häusern unter Wasser gesetzt, 200 davon sind eingets ürtzt. Bei einem Hause wäre Kalcsa unterlegen. It appears the Times correspondent was only partly correct; for Budapest escaped once more, although the Danube rore 6,89m above zero and nearly overflowed the quays. It seems also the Government at Budapest responsible for the regulation of the Danube, – do not know the truth of the situation, and consider the danger beyond their power to avoid and to correct”.

Estou com sono e talvez durma na poltrona. 9h 55’ Pois não que muito me interessou o Journal des Savants de janeiro cuja leitura terminei. Visto-me. 2h ¼ Boa ducha, tudo como de costume. Almocei bem. Bilhar com Aljezur.

Salignac me trouxe trabalho escrito e que me parece cada vez mais inteligente.

5h Volto de bom passeio de carro e a pé pela route de Antibes. Fresco agradável. Espero Seibold. Junto o que a troco de esmola deu-me um pobre no caminho.

6h ¼ Árabe e Camões. Vou jantar.

8h bem. Bilhar com Aljezur. Versos. Vou à música.

10h 20’ Não prestou. Não ouvi a 2ª parte. Não pude ler às Motas Maias. Ouvi Seibold ler a viagem de Lortet. Tomei chá e vou ler deitado até dormir.

24 de março de 1891 (3a fa.) – 7 ½ Às 4 fui a banca por pouco. 5 vezes levantei e agora ainda urinei. Vou aos versos para o ripanso de meus netos. 9h 50’ Já estou vestido. 1h 40’ Ducha boa. Montenegro passeio e flores como de costume.

Comecei a tradução do Te Deum. Almocei bem. Bilhar com o Pedro que conversou com muito juízo.

5h 5' Roland com o professor de economia de Aix e creio que membro do Instituto. Falamos muito de economia política. Penedo e mulher. Estrela que convidei para jantar aqui e volto do passeio de carro por Canet, Vallergues, route de Grace. Fazia fresquinho, ontem de noite baixou a 2°.

6h 20' Sânscrito. Camões. Jantar.

10h 20' Bem. Joguei bilhar com Aljezur e um pouco com o Pedro que parecia estar muito ocupado. Li às Motas Maias. Ouvi o Seibold ler e tomei chá há pouco vindo agora para meu quarto. Vou talvez concluir a tradução em verso português do Te Deum, deitar-me e ler Journal des Savants até dormir.

25 de março de 1891 (4a fa.) – É meia-noite com *[ilegível]* e ler só para dormir.

25 de março de 1891 (4a fa.) – 6h 10' Já leio de há muito, mas na câmara *[sic]*. Levantei 4 vezes para urinar e fui outra à banca, mas por pouco.

7h 35' Li o 1° artigo do Journal des Savants de fevereiro e escrevi em resposta à Mana Januária, mando por ela à neta um exemplar do livro de história que leio às Motas Maias. Li em Le Littoral de 23 um artigo pequeno sobre a conferência de Bois Brunnet sobre Jerusalém e “Les obseques de Mgr. Guinolette” bispo de Valença que morreu 6a fa. na ilha de Sto. Honorato para onde se retirara havia 17 anos. O panegírico foi feito no púlpito por Mgr. Cotton seu sucessor no bispado. Chama-a Cotton “une des gloires de la chaire contemporaine”. Já o ouvi, prega bem, mas não julgo não merecer tal elogio.

12h Boa ducha. Passeio do costume. Dei ao Aljezur a comissão de com o que lhe entregar de formar o ripanso da Semana Santa para meus netinhos.

Almoço 2h. Bem. Joguei bilhar. Escrevi a Ferreira mandando-lhe cartas para Espanha, à Regente, a Toronda e a Miguel y Rada a fim de que lhe facilitem todo o exame curioso. Torno a Lavigerie.

4h 54' Volto das trevas. Esperava que fosse pior cantadas. Tudo se fez bem. Mandei chamar o Seibold e enquanto vem leio Lavigerie. 5h Chegou Seibold.

6h 20' Árabe e Camões. Vou jantar. 10h 10' Bem. Bilhar com Aljezur. Conversei com o Estrela. Li às Motas Maias. Ouvi a leitura do Seibold. Entretanto tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir. Estou com sono.

26 de março de 1891 (5a fa.) – 5h ½ Não dormi bem embora nada sentisse. Levantei-me 5 vezes e agora ainda urinei. Vou ler Journal des Savants pois tem boa letra e ainda não está claro. Tenho a lâmpada acesa.

10h 40' Não fui à chuva, mas a Notre Dame du Bon Voyage. Confessei-me a Monseigneur Guigou na Sacristia e comunguei. Ouvi a missa cantada só para tomar cedo café que me preparou aí a mulher das duchas. Peguei numa das varas do pátio da procissão. Não havia gente que julguei concorresse e a confissão geral durou pouco. Tudo se fez bem. Vi a Margarida, o filho e a Obolska.

A penitência foi o 4° livro da Imitação. Agora vou ao Journal des Savants. 10h 55' Mas recebo carta do Daubrée de 23 de Paris. De Penedo de Nice datando-a de 29 com retalho de diário sobre “O novo ministro do exterior” que é o bacharel Justo Leite Chermont governador do Estado do Pará.

Daubrée. Senti tendo atravessado Marselha de não chegar até cá. Ainda me escreverá à tarde depois da Sessão da Academia. Fala da morte de Cahours durante a semana. O retalho do jornal assinado por Frederico Costa que se diz companheiro de campanha do bravo (e repeti-lo-ei) marechal Deodoro põe raso o Chermont.

Carta recebida de ontem de Sofia a 17 que não me apressei em abrir. Diz que não tem dívidas, mas pede dinheiro e como e alega a autorização que lhe dei de pedir 4.000 fr. a Mota Maia. Vou me entender com este.

Agora Journal des Savants. 11 ¾ Almoço. 2h 25' Porém li um artigo interessante do Taunay no Jornal do Comércio de 4 intitulado “Algumas verdades” (a propósito de um opúsculo). Refere-se ao de Nabuco “Agradecimento aos Pernambucanos”. Faz-me justiça. Na correspondência de Roma de 4 de fevereiro fala favoravelmente da colonização do Brasil e de uma peça representada no teatro Reinach de Parma feita por Ulisses Barbieri intitulada Os Dramas Brasileiros.

Correspondência de Berlim de 5 de fevereiro interessante pelo que diz da colonização do Brasil. 3 ¼ Li Journal des Savants. Vou sair.

5h 10' Cheguei quando terminava o lavapés. Peguei uma vara do pátio. Tudo bem. Vou ao Seibold.

6h $\frac{1}{4}$ Hebraico. Camões. Jantar. 10h $\frac{3}{4}$ Bem. Jantou comigo o Estrela. Depois um pouco bilhar. Esteve a Salignac que me trouxe a cópia de meus versos. Li às Motas Maias o Sermão da Paixão de Bourdaloue. Despedi do Estrela que regressa a Paris amanhã ao meio-dia e talvez não possa ver ainda. Ouvi a leitura pelo Seibold da viagem de Lortet que é muito interessante que descreve no que ouvi ler, creio que desde ontem Jerusalém. Tomei chá entretanto e vou deitar-me e ler Lavigerie ou Journal des Savants até dormir.

26 de março de 1891 (6a fa.) – 5 $\frac{1}{2}$ Não passei muito bem a noite. Pouco sono. Desarranjo na digestão que me levou à banca durante e agora que também urinei, tendo me levantado para fazê-lo.

Ontem li o Compte-rendu do Congresso Oriental dos Orientalistas em 7bro [setembro] em Londres. Deve ser curioso. Estimaria poder ir não a este, mas ao presidido por Max Müller e Rawlinson. Li a carta de 22 de março de Leitner em resposta à que lhe comunicou a minha decisão contrária.

6h $\frac{1}{2}$ Escrevi a Daubrée e a meu neto, a ambos em resposta. Já posso ler de há muito sem luz. Torno ao Journal des Savants. Escrevi a Faye mandando-lhe a nota sobre método de calcular a longitude. Guardo a carta de Cruls sem lugar nem data e transcrevo na carta a Faye as considerações que me faz Cruls em sua carta sobre o método. Volto ao Journal des Savants.

7h $\frac{1}{4}$ - 9 $\frac{1}{2}$ Acabei-o e minhas notas, sobretudo a última, só tem o mérito de uma espécie ejaculatória. São horas de vestir-me, de ir à ducha de ser o que reconheço ser só querendo pedir logo a Deus sobretudo durante a adoração da Cruz. “Te ergo Quaesumus, tuis famulis sub veni, quos pretioso sanguine redemisti”. Vou me vestir. 11 $\frac{1}{2}$ Boa ducha. Tudo como de costume. Encontrei a Salignac nas flores. Caserta não a vejo mais. Vou a Lavigerie.

12 Almoço. 1h 25' Bem. Bilhar com o Pedro. Vou a Lavigerie, mas peguei no último Compte-rendu e já li uma memória muito interessante de Lewy e Peseux. Détermination da constante de aberração. Carta da Januária de 26 com outra bonita da neta agradecendo o livro que lhe mandei.

2h 50' Café e vou sair. 5 $\frac{1}{4}$ Arranjou o Aljezur tudo de modo que para ir à ducha que poderia dispensar ainda hoje cheguei depois da missa. Felizmente tive o sermão que não foi mau creio que pelo bispo atual de Valence. Este arranjo bastante me contrariou. De ora em diante hei de melhor fiscalizar tudo.guardo o Seibold e enquanto não vem Compte-rendu.

6h 20' Árabe. Camões. Vou jantar.

10h $\frac{1}{4}$ Jantei bem o que prepararam conveniente ao dia e a meu estômago. Joguei bilhar com o Pedro. Li Bourvalone às Motas Maias e ou a leitura do Seibold. Tomei entretanto chá. Vou deitar-me e ler Compte-rendu até dormir.

28 de março de 1891 (sábado) – 5 $\frac{3}{4}$ Dormi bem. Levantei-me 4 vezes e agora fui à banca com razoável resultado e urinei bastante. Vou acabar o Compte-rendu. Determinação da constante de aberração por Lewy e Peuseux. As variações de distância de estrelas separadas por arco estendido na esfera celeste podem avaliar-se com exatidão igual à de pequenos arcos no campo de um óculo e por meio das medidas micrométricas ordinárias. O novo aparelho para isso vai ser construído pelos fundos dados pela Academia na parte ótica pelos Henry. Julgaram demonstrar nas notas apresentadas que as medidas essenciais com o novo instrumento podem ser independentes de qualquer constante a não ser o valor da volta do parafuso. Os raios estelares têm desvio dependente dos movimentos anual e diurno da terra do movimento solar relativamente às estrelas fixas e ao do todo das estrelas compondo com o sol a via láctea. A rapidez da luz na terra está determinada mas talvez não convenha sem qualquer alteração a transmissão da luz através dos espaços celestes – De outro lado a incerteza quanto à extensão do semi-eixo da órbita terrestre, ou da paralaxe do sol é das mais sensíveis. Há 30 anos admitia-se o valor errado de 1/55.

Apesar de trabalhos posteriores ignoramos a verdadeira paralaxe. Tisserand chega à conclusão que a combinação dos valores da rapidez da luz e a constante da aberração parece ainda ser o meio mais seguro de determinar a paralaxe. Contudo a aberração assim como a rapidez da luz são de mais fácil determinação que a paralaxe. Cada uma delas com a rapidez da luz e escala vária das dimensões do sistema solar depende de modo importante do conhecimento do exato da aberração anual. Até 1828 os valores dados foram entre 20",255 e 20",708. Nessa época Richardson reuniu às observações dos professores 40.000 feitas em Greenwich e achou como resultado d'ensemble 20",446. Em 43 Strave achou valor quase

idêntico tendo julgado o erro provável de $0',011$. Estou persuadido diz êle que nenhum elemento astronômico foi determinado com precisão igual. Strave e depois outro até 1262, sendo as medidas por Nyren verificaram um valor um pouco mais fraco e aberração de $20'',43$. Strave propôs elevar o número de $20'',463$ sendo o erro provável de $0'',017$ mas as razões não foram em geral, concludentes. Parece que considerações estranhas influíram no juízo de Strave e os valores dados por Pêters e Lenhugen. Observações posteriores de Pulkowa tendem a dar valor mais elevado, cerca de $20'',49$. Nyren aplicou de novo o método de W. Strave com todas as cautelas e empregando maior número de estrelas. Achou $20'',250$ ou $20'',517$ conforme o grupamento adotado. Contudo, apesar dos cuidados parece ao autor que há influência de causa de erro sistemática variável com a estação. Mais recentemente em 1885 Küstner do observatório de Berlim achou $20'',313$ pelo método Harrison e Talertt. Entre estes últimos números, resultantes de trabalho importante a diferença é superior a $0'',2$, ou 20 vezes o erro provável anunciado por Strave – em 1843. Sem enumerar trabalhos de Greenwich, Cabo Washington e em outros estabelecimentos, deduz-se: 1° cada observador calcula segundo seus resultados parciais a média final com erro provável de $0'',91$ a $0'',02$. Mas mudado método, instrumento ou só o observador há discordâncias 7 a 8 vezes maiores. Isto fez Nyren e Küstner concluir que certas causas de erros sistemáticos alteram ainda os resultados. A origem dos erros reside em imperfeição real e até agora inevitável ou de conhecimento teórico ou de meios materiais.

A ignorância (E eu direi que talvez seja a principal) que teremos sempre da constituição interna da terra não permite teoria perfeita do seu movimento em torno de seu centro de gravidade. Já de há muito a possibilidade da posição da vertical preocupa os físicos, experiências de d'Abbadie e outros. Ante o caracter um pouco confuso e a incerteza das variações achadas, os astrônomos julgavam melhor não fazer caso delas e duvidar de sua realidade. Mas agora não é isto permitido e recentemente no observatório de Berlim para determinar a constante da aberração é que a variabilidade das latitudes pareceu positiva. Pode-se dizer que as aplicações novas dos antigos métodos com que cuidado de *ponzar [sic]* o menos abonaram nossos conhecimentos positivos do que abalaram a confiança nas indagações anteriores. O método novo que apresentamos não só está livre de qualquer erro instrumental como de hipótese relativa à situação do erro do mundo no espaço e da vertical do lugar relativamente a esse eixo. Enfim a marcha seguida de esclareceria uma questão de física. Admite-se geralmente que a propagação é independente do movimento da origem luminosa. Dar-se-ia o mesmo movendo-se velozmente.

Isto é, na superfície da terra haverá a mesma aberração para a luz refletida e a direta? Deve ser a mesma pelas considerações de Fizeau. Nossas observações sobre raios triplicemente refletidos dão para a constante da aberração valor igual ao deduzido de experiências diretas. Não esperávamos obter com esta primeira tentativa resultado definitivo gozando de toda exatidão de que o método é capaz. Fixar todos os pormenores da marcha e seguir na aplicação do novo processo submeter a experiência a demonstração de Fizeau, reconhecer-se a variabilidade das latitudes ou qualquer outra causa de erro sistemático *[ilegível]* as determinações antigas podem parecer programa suficiente para o primeiro ano de trabalho. Segunda determinação em condição mais rigorosa aproveitando a experiência conduziria a conclusões mais exatas.

9h 10' Escrever a Daubrée. 10 ½ Já para tomar a ducha tendo-me quase despido.

1h 20' Passeio do costume e flores. Lavigerie. Almoço com vontade. Bilhar com Aljezur e Pedro.

3h 5' Acabo de estar com Jourdan. Conversamos quase duas horas mormente sobre assuntos da nota que junto. Vou sair a passeio.

4h ½ Carro e a pé pela praia e volto de carro da Croisette. Havia vento, mas gostei. Sâncrito, Camões. Vou jantar. Interrompi a lição para falar aos Caserta que estiveram muito amáveis.

8h Bem. Joguei bilhar com Aljezur e espero ler às Motas Maias. Li agora um artigo do Brasil de 4. O Banimento de D. Pedro 2° que agradeço. Assina-o – Alfredo Pádua.

EXÍLIO - 28/03 a 27/04 de 1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Cannes, 28 de março 1891.

8h Espero as Motas Maias. Começarei este diário com um soneto à Ressurreição.

Como o deus-homem jaz na sepultura
Té amanhã dia de sua ressurreição,
Longe da pátria, eu julgo *[ilegível]*
E a pátria ver sonhando com a verdura
Creio que é purgatório que não *[ilegível]*
E onde tenho eu a purificação
[ilegível] o que não pode sempre a ambição
De quem *[ilegível]* da pátria *[ilegível]*
Do desterro *[ilegível]* e no ar
De mais *[ilegível]*

Cannes, 28 de março de 1891. 9h

Hino soltar se agora as choro ainda
Onde tristeza e em sensações contrárias
De pra pátria viver ou de morrer eu peno
11h 25' Vou deitar-me e ler Lavigerie até dormir.

29 de março de 1891 (domingo) – 6h 10' Não dormi como a noite passada. Fui à banca duas vezes. Ainda urinei agora. Vou acabar as notas do Compte-rendu mas depois de trocar com o telegrama de ontem à noite da Januária o meu de bons anos que não mandei ontem por ser tarde. Esta reserva é a de nosso predecessores. Todos os métodos empregados têm anos de existência e só se aperfeiçoaram com a assidua prática.

Posto que o novo seja particularmente simples e direto não se pensaria fizesse exceção à regra geral de um modo completo. Posto a discussão dos resultados não esteja terminada, pode o autor dizer que excedeu sua esperança.

1º O número de 20°,445 proposto por Strave aproxima-se muito da verdade. Seria prematuro modificá-lo. 2º Segundo a previsão de Fizeau os raios refletidos seguem relativamente à aberração a mesma lei. 3º O método novo pode-se considerar experimentado e definitivo. Escrevi à margem que esta nota pode servir para o meu compêndio de astronomia dos netos mais moços. Sobre o equilíbrio dos dielétricos fluidos a um campo elétrico.

Nota de Poincaré cuja leitura causou-me o prazer já sentido de reconhecer eu minha constante aptidão para as matemáticas. Seria curioso comparar esta forma diz o autor e transcreve-a, da equação de Helmholtz com experiências de Goimcke que se explicariam assim sem a intervenção das tensões que segundo Maxwell reinaram no sentido das linhas de força e das pressões perpendiculares a essas linhas. Estas experiências não poderíamos considerá-las como demonstração da existência real dessas linhas e pressões. Esta teoria é contudo incompleta porque existe talvez na separação de dois dielétricos diferença de potencial à que cumpriria atender.

Sobre as diferentes manifestações de fosforescência dos minerais sob a influência da luz e do calor. Memória de Henri Becquerel (extrato). São poucos numerosos os corpos, luminosos no fosforoscópio e fosforescentes pelo calor. Amostras de espató-fluor e de leucófama preencheram tais condições. O brilho geralmente muito fraco de suas fosforescências não permitiu empregar grande dispersão. As observações foram feitas com espectroscópio de um único prisma de frente. As posições das faixas luminosas referidas à escala do espectroscópio foram avaliadas em comprimento da onda, comparativamente às posições dos raios principais do espectro solar. Esse comprimento é de milionésimos de milímetro – Até onde chega a exatidão científica. Um dos corpos mais interessantes é uma variedade do espató-fluor chamada

clorofane. Girando os discos do espectroscópio com velocidades progressivamente crescentes estará essa substância envolta [ilegível] de cores diferentes: primeiramente azul esverdeada com a rotação muito lenta, depois amarelo alaranjado e enfim verde-claro com rotação rápida dos discos do espectroscópio. Estas cores correspondem à aparição no espectro de emissão de faixas luminosas de refrangibilidade diferentes e para as quais tem o corpo durações de persistência desiguais. Movimento muito lento faz ver claro contínuo verde e azul cujos comprimentos de onda são de cerca de 543 e 478 o maximum entre $2=531$ e $x = 497$.

Em movimento muito rápido vêm-se todas as faixas inscritas no quadro, depois se expandem e percebe-se também claro muito fraco de 542 a 510 onde é subitamente limitado. Os efeitos no fosforoscópio são os mesmos quando o cristal é natural ou previamente calcinado e não é mais fosforescente pelo calor. O cristal calcinado ficará inativo, mas a iluminação pela fásca fã-lo de novo fosforescente pelo calor. Elevada a temperatura fica mais azul do que quando se aquece cristal natural e emite com viva intensidade a luz verde 530 a 478, bem como 448 a 480. Elevada a temperatura, o cristal fica amarelado e apresenta as diversas faixas mencionadas. Em lugar de aquecê-lo imediatamente depois da ação de fásca podem-se esperar diversos dias e o efeito é o mesmo. A faculdade de ser fosforescente foi a esta restituída de modo permanente.

8h 10' Vestir. 8 ½ Despindo-me para a ducha. 11h Boa. Montenegro. Flores. Chego da festa que me agradou. A música foi bem cantada pelos alunos do Collège des Frères de Marie. O Glória é bonito e logo direi quem é. Vi a Margarida, o filho e a Obolska. Não encontrei a Caserta.

Recebi carta do Nioac de 16. Responderei logo. ½ Respondida.

O que [ilegível] se embora a um corpo particular a de Becquerel permite formular considerações de alcance mais geral. 1º no fosforoscópio reconhece-se como já tinha observado o pai dele que o mesmo corpo pode emitir muito espectros diferentes que se distinguem entre si pela persistência da emissão luminosa. O que já publicou permite concluir que os diversos espectros do mesmo corpo são devidos a presença neste de substâncias diferentes, ou compostos diferentes da mesma substância.

11h Almocei bem. Bilhar com Aljezur. O Pedro foi a Grace. 2º a luz da fásca elétrica perto dos corpos provoca a fosforescência como a luz solar e os espectros, de emissão, são os mesmos. Neste caso a duração da fosforescência é aumentada consideravelmente sem dúvida em razão da intensidade dos raios ativos e talvez da presença de irradiações muito refrangíveis. A fosforescência inicial é mais viva de modo que a claridade emitida pelo corpo que se extingue leva mais tempo a atingir o limite inferior de intensidade no qual a vista percebe ainda impressão luminosa. 3º Interrompi para falar até agora

2h 10' com Mr. Birgier que foi comissário ou diretor da última Exposição Universal de Paris e é membro proeminente da Câmara dos Deputados. Falamos sobre questões referentes à indústria, etc. Há de voltar cá e ficou de mandar tudo o que se tem publicado a respeito da exposição.

3º O calor faz os corpos perderem sob forma luminosa quantidade limitada de energia. Quando está esgotada os corpos não são mais fosforescentes pelo calor. Se for fásca elétrica ou exposição à luz restitue-se-lhes a energia precisa podem dá-la novamente quando aquecidos. A partir do momento da ação excitante da luz os corpos fosforescentes mantidos em temperatura constante emitem não perceptível no fim de tempo mais ou menos longo, variando de pequena fração de segundo em alguns dias, depois apaga-se o corpo. Se se eleva então a temperatura a grau que se mantém de novo constante o corpo torna-se luminoso, depois apaga-se, elevando ainda a temperatura até grau superior faz-se dar ao corpo nova quantidade de luz até esgotar a que a de que era capaz, assim para temperatura determinada há perda mais ou menos própria pela irradiação luminosa e por outro lado porção da energia fica no corpo em estado latente para ser mantida em temperatura superior.

Esta porção latente de energia parece ficar armazenada [sic] no corpo de modo permanente, se ele é mantido em temperatura igual ou inferior à temperatura considerada.

5h 50' Sermão em Bon Voyage creio que do bispo de Valence que declarou ser a última vez que prega agora em Cannes. Foi histórico falando triunfo da religião cristã e dizendo que S. Pedro esteve morto [sic] em Roma, o que é contestado com boas razões. Depois de carro até a praia, tarde belíssima, andando aí a pé até voltar à ponta Croisette pelo lado de dentro e de fora a tomar o carro na praça Du Masque de Fer e tendo chegado agora ao hotel. Que lindíssimo passeio! Passei na ida

por casa dos Casertas. Não estavam lá e deixei bonito ramo de boas-festas comprado no Salignac.

Aguardo o jantar com apetite.

A intensidade de cada faixa, quando a fosforescência é despertada pelo calor a intensidade de cada faixa depende da energia absorvida pela substância particular que produz a faixa e da rapidez com que a emite sob a influência dos movimentos vibratórios caloríficos que correspondem a uma dada temperatura.

6 $\frac{1}{4}$ Jantar. 7h $\frac{3}{4}$ Bem. Bilhar com o Pedro. Rabelais de que tenho saudades.

10h Levei a ler às Motas Maias e fiquei no fim da história da idade média.

10h $\frac{1}{4}$ Chá. Li o capítulo 1º do livro 4º da Imitação de Cristo. Foi creio a minha penitência da confissão de 5a fa. Poderia tê-lo lido mais cedo porém servia-me também de penitência esta declaração e breve terei lido todo o livro.

Mostrei há anos que o comprimento das irradiações caloríficas infra-rubras tinham importância capital nos fenômenos da extinção e que havia para cada substância máxima e mínima de ação no espectro, que entre certos limites de comprimentos de onda os movimentos vibratórios eram muito ativos para uma substância quando as irradiações de comprimento de onda vizinha eram sem ação. Como são máximas particulares a cada substância acontece que para um corpo complexo movimentos vibratórios de comprimentos de onda diferentes foram envoltos espectros de fosforescência em diferentes excitando cada substância particular. Assim se explica em temperaturas diferentes modo desigual da emissão fosforescente e a composição da luz emitida quando os corpos contenham elementos diversos, assim como a aparição sucessiva dos diversos espectros do mesmo corpo. Sua desapareição é devida à capacidade luminosa diferente de cada substância componente. A fosforescência pelo calor considerada até aqui fenômeno distinto entra na classe dos efeitos de fosforescência já estudados. Um fato merece particular é a conservação indefinida nos corpos de uma quantidade de energia absorvida e que emitem se aquecidos. Por que meio se mantém assim a energia sem perda sensível? É estado particular semelhante ao dos corpos imantados? A perda da energia será continuamente compensada?

O resto para amanhã. Vou deitar-me e ler Lavignerie até dormir. É meia-noite.

30 de março de 1891 (5a fa.) – 5h $\frac{1}{4}$ Sonhei bastante o que há meses não me acontecia. Levantei-me 4 vezes e agora fui à banca sem resultado, mas urinei, contudo sinto-me bem. Sobre método novo de determinar temperaturas e pressões críticas mormente as da água. Note de L. Cailletet e E. Colardeau. O manômetro usado cuja construção está quase completa e que está instalado nas melhores condições permitirá medir com grande exatidão pressões de até 4.000 atmosferas. Ainda falta verificação direta deste manômetro de hidrogênio pelo do ar livre da torre Eiffel.

Sobre fósseis achados em Gouberville por M. de Lapparent. Nota de Albert Gaudry. Apresentou ultimamente nota de ossadas de Gouberville do Halitherium fossile e do Dinotherium Cuviere. Entre as ossadas menos roladas que me tinham noticiado havia notado na Mancha. Depois dessa nota vi novas peças dos ossos bem reconhecíveis de Halitherium abundam. Um fragmento de molar de Mastodon angustidens confirma a indicação dada pelo Dinotherium, ao mesmo tempo que dentes muito gastos de Carchadon completam a semelhança do falum remexidos (remanil) com os do Anjou e da Rance.

Porém o muito interessante é molar pertencente ao Palveotherum magnum característico do gipso parisiense. Pedaçoes de calcáreo lacustre referidos primeiramente ao andar calcáreo da Beauce, mas que Vasseur supusera equivalente do gipso parisiense *[sic]*. Lapparent pensa que o dente do Palveotherum magnum viera desse calcáreo lacustre confirmando assim a opinião de Vasseur.

Efeito do frio nos peixes marítimos. Nota de A. F. Masson. Apresenta a lista das espécies e diz todos ficaram menos ativos e recusaram o pasto de anfípolos vivos que antes devoravam. Em dois dias de 8º morreram à exceção de um só grande e que resistira às mordeduras dos oblades e que só morreu mais tarde a 4º. Depois de alguns dias de brandura o frio tornou-se persistente e progressivo chegando com oscilações a 2º e a 9º em que parou a morte dos peixes. Todos resistiram ainda à exceção dos grielles. Na temperatura de 4 alguns nadavam desatinadamente e depois perdiam o equilíbrio de sua atitude habitual e chegavam com o ventre para o ar à superfície agitando-se lentamente um ou dois dias quando excitados, mostrando verdadeiras congestões nas órbitas e vizinhança dos ouvidos. Refere os peixes que foram atacados sucessivamente com mais ou menos resistência depois de 4 dias de 4º. Os mais resistentes das espécies morriam mais tarde na temperatura de 3º e 2º e os alevins de Sargus Rondeletti manifestaram mal estar e sucumbiram em 3 dias, ao mesmo que os peixes de espécies referidas. As condições favoráveis do mar não se mantêm nas lagunas e bocas do

Ródano nem na grande bacia salgada de Berre. É um pequeno mar interior de 15.000 hectares de superfície, mas cujo fundo nunca passa de 8 a 10m.

O salgado das águas varia conforme lugares e circunstâncias entre 0,5B e 2°,5 enquanto creio que o areômetro de Beaume no mesmo densímetro e temperatura no mar e afastado do laboratório de Marselha indica 4B. Quase todos os anos o frio mata ou estraga na bacia certa porção de peixes. O fenômeno chamam-no martegado. As enguias escaparam em parte ao frio nos lugares mais fundos. Para dar idéia do prejuízo que houve apresenta as quantidades de peixes das diferentes espécies que sofreram mais ou menos: Muges 148.670 kg etc. Reconheceu que só parte dos indivíduos dessas espécies sucumbiram com o frio nas partes costeiras pouco fundas, persistiam todavia em bom estado nas profundidades de 6 a 10m. As águas estavam ainda a 24 de fevereiro a um metro de profundidade a 5°. Contudo algumas espécies começavam seu movimento de entrada. As enguias apresentando-se embora por essas águas frias, os cardumes retrogradavam e algumas deixavam-se apanhar semi-mortas.

Para o prêmio Brodin – estudo dos fenômenos íntimos da fecundação das fanerógamas. Naudin também foi votado mas não fez parte da comissão. Análise matemática sobre a aplicação dos grupos de Lie por Autonne. Nota apresentada por Picard – Método gráfico para determinar os valores relativos da gravidade em diferentes lugares. Nota de Alphonse Berget apresentada por Lipmann. Registro das oscilações sem nada que possa embarçar a liberdade absoluta das oscilações. Eliminado pois o processo elétrico e recorre ao fotográfico. Em todo o caso diz Berget, o registro da origem e fim da experiência faz-se facilmente e com precisão. Propõe fazer oscilar o pêndulo no vácuo e a zero. Suprime assim os erros provenientes da resistência do ar e variação da densidade deste – grau de complexidade das moléculas gasosas.

Nota de Marcel Brilloum apresentada por Mascart. Sobre as transformações que acompanharam a carburação do ferro pelo diamante. Estes ensaios definem as condições de incompatibilidade entre o ferro e o diamante o que é interessante para o estudo dos ferros meteóricos em que a presença do diamante foi indicada. O diamante enegrecido nessas experiências e outras análogas suja os dedos e o papel como a plumbagina (o lápis). Pelo ácido clorídrico cede ferro com desprendimento de hidrogênio, mas guarda ainda ferro, pois deixa depois da combustão no ar, vermelho pouco sombrio uma película avermelhada de peróxido de ferro na superfície do diamante, a qual dissolvida no ácido clorídrico fica o diamante incolor, mas sem ser polido. Resulta que o diamante não cimenta o ferro mas ao contato dele sofre primeiramente transformação molecular que o torna apto à cimentação.

2° Que a difusão do carbono no ferro tem por corolário difusão do ferro no diamante transformado. Estudou-lhe o resfriamento com o par (couple) de le Chatelier. Entre 1200° e 600 o resfriamento no hidrogênio não mostrou desprendimento nem absorção anormal de calor. Talvez não suceda o mesmo com todas as variedades de carbono. O resfriamento do grafite dos cadinhos parece apresenta pouca demora entre 750° e 685° e o de um carvão de açúcar uma demora mais sensível no mesmo intervalo. Mas estas demoras aproximam-se demais do limite dos erros possíveis para serem duvidosas. Se os refiro é por aproximar-se muito a temperatura de 755°-685° da recalcência dos aços, o que não é talvez coincidência fortuita sobre a formação das lacas.

Nota de Leo Vignon. Indagações sobre a dispersão nos compostos orgânicos. Nota de Ph. Barbier e L. Roux apresentada por Friedel. Sobre as ptomainas. Nota de Oechster de Coninck. Em resumo as duas ptomainas cujo descobrimento comuniquei, dá a fórmula pertencem bem à série pirídica. Proximamente fará conhecer suas ações fisiológicas – influência exercida pelas matérias extractadas sobre o título alcoólico real dos espíritos. Nota de Ch. Blarez. Da toxicidade dos produtos solúveis das culturas tuberculosas.

Nota de T. Héricourt e Ch. Bichet apresentada por Vaneuil. A dose tóxica é muito vizinha de 0,25 dezoito vezes mais fraca do que nos coelhos não tuberculosos. A explicação destes resultado notáveis é o evidentemente difícil. Darboux apresenta a Revue bourguignonne de l'enseignement superieur e diz: as professora das faculdades e da Escola de Medicina e de Farmácia de Dijon fizeram o mesmo. Assinala particularmente um artigo de Meray “Sobre a teoria dos radicais”. Vou mandar buscar porque a inteligência para as matemáticas revelou-se-me agora de modo notável. J. P. Muzier manda a memória intitulada “A terra: sua formação e a de seus entes”.

9h 50' Fui à missa e agora dispo-me para a ducha. 20h 25' Boa, flores que darei à Isabel ao chegar. Passeio do costume. Ninguém dos conhecidos encontrei. Escrevi no Tite Live de Taine – Para o Luís. Seu avô Pedro. Cannes 30 de março de

1891. Leia-o com atenção para conversarmos a respeito dele – no livro *Les quatres grands historiens latins* de D. Nisard – para o Pedro e o mesmo. $\frac{3}{4}$ Almoço.

12h 20' Bem. Joguei bilhar com o Aljezur, li *Lavigerie* e fui à estação onde encontrei a Salignac e a Bois Brunnet com quem conversei. Isabel chegou e do ramo que lhe dei – o do meu passeio depois da ducha, tirei flores que dei à Tostinha dizendo que assim como vinham do ramo da Isabel da amizade desta a ela provinha a que eu lhe consagrava. Achei o Antônio ainda abatido, o Luís rebolante e o Pedro bem. Acompanhei-os todos a seus aposentos onde dei os livros a Pedro e a Luís e prometi o que procuro para o Antônio. Vou a *Lavigerie*.

3h $\frac{1}{4}$ Tem me interessado muito. Estou para sair para a *Matinée populaire* da Thenard no teatro.

6h 20' Gostei muito. Chamam para jantar. Junto o programa com as minhas notas. Quase bem. Jantei com apetite. Bilhar com o Luís que me ganhou duas partidas. Música de tirolenses. Isabel e os netinhos mais velhos assistiram. Retiraram-se e eu também.guardo as *Motas Maias*.

9 $\frac{1}{2}$ Li ficando na época do descobrimento da América.

10 $\frac{1}{4}$ Leitura de Seibold e tomei chá. Quando estive ouvindo os tirolezes falou-me o professor de Oxford conhecido de Seibold que me há de fazer vir ao hotel o Oppert membro da casa dos comuns que se ocupa de legislação. Vou deitar-me e ler *Lavigerie* até dormir.

31 de março de 1891 (3a fa.) – 6h 35' Comecei a dormir às 11h. Levantei-me 4 vezes indo uma delas à banca, mas sem resultado. Há pouco ao levantar-me para vir começar a ler aqui urinei bastante.

8h 10' Vejo agora em cima da mesa tendo largado por um pouco *Lavigerie*, que se me interessa tanto em livro como não me interessará pessoalmente, a nota de uma missa cantada que ouvi é de Batmann para 3 vezes e *Agnus Dei* de Litg. Volto a *Lavigerie*.

9h 5' Li bastante e visto-me. 10h 20' Estou na casa da ducha, mas antes de tudo deve falar do grande prazer que me causou o *Compte-rendu* chegado antes de terminar a leitura do *Lavigerie*. A idéia de *Detarller* de empregar o desvio do pêndulo livre pela rotação da terra como força motriz já a tinha eu tido e vou escrevê-lo a Daubrée.

1h 6' Almocei bem. Comecei a escrever a Daubrée e acabo de estar com o professor de Oxford conhecido do Seibold e o membro da casa dos comuns Henneker Heaton grande proprietário da Austrália. Prometeu-me publicações relativas a essa região.

Ouvi a Pedro seu escrito sobre Cannes. Não está mau. Acabo de escrever a Daubrée. *Lavigerie*.

2h 7' Vou falar à Isabel.

2 $\frac{3}{4}$ *Lavigerie*. Café e vou sair.

5h 40' Volto da casa da Czartoryska. Tocou a Pulcinska como sempre e a Obolska recitou versos seus. Pedi-lhos para traduzi-los. Estava a cunhada que parece como lhe disse com o pai Adam, o que não sucede com o irmão. Esteve lá de visita um pregador que ouvi aqui e agradou-me. Monsenhor.

6 $\frac{1}{4}$ Só tive tempo para os *Lusíadas*. Jantar 9 $\frac{3}{4}$ Bem. Joguei bilhar com o Luís que vai jogando muito bem. Interroguei meus netinhos menos Antônio que se recolheu, sobre seus estudos bem como os filhos de Mota Maia e o Luís respondeu muito bem.

Depois li às *Motas Maias* mais tempo porque Seibold foi jantar fora e agora vou tomar chá. Interrompi a leitura às meninas para falar ao rabi Mossé de Avinhão. Deu-me muitas informações sobre a língua hebraica e prometeu-me publicações.

Tomei chá e vou deitar-me lendo até dormir.

1 de abril de 1891 (4a fa.) – 5h 50' Já comecei a responder a Daubrée. Vou acabar o *Compte-rendu* de 23 do passado. Acabada e concluída a carta. *Lavigerie*. Escrevi à Amelot mas não sei o endereço qual deva ser. Vou lavar-me e sair para a ducha.

11h 45' Boa. Flores onde encontrei a amiga da Mercié [*sic*] e que disse terem estado a ambas doentes e que ia à festa da Lavallée a que eu vou logo. Por ser tarde não dei o passeio do costume. Já dei o meu ramo à Isabel. Os três netinhos tinham almoçar com a Margarida. Os mais velhos já me viram no meu quarto, estando eu ainda de chambre.

Encontrei na flores o Filipe e a mulher. Vou almoçar.

1h Bem. Bilhar com Aljezur e vou ao Compte-rendu. Ducharte presidente anuncia a morte de Cahours e diz: “Je ne saurais... faire ressortir comme il conviendrait toute l'importance des travaux dont M. Cahours a doté la chimie et la physique... la grande valeur... avait été déjà reconnue et proclamée dès 1858 par l'Académie lorsqu'elle l'appela a remplacer Dumas qui venait d'être élu par elle Secrétaire perpétuel – Action de la chaleur sur l'oxyde de carbon par Berthelot. Il subsiste jusqu'aux températures les plus élevées, sensiblement identique à celle de l'azote jusque vers 7000°, d'après des expériences sur les mélanges gazeux explosifs. Cependant il y a des indices de décomposition avec production de traces de charbon et d'acide carbonique à des températures beaucoup plus basses telles que le rouge vif d'après H. Sainte Claire Deville et même le rouge sombre suivant d'anciennes observations de Berthelot”.

2h 10' Estive com o pintor Dagnan Bouveret. É artista que tem exposto. Creio que havê-lo visto [*sic*] pela primeira vez em St. Raphael na casa do Alp. Karr. Conversei bastante com ele sobre assuntos artísticos principalmente em relação à França.

5h 40' Volto da reunião na villa-Lavalley. Falarei dela depois.

6h ¼ Só Camões para adiantar o jantar.

9h 10' Com apetite. Bilhar com Luís. Li o livro às Motas Maias.

2 de abril de 1891 (5a fa.) – 6h 10' Dormi embora me levantasse 4 vezes indo à banca uma e há pouco ainda urinei. Desde 4 ½ que leio Lavigerie. Continuo o trabalho de Berthelot. Mas é difícil compreender como semelhante dissociação já sensível cerca da temperatura de 6000 a 7000° em lugar de crescer rapidamente com a temperatura, conforme a ordem geral dessa espécie de fenômenos, ficaria sempre excessivamente fraca até cerca de 3000 ou 4000°. Carbono em dissociação suposta completa em temperatura relativamente pouco elevada deve aumentar ainda as dúvidas se nos lembramos que o carvão não é o verdadeiro carbono, mas só polímero mais ou menos elevado deste elemento, assim como mostrei eu (Berthelot), também o carvão nunca aparece como produto direto das decomposições feitas em temperatura baixa. São questões importantes para a termodinâmica da química. O gás submetido a temperaturas mais ou menos abaixadas, chega a um ponto em que o ácido carbônico a manifestar-se precisamente como em temperatura mais alta, mas sem vestígios de carvão. O fenômeno é muito mais sensível em tubos de vidro secados rigorosamente, enchidos de óxido de carbono inteiramente puro selados com a lâmpada mantidos depois durante uma ou duas horas em vizinha de 500° a 550° vizinha do amolecimento do vidro... Nestas condições obtive constantemente ácido carbônico, fraca dose, mas idêntica ou pelo menos comparável à obtida fazendo passar muito lentamente o óxido de carbono por tubos aquecidos até o vermelho. Sob este ponto de vista a reação; repito-o, é a mesma a proporção do óxido de carbono decomposto, pouco variando, ou cerca de 500° ou no rubro vivo. No rubro vivo ou no moderado deposita-se perto dos extremos dos tubos dois anéis de carvão muito visíveis, enquanto cerca de 500 a 550° com dose comparável de ácido carbônico formado não se pode observar a menor quantidade de carvão. Circunstância fundamentalmente excluindo a idéia da dissociação direta do óxido de carbono. É pelo mesmo mecanismo que o ácido carbônico forma-se à custa do óxido carbônico pela ação do eflúvio, ação comparável a muitos respeito à do calor de que se distingue sobretudo pela duração excessivamente curta. Ora o eflúvio condensa muitas moléculas de óxido de carbono dando lugar a ácido carbônico e a sub-óxidos. O aparecimento não deixa por sua forma quanto ao mecanismo da decomposição. Não é simples mas precedida de polimerização, o produto condensado separando-se em ácido carbônico e sub-óxidos. Entre estes compostos concebe-se aliás a existência de uma dissociação complexa em que intervém o óxido de carbono e que limita a transformação. O mecanismo desta transformação singular entraria desde então nas leis das polimerizações [*sic*] e decomposições pirogênicas dos carburetos de hidrogênio.

Vou ler um pouco da obra A history of our own times de Justin Mc Carthy por causa de minha visita à Rainha Vitória.

8h 55' Percorri toda a obra e li o que pude para quando estiver com a rainha. Vou me vestir.

2h 50' Grace hotel onde Mitrass Newall cedeu-me suas salas. Tomei nota da obra de Paul Bert Première année de Connaissances Scientifiques, Paris Armand Colin et Cie.

6h 10' Chego de volta depois de ter ido à Rainha Vitória que achei bem conservada e em companhia de Luísa de Lorne e Beatriz Batenberg. Tomei café e fui muito amável a Lorne deu-me notícias de meus conhecidos de Londres, Owen, Hooker, Newton, Tyndall e outros ainda vivem, o pai do Lorne, Devonshire morreu mas vive o filho Hartington. Mais direi quando me

lembrar. Voltei à casa onde primeiro estive e ainda tomei café. Na ida e vinda adiantei bastante a leitura de Montenegro, breve acabarei.

Compte-rendu. P.A. Sobre uma reação do óxido de carbono por Berthelot. Fornece uma aproximação entre o óxido de carbono e os aldeídos compostos incompletos da mesma ordem a certos respeitois.

25' Jantar. 10h Bem. Biliar com o Luís e deste com o Pedro. Inhoan. Leitura às Motas Maias. Ainda esta que conversava com a Tosta. Leitura de Seibold e chá. Vou ainda ao Compte-rendu. Sobre o cheiro da terra por Berthelot e G. André. Conhece-se o cheiro da terra vegetal recentemente molhada. O princípio essencial residem em composto orgânico neutro da família aromática e que é elevado pelo vapor d'água a modo de corpos de muito fraca tensão. Cheiro penetrante quase picante análogo ao das matérias canforadas, embora distinto do das numerosas conhecidas. Quanto à sua proporção avizinha-se de milionésimos. Este novo princípio não é ácido, álcali nem mesmo aldeído normal, suas soluções concentradas precipitam pelo carbonato de potassa com produção do anel resinoso. Aquecidas com potassa desenvolvem cheiro acre análogo à resina do aldeído. Não reduzem o nitrato de prata amoniacal. Enfim produzem nas condições conhecidas, isto é, pelo emprego de potassa e do iodo abundante formação de iodoforme, propriedade comum aliás a numerosas substâncias. Contudo não encontraram nos produtos voláteis da terra vegetal nem fosforal, nem acetona, nem álcool ordinário, mostrando por Milus em certas terras onde sua existência é aliás fácil de explicar. Mas não parece ela constituir fato geral. O cheiro exalta-se no produto volátil sem contudo desaparecer no residuo não evaporado, o que atesta a tensão fraca do produto assimilável sob tal relação a cânfora ou ao mentol. Os 20° foram reduzidos por duas novas destilações a 1 e o cheiro exalta-se cada vez mais. Ajuntou-se carbonato de potassa puro e cristalizado. O líquido turvou-se logo e foram precisas horas para clarear, formando-se na superfície anel resinoso quase insensível representando quando muito a 2 centig. de matéria que não conseguiram identificar a princípio conhecido, mas reações descritas acima permitem ao menos assinar seu caráter gera.

São 11h. Deitar e ainda lerei na cama até dormir.

13 de abril de 1891 (6a fa.) – 5 ½ Dormi bem depois de ler Lavigerie. Vou ao Compte-rendu. Contribuição à biologia das plantas parasitas por Chatin. Depois de se referir o fato da não elaboração da seiva pelas parasitas privadas de matéria verde de Candolle explica-o pela ausência de estomas e vasos espirais. Quanto a traquéias se faltam em duas acham-se mesmo bastante desenroláveis em muitas outras. Note-se que os vasos curtos e simplesmente pontuados ou riscados. No chupadouro e caule das parasitas alongam-se e passam a traquéia nas escamas das mesmas espécies. – A posição para aproveitar a luz da janela é incômoda e continuarei logo.

6 ½ Li Lavigerie e continuo.

“Pode-se considerar como prova da não elaboração pelos parasitas o visgo mais rico de tanino e dotado, diziam, de mais virtudes medicinais que as outras árvores e sobretudo a presença de estriquinina das lorantas do Stricnos Nox-vomica. Ver-se-á o que valem estas repetidas provas. A opinião de não elaborarem a seiva tirada de suas alimentadoras não resiste a esta consideração, elas formam por si os tecidos o esqueleto de todos os seus órgãos cujos alimentos não puderam chegar-lhes senão dissolvidos. Acrescento que o visgo, qualquer que seja sua origem, não contém o tanino azul do carvalho e só o tanino verde. Posso afirmar que o Loranteos do Strychnos não contém vestígio de estriquinina, nem brucina. O extrato da planta não tinha nenhuma ação tóxica nos pequenos pássaros ou nos ratinhos. Resultados análogos nas Balunófora que desenvolvidos sobre a Corichona Calisaya não continham nenhum dos alcalóides da quinina. Cita outros exemplos. A fécula abunda no parênquima e às vezes nas fibras de pau de grande número de parasitas. Esta abundância faz de tais parasitas alimentação de certas regiões. Líquidos de diversas cores que faltam nas plantas alimentadoras estão contidos nas células epidérmicas e às vezes no parênquima de diversas que cita somente por serem espécies muito espalhadas. Certas parasitas que chamam polyphytos e pluricoles têm relativamente certa independência na escolha das plantas alimentadoras. De Candolle viu fixar-se pela queda de uma carroçada perto da porta de um jardim botânico em Vevey o cuscuta epythyman sobre as plantas de trinta famílias diferentes.

Em resumo as espécies parasitas carecem de alimento já elaborado e especial mas que elas procedem a nova elaboração complementar. – “E eu direi, não há pois parasitismo inteiro. Tudo se auxilia mais ou menos na natureza e nos aconselha a reciprocidade”. Este poder de elaboração será tanto mais ativo sobretudo nas parasitas afilas e afizes (sem folhas e sem

raízes) quanto como verifiquei em plantas que privadas de funções clorofilianas são reduzidas como colunais à faculdade de formar o ácido carbônico à custa de seu próprio carbono tirando inteiramente da seiva das espécies alimentadoras. A ação das afillas sobre a atmosfera não difere de das flores bem conhecida desde Teodoro de Saussure, verdadeiras parasitas fisiologicamente falando o que atraem para formarem as cores as mais brilhantes e os aromas os mais diversos a seiva dos ramos folhados que as carregam. Sobre o poder glicolítico do sangue no homem por Lepine e Barral. Esse poder é a perda % de açúcar no sangue mantido uma hora em banho-maria de 38°-39° C. Dá os números. Casos todos patológicos mas comparando com os resultados obtidos anteriormente em relação ao cão e outros números precedentes sobretudo de doentes urêmicos e de obesos que não gozavam certamente de poder glicolítico normal pode-se dizer que no homem isto é consideravelmente superior a 25. Cai muito baixo diabéticos às vezes abaixo de 2. Nota-se que a perda absoluta é muito fraca na maior parte deles. Fato tanto mais importante que proporção grande de açúcar para a mesma quantidade de fermento é condição favorável ao aumento da perda absoluta como demonstram experiências de que falaremos ainda. Prêmio Dr. Gama Machado – admira que ainda existe. Esse homem era um maluco por pássaros cujos hábitos estudava publicando obras curiosas embora de maluco. J. Paraire. Dirige nota sobre o máximo efeito da máquina de vapor. Escrevi a Daubrée para informar-me. Observações do planeta Millosevich (300) em Paris. É de grandeza de 128-13 – Sobre a teoria das superfícies aplicáveis. Extrato da carta de J. Weingarten a Darboux – Deformações que apresenta depois da inibição um sistema formado pela sobreposição de duas lâminas higroscópicas, delgadas e homogêneas de propriedades diferentes. Nota de Vershaleft – Sobre a ação do ácido iodídrico sobre o clorureto de sifcuim. Nota de A. Besson apresentada por Troost – Transformação de pirofosfite de soda em fosfite. Nota de L. Amat apresentada por Troost – Sobre a desagregação pela água de sais neutros de amoníaco da série graxa. Nota de Albert Collen. Novas combinações da piridina (interessou-me a nota por ter a piridina uma ptomaína). Nota de Raoul Varet sobre a teoria dos fenômenos de tintura. Nota de Leo Vignon. Mostrei, diz ele, que pelo método termoquímico as fibras têxteis animais tingindo-se facilmente possuem funções básicas ou ácidas enquanto as fibras vegetais com pouca aptidão para a tintura manifestam funções químicas muito fracas e notavelmente nenhuma função básica. Método para registrar simultaneamente a onda elétrica de *[ilegível]* e a retração muscular resultante por d'Arsonval. É muito engenhoso como todos os seus aparelhos. Da ação do ácido fênico sobre os animais. Nota de Simon Duplay e Maurice Caron apresentada por Milne Edwards. Efeitos tóxicos com doses relativamente muito elevadas que se realizavam em animais pequenos empregando diluições da linfa de Koch em solução fenicada de 5%. Esses acidentes provinham pois somente do ácido fênico, e nunca se reproduziram com a linfa dissolvida em água fervida. Comparando os números vê-se que o ácido fênico age em proporções muito desiguais nas diferentes espécies de animais e que o ratinho é muito mais sensível que o rato, o porquinho da índia, o coelho e o cão. Observações actinométricas feitas no Observatório da Academia Petrowsky perto de Moscou. Nota R. Colley, N. Michkine e Karine apresentada por Crova que fez observações sobre ela. Pode-se concluir pela comparação que a transparência atmosférica foi no intervalo de 1 de junho a 21 de julho maior em Moscou do que em Montpellier. Aproximando estes resultados dos obtidos em Kieff durante o inverno e que dão apesar da menor altura do sol aí resultados mais elevados que em Montpellier na mesma época podemos concluir que a situação continental das duas estações russas dá à sua atmosfera transparência calorífica maior do que a Montpellier cuja situação mais *[ilegível]* e à borda do mar aumenta a massa dos vapores absorventes de sua atmosfera. J. Dettwiller dirige nota relativa a utilizar o desvio do movimento do pêndulo como força motriz. Há muito que tive tal idéia e assim escrevi-o a Daubrée. Déclat – Dirige nota tendente a estabelecer que foi primeiro a fazer injeções isotérmicas na tuberculose. As primeiras injeções de ácido fênico. 2 ½ Ano científico de Figuiet, mandei vir. Carta de Daubrée de 2 em resposta àquela em que lhe falo da nota de Dettwiller sobre a utilização para movimento do desvio do pêndulo pela rotação da terra, e diz-me: “La lettre que Votre Majesté a daigné m'écrire à la date du 28 Mars me donne une nouvelle preuve de son activité d'esprit dont je profite avec empressement et grand plaisir”. Vou acabar de vestir-me.

10h 20' Quase meio-dia. Boa ducha. Montenegro. Comprei flores que já dei à Isabel que por ter tomado ficou em casa, e por ser tarde só cheguei a pé até onde se avista a Esterel. Almoço. 1h 25' Bem. Joguei bilhar com o Aljezur. Estive com a Isabel que não pode até logo receber longas visitas, e li o jornal de 8 março artigo do Taunay que não está mau.

2h 50' Lavigerie. Vou sair.

5 ¾ Volta da reunião no hotel Príncipe de Gales para que convidou o professor Felbermann. Falarei logo dela.

6h 25' Termina o 1º volume da tradução dos Lusíadas por Burton.

9h 50' Jantei com vontade. Estive com a Isabel conversando. Li às Motas Maias. Ouvi Seibold ler. Tinha sono e vim para meu quarto. Daqui tomo chá, lendo entretanto Lavigerie.

4 de abril de 1891 (sábado) – 5h Dormi bem tendo-me levantado 3 vezes. Agora fui à banca por pouco e urinei. Vou responder a Daubrée.

7h ½ Espraiei-me. Creio que ele há de gostar da carta.

9h 35' Revi com data de 2 manda-me de Londres um artigo do *The Rio News* de 18 de março. Durante a última quinzena de fevereiro registraram-se companhias cujo capital monta 616.566,900\$. Vou-me

1h ¾ Vestir. Bucha [*sic*] boa e Montenegro. Flores e passeio do costume. Entreguei-as à Isabel. Li Lavigerie. Almoço bem. Casertas com os filhos. Estiveram fora e creio que amanhã a verei nas flores. Joguei bilhar com o Pedro. Acabo de estar com William Henry Bishop literato dos Estados Unidos e conversei bastante com ele sobre este país e as cousas do Brasil manifestando-lhe minhas opiniões conforme constam deste diário.

5h 20' Acabo de chegar da última reunião em casa da Mercier. Vou ao Seibold. De noite falarei tudo o que me agradou em casa da Mercier.

6h 20' Sânscrito, Camões 2º volume. Jantar.

10h 10' Bem. Bilhar com o Pedro. Apareceu a Inhoan. Desci ao salão com Aljezur e os netinhos. Junto o programa. Assisti só à primeira parte e retirei-me. Forte maçada! Despedi-me da Isabel e da Inhoan. Li às Motas Maias, ouvi o Seibold, e li um pouco deste depois de tomar chá e daqui a pouco para ler até dormir. A reunião da Mercier esteve muito boa. Pulcinska, Barda, tocaram muito bem sobretudo esta. A Thenard recitou como sempre. Esteve o Planchut. A amiga da Mercier esteve muito amável e espero encontrá-la amanhã nas flores. Tomei café. Mais direi talvez amanhã. Vou para a cama.

5 de abril de 1891 (domingo) – Dormi às 11 ½ tendo lido Lavigerie. Levantei-me 4 vezes e agora fui à banca sem resultado e ainda urinei. Vou acabar o livro sobre Lavigerie e continuar obra do Renan. Tempo enevoado.

8h 35' Terminei Lavigerie. Muito me interessou e tomei nota das obras citadas e que não conheço para mandar vir embora vá atravancando o quarto.

10h 40' Li o artigo de Salignac a meu respeito e cortei louvores. Boa ducha. Flores que já entreguei à Isabel e vou ao bilhar.

3h Li. Estive com Mme. Salignac e o artigo parece-me que sairá bom. Pedi-lhe que me disse [*sic*] em quanto andaria a impressão em Antibes de número suficientes de exemplares. Tomei café e vou sair.

5h 50' Bom passeio de carro e a pé até avistar os picos de Mouion-Veiou. Gostei muito.

6 ¼ Li Renan e o significado de nomes na literatura de Lavigerie mas a resposta às minhas perguntas ao Seibold não me satisfaz. Vou jantar.

11h Bem. Imitação de Cristo à Isabel. As leituras do costume, tendo tomado chá. Vim para o quarto. Acabei as notas a lápis ao livro sobre Lavigerie. Vou deitar-me e ler até dormir o *Journal des Savants*.

6 de abril de 1891 (2a fa.) – 5h Não tenho sono, embora só começasse a dormir às 12 ¼. Vou ao Renan. Já o deixei a custo, pois é dos melhores se não o melhor que ele escreveu. *Journal des Savants*. Mas li no *Monde* de 4 um muito interessante sobre o “Congrès Scientifique international des Catholiques”. “La science n’est dangereuse pour la foi que lorsqu’elle est une fausse science. M. de Lapparent diz que 4 millions d’années de ce seul travail (a erosão) suffiraient pour amener la morte de notre planete – Le Comte de Chareney, dit un memoire sur les emprunts faits par la basque aux idiomes celtiques, germaniques et grecs. L’abbé Casartelli lecture d’une étude qui tend à montrer que les oiseaux mythiques des Vedas ont un rapport commun de noms et d’attributions. Lapparent relativamente à la marche de l’érosion au calcul de la durée des périodes géologiques – Dans sa séance d’hier le congrès de la carte du siècle a abordé les questions de la durée et du nombre de poses à adopter pour la photographie, pour l’orientation des plaques et la fixation du nombre des étoiles fondamentales pour chacune des plaques. Demain conclusions de la commission pour examiner les resultats photographiques obtenus dans les divers observatoires – Congrès international des mineurs. Il estime qu’une grève generale

s'empose pour conquérir la journée de 8 heures. Congrès, ouvert hier, de la réforme judiciaire dans une des salles de la mairie du Panthéon. La discussion fort peu mouvementé d'un rapport de A. Robert avocat sur la venalité des offices ministériels sera continuée aujourd'hui. Hier sous la présidence de Jean Macé congrès annuel de la ligne française de l'enseignement, 14 rue Jean Jacques Rousseau". Ontem inauguração do manômetro ao ar livre de 300 metros estabelecido na torre Eiffel por Cailletet do Instituto, em presença de muitas notabilidades científicas. O instrumento trabalho perfeitamente. Sessão da Academia de 30 de março. Ainda não recebi esse Compte-rendu. Bertrand dá conta de nota do general Vemikof relativa à uma área de fortes depressões observada em 1880 no Tibé por exploradores russos. Coluna barométrica de 771,7mm. O general pensa que há começo de indicação geodésica tendente a fazer supor solo de 50 metros abaixo do nível do mar. Mouchez anuncia a primeira sessão nesse dia da comissão internacional da carta do céu. Todos os observatórios exceto 2 representados. Três assistem à sessão da Academia. São Tachiné diretor do observatório de Palermo, Backhuysen do de Leyde e Ricco de de Casania.

A ordem do dia estava esgotada às 4h. Deve chegar talvez hoje o Compte-rendu. "Ao Estado de S. Paulo e ao país", Jornal do Comércio do Rio de 11 de março – "a palavra de presidente não é menos firme que a de rei – Protesto". É essa política que se vai substituir por uma outra em que a família paulista será infelizmente de novo dividida em perseguidores e perseguidos! – É profundamente lamentável que o pérfido pensamento de supitar a expansão do espírito paulista suspeito às vistas despóticas do centro se fizesse representar por um filho desta terra (Américo Brasiliense nomeado governador em lugar do Tibiriçá). O primeiro governador constitucional (depois da nova Constituição) não será pois o eleito mas o infeliz designado do Sr. Lucena! Em verdade não se pode infligir pena mais cruel do que essa que castiga com tamanha humilhação aqueles que tanto têm exaltado os seus próprios brios... O presidente da República inspirado nos seus ressentimentos pessoais e mal aconselhado por ministros sem patriotismo parece querer descambar para o crime. S. Paulo 9 de março, tendo assinado 16 entre os quais noto Prudente de Moraes que foi vencido por Deodoro na votação para Presidente da República, Campos Sales, Glicério, Moraes Barros (será o que foi meu ministro?) e Souza Mursa que penso ser o diretor da Fábrica de Ipanema. "Explicação necessária" assinada em S. Paulo a 9 por Campos Sales para melhor inteligência da mudança do governador Tibiriçá por Américo Brasiliense, causa do protesto de 9 de março.

Carta de Daubrée de Paris a 3 em resposta às minhas. 9h $\frac{3}{4}$ Respondi. Vou vestir-me. 10 $\frac{1}{4}$ Despindo-me para a ducha. 11 $\frac{3}{4}$ Boa. Mandei buscar as flores pelo carro e vim a pé pela praia na direção do hotel aonde cheguei no carro que me havia tomado. Dei as flores à Isabel. Li um pouco o Journal des Savants e acabo do almoço e torno à mesma leitura e vou sair para a estação. 12h $\frac{1}{2}$ Já no vagão $\frac{3}{4}$ Partida. 55' Passei pela estação e daqui a pouco parto, tendo comprado um livro.

5h 50' Chego de Mônaco ao nosso hotel. O Príncipe e a mulher Heine viúva do duque de Richilieu aguardam-me na estação foram muito amáveis e conosco no carro deles até o palácio. Mas tomaram-me tudo o que o tempo permitiu e muito conversei com o Príncipe à vista dos planos do novo yacht, onde aumentou muitos melhoramentos lembrando eu outros para segurança da navegação a vapor, por não preferir ele a eletricidade, ou o ar aquecido, direção lembrando-lhe o estudo desta só pela agulha, leme do melhor motor e a introdução de todos os aperfeiçoamentos que a ciência indicar para diminuir ainda o mais o máximo do erro da posição que já o é de menos de 200 metros. Ainda tenho muito que conversar com ele. Também falei da melhor maneira de ter e conservar água potável e víveres por meio de tijolos como na marinha francesa e refrigeração das carnes estando aliás o depósito das carnes longe do refrigeratório por meio do gelar da água pela evaporação da amônia com o abaixamento da pressão. Enfim falei de outros assuntos da mesma natureza. Hei de continuar talvez na 5ª feira que ele sabe vou ao concerto clássico oferecendo-me seu camarote.

Aguardo minha filha para jantar. Ainda não voltou do telégrafo. São quase 6 $\frac{1}{2}$.

10h 20' Jantei bem. Bilhar com o Luís. Li às Motas Maias. Li a cópia de minha fê de ofício, e amanhã ficará pronta. Ainda acrescentarei alguma cousa. Vou ver o que me lembra. Depois cama e Journal des Savants até dormir.

Quase 11, cama.

7 de abril de 1891 (3a fa.) – 5h 40' Li Journal des Savants até dormir. Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca por costume e apenas urinei pouco. Vou a Renan. 7h $\frac{1}{4}$ Custou-me deixá-lo. Este livro é um dos melhores que ele escreveu.

8h 10' Aumentei a fê de ofício.

9h $\frac{1}{4}$ Continuo o Journal des Savants. Carta do Rebouças de 2 de Lisboa agradecendo minha fotografia e mandando-me artigos da Revista de Engenharia durante o ano de 1890. Sua leitura comoveu-me. É digno filho de seu pai.

Ouçõ tiro de peça no mar. 9h 50' Journal des Savants e já estou meio vestido e vou acabar para sair.

2h 20' Boa ducha. Tomei as flores de carro por causa do tempo. Deixei-as sobre a mesa da Isabel. Li, escrevi nota para a minha fê de ofício, depois de jogar bilhar com o Aljezur. Almocei bem. Bilhar. Estive com os Penedos. Chegou minha filha de Nice. Veio a Salignac. Deu-me notas dos jornais que já li. E o que pedem pela impressão de 100 ex. em Antibes. Convém que fosse mesmo no fim do diário. Depois talvez seja escrito no diário de Cannes cuja editora é mãe do Guy de Maussant *[sic]* que talvez possa escrever artigo a tal respeito.

2h 37' Planchut e Rivoire estiveram comigo e soube que Nina Birt a cantora que tanto me agradou e viera para Isabel ouvi-la esteve aí. Ninguém mo disse e a Isabel não tem até retirar-se de Cannes nenhum momento para ouvi-la. Pedi a Planchut e a Rivoire que dissessem à Birt quanto eu sentia o que sucedeu e me priva de admirar seu canto pela segunda vez.

2h 50' Vou sair. 6 $\frac{1}{4}$ Volto da reunião em casa da Czartoryska onde tocou muito bem um pianista Olonne filho da Condessa Olonne viúva de um militar. Falarei logo do que lá houve.

Achei cartas – de Rebouças de Lisboa 4 com artigo de jornal – de l'abbé Marchal creio que pedindo para seu asilo – do Estrela de Paris 6 – Carta de Glaziou de 26 de fevereiro pedindo o pagamento dos vencimentos atrasados.

8h 25' Jantei bem. Bilhar com Luís Rabelais e agora leitura às meninas. 10h $\frac{1}{4}$ Leitura de Seibold. Tomei chá. Tenho sono e pouco lerei deitado antes de dormir.

8 de abril de 1891 (4a fa.) – 4h 50' Não tinha sono. Levantei-me 5 vezes e fui à banca sem grande resultado mas urinando ainda. Vou continuar minha fê de ofício.

9h $\frac{3}{4}$ Li também o folheto que William Grossiliste mandou-me de Paris a 3 – G. A. Hirn 1815-1890, creio que por causa de que se lê a pg. 24 em relação à obra Constitution de l'Espace Celeste que Hirn me dedicou. Vou folhear o Compte-rendu de 31 de março. Nada vejo sobre o que escrevi a Daubrêe a respeito da utilização como força motriz do desvio do plano de oscilação do pêndulo pela rotação da terra de que tive idéia antes de Dettwiller.

11 $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Belo dia. Flores que já entreguei à Isabel. Passeio do costume. Almoço. 4h 50' Li Renan. Fui receber Gaston que chegou bem. Trouxe Isabel ao hotel com a Tosta e o Pedrinho. Acabei as cartas aos acadêmicos de maior simpatia minha mostrando prazer pela justa admissão de Liégeard na Academia francesa. Saí com a Isabel e Pedrinho para tirar o grupo no Numa Blanc vendo as novas fotografias ele tirou, agradando-me muito algumas. Depois passeio até perto do observatório dos Grands-Pins. Desci muito a pé e chego agora ao hotel indo vou *[sic]* ao Seibold.

6h Camões. 10h Jantei bem. Bilhar com o Luís e fomos ao prestidigitador que trabalhou muito bem. Junto o programa. Mota Maia não apareceu. Seibold está indisposto e também não tinha tempo para ouvi-lo. Acabo de tomar chá e vou ler até dormir deitando-me já na cama.

9 de abril de 1891 (5a fa.) – 5h $\frac{1}{4}$ Dormi. Levantando-me 3 vezes e urinando bastante agora. Os acadêmicos franceses a quem escrevi foram 18. Os outros li conheço-os pouco ou não os estimo tanto. Vou a Renan. Não me lembro do que vi interessante quanto ao hebraico em Rabelais onde li passagens interessantes sobre a idéia de um fonógrafo – as palavras gelavam e derretendo-se *[sic]* ouviam-se onde elas tinham chegado, e relativa à interrupção dos hieróglifos e sobre outro invento que ele parece ter antecipado. Hei de fazer coleção de todas estas passagens. Mas já divaguei demais graças a meu cura tão folgazão como instruído.

6h 50' Deixo o Renan a custo pois não conheço livro histórico de crítica melhor. Não trata de combater o dogma cristão. Vou ao Compte-rendu, que breve chegará outro.

9h 50' Acabei-o. Recebi carta de Quatrefages de 6 mandando-me um livro que tomara já receber. Já estou meio vestido.

11h 20' Boa ducha e vim tomar o carro andando junto à praia em sentido oposto. Entreguei as flores à Isabel que estava no corredor olhando para a escada e vou almoçar.

12 $\frac{1}{2}$ Bem. Desarranjo de barriga, mas creio que chegarei bem a Monte Carlo. 35' Parto. 1 $\frac{1}{2}$ Nice. Andei pela estação e $\frac{3}{4}$. Sigo 5 $\frac{1}{2}$. Já li no Les Mondes todos os artigos muito interessantes sobre o Congresso católico de ciências e letras.

5h 50' Cheguei. Recebi carta de Liégeard de 7 e acabo de responder-lhe dizendo o que fiz por sua candidatura.

10h 5' Jantei bem, mais cedo do que Gaston esperava e por isso só o vi depois assim como os netinhos. Joguei bilhar com o Aljezur. Vi a Inhoan. Li às Motas Maias e depois estando Seibold já bom ouvi a leitura dele. Vim tomar chá no quarto. Vou deitar-me ler alguma coisa até dormir.

10 de abril de 1891 (6a fa.) – 5 $\frac{3}{4}$ Dormi. 4 vezes levantei e agora ainda urinei bastante. Vou a Renan. Está já bastante claro embora o dia bem coberto. 7h 20' Custa-me largá-lo mas para descansar vou ler a obra do Sta. Anna Nery de que já li a parte mais oportuna.

9h 20' Chega o livro do Quatrefages. Corri as notas a lápis e agora vou lavar-me. 1h 10' Boa ducha. Montenegro. Carro trouxe-me o ramo que dei à Isabel e à Tosta. Passeio no sentido do hotel, saudando de longe a Caserta que ia de carro. Almocei bem. Joguei um pouco bilhar com o Luís e foi tudo para a estação onde apareceu muita gente e achei Montgomery e mulher que também foram para Paris. Fico muito e muito só, felizmente só até princípios de maio.

2h Escrevi a Quatrefages agradecendo-lhe a transcrição de minhas notas no livro dele dando-lhe explicação de algumas sobretudo para mostrar nosso acordo de opinião. Volto à obra de Sta. Anna Nery.

3h Vou sair a passeio. 5h Grands-Pins. Não subi ao observatório e desci a pé por onde de costume, entrando no carro que me trouxe ao portão do lado do hotel ao qual acabo de chegar. Muito enclismado aguardo Seibold. Começo no Petit Marseillais o artigo “Héros inconnus” velocidade 60 metros por segundo na experiência do tampon-para-choque.

6h 20' Sânscrito. Camões. Em caminho para casa disse que esperava que não fosse votado o tratado Bocayva [*sic*] e que sentia pela primeira vez ser brasileiro por não poder ser árbitro na questão, estimando que escolhessem o rei dos Belgas ou o Papa. Vou jantar.

7h 35' Bem. Joguei bilhar com Aljezur e os filhos de Mota Maia que vão já dormir no colégio vieram despedir-se. Animei-os a estudar sobretudo o Cláudio que pareceu-me não tão bom estudante como os outros.

10h Li às Motas Maias e creio que terminarei breve o livro cuja leitura muito me agrada embora a apreciação de certos pontos históricos reconhece-se ser influída pela qualidade sacerdotal do autor. Ouvi a leitura que parece-me terminará antes da minha partida aqui. Tomei chá e vou à obra do Sta. Anna Nery.

11 de abril de 1891 (sábado) – 5 $\frac{1}{2}$ Dormi depois de ler alguma coisa depois de ler até depois de 11h. Levantei-me só 3 vezes e agora ainda urinei. Vou a Renan.

7h 5' Continuo Santa Anna Nery. 9h 29' Carta de Daubrée de Paris de 8. Fala da utilização da força na cascata do Niágara. Promete enviar-me um boletim da carta celeste antes mesmo de publicado pois Levy prometeu-lhe uma prova da impressão e comunicar-me o que haja de interessante na nota de Dettwiller sobre a aplicação da força do desvio do pêndulo pela rotação da terra. Vai intimar Mme. Barandieran quando volte de Bruxelas para enviar-me sua fotografia, – “*sommation à laquelle obéira avec empressement à moins que sa photographie n'ait pas réussi cette fois encore, se beauté est singulièrement refractaire à l'oleil de la photographie, je lui en ai plus d'une fois temoigné mon regret*”.

Quase 40'. Não deve tardar telegrama de Isabel. 12h Boa ducha. Tudo o do costume. Li no Le Petit Marseillais de hoje interessante “*Causerie Scientifique. Le pont sur la Manche*”. Dá notícia do que se tem proposto e feito sobre tal assunto.

1h 5' Almocei bem. Bilhar com Aljezur – Sta. Anna Nery. 2h 55' Saio. 4 $\frac{1}{2}$ Conferência na Croix-rouge sobre o método de Lester. Fui depois a pé até Rumpelmeyer onde tomei café.

6h 25 Árabe e Camões. 8h Jantei com vontade. Bilhar com Aljezur. Vou a Rabelais.

9h $\frac{1}{2}$ Li às meninas e examinei a cópia de minha fé de ofício que ainda exige correções e acrescentamentos.

Agora ouvirei ler o Seibold. 12h Li quase todo o livro de Sta. Anna que foi até ponto benévolo para comigo. Hei de agradecer-lhe em Paris. Cama, que é tempo.

12 de abril de 1891 (domingo) – 5h 50' Dormi bem. 4 vezes e agora banca mas sem quase resultado e urinei. Vou a Sta. Anna Nery.

8h Acabei a leitura. Li no Figaro de 9 – *Le testament du Prince Napoléon*. Par dépêches. É curioso. Cito só isto “*Dans le cas où le gouvernement ne donnerait pas l'autorisation nécessaire (à être enterré – na – chapelle de St. Jérôme aux Invalides,*

une petite crypte en face la chapelle de St. Joseph à côté du tombeau de l'Empereur, un petit monument très simple y avait été préparé jadis) le prince demande à être enterré ao Golphe d'Ajaccio sur un rocher qu'on appelle les iles Sanguinaires et qui domine le baie. Une pyramide en granit y sarait édifíée. Son corps serait déposé dans un caveau creusé au milieu du rocher "afin d'y être battu par les flots à l'image, dit'il, de ma vie, qui fut si tourmentée".

9h Acabo de escrever a Daubrée em resposta à sua carta de 8 de Paris.

50' Já ouvi missa. As meninas cantaram ao som do harmonium. Despedindo-me para ducha, Montenegro.

11h 20' Flores. Passeio do costume. Há um fresquinho muito agradável. Escrevi à Isabel como o farei de vez em quando, sendo este diário o complemento. Dentro da carta vão 2 cravos, em branco e outro vermelho, para ela e a amiga Tosta. Renan.

Quase 12h. Vou almoçar. 35' Bem. Aljezur não almoçou comigo. Mota Maia não joga bilhar e foi ver creio que um doente e eu vou ao Rabelais que não é leitura que demande muita atenção.

1 ½ Vou ao Renan. Vou ler se no 2º volume de Rabelais há glossário. Li os artigos da Pátria de Pernambuco que não são senão justos para comigo e sobretudo para com a minha Santa. Vou sair. São 3h.

5 ½ Golphe Juan, passei a pé. Parece que lá estava o yacht da rainha Vitória. Depois Juan-les-Pins e praia de Antibes. Acabo de chegar e vou ver se aproveito um pouco o Seibold.

6h 20' Estudei árabe. Jantar. 7h 40' Bem. Bilhar com Aljezur. Rabelais.

8h 25' Espero as meninas. 10h 20' Depois ouvir o Seibold. Espero que sairei daqui tendo lido tudo que estou lendo. Vou ao Renan. Acabei a leitura com o salmo "Super flumina Babylonis". Hei de transcrever a elegia de Camões. Vou deitar-me e ler na cama até dormir.

13 de abril de 1891 (2a fa.) – 5h ½ 3 vezes e ainda agora. O que li antes de dormir foi o escrito de F. Plessis sobre Eugène Benoist e vou acabá-lo. 6h 35' Agora Renan. Transcreverei à margem do seu livro que tanto me tem deleitado a imitação de Camões do s. 137 e aqui as redondilhas que tanto quadram à minha posição atual onde as ocupações literárias tanto me consolam.

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo
Canta o preso docemente
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente
Eu qu'estas cousas senti
N'alma de mágoas, tão cheia,
Como dirá, respondi
Quem alheio está de si
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos enjeito
.....
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante

Esta vital fortaleza

Antes morra a tristeza

Que por abrandá-la cante.

9h Depois o resto. 10h Estive vendo a nova constituição. Vou lavar-me e vestir.

1h ½ Ducha boa. Flores. Passeio do costume. Concluí a leitura da nova Constituição que anotei. Almocei bem. Bilhar com Aljezur. Assinei num leque da mulher do Commendatore Prampolini Marchesi procuratore della Corte suprema di Cassazione de Florença – Palazzo Fiaschi Cuccoli via dei Servi nº 10, o meu nome, Cannes e a data de hoje sob esta frase em guarani que copiei do trabalho lingüístico que ofereci ao Colégio Stanislas. Cunumér ramo, eque emé enombré – Jeune homme comme, dors pas, instruistoi. (Guarani ou lunge générale des Indiens du Brésil).

4 ¾ Volta. Fui à Croisette. Estava muito pitoresca. Pouco andei. Aproveitei ir depois ao hotel Cespral visitar a Princesa Estefânia viúva do Rodolfo da Áustria. Felizmente tinha saído com a irmã casada com o Felipe de Coburgo ao chegar achei no carro a saírem a Margarida e a Obolska a quem falei. Vou a Seibold.

6h 20' Árabe. Camões. Vou jantar. 7h 50' Bem. Bilhar com Aljezur. Rabelais.

10h 20' Leitura às Motas Matas. Inhoan ainda veio a parte amanhã ao meio-dia. Acabo de ouvir a leitura do Seibold. Vou ainda escrever.

Que se vida tão pequena

S'acrescenta em terra estranha

E se Amor assi a ordena,

Razão é que cause a pena

D'escrever pena tamanha

Porém, se para assentar

O que sente o coração,

A pena já me cansar

Não canse para voar

A memória em Sião

.....

E se eu cantar quiser

Em Babilônia sujeito

Hierusalem, sem te ver,

A voz, quando a mover,

Se me congele no peito,

A minha língua se apegue

Às fauces, pois te perdi,

S'enquanto viver assi

Houver tempo, em que te negue,

Ou que m'esqueça de ti

.....

Não é logo a saudade

Das terras onde nasceu

A carne, mas é do céu

D'aquela santa cidade

Donde esta alma descendeo

.....

É raio de formosura

Que só se deve de amar

.....

Fique logo pendurada

A fruta com que tangi.
O' Hierusalem sagrada,
E torne a lira dourada
Para só cantar de ti;
Não cativo e ferrolhado
Na Babilônia infernal,
Mas dos vícios desatado,
Ê cá desta a ti levado,
Pátria minha natural
Vou deitar-me. São 11h e ler até dormir.

14 de abril de 1891 (3a fa.) – 5h 25' Só me levantei duas vezes e nada agora. Vou ao Renan. Ia esquecendo dizer que dormi poucos minutos depois da meia-noite, tendo relido minhas notas à nova Constituição. Vou escrever à Isabel pela Inhoan que levará minha carta.

9h 50' Acabei quase o livro de Renan e já estou me vestindo. Tenho gostado muito desse livro e já escrevi isto ao autor quando lhe escrevi a propósito da candidatura de Liègeard.

11 $\frac{3}{4}$ Boa ducha. Montenegro. Flores e passeio do costume. Carta de Daubrée de Paris de 12. Manda nota de Dettwiller de Milão. Profundidade dele esfera de 50.000 kg. com porta. Quando fique indicada a rotação do globo. Aparelhos, cujas alavancas moveriam bombas de ar comprimido, que serviriam para perfurar e sondar. Também poderia estabelecê-los a céu aberto de cortes de montanha a pique. Pede dinheiro para experiência em grande. Vou almoçar. Bem. Bilhar. Li Renan. Visita do Conde Constantino Praesdsiecki que encontrava com a mulher em casa da Margarida. Falamos da Polônia e prometeu-me diversas publicações. Mme. Bois Brunnet veio convidar-me para sua casa afim de ouvir a harpista e o menino Olonne. Pedi-lhe que tornasse a reunião também literária.

2h $\frac{1}{2}$ Respondi a Daubrée, falando-lhe já de notas do último Compte-rendu chegado hoje de Cruls e de Hamy. Tomei café e vou sair.

4 $\frac{1}{2}$ Junto o programa. Ao acabar deste chegou Melle Barda. Passeei a pé em direção de mercado de flores continuando de carro até além da Promenade du Midi. Encontrei a mãe de Melle Rainaud, cantora. Falei com ela um pouco. Estava saudosa da filha que foi ganhar a vida em Paris. Agora irei a Seibold.

6h 20' Árabe. Camões. Jantar.

10h 10' Bem. Festa das meninas e meninos do Mota Maia ao pai. Junto o programa. Agradou-me. Por fim houve fogo de artifício no balcão. Gostei. Leitura do Seibold. Vou ver se concluo o Renan, e deitar-me lendo ainda até dormir.

15 de abril de 1891 (4a fa.) – 5h 40' Comecei a dormir à 1h. Bem. 3 vezes e agora ainda urinei, tendo ido à banca por parecer-me precisar. Compte-rendu de 6. Nota de Emile Picard. Sobre um sistema de equações com derivadas parciais. Percorri essa comunicação à Academia Em nota diz o autor “Minha primeira comunicação é de 10 dez. de 1888. Estabeleci nessa nota que para uma equação de tipo elítico uma integral contínua é determinada pelos valores ao longo de um perímetro fechado contanto que seja suficientemente pequeno, e mostrei ainda como se pode achar essa integral. Nos Rediconti della R. Acad. dei Lincei (1889) M. Bianchi demonstrou também por método diferente do meu que não pode haver duas integrais contínuas e tendo os mesmos valores ao longo de perímetro suficientemente pequeno – Transformation in vitro des cellules lymphatiques en clasmotocytes par Ranvier. Aquelas saídas dos vasos pela diapedese viajam nos tecidos. Em comunicação anterior que depois de terem caminhado nas malhas do tecido conjuntivo essas células podiam perder sua atividade ameboide (Qual a causa deste movimento, pergunto eu? Creio que nada tem de vital), fixar-se, imobilizar-se e adquirir propriedades novas. Logo continuarei. Ainda tenho alguns dias para chegar o novo Compte-rendu. Este trabalho longo, mas creio que leio assim melhor os Comptes-rendus.

Débats de 12. Comparação bem feita entre Zola e Restif de la Bretonne autor de Le coeur humain devolé e transcreve cartas curiosas de Schiller sobre esse romance que vou procurar ler. Também há outra do mesmo Restif. Mercier autor do Tableau de Parine e que se tornou seu advogado mas a esta esquecido como seu livro Zola que tem mais títulos que Restif

terá talvez “plus de chance, ou en cas d’accident plus de philosophie. S’il est élu... l’Academie veuille bien remplacer la statue de Bossuet par la buste de Cambronne. L’auteur de Nana... sera dans doute moins fâché de parler devant lui qu’il ne sera embarrassé d’avoir à prononcer l’éloge du gas Feuillet”. 12h Tudo como de costume. Recebi carta de 13 de Paris em resposta de Maxime du Camp. Vaga. De Melchior de Vogué de Paris a 13. Minha carta “attirera toute son attention sur les tires de ce candidat”.

Almoço. 1h ½ Bem. Joguei bilhar com Aljezur.

1 ½ Vou ver a obra La Colonisation française en Nouvelle-Caledonie por Charles Lemire, e o manuscrito – Catalogue des especes contenues dans la collection de coquilles preparée por R. P. Mon Crouzier – “Note les coquilles non étiquetés ne sont que des doubles d’espèces qui le sont. Les coquilles que leur volume a empêché de mettre à leur classification, sont dans les grands tiroirs du meuble, en bas”. Tudo isto eu vi num dos andares da casa onde mora o Presidente Roland.

2h 50’ Mas veio a Salignac com quem estive conversando. Continuei a leitura. Tomei café e vou sair.

5h Chego tendo partido às 4 ½ de St. Cassien onde subi à ermida e tudo vi, tanto me agradando esse lugar. Conversei com o frade italiano que substituiu o leigo francês tão meu conhecido, como este também já o era, para recolher-se ao Convento d’Aix de onde viera morar aqui no hospital. Ambos são agasalhadores. Aguardo Seibold. Esse passeio é um dos mais gosto e sobretudo da tranqüilidade, que ordinariamente haverá na ermida para estudar, pois será agora o melhor emprego de meu tempo. Quanto me falta saber!

6h 20’ Recomendei o estudo da Odisséia comparativo com as traduções do Odorico e a Leconte Delisle – o bárbaro – e depois Camões ficando no começo do 8°.

7h 35’ Jantei bem. Larga discussão religião com Aljezur pois desejo que saibam que sou respeitador de tudo o que deve respeitar o verdadeiro católico, profundamente crente mas porque se convence de que não precisa abdicar a razão que lhe deu o Criador.

Joguei bilhar com o bom Aljezur e vou ao Rabelais.

10h 20’ Li às Motas Maias. Ouvi ler o Seibold, tomei chá e agora para a cama, onde talvez leia até dormir.

16 de abril de 1891 (5a fa.) – 4h 45’ Não tinha sono. Só me levantei 3 vezes e agora ainda urinei. Acordo fazendo versos e vou se acabo o soneto. Julgue-o que lê-lo.

Graças, meu Deus, por minha inteligência

Mais se aclarou – a mais reconhecer

Que quanto sabe mais lhe faz querer

Progedir no caminho da ciência

Em tudo admiro tua providência

Na melhor harmonia resplender,

E em que desordem dizem aparecer,

Se não a percebe nossa insuficiência

Longe da Pátria sempre pra seu bem

Como na criação até o ínfimo ente,

Cuja missão do Criador lhe vem,

A sua harmonia servirei contente

E só aspiro a dizer, como ninguém

À minha Pátria amei e à minha gente

Li as teses da Faculdade de Medicina de Paris – de Joseph Eddé nascido em Beirute no 1° de maio de 1862 – Avicenne et la Medicina arabe. É muito curiosa. Anotei ou antes chamei com discos de lápis a atenção para certos trechos e logo verei o que significa Avicenne e Almazar pg. 11 – e Anatole Mangin médico da Marinha – La Médecine en Annam. Falando da cólera diz: “ce qui prouve que pour beaucoup cette étiologie doit être admise c’est le nom que l’on donne au cholera “maladie qui suit les rivières”. A pg. 65 fala do beriberi “Cette maladie reconnaît des causes nombreuses – le beriberi est une maladie de misère, il n’atteint que les classes pauvres et sévit surtout les prisonniers. Celui qui n’est pas rapidement guéri devient paralyque [sic]” como observei muito em marinheiros vindos sobretudo do Maranhão.

Andei na direção da estação onde encontrei a Salignac com telegrama de Guy de Maupassant dizendo-lhe estar doente. Vou lendo Montenegro. Falei a Felipe Coburgo, mulher e outra senhora que vão no mesmo trem a Menton. ¾ Parto. 10h 35' Chego a Nice. ¾ Andei pela estação, vou seguir. Mas só agora 53' é que sigo. 11h 20' Mônaco. 25' Monte Carlo.

4h ¼ Já no vagão para voltar e nele acabo de falar a Reyer que disse-me estar compondo nova ópera. Disse-lhe que esperava que fosse como Sigurd. O autor do libreto é Dullote autor do de Sigurd e eu disse que contava que aproveitasse com felicidade do lot.

Pequena demora em Nice e sigo quase às 5h 50'. No hotel. O trem da rainha da Inglaterra dificulta o nosso e custou-me a apelar-me. Recebi carta de Revy muito interessante em resposta; bilhete de de Quatrefages enviando-me o folheto L'origine asiatique de la race noire por J. Van de Greyn e que lhe pedira depois da leitura do livro dele sobre o homem.

10h 20' Jantei bem. Bilhar com o Aljezur. Li às Motas Maias. Ouço o Seibold e tomo chá. Esqueci-me dizer que junto o programa do concerto com as minhas notas e que depois do concerto dei passeio de carro aberto até a estação com os meus e Thezierlut. Estou com sono e pouco lerei na cama até dormir.

17 de abril de 1891 (6a fa.) – 4 ¾ Li antes de dormir na Autorité de 15 o artigo “La prochaine élection académique” favorável a Liégeard. “Trois fois couronné par l'Académie française (prix Montyon, prix Bordin e Concours de poésie) Stéphen Liegeard nous semble très indiquer... os candidatos são Ferdinand Fabre, Stephen Liegeard, Henri Bornier (penso que vencerá este e será justo), Pierre Loti e Emile Zolla!”

Levantei-me 4 vezes e agora pouco indo à banca por pouco. Vou começar o dia lendo o folheto L'origine asiatique de la race noire” por J. Van den Gleyen. S. L. mandado a meu pedido por causa da leitura do livro de Quatrefages por este mesmo.

Débats de 13 “La société des écoles Coptes”. Há cerca de 500.000 no Egito. Felah indolente. Copta laborioso. Tira sua força da origem que os assimila à raça autóctona. O protestantismo inglês gaba-se da conversão de 15.000 e há apenas 10.000 coptas católicos. A sociedade faz vir a Paris jovens coptas para instruí-los e depois reenvia-os. Sua ação exerce-se sobretudo no Alto Egito pois há aí mais coptas. Os franceses têm poucas escolas no Egito.

11h ¾ Volto do costumado. A estrada de ferro teve-me de cancelar fechada talvez 10'. É uma vergonha.

1h ½ Li no Débats de 12 bom artigo de André Heurteau sobre o livro Bernadin de St. Pierre por Arvède Barine. Não cito passagens do livro porque hei de lê-lo. Apenas transcrevo isto: “Que dire de Paul et Virginie”. “L'avez vous lu enfant ou aux premières heures de la jeunesse? (Eu e vezes e a última tendo mais 60 anos). Vous êtes senti pénétré d'une amitié tendre pour ces deux enfants de la nature que s'aimaient si fort e si bien sous son ciel plus beau que le nôtre (mas não do meu Brasil) parmi des fleurs et des arbres que vous yeux n'avaient jamais vu (os meus viram-nas mais belas).

Académie des Inscriptions etc. Séance de 10, 6a fa., a comissão eleita apresentará os três candidatos escolhidos entre estrangeiros para vaga de Franz Miklovich. Menant comunica o resultado de seus trabalhos sobre deciframento das inscrições hebreas. O título real deve ler-se sarn. Mais uma palavra do vocabulário há tanto tempo esquecida. Germain Bapst começa leitura de memória sobre “O estado religioso da Grécia e do oriente no tempo de Alexandre”.

Vou ver a Salignac que me trouxe as provas de seu artigo, estão boas e muitas informações a respeito de Rabelais para ver se faço um Rabelais científico etc.

5h 20' Volto do concerto em casa de Bois Brunnet onde tocou o Olonne, e a harpista Thevenet, que é insigne. Falarei à noite desta reunião que muito me agradou. Aguardo Seibold. Lacueil também tocou bandolim ou guitarra ou outras duas e muito bem, ouvindo diversas músicas entre as quais a Santa Lucia que muitas saudades fez-me por lembrar-me Nápoles e a minha Santa. Havia muitas pessoas conhecidas de que falarei, conversando eu sobretudo com Mme. Lavallée. Estiveram Czartoryska e Obolska a quem lembrei versos compostos por ela para traduzi-los ao acordar em me debarbouillant l'esprit como costume dizer.

Seibold tarda e não sei o que faço.

5 ½ Telegrama da Isabel em resposta ao meu. 17.32 O Obrigado todos vai indo bem [sic] saudades. Isabel.

Chega Seibold. 6h 25' Sânscrito. Camões. Já entrei pelo canto 8°. 5h 40' Bem. Bilhar com Aljezur. Rabelais. 8 ½ Leitura às meninas.

18 de abril de 1891 (sábado) – 5 ¼ Dormi bem. 2 vezes e agora pouco também urinei na banca. Bom dia, mas não

claro. Vou ao livro de Loti *Le roman d'un enfant* que li ontem antes de dormir.

10h Li *Le roman d'un enfant* por Loti. Charmant! Vou vestir-me ou antes lavar-me e acabar de vestir-me para a ducha.

11h 50' O costumado. Dia quente. Aguardo almoço com vontade lendo Loti.

2h 5' Bem. Bilhar com Aljezur. Respondi a cartas – do Ouro Preto sem datas, e a de Daubrée (interessante) de 16 de Paris. Li no *Jornal do Comércio* de 22 de março um artigo do empregado de fazenda Antônio Joaquim de Sousa Botafogo, desmentindo uma insinuação injuriosa que lhe fizera Rui Barbosa.

3h 10' Falar à viscondessa de Almeida e sair.

5h De carro e a pé na direção do observatório de Grands-Pins, voltando pelo monumento do duque de Albany. Antes estive com viúva do Visconde Almeida. Está bem conservada. Conversamos a respeito de Munich, de Luitpold e Princesa Teresa. A Viscondessa vai a Veneza onde está uma das filhas e o marido.

6h 20' Árabe e Camões. 7h ½ Jantei. Bilhar com Aljezur, trabazana *[sic]* de ventre que fez-me bem. Vou a Rabelais.

10h 10' Li às meninas Maspero, depois leitura do costume do Seibold. Vou deitar-me e ler Loti até dormir.

19 de abril de 1891 (domingo) – 5 ½ Dormi bem. 4 vezes indo à banca. Agora ainda urinei bastante. Vou a Loti. 7 ½ Acabo de ler o terceiro número das *Sensations d'Italie* por Paul Bourguet –Volterra le 23 Octobre 1890. Agradou-me muito e fez-me pensar em Bourguet para a Academia francesa.

Artigo contra o protecionismo de A. Melina e da Comissão das Alfândegas.

Plebiscito a respeito de Tonkin. Em 10.000 opiniões expressas só 2.7000 a favor da evacuação, 7.300 favoráveis à ocupação e diz: “la proportion est faite pour rejouir les partisans de l'occupation. La France affirme qu'on la retrouverait dans toute autre fraction de 10.000 citoyens, car elle ne doute pas que ses lecteurs ne representent pas la moyenne du pays. Nous ne voulons pas en douter non plus. Remercions la “France” de son publicite blanc, il nous a vraiment amusé”.

Testamento por inteiro do príncipe Napoleão – Resoluções da comissão de “Le manifestation du 1^{er} mai”. Parecem indicar desejos de ordem.

“Concours de bebês” de 2 a 5 anos. Vieram até dos Estados Unidos. Medalhas serão distribuídas às crianças designadas pelo júri artístico e pelo médico. Estes divididos em 3 classes serão convocados a novo concurso geral no fim do *[sic]* e ser-lhes-ão distribuídos diplomas e cadernetas de caixas econômicas. Os que tiverem medalha de honra receberão 1.000fr., os da 1^a classe 500 e os da 2^a 300.

7^o vol. da *Histoire Universelle (Etrusques et Etrurie)* de Marius Fontaine. Vou mandar buscar. Parece que deve ser curioso como indicam a transcrição e outros livros do mesmo autor que eu tenho lido. É uma história, por assim dizer, de fantasmas impalpáveis e eu gosto, quanto possível, do positivismo.

Torno a Loti, mas aí a tentar-me *La Geographie* de 26 de março. Resumo da sessão da Sociedade de Geografia de Paris de 20. Plano manuscrito muito curioso de Lhassa apresentado por Henri d'Orleans. M. A. Martel sua 3^a campanha nas Causses. É região muito curiosa. Rio muito interessante subterrâneo o Padira e de mais de 2km. Chegou-se ao fim da galeria o ano passado 600m além do ponto de 1889. É fechada. As grutas têm o comprimento total de 14km. Continuarei.

Estou-me vestindo. 11h 20' Missa na capelinha como de ordinário. Ducha boa com Montenegro. Passeio costumado comprando flores. Encontrei o Caserta com um dos filhos de carrinho. Sinto-me muito bem. Em *La Geographie* ainda acho o resumo da sessão extraordinária de 23 de março na Sorbona para recebimento de Catat, Maistre e Foucart volta de sua exploração de Madagascar. 8.000km carteados sem interrupção à bússola. Diversas amostras de rochas, minerais e de história natural.

Estudo de raças e indivíduos. Superstição comum a muitos europeus.

Depois de caloroso recebimento dos viajantes por Raimonjy rei da província de Ivory os da missão foram quase massacrados porque entre os presentes para o rei havia sete agulhas. O número sete é fady, isto é, fatídico. M. de Quatrefages em eloqüente alocução exalta os serviços dos três de que um, M. Foucart, não pôde por moléstia cooperar na última expedição. Dá parabéns a M. Catat que antes de começar sua missão aprendeu a língua dos indígenas. Sociedade de Geografia Comercial de Paris (sessão anual de 17 de março). Almoço.

2h 1/4. Bilhar com Aljezur. Estive com a Condessa Prezdziecki. Muito inteligente. Conheceu e estimou o abbé Graty do Instituto. Prometeu-me leituras. A sessão da sociedade de que principie a tratar foi particularmente importante pelo sobre

[sic] os prêmios de 1890. O relator mostra Catat e Maistre percorrendo Madagascar sobretudo no sul onde parece dever dirigir-se o esforço da nova e vigorosa colonização européia. Dá-se-lhes a medalha Berge a recompensa maior. A medalha Cuitte, para os trabalhos na África, é dada a M. Borelli pela viagem na Abissínia e região dos Gulas. Fixou-se também M. Vanderesche por seus esforços pelo cultivo de agave (pita creio eu) na Tunísia e teve a medalha à disposição da sociedade pela Câmara – sindical dos negociantes – exportadores. O capitão Trevier cuja viagem é recordada feita com tanta energia, recebe outra medalha oferecida por Deveze bem conhecido por sua devoção ao progresso da geografia. A sociedade dá medalha ao príncipe Henrique de Orleans pela sua viagem na África Central – a medalha Dupleux como dá outra pela Câmara dos Negociantes – Comissionários a M. Macey por sua viagem no alto Laos. A medalha Crevaux reservada à América é dada a Gorceix. “Son action a été très grande dans ce beau pays du Brésil où il a fait aimer et estimer la France”. Também recompensou o livro de M. Louis Vignon – L’Expansion de la France.

Vou sair. São 3h –5h $\frac{3}{4}$ Pegomas, Taneron, Mandelieu, voltando pela praia vi alguns yachts da regata (à vela).

Vou a Loti até jantar. Tempo encoberto.

6h 20’ Jantar. Recebi cartas. Depois falarei deles.

7h 55’ Bem. Bilhar com Aljezur. Rabelais.

9h 10’ Terminei a leitura de Maspero às filhas mais velhas do Mota Maia.

9h $\frac{1}{2}$ Não sei o que farei até deitar-me.

10h 10’ Sempre ouvi a leitura de Seibold. Sociedade de Geografia Comercial de Paris. Sessão mensal de 18 de março – Continuo o extrato. M. Mareuil e Mounier fala do Jura Meridional particularmente de St. Calude e do Col de la Faucille. Ele atravessou os Andes, o Oceano Pacifico, visitou o México, subiu seus altos picos e declara que o Jura por seu encanto particular pode sofrer comparação com as regiões as mais pitorescas. St. Claude tem abadia verdadeiro estado, lugar de peregrinação mui freqüentado e onde indústria muito curiosa a tableterie continua prosperar. De St. Claude a Genebra há 54 km. O Jura meridional é caracterizado por numerosas rugas paralelas em número de 15 que sucedem-se até a muralha dominando a Suíça, cujo ponto mais saliente o Crete de la Neige a 1.723m. de altura. O col de la Faucille de Geografia de Toulouse. Amanhã.

Vou deitar-me, 10h 40’ e ler Loti até dormir.

20 de abril de 1891 (2a fa.) – 5h 10’ Dormi 3 vezes e agora indo agora sem resultado [sic]. Já bebi o meu copo água. “Sociedade de Geografia de Toulouse”. A sessão de 10 de março foi inteiramente consagrada a uma conferência eloqüente e mui calorosamente aplaudida sobre Roma de M. Frulat que já as fez sobre a Itália do norte e do sul. Sociedade Africana de França. Melle Lindsay faz conferência ou antes análise do livro de M. de Albeca, sobre o Benin. O autor do artigo para maior explicação refere-se à nota que publica extraída dos Mitheilungen de Gotha. M. Mondan faz conferência sobre a política de colonização na África. Reprova a teoria seguida por Mordacy de dividir os territórios coloniais em colônias de povoação de aproveitamento (exploitation) etc. O autor do artigo diz quais devem ser as obrigações da Sociedade que teve princípios muito científicos e interessantes. Corre que trata-se de 2 novos departamentos na Algéria da Kalylia e outro de cheriff (chef-lieu) Orleans-ville.

A 18 de março estabeleceu-se pela primeira vez telefonia entre Londres e Paris, mas só será aberta ao público depois do começo de abril. Há 40 anos que a França e a Inglaterra estão ligadas por telégrafo. A exposição francesa fixada para o 1º de maio ficou para depois visto cair em 6a fa. Santa. Mapa interessante do Mono por M. de Albeca administrador das possessões francesas do Golfo de Benin “Dahomey Créditos Suplementares”. Na importância de 1.037.000 fr. M. M. Pelletan e Hervieu pedem que no futuro nenhuma operação militar se realize sem consulta prévia das Câmaras quando estejam trabalhando. Condena a idéia apesar de abusos possíveis. Explorations et Voyages. Nada digno de extractar. Reboisements dans le Turkistan russe mostra a destruição das florestas antes da ocupação russa e os resultados benéficos da plantação e conservação das árvores. “Sudoeste africano alemão”. Curioso. Dados sobre a população que no fim de 7 anos em território imenso, do rio Cunene ao Orange e ao norte se estende para leste até o Zambese há só 530 brancos, dos quais cidadãos 112 alemães, 113 negociantes e 24 colonos da raça germânica. O futuro do sudoeste africano é nulo. O Reichstag adotou a 18 de março o projeto de lei criando um corpo militar do Império a serviço do protetorado África oriental. Trata das discussões a respeito do domínio alemão e das vantagens que ele tiraria da posse do Zanzibar. Não ficariam muito caras

pelo preço do sudoeste. M. de Mirbach insistiria ainda menos nos sentimentos que pode ter a Inglaterra quanto a esta ilusão de troca por parte dos alemães. O que o autor do artigo desejava fazer apre- [sic] é a questão da troca do sudoeste africano alemão que já existia em princípio e em alto lugar e acaba de ser apresentada oficialmente ao Reichstag.

“Origine des villes. 1^o Les villes gauloises”. Muito curioso. Eu começara a fazer trabalho análogo, quanto a nomes de povoações brasileiras provindo dos idiomas indígenas, do português, do holandês, do francês, do espanhol e mesmo passando pelos idiomas indígenas, das línguas asiáticas, em grande número das africanas. Talvez o continue. “Havia na Gália cem anos a. J. C. três cidades que os geógrafos daquelas épocas consideravam realmente importantes. Marselha e Narbona à margem do Mediterrâneo, Corbelon na costa do Oceano ou perto. É de presumir que Bolonha em face da ilha de Bretanha com a qual tinham os gauleses relações assíduas valesse pelo menos Corbelon. As capitais de povos importantes como os arvernos etc. não seriam cidades de desprezar à chegada de César. Antes do romanos já os gauleses aproveitavam suas águas termais. Muitas estações de banhos como Neriomagus (Neri) etc. e Bourbonne les bains e Bourbon. L’Archambault, localidades fundadas sob a proteção do Deus indígena Borio ou Borino que os romanos identificaram com o seu Apolo. Provavelmente Bagnères-le-Luchin onde era adorado o deus Hixon é de origem celtibera. Como se verá da segunda parte do estudo, muitas cidades gaulesas foram deslocadas. E assim apenas modificadas pelos romanos não pôde M. Bullait presidente da Sociedade Eduena com escavações perseverantes de 1865-75 reconstituir em grande parte o plano. Deveria ter sido pobre capital mas quando Cesar chegou? Romanos acabaram de instruí-los e sob sua direção os antigos franceses puderam construir cidades comparáveis às da Espanha e da Itália, exceto Roma.” O artigo é assinado por Anphyne St. Paul.

A folha já está no 14^o ano. Vou assiná-la. Vou a Loti.

11h 35’ Boa ducha e tudo como de costume. Almoço. Bilhar com Aljezur. Salignac que me trouxe os exemplares de seu artigo – a meu respeito e a quem a chamo minha fê de ofício.

Volto do passeio de carro e a pé pelos morros ao lado da Route de Antibes, voltando por esta a pé até tomar de novo o carro. Estive com Adelaide Filgueiras de Melo e Alvim filha do engenheiro Alvim e viúva do Dr. Caetano Filgueiras que lhe não deixou. Tem vocação para o canto e vai estudar no Conservatório de Paris para onde parte amanhã. Prometi-lhe carta de recomendação.

6h ¼ Árabe e Camões. Jantar. 10h Bem. Bilhar com Aljezur. Rabelais. Leitura às meninas de Maspero. Ouvi a leitura do Seibold, e tendo tomado chá agora vou deitar-me e ler Loti até dormir. Já foi para Taunay a minha fê de ofício, um exemplar do jornal com o artigo de Salignac e a minha carta para ele.

21 de abril de 1891 (3a fa.) – 5h 20’ Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e agora ainda bastante. Céu por ora encoberto. Já escrevi à Isabel mandando-lhe 5 diários com o artigo da Salignac para distribuí-los pelos afeiçoados. Vou a Loti.

7h Para descansar lerei os Débats deitado. De 20 – Interessantíssima “Semaine Dramatique” de Jules Lemattre sobre “Les fourberies de Scarpin – Académie des Beaux-Arts. Séance du 18 avril”. Pascal leu muito interessante notícia a respeito de m. André seu predecessor. Sciences Morales e Politiques. Caudrillart continua leitura do trabalho sobre as populações agrícolas do Hérault e do Gard – das Inscrições e Belas Letras – Eleição para formar a comissão tríplice para a eleição de associados estrangeiros na vaga de associado estrangeiro na vaga de Miklovich. Renan é da comissão. Tive um palpito.

9h Carta de Rebouças de Lisboa, a 13. Parte hoje por mar para ver Gibraltar e rever Marselha onde estive em 61 e 62 com o irmão Antônio. Acaba a carta. “Até o prazer de beijar-lhes as mãos”. Envia jornais de Portugal. Manda os trechos dos Lusíadas que se destacam em escudo em paredes do Templo da Lapa no Porto. São a vida do africanista Silva Porto que mandou rezar nos sertões da África uma missa pela minha Santa. Rebouças mandou a Gaston a descrição da missa.

Vejo na Gazeta de Portugal de 11 que a Igreja da Lapa do Porto começou por uma capelinha cuja primeira pedra foi lançada a 7 de janeiro de 1755 sendo o terreno dado pela Câmara Municipal a instâncias de Ângelo Sequeira cônego da catedral de S. Paulo do Império brasileiro.

Li no Português de 11 o que a propósito de Silva Porto se diz de mim.

9h 50’ Lavar-me e sair para ducha. 11h ¾ Tudo como de costume e no café da ducha falei com o Roland a quem dei as respostas às minha aos acadêmicos a respeito da candidatura do Liégeard. Recebo o Compte-rendu de 13. 12h Está interessantíssimo. Almoço.

1h ½ Bem. Bilhar com Aljezur. Torno ao Compte-rendu. 3h Corrigi a minha fê de officio para o Paranhos.

6 ¼ Passeio de carro e a pé – observatório da Califórnia. Seibold – Sânscrito e Camões e jantar. 7h ¾ Jantei bem. Bilhar com Aljezur. Escrevi ao Paranhos mandando-lhe a minha fê de officio.

9h ¼ Acabo de continuar a ler Maspero às meninas e agora aguardo Seibold.

10h 20' Creio que em poucos dias estará terminada a viagem de Lortet na Palestina. É muito interessante e os desenhos são bem feitos. Vou deitar-me e ler Loti até dormir.

22 de abril de 1891 (4a fa.) – 6h2 5' Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e agora ainda urinei bastante.

Compte-rendu de 13. Sobre a integração algébrica das equações. Nota de Poincaré. Chega a uma fórmula e diz: “Cette formule limite le nombre p et résout complement le problème dans ce cas particulier. Le principe que m'accordait à ce resultat est peut être susceptible d'être étendu à des cas plus généraux j'espere que plus d'un chercheur s'efforcera dès que mes démonstrations seront publiées”.

Sinto não terem publicado os trabalhos do Bispo de Crisópolis sobre fórmula geral de resolver as equações que um grande matemático brasileiro que foi professor da atual Escola Politécnica antes Academia Militar jugou *[sic]* ter achado.

Descrição do manômetro ao ar livre de 300 metros estabelecido na torre Eiffel – M. L. Cailletet – Pus-lhe esta nota “Interessantissimo” pelo estudo e correção das variações. Seria muito longo extractar – Relatório sobre memória de Sparse intitulada “Sobre o pêndulo de Foucault”. “L'auteur a eu l'ingenieuse idée de substituer au pendule par sa projection sur ce qu'il appelle le plan d'oscillation”.

Cândido Batista meu mestre de matemáticas superiores teve a mesma idéia logo que Foucault apresentou a idéia dessa aplicação do pêndulo. Sobre a medida de nova base da triangulação francesa. Base fundamental – é o mais importante, anotei. A impossibilidade de aproveitar a antiga base de Delambre sendo bem reconhecida a nova é no lugar da antiga de Picard é no accotement (não acha termo próprio em português) oriental da estrada de Paris a Fontainebleau entre Ville-Juif e Juvsly. O aparelho empregado é o bimetálico construído pelos irmãos Brenner, pode ser considerado um modelo de construção contemporânea. As precauções para a medida assegura sua exatidão. A medida fez-se nos meses de junho, julho e agosto de 1890. Alenta a redução ao nível do mar e erro está aquém de um centímetro. Escrevi à margem o limite de erro na medida da distância da terra ao sol que seria de 32 milhões de pouco mais de linha. Com a nova definição do metro a relação para o metro internacional dos padrões geodésicos, (toesa de Bessel, toesa de Strave, régua espanhola de 4m) resultante das antigas comparações parece sistematicamente trop faible. Pertence aos meteorologistas dar a razão disto. Contudo sempre comparar com toda a precisão dos métodos modernos os diversos aparelhos de base do metro internacional e talvez tornar a medir algumas fases fundamentais européias para ligar (raccorder) cientificamente as triangulações.

Transformação da cupreína em quinina por E. Grimaux e A. Arnaud.

M. de Backer lê memória sobre as vacinações tuberculosas em geral e o remédio de Koch P. Mauveau dirige a descrição de um sistema permitindo evitar as colisões no mar.

Observações do cometa Bernard Denning e os novos planetas Borrelly e Planosa feitas em Algel *[sic]* com o telescópio de 0,50m por Rambaud e Sy. Nota apresentada por Lowey.

Sobre as equações diferenciais lineares. Nota de E. Vessiot apresentada por Picard.

Mr. Picard, diz Vessot, estabeleceu relativamente às equações lineares um teorema análogo ao fundamental de Gallois sobre as equações algébricas. Esta proposição pode ser completada a servir assim de fundamento a uma teoria da integração das equações lineares semelhantes à teoria de Gallois. Sobre uma classe de números complexos nota de André Markoff extraída de carta dirigida a Hermite. Relação entre a unidade eletromagnética e a unidade eletrostática da eletricidade.

Nota de H. Pellat apresentada por Cornu. Sobre a variação do ponto de fusão com a pressão. Nota de B. C. Damien apresentada por Lipmann – Sobre a ação do ácido bromídico sobre o clorureto de sodium. Nota de A. Besson apresentada por Troost. Estudo calorimétrico do clorureto platínico e de suas combinações. Nota de L. Pigeon apresentada por Troost. Nota de A. Joly e E. Leide é apresentada pelo mesmo. Sobre a dosagem do rodium por via eletrolítica. O rodium pode ser dosado com muito grande precisão nas combinações que não contém outros metais que não sejam os alcalinos por via

eletrolítica. Examina as diferentes combinações. Sobre o amidoisoxasol. Nota de Henriot apresentada por Friedel. “Em comunicações anteriores M. Boiveault e eu fizemos conhecer as propriedades do propionyl-propionitrele! e principalmente sua condensação com diversas aminas. Cristaliza em longas agulhas ficando facilmente em surfusão (fenômeno que tem sido bem estudado e é mui curioso o calor sendo demais não derrete) derretendo a 44° e fervendo a 180° sob pressão de 200mm de mercúrio. Um pouco solúvel na água, muito no álcool, éter cloroforme, insolúvel no petróleo. Sobre o emprego da fenilidrazina para determinação dos açúcares. Nota de Maquenne apresentada por Berthelot. A ação da fenilidrazina sobre os açúcares redutores descoberta apenas há anos, por Fischer oferece o único meio de precipitar esses corpos sob forma definida das soluções em que estão misturados com outras substâncias. Novas combinações obtidas com certos sulfitos metálicos e anilina. Nota de G. Desnigés. Sobre matéria corante roxa derivada da morfina. Nota de P. Cazeneuve apresentada por Friedel. Sobre uma hematina vegetal, a asperilina. Nota de Georges Linossier apresentada por A. Chauveau. “Phipson, diz o autor da nota, descreveu em 1879 sob o nome de palmelina um pigmento de alga Palmela cruenta e acrescenta – é evidente sua identidade. Ora, a holmelina difere muito da aspergilina, que como a hematina do sangue é preta, amorfa e insolúvel na água – dá outras reações diferentes e conclue “Il ressort de ce parallele que la palmelline de M. Phipson, bien loin d’être à l’aspergilline, ne présente avec cotte substance pas plus qu’avec l’hematine du sang, aucune analogie. Influence exercie par la presence des mineraux neutres de potassium sur la solubilité du bitrartrate de potassium”. Nota de Ch. Blarez. Sobre o característico do vinho de figo. Nota de P. Carles. Estes figos crescem abundantemente na região do Mediterrâneo, mas preferem-se os da Ásia Menor mais comuns e mais baratos em relação à riqueza sacarina. A degustação não pode afirmar a origem do vinho se a vinosidade do líquido é despertada por um pouco de vinho normal.

Desde que Bourquelot demonstrou o modo e a época da produção desse açúcar nos cogumelos devia prever-se sua existência nos figos. Mas por isso mesmo deve considerar-se esta maronita característico do vinho de figo? Sobre um meio de reconhecer a margarina misturada à manteiga. Nota de R. Leze apresentada por Troost. Mostramos que turbinando as manteigas na temperatura da fusão e com a velocidade de cerca de 60m por segundo e durante uma hora a matéria alimentícia separava-se em água na parte inferior, uma emulsão esbranquiçada e enfim em cima a matéria gordurosa purificada. Mostramos que essa emulsão era máxima nas manteigas puras nenhuma das margarinas. Depois da primeira comunicação verificamos a exatidão das conclusões. Cumpria ter uma escumadeira a vapor e um pasterisateur – Não conheço – mas há de referir-se a microsoários – Ocupavamo-nos de simplificar o material que era caro e de abreviar o tempo de operação. Descreve o modo de operar. Ainda facilitou as experiências e diz “Não podemos afirmar a infalibilidade do processo, mas se a manteiga não clarifica deve ser considerado suspeito e como tal ser examinado pela análise ou pelo oleorefractômetro. Sobre a depuração de um flegma de álcool de melaço durante o trabalho de retificação. Nota de Ed. Mohler apresentada por Troost. Reprodução artificial da daubreite. Nota de Stanislas Meunier. Sobre as clúsia anandrógina. Nota de J. Vesque apresentada por Duchartre. Sobre a existência do liver modular na raiz. Nota de J. Hereuil apresentada por Duchartre. Ellinyer de Copenhague resultados das experiências com o oleorefractômetro de Jean e Amagut sobre o índice de refração da manteiga. Ch. L. Duis a propósito das recentes de Bouchard e de Armand e Cherrin lembra que na brochura publicada por ele sobre o método de Koch e os infinitamente pequenos publicada em janeiro emitiu a idéia que os produtos da secreção dos micrôpios [*sic*] podem agir como fermentos e produzir diretamente como as diastases dos desdobramentos. Em Aubert dirige projeto de aparelho para deter cavalos à disparada. Recebi carta de Daubrée quando lia a nota sobre a daubreite, é de 20. Nioac escreve de Paris a 20. 10h Vou lavar-me e sair. 11h 50’ Como de costume. O Mota Maia foi arranjar tudo para eu ir a Versalhes e ao Krupp. Pensávamos que fosse mais tarde o casamento. 12h Almoço. 1h Bem. Bilhar com Aljezur. Vou tomar de obras recebidas pela Academia das Ciências na Sessão de 13. B. Hermite Geologie etc. Neuchâtel. “Altinger frères 1891. Traité de l’hygiene publique d’après ses applications dans differents pays de l’Europe par le Dr. Albert Palmweg traduit sous la direction de M. A. Hamon. Paris, Octave Doin, 1891”.

Du paludisme et de son hématozoaire par A. Lavernan Paris G. Masson. Lannelongue. Traité de l’osteomielite aigüe etc. L’oreille et le bruit ou traumatisme de l’organe par vibrations violente por E. Ferrand Lyon Association typographique. Traité clinique des maladies du coeur par le Dr. P. Duroztes Paris – G. Stenheil. Proceedings os the royal institution of Gret-Britain vol. XIII, part 1 n° 94, in 8. The proceedings of the Liancan Society of New South Wales vol. 5, Part the first. Sydney F. Cunningham and C° 1890. Anhal of the astronomical observatory of Harvard College vol. XXIII, part 1 vol. XXVII.

Minutes of proceeding of the Instalations of civil engineers, vol CIII London 1891.

4 ¾ Salignac trouxe-me trabalho para Rabelais Agradou-me. Sai de carro e andei também a pé, para o lado de Antibes, voltado pela montanha e chegando ao hotel pelo caminho lateral. Vou a Seibold. Escrevi a Daubrée em resposta à sua carta de Paris a 20, mandando-lhe o último Compte-rendu sobre guarani manuscrito ruim impresso sob a direção do Seibold. O estudo por mim está adiantado. Árabe e Camões. Jantar. 8h 5' Bem. Bilhar com Aljezur e escrevi ao Príncipe de Mônaco o que Daubrée de sua eleição de correspondente da Academia das Ciências porque Serpa Pinto tê-lo-á sido na sessão de 20. "Mais il restera encore deux places vacantes des cette malhereuse section (de geografia e navegação por onde entrei no Instituto em lugar de Wrangel) que en quelques mois a perdu la moitié de ses membres et Ledieu le mécanicien maritime la semaine dernière à Toulon". Quando escreveu-me a sessão teria lugar a horas, portanto virá carta amanhã e o novo Compte-rendu talvez no dia 26 ou 27. Portanto verá ele que estou em dia e talvez ache o resumo no Débats que chegar amanhã.

Leitura às meninas. 10h 10' Ouvi Seibold ler-me o livro de Lortet. Tomei chá. Ainda ouvir ler e vou deitar-me e ler Loti até dormir.

23 de abril de 1891 (5a fa.) – 4 ½ Não tinha sono. Dormi bem contudo e vou começar o dia. No Galegnani Messenger Paris 21. Leio New York April 20. "President Harrison said that the treaty of reciprocity was not likely to remain much longer in the lonesomeness of this singularity as similar treaties with other countries would soon follow. Supposed discovery of the tomb of Aristotele". Achou-se em Eretria perto da antiga Calcis na ilha de Eubea (atualmente Negroponto). O Dr. Charles Waldstein professor de arqueologia na Universidade de Cambridge e diretor da Escola Americana em Atenas foi quem ao representante do Galegnani as informações. Tiraram-se do túmulo até diademas de ouro o que tende a provar que o túmulo era de homem distinto. Perto havia "stylo" e pena de metal (primeiros objetos de tal gênero achados na Grécia). Seguiu-se estatueta de terracota de filósofo com as mãos juntas e enfim no túmulo próximo havia a inscrição – "Biote Aristotelon". Os objetos foram recolhidos a Atenas. Depois da morte de Alexandre (Magno) em 323 a. J.C. Aristóteles foi vítima de invejosos e retirou-se para Calcis e morreu aí 322 a. J.C. com a idade de 62 anos. Voltaria ao lugar que contém muitos ossos, talvez os de Aristóteles. "I only secured (disse Waldstein) a small piece of skull which came away with one of the golden diadem-bands". Em todo o caso é interessante o que se diz embora desconfie muito dos ianques no que não é indústria e ganhar dinheiro. Lá estive e estudei-os bem tendo muita simpatia por eles.

Le Figaro de 11 – Un Rabelais inconnu. Muito curioso e faço vir mesmo por telegrama para chegarem mais depressa as obras de Huchard. "Rabelais legiste – id. chirurgien – ed. les voyages en Italie, son exil à Metz – Loti. Quase 8h. Custa-me a deixá-lo mas é preciso ler alguma cousa de sério. Cumpre fazer idéia ao menos do Cours d'Economie Politique de Alfred Jourdan do Instituto de quem já falei no meu diário. O prefácio agrada-me e pelo que já percorri e julgo de mérito do autor pela conversa que tive com ele aqui seria certamente um dos "Juges Aussi bienveillants – acrescento que justes.

8h 35' Vou para a ducha. 8h 55' Dispo-me para a ducha. Dia ameaçando chuva. 9h 40' Boa e vim para a estação. Já estou no vagão. Mandeí o Guilherme buscar flores que levarei para a Princesa de Mônaco. Parto. 50' 10h ½ Nice. 47' Parto. Passei o 1º túnel. Avisto à esquerda o observatório no alto da montanha. 4h 20' Junto o programa. Depois do almoço dei um passeio a pé e fui ao concerto. Thesillat almoçou comigo. No concerto estive com ele e Farincourt. Não vi os Príncipes nem mesmo ele agradeceu de qualquer modo a carta escrita por mim ontem a ele transcrevendo o trecho da carta de Daubrée sobre a eleição acadêmica dele Príncipe, a qual dei a ler aos três de quem falei dizendo-lhes que dera logo a notícia ao Príncipe, cujo procedimento não posso explicar por ora. Dei as flores para a Princesa ao Thesillat. Parei em Mônaco bastantes minutos talvez por um trem que passou há pouco em sentido contrário.

4h 33' Seguir. 5h 5' Pequena demora em Nice e sigo. Chego de volta ao hotel quase às 6h. Houve demora no caminho de ferro. 6h ¼ Vou jantar deixando Loti para a cama.

7h 50' Bem. Bilhar com Aljezur. Rabelais – para daqui a pouco, pois vou a quarto.

9h ¼ Li às meninas. Vou ouvir.

10h 10' Ouvi-o, tomei chá e vou deitar-me.

24 de abril de 1891 (6a fa.) – Dormi às 10h ¾ Passei bem. 3 vezes e ainda agora. Vou ler Loti. 7h ¼ Acabei-o. Com

pena o digo – talvez seja ele o votado pela Academia Francesa. Estou impaciente de saber o resultado. Vou agora à obra de economia política de Jordan *[sic]*.

9h 40' Li bastante anotando. Vou lavar-me. 10h 35' Despindo-me para a ducha. 11h 35' Tudo como de costume. 50' Almoçar depois de ter continuado a obra de Jourdan.

4h ½ Volto do passeio de carro e a pé por caminho mais que visto, entrando pelo lado do hotel. Antes, depois do almoço e de ter jogado bilhar com o Aljezur estive com a Salignac por causa do Rabelais. Agora aguardo Seibold.

6h 20' Árabe e Camões. Jantar. 7h ½ Bem. Bilhar com o Aljezur e agora 10 ½ leitura às Motas Maias e acabo de ouvir a leitura do Seibold, tendo tomado chá. Creio que terei acabo todas as leituras começadas antes de partir. Vou ler o Jordan *[sic]* e deitar-me, ler um pouco e dormir.

10h 50' Deitar-me.

25 de abril de 1891 (sábado) – 4h ¾ Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca mas sem resultado, mas urinando pouco.

Vou a Jourdan – mas antes li no Le Petiz Martelais de 24 artigo muito curioso “L’exploration du Pole-Nord en ballon”. Em fins de maio partem Besançon e Charles Hermite sobrinho de Hermite da Academia das Ciências. O Sinet nome do balão e do conhecido e infeliz aeronauta, cuba 15.000 metros com diâmetro de 30. A força ascensional de 1 km 100 gr. pode arrebatrar 16.500 kg. peso que especifica – 5 homens viveres etc. É levado pelos cães. Dá outros pormenores menos importantes. Pensam poder manter-se no ar 8 a 10 dias e a passagem do polo só exigirá 3 a 4 se favorecidos pelos ventos do sul.

6h 50' Escrevi a Hermite sobre a expedição do sobrinho ao Polo e como não sei o endereço, e quero que chegue breve a seu destino, escrevi a Daubrée para mandá-la falando a este sobre o proveito que as ciências do Daubrée podem colher de tal expedição. Vou ao Jourdan.

Mas 7 1/2. Acabo de escrever à Chica em reposta à sua de Arc a 18. Enfim Jourdan.

8h 40' Pois deitei-me para descansar um pouco e li o bellissimo prefácio às “Pensées de la solitude” por Alexandre Duma fils. Se continuo o livro não o largo e aí está Jourdan que mais me instrui. Vou a ele?... Vou. Estou no cap. 5º e creio que vou principiá-lo antes de principiar a vestir-me que é agora. Já o Guilherme ameaça com as botas. Cartas de Daubrée de Paris 22. Diz que vai pensar sobre minha nota sobre o giroscópio de Foucault a propósito da de Dettwiller idéia de que tive a precedência. Daubrée manda-me nota de Poincaré sobre a matemática Kowalewski – da marquesa Emilia Prampolini Marchesi agradecendo-me o escrevi no leque em língua guarani, escreve de Florença a 19.

12h 5' Boa ducha e o do costume. Encontrei durante o passeio a pé o escrito da Revue des Deux Mondes que conheceu Georges Sand. Disse-me que tem estado muito ocupado. ¼ Almoço.

3h Salignac por causa do Rabelais. Czartorisky de volta de Palermo. Conversamos muito da Sicília – o botânico Todare diretor do jardim público de Palermo está paralítico – viu Gorgenti, mas não me falou de outras cidades. Agora vou a um concerto.

6h 25' Falarei depois de tudo, só estudando Camões com Seibold. Vou jantar.

7h 23' Bem. Rabelais tendo jogado bilhar com o Aljezur. Recebi cartas da Isabel de 23 em resposta à minha mandando-lhe exemplares do jornal com o artigo a meu respeito da Salignac gostou da lenda Folgöet escrita por ela.

Luís e Antônio tiveram febre a 22 por algum embaraço de digestão ou antes aforismação em que tinham estado na véspera todo o dia para fazerem uma pintura. Isabel também tem lido uma cousa ou outra. Entretanto fiquei hoje em casa e ontem à tarde por causa dos meninos. Carta de Aumale de Palermo a 20 a propósito de Liégeard. Diz apenas “Je tiens bonne note de cette communication”.

26 de abril de 1891 (domingo) – Já é mais de meia-noite. Ouvei “Docace” música de Suppé. Não foi mal. Estava muita gente conhecida, mas falei só da Barda que falou-me, Planchut da Revue des Deux Mondes que procurou como outros. Uma senhora idosa com uma moça sua amiga de cara brasileira e que chamo la petite brésilienne, e ambas as quais apertei a mão descendo a escada. Ainda lerei amanhã o que escrevi para ver se houve esquecimento. Tomei chá num dos entreatos no camarote. Vou deitar-me e ler só para dormir facilmente.

6h 5' Pouco li das Pensées de la solitude. Levantei-me 2 vezes e agora fui e ainda urinei bastante. Vou responder a

Daubrée.

7h 25' Escrevi assim como à Isabel. 8h Vou me deixando arrastar pela leitura das Pensées de la solitudine “avec une préface d’Alexandre Duma fils. Je crois que tout est de lui”. É o contrário deste título. Discours sur l’histoire Universelle de Bossuet. Vou ao Jourdan. 9h Cada vez gosto mais desta leitura.

9h 50' Já ouvi missa. Cantaram as meninas. Disse ao sair à Salignac que a Isabel gostara de seu artigo a meu respeito de sua legenda, da Bretanha.

10h 5' Boa ducha. Quase vestido. Li entretanto Montenegro e vou tomar café.

11h 25' Volto do passeio do costume. O dia está magnífico. Carta de Daubrée de Paris 24. Abriu seu curso sobre os fenômenos mecânicos cujos efeitos apresenta a casca terrestre, sobretudo na constituição das cadeias montanhosas e na abertura das chaminés vulcânicas – mas far-se-á substituir depois das 6 ou 8 primeiras lições da exposição da parte nova do assunto. O Henrique partiu para a Sicília onde foi reunir-se ao tio sem dar-lhe as notas esperadas. Deram a medalha na ausência dele e Bonvalot só bastante restabelecido de suas fadigas. Agradece-me o artigo sur le cher Brésil (o da Salignac). Vou almoçar.

1h Bem. Bilhar com Aljezur. Desarranjo de ventre que fez-me bem. Chamando o Guilherme, apareceu-me Boucher que está com ares de avelhantado. Mandeí carta a Roland com o livro do Jourdan já com muitas notas minhas para este lê-las se a moléstia lhe permitir.

6h 20' Volto do passeio a Mouion-Veiu. Vi tudo. Não podia deixar de percorrer lugar tão pitoresco. Na volta adiantei o livro Pensées de Alexandre Dumas filho. Daqui a pouco jantar.

E o tempo vai correndo e breve Cannes

Bela embora, não deixa-me saudades

Porque da afeição só as beldades

Tanta, oh tempo, não creio que as empanes

Por onde, vida minha, mas te afanes

Longe da pátria só em ruindades

Para mim haverá valeidades

Falsos prazeres, meros ademanes

E no estudo mais me concentrando

Viverei do que tenho vem vivido

O mesmo, sempre o mesmo m'encontrando

Crete em Deus, pela pátria estremecido

Da humanidade ao bem me devotando

Sem no homem pensar agradecido.

11h Deitar-me, ler ainda e dormir.

27 de abril de 1891 (2a fa.) – 4 ½ Não tenho sono. Levantei-me 2 vezes e agora urinei ainda bastante. Vou às Pensées de Alexandre Dumas filho. Já se lê bem perto da janela. Dia bom. Acabei o livro. Vou ao Jordan. Vou descansar.

Le Petit Marseillais de 26 “Henri Fouquier”. Parece homem de mérito por Paul Bosq. Artigo interessante. “Le roi de Lahore”. Interessante por Isidore Auris.

O vapor que vi em Nice deixou esta cidade, foi para Paris para seguir de meio do porto as peripécias no Manipur. Também vem artigo interessante “Le Maréchal Moltke” que morreu 6a fa., às 9h ¾ da noite de apoplexia cardíaca, “dans un cabinet d’aisance et non dans son cabinet de travail” – parece-me invenção francesa. Nasceu em Parchim no Mecklemburgo, a 26 de 8bro de 1800.

Vou ler Académie des Inscriptions etc. 9bre-10bre [novembro-dezembro]. Seibold anotou os trechos mais interessantes, começando pelas observações de Renan sobre a restituição feita por Geiger do nome de Job entre os nomes notáveis da literatura enumerados num trecho do livro de Jesus filho de Sirach.

9h ½ Jourdan. 10h Vou lavar-me e sair para a ducha.

EXÍLIO - 27/04 a 12/06 de 1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**27 de abril (2a fa.) de 1891.**

10h 35' Acabo de tomar boa ducha e vesti-me.

11h 50' Tudo como de costume. Ainda não acabei o Montenegro.

2h 6' Almocei bem. Bilhar com Aljezur, Penedo e mulher, os polacos de nome arrevesado, Bois Brunnet e Baker. Esteve cá a Salignac a quem disse quando nós podíamos ver amanhã na biblioteca de Nice e conversei a respeito de suas notas de Rabelais, traduzindo os versos que fez a este Baillif, creio eu, e deixei com a Salignac para copiá-los. Vou tomar café e sair depois para visitar depois Naudin. Dei à Salignac a significação de nomes de pessoas da Bíblia citados por Rabelais.

5h 55' Volto da Villa-Thuret. Todos me acolheram como antigo afeiçoado. Junto papel com os pontos sobre os quais conversamos. Prometeu-me mandar publicações interessantes. A tarde não está boa, porém não chove.

10 ½ Jantei bem. Bilhar com Aljezur e Villeneuve.

Leitura às meninas. Leitura a mim pelo Seibold, tomando eu chá e vou deitar-me. Lerei pouco, pois estou com sono.

28 de abril de 1891 (3a fa.) — 4h ½ Levantei-me duas vezes e agora urinei bastante. Comecei a dormir às 11h ½. Perto da janela ainda não se vê bem.

5h 10' Vejo bem. Dia enevoadado. Estive escrevendo meu questionário para a visita do observatório. Vou ler Jourdan. Quase 7. Vou variar de leitura.

9h ¾ Boa ducha. Vim a pé à estação, mandando buscar flores que levo à Mana Januária. Encontrei na estação a senhora amiga da que chamo petite-brésilienne, às quais falei e vão a Nice a compras. 55' Parto. 5 ¼ Já estou no vagão pronto a voltar. parto. Em Cannes direi o que fiz. Na estação falei à senhora amiga da petite-brésilienne e a esta. Em Cannes direi o que fiz em Nice.

10h 20' Jantei entre Villeneuve à direita e Rebouças à esquerda. Depois joguei bilhar com aquele. Conversei com ambos dando à Rebouças a minha fê de ofício, assim chamo a declaração de meus sentimentos e do que fiz pelo Brasil.

Ouvi Seibold ler acabando a viagem do Lortet, tomando entretanto chá. Em Nice depois de ter estado com a Mana Januária, achando a neta de pé e bem, havendo pouco lido da obra que lhe mandei, fui à biblioteca municipal que muito me interessou e de cujo diretor espero informações. Tem 60.000 volumes e algumas antigüidades de que algumas pareceram-me interessantes. Há de confiar-me um Rabelais com desenhos do mesmo. A casa não é boa. Pretendem construir edificio para ela e fins científicos, literários e artisticos.

Depois estive no observatório para conversar com o diretor Perrotin que assim como a mulher receberam-me como sempre. Vi o filho pequeno que parece inteligente mas não gostar muito de estudar. Conversei conforme o questionário que eu escrevera. Amplificação até 1500 a 2000. Não se corrige a diminuição relativa da imagem. Juntarei amanhã, o questionário com as respostas de que me lembrar. Ficou de mandar-me o interessante.

Percorri o último Compte-rendu que achei na volta. Vou deitar-me e ler até dormir. Foi dia bem cheio.

Não achei bilhete de camarote para a comédia de Gui de Maupassant.

29 de abril de 1891 (4a fa.) - 5h 40' Dormi bem. 3 vezes e agora também indo com bom resultado à banca.

Vou ao Compte-rendu. 5h 50' Li quase todo. Fui à missa pela Santa, e estou despido para a ducha. 12h Boa. Dei o meu passeio e comprei flores. Voltei com grande destempero de ventre. Já me arranjei, li Compte-rendu e vou almoçar.

4h 20' Rebouças almoçou. Bilhar com Aljezur. Savignac com quem conversei a respeito de Rabelais e minha visita à biblioteca e ao observatório. Fui ao Stanislas despedir-me. Lições de grego – Homero, cosmografia e matemáticas. Os estudantes responderam bem às perguntas dos professores e às minhas. Vou a Seibold.

4h 37' Acabei agora o Compte-rendu e notei obras para mandar vir. Seibold.

6h Hebraico, Camões. Assinei exemplares da edição do escrito sobre a língua guarani editado pelo Seibold para o Rei da Suécia, Carlos do Wurtemberg, Carlos de Portugal, Princesa Teresa da Baviera e Grão Duque Frederico de Baden.

Carta de Daubrée de 27 de Paris.

10h 25' Jantei bem com Rebouças. Bilhar com Aljezur. Leitura às meninas. Nova leitura do Seibold do livro de Touar em busca de notícias do Dr. Crevaux. Parece interessante. O Rebouças assistiu às leituras. Chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

30 de abril de 1891 (5a fa.) — 5h 20' Dormi bem embora me levantasse 4 vezes. Fui à banca neste momento por pouco e ainda urinei. Vou talvez escrever ao Ladário a respeito de sua brochura a respeito da questão das missões.

7h Escrevi a Ladário, a Daubrée e a Amelot. Já fechei as cartas. Vou a Jourdan.

8 ¼ Li até o cap. 11. Hei de fazer meus netinhos aprender por ele. Vou ler outra coisa para descansar, mas ainda hoje volto a ele. A carta de Daubrée que respondi hoje diz – “Esperons que le manomètre de la tour Eiffel sera fécond en résultats. Loewy me remettra demain (28) sans doute l'épreuve des conclusions du congrès de la carta du ciel, avec d'admirables photographies lunaires au grossissement... (não leio bem, será 15? Mas 15 que?) executés par les Frères Henris”.

8h ¾ Carta de Daubrée de Paris 28. Prince de Mônaco a 27 – 35 em 52 votantes. Já lhe mandei telegrama.

9h 10' Acabei de ler no Brasil de 30-31 um bom artigo sobre o Arcebispo da Bahia e antes do Pará D. Antônio. Tive as questões que sabem com ele, mas sempre o estimei muito e admirei suas qualidades.

Estou admirando a fotografia da lua – com efeito é o aumento direto de 15 vezes – a idade da lua era de 167 horas. Li Résolutions adoptées par le comité dans la session de 1891. Em cima está escrito – “M. Mouchez épreuve non corrigée” – M. Loewy. Daubrée diz-me na carta a respeito da matemática polaca Rowalewsky. Seus trabalhos acham-se em jornais acadêmicos e científicos. Teve na mocidade paixão por um dos principais poetas da Rússia. Ela confessou-o numa revista russa. Acrescenta: “Elle aurait certainement heureuse de rencontrer Votre Majesté, et j'ose dire reciproquement”.

10 ½ Já me dispo para a ducha e leio a Revista de Portugal n° 16. 12 Boa, enquanto me vestia lia o mesmo. Ao café apareceu Roland sempre bonzinho, a quem disse o que faria com a obra de economia política do amigo, que está melhor e emprezei já para amanhã afim de começar nossa conversa de direito romano.

10h 10' O dia foi quase todo ocupado com a recepção em casa da Lavallée. Muito interessante. Muita gente conhecida. Bonita representação em verso. Pedi cópia da poesia. M^{lle} Barda e um discípulo do Stanislas, que depois fez de gago como já vi no colégio. M^{lle} Barda tocou piano, o alemão meu conhecido cantou. Conversei com Mr. Planchut, Rivoire, Bois Brunnet, Czartoriyski, marido que tem aspecto de melhor saúde e Obolska. Jantei bem com Rebouças. Bilhar com Aljezur. Rabelais, tendo por causa dele a minha visita à biblioteca municipal de Nice e ao observatório, estando antes de sair com a Salignac que mostrou-me bom artigo que escrevera sobre tal assunto.

Li às meninas, ouvi Seibold ler o livro que escolheu e escreveu Thouar sobre a procura do Dr. Creveaux. Tomei chá e agora vou deitar-me e ler até dormir.

1 de maio de 1891 (6a fa.) — 4h e tanto. Não tinha mais. Antes de dormir li o Débats de 27. Academia das Ciências políticas e etc. Sessão de 25. Charles Huet lê o seu estudo sobre Epinomas, filósofo, publicado ordinariamente em seguida às séries obras de Platão posto que atribuído geralmente a um de seus discípulos Philippe Oponete. Seu fim direto é determinar o preparo intelectual e os conhecimentos científicos exigíveis dos depositários do poder não pode senão indiretamente informar do verdadeiro espírito do platonismo, mas não é menos interessante recolher o eco dos ensinamentos de Platão e verificar o gênero particular da repercussão das doutrinas deste filósofo em sua sociedade mais imediata. Declarações pessimistas pelas quais começa o diálogo, consta das ciências que partilhavam então a atenção dos homens de estudo e à testa das quais o autor põe sem hesitar o conhecimento do número gabado sem dúvida já por Platão mas subordinada aliás à dialética, conseqüências reduzidas para demonstração da existência da divindade e da Providência, papel capital da alma como princípio superior à matéria, afirmação direta da imutabilidade e beatitude futura dos sages.

No comitê secreto da sessão de 18 a Academia deu o prêmio Odilon Barrot da importância de 6000fr. a Edouard Bonvalot autor da memória tendo por deusa “Monumenta patriae”. O objeto era “História do direito público em Lorena e nos três bispados do tratado de Verdun em 843 até 1789” – Academia das Belas Artes. Sessão de 25. Levantou-se a sessão depois de uma eleição por causa da morte de Chapu (escultor). Ambroise Thomas declarou em nome da seção música que nenhuma obra do concurso Rossini julga da dignidade do prêmio, prorrogava-se o concurso até 31 de 10bro mantendo o libreto Isis – La Semaine Dramatique. 5h 5’ Não preciso mais de lâmpada. É uma das que sabe escrever Jules Lemaitre. Fala de Neron pantomima no hipódromo. De 28 – Sensations d’Italie por Paul Bourget. Basta este nome. Correspondência do Rio de 15 de março desfavorável, mas sensata infelizmente. Au jour le jour – Les procès de M. Jules Lemaitre – por causa do nome de Thièvres na comédia “Mariage blanc” – É curioso – “Souvenirs intimes sur le Marechal de Moltke”. Tirado do artigo de M. G. Bunsen na revista *The Speaker* de 25 de 8bro 1890. Conheci muito Moltke. Gostava muito de conversar com ele. Parecia padre com sua cara toda raspada e ar impassível embora amável no seu trato. 29 Belo artista Leroy Beaulieu contra as idéias atuais protecionistas em França e mostrando como aumentam o socialismo pela carestia. “Exposition d’électricité de Francfort”. Muito interessante. “Académie des Sciences – Séance du 27 Avril”. Legado de Cahours a moços pobres para estudarem ciências – “en souvenir de mes enfants bien aimés qui eux aussi avaient l’espoir de se rendre utiles à la science Sensations d’Italie par Paul Bourget”.

Fala perfeitamente do Perugino, que se chamava Pietro Vanucci e nasceu em città della Nieve. Por ter suas principais pinturas em Perugia foi se chamando Perugino. Bom artigo de R. Jallifer. Trata das obras *La fin d’une legende* por Ernest Lesigne e *Jeanne D’arc* por Blaze de Bury. 9h Vou a Jourdan.

10h 20’ Quase despido para a ducha. Revista de Portugal nº 16.

12h Boa. Passeio do costume. Sol forte. Jourdan e vou almoçar.

1h 5’ Bem. Bilhar com Aljezur. Salignac – Mme. Héraud – Villa-Leclerc, rue Merle, Cannes. 2 ¼ Acabo de conversar sobre Rabelais. Há de ficar trabalho interessante. Tomei café e vou sair.

5h 40’ Caserta, Czartoryska, reunião em casa do polaco. Vou ao Seibold. Logo tudo referirei. 6h 35’ Só Camões. Jantar. 7h 50’ Bem. Rabelais. 9 ½ Mercier com a amiga. Conversei com ambas e disse a esta que já a tinha avistado passando ela de carro. Fui ver a Magie elegante cujo programa junto e estou ouvindo Seibold ler.

10 ¼ Vou deitar-me e ler até dormir.

2 de maio de 1891 (sábado) — 4h 20’ Dormi bem apesar de ter câimbra não muito forte na perna esquerda – não me obrigou a levantar-me. Vou escrever ao Príncipe de Montenegro. Quase 5h. Também escrevi à Chica e à Januária. Vou a Jourdan – mas antes deixou carta para Mme. Bouhier filha de Alphonse Karr. Escrevi à Gondim agradecendo-lhe sua carta pela Páscoa. Volto a Jourdan. Mandarei procurar em Paris – “Lothar Meyer die modernen Theorien der China” que me foi indicada julgo que em casa de Mme. Lavellée por Gustave Koeckert que pareceu-me muito inteligente e instruído. Deixo Jourdan para descansar lendo deitado.

7h ¼ Débats de 26 – Sensations d’Italie por Paul Bourget. Como sempre. Notei o trecho “L’autre statue, etc.”. Muito me agradou. Le Feld Marechal Moltke. Muito interessante. Le message du président Balmaceda. Agradou-me. Etudes et Récits sur Alfred de Musset. Mando vir *La manifestation du 1^{er} mai*. Publica manifesto dos operários cujas demonstrações deviam ter sido ontem. L’assistance des femmes enceintes. Venda de caridade a 28 e 29 no Grand-Hotel da Sociedade propagadora do aleitamento materno. Academia das Inscrições e Belas Letras. Sessão de 24 de abril.

Quase 9h. Li *Sensation d’Italie* por Paul Bourget. Creio que é o princípio. Começa por Volterra. 21 Octobre 1890. Traço à margem agradou-me. Hei de ler estas cartas quando colecionadas.

9h 20’ Vou me vestir. 50’ Já para a ducha última desta temporada.

11h Boa. Fui a pé depois de comprar as flores até perto do passeio do costume. Vou almoçar e partir para a estação. Darei as flores conforme quem estiver na estação. 1h Já viajo. Muita gente conhecida na estação. Dei as flores à Caserta. 1h 25’ Avigny. 2h 10’ Les Arcs. Passamos. 3h 23’ Por Le Lac e Le Cannet e ¾ passamos Gonfaron. 40. Pignans. 55’ Carnouilles. 3h 17’ La Pauline. 20’ La Garde. 35’ Toulon. Já passamos por Seynes das Forges et Chantiers. Quase ¾ Odilles. Avista-me uma enseada. Beiramos o mar, porém superiormente. Para variar vou ler o livro de Jourdan se não me preferir o Débats de 1^o – Prefiro, tem “Revue des Sciences”. 4h 5’ La Ciotat. 17’ Cassis. ½ Passamos por Aubagne. Acabo de ler no Débats de 1^o

“Au jour le jour”. Artigo excelente de Gaston Deschamps. 35’ Camp-major. Antes li também no Débats “La manifestation du 1^{er} mai” – petição que será apresentada no dia 1^o a Floque presidente da Câmara. “Le Congrès Catholique” e “La question économique”. 4 ¾ La Blancarde e antes avistei Notre Dame de la Garde. Atravesso o túnel e 4h quase 50’ Marselha. Estou lendo a Revue des Sciences – O dia é feio, mas pode-se ler. Saio (saí do grande túnel). “Telescópio [ilegível] do observatório de Paris”. Depois de ler tudo extratarei, mas já tenho nota da Revue Universelle des inventions utiles de Henri Farjus n^o abril.

8h ¾ Jantei bem passeando por Avignon. Trazem-me vela e vou ler.

10 ¾ Acabei a Revista de Portugal n^o 16. Vou tratar de dormir.

3 de maio de 1891 (domingo) — 5h Dormi bem. Só 2 vezes e há pouco. Já estive no corredor, enquanto arranjam o compartimento, havendo-me antes lavado e vestido. Vou ler o Petit Marseillais de 2 de Cannes. O monumento póstumo devido à generosidade de Thières para morada de estudantes pobres que se dediquem a especialidades está quase acabado, (o artigo intitula-se “Grands hommes insulé”) 23’ Briennon “le 1^{er} Mai à Marseille”. Refere o que houve. Pouca cousa. Petição aos Poderes Públicos entregue ao maire por Tisserand. Nubar-pacha, meu conhecido do Egito e de Londres estava em Marselha. ½ Para Laroche Auxerre. Demora já de bastantes minutos. Passa trem em sentido contrário e quase 40’ seguimos.

Não vejo senão notícias pouco importantes do 1^o de maio. Tentativa criminosa de dinamite contra o Hotel de Trevoise – já falei disto – “Guillaume 2 et la Russie”. Discurso violento do Imperador contra a Rússia. De Coprivé, 1^o Ministro, que estava presente fez tudo para não divulgação do incidente. Toda a passagem relativa à Rússia foi suprimida, só o Sauleszeitung, jornal do partido bismarqueano a tornou conhecida. Sigo à margem creio que direita de um rio longo. Agora passo perto e vejo que não me enganei. Ville-neuve-de-Yonne – que vejo ser o rio. 6 ½ Sens. Vou margeando o Sena. Já caminho para Paris, que vale bem, – não digo uma missa, como Henrique 4^o – mas – não um trono, a não ser para servir aí à Pátria.

7h 5’ Thonery. 22’ Menant e atravesso uma ponte. 7h 47’ Ville-neuve. St. Georges. Quase 8h Maudin. Alfort. 6’ Paris.

9h Vi o Penha, genros e Macedo. Já estou no vagão para Versalhes. Já gostei da vinda de carro da estação da chegada para esta. 5’ Parto. 10h Hotel em Versalhes. Minha filha e Tostas estavam na estação. Isabel só a encontrarei às 11 na missa e de tarde verei os netinhos.

Li no vagão o Débats de hoje. Discurso notável anti-protetionista de M. Aynard. ¾ Pois não vi Isabel na missa. Só a ouviram comigo Gaston e Antônio. Antes de sair recebi telegrama – “Le Prince de Monaco à Sa Majesté Empereur du Brésil. Suis très touché et remercie vivement Votre Majesté pour bienveillantes félicitations – Albert”. Em resposta ao meu de parabéns pela eleição de correspondente da Academia das Ciências. Podia ter vindo antes – New York a de maio., 5 a 6.000 trabalhadores de minas de carvão fizeram parede no 1^o em Pittsburg. Hungria. As manifestações foram sérias em alguns centros operários. Itália. Veleidade de motim em Roma na prisão Termini entre os presos festejando a chegada de Amilcar e Cipriano. A desordem reprimida logo. Os anarquistas tentaram diversos pontos de Roma impedir os operários de retomar o trabalho, mormente nos Prati-di-Castelo onde 400 trabalham no Palácio de Justiça.

“L’êcho de Paris”. Nada de interessante. No dia 1^o foram mortos 10 trabalhadores, 7 feridos de que morreram 2 depois, em Fourmies no departamento do Norte perto da fronteira belga, numa região onde a cardação e a fição de lã ocupam cerca de 200.000 pessoas. Entre os manifestantes havia muitos belgas e alemães. Colisão em Roma, desordens na Bélgica e na Áustria. “Les expériences de lancement de la torbille dirigeable. Les dégâts du Vatican” – pela explosão da fábrica de pólvora de Pozzo – Pourtales. No interior do Vaticano, 500.000 fr. e 300.000 basilica de S. Pedro. “Les troubles de Fourmies 2 Mai – L’autorité – La manifestation du 1^{er} Mai – Le Matin “Agitation ouvrière” – Figaro “Les télégraphes sous-marins”.

2h 10’ Está Aljezur lendo a Imitação para eu ouvir. 2h 23’ Fiquei no capit. 11. 9h 20’ Fui ver as águas de Versailles. Tarde bela e bastante gente. Gozei bem do bellissimo espetáculo. Fui jantar com minha filha. Os Tostas não apareceram. A Tostinha estava com dor de cabeça. Ia me esquecendo dizer que encontrei vendo as águas 4 brasileiras de S. Paulo que me falaram.

Li à Isabel “Luz e Calor”. Acabo de regressar e vou tomar chá deitado – depois e lendo talvez um pouco até dormir.

4 de maio de 1891 (2a fa.) — 4 ½ Não tinha sono e pode-se já ler sem luz. Levantei-me 3 vezes e agora ainda urinei. Vou ler o artigo “La Biographie du Dante” da Revue des deux Mondes, 15 de 10bro [dezembro] por ter boa letra e há muito desejava ler. Ainda me [ilegível] e para não cansar a vista vou poetar.

5h 10' Como já se vê bem e a musa só me consentiu os dois quartetos vou ler.

7h ¾ Acabei de ler o bellissimo artigo de Edoard Rod “La biographie de Dante” na Revue des deux Mondes de 15 de 10bro[dezembro] de 1890 que tinha posto de parte, por causa de outras leituras. Notei diversas obras sobre Dante e escreverei a de Gubernatis para mas mandar, assim como outras a respeito de Dante. Débats de 3. Parede a 1º de 5 a 6000 trabalhos [sic] de minas de carvão na região de Pittsburg.

Hungria, manifestações sérias em alguns centros operários. Muitos feridos pela tropa!!

La manifestation do 1º. Nada de importante. M. Leconte de Lisle [sic] et M. Anatole France. Já falei deste assunto – Academie des Sciences Morales e Politiques.

Séance du 2. Estado de saúde de Duruy, o mesmo. Carta do neto de M. Cheruel anunciando a morte do avô. Levanta-se a sessão. Cheruel morreu na noite de 1º a 2. “Nécrologie” – M. Cheruel. Refere suas obras, sobretudo a Histoire de la minorité de Louis XIV que o levou à Academia. “Ferdinand Gregorovius”. Tomei nota de suas obras para mandar vir. Li o Relatório das Conferências de S. Vicente de Paulo no Porto no ano de 1890 – Muito agradeço o que notei pg. 7. Vou a Jourdan. Não acabei o soneto – e agora o meu Jourdan.

10h ¼ Já estou me despindo para a ducha. Comecei a ver a galeria de Versailles pela salas das Cruzadas etc. Tenho para todas estas manhãs depois da ducha. É bom passeio. Isabel está aí. Já lhe falei.

1h 55' Almocei bem com ela. Estive com o Alto Mearim que se mostrou como se esperava dele, apesar do que fez no Rio por medo. Conversamos sobre o Liceu Português e ficou de mandar-me as últimas informações a respeito dele. Vim para a gare onde li e já estou no vagão para voltar. Instituto – Não havia a sessão, apesar de pouco passar das 3h – mas vi o que pude depois de ter falado com acadêmicos e estive no atelier de Chaplin que é no pátio do Instituto onde conversei com ele e a filha de Jules Simon cujo medalhão pouco parecido mostrou-me ele. O resto direi em Versailles para onde não pude ir pelos trens imediatamente anteriores ao que sigo.

5 ½ Cheguei pouco depois de 6 ¼ e ao hotel antes de 6 ¼. Em caminho li o artigo muito curioso na Science Moderne “Au Pôle nord en Ballon” a respeito da expedição de Hermite e Besançon. Infelizmente não pude falar no Instituto a Hermite tio a respeito do artigo. Não compareceu à sessão.

Débats de 28 de 10bro [dezembro]. La mission Mizon - Interior da África, rivalidade de nações. “Au jour le jour”. Representação de Ester na Escola Monceau. Cálculo curioso relativo a um milliard. Le Lattin dans la langue française. St. Ignace de Loyola. Já li o livro que anuncia. Academie des Inscriptions et belles-lettres – Séance du 26 Decembre.

9h Saí. Rio Branco veio ver-me e jantou comigo. Conversei sobre diversos assuntos mais ou menos referentes ao Brasil.

Academia das Inscrições etc. Sessão de 26 10bro [dezembro]. Oppert eleito presidente. Alexandre Bertrand vice-presidente. A Academia ouve em comité secret o relatório da comissão para apresentar candidatos às vagas dos correspondentes estrangeiros e franceses. Para a única vaga de correspondente francês foi eleito o R. P. Delattre diretor do Museu de S. Luís de Cartago. Nomeação de diferentes comissões não permanentes para o ano seguinte. Salomon Reinach empreendeu edição barata de diversas obras. O que fez ora a respeito da “Viagem arqueológica na Grécia” de Le Bas, acaba de repeti-lo em relação da “Biblioteca dos monumentos gregos e romanos”. Le Millin e Millinger com abundante comentário. Georges Perrot apresentando a obra fez sobressair sua utilidade e mérito. Renan fala da 2ª parte dos “Contos populares da baixa Bretanha” publicados por M. Luzel e de que deseja faça-se menção na ata que encerra o ano de 1890. Outras apresentações de obras pelo marquês de Hervey de Saint Denys, por E. Leblant, Simon Luce, l'abbé Duschesne e du Latégnie. Vou ver Rabelais.

5 de maio de 1891 (3a fa.) — 4 ½ Vou acabar de ler os discursos nos funerais de Chapu a 23 de abril por Henri Delaborde secretário da Academia das Belas Artes, o qual principiei antes de pegar no sono – de Paul Dubois diretor da Escola das Belas Artes e de Bouguerian pela Associação dos artistas pintores, etc. Recebi-a ontem na Academia e li hoje a carta de Cailletet a Daubrée. Agradece a atenção que prestei ao manômetro da torre Eiffel que ele estabeleceu e diz “cet appareil mesure des pressions de 400 atmosphères, dans des conditions de précision qu'on n'avait pas encore obtenues,

aussi ai-je pu commencer une série de recherches sur les tensions de la vapeur d'eau jusqu'au point critique, c'est-à-dire jusqu'à la température de 280° où la vapeur d'eau cesse de se condenser par la pression. J'ai poussé ces déterminations jusqu'à 170 atmosphères. J'aurai aussi à reprendre l'étude de la compressibilité des gaz sous de hautes pour m'occuper pendant plusieurs années.

Je vous prie de vous charger d'exprimer à Sa Majesté l'Empereur toute ma gratitude". Vou ler no número de La Nature de 18 de abril que ele me mandou com sua assinatura a descrição do "Manomètre à air libre".

Figaro de 4 – À l'étranger – Le mouvement ouvrier. Nada de amor. La manifestation d'hier, o mesmo. A Academia corou o livro Le Raid en Asie. Vou mandar buscar assim como assinar a Revue encyclopedique comprando o último número – "Echo de Paris" com a data de 5, mas que tive ontem. Rio de Janeiro – 2 mai – "Le ministre de France a Rio de Janeiro a présenté ces lettres de créance – Le Premier Mai – dans les départements – À l'étranger – Le projet de reconstruction de l'Opéra – Comique (suite). Ce projet est de M. M. Vibert et Charpentier". O pai deste tinha construído o teatro que ardeu. Garnier foi encarregado de dar parecer. Fez modificações importantes que talvez exijam novo estudo. Os autores do projeto ocuparam-se mormente dos novos regulamentos para prevenir, quanto possível, os perigos de incêndio – Le Gaulois – "L'empereur Dom Pedro du Brésil accompagné du Comte de Mota Maia est arrive hier à et s'est rendu immédiatement à Versailles, chez sa fille Mme. la Comtesse D'Eu – À Fourmies – La journée du 1^{er} Mai à Fourmies. La fusillade – L'intervention du clergé – La conduite du clergé – est l'objet d'une admiration unanime. La situation du maire – C'est surtout contre le maire M. Bernier que les colères se donnent libre carrière. Les ouvriers prétendent qu'il es responsable de tout. "Les obsèques des victimes". Au point où sont les choses la conciliation n'est plus de mise. On attend des renforts de Roesen si besoin est – on me dit au dernier moment, que les obseques pourraient encore retardées – *Nouvelles exterieures* – "L'état de siège en Belgique" – 3 mai – La grève générale vient d'éclater dans tout le bassin de Liège. Le carnet de l'amateur – un salon d'oeuvres choisies. Collection de tableaux modernes formée par M. Bussaton na Galerie Petit, oeuvres choisies ou comandées par un connaisseur doublé d'un artiste". São de Meissonier, Bonnat, etc.

Tenho ainda tempo para Jourdan – mas vou percorrer os livros que mandou Dodsworth, barão de Javaí, diretor da secretaria da Câmara dos Deputados.

9h ½ Vi-os suficientemente, marquei-os e anotei-os.

10h 10' Já me dispo para a ducha.

1h 20' Foi boa. Continuei a ver a galeria de Versalhes, onde encontrei meus filhos que me acompanharam voltando com eles para almoçarem. Vieram os Tostas indo ele para Paris e a mulher creio que para sua casa aqui. Vou agora ler o Débats de 2 que não sei porque o não fiz antes. Sensations d'Italie de Paul Bourget. Orvieto 4 9bre [novembro] Belo. Quando estes artigos formarem livro é que melhor os apreciarei. "La manifestation du 1^{er} Mai" – Soirée du 30 avril – La matinée – Départements – L'étranger Chambre des Deputés. Séance du 30 avril. Au debut M. Loeckroy occupait encore la tribune pour achever son discours... le systeme de la commission conclut l'orateur s'écroule dès qu'on souffle dessus. La majorité ne voudra en l'adopt exposer la France à voir réapparaître toutes les funestes consequences du protectionisme. Vou sair.

5h 10' Pouco resta a ver do palácio de Versalhes. Vi hoje além dos retratos da família da minha sempre lembrada esposa e da família minha e de Orleans o bellissimo da imperatriz Eugênia por Wirstenhelter creio que tudo terminarei depois da ducha. Recebi carta de Ravaisson quanto a restaurações que supus ter feito na Venus de Milo e pedindo-me subscrever para o monumento a Meissonier. Débats de 2 – Lettres de l'Angleterre – La gratuité de l'instruction. Londres 30 de abril. La tour Eiffel em Moscou. A exposição de Moscou apresentará trabalho curioso de M. du Pasquier arquiteto do teatro Bellecon de Leão e de M. Digéon construtor metalurgista bem conhecido. Reproduz a reprodução em cobre da torre da grandeza do quinquagésimo. Custou um ano de trabalho e considerável soma. Os jardins são reproduzidos com as chusmas de passantes, a circulação de todas as espécies de veículos, tudo reduzido a proporções exatas que conservam aspeto monumental a essa torre de 6m. Com ligeira atenuação da verdade colocou sob os 4 pilares as fontes luminosas de que tanto se tem falado. Estas fontes por meio da eletricidade reproduzirão todos os efeitos de luz. A torre iluminada por intervalos regulares e nos motorinhos Kwigues, lanternas minúsculas elétricas contribuirão para o efeito. O espetáculo será disposto em pavilhão escuro de modo a sempre gozar de efeitos noturnos. Academia sessão de 30 de abril. Ouvi de novo os relatórios da última e reexaminei as obras apresentadas pela comissão do concurso Monthijon. 6 prêmios de 1.000 fr. são concedidos às obras mencionadas de que tomarei nota para mandar vir algumas. 2 prêmios de 500 fr. cada um são dados a

obras que talvez mande vir. A Academia para continuar o trabalho dos concursos reunir-se-á extraordinariamente a 5. O aniversário de Corneille será celebrado na Comédia Francesa com uma poesia pedida a M. Paul Gault e recitada por M^{lle} Dudlay.

10h Jantei bem. Isabel esteve cá e acaba de sair. Continuei a ler Maspero às Motas Maias. Tomei chá há pouco e vou ler Daubrée até dormir.

6 de maio de 1891 (4a fa.) — 5h 5 vezes e ainda agora fui à banca só urinando pouco. 5 ½ Já fiz o meu soneto para enxaguar o espirito e vou a Daubrée. 7h 5' Escrevi-lhe mandando seu folheto interessantíssimo de geologia sintética anotado por mim.

Vou os dois primeiros números do Jornal do Brasil. Quase 8h. Acabo de ler os números do Jornal do Brasil. Nada de notável. O que mais me interessaram foram as “Efemérides do Paranhos”. Os artigos de fundo do Rodolfo Dantas, creio eu, e de Nabuco são fracos. “Aos médicos brasileiros” transcrito da novíssima publicação do Dr. Pires de Almeida sob o título a “Física e os físicos”. Não agouro longa vida ao Jornal e sinto-o por minha simpatia para com Dantas e Nabuco. Vou a Jourdan.

9h Li um pouco e recebo cartas de Liégeard, Paris 2 sobre sua candidatura. Antes tinha escrito a Ravaisson em resposta a sua carta de 4 – e explicando o que lhe dissera sobre a sua Vênus de Milo.

1 ¼ Acabo de almoçar com vontade. Antes boa ducha e creio que pouco me ficou para ver da galeria de Versailles. Gaston veio ao banho e daí foi comigo ao palácio e acompanhou-me até certa hora. Tinha passeado a cavalo trazendo ainda as botas de montar.

8h 10' Acabo de jantar bem. Gaston já se retirou e despediu-se de mim. Isabel ainda está aqui. Antes do jantar estive com a Condessa da Estrela, Maia Monteiro e mulher e falamos de todos os conhecidos. O Conde da Estrela devia vir, mas perdeu o trem.

Recebi carta de Daubrée de hoje. Diz que vai mandar minha carta a Cailletet. Diz que vem cá amanhã. Vou-lhe mandar telegrama dizendo que parto para Essen e só estarei de volta a 11 à noite. Vou ler às Motas Maias.

7 de maio de 1891 (5a fa.) — Levantei-me às 4 ¾. Já escrevi em resposta a Daubrée. Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e antes de escrever ainda fui à banca, mas para segurança e urinei somente. Ontem depois da leitura tomei chá e deitei-me, pouco lendo da revista Société de Géographie. Daqui a pouco tomo café e saio. Vou ler Société de Géographie.

6h 5' Saio do hotel. 27' No vagão e creio que vou partir. 36' Parto.

7h 20' Estou chegando a Paris e já fiz meu soneto a Krupp e ao casamento. 25' Chego. 8h 20' Parto. Estive na estação com o Estrela. Na volta verei a afilhada. Planície.

9h Chantilly. 7' Creil. ¼ Margeamos pela esquerda um rio que julgo já ter há pouco. Passo Pont-St. Mayence. 9h 35' Compiègne. Creio margear canal. Passo Chauny – Passei por Tergnier. A estação indica povoação importante. 10h 37' San Quentin. ¾ Sigo de há minutos. Tomei café. Não me puderam dar fotografias do monumento de meu amigo Henri Martin, nem pude avistá-lo como me disse era possível um empregado da estrada a quem falei. Já me sucedeu a mesma da outra vez. Ucigny. 11 ½ Marco estas estações para calcular o caminho andado. ¾ Aulmoge – Parada onde se almoçou. 12h Maulange. O dia tem estado enevoado, e pouco tenho visto. ¼ Geumant. Pára pouco e segue. Erquillinis. Parou-se. Tomei café com a Monteiro de Barros e a filha. 40' Estou andando e já vi o de Charleroi e atravessei o canal por vezes. Túnel pequeno – Vê-se o canal à esquerda. Zons. Parada pequena. 1h 7' Charleroi – Pequena parada. 12' Segue. Quase 20' Couillet. 23' Canal à direita e Chatelineau – Parada – 25' Segue, e agora junto ao canal à direita – Fancienes – antes passou outra. Atravesso o canal. Tamines. Pára. 1h 35' e segue logo. Atravessou o canal perto de pequena estação. Jemeppe. Passa o canal – ainda outra vez – Moustier – Passo canal e ainda Tranière. Passa canal. Id. Florette – Graces de Florette – passa canal. Vê-se bem este. Flaurine – Canal – Quase 2h Namur. 5' Segue um trem em sentido oposto e uma locomotiva – mais outra – 8' Seguimos. Ladeio o canal que se alarga. Beez. Estratificação calis calcárea curiosa. Passamos Namèche e perto do canal onde há barragem. Túnel pequeno. Andene-Seilles. Parada curtíssima e segue. 2h ½ As *contois* que há pouco observei do terreno recordaram os trabalhos de Daubrée. Passamos pela estação de St. Starta e chegar à de Huy. Está-se construindo bonita estação. Pequena parada e sigo. Túnel pouco depois. Margeio canal ou talvez rio – Hermol – O rio parece

ser o Huy – Volta a formação de que falei. Engis Barragem antes de uma estação cujo nome o Aljezur deixou-me escapar. Flemalle onde parei. 3h 5' Sigo. Jemeppe. 3h 13' Filleur. ¼ – 20 Liège. Mandei lembranças a quem reste da família Bourgomestre do Piericot, que foi ministro do interior do rei Leopoldo 1º e teve a célebre questão com os arcebispos de Malines, e a Sadine, que ainda vive e organizou tão bem o trabalho da fábrica de Seraing, onde há alias agora greve. É questão que ainda não tem sido bem estudada para evitar às vezes tamanhas desgraças. Chèvremont – e pequeno túnel – Chauv – Fontaine – túnel muito pequeno. Creio que é o Moselle que passa por Liège. Túnel muito curto. Trooz. Túnel pequeno. Margeia-se rio à margem esquerda. Anda-se muito de vagar, talvez por ir-se à borda de atêrro. Traspont. Túnel pequeno. Atravessa-se o pequeno rio. Túnel pequeno. Antes passamos túnel não muito pequeno. Túnel pequeno. Atravessamos o rio, e túnel pequeno, e arredado. Outro túnel pequeno. Chegamos à estação não muito pequena de Pepinstal. 4h e seguimos logo. Túnel pequeno. Verviers – fronteira da Alemanha. 8' Segue. Túnel pequeno – outro id. Mais outro assim – mais outro id. os primeiros pareciam atravessar povoado. Ponte muito elevada sobre o rio. Túnel curto. Túnel pequeno. Estação que julguei ser Dolman. Os mais companheiros preferem ler a guardar lembranças do caminho. Viajam por viajar, durante o caminho. Túnel curto. 4h 40' Herbesthal. Tomei café e passei pela estação. O chefe foi muito amável, também eu sou compadre do pai de seu Imperador e padrinho de sua irmã. Pequeno túnel. Outro maior. Andando de vagar – muito de vagar e depois menos e ainda devagar chego a Aachen (Aix-la-Chapelle). 5h 36' Pela estação. 5h 5' Estou parado há minutos e sigo. 5h 40' Saimos do túnel pequeno. 48' Stalberg. Pouco depois de 50' túnel pequeno. Eschweiler. 6h 14' Düren. Parou. 18' Segue. Como não tinha luz depois interrompi.

11h ¼ Estou no meu quarto conhecido meu em casa do Krupp que tem sido como sempre para com o amigo do seu pai. Já vi Nioac e todos os meus amigos daqui, tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir.

8 de maio de 1891 (6a fa.) — 4h ½ Dormi bem. 3 vezes durante a noite e agora. Expedi telegrama à Isabel. Vou a Jourdan. 7h Li até capítulo 2º. Cada vez mais gosto dessa obra. Vou ler os jornais que trouxe. Começo pelos Diários do Comércio do Rio – de 9 de abril – mas veio tinteiro e copiei com tradução francesa interlinear o meu soneto para amanhã dia da cerimônia do casamento.

9h 10' Li os Diários do Comércio do Rio de Janeiro de 9, 10, 11 e 12. Só me interessou verdadeiramente a biografia de Sousa Franco por Eunápio Deiró, Podia ser mais bem escrita. Quiseram arrendar o matadouro, mas felizmente não se fez. Leio que está quase acabado o túmulo de Pio 9º em São Lourenço extra-muros. Espero vê-lo. Vou lavar-me e vestir-me.

2 ¾ A ducha foi sofrível. Passei. Estive vendo jogar law-tennis *[sic]*. Almocei bem. Vi estampas e conversei. Agora examinei os presentes do casamento, que se perfaz amanhã e vou ler até o lawn-tennis.

Sup. Temps de 7 – Artigo do general Thomas sobre Moltke. Não me parece imparcial, embora bem escrito e não exaltando demais Moltke. Société de Géographie. Curioso. “Un guide du voyageur dans l’Afrique Française. Le 462^{ème} anniversaire de la délivrance d’Orleans par Jeanne d’Arc.” Celebra-se hoje. Nous avons tiré ce mystère – que o suplemento publica – du poème attribué sans preuves concluantes, à Jacques Malet. En 1850 M. M. Renan et Daremberg rapportèrent en France, de la bibliothéque du Vatican la copie de quelque vers du vaste poème. Le bon peuple du 15^{ème} siècle consacrait cinq journées consecutives à voir se dérouler ce mystère de 25.529 vers écrit sur le siège d’Orleans par Jeanne d’Arc. Mystère en 16 tableaux tiré du mystère représenté à Orleans en 1435, 49 et 56, lors de fêtes commemoratives du 8 Mai. É curioso. No de 7 li o folhetim de Paul Bourget, Sensations d’Italie. Trata de Assise onde estive. Vou ao lawn-tennis. 5h 55' Café. Passei com Mme. Krupp. Retiraram-se todos. Durante o lawn-tennis Mme. Krupp apresentou-me oficiais da infantaria da marinha alemã, camadas *[sic]* dos irmãos. Vou ler jornais franceses. Débats 7. Academia de Medicina. Sessão de 5. Dujardin – Beaumetz mostra por estatística de 84 a 84 que a mortalidade das crianças deixadas às mães não é no 1º ano senão de 16% enquanto é de 34 par as da assistência pública. M. Gueniot afirma que a mortalidade das crianças assistidas é menor que a das mães socorridas. Mostra que a comparação dos dois casos é injusta, os expostos são em número grande doentes, fracos, moribundos mesmo, de que alguns pertencem sem dúvida a mulheres socorridas até a doença do filho as decidir a abandoná-lo. A discussão das conclusões propostas encerra-se na próxima sessão, algumas delas tendo sido reenviadas à comissão.

“Ignacio de Loyola”. Esta obra escrita pelo Père Charles Clais já a li. Vou ler o artigo. É a escrita pelo jesuíta Ribadanera com comentários e notas. “C’est de crois Emerson qui dit – une institution n’est que l’ombre allongée d’un homme – Le mot

n'a jamais été si vrai que pour l'oeuvre d'Ignace de Loyola et la vie de Ribadanera a le grand mérite de nous le faire sentir à chaque page". O artigo é de Arvède Barine – Morreu Constantino Papparregopoulo. Escreveu a História da nação helênica em 5 volumes. Nasceu em Constantinopla em 1815. Os helenos que o consideravam seu historiador nacional fizeram-lhe funerais solenes. Os sábios e letrados do ocidente associar-se-ão a seu do- [sic] e avaliarão o prejuízo da ciência e das letras.

11h ½ Deixei-os ainda dansando e vou ler deitado. Jantei bem com muita gente na grande sala ao som de boa música. Depois conversei e começou o baile. Mme. Krupp tem dançado sempre. Vou deitar e ler até dormir.

9 de maio de 1891 (sábado) — 5h Má noite por causa do Guilherme. Gritei. Tive que urinar 2 vezes sem ele me acudir. Tive de quase sacudi-lo para se levantar como que estonteado. Chegou a parecer maluco, mas julgo que é tudo preguiça. Fui à banca, mas quase nada fiz. Ainda urinei agora. Antes de dormir li o Figaro de 6, "Exposition de Moscou". Continuo a ler "Exposition de Moscou". Les préparatifs. "La ferme modèle de Vichy". Gravier Ch. propriétaire, envoie son lait phosphaté naturel – Lettre de Belgique. O deputado Van-Beneden, será o filho do professor meu amigo aquele também professor que esteve no Rio? propôs a plantação de árvores para defesa da Bélgica. Pô-la como no tempo de Júlio César quando veio caçar (traquer) os menapianos nos bosques que cobriam então as Flandres. As legiões operaram dificilmente. "Figaro au Vatican". Fala do sangue frio na ocasião da explosão de dinamite. Nesse dia recebeu o príncipe Oscar de Suécia, apesar de se ter apresentado ao rei, por isso que ele é protestante. Trata do ato pelo qual estabeleceu as bases do novo observatório (hei de procurar vê-lo). O Papa faz conhecer pormenores curiosos. Lembra que em virtude de prescrições do Concílio de Trento ordenando a revisão do calendário eclesiástico é que se construiu a primeira a primeira torre. Daí saiu a reforma gregoriana. Trabalhou durante os séculos 17º e 18º. Mas reconheceu-se que a situação não deixava ver todas as constelações, uma parte do céu sendo coberta pela cúpula de S. Pedro. Transportaram-se os instrumentos principais para a interior da cidade – entre outros o do colégio romano, onde vi Secchi uma das vezes. Tornou-se a tomar posse diz o Papa da torre gregoriana, mas duplicou-se o serviço pela adjunção de outra que se presta perfeitamente a todas as observações astronômicas. Fez transportar para aí os instrumentos por ocasião de seu jubileu sacerdotal, e o grande equatorial encomendado para Paris. O padre Denza da congregação dos regulares de S. Paulo dirige o serviço. "Chronique Berlinase". Fala de Moltke e da exposição de belas artes. O imperador aproveitou a ocasião para provas de estima pela imperatriz sua mãe. "Leuze de Madri". Fala na pequena igreja dos trinitários em honra de Cervantes que supõem aí enterrado. A Academia espanhola a que julgo pertencer, convida no dia do nascimento de Cervantes todos os homens de letras de Madri. As irmãs cantam a missa. Nessa igreja Lope da Vega retirado do mundo e feito frade rezou sua primeira missa não longe da filha natural que se fizera freira. O pequeno convento que eu visitei – acha-se no centro da rua Lope de Vega, pois na extremidade da rua morava o dramaturgo que escreveu 1600 peças. Débats de 4 – Académie des Inscription etc. Séance du 1^{er}. "M. Geoffrey signale à l'attention de l'Académie un nouveau fascicule des "Melanges d'Archeologie et d'Histoire" – Condition de la femme celte. Dans une communication de l'Arbois de Jabarnville. Continuation de la lecture par M. Julien Havet d'un memoire de M. Feliz Robion sur l'état religieux de la Grèce au 4^{ème} siècle avant notre ère." Election de Whitley Stokes de Londres em lugar de Frantz de Miklovich de Viena. Artigo sobre Gregovorius que morreu no dia 2 em Munich com 70 anos. Acabei de ler e de anotar o folheto "Palavras proferidas pelo Bispo de Coimbra no Congresso Católico de Braga em 6 de abril de 1891". Vou ler Jourdan, não posso esquecer-lo, pois a leitura até agora tem me cansado um pouco e talvez vá até a Hübner e à poesia se eu estiver de veia.

9h 40' Fiz um soneto – sofrível. Vou vestir-me depois de lavar-me.

10h 12' Bom banho de chuveiro. Aqui há repuxo. Li um pouco de Hübner e agora vou ao café. 12 ¼ Passeei pela casa, joguei bilhar com Aljezur e acabo de aprontar a cópia dos dois sonetos de ontem e de hoje.

7h ½ Casamento protestante. 1h Foi imponente. O pastor falou muito bem em alemão tudo compreendendo-o. Almoço ajantarado de muitas pessoas, de que junto menu e programa das músicas muito bem tocadas. Depois conversei e vi estampas. Às 7h saíram os noivos para sua viagem. Todos os acompanharam até o carro. Foi tocante. Antes conversei bastante sobre o exército alemão, expendendo minhas idéias contrárias às do interlocutor quanto a exército aquartelado.

Darei logo meus sonetos a Nioac e à família Krupp, quando julguei seria mais oportuno. Vou ler Hübner até descer.

8h Tomei bom caldo de carne com pão. Às 9 ½ desço. 11h ¾ Tomei chá. Dançaram e eu assisti até o fim. Amanhã darei os sonetos. O dia passeio-o eu muito agradavelmente. Se não fosse a Isabel ficaria eu mais tempo com esta boa gente. Hei de fazer-lhes talvez meu soneto de despedida.

10 de maio de 1891 (domingo) — 4 ½ Dormi bem. Guilherme esteve muito dorminhoco. Gritei por ele, respondia mas não vinha. Não é o criado que me serve mas às vezes atrás de mim virá quem bom me fará.

Vou ler Jourdan. 5 ¼ Le Matin de 7. “Une Nouvelle Chambre”. A atual é insuficiente. Orçamento 2 milhões fr. Figaro de 7. “Une nouvelle encyclique”. Analisa a do Papa a respeito do socialismo “La 100^e de Lakmé”. Revelação de uma nova Lakmé M^{elle} Jeanne Horzotz. Le nom de cette jeune et brillante artiste n’est pas inconnu des lectures du Figaro. Elle a fait sensation à notre dernier five-ó-clock – Echo de Paris 8. “Les télégraphes sous-marins”. Interessante. A rede atual construída ou em construção é de 6.754 km. Gil-Blas de 8. Nada que me pareça merecer referência. 7h 5’ Revue Rouge de 7. Bom artigo de Ch. Vogt creio que de uma série. Biologie – Dogmes dans le science – 1 - La loi cognogenetique. Vou a Hübner. 10 ¼ De volta de ouvir missa. O cura pregou, mas não pronuncia bem – como protestante. Vou ler a Revue Rouge que já tinha copiado desde ontem. 12 ¼ Acabei de ler a Revue (rouge) scientifique de 2, n^o 18. Ontem devia ter aparecido outro n^o – Le monde de 7. Eglise offerte à Léon XIII à l’occasion de son Jubilé Episcopal. Mgr. Hulet diz – Dans des conditions – la construction de l’église ne devra pas conter plus de 200 ou 300 mille fr. – la depense totale – entre 4 a 500 mille fr. – le St. Père accepte avec joie l’offrande de cette église – “La reforme de l’ortographe”. M. Bourgeois, ministro de instrução pública – vient d’adresser aux recteurs une interessante circulaire relative à la reforme de l’ortographe – Publica a circular.

2h 40’ Almoço. Soube-me. Estive vendo livros de estampas. Recebeu-se depois do almoço telegrama enviado de Cologne pelos noivos. Todos se retiraram e eu vou ler Hübner.

7h Acabo de assistir ao lawn-tennis. A tarde esteve boa, mas quente. 7 ½ Toca o gongo para o jantar e largo a Revue-bleue. 11h Jantei bem. Ovi o bom órgão tocar diversas músicas minhas conhecidas e conversei. No jantar fiz a saúde da família Krupp e depois dei Mme. Krupp os meus sonetos à chegada e ao casamento que ela ficou de enviar aos noivos. Mme. Krupp deu-me a poesia feita a Bismarck pelo Conde de Westarp que fiquei de traduzir em verso e enviar-lhe. Tomei chá e depois ainda conversei e vou deitar-me e ler até dormir.

11 de maio de 1891 (2a fa.) — 5h 3 Vezes urinei durante a noite e ainda agora. Tenho tido como dantes cáimbra bastante forte na coxa esquerda. Vou acabar a Revue-bleue.. 8 ½ Acabei de ler a Revue-bleue – política e literária. Está interessante. ¾ Já arranjei os livros para a viagem. Vou ler Hübner.

9h ½ Bom banho de emborcação, pois aqui não há verdadeira ducha também de chicote.

1 ¼ Passeei com o Krupp a pé. Despedi-me dos 2 oficiais que se foram. O pequeno partiu a noite passada a chamado por telegrama. Joguei bilhar com Aljezur e vou almoçar para ir a Colônia.

10h 50’ Parto. Despedidas sempre custam. Depois do almoço conversei. Todos vieram a pé à estação menos Krupp veio de carro comigo, com quem segui para Colônia. 16’ Hösel. Parada de instantes. 20’ Ratingen. Paramos instantes. Estamos em Dusseldorf. 2h ¾ Há minutos. Acabei de ler o folheto Société de Géographie n^o et 10 – Séance du 3 avril. 40’ Sigo. 55’ Acabo de passar a ponte do Reno. 2h 47’ Longerin.

3h Chegamos a Colônia. 3h ½ Já estou no hotel e vejo das janelas passarem pela ponte. Já lavei as mãos e vou tomar café.

6h 5’ Catedral. Museu de belas artes. S. Pedro. Sta. Úrsula, Jardim Zoológico. Já das outras vezes tomei muitas notas, mas talvez ainda tenha de falar de cousas novas. Agora aguardo a hora do jantar.

5 ¾ Jantei bem com o Krupp, de quem me despedi. Vou agora ao Compte-rendu de 27 de abril. Acabei-o. Vou ao Hübner. Esqueci-me dizer que houve ligeira trovoadas e caíram seus pingos. Contudo o dia tem estado muito quente.

12 de maio de 1891 (3a fa.) — 3h 35’ Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca. Dormi bem apesar de trovoadas que foi trovoadas. Felizmente terei fresco para a viagem. 5 Li o excelente artigo de Weil a respeito da Constituição de Atenas de Aristóteles. Para variar vou a Hübner – mas li a poesia An den Kaiser feita por Adolf Gat von Westarp que trouxe do Krupp, para ver se eu estava de veia, tendo prometido tradução em verso em português – mas a musa não me parece polida.

7h Vou ao banho. 40' De embarcação – não muito bom. Passeei na sala. Café. Tomei-o e Journal des Savants.

8h 25' Já no vagão. 40' Parto. 9h 22' Düren. Pequena demora. Sigo. $\frac{3}{4}$ Eschweiler – pequena demora. Sigo. Túnel pequeno. 52' Tolberg. Não parou quase. Túnel maior. Já sigo, belo quartel, depois de um hospital e chego 10h 6' a Aix la Chapelle. 10h 13' Sigo. Túnel compridete – outro muito curto – Herbesthalt. 37' Há minutos. 44' Sigo. Pequeno túnel depois de algum tempo. 11h 27' Tomei café com pão na estação de Verviers. 11 $\frac{1}{2}$ Sigo. Túnel e antes 6 também pequenos. 36' Pinpenser, demora de minutos e sigo e túnel pequeno. Riacho, margem direita – túnel pequeno, riacho e outro túnel pequeno, porém maior – id. pequeno. Passo riacho – túnel não grande, muito pequeno – outro – maior – 12h 4' Passamos por Chenai. Passo rio. Atravesso o Mense. 8h Liège. Quase todos os grevistas voltaram ao trabalho. 16' Sigo. 31' Flemal-*[ilegível]*. 32' Sigo – túnel não muito grande – pequeno. 1h 25' Namur. Independence Belge de 12. O orçamento do interior e da instrução pública – pequeno túnel – pouco depois de deixar Namur – cerca de 130.000 fr. mais, por despesas de ensino superior e médio. Paramos. Tumines 1h 55'. 2h 13' Chatelineau. 19h Charleroi. Pequena demora. Aonde há grade. Pequeno túnel, canal. *Le Petit Journal* de 16 que encontrei numa estação que traz a estampa da fachada da Exposição Francesa em Moscou. O artigo nada vale. Vou beirando canal desde algum tempo. 2h 56' Erquillinis fronteira da Bélgica com a França. Examina-se aqui a importação da França. Vamos chegar a Jameau onde se examina a exportação da Bélgica e havemos de jantar. 3h Jameau. 3h Jantei bem e a caminho. Maubeuge. Quase 3h. Pequena parada e segue. 3h Boissigny – Temps de 12 “Causerie Scientifique”. Interessante por A. Vernier. Passando por S. Quentin – parei instantes na estação. Informei-me bem. A estátua de Henri Martin está no centro da cidade. Só indo lá se pode ver. Comprei a *Illustration* de 9. 4h 35' Ternier. 5 $\frac{1}{4}$ Compiègne. Margeamos o Somme. 50' Partimos do Creil com pequena demora de minutos. Continuamos a margear creio que o Somme. 6h Passamos por Chantilly. 12' Surveilliers, antes Orry. La Ville (Crye) – Goussenville. 20' Villars L. B. Gonesse – Pierreville $\frac{1}{2}$ St. Denis – Avisto ao longe a igreja. 30' Paris.

12 de maio de 1891 — 9 $\frac{1}{2}$

A Isabel e Gaston estavam na estação e vieram comigo até o hotel. Parece que ontem houve trovoadas e por falta de carro só há pouco apareceram os Tostas. Hei de ver amanhã os netinhos quando dando seu passeio a cavalo vieram até cá. Pedro e Luís, e o Antônio que vai bem não sei quando o verei. Dei à Isabel minha carteira de notas que ela ficou de restituir-me amanhã. O Guilherme mandou de Colônia minha carta a Daubrée. Vou deitar-me e ler até dormir, mas Guilherme já está jantando e ainda vou ler Hübner antes de ir para a cama.

13 de maio de 1891 (4a fa.) — 5h Dormi bem. Levantei-me duas vezes para urinar e agora fui à banca sem grande resultado e urinei ainda.

Acabei de anotar o artigo “Uma entrevista com o Imperador do Brasil” na Gazeta da Tarde da Capital Federal, Rio, de 18 de abril de 1891. Hübner – mas talvez seja o número do La Famille de Jacob n° 5651 – Nissan – Avril-Mai 1891 du Grand Rabbin d'Avignon Benjamin Mossé. Traz minha tradução interlinear – Cannes 9 de abril de 1891 – de “piout” Poésie pour la veille de la circoncision moitié hebreu, moitié Provençal (en caractères hebraïques). Já o acabei e agora Hübner. 8h 20' De que li bastante, mas torno a Rabelais que deixara aqui quando fui ao Krupp. 9h 50' Li bastante. Torno a Hübner. 10 $\frac{1}{4}$ Li ainda bastante. Já me dirijo para a ducha. 11 $\frac{1}{2}$ Muito boa. Andei a pé por quase toda a cidade. Entrei na catedral que já visitara e achei cá meus filhos para almoçar. Trouxe a carteira onde pedir-lhe-ei que copie esta parte do diário.

14 de maio de 1891 (5a fa.) — 5 $\frac{1}{4}$ Dei folhas à Isabel que deixei em Paris, depois de ter assistido com ela e a mulher do Alençon ao concerto Collona no Trocadero. Junto o programa. M. Augnez da ópera cantou muito bem. Antes de entrar no vagão, tomei café na estação.

6h 5' Entrou no meu vagão M. Delanoue que serviu na magistratura. Conversei muito relativamente ao ensino e a questões que se prendem ao direito. Ao chegar perguntou-me quem era e respondi “o ex-imperador do Brasil e membro da Academia das Ciências de Paris”. Pareceu-me ficar muito pago da conversa. Mora em Versalhes e talvez venha visitar-me. Acho Compte-rendu, Journal des Savants e outras leituras. Vou continuar o Hübner.

7h Jantar. 10h $\frac{1}{4}$ Jantei com vontade. Li às Motas Maias. Ouvi ler jornais do Rio com a notícia da morte e enterro do velho Josino. Tomei chá e vou agora deitar-me e talvez ler até dormir.

15 de maio de 1891 (6a fa.) — 5h 25' 5 vezes de noite e ainda agora indo à banca sem efeito. Vou ao Compte-rendu (8h 20'). Escrevi a Daubrée mandando-lhe o Compte-rendu de 4 com as minhas notas. Respondi a carta de Januária de 8 que foi a Essen e de lá veio.

9h ¼ Li Société Astronomique en France – Études sélénographiques. Le cirque lunaire “Aristoteles” pour M. Gaudibert. É interessante. Vou mandar buscar a medalha.

10h Escrevi a Liégeard a respeito de sua poesia “Chateaudun” em L’autorité de 3, que talvez traduza. Telegrama de Nabuco de 14 de Londres agradecendo meu telegrama pelo nascimento da filha – Agradeço Vossa Majestade. Todos vão bem – Nabuco.

10h 35' Esperei lendo um jornal ilustrado que ficasse vago o lugar da ducha e vou a ela.

11h Boa. Vou tomar café. Li enquanto me arranjava o livro do costume e agora café.

1h 50' Andei a pé e de carro cheguei ao hotel. Achei Picot, que convidei a almoçar. O que fiz com a Chica, meus filhos e companheiros. Depois falei com Picot que se retirou e tenho estado a conversar com a Chica e Isabel. Meus netinhos vieram tendo-os visto Picot. Volto a conversar com elas e depois saio.

3h 10' Conversei com Riancey e são horas de ir a St. Cloud.

6h 20' De volta com Isabel, que me deixou aqui e Aljezur. Vi tudo. A lanterna de Diógenes já não existe, mas que bela vista se goza desse lugar. O Palácio ainda ficou tal que o bombardeamento dos alemães o destruiu. Ninguém soube dar-me notícias da família Surlovaize que aí conheci a primeira vez que aí estive. Vou ler o Figaro de hoje. “Le Verrissage du Champ de Mars”. Inaugurou-se ontem. Das 10 da manhã às 5 da tarde 34.860 visi-

[*Texto com a mesma letra já referida. Pr. Isabel.*]

* 14 (5a fa.) — 10h ½ Estou no vagão de partida para Paris. 38' Parto, com a Isabel. Gaston já saiu para Paris. 11 ¼ Chegamos.

13 (4a fa.) maio 1891 — Versailles. Almocei bem. Conversei longamente com um que obteve as cores pela fotografia, mas por modo diferente de Lippmann. Fiquei de ir à casa dele.

Revy com quem falei largamente sobre as grandes empresas de engenharia. Estive com Rio Branco e o filho do Jaguarão pelo qual mandei telegrama a Nabuco agradecendo por minha filha a saudação do dia de hoje. Saudação que muito me agradou, e lerei até sair às 3h a passeio.

5 ½ Volto do caminho da Villa de meu genro seguiu de carro assim como meus netos Pedro e Luís a cavalo até... Tomei para Bongival que atravessei, ninguém sabendo dizer-me onde morreu Henri Regnault na guerra com os alemães indicando-me apenas a ponte e nenhum lugar onde julgo se erigiu um sinal comemorativo. O Aljezur escreveu inscrição em memória modesta de três irmãos que os alemães mataram. Passei por Marly e vi as rodas – duas das 6 estão em conserto, que movidas pela corrente do Sena fazem subir a água a Versailles. Voltei por Haut-Marly, vi St. Fiacre e atravessei o parque entrando pela porta perto do Convento dos Capuchinhos.

Já dei bonito ramallete à Isabel em lembrança do dia de hoje.

Cartas de Daubrée de 10 de Paris, de Teresa da Baviera de 6 e duas sem importância.

10 ½ Jantei com mesa bem reduzida – quase eu só – apesar de ser o dia 13. Assim fiz saúde ao dia e a quem o simboliza – Isabel – e contudo não veio jantar comigo apesar de ter almoçado.

Estive com o Ouro Preto e o filho. Mandei buscar o artigo sobre o repórter americano e que eu anotei para dá-lo ao Ouro Preto. Mota Maia foi a Paris e disse não o ter dado a Ouro Preto, por ter só achado a mulher dele. Agora mandando buscar o artigo para dá-lo ao Ouro Preto, respondeu-me do quarto que minha filha tinha querido levá-lo. Hei de escrever à Isabel pedindo-lho.

Já tomei chá e agora deitar-me lendo até dormir.

14 de maio de 1891 (5a fa.) — 4h 40' Não tenho mais sono. 3 vezes e agora. Dormi bem.

5h $\frac{3}{4}$ Escrevi ao Imperador da Áustria por causa do Revy e à Teresa da Baviera em resposta também. Recebi ontem folhetos creio que de um judeu, um folheto intitulado Polyglot Gospil Trach – inglês, alemão, francês, italiano, espanhol, português e hebraico.

6h 50' Jantar. 10 $\frac{1}{2}$ Bem. Aljezur leu-me um catálogo de obras de que marcava as que quero mandar vir. Li às Motas Maias. Continuei o mesmo trabalho com Aljezur. Vou deitar-me e talvez ler até dormir se tiver luz, porque apagou-se o candeeiro.

16 de maio de 1891 (sábado) — 4h 25' Dormi bem. Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca sem quase nenhum resultado urinando ainda um pouco. Vou a Hübner – pois meus espírito ainda flutua – escrevi a Mr. Amelot e vou ler o Débats de ontem. “Les grèves en Belgique - Bruxelles le 13 et le 14 – Nenhuma desgraça – Chambre des Deputés. Raynal – il a gardé la parole pendant la séance toute entière et point n'est pas besoin de dire que personne ne s'en est planité. Hoje lerei o principio do discurso – falou da melhor orientação econômica das pautas estrangeiras que se querem tomar por modelo das pautas francesa e das supostas razoáveis e moderadas que se recomendam à Câmara. Na Alemanha, Áustria-Hungria e na Itália que altearam as pautas, diminuíram as exportações, aumentando onde se segue a doutrina liberal, Suíça, Bélgica e Países Baixos. Diz-se que a França não foi que começou, mas o protecionismo principiou no estrangeiro, ao menos em grande parte e a arrastou à proteção involuntariamente. Demonstra que na França é que os direitos da alfândega são maiores. Há uma exceção mas afirma a regra pois refere-se à Itália. Antes de triunfar da comparação cumpre lembrar os efeitos desastrosos desse regime além dos Alpes. Com a pauta convencional de agora obter-se-iam 355 milhões. Se não se chegasse a acordo a 1 de janeiro de 1892 – última esperança diz Raynal – recair-se-ia sob o regime da pauta em vigor que daria 396 milhões, ou já 12% mais. Na 3ª hipótese a adoção da pauta minimum proposta pelo governo, seriam 442 milhões ou o dobro da diferença entre as duas pautas existentes, enfim se a pauta preferida pela comissão triunfasse seria 6 vezes essa diferença ou 597 milhões. Não basta citar tais resultados para provar que o sistema da comissão não tem defesa e que Meline abusa do eufemismo quando sustenta que entre sua pauta e a do governo – há apenas ligeira diferença – deveria empregar a palavra abismo. Fala-se de inquérito da comissão, elle – a comissão – n'a fait sonner que la cloche dont le son lui était agreable – on aurait gagné à écouter les representants du commerce de l'extportation qui n'est pas moindre de deux milliards et cette somme represente le salaire de 1 million d'ouvriers soit la vie de 3 million d'êtres humains... On frappe sans distinction... Rien n'échape si ce n'est pourtant ceci que la prospérité problematique des uns est fondée sur la ruine certaine des autres. Il est encore une chose que la commission n'a point vue, c'est que si ces tarifs provoqueraient l'étranger à venir s'établir en France. Un document officiel belge.. rappelle que dès 1880 notre changement de système a engagé les capitalistes belges à installer sur le territoire française des usines de toutes sortes. De l'ensemble de ces observations – cette conclusion, rencherissement de la vie et un rencherissement du prix de revient pour les industries.

Académie Française, Séance du 14. M. Edouard Hervé prend la parole au nome de la comission des prix de vertu, de courage et de devouement. L'élection à faire du remplaçant de Octave Feuillet reste fixe au 21. Jeudi à midi onte eu lieu ao Museu d'histoire naturelle les obseques de M. Becquerel. Inhumation au cimetière Montparnasses. Discours par Fizeau por l'Institut. Fremy du Museum colonel Laussedat conservatoire des arts et mitiers. Publica o de Louis Possy pela sociedade nacional de agricultura de que julgo ser eu membro e até proposto por Chevreuil.

“Le banquet de la Chambre de Commerce”, na 4a fa. Assistiu Carnot. M. Cousté presidente dessa Câmara dirigindo-se ao Ministério do Comércio disse – “nous savons qu'il (rapport de la commission des douanes) contient malheureusement des arguments erronés qu'il y a beaucoup d'exagération dans les prix proposés erronés qu'il y a beaucoup d'exagération das les prix proposés et que le nouveau tarif douanier ne servit moins qu'un tarif prohibitif. Que l'honorable M. Meline me permette de lui dire qu'il a trop légèrement traduit la pensée de notre chambre. Ce que n'a cessé de réclamer notre chambre... s'est le retour au régime des traités de commerce que ont donné trente années de prospérité toujours.” Eu sempre fui livre cambista como já disse, mas entendia que o assunto devia ser regulado pela lei do Estado. Revue des Sciences, de Henri de Parville. Sistema Lefort para tonar potáveis as águas do rio, mas “evidemment on ne trouvera de solution générale au problème de l'alimentation des villes en bonne potable”. Torpedeira elétrica de Sims Edison. Ensaio feitos no Havre – Anestesia local pela ação refrigerante produzida por volatilização de certos líquidos cujo ponto de ebulição

é perto de zero. Na noite de 10 a 12 o planeta Mercúrio passou sobre o sol. Devia se observar nos observatórios de Nice e de Marselha. A questão do planeta Lescharbeault é lembrada. Não deu passo desde Leverrier. Contudo a perturbação de Mercúrio existe. Todo o interesse da passagem na verificação das horas calculadas, pois se são exatas o resto fica confirmado. E todas as observações ulteriores e sobretudo as de Newcomb (que eu conheci muito nos Estados Unidos) provaram acordo entre a teoria e a realidade. Será útil ver mais tarde se o acordo persiste. A 23 haverá eclipse total da lua visível em parte em Paris. Entrada no perimetro da terra às 4h 50' da tarde... Grandeza do eclipse 1299 de diâmetro da lua. Como a 23 a lua nasce em Paris às 7h 44' da tarde, só se observará o fenômeno no fim saindo a lua da sombra às 8h 26' e da penumbra às 9h 31'. Vou ver o Débats de 14 – Les grèves en Belgique-Bruxelles e Mons a 13 – Le salon du Champs de Mars – La Peinture – 951 quadros, 318 desenhos aquarelas ou pastel, 102 bustos ou estátuas, 69 gravuras, 87 objetos de arte. Mr. de Pressencé um dos que assinaram o pedido feito para a libertação dos escravos no Brasil quando estive a 1ª vez em França. 2º Artigo “M. de Moltke”. Já foi o 1º. Passei a vista por este e às Sensations d’Italie de Paul Bourget. Lucera le 16 Novembre. Belo artigo. Tomara-os já todos reunidos. 9h 20’ Li “l’Aioli” Que vai cremant tres fes per mes. Dijou 7 de Mai 1891 – Em patois. É curioso. Começa por artigo intitulado – Escourregão per l’Itali – viagem, digressão pela Itália? Como pitoresco artigo sob o título de Bouledagisso Provençal.

10 ¼ Estou quase despido para a ducha. 12 ½ Boa. Passei de carro por causa do tempo. Acabo de almoçar com a Isabel que está com dor de dentes. Recebi carta do bom Rebouças de Cannes a 13, aniversário da emancipação completa dos escravos a qual li à Isabel antes do almoço.

1h ¾ Foi-se. Li antes Débats de 16 – “La question ouvrière” – “Exposition de printemps à Lourdes” – “Académie Royale” – “Les artistes commencent à se livrer à l’étude du nu” – “New Gallery” – “Exposition navale” – “Kioto” – la ville sainte du Japont. Notions fondamentales d’économie politique et programme économique par Molinari.

2h Vou falar ao Estrela. 6h Volto por Trianon da casa de Baudran, 8 Rue Sancte Victoire artista e pintor e gravador que obteve reproduzir as cores de quadros que copiou pelo fotógrafo. Junto seu bilhete. Ele e filho tudo me mostraram e explicaram. Senti não ter recebido as fotografias reproduzindo cores de Lippmann antes de lá ir para melhor compará-las, mas fiquei de lá tornar com a Isabel. Estrela ficou de vir com a Teresa e no outro dia virá Jeanne de Montebello. Débats de hoje. “L’union d’assistance du 16^{ème} arrondissement”. Discurso interessante de Léon Say sobre os mendigos. Esta associação foi o resultado das revelações feitas há dias por M. Paulian dos subterfúgios da mendicidade profissional – “Au jour le jour” – Exposition de la société philanthropique. Les hommes de goût qui ont organisé au profit d’une oeuvre de charité “L’exposition des arts au début du siècle” ont compris cette nécessité de ressusciter près d’un décor disparu des personnes vivantes. Rien n’est plus agréable que d’aller au Champs-de-Mars une agréable d’histoire... Le mobilier du premier empire est un décor de tragédie... Les fauteuils sont des trônes et Phèdre pourrait mourir sur la chaise longue où Mme. Recamier se faisait prendre en pied par le baron Gérard. Bem escrito por Gaston Deschamps. *Le Figaro* du 16 Mai – Finances – Au Brésil. Louva a política financeira de Alencar Araripe. On constate que la douane de Rio a produit du 1^{er} au 20 Avril, 3.900 contos contre 3.087 dans la periode correspondente de 1890.

6 ¾ Chamam para jantar. Continuarei logo o extrato. 10h ¼ “Au Brésil” Continuo – orça-se por consequência a renda da alfândega do Rio em 5.000 contos anuais. As outras alfândegas da república pelo menos em outro tanto. O Estado arrecadaria nessa verba 10.000 contos por mês. A renda mensal chegaria a 12.000.000 de ££ para serviço da dívida, 1 milhão para os juros, 500.000 para compras de material de guerra ou dos caminhos de ferro do Estado e outros serviços, tudo 3 milhões de ££. O tesouro teria assim disponíveis 9 milhões de ££ ou 225 milhões de fr. Se esses números fossem exatos daria realmente muito belo. 10 ¾ Concluirei amanhã. Vou deitar-me e ler até dormir.

17 de maio de 1891 (domingo) — 4 ½ Dormi bem. 3 vezes e ainda agora. Antes de dormir ontem li Hübner. Há um ponto negro, são os impostos alfandegais *[sic]* pagos em ouro e que montam anualmente a 12 milhões esterlinos ou 300 de fr. e que são pagos pelos importadores, pelo comércio brasileiro. Para obtê-los o câmbio baixa. O comércio de exportação solicitou do ministro o uso de parte arrecadado disponível do tesouro. O ministro anuiu tomando as medidas precisas para que esse ouro não se desvie do seu fim e não seja monopolizado por um sindicato de alteadores e falsos importadores. De fato com os dados que resumimos o estado financeiro do brasileiro tenderia a melhorar sob a direção do novo ministro das finanças M. Alencar Araripe. *Le Temps* de 17, “M. Deck”, diretor da fábrica de Sèvres, a que prestou muitos serviços

técnicos e financeiros acaba de morrer. Era alsaciano e nasceu em 1823 – “Le salon 77^o”. É de Paul Mantz. Basta o nome do escritor, contudo deixou-me a impressão de mais espírito e portanto naturalmente afetação do que sentimento. Sociedade de Geografia. M. Rivière “appelle notamment l’attention sur l’augmentation depuis quelques années du nombre des Indiens contrairement à l’opinion émise jadis par M. Simonin”. O mais lerei na revista da Sociedade. O cardeal Richard arcebispo marcou o dia 5 de junho para a inauguração da igreja do Sacré-Coeur sobre a butte Montmartre. Grisélidos de Armand Silvestre e Eugène Mourad tem muito agradado a imitação de um antigo mystère. Existe reimpressão dos mystère executada sobre o único exemplar conhecido da Biblioteca Nacional e tirada só em 42 exemplares (chez Pinard, quai Voltaire, 1832). M. Moraud reproduziu nos símbolos do pano de boca a imagem que figura no exemplar de M. Claretie. É uma serpente simbólica envolvendo uma árvore sobre a qual pousa uma pomba e à roda estes versos em latim da idade média, que o pintor não reproduziu

Estot prudentes Sicut serpentes

Et simplices

Sicut colombus

O mistério começa por versos que terminam assim:

D’une dame la vraie histoire

Qui tant est digne de memoire

Que des oeuvres sont appellées

Mirouer des dames mairées

7h 25’ Escrevi em resposta a Daubrée.

9h 50’ Comecei a traduzir a poesia de Liégeard. Estou vestido e vou à ducha.

11 ¼ Boa. Andei a pé e depois de carro à missa onde vieram depois Isabel e Gaston. Ao retirar falei aos Tostas, tendo visto de longe na igreja o Tosta. Vou agora ao almoço.

1h 20’ Bem. Li artigos do Diário do Brasil. “Um livro” a respeito do publicado por Alberto de Carvalho, e “13 de maio e 15 de 9bro [novembro]”. Creio que me fazem justiça bem como à Isabel.

3h 5’ Traduzi ainda a poesia de Liégeard. Vou sair a passeio.

5 ¼ Volto com chuva. Bonito passeio. Saint Martin, bela vista, Pues Jouy. Bastantes árvores.

10h Aprontei-me e fui jantar com Isabel e família Tosta e filha Penha. Mota Maia ficou para jantar com a família que está aqui. Comi bem depois de ler à Isabel a obra Luz e Calor começada em Cannes. Vi os livros com os desenhos das obras expostas em Paris, conversei ainda. Agora vou tomar o chá, deitar-me e ler até dormir. Li pouco de poesia do Liégeard, estudando-a para traduzi-la.

18 de maio de 1891 (2a fa.) — 5h Dormi bem. 3 vezes e agora ainda bastante. Já leio bem e vou talvez à poesia de Liégeard.

7h 25’ Já virei página. Para descansar farei outra cousa.

10h 10’ Li bastante de Hübner. Vou para a ducha. Venta muito.

10h 25’ Dispo-me para a ducha.

11h ½ Passeei a pé voltando para aqui. Recebo carta de Daubrée de 17 em resposta. A sessão da Academia é amanhã. Estimo muito pois que poderei ir lá.

12h 50’ Almocei. Já estou de vagão para ir à Paris. 1h 10’ Chegamos a Sèvres – Ville d’Arnay. 1h 52’ Paris. 5h 56’ No vagão para voltar. Acabo de esperar na estação apesar de ser a hora ainda não parti. 6h 4’ Parti. 6h 40’ Chego.

10h Jantei com vontade. Conversei com o Boulanger que esteve doente bastante durante o inverno. Li às Motas Maias. Tomei chá. Vou deitar-me e ler até dormir.

19 de maio de 1891 (3a fa.) — 5h Dormi bem. 3 vezes e agora bastante. Senti e sinto calor. Vou a Hübner – mas antes na Terre Illustrée leio um artigo sobre o projeto de caminho de ferro para navios de M. Sebillot que se compõe de disquerolant recebendo o navio – elevadores hidráulicos que colocam o navio na altura dos trilhos – locomotor a vapor como o ordinário – true d’attelage interpondo-se entre a doca e o elevador. As dificuldades técnicas estão vencidas, os anteprojetos

terminados e o capital já se forma. Muitos outros projetos semelhantes como: estrada de ferro entre Merysar, Oise e La Briche a St. Denis que evitaria aos barcos enorme desvio – o canal dos dois mares – reunindo o Atlântico ao Mediterrâneo através da França, e enfim a comunicação direta de Bordeus ao Atlântico. Sebillot propõe que seu projeto para atravessar o istmo, porém o Capitain americano que cuidava de melhorar a barra do Mississipi, que fez a ponte admirável da estrada de ferro de S. Luís que atravessasse, acompanhou-me no seu iate a vapor de Nova Orleães até as águas do Golfo do México, e eu consultei sobre o melhoramento da barra do Rio Grande do Sul – o Capitain Sims escreveu – tive a mesma idéia – “De Cayenne au Maroni”, quanto ao limite do Brasil com a França – Aussi la limite n’est pas encore déterminée (territoire contesté entre le Brésil et la France) il en est de même etc. pour le territoire actuellement soumis à l’arbitrage de S. M. l’empereur du Russie. Não sei se trataram desta questão agora – Il serait a desirer que la Guyane soi reliée avec le Brésil par un bateau à vapeur – “La Peche au Cormoran”. Les chinois appellent le Cormoran Yu-ing-faucon à poisson, et ils prétendent que la province Tche-Kian produit ceux qui sont les plus faciles à dresser. Morre cedo. A causa não se sabe. “Les Chinois (diz M. Jametel) fort peu observateurs de leur nature n’ayant pus me fournir (de) renseignement” – Société de Géographie. Notável anomalia do inverno de 1890-91 na Islândia. Nunca se observou inverno mais doce. Nunca viram floco de neve, nunca tiveram uma hora de gelée. A tradição não refere caso igual na Islândia (gelo-terra). É a primeira vez que chegou no inverno carta da Islândia. Depois dessa comunicação de M. Jules Lecrec antigo presidente da Sociedade belga de geografia apresenta o capitão [ilegível] seu plano de ir ao polo – Doit-on recontrer la terre, comme selon nous, la chose doit arriver avant qu’on atteigne le pôle? c’est alors que les circonstances doivent inspirer la navigation – car après avoir quitté le cap tout espoir depend grandement de l’habilité et du jugement de (qui) commande. No Figaro de 16 além do artigo “Au Brésil” sobre o estado financeiro, leio a Soirée de Griselidos em verso feita pelos próprios autores. Não me pareceu grande cousa. Antes vem um artigo curioso sobre essa representação que hei de procurar ver. Débats de 17. Artigo sobre Portugal – “Le nouvel arrangement” (entre Portugal e Inglaterra) sobre limites na África “est un peu moins désavantageux pour le Portugal. La bande de terrain laissée au Portugal sur la côte orientale de l’Afrique est élargie. La situation où se trouve ce gouvernement est assurément des plus difficiles et les embarras diplomatiques ne sont pas les seuls”. A população de Paris aumentou de 755.128 habitantes em 30 anos e a superfície ficou a mesma – “Les grèves de Belgique”. M. Joseph Reinach relator do orçamento da agricultura expôs à comissão do orçamento as conclusões do relatório. (Deve ser interessante). Lettres d’Italie – une brochure de Terrace. Encíclica – Roma 13 – Hei de procurar lê-la. “La question ouvrière” – les bons de grève. “Le Congrès postal de Vienne”. Diz de que tratará. “La section des estampes au Louvre”. Une tentative analogue avait déjà été faite de 1852 supprimée a cause du developpement pris par l’exposition des peintures. A propos des evements [sic] de Fourmies lembra que nos cursos de arte militar nunca se consagrou uma parte à repressão das perturbações internas – “Au jour le jour” – Le dialogue des portraits –5a fa. le Dr. Tuffier apresentou à Sociedade de Cirurgia um doente em que se fez a resseção do cimo do pulmão por causa da tuberculose incipiente. 7 dias depois o moço de 25 anos estava curado. A altura da seção era de 5 centímetros. Tuffier só diz que o método será apenas aplicável no começo da moléstia e em número muito restrito de casos e talvez só quando não haja hemorragias abundantes – “Notes prises en Allemagne” 1^{er} article – Theinsberg fin avril – Vejo que é de Lavissee que conheci muito em Baden-Baden. “Académie des Sciences Morales et Politiques. Séance du 16 Mai” – Arquivos municipais de Bordeaux. M. Perrens ocupa-se do 2^o volume. A municipalidade de Bordeaux não teve mais inquietação pelo que restasse dos arquivos públicos, 3 volumes complementares; um Bordeaux em 1450, descrição topográfica, se ocupa particularmente M. Perrens, os outros muito curiosos contém inscrições cristãs e outras muito úteis à história da cidade. A separação dos poderes na América e na Inglaterra. Estudo interessante de M. de Franqueville. M. Jules Simon faz notar o interesse do livro de M. Horn *A Grande Nação* (1870-71). O Secretário perpétuo depõe sobre a mesa da Academia o trabalho impresso de M. Barthelemy St. Hilaire *Aristóteles e a história da constituição de Atenas* conforme o texto descoberto recentemente no British Museum. Leu uma longa nota sobre obra anônima intitulada “La potique [sic] française en Tunisie, le protectorat et ces origines”. A Académie en comité secret ocupa-se de eleger correspondentes na secção da história em lugar dos finados M. Bancroft (que muito conheci nos Estados Unidos) e Hervyn de Lethenove. “Necrologie” – M. Jean Brattano – Nasceu em 1822. Seguiu nos cursos no Colégio França e da Escola Politécnica. Envolveu-se na revolução 48. As circunstâncias da guerra turco-russa de 1876 chamaram a representaram papel importante. Acabava de ser nomeado presidente do conselho em Bucarest quando rebentou a guerra. 9h Vou agora a

Hübner – Não acabei de percorrer com notas minhas a História Financeira do Brasil pelo Dr. Liberato de Castro Carreira – Rio de Janeiro – Imprensa Nacional (pode-se mostrar a impressão – muito me ocupei com esse estabelecimento). 1889.

10h 10' Vou para a ducha. 10 ½ Já estou meio despido. 12h ¾ Boa ducha. Fui por uma volta a pé até o hotel. Almocei com apetite em companhia da Isabel. Li no Figaro de hoje artigo “L'éléction de jeudi à l'Académie”.

1h 40' Rive-gauche. Parti ¾ Viroflay. Pequena parada. Passa trem em sentido oposto. 47' Chaville e passa trem em sentido oposto. Sèvres parou pouco e segue. Passei por Clamart.

2h 10' Vanves Malakoff e seguimos. ¼ Paro perto de trem oposto e sigo. 18' Paris. 5h 14' No vagão de volta. Sessão da Academia das Ciências e um pouco também na Academia Francesa. Quase 5 ½ Parto. Chego ao hotel em Versailles às 6 1/2. Li no Figaro de hoje “Les Fêtes Universitaires de Lausanne” a 17. Mando vir as poesias de Verlaine. Vou jantar. São 6h ¾.

9h Bem. Passeio pela sala e Isabel escreveu-me dizendo que eu pus no bolsinho a Autorité com a poesia do Liégeois que tinha traduzido. Vou ler às meninas.

20 de maio de 1891 (4a fa.) — 4h 50' Leio muito bem. 5 vezes acordei para urinar e ainda há pouco urinei. Acabei de ler La Science Moderne. Journal bi-hebdomadaire [sic] illustrée n° 24. Vou ver o Journal du ciel – bimensal – n° 1056-57, 27° ano, 1 Juin 1891. Couronné par l'Académie des Sciences.

6h 50' Deixo o Hübner para descansar com Rabelais. 8h ¾ Bastante. Vou ler Hübner mais a cômodo pois o Rabelais é livro pesado.

10h Bastante de Hübner. Estou quase vestido para a ducha. 10' Vou sair. Quase despido.

2h ½ Boa. Passeio de carro. Almocei bem com Isabel e Gaston, Alencar, Condessa da Estrela, que vai para Aix-les-Bains sábado, e Maia Monteiro que marcou obras de arte no catálogo ilustrado do salon que marquei com o n° 7. Vou sair.

Estive com o barão de Albuquerque filho do visconde de Albuquerque (Hollanda Cavalcanti). Marcou objetos de arte nos catálogos. Vou sair.

5h 40' Volto. St. Martin. Bievre – Chateau la Jeunesse. Chateau Hotel Dieu – e vim entrar pelo portão da Avenue de Paris. Foi um lindo passeio a que faltou tempo correspondente. Torno ao Compte-rendu.

6h 55' Quase acabado. Chamam para jantar. 8h 35' Bem. Tenho estado a conversar. Vou ler às meninas.

10h Quase. Acabo de ler às meninas. Amanhã ou depois termino o livro e começo a ensinar-lhes a História do Brasil, servindo-me da obra do Dr. Macedo.

10h 10' Vou deitar-me, tendo tomado chá e ler Hübner até dormir.

21 de maio de 1891 (5a fa.) — 4h 25' Não tinha sono e já se pode ver sem luz. 4 vezes e agora ainda um pouco.

6 ½ Terminei o livro de Hübner que anotei. É muito interessante.

7h 50' Escrevi a Daubrée e mandei-lhe o Compte-rendu de 11 com as minhas notas. Vou ler diários. País de 15 de abril – Rio de Janeiro – Associação Comercial sobre o estado da praça. Débats de 20 – Expulsão da bela rainha Natália. Estados Unidos – questão da pesca com a Inglaterra – da lei Lynch com a Itália – captura do navio Elata – “História diplomática da Europa desde a abertura do congresso até o encerramento do de Berlim (1814-78)” por A. Debidour – mando vir – Academia das Ciências. Sessão de 19 – de Medicina do mesmo dia – Sensations d'Italie. Bari le 17 Novembre – Paul Bourget. 9h ½ Jourdan “Cours Analytique d'Economie Politique” – 10h ¼ Despindo-me para a ducha. 2h ¼ Voltei a pé para o hotel onde ahcei o Dr. Charcot com quem conversei sobre assuntos científicos de sua especialidade. Almoçou comigo. Vieram meus filhos, Picot, Tostinha e acabo de conversar com o Barral que espero ver depois que volte da Grande Garrene.

3h Escrevi a Daubrée em resposta a sua carta de 20. Troveja e chove bastante. Não saio senão à noite para o teatro. Li carta de Alfredo Taunay a 26 de abril escrita de Petrópolis.

Débats de 21 – La question économique. Contra o protecionismo felizmente para a França – “Au jour le jour”. Bom artigo apreciando as candidaturas ao lugar da Academia Francesa que deve hoje preencher-se “L'exposition d'horticulture”.

Cannes le 20, le grand-duc Pierre de Russie et le Prince de Montenegro sont partis à six heures pour Paris. Notes prises en Allemagne (second article) Rheinsberg fin Avril de Ernest Lavasse. Bom, mas gostei mais do 1° – “Nécrologie” – J. J. Weiss. Morreu na noite de 3ª para 4ª fa. Muitos bons artigos fez-me ler nos Débats – *Sensations d'Italie*. Bari le 17 Novembre par

Paul Bourget – Morte de Murat – Como já disse tomam já poder todos os artigos reunidos num livro. Leio no Jornal do Comércio do Rio de 25 de abril – Instituto Histórico a declaração de Joaquim Norberto sobre o diploma de presidente honorário conferido ao da república. Agradeço-lhe apenas o que diz de mim. Débats de 19. Muito bom artigo de Paul Leroy Beaulieu sobre a discussão do novo regime das alfândegas quase a encerrar-se. Paris 7h 35’.

22 de maio de 1891 (6a fa.) — 6h 20’ Dormi bem. Levantei-me 3 vezes. Voltei de Paris à 1 ½ e deitei-me ¼ depois. Gostei bastante de Griselidos e sobretudo de Mme. Bartot que está mais cheia de corpo e de graça. Coquelin Cadet não me agradou muito no papel de diabo. Nos camarotes só conheci Fremy. Com Mme. de Chambrun estiveram no mesmo camarote dela e ontem nosso, além da Isabel com os Tostas e Mota Maia, o professor de química Dastre cuja conversa sobre assuntos científicos muito me agradou, Mr. Beulé (filho e uma rapariga que pareceu que já vira como a ele em Nice e julgo ser sua mulher). Os versos de Griselidos são muito bem feitos e infelizmente ainda não foram publicados.

Li a carta de Taunay de 16 de abril escrita de Petrópolis. 7h 40’ E respondi-lhe.

9h 10’ Débats de 19. Sensations d’Italie – Bari le 17 Novembre de Paul Bourget – muito me agradou e nome de Horácio recordou-me a tradução em verso homeométrico – quanto possível – que principiei. La mission Crampel et le pays du Haut-oubanghi. Algérie – Gafanhotos –Lettres de Hollande. La Haye le 17 – Les serviteurs de la Seine – Société protectrice des animaux – “Au jour le jour” – Il y avait à Rome aux jours d’élections un industriel qu’on appelait nomenclatur. C’était comme un répertoire vivant. Il savait le nome de tou le monde, presentait l’électeur ao candidat e reciprocamente – Marseille le 18 – Bearn touché les ports du Brésil où regne la fièvre jaune. Sept décès suspects pendant la traversée. 667 passagers presque tous emigrants italiens revenant de la Republique Argentine et du Brésil. Mando vir publicações anunciadas. Bibliographie – Le congrés de trois Ameriques par Amedée Prince. “M. de Moltke” 3º artigo, parece ser o último e é bem escrito, como os outros por Charles Malo.

10h 20’ Dispo-me para a ducha. 11h 25’ Boa. Fiz versos. Vou almoçar. 6h 50’ Bem. Vieram Visconde e Viscondessa de Cavalcanti. Achei-os avelhantados. Dei meu passeio de carro por Marly-le-Roi, St. Germain avistando a mais parte mais principal [*sic*] à esquerda. Marly passei pelo edificio das rodas hidráulicas. Malmaison vendo o palácio através do portão. Ai morreu a Imperatriz Josefina e foi diretor do jardim Bompland que viajou depois com Humboldt pela América do sul e morreu na margem Correntina do Uruguai e entrei no parque pelo portão da rua de (em branco).

Vou falar a Monbrial. Logo direi mais.

11h 35’ Jantei bem. Conversei, li às Motas Maias terminando o livro, chegando entretanto o Seibold. Fiz versos no meu quarto e vou deitar-me e dormir.

23 de maio de 1891 (sábado) — 4h ¼ Dormi bem. Só 3 vezes até agora. Vou fazer versos para o Rosendo Moniz.

10h 10’ Vou à ducha. 20’ Dispo-me para ela. 11 ½ Foi boa. Voltei a pé para o hotel. Estive vendo papéis e continuo os versos.

12h 50’ Parto. Almocei bem e fiz versos e pouco mais fiz antes. 1h 22’ Chegamos a Paris.

6h 40’ Já há minutos de volta. Falarei logo da Exposição Artistica do Campo de Marte.

6h 10’ Chego com todos os versos feitos. 7 ½ Jantei com vontade e agora mais tenho que fazer senão ir para o teatro.

24 de maio de 1891 (domingo) — Meia-noite 20’. Representaram sofrivelmente “Mr. Alphonse” e as “Fourberies de Scapin”. O cômico que sem contestação era bom fazia o papel de Commandant em M. Alphonse. A que representava de M. Giffard também em M. Alphonse agradou-me bastante. Vou tomar chá e deitar-me – Mas verei se posso acabar o da dedicatória. Quase 1h não pude e cama.

6h ½ Dormi bem. 3 vezes e ainda urinei agora mas pouco.

10h 20’ Já tomei ducha. Boa. Antes de sair do hotel acabei os versos. Vou tomar café.

11h 40’ Fui de carro para a missa e todavia tive muito que esperar por ela. Gastão assistiu. Isabel não sei onde foi.

12h Fiz versos e vou almoçar. 1h 35’ Só agora da Exposição que vi ontem. Mediocre a não serem os retratos feitos por Carolus Duran. Junto os catálogos onde escreverei algumas notas. 2 ¼ – Pintura, etc. 1441 – Objets d’art, 87 – Catalogue de l’Exposition des Arts ao début du siècle. ½ Já a vi. Vou a Rabelais. 3h 10’ Saio. 4 ¼ Choveu. Dei uma volta à escolha do

cocheiro depois de ver a sala – agora como que museu – do “Jeu de paume”. É curiosa. Hei de unir algum folheto explicativo. 5h 20’ A leitura interessou-me muito pelas idéias fisiológicas. Vou jantar com meus filhos. 9 ³/₄ Antes de jantar li à Isabel Griselidos de Bocácio bem diferente da peça fantástica que vi no teatro francês e pouco me agradou. Tomara que a publiquem breve e Luz e Calor que sempre me agrada. Depois conversei. Chego de lá e vou tomar chá, deitar-me e ler até dormir.

25 de maio de 1891 (2a fa.) — 4 ¹/₂ Dormi bem. Peguei no sono pouco depois das 10 ¹/₂. Lendo antes quase todo Le devin du village que vou acabar. Quase 5h. Gostei pela naturalidade da poesia, que não parece do autor de La nouvelle Héloïse em geral. Vou ler na Revue rouge. Ainda não recebi o Compte-rendu. L’Académie des Sciences 11 Mai – 5 ¹/₂ Li e vou escrever a Daubrée. Já escrevi. Falo-lhe do que li na Revue rouge de 19 da última sessão da Academia de que ainda não tenho o Compte-rendu esperando falar-lhe sobre a teoria de Tchernak dos feldspato e os efeitos da pressão nas camadas terrestres. Vou ver se leio o livro de Jourdan – Não me esqueci da batalha de Tuiuti – a maior da América do Sul e onde tanto se distinguiram os brasileiros comandos [sic] por Porto Alegre e Herval, que prefiro chamar Osório, meu amigo desde 1843 quanto estive pela primeira vez no Rio Grande do Sul e ele acompanhou-me comandando o 2º regimento de cavalaria com que ele se distinguiu tanto na batalha de Monte Caseros contra o exército de Rosas. Comandava o exército brasileiro Porto Alegre e a infantaria brasileira Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, cuja viúva casou com o Ivinhuma. Tenho prazer recordá-los todos. Jourdan – 8h Pouco li porque estive fazendo notas às de Mme. de Salignac a quem tudo mando. Creio que lerei agora um pouco mais de Jourdan. 2h ¹/₄ Agora é que lhe pego, pois escrevi em resposta a Alfredo Taunay. Recebi carta do Amelot de Ragusa de 19 e já respondida. Manda fotografias de Mme. e de Lokoma. Pedi-lhe a dele. Vou vestir-me.

10 ¹/₂ Já me despindo para a ducha. 11h 20’ Boa e com café. Vim para o hotel a pé. A Isabel está aí. Almocei bem com o Nioac também. Estive com o Alto Mearim que vai para o Brasil e já estou no vagão.

1h 10’ Parti. 2h Chegamos a Paris. 5 ¹/₂ De volta no vagão para Versailles. Em Paris vi Planat e estou na Academia das Ciências. Depois falarei de tudo. 6h 33’ Cheguei já há minutos ao hotel e às 6 ¹/₄ à estação. Vou no vagão com um rapaz mexicano, desde 4 anos em Paris, com quem falei em espanhol e foi muito amável comigo. A pergunta dele disse que eu era americano brasileiro. Achei Planat muito acabada e fiquei de voltar quando estivessem os seus que convidaria. Ouve pouco e está desmemoriada. A sessão foi interessante e antes de começarem as leituras conversei com Daubrée sobre os feitos da pressão das camaradas [sic]. Entregou-me os Compte-rendu com as minhas notas. Falei a Lippmann sobre as fotografias reproduzindo as cores e de impressão que me produziram as do homem de aqui de que não me lembra agora o nome. Lippmann disse-me que enviará as suas provas fotográficas. Também falei com outros e o marquês de Vogné da Academia das Inscrições. Achei carta do Paranaguá do Rio a 12 de abril mandando-me o Catálogo de Exposição de Geografia do Rio de Janeiro em 29 de fevereiro de 1889.

8h 35’ Jantei bem. Tenho ouvido um pouco de jornais do Rio. Aguardo as Motas Maias mais velhas para ler-lhes. 9 ³/₄ Acabo de principiar a leitura da tradução mal feita já pela linguagem da Picciola de Saintène – Vou ainda conversar com o Aljezur antes de me deitar para ler até dormir.

10 ¹/₄ Escrevi a Daubrée mandando-lhe o catálogo de exposição de geografia do Rio pedindo que o tornasse conhecido o melhor possível do público. Vou deitar-me e ler até dormir.

26 de maio de 1891 (3a fa.) — 5 ¹/₂ Li *La gageure imprevue* e dormi bem. Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca para pouco. Dia bonito. Fechei a carta para Daubrée que foi com o catálogo da exposição de geografia do Rio pedindo-lhe que o torne conhecido.

6h ³/₄ Li os Débats de 25. Marquei o que me pareceu interessante. La Semaine Dramatique escrita com o talento de Jules Lemaitre agradou-me. Ontem no Instituto leram o Bulletin de Souscriptions das “Pandectes françaises”. Vou assinar e mandar vir o publicado. Le Soleil de 25. L’affaire de la melinite. Basta o que já disse.

9h Acabei de ler a encíclica que me agradou principalmente pelo latim sobre as idéias socialistas datada de Roma 15 de março de 1891, do Pontificado nosso 14º e o relatório do Dr. Farinha sobre as prisões que ele examinou na Itália e na França em cumprimento de sua missão. Não é mau. Mandou-me do Rio em 26 de março deste ano. Vou me vestir.

10h ½ Dispo-me para a ducha. 12h ¾ Vim a pé para o hotel. Almoço com meus filhos aqui. Vieram os Tostas depois. Vou continuar a Revue Scientifique.

2h 50' Li bastante. Vou provar sobrecaçaca, tomar café e sair. 4h ¾ Passeio de carro e a pé pelo parque. Vi o balão cativo dos exercícios de engenharia. Tinha 2 soldados. Fazia diversos trabalhos de engenharia. O tempo esteve muito bom. Vou acabar a Revue Scientifique.

6h ¾ Acabei-a. Vou jantar. 10 Bem. Conversei. Li a tradução de Picciola às Motas Maias. Falei as filhas mais velhas do Rio Branco interrogando-o sobre seus estudos de bacharelato em letras de que breve fará exame. Tomei chá e ainda conversei com o Aljezur.

10h 25' Vou deitar-me e ler Débats ou La gageure imprevue e dormir.

27 de maio de 1891 (4a fa.) — 4h 50' Três vezes e agora fui à banca mas por muito pouco.

Débats de 26. Roma. Na festa do centenário da catedral de Orvieto a que o rei e a rainha da Itália prometeram assistir assistiram também dois cardeais encarregados de fazer as honras àqueles. Fala-se de próximo discurso do Papa, falando do pouco zelo dos fiéis em pagar-lhe os subsidios de outrora – Artigo em que se diz que o discurso de Freycinet de ontem na Câmara reduziu a questão Turpin e Triponé quanto à melinite as devidas proporções, mas faz considerações em contrário. A festa do Trianon parece que foi apenas adiada. Os representantes dos departamentos de beterraba para deliberar sobre o projeto de lei dos açúcares. Sustentaram a prise en charge a 7,50km. Se repelida a emenda pronunciar-se-iam contra as modificações da comissão de finanças ao texto do projeto do governo, de que diz *Le Débats* fez conhecer os pormenores. O Conselho superior das colônias reuniu-se para discutir o texto do projeto relativo às companhias de colonização. Adotou os artigos 1º e 2º dando ao governo o direito de regular o regime das companhias de colonização – A situação colonial exigiria o uso o mais breve dessa autorização até à votação de uma lei orgânica. Notícias coloniais – Senado – Sessão de 25. M Blavier – il ne peut plus être question de rechercher utilement la responsabilité des fautes ou des erreurs dans la gestion financière des ministres. Sous la reserve de ces observations le projet portant le reglement definitif des exercices de 1881, 82 e 83 a été adopté à l'anonymité – Chambre des Deputés. Explicações de Freycinet sobre a prisão de Turpin e Friponé – L'Angleterre et le Portugal. Combate na África. La grève des employés d'omnibus. Les récompenses du salon – dos Campos Eliseos – Le conseil des facultés. Reuniu-se sob a presidência de Greard – Manutenção da cadeira vaga de geologia a Faculdade de ciências, a conservação nela da cadeira vaga de geologia. Substituição da eletricidade pelo gás nas faculdades e liceus da margem esquerda. M. Duclaux leu relatório em nome da comissão mostrando a vantagem relativamente a incêndio, abundância de luz e higiene. "L'affaire Turpin e Le Congrès postal international". "Au jour le jour". Fala de Roumanelle – os que se ocupam de poesia provençal chamam-no qual precursor – Le malherbe du midi. "Bulletin judiciaire". L'affaire Weiss – Une preface au drama d'Ain Fezza" na Argélia envenenamento do marido. No dia 2 de 7bro [setembro] celebra-se na Ópera o centésimo aniversário do nascimento de Meyerbeer. Custa-me a acreditar no que li no Figaro de 19 diz de M. Kanckel d'Herculais afogado por um bando de gafanhotos no duar de Side-Eral na Argélia. No Diário do Comércio do Rio de 28 de abril dia dos anos de Gaston li o artigo "O Sr. Conde d'Eu". É justo, porém mais poderia dizer em elogio dele.

7 ½ Respondi a meu neto Pedro em Viena e à Condessa da Estrela em Aix-les-Bains. Vou a La gageure imprevue – Acabei-a. Tem espirito demais – de quase entontecer, mas por isso é prova de artistas. 9h 40' Li a tradução de Louis Moland ao Théâtre de Sedaine e deste "L'épître a mon habit" que é espirituosa, porém agradou-me menos do que esperava..

10h Quase vestido e vou para a ducha. 23' Despedindo-me para esta. 11 ¼ Boa. Li o livro do costume enquanto me faziam o que me fazem depois da ducha e vim a pé para o hotel. Recebi carta de Revy que está em Paris e pede-me que lhe marque dia para ver-me e a nota de Sirodot sobre os Elefantes do Mont Dal – Ille et Vilaine. Respondi a Revy e agradeçi a Sirodot.

6h 5' Almocei com o Dantas e o Paranhos. Conversei sobretudo com aquele sobre negócios do Brasil e o estado do Banco do Brasil de que ele é presidente e que parece ir bem, conforme as afirmações do Dantas. Fui à exposição de flores, agrícola de animais e máquinas respectivas. Muito me serviu uma senhora conhecida da Isabel – logo direi eu – e Léon Vassilière Inspecteur général de l'agriculture. Junto o que se refere à visita da exposição de que voltei há pouco. 40' Jantar.

8h ½ Bem. Ouvi o Aljezur dizer o que tem de interessante o Jornal do Brasil de 24 de abril até 30, faltando 25 e 29. Agora aguardo as Motas Maias. 10h 10' Li-lhes Picciola. A tradução portuguesa é má. Interrompi a leitura para tomar chá.

Continuei a leitura e vou deitar-me e ler até dormir – mas antes lerei a carta escrita a Mota Maia a 19 de abril pelo Sousa Ferreira do Jornal do Comércio a quem sou muito grato pelo modo com que fala de mim.

28 de maio de 1891 (5a fa.) — 5h 35' 5 vezes me levantei e agora fui à banca com resultado e ainda urinei. A senhora conhecida da Isabel e de quem ontem falei é Mme. Bosilly. Vou continuar a Notice des travaux scientifiques de Moissan, mas antes tentei e li a carta de Aristides César Spinola Zama escrita da Bahia a 22 de abril de 1891. A letra não é bastante preta. Talvez responda, mas cumpre lê-la melhor. Contudo parece-me escrita com justiça e simpatia.

7h 10' Para descansar vou percorrer o livro *La femme* por L. J. Larcher.

9h 10' É curioso. Anotei e dá-lo-ei à Isabel – Jornal do Comércio do Rio de 5 de maio do Visconde de Taunay. Não é mau. O Brasil nem posso dizer nenhuma nação pode ainda ter governo republicano. Li também o 2º que me é muito honroso citando e combatendo passagens do livro *Império e República ditatorial* pelo Dr. Alberto de Carvalho, de que se ocupa igualmente o 1º artigo – o 3º responde como eu responderia – Jornal do Comércio do Rio – 5 e 6 de maio “Documentos para a história”. Tratam da questão militar – Ver-se-á que a conduta do general Deodoro não destoa hoje dos seus precedentes, e que, se ele usa de severidade para alguns de seus camaradas é porque eles são os seus primeiros auxiliares na obra de reconstituição do exército e da pátria, tendo em vista as exigências indeclináveis da disciplina e da paz. (São transcritos do Diário Oficial).

10h 10' Vestido. À ducha. 10 ½ Outrem fez-me esperar até agora percorrendo o *Soleil*. Já estou meio despido.

1h ¼ Vim a pé para o hotel depois de boa ducha. Almocei bem com Isabel, Gaston e o Augusto com quem conversei sobre Pedro que vai sempre o mesmo e o Augusto que felizmente trata de preparar para servir na Marinha austríaca. Augusto despediu-se dizendo que ia a pé até Paris e está aqui a Isabel na sala e eu espero visitas. Estava falando a um moço que procurou o Aljezur para não sei bem que, e volto à sala onde estava e agora Gaston.

2h 50' Foram-se Isabel, a Japurazinha, e as irmãs da Japurá, Maria Antônia, e Maria José.

4 ½ Estive com Jeanne de Montebello e há pouco falei ao Estrela que disse-me viria amanhã com a mulher e a condessa Hoyos. Esteve também cá quando aí não tinha saído a baronesa Santier minha conhecida de Baden. Vou agora começar a ver o *Compte-rendu* de 19.

6 ½ Quase. Acabei o *Compte-rendu*. Interessante sobretudo pelo descobrimento de esqueleto humano entre os dois períodos glaciais.

6h 50' Jantar. 7h 40' Bem. 8 ¾ Li os artigos do *Salon* 2º e 3º publicados no *Débats* e mandei procurar o 1º.

9h ¾ Acabo de ler às Motas Maias, vou ainda conversar com o Aljezur.

29 de maio de 1891 (6a fa.) — 4h 50' Dormi bem mas levantei-me 5 vezes e agora ainda urinei indo à banca para pouco. Vou ler l'*Intermediaire* de 25 – mas a letra ainda não se lê bem e vou ver *Synthese du Rubi* que mandou-me Frey – Membre de l'Institut, professeur de chimie au Museum d'histoire naturelle 1877-1890. Será o período dos trabalhos? Quando estive a primeira vez em Paris no ano de 1871 não se falava dessas indagações. Da 2ª vez em 80 creio que sim. 7h 10' Mandei ver se Mota Maia já leu o *Compte-rendu* para continuar a falar dele na minha carta a Daubrée. Entretanto lerei l'*Intermediaire* de 25. Interrompi-o para escrever a Daubrée mandando-lhe o último *Compte-rendu* com as minhas notas que completarão o que a respeito dele lhe escrevi. Já mandei tudo. 8h 50' E vou continuar l'*Intermediaire*. Continuei a leitura.

10h Estou me vestindo para a ducha. 25' Já me dispo para a ducha. Quase 1h. Vim a pé depois de ouvir missa por minha Santa com pequena volta para o hotel, onde achei Isabel que disse-me ter se esquecido da missa. Acabo de almoçar com vontade. Carta de Daubrée.

6h 40' Respondi às cartas do Taunay de 30 de abril e de 7 de maio. Jantar.

8h 40' Bem. Comecei carta em resposta à Daubrée. 8h 50' Acabei de ler l'*Intermediaire*. 10h 20' Li *Picciola* às filhas mais velhas de Mota Maia e tomei chá. Acabo de ler a carta de Cruls de 3 de fevereiro, incluindo o ofício de Adolfo Pinheiro ao Ministro que não abona o caráter daquele.

E vou deitar-me para ler até dormir.

30 de maio de 1891 (sábado) — 8 ³/₄ Dormi bem tendo me levantado às 5 h ¹/₂. 3 vezes e depois fui à banca e ainda urinei. Já expedi as respostas a Taunay cujo folheto acabe de ler anotando-o, tendo-o começado ontem antes de dormir, e a Daubrée falando-lhe da Revue des Sciences do Débats de 28 que acabo de ler – Vejo no artigo “Comité central des oeuvres du travail” que M. Grosselite Thierry leu interessante memória sobre as colônias agrícolas. Hei de procurá-lo. Artigo interessante “Le tramway funiculaire” de Belleville. Vou a Rabelais um pouco esquecido.

9h 55' Vestir. 10h 25' Meio despido para a ducha.

11h 35' Vim a pé para o hotel. Recebi carta de Seibold de Waiblingen. Würtemberger 27 maio – Aguarda meu telegrama de Vichy para ir para aí. Almoço.

12h 40' Bem. Já em vagão com Isabel e Mota Maia. Aljezur vai noutro vagão. Agora é que 40' e parto. 1h ¹/₄ Chegamos.

5h 55' Exposição dos Champs Elysées. Vi tudo e logo marcarei no catálogo. Estou no vagão a voltar. 6h 4' Parto. 6h 35' Chego. Já estou no hotel. 50' Vim marcando o catálogo.

7h 10' Jantar. 9h ³/₄ Bem. Conversei. Li Picciola às Motas Maias e aguardo o chá. 10h 10' Tomei-o – vou ler um pouco de Jordan e deitar-me lendo a “Notice des travaux scientifiques” de M. G. Grimaux até dormir. Pouco li de Jordan e no Débats de 30 as Sensations d'Italie de Paul Bourget e agora cama!

31 de maio de 1891 (domingo) — Li ainda a “Notice des travaux scientifiques” de Grimaux e dormi bem desde as 11h. Vou continuar a “Notice”. Acabei e escrevi a Daubrée pedindo-lhe conselho relativamente à votação de amanhã. Inclina-me a Moissan, mas a leitura da “Notice” dos trabalhos de Grimaux mostra que muitos serviços mais prestou à química. Vejo no Débats de ontem artigo “Le vernissage des refusés” que há um 3º salon no Champs de Mars – intitulado “Salon du Palais des Arts liberaux”. Por ordem da polícia foram tirados 2 quadros – “Une faute incalculable” 1871 (Alsace-Lorraine) e outro “Finis cormat opus” autores Jean Montchalon e René Vauquelin. O primeiro representa o Imperador Guilherme 1º da Alemanha destacando-se dos claros do incêndio e levando suspensas do arçã da sela duas moças nuas. O segundo representa montão de cabeças descarnadas encimadas pela de Jules Favre ensanguentada e lívida. Fundo do quadro crepúsculo trágico onde os últimos raios do sol refletiam-se em poças de sangue e era completada por bandeira tricolor lançada sobre monte de ossadas. Sob o quadro estava posta palma rodeada de crepe. O quadro de Vauquelin exposto em vitrina de um boulevard tinha sido já interdito em 1889. Ambos os quadros foram substituídos por cartazes indicando a medida da administração. O viajante Thouar procurador de notícias de Crevaux pretende fazer explorações científicas indo a cavalo de Buenos Aires a Paris. O itinerário será República Argentina, Bolívia, Peru, Equador, Colúmbia, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, San Salvador, Guatemala, México, Califórnia, Colúmbia Inglesa, Território do Alaska, Estreito de Behring, Sibéria Asiática e Européia, Rússia, Alemanha, Bélgica e França. A viagem durará cerca de 2 ¹/₂ anos. Começará em outubro. A 30 (hoje) abertura do salão dos recusados. A criminosa por infanticídio de Ain Fezza na Argélia foi condenada, atendendo às circunstâncias ...tes *[sic]* a 20 anos de trabalhos forçados e 20 anos de interdiction de séjour. Weiss acolheu friamente o veredito, dizendo a defensor que se mataria para libertar os filhos.

10 ¹/₂ Já tomei duja *[sic]*. 11h ³/₄ Boa. Fui de lá de carro para a missa que ainda não assistiu comigo Isabel estando lá contudo Gaston. Vou agora almoçar. 1h Bem. Acabo de escrever a Daubrée escusando-me de ir amanhã que teria de votar, como lhe digo, por Grimaux pois que só este e de Moissan tenho a “Notice de services”.

1h 40' Estive com Castro Maia do Pedro. Conversamos a respeito da Politécnica e de obras de engenharia no Brasil. Disse-lhe que tornasse cá e que lhe daria cartas para aqueles, cujo conhecimento pudesse aproveitar-lhe. Pediu-me indicação que lhe dei no lugar para onde escrevesse ao Pedro. Vou a Rabelais.

3h Agora vou sair. 5h Fui para o lado de Noisy-le-Roi andei a pé e voltei pela ponte. Ainda tenho ¹/₄ e continuo o livro do Alberto de Carvalho.

9h 50' Jantei bem, depois de ler Luz e Calor. O Antônio foi da mesa já com muito sono. Depois conversei. Todos os netinhos estão bons. Antes do jantar estiveram atirando sobre uns bonecos de barro com o filho do Jaguarão e acertaram. Isabel, Tostinha, e Eugeninha com o Aljezur acompanharam-me até aqui. Vou tomar chá e deitar-me, lendo até dormir.

1 de junho de 1891 (2a fa.) — 6h Dormi bem, 3 vezes e ao levantar-me. Antes de dormir li o livro de Alberto de Carvalho que vou ver se acabo hoje.

9h Cartas de Daubrée de 30 de Paris e de Revy de Viena a 24 de maio. Compte-rendu de 20 de maio.

10h 35' Já quase despedido para a ducha. Esperei um pouco que outrem tomasse-a, vendo eu um diário de estampas.

11 ¼ Dei uma volta a pé e cheguei. Agora assim ao hotel. Almoço.

1h Bem. Li no Figaro de hoje “Le dernier spectacle au Trianon”. Espero a Isabel.

1h 20' Vou sair. 6h ¼ Chego passando pelas Grandes-Eaux que o governo fez jorrar por causa da festa do Trianon, da qual muito gostei. Trago programa. A atriz principal da Gageure imprevue é muito boa, assim como o ator que fez de criado. O bailado esteve muito bom e agradou-me principalmente pela música que foi em toda a festa de compositores da época de Marie Antoinette que cantava de Coletie no Devin du Village. Houve um intervalo de passeio pelo jardim. O Devin du Village agradou-me pelo tenor Carbonne. O criado na Gageure imprevue é bom ator. Ainda não sei quem foi eleito na Academia das Ciências.

6h 50' Os versos de Claretie que Delaunay não são grande cousa. Jantar.

8h ¼ Bem. Estive ouvindo Aljezur ler o artigo de Le Monde de hoje “Heliochromie” que extractarei depois e vou ver o Compte-rendu de 25.

8 ½ Ler às Motas Maias. 10h Tomei chá e vou recolher-me ao quarto. 10' Deitar-me e ler até dormir.

2 de junho de 1891 (3a fa.) — 5h 25' Comecei a dormir às 10h ½ bem. Levantei-me e vezes e agora ainda urinei. Vou ao Compte-rendu que li ontem até dormir. 8h Acabei de lê-lo. Vou escrever a Daubrée – e eis sua carta de ontem. Vou lê-la. A eleição na Academia é a 8 de junho, talvez possa tomar parte dela. Vai-se ocupar da Notícia da exposição geográfica do Rio, cujo catálogo mandei-lhe. Continuo a ler o Débats de ontem. Vejo aí que Delaunay sofria de princípio de erisipela que não lhe permitiu recitar na festa do “Petit Trianon” os versos de Claretie.

Vou ler “La Semaine dramatique”. Acabei. São quase 10h e vou-me vestir. 10h 25' Quase despido para a ducha.

11 ½ Boa. Vim a pé para o hotel, onde estou há minutos e vou agora ver Nioac, que almoça cá. 12h 50' Bem. Nioac e filho Alfredo acabam de sair, ficou o almoço em casa dele em Paris para sábado. Vou ler em Le Monde de 1, o artigo “L'heliochromie”. É curioso, mas poderia ser mais claro. 2h Acabei de ler o 1º artigo sobre a obra “Correspondance diplomatique et Memoires Inédits du Cardinal Maury” annotées et publiées par Mgr. Richard. Vou ler o Débats de 31 de maio. Itália – Manuscrito que parece ser cópia perfeita do manuscrito de Dante encomendado por Pietro ou por Jacopo filho de Dante.

“Au jour le jour”. Artigo sobre o excesso dos jogos ginásticos. 2 ¾ Visitas. 3h ¾ Jeanne de Montebello, marido daquela e Estrela, que se entenderá com Mota Maia a respeito de meu encontro com a Condessa Hoyos. Jeanne de Montebello que me trouxe impressos e fotografia referentes à ponte sobre a Mancha. Vou dar uma volta de carro. 6h Satory-Bouvier – Billanconts – St. Cyr – Porte de l'Avenue de la Reine, sortant du parc.

6h 20' Escrevi à Montebello. ¾ Estive com um rapaz do Rio Grande filho do coronel Fernandes da Silva de Sant'Ana do Livramento. Fala só espanhol e francês. Aprende pintura. Seus quadros não são grande cousa. Fiquei de falar por ele ao Estrela. Maia Monteiro e Guimarães protegem-no. Estive com o tenente-coronel Duarte e outro brasileiro.

10h 20' Jantei bem com os meus e os Tostas e Eugeninha Penha. Conversei. Minha filha foi-se embora com as suas. Li às Motas Maias. Assinei fotografias, tomei chá e vou deitar-me e ler até dormir.

3 de junho de 1891 (4a fa.) — 4h ¾ Dormi às 11. Bem. Levantei-me 3 vezes e agora fui à banca por pouco e ainda urinei. Li o Débats de ontem até dormir e vou acabá-lo. 5 ¾ Bom artigo de Gaston Deschamps sobre o romance que mando buscar La confession d'un amant por M. Marcel Prescott. Sensation d'Italie – Lecce – por Paul Bourget. Il me tarde de les relire formant un livre. Vou ler Rabelais.

8h 10' Li alguma cousa. Nota de notícias do Brasil da Savignac.

8h ½ Escrevi ao comandante do paquete francês Mr. Baule recomendando-lhe os Muritibas e a irmã do Mota Maia.

9h Mando carta a Mme. Savignac (Cannes) com as notas dela a que fiz reflexões e minhas sobre Rabelais, a que volto.

9h 25' Interessou-me muito essa leitura. Admira o que ele sabia.

10h 20' Despindo-me para a ducha.

11h ¼ Boa. Vim a pé para o hotel e vou hoje adiantar o “Curso analítico de Ecomia *[sic]* Política” do Jourdan. 40’ Almoço.

3h 10’ Muitas visitas de brasileiros que logo nomearei. Meus filhos também estiveram cá. Recebo carta de Daubrée do 1º.

4h 20’ Acabo de estar com o filho do Ouro Preto e a família daquele. Vou sair.

6h 35’ Acabo, depois de passear de carro até Jouy voltando pela porta de que segue a rua des Chantiers, de escrever a Daubrée em resposta à sua carta falando-me sobre a última sessão da Academia onde se discutiu o mérito dos concorrentes ao lugar de Cahours. Vou jantar.

10 ¾ Vou deitado ten- *[sic]*. 11h ¼ Ouvi ler Diário do Comércio de 4 a 11 de maio o Jornal do Comércio de 14 e 14 de maio. Vou deitar-me tendo tomado chá às 10h.

4 de junho de 1891 (5a fa.) — 4h 40’ 3 vezes e ainda agora. Não dormi mal. Já bebi meu copo de água e vou terminar o Débats de ontem. “L’affaire Gordon Cummin” *[sic]*. Processo por furto no jogo em que depôs o Príncipe de Gales. Academia das Ciências. Sessão do 1º – Academia de Medicina. Sessão de 2. Discensão *[sic]* momentânea do coração. Acidentes devidos ao clorofórmio. M. Lagarde – Influência dos reflexos provocando a síncope e a importância dos analgésicos locais e gerais para diminuir a produção dos reflexos e suas conseqüências. Injeção de morfina ou antes de narceína punha antes de dar o clorofórmio, sendo este administrado pelo método das misturas graduadas, enfim em caso grave respiração artificial por meio da insuflação. Artigo escrito com muito bom senso e espírito sobre o novo programa de estudos prometido o ano passado por M. Bourgeois devendo chamar-se o ensino clássico francês – ensino secundário moderno. “Nous souhaitons vivement que les porraíns du nouveau système trouvent, pendant qu’il en est temps, quelque chose de moins frivole” e cita versos de Boileau de que transcreverei o último – “ce qui se conçoit bien s’annonce clairement”. Sensations d’Italie de Paul Bourget. Lecce le 22 novembre.

6 ¼ Acabei de ler o que faltava do Débats de ontem. Vou ler o livro sobre Portugal.

9h Li-o assim como principiiei o livro Fernand de Lesseps, sa vie, son oeuvre por Alp. Bertrand e Emile Ferrier e que aquele disse que me ofereceria um exemplar quando assistíamos à festa do Trianon e mandou-me com sua assinatura. É muito interessante mas aí vem La revue mensuelle du Monde Latin de 1º tentar-me com o artigo “La Comtesse de Barral et de Pedra Branca”.

9h 40’ Acabei-o. 50’ Acabei de ler a carta da Savignac recebida ontem e vou vestir-me.

10h ½ Dispo-me mais tarde para a ducha porque tive de ir à banca... O ducheiro está ocupado com outro e vou lendo. 11 ¼ Boa. Por chover voltei de carro para o hotel onde li a carta de Saldanha Marinho agradecendo a 8 de maio de 1891 o livro de poesias que o Rosendo Moniz me dedicou. É justa para comigo e eu não duvidaria aceitar a presidência da república, se tivesse certeza de que não me suspeitariam de atração-la. Só aspiro a servir minha pátria com devoção, palavra que melhor exprime o que sinto do que dedicação.

12h 25’ Almocei com vontade. Durou mais tempo pois houve a discussão do costume com o Aljezur. 1h 50’ Recebi e respondi cartas de de Quatrefages de 2 e de Daubrée de 3.

2h 40’ Vou ao Colégio dos Eudistas por causa de minha filha e netinhos que aí estudam. Não gostei da festa religiosa e cantaram mal. Depois à estação onde vi chegar dos meus os que ficavam e iam. Os Tostas, que partem para o Brasil e minha filha e Eugeninha, que os acompanham assim como Mota Maia, até Paris. Ainda esperei a partida do trem e disse aos excelentes Tostas saudosíssimo adeus e já estou 5h 20’, no hotel. Vou ler até o jantar. Que? Rabelais.

6h 40’ Jantar. 11h 5’ Bem. Ouvi ler jornais pelo Aljezur. Li às Motas Maias Picciola, e comecei a ensinar-lhes a história do Brasil, principiando pelas idéias de um continente ocidental antes de Colombo, Atlântida etc., e chegando continuarei amanhã por alguma história do Brasil, preferindo a de Varnhagen. Depois o Aljezur leu-me o que parecia mais interessante do Jornal do Brasil de 15 de abril até 2 de maio, excetuados os de 17 até 24 e o de 25.

5 de junho de 1891 (6a fa.) — 5h 20’ Dormi à meia-noite. Três vezes levantei-me e agora ainda urinei. No Figaro de 30 – “Figaro au Vatican”. Má administração do dinheiro de S. Pedro por Mgr. Folchi que foi demitido, mas de cuja honradez não se duvida. Grandes festas a 20, 21, 22 e 23 de maio por ocasião do 6º centenário da Catedral de Orvieto. O Rei

prometeu assistir e o Papa será representado pelo cardeal Parrocchi vigário do Papa. O autor da Cavalleria Rusticana compôs propositalmente a missa solene cuja execução dirigirá. Na sala do teatro à noite ouvir-se-á a missa de Verdi para Manzoni

“Lettre de Madrid”. Os trabalhos *[sic]* de Bilbao decidiram recomeçar a parede (greve). Entretanto os republicanos venciam nalgumas eleições municipais graças ao sufrágio universal tão caro a M. Agasta, diz o correspondente. Votou-se a mensagem, terminaram as eleições só falta resolver a questão social. Confia-se em Canovas. Tudo passou bem em Barcelona. Estranham que o palácio que a rainha constrói em S. Sebastião esteja atrasado, mas a rainha Cristina nunca excede seu orçamento particular. Tudo nela é bem ponderado. Por isso é tão estimada e respeitada. É muito minha amiga como a arquiduquesa Isabel sua mãe. Veio a Madrid deputação dos proprietários de minas de Bilbao pedir ao governo medidas para acabar com a greve. Tinham decidido mas ao prefeito respondeu negativamente.

Exposição muito notável de aquarelistas. Madrazo pede pela imprensa a trasladação à Espanha dos ossos de Goya enterrado em Bordeus. Cena característica da índole dos gitanos. Lettre de Lisbonne. Fala da morte de pessoas conhecidas. De Delfim Pereira “caballero de haute mine et adorablement bon... qui avait du sang royal dans les veinas” – com efeito era o que se chama bom rapaz e meu irmão embora meu Pai não o declarasse em ato público, e de outros. Serpa Pinto esteve muito doente, mas arribou, é de raça dura, seu pai morreu há 2 anos com 101 anos. Fala da luta na África entre portugueses e ingleses. “L’ancien gouverneur de Lisbonne, comte de Paço d’Arcos dont la domination à Rio en qualité d’ambassadeur de Sa Majesté Très Fidèle remonte à quelques six mois, s’embarque dédicément demain à bord du Malange pour prendre possession de son poste. M. Araújo Beltrão (o ministro brasileiro) purge encore sa quarantaine au lazaret. C’est à cause de la fièvre jaune qui sevit dans la nouvelle République comm so elle n’avait pas un empereur de moins, et non pas à cause de l’esprit revolutionnaire du diplomate de Rio”. “Union internationale des amies de la jeune fille” para proteção das jovens. Fundada em Genebra em 1877. Tem comités ou representantes em 172 cidades da França e em outras nações. O comitê de Paris decidiu fundar à sua custa na rive gauche, uma casa hospitaleira. Está aberta desde 1 de abril. Pode receber 10 jovens. “La cité paroissiale d’Eylau”. Trata-se de criar um estabelecimento desse gênero onde estarão reunidos orphelinat, crèche, ouvroir, fourneau économique, des écoles et autres établissements compris dans les oeuvres parossiales – Revue Bibliographique – Romans – Poésie – Enfant bretons por Le Mouel “Notes de Musique” La causerie musicale agrémentée d’un en plusieurs chanteurs est une invetion récente qui a singulièrement reussi dans le monde parisien. Figaro de 20. À l’académie falando a favor da imprensa para ser mais representada na Academia quando se tratava da vaga que será preenchida por Lou. “La Presse” n’a que deux representant John Lemoine et M. Edouard Hervé. D’autres Académies pour mieux équilibrer les idées qu’elles représentent sont partagées en sections”, “Sans s’astreindre à une agglomération aussi methodique l’Academie française ne pourrait elle moralmente en tenir compte et se préoccuper d’avantage d’une exacte repartition des forces intellectuelles qu’elle symbolisée”. Expressões tão vagas parecem indicar a difícil ou mesmo impossível realização dessa idéia. – “Instantane”. “La reine Nathalie”. Exact – “Chez les Cosaques”. “Les événements de Belgrade. Expulsion de la reine Nathalie. Il faut esperer (qu’elle) ne retournera pas à Belgrade... Si elle supporte avec dignité le nouveau coup qui la frappe elle ne fera qu’augmenter la sympathie que lui porte l’Europe entière”. Budapest 19 Mai. Détails de ce qui s’est passé à Belgrade à l’occasion de l’expulsion. St. Petersburg 19 Mai. Le Ministère va proposer de conferer la medaille de sauvetage ao prince Georges de Grèce pour sa conduite courageuse lors d’attentat commis sur ler Tsarévitch. Bruxelles 10 Mai. 55 établissements chôment à cause de la grève. Le Temps de 17 de maio. Artigo sobre João Brattano que morreu na Rumânia na noite de 15. Artigo sobre a discussão aduaneira que terminava. M. de Gasté pediu que as pautas diminuídas só fossem concedidas a nações que consentissem substituir o arbitramento à guerra, Keller em 1882 apresentou emenda tendente a considerar a pauta geral das alfândegas como um minimum e Gambetta presidente da Câmara considerou como denegação ao governo do direito de fazer tratados. Isto lembra o artigo em oposição ao artigo 1º do projeto que diz que uma pauta minimum será estabelecida pelas Câmaras e promulgada como lei além disto pretende fixar as condições a que será sujeita a aplicação dessa pauta minimum. “Affaires Coloniales – Les compagnies de colonisation”. Hei de ler o relatório da sub-comissão, que a fait un travail des plus nourris et des plus interessants. Cita passagens mais hei de procurar lê-lo. “L’exposition de Moscou”. Les de Berlin. Les corps d’étudiants. “M. Deck. Morreu ontem. Prestou grandes serviços como administrador da fábrica de Sèvres – Spectacles et Concerts”. Fala de

Grisélidos. “Le Salon – Cahamps *[sic]* Elysées 2 – Acabei de ler jornais franceses que tinha posto de parte. Vou ver se poetiso, traduzindo a poesia sobre Grisélidos que ficou de parte com o Figaro de 10 de maio.

10h 25’ Já me despindo para ducha. $\frac{3}{4}$ Boa. Quase vestido para o café. 12h 20’ Vim a pé para o hotel. Almocei bem e é agora por esquecimento do Guilherme a lembrança da Gondim pelo dia 14 de março. Hei de agradecer-lha. 2h 20’ Estive com um riograndense, Apolinário da companhia frigorífica do Mayrinck, que me deu muitas informações e prometeu-me mandar as publicações sobre as empresas industriais do Brasil. Gostei muito da conversa.

Torno aos versos pois é ocupação que interrompo facilmente.

4h Estive com a família Dantas, a viúva de Varnhagen e filhos, e Mr. Vernouillet que esteve no Rio da Prata e no Brasil.

10h 25’ Jantei bem. Ouvi Aljezur ler diários franceses de que falarei amanhã. Li “Picciola” que está quase acabada às Motas Maias e falei-lhes do estado dos índios na ocasião do descobrimento porque para expor-lhes a história careço da de Varnhagen ou da de outrem. Tomei chá e vou fazer ainda versos antes de deitar-me para ler até dormir.

11h 5’ Cama!

6 de junho de 1891 (sábado) — 4 $\frac{1}{2}$ Levantei-me 4 vezes e ainda agora urinei. Dormi às 11h 20’. Acendi há pouco a luz para poder ler. Temps de ontem. O ex-padre Hyacinthe Louison começa conferências em toda a França. A primeira foi em Rouen ontem à noite muito concorrida no Théâtre-des-arts. O assunto foi a Igreja e o Estado. Antes de começar leu uma petição aos poderes públicos a favor da revisão da concordata e do estudo de uma lei sobre a liberdade e a capacidade das associações religiosas e pediu aos assistentes que assinassem petição à saída. Foi muito aplaudida e crê-se que fará segunda conferência e irá depois para o Havre – “A inauguração da Igreja do Sacré-Coeur de Montmartre” – Concessão dos prêmios Brodin e Marcelin Guérin a diversas obras. Prix du salon et bourse de voyage – “Le livre de la femme”. Débats de 15 – Lisboa 4. As comissões dos negócios estrangeiros, fazenda e colônia discutiram ontem o projeto de tratado com a Inglaterra e declararam-se pela aceitação imediata. Redigiu-se logo o parecer e será apresentado à Câmara – “Les soeurs de St. Vincent de Paul à Jerusalem” – “Manuscripts à miniatures et reliures anciennes” – “L’affaire Gordon Cumming”. “Les salons de 1891” e Débats de 4 de junho. Decisão arbitral do Imperador da Rússia quanto aos limites entre as Goianas francesa e holandesa. O Awa deve ser considerado como rio limite entre as duas possessões, sans prejudice toutefois des droits acquis en bonne foi par les ressortissants français dans les limits du territoire qui avait été en litige. “L’Angleterre et l’Italie”. Publicação pelo Times de uma conversa muito singular de M. de Rudini. Carta do deputado de la Somme Lucin Millevoye que refere o que o Príncipe ouvira ao rei da Itália. Mes intentions sonto pacifiques. Mais si la guerre éclate, je suis en effet ressuré du côté de la mer, et grâcê à la participation de la flotte anglaise, je pourrai comme vous le dites mobiliser mon armée en securité”. “La Prusse et l’Italie dans la guerre de 1866”. Parmi les erreurs plus ou moins volontaires accumulées dans ce fameux article de la Contemporary Review qui est presentement en train de faire son tour d’Europe il en est une qu’il nous parait opportun de redresser en passant... Nous voulons parler plus particulièrement *[sic]* des evenements de 1866 et de la fâcheuse influence qu’aurait exercée Napoleón 3 sur la conduite et l’issue des opérations de l’armée italienne. Au dire de M. Crispi le premier plan de campagne comportait la marche directe et simultanée des Prussiens et des italiens sur le Danube avec Vienne pour objectif, malheureusement l’empereur des Français poussa l’Italie dans le Quadrilatère, le resultat de cette modification fut Custozza – É assinado por M. Câmara dos deputados. Questão dos trabalhadores e empregados das indústrias. “A exposição da missão Bonvalot”. Está aberta a partir de hoje até 30 de junho. Muitas aves, 500 aves e 150 mamíferos. A coleção botânica é de 60 a 80 plantas novas entre as quais uma haste de Nardo. A mineralogia tem amostras de todas as regiões geológicas percorridas pelos exploradores. A série etnográfica compõe-se de trajes de tecidos empregados pelos tibetanos instrumentos etc. e objetos de farmácia. Entre estes o pe-kai contraveneno, panacéia. A roda das paredes vistas fotográficas – “Conselho superior da instrução pública” – Deliberações tomadas, projeto sobre o bacalaureato do ensino secundário especial com o nome de bacharelado do ensino secundário moderno. Diz quais as principais disposições. Este ensino compreende língua e literaturas francesas, id. alemã e inglesa, filosofia e moral, princípios de direito, noções de economia política, história, geografia, matemática, física e química, ciências naturais, desenho, contabilidade. Devant l’été de M. Pruvies de Chavennes de E. M. de Vogné. Bem escrito, de E. M. Vogné.

8h 50' Continuei a tradução dos versos e vou vestir-me. 9h ½ Dispo-me para a ducha. 35' Boa. Esfregam-me. 10h 25' Vim a pé e de carro para a estação e já estou no vagão. Vou ver o n° 3 de 1891 Figaro Salon.

Já chegou Isabel com Eugeninha. 10h 41' Parto. 11h 20' Chego a Paris. 5h Quase para voltar. Em Versailles direi o que fiz. 5h 50' Chego ao hotel em Versailles. Almocei em Paris com o Nioac e família, os mais, Isabel e Gaston e Guillaume que lá achei, tendo depois muito conversado com ele de Belas Artes e do que ele vira nos salões, assim como da escola francesa que ele dirige em Roma e do Egito e da Palestina. Depois fui com Isabel à casa da Chica onde só achei esta aparecendo depois Joinville, ma estando fora o Pedro. Isabel retirou-se com o Gaston e fui pagar visita ao Nemours que mostrou-me seus poucos objetos artísticos. Branca estava de cama e parece-me bem doente. Há na sala de Nemours um retrato dela de pé a óleo, bem pintado e que mostra como foi bonita. Cheguei com chuva, mas fez bastante calor. Logo direi mais. Em caminho para Paris e de volta sempre fui lendo. Agora lerei até o jantar.

10h 35' Eduardo Prado e Rio Branco. Sua conversa muito me interessou. Tomei chá e li no Jornal do Brasil de 12 de maio "Dia a dia". É justo para comigo. Vou deitar-me, ler Journal des Savants de maio e dormir.

7 de junho de 1891 (domingo) — 3 vezes. Há pouco fui à banca e depois ainda urinei. Vou ao Journal des Savants. Artigo de Dareste excelente. Deixo esta leitura pela do foi recebido ontem "Le Brésil actuel" que naturalmente me tenta.

9h Li a "Memoire sur la découverte des coulerus dans la photographie" por Mr. Baudran (père). Já falei dele que deseje apresente a memória à Academia das Ciências, o que farei na sessão de amanhã. Vou ver o Débats de ontem. Acabei um dos Rapport da Sociedade de Meteorologia que mandou-me Daubrée a quem escrevi sobre ele. Vou vestir-me. 10h 25' Despido e para a ducha!

11h 50' Depois ouvi missa a que assistiu só o Gaston. Telegrama de Paris do Príncipe de Mônaco para visitar-me. Respondi-lhe o que pretendo fazer e que só amanhã às 8 da noite poderei recebê-lo.

12 ½ Almocei bem. Vou ler o Débats de ontem. Inauguração de la Basilique du Sacre-Coeur – "Un salon litteraire en Anglaterrre". Fala de Lord Haughton que conheci a primeira vez que estive em Londres – Sensation d'Italie – Lecce le 24 novembre par Paul Bourget.

2h Tive há pouco um terrível cataclisma de intestinos. Desembaraçou-me bem.

3h 50' Li. Estive com meus filhos e o Dominique. 9h ½ Volto da casa da Isabel onde janto. Li-lhe Luz e Calor. Amanhã vêm meus filhos almoçar comigo. Os netinhos estão bons e muito me custou dizer-lhes adeus até minha volta de Vichy. O Comércio de Porto de 2. Artigo do primeiro aniversário da morte de Castelo Branco. Petição do rei pedindo a trasladação do corpo para os Jerônimos onde há os restos de Alexandre Herculano e Vasco da Gama. Diário do Comércio de 12 de maio respondendo à Gazeta de Notícias que falou da carta de Saldanha Marinho ao Rosendo Moniz – de 17 – Artigo sobre conselho de instrução tanto de instrução primária como secundária. Maylasky teve de Portugal título de Visconde de Sapucaill – de 18 – Greve em Santos de 4.000 trabalhadores mas na maiores pacífica [sic] – Temps hoje. Diz que o tratado de Portugal com Inglaterra sobre limites na África foi aprovado por 105 votos havendo 6 contra. Acadêmia des Beaux-arts. M. Guillaume apresenta para a vaga de Chapu M. Mercié, Fremiet, Allor, Merqueste, Injalbert, a Academia acrescenta Cugnot e Peynot.

10h 25' Deitar lendo Journal des Savants até dormir.

8 de junho de 1891 (2a fa.) — 11h E levanto-me agora. 4h 50' Durante a noite 3 vezes e agora ainda uma vez indo à banca sem resultado.

O francês que encontrei em casa do Nioac e cujo nome não me lembrava deu-me duas publicações suas e é o Conde Gabriel de Caix de Saint-Aymour. Li a Revue Versaillaise et de Seine-et-Oise 2^{ème} année n° 23 Dimance 7 Juin 1891. La representation de Trianon – Concours regional agricole – Prix etc. – Escrevi a Silva Costa a respeito da doação de meus livros e Museu, hebraicos e dos objetos que devem ser de minha filha. Vou a Rabelais – Li. 7 ½ Carta de Daubrée de 5 em que me diz que talvez seja eu hoje, passados 40 anos talvez, associado estrangeiro que vote, achando-se então Humboldt em Paris, que memória de M. Ferron, de que lhe falei por causa do Compte-rendu, aplicando a mecânica aos antigos resultados das experiências de Daubrée sobre as redes das fraturas terrestres ou diacloses nada tem de original conforme lhe disse Lacy a quem logo a comunicou. Quanto à nota de M. Artur sobre a navegação aérea diz que o autor poder-me-á

mostrá-la mas acrescenta. Il faut prendre patience dans aspirations aériennes. Figaro de 6 – La Benediction du Sacré-Coeur – La vente Roederer – Cette nuit – la veille Seine a pu surprendre un dialogue – que le Sacré-Coeur échangeait avec la Tour Eiffel. De ce grave conciliabule il resulte que la société humaine ne demande qu'a fire bon menage avec l'ancienne – On annonce la mort à Londres à l'age de quatre-vingt-un. ans de l'éminent ingenieur Sir John Hawkshaw e fala das obras que dirigiu qui *[sic]* e não de sua viagem ao Brasil e do que aí fez.

9h 40' Vou me vestir.

11h Chego a pé da ducha. Foi boa. Carta de Daubrée de 7. 40' Acabo de estar com Guighet diretor dos Gobelins aonde prometi ir.

1h 5' Já estou no vagão para Paris. 7' Parto.

2h Chego a Paris. 5 ¼ No vagão para voltar. A sessão foi interessante. Moissan, em quem votei ouvido Daubrée foi eleito por 35 votos. Havia grande número de membros. Vi o Príncipe de Mônaco. Falei com diversos colegas.

6h Chego. 6h 35' Escrevi a Daubrée mandando-lhe outro relatório sobre meteorologia que haviam esquecido dar-me quando fui a Paris. ¾ Acabei de ler o elogio de Borda pour Bouquet de la Gyra. Vou ler o do Vice-Almirante Paris porém chamam para jantar.

7h ½ Bem. 9 ¾ Acabei a leitura da Picciola às Motas Maias.

9 de junho de 1891 (3a fa.) — 4h 50' Não dormi embora me levantasse 4 vezes e ainda agora urinasse. Comecei a dormir perto das 11h. Vou ler Portugal.

5 ½ Vão sendo horas de partir. 7h Andei pela estação. Nada de diários. Já estou no vagão. 6' Parto. 8h Paris. 9h ½ Gare de Lyon, onde tomei café. Despedi-me de meus filhos, de Eugeninha, de Nioac e filho Alfredo, de Estrela, que disse-me morar a Montebello na rua Barbé-de-Juilly 33, e parto. Quase 10h Villeneuve – St. Georges. 10h ¼ Corbeil – Passou-se antes outra. Parada. 11h Almoço. 12h 5' Bem. Voltando para meu vagão o vento levou-me o chapéu não sei para onde quando atravessava o passadiço. Agora parado na estação Montargis. 12 ½ Partimos. ¾ Acabei o livro Portugal de G. de Saint Victor. 1h 10' Gioa. 1h 55' Depois de pequena parada em Cosme seguimos. 2h 25' Acabei de ler o Guide Jauna Vichy e o Guide Pratiques – Vichy en poche – Guide Conty. 1h 50' Nevers. 3h Segue. 3' Atravessamos o Loire. 13' Saincaize. Pouco parou. 4h Moulins perto do Loire. 25' Varennes. Creio que é o lugar em que foi reconhecido Luís 16º quando fugia. 37' St. Germain des Fossés. Poucos minutos de parada. Retrogradamos para tomarmos por um ramal para Vichy, que fica 10 km. daqui. 50' Seguimos.

5h 5' Vichy.

5h 35' No hotel Guillermin. Encontrei à minha chegada o engenheiro brasileiro do Rio que esteve em Cannes com a mulher. À estação vieram um representante oficial e dois médicos um dos quais o Dr. Grouzou que conheci em Cannes. O caminho nada tem de notável. O aspeto desta cidade não me desagrada. Cuidado já do programa. Verei o que puder dos arrabaldes, e pretendo ir a Royat et Clermont Ferrand.

6 ½ Acabo de ler o Journal des Savants de maio e vou ler o Bulletin de l'Institut Egyptien de que sou membro do ano passado, 3ª série nº 1.

10h Jantei bem. Visitou-me o rei de Nápoles que está aqui já há algumas estações por causa de diabetes. Não li às Motas Maias por estarem cansadas. Tomei agora chá. Vou me deitar, ler e dormir.

10 de junho de 1891 (4a fa.) — 4h 40' Dormi bem desde depois de 11h ¼. Levantei-me 4 vezes e agora urinei. Vou beber a minha água, a do Allier filtrada é fresca e boa. Vou escrever a Daubrée mandando-lhe o último Compte-rendu com as minhas notas.

5h Escrevi. Li Le Bulletin de l'Institut Egyptien. 10h 5' Acabei o Bulletin de l'Institut Egyptien Année 1890. Já me visto.

10 ½ Belo arranho para a ducha. Já me dispo. Logo hei de escrever tudo. Propus ao Dr. Grouzou que seria regular os que tomassem ducha ouvindo boa música. 10h 55' Excelente. Li o livro do costume, quase vestido e vou tomar café. 2h Visitei o Casino vendo o teatro onde ouvirei amanhã Les Dragons de Villars. O teatro não é feio. Acomoda bastante gente e meu camarote aonde subi é bom. Entre numa loja de quadros que quase todos não prestavam. Almocei com vontade. Recebi os representantes oficiais com os quais conversei informando-me de tudo e agradecendo os bons arranjos da ducha,

que eram os de Napoleão 3°. Acabo de estar com o Vasconcelos. Recebi Vichy à travers les siècles por Mallat. 2h 20' Recebi de Isabel em resposta. Merci Beaucoup tous bien saudades – da Januária de Acqui Bagni. Bien arrivés. Embrasse Comtesse Aquila. Vou sair.

4h 20' Voltei de ouvir a música de debaixo de uma espécie de galpão. Chovia bastante mas havia gente bastante onde eu estava e alguns ouviam de chapéu de chuva. Tenho estado a ler Rabelais.

6h 25' Escrevi à Savignac agradecendo seu último trabalho que muito me agradou e enviando-lhe minhas novas a tal respeito para ela continuar o trabalho. 40' Quase e ainda não chamaram – chamam agora para jantar.

10h Bem. Aljezur leu-me os jornais que eu reserva [sic]. Agora acabo de principiar às meninas depois às escritas de Vichy por Mme. de Sevigné Vichy à travers les âges por M. Mallat. Parece obra escrita.

10 ¼ As meninas despediram-se assim como o pai, tomei chá, disse adeus a Aljezur e vou deitar-me lendo até dormir.

11 de junho de 1891 (5a fa.) — 5h Levantei-me 3 vezes e agora ainda urinei.

Vou continuar a publicação da Société de Géographie n° 12 Séance du 15 Mai. Fala de Messire Gadiffer de la Salle que acompanhou Jean de Bittencourt descobridor das Canárias que estava de novo na Rochelle a 1 de maio de 1402 à testa da expedição para a conquista das Canárias. Em julho de 1402 Carlos 6 dava instruções ao Bispo de Chartres e a outros plenipotenciários nas conferências de Seulighen para a paz com os ingleses e diz que se a Inglaterra pedir reparação dos atentados cometidos pelo Sieur de Bittencourt responderão que (ele) e Messire Gadiffer de la Salle “vendirent pieçà tout ce qu'ils avaient au cargaume et disaient qu'ils allaient conquérir les îles de Canaire et d'Enfere et là sont demeurés et l'on ne sait qu'ils sont devenus” pieça significa precedentemente e desde algum tempo já. Continua a referir a vida de Gadiffer. Ato de liberalismo do rei que prova que em 1410 elle était complètement rentré en Grace. Não se sabe quando morreu. Fala de próximo trabalho de M. P. Margou sobre os conquistadores das Canárias. Le savant écrivain ne manquera pas certainement de mettre en pleine lumière la figure de Gadiffer de la Salle et de rendre toute la justice qu'il mérite à l'un des voyageurs français qui eurent l'honneur d'inaugurer de la façon la plus brillante le siècle des grandes découvertes géographiques. Viagem interessante de M. J. Martin. Carta de 27 de 10bro de 1890 de Sa Tcheou. Andou pela região limitrofe do Kan-sou. “Le voyageur annonce que la troisième partie de son voyage comprendra – les contrées limitrophes du Thibet septentrional, par la route de Marco Polo a suivie jusqu'au Lobnor et à Kachgar. Nouvelles de M. Dutreil de Rheins de Tachkend de onde e seu companheiro M. Grenard partiram para Marghelane, Hoche e Kachgar. Assistiram à primeira representação da primeira companhia dramática francesa que veio a essas regiões e que representou aguardando a abertura da Exposição de Moscou. A Índia inglesa propriamente dita tem 210 milhões de habitantes, os estados tibetanos do Industão e Cachemira 65, Birmânia 10, total 285. Capitais das três presidências, Calcutá 972.000, Bombaim 846, Madrastra 449.000 – Nota das condições climatológicas do Congo francês acima e abaixo do Equador por M. Crampel. O viajante atravessou a região dos Langouassis ribeirinhos do Oubanghi e chegou aos Dapivas. À nota de M. Crampel estava unida a seguinte: “No mês de agosto de 1890 a missão Crampel achava-se em Brazzaville a 4° 16' 50” lat. S região onde desde o começo de abril reinava a estação seca. Partia a 23 para subir o Congo e seu afluente setentrional Oubanghi. A 29 e 30 de agosto duas trovoadas de N.E. (tornados) marcaram o começo da estação chuvosa para a parte do Congo francês acima do Equador. No mês de 7bro, parte do Congo, parte no Oubanghi 10 dias de chuva. Outubro é o apogeu chuvoso para o vale situado acima de Bonghi. Publica as medidas barométrica e termométrica. Temperatura maximum-médio 29°,7, minimum 20°,5. Maior diferença entre os maximum e minimum diários foi de 14° e o menor de 6.

É só no Maghreb africano que se pronuncia o g duro 21ª letra árabe. Seu som verdadeiro é gutural. Os tunisios, algerianos e marroquinos adoçaram simplesmente o som. Os habitantes do Cairo substituíram-no por hiato. Ghourd é substantivo singular fazendo aghrâd no plural. Falta no dicionário árabe como tantas outras palavras empregadas no Saara, mas o dicionário dá formas vizinhas gharad (cogumelo), ghard (cabana de caniços) mostrando que a espécie de dunas chamada ghoûrs tira seu nome de seu cimo.

[desenho]

Gour é o plural da palavra no singular gâra (gâret quando a palavra seguinte começa com vogal. Para maior exatidão o singular gâra e gâret como o árabe da Síria pronuncia tem 4 plurais (as regras dos plurais e as conjugações são a maior dificuldade da língua árabe). O dicionário traduz gâra “colina isolada, enorme rochedo isolado”. Duveyrier autor do artigo

traduz testemunho – de chapada destruída de que a gâra é um fragmento conservado, como se faz nas estradas que se abrem para verificar a profundidade do que se cortou. Por isso Duveyrier traduz gâra pl. gôur testemunho (geológico). Vi na Palestina o aspecto desses gôur. Em resumo o ghourd (plural aghrâd) é um cúmulo de areia fina, a gâra (plural gôur) é uma colina isolada, de cimo chato e composta de rocha compacta.

Fundação da cidade de N. Y. em 1623 por colônia de Flamengos Avenois e Wallons – Avesnimos cidade pequena do Hainaut flamengo – Comunicação de M. P. Th. Vinlet d’Aoust. Deve-se a Jesse d’Avesnes. Desde a infância mostrou muita inteligência e firmeza. Cedo projetou emigrar para a América. Em 1601 casou Jesse. Quando reuniu bastantes agricultores e artifices, deu-lhes rendez-vous em Anvers, onde verdadeiros descendentes dos nervianos, último povo das Gálias que pelejou muito tempo e às vezes com feliz êxito contra Júlio César, em número de mais de 300 não compreendidas mulheres e crianças embarcaram com material e gado necessários e que Jesse ajudou a completar em navio holandês. Em 1623 abordou na primavera a ilha de Manhattan designada por Forest. Formava a margem direita da entrada do rio Hudson. Jesse morreu em 1626 de febre palustre, deixando filhos. Chamaram-na New Amsterdam por causa do maior número de holandeses. Só depois de 1674, quando os ingleses, tornaram-se donos de toda a região que se mudou o nome em New York. Graças aos diversos escritos que cita e às numerosas informações dadas por um dos membros da família americana hoje muito numerosa nos Estados Unidos M. John W. de Forest de New Haven (Connecticut). É com todos esses documentos que pudemos, diz o autor da comunicação, restabelecer em parte a cronologia das duas famílias de que era originário – “Índios dos Unidos [sic] e do Canadá”, nota de M. R. Rivière de Calais cidade do Estado do Maine. Essa cidade contém em seus muros ou nas circunvizinhanças uma centena de Sioux, iroquois ou hurons. Rivière fá-los quando podem dar informações. Há pouco mais de 2 séculos haveria 5 milhões de indivíduos dos quais 600.000 índios caçadores ou nômades. Os sedentários eram muito mais numerosos. Entre estes devem citar-se os atibamons e os seminolas. Se diminuíram enormemente sobre mortes. As últimas estatísticas dão 360.000 índios vivendo nos Estados Unidos. A mais forte é a tribo dos Sioux com 45.000. Foram os heróis da revolta de janeiro e fevereiro últimos. Fala da ferocidade que se acha sómente nalgumas tribos, dos apaches, comanches, navajos, osages, cheyennes, arrapahoes, etc. O número dos índios dessas tribos será de cerca de 60.000. Essas diversas tribos selvagens possuem certo número de espingardas mas a maioria serve-se de arco e flecha. Fala da matéria das armas. Todas essas tribos são pagãs – supersticiosas. Os índios nômades são pouco numerosos em relação aos sedentários. Entre este cumpre citar os nahualt que habitam a Flórida e em número de não menos de 16 a 17.000. Os outros índios vivem no chamado “Território Índio” que lhes foi marcado pelo governo. Tem a extensão de 17.500.000 hectares situado entre os estados de Texas, Kansas, Arkansas, Missouri, Novo México, margens da Rivière-rouge da Canadienne e do Arkansas. Cada tribo tem sua língua, crenças, etc. Os nez-percés e os wichitas, etc. são mais rebeldes à civilização. Entre todas estas tribos há cerca de 20.000 convertidos ao protestantismo e falando inglês e que se encontram nas cidades. Índios varredores, comissionários, etc. O Canadá tem cerca de 110.000. Dividem-se nos que estão espalhados pelo Canadá propriamente dito e são os mais civilizados, seu número é de 40.000 e os que habitam os territórios do Noroeste em número de 70.000. Mais numerosos na província de Ontário (29.000) que na de Quebec (11.000). Falam todos francês ou inglês. Católicos na província de Quebec, protestantes no Ontário, guardando todavia, muitos dos costumes pagãos. Esses índios tem governo seu, elegem seus chefes que devem aceitos pelo governo de Ottawa. Hábeis na pesca à flecha do salmão. Viu um iroquois apanhar assim 37 magníficos salmões no espaço de 2 horas. Há 70.000 índios no noroeste, os espécimes mais belos espécimes [sic] dessa raça. Pouco civilizados, mas entendem-se bem com os francos – Os badjouj’s de Java. Informações mandadas por M. M. Dr. J. Jacob e J. J. Meyer por intermédio do Dr. Meyenne d’Estrey. Não são, como se acreditou, os autóctonos do oeste de Java. Querem remontar ao império dos Padjadjaran. Chamam a si Orang-Paraheang. O nome de Badjouj’s ou Badouis foi-lhes dado pelos javaneses, que provavelmente o tomaram dos árabes. Estes chamaram-nos beduinos por se terem refugiado no deserto. Não querem que as aldeias tenham mais que certo número de famílias. Se o número é excedido em virtude de um casamento, o chefe da aldeia, ordena à família à sua escolha que se estabeleça noutra aldeia onde há vaga. A escolha recai geralmente sobre viúvo ou um casal de velhos ou doentes. Pagam tributo ao governo colonial holandês que respeita de certo modo sua autonomia, porque são socegados. De Pinang (Malásia) 13 de abril, M. Chaine dá conta de duas viagens que fez em Sumatra, a primeira em agosto e 7bro de 1890 na província de Palembang, subiu o Lumatang até as origens, etc. e chegou ao cume do Dempo que só um inglês visitara 7 anos antes. Atravessou a chapada do Passumah, passada perto das origens do Moessi ou rio de Palembang

que desceu depois em piroga em 7 dias e daí a Singapura. A segunda passagem teve por objeto a região dos Battake Karo independentes ou Battaks da chapada que nunca europeu visitara. Não pode chegar às margens do lago Tabah porque o único passo estava barrado por um bando de gayous e atchineses que tinham sido batizados dois antes pelos Battaks onde queriam penetrar. Das viagens traz M. Claine documentos muito interessantes assim como coleção etnográfica e fotográfica que figurarão dentro em pouco no museu estrangeiro da sociedade e em sua biblioteca – Henri Condreau – O presidente anuncia a presença dele voltado da Goiana. Dá as boas vindas dizendo (il) viente de consacrer deux nouvelles années à parcourir pour le compte du Ministère de l’Instruction publique la partie de la haute Guyane située entre les cours du Maroni et de l’Oyapock. Il s’est avancé cette fois dans le sud jusqu’au cours de l’un des tributaires de l’Amazone, le Yari. Son oeuvre est ainsi soudée à l’oeuvre du regretté Crevaux. Il a suivi de longs trajets etc. On lui devra en particulier le premier itinéraire à travers la Guyane entre les rivières Inine et Camopi – aucun explorateur n’a contribué autant que Coudreau à la connaissance les parties excentriques de la France équatoriale. Nous devons aussi une marque de sympathie au compagnon de route de M. Coudreau, à M. Lancau.

10h ¼ Vou para a ducha. ½ Estou me despindo. 12h 10’ Boa. Dei meu passeio a pé por perto, embora andasse suficientemente e recebo telegrama. Recebi da Januária ao meu. Escreve-o de Acqui Bain hoje 11. Chamam para almoço.

1h ¼ Bem grande discussão sobre o assunto do Aljezur. Vou escrever uma carta. Veremos qual a resposta, se a tiver. 2h ½ Respondi a carta de Daubrée dizendo-lhe que achei a fotografia colorida de Lippmann a qual estudei depois e vou à música.

4h ¾ Pouco depois desta hora tinha a Marinha de Guerra do Brasil quase ela só destruído a esquadra Paraguaia iniciando o bravo Barroso a manobra que fez Tegethof vencer a batalha da Salvava-se Buenos Aires. Abria-se para assim, o Paraguai a todos os navios, começando a bater-se no futuro Humaitá, libertava-se uma República, mesma parte do território brasileiro, firmava-se a civilização na bacia do Prata e tudo devido ao meu Brasil. Se lhe prestei serviços não posso ter maior recompensa do que esta recordação. Viva, mil vezes viva! Vivi durante esses quase 5 anos quase o duplo, o triplo queria eu sempre viver para servi-lo, esteja onde eu estiver com desejos constantes de servi-lo sempre melhor. Quis fazer hoje um soneto – mas não pude, tantas foram as saudades – Vou ver os desenhos do Decameron que comprei voltando numa loja.

5 ½ Acabei. Vou ler Les Dragons de Villars. Li o 1º ato. Os outros poderei lê-los e que baste nos entreatos. Daqui a pouco chamam-me para jantar. 6h 35’ Vou para ele.

7h 35’ Bem. 50’ Ao teatro? 11h 10’ Gostei muito. Cantaram muito bem a linda opereta Les Dragons de Villars. Não esperava companhia tão boa, sobretudo a que representou e cantou o papel de Friguet. Bonita e excelente voz e bem cultivada. Havia bastantes. O homem dos banhos e o Vasconcelos estiveram comigo e aquele durante o ato inteiro. Vou deitar e provavelmente dormir dentro de pouco.

12 de junho de 1891 (4a fa.) — 5h Deitei-me às 11 ¾. Custou-me a dormir e pensei que mandaria chamar Mota Maia, pois sentia como que um tremor interno. Depois foi tudo bem. Levantei-me 3 vezes e agora urinei de novo. Vou acabar o Bulletin da Sociedade Nacional de Agricultura a que pertenço, nº 4, ano 1890 contendo os Compte-rendu da sessão de abril de 1891.

7h ¾ Acabei de lê-lo e à margem fiz minhas reflexões. As reflexões de Levasseur sobre o trabalho de M. Le Tresor de la Rocque agradaram-me muitíssimo.

9h Acabei de ler a ópera de ontem. Quem cantou uma vez de Friquet foi Juliette como leio na nova edição de 1889. Representaram-na a 1ª vez no Théâtre Lyrique a 19 de 7bro [setembro] de 1856.

10h ½ Já me despindo para a ducha. 11h 40’ Boa. Fui à fonte de l’Hospital onde provei um pouco de água que nada me agradou. Surde em grande quantidade e vim sempre a pé até o hotel.

12h Li um pouco o Bulletin du Photoclub de Paris nº 5 do 1º deste e vou almoçar.

12 ¾ Bem. O Aljezur vai me ler. Débats de 10 – “Sensations d’Italie” – Tarente le 25 novembre 1890 – Paul Bourget. “L’Europe et la revolution” Tome 3, la guerre aux rois (aout 190 – janvier 1791, par Albert Sorel) — Plon – Académie de Medicine Séance du 9 Juin – vieram o maire e mais outro. Conversamos sobre o que me pareceu poder interessar Vichy e eles prometeram-me mandar informações a tal respeito. Antes estive com Arthur Desjardins membre de l’Institut Avocat

Général à la cour de Cassation com quem conversei bastante sobre assuntos de jurisprudência. Também me disse que o melhor livro moderno sobre direito romano é de Acarias.

Vou para a música. 5h 5' Volto. Não foi má, tocavam huguenotes quando eu chegava. Conversei com o Feitosa e senhora, filha do Guimarães que vendia livros. Outra senhora e um rapaz nascido no Rio, mas tem sotaque português, fui à fonte Sardy de que é médico o Dr. Grouzou meu conhecido de Cannes, mas corri todo estabelecimento que pareceu-me bem montado e sempre de pé dei um giro que não me causou quase e vou ver se acabo o Bulletin du Photo-Club de Paris do 1º do mês. Continuei minha leitura e acabo. 10h Jantei bem. Descansei ouvindo Aljezur acabasse ler o mercado nos jornais franceses. Li às Motas Maias o livro sobre Vichy e falei-lhes da História do Brasil. Tomei chá. Deitar e ler até dormir que espero seja breve A artista que fez de Rose Friquet foi Mme. Bouland e agora cama.

13 de junho de 1891 (sábado) — 4h 40' Dormi bem desde as 11h. Antes senti o mesmo que ontem, porém menos e o Mota Maia viu-me. Vou ler L'art français, Salon de 1891 n° exceptionel que mandou-me a pintora Jeanne Houssay minha conhecida. Débats de 7 – Académie des Sciences Morales et Politiques séance du 6 – Académie des Inscriptions et Belles Lettres Séance du 5 – Document poetique relatif à Jeanne d'Arc. Ballade contre les Anglais paraissant être de 1429 peu après la levée du Siège d'Orleans – Epigraphie hebraique et grecque. Clermont Ganneau comments ces trois inscriptions du 1^{er} siècle. La première en hebreu continent le moin le nom de Salomé – Académie des Beux-Arts Séance du 6 – Catalogues codicum manuscriptarum musa principum Czartorisky. Mme. Bertrand sculpteuse pose à la candidature à la place vacante par la mort de Chapu. On la déclaré perimée – L'affaire Gordon Cumming. Audience du 5.

Revue Musicale – de 9 – Notes Americaines – Académie des Sciences Séance du 6. Fala da minha presença e não contesta meu direito de votar como associado estrangeiro – de 10 L'Europe et la Revolution – tome 3º – La guerre aux rois par Albert Sorel – artigo de André Lebon – Académie de Médecine Séance du 9 – Questão dos acidentes do cloróformio – L'affaire Gordon Cumming – Le Figaro de 9 Un livre de Victor Hugo “Dieu”. Chez l'abbé Fortin. Débats de 8 – Au jour le jour – L'exposition de la mansion Bonvalot.

La Semaine Dramatique – Gordane comédie en 4 actes de M. Saz Kostich traduit du manuscrit serbe et adaptée à la scene française par M. Charles Corbes. Parece interessante, tomei nota para lê-la. Monet Sully parece querer viajar por toda a América e com parte do que ganhar fundar um prêmio trienal para animar o drama em verso. Le Monde de 4 – Congrès des Sociétés savants. M. Frederic Passy membro do instituto associa-se energicamente à M. Roger Miles para mostrar os perigos da gratuidade na instrução e em qualquer matéria. M. l'abbé David cré difícil por oficina da escola, mas julga possível dar ao menino noções profissionais nas escolas e nas do campo sobretudo idéias de cultura. Faz ver o alcance social da difusão e idéias econômicas nas oficinas. Assim é que compreende o papel da escola e o da oficina pedagógica e civilmente.

VOLUME 40

EXÍLIO - 13/06 a 01/08 de 1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Vichy 13 de junho (sábado) de 1891 — Estou com Rabelais, mas estou com sono e vou ler outra cousa.

12h 10' Boa ducha. Andei um a pé e fui de carro, atravessando a bela ponte de 8 arcos a Vescès, pequena povoação que percorri de carro entrando para fazer oração na decente igreja com vidros pintados com imagens de santos. A minha perna esquerda ainda me doi, porém estou melhor. Aguardo almoço, lendo Rabelais. Apenas li algumas linhas e almoço.

2h ¼ Ouvi Aljezur ler diários do Rio não lidos. Estou em dia de tudo. 5 ½ Volto e para a cama onde estou mais quente e descansado. Vou tirar a [ilegível] e creio que nada terei amanhã. Atravessei Allier e a fui a Carmell. Vi a casa que não é

pequena pelo porão. É casa que dá comida aos passantes. Vi ao longe outra ponte menor. As margens do rio, a que afluem riachos, nada têm de pitorescas.

14 junho de 1891(domingo) — 4h 35' Tenho descansado bem e com o meu vidro não tive de levantar-me. Vou ver se leio alguma cousa, embora não haja ainda bastante luz na cama onde tenho de ainda estar. São quase 7h. Tenho que continuar o livro sobre a infantaria que desejo mandar ao Gaston.

10h 5' Ouvi Aljezur ler jornais. 1h 37' Tenho estado a ler e acabei o Guide du touriste de Vichy. É interessante. Aljezur saiu; Mota Maia tem visitas. Vou à leitura que tudo me supriu sempre.

3h 10' Ouvi ler a mestra das Motas Maias. Direi depois o que, e escrevi a de Lesseps mostrando-lhe minha simpatia por ocasião de seu processo. 6h $\frac{3}{4}$ Tenho lido. Cartas de Rebouças de 12 e de Daubrée da mesma data. Tenho passado bem... lido e ouvido ler a mestra das Motas Maias, assistindo a mais velha.

8h $\frac{3}{4}$ Recebi um livro de Tachard. Ouvi o Aljezur ler os jornais do Rio que faltavam.

15 de junho de 1891 (2a fa.) — 4h 20' Não tenho mais sono, porém na cama tenho pouca luz para ler. 8h Carta do Estrela enviando-me a do conde de Hoyos embaixador da Áustria transmitindo carta do Imperador a 7 de janeiro de Viena, em resposta à que lhe escrevi sobre o Revy. Ontem, antes de dormir, ouvi ler a mestra das Motas Maias, ambas presentes, a obra sobre Vichy traduzindo-lhes eu parte de um documento em latim. Já tomei o purgante.

8 $\frac{1}{2}$ Acabei o livro Le duc d'Orleans et les Chasseurs d'Afrique por Lefebore du Prey avocat à la Cour d'appes de Douai – 1891 – que não sei quem me mandou e vou enviar a Gaston.

9h 5' Fiz minha toilette da cama e tomei café que me soube. Agora é que recebi a carta do autor do livro que mandei hoje a Gaston.

1h 10' Compte-rendu a que volto e assinei fotografias de mim, meus filhos e netos que a Isabel pediu não sei para quem. 2h 12' Lido o Compte-rendu n° 23 (8 Juin).

6h 20' Ouvi Aljezur ler e depois li o mesmo livro sobre o Auvergne.

8h Jantei com vontade depois 3 vezes à banca. 10 Ouvi a menina ler, mas o livro que traz documentos jurídicos em demasia. Já fiz minha toilette do costume. Aguardo o Seibold e creio que dormirei bem.

16 de junho de 1891 (3a fa.) — 5 $\frac{1}{2}$ Depois de dormir um pouco não pude mas pegar no sono. Veio o Mota Maia, que enfim deu-me um pouco de flor de laranja e dormi até a pouco. Estou bem da perna e vou agora ler o livro de Auvergne.

8h Li a carta de Revy a 7 de Viena, Grand-Hotel, sempre com a mesma pendência de lhe darem obras em cuja direção ganhe como engenheiro. Respondida a carta de minha filha de 15. Jornal de Vichy de hoje. Publica um entre-filet du “Gaulois” e termina “on voi que pour avoir gouté aux bienfaits de la République, le Brésil n'oublie pas ce qu'il doit à son ancien souverain”.

8h 50' Enquanto curava a perna Mota Maia meteu-me o ferro sem eu nada sentir. Também lia no Journal de Vichy de hoje o entre filet du Gaulois que nada me disse aliás de novo pois sempre confiei na justiça e estima dos meus caros brasileiros que sempre formaram minha família.

9h 49' Carta da Januária de Acqui a 13. Responderei.

10h $\frac{3}{4}$ Respondida. Ouvi Aljezur ler jornais francêss [*sic*] e acabo de fazer o costumado, toilette que breve não será preciso.

55' Aljezur lê no Temps artigo muito interessante mostrando o atraso do serviço de desinfecção em Paris. Leu-me o Comércio de 12 do Porto. 721 emigrantes para o Brasil. 11 $\frac{1}{2}$ Almocei e soube-me.

15h '5 O Aljezur trouxe-me o trabalho a respeito dos jornais lidos. Estive conversando largamente com o Vasconcelos a respeito da Escola Politécnica do Rio. Creio que se confirmará o telegrama do Rio a meu respeito. Foi uma apresentação forçada que me deram e que eu não me daria talvez pelo desejo de servir o mais possível o Brasil até minha morte. O 1° soneto da Vichiada estava feito antes da chegada do Vasconcelos.

4h $\frac{3}{4}$ Acabei de curar-me. Quase bom. Antes recebi telegrama de Isabel dizendo: Reçu votre lettre. Etonnée que vous n'ayez reçu de dimanche. Esperons bientôt vous faire visite. Respondi agora, 16.

4h ½ da tarde de Vichy. Carta de Daubrée de Paris 14, falando voto das Câmaras a meu respeito e diz que no Comptendu que apareceria a 14 vem nota de Callandrau interessante sobre estrelas cadentes.

7h Arranjaram e mudaram a roupa de cama assentado eu numa cadeira para que fui facilmente embora apoiado. O Aljezur leu-me o Débats que pus de lado para eu mesmo ler Sensations d'Italie de Paul Bourget. Jantei bem. Acabei 2º soneto e vai já escurecendo.

10h 35 A Mota Maia acabou de ler-me Vichy à travers les siècles par A. Mallat menos os latinórios e o que me parecia menos interessante e Seibold continuou a ler o livro começado antes de sua ausência e que amanhã direi. Fiz a costumada toilette, bebi flor de laranja, o Dr. proibiu o chá, e vou dormir.

17 de junho de 1891 (4a fa.) — 4h ½ Já vejo da cama. Dormi muito bem. 5h 40' Já fiz o soneto de hoje. O assunto de Pascal prestava-se. 6 ½ Li melhor o folhetim “Sensations d'Italie” no Débats de ontem. Belo como sempre. Aí leio – regretté Comte de Gobineau – e quanto por mim, que conversava com ele no Rio quase todos os domingos e viajei com ele pelo oriente que ele conhecia tão bem, pela Suécia e pela Rússia – le plus grand visionnaire de la race qui a paru depuis cinquante ans. Vou mandar vir suas obras.

7h 35' Primeira toilette e continuo a leitura do Voyage en Auvergne.

8 ¼ Acabei a cura da perna. Vai bem e a escama está a cair.

10h Aljezur leu-me no Temps de 17 o artigo “Mr. Luvisse à l'association générale des étudiants de Nancy”. Falou muito bem.

11h 50' Conversei longamente com Charcot que veio ver-me de Clermont aonde fora para ver um doente. Entretanto almocei bem, como agora foram todos fazer e vou continuar a minha leitura.

12h ¾ Bastante. Mandeí chamar quem converse. Conversei bastante com o Charcot. Depois traduzi árabe. Não o esqueci. Trabalho dos Lusíadas e agora chamo em vão o Guilherme – Paciência! – Veio.

4h 10' Fiz agradável toilette e vou ouvir ler. Vou lavar a cara, o que não faço há dias.

4h ¼ Gostei muito. Todos saíram. Pois creio que lhes deixe 3 horas livres.

5h 10' Ouvi o Aljezur ler o Débats de 17 com belo folhetim de Paul Bourget, que parece pelo menos ser um dos últimos.

7h 5' Jantei bem conversando com Charcot. Foram os mais jantar *[sic]*. Diminuo a luz e descanso deitado.

18 de junho de 1891 (5a fa.) — 3h 55' Entrevejo apenas. 4h ¼ Quase posso ler deitado, mas ainda dormi, e agora 6h 40' começa verdadeiramente o dia. 7 ½ Li bastante, tomei café com os meus gravetos de pão torrado e o Guilherme massou-me *[sic]* muito bem as mãos depois do que escrevo muito bem.

9h ¼ Li, estive com Charcot que pouco me disse do que desejaria me informasse de Clermont e de quem me despedi, pois que vai regressar para Paris. Vou continuar minha leitura.

10h ¼ Toilette definitiva. Vai tudo bem. Volto à leitura. 11h 10' Ouvi Aljezur ler o Débats de hoje. O salon é interessante e notei o relativo ao retrato de Renan pelo filho.

12h 20' Escrevi em resposta às minhas Manas e a Daubrée.

1h 10' Visitou-me Vasconcelos, soube agora que ele é paraense e conversamos sobre essa província que conheço pouco, pois só por lá passei indo para os Estados Unidos. Disse-me que estivera aqui o Dr. Barão Mata Bacelar paraense que serviu na guerra do Paraguai.

2h ¾ Continuei meu passeio poético em Auvergne e vou a Seibold.

4 ½ Não esqueci o sânscrito como vejo e continuei meu trabalho de Camões.

6h 55' Fiz versos e o costumado toilette que mostra que vou cada vez a melhor. Jantei bem. Os outros estão jantando e pôr-me-ei a fantasiar bem quietinho. Ouvi hoje carta de Ladário a Mota Maia. É sempre o mesmo e disse como a responder no que me toca. 10 ¾ A menina leu um livro de histórias morais que não me interessou muito. Depois ouvi Seibold ler o livro de Thouard sobre sua expedição em busca de restos do de Creveaux. É interessante e já seguem margeando o Pilcon para o Paraguai e Assunção. Faz estudar muitas palavras índias. Horas de descansar e dormir.

19 de junho de 1891 (6a fa.) — 4h ½ Dormi bem, mas faço-o desde 10 /2 ontem. Vou começar o dia. Fiz minha toilette inferior, bebi água e toca a fazer versos se a musa estiver disposta. 8h ¾ Mais de um soneto. Está um pouco de sono [sic], porém vou distrair-me lendo a Revue *des Sciences*. 10h ½ Acabei-a. Vai Aljezur ler. 12h 40' Almocei bem. Li um pouco e acabo de responder para Paris a carta que me escreveu Nioac de Londres a 14. 2h 20' Li o livro sobre o Auvergne, mas ainda não acabei o artigo sobre Gergovia. 4h ¼ Com o Seibold. Isaías que traduzi facilmente. Guarani e Lusíadas. 6h 20' Vou jantar depois de minha toilette já quase escusada. Antes chegaram meus filhos. Que prazer! E Aljezur leu-me jornais. E meus netos grandes! 40' Bem. Acabei. Meus filhos e Eugeninha acabam de estar aqui. Fora todos jantar e eu vou bauzar [sic].

20 de junho de 1891 (sábado) — 4h ½ Já posso ler um pouco. Dormi bem embora às 2h bebesse água de laranja. Ainda faço esforço para ler e versejarei.

10h 25' Rascunho para carta a Taunay pelo que leio no Brasil de 29 e 30 de maio.

12h 25' Li a *Illustration* de 13.

1h 50' Almocei bem assistindo minha filha. Saí da cama e estou assentado em cadeira de braços e aí acabo de conversar largamente com o Vasconcelos.

2h ½ Ouvi Aljezur ler diários do Rio e vou ao meu Homero. Vi também Guarani e Camões. O ventre acaba de [ilegível]. Estou muito contente. Em poucos dias estou pronto.

5h 50' O Aljezur leu-me dos diários do Brasil e o *Débats* de hoje. O que disse notar o Aljezur há de fazê-lo seu livro. Estou com a Isabel. Cartas de Daubrée de 19 a Januária de 18 a responder. 8h 50' Para maior comodidade deitei-me na cama de onde ouvirei melhor ler.

11h 10' A menina leu estando presente a Isabel que, finda a leitura, foi-se embora e Seibold leu-me a narração da viagem em busca de Creveaux até o fim e principiou a outra exploração de Thouard para um estudo. Fiz minha toilette e tudo bem, vou dormir.

21 de junho de 1891 (domingo) — 4h 10' Já leio, mas descansando. Hoje ou amanhã é solstício de verão, o sol volta para a minha terra.

7h 0' [sic] Café e nova toilette do costume. 8h ¼ Acabei os sonetos. 9h 25' Curei a perna e toilette de tudo. Sinto-me muito bem.

11h 40' Almocei bem. Sai para o mesmo Isabel assim como Eugeninha.

1h 50' Estive com o Feitosa e falamos de portugueses meus conhecidos do Rio. Ele saiu do Rio antes de feito o belo gabinete de leitura português.

4 ½ Seibold – hebraico, sânscrito, Camões.

6h Aljezur leu-me o *Débats* de 21 – ¾ Jantei bem. 10h Menina leu e também Seibold. Estou na cama e fiz minha toilette sem o menor incômodo. Vou tomar água, chá e ler até dormir.

22 de junho de 1891 (2a fa.) — 4h 10' Com mais um pouco já escreveria facilmente, mas cumpre poupar a vista. 5h Fiz minha toilette inferior e estou quase bom. Tomara sair de uma vez da cama.

8h 40' Já fiz a ração de versos.

9h ½ Arranjei toda a futrica; é complicada mas estou muito bem.

10h ½ Escrevi em resposta duas cartas a Daubrée e uma também em resposta à Januária. No Comércio do Porto de 18 vem correspondência de Lisboa com a notícia do título de Viscondessa de Carvalho Moreira à Candinha – *Débats* de 22. O caderno dirá o que ouvi ler assim ficará meu diário mais aliviado. Já assinei de uma assentada 9 fotografias grupos de mim, Isabel e Pedrinho.

1h ¼ Tem escuro e troveja. 1 ½ Fui à banca por pouco, mas sempre foi bem.

4 ¼ Árabe, guarani, Camões.

6h 10' Aljezur leu-me; agora jantar. 9h Bem. Ouvi depois Aljezur ler diários – do Rio e agora ouço Seibold.

10h Leu-me Seibold. Vou para a cama e creio que dormirei bem. A menina estava incomodada. Vou ainda tomar chá.

23 de junho de 1891 (3a fa.) — 4h 20' Ainda não vejo bem. 4 ³/₄ Ainda mal. Dormi até 1 ¹/₂ Tomei água com a de laranja e depois o sono foi bom. Daqui a pouco principio a ler. Vou ao poetiso [sic].

O sol a desejar deixa o Brasil
Sabe ele seus encantos e os adora
Não variando como aqui de ora em ora
Até tudo tomar com um ar [ilegível]
Levou saudades, trouxe saudades mil
De quanto lhe quer ventura ingrata embora
E de revê-lo sempre desadora
Alegre de dever-lhe até um ceitil
Não brilha agora cá lembrando o que lá brilha
Escrevo quase ao escuro, porém sempre vendo
O que tão belas flores esmerilha
Pra beijá-la melhor aí se detendo
Quanto tudo de amor aí ferveilha
E em tudo o belo e abundante engrandecendo
Ao meu caro Brasil fez maravilha

Vou ler. São 6h 10' – 9h 50' Fiz verso, toilette completa e tendo saído da cama não me custou a assentar-me na cadeira. 1h Aljezur leu-me no Temps a revista científica muito interessante de Vernier. Almocei bem, Isabel lendo-me entretanto a vida da rainha Maria Amélia. Vi Eugeninha. Todos foram almoçar e talvez faça versos. 1h Fi-los, mas com pouco estro.

2h 20' Aljezur leu o Débats. ¹/₂ Vou a Seibold. 4h ³/₄ Sânscrito. Tinha esquecido o dicionário mas sempre estudei um pouco e acabei o 9º canto dos Lusíadas e a tradução de Burton, apesar de seus defeitos e afetação de inglês antigo é uma das melhores.

5h 25 Escrevi a Nioac, Daubrée e à Mana Januária.

6h 10' Acabo de ler à Isabel e jantar. 40' Mudaram-me de posição. Sinto-me melhor.

24 de junho de 1891 (4a fa.) — 5h Acordei 3 vezes de noite e bebi água. 9 Tenho continuado meu passeio pelo Auvergne. Vejo os canivetes que Isabel comprou por mim para os netinhos.

9h 10' Carta de Taunay mandando a “Minha fê de ofício” impressa. Vou fazer edição bem impressa dela de que encarregou o Leuringer.

1h 40' Estou com o Vasconcelos. Pouco me falta para atacar Gergovia e ficou a vez só, estou hoje de feição.

2h 20' Seibold. 4h 20' Homero, guarani e bastante de Camões. 5 ³/₄ Acabei os sonetos e chegou Cesar para atacar Gergovia.

6h 40' Jantei bem e vou descansar um pouco, veremos quando Mota Maia me aparece.

7h 35' Já tenho luz e ainda mais sol não falta com o bom para fazer companhia a quem deixem sozinho.

25 de junho de 1891 (5a fa.) — 7 ¹/₂ Acordei às 4h. Já fiz soneto de introdução [ilegível] que logo escreverei sobre Gergovia, pois aí estão os comissários de Cesar [sic] e acabei o último Compte-rendu. Pouco anotei-o e vou mandá-lo a Daubrée a quem escreverei agora. 8h Escrevi ao Daubrée com o último Compte-rendu onde pouco tive que anotar. Contudo há experiências do polariscópio para determinar substâncias.

10h ¹/₄ Já estou na cadeira e fez-se tudo bem.

11h 10' Aljezur sempre leu o Débats apesar dos olhos. Recebi antes carta de Daubrée de Paris de 25.

11 ¹/₄ Acaba de cair boa pancada de chuva. Estou almoçando.

11h 37' Almocei bem. 2h ¹/₄ Ouvi Aljezur ler diários que ficam em dia e vou a Seibold. ¹/₂ Acabei de escrever em línguas orientais e português no álbum de Melle Lacoine.

4h 25' Como de costume com Seibold. Está muito escuro, quase não posso ler. Conversei com Aljezur e acabo de jantar com vontade. 6h ½ Está claro hoje. Aguardo talvez com quem converse. 5 ¾ Fiz o soneto de hoje.

7h 10' Li, dormi ainda e acabo de tomar café.

9h 50' Acabo a publicação de Guimet que cada vez me interessou mais e vou sair da cama. 10 ¼ Sai bem da cama e já estou assentado. Já Aljezur me lê o Débats de hoje. O artigo "Deux refractaires" de Gaston Deschamps comparando o procedimento de um cristão dos primeiros séculos e o de Brulé agora; almoço.

11h ½ Bem. 1h Li Les Montagnes de l'Auvergne que mandou-me Daubrée com a sua carta e onde colha talvez para a minha Gergovia.

2h Mota Maia leu-me charadas. ¼ Vou ver um pouco o que lhe dei para copiar.

5h ½ Seibold como de costume e li o canto 10º até o fim do original.

6h Respondi a Daubrée. Aljezur Journal des Voyages de 28, publica-se com antecedência.

7h 25' Jantei bem. Continuei Gergóvia, mas o estro não me ajudava. Fiz minha toilette. Ontem estava melhor.

27 de junho de 1891 (sábado) - 4 ½ Pode-se já ler, porém mal. Acordei às 4 e durante a noite, pouco depois de meia-noite tomei água de flor de laranja e dormi bem. As pernas, mesmo a esquerda que sofreu bastante para o ataque de Gergovia.

7h 20' Li L'Intermediaire de 10 e já tomei café com pão torrado e volto à leitura. 9h 25' Estou na cadeira e tudo bem. 10h 10' Entra Aljezur e vou ouvi-lo ler.

11h 20' Respondi a Taunay.

11 ¾ Almocei bem.

12h 20' Fui à banca. Bem.

55' Acabei L'Intermediaire de 10. Tem informações interessantes.

1h 40' Fui menos mal por meu pé embora apoiado até à sala. 2h ¼ Fui à banca e fez-me bem.

2h ½ Seibold. 5 ½ Árabe e Camões e breve acabarei a comparação da tradução do Burton. Continuarei com outras inglesas, ainda tenho as italianas e a francesas, etc., mas confio em Deus que hei de terminar a empresa começada podendo dizer o mesmo que Camões.

6h 10' Estive com o Aljezur a conversar e agora vou jantar, 6 ¾ Bem e conversei com Mota Maia, que se retirou para jantar, sobre cousas passadas – "Laudator temporis acti".

6h 50' Trabalhei os versos dos Lusíadas que desejava citar.

Esta é a ditosa pátria minha amada

À qual se o céu me dá que sem perigo

Torne com esta empresa já acaba

Acabe-se esta luz ali comigo.

8h ½ Fiz outro soneto, falando de Alesia e da questão da localidade atual e aguardo qualquer para conversar ou ouvir ler.

10 ¾ Menina leu, Seibold também, procurando a etimologia em guarani de muitos lugares e vou dormir. Se não tenho rezado não deixo por isso de pensar que sou cristão e é grande consolo.

28 de junho de 1891 (domingo) — 4h Já posso escrever – mas não quero cansar a vista. Acordo com um soneto que não quase como fiz e que depois escreverei.

Deus criou os dogmas que aliás razão explica

E das paixões do mundo no imenso rolo

A crença é o melhor nosso consolo

E o bem supremo afinal nos fortifica

A vida navegando nos indica

Por entre um falaz constante

Firme e constante o imutável polo

Visando o qual feliz sempre me isolo
De tudo que meus erros multiplica
Fé na vida que triste desespera
A custo desfiar a triste sorte
Chegando a hora feliz que já espero
A deslizar sem se sentir a morte
Que a ventura real nos assevera
E as vãs ilusões dei enfim corte
4h $\frac{3}{4}$ Transcrito embora retocado pouco.

6h Fiz minha primeira toilette inferior. Posso dizer que estou bem. Estendo a perna esquerda quase como a direita.
Enfim tudo parece ir bem.

9h 35' Estou já na cadeira tendo antes lido e tomado café na cama. Os meus saíram para a missa.

10h $\frac{1}{4}$ Bonança e agora Aljezur com os jornais. Não o vira já por ter ido à missa.

11h 15' Débats de hoje. "La Croix" que está bem visto achou por aí o Aljezur que é o Journal de Vichy. Creio que me trarão agora o almoço.

1h Escrevi em resposta a meus netos e à Mana Januária e antes desta a Daubrée.

1h Já estou assentado no salão aonde custou-me a ir apoiado.

2h $\frac{1}{2}$ Aljezur leu o Temps de hoje. 5h 50' Árabe – guarani. Dei-o – este diário – a Mota Maia para copiar o soneto, restitui-mo agora.

7 $\frac{3}{4}$ de 29 (3a fa.) — Às 4 da manhã já posso escrever. Dormi muito bem. Foram quase 5 horas. A perna esquerda sinto-a muito desembaraçada. Creio que nestes dias me dão alta. Foi sofrível campanha e não posso deixar de falar do general dela, do amigo Mota Maia. Já massei *[sic]* as mãos.

4h 40' Escrevo a Nioac com carta para a Ristori. Escrevi à Savignac. Ainda não leio bem deitado por falta de luz.

7h 34' Tomei café e antes acabei de ler a continuação da publicação do Bonança. Revela estudo, porém pouco critério científico. 7 $\frac{1}{2}$ Mando a carta para Nioac. 8h 10' Transcrição e agora tudo regular. Vou continuar o Artiste.

8 $\frac{1}{2}$ Não me acham as folhas em que eu indicava à vista do que me dizia ler no Di bell gállico. Cesar eu alivanhava *[sic]* os sonetos para completar "Gergovia".

10h Já estou na cadeira e quase podia ter para aí vindo sem apoio.

1h 20' Já estou no salão para onde vim menos mal. Escrevi à Savignac que mandou notas curiosas de jornais sobretudo uma de novo sistema de educar os surdos-mudos.

1h Estou sozinho – mas tenho os livros, os amigos indefessos.

2h $\frac{1}{4}$ Seibold – Árabe e acabei o estudo dos Lusíadas e da tradução de Burton que já disse ser bem boa. Aljezur leu-me o Brasil onde vem o bom discurso proferido na Bahia pelo Ouro Preto. Leu-me os jornais do Rio e agora, 6h 50' foi jantar. Toca a cismar e agora um copo de água que me parece morna. Não cuida da água neste hotel. Não há como hotéis dirigidos por alemães, contudo a cozinha francesa é boa quase sempre.

Ainda não são 4h o indicador do dia. O Guilherme pôs na mesa o que havia esquecido.

30 de junho de 1891 (3a fa.) — 4h 35' Agora não cansa escrever; previno Mme. Benoist d'Azy de vou Royat e segundo ela já me escrevera há tantos anuindo a Royat de Paris, podia passar por Azy.

8h 10' Já tomei café. Acabei o Compte-rendu e escrevi a Daubrée.

9h 35' Toilette na cama e vim muito bem para a cadeira onde as cartas de Isabel e de Daubrée de 28 e de 29. 1 $\frac{1}{2}$ Escrevi à Benoist d'Azy e espero encontrá-la. Disse-lhe que no fim do mês que vem iria a Royat onde ficaria um mês indo depois a Paris, veremos o que ela faz.

2 $\frac{1}{2}$ Tive um ataque de sono.

4h Já vi Homero com Seibold e vou ao guarani e vou a Camões, comparando o original com a tradução de Duff que não me agrada tanto como a de Burton embora com sua afetação arcaica.

5h 20. Vou descansar. 6h 35' Acabo de bem jantar. Está quente e aqui na sala o termômetro marca 21° C. 50' Estou só com bom fresco.

7 ¼ Continuí a ler o Artiste e terminei o artigo sobre a exposição de litografia que é interessante.

9 ¾ Depois do jantar estive com o Conde de Carapebus que chegou hoje. Li às pequenas Southey e agora vou ouvir Seibold. O Conde veio por sabe que eu estava doente.

10 ¾ Adiantei muito a leitura, talvez se acabe amanhã. Daqui a pouco vou deitar-me.

1 de julho de 1891 (4a fa.) — 4h Dormi bem. 20' Já vejo bem mas não posso ler na cama.

8h Tomei muito meio-banho e sinto-me bem disposto.

9h Acabei o Artiste. Vou curar o pé. 9h 10' Curei-o e vai muito. Antes recebi carta de Nioac a logo respondi.

11h ¼ Lê Aljezur o Débats de hoje e apronto-me para o almoço.

3h Carapebus e agora Seibold. Quase 7. Hebraico e Camões. Já estou no 2° canto da tradução do Duff que não me agrada como a de Burton. Jantei e bem, tendo antes e depois conversado com Aljezur e Mota Maia. Quase 7h. Jantei bem e fiz o soneto que precedera os relativos aos passeios das circunsvizinhaças *[sic]* de Vichy. Ainda é obra alivanhada *[sic]*.

2 de julho de 1891 (5a fa.) — 4h Já entrevejo entrever *[sic]*.

5h 55' Fiz versos, o tempo está com cara de chuva. Hoje é o dia da visitação do Hospital da Misericórdia, que se terá melhora neste sentido? Como se irá executando no Portão Vermelho o novo hospital militar pelo mesmo sistema de enfermarias separadas com tudo o que seja preciso no momento e serviço geral central?

6h ½ Estou com o giro pelos arredores *[ilegível]*. Vou continuar a ler o artigo sobre o Polo Sul. 7h 10' Tomei café com meus gravetos de pão e soube-me.

9h 20' Continuou a mesma leitura e vou curar o pé.

10h Boa toilette e vim bem para a cadeira. Dei antes a versalhada ao Mota Maia, ficando assim concluída minha excursão pelo Auvergne e arrabaldes de Vichy. Esperando ver tudo agora na realidade.

Cartas da Januária de 30 de junho de Acqui e de Daubrée de 1 de julho de Paris.

11h O Aljezur leu-me Débats de hoje e agora lê-me a Science Illustrée.

12h 6' Almocei bem. Fui à banca a que não ia há dias, mas por pouco. Já escrevi em resposta e mando-lhe o Comptendu ultimamente recebido com minhas notas e que só foi agora por tê-lo dado para ler ao Mota Maia e ouvir ler. Acabei o artigo sobre as viagens Antárticas. É curioso.

1h ½ Vim bem para sala apoiado em Mota Maia e Carapebus com quem converso. Escrevi ao Aguiar agradecendo as lembranças pelo Carapebus e à Ravaschieri de Nápoles.

2h 35' Seibold. 4h ½ Sâncrito, Camões.

5h 35' Aljezur lê-me jornais do Rio dos últimos. Carlos Gomes ao Rio no dia 3 de junho. A 11 serviria ao farol do cabo de Sta. Marta Grande. Aparelho dióptrico. Luz fixa hiperradiante, visível a 23 milhas com tempo claro.

6h 50' Retirou-se Aljezur. Encarreguei-o de busca o relatório do Ministro da Fazenda, que já se está publicando no Rio. Temps de hoje. Ferdinand de Lesseps, dá o Temps por completamente restabelecido.

6h ½ Diz-me Mota Maia que já há o dobro preciso para a estátua de Benjamin em frente da Escola Militar. Deodoro mandou aplicar a uma escola 250 e tantos contos subscritos para um mimo.

6h 50' Jantei bem conversando com os companheiros. Vou cismar fazendo o quilo.

7 ½ Fiz soneto lamentando que não os possa fazer sobre estes lugares. Fico sofrível. É preciso não fazer furtos desses estudos e leituras úteis, mas é mania que me vexa.

8h Tive necessidade de ir ao Annuaire de l'Institut deste ano para ver que o que traduz Lucréio é Sully Preudhomme que espera a minha tradução que infelizmente tem ficado parada desde o Rio. Também principiei a dos Contos de Lafontaine e a do "Burro de Apuleu". Hei de acabá-las. Amanhã hei de procurar aqui Lucretius. O Burro de Apuleu e os Contos de Lafontaine.

10h ½ Li às meninas. Estou ouvindo Seibold e daí pouco vou deitar-me. 11 Vou deitar.

3 de julho de 1891 (6a fa.) — Já podia escrever perto da janela. Tomei um pouco água. 4h $\frac{1}{4}$ (6a fa.) 3h 55' É o tempo do dia aborrecido. O mais passa depressa. Divirto-me em mexer os dedos para ficarem bem desenferrujados. Ainda o efeito de minha grande moléstia de Milão.

6 $\frac{1}{2}$ Tenho estado a ler a Revue Britanique e acabo de arranjar os travesseiros no que o Guilherme mostrou mau humor; mas todos somos assim mais ou menos.

7h $\frac{1}{4}$ Acabei o soneto queixando-me de me deixarem só depois do jantar. Não ficou grande cousa mas ficara para atestar franqueza. Agrada-me mais aquele em que manifesto minhas crenças em religião e ciência. Vou ler a Revue Britanique.

9h 35' Fiz minha toilette e vim muito bem para a cadeira. Antes já tinha tomado o café com os gravetos de pão torrado.

11 $\frac{1}{4}$ Li a Revue Britanique. Marquei livros para mandar vir.

11 $\frac{3}{4}$ Almocei bem e o Aljezur leu-me um pouco o Tempo do Rio.

12h 5' Continuo a Revue Britanique. Fui à banca e sempre fiz. Volto à leitura. 25' Outra vez à banda e bastante. 4h Fui me comodamente de carrinho de mão ascensor e de novo carrinho até o carro. Passeio Sichon afluente do Allier, passei pelo lugar da corridas e cheguei ao Restaurant da Montagne-verte, não querendo desde hoje ir com meu pé até o alto, dizem gozar-se de bela vista. Tomei café no restaurante cujo donos e a menina galantinha filha destes foram muito amáveis. Vi no caminho ao longe Cusset. Estão iniciados meus passeios pelas circunsvizinhanças *[sic]* de Vichy. Penso que num dos sonetos falo de Cusset.

6h 10' Seibold, árabe e Camões. Chegou entretanto o Pedro a quem pouco falei por causa da lição. Aljezur lê-me o Débats de hoje. Tem artigo interessante sobre as meninas do General de Marbof. Traz a direção da estrada de ferro transsaariana.

7 $\frac{3}{4}$ Jantei bem com o Pedro, Mota Maia, mulher e Aljezur. Vim bem para o canapé da sala. 8h 10' O Pedro saiu para ir ter com o Carapebus diz ele. Acabei o artigo da Revue Britanique "La Basse-Bretagne conteuse et legendaire". É bem posto que não me satisfizesse cabalmente. 8 $\frac{1}{2}$ Estive percorrendo o último volume da História da Arte, por Muntz. Emprestou-me hoje o Pedro. Só amanhã poderei vê-lo sofrivelmente.

10h 50' Li às meninas e daqui a pouco acaba Seibold de ler e vou deitar-me.

4 de julho de 1891 (sábado) — 4h 20' Dormi bem. Às 2 bebi água. Vejo mal. Essa parte do dia é uma quizília.

5h 10' Acabei o soneto de ontem, faltava pouco e a outro logo. 7h 25' Revue Scientifique de 20 de junho. 9h Quase. Estive lendo a Revue Scientifique e quase a acabei. 9h $\frac{3}{4}$ Li a publicação da "Société astronomique" de France, de 4 fevereiro de 1891 da qual sou membro.

10h 10' Saí bem para a cadeira.

11 $\frac{1}{2}$ Aljezur lê-me no Débats de hoje telegrama de 2 anunciando a morte do Silva Jardim que indo com Joaquim Carneiro ao Vesúvio caiu na cratera.

12 $\frac{1}{2}$ Almocei bem com o Pedro e companheiro. 1h Estrondoso destempero que muito me desembaraçou.

40' Estive com Alexandre Jonglez de Ligné, peregrino da Terra Santa que me trouxe recados do Frère Liévin. Junto o bilhete em que pede ver-me e mandou ao Aljezur e outro que deixou-me. Assinei letra sacada por Silva Costa.

2h 20' Estive com o comissário do governo e acabei de ler a carta do Ângelo do Amaral a José Avelino convidando a este para colaborador no Diário do Comércio e que vem no deste de 14 de junho. Não podia ser melhor. Vou sair.

4h 10' Mui bem Cusset. Voltei pela margem do Allier. Entrei na igreja pequena, mas bonita, de estilo romance com vidros pintados. Passei pelo convento reedificado. Não vi nenhum monumento ao bispo Eamenes. O hospital com sua igreja é grande com aspeto pouco monumental. Vou a Seibold. Depois escreverei o resto.

9h Estive vendo se arranjava os versos que dei a Mota Maia, porém de haver bem jantado e sentir-me excelentemente disposto nada consegui e vou ler às meninas. 9h $\frac{3}{4}$ Li às meninas e vou ouvir Seibold. 11h Acabou a leitura do livro e vou deitar-me.

5 de julho de 1891 (domingo) — 3h 11' Já vai clareando. Quase 6. Dormi bem. Vou ler.

7h 20' Journal d'horticulture de France – Mars – café. 8h Acabei o Journal d'horticulture. Muito bonita pequena orquídea do Brasil – *Walueva pulchella* – mandada por Lietze ao jardim botânico de S. Petersburgo. Regel que criou nela o gênero *Walueva* dedicado a Valujen antigo ministro dos domínios.

9h Vou tratar o pé. 50' Li o folheto “Une solution pour le Casino Municipal par un electeur”.

10h ¼ Toilette e passagem para a cadeira fez ele tudo muito bem.

12 ¼ Antes de ir às 11 para missa fiz soneto sobre Haute-rive a que vou hoje. Volto agora e tudo muito bem. Ouvi a missa na Igreja de S. Luís como já o tinha feito. Ao entrar aqui achei na passagem Feitosa e mulher aos quais falei e agora até o almoço lerei o folheto – Ville de Vichy. Deliberations du Conseil Municipal etc. 1890.

1h Almocei bem. Vaio Carapebus. 20' Vou ocupar-me com Mota Maia dos meus sonetos.

2h 20' Fui à banca, pouco. Antes estive com Topin cuja conversa não me interessou muito, e apesar de protegido de Wandelkok não me soube explicar o procedimento dele.

Vou a Haute-rive. 4h Gostei, sobretudo, do parque. A igreja pequena é. Voltei beirando o Allier. Vou descansar meia hora até Seibold.

4h ½ Estive o folheto – Ville de Vichy, Deliberations du Conseil Municipal relatives aux établissements de Vichy et à la construction du Casino Municipal du 17 Août 1883 au 12 novembre 1890. Seibold.

6h 40' Jantei e bem. 9h ½ Acabei a leitura às meninas, e como Seibold não tem ainda o novo livro não sei o que farei.

9h 40' Sempre apareceu com “La conque du Paris” por Judith Gautier.

10h 40' É interessante, mas já tenho sono e vou me deitar e dormir.

6 de julho de 1891 (2a fa.) — Bebi água. 4 ½ Começam horas maçantes. 4h 35' Forte hora maçante!

7h Acabei a Revue internationale des falsifications, 4º ano, 15 de junho de 1891, 2ª livraison. Vou à Revue bleu, 20 de junho.

8h 35' Li artigo de Legouve “Daniel Marin”. Gostei muito. 9h Escrevi a Daubrée, a Nioac e à Mana Januária, todas em resposta.

9 ½ Curei o pé. Vai bem. 10 ½ Revue bleu e vim muito bem para cadeira. Vou se acabo a Revue. Recebi carta do Estrela de 5. Diz que a legação da Áustria mandou-me livros em nome de seu governo e como são muitos acabá-los-ei em Paris.

11h 35' Respondi ao Estrela e espero que chamem para o almoço. ¾ Vou almoçar.

12h 35' Bem. Fui à banca mas quase sempre para nada.

1h 25' Tempo do Rio de 16 de junho. Abertura do Congresso Nacional no Rio a 15. Mensagem do Presidente da República de que aponte trechos. República de Restauração, sobre a missão do Congresso. No sentido republicano sem nada ter de notável. Débats de 4. Artigo de Azevedo Barine sobre Mme. Lafayette, obra de Harrisson na publicação “Les grandes écrivains français” e Lettere inedite di Madam de La Lafayette” Turin 1 vol. 1880 Fratelli Broca.

2 ½ Vou sair. 4h ¼ Fui a Malavaux passando por Cusset mas só até o restaurante chamado “Entrée des Molariaux”. Ainda havia um passeio que é o pórtico de 40m, mas fica para quando possa andar a pé sem maior dificuldade. Aguardo o Seibold.

6h 20' Hebraico e Camões.

4h 43' Espero luz para ler. 4h ¾ Enfim facta est para ler e vou aproveitar ainda mal. 5h Leio ainda com esforço na cama. Forte maçada! Bebi água às 3 e outra vez agora, o friozinho da água é muito agradável.

São 7 de julho de 1891 (3a fa.) — Antes de deitar-me fiz ontem o costumado. Bebi de noite água. 7h 20' Está-se já preparando o meio-banho. 9h 10' Tudo muito bem. O pior é que chove. 25' Escrevi a Daubrée enviando-lhe o último Compte-rendu com as minhas notas e agora vou curar o pé. Carta da Benoist d'Azy de 6, de Daubrée interessante e a que vou responder e da Mana Chica de Paris 5, a que responderei. Manda-me o artigo do Figaro sobre a morte do Silva Jardim. Vou ao Journal des Savants de junho.

11h 50' Vou almoçar. 12 40' Bem. Vou fazer versos. Interrompi-os com a visita do cura de St. Louis daqui l'abbé L. F. Houssin. Não me pareceu inteligente e poucas ou nenhuma informações colhi de conversa.

9h Sânscrito, Camões. Chamaram Seibold para jantar. O Aljezur lê-me o que Temps diz da morte do Silva Jardim – Temps de 7 – Revue Scientifique.

6h $\frac{3}{4}$ Jantei com vontade. Pedro e Carapebus foram ouvir a Carmem.

8h 28' Respondi à Benoist d'Azy a respeito de minha visita a seu Castelo. $\frac{1}{4}$ Li às meninas. Acabo de ouvir Seibold. São 11h. Vou para a cama.

4h Já vejo. 8 (4a fa.) — 6h Já fiz o soneto. Acrescentei à carta para Benoist notícia de Aljezur, Mota Maia e o Pedro se quiser ir.

7h 55' Acabei o artigo de Daubrée sobre os trabalhos do Geological Survey dos Estados Unidos publicado no Journal des Savants de junho.

9h $\frac{1}{2}$ Curei o pé que está quase bom. 10h $\frac{1}{2}$ Vou bem para a cadeira. 11 $\frac{1}{4}$ Respondi à carta curiosa de Daubrée de Paris 7

$\frac{3}{4}$ Almoço. 12h 35' Bem. 55' À banca. Regular.

1h 35' Li, assinei fotografias e torno ao Journal des Savants. Acabei-o 2 $\frac{1}{4}$ e vou sair.

4 $\frac{1}{4}$ Pur-Grenier. Boa estrada de onde se vêem à esquerda o Pic-Vincent e as montanhas do Auvergne que me mostraram enfim o Puy de Dôme. Há bonita volta por entre as árvores à roda do restaurant onde tomei café que não estava mau sendo dono e família muito amáveis. Até não queria dinheiro que eu à família [*sic*]. Já está aí o Seibold – mas comecei antes um soneto sobre o passeio. 7 $\frac{3}{4}$ Árabe, guarani e Camões. Jantei bem. aguardo a hora de ir ao teatro.

7h 55' Parto. 10h 50' Junto o programa. Não foi mal. Muita gente. Tudo se fez bem. Tomei chá e vou para cama.

4 $\frac{3}{4}$ Arranjei a cama que estava molhada e bebi água. Já se vai vendo bem. 6h $\frac{1}{2}$ Acabei a Revue onde há um bom artigo sobre a execução de um oratório. “Os israelitas no Egito” de Haendel no Trocadero.

40' Vou cuidar do soneto ou antes do cabeçalho. Revue Scientifique de 1^o. 8 37' Vou para um meio-banho.

9h 10' Meio-banho soube e já tomei café. 40' Não vim mal para a sala onde vou continuar a ler a Revue Scientifique – tendo lido o que diz da última sessão da Academia das Ciências.

10h 10' Não sei o que farei e tenho sono. Vou ver Rabelais em que há tanto não pego por causa de meu incomodo a ser o livro muito pesado. 11h 25' Li bastante de Rabelais. Ouvi Aljezur ler o Diário de 11 até 15 junho inclusive. A 11 abriu-se a faculdade livre de direito do Rio no convento de S. Bento. O artigo refere-se ao decreto de 19 de abril de 1879, que assinei como complemento de minhas idéias relativas ao ensino.

1h $\frac{1}{2}$ Bem e não me custou a voltar do almoço. 4 $\frac{1}{2}$ Voltei de ardoisière, mas agora está aí Seibold. 6 $\frac{1}{2}$ Sânscrito e Camões. Vou poetar um pouco para ter mais apetite.

8h 35' Bem. Conversei com Carapebus e fui à banca com bom proveito, as digestões fazem-se e tudo entra nos seus eixos. aguardo as meninas. Nestas horas vivo eu na minha Thebaida [*sic*], assim não devesse haver agora tempo em que não me ocupe. São extremidades frias do meu dia – enquanto na raia luz da manhã, ou na morte de toda a noite.

8h 50' Chegam as meninas.

9 de julho de 1891 (5a fa.) — [*ilegitivel*] 4h 50' Fiz minha toilette inferior. Até prurido quase desapareceu. Enfim! Poderei ler e vou à Revue rose Scientifique, que já li em boa parte. Quase 6. Agora sou gente.

10 de julho de 1891 (6a fa.) — 10h $\frac{1}{4}$ Não sei bem o que escrevi depois de chegar as meninas. Li-lhes e depois ouvi Seibold. Dormi bem e as garatujas são minha impaciência por luz afim de poder ler. Li a Revue Scientifique e preparei-me para sair da cama, o que fiz bem até esta cadeira.

12 $\frac{1}{2}$ Li a Revue Scientifique. Almocei bem. O Pedro fê-lo com amigos e vim bem para o canapé da sala. Já fiz o soneto para o passeio de hoje a Billy.

1h Respondi à última carta do Daubrée Vou à “Excursão na Itália por um brasileiro”. É do Visconde de Ouro Preto. Interrompi-a com a chegada de Carapebus e indo-se li no Corrieri di Napoli de 4-5 de junho a narração da morte do Silva Jardim. Coitado.

Quase 2h. Aprontei-me e vou para Billy. Cuidava que aí fui ao Castelo de Bussièrè.

Seibold. 5h 40' 10 ³/₄ Li, jantei bem depois de falar um pouco com Aljezur. Jantei bem. Li às meninas. Ouvi leitura do Seibold por menos tempo falando depois com o Pedro que vai para Aix-les-Bains onde está avó. Gostei de ouvi-lo e dei-lhe os conselhos precisos, recomendando-lhe que tudo me escrevesse e com a maior franqueza sob o endereço de Aljezur. Não esqueceu o chá e vou agora para a cama. 10h 50'.

11 de julho de 1891 (sábado) — 5h 6' Dormi bem antes de 4h. Já via. Escrevi uma nota relativa a meu estudo das línguas orientais. Qual eculdarei [*sic*] agora das aglutinativas. Turco, porém emprega a escrita árabe.

7h ¹/₂ Li o livro sobre Itália do Ouro Preto. Feito a pressa o talento dele augurava-me outra cousa. Acabo de tomar chá com os gravetos de pão torrado.

8h 20 Respondi a carta da Januária recebida a 10. 10h Vim bem para a cadeira. Só me incomoda a ligadura que tornei a por na perna direita de que a tinha tirado quando fui doente para a cama.

11h ¹/₂ Acabei de ler pela 2ª vez a extraída da Revue Menuselle du Monde Latin onde já a lera o folheto “Comtesse de Barral et de Pedra Branca” pelo Ch^{er} de St. Georges. Talvez eu ainda escreve alguma cousa a respeito desta amiga de quase meio século.

12h 25' Almocei bem, e voltei sem maior dificuldade para o canapé da sala.

1h ¹/₂ Vou passear. 5h Não gostei. O Aljezur que não tem a minha perna entrou. Viu o esconderijo e a escada que não subiu. As casamatas são 6, três de cada lado. T em St. Germain de Fossé por sinal muito ruim. Não recomendei a ninguém que se canse em ir lá. Vou ao livro do Ouro Preto e depois Seibold. 5h 25 Vou a este. O costumado e menos tempo.

Chamaram-no para o jantar dele. 7h 35' Bem e não me custou para vir para o canapé da sala.

7h 50' Aljezur, Débats de 11. Escrevi a propósito do Pincio por causa do livro do Ouro Preto. Tenho no meu álbum de autógrafos versos de Silva escrito do alto do Pincio.

8h 40' As Motas Maias trouxeram-me uma menina bem pequena, a Nanette Manchon. É muito viva e retira-se amanhã.

9h ¹/₂ Li às meninas e vou ouvir Seibold. 10h 10' Dormi à leitura e vou para a cama.

12 de julho de 1891 (domingo) — 3 ³/₄ Já 4 ¹/₂. Fiz a primeira toilette inferior. 6 ³/₄ Ainda dormi. 7 ¹/₄ Tenho lido o livro sobre a Itália do Ouro Preto. Dormi ainda depois que acordei. 9 ¹/₂ Semicúpio e tudo foi muito bem e estou já na minha cadeira. 10h ¹/₂ Fui à banca duas vezes e com proveito.

12h 10' Volto da missa. Depois dela pediu falar-me um francês velho que esteve 30 anos na Bahia e só de passagem no Rio. É casado.

1h ¹/₄ Almocei, fui e voltei sem sentir necessidade de grande apoio. Grande discussão com Aljezur já se sabe sobre que assunto.

2h Fui à banca. Estive com a viúva D. Anne Feuillet e agora com o Barão Decares. Falarei depois e agora vou passear.

5 ¹/₂ Conclui quase o soneto do passeio e vou a Seibold. 5h 6' Estudei o costumado e agora descanso para jantar, o que não me será displicente. Mandeí telegrama agora para o Castelo da Azi [*sic*].

Quando viajava com a Barral andava tudo muito direito. Nunca conheci inteligência assim e sempre a mesma durante quase 50 anos. Estou deveras no vácuo. Paciência que uma grande virtude.

7h 35' Jantei bem e vim bem para aqui. 8h ³/₄ Só falta Raudan e aguardo as meninas. E enfim o longo Thiers. 9h 50' Acabei de ler às meninas. Ainda não mataram Hans. Vou beber chá e deitar-me. Sempre tenho medo de tanto tempo sem luz para ler.

10h Acabo de tomar chá, de ler no Jornal do Comércio de 22 de junho o artigo “O Tratado de Montevidéu”. Achei-o muito fraco, mas relê-lo-ei amanhã. Vou deitar-me.

13 de julho de 1891 (2a fa.) — 4h ³/₄ Já vejo bem. Dormi bem mas bebi água 3 vezes. Vou ler o livro do Ouro Preto. 7h 25 Tomei o café do costume. Volto ao livro do Ouro Preto.

9 ¹/₄ Já curei o pé. Recebi cartas da Isabel com uma da Salignac e da neta do Iguaçu casada com o que fez a campanha do Paraguai, e outra da Mana Januária.

9h 55' Na cadeira e a passagem cada vez melhor. 10h 50' Respondi à Isabel.

12 ½ Almocei bem e assim vim também para o canapé da sala. 1h Estive com os meus netos e fui à banca. 2h Vou sair tendo estado a conversado [*sic*] com Sta. Vitória e Carapebus e lido a estes o artigo “Un hôte illustre” no *Monte Thermal* de Paris 2 do corrente. O artigo faz-me justiça, sem exagerações.

4h 25' Volto de Naté o cimo da Montagne-Verte onde há o belvedere, merecia-o.

6h 5' Estudei o costumando com o Seibold que chamaram para jantar. 7 ½ Bem. Discussão com Aljezur, já sobre que assunto. Vim quase só para o canapé da sala. Amanhã hei de anotar o *Compte-rendu* para mandá-lo a Daubrée.

8h ¼ Escrevi para Berne agradecendo o diploma de Presidente ad honorem do Congresso Internacional de Ciências Geográficas.

10 13/4 Vi passar a procissão noturna da véspera de 14, tomei chá e tendo estado a ouvir Seibold. Antes li às meninas e Hans Stade pode fugir. 11h Daqui a minutos termina a leitura e vou deitar-me.

14 de julho de 1891 (3a fa.) — 4h ½ Já pude restabelecer no soneto que julgo perdido. Comecei a dormir pensando nisto e vi-o talvez restituído qual cópia exata. O Mota Maia gosta das peloticas fisiológico-metafísicas e esta não é das piores. Verei o que ele diz com o seu francês e seu italiano, que até os nomes esqueci apesar de indagadores talentosos. Pois nem os nomes me lembrei! O italiano falei-o Lombroso, mas o francês? Há de vir ante o tribunal da inteligência, contudo nunca foram meus comensais.

7h 5' Acabei o livro do Outro Preto que ligeiramente visitou a Itália.

25' Já ouvi som de xícara. É o café, – não – que dizem-me agora ser hoje dia de meio-banho às 8 ¼. 9h 55' Tudo se fez muito bem, havendo tomado o meio-banho até ir agora tomar café bem assentado na minha cadeira. 10h O café estava quase frio. Aljezur saiu. Vou ver o *Compte-rendu* de 6. 10h 50' Tenho tido sono, e ouvido Aljezur ler-me. 6h ½ O Aljezur, mas esta leitura, por causa de nossos gostos quase diametralmente opostos tornam a leitura quase um martírio.

7h 25' Jantei bem e vim sofrivelmente para o canapé. 9h ¾ Conversei. Li à menina mais velha, que a outra está indisposta. Ouço Seibold. 10h 10' Já estou com o sono e vou para a cama. Ainda não me trouxeram o chá.

15 de julho de 1891 (4a fa.) — 4h Já posso ver para escrever isto. Passei bem. 4h ½ Tive a idéia de comparar a vida do homem a uma epiclone desenvolvendo-se esta mais ou rapidamente [*sic*] até a morte, girando o homem mais ou menos em torno de seus inter[*sic*] o ponto de antes também corre o ponto. Poder-se-ia até traçar com os dados colhidos a vida do indivíduo.

5 ½ Escrevi a Rebouças o que fazia há muito sujeito a sua apreciação a minha idéia epicicloide.

7h 10' Dormi ainda e bem. Vou tomar café. 9h 10' Cura. Acabei o *Compte-rendu* onde muito gostei de ler a nota de Lannelongue para a cura da tísica esterilizando de modo a não se poder o bacilo desenvolver-se.

Quase 10h. Respondi a Daubrée mandando o último *Compte-rendu* com minhas notas. Vou vestir-me para ir à ducha. 11h 20' Tudo e continei [*sic*] a ler o livro das douches de Versailles.

1h 10' Almocei bem e a perna vai servindo. Respondi a carta de Nioac Paris 14.

2 ¼ Estive com Aljezur recordando-me de meu Petrópolis, acabei o 1º soneto sobre Gannu. 4h 20' Volto das ruínas de Lozit, passeio que não está no livro. Agora vou descansar esperar Seibold

6h 6' Que sentido, hebraico, guarani e Camões. Acabei de ler o 4º canto no original e amanhã lerei o inglês. Daqui a pouco vou jantar, mas quase que não tem fome.

1h 20' Pois não comi mal e estou muito bem. Lá falei com duas senhoras que conheciam Bruxelas. Os Carapebus e os Sta. Vitória e uma filha casada na Suíça, do Oliveira da Bahia que muito se parece com o pai. Conhecia a casada com o Porfírio Teixeira Lopes.

Vou ler às meninas. São 9h ¼. Acabei de ler às meninas. 9h 40' Já estou ouvindo Seibold.

10 ½ Vou-me deitar.

16 de julho de 1891 (5a fa.) — 4h Já podia ver mesmo sem a luz da lamparina. 6h 35' Já posso ler bem mas estou ainda com sono. Está chovendo bastante. Dayly Graphic de 13 e 14 de junho mas ainda não vê-se bem a letra. 7 ¼ Percorri os Dayly Graphic. Creio que nada de maior importância.

7h 20' Tomei café e bom. 8h 10' Respondi a carta de Paris da Januária de 12.

9h 40' Acabei o soneto e vou vestir-me. 11h 5' Vou voltar da ducha. Já tomei café. Tudo bem. 11h 20' Já estou muito bem assentado na sala. Estou para assim dizer já bom e só o incomodo é para os outros. 12 25' Almocei bem porém vim bastante trôpego, embora apoiado para o canapé.

Recebi carta de Daubrée de 15 de Paris. Nada diz de maior importância. Fala dos estudos de Mary sobre o vôo dos insetos cujo tempo de exposição fotográfica é de 1/2500 de segundo. Daubrée admirou-se e Favau disse-lhe que no princípio satisfaziam-se com alguns milésimos de segundo au soleil. Falava-se da limpeza das bacias de Versailles, mas nada se fará.

1 ½ Li um pouco de Rabelais e tomando notas como já posso fazer. 2h Estive conversando largamente com uma Viscondessa Ferreira de Almeida de Portugal que já com duas filhas. É protegida de Silveira Martins. Ouvi Aljezur ler Diário do Comércio de 22 de junho com excelente artigo sobre colonização. 6h Foi-se Seibold. Tudo como de costume. Aguardo o jantar. Sinto-me a cada instante melhor.

A falta de resposta de amigos e amigas de quase 50 anos desespera-me [*sic*], também não há duas Barral, etc. Todas mortas e enterradas.

½ Gostei dos huguenotes. Cantaram bem, mas foi uma trabalhadeira tudo o que foi pedestre. Tomei chá e agora vou tomar água e deitar-me.

17 de julho de 1891 (6a fa.) — 4 ½ Dormi ainda e bem e vou principiari o dia. Que cantou melhor foi o tenor. O baixou saiu-se sofrivelmente do papel de Marcel. Gostei da Valentina. A orquestra é boa.

7h 25' Estive lendo a Revue Rouge, de 11 e um artigo interessantíssimo sobre a reprodução das cores pela fotografia.

8h Carta de Azy de 14. Tudo bem. Agora só falta a satisfação de lá ir.

8 ¾ Acabei o excelente artigo que é de Alphonse Berget nome que me fica recomendado.

9h 19' Acabam de curar-me. Ressentia-se do movimento para subir e descer do camarote do teatro e da duração do espetáculo.

10h Vou me vestir. 10h 35' Estou de perna estendida no sofá da sala para onde aliás vim quase que bem pelo meu pé.

11 ¾ Aljezur tem me lido jornais do Rio e o Débats de 17. Cai muita chuva. Ainda bem que é em dia que não teria de sair. Quase 12h. Vou almoçar.

12h 10' Comecei – interrupção para se preparar a carne com ervas e continuo. 43 Acabei.

1h ¼ Escrevi em resposta a Paranhos e a meu compadre Matias de Carvalho.

2h 5' Respondi a Daubrée e estou ouvindo Aljezur ler jornais do Rio. 2h ¾ Disse-me agora o Conde Carapebus que morreu a Buschental em Madri.

50' Acabei de curar o pé. 3h ¼ Aljezur tem lido o Diário do Comércio e o lerá até 20.

4 ½ Estou com um Dr. muito inteligente condiscipulo de Mota Maia e conversamos sobre assuntos médicos. Viu-me o pé recomendou-me repouso absoluto. Estão-me vaseando [*sic*]e 4h 35' vou a Seibold. 6h Foi-se tudo como de costume.

5h 40' Estive falando de uns papéis meus que ficaram em Cannes. Encarreguei Aljezur de fazê-los vir. São apenas 3 ¼. São 5h e vou ver como ainda estas duas horas. Para encher o tempo vou fazer toilette inferior.

9h 40' Versos. Revue-rouge. Curativo e volto à Revue-rouge.

11h 10' Aljezur leu-me jornais, aprontei-me e carregado vim muito bem para o canapé do salão. 11h 40' Aljezur tem me lido e vou almoçar. 1h 25' Acabei a Revue Scientifique de 11. Tem excelentes artigos sobretudo a respeito do sonho.

1h 50' Respondi a carta de Daubrée, Paris 17.

3h 5' Boa conversa com Sta. Vitória e Carapebus.

6h Vai Seibold jantar. Bastante árabe, guarani e Camões. que avanço. Empenho-me a levar as duas traduções inglesas. Depois toca às francesas etc. que não inclui muitas.

6h 10' Li a carta de Ouro Preto escrita da cidade de Ubá, 22 de junho.

6h 40' Foi jantar e fiquei só. Distribuíram mal as horas para mim. Aqui é o Aljezur o tipo da amizade.

7h Jantei bem como posso fazê-lo sem exercício. Abre-se um dos buracos do dia. 8h Descansei um pouco. Estou [ilegível] pelo sono.

9h 50' Li bastante às meninas e creio que terminei a leitura antes de sair daqui. Vou agora em charola para a cama.

19 de julho de 1891 (domingo) — 4h 10' Já posso escrever, porém mal. 5h 5' Comecei o soneto em francês para Azy. 6h $\frac{3}{4}$ Terminei e já fiz a toilette inferior. Hoje creio que tenho missa aqui e estimo bem, pois sinto-me cada vez religioso – sem nada que possa diminuir a nobreza do sentimento unicamente guiado pelo coração e a razão.

9h 5' Estive sonolento e pouco li. Vou curar o pé. 40' Acabou a maçada e daqui a pouco vou me vestir. 10h $\frac{1}{4}$ Vou muito bem carregado para o salão onde já o altar para a missa. 50' Disse-a l'abbé Morlieux seminarista de Montpellier. Lembrei-me do nome do professor da faculdade de Ciências de Montpellier Bechamp que eu sabia como me disse o abbé fora para Lille.

11h 20' Li carta de Monsenhor Brito a Aljezur de 9 de maio.

1h Mota Maia mostra-me no Jornal do Comércio do Rio de 17 de junho uma notícia dizendo que eu protegera a candidatura de Liègeard. Esqueci-me dizer que não sabia então da de Vicente de Bornier. Pierre Loti, o eleito, tem aliás muito talento e conhecera antes pessoalmente quando estive na esquadra francesa de evoluções no Golfo Juan. 1h 40' Li Die fueriche Setzung der Kaiserlichem Akademie der Wissenschaftelchen. 30 Mais 1891 Wien. Gostei da Verwandtschaft einer Familie. Vou dar o folheto ao Seibold para lê-lo melhor.

1 $\frac{1}{2}$ Li o artigo do Correio da Tarde sobre o tratado de Missões com asserções a meu respeito. Fiz observações à margem e dei-as a Mota Maia para escrever para o Rio.

3 $\frac{1}{2}$ Conversa com Carapebus e filha e netinha e Santa Vitória e filha. Interessou-me.

4h 35' Terminou a leitura dos periódicos do Rio pelo Aljezur que é bom homem quase sempre muito maçante e fazendo perder muito tempo, que é pior. Li o trabalho sobre os Estados Unidos. É excelente. 50' Vou a Seibold. 9h $\frac{1}{2}$ Li às meninas. O Aljezur leu-me da Imitação. Vou ser carregado para a cama, 10h para a cura do pé. 10h 10' Tudo pronto. Vou Seibold até dormir.

20 de julho de 1891 (2a fa.) — [ilegível] O dia já clareia. 4h 35' Começo soneto para depois de amanhã. 5h Escrevi a D. Madalena Ferreira que não me tem escrito desde que saí do Rio! 5h 55' Respondi à Estrela. 7h $\frac{3}{4}$ Tem-me custado a passar o tempo. 8h Tomei café e o Guilherme de lá me bocejou.

8 $\frac{1}{2}$ – 10h 10' Acabei de ler o Jornal da Sociedade de Zoologia a que eu pertença. Vou vestir-me. 1h Respondi a carta de Taunay mandada por intermédio do Rebouças. Recebi carta do Pedro de Aix-les-Bains e da viúva de Octavel Feuillet, 16 Chateau de Moreau près Dijon ambas a responder.

1h 5' Quis ver se o ventre se lembrava e nada.

1h $\frac{3}{4}$ Esteve cá a amiga da Isabelita Aguiar com as filhas e filho que está bem amarela. Deu-me notícias dos Aguiares e probabilidade de virem à Europa. É irmão da mulher do Sully cônsul brasileiro na Europa, protegido do Silveira Martins. 3h Aljezur esteve lendo jornais do Rio – entretanto veio despir-se [sic] o português Conde Feitosa – de [ilegível] e 16 de junho e foi-se para falar a alguém. Vou tomar café. 11h Li no Jornal do Comércio do Rio de 21 de junho “D. Pedro interrogado”, artigo justo para comigo. Esteve há pouco Pignonneau cônsul do Brasil e em cuja casa estive. Conversei como era natural sobre a atual questão da pátria, tendo ele minhas idéias. Vou ao Seibold. 6h 5' O do costume e Odisséia. Jean tirou-me a urina. 7h 20' Bem. Chega carta de 19 de Versailles. Fala de vir cá breve. 9h 26' Acabei de ler às meninas. Vou para a cama. 35' Vou carregado para cama. A leitura fez-me sono e passei pelo sono. E o Seibold desapareceu. Quis mandar chamá-lo, porém é melhor que eu leia um pouco e durma. 11h Li o elogio de Cheruel por Aucoc e o resto do Concours pour le prix Crouset fica para amanhã.

21 de julho de 1891 (3a fa.) — 3h Já vai clareando parece. Escrevo à luz da lamparina. 3 $\frac{1}{2}$ Não posso e vou [ilegível] para o [ilegível]. 5h menos 5' bem e [ilegível]. 7h 20' Continuei a ler a Juin – 6^{ème} Livraison da Académie des Sciences Morales e Politiques. Vou ler Revue Scientifique 18 Juillet, 1891. 9h $\frac{1}{2}$ Li Revue rouge. Veio sono pelo qual [sic].

9h $\frac{3}{4}$ Escrevi a Daubrée em resposta com o último Compte-rendu anotado e respondo a carta da Isabel de 19.

10h 25' Já no sofá da sala para que vim muito bem carregado. Tomara que já poder andar. Forte maçada.

$\frac{1}{2}$ Recebo cartas da Januária com um artigo "L'actualité". La faculté collée aux examens du baccalaureat e do Daubrée de 20 Paris. 10h 50' Escrevi a Daubrée em resposta. Aljezur lê-me.

12h 20' Almocei com vontade. Tinha lido o retalho de jornal que mandou-me a Januária "L'actualité" La faculté collée aux examens du baccalaureat. Custa crer que dê-se isto em França.

1h 50' Aljezur lia-me porém foi-se e aguardo visita.

2 $\frac{1}{2}$ Larga conversa com o engenheiro de S. Paulo Alberto Saladino Augusto de Aguiar, matemáticas puras e aplicadas, etc. etc. 3h 20' Toilette inferior. Bem. Aljezur lê O Brasil de 14 de junho.

4h 40' Curei o pé com o Dr. Poncet antigo cirurgião do Valde-Grace. Vai tudo bem.

6h $\frac{1}{4}$ Sai Seibold. Muito de árabe e guarani. Pouco Camões. Empenho em acabar o trabalho para principiar o francês etc.

5h $\frac{3}{4}$ Aljezur me leu a crônica do Monde e aguardo o jantar. 8h Arranjei os sonetos. Cai bastante chuva. Soube agora que o Príncipe Dergonconkoff governador de Moscou faleceu a 2 de julho em Paris.

9h $\frac{1}{2}$ Li às meninas e preparo-me para ser carregado para a cama.

22 de julho de 1891 (4a fa.) — 3h 35' Só vejo com a lamparina. Não tenho mais sono. Bebi água. Bebi. 3h $\frac{1}{2}$ Vou continuar a ler Séances et travaux de l'Academie des Sciences Morales e Politiques. 8h $\frac{3}{4}$ Já fiz barreira espiritual com os versos.

11h 20' Vim para o canapé do salão –carregado e estou muito bem.

12h 50' Respondi a Daubrée. 1h $\frac{1}{4}$ Estou com as Motas Maias e interroguei a mais velha sobre o compêndio de História Romana de l'abbé Driou.

13h $\frac{1}{4}$ Aljezur com carta de Bourmonville de Monder, dando notícia de Liévin da Palestina.

4 $\frac{3}{4}$ Quis mostrar ao Mota Maia a observação de cordas e nos da retina que influem sobre seu poder visual, mais um argumento que tudo é força – e única, segundo minha opinião – nos fenômenos naturais.

5h Vou a Seibold. Como de costume e bastante de Camões. 6 $\frac{1}{4}$ Fui à comadre e foi bem festejada. 10 Li às meninas e vou para a cama.

5 40' Vejo bem soneto, bem tudo arranjado para hoje. Nada tenho mas não dormi, passei como a noite passada. 7h Ainda dormi. Aguardo a água fresca e vou continuar. Paris photographique n° 3 25 Juin. 10h $\frac{3}{4}$ Vou sair da cama.

2h $\frac{3}{4}$ Conversei com o Carapebus depois de terminar o Paris photographique.

3h 10' Vi na lista dos existente em Vichy – Patrimônio. Marcara Mme. Mercedes Fernandes (ile de Cuba) Mr. le Vicomte de Bresson – Mme. La Vicomtesse.

4 $\frac{1}{2}$ Aljezur leu-me no Jornal do Brasil de 24 de junho excelente artigo sobre a questão de limites do Brasil com a França. 5h Aljezur leu-me o Diário do Comércio de 23 de junho. Traz a biografia do pobre Paula Barros que se suicidou.

5h 10' Seibold. 6h 10' Turco e bastante da Odisséia. Por falta de luz não li guarani no impresso do Seibold que já foi jantar.

7h 25' Teve meu sono e vou ver se leio um pouco.

9h Conversei com Aljezur a respeito do sistema fluvial do Brasil, no sentido de aproveitá-lo com o auxilio das estrada de ferro para conhecimento do Brasil.

9h $\frac{3}{4}$ Li às meninas e a História do Brasil de Southey anotada é muito interessante. Vou carregado para a cama.

24 de julho de 1891 (6a fa.) — Dormi bem. Já clareia. [ilegível] à luz de lamparina. Aguardo o dia. 5h $\frac{1}{4}$ Não posso nada fazer. Não tenho perna capaz nem luz. Enfim é uma maçada.

7h $\frac{1}{2}$ Li o Bulletin des Sciences Morales e Politiques e vou Revue bleue de 11. Quase 11 $\frac{1}{2}$ Já estou no salão.

3h $\frac{3}{4}$ Almocei bem. Mendes Tota com quem muito conversei sobre a guerra do Paraguai e o Rio Grande. Aljezur e leu e fui à comadre com vantagem e está ouvindo Aljezur ler do Diário do Comércio o Projeto do Código Civil apresentado pelo

Senador Dr. Joaquim Felício dos Santos. Também visitou-me a viúva do Fleuss minha conhecida de Nova Friburgo, falando-lhe de nossos encontros aí não mostrando ela o menor abalo. Apenas digo que o sucesso não se referia a mim.

4h 20' Disse-me o Mota Maia disse-me *[sic]* que constava ter morrido a Ipanema filha do Rudge e a Salignac fizera cena a meu respeito na estação quando os filhos para aqui partiram.

4h 33' Vou a Seibold. 6h 6' Foi-se. Foi hebreu, guarani e Camões quase até o 7º canto. Aguardo o jantar. Vou ver se faço versos.

8h ¾ Nada de meninas. Fortes horas do dia. 9h 35' Li bastante às pequenas e ao irmão mais velho e vou para a cama.

25 de julho de 1891 (sábado) — 4h Começo o soneto. Dormi bem e a *[ilegível]* preparando. Vou urinar no vaso. É um prazer escutar lendo. [Trecho ilegível].

5h O soneto está quase feito. Aguardo maior claridade.

7h 50' Acabei sofrivelmente o soneto e ouço o tinir do café, bem vindo seja!

7h 55' Tomei. Bom. 9 ½ Acabei a cura e a Revue bleue de 11.

9h 55' Respondi à carta última do Rebouças.

11h 10' Vim muito bem para a sala e vou continuar a leitura do Bulletin de l'Academie des Sciences Morales e Sociales.

11h 25' Almoço. Aljezur disse-me que recebera telegrama de Maria Pia sabendo como eu estava. 12h Almocei bem e como o Guilherme é filho de Adrianópolis, filho do cônsul austríaco, estivemos falando dessas paragens e de Oner Pacha outrora general húngaro Georgey e da guerra civil dessa região.

1h Conversando com as Motas Maias sobre seus estudos.

2h Peguei no sono. 3 ½ Aljezur lê-me diários cujos artigos interessantes estão apontados no livro. Ouvi a resposta do Dr. Hilário às observações do Dr. Rocha a quem a Mota Maia dá toda a razão.

4h ¼ Conversei com o Carapebus e Mota Maia e vou ao Seibold.

6h Foi-se Seibold. Árabe bastante. Li a tradução francesa com estampas. Antes o persa. Alguma cousa de Camões. 10h Li diários e vou para a cama.

26 de julho de 1891 (domingo) — 4h 20' Mal se vê. 5h 20' Já comecei a escrever cartas, mas interrompi porque o Guilherme é dorminhoco. 6h 55' Escrevi a Revy, Mana Januária, Ouro Preto, agora vou ler o Bulletin de l'Academie des Sciences Morales etc.

9h 25' Tenho lido. Já tomei café e vou vestir-me para a missa.

9h 55' Na sala a charola veio bem. 1h Almocei bem. Li o Boletim da Academia das Inscrições e Belas Letras e vou ouvir Aljezur. 2h Pouco ouvi pois agora acordei. Vou ouvir *[sic]* Aljezur enquanto me assão *[sic]* as mãos.

4h Vieram os Carapebus com quem muito conversei sobre cousas do Rio. Ouço Aljezur ler notícias do Rio. 4h 10' Seibold. 4h ½ Fui conversar com a comadre. Não me ajeito com o Jean.

4h 40' Seibold. 6h Hebraico e antes persa. Li bastante de Camões até o 7º e 8º 32ª. Creio que irei daqui com o trabalho comparativo do inglês e talvez principiado o francês. 5/4.

7h ¼ Jantei bem e escrevi ao Annenkoff prevenindo-o de minhas perguntas a respeito de sua estrada de ferro para a Índia pelo Turquestão.

10h 12' Li bastante às meninas e vou para a cama.

27 de julho de 1891 (2a fa.) — 4h 20' Dormi bem mas ainda só vejo com a lamparina.

5h 20' Acabei o soneto. Ainda não vejo bem na cama sem ser com luz de lamparina. Bebi água não gelada. Espero mais luz. Forte maçada! 5h ¾ Ainda não posso. Estive arranando a mesa. 6h ½ Respondi a última carta do Pedro que pretendia vir cá, porém, não vem pois sabe que eu melhorei! Tem pouco coração e também o Augusto que aliás está doente. Felizmente tenho Isabel e os seus.

8h Já tomei café. 11h Li o último Compte-rendu e continuá-lo-ei na sala para onde vim bem carregado. 11h Almocei bem. Continuo o Compte-rendu.

12h Almocei bem. 2h 10' Acaba de sair o General Annenkoff com quem conversei muito sobre a estrada de ferro do Turquestão. Falarei depois deste projeto. Agora estão aí as Andradas.

4h ½ Fui à comadre com o Jean que muito mal serve. Guilherme tinha saído.

4h ¾ Estive lendo os discursos por motivo da ereção em Paris da estátua de Molière. Vou a Seibold. Sully Prudhomme chama Lafontaine morto em 1695 cadet *[sic]* politique e de Corneille morto em 1684. 6h Foi-se Seibold. Persa, sânscrito e bastante de Camões.

7 Jantei bem. e agora vou ler o livro de Jules Simon. 10h 25' Acabei o 1º e principiei o 2º vol. às meninas e *[ilegível]*.

28 de julho de 1891 (3a fa.) — 4h 40' Escrevo com a lamparina, mas daqui pouco poderei ler bem na cama o Jules Simon. 5 ½ Escrevi minhas notas no livro de Jules Simon. 7 ¼ Estou no Un Crime, vejo um desenho que parece retrato de Jules Simon.

8h ¼ Escrevi a Daubrée. Vou continuar Jules Simon.

10 ¾ Li no Tempo de 30 de junho o parecer do Dr. José Lourenço sobre o saneamento do Rio. Quer todos os esgotos para o mar.

Curei o pé, lendo o livro de Jules Simon.

Aguardo Guilherme para lavar-me e vestir-me. 10h 25' Vim muito bem para a sala mas ainda carregado.

Recebi carta do Rebouças de Grace 26. Sempre o mesmo. Provocam guerra entre o Brasil e Buenos Aires. Nada temo senão atraso no progresso de ambos. Em relação à luta só vejo os navios do Brasil bombardeando Buenos Aires e os argentinos invadindo o Rio Grande até Porto Alegre. Será uma desgraça para a América do Sul de que folgará a do Norte, que não fica bem separada da do Sul pelo istmo de Panamá. Espero que a Europa pense nisto. A divisão dos continentes pelos istmos de Panamá e de Suez, estreito de Bhering e Oceano Atlântico é a da natureza. Há outros cortes naturais como o da península de Málaga, para mais fácil comunicação entre as diversas partes do mundo. Também a estrada de ferro pelo norte da Sibéria contribuirá para tal melhoramento. Dentro de pouco não distarão no globo dois pontos entre mais de 7 a 8 dias. O balão aerostático levar-nos-á da América à Europa em menos de uma semana. Tudo tenho calculado pelo mínimo. Há motores mais ou menos rápidos. Eletricidade, calor, vapor e suas aplicações mais ou menos eficazes conforme as resistências. A gravidade atravessando a terra também poderá ser utilizada de modo considerável até o centro da terra e depois acumulando-se para direção oposta. Cumpre não esquecer a força da maré e do magnetismo por todas as formas. Em suma, forças de atração, gravidade, elétrica e magnética que são uma só, a criadora, a de Deus. Creio pois em Deus criador e já escrevi que acredito nos dogmas, não só por dever, mas pela razão que pode explicá-los. Penso que eu convenceria o puritano, o budista, e o brâmane, e sobretudo os fetichistas e os mais sectários que o são mormente por vaidade de saberem explicar certos fenômenos naturais, sem os observarem, devidamente. Creio que haverá com os tempos só a religião católica competindo-lhe assim o nome. Jornal do Brasil de 4 de julho.

3h O Aljezur. Depois o Mota Maia trouxe o artigo do tratado Bocaiúva que cede uma superfície de 300 léguas quadradas aos argentinos. Os jornais lidos vão até 11 de julho do Rio. 3 ½ Aljezur leu-me bastante jornais do Rio. Fui à comadre com pouco resultado.

3h 35' Café. Estava bom. 4 ½ Ouvi Aljezur ler e vou mandar buscar as poesias de Alexandre Vinet nascido perto de Lausanne onde foi professor. n. 1797 + 47.

6h 50' Seibold foi jantar. Homero, Odisséia comparada às traduções de Odorico e Leconte Delisle, Camões. Li o original quase até o 9º. Depois de terminado lerei o inglês. Vi também o guarani. urinei e saiu alguma do aparelho. aguardo o jantar. Por que não farei eu hoje meu soneto?

Tendo Homero admirado

E o persa eu já vi

Estudado também o guarani

Onde o ferreiro não há de pau

Mas línguas sem *[ilegível]* dueto

Faria com *[ilegível]* o que vi

Na *[ilegível]* ou no Egito

Ao Egito tão dileto
Por ver-me quase no nascer do mundo
Da religião a acompanhar a história
Tudo em ciência aí sendo quase *[ilegível]*
E a irradiar pra sua glória
Muitas vezes não escrutando o fundo.
7h 10' Amanhã copiarei. 9h 50' Li bem às meninas. Vou deitar-me e ouvir Seibold até dormir.

29 de julho de 1891 (4a fa.) — 4h 20' Hoje são os anos da Isabel. Logo farei o soneto para que fique bom.

Sempre foi boa, sempre inteligente
Jamais de dever seu sendo ela negligente
E a me substituir nunca ela trilha
Caminhos que em segui-los ela empilha

5h ½ Está acabado o soneto que logo transcreverei pois os tercetos estão em papel a parte. Já está bem claro e talvez vá ler.

6h 10' Vi a Gentel Woman de 6 de junho. Vi a Illustratierte Zeitung de 25 de junho. Retrato de Helena Vaccaresco. É antes feia que bonita.

10h ¼ Vim muito carregado para a sala. Antes li o livro de Jules Simon. Escrevi em resposta a carta interessante de Riancey de Avenue de Sceaux em Versailles a 27. Respondi à Mana Januária, Paris 28 Rue Pauquet 28.

11h 55' Acabei de almoçar bem. 1 ½ Passei pelo sono e vou ao Jules Simon mas estive com o Mota Maia e dizendo-me este que as meninas procuraram-me achando-me a dormir disse que as buscasse para eu vê-las. 2h ½ Estive interrogando as meninas a respeito de seus estudos e vou massar as mãos ouvindo Aljezur ler.

4h ¼ Estive com os Porciúnculas, Sta. Vitória e Carapebus que partem amanhã por causa da filha, mas esperam voltar no fim do mês. Terminei o soneto. Li no Débats de hoje o resumo da sessão da Academia das Ciências de 27. 6h Sai Seibold. Guarani. Não vi o sânscrito para adiantar o Camões que já quase todo li no original podendo *[sic]* assim adiantar a comparação com a tradução inglesa. Vou a J. Simon até o jantar. 5 ½ Pouco. Aljezur. Interrompeu-me agora o jantar. Guilherme foi buscar outro prato. 6h 50' Comi com vontade. Falta a sobremesa. O doce de fruta de damasco soube-me pelo seu doce amargo. Vou tomar café. 6h 40' Com boa vontade o jantar dentro. Sinto todo o organismo equilibrado. Qual o globo torno ao equilibrado vai o meu organismo. 8 ½ Conversa com o bom do Aljezur que me mostra mapa da África austral recente com os limites do tratado anglo lusitano. 8 ¾ 9h 50' Li às meninas e vou deitar-me. 11h Seibold que vai lendo sempre mas devagar para vir-me sono, foi-se e vou dormir.

30 de julho de 1891 (5a fa.) — 2h ½ Não posso mais dormir e iria rolando.

Se o pudesse até ver a claridade
E de idéias só tristes em imensidade
A mente me veriam afligir
De Josué influir
Quisera eu na identidade
Para aurora entreabrir
Seria um outro dia de medir
Todo seu comprimento nesta cama
Mas ao menos com luz se me derrama
E meu cérebro ao menos nutre
Mas poetar à luz da lamparina
Não é da musa que me inspira
Sendo sempre tratada de divina

4h 35' Já lá fora está claro mas na cama só lamparina. Vou ainda descansar. Mas a noite já começa.

como ouvir a voz do onipotente

E da vida gozar contente

5h Ainda lamparina e eu de olhos fechados para escrever. Quase 6h Agora sim vejo bem.

6h 40' Respondi à Isabel e à Mana Januária. Vou a J. Simon. 8h Vou tomar café. 8h 3' Bom e sinto depois melhor o estômago. Vou a J. Simon. 9h Vou curar o pé lendo J. Simon.

10h 35' Bastante e já vim muito bem de charola para a sala. Cartas em resposta de Daubrée de 29. Fala-me de fornecer água a Annenkoff para sua estrada de ferro. 11h 20' Tomei uma cápsula e vou almoçar. $\frac{1}{2}$ Tem-me sabido. Interrompi-o por causa de outro prato. 50' Bem. Vou agora ouvir ler se houver leitor. 12 Acabei de almoçar. Verei quem vem ler-me. 12 $\frac{3}{4}$ Apareceu-me Aljezur, mas foi-se. Apenas me disse que Silva Costa já tinha partido para aqui. 1h O Aljezur leu-me e daqui vem outra vez ler-me.

2 $\frac{1}{2}$ Estive com as meninas Mota Maia com quem conversei sobre seus estudos. Vou massar as mãos enquanto leio J. Simon. 3h J. Simon. Tomei café. Vou ouvir Aljezur ler jornais. Saiu e eu vou a J. Simon.

4h $\frac{1}{2}$ Estive com os Andradas que partem para Biarritz para companhia da irmã a quem muitas lembranças enviei como à filha. Corrigi sonetos meus que lhes dera e vou a Seibold.

5h 55' Vai-se. Sânscrito, guarani, Camões. Quase acabo a leitura do original para comparar com o inglês.

[Trecho ilegível]

Ou de Pégaso sofreria um couce

De que continuamente gemeria

Certamente eu jamais mereceria

Pois alentado fora ao céu

E de mais verso alegraria

A celeste adorável companhia

[ilegível] só a tristeza acabaria

10h Li às meninas e vou para a cama.

31 (6a fa.) — 3h $\frac{1}{2}$.

Já na janela e dia bom que me alicia

E chamam-me à lida que é minha vida

Já sinto que com a vida me alicia

De que a natureza *[ilegível]*

Fantasia a realidade

A vida te reduzir

Que mais prazer *[ilegível]*

Porém conselho cumpre executar

E já no leito a dormir

A ver se logo *[ilegível]* m'estando

Pois um conselho bom

E no leito quieto vou cumpri-lo

Passei a noite sem o menor abalo

Mas o pórtico seu bem fosse abri-lo

Um *[ilegível]* sonho *[ilegível]* d'encantá-lo assim

Pois a noite assim passada só por quilo

E tarda sempre o canto do galo

Ai vai mais um verso pra eu *[ilegível]*

Onde falta ao soneto mais fazer

Mas já da manhã acabar-se ler

E por claro estou esperando

6h Respondi a Daubrée de 29. 6h ½ Li J. Simon e vou fazer a 1ª toilette inferior. 6h 40' Foi bem. O J. Simon e acabo de tomar o café. 8 ¼ Acabei de ler o livro de J. Simon a quem o mandarei depois de emprestá-lo a Aljezur.

9h ¼ Curam-se o pé que vai bem e acabei o soneto a propósito do livro de J. Simon e vou a “Hermine”. 9h 35' Estou com sono. Também não admira.

10 ¼ Vim muito bem de charola para sala. Chega carta do Nioac de Paris 30 a que respondi, assim como a meu genro. Carta sua de 27. A Daubrée escrevi hoje às 4 da manhã em resposta à dele de 29.

12h ½ Estou com muito sono e ainda não acabaram o almoço.

12h ¾ Respondi à carta a viúva do Octave Feuillet (Valérie) escrita a 18 do Chateau de Marneau près de Dijon. 2 ½ Estive com Mr. Derembourg. Conversa interessante sobre assuntos asiáticos. Vou à massagem das mãos. Aljezur tem me lido Débats de hoje – Jornais do Brasil – Diário do Comércio de 9. Resposta de José Bálamo à crítica do Padre Sena Freitas ao elogio póstumo de Camilo Castelo Branco pelo Barão de Paranapiacaba. Morreu o Besançon de Sousa Queiroz a 5 de julho em S. Paulo. Resposta de 25 de maio do Correa e de Versalhes agradecendo o diploma de presidente honorário da Associação protetora da infância desamparada. Diário do Comércio do Rio de 5 até 10 inclusive.

4h ½ Seibold. 6h O dos costume. Creio que poderei principiar as traduções francesas antes de sair daqui. Persa. O Seibold leu-me a nota sobre meus orientais. Está boa. 7h 10' Estive conversando para J. Simon minhas idéias a respeito dos 3 graus de instrução. Estão jantando e eu me cucando sem fazer nada. 10h ¼ Li boa 1h ½ às meninas. 10h 40' Preparado para ouvir Seibold.

1 de agosto de 1891 (sábado) — Dormi bem. [Trecho ilegível]. A memória está hoje pior e não me lembro da segunda rima. Aguardo mais luz. Vou ver o suplemento do Temps de 25 onde vem Les nouvelles limites de l’Afrique Australe – 1870 – 18 Vichy – Ambulance, son rôle pendant la prochaine guerre par C. Bonnard que o autor deu-me com esta epígrafe na souscription – A Sa Majesté Don Pedro de Alcântara, Hommage bien de l’auteur C. Bonnet.

5h 35' Já se lê bem mas não da cama. Forte maçada! Vou ler Jourdan que está muito esquecido. Depois de motivo da interrupção que aponto no livro veio o meu incômodo.

5h ¾ Pois o tipo ainda não ajuda e vou a outra leitura. Tenho “Hermine” e “Vichy Ambulance”. O tipo deste é melhor.

10h Tenho lido “Vichy Ambulance”. Interessante. Já curei o pé antes e vou vestir-me

½. Vim muito bem de charola para a sala. Recebera carta interessante de Daubrée de ontem. Fora dar parabéns pelos anos de Isabel. Respondi carta de Daubrée.

2h 55' O Aljezur continuou a leitura que eu principiara do relatório de Rui Barbosa como Ministro da Fazenda. Achei-o bom. Vou continuar Vichy Ambulance.

4h Acabei “Vichy Ambulance” por C. Bonnard que ele me ofereceu com dedicatória escrita por ele. A Sa Majesté Dom Pedro de Alcântara – Hommages très respectueux de l’auteur C. Bonnard. Vou ler Jourdan. – Comadre – Sofrível. 6h Foi este jantar o que também vou fazer. Bem. O Estrela foi jantar. Pouco me tem referido.

7h 10' Jantei bem. 9h Estive com o Dr. Simões professor jubilado de Fisiologia de Coimbra muito meu conhecido e hábil.

10h 50' Li às meninas e vou de andor deitar-me.

2 de agosto de 1891 (domingo) — 4h 10' Anos da Mana Chica. Logo mandarei meus parabéns. Dormi mal. 5h ½ Como o dia clareia vai o soneto surgindo igual ao aniversário que me recordam alegrias e penas de 50 anos. O livrinho acabará quando o dia for começando.

5h 40' Ainda não posso ler na cama sem a lamparina ao pé sobre a mesa. Logo que tiver luz continuarei a ver os relatórios dos ministros no Rio. Já mandei telegrama de parabéns à Chica.

7h ¼ Li o Journal des Sociétés photographiques de Paris nº 12. Vou assiná-lo. Vão sendo horas do café.

8h ¾ Tomei café. 10 ¼ Já vim bem em charola. Cartas de Chica de 1 e da Januária. 11 Ouvi missa na sala.

VOLUME 41

EXÍLIO - 02/08 a 12/09/1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Vichy 2 de agosto de 1891 – 11h 18' O soneto para a Chica está quase acabado. 2h Terminei-o. e antes larga e interessantemente, sobre tudo a respeito *[sic]* da questão do trabalho conversei com o Conde de Nova Friburgo.

2 $\frac{3}{4}$ Aljezur leu o Débats de 2. 4h $\frac{1}{2}$ Li o relatório da Fazenda, do Rui Barbosa, e vou a Seibold. 6h 10' Persa. Comparei muito dos Lusíadas com a tradução inglesa. Para adiantar não tive Odisséia. 8h $\frac{1}{2}$ A comadre hoje está muito polida. 8h 20' Só vou cismar. Li bastante às meninas, assistindo o Estrela. Já estou na cama e muito bem preparado a industrializar ligeiramente amanhã o Estrela em guarani e vou dormir.

3 de agosto de 1891 (2a fa.) — $\frac{3}{4}$ Dormi bem mas não leio. Este tempo do dia é o mais difícil de passar. Assim me *[ilegível]*. A janela já clareia um pouco. Quase 5h. Escrevi bastante para o Estrela.

5h Já mandei abrir as cortinas da janela e daqui a pouco a lamparina não será mais precisa. 5h $\frac{1}{4}$ Muito bem sem lamparina mas ainda não na cama. Estou muito prosa e ainda não tenho luz bastante. 5h 20' Água agora.

Desfio O Tempo e só fica-me estopa

Enleio-me em pensar e nada surde disto

Deveras que sou hoje sou Calixto

E estou sempre a vestir a mesma roupa

Só peixinho me pega e não garoupa

E para a água em vão o caniço enristo

E do anzol atirar quase desisto

Porque teima desta ordem não insisto

Não vejo bem e vou ao relatório da Fazenda do Alencar Araripe de junho de 1891. 7h 7' Acabei a leitura do relatório da fazenda do Alencar Aripe *[sic]*. Estudarei depois os anexos.

Dormi um pouco e acabo de tomar café e 10h. Estava bom. Depois terminei o lindo romance Herminie e o soneto cujos 2 primeiros estão no diário e os tercetos em papel a parte.

10h Vim bem para a sala. Compte-rendu de 27. Revues Scientifique et Bleue du 1^{er} Août. Nada me diz de novo. Vou ao Compte-rendu.

10h Almocei bem. Respondi a Daubrée e a respeito do Compte-rendu de 27. Recebi o livro de Pierre Loti La livre de la pitié et de la mort. Com estas palavras por letra dele "A Sa Majesté Dom Pedro d'Alcântara hommage de profond respect. Pierre Loti." 2h Estive larga conversa com um rabino que Seibold apresentou-me. Muitas obras me indicou. Deu-me informações a respeito dos judeus.

2h 10' Fui à comadre e o Jean muito me atrapalhou. O Guilherme tinha saído conforme seu louvável costume.

2h 50' Tenho estado com Mota Maia e agora falo com Aljezur. Este tem-me lido o Débats. Diz-me Mota Maia que o Ladislau Neto teve ataque de cabeça de que estava mal.

6h Binot com quem muito conversei do meu Petrópolis e de botânica com o Estrela.

6h $\frac{1}{2}$ Fui à comadre e lerei até o jantar.

9h 50' Li às meninas assistindo Estrela. Vou para a cama. 11 $\frac{1}{2}$ Seibold leu-me a viagem pelo Himalaia. É curiosa. Vou dormir. Vou ler *[trecho ilegível]*.

4h 10' Forte maçada. *[trecho ilegível]*. 4h $\frac{3}{4}$ Ainda não agarrei a ponta do fio. 6h 10' Dormi bem. Vejo e leio na cama. 8h Acabei o Compte-rendu de 27 de julho que marquei e vou mandar ao Daubrée. O dia está esplêndido.

9h 40' Curei o pé que o Mota Maia disse ir bem e li os dois artigos sobre a tuberculose. Vou começar o livro de Loti e vestir-me. 10h 40' Vim bem para a sala. Agora é que principio o livro de Loti.

11 $\frac{3}{4}$ Já comecei o almoço, tendo lido a Revue Rouge. 12 $\frac{1}{4}$ Acabo de almoçar. Paguei a dívida do soneto de ontem e começo Loti.

4h ¼ Estive pouco depois lendo com o Estrela o artigo do Journal des Savants – Les poesies de Catulle – Vou ao Seibold.

5h ½ Já abracei a Isabel e o Totó que está muito engraçado. Acompanhou-a a Eugeninha Penha. Foi-se – limpam e eu vou a Loti. Persa e li bastante da tradução inglesa dos Lusíadas. Loti.

6h Comércio do Porto diz de julho mas deve ser de 1º de agosto. Tumultuosas discussões nas Câmaras. Diz que até 8bro [outubro], abertura das Câmaras, em não haverá mudança.

4h ¾ Jantar. A Isabel ainda não voltou. 7h Jantei e café. Venta e chove. 22' Loti e nada de Isabel. 8h 55' Estrela leu-me o 2º artigo do Journal des Savants e vou ler às meninas. 10h 10' Vou para a cama.

5 de agosto de 1891 (4a fa.) — 4h ¾ Não tenho sono. Vou pensar. Já pus leitura ao pé para quando romper a alvorada. 3h 53' Já clareia na janela. 4h ½ Forte maçada. Tomara receber os outros relatórios. Já tinha os dois últimos da Fazenda, que já li. Foi a Gondim que nos mandou. É natural que faça o mesmo. A respeito dos demais.

4h ¾ Vi se passava sem lamparina. Não pude. 4h 53' Daqui a pouco verei bem na cama. 5h Ainda preciso da lamparina. Picadas na sola esquerda. 5h Pontadas mais fortes na sola esquerda. Tirei a lamparina.

5h Respondi a ambas as Manas. Januária escreveu a 1, Chica do mesmo dia.

Vou à Revue Rouge. 6h 10' Nada vi que parecesse interessante em Le Monde de 4, mas perguntarei ao Aljezur. 6h ¾ Li Loti e agora tenho luz para a Revue Rouge. Acabei o artigo interessantíssimo. Para descansar volto a Loti. 8h Tomei café. Loti ou Revue Rouge.

9 ¾ Curei o pé. Vai bem. Vou vestir-me. 10h 20' Vim bem para a sala. Estou com a Isabel que foi buscar uma carta do Pedrinho. 11 Passei pelo sono.

Carta de Daubrée de 4. Nada diz de interessante. Distraído por uma comunicação que preparava, não prestou atenção à sessão de 2a fa. Manda-me lembranças de Bussy, Fizeau e Bertrand, que deixou muletas e bengala. O Mônaco vai partir e segundo lhe ouvir [sic] muito espera de sua viagem. “quoique – diz Daubrée – la complication de plusieurs des machines retarde leur bon fonctionnement”.

11 ¾ Já estou almoçando e bem. 12h 10' Almocei bem. 12h ½ Comadre bem. Revue bleue ou Loti. Li Journal des Savants.

1h ½ Aljezur veio ler Le Monde de 4, fala dos bonitos postos no Instituto de Labiche, Sacy, Desiré, Nisard, d'Haussonville, Leverrier, Martinet (artista), Labrouste, Beaussire. 3h Aljezur leu Débats de 5. E agora vou tomar café.

4h 25' Estive lendo no World de N. Y. de 20 julho artigo sobre a projetada grande viagem de 4000 léguas à roda da África e pelo interior da Ásia do viajante Frank Vincent que esteve comigo no Rio.

6h 10' Persa e bastante de Camões. Creio que a Isabel levará ainda esta tradução inglesa dos Lusíadas. Mando vir amanhã o belo livro de V. Cousin Du vrai, du bon et du beau.

10h ¼ Li bastante às meninas depois de conversar com Estrela sobre artigo do Journal des Savants. Vou em charola para a cama.

6 de agosto de 1891 (5a fa.) — 2h 20' Não posso dormir, porém é cedo e bem e cumpre descansar.

No pé a lancear-me que dormir

Posso ter cá? A musa já [ilegível]

Que já rangida e com esse andar tão

[trecho ilegível]

3 ¾ Já vai clareando [ilegível] esquerda – quem o diria!

4h 20' Forte maçada! 5h 10' Respondi à carta de 4 de Daubrée. 5 ½ Vou à Revue bleue. Apontei o Journal de Vichy de 4. 7h ¼. 7h ¾ Tomei café. O pé ainda tem me ferroadado, mas vou melhor. Volto à Revista. 8 ½ No jornal Die Autonomie de Londres, li os versos “Meine Beichte” que não me parecem maus. Assina-os C. Penlich. Já alguém com o segundo nome. Já me escreveu quando eu estava em Cannes inteiramente de modo contrário, até injurioso.

10h 25 Já está na sala para onde vim muito bem de charola. Vou continuar a Revue bleue. Carta do Nioac de Paris 5. Seguiu à noite para Essen. Fica aí 1 a 2 dias e segue para Kiel 18 Reventlow-allée one [sic] crê que fique só dias. 12 Almocei bem. Artigo interessante da Revue bleue sobre o Protetorado francês da Tunísia.

1h 20' Conversa com os Mota Maia sobre seus estudos. 2h ½ Estrelas, Conde e Condessa, Conde de Friburgo.

Débats de 6. Massagem das mãos. Aljezur leu Débats de 6. Revue Scientifique. Carta do Dr. José da Silva Costa do Rio de 12 em resposta à minha de 8 de junho. Barão de Sta. Vitória e filha que interrompeu a leitura de jornais pelo Aljezur, a qual continua agora.

4h 50' Seibold ocupa da tradução que já fiz dos cantos hebraicos possuem provenções [sic] de Comtat Venaissin para a festa dos Felibres em pelo [sic] centenário da reunião do Condado à França.

7h ½ Persa, Lusíadas. Quero ver se acabo a tradução inglesa. 8h 12' Aguardo as meninas.

7 de agosto de 1891 (6a fa.) — 3 ¾ Dormi bem, mas não tenho mais sono. Parece que já clareia, se não é luar. Começa O Tempo ruim do dia, pois não posso ler. Cismarei. 4 O estro ontem não me acode e não posso também cismar, pois a atenção procura fixar-se. 4h 20' Já pus na cama com quem conversar – são publicações – bem é dizer para não haver equívoco – logo que haja luz. Pedirei a lamparina. 4 ½ Vou a Loti mesmo de lamparina. Custa-me muito! Paciência! Cumpre poupar a vista. Já posso escrever – e ler – mal.

4h ¾ Daqui a pouco lerei deitado.

5h Já vejo bem, mas só inclinando sobre a mesa para o lado da janela.

5h 10' Redeunt speculla mane – As duas colheres de remédio do Mota Maia ainda me pesam no estômago, embora levemente. 5h 25 Debruço posso ler Loti. 7h 35' Acabei de ler a Revue bleue depois de ler um pouco de Loti.

Vou ao café. 7h 45' Soube-me. Vou a Loti. 9h 40' Li e curei-me, li a gramática etc. chilena. 10 ¼ Vim bem para sala. Cada dia vou melhor.

Escrevi a Nioac em resposta a sua carta de 5. Aljezur agradeceu a carta de Orleans de 8 de julho, de M. de Nivés, de Orleans mandou-me água vulnerária. Respondi à carta da Januária de 6 e de 20 de julho. Vou ler Loti. 11h 50' [trecho ilegível].

1 ½ Visita interessante de Derembourg e da manhã. Prometeu-me publicações arábicas. 4h Acabei de ler com o Estrela o artigo do Journal des Savants sobre a psicologia dos gregos. 5 ¾ Estive ouvindo o Estrela ler o Journal des Savants e a Revue du Monde Latin.

Chega Seibold. 5h 55'. 6h Persa, Odisséia, Lusíadas, inglês.

7h 0' [sic] Jantei com vontade. 8h ½ Tenho estado com o Aljezur e com muito sono e as meninas [± 4 palavras ilegíveis] do Dr. Coutinho e os filhos. O mais velho está encarregado da estrada de ferro de Sorocaba. O Tamandaré mandou-me lembranças está bem, assim como os filhos. A Isabel voltou para a Europa. As meninas chegaram. 10 ¼ Já estou na cama preparado para a leitura de Seibold. Antes de vir para a cama li às meninas. Hoje se fez tudo bem. Minha vida está regular.

8 de agosto de 1891 (sábado) — 5h Já está bem claro, mas não para ler na cama. Não posso ainda e comecei a ver La Science illustrée 1891 sobre Lemaitre. É do Aljezur. 5h 36' Nada posso ler ainda sem a vista na cama. 6h 55' Acabei de percorrer La Science illustrée. Hei de vê-la melhor. Gostei muito de perguntas astronômicas que lembraram o compendiozinho que escrevi para minhas filhas. Esmerei na exatidão e informações na época em que o escrevi.

8h ¾ Tomei café, interrompendo a leitura de Loti a que volto. O sono tem estado forte. 10h 50' Acabei o Loti. Gostei muito de La chanson des vieux epoux.

Carta de Revy de Londres de 5 mandando-me relatório curiosíssimo sobre a Maxim Flying Machine quase concluída nas oficinas em Baldwin's Park, Crawford, perto de Londres.

2 ¾ Almocei bem, tendo lido antes. Carta de Daubrée de Paris 7. O Aljezur leu-me um jornal francês. Conversei agora, porém pouco, com a comadre. Recebi carta de Gaston de Wiesbaden 6 de agosto e vou ouvir o Aljezur.

6h 5' Persa, Camões, tendo já lido a tradução inglesa que não é a do Burton. Começarei agora com o francês ou o italiano... Agora jantar. Bem. 10h 35' Tudo muito bem e aguardo Seibold. Ainda sinto minhas pequenas ferroadas na sola do pé.

10 ½ Tomei chá e fui à comadre com facilidade e proveito. Começa a leitura.

9 de agosto de 1891 (domingo) — 4h Dormi bem e por isso não tenho mais sono. Muito me comeram as costas. Tomei duas vezes o xarope que me tem feito bem.

4h 10' [trecho ilegível]. Muitas publicações periódicas. Qual seria [ilegível] ler para a Isabel? Ela tem esquecido “Luz e Calor”. Dos clássicos ainda se leu Castaheda [sic]. Couto ainda não foi todo lido. Hei de se fazer [sic] uma lista com a Isabel. De Rebus Emmanuelis, Godinho – Viagem à Etiópia. Caldeira – Viagem ao Oriente. Sanches d’Orta – publicado por Castilho Filho. Garcia de Resende – Antigüidades de Portugal. Valoroso Lucideno – Castrioto Lusitano. Baleus (há de haver tradução do original latino. Razão do Estado do Brasil). Hei de ver no dicionário – listas clássicos citados aqueles que faltam. Cartas de Simão de Vasconcelos escritas do Brasil assim como das missões jesuíticas distantes onde penso que encontram cartas curiosas de missionários. Também as há de italianos. Em Roma nos arquivos dos jesuítas creio que ainda há cousas interessantes a respeito do Brasil. Hei de entender-me com o Papa quando o vir. Sobretudo os autos em guarani. Na Espanha também posso achar muitas cousas. Minhas notas de viagem do norte do Brasil e de minhas outras viagens. Do Rio Doce trouxe eu três ou 4 vocabulários de índios. Tenho procurado, mas em vão, algum escrito índio sobre a história deles. Suas traduções são poucas e muito incertas. Sobre as belas artes deles o cirurgião do exército [sic] irmão do Manuel Deodoro prometeu-me um me [sic] trabalho para o livro da exposição, porém nada mais soube disto. Hei de ver o que tem havido.

5h Creio que não preciso mais da lamparina. Já vejo da cama corridas as cortinas. O dia parece bom. Escrevi ao Revi [sic] sobre o que comunicou e no sentido de minhas idéias, que sempre se não contida a clareza ou ao menos a mais profunda convicção que já afrontou o crisol da descrença.

6h 35' Respondi a Gaston, a Daubrée e a Revy. Revue bleue até horas de curar o pé. Na sala para onde levaram e muito bem. Antes acabei de ler a publicação da Academia das Ciências Morais e Políticas e depois quando veio o Estrela fi-lo ler um parecer sobre a nova obra de Baudaillart que ficou – li, já almocei.

Le Pampa. Tenho muito sono. O Estrela de me mandar de Paris como o Oiapoc do Dr. Joaquim Caetano da Silva e Confederação dos Tamoios de Guimarães. Isabel veio agora trazer-me “Luz e Calor” que parece mandou vir de Versalhes.

2h 50' O Ministro da Colômbia, Lázaro Perez, acaba de sair daqui. Falamos muito de Colômbia. Trouxe-me a Geografia General del Nuevo Mundo por Felipe Perez.

4h 40' Vem o Seibold. 6h Persa e Camões. Comei o francês. Procuo as outras traduções.

9h 25' Jantei bem e depois com sono até agora. Aguardo as meninas para ler-lhes. O Antônio tem estado muito brincalhão.

10h ½ Vim muito bem para a cama. Li bastante às meninas. O Seibold pediu-me para ir a “Les Huguenotes”. Examinando o Anuário do Instituto de França para 1891. Não vejo H. Mares e procurei bem. Há de ser algum outro Instituto. 10 ¾ Vou descansar.

10 de agosto de 1891 (2a fa.) — 4h ¼ Dormi como não o tenho feito. Vou esperar a madrugada. 4h 25' O relógio tinha parado. Deu-se-lhe corda. 4h 25' Passei tão bem a noite que não posso deixar de lembrar-me da intervenção da minha Santa.

4h 40' Tive a lamparina [ilegível]. 5h Encontrei a lamparina. Limpei a mesa e cortei as folhas cheias de azeite. Ainda se vê menos bem na cama e não posso ler. Logo vou ao livro Pampa.

5h ¼ Já se vê, mas não para ler na cama. Aproveitei para arranjar a mesa. Continuei o artigo da Revue bleue “Sentiments de Famille”. Fala mormente do Tempo de Luís XIV. É curioso. Já posso ler o Jourdan. Li cap. 16 S. 2º [ilegível].

10 37' Na sala. Bem. 11 Recebi diversas publicações e vou começar pelo Compte-rendu. Carta da Mana Januária de Paris a 10.

4h Aljezur lê, tomei café, passei pelo sono e agora ouço Aljezur ler Jornal do Brasil de 15 de julho. Excelente artigo de Laveleye.

4 ¾. 6h Persa, árabe, Camões, tendo acabado o 1º canto da tradução que é em prosa, não é boa.

Dinheiro papel da República do Brasil. Na frente, à esquerda Petrópolis, à direita um menino tendo na mão direita um codiceu *[sic]* e o braço esquerdo descansando sobre uma ânfora. No anverso a estátua eqüestre de meu Pai entre o número indicando o valor da nota. Dobra na parte superior lê-se República dos correspondente à Republica dos Estados Unidos do Brasil *[sic]*.

6h 5' Soube-me bem o jantar. Já tenho os Nouveaux Mémoires des autres de Jules Simon que anotei e vou mandar-lhe amanhã.

11 de agosto de 1891 (3a fa.) — 3 ½ Não dormi bem por causa de desarranjo de que me permitiu urinar sem me obrigar a sair da cama. Agora tenho como sempre muita cominchão *[sic]* nas costas. Já preparara ontem o arsenal de leitura e aguardo a verdadeira luz.

3h 50' Tenho estado a arranjar a leitura. E um mosquito que me está contrariando!

4h 25' Já fiz bastantes versos. 4h 35' É de mais não amanhecer e falta-me paciência para mais versos.

5h Mal da cama. Já fiz tirar a lamparina. Inda dormir. 5 ¾ Estou bem – mas não posso comodamente. 6h O dia não parece que será bonito. Os livros não os leio ainda facilmente. 6h 10' Ainda não leio muito bem.

Também o dia está escuro. 40' O primeiro capítulo de La Pampa muito me agradou. 3/ 4 Já tudo está rodando. 7h ¼ Aproxima-se o café mas antes vou fazer a toilette do costume.

8h Acabo de tomar café que veio mais tarde. 9h 35' Comadre e bem. 45' Vou me vestir. 10h 40' Já estou na sala. Vim bem embora a perna estivesse melhor ontem. Vou a La Pampa.

10h *[ilegível]*. Manda às Imperatrizes da Alemanha telegrama da parte do marido e do filho. 25' Chegou minha filha que tinha saído. 2h Almocei bem. Longa conversa com Derembourg que veio com a senhora a qual se retirou para avisar alguém, creio que Leopold Delisle, que desejo ver. Junto meu apontamento das questões sobre as quais interroguei Derembourg que espero rever em Paris.

2 ½ L'abbé Merlu que vai para Montpellier veio despedir-se. Era quem me dizia missa.

Belo artigo de Anatole Leroy Beaulieu sobre a morte do padre Curie e o poder temporal. Não sei se Aljezur ainda tem que ler.

4h 10' Refresquei as costas por causa da brotoeja. Aljezur lê o Jornal do Brasil de 13 de julho.

6h Turco, Odisséia, Camões, ficando no canto 3°.

7 ¼ Jantei bem, antes e durante falei com o Dr. Semola que veio ver-me de Nápoles. Palmieri está muito bem. Fiorelli avelhantado. Falei do que mais me interessa. Ainda vem logo cá.

6h O aparelho está me pisando a cintura. Forte cossa deixa correr assim a urina... Voltam do jantar. 6h 10' Muito melhor de Kill Vitória. 7h ¾ Comadre e fez-me bem.

10h 5' Boa leitura às meninas. Vou para a cama onde dormirei ouvindo Seibold.

12 de agosto de 1891 (4a fa.) — 4h 10' Não foi má a noite e ainda tenho mais de hora para poder descansar. 4h 26' Já clareia a janela e pondo ao lado a leitura. Toca a pacientar. 4h 55' Aguardo a visita da aurora. 5h Vejo mal – sem luz na cama. 5h 5' Distingo bem a aurora. Custa a vir a luz.

5 ¼ Creio que escreverei hoje a J. Simon sobre seu livro, que há tantos dias queria fazer. 6h 25' Escrito faltando só copiá-la a carta para J. S. mandando livro dele anotado. Vou descansar e Pampa. 7h 5' Escrevi o rascunho da carta para J. S. e nada tenho que fazer senão ler Pampa que me está tentando. Não tenho vontade de dormir. 9h ½ Pampa que me interessa cada vez mais e vou curar o pé.

10h 5' Vou-me vestir depois da toilette inferior. Tenho estado a ler Les Pampas. 11h 20' Na sala e em cadeira muito cômoda com estante onde já escrevo. Vou a La Pampa.

1 ½ 2 telegramas de Rio Branco sabendo de mim e dizendo que ontem, 11, foi rejeitado pela Câmara dos deputados o tratado de limites com a República Argentina.

12 ½ Acabo de almoçar bem. Antes vieram ver-me a Isabel e o Antônio que tinham saído.

2h 20' Santa Vitória e o Corumbá Salgado que está na Europa em comissão em navios. Acabo de estar com o Semola que parte amanhã.

2 ¼ Comadre.

6h 20' Turco, árabe, Camões, lendo mais de um canto da tradução francesa. 6 ½ Vou mudar do canapé para a cadeira.

7h 25' Jantei bem. 10h Li às meninas e vou para a cama. – Continuo, acaba esta pág., no que deixei por escrever à pág. com este sinal X. – Sinto não ter aqui mais livros e notas das duas viagens pelo Egito. Mais aproveitarei com o que tenho adiantado no conhecimento das línguas orientais que prova ser semítica a língua e os hieróglifos provavelmente.

13 de agosto de 1891 (5a fa.) — 5h 1/3 Ainda tenho de esperar para poder ler. Dormi bem. Vou a Cléopâtre de Jean Bertheroy. Agora é que são 5h mas ainda pouco claro. 6h 25 O relógio estava parado quando marquei 5 horas. Leio de novo Cléopâtre de Jean Bertherot *[sic]*. 7h 20' Muito interessante e agora acabei de minha lavagem. Torno à leitura. 8h Já tomei café. 10h Li a discussão a respeito do projeto de Paris – port-clinier onde admirei o que disse Bouquet de-la-Grye.

10h 25' Vim muito bem para a sala. Carta de Daubrée de 10. Respondi – cartas de Nioac de 11 – Januária 12 – Chica 12.

12h Já houve meio almoço. 1h Almocei bem. Mandeí minha carta a Jules S^{on} sobre seu livro Souvenirs de Jeunesse. 1h 40' Li Eugenie Grandet à Isabel. 2h ½ Escrevi a Revy sobre o balão dirigível. 3h ¼ Aljezur leu o artigo de Boissier da Revista dos 2 Mundos de 1.

4h ¾ Seibold. 6h Persa, hebraico e Camões de que ainda não achei a outra tradução francesa, agora aguardo o jantar, ouvindo ainda a Matinada recebimento do Príncipe russo Alexis.

13 de agosto de 1891 (5a fa.) — 10 ¼ Tudo como de costume até acabar a leitura às meninas. Mando buscar o sermão do Padre Vieira na época dos holandeses. Lê-me Seibold e vou tomar chá bem deitado e havendo feito minha toilette inferior.

14 de agosto de 1891 (6a fa.) — 3h A comichão da costa não me tem deixado dormir. Talvez um soneto em inglês embora seja tal o objeto faça-me dormir.

Whom in life of happiness constant beam

Has ever with inexprimable hearth spread

Expanding with a lightened head

Sothening the digusts *[sic]* on direct the realm

Another day is for the same to seam

And live as from there raptured

But in money so few so bad

What should ilusion constantly team

What can in the world now make

Remembrance shall my business be

On earth is not the obli *[sic]*

To think on her all this myselfness

And the word should tray an earth-quake

She would for me maintain an existance.

4h Para um dos primeiros sonetos em inglês não ficou muito mau. Temia os de Sakespeare *[sic]* que aliás talvez me anime assim.

4 ¼ Já vejo arrebol. 4h 20' Ouço cães ladrar. É O Tempo difícil de levar. 4h ¼ Já entr- *[sic]* isto só com a luz da janela. 5h Bem. Agora até a leitura. 5h ¼ Já comecei a resposta a Daubrée mas não há bastante. O dia ainda negaceia. 50' Respondi a Nioac. 6h 10' Daqui pouco principia a leitura do dia.

8h 7' Tomar café. 12' Bem. 9h ¼ Estou curando pé. ½ Curado. 10h 10' Vestir. 10 ¾ Muito bem para a sala. 12 ½ Almocei bem depois de ler Cléopâtre. Há pouco estive a Isabel com o Antônio. Também já estive a Eugénia Penha. Muito calor. 12h 25' Saiu Leopold Delisle, com quem conversei sobre as notas e outros assuntos como Catulo a propósito do artigo de Gaston Boissier no Journal des Savants.

2h $\frac{3}{4}$ Ouvi Aljezur ler artigo que ele me inculcara sobre o Tratado de Missões. Nada lhe achei de notável. 4h Li.

5h Seibold. Turco, sânscrito – pouco e Camões. Cléopâtre.

7h Jantei bem.

8h 40' Aguardo as meninas. 10h Acabei de ler às meninas e vou para a cama até amanhã. 10h 23' Na cama e bem. Já me lavei e vou ouvir a leitura de Seibold. Fiz uma lista de obras sobre a história do Brasil.

15 de agosto de 1891 (sábado) — 3h Não posso mais dormir. Tinha completado as 5 horas. Não passei mal. Irei logo a Cleópatra. Creio que cheguem as hora de egiptologia e tomara já começar o trabalho. Receio estar atrasado. Minhas relação na Europa eram com Mariette, Brugsch e Rougé e penso que os franceses e também Brugsch. Quero sobretudo saber se bem conhecem a língua semítica dos hieróglifos e a significação de todos os sinais. Ainda não havia cartuchos de todos os reis nem se sabia a significação de todos os cartuchos. Penso que no papiros havia ainda muito que descobrir por não estarem todos no caso das pesquisas fora das áreas e em estado de apreciação. Recomendo as Lettres sur le Nil de Ampère, publicada na Revista dos dois Mundos e Voyage sur le Nil de Soulcy, obras de leitura amena.

São 4h Janela toda escura. Poucos animais vi pelas margens do Nilo. Crocodilos já não aparecem abaixo da primeira caracta [sic] por causa da passagem dos vapores. Vi pássaros e até matei um a espingarda pousada sobre as pedras da 2ª catarata além da qual pouco passei e de onde já trabalha estrada de ferro que talvez chegue a Dongola – no Sudão – muito fértil até onde tencionavam levá-la.

4h 20' Já entrejo [sic] o céu pela janela apesar da luz ainda sobre a mesa. [ilegível] 5 $\frac{1}{4}$ Passei pelo sono. Creio que irei agora. 5h 35' Vou a Cléopâtre. Mas ainda não está muito claro para tipo. 6 $\frac{1}{2}$ Dormi e vou talvez agora ler agora [sic] com proveito – mas hoje estou mole. 6 $\frac{3}{4}$ Tenho estado muito dorminhoco. Vou a Cléopâtre.

8 $\frac{3}{4}$ Café. Soube-me. Continuo a leitura. 9h Vou curar o pé.

9h $\frac{1}{2}$ Já lendo Cléopatra cujo estudo completarei com os livros esperados.

10 $\frac{1}{4}$ Muito bem para a sala. Aguardo a missa. 11h Acabou a missa. Disse-a um lazarista que deu-me notícias de Père David que vai bem e tem notícia de l'abbé Sipolis. Prega esta tarde em Cusset o bispo de Rhodes pregador conhecido. Há de pedir-lhe que me venha ver. Conheço Mgr. Freppel mas ouvi-o n Câmara legislativa de nome Mgr. Perraud da Academia Francesa e o meu amigo Dupanloup.

Aljezur lê no Débats de antes de ontem notícia que não o houvera sido. Foi buscar um Monde e entretanto continuarei Cléopâtre.

12 $\frac{3}{4}$ Cartas de 13 de Gaston e Luis de Wiesbaden.

2h Visita do Arquiduque Aleixo da Rússia. Indaguei quanto pude da Rússia. Vou agora ouvir Aljezur enquanto me massam as mãos. 4 $\frac{1}{2}$ Aljezur leu-me o artigo de Brunetière sobre a Filosofia de Bossuet, é muito interessante. Fui à comadre.

6h 10' Persa, árabe e Camões. Achei outra tradução francesa. Foi-se Seibold e aguardo jantar lendo Cléopatre.

7h Jantei bem. 10h 20' Conversei. Li bastante às meninas e expus o método que pretendo seguir nessa espécie do curso de história do Brasil e já muito bem na cama aguardo Seibold.

16 de agosto de 1891 (domingo) — 3 $\frac{1}{2}$ Nada tive.

Mas a noite passou em comichões

Que não foram os de outrora que só eram

As de alcançar as cousas que entenderam

De tudo em que folgasse as regiões

Só havia complemento e não senões

E rasgo uma folha porque chegada a luz ardeu. Acabarei depois que para bem lê-lo arrisco-me a novo, e lerei Cléopâtre se ela não me trazer sono.

4h Já pus o lápis ao pescoço o lápis [sic] para não cair no chão. A certeza das armas tira quase o desejo de combater.

São 4h. 4h $\frac{1}{2}$ Já clareia. 5h 20' Quis ver se dormia, não pude, volto ao catálogo. 5h $\frac{1}{2}$ Aprecio o descanso, mas tarda-me

luz clara. Forte maçada! O dia não me parece bom. 5h 25' Vou ver se acabo de ler o catálogo. 7h ½ Lendo acordando, mas sem esforço, acabei o catálogo de obras orientais. Marcando as obras que me pareceram mais interessantes.

Agora vou fazer a toilette inferior. 9 ¼ Escrevi idéias sobre egiptologia e acabo de curar o pé. Daqui a pouco vou vestir-me. 10h Já estou na sala e foi tudo muito bem. Agora Cléopâtre. Antes recebi o Compte-rendu de 10. Tem pouco que ler.

11h 5' Ouvi missa e conversei com o padre que disse que a missa o qual não gostou de minha opinião a respeito do modo por que ultimamente se declaram dogmas. Vou a Cléopâtre, mas reconheço que mais a cômodo lerei o Compte-rendu de 10.

1h ¼ Almocei bem.

Terminei o Compte-rendu que mandei anotado a Daubrée escrevendo-lhe.

3 ¾ Excelente visita dos Bispos de Rhodéz e de Rennes deste sobretudo muito menos inteligente do que o outro. 4h ½ Li este livro, Isabel e ao voltar lerei a Imitação. 6h Estive lendo em Le Matin de 15 excelente artigo defendendo o emprego do hipnotismo dos ataques da falsa religião. Tenho passado com muita comichão nas costas a qual vai aliás diminuindo. Cléopâtre e vou jantar.

6h ½ Bem. Terminei infelizmente Cléopâtre.

7h 40' Ainda não apareceram e vou conversar muito comigo mesmo. Se pudesse passar pelo sono era homem. Vamos ver quando surdem.

10h Li bastante. Estão aí Isabel e Eugeninha de quem me despeço para ser carregado para a cama.

10h ½ Já aí estou, feita a toilette. Espero Seibold.

17 de agosto de 1891 (2a fa.) — 4h ½ Passei bem. A janela já está clara. Hei de começar a leitura pelo Bulletin de La Société de Géographie de Paris, 2º trimestre de 1891. Sempre principiarei com luz. Rapport sur le Concours du prix annuel. Entram na comissão de Quatrefages e outros meus conhecidos.

5 ½ Li o relatório muito interessante sobre a viagem de Bonvalot e do filho do Chartres. Já não preciso de luz na mesa. Continuarei a ler com a da janela. Relatório sobre a tradução de Strabão por Tardieu. Já tomei nota para mandar vir o livro. 6h 40' Rabot sobre a viagem de Holme e Graad à Groenlândia. Bem feito. Pena é que não haja assim sobre viagens posteriores.

7h Vou à primeira toilette. 50' Tomei café. 9h Cura do pé. Antes li a Revue de Géographie com artigo muito interessante sobre a Geodésia francesa.

9h 25' Vim muito bem mas ainda carregado para a sala. Carta de Revy de Londres de 15.

2h 10' Conversa interessantíssima com Mr. Camille Rousset. Desejaria poder consignar muito do que me disse. Lefrève de Pontalis da Academia Francesa mandou-me bilhete e eu marquei-lhe amanhã.

3h. 3h 5' Conversei bem com a comadre.

20' Aljezur está lendo. Jornal do Comércio do Porto, de 15. Notícias do Rio. A comissão do orçamento da Câmara dos Deputados apresenta um projeto que marca 120 contos ao ex-imperador do Brasil em termos que me são muito honrosos.

4h 20' Sta. Vitória. Agora lê Aljezur o artigo sobre "Philosophie de Bossuet". Não acabou o artigo e vou a Seibold.

5h ¾ Acaba de sair a filha do Barão de Alegrete. Trouxe-me muita coisa do Rio. Cartas de Tamandaré, Paranaguá e de Taunay. Enfim reconheço grato que lembram de mim. 7h Jantei com vontade. 12' Já tomei café, antes disto, li ainda a Revue de Géographie e talvez leia ainda até aparecerem os jantadores *[sic]*.

8h Acabei o artigo muito interessante do Sudão. 8h 20' Li bem e agora aguardo as meninas.

9h ½ Acabaram de sair os São Joaquin.

Vou ver se as meninas vêm para a leitura. Acabei de ler às meninas acabando o 3º volume. Vou para a cama. 11h 10' Na cama. É mais que tarde do costume e o Seibold não veio. Vamos ver que tal é a noite. Espero seja boa.

18 de agosto de 1891 (3a fa.) — 3h 35m. Não tenham senão muito comichão nas costas e vou ler um pouco até cessar um pouco o prurido.

4 ¼ Acaba a leitura do Bulletin de La Société de Géographie. A luz sapecou três vezes os cabelos. Agora esperarei o dia que já vai brancoleando [sic]; basta de sapeca. 5h 25m Não preciso de vela; mas ainda não posso ler sem esforço na cama. 6h Andei uma hora, e não posso ler bem a cômodo.

Li nos Proceedings mas recentemente publicados da Royal Institutions primeiro onde se trata [ilegível] e do equivalente do calor, umidade da matéria em que tanto tenho pensado por causa de notas do Compte-rendu.

7h Depois do café leio La soeur du soleil. 7 ½ Incomoda-me a fada [sic] de livros d'Egyptologia de que já tenham podido mandar alguns. Só unicamente poderei ir acrescentando alguma coisa. 8h Acabo de tomar café. 9h 35m Vou curar o pé. 9h 25m Agora vou vestir-me e lerei La soeur du soleil romance japonês que me agrada, porém Loti parece ter mais [cor?] local na sua [ilegível] [ilegível].

10h Vou vestir-me tenho lido antes La soeur du soleil que vai me massando. 10h 35m Estou na sala e bem. Sinto que melhora todos os dias. Antes de vir para aqui li bem artigos do Temps de 17 [sobre?] le [Mirabeau?] de [Quesnay?] de que não há de gostar Bousse que aliás é muito injusto para Quesnay. Vou continuar La soeur du soleil.

11h 20m Li Débats que estavam marcados para adiantar a leitura do Aljezur. Isabel bate à porta. 3 ½ Almocei bem. Escrevi em resposta a diversas pessoas do Rio que direi depois. Agora ouço o Aljezur ler o Temps de 18.

4h [ilegível] [ilegível] conversa muito interessante. Ficou de mandar-me obras uma das quais de eles. 4h 10m Aljezur acabou o Temps de hoje e continua a ler o Revue des deux Mondes “Philosophie de Bossuet”.

5 ¾ Seibold. 6h 20m [ilegível] – Isaías [ilegível] [ilegível]. Antes persa, Camões rei bastante da tradução francesa. Ainda tenho outras ou dos franceses e [ilegível]. Mandei pedir de Portugal indicação de outros que haja. Já pouca é a luz.

7 ¾ Tomei café. 8h 5' Não sei como lutei com o sono até agora. 9h 10' Conversamos. A Isabel despediu-se com os SS. JJ. 9h 20' Despedi-me da Isabel e do Totó. Mota Maia lê-me La soeur du soleil. 10h 10' Só o Seibold leu-me o livro do costume. Vou me deitar. ¼ Vou deitar-me. 10h ½ Com toilette e pronto para a noite sempre imensa.

19 de agosto de 1891 (4a fa.) — Não tenho mais sono apesar de sentir-me bem disposto e vou começar o dia, embora durma depois ainda. Lerei La soeur du soleil talvez sirva para despertar o irmão. 5h 10' Vou descansar e esperar a luz clara do dia. 5h ½ Mal dormi não podendo enfastiar-me o panegírico dos falecidos do Instituto pelo José Luís. Passei contudo bem e agora em lugar das costas comerem ardem. Forte maçada! Se não leio maço-me, se leio menos posso esperar e sossegar. Tomara sair daqui.

7h ¼ Dormi bem até agora. Já fiz minha toilette inferior e vou ler o que puder.

7h 37' Li pouco. É melhor escrever. 9h ½ Já curei o pé lendo o romance japonês escrito por francês. Visto-me mais cedo por ter de cortar os cabelos. 9h 40' Escrevi em resposta a Gaston e vou me vestir.

11h Já vi Isabel, cortei o cabelo e estou na sala lendo o romance francês-japonês.

11 ¼ Aljezur. Débats de hoje. 12h 23' Foi almoçar e eu pensei nas relações dos egípcios com o resto do mundo. “Lettres sur le Nil d'Ampère”. Revue des deux Mondes. Excelentes para darem idéia do assunto.

2h 10' Acabei de ler às meninas.

Carta de Daubrée de 18. 2 ¼ Vou ficar de costas. Vou descansar, mas aí entra a Isabel não sei se meu plano será exequível. 3 ½ Dormi e tenho tido sono. Aljezur acaba de voltar e virá ler-me. Talvez não durma. 5 ½ Tudo bem. Acabei a gramática turca. Conversei com a comarca. A hora adiantada exclui o sânscrito e vou a Camões. 6h ¼ Só pude adiantar Camões. Aguardo o jantar.

7h ¼ Jantei bem. Aljezur disse-me lera a notícia do Barone Rosa em Roma. Hei de escrever a Alfieri a tal respeito. 8h Passei pelo sono. Isabel mandou perguntar se podia entrar. A S. Joaquim disse que chovera e bem assim me tinha parecido.

9h 10' Foram-se Isabel, Antônio, que veio beijar-me a mão e os S. Joaquim. 10h 25' Já estou na cama. Antes Seibold começou a ler-me o trabalho sobre Carnot pai do presidente da República por Lefèvre de Pontalis quando o substituiu em 1888.

11h 35' Seibold leu o escrito sobre o Carnot pai do atual presidente da República.

20 de agosto de 1891 (5a fa.) — 2 ¼ Dormi bem. O que dormi de dia tem-me agora desperto. Vou ao romance japonês. 3h ¾ Pontadas não muito agudas no pé esquerdo, mas não é o que não me deixou dormir. 3h ½ A vela está a acabar e depois até...

5h ½ Creio poder dizer que acordei. 7h 35' Escrevi em resposta à carta de dias de Daubrée. Li Revue Rouge e vou ao café. 7 ¾ Acabo de tomar café.

8 ¾ Li Revue Rouge como complemento do Compte-rendu e respondi a carta de Daubrée de la Romazère de 18. 9h ¼ Curei o pé. Li o romance japonês mas bem francês e vou me vestir. 10h 5' Na sala e muito bem. Antes li em O Tempo de 29 de julho – os artigos “29 de julho”. Não parece de folha republicana embora não veja sempre injustiça nos republicanos e “Ecos da cidade”. Idem. Carta muito interessante de Revy de Londres, 18, respondendo à minha a respeito do balão e enviando-me artigos curiosos do Times de 18 “The Congress of Hygiene” e outros sobre o Brasil. Este tem muitas falsidades e parece de apaixonado. Acaba dizendo “Brazilian Emigratiron Bubble”. La Croix de hoje. Jansen voltou para Chamonix onde estuda com Mr. Infeldt engenheiro a construção de um observatório no alto do Monte Branco. Já escolheram o local, 7m acima da falda meridional.

Tive discussão com a Isabel que pretende ir a Paray-Monial o que lhe aumentará fama de beata prejudicando-a na opinião. Mas não faz mal e vá. Veremos se Gaston a acompanha.

12 Almocei bem. 1h Acabei de ler a Notice sur M. Hippolyte Carnot par M. Lefèvre Pontialis.

2 ½ Li às meninas. Está o Padre Vieira de viagem para o Maranhão apesar de todos os obstáculos.

3 ¼ Seibold veio ler pelo Aljezur e leu-me o Débats de hoje. Estive me coçando.

4h Sai o bispo de Rennes que é bom latinista e conversamos a respeito de nossos amigos, Homero, Virgílio, Lucrecio, etc.

6h 5' Seibold – Persa, sânscrito, Camões. 7h ½ Jantei bem e estou esperando. Felizmente não continuará a vida muito Tempo assim.

8h 35' Li à Isabel a Corbeille de Mariage par M^e Etincelle que lhe mandou. Daubrée assistiu à representação em casa da autora a Barinne Double.

9h 5' Li o romance japonês-francês à Isabel que se foi com Antônio e a Eugeninha. Estou sozinho. 10h 10' Já preparado na cama e sinto-me bem para dormir. ¼ Reconciliei-me com a comadre e espero dormir bem depois de ainda ler. 11h E li até agora e ainda mais poderia fazê-lo. O romance distingue-se mais pelas descrições da natureza, aliás sem cor local do que pela história, costumes e usos.

21 de agosto de 1891 (6a fa.) — 3h ¾ Dormi bem, mas não sei como passe esse tempo. 4h ¼ Já se vê bem no arrebol na janela. São quase 5h. E zéfiro já há muito folga com a aurora. Jam sidera cadent – há muito caíram elas – mas não persuadem o sono. Estou bem desperto.

6h 6' Escrevi a Nioac e a Revy em resposta a ambos. 50' Tinha estado a ler Perfles et Miniatures que me tem agradado apesar da afetação e o romance japonês conforme a luz de que dispunha. 7h 50' Continuei a leitura de Perfles et Miniatures – Tenho gostado. Acabo de tomar café e vou ler.

8h ½ Ainda não venci o sono. 9h 5' Acabo de dizer adeus à Isabel, apesar do que lhe aconselhei insistiu em ir a Paray-Monial.

10h Curei o pé. Li o romance. Ai escrevi o que o que sei até agora do Japão e vou vestir-me. 10 ½ Tudo bem, é que vou ficando melhor. 11h ¼ Estou com muito sono e não posso terminar o romance. 35' Comecei o almoço e vou ler enquanto não vem o resto. 12h 5' Bem. 2h Li às meninas bastante.

2h ¼ Comadre. Seibold lê-me os jornais. 3 ¾ Bibi (Abreu) que prometeu-me atas de um congresso de Madri e Sta. Vitória. Mandeí chamar Seibold para ler-me outra vez e estudar com ele. Não pôde vir por se esta preparando para a lição. 4h 40' Romance japonês.

Seibold. 6h 5' Persa. Já estou traduzindo frases. Árabe, Camões. Comecei o 8°.

7h Jantei bem. Aljezur chegou bastante tempo. Nada de interessante de Paray-Monial. 9h ½ Acabei o romance japonês e o final agradou-me. Já fiz minha toilette e estou na cama de onde pensei que melhor ouviria a leitura, pois me estavam comendo muito as costas.

10h ½ O Seibold sempre alerta retirou-se sem que me despedisse dele. Vou descansar, mas às 3 para 4h da madrugada já estarei sem poder dormir.

22 de agosto de 1891 (sábado) — 2h ½ Não teria passado mal se não fosse a comichão nas costas. Esperava que mais tarde vou começar o folheto do Taunay sobre Mato Grosso. Mas lembraram-me notas para as idéias de egiptologia e já as escrevi. Verei se passo pelo sono. Se não puder vou ler folheto de Taunay.

O pé esquerdo não está como ontem, incomoda-me um pouco. Não pude mas é preciso não fazer nada ao menos. Escrevi as notas e ficarei de barriga para o ar até clarear. 4. Pois já são 4 ¼ e nada de novo. Poderia fazer meu soneto, porém forte obra de fancaria. Alvissaras! Já clareia. 4h ¾ Enfim! Mas não para ler. 5h 5' Lavei as costas. Estou melhor do ardor. O Guilherme tem boas qualidades mas é dorminhoco e falou de se ter levantado esta noite 15 vezes. Só se o fez muitas eu a dormir. 5 ¼ Já está bem claro – mas na janela.

6h 10' Li a Revue Scientifique do Débats de 23 de julho. Não sei porque tinha ficado de banda e rasgada. Vou mandar arranjá-la. Tem notícias muito curiosas. 7h 5' Li os dois discursos que muito me agradaram e um dos quais foi justo para mim perante “L'oeuvre antiesclavagiste” pronunciado em Nantes a 19 de 7bro de 1890, e em Bruxelas a 29 de abril de 1891 na reunião das Sociedades anti-esclavagistas [*sic*] pelo membro do Instituto Lefèvre Pontialis. Vou principiar a ler o folheto do Alfredo Taunay.

9h 40' Já tenho lido bastante – Gostei. Agora vou me vestir. 10h 25' Muito bem na sala, mas ainda não é com meu pé. Continuo a leitura do folheto do Taunay. 12h 20' Para espantar recordei meu trabalho sobre Rabelais, mas o sono está bravio e tentei tonteá-lo com leituras variadas. 2h 20' Li bem às meninas. Disse bons dias à comadre e está bem comigo. 4h 37' Aljezur leu-me o resto do belo artigo de Brunetière sobre a doutrina em Bossuet. Conversei, continuei o trabalho de Taunay a respeito de Mato Grosso e vou a Seibold.

6h 5' Persa, hebraico, Lusíadas. Vou jantar. As costas sempre foram coçadas e apronto-me 6h 0' [*sic*] para jantar. 5h ½ [*sic*] Li o folheto e o jantar aí está.

7h ¼ Escrevi a Benoist d'Azy por causa de moléstia da família e desculpando-me de ainda não ter acudido ao seu convite. 9 Jantei bem. Depois estive conversando com a Isabel e sua companhia. Estou com Aljezur. 10 ½ Minha filha e o Totó assim como Eugeninha. Ouvi ler o Seibold e muito bem disposto. Vim para a cama e creio que dormirei muito bem. Pus creio que Licopodio nas costas e veremos como passarei da coceira. Vou começar Saint François – La Terre Sainte. 1 Août 4 n° 1, 1^{ère} année. 11h 20' Li. Ainda não posso julgar desta espécie de revista. E dormir.

23 de agosto de 1891 (domingo) — 3h ¼ Dormi. 6h 20' Acabei de ler o folheto do Taunay – Muito me interessou. Vou descansar, mas não penso que dormirei. Quase 8h. Estou assentado na cama lendo. 9h Li o belo artigo de Cherbulliez na penúltima Revue des deux Mondes de 1°. Não gostei da parte que não se refere às belas artes. Começo o artigo sobre Hübner. Creio que ainda poderei ler La Guerra d'Espagne. Só não lerei o romance.

2 ¼ Mais de hora de leitura às Motas Maias. Visita da viúva Guimarães que é aparentada com os Guerras. Minha filha estava aqui. Foram-se.

Aljezur vai-me ler os jornais Débats de 22 – Inscriptions et Belles lettres – Ravaisson – comunica que o filho terminou a publicação do manuscrito de Leonardo da Vinci. 5 ¼ Sempre tenho o Tempo para Seibold. A leitura de jornais pelo Aljezur tomou-me todo o Tempo.

5 ½ 6h ¼ Acabei de ler à Isabel. ½ Julgo que não esqueci nenhum dos prosadores portugueses cuja leitura creio que aproveitará à Isabel para conhecimento da língua portuguesa. Acrescentarei todos os escritos dos Padre Vieira (Sermões, cartas, etc.).

7h 25' E ainda e eu sozinho. Custa. 9 ¼ Câmara ótica do Antônio divertiu-me somente por estar ele alegre, mas vistas mal iluminadas e vou para a cama. 10h 35' Vim para onde estou mui bem e espero passar boa noite, e a mesa já com apetitosa leitura para amanhã. 10h 50' Li bastante dos vols. XIII, Part. I, n° 84, February 1891, dos Proceedings da Royal Institution. Não tenho sono mas fica para amanhã. Tem-me interessado.

24 de agosto de 1891 (2a fa.) — 1h $\frac{3}{4}$ Dormi bem, mas as costas comem-me novamente muito. A Revue des deux Mondes é a de tipo maior. Já há mais moderna que esta do 1º, porém ainda não a recebi embora de 15 de 15 embora publicada dias depois podia estar aqui *[sic]*. O remetente de Paris não é ativo. 3h $\frac{3}{4}$ Penso que não dormirei mais, porém não sei que lerei bem senão a Revue des deux Mondes. 4 $\frac{3}{4}$ Acabei quase todo o artigo que só me interessou por eu conhecer esses lugares da Guerra da Espanha. A aurora já clareia, mas só com a vela acabarei o artigo. 5h $\frac{1}{4}$ Acabei o artigo, mas a manhã vai clareando bastante. 6h Já me lembrei do Jourdan lendo um pouco de sua obra que anoto. 6h Descansei por alguns instantes. Nada de sono, uma conversa agora sabia. 6h 25’.

9h Proceedings, mas já bastante sono que ainda dura. Carta de Ouro preto e vou curar o pé. 10h $\frac{1}{4}$ Tudo bem. Estou já assentado na sala. 11 $\frac{1}{4}$ Recebi o Compte. Já o li pois contém pouco. Anotei-o e vou mandá-lo a Daubrée a quem os escrevi. Continuo os Proceedings. 1h Almocei bem e Proceedings que termina depressa se não estivesse caindo de sono. E ninguém para fazer-me companhia. 1 $\frac{1}{2}$ Mande a carta a Daubrée com o último Compte-rendu anotado por mim.

Aguardo as meninas. 2h A leitura às meninas foi interrompida pela visita de um padre de quem falou continuando até agora e vou em lugar de Aljezur que foi à sua sociedade, ouvir Seibold ler o Débats de 24. Ereção da estátua em Mondeva da estátua *[sic]* de Carlos Emmanuel 1º – O Grande – 1580-1630. 4h Foi uma campanha com a comadre, mas venci-a. Massagem das mãos. $\frac{3}{4}$ Li nos Proceedings T. E. Thorne on the Gow of Phosphorus. 4h 50’ Seibold. 6h Persa, árabe e Camões. 6h 25’ Proceedings. Prof. Fitz Gerald on Electromagnetic radiation.

7h 7’ Jantei bem. Vou já arranjar as leituras até amanhã. Quando virão? 9h 5’ Vieram Isabel, Eugeninha e s. Joaquim, mas a comadre acaba de afugentá-los.

10h $\frac{1}{4}$ Boa leitura do Seibold e vou para a cama na esperança de boa noite. $\frac{1}{2}$ Tudo arranjado para amanhã. 11h Vou descansar depois de ter lido um pouco dos Proceedings.

25 de agosto de 1891 (3a fa.) — Quase 3h. A urina atrapalhou-me. Tive de mudar duas vezes e as costas arderam-me bastante. Além disto o Jean não me agrada, contudo esperando que o faça mais do que o Guilherme. Agora estou quase como ontem, com a leitura artificial custa-me a continuar os Proceedings. 4h 20’ Já está raiando a aurora. $\frac{3}{4}$ Já li o nº de 1 de maio do Echo Mensuel da Terra Santa. 6h 5’ Sinto-me bem – mas falta-me a perna para correr daqui. 7 $\frac{1}{4}$ Acabei a leitura da Revista da Terra Santa. Echo Mensuel mês de julho. Não sei que lerei agora, pois Jornal do Comércio de 1 e 2 do corrente – Papéis do ex-imperador – ofício de nosso Ministro em Nápoles sobre a morte do Silva Jardim. Questão das Missões. “A S. M. Imperatriz do Brasil”.

10h 20’ Tudo muito bem. Estou na sala. 11h Já tinha lido as notas livro espanhol do Rio da Prata, mas o sono não me deixa abrir os olhos, entretanto tendo lido já versão dele. Quase 1h e quase almoçado. Tenho lido Meoun de que gosto muito apesar de afetado às vezes. 1h $\frac{1}{4}$.

2h Estive com José Paranaguá, mulher e sogra. Seguem breve para Voiron e depois para o Brasil. Encarreguei-os de lembranças para todos e disse-lhes que procurassem vir com o Paranaguá e Argemirinha até cá.

3h 20’ Isabel, Camille Doucet – conversa muito espirituosa – questão de quem saberia o novo acadêmico. Eu lembrei Renan, se não Gréard o indicado, pois a resposta a Freycinet e terá muito de política e no caso a ironia será descabida. Seibold está me lendo os jornais franceses. Foram marcados para o Aljezur.

4 Acabo da massagem das mãos. Escrevi à Isabel por ter saído dizendo que eu desejava que fizesse por mim ao jantar a saúde pelo aniversário de hoje.

6h Persa, Homero, Camões. Recebi Revue des deux Mondes de 15 e Britanique de agosto.

7h 5’ Jantei bem e tenho menos sono. 10h 20’ Seibold leu e vou para a cama. 10h 40’ Já arranjei para dormir e para ler ao acordar e talvez ainda antes de dormir. 11h 10’ Proceedings, fiquei no trabalho de Mr. Bradenell Carter On colour-vision and colour-Blindness.

26 de agosto de 1891 (4a fa.) — 3 $\frac{1}{2}$ Não pude dormir bem, comendo-me ainda as costas, porém não o sinto, o que me faz estar já escrevendo. Quase 4h. Mal bruxuleia. O pince-nez não supre os óculos, contudo pouco falta ler dos Perfíles y Miniatures.

4 ¼ Nem sono nem luz! E pince-nez insuficiente. 4h 20' Custa a alvorecer. Quase 5h. Está bastante clara a janela. 6h Falta-me o último perfil e custa-me a lê-lo. Tratando de Phedra, que certamente muito bem representava Sarah Bernardt [*sic*] devia pelo menos fazer referência à Ristori. Respondi à Mana Januária. Já estou de pé curado que vai bem e daqui a pouco visto-me.

10h 10' Na sala e tudo muito bem. 12 Li Proceedings muito interessantes. Acabo de almoçar com vontade. 1h Seibold leu-me Débats e Temps pelo Aljezur e vou.

Estive já com os Carapebus e massei as mãos. 20' Sairam daqui o negociante estrangeiro que esteve 30 anos no Brasil. Chama-se Taizon, a irmã vi-a no Brasil com outro nome do outro marido.

4h ¾ Seibold. Li até agora os discursos por ocasião de Mr. Coudreau à Sociedade de Geografia e escreverei a de Quatrefages a respeito do que interessa aos limites do Brasil.

6h 7' Persa, hebraico – breve acabarei Isaías o último livro poético que me falta e traduzirei os históricos e Camões faltando para acabar o último canto 70 e tantas 8^{as} que espero ler amanhã. Ainda tenho a tradução francesa em verso e 2 italianas e as mais segundo a nota que pedi para Lisboa. Vou jantar, tendo lido o discurso de Coudreau que está quase no fim. 7h ¼ Vamos se já vieram os livros que pedi para Paris por intermédio de Mota Maia. Estão encantados.

9h 29' Conversa larga com Silva Costa sobre diversos assuntos. 9h ¾ Seibold lê. Fiz antes bom toilette e verei como durmo. 10 ¾ Seibold leu até agora mas via-se que queria acabar.

27 de agosto de 1891 (5a fa.) — 1h 40' Não tenho sono mas não tenho novidade, comem as costas. Ainda vou coçá-la. A comadre tendo-me enganado. Vou começar o livro que publicou e me trouxe o José da Silva Costa. Ele merece esta prova de estima. 3h ¼ Acabei e vou ver ainda se durmo. 4h 10' Não pude dormir. E há já arrebol.

6h ¼ Já escrevi ao Daubrée com o meu protesto ou antes retificação do que ele disse a respeito da região do Oiapoc na apresentação de Coudreau à Sociedade de Geografia. 7h Respondi ao Gomes de Amorim que está em Cintra e o expediente do dia está feito. Vou descansar e tomar café se não tornar antes aos Proceedings da Royal Institution. 10h Tudo muito bem. Continuo Proceedings. 12h Dei ao Silva o livro seu anotado por mim, depois conversamos longamente, almocei. Vieram Isabel e o Antônio. Vou aos Proceedings.

11 ¼ Motas Maias. 2h 6' Vão-se as meninas. 2 ¼ Veio Seibold com [*filegiwel*].

3 ¼ Larga conversa com Silva Costa sobre negócios da casa e assuntos filosóficos.

4h Acabaram de massar-me as mãos lendo-me Seibold os diários. 4h Tive um ataque de sono e mandei chamar Seibold para ler-me. 4h ¾ Vem começar a lição depois de mandar buscar a obra de Lavisse 1º vol., La jenesse du Grand Frederico. 6h Persa, árabe, Camões.

50' Jantei. Antes conversei. Li Libertad de José Tomas Guido.

9h 20' Para a cama. 10h 40' Seibold leu até agora. Só falta um capítulo. 11h 5' Ainda acabei do livro de Guido o descobrimento da América e espero dormir bem.

28 de agosto de 1891 (6a fa.) — 1h 50' Dormi bem, mas – não tenho sono e vou ler um pouco. Os cães estão ladrando. Continuo La Libertad de Guido no estudo “La revolution [*sic*] de Mayo”. 2h 10' Parece um dos artigos de jornais reunidos neste livro.

5h 7' Não dormi mal, porém senti muita comichão nas costas, as quais já foram bem coçadas. Vou ler o livro de Guido A batalha de Chacabuco (febrero 12). Li Batalha de Maipo (5 de abril). Batalha de Janin (agosto 6).

6h ¾ Mandei tirar a luz. 9h 50' Pé curado, vai muito bem. Jornal do Comércio do Rio de 5 ou 7 de agosto – “O Imperador do Brasil”. Assinado “Um amigo” dizendo que pelo meu caráter não posso aceitar a pensão. 10h 25' Tudo a melhor até a sala. Carta de Gaston de 25 de Semiana, de Revy 26. Manda um impresso British Association. Dr. Strahan read his paper on “Instinctive Criminality”.

11h 40' Num intervalo do almoço conversei com o Aljezur que é muito razoável e tolerante em tudo o que não seja religião. 48' Vieram Isabel e Totó da ducha. 1h 5' Conversei com Silva Costa e concordei em recusar a pensão e no modo de fazê-lo. Meus bens dar-me-ão renda para viver onde quiser. 40' Tenho estado a ler o livro de Guido aguardando as Motas Maias. 2h 10' Seibold já lê os jornais. Jornal do Comércio do Porto de 26, Rio 5. Na discussão da dotação de 120 contos o

deputado Caetano de Albuquerque apresentou projeto de revogação do banimento que caiu por 163 votando a favor 10. Na sessão de 9 o deputado Bevilaqua apresentou emenda de ser paga a dotação prestações mensais na Europa câmbio de 27.

4h $\frac{3}{4}$ Conversei com Carapebus sobre assuntos interessantes a ambos e vou a Seibold.

6h Persa, sânscrito, acabei a tradução francesa em francês e encetei a que é em verso e já me parece um sacrilégio.

9h As Motas Maias não vieram de manhã para lhes ler por terem estudo. Conversei com o Silva Costa que foi ao teatro com S. Joaquim. Li a carta de Mgr. Perraut Bispo de Autan e fico descansando até ir para a cama. 9h $\frac{1}{2}$ Na cama e preparado para descansar. Seibold lê. Entregou-me de M^{elle} de Kantzow de 24. 11h Falta pouco para acabar o livro.

29 de agosto de 1891 (sábado) — 2h $\frac{3}{4}$ Passei bem a noite mas com grande comichão nas costas. Tem-me feito coçar, mas não basta. 3h 20' Li o mais importante livro de José Thomas Guido. Vou completar minhas horas de sono. 4h $\frac{1}{4}$ Não posso dormir. As costas estão muito melhor. 5h $\frac{1}{4}$ Na Revista de Portugal n° 18 deste ano li um artigo sofrível sobre Klopstock. Há outros artigos que me atraem. 5h 20' Vou descansar um pouco para principiar Marta por Carlos Maria Ramirez que julgo ser o que foi Ministro Oriental no Rio.

Respondi a carta de Kantzow de 24. Respondi também a carta de Gaston de 25.

7h $\frac{1}{2}$ Passei pelo sono e vou ver o que faço. 7h 40' Já tomei café e sinto-me bem. 9 $\frac{1}{4}$ Curo o pé. Despede-se Silva Costa, a quem o livro de José Thomas Guido e leio a Revista de Portugal. 10h 10' Bem. Assentado na sala. Quase 11h. Acabei de ler a Revista de Portugal e defesa das acusações que me faz F. de S. na revista literária roubar-me-ia muito tempo para aumentar meus conhecimentos.

11h 5' Aljezur vai ler-me o parecer sobre o Tratado. É muito bem provado nosso direito.

2h 10' Pouco conversei com a comadre.

3h 20' Conversei muito agradavelmente com o Coadjutor de Rennes que muito me agrada. Seibold mandou dizer que não tinha que ler de interessante nos jornais. 4h 20' Lefèvre Pontalis veio muito a propósito. Conversamos a respeito dos dois discursos que ele me trouxe. Deu-me agora sua obra sobre Jean de Wilt.

5h Estive com o Bispo Rody. Conversa muito agradável. Conversamos sobre diversos assuntos entre os quais o melhor futuro Papa, conforme os cardeais que conhecemos.

6h Persa, árabe, Camões. Esta tradução embora mais difícil em verso é muito ruim.

7h Jantei quase inteiramente e bem. Falta a sobremesa. 9h 50' Tudo bem. Na cama para ouvir Seibold. Acabou o livro. Leio no Temps de hoje correspondência muito importante do Rio. Dans l'Inde por Chevrillon. Começou a ler.

11h Foi-se sempre com desejo de se retirar e vou dormir.

30 de agosto de 1891 (domingo) — 2h $\frac{3}{4}$ Dormi bem. Cominchão [*sic*] das costas melhor. Vou ao livro sobre Salomão de Mgr. Meignar arcebispo de Tours. Quase 4h. O folheto Etude topographique trabalho de Frère Liévin e este mandou que é muito bem feito. 5h 35' Dormi ainda mas já está muito claro. Sono como quase há muito não me sucede.

6h 20' Escrevi em resposta a Nioac Uriages – não sei se chegará – e a Daubrée. Continuo Salomon e espero o café. 8h Café. 9h $\frac{1}{4}$ Li Marta de que muito tenho gostado e já curei o pé.

10h Vim muito, porém carregado para a sala. Cartas, duas da Januária e uma da Chica.

10h $\frac{1}{2}$ Missa daqui a pouco. O padre prepara tudo. 11h Terminada vieram algumas pessoas além de nós. Estive conversando com o padre Donnet que disse a missa. É de Toulouse de que falamos. Conhece alguém que está para publicar um livro sobre o basco e pedi-lhe que lhe escrevesse mostrando meu desejo de possuir o livro.

1h Li no Jornal do Comércio de 9 do Rio o que me interessava.

2h 10' Conversa interessante com Leopold Delisle que volta amanhã para Paris.

Diários do Comércio de 5 e 6. Discussão sobre minha pensão. Nada tenho lido nos jornais do Rio que possa ofender-me. Dei as minhas notas sobre elas Mota Maia escrever a Taunay.

4h $\frac{1}{2}$ Aljezur leu e agora vieram o Sta. Vitória e Carapebus.

5h 10' Evêque de Rhodes com o professor de arqueologia da Biblioteca Nacional Charles Wescher. O Aljezur lê depois o Monde de 28. Débats de 30.

6h $\frac{1}{4}$ Li à Isabel “Luz e Calor” e a Imitação de Cristo.

Agora deve chegar o jantar. 6h $\frac{1}{2}$ Já jantei em parte e com apetite. Isabel escreveu. 7h Tomei café e creio que não irei mais até ir para a cama. É às 7h 50' A apresentação interessou-me porém devia ter durado menos. Estiveram os Carapebus, cuja filha não vai bem. Espero a água fresca para beber e dormir.

31 de agosto de 1891 (2a fa.) — 2h $\frac{1}{2}$ Não posso dormir, comem-me as costas, porém não posso ler sem dificuldade. Ficarei pois de luz acesa a desafiar a aurora e entretanto pensarei.

4h $\frac{3}{4}$ Não tenho sono mas julgo que ainda dormirei. Vou tentar contudo ler Marta. 5h 50' Talvez já dispensei a vela. 6h 20' Mando tirar a luz, mas já o pudera ter feito. 7h 10' Até agora Marta e de ora em diante lerei Salomon. Vou ler assentado. Quase 8, tomei café. Sinto-me bem. Continuo Salomon. 8h 25' Escrevi em resposta à carta de 26 de Revy de Londres. 8h 40' Pé curado e muito bem. Arranjei algumas cousas, mas ainda conseguir ordem completa. Vou ler Salomon até vestir-me. É mais cômodo Marta.

10h Chega Compte-rendu de 24 10h 37' Muito bem. Já estou assentado na sala. Vou ao Compte-rendu. Li antes o artigo "O Sebastianismo". A pensão do Imperador de Anfrísio Fialho o que sinto é que ele pudesse citar essa frase de Ferreira Viana, referindo-se a mim "um príncipe usurpador e conspirador". Disse-o na Câmara dos Deputados. Telegrama de Avigon [sic] 27 Jury cour d'amour a décerné a Sa Majesté grand diplôme d'honneur hors concours. Respectueuses et ardentes félicitations. Grand Rabbin Mossé.

12h $\frac{1}{2}$ Agradei por telegrama e de balde procurei conversar com a comadre.

1h $\frac{1}{2}$ Continua a leitura às Motas Maias. Começada. 1h $\frac{1}{2}$. 2h 20' Foram-se as meninas e li-lhes bastante. Dei um exemplar de impresso de Mossé com minha assinatura, datado de Vichy a Seibold.

2h $\frac{3}{4}$ Escrevi a Franck pedindo-lhe uma obra de Thonissen de que se falou na sessão da Academia das Ciências Morais de 29.

4h $\frac{1}{4}$ Massagem das mãos, Seibold leu diários franceses. $\frac{1}{2}$ Acaba de sair Camille Doucet que veio despedir-se. Conversa agradável como sempre.

4 $\frac{3}{4}$ Seibold. 6h Persa, árabe e Camões – a tradução francesa chamá-la-ei verdadeiro sacrificio.

7h 5' Jantei com apetite. Antes acabei de L'éternel secret que tem belos pensamentos e bons versos. De quem será? Quase que di-los-ia de Sully Prudhomme que tem boas relações literárias comigo pelas suas odes e tradução empreendida de Lucrécio. 8h Enfim vieram não vieram ver-me [sic] e contudo estiveram aqui Marés da minha academia e Nourrisson da das Ciências Morais e Políticas.

10h 35' Muito bem na cama e preparado para dormir de 11 ou 11 $\frac{1}{2}$ até 4 ou 4 $\frac{1}{2}$, veremos. 11h Leitura da obra de Chevrillon dans l'Inde informação interessante do Budismo.

1 de setembro de 1891 (3a fa.) — 3h Dormi bem e não me incomoda a coceira. Vou ler Marta. $\frac{3}{4}$ Vou descansar os olhos pensamentando. Dia de todos os Santos, do grande terremoto de Lisboa creio que em 1755. Penso que não houve terremotos nestas paragens. Hei de perguntar a Daubrée. 4h Nada de clarear. Também vamos chegando ao equinócio de outono. Não sei qual é a precessão que marca o período de 21 a 22.000 anos. O maior é o Zodíaco quando ao nascimento da estrela Sirius coincide com o do sol. Não me lembro de quantos anos está no compêndio de astronomia que escrevi para minhas filhas. Não sei por onde anda. Tinha-o emprestado a Mota Maia para os filhos copiarem-no.

4h $\frac{1}{4}$ A 21 ou 22 de 7bro [setembro] nasce o sol às 6h. Tenho ainda que esperar hoje. 21 – $\frac{1}{4}$ Já vejo sofrível claridade. Pouco mais de uma hora $\frac{1}{2}$ antes de 6 devia ter ele nascido. Não sei que astronomia me servirá até poder ler sem vela. Por isso sempre quisera deitar-me mais tarde, se houvesse pessoas que me lessem. Seibold cansa e parece gostar de sair à noite. Aljezur é falta de vista. Mota Maia tem a família. Eu tenho estado doente. Já li muito na minha e o pé priva-me de sair do hotel.

5h Vou ver o que posso aproveitar do Figuier de 1891 para o compêndio de astronomia atrasado sobretudo na parte física. 5h 50' Já li bastante de astronomia no Anuário Científico. Pode servir para o meu compêndio. Daqui a pouco havendo mais luz quase 6, lerei Marta. 6h 20' Passei [ilegível] pelo sono. 6h 40' Passei pela vista a fim dos considerandos que muito agradaram a favor da empresa para colonizar, com assinaturas dos Drs. Jacinto Álvaro Ferreira da Silva e o

mesmo pelo Dr. Francisco Álvares da Silva Campos. Procuo o princípio como um último balanço do tesouro de que me falam. 7h Descansei. Volto a Figuiet. 7 ½ Está acabando a parte da astronomia.

Lavei-me por causa da comichão e espero o café. Nada ou pouco achei a aproveitar para meu trabalho para os netos. 9h 23' O pé já está quase curado e enrolado. 11h 20' Já assentado na sala para onde vim muito bem.

11h Escrevi a Hasson e a Daubrée recomando *[sic]* o Dr. José da Silva Costa que quer matricular o filho na Escola de Direito de Paris. Continuo o livro Salomon. 11 ¼ Apareceu-me Aljezur e falei-me *[sic]* sobre os diários que desejo ler.

12h 6' Salomon. Almocei com vontade e apareceu Isabel que vinha da ducha. Vou a Salomon. 12 ½ Muito sono. Para variar Marta. 2h Grande destempero que fez-me bem. 3h Assinei diversos exemplares das poesias hebraicas provençales que mando às pessoas de que anexarei lista. 4h Seibold leu-me Débats e Temps. Neste vem resumo de um discurso de Père Loyson onde há muito de sensato. 4 ½ Acabei de assinar exemplares das Poésies Hebraiques para diversas pessoas e vou à lição depois que chegar Seibold.

6h Persa, árabe – muito pouco e Camões achando esta tradução francesa cada vez pior. Custa crer tal sacrificio. 7h 20' Passei pelo sono. Tinem pratos, riem, falam e eu à espera! 10h 25 Chegou o Nioac e conversei longamente com ele a respeito de tudo o que me interessava. Já estou na cama preparado para dormir e o Seibold já me lê o livro de ontem sobre Ceilão. 11h 5' Ainda não se expôs a religião de Buda. Vou dormir.

2 de setembro de 1891 (4a fa.) — 3h ¼ Dormi bem. Coçam-me as costas. Vou continuar a ler Marta. 4h 5' Já claro, mas não haverá engano? 4h ¾ Vou descansar até poder ler sem vela. 5h ¼ Já vejo muito bem. 9h Terminei o 1º volume da Marta de Ramirez que estive no Rio como Ministro oriental. Fala de mim.

Já curei o pé e vou-me vestir – mas quero começar o 2º volume cuja leitura será maçada pelo prazer da do 1º. 9h 50' Já na sala e muito bem. 10 ½ Sai o Nioac. 11h 5' Salomon. Vou almoçar.

20' O Aljezur leu notícias do Jornal do Comércio do Porto – Enterro de Latino Coelho que veio de Cintra para Lisboa. 1h ¾ Leitura às Motas Maias e busquei falar à comadre. Aguardo Seibold. Carta de Daubrée de 1. Li pouco e o Vasconcelos de Cannes e já aqui chegou ontem e acaba de sair. 5h ¾ Estive com Welscher professor de arqueologia da Biblioteca Nacional e colhi muitas informações prometendo-me ele uma nota das publicações mais interessantes.

5h 55' Chamaram Seibold para o jantar. Persa somente. Há pouca pontualidade neste hotel. 6h ½ Já comi a sopa que sempre me sabe. 9h 50' Conversei depois do jantar com as pessoas do costume e sobretudo com o S. Joaquim voltando de Paris, melhor ficou a Eugeninha Pena que está um pouco incomodada. A Isabel e o Totó despediram, ainda conversamos os três, eu Aljezur e S. Joaquim.

Já estou na cama preparado para dormir depois da leitura do Seibold. 11h. Era curioso ver como Seibold queria apressar o fim da leitura.

3 de setembro de 1891 (5a fa.) — 3h 50' Dormi bem embora com coceira. 4 ¼ Ainda não bruxuleia ao menos distinta. Li o folheto do Dr. Fines de Parpignan sobre o inverno de 90-91 e seus efeitos. Agora já vejo bem a aurora. 4h 20' Leio o 2º vol. de Marta. 5h Li na Revue Rouge a nota dos trabalhos da Academia das Ciências de que informaram o próximo Comptendu que ainda não chegou. Quase 6h. Já escrevi ao Daubrée *[ilegível]* da última sessão da Academia pela notícia da Revue Rouge de 21. 7h 5' Vou coçar as costas e variar de leitura – talvez Salomon. 7h ½ Annuaire Scientifique de Figuiet – com muito sono e espero o café.

9h ¾ Tomei café e vou ao Annuaire Scientifique do ano passado de Figuiet 9h 20' Curado o pé. Vou me vestir. 55' Estou na sala. Para experimentar tirei o aparelho. 11h 20' Comecei a almoçar tendo antes estado com Nioac e Aljezur.

Recebi também carta do Taunay de Petrópolis a 8 por intermédio do Rebouças que escreveu no sobrescrito – com as mais afetuosas lembranças do André – Que o André Rebouças.

11h 50' Almocei com vontade.

12h 25' Li Marta até o fim e escrever ao Krupp o filho do Coutinho. Escrevi em resposta ao Pedrinho e darei a carta à Isabel.

1h ¾ Li Marta.

Viúva Coutinho e filhos que vão para Paris.

Temps e Débats. Temps de 1°. Revue Scientifique. 4h ½ Archevêque de Rennes com quem muito conversei. Falamos da oposição do baixo clero aos bispos e que pode ser grave.

4h 50' Ulisses Cruz. 6h É médico. Não me pareceu inteligente. Acabou de formar-se na Bahia.

Seibold – Persa, hebraico e Camões comparado a uma tradução francesa em verso que é uma lástima. Coço as costas.

6 ¾ Jantei bem. Falta a sobremesa. 7h Acabo de tomar café. Que tal será a noite?

10h Conversa largamente com o Nioac depois de retirada de toso *[sic]* menos Aljezur dos sucessos referentes à guerra do Paraguai e já estou na cama preparado para ouvir Seibold e depois dormir. O dia de hoje foi bom.

10h 10' Começa a leitura do Seibold. 11h Acabou a leitura interessante que se ocupa também da religião de Buda.

4 de setembro de 1891 (6a fa.) — 2h Está me coçando. Não tenho sono. ½ Comichão e já vou ler. Quis dormir mas vou já ler Marta. 3h Ouço chover bastante. 4h ¼ Tenho descansado e agora friccionam-me agradavelmente as costas. 4h ½ Enfim vejo bem a aurora na janela. ¾ Clareia depressa. Li um pouco do anuário científico do Figuiet porém vou a Marta cuja impressão lê-se melhor.

5h ½ Café – mas antes de mim devo dizer que já me tenho lembrado diversos de meus quase 50 anos de felicidade – Torno a Marta. Antes do café li um pouco do Anuário Científico a que é preciso dar muita atenção.

7h 55' Boa descarga de intestinos. 9h Estou curando o pé. Li Marta. Despedi-me do Nioac. O Mota Maia teve e ainda tem forte nevralgia no lado direito da cabeça. 9h 40' Vou me vestir. 10h 5' Muito bem até a cadeira da sala.

11h 5' Li o interessantíssimo discurso de Higgins presidente da British Association sobre a astronomia recitado em Cardiff que me mandou em Revy *[sic]* em sua carta de 2 a que responderei hoje.

1h Li à Isabel um pouco de Histoire de Variations de Bossuet o que espero fazer regularmente. 2h Acabei a leitura às Motas Maias.

2 ½ Seibold. 4 ½ Leu jornais nos quais há um excelente artigo de Varagul, sobre Wagner. 5h Marta. Vou à lição de Seibold. 6h Persa e Camões. A tradução francesa em verso é de fazer não muitas vezes.

Espero o jantar. 6h ½ Já estou jantando. 7h 20' Li Marta. Espero que termine o jantar. A leitura está me fazendo sono. 10h ¾ Na cama e já preparado para dormir. Seibold disse que não podia vir ler por causa da garganta. Verei como poderei dormir só às 11h que assim me fará já estar acordado das 3 para as 4. Agora continuarei Marta. 11h 5' Não pude acabar e vou dormir.

5 de setembro de 1891 (sábado) — 1 ¾ Não tenho sono e as costas têm me comido muito 3 ¼ A janela ainda está toda negra. 4h ¾ Coçaram-me. Já clareia a janela. 5h ¼ Bem claro. Dormi ainda e 6h vou ler Marta. 10h 25 Acabei. Tem trechos de mérito notável. A catástrofe horrorizou-me.

Já estou na sala e muito *[sic]*. Vou escrever ao Taunay por meio do carta de Rebouças.

11h 25' Annuaire Scientifique e já comecei a almoçar. 1h Para variar vou ver se leio o Journal des *[sic]*. 2h ¾ Estive com Mr. Nourrisson da Academia das Ciências Morais e Políticas.

2h ¼ Soeur Marie de Jesus superieure des Ursulines de Nice. Sua conversa agradou-me muito. Agora estou com os Carapebus. Conversei largamente sobre filosofia e deu-me nota de obras. Isabel e Carapebus foram-se.

4h Seibold leu. 4h 40' Muito me interessou a conversa com o Tarso. 5h L'abbé Riboin en retraite da marinha francesa esteve em portos do Brasil. Foi professor nos Eulistas de Versailles.

6h Com Seibold. Persa, Odisséia comparada às traduções de Leconte Deliste e de Odorico e Camões comparado à tradução que me parece cada dia pior.

9h 55' Na cama e tudo em regra para a interminável noite. Depois de minha filha se retirar com a Eugeninha ainda conversei com os S. Joaquim e o Aljezur.

10 Seibold leu-me o livro de Chevillon *[sic]* sobre a Índia. É interessante e expõe bem as doutrinas religiosas.

6 de setembro de 1891 (domingo) — 3h Comichão nas costas, coçam-me. Não tenho sono. 3 ½ Cesso a leitura para não cansar-me e esperarei a aurora e o dia. 4h 10' Não há claridade na janela. 4h 35' Arrumei-me pois estava tudo molhado. Já se vê bem a aurora. Vou ver se descanso ainda. 6h ¼ Li quase todo o Journal des Savants. 8h 25' Vi jornais do

Rio que estavam a parte mas faltam alguns de que falam os S. Joaquim. 9h ¼ Curado o pé e daqui a pouco visto-me. 9h 55' Tudo bem até a cadeira da sala.

12h 35' Li o romance Dias Amargos de Santiago Vara Guzman – onde vi missa a que acudiram bastantes pessoas dizendo-a padre das outra vezes como o acólito. Já começou o almoço.

1h2 Bem coçam-me. 2h ½ Li às pequenas e agora estou com os Carapebus e o parente do Andaraí e filha. 3h Foram-se. Ninguém para ler-me. ½ Rabelais. Creio que antes de sair terei feito meu trabalho quanto ao 1º vol. e começado o 2º. 4h ¼ Coçam-me. Antes massagem das mãos. O massista foi soldado em diversas campanhas na Argélia e Criméia e muito converso com ele a tal respeito.

Cartas de Daubrée a 5. Em l'Aioli Dilun 7 Setembro 189 [sic]. “Un libre de S. M. Dom Pedro” assinado A. Mistral. 5h 38' Estive com Welscher, prometeu-me um livro de Marie de Brun, exemplar que possui um amigo por cuja casa tem de passar. Ele pretende voltar aqui dentro em 15 dias. Creio que não estarei já aqui.

Mandei dizer à Isabel que estou livre. 6h ¼ Li-lhe Imitação e a bela introdução de Histoire des Variations. Coçam-me e espero o jantar. 8h Depois descansei e dormi – do que não gosto e verei como passo a noite. 10h Na cama e tudo bem. Hoje domingo não vem Seibold. Vou ler Dias Amargos e às 11 dormir tendo lido a 1ª parte de Dias Amargos. Gostei agora mais.

7 de setembro de 1891 (2a fa.) — 1h ½ Saúdo do dia cuja aurora daqui a horas me sorrirá. Não tenho sono, mas talvez venha lendo o romance Dias Amargos que aliás é interessante.

2h Muito tenho pensado no Brasil, mas é preciso ver se ainda posso descansar. ½ Não posso sobretudo por causa das costas. O relógio parou e felizmente já são 4h ¼. aguardo o romper do dia. 5h 40' Ainda não leio muito facilmente, mas o que leio melhor é o romance. 6h ½ Fechei a carta para Daubrée em resposta que logo irá. 7h Li o romance e começado o livro do abbé Boudet sobre os celtas que me parece muito bom.

7h 55' Tomei café. Continuo Dias Amargos. 10h 50' Pé curado. Na sala. Respondi a telegramas de Nioac e Chica pelo dia de hoje. Expedi telegrama a Tamandaré para que transmita meus parabéns. Cartas da Januária de Paris 6 e de Taunay 15 agosto Petrópolis.

12 Almocei e vi Aljezur, Isabel e Antônio. 1h Vi Diário do Comércio 11 de agosto e 13 – Jornal do Comércio 8 3ª fa. 1 ½ Li Dias Amargos tendo estado com a Isabel e vou ler às Motas Maias. 2h 35' Pouco antes de finda a leitura Vasconcelos que convidei para o jantar e o Nova Friburgo que não pôde vir por incômodos da mulher.

4h 10' Seibold leu Débats e não acabou o Temps. 4h 50' Seibold. 5h 50' Persa, Camões comparado à tradução francesa em verso que é muito ruim.

8h ¼ Jantar de 14 pessoas. Eu, Isabel, os Carapebus e genro, Tourinho, S. Joaquim e a mulher, Sta. Vitória e filha, Aljezur, Eugênia Penha, Seibold, Totó, Mota Maia, Condessa. 9h ¾ Estive conversando e daqui a pouco vou me deitar.

10h Na cama e pronto para ouvir Seibold e dormir. 25' Li o romance e agora veio Seibold e leu o livro do costume. 11h Leitura curiosa. Vai falar da Universidade de Benares.

4h ½ Já clareia porém na vidraça da janela. Vou continuar La Vraie langue celtique por l'abbé Boudet, obtive-o por intermédio pelo abbé [sic] Domet cuja carta junto.

6h Tenho gostado muito. 6h Respondi a carta do Taunay de 15 de agosto. Vou vendo La Science illustrée. 8h ¾ Percorri sem ler tudo o que interessante a Science Illustrée, mas fiquei sabendo o que hei de ler. 8h 40' Vou agora começar o nº 1 julho da Revue des questions historiques.

9h ½ Pé curado. 10h 23' Tudo muito bem até a sala onde estou assentado. Continuo a Revue des questions historiques. Li no Diário do Comércio de 17 de agosto do Rio que apontei. Figaro de 7 “Une lettre de M. Renan a Berr de Turique” porque este na sua comédia do Gynase [sic] Madame Agnés porque o artista M. Numés pronunciou o nome dele como de quem é capaz de ter cometido com uma senhora casada – “chose pur ne pas dire en [ilegível] que par mes goûts et mes [ilegível] ainsi que je l'ai dit plus haut. J'ai peu d'inclination à [trecho ilegível] importer le [ilegível] commandement au septième commandement du dialogue.

1h 20' Conversei bastante com a comadre. Continuo La reine Brunehaut.

9h 40' Voltei à comadre e fez-me bem.

Aguardo as Motas Maias com Brunehaut. $\frac{3}{4}$ Memórias. 4h $\frac{1}{4}$ Seibold leu-me jornais como costuma em lugar de Aljezur que o fazia dantes, mas que toma nota do lido. Estão-me coçando. Recebi esta manhã carta em resposta à minha em que lhe pedia indicação [*sic*] de diversas obras. É datada de 6 Saint-Gratien (Seine et Oise).

5h Lição de Seibold. 6h 10' Vai-se. Persa e Camões comparado à tradução francesa em verso desgraçadíssima. aguardo o jantar. 8 $\frac{3}{4}$ Bem. Isabel foi ao teatro. Acabo de conversar com a comadre.

10h Conversei com o Aljezur sobretudo a respeito do modo porque se fez emancipação no Brasil querendo-a eu mais ou menos gradual e já está trazido para a cama muito comodamente aguardando Seibold para a leitura e a Isabel vinda da ópera.

9 de setembro de 1891 (4a fa.) — 3h Dormi bem. Só me incomodou a coceira e a lembrança de tanto esquecimento ao menos relativamente a minhas recordações. E tudo o que digo será porém pressentimento de bom dia? Mas basta de fantasias e venha meu consolo que é a leitura e o estudo.

Venha o livro de l'abbé Boudet – La vraie langue celtique.

4h $\frac{1}{2}$ Vou descansar a vista. Creio já ver alguma claridade pela janela. 5h $\frac{1}{2}$ Bom sono – Vou ler La vraie langue celtique.

7h $\frac{1}{4}$ Mando carta em resposta à sua agradecendo-me a minha publicação de Avignon. Torno à leitura até o café. 9 $\frac{1}{2}$ Estive lendo o livro La vraie langue celtique que é muito interessante.

Vou curar o pé. 9h $\frac{3}{4}$ Perfeitamente bem e já estive conversando com o Mota Maia a respeito de minha retirada passando por Azy. Logo vou escrever à Condessa Benoist d'Azy.

10h 25' Já na cadeira na sala a coçarem. Cartas do Rebouças de 7 Tbro [*setembro*], Cannes, Hotel Beau-Séjour. Pareceu-me um pouco desarranjado – Ele já esteve maluco em Petrópolis! Sinto-o profundamente.

11h 25' Almoço. 12h $\frac{3}{4}$ Bom – Tenho estado a ler o livro La vraie langue celtique. Não sei quando vêm as Motas Maias. 2h 20' Acabei a leitura às Motas Maias e fui à comadre sem proveito. 40' Seibold vai ler-me. Recebi telegrama de Mossé para a festa de Carpentraz e eu encarrego-o de receber meu diploma e podendo ver cousas curiosas para mim.

4h $\frac{1}{2}$ Massaram-me as mãos. Tornei a ler o que [*ilegível*] Temps de 7 sobre a Comédia “Mme. Agnès” e nada vejo que pudesse provocar a carta de Renan a não ser Mr. Numés que fazer de esperto ao examinar a letra do namorado haver dito ser Mr. Ernest Renan. Porque o faria? Era o nome personagem, ou foi para fazer rir os espectadores? Não compreendo. Já mandei vir a peça.

7h Jantei bem. Escrevi ao Estrela pedindo-lhe os sonetos meus que Mota Maia lhe confiou. Nada de cartas de meus conhecidos. 7h $\frac{1}{2}$ Escrevi à Ristori. Quero que desperte todas as amigadas.. 8h Li o livro La vraie langue celtique. 10h Conversei Isabel, Eugeninha e Totó despediram-se pouco depois de terem voltado do jantar delas e eu ainda fiquei conversando com os S. Joaquim. O Mota Maia vai melhor. Já estou na cama e pronto para a leitura do Seibold que começou a dormir creio que bem. 11h Seibold leu a viagem de Chevrillon na Índia. O que diz da religião de Brama é uma verdadeira embrumada. Vou dormir. Quero ver se acabo de amanhã de madrugada La vraie langue celtique.

10 de setembro de 1891 (5a fa.) — Que coceira nas costas! É que dormi sem o aparelho para urinar. 4h 40' Vê-se bem o arrebol. Já estou acordado há muito a ler. 7h 10' Estou quase acabando o livro que é muito interessante.

8h $\frac{1}{4}$ Escrevi à Januária, Chica e Rebouças. 9h Escrevi a Renan pedindo-lhe informações sobre seu protesto a propósito da representação de Mme. Agnès. 9h 40' Acabei de ler o livro e mandei-o a Seibold para conversarmos à lição. 10h 25' Na sala, na cadeira, tudo bem. Só me comem as costas. Salomon.

2h Acabei a leitura às Motas Maias. 2h 25' Seibold. 4h De há dias que o Seibold parece fazer tudo de má vontade.. 4h 10' Escrevi em resposta a Daubrée. 4h 50' Seibold. Persa, sânscrito. Quero mandar vir do Rio o que já traduzi do Hitopadesa que continuo agora a traduzir, desejando depois empreender a tradução do Ramayana que é muito bonito poema e mais me agrada que o Mahabarata.

10h 10' Na cama. O Seibold não vem, pediu-me licença. Mas vou ler Salomon melhor letra até 11. 11h 10' Agradou-me muito a leitura. Vou dormir.

11 de setembro de 1891 (6a fa.) — 3h 37' Dormi bem, porém coçaram-me bastantes vezes as costas como agora que ainda me coça. Salomon por causa da letra. 3h 35' Já vejo claro na janela, porém creio que é luar, pois estamos a 10 ou 11 dias do equinócio que o sol nasce às 6 e é preciso fazê-lo nascer cada dia $\frac{1}{4}$ de hora mais cedo. Deve hoje nascer às 6h. 2h $\frac{1}{2}$ = 3h $\frac{1}{2}$ e já está clara a janela. Continuo Salomon. 40' Vou descansar esperando poder ler sem vela. Vejo que o relógio parou, às 3h $\frac{1}{2}$.

6h $\frac{1}{2}$ Escrevi a Carlos Wescher professor de egiptologia da biblioteca pedindo que me mandasse por minha conta as obra de egiptologia de que mais careço para a minha lição, dando algumas idéias dela aos meus companheiros e li bastante do Anuário Científico de Figuier. Vou curar o pé.

10h $\frac{1}{2}$ Já estou e muito bem assentado na sala. Li Le Temps de 11 “Mon Petit journal” de Jules Simon sobre Grevy que morreu. Justo “Le congrés international des orientalistes” reunido em Woking. Curioso.

11h 25 Ainda não vi Isabel nem Totó. Vou almoçar. 12h Li no Brasil de 8 de agosto o parecer de Saldanha Marinho a que aderiu Magalhães Castro contra o procedimento do governo relativo ao dote de Isabel.

2h 10' Li às meninas. Falsa comadre. Temps de 11. Morte de Ubaldino Peruzzi. 3h 50' Seibold leu-me Débats e Temps. A sessão dos orientalistas reunidos em Woking a convite de Leitner. Curioso, mas com boas doses de charlatanismo. Vou ler até a lição do Seibold. Coçam-me as costas que aliás vão muito melhor. 3h $\frac{3}{4}$ Annuaire Scientifique. Coçam-me as costas. Aguardo Seibold.

6h Persa, sânscrito, Camões – mas já não maldigo o francês, que é tempo mal gasto.

7h Jantei com vontade. Annuaire até virem os do jantar. 8h $\frac{1}{4}$ Telegrama de Mossé aceitando com fierté representar-me na festa de Carpentraz.

10h 5' Na cama e tudo bem. Antes conversa com os S. Joaquim sobre o tempo do Ferraz e pauta da alfândega. Isabel e Eugeninha tinham. 10h 25' Mandeí busca o livro sobre Spinoza de Nourrisson que este me mandou para que me diga aquele o que pensa do livro.

Seibold está me lendo o livro do costume. 11h O Seibold esteve hoje melhor. O livro é interessante. Vou dormir.

12 de setembro de 1891 (sábado) — 3h $\frac{3}{4}$ Dormi bem, porém coçaram-me muitas vezes. Estive lendo e só posso dizer que a 4h $\frac{3}{4}$ agora já vejo claro na janela. $10 \times 10' = 100'$. 1h 40'. 3h $\frac{3}{4}$ + 1h 40' = 4 e $\frac{3}{4}$ + 40' = 5h 25'. Faltam 35' e portanto nasceu 35' mais tarde do que m pareceu. Não sei até ponto o luar possa influir.

5h Volto ao Annuaire, não tenho sono. 6h Li até a química que não poderei apreciar senão com maior atenção pois entendo mais de mecânica e de física, pois entendem mais com as matemáticas. Agora Salomon depois de descansar um pouco.

6h $\frac{1}{2}$ Escrevi a Jurian de la Gravière pedindo-lhe sua última publicação Le siège de La Rochelle. 8h Já tomei o café e torno a Salomon 8 $\frac{3}{4}$ Tenho gostado muito, mas agora vou descansar antes do tratamento do pé. Vou ler La pensée humaine depuis ThaLes jusqu'à Hegell por Nourrisson, obra de que muito tenho gostado. Vou ao Salomon. 11h 5' Estou com sono, mas daqui almoçarei e continuo Salomon.

Apareceu Aljezur que me trouxe o artigo de um diário de Avignon que parece de Mossé sobre o meu trabalhozinho [sic]. Aljezur leu-me no tempo do Rio artigo sobre a não aprovação do tratado das Missões e leu o Comércio do Porto do dia 9. Carta do Maranhão de agosto.

12h $\frac{1}{4}$ Almocei com vontade. Antes vi Isabel e Totó. Escrevi carta para mandar a Benoist d'Azy se nada disser em resposta ao que escrevi em contrário a essa resolução final.

1h 55' Acabei de ler às meninas. Paranhos telegrafou a Mota Maia pedindo-lhe o meu trabalhozinho [ilegível] Mossé.

4h Seibold leu-me o pouco que há no Débats e no Temps um artigo sobre [ilegível] Tabaré poema de Zorrilla San Martin, poeta uruguaio acompanhando os trechos ditados e traduzidos com o original. Agora vou talvez começar a ler o poema.

EXÍLIO - 12/09 a 12/11 de 1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Vichy, 12 de 7bro [setembro] de 1891— 4h. Vou começar a ler Tabaré. 4h 50' Aguardo Seibold.

6h Persa, árabe e Camões, o francês é às vezes impagável, muito me tem feito rir. Coçam-me as costas.

9h ½ Jantei bem. A Isabel esteve pouco comigo, depois de ir ela para o teatro fiquei conversando com o Aljezur sobre nossa vida antiga, continuando a ler também o annuaire scientifique do Figuiet.

10 ½ Na cama. Li antes em L'opinion de Florença de 11 o artigo sobre Peruzzi que morreu a 9 com os telegramas já expedidos de pêsames, ficando feito o meu para Aljezur expedi-lo amanhã. Seibold está lendo. ¾ A Isabel veio dar-me boas noites. Não gostou do teatro. Dei-lhe notícia da morte de Peruzzi, que mostrou não conhecer apesar de tanto dever ter visto este nome no que lhe escrevi da minha viagem pela Itália. 11h Foi-se Seibold. Vou dormir. Espero que a noite seja boa.

13 de setembro de 1891 (domingo) - 2h ¾ Muita comichão nas costas que não me deixa dormir, mas agora estou melhor e lendo um pouco talvez venha o sono – Annuaire – 4h 25' Está para romper o dia. 40' Já vejo bem claro na vidraça. 6h ½ Higiene e Medicina depois de Mota Maia. 7h 20' Li todo o Annuaire e marquei o que ficou para Mota Maia ler antes para mim. Vou ler Nourrisson Annuaire La pensée humaine etc. até chegar o café.

8h Escrevi a Daubrée referindo-me ao Annuaire, pois de ciências só isto tenho. 9h 40' Pé curado. 10h Na sala assentado. Carta de 11 de Daubrée. 11h 10' Já ouvi missa. O Cláudio talvez por fraco teve um desmaio. E carregaram-no para a sala defronte. Já me falou e nada parece ter. Aguardo o almoço. Leio Tabaré.

Mas a comadre quis conversar e com bastante juízo.

12h 35' Vou ler Salomon, o sono acomete de novo. 3h 20' Li à Isabel “Luz e Calor” e “Imitação”. Logo lerei a Histoire des Variations. Aljezur vai ler o Temps.

3 ½ Li bastante da Histoire des Variations à Isabel. Carapebus. Entretanto Mota Maia trouxe-me a notícia que os Benoist d'Azy chegam 4a fa. e tudo ficará pronto para recebê-los. 7h Tenho lido Salomão e acabo de jantar com vontade. Volto a Salomão. 10h Na cama e muito bem ao som da chuva que bem era precisa para refrescar. Depois retira-se a Isabel e de irem-se San Joaquina e Aljezur ainda falei a Mota Maia para que tudo fique bem arranjado. Seibold não vem ler, é domingo. Vou acabar o folheto publicado pelo Ministério de Comércio e Indústria e Colônias. Exposição internacional de 1889. Congresso internacional das Ciências etnográficas – Paris. Imprime Nationale 1890. 11 Custou-me a ler e por isso vou dormir.

14 de setembro de 1891 (2a fa.) — 4h 20' Muito cansado, mas dormi bem. Salomon. Quase 3h. Cumpre descansar. O sol deve nascer hoje. 4h 40' Falta ainda 1h 40'. Se não dormir pelo menos não canso a vista. 3h 25 Cai muita chuva e ouvi sempre que acordei. 4h Pior deve ficar para depois da muda, mas posso já. 5h Já Vejo bem a claridade na janela. Estive dormindo até agora e vou fazer o mesmo até poder ler na cama sem esforço. 6h Dormi bem. Coçam-me as costas. 6h Ainda não posso ler na cama. 11h Já o posso mas inclinando sobre o livro e para o lado da janela.

7 ½ Vou tomar café e variarei de leitura. 8h O café soube-me.

10h 10' Tudo bem e já assentado na sala. 12h 55' Almocei bem. Já vi a Isabel. Acabo de escrever a Daubrée sobre o Compte-rendu da última sessão.

3 ¼ Carapebus e Sta. Vitória despediram-se, vão para Paris. Tobias de Aguiar com sua mulher. Deu-me e prometeu-me informações de S. Paulo, do Conde Sta. Cruz, viajou muito como ele pode viajar. Sempre o mesmo.

6h 10' Persa, Camões, tradução de que já tenho pena de falar mal. Ainda me chamaram para jantar. 10h 20' Na cama e pronto para a noite. Jantei bem. Estive com um moço engenheiro M. de Mendonça Guimães, das Alagoas e muito conversamos de melhoramentos e pessoas dessa província. Há pouco conversei com S. Joaquim. A Isabel retirou-se cedo creio para despedir-se da S. Joaquim. Seibold já está lendo. 11h 4' Acaba Seibold de sair. Vou dormir.

15 de setembro de 1891 (3a fa.) — 3h ¼ Dormi bem e a coceira tem muito diminuído. Comércio do Porto define boas [ilegível] indagações sobre as várias taxas de [ilegível]. Não posso verificar a exatidão dos algaris [sic] que aliás não seria

alterada e conclui o importante capital de 25.000 contos deslocado para o estrangeiro em menos de um ano deveria precipitar o câmbio um pouco abaixo de 12, depois de observar. Nos anos anteriores com o equilíbrio da balança econômica o câmbio se mantinha apenas a 22 ou 22 ½. Não tenho dados suficientes, mas espero-os para poder julgar do estado financeiro do Brasil.

Vou a Salomon. O relógio estava parado e são 4h 50' que com 1h ¼ dão 6h e 5, mas o relógio creio que não tem sido visto exatamente ou mesmo não regula bem.

5 ¾ Escrevi a Daubrée em resposta a sua carta que estava sem resposta embora não a determinasse e agora "Salomon". 7h ¼ Pus os travesseiros para ler quase assentado até vir o café. 11h 10' Respondi a carta do Taunay a 18 de agosto do Rio de Janeiro. Recebo cartas da Chica de 14 do corrente e voltando outra do Joinville e transcrevi o soneto francês para dá-lo amanhã.

Quase 1h. Almocei bem e li a obra sobre Salomão deixando agora com o Cântico dos Cânticos. O F. Mgr. [ilegível] dos Provérbios muito me agradou. Vamos ver como interpreta o Cântico dos Cânticos e [duas palavras ilegíveis] belezas poéticas.

2h 10' Li às meninas e agora Seibold. 4h ½ Seibold leu-me jornais do dia. 5h 10' Salomon de que muito tenho gostado e agora lição de Seibold. 6h 20' Seibold foi jantar. Persa, Odisséia comparada com as sabidas traduções. Camões e a infeliz tradução francesa, em versos.

7h Jantei bem. 40' Salomon e ainda não voltaram da mesa! 10h Já na cama. Conversei bastante com os S. Joaquins tendo o marido estado em Royat de que me deu muitas informações a respeito do caminho de ferro astroférico [sic] e estabelecimento de máquinas eletromagnéticas movidas por vapor. Também falei sobre diversos interessantes [sic] ao Brasil. Vem Seibold para a leitura.

11h A leitura foi interessante. Estivemos em Agra e vou agora dormir. O Seibold quis ainda ler por algum tempo para acabar uma descrição.

16 de setembro de 1891 (4a fa.) — 4h Dormi bem. [Trecho ilegível]. Deve o sol nascer pouco antes de 5. Salomon. Quase clareia na janela e ainda não são 5, mas o relógio talvez atrase. 5h ¾ Daqui a pouco leio bem sem vela. 7h A saber o magnífico estudo de Nourrisson sobre Aristóteles até seu estilo ordinariamente rasteiro bateu asas. Agora descanso aguardando o café.

7h ¾ Café. 9h ¼ Salomon. Curar o pé. 50' Bem. Li Salomon e vou me vestir. 10h 20' Muito bem assentado na sala. Recebi cartas de Lefèvre Pontalis de 15 agradecendo-me as poesias da festa do Mossé e do Revy de 14.

11h Veio Aljezur e lê-me artigo do Brasil de 14 de agosto onde vem uma carta de Justiniano José Rosa. Leu outro contra o pan-americanismo.

11 ½ Almoço. 2h Acabei o Salomon. Li alguma cousa às meninas, mas fui interrompido por uma visita de um banqueiro, que me deu informações. S. Joaquins despediram-se para Paris e agora vai Seibold ler-me.

4 ½ Artigos interessantes sobre Lohengrin e diversos poetas modernos da França e de estilo extravagante. 5 ½ Parece um sonho. Estiveram comigo Mme. Benoist d'Azy, seu marido e a filha Mme. de l'Epinay. Já lhe dei o soneto e o Salomon para ler que ele passou à filha. Creio sonhar. Para ver se me distraio e enquanto não me visto para ir à missa lerei Tabaré. Começarei o 5º canto.

6h ¼ Vou aprontar-me para jantar com todos. 10h Muito me agradou e estive conversando com Isabel, os Benoist d'Azy e Aljezur até agora pouco. 10h 20' Já na cama preparado para dormir que espero seja bem. 11h Ouvi Seibold e tomei nota do livro que talvez acabe a tempo de emprestar à Benoist d'Azy.

17 de setembro de 1891 (5a fa.) — 3h 40' Pouco dormi, porém nada tive. Que tal será o dia de hoje? 4h 40' Estive percorrendo a Histoire de l'Eglise par Mgr. V. Postel. Algumas das ilustrações são boas. Pelo que pude examinar é, como escrito, coisa fraca e servirá apenas para os netos que aliás já poderão ler melhor. Creio que já raiou a aurora pois pela conta que fiz devia ser às 5h.

9 ¾ Parece que o relógio não está certo mas não lerei muito. Li bastante. do Nourrisson e estou já de pé curado. 10 ¾ Tudo bem. Assentado na sala. Nourrisson com quem conversei a respeito de seu livro que estou lendo. Recebi carta

oferecendo de Socin, agradecendo o meu livrinho. Bilhete de Leopold Delisle agradecendo o mesmo. Vou ler Tabaré – mas pouco, pois estou conversando com Aljezur que deu-me notícias que lerei depois nos jornais.

4h ½ Grande conversa com os Benoist d'Azy e a filha Mme. d'Épinay. Agora falei com a comadre que não me atendeu. Vou estudar com o Seibold. 5h 50' Seibold foi-se embora, não lerei que o jantar é às 6h ½. Vou ler Tabaré. ¼ Vou para a sala de jantar. 10 ¼ Jantei bem e depois conversei com os Benoist d'Azy. Seibold começou a ler.

18 de setembro de 1891 (6a fa.) — 3h 5' Dormi bem, mas tenho mais sono, vejo claridade na janela, não pode ser luar. 3h 50' Li Nourrisson. Vou ver se ainda durmo. 4h 7' Não posso e vou ver se acabo a leitura de Tabaré de tipo melhor para essa hora. 5h ¼ O relógio não tinha corda mas deu-lhe o criado e são 5h ¼ e é exato, pois há ¾ hoje a retardar o nascimento que a 21 será às 6h.

6h 10' Acabei Tabaré e nota como pude sem ter meus livros referentes ao guarani para consultar.

7h Respondi aos Joinvilles e ao Nioac. 8h 20' Continuo a ler o folheto Sciences et Travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques. Septembre-Octobre, 9^{ème} – 10^{ème}. Académie des Sciences Morales et Politiques. 10h Acabei o artigo de Baudrillart do bulletin des Sciences et travaux de l'Académie des Sciences Morales et Politiques.

Curei o pé e vou me vestir. 11h 20' Estive com Mme. Benoist d'Azy e cada vez a estimo mais. Lerei até o almoço. 3h ½ Saíram há pouco os Benoist d'Azy e Mme. d'Épinay, sua filha, a quem prometi pagar visita aos primeiros logo que possa. Carta de Daubrée de 17.

6h 10' Seibold leu-me apenas no Débats artigo interessantes de Paul Bourget sobre as memórias de Marbeau. 6h ½ Estive arranjando o que deve ir amanhã e agora espero o jantar.

7h 50' Emprestei o poema argentino Tabaré a Mota Maia. 55' Já marquei Débats e Temps de hoje para Aljezur notar o marcado no livro.

10h 10' Vim bem para a cama. Jantei sozinho. Depois conversei com o Aljezur, tendo a Isabel se despedido cedo. 11 ¼ Seibold leu a obra que é bem interessante. Mandá-la-ei de Versailles. Vou dormir.

19 de setembro de 1891 (sábado) — 2h da madrugada. Dormi bem. Alguma comichão nas costas. Mas antes de tudo vou rezar um Padre Nosso agradecendo tudo a Deus. Lerei um pouco de Nourrisson. Quase 3. Custa-me a lagar este bom livro. 4h Dormi bem, mas ainda 4h ¼ para a aurora. Vou a Nourrisson. O relógio marca 5h 6' e daqui a pouco 5 ¼ de romper a aurora, mas a claridade da janela parece indicar atraso no relógio de minutos. 5 ¾ Li o livro de Nourrisson até o edito de Milão de Constantino. 5h 50' Daqui a 70' vou curar o pé que vai muito bem e vestir-me.

Felizmente saio logo daqui. Ter-me-ia agradado Vichy se realizasse os passeio que só dei no meu diário e em sonetos que Mota Maia deu ao Estréla e esta ainda não restituiu. Pouco valem pela poesia e apenas pelas circunstâncias em que os fiz. A minha carta já foi decerto bem lida e tomara que se firme uma amizade e me livre de outras vulgares. Minha vida deu-me outro norte, porém que infelizmente escureceram as trevas do sepulcro. Não quero viver o resto da vida com meras distrações do estudo, que é meu verdadeiro consolo. Devo encontrar em Versailles o Compte-rendu da última sessão. Quem encontrarei em Versailles? Vou a Nourrisson. 7h 25' Pé curado e vai muito bem. 8 ½ Nourrisson. Café, Nourrisson e vestir.

8h 55' Tudo bem assentado na sala. Saio dentro de 20'. Nourrisson – mas tive arranjos de viagem e parto daqui a pouco. Parto. 10h – 20' Chegamos há minutos a St. Germain-des-fossés, a Paris, chega-se à 1h ½. 10h 40' Voltamos à estação. ¾ Vou seguir. 11h Varennes – Demora de 11'. 11 ½ Moulins. 35' Sigo. 12 Saio de túnel de alguns minutos. Saint-Pierre. 25' Saincaize. Mme. d'Épinay disse-me adeus da estrada, pois o trem não parou em Saincaize. 12h 40' Nevers. Os Benoist d'Azy estavam na estação e entraram no meu vagão, Mme. oferecendo-me lindo ramalhete de flores do castelo de Azy e livros para lê-los no trem. Sempre pude dizer algumas palavras, ao adeus dela pediu-me que lhe escrevesse. 1h 5' Pougues-les-eaux. Poucos minutos. 1h 20' La Charité. 25' Sigo. 1h 50' Sancerre. Minutos e partimos. 2h 3' Cosne. 2 ½ Acabei de ver no senado o artigo do Temps de hoje. O mesmo fizera antes ao Débats. 2h ¾ Gien. 3h 40' Montargis. 50' Sigo. 4h 25' Nemours. 45' Moret. 55' Sigo. 5h 10' Fontainebleau. 4h 25' Túnel pequeno. 5h 26' Melun. 29' Segue. 40', meia hora e Paris. 6h 20' Meudon-Alfort-Charenton. Vou para a cama. 10h 35' Cheguei à estação às 9 ¾. Encontrei o Nemours. Ninguém dos meus conhecidos além do Silva Costa e SS. Joaquina. As baldeações fizeram-se perfeitamente bem. 10h 50' Pouco lerei. 11h 10' Vou dormir para acordar quando?

20 de setembro de 1891 (domingo) — 5h Dormi bem e por isso ainda não tenho sono. O dia já clareia, mas o sol deve nascer quase às 6. Quase 7h. Tenho lido *L'esprit des femmes*, porém com bastante sono. Queria mandá-lo hoje, mas sinto não poder fazê-lo.

7 ½ O sono tem-me atacado fortemente, mas são horas do café e já o pedi. 9 ¼ Escrevi para Azy, mando o livro *L'esprit des femmes* com minhas notas feitas durante a vinda para aqui. Peço a restituição para concluir a leitura.

10h 25' Vou me vestir. 11h No salão muito bem assentado e lendo *Nouvelles oeuvres inédites de Maine de Biran* publicadas por Alexis Bertrand.

12h 25' Acabo de almoçar com vontade. Veio antes Seibold que deu-me a biografia do Conde de Circourt que publicou *Fragments d'une vie inédite de Camoens etc.*, que vou ler. Carta do Gomes do Amorim de Cintra, 17. 5h Penedo, Adolfo Pinheiro, Dantas, Felbermann. As Mendelsons, Boulanger. 5h Aljezur leu-me um pouco diários de Paris. Jantei bem. Isabel, Antônio e Eugeninha retiraram-se e depois o Nemours que jantou conosco. Veio Paranhos e estive conversando com ele até agora. Vim bem para cama e já estou preparado para dormir. 11h 5' Não pude acabar a leitura do trabalho de Circourt sobre Camões e D. Catarina de. *[sic]*.

21 de setembro de 1891 (2a fa.) — 2h ½ Dormi bem, mas não tenho sono. 3h 8' Acabei de ler o trabalho de Circourt sobre Camões e D. Catarina de Atayde. Gostei muito. Hei de mandar vir. 4 ½ Tenho lido a introdução ao prefácio das obras de Maine de Biran por Alexis Bertrand. 5h Já clareiam. Hoje surge o sol no horizonte às 6 ou 5h 50'. 6h Muito claro. 6h 10' Acabei a introdução a publicações de Maine de Biran por Alexis de Bertrand.

8h 40' Tomei café que soube bem e comecei a ler *Tristesse et Sourirs* de Gustrave Drox.

9h 40' Já curei o pé e vou-me vestir daqui a pouco. Leio o mesmo. 10h ½ Vim muito bem para a cadeira da sala. 1h ½ Li o mesmo depois de almoçar e agora conversei de balde com a comadre. 2 ½ Acabo de ler às meninas. 4 ½ Riancey, Mme. Boselli. Temps. 5 ¾ Estou acabando de ouvi-lo lê-lo *[sic]*. 6h ½ Acabei as leituras à Isabel. 9h Li o livro. Jantar bom. Conversei com a Isabel que saiu há pouco com o Antônio e a Eugeninha e conversei. Vou ler o livro. Recebi do Círculo Canoniano, Revista nº 12, de maio, 1 de junho e 2 de julho. 11h 20' Seibold leu-me, escrevi para amanhã, tinha tomado chá e vou dormir.

22 de setembro de 1891 (3a fa.) — 2h 35' Não tinha mais sono. Dormi bem. Muitas cócegas nas costas. Vou ver se acabo o livro *Tristesse e Sourirs* de Gustave Drez.

6h 10' Escrevi e li quase toda a noite. Espero o último *Compte-rendu* para tudo enviar e talvez até então me escrevam em resposta a duas cartas. Vou ver se descanso. 8h Escrevi tudo. Já tomei café e estou bem. *La Chronique de Vancluse*. 15-20 Septembre – *[ilegível]* d'Amour.

2h ½ Gaston, Isabel e todos os 3 netos. Interroguei um pouco a estes sobre seus estudos. Os mais velhos estão muito bons e o Pedro muito crescido. Antes estive com o Sta. Ana Nery que passa por ter vindo espiar-me. Conversei com ele bastante, começando por dizer-lhe que só desejo sossego no Brasil e que lá irei se muito livremente me chamarem. Informe-me muito do Pará. Sinto-me muito bem. Escreveu-me, respondi com a nota científica e os livros e creio que tudo irá bem por aí.

Vou ler às Motas Maias. 3h 5' Lê-me Aljezur o *Débats* de hoje 21 – Hélène drama de Paul Below – imitação de Hamlet – Antes a *Semaine dramatique* – Hélène – no dia de 20 – Tenho extrato da sessão da Academia das Ciências no *Débats* de hoje. *Jornal do Brasil* de 24 de agosto, Instituto Histórico, sessão de 14 desse mês. Vem o ofício de agradecimento a mim que eu já recebi e li.

10h 10' Vim bem. O *[ilegível]* por apoiando-me *[ilegível]*. Só *[ilegível]* come muito. *[ilegível]*. Estou deitado e vou continuar a ler *Revue-Rouge*. 11 ¾ Acabei a *Revue Scientifique*. Vou dormir.

23 de setembro de 1891 (4a fa.) — 3h ½ Dormi bem. Ardem-me as costas. 6h ¾ Já escrevi e tomei nota de tudo. 9h 10' Estive lendo os folhetos do Círculo Canoniano. 10h 25' Na sala, mas o Dr. entendeu que eu devia vir carregado.

12 – Nada – mas escrevi. Almoço e conversei com Estrela que foi almoçar e voltará para conversar.

2h Estive com Silveira Martins. Conversa sobre os negócios do Brasil e diversos assuntos.

4h 40' Acabei de ler os folhetos do Círculo Camoniano. 5 ³/₄ "Círculo Camoniano". 5 ³/₄ Estiveram cá Luís e Antônio bem como Gaston e depois Isabel com o Pedro e a Penha. 7h Acabam de sair os SS. JJ. O Mota Maia vi-o agora depois de tê-lo visto de manhã. Foi a Paris.

9h ¹/₂ Tenho estado conversado *[sic]* com Aljezur e divagando em astronomia para amanhã, pois não tenho nada de que falar de leituras científicas.

10h ¹/₄ Na cama e escrevendo para melhor dormir. Já tomei chá.

24 de setembro de 1891 (5a fa.) — 3h 40' Dormi bem, embora urinasse bastante. Fazem hoje 58 anos que morreu meu Pai.

5h 30' Já está bem claro. Li a poesia que o Carduccio me mandou e tenho a remessa pronta à chegada do correio. 7h ³/₄ Já tomei café. 10 ¹/₂ Vou à missa. Já expedi a carta. 11h Acabou a missa. Antes e depois li Le Matin de hoje.

2h 40' Conversa com Nioac sozinho.

47' Li às meninas tendo Nioac saído pouco antes das 3h.

4h ¹/₂ Diário do Comércio do Rio, de 31 de agosto de 1891. Notei-o todo.

5h 50' O Vte. Frederic de Beaumont Ministre Plenipotenciaire. *[ilegível]* muito. Estava no Rio indo para o Paraguai durante a guerra. Esteve no Egito, na Palestina onde conheceu Frère Liévin. Percorreu quase toda a Europa. É primo de Gustave de Beaumont que escreveu sobre a *[ilegível]* cujo nome está associado ao de Frequeville.

7h ³/₄ Jantei bem e percorri anotando-os diversos jornais do Rio. Veremos se vem carta por esse último correio.

9 ¹/₂ Vou para a cama, pois estou só – o Aljezur já dorme assentado. Li o bom artigo sobre Leonardo da Vinci e extratei-o para amanhã. 11h 20' Dormir.

25 de setembro de 1891 (6a fa.) — 4h 10' Dormi bem. 6h 20' Acabei o extrato do artigo sobre Leonardo da Vinci na Revue des Deux Mondes do 1º. 10h Acabei o artigo sobre Villele, curei o pé e vou me vestir-me *[sic]*. 10h 25' Assentado na sala para onde vim carregado. 11h Tendo lido Dans l'ouest African. Estou com a Isabel, Gaston e Maria Elisa, ama das gêmeas Penhas.

11 ¹/₄ Mandei a carta para Azy. Débats, coleção dos romances históricos Illusion Janissaire, Les Gens d'Epinal, L'élève de Gourick.

Leitura às Mota Maia.

2 ¹/₂ Acabei a leitura. Recebi carta de Riancey com o livro sobre Confúcio, de Panthier. Condessa da Estrela e o filho Maia Monteiro acabam de sair. Mandei a carta em resposta a Riancey. Volto à leitura. 11 ³/₄ Vou para a cama. Conversando com o Aljezur. Continuo meu trabalho das Revues des Deux Mondes e vou dormir.

26 de setembro de 1891 (sábado) — ³/₄ Dormi bem. Comem as costas. 5h ³/₄ Fora já está claro. Tenho tudo pronto para logo. Vou ao Nourrisson. Tenho lido mais Maine de Biran sobre o sistema *[ilegível]*. O 7º trabalho agradou-me muito mais.

10h Cartas de Daubrée, Biarritz 23 de Alice Kanzow de Upsala de 21, da Januária de 25. De onde esperava, nada. Nourrisson até o almoço. 1h Bem. Sai Isabel, Gaston e os meninos.

Artigo "Contra a República" de um jornal do Rio.

1h ¹/₂ Almocei bem. 2 ¹/₂ Acabei a leitura às meninas.

40' Conversei com a comadre.

Nourrisson livro. 4h 37' Mme. Heine e seus *[ilegível]* amigos os Murate.

50' Comadre. Continuo Nourrisson. 8h ³/₄ Tive um ataque de sono e vou agora notar La Berline. 11h 35' Acabei e vou dormir.

27 de setembro de 1891 (domingo) — 3h Dormi bem, mas completou-se-me a conta de atração do sono. Le théâtre. 5h Acabei o que tenho de mandar. Tomara o que minha leitura científica, mas não creio *[sic]*. Depois que conversar com Daubrée encarregarei Nioac disso. Tudo escuro, mais de hora assim! Vou ler. Mas nada de Biran. Já clareia na vidraça.

Vejo já clarear sala e a aurora vai romper às 6h $\frac{1}{4}$. Passei pelo sono e vou a Nourrisson. 9 $\frac{1}{2}$ Acabei de ler artigo de Jurien de la Gravière na última Revue des Deux Mondes, muito me agradou.

9 $\frac{1}{4}$ Tomei café. 9 $\frac{1}{2}$ Curei o pé e vou me vestir. 10h Já na sala bem assentado e só me falta anotar o artigo “Cinq mois de politique italienne”.

11 $\frac{1}{2}$ Estou com o Barral. Parece que há brigas entre os que escrevem para a Revista dele. Dei-lhe um de meus folhetos para a festa do Mossé de Avignon. Recebi cartas de Daubrée, de Seibold e de Revy que chega amanhã aqui.

12h 25' Almocei com vontade. 12 $\frac{1}{2}$ Mandeí carta a Mme. Benoist d'Azy. $\frac{3}{4}$ Mulher e filha do Silveira Martins. 5h Comadre. Bem. Antes Aljezur leu-me o Débats. 7 $\frac{1}{2}$ Jantei bem. Continuí o artigo sobre a Itália e agora Nourrisson. Belo artigo sobre Abelard. 10h 50' Conversa com o Paranhos. Vou-me deitar. 12h E não acabei de ler mesmo de ler muito de passagem o artigo de Gestometti na última Revista dos Dois Mundos. Cumpre dormir.

28 de setembro de 1891 (2a fa.) — 3h $\frac{3}{4}$ Dormi bem. Urinei algumas vezes. 5h 50' Tenho pronto o que hei de mandar. Tomara que me enviem as publicações científicas, nenhuma tenho para ler. Vou ler Maine de Biran.

8h Café. Preparei tudo aguardando só o começo e vou a Nourrisson. 10h 20' Bem já assentado na sala. 1h Almocei bem.

Escrevi a Filipe sobre sua interessantíssima publicação *Curiosités Orientalistes de mon cabinet de Numismatique*. Enviei o que costumo à Condessa Benoist d'Azy que não me escreve. Não compreendo-o depois de sua estada em Vichy.

Leitura às meninas. 2h 5' Antes tinha lido em *Le Soleil* artigo de Edmond Herk que exprime meu sentimento estado *[sic]* eu pronto a *[ilegível]* o Brasil se livremente me chamarem. Do Rio Tempo de 9 – de 10.

37' Estive com o Chevalier Guimarães chegado da Suíça onde viu Vicente de Oliveira em Lausanne. Disse que escrevesse a este que eu conto que me ir *[sic]*.

4 $\frac{3}{4}$ Estive Penedos. A primeira *[sic]* e o filho. 10h Boa conversa, foram-se.

Jantei bem. Ouvi o Aljezur ler bom artigo sobre Comte no Brasil do Rio, 20 de 7bro *[setembro]*. Veio Isabel com a filha do Bahia. Retirou-se há pouco e vou deitar-me. 11 $\frac{1}{2}$ Vou dormir tendo extratado a Revue Rouge.

29 de setembro de 1891 (3a fa.) — 2h Não tenho sono. Dormi bem. 7h 5' Tudo pronto. 1h Li adiante trabalho na Revue Rouge. Recebi *Compte-rendu* de 21 7bro *[setembro]*. Já o anotei.

2 $\frac{1}{2}$ Acabei de ler às meninas.

6 $\frac{1}{4}$ Muitas visitas demais, tendo-me lido jornais franceses o Estrela. Depois que se foram passei um pouco pelo sono. 6h 40' Aljezur leu-me. Chegou Isabel com a Penhaninha gêmea. Gaston veio logo com os meninos. 9h 20' Foram-se. 50' Li *Tristesses et Sourirs*. Vou dormir.

30 de setembro de 1891 (4a fa.) — 2h Não tenho sono. 4h Acabei de ler a obra de Gustave Drez *Tristesses et Sourirs*. de que muito gostei. 6h 36' Vou ler deitado.

8h 40' Café. 9h Tenho estado com sono. 9h $\frac{1}{2}$ Acabei o belo escrito de Maine de Biran sobre Gall e vou começar o *[ilegível]* sobre a meditação metafísica de Descartes.

9h 50' Telegrama da rainha de Portugal de Cascaes de 29 agradecendo a mim e a Gaston nossos parabéns por seus anos.

Vou me vestir. 10 $\frac{1}{4}$ Na sala e muito bem. 25' Mandeí tudo – mas não veio carta.

11 $\frac{1}{2}$ Acabei o belíssimo discurso de Higgins sobre a astronomia física.

11 $\frac{1}{2}$ Esteve cá o Aljezur e disse-me que Revy. *[sic]*. Estive vendo com Luís seu diário, os outros apareceram. Vou almoçar. $\frac{3}{4}$ Bem, estive com meus filhos e netos, depois continuei a Revue Rouge e acabo de tomar café. Pouco depois do almoço já conversei com Revi *[sic]* e conversarei com ele às 4h. 5 $\frac{1}{2}$ Larga conversa com Revy sobre todos os assuntos que poderia interessar-nos e o Adolfo Pinheiro que procurou-me depois.

6h Acabei toda a Revue Rouge. Descanso até o jantar. 8h 70' Bem. Vi um jornal ilustrado e tenho estado com o Aljezur que foi ver se chegou o Temps. Não apareceu. 12 Terminei o extrato do discurso belíssimo de Higgins. Vou dormir.

1 de outubro de 1891 (5a fa.) — 3 $\frac{3}{4}$. 6h $\frac{1}{4}$ Pronto. Vou esperar que possa ler sem luz. 7h 35' Dormi ainda e bem. 9h $\frac{1}{2}$ A ler o livro sobre as *[ilegível]* a 7 *[ilegível]* em Granada. Aguardo o Dr. 10 $\frac{1}{2}$ Tudo bem. Assentado na sala. Cartas de Daubrée (chega depois de amanhã), de Quatrefages, do Augusto – meu neto – de Euting, professor de Strasbourg. Através Paris diz-se aí que Legouvé est intervenu par une lettre address e   Mr. de Freycenet en faveur de Thermidor. Elle était des plus emouvantes et des plus eloquentes et cette demarche venant du doyen de l'Académie aura certainement une grande importance aux jeux de M. de Freycenet et de ses collegues du Minist re.

2 $\frac{3}{4}$ Foram-se Nioac, Guillaume e Semola. Boa conversa sobretudo com o 2^o.

2h 55' Leitura às meninas. Massagem.

3h 55' Débats, noticia do Rio do Comércio do Porto da recep o do Ministro de Portugal em missão especial. L. Morais. Notícias tropa brasileira em Corumbá.

5h 5' Conversa com o Revy como sempre interessante. 5h 50' Tenho estado conversando com o Guimarães sobre pessoas do Rio Grande do Sul e agora com Aljezur e Mota Maia aguardando o jantar. 7h $\frac{1}{4}$ Bem. Vieram Isabel, que andou pelas lojas indo Gaston indo *[sic]* com os pequenos ao hipódromo ver Jeanne.  s 9h 20' saiu Isabel com a Penha e antes Gaston com os pequenos. Fico em companhia de Aljezur. 10h 20' Na cama e muito bem. 12h Vou dormir. Talvez acabe de manhã e Revue Rouge.

2 de outubro de 1891 (6a fa.) — 2h $\frac{1}{2}$ Não tenho sono. 5h 40' Tudo pronto e em dia. Já clareia há bastante tempo. Quase 7 e leio mal longe da luz assentado na cama.

10h 10' Curei bem o pó. Antes tinha tomado café. Vim bem para a sala.

10h $\frac{1}{2}$ Carta do Amelot de 23 de 7bro *[setembro]*, de Cettign . Deseja saber onde poderá encontrar-me. 1h Depois do almoço, que me soube, estive com um rapaz brasileiro que parece querer auxílio para estudar. Chama-se Francisco Vieira de Campos.   da Bahia. Veio com um francês Cacanogue *[sic]*, t mb m moço e de ares grosseiros.

2h 10' Li às meninas e ouvi Aljezur ler jornais. 5 $\frac{1}{2}$ Acabei a Crônica de la Coronaci n de Zorrilla por Manuel Sancho e que este me mandou. 9h Depois de falar ao Revy – acabado o jantar – não sei porque ele veio, ainda falei aos meus que se foram. Converso com o Aljezur. A Mota Maia tem estado indisposta.

9 $\frac{3}{4}$ Nada tinha que fazer e por isso já me acho tranqüilo na cama. 10h 50' Vou dormir. 11h 40' Dormi um pouco – sonhei muito e não tendo sono e que possa fazer agora.

3 de outubro de 1891 (sábado) — 3h Passo bem, s  urinando muitas vezes. Continuarei o artigo sobre o Japão na última Revue Britanique. 6 $\frac{1}{4}$ Tudo pronto. 10h 35' Rascunho da resposta de Carducci que mandou-me seu livro que já principiei a ler. Carta de Seibold de Londres de 1. Voltei mais tarde por causa da morte da mulher de Felbermann que penou 8 anos na cama em resultado de queda de cavalo. Chegado ele começaremos para a Hakluty Society uma tradu o das obras de Berlier. 11h $\frac{1}{4}$ Respondi e mandei a carta ao Seibold. Nada de l  e já mandei o costumado.

11h 35' Le Soleil du dimance. Le Figaro com caricaturas de Boulanger. Le Journall Illustrée, Le Petit Parisien. 1h 50' Aljezur esteve lendo jornais franceses. O Gaston esteve c  com os netinhos depois do almoço. A Isabel foi a Paris correr lojas e s  virá aqui   noite. Não gosto desses passeios sem o Gaston que não gosta de andar pelas lojas.

$\frac{3}{4}$ Acabo da massagem. 4h Comadre e arengueira apenas. 5h $\frac{3}{4}$ Longa conversa com Madame Alvim Filgueiras e Madame Spine V. A. Bart e M^{elle} A. de Alvim Filgueiras minha recomendada a Ambroise Thomas. 7h 50' Jantei bem. Li Nourrisson de quem gosto muito, discussão renhida com Aljezur. Sinto ouvi-lo discutir sobre assuntos de que não entende. 9h 10' Descansei tendo comido com vontade e agora chegou a Isabel. 11h 50' Já conclui o extrato na cama e vou procurar dormir.

4 de outubro de 1891 (domingo) — 4h 20' 6h Acabei o extrato e está a carta para ir. Não posso ainda ver bem sem luz. Vou ao Maine de Biran. 8h 40' Para variar tendo acabado de ler o belissimo escrito de Nourrisson sobre Bacon lerei Bourget, Sensations d'Italie. 9h 5' Sensations d'Italie de Paul Bourget. Ensino de antiguidade. Renovou-me o desejo de conhecer a civiliza o etrusca. Hei de estudá-la em Paris. Estou em Consen e Nud Denvergers.

Vou curar o pé. 1h $\frac{3}{4}$ Curado e daqui a pouco visto-me. 10h Vou me vestir. 20' Assentado na sala. Preparam para a missa. 11 $\frac{1}{2}$ Missa ouvida. Nada pelo correio. Mandeí minha carta. Mr. Guignet veio muito cedo. Ficou de voltar logo. 12h Almoço.

Antes chegou Charcot e falou-me da opinião de serem os judeus menos epiléticos – e soube que Sie o é – o que Charcot não tem observado na sua clínica. Foi almoçar e eu continuarei dentro em pouco meu almoço.

Vou ler Nourrisson, mas chega de comida.

4h Charcot, Daubrée, Guignet, Isabel, Gaston, Barão da Bocaina, filho do delegado assassinado de Lorena, creio eu. Acabo de conversar com a comadre. Estive com o Luís, filho da Mana Januária e o filho deste que me respondeu bem sobretudo em latim, também grego. Antes conversei com Ferand da Escola de Minas de Ouro Preto que ficou de dar-me nota sobre a Escola.

5h Acaba de sair o Nemoure que vai à Inglaterra. O Pedro também veio despedir-se que vai a Paris. 5h Acabo a leitura à Isabel. 6h $\frac{1}{2}$ Vi a Illustration e fui à comadre.guardo jantar.

7h $\frac{1}{2}$ Já comecei a carta para amanhã. Soie artificiel apportée par Guignet directeur de Gobelins. Même substance que le crin-poudre de l'un separe le nitre; mêmes conditions de la soie naturelle. Grande fabrique que l'on batit a Besançon.

9h $\frac{1}{2}$ Jantou toda a família Silva Costa com quem muito conversei sobre questões científicas sobretudo de direito. Todos se retiraram já, e daqui a pouco vou me deitar. 10h 10' Conto com boa noite. 11h Extratei o 2º artigo sobre Villele. Vou dormir.

5 de outubro de 1891 (2a fa.) — 3h 10' Dormi bem porém sonhei bastante e não tenho sono. 5h Escrevi. Vou ainda descansar até poder ler na cama. 50' Nada consegui e vou ler de novo de bruços pela falta de luz.

11h $\frac{1}{2}$ Tudo bem. Já recebi correspondência, mas não o que desejava. Tenho bastante que ler. Revy acaba de despir-se [*sic*], pede carta para a Áustria. Disse-lhe que me indicasse no que lhe pudesse tralho [*sic*] de sua profissão e me escrevesse sempre a respeito do que houver de interessante.

11h 50' Almoçar.

3h 20' Carapebus. Antes Nioac, Gillaume, José Paranaguá que me falou do Auvergne e outros. Estou com o genro do Penha, a mulher e a cunhada.

4h 20 Acabou a massagem. Esteve antes a Condessa da Estrela com o Maia Monteiro. Ia jantar com o [*ilegivel*] e a Vera que vai depois de amanhã para Nice pedindo-lhe que diga à Vera que desejara que viesse ver-me amanhã.

Aljezur vai ler-me Débats de ontem e de hoje. A produção de uma libra de Melta exige 3 milhões 750.000 de abelha em 62.000 flores.

6h 25' Saem a S. Joaquim e Eugênia Penha a quem pediu que a acompanhasse até Paris para não ir só, o S. Joaquim ficando em Paris por negócios.

11h 25' Jantei e com goiabada que me deu a S. Joaquim.

Acabei o 2º artigo sobre Villele e vou ler o artigo sobre um frade da idade média.

10h 20' Na cama. Boa conversa com Riancey depois da saída de meus filhos. Falamos da restauração a propósito dos artigos de Mozade na Revue des Deux Mondes sobre M. de Villele de Mozade. Vou preparar a escrita para amanhã até 11 ou pouco mais e dormir.

6 de outubro de 1891 (3a fa.) — 1h $\frac{3}{4}$ Não posso dormir pelo que sinto na pela que não é propriamente prurido. Vou escrever um pouco. Não posso dormir. 5h $\frac{3}{4}$ Vai ficando claro e está pronta a remessa. 6h 20' Considero-me acordado e vou ler ainda com luzes, pois na cama ainda não se lê bem. 10h $\frac{1}{4}$ Bem na sala. Isabel viu-me curar-me o pé. Já estou na sala.

5h 25' da tarde. Não tive visitas. Li bastante e escrevi. Ouvi Aljezur. Tenho estado a correr as memórias de St. Simon por causa do Marquês do Instituto que pretende fazer nova edição devendo vir um destes dias conversar comigo.

7h Janto e bem. Combates notáveis de forças brasileiras – Rio Tonelero – Riachuelo-Repulsa da Corveta abordada à noite – abordagem de encouraçado – Passagem de Humaitá em terra – Montecaseros – margens do Uruguai – Campo Grande – Avai – Itororó – Caminha no Chaco – Perebababuy? – Campo Grande – Taynoy, em que se bateram à noite 60.000

homens talvez – Mortos na guerra 1.000.000 e mais homens combates e moléstias. Despesa [ilegível] 60.000 contos despesa [sic]. 1 conto = 950 fr. 1 milliard 800.000 fr.

Fui apenas arengar com a comadre. Escrevi para a remessa. 11h 10' e vou descansar.

7 de outubro de 1891 (4a fa.) — 4h ½ Dormi bem. Não sonhei. 8h Tornei a dormir. Dia chuvoso. Já tomei café que me soube. Vou ainda extratar. 9h 25' Tudo pronto. Escrevi mais do que li. Espero o Mota Maia. 10h 35' Tudo bem. Na sala. Vou ler o Compte-rendu que chegou. Carta ao Aljezur de 1º 8bro [outubro] de 1891 de Tysenhaus Courlande escrita pelo Conde Priezdersieder mandando uma publicação em russo sobre a matemática Kovalskeskia.

11h 37' Bem. Almocei e conversei com Guilherme sobre astronomia, lendo a publicação da Societé astronomique de France de 6 de maio. 4h Continuei a ler a Astronomie e massaram-me a mão. Está comigo Villeneuve. Vem de Florença Mayrink médico. Oliveira mulher filha do Frias.

5h Foram-se diversos. Pedro deu-me publicações de numismática e aproveitei a de empregar ultimamente o seu tempo [sic]. 5 ½ Foram-se Pedro e Villeneuve. Vou conversar com o Aljezur, mas estive com o segundo filho segundo do Coutinho. O irmão está na Suíça. 6h 40' Aljezur leu-me Bourget Sensations d'Italie que me agrada mais [sic]. A hora do correio é sempre, não sei porque, afluente de esperar.

7h 10' Jantei bem lendo a Revue cujos artigos já posso ex- [sic].

8 de outubro de 1891 (5a fa.) — 5 ¾ Não tenho dormido quase e tenho uma dor do lado esquerdo que felizmente é [ilegível] e vim à comadre bastante. Depois leu-me Aljezur. Não [ilegível] por causa das costas. Mandei chamar [sic] o Mota Maia. 8h 50' 1h Acordei segundo de [ilegível] de sucesso bem diferente do que me tem sucedido ultimamente com a memória de sucesso exatamente referido [ilegível] e bem diferente do que sucedido. [Trecho ilegível].

11h Bem sozinho.

“12h 30' as meninas. 1h 30' Sr. Aljezur. 3h a visita”. 1h 50' Escalam-me sobre a cabeça mas felizmente não me escalam. 1 ¾ Massachussets. Conversa as [ilegível] membro do Instituto, muito interessante [ilegível] do sentido. Bem das costas. 4 ¼ Acabei de queimar as costas. Dormi sossegado. 4 ½. 5 ½ Cura do pé, quase bom e só se pode fazer hoje a esta hora.

6h 50' Jantar. Mandei vir mais cedo para dormir cedo, sentir o estômago vazio e a comida é leve.

“Dormi das 8h até às 9h 15', às 9h 30' Isabel despediu-se de mim”.

9 de outubro de 1891 (6a fa.) — 1 ½ Dormi. Sonhei muito. Uma história universal até ontem. Imaginava eu versos homeométricos que fosse escrito [ilegível] sofrível. Vou descansar ainda até ser bom dia. Forte maçante inverno que se aproxima! 6 ½ Muito claro. 7h 40' Acabei a parte extrato para remessa. Daqui a pouco tomo café. Tem havido neblina.

8h ¼ Espero só o correio. Tenho lido de Nourrisson de que tenho gostado cada vez mais.

7h 5' Jantei bem. Farei que [ilegível] Nioac. 5 ¼ Antes Aljezur. Jantei bem. Inscrição da casa de Labruyère.

10 de outubro de 1891 (sábado) - Dormi bem. Conversei com a comadre. Ainda me dói contudo o lado direito. Até 3 a alma fez-me. A escultora tem objeto determinado. Teme isto sucedido [sic] várias vezes e antes dos trabalhos de Ravaisson havia eu assim sonhado uma restauração da Vênus de Milo.

Isabel e Gaston, Estrela está almoçando aqui. Já almocei. Carta da Januária de 9. ½ Saíram muitos dos que [Trecho ilegível]. 55' Foi-se Nioac.

11 de outubro de 1891 (domingo) - Custou-me a passar a noite, felizmente acordava às vezes e conversava com o Guilherme a respeito de sua vida. Veremos se posso hoje escrever sobre as publicações científicas que tenho. O sol deve nascer às 6 1/4. Já claridade na vidraça. Já alguma claridade, é luar?

11 de outubro de 1891 (domingo). 11 (domingo) [sic] — 6h 40' Ainda passarei pelo sono. Névoa. 10h Já estou felizmente assentado na sala. 11h ¾ Chegaram os netinhos. Almocei com vontade e vou expedir a diária.

12h Estive com Daubrée que ficou de indicar-me breve o matemático e a Zabel *[sic]* que se retira para voltar. Leu-me Luz e calor.

12h 20' Retiraram-se Itajubá com quem muito conversei e as Teixeiras Leites. Vou descansar até o espetáculo.

4h 50' Deitei-me na cama para descansar e massar as mãos.

4h 50' Aljezur vai ler. 7h 20' Jancam *[sic]*. Ainda mais hora de espera. Telegrama de Olga agradecendo os p esames.

10h 5' Linda soirée de recita o e de canto. Falarei amanhã dela.

12 de outubro de 1891 (2a fa.) — 4h 55' Não posso mais dormir e acordei penso ainda na festa de ontem. Vou *[ilegível]* e ler a continua o de Sensations d'Italie.

6h 35' Je vois déjà le ciel s'eclaircissant. 6h 37' O Jahn tem lido Bourget. L  muito mal porém serve.

7h 5' Chega Guilherme. 7   Leu Guilherme e ca- *[sic]*. 7h 45'.

10h 50' Na sala. Já fiz a remessa do costume, não tendo aliás nada recebido. Gaulois de hoje. Mermillot ia sem gravidade. Aljezur ler no Comércio do Porto notícias do Brasil até 21 7bro *[setembro]*. Diz que Lucena apresentou mensagem ao Presidente sobre o estado financeiro de que publica extratos.

12h Almocei bem. Nioac telegrafara não veio ainda. Estão aqui a Isabel e a Penha gêmea. 3h 6' Barão de Albuquerque, Villeneuve, Nioac, Maria, filha casada com o Conde Latour.

3h 40' Vou descansar na cama e massar as mãos. 5h 20' Ouvi o Pedro ler-me a Revue Bleue de 10 que há de terminar amanhã ou depois. Vou conversar com Aljezur.

6h 20' Na sala para jantar. Os artigos do Laet sobretudo a respeito dos quadros de Salvador são notáveis. 9h 10' Aljezur l , mas caio de sono daqui a pouco *[ilegível]*.

9h   Não posso mais. Vou dormir. 9h 40' Já posto sobre a cama. Bebi  gua e vou *[sic]* Guilherme até eu ler. "1h 30' da manhã. Guilherme me leu *[sic]* até as 2h 45' Sensation d'Italie".

4h 10' – 5   Ouvi Bourget até agora. Vou descansar.

"8h Tomei café".

10h 37' Muito bem. Ainda não conclui a remessa e vou 11h 35' almoçar.

12h 12' Isabel foi-se com a filha do Penha mais velha. Almocei bem e logo ouvirei Aljezur. Já foi a remessa. O correio nada de carta. Pac ncia!

1h 40' Foram-se Boulanger e um fabricante de luvas e mulher com f rica *[sic]* que visitei no Rio.

2h 50' Li às minas *[sic]*, com 12 dias está acabado.

6 É Na sala e vou jantar às 6h  . Amanhã espero por a pata no chão e daqui a dias passear. Não se cura a indiferença.

6h 20' O Machado por telegrama a 4  Universidade da Holanda é em Groningue.

8h   Chegou Isabel com a Penha. Ela leu-me muito de Bourget. Foi-se com a Penha e eu vou t mbe m para a cama. 10h 5' Bem na cama e vou descansar. 11h Trabalhei bem. Vou dormir.

"14 (mercredi)".

14 de outubro de 1891 (4a fa.) — 3h Dormi e vou continuar a dormir.

14 (4a fa.) — 5h   Já raiou há muito a aurora. 6h 40' Acabei a leitura de Bourget feita hoje ainda pior pelo Jahn.

7h 20' Quase pronta a remessa.

10h 40' Vim sofrivelmente por meu p , mas apoiado, para a sala. Li carta do Eduardo Prado de Londres de 10. Escrevi a Daubrée sobre o estudo de matemáticas. Aljezur vai ler. 11   Riancey manda-me o programa da soirée de que me promete repeti o caso eu queira. 11h 40' Aljezur acabou de ler-me no Débats o artigo.

2h 10' Veio Gaston com os meninos. Completou hora da leitura às Motas Maias e agora l  Aljezur diários do Rio – do Comércio de 19 e 18.

3h Comadre e massagem no salão. 6h   Ouvi Guilherme quando Aljezur teve de cessar a leitura do "Artista" de agosto. As Sensations d'Italie e espero o jantar. 10h 10' Vim por meu p  da sala para o quarto de dormir. 11h 7' Extratei e vou dormir.

“15 de 8bro de outubro de 1891 – 3h Leo-mi *[sic]* o Guilherme até as 4h”.

6h 10' Acabei de ouvir Bourget, começando o Guilherme a ler o livro Les trois revolutionnaires de Nourrisson. Já vai ficando claro. “Até às 6h 50”.

9h Sai Isabel. Grande aniversário. 1 Arranjei a remessa que ainda não pode ir. Li o magro Compte-rendu. Escrevi a Daubrée.

O almoço soube-me.

Por causa do dia talvez venha muita gente depois de ter estado com a Isabel.

2 ½ Li às meninas esperando terminando *[sic]* acabar antes de ir para Paris. Conversei sobre o Amazonas com o Chevalier.

8 ¾ Jantei bem com todos. Fui e vim bem por meu pé. Ante estive deitado para descansar lendo-me Guilherme e o Pedro o livro de Nourrisson Les Reformateurs.

8h ½ Não há ocupação para a noite e as crianças batucam no piano.

9h Esteve o Aljezur lendo o *Matin* a propósito do prêmio Jean Jezevanoid?. Estou com sono. Vou deitar-me. 11h 10' Vou dormir, e posição de escrever de bruços é incômoda.

“Vendredi 16 Octobre [outubro] 1891, 5 heures du matin”. 6 Tenho estado a ouvir o Jahn a continuação da vida de Turgot por Nourrisson. Está trovejando. 6h 7' Já está bastante claro fora. 7h 55' Tomei café muito mal feito. 9h 50' Lido. Pé curado e quase a vestir-me para ir para sala

10 ½ Enviei a remessa – mas talvez venha alguma cousa a esta hora. 11h 10' Na sala. Não vim tão bem como ontem.

1h Tenho lido Nourrisson. Almocei bem e fui à comadre abundantemente.

6 ½ Ouí da cama o Aljezur ler-me o artigo de Fouillée da última Revue des Deux Mondes. Estou bem na sala para o jantar. 6h 25' Estive emendando a cópia do processo da seda artificial e vou jantar.

9h ½ Vim bem por meu pé até a cama. Vou preparar remessa e dormir. 10 ¾ Extratei e vou repousar. “1h 50' Lê o Guilherme”.

“Sábado 17 de 8bro [outubro] de 1891 . 4h 15' Lê o Guilherme até 5h 15'.”

7h ½ Acordei muito estrompado. Felizmente não tenho muito que fazer agora.

11h 10' Na sala. Vim bem. Já respondi a Daubrée que vem amanhã e mandei a remessa. O Guilherme leu-me de noite, pois não tive sono, quase todo o belo estudo de Nourrisson sobre Turgot. 11h 40' Aljezur leu Débats e principiou La Nature. Continuo-a até o almoço que já chegou.

1h ¾ Almocei bem. Aljezur. continuou a ler-me La Nature. Mandei ver se as Motas Maias vinham *[sic]* à leitura., porém vêm mais tarde. 2h 35' Montpensier, Gaston e conversa espanhola. Depois Vasconcelos de Cannes que vai ao Brasil, mas volta e outros dois brasileiros que darão seus bilhetes – ajuntarei seus nomes.

3h ¾ Acabei a leitura às meninas e vou deitar-me e massar as mãos lendo-me o Guilherme. 6 ½ Continuou a ler-me, vim bem por meu pé para o salão onde estou muito bem assentado. 7h 10' Li o livro principal de Nourrisson, mesmo jantando. Tudo me soube. Agora descansarei.

8h Comadre. Continuo a descansar. 9h ¼ Vim bem por meu pé. Conversei com Isabel e a Eugéninha e depois dormirei.

“Dimanche le 18 Decembre [dezembro] 1891, commencé la lecture à 1heure 15.” 6h ¼. 7h ¼ A remessa está quase pronta. 8h ¼ Café que não foi bom. O Nourrisson até agora que tenho muito sono. 11h 50' Vi Bulletin de la Société de Géographie de Marseille 4^{ème} trimestre 1891. Foi só o que me trouxe o correio. Já foi a remessa.

Ouí missa com o Pedro. Isabel anda por aí. Assistiu a viúva do engenheiro Coutinho.

As meninas Motas Maias ausentes. Agora vou continuar a almoçar. 12h 10' Bem. Descanso.

Daubrée ainda não apareceu. 2h Quase. Acaba de sair. Conversa muito interessante e ajusto sobre o estudo das matemáticas. 2 ¼ Foi-se embora de novo Daubrée depois de ter estado este com a Isabel que está aqui com a Eugéninha.

6h 25' Ouvi ler Nourrisson (Necker) Comércio do Porto de 14 – Rio 13, câmbio 14 $\frac{3}{4}$. Lopes Trovão resignou o mandato do deputado. Tem havido completo sossego. Janto e bem. Figaro de 10. Trabalhos agrícolas de G. Ville. Orçamento de 92 com excesso.

9h 10' Na cama. Vim bem por meu pé. Pareceu-me ter mais vontade de dormir. Vai Guilherme ler Nourrisson. “10h 35' Vou dormir. 5h *[sic]*”

19 de outubro de 1891 (2a fa.) — 6h 50' Ouvi Guilherme de 9h $\frac{1}{4}$ – 10 $\frac{3}{4}$. Conversei das 12 $\frac{1}{2}$ – 2h $\frac{1}{4}$ – 5 $\frac{1}{2}$ e não dormi mais. Nourrisson (acabou-se Necker, principiado Bailly).

10h Já curei o pé e antes preparei a remessa. 11h Na sala por meu pé. Carta de Carducci de 15 em resposta. $\frac{3}{4}$ Pedro começou o Débats de hoje. 12h 10' Almoço com vontade.

$\frac{3}{4}$ Pedro acabou de ler-me o Débats de hoje. Reponse de Kear folhetim teatral.

1h 35' Foi-se Silva Costa com a mulher. Prometeu-me livros de direito romano. Meus papéis e jóias estão a chegar. 2h $\frac{3}{4}$ Acabei de ler às meninas. 6 $\frac{1}{2}$ Vim bem por meu pé até o salão.

9h $\frac{1}{2}$ Jantei bem. Depois ouvi tocar e cantar por Isabel e Eugeninha e já estou *[sic]*. Fui conversar logo com a comadre o que julgo prepara-me boa noite. Vou ainda Jean ouvi ler *[sic]*.

11h 10' Vou dormir.

4h 45' Vejo claro na janela. Deve ser luar. 5 $\frac{1}{2}$. 6h $\frac{1}{2}$ Interrompi a leitura do Jean que caía de sono. Vou descansar. 7h $\frac{1}{2}$ Ainda vou à comadre. Tenho passado bem. 6h $\frac{1}{4}$ Começo a preparar enquanto o Jean suspendeu a leitura que recomeça agora, 8h $\frac{1}{2}$.

10h 55' Já estou na sala onde vim muito bem. Recebo Compte-rendu de 11. Carta da Januária de Nice de 18. 11h 25' Passeio-o pela vista e acabei a revista que já mandei. Pedro foi a Paris. Já falei a Aljezur e mandei a remessa.

11 $\frac{3}{4}$ Almoço bem. Isabel acompanhada de Eugeninha acabam de sair. Vem jantar.

1h $\frac{1}{2}$ Ler às meninas.

3 Estive com uma brasileira Mme. Chaves Haya que pede carta minha recomendando o filho ao Aumale. Disse-lhe que veria.

Aljezur ler jornais do Rio. 7h 40' Jantando. Descansei na cama ouvindo ler Nourrisson cujos estudos de filósofos muito me agradam. Creio que lerei ou antes ouvirei ler todos os livros antes de ir para Paris onde conto dormir domingo no Hotel Bedford que segundo Mota Maia voltado hoje de Paris está pronto.

10 $\frac{3}{4}$ Houve música, piano e canto também. Yvonne Riancey recitou. Fato agradável a cantora de Versailles é feia mas muito boa artista.

“Quarta-feira 21 de outubro de 1891 – 12h 30' Ouvi ler o Guilherme. 2h até 4 horas e às 5h e 20' até às 7h”.

Acabei de ouvir ler o livro de Nourrisson sobre Spinosa. Excelente.

11h $\frac{1}{2}$ Vim bem para a sala por meu pé. Estou assentado.

11h $\frac{3}{4}$ Carta do professor Max Pettenkofer de Munich de 16 8bro *[outubro]* agradecendo as poesias hebraicas. É curiosa.

12h Almoço bem. Nada recebida de publicações. 1 $\frac{1}{2}$ Conversa interessante com Tachard sobre os Ristoris etc. etc. Foi-se.

2 $\frac{3}{4}$ Acabei de ler às meninas. Antes de Paris termino a História e começo a obra de Abreu e Lima para ligarem as idéias. 2h 20' Vou massar as mãos e descansar na cama. Vou falar a Mme. Heyne. 4h Foi-se. Boa conversa. Vou massar-me. Ouvi ler Guilherme Nourrisson e depois Aljezur o artigo da Revue des Deux Mondes, “La France et l'esclavage africaine”.

9h 20' Jantei bem lendo sobre Pascal. Chegam Isabel com duas Penhas e mandou-se preparar o jantar que vão comer. O Gaston e os meninos foram a Montmartre, mas Isabel ainda nada me pode dizer.

8 $\frac{1}{4}$ Muito sono, comadre sem resultado.

9 $\frac{1}{2}$ Isabel tem tocado bem piano, mas daqui a pouco vou dormir.

“1h 45' Bem na cama. Jean vai ler”.

“Jeudi 22 Octobre [outubro] de 1891, commencé la lecture à 1 45 sur la nature écrite par Nourrisson. Orinei [sic] às 2 40h reste à 2 50 de nouveau rommancé la lecture às 3 15h.”

5h 55’ – 8h Já tomei café. 12h 10’ Vim bem com meu pé para o salão. Ouvi antes ler Nourrisson de que muito [sic]. Aljezur já leu no salão.

Almocei bem e aguardo Aljezur para nova leitura. 12h ½ Guilherme lê-me o livro de Nourrisson. 12h 55’ Foi almoçar. 3 ½ Bem. Longa conversa com Tovar e mulher. Saem Isabel e gêmea do Penha (Maria Elisa) e vou à massagem. Vim bem para o salão onde espero com Isabel e as duas Penhas o Gaston com os pequenos. 7 ¼ Gaston não veio que eu visse. Jantei lendo o livro mais importante de Nourrisson. 8h 50’ Retira-se Isabel com as Penhas. 9h 5’ Vou deitar-me, ouvir ler e dormir. 9h ¼ Muito bem na cama. “Guilherme leu-me”.

“6a feira – 23 de 8bro [outubro] de 1891 de 9h 15 até 10h 30 e mais das 1h 15’ até às 2h 30’. 3h até 4h 20’.”

6h 50’ Dormi soavelmente mas ouvi ler muito. 7h ¾ Acabo de tomar café com pão e manteiga. Fazem mal o café. 11h 20’ Bem para a sala. Remessa feita. 12h 40’ Aljezur leu Débats. Vou almoçar.

Aumale, com quem conversei bastante. Isabel, Gaston e crianças. 1h ¼ Foram-se. Vem Isabel logo para o Riancey. aguardo as meninas para a leitura. Esqueci-me dizer que fiz Luís traduzir grego. 2 ¾ Leitura às meninas. Espero acabar amanhã a tradução brasileira da História do Southey.

6h ½ No salão e muito bem. 9h ¾ Conversei depois do jantar. Pedro foi para o baile do Riancey. Eu já na cama. O Jean lerá. “11 20 Samedi 24 Octobre 1891. C’est la lecture non continuer par le sommeil de Jean. 12 ¾ commencé à dormir au même moment cessée la lecture à 1 40.” [sic]

24 de outubro de 1891 (sábado) — 5h 50’ Ouço o Jean acabar de ler o livro de Nourrisson Philosophie de La Nature. (Bacon, Boyle, Toland, Bataille). Já vejo claro na vidraça. 7h ¼ Dia sombrio. Preparo a remessa. 11 ¼ Tudo feito. Isabel e Gaston já vieram. Jantam comigo em Paris.

11h 35’ Aljezur leu-me Débats que logo terminará. Vou almoçar. 12h ½ Bem. Respondi a Daubrée e escrevi a Hermite pedindo-lhe seu parecer sobre um trabalho que me mandaram do Rio e sobre o qual desejava o autor, um Gaia de S. João da Barra. Parece que não será favorável.

12h 55’ As Motas Maias já foram para Paris. Aljezur não me aparece. Agora é quase só aguardar a partida, felizmente deste buraco. 6h 20 Cheguei muito bem ao Hotel Bedford.

Grande conversa com Daubrée que me deu conta da Sessão aniversária de hoje do Instituto e já falou a Picard membro da Academia das Ciências para o estudo dos progressos das matemáticas. Vou para a sala. 9h 40’ Jantei bem com todos. Conversei com bastante. Vim bem com meu pé para a cama onde estou ouvindo Guilherme ler-me a continuação da Revue Britanique de 7bro [setembro]. 11h Vou dormir.

“25 de outubro de 1891 (domingo). 2h 30’ Leitura – 4h 30’ (Revue Britanique).”

5h ¼ Não tenho sono. 8h ¼ Dormi até agora, que preciso escrever com velas acesas. O hotel parece mal escolhido. 10 ½ Tudo bem assentado perto da janela. 11 ½ Já ouvi a que assistiram diversas pessoas e sobretudo uma senhora de ar bem distinto. Nada de correio. Preparei-me para o almoço. 12 ½ Bem e com os companheiros. aguardo Aljezur para o almoço. 12 ½ Bem e com os companheiros. aguardo Aljezur para ler-me.

2h ¼ Sai Nioac com quem muito conversei sobre as grandes empresas européias pedindo-lhe os últimos relatórios a respeito delas e dos negócios do Brasil. Creio que poderei sair de carro.

2h 25’ Aljezur leu-me o Débats que trata da Sessão das Academias do Instituto realizada ontem. 4 ½ Volto de bom passeio pelo Bois de Boulogne. Gostei.

Vou massar-me e entretanto ler-me-á Guilherme. 6h 5 Tudo muito bem. Escrevo. Conversei estando deitado com o Estrela e os SS. Joaquim. O Guilherme tinha me continuado a ler a narração da Sessão de história das 5 Academias.

6h Escrevi carta a Greani do Instituto a qual será entregue por Américo Cunha filho de Reginaldo, a qual me pediu Mota Maia. Vou jantar aqui a pouco.

9h 40' Bem. Conversei. Só o Pedro assistiu ao jantar, mas um feijão da casa do Estrela desarranjou-lhe um pouco o estômago.

O Augusto foi ao Circle d'hiver. Já estou muito bem na cama e vou ouvir Jean a Revue. Recebi hoje resposta de Nourrisson a meu telegrama por seus anos. Figaro de 17 artigos marcados.

11 ¼ Vou dormir.

26 de outubro de 1891 (lundi) — 4h ½ Ouvido ler por Jean até agora. Vou descansar. 7h ¼ Já não posso dormir, passei bem, está escuro e só com vela posso ler. Vou ouvir o Jean. 8h 20 Acabou o artigo muito interessante sobre o imperador da Alemanha. Vou aprontar a remessa. 9h Vim da cama muito bem para perto da janela onde escrevo.

9h 50' Carta de Taunay tendo o sobrescrito esta nota de Rebouças – Com muitas saudades de André Rebouças – de Petrópolis 1 de 8bro [outubro]. É interessante.

11h 45' Estive vendo um livro com vistas da Bulgária com o Augusto. Vieram Isabel e Gaston para o almoço a que vou. 1h 10' Bem. Meus filhos e neto Pedro foram-se. Vou ler até Aljezur vir ler-me. 1h 40' Acaba Daubrée. Conversamos sobre a sessão das 5 comédias [sic]. Breve se publicarão os discursos.

Garnier está na cama com um ataque de pedra nas bexigas. Ficou de dizer a Nourrisson o que penso de suas obras. Vou sair.

3h 50' Volto das Buttes Chaumont. Gostei do passeio. Vou me massar. Passei por defronte do colégio Chapital e de outros edifícios que mencionarei talvez depois. 5 ½ Já estou assentado e pronto para o jantar conversando com o Nioac. 6 ½ Estive com conversando com [sic] Cecília Monteiro de Barros e a filha, nora de Nioac assim como com este que se tiraram [sic] agora.

7h 35 Jantei bem. 9h 10' Foram-se Bois-Brunet, mulher e filha. Falamos muito de Cannes para onde parte um destes dias. 10h Vou deitar-me. 10h 4' Já na cama. Vou Jean ouvir ler.

Revue Britanique 7bre [setembro].

27 de outubro de 1891 (3a fa.) — 6h Guilherme vai ler. 6 ¾ Guilherme a Revue Britanique de 7bro [setembro], e continua. Já vai clareando bastante. 7h ½ Vou tomar café. 8h Já estou assentado muito bem perto da janela não precisando de vela. Vou adiantar a remessa. 9h ½ Escrevi bastante e vou ver se Aljezur me lê agora um pouco. 9h ¾ Aljezur não está em casa. Já curei o pé que já está quase bom. Carta da Mana Januária de 25 Nice. 11h Vai a remessa. Vestir-me para o almoço. 20' Pronto para o almoço. 11h 45' Almocei bem.

2h 10' Foram-se Alberto Fialho, Taunay, Abílio, o Boulanger e antes Guillaume e Nioac, conversou-se bastante. Vou sair de carro.

4 ½ Passeio pelo Bois de Bolougne. Voltando achei o Villeneuve que sai agora, pedi-lhe que dissesse à irmã Mme. Picot que estimaria vê-la. Vou massar-me.

5h 50' Daubrée com quem conversei longamente e trouxe-me provas dos discursos da sessão aniversária das Academias. Escrevi na banca muito bem e vou vestir-me para jantar. Guilherme leu antes Revue Britanique de 7bro [setembro].

6h 40' Li o discurso de Aucoc presidente da sessão pública anual das 5 Academias a 24 de 8bro [outubro] de 1891.

6 ¾ Jantar. 7h 40' Bem. 8h 5' Pedro despediu-se que ia ao Théâtre des Variétés. 8h 20' Vou no ancessor [sic] ouvir tocar as Motas Maias. 9h 50' Fui no ascensor aos aposentos do Mota Maia ouvindo a filha mais velha e a mestra tocar piano. Lá estava a viúva do Dr. Coutinho com quem conversei e agora vou para cama e dormir ouvindo Guilherme ler a Revue Britanique de 7bro.

10h na cama. Vou Jean ouvir ler.

28 de outubro de 1891 (3a fa.) — 3 ¼ da manhã. Não tive sono e mande Jean ler o trabalho Les pays des trogodlytes lido por Harry na sessão anual das 5 Academias a 24 de 8bro [outubro].

6h 10' Já claro. Não dormi mal, porém urinei *[sic]* muitas vezes. Jean vai ler-me. 8 ½ Tudo pronto, só espero as 10 1/2. 9h ¼ Já respondi ao Taunay por intermédio do Rebouças a quem também escrevi. 10h O pé vai bem. 11h 5' Remeto. Vestir-me para o almoço. 11 ½ Pronto e tudo bem. 12h 20' Almoçado e bem. Na sala.

1 ¾ Penedo (mulher) Itajubá, mãe (que está bem conservada) e filho. Vou sair de carro.

4h 12' Jardin d'Aclimatation. Vi o que pude carro *[sic]*. A edição do catálogo tinha-se esgotado. Vou à massagem e a Isabel ler-me-á a leitura que não pude fazer-lhe no domingo. 6h 5' Leu-me. Depois estive conversando com o Estrela e tendo saído da cama, estou pronto para o jantar. Agora é que li carta do Renan agradecendo-me em nome da Academia das Inscrições e Belas Artes a minha tradução dos *[ilegível]* contadins. 9h 55' Na cama. Antes e depois do jantar que me soube conversei com as Motas Maias e a Coutinho nora e filho mais moço. Foi bom dia. Amanhã terei Mr. Picard do Instituto para as matemáticas. Agora vou ouvir ler e dormir.

29 de outubro de 1891 (5a fa.) — 5 ½ Dormi bem. Já não tenho sono. Vou ouvir ler o Guilherme. 5 ¾ Fui à comadre com proveito e ouvirei o Guilherme. 7h 12 Assentado perto da janela onde trabalho sem vela. 9h Pronta a remessa. 11h 5' Vestido e bem disposto vou mandar o que está pronto. 11h 10' Espero Aljezur. Leu-me pouco.

12 ½ Acabo de almoçar bem. 1 ½ Foram-se Silva Costa e Wagner que nos falou muito de onde nasceu e esteve no principio da revolução. 1 ¾ Saem depois de meus filhos Condessa Estrela velha e o Nioac. Vou passear de carro.

3 ½ De volta de Neuilly. Foi tudo bem. Enquanto não vem Picard poderá Aljezur ler-me – mas fui conversar antes um pouco com a comadre. O Guilherme lê-me a Revue des Sciences do Débats de 29.

4h 34' Sai Picard com quem conversei bastante e deixou-me nota de obras que me inteiraram do estado da ciência relativamente ao que desejo saber.

5h 40' Massagem feita e vou tomar medida do pé para o sapato. Enquanto me massava conversei com Daubrée. 5h 50' Ouvirei Guilherme a Revue du Monde Latin do 1º.

6h ½ Chegou o Pedro que jantou com a Mana Chica e diz-me que a Isabel vai ver Édipo-rei no teatro. Chamam-me para jantar. 7 ½ Bem. 10h ¼ Isabel e os Tostas cuja volta muito prazer me causou. Antes estive com a irmã do Mota Maia a qual veio com eles. Conversamos sobre tudo. Já estou na cama e Jean vai ler-me até eu dormir.

30 de outubro de 1891 (6a fa.) — 5h Não tenho sono, mandei Jean ler-me a Revue Britanique de 8bro *[outubro]* e agora recolher-se porque diz ter frio. 7h 10' Não tive sono e só espero a chegada do correio. 8h 5' Já tomei café e estou muito bem assentado perto da janela. 11h 35' Ouvei ler e trabalhei. Recebi cartas de Taunay, Paranaguá, Oscar Pederneiras e de outrem escritas do Rio. Vou almoçar.

12h ½ Almocei com vontade. 3 ¼ Volto de Neuilly e bem disposto vou à massagem.

6 ¼ Bem. Conversei com Nioac, ouvi ler e conversei até há pouco com o Villeneuve e já me vesti e aguardo o jantar.. 6h ½ Vou para ele.

7 ½ Jantei com vontade. 9h ½ O Temps nada tem de interessante. Tenho estado conversado com Aljezur e Mota Maia. Estou com sono e talvez pouco ouça ler na cama.

9h 40' Já na cama e bem. Vou ouvir ler até dormir. “Lectures 12h 30' até 2h.”

31 de outubro de 1891 (sábado) — 4 ¾ Vou ouvir ler. 5h 50' Ouvei ler até agora. Vou ver se trabalho na remessa. 7 ¾ Está pronta e agora já estou perto da janela muito comodamente assentado.

9h O Guilherme continuou a ler-me a Revue du Monde Latin de 8bro *[outubro]*. “L'ancêtre des agronomes italiennes” muito me agradou. O artigo sobre Mme. de Stael é muito bem escrito. Enfim esta revista tem melhorado muito.

10h 5' Jean vai ler-me o resto da Revue du Monde Latin. Terminou-a. ¾ Nada veio, porém enviei minha remessa. 11h 25' Pronto para o almoço. 12h 25' Acabei de almoçar e bem. 1h 5' Tive uma descarga que me fez muito bem.

2h 10' Acabam de sair Figuiet que me trouxe livros e deseja que eu me interesse por sua empresa de vulgarização da ciência, e o marido da Pretz, e esta minha conhecida antiga.

4h 10' Volto do passeio. Lado de S. Cloud. Gostei muito. 6 ¼ Tive Daubrée com quem conversei na cama depois da massagem, depois de tê-lo feito com Nioac, tendo me lido antes um pouco o Guilherme. 6h ½ Continuei a ler o Cours d'épigraphie latine por René Cagniat. É interessante.

Jantar. 7h 35 Bem. Tenho estado a conversar com Aljezur depois de tê-lo feito com S. Joaquim e já sinto sono.

10 ¼ Já na cama e vim bem apoiado na minha bengala. Vou ouvir ler até 11h – Pois foi até 11 ½ e agora dormir.

1 de 9bro [novembro] de 1891(domingo) — 4h ¼ Dormi bem. Vou ouvir o Jean ler. 7h Jean leu a Revue Bleue de 24. Cochilei um pouco. Vou aprontar a remessa. 10 ¾ Estive com Seibold e já estou vestido para a missa. 11 ½ Disse-a o Père David do Instituto. Vem dize-la também e então conversaremos. Os negócios da Chica não vão bem para os cristãos. Prometeu-me uma publicação dele. Não admite o homem terciário como de Quatrefages, não aceitando como este as provas da existência daquele. Conversaremos amanhã, que dizer-me missa, a respeito desse assunto. Aguardo Isabel para o almoço.

12h 43 Almocei bem. 1h ¾ Tive sono. Vou ao passeio.

4h Courbevoie – monument de la defense nationale – [ilegível] St. Cloud. Vi muitos bondes a vapor. No Sena havia uma barragem para elevar a água e comportas. Voltei pelo Arc d'Etoile e Campos Eliseos.

6h 5' Seibold leu o discurso de Vogué sobre as memórias de Marbeau. Vieram Daubrée, Estrela, Maia Monteiro e Penedo com quem conversei até agora sobre cousas passadas. Vou vestir-me para o jantar.

6 ¼ Pronto. Aguardo o jantar. 11 ¾ Comi bem. Depois conversei com Aljezur e vim deitar-me muito bem por meu pé apoiando-me numa bengala. Acabo de ouvir Seibold os discursos de Lermonet e de Bouquet de la Grye na sessão das 5 Academias a 24 de 8bro [outubro]. Vou dormir.

2 de novembro de 1891 (2a fa.) — 4h Já não tenho sono. 5 ¼ Guilherme leu-me em alemão um pouco da obra “11 anos no Balcan”. 5 ¾ Leu-me a Revue des Religions de Revue de julho-agosto. 7h Dormi bem. Já está claro na rua mas na cama só vejo com luz.

7h 23' Muito bem assentado perto da janela. ¾ Tomei café e continuo. 10h 40' Nada. Vai a remessa. Missa. 11 ¼ Ouvida dita pelo Père David. 50' Conversei largamente com ele que almoçou perto de mim e agora despedi-me de Vasconcelos e mulher que vão ao Brasil pelo pacote de 5 de 9bro [novembro] pretendendo voltar.

3h 35' Fui a Asnières. Vou tomar café e massar-me. 6h 15' Seibold leu Revues des Etudes Junies e o Débats de hoje em parte. O Pedro despediu-se, que parte esta noite para a Bulgária. Pronto para o jantar. 6h 35' Trabalhei para a remessa e vou jantar.

7h 25 Jantei bem. O Augusto apareceu mas não jantou. 8h 50' Julguei mais cômodo conversar na cama onde já estou. 9h ½ Aljezur com quem eu conversava retirou-se dizendo que o fazia por estar com sono. Vou adiantar a remessa. 10h 55' Seibold acabou o folhetim do Débats de hoje sobre a comédia tirada do “Père Goriot” de Balzac. Vou dormir.

“Mardi 3 Novembre à 3 heures. S. M. a demandé por orinar [sic].”

3 ¼ Quis à outra hora marcada que Jean lesse, mas alegou dor nos olhos e foi dormir. Mandeí acender a lâmpada pois não tenho sono. Quase 5. Vou descansar tendo extratado o folheto sobre a Austrália. 7h Acordei. Ainda é precisa luz. Vou ouvir Jean ler. 8h Assentado muito bem perto da janela depois de ter tomado café.

10h Remessa pronta. 11h Vou me vestir. Jean tem-me lido o Figaro de ontem.

½ para o almoço. 12h 20' Bem. Daqui a pouco lição de Seibold. 1 Vai ler-me o Débats. Antes leu-me Aljezur o Temps. 1h ¼ Picot que se diverte lendo Horácio e a Boulanger. O Seibold tem-me lido a carta de Paul Leroy Beaulieu sobre a Tunísia. Lavigerie vai melhor. 2h 40' Bovet Charmont e outro paraense. Nora do velho Maxwell com as filhas. Vou sair.

3h 50' Volto. Passeio ao Trocadero. Agora café e massagem.

6h ½ Daubrée, Estrela – aquele falou-me da sessão de ontem da Academia. Seibold tinha-me lido o Débats. Agora vou jantar. 7h 25' Jantei bem. 8 ½ Acabo de estar com o Topin e a mulher e muito conversamos sobre cousas passadas. Quase 9h Aguardo Seibold. 10 ¼ Hebraico. Não esqueci-o. Vou deitar-me e dormir. 10 ½ Já cama. Vou ouvir ler.

“5a fa. 4 de 9bro [novembro] de 1891 – Guilherme leu-me [sic] das 2h 30' – 4h 15' L'Histoire des religions”.

6h Dormi bem e aguardo a claridade para terminar a remessa. 7h 20' Guilherme continuou a ler a Revue de l'histoire des religions que muito me interessou agora e já estou perto da janela. 11 ½ Mande a remessa adiantando bastante o extrato. Vestido para o almoço. Fiz o Luis traduzir grego. Chegou depois Joinville. Volta do Rond-point. Não gostei muito do passeio. Dia nevoento e úmido. Vou massar-me e ouvir Seibold ler.

6h 20' Seibold leu-me o Débats e continuou a Revue des religions. "La religion et le Théâtre dans l'Inde" – muito interessante. Aguardo o jantar. 7h 20' Bem. 8h Daqui a pouco lerei às Motas Maias.

9h ½ Lia quando Mota Maia dá-me notícia de telegrama noticiando revolução no Rio e ditadura. 10 ½ Estive com Eduardo Prado que chegou da Inglaterra e também me falou da revolução. Volta para Londres, aconselhei-lhe que em suas correspondências falasse dos melhoramentos da Europa. Vim bem para a cama tendo ido antes à banca e com algum proveito. Vou ouvir ler.

5 de novembro de 1891 (5a fa.) — 4h 37' Dormi bem. Vou ouvir ler. Jean leu-me a Revue des Religions. São 6 ½ Já clareia. Vou descansar e dormir se tiver sono. 8h Tomei café. Já assentado perto da janela. 10h Está pronta, só falta ver o que chegará pelo correio.

12h 40' Almocei bem.

1h 20' Estive com o Cônsul da Áustria afim de assinar a procuração afim de receber legado da Montemotein. Falei-lhe no meu desejo de ver os Hoyos.

1 ½ Saem meus filhos e o José da Silva Costa. 2h Voltaram agora e Seibold lê-me o Débats de hoje.

4h Neuilly. Voltei pelo Bois de Bologne. Gostei da temperatura fria porém seca. O massador parece estar doente. O Guilherme vai massar-me as mãos. 6h ¼ Sempre veio o massador.

Daubrée, Penedo com o Cunha, irmão de Felix da Cunha que esteve no depósito dos colonos e foi ministro do Brasil junto ao rei e vai agora para Montevidéu.

Ouvi Seibold ler o Temps e interrompi a leitura recomeçada para conversar com o Estrela. Agora preparado e na cadeira aguardo o jantar. Comecei o extrato e vou ao jantar às 6 ¾.

7 ½ Jantei bem e vou conversar com Aljezur e Mota Maia. Temps de hoje. "D'après une dépêche de Rio-Janeiro publiée par le Times le mouvement aurait un caractère monarchique. On dit que c'est le commodore Saldanha da Gama a été placé à la tête du gouvernement."

10h 10' Odisséia comparada às traduções de Odorico e de Leconte Delisle, que não era má desta vez. Gostei de ver que me lembro bem do grego. Vou deitar-me, ouvir ler e dormir. 11 ¼ Vou dormir.

6 de novembro de 1891 (6a fa.) — 4h Dormi bem. Vou ouvir ler. 7 ½ Revue de l'histoire des religions. Vou descansar até poder ler perto da janela. 7h ½ Perto da janela. 9h ½ Recebo enfim o Journal des Savants de 8bro [outubro]. Já lhe passei os olhos. Remessa pronta. Aguardo o correio. Guilherme vai me ler. Foi o Jean e terminou o livro.

11h 55' Pronto para o almoço. Já mandei a remessa. Vou ver o Augusto, pai de meus netos. 12h 40' Almocei, os dois Augustos, pai e filho. Aquele parece gozar de excelente saúde. 2h 20' Saem.

Carapebus que achei avelhantado e o Silva Costa tendo estado comigo o Gama Costa, do Pará, que se distinguiu na Guerra do Paraguai, onde foi ferido. Deportaram-no do Pará por causa da revolução em aquele encontrou contra o governo provincial da república.

São horas de sair. 4 ¼ Andei pelo Bois de Boulogne assentando-me de distância em distância. Voltei de carro. Fez-me bem. Estou com o Nioac. 6h 20 O Seibold leu-me durante a massagem, depois da retirada do Nioac. Além do Débats também começou o Journal des Savants. Aguardo jantar. 7h 25' Bem. Estou na sala – sozinho. 8h 5' Li e marquei o Temps e espero Seibold para a lição. 10h Hebraico para adiantar Isaías. Vou deitar-me, ouvir ler e dormir.

"Samedi 7 Novembre de 1891. Commencé la lecture 2 45h lecture jusqu'à 3 15h."

6h 5' Dormi bem até agora. Vou ouvir ler. 7h ½ Jean leu o Journal des Savants e agora são horas do café. 8h Já o tomei e estou perto da janela.

10h 45' Está pronta. Figaro de hoje. "Declaration de l'empereur". Exata e muito me honra.

Calço os novos sapatos que ficaram muito bons. 11h Estou vestido para o almoço. 50' Preparei e enviei a remessa e vou almoçar. 12h 25' Almocei com vontade e estou bem.

2h 10' Muita gente conhecida, entre a qual Tovar e mulher, Godofredo Taunay genro do Penha e outros de que falarei. Falo com Silva Costa e vou sair daqui a pouco sair *[sic]*. Sagastuone também esteve comigo.

4h 5' Andei bem assentando-me de vez em quando pelo Parque Monceau. Voltei pelo Arco do Triunfo e Avenue des Champs Elysées. Tudo muito bem. Vou tomar café e massar-me.

6h 25' Vestido para o jantar. Enquanto na cama vieram Charcot, Riancey, tinha vindo também o Penedo. Gaston também apareceu. Aguardo o jantar. Recebi Diário do Comércio de 11 e 12 8bro *[outubro]* que ainda ler talvez amanhã.

7h 25' Jantei bem. Creio que apareceram os cadernos de árabe e sânscrito. Talvez continue hoje a tradução das Mil e Uma Noites. 8 ¾ Fui à banca com proveito e vou dar lição com o Seibold. 10h Acabei o canto da Odisséia cujas traduções de Leconte Delisle e de Odorico comparo com o grego. Vou deitar-me e ouvir ler até dormir.

8 de novembro de 1891 (domingo) — 3h Dormi bem e não tenho mais sono. Vou ouvir ler. 4h 25' Acabou-se o belo artigo de Perrot no Journal des Savants sobre as escavações de Schliemann em Hissarlik. 6 ¾ Não tenho mais sono. Vou ouvir ler. 7h Quase que já se pode ler perto da janela, mas para lá irei depois do café. O Guilherme está acendendo o fogão. 8h Já tomei café e em maior quantidade com o biscoito por conselho médico para evitar a tonteira que tive ontem por fraco. O fogão encheu-me o quarto de fumaça antes de eu sair da cama, porém abriram-se as janelas que foi possível e agora está bom.

10h Remessa pronta. Telegrama de Sofia de 7 – Arrivé malgré neige. Bien tous. Serai retour Vienne 14. Saudades Pedro. 11h Mando a remessa e vou à missa.

12 ¼ Acabo de almoçar. Ajudou a missa um brasileiro entrado há 3 anos na congregação dos Lazaristas, filho de D. Felizarda, irmã de Carlos Ottoni. Disseram que esta manhã tinha baixado a 3° cent.

Carta de Almeida Portugal de Londres a 6 oferecendo-me seus serviços.

11h ¾ Conversa muito interessante com Riancey e agradável com sua filha Yvonne. 1h 50' Estive com Silva Costa por instantes. Despedi-me da Isabel e vou sair.

4h 5' Volto do passeio pelo Bois de Boulogne. Andei bastante a pé, mas assentando-me a meude *[sic]*. Antes de sair estiveram cá Maria Antônia Bulhões, Maria Júlia e a filha espertinha da Maria Isabel Lisboa que deu-me notícias de Biarritz.

Está aí Daubrée. Pedi-lhe que testemunhasse meu sentimento de não poder ainda assistir à sessão de amanhã, esperando fazê-lo à seguinte e à indicação das publicações que me pudessem informar do estado das ciências naturais.

Jean acabou-me a leitura do Journal des Savants.

6 ½ Estive arranjando a mesa de minhas leituras que não sei se terminarei antes de sair de Paris e aguardo o jantar.

7h ½ Matias de Carvalho chegado de Roma assistiu a meu jantar assim como a mulher e a cunhada. Sempre o mesmo a respeito dos negócios de Português *[sic]* e da Itália.

10h Rio Branco e o Estrela. Tenho estado com eles, mas com sono e vou deitar-me e ouvir ler até dormir. 10h 5' Na cama. Vou ouvir ler até dormir depois de começar a remessa.

“S. M. reposé à 11 heures.”

9 de novembro de 1891 (2a fa.) — 4h ½ Não tenho mais sono. Ontem li telegramas importantes do Rio New York Herald 8, Fígaro de 4, O Comércio do Porto 9, Temps. Aguardo ansioso explicações. Deus queira que não haja desordens.

6h Já vou ouvir Jean ler a Revue des Deux Mondes. 7h 10' Já está claro mas espero o café para depois escrever perto da janela. 7h 20' Jean saiu. Lê muito mal, porém que remédio!

7 ½ Fui à banca e fez-me bem. 7h 55' Já perto da janela. Quase 10h e quase pronta a remessa. Jean lê agora e ainda o artigo Revue des Deux Mondes.

11h No termômetro fora da janela 1°, ½.

10h 35' Continuo a “Economie Politique” de Jourdan. Meus filhos estão aí. Já a Isabel veio dar-me bons dias e vou almoçar. 12 ½ Almocei bem. Está aqui S. Joaquim. Vi a Revista ilustrada. Nada de notável. 1h 5' Bom destempero. Estou

com Isabel que espera Gaston com *[sic]*. Foram-se meus filhos. O Barão de Nioac veio antes do almoço dizer-me que o pai não pode vir hoje por muito indeflexado. Mande-lhe muitas lembranças.

Quase 2h. São horas de sair. 3h 40' Chuva. Fui para o lado da Bagatelle e voltei pelo Arco da Estrela. Sempre de carro. Vou ouvir Guilherme ler e depois deitar-me-ei para a massagem.

4h 10' Ainda ficou para de noite o resto do artigo e vou massar-me.

6h 1'2 Seibold leu-me o artigo *Revue des Deux Mondes* sobre o Egito. É muito bem escrito. Estou pronto para o jantar.

7h ¼ Bem. Vou conversar. 8h 45' Seibold. 10h 5' Árabe. Ficou na 115 à noite. Vou deitar-me e ouvir ler até dormir. 10h 50' Já tenho sono.

“Leitura da revista dos dois mundos *[sic]*.”

10 de novembro de 1891 (3a fa.) — 2h 45' – 4h 10' – 5h 50'. Não tenho sono. Vão fazer fogo. Dormi bem. 7 ½ Perto da janela. Antes Guilherme acabou de ler-me o artigo “*Les gueux de Jurien de la Gravière*” na *Revue des Deux Mondes*. 10h Preparei a remessa e aguardo só o correio. 11h 40' Mande já. Pronto para o almoço. Vou ler a *Economia Política* de Alfred Jourdan. ½ Li mais um capítulo. É um bom livro.

Hoje houve 6° às 7 ½.

3h ¾ Matias, mulher e filha almoçaram comigo. Estiveram cá Godofredo, Taunay e Telles-Monte e mulher e a Mareuil. Sai Gaston. Filho do Dantas casado com a Filha de D. Vera que chega proximamente e pedi que não tardasse em procurar-me. Tosta e o genro dos Penha.

4h 35' Volto do passeio a pé por uma parte do Parc Monceau assentando-me diversas vezes. Vou escrever a Nioac, beber café e massar-me.

6h ½ Veio Daubrée com quem conversei sobre a sessão dizendo-lhe que espero assistir à seguinte e Seibold leu-me o *Débats* e o discurso de Oppert na sessão pública anual da Academia das Inscrições e Belas Artes, ficando o resto para logo. Daubrée trouxe-me também os discursos lidos por Wallon e Blant. Aguardo o jantar.

6 ¾ Jantar. 7h 25' Bem. 9h Aljezur leu *Diário do Comércio do Rio de 17 de 8bro [outubro]* louvando Gorceix a propósito de sua demissão de diretor da Escola de Minas de Ouro Preto.

10h 20' Dei minha lição de sânscrito. Não me custou. Vou deitar-me e ouvir ler até 11h. 3 ½ O Jean leu-me 2 discursos da sessão anual da Academia das Inscrições e Belas Letras a 6 de 9bro *[novembro]*.

11 de novembro de 1891 (4a fa.) — 5h Não tenho sono. Acabei de ouvir ler o que faltava. 7 ¾ Ainda não chegou o café. 8h Tomado e estou perto da janela. 10h Pronta a remessa só aguardando o correio. Jean lê a *Revue des Deux Mondes* – artigo *Budget*. Recebi pelo correio carta de Revy de Londres de 9, com artigo do *Times* de 9, “*The crisis of Brazil*”. 11h Mande a remessa.

½ Pronto para o chamado do almoço. Vou para ele. 11h 45' Isabel já está aqui. 12h ½ Acabo de almoçar com a Isabel e o Silva Costa e bem.

1h 5' Destempero que já é a 2ª vez que me sucede depois do almoço.

2h 35' Estive com o barão de Albuquerque conversando bastante com ele e depois, presente este, com o Barão de S. Joaquim. Vou sair.

4h 20' Passeio pelo Bois de Boulogne. Andei bem a pé. Voltei pelo Arco da Estrela e Avenue des Champs Elysées. 6 ½ Depois da massagem mais rápida do que o costume, conversa mesmo da cama com Silveira Martins assistindo Penedo e Estrela. Expus minha idéias sempre sujeitas às circunstâncias da ocasião. Silveira Martins concordou assim com elas. Estou pronto para jantar quando chamarem. Gaston esteve comigo e disse-me que o Czartorisky está muito mal. Talvez vá para a Córsega. Está agora no Hotel Lambert e a irmã do Gaston em Viena por causa dos estudos dos filhos.

6h 40' Jantar. 7h 25' Bem. 9h Conversado com Aljezur. Aguardo Seibold. 10h ¼ Vou deitar-me. Odisséia.

12 de novembro de 1891 (5a fa.) — 2 ½ Não tenho sono. Ouço Guilherme continuar a ler o artigo *Budget* da *Revue des Deux Mondes*. 6h Ouve ler até agora com pequenos intervalos de pequeno descanso de Guilherme. Leu o artigo da *Revue* sobre Morley. 7h ¼ Vim por-me já perto da janela.

11h ½ Já estou pronto para o almoço. Mandei a remessa e creio que breve estarei em dia com os extratos. Vou lançar os olhos sobre o Débats.

11h 50' Veio o Barão de Nioac visitar-me da parte do pai, a quem pedi dissesse ter-lhe escrito havendo passado pelo Parc Monceau. Vou almoçar. 12h 36' Almocei bem. Aguardo as meninas para a leitura.

Temps de 12. Artigos sobre as bibliotecas. A nacional tem serviço mau e não possui ainda catálogo. 3h 5' Estive conversando com meu relojoeiro Phillip e o filho e conversamos sobre os melhoramentos em relojoaria.

4h 25' Volto do Parc Monceau onde andei sofrivelmente apoiado na bengala e no braço do Guilherme. Vou me massar-me [sic].

VOLUME 43

EXÍLIO - 12 a 25/11/1891

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

Paris 12 de julho [sic] [novembro] de 1891 (5a fa.) — 4h 25' de 1891 (Novembro). 6h 20' Massei-me. Ouvei Seibold ler o Débats e saído ele conversei com o Penedo e Estrela a respeito de negócios que ainda depende da Isabel a quem pedirei que ouça os dois e a Silveira Martins.

6h ¾ Comecei o extrato de amanhã e vou jantar.

7h 25' Bem.

10h ½ Depois conversei com Aljezur e acabo a lição de hebraico e só me falta traduzir um capítulo de Isaías, para principiar a traduzir os livros históricos e assim completar toda a versão da Bíblia. Vou deitar-me e ouvir ler até dormir.

13 novembro de 1891 (6a fa.) — 3h ¾ Não tenho mais sono. Não dormi bem. Sinto calor. Vou ouvir o Jean ler-me. 6h 25' Acabou o artigo sobre John Morley. 8 Tomei café e já estou perto da janela e escrevi à Isabel a respeito da conferência de ontem.

Antes do café tive destempero de ventre.

10h 40' Nada de importante do correio. Já foi a remessa. 11h 35' Isabel parece-me que está aí e vou para a sala.

12h 40' Almocei bem. Estou com Gaston e a Isabel saiu por um pouco. 3h 5' Conversa entre meus filhos, Silveira Martins, Penedo e Estrela. O resultado foi o que eu receava. Vou ver se saio.

3 ¼ Chove muito e vou ouvir Seibold ler.

5h 50' Massei-me e escrevi ao Papa a carta que há de entregar o Muritiba. 6h 40' Estive vendo o que me restava da Revue rouge de 24 de 8bro [outubro]. Jantar.

7 ½ Vou conversar com Aljezur. Jantei com vontade. 9h Vou ao Seibold.

10h 20' Árabe. Vou deitar-me e ouvir ler até dormir.

14 novembro de 1891 (sábado) — 5 ½ Dormi bem e até sonhei um pouco. Começa já o dia cuidando de remessa. 6h 25' Extratei e está clareando. A Revue está quase acabada porque não sei o que haverá na Chronique. Vou para a janela. Guilherme viu 6°. 7h ½ Perto da janela. 9h 50'. 10h 25' O Jean lê a Chronique. 10h 40' Nada ou quase nada do correio. Foi já a remessa. 11h Jean acabou de ler-me a Revue no que me pareceu interessante. Vou preparar-me para o almoço.

11 ½ Sai o Augusto que vai à casa do pai. Não tem recebido carta do Pedro que parece chegará mais tarde a Viena. Aguardo o almoço. 11h 35' Almoço.

2h 25' Bem. Li às Motas Maias, Gofredo Taunay, Telles, Dr. Cláudio de Águas Claras e o Araguaia. Vou sair. Assistiu a meu almoço o Matias de Carvalho, que parte hoje, como amigo contei-lhe a conferencia de ontem.

4h ¼ Volto do Bois de Boulogne onde andei alguma cousa antes e depois da chuva, tendo durante ela entrado no carro. Encontrei a Ferreira de Almeida com as duas filhas pequenas. O marido foi ao Brasil. Deu-me notícias de Petrópolis,

dizendo-me Isabel Aguiar se lembrava de mim e não vinha à Europa enquanto vivessem as mães das duas. Pedi-lhe que escrevesse que muito estranho que o Aguiar não me escreva podendo assim ter por minhas respostas notícias diretas minhas.

Vou à massagem. Estive com o Penedo e o Estrela. O Silveira Martins não quis vir. Os dois primeiros redigiram o telegrama em meu nome e fi-lo ler a Gaston que o aprovou. Queria que eu falasse da família. Respondi que os sentimentos desta deviam subentender-se e além disto se me chamarem quero os braços livres para fazer o que as circunstâncias aconselharem, e quem é o culpado de se falar no meu neto no telegrama?

8h 55' Seibold. Tenho estado com o Aljezur. Muito sono como será o estudo. 10h ¼ Odisséia e continuo meu colijamento *[sic]* da tradução francesa que pareceu-me boa dos Lusíadas com o original.

Veio o Estrela falar-me sobre o telegrama sobre uma alteração no cabeçalho. Ficou de mostrá-la amanhã a Gaston. Augusto veio dar-me boas noites, tendo saído do jantar em casa do Penedo. Deitar-me e ouvir ler até dormir.

15 novembro de 1891 (domingo) — 3 ¼ Não tenho sono, porém dormi bem. Vou ouvir ler. 4 ¼ Jean já está cansado e eu também vou ver se ainda durmo. 5h Sempre dormi. Vou ouvir ler. 6h Ainda uma hora ou mais para haver claridade. 6 ¾ Já aparece alguma claridade.

8h Tomei café que não estava bom e estou já perto da janela.

9 ¾ Vou ouvir Jean continuar a leitura da vida de João de Witt por Pontalis começada em Versailles a 8 8bro *[outubro]*.

10 ¾ Já vi ligeiramente o *Compte-rendu* de 9 e parece nada conter de maior importância. Vou expedir a remessa. 2h Almocei com o Abbé David, tendo primeiro conversado com Mrs. Weis mulher de Napoleão Weis, do Canal de Panamá, a qual prometeu-me um livro do marido relativo a essa empresa. A conversa com o abbé David foi a respeito de história natural e viagens na Ásia. Dei-lhe idéia de meus estudos lingüísticos, falando da tradução em latim da Bíblia, faltando unicamente os livros históricos.

2h ½ Estive com o Napoleão Weis do Canal de Panamá que me trouxe o livro informando do estado da empresa. Vou sair.

4h 20' Bois de Boulogne lado das fortificações. Andei a pé. Voltei pela Avenue Victor Hugo e Avenue des Champs Elysées. Vou massar-me. 6h 20' Durante a massagem Guilherme leu-me o *Débats* e "Jean de Witt" por Lefèvre Pontalis do lugar onde ficara de uma leitura minha às Motas Maias. Aguardo o jantar. Isabel mandou dizer vinha às 7.

7h 25' Jantei com vontade. 50' Acabam de sair Isabel, os Tostas, que vão partir, dando ao marido a carta para o Papa e a Eugeninha. Ficaram as leituras minhas a Isabel para outro dia da semana o qual ela escolher, contudo mostrei-lhe os livros sobre a mesa.

9h ½ Conversei um pouco com o Aljezur. Estou com muito sono. Vou deitar-me, ouvir ler e dormir. 11 ½ Guilherme leu-me o livro "La femme au 19^{ème} siècle" de J. Simon que tem me agradado.

16 novembro de 1891 (2a fa.) — 4h Que noite comprida. Acordei diversas vezes, assim como urinei. Vou ouvir ler. "acaba às 5h 20".

6 ¾ Já clareia o dia. Vou ouvir ler. Dormi bem estas horas. 7h 40' Na janela. O que Jules Simon diz no seu livro "La femme" muito me tem na parte relativa ao casamento, sobretudo não admitindo a solubilidade ou le divorce.

10h 10' Remessa pronta. Ouvi ler os artigos sobre Amorim no *Diário de Notícias* de 5 9bro *[novembro]*.

½ Tratei do pé e perna. Pouco do correio. Gaston esteve aqui com Antônio antes da leitura. Achei a este pálido. Os outros também estão um pouco indispostos, assim como Isabel que aliás vem cá! Vou preparar-me para o almoço. 11h 20' Meu neto Augusto está aí. 11 ¾ Almoço.

12 ½ Bem e li o artigo pouco interessante de La Nation de 13 de 9bro *[novembro]* de Bruxelas intitulado "La crise brésilienne".

2h Estive com Oppert Felbermann que conheceu muito Georges Sand. Falamos muito de Sand cujos escritos conheço de há mais de 40 anos. Também tratei da assiriologia com Oppert.

Acabam de sair um primo de Mota Maia com a mulher dele, filha de um dos Lacerdas de Valença na Bahia. Falei um pouco a Aljezur e vou sair.

3h 55' Muette. Andei bem a pé. Voltei pela Avenue Marthigne depois de passar pelo Trocadero. Chegando encontrei Mr. Noel a quem disse que o receberia, perguntando-lhe pelo filho que respondeu-me na fait pas grande chose. Também parece que procurou-me Castro Maia. Vou tomar café e massar-me.

6h 20' Pouco me leu no Débats de hoje o Seibold, pois chegou o Penedo com quem conversei sobre fatos passados e sobretudo presentes. 6h 35' Escrevi um pouco da remessa. Vi a Isabel que veio jantar.

7h 25' Bem. 7h 50' Estive com a Isabel que foi ver Mota Maia. 8h 20' Quando voltará o Seibold?. 10h 10' Não pôde vir. Estou na cama e vou ouvir ler até vir o sono.

17 novembro de 1891 (3a fa.) — 5 ½ Não dormi muito. Tossi bastante e ainda tusso. Vou ouvi (sic) ler a história de Witt, mas como ele lê mal, fi-lo ler o Temps de ontem. 7h Acabou e o dia clareia. Jean faz fogo. O termômetro marca 7°.

8h Tomei café que estava sofrível e estou perto da janela. Continuo o extrato. 20' Mande saber do Dr. Passou mal a noite. Não pôde dormir. 11h 10' Carta Chica de 15, de Arc. O Henri parte de Versailles para o Tonkin a 29. Acabo de estar com o Gaston. Nada senão o sabido.

11h ¾ Pronto para o almoço. Vou para a sala. 2h Almoçaram os Derenbourg conversando muito com o marido sobre o árabe e o hebraico. Veio o Mr. Noel com quem conversei bastantes estando os Derenbourg presentes. Visitou-me Delgado de Carvalho habitando agora Clarens na Suíça.

Desarranjo de ventre. 2 Fez-me bem. Vou para a sala.

4 ½ Estive em Neully. Na parte que resta do Palácio estabeleceram um orfanato [sic] onde as meninas fazem flores. Vi a árvore persa sob a qual Luís Filipe gostava de descansar junto à mesa de pedra onde tomava [sic]. A casa do orfanato [sic] era onde habitava M^{elle} Adelaide. Fizeram o Boulevard d'Argenson através do terreno do palácio e dividiram-no em lotes para casas. Tem muitas bonitas. Voltei pela Avenue Victor Hugo, de la Grande-Armée e Arco do Triunfo. Subi pelo ascensor a ver Mota Maia que vai melhor e agora massagem.

6h ½ Seibold leu-me o Débats e parte do Temps durante a massagem. Estranho que Daubrée não viesse para falar-me a respeito da sessão de ontem. Pedir-lhe-ia então bilhetes para 5a fa. Aguardo a chamada – para o jantar. 7 ¼ Bem embora por instantes sentisse a cabeça algum tanto tonta.

8h 35 Aljezur não pode e Jean lê-me o livro de J. Simon.

8h 55' Chega Seibold para o árabe. 10h 35' Boa lição de árabe. Vou ouvir ler e dormir.

11h 50' Ouvi Guilherme os jornais franceses. Gostei muito da reedição (sic) das memórias perante o engouement pelas de Marlot.

18 novembro de 1891 (4a fa.) — 3 ½ Dormi bem. Ouvi ler. 4h 40' – 6h 20' Dormi bem. Ainda não clareia. Ouvi ler. 7h 0' Já há bastante dia. 7 ½ Vou para perto da janela aguardar o café. O termômetro fora só está a 9°. 7h 35' Perto da janela. É melhor tomar o café aí.

11h 25' Cartas. Envio remessa. Vestir para o almoço. 11h 50' Não posso ir mais cedo.

4h ¼ À hora das visitas, vieram D. Vera que prometeu-me voltar e vai a Cannes, Condessa da Estrela e Maia Monteiro. Volto de meu passeio muito agradável pelo jardim de Luxemburgo. Meu neto Augusto veio dizer-me que Penedo está aí.

Carta de Taunay de 28 de 8bro. [outubro]

6h 25' Conversei com Penedo que por um pouco incomodado breve retirou-se. Seibold leu-me o Débats e a continuação do discurso da reentrée da Cour de Cassations que eu principiei. Meu neto Augusto veio dizer-me adeus. Vai à casa em Ekenthal perto de Viena.

Estou pronto para o jantar. 6h 50' Jantar. 7 ¼ Bem. 8 ½ Conversa com o Aljezur que leu-me um pouco do Temps. 11 Seibold, terminei Isaias e traduzirei agora os livros históricos. Vou deitar-me e dormir.

19 novembro de 1891 (5a fa.) — 3h Dormi bem e o catarro continua a despegar-se. Leu o livro de J. Simon até 5h. Talvez ainda eu possa dormir. 6h Ouvi ler. 7h Jean continuou muito [ilegível] e quase de mau humor a leitura e agora disse ter dor de garganta. Já clareia.

8 ½ Remessa quase pronta. 9h 35' Aguardo o correio. Tudo está pronto – mas não sei quando ficarei em dia das publicações. 10h Ainda não pude ler senão rapidamente a Notice de la mesure des masses en Astronomie par Tisserand no Annuaire du Bureau des longitudes de 89. Apenas transcreverei estas frases do fim: “L’homme pourrait en concevoir quelque chagrin (dos resultados astronômicos) mais il a de quoi se consoler en opposant à sa faiblesse physique la grandeur et la beauté des resultats obtenues par son intelligence notamment dans le domaine de l’Astronomie la détermination des poids des corps celetes, et celle de leur composition chimique par l’analyse spectrale”. Lerei breve com atenção este trabalho. 10 ½ Passei a vista muito à pressa e só para falar dela a Picar sobre o Traité de Mécanique Celeste de Tisserand. Vou me vestir. Nada do correio. Enviarei a remessa.

11h Vou almoçar. ¾ Bem. Daqui a pouco deve chegar Daubrée. 12h 10' Chegou e só espero o carro. 3 ¾ Foi tudo muito bem. Minha filha e a Eugeninha assistiram à sessão. Falei com muitos acadêmicos. Daubrée acompanhou à ida e na volta. Foram e voltaram comigo também Aljezur e Seibold. Junto o programa anotado por mim. Café e massagem. 6 ½ Vieram Isabel e depois ainda esta que vem jantar comigo no domingo talvez com os pequenos e outra vez com Gaston. Ouvi Seibold ler Débats e Temps e depois o livro de J. Simon.

Chamam-me para o jantar. Carta da Mana Januária de 17. Manda parabéns pelo 19 e lembrança a todos. 7h 10' Jantei bem. 8h 40' Conversei com Aljezur, vou ouvir ler o discurso de Cherbullies sobre os Prix de vertu. 9 ¾ Jean leu-me o discurso de Cherbullies des Prix de vertu da sessão de hoje.

10h Ouvi o Guilherme ler-me o resto do discurso de Cherbulliez e os nomes dos premiados e suas obras literárias de que notei algumas para mandar vir. Vou deitar-me depois de ouvir ler o Soir de hoje.

10h 20' Na cama Seibold parece que não pode sair a tempo do jantar dos Derenbourg. Vou ouvir ler depois de principiar a remessa de dormir.

20 novembro de 1891 (6a fa.) — Passei bem. Vou ouvir o Guilherme ler. Quase 3h e acabado o livro. 6h 20' Acordei, vou ouvir ler. Quase 6h ¾ Já clareia 8 ¼ Perto da janela. Mande a carta. Ouço o Guilherme ler J. Simon. 40' Acabou-se. É muito bom livro.

11h 25' Pronto à chamada para o almoço. Mande logo que concluiu-se a leitura do livro de J. Simon esse excelente escrito e o discurso de Cherbulliez e Mota Maia dizendo que fora o melhor de ontem e que o livro pode ser lido e com proveito pelas meninas. 11 ¾ Li um pouco do Comptes-rendus de 9 e vou almoçar.

1h ½ Acabo de estar com o nosso Ministro na Holanda e seu filho, estudante aqui da Escola de Direito e antes com Mariané que mostrou-me a 1ª série de fotografias de pessoas notáveis e pediu-me uma fotografia minha que lhe dei prometendo-lhe a minha biografia pelo Fialho, referindo-lhe qual minha vida de estudo.

3 55' Volto do passeio somente carro por causa do dia neblinoso. Chegando encontrei Daubrée que apenas pediu-me que recebesse Mme. Barandieran amanhã às 5 ½. O passeio foi pelo Boulevard des Capucins, St. Denis, de St. Martin, place de la République, Boulevard Magenta, rue Dunkerke, Boulevard [ilegível] Bertignoles, rue de Rome, rue Pasquier.

6 ½ Durante a massagem falei com Penedo e Estrela sobretudo a respeito do Drummond. Seibold leu-me ainda o Débats e depois a Revue des deux Mondes – artigo sobre Mme. Ackermann.

Já estou pronto e chamam-me para jantar. 7 ¼ Jantei com vontade.

8 h Folheei o livro último de Jules Verne. Os desenhos não prestam. Vou ouvir Guilherme ler. Foi Jean e a Revue des deux Mondes e agora 9h 50' Seibold.

10h ½ Sânscrito. Recomecei o meu trabalho dos Lusíadas com as traduções em diversas, breve acabarei a última francesa e principiarei as italianas. Verei se acho outras em diferentes línguas. Já escrevi mas farei para Portugal afim de me apontarem todas as traduções. Vou deitar-me e ouvir ler até dormir.

21 novembro de 1891 (sábado) — 3h Dormi mal. Vou ouvir Jean ler-me. 5h Fini d’entendre le bel article de d’Haussonville sur Mme. Ackermann das la Revue des deux Mondes du 17 9bre [novembro]. 6 ¼ Vou ouvir ler. 7h 10' Já está bem claro na janela.

7h ¼ Café chegou e breve o tomarei. Adiantei o relógio que estava atrasado. 10' e já estou perto da janela. Ainda está bem claro e vou ouvir ler o Jean que aliás está se vestindo. 8h ½ Continuei o extrato e Jean lê-me.

11h 6' Já enviei a carta. O correio nada trouxe. Talvez possa ficar amanhã em dia. Vou vestir-me. 11h 40' Pronto à chamada para o almoço. 12h 20' Bem

4h Volto do passeio tendo ido ver o Mota Maia que está bom e dormi bem a noite achando-se assentado. Antes de sair principiarei a ler às meninas, porém depois não me deixaram as inúmeras visitas entre as quais enumerarei desde já o Barral e Hermite com quem conversei a respeito de matemáticas, falando-me ele dos trabalhos de Poincaré que muito elogiou fazendo uma revolução nas altas matemáticas pela demonstração de que as séries convergentes tornam-se depois divergentes, devendo assim influir na exatidão dos cálculos astronômicos.

Vou me massar. O passeio foi de carro por diversos bairros tendo passado pela Esplanada dos Inválidos.

5 ½ Seibold durante a massagem leu-me o Débats e continuou o artigo da Revue des deux Mondes. Não sei se Mme. Barandieran virá hoje. 6 ½ Meus filhos estiveram aqui e a Isabel ficou para o jantar a que vou.

7h 10' Bem. 9 ¼ saiu Isabel e vou à lição do Seibold. Hoje recebi telegrama de Viena do Pedro dizendo ele o silêncio não significa esquecimento. Escreverei brevemente. Estarei breve Paris.

10h ½ Odisséia. Comparação dos Lusíadas com a tradução francesa. Vou principiar o canto 9°. Deitar, ouvir ler e dormir.

22 novembro de 1891 (domingo) – 4h 40' Dormi bem. Vou ouvir o Guilherme ler. 6h 10' Acabou a leitura dos artigos sobre os negócios do Egito muito bem escrito assinado apenas com 5 estrelinhas. Vou descansar. 7h 10' Pouca luz mas já me assentei muito bem perto da janela e posso cuidar da remessa.

10h 10' Pronta. Aguardo só o correio. ¾ Nada. Mando a remessa e vou à missa que julgo será dita pelo abbé David. 12h 50' Acaba de sair. Muito conversei com ele.

2h Estive com Daubrée a quem disse que Mme. Barandieran pode vir quando queira às 8. Conversamos sobre o último Compte-rendu e ele ficou de esperar-me amanhã à porta de entrada para a Academia das Ciências. O Nioac também esteve cá. Vou sair.

4h ½ Jardin d'Aclimatation. Andei bastante a pé e vi o que já conhecia. Mando comprar o mais recente catálogo pois esqueci-me de adquiri-lo no jardim. Não me pareceu haver nada de novo, todavia não me lembrava o panorama do mundo antediluviano que está muito bem feito e foi explicado quase sem erro por quem o mostrava.

Vou à massagem depois de tomar café. 6h 25' Ouvi Jean ler a Revista. Já ouço a voz dos netinhos e vou para a sala.

10h Jantei com vontade. Conversei com meus filhos e falei a meus netinhos. Foram-se e ouvir ler jornais. Vou agora deitar-me e ouvir ler a Revue des deux Mondes até dormir.

23 novembro de 1891 (2a fa.) — 3h Já não podia mais dormir. O Jean quis com a sua estupidez deixar de ler mas já está-me lendo a Revue des deux Mondes. 3h 55' Acabou o artigo sobre os negócios do Chile. 5h ¾ Dormi e ouvi ler. 6 ¾ Já clareia porém já pouco tem-se lido e se lerá com vela. 7h ¾ Leu-me o Débats de ontem.

Vou tomar café. 10h Remessa quase pronta. Ouço o Gaulois de ontem. 10 40' Recebi as Revues rouge e blue e Diários do Comércio do Rio até 3. Comecei a ouvir o Temps mas creio que não acabo antes de me vestir para o almoço.

11h ½ Pronto. Vou almoçar. 12 ¼ Bem. 1h Destempero de ventre. Estou na sala. 2h 10' Nioac, Barão de Albuquerque. Seibold continuou a ler o Débats. 2h 20' Academia das Ciências. 7h 5' Volto da minha Academia. Fui ver Mota Maia onde encontrei Silva Costa e Estrêla.

Massagem lendo Seibold e vou jantar. 7h 35' Bem. Vou conversar com o Aljezur e ouvir diários. 9h Pouco ouvi. Daqui a pouco Seibold. O dia hoje foi interessante. Disseram que os associados estrangeiros podiam eleger e votar no Poitier embora só conheça trabalhos do Mercadier publicados na Lumière électrique.

10h 20' Árabe e Camões. 11 ¼ Guilherme de ler-me o artigo "La Piraterie au Tonkin".

24 novembro de 1891 (3a fa.) — 2 ¼ Tenho pensado muito sobre as relações entre o normal e o físico sobretudo a meu respeito. Vou ouvir ler Guilherme até 5 1/2. Vou descansar um pouco. 6h 10' Vim para a janela mas não vejo sem vela. Guilherme lê. 6h ½ A carta de Pernambuco de 8bro [outubro] no Temps de 28. Bom artigo embora segundo este o Brasil não queira bem à França.

7h Clareia mas muito pouco. 8h Respondi às cartas atrasadas. 8h 45' Extrato pronto. 10h ³/₄ O Deodoro demitiu-se. 11h 35' Foi a remessa.

Pronto para o almoço porém vou antes a Mota Maia. 12 ¹/₄ Bem.

1h ³/₄ Machado ex-consul e Pedro de Barros que me deu notícias de Petrópolis.

4 Volto de St. Cloud vendo as ruínas do palácio e a bela vista de Paris que estava neblinoso. Vou tomar café, massar-me conversando com Silveira Martins.

6 ¹/₂ Tenho lido, estou com uma tosse terrível e Mota Maia só me deu o remédio ao deitar. Vou jantar como puder. Acabei de ouvir ler o Manual popularie des premiera à donner aux malades et aux blessés avant l'arrivés du medecin [sic]. Paris 1881.

7h Jantei pior de propósito e estou muito melhor da tosse. Vou ouvir ler Guilherme jornais franceses e descansar. 7h 35' Bebi uma chávena de chá e ouço Aljezur ler o Temps de hoje. La chronique d'hygiène que [ilegível] ouvir logo. Terrível ciclone em Washington. Ardeu a sala do concerto. 8h Academie des Sciences. Temps. Coleção de borboletas deixada ao Museu por Beaulieu filho do governador de Nápoles em 1810.

9h Vou ao Seibold. Pouco estudei árabe e Camões. Vou deitar-me e descansar até dormir.

25 novembro de 1891 (4a fa.) — 8h 20' – 9 ¹/₂ Vou descansar na cama. 11 ³/₄ Enviei a pequena remessa e vou almoçar com meus bons companheiros. 12 ¹/₄ Antes estive com Daubrée que conservou [sic] sobre as grandes aplicações empresada das forças da natureza. Seibold lê o Débats.

“5 heures, continuation de ce que ce rapporté sur l'histoire de Jean de Witt. Talvez na inscrição”.

6h Estou com a Isabel. Não há novidade. Chupei uma pastilha.

7h Tomei meu chá. 7h 20'.

10h Gaston já passou por aqui, todos vão bem em Versalhes. Os netos foram a pé e o Père David acaba de sair. Veio saber de mim e trouxe-me o exemplar das suas viagens para a Isabel e um folheto “Essal [ilegível] explication [ilegível] et scientifique de l'attraction universelle” par H. Duchemen.

Esteve cá Mr. Bonera e reconheceu que tive a gripe.

12 ¹/₄ Almocei ovos e acabo de tomar chá. 1h 10 Charcot acaba de sair.

3h 45' Jean fini de lecture do Débats comencée par Seibold.

4h Tomei consommé que me soube.

5h 20' Isabel leu-me de Witt. Gaston deixou-me para voltar. Carapebus e Tourinho que diz que a mulher vai melhor mas infelizmente creio que se ilude.

6h 10' Aljezur leu-me.

8h 10' Bom mingau e converso com Aljezur.

9h ¹/₂ Acabam de sair meus filhos, dei-lhes a obra do père David para leitura de meus netos mais velhos. Vou ouvir Seibold ler e dormir. 10 ¹/₂ Seibold leu-me jornais e estou em dia [ilegível]. Vou tratar de dormir.

*** Daqui por diante o diário é feito por outras pessoas ***

Vendredi 27 [novembro de 1891] Novembre à 7 15 il fait déjà claire. Stivi cá o père David com quem pouco conversei, meus filhos ainda no apareceram e não sei notícias deles e dos netos.

A Condessa da Estrela mandou saber de mim por um cartão escrito.

Charcot ainda Gastão [sic].

3h Vieram Nioac e seu filho Baronne. Acaba de ter naturalmente um grande alívio, sem ser necessário purgante. Sinto-me muito melhor. Recebi publicações do correio que no interessaram a mim si não por muitos dias.

A filha de Nioac teve ultimamente um neto no Brasil, filho da filha.

Vi as meninas até a hora que devia chegar minha filha e não chegou. 5h 50' E uma filha que me deixa sofrer a um pai durante um dia inteira sem se informar diretamente de seu estado. Nunca vi prova tal de falta de coração. Acabo de jantar mal e creio que me vou deitar.

28 [novembro de 1891] Novbro (sábado) — 8h 50' Não recebi nada, apesar muitos conhecidos vieram. A Isabel, Barão e Baronesa de Muritiba, Eugenina, Conde Nioac, Barão da Estréla.

4h 30' Ouvei ler a Isabel. Aljezur veio ver-me, está acabado o trabalho do conferimento [conferência?] das jóias.

Seibold ma parle dun profite sur une nouvelle publication d'un Chant pour la fête de l'année. 7h 10 Sábado 28.

Acaba de sair Charcot. 8h 45 Tem conversações ave Mr. le Comte d'Alzejur est déjà en allai. 10h Soi ci Paranhos. À 10h 45 S. M. c'est repose, après la lecture sur les oeuvres de Wagner. Commencé à dormir. 11 15 et reveillé à 11 45. J'ai bu de l'eau pour dormir. 1 25 Prêsqe 5h eure du matin dans mon pays. À 2 heures du matin j'ai à demande de l'eau. [sic]

Dimanche 29 [novembro de 1891] Novembre Cher Daubrée je sois bien comptent de vous pouvoir annoncer que le 2 Decembre qu'on s'empresse. Acabo de almoçar com vontade! Acabo de ter a visita do Dr. V. de Magalhães.

6h 30' Vou jantar. 8h 15' Acabo de tomar bom mingau, ainda não está muito claro. Visitas: Visconde d'Apenha e seu genro Penedo, Prado Ant., também estiveram cá meus filhos e dizem voltar. Acabo jantar bem. Tomei chá e vou ver se acho alguma coisa que leiam. Com o passado sto in dia.

1º de [dezembro de 1891] Decbre. 7h 30' Já está claro, bebi água. 12h Antes do almoço que havia também para a minha filha, ouvi leitura a respeito dos poetas Tieck mais mimoso e mais remontado [sic].

Ano melhor que o passado para mim, desejo a todos os que estimo. Não careço de falar da familia .

À 1 50 heur, vinte de Nbr. Daubrée, Baron de Muritiba avec sa femme, et le Docteur Charcot. Vi os títulos dos livros que mandei vir ultimamente. Je ne parle plus aujourd'hui mais peut-être le 6 Decr. Je veux partir pour Cannes, J'ai payé la visite au Comte d'Azy. Je partirai le 6 de ce mois..... Não partir embora pronto de tudo vo ouvir ler. 6h 30' jantar. Pendant la nuit. 4 ½ Jantei bom apetite [sic].

Ou [sic] que l'on a constaté le nom est voulu pendant la guerre contre l'Allemange je n'en ai jamais douté et les autres ne doutait jamais de ces rivaux. 4h ½.

REFERÊNCIA:

BEDIAGA, Begonha (Org.). "Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)". Petrópolis: Museu Imperial, 1999.